

13^a Jornada de Leitura da Bíblia

Igreja Batista Itacuruçá

Plano para 2019 - 2020

Comentários de Nelson Szilard Galgoul

Índice

Semana 1 - Salmos Messiânicos	6
Semana 2 - A História de Jesus Segundo João (1)	19
Semana 3 - A História de Jesus Segundo João (2)	32
Semana 4 - Criação e Queda	44
Semana 5 - Salmos da Criação	55
Semana 6 - A História de Abraão	64
Semana 7 - A História de Isaque e Jacó	79
Semana 8 - A História de José	91
Semana 9 - O Nascimento do Povo de Israel	103
Semana 10 - A Peregrinação do Povo de Israel (1)	112
Semana 11 - A Peregrinação do Povo de Israel (2)	129
Semana 12 - As Regras da Antiga Aliança (1)	140
Semana 13 - As Regras da Antiga Aliança (2)	151
Semana 14 - As Regras da Antiga Aliança (3)	162
Semana 15 - O Evangelho para os Judeus Convertidos (1)	172
Semana 16 - O Evangelho para os Judeus Convertidos (2)	185
Semana 17 - Leitura Especial para a Semana Santa	211
Semana 18 - Salmos da História de Israel	214
Semana 19 - As Regras da Antiga Aliança (4)	220
Semana 20 - As Regras da Antiga Aliança (5)	234
Semana 21 - As Regras da Antiga Aliança (6)	248
Semana 22 - A História do Povo de Israel Recontada (1)	257
Semana 23 - A História do Povo de Israel Recontada (2)	266
Semana 24 - A História do Povo de Israel Recontada (3)	279
Semana 25 - O Nascimento do Povo Cristão	289
Semana 26 - A Expansão do Povo Cristão (1)	300
Semana 27 - A Expansão do Povo Cristão (2)	313
Semana 28 - O Evangelho Segundo Paulo (1)	322
Semana 29 - O Evangelho Segundo Paulo (2)	332
Semana 30 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (1)	344

Semana 31 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (2)	352
Semana 32 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (3)	361
Semana 33 - Salmos de Sabedoria (1)	368
Semana 34 - Salmos de Sabedoria (2)	375
Semana 35 - Salmos de Sabedoria (3)	383
Semana 36 - Orientações à Igreja por Paulo (1)	389
Semana 37 - Orientações à Igreja por Paulo (2)	409
Semana 38 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (1)	427
Semana 39 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (2)	437
Semana 40 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (3)	443
Semana 41 - O Compasso da Graça	452
Semana 42 (1ª Parte) - A Natureza da Graça Segundo Paulo	461
Semana 42 (2ª Parte) - A História de Rute e Boaz	470
Semana 43 (1ª Parte) - A História de Ana e Samuel	473
Semana 43 (2ª Parte) - Ensinos Apostólicos	479
Semana 44 - O Reino Unido: Saul	487
Semana 45 - O Reino Unido: Davi 1	501
Semana 46 - O Reino Unido: Davi 2	514
Semana 47 - O Reino Unido: Davi 3	527
Semana 48 - O Reino Unido: Davi 4	539
Semana 49 - O Reino Unido: Davi 5	547
Semana 50 - Salmos dos Reis e de Jerusalém	555
Semana 51 - Cartas de Paulo, Silas e Timóteo	563
Semana 52 - Leitura Especial para o Natal	576
Semana 53 - O Reino Unido: Salomão	583
Semana 54 - Um Poema Sobre o Amor Conjugal	596
Semana 55 - A História de Jesus Segundo Lucas - 1	604
Semana 56 - A História de Jesus Segundo Lucas - 2	618
Semana 57 - O Reino do Norte: Jeroboão I, Nadabe, Baasa, Elá, Zinri, Onri, Acabe e os Profetas Elias e Eliseu	631
Semana 58 - O Reino do Norte: Profetas Elias, Eliseu e Acazias, Jorão, Jeú, Jeoacaz, Jeoás, Jeroboão II, Salum, Menaém, Peca, Oséias e Azarias	639
Semana 59 - Salmos Éticos	652

Semana 60 - Salmos de Indignação	659
Semana 61 - O Reino do Sul: Roboão, Abias, Asa, Josafá e Jeorão	669
Semana 62 - O Reino do Sul: Acazias, Atalia, Joás, Amazias e Uzias	678
Semana 63 - O Reino do Sul: Jotão, Acaz, Ezequias, Manassés e Amom	684
Semana 64 - O Reino do Sul: Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias	692
Semana 65 - Uma Teologia para o Sofrimento - 1	698
Semana 66 - Leitura para a Semana Santa	708
Semana 67 - Uma Teologia para o Sofrimento - 2	717
Semana 68 - Uma Teologia para o Sofrimento - 3	727
Semana 69 - A Mensagem do Profeta Isaías - 1	735
Semana 70 - A Mensagem do Profeta Isaías - 2	747
Semana 71 - A Mensagem do Profeta Isaías - 3	760
Semana 72 - A Mensagem do Profeta Isaías - 4	777
Semana 73 - As Mensagens de Joel, Amós, Obadias e Jonas	797
Semana 74 - As Mensagens de Oseias	811
Semana 75- As Mensagens de Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias	820
Semana 76 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 1	836
Semana 77 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 2	850
Semana 78 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 3	864
Semana 79 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 4	879
Semana 80 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 5	890
Semana 81 - Cartas de Paulo a Timóteo e aos pastores	903
Semana 82 - Salmos de Socorro	924
Semana 83 - A História de Jesus Segundo Mateus - 1	937
Semana 84 - A História de Jesus Segundo Mateus - 2	954
Semana 85 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 1	967
Semana 86 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 2	982
Semana 87 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 3	999
Semana 88 - A Mensagem do Profeta Daniel	1019
Semana 89 - Uma História de Amor no Exílio / A Mensagem do Profeta Malaquias	1031
Semana 90 - O Povo de Israel Volta do Exílio - 1	1043
Semana 91 - O Povo de Israel Volta do Exílio - 2	1049

Semana 92 - Genealogias, Privilégios e Responsabilidades do Povo de Israel	1056
Semana 93 - A Mensagem dos Profetas Zacarias e Ageu	1064
Semana 94 - Salmos de Confissão	1074
Semana 95 - As Mensagens de Tiago e de Pedro	1080
Semana 96 - As Mensagens de Pedro	1095
Semana 97 - Salmos de Encorajamento	1140
Semana 98 - As Mensagens de Judas e João	1152
Semana 99 - As Mensagens de João	1176
Semana 100 - Escatologia (1)	1213
Semana 101 - Escatologia (2)	1234
Semana 102 - Escatologia (3)	1256
Semana 103 - A História de Jesus Segundo Marcos	1285
Semana 104 - Salmos de Louvor	1310

Semana 1 - Salmos Messiânicos

Estação 01

Texto: Salmos 2, 16, 22, 40, 41, 68, 89 e 118

Salmos 2

Apesar de não ser mencionada aqui a autoria deste salmo, Lucas o atribui a Davi em *Atos 4.25* e Paulo faz o mesmo em seu discurso pronunciado na sinagoga em Antioquia da Pisídia e que foi transcrito em *Atos 13*.

Spurgeon o considera como o Salmo do Príncipe Messias (/1/, pág. 26), tendo em vista como é ressaltada tanto a revolta dos povos contra Ele, como a exaltação de Deus e a Sua vitória contra os inimigos.

Quem lê os versículos 1 a 3 tem a impressão que Deus e Seu Ungido, Jesus, estabeleceram um tipo de ditadura, que escraviza os povos da Terra, pelo que certamente vivem sob uma dura cerviz, da qual agora querem se libertar.

Ocorre, contudo, que nós vivemos neste mesmo planeta e sabemos que Deus deu ao homem livre arbítrio, permitindo que ele faça sua própria vontade. Deus deu a ele, sim, diretrizes pelas quais deve pautar sua vida, para que tudo lhe vá bem, mas infelizmente foi exatamente contra essas diretrizes, opcionais, que os homens se rebelavam naquela época, da mesma forma como se rebelam em nossos dias.

Esse movimento tem como líderes os reis e os governantes, que unidos conspiram contra Deus e Seu Ungido. Este versículo é citado em *Atos 4.26*, onde Herodes e Pilatos tipificam os reis e governantes que conspiram contra Deus e Seu Ungido Jesus.

Finalmente, a conclamação para que sejam rompidas as ataduras de Deus e que sejam afastadas de nós as restrições que as cordas divinas, trançadas nas páginas da Bíblia, em nada diferem do clamor hodierno para que o radicalismo bíblico pregado pelos cristãos seja visto como uma discriminação em relação aos que o rejeitam.

A atitude do soberano Deus diante dos Seus críticos, citados nos 3 versos seguintes, é simplesmente de zombar deles. Sem sombra de dúvida eles ignoram o Seu poder e o quanto é fadada ao fracasso a sua rebelião contra o Deus do céu e contra o Seu Ungido.

A arma de Deus contra os rebeldes é a Sua palavra, que é suficiente para externar a Sua ira e confundir os rebeldes. Ocorre, contudo, que Deus Se limita a declarar a inutilidade da rebelião, porque Ele, Deus, já fez exatamente aquilo que os rebeldes queriam evitar: Ele estabeleceu o Messias como Rei no monte de Sião.

Fica claro nos versículos 7 a 9, que a pessoa que fala é o próprio Messias, declarando palavras que ouviu do Pai. Segundo Paulo, em *Atos 13.33*, essa declaração é feita no dia da ressurreição. O próprio apóstolo Paulo nos informa também, em *Romanos 1.4*,

que Jesus seria declarado Filho de Deus no dia de Sua ressurreição, segundo o Espírito de santidade.

É curioso que Spurgeon em (/1/, pág. 35), se recuse a comentar porque Jesus precisou ser declarado Filho de Deus neste dia, Ele que já era Filho dEle desde o ventre de Maria, visto que as explicações são muitas e divergentes, pelo que só geram discórdia.

Não obstante ele estar certo, por serem indesejáveis as discórdias, creio que podemos definir aqui uma possível explicação, evitando assim as discórdias em apreço. Quando Jesus entrou no mundo como homem, Ele o fez de maneira legal, como qualquer homem nascido neste mundo: pelo ventre de uma mulher. Ele fora gerado no ventre de uma virgem pelo poder do Espírito Santo; portanto, era homem legal, filho do próprio Deus. Esse homem é tratado na Bíblia como o Unigênito Filho de Deus.

Há aqui, contudo, um assunto teológico não totalmente resolvido, qual seja: se Jesus morreu apenas fisicamente, ou se Sua morte (a do homem Jesus) teria sido também espiritual. Isso pode ser dito através de uma pergunta, qual seja: por que Jesus, ao ressuscitar, tornou-Se o Primogênito dentre muitos irmãos?

As duas respostas bíblicamente baseadas são:

- a) Porque Ele foi o primeiro “homem” a receber um espírito novo.

Nesta ocasião Seu Novo Espírito é gerado pelo Pai para substituir o anterior corrompido pelos nossos pecados. Ao reintroduzi-IO no mundo, contudo, Deus já não o faz de maneira natural, como fizera com o Unigênito. Assim sendo, Deus O adota como Filho (**Tu és Meu Filho!**), da mesma forma como adota a cada um daqueles que O aceitam como Senhor e Salvador.

- b) Porque Ele foi o primeiro a receber um corpo glorificado (eterno).

Isso nos é informado por Paulo em *1 Coríntios 15.20-23*.

Mas de fato Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo as primícias dentre aqueles que dormiram. Visto que a morte veio por meio de um só homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como em Adão todos morrem, em Cristo todos serão vivificados. Mas cada um por sua vez: Cristo, o primeiro; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem.

O autor deste texto crê na hipótese a), pelo que acredita que a verdade expressa em b) se superpõe à resposta dada em a), ao invés de contrapor-se a ela.

Para maiores esclarecimentos sobre este tema, o autor recomenda a leitura de /4/.

Já vimos que o texto se refere ao Messias Jesus após a Sua ressurreição, ocasião na qual é dado a Ele todo o poder no Céu e na Terra (*Mateus 28.18*). Nos versículos 8 e 9 é dado a Jesus o direito de pedir as nações por herança, a possessão de toda a Terra e o poder de exercer autoridade com uma vara de ferro, podendo despedaçar os Seus inimigos.

Se nos surpreendemos, acima, com a suavidade das palavras que Deus pronuncia em Sua ira nos versículos 5 e 6, aqui, nos versículos 10 a 12, fica totalmente claro que é a Maravilhosa Graça de Deus que está em ação e não a Sua ira. Longe de querer punir os rebeldes, Deus quer mesmo é que sejam prudentes, arrependam-se e passem a viver no temor do Senhor. Que se achem ao Filho, recebendo-O para que vivam, pois bem-aventurado é aquele que nEle coloca a sua confiança.

Salmos 16

Trata-se da “Jóia de Davi” (*/1/*, pág. 261), sendo citado tanto por Pedro (*Atos 2.25 e 29-31*) como por Paulo (*Atos 13.35-38 e Colossenses 3.11*). De acordo com Kidner (*/5/*, pág. 99) o tema do salmo é o prazer de ter as afeições centralizadas em Deus, sendo dividido em duas partes, versículos 1-6, que tratam da lealdade para com Ele e 7 a 11, que falam das bênçãos decorrentes dessa lealdade.

Esse é um salmo messiânico, pelo que podemos presumir que a pessoa que fala é o próprio Messias. Ao pedir que Deus O guarde, Ele o faz como homem, deixando-nos o exemplo de como devemos proceder, refugiando-nos no Pai, que é o nosso protetor, como foi o dEle (*Isaías 49.8a*): **Assim diz o Senhor: No tempo aceitável te ouvi, e no dia da salvação te ajudei; e te guardarei.**

O Messias declara, a seguir, qual a Sua escala de valores. Ele tem o Pai como Senhor e bem único nessa vida. Mais uma vez Ele exemplifica como deve ser a nossa escala de valores. O amor a Deus e o Seu senhorio devem exceder a todas as outras coisas.

No versículo seguinte Jesus fala do elevado conceito que Ele tem daqueles que são tratados aqui de “santos”. Estes, que somos nós os que aceitamos o Seu sacrifício e que sabemos que nada somos, nem nada teríamos se não fosse pela maravilhosa graça divina, são chamados aqui de “ilustres”, nos quais Ele tem todo o Seu prazer. Como pode Ele falar de nós dessa maneira? Trastes imprestáveis que éramos, nos tornamos ilustres e motivo do Seu prazer - só pela Graça!

Já com relação aos adoradores de outros deuses, o discurso do Messias muda completamente; as palavras dEle são de condenação e sequer deseja mencionar os seus nomes.

Mais uma vez, no versículo 5, o Messias expressa a Sua confiança em relação ao que Deus Pai tem para Ele. Sua Herança e o Cálice do dia a dia estão nas mãos do Pai, como deve ser também o nosso caso. Quem cuida de nossas coisas, ou seja, do nosso quinhão, é o Pai.

O último versículo desse segmento nos surpreende pela forma como o Messias se refere à Sua sorte. Coube a Ele a morte substitutiva, carregando sobre Si os meus pecados. Na cruz Ele foi desamparado pelo Pai, a Quem mesmo assim clamou: **Deus meu, Deus meu por que o Senhor me desamparou?** Resumindo, foi muito sofrimento, mas mesmo assim não é para os sofrimentos que Ele atenta e, sim, para os “lugares deliciosos” aos quais essa sorte levou. A salvação alcançada propiciou a Ele uma herança formosa, constituída por nós, os filhos que Ele gerou para o Pai.

Quando Jesus foi para a cruz Ele já passara pelo Getsêmani, onde o livramento do inferno e da morte já Lhe haviam sido prometidos (ver *Hebreus 5.7*). Nestes versículos Ele louva ao Pai pelas bênçãos alcançadas graças à Sua fidelidade no cumprimento do plano divino.

Ele começa bendizendo ao Senhor pelos conselhos que dEle recebera. Sabemos, pelo texto bíblico, quanto tempo Jesus passava em oração, onde certamente era aconselhado por Ele. Os rins, na literatura do Antigo Testamento, faziam o papel que hoje atribuímos ao coração (desejos e sentimentos). Ele certamente passava e repassava tudo que o Pai Lhe dissera nas Suas meditações noturnas.

Ele nos mostra como devemos colocar sempre o Senhor diante de nós. Assim fazendo, podemos ser sempre assegurados de que nunca seremos abalados. Não obstante as tribulações, podemos viver em perpétua alegria, pois nos sentimos tanto física como espiritualmente fortalecidos e seguros.

Jesus exulta porque Deus assegurara que não deixaria Sua vida na morte e nem mesmo o Seu corpo físico sofreria qualquer decomposição. A crença judaica de que o corpo só começava a se decompor no quarto dia após a morte nos assegura aqui que Jesus ressuscitaria até o terceiro dia.

Finalmente, Ele exulta não apenas por voltar à vida na ressurreição, mas também por ser recebido à destra de Deus, que Lhe fora prometido e onde gozaria delícias perpétuas.

Salmos 22

Trata-se de um salmo de Davi que descreve a crucificação como se ele estivesse presente. Os primeiros 21 versículos apresentam uma situação que parece ser de total desespero, até que Deus responde no final do versículo 21. Daí em diante parece ser outro salmo, embora o tema seja o mesmo.

Quando Jesus agonizou durante as Suas orações no Getsêmani, não resta qualquer dúvida de que o problema dEle não era a morte física e, sim, o fato de ter que tomar sobre Si os nossos pecados. *Hebreus 5.7b* nos diz que **“tendo oferecido, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que podia livrar da morte, e tendo sido ouvido por causa da sua reverência...”**. Ora, se Ele estivesse pedindo livramento da morte física, então o autor de Hebreus estaria mentindo, porque nesse tocante Jesus não teria sido ouvido. Como o texto diz que Ele **foi ouvido**, segue que Sua súplica era relativa à

solução do problema do pecado que O contaminou. No tocante a isso Ele foi ouvido, tanto que Se tornou o Primogênito dentre os muitos irmãos que nasceram de novo do espírito.

Além disso, o evento do Getsêmani nos revela o gigantesco horror de Jesus a ser contaminado pelos pecados do mundo. Pois bem, é exatamente neste momento de contaminação pelos nossos pecados que o Messias pronuncia as palavras com as quais tem início o texto de *Salmos 22*. Além disso, a Sua súplica continua ressaltando que Ele não estava sendo ouvido.

Nos versículos 3 a 5, contudo, Ele declara que não era assim que Ele, o Santo de Israel, costumava agir. Quando os filhos de Israel colocavam nEle a sua confiança, Ele os livrava e quando clamavam a Ele eram libertos, sem serem decepcionados.

Nos versículos 6 a 8, contudo, o Messias volta a Se queixar de estar sendo tratado como um verme e que Se tornara objeto de zombaria e insultos. Que Sua própria confiança no Pai era motivo de deboche.

Ele passa a Se lembrar, então, de como era o Pai que O sustentava e protegia desde o ventre de Sua mãe. Por que, então, Ele estaria agora tão longe, no momento de tanta dor e necessidade?

Nos versículos 12 a 15 Jesus descreve como Se sente sendo ofendido pelos poderosos (sacerdotes, escribas e fariseus), rodeando-O ao pé da cruz, e que Ele compara a touros de Basã, que escarneciam com a voz de leão. Em meio a grande cansaço, Seu coração derretido como cera, quebrado como um caco de barro e com a língua grudada no céu da boca, Ele sente que a morte se aproxima.

Neste momento Ele Se lembra dos acontecimentos que antecederam a crucificação, quando foi cercado por homens maus, teve Suas mãos e pés perfurados, mas sem que quebrassem qualquer de Seus ossos. Suas roupas foram repartidas entre eles, mas a Sua túnica foi disputada num sorteio.

Nos versículos 19 a 21 Ele articula, então, o Seu último apelo, no qual pede ao Pai para não ficar distante. Que O livre do ataque dos cães, que O salve da boca dos leões e dos chifres dos bois selvagens.

É exatamente neste ponto que algumas traduções, como a NVI, inserem uma sentença dizendo: **“e Tu Me respondeste”**. É neste ponto que se altera completamente este salmo.

Não nos é dada a conhecer a resposta que gerou essa mudança abrupta no texto do salmista, mas sabemos o que foi dito dessa circunstância pelo autor de Hebreus (texto já mencionado acima), por Isaías em seu famoso capítulo 53 e por tantos outros profetas. O próprio autor de Hebreus faz referência ao versículo 22, não sem antes dizer que Jesus não Se envergonharia de chamar de irmãos aqueles que o Seu sacrifício santificou (*Hebreus 2.11*). Fica claro no texto de Hebreus e também no contexto do restante deste

salmo, que essa mudança está associada à salvação que foi trazida por todo esse sofrimento do Messias.

Spurgeon em (//1/, pág. 431) sugere que consideremos os versículos 22 a 31 como pensamentos que passaram pela mente de Jesus nos últimos minutos da Sua vida, antes de declarar estar tudo consumado, entregando a seguir o Seu espírito.

Pensando já na obra realizada e na Igreja que surgiria graças ao Seu sacrifício, dificilmente o Messias poderia contentar-Se com algo mais do que anunciar o Nome do Pai àqueles que foram comprados pelo Seu sangue precioso, tornando-se seus irmãos. Por isso, Ele louva ao Pai no meio da congregação e estimula que façamos o mesmo nós, os que tememos ao Senhor. De igual modo Ele chama a glorificar ao Pai todos os filhos de Jacó, ou seja, a descendência de Israel.

Louvemo-IO nós todos porque o Senhor não deixou de atender ao Messias na Sua aflição, mas salvando-O, salvou a nós todos os que cremos, fazendo de todos nós filhos por adoção.

Os versículos 25 e 26 sugerem uma celebração pelo cumprimento de votos do Messias por ter sido atendido. Desta celebração podem participar todos os que buscam ao Senhor, inclusive os pobres, que poderão comer até ficarem satisfeitos.

Os versículos 27 a 31 falam da natureza universal da salvação que Ele conquistou para todos. Todos os confins da Terra se voltarão para o Senhor e famílias de todas as nações se prostrarão diante dEle, pois Deus governa todas as nações. Diante do Messias todo joelho se dobrará. Gerações futuras ouvirão falar de Sua salvação e um povo que ainda sequer nasceu proclamará os Seus grandes feitos.

Salmos 40

O tema do salmo 40 é o fato de aprendermos a esperar no Senhor, exatamente como o primeiro versículo começa.

Não há muito a ser acrescentado a este texto em termos de comentário, tendo em vista a riqueza e a beleza das palavras com que Davi descreve o que se passa na vida dos servos do Senhor, que colocam nEle a sua confiança. O testemunho deles leva outros a terem o desejo de esperar no Senhor de igual forma.

Davi se recorda aqui nos versículos 4 e 5 das bênçãos que tanto ele quanto outros homens tementes a Deus têm recebido do Senhor, por simplesmente confiarem nEle, enquanto são delas privados todos os soberbos e aqueles que optam por outros deuses. Ele conclui dizendo que Deus é incomparável e que seria impossível contar todos os Seus grandes feitos.

Não obstante tratar-se de um salmo messiânico, não é possível, até aqui, dizermos se Davi está falando de sua própria experiência, se está colocando palavras na boca do Messias, ou se ambos.

Já com relação aos versículos 6 a 8, não temos qualquer dúvida. O autor do livro de Hebreus coloca essas palavras na boca de Jesus em *Hebreus 10.5-7*. Curiosamente, contudo, há uma diferença marcante entre o texto citado em Hebreus, extraído da Septuaginta, e aquele traduzido diretamente do hebraico. As palavras **abriste-me os ouvidos** foram traduzidas como **corpo me preparaste**. A única explicação plausível para tanto é que a Septuaginta procura captar o sentido do original, qual seja, que Deus não Se satisfazia com os sacrifícios provisórios prescritos pela lei mosaica, mas queria um sacrifício realmente substitutivo, qual seja: o do Seu filho Jesus Encarnado. É essa, inclusive, a interpretação dada pelo autor de Hebreus nos versículos 8 a 10. O texto completo de Hebreus é apresentado a seguir.

Pelo que, entrando no mundo, diz: Sacrifício e oferta não quiseste, mas um corpo me preparaste; não te deleitaste em holocaustos e oblações pelo pecado. Então eu disse: Eis-me aqui {no rolo do livro está escrito de mim} para fazer, ó Deus, a tua vontade. Tendo dito acima: Sacrifício e ofertas e holocaustos e oblações pelo pecado não quiseste, nem neles te deleitaste {os quais se oferecem segundo a lei}; agora disse: Eis-me aqui para fazer a tua vontade. Ele tira o primeiro, para estabelecer o segundo. É nessa vontade dele que temos sido santificados pela oferta do corpo de Jesus Cristo, feita uma vez para sempre.

Aqui ficam óbvios, tanto a prontidão de Jesus de fazer a vontade do Pai, como o fato de estar sendo pedida uma coisa que Davi não poderia fazer.

As palavras dos versículos 9 e 10 representam total e fielmente o ministério de Jesus. Como disse Spurgeon, a vida dEle foi um grande sermão (/1/, pág. 861).

De acordo com Spurgeon (/1/, pág. 863) as palavras dos versículos 11 a 17 parecem transmitir partes da oração de Jesus no Getsêmani. Causa verdadeiro horror a Ele a separação de Deus pelos Seus pecados (nossos na realidade, tomados sobre Si). Ele seria objeto de zombaria e sofrimento, mas não obstante esse quadro assustador que O esperava, Ele Se regozija pelos que serão salvos.

Por outro lado, se atribuirmos essas palavras ao próprio Davi, sabemos que os seus pecados pagaram um alto preço, mas que a confiança no Senhor continuava a ser a única solução que vale a pena.

Mesmo sendo pobre e necessitado, Jesus tinha a certeza de que Deus cuidaria dEle. Já Davi só poderia se referir à sua pobreza moral porque tinha muitos bens.

Salmos 41

Trata-se de um salmo que começa falando de pessoas bondosas que usam de misericórdia para com os pobres. Davi ressalta, contudo, que mesmo pessoas boas e misericordiosas despertam inveja e são difamadas. Embora, a princípio, nada nele nos

faça pensar ser de natureza messiânica, vemos que a traição de Judas, mencionada no versículo 9, acaba sendo usada como um exemplo extremo de uma dessas pessoas.

Uma dentre as bem-aventuranças de Jesus destaca os misericordiosos, dizendo que certamente estes alcançarão misericórdia. Davi, nos 3 primeiros versículos deste salmo, está dizendo exatamente isso.

Claro que Davi era assim, mas ninguém foi tão misericordioso quanto Jesus.

No versículo 4, contudo, é chegado o dia mau para o homem misericordioso, que, segundo Davi, no versículo 3, seria sustentado pelo Senhor. Nós o vemos pedindo a Deus que Se compadeça dele, mas não se valendo do seu crédito, pela misericórdia demonstrada e, sim, pedindo misericórdia pelos pecados cometidos.

Logo nos ocorre que Davi aqui deve estar falando de si mesmo, porque Jesus não cometeu pecado algum, mas ainda resta a possibilidade do Messias estar falando dos pecados nossos que Ele tomou sobre Si, a ponto de fazê-los realmente Seus. Essa hipótese, que aqui parece pouco provável, devido a forma como Davi se expressa, é reforçada pelo fato do salmista dizer, no versículo 12, que sua integridade o sustém, numa aparente contradição em relação ao seu pedido de perdão de pecados do versículo 4. Segue, portanto, que existe uma boa possibilidade do salmo ser totalmente messiânico.

Os versículos 5 a 8 retratam muito bem a zombaria e o ódio que os sacerdotes, escribas e fariseus, contemporâneos de Jesus, demonstravam por Ele, enquanto o versículo 9, sem sombra de dúvida, fala da traição de Judas.

Nos versículos 10 a 12 vemos um apelo final de Jesus por livramento, acompanhado pela convicção de que será atendido, pela certeza de que Deus Se deleita nEle e O sustenta por conta de Sua integridade, a ponto de levá-LO à Sua presença para sempre. Só Jesus poderia dizer algo assim, justificando totalmente o louvor com que o salmista encerra o seu texto no versículo 13.

Salmos 68

Trata-se de outro salmo de Davi composto, desta feita, para o momento específico em que a arca do Senhor foi transportada da casa de Obede-Edom para o lugar que ele preparara para ela no monte Sião (/2/, pág. 192).

A arca havia sido levada pelos filisteus e devolvida pouco depois, devido a uma praga que Deus mandara contra eles. Ela ficara cerca de 20 anos na casa de Abinadabe, até que Davi resolveu trazê-la para Jerusalém. Sua tentativa desastrosa acabou com a morte de Uzá, filho de Abinadabe, pelo que Davi, frustrado e com medo de Deus, mandou que fosse deixada na casa do sacerdote Obede-Edom. Ali ela ficaria apenas 3 meses, mas a atitude de Obede-Edom fez com que Deus tanto o abençoasse, juntamente com toda

a sua família (2 Samuel 6.11), que Davi novamente se animou a trazê-la, desta feita de forma correta.

Essa abertura da marcha de condução da arca (versículos 1 a 6) tem um tom completamente diferente daquele atribuído a Davi depois da morte de Uzá em 2 Samuel 6.8-9.

E Davi se contristou, porque o Senhor abriu rotura em Uzá; e passou-se a chamar àquele lugar, Pérez-Uzá, até o dia de hoje. Davi, pois, teve medo do Senhor naquele dia, e disse: Como virá a mim a arca do Senhor?

Deus é louvado pela Sua soberania em relação aos inimigos de Israel, que se derretem como cera diante dEle. Ela cavalga sobre as nuvens e enche o coração dos Seus servos de alegria, pelo que são todos conclamados a louvá-IO.

Embora este salmo tenha sido escrito para cantar durante o trajeto da arca até chegar ao monte Sião, Davi lembra aqui que o ponto de partida desse longo trajeto foi, na realidade, o monte Sinai, onde Moisés mandou fazer a arca e onde ela iniciou o longo percurso até chegar a Jerusalém.

Os versículos 7 a 10 falam da providência divina durante o trajeto de 40 anos no deserto, começando com o monte Sinai tremendo devido à Sua presença falando com o povo. Ao longo desse trajeto a providência divina fez chover tanto pão quanto carne. Eles se revigoravam e durante esse período os pés dos filhos de Israel jamais incharam. O rebanho de Deus gozava de Sua providência e nada faltava mesmo para os mais pobres.

Os versículos 11 a 14 falam não mais do deserto, mas das vitórias que tiveram os filhos de Israel quando Deus saía com eles para batalhar representados pela figura da arca. A palavra do Senhor era suficiente para que as mulheres já saíssem anunciando a vitória. Os reis fugiam diante deles e as próprias mulheres repartiam os despojos.

Não é clara a referência às asas de pomba cobertas de prata com penas de ouro amarelo, nem tampouco à neve caindo no monte Zalmon, mas o texto não deixa qualquer dúvida em relação ao fato de que a vitória dos filhos de Israel, dispersando os reis contra quem saíam, era obra do Senhor.

Os versículos 15 e 16 formam uma exaltação à glória do monte Sião. Para tanto, o salmista diz que o monte de Basã (referência ao monte Hermon na região de Basã, que é o ponto culminante de Israel, com aproximadamente 2800m) estaria enciumado em relação ao monte Sião, por Deus tê-lo escolhido como Sua morada eterna.

Na continuidade, Davi diz que o poderio militar divino é como miríades de carros de guerra e que este é o poder que está disponível em Sião. Uma forma poética de dizer que o Deus Onipotente torna Sião invencível.

Até este ponto não parece haver coisa alguma messiânica neste salmo, mas repentinamente surge o versículo 18, que é aplicado por Paulo em relação à obra de Jesus de formação da Igreja. Daí em diante parece que todo o restante do salmo pode

ser de natureza messiânica. Paulo o cita em *Efésios 4.7-16*, onde está falando a respeito dos dons do Espírito Santo num contexto maior de construção da Igreja de Jesus Cristo, que transcrevemos a seguir.

Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo. Por isso foi dito: Subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens. Ora, isto-ele subiu-que é, senão que também desceu às partes mais baixas da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. E ele deu uns como apóstolos, e outros como profetas, e outros como evangelistas, e outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo; para que não mais sejamos meninos, inconstantes, levados ao redor por todo vento de doutrina, pela fraudulência dos homens, pela astúcia tendente à maquinação do erro; antes, seguindo a verdade em amor, crescamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, do qual o corpo inteiro bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo em amor.

Não podemos esquecer, contudo, que a mente de Davi fala da chegada a Jerusalém da arca, graças aos dons que Deus deu aos guerreiros de Israel.

A partir do versículo 19 podemos ler as palavras de Davi tanto como aplicáveis a seu propósito inicial, quanto messianicamente.

Bendito seja esse Deus que leva os nossos pecados, que nos salva e nos livra da morte eterna! Assim vemos esse versículo como um louvor messiânico, mas Davi o vê como o louvor ao Deus que possibilitou toda a jornada da arca.

Deus continuará a derrotar os nossos inimigos, para os quais não haverá escapatória, seja nos montes mais altos ou nas profundezas do mar. Eles serão totalmente desbaratados.

Davi ressalta a chegada de Deus ao santuário, enquanto nós O vemos atuando em nossas vidas, na qualidade de santuário do Espírito Santo, no qual cada um de nós se tornou.

Os cantores, os instrumentistas e o povo em geral exaltam Sua presença no canto de Davi, mas o Cristo vivo em nossas vidas, todos os filhos do Deus Vivo, marca Sua presença entre nós para aqueles a quem testemunhamos.

Davi conclama a todos na comitiva que bendigam o Nome do Deus de Israel. De igual forma nós somos conclamados a bendizer o Nome do Deus da nossa salvação.

Na comitiva que está levando a arca para Jerusalém Davi distingue os filhos de Benjamin, Judá, Zebulom e Naftali, mas certamente havia gente de todas as tribos. De igual forma, Deus tem gente de todas as nações levando a bandeira do Messias.

Não obstante dificuldades de compreensão do texto original nos versículos 29 a 31, fica registrado que todo o poder vem de Deus, cuja presença é simbolizada pela arca. A Ele virão com presentes aqueles que O reconhecem. A Ele se submetem aqueles que contra Ele se rebelaram.

Os versículos 32 a 35 encerram esse salmo com um canto de louvor da mesma forma como foi iniciado. A diferença entre esses dois cantos, contudo, reside no fato do primeiro ter sido entoado por aqueles que acompanhavam o transporte da arca, ou seja, os filhos de Israel, enquanto esse agora é feito por todas as nações.

Salmos 89

Trata-se de um salmo escrito por Etã, o ezraíta, sobre quem pouco sabemos, a não ser que era compositor, e que possivelmente terá vivido ao final do reino de Davi, durante todo o reino de Salomão e ao início do reinado de Roboão.

Por conhecer as promessas de Deus a Davi, e vendo a decadência do reino dos seus dois sucessores, ele apela para que Deus confirme aquilo que prometera.

Nos quatro versículos iniciais o autor do salmo resume não só a promessa que Deus fez a Davi em *2 Samuel 7.13-14*, mas também a sua própria certeza de que Deus há de cumpri-la.

Nos versículos 5 a 8 Etã exalta a majestade de Deus, ao passo que decanta o Seu domínio em 9 a 13.

A menção a Raabe no versículo 10 é uma referência ao Egito e não à meretriz de Jericó, que tem o mesmo nome (ver uso similar em *Isaías 51.9*).

No versículo 12 o Tabor e o Hermon são apenas uma forma poética de se referir ao Oeste e ao Leste, pois o Tabor ficava ao Ocidente do Jordão, enquanto o Hermon ficava ao Oriente.

Os versículos 14 a 18 exaltam vários atributos morais do Senhor.

O texto dos versículos 19 a 25, em princípio, detalha a promessa que foi feita a Davi, mas ao chegarmos aos versículos 26 e 27 vemos, claramente, que Etã não está falando de Davi e, sim, do Messias. Jesus, o Unigênito de Deus, foi salvo da morte (o Pai Se tornou a Rocha de Sua salvação da morte espiritual, conforme indicado em *Hebreus 5.7*) e tornou-Se o Primeiro Filho de Deus por adoção (**Tu és meu Pai**), tornando-Se, assim, o rei dos Reis.

Já havíamos visto, no versículo 27, que a referência ao primogênito não era a Davi e, sim, ao Messias, Jesus, por ocasião de Sua ressurreição. Já no 28 há uma promessa de Deus no sentido de conservar para com Ele a Sua benignidade, mantendo firme o pacto feito com Ele. A aliança em apreço obviamente é a Nova Aliança, que foi estabelecida

através do Messias. Já a descendência mencionada no versículo 29 é justamente a Sua Igreja, ou seja, aqueles que aderiram a essa Nova Aliança.

Novamente o autor deste texto tem por hábito não perder seu tempo discutindo a possibilidade de perda ou não de salvação, porque entende que a obrigação dos filhos do Reino é manter-se o mais longe possível do abismo da perdição, e não de ficar discutindo se é possível cair no mesmo ou não. Se, contudo, alguém queria um argumento em prol da impossibilidade de perder-se a salvação, os versículos 30 a 37 declaram, de maneira maravilhosa, a intenção de Deus de zelar pela correção dos filhos da Nova Aliança, sempre que estes cometerem deslizes. Glória ao Pai pelo zelo que tem

As palavras de Etã pronunciadas (ou escritas) a partir do versículo 38 são, de certa forma, desconcertantes. Ele, que vinha sendo elogioso, passando o salmo todo louvando e que profetizou coisas maravilhosas sobre o Messias, repentinamente passa a questionar Deus sobre o fato de, aparentemente, não estar cumprindo aquilo que prometera a Davi.

Ele alega que Deus teria rejeitado o Seu Ungido, desprezado o pacto feito com Ele, profanado Sua coroa, derrubado os muros pelos quais Sua cidade era protegida e teria permitido o Seu saque pelos vizinhos. Suas batalhas não teriam mais o sustento divino, Seu trono teria sido envergonhado e Seus dias abreviados. Etã pergunta, então, até quando ele mesmo teria que assistir a tudo isso?

Embora Etã diga isso tudo respeitosamente, transparece que ele está decepcionado com Deus por ter assistido ao final tumultuado do reino de Davi, ao declínio do reino de Salomão, que começara tão bem e ao início desastroso do reinado de Roboão. Para ele isso não se parece em nada com a promessa feita a Davi.

Muitas vezes, contudo, nós procedemos para com Deus de maneira exatamente igual, cobrando dEle as Suas promessas, que julgamos não ter cumprido, por não percebermos que os planos de Deus são outros. O descendente Ungido de Davi não era Salomão e, sim, Jesus, que não seria sequer descendente de Salomão, visto que Maria descendeu de Natã, outro filho de Davi (ver *Lucas 3.31*).

Não obstante o engano de Etã, ele termina, no versículo 52, dando um voto de confiança a Deus, com esse pequeno versículo de louvor. Embora estejamos sujeitos a enganos similares, devemos aprender com ele a não perder a confiança no Senhor.

Salmos 118

O salmo 118 faz parte de um grupo de salmos cantado por ocasião da celebração da Páscoa (O Hallel egípcio - 113 a 118), onde o 118, especificamente, fazia parte do canto da procissão do povo dirigindo-se ao templo.

Claro que a experiência pessoal de Davi cabe em todos os pontos deste salmo, mas a referência messiânica do salmo nos versículos 20, 22 e 26 também é relevante, pelo que

podemos igualmente atribuí-lo a Jesus, expresso pela boca de Davi. Teríamos, contudo, uma pequena dificuldade no versículo 17, onde “não morrerei; antes viverei e contarei as obras do Senhor” teria que ser interpretado como uma vitória sobre a morte, já que ela efetivamente ocorreu.

Fica claro, nestes versículos 1 a 4, que há um ou mais cantores que entoam as estrofes, enquanto o povo responde, reiteradamente, cantando o refrão: “a Sua misericórdia dura para sempre”.

Estes versículos 5 a 9 são entoados pelo solista, que assume a posição de diversos personagens à medida que canta. Neste caso ele representa o homem genérico que tanto pode ser o rei como o homem comum do povo.

Os versículos 10 a 14 ressaltam o poderoso Nome do Senhor. Não está claro aqui se o cantor representa o rei ou o Messias, mas como o versículo 14 é extraído do cântico de Moisés (*Êxodo 15.2*), entoado logo após a passagem do Mar Vermelho, e como ele tipifica o Ungido de Deus, podemos imaginar aqui tratar-se do Messias.

Vencidos os egípcios, é entoado aqui (versículos 15 a 17) o cântico de vitória, no qual se nota mais uma vez trechos extraídos do cântico de Moisés (*Êxodo 15.6, 12*).

Lembrando que isso é um salmo messiânico, então realmente temos neste segmento (versículos 18 a 27) palavras que o Messias pronuncia sobre a Sua obra de redenção. Ao dizer que o Senhor O castigou muito, mas não O entregou à morte, Ele Se refere ao inferno e não à morte física. A porta da justiça Lhe foi aberta no dia da ressurreição, quando Ele foi justificado pelo Pai, que fez dEle o Primogênito dentre muitos irmãos. Essa foi a porta concebida por Deus Pai para que muitos justos (justificados em Jesus) possam entrar por ela.

O Messias segue dando graças a Deus Pai por ter sido ouvido por Ele, no tocante à Sua própria salvação (ver *Hebreus 5.7*). Na sequência, Ele declara ter-Se tornado a Pedra Angular, aquela que os edificadores rejeitaram.

Esse dia da redenção é o Dia que o Senhor fez. Regozijemo-nos e alegremo-nos nele!

O salmista termina, nos versículos 28 e 29, exatamente onde começou, exaltando o Senhor porque Ele é bom e porque a Sua benignidade dura para sempre!

Sem dúvida é um lindo louvor para reconhecer o livramento concedido na Páscoa egípcia, da mesma forma como para nós fala do livramento concedido pelo Messias de Israel.

Semana 2 - A História de Jesus Segundo João (1)

Estação 2

Texto: João 1 a 10

João 1

Os quatro evangelhos diferem entre si pelos objetivos de seus autores. Mateus se dispõe a mostrar que Jesus é o Messias esperado pelo povo de Israel. Marcos também sustenta a “messianidade” de Jesus, bem como a Sua divindade, mas crê-se que este evangelho tenha sido escrito principalmente para os romanos convertidos. Já Lucas deixa bem claro que o objetivo de sua carta, escrita para Teófilo, seu amigo grego, é instruí-lo a respeito de Jesus, de Sua vida e de Seu ministério. Finalmente, João tem o seu foco na divindade de Jesus, mas principalmente na forma como a glória de Deus nos é revelada através dEle.

Cabe aqui neste prólogo de João (versículos 1 a 18) entender exatamente o significado da palavra traduzida ao português como “Verbo”. No original grego esta palavra é “logos”, que foi traduzida para o inglês como “word” (palavra), mas que também não expressa bem o que seja “logos”. Segundo Bruce (17/, pág. 34), contudo, o segredo do emprego da palavra “logos” feita por João não deve ser procurada no grego e, sim, no hebraico do Antigo Testamento, onde a “Palavra de Deus” era empregada para falar de Deus em ação. Assim, João escolheu a palavra “logos”, porque ela tem, no grego, o sentido de “palavra em ação”. Se soubéssemos que a palavra “Verbo” foi utilizada no português para traduzir “logos”, exatamente pelo fato do verbo em nossa língua representar uma ação associada a uma palavra, então poderíamos até concordar que foi bem traduzido, mas infelizmente poucos leitores pensam nisso ao se depararem aqui com a palavra Verbo. Melhor, portanto, é reconhecermos que não há, na língua portuguesa, uma tradução adequada para “logos”, ou melhor ainda, do nome que João quis dar à missão de Jesus, pelo que se justificam essas palavras introdutórias para entendermos que no princípio Jesus, Deus Filho, que conhecia o Pai completamente, encarnou e veio viver as ações de Deus entre nós, para que também nós pudéssemos conhecê-LO e a Sua glória.

Ao dizer que toda a criação foi feita por Ele, João está querendo apenas que o seu leitor identifique o Verbo como o mesmo Deus criador de Gênesis. Ele é a vida que ilumina o caminho que devemos seguir.

Logo a seguir João fala de seu homônimo, João Batista, que veio para dar testemunho do Verbo, que pouco depois surgiria, mas o Verbo viria aos Seus, que não O receberiam, porém a quantos O recebessem seria dado o poder de se tornarem filhos de Deus por nascerem de Deus. Vemos, portanto, que o novo nascimento já estava implícito no prólogo de João antes mesmo de Jesus mencioná-LO no terceiro capítulo.

Embora João já tivesse falado um pouco sobre a identidade de João Batista no prólogo, agora, nos versículos 19 a 34, ele entra em detalhes a esse respeito, para que fique bem claro de quem se trata. Assim, os sacerdotes e os levitas começam perguntando claramente quem ele diz ser. Para que não houvesse qualquer dúvida, eles perguntaram primeiro se ele era o Messias, ao que ele negou. Depois lhe perguntaram se ele seria Elias. Essa pergunta decorre de uma declaração do último profeta, Malaquias, que diz que Deus enviaria aos judeus o profeta Elias antes que venha o temível Dia do Senhor (*Malaquias 4.5*). Sua resposta foi igualmente negativa. Em terceiro lugar perguntaram se ele era o profeta, que seria uma referência a palavras de Moisés, em *Deuteronômio 18.15*, segundo as quais Deus suscitaria no meio dos israelitas um profeta como ele mesmo, a quem deveriam ouvir. Obviamente trata-se também de uma referência ao Messias, mas que eles consideraram como uma possível figura independente. Mais uma vez a resposta de Batista foi negativa.

Por falta de alternativa de personagens escatológicos, pediram a ele, então, que se identificasse, pelo que ele fez referência a *Isaías 40.3a*: **Eis a voz do que clama: Preparai no deserto o caminho do Senhor.**

Respondida sua primeira pergunta, os judeus passaram a questionar a autoridade de João por estar batizando. Ele, contudo, foi humilde e declarou que seu batismo era apenas de arrependimento, mas que Aquele que viria a seguir os batizaria com o Espírito Santo, por ser Ele o Filho de Deus.

Neste texto dos versículos 35 a 51, João narra mais um encontro de Jesus com João Batista, no qual este declara ser Ele o Cordeiro de Deus. Essa declaração despertou a curiosidade de dois discípulos de João, que resolveram segui-IO. Vemos a seguir a descrição da chamada dos primeiros discípulos de Jesus: André, Pedro, Filipe e Natanael.

João 2

Ao final do capítulo 1 Jesus já havia escolhido 4 dos Seus discípulos e agora, 3 dias depois, Ele e Seus discípulos (não sabemos quantos) são convidados para uma festa de casamento em Caná da Galileia, onde encontram-se, também, sua mãe e seus irmãos. Tem lugar, nesta ocasião, o Seu primeiro milagre, no qual transforma cerca de 600 litros de água em vinho de excelente qualidade (versículos 1 a 12).

Faltara vinho no meio da festa e Maria queria ajudar a prover, pelo que pediu a Jesus que fizesse algo a respeito. A resposta de Jesus nos surpreende e parece até grosseira, mas os peritos em grego nos informam que este não é o caso (ver /7/, pág. 70), além de registrarem as dificuldades de tradução. Bruce /7/ sugere que a melhor tradução para sua resposta seria “minha senhora, não precisa me dizer o que fazer”. Independente disso ser correto ou não, certamente combina bem melhor com a atitude de Maria a seguir, instruindo os empregados no sentido de seguirem Suas instruções.

Mesmo assim, não há dúvida de que Jesus excedeu a todas as expectativas de Maria e João se limita a nos dizer que Ele mostrou a Sua glória e que Seus discípulos creram nEle.

João descreve, a seguir nos versículos 13-25, a primeira Páscoa de Jesus em Jerusalém, depois que iniciou Seu ministério. Ao entrar no templo e ver o comércio dominando, no lugar onde o povo deveria estar adorando, Jesus Se sentiu ultrajado e tratou de dar fim àquilo que disse ser totalmente desrespeitoso para com a Casa de Seu Pai. Sugere-se em (7/, pág. 75) que esse evento possivelmente seria o cumprimento de duas profecias do Antigo Testamento, encontradas em *Malaquias 3.1b* e em *Zacarias 14.21b*, respectivamente.

... e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais.

Naquele dia não haverá mais mercador na casa do Senhor dos exércitos.

João registra que os discípulos de Jesus se lembraram, então, do texto em *Salmos 69:9*, que bem expressa o zelo demonstrado por Jesus naquele dia.

Pois o zelo da tua casa me devorou, e as afrontas dos que te afrontam caíram sobre mim.

A atitude de Jesus surpreendeu a muitos, mas principalmente aos do clero judaico, porque o desrespeito ressaltado por Jesus deveria ter sido objeto de repreensão deles e não de um perfeito desconhecido. Como não podiam questionar o que Ele fizera, decidiram questionar Sua autoridade de fazê-lo. Sua resposta falando a respeito da implementação da Nova Aliança, através do Seu próprio sacrifício, foi totalmente incompreendida por eles. Mesmo Seus discípulos só viriam a entendê-la após a Sua ressurreição.

João 3

Este capítulo é considerado por alguns como o capítulo áureo de toda a Bíblia, não apenas por conter o versículo áureo (16), mas por falar do novo nascimento de maneira mais clara, pelo próprio Jesus, em Seu encontro com Nicodemos.

Não há dúvida que se trata de um dos textos mais conhecidos de toda a Bíblia (versículos 1 a 21), mas nem por isso deixa de estar longe de ser um texto descomplicado. Embora o novo nascimento seja apresentado por Jesus como uma condição absolutamente necessária para a salvação, mesmo assim os diversos credos apresentam para este assunto explicações tão diferentes, que facilmente podemos concluir o quanto é básico entendermos do que Jesus está falando.

Só para exemplificar, no Catolicismo Romano, o novo nascimento está associado à entrada para a Igreja Romana através do batismo. Isso é apresentado nas páginas 24 e 25 da Encíclica *Lumen Gentium* de Paulo VI /8/. Já no Espiritismo Cardecista, o novo nascimento é sinônimo de reencarnação, tanto física como espiritual /9/ e, finalmente,

para a maioria dos evangélicos, o novo nascimento é uma mudança que Deus produz no homem, arrependido de seus pecados e que crê no sacrifício substitutivo de Jesus, transportando-o do reino das trevas para o Reino de Seu Filho Jesus Cristo. A compreensão quanto a como isso se processa, contudo, pode variar significativamente de uma denominação evangélica para outra.

Na conversa entre os dois nota-se, claramente, que Nicodemos procura entender como o processo se dá e Jesus só está interessado em mostrar o que é necessário para que ele nasça de novo por ser, em última instância, a única coisa importante.

Para que ele pudesse entender, Jesus lembrou a Nicodemos um evento da peregrinação do povo de Israel no deserto (*Números 21.4-9*), que ele, como mestre da lei, conhecia muito bem. O povo se queixava, mais uma vez, contra Moisés e contra o próprio Deus, que, então, mandou serpentes venenosas que picaram o povo, causando a morte de milhares deles. O povo se arrependeu e pediu a Moisés que orasse solicitando a remoção das serpentes, pelo que Moisés se voltou a Deus, pedindo que isso fosse feito. Ao invés de atendê-lo, nos moldes solicitados, contudo, Deus pediu a Moisés que fizesse uma serpente de bronze e que a colocasse no topo de uma haste, para que não fizesse efeito o veneno das picadas em todo aquele que voltasse o seu olhar para aquela serpente. Jesus, então, fez um paralelo entre o veneno da serpente e o pecado, bem como entre a serpente de bronze e a Sua cruz. Todo aquele que fosse picado pela serpente poderia ficar imune aos efeitos dela, por voltar os seus olhos para a serpente de bronze. De igual forma, todo aquele que fosse “picado” pelo pecado, poderia ficar imune aos seus efeitos (morte eterna) por voltar, com fé, os seus olhos para a cruz de Jesus Cristo. Nascermos para Deus, ou nascemos espiritualmente, ou nascemos de novo, no momento em que reconhecemos ter pecado e que este pode ser curado pelo sacrifício de Jesus, que pagou o preço do nosso pecado. Como Deus o faz não se mostrou importante para Jesus e não é objeto do texto. O nascimento físico, o nascimento da água ou o nascimento da carne, sinônimos usados por Jesus, não representam nem o batismo nem a reencarnação. Representam apenas a experiência pela qual todos passamos como entrada neste mundo pelo ventre feminino.

Para a resposta à pergunta de Nicodemos no versículo 9, “**como pode ser isto?**”, Jesus bem provavelmente tenha se surpreendido com a falta de conhecimento bíblico de Nicodemos, ao criticá-lo por ser mestre em Israel e não sabê-lo. Parece-me que Jesus se referia a *Jeremias 31.31-33* e a *Ezequiel 36.25-28*.

"Estão chegando os dias", declara o Senhor, "quando farei uma nova aliança com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá". "Não será como a aliança que fiz com os seus antepassados quando os tomei pela mão para tirá-los do Egito; porque quebraram a minha aliança, apesar de eu ser o Senhor deles", diz o Senhor. "Esta é a aliança que farei com a comunidade de Israel depois daqueles dias", declara o Senhor: "Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações. Serei o Deus deles, e eles serão o meu povo (*Jeremias 31.31-33*).

Aspergirei água pura sobre vocês, e vocês ficarão puros; eu os purificarei de todas as suas impurezas e de todos os seus ídolos. Darei a vocês um coração novo e porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis. Vocês habitarão na terra que dei aos seus antepassados; vocês serão o meu povo, e eu serei o seu Deus (*Ezequiel 36.25-28*).

Estes textos falam do processo de salvação ou novo nascimento, mas o processo em si não é objeto do texto de João.

Pode ter passado despercebido a muitos de nós, mas Jesus, ou pelo menos os Seus discípulos, também ministravam o mesmo batismo de arrependimento que João. Este evangelho é o único que menciona esse fato (versículo 22).

É provável que o batismo de arrependimento seja, também, a chave de ligação entre a discussão sobre a purificação cerimonial, mencionada no versículo 25, e a pergunta que os discípulos de João fizeram a ele a respeito de Jesus, logo a seguir. Imagino que o certo judeu, mencionado no texto bíblico, estivesse perguntando onde o batismo de João encaixar-se-ia nos sacrifícios e ritos judaicos, que levavam à purificação e perdão de pecados. Trata-se de uma pergunta bem católico-romana para os nossos dias, cuja resposta é: não havia qualquer perdão no batismo de João, como não há no de hoje. O batismo é uma ordenança do nosso Senhor Jesus Cristo, motivo pelo qual o praticamos, mas ele apenas testemunha o nosso arrependimento e a aceitação do sacrifício de Jesus. Já nos dias de João testemunhava apenas o arrependimento, porque o perdão de pecados ainda era atribuído pelos sacrifícios da lei. O que João procurava incutir era a associação do arrependimento com a validade dos sacrifícios em questão. Nada era automático. Quando a lei falava em “afligir a alma ou o coração” (*Levítico 16.31*, p. ex.), era de arrependimento que estava falando.

O versículo 26, onde os discípulos de João o interrogam a respeito da “concorrência” que Jesus e Seus discípulos lhes estariam fazendo, denuncia uma ponta de ciúmes por parte deles, mas o testemunho que João dá a seguir sobre o papel dele como precursor e o de Jesus como Senhor é um exemplo para todos nós, como servos de Jesus Cristo, a respeito de como devemos vivenciar os nossos cargos na Igreja. João se coloca na posição de servo que tem a sua missão bem delimitada a cumprir, sem deixar de exaltar a Deus em todos os momentos de seu testemunho. Que saibamos fazer o mesmo!

João 4

Este capítulo começa mencionando, mais uma vez, a extensão do ministério de arrependimento pregado por Jesus, com Seus discípulos chegando a batizar mais pessoas do que João Batista. Isso chegou a despertar alguma perseguição dos fariseus, a ponto de Jesus julgar mais prudente retornar para a Galileia.

A ênfase deste texto recai sobre o encontro de Jesus com uma mulher samaritana junto ao poço de Jacó, onde Ele e Seus discípulos haviam parado no retorno. Jesus pediu a ela um pouco de água, talvez porque tivesse sede, mas certamente para puxar conversa, surpreendendo a mulher pelo fato de Ele, judeu, dirigir-Se a ela, samaritana.

Precisamos lembrar aqui que Jesus, não obstante ser Deus, esvaziara-Se dos atributos de divindade (*Filipenses 2.6-7*), pelo que não os usou, durante o Seu ministério. Assim sendo, vemos Jesus Se utilizando aqui de um dos dons espirituais, descritos por Paulo em *1 Coríntios 12.8*, qual seja, a palavra de conhecimento. Porque estava cheio do Espírito Santo, Jesus foi capaz de dizer àquela mulher, no versículo 18, sem ofendê-la, que ela vivia em adultério, não por ter tido 5 maridos anteriores, mas por estar vivendo irregularmente com o sexto homem de sua vida.

Por ser uma oportunidade gerada pelo Espírito de Deus, não surpreende, em absolutamente nada, o fato dela passar a se interessar por Ele como profeta, a Quem passou a apresentar suas dúvidas espirituais. Quando somos dirigidos pelo Espírito, mesmo os pontos mais obscuros podem ser tratados abertamente sem qualquer ofensa. A mulher saiu dali totalmente convertida ao Messias de Israel e seu testemunho foi eficaz, na conversão de muitos de seus conterrâneos, que deram testemunho disso.

O restante deste capítulo trata do segundo sinal que Jesus realizou após a Sua saída da Judeia. O primeiro, possivelmente, terá sido o uso do dom espiritual mencionado acima.

Chegando de volta a Caná da Galileia, Jesus foi abordado por uma pessoa que a Bíblia cita apenas como oficial do Rei, cujo filho ficara enfermo em casa em Cafarnaum, pedindo a Ele que o acompanhasse até sua casa para ali curá-lo. Jesus o atendeu prontamente, mas também lhe disse ser desnecessário acompanhá-lo, porque seu filho já havia sido curado.

O evangelista João registra não apenas a cura, mas também a hora em que esta se deu, para que Jesus tivesse o devido crédito pelo milagre. Além disso, ele nos informa que isso resultara não somente na cura, mas também na conversão do oficial e de toda a sua família.

João 5

Esse capítulo inteiro fala a respeito da cura de um paralítico, que ficou, por 38 anos, à beira de um tanque em Jerusalém chamado Betesda (“lugar dos dois derramamentos”, por ser um tanque duplo, de acordo com /8/, pág. 113), onde, segundo a crença, a primeira pessoa a entrar, sempre que um anjo remexia a água, era curada.

João não emite opinião a respeito da veracidade dessa crença, mas o simples fato do homem ser trazido ali, havia 38 anos, revela que algumas pessoas certamente haviam sido curadas.

É curioso que a resposta do homem à pergunta de Jesus, sobre o seu desejo de ser curado, não foi um retumbante “sim”, mas ao invés disso veio ressaltando a dificuldade para que a cura se realizasse. Não há dúvida de que ele é um exemplo do que ocorre com muitos crentes, que oram por alguma coisa, mas creem que não a alcançarão por esse ou aquele impeditivo.

É fantástico que Jesus não se tenha deixado levar por sua óbvia falta de fé, mas simplesmente mandou que ele se levantasse e que tomasse o seu leito e que retornasse para casa. Jesus nos dá a conhecer o Deus cuja misericórdia dura para sempre.

Essa narrativa teria parado aí, para a bênção de todos os presentes e para a glória de Deus que realizara a cura, não fora o fato de ser sábado e Jesus ter mandado o homem carregar a sua cama.

Nos quatro versículos seguintes o homem é interrogado pelos líderes judeus a respeito de quem o havia curado e principalmente tendo em vista o desrespeito ao sábado. Ele realmente não o sabia até que encontrou novamente Jesus no templo e pôde dizer a eles que fora Ele.

No restante do texto podemos ressaltar que:

- a) Jesus é Deus (versículos 17 e 18);
- b) Todos os milagres realizados por Ele são na realidade de autoria do Pai (versículo 19);
- c) O Filho ressuscitará e vivificará os escolhidos (versículo 21);
- d) O juízo final foi confiado ao Filho (versículos 22 e 27);
- e) Quem não honra o Filho, desonra também o Pai (versículo 23);
- f) Quem aceita a Jesus tem garantida a vida eterna (versículo 24);
- g) O testemunho de Jesus é dado por Suas obras e pelo próprio Pai (versículos 30 a 37);
- h) As Escrituras dão testemunho de Jesus (versículos 39 e 46);
- i) Os judeus rejeitam as Escrituras, pelo que serão condenados por elas (versículo 47).

João 6

Este capítulo fala a respeito do ministério de Jesus na Galileia.

O texto dos versículos 1 a 21 nos fala a respeito da primeira multiplicação de pães realizada por Jesus. É interessante notar que ela é cuidadosamente planejada com a finalidade de edificar a fé dos discípulos, mas há, também, uma real preocupação com o bem-estar da multidão, não obstante o cuidado de não ser transformado em seu rei e provedor de coisas materiais.

Quando olhamos para o neo-pentecostalismo de hoje, com igrejas lotadas por pessoas que procuram um Jesus provedor de benefícios materiais, entendemos porque essa

multiplicação foi incompreendida pela grande maioria das pessoas presentes naquele dia. Se nossa prioridade estiver fixada em bens materiais, o Jesus que buscamos será o provedor destes. Por outro lado, se O buscarmos em favor de um relacionamento de amor com o Deus Vivo, então, o Jesus a ser encontrado será Aquele que multiplicará os pães para o crescimento de nossa fé.

O temor dos discípulos de que Jesus, andando sobre as águas, pudesse ser um fantasma, mostra o quão frágil era, a essa altura, ainda, a crença deles.

Embora Jesus tenha despedido a multidão, subido o monte para orar até tarde e depois Se juntado com Seus discípulos, que haviam partido no único barco disponível no local, algumas pessoas haviam retornado no dia seguinte porque queriam mais. Como Jesus não estava mais ali e sabiam que não tinha ido com eles, resolveram procurá-los, fazendo uso de outros barcos, que haviam chegado nesse meio tempo, vindo de Tiberíades (versículo 22).

Ao encontrá-lo em Cafarnaum com os discípulos, a multidão obviamente queria saber como Ele chegara até ali, mas Jesus não quis dizer que viera andando sobre as águas, pois isso só agravaria a admiração que estavam nutrindo pelo motivo errado. Assim sendo, preferiu criticar essa motivação errada, dizendo a eles que só O haviam procurado porque foram alimentados. Essa pergunta apenas detona a discussão que levou ao sermão pregado por Jesus ao longo de todo o restante do capítulo.

O sermão em apreço deixou muitos dos Seus ouvintes, e mesmo alguns de Seus seguidores, totalmente insatisfeitos, porque sua expectativa de fazer dEle o Messias de Israel requeria que Ele fosse uma pessoa que lutaria suas guerras (no momento contra Roma) e proveria para suas necessidades (que eram realmente as básicas - roupa, alimentação e saúde).

A crítica de Jesus (versículos 26 e 27) suscitou uma pergunta piedosa, qual seja, **“que faremos para realizar a obra de Deus?”**, à qual Jesus respondeu que deveriam crer nEle.

Se realmente estivessem dispostos a fazer isso, a conversa poderia ter parado aí, mas a intenção deles era realmente no sentido de continuarem a ser alimentados, porque a próxima pergunta revela exatamente isso. Eles disseram que Moisés tinha dado a seus pais o maná (pão caindo do céu diariamente durante 40 anos). Será que Jesus poderia fazer alguma coisa como essa (versículo 31).

Jesus corrigiu essa declaração dizendo que não foi Moisés e, sim, Seu Pai, que havia dado a eles o maná. Além disso, o verdadeiro pão de Deus dava vida aos homens (versículos 32 e 33). Fica claro, contudo, que até aqui eles não tinham entendido absolutamente nada, porque o pão literal, que dá vida eterna, era exatamente o que precisavam para nunca mais ter que comprar pão. Sim, é exatamente isso que queremos, foi a sua resposta.

Os versículos 35 a 40 contêm declarações preciosas de Jesus sobre Si mesmo e a natureza de Sua missão salvadora, mas a maioria de Seus ouvintes não estavam prontos para ouvi-las. Ele Se declara o Pão da Vida e disse que ressuscitaria, no último dia, todo aquele que o Pai Lhe havia dado.

No versículo 41 começa a murmuração contra Ele, mas daqui para frente nenhum dos esclarecimentos que Ele deu, referente ao fato dEle Se dar em sacrifício para salvar os homens, teve acolhida por parte dos Seus ouvintes. No versículo 60 muitos dos Seus discípulos consideraram duro o Seu discurso e difícil de ser ouvido, resultando no fato de deixarem de segui-IO no versículo 66.

Finalmente, Ele parece frustrado ao Se virar para os 12 apóstolos e perguntar se também não querem deixá-IO, mas Pedro responde maravilhosamente dizendo: **“Senhor Tu tens as palavras de vida eterna, para quem iremos nós?”**

João 7

Nos primeiros 9 versículos deste capítulo, João procura mostrar o quanto Jesus enfrentava de resistência e descrença entre os Seus próprios irmãos. Sabemos que vários deles, talvez todos, se converteram após a Sua crucificação, mas até lá eles mantiveram a atitude de rejeição que vemos nestes versículos.

Pouco depois de Seus irmãos subirem a Jerusalém, João nos informa que Jesus também foi para lá, mas em oculto (versículo 10). Todo o restante deste capítulo fala dos Seus discursos na Festa dos Tabernáculos realizada naquele local.

No texto em apreço distinguimos claramente entre os judeus, os líderes religiosos e as multidões, o povo em geral. Enquanto os primeiros são apresentados claramente como adversários, as multidões ficam divididas, mas evitando falar publicamente a Seu respeito por medo dos judeus.

O versículo 14 registra que a partir do meio da festa, Jesus tornou a Sua presença pública ao passar a ensinar no templo. Os judeus continuam sempre com a intenção de matá-IO, mas o versículo 30 nos informa que isso não se dá porque ainda não era chegada a Sua hora, deixando claro que o propósito de Deus se sobrepuja a qualquer das ações dos judeus. Isso fica claro quando os judeus mandam finalmente prendê-IO, mas os seus soldados voltam sem Ele, alegando que jamais alguém falara como Ele. Nos versículos 47 a 53 vemos que os judeus discutem a situação no Sinédrio, com Nicodemos tomando a defesa de Jesus, mas simplesmente não há acordo entre eles.

João 8

Passada a festa, Jesus permaneceu, ainda, em Jerusalém e pelo visto já havia desenvolvido o Seu apreço pelo sossego do Monte das Oliveiras (versículo 1), mas logo cedo Se dirigia para o templo, onde passava o tempo ensinando.

Nos versículos 3 a 11 temos a narrativa da mulher pega em adultério, que foi trazida a Jesus pelos escribas e fariseus com o objetivo de perguntar a Ele a Sua opinião sobre a aplicação da pena estabelecida na lei: morte por apedrejamento (*Levítico 20.10*). É, no mínimo, curioso que o homem não tenha sido trazido também.

O aparente desinteresse de Jesus pela pergunta, pois Ele escrevia na terra e continuou a fazê-lo, gerou insistência por parte deles, por acharem que desta vez o Seu discurso sobre arrependimento e perdão de pecados seria desmascarado. A resposta de Jesus, demonstrando uma sabedoria ímpar, foi totalmente desconcertante: **que o homem sem pecados atirasse a primeira pedra**. O grupo se dispersou e Jesus despediu a mulher, não sem antes adverti-la a respeito do arrependimento (**vá e não peques mais**) para o perdão de pecados (**nem Eu te condeno**).

A pergunta que falta responder é: por que Jesus pôde simplesmente descartar a aplicação da pena prevista em lei para aquele caso? A resposta está na implementação da Nova Aliança, que entraria em vigor após a Sua ressurreição, permitindo que a Sua morte satisfizesse aos requisitos da Lei e o Novo Nascimento mudasse as pessoas que dele se valessem.

As discussões de Jesus com os fariseus variavam pouco em sua ênfase. Jesus, que antes dissera ser o Pão da Vida, agora muda a figura e Se introduz como a Luz do Mundo (versículo 12), que deve ser seguida para não andar em trevas. Mais uma vez os fariseus questionaram Sua autoridade. Como Ele poderia dar testemunho de Si mesmo? Jesus, no entanto, insiste estar agindo de acordo com a Lei porque o Pai, uma segunda testemunha, também dava testemunho dEle.

Os versículos de 21 a 59 contêm mais uma discussão de Jesus com os judeus do templo, onde Ele principia falando de Seu retorno para o céu em pouco tempo, mas eles não entendem do que Ele está falando (versículo 22). Ele tenta esclarecer que eles são seres da Terra, mas que Ele não (versículo 23) e afirma claramente no versículo 24 que Ele é Deus, ao dizer “EU SOU”, as mesmas palavras usadas por Jeová quando Moisés perguntou o Seu nome (*Êxodo 3.14*).

No versículo seguinte parece que começa tudo de novo, com os judeus perguntando: quem é você, afinal? Mas Jesus Se limita a informá-los, no versículo 28, que quando O levantarem (crucificarem!), aí sim, vão saber que Ele é Deus e que está fazendo tudo com o beneplácito do Pai.

Neste ponto da conversa João nos informa que muitos dos judeus passaram a crer nEle, pelo que Jesus aproveita para adverti-los a seguirem as Suas palavras, tornando-se Seus discípulos, passando a conhecer a verdade, que os libertaria. Aqueles, contudo, que não creram objetaram, dizendo que jamais foram escravos; como, pois, se tornariam livres? Aqui Jesus introduz o conceito de escravidão do pecado na vida de todo aquele que comete pecado (versículo 34).

O restante do texto é bastante claro, com Jesus mostrando aos judeus que Seus atos são incompatíveis com sua alegada filiação de Abraão e de Deus. Em meio a estes argumentos, Jesus citou o fato de Abraão ter se alegrado ao ver o Seu dia, o que causou indignação dos judeus, que perguntaram como Ele, com menos de 50 anos, poderia ter conhecido Abraão (versículo 57)? A resposta a essa pergunta, **antes de Abraão existir EU SOU**, fez com que os judeus quisessem apedrejá-lo, mas obviamente isso não aconteceu **“porque ainda não era chegada a Sua hora”**.

Fechando esse capítulo, cabe aqui perguntar o que foi que Abraão viu, que tanto o alegrou, e quando? A Bíblia não nos dá uma resposta explícita a esta pergunta, mas podemos dizer que Deus, ao longo da história bíblica, socorreu os Seus servos em momentos de crise. Nenhuma das crises, pelas quais passou Abraão, é comparável àquela pela qual passou quando Deus pediu a ele o sacrifício de Isaque. Nesta ocasião ele já havia falado profeticamente, respondendo à pergunta de Isaque, que Deus providenciaria o cordeiro. Assim sendo, é razoável supor que Deus tenha dado a Abraão uma visão do sacrifício de Jesus, exatamente nesta ocasião.

João 9

Nestes primeiros 12 versículos João narra a cura de um cego de nascença, que provavelmente estava mendigando quando Jesus e Seus discípulos, caminhando pela rua em Jerusalém, se aproximaram. Tendo sabido que era um cego de nascença, Seus discípulos quiseram saber quem pecara, ele ou seus pais, para que ele tivesse nascido cego.

Trata-se de uma pergunta digna dos amigos de Jó, que não podiam conceber que um homem temente a Deus pudesse sofrer qualquer tipo de restrição física. Infelizmente, ainda há pessoas em nossas igrejas que pensam exatamente da mesma maneira, enquanto isso chega a ser comum nas igrejas pentecostais.

Jesus tratou de desfazer o engano, declarando, antes, que aquilo ocorrera para que se pudesse mostrar, na vida dele, a glória de Deus. Logo a seguir Jesus untou os seus olhos e mandou que se lavasse no tanque de Siloé (Enviado), onde o fez e voltou vendo, para a surpresa de todos e incredulidade de alguns.

O restante do capítulo 9 nos fala a respeito das discussões entre o cego curado e os fariseus e, posteriormente, entre Jesus e o cego. O milagre em apreço se deu, não por acaso, num sábado (versículo 14); portanto, o outrora cego de nascença foi levado aos judeus para que estes pudessem questioná-lo sobre o evento (versículos 13 e 15).

A hipocrisia dos judeus fica ressaltada logo de saída, com alguns destes informando ao curado que o homem que realizara o milagre não era de Deus, porque desrespeitara o sábado (versículo 16). Obviamente não surpreende o fato do ex-cego não aceitar isso e

sair em defesa de seu benfeitor. Assim sendo, ele acaba expulso do templo após uma discussão que se arrasta até o versículo 34.

No versículo 35 vemos Jesus se encontrando com o ex-cego, apresentando-Se a ele e, por fim, sendo aceito e adorado por ele como Senhor (versículo 38).

O versículo 39 tem uma descrição de Jesus acerca de Seu ministério, que parece ter sido dirigida não ao ex-cego e, sim, aos fariseus que estavam próximos ouvindo a conversa dos dois. Ele declarou que a Sua missão era de juízo e que tinha por finalidade devolver a vista aos cegos e tornar cegos os que viam. Desta feita os fariseus entenderam claramente do que Jesus estava falando, tanto que perguntaram, querendo se isentar, se Ele queria dizer com isso que eles eram cegos?

A resposta de Jesus foi clara, dizendo que, se efetivamente fossem cegos, acatariam Suas palavras e estariam isentos de pecado, mas pelo fato de acharem que viam, contrariando a mensagem de Jesus, denotava, claramente que viviam em pecado.

João 10

Os primeiros 18 versículos deste capítulo fazem parte de um discurso onde os judeus do discurso anterior estão presentes. Ou se trata da continuação do mesmo discurso, ou de outro, feito sem introdução da parte de João. Seja como for, há ouvintes que não o compreendem no versículo 6, ao passo que as primeiras críticas só surgem no versículo 19.

Jesus Se apresenta primeiro como a Porta por onde entram as ovelhas e, depois, como o Bom Pastor, que dá a Sua vida por elas e cuja voz elas ouvem e obedecem.

Os versículos 17 e 18 trazem uma aparente contradição, pois Jesus declara que é Ele que entrega a Sua vida de livre e espontânea vontade, tendo o poder de voltar a tomá-la. Em *Atos 2.32* Lucas nos diz que “**Deus ressuscitou este Jesus e todos nós somos testemunhas deste fato**” e Paulo em *Romanos 8.11* atribui a ressurreição de Jesus ao Espírito Santo. Essa contradição é, contudo, aparente, pois, não obstante Jesus Se ter esvaziado dos atributos divinos (*Filipenses 2.6-7*), Ele não deixou de ser Deus e é como Deus que Ele fala neste momento. Assim sendo, Jesus só foi para a cruz em obediência ao Pai e foi Deus Quem ressuscitou a Jesus, usando para tanto o poder do Espírito Santo, que O gerou naquele dia, fazendo dEle o Primogênito dentre muitos irmãos.

Vemos, nos versículos 19 a 21, que esse discurso de Jesus realmente dividiu os líderes judeus entre os que creram nEle e aqueles que optaram pela cegueira espiritual.

A partir do versículo 22, Jesus Se encontra agora em outra festa, a da Dedicção ou Hanukkah, que não faz parte daquelas descritas nos livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuterônomo. Trata-se da celebração da dedicação do templo, depois que foi profanado por Antíoco Epifâneo entre os anos 167 e 164a.C. e a retomada do mesmo por Judas Macabeus em 164a.C..

Mais uma vez Jesus tem a oportunidade de dizer aos judeus que Ele é o Messias (versículo 25) e tão Deus quanto o Pai, com o Qual Ele é um (versículo 30). Ele insiste que se não creem nEle pelo que diz, que creiam pelo menos pelas obras que o Pai faz através dEle.

Não obstante todos os sinais, Ele simplesmente não é o Messias que eles queriam que fosse, pelo que tentam apedrejá-IO no versículo 31 e prendê-IO no 39, mas não o conseguem porque a Sua hora não era chegada. Fica claro, como Ele dissera, que Ele vai morrer na hora em que Se entregar para a morte e não antes.

A partir do versículo 40, Jesus saiu de Jerusalém e foi pregar além do Jordão, onde Ele antes Se encontrara com João Batista. O Batista já tinha sido morto, havia muito tempo, mas as pessoas ali se lembravam de tudo quanto ele falara de Jesus e atestavam agora ser verdade, motivo pelo qual creram no Messias. João não precisou realizar milagres para ter crédito. Ele simplesmente vivera fielmente o papel de precursor que o Pai lhe dera.

Semana 3 - A História de Jesus Segundo João (2)

Estação 02

Texto: João 11 a 21

João 11

A narrativa sobre a enfermidade, morte e ressurreição de Lázaro ocupa a quase totalidade deste capítulo (46 versículos). Os cinco primeiros falam do relacionamento estreito que havia entre Jesus, Lázaro e as suas duas irmãs, Maria e Marta.

Como João acabara de falar a respeito do quanto Jesus os amava, esperar-se-ia que Sua reação ao pedido de socorro das duas irmãs, relativo à enfermidade de Lázaro, fosse de pronto atendimento, principalmente tendo em vista como as palavras dEle do versículo 4 já prenunciavam um milagre de cura.

A expectativa supracitada infelizmente não se confirma, porque Jesus não mostra qualquer pressa de retornar a Betânia para ver e curar Lázaro. O texto sugere, no versículo 8, que o retorno de Jesus para a Judeia representava um grave risco de vida para o Mestre, pelo que provavelmente Seus discípulos atribuíram o Seu aparente desinteresse pelo bem-estar do amigo como uma prevenção contra o risco que o retorno à Judeia impunha.

Quando, passados dois dias, Jesus anuncia a volta a Betânia, os discípulos se mostram confusos. Aliás, mais confusos ainda ficam quando Jesus diz que Lázaro já morrera, mas que Ele ficava contente com isso, porque propiciaria a eles mais uma grande oportunidade de ver Deus operando de forma tal a aumentar sua fé.

Ainda sem entender, Tomé toma a palavra e incentiva todos os outros a irem junto porque, se Ele fosse morto, todos deveriam morrer juntos.

Os versículos de 17 a 45 contêm uma das narrativas mais comoventes de toda a Bíblia. Jesus chegou quatro dias após a morte e sepultamento de Lázaro, mas há uma coisa intrigante nessa história. Jesus já mostrara, claramente, pelo menos para nós a posteriori, que sabia exatamente como terminaria aquele sofrimento e o quanto Deus seria glorificado. Não obstante esse fato, ainda assim, o Seu sofrimento com a morte do amigo e com a dor de suas irmãs é sincero e comovente. Certamente podemos extrair daqui que Jesus, não obstante conhecer todo o nosso futuro e como a nossa história termina, sofre com as nossas dores e não nos é indiferente como não o foi em relação a Lázaro e suas irmãs.

A forma como Ele primeiro declara ser a ressurreição e a vida e depois age demonstrando-o, tanto na vida de Lázaro como na de cada um de nós, é muito maravilhosa. Não é sem propósito que muitos dentre os judeus creram nEle.

É sobremaneira surpreendente a que ponto pode chegar a cegueira espiritual. Enquanto muitos se alegraram com as irmãs e creram em Jesus, houve outros que se preocuparam

com o efeito negativo que aquela demonstração do poder divino poderia ter para os cargos vantajosos que ocupavam, graças à sua colaboração com os romanos (versículos 46 a 48).

Mais surpreendente ainda, contudo, é o fato de, em meio a essa reunião de planejamento satânica, Deus tomar o Sumo Sacerdote em profecia. Os versículos 49 a 51 indicam, segundo João, as palavras de Caifás, baseado nas quais um só homem haveria de morrer por toda a nação. João, contudo, completa essas palavras dizendo: não apenas pela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus dispersos (nós).

O encerramento deste capítulo nos mostra que nesta festa os judeus já estavam totalmente decididos a matar Jesus, pelo que Ele saiu de Jerusalém para uma cidade chamada Efraim (cidade próxima a Betel, que ficava uns 20km ao norte de Jerusalém), onde ficou até poucos dias antes da festa da Páscoa (versículos 54 a 57).

João 12

Essa é a última Páscoa de Jesus e foi antecedida por uma visita a Lázaro em Betânia. Ali foi preparado um jantar para Jesus, não necessariamente na casa de Lázaro, mas onde Marta ajudava a servir e sua irmã Maria resolveu ungir os pés de Jesus com um bálsamo caro, para depois secá-los com seus cabelos. Nesta ocasião, Judas, o tesoureiro do grupo, se mostrou indignado com o que considerou um desperdício, pois a receita da venda do perfume, 300 denários (o equivalente a um ano de salário de um trabalhador, pai de família) poderia beneficiar muitos pobres.

João, contudo, faz, a seguir, a única crítica que há na Bíblia contra Judas, salvo o fato dele trair Jesus. Ele ressalta que seu interesse não era em prol dos pobres e, sim, seu próprio bolso, porque ele já roubava das ofertas que eram dadas para a manutenção do ministério de Jesus.

Jesus acaba com a discussão, pedindo que deixem Maria em paz, mas aparentemente sugerindo que guardasse o resto para o dia do Seu sepultamento. No evento paralelo, em *Mateus 26.6-13* e *Marcos 14.3-9*, o jantar se dá na casa de um Simão; Maria não é mencionada nominalmente e Jesus diz apenas que ela fizera uma boa ação, preparando o Seu corpo para a sepultura.

João registra que muitos judeus souberam da presença de Jesus, pelo que foram até lá, não apenas para ver o Messias, mas também a Lázaro, e que voltaram crendo. Isso irritou ainda mais os sacerdotes, que já queriam matar Jesus, mas que agora concordavam que era necessário matar também a Lázaro (versículos de 1 a 11).

João começa este grupo de versículos (12 a 19) ressaltando que havia uma expectativa entre os peregrinos, que tinham vindo à festa, com relação à chegada de Jesus. Quando ouviram falar que estava chegando, pegaram ramos de palmeiras para saudá-lo.

Embora isso tenha dado origem ao que hoje chamamos de “Domingo de Ramos”, não há nenhuma relação entre os ramos e a festividade da Páscoa, como há na Festa dos Tabernáculos. Aparentemente era apenas uma forma de honrá-IO, colocando os ramos diante dEle para que os pisasse, enquanto clamavam: “Hosana”, ou seja, “Salve”, “Bendito o que vem em nome do Senhor e que é Rei de Israel”.

Jesus fez questão de entrar na cidade não galopando num cavalo fogofo, mas numa postura humilde, montado num jumentinho, conforme profetizado em *Zacarias 9.9*, que João cita no versículo 15, mas omitindo a humildade de Jesus no evento. Aliás, ele deixa claro que os discípulos só perceberam o cumprimento profético depois da ressurreição.

Quando a multidão, que chegava com Jesus, encontrou a outra de peregrinos na cidade, todos começaram a testemunhar da ressurreição de Lázaro, fazendo crescer o entusiasmo dos peregrinos, a ponto dos fariseus se sentirem frustrados (versículo 19).

Aparentemente o versículo 20 ocorre um ou dois dias depois da entrada triunfal. Marcos registra que Ele chegou ao templo e depois retornou para Betânia com os discípulos. No dia seguinte Marcos registra uma segunda purificação do templo e ainda um terceiro dia de pregação em Jerusalém (*Marcos 11.27*).

Neste terceiro dia, aparentemente, um grupo de gregos, gentios que haviam subido para adorar, quis ver Jesus. Talvez Filipe falasse grego, pelo que se dirigiram a ele e este os levou a André, que conduziu todos a Jesus.

Não há registro do que Jesus disse a eles, mas, sim, do início de um sermão que se prolonga até o fim do capítulo, com comentários de João dos versículos 37 a 43. O sermão em apreço fala da proximidade da Sua morte e do propósito que esta tem nos planos divinos.

Nos versículos 24 e 25 Jesus usa para Si mesmo e para os Seus seguidores a figura de nossas vidas como um grão de trigo. Este, se não morrer, não dá qualquer fruto, mas se morrer dá fruto em abundância. Assim foi com Ele, que deu a Sua vida para resgatar a muitos e da mesma forma Ele diz que nós, também, damos fruto para a vida eterna ao desprezarmos nossas próprias vidas.

Não podemos deixar de ressaltar o conhecimento que Jesus tem, no versículo 27, de que a Sua missão é morrer crucificado e que Ele não podia pedir ao Pai para livrá-IO. No versículo 28 Ele continua pedindo que isso se dê para a glória do Pai. Exatamente neste momento Deus Pai interrompeu o sermão de Seu Filho, falando com voz de trovão para dizer o quanto Ele já fora e seria ainda glorificado. Vemos aqui o quanto o Servo Jesus viveu e morreu para glorificar o Nome do Pai!

No versículo 31 Jesus deixa claro que são chegados o juízo e a derrota de Satanás, mas que isso dar-se-ia ao custo de Sua crucificação, para a seguir atrair todos a Si (versículo 32).

Essa declaração foi entendida pela multidão, mas a deixou confusa. Se Ele seria morto, não podia ser o Messias; quem é, então, o Filho do Homem, que Ele diz ser. Jesus, contudo, não respondeu a essa pergunta, limitando-Se, antes, a dizer que cabia a cada um deles a opção de andar na luz.

O sermão é interrompido, no texto, com João dizendo que, não obstante tantos sinais, eles não creram nEle, justificando-o com base nas profecias de Isaías encontradas em *Isaías 53.1* e *Isaías 6.10*.

No versículo 44 Jesus retoma a palavra e fala da necessidade de crerem nEle, tendo em vista a sintonia dEle com o Pai.

João 13

Uma das dificuldades que Jesus enfrentou com os discípulos durante todo o Seu ministério foi vista em frequentes discussões entre eles, a respeito de qual deles seria o maior no Reino de Deus. Às portas da cruz Jesus resolveu ensinar a eles o quão fútil e sem propósito era aquela discussão.

Para alcançar o Seu objetivo Ele mais uma vez Se humilhou e tomou a iniciativa de lavar os pés de todos os Seus discípulos, incluindo Judas, que pouco depois O trairia. O lindo simbolismo é encerrado mostrando a eles que Seu exemplo era para ser seguido (versículos 1 a 17). A pergunta que fica para nós é: quantos de nós o fazemos?

No versículo 17 Jesus tinha acabado de dizer que eles seriam bem-aventurados se fizessem aqui o que Ele havia ensinado, mas, logo a seguir, Jesus parece Se lembrar que um deles não receberia aquelas bênçãos. Assim sendo, João registra no versículo 18 Jesus dizendo exatamente isso, pois Ele os conhecia muito bem e cita o texto de *Salmos 41.9*.

Curiosamente, contudo, antes de continuar o assunto em pauta, Jesus falou duas coisas aparentemente desconexas: primeiro Ele ressaltou Sua própria deidade (EU SOU) e depois disse que quem recebesse a eles, os Seus discípulos, era como se estivessem recebendo a Ele, o Cristo, e ao próprio Deus. Que estranho Jesus exaltá-los dessa maneira, principalmente depois de ter dado a eles uma grande lição de humildade!

Ocorre que a mensagem do versículo 21 era tão dura que talvez Jesus quisesse prepará-los com algum estímulo. No momento em que Ele denuncia a traição, os discípulos se entreolham quase sem crer que aquilo poderia acontecer.

Mesmo com Jesus dizendo ao discípulo amado (a forma como João se referia a si mesmo), que era aquele que receberia de Sua mão o pão molhado, entregue a seguir a Judas, ainda assim, vemos que os discípulos não entenderam exatamente o que aconteceria.

Nos versículos 31 a 38 Jesus praticamente se despede de Seus discípulos, mas não sem antes dizer a eles o quanto era importante que se amassem da mesma forma como

Ele os amara. Ao dizer que eles não poderiam segui-lo no momento, Pedro, mais uma vez, quis mostrar a Sua ousadia, mas Jesus aproveita a oportunidade para ressaltar sua soberba, que seria humilhada com ele, Pedro, negando-o 3 vezes.

João 14

Se o capítulo 13 era todo de exortação aos discípulos, esse é todo voltado para a sua consolação. A conversa tinha terminado tão mal, principalmente para Pedro, que não nos surpreende em nada o fato de Jesus começar pedindo aos discípulos que não ficassem perturbados. Tudo que precisavam fazer era confiar em Deus e nele mesmo, porque jamais os desamparara e não seria agora que iria fazê-lo, não obstante tudo que estava por acontecer.

Quando Jesus começa a falar da casa do Seu Pai, Ele parte do princípio de que sabem que está falando do céu. Lá é muito grande, disse Ele, e o lugar deles seria preparado por Ele pessoalmente, porque Jesus queria que estivessem com Ele.

Não obstante a morte estar no meio do caminho, Jesus lembra a eles que eles sabem para onde Ele está indo. Ele estaria voltando para o céu, onde o lugar de cada um deles estaria pronto e assegurado e eles agora sabiam como chegar lá. Esse é o consolo que todos nós crentes temos, não importa o quão complicadas as coisas fiquem por aqui.

Infelizmente Tomé não estava acompanhando esse raciocínio e deixou isso bem claro: **não sabemos** (aqui ele inclui todos os outros) **para onde o Senhor vai e muito menos como chegar lá.**

A resposta de Jesus é um dos versículos mais queridos de toda a Bíblia: **“Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai senão por Mim”**. Isso é lindo! Infelizmente, contudo, Tomé estava tão desafinado, que a única palavra que ele ouviu foi Pai. Desta vez seu pedido ficou mais desconcertante que a pergunta anterior: **“Jesus, mostra-nos o Pai; é tudo o que queremos”**.

A decepção nas palavras de Jesus é claríssima. **“Que frustração, Filipe, estou há tanto tempo com você e você ainda não Me viu? Eu e o Pai somos um; quem vê a Mim, vê o Pai. Se você não crê que o Pai e Eu somos um e o mesmo, por favor creia pelo menos por causa de todos esses milagres que vocês têm presenciado”** (versículos 9 e 10).

E tem mais, agora que estou retornando para a casa do Pai, são vocês que vão continuar a fazer esses milagres e outros ainda maiores (versículo 12). Tudo o que vocês pedirem em Meu Nome, Eu o farei para a glória do Pai (versículos 13 e 14).

Para tanto há, contudo, uma condição - que vocês Me amem, porque quem Me ama guarda os Meus mandamentos. E, se assim for, também não deixarei vocês sozinhos. Vou pedir ao Pai para mandar, para estar com vocês, o Espírito Santo, que vocês vão conhecer, porque Ele estará dentro de vocês.

Esse é o cumprimento literal da promessa da Nova Aliança feita em *Ezequiel 36.26-28*. “Porei dentro em vós o Meu Espírito”. É nesta promessa que residem todas as verdades do discurso de Jesus no restante desse capítulo.

Jesus os estaria deixando por algum tempo e não O veriam mais, mas Ele voltaria para buscá-los para estar com Ele por toda a eternidade (versículo 19). Novamente Ele lembra que o binômio - guarda de Seus mandamentos e amá-LO é inseparável. Aos que vivem dessa forma Ele há de Se manifestar.

Além disso, a esses também Ele deixa Sua paz. Não é como a paz do mundo, mas uma que faz com que nosso coração não se turbe e nem se atemorize (versículo 27).

A essa altura já não importava se Satanás estava chegando, acompanhado de Judas, porque os discípulos estavam maravilhosamente consolados e nós também.

João 15

Esse capítulo fala a respeito de dar frutos e começa definindo a árvore que dará tais frutos. Jesus disse que Ele é a videira verdadeira e que havia sido plantada por Seu Pai para crescer através dos frutos que dariam os ramos que nEle fossem implantados.

O salmista Asafe já havia usado essa mesma figura para a videira Israel, que Deus tirara do Egito (*Salmos 80.8-19*), mas que deixara de dar fruto por se ter afastado do Senhor. Aqui a figura é exatamente a mesma, porque fomos plantados à semelhança do Primogênito em Sua videira, onde só daremos fruto se nEle permanecermos.

Temos um problema no versículo 2 no tocante a que significa cortar o ramo que não dá fruto. Bruce (*/7/*, pág. 264) nos dá o exemplo de Judas como vara destoante, infrutífera, que precisa ser cortada e foi. Se nos valermos desse exemplo irrefletidamente, poderíamos concluir que crentes que não dão fruto precisam ser cortados e não se salvam. Estaríamos, contudo, desprezando a parte do versículo que diz que Deus limpa os que produzem fruto para que deem mais fruto. Ora, dentre os que dão fruto, estão aqueles que produzem tão pouco, que nos parecem infrutíferos. Enquanto nós talvez optássemos por cortá-los, João nos diz que a solução do Pai é limpá-los (obviamente através da Palavra) para que deem mais fruto. Assim sendo, não devemos concluir nada sobre salvação neste texto. Aqueles que nunca se converteram, mas frequentam a igreja, nunca vão produzir fruto e acabam se afastando. Aqueles que se converteram de verdade, mas pouco produzem, porque mantêm o pé no mundo, a esses Deus limpa, usando para tanto a Palavra, mas não são cortados.

No versículo 7 é introduzida uma verdade importante relativa a pedidos de oração e à aceitação dos mesmos. Há, aqui, uma condição muito importante, qual seja, se nós permanecermos nEle e as palavras dEle permanecerem em nós. Ora, se as palavras dEle permanecerem em nós, só pediremos segundo a Sua vontade. Em outras palavras, podemos expressar essa verdade da seguinte maneira: tudo que pedirmos, segundo a vontade de Deus, Ele ouve e concede.

O versículo 8 nos lembra que o fato de darmos muito fruto glorifica a Deus Pai. Isso é muito significativo se pensarmos em termos da importância de nossas vidas a serviço de Deus. Será que buscamos a glória de Deus, ou queremos a glória que a Ele pertence, diante de nossos irmãos da igreja?

Os versículos 9 a 14 falam da importância do amor entre irmãos. É inevitável que haja grupos em nossas igrejas, porque pessoas que têm afinidades acabam se juntando, mas é imprescindível que esses grupos sejam abertos. No amor deve sempre caber mais um.

Jesus nos lembra a seguir que foi Ele que nos chamou e nos comissionou para que demos fruto. Nesse afã, podemos pedir qualquer coisa em Seu nome. Além disso, devemos amar uns aos outros. Ele nos lembra, portanto, nos versículos 15 a 17, tudo que já dissera antes.

Na continuidade, somos avisados que seremos odiados, como Ele o foi, mas é justamente a essas pessoas que nos odeiam que somos enviados. Mais uma vez Ele nos lembra que nesse intento teremos o auxílio do Espírito Santo (versículo 26), que nos ajudará a testemunhar dEle.

João 16

Os ensinamentos aos discípulos continuam, agora sob forma de um alerta para aquilo que enfrentariam, tanto nos próximos dias como durante os seus ministérios. Com este intuito, Jesus começa alertando para o fato de que eles sofreriam perseguições nas mãos dos judeus (versículos 1 a 3).

Até então Ele estivera com eles e os protegera, mas era chegada a hora de voltar para o Pai para que o Espírito Santo pudesse ser enviado (versículo 7). Este, quando chegasse, convenceria o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Do pecado que consistia no fato dos homens rejeitarem o sacrifício vicário de Jesus, como única forma de pagar pecados. Da justiça, porque Ele a satisfizera e a prova disso é que Deus O ressuscitou e Ele agora estava voltando para o Pai. Finalmente do juízo, porque este é uma realidade. Satanás já está condenado e a mesma condenação será aplicada àqueles que resolverem segui-lo.

Mais uma vez Jesus fala a respeito da missão do Espírito Santo, ensinando-os como devem agir. Ele, além disso, complementaria os ensinamentos que naquele momento Jesus ainda não poderia transmitir a eles.

No versículo 16 Jesus tenta, mais uma vez, preparar os discípulos para Sua morte e ressurreição, mas fica claro que novamente eles deixam de entender. Finalmente, Ele pede que O interroguem a respeito e mais uma vez explica, mas sabemos que a compreensão para eles é difícil. Aliás, eles até acham que tinham entendido, mas Jesus, ao dizer que naquela mesma noite eles seriam todos espalhados, deixa claro que não.

João 17

Tendo acabado de transmitir os ensinamentos dos capítulos 13 a 16 aos Seus discípulos, Jesus elevou os olhos aos céus e pronunciou a oração intercessória mais linda de toda a Bíblia (versículo 1). Nela Ele glorifica o Pai, pede que o Pai O glorifique e agradece pela salvação que estava prestes a consumir, que consiste em fazer conhecidos àqueles que Ele, o Pai, havia concedido a Ele, tanto o próprio Pai, quanto a Ele mesmo o Filho.

No versículo 20, Ele estende essa intercessão a todos os outros que viriam a crer nEle graças ao testemunho que aquele pequeno grupo haveria de dar.

E agora, como você se sente? Você, como crente em Jesus Cristo, é também um daqueles pelos quais Jesus aqui intercede. No versículo 18 já havíamos sido objeto da intercessão específica por nós como enviados. Sim, nós temos como missão: falar desse maravilhoso Jesus, tal como os discípulos. Foi graças ao fato deles não terem falhado é que nós hoje podemos nos incluir entre aqueles que Jesus também envia.

No versículo 19 ficamos sabendo que Jesus Se santificou para que nós também pudéssemos ser santificados. Você já pensou em Jesus menos do que santo? Foi graças ao fato de Jesus Se separar para morrer a sua e a minha morte, que hoje podemos ser tratados como santos por Deus. Foi graças ao fato de agora Deus olhar para nós como santos, através do prisma da cruz, que podemos ser separados para levar a gloriosa salvação de Jesus a outros.

No versículo 22 somos informados que a glória de Deus Pai, que foi mostrada a nós e ao mundo através de Jesus Seu filho, agora nos é dada a nós, não para que as pessoas nos admirem, mas para que admirem a forma como nos amamos uns aos outros em Jesus. Não é lindo isso? Saber que tudo que foi dito em todas as canções de amor, compostas em todos os tempos, se concretiza em um único nome: JESUS!

João 18

Neste capítulo tem início a narração da paixão de Jesus, que se estende até o final do capítulo 19. Jesus já Se encontra no jardim de Getsêmani e Judas está chegando com os soldados do Sumo Sacerdote (versículo 1). Vemos nitidamente a preocupação de Jesus com os discípulos, no sentido de que apenas Ele mesmo seja levado. Não obstante Pedro, sempre o mais impulsivo, ter puxado uma espada e decepado a orelha do servo do Sumo Sacerdote chamado Malco, Jesus a apanhou e recolocou milagrosamente (*Lucas 22.51*), desarmando todos os ânimos e permitindo que os discípulos pudessem ficar para trás quando O levaram.

Jesus é levado sucessivamente a Anás, sogro do Sumo Sacerdote Caifás, ao próprio Caifás e finalmente a Pilatos. Na casa de Caifás vemos Pedro mentindo quanto a ser discípulo de Jesus 3 vezes e finalmente ouvindo o galo cantar, lembrando a ele, para vergonha própria, que se cumprira a profecia de Jesus (*João 13.38*).

Não obstante a tentativa de Pilatos de soltá-lo, vemos que ele atende a multidão, soltando Barrabás, um assassino e malfeitor.

João 19

Neste texto vemos Pilatos primeiro entregando Jesus ao escárnio de seus soldados (versículos 1 a 3), mas depois completamente desorientado, ao ser informado que Jesus teria dito ser Filho de Deus. Interrogando-O novamente, ficou vivamente impressionado com as respostas que obteve, pelo que tentou livrá-lo, mas se acovardou diante das ameaças de ser acusado de traidor diante de Cesar. Dá-nos, portanto, um excelente exemplo de alguém que valorizou mais a manutenção da sua posição do que fazer a justiça exigida pelo exercício da mesma.

Após o açoitamento dos versículos 1 a 3, vemos, a partir do versículo 17, o cruel sacrifício da crucificação enfrentado por Jesus. Não obstante ser um texto extremamente conhecido, não podemos deixar de nos constranger toda vez que o lemos. Foi por causa dos nossos pecados que Ele passou por isso e não por causa da injustiça dos judeus e dos romanos. Devemos lembrar sempre que foi Ele que quis entregar Sua vida por nós (*João 10.18*). Assim sendo, o nosso constrangimento não é apenas pela Sua dor e, sim, pelo Seu grande amor, que nunca poderemos retribuir (*2 Coríntios 5.14*).

O versículo 24 ressalta o cumprimento da profecia de Davi em *Salmos 22.18*, relativa às suas roupas repartidas e sua túnica sorteada.

Os versículos 28 a 30 trazem mais um cumprimento de profecia em *Salmos 69.21*, mas é interessante que a morte de Jesus se dá com Ele morrendo no momento em que quis, ou seja, tendo concluído aquilo que o Pai determinara, Ele simplesmente entrega o Seu espírito.

João se preocupa, nos versículos 31 a 37, em mostrar o cumprimento de mais duas profecias do Antigo Testamento, a primeira relativa a nenhum osso dEle ser quebrado (*Salmos 34.20*) para cumprimento de *Êxodo 12.46*, segundo o qual o cordeiro pascoal não deveria ter ossos quebrados. A segunda profecia encontra-se em *Zacarias 12.10*, falando a respeito dEle sendo traspassado.

É, no mínimo, curioso que João tenha ressaltado o cumprimento de várias profecias do Antigo Testamento e tenha omitido a de *Isaías 53.9*, que indica a Sua crucificação com os ímpios e Seu sepultamento entre os ricos.

João 20

Sabemos muito pouco sobre Maria Madalena. *Lucas 8.2-3* registra que dela foram expulsos 7 demônios, mas que depois disso ela acompanhava outras mulheres, que seguiam a Jesus e o auxiliavam com seus bens.

Depois do descanso do sábado, *Lucas 24.1* registra que ela foi ao sepulcro, juntamente com outras mulheres, para levar aromas, com os quais ungiu o corpo de Jesus. João registra, no versículo 1, apenas sua chegada ao sepulcro, onde constatou que o corpo de Jesus não estava mais lá. Correu até a casa de Pedro para dar a notícia e retornou ao sepulcro, vindo atrás de Pedro e João, que chegaram correndo. João registra que correu mais rapidamente que Pedro, mas que não entrou no sepulcro até a chegada de Pedro, que entrou primeiro.

Ressalta-se que João confirma aqui que até então os discípulos não tinham entendido as várias falas de Jesus relativas à ressurreição.

Nos versículos 11 a 18 temos a primeira das aparições de Jesus após a Sua ressurreição. A fidelidade de Maria Madalena é recompensada aqui com duas experiências marcantes. Primeiro ela teve a oportunidade de dialogar com 2 anjos, que estavam ali junto ao sepulcro, e depois teve um encontro com o próprio Jesus ressuscitado.

É interessante que Jesus tenha dito a ela que não O tocasse, porque ainda não estivera com Seu Pai. Ele pediu a ela, contudo, que avisasse a “Seus irmãos” (ao invés de referir-se a eles como discípulos), que Ele estava subindo para o Pai (versículo 17) e que os encontraria na Galileia (*Mateus 28.10*).

No tocante a essa subida ao céu, o autor de Hebreus registra a entrada de Jesus, nosso Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, no Santo dos Santos celestial com Seu próprio sangue, para oferecê-lo ao Pai como oferta definitiva pelos nossos pecados (*Hebreus 9.11-15*).

João registra, nos versículos 19 a 31, duas aparições de Jesus aos discípulos. Na primeira Tomé não estava presente; portanto, havia apenas 10 deles. Nesta ocasião Jesus primeiro “soprou sobre eles o Espírito Santo” (versículo 22) e depois os comissionou, dando-lhes autoridade para perdoar pecados e para deixar de fazê-lo (versículo 23).

Este evento tem suscitado algumas interpretações diferentes. Bruce (/7/, pág. 334) ressalta, com base em *João 7.34*, que o Espírito Santo só seria derramado depois da glorificação de Jesus. Neste momento Ele já fora glorificado, pelo que era chegada o momento de dar aos discípulos, para o ministério deles, o mesmo poder que Ele recebera para o Seu. O comissionamento deles no versículo seguinte corrobora isso completamente. Outros há, contudo, que entendem que o Espírito foi dado nessa ocasião apenas para que tivessem melhor entendimento das Escrituras. Essa interpretação é baseada no registro de Lucas do mesmo evento (*Lucas 24.45-49*). Neste texto não há menção quanto a Jesus ter soprado sobre eles o Espírito Santo, mas Ele igualmente os comissiona e pede que permaneçam em Jerusalém até que do alto sejam revestidos de poder, o que efetivamente ocorreu no dia de Pentecostes.

Obviamente essa pequena diferença de interpretação não é importante, mas o autor deste texto discorda de ambas as interpretações acima. Se eu fosse Jesus, estaria ansioso para que ocorresse o novo nascimento de meus discípulos. Como isso só poderia ocorrer após a Sua glorificação, esta seria a primeira oportunidade para tanto. Assim sendo, na opinião desse autor, o que se dá aqui é o nascimento da Igreja de Jesus Cristo, com o Espírito Santo sendo dado para salvação ou novo nascimento dos discípulos. Essa interpretação é corroborada pela afirmação de Lucas em *Atos 2.41*, dizendo que no dia de Pentecostes haviam sido “acrescentadas” à Igreja quase 3 mil pessoas. Ora, somente seria possível acrescentar algo a alguma coisa que já existia.

João 21

Seguindo as ordens que haviam recebido, os discípulos subiram para a Galileia, onde Jesus tinha dito que os encontraria. Enquanto esperavam, Pedro resolveu matar a saudade das pescarias e saiu à noite para pescar, sendo acompanhado por Tomé, Natanael, o próprio João, Tiago (filho de Zebedeu) e outros dois discípulos não mencionados nominalmente.

Nada pegaram a noite toda, mas, retornando pela manhã, Jesus da praia perguntou se tinham pego alguma coisa que Ele pudesse comer. Como responderam negativamente, Ele mandou que jogassem a rede ao lado do barco, quando pegaram 153 grandes peixes. Neste momento, com Jesus já reconhecido por João, Pedro se veste e salta do barco para nadar até a praia e se encontrar com Ele, enquanto os demais traziam os peixes (versículos 1 a 8).

Pouco depois, no versículo 15, tem início uma conversa entre Jesus e Pedro, que gostaríamos de acompanhar mais de perto, porque ela está associada à tríplice negação de Pedro, na casa de Caifás, com relação a ser discípulo de Jesus.

Para melhor compreensão dessa conversa, cabe esclarecer que a palavra amor em português tem pelo menos 3 correspondentes no grego. *Ágape* é o amor divino, o amor abnegado que Deus sentiu pelo homem e que O moveu a sacrificar Jesus em nosso favor. *Phileo* se aproxima mais de amizade. Traduz-se também como amor, mas refere-se mais ao sentimento entre amigos. Em terceiro lugar temos *eros*, que diz respeito ao amor sexual e que em português dá origem ao adjetivo erótico.

Quando Jesus pergunta a Pedro se ele O ama, nas duas primeiras vezes, o verbo utilizado tem a raiz da palavra *ágape*, mas a resposta de Pedro expressa um sim com base num verbo derivado de *phileo*. Parafraseando, poderíamos escrever dizendo que Jesus perguntou se Pedro O amava com o mesmo amor que Ele sentia e que O levou à cruz. Enquanto Pedro respondeu: Jesus, o Senhor sabe que tenho grande apreço pelo Senhor. Na terceira vez, contudo, a pergunta de Jesus veio com o mesmo verbo das respostas anteriores de Pedro. Jesus perguntou a Pedro se seu sentimento por Ele era de apreço. Embora a resposta de Pedro tenha sido a mesma, ele ficou triste porque ficara explícito que a sua tríplice negação de ser discípulo de Jesus estava associado a um

apreço pelo Mestre bem aquém daquele que ele declarara ter na noite da última ceia (*João 13.38*), quando se dispusera a morrer por Ele.

Jesus, contudo, não estava interessado em envergonhar Pedro e, sim, mostrar a ele o quanto era importante saber que nada alcançaria por suas próprias forças. Ele já deixara claro que apenas quem nEle permanecesse poderia produzir fruto (*João 15.5*). Tudo que Pedro precisava fazer era seguir a orientação de Jesus e “**apascentar as Suas ovelhas**”.

O versículo 18 é de difícil interpretação, mas o evangelho de João foi escrito uns 25 anos depois da morte de Pedro; portanto, ele o interpreta por nós, dizendo que se trata de uma referência à forma violenta como Pedro morreria. Clemente de Roma nos informa, no ano 96d.C., que Pedro foi martirizado, sem entrar em detalhes. Já Tertuliano, em 212d.C., nos informa que seus braços foram puxados para sua crucificação e que seu corpo foi cingido por outra pessoa (*/7/, pág. 346*).

Semana 4 - Criação e Queda

Estação 3

Texto: Gênesis 1 a 11

Gênesis 1

Este capítulo narra de forma bem reduzida a sequência em que Deus criou o mundo em seis dias. Fica claro que Deus fez tudo, mas em momento algum do texto há qualquer tentativa de descrever como foi feito. Isso é fácil de entender, porque a Bíblia não é um livro de ciências e, sim, uma carta de amor. Desta forma, os primeiros capítulos da Bíblia mostram apenas uma criação perfeita, que foi corrompida pelo pecado.

O restante de todo o livro tem, então, a finalidade de mostrar o quanto Deus ama a Sua criação, mesmo corrompida, tudo fazendo para que ela seja restaurada.

É com isso em mente que a descrição da criação deve ser lida. Foram seis dias ao longo dos quais Ele (Pai, Filho e Espírito Santo) criou e avaliou como “bom” aquilo que fez dia a dia. No último dia, após a conclusão da obra, fez uma revisão geral e concluiu que ficara tudo “muito bom”.

Um resumo da obra é dado a seguir:

Primeiro dia: Criação de luz e trevas;

Segundo dia: Separação de mar e céus;

Terceiro dia: Criação da terra seca e fértil;

Quarto dia: Criação do sol para iluminar o dia e lua para a noite;

Quinto dia: Criação dos animais marinhos e das aves;

Sexto dia: Criação dos seres terrestres (animais e primeiro casal).

Não há aqui qualquer associação de 24 horas a cada dia, mesmo porque o sol que rege o dia só foi criado no quarto dia. Assim sendo, o tempo que Deus levou, para a criação aqui descrita, é totalmente indeterminado.

Mesmo o calendário judaico, que tem início com a criação, só começa a contagem de anos após a criação de Adão.

Não devemos ser tentados a inserir informação onde ela não existe. Ciência é uma forma de organizar dados obtidos a partir de constatações comprovadas. Quando a Ciência faz hipóteses, essas precisam ser comprovadas de alguma forma, já que não se baseiam em constatações. Neste caso, há um desempenho muito importante da probabilidade de ocorrência da hipótese formulada. Para o caso da teoria da evolução, segundo a qual o

homem viria do macaco, há apenas uma hipótese não comprovada de ínfima probabilidade de ocorrência, pelo que sequer é possível chamá-la de Ciência.

Gênesis 2

Os versículos 1 a 3 anunciam o fim da Criação e o fato de Deus ter descansado no sétimo dia, que consagrou, então, ao descanso da humanidade.

Quando esperamos, contudo, que a narrativa passe adiante, ela retrocede e faz uma revisão detalhada da criação do homem e de sua moradia no Jardim do Éden.

No versículo 4 a palavra gênese vem da tradução grega (Septuaginta), onde os tradutores procuravam traduzir o sentido, mas o original hebraico usa a palavra “descendência”, que obviamente os céus e a terra não têm. É provável, portanto, que a referência se faça ao início de todas as coisas, conforme o sentido dado na Septuaginta.

Outra curiosidade aqui é o fato de Deus ser chamado apenas de Deus (Elohim) no primeiro capítulo, enquanto passa a ser chamado de Senhor Deus (Yahweh), no segundo. Jean Astruc, um médico francês, propôs em seu livro *Conjecturas* de 1753, baseado nos nomes Elohim e Yahweh usados distintamente nestes 2 capítulos, que Moisés não fosse o autor ou pelo menos o autor único do Pentateuco, mas que outras pessoas teriam contribuído para a elaboração do mesmo. Neste caso, seriam grupos Eloístas e Javistas. No século seguinte, um alemão de nome Julius Wellhausen estendeu essa ideia, que acabou conhecida pelo seu nome.

Embora Moisés dificilmente tenha narrado sua própria morte no final do Pentateuco (*Deuteronômio 34.1-8*) e, conquanto possamos admitir que o Pentateuco possa ter sofrido uma revisão posterior, quando trechos como esse foram incluídos, ainda assim, o próprio Jesus cita o Pentateuco como sendo de autoria de Moisés (*Marcos 12.26*), pelo que não vale a pena perder tempo, num estudo como o nosso, com especulações acadêmicas como a de Wellhausen.

Nos versículos de 8 a 15 o texto nos fala do Jardim do Éden como a moradia inicial de Adão. A figura 4-1 mostra uma localização aproximada com base nos rios citados. Trata-se de um lugar localizado no Iraque, próximo à extremidade superior do Golfo Pérsico.

Cabe realçar aqui a árvore do conhecimento do bem e do mal, citada no versículo 17 e a proibição divina que não se comesse de seu fruto, sob pena de **morrer no mesmo dia**. Outra referência importante é a criação da companheira de Adão nos versículos 18 a 23, culminando com uma definição simples desse casamento instituído por Deus no versículo 24.

O capítulo se encerra com um comentário informativo de que, não obstante ambos estarem nus, Adão e Eva não se sentiam envergonhados por isso, visto que sequer o perceberam antes de seu pecado de desobediência, que é narrado no capítulo seguinte.



Figura 4-1 - Localização aproximada do Jardim do Éden /10/

Genesis 3

Este capítulo narra a primeira tentação de Satanás, a queda do homem e a sua expulsão do Jardim do Éden.

Não raras vezes as pessoas se referem a este texto como uma figura bíblica da corrupção do homem, mas que de forma alguma pode ser levada ao pé da letra. Creio, contudo, que se nós, leitores deste livro, não estivermos dispostos a crer neste texto como uma verdade literal, é preferível descontinuar a leitura da Bíblia aqui mesmo. O motivo para essa posição radical é que todo o resto da Bíblia foi escrito única e exclusivamente por causa do pecado do homem aqui narrado.

Ao homem foi dado livre arbítrio, mas a ele não foi dada a capacidade de diferenciar entre o bem e o mal. O seu arbítrio, contudo, lhe permitia escolher entre obedecer e deixar de fazê-lo.

Satanás é identificado em *Apocalipse 12.9* como a velha serpente que engana o mundo. Pois bem, é exatamente assim que ela surge no cenário do Jardim para enganar Eva,

levando-a a crer que Deus havia mentido ao proibir que ela e seu marido comessem da árvore do conhecimento do bem e do mal.

Ao ser interrogada pela serpente a respeito desta proibição, fica claro que ela sabia a respeito, mas Satanás a convenceu de que eles certamente não morreriam e que a restrição tinha por real motivo evitar que eles, humanos, se tornassem iguais a Deus, conhecendo a diferença entre o bem e o mal.

O pecado foi consumado por ambos e, como eles não morreram fisicamente no mesmo dia, fica claro que a sua morte, já que Deus não pode mentir, foi espiritual. Juntamente com o conhecimento do bem e do mal, veio o reconhecimento de sua desobediência e a separação de Deus, dando fim à intimidade que desfrutavam com Ele até então.

Por que Deus permitiu que tamanha desgraça acontecesse? Ele não a poderia ter impedido? Claro que poderia, mas Deus fez uso desse evento para que pudesse mostrar ao homem o Seu grande amor por ele e para que este tivesse a possibilidade de corresponder ao mesmo por livre escolha.

Ao questionar o homem a respeito da desobediência que cometera, ele não hesitou em passar a culpa para a sua companheira, que por sua vez a repassou para Satanás. Já a pena, pronunciada por Deus, veio em sentido contrário, começando por Satanás:

- A serpente foi amaldiçoada e condenada a se arrastar por todos os seus dias, tornando-se inimiga da mulher, cujo descendente esmagaria sua cabeça, ao custo de um ferimento no calcanhar;
- A mulher foi condenada a ter partos com dor, além de passar a estar totalmente sujeita ao marido;
- Por fim, o homem passaria a trabalhar muito mais pelo seu sustento, pois a terra foi amaldiçoada, passando a produzir cardos e abrolhos. O seu sustento viria, portanto, com muito suor.

Notem que juntamente com a condenação de Satanás (versículo 15) veio uma profecia, a primeira pronunciada em toda a Bíblia, onde o descendente da mulher, Jesus, derrotaria a serpente, mas ao preço de Sua crucificação e ressurreição.

Deus fez roupas para o primeiro casal, com pelos de animais, mas não mais permitiu que vivessem no Jardim, para evitar que comessem da Árvore da Vida e tivessem vida eterna. É interessante que a vida eterna sempre tenha feito parte dos planos de Deus, tanto que a árvore da vida volta a surgir em *Apocalipse 22.2*, onde produz saúde para as nações.

Gênesis 4

Neste capítulo tem início a multiplicação da humanidade com Adão e Eva gerando a Caim e Abel. É importante ressaltar que houve, por parte dos pais, uma moção de ação de graças pela vida de Caim, mas não há qualquer menção em relação a Abel. O primeiro se tornou agricultor e o segundo pastor de ovelhas.

É provável que Deus ocupasse um lugar central no ensino dos filhos, porque ambos, em determinado momento, resolveram trazer uma oferta ao Senhor. A única diferença é que um ofertou por gratidão, enquanto o outro não teve a motivação correta, pelo que Deus rejeitou a sua oferta.

É muito interessante observar como o ressentimento no coração de Caim passou de inveja, por Deus ter aceito apenas a oferta do irmão, para um ódio assassino, não obstante ter sido avisado por Deus do risco que ele corria e do que deveria fazer para resolver o problema. O ódio é um sentimento que prejudica principalmente a pessoa que o nutre.

Não vale a pena especular sobre o sinal que Deus pôs sobre Caim para que ninguém o tocasse (versículo 15), porque simplesmente não há informação a respeito.

Vale a pena ressaltar que Caim não se tornou uma pessoa improdutiva porque a terra não lhe seria mais favorável (versículo 12). Vemos no versículo 17 que ele se tornou construtor, erigiu uma cidade e deu a ela o nome de seu primogênito Enoque. A sua descendência se tornou poderosa e igualmente produtiva, mas vemos que a maldade de Caim voltou a se pronunciar no seu descendente Lameque.

Encerrando esse capítulo, vemos que Adão teve mais um filho, chamado Sete, cuja descendência começou a invocar o Senhor.

Gênesis 5

A descendência de Adão através de Sete e sua longevidade são citados aqui até chegar a Noé e seus filhos. Embora se trate, basicamente, de nomes e números, há algumas coisas interessantes a serem ressaltadas. A primeira delas diz respeito às vidas quase milenares de quase todos eles. Há alguma explicação para isso? Será que a contagem era diferente, ou algo assim?

Dentro do espírito de considerar que “a Bíblia quer dizer o que ela diz”, não há nada que indique aqui que se trata de uma figura de linguagem, ou que esses números devam ter uma representação distinta daquela a que estamos acostumados. Devemos lembrar que Adão teria sido eterno se não tivesse pecado; portanto, o fato dele viver “apenas” 930 anos (versículo 5) foi uma gigantesca redução. Além disso, devemos lembrar que à época em que ele viveu não havia doenças e que estas, direta ou indiretamente, são fruto do pecado. Assim sendo, a tendência seria viver mais tempo por haver menos doenças. Finalmente, podemos dizer que Deus havia estabelecido

uma longevidade maior, mas que Ele optou por diminuí-la em função do pecado excessivo (*Gênesis 6.3*).

Enoque é, sem dúvida, o ponto alto deste capítulo. Todos gostaríamos que fosse reconhecido que andamos com Deus. Além disso, Deus gostou tanto de fazê-lo, que resolveu que estavam muito longe para que Enoque voltasse, pelo que simplesmente antecipou sua ida para estar com Ele. Que andemos todos com Deus desfrutando da mesma intimidade!

É comum que as pessoas pensem em Matusalém como uma pessoa abençoada, por ser o recordista bíblico em longevidade. Ele viveu 969 anos e morreu (*versículo 27*). Curiosamente, contudo, feitas as contas, constatamos que ele morreu no mesmo ano em que ocorreu o dilúvio. Será que ele não era tão abençoado assim?

Gênesis 6

Os primeiros quatro versículos deste capítulo nos apresentam um problema que por enquanto não temos como resolver. Há quem ache que os filhos de Deus são os filhos de Sete, enquanto os filhos de Caim são a alternativa aos filhos de Deus. Outros entendem que esta é a referência bíblica a anjos, pelo que estes, no caso, seriam anjos caídos. *1 Pedro 3.20* e *2 Pedro 2.4* parecem favorecer essa segunda hipótese, mas é impossível “bater o martelo”.

Todos conhecemos a lenda de Hércules extraída da mitologia grega. Ele seria filho de Zeus com uma humana de nome Alkmene. Se optarmos pela possibilidade de que alguns demônios tenham se relacionado sexualmente com mulheres, acabamos tendo aqui a versão bíblica de algum tipo de ser super-humano. Certamente não podemos “bater o martelo” mais uma vez.

Seja como for, os versículos 5 a 7 deixam claro que o pecado tomara proporções que Deus não estava mais disposto a tolerar. Por outro lado, ainda havia um homem (Noé - versículo 8), que achou graça diante de Deus, por andar com Ele (versículo 9).

Assim sendo, se por um lado Ele havia decidido aniquilar a todos e começar novamente do zero (versículo 12), por outro, Ele optou por Noé para realizar a tarefa em apreço, salvando-o juntamente com sua família, através da construção de uma embarcação, que os guardaria durante um dilúvio que seria enviado.

Deus mandou, então, que Noé construísse a embarcação de acordo com Seu próprio projeto, cujas dimensões globais são maiores do que qualquer edificação existente à época: 135m de comprimento, 23m de boca (nome técnico da largura de uma embarcação) e 14m de pontal (idem para sua altura). Não surpreende que ela levasse quase um século para ser construída.

No versículo 18 temos a primeira menção na Bíblia da palavra “aliança”. Deus fez várias alianças depois desta, das quais a mais importante foi a Nova Aliança em Jesus

Cristo. O que todas têm em comum é a forma como salvação é provida por Deus para as circunstâncias em que são estabelecidas.

Gênesis 7

Se no capítulo anterior vimos Noé construindo a arca, conforme as instruções dadas por Deus, neste agora o vemos entrar nela com sua família e com todos os animais que Deus quis preservar, fechar a porta e sobreviver ao dilúvio.

Noé tinha 500 anos quando gerou os seus 3 filhos (*Gênesis 5.32* - talvez sejam trigêmeos) e logo depois Deus o instruiu a construir a arca (*Gênesis 6*). Aos 600 anos de idade (versículo 6), ou seja, exatamente 100 anos depois, Noé tinha acabado de entrar na arca, dando por encerrado tudo que Deus lhe incumbira de fazer.

Não vemos aqui qualquer menção acerca de Noé pregando aos homens ímpios de seus dias acerca do castigo que Deus estava por enviar, mas não é difícil reconhecer que a maior construção do mundo da época, um navio feito em terra seca, sem água próxima, para dentro da qual pudesse ser lançado, certamente suscitaria, não apenas muitas perguntas, mas também muita chacota. Além disso, não podemos deixar de citar a referência de Jesus ao fato de que a Sua segunda vinda seria semelhante aos dias de Noé, com todos tomados de surpresa pelo dilúvio depois de deixarem de perceber que ele entrara na arca (*Lucas 17.27*). Além disso, temos a referência de *2 Pedro 2.5*, onde Noé é chamado de pregador da justiça.

Não resta dúvida, portanto, que Noé terá avisado a todos os seus conhecidos, ao longo de 100 anos, que Deus estava prestes a destruir a humanidade, mas infelizmente não teve um único convertido.

Nós de igual modo, sabedores que somos que a volta de Jesus marcará o fim da possibilidade de salvação de nossos parentes e amigos que não O conhecem, não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido.

Sete dias depois, somos informados que teve início o dilúvio (versículo 11) e que Deus mesmo fechou a porta da arca (versículo 16). Choveu durante 40 dias e 40 noites, as águas cobriram os mais altos montes e toda a vida sobre a terra seca, tudo que tinha fôlego foi ceifado, tanto homens como animais.

É interessante que na criação, no segundo dia, Deus fez separação entre as águas que estavam acima do firmamento e aquelas que estavam abaixo do mesmo. Simplificando, somos tentados a achar que Ele separou as águas contidas nas nuvens daquelas que há nos mares. Além disso, pensamos que são duas quantidades de água desproporcionais. No versículo 11 somos informados, contudo, que se romperam todas as fontes do grande abismo e abriram-se todas as comportas do céu. Imediatamente nos recordamos do que foi dito em *Gênesis 1.4* e somos obrigados a reconhecer que Deus tem reservas de águas que nós certamente desconhecemos.

Gênesis 8

Deus obviamente não se esqueceu de Noé. Trata-se aqui de dizer que Deus e o Seu grande amor novamente Se voltaram para Noé e os ocupantes da arca, para dar o próximo passo na recriação.

Cabe aqui uma pergunta. Se Deus sabia que a nova criação seria da mesma natureza corrompida que a primeira, por que será que Ele Se deu ao trabalho de destruir a anterior e começar novamente com Noé?

Obviamente não sabemos, e tudo que digamos a essa altura não passa de especulação, mas Deus Se dá a conhecer na Bíblia, pelo que podemos supor que a Sua atitude nesse caso é similar à que teve em outras ocasiões. Lembramos, especificamente, da conversa entre Deus e Abraão em *Gênesis 15.16*, onde Ele o informa que a destruição do povo da terra, que ele herdaria, só se daria dali a 400 anos, porque a maldade deles ainda não atingira a medida completa. Em outras palavras, Deus é tolerante com os pecados dos homens, mas somente até certo ponto.

Eram passados 1656 anos da criação de Adão até o dilúvio e os pecados da humanidade haviam se multiplicado de tal maneira, que a tolerância divina havia se esgotado.

Outro argumento válido é que nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus, significando que somos misericordiosos por natureza, da mesma forma que Ele. Quando Deus fechou a porta da arca, impossibilitando a entrada na mesma, também é válido dizer que Noé não poderia abri-la para aqueles que estariam batendo à porta quando as águas comesçassem a subir. Parece razoável supor que Noé se compadeceria deles e seria tentado a abrir a porta, por pura misericórdia.

Como Deus é muito mais misericordioso que qualquer ser humano, segue que a única forma de sabermos que Ele tem limites é exercendo juízo. Desta forma, o dilúvio é o exercício do juízo de Deus, que faz Paulo ter toda a razão ao dizer aos romanos que devemos considerar tanto a bondade como a severidade de Deus (*Romanos 11.22*). Não é à toa que Jesus usa como exemplo do juízo de Deus, que ocorrerá por ocasião de Sua Segunda Vinda, justamente o Dilúvio (*Lucas 17.27*).

Depois de várias tentativas, a ansiedade de Noé finalmente foi recompensada no primeiro dia do ano seguinte (quase um ano depois) e ele pôde sair da arca com sua família e todos os animais, pisando em terra firme e seca.

É notável que a sua primeiríssima providência tenha sido erguer um altar e cultuar ao Senhor (versículo 20)!

Gênesis 9

Deus recebeu o culto de Noé e o abençoou, como também a toda a sua família. A seguir Ele os instruiu no sentido de serem fecundos de modo a povoar toda a Terra, dando início a um novo “pontapé de partida”. Todos os animais lhes estariam sujeitos e, ao contrário do que ocorria antes, eles agora poderiam comer a carne dos animais.

Foi feita, contudo, uma restrição séria no tocante a não comer o sangue junto com o animal. O versículo 4 fala primeiro de não comer sangue porque este é vida e a vida pertence a Deus. Talvez pudéssemos inferir que, por ser de Deus, o sangue deve ser oferecido em sacrifício a Ele, mas isso não está escrito.

No versículo 5, Deus parece dizer que todo animal que matar um humano deverá ser morto, para logo a seguir dizer o mesmo em relação a um humano que derramar o sangue de outro. No versículo 6, contudo, Ele deixa muito claro. Todo homem que derramar o sangue de outro, também este deve ser morto. A justificativa para isso é que Deus fez o homem à Sua própria imagem e semelhança.

Será que poderíamos usar esse texto para defender a pena de morte em nossos dias de grande violência? Não há dúvida de que essa mesma ideia é expressa em outros lugares da Bíblia, como na lei do talião em *Êxodo 21.23*, onde se daria “vida por vida”, e no próprio decálogo, “não matarás” (*Êxodo 20.13 e 21.12*). Ocorre, contudo, que Jesus deu a Sua vida tanto pelos assassinos como pelos assassinados, de modo que ambos foram “comprados” pelo Seu sangue, e por isso não compete mais ao homem legislar sobre a vida de outrem.

Nos versículos 9 a 17 Deus volta a falar e detalhar em que consiste a Sua aliança com Noé. Ainda no versículo 8, logo depois de ter recebido a oferta de Noé, que desembarcara da arca, Deus já declarara que não voltaria a destruir toda a humanidade daquela maneira. Certamente a aliança de Deus com Noé havia incluído a arca, com a qual salvou a ele e sua família, mas agora Ele inclui na mesma a promessa de não mais destruí-los pelas águas. Como prova disso, para gerações futuras, Ele colocaria nos céus sempre que houvesse raios solares passando pela chuva um arco, que lembraria, a Ele mesmo e a nós, que a destruição da humanidade por um dilúvio não mais aconteceria.

Os versículos 20 a 27 contam uma história triste da vida de Noé. Ele havia plantado uma vinha e feito vinho do produto de sua colheita. Ao saboreá-lo, ele exagerou na dose, embebedou-se e tirou as roupas na sua tenda. Quando o seu filho Cão entrou na tenda e o viu, aparentemente achou graça e foi debochar do pai junto aos outros dos irmãos, Sem e Jafé. Estes, contudo, não acharam graça alguma e foram cobrir a nudez do pai, evitando de olhar para ela. O texto não nos permite concluir mais que isso, mas há vários autores (referências omitidas de propósito) que enxergam aqui uma relação homossexual entre Cão e seu pai. Repetimos, contudo, que o texto não autoriza uma interpretação extrapolada dessa maneira.

Quando Noé despertou de sua bebedeira, soube do que ocorrera e ficou muito decepcionado com a atitude de Cão. Curiosamente, contudo, ao invés de amaldiçoar Cão, amaldiçoou a sua descendência, representada por seu filho Canaã, que serviria tanto a Sem, como a Jafé.

Não podemos supor que a eliminação dos cananitas, quando da volta de Israel do Egito, seja uma mera coincidência à luz dessa maldição.

O capítulo é encerrado com a informação de que Noé viveu mais 350 anos após o dilúvio, chegando a um total de 950 anos.

Gênesis 10

Este capítulo limita-se a nos informar a respeito da descendência de Noé através de Sem, Cão e Jafé.

Gostaríamos de poder saber exatamente para onde foram, mas o que temos é apenas as tendências migratórias dos descendentes de cada filho, conforme indicado na figura 4-2 abaixo.

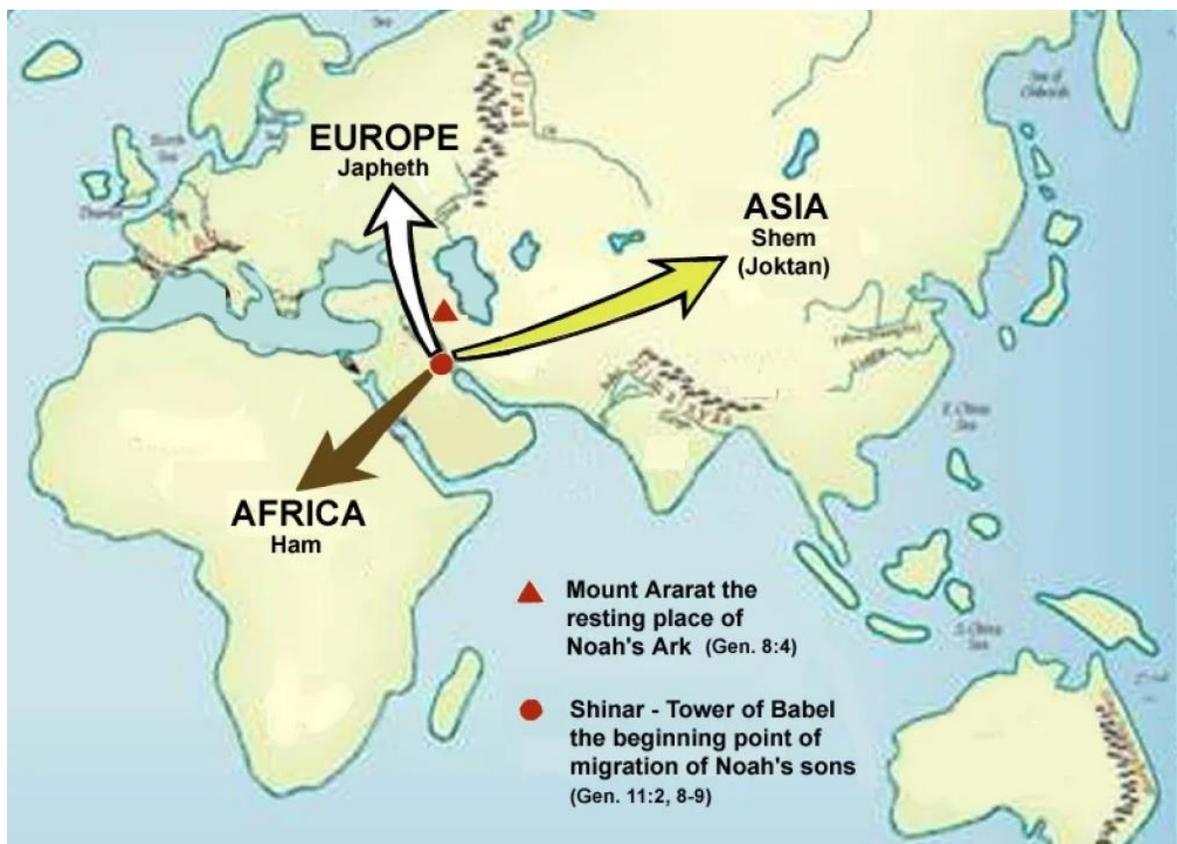


Figura 4-2 - Tendência migratória dos filhos de Noé /11/

Gênesis 11

Os versículos de 1 a 9 narram a história de uma construção mal-sucedida na terra de Sinar. Esse local já havia sido citado no capítulo anterior como a sede do Reino de Babel, que era governado por Ninrode, o primeiro homem a se tornar poderoso na terra (*Gênesis 10.8-10*). Onde há poder infelizmente há orgulho, que o Senhor abomina; portanto, não causa qualquer surpresa que Deus Se oponha aos projetos dos homens de Sinar.

No versículo 4 os planos deles mostram que querem construir uma torre, mas o problema é a intenção que os motivou. Ela deveria chegar até os céus, para que eles se tornassem célebres e se ajuntassem ali, ao invés de ocupar a Terra como Deus determinara.

Ao longo da história Deus nunca restringiu a criatividade do homem, mas a sua soberba sempre foi uma pedra de tropeço para si mesmo. No caso de Babel, vemos que a obra foi interrompida, sem dano para os construtores, simplesmente porque não mais se entendiam. Deus foi misericordioso para com eles e sua soberba. Sua única medida foi espalhá-los, para que continuassem a povoar a Terra.

O restante do capítulo se resume a descrever a descendência de Sem, até chegar ao descendente escolhido por Deus para dar início ao Seu plano de redenção: Abraão. Nesta relação vemos, nitidamente, que já está em curso o plano divino de reduzir de 1000 para 120 anos a longevidade do homem. Sem, filho de Noé, viveu ainda 905 anos ao todo, mas Tera, pai de Abraão, o último falecido da lista, viveu apenas 205.

O narrador bíblico, que dirige a atenção de nós os leitores às informações de interesse, está agora iniciando a história do plano de redenção divina, com a escolha de Abraão, o pai da fé, através de quem há de introduzir o seu plano de salvação.

Apenas a título de curiosidade, Abraão, aqui ainda chamado de Abrão, nasceu quando Noé tinha 792 anos (1948 anos após a criação de Adão). Assim sendo, Noé e Abraão, que viviam ambos no Iraque de hoje, tiveram uma superposição de vidas de 158 anos. Pode ser que Noé não conhecesse Abraão, mas é bastante provável que Abraão conhecesse Noé, pois a sua fama seria inegável, além do fato de morar nas proximidades.

Semana 5 - Salmos da Criação

Estação 4

Texto: Salmos 8, 19, 33, 50, 74, 90, 93, 95, 96, 97, 102 a 105, 135, 148 e 149

Salmos 8

Não raramente tenho me surpreendido imaginando porque Deus se interessaria por um sujeito como eu. Sou soberbo, egoísta e desobediente, além de várias outras desqualificações. Que motivo pode haver para que o Deus maravilhoso, que criou o céu e a Terra, atente para mim como o fez e faz?

Pois bem, eu não estou sozinho. Davi estava pensando exatamente isso quando escreveu este salmo de louvor íntimo. Ele começa cantando e louvando o majestoso Deus que criou o céu e a Terra, louvado até na boca das crianças, mas quando ele contempla as maravilhas da natureza, vem logo à mente exatamente a mesma pergunta: **“O que é o homem para que o Senhor sequer pense nele?”**

Mas não é só isso! Ele também se interessa por ele, a ponto de buscar intimidade com ele.

E como se isso não bastasse, Ele o fez pouco menor que Ele mesmo, dando a ele glória, honra e domínio sobre todos os animais da terra, do céu e do mar.

Senhor Deus! Como o Senhor é maravilhoso! O Senhor é incomparável!

Salmos 19

Mais uma vez Davi se excede ao externar o seu louvor primeiro pelas maravilhosas obras de Deus e depois por Sua infinita sabedoria expressa pelas Suas leis.

A poesia hebraica não tem rimas, mas tem um recurso lindo, que Davi utiliza ricamente. Trata-se do paralelismo. Tanto faz dizer que **“os céus proclamam a glória de Deus”**, como falar que **“o firmamento anuncia as obras das mãos de Deus”**. Ambas as expressões traduzem a mesma verdade em relação à maravilhosa criação, obra dEle.

O discurso do dia e da noite, sem linguagem, palavras ou som, mas que fazem ouvir sua voz, é uma forma belíssima de dizer o quanto os céus proclamam a glória de Deus, da qual o sol é um exemplo maravilhoso do qual faz uso.

A partir do versículo 7, Davi passa a falar da lei do Senhor. Neste caso não é uma referência ao decálogo ou a pontos específicos da lei mosaica e, sim, à sabedoria de Deus expressa pelas escrituras no conjunto de Suas instruções.

Trata-se de prescrições de um Deus Criador, que sabe como restaurar a alma de Suas criaturas; que torna sábias as pessoas que andam batendo cabeça por não ouvi-IO. São

verdades que alegram o coração, iluminam os olhos, incutem o temor do Senhor por serem justas e deixam um sabor como o do mel. Contém a maior riqueza, qual seja: fazer com que possamos discernir nossos erros. Há grande recompensa em segui-las.

Ele encerra desejando que Deus o ajude a cumprir a Sua lei e que Se agradece de seu louvor!

Salmos 33

Este salmo de autoria desconhecida é um louvor a Deus, que merece ser exaltado por Sua fidelidade, justiça e pela forma maravilhosa como criou a Terra. Além disso, deve ser temido por Sua soberania e por exercer juízo sobre os iníquos. Mais uma vez vemos exaltados os conselhos do Senhor, sendo bem-aventurada a nação que O tem por Senhor.

Encerrando o salmo, o autor exalta a fidelidade do Senhor para com aqueles que O temem e nEle esperam.

Salmos 50

Esse salmo, atribuído a Asafe, apresenta uma convocação de Deus para que toda a Terra (de sol a sol) ouça a Sua palavra. Tanto Terra e céu são intimados a julgar o Seu povo Israel (versículo 4), constituído justamente por aqueles que com Ele fizeram uma aliança.

O julgamento será justo, pois o juiz é o próprio Deus. Ele vai testemunhar contra eles porque Ele, o Seu Deus, os conhece melhor que ninguém. Sua intenção não é, contudo, condená-los e, sim, levá-los ao arrependimento.

É verdade que eles têm oferecido a Ele sacrifícios, mas Ele não precisa dos animais dos seus currais. Ele não tem fome e nem quer beber o sangue de cabritos. O que Ele quer, isso sim, é que ofereçam ações de graça e que cumpram os votos que Lhe fizeram. Só assim Ele será um Deus presente que os livrará no dia da angústia.

De que adianta conhecer a Palavra e não praticá-la? O que Ele espera de nós é que sejamos obedientes, assim demonstrando o nosso amor por Ele.

Salmos 74

Trata-se de um salmo de lamento, cujo autor parece se situar, mais provavelmente, alguns anos após a destruição de Jerusalém, no ano 587a.C., ou possivelmente após a profanação do santuário por Antíoco Epifanio, no ano 167a.C.. O nome Asafe associado a esse salmo, certamente não era o mesmo que viveu nos dias de Davi, mas admite-se que possa ser um descendente do mesmo, por ter a família continuado ligada à área de música.

É curiosa a forma como o salmo foi estruturado, pois o autor lamenta o silêncio divino, nos versículos 1 a 11, mas há uma mudança marcante no ânimo do autor nos versículos 12 a 17, onde ele ressalta o poder criador de Deus, demonstrando assim a Sua capacidade de mudar toda aquela situação. Já nos versículos 18 a 23, ele volta ao lamento, mas parece estar desafiando Deus a mudar tudo da forma como o autor exaltou nos versículos 12 a 17.

Como aplicação para nossos dias e à Igreja, também olhamos à nossa volta e nos indignamos com a forma como a corrupção moral a vem solapando. Vemos a destruição total dos valores divinos e, ao mesmo tempo, esses valores são marginalizados e tratados como se injustos fossem.

Ocorre, contudo, que Deus continua tão Onipotente quanto sempre foi e Seus valores continuam, para Ele e para nós, Seus filhos, tão válidos quanto sempre foram. É lícito, portanto, que clamemos a Ele contra a decadência moral e no sentido de que Ele altere essa situação e resgate o Seu próprio Nome, que vem sendo difamado.

Salmos 90

Spurgeon (*/2/*, pág. 682), classifica esse salmo como o mais antigo, por ter sido atribuído a Moisés. Trata-se de uma oração de arrependimento de alguém que já conhece o Senhor e já O viu fazendo maravilhas, mas que passa, na ocasião em que o escreveu, pelo vale da sombra da morte. Os 40 anos de deserto, nos quais Deus ressalta o pecado do povo de Israel, a quem foi negada a entrada na Terra Prometida, caracterizam bem o ânimo da pessoa que o escreve.

Deus sempre fora o refúgio do Povo de Deus; Ele, que existiu muito antes da criação e, para Quem as nossas vidas não passam de um sopro. O tempo, que nos limita, para Ele não apresenta qualquer restrição, tanto que um dia ou 1000 anos não podem ser diferenciados (versículo 4).

Curiosamente, esse versículo tem sido utilizado para embasar estudos que preveem a existência do mundo, desde Adão, por uma semana de milênios. Assim, os primeiros dois teriam terminado com o dilúvio, os dois seguintes seriam de Israel, os atribuídos à Igreja estariam terminando com a volta de Cristo para estabelecer o sábado do milênio apocalíptico. Tudo isso é obviamente possível (embora não muito preciso), mas a interpretação do versículo neste sentido parece muito forçada.

Os versículos seguintes falam do quanto a vida é efêmera, tendo uma extensão de 70 anos, podendo chegar a 80, mas já com bastante declínio. Essa sequência se encerra com um dos versículos mais sábios de toda a Bíblia: trata-se de um pedido a Deus para que nos ensine a contar os nossos dias de modo a alcançarmos um coração sábio (versículo 12). Nada pode agradar mais a Deus do que ver Seus filhos andando na sabedoria que nos foi mostrada pelo Primogênito.

O salmo se encerra com um pedido para que Deus nos seja benigno, alegrando-nos com Sua presença, demonstrando-nos as obras de Suas mãos e concedendo que as nossas próprias obras frutifiquem a Seu serviço.

Salmos 93

Trata-se de um salmo de autor desconhecido, cujo único objetivo é a exaltação do Senhor. Isso começa na primeira linha, onde ele declara que Yahweh reina! Aconteça o que acontecer Ele reina e Seu trono dura para todo o sempre (versículo 2).

Não importa quão imponentes nos parecem os grandes rios e as ondas do mar, elas não passam de testemunhos da grandiosidade do Senhor!

Salmos 95

Mais uma vez temos um salmo de autoria desconhecida para a maioria dos comentaristas e que ganhou projeção devido à citação que o autor de Hebreus faz do mesmo, além de dizer que se trata de um salmo de Davi. Além disso, tem intrigado os especialistas bíblicos pela forma como tem duas partes bem distintas: uma exaltação do Senhor, que vai até a primeira metade do versículo 7 e uma exortação, feita pelo próprio Deus, que se estende do versículo 7b até o final.

Salmos 96

Trata-se de um salmo que tem sido cantado e decantado em nossas congregações, cuja letra repete as palavras dos versículos 1 a 4 e 6:

“Cantai ao Senhor um cântico novo; cantai ao Senhor todas as terras,
Cantai ao Senhor, bendizei o Seu nome, proclamai a Sua salvação!
Anunciai entre as nações a Sua glória, entre todos os povos as Suas maravilhas,
Porque grande é o Senhor, mui digno de ser louvado, mais temível do que falsos deuses.
Glória e majestade estão diante dEle, força e formosura no Seu santuário!” (2x)

Embora mais uma vez não haja um autor atrelado a este salmo, a maioria dos comentaristas, como Kidner (*/6/*, pág. 367), chamam a atenção para o fato de *1 Crônicas 16* conter um salmo de Davi, com exatamente as mesmas palavras, pelo que ele é apontado também como autor deste.

Embora as palavras do cântico indicado acima terminem no versículo 6, o louvor do salmista se estende até o versículo 12, conclamando o mundo e a natureza a reconhecerem que Ele reina, pelo que devem se alegrar, visto que vem a julgar o mundo com justiça (versículo 13).

Salmos 97

Novamente este salmo tem início informando que Deus reina, motivo pelo qual toda a Terra deve se alegrar. Infelizmente, contudo, tanto nós como o salmista sabemos que o mundo se irrita ao invés de se alegrar, preferindo antes que a vontade de Deus não lhes seja manifesta. Exatamente por isso o aspecto dEle, para os ímpios, é de nuvens e escuridão, que vêm acompanhadas da justiça e do juízo que tanto ao mundo incomoda.

Desta forma o Senhor Se apresenta como um fogo consumidor, relâmpagos que fazem estremecer toda a Terra, que em Sua presença derrete como cera. Que sejam confundidos todos esses idólatras!

Por outro lado, os filhos de Judá, que cultuam em Sião e tipificam a Igreja, onde Deus se faz presente pelo Espírito Santo, nos alegramos pela justiça que está associada à Sua presença. A nós, que amamos o Senhor, cabe detestar aquilo que Ele mesmo detesta, fazendo com que a Sua luz brilhe através de nós.

Louvemos todos ao Senhor!

Salmos 102

Mais uma vez temos um salmo em que o autor, também desconhecido, clama a Deus pela Sua intervenção numa situação de angústia, que vem se prolongando por muito tempo. Desta forma, o salmista, que conhece a fidelidade de Deus por experiências passadas, O conclama a sair de Sua posição oculta, para atender aos seus pedidos, antes que a sua curta existência chegue ao final (versículo 3).

Sua situação de desânimo é descrita detalhadamente nos versículos 4 a 10, para novamente ressaltar que sua própria vida é como uma sombra que já declina (versículo 11), enquanto Deus é eterno (versículo 12).

Nos versículos 13 a 17 há uma mudança completa de cenário. O salmista passa a falar de Deus já tendo respondido ao seu clamor, visto que é chegado o tempo disso acontecer. Todas as nações da Terra terão visto a glória do Senhor reedificando a Sião, temendo-O por isso mesmo (versículos 15 e 16), ficando claro para todos que Deus atendera à oração do Seu filho.

Nos versículos 18 a 22 a resposta divina ressaltada em 13 a 17 parece agora situar-se, ou pelo menos ser reconhecida, apenas no futuro e, por um povo que havia ainda de ser criado, que parece nos remeter à Igreja de Jesus Cristo. Vemos inclusive o Senhor se voltando para a Terra para redimir aqueles que estavam condenados à morte (versículos 19 e 20).

Nos versículos 23 e 24 o ânimo do salmista parece sofrer uma recaída, mas ele apenas reconhece que talvez isso não aconteça nos seus dias (por serem muito curtos), mas que certamente a sua descendência o veria, porque a fidelidade do Deus Criador se estende além da duração da própria Terra.

Salmos 103

Este salmo, atribuído a Davi, é, sem dúvida, um dos mais conhecidos e maravilhosos de todo o saltério (conjunto dos salmos). Tem início dizendo a si mesmo a forma como deve louvar ao Senhor. Tudo o que há nele deve participar desse louvor, oferecido com a mesma intensidade. Ele não deve tolerar que qualquer dos muitos benefícios recebidos seja esquecido, ou seja, a gratidão deve ser total.

É claro que todos os benefícios já incluem perdão e saúde, mas Davi tinha passado por uma intensa experiência de perdão de pecados, no caso de seu adultério com Bate Seba, na qual vivenciara o imediato perdão de Deus, mas, nesse caso específico, Kidner nos lembra (/6/, pág. 384), que o restabelecimento da criança enferma, por quem ele havia feito uma semana de jejum, havia sido negada, com ela vindo a falecer. Mesmo assim, ele se levantou daquela situação, lavou-se, vestiu-se, perfumou-se e foi ao santuário louvar e adorar ao Senhor, para só então lembrar-se que precisava encerrar o prolongado jejum (2 Samuel 12.20). Isso porque sua vida havia sido redimida da morte por conta da graça e misericórdia de Deus. Além disso, tinha continuado a manter com ele o mesmo relacionamento, coroando a sua velhice com forças que lembravam a mocidade ou o poderio da águia (talvez este texto tenha inspirado *Isaías 40.30-31*).

Tendo exigido de si mesmo o louvor devido ao Nome do Senhor, Davi se volta para todos nós, em particular para mim e para você, leitor, enumerando nos versículos 6 a 19 os muitos motivos pelos quais cada um de nós deve louvar ao Senhor de igual forma.

Não cabe aqui comentar cada um desses motivos, mas eu não gostaria de deixar de ressaltar a forma como me toca o versículo 7. Eu vejo nesse versículo a forma diferenciada como Deus se relacionava com Moisés. Enquanto os filhos de Israel viam e certamente se maravilhavam com os feitos de Deus, a Moisés era dado conhecê-los e saber como seriam operados antes mesmo de ocorrerem. Deus lhe fez conhecer os Seus caminhos, fazendo-o, de certa forma, participantes dos mesmos. Eu escolhi que essa seria a minha meta de vida na presença do Senhor: quero estreitar tanto o meu relacionamento com Deus, que Ele me conceda “conhecer os Seus caminhos”. Isso não é, contudo, algo para que eu exceda os outros em espiritualidade e, sim, algo que não posso entender que seja uma aspiração de poucos. Cada um de nós deve ter por alvo uma intimidade com Deus que o faça “conhecedor de Seus caminhos” e “participante de Sua glória” (*João 17:22*).

Esse maravilhoso salmo é encerrado com uma convocação geral (versículos 20 a 22) para que todos: anjos, todos os Seus exércitos, todos os Seus ministros, todos os que fazem a Sua vontade e todas as obras de Suas mãos, em todos os lugares de Seu domínio, bendigam ao Senhor.

A mim me resta dizer Amém! Bendito seja o Senhor nosso Deus!

Salmos 104

Não obstante a Septuaginta atribuir este salmo a Davi, a maioria dos comentaristas não se sente à vontade para “bater o martelo” de sua autoria. A favor do veredito da Septuaginta, contudo, existe uma continuidade totalmente natural do salmo anterior, o 103, fazendo com que os dois pareçam ter nascidos da mesma inspiração de louvor, com o autor exortando a sua alma a bendizer o Senhor (versículo 1).

Ao contrário do salmo anterior, contudo, onde Davi procura nos fazer recordar de todos os motivos pelos quais ele mesmo e cada um de nós deva louvar ao Senhor, neste ele se limita aos 6 dias da criação como motivo suficiente para mostrar a grandiosidade do Deus a ser louvado. Kidner (*/6/*, pág. 387) apresenta a tabela a seguir, que estabelece uma correspondência interessante entre os dias da criação e os versículos deste salmo. Os versículos apresentados entre parênteses na última coluna dizem respeito a versículos onde o texto de salmo extrapolam o de Gênesis.

Dia da criação	Versículos de Gênesis 1	Assunto Tratado	Versículos de Salmos 104 correspondentes
1	3-5	Criação da luz	2a
2	6-8	Firmamento de divisão das águas	2b-4
3	9-10 11-13	Distinção entre terra e água Criação de vegetação e árvores	5-9 (10-13) 14-17 (18)
4	14-19	Luminárias como cronômetros	19-23 (24)
5	20-23	Criaturas do mar	25-26
6	24-28 29-31	Animais e o homem Suprimento de alimento	Antecipados em 21-24 27-28 (29-30)

Nos versículos finais (31 a 35) o salmista resume o seu louvor ao Senhor pela criação, encerrando com as mesmas palavras com as quais iniciou o salmo: **“Bendize ó minha alma ao Senhor!”**

Apenas a título de esclarecimento, os alganazes do versículo 18 são pequenas criaturas que habitam nas rochas, que a NVI optou por chamar de coelhos.

Salmos 105

O salmo 105 tem início com uma conclamação para que sejam rendidas graças ao Senhor, invocando o Seu nome, para que se tornem conhecidos entre todos os povos os Seus grandes feitos (versículos 1 e 2).

Nos versículos 3 a 7 o salmista lembra aos filhos de Israel que podem e devem buscá-IO, com todo o Seu poder, regozijando-se em Sua presença, pois Ele é o Deus que faz maravilhas e cujos juízos determinam a Sua soberania sobre toda a Terra.

Ao longo de todo o restante do texto o salmista “refresca a memória” daqueles que ouvem ou cantam junto todos os feitos de Deus desde o momento em que falou a Abraão até cumprir, séculos mais tarde, tudo e infinitamente mais que lhe prometera.

Os versículos 8 a 11 focalizam a aliança feita com Abraão, segundo a qual lhe daria, perpetuamente (ressaltado nos versículos 8 e 10), a terra de Canaã por herança.

Para o cumprimento dessa promessa Ele zelou por eles e pela sua proteção, não permitindo que fossem tocados, embora fossem poucos (versículos 12 a 15).

Nos versículos 16 a 24, o salmista mostra como Deus dirigiu os eventos históricos para que o povo pudesse se multiplicar e se tornar uma grande nação. Para tanto, usou o Seu servo José, a quem engrandeceu sobremaneira no Egito, não sem antes permitir que fosse injustiçado para a realização do Seu intento de levar todos até lá.

Deus muda, então, o coração dos egípcios (versículo 25), para que passem a odiar o povo e oprimi-lo, para que não mais cresça, mas tudo em vão. Para tirá-los de lá Deus suscita a Moisés e Arão, que proclamam e introduzem as 10 pragas enviadas por Ele nos versículos 26 a 38, para que o povo saia vitoriosamente do Egito.

Os versículos 39 a 43 mostram a forma maravilhosa como Deus os conduz durante os anos de deserto, até finalmente introduzi-los na Terra Prometida (versículo 44), com uma finalidade muito específica: para que Lhe fossem fiéis, guardando as Suas leis e os Seus preceitos.

O salmista não menciona que isso não se deu, mas nós o sabemos e, também, que para nós, a Igreja, é estabelecida, por Jesus, uma condição similar, para que possamos provar o nosso amor por Ele: guardar os Seus mandamentos (*João 14:21*). Só assim o nome dEle será louvado!

Salmos 135

O salmo 135 muito se assemelha a vários outros em seu intento de incentivar o louvor do Senhor (versículos 1 a 3 e 19 a 21). Não obstante todo o Israel ser conclamado a isso nos versículos 1 e 19, o salmista se dirige, principalmente, àqueles que são responsáveis por ministrar esse louvor, quais sejam os filhos de Arão e de Levi (versículos 2 e 19).

Nos versículos 4 a 9 o autor lembra que Deus escolheu Israel como Sua possessão particular e também como usou sinais e prodígios para tirá-los do Egito, conduzindo-os à Terra Prometida, onde derrotou vários reis e reinos (versículos 10 a 12).

Ele zela pelo Seu povo de geração em geração, disciplinando, mas usando de misericórdia para com Seus servos (versículos 13 e 14). Já os deuses das nações, nada

mais são do que obras dos homens, inertes e sem vida. Sem vida tornem-se, portanto, todos os que cometem a insensatez de neles confiar (versículos 15 a 18).

Salmos 148

Este salmo é, mais uma vez, uma convocação ao louvor do Senhor, mas que começa nos céus, com os anjos e as legiões celestiais, passando, a seguir, aos astros: sol, lua e estrelas (versículos 1 a 3).

São convocados, então, os céus dos céus e as águas acima do firmamento, que Deus estabeleceu e limitou (4 a 6). Já nas águas abaixo do firmamento, a convocação se estende aos animais marinhos e acima d'água a todos os fenômenos ambientais (versículos 7 e 8).

Em terra são abrangidos todos os montes e animais (versículos 9 e 10), para finalmente começarem a ser lembrados os seres humanos. Estes começam pelos reis e nobres, chegando ao povo em geral nos versículos 11 e 12.

Todos estes devem louvar ao Senhor porque o Seu nome é excelso e Sua majestade acima de todos os céus (versículo 13). Somente no versículo final é que são finalmente convocados ao louvor todos os servos de Deus e os filhos de Israel em particular. Como servos do Senhor fomos todos convocados, pelo que louvemos ao Senhor!

Salmos 149

Este salmo fala também do louvor e do canto apresentados na assembleia dos santos e da alegria dos filhos de Sião com o seu Rei, o Rei dos Reis. Trata-se de um cântico novo, que se fará acompanhar de flautas, adufes e harpas, para a alegria do Senhor, que adorna, com a Sua salvação, a humildade daqueles que O buscam.

Mesmo que estejam enfermos ou simplesmente descansando em seus leitos, não devem se frustrar de abrir os seus lábios em louvor Àquele cujas mãos operam com a eficiência de uma espada de dois gumes.

Quanto aos outros que não querem reconhecer a Sua majestade, que não O cultuam como Deus e que não têm senão escárnio nos seus lábios, o salmista não se preocupou em condená-los, pois o Senhor mesmo já tem contra eles uma sentença que Ele mesmo executará, derrotando, assim, todos os Seus inimigos.

Semana 6 - A História de Abraão

Estação 5

Texto: Gênesis 12 a 25

Gênesis 12

A narrativa de Estêvão, apresentada em *Atos 7.2-4*, contém informações anteriores àquelas onde começa o versículo 1 acima. A primeira aparição de Deus a Abraão teria ocorrido ainda em Ur, antes de seu pai levá-lo a Harã. Nesta ocasião Deus teria pedido a Abraão que saísse de sua terra e do meio dos seus parentes e que fosse para a terra que lhe mostraria. Essa ordem foi cumprida apenas parcialmente, porque juntamente com Abraão e Sara foram seu pai e boa parte da família. Assim sendo, ele saiu de sua terra mas não de sua parentela. Além disso, a viagem acabou antes de chegar ao destino final, ou seja Canaã. Ao invés disso, a família se instalou em Harã.

Alguns autores, como Kidner (*/7/*, pág. 106), entendem que ele não descumpriu a ordem divina, mas simplesmente teria esperado por um momento propício para se desligar de seus parentes. Pessoalmente me parece que esses autores usam de boa vontade excessiva para com Abraão.

Depois da morte de seu pai, Tera, Deus volta a falar com Abraão, nos termos apresentados nos versículos 1 a 3, onde é muito importante ressaltar o objetivo de Deus. Deus promete a Abraão que ele será uma grande nação, que será abençoado, que seu nome será grande e que ele mesmo será uma bênção (versículo 2). Além disso, Deus promete abençoar a todos os que o abençoarem e amaldiçoar a todos os que o amaldiçoarem (versículo 3a), mas o objetivo de Deus não se limita a Abraão e sua descendência. A intenção dEle é que **nele (através de Abraão e sua descendência) sejam abençoadas todas as famílias da Terra**. É extremamente importante que nos lembremos disso, porque este é o objetivo de Deus que aparecerá, reiteradamente, ao longo de toda a Bíblia. Abraão e seus descendentes, o Povo de Israel, foram escolhidos, mas eles não são o fim e, sim, o meio através do qual Deus quer alcançar todas as famílias da Terra.

Israel errou por não ter entendido isso e a Igreja, sempre que deixa de perceber que ela também é um meio e acha que o objetivo final de Deus é abençoá-la, também comete o mesmo erro.

O versículo 4 nos diz que Abraão (a essa altura ainda chamado de Abrão) partiu, conforme ordenado pelo Senhor, mas levou novamente consigo o seu sobrinho Ló. Não é à toa que essa observação é feita e esse novo erro ainda terá que ser reparado adiante. A essa altura ele já tinha 75 anos de idade.

Os versículos 5 e 6 nos falam da chegada deles a Canaã, que estava habitada pelos cananeus. Não obstante esse fato, Deus promete a ele que a posse da terra será de sua descendência, pelo que Abraão faz o seu primeiro sacrifício de gratidão na terra de Canaã. No versículo 8 ele se estabelece entre Betel e Ai e mais uma vez edifica um altar ao Senhor.

Era de se esperar que ele se fixasse ali na terra que Deus lhe prometeu, mas nos surpreendemos, no versículo 9, com ele se dirigindo para o sul e, finalmente, indo para o Egito, porque havia uma severa fome em Canaã. Fica óbvio aqui que Abraão está sendo dirigido, não por Deus e, sim, pelas circunstâncias. Ele viera para a terra que Deus lhe indicou, Deus a havia prometido a ele e agora o vemos deixando-a. Alguma coisa tinha que ter acendido o alarme de Abraão, mas ele está andando por vista e não pela mesma fé com que iniciara a jornada. A prova disso é a mentira que ele concebeu nos versículos 11 a 13 para se proteger no Egito.

Não há dúvida que um abismo chama outro, pelo que a beleza de Sara, “irmã de Abraão”, acabou levando-a ao palácio como mulher de Faraó, enquanto este agradava ao “cunhado” Abraão, presenteando-o com bens diversos.

Que situação lamentável aquela em que se meteu Abraão, por não confiar em Deus, preferindo se valer de sua própria astúcia, que acabou provando não ser muito eficaz. Felizmente Deus interviu e resolveu o problema, mas às custas de uma dura lição sobre fé, aprendida por aquele que chamamos de Pai da Fé.

Gênesis 13

Neste capítulo Deus completa aquilo que Abraão deixou de fazer pela segunda vez, ou seja, Ele o separa de Ló.

Abraão saiu do Egito envergonhado, mas rico e seguiu o caminho contrário, ou seja, subiu pelo Neguebe e de lá para Betel, onde novamente buscou o altar que erigira entre Betel e Ai, para ali invocar o Nome do Senhor. Ele havia feito muita bobagem, mas Deus o trouxera de volta, são e salvo, além de lhe ter acrescentado muitos bens. Assim sendo, havia muito pelo que louvar. Felizes aqueles que sabem reconhecer a misericórdia e a providência de Deus!

O versículo 5 nos informa que Ló também havia enriquecido, pelo que os rebanhos dos dois juntos eram excessivos para a terra disponível no meio dos cananeus e ferezeus. Assim sendo, logo começou a haver disputas entre os pastores de Abraão e os de Ló.

A atitude de Abraão, nesse caso, mostra bem o caráter desse homem de Deus. Ele reconheceu o óbvio, qual seja, o fato de que ele e Ló não poderiam mais continuar juntos, primeiro porque a terra não os comportava e, segundo, porque Deus já o havia orientado a não fazê-lo, pelo que finalmente resolveu obedecer. Ele o fez, contudo, da maneira mais altruísta possível. Ló poderia escolher para onde queria ir e ele iria em sentido contrário, porque parentes íntimos não devem brigar. Como esse mundo seria diferente

se todos os parentes íntimos deixassem suas disputas pelo simples fato de sê-lo e agissem de igual modo.

Ló olhou para as campinas do Jordão e viu tudo verde e bem regado, contrastando com a seqidão das montanhas da outra direção e não teve qualquer dúvida: ficou com o vale do Jordão, enquanto Abraão iria para o ocidente, em direção às montanhas.

Infelizmente, a ganância de Ló não era só dele e, sim, de muitas outras pessoas que haviam se estabelecido em Sodoma. O versículo 13 nos informa que era uma cidade de grandes pecadores contra o Senhor. Isso ficará claro quando chegarmos ao capítulo 18.

Tão logo Ló se separou, Deus Se apresentou a Abraão e pediu que contemplasse a terra em todas as direções (inclusive o oriente escolhido por Ló) e disse a ele que toda ela seria dada aos seus descendentes; assim ele deveria percorrê-la, porque toda ela seria sua. Essa promessa perpétua é repetida muitas vezes ao longo de todo o texto bíblico. Mesmo hoje, quando se discute a necessidade de Israel ceder parte de seu território aos palestinos, ainda restam promessas não cumpridas de um Israel muito maior do que hoje se apresenta. Não há dúvida de que isso se cumprirá.

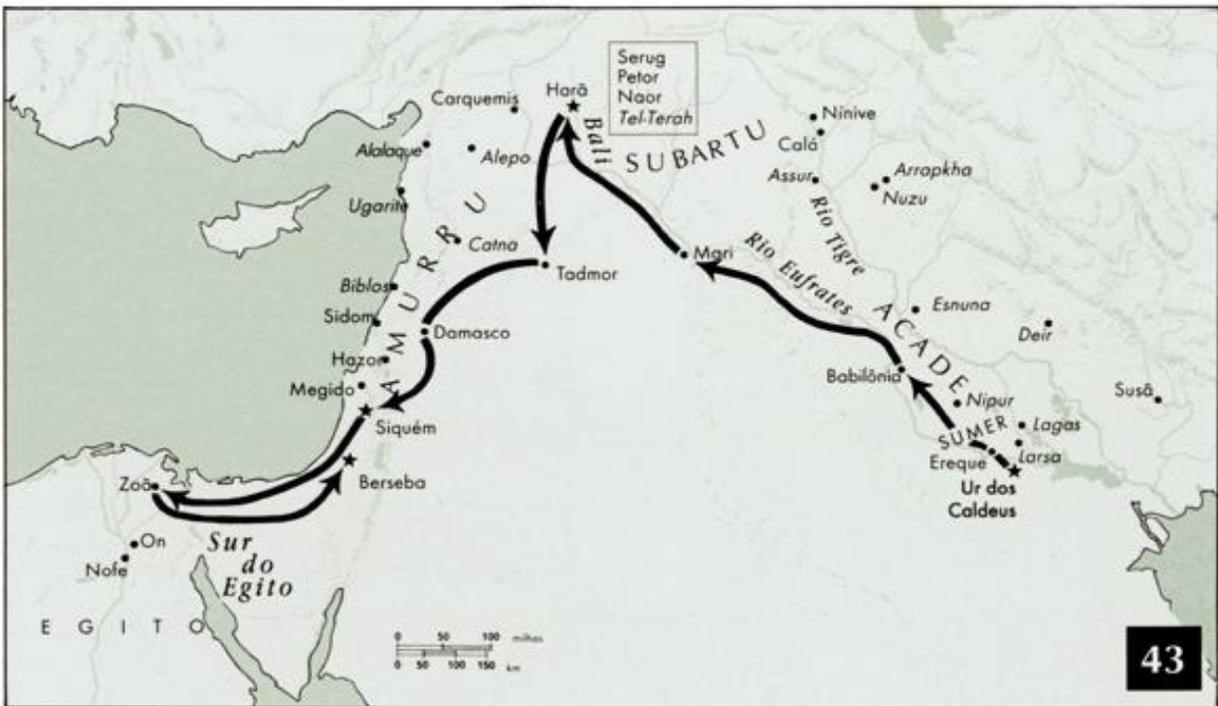


Figura 6-1 - extraído de /12/

O mapa apresentado na figura 6-1 nos mostra a peregrinação de Abraão desde a saída de Ur, indo até Harã, depois Siquém, Egito e finalmente Hebrom, perto de Berseba.

Gênesis 14

Este capítulo narra uma disputa entre os reis da planície e a forma como Abraão intervém para livrar o seu sobrinho. O texto nos narra que um rei de nome Quedorlaomer dominava toda a região e, aparentemente, os reis de Sodoma e Gomorra, onde morava Ló, eram tributários dele. Depois de vários anos, contudo, resolveram que era tempo de se rebelarem, pelo que o fizeram.

No ano seguinte, Quedorlaomer preparou o seu exército e, acompanhado de 3 reis aliados, veio para subjugar novamente a cinco reinados da planície que haviam se rebelado: Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Bela. Nesta empreitada levou consigo a Ló e a todos os seus bens, fato este que foi notificado a Abraão.

Abraão reuniu na sua casa 318 homens adultos que podiam lutar e se fez acompanhar de alguns amigos, Aner, Escol e Manre, que também juntaram alguns homens. Todos juntos perseguiram Quedorlaomer e seus aliados, alcançando-os perto de Damasco, onde os derrotou e trouxe de volta Ló, todos os demais cativos e todos os seus bens.

Em meio a esse empreendimento bem-sucedido, veio de encontro a Abraão um personagem misterioso chamado Melquisedeque, rei de Salém (Rei da Paz), que era Sacerdote do Deus Altíssimo e que abençoou a Abraão em Nome dEle. De igual forma ele louvou o Deus altíssimo, que entregara nas mãos de Abraão todos os seus inimigos. A este Rei da Paz Abraão entregou o dízimo de tudo que trouxera de volta consigo.

Nada mais saberíamos a respeito desse sacerdote, se não tivesse sido profetizado nos Salmos que Deus Pai diria que o Messias seria Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (*Salmos 110.4*). Além disso, Ele é citado em *Hebreus 6.17-20* onde o autor confirma não apenas o sacerdócio de Jesus no âmbito da Nova Aliança, mas também o juramento de Deus Pai a esse respeito.

O evento se encerra com Abraão entregando ao rei de Sodoma todos os bens que recuperara, dizendo que não ficaria com nada para si, porque não queria que se dissesse que alguém colaborara para o seu enriquecimento. Quanto aos seus amigos que o haviam ajudado, cada um deveria receber a sua recompensa.

Gênesis 15

Aqui o autor de Gênesis narra um maravilhoso encontro de Deus Pai com Abraão, num momento em que Abraão começou a se preocupar com a possibilidade de Quedorlaomer querer se vingar e pegá-lo de surpresa. É fantástico ver como Deus se antecipa às preocupações de Abraão e já começa dizendo: **“você não precisa se preocupar com essa possível vingança de seus inimigos, porque Eu sou o seu escudo”**. Quem poderia querer uma defesa melhor?

Além disso, Deus falou para ele que sua recompensa seria muito grande. Recompensa de que? Certamente o cumprimento de todas as promessas que Deus já fizera a ele. Foi

exatamente neste ponto que uma dessas promessas lhe veio à mente. Ora, o Senhor tinha prometido que eu seria uma grande nação, mas o único herdeiro que tenho até agora é o Eliezer, meu servo que comprei em Damasco, e que venho tratando como se fosse filho. Será que a minha descendência vai ser a dele?

Mas a resposta de Deus foi contundente, dizendo que ele geraria o seu próprio herdeiro, tanto que deveria sair pela porta, olhar os céus e contar as estrelas, se é que podia. Assim seria sua descendência. O versículo 6, um dos mais marcantes da Bíblia pelo seu significado, nos informa que Abraão creu no Senhor e que isto lhe foi imputado como justiça. Sem dúvida os justificados no Senhor não são as pessoas de bom comportamento e, sim, aqueles que creem no que Ele fez por eles em termos de salvação.

Deus continuou dizendo: **você não pode esquecer que Eu sou o Senhor que tirou você de Ur para dar a você essa terra.** A resposta de Abraão de forma alguma fez jus ao homem que acabara de ser justificado por crer. Ele perguntou a Deus como poderia ter certeza que ele a receberia. Foi exatamente neste ponto que Deus surpreendeu tanto a Abraão como a todos nós. Ele pediu a Abraão que preparasse uma aliança de sangue para que ambos, Ele e Abraão, pudessem celebrá-la juntos.

A aliança de sangue tinha esse nome porque um animal seria sacrificado, dividido ao meio e as partes colocadas uma em frente à outra. As duas pessoas que estivessem celebrando essa aliança estariam jurando manter as coisas ali acordadas, caminhando entre as partes formando um sinal de infinito (∞), denotando, assim, a duração desse juramento.

Os versículos 9 e 10 contêm as instruções seguidas por Abraão, mas aparentemente ele terminou e ficou esperando para ver como ele e Deus andariam juntos por entre as partes. Enquanto esperava, começaram a surgir aves de rapina, interessadas nos pedaços de carne, e Abraão passou a enxotá-las.

Quando o sol se pôs, as aves desistiram e ele pôde relaxar, mas estava tão cansado, que caiu num sono profundo, onde Deus voltou a falar com ele, dizendo que sua descendência seria peregrina em outra terra por 400 anos, onde acabariam sendo escravizados, mas que Ele os tiraria de lá, de onde sairiam com grande riqueza. Ao retornarem a Canaã, aí sim, eles a possuiriam, porque até lá Deus seria tolerante com os pecados dos atuais habitantes, mas que nesta ocasião o Seu juízo sobre eles seria derramado.

Quando Deus concluiu o Seu discurso, Abraão acordou e teve a surpresa de ver que a cerimônia de celebração da aliança já estava em curso. O texto não é muito claro, mas a figura aparente, se correta, é lindíssima. Deus se fazia representar por um fogareiro fumegante e um substituto de Abraão (Jesus?) por um uma tocha de fogo e ambos passearam por entre as partes.

Assim Deus prometeu a Abraão que sua descendência herdaria todas as terras situadas entre o rio do Egito e o rio Eufrates.

Gênesis 16

Este é um capítulo triste da história de Abraão. Ele havia passado por experiências notáveis com Deus, fora justificado por crer nas promessas de Deus e havia feito uma aliança com Deus, segundo a qual os seus descendentes, gerados por ele mesmo, herdariam a terra de Canaã. Infelizmente, contudo, nem Sara, nem Abraão, souberam ter a paciência necessária de esperar pela providência divina.

A ideia de Sara de tomar a sua serva Agar e dá-la a Abraão para, através dela, ter filhos, certamente não vem de Deus e introduz na família semita (descendente de Sem), um desvio em relação à instituição divina do casamento (*Gênesis 2.24*). A bigamia já havia sido introduzida por Lameque, descendente de Caim em *Gênesis 4.19*, mas esse parece ser o primeiro desvio dessa natureza entre os semitas. Seja como for, isso se tornou uma prática aceitável que encontramos na família de Jacó pouco adiante.

O versículo 4 nos informa que Abraão a possuiu e que logo Agar se achou grávida. Tendo engravidado, contudo, ela se sentiu superior à sua senhora Sara e passou a menosprezá-la.

Imediatamente Sara foi se queixar com Abraão para que este tomasse uma providência (versículo 5) e, mais uma vez, Abraão lavou as mãos ao dizer a ela que se tratava de sua serva, pelo que estava em suas mãos castigá-la como bem entendesse.

Devidamente autorizada, Sara passou a maltratar sua serva e esta logo se sentiu no direito de fugir. É possível que sua intenção fosse retornar ao Egito, mas antes que isso acontecesse, Deus interviu, aparecendo a ela na forma de um anjo. Ele determinou que ela se humilhasse e retornasse para a sua senhora, ao mesmo tempo em que fez a ela promessas relativas a seu filho Ismael, que havia de nascer.

No versículo 13 ela reconheceu ser Ele o próprio Deus, que permitiu que ela O visse, pelo que deu ao poço onde se encontraram o nome Beer-Laai-Roi, que significa **“Poço dAquele que vive e me vê”**.

Ela retornou, se submeteu a sua senhora Sara e deu à luz um menino, a quem foi dado o nome de Ismael, quando Abraão tinha 86 anos.

Gênesis 17

Tem lugar aqui mais uma etapa da aliança entre Deus e Abraão. Passaram-se mais 13 anos desde o nascimento de Ismael e então, quando Abraão provavelmente já tinha se convencido de que ele e Sara haviam tomado a decisão correta, Deus compareceu dizendo que não era nada disso que Ele tinha em mente.

Às vezes nos perguntamos porque Deus espera tanto tempo para fazer as coisas, mas, neste caso, está mais ou menos óbvio. Com Sara aos 89 anos e Abraão aos 99, dificilmente ela engravidaria, a não ser por milagre. Era exatamente isso que Ele queria deixar patente. Não foi à toa que tanto Abraão (no versículo 17 acima) como Sara (no capítulo 18) ambos riram, porque a essa altura, com a extensão de vida bem mais reduzida, seria bem engraçado ver uma mulher de 90 anos grávida.

Não podemos deixar de mencionar a primeira admoestação divina ao abrir a conversa. Deus diz a Abraão que ele deve andar na Sua presença e ser perfeito. Não há dúvida de que as experiências dos homens da Bíblia só serão de algum valor para nós se pudermos nos colocar no lugar deles. Será que podemos entender, cada um de nós pessoalmente, que é exatamente isso que Ele requer de nós para que andemos na Sua presença? A presença de Deus é um lugar de santidade e nada menos que a perfeição é suficiente para que ali permaneçamos. Ao estudarmos os erros e acertos de Abraão, devemos vê-los como exemplos para que não venhamos a errar de igual forma e estímulos para que possamos agir de igual maneira, respectivamente.

As promessas feitas por Deus no âmbito dessa aliança incluíam coisas já mencionadas antes, qual seja a multiplicação da descendência de Abraão, mas houve três novidades: a primeira seria a marca na carne de todos os descendentes tanto por nascimento como por agregação. Eles seriam todos circuncidados. A segunda seria a mudança dos nomes de Abrão (pai ilustre) para Abraão (pai de uma multidão) e de Sarai (significado exato desconhecido) para Sara (princesa). Finalmente, a terceira seria o fato de Sara ter um filho aos 90 anos.

Neste momento Abraão parece dizer que ele deve ter entendido errado, porque pede a Deus que conceda que Ismael viva em Sua presença. Deus então confirma que Ele estava falando de Sara e que a descendência da qual trata a aliança viria dela (versículo 19). Quanto a Ismael, contudo, Deus confirma que atenderá o pedido de Abraão para abençoá-lo e que ele teria uma grande descendência (versículo 20), mas que Sua aliança estava sendo firmada com Isaque, filho de Sara (versículo 21).

Tendo acabado de falar com Abraão, Deus Se retirou e Abraão tratou de cumprir tudo que Deus lhe havia ordenado (versículos 23 a 27).

Não podemos deixar de ressaltar o tamanho do desastre causado pela falta de fé de Sara e de Abraão, levando-os a tentar viabilizar, por meios próprios, aquilo que Deus já lhes havia prometido. Os países árabes, com todos os seus ressentimentos contra os judeus, são os descendentes de Ismael, que não teriam existido caso Abraão e Sara tivessem optado por esperar pacientemente no Senhor. Que essa lição nos sirva de exemplo também em nossos empreendimentos. Não basta que oremos, mas é absolutamente necessário que saibamos esperar pela solução divina.

Gênesis 18

Este capítulo nos mostra uma faceta do comportamento de Abraão que até agora ele não tivera a oportunidade de mostrar. O texto narra um encontro de Deus (talvez uma pré aparição de Jesus), acompanhado de dois dos Seus anjos, com Abraão e também com Sara.

O primeiro versículo já nos informa, claramente, que foi o Senhor que apareceu a Abraão, ao passo que o versículo 2, quando se refere a eles apenas como 3 homens, deixa claro que o Senhor parecia a ele como um homem comum. Mesmo assim, a atitude de Abraão, correndo até eles e prostrando-se diante do Senhor, nos dá a entender que Abraão sabia de quem se tratava.

Depois de pedir que ficassem um pouco ali para descansar, ele aproveitou para oferecer toda a sua hospitalidade, aceita por eles. Imediatamente ordenou a Sara e aos seus servos que fossem feitos os preparativos da refeição, que foi servida no versículo 8.

Terminada a refeição, os visitantes perguntaram por Sara, que Abraão informou estar na tenda. Neste momento começaram a falar a respeito de sua gravidez imediata e do nascimento de um filho no ano seguinte. A própria Sara, que estava à porta da tenda, os ouviu e achou graça daquilo tudo, inclusive se perguntando se ela e Abraão, ambos velhos, ainda teriam prazer físico. Imediatamente o Senhor questionou Abraão a respeito do riso de Sara, deixando claro que o riso, mesmo interior, e sua dúvida, apenas no pensamento, sobre a capacidade de Deus de fazer aquilo, tinham sido ouvidos por Ele em alto e bom som. Embora Sara, por receio, o tenha negado, Deus cortou a conversa de forma abrupta dizendo não ser verdade, porque ela rira sim.

Imediatamente o assunto foi encerrado, os três se levantaram e começaram a andar em direção a Sodoma, acompanhados por Abraão. Neste ponto o narrador bíblico nos apresenta, nos versículos 17 a 21, coisas que o Senhor está dizendo, mas certamente não para Abraão. Trata-se de palavras que estavam sendo ditas aos dois anjos, ou simplesmente o narrador fez com que o Senhor pensasse alto, para que nós leitores pudéssemos ser informados. Seja como for, é maravilhoso ficarmos sabendo que Deus estava se sentindo na obrigação de repartir os Seus planos imediatos com Seu servo Abraão, isso por conta, não do que Abraão já fizera, mas pelo que ele ainda havia de fazer. Ele viria a ser uma grande e poderosa nação e em sua descendência seriam abençoadas todas as famílias da Terra, graças ao fato dele ordenar a sua casa e fazer com que seus descendentes guardassem a lei do Senhor e praticassem a justiça e o juízo. Imediatamente nos vêm à memória as palavras do profeta Amós, segundo as quais, **“o Senhor não faz coisa alguma sem revelar o Seu plano aos Seus servos os profetas”**.

É lindo ver como Deus age em relação a Seus servos. Ele faz deles participantes dos Seus feitos. Como entender que o Deus Onipotente queira repartir comigo a participação em Seus feitos gloriosos?

Neste caso, contudo, é ainda mais marcante o fato de Deus permitir que Abraão, um pedaço ambulante de pó da Terra, segundo o próprio Abraão no versículo 27, não apenas dê palpite, mas discorde dEle e entabule uma negociação, na qual ele tenta salvar a vida de todos os justos de Sodoma e Gomorra, não obstante saber que ambas as cidades viviam em grande impiedade. Essa negociação, que se estende do versículo 22 ao 32, transcorre depois que os dois anjos seguiram para Sodoma e o Senhor ficara para trás conversando com Abraão.

Aqui vemos o Senhor já decidido a castigar o povo de Sodoma e Gomorra, enquanto Abraão exerce amor e misericórdia por essa gente, à medida em que Deus concorda em fazer concessões por amor do Seu servo. É, sem dúvida, um dos pontos mais marcantes da vida de Abraão.

Gênesis 19

Este capítulo narra a destruição de Sodoma e Gomorra num juízo particular de Deus, apenas para estas duas cidades. O motivo dessa destruição fica claro através do comportamento dos homens de Sodoma. Eles tinham visto quando os anjos (para eles apenas dois homens comuns) chegaram e se hospedaram na casa de Ló. Numa prova patente da total falta de princípios morais, eles bateram à porta de Ló, pedindo para que os dois homens fossem trazidos para fora, para que pudessem manter relações homossexuais com eles. Ló se sentiu tão ultrajado, que se viu obrigado a colocar à disposição daqueles homens, velhos e moços, as suas duas filhas, virgens, para que delas abusassem.

A multidão de homens, contudo, estava tão moralmente descontrolada que eles se lançaram contra Ló para fazerem o mesmo com ele. Neste ponto os anjos intervêm, salvam a Ló e ferem de cegueira aqueles homens, para que o perigo imediato seja sanado e avisam a Ló de sua real missão de destruir a cidade.

Ló tentou, a seguir, convencer os noivos de suas filhas do que estava para acontecer, mas estes não acreditaram, imaginando antes que ele estivesse brincando. Finalmente, os anjos tiraram Ló, sua mulher e suas filhas da cidade, quando estava amanhecendo o dia e os instruiu a não olharem para trás. Lamentavelmente a mulher de Ló não se havia separado dos bens que havia deixado em Sodoma e virou uma estátua de sal, ao voltar os olhos para lá.

Os últimos 8 versículos deste capítulo narram a triste história da origem dos moabitas e dos amonitas, descendentes de Ló, cometendo incesto com suas próprias filhas, em estado de total embriaguez, causado por estas. O pecado de Sodoma as deixara totalmente desprovidas da noção de certo e errado e o resultado foi o nascimento de mais dois povos que se tornaram grandes inimigos do povo judeu. As consequências do pecado são sempre muito nefastas.

Gênesis 20

Quando pensamos que as coisas estão indo de “vento em popa” na vida espiritual de Abraão, que inclusive debate com Deus pela misericórdia em relação ao povo de Sodoma e Gomorra, nós o vemos, logo a seguir, tomar outro tombo, exatamente em relação a uma lição que pensávamos já ter sido aprendida no evento de sua ida para o Egito. Mas não devemos pensar que nós no lugar dele teríamos nos saído melhor, porque **aquele que está em pé deve temer para que não caia** (1Coríntios 10.12), denotando que somos tão vulneráveis quanto ele.

Depois do evento de Sodoma e Gomorra Abraão resolveu peregrinar para o sul novamente e foi parar em Gerar (cidade dos filisteus, não muito distante de Gaza), onde pediu a Sara, novamente, para dizer que era seu irmão, temendo que alguém pudesse matá-lo para ficar com ela, caso dissesse que eram casados. Assim como acontecera no evento similar do Egito, o rei Abimeleque ouviu falar de sua beleza e a tomou por mulher.

No primeiro evento havia uma lição a ser aprendida e Abraão a aprendeu da maneira mais difícil, mas desta vez nem isso, porque a lição era a mesma. Devemos reconhecer que a “burrice” de Abraão, dificilmente poderia ter sido maior, mas tendo em visto tudo isso, Deus foi muito misericordioso com ele, permitindo que ele passasse vergonha, mas sem as mesmas consequências do evento anterior.

Antes mesmo que Sara fosse possuída por Abimeleque, Deus apareceu a ele em sonho e mandou que a restituísse ao seu marido. Abraão passou a vergonha de ter sido pego em sua mentira, não sem antes contra-argumentar que se tratava de uma meia verdade (versículo 12). Não podemos esquecer, contudo, que a meia verdade contém uma outra metade, que é mentira de igual forma.

Assim sendo, a vida de Abraão passa aqui por um ponto de baixa, mas Deus está provendo para que a tendência global seja ascendente, à medida em que Seu servo vai acumulando experiência com Ele.

Gênesis 21

No capítulo anterior deixamos Abraão habitando no reino de Gerar depois da confusão inicial gerada por sua mentira. Ele havia mudado para lá logo depois da destruição de Sodoma e Gomorra e não há qualquer registro dele ter voltado a se relacionar com Ló e suas filhas, embora tenha vivido mais 76 anos.

Somos informados que tudo se passou, conforme previsto pelo Senhor, e Sara teve um filho no ano seguinte, quando Abraão completava 100 anos de idade. O menino recebeu o nome de Isaque (riso), dado por Abraão, que certamente vem de encontro às circunstâncias em que seu nascimento foi anunciado.

Não sabemos exatamente quando Isaque foi desmamado, mas a ocorrência do deboche de Ismael, que culminou com a expulsão de Agar e seu filho, pode ter ocorrido até alguns anos após o seu nascimento. Neste evento surpreende não que Abraão não se disponha a concordar com a solicitação de Sara, mas que Deus intervenha mandando-o concordar, por serem os planos dEle todos baseados na descendência através de Isaque.

Surpreendente, também, é o fato de Abraão mandá-la embora com apenas uma vasilha de água, pelo que passado pouco tempo no deserto a água acabou e Agar se preparava para a morte, dela e do filho, quando Deus interviu para fazer realizar aquilo que Ele já prometera, ou seja, abençoar a descendência de Ismael e fazer dele uma grande nação.

No capítulo anterior Abimeleque havia dito a Abraão que ele poderia morar onde bem entendesse em seu reino, mas não há menção do lugar que ele escolheu. Aqui no versículo 22 vemos que Abimeleque e seu general Ficol foram visitar Abraão, porque tinham ficado de olho nele e estavam impressionados com a forma como Deus o abençoava, pelo que não seria conveniente que ele, por qualquer motivo que fosse, se tornasse inimigo deles. Assim sendo, decidiram que deveria haver uma aliança entre eles, o que efetivamente ocorreu no versículo 27.

Abraão aproveitou a ocasião para incluir na aliança o registro de propriedade do último poço que ele acabara de escavar, visto que haviam ocorrido desavenças anteriores por outro poço, também escavado pelos servos de Abraão, com os pastores de Abimeleque.

Gênesis 22

Neste capítulo acompanhamos a forma totalmente surpreendente como Deus prova a Abraão. São passados novamente vários anos, porque Isaque já crescera e se tornara forte o suficiente para carregar a lenha, enquanto seu pai levava apenas o cutelo e o fogo (versículo 6).

Deus havia pedido a Abraão para sacrificar o seu filho Isaque sobre o monte Moriá. Não por acaso, trata-se do mesmo monte onde Davi mandaria que Salomão construísse o templo do Senhor, séculos mais tarde.

Não cabe aqui repetir a narração do texto, mas com certeza vale a pena perguntar por que um Deus Onipotente, Onipresente e, principalmente, Onisciente precisaria pôr Abraão à prova, conforme indicado no versículo 12? A resposta óbvia é que não precisaria, porque Ele sabia perfeitamente que Abraão obedeceria. Por que, então, Ele faria uma coisa tão aterradora como essa? A única resposta plausível para essa pergunta é que o próprio Abraão precisava passar por aquela experiência para que ele mesmo soubesse que não sucumbiria diante da tentação de não obedecer a Deus.

Embora a Bíblia não o registre, não é difícil imaginar terem passado pela cabeça de Abraão inúmeras maneiras pelas quais poderia contestar o mandado de Deus e não realizar o que fora pedido: “aquilo não fazia sentido, aquilo era uma crueldade, aquilo talvez não tivesse sido Deus; ele não saberia como explicar isso a Sara”, etc... Uma a

uma, contudo, seus próprios argumentos haviam derrotado as perguntas que ele formulara para si mesmo. Enfim, ele chegara ao momento final convencido de que o Deus que pedira tal sacrifício extremo, também havia feito promessas que incluíam a descendência de Isaque. Assim sendo, ele poderia levar o sacrifício a cabo, porque Deus certamente ressuscitaria o menino dos mortos (*Hebreus 11.19*).

Em poucos dias aquele que não aprendera a confiar totalmente em Deus, apesar de estar andando com Ele havia mais de 30 anos, havia crescido o suficiente para se tornar o Pai da Fé de todos nós, que um dia nos dispusemos a confiar no mesmo Deus que ele.

De modo muito semelhante todos nós podemos olhar para trás e reconhecer situações similares, embora em outra escala, onde Deus lidou conosco de igual modo. Sua intenção era que aprendêssemos, e só bem mais tarde reconhecemos o quanto aquela provação específica nos ajudou.

Se, contudo, diante de uma situação similar, nós apenas nos decepcionamos com Ele por não Se ter interessado por nosso problema específico, nós falhamos e perdemos o crescimento que Deus havia preparado para que pudéssemos melhor servi-LO.

Não importa como as coisas pareçam aos nossos olhos. Os nossos argumentos interiores finais devem concluir sempre que Deus é Fiel e que de alguma forma tem um plano, através do qual essa fidelidade vai ser demonstrada.

O que Deus estava para fazer, e que Ele não poderia deixar de revelar a Seu servo Abraão, ia muito além da destruição de Sodoma e Gomorra. Havia, e continua havendo, um plano de salvação, que incluía um sacrifício muito maior que esse que estava sendo pedido a Abraão. Quando Jesus disse aos judeus que Abraão havia visto o Seu dia e que se alegrara (*João 8.56*), certamente Ele Se referia a algo que as Escrituras não mencionam. Entre os versículos 13 e 14 Deus pode, perfeitamente, ter dado a Abraão uma visão do sacrifício redentor de Jesus Cristo, para que ele soubesse que também, naquele mesmíssimo monte, na vertente chamada de Calvário (Gólgota), Yahweh proveria (Jireh) para a salvação de todas as famílias da Terra.

Esse é o Deus de Abraão e também o nosso!

Gênesis 23

Este capítulo tem início com o registro da morte de Sara em Hebrom aos 127 anos. Hebrom fica cerca de 70km a nordeste de Berseba, onde Abraão havia feito uma aliança com Abimeleque, rei de Gerar. A essa altura Isaque já tinha 37 anos e Abraão 137.

O povo da região descendia de Hete, neto de Cão, filho de Noé, pelo que se chamavam heteus ou hititas em algumas traduções bíblicas. Não obstante morar no meio deles, Abraão não se considerava dono da terra, tanto que foi conversar com eles sobre a possibilidade de comprar um sepulcro para enterrar sua mulher. Assim sendo, o primeiro

pedaço de terra possuído por Abraão em Canaã, foi a caverna de Macpela, onde enterrou Sara e mais tarde ele mesmo foi enterrado.

Vemos que Abraão era muito estimado por eles, tanto que sequer queriam cobrar pelo sepulcro, mas Abraão insistiu em pagar.

Gênesis 24

Temos neste capítulo a narrativa da escolha de uma mulher para Isaque, a forma como Deus conduziu essa escolha e finalmente o encontro dele com Rebeca, a escolhida.

O texto começa afirmando que Abraão já era idoso, pelo que decidiu que já era hora de prover uma esposa para seu filho. Isaque já tinha 40 anos, pelo que Abraão estava com 140 e viveria ainda mais 35 (*Gênesis 25.20*).

Para realizar a tarefa de encontrar a esposa certa para Isaque, Abraão chamou o seu servo mais antigo e lhe deu a tarefa de procurar uma esposa para ele no seio de sua própria família em Harã. Seu pai Tera já falecera, mas morava ali, ainda, toda a descendência de seu irmão Naor, que tivera 12 filhos (*Gênesis 22.20-24*).

Não encontramos na Bíblia qualquer orientação divina no sentido de que Isaque não casasse com uma cananeia, mas Deus já avisara a Abraão que os cananeus seriam destruídos devido a seus pecados. Assim sendo, ele, desta forma, evitaria que parte de sua descendência fosse destruída juntamente.

O servo de Abraão certamente presenciara a forma como Deus dirigia o seu senhor Abraão, bem conhecia o procedimento justo dele, pelo que tinha todos os motivos para querer servir, também, a este Deus. Mesmo assim, o seu relacionamento com Ele é de alguém que não tem qualquer intimidade, pelo que sua forma de interagir com Deus é através de pequenos testes, a exemplo do que faria Gideão anos mais tarde (*Juizes 6.36-40*).

O que vimos neste texto, contudo, foi o desejo de Deus de Se fazer conhecido, também, ao servo de Abraão. Deus nunca quis que a nossa fé fosse baseada no relacionamento que outra pessoa tenha tido com Ele. Muito pelo contrário, Ele busca a intimidade de cada um de nós e deseja sempre que O conheçamos pessoalmente. No versículo 48, ao contar a Betuel e a Labão a experiência que tivera na escolha de Rebeca, ele diz que adorou o Senhor, Deus de seu patrão, mas já no versículo 52, ao ver coroado de êxito a sua missão, ele adora ao Senhor, que Se torna seu próprio.

Gênesis 25

Os primeiros 4 versículos deste capítulo falam do novo casamento de Abraão com Quetura, sem falar de sua origem. Aparentemente este casamento se deu logo após a morte de Sara, mas o fato de *1Crônicas 1.32* se referir a Quetura como apenas concubina, parece lançar dúvidas sobre isso, pelo que alguns autores como Kidner (/13/,

página 139), sugerem que possa ter sido contemporânea de Sara. Tendo em vista o que vimos acerca de Abraão no texto bíblico, parece pouco provável que ele tivesse causado esse tipo de desgosto a Sara, mas a informação disponível não permite concluir nada a esse respeito.

Das tribos descendentes de Abraão através de Quetura, a mais destacada é, sem dúvida, a dos midianitas, que vemos mais tarde ocupando um território próximo aos moabitas, com quem saíam frequentemente à guerra.

Os versículos 5 a 11 falam a respeito da morte e do sepultamento de Abraão. Todos os seus bens ficaram para Isaque, o descendente, e foram dados presentes aos filhos das concubinas. Talvez possamos entender ser tirada daqui a citação de *1Crônicas*, com o uso do termo no plural sendo atribuído à inclusão de Agar como a primeira concubina.

Abraão viveu até a idade de 175 anos e foi sepultado ao lado de Sara, que falecera 38 anos antes. É interessante ressaltar a presença de Ismael no enterro, porque denota o respeito de Isaque pelo irmão mais velho.

Finalmente, ressaltamos o fato de Isaque ter migrado para Beer-Laai-Roi, que ficava cerca de 100km a sudeste de Hebrom.

Os versículos 12 a 18 mencionam a descendência de Ismael, que teve 12 filhos, e a sua residência na península do Sinai. Ele viveu 137 anos e não há qualquer interação dele com Isaque na Bíblia, salvo no enterro de Abraão.

Nos versículos 19 a 34 vemos um relato do que ocorreu nos primeiros anos do casamento de Isaque. Somos informados, inicialmente, que Rebeca era estéril, pelo que não teve filhos nos seus primeiros 20 anos com Isaque. Assim sendo, Isaque usou de sua prerrogativa de sacerdote do lar e intercedeu a Deus por ela, no que foi atendido. Quando se achou grávida, Rebeca também orou ao Senhor, querendo entender o movimento excessivo em seu ventre e Deus respondeu dizendo tratar-se de gêmeos, dos quais descenderiam duas nações, onde o primogênito serviria ao segundo.

Quando chegou o tempo, os dois nasceram com aspectos muito diferentes, um muito cabeludo e o outro bem claro e com poucos cabelos. Da mesma forma também cresceram com gostos muito diferentes, enquanto um gostava do campo e da caça, o outro era caseiro e gostava até de cozinhar.

A nota triste desse lar fica por conta do versículo 28, que nos informa das preferências do pai pelo mais velho, pois apreciava a sua caça e da mãe pelo mais novo e suas artes caseiras. As desgraças nessa família causadas por justamente por essas preferências não ocorrem neste capítulo, mas já vemos a disputa que tais preferências geraram.

Os versículos 29 a 34 apresentam uma negociação de troca de uma primogenitura por um prato de lentilhas, o que em si já nos mostra o quão superficial é a escala de valores de ambos os filhos desse lar. Vemos claramente tratar-se de um lar desajustado, com filhos desajustados como decorrência dele.

É lamentável que a família que Deus vai usar para salvar o mundo tenha se perdido tanto assim.

Semana 7 - A História de Isaque e Jacó

Estação 06

Texto: Gênesis 26 a 36

Gênesis 26

Gênesis 25.11 já havia registrado a mudança de Isaque para Beer-Laai-Roi, a uns 100km a sudeste de Hebrom, depois da morte de Sara. Algum tempo depois, estamos sendo informados neste capítulo que houve uma fome ali, pelo que Isaque considerou a possibilidade de descer para o Egito em busca de alimento, mas Deus o advertiu dizendo que não deveria fazê-lo, preferindo antes que ele permanecesse em Canaã.

Nesta ocasião Deus confirmou para com ele as mesmas promessas, relativas à posse da terra, que já fizera a seu pai. Assim sendo, ele foi para Gerar, onde se encontrou com Abimeleque, que já conhecia Abraão. O mais incrível, contudo, foi ele contar a mesma mentira que seu pai contara, pelo mesmo motivo, depois de tão maravilhosas promessas que Deus lhe fez nos versículos 3 a 5. Não obstante esse fato, podemos ver nos versículos 8 a 10 que as consequências dessa mentira foram pequenas, pelo que Deus foi muito misericordioso com Isaque. Aliás, o versículo 11 nos mostra que a mentira em questão acabou valendo uma segurança adicional para Isaque, pelo que ninguém ousaria tocá-lo.

Nos versículos 12 a 14 vemos que Deus abençoou ricamente a Isaque, de modo que ele se tornou extremamente poderoso. Claro que isso lhe trouxe, também, a inveja dos moradores da terra, fazendo com que ele fosse objeto de represálias, conforme visto no versículo 15.

Finalmente a situação ficou tão insustentável, que Abimeleque se viu obrigado a pedir a Isaque que se mudasse dali para evitar maiores confusões, o que Isaque fez sem questionar, mudando-se para além da área de conflito. Mesmo assim, ainda houve problemas com a escavação de poços novos, porque os moradores próximos diziam que a água era sua. Isaque e seus pastores desistiram de dois poços aos quais deram os nomes de “contenda” (versículo 20) e “inimizade” (versículo 21). Já no terceiro, não houve mais protestos, pelo que deram o nome de “espaço suficiente”.

Mesmo assim, Isaque resolveu mudar para mais adiante e chegou até Berseba, onde seu pai também havia morado. Neste mesmo lugar Abimeleque e seu general haviam feito uma aliança de amizade entre eles. Pouco depois o mesmo Abimeleque e seu general Ficol foram novamente procurar Isaque, que ficou curioso porque o procurariam se o detestavam, já que tinham pedido para deixá-los. A resposta de Abimeleque poderia e deveria ser dada com relação a todo servo do Senhor, se ao menos vivêssemos dando um testemunho à altura. Ele disse que a bênção do Senhor sobre ele, Isaque, era óbvia, pelo que não poderiam deixar de tê-lo como aliado.

Que neste sentido a vida de Isaque sirva de exemplo para todos nós. Que as pessoas à nossa volta reconheçam que Deus é conosco, para a glória e honra do Seu Nome!

Nesse mesmo dia foi escavado ali, também, um poço bem sucedido, ao qual deram o nome de Seba, que significa “juramento”, lembrando o nome que Abraão havia dado à cidade, qual seja, Berseba, “poço do juramento”.

O capítulo é encerrado com uma nota sobre a insatisfação de Isaque e Rebeca com as duas noras hititas, que Esaú havia dado a eles.

Gênesis 27

Esse capítulo narra o fracasso do lar de Isaque como resultado das preferências do casal por filhos distintos, que tanto ele como Rebeca exerciam. É pouco provável que Isaque não soubesse da negociação realizada, sob juramento, segundo a qual o direito de primogenitura de Esaú havia sido vendida para Jacó por um prato de lentilha (*Gênesis 25.29-34*). Mesmo admitindo, contudo, que o não soubesse, de qualquer forma ele com certeza estava informado da profecia divina dada a Rebeca, segundo a qual o mais velho dos seus filhos gêmeos serviria ao mais novo (*Gênesis 25.23*). Desta forma, a maneira como ele pretendia abençoar o mais velho, dando a ele o senhorio do filho mais novo, já representava uma atitude de rebeldia dele contra Deus. No mínimo deveria ter consultado o Senhor a respeito.

Por outro lado, Esaú sabia muito bem que a bênção da primogenitura se fora com a venda da mesma, de forma que ele não poderia ter aceito a solicitação do pai. Já Rebeca agiu de forma completamente irresponsável ao tentar enganar o marido, principalmente usando o seu outro filho para realizar o seu intento. Finalmente, temos o próprio Jacó, que aceitou fazer o que fora solicitado por sua mãe, mesmo sabendo que isso poderia resultar em maldição para ele se o pai descobrisse a trama.

Resumindo, nesta história todos estão errados e, ao final, todos foram prejudicados, com o lar do nosso herói bíblico sendo desfeito.

Sabemos que Isaque viveu até a idade de 180 anos e que a esta altura ele tinha mais de 100 anos, porque Esaú já tinha mais que 40 (*Gênesis 26.34*), mas não sabemos quanto tempo transcorreu entre os capítulos 26 e 27 de Gênesis. A Ryrie Study Bible (/14/, pág. 49) nos informa, numa nota de rodapé, que ele já tinha, nesta ocasião, 137 anos, mas não foi possível confirmar essa informação. Seja como for, o fato de estar perdendo a visão, alienando-o do mundo à sua volta, deu a Isaque a impressão de que a sua morte estaria próxima.

É no mínimo estranho que Isaque atrelasse a sua bênção à satisfação do seu paladar; se mais nada, isso nos fala da escala de valores deturpada que ele tinha. Além disso, o fato de Rebeca preferir enganar o marido a conversar com ele sobre o fato do direito de primogenitura não ser mais de Esaú, também mostra o quanto o relacionamento dos dois havia se deteriorado.

A descrição de toda a trama, que abrange os versículos 5 a 40 é totalmente clara e não requer maiores explicações, mas não podemos deixar de nos admirar da facilidade com que Isaque foi enganado. Certamente o cheiro convidativo do almoço, preparado especificamente segundo o seu gosto, terá embotado os seus sentidos.

A decisão de Esaú no sentido de matar seu irmão tão logo o pai falecesse (versículo 41) nos mostra o quanto o ódio cega aqueles que se deixam levar por ele. Seu direito à bênção fora vendido sob juramento, mas mesmo assim ele não foi capaz de reconhecer que ele mesmo era o único culpado pelo que estava acontecendo.

Os versículos 42 a 46 mostram a facilidade com que Rebeca manobra para envolver Isaque no envio de Jacó à casa de Labão, seu irmão, para fugir à ira de Esaú. Para tanto, ela usa a insatisfação que Isaque já tinha com as esposas de Esaú.

Gênesis 28

Este capítulo descreve a materialização da ideia concebida por Rebeca para salvar a vida de seu filho Jacó, que deveria partir sob a bênção de Isaque. Ele “comprou” facilmente a ideia de sua mulher, porque ele mesmo tomara uma esposa dentro da família, por sugestão e determinação de seu pai, pelo que podemos nos “arriscar a dizer” que ele já começava a entender que tudo que estava acontecendo, a profecia de Deus para Rebeca, a venda da primogenitura e a bênção dada ao filho que ele não queria, era tudo plano de Deus, contra o qual ele não poderia oferecer oposição. Aliás, a surpreendente bênção ministrada a Jacó nos versículos 3 e 4 revela exatamente isso: que o **Deus Todo-Poderoso te abençoe, e te faça fecundo, e te multiplique para que venhas a ser uma multidão de povos e te dê a bênção de Abraão, a ti e à tua descendência contigo, para que possuas a terra de tuas peregrinações, concedida por Deus a Abraão.**

Embora Esaú estivesse assistindo a tudo isso, ele não entendeu do que se tratava e achou que poderia melhorar as coisas para o seu lado, simplesmente tomando para si outra esposa dentro da família, mas até nisso lhe faltou entendimento, pois Deus já decidira que Ismael não herdaria a bênção e que estava confinada à descendência de seu pai por Isaque.

Provavelmente era a primeira vez que ele saía de casa e, ao fim do primeiro dia de viagem, estava muito cansado, pelo que dormir foi a única coisa que lhe veio à cabeça, não obstante todas as preocupações que lhe assombravam os pensamentos. Assim é que, tendo uma pedra por travesseiro, Deus deu a ele um dos sonhos mais maravilhosos que a Bíblia descreve: ele viu uma escadaria que levava ao céu, por onde anjos subiam e desciam, quando repentinamente o próprio Deus se apresentou diante dele e disse: **Eu sou o SENHOR, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência. A tua descendência será como o pó da terra; estender-te-ás para o Ocidente e para o Oriente, para o Norte e para o Sul. Em ti e na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Eis que eu estou**

contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido.

Era tudo que Jacó poderia querer ouvir. Ele que saíra fugido para não ser morto pelo irmão, estava agora vulnerável, sujeito a ataques de bandidos pelo caminho, com culpa no cartório por ter enganado seu pai e precisando desesperadamente de consolo. Exatamente nesta situação aflitiva o próprio Deus de Abraão e de Isaque Se apresenta a ele, não fala de seus erros, mas confirma para ele as mesmas bênçãos que havia prometido a seu pai e a seu avô. Ele estava lhe propondo ser o seu Deus. Que coisa maravilhosa ser guardado por Deus e nunca ser desamparado por Ele!

Aquele lugar era a casa do próprio Deus, a porta de entrada do céu. Deus estava ali e ele não sabia! Ele se levantou pela manhã um novo homem. Erigiu um altar, mudou o nome de lugar para Betel, Casa de Deus, fez com Deus um acordo e prosseguiu o seu caminho sabendo que tudo daria certo. Aleluia!

Gênesis 29

A viagem a pé, de algumas semanas, entre Berseba e Harã é omitido aqui no texto, preferindo o narrador nos levar direto para a chegada a Harã. Jacó ali conversa com alguns pastores e logo a seguir chega a sua parente Raquel, filha de Labão, que cuidava do rebanho do pai. Pouco depois ele encontra o tio Labão, em cuja casa é recebido como filho.

Nos dias e nas semanas que se seguiram ele trabalhou para o tio ajudando com as ovelhas e conhecendo mais de perto a Raquel, por quem aos poucos foi se apaixonando. Assim, quando o tio decidiu que ele não tinha que trabalhar de graça e pediu que ele dissesse quanto seria o seu salário, ele se dispôs a trabalhar em troca de sua amada Raquel por um período de 7 anos.

Passado esse tempo, contudo, o enganador começa a provar do seu próprio veneno, pois ele é enganado e recebe na noite de núpcias a irmã mais velha. Constatada a trapaça no dia seguinte, de nada lhe valeu a reclamação, porque realmente era fato que a irmã mais velha deveria casar primeiro. Assim sendo, não restou a Jacó senão trabalhar mais 7 anos por sua Raquel.

Para o leitor apressado pode parecer que a trapaça é um mal de família e que no seio dessa família tudo isso é muito normal, mas o leitor atento pode ver, em todas essas manobras, a direção de Deus formando o caráter de Seu servo Jacó. E tanto Ele foi bem sucedido no Seu intento, que o filho mais próximo de Jacó, José, vai se tornar, também, o de caráter mais firme e o mais temente a Deus.

Conquanto seja inegável que Isaque, o segundo dos 3 pais do povo de Israel, seja o mais apagado deles, não podemos deixar de ressaltar que, em termos de família, é no lar de Isaque e de sua família, que encontramos os maiores ensinamentos a respeito de família, principalmente por todos os exemplos serem negativos.

No caso específico do lar de Jacó, as coisas também começaram mal, porque tinha duas esposas, mas amava apenas uma das duas. É verdade que isso não aconteceu por iniciativa dele, mas faltou a Jacó a sabedoria necessária para lidar com a situação.

Nos últimos 5 versículos, 31 a 35, vemos que Deus interveio na situação, fazendo com que Lia tivesse filhos, ao passo que Raquel permanecia estéril. Assim é que Lia teve 4 filhos, achando que com isso certamente conquistaria o coração de Jacó. Fica claro, de igual modo, que os filhos, embora sejam uma bênção de Deus, não devem ser gerados com o intento de resolver os problemas no casamento.

Gênesis 30

Este capítulo começa com Raquel exigindo que Jacó resolva o problema de sua esterilidade, o que obviamente irrita a ele, mas o versículo 3 mostra muito bem o que ela tinha em mente ao reclamar. Ela já planejara que a solução do seu problema seria ter filhos através de sua serva Bila. Ela propôs, portanto, uma solução tipo Sara, com a qual Jacó não teve dificuldade em concordar. Assim, pouco tempo depois Raquel já tinha dois filhos via Bila e já diminuía a sua diferença em relação a Lia.

Obviamente Lia, que havia cessado de ter filhos, achou que a idéia de ter filhos via a serva era boa. Assim sendo, ela também a adotou, e pouco depois teria mais 2 filhos via sua serva Zilpa, contabilizando um total de 6.

Exatamente neste ponto, versículo 14, temos um evento curioso. Rubens, o filho mais velho de Lia, foi ao campo e achou mandrágoras, uma flor que tinha uma fruta que se cria ser um afrodisíaco (estimulante sexual), que trouxe, então, para sua mãe. Quando Raquel as viu, ela pediu que Lia a deixasse comer (certamente porque conhecia a sua fama e cria que poderiam ajudá-la a conceber), mas Lia preferiu lembrar a ela que elas eram concorrentes do mesmo marido, pelo que não havia porque atendê-la. Raquel respondeu com uma curiosa proposta comercial, segundo a qual ela permitiria que Lia dormisse com Jacó aquela noite se Lia lhe desse das frutas. O simples fato do sexo com Jacó estar sendo negociado em troca de mandrágoras, mostra o baixo nível a que chegara o relacionamento entre as duas irmãs.

Mais interessante, ainda, foi ver Jacó compactuar com a negociação e aceitar dormir com Lia, porque ela o havia comprado. Além disso, vemos que Lia levou a oportunidade muito a sério, orando e pedindo que Deus a permitisse engravidar em consequência daquele relacionamento. E, sem dúvida, o mais impressionante de tudo isso, foi Deus ter ouvido a oração de Lia e ela ter voltado a conceber, não só aquela vez, mas outras duas mais (os filhos Issacar e Zebulom e a filha Diná).

A essa altura Jacó já tinha 9 filhos de Lia, 2 dos quais via Zilpa, e 2 de Raquel, ambos via Bila. Finalmente, porque Deus é realmente muito misericordioso, ele permitiu que Raquel tivesse um filho próprio, que foi José.

Aparentemente o nascimento de José coincidiu com o final do décimo quarto ano de serviço de Jacó por Raquel, de modo que ele aproveitou para informar ao tio que ele desejava voltar para casa.

O tio obviamente sabia o quanto Deus o havia abençoado graças ao trabalho de Jacó (versículo 27), de modo que ele não pensou duas vezes antes de renovar o pedido de que ele ficasse e que definisse o seu salário (versículo 28).

Quando Jacó responde dizendo que se contentaria em ter a escória do rebanho (os salpicados, malhados e negros eram todos animais de menor valor), temos a impressão de que ele exigiu muito pouco e Labão também o achou, pelo que imediatamente concordou.

Só quando Jacó começa a colocar o seu plano em ação e vemos a sagacidade do mesmo é que entendemos que Jacó está apenas tentando dar o troco. A verdadeira intenção dele é tomar a maior parte possível do rebanho do sogro. Não cabe aqui discutir se funcionou o plano de colocar varas listradas na frente dos animais no momento da procriação, porque o próprio Jacó reconheceria mais tarde que aquilo era obra de Deus (*Gênesis 31.9*).

O capítulo se encerra com um comentário do narrador relativo ao crescimento monumental das riquezas de Jacó.

Gênesis 31

Neste capítulo tem início a viagem de retorno de Jacó para Canaã. As relações entre ele e seu sogro já não andavam bem. Assim que Labão percebeu que todas as crias estavam dando salpicadas, malhadas e negras, ele tratou de mudar a regra do jogo, mas tão logo o fez, dizendo, por exemplo, que os seus seriam só os salpicados, Deus fez com que todas as crias nascessem salpicadas.

Pode até ser que Jacó tenha pensado, a princípio, que fora sua própria esperteza que tenha tirado as crias de Labão, mas não demorou para que ele percebesse que era Deus que ditava as regras e que foi Ele que transferiu para ele todas elas, fazendo com que nascessem de acordo com as novas regras que Labão introduzia.

Jacó percebeu imediatamente a mudança de humor de Labão e seus primos já não falavam com ele sem raiva, de modo que Deus não precisou insistir para que Jacó se dispusesse a retornar para casa. Ele convocou suas esposas, que concordaram imediatamente e partiu, mas não sem que Raquel roubasse as imagens dos deuses de seu pai.

Três dias depois da partida de Jacó, seu tio foi avisado de sua fuga e saiu em sua perseguição, levando consigo um contingente não informado, mas que incluía, além de sua própria família, também a de seus irmãos. Essa perseguição levou mais 7 dias,

quando finalmente o alcançaram na montanha de Gileade, que fica a leste do Jordão na região que mais tarde seria ocupada pelas tribos de Rubens, Gade e parte de Manassés.

A providência divina, contudo, impediu que Labão pudesse tomar de volta tudo que julgava ser seu. Na noite anterior Deus apareceu a ele e lhe disse, claramente, que não deveria sequer dizer qualquer coisa contra Jacó.

O início da conversa entre Labão e Jacó foi um pouco ríspida, porque Labão acusou Jacó de ter roubado os seus deuses. Como ele não o havia feito e não via porque algum dos seus o fizesse, disse que deveria morrer aquele que o fizera.

Não obstante Raquel tê-lo feito, ela escondera bem suficiente as imagens em questão, de modo que não foram achadas. Seja como for, pesava sobre ela, ainda, a sentença de morte decretada por Jacó. Por hora, contudo, ela havia dela escapado.

Por não ter achado nada, tudo que Labão pôde fazer, efetivamente, foi se despedir de seu genro, suas filhas e seus netos. Talvez para justificar tamanha perseguição e oficializar a situação, ele fez com Jacó uma aliança de não agressão mútua e depois voltou para casa.

Gênesis 32

Resolvida a disputa com seu sogro Labão, Jacó agora se dirigia para casa, pensando em como seria o encontro com seu irmão Esaú. Será que 20 anos de afastamento teriam sido o suficiente para amainar a fúria dele, ou será que ele ainda respirava um anseio de vingança? Exatamente em meio à angústia que vivia, a Bíblia nos diz que **“os anjos de Deus vieram ao encontro dele. Quando Jacó os avistou, disse: Este é o exército de Deus!”** (*Gênesis 32.1b,2*). Não sabemos o que os anjos disseram a Jacó, mas ele se encheu de coragem e mandou aviso de sua chegada a seu irmão Esaú. Desta forma ele conheceria antecipadamente a reação deste. Assim é que seus servos foram, falaram com Esaú e voltaram, mas não souberam interpretar a sua reação. Esaú havia preparado um grupo de 400 de seus servos e estava vindo para se encontrar com Jacó. Este, por sua vez, tomou a decisão totalmente acertada: foi orar, conforme indicado em *Gênesis 32.9-12*.

Sua reação seguinte, contudo, foi muito semelhante a que frequentemente temos. Depois de orar, saiu para resolver o problema do seu jeito. Em seu desespero, começou a preparar grandes presentes para o seu irmão: uma manada com 200 cabras, outra com 20 bodes, mais uma com 200 ovelhas e ainda outra de 20 carneiros, outra com 30 camelos fêmeas com crias e outras com 40 vacas, 10 touros, 20 jumentas e 10 jumentos. Dessa forma, sua confiança no Deus que tinha prometido protegê-lo foi esmorecida e sua atenção se voltou para o seu próprio plano de comprar a condescendência de seu irmão, ou seja, ele trocava o certo pelo duvidoso.

O encontro deles dar-se-ia no dia seguinte. Jacó encontrava-se às margens do ribeiro Jaboque, mas ele precisava ficar sozinho para repassar o seu plano para o dia seguinte e, quem sabe, até orar mais um pouco. Assim, então, fez passar todo mundo para o outro lado. Nesta circunstância, com Jacó sozinho do lado oposto do Jaboque, *Gênesis 32.24b-32* nos conta o ocorrido.

Sem dúvida trata-se de um texto muito estranho e a princípio nos perguntamos quem seria o homem que tinha vindo lutar com Jacó, mas o próprio texto o esclarece: trata-se de mais uma teofania revestida de grande significado. Era necessário que Jacó aprendesse a “**lutar com Deus**” por aquilo que ele precisava, ao invés de entreter-se com seus próprios planos. Precisava prevalecer e ser abençoado, não obstante ter ficado claro que aquele Ser Divino poderia alijá-lo da batalha quando necessário fosse.

Deus ali começava, para Jacó, uma fase totalmente nova de sua vida. Ele passaria a se chamar Israel, por ter aprendido a lutar com Deus e prevalecer. O próprio Jacó reconhecia esse fato e, por ter visto Deus face a face e ainda estar vivo, chamou aquele lugar de Peniel (a face de Deus).

Gênesis 33

O encontro de Jacó com Esaú ocorre neste capítulo, com este dando ao primeiro uma rica lição de perdão, celebrando o retorno do irmão e agindo como se nada tivesse acontecido entre os dois.

Os primeiros 3 versículos mostram ainda a tensão que havia do lado de Jacó, com este alinhando os filhos e as esposas na ordem inversa de sua preferência (primeiros as concubinas e os filhos destas, depois Lia e os filhos dela e, finalmente, Raquel e seu único filho, José).

Claro que José se colocou à frente de todos eles, mas se ele fosse morto, esperava que a matança parasse antes de chegar a Raquel e José.

No versículo 4, contudo, os dois se abraçam e choram e toda a tensão é dissipada. De certa maneira, isso já estava implícito nas palavras que Deus dissera a Jacó na mudança de seu nome para Israel (homem que luta com Deus) e na bênção que recebera, mas Jacó ainda não aprendera totalmente a lição da confiança.

Jacó ainda mostra um certo receio de que Esaú e seus homens os acompanhem no restante da viagem, tanto que ele convence seu irmão a retornar na frente, dizendo que ele segue atrás, mas que vai encontrá-lo em Seir (residência de Esaú - versículo 14), mas, o caminho que ele segue, via Sucote, para depois atravessar o Jordão e chegar a

Siquém, onde o capítulo 34 o apresenta, não mostra qualquer intenção de ir a Seir, bem mais ao sul. O mapa da figura 7-1 nos mostra estas localidades indicadas em vermelho.

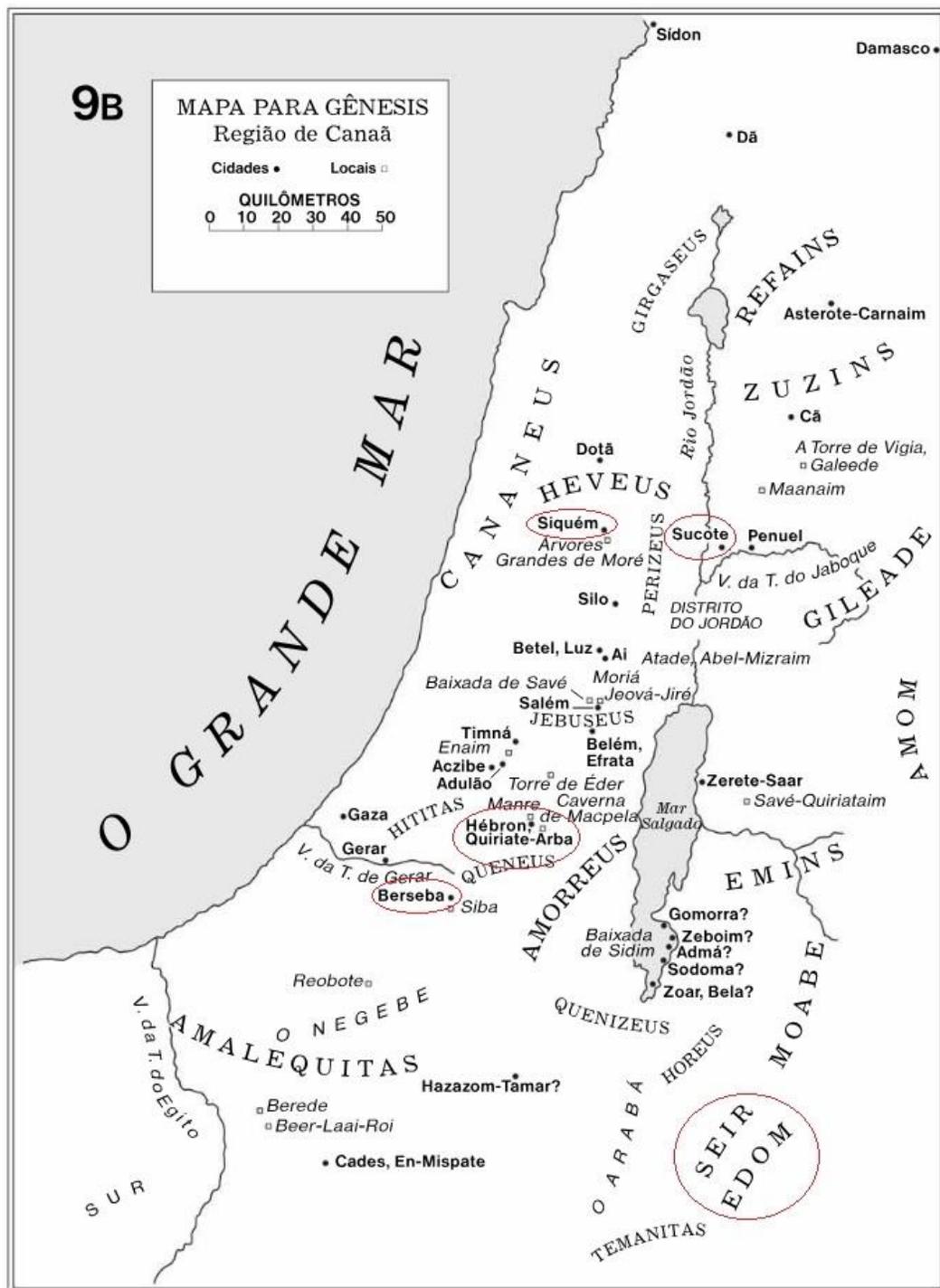


Figura 7-1 - Mapa de Israel no tempo do Antigo Testamento

Gênesis 34

Esse capítulo se inicia com Jacó já morando em Siquém (ver mapa na figura 7-1 acima), o que de certa maneira nos surpreende, porque seria intuitivo que ele retornasse primeiro à casa do pai, presumivelmente ainda residindo em Berseba. Claro que os eventos desse capítulo podem ter ocorrido um pouco mais tarde e que Jacó já tivesse visitado tanto os pais em Berseba como o irmão em Seir. Seja como for, ele já estava residindo em Siquém quando os eventos deste capítulo ocorreram. Ressalta-se que em *Gênesis 35.27* Jacó volta a estar com seu pai, já morando em Hebrom, mas é pouco provável que esta fosse a primeira vez desde sua fuga para Harã, onde ele morara por 20 anos.

Nesta ocasião Diná, a filha de Jacó com Lia, resolveu dar uma “voltinha” para ver como eram as mulheres da terra, quando foi surpreendida pelo assédio de um rapaz chamado Siquém (mesmo nome da cidade), filho de Hamor, que é chamado de “príncipe da terra”. Infelizmente ele a estuprou e humilhou (versículo 2), não obstante o versículo 3 nos informar que a intenção dele era casar com ela, para o que pediu a seu pai que fosse falar com Jacó.

Quando Hamor chegou à casa de Jacó, os ânimos estavam bastante exaltados, porque os filhos de Jacó haviam sido informados do ocorrido e estavam muito revoltados. Fica claro, desde o início, que sua intenção era de vingança, mas chama a atenção os requintes de crueldade com que essa vingança foi arquitetada.

Aparentemente o próprio Jacó não estava participando do plano, visto que ele o reprova duramente depois de levado a cabo (versículo 30). Por outro lado, é difícil entender que Jacó tivesse concordado com a proposta feita por seus filhos no sentido de misturar os filhos de Israel com o povo local (cananeus, heveus ou perizeus) desde que consentissem em se deixar circuncidar.

Seja como for, Simeão e Levi aproveitaram o fato de estarem todos descansando e se recuperando da circuncisão que aceitaram fazer, para entrarem de casa em casa eliminando todos os machos adultos que ali habitavam. Concluída essa vingança sórdida, juntaram-se todos os filhos de Jacó e roubaram todos os bens e animais que eles tinham e sequestraram suas mulheres e crianças.

Quando Jacó os confrontou pelo que haviam feito, justificaram tudo pelo fato de Siquém ter tratado Diná como se fosse uma prostituta. Nada justifica, contudo, a selvageria e a crueldade dos filhos de Jacó e ele mesmo foi o primeiro a reconhecer isso.

Gênesis 35

Jacó estava totalmente desorientado e convencido de que seria atacado por todos e aniquilado pelos povos vizinhos. Além disso, ele reconhecia que seus filhos o haviam tornado odioso devido a seus atos, que ele também reconhecia serem odiosos.

Neste momento, contudo, Deus, sempre Ele, entrou em cena, mandando que ele fosse para Betel e mudou tudo. É assim que Deus age conosco, mesmo quando fazemos coisas odiosas, como o haviam feito os filhos dele.

Para que retornassem à presença de Deus, era necessário que se arrependessem e colocassem fora tudo aquilo que não Lhe agrada e foi exatamente isso que Jacó exigiu de seus filhos (versículos 2 a 4). Só então puderam partir e fizeram-no em segurança, porque Deus providenciou para que fossem temidos, pelo que ninguém teve coragem de atacá-los (versículo 5).

Já em Betel, na presença do Deus da “Casa de Deus”, El-Betel, eles levantaram a Ele um altar e ali O adoraram pela grande salvação que Lhes concedera. Eles não mereciam, mas Deus exerceu a Sua graça para com eles.

Enquanto estavam ali, faleceu a serva Débora, que foi ama de Rebeca, mãe de Jacó. Não sabemos em que momento Débora passou a acompanhar Jacó, talvez seja mais uma indicação de que Jacó já estivera com seus pais e que nessa ocasião a serva já idosa o teria acompanhado. Independente disso era, certamente, muito querida de Jacó e sua morte foi sentida com o batismo do carvalho, sob o qual foi sepultada, como “carvalho da lamentação”.

Os versículos 9 a 15 registram nova aparição de Deus a Jacó, confirmando para com ele as mesmas promessas que havia feito a Abraão e a Isaque. Ele seria o pai de nações e reis e à sua descendência seria dada toda a terra de Canaã. Deus confirmou, ainda, que seu nome passaria a ser Israel (aquele que luta com Deus).

Infelizmente, nesta viagem houve, também, uma amarga perda para Jacó, que foi o falecimento de sua amada esposa Raquel. Ela faleceu perto de Belém, durante o parto de seu segundo filho: Benjamim. Lembramos aqui que pesava sobre ela uma condenação à morte pronunciada pelo próprio Jacó por ocasião do roubo dos deuses de seu pai Labão. Não podemos afirmar aqui, com certeza, que ela morreu debaixo dessa maldição, mas certamente podemos aventar a hipótese, tendo em vista a sua morte prematura. O pecado tem sempre consequências, mesmo quando perdoado.

Continuando sua viagem para o sul, a Bíblia registra sua habitação num lugar chamado Migdal Eder ou torre de Eder. Neste local Rubens, o filho mais velho, se relacionou sexualmente com Bila, serva da falecida Raquel, concubina de seu pai, que ficou

sabendo desse fato e não tomou, à época, qualquer providência a respeito. Sabemos que ele posteriormente tirou de Rubens a primogenitura, por isso mesmo, e a deu a José, mas mesmo assim, a passividade de Jacó é surpreendente. Podemos imaginar que o seu abatimento face à morte de Raquel foi muito difícil de superar.

Conforme já ressaltado anteriormente, o versículo 27 registra outra visita de Jacó a seu pai, bem como o falecimento deste com 180 anos. Seus dois filhos, Jacó e Esaú, estavam presentes nesta ocasião e ambos já tinham 120 anos; portanto, esse evento se deu mais de 40 anos após o retorno de Jacó de Harã.

Gênesis 36

Este capítulo se limita a registrar a descendência de Esaú, além de informar que sua mudança para a montanha de Seir se deu em função da impossibilidade dos rebanhos dele e de seu irmão serem alimentados nas adjacências da casa do pai. Como ele já estava em Seir por ocasião do retorno de Jacó de Harã, essa mudança deve ter se dado enquanto ele ainda estava em Harã e o rebanho em apreço era apenas a parte que Jacó teria herdado do pai Isaque.

Semana 8 - A História de José

Estação 7

Texto: Gênesis 37 a 50

Gênesis 37

Não obstante Jacó ter sido vítima das trágicas consequências das preferências dos pais (cada um por um dos filhos), a Bíblia nos mostra que o seu lar seguiu exatamente o mesmo padrão. José, o primogênito de Raquel, era o preferido do pai, despertando, por isso mesmo, o ódio dos irmãos (versículo 4).

Devemos reconhecer que o lar de Jacó já era meio complicado pelas disputas entre Raquel e Lia, passadas adiante para os filhos. Nosso personagem, porém, não era isento de culpa. *Gênesis 37.2* nos informa que ele denunciava seus irmãos aos pais. Além disso, tinha sonhos segundo os quais reinaria sobre seus irmãos e seu pai (não obstante sabermos tratar-se de revelação divina, que viria a se cumprir), que ele contava, sem muito discernimento, provocando ainda mais a ira de seus irmãos (*Gênesis 37.5-10*). Como se isso não bastasse, Jacó mandou confeccionar uma roupa especial colorida para José, que a ostentava perante os irmãos, despertando tal ódio que já **"...não lhe podiam falar pacificamente"** (*Gênesis 37.4*).

Em meio a tanta ira, não chega a surpreender o fato de seus irmãos pensarem em matá-lo, no momento em que surgiu uma boa oportunidade. Não podemos esquecer que estamos tratando de um bando de assassinos descontrolados, que criam a própria justiça e a tomam nas mãos quando bem entendem. Não fora a providência divina, agindo através de Rubens, que interveio para livrá-lo (*Gênesis 37:21-22*), certamente o teriam matado sem pestanejar. O destino de José, contudo, acabou sendo o Egito, na condição de escravo, levado por uma caravana de ismaelitas. A túnica colorida foi molhada em sangue e levada ao pai para identificação, passando este a presumir que José fora devorado por algum animal selvagem.

Que triste desfecho para um lar dividido pelo ódio, mas graças a Deus porque Ele faz uso das circunstâncias para transformar as maldições em bênçãos, cumprindo, em tudo, as Suas promessas (*Gênesis 28.14-15*).

Gênesis 38

A bem da verdade, este capítulo não faz parte da história de José. Simplesmente está inserido na sequência dos capítulos que nos contam sua maravilhosa história, mas diz respeito a um evento triste da família de Judá, que só está narrada porque se trata de Judá e de sua descendência.

Os primeiros 5 versículos nos contam que Judá foi morar sozinho e acabou tomando por mulher a filha de um cananeu chamado Sua, com quem teve 3 filhos: Er, Onã e Selá.

No versículo 6 já vemos Er em idade de casar e seu pai tomando para ele uma mulher chamada Tamar, que provavelmente era também cananeia. A única informação que temos sobre Er é dada no versículo 8, onde ficamos sabendo que era perverso. Isso não nos surpreende, porque seu pai também o era. Basta que nos lembremos que foi dele a ideia de vender José para a caravana de ismaelitas que ia para o Egito. Assim sendo, ganhar dinheiro com a desgraça alheia tipifica bem o homem que era. No caso de Er, contudo, a perversão dele ultrapassou os limites do juízo divino, pelo que este foi exercido e Er morreu.

Judá tomou a Tamar, portanto, e a deu a seu filho seguinte, Onã, a quem disse que ele deveria gerar um descendente para seu irmão, que falecera sem filhos. O versículo 9 nos informa, contudo, que Onã não quis e que seu método anticoncepcional era não permitir que seu sêmen fluísse para dentro de Tamar. Mais uma vez o limite do juízo divino foi ultrapassado e Deus o matou também.

Curiosamente, Judá não atribuiu essas duas mortes à perversão excessiva de seus filhos, preferindo antes crer que se tratava de alguma maldição de Tamar, pelo que decidiu, contra a lei do levirato, que ela não se casaria com Selá. Assim sendo, ele disse a ela que Selá era ainda menino e que ela deveria esperar para ser dele, pelo que ela voltou para a casa de seu pai.

Passado algum tempo, contudo, Tamar percebeu que fora ludibriada e que Judá não tinha a intenção de cumprir a sua obrigação. Nesse meio tempo ela soube que sua sogra, a filha de Sua, havia falecido, pelo que concebeu um plano para enganar e se vingar de seu sogro.

Ela se vestiu de prostituta e foi tentar estimular o desejo de seu sogro, cujos passos estava controlando, no que foi bem sucedida, chegando a ter relações com ele, mantendo sempre o rosto coberto para que não a identificasse. Como ele não tinha consigo o pagamento prometido, ela pediu que ele deixasse um penhor, o que ele fez deixando um selo, um cordão e um cajado.

Quando Judá mandou fazer o pagamento ela não estava mais lá e ninguém soube dar informações a respeito dela. Assim, ele esqueceu o evento e foi tratar da vida.

Pouco tempo depois, soube que a nora engravidara, motivo pelo qual mandou que fosse queimada, mas antes que a pena fosse executada ela apresentou o penhor do pai da criança. Neste momento ele reconheceu que ele era mais culpado que ela, pelo que cancelou a sentença e a recebeu em sua casa, embora nunca mais tivessem relações.

Ela teve gêmeos e o mais velho, chamado Perez, se reveste de grande importância, porque foi exatamente da descendência dele que Deus fez nascer Jesus.

Porque Deus faz essas coisas, nós não sabemos, mas é exatamente do lixo do pecado que Deus suscita um ser sem pecado para salvar a humanidade, representada por Judá.

Gênesis 39

Em *Gênesis 39* lemos que o primeiro paradeiro de José no Egito foi a casa de Potifar, capitão da guarda de Faraó. Lá, mesmo na condição de escravo, ele se destacou de tal forma, que acabou por merecer o governo de todos os bens do seu senhor, a ponto deste se despreocupar dos valores (*Gênesis 39.8*).

Sem dúvida José é um exemplo para os crentes de hoje. Escravos não tinham direitos, apenas obrigações, mas, não obstante toda a tragédia que se abateu sobre ele, seu comportamento não era de um revoltado e, sim, de uma pessoa diligente, fiel, cumpridor dos deveres que lhe eram impostos, sem se importar se justa ou injustamente.

Quantos crentes envergonham o Nome que representam por estarem sempre prontos a defender seus direitos, mas são, ao mesmo tempo, tão tardios no cumprimento de seus deveres. Que aprendamos com José a lição da humildade e da diligência!

Mas José não se destacou apenas aos olhos de seu senhor, pois também a esposa deste reparou nele, só que com olhos de lascívia. Diz-nos o texto que ela o tentava (*Gênesis 39.7*) dia após dia (*Gênesis 39.10*) e, porque José a recusava, resolveu um dia que o possuiria à força. Como José, mais uma vez, a repeliu, esta, cheia de ódio, o injuriou e fez com que fosse parar na prisão; mas a Bíblia nos diz que **"o Senhor, porém, era com José..."** (*Gênesis 39.21*).

Não vemos um José revoltado, não obstante tamanha injustiça, mas, sim, a mesma diligência já demonstrada na casa de Potifar, conquistando, desta feita, a confiança do carcereiro. Não tardou para que José ocupasse na prisão exatamente o mesmo lugar de destaque que ocupara na casa de Potifar.

Embora escritas séculos mais tarde, certamente José vivia sob a realidade das palavras que dizem **"...que todas as coisas cooperam (operam juntamente) para o bem daqueles que amam a Deus..."** (*Romanos 8.28*).

Se por um lado foram reconhecidas deficiências no lar de Jacó, por outro deve ser ressaltado que José não conheceria o temor do Senhor, nem tampouco mostraria por Ele tamanho amor, se não lhe tivesse sido ensinado em casa. Jacó havia logrado transmitir ao seu filho amado as preciosas lições que sua comunhão com Deus lhe haviam ensinado. Tudo que seus outros filhos tinham deixado de aprender, por viverem distantes do pai, José absorveu e mostrou mais adiante, na prática, aos seus irmãos.

Gênesis 40

Deus é soberano e dirige todas as coisas segundo a Sua boa vontade. Se todos confessamos isso e efetivamente o cremos, porque será que é tão difícil para os servos do Senhor agirem e confiarem segundo essa verdade?

Trata-se de um ensinamento que foi ministrado a Abraão, Isaque e Jacó, o qual agora estava sendo ministrado a José. Ele já havia demonstrado sua confiança no Deus de seus pais, pelo que é razoável supor que José visse, nos sonhos dos oficiais de Faraó, uma providência divina para tirá-lo dali. Só que o copeiro, que foi reabilitado, segundo a sua profecia, esqueceu.

Quanto a José, ele deve ter imaginado que talvez tivesse se precipitado achando que Deus estava por trás daquilo, mas nem por isso mudou seus hábitos de trabalho ou a sua diligência em tudo que lhe vinha à mão para fazer. Mesmo que estivesse decepcionado com o copeiro, e com razão, ainda assim continuou a ser o fiel “crente” que sempre fora.

Já para nós, que estamos acompanhando a história sob a tutela do bom narrador bíblico, fica óbvio que a providência divina continuava atuando e que o copeiro esquecera porque Deus assim o quis, pois o tempo certo dEle, para tirar José da prisão e fazer dele o supremo líder de todo o Egito, abaixo apenas de Faraó, ainda não era chegado.

Mesmo assim, nós, que vemos todo o quadro pintado por Deus, e sabemos do seu maravilhoso desfecho, temos muito mais dificuldade, no que diz respeito a confiar, do que José. Não há dúvida que o grande ensinamento para nós neste capítulo diz respeito à capacidade de José de continuar crendo, não obstante as circunstâncias. Que também nós possamos aprender a lição da paciência e da perseverança para que nunca duvidemos que Deus reina e controla tudo para o nosso bem!

Gênesis 41

Passados 2 anos completos, finalmente chegou o tempo de Deus, no qual Ele deu a Faraó um sonho que ninguém foi capaz de interpretar. Quanto a José, ele chegara aos 30 anos de idade e já estava no Egito desde os 17. Foram 13 anos de sua vida esperando pelo tempo de Deus.

A verdade, contudo, é que, para os servos do Senhor, todo o nosso tempo é de Deus e cabe a Ele dispor do mesmo da maneira como bem Lhe parece. A cada um de nós cabe esperar pacientemente como fez José. E se, nesse tempo, houver oportunidades para abençoar pessoas à nossa volta, que também aprendamos com José a fazê-lo, pois foi para isso que fomos comissionados pelo Pai.

Outra lição importante aqui diz respeito ao pedido que Faraó fez a José. É claro que Faraó já se informara completamente sobre José. Ele sabia não só da interpretação

impecável dos sonhos de seus oficiais, mas de como a prisão se tornara um lugar bem mais aprazível sob a administração daquele hebreu.

Quando Faraó se dirige a ele, no versículo 15, ele diz que ouvira falar que ele tinha o dom de interpretação de sonhos, motivo pelo qual ele estava ali. José respondeu de forma humilde, dizendo que aquilo não era verdade, mas que Deus daria a ele, Faraó, uma resposta favorável.

Vai aqui mais uma grande lição transmitida por nosso conservo José. Nós não somos grandes servos. Ele, Deus, sim, é que é O Grande Senhor. A Ele pois toda a honra e toda a glória! Pedro ainda não o havia escrito, mas José já sabia da necessidade de humilhar-se debaixo da potente mão de Deus. O que ele talvez não soubesse é que Deus logo a seguir o exaltaria (*IPedro 5.6*).

Mas foi exatamente isso que ocorreu com José, no tempo de Deus. Faraó reconheceu imediatamente que a interpretação era correta e que dificilmente encontraria uma pessoa tão competente para aquela tarefa tão urgente e tão difícil.

José havia dado a Faraó, no versículo 34, toda a informação necessária para que qualquer bom administrador pudesse realizar a tarefa. A preciosa informação de que bastaria acumular 20% de toda a produção do Egito durante os 7 anos de fartura para abastecer toda a terra durante os 7 anos seguintes, já havia sido dada. Com essa informação poderiam partir imediatamente, sem qualquer pesquisa ou avaliação para a implementação da solução.

Faraó, contudo, reconheceu que ele não poderia encontrar outra pessoa em quem estivesse o Espírito de Deus. Deus vivia de tal maneira em José, que até aqueles que tinham acabado de conhecê-lo, logo o notavam. Louvado seja o Senhor pelo testemunho maravilhoso desse nosso conservo! Que todos possamos viver como ele!

José fez exatamente o que Deus o instruíra a fazer durante os sete anos de abundância e, por isso mesmo, estava pronto para enfrentar, a seguir, os sete anos de fome, que estavam para se abater sobre o Egito e países vizinhos.

Gênesis 42

A graça de Deus para com a família de Jacó parece não ter limite. Ele já os havia livrado da mão dos cananeus, quando do massacre dos moradores de Siquém. Os irmãos de José pecaram contra ele e contra o próprio Deus ao venderem seu irmão para o Egito, sem que seu pecado fosse castigado. Agora vemos Deus agindo para que esse pecado seja revelado, para que seja confessado e removido, permitindo que Ele possa voltar a abençoá-los.

O instrumento de Deus nessa purificação é o próprio José. Não obstante lidar com seus irmãos com aspereza, vemos, por suas crises de choro e emoção, que suas atitudes não

são de vingança e, sim, no sentido de levar seus irmãos ao reconhecimento e confissão de seu pecado.

Sua estratégia de não se revelar a seus irmãos e de continuar a usar um intérprete na comunicação com eles permite que ele entenda que já estão atribuindo ao seu pecado contra o irmão, o castigo que Deus lhes estaria agora imputando (ver versículos 21 e 22). Em outras palavras, o plano de Deus, executado por meio de José, já está começando a surtir efeito.

A primeira tentativa de José de prender todos eles, por 3 dias, aparentemente não levou ao ponto de arrependimento desejado, pelo que José, pela sabedoria que Deus lhe deu, ou possivelmente instruído pelo próprio Deus, mudou a estratégia, mandando todos menos Simeão para casa, para que suas famílias não fossem privadas dos alimentos e tivessem oportunidade de discutir o problema em casa.

As viagens à época eram muito demoradas. Admitindo uma distância de 250km e um progresso com os animais de carga de apenas 12,5km/dia teríamos, no mínimo, 40 dias de ida e volta. Durante os 20 dias de retorno tiveram muito tempo para discutir como isso seria dito ao pai, e certamente já contavam com sua recusa inicial de permitir a ida de Benjamin, mas o texto nos mostra, claramente, que a confissão de seu pecado ao pai ainda não fazia parte de sua estratégia.

Ao que parece (versículos 36 e 38), a recusa de Jacó no sentido de permitir a ida de Benjamin foi muito mais difícil de contornar do que estavam prevendo. Já vemos algumas atitudes de renúncia como a de Rubens no versículo 37, mas a questão de reconhecimento de seu pecado ainda não fez parte da agenda.

Gênesis 43

Passados alguns meses (no mínimo 1,5 meses, de acordo com o versículo 10, mas possivelmente até 5 ou 6), e acabado o alimento que haviam trazido, Jacó pediu a seus filhos que retornassem ao Egito, abrindo novamente a discussão sobre a ida de Benjamin.

Desta feita vemos Judá, o mesmo que promovera a venda de José aos ismaelitas, dizendo ser impossível retornarem se Benjamin não for junto. Numa atitude que tanto pode denotar sua hipocrisia como o desejo de corrigir o erro anterior, nós o vemos oferecendo-se como responsável perante seu pai pela vida do Benjamim.

Por total falta de alternativa, vemos então Jacó capitulando e permitindo sua a ida com eles para o Egito. Já pensando construtivamente, ele sugere que levem o dobro do dinheiro e presentes do melhor que tiverem para o duro representante de Faraó no Egito.

A partir do versículo 15 eles já se encontram novamente no Egito e imediatamente procuram José, que decide recebê-los em sua casa para a refeição de almoço, para onde foi levado também Simeão, que passara todo esse tempo preso. Temos a impressão

que, já nesta ocasião, a intenção dele é de revelar-se aos seus irmãos, mas o fato de tentarem suborná-lo com presentes parece tê-lo convencido de que o arrependimento buscado ainda não ocorrera.

Neste encontro ele surpreende os irmãos mandando arrumar a mesa com lugares marcados de acordo com a idade dos irmãos, mas nada aconteceu, mesmo porque José, como egípcio que fingia ser, comeu numa mesa separada. Eles terminaram de comer e já começaram os preparativos para a sua partida.

Gênesis 44

Neste capítulo assistimos a mais uma tentativa de José de provocar o arrependimento em seus irmãos. Novamente não sabemos se isso está sendo feito pela sabedoria que Deus lhe deu, ou se efetivamente ele o faz por revelação divina. Seja como for, a sua tentativa desta vez é totalmente bem sucedida com Judá, justamente aquele que se colocara como fiador de Benjamin, agora oferecendo-se para ficar como servo no Egito para que seu irmão caçula possa voltar para o pai.

Em última análise reconhecemos, igualmente, que tudo que ocorre aqui é por determinação de Deus, que precisa abençoar a descendência de Israel para que neles sejam abençoadas todas as famílias da Terra, requerendo para tanto o seu arrependimento.

No longo discurso de Judá, que se encontra entre os versículos 18 e 34, ele conta a verdade dos fatos ocorridos, exceto no versículo 20, onde ele diz a José, vivo ali presente, que ele está de fato morto. Essa mentira já fora repetida tantas vezes, que até poderia ter virado verdade, menos nos ouvidos de José. Seja como for, o fato dele estar disposto a se sacrificar para salvar Benjamin da escravidão foi o suficiente para convencer José que era chegada a hora de se revelar aos seus irmãos.

Gênesis 45

Esse, para mim, é um dos capítulos mais emocionantes de toda a Bíblia. Já passei por ele mais de 60 vezes em versões e línguas diferentes, mas a única coisa que todas têm em comum é o fato de que não consigo evitar as lágrimas rolando pelo meu rosto. O perdão que José concede aos seus irmãos só pode ser comparado àquele que Deus nos dá através de Seu Filho Jesus.

Ele manda que saiam todos, inclusive os seus tradutores, e se revela para os irmãos como o José que eles venderam para o Egito. Benjamin provavelmente nem soubesse dessa maldade de seus irmãos.

Em meio ao espanto geral, a primeira coisa que ele faz é deixá-los tranquilos: **“Não se aflijam nem se recriminem pela maldade que me fizeram, porque tudo isso foi obra de Deus que me mandou para cá para salvar a vida de vocês”**. Claro que ele não estava

dizendo que eles não eram culpados, mas, sim, que era assim que ele via tudo que acontecera e que Deus havia transformado a maldade deles em bênção para todos.

Não houve qualquer menção de toda a amargura pela qual passou, porque não era assim que ele via o que Deus estivera fazendo. Além disso, ele tem informações que eles só podem ter se perguntado de onde veio: “já houve dois anos de fome, mas ainda vai haver mais cinco. Tudo isso, portanto, foi um grande livramento de Deus para a vida de todos vocês”.

O versículo 8 traduz sua macro visão, que não podia ter deixado seus irmãos mais satisfeitos: “Assim, não foram vocês que me mandaram para cá e, sim, Deus, que me colocou aqui como governador de todo o Egito”.

Continuando, ele pediu que voltassem para casa e que trouxessem seu pai, enquanto ele cuidava da moradia deles em Gósen, que era a melhor parte do Egito. Eles deveriam contar ao pai sobre ele e sobre sua posição gloriosa no Egito.

Ele deu presentes e carros para que fosse feita a mudança e recomendou que não brigassem a caminho de casa.

Jacó mal podia crer no que estava ouvindo e foi somente graças aos carros e muitos presentes recebidos que ele finalmente se convenceu de que era verdade.

Não há menção da confissão dos irmãos com relação ao que haviam feito a José, mas obviamente ela teve que ocorrer, porque as informações anteriores que haviam dado eram incompatíveis com essas. Certamente foram duramente repreendidos, mas a cura dessa situação era absolutamente necessária.

Gênesis 46

Jacó começou a sua viagem ao Egito indo de Hebrom para Berseba, onde Deus Se encontrou com ele e confirmou que era de Sua vontade a sua ida para lá. Cabe lembrar que Isaque, após o nascimento de Esaú e Jacó, já intentara isso muitos anos antes, mas Deus havia pedido a ele que não o fizesse, mas que antes permanecesse na terra de Canaã (ver *Gênesis* 26.2). Assim sendo, foi muito importante que Deus tivesse abençoado a sua ida para se encontrar com José. Não raramente esquecemos de consultar Deus a respeito de decisões que tomamos, só porque achamos que parece ser da vontade dEle. Nesse caso, tudo se encaixava maravilhosamente, mas mesmo assim ficamos contentes por ver Jacó tendo a confirmação divina de que era isso mesmo que Ele queria.

Os versículos 6 a 27 indicam exatamente quais foram as pessoas que acompanharam Jacó em sua viagem, em número de 66, que se juntaram a 4 pessoas da família de José, que já estavam lá, totalizando 70.

Judá, que parece ter se tornado o representante dos irmãos perante José, desceu na frente para que Jacó e sua comitiva pudessem ir diretamente para Gósen, para onde José se dirigiu ansioso para encontrar seu pai. Havia mais de 15 anos que não se viam e o versículo 29 nos informa que se abraçaram e assim choraram longamente um com o outro.

Em meio à emoção Jacó, que a essa altura já tinha 130 anos, disse a José que estava satisfeito por ver novamente a sua face e que já poderia, então, morrer. Apesar disso, ele viveria ainda 17 anos no Egito, onde conheceria os netos, filhos de José.

Nos últimos versículos desse capítulo José se mostra preocupado em apresentar a sua família a Faraó, mas de um modo que não seja problemático para os costumes egípcios, de acordo com os quais os pastores de ovelhas eram pessoas abomináveis. Assim, José pede a eles que omitam essa atividade quando falarem com ele sobre suas ocupações.

Gênesis 47

Finalmente, ocorre aqui o encontro de familiares de José com Faraó (ele leva consigo o pai e 5 irmãos) e a pergunta que este faz a eles é exatamente a esperada, ou seja: “qual a ocupação de vocês?”. Curioso, contudo, é que os irmãos de José respondem, dizendo exatamente o que este lhes pedira para não responder (ver *Gênesis 46.34*), mas tudo transcorre como se nada de anormal tivesse ocorrido. Faraó, inclusive, autoriza José a contratá-los para o cuidado de seus próprios rebanhos, caso José julgue que sejam suficientemente capacitados para tanto.

A seguir vemos Jacó, na condição de patriarca, abençoando Faraó, e os dois entabulando uma rápida conversa sobre sua idade, para logo após ser concluída a visita.

Encerrando este assunto, os versículos 11 e 12 nos informam que a família de Jacó foi instalada em Ramessés e que ali José passou a sustentá-los.

Os versículos 13 a 26 nos informam como José lidou com o assunto fome nos 5 anos subsequentes, tanto com relação aos egípcios, como com relação a Canaã. Somos informados que a fome foi muito grave e que o povo desfalecia, tanto no Egito quanto em Canaã. Em consequência disso o povo gastou tudo o que tinha comprando mantimentos de José. O texto nos diz, literalmente, que todo o dinheiro do Egito e de Canaã foi recolhido à casa de Faraó (versículo 14), ou seja, o povo ficou na miséria e Faraó ficou riquíssimo, não porque ele tivesse lesado o povo, mas em consequência dele ter recebido informação privilegiada vinda do próprio Deus, que permitiu a ele estocar alimentos numa época em que estava sobrando e o preço era muito baixo.

Com o fim da circulação do dinheiro, José passou a aceitar que os alimentos pudessem ser vendidos em troca dos animais (gado) dos egípcios (versículo 16). Não há menção da mesma possibilidade ter sido oferecida aos cananeus, pelo que deve ter havido uma grande mortandade na terra de Canaã em função da fome.

Obviamente os animais todos passaram a ser também de Faraó e o povo egípcio voltou a negociar com José. Desta feita, o povo propôs vender suas terras e eles mesmos se venderam, passando a ser escravos de Faraó (versículo 19). Foi exatamente isso que foi feito e Faraó passou a ser proprietário de todo o Egito e senhor de seus habitantes.

Finda a fome, os habitantes do Egito não tinham mais dinheiro, nem animais, nem terrenos e eles mesmos se tornaram escravos de Faraó. Exatamente neste ponto vemos José propor uma solução que mostra não apenas a sua misericórdia para com o povo, mas que traz também ensinamentos relativos a impostos. Ele sugeriu que cada egípcio permanecesse na propriedade da qual não era mais dono e que a cultivassem como sempre fizeram. Dele, José, receberiam as sementes para o plantio e da colheita eles ficariam com 80%, pagando apenas 20% a Faraó como arrendatário.

No Egito isso funcionou muito bem e o povo ficou grato, reconhecendo que José salvara suas vidas (ver versículo 25).

Trazendo, contudo, essa realidade para os nossos dias, corresponderia ao Governo ser proprietário de todo o Brasil, o que não é verdade, porque os terrenos do Brasil estão majoritariamente em mãos particulares. Mesmo admitindo que isso fosse verdade, o povo cultivaria a terra e o governo cobraria apenas 20% de impostos. Só que, além desse fato não ser verdade, o governo arrecada quase 40% de impostos, mostrando, assim, o quanto a situação brasileira é distorcida. É claro que o Brasil do século 21 é bem diferente do Egito do século 18a.C., mas a comparação se mostra totalmente válida no momento em que se observa que a nossa carga tributária era de 8% em 1940, 11% em 1957 e 20% em 1965, ou seja, há muita coisa a ser repensada.

O capítulo é concluído com Jacó, já se aproximando do tempo de sua morte, pedindo a José que este promettesse enterrá-lo em Canaã, na sepultura de seus pais em Hebrom, com o que José concordou.

Gênesis 48

Esse capítulo fala de um encontro de José com seu pai pouco antes do discurso final deste no capítulo seguinte. O que reveste esse capítulo de significado especial é o fato de, nele, Jacó conceder a José a vantagem da herança dobrada, que seria de Rubens, como primogênito, mas que Jacó já decidira tirar dele em função de sua atitude irresponsável de manter relações sexuais com uma de suas concubinas (Bila, serva de Raquel).

Jacó, nesta ocasião, comunica a José que está tomando para si os seus dois filhos, Manassés e Efraim, como se filhos dele fossem, o que em termos práticos garantiria a José a dupla herança dada normalmente ao primogênito. Ele abençoa também os dois filhos de José, mas, para a surpresa e desagrado deste, ele o faz dando primazia a Efraim, seu filho mais novo. O próprio Jacó o justifica, todavia, por saber (certamente por revelação divina), que Efraim superaria o seu irmão.

No versículo final, o 22, Jacó informa a José a respeito de algo mais que estaria dando a ele, faz referência a alguma propriedade que José certamente terá identificado, mas que para nós não está totalmente claro.

Gênesis 49

Este capítulo diz respeito a um momento mágico da vida de Jacó. Ele está morrendo e reúne forças para falar profeticamente a todos os seus filhos ali reunidos para, concluído o seu discurso, fechar os olhos e falecer.

Seu discurso fala de Rubens, que reconhece ser o primogênito, as primícias de suas forças, o mais altivo e o mais poderoso dentre seus irmãos e que tinha tudo para ser o mais excelente entre eles, mas que naquele momento isso estaria sendo tirado dele pelo fato de ter subido ao leito de seu pai, profanando-o.

Se por um lado nos surpreendemos, porque Jacó nada disse ao saber do que Rubens fizera (*Gênesis 35.22*), agora nós o vemos, por outro, ser extremamente duro com ele.

Não cabe aqui repassar todas as profecias, uma a uma, não obstante reconhecermos a realidade, em termos de cumprimento, de todas elas, mas não podemos deixar de ressaltar, particularmente, a de Judá, que se estende dos versículos 8 a 12.

Nesse contexto chamamos a atenção para o versículo 10, onde Jacó diz que **“o cetro não se arredará de Judá, nem o bastão de entre seus pés, até que venha Siló; e a ele obedecerão os povos”**.

Herodes, “o Grande”, foi o último judeu a se assentar no trono antes da vinda do Rei Eterno, Jesus. Ele se casou com uma não israelita, de modo que seus filhos já não eram judeus, mas Jesus, a Quem todas as nações obedecerão, nasceu pouco antes de sua morte.

O Messias, vindo de Judá, é comprovado na genealogia de Jesus (*Mateus 1.2-17*) e atestado como descendente de Abraão e Isaque tanto por Paulo (*Romanos 9.7*) como pelo autor de Hebreus em *Hebreus 11.17-19*. *João 1.49* O apresenta como o **Rei de Israel** e *Judas 1.25* atribui a Ele **todo o poder, toda a autoridade e toda a majestade**.

Gênesis 50

Este último capítulo da história de José começa com o cumprimento de sua promessa feita a seu pai, no sentido de levá-lo de volta a Canã para sepultá-lo no sepulcro que Abraão comprara de Ecrom para sepultar Sara e onde também estavam sepultados o próprio Abraão, Isaque, Rebeca e Lia.

José obviamente pediu a devida permissão a Faraó para fazê-lo, com o que este não só concordou, mas fez com que todos os seus oficiais estivessem ali presentes em sinal de respeito.

Foi realizada uma cerimônia majestosa que surpreendeu muito o povo de Canaã. O narrador fez questão de confirmar que os filhos de Jacó o sepultaram, fazendo tudo que ele lhes havia solicitado.

Os versículos 15 a 21 mostram, mais uma vez, a grandeza do coração que Deus havia dado a José. Seus irmãos tiveram medo que José pudesse querer se vingar deles agora que seu pai não estava mais lá para repreendê-lo, pelo que inventaram uma mentira, segundo a qual Jacó teria deixado um pedido especial para que José perdoasse o pecado que seus irmãos haviam cometido contra ele (versículo 17).

Ao ser informado a esse respeito, contudo, a única reação que conseguiram extrair de José foram lágrimas. Ele já os havia perdoado muitos anos atrás e o fato de agirem daquela maneira apenas mostrava que não tinham entendido aquilo que tanto Deus quanto José haviam feito por eles.

O discurso de José nos versículos 20 e 21 ressalta que, não obstante a intenção maligna deles, Deus havia transformado sua maldição em bênção e concedido vida a eles através dele. Ele falou-lhes ao coração, prometendo não apenas manter o perdão, mas sustentá-los enquanto estivessem ali.

O livro de Gênesis termina mostrando o quão abençoado foi o final da vida de José, que viveu até os 110 anos de idade.

Semana 9 - O Nascimento do Povo de Israel

Estação 8

Texto: Êxodo 1 a 10

Êxodo 1

Êxodo começa a sua narração da saída dos filhos de Israel do Egito dizendo que faleceram José, seus irmãos e toda aquela geração e que depois se levantou um Faraó que não conheceu José. Se considerarmos o calendário judaico, que estabelece a criação de Adão no ano 3760a.C. e formos descontando as idades de Abraão, Isaque, Jacó e José (que chegou ao Egito com 17 anos) e os 400 anos de permanência do povo ali (*Gênesis 15.13*), chegamos aproximadamente ao ano 1290a.C. para a saída do povo.

Por outro lado, somos informados em *IReis 6.1* que o quarto ano do reinado de Salomão coincide com o ano 480 da saída dos filhos de Israel do Egito. Sabendo que ele começou a reinar por volta de 966a.C., isso data a saída dos filhos de Israel do Egito em aproximadamente 1442a.C.

Obviamente temos alguma dificuldade para conciliar as informações que temos, de modo que temos que escolher uma ou outra. Se privilegiarmos a informação de *IReis*, que é mais recente e provavelmente mais precisa, podemos escolher a data mais antiga, 1442a.C., e Tutmosis III como o Faraó do Êxodo. Isso coloca a chegada dos hebreus ao Egito no período dos governantes hicsos, que também eram semitas. Desta forma, podemos entender com mais facilidade porque o Faraó dos dias de José daria o segundo posto hierárquico do Egito a um estrangeiro, porque ele mesmo era estrangeiro. O Deus que reina sobre as nações propiciou para que José pudesse salvar a vida do seu povo.

Por volta de 1555a.C., a dinastia dos hicsos foi derrotada e os reis de Tebas passaram a reinar em lugar deles. Já estes, nacionalistas que eram, viam o povo de Israel como inimigos, como nos narra o texto bíblico (versículo 10).

Houve várias tentativas de impedir o crescimento dos israelitas por parte dos egípcios. A primeira transparece no versículo 12, onde a tentativa de afligi-los teve o efeito contrário.

Já no versículo 14 vemos Faraó instruindo as parteiras que serviam aos israelitas, no sentido de matarem os bebês de sexo masculino. Elas, contudo, preferiram não obedecer, por temor a Deus.

Finalmente, foi decretado (ver versículo 22) que todos os bebês masculinos deveriam ser jogados no Nilo.

Êxodo 2

Esse capítulo resume, listando apenas os pontos de interesse, os 80 primeiros anos da vida de Moisés. Ele é descendente da tribo de Levi; seus pais desafiaram a ordem de

matar seu filho e Deus fez com que ele fosse criado no palácio de Faraó como neto do mesmo.

Ele foi educado como um palaciano, mas sabia de suas origens e, na primeira oportunidade que teve de fazer uma escolha, ele a fez em favor de suas origens, mas da pior maneira possível, o que valeu a ele a perda do conforto do seu lar, sendo obrigado a se tornar fugitivo.

Podemos resumir dizendo que ele teve 40 anos de treinamento no tocante à cultura egípcia e mais 40 de sobrevivência em meio à necessidade. Chegando aos 80 anos, ele conhecia os dois mundos que conviviam no Egito, mas não tinha qualquer conhecimento de Deus. Esse seria o próximo passo.

Êxodo 3

Neste capítulo Deus Se encontra com Moisés de uma maneira completamente inusitada e diz a ele exatamente o que vai acontecer a seguir. É claro que para ele tudo é surpreendente e novo, mas, para Deus, tudo o que está para acontecer está completamente definido:

- Ele havia visto a situação de sofrimento do Seu povo Israel, pensando nas mãos dos egípcios e que ele, Moisés, seria enviado até lá para dizer a Faraó que os livre (versículo 7);
- Moisés iria se encontrar com os líderes do povo de Israel para dizer-lhes que estavam sendo tirados da terra do Egito para adentrarem uma terra que mana leite e mel (versículo 8);
- Eles o ouviriam e juntos iriam conversar com Faraó, mas este, por sua vez, não os ouviria, mas que seria convencido através dos sinais e das maravilhas que seriam feitos contra ele;
- Quando saíssem, não o fariam de mãos abanando, pois pediriam aos egípcios tudo que quisessem e eles o dariam. Assim, o Egito seria despojado de todos os seus bens.

Obviamente Moisés não achava que ele fosse a pessoa mais indicada para a tarefa e fez algumas perguntas no sentido de deixar isso claro, mas Deus não estava disposto a aceitar não como resposta.

Êxodo 4

Esse capítulo começa com Moisés tendo a ousadia de insinuar que Deus estivesse mentindo para ele. Deus tinha acabado de dizer a ele, em *Êxodo 3.18*, que os filhos de Israel o ouviriam e ele, no versículo 1, diz a Deus que não, porque diriam a ele que Deus não lhe aparecera. Sem dúvida Moisés tinha, ainda, um longo caminho de aprendizado a percorrer!

Mesmo sendo chamado de mentiroso, Deus Se mostra paciente com Moisés e pergunta pelo que ele tem na mão. Trata-se apenas de um bastão, mas é com ele que Deus “enche os olhos” de Moisés com milagres que ele nunca tinha visto igual.

Deus já sabia e já tinha dito que ouviriam, mas mesmo assim Ele provê para a fé de Moisés, para que ele possa crescer. Deus é assim mesmo; nos trata segundo a nossa capacidade de crer. O mesmo Moisés, anos mais tarde, por já ter intimidade com Deus, seria tratado de forma muito mais rígida por duvidar, mas Deus aqui está lidando com uma criança na fé e o faz com amor e misericórdia.

Já munido de três milagres estupendos para se dirigir a Faraó e ao povo de Israel, Moisés ainda tenta, mais uma vez, dizer a Deus que ele não é indicado para o cargo. Afinal de contas, ele fala com dificuldade. Nem assim Deus Se irrita e informa a ele que Ele, Deus, colocaria as palavras certas na sua boca, fazendo com que ele falasse com desenvoltura.

Desta forma Moisés havia esgotado todos os seus argumentos relativos à sua falta de capacidade para o encargo que lhe fora dado, mas mesmo assim, ele não se dispõe a servir ao Senhor e pede que Ele mande outro.

Agora já não se tratava de falta de qualificações e, sim, de falta de vontade de atender ao Senhor, pelo que Deus, pela primeira vez, se irrita com Moisés. Ele não aceita não como resposta e informa a Moisés que seu irmão Arão já está vindo ao seu encontro e que seria o seu porta voz.

Moisés voltou para casa e informou ao sogro que precisava voltar para o Egito para ver sua família e que queria levar consigo sua mulher e os filhos. O texto não nos informa se Moisés contou ao sogro sobre o encontro com Deus, mas pela facilidade com que o sogro concordou com seu retorno, podemos supor que sim.

Já a caminho, Deus deu mais instruções a Moisés e aí ocorreu algo que nos surpreende muito. Moisés parou numa estalagem para passar a noite e o texto nos diz que Deus ali o encontrou e quis matá-lo (versículo 24). Por que Deus ia querer matar justamente o homem que Ele acabara de comissionar para tirar o Seu povo do Egito?

Pois bem, o versículo 25 nos dá a única dica que temos para que possamos entender o que está se passando. Zípora, a abençoada esposa de Moisés, rapidamente pegou uma faca e circuncidou o seu filho que estava ali no recinto e jogou o seu prepúcio aos pés de Moisés. Tendo ocorrido esse fato, o autor bíblico nos diz que Deus Se retirou.

Que estranho! É possível entendermos o que aconteceu? É claro que sim! Moisés era judeu e, como tal, era obrigação dele circuncidar os seus filhos. Deus havia feito uma aliança com Abraão nesse sentido, mas Moisés a havia negligenciado. Fica claro, portanto, que não é possível servir a Deus desprezando os Seus mandamentos. Moisés certamente havia contado a Zípora porque ele era circuncidado e que seus filhos também deveriam sê-lo; mas é incrível, nesta hora de chamada à responsabilidade, que seja ela e não ele quem entendeu do que se tratava. Moisés aqui fica devendo tanto a vida quanto esse importante aprendizado à sábia mulher que Deus lhe deu.

Na continuidade do texto Moisés Se encontra com Arão e juntos falam aos anciãos do povo que creram e adoraram ao Senhor pelo livramento que lhes foi oferecido.

Êxodo 5

A conversa de Moisés e Arão com Faraó transcorreu exatamente como Deus havia dito, ou seja, ele não aceitou que o povo saísse do Egito caminho de 3 dias para adorar ao

Senhor no deserto, porque disse não conhecer o Senhor e que não aceitaria que o povo fosse distraído com isso em detrimento do trabalho que deveriam realizar.

Por isso mesmo o texto nos fala que ele resolveu endurecer o trabalho, exigindo que a palha colocada nos tijolos, e que anteriormente era fornecida pelos servos de Faraó, também fosse ajuntada por eles, ao passo que exigia a mesma produção que era pedida antes.

Apenas a título de curiosidade, os tijolos fabricados no Brasil não têm palha, motivo pelo qual considera-se para os mesmos uma pequena resistência à compressão, mas nenhuma à tração. Os tijolos com palha têm resistência à tração graças à boa resistência da palha. Resumindo, os tijolos fabricados pelos filhos de Israel para os egípcios à época eram sensivelmente melhores que aqueles que empregamos na indústria da construção no Brasil de hoje.

Obviamente os filhos de Israel não estavam mais conseguindo cumprir a mesma cota de tijolos que fabricavam quando a palha lhes era dada, pelo que foram duramente castigados. Em consequência disso, vieram reclamar com Moisés, dizendo que ele, com seu pedido para que o povo saísse do Egito, só havia complicado suas vidas.

Moisés, contudo, que já fora informado que isso aconteceria e que o próximo passo seria o envio de pragas, esqueceu-se do que lhe fora dito e foi reclamar com Deus, acusando-O de ser o culpado daquela situação, na qual Ele nada fizera em benefício do povo.

Antes de falar aqui da infantilidade de Moisés e da sua total falta de fé, talvez fosse melhor perguntar se nós, por acaso, não agimos, com muita frequência, de maneira totalmente idêntica? Deus nos faz promessas, mas nós, ao invés de mantermos a vista no alvo, a desviamos para as circunstâncias e reclamamos com Deus por não estar cumprindo o prometido. Como a resposta honesta à pergunta feita acima é sim, de igual forma fica mais fácil entendermos o que está se passando aqui com Moisés.

Êxodo 6

O capítulo anterior foi encerrado com Moisés acusando Deus de ter sido omissos em relação ao livramento dos filhos de Israel, tendo em vista o agravamento do cativeiro decorrente do seu pedido para que Faraó os permitisse cultuá-IO por 3 dias. Este tem início, portanto, com a resposta de Deus, que mais uma vez Se mostra muito paciente com Moisés.

Deus informa que ele, Moisés, verá a Sua mão poderosa em ação, tirando o Seu povo do Egito e faz, a seguir, uma descrição detalhada de como vem lidando com o povo de Israel, começando por Abraão, Isaque e depois Jacó, aos quais fez a promessa de que sua descendência herdaria a terra de Canaã, na qual habitaram apenas como peregrinos.

No tocante ao relacionamento que tiveram com Ele, Deus lembra que os três o conheceram apenas como o Deus Todo-Poderoso, El Shaddai, mas que ele, Moisés, estava tendo a oportunidade de conhecê-IO com o Senhor, Yahweh.

Deus informa a Moisés que ouviu os gemidos do povo de Israel sob a dura escravidão do Egito e pede que ele diga ao povo que serão libertados da servidão com braço

estendido e manifestações de julgamento. No versículo 7 Ele diz, ainda, que tomará o povo como Seu e que fará com que herde a terra de Canaã.

Moisés se revestiu, então, de novo ânimo e repetiu tudo isso ao povo, mas desta feita a predisposição deles já não era mais a mesma, porque estavam amargurados e descrentes.

Deus ainda mandou que Moisés fosse falar com Faraó, mas desta vez foi o próprio Moisés que contraargumentou, dizendo que certamente ele não creia, já que nem o povo creu, além dele ser pesado de boca (a velha desculpa de sua incapacidade).

Os versículos 14 a 27 a seguir começam a falar da descendência de Jacó, mas esta é interrompida no terceiro filho, que é Levi, onde a descrição nos leva até Moisés e Arão.

Do versículo 28 em diante Moisés volta ao assunto de sua dicção ruim e de sua dificuldade de se expressar.

Êxodo 7

Este capítulo tem início com Deus respondendo pacientemente a mais uma reclamação de Moisés, com relação ao fato dele não saber falar. Deus lembrou a ele que esta questão já havia sido discutida e que não era mais ele, Moisés, que falaria e, sim, Arão. Desta forma Ele não perde mais tempo discutindo esse assunto e alerta Moisés para o fato de que Faraó não vai atender ao seu pedido, porque o próprio Deus endureceria o seu coração.

Não é estranho isso? Deus quer que Faraó liberte o povo de Israel, mas ao mesmo tempo endurece o seu coração para que não o permita. Isso faz sentido?

A resposta a essa pergunta é sim, porque o objetivo divino é múltiplo: Ele quer Se tornar conhecido tanto do povo de Israel como do povo egípcio, quer tirar o povo do Egito e quer que saiam com grandes riquezas. Para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que o Seu poder seja respeitado e temido, motivo pelo qual o Egito sofreria a consequência das 10 pragas que seriam enviadas, uma a uma nos dias a seguir. Essas são justamente as grandes manifestações de julgamento mencionadas no versículo 4, que levariam todo o povo do Egito a saber que Ele é o Senhor (versículo 5).

A seguir Deus adverte Moisés no sentido de estar pronto para lançar o seu bordão, porque Faraó iria pedir alguma prova do poder de Deus. Isso efetivamente ocorre e mais uma vez o bordão vira serpente. O que surpreende, neste caso, é o poder quase equivalente dos sábios e encantadores de Faraó, que conseguiram reproduzir o mesmo feito lançando os seus próprios bordões. Certamente temos a oportunidade de ver aqui Satanás medindo forças com Deus, pelo que o fato do bordão de Moisés devorar os bordões dos sábios e encantadores, mostra claramente Quem prevalece. Mesmo assim, o simples fato deles terem reproduzido o feito de Moisés, foi motivo suficiente para que Faraó, de coração endurecido por Deus, tenha se recusado, mais uma vez, a deixar ir o Povo de Israel.

Neste ponto Deus está pronto para dar início à sequência de 10 pragas, que irão glorificá-LO à medida em que vai sendo destruída a economia do Egito. Deus manda que Moisés e Arão cheguem cedo à margem do rio Nilo, onde Faraó iria pela manhã, para ali

transformar todas as águas do Egito em sangue. Mais uma vez Moisés estende o seu bordão e toca com ele as águas do Nilo e todos os reservatórios do Egito, tanto pequenos como grandes, se transformam em sangue.

Imediatamente Faraó convoca os seus magos e novamente estes conseguem reproduzir o milagre, pelo que Faraó segue de coração endurecido, e mais uma vez se recusa a deixar ir o povo.

Claro que a intenção de Deus não é matar o povo egípcio de sede, pelo que permite que estes escavem poços junto ao rio, para que a água filtrada pelo solo possa ser bebida (versículo 24); não obstante esse fato, as águas do rio permaneceram sangrentas por mais 7 dias (versículo 25).

Êxodo 8

Passados os 7 dias, informados em *Êxodo 7.25*, Moisés foi instruído no sentido de voltar a falar com Faraó, prevenindo-o quanto à segunda praga, a invasão das rãs, que ocorreria caso ele não deixasse o povo ir ao deserto para oferecer sacrifícios.

Como Faraó sequer se manifestou, Moisés foi instruído no sentido de iniciar a segunda praga e todo o país se encheu de rãs. Mesmo tendo conseguido que seus magos reproduzissem o milagre (também fizeram surgir rãs), ainda assim Faraó avisou a Moisés que concordaria em deixar o povo ir ao deserto, se tão somente ele tirasse as rãs.

Moisés orou para que as rãs fossem removidas no dia indicado por Faraó (para que não houvesse dúvida de que saíram quando Deus quis) e elas foram removidas e, mesmo assim, ele não manteve sua palavra.

Logo a seguir Moisés foi instruído no sentido de iniciar a terceira praga, qual seja a de inundar o Egito de piolhos, que atacariam tanto homens como animais. Desta feita os magos de Faraó não conseguiram reproduzi-las, pelo que concluíram que isso era obra de Deus (versículo 19). Trata-se de uma conclusão intrigante. Será que eles estavam reconhecendo que Deus era mais poderoso que a entidade que estavam invocando? Seja como for, eles reconheceram que Faraó não deveria estar lutando contra alguém tão poderoso, mas Faraó de coração endurecido não quis atendê-los.

A quarta praga, a dos enxames de moscas, foi prevista logo a seguir, só que desta vez ela seria só para os egípcios. Acho que podemos concluir que os filhos de Israel tiveram que aturar também o sangue, as rãs e os piolhos. Não há, além disso, qualquer menção de tentativa de reprodução do milagre por parte dos magos de Faraó. Fica claro que já capitularam.

A resposta de Faraó foi quase imediata, dizendo que aceitaria que eles sacrificassem, mas ali mesmo no Egito. Moisés argumentou, contudo, que o culto dos hebreus seria abominação para os egípcios e que haveria problemas. Assim sendo, ele aceitou deixá-los ir desde que não fossem longe, mas ainda desta feita ele voltou atrás e não os deixou ir.

Êxodo 9

O capítulo 8 terminou com a informação de que Deus endureceu o coração de Faraó para que não deixasse sair o povo. Já este começa com Deus ameaçando destruir todos os animais dos egípcios caso ele efetivamente não o permita. Como entender o jogo duplo que Deus está jogando? Por um lado Faraó não tem a liberdade de aceitar porque é Deus quem está impedindo. Por outro, em não aceitando, ele se torna automaticamente vítima da próxima praga.

A resposta a essa pergunta está no versículo 15, depois da sexta praga. Deus informa a Faraó que poderia ter mandado uma peste que matasse tanto a ele como a todo o seu povo, eliminando-os completamente, mas Ele os havia poupado justamente para mostrar o Seu poder e para que Ele fosse conhecido em toda a Terra. Deus está fazendo exatamente o que disse a Paulo em *Romanos 9.17-22*.

Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz. Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra? Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição.

Faraó é um vaso para desonra e Deus o está usando para mostrar a Sua ira e dar a conhecer o Seu poder. Ele conhece, antecipadamente (pré-ciência), a reação soberba de Faraó, bem como a sua intenção de não se curvar a Ele. Daí em diante, o endurecimento de Faraó, fazendo com que ele esteja agindo “irracionalmente” ficou por conta de Deus, para a realização dos Seus propósitos. Isso não quer dizer que Deus não amasse a Faraó. Quer dizer, isso sim, que Faraó nunca amou e nem jamais amaria a Deus, pelo que jamais se aproximaria dEle ou O buscaria. Com base em Sua pré-ciência, Deus, como seu criador, se dá o direito de usá-lo como vaso de desonra.

Antes de mandar a quinta praga Deus avisou a Faraó, ainda, que nenhum animal dos hebreus seria morto. A única providência de Faraó (versículo 7) foi verificar se isso realmente ocorrera. Essa verdade ainda contribuiu para o endurecimento do coração dele e simplesmente não deixou o povo sair.

A atitude de Deus não poderia ser outra a não ser anunciar a sexta praga: Moisés jogaria cinzas para o alto e estas se espalhariam pelo povo, formando tumores que abririam úlceras no povo egípcio. Isso foi feito e o efeito foi tão devastador que os magos de Faraó sequer conseguiam estar ali para fazer oposição a Moisés.

Faraó, contudo, já estava mais uma vez de coração endurecido, pronto a impedir a saída do povo, pelo que Deus envia Moisés para falar-lhe. Antes de anunciar a sétima praga, contudo, Ele, por total misericórdia, dando a Faraó mais uma chance de se arrepender, pede que lhe seja dito exatamente o que Ele, Deus, está fazendo. Faraó é avisado que

Deus o está usando para glorificar o Seu Nome e que já poderia tê-lo matado, mas ao invés disso preferira usá-lo como instrumento em Suas mãos.

Tendo dito isso, Deus pergunta a ele se mesmo assim ele vai insistir em reter o povo de Israel e não deixá-lo sair? Neste ponto não há referência a Deus estar endurecendo o coração de Faraó; ele tem a livre escolha de se arrepender, mas opta por não fazê-lo.

Por isso mesmo, Deus passa a anunciar a sétima praga, qual seja uma chuva de pedras, qual jamais tinha havido na terra do Egito. Mesmo assim, Ele adverte que mandem recolher quaisquer homens ou animais, que porventura se encontrem no campo, para que não morressem.

O texto nos informa que aqueles oficiais de Faraó que já haviam aprendido a temer ao Senhor mandaram recolher os servos e animais que estavam no campo, salvando-lhes a vida.

Feito isso, Moisés mais uma vez estendeu o seu bordão e ocorreu a maior chuva de pedras que o Egito testemunhou em toda a sua história, destruindo tudo que estava no campo. Só em Gósen não caiu uma única pedra.

Mais uma vez Faraó mandou chamar Moisés, dizendo que o povo poderia sair desde que parasse a chuva de pedras, mas novamente seu coração foi endurecido e não o permitiu.

Êxodo 10

Desta feita, quando Deus chama a Moisés, Ele não manda imediatamente anunciar a oitava praga. Antes disso Ele informa, mais uma vez, que tem endurecido reiteradamente o coração de Faraó e também dos seus oficiais para que Ele possa fazer sinais no meio deles. Isso para que os filhos de Israel pudessem contar a seus filhos e netos como Deus havia zombado deles e quantos sinais e prodígios Ele havia feito no meio deles para que soubessem que Ele é Yahweh!

Só então eles são enviados a Faraó para dizer a ele a respeito da oitava praga, na qual seriam enviados gafanhotos para comer absolutamente tudo que lograra escapar da chuva de pedras, caso Faraó não os deixasse sair para adorar ao Senhor.

Neste ponto vemos que foi pedido a Moisés e a Arão que saíssem, enquanto os oficiais de Faraó pediam que ele finalmente lhes permitisse sair, porque o Egito já estava totalmente arruinado. Moisés e Arão foram novamente conduzidos até Faraó, mas mais uma vez Faraó deixa de atender às exigências de Moisés.

A oitava praga eliminou todo o verde que havia restado na terra do Egito, pelo que Faraó novamente se apressou em chamar Moisés e Arão, pedindo-lhes para que cessassem os gafanhotos, o que foi feito, mas novamente ele deixou de cumprir sua promessa, levando Deus a mandar imediatamente a nona praga, que consistiu em 3 dias de uma escuridão total no Egito, menos em Gósen, de modo que ninguém podia sair do lugar.

Mais uma vez Moisés e Arão foram convocados e mais uma vez deixou de haver acordo sobre quem iria adorar, pelo que Deus endureceu, mais uma vez, o coração de Faraó.

Nesta ocasião Faraó disse a Moisés que aquele seria seu último encontro, porque da próxima vez ele o mataria.

Semana 10 - A Peregrinação do Povo de Israel (1)

Estação 8

Texto: Êxodo 11 a 25

Êxodo 11

Neste capítulo Deus avisa a Moisés que haverá mais uma última praga, depois da qual Faraó permitirá a saída dos filhos de Israel do Egito. Essa praga seria tão drástica que Faraó não apenas permitiria sua saída, mas estaria tão ansioso por sua realização que ele os expulsaria.

Nesta ocasião, ainda, cada um dos filhos de Israel deveria se dirigir aos egípcios pedindo que lhes dessem peças de ouro e de prata. Para tanto Deus mesmo faria com que os egípcios tivessem grande apreço pelos filhos de Israel, juntamente com o desejo de ofertar para eles. Desta forma eles saqueariam os bens dos egípcios e sairiam de lá abastados.

Esse talvez tenha sido o primeiro e único saque da história que foi realizado por livre espontânea vontade (estimulada por Deus) dos saqueados. Essa seria uma forma de justa retribuição pelos anos que os filhos de Israel trabalharam como escravos para o povo do Egito.

Antes disso, Deus promoveria a morte dos primogênitos, tanto dos homens como dos animais dos egípcios. Por outro lado, nenhuma morte ocorreria entre os filhos de Israel, para que ficasse claro que o Deus de Israel é Senhor e faz distinção entre os egípcios e os filhos de Israel.

No final do capítulo 10 Faraó tinha dito a Moisés que ele não mais veria o seu rosto, do contrário ele o mataria. Pois bem, aqui somos informados que Moisés disse tudo isso também a Faraó (diretamente ou a seus oficiais) e que depois saiu de sua presença irado.

Independente disso, Deus já o avisara que Faraó não o ouviria e que a décima praga seria aplicada com certeza, porque Deus mesmo endureceria totalmente o coração de Faraó.

Êxodo 12

Este capítulo é o ápice do livro de Êxodo, contendo a última e mais marcante das pragas, os ensinamentos sobre a Páscoa, a celebração da mesma e, finalmente, a saída do povo de Israel da terra do Egito. É o marco do amor de Deus por Seu povo, que deveria ser celebrado por cada um dos Seus servos do povo de Israel, ao mesmo tempo em que prefigura aquilo que Deus faria para a salvação de todos os povos em outra páscoa a ser celebrada quase 1500 anos mais tarde, demonstrando, igualmente, o Seu grande amor pelo homem em geral. Este evento se reveste de importância tão grande que Deus manda que o calendário seja redefinido, fazendo deste o primeiro mês do ano do Seu povo.

Nos versículos 3 a 27 são dadas instruções a respeito de como essa Páscoa seria celebrada e como, de igual modo, seria lembrada essa data, perpetuamente, pelo povo de Israel ano após ano daí para frente.

Eles deveriam escolher no dia 10 desse primeiro mês (*abibe*, nome que usavam antes de descer para o Egito e *nissan*, nome babilônico adotado após o cativeiro), um cordeiro (ou cabrito) de até 1 ano, sem defeito, para cada família, o qual seria guardado até o dia 14, quando seria sacrificado após o por do sol.

O sangue do animal seria, então, passado na verga e nos umbrais da porta da casa, para que o anjo destruidor passasse sobre aquela casa, por acasão da décima praga.

Esse animal seria assado no fogo e comido naquela mesma noite com ervas amargas e pão sem fermento.

Foi definida, também, a indumentária a ser usada para essa refeição. Eles deveriam estar prontos para sair, com o cinto no lugar, sandálias nos pés e cajado na mão. Deveriam comer apressadamente, porque esta era a Páscoa do Senhor.

Foi dito, ainda, que Deus passaria aquela noite por sobre o Egito, matando os primogênitos, tanto de homens como de animais, além de exercer juízo sobre os deuses da terra. Ora, partindo do princípio de que tais deuses inexistem, a referência em apreço diz respeito à sua desmoralização ou então à prova de que os demônios que os representam já foram derrotados.

O texto nos informa que os filhos de Israel fizeram tudo conforme as instruções de Moisés e que à meia noite o anjo do Senhor passou pelo Egito matando todos os primogênitos das casas que não tinham o sangue nas vergas da porta de entrada. Assim é que em todas as casas dos egípcios havia pelo menos um morto.

Imediatamente Faraó convocou Moisés e mandou que ele, seu povo e todos os seus animais deixassem o país, conforme solicitado.

Os filhos de Israel fizeram conforme instruídos e pediram tudo que queriam dos egípcios, pelo que acumularam grande riqueza, despojando completamente a terra do Egito.

Assim sendo, depois de 430 anos morando no Egito, o povo de Israel, 600 mil homens, sem contar mulheres e crianças (um número total estimado em mais de 2 milhões de pessoas) deixavam a terra se dirigindo para a Terra Prometida.

Nos últimos versículos deste capítulo há mais informações relativas a como a Páscoa seria celebrada nos anos que se seguissem.

Êxodo 13

O presente capítulo fala de fatos que ocorreram após a autorização para que os filhos de Israel deixassem o Egito. Eles já haviam pilhado a terra e estavam a caminho da Terra Prometida.

O texto começa com Deus dizendo a Moisés que todo primogênito dos filhos de Israel, tanto humano como animal eram dEle. Foi Ele que deixou de matá-los juntamente com os primogênitos do Egito; portanto, nada mais justo do que serem dEle.

Moisés, por sua vez, não se cansava de repetir para o povo que eles deveriam se esforçar por lembrar sempre desse dia. Eles estavam saindo da casa da servidão porque Yahweh os havia libertado com braço forte. Essa data deveria ser celebrada com a abstinência de pão levedado.

Eles estavam saindo no mês de abibe e, tão logo eles entrassem em Canaã, nesse mesmo mês deveria ser celebrada a Páscoa. Por sete dias eles comeriam pães asmos e ao sétimo dia fariam festa para o Senhor.

Quando seus filhos perguntassem pela razão daquelas festividades, eles deveriam estar prontos para contar que aquilo era a celebração pelo que Deus lhes havia feito, tirando-os do Egito com braço forte.

De igual forma todos os primogênitos nascidos em Canaã seriam do Senhor. Os filhos deveriam ser resgatados, mas os animais seriam consagrados ao Senhor. A exceção em relação aos animais ficaria por conta dos primogênitos machos das jumentas. Esses seriam resgatados através de um cordeiro, ou mortos em caso contrário.

A curiosidade das crianças, também em relação aos primogênitos, deveria ser satisfeita contando-lhes como Deus salvara os primogênitos de Israel, enquanto os dos egípcios foram todos mortos.

De igual forma, Deus teve o cuidado de não levar o povo pelo caminho mais curto, qual seja, subindo através da terra dos filisteus, pois eles poderiam desanimar tendo que enfrentar a guerra. Deus havia pensado em tudo e até em poupar os filhos de Israel de guerras logo no começo da jornada.

Moisés narra neste ponto que ele havia trazido consigo os ossos de José, que havia pedido que fossem transportados de volta para Israel quando o povo de Israel estivesse voltando para Canaã.

O povo seguia sob a liderança de Moisés, mas todos eles seguiam a nuvem que Deus havia colocado diante deles para guiá-los durante o dia e a coluna de fogo que Deus deixara para guiá-los durante a noite.

Estes guias não se apartaram deles desde a saída do Egito até a chegada à Terra Prometida em Canaã.

Êxodo 14

Vemos neste capítulo que Deus ainda não acabara de lidar com Faraó. Ele ainda endureceria o seu coração mais uma última vez. Ele pediu que Moisés guiasse o povo diretamente para a beira do Mar Vermelho, pois ali Ele haveria de instigá-lo pela última vez. Vendo que o povo estava parado em frente ao mar, ele imaginaria que eles tivessem tomado o caminho errado e que estariam agora cercados e que disso ele, então, se aproveitaria para se vingar deles.

Deus lançou a isca e mais uma vez Faraó foi fisgado. De coração endurecido, ele juntou todo o seu exército e saiu atrás do povo de Israel. Foi um exército com 600 carros de guerra que agora saiu em perseguição a todo o povo.

De igual forma não demorou para que os alcançasse, porque todos sabiam exatamente onde estavam. Os filhos de Israel levantaram os olhos e lá estavam eles chegando e juntamente veio o pavor sobre eles. De nada haviam valido os maravilhosos feitos de Deus demonstrados através das 10 pragas, porque o povo só tinha recriminações para Moisés, que deveria tê-los deixado servindo a Faraó. Por pior que fosse, não seria tão trágico quanto serem mortos ali no deserto.

Qualquer semelhança nossa com esse comportamento deve agora nos constranger e impedir de formar juízo contra esses israelitas incrédulos. Quantas vezes não fizemos exatamente a mesma coisa e nos queixamos de como estávamos abandonados, depois de maravilhosos livramentos dos quais rapidamente nos esquecemos.

Moisés, contudo, soube ser paciente com o povo neste momento de medo e acalmou-os deixando claro que era a última vez que viam os egípcios e que sequer teriam que lutar com eles, porque isso Deus faria por eles. Deus, de igual forma, lida pacientemente conosco e nos pede que marchemos, porque é hora de vitória e não de desânimo.

Felizmente, ainda, existe sempre um Moisés no nosso meio, a quem Deus instrui para que estenda a sua vara para abrir o mar, possibilitando que possamos passar em seco. Alguém que também abra os nossos olhos e permita ver o quão cegos temos sido em relação ao que Deus está fazendo.

Se lermos este texto e não entendermos que é a nós que ele está falando, de absolutamente nada adianta o fato de o termos lido. Nós somos tão incrédulos quanto esses filhos de Israel e Deus tem feito em nossas vidas os mesmos sinais e mesmo assim duvidamos. Que assim não seja!

Deus cuidou dos mínimos detalhes. Os egípcios, apesar de tão próximos, não puderam se aproximar do acampamento dos filhos de Israel durante toda a noite. Enquanto isso, o vento fez com que o mar se abrisse ao comando de Moisés e o mesmo povo incrédulo pôde passar entre dois muros de água para atravessarem em seco o Mar Vermelho.

Conforme planejado por Deus, os egípcios foram no seu encalço e também entraram no mar seco, mas a sua marcha com carros e cavalos era mais lenta que a dos hebreus. As rodas se emperravam e quando perceberam que aquilo fora um erro, era tarde. Moisés mais uma vez estendeu o bordão e as águas retornaram ao seu lugar, matando todo o exército egípcio. Assim, o povo mais uma vez testemunhou o poder de Yahweh e cresceu a sua confiança nEle e em Moisés, Seu servo.

Êxodo 15

Neste capítulo é chegado o tempo de “cantar vitória”, pois os egípcios, que os filhos de Israel viram durante 430 anos já não veriam mais. Exatamente por isso Moisés entoou esse cântico de louvor a Yahweh por Seu triunfo glorioso, realizado lançando no mar tanto o cavalo como seu cavaleiro.

Yahweh é o Seu nome, Ele é homem de guerra, Ele é a nossa força e o nosso cântico. A Sua destra, ou seja, a Sua mão poderosa realiza grandes feitos. Não há ninguém igual a Yahweh. O cântico de Moisés se estende até o versículo 19.

No versículo 20 Moisés nos informa que sua irmã Miriam é uma profetisa (uma pessoa através da qual Deus trazia revelações) e que ela pegou um tamborim, seguida pelas demais mulheres, para dançar e cantar como refrão as palavras com as quais Moisés abriu o seu próprio canto.

A partida para a Terra Prometida é narrada a partir do versículo 22, onde vemos o primeiro obstáculo da caminhada, a falta de água, voltando a trazer murmuração contra Moisés. Os filhos de Israel andaram por 3 dias, quando chegaram a um lugar chamado Mara, cujas águas eram amargas pelo que não podiam ser bebidas. Mais uma vez Moisés foi responsabilizado por aquela situação, que ele obviamente passou adiante para o Senhor, que Se limitou a indicar um arbusto que resolveu o problema, tornando as águas potáveis. Nesta ocasião Deus aproveitou para dar ensinamentos que deveriam ser observados. Além disso, fez uma promessa maravilhosa de cura e manutenção de saúde para todo aquele que Lhe fosse fiel. Deus pode fazer uma promessa assim porque Ele é Yahweh Raffa (o Deus que nos sara!).

Êxodo 16

Este capítulo começa com os filhos de Israel deixando as fontes de Elim, onde tinham parado no capítulo 15, dirigindo-se agora para o Sinai, caminhando pelo deserto de Sim. Infelizmente, contudo, a lição aprendida em Mara, sobre a provisão garantida de Deus para as suas necessidades, não durou mais do que alguns dias.

Aqui vemos o povo se queixando de que havia muita comida no Egito e que no deserto certamente morreriam de fome, pelo que muito melhor seria se Moisés os tivesse deixado lá.

Mesmo assim Deus continua extremamente paciente, porque Ele promete dar a eles pão vindo dos céus todos os dias e pelo menos para o dia da murmuração carne de codornizes quanto quiserem.

Sabemos que a paciência de Deus com a murmuração tem limite e que brevemente os filhos de Israel iriam sabê-lo, mas insisto aqui que nós não somos nada diferente deles. Que possamos nos colocar no lugar deles para aprendermos, antes que venha a Sua ira, o quanto devemos ser gratos em todas as circunstâncias!

A bênção do maná é, antes de mais nada, um exercício de disciplina para o povo. Eles deveriam confiar que aquilo seria provido todos os dias, pelo que não seria necessário colher, senão para aquele dia. A única exceção seria a sexta-feira, porque no sábado do descanso não haveria colheita, pelo que todos deveriam colher em dobro.

As regras eram claras, mas muitos não confiaram, colhendo em dobro nos dias proibidos ou deixando de fazê-lo na sexta-feira ou, ainda, tentando colher no sábado. Mesmo assim Deus foi fiel e durante 40 anos, até entrarem na Terra Prometida, os filhos de Israel comeram o maná no deserto.

Êxodo 17

Estamos vendo neste capítulo, que a lição de “confiança cega no Senhor” é, sem dúvida, a mais difícil de ser aprendida. Israel estava andando no deserto, onde é público e notório que água é uma raridade. Se, contudo, toda vez que encontramos uma dificuldade no deserto da vida, nós passamos a murmurar, então não somos nem um pouco diferentes desses israelitas. Tudo é uma questão de atitude. Ou confiamos que Deus está no controle, ou ainda não aprendemos suficientemente bem essa lição. É claro que, ao escrever isso, estou automaticamente me perguntando se é fato que eu mesmo a tenha aprendido. Essa é uma boa hora de cada um repassar seus próprios problemas e a forma como temos lidado com eles.

Moisés, como sempre, levou o caso a Deus, que ainda está agindo pacientemente. Mandou que Moisés levasse consigo alguns anciãos do povo e que se dirigisse para o Monte Horebe em Refidim. O mapa da figura 10-1 indica a localização de Refidim e do Monte Horebe. Israel já está passando pela parte inferior do deserto de Sinai.



Figura 10-1 - Caminhada do povo de Israel no Deserto /17/

Bastou que Moisés tocasse a rocha com o seu bordão para que essa jorrasse a água que o povo tanto almejava. O Senhor continua sendo Yahweh Jirê (O Senhor que provê!), apesar do povo tentá-LO ali em Massá e Meribá, perguntando se Ele ainda estava no meio deles (versículo 7).

Nos versículos 8 a 16 o texto nos relata o primeiro confronto militar enfrentado pelos filhos de Israel. Ele foram atacados pelos amalequitas, que eram descendentes de Esaú e que ocupavam o sul da península do Sinai; portanto, exatamente onde realizaram o ataque.

Moisés mandou que Josué organizasse um exército, mas obviamente os israelitas nunca tinham lutado e não estavam preparados para isso. Assim sendo, Moisés se colocou no alto do monte para levantar o seu bordão no sentido de conseguir o apoio divino à distância. Moisés começou resolvendo tudo sozinho, mas logo ficou cansado,

abaixou o braço e os amalequitas começaram a reverter o resultado da peleja. A solução foi Moisés contar com a ajuda de Arão e Hur, que o sentaram numa pedra e ficavam sustentando os seus braços para que não se abaixassem.

No reino de Deus há pessoas que se destacam por sua fé, mas nunca trabalham sozinhas. Aqui Moisés ficou sabendo disso à custo da vida de alguns israelitas. Que todos saibamos e aprendamos que servimos todos ao mesmo Senhor, mas não somos super-heróis. O único herói na nossa batalha do dia a dia é Jesus!

Com o devido apoio Josué desbaratou o exército de Amaleque e toda a honra e toda a glória foi dada ao Senhor, a Quem ergueram um altar chamado: Yahweh Nissi (O Senhor é a nossa bandeira!).

Êxodo 18

Quando estávamos lendo Êxodo 4 encontramos um evento curioso em que Deus tenta matar Moisés por não ter circuncidado os seus filhos. Naquela ocasião o texto registra que ele foi salvo por Zípora, sua esposa, que tomou a iniciativa de fazê-lo e, assim, aplacou a ira do Senhor. Depois disso Moisés se encontrou com Arão e seguiram juntos para o Egito. O que não foi registrado, naquela ocasião, é que Moisés, diante das circunstâncias, preferiu mandar Zípora e seus filhos de volta para Jetro, o seu sogro, ao invés de levá-los consigo.

Neste capítulo, encontramos Jetro sendo informado, em Midiã, a respeito de todas as coisas que Deus havia feito em favor de Moisés e de Israel, tirando-os da terra do Egito. Por isso mesmo ele resolveu que era hora de reunir a família, pelo que saiu de Midiã (localizada também na península do Sinai, junto ao Golfo de Ácaba) para levar até Moisés a sua esposa e filhos. É provável que a casa de seu sogro estivesse a poucos quilômetros do lugar onde o povo se encontrava após derrotar os amalequitas.

A descrição do reencontro nos dá a entender que Moisés e seu sogro tinham um excelente relacionamento, pelo que ambos se alegraram muito durante a narrativa das coisas que ocorreram no Egito. Jetro, que é citado sempre como o “sacerdote de Midiã”, logo decidiu oferecer um sacrifício ao Senhor por tudo que Ele havia feito.

O ponto interessante desse relato fica por conta do conselho que Jetro deu a Moisés ao constatar que este ficou o dia inteiro tentando atender a um grande número de pessoas que o procuravam para resolver suas disputas. O fato de Moisés tentar fazer tudo sozinho mais uma vez ficou patente ao olhos de Jetro, que logo reconheceu que não era possível.

O conselho de Jetro foi no sentido de que ele dividisse a sua carga de trabalho com pessoas competentes e honestas que pudessem substituí-lo, deixando para ele, Moisés, apenas as disputas mais complicadas. A forma como Jetro o apresenta,

condicionando a aceitação de Moisés à concordância do próprio Deus, mostra tratar-se de uma pessoa humilde que reconhecia haver uma ascendência a ser obedecida.

Êxodo 19

Este capítulo começa com a chegada dos filhos de Israel ao Monte Sinai (ou Monte Horebe em hebraico). Isso se deu no primeiro dia do terceiro mês, contado a partir de sua saída do Egito, que se deu no meio do primeiro mês. Assim sendo, o povo estava peregrinando havia cerca de um mês e meio.

Devemos lembrar que este é o lugar onde Moisés viu a sarça que queimava sem ser consumida e também o lugar para onde Deus prometeu que ele voltaria para servi-LO depois de ter tirado o povo do Egito (ver *Êxodo 3.12*).

No versículo 3 vemos Moisés subindo o monte para ouvir de Deus aquilo que ele deveria falar ao povo de Israel. A intenção de Deus é maravilhosa: **“se diligentemente vocês ouvirem a minha voz guardando a aliança que vou fazer com vocês aqui, então vou escolher vocês como minha propriedade especial, porque afinal de contas sou dono de tudo, mas vocês serão especiais”**. Que honra! Ele disse isso exatamente para aquele mesmo povo que veio resmungando pelo caminho, murmurando contra Moisés a cada dificuldade encontrada! Isso chama-se graça, porque o que mereciam era bem diferente.

Mas Deus não parou aí. Ele disse ainda que faria deles um reino sacerdotal e uma nação santa. Isso é muito lindo! Mas apesar deles terem ficado contentes e mesmo tendo dito que fariam tudo o que Ele mandasse, nós sabemos que no final das contas não foi isso que aconteceu. A verdade é que poucas pessoas do povo realmente viveram como Deus queria que vivesse o povo todo.

Claro que não podemos esquecer que a nós, Igreja de Jesus Cristo, foi dita uma coisa muito semelhante. Em *IPedro 2.9* lemos: **“Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz”**. O povo de Israel deveria fazer isso, mas não fez. Exatamente por isso, Deus criou, no seio do povo de Israel, usando, a princípio, apenas pessoas iletradas da região do mar da Galileia, a Igreja de Jesus Cristo com a mesmíssima missão, qual seja, proclamar as virtudes de Deus.

Cabe perguntar, contudo, como nós, Igreja, estamos nos saindo comparados com o povo de Israel. Será que a nossa reação é similar à deles, ou seja, dizemos que vamos acatar tudo que Ele nos diz, mas apenas da boca para fora?

O grande erro do povo de Israel residiu no fato de terem se apropriado totalmente do fato de serem propriedade exclusiva de Deus, mas sem a consciência de que os direitos se fazem sempre acompanhar de obrigações. O restante deste capítulo fala de sua

santidade e de sua obediência. Foram justamente estes os dois ingredientes que faltaram a esse povo durante os séculos que se seguiram e pelos quais Deus esperou ansiosamente.

O povo testemunharia quando Deus viesse falar com Moisés, mas para tanto deveriam estar purificados, de vestes lavadas e prontos para o dia da vinda do Senhor (versículos 10 e 11). Eles teriam limites onde poderiam andar e foi-lhes vedado tocar no monte (versículos 12 e 13). Finalmente, aqueles dentre eles que efetivamente fossem sacerdotes, deveriam se consagrar a Ele.

Com relação à Igreja de Jesus Cristo, os requisitos em nada mudam. Devemos ser puros em tudo o que fazemos. Não obstante a liberdade em Cristo, há muitas restrições que devemos nos autoimpor, porque há coisas impuras neste mundo nas quais não devemos tocar. Finalmente, nós, que somos efetivamente sacerdotes, devemos nos achegar a Ele, consagrando-Lhe totalmente as nossas vidas. É isso que fazemos?

Êxodo 20

No capítulo anterior Deus mandou que o povo se santificasse e que estivesse pronto para ouvi-LO falar. Neste capítulo estamos vendo justamente este discurso que ocorreu 3 dias depois. Ele apresenta, para o povo de Israel, o resumo da aliança que estavam por estabelecer: os chamados Dez Mandamentos:

- Não terás outros deuses diante de Mim;
- Não farás para ti imagem de escultura;
- Não tomarás o Nome do Senhor teu Deus em vão;
- Lembra-te do dia de sábado para o santificar;
- Honra ao teu pai e à tua mãe;
- Não matarás;
- Não adulterarás;
- Não furtarás;
- Não dirás falso testemunho contra o teu próximo;
- Não cobiçarás.

Se a intenção de Deus era impressionar o povo para que O temesse, Seu objetivo foi alcançado plenamente. O povo ficou muito impressionado, mas ao mesmo tempo apavorado, a ponto de pedirem a Moisés que ele não mais permitisse que Deus falasse diretamente com eles. Ele, Moisés, deveria conversar com Deus e o povo receberia de segunda mão.

Que decepcionante, podemos pensar, como alguém pode pedir uma coisa dessas? Pois bem, a nós, Igreja, foi dito desde o princípio, quando primeiro foi anunciada a nova aliança, que todos nós falaríamos com Deus pessoalmente. *Jeremias 31.34*, em meio ao anúncio da Nova Aliança diz o seguinte: **Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me**

conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdorei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. Não obstante essa rica promessa, a verdade é que a maioria dos crentes não busca essa intimidade e acaba se contentando em receber informações de Deus em segunda mão. Mais uma vez descobrimos que somos exatamente iguais a esse povo.

Encerrando esse capítulo, Deus dá mais algumas instruções referentes ao culto que o povo lhe prestaria, através de seus sacrifícios, deixando claro a reverência com que tal culto deveria ser prestado.

Êxodo 21

São apresentados aqui vários estatutos que deveriam ser observados pelo povo hebreu. Não cabe repeti-los todos aqui, mas é interessante fazer algumas observações.

Vários destes estatutos regulamentam itens referentes à escravidão entre os hebreus (versículos 2 a 11), inclusive de escravos israelitas. É muito importante ressaltar que isso não quer dizer que Deus ou a Sua Palavra ofereçam, em função disso, apoio a esse tipo de procedimento. O mesmo ocorre em relação à poligamia, que encontramos entre diversos dos patriarcas (Abraão e Jacó, por exemplo). Tanto a escravidão como a poligamia são irregularidades que já eram praticadas pelo povo e que a Bíblia apenas regula. A poligamia é um excelente exemplo disso. Deus queria que o homem e a mulher se juntassem e passassem a ser “**uma só carne**” (*Gênesis 2.24*), o que é totalmente impossível na poligamia.

Os versículos 12 a 27 contêm regulamentos que tratam de pessoas que ferem outras, mortalmente ou não, intencionalmente ou não, definindo como essas pessoas devem ser punidas. Há algumas coisas que em princípio podem nos parecer estranhas, mas devemos nos lembrar que elas não podem ser dissociadas de valores da época. O bebê, por exemplo, só é considerado um ser vivo a partir do nascimento. Por isso mesmo o versículo 22 pode nos informar que “**se dois homens brigarem e ferirem uma mulher grávida, que em decorrência desse ferimento vier a abortar, sem contudo sofrer maior dano, então o agressor terá que indenizar o marido da mulher o valor exigido, pago mediante a determinação dos juizes**”. O pai do bebê não seria indenizado em função da perda de uma vida e, sim, em função do prejuízo causado pela cessação da gravidez, ou seja, não há pena de morte.

Há alguns casos odiosos narrados na Bíblia como em *II Reis 15.16*, onde mulheres grávidas são rasgadas ao meio, com a morte delas e de seus filhos. É óbvio que isso era tão odioso para os hebreus quanto o é para nós hoje.

Outro fato que nos causa estranheza é o escravo ser tratado como se fosse dinheiro de seu senhor. O senhor não poderia simplesmente matá-lo, porque seria punido (versículo 20), mas se o escravo não morresse no mesmo dia, nesse caso ele não seria punido porque tinha direito de fazer do seu dinheiro o que bem entendesse. De forma alguma

podemos entender à luz dessa regulamentação, que Deus amava menos os escravos do que os seus senhores. A regulamentação simplesmente se baseava nos valores da época, por mais desumanos que possam nos parecer.

Finalmente, os versículos 28 a 36 regulamentam problemas de perdas causadas por animais, principalmente no caso de animais violentos, distinguindo claramente os casos em que o dono do animal tinha conhecimento de que seu animal tinha hábitos violentos, sem, contudo, ter tomada qualquer providência a respeito.

Êxodo 22

Neste capítulo continuam os regulamentos iniciados no anterior. Mais uma vez queremos fazer alguns comentários em relação aos mesmos.

Os versículos 1 a 4 dizem respeito ao trato de ladrões, principalmente quando estes são apanhados. As retribuições são atribuídas em função dos produtos roubados. Já os versículos 5 a 15 tratam do ressarcimento ou não de prejuízos que são causados a bens de terceiros, por pessoas que delas abusaram ou a quem confiaram seus bens.

Os versículos 16 e 17 tratam do ressarcimento do dano causado pelo abuso de uma virgem ainda não comprometida.

A feiticeira do versículo 18 é uma pessoa que tem a capacidade de prever o futuro ou de influenciá-lo através de atos demoníacos. O israelita era o povo separado de Deus, que deveria dar testemunho do relacionamento com Ele. Qualquer pessoa que agia relacionando-se com Satanás ou seus demônios deveria ser eliminada.

A relação sexual imprópria não agrada a Deus. Não só Sodoma e Gomorra, como Canaã, no texto bíblico lido até aqui, tem dado testemunho de que relações dessa natureza são motivo de juízo divino abreviado. A bestialidade do versículo 19 é tão condenada como a sodomia.

O sacrifício a outros deuses, considerado no versículo 20, não poderia ser tolerado por Seu povo.

Já os versículos 21 a 27 nos falam de cuidados que o povo de Deus deveria ter para com pessoas marginalizadas, quais sejam os forasteiros, as viúvas, os órfãos e os pobres em geral.

O versículo 28 trata da proibição de pronunciamento de blasfêmias contra Deus e de maldições contra o príncipe do povo. Este é o texto referenciado por Paulo, ao pedir desculpas perante o sinédrio por ter criticado o Sumo Sacerdote sem saber de quem se tratava em *Atos 23.5*.

Os versículos 29 e 30 falam do cumprimento da entrega de ofertas definidas na lei e o texto se encerra com uma exortação à consagração por evitarem o consumo de carnes dilaceradas.

Êxodo 23

Os primeiros 3 versículos desse capítulo dizem respeito a um procedimento imparcial em relação ao testemunho em juízo. As informações prestadas devem ser verdadeiras. Tampouco não devem ser influenciadas pela maioria ou beneficiando o pobre, por ser mais necessitado.

Nos versículos 4 e 5 há recomendações sobre o procedimento correto do servo do Senhor, sempre que seu inimigo, de alguma forma, precisar de sua ajuda. Já os versículos 6 a 9 voltam a falar sobre procedimentos corretos em juízo, principalmente no que diz respeito a suborno.

Os versículos 10 a 19 são tratados em Cole (/16/, pág. 172) como a apresentação de regulamentos rituais. Assim é que os versos 10 a 12 nos falam sobre a guarda do sábado, o versículo 13 sobre a proibição da idolatria, os versículos 14 a 17 sobre a guarda das festas prescritas para o povo: festa dos pães asmos, festa da sega e festa da colheita e, finalmente, os versículos 18 e 19 sobre a forma das oferendas.

Há uma curiosa recomendação de não cozinhar um cabrito no leite da mãe. Em princípio pode parecer que Deus está tendo o cuidado com a preservação da espécie ou algo assim, mas na realidade as poucas evidências que há do culto canaanita parecem indicar que isso fazia parte de um ritual de fertilidade deles. Nesse caso, trata-se apenas de evitar coisas dessa natureza no seio do povo de Deus.

O último bloco de versículos, do 20 ao 33, é chamado em Cole (/16/, pág. 175) de promessas deuteronômicas, porque se trata de ricas promessas de como Deus pretende lidar com Seu povo, ao mesmo tempo em que lembra a eles o quão importante é que eles se mantenham fiéis a Ele.

O bloco começa dizendo que o Anjo do Senhor estará sempre diante do povo, guiando-os até chegarem à Terra Prometida. Eles devem obedecê-lo em tudo, pois disso depende a sua felicidade. A intenção de Deus é prover para todas as suas necessidades, mantendo-os saudáveis (versículo 25), ou seja, a partir daí tudo é bênção. Eles seriam férteis e cresceriam em número, seus inimigos seriam expulsos diante deles e Deus proveria até a proteção para que os animais selvagens não os atacassem.

Eles conquistariam toda a terra e habitariam nela em paz, se tão somente mantivessem a aliança que foi feita com Ele.

Para tanto era imprescindível que não fizessem alianças com o povo da terra, para que o culto a outros deuses não fosse disseminado no meio deles.

Êxodo 24

Neste capítulo tem lugar a celebração da aliança que Deus faz com o povo de Israel (versículos 1 a 11), findo o que Deus chama Moisés ao monte para ali entregar a ele as tábuas da lei (versículos 12 a 18).

Até determinado ponto subiram com Moisés Arão e seus filhos, bem como 70 anciãos do povo. Eles aguardariam, então, e Moisés prosseguiria sem eles.

Moisés já havia recebido de Deus os Dez Mandamentos e o povo mesmo o testemunhara, mas a partir daí tinham pedido a Moisés que ele conversasse com Deus e transmitisse a eles os estatutos que ainda havia de receber. Assim sendo, os estatutos contidos nos capítulos 21 a 23 foram recebidos por Moisés e tratava-se, agora, de transmiti-los ao povo. Isso foi feito no versículo 3 e, mais uma vez, o povo se comprometeu a obedecer a Deus em tudo o que Ele estabeleceria.

No versículo 4 Moisés constrói o altar da aliança e nos versículos 5 a 8 ele a celebra diante do povo. Esta é a aliança que costumamos chamar de Antiga Aliança, à qual se contrapõe a Nova anunciada por Jeremias, quase mil anos depois. Aquela foi celebrada com o sangue de animais, enquanto essa o seria com o sangue precioso de Jesus. A primeira, portanto, era provisória e a segunda eterna, já que foi sacramentada com um sacrifício único e definitivo.

Os versículos 9 a 11 tratam da subida de Arão, seus filhos e os anciãos, juntamente com Moisés, sendo ressaltado aqui que todos viram a glória do Deus de Israel (versículo 11).

No versículo 12 Deus, então, chama Moisés para que suba até Ele e dEle receba as tábuas da lei, contendo os mandamentos, que Ele prepara, os quais Moisés usaria para ensinar ao povo.

No versículo 13 ficamos sabendo que Josué, o mesmo que organizara o exército para lutar contra os amalequitas, tinha se tornado servidor de Moisés e que tinha acompanhado também o grupo. Assim sendo, Moisés não subiria sozinho, mas Josué haveria de subir com ele.

Antes de fazê-lo, contudo, ele instruiu o grupo que ficava ali, no sentido de aguardar até que retornassem. Curiosamente, o narrador inclui aqui mais uma pessoa que não fora mencionada antes, qual seja, Hur. Esse parece ser o mesmo Hur que estivera com Arão no monte sustentando os braços de Moisés durante a guerra contra os amalequitas no capítulo 17.

Moisés e Josué subiram, então, e logo a seguir foram envolvidos por densas nuvens, de modo a não serem mais vistos, e lá permaneceram por 6 dias, esperando até que Deus chamasse a Moisés. Aos poucos Deus vai ensinando Moisés a ser paciente. Ao todo, a permanência dos dois lá em cima foi de 40 dias.

Êxodo 25

Neste capítulo Deus instrui Moisés acerca de ofertas de materiais, que o povo de Israel traria, para que pudessem construir um santuário, no qual Ele habitaria no meio do Seu povo.

Os versículos 1 a 8 falam do material a ser trazido e nos versículos 10 a 15 há instruções sobre a arca a ser construída, na qual seriam colocadas as tábuas da lei. Nos versículos 17 a 22 há instruções relativas à construção de um propiciatório e dois querubins que seriam colocados em cima da arca.

Nos versículos 23 a 30 Deus detalha a construção de uma mesa sobre a qual serão mantidos os pães da proposição. Já nos versículos 31 a 39 há uma descrição relativa ao candelabro que deveria ser feito para iluminar o interior do tabernáculo.

Para melhor visualização do tabernáculo (do pátio, do Lugar Santo e do Santo dos Santos), bem como dos utensílios descritos acima, ver as figuras 10-2 a 10-4.

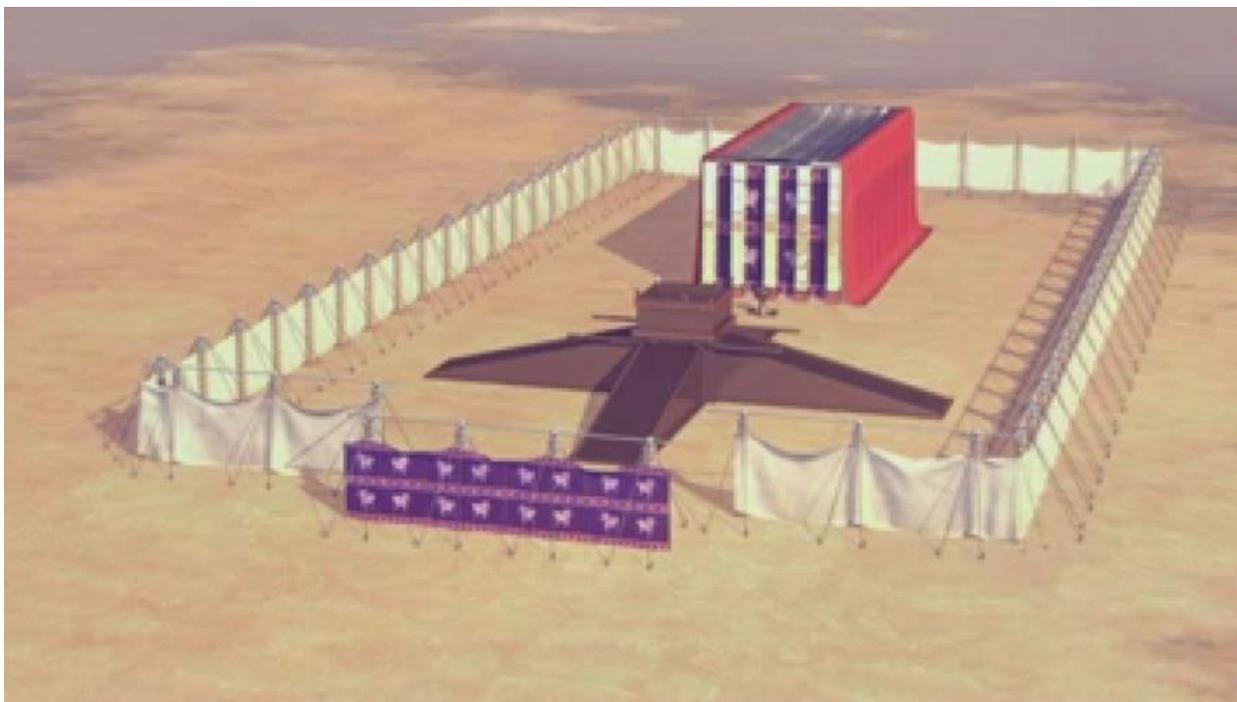


Figura 10-2 - Vista geral do tabernáculo com o altar no pátio /18/

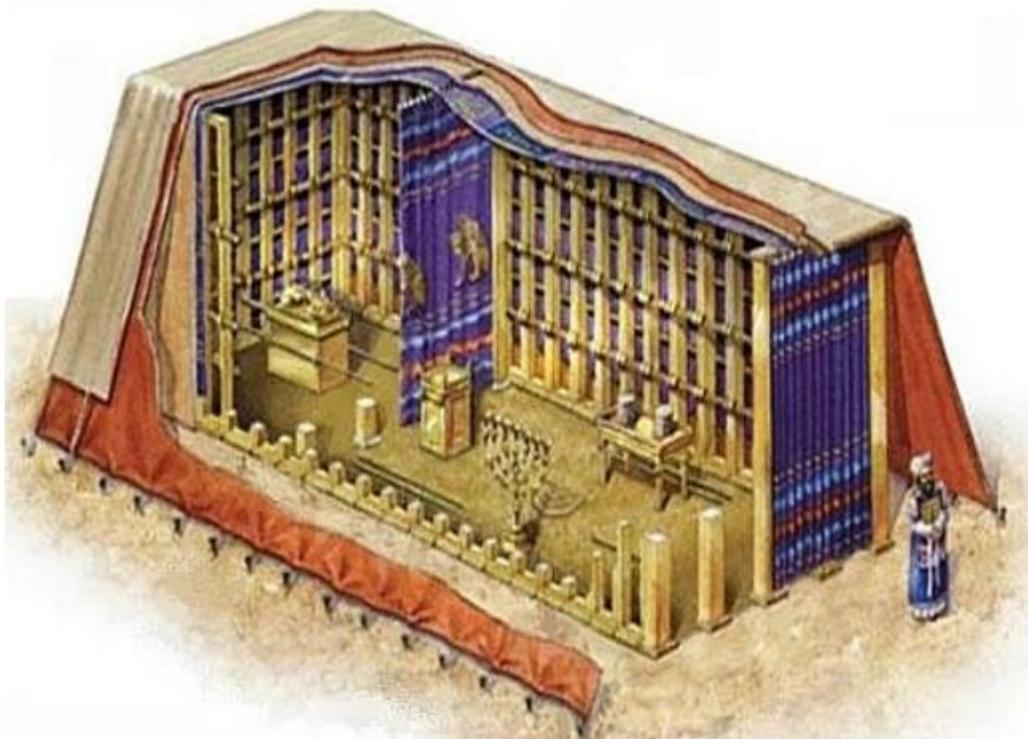


Figura 10-3 - Vista do tabernáculo com o lugar santo e o santo dos santos /18/



Figura 10-4 - Vista dos utensílios: arca, propiciatório com querubins, mesa e candelabro /18/

Semana 11 - A Peregrinação do Povo de Israel (2)

Texto: Êxodo 26 a 40

Êxodo 26

O capítulo 26 descreve com detalhes as cortinas que deveriam ser preparadas para a confecção do tabernáculo. Elas seriam feitas de linho retorcido nas cores azul, púrpura e carmesim (vermelho) com querubins bordados nas mesmas.

As cortinas teriam dimensões de 12,6m x 1,8m e seriam num total de 10 (o côvado tem aproximadamente 45cm). Dessas cortinas seriam feitas as paredes do tabernáculo, que seriam mantidas em pé através de colunas em forma de tábuas, que teriam 4,5m de altura e uma largura de 67,5cm.

Essas tábuas de enrijecimento estariam em toda a volta, 20 nas laterais, 8 em cada base e com reforço especial nas 4 pontas. Seriam feitas de madeira de acácia, como o seriam também as suas bases. Essas tábuas seriam revestidas de ouro da mesma forma que as suas respectivas bases de prata.

No interior seria colocada uma cortina divisória separando o Lugar Santo do Santo dos Santos. A figura 10-3, apresentada anteriormente, fornece uma ideia bastante detalhada de como seria o tabernáculo.

Para a cobertura do tabernáculo seriam feitas outras cortinas de pelo de cabra, que receberiam camadas adicionais de pele de carneiro e pele fina.

Além da tenda do tabernáculo, propriamente dita, são descritos aqui também os lugares onde seriam posicionados os utensílios. A arca da aliança e o propiciatório ficariam no Santo dos Santos, enquanto o altar de incenso, o candelabro e a mesa dos pães da proposição ficariam antes do véu, no Lugar Santo.

Êxodo 27

Neste capítulo Deus descreve para Moisés a configuração do altar de holocaustos que ficava no pátio e as dimensões gerais deste, bem como das cortinas feitas em volta do mesmo.

O altar principal seria feito em madeira de acácia, um quadrado de 2,25m de lado e com uma altura de 1,35m. Essa madeira seria toda revestida de bronze.

Nos quatro cantos do altar seriam implantados quatro chifres de bronze, um em cada canto e em volta do mesmo uma grelha de bronze com argolas nos quatro cantos, feitas para inserir varas, também forradas de bronze para carregar o altar.

Todos os utensílios do altar, quais sejam, recipientes para recolher cinzas, pás, bacias, pás, garfos e braseiros seriam todos igualmente feitos de bronze.

No entorno do tabernáculo seria delimitado com cortinas um pátio com dimensões de 45m x 22,5m. As cortinas seriam feitas de linho fino trançado, com uma altura de 2,25m, sustentadas com estacas de bronze, instaladas sobre bases igualmente de bronze.

As laterais teriam 20 estacas, o fundo 10 estacas e os dois lados da frente teriam 3 estacas cada. As cortinas seriam ligadas às estacas através de ganchos e ligaduras de prata.

A entrada do pátio far-se-ia através de uma cortina frontal de 9m de comprimento feito também em linho fino trançado em azul, púrpura e carmesim. Esta seria suportada por 4 estacas.

Para a iluminação do tabernáculo os filhos de Israel foram encarregados de trazer o óleo necessário para os candelabros.

Êxodo 28

Continua aqui a ministração de Deus a Moisés acerca da implantação do culto que o povo de Israel prestaria ao Senhor. A ênfase aqui é o vestuário de Arão e seus filhos.

É interessante que se trata de uma obra a ser realizada por todos os homens a quem o Senhor tinha dado espírito de sabedoria. Em outras palavras, aquilo que normalmente retratamos como uma habilidade que algumas pessoas têm é definido aqui como um espírito de sabedoria dado por Deus. Realmente a soberba que as pessoas ostentam, por acharem que sua habilidade é uma virtude própria, ofende a Deus pelo simples fato de que não se trata de habilidade própria e, sim, de uma dádiva do próprio Deus. Como é ridículo que alguém ouse se ufanar diante de Deus por alguma coisa que recebeu gratuitamente dEle mesmo.

As vestes em apreço incluem um peitoral, um colete sacerdotal, um manto, uma túnica bordada, um turbante e um cinturão, todos elaborados igualmente com linho fino trançado nas mesmas cores que as cortinas, ou seja, azul, púrpura e carmesim.

Arão carregaria, às costas, duas placas com os nomes dos filhos de Israel e no peitoral, à sua frente, doze pedras preciosas encravadas, representando cada um deles. O peitoral à frente e as placas às costas seriam ligadas por correntes de ouro e lembrariam a Arão, quando estivesse da presença de Deus, que ele era o representante do povo diante dEle (versículo 29).

Aliás, também nós, que somos sacerdotes e povo adquirido para abençoar as nações, não podemos nos esquecer que somos os responsáveis por aqueles que estão à nossa volta para abençoá-los e levá-los a conhecer o Deus diante de Quem os representamos.

No interior do “peitoral do juízo” seriam colocados o Urim e o Tumim, talvez duas bolas, uma branca e outra preta. Estas seriam usadas para as frequentes consultas a Deus, com respostas sim ou não.

Na borda inferior do manto de Arão, feito igualmente de linho trançado colorido, seriam colocados sinos a toda a volta, cuja finalidade é descrita aqui como sendo para garantir que não morra na presença de Deus.

Para os filhos de Arão seriam feitas roupas também especiais, para estarem com elas na presença de Deus.

Todas essas roupas seriam consagradas a Deus com sangue.

Êxodo 29

Neste capítulo Deus trata da consagração das coisas que foram construídas para o culto a Ele oferecido pelo povo de Israel, começando pelos sacerdotes propriamente ditos.

A consagração em apreço realizar-se-ia ao longo de um período de 7 dias, mas a cada dia seria oferecido um novilho e dois carneiros, cujas funções são descritas no texto.

Os três animais seriam sem defeito e sua oferta far-se-ia juntamente com pães e bolos feitos da melhor farinha, sem fermento, todos untados com azeite.

No primeiro dia Arão e seus filhos seriam levados à tenda da congregação, onde tomariam banho e se vestiriam com as roupas descritas no capítulo anterior (28). Sobre a cabeça de Arão seria derramado o óleo da unção (versículo 7).

O primeiro animal a ser sacrificado seria o novilho, que seria trazido a Arão e seus filhos, que colocariam sobre a cabeça dele as suas mãos, para logo em seguida sacrificá-lo na frente da tenda do encontro.

O sangue desse animal seria usado para untar as pontas do altar e o restante seria derramado na base do mesmo. Parte do animal (gordura e partes interiores) seria queimada sobre o altar e o restante (couro e partes exteriores) seria queimado fora do acampamento. Trata-se de uma oferta pelo pecado de Arão e seus filhos.

Vem a seguir o sacrifício do primeiro cordeiro, cuja função é dar uma oferta de cheiro suave ao Senhor. Mais uma vez Arão e seus filhos colocariam as mãos sobre a sua cabeça, mas desta feita não para transmitir pecados e, sim, a sua expressão de gratidão.

Esse animal seria morto e seu sangue derramado na base do altar, mas ele seria cortado em pedaços e totalmente queimado sobre o mesmo.

O sacrifício do segundo cordeiro tem por finalidade a consagração dos sacerdotes, propriamente dita. Mais uma vez Arão e seus filhos colocariam as mãos sobre a cabeça do animal e este seria morto.

Desta vez o seu sangue seria usado para ungir Arão e seus filhos, além de ser aspergido sobre eles e suas roupas. Além disso, o sacrifício seria tratado de maneira diferente. Uma parte seria separada como oferta movida perante o Senhor e o peito e a coxa seriam cozidos e comidos por Arão e seus filhos. Tudo que sobrasse seria queimado sobre o altar.

Essa cerimônia seria repetida por 7 dias (versículo 35).

Êxodo 30

Este capítulo fala a respeito de um outro altar, o de incenso, que seria feito por Moisés e que seria colocado no Lugar Santo, dentro da tenda do tabernáculo, diante do véu de entrada para o Santo dos Santos.

Esse altar seria quadrado, com 45cm de lado e uma altura de apenas 90cm. Ele teria pontas nos quatro cantos, onde seriam instalados também quatro argolas, onde seriam inseridas duas varas com as quais seria carregado (ver figura 10-3, dada anteriormente). Esse altar seria totalmente revestido de ouro, tanto o altar em si como as varas a serem utilizadas para carregá-lo.

Embora fosse destinado normalmente ao incenso a ser queimado sobre o mesmo, esse altar teria uso exclusivo também para a oferta de propiciação a ser feita uma vez por ano no dia da expiação (versículo 10 - ver também a descrição dos ofertórios do dia da expiação em *Levítico 16*).

Os versículos 12 a 16 tratam do resgate a ser pago pelos israelitas de vinte anos para cima durante o recenseamento que Moisés viesse a fazer.

Nos versículos 18 a 21 Moisés é instruído no sentido de preparar uma bacia de bronze a ser utilizada por Arão e seus filhos para a lavagem de mãos e pés quando eles entrassem no santuário para ministrar.

Nos versículos 23 e 24 Deus deu a Moisés a receita para o preparo do óleo sagrado a ser utilizado no tabernáculo para unções. Este óleo seria utilizado apenas ali e quem o utilizasse para qualquer outra finalidade seria expulso do meio do seu povo.

De igual modo, Deus deu a Moisés, no versículo 34, a receita do incenso aromático a ser utilizado no âmbito do tabernáculo; novamente houve uma restrição de uso, que seria exclusivo no tabernáculo.

Êxodo 31

No primeiro tópico tratado neste capítulo (versículos 1 a 11), Deus informa a Moisés que capacitou e escolheu Bezalel da tribo de Judá e Aoliabe da tribo de Dã para estarem à frente de todos os trabalhos relacionados à obra do tabernáculo, seus utensílios, as roupas de Arão e seus filhos, o preparo do óleo da unção, bem como o incenso aromático.

Já mencionamos isso acima, mas vale a pena enfatizar que a forma como Ele descreve a capacitação de Bezalel não deixa qualquer dúvida de que se trata de uma obra divina: **“Eu o enchi do Espírito de Deus, dando-lhes destreza, habilidade e plena capacidade artística para desenhar e executar trabalhos em ouro, prata e bronze, para talhar e esculpir pedras, para entalhar madeira e executar todo tipo de obra artesanal”**.

Não se trata de um dom sobrenatural, mas não há qualquer dúvida de que toda a habilidade concedida a eles provém do Espírito Santo de Deus. Isso se aplica tanto a Bezalel, como a Aoliabe e ainda a **“todos os artesãos, que capacitei para que executem tudo o que lhe ordenei”** (versículo 6).

Em segundo lugar, logo antes de Moisés descer, Deus informou a ele acerca da importância, para Ele, da guarda do sábado pelo povo (versículos 12 a 17). Trata-se de uma aliança perpétua entre Ele e o povo de Israel.

Êxodo 32

Eram passados cerca de 3 meses desde a saída do Egito e Moisés estava no monte conversando com Deus havia 40 dias. Todas as maravilhas que Deus fizera por ocasião das 10 pragas e como falara em voz audível ao povo 6 semanas antes, tudo caíra em total esquecimento. Como isso é possível?

Claro que é justo fazer uma pergunta dessas, mas será que nós realmente somos tão diferentes? Se fôssemos nós, teria sido diferente? Nós temos toda a Bíblia dando testemunho do quanto Deus é fiel e, além disso, temos a experiência em nossas vidas do quanto Deus não mudou e continua a agir com a mesma fidelidade. Não obstante tudo isso, basta surgir o primeiro probleminha para que a maioria de nós entre em desespero e procure o seu “bezerro de ouro” para tentar resolver o problema.

O povo de Israel não tem desculpa para o que fez, mas vamos dar a eles um pequeno benefício da dúvida. Eles viviam no Egito, no meio de um povo idólatra, havia 430 anos.

Cerca de 6 meses antes aparecera esse Moisés no Egito dizendo que Deus o mandara e que iria tirá-los de lá. Começou mal, mas logo se refez e durante 3 meses fez sinais maravilhosos, inclusive passando o Mar Vermelho em seco.

Eles andaram 2 meses no deserto até chegarem ao Sinai. Ali viram o próprio Deus falando com eles. E aí, sem que nem porque, o tal Moisés sumiu. Já eram passados quase 6 semanas e ninguém sabia dizer nada a seu respeito.

Não obstante haver comida e água (o pão continuava chovendo diariamente e a água da rocha, que Moisés fizera jorrar com sua vara, continuava jorrando); mesmo assim eles estavam ali no pé daquela montanha e não podiam sair dali sem o risco de morrerem no deserto. Por via das dúvidas, talvez fosse bom arranjar um deus visível com quem pudessem conversar a respeito. Era assim que a maioria deles via a situação.

Numa situação como essa o povo começou a pressionar Arão e este achou que talvez fosse melhor atendê-los, senão ele acabaria sendo linchado ou, na melhor das hipóteses, posto para escanteio.

A essa altura a conversa de Moisés com Deus estava se encerrando, quando Deus comunicou a ele que as coisas haviam piorado muito lá embaixo. O povo havia pecado e a primeira sugestão de Deus foi no sentido de destruir esse povo e começar de novo com a família de Moisés (versículo 10).

Neste momento, contudo, vemos um Moisés muito diferente daquele sujeito medroso temendo olhar para a sarça, por temer que Deus o fulminasse. Ele começa pedindo que Deus não acenda a Sua ira contra o povo. Que será que os egípcios diriam se soubessem que Ele não soube lidar com o povo, perguntou ele? Além disso, como ficariam as promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, no sentido de que seus descendentes herdariam aquela terra?

Moisés havia argumentado muito bem e Deus havia concordado com seus argumentos, de modo que resolveu deixar ao encargo de Moisés ver o que havia de ser feito naquela difícil circunstância.

Logo abaixo, no início da descida, Moisés se encontrou com Josué, que ficara esperando por ele pouco abaixo e este estava preocupado, porque o barulho indicava que talvez estivesse ocorrendo guerra no acampamento. Moisés, contudo, que já sabia do ocorrido (o povo havia não só adulterando, mas também se engajado numa celebração pouco louvável), explicou a ele que não era isso e os dois provavelmente discutiram o que fazer durante a descida.

O som da festa crescera muito e quando Moisés finalmente viu o que estava acontecendo, não sabia o que fazer. Aquelas tábuas de pedra que ele carregava eram o atestado de uma aliança que já fora quebrada, quando mal havia sido celebrada. Ele se exasperou e jogou as tábuas longe, quebrando-as completamente. Lá estava o

bezerro de ouro no meio da festa e o povo, muitos com pouquíssima roupa, numa celebração que ele pensou nunca mais presenciar depois que saiu do Egito.

Rapidamente Moisés se apresentou e gritou: quem for pelo Senhor que venha até ao meu lado. Naquele momento chegou-se a ele apenas a sua própria tribo, a de Levi. A estes, contudo, Moisés disse que tomassem suas espadas e que saíssem pelo acampamento matando os seus irmãos faltosos. O texto não fornece detalhes, mas somos informados de que morreram cerca de 3000 pessoas.

Não há dúvida de que a festa acabou, mas o ânimo geral era o pior possível. No dia seguinte, contudo, Moisés conseguiu se dirigir ao povo: vocês cometeram um pecado terrível, mas vou voltar para falar com Deus para tentar obter perdão para vocês.

Foi exatamente o que Moisés fez, mas de uma forma tão surpreendente que ficamos todos extasiados. Moisés disse a Deus que queria que Ele perdoasse o povo, não obstante o terrível pecado cometido e, ainda, que se Ele, Deus, não quisesse, que ele, Moisés, estaria “jogando a toalha”. Que Ele, então, tirasse o nome dele do Livro da Vida.

Deus poderia ter castigado a insolência de Moisés, mas pessoalmente acho que Ele gostou da ousadia do Seu escolhido intercedendo por aqueles seus liderados pecadores. Ele se limitou a dizer que riscaria do livro, sim, apenas aqueles que pecaram, mas que por enquanto ele, Moisés, continuasse a dirigir o povo em direção à Terra Prometida. Infelizmente, contudo, no devido tempo eles seriam castigados.

O último versículo diz que Deus puniu o povo com uma praga por causa do pecado do bezerro, mas não sabemos o que foi e nem que consequências houve, mas sabemos que no final aquela geração não teve acesso à Terra Prometida.

Êxodo 33

Deus continua aqui a dizer a Moisés que ele deve subir com o povo para a Terra Prometida, mas que Ele, ao invés de subir junto, enviaria o Seu anjo, pois do contrário Ele poderia destruir o povo na Sua ira. Mesmo assim Ele honraria o que prometera a Abraão, Isaque e Jacó.

Diz o texto que o povo se entristeceu e mostrou algum arrependimento, removendo os seus enfeites, mas é tudo que o texto nos informa.

Nos versículos 7 a 11 o narrador do texto achou por bem nos dar alguma informação sobre os hábitos de Moisés no seu cargo de liderança. Convém lembrar que a tenda do tabernáculo ainda não fora construída, mas que havia uma outra tenda, chamada tenda da congregação, onde Moisés costumava ir para se encontrar com Deus. Esta era armada fora do arraial e todo o povo ficava observando Moisés quando ele ia para lá e que, quando ele entrava, a nuvem que guiava o povo de dia se abaixava sobre a tenda, dando a entender que Deus Se chegara para falar com Moisés. Aliás, o versículo 11 nos diz claramente que Deus falava com ele face a face como qualquer um fala com

seu amigo. Outra nota digna de menção é o fato de que Josué, auxiliar de Moisés, ficava o tempo todo na tenda, ou seja, ele era o apoio de oração com o qual Moisés contava.

No versículo 12 Moisés inicia uma conversa com Deus, na qual a crescente ousadia dele diante dEle é a nota marcante. Ele se faz valer de coisas que Deus já dissera para ele no passado e pede, no versículo 13, para conhecer os Seus caminhos, ou seja, ele queria fazer parte do plano e do planejamento. Quando estávamos lendo o Salmo 103 na semana 5, chamei a atenção para o versículo 7, que nos diz que este pedido de Moisés foi atendido. Além disso, chamei a atenção para o fato de que este é, também, o meu pedido constante a Deus: que Ele conceda que possa conhecer os Seus caminhos, permitindo que participe do planejamento das ações que Ele me usa para empreender. Essa deveria ser a oração de todo servo do Deus altíssimo.

Deus diz, então, a Moisés que ele poderia contar sempre com a presença dEle, mas Moisés não se dá por satisfeito e pede mais: **“se o Senhor não for comigo e com o Seu povo então faça o favor de nem nos mandar subir. A única coisa que distingue a gente de todos os outros povos da Terra é a Sua presença no nosso meio”**.

Deus deixa claro, então, que Ele Se agradara muito de Moisés e que concederia aquilo que estava sendo pedido. Será que as nossas orações agradam tanto a Deus a ponto de fazerem com que Ele mude as Suas determinações por amor de cada um de nós?

A intimidade que Deus concede aqui a Moisés o torna ainda mais ousado, a ponto dele fazer um pedido que é único em toda a Bíblia: ele pede para ver a glória da face de Deus. É essa a intimidade que devemos todos procurar ter com Ele.

A resposta de Deus acatando o pedido dentro das limitações da integridade física de Moisés é uma das provas mais contundentes da Bíblia de que Ele quer muito a intimidade de servos fiéis e ousados. Parafrazeando a resposta divina temos:

“Moisés, não posso conceder exatamente o que você está pedindo, porque você morreria ao contemplar a minha face, mas vou fazer o seguinte: coloco você sobre essa rocha pertinho de Mim e farei proclamar diante de você toda a Minha bondade e Meu grandioso Nome. Quando Eu estiver passando coloco você numa fenda dessa rocha e cubro você com a Minha mão para sua proteção, mas quando tiver passado, então tiro a mão e você poderá ver a Minha glória pelas costas”.

Não há nada mais emocionante nessa vida do que a intimidade concedida a nós por Deus.

Êxodo 34

Era chegado o momento de fazer as novas tábuas da lei que Moisés havia quebrado em função da desobediência do povo. Deus havia lavrado as anteriores, mas desta feita pediu a Moisés que as fizesse antes de subir. Assim foi feito e, quando Moisés subiu, desta feita sozinho, ele as levou consigo.

Chegando ali Deus proclamou o Seu nome diante de Moisés exaltando a Sua misericórdia, que se estende por 1000 gerações, enquanto a Sua ira poderá se estender apenas até a 3ª ou 4ª geração.

Imediatamente Moisés se curvou e adorou o Senhor, reconhecendo que o povo era “lento para aprender”, mas pedindo que Ele o perdoasse e que permanecesse na Sua intenção de tomá-lo como Sua herança.

A resposta divina foi condicional associado à aliança que estava celebrando com eles. O povo deveria guardar o que estava sendo ordenado (versículo 11). Os versículos 12 a 26 contêm ordenanças adicionais que Moisés deveria transmitir aos filhos de Israel. Estas incluem a necessidade de separação dos povos da terra para que permaneçam realmente santificados (separados) para Senhor.

Moisés ficou no monte por mais 40 dias, período durante o qual esteve na presença do Senhor. Ao descer do monte seu rosto resplandecia devido à glória do Senhor e ele sequer o havia percebido. A princípio o próprio Arão teve receio de se aproximar dele, tamanha a luminosidade de seu rosto.

Embora o paralelo seja figurado, é exatamente isso que acontece e deveria acontecer com todos os crentes. À medida em que passamos mais tempo com o Senhor as nossas vidas resplandecem a Sua luz. Fica claro para as outras pessoas que nós temos um relacionamento com Deus.

Êxodo 35

Tendo descido do monte, a primeira providência de Moisés foi no sentido de convocar os líderes do povo para transmitir a eles as ordenanças recebidas. Obviamente seria de se esperar que ele repassasse com eles cada item das tábuas e todos os pontos adicionais que Deus levantara com ele, mas o registro do capítulo 35 se limita à questão da guarda do sábado.

De certa forma podemos entender isso como algo racional, porque todos os outros 9 mandamentos são intuitivos, no sentido de que são regidos pelo padrão divino implantado no ser humano (tais como: não matarás ou não roubarás), mas a guarda do sábado é uma regra que não tem associação com qualquer regra moral estabelecida.

Nos versículos 5 a 28 Moisés fala a respeito da oferta que Deus pediu que o povo trouxesse para obter os materiais e a mão de obra necessários para a construção do tabernáculo e todos os itens associados.

O versículo 29 traz o registro do fato de que o povo efetivamente trouxe essa oferta, contribuindo conforme necessário para a obra em apreço.

Do versículo 30 até o final do capítulo Moisés falou a respeito das pessoas que Deus comissionara para a obra do tabernáculo (Bezalel e Aoliabe) não apenas para a realização da mesma, mas também para ensinar os outros que se dispusessem a trabalhar junto.

Êxodo 36

Este capítulo tem o registro da realização da obra de construção do tabernáculo, incluindo a tenda com todas as cortinas, as colunas e todas as bases de sustentação destas.

O dinheiro arrecadado foi entregue diretamente nas mãos de Bezalel, Aoliabe e dos demais operários que Deus chamara para a realização da obra. Estes, por sua vez, continuaram recebendo ofertas feitas posteriormente e logo entenderam que já havia material demais, pelo que foi necessário pedir ao povo para não mais ofertar.

Os versículos de 8 a 38 descrevem todas as obras feitas, e nada mais são do que a repetição do que já fora descrito no capítulo 26.

Êxodo 37

Este capítulo tem o registro da realização da obra de elaboração dos utensílios da tenda do tabernáculo, bem como da confecção do óleo santo da unção e do incenso aromático.

Êxodo 38

Este capítulo registra a realização e elaboração do altar principal que ficava no pátio em frente à tenda do tabernáculo, juntamente com todos os seus utensílios. Descreve, ainda, a obra de elaboração das cortinas que circundavam o pátio, bem como das colunas de sustentação e as suas respectivas bases.

Êxodo 39

Este penúltimo capítulo de Êxodo tem, nos versículos 1 a 31, o registro da elaboração das vestes de Arão e dos seus filhos.

Já o versículo 32 registra o final de toda a obra feita por Bezalel, Aoliabe e seus auxiliares, tudo conforme as instruções dadas por Deus a Moisés.

Os versículos 33 a 42 registram todos os objetos que foram trazidos a Moisés para a sua inspeção, que ele efetivamente fez no versículo 34. Tendo aprovado toda a obra, ele a abençoou.

Êxodo 40

Neste último capítulo do livro de Êxodo o Senhor instrui Moisés no sentido de montar o tabernáculo, que já estava concluído, no dia primeiro do primeiro mês do segundo ano desde a saída dos filhos de Israel do Egito. Como eles tinham saído no décimo quinto dia do mesmo mês, segue que faltavam apenas 14 dias para completar um ano desde a sua saída do Egito. Podemos concluir, então, que a obra do tabernáculo tenha levado cerca de 8 meses para ficar pronta.

Nos versículos 3 a 15 Deus mencionou a ordem em que queria que o tabernáculo fosse montado e, na continuidade do texto, até o versículo 33, Moisés realizou a montagem tal como instruído, no dia indicado.

Terminada a obra, o Senhor desceu sobre o tabernáculo e Sua glória o encheu de tal maneira, que nem mesmo Moisés conseguia entrar.

Daquele dia em diante a nuvem e a coluna de fogo passaram a estar exatamente sobre o tabernáculo sempre que o povo estava acampado e se levantava dali apenas quando queria que o povo saísse a caminho da Terra Prometida.

Semana 12 - As Regras da Antiga Aliança (1)

Texto: Levítico 1 a 10

Estação 9

Levítico 1

O sistema sacrificial do Velho Testamento, compreendendo tanto a definição dos tipos de sacrifícios quanto a forma como deveriam ser apresentados, é descrito, em termos gerais, ao longo dos primeiros capítulos de Levítico. Somos confrontados ali com cinco tipos básicos de sacrifícios, quais sejam: a oferta queimada (holocausto), a oferta de cereais, a oferta pacífica, a oferta pelo pecado e a oferta pela culpa. Essas poderiam ser consideradas como ofertas independentes. Havia, ainda, ofertas específicas, como as ofertas de voto e consagração, mas que eram compostas de uma ou mais das ofertas básicas supracitadas. Além disso, havia outras ofertas que eram parte integrante das ofertas básicas, como a oferta de libação, a oferta alçada e a oferta de movimento.

Este primeiro capítulo trata da Oferta Queimada ou Holocausto, que era uma oferta de propiciação na qual o animal inteiro era queimado. De acordo com Champlin (/19/, pág. 484), representava tanto o preço total da redenção do homem, pago por Jesus na cruz do Calvário, como a entrega total do ofertante a Deus (santificação). Era apresentada juntamente com a oferta de libação (vinho derramado sobre a mesma), que era apenas um apoio à oferta queimada.

O texto acima descreve a oferta em função do animal que estiver sendo sacrificado, mas em todos os casos Deus deixa claro como isso deve ser feito para que o homem seja aceito por Ele. Fica claro aqui que nós não oferecemos culto a Deus como nós queremos, mas como Ele quer.

Se a oferta fosse bovina o seu sacrifício seria feito conforme descrito nos versículos 3 a 9:

- O animal deveria ser um macho sem defeito;
- Seria trazido à porta da tenda da congregação;
- O ofertante imporia suas mãos sobre a cabeça do animal indicando, assim, o papel de substituto deste;
- O ofertante abateria o holocausto e os filhos de Arão derramariam seu sangue no altar;
- O ofertante esfolaria o animal e o cortaria em pedaços para o sacerdote queimar sobre o altar, onde seriam queimadas também as entranhas e as pernas depois de lavá-las;
- O aroma suave seria aceito pelo Senhor.

Se a oferta fosse de gado miúdo (carneiro ou cabrito) o seu sacrifício seria feito conforme descrito nos versículos 10 a 13:

- O animal deveria ser um macho sem defeito;
- Seria imolado pelo ofertante do lado norte do altar;
- Os filhos de Arão derramariam seu sangue no altar;

- O ofertante esfolaria o animal e o cortaria em pedaços para o sacerdote queimar sobre o altar, onde seriam queimadas também as entranhas e as pernas depois do ofertante lavá-las;
- O aroma suave seria aceito pelo Senhor.

Se a oferta fosse de aves (rola ou pombinho), o seu sacrifício seria feito conforme descrito nos versículos 14 a 17:

- A ave seria trazida ao altar pelo sacerdote;
- Este destroncaria seu pescoço com a unha;
- Faria seu sangue escorrer pela parede do altar;
- Arrancaria seu papo e partes internas e jogaria a leste do altar no lugar das cinzas;
- Abriria a ave puxando pelas asas, mas sem separar as partes;
- Queimaria todo o restante sobre o altar;
- O aroma suave seria aceito pelo Senhor.

Levítico 2

Este capítulo versa sobre a oferta de grãos, de manjares ou de cereais. Era considerada como a oferta de ações de graças, que era apresentada sempre com a oferta queimada. Ao contrário das demais, que eram todas ofertas de sangue, esta era composta por farinha de trigo fina. Representava a gratidão do homem a Deus, por tudo que fora feito em prol de sua salvação. Podia ser apresentada na forma de bolos, mas neste caso nenhum fermento ou mel poderia ser usado no seu preparo, dando a entender que o pecado deveria ser extirpado da vida do homem para que sua gratidão fosse reconhecida.

No texto acima vemos que, a exemplo do que ocorrera com o holocausto, que varia dependendo do animal ofertado, a oferta de cereais varia dependendo da forma como os cereais são preparados.

Se fosse oferecido na forma de farinha de trigo, a oferta é descrita nos versículos 1 a 3:

- O ofertante levaria seu trigo, sobre o qual colocaria azeite e incenso;
- Entregaria aos filhos de Arão, que tomariam apenas um punhado com azeite e incenso e queimariam tudo sobre o altar;
- O trigo que sobrasse seria deles, os filhos de Arão.

Os versículos 4 a 7 apresentam algumas variações sobre a forma de preparo da oferta, conforme visto a seguir.

No versículo 4 é aventada a alternativa do ofertante prepará-la na forma de bolos ou pães finos. Neste caso, teriam que ser feitos sem fermento (asmos).

Nos versículos 5 e 6 é prevista a alternativa da farinha ser preparada numa assadeira. Nesse caso seria partida em pedaços e o pedaço oferecido seria untado com azeite. Mais uma vez o uso de fermento é vedado.

A oferta de cereais poderia ser preparada também numa frigideira, de onde seria tirada a porção memorial, que seria queimada sobre o altar, gerando um aroma agradável ao Senhor.

Tudo que sobrasse da oferta de cereais trazida pelo ofertante seria deixada para Arão e seus filhos (versículo 10).

No versículo 11 Deus lembra, mais uma vez, que nem fermento nem mel serão utilizados no trigo ou seus produtos dedicados como oferta de cereais. Por outro lado, isso não significa que estes seriam produtos imundos ou malditos, porque seu uso era permitido na oferta das primícias, onde os primeiros frutos eram trazidos para agradecer ao Senhor por toda a colheita (versículo 12).

Toda oferta de cereais seria temperada com sal, lembrando a sua pureza e a preservação obtida através dele. É claro que esses atributos deveriam ser encontrados, de igual forma, na vida do ofertante.

Nos últimos 3 versículos Deus volta a falar sobre a oferta das primícias.

Levítico 3

A oferta pacífica conhecida, também, como oferta de comunhão, significava exatamente o que diz o seu nome. Na medida em que os nossos pecados são perdoados, também temos paz. A paz em questão é tanto a de nosso relacionamento com Deus, facultando termos comunhão com Ele, como aquela que excede todo o entendimento e que é concedida pelo Espírito Santo, permitindo que descansemos em Suas promessas. Essa era a única oferta onde o ofertante podia comer parte do sacrifício, representando, desta forma, a sua comunhão com Deus.

Embora a descrição dessa oferta seja estruturada como a do holocausto, inclusive no que diz respeito a diferentes animais ofertados, podemos observar que há algumas diferenças entre elas, que são ressaltadas a seguir.

Inicialmente, vemos que essa oferta pode ser tanto de macho como de fêmea, permanecendo apenas a exigência de que seja sem defeito.

O ofertante continua sendo a pessoa que mata o animal e o seu sangue continua a ser derramado pelos sacerdotes, mas no caso da oferta de gado, por exemplo, vemos nos versículos 3 e 4 uma listagem das partes do animal a serem colocadas sobre o altar. Nesta listagem vemos que apenas as partes gordurosas do animal são citadas e posteriormente queimadas sobre o altar.

Nesse caso ficamos a nos perguntar pelo restante e não achamos mais nada aqui, mas em *Levítico 7.15* somos informados que a carne, não incluída na lista acima, seria comida pelo ofertante. Desta forma ele tem comunhão com Deus durante o sacrifício.

Nos versículos 6 a 16 a descrição é repetida para o caso de gado miúdo, especificamente o cordeiro ou a cabra, e o procedimento é o mesmo.

O capítulo se encerra com uma restrição quanto a comer gordura ou sangue juntamente com a oferta.

Levítico 4

Este capítulo lida com a oferta a ser apresentada pela propiciação de pecados não intencionais do indivíduo ou de toda a congregação. O ofertante impunha suas mãos sobre a cabeça da vítima inocente, transferindo a ela a sua culpa. Quando iniciamos o nosso relacionamento com o Senhor, há muitas coisas que devemos aprender. Cometemos reais pecados acidentalmente, por desconhecermos os ensinamentos de Jesus. Na medida em que passamos a viver na dependência dEle, e à luz dos Seus ensinamentos, esses pecados, pagos também na cruz, vão se tornando mais raros.

É interessante notar que as exigências em relação a esta oferta variavam em função da pessoa a quem se aplicavam.

Nos versículos 3 a 12 estão indicados os procedimentos a serem seguidos pelo sacerdote ungido, qual seja, o Sumo Sacerdote. Este deveria trazer um novilho sem defeito à porta da tenda da congregação e colocar as suas mãos sobre a cabeça do animal, em sinal de identificação com o mesmo, para então imolá-lo.

Ele a seguir entraria na tenda, ou seja, no Lugar Santo, tomaria o sangue do animal e o aspergiria sete vezes em frente ao véu que separa o Santo dos Santos. Além disso, ele molharia com este sangue os chifres do altar de incenso, que ficava diante do véu que separava o Santo dos Santos. Ele a seguir sairia da tenda e derramaria todo o restante do sangue na base do altar de holocausto, que ficava no pátio diante da tenda.

A seguir toda a gordura de diversas partes do novilho, bem como alguns órgãos, seriam removidos e colocados sobre o altar do holocausto, tal como na oferta pacífica, onde seriam queimados.

Todo o restante do novilho seria levado para fora do acampamento e queimado sobre uma fogueira de lenha, no local onde se joga as cinzas.

Se o pecado não intencional tivesse sido cometido por toda a comunidade do povo, então, toda a comunidade traria também um novilho e o apresentaria diante da tenda da congregação.

O procedimento de sacrifício será totalmente igual ao do Sumo Sacerdote, conforme descrito nos versículos 13 a 21 acima, exceto pelo fato de que a imposição de mãos será feita pelos anciãos do povo.

Quando um dos príncipes do povo tivesse pecado, também de forma não intencional, então a oferta pelo pecado far-se-ia conforme previsto nos versículos 22 a 26.

O príncipe traria um bode à entrada da tenda da congregação e imporia suas mãos sobre o animal, que seria, a seguir, por ele imolado.

O sacerdote poria do sangue sobre os chifres do altar do holocausto e derramaria o resto na base do altar. Queimaria igualmente a gordura sobre o altar e faria expiação pelo pecado do príncipe. Não há menção sobre a queima do resto do bode fora do arraial, mas admite-se que isto esteja considerado na expiação em apreço.

Se uma pessoa qualquer da comunidade pecasse desta forma, então, procederia conforme indicado no restante do capítulo.

É previsto que possa trazer tanto uma cabra como uma cordeira e o procedimento seria o mesmo aplicado ao príncipe com o bode.

Levítico 5

Neste capítulo continuam a ser tratados formas de pecados, conforme indicados em 4 exemplos distintos apresentados nos primeiros 4 versículos:

- Pessoas que viram ou ouviram falar de alguma coisa feita erradamente e que guardaram silêncio a respeito são culpadas;
- Pessoas que se tornaram imundas por tocar em animal ou réptil morto, mesmo não sabendo, se tornaram imundas e são culpadas;
- Pessoas que se tornaram imundas por tocarem nas imundícies de um homem imundo, mesmo não o sabendo, se tornaram imundas e são culpadas quando o ficam sabendo;
- Quando pessoas juram temerariamente algo que não podem cumprir e o souberem depois, tornar-se-ão culpadas.

Para estes casos o versículo 6 prescreve a mesma solução que já fora dada nos versículos 22 a 26 do capítulo anterior.

Caso o faltoso seja pobre e não possa ofertar uma cordeira ou uma cabrita, então, seria facultado a ele ofertar duas rolas ou dois pombos. Um deles seria ofertado como holocausto, já definido em *Levítico 1*, e outro como oferta pelo pecado, propriamente dito.

A ave ofertada pelo pecado teria seu pescoço destroncado pelo sacerdote com a unha, mas sem separá-la do pescoço, e o seu sangue seria parcialmente aspergido sobre a parede do altar e o restante derramado na base do mesmo.

Se mesmo assim o ofertante não tivesse posses para as duas aves, seria aceitável, ainda, que este pudesse trazer 10% de uma efa de farinha fina (algo como 3 litros), mas sem azeite e sem incenso. Um punhado dessa farinha seria queimado sobre o altar em cima de outras ofertas pelo pecado.

Os versículos 15 e 16 tratam do pecado cometido contra as coisas sagradas do Senhor, como por erro nos tributos do templo ou algo semelhante. Neste caso a oferta seria de um cordeiro, mas além disso seria feita restituição com o acréscimo de 20% do valor.

Nos últimos 3 versículos é definida a oferta de um cordeiro, também para qualquer pessoa que peque contra qualquer dos mandamentos, mesmo que involuntariamente.

Levítico 6

Os primeiros 7 versículos deste capítulo continuam a tratar de um sacrifício para perdão de pecados, mas estes diferem dos anteriores no sentido de que os pecados não são claramente involuntários, além de serem cometidos contra os bens de terceiros. Assim sendo, podemos listar o tipo de oferta correspondente com uma oferta por pecados voluntários ou oferta pela culpa.

Oferta pela culpa - esta é relacionada não a pecados involuntários, mas àqueles cometidos na caminhada cristã, devido ao apego às coisas do mundo. São esses os que impedem a transformação da mente do crente (*Romanos 12.2*) e o conhecimento da vontade de Deus em sua vida. Mais uma vez são pagos na cruz, na medida em que o homem se rende ao Senhor e os confessa.

Os pecados listados aqui incluem a recusa de devolver algo que foi confiado ao ofertante, ou de um penhor, ou um simples roubo ou uma extorsão, ou, ainda, uma mentira sobre algo achado que o ofertante se recusa a devolver. Resumindo, trata-se do pecado de lesar o próximo voluntariamente de alguma forma.

Os versículos 4 e 5 deixam claro que antes de tratar de qualquer tipo de oferta, a primeira providência nesse caso é a restituição do valor que o ofertante lesou, acrescido de 20% da dívida.

Só então é que os versículos 6 e 7 nos informam a respeito da oferta propriamente dita que deveria ser de um carneiro, que será trazido ao sacerdote e com o qual este fará expiação pelo pecado do ofertante e este lhe será perdoado.

Termina aqui a descrição dos diversos tipos de ofertas que Deus exigia do Seu povo e que começou no primeiro capítulo de Levítico. No restante deste capítulo e ao longo de

todo o capítulo 7 é fornecida uma regulamentação no tocante a como o sacerdócio deve agir em relação a cada uma destas ofertas.

Esta regulamentação começa, portanto, tratando da lei do holocausto nos versículos 8 a 13, onde somos informados que o fogo do altar deve queimar o tempo todo, para que os holocaustos possam ser completamente consumidos. O holocausto deve ser colocado na lareira (JFA VRA), de acordo com o versículo 9, mas o significado dessa palavra não é uma lareira como a conhecemos hoje e, sim, simplesmente colocado sobre a lenha. Desta forma, segundo Robinson (/20/, pág. 68), a gordura do animal ajudava a alimentar a chama.

Depois que o holocausto virasse cinzas, normalmente no dia seguinte, o sacerdote vestiria seus trajes de linho e removeria as cinzas, transferindo-as para a base do altar para, a seguir, já em suas roupas normais, serem levadas pelo sacerdote para um lugar fora do arraial.

Finalizando essa parte, era função do sacerdote zelar para que houvesse lenha suficiente para manter acesa a chama do altar.

Os versículos 14 a 23 falam a respeito da regulamentação da oferta de grãos, manjares, ou cereais, que foi implementada em *Levítico 2.1-16*.

O versículo 15 versa sobre a parte sacrificada do trigo trazido pelo ofertante, mas a informação complementar, apresentada nos versículos 16 a 18, diz respeito à forma como a parte não sacrificada será comida pelos filhos de Arão. Eles devem comê-la no lugar santo, pois se trata de uma oferta santíssima.

Já o versículo 18 traz uma informação, no mínimo, curiosa. O final do versículo nos informa que tudo o que tocar nela (na oferta queimada) será santo. Isso nos faz lembrar imediatamente de uma consulta que Deus fez aos sacerdotes através do profeta Ageu em *Ageu 2.12*.

Se alguém leva carne santa na orla de sua veste, e ela vier a tocar no pão, ou no cozinhado, ou no vinho, ou no azeite, ou em qualquer outro mantimento, ficará isto santificado? Responderam os sacerdotes: Não.

Harrison (/20/, pág. 70) nos informa que isso levou a muitas discussões nos círculos talmúdicos, mas aparentemente sem haver consenso a respeito. O único comentário que podemos fazer é que no versículo de Ageu, acima, “alguém” não é necessariamente um sacerdote, portanto a resposta negativa pode ser decorrente disso.

Nos versículos 19 a 23 há uma informação referente a uma oferta de manjares a ser feita pelo Sumo Sacerdote no dia em que for ungido. Ela se aplica tanto a Arão como àquele que eventualmente o substituir (versículo 22). Ao contrário da oferta de manjares do ofertante leigo, a sobra desta não pode ser comida pelos sacerdotes.

Os versículos 25 a 30 falam a respeito da regulamentação da oferta pelo pecado. Ela deveria ser trazida e imolada em frente à tenda do tabernáculo. Ela seria oferecida ali e no pátio, por se tratar de uma oferta santíssima; deveria ser comida pela sacerdote.

Tudo que essa carne tocasse ficaria santo e se seu sangue caísse sobre qualquer vestimenta essa deveria ser lavada ali no Lugar Santo. Se fosse cozida em vasilha de barro, a vasilha seria quebrada e se a vasilha fosse de bronze teria que ser lavada.

Essa carne só poderia ser comida pelos homens da família de Arão e, se fosse trazida para dentro da tenda, não poderia ser comida por ninguém. Teria que ser queimada.

Levítico 7

A regulamentação da oferta pela culpa é discutida neste capítulo nos versículos de 1 a 10. Ela seria imolada no mesmo lugar onde se imolaria o holocausto e o sangue derramado sobre o altar. Sua gordura e a gordura dos órgãos seria queimada sobre o altar pelo sacerdote.

Todo filho homem de Arão poderia comê-la, mas, por ser santíssima, teria que ser comida no Lugar Santo.

Assim como a oferta pelo pecado, também a oferta pela culpa seria do sacerdote. O sacerdote que oferecesse o holocausto teria direito igualmente ao couro do animal. De igual forma a oferta de manjares, quer preparada no forno, na frigideira ou na assadeira, seria do sacerdote que a oferecesse. Todo o restante da oferta de manjares, com azeite ou sem, seria de todos os filhos de Arão.

Os versículos 11 a 21 dizem respeito à regulamentação da oferta pacífica ou de comunhão. As informações dadas aqui complementam aquelas dadas em *Levítico 3.1-16*.

Quando a oferta pacífica ou de comunhão fosse dada por gratidão ou como oferta de ação de graças, essa seria de bolos asmos e pães finos asmos, mas também seriam acrescentados bolos levedados e pães igualmente levedados e juntamente viria um bolo separado que seria entregue ao sacerdote que fizesse a oferta.

Lembra-se que a carne da oferta pacífica é a única da qual o ofertante poderia participar comendo, mas toda ela deveria ser consumida no mesmo dia da oferta, ou, então, teria que ser queimada.

Se, contudo, essa oferta tivesse sido motivada por causa de algum voto, nesse caso o ofertante teria mais um dia para consumi-la, mas novamente o que ficasse para o terceiro dia teria que ser queimado.

Também em relação à pureza cerimonial há algumas restrições importantes. Se a carne tocasse qualquer coisa imunda, ela não mais poderia ser comida, deveria ser queimada. Qualquer pessoa impura que comesse da carne seria excluída da congregação.

Os versículos 22 a 27 trazem restrições bem rígidas em relação a comer gordura ou sangue. Qualquer pessoa que insistisse em comer um ou outro deveria ser eliminada da congregação de igual maneira.

Finalmente, os versículos 28 a 38 trazem regulamentos adicionais para as ofertas pacíficas que dizem respeito, basicamente, à porção que deveria ser dada aos sacerdotes filhos de Arão.

Levítico 8

Este capítulo parece ser uma versão expandida de *Êxodo 40.12-16*, onde é narrada de forma muito sucinta a consagração de Arão e seus filhos. Aqui esta mesma consagração é narrada em detalhes.

Essa consagração deveria levar 7 dias e assim foi, pelo que o capítulo 9, a seguir, começa exatamente no oitavo dia.

Levítico 9

Neste capítulo é descrito o início das atividades sacerdotais de Arão e seus filhos obedecendo às diretrizes fornecidas por Moisés.

Arão deveria trazer um bezerro a ser imolado como oferta pelo seu próprio pecado, seguido de um carneiro que seria oferecido como holocausto. Ambos os animais deveriam ser sem defeito.

Já o povo, os filhos de Israel, deveria trazer um bode para oferta pelo seu pecado e um bezerro e um carneiro, ambos de 1 ano e sem defeito, como oferta de holocausto. Além disso, deveriam trazer, também, um boi e um carneiro como oferta pacífica e uma oferta de manjares para celebrar o comparecimento do Senhor ao início dos trabalhos sacerdotais no tabernáculo (versículos 2 a 4).

Nos versículos 8 a 11 vemos Arão cumprindo a oferta pelo seu próprio pecado, imolando o bezerro, molhando com sangue os chifres do altar e derramando o restante na base do mesmo, queimando as partes gordurosas do animal sobre o altar e a carne e couro fora do arraial.

Nos versículos 12 a 14 ele prossegue com a sua própria oferta de holocausto, imolando o animal, aspergindo o sangue deste no altar, queimando os pedaços, lavando as entranhas e queimando-as de igual modo.

Nos versículos 15 a 17 Arão tratou das ofertas dos filhos de Israel, a oferta pelo pecado, o holocausto e a oferta de manjares, além da oferta de holocausto usual de cada manhã, mas a oferta pacífica, que tinha a parte a ser apresentada como oferta de movimento, é descrita em mais detalhe nos versículos 18 a 22.

Moisés e Arão entraram juntos a seguir na tenda do tabernáculo e, quando saíram, a glória de Deus se manifestou e desceu fogo mandado por Ele que consumiu todos os sacrifícios que estavam queimando sobre o altar. Esse milagre foi testemunhado por todo o povo que jubilo e se prostrou sobre o seu rosto (versículo 24).

Levítico 10

Há um aprendizado neste capítulo pelo qual foi pago um preço trágico. Tendo em vista a recomendação de abstinência de álcool no versículo 9, tudo leva a crer que os dois filhos de Arão, Nadabe e Abiú, haviam bebido o suficiente para perderem a atenção em relação ao incenso que estavam utilizando em seus incensários. O versículo inicial nos diz apenas que usaram fogo estranho ou profano (NVI), pelo que Deus os fulminou.

Mais uma vez, a um preço muito alto, ficava claro que Deus não Se deixa cultuar como nós queremos, mas única e exclusivamente, como Ele quer. Não há qualquer indicação de qualquer rebeldia por parte de Nadabe e Abiú, mesmo porque sequer tinha havido tempo para isso, pois era o seu primeiro dia de ofício. Somos levados a crer que o álcool os tornou desatentos e isso, nesse caso, como aliás muito frequentemente, foi fatal.

Os primos de Arão foram chamados para remover os cadáveres, já que Arão e seus outros dois filhos, Eleazar e Itamar, ainda estavam com o óleo da unção e não podiam sequer deixar seus postos.

Ciente disso, Moisés tratou de alertá-los com relação aos deveres de seu ofício, nos versículos 6 a 11, não obstante o momento de profunda dor para toda a família. Além disso, tratou de lembrar a eles, nos versículos 12 a 15, que havia partes das ofertas pelo pecado, ofertas pacíficas e oferta de manjares que eles deveriam comer, no Lugar Santo, por serem santíssimas.

No versículo 16 ele inclusive buscou uma dessas ofertas e descobriu que ela havia sido queimada, ao invés de ser ingerida. Por isso mesmo, o texto nos diz que ele se irritou grandemente com Arão e seus filhos, falando com eles duramente até o final do versículo 18.

No versículo 19, contudo, Arão respondeu a Moisés dizendo que naquele mesmo dia seus filhos haviam oferecido ao Senhor suas ofertas pelo pecado e de holocausto e que mesmo assim ele havia perdido dois deles. Ele perguntou, então, se no estado de profunda tristeza no qual ele se encontrava, Deus por acaso Se agradaria dele comendo as ofertas assim mesmo.

Obviamente Moisés não podia contra-argumentar nada, pelo que se deu por satisfeito. Nós por outro lado ficamos nos indagando porque Deus tinha que ser tão rígido com Seus procedimentos, a ponto de fulminar os filhos de Arão por tão pequeno deslize? Aliás, nisto não estamos sós, porque podemos lembrar que Davi, de igual modo, ficou profundamente consternado quando Deus fulminou Uzá, filho de Abinadabe, que tentou evitar a queda da arca que estava sendo transportada de volta para Jerusalém (*// Samuel 6.8*).

Somos forçados a lembrar, contudo, que o nosso Deus é santo e que requer de nós santidade de igual modo. Obviamente nós não a temos, mas Ele a provê para nós através da cruz de Jesus Cristo. Isso faz dEle um Deus misericordioso e compassivo, mas não tolerante com os atentados à Sua santidade. Ele paga por nossos pecados porque nos ama, mas continua tão santo quanto sempre foi. Nestes dois casos citados em que não há pecado intencional, mas há um flagrante atentado à Sua santidade, simplesmente não pode haver tolerância, porque para Ele não há pequenos ou grandes erros; somente erros. Jesus paga todos, mas ainda assim há consequências para pecados que muitas vezes são custosos.

Semana 13 - As Regras da Antiga Aliança (2)

Texto: Levítico 11 a 20

Estação 9

Levítico 11

Os capítulos 11 a 15 apresentam detalhes práticos para a vida do dia a dia dos israelitas. Deus é santo e deseja que toda contaminação de qualquer tipo seja evitada por Seu povo para que permaneçam igualmente santos.

Neste capítulo específico o assunto tratado diz respeito aos alimentos, que eram básicos para a sobrevivência, pelo que a determinação do que é puro e o que é impuro era vital para o povo separado, visto que tratava de determinações vindas diretamente de Deus.

A primeira seção, englobando os versículos 1 a 8, diz respeito aos animais quadrúpedes que há sobre a terra. Começa com uma regra geral, segundo a qual serão puros todos os quadrúpedes que tiverem unhas fendidas, casco que se divide em dois e que ruminem.

Animais que não preenchem todas essas condições não devem ser comidos. Destes são citados nominalmente o alganaz, um animal semelhante a um coelho que habita nas rochas, o qual ruma, mas não tem casco fendido, a lebre, pelo mesmo motivo, e o porco, que tem unhas fendidas, casco dividido em dois, mas que não ruma.

Continuando, os versículos de 9 a 12 tratam dos peixes, para os quais também há uma regra geral. Podem ser comidos todos os animais aquáticos que têm barbatanas e escamas, tanto em águas doces como em águas salgadas. Não são citados nominalmente quaisquer peixes impuros.

Nos versículos de 13 a 19 são tratados todos os animais que voam. Desta feita, contudo, não há regra geral, mas tão somente uma lista de animais impuros, dentre os quais são citados: a águia, o urubu, a águia marinha, o falcão, o corvo, a coruja, o gavião, o abutre, a cegonha, o pelicano, o avestruz, a garça e o morcego, além de outros.

O texto, que engloba os versículos 20 a 25, fala basicamente dos insetos que podem ou não ser comidos. Como regra geral, é previsto que sejam imundos todos os que formam enxames e andam sobre quatro pernas, mas ficam excluídos desta regra os que têm duas pernas traseiras mais longas, com as quais podem saltar, como, por exemplo, o gafanhoto. Se formarem enxames, mas não tiverem asas e andarem pelo chão, também serão imundos.

Todo o que tocar num destes insetos mortos deverá se lavar e ficará imundo até o cair do sol. Todo aquele carregar um animal morto, deverá lavar suas roupas e também será impuro até a tarde.

Todo o restante do capítulo 11 fala a respeito de outros animais imundos, como todos os que se arrastam pelo chão (ratos, lagartos etc...) e de contaminações causadas por contato com qualquer animal morto. Como regra geral, as pessoas deveriam se banhar

e ficariam impuras até o pôr do sol, os objetos de barro deveriam ser quebrados e todos os objetos de madeira ou metal deveriam ser lavados.

Resumindo, o povo santo, separado, deveria fazer tudo para não se contaminar, pois o seu Senhor é santo.

Levítico 12

O fluxo de sangue era motivo de impureza na legislação mosaica. Isso fica claro aqui tanto para o período de menstruação da mulher, como em relação às secreções que ocorrem por ocasião do parto. É basicamente deste último que tratam esses 8 versículos do capítulo 12. É importante ressaltar que a impureza não decorre da criança ou de algum pecado associado ao seu nascimento, mas unicamente em função do corrimento de sangue.

É no mínimo curioso que os tempos de purificação fossem distintos para os bebês de sexo masculino e feminino, o dobro para o segundo. Havia uma distinção clara pelo fato do menino precisar ser circuncidado ao oitavo dia, mas é possível que isso fosse feito apenas pelo pai, já que a mãe era impura apenas até o sétimo dia, mas depois tinha que ficar mais 33 dias se purificando. Durante esse período ela não podia tocar em nada santo (coisas consagradas ao Senhor) ou entrar no tabernáculo.

Lucas 2.21-24 nos informa que Jesus foi circuncidado ao oitavo dia, mas o encontro com Ana e Simeão só se deu depois da purificação dos 33 dias, quando Maria e José foram juntos ao templo para fazer a oferta (de pessoas sem posses detalhada no versículo 8) de holocausto e pelo pecado.

No caso de ser menina, a mãe ficaria impura por 14 dias e depois ficaria mais 66 sem poder ir ao tabernáculo.

Passado o período da purificação, seriam oferecidas duas ofertas, uma de holocausto (um carneiro) e outra pelo pecado (um pombo ou uma rola). Esta independência de ser menino ou menina.

Levítico 13

Os capítulos 13 e 14 lidam com problemas de pele e manchas que surgiam também nas roupas e nas casas, aos quais foram dados um nome coletivo, traduzido por “lepra” na maioria de nossas Bíblias (A NVI preferiu usar a palavra “mofo” para o caso das roupas e das casas). Fica claro, ao longo da leitura, que esse termo se aplica aqui de forma bem mais abrangente do que o aplicamos hoje, numa referência à hanseníase (doença causada por um bacilo descoberto por Hansen em 1871).

As instruções definidas nestes capítulos fornecem diretrizes aos sacerdotes, que obviamente não tinham qualquer conhecimento de Medicina, para que estes pudessem identificar doenças de pele, que eventualmente fossem contagiosas, visando isolar os doentes que as apresentassem.

Neste caso Deus começa definindo quais os sintomas que deveriam ser observados pelas próprias vítimas, quais sejam: inchações, pústulas ou erupções e manchas

brilhantes na pele. Quem as tivesse deveria se apresentar aos sacerdotes para que estes fizessem as avaliações indicadas.

Os sacerdotes, por sua vez, teriam que observar se os pelos na parte afetada haviam se tornado brancos e se a região afetada parecesse mais profunda que a pele. Caso isso estivesse claramente acontecendo, não havia dúvida que se tratava de lepra e o enfermo deveria ser declarado impuro.

Caso contrário, o sacerdote deveria colocar o enfermo em quarentena por sete dias, para ver se essa situação evoluiria. Se nenhuma evolução tivesse sido constatada, a quarentena deveria ser prorrogada por mais sete dias para fins de confirmação. Só então o enfermo seria declarado limpo ou puro, mas com a recomendação de voltar se alguma coisa se alterasse.

A lepra crônica ou inveterada era uma doença conhecida dos filhos de Israel, mas havia outras enfermidades com as quais poderia ser confundida. Se alguém tivesse manchas brancas com os pelos também brancos e feridas de carne viva dentro da mancha, não havia dúvida: era lepra. Se, contudo, não houvesse feridas de carne viva, mas a mancha branca continuasse crescendo, ainda assim a pessoa era considerada impura.

Nesse caso, contudo, se todo o corpo da pessoa fosse tomado pela mancha branca, mas que esta não tivesse qualquer ferida, seria possível tratar-se apenas de algo como vitiligo. Assim sendo, a pessoa seria declarada limpa, mas com a condição de retornar ao sacerdote se surgissem feridas.

De igual forma a pessoa declarada impura, por conta de uma ferida na mancha branca, poderia retornar ao sacerdote para ser reavaliada se a ferida fechasse.

Os versículos 18 a 23 tratam da possibilidade de um furúnculo ou uma úlcera darem origem a uma lepra. Tudo deveria ser examinado pelo sacerdote.

Os versículos 24 a 28 tratam de possibilidade similar de uma queimadura vir a dar origem a uma lepra. Mais uma vez o sacerdote deveria fazer uso de uma quarentena, se necessário fosse.

Para o caso de homens ou mulheres apresentarem problemas nos cabelos da cabeça ou da barba (versículos 29 a 37) também deveria ser investigada a possibilidade de ser lepra. A parte afetada por uma praga ou sarna deveria ser mantida, mas a parte em volta raspada, para verificar, em quarentena se houve expansão. Mais uma vez a quarentena poderia ser prorrogada.

Os versículos 38 a 44 ainda tratam de casos de manchas brancas ou avermelhadas, que surgissem na pele ou na careca dos homens, para mais uma vez verificar se estas seriam de natureza leprosa.

Todas as pessoas leprosas deveriam trajar roupas rasgadas e morar fora do acampamento para evitar o contágio de outras pessoas. Elas deveriam, inclusive, evitar que outras pessoas se aproximassem declarando-se impuras.

Os versículos 47 a 59 tratam de manchas de mofo que surgem em roupas, dizendo como estas devem ser investigadas. Obviamente a ideia por trás deste texto não é declarar uma roupa leprosa e, sim, proteger o usuário da mesma, para que não fosse afetado por alguma enfermidade que já contaminara suas roupas.

Levítico 14

Quando uma pessoa era declarada leprosa e deixava o acampamento de Israel para passar a viver exilada, a sua vida literalmente deixava de existir. Tudo e todos com quem se relacionavam eram interrompidos. A pessoa se tornava apenas um morto vivo enquanto não chegava a efetiva morte.

Em contrapartida, quando havia motivo para achar que a lepra fora curada, divinamente ou porque a doença em apreço era curável, e que a pessoa podia ser reintegrada, o sentimento se assemelhava a uma ressurreição.

Para não levantar falsas expectativas e minimizar os possíveis riscos de contágio, o sacerdote se encontrava primeiramente com o enfermo fora do arraial e só depois de sua confirmação, ele, então, pedia ao curado para preparar uma oferta, numa cerimônia que levava 8 dias. A pessoa curada traria, ao sacerdote, dois pássaros, um pedaço de cedro, um pano vermelho e uma vara de hissopo. Tudo isso se daria ainda fora do acampamento. Uma dessas aves seria morta e a pessoa seria ungida com o sangue desta. O segundo pássaro seria solto, dando a entender que a vida prosseguia. Depois disso se banharia, rasparia todos os pelos do corpo e só então entraria no arraial e iria para casa, mas era obrigado a dormir do lado de fora de sua tenda por 7 dias, findos os quais rasparia novamente todos os seus pelos, se banharia e poderia entrar em casa purificado.

Já no oitavo dia ele traria dois cordeiros, uma cordeira para ofertas pela culpa, de holocausto e pelo pecado. Além disso, traria três jarras da melhor farinha amassada com óleo e uma caneca de óleo para uma oferta de cereais. Caso o ofertante não tivesse posses, o carneiro e a carneira poderiam ser substituídos por duas rolinhas ou dois pombinhos.

A cerimônia era longa, com o ofertante sendo ungido várias vezes, conforme indicado nos versículos 12 a 20 para a pessoa de posses e 25 a 31 para a pessoa sem recursos.

Nos versículos 33 a 59 o texto já faz provisão para quando o povo já tivesse entrado em Canaã e já estivesse morando em casas, onde poderia haver problema de mofo nas paredes.

Caso isso ocorresse, o próprio dono da casa comunicaria o fato ao sacerdote, que determinaria a desocupação da casa, para, então, ir até lá para inspecioná-la. Constatada a real existência de mofo, ele determinaria que a casa ficasse fechada por uma semana, finda a qual seria feita nova inspeção. Caso não houvesse crescimento, a casa seria liberada, mas se o mofo crescesse seria arrancado o reboco e os tijolos da área afetada, que seria refeita. O material imundo seria jogado em um lugar separado fora do arraial.

A purificação da casa seria feita com duas aves, um pedaço de cedro, um pano vermelho e um hissopo, numa cerimônia muito semelhante àquela inicial do leproso curado.

Levítico 15

Esse texto é visto por Harrison (/20/, pág. 146) como uma questão de higiene pessoal, o que certamente é verdade, mas à luz do texto bíblico devemos entender que Deus, em Sua conversa com Moisés, simplificou o problema reduzindo fluxos das mais diversas naturezas a um único termo: fluxo.

Trata de quatro casos de imundície perante a lei, duas aplicadas a homens e duas aplicadas a mulheres. Com relação a ambos os sexos, um diz respeito a um problema de enfermidade e o outro a uma ocorrência normal, mas que dava origem a uma imundície temporária.

Obviamente há enfermidades dos órgãos sexuais, tanto femininos como masculinos, que podem ou não ser contagiosos e que emitem diferentes tipos de fluxos. É deste tipo de enfermidade que o texto está falando quando trata de impurezas permanentes.

Por outro lado, é da menstruação comum ou da ejaculação comum que o texto está falando quando trata das impurezas temporárias.

Os versículos 1 a 15 tratam de um homem que tem algum tipo de doença venérea. Neste caso ele fica cerimonialmente impuro e tudo que ele toca, cama, cadeiras etc... fica igualmente impuro, como o ficam também todos aqueles que também neles se assentam.

Os contaminados por ele devem lavar as roupas e tomar banho, continuando impuros até o fim do dia. Essa contaminação pode se dar até por cuspe por parte da pessoa imunda.

Finalmente, qualquer vaso de barro contaminado por ele deve ser quebrado.

Quando o fluxo parar, ou seja, quando tal homem estiver curado, ele tem um prazo de purificação de 7 dias, deve lavar as roupas e tomar banho para, então, ser considerado puro.

No oitavo dia tomará duas rolinhas ou dois pombinhos e os levará ao sacerdote, que fará expiação por ele oferecendo um como oferta pelo pecado e o outro como oferta de holocausto.

Já a ejaculação comum é tratada também como se fosse um fluxo, ou seja, o homem deve se banhar e lavar as roupas sobre as quais cair qualquer sêmen, mas não há qualquer requisito em termos de sacrifício. A exigência para a mulher com quem ele tiver tido relações está sujeita a exatamente as mesmas condições.

Os versículos de 19 a 24 tratam da mulher em seu estado normal de menstruação. Sempre que isso ocorresse ela ficaria impura pelo período de 7 dias (independente do corrimento ter parado antes) e tudo que ela tocasse como cama, cadeira etc... ficaria igualmente impuro, transmitindo essa impureza a quem neles viesse a se assentar. Essas pessoas deveriam igualmente se banhar e lavar as roupas, permanecendo impuras até à tarde.

A única exceção é para o caso do homem que tiver relações com a mulher durante o período de menstruação. Este ficaria igualmente contaminado pelo período de 7 dias, mas nenhum dos dois teria que levar qualquer oferta por esse motivo.

Finalmente, os versículos 25 a 30 tratam do corrimento ou fluxo de uma mulher por período prolongado e as diretrizes são exatamente as mesmas tanto em termos de pessoas que com ela tenham contato como em relação às ofertas depois de curada, que foram aplicadas aos homens nos primeiros 15 versículos deste capítulo.

Levítico 16

Este capítulo trata do sacrifício do dia da expiação, que é o ponto alto do livro de Levítico. Era o dia em que o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos para fazer a expiação anual de todos os pecados do povo de Israel. Este é o sacrifício que tipificava o sacrifício de Jesus Cristo.

O capítulo começa com uma advertência a Arão e aos seus descendentes sobre o perigo de se repetir o que havia acontecido, havia poucos dias, com Nadabe e Abiú. Eles haviam levado um incenso diferente do especificado para alimentar o incensário que ficava no Lugar Santo. Agora, contudo, tratava-se de entrar no Lugar Santíssimo, na presença do próprio Deus, onde qualquer deslize poderia ser fatal. Por isso mesmo, Deus trata de limitar a entrada de Arão ali, pois Ele estaria lá exatamente acima da tampa da arca.

Por outro lado, era extremamente importante a presença dele naquele local, pois era ele, na presença de Deus, que mediaría o perdão de pecados dos israelitas, mas não sem antes ter oferecido, no Lugar Santo, o sacrifício de um novilho como oferta pelos seus próprios pecados, bem como o dos seus familiares. Juntamente com este novilho há a menção, ainda, do sacrifício de um carneiro em holocausto.

Como o sacrifício do novilho é mencionado nos versículos 3, 6 e 11, enquanto os outros sacrifícios estão sendo mencionados em paralelo, a sequência exata dos movimentos do Sumo Sacerdote fica um pouco difícil de seguir, mas aparentemente ele começaria entrando na Tenda do Tabernáculo, onde se banharia e vestiria as roupas de linho, com as quais entraria no Santo dos Santos e oficiaria toda a cerimônia.

Aparentemente ele recebe, então, o novilho para o primeiro sacrifício, que é feito no Lugar Santo, e ele enche a seguir o incensário com as brasas do altar e entra com ele e com dois punhados de incenso aromático no Santo dos Santos. Ali ele põe o incenso no fogo perante o Senhor e a fumaça do incenso cobre a região acima da tampa da arca.

Neste instante ele pega do sangue do novilho, pelo que provavelmente terá saído do Santo dos Santos para onde retorna a seguir com o sangue para aspergir um pouco sobre a parte frontal da arca e depois sete vezes sobre a tampa da mesma.

No versículo 5 somos informados que ele receberia também dos israelitas dois bodes e um outro carneiro para holocausto. Como ele já estava no interior da tenda, podemos entender que saiu novamente para receber estes novos animais, ocasião na qual ele tiraria sorte para saber qual dos dois bodes seria sacrificado pelo povo e retornaria com este para dentro da tenda, onde sacrificaria também este bode, com cujo sangue entraria novamente no Santo dos Santos para realizar o mesmo procedimento realizado com o sangue do novilho.

É possível, contudo, que ele tivesse recebido o novilho e os dois bodes antes e que já tivesse entrado na tenda a primeira vez com eles.

Ao sair do Lugar Santo ele ainda faria propiciação pelo altar que ficava no Lugar Santo, aspergindo sobre os quatro cantos do mesmo tanto o sangue do novilho como do bode.

Finalmente, ele sairia para impor as mãos na cabeça do bode que ficou vivo, para o qual transferiria todos os pecados dele, de sua família e do povo, para, então, entregá-lo a um mensageiro, que o levaria para o deserto.

A seguir ele retornaria para o interior da tenda onde tiraria as vestes de linho, se banharia e colocaria novamente suas próprias roupas.

Já fora da tenda ele, então, sacrificaria os dois carneiros em holocausto, um para si mesmo e sua família e o outro pelo povo.

O que sobrou do novilho e do bode sacrificados no Lugar Santo seria levado para fora do acampamento e queimado.

Este sacrifício seria repetido, então, anualmente no décimo dia do sétimo mês, ou seja, 6 meses depois da páscoa.

Levítico 17

Este capítulo complementa informações que foram dadas nos capítulos 1 a 7. Mais uma vez fica claro que são também prescrições dadas pelo próprio Deus, pelo que deveriam ser observadas.

Aparentemente havia práticas de sacrifícios a demônios, que faziam parte do culto dos egípcios. Informações dadas por Harrison (/20/, pág. 166), dão conta de que uma seita que praticava esse tipo de cerimônia florescia na região do delta do Nilo, justamente onde ficava o povo de Israel, na Terra de Gósen, e que o culto destes incluía o sacrifício de bodes, depois destes copularem com mulheres. O versículo 7 acima usa o termo prostituição para essa prática, enquanto a NIV se refere a ela como culto imoral.

Obviamente os filhos de Israel tiveram contato com essa prática e Deus aqui a proíbe terminantemente no meio do Seu povo, daí a dura penalidade de morte para quem a praticasse (versículo 4).

Assim sendo, não se tratava simplesmente de impedir que alguém matasse o seu animal para comer, sem que o seu sangue tenha sido oferecido na tenda da congregação. Por outro lado, isso acabou sendo o procedimento necessário para que tal prática fosse coibida. Cabe lembrar, contudo, que os animais não eram comumente sacrificados para alimento durante o período do deserto, porque o maná supria todas as necessidades do povo.

Nos versículos 8 a 12 esse ensinamento é reforçado e expandido de modo a incluir também os estrangeiros que havia no meio do povo. Recorda-se aqui que juntamente com o povo de Israel, subiu do Egito uma grande multidão de estrangeiros (*Êxodo 12.38*). Assim sendo, tratava-se de impedir que a idolatria destes pudesse contaminar alguns do povo.

Além disso, o ensino também foi expandido, passando a coibir qualquer tipo de ingestão de sangue (versículo 10). O motivo para tanto é justificado pelo fato da vida da carne

estar no sangue, que foi destinado por Deus à propiciação do Seu povo. O versículo 12 reforça, portanto, que nem israelitas nem estrangeiros no seu meio poderão comer sangue.

A caça a animais ou aves do deserto não era proibida desde que fossem animais puros, mas, caso fosse feita, o sangue da caça seria totalmente derramado na terra e coberto. Além disso, caso comessem algum animal que foi encontrado morto, dilacerado por outro animal, aquele que fez isso ficava impuro, pelo que deveria banhar-se e lavar as suas roupas, ficando impuro até à tarde.

Levítico 18

O fato de relações sexuais ilícitas se tornarem prática comum é uma ocorrência constatável em várias épocas ao longo da história da humanidade e nunca foi considerada tão aceitável quanto o é em nossos dias.

No texto bíblico já vimos a destruição pelas águas de toda a humanidade nos dias de Noé, bem como a destruição pelo fogo de Sodoma e Gomorra nos dias de Abraão, ocorrendo exatamente por esse motivo. Nossa leitura ainda não chegou à destruição de Canaã, pelo mesmo motivo, mas Deus já a antecipara para Abraão em *Gênesis 15.16*.

Podemos dizer, sem sombra de dúvida, que a eliminação destes povos ocorreu na forma de um juízo antecipado de Deus, em função desse pecado específico.

A história da humanidade nos mostra casos similares em que povos chamados bárbaros destruíram civilizações culturalmente mais avançadas por incorrerem no mesmo pecado. Os exemplos mais marcantes foram os reinos de Alexandre, o grande, e Roma.

Este capítulo começa expressando o cuidado de Deus para que o Seu povo não agisse nem como viu agirem os egípcios, que aliás Deus acabara de castigar duramente pelo seu pecado, como veria agir os cananeus para cujo meio eles estavam indo. É exatamente isso que Deus está dizendo no versículo 3.

O povo de Deus deveria antes seguir as Suas determinações, pelo que são listados nos versículos 6 a 23 atos que são abomináveis para Deus. Destes apenas o versículo 21, referente a oferecer os filhos em sacrifício a Moloque, não se refere a relações sexuais inaceitáveis para Deus. A leitura destes versículos é auto-explicativa, pelo que não se faz necessária qualquer elucidação correspondente.

Nos versículos 24 a 30 Deus reitera que todos os povos da Terra Prometida estão sendo vomitados de sua terra por praticarem justamente as abominações que acabaram de ser citadas.

Dissemos acima que nunca as relações sexuais ilícitas foram tão aceitas ao longo de toda a história da humanidade como o são em nossos dias e de forma tão generalizada. Isso é dito, reiteradamente, no horário mais nobre de nossos canais de televisão, onde os ditames de Deus, aqui salientados, são tratados como totalmente retrógrados, anacrônicos, antiquados.

Gostaria de ressaltar aqui que não pode haver nenhuma prova mais contundente de que há um juízo final “dobrando a esquina” do tempo do que este, que o próprio homem provê

ao cantar a beleza daquilo que para Deus é, sempre foi e sempre será totalmente abominável.

Levítico 19

Ao lermos este capítulo temos a impressão de estarmos relendo os 10 mandamentos, só que não na mesma ordem e com muito mais detalhe. Vejamos se essa impressão procede:

Os mandamentos I e II estão no versículo 4;

O mandamento III está no versículo 12;

Os mandamentos IV e V estão no versículo 3;

O mandamento VI está no versículo 16;

O mandamento VII está (aproximadamente) no versículo 29;

Os mandamentos VIII e IX estão nos versículos 11 a 16;

O mandamento X está (aproximadamente) no versículo 18.

Então, sim, podemos concordar que isso é uma repetição do decálogo, com mais detalhes, mas há mais duas coisas que chamam a nossa atenção neste texto:

- A primeira é o fato dele começar com uma convocação para que Seu povo seja santo porque Ele, o Deus deles, é santo.

Associando os Seus mandamentos ao Seu pedido de santidade de nossa parte, fica obviamente implícito que a guarda dos mandamentos é o ponto de partida para a santidade do Seu povo.

- A segunda coisa que chama a nossa atenção é a grande quantidade de vezes em que os versículos terminam dizendo “**Eu sou o Senhor, o Deus de vocês**” ou simplesmente “**Eu sou o Senhor**”. Dos 37 versículos, 7 terminam com a frase mais longa e 8 com a mais curta.

É claro que está implícito, de igual forma, que só podemos ser santos, da mesma forma como Ele santo é, se Ele for o nosso Senhor e o nosso Deus.

No Novo Testamento Paulo coloca essa santidade de uma maneira bem simples: temos que crescer até à estatura do Varão Perfeito (*Efésios 4.13*). Obviamente isso só é possível se formos discípulos dEle, o que só ocorre se obedecermos aos Seus mandamentos (*João 15.8*).

Resumindo, a nossa santidade depende de nossa obediência tanto no Antigo como no Novo Testamentos. A diferença entre como essa obediência é obtida, contudo, é o que faz toda a diferença entre as duas alianças.

Na primeira é obtida através do castigo, motivo pelo qual o próximo capítulo apresenta uma série de penas, ao passo que na nova, o nosso novo espírito, que resulta do novo nascimento, produz uma mudança que irradia para todo o nosso ser, fazendo com que nos tornemos cada vez mais parecidos com Jesus.

Vale a pena ressaltar neste texto o versículo 18b, que pede que ame cada um o seu próximo como a si mesmo!

Levítico 20

A Bíblia nos diz que Jesus, o Cristo, ou o Messias, veio na plenitude dos tempos (*Gálatas 4.4*). Em outras palavras, Ele veio no momento mais adequado da história, segundo os sábios planos divinos. Esse sempre foi o plano imutável de Deus, fixado antes da fundação do mundo (*Apocalipse 13.8*).

Antes disso, contudo, Deus estabeleceu uma forma provisória de formar filhos obedientes. Infelizmente, isso se faz através de regras que espelham o plano perfeito, mas cuja eficiência não podia ser a mesma (*Hebreus 10.4*).

Nos capítulos anteriores e notadamente no 18, em relação ao sexo, foram estabelecidas várias regras que deveriam ser seguidas por Seu povo. Neste capítulo temos os castigos correspondentes para o caso de descumprimento, principalmente tendo em vista as regras do capítulo 18.

Ao lermos este capítulo, contudo, vemos que a vasta maioria dos pecados, ou seja, da desobediência às regras, era punida com morte. Assim é que deveriam morrer aqueles que sacrificassem seus filhos a Moloque, aqueles que amaldiçoassem pai e mãe e aqueles que praticassem a maioria das relações sexuais ilícitas. Apenas em alguns casos era aplicada uma pena menos rigorosa.

O que está por trás da severidade das punições, sem dúvida, é a necessidade de evitar que essas pessoas comprometessem o comportamento de outros que eventualmente seguiriam o seu pecado.

A única forma de chegar à santidade era através da obediência. Isso fica claríssimo no versículo 8, que diz que devemos obedecer aos Seus mandamentos e praticá-los, pois Ele é Yahweh Mecadesh (o Senhor que Santifica). Essa mesma exortação é repetida no versículo 23, que deveria ser cumprida para que eles não fossem vomitados pela Terra Prometida, que herdariam.

São exortados a não seguirem o exemplo dos cananeus, que haviam praticado todas aquelas coisas pelas quais encheram as medidas do Todo Poderoso, causando o Seu juízo antecipado para com eles.

Finalmente no versículo 26 Deus diz que os separou para serem santos porque são Seus.

Hoje também nós fomos separados para a santidade porque somos dEle. Ele nos adotou como filhos e vivemos debaixo de uma aliança que dispõe da obra do Espírito Santo para nos restaurar, independente do quanto tenhamos sido corrompidos pelo pecado. Glória a Deus por isso!

Não devemos, cada um de nós, contudo, cometer o erro de achar que podemos ser mais tolerantes com o pecado, porque o Espírito pode sempre nos restaurar. O que devemos, isso sim, é reconhecer como nos exorta Paulo que Deus é tão bom quanto é severo (*Romanos 11:22*).

Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado.

Semana 14 - As Regras da Antiga Aliança (3)

Texto: Levítico 21 a 27

Estação 9

Levítico 21

Os versículos 1 a 3 nos dizem que o sacerdote só poderia se contaminar tocando um morto se esse fosse pai, mãe, filho, filha, irmão ou irmã solteira. O versículo 4 reconhece que o sacerdote é uma figura principal do povo, motivo mais que suficiente para que este não seja profanado. Por isso mesmo, nem sequer os seus cabelos seriam cortados, sua barba aparada ou seria lícito a ele fazer feridas na sua pele como o faziam sacerdotes de outros deuses.

Os sacerdotes devem ser santos porque são eles que oferecem ofertas pelo povo (versículo 6). Não lhes seria lícito tomar por esposa uma mulher prostituta, desonrada ou repudiada por outro marido. O sacerdote seria consagrado para ser santo, pois é Yahweh que nos santifica. Caso a sua filha se prostituísse, ela seria queimada.

Os versículos 10 a 15 contêm restrições ainda mais rígidas para o posto do Sumo Sacerdote. Ele não se chegaria a nenhum morto, nem mesmo pai ou mãe. Era-lhe simplesmente proibido de se tornar imundo. Ele somente poderia se casar com uma virgem e obviamente a contaminação por relação sexual também era aplicável a ele, da mesma forma como ele podia ser vítima de uma contaminação acidental, mas fora isso ele não poderia se profanar, porque é Yahweh que o santifica.

O terceiro bloco de restrições a sacerdotes, contido no restante do capítulo, indica o fato de não serem aptas para o sacerdócio homens da descendência de Arão que tivessem qualquer tipo de deficiência física, por mais simples que fosse. Isso em princípio poderia parecer uma discriminação, mas notem que ele não os proíbe de comerem das ofertas consagradas aos sacerdotes (versículo 22). Simplesmente o Deus santo e perfeito tem o direito de exigir que o Seu serviço se faça em perfeição, pois é Yahweh que nos santifica.

Levítico 22

A primeira seção deste capítulo lembra aos sacerdotes o cuidado que devem ter para não servirem enquanto eventualmente estiverem cerimonialmente imundos. Lembramos que isso poderia acontecer por diversas razões (versículos 3, 4 e 8) incluindo até relações sexuais com a esposa, que os manteriam imundos até o final do dia (ver versículos 6 e 7).

Caso eles se descuidassem e participassem das ofertas apesar de estarem imundos, eles seriam eliminados, talvez apenas do sacerdócio (versículo 3), mas a exortação do versículo 9 deixa claro que poderiam até morrer, como foi o caso de Nadabe e Abiú. A exortação termina lembrando que é Yahweh que os santifica.

Nos versículos 10 a 16 Deus informa a Moisés acerca de quem, da casa do sacerdote, poderia participar dos alimentos consagrados que a ele cabiam. Em princípio podemos dizer que eram todos os regulares da casa, incluindo os escravos não hebreus.

Pessoas que estivessem visitando, chamadas aqui de estrangeiros, não poderiam participar. Da mesma forma estavam impedidas de participar as filhas que tivessem se casado com um estrangeiro. Já a filha viúva ou separada, que voltasse para a casa do pai, também poderia voltar a participar.

Se alguém na casa comesse por engano, era tratado como se fosse um roubo e tal pessoa deveria restituir o valor do alimento acrescido de 20%.

As coisas sagradas não deveriam ser profanadas pois é Yahweh que santifica a família do sacerdote.

No restante deste capítulo, os sacerdotes são instruídos no sentido de não receberem, para qualquer tipo de oferta, animais que não sejam sem defeito. É dito, especificamente, que tais ofertas não seriam aceitas (versículo 20).

Como exceção à regra, poderiam ser aceitos animais desproporcionados (com alguma dimensão exagerada ou reduzida?), mas assim mesmo apenas para ofertas voluntárias.

Crias de menos de 8 dias de idade não poderiam ser sacrificadas, como também as crias não seriam sacrificadas juntamente com o animal que as gerou. Todos os mandamentos do Senhor deveriam ser observados para que Seu Nome não fosse profanado, por ser Ele Yahweh que os santifica.

Levítico 23

Neste capítulo Deus define para Moisés todas as festas anuais nas quais deveria ser celebrado aquilo que Deus fez para com o povo de Israel. De igual modo para nós hoje, estas festas celebram aquilo que Deus havia de fazer para a nossa salvação, ou seja, aquilo que Ele efetivamente fez através do Messias de Israel, Jesus, o nosso Salvador.

Antes de entrar, contudo, na primeira festa, Deus lembra a Moisés a guarda do sábado como dia de descanso, para o qual Ele deu o exemplo, descansando no sétimo dia da criação do mundo. Por isso mesmo, Ele diz a Moisés que todo o trabalho de Seu povo deveria ser feito em seis dias e que o sétimo seria um dia de descanso “dedicado ao Senhor”.

Este adendo final é importantíssimo, porque a quase totalidade das pessoas desse planeta descansam prazerosamente num sétimo dia da semana, mas poucos são aqueles que realmente dedicam esse dia de descanso ao Senhor.

A partir do versículo 4 o texto começa, então, a discutir as 3 festas em apreço, mas logo vamos ver que a primeira e a terceira são também subdivididas em 3, de modo que as festas desse capítulo acabam sendo 7 como veremos a seguir.

Festas da Páscoa, dos Pães Ázimos e dos Primeiros Frutos (versículos 4 a 14)

A Páscoa tem um significado para o povo hebreu, que nos lembra a sentença de bebês hebreus, um bebezinho específico flutuando no Nilo, a escravidão do povo hebreu, um arbusto ardendo sem ser consumido, os magos egípcios, a confrontação de Faraó, as pragas, a saída do Egito com a perseguição de um exército pouco depois, o mar se abrindo e o nascimento de uma nação ao pé do monte Sinai em chamas.

Já para nós hoje, todo o evento que os judeus celebram por sua libertação representa simbolicamente aquilo que foi realizado no âmbito da Nova Aliança, começando pela última ceia celebrada por Jesus com Seus discípulos e a morte substitutiva do Messias.

No entardecer do décimo dia do mês de Nissan todas as famílias deveriam escolher um cordeiro de 1 ano sem defeito, que deveriam guardar até o pôr do sol no décimo quarto dia. Esse cordeiro seria, então, morto e seu sangue colocado nos umbrais da porta para que o anjo do Senhor passasse sobre aquela casa poupando o primogênito da mesma e a sua carne seria comida em lembrança desse fato.

Jesus foi escolhido pelo povo no décimo dia do mês de Nissan, entrando na cidade numa mula, exaltado como Rei, mas já na noite do décimo quarto dia, na sexta feira para os judeus, Ele celebraria a ceia com Seus discípulos, falando de Seu corpo partido e Seu sangue derramado por nós, na condição de nosso cordeiro pascoal, para pouco depois ser condenado e morto.

Todos os elementos da ceia judaica têm o seu ritual com significados bem específicos, como por exemplo os 3 matzahs (pedaços de pão ázimo). Estes, segundo Howard & Rosenthal (/21/ págs. 51-63), significam, para os judeus, os sacerdotes, os levitas e o povo, mas para os cristãos a trindade, pois apenas o do meio, representativo do Filho, é partido. Infelizmente não há espaço para esses detalhes aqui.

A festa dos pães ázimos ou pães sem levedo tem início no dia 15 de Nissan e, para os judeus, tem por finalidade lembrar que a saída do Egito se deu de forma apressada, pelo que não houve tempo para que a massa de pão dos hebreus crescesse. Desta forma, Deus determinou que durante 7 dias eles comessem pães ázimos para que se lembrassem, por toda a vida, o dia em que Ele os havia tirado de lá.

Como esta festa era colada na Páscoa e de presença obrigatória, as duas ficaram vinculadas pela vinda a Jerusalém nesta primeira de 3 peregrinações. A primeira de tais peregrinações de Jesus foi feita quando Ele tinha apenas 12 anos e todos conhecemos o relato do quanto Ele impressionou por Seu discernimento das coisas de Deus já nessa idade.

O fermento ou levedo representa, para os judeus, em meio à sua cerimônia memorial, a presença do pecado em suas vidas. Não que haja alguma coisa pecaminosa no fermento, mas é caracterizado pela forma como ele facilmente altera toda a massa, com um notável efeito sobre ela. O pecado em nossas vidas foi removido pelo nosso Cordeiro Pascoal, mas cabe a nós andar em santidade de vida (vidas sem fermento), para que

sejamos santos como Ele é santo. É exatamente com esse sentido que Paulo o emprega para os coríntios em *ICoríntios 5.7-8*.

Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de fato, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento, nem com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.

Já no versículo 10 lemos de uma terceira festa no mesmo período, que seria realizada no domingo (um dia após o sábado) e que passaria a ser celebrada apenas depois do ingresso na Terra Prometida. Trata-se da festa das primícias ou festa dos primeiros frutos, cuja finalidade para os judeus era devolver ao Senhor aquilo que é dEle por direito. Vemos claramente no versículo 14, adiante, que nada dessa nova safra seria comido até que o reconhecimento e a gratidão dos hebreus fossem expressados através desta oferta.

Já para nós, a Igreja, Jesus Cristo é o primeiro fruto do plano de salvação concebido por Deus Pai em Seu infinito amor por nós. Paulo diz isso claramente em *ICoríntios 15.20*.

Mas, de fato, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.

É maravilhoso vermos, ainda, que essa ressurreição se deu exatamente no dia das primícias, ou seja, no domingo da ressurreição.

Shavuot - A Festa das Semanas

Havia uma abundância de nomes associados a esta festividade que ocorria exatamente no quinquagésimo dia depois da Festa das Primícias. Era conhecida por Hag Hashavuot, que significa a Festa das Semanas. Era chamada também de Yom Habikkurim, ou seja, Dia das Primícias, porque era o dia de trazer ao templo as primícias da colheita do trigo, assim como a Festa das Primícias celebrava a primeira colheita que era de cevada. Outro nome comum era Ha Hakatzir ou Festa da Colheita e, finalmente, o idioma grego trouxe o nome com o qual estamos mais acostumados, qual seja, o Pentecostes, que significa simplesmente quinquagésimo.

Obviamente a festa era importante por ser a segunda festa anual à qual os homens hebreus deveriam comparecer compulsoriamente, peregrinando até Jerusalém. Era destinada à celebração do início da colheita do trigo, mas *Deuteronômio 16.12*, em meio à regulamentação dessa festa, diz que **lembrar-te-ás de que foste servo no Egito, e guardarás estes estatutos, e os cumprirás.**

Assim sendo, era destinada a lembrar, também, ao povo hebreu, que Deus os libertara da escravidão egípcia.

O dia de Pentecostes tem para nós, também, uma lembrança do que Deus fez por nós através da libertação da escravidão do pecado, que foi provida em Jesus Cristo. Naquele dia foi derramado sobre os seguidores de Jesus, reunidos no mesmo lugar onde Jesus celebrara com eles a última ceia, o Espírito Santo de Deus, concedendo a eles o poder para serem testemunhas Suas em Jerusalém, por toda Judéia e Samaria e até os confins da Terra (*Atos 1.8*).

A Festa das Trombetas, O Dia da Expição e a Festa dos Tabernáculos

A festa de Rosh Hashanah, que significa literalmente “a cabeça do ano” ou “o início do ano”, só foi conhecida por esse nome cerca de 100 anos após a destruição de Jerusalém no ano 70dC. Biblicamente é chamada de Zikron Teruah (Memorial do Sopro - das Trombetas) no versículo 24 e de Yom Teruah (Dia do Sopro - das Trombetas) em *Números 29.1*.

Com a destruição do templo no ano 70, a festa passou a ser celebrada pelos judeus como se fosse o ano novo civil e assim permanece, basicamente, até hoje, não obstante ser celebrada no primeiro dia do sétimo mês judaico: Tisri.

Com relação ao significado desta festa para o povo hebreu, devemos reconhecer que Deus disse apenas que seria um sábado de descanso, uma reunião sagrada, celebrada com toques de trombeta. Seria um dia sem trabalho para ofertar ao Senhor. Assim sendo, o povo teria a oportunidade de dar ao Senhor aquilo que Ele espera deles.

O toque de trombetas nos faz pensar na volta do Messias, que seria anunciada dessa maneira, coincidindo com a ressurreição dos mortos e o arrebatamento da Igreja do Senhor Jesus (*ver ICoríntios 15.51-52 e ITessalonicenses 4.16-17*).

Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao ressoar da última trombeta. A trombeta soar, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados.

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor.

Essa é a expectativa, tanto dos hebreus de então, como o é hoje da Igreja de Jesus Cristo.

Nos versículos 26 a 32 é anunciado o Yom Kippur, ou seja, o Dia da Expição, a ser celebrado no dia 10 do mês de Tisri. Trata-se de um dia muito especial, no qual os filhos de Israel se arrependiam de seus pecados e o Sumo Sacerdote entraria no Santo dos Santos para apresentar ofertas de sangue capaz de cobri-los, tanto os dele como os de todo o povo, de acordo com a cerimônia descrita em *Levítico 16*.

Em termos de cumprimento profético, o Yom Kippur aponta para o arrependimento de Israel com a vinda do Messias descendo para salvá-los do poder do Anticristo, que terá tomado o poder mundial e implantado um reino de liderança própria.

Mais uma vez a Igreja de Jesus Cristo tem uma expectativa análoga com base nas profecias apocalípticas.

O restante do capítulo 23 nos fala de Sukkot, ou seja, a Festa dos Tabernáculos. Trata-se de uma cerimônia na qual os hebreus seriam lembrados da providência divina com o povo habitando em tendas (significado literal da palavra tabernáculo) durante os 40 anos de peregrinação no deserto. Como coincidia com o final de todas as colheitas, era conhecida também como a Festa da Colheita, na qual o povo agradecia pela providência divina nos dias presentes. Era a terceira das 3 festas de presença compulsória para todos os homens hebreus. As outras duas eram a Festa dos Pães Ázimos e a Festa das Semanas.

O retorno de Jesus em Sua Segunda Vinda é tido também como uma época de colheita para a Igreja do Senhor Jesus Cristo. Nesta ocasião, estando dois no campo, um será levado e duas no moinho, uma será tomada (*Mateus 24.40-44*).

A tabela a seguir apresenta um resumo das 7 festas, suas datas e seus significados:

Festa	Data	Significado
Páscoa	Nissan 14	Messias como cordeiro de Deus
Pães Ázimos	Nissan 15-21	Santificação e Messias incorruptível
Primeiros Frutos	Nissan 16	Messias ressuscita no terceiro dia
Semanas	50 dias após as primícias	Descida do Espírito sobre a Igreja
Trombetas	Tisri 1	2ª vinda de Cristo e arrebatamento
Expição	Tisri 10	Arrependimento de Israel - Juízo final
Tabernáculos	Tisri 15-21	Colheita final, Messias reinando aqui

Levítico 24

Este capítulo apresenta, nos versículos 2 a 4, algumas instruções sobre a manutenção das lâmpadas que deveriam ser mantidas no Lugar Santo. Já nos versículos 5 a 9 ficamos sabendo algumas coisas sobre os pães da proposição, que ficavam no mesmo recinto.

O autor de Levítico nos conta, a seguir, a respeito de uma blasfêmia que foi pronunciada, em meio a uma briga, por uma pessoa, filho de uma hebreia, que era casada com um egípcio.

Como não havia, até então, qualquer legislação específica sobre a blasfêmia contra Deus, a pessoa foi presa, mas o assunto foi levado a Moisés, para que este, por sua vez, consultasse a Deus a respeito.

A resposta divina se estende do versículo 13 a 22 e inclui, também, instruções para definir a penalidade de outros crimes, que porventura fossem praticados.

No caso específico do blasfemo, foi determinado que este fosse morto por apedrejamento. O versículo final, o 23, confirma que a sentença foi executada. Além disso, foram definidas penas para mais alguns crimes, onde nos chama a atenção o fato das penas serem sempre compatíveis com os crimes em apreço. Assim sendo, Deus começa definindo que todo homicídio seria punido também por morte.

Embora o texto aqui não distinga entre o homicídio culposo (com intenção de matar) e o doloso, isso será feito adiante (*Números 35.9-34*). No presente caso trata-se apenas de homicídio culposo.

Todo aquele que matasse um animal deveria restituí-lo: vida por vida. Já fica claro aqui que está sendo introduzida a lei do talião, conforme pode ser observado nos versículos 19 e 20. Quem ferisse outra pessoa deveria ser punida com uma ferida igual, ou seja, fratura por fratura, olho por olho e dente por dente.

Deus disse a seguir que essa legislação não poderia ser diferente para o estrangeiro que habitasse no meio deles, porque o Senhor é o Deus deles. Em outras palavras, justiça deveria ser feita porque Ele é justo.

Levítico 25

Este capítulo traz um ensino maravilhoso acerca do conceito do Ano do Jubileu. Em toda sociedade há sempre diferenças nos níveis de posses, que convencionou-se chamar de desníveis sociais, embora sejam, na realidade, o resultado de atitudes antissociais, decorrentes da cobiça humana. Deus, em Sua infinita sabedoria, concebeu um instrumento com base no qual famílias que se endividam e perdem suas propriedades têm uma oportunidade de recomeço a cada 50 anos.

Obviamente a ideia de distribuir bens para beneficiar pessoas menos favorecidas existe em todos os lugares. O “bolsa família” no Brasil é um exemplo disso, mas que é totalmente corrompido, por ser usado, basicamente, como moeda de troca eleitoral, sem falar de sua concessão a preguiçosos e pessoas que não o necessitam.

Já o Ano do Jubileu é uma estrutura de posse, que regula as propriedades e controla as dívidas de modo que tudo retorne à posse original a cada 50 anos. Assim sendo, as dificuldades não deixam de existir, mas seus efeitos são temporários, conforme veremos abaixo.

Os primeiros 7 versículos deste capítulo tratam de um ano sabático, ou um ano de descanso para as lavouras. Da mesma forma como as pessoas precisam descansar um dia a cada 7, Deus determinou que a terra, de igual forma, tenha um descanso em termos de cultivo após 6 anos consecutivos de plantio e sega. Durante o sétimo ano não se prepararia nem se plantaria nada. Era facultado, tão somente, colher os frutos que nascessem por si e permitir o acesso de pobres e estrangeiros para que estes fossem igualmente beneficiados pelos frutos que a terra desse espontaneamente.

Obviamente estava implícito que a obediência por parte dos hebreus teria uma contrapartida de Deus, no sentido de prover para que aquele ano sem sementeira e colheita não fizesse falta aos Seus servos.

Tendo estabelecido o ano sabático, Deus passa a falar a Moisés a respeito do sabático dos sabáticos, ao qual foi dado o nome de Ano do Jubileu. Eles contariam sete semanas de anos, ou seja, quarenta e nove anos, que incluíam 7 anos sabáticos e, então, no dia da expiação do sétimo ano sabático, proclamar-se-ia, para o ano seguinte, o Ano do Jubileu. Este seria, para todos os efeitos, um outro ano sabático, mas cujo valor é o de cancelar todas as dívidas e fazer voltar aos proprietários originais todos os terrenos.

Em termos práticos, todos os terrenos passariam a ser alugados e nunca vendidos. Seu valor seria estabelecido como um percentual do valor que suas colheitas poderiam prover. Assim, se alguém tivesse dificuldades financeiras e tivesse que vender o seu terreno 5 anos antes do Ano do Jubileu, também o seu valor de venda seria apenas um percentual correspondente aos 5 anos de colheita, que o território poderia prover ao inquilino durante esse período.

Além disso, todos os que tivessem sido escravizados como forma de pagamento de suas dívidas, seriam perdoados e voltariam para casa. Dessa forma, nenhum hebreu seria escravo permanente, salvo se ele assim o desejasse.

Obviamente havia exceções, uma das quais seria com relação aos terrenos no interior das cidades muradas. Ali os terrenos, por serem muito menores, eram basicamente destinados à construção de casas, cujo valor era estabelecido em função, principalmente, destas e não do terreno. Por causa disso, esses terrenos não estavam cobertos pela mesma regra.

Alguém poderia objetar dizendo que isso é injusto, porque pessoas pobres que morassem nas cidades seriam prejudicadas por não poderem manter suas casas, mas há uma segunda intenção por trás da regra do Ano do Jubileu, qual seja, fazer com que os terrenos que podem ser produtivos efetivamente o sejam. Assim sendo, grandes latifúndios simplesmente não existiriam, porque seria sempre altamente vantajoso alugar o terreno improdutivo para alguém que o cultivasse e pagasse um percentual da produção para fazê-lo.

Vocês já devem ter notado que a Bíblia, conquanto não seja um livro de economia e nem tenha a intenção de sê-lo, produziu excelentes contribuições também nessa área. Lembramos que José sugeriu, para o sustento do governo egípcio, uma taxa de imposto de 20% do PIB (*Gênesis 47.23-25*), enquanto o do Brasil está chegando a 40%. O sogro de Moisés sugeriu que ele tivesse a serviço do governo ou da administração do povo algo como 11% de funcionários públicos (*Êxodo 18.17-23*), enquanto o Brasil tem cerca de 20% de sua mão de obra sustentada pelo governo, que é essencialmente improdutivo pela natureza de sua atividade.

Chamo a atenção de todos para o fato de que o Ano do Jubileu, o sabático dos sabáticos, ocorre exatamente depois de um sabático. Desta forma trata-se de haver dois anos seguidos sem sementeira ou colheita. Por isso mesmo, Deus fala, desta vez explicitamente, do Seu compromisso de prover para que a colheita do sexto ano antes do sétimo sabático seja tal que possa cobrir a necessidade de 3 anos (versículo 21).

Os versículos 25 a 28 trazem algumas regras de resgate dentro da família ou de resgate antecipado caso o dono da terra se tenha recuperado financeiramente. Já o versículo 29 mantém uma possibilidade de resgate por um ano de qualquer terreno no interior de uma cidade murada, onde a regra do Jubileu não se aplica. O versículo 32 traz a exceção da exceção, qual seja, que casas de levitas, mesmo no interior de cidades muradas, sempre teriam direito a resgate e, mesmo sem resgate, teriam que ser devolvidas no Ano do Jubileu.

A parte final do capítulo 25 traz regras gerais em relação ao trato de hebreus que tiverem empobrecido. Deles não se pode cobrar juros e devem ser tratados com as mesmas regalias dadas a pobres e estrangeiros (poderiam colher livremente nos campos para sustento próprio). Além disso, nunca seriam tratados como escravos, mesmo que se vendam como tais, mas como empregados. Essa regra se aplica mesmo que se vendam a estrangeiros residindo em Israel. Neste caso haveria sempre a possibilidade de serem resgatados por algum parente próximo.

O capítulo se encerra com Deus lembrando que a regra do jubileu existe porque os israelitas são Seus servos, que Ele tirou da servidão no Egito. Ele é o Senhor e Deus dos hebreus!

Levítico 26

Era usual que documentos da época fossem encerrados com um capítulo de bênçãos e maldições para as pessoas que guardassem ou deixassem de guardar as determinações contidas nos mesmos. Mesmo na Bíblia isso pode ser observado em *Êxodo 23.25-33*, *Deuteronômio 28.1-68* e *Josué 24.20*.

Neste capítulo, encerrada a apresentação dos regulamentos que Deus transmitiu a Moisés no monte Sinai, é apresentada, também aqui, uma lista de bênçãos e maldições similares às de Deuteronômio, supracitada.

O trecho referente às bênçãos pela guarda da aliança cobre os versículos 1 a 13. Não se justifica repeti-la aqui, mas basicamente Deus promete prover tudo que Seu povo precisa para viver bem na Terra Prometida, bastando, para tanto, que eles observem aquilo que concordaram em fazer. Ele cuidaria de mínimos detalhes para o seu bem-estar, se assim fosse.

Por outro lado, caso não se dispusessem a obedecê-lo, caso se entediassem na guarda dos Seus mandamentos, então, a lista de maldições que os atingiria se estende até o versículo 39, que basicamente tiraria deles tudo que Ele tivera grande prazer em lhes dar.

Mesmo assim, Deus continuaria a amá-los e se disporia a voltar atrás, caso eles encontrassem lugar para o arrependimento e confessassem os seus pecados, Ele se lembraria de Sua aliança com Abraão, Isaque e Jacó e estaria disposto a perdoá-los (ver versículos 40 a 45).

O versículo final informa serem estes os mandamentos que Deus entregara a Moisés no Sinai.

Levítico 27

Esse capítulo final do livro de Levítico regulamenta votos, ofertas e o resgate, em termos de valores, nos casos em que o objeto do voto é convertido em dinheiro quando não houver transferência de propriedade.

Em termos práticos consideremos, por exemplo, Samuel, o filho de Elcana e Ana, que foi consagrado ao Senhor (*I Samuel 1.21-28*). Neste caso, ele foi efetivamente levado a Jerusalém e entregue ao sacerdote Eli. A lei facultava, contudo, que ele pudesse ser resgatado por uma quantia em dinheiro. Dessa forma, poderia ter ficado com os pais desde que esses pagassem a quantia de 240g de prata (admitindo que ele tinha mais de 5 anos de idade). O valor correspondente hoje seria uns R\$1.200,00.

Os votos em questão podiam ser tanto de pessoas, como no exemplo acima, ou animais ou terrenos, etc. Em alguns casos, contudo, não cabia o resgate. Em outros, como é o caso dos terrenos, estes eram regidos pela legislação do Ano do Jubileu.

De um modo geral o resgate era feito acrescentando-se a quinta parte (20% do valor avaliado pelo sacerdote).

Semana 15 - O Evangelho para os Judeus Convertidos (1)

Texto: Hebreus 1 a 6

Estação 10

Hebreus 1

O autor da carta aos hebreus dá início à mesma dizendo algo que nenhum hebreu cristão contestaria: que Deus falou ao Seu povo antes e de muitas maneiras (por anjos, profetas, reis e até por uma mula), mas que naqueles dias havia falado por Seu Filho, ou seja, de forma muito mais marcante, visto ser Ele o herdeiro de todas as coisas e o próprio Criador dos mundos (versículos 1 e 2). Trata-se de uma manifestação muito mais sublime por ostentar Ele o brilho da glória do Pai, expressar a imagem da Sua pessoa e ser o sustentador de todas as coisas pela palavra do Seu poder. Além disso, tendo purgado, através de Si mesmo, os nossos pecados, sentou-Se à direita da Majestade numa posição de autoridade (versículo 3).

Depois de humilhar-Se, tomando a forma de Servo humano, não obstante ser Deus, Paulo nos informa que Ele voltou a Se humilhar aceitando, por obediência, a morte maldita de cruz (*Filipenses 2.6-8*). Por esse motivo Deus O exaltou dando-Lhe um Nome que é sobre todo nome, qual seja, JESUS, que significa Jeová salva (*Filipenses 2.9*). Em *Hebreus 1* somos informados que Jesus, que por pouco tempo fora feito menor que os anjos (*Hebreus 2.9*), havia Se tornado muito superior a eles ao herdar um Nome mais excelente do que aquele a eles destinado. Não precisamos esperar muito para saber que Nome é esse, pois os versículos 5 e 6 nos dizem não apenas qual é, mas também quando foi dado. Ele foi chamado de Filho no dia em que Deus Pai O gerou e O adotou como tal. Essa é a mesma interpretação dada por Paulo em *Atos 13.33* para este versículo extraído de *Salmos 2.7*. Isso se deu no dia da ressurreição.

Reiteramos aqui que Jesus nascera de forma legal como Unigênito Filho de Deus, gerado no ventre de Maria, mas ao ser “re-gerado espiritualmente” no dia da ressurreição, Ele Se tornou Filho legal por adoção. Paulo já falara isso, também, em *Romanos 1.4*, ao dizer que Jesus fora declarado Filho de Deus com poder do Espírito na ressurreição dos mortos.

Para que não haja qualquer dúvida, o versículo 6 relaciona isso ao dia em que o Pai ‘novamente’ introduz o “Primogênito” no mundo, mandando que todos os anjos O adorem, e deixa claro que Ele não está falando sobre a geração do “Unigênito” no ventre de Maria, mas que se trata do mesmo “Primogênito dentre muitos irmãos”, o primeiro nascido de novo, ao qual Paulo se refere em *Romanos 2.29*.

Na continuidade do texto, o versículo 7 traz uma citação de *Salmos 101.4*, na qual os anjos são apresentados como espíritos ministradores (servos), mas para mostrar a superioridade do Filho, o autor de Hebreus cita nos versículos 8 e 9, *Salmos 45.6-7*, que O apresentam como o próprio Deus.

“O Teu trono, ó Deus, subsiste pelos séculos dos séculos; cetro de equidade é o cetro do Teu reino. Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o Teu Deus, Te ungiu com óleo de alegria, mais do que a Teus companheiros”.

Para mostrar a Sua participação na criação, ele cita *Salmos 102.25-27*.

“Desde a antiguidade fundaste a terra; e os céus são obra das Tuas mãos. Eles perecerão, mas Tu permanecerás; todos eles, como um vestido, envelhecerão; como roupa os mudarás, e ficarão mudados. Mas Tu és o mesmo, e os Teus anos não acabarão”.

No versículo 3 já tinha ficado claro que o autor tinha o texto de *Salmos 110.1* em mente, mas aqui ele o cita para lembrar que Deus nunca disse isso a anjo nenhum, mas, sim, ao Filho (versículo 13).

No versículo 14 ele termina o seu argumento acerca da superioridade de Jesus em relação aos anjos, dizendo que os anjos são apenas espíritos ministradores enviados em favor dos que vão herdar a salvação, enquanto Jesus é o próprio autor desta, embora ele não o diga aqui, mas, sim, em *Hebreus 2.10*.

Hebreus 2

“Em razão disso”, começa o autor, obviamente referindo-se à revelação que nos foi feita por e em Jesus, devemos dar a ela séria atenção, para evitar que dela venhamos a nos desviar. Pois se a palavra falada por anjos (referência à Lei Mosaica - ver *Gálatas 3.19*), que são muito menores que Jesus, provou ser eficaz na condenação do pecado, como escaparemos nós se não atentarmos para tão grande salvação, a qual começou a ser pregada pelo Senhor, e que foi confirmada a nós por aqueles que O ouviram, à qual Deus também deu testemunho através de sinais, maravilhas, vários milagres e dons do Espírito Santo, distribuídos de acordo com Sua vontade? A resposta óbvia é: não podemos! (versículos 1 a 4).

No restante do segundo capítulo o autor de Hebreus mostra que esse plano de salvação não foi previsto para socorrer anjos, mas foi dado em favor da semente de Abraão (versículo 16). De igual modo, o mundo vindouro será sujeitado ao homem e não a anjos (versículo 5). Devido a isso, tanto o homem como Jesus mesmo foram feitos, por pouco tempo, um pouco menores que os anjos (versículos 7 e 9, respectivamente). Embora essa situação persista em relação ao homem, que perdeu, devido ao pecado, a glória e a honra que Deus lhe dera (versículos 7 e 8), ela não é mais verdade no tocante a Jesus, que foi coroado com honra e glória pelo sofrimento de morte que suportou (versículo 9).

Tendo dito que Ele, Jesus, foi coroado de glória e honra pelo sofrimento de morte que suportou, o autor de Hebreus nos surpreende dizendo que isso se deu para que, pela graça de Deus, Ele pudesse “experimentalmente a morte por todos”.

Os comentaristas bíblicos são unânimes em dizer que esse versículo 9 é muito difícil. Aparentemente o autor está dizendo que Jesus morreu para que pudesse morrer. Essa aparente dificuldade desapareceria, contudo, se ele estivesse falando de duas mortes distintas: uma física e outra espiritual.

Eu não tenho dificuldade com este texto, justamente porque creio na morte espiritual do homem Jesus, mas há muitos que não a aceitam devido ao fato de não conseguirem aceitar que haja qualquer distinção entre Jesus Deus e Jesus homem. Isso foi objeto do primeiro concílio da Igreja em Nicéia no quarto século e foi rediscutido em praticamente todos os demais depois disso.

Houve, inclusive, um bispo de Constantinopla, chamado Nestório, que foi exilado por ter ousado dizer que Maria não era mãe de Deus, mas só do homem Jesus. A condenação no caso foi totalmente política, mas não foi por causa de Maria e, sim, porque ele teria separado Jesus Deus de Jesus homem.

Diga-se de passagem, contudo, que Paulo, se vivesse nos dias de Nestório, teria sido taxado de herético e condenado de igual forma, por ousar dizer que o mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo **homem**.

Jesus, o segundo Adão (*1 Coríntios 15.47*), como diz Paulo em *Romanos 5.12*, era imortal e Se tornou mortal ao tomar sobre Si os nossos pecados, em obediência à vontade de Deus Pai, ou seja, Ele morreu primeiro espiritualmente. Feito isso, Deus O coroou de honra e glória por causa de Sua obediência. Além disso, pela graça de Deus, Jesus morreu, em nosso favor, a morte física, através da qual Se torna o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo. Isso é lindo!

No versículo 10, a ideia de que “convinha” a Deus Pai, que o Autor de nossa salvação fosse aperfeiçoado pelo sofrimento, é certamente algo que queremos ver mais de perto. Primeiramente “convinha” porque era um requerimento da graça divina. Esse versículo faz lembrar *Isaías 53.10*, que afirma ter “*agradado a Deus moê-lo*”. Deus nos amou de tal maneira que, pela Sua graça, entregou o Seu Filho Unigênito à morte (primeiramente espiritual e depois física) para que todo aquele que nEle crê fosse tornado perfeito, ou seja, recebesse vida eterna, graças ao fato dEle tomar sobre Si a nossa imperfeição. Vemos, portanto, que *João 3.16* está falando de muito mais do que perdão de pecados. A aquisição da vida eterna está claramente incluída.

A palavra “Autor” usada para qualificar Jesus é “archegus” no grego, que significa Principal Líder, Autor, Capitão ou Príncipe (*/23/, pág. 1533*). De acordo com o *Expositor’s Bible Commentary (/22/, pág. 27)*, significa “aquele que começa alguma coisa como primeiro da série”. Essa é exatamente a ideia que Paulo apresenta em *Romanos 8.29* quando diz que Jesus é o “*Primogênito dentre muitos irmãos*”.

A ideia de Jesus ser aperfeiçoado ou tornado perfeito também traz dificuldades para quem não crê no novo nascimento de Jesus homem. A palavra grega correspondente é “teleioo”, que de acordo com Goodrick (/23/, pág. 1596) significa completar, realizar, consumir, consagrar, concluir ou tornar perfeito. Devemos enfatizar que o que está sendo aperfeiçoado é o próprio Senhor Jesus e não a Sua obra. Assim sendo, completar ou aperfeiçoar têm o mesmo sentido. Se Ele foi contaminado pelos nossos pecados, Ele, como nosso substituto perfeito, tomou sobre Si a nossa “morte eterna” e foi para o inferno após morrer fisicamente (*IPedro 3.18-19*), onde pagou o preço de nossa “vida eterna”. Ao terceiro dia, contudo, foi aperfeiçoado, primeiramente no espírito e depois fisicamente, tornando-Se o Primogênito dentre muitos irmãos em dois aspectos distintos: Ele é o primeiro a nascer de novo espiritualmente (um aspecto que já foi igualmente recebido pelos que nEle creem) e é o primeiro a receber um corpo eterno. Esse segundo aspecto é claramente reconhecido em *Romanos 6.9-10*.

“Sabendo que, tendo Cristo ressurgido dentre os mortos, já não morre mais; a morte não mais tem domínio sobre Ele. Pois quanto a ter morrido, de uma vez por todas morreu para o pecado, mas quanto a viver, vive para Deus”.

Nós, contudo, só vamos receber esse segundo benefício quando da Sua segunda vinda, conforme estabelecido em *ICoríntios 15.22-23*.

“Pois como em Adão todos morrem, do mesmo modo em Cristo todos serão vivificados. Cada um, porém, na sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda”.

Como de hábito, gostaria de deixar aberta a alternativa para os que não creem na morte espiritual do homem Jesus. Neste caso o versículo 9 citaria a morte de Jesus duas vezes apenas como uma forma de enfatizar o fato. Já no versículo 10 o aperfeiçoamento de Jesus teria sido apenas com a experiência ganha ao passar por tudo que Ele passou.

No versículo 11 o autor de Hebreus ressalta o fato de que Jesus não Se envergonha de chamar de irmãos aqueles que foram santificados pelo Seu sacrifício. A vitória por Ele alcançada em favor deles é ressaltada nos versículos 14 e 15, onde fica evidenciado que Ele Se tornou carne e sangue, igual a eles, para que pudesse derrotar Satanás, que tinha o poder da morte, libertando aqueles que lhe estavam sujeitos.

O autor encerra esse capítulo indicando que Jesus foi feito Sumo Sacerdote para representar aqueles pelos quais morreu, pois Ele tem todas as qualificações necessárias para mediar o relacionamento entre o homem e Deus.

Hebreus 3

Se nos capítulos 1 e 2 o autor dessa carta ressaltou a superioridade de Jesus em relação aos anjos, neste capítulo ele aborda a Sua superioridade em relação a Moisés, que foi mediador da Velha Aliança. A base para essa declaração reside no fato de Moisés ter sido fiel, na condição de servo, sobre toda a casa de Deus, enquanto Jesus foi igualmente fiel, mas como Filho, sobre a Sua própria casa, que é a Igreja (versículos 3 a 6).

Tendo estabelecido esse ponto, o autor passa a mostrar que a fidelidade dos mediadores não garante o sucesso dos mediados independente da fé destes. Ele resalta a necessidade de ouvir a voz do Espírito Santo: **“hoje se ouvirdes a Sua voz, não endureçais os vossos corações como no dia da tentação no deserto”** (versículos 7 e 8). Ali os filhos de Israel provocaram o Senhor (*Salmos 95.7-11*), sendo incapazes de conhecê-LO, pelo que foram impedidos de entrar no Seu descanso (versículos 9 a 11). De igual forma o autor diz que devemos exortar um ao outro, diariamente, de modo a não sermos endurecidos através do engano do pecado (versículo 13). Tendo nos tornado participantes de Cristo devemos zelar para que nossa fé se mantenha firme e não venhamos a ser reprovados como o foram os israelitas.

Hebreus 4

Neste capítulo o autor expande o conceito de “descanso de Deus”, mostrando, ainda, através do texto de *Salmos 95*, que o descanso provido por Josué, adentrando a Terra Prometida, não era aquele que Deus tinha para aqueles que O amam. No descanso divino realmente só entramos quando cessamos de nossos trabalhos terrenos (versículo 10), da mesma forma como Deus só descansou quando concluiu a criação (versículo 4). Sejam, pois, diligentes quanto à entrada no nosso descanso, para que não venhamos a ser reprovados como o foram os israelitas no exemplo dado (versículo 11). A melhor maneira de exercer tal diligência é permitindo que sejamos integralmente provados à luz da Palavra de Deus, que “é uma espada penetrante de dois gumes, que penetra até a divisão da alma e do espírito (priorizando as coisas do espírito), discernindo entre os nossos pensamentos e as intenções do coração” (versículo 12).

Neste caso específico, estamos falando é da Palavra de Deus. É ela que nos ensina o caminho no qual devemos andar (*Salmos 119.105*). É ela, de igual forma, que nos corrige, fazendo com que reconheçamos nossos erros (*Hebreus 12.5-6*).

É muito interessante a visão que esse versículo nos dá do homem. Ele nos ensina que alma e espírito são elementos tão distintos quanto o são as juntas e medulas do corpo. Ainda no âmbito da alma, a Palavra nos ensina a distinguir pensamentos da mente e desejos ou intenções do coração. Nos moldes definidos neste versículo podemos representar o homem conforme indicado na figura 15-1 abaixo:

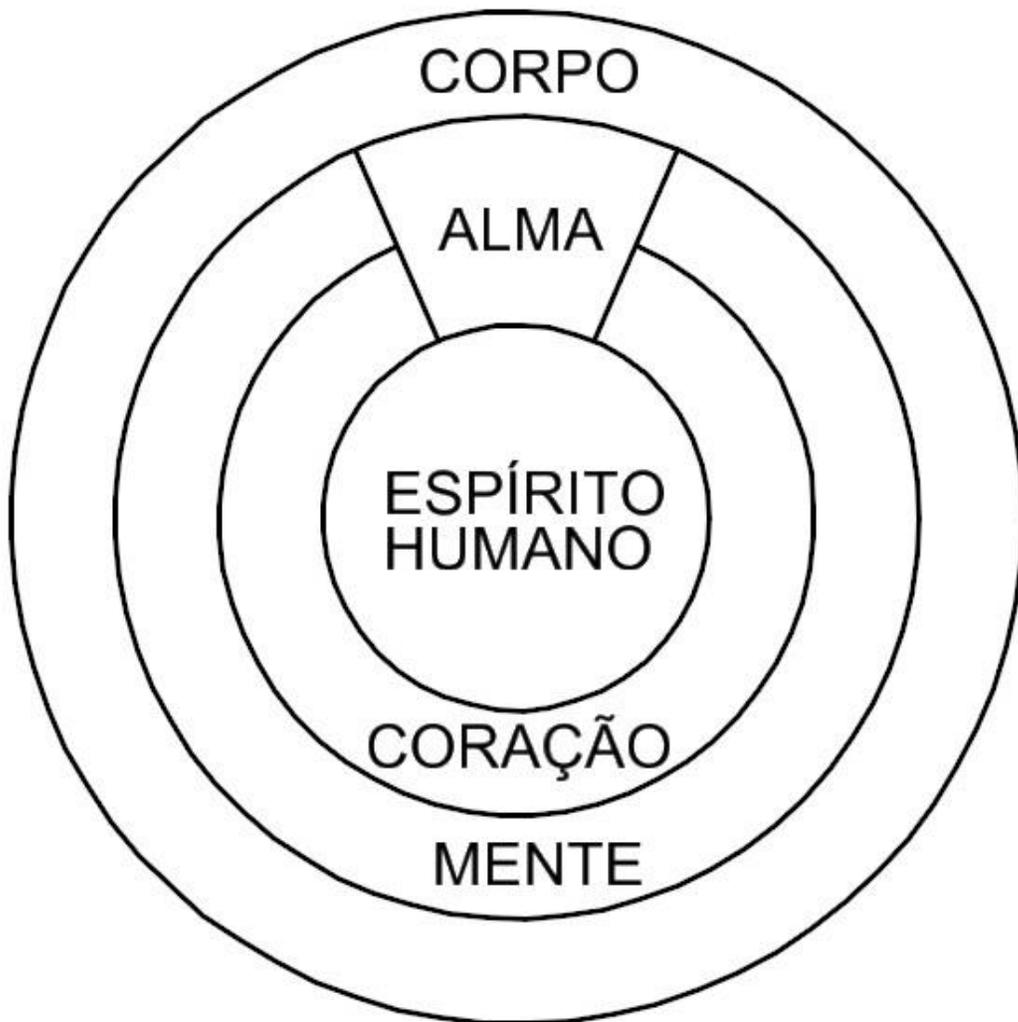


Figura 15-1 - Representação esquemática do homem como Corpo – Alma – Espírito

Neste ponto o autor adentra o tema do sacerdócio de Jesus Cristo, mencionado no capítulo 2, perante cujo trono de graça podemos comparecer com ousadia, não obstante as nossas fraquezas, porque ali obteremos misericórdia e encontraremos graça no tempo de necessidade (versículos 14 a 16).

O comentário de Lutero para esse versículo 14 foi: “depois de nos aterrorizar o autor agora nos consola. Primeiro derramou vinho em nossas feridas e agora vai untá-los com óleo”. Embora nós, como cristãos, não tenhamos méritos que nos permitam entrar confiadamente na presença de Deus, ainda assim, graças aos méritos do nosso Mediador e Sumo Sacerdote, podemos exercer essa mesma confiança.

O fato dele ter “adentrado os céus” faz dEle um Sumo Sacerdote ao qual não podem ser comparados os da ordem arcaica, que todos adentraram um Santo dos Santos apenas figura daquele que foi adentrado por Jesus.

O aposto que qualifica Jesus como Filho de Deus é extremamente importante. Na condição de Mediador temos um pedido extremamente pertinente feito por Jó: “**Se tão somente houvesse alguém para servir de árbitro entre nós, para impor as mãos sobre nós dois, alguém que afastasse de mim a vara de Deus para que o Seu terror não mais me assustasse...**” (Jó 9.33-34). Pois bem, esse pedido foi atendido em Jesus. Como homem, filho de mulher, Ele Se aproxima de nós e nos abraça como um de nós, tendo preenchido a justiça exigida pelo Pai, e como Deus, Filho de Deus, Ele abraça o Pai e intercede por nós. Por tudo isso, podemos e devemos nos apegar à fé que professamos.

Como se tudo isso não bastasse, Ele ainda tem a grande vantagem de ter passado por tudo que nós passamos. Ele conhece tudo, porque Ele mesmo o vivenciou. As investidas de Satanás contra Ele foram similares às que faz contra nós. No deserto, Satanás O tentou com vaidade, fome e orgulho. Nada disso adiantou. Quando Pedro acabara de reconhecer Jesus como Filho do Deus vivo, por revelação divina, exatamente neste ponto ele O ataca com autocomiseração. Em nenhuma dessas ocasiões, contudo, Ele caiu.

Há um ponto muito importante aqui. Será que Ele como Filho de Deus poderia ter caído? Há muitos teólogos que respondem “não” a essa pergunta, mas vejam como seria sem sentido tal resposta. Se não houvesse a real possibilidade de Jesus pecar, então, não haveria, tampouco, qualquer vantagem em deixar de tê-lo feito. Não haveria ainda porque o autor de Hebreus enaltecer esse fato.

Por outro lado, se Ele não pudesse realmente ter pecado, então, os nossos pecados também nunca estiveram sobre Ele. Ele sequer seria o nosso igual.

Glória a Deus, contudo, porque Ele era 100% Deus, mas também 100% homem. Nesta condição Ele podia ter pecado, mas não o fez. É exatamente isso que O qualifica como o fantástico Mediador que Ele realmente é.

Resumindo, os hebreus a quem essa carta foi endereçada estavam sendo pressionados a negar Cristo e voltar para o convívio do templo, onde teriam novamente a segurança da Lei Mosaica. O autor da carta está tentando mostrar-lhes, contudo, que aquilo que eles receberam ao aceitarem Jesus, deu a eles infinitamente mais do que tinham antes e que eles mesmos, agora, poderiam adentrar o Santo dos Santos e comparecer diante de Deus na condição de filhos. Como filhos, estão sendo encorajados a fazê-lo confiadamente, para que, pelos méritos de Cristo, eles pudessem ter certeza de receber ajuda e graça em tempo de necessidade. Isso representava uma verdadeira revolução em relação ao que tinham antes. A relação com Deus seria conforme prometido por Jeremias: todos o conheceriam pessoalmente, desde o menor até o maior (*Jeremias 31.34b*).

Hebreus 5

O versículo 1 nos fala da qualificação e do ofício do Sumo Sacerdote araônico. Obviamente deveria ser escolhido dentre os homens, ou seja, alguém que não fosse 100% homem não servia. Assim sendo, era uma exigência que se aplicava também a Jesus, pelo que Ele tinha que ser 100% homem. Sua tarefa perante Deus era representar os homens e apresentar ofertas e sacrifícios pelos pecados.

O fato dEle ser escolhido implica, automaticamente, que Ele não escolhe a Si mesmo. Assim como o sacerdócio araônico foi uma instituição divina, também Jesus foi escolhido por Deus, como veremos adiante no versículo 5.

O autor já havia falado da qualificação de Jesus de poder compadecer-Se de nós por ter sido tentado, mas sem ceder à tentação. Ao falar agora do compadecimento do Sumo Sacerdote araônico, ele o faz baseado no fato de ser também um pecador como nós, ao contrário de Jesus, que venceu o pecado.

Está implícito nesse versículo também o fato de que Ele intermedia ofertas e sacrifícios daqueles que pecam por ignorância. Não há previsão na lei para o perdão sem arrependimento.

Pessoas que pecassem em rebelião ou “de mão levantada” (significando em desafio contra Deus) eram excluídas da comunidade de Israel. Dentre esses pecados estava incluída a “apostasia”.

Este era o pecado que os destinatários da carta de Hebreus estavam prestes a cometer caso declarassem Jesus anátema para poderem voltar à participação na comunidade do Templo. Estava em jogo a escolha entre o retorno à lei mosaica e a rejeição de Jesus como Messias, ou a fidelidade para com Jesus, que eles haviam aceito como Senhor e Salvador de suas vidas.

O versículo 3 nos lembra que a mediação do Sumo Sacerdote araônico, começava com sacrifícios por Si mesmo, porque se trata de uma pessoa falha como as demais, mas, mesmo assim, o versículo 4 nos diz que tinha que ser uma pessoa indicada por Deus.

Jesus também foi assim, mas mais uma vez a superioridade dEle é evocada! A prova de que o sacerdócio dEle é superior, começa pelo fato de que foi anunciado pela boca de Davi, pronunciando palavras do próprio Deus. Jesus é o Filho gerado exatamente com a finalidade de ser Sumo Sacerdote (*Salmos 2.7 e 110.4*). Como se isso não bastasse, foi anunciada uma ordem superior à araônica, qual seja, a de Melquisedeque (Rei da Justiça), não por algum tempo, conforme os sacerdotes araônicos o eram, mas por toda a eternidade, uma vez que Ele já conquistara vida eterna na ocasião em que o sacerdócio Lhe foi outorgado (os versículos se referem a um tempo pós ressurreição: *Atos 13.33 e Hebreus 7.20-27*).

A referência no versículo 7 é obviamente ao Getsêmane, onde o texto bíblico nos fala da agonia de Jesus diante da morte. As orações feitas ao Pai, Aquele que podia livrá-IO, com certeza não foram a respeito do Seu medo do sofrimento físico, porque aqui diz que Ele foi atendido, e, sim, a respeito da separação do Pai ao tomar sobre Si os nossos pecados (a morte espiritual). O difícil aqui é entender de que modo foi ouvido, visto que a vontade de Deus Pai é que Ele passasse pela experiência da segunda morte por nós, tomando sobre Si os nossos pecados. Como foi ouvido devido à Sua reverente submissão, a alternativa mais contundente é que Deus O ouviu ao ressuscitá-IO dos mortos no terceiro dia, gerando para Ele um espírito novo fazendo dEle o Primogênito dentre muitos irmãos.

No versículo 8 a dificuldade reside no aperfeiçoamento de Jesus. Nós, humanos falhos, sem dúvida aprendemos a obedecer pelo sofrimento. Apanhamos para obedecer. Obviamente não é esse o caso de Jesus, mas a obediência ao Pai, no caso dEle, teve como consequência um grande sofrimento, qual foi o de separar-Se de Deus e sujeitar-Se por nós à segunda morte, tomando sobre Si o nosso inferno, para que pudéssemos vir a gozar o Seu Céu.

A continuidade do texto, que para a maioria dos comentaristas gera tanta dificuldade, fica na realidade muito simples. Significa: e quando Ele foi aperfeiçoado pelo novo nascimento, tornou-Se a fonte da salvação eterna, dos que nasceram a seguir em série, pelo novo e vivo caminho que Ele inaugurou.

Isso, a que se refere o autor no versículo 11, é o assunto que ele está introduzindo, qual seja o Sumo Sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque. Ele está apenas começando a falar a respeito, mas, pelo fato dele conhecer bem os destinatários dessa carta, está convencido de que o assunto é profundo demais, não para a capacidade intelectual deles, mas para o desinteresse que eles têm demonstrado pelas coisas de Deus, motivo pelo qual não mais conseguem aprender, senão mui lentamente.

Sem dúvida é tempo de pararmos para perguntar se nós por acaso não estamos mostrando similar desinteresse. O assunto que estamos adentrando é marcante e maravilhoso, mostrando-nos facetas do ministério de Jesus, que a grande maioria dos crentes desconhece. Por que será?

O fato deles terem se tornado lentos implica que antigamente não eram assim. Quantos crentes conhecemos que esfriaram completamente depois de terem iniciado tão bem no período de primeiro amor?

O fato de que a essa altura já deveriam ser mestres, ressalta a total falta de crescimento que tiveram ao longo do tempo. Como crentes, continuam impossibilitados de produzir frutos, instruindo a outros porque eles mesmos ainda estão sendo alimentados com leite, por não conhecerem sequer o “beabá” da Bíblia. Infelizmente, Paulo teve que dizer a mesma coisa aos coríntios: **“Irmãos, não lhes pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como crianças em Cristo. Dei-lhes leite e não alimento sólido pois vocês não estavam em condições de recebê-lo” (ICoríntios 3.1-2).**

Que será, no versículo 13, o “ensino da justiça”? No evangelho de Jesus Cristo só há espaço para um tipo de justiça, qual seja aquela que vem pela fé. Era a essa justiça que se contrapunha àquela que vinha pelas obras da guarda da lei, para a qual os hebreus estavam querendo retornar, que o autor da carta estava se referindo.

Os adultos ou as pessoas maduras no evangelho de Jesus Cristo do versículo 14 são justamente aquelas que têm se esforçado por conformar suas vidas aos ensinamentos dEle.

Hebreus 6

No início deste capítulo temos a impressão de que o autor mudou de assunto e que queria passar a falar de doutrinas básicas. Citou algumas que ele considera importantes (versículos 1-2), mas preferiu deixá-las para outra ocasião (versículo 3) e seu tema imediato seria a apostasia (versículos 4-9). Devemos lembrar, contudo, que se trata de uma carta escrita a hebreus, para ressaltar que o Evangelho de Jesus Cristo é o cumprimento de todo o cerimonialismo judaico. Assim sendo, não há dúvida de que ele está exortando os judeus convertidos do perigo de retornarem ao Judaísmo, mas a ênfase aqui continua sendo a necessidade de diligência (versículo 11) em ouvir e obedecer a revelação que viera por Jesus Cristo. Além disso, ele introduz, nas entrelinhas, a questão do sacrifício único de Jesus, comparado aos múltiplos sacrifícios do cerimonial judaico (um assunto a ser detalhado no capítulo 9).

Este texto dos versículos 4 a 9 é uma das fortes armas dos defensores da possibilidade de perda de salvação, que têm como opositores aqueles que sustentam a máxima ‘uma vez salvos, sempre salvos!’. Não há dúvida de que o autor esteja falando de apostasia, mas a intenção dele não é alimentar essa discussão, que certamente já existia àquela época. Ele concebe uma apostasia hipotética, possível, mas quase inimaginável, para mostrar que o sacrifício de Jesus, não obstante único, não implicava em perda de salvação diante de um tropeço qualquer. Vejamos, portanto, o que ele tem a dizer.

Seja um judeu que se converteu ao Cristianismo, por ter sido iluminado pelo Espírito Santo, que se configura numa pessoa que entendeu a mensagem da cruz, confessou sua fé em Jesus Cristo, nasceu de novo, constatou que a Palavra de Deus tem poder e recebeu, inclusive, dons sobrenaturais do Espírito Santo. Imaginemos agora, que esse Crente, com ‘C’ maiúsculo, por um desvario de sua conveniência, vá procurar o Sumo Sacerdote no templo e diga a ele que deseja renegar sua fé cristã e ser reintegrado na comunidade judaica, declarando publicamente, para tanto, que Jesus é anátema. Pois bem, o autor de Hebreus nos diz que essa situação é possível, esse sujeito retorna novamente à sua condição de espiritualmente morto, mas ele deixa claro que isso é um caminho sem volta. Ele já fez uso do sacrifício único de Jesus Cristo e O renegou. Para que ele pudesse ter nova conversão e outro novo nascimento, seria necessário que Cristo morresse por ele uma segunda vez; mas isso não vai acontecer.

Cabe aqui um aposto, indicando porque esse ensinamento de Hebreus é extremamente valioso. Ele nos mostra, por exemplo, o erro que cometem muitas igrejas de nossos dias

tratando os “desviados da fé” como pessoas que perderam a salvação e que precisam se “reconverter”, ao invés de reconhecerem que são apenas cristãos que perderam a comunhão com Deus devido ao seu pecado. São tratados como ímpios, ao invés de irmãos amados, que precisam ser ensinados a confessar o seu pecado, para que sua comunhão seja restabelecida.

Este texto mostra, ainda, o quão sem sentido é a ideia de que Deus salva quem quer e que a predestinação não tem qualquer ingerência nossa. Essa perda de salvação aqui apresentada seria impossível se assim fosse.

Retornando agora ao texto e ao contexto, o autor diz, no versículo 9, que ele não espera esse tipo de atitude de nenhum dos seus amados leitores. Para tanto, ele os exorta a serem diligentes em seguir a Cristo (versículos 10 a 12), imitando aqueles que através da fé e da paciência herdaram as promessas.

Há uma certa dificuldade de interpretação associada ao versículo 10, pois parece atribuir dívida a Deus para com os trabalhos feitos a Seu serviço. “Deus não é injusto pelo que vai retribuir vocês pelas obras que fizeram”. Será que é isso que está escrito aí? Na tradição católica essa interpretação seria totalmente válida, com as penitências sendo computadas como obras feitas a serviço de Deus, através das quais podemos angariar o perdão de pecados. Esse é um dos versículos usados para defender esse ponto de vista. Será que é defensável? A Bíblia obviamente não pode se contradizer e sabemos o que nos diz *Efésios 2.8-9*: **Pois vocês são salvos pela graça, mediante a fé, e isto não vem de vocês, é dom de Deus, não por obras, para que ninguém se glorie**. Isso nega, portanto, claramente, que a salvação possa ser alcançada por mérito, mas não explica o que o autor quis dizer. *Efésios 2.10* continua os versículos supracitados falando de obras que Deus preparou para nelas andarmos depois da salvação. Esse raciocínio leva a maioria das pessoas a pensar imediatamente em termos de galardão. Será isso então? Talvez galardão seja uma coisa muito mal compreendida. Paulo fala a respeito em *ICoríntios 3.8* - **O que planta e o que rega têm um só propósito e cada um será galardoado de acordo com as suas obras**. Será que Paulo está falando de uma casa mais bonita ou mesmo uma mansão celestial para aqueles que mais produzirem para o reino aqui? Essa é uma visão muito material do que vem a ser o galardão espiritual. É quase tão ridícula quanto as muitas virgens dos muçulmanos terroristas. A primeira aplicação desse termo na maioria de nossas traduções em português aparece em *Gênesis 15.1*, quando Deus aparece a um Abrão apavorado, com uma possível retaliação de reis que tinha acabado de derrotar para trazer de volta o seu sobrinho Ló. Agora muito preocupado que eles pudessem se reagrupar e pegá-lo desguarnecido, Deus aparece para ele e diz, **“não tenha medo, Abrão, Eu sou o seu protetor e o seu grande galardão”**. Vejam que coisa maravilhosa. O próprio Deus Se dispõe a ser o grande galardão de Abrão. Pode haver maior prêmio que a gente passar a ter um Deus nosso pessoal. Ele passou de fato a ser conhecido como o Deus de Abraão! Além de ser uma recompensa celestial, Deus galardoou imensamente o Seu servo naquele mesmo dia, porque ele poderia gozar desde já da certeza de que ele estava protegido por seu Deus pessoal. Com certeza é disso que o autor de Hebreus está falando. O nosso galardão espiritual por servir a Deus aqui virá tanto no céu como aqui, na forma de intimidade com Deus. Assim como o

galardão dos santos pelos seus atos justos são linho fino, brilhante e puro (*Apocalipse 19.8*) também a nossa intimidade com Deus será refletida aqui na forma como Deus brilha em nós.

Nos versículos 11 e 12 o autor não se dirige aos hebreus como um simples professor, mas como um pastor que ama as ovelhas do seu rebanho. Ele fala como um pai a filhos que gerou e que agora vê correndo o risco de sofrerem eterno dano por estarem sendo relapsos em sua fé, mas é com profunda esperança que ele tenta demovê-los de seu estado de letargia, para que vejam, como ele, o quanto eles precisam estar atentos.

Já nos versículos 13 a 15 o autor está trazendo um exemplo com base no qual quer estimular a fé dos hebreus. Trata-se de uma promessa feita por Deus no âmbito do sacrifício de Isaque solicitado por Deus a Abraão. Muitos anos de tribulações eram já passados e Abraão gozava uma vida estabilizada e tranquila quando Deus, sem que nem porque, lhe pede para ir ao Monte Moriá, onde deveria construir um altar e sacrificar o filho da promessa sobre o mesmo.

Paulo se refere à reação de Abraão em *Romanos 4.18*, dizendo que: “**Abraão, contra toda a esperança, em esperança, creu**”. O próprio autor de Hebreus nos diz que “**Pela fé Abraão, quando Deus o pôs a prova, ofereceu Isaque como sacrifício. Aquele que havia recebido as promessas estava a ponto de sacrificar o seu único filho, embora Deus lhe tivesse dito: “por meio de Isaque a sua descendência será considerada”. Abraão levou em conta que Deus pode ressuscitar os mortos e, figuradamente recebeu Isaque de volta dentre os mortos**” (*Hebreus 11.17-19*).

Passada essa prova, vencida por Abraão com uma fé inabalável, Deus se apresenta a ele em *Gênesis 22.16-17* dizendo: “**Juro por Mim mesmo**”, declara o Senhor, “**que por ter feito o que fez, não me negando o seu filho, o seu único filho, esteja certo de que o abençoarei e farei seus descendentes tão numerosos como as estrelas do céu e como as areias das praias do mar**”.

Em meio à crise pela qual estavam passando, é esse o exemplo de fé que o autor propõe aos hebreus. É esse também o exemplo de fé que Deus propõe que consideremos para as nossas vidas.

Os versículos 16 a 18 falam sobre juramentos. As pessoas são chamadas a prestar juramento quando a sua simples palavra é colocada em dúvida. Jurar significa chamar outra pessoa por testemunho. É claro que jurar tomando Deus por testemunha é o juramento de mais alto nível que podemos evocar. Para nós se trata de validar a honestidade de nossas promessas pecaminosas, mas para Deus se trata de dar a nós, que somos tão falhos em nossa fé, uma dupla promessa infalível: a promessa de Deus, que não pode mentir e o Seu juramento, por Si mesmo, que é um Deus infalível. Isso se chama misericórdia para com a nossa fraqueza.

Nos últimos dois versículos, o nosso autor está chegando ao tema central de sua carta, qual seja o papel do nosso novo Sumo Sacerdote. Antes disso, contudo, ele lembrou a

dupla segurança dada a Abraão, o pai da promessa, para introduzir, daqui a pouco, também o juramento relativo ao sacerdócio de Jesus, pelo que estamos ancorados com Ele no interior do véu, onde Ele, nosso precursor, nos representa e nos dá a segurança, que doutra forma jamais poderíamos ter, por não termos como nos aproximar de Deus Pai, salvo pela mediação do Deus-homem Jesus, que é o próprio Deus no relacionamento com o Pai e homem de carne e osso como nós no relacionamento conosco.

Semana 16 - O Evangelho para os Judeus Convertidos (2)

Texto: Hebreus 7 a 13

Estação 10

Hebreus 7

O assunto do sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque vem sendo mencionado reiteradamente pelo autor, que inclusive já nos alertou que se trata de um tema difícil, apropriado apenas a crentes maduros, mas finalmente, depois de 6 capítulos, chegou a hora de adentrá-lo. Até esse ponto o autor de Hebreus já mencionou o novo sacerdócio segundo a ordem de Melquisedeque algumas vezes, mas é aqui, neste capítulo, que ele procura dar aos seus leitores algumas “dicas” relativas à identidade desse misterioso personagem do Velho Testamento, bem como a justificativa para a necessidade de um outro sacerdócio, que não o levítico.

Essa informação que o autor de Hebreus está fornecendo nos versículos 1 a 3 ou é nova, ou ele está se referindo à falta dela no texto de Gênesis: Melquisedeque é o único personagem importante cujos pais não são mencionados, também não se diz dele quando nasceu, tampouco se diz quando morreu, a semelhança do que se faz para todos os outros. Suas qualificações são semelhantes às de Jesus e Deus prolonga o seu sacerdócio até os dias de Jesus. Resumindo, não podemos saber se Melquisedeque era um homem comum, de quem nada sabemos, ou na outra ponta das especulações, se era uma pré-aparição do próprio Cristo, que ocorre em *Gênesis 14* por um breve instante na vida de Abraão (voltando a aparecer no capítulo 18) e cujo sacerdócio fica em suspenso até os dias de Jesus.

O argumento sustentado nos versículos 4 a 7 diz respeito à superioridade de Melquisedeque em relação a Abraão, que era o detentor das promessas e figura máxima patriarcal do judaísmo. Se, então, aquele que era a figura do Cristo, era maior que Abraão, com muito mais razão o próprio Cristo. O argumento é simples e tem uma lógica igualmente simples.

Mais uma vez, nos versículos 8 a 10, o argumento é similar ao anterior. O autor está agora confrontando o sacerdócio levítico com o de Melquisedeque e chegando à conclusão que também o primeiro pagou dízimos ao segundo, pelo que o segundo é também maior. É interessante ressaltar a referência dele nesse caso em *Salmos 110.4*:

“O Senhor jurou e não se arrependerá: “Tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque”.

A interpretação do autor é expressa na frase “naquele de quem se declara que vive”, donde entendemos que vive Melquisedeque, vive no Cristo a figura que ele representa, ou vive Melquisedeque, que é o próprio Cristo em uma teofania. Não sabemos, mas virá o tempo em que poderemos perguntar.

Quando Gênesis fala de Melquisedeque, não consta das informações que recebemos, qualquer coisa que fale a respeito de uma ordem sacerdotal. Essa informação só nos é apresentada em *Salmos 110.4* quando Davi, falando do Messias, diz que Ele seria sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Essa informação só foi acrescentada cerca de meio milênio após a criação do sacerdócio araônico, mas cerca de um milênio antes da argumentação ora feita, nos versículos 11 e 12, pelo autor de Hebreus. O argumento dele, portanto, está embasado no Velho Testamento e consiste em ressaltar que uma nova ordem sacerdotal, anunciada por Deus através de Davi, só teria sentido se a velha ordem, a araônica, fosse imperfeita e incapaz de realmente garantir o perdão de pecados, pelo que sua natureza seria temporária.

A frase que vem entre parêntesis no versículo 11, falando da origem da Lei, nos lembra da interdependência dela e do sacerdócio. Literalmente o grego fala do estabelecimento do sacerdócio com base na lei. Ora, se quebramos a lei, passando a ser condenados por ela, faz-se necessária a mediação do sacerdócio e o exercício do sacrifício da vítima substituta para que pudesse haver perdão. Essa interdependência justifica a lógica utilizada para estabelecer a frase seguinte, qual seja, que havendo novo sacerdócio, fica implícita a implantação de nova lei, qual seja a “lei da graça”, da qual Paulo fala várias vezes ao se dirigir aos romanos (ver *Romanos 6.8-14*).

O velho sistema da Lei tinha dois problemas no seu sacerdócio e vamos ver o autor de Hebreus ressaltando ambos: por um lado, os próprios sacerdotes eram imperfeitos por serem eles mesmos pecadores carentes de perdão e, segundo, porque o sacrifício era igualmente imperfeito. Era uma vítima que não queria morrer e não sabia o que se estava passando. A mudança do sacerdócio traz consigo a mudança da lei, não no sentido em que a lei seja outra, mas na forma como esta se faz cumprir amplamente.

O reconhecimento da natureza messiânica do texto de *Salmos 110* não deixa qualquer dúvida de que os judeus tinham conhecimento da vinda de um sacerdote que não seria levita, ou seja, de descendência araônica. O fato do versículo 2 desse salmo falar do extensivo cetro de poder desse personagem, ressalta a Sua natureza real, pela qual a Sua ascendência davídica fica implícita. Esse fato é confirmado, ainda, pelas inúmeras vezes em que Jesus é associado ao título de “Filho de Davi” (ver, por exemplo, *Mateus 15:22*). Exatamente por isso, fica surpreendente o fato de terem sido feitas inúmeras tentativas, na era pós-apostólica, de associarem Jesus à tribo de Levi, com o intuito de mostrar que Ele preencheu os dois ofícios. Isso obviamente é desnecessário porque Ele, não obstante ser da tribo de Judá, conforme indicado nos versículos 13 e 14, efetivamente uniu os dois ofícios, mas não como sacerdote levítico e, sim, como sendo da ordem de Melquisedeque.

Nos versículos 15 a 17 Jesus é declarado um outro sacerdote semelhante a Melquisedeque. Se por um lado não temos muita informação sobre Melquisedeque, nós conhecemos bem de que trata a vida “indestrutível” de Jesus. Sabemos que Ele é sem pecado e eterno. Assim, mesmo não querendo especular, acabamos adicionando mais qualificações a Melquisedeque, que nos permitem tender para a hipótese de teofania,

pois jamais seria sem pecado se fosse um humano comum. Além disso, o fato de Jesus se ter tornado Sumo Sacerdote, não por simplesmente pertencer à família certa dos descendentes de Arão e, sim, por ter sido objeto da convocação do Deus Altíssimo, graças às Suas qualificações, reveste o Seu sacerdócio de muito maior importância que o de Arão.

A ordenança anterior a que o autor se refere, no versículo 18, é a Lei Mosaica, e tal afirmação não indica que se trate de uma lei ruim, porque o próprio Paulo se refere a ela dizendo que é santa, justa e boa. Sua inutilidade reside, contudo, no fato de ser boa apenas para aquele que consegue viver por ela, ou seja: ninguém, porque estamos todos vendidos debaixo do pecado. Se não fôssemos pecadores, a Lei atestaria nossa justiça, mas pelo fato de o sermos, ela apenas nos acusa. Os sacrifícios levíticos, por sua vez, apenas atenuam nossa desgraça. Na Nova Aliança, contudo, sob a lei da graça, é nos concedido o privilégio de adentrarmos o Santo dos Santos, aproximando-nos pessoalmente do Deus vivo. Além disso, temos o Espírito Santo santificando as nossas vidas, dando-nos o poder de vencer o pecado e juntamente uma esperança que nunca antes esteve acessível àqueles que viviam sob a Lei. Como poderiam, agora, os hebreus sequer pensar em trocar a nova esperança pela velha frustração de serem incapazes de viver segundo a Lei?

Nos versículos 20 a 22 estamos diante de mais um maravilhoso argumento da lógica do autor de Hebreus. Ele consubstancia o fato da Lei, e do sacerdócio associado, serem ambos transitórios. Neste caso ele chega a comparar alianças e conclui pela superioridade da Nova Aliança em relação à Velha. O principal argumento para tanto, primeiramente, está relacionado com a transitoriedade dos sacerdotes da primeira. Eles mesmos, por serem mortais, eram transitórios. Além disso, ele se vale novamente do juramento divino como argumento. Tudo que havia sido dito em relação ao juramento que Deus fez a Abraão volta a se aplicar aqui em seu juramento feito a Jesus. Ele, por ser empossado com juramento e por ser eterno, se torna a garantia da própria aliança que media.

O texto de 23 a 25 começa ainda ressaltando a transitoriedade dos sacerdotes araônicos em comparação com a perpetuidade do sacerdócio de Jesus, mas o ponto alto da comparação está focalizado na perfeita mediação do segundo, por força de ser eterno e poder cumprir a segunda parte de sua função, qual seja a de interceder pelos salvos por Ele.

Deus provê para a gente sempre o melhor. Enquanto não veio a plenitude dos tempos, houve uma mediação temporária, mas a qualidade da perfeição só existe em Jesus. Ele é santo, inculpável, puro, não é contado entre os pecadores e é exaltado acima dos céus. Não há como falar senão do grande amor de Deus por nós, provendo o que há de melhor pela Sua maravilhosa graça.

No versículo 27 é ressaltado o contraste de Jesus com os outros. Os comentaristas dedicam muitas páginas a explicar porque o autor teria dito que o Sumo Sacerdote araônico precisa oferecer dia a dia sacrifícios por seus próprios pecados. É um assunto

supérfluo, mas a necessidade de fazê-lo, porque seus pecados eram diários, não significa que o faziam diariamente. O importante aqui é ressaltar o sacrifício único de Jesus e a total suficiência do mesmo.

O Filho aperfeiçoado para sempre é um problema para alguns comentaristas. Uma nota de rodapé na NVI mostra que o texto grego diz “aperfeiçoado” e não perfeito. A dificuldade é o reconhecimento de que Jesus precisou ser aperfeiçoado por ter-Se contaminado com nossos pecados. Se considerarmos, contudo, que nossa salvação só existe devido à ressurreição, ou seja, estaríamos mortos em nossos pecados se Ele não tivesse ressuscitado (*ICoríntios 15.17*), temos que reconhecer que existe uma ocorrência do plano de Deus associada à ressurreição que não é só uma demonstração da vitória de Jesus sobre a morte.

Romanos 4.25 nos diz que Jesus morreu pelos nossos pecados, mas que a nossa justificação está associada à ressurreição. A nossa justificação não é nossa e, sim, dEle. Assim sendo, Ele também só foi justificado dos nossos pecados quando Ele foi ressuscitado por Deus Pai (*Romanos 8.11*). Se esse argumento não bastasse, também sabemos que Jesus era eterno, pois Ele mesmo declarou que tinha autoridade sobre Sua vida (*João 10.17-18*). Mas quando ressuscita, Ele Se torna o Primogênito dentre muitos irmãos (*Romanos 8.29*), ganhando vida eterna (*ICoríntios 15.23*). Esse assunto é simples. Jesus era imortal e precisou ganhar novamente a imortalidade. A única explicação para isso é que ele a perdeu quando tomou sobre Si os nossos pecados.

Hebreus 8

O assunto do sacerdócio de Cristo segundo a ordem de Melquisedeque continua agora com o autor mostrando como este se encaixa na Nova Aliança ao qual está associado.

Os versículos 1 e 2 são uma espécie de comentário relativo ao que foi dito até aqui. Poderíamos parafraseá-lo dizendo: “Resumindo, esse é o Sumo Sacerdote que temos, o qual Se assenta à direita de Deus e que serve agora, a nosso favor, no verdadeiro tabernáculo celestial”.

Alguns comentaristas gostam de pensar no “verdadeiro tabernáculo” como o corpo do nosso Senhor, mas o contexto não dá margem a qualquer interpretação desse tipo, principalmente porque o próprio texto, logo adiante (versículo 5), lembra que foi dito a Moisés que ele copiasse o modelo do santuário mostrado a ele no monte. À luz do santuário construído, obviamente o que ele viu foi bastante semelhante, e não o corpo do Salvador, que deixou os discípulos confusos quando Jesus o mencionou (*João 2.19-21*).

O autor repete, no versículo 3, o que já tinha dito em Hebreus 5.1, ou seja, que todo Sumo Sacerdote é escolhido para apresentar ofertas e sacrifícios pelo pecado. Assim sendo, é de se esperar que o nosso Sumo Sacerdote também tenha “alguma coisa” para oferecer. Ao dizer que ele na terra nada seria, ele começa a estabelecer uma diferença

importante entre o “terrestre” e o “celestial”. Essa diferença continua a ser explorada na continuidade do texto.

Êxodo 25.40, citado no versículo 5, nos dá a entender que o santuário celestial, que foi mostrado a Moisés, feito por mãos de Deus, é pré-existente. Segue que o temporário, qual seja, o terrestre, que era cópia e sombra do verdadeiro, não pode ser igual. O resultado é que os sacerdotes levíticos servem num santuário inferior.

Como já tínhamos visto que o sacerdócio de Jesus é superior ao levítico, o próximo passo é mostrar que a Nova Aliança é superior à Mosaica, sendo exatamente esse o argumento que o autor apresenta a seguir.

O texto nos informa que Jesus “obteve” um ministério superior, mas outras traduções utilizam termos como “recebeu”, dando a Jesus uma participação menos ativa neste ministério. Isso é confirmado por vários comentaristas, que dizem transparecer no grego original o mérito de Jesus, graças a Quem foi viabilizada a Nova Aliança feita através do Seu próprio sangue, oferecido de uma vez por todas. Daí a lógica inquestionável do autor de Hebreus, ao dizer que se trata de um ministério superior, qual seja, mediar uma aliança superior baseada em promessas superiores. Mais uma vez se trata de um ministério celestial, substituindo um terrestre, associado a uma aliança celestial, que confere solução definitiva ao pecado do homem, abrindo o caminho para que se relacione diretamente com o Pai Celestial, graças ao mediador que atua no santuário celestial.

É o temporário terrestre cedendo lugar à uma aliança eterna e celestial, garantida duplamente pelo juramento do Deus eterno (versículo 7).

Embora a tradução desse versículo indique claramente que a Nova Aliança tenha sido anunciada por Jeremias, porque Deus estava declarando a velha anulada por falta de cumprimento, o contexto do autor de Hebreus não parece, segundo alguns comentaristas, assegurar essa interpretação. Segundo estes a falta pode ter sido encontrada tanto no povo (que certamente pecou) como na Velha Aliança (que não tinha condição de resolver o problema do pecado). Seja como for, o texto de Jeremias é muito conhecido.

O texto de Jeremias certamente precisa ser entendido como um refrigério num tempo de total desastre e desrespeito pela Lei, que caracterizava a primeira aliança. O povo estava prestes a ser levado em cativo. Assim como a comunidade de Israel havia sido destruída pela Assíria, agora a de Judá estava prestes a encarar o mesmo destino, com as tropas de Nabucodonozor sitiando os muros de Jerusalém. Jeremias havia pregado a destruição, agora às portas, por falta de arrependimento, mas em meio ao cumprimento de sua profecia, ele agora prega a reconciliação do irreconciliável, o perdão dos pecados em meio ao duro castigo e a graça de Deus num ambiente de castigo devido à sua ira. Esse é o Deus cuja misericórdia se renova a cada manhã.

Nesta nova aliança o ponto alto é a habitação interior de Deus, fazendo com que sejam dispensáveis as tábuas de pedra, pois a mensagem será local, transformando o homem de dentro para fora.

A simples referência a uma “nova” aliança de fato qualifica a anterior como “velha”, pelo que está fadada a desaparecer. A tradução parece dar a entender que, não obstante a profecia de Jeremias, ainda assim parece que a prática do sacerdócio levítico ainda estava em atividade. Isso nos asseguraria que o autor de Hebreus estaria escrevendo antes do ano 70, que determinou o fim do templo e dos sacrifícios, quando da destruição de Jerusalém.

Hebreus 9

Continua aqui a comparação iniciada no capítulo anterior entre o transitório e o eterno, entre o terrestre e o celestial, entre a Velha e a Nova Aliança. Tudo isso dentro do estilo normal do autor de mostrar que tudo que diz respeito a Jesus é superior e pertencente à esfera da nova aliança, que é eterna e celestial.

Neste primeiro versículo, ele inclui o culto judaico e a adoração associada como igualmente terrestres e transitórios. Sem dúvida isso nos faz pensar no nosso próprio culto e o quanto ele se assemelha com aquele que um dia praticaremos lá no céu e do qual o nosso deveria ser “sombra e imitação”. Quando Jesus diz para a samaritana que **“os verdadeiros adoradores, buscados pelo Pai, são aqueles que o fazem em espírito e em verdade”** (João 4.23), certamente é a adoração celestial que Ele tem em mente. Como é a nossa? É fácil reconhecer os desvios causados pela liturgia.

No texto que abrange os versículos 2 a 10, o autor descreve o tabernáculo de Moisés e o formalismo dos sacrifícios. É, no mínimo, curioso que ele parece posicionar erradamente o altar de ouro de incenso, colocando-o no Santo dos Santos ao invés de mantê-lo no Lugar Santo, como vemos em Êxodo 30.29. Perde-se muito tempo tentando explicar isso, mas vamos simplesmente mencionar o fato e passar adianta, visto que isso em nada altera os argumentos que estão sendo apresentados.

O próprio autor reconhece que a menção desses objetos está sendo feita apenas para situar os seus leitores na sua descrição, mas que maiores detalhes são desnecessários neste momento. O objetivo dele, principal, é confrontar aquilo que é sombra e cópia, com aquilo que é original e verdadeiro.

O serviço do santuário, descrito a partir do versículo 6, era realizado pelos sacerdotes levíticos, cujas atividades no Lugar Santo podem ser resumidos a: manter acesas as lâmpadas do candeeiro de sete lâmpadas em todo o tempo (Êxodo 27.20), comparecer ao altar de incenso toda manhã e toda noite quando vinham cuidar das lâmpadas, para tornar perpétua a queima de incenso (Êxodo 30.7) e substituir, semanalmente, aos sábados, os pães da proposição, que ficavam sobre a mesa de ouro.

Já o serviço no Santo dos Santos era realizado pelo Sumo Sacerdote e somente no dia da Expição, que ocorria no décimo dia do sétimo mês, qual seja, o de Tishri. O ritual dessa cerimônia é descrito no capítulo 16 do livro de Levítico e principia com o Sumo Sacerdote entrando no Lugar Santo com um novilho e um bode, que seriam degolados e oferecidos, um de cada vez, respectivamente, por si mesmo e pelo pecado do povo. Ele entrava no Santo dos Santos a primeira vez levando o sangue do novilho, que seria espargido sobre o propiciatório. Depois saía e derramava o sangue sobre o altar defronte do véu. A seguir degolava o bode e procedia de igual modo agindo desta vez para a propiciação dos erros de todo o povo. A palavra grega utilizada para erros significava na realidade “inocências”, visto que não havia provisão na Lei senão para os chamados pecados involuntários. Lembramos que os pecados praticados em rebeldia contra Deus não tinham perdão porque equivaliam à apostasia prevista em *Hebreus 6.4-6*.

Os pecados involuntários incluíam aqueles praticados voluntariamente, mas por fraqueza (um exemplo é o roubo - visto que ninguém é capaz de roubar involuntariamente no sentido absoluto do termo, mas era um pecado perdoável). O arrependimento é aplicável a todos os pecados menos à apostasia voluntária.

O Espírito Santo é aquele que revela a Palavra de Deus ao homem. O autor de Hebreus está dizendo, no início do versículo 8, que esta foi a forma de Ele de mostrar que, enquanto permanecesse o Lugar Santo, o povo não tinha acesso ao Santo dos Santos, ou seja, à presença de Deus. A profecia de Jeremias, no sentido de que “todos O conheceriam”, não poderia se materializar. Pecados só poderiam ser realmente perdoados pelo verdadeiro sangue, qual seja, o do verdadeiro Cordeiro; assim, “temporariamente” continuava a haver apenas sacrifícios oferecidos que não podiam dar ao adorador uma consciência perfeitamente limpa. Tratava-se apenas de prescrições à base de comida e bebida (ceia por exemplo?) e de várias cerimônias de purificação com água (qual seja o batismo?), que foram impostas na forma de ordenanças exteriores até o tempo da nova ordem. Não há dúvida de que a perpetuação destas mesmas ordenanças, como elementos salvadores na nova ordem, as torna uma fraude e não mais um símbolo como na primeira ordem.

Já Jesus, o Sumo Sacerdote dos bens permanentes, adentrou o verdadeiro tabernáculo celestial, não feito por mãos humanas, levando consigo, não o sangue de bodes e bezerras, mas o Seu próprio sangue derramado na cruz, para conquistar, de uma vez por todas, a eterna redenção que Deus nos oferece gratuitamente.

Nos versículos 13 e 14 o autor volta ao tema da superioridade do sacrifício do Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque oferecendo a Si mesmo como oferta imaculada, tendo a capacidade de purificar as nossas consciências, o que não podia ser alcançado pelo sacrifício temporário e terrestre do sangue de bodes e touros. Já havia sido dito que o sacrifício desses animais era um mero simbolismo, pelo que, se os pecados não eram efetivamente perdoados, era impossível que a nossa sensação de culpa pudesse ser apagada. Isso só poderia ser alcançado mediante o verdadeiro perdão e a presença do Espírito Santo em nossos novos espíritos, testificando que somos filhos de Deus (*Romanos 8.16*). Por isso mesmo, temos em nós mesmos a convicção de que

“nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, os quais não andam mais segundo a carne mas segundo o Espírito”.

A parte do versículo 13 que fala a respeito de cinzas de uma novilha espalhadas sobre os que estão cerimonialmente impuros, tem produzido, mais uma vez, longas discussões entre os teólogos, mas que pouco acrescentam à interpretação do texto, pelo que mais uma vez deixaremos de abordar o assunto aqui, mas recomendamos a leitura dos comentários a Números 19.

É muito importante ressaltar que o autor de Hebreus hora nenhuma fala da introdução da Nova Aliança como uma solução para as deficiências da primeira, por ter esta falhado. Devemos lembrar que o nosso Deus é Onipotente, Onisciente e Onipresente. Assim sendo, não há, nunca houve, nem haverá correção de rumo no plano divino devido a insuficiências do mesmo. Quando Paulo fala de Jesus Cristo crucificado antes da fundação do mundo, é exatamente disso que ele está falando. Deus sabia que Adão pecaria e podemos dizer que Deus fez uso disso, dando a ele livre arbítrio, para que pudesse escolher, de livre e espontânea vontade, responder ao amor divino e amá-LO de volta, buscando ter com Ele uma relação íntima. Para isso, seria necessário lidar com os pecados do homem. O plano foi iniciado com Abraão, a quem Deus fez promessas, e a quem Deus, figuradamente, deu o Seu Filho em resgate por Isaque. Jesus registra que Abraão viu o Seu dia; provavelmente o de Sua crucificação, e alegrou-se (*João 8.56*). Deus nos faz revelações maravilhosas quando mais necessitamos delas. Em meio à crise da necessidade de obedecer a Deus sacrificando Isaque, nada poderia alegrar mais o coração de Abraão, que a certeza de que Deus proveria um substituto.

Paulo, escrevendo aos gálatas, fala da Aliança feita por Deus com Abraão e sua anterioridade à Lei Mosaica (*Gálatas 3.15-18*). Na continuidade deste mesmo texto, contudo, Paulo fala da natureza transitória da Velha Aliança, enquanto não chegasse “o Descendente” a Quem diziam respeito as Promessas. Mais uma vez (ele também o fizera em *Romanos 11.32*) e afirma que “Deus encerrou tudo (e todos) debaixo do pecado para com todos usar de misericórdia, através da graça materializada em Jesus, para aqueles que creem nas mesmas promessas feitas a Abraão”. Vemos, assim, que a Nova Aliança era de fato nova para o povo de Israel, que estava vivendo (ou falhando por não conseguir viver) segundo a Velha, mas para nós, os que cremos nas promessas feitas a Abraão, é, na realidade, a Aliança Eterna, que vigora desde antes da fundação do mundo e que foi prometida a Adão e depois a Abraão.

Este versículo, além de lembrar que Jesus é Mediador dessa maravilhosa, eterna e celestial aliança, também nos informa que todos os que morreram na Velha Aliança, sem alcançar as promessas, do ponto de vista temporal, tiveram acesso a elas pela fé, no sentido de que a morte dEle se aplica igualmente a eles. Além disso, as promessas de uma cidade futura são igualmente alcançadas por eles pela fé nAquele que havia de vir.

Aqui no versículo 16, a palavra grega usada para testamento é válida tanto para aliança como para testamento, havendo alguns comentaristas que insistem em traduzi-la como aliança para que haja continuidade na lógica do versículo 15 e também porque não

haveria este tipo de testamento, segundo eles, na época em que Hebreus foi escrita. O contexto, contudo, do restante do versículo 17 não deixa margem de dúvida de que o autor está dizendo que há uma analogia entre uma aliança e um testamento, no tocante ao recebimento das bênçãos prometidas sob a primeira. Da mesma forma como o perdão era atrelado ao derramamento do sangue perfeito de Cristo, de igual modo, o recebimento das bênçãos associadas à sua morte como se fosse um verdadeiro testamento.

Vemos mais uma vez a lógica perfeita do autor funcionando para mostrar que Cristo é o cumprimento não apenas da Lei, mas também das promessas feitas sob a mesma. A intenção do autor é mostrar que a inauguração da primeira aliança, e tudo que diz respeito a ela, foi feito com sangue, embora novamente sangue de animais. A verdadeira inauguração das coisas celestiais, contudo, foi efetuada com um sacrifício superior, qual seja, o sangue do Cordeiro eterno.

Além disso, o versículo 24 nos diz que Cristo não entrou em santuário feito por homens, uma simples representação do verdadeiro; ele entrou nos céus, para agora Se apresentar diante de Deus em NOSSO FAVOR.

Além disso, Seu papel sacerdotal é novamente ressaltado nos versículos 25 e 26, onde o sacrifício único e de validade eterna realizado por Jesus é confrontado com o sacrifício repetido anualmente pelos sacerdotes levíticos.

Os versículos 27 e 28 formam o texto mais bem conhecido do livro de Hebreus, usado com muita frequência como argumento contra a reencarnação. Não obstante a validade desse uso, não é essa, de forma alguma, a ênfase que o autor tinha em mente.

O pensamento dele parece se voltar para as duas vezes em que o Sumo Sacerdote entrava no Santo dos Santos no dia da Expição. Primeiro ele entrava por si mesmo, mas a grande expectativa era por sua saída na segunda vez, quando estaria assegurado o perdão de pecados de todo o povo. Jesus, de igual forma, se ofereceu a primeira vez para tirar os pecados de muitos (parece uma referência a *Isaías 53.11*), mas voltará uma segunda para aqueles que o aguardam em vitória (que bem pode ser uma referência a *Isaías 53.12*).

Hebreus 10

A esta altura temos a impressão de que o assunto da superioridade do sacrifício e do sacerdócio de Cristo está suficientemente bem demonstrado, mas o autor nos surpreende voltando a bater nessa tecla, principalmente nos versículos 1 a 18.

Mais uma vez é ressaltado que Lei serve apenas para identificar o pecado, mas que os sacrifícios da mesma são insuficientes para dar, àqueles que por ela vivem, a sensação de perdão dos mesmos, pelo simples fato de não estarem pagos. O pagamento era

aguardado pela fé no sacrifício perfeito a ser apresentado na plenitude dos tempos por Jesus, o Messias. Hughes destaca isso através de 4 pontos principais:

- a) O sistema mosaico era de natureza etérea, pois representava apenas a “sombra dos bens futuros”, que eram verdadeiros;
- b) Os sacrifícios do AT eram de natureza repetitiva, o que conflita com o objetivo a ser alcançado, qual seja, a certeza de perdão;
- c) A função dos sacrifícios levíticos era o perdão dos pecados, mas o autor de Hebreus nos mostra como acabavam tendo um efeito colateral indesejável, qual seja, fazer com que nos recordemos dos mesmos pecados;
- d) O sangue dos animais substitutos era ineficiente, por não serem eles um substituto perfeito.

Nos versículos 5 a 7 o autor faz uma citação do texto de *Salmos 40.6-8*, conforme traduzido na Septuaginta, para logo a seguir fazer a aplicação ao sacrifício de Jesus. O autor justifica assim, mais uma vez, a remoção do primeiro concerto para o estabelecimento do segundo (versículo 9).

Nos versículos 10 a 14 ele nos relembra acerca de como o sacrifício de Jesus aperfeiçoou, para sempre, aqueles que estão sendo santificados (versículo 14). O fato do aperfeiçoamento estar no passado, enquanto a santificação está se processando, é uma clara distinção que o autor faz entre o novo nascimento e o processo de santificação.

Tendo feito com que seus leitores reconheçam que Deus cumpriu todas as Suas promessas feitas no âmbito da Nova Aliança, especificamente aquela, segundo a qual não mais se lembra de seus pecados (versículos 16 e 17), eles são encorajados a exercitar a sua confiança, entrando no Santo dos Santos pelo Novo e Vivo Caminho que Jesus inaugurou (versículos 19 e 20).

No âmbito dessa nova aliança, nos é dado ter certeza de fé, um coração purificado da má consciência, e o corpo lavado com água limpa, porque o nosso mediador é fiel em todas as promessas que nos fez (versículos 21 a 23).

Nos versículos 24 e 25, o autor de Hebreus escreve incentivando os seus leitores ao amor e às boas obras, lembrando que isso é o papel da Igreja, pelo que os exorta a não deixarem de frequentá-la. Pelo contrário, ele lembra a eles que o templo é um lugar de encorajamento mútuo à medida que a volta de Cristo se aproxima.

Os versículos 26 a 31 falam sobre o pecado na vida dos filhos de Deus. Aqui o autor de Hebreus exorta seus leitores a atentarem para a “severidade de Deus” em relação a pecados deliberados. Cabe perguntar aqui se ele estaria mais uma vez falando de perda de salvação. Certamente esse texto tem dado margem a interpretações nesse sentido, que têm deixado muita gente oprimida pela “terrível expectativa de juízo e de fogo” e se perguntando se agora engrossam as fileiras dos inimigos de Deus.

Não podemos deixar de lembrar que o sentido do “pecado voluntário” é o de pecado feito em rebeldia contra Deus (*Hebreus 6.4-6*). A ganância que leva uma pessoa a roubar é voluntária, mas aparece no AT como um pecado pelo qual podem ser oferecidos sacrifícios. Logo não é a este voluntário que o texto se refere. Claro que não se trata aqui de sair em defesa do pecado, mas sim de evitar a formação de “hipocondríacos espirituais”. Os versículos 28 e 29 confirmam essa interpretação.

O autor se refere aqui a alguns episódios do AT em que as pessoas haviam pecado em rebeldia contra Deus e foram mortas em função do testemunho de pelo menos 2 ou 3 testemunhas que tenham presenciado a ocorrência do fato. Um exemplo disso é encontrado em *Levítico 24.10-23*, onde o filho de um egípcio blasfemou o Nome do Senhor depois de ter brigado com um israelita. O texto nos diz que ele foi apedrejado. O autor de Hebreus nos ressalta 3 motivos para esta dura sentença:

- a) Pisou aos pés o Filho de Deus - isso corresponde a tratá-lo como totalmente imprestável. Quando alguém peca de maneira voluntária, vencido pelos desejos da carne, isso não implica em considerar Jesus como uma figura imprestável. Muito pelo contrário; o crente se sente mal por ter falhado;
- b) Profanou o sangue da aliança pelo qual foi santificado - este certamente foi o caso do jovem filho de egípcio, mas não está implícito em todo pecado. O apóstata faz pouco caso do precioso sangue de Jesus derramado em seu lugar, mas o crente vencido pelo pecado sente vergonha do seu ato e clama por perdão;
- c) Insultou o Espírito da Graça - Paulo nos fala que os nossos pecados entristecem o Espírito da Graça com o qual fomos selados (*Efésios 4.30*). Isso é muito diferente de insultá-lo. *Marcos 3.22-30* traz o relato de um encontro de Jesus com mestres da lei, que O acusavam de estar endemoniado e de estar expulsando demônios pelo espírito de Belzebu.

Nos versículos 30 e 31, as primeiras duas citações têm origem no discurso de despedida de Moisés (*Deuteronômio 32.35-36*) e lembram bem as palavras paulinas expressas em *Romanos 11.22*.

No versículo seguinte, o autor elogia o comportamento dos hebreus nos primeiros dias, quando haviam sido iluminados, ou seja, por ocasião de sua conversão. Eles já tinham sofrido perseguição, que resultou na perda de bens e no sofrimento de insultos, mas eles não apenas resistiram, como também ajudaram os outros a resistir de igual forma. O fato de terem sido iluminados não foi escondido debaixo de alguma vasilha (*Mateus 5.15*), mas sua luz brilhara de modo que outros a vissem.

Também o versículo 34 reforça a real conversão dos hebreus, a quem a carta foi escrita. Calvino observa que “quando o sentimento dos bens celestiais prevalece, não há qualquer espaço para o mundo e sua sedução, de modo que sentimentos associados à pobreza ou à vergonha não podem nos entristecer”.

Os versículos 35 e 36 ressaltam que a apostasia não faz qualquer sentido depois de tudo pelo que esses hebreus já passaram, pelo que não devem abrir mão da confiança que

já demonstraram. O autor lembra que há uma grande recompensa associada, que será igualmente perdida em caso de apostasia. Será que deixamos de falar de graça e passamos a falar de mérito? Claro que não, mas a nossa confiança em meio à tribulação é recompensada com incomparável glória, por nos mantermos fiéis até o fim (*Romanos 8.18*). Nossa recompensa, segundo Pedro, é também uma herança incorruptível, que nos foi preparada nos céus (*IPedro 1.4*). De igual forma haverá uma coroa de justiça para aqueles de nós que amarem a vinda do Senhor Jesus (*II Timóteo 4.8*). A perseverança em fazermos a vontade de Deus, em meio à adversidade, assegura o recebimento das recompensas que nos foram dadas gratuitamente no Amado (*Efésios 1.6*).

O encerramento desse capítulo começa com duas citações da tradução do AT para o grego. “Aquele que vem virá e não demorará” parece vir de *Isaías 26.20*, enquanto vem de *Habacuque 2.4* o versículo que diz que “o meu justo viverá pela fé e se retroceder não me agradarei dele”. Mais uma vez temos uma interpretação livre da Septuaginta, mas que não fere o sentido original do texto.

Para finalizar, o raciocínio e a advertência, o autor se inclui entre os hebreus destinatários de sua carta e diz “que nós não somos dos que retrocedem e são destruídos, mas dos que creem e são salvos”.

Hebreus 11

O capítulo 11 abre o texto bíblico conhecido como o rol dos heróis da fé, com exemplos maravilhosos da fé dos personagens bíblicos onde essa qualidade fez a diferença. O texto principia com a definição do que realmente seja a fé: **a certeza das coisas que se espera e a convicção das que não se veem**.

Obviamente sabemos que fé independente da vontade de Deus não cabe nessa definição, de modo que talvez fosse ideal sugerir uma pequena alteração como a seguir: **fé é a certeza das coisas que se esperam segundo a vontade de Deus e a convicção das mesmas não obstante não serem visíveis**.

Foi por agirem segundo a vontade de Deus, que os antigos obtiveram bom testemunho.

No versículo 3 o autor de Hebreus afirma que o mundo foi feito a partir do invisível. A Bíblia não narra detalhes da criação, nem mesmo quanto tempo levou para realizá-la (pode ter sido em 7 dias ou em 7 eras). Não importa, porque pela fé sabemos que Ele o fez e isso basta.

Desde o início Deus deixou claro para nós que é pela fé que devemos buscá-IO como o fez Abel. Ao mesmo tempo fica claro, através de Caim, que a busca por motivos escusos nunca será bem-sucedida.

Pela fé devemos buscar uma intimidade com Deus semelhante à de Enoque, porque ela será recompensada com mais intimidade que Ele mesmo concede àqueles que O amam. Sem fé é completamente impossível agradá-IO.

A partir do versículo 7 o autor começa a listar grandes heróis de fé da Bíblia, começando por Noé e terminando com Raabe no versículo 31, ao início da entrada na Terra Prometida. Pela fé todos realizaram grandes feitos, não porque eram capazes, mas porque foram capacitados por Aquele que realiza a Sua vontade na vida daqueles que se dispõem a servi-LO.

Além desta lista, o autor menciona outros no versículo 32 e os feitos destes e de outros ainda nos versículos 33 a 38, onde ele resume dizendo que se trata de pessoas das quais o mundo não era digno.

Não obstante tudo que puderam realizar pela fé, o autor de Hebreus deixa claro que todos eles estavam debaixo da Velha Aliança, pelo que não alcançaram, em vida, a concretização da promessa do novo nascimento em Cristo, que nós (os hebreus aos quais ele está escrevendo) tivemos o privilégio de ver já concretizada, de modo que eles (os heróis bíblicos) não o alcançaram antes de nós.

Hebreus 12

Obviamente a tão grande nuvem de testemunhas que nos rodeiam incluem não apenas os “heróis da fé”, listados no capítulo anterior, mas também os muitos outros que venceram pela fé e hoje adentraram o lar celestial antes de nós. Isso desperta uma dúvida, qual seja: será que os habitantes celestiais acompanham tudo que se passa aqui embaixo? Pessoalmente não creio que o autor esteja especulando a esse respeito e que aquilo que fala é apenas uma figura para dizer que devemos nos inspirar neles, pois nos servem de exemplo. Não obstante eu pensar assim, nada impede que recordemos alguns versículos que nos ajudam a tentar responder essa pergunta. Esbanjando a sua sabedoria Salomão, em Eclesiastes 9.5-6 nos diz o seguinte: **“Pois os vivos sabem que morrerão, mas os mortos nada sabem; para eles não haverá mais recompensa, e já não se tem lembrança deles. Para eles o amor, o ódio e a inveja há muito desapareceram; nunca mais terão parte em nada do que acontece debaixo do sol”**. Esse versículo aparentemente nos diz que eles não têm mais nada a ver com isso aqui, mas esse “nada a ver” está limitado à participação na vida terrena (todas as almas errantes que Hollywood deixou vagando por aqui, por terem negócios inacabados nessa vida, são eliminadas por esse versículo). Por outro lado, ele não nos diz que essas pessoas, tanto as do reino celestial como as do inferno, não tenham ciência do que se passa aqui. Podem ter ou não, sem, contudo, lhes ser facultada qualquer interferência. Outro versículo que me vem à mente é a parábola de Jesus referente ao rico e Lázaro (*Lucas 16.19-31*). Não obstante tratar-se apenas de uma parábola, fica claro que Abraão tinha total conhecimento do que se passava na Terra e no inferno, mas deixou claro não poder interferir, devido ao abismo entre eles. O rico, no inferno, tem a visão dos céus e parece ter conhecimento do fato de que seus irmãos continuavam a viver no pecado que o levava para ali (se bem que pode ser apenas uma suposição), mas achava que a ressurreição

de um morto poderia convencê-los a mudar. Mais uma vez isto é apenas uma parábola, mas dificilmente Jesus inventaria algo que não fosse factível neste caso.

Outro texto que me vem à lembrança é a declaração do próprio Jesus de que há mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por 99 que não precisam de arrependimento (*Lucas 15.7*). Não é dito explicitamente, mas me parece que todos no céu se alegram, incluindo aqueles dentre nós que já ali se encontram. Finalmente, me recordo, ainda, do evento do Monte da Transfiguração (*Mateus 17.2-3*), onde Moisés e Elias se encontraram com Jesus (aparentemente para falar a respeito dos eventos que estavam por se cumprir). Esse evento mostra que, pelo menos para fins específicos, os habitantes do céu estão bem informados do que se passa aqui.

Certamente, contudo, não é porque estamos sendo “vigiaados”, mas, sim, pelo estímulo do exemplo que nos deram aqueles que entraram no céu antes de nós, devemos nos livrar de tudo que nos atrapalha na nossa corrida de fé, principalmente do pecado, que tão de perto nos assedia, para corrermos, com perseverança, a carreira que nos está proposta. O mundo e a carnalidade que ele promove conspiram contra o espírito (*Romanos 7.14-25* e *Gálatas 5.15-25*). Não permitir que o mundo atrapalhe nosso relacionamento com Deus é uma decisão nossa. Não permitir que o pecado prolifere na nossa vida do dia a dia é uma decisão que nós devemos tomar, pois a carreira que nos foi proposta depende disso.

Para que possamos alcançar o alvo, é necessário que não deixemos de manter nele a nossa atenção. Aliás, tudo na vida é assim. Durante os últimos 45 anos tenho visto, como professor universitário, envolvido com pesquisa, que os únicos alunos bem-sucedidos são aqueles que mantêm o olho no alvo. Os que se distraem nunca chegam lá; se perdem pelo meio do caminho. No caso específico da vida cristã, o alvo de nossa carreira e o prêmio a ser alcançado são um e o mesmo: Jesus. Ele é o Autor e o Consumador da nossa fé! Jesus é Deus, o plano é dEle e a realização prática do plano foi implementada por Ele. A grande alegria dEle foi a libertação do homem, que Ele ama, de seus pecados, aplicando, para tanto, a Sua maravilhosa graça.

Para atingir a plenitude dessa alegria Ele não mediu as consequências, quais sejam, a morte de cruz (que incluía a separação do Pai ao tomar sobre Si os nossos pecados) e a vergonha associada à mesma. A cruz era a morte reservada aos criminosos mais degradados. Um cidadão romano jamais seria morto numa cruz por pior que fosse o seu crime. Na cruz Jesus Se torna maldito (tomando sobre Si a nossa maldição - *Gálatas 3.10-14*), realizando a mais completa substituição em que tudo dEle foi tirado para que nós pudéssemos nos tornar herdeiros de tudo que Ele queria que tivéssemos nEle. Tendo alcançado essa retumbante vitória, Ele Se assentou no lugar de honra à direita do trono do Pai nas alturas.

Tendo lembrado a seus leitores o maravilhoso exemplo de seus pais, o autor se volta, no versículo 3, novamente para o problema específico deles e compara sua situação e a perseguição à qual estão sujeitos com aquela que Jesus aceitou voluntariamente por

amor a eles. São instados a considerarem quão grande foi essa perseguição para que não venham a desanimar.

Lembramos que o problema dos hebreus aos quais a carta foi escrita, foi o fato de considerarem a possibilidade de negar Jesus para poderem voltar ao convívio do santuário. Essa alternativa surgiu como contrapartida à perseguição que vinham sofrendo, que não apenas os discriminava, mas já tinha chegado a prisões e ao confisco de bens (*Hebreus 10.32-34*). Neste ponto o autor lembra a eles que Jesus entregou a vida por eles, mas o sofrimento deles não chegara ao derramamento de sangue, ou seja, ninguém fora morto por causa do Evangelho que eles professavam.

Nos versículos 5 a 8, o autor parece sugerir, tomando por divinas as palavras de Salomão em *Provérbios 3.11-12*, que os hebreus estavam cometendo um erro, por acharem que a perseguição que estavam sofrendo decorria do fato de terem sido abandonados por Deus. Por isso mesmo, ele apresenta uma versão expandida do versículo de Provérbios, deixando claro que o fato de estarem sofrendo perseguições é, na realidade, um motivo de ânimo, porque Deus disciplina a quem ama e repreende a todo aquele que recebe por filho. Assim sendo, se eles estivessem sem disciplina e não estivessem sendo disciplinados por Deus, aí sim, é que deveriam ficar preocupados, pois isso significaria apenas que eles não são filhos e que jamais foram adotados por Deus Pai.

A lógica dos versículos 9 e 10 é imediata. Tínhamos pais terrenos que nos disciplinavam para o nosso bem, mas nem sempre acertavam no seu juízo. Quantas vezes apanhei por culpa de algum irmão que mentiu, ou porque meu pai errou na avaliação da situação que achava ter entendido. Mesmo assim, nós os respeitávamos simplesmente porque eram nossos pais. Quanto mais, portanto, devemos nos submeter a Deus Pai, que nos conhece completamente e nos avalia com base no que vai em nossos corações, com o objetivo único e maravilhoso de que nós nos tornemos participantes de Sua santidade. A lógica global do texto que vai do versículo 5 ao 10 é, portanto, muito simples: o filho adotado por Deus deve ser santo como Ele é Santo. Se não é, Deus o disciplina para que seja. Isso é feito para o nosso bem, porque vida cristã bem-sucedida é aquela em que andamos como Ele quer. A ideia de que somos imperfeitos como humanos e que Deus nos tolera como somos, porque conhece nossas fraquezas, é incompatível com aquilo que o autor está dizendo.

Ele está na realidade colocando uma condição segundo a qual podemos saber se somos salvos ou não, ou seja, se fomos adotados como filhos ou não. A pergunta é simples e ele a aplica aos hebreus a quem está escrevendo. Se Deus nos permite viver vidas mundanas e não nos disciplina, é porque nunca nascemos de novo. É isso que significa ser filho ilegítimo ou bastardo. Deus não tem filhos bastardos!

Isso não quer dizer que não mais pequemos, motivo pelo qual Paulo nos adverte a não tomarmos a forma do mundo (*Romanos 12.2*), mas, sim, que devemos ser transformados

de fé em fé até chegarmos à estatura do Varão Perfeito, para o que somos advertidos e, quando necessário, disciplinados.

É interessante que tanto no Judaísmo, como no Cristianismo, Deus sempre quis que nos parecêssemos com Ele: **“sejam Santos pois Eu sou Santo”** (*Levítico 20.26*) é o mesmo que crescer até a estatura da plenitude de Cristo (*Efésios 4.13*). Outro dia estava procurando um versículo similar no Corão, quando recebi um e-mail dizendo que, como leigo, eu deveria consultar um especialista, pois entendem melhor o que está escrito naquele livro. Resolvi, então, encurtar o caminho e perguntar a esse “especialista” onde fica um versículo em que Allah requeira santidade de vida de seus servos muçulmanos. Depois de trocarmos uns 4 e-mails, nos quais ele insistia que só Allah pode ser santo e eu responder explicando o sentido de santidade, cheguei à conclusão que ou ele, o especialista, não sabia, ou, então, não é isso que Allah espera de seus servos.

O versículo 11 deixa claro que nenhum filho gosta de apanhar, mas os filhos honram os pais, ao reconhecerem o quão boa e necessária foi a disciplina que lhes foi aplicada no momento certo. A ideia moderna de que a disciplina de filhos não pode prever a vara é demoníaca, sem qualquer exagero, por ser contrária aos ensinamentos divinos, tanto de Provérbios como de Hebreus. O autor de Hebreus cita Isaías 32.17 ao dizer que, naqueles que são exercitados na disciplina, surgirão frutos de justiça e paz.

Continuando a sua exortação, o autor continua citando o AT em *Isaías 35.3*: **“Fortaleçam as mãos cansadas e firmem os joelhos vacilantes”** e depois uma variação de Provérbios 4.26 e 27: **“Veja bem por onde anda e os seus passos serão seguros. Não se desvie nem para a direita nem para a esquerda”**.

No versículo 14 a exortação do autor parece passar para o NT, onde ele cita Paulo em *Romanos 12.18*: **“Façam o possível para viver em paz com todos”**, voltando depois para o AT, onde a citação pode ser de *Levítico 20.26*, mencionado acima. Encerrando esse versículo, a admoestação do autor não dá margem a qualquer dúvida em relação à necessidade de santidade na vida do crente. Deus nos chamou para participarmos de Sua santidade. Se aceitamos o Seu convite, então, o Espírito do Senhor fará o resto.

No versículo 15 o autor volta a endurecer o seu discurso e alerta contra formas de apostasia. Desta feita fala de uma que é bastante comum em nosso meio e que, nem por isso, ele a considera menos grave. Há um provérbio (*Provérbios 6.16-19*) no qual se fala sobre seis coisas que Deus odeia e uma sétima que Ele abomina, qual seja, aquele que semeia discórdia entre irmãos. É exatamente disso que o autor está falando aqui, ou seja, do pecado que Deus abomina, através do qual, segundo ele, é possível ser excluído da graça de Deus, ou apostatar, ou, ainda, ser excluído da salvação em Jesus Cristo. Trata-se de uma pessoa que não só rejeita as exortações divinas, como também arrasta outras pessoas com ele graças à forma como ergue uma bandeira e a carrega. Infelizmente não é tão raro encontrarmos igrejas que são divididas por uma doutrina herética, introduzida por uma pessoa eloquentemente convincente, que arrasta com ele muitos incautos. É justamente contra tal tipo de apostasia que o autor está alertando.

Os versículos 16 e 17 falam, de uma maneira muito dura, sobre o pecado de Esaú, dando a entender que este o tornou desqualificado. É lícito entendermos que Esaú perdeu a sua salvação devido ao pouco valor que deu à sua primogenitura? Ou será que o seu desrespeito à primogenitura, com a conseqüente perda da bênção, está sendo usado como um exemplo para caracterizar o efeito equivalente da apostasia na vida do crente? O texto fala de Esaú como um imoral (fornicador) e um profano (não temente a Deus)? O texto bíblico, infelizmente, não nos diz o suficiente para concluirmos isso. O fato dele ter casado com duas cananeias, que trouxeram grande desgosto a seus pais, é equivalente ao pecado de fornicção? Será que o total desinteresse pela sua primogenitura, que trocou por um prato de lentilhas, é suficiente para concluirmos que ele não era um homem temente a Deus e, sim, um que hoje qualificaríamos de um ateu por desinteresse? Será que o ódio gerado na vida de Esaú pelo fato de Jacó ter enganado o pai, para receber o que era dele por direito, equivale à tristeza segundo o mundo que produz morte (*II Coríntios 7.10*)? Se pudermos responder sim a essas 3 perguntas, então, certamente estamos lidando com um apóstata. Caso contrário prevalece a possibilidade de Esaú ter sido apenas um exemplo de uma pessoa tola lidando com coisas de valor. Não creio que possamos dirimir essa dúvida, principalmente tendo em vista o fato de conhecermos posteriormente um Esaú completamente transformado, que recebeu de forma amável a Jacó, no seu retorno da casa de Labão 20 anos mais tarde.

Seja como for, é certo que não devemos agir, em relação às coisas de Deus, da mesma forma como Esaú agiu em relação aos itens citados.

Ao longo de todo o livro de Hebreus vimos o autor fazer continuadas comparações entre o AT e o NT, entre a lei e a graça, entre a Velha Aliança e a Nova etc. Agora, no restante do capítulo 12 (versículo 18 em diante), ele retorna a essa técnica de ensino e faz uma comparação entre a desobediência no AT e no NT. Ele resume essa comparação aos dois montes onde se deu a outorga da lei e da graça, quais sejam, o Monte Sinai e o Monte Sião, respectivamente. O relato do Monte Sinai começa com Deus falando a Moisés, com o povo convocado para ouvir e o monte todo tremendo, e culmina com a morte de toda aquela geração, que, tendo pedido para ouvir Moisés somente e não Deus, não O obedeceram, pelo que morreram no deserto todos os que saíram no Egito com mais de 20 anos de idade, com exceção de Josué e Calebe, que tentaram, mas não conseguiram convencer o povo a confiar nas promessas divinas de que seriam bem sucedidos.

Ao se referir ao Monte Sião, ele o faz não em termos do Calvário e do sacrifício expiator de Jesus, mas olha para a conquista resultante desse sacrifício, qual seja, a Jerusalém celestial, conquistada por aqueles que ouviram a voz do Espírito Santo.

Em ambos os casos o autor fala dos dois montes em termos de sete atributos para os quais nos convém atentar. Estes se encontram listados no quadro a seguir, para o qual muitos autores têm procurado estabelecer um paralelo, que podemos apreciar para formarmos opinião própria.

MONTE SINAI	MONTE SIÃO
Local intocável	<u>Cidade do Deus vivo</u> , a Jerusalém Celestial
Local em chamas de fogo	Miríades de anjos em reunião festiva
Local de trevas	Igreja dos Primogênitos que tem nome no livro da vida
Local de escuridão	Ao Deus que é Juiz de todos os homens
Local de tempestade	Aos espíritos dos justos aperfeiçoados
Soar de trombeta	Jesus, o Mediador da Nova <u>Aliança</u>
Som de palavras que o povo não quis ouvir	Ao sangue aspergido que fala melhor que o de Abel

Os textos que dão origem à descrição do autor de Hebreus se encontram em *Êxodo 19.16 a 20.21* e *Deuteronômio 4.10-14*. Trata-se da ocasião em que Deus deu a Moisés o decálogo, enquanto o povo esperava ao pé do Monte Sinai. Em *Êxodo 19.12* Deus já mandara Moisés estabelecer um limite em torno da base do monte, que não deveria ser excedido pelos israelitas ou seus animais. Quem o fizesse deveria ser morto. Quando fossem convocados, por meio do longo toque da trombeta, só então a totalidade do povo poderia subir. Moisés santificou todo o povo, conforme instruído por Deus, e ao terceiro o dia o monte ardia em chamas e ele estava envolvido por uma nuvem escura e densa, enquanto todo o monte tremia e se ouviu um som, cada vez mais estridente, de uma trombeta, até que Deus começou a falar com Moisés. Todo o povo ouviu enquanto lhes transmitia os Dez Mandamentos. Concluída a conversa de Deus com Moisés, e antes que a trombeta longa soasse, o povo disse a Moisés que não queriam falar com Deus e que ele mesmo deveria fazê-lo, pois eles tinham medo. Embora Deus quisesse falar diretamente com o povo, é muito triste que este preferisse não vê-lo pessoalmente, solicitando a Moisés que ficasse de intermediário. O resultado desse afastamento do povo foi a desobediência que culminou com a recusa de entrarem na terra prometida, seguida da decisão de Deus de estender por 38 anos o período de deserto, com a morte

de todos. É essa desobediência, que começou no Monte Sinai (Monte Horebe), que o autor de Hebreus agora confronta com a Nova Aliança e a consequência do risco de desobediência no âmbito da mesma.

Jesus não foi sacrificado no Monte Sião e, sim, no Monte Moriá, mas Sião é um nome que não se limita ao monte em si, mas tem sido usado como representativo de toda a Jerusalém. *Amós 1.2*, por exemplo, nos diz que “o Senhor ruge de Sião e treveja de Jerusalém”, enquanto *Miquéias 4.2* nos fala que “de Sião virá a Lei e a palavra do Senhor de Jerusalém”. Aqui, contudo, o sentido é ainda mais amplo, porque diz respeito ao sentido do Sião espiritual, pelo que nos fala da Jerusalém celestial, que é a cidade do Deus Vivo. Devemos lembrar aqui que os destinatários da carta estão sendo convidados a retornar ao convívio do templo e, portanto, à Jerusalém terrena, que, para Paulo, em *Gálatas 4.25*, está associada à lei. A Jerusalém celestial, contudo, de muito mais valor, é a que deve ser buscada.

O autor lembra, ainda, que chegamos a milhares e milhares de anjos, todos celebrando festa ou culto para o Deus Vivo. Parte deste culto foi testemunhado por João em *Apocalipse 5.11*, que nós, igualmente, cantamos. Qualquer tipo de paralelo só vai encontrar do outro lado uma multidão aterrorizada de israelitas fugindo da glória de Deus, pela busca de um mediador.

Chegamos, ainda, à igreja dos primogênitos que têm o nome escrito no livro da vida. É verdade que Moisés, ao se dirigir a Faraó, disse que Deus ordenara a libertação de Seu Primogênito, referindo-se à assembleia dos Filhos de Israel, (*Êxodo 4.22*), mas a referência aqui é à Igreja formada por aqueles que foram regenerados pela ressurreição de Jesus (*IPedro 1.3*), pelo que têm seus nomes escritos no livro da vida e à qual Jesus mesmo Se referiu em *Mateus 16.18*, dizendo que contra ela as portas do inferno não prevaleceriam. *Tiago 1.18* se refere a esse grupo como os primeiros frutos da recriação divina, o que equivale a chamá-los de primogênitos. Mesmo assim, a referência aos primogênitos parece ter origem no AT onde Deus, no Egito, comprou para Si os primogênitos dos Filhos de Israel (*Êxodo 13.1*). Quanto a terem seus nomes no livro da vida, a ideia é neo-testamentária, visto que Jesus mesmo a citou em *Lucas 10.20*, mas ela existe desde o AT onde Moisés, ousadamente, pediu a Deus para tirar seu nome deste livro, caso Ele não perdoasse o pecado de idolatria do povo, cometido enquanto ele estava no topo do monte (*Êxodo 32.31-33*). Sem dúvida, portanto, os nomes dos indivíduos pertencentes ao Israel de Deus (*Gálatas 6.16*) eram escritos no Livro da Vida desde a primeira dispensação, mas só alcançaram as promessas com a sua realização na ressurreição de Jesus (*Hebreus 11.13* e *IPedro 1.3*).

Curiosamente, encontrei uma tradução inglesa que diz, a seguir, que chegamos a um juiz que é Deus de todos, ao contrário da maioria que diz termos chegado a um Deus, que é Juiz de todos. Na verdade, contudo, apenas o Deus de todos pode julgar a todos e vice-versa. Hughes ressalta que este é o Deus Criador de todos, o mesmo que sustenta a existência de todos e, ainda, o mesmo que salvou a todos através do sacrifício de Seu Filho Unigênito Jesus, o Cristo. Assim, o fato de que o nosso juiz ser justamente Aquele

que nos comprou, adotou e santificou, é para nós motivo de enorme conforto, visto que todos os nossos pecados já foram cravados na cruz e não mais depõem contra nós (*Colossenses 2.13-14*). Assim, o trono que para uns será um tribunal de juízo, para nós será um trono de graça. Aleluia!

O autor do livro de Hebreus, que insiste na realidade do aperfeiçoamento de Jesus em *Hebreus 2.10, 5.9 e 7.28* depois da ressurreição, também fala neste versículo do aperfeiçoamento de quantos estão remidos sob a nova aliança. Isso inclui o Israel de Deus do VT, que foram aperfeiçoados juntamente conosco após a ressurreição de Jesus (*Hebreus 11.40*) e o Novo Israel do NT.

Não há dúvida, contudo, que o ponto alto do texto é o fato de termos chegado a Jesus, o Mediador da Nova Aliança, que foi o principal objeto de todo o livro de Hebreus, como o é, também, de todo o restante da Bíblia. Não se faz necessário, portanto, que repitamos tudo que já foi dito anteriormente sobre Ele ou sobre a superior aliança.

Falta apenas falarmos do Seu sangue aspergido que fala melhor que o de Abel. Depois que Caim matou o seu irmão Abel, Deus Se dirigiu a ele, em *Gênesis 4.10* e disse: **“a voz do sangue do seu irmão clama a Mim da terra”**. Fica claro, portanto, que o clamor do sangue de Abel, derramado de forma traiçoeira, se fazia por justiça. Esse é o principal motivo porque o sangue de Jesus fala melhor que o de Abel, pois este, ao contrário, clama oferecendo uma “eterna redenção”, que Jesus mesmo conquistou ao entrar no Santo dos Santos, demonstrando a maravilhosa graça que cantamos e decantamos. Foi por amor que Ele aceitou Se fazer pecado para que nEle pudéssemos ser feitos justiça de Deus (*II Coríntios 5.21*).

Sempre que leio a história de Moisés e o seu castigo “severo” pela “pequena desobediência” cometida no evento das águas de Meribá (*Números 20.12*) aprendo, reiteradamente, a preciosa lição do quanto é maior a responsabilidade daquele a quem Deus concede intimidade. Na Nova Aliança Deus não só nos perdoa (como já fazia na Velha), mas Ele nos adota como filhos depois de nos transportar do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*). Aquilo que nos é concedido no âmbito da Nova Aliança é muito maior do que aquilo que era oferecido aos Filhos de Israel no âmbito da aliança do Sinai. Aqueles que rejeitaram a voz de Deus, no quadro do Monte Sinai deixaram de adentrar a Terra Prometida porquanto não creram nAquele que os tirara do Egito com grandes sinais, rejeitando o descanso que lhes era oferecido, preferindo antes constituir um novo líder que pudesse levá-los de volta para a escravidão (*Números 14.4*). No âmbito da carta aos Hebreus, os destinatários da carta cogitavam da possibilidade de retornar à comunidade do templo, deixando de ouvir aquele mesmo Deus que falara no Monte Sinai aos Filhos de Israel. Depois de terem recebido Jesus e sabedores da maravilhosa salvação por Ele adquirida, não há dúvida que sua responsabilidade é muito maior em caso de apostasia.

O abalo do Monte Sinai, que tremia todo, como num terremoto, causado pela presença do Deus criador do Céu e da Terra, foi o marco daquele momento no qual concedia ao

povo a Sua Lei, que deveria guiar seus passos daí em diante. Naquela ocasião o abalo real representava a mudança de comportamento que a nova Lei deveria produzir nos atos dos Filhos de Israel, limpando, assim, as suas vidas, tornando-os separados para Deus (ou seja santos). Nestes versículos 26 e 27, o abalo é usado como uma figura de linguagem. Talvez o autor tivesse em mente *Ageu 2.6-7*, onde o profeta diz que “**Dentro de pouco tempo farei tremer o céu, a terra, o mar e o continente. Farei tremer todas as nações as quais trarão para cá os seus tesouros, e encherei este templo de glória**”. A profecia de Ageu parece uma referência clara à presença de Jesus no templo e, como o autor de Hebreus fala de um evento futuro, é mais provável que a referência aqui seja à Segunda Vinda de Cristo. Nesta ocasião, certamente, serão abalados todos os valores deste mundo e mantidos apenas aqueles que realmente têm valor aos olhos de Deus. Caberia aos destinatários da carta reconhecer esses valores e não “traí-los”, apegando-se a valores de um Reino inabalável, desprezando aqueles que já tinham abandonado.

O reino que estamos recebendo e no qual militamos ao lado de Jesus é inabalável e será vencedor na volta de Jesus. Cabe a nós saber exercer gratidão. A verdadeira gratidão se expressa em termos de fidelidade, que por sua vez se traduz em uma adoração sincera, reverente e temente a Deus. Não há dúvida de que Hebreus é o livro bíblico que mais exorta o crente a viver uma vida em santidade. Façamos isso, pois, visto que nosso Deus é fogo consumidor.

Hebreus 13

Este capítulo representa uma mudança substancial em relação à linha de pensamento apresentada nos 12 capítulos anteriores, a ponto de alguns estudiosos terem achado que a autoria é outra, mas a maioria prefere pensar que, tendo encerrado o assunto da carta, o autor se limite a fazer algumas recomendações finais, que fazem coro com ensinamentos de Jesus e vários autores neo-testamentários, como João, Paulo e Pedro.

Sua primeira recomendação é que haja “filadélfia” entre eles (e entre nós de igual forma). Os nossos púlpitos nos ensinam sempre que a palavra “amor” no português corresponde a 3 termos distintos em grego, quais sejam, “hagape”, o amor divino, “fileo”, o amor fraternal e “eros”, o amor físico. Trata-se do amor que deve haver entre aqueles que se tornaram irmãos em Cristo (*Romanos 12.10, ITessalonicenses 4.9, IPedro 1.22 e IIPedro 1.7*). Isso é refletido por um dos hábitos que temos em nossas igrejas de chamar os demais membros de “irmãos”, hábito esse que vemos na própria carta de Hebreus (*Hebreus 3.1 e 12 etc.*). Segundo o autor de nossa epístola, isso tem início no próprio Senhor Jesus, que Se fez um de nós para que pudéssemos nos fazer como Ele, não Se envergonhando, então, de nos chamar de “irmãos” (*Hebreus 2.11*).

A recomendação paulina de que crescamos até à estatura do Varão Perfeito (*Efésios 4.13*) implica, necessariamente, em amarmos nossos irmãos assim como Ele nos amou, pelo que vem totalmente de encontro ao pedido de Jesus na última ceia, quando Ele

expressou isso como o Seu novo mandamento (*João 13.34*). Além disso, Ele falou que isso seria a prova de nosso discipulado (*João 13.35*).

A hospitalidade não deve ser esquecida. Obviamente isso corresponde a uma puxada de orelha, porque isso não vinha acontecendo. Não é possível amar o próximo sem mostrar interesse pelo seu bem-estar. Começa a ficar claro, portanto, que o capítulo 13 não é apenas um epílogo sem conexão com os capítulos anteriores, mas, sim, uma admoestação que recorda ser impossível confessar Jesus e não se parecer com Ele.

O alvo de santidade passa pelo amor de Deus fluindo livremente através de nossas vidas. O amor ao irmão e a hospitalidade têm que preceder o amor pelos pecadores. Como podemos sequer pensar em amar aqueles que queremos alcançar sem que o amor de Deus nos tenha alcançado em relação aos irmãos? A ideia de que possamos hospedar anjos sem sabê-lo nos remete a várias histórias bíblicas como a de Abraão recebendo o próprio Deus e dois anjos, antes da destruição de Sodoma e Gomorra (*Gênesis 18*). De igual modo os mesmos dois anjos foram hospedados por Ló, pouco antes da fuga dele e de sua família (*Gênesis 19*). Séculos mais tarde os pais de Sansão também recebem um anjo sem sabê-lo a princípio (*Juízes 13*).

Obviamente todos estamos cientes dos abusos que podem ocorrer em decorrência desse ensino e todos conhecemos exemplos de abusos que sempre existiram. O Didaqué, um livro que contém o ensino de vários doutrinadores do primeiro século e que aborda problemas práticos, já registra medidas para evitar abusos desse tipo. Recomenda, por exemplo, que a hospitalidade não se estenda por mais de 2 dias e que o hóspede seja convidado a sair se pedir dinheiro (Hughes). Seja como for a nossa hospitalidade, não deve deixar de existir simplesmente porque há abuso. Ela deve existir apesar deles.

Na época em que o autor de Hebreus está escrevendo havia dois problemas distintos ocorrendo no seio da igreja: por um lado estava sendo pregado que a verdadeira santificação exigia que se abrisse mão do casamento, pois a abstinência permitia uma separação da atração da carne. Contra esse tipo de ideia, aparentemente originada entre os essênios, Paulo discursa contra a proibição do casamento (*1 Timóteo 4.3*), por ser criado por Deus, que o santificou.

Por outro lado, é possível que o casamento estivesse sendo tratado de forma moralmente fraca, como um vínculo apenas circunstancial, a exemplo do que ocorre em nossos dias. Aparentemente esse é o caso devido à continuidade do texto que fala da punição de imorais e adúlteros.

As igrejas evangélicas são confrontadas com o divórcio e o recasamento por força de lei e muito tem sido discutido a esse respeito, distinguindo-se uma grande gama de opiniões entre o radicalismo total (proibição do recasamento) e a lassidão total (omissão em relação à situação dos membros). Infelizmente o único versículo bíblico conclusivo a respeito é *Mateus 19.9* (**Eu, porém, lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, estará cometendo**

adultério). Neste versículo fica explícito o casamento e o recasamento legal da parte ofendida, mas obviamente há uma vasta gama de casos, muitos sem volta, que à luz desse versículo são apresentados como adultério, e que precisam ser apreciados, mas que não serão tratados neste contexto.

A Bíblia está repleta de ensinamentos que ressaltam o perigo do amor ao dinheiro, como nestes versículos 5 e 6. Jesus mesmo disse que era impossível servir a Deus e aos tesouros materiais (*Mateus 6.24*). Também mostrou total desapego aos valores materiais ao dizer, em *Mateus 8.20*, que não tinha onde repousar a cabeça. Ensinou que a vida do homem não consiste na abundância de seus bens (*Lucas 12.15b*) e instou para que ajuntássemos tesouros nos céus e não na Terra, por serem estes de natureza passageira (*Mateus 6.19*). O apóstolo Paulo, de igual forma, não apenas apresentou inúmeros ensinamentos similares (ver, por exemplo, *ITimóteo 6.6-10*), como fez de sua própria vida um exemplo da atitude que nós crentes devemos ter em relação aos bens materiais (ver *II Coríntios 6:10*, onde ele diz possuir tudo apesar de não ter nada).

Já vimos acima que as exortações desse capítulo não são apenas um epílogo, mas, sim, uma série de aspectos da vida cotidiana, onde os hebreus estavam falhando em termos de santidade de vida cristã. É de se supor, portanto, que o apego aos bens materiais devia ser, também, um dos problemas que estava afetando a vida destes cristãos.

Embora o autor de Hebreus não o diga claramente, Hughes lembra, em seu comentário desse capítulo, a estreita conexão que existe entre o apego a bens materiais e a maior relaxação da tolerância para com a imoralidade sexual (*ICoríntios 5.11*, *Efésios 5.3* e *Colossenses 3.5*), deixando claro que um pecado abre sempre o caminho para outros.

O autor se esforça, portanto, por lembrá-los que servimos a um Deus que conhece e provê para as nossas necessidades (*Josué 1.5*, *ICrônicas 28.20*, *Deuteronomio 31.6* e *Gênesis 28.15*).

No versículo 7 os hebreus são exortados a se lembrarem dos seus líderes por terem sido eles os portadores da Palavra de Deus, bem como porque suas vidas atestaram a verdade daquilo que diziam, pois viveram exatamente o que pregavam. Quando Cristo vive em nós, não faz diferença se falamos ou damos testemunho, porque os dois são coerentes, mas quando somos meros hipócritas, por termos ações que desmentem o que dizemos, estas últimas falam sempre mais alto que o nosso discurso.

Cabe ressaltar que o autor está se referindo a esses cristãos exemplares como pessoas a serem lembradas, mas não como metas que pautarão as nossas vidas. Nós, cristãos, teremos sempre como meta a estatura do Varão Perfeito. É Ele que deve ser imitado.

Embora a verdade do versículo 8 seja inquestionável e real para todos os crentes, o que se questiona aqui é a ligação desta sentença com os versículos anteriores, ou posteriores ou ainda ambos. Sem dúvida o Senhor Jesus, que motivou e sustentou os líderes do passado, que viveram fielmente a Seu serviço, é o mesmo que os hebreus,

destinatários desta carta, tinham escolhido servir. Obviamente, não havendo mudança dAquele que é fiel, tampouco haveria motivo para qualquer desânimo da parte desses hebreus. Por outro lado, veremos a seguir, que a ligação com as verdades dos versículos posteriores é tão real quanto a que acabamos de afirmar para os anteriores.

Havia, à época, problemas com o paganismo dos gregos, mas é pouco provável que esse seja o assunto que esteja preocupando o autor em relação a estes hebreus no versículo 9. O mais provável aqui é que os judeus do templo, que estavam tentando persuadir estes hebreus a retornar à sua comunidade, lhes tivessem dito que era necessário que aquele que procura o perdão se identificasse com o seu sacrifício, como era feito no cerimonial judaico. É óbvio, contudo, que a imutabilidade de Jesus, a quem eles diziam servir, atestava o fato de que Ele continuava um mediador de muito melhor aliança, no âmbito da qual foi feito muito melhor sacrifício, fornecendo a eles muito mais abrangente perdão, com o qual se sentiram, pela primeira vez, efetivamente, perdoados. Essa é a imutabilidade assegurada pelo versículo 9 de Hebreus. É verdade que os sacerdotes participavam de alguns dos sacrifícios, comendo a carne das ofertas, mas havia outros, notadamente os sacrifícios pelo pecado, em que isso lhes era vedado. O autor considera aqui, como exemplo, para fins de comparação, o caso extremo do sacrifício pelo pecado, qual seja aquele do dia da expiação (Levítico 16). Neste dia os sacerdotes não participavam de absolutamente nada e apenas o Sumo Sacerdote tinha acesso ao altar e ao Santo dos Santos, onde entrava para levar o sangue do sacrifício, mas a vítima era queimada fora do arraial. A supremacia do sacrifício de Jesus é tornada evidente, neste caso, pois nos tornamos todos (os crentes em Jesus) participantes dele, sendo acessível também aos sacerdotes desde que reconheçam o verdadeiro sacrifício realizado por Jesus no altar da cruz do Calvário.

Temos agora o autor fazendo um desafio aos hebreus destinatários da carta que precisamos entender. Todo o cerimonialismo judaico era composto de figuras que apontavam para o sacrifício de Jesus Cristo na cruz do Calvário. Neste versículo o autor continua fazendo o seu paralelo entre o sacrifício anual do dia da expiação e o sacrifício perfeito e aperfeiçoador de Jesus Cristo. Neste dia o Sumo Sacerdote, e só ele, entrava no Santo dos Santos pelo menos duas vezes, a primeira levando o sangue de um novilho que ele oferecia por seus próprios pecados, e, a seguir, com o sangue de um bode que era oferecido pelos pecados do povo. A gordura de ambos os animais era derramada sobre o altar, mas seus corpos eram queimados fora do arraial. Juntamente com os corpos das duas vítimas a serem queimadas havia, ainda, um segundo bode que era levado para fora do arraial (ao deserto) com vida. Sobre este o Sumo Sacerdote impunha as mãos simbolizando a transferência para o mesmo dos pecados de todos. Ele era, então, levado para o deserto (onde certamente morreria), representando o afastamento irrevogável dos pecados de todos.

O autor de Hebreus está dizendo que Jesus é o cumprimento dessa figura, visto que Sua crucificação se deu fora do acampamento, da mesma forma como era queimado fora do acampamento o bode morto pelo povo. Isso implicou em grande humilhação, que Jesus

aceitou sofrer por amor de cada um de nós. O desafio que o autor faz aos seus destinatários, portanto, é que também eles aceitem a humilhação associada a serem inaceitáveis para o Judaísmo, e que saiamos todos ao encontro de Jesus, pois não temos aqui o nosso tesouro, ou a nossa cidade de interesse, mas, sim, nos céus. Desta forma todos nos identificamos com grandes cristãos ao longo da história, que abriram mão da glória terrena e cujas vidas foram dedicadas a tornar conhecido o reino e o Evangelho de Jesus.

Quanto ao segundo bode, que o autor de Hebreus não menciona, estou convicto que se refere também a Jesus ressuscitado, que conquista para nós a vida eterna ao tornar-Se o Primogênito entre muitos irmãos, a Quem foi dada a vida eterna.

O louvor como “fruto dos lábios” é, mais uma vez, tomado emprestado do Antigo Testamento, neste caso de *Oséias 14.2*, e novamente com a interpretação dada pela Septuaginta. Israel tinha um comissionamento de Deus como sacerdócio real e nação santa, condicionado à guarda da Aliança (*Êxodo 19.6*). De igual forma Pedro nos informa como esse mesmo sacerdócio nos foi transmitido na Nova Aliança (*IPedro 2.5 e 9*). É exatamente este sacerdócio que o autor está trazendo à memória dos seus irmãos hebreus.

Embora ele principie pelo louvor que passa pelos lábios, Ele lembra, também, que a nossa vida deve testemunhar isso no amor fraternal que não pode ser esquecido. Assim sendo, ele faz coro com Paulo, que lembra que devemos apresentar um culto racional, que é expresso pela santidade de nossas vidas.

De igual forma João nos lembra que não podemos confessar amor a Deus, sem que esse se faça acompanhar do amor ao próximo (*IJoão 4.20*).

É importante ressaltar que este versículo 17 não é uma exigência de obediência irrestrita a ser dada aos líderes de nossas igrejas. O autor qualifica os líderes como aqueles que cuidam do rebanho como quem há de prestar contas por ele. Infelizmente, é muito comum encontrarmos membros de igrejas que são verdadeiros “criadores de casos” e que tornam o trabalho de seus líderes desnecessariamente difícil. O autoritarismo dos líderes é a anomalia inversa e que é tão ruim quanto, mas que não está retratada neste texto. Como tudo aqui parece refletir os problemas encontrados na comunidade destes irmãos, é possível que problemas de insubordinação estivessem ocorrendo. Paulo parece ter tido a necessidade de fazer uma advertência similar escrevendo aos tessalonicenses (*ITessalonicenses 5.12*). Mas não poupa elogios aos filipenses, ao dizer que eles são a sua coroa (*Filipenses 4.1*).

É, no mínimo, curioso que o autor de Hebreus agora se encaminhe para o encerramento de sua carta, pedindo àqueles que ele adverte, devido ao risco de apostasia, para que intercedam por ele. Por algum motivo ele se achava ausente, podendo estar preso ou enfermo. Seja como for, fica claro que sua ausência não o impede de escrever a carta aos irmãos da igreja.

Os versículos finais trazem bênçãos, saudações e exortações, além de uma informação sobre a liberdade de Timóteo.

Semana 17 - Leitura Especial para a Semana Santa

Texto: João 7 a 18 e Salmos 113 a 118

Estação 10

João 7 a 18 (Ver Volume I, páginas 50 a 89)

Todos os salmos desta semana (113 a 118) são cantados pelos judeus na celebração da festa da Páscoa. O *Salmo 113*, além disso, é o de abertura do Hallel (o Aleluia dos judeus), que é cantado em 3 de suas festas solenes, quais sejam: na Páscoa, na Festa da Dedicção (Chanucca - uma festa que foi introduzida posteriormente para celebrar a vitória dos judeus sobre os seus inimigos nos dias de Ester) e nas Festas das Luas Novas (Rosh Hodesh - início do mês, celebrada mensalmente no primeiro dia do mês).

Salmos 113

Trata-se de um salmo de louvor, para o que são convocados a cantar junto todos os servos do Senhor. Se o servo do Senhor não Lhe oferecer o louvor que Lhe é devido, quem o fará?

Louvado seja o nome do Senhor, porque Seu nome fala de Seus atributos maravilhosos! Nós, servos do Senhor, O temos conhecido como Jeová Jireh - o Deus provedor, Jeová Raffa, o Deus que nos sara, Jeová Nissi, o Deus nossa bandeira, Jeová Shalom, o Deus da Paz, Jeová Rohi, o Deus nosso pastor, Jeová Tsidkenu, o Deus nossa justiça, etc. Como deixar de bendizer a um Deus que tem tantos e tamanhos atributos?

Devemos louvá-LO agora e sempre, começando pela manhã e durante todo o dia, porque Ele reina sobre todas as nações e a Sua glória a tudo excede. Ele controla toda a Terra, mas não deixa de atentar para os Seus pequeninos. Ele os tira das dificuldades e dá a eles lugar de honra.

Louvado seja o nome do Senhor!

Salmos 114

O *Salmo 114* é cantado na primeira metade da celebração da Páscoa judaica, logo após o canto do *Salmo 113*, antes da refeição e antes de esvaziar o segundo cálice festivo.

Trata-se de um salmo de exaltação ao Senhor, que tirou o Seu povo do Egito, dando a eles liberdade cabal ao passarem pelo Mar Vermelho e o sustentou durante todos os anos de deserto, a caminho da Terra Prometida. Ali novamente o Jordão se lhes abriu para que passassem em seco.

A terra é convocada a estremecer na presença do Senhor, pois esse é o Deus que faz jorrar mananciais da rocha.

Salmos 115

De acordo com Spurgeon (/3/, pág. 69), este salmo revela os servos entristecidos de Deus, convidando o seu Senhor e Deus a dar glória ao Seu próprio nome, porque os milagres que tanto engrandeceram o Seu nome estão hoje esquecidos por aqueles que agora zombam, perguntando por Ele, já que há muito tempo que não aparece ou faz qualquer coisa notável.

O salmista lembra, contudo, que os ídolos deles são obra de suas próprias mãos, feitos a partir de prata ou ouro. Conquanto tenham boca, eles não falam e, embora tenham olhos, também não veem. Eles têm ouvidos, mas não ouvem e nariz, mas não cheiram. Suas mãos não apalpa e seus pés não andam, da mesma forma como sua garganta não produz som algum.

Assim sendo, por serem totalmente desprovidos de sentidos, devem se tornar como eles aqueles que neles ousam colocar a sua confiança.

Por isso mesmo, toda a nação de Israel é conclamada a confiar no Senhor por ser Ele o Seu amparo e escudo. É Ele que abençoa a casa de Israel e de Arão. É Ele que abençoa todos os que O temem.

Os mortos já não têm essa oportunidade, mas nós, os vivos, podemos e devemos louvá-IO.

Salmos 116

Na primeira interpretação que fazemos desse salmo, devemos pensar num israelita em pé com o seu bordão na mão, pronto para deixar a terra do Egito, onde Seu povo esteve por 430 anos, mais de 100 dos quais sob dura escravidão. Ela agora, contudo, está alegre devido aos maravilhosos sinais e livramento que seu Deus impôs aos egípcios, que agora o deixam partir. Assim, ele se regozija e canta, seguindo as instruções de Moisés nesse louvor de gratidão por terem sido atendidas as suas súplicas.

De igual modo, podemos pensar no nosso Senhor Jesus Cristo, que cantou esse salmo juntamente com Seus discípulos, poucas horas antes de tomar sobre Si os pecados de todo o mundo. Neste instante, bem como em Suas orações feitas no jardim de Getsêmane, pouco depois, Ele é cercado por laços de morte e angústias do inferno, que dEle se apoderam, caindo em tribulação e tristeza. Pouco depois, contudo, ainda no Getsêmane, Ele, que Se achava prostrado (versículo 6), terá Sua prece respondida (*Hebreus 5.7*), pelo que mesmo antes de ir para a cruz, conheceu a salvação do Senhor.

Finalmente, cada um de nós, que teve seus pecados lavados no sangue do Cordeiro de Deus, pode igualmente cantá-lo, por ter livrado da morte a sua alma, das lágrimas os seus olhos e da queda os seus pés (versículo 8). Desta forma invocamos o nome do Senhor, tomando o cálice de Sua salvação (versículo 13).

Salmos 117

Spurgeon (/3/, pág. 126) se admira que um salmo tão pequeno possa ser tão grandioso naquilo que proclama. Nele o salmista excede todas as restrições de raça e nacionalismo para convocar todos os gentios e todos os povos a entoarem o louvar desse majestoso Deus, que é Deus de toda a Terra, porque grande é a Sua misericórdia e sem fim a Sua fidelidade. Aleluia!

Salmos 118

Este salmo já foi comentado no Volume 1, página 24.

Semana 18 - Salmos da História de Israel

Texto: Salmos 42, 43, 80, 98, 99, 108, 114, 124, 125 e 136

Estação 11

Salmos 42

Como descrição desse salmo, a maioria das nossas Bíblias trazem uma nota dizendo que é destinado “ao mestre de música, um canto para os filhos de Corá”. Trata-se, portanto, de um louvor que deveria ser entoado pelo solista principal dentre os filhos de Corá, um grupo de levitas encarregados do canto no Templo.

Apenas a título de recordação, Corá foi um levita que se revoltou contra Moisés, juntamente com Datã e Abirão, da tribo de Rubens, mas cujos filhos se recusaram a apoiá-lo, pelo que Corá e seus amigos foram literalmente engolidos pelo solo, um castigo de origem divina, mas seus filhos não. Estes, ao contrário, se dedicaram ao louvor dAquele que os salvou, tornando-se, nos séculos a seguir, o principal grupo de louvor dentre os levitas.

Nada mais justo, portanto, do que este salmo, que expressa a tristeza de ter passado por uma situação difícil (Spurgeon sugere que este salmo talvez tenha sido composto por Davi logo após a morte de seu filho Absalão, que o traiu e tentou usurpar o seu trono - /1/, pág. 901), mas na qual Deus intervieria demonstrando seu favor.

O autor visualiza um cervo fugindo de animais ferozes que o perseguem e que anseia por águas correntes onde encontre refrigério, sendo essa a forma como ele se vê pensando e ansiando pelo louvor na casa de Yahweh. Ele tem sede do Deus Vivo, diante de Quem ele almeja estar.

Enquanto a tristeza de toda aquela situação, agora passada, causava profunda dor em seu coração, ele se lembra que a casa de Seu Deus é o único lugar onde ele pode buscar refrigério (versículo 4).

No versículo 6 ele se recorda dos dias felizes quando cantava ao seu Deus às margens de águas como o Jordão, serpenteando no monte Hermom e no outeiro de Mizar, enquanto dedilhava sua harpa.

Devido a seus próprios erros, Davi tinha experimentado, crise após crise, a tragédia em sua própria família, como ondas passando sobre a sua cabeça (versículo 7), mas mesmo assim ele sabia que era a misericórdia do Altíssimo que o sustentava naquela situação (versículo 8).

Não obstante os seus inimigos zombarem dele, ele sabia que a Sua Rocha, não se esquecera dele (versículo 9). Pelo contrário, era nEle que ele deveria esperar, porque o auxílio necessário viria dEle, pelo que continuaria a louvá-IO (versículo 11).

Salmos 43

Este salmo é obviamente um apêndice do anterior, motivo pelo qual alguns comentaristas têm sugerido que se trata de uma continuação do mesmo, e que por algum motivo foi separado deste (1/, pág. 929). Como não há nenhuma comprovação disso, podemos simplesmente supor que Davi, algum tempo depois, ainda ressentido, mas já se restabelecendo em seu ânimo, sentiu o desejo de retomar o assunto, complementando o que já dissera no salmo 42.

Imaginando que esse salmo tenha sido escrito realmente logo após a morte de Absalão, Davi ainda tinha contra si a nação quase inteira, que apoiara seu filho, e que agora tinha de se contentar com o fato de que Deus sempre estivera ao lado de Davi. Além disso, havia um israelita chamado Seba (*II Samuel 20*), que tentava tirar proveito da situação para desacreditar Davi e declarar a independência dos israelitas em relação a Judá (uma fraude para impor sua própria liderança).

Conquanto a realidade de Davi fosse essa expressa no versículo 1, nada disso importaria desde que Deus pleiteasse a sua causa e lhe fizesse justiça. Ele não está dizendo que não havia pecado, mas confiava no fato de que uma vez perdoado, nada mais restava contra ele.

Por isso ele se volta para Deus, no versículo 2, para que não mais precise lamentar a opressão de seus inimigos. Que Deus lhe conceda a luz e a verdade pelos quais há de andar em Seus caminhos e chega com louvores ao Seu altar (versículo 4)!

Assim se repete o mesmo versículo com que ele encerrara o texto de *Salmos 42*, reprimindo o desânimo de sua alma, porque fiel é Aquele que o auxilia e em Quem ele espera.

Salmos 80

A cântico deste salmo é previsto para o mestre de música de acordo com a melodia Os Lírios da Aliança e que foi composto por Asafe.

Podemos concordar que esse Asafe não é aquele que Davi escolheu para estar à frente dos cantos no templo em seus dias, porque a situação que o autor descreve se parece mais com a queda do Reino do Norte, Israel, nos dias de Ezequias, rei de Judá. Nesse caso seria um descendente daquele, que viveu cerca de 300 anos depois de Davi.

Os profetas já não tinham mais nada a dizer em Israel, embora Isaías e Miquéias estivessem profetizando em Judá. A corrupção chegara tão longe em Israel, que Deus nem mais os advertia. Era evidente que o fim estava se aproximando.

Em meio a essa situação, o autor, um autêntico servo do Senhor, ciente da maldade à sua volta, tenta interceder por Israel, pedindo que o pastor de Israel, entronizado entre

os querubins, mostre o Seu esplendor (versículo 1) e que os salve (versículo 2) da mão dos assírios.

É claro que ele está ciente de que essa salvação só pode se dar mediante a restauração de Israel em termos de guarda da Aliança, pelo que ele pede exatamente neste sentido, solicitando que Ele faça resplandecer sobre eles o Seu rosto (versículo 3), mas o autor reconhece que a ira do Deus dos Exércitos se encontra sobre eles, pelo que vivem em meio a lágrimas e pranto, enquanto seus inimigos zombam deles.

Ele encerra essa parte pedindo, mais uma vez, que Deus os restaure e que faça resplandecer sobre eles o Seu rosto.

A partir do versículo 8 o autor se refere a Israel como a videira que Deus trouxe do Egito e plantou na terra de Canaã, de onde os antigos habitantes foram expulsos devido à sua impiedade. Ali Israel criou raízes e encheu a terra, estendendo-se do mar até o Jordão.

Agora, contudo, os vizinhos são aqueles que colhem o que foi plantado e os animais selvagens atacam o povo da terra. Mais uma vez o autor pede que Deus visite a vinha que Ele mesmo plantou (versículos 14 e 15).

No versículo 17 o autor renova a sua intercessão para que Deus estenda o seu braço e abençoe esse povo que outrora fortaleceu. Que Ele os vivifique para que não mais dEle se apartem (versículo 18)!

Finalmente o salmo é encerrado com mais um clamor por restauração.

Salmos 98

Não obstante tratar-se de um salmo de autor desconhecido, Spurgeon (/2/, pág 861) o atribui a Davi. Não temos dificuldade de concordar com ele, principalmente tendo em mente a época de vitória e prosperidade que é exaltada no texto (versículo 3).

Este salmo de 9 versículos é dividido claramente em 3 tópicos, que abrangem 3 versículos cada.

Nos primeiros 3 o salmista canta a vitória, a grande salvação, a justiça, a misericórdia e a fidelidade do Rei para com a casa de Israel, estendendo o convite a todos os moradores da Terra.

Por isso todos devem celebrá-IO, aclamando-O, regozijando-se e rendendo-Lhe louvor. Todos os instrumentos (harpas, trombetas e buzinas) devem exaltá-IO, pois Ele é Rei (versículos 4 a 6).

Finalmente os versículos 7 a 9 convocam toda a natureza (mar, rios e montes) a erguer a sua voz para louvá-IO agora e sempre.

Salmos 99

Este salmo exalta e conclama a todos que exaltem o Senhor nosso Deus. Ele reina sobre todos os povos, mas a Sua santidade faz com que nos sintamos indignos em Sua presença. Por isso Ele está sobremodo elevado acima de todos (versículo 2). Ao celebrarmos o Seu Santo Nome, expressamos essa distância dizendo que Ele é Santo (versículo 3).

Não obstante toda essa distância, expressa também por Seu poder, Sua justiça e Sua equidade, Seus servos Moisés, Arão e Samuel, clamavam o Seu nome e Ele os ouvia. Falava com eles a partir da nuvem porque eles obedeciam aos Seus mandamentos.

Eles foram perdoados por Ele, motivo pelo qual também nós o podemos ser. Basta para tanto que O exaltemos, que reconheçamos a Sua santidade e que Lhe sejamos também obedientes.

Salmos 108

Em princípio esse salmo parece ter sido feito simplesmente tomando partes de dois salmos anteriores, quais sejam o 57.7-11 e o 60.5-12. Enquanto a maioria dos comentaristas como Kidner (1957, pág. 403), simplesmente manda ver os comentários já elaborados em relação a estes dois salmos, há, contudo, aqueles que entendem que o Espírito Santo talvez tivesse uma mensagem distinta ao juntá-los dessa forma. Nós aqui vamos “garimpar” um pouco para ver se encontramos alguma coisa nova.

Enquanto ambos os salmos mencionados acima principiam pelas lamúrias dos salmistas pedindo misericórdia do Senhor, tendo em vista as difíceis situações em que se encontram, este começa com um salmista confiante, cantando e louvando ao Senhor de toda a sua alma.

Ele convoca alguns instrumentos para que juntos eles possam começar o dia rendendo graças ao Senhor e cantando o Seu louvor entre as nações, pois a Sua misericórdia e a sua fidelidade devem ser exaltadas acima dos céus, como expressão de Sua grande glória.

Tudo isso é feito para que os Seus amados, a casa de Israel e a Igreja de Jesus Cristo, sejamos livres e salvos por Sua mão poderosa.

Siquém e Sucote, um de cada lado do Jordão, foram os primeiros territórios da posseção de Jacó quando voltou da casa do tio Labão. Novamente a posse da terra começaria por aí. Gileade era a parte de Israel que ficava a leste do Jordão e que fora dada a Rubens, Gade e a metade da tribo de Manassés. Ainda Manassés estava também do outro lado junto com as demais tribos, dentre as quais destacaram-se Efraim e Judá. A posse de todas essas partes estava assegurada por Aquele que fizera as promessas.

Os inimigos à volta são citados nos versículos 9 e 10, mas a vitória sobre eles depende do auxílio prestado pelo Senhor. É verdade que houve desobediência no passado, mas a lição foi aprendida e Seu povo sabe agora que só Ele conduz à vitória, ou seja, só com Ele é possível fazer proezas.

Salmos 114

Este salmo já foi lido e comentado na semana 16, onde pode ser relido.

Salmos 124

Após a morte de Saul, que caiu derrotado pelos filisteus, estes aparentemente não se importaram com o fato de Davi ter assumido o trono de Judá, porque seria apenas uma subdivisão do reino que fora assumido por Isbosete, filho de Saul, contribuindo para o maior enfraquecimento do reino, já debilitado, que restara após a morte de Saul. Passados sete anos e meio, contudo, quando Davi foi coroado rei sobre todo o Israel; isso alarmou os filisteus, que imediatamente se juntaram para combater o seu exército (*II Samuel 5.17-25*).

Este salmo teria sido escrito, supostamente, em meio a esses conflitos com os filisteus, que se apresentavam como favoritos, por ignorarem que Deus combatia por Davi. É exatamente por isso que compreendemos que se não fosse o Senhor, que esteve ao lado de Davi, quando os filisteus se levantaram contra ele, ele e suas tropas teriam sido engolidos vivos e as águas impetuosas das torrentes da guerra teriam submergido suas almas.

É totalmente compreensível, portanto, a expressão do louvor dos versículos 6 a 8 pela grande salvação que lhes foi concedida.

Salmos 125

Este é um salmo de autoria desconhecida, mas que Spurgeon (*/3/*, pag. 644) atribui também a Davi. Sem dúvida a confiança no Senhor, expressa através do versículo 1, é típica de um homem que passou por muitos livramentos e que não tem qualquer dúvida de que o Deus que o livrou ontem, certamente o fará novamente hoje.

De igual forma a intimidade com a geografia de Jerusalém é algo que aponta para Davi mais do que a qualquer outro. Jerusalém tem vários montes à sua volta, que conhecemos pelas lindas fotos que de lá são tiradas. Esses mesmos lugares serviam de pontos de proteção para quantos quisessem atacá-la. De igual forma o Senhor se posiciona em volta de Seus servos de modo a protegê-los sempre.

Em várias ocasiões o Senhor fez uso da vara de ímpios para disciplinar o Seu povo, mas nunca de maneira permanente. A intenção nunca é permitir que o Seu justo passe a ter comunhão com o ímpio, lançando mão de suas impiedades e, sim, permitir que o justo conheça a diferença entre servir ao Senhor e servir aos ímpios.

Por isso mesmo podemos fazer coro com o salmista pedindo que Deus faça bem aos retos de coração, ou seja, àqueles que querem andar na Sua presença e ser perfeitos.

Que de igual forma, contudo, tenham o mesmo tratamento dos malfeitores aqueles que optam por andar por caminhos tortuosos!

Que haja em função disso paz sobre Israel!

Salmos 136

Este salmo é conhecido na tradição judaica como o “Grande Hallel”, ou seja o grande salmo de louvor, onde o salmista atribui todo o seu louvor ao Senhor como uma decorrência do fato de que Sua misericórdia dura para sempre.

Ele começa rendendo graças ao bom Senhor, Deus dos deuses e Senhor dos senhores por ser o único que realiza grandes maravilhas (versículos 1 a 4).

Ele louva a Deus por toda a Sua esplendorosa obra de criação (versículos 5 a 9) e pela forma maravilhosa como libertou o Seu povo do Egito (versículos 10 a 16), conduzindo-o a seguir pelo deserto até chegar à Terra Prometida (versículos 16 a 22), onde o livrou de todos os seus adversários e o sustentou (versículos 23 a 25).

Por tudo isso todos são conclamados a tributar louvores ao Deus dos céus.

Semana 19 - As Regras da Antiga Aliança (4)

Texto: Números 1 a 12 e Provérbios 1 e 2

Estação 12

O livro de Êxodo narrou a libertação do povo de Israel do Egito e tem como ponto alto o fato de fazerem com Deus uma aliança, segundo a qual eles seriam o Seu povo e Ele habitaria no meio deles.

Já o livro de Levítico nos fala do relacionamento entre Deus e Seu povo, principalmente tendo o foco na santidade de vida que teriam porque Ele é santo, pelo que faz-se absolutamente necessário que eles também o sejam.

Deus os acompanharia até a Terra Prometida e o livro de Números nos fala exatamente a respeito do planejamento e da realização dessa viagem.

Números 1

Neste primeiro capítulo Deus pede a Moisés que faça um novo recenseamento do povo com a finalidade específica de prepará-los para a guerra, motivo pelo qual Ele pede que sejam contados todos os homens de 20 anos para cima.

Para a realização dessa contagem, Moisés e Arão contariam com o auxílio de uma pessoa de cada tribo. Os nomes dos indicados, bem como os resultados desse censo estão indicados na tabela fornecida a seguir:

Nome da Tribo	Representante da Tribo	Total de homens contados
Rubens	Elizur	46.500
Simeão	Selumiel	59.300
Gade	Eliasafe	45.650
Judá	Naasom	74.600
Issacar	Natanael	54.400
Zebulom	Elisama	57.400
Efraim	Eliabe	40.500
Manassés	Gamaliel	32.200
Benjamin	Abidã	35.400
Dã	Aiezer	62.700
Aser	Pagiel	41.500
Naftali	Aira	53.400

O total dos homens contados foi de 603.550. Embora esse número tenha sido questionado por parecer excessivo, as múltiplas sugestões que têm sido feitas para justificá-lo ou para alterá-lo carecem todas, igualmente, de comprovação.

Há muitas coisas estranhas na numerologia bíblica, mas devemos ter em mente que o hebraico não tinha uma forma consistente de exprimi-la, pelo que erros de interpretação de números como este são passíveis de ocorrer, mas este não é o fórum correto para discussões dessa natureza.

É importante ressaltar que os levitas não foram contados neste censo porque os planos de Deus incluíam a sua utilização a serviço do tabernáculo e não participando das guerras.

Números 2

Ainda no âmbito do preparo da viagem para Canaã, este capítulo define as posições das diversas tribos de Israel dentro do acampamento, bem como a sequência em que marchariam sempre que a nuvem levantasse de sobre o tabernáculo.

A figura 19-1 abaixo mostra um resumo da distribuição indicando como o povo de Israel acampava em torno da tenda da congregação, conforme descrito no texto deste capítulo 2.

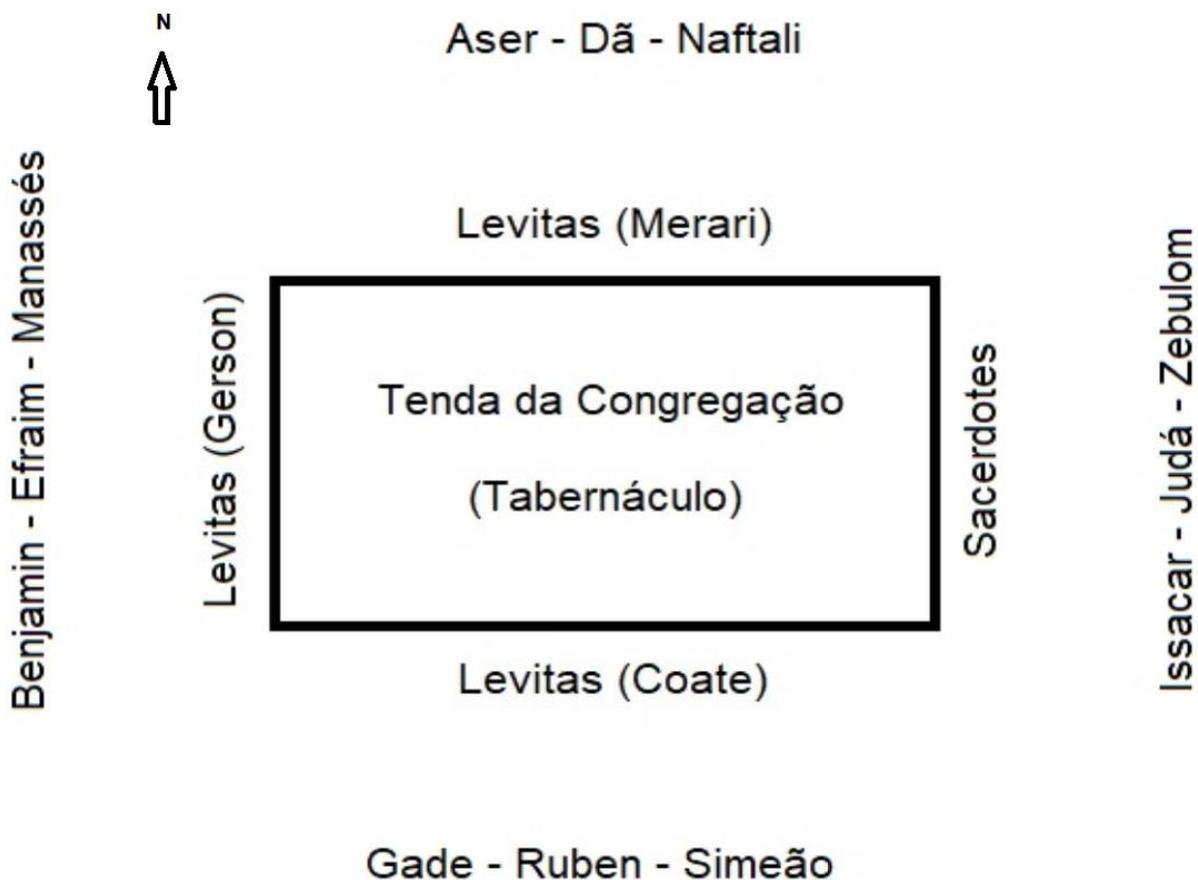


Figura 19-1 - Distribuição das tribos de Israel acampadas em torno do tabernáculo

A ordem de saída para a caminhada em direção à Terra Prometida, sempre que a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo era conforme indicado a seguir:

- 1 - Primeiro saíam as tribos de Issacar, Judá e Zebulom, comandadas por Judá;
- 2 - Depois saíam as tribos de Gade, Rubem e Simeão, comandadas por Rubem;
- 3 - A seguir partiam os levitas carregando o tabernáculo e todos os seus apetrechos;
- 4 - Depois partiam as tribos de Benjamim, Efraim e Manassés, comandadas por Efraim;
- 5 - Em último lugar partiam, então, as tribos de Aser, Dã e Naftali, comandadas por Dã.

Números 3

Este capítulo começa com a dedicação dos levitas para trabalharem no cuidado do tabernáculo juntamente com os sacerdotes (versículos 6 a 9). Eles cuidariam de todos os utensílios e serviços do tabernáculo, enquanto o culto, propriamente dito, estaria a encargo dos sacerdotes, filhos de Arão. Todos, em última instância, estariam a serviço de Deus, pelo que Ele define uma troca (versículos 12 e 13) dos levitas pelos primogênitos de todas as tribos, visto que estes Ele já comprara ao livrá-los da morte no dia em que matou todos os primogênitos do Egito.

Assim sendo, Ele promoveu a contagem, primeiro dos levitas, conforme indicado a seguir:

Gersonitas: 7.500 (versículo 22)

Todos os levitas estariam acampados sempre no entorno do tabernáculo para a proteção do mesmo. No caso específico dos gersonitas, eles estariam ao ocidente da tenda (versículo 23) e o seu líder seria o Eliasafe.

Os gersonitas estariam encarregados da tenda da congregação, incluindo: o tabernáculo (tanto a tenda quanto a sua cobertura), o véu da porta de entrada, as cortinas do pátio que circundam o tabernáculo e o altar, o véu da porta do pátio, todos os cabos de estaiamento correspondentes e todos os serviços associados à montagem, desmontagem e transporte destes itens.

Coatitas: 8.600 (versículo 28)

Os coatitas acampar-se-iam a sul da tenda da congregação e seu líder escolhido por Deus foi Elisafã.

A seu encargo estariam a arca, a mesa, o candelabro, os altares, os utensílios do santuário com que ministram, o véu e todos os serviços relativos à montagem, desmontagem e transporte destes itens.

Meraritas: 6.200 (versículo 34)

Os meraritas se acampariam a norte da tenda da congregação e seu líder escolhido por Deus foi Zuriel.

A seu encargo estariam as tábuas do tabernáculo, seus elementos de travejamento, suas colunas, suas bases e todos os utensílios correspondentes aos mesmos. Eles cuidariam, ainda, das colunas, das bases e das estacas e cordas da cortina do pátio. Estariam por conta dos meraritas todos os serviços relativos à montagem, desmontagem e transporte destes itens.

O total dos levitas com mais de um mês, que fizeram parte deste censo foi de 22.000 (ver versículo 39). Obviamente há algum problema nessas parcelas ou na soma porque $7.500 + 8.600 + 6.200 = 22.300$, pelo que algum desses números está incorreto. De acordo com Wenham (*/25/*, pág. 76) é possível que o número dos coaitas, 8.600, fosse na realidade 8.300, cuja diferença de escrita em hebraico é muito pequena, tornando possível o deslize de um copista.

Deus mandou, a seguir, que Moisés contasse todos os primogênitos, também com idade acima de 1 mês e estes totalizaram 22.273 (versículo 43).

Foi feita a seguir uma compensação financeira pelos 273 primogênitos que havia a mais do que o número de levitas, com os filhos de Israel recolhendo o valor de 1.365 siclos (o equivalente a cerca de R\$ 82.500,00), que foram dados a Arão e seus filhos, a pedido divino.

A supervisão geral dos levitas ficou a cargo de Eleazar, filho de Arão (versículo 32).

Números 4

Este capítulo tem início com uma nova rodada de contagem dos levitas por tribo, visando definir o número de pessoas que estaria efetivamente trabalhando. Deus estabeleceu que eles trabalhariam da idade de 30 até 50 anos. Em princípio isso pode parecer muito pouco, pois as pessoas hoje trabalham quase 40 anos, ou seja, o dobro, mas devemos ter em mente que a maioria na época era aos 30 e que a expectativa de vida média já diminuía bastante e talvez já fosse mais baixa que os 76 anos medidos no Brasil em 2017.

Com relação ao trabalho dos coaitas, nota-se uma preocupação muito grande pelo fato de estarem lidando com as coisas “santíssimas” do tabernáculo (versículo 4). Havia, portanto, a possibilidade de algum deles tocar, inadvertidamente, em alguma coisa considerada santa, pelo que poderia vir a ser fulminado, como o foram Nadabe e Abiú.

Em função disso, chegada a hora de desmontar o tabernáculo para que o povo se deslocasse em direção à Terra Prometida, seriam acionados primeiro os sacerdotes que deveriam acondicionar as coisas para que esse risco fosse minimizado. Parte das cortinas da cobertura, por exemplo, seriam utilizados por eles para cobrir a arca (versículos 5 e 6).

Os versículos 7 a 20 narram como deveria ser feito o mesmo para que os sacerdotes acondicionassem todo o restante dos apetrechos do Lugar Santo e do Santo dos Santos, para só então convocar os coaitas para apanhá-los. O encarregado direto de supervisionar os coaitas seria o próprio Eleazar.

Nos versículos 22 a 28 Deus instrui Moisés no sentido de contar os gersonitas de 30 a 50 anos, repete quais são as suas tarefas e solicita que Itamar, filho de Arão, fique encarregado de supervisioná-los.

O mesmo é dito com relação aos meraritas nos versículos 29 a 33 e mais uma vez o encarregado de sua supervisão ficaria por conta de Itamar.

A contagem efetiva dos levitas começa com os coaitas no versículo 34 e foi encontrado um total de 2.750 (versículo 36). Já para os gersonitas o total encontrado foi de 2.630 (versículo 40) e para os meraritas 3.200 (versículo 44).

Desta feita o total dos levitas aptos a trabalhar por estarem na faixa de 30 a 50 anos chegou a 8.580 (que bate com a soma das 3 parcelas).

Números 5

O capítulo 5 lida com impurezas, embora estas sejam de naturezas distintas, dando a impressão de que se trata de assuntos distintos, mas todo o capítulo, na realidade, forma um conjunto consistente.

Lembramos que estamos ainda no monte Sinai, onde Moisés recebeu a lei, onde ele levou meses construindo o tabernáculo e de onde em breve os filhos de Israel vão partir em direção à Terra Prometida.

Assim sendo, a purificação do acampamento de Israel, para que Deus possa continuar habitando no meio deles, é um assunto de importância capital e não apenas mais uma coisa que precisa ser tratada antes da partida.

Os primeiros 4 capítulos lidam com as pessoas que se tornaram impuras por enfermidade (a Bíblia usa um termo genérico, qual seja, a lepra), por emissão de um fluxo de sangue ou alguma secreção sexual, ou ainda por se terem contaminado com um morto. Essas contaminações já foram tratadas no estudo de *Levítico* e está sendo agora implementada a remoção do acampamento das pessoas identificadas com tais impurezas.

Nos versículos 6 e 7 Deus faz referência a pecados que foram tratados em *Levítico* 6.1-5, onde terceiros eram lesados, pelo que deveriam receber restituição antes que o pecado pudesse ser perdoado. O caso particular em que a pessoa lesada não mais esteja viva, nem tampouco possua um parente próximo, a quem a restituição possa ser feita; então, Deus instrui aqui que o pagamento em apreço seja feito ao sacerdote.

Já os versículos 12 a 31 tratam de um caso de infidelidade ou suspeita de infidelidade conjugal por parte de uma mulher israelita. Neste caso não houve flagrante de adultério, mas há apenas uma suspeita do marido causada por ciúmes deste.

Obviamente as mulheres de nossos dias se sentem aqui ultrajadas pelo fato da recíproca não ser sequer considerada, mas precisamos lembrar que se trata de uma sociedade na qual os direitos das mulheres eram extremamente limitados. Os homens podiam ter mais de uma mulher, mas à mulher era facultado ter apenas um marido. A infidelidade de ambos, contudo, quando flagrada, era punida com morte.

Quando o homem, portanto, sentisse ciúmes de sua mulher e suspeitasse que ela o tivesse traído, seriam cumpridos os seguintes passos:

- O marido traria sua esposa perante o Sumo Sacerdote juntamente com uma oferta de manjares de ciúmes (versículo 15);
- O sacerdote a colocará perante o Senhor (versículo 16);
- O sacerdote colocará água num vaso de barro e adicionará a ela um pouco de pó do piso do tabernáculo (versículo 17);
- O sacerdote retornará à mulher, soltará o seu cabelo e colocará em sua mão a oferta de manjares (versículo 18);
- O sacerdote informa à mulher que a maldição que acompanha a água não lhe fará mal se ela for inocente. Caso contrário, ela será objeto da maldição que ele então pronuncia e com a qual ela deve concordar dizendo Amém! Amém! (versículos 19 a 22);
- O sacerdote escreve a maldição e logo a seguir a lava com a água (versículo 23);
- O sacerdote toma de suas mãos a oferta de manjares e a moverá perante o Senhor, queimando-a a seguir sobre o altar (versículos 25 e 26a);
- O sacerdote fará com que a mulher beba a água (versículo 26b);
- A mulher sofrerá inchações e ficará estéril se for culpada (versículo 27).

Caso contrário, ela nada sofrerá e o texto diz que pode conceber, mas a humilhação de ter passado por essa experiência certamente já era um castigo suficientemente doloroso em si.

Números 6

Quem era o nazireu? Ao longo da história sempre houve gente comum do povo que quis estar mais perto de Deus. Nos primeiros séculos havia pessoas que se isolavam morando em cavernas, com o menor contato possível com o mundo, para que pudessem se dedicar à oração. Nós os conhecemos pelo nome de eremitas, mas logo passaram a ser reconhecidos como monges. Mulheres que tiveram a mesma intenção passaram a

ser conhecidas como freiras. Os nazireus, contudo, vieram bem antes e eram também pessoas que se dedicavam a Deus por algum tempo ou mesmo por toda a vida, como Sansão e Samuel.

As mulheres não podiam ser sacerdotisas, mesmo as filhas de Arão, mas qualquer mulher israelita podia ser uma nazireia.

Este capítulo regulamenta os votos feitos por um nazireu, ou seja, de uma pessoa que se compromete a se separar para Deus por algum tempo ou por toda a vida, estabelecendo requisitos mínimos, aos quais outros poderiam ser acrescentados, conforme a disposição pessoal de cada um.

Resumindo, havia 3 requisitos básicos para que alguém pudesse se separar para Deus e ser aceito por Ele:

- O nazireu deveria se abster totalmente de qualquer bebida ou mantimento que viesse da videira. Vinho, uvas, vinagre etc, nada disso era permitido ao nazireu (versículos 3 e 4);
- O nazireu não poderia cortar o cabelo (versículo 5);
- O nazireu não poderia se contaminar com um morto de maneira alguma (versículos 6 e 7). Suas restrições a esse respeito eram mais severas que as dos sacerdotes, parecendo-se mais com as que se aplicavam ao Sumo Sacerdote.

Caso ele viesse a se contaminar devido a um contato inesperado com algum morto, seu tempo de separação era simplesmente cancelado e ele precisava novamente iniciar o seu nazireado depois de oferecer sacrifícios a Deus pela perda do seu tempo dedicado.

Quando o tempo de seu nazireado fosse completado (em caso de nazireado temporário), ele deveria trazer uma oferta de holocausto, uma oferta pelo pecado, uma oferta pacífica e uma oferta de manjares juntamente com uma libação (versículos 13 a 21).

Os últimos versículos deste capítulo contêm uma bênção com a qual Arão deveria abençoar os filhos de Israel. Será por acaso que ela se encontra aqui entre a regulamentação dos votos do nazireu e a oferta dos príncipes, que se encontra no capítulo 7?

Claro que não! O desejo de Deus de nos abençoar certamente independe do que fazemos por Ele, mas alguém poderia ter a ideia de que os nazireus, através de seus votos, e os príncipes, graças a suas ricas ofertas, ter-se-iam tornado merecedores da graciosa bênção divina. Colocando aqui uma bênção aplicável a todos, Deus deixa claro que a intenção dEle é de abençoar a todos sempre

Números 7

Este capítulo fala a respeito da oferta dada pelos príncipes do povo, os mesmos que haviam sido escolhidos para chefiar o censo, no dia da inauguração do tabernáculo.

Eles ofertaram, inicialmente, seis carros puxados, cada, por uma dupla de bois, os quais foram destinados ao transporte do tabernáculo desmontado. Desta forma foram destinados dois carros à tribo dos gersonitas, que estavam encarregados do transporte basicamente de cortinas, e quatro para os meraritas, que tinham itens bem mais pesados a transportar.

O versículo 9 ressalta, contudo, que nenhum carro foi destinado aos coatitas porque eles estavam encarregados do transporte da arca e demais utensílios do tabernáculo, que tinham que ser transportados nos ombros.

Além desses carros, cada um dos príncipes ofereceu uma série de objetos de ouro e de prata, além de vários animais para serem ofertados, os quais são listados do versículo 12 até o 88.

Números 8

Os primeiros 4 versículos do capítulo 8 versam sobre a forma de acender as lâmpadas do candelabro de modo a iluminar o lugar santo, onde se encontravam não apenas o candelabro, mas também o altar de incenso e a mesa dos pães da propiciação.

A partir do versículo 5 o texto passa a tratar da consagração dos levitas que Deus acabara de trocar pelos primogênitos de todas as tribos, para a realização dos serviços da tenda da congregação.

Eles seriam inicialmente purificados pela aspensão de água de expiação, depois do que raspariam todos os pelos do corpo e lavariam suas vestes.

Feita a purificação, eles se apresentariam a Arão acompanhados de dois novilhos, uma para oferta de holocausto e outro para oferta pelo pecado e uma oferta de manjares de flor de farinha amassada com azeite.

Arão os levaria à porta da tenda da congregação, onde todo o povo se reuniria para impor sobre eles as mãos, numa atitude tanto de comissionamento (seriam seus representantes para serviços relativos à tenda da congregação) como de bênção.

Depois disso, era a vez dos levitas imporem suas mãos sobre a cabeça dos dois novilhos transferindo a eles todos os seus pecados.

Finalmente, os dois animais seriam mortos, um deles queimado totalmente e do outro seriam extraídas partes que seriam movidas perante o Senhor, apresentando os levitas assim para a sua nova tarefa, que era dos primogênitos, que o Senhor já comprara com

o sangue do cordeiro pascoal no dia da passagem do anjo por toda a terra do Egito. Estes foram trocados pelos levitas, conforme já indicado em *Números 3*.

Os versículos 20 a 22 registram que tudo foi realizado conforme indicado.

Nos versículos finais fica, então, estabelecido que os levitas de 25 a 50 anos trabalhariam no serviço do tabernáculo e que depois dos 50 eles apenas ajudariam os seus irmãos nas atividades do culto, quando necessário.

Que eles não mais carregassem cargas, mas que continuassem a ajudar no culto depois dos 50 era compreensível, porque ficar em casa fazendo nada nunca foi boa terapia para nenhum aposentado. O curioso, contudo, é a redução da idade de início dos trabalhos de 30 para 25. Lembramos aqui que os levitas contados no capítulo 4 tinham idade de 30 a 50. Wenham (*/25/*, pág. 107) sugere que este texto tenha sido escrito um pouco depois e que os levitas tivessem tido 5 anos de estágio antes do início oficial de suas atividades plenas. Além disso, ele registra, ainda, que essa idade foi reduzida para 20 anos, posteriormente, por Davi (*ICrônicas 23.24-27*), tendo em vista que não havia mais cargas a serem carregadas e transportadas após a chegada na Terra Prometida.

Números 9

O capítulo 9 começa, ao final do primeiro aniversário da saída do Egito, com Deus ordenando a Moisés a celebração da Páscoa no 14º dia do primeiro mês: Nisan. Deveria ser celebrado exatamente segundo o mesmo rito que fora estabelecido para a sua celebração na noite anterior à saída dos Filhos de Israel do Egito.

Nesta ocasião havia, contudo, alguns homens que haviam se tornado cerimonialmente impuros devido ao contato com um morto, pelo que foram falar com Moisés a respeito da impossibilidade de participar. Este levou o assunto a Deus e ficou estabelecido que tanto eles quanto qualquer outra pessoa que deixasse de participar por estar viajando, poderia realizar a celebração exatamente um mês depois (versículo 11).

Não seria tolerado, contudo, que qualquer pessoa presente e sem impedimentos simplesmente deixasse de participar. Tal pessoa que assim procedesse seria eliminada do meio do povo. O significado exato disso não está claro, mas pode significar a morte por um ato do próprio Deus, a expulsão do meio de Israel ou o registro de perda de vida eterna.

Transportando essa situação para os nossos dias, qualquer pessoa que resolva não ter qualquer relação com o nosso cordeiro pascoal, Jesus, escolhe, por livre e espontânea vontade, não participar da vida eterna com Ele.

Nos versículos 15 em diante somos informados que, concluída a construção do tabernáculo, a nuvem que guiava o povo passou a se assentar sobre a tenda, exatamente acima da arca.

Enquanto ela ali permanecia, o povo continuava acampado, mas tão logo a nuvem se levantava o povo deixava o acampamento e caminhava em direção à Terra Prometida.

Números 10

Este capítulo apresenta detalhes referentes à comunicação de Moisés com o povo no tocante a partir e chegar, bem como a primeira partida que se deu no dia 20 do segundo mês (uns 13 meses após a saída do Egito).

No versículo 2 Deus manda que Moisés prepare duas trombetas de prata, que seriam tocadas pelos filhos de Arão, e que teriam por finalidade direcionar o povo. Quando fossem tocadas ambas ao mesmo tempo todo o povo se reuniria na tenda da congregação. Quando fosse tocada apenas uma, então, reunir-se-iam apenas os príncipes e os chefes de milhares.

Já se fossem toques curtos de alerta, então, seria o sinal para a partida para a caminhada. Nesse caso o primeiro toque seria para as tribos de Judá, Issacar e Zebulom a leste do tabernáculo e depois para Rubens, Simeão e Gade, que ficavam ao sul e assim por diante.

Para juntá-los novamente, os toques seriam similares, porém mais longos. O versículo 8 nos informa que o encargo do toque das trombetas seria sempre dos filhos de Arão. Mesmo depois de chegados à Terra Prometida, sempre que fossem sair à guerra contra seus inimigos, seriam dados toques de alerta curtos, que seriam lembrados também por Deus para dar a vitória ao Seu povo.

De igual forma, nos dias de suas festas de celebração, as trombetas seriam também tocadas anunciando as ofertas para que Deus, mais uma vez Se lembrasse do Seu povo para abençoá-lo.

Se o povo de Israel tão somente tivesse guardado a aliança que havia feito com Deus, Ele tinha tudo equacionado para suas necessidades, vitórias e sucesso. O pecado da rebeldia trouxe apenas desgraça.

No versículo 11 é feito, então, o registro oficial da primeira partida do Sinai, após a conclusão do tabernáculo. Nos versículos 14 a 28 é descrita a saída de cada uma das tribos e dos levitas levando o tabernáculo.

Os versículos 29 a 32 registram uma conversa entre Moisés e seu cunhado Hobabe, uma pessoa que conhecia bem o deserto do Sinai, a acompanhá-los e ajudá-los com a sua experiência. Moisés prometeu abençoá-lo da mesma forma como Deus abençoasse a Israel. Ele, que a princípio não queria ir, acabou convencido e acompanhou o povo.

O primeiro deslocamento de Israel em direção a norte teve a duração de 3 dias em direção a Taberá.

Números 11

Até chegarem ao Sinai, Deus havia sido bastante paciente com o povo de Israel. No Sinai tivemos o povo se corrompendo enquanto Moisés subiu o monte a primeira vez para buscar as tábuas da lei. Essa rebeldia redundou em muitas mortes e Moisés tendo que interceder para que Deus os perdoasse.

Depois disso, Moisés voltou ao monte e recebeu as novas tábuas e também as instruções para a construção do tabernáculo.

Eles ficaram ali, ainda, vários meses enquanto o tabernáculo estava sendo construído e cerca de 13 meses depois de partirem do Egito, estavam agora retomando o caminho da Terra Prometida.

No capítulo anterior fizeram o primeiro deslocamento de 3 dias e agora encontramos o povo cerca de 90km a norte do Sinai num lugar chamado Taberá. Todo aquele povo dificilmente andaria numa marcha acima de 10km por dia; portanto, talvez tenham levado uns 9 dias para chegar até lá, com eventuais paradas no meio do caminho.

À medida em que nós temos a oportunidade de conhecer a Deus e ver a Sua onipotência e fidelidade, Ele vai Se tornando mais exigente para com nossas reações.

Neste caso, andar no deserto, com o racionamento de água e comida, começou a suscitar fortes queixas por parte do povo, que já tinha experimentado a providência divina em todos os sentidos, pelo que tais queixas não mais se justificavam e suscitaram a ira divina, segundo o versículo 1. Essa ira foi manifestada através de um fogo nas extremidades do acampamento, para o qual não temos maiores detalhes. Talvez tenha queimado algumas tendas, não sabemos, mas foi o suficiente para que o povo reconhecesse que havia passado das medidas e pedisse a Moisés para interceder por eles. Moisés o fez e o fogo cessou.

Infelizmente, outro grupo, o pessoal não israelita que o texto bíblico chama de populacho (um bando de estrangeiros na NVI) continuou com as reclamações (versículo 4) e logo contaminou também os outros (versículo 10), pelo que Moisés, porque conhecia ao caminhos de Deus, já sabia que haveria muito mais indignação da parte de Deus por esse motivo.

Antes, contudo, que Deus falasse qualquer coisa ele se adiantou e pediu a Deus para tirá-lo da liderança do povo. Falou que estava muito difícil de satisfazê-los e que ele preferia até morrer a continuar (versículos 11 a 15).

Deus nem considerou a possibilidade de tirar Moisés do cargo, mas o instruiu no sentido de escolher 70 representantes do povo que pudessem dividir com ele a responsabilidade da liderança. Ele prometeu, então, que compartilharia com eles da unção espiritual que estava sobre ele. Além disso, mandou informar ao povo que eles comeriam carne por 30 dias seguidos.

Curiosamente, Moisés duvidou disso e perguntou a Deus, nos versículos 21 e 22, de onde sairia tanta carne. A resposta divina envergonha Moisés, na medida em que pergunta como ele, Moisés, pode duvidar do Seu poder, mas Deus interrompe a repreensão nesse ponto e se limita a completar dizendo que ele veria.

Moisés convocou os 70 e pediu que se encontrassem com ele na tenda da congregação onde Deus falou com todos e ungiu com o Espírito Santo os 68 de 70 convocados que compareceram. Imediatamente eles começaram a profetizar pelo poder do Espírito, juntamente com dois outros, Eldade e Medade (versículo 26), que tinham ficado no arraial e ali profetizavam.

Josué se sentiu incomodado com aquela situação e pediu a Moisés para repreender os dois, mas ele se limitou a questionar o próprio Josué por ter ciúmes por ele, Moisés. Ele reconheceu que Deus havia ungido todos os 70, mesmo aqueles que não tinham comparecido com os outros.

A partir do versículo 31 somos informados que Deus fez ventar e trazer uma nuvem de codornizes que caíram todas no acampamento de Israel e ao redor dele, numa extensão de quilômetros, com cerca de quase 1 metro de codornizes amontoadas. O povo os catou todo aquele dia, toda aquela noite e no dia seguinte, estocando 30 dias de aves para todos.

Infelizmente aquilo que Moisés previra por ocasião das queixas do populacho ocorreu logo a seguir. Mal o povo tinha começado a comer a carne, Deus feriu o povo que se queixara com uma grande praga. Não há números a respeito da quantidade de mortos, mas o versículo 34 nos informa que ali, em Quibrote Hataavá foram enterrados os queixosos.

Números 12

Este capítulo nos traz uma grande lição sobre a maledicência praticada contra os servos ungidos de Deus. Aparentemente Miriã e Arão, irmãos mais velhos de Moisés, não tinham gostado muito da esposa estrangeira com quem Moisés havia se casado. Por causa dela falaram contra Moisés, a ponto de dizerem que ele estaria desqualificado para o seu cargo, que eles dois estariam tão aptos quanto ele a exercer.

Não bastavam, portanto, os problemas que Moisés estava tendo com o povo rebelde e insatisfeito, ele ainda tinha que lidar com problemas na própria família. O texto nos diz, contudo, que Deus o ouviu, não obstante Moisés ter ignorado as acusações.

Como curiosidade, é óbvio que Moisés não é o autor do versículo 3, do contrário ele jamais o teria escrito, pois seria totalmente descabido ele se elogiar dizendo-se ser o homem mais manso do mundo.

Isso não impediu, contudo, que Deus convocasse os 3 para uma conversa na tenda da congregação. Nesta ocasião Ele se mostrou totalmente irado contra Miriã e Arão por terem falado mal daquele que era o único com quem Ele falava face a face.

Quando Ele Se foi, deixou Miriã leprosa no corpo inteiro, mas não fez nada contra Arão porque tornaria impuro aquele que representava o povo diante dEle.

O arrependimento dos dois foi imediato e Moisés pediu imediatamente pela cura dela, mas Deus fez questão de que ela passasse 7 dias fora do arraial até que fosse curada, como se tivesse sido envergonhada pelo pai.

Provérbios 1

Os primeiros 6 versículos deste capítulo nada mais são do que o propósito ao qual o livro se destina. São provérbios de Salomão, cuja finalidade é fazer com que as pessoas menos dotadas que ele aprendam a proceder diante dos problemas do dia a dia da vida.

As pessoas gostam de pensar em sabedoria como um dom de Deus (veja *Tiago 1.5*); portanto, podemos pensar em *Provérbios* como um livro que nos ensina o comportamento que Deus gostaria que tivéssemos ou que Jesus teria tido. É exatamente isso que o versículo 7 nos diz.

Os versículos 8 e 9 confrontam o desfecho feliz de filhos que vivem seguindo os conselhos sábios de pais honestos com o triste fim dos filhos desobedientes que dão ouvido a conselhos iníquos de amigos de rua que supõem saber como “levar vantagem na vida”, tomando os bens de terceiros e divertindo-se às suas custas.

Por fim, não raramente, perdem a própria vida.

Os versículos 20 a 23 apresentam um convite que a sabedoria faz aos estúpidos, aos zombadores e aos tolos para que abandonem a sua estupidez, sua zombaria e sua tolice. Trata-se de uma oferta urgente e de tempo limitado. Trata-se de uma solução completa e eficaz desde que implementada imediatamente.

Infelizmente, o versículo 24 mostra que o convite está sendo rejeitado e que as consequências terão que ser sofridas. Os conselhos da sabedoria foram recusados e eles terão que sofrer o terror da tempestade e a perdição do redemoinho causando angústia e dor.

Quando isso ocorrer, então, será tarde porque o temor do Senhor foi rejeitado em tempo oportuno (versículo 29) e todos encontrarão a morte e a perdição.

Apenas aqueles que tiverem optado por ouvir a voz da sabedoria viverão em paz e tranquilidade.

Provérbios 2

Os primeiros 5 versículos desse capítulo mais uma vez mostram o apelo da sabedoria ao homem comum mostrando as vantagens dele aceitar o seu apelo. Os ganhos vão se acumulando até que seja compreendido o mais importante, qual seja “o temor do Senhor”, que o levará ao “conhecimento de Deus”.

Porque é de Deus que vem a verdadeira sabedoria e dEle igualmente procede a inteligência e o conhecimento.

Em 1977, quando escrevi a minha tese de doutoramento em engenharia, coloquei o versículo 6 como parte de meu agradecimento a Deus pelo conhecimento obtido com a tese em apreço, mas o conhecimento, objeto real deste versículo, não é técnico e, sim, aquele que permite ao servo do Deus Altíssimo andar retamente na Sua presença (versículo 7), discernindo as astutas ciladas de Satanás e rejeitando-as sempre (versículo 8).

O restante deste capítulo nos mostra a consequência natural na vida daqueles que adquirem a verdadeira sabedoria divina. Ela direciona os seus passos, pelo que são mencionadas várias circunstâncias em que ele saberá tomar a direção correta.

Mais uma vez o capítulo termina mostrando que os retos habitarão a terra, enquanto os perversos serão desarraigados.

Semana 20 - As Regras da Antiga Aliança (5)

Texto: Números 13 a 24 e Provérbios 3 e 4

Estação 12

Números 13

No final de *Números 12* o povo estava em Hazerote, que fica cerca de 70km a norte do Monte Sinai (ver figura 20-1), ao passo que já estamos chegando a Cades, cerca de 200km mais a norte, quando iniciamos o capítulo 13.

Em termos de tempo, o povo de Israel tinha saído do Egito na Páscoa do primeiro mês e tinha levado no mínimo um mês e meio, talvez dois, para chegar no Monte Sinai, onde permaneceu por mais de um ano, até receber a lei e construir o tabernáculo.

Na Páscoa do ano seguinte eles continuavam lá e houve ainda um tempo de preparativos para a viagem a Canaã, com o povo sendo recenseado para fins de guerra.

Seriam necessários no mínimo 20 dias para cobrir os 200km até Cades e dificilmente o povo terá feito essa viagem de uma vez; portanto, podemos estimar que estavam chegando lá pelo menos um ano e meio depois que saíram do Egito.

Não obstante saberem que teriam que guerrear pela Terra Prometida, deveria ser uma época de grande excitação, principalmente considerando a presença ostensiva do Deus de Israel, que andava com eles como uma coluna de nuvem de dia e uma coluna de fogo à noite. Esse era o mesmo Deus que fizera maravilhas para tirá-los do Egito, que abriu o Mar Vermelho, que provia pão diário caído do céu e que a cada dia os surpreendia com um milagre novo.

Finalmente estavam chegando e Deus, sabiamente, instruiu Moisés no sentido de mandar 12 espias, um de cada tribo, para que fosse feita uma avaliação da terra. Os seus nomes são listados nos versículos 4 a 15 e a sua tarefa abrangia a obtenção de informações relativas ao povo, aos seus costumes, ao seu poder bélico, à defesa de suas cidades e assim por diante.

Eles percorreram toda a terra de sul a norte e depois de norte a sul, uma extensão de quase 400km e levaram 40 dias para fazê-lo.

Realmente ficaram maravilhados com a terra (versículo 27), seus frutos, seus campos etc, mas 10 deles ficaram apavorados com os homens que ali habitavam (versículo 28), alguns inclusive de grande estatura (gigantes).

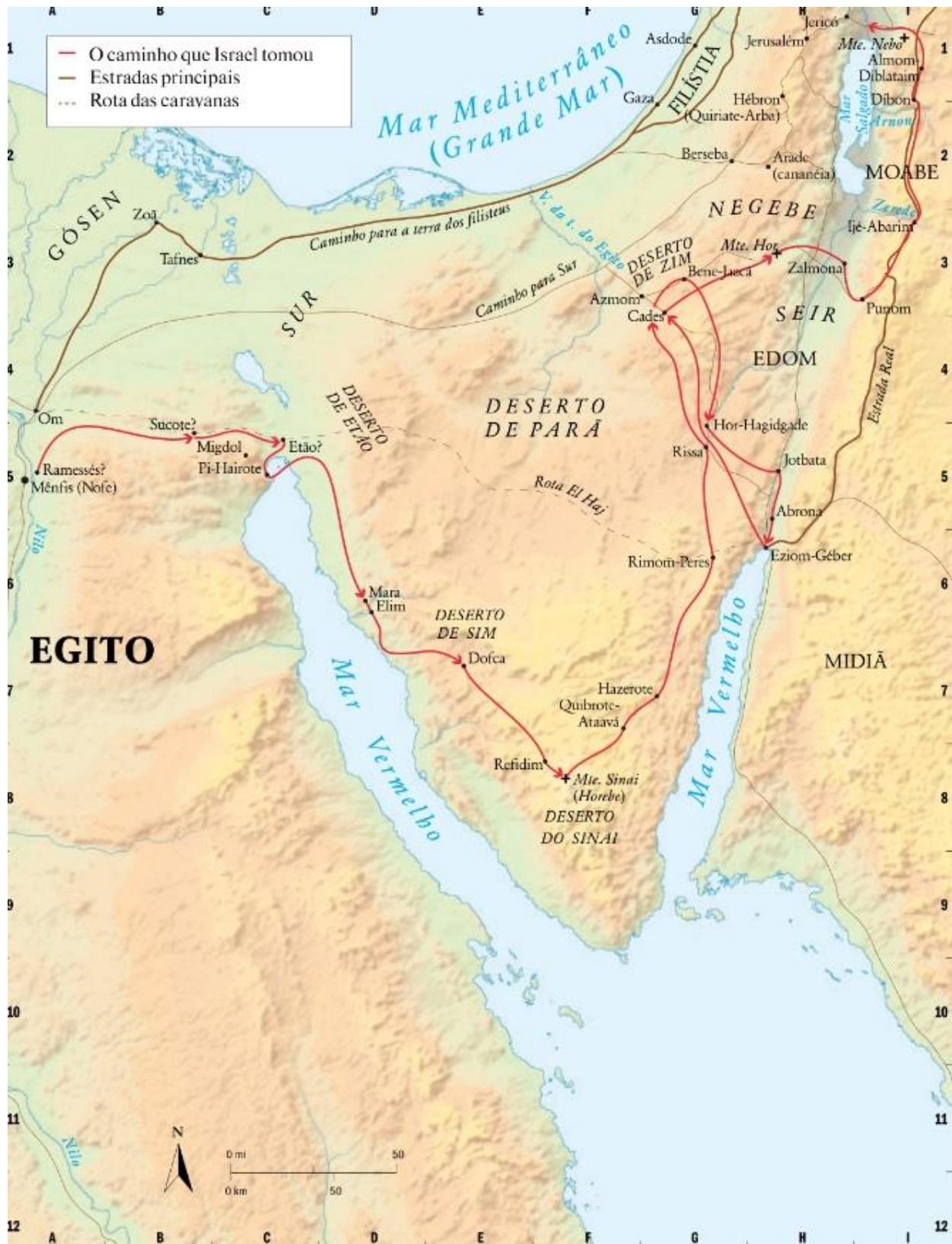


Figura 20-1 - Trajetória de Israel na Península do Sinai

Não obstante Calebe, o espião representante de Judá, ter feito um discurso exortando o povo a confiar no Senhor, ainda assim, a opinião dominante foi a dos 10 de que eles não teriam qualquer chance. Além disso, começaram a difamar a terra com exageros, dizendo que a própria terra destruía seus moradores e que eles se sentiam como gafanhotos comparados ao povo da terra.

Números 14

Não surpreende, portanto, absolutamente nada, que este capítulo comece com o povo de Israel completamente apavorado, falando mal de Moisés e lamentando o fato de terem sido trazidos para ali, onde certamente enfrentariam a morte. Não demorou, portanto, para que surgissem ideias no sentido de constituir um novo líder que os levasse de volta para o Egito.

Enquanto Moisés, que conhecia os caminhos de Deus, se colocava de joelhos para interceder pelo povo, seguido de Arão, tanto Calebe como Josué tentaram, mais uma vez, convencer o povo de que o seu Deus havia de lhes dar a vitória.

Em resposta a multidão decidiu que todos os quatro deveriam ser apedrejados (versículo 10) e teriam levado o seu intento adiante se não fosse pela glória de Deus, que se manifestou na tenda da congregação, de onde Deus começou a dizer, em alta voz, que iria destruir todo o povo, fazendo da descendência de Moisés os seus herdeiros (versículos 11 e 12).

Moisés, contudo, a exemplo do que já fizera antes, passou a interceder, para que Deus atentasse ao dano que tal atitude traria ao Seu nome e que, ao invés disso, Ele perdoasse o povo mais uma vez (versículos 13 a 19).

Mais uma vez, de igual forma, Deus voltou atrás e decidiu perdoar o povo, resolvendo não mais destruí-lo. Não obstante a Sua misericórdia, contudo, Ele decidiu que todos os maiores de 20 anos, que deixaram o Egito, a exceção de Calebe e Josué, não adentrariam a Terra Prometida.

Ele deu instruções a Moisés no sentido de dar meia volta e retornar ao deserto de Sinai, onde permaneceria por mais quarenta anos (um ano para cada dia durante os quais os espias haviam avaliado a terra) e que todos os que saíram do Egito com mais de 20 anos tombariam no deserto (versículo 35).

Quanto aos 10 espias que haviam difamado a terra, Deus os castigou tirando-lhes a vida através de uma praga.

É óbvio que o povo se entristeceu muito com o castigo estabelecido por Deus e resolveu que, para fugir do mesmo, eles obedeceriam, subindo em guerra contra os amalequitas e os cananeus que habitavam a região de Cades.

Moisés ainda tentou adverti-los, dizendo que seriam mal sucedidos, mas não o ouviram, pelo que muitos deles foram mortos.

O fato dos filhos de Israel não terem entrado no descanso da Terra Prometida é apresentado em vários lugares da Bíblia como advertência para que Seu povo nEle confie (*Hebreus 3.11*, *Salmos 95.11*). É muito fácil olharmos para as circunstâncias e agir como agiram os israelitas. Que saibamos confiar com fé nas promessas dAquele que é “**galardoador dos que O buscam**” (*Hebreus 11.6*)!

Números 15

É desconcertante encontrar aqui, exatamente no meio de dois relatos de rebeldia gravíssimos, uma descrição da forma de apresentação de sacrifícios, que aparentemente deveria estar em *Levíticos*.

Pode ser, contudo, que o fato do antídoto da rebeldia estar fortemente associado à santidade, possa nos mostrar o real motivo porque “o autor” optou por colocar aqui, onde parece menos indicado, esse apelo à santidade na busca de Deus.

O texto em apreço se compõe de 3 itens distintos, começando nos versículos 1, 17 e 37, com as palavras “**disse o Senhor a Moisés**”. Nos três casos trata-se de preceitos a serem obedecidos quando eles entrassem na Terra Prometida. Ora, já estava estabelecido que os pais não entrariam, devido à sua desobediência e rebeldia, mas para os filhos ainda era tempo de aprenderem a verdadeira obediência e santidade de vida. Nunca a lição fora mais oportuna!

O primeiro item (versículos 1 a 16) diz respeito à mistura das ofertas de manjares e libação juntamente com as ofertas de novilhos, carneiros, cordeiros e bodes. Escrevendo para Timóteo, o apóstolo Paulo via a sua própria vida como uma oferta de libação sendo derramada e já chegando ao fim. Que possamos também viver ofertando a nós mesmos de igual modo!

Quanto a mim, já estou sendo derramado como libação, e o tempo da minha partida está próximo (*II Timóteo 4.6*).

O segundo item (versículos 17 a 36) contém uma instrução que fala inicialmente das primícias como sendo do Senhor, mas ressalta que quando houvesse erro, mesmo que involuntário, que o Senhor deveria ser buscado através de uma oferta pelo pecado. Além disso, nenhum tipo de rebeldia ou pecado em rebeldia deveriam ser praticados, pois estes se fazem acompanhar de morte. Este caso, bastante claro, se faz acompanhar de um exemplo, onde o delito foi castigado com morte por apedrejamento.

O terceiro item (versículos 37 a 41) é uma sugestão para que os filhos de Israel utilizem lembretes em suas roupas que os ajudem a não esquecer dos mandamentos do Senhor. É claro que a nova aliança tem o seu próprio lembrete, qual seja o Espírito Santo vivendo

em nós e nos trazendo à memória aquilo que não deve ser esquecido no momento propício, mas é óbvio que isso exige de nós que estejamos atentos.

Números 16

Este texto apresenta mais uma rebelião, com a qual Moisés teve que lidar durante os 40 anos do povo de Israel no deserto. Corá era levita da descendência de Coate e, conforme pode ser visto na figura 20-1 acima, ele morava ao lado dos rubenitas quando o arraial era montado. Não é de admirar, portanto, que Datã e Abirão, seus vizinhos, tenham caído na sua conversa de que Moisés tinha usurpado para si e para a sua família não só a liderança de todo o povo de Israel, mas também o monopólio do sacerdócio (Arão e seus filhos). Certamente ele era uma pessoa convincente, pelo que, além dos rubenitas supracitados, tinha convencido outros 250 líderes das várias tribos.

Não obstante seu discurso de conspiração por parte de Moisés, fica claro que era o cargo de Arão e seus filhos que ele almejava.

A narrativa toda é muito triste, principalmente para Moisés, que já conhecia o desfecho da mesma desde o seu início. É isso que está por trás do fato dele cair sobre o seu rosto no versículo 4. Moisés já tinha, a essa altura, alguns anos de experiência no seu convívio com Deus e já sabia como Deus lidava com a soberba e a ambição, pelo que a revolta de Corá não tinha qualquer chance de acabar bem.

Exatamente por isso ele tentou, inicialmente, convencer primeiro o próprio Corá, de que seus argumentos não procediam e que aquilo na realidade não passava de uma revolta contra o próprio Deus (versículos 5 a 11). Infelizmente não foi bem sucedido, pelo que tentou ter uma conversa com Datã e Abirão. Desta vez, nem conversa houve, porque os dois simplesmente se recusaram a vir conversar com ele.

Foi marcada uma reunião em que a família de Arão e a família de Corá viriam ambas de posse de incensários para a realização do louvor a Deus. O verdadeiro serviço religioso preconizado seria aquele que Deus aceitasse diretamente.

Todo o povo se reuniu para ver o desfecho desse embate e o texto sugere que a maioria era contra Moisés e a favor de Corá (versículo 19). Foi exatamente neste momento que Deus interrompeu a reunião, pedindo, em voz alta, que Moisés saísse de perto porque Deus destruiria a todos (Corá, Datã, Abirão, respectivas famílias e o povo). Claro que Moisés mais uma vez trabalhou como intercessor pedindo a Deus que poupasse o Seu povo (versículo 22).

Deus mais uma vez o atendeu, mas apenas com relação ao povo em geral (versículo 24), porque o destino dos rebeldes foi extremamente duro. O solo se abriu e tragou a Corá, Datã e Abirão, juntamente com suas famílias (versículo 32). De igual forma o Senhor fez descer fogo dos céus que consumiu os 250 líderes do povo que os apoiaram

(versículo 35). O fato dos filhos de Corá não terem apoiado o pai, pelo que Deus os livrou, será discutido adiante.

Seria de se esperar que o povo tivesse entendido que Deus desaprovava completamente a rebelião de Corá e outros, mas não foi isso que aconteceu. Estavam todos tão endurecidos que pela manhã teve início nova rebelião popular com todos se levantando contra Moisés e Arão (versículos 41 e 42). Desta feita foi o próprio Deus que interviu, mandando que eles saíssem do meio da congregação para que Ele os pudesse destruir a todos.

Mais uma vez esperaríamos pela intercessão de Moisés em prol do povo, mas impressiona aqui o fato dele ter se adiantado a Deus, que já mandara uma praga no meio do povo, pedindo a Arão que se pusesse no meio deles com seu incensário fazendo expiação pelo povo. Só desta forma Deus parou a praga, apesar dela chegar a consumir 14.700 pessoas. Considerando as mortes anteriores, o total de mortos decorrentes da rebelião de Corá, Datã e Abirão chegou a umas 15 mil pessoas.

Números 17

Ainda no âmbito da rebelião de Corá, Datã e Abirão, não obstante a morte dos 250 líderes, que acusavam Moisés de estar usurpando o poder sacerdotal para o seu irmão, ficara pendente a comprovação de que Deus efetivamente escolhera a família de seu irmão Arão com este intuito. Este capítulo narra exatamente a providência divina neste sentido.

Trata-se de uma solicitação divina de que o representante de cada tribo apresentasse um bordão para que Deus mostrasse através do mesmo qual o seu eleito, para que não houvesse mais dúvida neste sentido (versículos 2 a 6).

Assim foi feito, todos os bordões foram colocados diante de Deus e Este fez florescer o bordão de Arão, representante de Levi.

Os versículos 12 e 13 não deixam claro aquilo que o povo está dizendo. Aparentemente eles reconhecem que Arão é o único que pode se aproximar de Deus, principalmente tendo em vista a morte recente de todos os que tentaram fazê-lo, mas parece haver uma crítica, que reconhece o risco de lidar com um Deus dessa natureza.

Números 18

Este capítulo parece ser a resposta à pergunta ou à crítica mal formulada pelos filhos de Israel nos versículos 12 e 13 do capítulo 17. Deus se dirige diretamente a Arão, e não a Moisés, informando ser dele e de seus filhos, os sacerdotes, a responsabilidade de qualquer ofensa que seja cometida contra o tabernáculo (versículo 1). Eles poderiam

usar o apoio dos levitas, mas estes tampouco poderiam se aproximar de qualquer dos objetos e utensílios dos lugares santo e santíssimo.

Era função deles, ainda, impedir que qualquer estranho se aproximasse das coisas sagradas, pois eles seriam imediatamente mortos.

Assim sendo, a responsabilidade de todo o serviço de mediação de sacrifícios era única e exclusivamente dos sacerdotes (versículo 7).

Nos versículos 8 a 19 Deus continua a falar diretamente a Arão, definindo a sua parte nas ofertas dos filhos de Israel, quais as que poderiam e deveriam ser comidas apenas por ele e seus filhos no lugar santo e quais as que poderiam ser levadas para casa para compartilhar com a família.

Nos versículos 20 a 24 Deus informa a Arão que os sacerdotes não têm qualquer herança entre os filhos de Israel, mas que os dízimos do povo seriam dados aos levitas como remuneração pelo seu trabalho na tenda da congregação.

Já nos versículos 25 a 32 há instruções que Moisés deveria dar aos levitas, informando que tampouco eles teriam herança entre os filhos de Israel, mas que o trabalho deles seria remunerado pelos dízimos, dos quais eles próprios também deveriam dar dízimos a serem pagos ao Sumo Sacerdote e a seus filhos. Esta, então, era a remuneração a ser paga ao sacerdócio.

Números 19

Vimos até aqui que havia várias maneiras das pessoas se tornarem cerimonialmente impuras. O simples fato de tocar um animal morto tornava a pessoa impura. Ela deveria lavar-se e esperar até o cair do dia, quando, então, estaria novamente pura. Outra impureza resolvida no mesmo dia era, por exemplo, aquela causada por uma relação sexual. Havia, contudo, casos mais graves, como por exemplo uma doença de pele (chamada genericamente de lepra), que, uma vez curada, exigia uma semana de espera e um pesado sacrifício ao final.

Neste capítulo, o tipo de imundície tratado é aquele causado pelo contato com um ser humano morto. Bastava para tanto, que a pessoa adentrasse uma casa onde houvesse um morto, mesmo que não chegasse a tocá-lo (versículo 14). Essa impureza era considerada grave e a purificação para a mesma era rígida, conforme indicado neste capítulo. A participação da pessoa impura numa cerimônia do tabernáculo poderia, inclusive, levar à morte.

Para todos os casos de contaminação ou impureza desse gênero, foi provida aqui uma solução de purificação que não exigia um sacrifício ao final, ou seja, não havia custos adicionais envolvidos.

Era necessário para tanto, contudo, que houvesse um estoque de cinzas de uma novilha vermelha, queimada para este fim específico, que ficavam guardadas fora do arraial, para a elaboração de água purificada.

Os primeiros 10 versículos deste capítulo versam sobre o preparo dessas cinzas, a partir de uma novilha vermelha em perfeitas condições e sobre a qual jamais tenha sido colocado jugo. Ela seria entregue ao filho mais velho do Sumo Sacerdote, que a imolaria fora do arraial, trazendo a seguir o seu sangue para espargi-lo 7 vezes na frente da tenda da congregação.

Depois disso todo o animal seria queimado inteiro com sangue e tudo até virar pó. Eleazar, no caso, lavaria suas roupas e ficaria impuro até à tarde, o mesmo ocorrendo com quem tivesse ajudado com a queima do animal e também com aquele que tivesse colhido e armazenado as cinzas, que ficariam guardadas fora do arraial.

Toda vez que alguém fosse contaminado por um morto humano, essa pessoa se lavaria e preparar-se-ia, para ela, água purificada, que consistia de água misturada com parte daquelas cinzas. Essa pessoa seria aspergida por essa água no terceiro e no sétimo dias e somente assim ficaria purificada.

O versículo 12 deixa claro que não bastava esperar 7 dias pela purificação, se a pessoa não fosse aspergida no terceiro e no sétimo dias, ela simplesmente continuava impura. Além disso, se nessas condições ela participasse de alguma cerimônia no santuário, essa pessoa seria eliminada da comunidade de Israel (versículo 20). O exato significado dessa eliminação pode ser a expulsão da comunidade, mas muitos acham que implica em morte súbita aplicada pelo próprio Deus (/25/, pág. 154).

Devo confessar que se eu mesmo fosse apresentado a uma cerimônia destas fora do contexto bíblico, creio que a tomaria por um ato de magia negra ou similar, porque é exatamente isso que ela parece. Chamamos a atenção, todavia, para o fato de que a escolha desta novilha tem os mesmos requisitos que as de um sacrifício do tipo descrito no início do livro de *Levítico* e que o sacrifício é feito nos mesmos moldes de um holocausto normal. Trata-se de um sacrifício; portanto, normal, provido por Deus com uma finalidade específica, para uma ocorrência que seria repetida centenas de milhares de vezes nos 40 anos a seguir (todo o povo com mais de 20 anos na saída do Egito tombaria morto no deserto), para o que Deus teve misericórdia deles e simplificou, tremendamente, o ritual de purificação.

Por mais estranho que possa parecer, portanto, trata-se de uma tremenda demonstração da graça de Deus para com o povo de Israel.

Só para fins de registro, é interessante ressaltar que o autor do livro de Hebreus registra esse tipo de purificação ao ressaltar em *Hebreus 9.13-14*, que o sangue de Jesus tem poder purificador ainda maior que o das cinzas de uma novilha, pelo que purifica não apenas os nossos corpos, mas também as nossas consciências (corpo e alma).

Números 20

Nós, servos do Senhor, inevitavelmente, nos entristecemos quando vemos um conservo nosso sendo derrotado diante de Deus. Neste capítulo, os nossos heróis do Êxodo: Moisés, Arão e Miriam, são todos derrotados, inclusive com a descrição da morte dos últimos dois. Trata-se, portanto, de um capítulo muito triste.

Aparentemente são passados já 40 anos desde a saída do povo do Egito e eles estão prestes a entrar na Terra Prometida. Nosso mapa da figura 20-1 mostra que levaram cerca de 38 anos dando uma “voltinha” de 200km e agora já estavam novamente em Cades, onde tinham se recusado a tomar posse da terra que Deus lhes prometera.

Miriam fazia parte do grupo que saíra do Egito com mais de 20 anos e certamente não estava entre os que se recusaram a entrar na terra, mas é sempre assim, os justos acabam pagando pelos erros dos injustos. Ela com cerca de 125 anos foi uma das últimas pessoas a cair no deserto, mas caiu.

Mais uma vez, nos versículos 2 a 5, o povo começa a murmurar contra Moisés e contra Arão por tê-los feito sair do Egito, desta feita por falta d'água, mas reclamando de tudo e Moisés, mais uma vez, leva o assunto a Deus.

Moisés estava triste pela morte da irmã e sua paciência certamente era menor que de costume, mas Deus nem falou em repreender o povo, simplesmente disse a ele para falar a rocha, que ele jorraria a água necessária.

Moisés, contudo, estava irritado, mas mesmo assim reuniu o povo diante da rocha indicada e ele e Arão começaram a berrar com o povo, no versículo 10, perguntando se eles, porventura, conseguiriam arrancar água daquela rocha. Não sabemos exatamente qual era a intenção deles com essa pergunta. Eles tanto podiam estar desafiando o povo em relação à água que sabiam que seria derramada, ou realmente duvidando de que esta brotaria simplesmente pelo comando verbal de Moisés. Seja como for Moisés, ao invés de falar à rocha, bateu nela duas vezes e as águas então jorraram (versículo 11).

Imediatamente, contudo, Deus disse aos dois que eles não tinham o direito de duvidar d'Ele e que da forma como agiram haviam deixado de santificá-IO diante do povo, motivo pelo qual nem eles adentrariam a Terra Prometida.

Claro que a primeira coisa que nos ocorre é o aparente excesso de Deus com os dois. Afinal, estavam ambos contristados pela morte de Miriam e já não aguentavam mais a reclamação daquele povo.

O problema todo é que Deus tinha sido traído. Ele concedera a Moisés algo que ninguém antes dele havia conhecido. Moisés conversava com Ele face a face, como quem conversa com um amigo (*Êxodo 33.11*) e, se isso não bastasse, Ele ainda havia concedido a Moisés conhecer os Seus caminhos, ou seja, participar da realização de Suas atividades (*Salmos 103.7*). Assim sendo, com tamanhos privilégios, uma vacilada desta natureza era inadmissível.

Nos versículos 14 a 21 Moisés tenta negociar com os edomitas (descendentes de Esaú) a passagem de Israel por suas terras, mas eles afinal não o permitiram, pelo que Moisés evitou o confronto contornando suas terras em direção ao Monte Hor (ver figura 20-1 acima).

Logo a seguir, nos versículos 22 a 29, temos a narrativa da morte de Arão no Monte Hor. Ele já tinha 123 anos e Deus havia determinado que fosse substituído por seu filho Eleazar. Subiram juntos a montanha, ele tirou suas roupas sacerdotais, que foram transferidas para seu filho, se deitou e morreu. Acho que dificilmente poderia haver uma morte mais tranquila que essa. Mesmo não entrando na Terra Prometida, seus anos de serviço no sacerdócio foram premiados com Deus levando-o para o descanso eterno de forma muito abençoada.

Números 21

Neste capítulo já encontramos os israelitas tomando as suas primeiras cidades da Terra Prometida. Eles se encontravam ainda ao pé do Monte Hor, onde choraram a morte de Arão por 30 dias, quando foram atacados pelo rei de Arate (cidade pouco ao norte, ao lado de Berseba), que levou cativos de Israel alguns reféns. O povo votou destruir todas as cidades do reino se Deus os entregasse em suas mãos e assim foi.

Logo a seguir, contudo, temos mais um ato de rebeldia dos filhos de Israel, com o povo falando novamente contra Deus e contra Moisés (versículos 4 a 9). Desta feita Deus optou por puni-los, mandando uma grande quantidade de serpentes venenosas, que picavam o povo, levando-os à morte. Imediatamente o povo reconheceu o seu pecado e implorou para que Moisés intercedesse por eles junto a Deus, pedindo para que as serpentes fossem removidas. Deus, em Sua infinita sabedoria, optou, todavia, por outra solução. As serpentes continuariam a picar o povo, enquanto não saíssem dali (talvez estivessem em Zalmona ou Punom - ver figura 20-1), mas Moisés construiria uma serpente de bronze e a colocaria no topo de uma haste. Quem fosse picado e olhasse para a serpente de bronze sobreviveria, pois o veneno não faria efeito.

A importância desse evento reside não na solução inovadora de Deus, mas no fato de Jesus tê-lo usado para explicar a Nicodemos o que ele deveria fazer para nascer de novo. Em termos práticos, ele, Nicodemos, picado pela serpente (Satanás), poderia vencer o veneno do pecado se colocasse, de igual forma, a sua fé na cruz onde Jesus Cristo também seria levantado, olhando para ela como solução divina para remover o veneno da serpente: o pecado (*João 3.14-18*).

Nos versículos 10 a 20 o texto narra o avanço de Israel para o norte, cruzando o Rio Arnom, e chegando às terras que o rei Seom havia tomado dos moabitas. Ali os filhos de Israel fizeram a sua primeira conquista significativa do lado direito do Jordão (versículos 21 a 31).

O avanço do lado direito do Jordão continuou com a tomada das terras de Jazer (versículo de 32) e, finalmente, chegaram a Basã, terras do rei Ogue, que também foi derrotado com a conquista de terras que estendiam além do Mar da Galiléia (versículos 33 a 35).

Números 22

Este capítulo contém uma parte da narrativa de Balaão, que foi convocado por Balaque para amaldiçoar os filhos de Israel. Devemos lembrar, todavia, que toda essa história é uma sequência de desacertos do início ao fim. Os moabitas eram descendentes de Ló, pelo que Deus não permitiria que Israel tomasse as terras deles. Por outro lado, tampouco houve qualquer ameaça do povo de Israel aos moabitas, de modo que não havia motivo para que estes se preocupassem com os israelitas.

Nada sabemos sobre os antecedentes de Balaão, mas este era um servo do Senhor, que foi sendo progressivamente seduzido pela sua própria ganância, pelo que tudo isso poderia ter sido evitado se ele tivesse aceitado o “não” de Deus como uma resposta definitiva.

Tendo feito essas ressalvas, é claro que não cabe aqui repetir a história, mesmo porque é muito conhecida até das crianças, devido à forma como Deus permite que a mula de Balaão fale, mas vale a pena ressaltar os principais erros.

No caso de Balaão, ele agiu corretamente ao despedir os primeiros mensageiros, depois que Deus respondeu dizendo que o povo que ele deveria amaldiçoar era por ele bendito. Os problemas dele começaram, contudo, quando ele não mandou embora imediatamente o segundo grupo de embaixadores de Balaque. Ao pedir que ficassem enquanto ele novamente consultasse a Deus, ficou claro que ele estava esperançoso de que Deus mudasse de ideia, permitindo a ele fazer um ganho com sua palavra de maldição contra eles.

Certamente ele terá se alegrado muito quando Deus permitiu que ele fosse, mas o versículo 22 deixa muito claro que a partir desse ponto Deus estava apenas provando a Balaão, por estar irado contra ele. Claro que essa palavra provando não considera a onisciência de Deus, que já sabia até onde a ganância de Balaão o levaria, pelo que obviamente tratava-se do início do fim dos trabalhos de Balaão a serviço de Deus.

É muito importante, portanto, que aprendamos essa lição, antes de mais nada. Deus não é homem para se enganar e mudar de ideia. O que Ele esperava de Balaão era obediência e não uma tentativa de manipulá-lo.

O restante desse capítulo narra a ida de Balaão para encontrar-se com Balaque, sua decisão de continuar a viagem mesmo depois de ver que o anjo do Senhor se opunha e finalmente seu encontro com Balaque, que pediu a ele para amaldiçoar os israelitas.

Números 23

Neste capítulo vemos Balaão cometendo mais duas vezes o mesmo erro que cometera ao aceitar acompanhar os mensageiros de Balaque. Balaque pediu a ele que amaldiçoasse o povo de Israel e ele armou as suas ofertas a Deus, enquanto esperava que Este comparecesse com aquilo que diria. Conforme era de se esperar, Deus mandou que ele abençoasse e ele o fez, não obstante a irritação de Balaque. Quando este, então, o convidou para ver o povo de outro ângulo de onde porventura Deus concordaria em amaldiçoá-lo, Balaão jamais poderia ter consentido. Ele foi tão tolo quanto Balaque achando que talvez Deus mudasse de ideia, como fizera antes (embora não o tenha feito).

Quando a segunda maldição também acaba sendo expressa em termos de bênção, mais uma vez Balaque se irrita, mas se dispõe a tentar uma terceira vez. Totalmente inacreditável, contudo, é que Balaão concorde.

Obviamente Balaão estava pagando para ver, mas essa não deveria ser nunca a atitude do servo do Senhor que já sabe de antemão a Sua vontade.

Números 24

A favor de Balaão, ele, desta feita, não sacrificou novamente 7 animais à espera da palavra do Senhor. Sabendo que Deus queria que ele abençoasse, ele começou imediatamente a fazê-lo, provocando mais uma vez a ira de Balaque, que resolveu mandá-lo para casa de mãos vazias. Desta vez ele disse, profeticamente, que de Israel se levantaria um rei que esmagaria outro de nome Agague, o que sabemos ter acontecido nos dias de Saul, primeiro rei de Israel, séculos mais tarde, por ordem divina, pronunciada contra os amalequitas.

Obviamente Balaão não reclamou da decisão de Balaque e lembrou que ele já dissera aos seus representantes que não poderia proferir palavras diferentes daquelas que Deus pusesse em sua boca.

Mesmo assim, ele pediu que Balaque ouvisse o restante das profecias que ele pronunciaria sobre o futuro de Israel e Moabe, o que ele efetivamente fez nos versículos 17 a 25. Os versículos iniciais (17 a 19) parecem uma referência clara ao período de expansão do reino de Davi, mas os comentaristas apresentam as mais variadas interpretações para os versículos de 20 a 25.

Provérbios 3

Estes primeiros 10 versículos exaltam a estabilidade e a serenidade com que vivem as pessoas que priorizam a sabedoria divina, buscando a Deus em primeiro lugar nas suas vidas.

Confiar no Senhor de todo o coração e não em entendimento próprio faz com que as veredas do homem sejam retas e que sua saúde não seja abalada por preocupações. Honrá-LO por amor e através dos bens que Ele mesmo nos dá, faz com que Ele tenha prazer em encher os nossos celeiros.

Nos versículos 11 a 20, Salomão nos mostra que Deus quer que encontremos a verdadeira sabedoria, pelo que nos repreende e castiga nossos erros por ser um Pai que nos ama e nos quer bem. Felizes somos nós quando a encontramos.

Ela representa o que há de mais valor nesta vida. É através dela que encontramos a paz em nossas vidas e a verdadeira felicidade que Ele planejou que tivéssemos.

A verdadeira sabedoria (versículo 21), a dEle, traz consigo o bom ciso, a vida que vale a pena, o caminho seguro para os nossos pés, o sono tranquilo quando nos deitamos e a certeza de que Ele nos protege de todas as ciladas dos nossos inimigos.

Faz com que sejamos misericordiosos e complacentes, que desejemos o bem dos outros e que não tenhamos inveja de nada que pertença a terceiros. Faz com que sejamos humildes na medida em que Ele nos exalta com graça e honra no momento propício.

Provérbios 4

Kidner (/26/, págs. 64 e 65) divide esse capítulo, dizendo que se refere a 3 fases da peregrinação do homem na Terra. A primeira (versículos 1 a 9) diz respeito à sua “busca” por sabedoria divina. Salomão trata os seus leitores aqui como filhos (versículo 1), lembrando-se dos ensinamentos que recebia de Davi, seu pai (versículo 3).

Este insistia com ele que a sabedoria era a coisa mais importante a ser adquirida, mais valiosa do que todos os seus bens (versículo 7) e que, abraçando-se a ela, teria um diadema de graça sobre a sua cabeça, que se tornaria numa coroa de glória.

Tendo encontrado a sabedoria, o segundo passo (versículos 10 a 19) era uma “escolha” totalmente pessoal: podemos optar por segui-la ou simplesmente ignorá-la e seguir o caminho dos perversos que conhecemos ao longo do caminho.

Por um lado, a sabedoria prolonga nossos anos, cria veredas retas para os nossos pés, fazendo-nos reter a instrução, enquanto, por outro, o caminho dos perversos nos leva para o mal, a impiedade e a violência.

Cabe a nós escolher entre um e outro.

Finalmente, em terceiro lugar, os versículos 20 a 27 nos dizem que cabe a cada um de nós a “concentração” naquilo que a sabedoria ensina, ou seja, na “perseverança” nos Seus ensinamentos.

No âmbito desses ensinamentos, nos deparamos com o maravilhoso versículo 23, que nos informa haver muitas coisas que devem ser guardadas, mas que a mais importante é a dos desejos do nosso coração. A sabedoria nos ensina a desejar coisas ligadas às fontes que jorram para a vida eterna. É justamente nelas que devemos perseverar.

Semana 21 - As Regras da Antiga Aliança (6)

Texto: Números 25 a 36 e Provérbios 5 e 6

Estação 12

Números 25

Nos 3 capítulos anteriores o foco do narrador bíblico estava sobre Balaque e Balaão. O primeiro preocupado em atacar e derrotar aquele gigantesco povo que estava acampado no limite de suas terras, sabia que suas tropas eram inferiores e que precisava de uma maldição efetiva de Israel, para que pudesse derrotá-los. Balaão era o servo do Senhor que deveria pronunciar tal maldição, mas ele acabou por abençoá-los, ao invés disso.

Assim sendo, terminado o capítulo 24, temos a impressão que a momentânea ganância de Balaão deu lugar ao bom senso e que o servo do Senhor retornara para casa de mãos vazias, mas tendo obedecido ao seu Senhor.

Bem, essa é a impressão que temos, mas não corresponde à realidade dos fatos, porque depois de pronunciar as profecias registradas também no capítulo anterior, somos informados, em *Números 31. 16*, que Balaão havia ensinado a Balaque outra maneira de derrotar Israel, que não pelo ataque frontal da guerra. Ele poderia fazê-lo levando os homens de Israel a mostrar interesse pelo culto a Baal-Peor, onde as mulheres moabitas, participantes do culto, seriam, para eles, um objeto de prostituição. Vemos, portanto, que o nosso presente capítulo faz parte de um plano, onde a ganância de Balaão continua a desempenhar um papel preponderante.

O versículo 1 nos mostra que o plano de Balaão tivera pleno êxito, porque a ira de Deus se acendeu contra o povo de Israel (versículo 3). Logo no versículo 4 Deus mandou que os líderes de cada tribo fossem mortos por não terem coibido aquela adoração, mas nos surpreendemos com Moisés dando uma ordem diferente, segundo a qual deveriam ser mortos todos os que participaram do culto a Baal-Peor.

Além disso, ficamos sabendo, no final do versículo 8, que Deus havia enviado também uma praga, que chegou a matar 24.000 pessoas.

Em meio a essa dificuldade de informação, o narrador bíblico registra o fato de que o filho de um dos líderes da tribo de Simeão trouxe uma midianita para dentro de sua tenda e provavelmente estava tendo relações com ela, quando Finéias, filho do Sumo Sacerdote Eleazar, entrou ali atrás deles e matou os dois com a mesma lança, que transpassou o israelita e perfurou fatalmente também a midianita.

Embora estranhemos o ato, de certa forma bárbaro de Finéias, nos surpreendemos mais, ainda, com o fato do mesmo ter agradado tanto a Deus, que já nesta ocasião concedia a ele o sacerdócio perpétuo (versículos 11 a 13). Devemos atentar, contudo, para o fato de que foi o zelo de Finéias pela lei que tanto agradara ao Senhor, enquanto a morte do

adorador de Baal-Peor fora apenas o cumprimento da ordem dada por Moisés, a qual o israelita, Zinri, desafiara tão acintosamente.

Cabe ressaltar aqui a aparente confusão deste texto, que fala inicialmente de moabitais e depois de midianitas; na realidade lida realmente com dois povos vizinhos que tinham um relacionamento bastante cordial, tanto no que diz respeito à adoração (ambos eram adoradores de Baal) como pelo fato de se apoiarem mutuamente na área militar. Não há, portanto, qual confusão e, sim, dois povos unidos contra a presença de Israel.

Números 26

Logo antes da saída do povo de Israel do Monte Sinai, Deus havia encomendado um censo com fins militares (todos os homens de 20 anos para cima) e estes haviam totalizado 603.550. Agora, 40 anos depois, todos aqueles homens haviam perecido no deserto, pelo que justificava-se um novo censo, desta vez não só com os mesmos fins militares (versículo 2), mas também visando a divisão equitativa da terra (versículo 53). A tabela apresentada a seguir mostra uma comparação dos dois censos:

Nome da Tribo	Total de homens contados no censo anterior	Total de homens contados no presente censo
Rubens	46.500	43.730
Simeão	59.300	22.200
Gade	45.650	40.500
Judá	74.600	76.500
Issacar	54.400	64.300
Zebulom	57.400	60.500
Efraim	40.500	32.500
Manassés	32.200	52.700
Benjamin	35.400	45.600
Dã	62.700	64.400
Aser	41.500	53.400
Naftali	53.400	45.400

O total dos homens contados com idade acima de 20 anos foi de 601.730. Além disso, chamam atenção as variações drásticas das tribos de Simeão e Manassés. A primeira reduziu 63%, ou passo que a segunda cresceu 64%.

Números 27

Este capítulo trata de dois assuntos bem distintos. O primeiro (versículos 1 a 11) diz respeito à herança de cinco filhas de um homem chamado Zelofeade, da tribo de Manassés, que não teve filhos e morreu. O pleito delas foi no sentido de que a herança dele fosse dada a elas, para que a sua posse tivesse perpetuidade. Como o assunto não

tinha precedentes, foi levado a Deus por Moisés, que não só julgou em favor delas, mas também tratou de definir a herança em vários outros casos, para os quais tampouco havia precedentes.

O outro assunto diz respeito à morte de Moisés. Deus já tinha definido que ele não adentraria a Terra Prometida em função de seu deslize no caso das águas de Meribá (ver também o versículo 14), de modo que as ordens foram simplesmente que ele subisse as montanhas de Abarim (o Monte Nebo e o pico chamado Pisga, que são mencionados em *Deuteronômio 34.1*, ficam nas montanhas de Abarim no território de Moabe em frente a Jericó), para que pudesse ter uma visão geral da Terra Prometida antes de morrer.

Moisés teve a preocupação de pedir a Deus que indicasse um substituto para o seu cargo, para que o povo não ficasse sem líder (versículos 16 e 17), ao que Deus respondeu imediatamente mencionando Josué como o seu substituto (versículo 18).

Moisés deveria impor-lhe as mãos e credenciá-lo diante de Eleazar na presença de todo o povo, para que todas ouvissem as ordens a ele transmitidas.

No versículo 21 Deus informa a Moisés que Josué deveria consultá-lo através do Sumo Sacerdote Eleazar, que usaria, para tanto, o Urim, ou seja, eram passados os dias em que Deus falava com o líder de Israel face a face, como qualquer fala com seu amigo.

Números 28

Os capítulos 28 e 29 apresentam um resumo de todas as ofertas oficiais que estão previstas durante todos os eventos do ano eclesiástico de Israel. Entenda-se por ofertas oficiais todas aquelas diárias ou associadas aos sábados e todas as festividades que foram definidas em *Levítico 23*. Desta forma, definem o trabalho mínimo do sacerdócio, que deve sacrificá-las independente de qualquer coisa que seja solicitada por alguém do povo ou pelos principais das tribos.

Obviamente cabe a pergunta por que isso aparece aqui e não juntamente com as demais informações no livro de *Levítico*? A única resposta plausível que me ocorre é que eles estavam prestes a entrar na Terra Prometida, onde teria início imediato a celebração do calendário eclesiástico, com todas essas ofertas passando a ser realizadas de acordo com o mesmo.

As tabelas reproduzidas aqui e no capítulo seguinte foram desenvolvidas por Wenhan (/26/, pág. 206) e definem todas essas ofertas.

Ocasão	Holocausto			Ofertas pelo Pecado
	Novilhos	Carneiros	Cordeiros	Bodes
Diárias (v.3-8)	-	-	2	-
Sábados (v.9-10)	-	-	2(*)	-
1º do mês (v.11-15)	2	1	7(*)	1
Pães azmos (dias 15 a 21 de Nissan (v.17-25)	2	1	7(*)	1
Pentecostes (v.26-31)	2	1	7(*)	1

(*) Acumula ainda a oferta diária

Com base nesta tabela apenas, já são 869 sacrifícios anuais, faltando ainda as festividades cobertas no capítulo 29.

Números 29

Neste capítulo estão cobertas as demais festividades, conforme indicado na tabela abaixo.

Ocasão	Holocausto			Ofertas pelo Pecado
	Novilhos	Carneiros	Cordeiros	Bodes
1º dia de Tisri (v.1-6)	1(*)	1(*)	7(*)	1
Yom Kippur (v.7-11)	1	1	7(*)	1(*)
Tabernáculos (v.12-38)				
1º dia	13	2	14(*)	1
2º dia	12	2	14(*)	1
3º dia	11	2	14(*)	1
4º dia	10	2	14(*)	1
5º dia	9	2	14(*)	1
6º dia	8	2	14(*)	1
7º dia	7	2	14(*)	1
8º dia	1	1	7(*)	1

(*) Acumula ainda a oferta diária e/ou outra

Com base nesta tabela, há mais 219 sacrifícios para estas festividades que, somadas às anteriores, perfazem um total de 1.088 sacrifícios de animais por ano, apenas com as ofertas oficiais.

Os capítulos 28 e 29 descrevem, ainda, as ofertas de manjares e as libações a serem oferecidas juntamente com cada animal, mas foram omitidas das tabelas por simplificação. Observa-se, contudo, que o trabalho dos sacerdotes, matando e tratando em média 3 animais por dia era muito extenso, pelo que o apoio dos levitas era absolutamente necessário.

Números 30

Este capítulo nos informa a respeito da seriedade de votos que se faz ao Senhor. Os votos em apreço podem ser de natureza bastante diversa, mas como exemplo, lembremo-nos do voto de Ana, mãe de Samuel, que dedicou seu filho ao Senhor, e do voto de Saul de que nenhum dos seus soldados comeria coisa alguma até que Deus completasse sua vitória sobre os filisteus naquele dia.

Todo voto deveria ser mantido, desde que a pessoa que o fez fosse autônoma e seu voto não pudesse ser anulado por um responsável por ela. Assim sendo, todo homem que votasse qualquer coisa deveria honrar seu voto. No caso do voto ser de uma mulher a validade do mesmo seria função da aprovação de seu responsável direto, caso existisse. O voto da filha não casada poderia ser anulado pelo pai, o da esposa, pelo marido. Caso estes consentissem ou se omitissem em relação aos votos destas, eles seriam válidos. Já o voto da viúva seria válido sempre.

Maiores detalhes sobre os votos, tomados acima como exemplo, serão estudados por ocasião da leitura dos textos correspondentes.

Números 31

Este capítulo contém uma narrativa de guerra entre Israel e Midiã no tocante à estratégia que eles haviam desenvolvido, para que Israel pecasse contra o Senhor, por indicação de Balaão. Fora a menção desse fato no versículo 16 não sabemos mais nada. *Números 24.25* nos diz que Balaão deixou Balaque e retornou para a sua terra, depois de não conseguir amaldiçoar os israelitas. É possível, contudo, que ele tenha dado conselhos a Balaque e aos midianitas antes de partir. Seja como for, o ataque aos midianitas incluiu, também, a matança de Balaão (versículo 8) pelo que ele provavelmente ainda estava por ali, já que somos informados que sua cidade, Petor, ficava junto ao Rio Eufrates, provavelmente na Assíria ou em Babilônia.

O exército israelita foi composto de apenas 12 mil homens (versículo 5) e que eles mataram todos os homens midianitas (versículo 8) sem a perda de um único soldado (versículo 49). O curioso, contudo, é que considerando o número de mulheres virgens que sobraram depois de toda a matança, 32 mil pessoas, parece provável que o exército midianita fosse bem maior que o israelita.

Independente dessas divagações, fato é que o exército israelita poupou, a princípio, todas as mulheres e crianças, mas Moisés argumentou que foram justamente as mulheres que haviam corrompido os israelitas, pelo que todas as mulheres não virgens deveriam ser mortas. Além disso, os meninos cresceriam para formar um povo opositor no meio deles, pelo que também estes deveriam ser mortos. Ao final sobraram, portanto, apenas as 32 mil mulheres virgens e todos os animais.

A distribuição destes entre o povo (os que lutaram e os que não tinham ido à guerra) e também a parte dos sacerdotes e dos levitas, foi devidamente definida por Moisés no texto.

Números 32

Neste capítulo o narrador bíblico nos mostra o interesse das tribos de Gade e de Rubens, de ficar com as terras já conquistadas do lado oriental do Rio Jordão. Obviamente Moisés foi contra, a princípio, pois achou que eles estavam querendo não atravessar o Jordão juntamente com as outras tribos, mas eles esclareceram que não era essa a sua intenção. Eles iriam, sim, com os demais e lutariam juntamente com eles até que toda a terra estivesse conquistada e que, só então, voltariam para as suas terras.

Diante dessa nova situação, Moisés não teve qualquer objeção, mas como ele não estaria mais entre eles a essa altura, ele se certificou que Josué e Eleazar também estivessem cientes e de acordo.

Essa possibilidade de garantir boas terras para a criação de gado do lado oriental, também despertou o interesse de uma parte da tribo de Manassés, que acabou aderindo a Gade e Rubens em seu pedido.

Números 33

Este capítulo apresenta um resumo das viagens de Israel no deserto durante os quarenta anos entre a saída do Egito e a chegada ao Jordão defronte de Jericó, onde se encontravam em terras moabitas.

O percurso inteiro poderia ser realizado em poucos meses, mesmo considerando uma multidão tão grande, mas Deus a manteve no deserto até que toda a geração daqueles que tinham mais de 20 anos ao deixar o Egito tivesse perecido. Os únicos sobreviventes foram Josué e Calebe, por ordem de Deus.

Nas recomendações de Deus ao povo, através de Moisés, Ele deixou claro que não deveria haver qualquer acordo com o povo da terra. Todos deveriam ser mortos e que aqueles que porventura ficassem, certamente seriam para eles uma pedra de tropeço.

Números 34

Neste capítulo Deus começa definindo os limites da Terra Prometida, que seria dividida entre as nove tribos e meia, que herdariam além do Jordão, já que as heranças de Gade, Rubens e metade de Manassés a leste do Jordão já estavam definidas.

Além disso, ele definiu que Eleazar e Josué estariam encarregados da divisão das terras e que estes teriam o auxílio de um representante de cada uma das 10 tribos que

herdariam a oeste do Jordão. Os nomes em apreço foram definidos nos versículos 19 a 28.

Números 35

Este capítulo começa tratando das cidades que todas tribos teriam que prover para a moradia dos levitas, bem como as terras em volta destas, que seriam destinadas à criação dos animais dos levitas.

A informação dada nos versículos 4 e 5 parece contraditória, porque o versículo 4 estipula uma faixa além dos muros da cidade de 450m, em toda a volta, para que cuidassem de seus animais. Já no versículo 5 o narrador parece descrever um quadrado de 900m de lado com a cidade no meio. Seja como for, os levitas habitariam as casas e teriam seu espaço para cuidar de seus animais.

Foi previsto que 48 cidades, ao todo, seriam destinadas por todas as tribos, 4 em média de cada uma, mas que as tribos maiores dariam mais e as menores menos. Destas 48 cidades, 6 delas teriam uma função adicional, qual seja a de cidades de refúgio.

A cidade de refúgio era destinada a pessoas acusadas de assassinato e que podiam ser mortas por uma pessoa da família da vítima, conhecida como “vingador do sangue”. Este teria o direito de matar o assassino, pela lei do talião, sem ser culpado diante da lei.

Ocorre, contudo, que nem sempre os responsáveis pela morte de outrem teriam cometido o assassinato de propósito, ou seja, sempre existiram casos de morte “sem a intenção de matar”. Exatamente para esses casos é que foram concebidas as cidades de refúgio. Haveria 3 cidades de cada lado do Jordão para onde o assassino poderia fugir e onde o vingador do sangue não teria o direito de matar o assassino até que ele fosse julgado e considerado culpado de morte intencional. Caso ele fosse absolvido, curiosamente ele só estaria livre para retornar para casa depois da morte do Sumo Sacerdote.

Caso retornasse antes e fosse encontrado pelo vingador do sangue este poderia matá-lo mesmo que ele já tivesse sido julgado e considerado inocente.

Trata-se de uma exigência estranha aos olhos de nossa legislação moderna, mas para a época, a ideia é que morte só poderia ser expiada por morte e não por exílio. Assim sendo, ele deveria ser mantido do exílio até que a morte do Sumo Sacerdote “expiasse” a sua culpa de homicídio involuntário.

Isso fica tão mais interessante quando lembramos que a nossa própria culpa só foi expiada graças à morte do nosso Sumo Sacerdote Jesus.

Números 36

Neste capítulo volta com nova consulta o caso das 5 filhas de Zelofeade, da tribo de Manassés, que haviam conseguido, junto a Moisés, o direito de herdar as terras do pai, visto que este não tivera filhos homens (ver *Números 27*).

Nesta segunda consulta há uma preocupação dos líderes da tribo de Manassés, de que elas se casando com alguém de outra tribo, as terras de Manassés, passariam a pertencer a esta outra tribo.

Assim é que o assunto retornou para esta segunda consulta, onde ficou decidido que elas poderiam se casar com quem bem quisessem, desde que se casassem dentro da tribo de Manassés. Isso foi feito e o assunto ficou resolvido.

Provérbios 5

O capítulo 5 de Provérbios é totalmente dedicado à advertência contra o envolvimento com uma mulher adúltera. Lembrando que a legislação permitia a poligamia, o erro seria apenas em caso de relações com uma mulher comprometida.

Obviamente nos dias de hoje este mesmo texto é dirigido a homens e mulheres alertando-os para o perigo das relações extra-conjugais.

Salomão alerta para o fato de que esse relacionamento é excitante e doce, mas que o seu fim é amargo e mortal, com seu destino levando ao inferno. Dificilmente o “simples pecadinho”, conhecido como “pular a cerca” poderia ter uma descrição mais contundente.

O versículo 8 traz como conselho uma forma simples de evitar os problemas dessa natureza: não vá à casa, ou não se relacione, com a pessoa que pode levar a esse tipo de problema. Aceitá-lo corresponde a salvar a honra, poupar anos de vida, evitar a perda de bens e cuidar para que outro não seja remunerado pelo seu trabalho (versículos 9 e 10).

Seria muito triste reconhecer mais adiante que você bem que foi avisado, mas não levou a sério as advertências que ouviu.

Os versículos 15 a 19 falam das vantagens de você saber se contentar com seu próprio companheiro.

Finalmente Salomão nos lembra que o Senhor conhece os caminhos do justo e os considera. Em compensação o perverso é detido por seu próprio pecado e morrerá por sua própria falta de disciplina.

Provérbios 6

Salomão passeia aqui por diversos assuntos práticos para os quais dá os seus sábios conselhos. Ele começa aconselhando o homem a não aceitar o encargo de fiador. Em último caso, se acontecer, a sua recomendação é no sentido de fazer tudo para sair fora. O objeto da fiança normalmente tem valor bastante superior àquilo pelo que foi empenhado. Não raramente, portanto, se ouve falar de casos em que o fiador sequer é avisado de que seu bem está indo a juízo para pagar a dívida deixada por aquele por quem ele se empenhara, até que seja notificado de que já o perdeu.

Os versículos 6 a 11 falam do preguiçoso e do seu provável fim na pobreza.

Já o homem de Belial, ou seja, aquele que tudo faz para lesar os outros, é o objeto dos versículos 12 a 15. Tudo que faz é voltado para o mal e seu fim é a destruição, que lhe virá repentinamente.

Os versículos 16 a 19 falam de coisas que o Senhor não gosta, mas nenhuma delas O aborrece tanto quanto semear a contenda entre irmãos.

Os versículos 20 a 23 falam, mais uma vez, sobre o quanto é vantajoso guardar os ensinamentos recebidos dos pais. A voz da experiência sempre se expressa no sentido de guardar a vida.

No restante do capítulo Salomão retoma o assunto do capítulo anterior e volta a recomendar que se evite a mulher adúltera devido ao grande prejuízo que está associado a cortejá-la. Não é possível fazê-lo sem sofrer dano.

Semana 22 - A História do Povo de Israel Recontada (1)

Texto: Deuteronômio 1 a 12 e Provérbios 7

Estação 13

Deuteronômio 1

Os primeiros 4 capítulos de Deuteronômio são conhecidos como o primeiro discurso de Moisés, no qual ele conta a história da peregrinação de Israel no deserto. Ele já havia derrotado todos os reis do lado oriental do Jordão e já havia recebido ordens no sentido de subir ao topo do Monte Nebo para, dali, ver a Terra Prometida e, então, se juntar a Arão e seus antepassados.

De acordo com o versículo 3, já se haviam passado 39 anos e 10 meses desde sua saída do Egito, quando Moisés começa a contar tudo que se passou desde a partida do Monte Sinai (Horebe), onde haviam celebrado uma aliança com o Deus que os escolhera e que iria acompanhá-los na viagem para a Terra Prometida.

Nos versículos 6 a 8 Deus comenta que já haviam passado tempo demais parados ali em Horebe e que chegara o momento deles subirem para tomar posse da terra que Ele havia prometido a Abraão, Isaque e Jacó.

Antes disso, contudo, Moisés lembra a eles que sua liderança durante todos aqueles anos não fora individual, porque ele havia estabelecido líderes sobre o povo, com os quais ele dividia o comando. Estes eram constituídos de líderes de 10, 50, 100, 1.000 e um líder máximo de cada tribo, que ajudavam a julgar as causas do povo (versículos 9 a 18).

Finalmente partiram e pouco tempo depois chegaram a Cades-Barnéia, onde teria início a conquista da terra (versículos 19 e 20). Ali foram enviados espias, um de cada tribo, que falaram bem da terra, mas que ficaram impressionados com o povo que a ocupava, julgando-se incapazes de derrotá-los, pelo que desanimaram a todos e duvidaram da capacidade de Deus de introduzi-los ali (versículos 21 a 33).

Em função disso, e considerando tudo que Deus fizera por eles no Egito, Ele se indignou e prometeu que nenhum daqueles que haviam partido do Egito com mais de 20 anos teria o privilégio de conhecer a terra que Israel herdaria. Eles permaneceriam no deserto por mais 38 anos e ali morreriam.

O povo quis reconhecer o seu erro e ir adiante com a ocupação, mas Deus pediu que não o fizessem, pois Ele não estaria junto, pelo que seriam derrotados. Mesmo assim o povo tentou e experimentou dura derrota.

Este capítulo termina com o povo chorando a sua condenação à morte no deserto, ainda ali em Cades.

Deuteronômio 2

O capítulo 2 começa com o povo voltando de Cades para o Mar Vermelho (veja na figura 20-1, que o Canal de Suez e o Golfo de Ácaba aparentemente eram ambos conhecidos como Mar Vermelho). Eles retornaram a seguir para Cades, contornando a montanha de Seir, terreno dos edomitas, ao longo de um período de aproximadamente 38 anos, abrangidos pelo versículo 1.

A partir daí, Moisés recebera instruções para seguir para o norte, continuando a contornar o terreno dos edomitas, que eles não invadiriam porque fora dado por Deus aos descendentes de Esaú. Mais ao norte adentraram a seguir o território dos moabitas.

Mais uma vez Deus informou a eles que este território fora dado aos filhos de Ló, descendentes de Moabe, que eles haviam conquistado derrotando um povo de grande estatura que ali habitava.

Outra vez, ainda, também em relação aos amonitas, a situação era a mesma por serem, igualmente, descendentes de Ló.

No versículo 24 a informação que Moisés disse ter recebido de Deus fora de que, passado o ribeiro de Arnom, eles poderiam ocupar todas as terras a leste do Jordão. Os versículos 25 a 36 narram a tomada de parte destas terras.

Deuteronômio 3

O capítulo 3 começa falando, ainda, da conquista de terras a leste do Jordão, mencionando especificamente a região de Basã e o seu rei Ogue (versículos 1 a 11).

Os versículos 12 a 22 nos informam que essas terras foram dadas às tribos de Rubens e de Gade, bem como a metade da tribo de Manassés, condicionados ao fato de que eles lutariam, também do outro lado do Jordão, juntamente com as demais tribos, até que eles também estivessem estabelecidos.

Também nos versículos 23 a 27 vemos Moisés tentando convencer Deus a revogar a sua pena e permitir que ele adentrasse a Terra Prometida, juntamente com o povo de Israel, mas Deus Se limitou a dar-lhe um basta, ordenando que não mais falasse sobre isso.

Deuteronômio 4

Encerrando esse seu primeiro discurso do livro de Deuteronômio, Moisés lembra aos filhos de Israel a importância da guarda dos mandamentos de Deus. Nada deveria ser acrescentado a eles, nem tampouco coisa alguma poderia ser subtraída dos mesmos. Por ser um evento recente, Moisés lembrou a eles a mortandade de Baal Peor, onde a

introdução de um culto a um Deus profano fora punida com a morte de todos quantos resolveram aderir ao mesmo (versículo 3) e o único motivo pelo qual estavam ali a ouvi-lo era porque eles mesmos não haviam aderido ao culto em apreço.

Nos versículos 5 e 6 Moisés lhes disse que havia se dedicado a ensinar ao povo aquilo que recebera de Deus e que cabia a eles cumprirem o que haviam ouvido. Eram leis justas, transmitidas por um Deus íntimo dos israelitas, fato esse que todos os povos reconheceriam. Cabia a Israel, portanto, jamais se esquecer disso.

Todos que fizeram a aliança com Deus no Sinai haviam ouvido a Sua voz, diante do monte em chamas, mas não O tinham visto porque Deus não tem a forma de animais, homens ou objetos. Era necessário, portanto, que eles jamais fizessem para si qualquer imagem ou escultura para dobrarem seus joelhos diante dela. Ele fizera de Israel a Sua herança e cabia a eles andarem diante dEle em fidelidade.

Mesmo ele, Moisés, fora punido por não obedecê-LO, pelo que não adentraria com eles a terra que estava à sua frente, mas a intimidade deles com Deus e a própria permanência na terra, dependia da obediência deles aos estatutos por Ele definidos. A sua infidelidade resultaria certamente na sua expulsão da terra.

Moisés os desafiou perguntando se alguma vez eles ouviram falar de um Deus que tivesse escolhido para Si um povo, como o Senhor fez com Israel, e que os tivesse libertado com sinais e maravilhas como o Senhor fez com Israel.

Por causa dessa excepcional escolha, eles deveriam ter todo o cuidado em guardar a aliança que o Senhor fizera com Israel. Ele havia amado os seus pais, mas eles recusaram a terra que lhes dera, mas por amor a eles Ele a preparou para vocês, os seus filhos, como hoje se vê. Servi-O, portanto, de todo o coração, guardando todos os Seus estatutos e juízos.

Concluindo o seu discurso, Moisés escolheu as 3 cidades de refúgio que seriam usadas por aqueles que tivessem matado sem intenção, para que não fossem mortos pelo vingador do sangue.

É usual considerar-se que o primeiro discurso de Moisés termina no versículo 43 e que seu segundo discurso, que se estende até o capítulo 26, teria início no versículo 44, onde Moisés começa a relembrar a lei dada por Deus no Monte Sinai.

Deuteronômio 5

Aqui Moisés começa lembrando aos filhos de Israel que Deus não fizera uma aliança com seus pais, mas, sim, com eles, pois além da maioria deles estarem presentes no dia em que Deus falou audivelmente com Israel, a aliança fora feita com o povo de Israel, que eram eles. Foi face a face que Deus havia se dirigido a eles, para pronunciar os 10 mandamentos que são repetidos entre os versículos 6 e 21 e que depois foram gravados por Deus em tábuas de pedra.

Nos versículos 22 a 29 Moisés falou a respeito da experiência vivida por Israel de ouvir Deus falando diretamente. Conquanto tenha sido para eles uma experiência única, eles pediram a Moisés que ela não se repetisse, mas que, ao invés disso, Deus falasse com ele e que ele ficasse na posição de mediador. O motivo para tanto seria o medo de virem a falecer caso continuassem a ouvir Deus diretamente (versículo 25).

Se, por um lado, Deus tenha Se agradado do pedido deles, dizendo que gostaria que fossem sempre tão tementes a Ele, guardando os Seus mandamentos (versículo 29), tenho grande dificuldade de entender que os servos do Senhor possam querer, intencionalmente, abrir mão do contato pessoal e da intimidade com Ele. Em outras palavras, me é preferível lidar com a severidade de Deus, que acabou não perdendo um pequeno deslize de Moisés, impedindo-o de entrar na Terra Prometida, do que deixar de falar com Ele face a face, como qualquer fala com seu amigo.

Me parece lícito dizer, portanto, que a aprovação de Deus do pedido do povo foi circunstancial, ou seja, para um povo que estava dando pouca importância à sua própria santificação, essa foi a opção mais segura, mas não altera o fato de que Deus tem prazer em que nós busquemos ter intimidade com Ele, tanto que nos exorta através do profeta Oséias a que O conheçamos e que nos esforcemos por conhecê-LO (*Oséias 6.3*).

No versículo 30 Deus manda, então, que o povo retorne para suas tendas, passando Moisés a ser o mediador entre Deus e o povo.

Deuteronômio 6

O papel de Moisés é, portanto, de exortar o povo a obedecer em todo o tempo às leis dadas por Deus ao povo de Israel, pelo que é exatamente isso que ele faz, novamente, ao longo de todo este capítulo.

Ele começa, pois, exortando-os a guardar todos os Seus preceitos, mas também ensinando-os a seus filhos, para que deles não se afastassem. O segredo para tanto está resumido nos versículos 4 e 5, que foi citado por Jesus como o primeiro e grande mandamento (*Mateus 22.36-38*). Para os judeus é o Shemá (ouve), que é repetido como uma oração diária.

É claro que amando a Deus desta forma, certamente teremos prazer em priorizar a guarda de Seus mandamentos; portanto, todo o restante será simples consequência do fato de O amarmos, porque as Suas palavras **“estarão no nosso coração”** (versículo 6).

Por isso mesmo, a importância disso deve estar presente na forma como o ensinamos a nossos filhos, inculcando ou ensinando com persistência, para que eles, por sua vez, possam nutrir, pelo Senhor, o mesmo amor que sentimos por Ele. Para tanto, nós, humanos, distraídos e esquecidos, devemos postar lembretes nas portas, nas paredes e na nossa roupa, para que jamais nos esqueçamos.

Desta forma continuaremos a amá-IO e obedecer aos Seus mandamentos, mesmo depois que tivermos sido ricamente abençoados por Ele com bens materiais. Que também estes não nos distraiam (versículos 11 e 12), mas que lembremos sempre do que Ele fez por Israel, tirando-o do Egito. Que nos lembremos sempre que Ele é um Deus zeloso (versículo 15)!

No restante do capítulo Moisés exorta o povo a guardar os ensinamentos de Deus e a sempre explicar aos seus filhos tudo que Deus fez ao tirá-los do Egito.

Deuteronômio 7

Talvez pareça estranho que Deus mande eliminar completamente os povos das nações que habitavam a Terra Prometida, mas não podemos esquecer que Deus concedeu a estes povos um grande período de tempo para que se arrependessem de seus pecados (*Gênesis 15.16-21*), o que não aconteceu. É exatamente por isso que eles agora se veem diante de um juízo antecipado, do qual Israel é o instrumento do Senhor.

Assim sendo, deveriam eliminá-los completamente, sendo-lhes vedada qualquer tipo de aliança com eles (versículo 2), além de não permitirem qualquer união com eles por via de matrimônio (versículo 3), porque isso contribuiria para que se desviassem de Deus (versículo 4).

Seus ídolos e todos os seus objetos de culto deveriam ser removidos e destruídos para evitar que virassem pedra de tropeço para Israel (versículo 5). Ele lembrou a eles que são um povo santo, escolhido por Deus para ser Sua propriedade exclusiva, não porque fossem maiores e melhores que outros, mas porque Ele havia feito promessas a seus pais (versículos 6 a 8).

Durante todo o restante deste capítulo Moisés fala aos filhos de Israel sobre as grandes bênçãos que Deus derramaria sobre eles se a aliança que fizeram com Ele fosse guardada:

- Ele derrotaria seus inimigos (versículo 10);
- Ele os multiplicaria, abençoaria os seus filhos, o fruto da sua terra, o seu cereal, o seu vinho, o seu azeite, as crias das suas vacas e das suas ovelhas em toda a terra que jurou dar a seus pais (versículo 13);
- Ele os abençoaria mais que qualquer outro povo, não havendo entre eles homem, mulher ou animal estéril (versículo 14);
- Deus afastaria deles toda e qualquer doença (versículo 15);

Nos versículos 16 a 24 Moisés descreve a forma criteriosa como Deus expulsaria o povo da terra, cuidando do bem-estar de Israel nos mínimos detalhes. Lembra, tão somente, nos versículos 25 e 26 que as imagens de escultura dos deuses cananeus deveriam ser totalmente destruídas.

Deuteronômio 8

Na primeira parte deste capítulo Moisés lembra ao povo o cuidado de Deus para com Israel no deserto, onde, durante 40 anos, Ele os disciplinara como um pai ao filho que ama, mas não lhes faltara pão, nem se haviam envelhecido suas vestes ou inchado seus pés. Tudo fora feito para que aprendessem a guardar os Seus mandamentos.

Mas agora estariam adentrando uma terra de grande fartura, conforme descrito nos versículos 7 a 10, motivo pelo qual não deveriam esquecer que toda essa providência divina está e estará sempre associada à guarda da aliança (versículo 11).

Nos versículos 12 a 18 Moisés os adverte com relação ao perigo de todo esse bem-estar lhes subir à cabeça e deles se ensoberbecerem, achando que foram eles que construíram tudo aquilo, pois junto com a soberba viria também a idolatria.

Neste caso eles teriam que enfrentar as maldições que acompanham a quebra da aliança e, rapidamente, seriam eliminados da terra, tal qual o foram os povos que antes a ocupavam (versículos 19 e 20).

Deuteronômio 9

Ainda neste capítulo, Moisés continua a advertir ao povo com relação à guarda da aliança, mostrando que a terra que estão adentrando, só está sendo conquistada, porque é Deus que está seguindo adiante deles, vencendo por eles.

Mais uma vez ele lembra que os atuais moradores da terra estão sendo destruídos devido ao juízo divino sobre o seu pecado, mas que eles nunca devem pensar que Israel os está substituindo devido à sua justiça, pois na realidade eles também são um povo rebelde. Por isso mesmo, nos versículos 7 a 24, Moisés lembra ao povo todas as suas rebeliões e todos os seus pecados cometidos ao longo daqueles 40 anos de deserto.

De igual forma ele lembrou a sua constante intercessão pelo povo, no sentido de que Deus os perdoasse, glorificando o Seu Nome e ao mesmo tempo se recordando das promessas feitas a Abraão, Isaque e Jacó.

Deuteronômio 10

Continuando o seu discurso, Moisés fala de sua segunda subida no Monte Sinai para receber novamente as tábuas da lei. Dessa vez Deus pediu a ele que cortasse as pedras para que Ele nelas escrevesse e assim foi.

Entre os versículos 5 e 6 há um intervalo de aproximadamente 38 anos, pois a morte de Arão se deu depois da segunda passagem por Cades, com base no roteiro de viagem

fornecido em *Números* 33.37-38. Nos versículos 8 a 11, contudo, Moisés volta a falar de eventos ligados à sua segunda subida ao Monte Sinai para receber as tábuas da lei.

Os versículos 12 e 13 trazem um excelente resumo daquilo que Deus espera de Seus servos: **que temam o SENHOR, seu Deus, e andem em todos os Seus caminhos, e o amem, e sirvam ao SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração e de toda a sua alma, para guardarem os mandamentos do SENHOR e os Seus estatutos.**

O versículo 16 fala da circuncisão do coração, que nada mais é que dispor o nosso coração com prioridade para O Deus que amamos, demonstrando, assim, o nosso amor. É exatamente isso que Jesus nos disse em *João* 14.23: **Se alguém me ama, guardará a minha palavra. Meu Pai o amará, nós viremos a ele e faremos nele morada.**

Os versículos 18 e 19 ressaltam o cuidado de Deus para com o órfão, a viúva e o estrangeiro, na medida em que pede cuidado similar com o estrangeiro da nossa parte.

Deuteronômio 11

Da mesma forma como Moisés vem insistindo ao longo de seu discurso, assim ele começa o capítulo 11, lembrando aos israelitas a importância de amarem o Senhor seu Deus. O mesmo se aplica a nós, pois só assim guardaremos os Seus mandamentos, os Seus juízos e os Seus estatutos.

Nos versículos 2 a 5 ele recorda as grandes maravilhas que Deus fez por Israel, não apenas no Egito, mas também ao longo dos 40 anos, durante os quais peregrinaram no deserto. Não deixa, contudo, de lembrar o juízo do mesmo Deus sobre a insubordinação de Coré, Datã e Abirão.

É interessante que os versículos 10 a 17 falem a respeito da Terra Prometida como um lugar onde há chuvas que regam as plantações nas estações próprias. Certamente o Israel de hoje não é assim, porque seria totalmente árida, não fossem as maravilhosas técnicas de irrigação desenvolvidas pelo israelenses nas últimas décadas. Também não era assim nos dias de Abraão, pois além dele e Isaque terem migrado várias vezes por causa de secas, a disputa entre os pastores de Ló e Abraão era justamente pela escassez da produção da terra. Nesta ocasião se dividiram e Ló escolheu a melhor parte, a bem regada planície do Jordão, e levou a pior. Fica claro, portanto, que a parte referente às chuvas é um compromisso de Deus a partir da entrada deles na terra, condicionado à guarda dos mandamentos.

Nos versículos 18 a 20 Moisés defende, mais uma vez, que a Palavra do Senhor, contendo os Seus mandamentos, deveria ser afixada em lugares visíveis, para que fosse lembrada sempre, além de ensinada diligentemente às crianças, para que lhes fosse conhecida.

Nos versículos 21 a 25 Moisés fala que a terra que está diante deles ser-lhes-ia dada e ninguém os poderia resistir, mas que esta promessa está condicionada à guarda da aliança. Assim sendo, portanto, a guarda da aliança determinaria se eles seriam abençoados ou amaldiçoados (versículos 26 a 28). A proclamação dessas bênçãos e maldições seria feita no Monte Ebal, tão logo adentrassem a terra (versículos 29 e 30), pelo que lembrar e guardar os mandamentos seria prioritário (versículos 31 e 32).

Deuteronômio 12

Mais uma vez Moisés começa tentando resumir os estatutos que os filhos de Israel deveriam guardar quando entrassem na Terra Prometida. Para começar, todos os lugares de idolatria, construídos pelos habitantes da terra, deveriam ser destruídos (versículos 2 e 3).

Com relação ao Senhor, não seria assim. Ele escolheria um único lugar de adoração para onde seriam levadas todas as ofertas e onde seriam entregues, de igual forma, todos os dízimos (versículos 4 a 28). O cuidado com relação ao dízimo de sustento dos levitas deveria ser observado, para que eles não ficassem desamparados (versículo 19).

Todas as leis do Senhor devem ser observadas e nenhum dos hábitos do povo da terra deveria ser imitado, pois é exatamente por estes que estão sendo destruídos. O exemplo dado por Moisés, que o Senhor tanto abomina, é o sacrifício de filhos.

Provérbios 7

É muito interessante aqui a semelhança das palavras de Salomão em relação à guarda de seus mandamentos com aquilo que dizem Moisés (*Deuteronômio 11.18*) e Jesus (*João 14.23*). Eles só serão efetivamente observados se antes forem escondidos no coração (“dentro de ti”).

O cuidado para com eles deve ser como aquele que temos para com a menina dos olhos, a quem protegemos criteriosamente (versículo 2). Devem ser lembrados sempre, por nos serem preciosos (versículo 3). A Sabedoria e o Entendimento que acompanham os mandamentos devem ser tratados como se fossem parentes próximos, ou seja, com intimidade (versículo 4).

Do versículo 5 até o final do capítulo Salomão alerta, mais uma vez, para o perigo das relações com a mulher adúltera. Ele usa, como exemplo, um jovem carente de juízo, que passava sempre perto da casa da experiente mulher adúltera. Ela consegue, sem dificuldade, seduzi-lo e convencê-lo a se relacionar com ela (versículo 21). Desta forma ele segue como boi ao matadouro, sem saber que isso vai lhe custar a vida (versículos 22 e 23).

Para evitar isso, Salomão apela a seu leitor no sentido de não permitir que o seu coração se desvie para os caminhos dessa mulher, pois sua casa é a via para a sepultura, que desce às câmaras da morte.

Semana 23 - A História do Povo de Israel Recontada (2)

Texto: Deuteronômio 13 a 24 e Provérbios 8

Estação 13

Deuteronômio 13

O capítulo 13 é totalmente dedicado à condenação de pessoas que pregam, no meio dos filhos de Israel, a adoração de outros deuses, que não Jeová.

Na sua primeira advertência ele fala de pessoas que fossem reconhecidas como profetas. Pessoas eram reconhecidas como profetas quando falavam em nome de Deus e faziam sinais e prodígios pelo Seu poder. Neste caso, contudo, Deus estaria falando de alguém com esses dons proféticos, mas cujo poder e autoridade vinha de outra fonte que não dEle. Tal profeta estaria sendo tolerado por Ele, apenas para testar o Seu povo. Assim sendo, mesmo tendo sido confirmada a sua profecia ou visto o seu poder de realizar milagres, mesmo assim, a recomendação de seguir outros deuses ainda seria motivo suficiente para que ele fosse morto (versículos 1 a 5).

Nova advertência é feita nos versículos 6 a 11, para o caso em que sugestão similar fosse feita por um parente próximo, uma pessoa realmente amada. Mesmo nesse caso, contudo, o servo do Senhor deveria ser o primeiro a denunciar e o primeiro a participar do apedrejamento de seu parente por tal incitação.

A terceira advertência no tocante ao incentivo de adoração a outros deuses se faz prevendo o caso em que uma cidade inteira em Israel o fizesse dando mau exemplo às demais. Se houver suspeita disso, o caso deveria ser cuidadosamente investigado e, se confirmado, aquela cidade deveria ser considerada uma cidade ímpia e arrasada como o foi Jericó, com destruição de tudo e sem qualquer despojo. Ninguém deveria proceder como o fez Acã.

Deuteronômio 14

Este capítulo começa fazendo uma proibição relativa a qualquer tipo de mutilação do corpo de pessoas que estivessem enlutadas pela morte de um parente. Trata-se de uma prática bastante comum entre os povos do Oriente Médio, inclusive mencionada várias vezes no Antigo Testamento (veja, por exemplo, *Isaías 15.2* e *Jeremias 16.6*).

Essas práticas eram proibidas a um povo separado, porque seus corpos deveriam ser preservados, por se tratar de uma criação do Deus a Quem serviam.

Os versículos 3 a 21 voltam a enfatizar a questão da alimentação de animais puros e a rejeição daqueles considerados impuros. O texto fornecido repete, basicamente, o que

já foi apresentado em *Levítico 11*, pelo que não cabe repeti-lo aqui (veja vol. 1, semana 13).

Nos versículos 22 a 29 são fornecidas instruções a respeito da coleta dos dízimos, mas que apresentam alguma dificuldade quando comparadas às prescrições que já haviam sido dadas em *Números 18*. Ali, no versículo 21, Deus havia declarado que dera aos filhos de Levi o dízimo de tudo que os filhos de Israel produzissem.

O versículo 23, acima, parece destinar o dízimo, não mais aos levitas, mas ao próprio ofertante, pois este deveria comê-lo em uma refeição memorial diante do Senhor, no lugar onde Este decidisse fazer habitar o Seu nome.

Várias sugestões têm sido feitas para conciliar estes dois textos. Uma delas é que o texto aqui se refere a um segundo dízimo. A justificação para tanto é que a família passava mais de 3 semanas por ano nas festas anuais em Jerusalém. Considerando o tempo de viagem para Jerusalém e de volta, podemos falar do dízimo do tempo, durante o qual obviamente deveria ser gasto algo correspondente ao dízimo dos alimentos.

Outra explicação é que esta seria apenas a participação do ofertante no dízimo todo que era entregue, sim, aos levitas, mas que uma parte incluía a refeição memorial da qual participavam o ofertante e sua família e também os levitas (versículo 27).

Ainda outra explicação (/27/, pág. 174 a 177) seria que a lei de *Números* e a de *Deuteronômio* teriam sido dadas em tempos diferentes, pelo que diferiam por estar em estágios distintos. Essa alternativa parece mais difícil de aceitar, pois os textos em apreço podem ter sido redigidos em épocas diferentes, mas ambos se referem a instruções recebidos de Deus por Moisés.

O versículo 24, permitindo que o dízimo agrícola e dos animais fosse convertido em dinheiro e depois recomprado, deu origem às situações de comércio ganancioso como aquele de Jerusalém nos dias de Jesus, quando expulsou os mercadores do templo.

Apenas a título de comentário, é interessante estabelecermos a relação que existe entre ofertar dízimos e aprender a temer ao Senhor, conforme previsto no versículo 23. As divindades cananitas eram honradas na época da colheita, de modo que o perigo de juntar os dízimos na época da colheita, conforme aqui preconizado, e acabar atribuindo-os a um dos deuses locais tinha que ser evitado a qualquer custo. Assim sendo, Deus deixa muito claro que o dízimo seria entregue no local onde Ele faria habitar o Seu nome.

Deuteronômio 15

Todos certamente já ouvimos dizer que a lei de Deus dada a Moisés não é a única de sua época, porque Hamurabi, um rei babilônico de mais ou menos 1750a.C., teria emitido um código legal mais ou menos à mesma época e que promoveria a justiça da mesma forma que a lei divina. De acordo com Thompson (/27/, pág. 177), contudo, enquanto a

lei divina mostra uma preocupação constante com o pobre, a de Hamurabi procura apenas que este não seja explorado, mas nada faz para o seu bem.

É exatamente versando sobre isso que tem início o capítulo 15 ao falar do ano da remissão (versículos 1 a 18). Neste ano todo israelita que tivesse contraído qualquer dívida com seus irmãos teria a sua dívida perdoada. A intenção desse perdão institucional seria no sentido de que não houvesse qualquer pobre entre os filhos de Israel (versículo 4).

É importante, contudo, que Deus não está promovendo o bem-estar dos pobres em detrimento dos outros que têm condição de emprestar. Pelo contrário, Ele os manda emprestar sem reservas de qualquer natureza, porque em contrapartida Ele promete abençoá-los (ver versículos 4 e 10). Em última análise, o bem-estar da nação fica sempre na dependência da obediência do povo. Isso não é um “toma lá, dá cá”, mas, sim, o prazer que Deus tem em premiar a fidelidade de Seu povo. Pena que Israel nunca entendeu isso. É o caso de perguntar, contudo, se cada um de nós o entende?

Ainda dentro do âmbito da remissão, os versículos 12 a 18 tratam de um hebreu ou hebreia que contraiu uma dívida, seja com um irmão ou estrangeiro, e que se vendeu como escravo para poder pagá-la. Também este ou esta seriam libertados no ano da remissão (a cada 7 anos) e não deveria sair de mãos vazias, mas com bens suficientes para que pudesse ter um novo início.

Mais uma vez Deus promete assumir o ônus, abençoando a obediência no versículo 18. A justiça de Deus se manifesta nos mínimos detalhes!

Os versículos finais, 19 a 23, falam dos primogênitos dos animais e de como estes deveriam ser consagrados a Deus.

Deuteronômio 16

Em *Levítico 23*, o texto bíblico já havia tratado das festas que Deus instituíra para que o povo comparecesse perante Ele na cidade onde colocaria o Seu nome (semana 14 deste volume). Neste capítulo, Moisés relembra algumas destas festas, quais sejam: a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos (versículos 1 a 17). Não cabe aqui, portanto, repetir as informações que já foram dadas acima.

Os versículos 18 a 20 falam sobre a necessidade de haver justiça entre os juízes que seriam estabelecidos para julgar Israel. Numa época, como hoje, onde a corrupção da justiça tanto assola o Brasil, podemos avaliar o quanto seria bom que a vontade de Deus se fizesse também em nossa Terra.

O capítulo se encerra com a advertência de que não sejam erigidos postes ídolos, a exemplo do que faziam os cananeus debaixo de qualquer árvore. Os hebreus não teriam outros deuses além do Senhor.

Deuteronômio 17

Além de não haver outros deuses entre os filhos de Israel, nota com que foi encerrado o capítulo 16, é óbvio que o Deus Único deve ser honrado. É exatamente com esta afirmação que começa o capítulo 17. Oferecer um sacrifício imperfeito ao Senhor Deus de Israel é uma abominação e tal sacrifício jamais será aceito.

Os versículos 2 a 7 tratam, novamente, da punição que deve ser dada a qualquer pessoa que pague a apostasia em Israel. Qualquer pessoa que souber de alguém que tenha buscado outros deuses, ou se curvado a qualquer dos astros dos céus, tem a obrigação de investigar se tal informação é verdadeira. Caso o seja, tem também a obrigação de denunciá-la, sendo sua, igualmente, a obrigação de ser a primeira a levar a cabo o seu apedrejamento.

Há uma ressalva importante, contudo, no que diz respeito a essa denúncia: Ninguém seria morto com base no testemunho de uma única pessoa, ou seja, deveria haver pelo menos duas testemunhas e essas seriam as primeiras a participar do apedrejamento do condenado (versículo 7).

Os versículos 8 a 13 falam a respeito de disputas legais que não foi possível resolver em cortes locais das cidades. Três exemplos de tais casos são fornecidos no versículo 8 e incluem casos de morte onde não fora possível distinguir entre assassinato e morte não intencional, casos de demandas onde a justiça é difícil de definir, e casos de violência nos quais é difícil distinguir a intenção de quem a cometeu.

Nestes casos o juízo seria levado a uma instância superior na cidade central, onde Deus fizesse habitar o Seu Nome, onde o resultado seria inapelável (versículo 11). Isso deveria ser tão definitivo, que aquele que porventura não aceitasse, tornar-se-ia passível de pena capital (versículo 12).

O restante deste capítulo fala a respeito do procedimento que deveria ter um rei quando o povo de Israel decidisse que queria ter uma monarquia como as nações à sua volta. Obviamente Moisés já poderia escrever sobre isso, principalmente porque estava escrevendo por inspiração divina, mas muitos eruditos modernos defendem que o texto foi revisado e reescrito nos dias de Josafá. Nesta época, um juízo teria sido instituído, similar àquele descrito nos versículos 8 a 13 (ver *II Crônicas 19.5-11*) e os motivos que levaram à derrocada de Salomão seriam igualmente bem conhecidos (o seu gigantesco harém e o seu comércio de cavalos).

Deuteronômio 18

Este capítulo começa lembrando aos filhos de Israel que os sacerdotes, como aliás toda a tribo de Levi, não tinham herança entre os filhos de Israel por terem sido escolhidos pelo Senhor para a realização dos sacrifícios oferecidos pelos seus irmãos

(nesse caso só os sacerdotes) e nos trabalhos relativos ao tabernáculo, os levitas em geral. Todos eles eram responsáveis pelo ensino da lei (versículo 5).

Do sustento em apreço, conforme visto anteriormente, constavam os dízimos para a tribo de Levi e o dízimo destes, ou seja, 1%, para os sacerdotes. Além disso, Moisés lembra aqui a participação deles em parte dos sacrifícios, bem como na primazia da colheita e dos animais.

A partir do versículo 9 Moisés passa a falar a respeito da santidade do povo novamente. Este assunto tem sido recorrente devido à sua importância e mesmo assim sabemos o quão miseravelmente Israel falhou nos séculos futuros por ter deixado de observá-lo. No próprio versículo 9, Moisés lembra que é justamente por causa de suas abominações que o povo da terra de Canaã está sendo expulso da mesma, pelo que fica ressaltado o contrassenso no qual reside os israelitas imitem qualquer dessas mesmas abominações.

Consultar qualquer tipo de feiticeiro, necromante, agoureiro, prognosticador, pessoa que consulte a mortos etc. é totalmente vedado aos filhos de Israel, porque Deus o abomina e exige que Seu povo seja perfeito, ou seja, santo (versículo 12).

É inacreditável que Kardec, em seu Evangelho Segundo o Espiritismo, procure justificar a consulta a mortos não obstante a clareza deste texto. Para tanto, ele, que declarou seguir “escrupulosamente” a Bíblia (/28/, pág. 17 e18), informa a esse respeito, que se trata de uma declaração de Moisés, mas que Deus jamais disse isso (/29/, pág. 29):

É de todos os tempos e de todos os países essa lei (referência aos Dez Mandamentos) e tem, por isso mesmo, caráter divino. Todas as outras são leis que Moisés decretou, obrigado que se via a conter, pelo temor, um povo de seu natural turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater arraigados abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para imprimir autoridade às suas leis, houve de lhes atribuir origem divina, conforme o fizeram todos os legisladores dos povos primitivos.

Assim sendo, a Bíblia, que ele segue tão escrupulosamente, não pode ser seguida aqui com os mesmos escrúpulos, porque o que Moisés declara não convém ao seu raciocínio, pelo que certamente é mentira. O problema disso é que o livro que tem pelo menos uma mentira, pode ter muitas outras. Assim sendo, não vale a pena segui-lo tão “escrupulosamente”. Fica claro, portanto, que Kardec aqui falha miseravelmente em seu raciocínio.

O versículo 15 é uma das profecias mais incisivas do Antigo Testamento a respeito da vinda do Messias. Jesus mesmo faz referência a ela em *João 5.46*. Não obstante o texto dizer, claramente, que se trata de alguém dentre os israelitas (**do meio de ti, de teus irmãos**), ainda assim, Maomé consegue declarar no Corão (Surah 48.29a) que se trata de uma referência a ele mesmo (**Maomé é o Profeta de Deus**).

Os versículos 18 e 19 voltam a falar desse profeta e de como deveria ser ouvido, sob pena disso ser requerido deles. Jesus deixou claro que Ele e obviamente as Suas palavras são o único caminho para a obtenção da verdadeira vida (*João 14.6*).

Os versículos 20 a 22 continuam a falar sobre profetas, mas não mais sobre o Messias e, sim, sobre outras pessoas que profetizassem em Nome do Senhor. Neste caso a preocupação é com o fato dele realmente estar falando em Nome de Deus ou dele fazê-lo em seu próprio nome.

O cumprimento de suas profecias deve ser investigado, porque mais uma vez o falso testemunho em nome de Deus deveria ser punido com morte (versículo 20).

Deuteronômio 19

Este capítulo versa sobre o assassinato involuntário e o estabelecimento das cidades de refúgio onde possa se abrigar nos versículos de 1 a 13. Há menção, somente no versículo 14, de um problema relativo à mudança fraudulenta de marcos que delimitavam as propriedades e, finalmente, Moisés trata do papel da testemunha fidedigna nos versículos 15 a 21.

O texto começa falando das cidades de refúgio, das quais Moisés já falara em *Êxodo 21*, aparentemente determinando o estabelecimento de 3 delas na margem ocidental do Jordão, onde o próprio Moisés já havia feito algumas conquistas. Toda a terra em questão seria dividida em 3 partes iguais (versículo 3), visando minimizar a distância de fuga do assassino doloso. Sempre que houvesse um assassinato, culposo ou doloso, a família lesada podia estabelecer um pessoa para vingar o sangue do familiar morto. Este não seria acusado de crime por assim proceder.

Para o caso de crime doloso, ou seja, sem intenção de matar (versículo 4), para o qual Moisés dá um exemplo no versículo 5, foram previstas as cidades de refúgio, onde o direito do vingador do sangue deixava de existir (versículo 6).

Assim sendo, essas primeiras 3 cidades seriam estabelecidas na Transjordânia e mais 3 seriam estabelecidas do lado oriental do Jordão, tão logo as conquistas fossem realizadas.

Essas cidades seriam restritas, contudo, ao verdadeiro assassino doloso. Se, contudo, um assassino culposo se abrigasse em alguma delas, os anciãos de sua cidade original o retirariam dali e o entregariam ao vingador do sangue para que o matasse (versículos 11 e 12).

O roubo de terras através da mudança fraudulenta dos marcos que a delimitavam era uma abominação para o Senhor e não poderia ser tolerado. Isso é dito numa nota breve no versículo 14.

O restante do texto informa que ninguém seria condenado com base em um único testemunho, ou seja, deveria haver pelo menos dois.

Mesmo neste caso, contudo, a validade destes testemunhos poderia ser contestada e caso realmente fosse averiguado que se tratavam de testemunhos falsos, deveria ser feito com essas pessoas o mesmo que pleiteavam para aquele que acusavam. Desta forma a lei tinha a intenção de coibir qualquer tipo de falso testemunho.

Deuteronômio 20

O capítulo 20 apresenta uma série de instruções sobre a guerra na Terra Prometida. Moisés distingue, contudo, entre guerra contra os moradores da terra, versículo 16, e contra os demais povos em volta. Os habitantes de Canaã estavam prestes a enfrentar um juízo divino antecipado, tendo em vista os seus pecados já terem ultrapassado a medida da tolerância divina. Assim sendo, Deus dera a Israel o encargo de totalmente eliminá-los. Já em relação aos outros, Deus permitiu que houvesse misericórdia.

Independente de qual fosse a guerra, ou contra quem fosse, os filhos de Israel deveriam saber que o mesmo Deus que os tirara do Egito estaria lutando com eles, pelo que a vitória seria assegurada.

Mesmo assim, havia quatro grupos de pessoas que não precisavam ir à guerra junto com os outros: aqueles que tivessem construído uma casa e ainda não a tivessem consagrado; aqueles que tivessem plantado uma vinha mas que ainda não tivessem desfrutado da mesma, além disso poderiam ser liberados aqueles que tivessem casado mas que ainda não tinham se relacionado com suas esposas. Finalmente, aqueles que tivessem medo e que poderiam influenciar negativamente os demais (versículo 8).

Quando a luta do povo de Israel fosse contra os povos em volta da Terra Prometida (versículos 10 a 15), eles deveriam oferecer, inicialmente, condições de paz. As condições de paz eram apenas de preservação da vida, pois o povo a ser atacado deveria abrir suas portas e aceitar uma condição de trabalho escravo, a serviço dos israelitas.

Caso tal oferta não fosse aceitável para o inimigo em apreço, então todos os homens deveriam ser mortos e todas as mulheres e crianças escravizadas e todos os bens tomados como despojo.

Quando se tratasse, todavia, de guerra contra as cidades dos povos da terra de Canaã, incluindo os heteus, os amorreus, os cananeus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus, então, tudo que tinha fôlego deveria ser destruído (versículos 16 a 18). A intenção seria que não permanecesse nada que ensinasse futuramente as abominações praticadas por eles (versículo 18).

Finalmente, os versículos 19 e 20 falam a respeito de uma preocupação ecológica. Quando os filhos de Israel cercassem cidades com o intuito de dominá-las, eles não

deveriam destruir as árvores frutíferas, já que poderiam vir a usufruir das mesmas mais adiante.

Deuteronômio 21

Esse capítulo começa com uma estranha situação na qual teria sido encontrada uma pessoa morta no campo, sem qualquer indicação com relação ao assassino. Nesse caso a primeira providência seria descobrir qual a cidade mais próxima ao local onde o corpo foi encontrado (versículos 2 e 3).

Os anciãos dessa cidade preparariam uma oferta de uma novilha, que seria imolada próxima a águas correntes e levada aos sacerdotes onde lavariam suas mãos e jurariam que nada tiveram a ver com aquela morte, pedindo a Deus que não imputasse a Israel aquele sangue. Feito isso, o pecado referente ao sangue derramado seria perdoado (versículos 4 a 9).

Os versículos 10 a 14 tratam de uma situação decorrente da conquista de uma cidade fora dos limites de Canaã, onde seria permitido tomar as mulheres da cidade conquistada.

Nesta situação, parece que as mulheres em questão não seriam mais consideradas estrangeiras para fins de casamento, ou seja, seriam consideradas propriedade de quem as tomou como despojo.

Por isso mesmo, o fato do homem em apreço querer tomar uma mulher do seu despojo como esposa, não é visto aqui como quebra da lei que impede o casamento dos israelitas com mulheres estrangeiras.

Os versículos 12 e 13 descrevem ritos que concedem à mulher 30 dias durante os quais seria permitido a ela lamentar a morte de um pai, uma mãe ou ambos que tenha perdido na guerra. Trata-se, talvez, de uma forma humanitária para que ela se acostume à nova situação.

Feito isso, ela passaria do status de cativa para o de esposa. Essa situação de esposa poderia ser revertida, caso o marido em apreço mudasse de ideia a respeito dela, mas o máximo que ocorreria seria ele poder divorciá-la. Nesse caso, contudo, ela não retornaria ao estado de cativo, mas ele teria que dar a ela total liberdade e ela passaria a ter o mesmo status de uma mulher israelita divorciada, podendo se casar com outro.

Os versículos 15 a 17 lidam com mais uma situação esdrúxula, onde um homem tem duas esposas, mas ama apenas uma, embora tenha filhos das duas. Para complicar um pouco mais, o primogênito é filho da esposa pela qual ele não tem apreço. Nesta situação, por mais que ele procurasse favorecer o filho da mulher que ele ama, ele, de forma alguma poderia alterar o direito de primogenitura do filho cuja mãe ele não amava. Assim sendo, esse filho herdaria o dobro daquilo que herdaria o filho da mulher amada.

De todas as situações deprimentes descritas nesse capítulo, aquela apresentada nos versículos 18 a 21 é, sem dúvida, a mais difícil de conceber. Trata-se de um casal que tem um filho desobediente e rebelde, que os pais falharam em corrigir, não obstante os castigos que aplicaram a ele, enquanto o educavam durante sua infância.

Para resolver esta situação, Moisés sugere aqui que os pais denunciasses essa situação aos anciãos da cidade, afirmando que o filho é incorrigível e os anciãos o matariam por apedrejamento, para servir de exemplo.

Por mais racional que a solução possa parecer dentro dos rígidos limites da lei de Deus, no âmbito da Aliança, ainda assim é difícil conceber a existência de pais que a levassem a cabo.

Os versículos 22 e 23, embora apenas regulamentem o fato de que um criminoso enforcado numa árvore ou crucificado precise ser enterrado antes do fim do dia, esses versículos se revestem, para os cristãos, de um maravilhoso aspecto de substituição ressaltado por Paulo em *Gálatas 3.13*, pelo fato de Jesus, que não tinha sobre Si a maldição da lei decorrente do pecado, aceitou morrer um tipo de morte que O tornaria maldito, qual seja, a cruz, tomando sobre Si não apenas os nossos pecados, mas também a nossa maldição.

Deuteronômio 22

Os primeiros 4 versículos desse capítulo falam sobre a responsabilidade que um filho de Israel tinha em relação aos bens de seu irmão, caso se extrviassem e ele viesse a encontrá-los. Ele deveria agir com total lisura e devolvê-los. Mesmo que não soubesse de quem eram, deveria retê-los e cuidar deles até que aparecesse o dono. Caso o animal do irmão fosse encontrado caído, cabia a ele ajudá-lo e cuidar dele.

O versículo 5 parece apenas uma proibição em relação à troca de vestimentas entre homens e mulheres, mas Thompson (/27/, pág. 224) sugere que o fato de Deus ter por essa troca tamanha abominação, é porque era usada nos cultos de Canaã, onde travestis usavam roupas femininas e mulheres de sexualidade também invertida trajavam as vestes masculinas. Embora isto não esteja claro no texto, parece intuitivo que essa hipótese seja real.

Os versículos 6 e 7 parecem expressar a preocupação de Deus com a destruição indiscriminada de algumas espécies. A promessa de longevidade para aqueles que O obedecem mostra a seriedade de Sua advertência.

As casas eram construídas à época com uso livre do terraço. Obviamente era fácil cair dali de cima, daí a recomendação de que fosse feito um parapeito, visando impedir acidentes desta natureza (versículo 8).

O versículo 9 sugere que não se plante juntamente sementes distintas para evitar que uma planta destrua a outra. Os versículos 10 e 11 apresentam mensagens similares com

outros exemplos: uma junta de animais distintos puxando o mesmo arado certamente falharia na coordenação e uma roupa feita de lã e linho, que têm funções distintas, é um contrasenso. Embora os exemplos todos façam sentido individualmente, parece haver uma mensagem coletiva que novamente aponta para o culto idólatra cananita, como já sugerido para o versículo 5. Só que desta vez não está tão claro.

O versículo 12 nos remete a *Números 15.37-41*, onde as borlas dos trajes dos israelitas serviriam de memorial da lei. Aqui não há menção desse objetivo, mas o versículo parece sugerir que até as roupas dos israelitas deveriam ser distintas e essa distinção não poderia ter objetivo melhor e mais prático.

Os versículos 13 a 21 falam a respeito de um homem que se casa e difama sua mulher dizendo que não era virgem e que talvez já estivesse até grávida quando casou com ele. Ele seria açoitado, pagaria um multa ao pai da moça e seria proibido de se divorciar se não fosse verdade, mas ela seria apedrejada se o fosse. O curioso aqui é que se ele tivesse apresentado falso testemunho contra outro homem, por um delito cuja pena também fosse a morte, ele mesmo seria morto (ver *Deuteronômio 19.16-21*). No caso de um falso testemunho contra uma mulher a pena é menor. Obviamente isso decorre do status inferior que a mulher tinha em relação ao homem na sociedade israelita.

Os versículos 22 a 30 falam sobre algumas relações sexuais ilícitas, a maioria das quais punidas com morte.

Deuteronômio 23

Os primeiros 8 versículos deste capítulo falam a respeito de pessoas que não podem entrar na assembleia do Senhor. Observa-se que nesta lista constam os eunucos (que na maioria das vezes não se auto-impuseram essa condição), os bastardos (pessoas vindas de casamentos irregulares, incluindo os de israelitas com estrangeiros, que certamente não pediram para nascer assim), os amonitas, os moabitas e, até certo ponto, os edomitas e os egípcios, pessoas desses países onde nenhum deles pediu para nascer. Assim sendo, ou temos aqui uma tremenda discriminação das pessoas que Abraão foi chamado para abençoar, ou, então, entrar na “assembleia do Senhor” não é sinônimo de ir ao templo ou ao tabernáculo do Senhor para servi-LO.

Rute era moabita, mas acabou fazendo parte da ascendência do Messias. Assim sendo, na pior das hipóteses, Deus tem regras específicas para as pessoas que podiam conduzir as cerimônias de sacrifício, mas jamais impediria que uma pessoa a Ele se achegasse.

Os versículos 9 a 14 apresentam mais algumas explicações relativas ao comportamento de um povo santo.

No versículo 9, por exemplo, recomenda-se extremo cuidado em relação a coisas más que existem no meio dos inimigos e que possam ficar disponíveis ao exército de Israel

quando eles os derrotarem. O versículo não especifica a natureza dessas coisas más, mas caberia aos líderes do exército o discernimento em relação ao que não poderia ser tocado.

Já os versículos 10 e 11 falam de homens que possam ter tido relações sexuais durante a noite, pelo que estariam cerimonialmente impuros no dia seguinte. Assim sendo, deveriam sair do acampamento, banhar-se ao final da tarde e retornariam purificados para casa após o pôr-do-sol.

Os versículos 12 a 14 falam sobre um assunto extremamente prático: não havia toiletas nas tendas; portanto, o povo tinha que sair do acampamento para fazer as suas necessidades fisiológicas (versículo 12). Para que 2 milhões de pessoas pudessem fazer isso, certamente havia uma forma organizada para onde essas pessoas pudessem ir.

Já o versículo 13 recomenda que levassem consigo um instrumento com o qual pudessem cavar, para ali fazer suas necessidades, enterrando-as a seguir. O acampamento deveria ser não apenas limpo, mas higienicamente preservado. Tudo isso para que o Senhor, andando no meio do acampamento, não visse ali nada que não fosse santo (versículo 14). Será que algum de nós alguma vez pensou em limpeza como sendo uma condição de santidade?

Os versículos 15 e 16 tratam do acolhimento de um escravo fugitivo e da não devolução dele ao seu senhor. Isso não seria possível se o seu senhor fosse um israelita; portanto, o texto parece referir-se a fugitivos de outras nações. Era, portanto, uma questão humanitária. Thompson (/27/, pág. 232) informa que isso era uma diferença radical em relação às leis de nações vizinhas, pois o código de Hamurabi exigia a pena de morte para quem agisse conforme preconizado aqui por Moisés. Escravos roubados seriam devolvidos aos seus senhores.

A prostituição cultural fazia parte da adoração a várias deusas em nações de Canaã. No versículo 17, contudo, está totalmente proibido tanto aos filhos de Israel quanto ao culto na casa do Senhor.

Aliás, o versículo seguinte não permite sequer que o dinheiro ganho às custas da prostituição e de sodomia seja trazido como oferta à casa do Senhor. Embora isso seja totalmente intuitivo, esse mesmo conceito tem sido expandido na comunidade evangélica. Com muita frequência tenho visto pastores proibindo que dinheiro ganho em loteria seja dizimado na igreja. O conceito correspondente é extraído desse versículo 18.

Os versículos 19 e 20 mais uma vez proíbem que os israelitas tenham lucro às custas de empréstimos para os seus irmãos. Essa recomendação divina, que vem via Moisés, se faz acompanhar de uma promessa de bênção para aqueles que assim procedem. Deus abençoa às custas dos outros, mas recompensa com bênçãos os servos obedientes (obviamente estão excluídos aqui aqueles que veem isso como um investimento).

Os versículos 21 a 23 recomendam que promessas feitas a Deus sejam cumpridas, pelo que é preferível não fazer promessas a fazê-las e não cumprir.

Os versículos 24 e 25 falam acerca do respeito aos campos dos vizinhos. Qualquer pessoa que passasse por eles poderia colher do mesmo, mas só o suficiente para matar sua própria fome.

Deuteronômio 24

Os versículos 1 a 4 deste capítulo tiveram a intenção original de definir um problema específico em relação ao divórcio e não a causa justificativa do divórcio em si, mas a discussão entre dois rabinos conhecidos, Hillel e Shamai, transformou o versículo 1 numa discussão sobre o que viria a ser aquilo que foi traduzido aqui como “coisa indecente”. Já o problema específico, bem claro no texto, era impedir que uma mulher casada com uma pessoa A, e que dela se divorciasse e casasse com B, pudesse depois se divorciar de B e voltar para A, porque isso seria abominação para Deus.

Resumindo, o real sentido do que é “coisa indecente”, qual seja, simplesmente queimar uma refeição, ou algo quase tão grave quanto um adultério, ficou indefinido, enquanto tão pouco os comentaristas bíblicos conseguiram entender porque voltar para uma esposa anterior, após ter casado com outro, seria uma abominação.

Não há espaço aqui para uma discussão abrangente sobre divórcio e novo casamento, mas o pouco que foi dito acima é suficiente para mostrar o quanto o assunto é complexo.

A ideia de que alguém pudesse ter um ano inteiro de “lua de mel”, livre de obrigações em relação à guerra ou outros encargos exigiria, nos dias atuais, no mínimo, uma infraestrutura financeira muito saudável, mas serve para mostrar o quanto o início da família era importante em Israel (vers. 5).

Aceitar como penhor alguma coisa que pudesse produzir sustento (como no caso uma ou as duas pedras de uma mó) era inaceitável, justamente porque deixaria de produzir sustento (versículo 6).

O versículo 7 nos mostra que já havia sequestros naqueles dias, visando vender o sequestrado como escravo. A pena para esse crime era morte!

Os versículos 8 e 9 ressaltam que os cuidados para isolar os leprosos deveriam ser observados rigidamente (ver Levítico 13 e 14, bem como o exemplo citado em Números 12.10-15).

Os versículos 10 a 13 ressaltam que o penhor de um empréstimo não era para ser tratado “a ferro e fogo”. Seria entregue voluntariamente por quem pegasse emprestado e, se fosse um bem necessário, como uma roupa de aquecer à noite, deveria ser devolvido sempre que necessário. Resumindo, quem emprestava não poderia deixar de considerar as necessidades de quem pegava emprestado.

Situação similar é mencionada em relação ao salário do diarista nos versículos 14 e 15. Ele precisava do salário diário para sustento da família; portanto, era absolutamente necessário que ele o recebesse.

O versículo 16 se reveste de grande importância, porque Deus nunca previu que o pecado do pai pudesse ser pago pelo filho ou vice-versa. Quando Agostinho definiu o pecado original (aquele herdado de Adão) como um pecado real a ser eliminado pelo batismo, ele obviamente deixou de considerar este versículo e outros do Antigo Testamento, que mostram a mesma realidade.

Os versículos 17 a 22 voltam a ressaltar os cuidados que Deus queria que Seu povo tivesse para com os estrangeiros, os órfãos e as viúvas.

Provérbios 8

Provérbios 8 é um texto de exaltação à Sabedoria, onde ela passa a ter voz e fala de seu próprio valor. Salomão fala dela nos versículos 1 a 3, mas a partir do 4 ela passa a falar de si mesma.

Ela mostra o seu valor, que é muito maior que o do ouro.

O texto é claro e dispensa maiores comentários.

Semana 24 - A História do Povo de Israel Recontada (3)

Texto: Deuteronômio 25 a 34 e Provérbios 9

Estação 13

Deuteronômio 25

Este capítulo começa falando sobre a necessidade dos juízes julgarem com justiça. Isso parece uma determinação óbvia, mas quando olhamos para a corrupção do sistema de justiça do nosso país, vemos o quanto seria bom se o nosso judiciário pudesse ouvir e praticar aqui o que foi dito no primeiro versículo.

Já os versículos 2 e 3 restringem a pena daquele que merece ser açoitado, de modo que ele não seja aviltado por um número de açoites excessivo. O limite superior nesse caso seria de 40 açoites. Curiosamente, os juízes limitavam as penas a 39, para que, havendo um erro de contagem, não fosse excedido o limite legal de 40. Vemos, por exemplo, Paulo condenado dessa forma cinco vezes (*II Coríntios 11.24*).

O versículo 4 mostra a preocupação divina com o abuso dos animais. Alguns povos atavam a boca dos bois para que não comessem dos grãos enquanto debulhavam. A ordem divina mostra a preocupação de Deus com estes animais, exigindo que pudessem comer dos grãos que debulhavam. Paulo faz uso desse mesmo versículo em *ICoríntios 9.9-11* para dizer que os pregadores do evangelho devem ser sustentados por aqueles em prol dos quais estão levando a Palavra.

Os versículos 5 a 10 nos falam a respeito do casamento levirato, que definia que o irmão de qualquer israelita casado que tenha falecido sem ter tido filhos, deveria tomar para si a sua mulher e suscitar, através dela, descendência para o irmão. Caso se recusasse a tomá-la, ele deveria ser desonrado (versículos 7-10).

Os versículos 11 e 12 falam de uma briga entre dois homens na qual a mulher de um deles participa segurando as partes íntimas do oponente do marido. A lei determinava, neste caso, que a mão da mulher fosse cortada, como pena por sua ação vergonhosa.

Os versículos 13 a 16 falam da necessidade de pesos e medidas honestas em todos os negócios dos servos do Senhor, porque Deus abomina os negócios ilegais.

Os versículos 17 a 19 falam da condenação de Deus dos amalequitas, em função de impedirem a passagem dos filhos de Israel por suas terras durante a sua peregrinação no deserto.

Deuteronômio 26

Este capítulo fala sobre dois rituais importantes para o culto israelita: um deles era a entrega das primícias, que seria feita tão logo entrassem na terra que o Senhor Deus de Israel estava dando a eles (versículos 1 a 11) e a outra a entrega dos dízimos (versículos 12 a 14).

As primícias seriam extraídas de todo tipo de produto que a Terra Prometida produzisse. Essas primícias seriam colocadas num cesto e levados ao Sumo Sacerdote, no lugar onde Deus escolhesse para ali fazer habitar o Seu nome, a Quem seriam oferecidas juntamente com uma declaração de que o ofertante estava entrando na terra que o Senhor lhe prometera.

O sacerdote receberia o cesto, colocaria diante de Deus e continuaria a ouvir a declaração do ofertante, que falaria sobre a sua história, começando com Jacó descendo ao Egito, onde se tornou uma grande nação, a escravização do povo ali, o grande livramento concedido por Deus, através de sinais e prodígios, trazendo-o para a terra que mana leite e mel.

Exatamente por isso, o ofertante diria que estava trazendo as primícias (versículo 10), com as quais se alegraria perante o Senhor, juntamente com sua casa e com o levita e o estrangeiro que com ele conviviam.

Os dízimos eram entregues aos levitas, dos quais estes davam também os dízimos aos sacerdotes (*Números 18.26*). Aparentemente, contudo, os dízimos recolhidos a cada três anos tinham um destino diferente, indo para os levitas, os estrangeiros, os órfãos e as viúvas conhecidos, ao invés de serem levados ao templo (versículo 12).

Por não terem sido levados ao templo, como de costume, deveria ser feita uma declaração de que foram distribuídos conforme previsto (versículo 13) e que algumas irregularidades (aparentemente do culto cananita) não foram praticadas (versículo 14).

Tendo em vista o cumprimento desses dois rituais, o ofertante teria direito à solicitação prevista no versículo 15, no sentido de que Deus o abençoasse.

Os versículos 16 a 18 contêm uma exortação para que os mandamentos do Senhor sejam guardados. Só assim Israel continuaria a ser o povo santo do Senhor (versículo 19).

Deuteronômio 27

Este capítulo contém instruções para o povo de Israel, mas desta feita essas instruções são transmitidas por Moisés e pelos anciãos. O tópico, contudo, é o mesmo no qual Moisés vinha insistindo, qual seja, a obediência a todas as leis transmitidas por Deus a Moisés.

Para que essas leis não fossem de modo algum esquecidas, o povo deveria colher grandes pedras no dia da travessia do Jordão, que seriam caiadas (versículo 2) para que nelas fosse gravada, posteriormente, a lei transmitida por Deus a Moisés (versículo 3).

Essas pedras deveriam ser levantadas junto ao Monte Ebal, ao lado das quais seria feito também um altar com pedras brutas, para oferecer, ao Senhor, holocaustos e ofertas pacíficas (versículos 4 a 7).

Há uma teoria moderna segundo a qual o livro de Deuteronômio teria sido escrito apenas no século VII e a finalidade do mesmo seria provar que Deus escolheu Jerusalém como o lugar onde colocaria o Seu nome. O fato de ser erigido um altar no Monte Ebal, numa época em que Jerusalém sequer havia sido conquistada, conspira fortemente contra essa teoria. O Pentateuco, como um todo, foi escrito por Moisés, como atesta o próprio Jesus (*João 7.19*), mas podemos aceitar que algumas partes tenham sido complementados por outros (talvez Josué tenha narrado a morte de Moisés, por exemplo).

No versículo 8 é mencionada, mais uma vez, a necessidade de escrever toda a lei nas pedras caiadas.

Em todo o restante do capítulo Moisés, falando juntamente com os sacerdotes levitas, parece estar descrevendo uma cerimônia de renovação da Aliança do Sinai, que seria realizada além do Jordão, com metade das tribos postadas sobre o Monte Gerizim, abençoando o povo pela guarda da aliança, enquanto a outra metade estaria sobre o Monte Ebal, amaldiçoando-o pela quebra da mesma. O papel dos levitas seria pronunciar as maldições listadas do versículo 15 ao 26.

Deuteronômio 28

Este longo capítulo detalha as bênçãos e maldições associadas à lei. Nesta lista surpreende o fato das bênçãos serem apresentadas nos versículos 1 a 14, enquanto a lista, muito maior, de maldições se estende do 15 ao 68.

Vemos no versículo 1 que a intenção de Deus é abençoar o povo de Israel, exaltando-o acima de todas as nações da Terra, na medida em que os israelitas preenchessem a missão para qual foram chamados, qual seja, torná-IO conhecido a todos os povos, através de sua santidade, que incluía a obediência a todos os Seus mandamentos.

Essa exaltação é descrita detalhadamente nos versículos 3 a 13 e incluía bênçãos onde quer que estivessem, multiplicando seus animais, seus alimentos, abençoando todas as suas atividades, assegurando vitória em suas guerras, sucesso em tudo onde pusessem a mão, apresentando-os como santos diante dos outros povos, como povo de Sua propriedade exclusiva. Além disso, eles frutificariam em número de filhos, nos animais e nas plantações, conforme prometido a Abraão, Isaque e Jacó. Não faltariam chuvas nas suas plantações nas estações próprias e Israel seria a líder das nações.

Para uma nação que lidava com a pecuária e a agricultura, era tudo que precisavam. Deus prometeu a eles que seria todo-suficiente, concedendo a eles “infinitamente mais” do que podiam pedir ou pensar, desde que obedecessem aos Seus mandamentos, guardando a aliança feita com Ele.

Em contrapartida, caso não guardassem a aliança feita com Ele, então há uma lista de maldições, que podemos resumir, conforme indicado a seguir:

a) Distúrbios mentais ou emocionais:

Deuteronômio 28:28 → O Senhor te ferirá com loucura;

Deuteronômio 28:20 → O Senhor mandará sobre ti a confusão;

Deuteronômio 28:34 → E te enlouquecerás pelo que vires com os teus olhos;

Deuteronômio 28:65-66 → O Senhor te dará coração tremente, terás pavor de noite e de dia não crerás na tua própria vida.

b) Doenças crônicas ou repetidas (especialmente as hereditárias):

Deuteronômio 28:21-22 → pestilência, tuberculose, febre, ...;

Deuteronômio 28:27 → úlceras, hemorróidas, sarna, coceira, ...;

Deuteronômio 28:28 → cegueira;

Deuteronômio 28:35 → tumores nas pernas;

Deuteronômio 28:59 → enfermidades más e duradouras;

Deuteronômio 28:61 → toda a enfermidade.

c) Esterilidade, tendências ao aborto e outros problemas relativos à procriação:

Deuteronômio 28:18 → Maldito o fruto do teu ventre.

d) Crises matrimoniais e alienação da família:

Deuteronômio 28:30 → Desposar-te-ás com uma mulher, porém outro homem dormirá com ela;

Deuteronômio 28:32 → Teus filhos e tuas filhas serão dados a outro povo;

Deuteronômio 28:41 → Filhos e filhas gerarás, porém não serão para ti, porque irão em cativeiro.

e) Contínua insuficiência financeira:

Deuteronomio 28:17 → Maldito o teu cesto e a tua amassadeira;

Deuteronomio 28:20 → Perdição em tudo que puseres a mão;

Deuteronomio 28:29 → Não prosperarás nos teus caminhos; serás oprimido e roubado;

Deuteronomio 28:30 → Construirás uma casa e não morarás nela; plantarás uma vinha, porém não lograrás o seu fruto;

Deuteronomio 28:31 → Teu boi será morto, ..., teu jumento roubado, ..., tuas ovelhas dadas aos teus inimigos;

Deuteronomio 28:33 → O fruto do teu trabalho comerá um povo que não conheceste;

Deuteronomio 28:47-48 → Por não teres servido ao Senhor na abundância, com fome, sede, nudez e falta de tudo servirás ao inimigo.

f) Morte prematura:

Deuteronomio 28:20 → O Senhor mandará sobre ti a maldição, ... até que repentinamente pereças por causa da maldade das tuas obras com que Me deixaste.

Deuteronomio 29

Concluída a lista de maldições que abrangeu a maior parte do capítulo anterior, o capítulo 29 começa dizendo que **são essas as palavras da aliança que o SENHOR ordenou a Moisés fizesse com os filhos de Israel na terra de Moabe, além da aliança que fizera com eles em Horebe**. Aparentemente Deus queria que os filhos de Israel, agora os filhos daqueles que fizeram juramento em Horebe, renovassem diante dEle a mesma aliança que fora feita com seus pais.

Muitos deles tinham visto, ainda no Egito, os sinais que Deus fizera para tirá-los dali (versículos 2 e 3), mas não obstante essas maravilhas, tinham deixado de ver o cuidado e o amor de Deus com eles. Se ressentiam de não terem pão para comer, nem vinho para beber, pelo que deixaram de ver que o maná sempre estivera lá e a água nunca deixara de brotar das rochas. Suas roupas não se estragaram e tampouco se desgastaram suas sandálias.

Quando finalmente tiveram que guerrear, Deus deu a eles a vitória e as terras dos seus adversários, que foram passadas às tribos de Rubens, de Gade e a metade da tribo de Manassés.

Para que tudo continuasse bem com eles, bastaria que guardassem a aliança que seus pais estabeleceram com o Senhor e agora eles, todos os homens de Israel, todas as mulheres, todos os seus meninos, todos os estrangeiros no seu meio e todos os seus servos, renovariam igualmente com o Senhor. Desta forma todas as profecias feitas a Abraão, Isaque e Jacó seriam igualmente aplicáveis a eles.

Nos versículos 14 e 15 Moisés deixa claro que a aliança que estão celebrando ou renovando se aplica a todos os presentes, mas além destes é válida igualmente para a sua descendência que ainda está por vir. Fica claro que Deus sempre espera que seus servos gerem filhos que também O sirvam. Isso se aplica de igual maneira a nós, Igreja de Jesus Cristo hoje.

Os versículos 16 a 21 contêm uma séria advertência para que os filhos de Israel não se esqueçam de que somente Ele é Deus. Eles conheceram outros deuses no Egito e também os conheceriam em Canaã, mas cabia a eles a iniciativa de jamais se inclinarem diante deles. Que jamais passasse pela cabeça de algum deles, que as maldições pronunciadas no capítulo 28 não eram aplicáveis a ele. Deus certamente os encontraria e destruiria onde quer que estivessem.

Nos versículos 22 a 28 Moisés descreve que a quebra da aliança resultaria na aplicação de todas aquelas maldições e causaria assombro às pessoas que o testificassem.

O versículo 29 nos informa que as coisas reveladas são para nós e nossos filhos. Trata-se de um versículo bem conhecido, que normalmente nos vem à mente quando encontramos textos na Bíblia que não são claros. A ideia aqui, contudo, é que tudo que foi revelado sobre a aliança, deve ser guardado tanto por nós como pelos nossos filhos.

Deuteronômio 30

Quando todas essas coisas vierem sobre ti se refere à desobediência devido à idolatria mencionada no final do capítulo anterior. Caso isso acontecesse, portanto, certamente os filhos de Israel perderiam o privilégio de habitar a Terra Prometida, motivo pelo qual seriam levados ao exílio.

Mesmo nessa situação, contudo, se eles se voltarem para o Senhor de todo coração, Ele promete restaurá-los e trazê-los de volta. **“De todo coração”** é uma expressão que vemos reiteradamente ao longo de toda a Bíblia e que se conforma totalmente ao primeiro mandamento, qual seja amar o Senhor nosso Deus. Mesmo que O tenhamos traído e permitido que o nosso coração concedesse essa primazia a outras coisas, esquecendo-nos totalmente do nosso Deus, ainda assim, Ele está disposto a nos perdoar desde que voltemos para Ele e mais uma vez dediquemos a Ele a nossa prioridade.

Se os filhos de Israel assim procedessem, Deus voltaria a abençoá-los, fazendo com que todas as maldições que sobre eles estivessem atuando, passassem a agir contra os seus inimigos. Ele voltaria a juntá-los em sua terra, independente de quão longe estivessem.

Deus colocou diante deles, e coloca igualmente diante de nós, a escolha por vida abundante, coberta de bênçãos celestiais, ou morte resultante das maldições que acompanham a desobediência.

Os versículos 17 a 19 deixam claro, contudo, que se seus corações se desviassem do Senhor e se o Seu povo seguisse a outros deuses, a permanência deles na Terra Prometida seria encerrada. Assim sendo, caberia a eles amá-IO e viver ou desprezá-IO e morrer.

Deuteronômio 31

O capítulo 31 contém as palavras finais de exortação de Moisés aos filhos de Israel. Ele começa lembrando que já tem 120 anos e que Deus o proibiu de adentrar a Terra Prometida, do outro lado do Jordão.

O povo seria dirigido por Josué, que Deus orientaria, fazendo com que todos os inimigos fossem derrotados como o foram Ogue e Seom, que foram derrotados a leste do Jordão. Eles não deveriam temer, porque Ele mesmo os orientaria.

No versículo 7 vemos Moisés chamando a Josué e transmitindo a ele todas essas instruções. Exortando-o a ser forte e a confiar no Senhor.

Ele escreveu toda a lei recebida de Deus e entregou o manuscrito aos sacerdotes com a recomendação de que fosse lido diante do povo a cada sete anos, por ocasião da Festa dos Tabernáculos (versículos 10 a 13). Deveria ouvir a lei todo o povo, incluindo os estrangeiros morando no seu meio, para que aprendesse a temer ao Senhor e guardar a Sua lei.

No versículo 14 Deus informa a Moisés que sua hora de morrer é chegada, pelo que ele deve comparecer ao santuário juntamente com Josué para que este já ouvisse as instruções que Ele daria.

Moisés e Josué fizeram como solicitado e ouviram, então, as palavras que Deus lhes dirigiu nos versículos 16 a 21 e 23. Estas são, na realidade, muito duras e desanimadoras, porque preveem que o povo há de quebrar a aliança que estava sendo renovada, pelo que Ele, Deus, agiria duramente para com eles.

Para servir de testemunho contra os filhos de Israel, Deus informou a Moisés e Josué que lhes daria uma canção que deveria ser escrita por eles e ensinada ao povo, para que sua desobediência fosse denunciada por seu próprio canto. Moisés escreveu o cântico no mesmo dia e o ensinou aos filhos de Israel.

Não obstante as palavras duras, Deus animou a Josué dizendo que Ele, Deus, estaria com ele e que seu trabalho de introduzir o povo na Terra Prometida seria bem sucedido, pois Ele o acompanharia (versículo 23).

Os versículos 24 a 29 falam da entrega do livro da lei concluído aos sacerdotes, que deveriam guardá-lo junto à arca. Nos versículos 26 a 29 ele repetiu aos sacerdotes aquilo que ouvira de Deus sobre a quebra da Aliança, exigindo deles fidelidade.

O cântico que ele a seguir ensinaria ao povo é o conteúdo do capítulo 32.

Deuteronômio 32

Os versículos 1 a 43 deste capítulo contêm as palavras do cântico que Deus mandou que Moisés e Josué ensinassem aos filhos de Israel, denunciando a loucura de quebrarem a aliança, provocando o Senhor adorando a outros deuses.

Ao longo de todo o canto o texto alterna uma descrição do tratamento dedicado de Deus a Israel por um lado com a desobediência do povo do outro.

Há uma certa dificuldade no texto do versículo 8, onde aparentemente a menção dos “filhos de Israel” não concorda com o texto mais antigo encontrado em Qumrã, que faz menção dos “filhos de Deus”. Assim sendo, a ideia é que Deus distribuiu os povos pela terra de acordo com seu número, mas que Ele escolheu Israel como sua nação predileta (versículo 9).

Até o versículo 43 Deus lamenta o comportamento inadequado do povo e jura que os corrigirá através de punições.

Os versículos 44 a 47 contêm uma exortação de Moisés aos filhos de Israel no sentido de que atentem para as palavras deste texto, pois dele dependem as suas vidas.

Nos versículos finais Deus fala a Moisés que seu tempo é chegado e que ele poderá ver a terra, mas que não a adentrará, por não tê-lo santificado no meio dos filhos de Israel, no evento das águas de Meribá.

Deuteronômio 33

No capítulo anterior foi anunciada morte de Moisés, que é efetivamente narrada no capítulo seguinte. No seu discurso de despedida (todo o livro de Deuteronômio) a tônica das palavras de Moisés foi a necessidade de que o povo de Israel observasse a lei dada por Deus e guardasse a aliança firmada com Ele, mas nas suas últimas palavras, transcritas neste capítulo, Moisés optou por abençoar seus irmãos, denotando assim o grande amor que sentia por eles.

A real autoria de Moisés é discutida pelo fato das informações referentes às tribos parecerem pertencer a uma época futura, mas o fato de Moisés ser profeta pode ser o motivo disso. Além do mais, não cabe aqui uma discussão dessa natureza.

Nos versículos 2 a 5 ele exalta o Senhor, bem como a Sua opção por escolher Israel como Sua propriedade particular. A partir do versículo 6 ele começa a falar de cada uma das tribos conforme descrito a seguir:

Rubens - versículo 6;

Judá - versículo 7;

Levi - versículos 8 a 11;

Benjamin - versículo 12;

José (incluindo Efraim e Manassés) - versículos 13 a 17;

Zebulom e Issacar - versículos 18 e 19;

Gade - versículos 20 e 21;

Dã - versículo 22;

Naftali - versículo 23;

Aser - versículo 24.

Curiosamente, Simeão foi esquecido.

Os versículos finais exaltam novamente a Deus e ao privilégio de Israel ter sido por Ele escolhido.

Deuteronômio 34

O livro de Deuteronômio se encerra com a descrição da morte de Moisés. Do monte Nebo, no pico de Pisga, que fica bem em frente a Jericó, Deus permite que ele veja a Terra Prometida, pela qual tanto trabalhou, mas que não teve o direito de adentrar, por conta de um pequeno deslize em termos de obediência (versículo 4).

O próprio Senhor o enterrou num vale da terra de Moabe (versículo 6), e ele morreu com 120 anos, sem jamais ter enfraquecida a vista ou diminuído o seu vigor.

Os filhos de Israel o prantearam por 30 dias e a seguir passaram a seguir a Josué, que era cheio do Espírito, pela imposição de mãos feita por Moisés.

Os versículos 10 a 12 mencionam que nunca mais se levantou outro profeta semelhante a ele, que falava com Deus face a face.

Provérbios 9

Os versículos 1 a 3 descrevem a sabedoria, enquanto um convite é estendido para que se cheguem a ela todos os que os que desejam aquilo que tem para oferecer.

Os versículos 7 e 8 dizem o quanto é sem sentido contender com um escarnecedor ou um insensato. Reprendê-lo é perda de tempo. Por outro lado, a repreensão feita ao sábio, quando este estiver em erro, fará com que ele não apenas a acate, como também se sentirá grato.

O versículo 10 nos informa que o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria e o conhecimento de Deus nos torna prudentes. Isso faz com que se multipliquem os nossos dias (versículo 11).

O versículo 12 sugere que o principal prejudicado por qualquer desvio de caráter é o próprio que o tem. O soberbo precisa lidar com sua própria soberba e o escarnecedor terá que se aturar.

O restante deste capítulo lida mais uma vez com a mulher adúltera, chamada a princípio de louca. Mais uma vez Salomão alerta para o perigo de se aproximar dela.

Semana 25 - O Nascimento do Povo Cristão

Texto: Atos 1 a 9 e Provérbios 10-13

Estação 14

Atos 1

O livro de Atos foi escrito por Lucas com a mesma finalidade com que escrevera o evangelho que tem o seu nome, qual seja, instruir o seu amigo Teófilo a respeito do que Jesus fez durante o Seu ministério, e agora sobre o que os seus apóstolos fizeram na continuidade deste ministério.

No versículo 2 ele informa ao amigo que Jesus, após a ressurreição, com que encerra o livro anterior, havia sido usado pelo Espírito Santo de Deus para instruir os apóstolos no tocante à continuidade da obra, tendo sido arrebatado a seguir.

É claro que ressurreição e arrebatamento são ambos eventos difíceis de aceitar, pelo que, no versículo 3, Lucas tem a preocupação de testificar a respeito do número de pessoas que não só viram, mas também ouviram os ensinamentos de Jesus, ao longo de 40 dias. Para reforçar esse testemunho, ele informa que Jesus também comeu com os Seus discípulos, provando, assim, que continuava a ser uma pessoa normal.

Os versículos 4b, 5 e 8 falam a respeito do derramamento do Espírito sobre os discípulos, pelo que foram instruídos no sentido de ficar em Jerusalém, até que isso acontecesse. Além disso, Jesus informou que o Espírito Santo os capacitaria para a obra que lhes estava proposta. Isso incluía pregar aos judeus, começando por Jerusalém, aos samaritanos e depois aos gentios pelo mundo afora.

Os versículos 10 e 11 falam da ascensão de Jesus, diante dos olhares assombrados dos discípulos, que ouviram a seguir dois anjos, que a eles se juntaram, dizendo que Seu regresso se daria de maneira igual a essa Sua partida.

Os versículos 12 a 14 nos falam dos discípulos permanecendo juntos em Jerusalém, no mesmo cenáculo onde haviam comido com Jesus a última ceia, orando de forma unânime (ou seja, orando todos pedindo o cumprimento daquilo que Jesus prometera) e que dentre eles estavam Maria e os irmãos de Jesus.

Certamente todos nós nos ressentimos da falta dos irmãos de Jesus na crucificação, a ponto de Jesus pedir a João para tomar conta de Maria. A incredulidade dos irmãos em relação a Ele era tamanha, que sequer haviam comparecido. A ressurreição, ao contrário, contudo, tivera um impacto tão forte sobre eles, que eles agora se encontravam todos ali no cenáculo, convertidos.

O restante do capítulo nos fala a respeito da escolha do substituto de Judas Iscariotes, que trocou o seu relacionamento com Jesus por 30 moedas de prata. Ao longo destes 12 versículos temos alguns pontos interessantes que vale a pena ressaltar.

O primeiro ponto interessante é o fato do grupo de discípulos já contar com cerca de 120 pessoas nos dias que antecederam o derramamento do Espírito Santo no Pentecostes (versículo 15).

Outro ponto interessante diz respeito à forma como foi feita a primeira eleição neotestamentária. Foram indicados dois substitutos para o cargo de Judas Iscariotes, e a escolha final foi feita lançando sortes. Para os discípulos isso correspondia a deixar a escolha para Deus (versículo 24). Isso, aliás, é o que viam fazer desde o princípio, pois o Sumo Sacerdote consultava a Deus pelo Urim e pelo Tumim exatamente assim.

Finalmente, há uma discussão continuada aqui sobre o destino que teve Judas Iscariotes, por ter traído Jesus. Em outras palavras, será que ele perdeu a sua salvação em função de sua escolha errada, ou ele nunca havia realmente se convertido?

O comentário do versículo 17, segundo o qual Judas Iscariotes era contado entre os apóstolos e fazia parte do ministério de Jesus, não chega a ser conclusivo. É interessante, contudo, que Jesus, orando a Deus Pai em *João 17.12*, tenha dito que nenhum daqueles que Deus Lhe dera se perderia, com exceção de Judas Iscariotes. Esse versículo, ao contrário, parece nos dizer, claramente, que Judas Iscariotes Lhe fora dado pelo Pai, foi contado entre os Seus discípulos, fez milagres pela atuação do Espírito Santo, mas optou por trocar Jesus pelas riquezas desse mundo. Dessa forma ele confirma exatamente a apostasia prevista em *Hebreus 6.4-6*.

Atos 2

Trata-se aqui de um dos textos mais conhecidos e mais debatidos de toda a Bíblia, principalmente ao longo de todo o século XX, tendo em vista o avivamento pentecostal que teve início nos últimos anos do século XIX.

Os versículos 1 a 4 narram o cumprimento do derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos que estavam reunidos no cenáculo, concedendo a eles o poder necessário para dar continuidade ao ministério iniciado por Jesus Cristo, proclamando a chegada do Reino de Deus e a Nova Aliança em Seu sangue.

Os protagonistas dos debates supracitados, os pentecostais e os membros de igrejas tradicionais não divergiram em relação ao derramamento do Espírito e nem em relação ao poder concedido para levar adiante o ministério de Jesus, mas quanto à associação do recebimento do Espírito Santo com a salvação concedida em Jesus.

Aqui neste ponto não é possível colocar todos os pentecostais em “um mesmo saco”, dizendo que pensam “assim ou assado”, porque o pensamento pentecostal é tão variável quanto o é o pensamento tradicional. Digamos apenas que alguns extremistas passaram

a defender que a salvação ocorria em três fases, incluindo a confissão de pecados, “o batismo no Espírito Santo” e o dom de línguas, dado àquele que é batizado no Espírito Santo.

Outra alternativa que divide os próprios pentecostais considera igualmente três passos para a salvação, quais sejam o batismo nas águas em nome de Jesus, mediante a confissão de pecados, o batismo no Espírito Santo e o dom de línguas como confirmação. O grupo que professa essa sequência de salvação, os pentecostais unitarianos, têm esse nome, porque não creem na trindade, sendo que Pai, Filho e Espírito Santo seriam apenas três formas de se referir ao mesmo Deus único, Jesus.

Obviamente há muitas outras variantes em termos de interpretação mas, a não ser pelo nome (batismo no Espírito Santo ou plenitude do Espírito Santo) a divisão entre os pentecostais e os tradicionais tem se estreitado, de modo que os tradicionais se tornaram menos “medrosos” no que diz respeito aos dons do Espírito Santo, concedidos para o crescimento da Igreja, como os pentecostais se tornaram mais conscientes do fato que os dons não são prova de salvação e, sim, habilidades que Deus concede para que abençoemos uns aos outros, realizando a Sua vontade.

Obviamente o fato dos discípulos, todos galileus, estarem falando em outras línguas, conhecidas daqueles que estavam em Jerusalém por ocasião da festa de Pentecostes, trouxe grande espanto, conforme narrado nos versículos 5 a 12, mas houve também os que zombavam (versículo 13).

Pedro, contudo, falando em nome dos discípulos, explicou ao povo atônito, que aquilo que presenciavam ali era o cumprimento da profecia pronunciada por Joel (ver versículos 17 a 21). A partir do versículo 22, contudo, ele passou a falar sobre Jesus, Seu ministério com curas maravilhosas, Sua morte por crucificação e Sua ressurreição no versículo 24.

Era necessário, contudo, que o derramamento do Espírito Santo daquele dia fosse efetivamente relacionado com Jesus, motivo pelo qual Pedro começou a falar sobre as profecias messiânicas de Davi, a partir do versículo 25, chegando ao 33, onde mostrou que o Senhor, que Deus fez assentar à Sua própria direita, foi justamente Jesus, que agora fora exaltado pelo Espírito Santo.

Finalmente, Pedro conclui dizendo que Aquele que eles haviam crucificado é justamente o Messias de Israel, que Deus havia ressuscitado na condição de Senhor. Com essas palavras a mensagem de Pedro cumpriu o seu objetivo, pois aqueles que o ouviam compreenderam o mal que haviam feito e queriam agora saber se esse mal podia ser corrigido.

A resposta de Pedro, conquanto maravilhosa, trouxe consigo, de igual modo, grande confusão doutrinária. Ela fala de arrependimento, batismo em nome de Jesus, remissão de pecados e sobre o recebimento do dom do Espírito Santo. É claro que os pentecostais unitarianos tiram daqui a base de sua crença, mas não é possível concluir nada em cima

de um único versículo, enquanto há tantos outros que falam a respeito do mesmo assunto.

Infelizmente, não é possível falar de todos aqui, mas Galgoul (/4/, pág. 155 a 163) mostra que o batismo não salva, pelo que sua referência aqui diz respeito à confissão dos pecados dos quais eles deveriam se arrepender, para, então, receber a remissão de pecados, que se faz acompanhar do recebimento do Espírito Santo habitando em nós. O dom em apreço não é, portanto, o de línguas.

O versículo 41 nos informa que foram batizados naquele dia cerca de 3.000 pessoas, que foram acrescentadas à Igreja de Jesus Cristo. Ora, se estas pessoas foram acrescentadas naquele dia é porque a Igreja já existia antes. É exatamente por isso que defendo o nascimento da Igreja no domingo da ressurreição, quando Jesus soprou sobre os discípulos o Espírito Santo (*João 20.22*).

O restante do capítulo fala a respeito da forma singela de vida e comunhão da Igreja naqueles dias, em que o seu crescimento era muito rápido.

Atos 3

Este capítulo fala de um milagre realizado por Pedro e João, quando subiam ao templo para orar, com Pedro se aproveitando do espanto geral para mais uma vez pregar a salvação em Jesus Cristo.

Há alguns ensinamentos muito interessantes neste capítulo, que não podemos deixar de ressaltar. O primeiro destes diz respeito ao milagre em si, que, para muitos, é alguma coisa que pertence àquela época e que hoje não ocorre mais da mesma forma.

Creio que possa concordar com o fato de que os milagres ficaram mais escassos em nossos dias, mas o motivo para tanto reside na nossa incredulidade e não na mudança de hábitos de Deus em nossos dias. O Deus do século XXI está tão disposto a agir miraculosamente quanto o fazia nos dias de Pedro e João.

Em segundo lugar, cabe ressaltar a humildade de Pedro e João, passando totalmente a honra de realização do milagre em apreço efetivamente para Aquele que o realizara. Os versículos 12 e 13 transferem para Jesus toda a honra por aquele feito, ao mesmo tempo em que os discípulos lembram aos ouvintes que Este é o mesmo Jesus, para Quem haviam pedido a pena de morte.

Em terceiro lugar Pedro, que acabara de culpá-los pela morte de Jesus, aproveita para pregar o arrependimento e a salvação dizendo ter certeza que o mataram por ignorância, e que o sofrimento do Messias estava previsto nas Escrituras (versículo 18).

Os versículos 19 a 26 contêm reiterados convites para que se arrependam de seus pecados e se convertam a Jesus. No versículo 22 Pedro, mais uma vez, identifica Jesus

como o profeta cuja vinda fora anunciada por Moisés, juntamente com a eliminação de todos quantos se recusassem a ouvi-LO (versículo 23).

No versículo 25 ele identifica Jesus como o descendente de Abraão através do qual seriam abençoadas todas as nações, mas que Deus o enviara primeiramente aos judeus para abençoá-los, pelo que todos deveriam abandonar as suas iniquidades.

Atos 4

O presente capítulo começa com a prisão de Pedro e João pelo capitão do templo, por estarem pregando. Embora tenham sido levados e deixados presos até o dia seguinte, o texto nos informa que houve mais duas mil conversões, elevando o total de convertidos a 5.000.

No dia seguinte foram interrogados, provavelmente no Sinédrio, sobre com que poder, ou em nome de quem, haviam efetuado o milagre realizado. Dificilmente a pergunta poderia ter sido mais apropriada. Mostrando grande ousadia, eles testificaram de Jesus e da salvação por Ele outorgada, para o Sumo Sacerdote e todos os presentes.

Eles causaram grande admiração pelo fato de falarem bem, apesar de serem iletrados, mas não foi possível aos sacerdotes deixarem de reconhecer que isso estava associado ao fato deles terem andado com Jesus. O importante para nós, discípulos de Jesus, não é que demonstremos as nossas qualificações, mas que Jesus seja visível nas nossas vidas.

Foram libertados depois de ameaçados e retornaram aos irmãos com quem se juntaram para orar. A oração deles é uma das mais lindas de toda a Bíblia. Começa no versículo 24 numa narração crescente daquilo que foi feito contra o Messias. No auge dessa narrativa, quando unanimemente pediram a Deus que olhasse para suas ameaças, caberia um pedido de repressão ou vingança, mas, ao invés disso, pediram que lhes fosse dada intrepidez para que anunciassem a Sua palavra, na medida em que Ele curava e realizava sinais e prodígios para que o Nome de Jesus fosse exaltado. Isso é lindo!

Deus respondeu de imediato a essa prece fazendo tremer o lugar em que estavam reunidos, dando a Sua aprovação e concedendo a todos a intrepidez que fora pedida.

Os versículos 32 a 37 mostra o espírito que se apoderou da Igreja, com todos tendo tudo em comum, para que ninguém entre eles tivesse necessidade, enquanto os apóstolos davam testemunho de Jesus com grande poder.

O capítulo se encerra com uma nota dizendo que um levita chamado Barnabé tinha um terreno, o qual vendeu e trouxe o dinheiro para os apóstolos, para apoio da obra.

Atos 5

Conquanto o capítulo 4 tenha terminado com uma bela descrição da união e do amor que reinavam na recém criada Igreja de Jerusalém, os primeiros 11 versículos deste nos narram um acontecimento muito triste, relacionado com um casal que quis mostrar diante dos irmãos o mesmo desprendimento de Barnabé, mas sem contudo tê-lo. Eles tinham uma propriedade que venderam por determinado valor e mentiram aos irmãos dizendo que tinham vendido por menos, para desta forma poderem cair na admiração de todos e ainda terem parte do dinheiro para si mesmos.

A narrativa termina com a morte de ambos, que ouviram de Pedro que a mentira não fora para os irmãos e, sim, para Deus e que aquilo fora uma provocação ao Espírito do Senhor. Desta forma o texto nos diz (versículo 11) que veio um grande temor sobre toda a Igreja. Não obstante a tristeza do ocorrido, vemos a importância que Deus dá ao temor do Seu povo. Não é à toa que Salomão nos diz que é exatamente aí que principia a sabedoria (*Provérbios 9.10a*).

Os versículos 12 a 16 nos falam do crescimento do grupo e dos sinais e maravilhas que Deus fazia através dos apóstolos, a ponto de serem curadas pessoas sobre quem a sombra de Pedro se projetava ao passar na rua.

Obviamente isso não poderia provocar senão ciúmes no Sumo Sacerdote, em seus aliados e nos saduceus em geral, pelo que mandaram prender os apóstolos. Deus zombou deles, contudo, durante a noite, soltando-os e mandando que fossem falar ao povo pela manhã.

Passada a confusão que isso gerou na prisão e constatado que estavam mais uma vez pregando ao povo no templo, foram presos novamente e questionados por falarem de Jesus. A resposta dos apóstolos é um testemunho maravilhoso para todos nós. **“Mais importa obedecer a Deus do que aos homens”**. Essa deve ser a nossa diretriz de vida.

O ímpeto de todos do Sinédrio no sentido de matá-los foi contido por Gamaliel, que os alertou sobre a possibilidade de estarem lutando contra Deus (o que, aliás, estavam), pelo que convenceu a todos a tratá-los brandamente. Assim sendo, foram apenas açoitados e liberados, retornando a seguir ao templo, onde continuaram testemunhando.

Atos 6

Não obstante o temor de Deus na Igreja, esta ainda era formada por homens, no seio dos quais havia inclusive discriminação, no caso específico entre judeus israelitas e helenistas. As viúvas helenistas começaram a reclamar que recebiam menos comida que suas consortes israelitas na distribuição diária dos alimentos. O fato de terem que parar de pregar para ajudar servir comida, desagradou os apóstolos, que sugeriram que fossem escolhidas pessoas especificamente para essa função. Assim, surgiram os

primeiros diáconos, em número de sete, e de maioria helenista, para a resolução do problema.

Curiosamente um destes sete, Estêvão, além de servir as mesas, também dava testemunho e fazia sinais e maravilhas no meio de seus irmãos. Um dia, enquanto testemunhava, envolveu-se numa discussão com alguns judeus, que não podiam resistir à sua sabedoria, pelo que subornaram alguns homens mentirosos para dizerem que ele ofendera a Moisés e a Deus.

O capítulo termina com ele sendo conduzido ao Sinédrio, acusado de testemunhar contra o templo, contra Moisés e contra a lei. Não obstante a seriedade das acusações, todos sabiam que ele era inocente.

Atos 7

Continuando a narração do capítulo anterior, a palavra é dada a Estêvão para que este se explique e o que sai de sua boca é uma longa narrativa da história do povo de Israel, começando com a chamada de Abraão, por Deus, para uma terra que Ele lhe mostraria. Depois da morte de seu pai, Tera, Deus o leva a Canaã, onde tem Isaque e depois Jacó, que gerou seus 12 filhos. A narrativa passa pela descida ao Egito com José e depois pela libertação com Moisés e a conquista da Terra Prometida, chegando depois a Davi e Salomão. Durante toda a narrativa ele ressaltou a rebeldia do povo contra o Senhor, chegando a fazer uma citação correspondente de *Amós 5.25-27*, no versículo 43.

No versículo 51 de sua retrospectiva histórica Estêvão diz ao Sinédrio que eles são todos homens de dura cerviz, incircuncisos de coração e ouvidos e que resistem ao Espírito Santo, por agirem contra o Messias exatamente da mesma maneira que seus pais haviam agido contra os profetas do Senhor. Assim sendo, haviam se tornado traidores e assassinos, não acatando a lei que lhes fora dada por anjos.

A incapacidade de ouvirem a verdade os levou a apedrejar Estêvão, que não obstante a monstruosidade dos atos dos sacerdotes, morreu pedindo a Deus que não lhes imputasse aquele pecado de assassinato.

As vestes de Estêvão foram lançadas aos pés de um brilhante jovem do Sinédrio chamado Saulo.

Atos 8

Neste capítulo vemos como Deus usa dessa circunstância difícil para fazer com que o Evangelho, antes restrito a Jerusalém, chegasse a Samaria e começasse a se espalhar por várias outras terras.

Saulo se sentiu honrado por depositarem as vestes de Estêvão a seus pés e tomou como encargo seu a perseguição a todos quanto professavam aquela seita ligada a Jesus. Ele

os encarcerava, espancava e, segundo suas próprias palavras, os obrigava a blasfemar (*Atos 26.11*).

A Igreja assim assolada foi espalhada por toda a Judeia e Samaria, mas aonde iam, os crentes pregavam a palavra (versículo 4). Juntamente com essa leva Filipe, também um dos diáconos como Estêvão, foi parar na cidade de Samaria, onde pregava a palavra e realizava sinais e prodígios e curas, além de expulsar demônios, trazendo grande alegria para aquele lugar (versículo 8).

Havia um homem na cidade que realizava mágicas, enganando as pessoas, que criam ser milagres. Esse, vendo os verdadeiros milagres realizados por Filipe, veio a se converter junto com os outros homens da cidade.

Quando os apóstolos souberam do avivamento em Samaria, mandaram para lá Pedro e João, cuja primeira providência ali foi orar para que recebessem o poder do Espírito Santo, tal como acontecera com eles. Quando o mágico viu que esse poder era concedido pela imposição de mãos dos dois, quis comprar deles o poder para fazer o mesmo. Neste evento vemos a forma dura como os apóstolos lidam com intenções erradas. O mágico é duramente repreendido e sequer sabemos o desfecho de sua situação.

Em pleno avivamento, o Espírito Santo apela a Filipe para que pare de pregar em Samaria e que vá para um lugar deserto. É notável que Filipe acate a ordem recebida sem qualquer comentário. É assim que nós crentes devemos agir. O desfecho de sua obediência foi o Evangelho de Jesus Cristo chegando à Etiópia, muito antes de outras nações bem mais próximas.

Atos 9

A conversão de Saulo e o início do seu ministério de pregador do Evangelho de Jesus é narrado nos primeiros 30 versículos deste capítulo. É uma história notável pela forma como Deus o pinça e o chama para o Seu serviço em meio a todo o ódio que ele sentia por Jesus. A única forma de entendermos isso é valendo-nos do conhecimento que Deus tinha de suas intenções e da sinceridade de seu coração. Podemos dizer que ele amava a Deus, não obstante todos os seus atos errados e que Deus inseriu apenas uma mudança de rumo em sua vida.

Quando Saulo cai do cavalo e ouve Jesus perguntando o porque de sua perseguição, a primeira coisa que chama a atenção é o fato dele reconhecer o senhorio dAquele que lhe pergunta.

Se Filipe não questionou o Espírito Santo em nada, no evento acima, já o mesmo não aconteceu com Ananias. Este teve a ousadia de perguntar se o Espírito não sabia quem era Saulo e o que estava fazendo contra a Igreja de Jesus. É bonito, contudo, ver como

o Espírito é paciente e mostra a ele que Saulo é importante para Ele. Ananias o acata sem questionar e já chega chamando Saulo de irmão, unguendo-o com o Espírito Santo.

Saulo era muito culto e rapidamente reconheceu textos bíblicos que lhe permitiam provar que Jesus era o Cristo, mas isso não quer dizer que ele estivesse pronto para a obra que Deus tinha para ele. Embora convencesse as pessoas, ele, ao mesmo tempo, suscitava ódio por parte dos judeus, pelo que foi necessário enviá-lo para Tarso para evitar a sua morte.

Feito isso, vemos no versículo 31, que a Igreja teve um período de paz, durante o qual cresceu bastante, com Pedro viajando bastante para falar às novas igrejas que se formavam.

Os versículos 32 a 43 falam a respeito desse trabalho missionário de Pedro, onde são retratadas a cura de um paralítico chamado Enéas em Lida, a ressurreição de uma mulher chamada Dorcas em Jope e o trabalho missionário de Pedro ali, enquanto estava hospedado na casa de Simão.

Provérbios 10

Os provérbios de Salomão apresentados neste capítulo contrastam sempre bem e mal, sabedoria e tolice, justiça e perversão etc.

O resumo de todos os provérbios nos indica que os atos bons levam os feitos correspondentes a bom termo, enquanto os atos voltados para o mau, conquanto possam trazer ganhos de curto prazo, levarão inevitavelmente à ruína.

Dessa forma Salomão define qual o filho que dá alegria aos pais, qual o trabalhador que prospera, qual a forma de falar do justo, qual o procedimento do servo de Deus, como prolongar a vida, etc.

Em última análise, o temor do Senhor, ou seja, a sabedoria que Ele concede, é a chave para uma vida bem sucedida.

Provérbios 11

O mesmo tipo de comparação é feita neste provérbio, mas limitada praticamente ao justo e ao perverso, bem como aos seus atos e o resultado final dos mesmos.

O texto começa dizendo que Deus tem prazer em negócios honestos. Quantos de nós, os Seus servos, estamos realmente empenhados em agradá-IO em tudo que fazemos? Sempre que preciso tomar uma decisão referente aos meus negócios resolvi, há algum tempo, me perguntar em primeiro lugar: se eu realmente amo ao meu Senhor? Obviamente se a resposta for sim, está implícita a decisão que mais Lhe agrada.

Os versículos 5 e 6 transmitem a mesma realidade, qual seja, que o justo vive de sua justiça, enquanto o perverso morre devido à sua impiedade.

Os versículos 9 a 13 ensinam que o justo tem respeito pelo próximo e sua justiça o beneficia, mas o perverso o desrespeita, derruba e destrói. Assim sendo, há júbilo quando ele perece.

O versículo 22 classifica de maneira engraçada a mulher bela e tola; Salomão a compara a uma joia de ouro colocada no focinho de um porco.

Os versículos 24 a 27 falam do justo generoso como uma pessoa que Deus tem prazer em abençoar, para que tenha mais a distribuir. A fidelidade do Seu Senhor fica ressaltada, pois é Ele, em última instância, quem provê.

É confortador saber que o fruto do justo é a própria árvore da vida e que sua sabedoria reside no interesse que tem pela salvação de seu próximo.

Provérbios 12

Dentro do mesmo estilo de comparações, Salomão nos mostra aqui a vantagem de viver segundo os ensinamentos do Senhor, pelo que começa dizendo que quem ama a disciplina mostra o respeito que tem pelo conhecimento, enquanto aquele que não aceita que sejam apontados os seus erros é estúpido.

O homem que planta com justiça cria raízes que não podem ser arrancadas (versículo 3). As comparações como essa são muito edificantes, mostrando sempre em que consiste a sabedoria.

No versículo 10 Salomão nos informa que o justo tem cuidado dos animais, enquanto o perverso é cruel com eles.

Os versículos 16 a 19 nos mostram que a boca do homem disciplinado edifica. Ele evita afrontas, esconde informações que podem ofender e “cura” com suas palavras gentis.

O homem prudente é humilde (esconde o conhecimento) e dessa forma ele evita disputas. O tolo, ao contrário, está sempre contando vantagens (versículo 23).

Salomão encerra esse capítulo dizendo que o caminho do justo produz vida.

Provérbios 13

Mais uma vez os provérbios deste capítulo apontam para as vantagens de andar-se sabiamente. O filho sábio, por exemplo, ouve as instruções do pai, enquanto o tolo não aceita ser repreendido (versículo 1).

Os versículos 2 a 5 ressaltam as vantagens de fazer prevalecer a verdade à mentira. Já os versículos 7 e 8 sugerem que a ostentação de riquezas é um tolice, pois faz com que estas acabem sendo pagas como resgate.

O versículo 11 traz a versão bíblica de um provérbio popular, segundo o qual dinheiro que vem fácil também facilmente se perde.

Os versículos 13 a 17 falam novamente do ensino das palavras sábias, produzindo vida e bem. No versículo 20 Salomão louva quem se chega aos sábios, pois sábio se tornará. Não há dúvida de que muita coisa da sabedoria popular tem base bíblica.

Encerrando, vale a pena ressaltar o versículo 24 que diz que aquele que não usa a vara para corrigir o seu filho não o ama, antes o aborrece. Este versículo contradiz, frontalmente, os modernos ensinamentos relativos à criação dos filhos.

Semana 26 - A Expansão do Povo Cristão (1)

Texto: Atos 10 a 18 e Provérbios 14-18

Estação 14

Atos 10

O presente capítulo narra o início da pregação do Evangelho de Jesus Cristo aos gentios, com o Espírito Santo dirigindo todos os passos de Pedro na empreitada da conversão de Cornélio.

Tudo se passa de maneira tão automática, sob a regência do Espírito, que não havia a menor chance de alguma coisa dar errado. Aparece um anjo a Cornélio mandando chamar Pedro. Este, por sua vez, é previamente instruído no sentido de tratar os gentios como se fossem judeus. Finalmente, o próprio Espírito Santo se faz derramar sobre Cornélio e seus amigos e parentes, mostrando a Pedro e aos outros que eles estavam por Ele aceitos. Só restou a Pedro a alternativa de aceitá-los da mesma forma como Deus já o fizera.

O fato do anjo ter dito a Cornélio que suas esmolas tinham agradado a Deus, poderia dar a ele a impressão de que sua salvação pessoal já estava garantida, mas ele de forma alguma quis deixar de ouvir aquilo que Deus preparara para ele através de Pedro.

Como o Espírito Santo caiu sobre os gentios tal como caíra sobre os judeus reunidos nos cenáculos, foi evitada muita discussão posterior e ajudou mesmo no concílio narrado em *Atos 15*, para que todos reconhecessem que ser judeu não era um pré-requisito para ser cristão.

O batismo de Cornélio e seus parentes e amigos se dá logo a seguir, fazendo com que todos os aceitassem sem restrições como membros da Igreja de Jesus Cristo.

Pedro cuidou para que o grupo ali reunido fosse devidamente instruído, pelo que permaneceu com eles por vários dias, conforme indicado no versículo 48.

Atos 11

Este capítulo dá prosseguimento ao que aconteceu no anterior. Tão logo os discípulos em Jerusalém ouviram falar que Pedro quebrara as leis judaicas no que diz respeito à forma de tratar os gentios, os líderes da Igreja o convocaram para que se explicasse.

É muito interessante ver como as tradições afetam o relacionamento entre crentes desde os primeiros passos do Cristianismo. Não havia tempo a perder com essas bobagens, pelo que reconhecemos que o Espírito Santo se antecipou a elas dando a Pedro a certeza de que estava agindo segundo a voz de Deus e aos demais, por ocasião de sua

narração do ocorrido, a mesma certeza que ele tivera. O versículo 18 nos diz que se apaziguaram e deram glória a Deus por aquilo que Ele estava fazendo, quebrando regras, aprimorando o relacionamento com os gentios e dando a eles também a salvação em Jesus.

A partir do versículo 19 o texto fala sobre a pregação dos crentes dispersos pela perseguição movida pelos judeus de Jerusalém. Estes pregaram Jesus por onde passavam, mas a maioria só aos judeus.

Houve, contudo, um outro grupo que se dirigiu para Antioquia, ao norte do Líbano hoje, onde começaram a pregar também aos gregos, com muitas conversões, a ponto dessa informação ter chegado à Igreja em Jerusalém. Os apóstolos reagiram imediatamente a isso mandando para ali Barnabé, que provavelmente é a mesma pessoa que já fora mencionada no capítulo 4 por ter vendido uma propriedade e trazido o dinheiro para o sustento da Igreja (*Atos 4.36-37*).

Mais uma vez o Espírito enviou para ali a pessoa certa, qual seja, alguém que se alegrou com a conversão dos gregos ao invés de questioná-la. Ele os estimulou a todos no sentido de ficarem firmes em Jesus (versículo 23).

É provável que os apóstolos já tivessem discutido com Barnabé a possibilidade de aproveitar o jovem Saulo, que retornara para Tarso, pois se tratava de uma pessoa com um perfil bivalente (greco-judaico) e que poderia ser muito útil ali. Assim sendo, não surpreende em nada o fato de Barnabé ter ido buscá-lo em Tarso (versículo 25) para ajudar na obra de Antioquia.

No versículo 26 ficamos sabendo que a Igreja de Antioquia já virara uma poderosa multidão, findo o primeiro ano de trabalho de Barnabé e Saulo, a ponto do povo da cidade reconhecê-los e chamá-los de cristãos, embora o termo fosse uma espécie de deboche.

Os primeiros profetas da Igreja a serem mencionados aparecem nos versículos finais deste capítulo, profetizando uma fome que efetivamente veio e para a qual os irmãos de Antioquia quiseram prover para os judeus em Jerusalém (versículos 29 e 30).

Atos 12

Este capítulo começa nos informando da morte de Tiago, irmão de João, por mandado de Herodes. Tendo visto que isso agradara aos judeus, ele mandou prender Pedro, que também tinha a intenção de matar. Nessas circunstâncias a Bíblia nos fala do maravilhoso livramento dele, graças às orações intercessórias da Igreja. A narrativa do livramento de Pedro termina com Herodes disciplinando os soldados que não puderam explicar o livramento feito através do anjo do Senhor.

Os versículos 20 a 23 nos falam da arrogância de Herodes e de como Deus lidou com a mesma. O texto nos fala de divergências dele com os líderes de Tiro e Sidom, que eles, por dependerem dele para seu sustento, resolveram tentar encerrar, conseguindo uma

entrevista com ele. Nesta entrevista Herodes começou a fazer um discurso e os seus ouvintes, para bajulá-lo, disseram a ele que era o próprio Deus falando. O versículo 23 nos diz que ele aceitou o elogio e que Deus o feriu por causa disso, fazendo com que caísse morto ali mesmo. São inúmeros os textos bíblicos que falam do quanto Deus abomina a arrogância, mas nenhum é tão contundente quanto esse.

O capítulo termina com informações positivas sobre o crescimento da Igreja e de João Marcos, sobrinho de Pedro, acompanhando Barnabé e Saulo em seu retorno a Antioquia.

Atos 13

O presente capítulo nos fala de Antioquia como o centro de uma obra de evangelização usando a instrumentalidade de Barnabé e de Saulo. Eles começam como parte de um grupo de profecia e ensino, que também orava, e que por determinação do Espírito Santo dá início à primeira viagem missionária de Saulo e Barnabé. Depois da indicação dos dois pelo Espírito, o versículo 3 nos diz que foram despedidos mediante jejum, oração e imposição de mãos. O sucesso da missão foi totalmente confiado a Deus.

A figura 26-1 nos mostra o trajeto dessa primeira viagem missionária, que começa saindo de Antioquia e descendo para a Selêucida, de onde navegaram para a ilha de Chipre. Chegando ali, dirigiram-se para a cidade de Salamina e começaram a pregar nas sinagogas judaicas, onde tiveram o apoio de João Marcos, que os acompanhara desde Jerusalém.

O trajeto deles atravessou toda a ilha e chegou à cidade de Pafos, onde ocorreu um dos eventos mais curiosos de todas as viagens missionárias bíblicas. Saulo e Barnabé encontraram um judeu de nome Barjesus que praticava artes mágicas e fingiu ser profeta, enganando a muitos. Com a chegada de Saulo e Barnabé, ele tomou uma posição antagônica, tentando desacreditá-los, enquanto estavam evangelizando o proconsul Sérgio Paulo. Entendemos pelo texto que ele contradizia aquilo que Saulo falava (versículo 8), a ponto deste não conseguir mais tolerá-lo, pelo que fez uma coisa extremamente inusitada, rogou sobre ele uma maldição divina (versículos 10 e 11a), segundo a qual ele ficaria cego por algum tempo, o que ocorreu logo a seguir. Essa demonstração de poder foi suficiente para convencer o proconsul do poder de Deus.

O texto diz que eles estavam pregando sempre nas sinagogas, mas obviamente o proconsul não era judeu; portanto, também evangelizavam entre os gentios. Lucas ressalta aqui o fato de Saulo ser chamado também de Paulo. Isso deve ser uma espécie de transição porque a partir daqui ele troca de nomes e passa a usar Paulo.

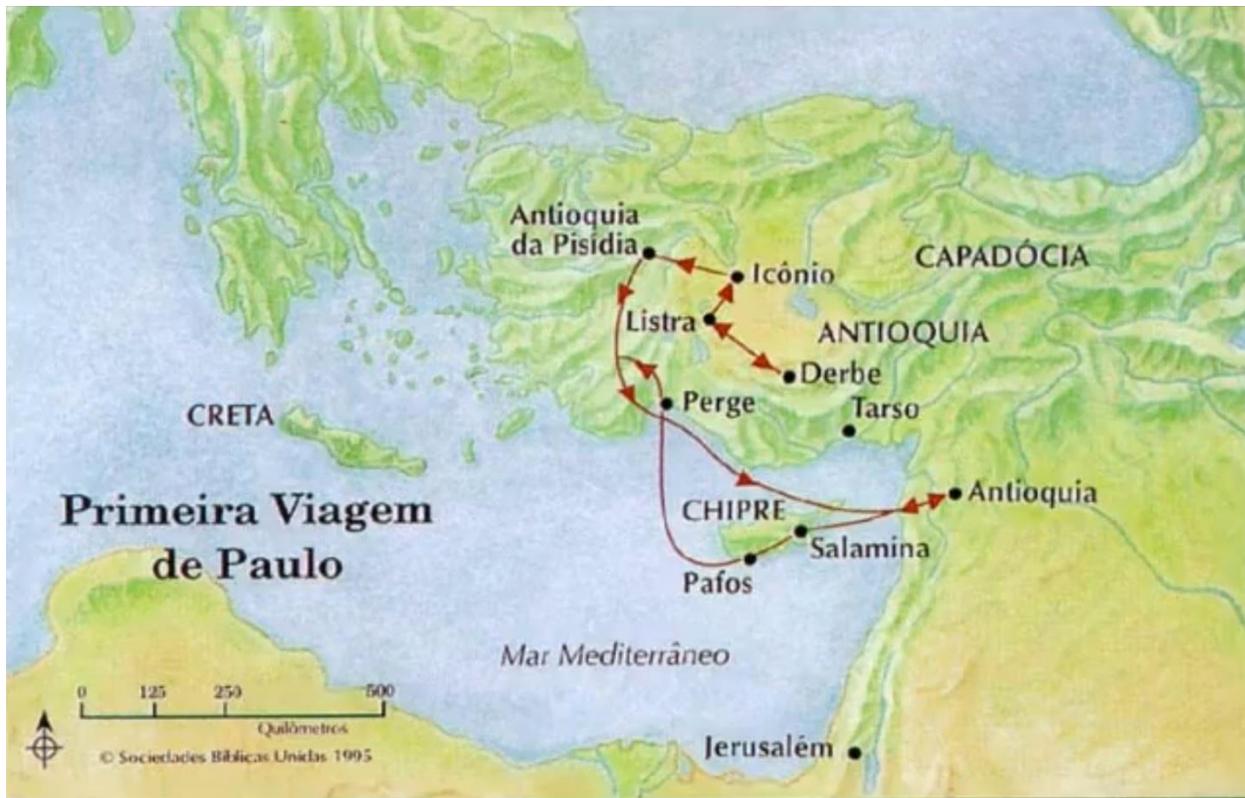


Figura 26-1 - Primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé /30/

Continuando a viagem, navegaram de volta para o continente em Perge, onde se dirigiram a outra cidade ao norte chamada também de Antioquia, mas que ficava na Pisídia. Ali, como de costume, se dirigiram no sábado para a sinagoga, onde vemos Paulo pregando um lindo sermão evangelístico, no qual declarou que Jesus é o Messias que Israel estava esperando (versículos 16 a 41).

Terminando o seu discurso, os judeus pediram a Paulo que retornasse à sinagoga no sábado seguinte para novamente falar com eles, o que efetivamente aconteceu, mas veio tanta gente (o texto diz que veio a cidade inteira), que os líderes dos judeus ficaram com inveja e passaram a contradizer o que Paulo afirmava.

É exatamente neste ponto que Paulo e Barnabé decidem, então, se voltar para os gentios gregos, que se alegraram com isso e se converteram em grande número (versículo 48).

Os judeus se organizaram no afã de expulsá-los de Antioquia e acabaram conseguindo, mas não sem que eles tivessem organizado um igreja cristã. Seu próximo destino foi Icônio (ver figura 26-1).

Atos 14

Chegando a Icônio, eles se dirigiram primeiro à sinagoga e começaram pregando ali, mas o texto nos informa que se converteram também muitos gregos (versículo 1), pelo

que houve uma resistência organizada por parte dos judeus (versículo 2). Como o Senhor, através deles, realizasse sinais e prodígios, não demorou para que a cidade se dividisse, uns a favor deles e outros contra (versículo 4).

Os judeus contrários, contudo, organizaram um movimento contra no sentido de apedrejá-los, pelo que preferiram se deslocar para a cidade seguinte, que era Listra.

Em Listra Paulo e Barnabé começaram pregando a Cristo até que apresentou-se a Paulo um homem aleijado desde o berço, que ele curou em nome de Jesus. Quando o povo da cidade, sede do templo do deus Júpiter, viu o que acontecera, passaram a tratar Paulo e Barnabé como se fossem deuses em forma de homem, chamando-os de Mercúrio e Júpiter, respectivamente.

Como o povo quisesse fazer sacrifícios aos dois, Paulo e Barnabé rasgaram suas vestes em sinal de tristeza e pediram insistentemente que não o fizessem, por serem eles mesmos homens de carne e osso como cada um deles (versículos 15 a 18).

Embora eles tivessem conseguido impedir o povo de fazê-lo, chegaram logo a seguir os judeus vindos de Listra, que incitaram o povo ao apedrejamento de Paulo. Este desmaiou, mas levado para fora da cidade se recompôs e partiu com Barnabé para a última cidade dessa viagem, que foi Derbe.

Tendo feito muitos discípulos ali, retornaram por Listra, Icônio e Antioquia, onde organizaram melhor as igrejas, elegendo os presbíteros de cada uma. De lá desceram novamente para a Panfília, onde pegaram um navio de retorno.

Atos 15

Este capítulo é conhecido pela descrição do que foi o primeiro Concílio Doutrinário da Igreja. Paulo e Barnabé já estavam de volta de sua primeira viagem missionária, quando chegaram lá alguns irmãos judeus vindos de Jerusalém, pregando a necessidade da guarda da Lei de Moisés, para que os gentios convertidos a Jesus pudessem ser salvos.

Obviamente Paulo e Barnabé apresentaram grande resistência a essa ideia, mas o assunto acabou voltando a Jerusalém sob forma de consulta, para o que foram enviados alguns irmãos, dentre os quais foram os próprios Paulo e Barnabé.

Em Jerusalém, todos tiveram a oportunidade de apresentar os seus pontos de vista, mas os destaques do texto são para os discursos de Pedro, Paulo e Barnabé. Fica claro, contudo, que a palavra final foi dada por Tiago, irmão do Senhor, que parece ter assumido uma posição de liderança. Isso é um tanto surpreendente porque não há texto algum indicando a sua conversão, bem como a de seus irmãos, e nem tampouco o fato de ter assumido algum cargo de liderança na Igreja. Sabemos da rejeição de Jesus por parte de seus irmãos e nos surpreendemos pelo fato de sequer aparecerem na descrição da crucificação, a ponto de Jesus recomendar a João o cuidado de sua mãe. Mais

adiante, contudo, em *Atos 1.14*, já encontramos os irmãos de Jesus listados entre aqueles que estavam presentes no cenáculo, logo após a ascensão de Jesus.

Independente disso, nós o vemos aqui recomendando uma solução final e esta sendo aceita pela maioria, qual seja a escolha de dois irmãos: Judas e Silas, para levarem à Igreja de Antioquia uma carta dando o desfecho final do Concílio (versículos 17 a 22).

Assim foi e os irmãos de Antioquia muito se alegraram pelo fato de não terem que alterar aquilo que já lhes fora ensinado por Paulo e Barnabé.

Alguns dias depois, vemos Paulo tentando organizar uma visita às igrejas que haviam fundado durante a sua primeira viagem (versículo 38). Sua proposta foi bem aceita por Barnabé, mas surgiu uma desavença entre os dois no tocante a novamente levarem João Marcos consigo, como haviam feito na primeira viagem.

Não compreendemos como a posição dos dois possa ter se tornado irreconciliável, mas fato é que se separaram, com Barnabé retornando a Chipre, acompanhado de João Marcos, e Paulo partindo para a sua segunda viagem missionária, acompanhado de Silas.

Atos 16

A segunda viagem missionária de Paulo é apresentada na figura 26-2 a seguir. Desta feita, seguiram por terra via Tarso e iniciaram por Derbe, onde haviam concluído a viagem anterior, seguida de Listra e Icônio (versículo 2).

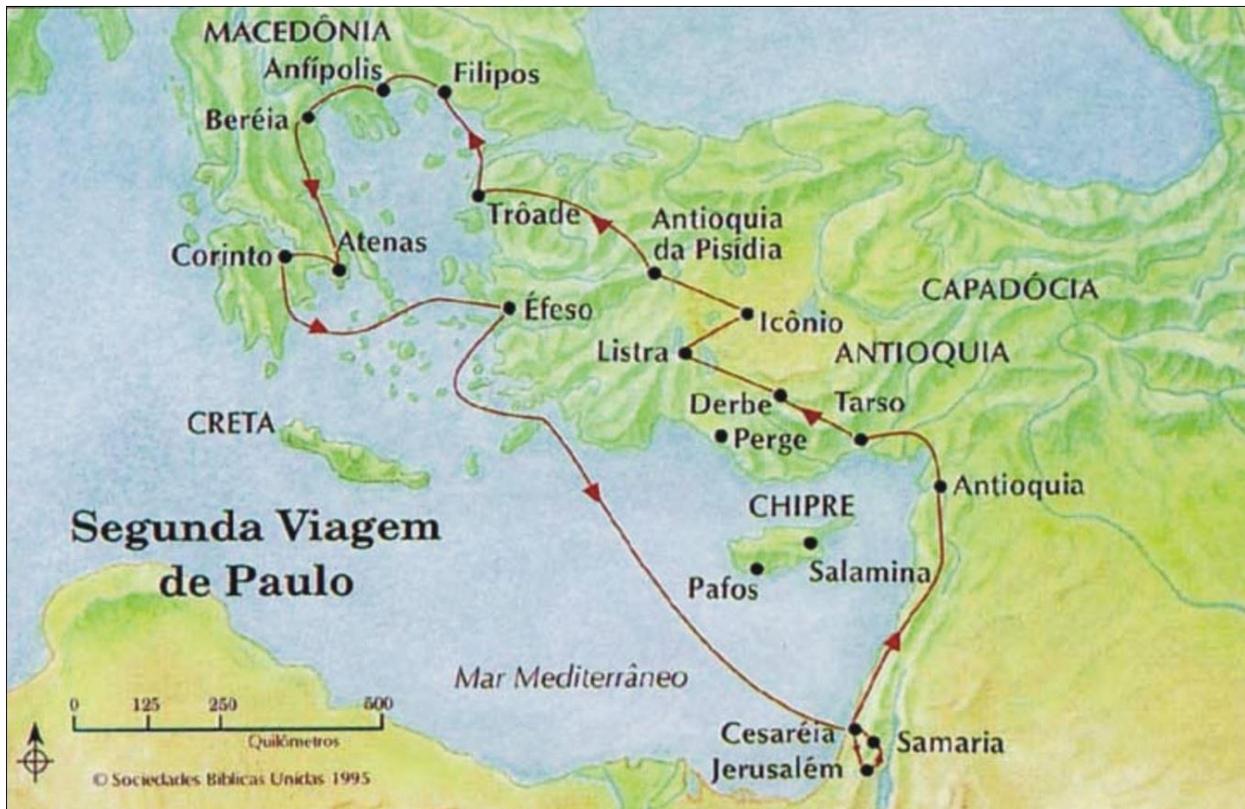


Figura 26-2 - Segunda viagem missionária de Paulo acompanhado por Silas /30/

Aparentemente em Listra eles agregaram mais um companheiro de viagem, Timóteo, que Paulo curiosamente circuncidou, mas com a finalidade única de evitar confusão com os judeus por onde passasse.

Em todas as cidades por onde passaram, eles comunicaram as decisões do Concílio de Jerusalém e constataram que as igrejas haviam crescido.

Passando de Antioquia, eles tinham planos de ir primeiro para a Ásia e depois para a Mísia, mas em ambos os casos o Espírito Santo vetou. Finalmente, chegaram a Trôade e lá foram orientados por Ele no sentido de irem à Macedônia, o que efetivamente fizeram chegando a Filipos.

O Evangelho em Filipos produziu, inicialmente, a conversão da vendedora de púrpura, Lídia, que acabou se tornando o início da Igreja em Filipos.

Durante a evangelização naquele local Paulo acabou expulsando o demônio de uma jovem com espírito de adivinhação, que dava lucro aos seus senhores. Estes, indignados com o fim de seus lucros, conseguiram que Paulo e Silas fossem punidos por açoitamento e aprisionados.

Este aprisionamento rendeu a conversão do carcereiro, que Paulo evangelizou no meio da noite. O Espírito Santo realmente tem maneiras estranhas de alcançar as pessoas que precisam ser salvas.

Finalmente, deixaram a cidade com a Igreja já organizada na casa de Lídia.

Atos 17

Neste capítulo Paulo continuou sua missão na Macedônia, onde, saindo de Filipos, passou por Anfípolis e chegou a Tessalônica, onde, segundo o seu costume, procurou a sinagoga dos judeus, na qual falou durante 3 sábados seguidos. Muitos creram que Jesus era efetivamente o Messias, mas muitos houve, também, que se rebelaram e procuraram denunciar Paulo às autoridades. Antes disso, contudo, Paulo partiu, seguiu adiante e começou a pregar em Bereia. Ali os judeus foram mais interessados e realmente procuraram conferir tudo nas Escrituras, pelo que muitos deles se converteram. Enquanto isso, contudo, os judeus de Tessalônica, sabendo que Paulo estava em Bereia, foram até lá para persegui-lo; assim sendo, este teve novamente que fugir, deixando, contudo, tanto Timóteo como Silas para trás.

Chegando a Atenas, Paulo, mais uma vez, procurou falar aos judeus, mas não se furtou a pregar aos muitos gregos que encontrou nas ruas. Alguns destes, tomando interesse, convidaram-no para falar no Aerópago, o que ele fez com prazer. Seu discurso ali foi ouvido até o momento em que falou da ressurreição de Jesus. Neste momento, a maioria deles perdeu o interesse, mas houve alguns que se interessaram e se converteram.

Atos 18

Deixando Atenas, Paulo seguiu adiante até Corinto, onde se encontrou com Áquila e Priscila, um casal de judeus convertidos, que estavam ali fugidos de Roma, e começou a trabalhar com eles fazendo tendas, a profissão de todos. Aos sábados Paulo tentava persuadir os judeus na sinagoga e muitos houve que se converteram.

A exemplo do que ocorrera em outros lugares, contudo, houve também aqueles que não mais o toleravam, pelo que Paulo deixou de frequentar a sinagoga e passou a pregar numa casa contígua à mesma, onde pregou durante um ano e meio, período durante o qual a conversão de gregos foi bastante acentuada.

Ao longo desse período houve vários problemas com os judeus radicais, mas que não exigiram a partida antecipada de Paulo.

Finalmente, concluído o tempo de Paulo em Corinto, ele partiu dali por navio para Éfeso, levando consigo a Áquila e Priscila, que deixou ali trabalhando. Naquela cidade o casal se encontrou com um judeu de nome Apolo, que estava pregando Jesus, mas com alguma deficiência, pois o texto nos fala que ele conhecia apenas o batismo de João

Batista. Ao ouvi-lo, e constatando a sua desatualização, chegaram-se a ele e colocaram-no a par do batismo em Jesus e da unção do Espírito Santo, capacitando-o a pregar muito mais apuradamente, continuando assim o seu ministério.

Depois de deixar Áquila e Priscila em Éfeso, Paulo seguiu de navio até Cesareia, de onde subiu a Jerusalém para saudar a Igreja e depois seguiu caminho até Antioquia.

Provérbios 14

Mais uma vez os provérbios de Salomão apresentados aqui contrastam bem e mal, sabedoria e tolice, justiça e perversão etc. De modo geral têm os ensinamentos que já vimos em provérbios anteriores mudando apenas as palavras.

São bastante claros, motivo pelo qual dispensam maiores comentários, mas há alguns que contêm verdades tão marcantes que não podemos deixar de citá-las. Esse é o caso do versículo 1. A mulher sábia edifica a sua casa, justamente por proceder sabiamente em todas as situações. De tudo ela extrai sempre o que há de melhor. De todos ela reconhece sempre as virtudes. Para tudo ela visualiza sempre o que melhor funciona. O fato de ser sábia faz toda a diferença. Pobre do homem que se casa com uma mulher à qual falta esse importantíssimo atributo.

O versículo 2 nos informa que o temor do Senhor faz com que o homem ande por caminhos retos. Como o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria, segue que andam em retidão os homens sábios. Por outro lado sabemos também que o homem que ama a Deus guarda os seus mandamentos, de modo que podemos combinar esses versículos e dizer que o homem teme a Deus também O ama.

Isso tudo não é apenas um jogo de palavras e, sim, uma realidade que reconhece que o homem que busca um relacionamento com seu Deus está fadado a ter todos esses atributos porque Deus os tem, são parte de Sua natureza, e faz com que se reflitam nele.

O versículo 16 nos diz que o homem sábio é cauteloso e se desvia do mal. O mal vem na forma de uma provocação, que o tolo aceita, mas o homem sábio freia os seus ímpetos e não aceita provocações porque Deus o torna cauteloso em suas reações. Sem dúvida a sabedoria de Deus é em si uma bem-aventurança na vida do homem.

O versículo 27 nos diz que o temor do Senhor é fonte de vida para evitar os laços da morte. A vida nos arma laços que nos prendem e levam à morte, mas o temor do Senhor faz com que todos sejam desatados, produzindo vida abundante em Sua presença.

Encerrando o capítulo, Salomão nos diz que o servo prudente goza do favor do rei. De igual modo o favor do Senhor acompanha os Seus servos que exercem a prudência em todos os seus atos, honrando assim o Reino a que servem.

Provérbios 15

O primeiro versículo deste capítulo contém uma das verdades mais importantes do relacionamento entre pessoas. Se todos utilizassem sempre respostas brandas e entendessem a grande vantagem de desviar o furor que tais respostas poderiam suscitar se brandas não fossem, nenhuma guerra jamais teria existido. Jamais a ira que deu início às mesmas teria sido suscitada.

A língua dos sábios, que assim procedem, adorna o conhecimento de Deus e a paz que dele decorre. Já os tolos que abrem a boca para derramar a sua própria insensatez, são a causa de toda a tormenta que tanta tristeza produz nos dias atuais (versículo 2).

Mais uma vez são confrontadas palavras sábias e tolas, atos sábios e tolos, justiça e iniquidade. Mais uma vez os provérbios são claros, pelo que apenas alguns estão sendo comentados.

O versículo 13 contém uma receita infalível para a beleza pessoal, pois o coração alegre aformoseia o rosto, mas a sua tristeza faz com que o espírito se abata. Não há dúvida de que as pessoas que amam a Deus e agem sabendo que Ele tudo faz para o seu bem, tem um rosto que atrai as pessoas à sua volta. Ao contrário, pessoas que vivem deprimidas impedem que os outros tenham prazer em sua companhia.

O versículo 17 nos fala o quanto é melhor um prato de hortaliças servido com amor do que um filé suculento servido com contendas. Na verdade Salomão reconhece que o amor torna todas as coisas aprazíveis, enquanto o ódio faz com que percam o sabor as coisas mais deliciosas.

Os pais que educaram sabiamente os seus filhos certamente não de se alegrar com o comportamento igualmente sábio que verão na sua forma de proceder. A fidelidade do Senhor se mostra recompensando os pais que ensinaram aos filhos o caminho em que devem andar.

O coração do sábio medita como há de responder. Me lembro bem que como jovem me comprazia em dar aos meus desafetos a resposta que mais iria magoá-los. Aprendi com o Senhor, todavia, que a minha resposta deve ser sempre temperada, de modo a evitar ofensas a todo custo. Que diferença faz o Senhor em nossas vidas!

Os ouvidos que atendem a uma repreensão salutar têm morada no meio dos sábios. Na verdade, apenas os sábios lidam construtivamente com as repreensões que lhe são dirigidas.

Finalmente, o capítulo se encerra dizendo que o temor do Senhor é a própria instrução da sabedoria e que a humildade precede a honra. Obviamente as pessoas tementes a Deus sabem a importância da humildade. Há sempre mais espaço para que sejam honradas as pessoas humildes do que aquelas que procuram sua própria exaltação.

Provérbios 16

A ênfase de Salomão aqui está na vida justa e suas vantagens em todas as áreas. Como anteriormente, todo o texto é claro, pelo que vamos apenas ressaltar alguns provérbios de minha apreciação.

Ele começa dizendo que o coração faz planos, e assim é sempre, mas que a resposta correta provém do Senhor. Por mais puros que esses planos pareçam a nossos olhos, o Senhor conhece o nosso espírito (versículo 2), pelo que confiar a Ele as nossas obras é a forma mais segura de sucesso (versículo 3).

Costumo pensar na arrogância como o meu maior inimigo e o versículo 5 confirma isso, dizendo o quanto o Senhor a abomina. No versículo 18 somos informados que a soberba precede a ruína e que a altivez de espírito nos leva à queda.

Esse texto tem vários versículos cuja ênfase é a vida justa (veja, por exemplo, os versículos 8 e 11). Deus tem prazer na justiça de nossos negócios e por mais tentadoras que sejam as ofertas do mundo, o nosso grande galardão reside em declinar das mesmas em favor da justiça divina.

O versículo 16 pesa o valor da sabedoria e da prudência e os acha muito mais valiosos que o ouro e a prata, pois o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria; portanto, nenhum valor terreno lhe é comparável. Já a prudência é sinônimo de sabedoria do coração (versículo 21), de modo que qualquer comparação com a prata é sem sentido.

O versículo 28 nos informa que o homem perverso é aquele que espalha contendas e que o difamador separa os melhores amigos. Já sabíamos, contudo, do capítulo 15, que o longânimo é aquele que apazigua todas as lutas. O servo de Deus sempre constrói, ao passo que o ímpio está sempre procurando destruir. É tão fácil reconhecer, portanto, um e outro.

Não é sem motivo que o versículo 32 nos informa que melhor é o longânimo que o herói de guerra e o que domina o seu espírito do que o que toma uma cidade. A vitória pela paz será sempre preferível a qualquer honra conquistada a custo de sangue.

Provérbios 17

O bocado seco com tranquilidade será sempre melhor que o banquete em meio a contendas (versículo 1). É assim que Salomão começa esse capítulo. Mais uma vez ele faz comparações que mostram a vantagem da sabedoria, da honra e da justiça. É exatamente por isso que devemos permitir que o Senhor prove os nossos corações (versículo 3), para que fique comprovada ser esta a motivação dos mesmos.

O versículo 8 define bem o sistema de justiça do Brasil, embora tenha sido escrito para falar da justiça dos dias de Salomão: o suborno é como uma pedrinha mágica, que tem utilidade em todas as circunstâncias para quem o dá. Infelizmente, ouvi de um advogado

há algum tempo, que hoje em dia ambas as partes precisam comprar os juízes e que vence quem paga mais. A justiça divina, contudo, não é assim. Cabe ao crente crer que Deus, de acordo com a Sua vontade, fará uso dos poucos juízes ainda honestos para prover justiça aos Seus.

É muito bom sabermos que o amigo ama em todo tempo e que é na angústia que se faz o irmão (versículo 17). É exatamente assim que Deus espera que estejamos agindo no meio em que vivemos. Devemos ser reconhecidos como pessoas que amam com o amor dEle.

No versículo 24 somos informados que a sabedoria é o alvo do inteligente. Que possamos sempre agir com inteligência buscando-a em todo o tempo.

O versículo 28 é um convite a sabermos ficar calados. Até o tolo, quando fica calado, passa por sábio.

Provérbios 18

Mais uma vez nos limitaremos aqui a comentários de alguns provérbios, de preferência pessoal. O primeiro destes é o do versículo 10. Torre forte é o Nome do Senhor, à qual o justo se agrega e está seguro. Esta é uma verdade muito preciosa. É maravilhoso que muitas vezes a simples menção do Nome do Senhor seja suficiente para que o nosso receio em uma situação difícil seja convertido em confiança e segurança, visto que foram muitas as vezes em que aprendemos a **“descansar no Senhor e esperar nEle”** (*Salmos 37.7*).

Vivemos uma época em que as enfermidades têm se multiplicado grandemente. A prática de nossas igrejas é orarmos sempre pelos enfermos, mas quando a doença tem tratamento e previsão de cura, pedimos que Deus oriente os médicos e, quando a medicina nada mais tem a dizer, aí, sim, clamamos por milagres. Em ambos os casos nos lembramos de *Isaías 53.5* com Jesus tomando sobre Si as nossas enfermidades e do fato de sermos curados pelas Suas feridas. Por que, então, essa distinção? O versículo 14 parece dizer que o homem que confia ao Senhor sua cura, independente do tipo de enfermidade, passa por ela de forma mais fácil: **O espírito firme sustém o homem na sua doença**. Não estou dizendo que todas as enfermidades são curadas mediante oração, mesmo porque o próprio Deus nos diz, em *Isaías 57.1-2*, que por vezes Ele prefere levar os enfermos para poupá-los do mal. O que estou dizendo, isso sim, é que devemos agir sempre com confiança, como se Deus fosse curar. Essa parece ser a sugestão do provérbio em apreço.

O versículo 22 nos atesta que aquele que encontrou uma esposa achou o bem e alcançou uma bênção do Senhor. Obviamente o versículo não está falando sobre uma companheira qualquer e, sim, uma que vem nos moldes previstos em *Provérbios 31.10-31*. Trata-se de uma mulher sábia, que edifica a sua casa e que realmente é a companheira ideal do seu marido. Não há casamentos perfeitos, mas há alguns que

beiram a perfeição pelo respeito que os cônjuges têm um pelo outro e pelo fato de saberem que suas necessidades só são satisfeitas quando o são também as necessidades do(a) companheiro(a).

Semana 27 - A Expansão do Povo Cristão (2)

Texto: Atos 19-28 e Provérbios 19-22

Estação 14

Atos 19

Neste capítulo o texto começa falando da terceira viagem missionária de Paulo, que chegava aqui a Éfeso (ver também a figura 27-1), sem qualquer anúncio prévio de que esta terceira viagem estava sendo planejada. Nesse meio tempo Apolo, que chegara a Éfeso pouco depois da partida de Paulo, na viagem anterior, agora se encontrava em Corinto, enquanto Paulo chegava novamente a Éfeso. Embora tivessem amigos em comum e pregassem ambos nas mesmas igrejas, não há qualquer indício de que algum dia tenham se encontrado.

O primeiro evento narrado neste capítulo diz respeito ao encontro de Paulo com um grupo de cerca de 12 crentes em Jesus Cristo, que aparentemente foram convertidos pelos ensinamentos de Apolo. Em vista disso, tudo que conheciam era o batismo de João. Quando Paulo perguntou a eles se haviam recebido a unção do Espírito Santo quando creram, sua resposta foi de total ignorância em relação ao que seja o Espírito Santo. Obviamente ele poderia ter pregado a eles um longo sermão a respeito da terceira pessoa da trindade, mas, ao invés disso, optou por orar para que O recebessem, por ser isso absolutamente necessário para que continuassem testemunhando, eficientemente, a respeito de Jesus. O recebimento do poder do Espírito Santo em suas vidas foi atestado por sinais de línguas e profecias similares aos que haviam ocorrido em pentecostes.

É importante ressaltar que não há nenhum interesse aqui na tradicional discussão sobre línguas e profecias como resultado da unção do Espírito Santo. O único interesse de Paulo certamente é a capacitação dos crentes através da unção que o Santo Espírito concede para a realização do trabalho do Reino.

Paulo havia sido convidado a pregar por mais tempo na sinagoga de Éfeso, durante sua segunda viagem missionária, mas não havia sido possível atender ao pedido que os judeus lhe haviam feito. Desta vez, contudo, o texto nos diz que ele ficou com eles durante 3 meses, procurando convencê-los de que Jesus era realmente o seu Messias esperado. Após este período muitos haviam crido, mas os opositores estavam começando a ficar ofensivos, pelo que Paulo, mais uma vez, separou a Igreja da sinagoga, a exemplo do que fizera em Corinto, passando a realizar suas reuniões numa escola de uma pessoa de nome Tirano.

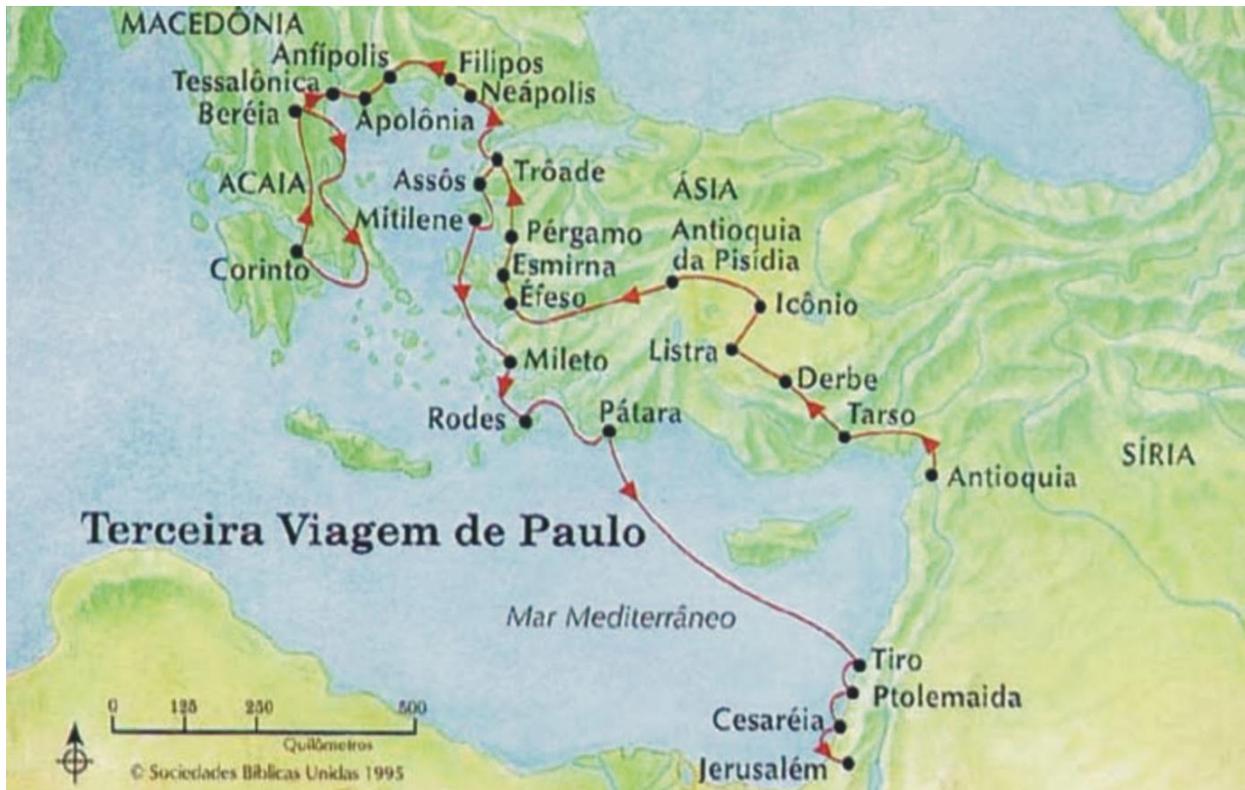


Figura 27-1 - Terceira viagem missionária de Paulo /30/

Os versículos 10 a 12 falam que Paulo permaneceu ali por quase 2 anos e que todos na Ásia (não a Ásia como a conhecemos hoje, mas a esta região parcial da Turquia hoje, a sul do Mar Negro) ouviram falar de Jesus. O texto ressalta, ainda, os grandes milagres que o Espírito realizava através de Paulo.

Os versículos 13 a 17 narram uma curiosa tentativa dos filhos de um judeu, reconhecido como o principal dos sacerdotes, de tentarem expulsar o demônio de uma pessoa possuída em nome “do Paulo que prega Jesus”. A resposta do demônio, dizendo que conhecia tanto a Paulo como a Jesus, mas que não reconhecia neles qualquer autoridade, acabou contribuindo para o respeito tributado ao Evangelho de Jesus.

O restante do capítulo, versículos 23 a 41, narra uma tentativa, de alguns fabricantes de imagem, de parar o evangelho pregado por Paulo, temendo que seu avanço pudesse ser prejudicial para o seu negócio. É interessante ver que nada precisou ser feito, porque a justiça grega se mostrou suficientemente firme para coibir uma tentativa de uns poucos de estabelecer justiça “no grito”.

Atos 20

O capítulo 20 começou com Paulo ainda em Éfeso, mas de saída tão logo chegou ao fim o alvoroço criado pelo ourives Demétrio. A intenção de Paulo já havia sido estabelecida

no versículo 21 do capítulo anterior, qual seja, ir à Macedônia e à Acaia, para depois se dirigir a Jerusalém, onde queria estar por ocasião da Páscoa. Por isso mesmo ele já havia enviado seus companheiros Timóteo e Erasto na frente à Macedônia (*Atos 19.22*).

Saindo de Éfeso, ao longo de 3 meses, ele se dirigiu para a Macedônia e depois a Acaia (Corinto) e depois voltou pela Macedônia, acompanhado por colaboradores da Igreja da Beréia, de Tessalônica e outros, que seguiram adiante até Trôade.

Quando Paulo chegou lá ele ficou uma semana pregando aos presentes. Na última noite, seu sermão se prolongou até à meia noite, quando houve um triste acidente. Um rapaz, que estava sentado na janela, dormiu e caiu do terceiro andar onde estavam, e sofreu morte imediata devido ao impacto da queda. Paulo desceu até lá e o rapaz foi ressuscitado para a alegria geral, pelo que ele pôde continuar o sermão até pela manhã, com todos muito consolados.

No dia seguinte seguiram para Assôs, de lá para Militene e finalmente Mileto. Não querendo voltar a Éfeso, Paulo mandou chamar os presbíteros daquela igreja, dos quais queria se despedir. Nos versículos 18 a 38 Paulo profetizou que esta era a última vez que se viam, pelo que fez inúmeras recomendações antes de orarem juntos e partir.

Atos 21

Saindo de Mileto, Paulo e os demais seguiram de navio até Pátara, onde embarcaram num navio que os levou até Tiro. Ali ele localizou alguns irmãos, com os quais ficou por 7 dias e que recomendaram, por revelação do Espírito Santo, que ele não subisse a Jerusalém. Ele não acatou a recomendação e seguiu viagem até Cesaréia, após passar por Ptolemaida. Em Cesaréia ficou na casa de Filipe, diácono da igreja de Jerusalém, onde mais um profeta lhe revelou que seria preso em Jerusalém. No versículo 12 o próprio Lucas, narrador do texto, faz coro com Filipe e os demais locais, pedindo a Paulo que não fosse até lá, mas este não acatou.

Obviamente ficamos a nos perguntar se o Espírito estava tentando evitar que Paulo fosse a Jerusalém, ou se Paulo estava determinado porque recebera instruções do Senhor que fosse até lá. Não sabemos, mas quando Lucas e os demais decidem não insistir mais, o seu comentário é **“que se faça a vontade do Senhor”!** Dessa forma fica parecendo que a vontade do Senhor era realmente que ele fosse, mesmo sabendo que seria preso, ou talvez por isso mesmo.

Quando pensamos no que seria do restante do ministério de Paulo se ele não fosse preso, podemos imaginar que ele certamente iria a Roma, como pretendia, e talvez tivesse efetivamente ido à Espanha, como também desejava. Talvez tivesse evangelizado mais alguns milhares. Comparado, contudo, às bilhões de pessoas que Paulo evangelizou através de suas cartas escritas enquanto estava preso, talvez fique claro para nós porque o Espírito Santo precisou parar esse homem incansável, para que tivesse tempo para escrever e realmente evangelizar os bilhões em apreço.

No versículo 17 Paulo finalmente chega a Jerusalém e logo se encontrou com Tiago e narrou todas as maravilhas que Deus estava fazendo entre os gentios. Tiago deixou claro que gostaria que ele provasse aos irmãos de Jerusalém, judeus cumpridores da lei, que ele, Paulo, não estava pregando contra Moisés, como todos diziam, mas que ele, como judeu, era cumpridor da lei. Para tanto sugeriu que Paulo ajudasse alguns jovens que haviam feito voto, o que ele efetivamente fez (não porque o cumprimento da lei fosse importante para ele e, sim, porque ele não queria escandalizar os irmãos).

Nossas vidas como crentes sempre têm situações em que devemos ser flexíveis por causa da consciência dos fracos, mesmos sabendo que algumas coisas não são necessárias. Muitas vezes concordamos em fazê-las apenas para não agredir a consciência destes.

O restante do capítulo narra a prisão de Paulo no templo, após ser reconhecido por judeus da Ásia, que o teriam matado, não fosse a intervenção da guarda romana. A multidão furiosa continuava a pedir sua morte, mas o capítulo chega ao final com Paulo pedindo ao centurião que lhe permita falar à multidão.

Atos 22

Os primeiros 21 versículos deste capítulo contêm o discurso de Paulo em sua defesa e ele narrou fielmente a sua vida pregressa de perseguição aos cristãos e como tudo mudou depois de seu encontro com Jesus próximo a Damasco. Curiosamente, toleraram bem esta parte. Ouviram, também, em silêncio, quando lhes falou da cura de sua visão e de como passou a falar sobre Jesus. Quando disse, contudo, que Deus o havia enviado para evangelizar os gentios, eles explodiram de raiva.

Como podemos entender uma coisa dessas? O povo que fora escolhido por Deus, para tornar o Seu nome conhecido entre as nações e para abençoá-las através do Seu conhecimento, se exaspera exatamente porque Paulo diz que foi comissionado para fazer o que todos eles deveriam estar fazendo. O erro estava tão arraigado no pensamento desses judeus, que sequer sabiam mais para que Deus os havia escolhido.

Nos versículos 22 a 29 Paulo escapa de ser açoitado para que “arrancassem dele o motivo de tanto ódio contra ele” graças ao seu conhecimento de seus direitos como cidadão romano que era. Vemos que tanto o centurião como seu comandante ficaram receosos de que pudesse haver problemas pelo simples fato de terem-no amarrado para penalizá-lo.

O capítulo termina no dia seguinte com Paulo sendo levado ao Sinédrio para que os judeus pudessem interrogá-lo sobre seus atos.

Atos 23

Paulo começou a sua defesa perante o Sinédrio dizendo que sempre andou, diante de Deus, com sua consciência tranquila, em todo o tempo, pelo que o Sumo Sacerdote mandou que lhe batessem na boca. Paulo, ou não conhecia Ananias pessoalmente, ou não o reconheceu. É importante que se entenda que esse Sumo Sacerdote havia sido empossado havia pouco tempo. Fato é, contudo, que ele o censurou por mandar batê-lo ilegalmente, chamando-o de “parede caiada” (um juiz de fachada ou corrupto).

Imediatamente ele foi recriminado pelas pessoas próximas por insultar o Sumo Sacerdote de Deus. O mais interessante é que Paulo aceitou a recriminação, por saber que não se deve falar do líder de seu povo (*Êxodo 22.28*), e que ele só o fizera por não saber que era o Sumo Sacerdote. Isso nos mostra o quão seriamente Paulo levava em conta as determinações bíblicas.

No prosseguimento de seu discurso, Paulo se fez valer, maravilhosamente, da dissensão entre fariseus e saduceus. Ele procurou o apoio dos fariseus, confessando-se ele mesmo fariseu, filho de fariseus, que estava sendo julgado pela esperança da ressurreição dos mortos, e Lucas se apressou em explicar que isso fazia parte das crenças diferenciais de fariseus e saduceus (versículo 8).

Imediatamente o grupo se dividiu com os fariseus a apoiá-lo e os saduceus querendo sua condenação. Os ânimos se exaltaram a ponto dos romanos terem que retirá-lo para sua proteção.

Naquela noite Deus falou a Paulo que ele não temesse, porque ele daria testemunho a respeito de Jesus em Roma da mesma forma como o havia feito em Jerusalém.

Insatisfeitos, alguns judeus resolveram, no dia seguinte, que iriam matá-lo ali mesmo no Sinédrio, para o que pediram que Paulo fosse trazido novamente no dia seguinte para novo interrogatório, mas um sobrinho de Paulo testemunhou o acordo entre eles e notificou o fato ao comandante romano, que mandou levá-lo, naquela mesma noite, a Cesareia. O grande gasto foi justificado pelo fato de ser Paulo cidadão romano e que as acusações contra ele eram somente coisas sem importância da legislação judaica, mas que Paulo nada fizera digno de prisão ou morte.

Atos 24

Apenas 5 dias após a chegada de Paulo a Cesaréia, o Sumo Sacerdote, acompanhado de alguns outros, dentre os quais um orador de nome Tértulo, compareceu ali para fazer acusações contra Paulo. Tértulo apresentou as acusações em apreço e Paulo as rebateu, mas o governador Felix postergou qualquer decisão e o manteve preso.

Passados dois anos, durante os quais Felix tinha esperança de receber dinheiro de Paulo para soltá-lo, foi nomeado um novo governador, Pórcio Festo, e Paulo permaneceu preso.

Atos 25

Tão logo Festo assumiu, esteve em Jerusalém, para onde os judeus insistiram que gostariam que Paulo fosse trazido para ser julgado, mas o governador pediu que eles comparecessem em Cesareia com suas acusações. Isso aconteceu poucos dias depois. Embora não pudessem comprovar as acusações que faziam, insistiram para que Paulo fosse levado a Jerusalém, tendo a intenção de matá-lo no caminho. Quando Paulo percebeu que Festo se propunha a aceitar o pedido, apenas para agradar aos judeus, ele se viu obrigado a apelar para Cesar, o que efetivamente era o seu direito como cidadão romano.

Enquanto Paulo esperava para ser enviado a Roma, compareceu em Cesareia, para uma visita, o rei Agripa, acompanhado de uma pessoa de nome Berenice. Este Agripa era o Herodes Agripa II, bisneto de Herodes o Grande, cujo neto Herodes Agripa I, é o Herodes também mencionado em *Atos 12.2-3* por mandar matar Tiago, irmão de João e Berenice é sua irmã. A esposa de Felix, Drusila, mencionada em *Atos 24.24*, também era irmã dos dois.

O rei Agripa manifestou o desejo de ouvir Paulo e isto lhe foi concedido. Nesta ocasião Paulo fez um excelente sermão a respeito da salvação em Jesus, que faz parte do próximo capítulo.

Atos 26

A defesa de Paulo diante do rei Agripa começou com a palavra franqueada a ele para se expressar. Paulo começou, então, dizendo que vivera, desde a mocidade, segundo a seita mais rigorosa do Judaísmo, qual seja o Farisaísmo, na qual se distinguira por seu zelo. Além disso, todas as acusações que lhe haviam sido feitas poderiam ser resumidas ao fato dele crer na ressurreição dos mortos.

Exatamente neste ponto, passou a focar seu discurso na ressurreição de um homem específico, qual seja, Jesus, o Messias, em Quem ele, a princípio, não cria. E porque ele não cria, parecia a ele que seus seguidores deveriam ser perseguidos por serem heréticos, o que ele fez, a ponto de pedir ao Sumo Sacerdote para ir a Damasco e ali prender aqueles que haviam se refugiado naquele local.

O próximo ponto de seu sermão foi o encontro pessoal dele com esse maravilhoso ressuscitado, que Se encontrou com ele na chegada a Damasco e mudou totalmente sua vida. Ele ficara cego e fora curado. Ele, que matara pessoas que nEle criam, estava agora recebendo a incumbência de divulgar que Ele ressuscitara e que a verdadeira salvação estava sendo outorgada graças ao Seu sacrifício.

Obviamente isso era uma loucura para o romano Festo, pelo que, ao chamar Paulo de louco, estava apenas dizendo que isso não fazia sentido. Mas Paulo retrucou dizendo que aquilo que ele dissera não só era verdade, como fazia muito sentido.

Já o comentário do rei Agripa foi no sentido de que por pouco Paulo o convencera a ser cristão. Paulo deixou muito claro, contudo, que essa era exatamente a sua intenção, que ele e todos os outros ali presentes pudessem ter a mesma convicção que ele tinha em relação a Jesus.

Terminada a reunião, todos tinham a mesma certeza, qual seja, que Paulo nada havia feito para estar ali preso.

Atos 27

O capítulo 27 se limita a narrar a grande dificuldade com que Paulo foi levado a Roma. Eles saíram numa época em que a navegação era sabidamente perigosa, mas estava planejado que iriam invernar em algum lugar pelo caminho. Infelizmente, o lugar no qual decidiram invernar nunca foi alcançado, motivo pelo qual acabaram perdendo o navio.

Chama a atenção o respeito angariado por Paulo, que passou de simples prisioneiro, cuja opinião foi ignorada no início da viagem, a consultor do qual dependiam todas as vidas no final. Deus realmente o exaltou soberanamente, além de permitir que ele salvasse 273 vidas!

Atos 28

Ficaram sabendo que a ilha se chamava Malta e que era habitada por bárbaros (não romanos). Ali foram bem recebidos e Paulo pôde pregar livremente a Jesus, graças aos sinais e prodígios que Deus fazia através dele.

Passado o inverno, prosseguiram até Roma, onde foi permitido a Paulo alugar sua própria casa e nela habitar, tendo, contudo, que conviver com a presença de um oficial romano.

Sua primeira preocupação, que mostra bem o seu amor pelo seu povo, foi convocar os judeus para dizer a eles porque ele estava ali preso. Curiosamente, eles não o conheciam e nem tinham ouvido falar dele, embora a seita do Nazareno tivesse sido impugnada entre eles.

Paulo marcou com eles um dia, no qual expôs, durante a manhã e a tarde, a salvação em Jesus e Sua condição de Messias de Israel. Muitos deles creram, mas o grupo ficou bem dividido, motivo pelo qual ele disse a eles que estaria passando a falar aos gentios, a quem Deus o enviara.

O texto nos diz que ele fez isso por mais 2 anos. Infelizmente, contudo, não sabemos o que ocorreu a Paulo a seguir. A grande maioria crê que ele foi executado ao fim dos dois anos por mandado de Nero. Outros há, todavia, que creem que foi libertado, fez a sua pretendida viagem à Espanha e que posteriormente foi preso novamente e decapitado em Roma.

Provérbios 19

Este capítulo começa com o óbvio, mas que é cada vez mais rejeitado em nossos dias: é melhor ser íntegro e pobre do que ganhar riquezas às custas da perversão do tolo. No Brasil dos dias atuais convencionou-se que tolo é exatamente o íntegro que se recusa a “levar vantagem”. Essa é uma total inversão de valores!

Agir sem refletir é condenado no versículo 2 e todos concordam com isso, mas não é tão intuitivo o fato de os atos precipitados nos levarem a pecar.

Os versículos 5 e 9 são quase iguais, ambos condenam a testemunha falsa e preveem a sua ruína.

Embora as riquezas frequentemente sejam transmitidas como herança dos pais, é Deus quem traz ao nosso encontro a companheira prudente (versículo 14). A vida não necessariamente será feliz pelo acúmulo de riquezas, mas a vida compartilhada com uma companheira ideal independe do dinheiro para ser feliz.

Quem se compadece do pobre empresta ao Senhor. Este versículo bem conhecido (versículo 17) justifica a experiência de que jamais falta dinheiro para continuar a ser misericordioso.

O versículo 19 adverte para o fato de que não adianta livrar o colérico do castigo que merece receber por sua crise de ira, porque será necessário livrá-lo novamente “dobrando a esquina”. É sempre preferível deixar que ele arque com as consequências de seus atos coléricos, para que aprenda a não cometê-los.

O versículo 23 insiste, mais uma vez, no fato de que o temor do Senhor conduz à vida.

Provérbios 20

Aquele que não é moderado no consumo de bebidas alcoólicas é chamado aqui de tolo. Embora haja grupos evangélicos que proíbam de todo o consumo do álcool, a Bíblia nos conclama à moderação no seu uso e não à total abstenção do mesmo. É claro que a moderação nem sempre é possível, pelo que a abstenção para muitas pessoas é totalmente recomendável, mas não podemos atribuir à Bíblia aquilo que ela não diz.

Ao contrário do que muitos pensam, honroso é evitar contendas e não aceitá-las (versículo 3). É sempre preferível evitar o uso de palavras ásperas ou mesmo de força física, simplesmente para mostrar “hombridade”. Isso na realidade é o papel do tolo que se mete em rixas.

O versículo 14 reproduz a mentira de todo comprador, que procura desvalorizar tudo o que compra, para depois se gabar de ter comprado por excelente preço. Os nossos negócios devem ser justos diante de Deus e dos homens.

O versículo 16 mais uma vez adverte contra o fato de ficarmos de fiadores de quem quer que seja. Infelizmente a legislação da fiança obriga o fiador sem, contudo, protegê-lo contra abusos. Assim sendo, muitos têm perdido propriedades por serem avisados tardiamente de que seu afiançado não cumpriu suas obrigações.

O versículo 19 nos conclama a termos discernimento em relação às pessoas a quem revelamos nossos segredos. Se os revelamos a pessoas que têm prazer em contar novidades (fofoqueiros), então, fazemos um papel tolo ao confiá-los a elas.

Os passos do homem são dirigidos pelo SENHOR. Essa primeira parte do versículo 24 nos deixa claro que “quem manda na minha vida não sou eu”, ao contrário do que muitos têm prazer em dizer. Como Ele não quer que ninguém se perca, está sempre propiciando oportunidades, mas muitos há que as desprezam.

Semana 28 - O Evangelho Segundo Paulo (1)

Texto: Romanos 1 a 7

Estação 15

Romanos 1

A saudação inicial é muito comum em toda carta, mas esta de Paulo, que se estende pelos primeiros 7 versículos, além de longa e detalhada, contém uma quantidade de informação grande e de certo modo confusa.

Paulo se identifica como um “doulos” (escravo) de Jesus Cristo, que foi por Ele chamado para ser apóstolo, separado para levar as Boas Novas vindas de Deus, as quais Deus havia prometido outrora através de Seus profetas. Essas Boas Novas (o Evangelho) dizem respeito a Seu Filho, Jesus, o qual foi um descendente de Davi segundo a carne.

Até esse ponto não há qualquer confusão no texto, embora talvez possamos nos surpreender com o rigor do compromisso de Paulo ao se declarar escravo de Jesus. A confusão começa no versículo 4, quando Paulo salta todo o ministério terreno de Jesus e vai direto para o Jesus ressurreto, para dizer que Ele, que descendera de Davi segundo a carne, **foi declarado Filho de Deus, com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos**. É inevitável que nos perguntemos porque Ele precisou ser declarado Filho de Deus, se foi gerado pelo Espírito Santo no ventre de Maria. Maria deu berço ao homem Jesus, que era 100% homem e 100% Deus e esse homem foi concebido no ventre de Maria pelo Espírito Santo, que é Deus. Logo, Jesus nasceu um filho legal de Deus nesse mundo.

Aqui, contudo, há uma discussão teológica importante. De um lado, temos nomes como Lutero, Calvino, Zwinglio, Spurgeon e Billy Graham (mais modernamente), que dizem que Jesus homem morreu espiritualmente e depois fisicamente ao tomar sobre Si os nossos pecados e que, por isso, foi adotado como Filho de Deus, ao ser o primeiro homem a nascer de novo, recebendo um novo espírito. Nessa ocasião, portanto, Deus O declarou Seu Filho.

Por outro lado, há os que negam que Jesus tenha morrido espiritualmente porque Deus não pode morrer e que Ele nunca tomou sobre Si, literalmente, os nossos pecados. Foram apenas atribuídos a Ele, mas Ele nunca Se contaminou com eles. Sua morte foi uma grande injustiça feita com Ele. Assim sendo, nessa ocasião, quando ressuscitou e foi restaurado Seu pleno poder na ressurreição, Ele foi “confirmado” como Filho de Deus (/31/, pág. 60).

Essa segunda alternativa é consistente com os primeiros Concílios da Igreja, que consideraram Jesus um corpo humano, animado por uma alma humana, ao qual foi adicionado o Espírito de Deus Filho. Esse homem indivisível não poderia morrer espiritualmente porque isso implicaria na morte de Deus na condição de pecador.

O problema dessa definição cristológica, que persiste até hoje, reside no fato de que Jesus homem não seria mais 100% homem, porque sem um espírito corruptível ele simplesmente não era homem. Por outro lado, quem paga nossos pecados segundo Paulo é Jesus Cristo homem (*1 Timóteo 2.5*) porque foi Ele que assumiu o papel de mediador entre nós e Deus.

Assim sendo, eu defendo que Jesus tinha um espírito humano corruptível, além do Espírito divino do Filho, fazendo dEle 100% Deus e 100% homem. Estas duas partes são inseparáveis, mas a parte divina ficou esvaziada (pela vontade de Deus - Kenosis) durante todo o período antes da ressurreição (*Filipenses 2.5-8*). Além disso, o espírito humano de Jesus foi dotado do Espírito Santo de Deus logo antes de iniciar o Seu ministério.

Com base no acima exposto, podemos sugerir uma configuração de Jesus, durante o Seu ministério, conforme indicado na figura 28-1.

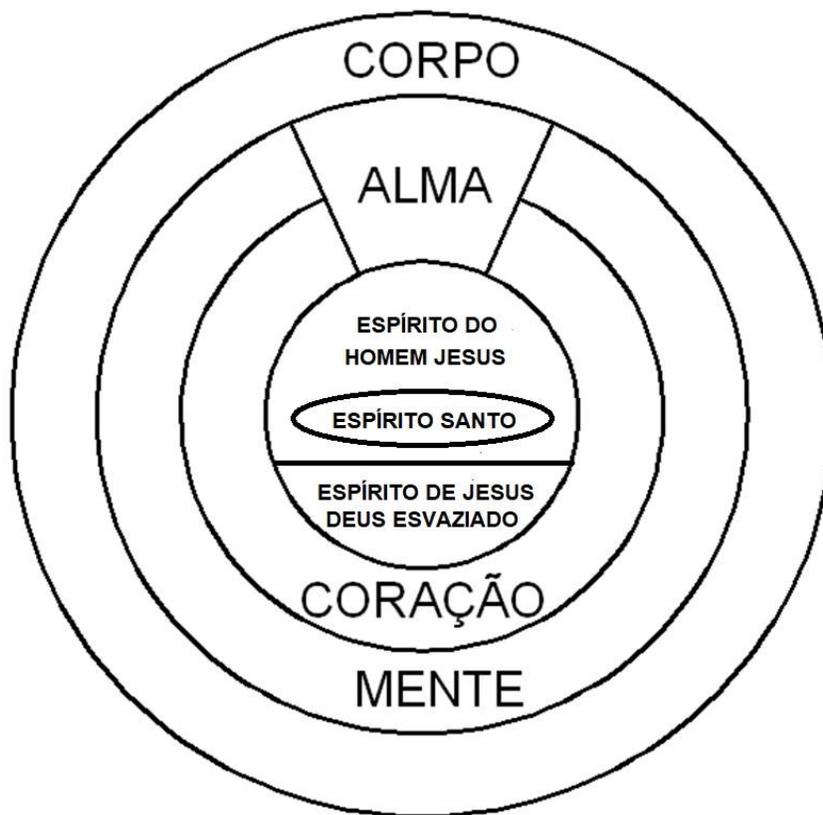


Figura 28-1 - Configuração de Jesus 100% homem, cheio do Espírito Santo e 100% Deus com um espírito esvaziado voluntariamente. Esse espírito, não obstante compartimentado, é admitido indivisível.

Quando Jesus reclama, na cruz, por Deus tê-lo abandonado, vemos o registro dEle sendo contaminado por nossos pecados, com a morte espiritual de Jesus homem. Logo

depois Jesus devolve ao Pai o Espírito de Jesus Deus. Jesus ressuscita ao terceiro dia, sendo dotado de um novo espírito humano. Este novo ser humano é adotado pelo Pai como Filho, que recebe, também, a Sua plenitude divina.

Nos versículos 5 e 6 Paulo identifica Jesus como o Senhor dele e dos membros da Igreja de Roma (gentios e judeus), aos quais deseja graça e paz (versículo 7).

Nos versículos 8 a 15 Paulo fala a respeito dos membros da igreja de Roma e de como só ouviu falar bem do testemunho que dão. Ele diz que tem orado por eles e por uma oportunidade de estar com eles.

Ele aproveita, então, o restante do capítulo, para falar a respeito do Evangelho que já mencionou na introdução.

Pode parecer que ele comece dizendo que não se envergonha do Evangelho, porque sendo o poder de Deus para a salvação do homem, jamais poderia ser motivo de vergonha. Ocorre, contudo, que a crucificação era a mais degradante forma de morte que havia, tanto para os romanos como para os próprios judeus. Aliás a lei judaica deixava claro que a pessoa que morresse dessa forma era maldita (*Deuteronômio 21.22-23*). Paulo nos informa, contudo, em *Gálatas 3.13*, que foi graças àquela cruz vergonhosa, que Deus nos resgatou da maldição de não guardar a lei, na qual toda a humanidade estava presa.

Assim, a justiça de Deus se revela justamente pela fé naquele ato vergonhoso de Jesus pendurado naquela cruz. O justo viverá pela fé! Aleluia! (versículo 17).

Deus detesta a impiedade e a perversão dos homens, que tentam chamar seus atos impiedosos de justos, mas tudo que precisavam saber sobre Deus, de modo a respeitá-LO, já havia sido demonstrado a eles. Seus atributos e Seu eterno poder foram mostrados a eles pelas coisas que se veem e que Ele criou. Assim sendo, não podem alegar ignorância de nada. Eles são indesculpáveis (versículo 20).

Embora os homens tivessem conhecimento de Deus, eles não O glorificaram como Deus, pelo que se tornaram “nulos em seu raciocínio” (burros!) e, achando-se sábios, passaram a glorificar os objetos do seu dia a dia ao invés de glorificar a Deus.

O resultado disso é que Deus os entregou à sua própria torpeza, para serem vítimas dela. As mulheres passaram a se inflamar contra as mulheres e os homens a se excitar com os homens. Além disso, ficaram cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade tornaram-se difamadores, caluniadores, incrédulos, presunçosos, insolentes, soberbos, desobedientes, sem afeição natural e sem misericórdia.

Além de tudo isso, apesar de saberem o que é certo e o que é errado, bem como o castigo do erro, eles continuam a apregoar o erro e a elogiar aqueles que o praticam.

Qualquer semelhança com a nossa sociedade aqui no Brasil é “mera coincidência”.

Romanos 2

No capítulo 1 Paulo falou aos romanos a respeito da corrupção moral generalizada de seus dias, que sabemos ser muito similar à dos nossos. No capítulo 2 ele passa a falar sobre a obediência à lei, mas não devemos nos surpreender com o fato dele falar sobre justificação através dela. Ele não está falando aqui de salvação pela graça e, sim, se fosse possível, pela lei.

Assim sendo, a tônica de seu discurso é que o justo é aquele que pratica obras justas e o ímpio aquele que pratica impiedade. Ele começa, portanto, falando da hipocrisia de uma pessoa que condena aqueles que praticam atos ímpios, enquanto ele mesmo procede da mesma maneira (versículo 1). Como tal pessoa poderia imaginar que ela escaparia à condenação divina (versículo 3)?

Os versículos 4 a 10 falam do justo juízo divino, que não discrimina judeus ou gregos, começando por chamar a atenção para o fato de que Deus é bom, mas que Sua bondade e tolerância são para que haja arrependimento e não devem ser confundidos com um sinal de impunidade. Ele retribuirá a cada um como merece. Haverá vida eterna para os que perseveram em fazer o bem e tribulação e angústia para os que fazem o mal.

Tenho visto, muitas vezes, o versículo 12 citado de forma errônea. Ele não diz que os que sem lei pecaram, “sem lei serão julgados” (com a ideia de que possam ser absolvidos por terem errado por ignorância). Diz, isso sim, que perecerão tanto os que pecaram sob a lei como os que não a conheciam, mas fica implícita a pena mais branda para quem pecou por ignorância.

Claro que a tendência é pensarmos que isso é uma injustiça da parte de Deus, motivo pelo qual Paulo o justifica nos versículos 14 e 15. É que todos nós somos criados com a lei divina implantada em nós. Quando a guardamos, atendendo aos ditames da consciência, simplesmente estamos servindo de lei para nós mesmos. No fundo, não há, portanto, ninguém sem lei.

Esses mesmos versículos nos revelam uma verdade muito importante. Muitos teólogos, como Agostinho, por exemplo, têm pregado que o pecado original nos escraviza, levando-nos a pecar sempre. Esses versículos negam essa assertiva, porque nos informam ser possível o gentio não pecar quando acata o que diz a sua consciência. Cabe ressaltar, também, que Agostinho ia ainda mais longe, porque para ele o pecado original é um pecado que nos leva ao inferno apesar de não ser nosso. Assim sendo, ele cria que o bebê não batizado estava destinado ao inferno. Isso formou o pensamento católico romano ainda em vigor. A Bíblia nos ensina, contudo, que não há pecados hereditários (*Jeremias 31.29-30*).

Os versículos 17 a 29 são reservados exclusivamente para o povo judeu, que não obstante terem recebido a lei como povo escolhido e se vangloriarem disso, não acham que sua guarda seja absolutamente necessária. Assim sendo, ele conclui dizendo que o

verdadeiro judeu não é aquele que o é exteriormente e, sim, aquele que ama a Deus e guarda a sua lei. Além disso, a verdadeira circuncisão não é aquela do prepúcio e, sim, aquela que é do coração, demonstrada através da observância da aliança feita com Deus.

Romanos 3

Ora, se o verdadeiro judeu é o que o é interiormente e a verdadeira circuncisão a do coração, o “advogado do diabo”, introduzido por Paulo, se aproveita para perguntar se há alguma vantagem, então, em ser judeu e se há alguma utilidade na circuncisão?

A resposta de ambas as perguntas é simplesmente “muita”, ou seja, muita vantagem e muita utilidade, principalmente porque foi aos judeus que foi transmitida a Palavra de Deus. Eles saíram na frente e isso foi uma enorme vantagem.

Mas o interlocutor replica, então, perguntando se a infidelidade de uns poucos judeus é causa suficiente para Deus deixar de ser fiel? Claro que não, diz Paulo; Deus continua totalmente fiel, mas é a infidelidade desses poucos que faz ficar ressaltada a justiça de Deus.

Nesse ponto o interlocutor tenta tirar vantagem da situação com uma pergunta cínica, pela qual Paulo pede até perdão: se o meu pecado faz ressaltar a justiça de Deus, e Ele é exaltado por isso, como pode Ele ainda querer me punir por ele?

A resposta paulina dessa vez está associada à natureza de Deus. Ele abomina o pecado; portanto, seria totalmente incoerente se ora passasse a mão por cima dele e ora condenasse o mundo pelo mesmo (versículo 6).

Uma vez condenados, contudo, Paulo ressalta que a vantagem do judeu desaparece, pois tanto judeus como gregos estão debaixo do pecado (versículo 9).

Nos versículos 10 a 18 Paulo descreve a verdadeira situação de toda a humanidade. Não há um justo sequer, ninguém entende, ninguém busca a Deus, todos se desviaram (de Deus) e ninguém faz o bem. Todos são mentirosos e todos se apressam para o mal.

O resultado disso é que ninguém vai ser justificado pela lei, porque ela simplesmente testifica a todos que eles não foram capazes de cumpri-la. Assim sendo, a única coisa que a lei faz é trazer ao meu conhecimento a minha inabilidade de ser justificado por ela.

Exatamente nesta situação irremediável no tocante à justificação pela lei, que Paulo introduz a maravilhosa justificação pela fé em Jesus Cristo e no seu ato de redenção, morrendo a vergonhosa morte de cruz (versículos 21 a 31).

Agora que todos são pecadores e ficaram muito aquém da glória de Deus, Ele comparece como justo e justificador daqueles que creem. Assim sendo, não faz mais diferença se são judeus ou gentios, pois Deus é o Deus de ambos e propõe a mesma salvação pela fé aos dois, desde que creiam.

Não há mais nenhum motivo de orgulho, pois a única coisa na qual podemos nos gloriar é na vergonhosa cruz de Jesus Cristo (*Gálatas 5.14*).

Romanos 4

O capítulo 3 mais uma vez terminou dizendo que a salvação não distingue entre judeus e gentios, mas Paulo não está jogando os judeus para escanteio. O interesse dele continua focado em seus irmãos de sangue. Não há melhor assunto para confirmar esse interesse, portanto, do que começando a falar a partir do ponto onde tudo começou: Abraão.

Paulo começa, então, dizendo que quer falar sobre a justificação de Abraão, pai da nação judaica, e começa perguntando se sua justificação se deu debaixo da lei, pelas obras que realizou, ou se foi pela fé? Ora, as Escrituras dizem que Abraão creu nas promessas que Deus lhe havia feito e que isso lhe foi atribuído como justiça (*Gênesis 15.6*). Logo, conclui Paulo no versículo 5, Abraão foi justificado pela fé.

Mais adiante ele lembra que Davi também disse algo nesse sentido em *Salmos 32.1-2*: “como é feliz aquele que tem seus pecados perdoados e a quem o Senhor não imputa culpa”.

Foi exatamente isso que aconteceu a Abraão, disse Paulo; mas vejam, isso lhe foi atribuído antes da circuncisão ser instituída; portanto, ele foi justificado pela fé quando era incircunciso!

Assim sendo, vemos que a justificação pela fé veio antes da lei, sendo aplicável, portanto, tanto aos que estavam debaixo da lei, os judeus, como a todos os gentios, motivo pelo qual Abraão foi constituído como pai de muitas nações, formadas tanto por judeus como por gentios.

A partir do versículo 16 Paulo passa a se preocupar exatamente com o que foi que Abraão creu e que lhe foi imputado como justiça. Deve ter sido uma coisa muito importante, para lhe valer a própria justificação.

Pois bem, Deus já tinha dito a Abraão que faria dele um grande povo e que através dele abençoaria todos os povos da Terra (*Gênesis 12.2-3*), mas ele não tinha filho e, passados muitos anos, já falecido o seu pai Tera, agora já na terra de Canaã, a situação não mudara. Ele, então, pergunta a Deus se a intenção dEle era que ele adotasse o seu escravo como filho. A resposta de Deus foi no sentido de que ele teria um filho próprio, gerado por ele, e para tanto levou-o para fora e pediu que contasse as estrelas, uma tarefa impossível. Pois bem, assim seria a sua descendência. Foi isso que Abraão creu e lhe foi imputado como justiça. Essa descendência diz respeito aos filhos da fé, formada tanto por judeus como por gentios. Para fazer parte dela basta que se creia nAquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos (versículo 24), esse mesmo Jesus que foi morto para

pagar os nossos pecados e ressuscitou para criar a descendência da fé, justificando a todos, dos quais Ele mesmo é o Primogênito.

Romanos 5

Uma vez justificados pela fé em Jesus, nosso relacionamento com Deus se inicia e principia pelo fato de termos paz com Ele. Temos plena certeza que isso só se deu graças a Jesus e passamos a nos gloriar em ver a própria glória de Deus refletida em nossas vidas, na medida em que permitimos que Ele viva em nós.

Quando Pedro e João foram açoitados pela primeira vez, após a ressurreição de Jesus, o texto em *Atos 5.41* nos informa que se regozijaram pelo fato de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo Nome de Jesus. Aqui Paulo, semelhantemente, justifica se gloriar nas tribulações que vai sofrer pelo Nome de Jesus, porque a tribulação gera a perseverança, a perseverança a experiência e a experiência a esperança, que por sua vez não se deixa confundir, porque o amor de Deus inunda os nossos corações pelo Espírito Santo que recebemos.

Talvez ele achasse não ter sido claro o suficiente sobre o feito de Jesus, pelo que volta e fala da morte substitutiva dEle.

Segundo Paulo, embora difícil, pode até ser que alguém concorde em morrer por uma pessoa justa e boa, mas Deus fez muito mais que isso, provando o Seu grande amor por nós, pelo fato de Jesus ter concordado em morrer a morte correspondente ao castigo que nos estava reservado pelos nossos pecados.

Isso permite que nos gloriemos, ainda, em Jesus, pelo fato dEle ter promovido a nossa reconciliação com Deus.

Neste ponto o pensamento de Paulo se volta para Adão, que ele afirma ter se tornado mortal só por causa do pecado (versículo 12). Parece uma declaração razoável, considerando que sua morte física só veio quase 1.000 anos depois da espiritual. Assim sendo, não havia ainda as doenças, nem os motivos outros que levam ao declínio do corpo. Assim, a longevidade dos primeiros homens, que talvez tenha nos surpreendido, deveria mesmo era nos decepcionar, pois Adão, que seria eterno, tornou-se mortal, embora tivesse uma vida mais longa que a nossa. O pecado foi progressivamente reduzindo a extensão da vida, que nos últimos anos ganhou alguma recuperação, graças aos esforços da medicina.

O versículo 13 pode trazer alguma dúvida, pois nos informa que o pecado já estava no mundo antes da lei, mas que antes desta o pecado não é imputado. Será que isso quer dizer que nenhum dos habitantes deste planeta pôde ser condenado ao inferno antes do advento da Lei de Moisés? O versículo 14 nos diz que não. Não obstante a falta da lei, mesmo assim a morte reinou de Adão até Moisés.

Para esclarecer essa aparente contradição precisamos nos lembrar de Romanos 2.14-15, que fala dos gentios terem o padrão divino da lei implantado em suas consciências, de modo que este serve para condená-los ou absorvê-los. Adão tinha a lei proibindo-o de comer da árvore da ciência do bem e do mal, portanto pecou debaixo da lei. Já os seus descendentes, não obstante não terem uma regra similar, foram condenados por suas próprias consciências.

Paulo, a seguir, faz várias declarações gloriosas relativas à graça de Deus. Se por uma só desobediência passou a reinar o pecado no mundo, quanto mais por um só ato de obediência (de Jesus) recebemos a abundância da graça, tornando justos todos os que creem.

Caso algum dia alguém tenha se perguntado porque o sacrifício de Jesus paga os pecados de todos os homens, se Ele era um só? A resposta está neste versículo. Deus tornou hereditária a escravidão do pecado de Adão com a finalidade única e exclusiva de que o pecado de um só homem servisse de condenação para todos. Como todos morrem em Adão, então todos podem ser vivificados em Cristo.

Com o pecado de Adão, a maldade se multiplicou e abundou o pecado, mas exatamente nesse momento Deus enviou Jesus para que, através dEle, superabundasse a graça.

Romanos 6

Neste ponto o “advogado do diabo”, criado por Paulo, resolveu dar palpite: ora se o pecado faz superabundar a graça; então, vamos pecar mais! Aí Paulo corta esse raciocínio simplista e diz que isso não faz nenhum sentido, porque se Cristo morreu pelos pecados e nós morremos com Ele, como agora podemos querer continuar a fazer aquilo para o que morremos?

Neste ponto ele introduz o conceito do significado do batismo, ou seja, cada um de nós testifica que morreu com Cristo e com Ele ressuscitou para, então, andar, daí para frente, em novidade de vida (versículo 4).

A partir do versículo 6, Paulo introduz alguns termos que têm sido bastante distorcidos, quais sejam o “velho homem” e a “escravidão do pecado”. O nosso “velho homem” é claramente aquele que somos diante da lei, que não conseguimos guardar. O velho homem é devedor à lei e está condenado por não guardá-la. Já a “escravidão do pecado” é a mudança que ocorreu em Adão e Eva quando pecaram pela primeira vez. O termo correspondente cunhado pela Igreja Católica Romana é o “pecado original”, mas que na realidade não é pecado algum e, sim, uma tendência que todo homem tem à desobediência. É como se fosse uma maldição que o obriga a pecar.

O versículo 9 nos fala de Jesus ressuscitando da morte para a vida eterna, com a morte não tendo mais nenhum domínio sobre Ele. Não obstante termos ainda corpos mortais, Paulo diz que, se ressuscitamos com Ele, devemos nos considerar mortos para o pecado

e livres para Deus. Assim procedendo, o pecado não terá nenhum domínio sobre nós e não seremos mais seus escravos.

Isso, contudo, não é um fato consumado e, sim, uma opção de cada um. Um crente pode continuar a viver no pecado e se sentirá como se fosse escravo dele, mesmo sabendo que dele fomos libertos (versículo 16).

Embora isso não faça nenhum sentido, visto que fomos feitos “servos da justiça” (versículo 18), vemos as igrejas de Jesus Cristo com muita gente que vive no pecado como se nada tivesse mudado.

Exatamente por isso, Paulo faz uma exortação no versículo 19, porque sabe que a carne é fraca, pelo que seus leitores devem se esforçar para oferecer seus corpos não à escravidão do pecado e da maldade e, sim, para a justiça e a santificação.

Ele lembra a eles que houve uma época em que serviam ao pecado e as obras praticadas naquela época são hoje motivo de vergonha para eles. Assim, como agora são servos de Deus, devem produzir frutos para a santificação e para a vida eterna.

O motivo para tanto, o versículo 23, é muito conhecido: **porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.**

Romanos 7

O capítulo 7 sempre dividiu os teólogos; uns acham que Paulo fala de uma época anterior à sua conversão, na qual era derrotado pelo pecado, por não conseguir guardar a lei, enquanto outros acham que ele fala na condição de crente que quer vencer por si só, após a conversão, mas que falha por desconhecer os recursos que o Espírito Santo coloca à sua disposição. Na realidade ambas as situações levam à frustração que ele narra, e todo o capítulo serve como introdução ao capítulo 8, onde a maravilhosa liderança do Espírito Santo na vida do crente é apresentada.

Ele começa lembrando que o homem que vive debaixo da lei deve obediência a ela enquanto viver. Como exemplo disso, ele apresenta uma mulher casada que é ligada ao seu marido enquanto este viver. É importante ressaltar aqui que Paulo não está falando de regras de casamento e, sim, da realidade das mulheres na legislação judaica vigente à época. A mulher não podia pedir divórcio, mesmo que chegasse a um ponto em que se tornara difícil conviver com o marido. O divórcio, facultado ao marido, por quase qualquer motivo, não era facultada, de forma alguma às mulheres. Assim sendo, ela seria adúltera se tivesse relações com outro homem, enquanto vivesse o marido, mas estaria livre para casar com outro no dia em que o marido falecesse.

Essa figura Paulo compara à nossa morte com Cristo. Se morremos com Ele para o pecado, então a lei não tem mais domínio sobre nós. Não porque agora podemos pecar à vontade e quebrar a lei e, sim, porque antes a lei só servia para nos dizer o que era

pecado, mas isso só servia para nos incitar com relação às coisas pecaminosas, porque éramos escravos do pecado.

No versículo 6, Paulo nos diz, então, que, libertados da lei (porque morremos em Cristo para o pecado) estamos livres para servir em novidade de espírito (algo novo que Paulo ainda não explicou) e não segundo a velha escrita da lei.

Nos versículos 7 a 25, Paulo desenvolve um raciocínio muito elegante, com o qual nos descreve, de uma forma exasperadora, o que vem a ser a aflição da escravidão do pecado.

Resumindo, podemos dizer que:

1 - Deus nos dá a Sua lei para que a sigamos;

2 - Minha mente a entende e concorda com ela, que é boa e produz vida, se seguida;

3 - O pecado original, a tendência herdada de Adão, contudo, me faz ter desejo exatamente por aquilo que desagrada a Deus, ou seja, embora exista em minha mente o mandamento divino que quer seguir a Sua lei, existe, igualmente, em meu corpo algo que quer o contrário e que me “força” a fazer o proibido;

4 - Essa tendência hereditária ao pecado usa justamente a lei para gerar o pecado. Isso não quer dizer, contudo, que a lei seja má. Ela é boa e tem finalidade justa, mas essa força da tendência hereditária ao pecado me escraviza e faz com que torne o bem em mal;

5 - Assim sendo, eu sou um miserável pecador e não sei como me livrar dessa escravidão!

Paulo encerra dizendo, portanto, que não obstante essa situação horrorosa, demos graças a Jesus Cristo, porque através dEle essa escravidão será vencida!

Semana 29 - O Evangelho Segundo Paulo (2)

Texto: Romanos 8 a 16

Estação 15

Romanos 8

Não há qualquer dúvida que o capítulo 8 é a coroa da carta aos romanos, porque fala do novo nascimento e da habitação do Espírito Santo em nós. É aqui que Paulo vai explicar a novidade do versículo 6 do capítulo anterior, mas antes de entrar nele, gostaria de apresentar aqui dois versículos de *Ezequiel 36.26-27*, que nos falam da Nova Aliança em Jesus:

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.

Estes versículos estão nos dizendo que quando nos convertemos, aceitando o senhorio e o sacrifício substitutivo de Jesus, nosso espírito corrompido pelo pecado é substituído por um novo; Deus muda os desejos do nosso coração com um coração novo e que, além disso, o Espírito Santo passa a habitar em nós.

Agora podemos entender porque Paulo está dizendo que nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Ele é o primogênito dentre os ressuscitados, Aquele mesmo que Paulo disse ter sido adotado por Deus no dia da ressurreição. Quando Deus nos dá o espírito novo, nos tornamos novas criaturas (*II Coríntios 5.17*) e Deus nos adota como irmãos de Jesus. Passamos a ser, portanto, filhos de Deus. Para estes filhos de Deus não há qualquer condenação.

Isso porque a lei do Espírito de Vida, ou a lei da graça, ou a perfeita lei da liberdade, em Cristo Jesus, nos libertou da escravidão do pecado. Aquilo que a lei não podia fazer, porque a carne estava enferma, Deus fez em Jesus, o Deus Encarnado, que morreu a nossa morte e pagou o preço que tínhamos que pagar. Assim sendo, ficamos libertos dessa escravidão, bastando, para tanto, que andemos, não segundo a carne, mas segundo nos ensina o Espírito Santo, que passa a habitar em nós.

Nos versículos 5 a 9 Paulo fala da inimizade que existe entre a carne e o Espírito. Se não somos convertidos, nos inclinamos sempre para a carne, mas mesmo como convertidos, se nos inclinarmos para a carne, estaremos desagradando a Deus e agindo como se fôssemos ainda escravos do pecado (daí a dúvida do capítulo 7, porque tanto faz, ambos produzem obras pecaminosas).

Assim, o versículo 9 nos diz que não estamos mais na carne, se é que o Espírito Santo habita em nós, mas se alguém não tem o Espírito Santo, simplesmente não é convertido

e não está em Cristo. Assim, o crente carnal vive uma situação muito incômoda, pois nem certeza de salvação pode ter.

Já o versículo 11 é muito precioso, porque diz que Aquele que dos mortos ressuscitou a Jesus, também vivificará os nossos corpos mortais, por meio do Espírito que em nós habita.

Já vimos isso antes, mas vale a pena repeti-lo para fixação. A figura 29-1 mostra que recebemos um espírito novo e um coração novo quando nos convertemos, além do Espírito Santo habitando em nosso espírito. Já este versículo 11 nos diz que, tão logo nos convertemos, o Espírito Santo inicia uma obra de vivificação do nosso corpo.

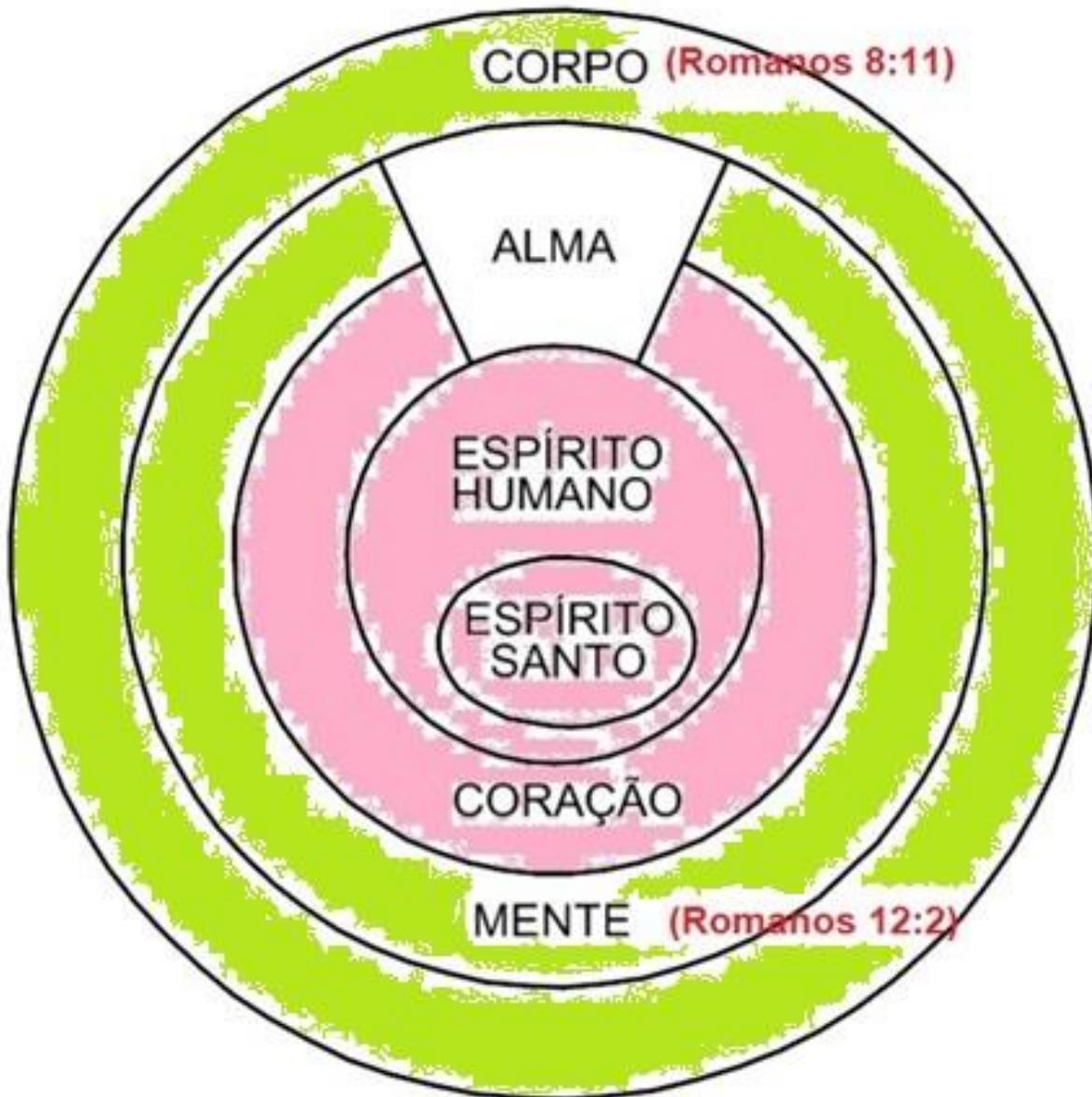


Figura 29-1 - Homem convertido segundo *Hebreus 4.12* e *Ezequiel 36.26-27*

Assim sendo, numa segunda fase, que costumamos chamar de santificação, o Espírito trabalha no restante de nós para que em tudo passemos a nos parecer com nosso irmão mais velho, Jesus. Mais adiante, no capítulo 12, veremos que Ele faz o mesmo com a nossa mente, transformando-a à semelhança da mente de Cristo (*Romanos 12.2*).

No versículo 14 somos lembrados, mais uma vez, que os filhos de Deus são guiados pelo Espírito de Deus e no versículo 16, que é o próprio Espírito Santo que nos assegura que somos filhos de Deus.

Nos versículos 18 a 25, Paulo nos fala da glória de Deus a ser revelada em nós e de como toda a criação anseia por isso.

Nos versículos 26 e 27 é muito confortador ficar sabendo que o Espírito Santo intercede por nós, segundo a vontade do próprio Deus, nosso Pai.

Nos versículos 28 a 30 o apóstolo Paulo aborda um assunto que divide o mundo evangélico, qual seja, a pré-destinação para a salvação. Pessoalmente acho que está totalmente resolvida nesses 3 versículos, mas, a julgar pelos infundáveis livros que são escritos a respeito, obviamente sou minoria.

Resumindo, podemos dizer que há pelos menos 3 correntes notáveis sobre o assunto, duas grandes e outra dos que não se filiam a nenhuma das duas:

1 - Originalmente Agostinho, depois Calvino e hoje talvez metade do mundo evangélico, crêem que Deus, segundo um critério não conhecido, escolhe aqueles que vão se salvar e os predestina a tanto. Assim sendo, se convertem a Jesus apenas aqueles que Deus predestinou. O critério para essa predestinação é, como disse, desconhecido;

2 - Uma pessoa de nome Armínio e depois a outra metade do mundo evangélico, crêem que a opção pela salvação é do homem, que decide aceitar ou rejeitar o plano de salvação divino, assim todos são predestinados, mas aceitam apenas os que querem;

3 - Como terceira alternativa, há um pequeno grupo de outros, dentre os quais me encontro, que cremos que Deus tem um critério bem definido de pré-destinação, o qual será explicado a seguir, juntamente com estes 3 versículos.

O versículo 28 nos diz que Deus faz com que **todas as coisas sejam ajeitadas para o bem daqueles que O amam**. Aí vem um adendo que diz: **daqueles que são chamados por Seu decreto**. Dificilmente podemos negar que esses que são chamados pelo Seu decreto sejam justamente os predestinados. Assim sendo, o assunto para mim está encerrado aqui, ou seja, os predestinados são aqueles que Deus amou primeiro e que responderam a Ele amando-O de volta. Não é à toa que o primeiro mandamento é no sentido de que amemos a Deus sobre todas as coisas (Ele deve ser a nossa prioridade!).

É tão simples, que chega a ser simplório. Paulo, por exemplo, amava a Deus e achava que matar os seguidores de Jesus O agradava. Deus reconheceu o amor de Paulo e “mexeu os pauzinhos” para que caísse do cavalo (literalmente).

Obviamente os meus opositores diriam que você não leu os outros dois versículos e que os capítulos 9 a 11 também falam muito sobre isso. Tudo bem, veremos a seguir os versículos 29 e 30 e mais adiante os outros capítulos.

Os versículos 29 e 30 apresentam uma sequência que começa com **as pessoas que Deus de antemão conheceu. A estas Ele destinou a serem conforme a imagem de Jesus. As que destinou Ele, então, chamou, os que chamou Ele justificou e a estes Ele, então, glorificou.** A pergunta a ser feita não é, portanto, quem foi que Ele destinou, e, sim, quem são esses que Ele de antemão conheceu?

Alguém poderia objetar que Deus conhece todo mundo, mas parece intuitivo que Deus conheceu um determinado grupo de pessoas de modo especial, a ponto de destiná-las. A resposta a essa pergunta é dada em *ICoríntios 8.3*, onde Paulo nos informa que **se alguém ama a Deus, esse é conhecido dEle.** Não dá para ser mais claro. Aqui, mais uma vez, o destinado é aquele que responde ao amor de Deus amando-O de volta.

Mais adiante, nos capítulos seguintes, retornaremos ao assunto nos versículos apropriados.

Os versículos 31 a 39 apresentam um lindo cântico de vitória, falando de nossa vitória em Cristo, amparados por esse Seu maravilhoso amor por nós.

Romanos 9

Os capítulos 9 a 11 formam uma espécie de interrupção na sequência lógica que está sendo apresentada por Paulo sobre a salvação pela fé. Ele parece compelido a falar sobre a sua nação Israel, sua posição original de povo de Deus e seu futuro dentro dos planos divinos.

Aparentemente a Igreja da cidade de Roma, que começou com judeus convertidos apenas, já tinha, a essa altura, mais membros não judeus do que os judeus originais. É possível, portanto, que a carta de Paulo também tivesse sido escrita em função de problemas de relacionamento entre essas partes.

Paulo começa falando do seu amor por seu povo e do quanto lamenta a sua incredulidade em relação a Jesus. Ele declara que seria capaz de abrir mão de sua salvação em prol deles, se isso possível fosse. Obviamente esse não é o caso.

Eles são israelitas e deles foram todos os benefícios divinos: a adoção, a glória, a legislação, o culto, as promessas, as alianças etc..., mas se grande parte deles estava rejeitando a Cristo, será que a Palavra de Deus tinha falhado para com eles?

A resposta vem de “bate-pronto”, ou seja, o fato de serem israelitas não significa que sejam todos filhos da promessa. O fato de serem descendentes de Abraão não significa que são todos filhos de Abraão, porque sua descendência só ficou definida em Isaque.

É claro que Paulo está falando de predestinação, ou seja, está dizendo que nem todos os descendentes de Abraão são predestinados a receberem as bênçãos a ele prometidas e passa a dar alguns exemplos. Um deles diz respeito aos irmãos Jacó e Esaú. Os versículos 11 a 13 dizem que Deus escolheu Jacó muito antes de nascerem; portanto, isso não resulta do que fizeram ou deixaram de fazer. Qual foi o critério, portanto? O texto não diz, mas isso não quer dizer que não houve critério, simplesmente não está mencionado neste capítulo.

Outro exemplo apresentado no versículo 15 diz respeito a um pedido de Moisés para que Deus perdoasse o povo de Israel, depois de terem feito o bezerro de ouro em frente ao monte Sinai. Moisés foi ousado e chegou a pedir a Deus que o riscasse do livro da vida se não pudesse perdô-los. Nesta ocasião Deus disse que somente teria misericórdia de quem quisesse e compaixão de quem quisesse. Mais uma vez Ele está falando de eleitos, mas sem definir o critério da eleição.

O versículo 16 contém a base bíblica do argumento mais forte dos Calvinistas para a sua declaração de que não é possível conhecer o critério divino de predestinação, porque não depende do desejo nem do esforço humano. Conquanto isso seja verdade, o amor de Deus por nós nos constrange (II Coríntios 5.14) e o amor recíproco que nasce em nós é espontâneo e não decorre de qualquer desejo ou esforço do homem.

O terceiro exemplo é o de Faraó, de quem a Bíblia diz que Deus endureceu o coração para mostrar a Sua glória. Paulo concluiu dizendo que Deus tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem quer. Nem por isso Ele é injusto. Novamente o texto está falando de eleitos, mas sem definir o critério.

O último exemplo que Paulo apresenta diz respeito a um oleiro que pode fazer da massa com a qual trabalha o que bem entender; da mesma forma Deus pode usar as Suas criaturas como quiser. Uns Ele usa para Sua glória exaltando-os (como fez com Moisés) e outros Ele vergonha (como fez com Faraó) para Sua própria exaltação. No versículo 24 Paulo correlaciona o primeiro grupo com aqueles que Ele chamou, ou seja, com aqueles que Ele predestinou, independente de serem judeus ou gregos.

Exatamente por isso Paulo lembra que Oséias já havia previsto que os judeus sentiriam ciúmes da forma como Deus trataria os gentios, suscitando dentre eles “**seu próprio povo**” (Oséias 2.23). Em *Isaías 10:22*, de igual forma lemos que **ainda que o povo de Israel seja numeroso como as areias do mar, apenas um remanescente seria salvo**, ou seja, apenas um remanescente faz parte dos predestinados. Mas uma vez, contudo, a razão dessa predestinação é omitida.

Os versículos 28 a 33 falam porque os gentios, que nem buscavam nada, chegaram à justificação pela fé, enquanto os judeus deixaram de encontrá-la na lei. O motivo é que

tropeçaram na pedra de tropeço, Jesus, que foi colocada em Sião, mas que virou para eles um escândalo.

Por que, então, o critério de predestinação deixou de ser citado aqui? A resposta é simples: porque já fora explanada claramente no final do capítulo anterior.

Romanos 10

Tendo deixado claro, no capítulo anterior, que alguns israelitas, descendentes de Abraão, haviam sido predestinados para a salvação, mas nem todos, e que essa salvação só podia ser encontrada pela fé, Paulo volta novamente os seus olhos para o seu povo e procura explicar exatamente o que aconteceu em termos de rejeição, visto que seu real desejo seria que toda a nação fosse salva.

Infelizmente, contudo, ele sabe que isso não é possível, porque eles têm zelo de Deus, mas sem entendimento. Eles não se importaram em conhecer a justiça de Deus, mas preferiram estabelecer uma justiça própria, não se sujeitando às diretrizes divinas.

Obviamente Paulo pensa nos judeus, como em si mesmo. Ele amava a Deus, mas na sua falta de entendimento rejeitava a mensagem de Jesus por achá-la incompatível com a lei. Em seu novo entendimento, ele agora reconhecia que Jesus cumpriu toda a lei por nós, de modo que Ele mesmo é o fim da lei, visto que ela foi cumprida nEle, para a justificação de todo aquele que crê (versículo 4).

Paulo, então, usa citações de Moisés do AT para tentar mostrar a diferença. O homem que quisesse ser justificado pela lei teria que viver por ela (*Levítico 18.5* - o que ninguém conseguiu). Já para a justificação pela fé, novamente citando Moisés em *Deuteronômio 30.11-14*, ele faz uma adaptação do texto. O texto original falava também da lei e dizia que os israelitas não precisavam procurá-la no céu ou no além mar, porque Deus a tinha dado a eles, Israel, diretamente. Viver por ela era o caminho de vida ou morte que estava diante deles. Já na adaptação que Paulo fez do mesmo texto, ele diz que ninguém teria que subir ao céu para conhecer a justificação pela fé, porque Jesus havia encarnado para proclamá-la. Tampouco alguém teria que descer ao inferno, porque Jesus havia ressuscitado de lá para a nossa justificação (*Romanos 4.25*). Assim sendo, a Palavra de Deus estava perto deles, em sua boca e coração, nos moldes do Evangelho pregado por ele mesmo.

Ele a resume, portanto, no maravilhoso versículo 9, dizendo que: **Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.**

Assim, já não importa se um é judeu ou grego, porque Deus vai tratar igualmente todo aquele que O invocar, **porque: todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo** (versículo 13).

Neste ponto ele valoriza o seu próprio trabalho de pregação. Como alguém vai invocar o Senhor sem primeiro nEle crer? Quem vai crer se não ouvir a mensagem do Evangelho? Finalmente, como alguém vai ouvir se não há quem pregue? Por isso ele diz que são formosos os pés daqueles que saem para pregar a mensagem das Boas Novas.

Infelizmente, contudo, muitos há que ouvem e não aceitam. Dentre esses, tanto o próprio Moisés como o profeta Isaías previram que estaria boa parte na nação israelita por serem um povo rebelde e contradizente.

Aqui, por minha conta, vou acrescentar: por não amarem a Deus, como Paulo.

Romanos 11

O capítulo 11 encerra este aposto de Paulo (capítulos 9 a 11), inclusive de maneira profética, mas não sem antes confirmar tudo o que foi dito até agora.

Ele começa perguntando se Deus, então, agora que o Evangelho chegou aos gentios e está sendo pregado também por eles, rejeitou o Seu povo Israel? De modo algum, diz Paulo, e o exemplo sou eu mesmo. Deus não repudiou aqueles que Ele de antemão conheceu.

Perdão! Quem era mesmo que Deus de antemão tinha conhecido? Ah sim! **Eram aqueles que O amam (I Coríntios 8.3)**. É exatamente por isso que eles os predestinou; portanto, seria impossível agora repudiá-los. Quando Elias achava que todos os israelitas tinham abandonado a Deus, trocando-O por Baal, Deus disse a ele que não, mas que havia um remanescente de 7.000 pessoas que eram predestinadas e que permaneceram fiéis. Pessoas que **O amavam**. Aleluia!

De igual forma, diz Paulo no versículo 5, há um remanescente de eleitos ou predestinados ainda hoje, cuja eleição se deu pela graça. Ora, se é pela graça, não é pelas obras. Resulta pura e simplesmente de um sentimento de amor que nutriram pelo Deus que os amou primeiro.

Já os versículos 7 a 10 dizem que os outros, os não eleitos, foram endurecidos, mas que isso se fez necessário para que, através do tropeço deles, as demais nações pudessem ser alcançadas. Ora, se o tropeço deles resultou em riqueza para o mundo gentio, quanto melhor ainda será quando eles se levantarem em sua plenitude? Será vida dentre os mortos (versículo 15).

A visão profética de Paulo começa no versículo 16 com ele dizendo que, se foram santas as primícias da massa, também será santa a totalidade dela. Se foram santas as raízes, também os ramos o serão. Em outras palavras, vem aí dias em que a totalidade do remanescente de Israel será justificada pela fé.

Nos versículos 17 a 24 Paulo faz uma advertência aos gentios, para que atentem para o fato de que os ramos naturais da oliveira da justificação foram cortados para que eles

fossem nela implantados. Se os ramos naturais não foram poupados quando deixaram de crer em Jesus, esses ramos de oliveira brava devem estar atentos ao seu próprio comportamento. Além disso, se Israel não permanecer em sua incredulidade, certamente serão reenxertados em sua própria oliveira.

As profecias são retomadas nos versículos 25 e 26, que mostram que o povo de Israel continua nos planos de Deus. Paulo diz que eles estão endurecidos até que entre a plenitude ou a totalidade dos gentios, mas que nesse ponto haverá uma conversão em massa de israelitas, reconhecendo que seu libertador, Jesus, foi de fato o seu Messias. Assim sendo, a aliança de Deus com o remanescente será totalmente cumprida (versículo 27).

O versículo 32 revela o “modus operandi” de Deus. **Ele encerrou todos debaixo da desobediência (porque todos pecaram e ficaram aquém da glória de Deus) para com todos usar de misericórdia (pela graça sois salvos mediante a fé).**

Os versículos 33 a 36 contêm um canto de louvor e exaltação a Deus, que Paulo tão bem expressa!

Romanos 12

No capítulo 8 Paulo falava de salvação pela graça e nos capítulos 9 a 11 introduziu um aposto falando sobre Israel, sua predestinação, seu papel original, a mudança desse papel, sua rejeição temporária e, finalmente, a conversão de seu remanescente. Agora Paulo retoma ao assunto que pausou no capítulo 8 e começa a falar, neste capítulo, sobre a santificação de vida daqueles que nasceram de novo pela fé em Jesus Cristo.

A estes, que Paulo chama de irmãos (em Cristo), ele faz um apelo para que suas vidas sejam vividas de forma que se constituam num culto racional, ou seja, com ações que conscientemente agradem a Deus (versículo 1).

Outrora as nossas vidas eram cheias de pecado, tal como todos à nossa volta no mundo, mas agora elas não devem mais se parecer com o que eram (se conformar ao mundo). Essa mudança terá como consequência uma mudança de nossas mentes (elas passam a se parecer com a mente de nosso irmão mais velho) e, em consequência disso, passamos a saber qual a boa, agradável e perfeita vontade de Deus para as nossas vidas (*Romanos 12:2*).

Chamo a atenção de todos, novamente, para a figura 29-1, acima. Esse versículo 2 mostra o cuidado de Deus para com a última parte do homem convertido que faltava ser restaurada: a sua mente. A salvação de Deus é total e cuida de cada parte do indivíduo, que Ele adota como filho!

O versículo 3 tem uma importantíssima exortação. Deus abomina a soberba (*Amós 6.8* e *João 2.16*), pelo que Paulo exorta os romanos (e a nós de igual forma) a não pensarem em si mesmos com exaltação, mas moderadamente segundo a medida da fé que Deus

nos deu. Sabendo que a fé é um dom de Deus, que nos é dado graciosamente, resulta que, segundo essa medida, simplesmente não há espaço para a soberba.

Removida a soberba, então, Paulo fala, nos versículos 4 a 10 sobre o funcionamento da Igreja como um corpo, onde os dons são distribuídos para a edificação de todos, com todos se amando uns aos outros.

Os versículos 11 a 21 contêm riquíssimas exortações para a vida cristã, que todos devemos observar e guardar.

Romanos 13

Dando continuidade aos seus ensinamentos sobre o comportamento do cristão em meio à sua santificação de vida, Paulo começa esse capítulo falando do relacionamento deste com as autoridades.

Em princípio, poderíamos pensar que Paulo está falando somente de autoridades justas e misericordiosas, mas temos que lembrar que ele está escrevendo para romanos, que sabiam a respeito do comportamento criminoso dos Cesares. Como exemplo eles posteriormente assistiram à queima da cidade pelo próprio César Nero, para, então, botar a culpa nos cristãos e mandar matá-los. Mesmo assim, Paulo diz que devemos ser submissos a eles porque não há autoridade que não proceda de Deus. Por isso mesmo, resistir à autoridade corresponde a resistir a Deus, pelo que quem assim procede se coloca debaixo de condenação (versículo 2). Nos versículos 3 a 7 ele continua falando a respeito da necessidade de fazermos somente o bem, em sujeição e respeito, inclusive pagando todos os impostos e tributos que são devidos.

Como devemos entender isso? Por uma questão de princípio, me parece que a Bíblia deve ser seguida literalmente, pelo que devemos obedecer às autoridades e às leis por elas instituídas sem questionar. Devemos entender que tanto as autoridades boas como as ruins (ímpias) foram instituídas por Deus (o texto de Paulo não faz exceções).

Nossas doutrinas não devem, contudo, ser baseadas em um único texto bíblico, pelo que vale a pena ver ocorrências, desta mesma questão, em outros textos da Bíblia:

- *Atos 4.19* => vemos o Sumo Sacerdote proibindo Pedro e João de falarem sobre Jesus, e os discípulos perguntando se ele acha justo que eles o obedeçam, se as ordens recebidas de Deus foram outras. Neste caso de conflito de autoridades, é óbvio que a autoridade a ser seguida é a mais alta, qual seja, Deus.

- *Daniel 5.14-30* => temos a narrativa de Sadraque, Mesaque e Abedenego se recusando a adorar a imagem feita por Nabucodonosor, diante da qual todos foram ordenados a se curvar. Eles preferiram claramente expor suas vidas, a dividir a sua fidelidade a Jeová com outro deus. Mais uma vez vemos o desrespeito à autoridade sendo aprovada por Deus.

Podemos dizer, então, que esse ensino de Paulo é válido, mas limitado por ordens recebidas de uma autoridade mais alta, qual seja: Deus.

Nos versículos 8 a 10 Paulo fala aos romanos sobre o amor ao próximo dominando as suas vidas. A única dívida deles para com os outros deve ser o amor de Deus transmitido aos outros através deles. Esse não tem limite. O amor garante o cumprimento de toda a lei, porque quem ama é incapaz de prejudicar os outros.

Finalmente, nos últimos 4 versículos Paulo fala sobre a necessidade de não cochilarem, porque a volta de Cristo está mais próxima do que quando creram. Embora isso seja óbvio, o que Paulo quer dizer é que não dá para brincar com as trevas, pelo que é absolutamente necessário que andem na luz.

Romanos 14

No capítulo 14 pode parecer a alguns que Paulo passou a falar sobre legalismo, mas na realidade ele está dando um exemplo bem prático de amor cristão. Ele, mais do que qualquer outro, conheceu o quanto o extremo do legalismo podia levar ao pecado. Ele havia sido tão zeloso do que achava ser a vontade de Deus, que era capaz de matar por suas convicções.

Ao conhecer Jesus e ser liberto desse extremismo, conhecendo a liberdade em Cristo, ele se preocupou em ensinar isso a todos, mas, ao mesmo tempo, reconhecendo que o outro lado da moeda podia ser tão prejudicial quanto.

Assim sendo, ele reconhecia que uma pessoa ensinada a vida inteira que comer uma determinada coisa era pecado, dificilmente ia se sentir à vontade comendo-a, simplesmente porque foi dito a ela que ela agora não estava mais debaixo da lei. Num caso assim, dizia Paulo, uma pessoa que sabia que comer ou deixar de comer aquilo não fazia nenhuma diferença, deveria, por amor à consciência daquele irmão, se restringir de comer, só porque sabia que aquele irmão iria se escandalizar com seu ato.

Notem que Paulo não se preocupa em condenar o irmão fraco, mas tem grande preocupação com a eventualidade de que ele se escandalize por falta de amor, para com ele, do irmão esclarecido.

Morei na Alemanha durante algum tempo e lembro de um domingo pela manhã quando o pastor avisou que a partir daquele dia a ceia passaria a ser de suco de uva, ao invés do tradicional vinho, por causa da conversão de alguns ex alcólatras. Por total falta de amor aquilo acabou resultando numa comoção por parte de alguns, que não podiam entender que eles fossem ser privados de uma “verdadeira ceia”, por causa de alguns irmãos fracos. Estes, segundo sua proposta, deveriam ser juntados todos no primeiro banco e a eles ser servida uma ceia diferenciada. Esse é um exemplo típico de como não observar a recomendação paulina.

Os versículos finais de 17 a 23 contêm apenas recomendações sobre o mesmo assunto. No 17, por exemplo, ele diz que o reino de Deus não é avaliado pela comida ou bebida que consumimos e, sim, pela justiça, paz e alegria no Espírito Santo, com que vivemos. Se servirmos a Cristo dessa forma, nos tornamos agradáveis a Deus e aos homens.

Os versículos 19 a 21 contêm exortações reiteradas para que nos preocupemos com a edificação do nosso irmão, principalmente do irmão mais fraco.

Paulo encerra o capítulo aparentemente se dirigindo ao fraco da fé, que porventura possa fazer algo em que se condena, apenas porque vê fazer o seu irmão mais esclarecido. A advertência aqui é no sentido de que não faça nada pelo que a sua consciência vá condená-lo, porque isso seria pecado.

Romanos 15

A necessidade de que os fortes façam concessões por amor aos fracos é tão importante que Paulo continua, neste capítulo, falando a respeito. O importante não é que façamos o que nos traz contentamento e, sim, a edificação do nosso irmão.

Talvez seja esse o momento oportuno de perguntarmos, cada um a si mesmo, o quanto a edificação dos meus irmãos na Igreja é um assunto que “me” preocupa. É possível que muitos de nós sequer tenhamos pensado nisso.

Nós, crentes, temos por alvo a semelhança com Jesus. Se Ele foi injustiçado e sofreu injúrias para que nós alcançássemos um relacionamento pleno com Deus, por que nós não faríamos exatamente o mesmo pelo nosso irmão mais fraco (versículo 7)? É exatamente isso que deseja o Deus da paciência e da consolação para a glorificação dEle (versículo 5).

A partir do versículo 8 Paulo passa a falar da conversão específica dos gentios, assim como falara dos judeus nos capítulos 9 a 11. Ele começa lembrando que Jesus foi constituído ministro para os judeus, visando cumprir as promessas feitas aos pais. Jesus mesmo disse que Ele fora enviado somente para as ovelhas perdidas da casa de Israel (*Mateus 15.24*), mas o cumprimento dessas promessas abrangia também os gentios, que seriam grandemente abençoados pelo mesmo povo judeu.

Sabemos, contudo, que isso não foi obra de todo o povo judeu, mas apenas de um remanescente que é a Igreja. Isso é motivo suficiente, contudo, para que o povo gentio glorifique a Deus por sua fidelidade (versículos 9 a 12).

Ao longo do restante deste capítulo, o apóstolo fala a respeito dos planos que tem, há algum tempo, de visitar a igreja de Roma, mas que o seu trabalho em outros lugares o tem impedido. Ele diz, contudo, que está a caminho de Jerusalém e que os planos dele depois disso são de visitar Roma a caminho da Espanha, onde também planeja pregar o Evangelho de Jesus Cristo.

Romanos 16

Este último capítulo começa com várias saudações nominais feitas por Paulo. Estas se estendem do versículo 1 ao 15.

A partir do versículo 16 ele faz algumas recomendações finais. A primeira destas é que os romanos se cumprimentem com um beijo santo.

Nos versículos 17 e 18 Paulo é bastante incisivo com relação a irmãos criadores de caso. Ele pede que todos deles se afastem. Lembramos aqui que Paulo ainda não conhecia os romanos, pelo que nos surpreendemos que ele fale destes elementos apenas aqui, sem ter feito qualquer referência anterior a eles nesta carta.

No tocante a isso, só podemos aventar hipóteses, mas como Paulo já tinha tido problemas com pessoas assim em outras igrejas fundadas por ele, é possível que a advertência seja apenas hipotética.

Os versículos 21 a 23 contêm saudações dos auxiliares de Paulo. O versículo 24 contém uma bênção para os romanos e os últimos 3 são de louvor a Deus.

Semana 30 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (1)

Texto: Josué 1 a 8 e Provérbios 21

Estação 16

Josué 1

Este capítulo narra o início da tomada da terra prometida e compõe-se de dois discursos: o primeiro de Deus, falando com Josué nos versículos de 1 a 9, e o segundo de Josué dirigindo-se ao povo nos versículos 10 a 18.

Deus começa lembrando que é dele o encargo de passar o Jordão com os filhos de Israel (versículo 2), mas o encoraja dizendo que a ele será dado todo o lugar em que seu pé pisar. Além disso, Deus prometeu estar com ele da mesma forma como esteve com Moisés (de uma forma fantástica).

A condição para tanto era que ele fosse forte e corajoso no sentido de ter o cuidado de fazer segundo toda a lei que Moisés lhe ordenara, dela não se desviando, nem para a direita nem para a esquerda. Desta forma ele seria bem-sucedido por onde quer que andasse (versículo 7). O segredo do sucesso residiria em meditar na lei do Senhor de dia e de noite (versículos 8 e 9).

Josué iniciou, portanto, os trabalhos para a travessia do Jordão em 3 dias, mandando que todos se preparassem e que o alimento necessário fosse estocado.

Ele chamou a seguir os rubenitas, os gaditas e a meio tribo de Manassés, que haviam se instalado no lado oriental do Jordão, para lembrá-los do seu compromisso de estar à frente das tropas que iam lutar na Terra Prometida, até que os seus irmãos tivessem se estabelecido de igual forma.

Todos eles confirmaram o compromisso que haviam feito e prometeram ser fiéis para com ele tal como o foram com Moisés.

Josué 2

A conquista da terra havia de começar por Jericó, uma cidade fortemente murada, que ficava em frente ao local onde os israelitas atravessariam o Jordão. Por isso mesmo, Josué designou dois de seus soldados para que espionassem a cidade.

Isso era esperado, contudo, de modo que mal entraram na cidade, não obstante se esconderem na casa de uma prostituta de nome Raabe, foram denunciados e procurados ali.

A conversa de Raabe com os dois espias deixou claro que o povo de Jericó estava muito amedrontado com a proximidade dos israelitas e a probabilidade de serem por eles

atacados, principalmente tendo em mente a passagem lendária deles pelo Mar Vermelho e mais recentemente a destruição dos reinados de Seom e Ogue.

Nessa conversa ela visualizou uma possibilidade de salvar a sua própria vida, bem como a de toda a sua família. Ela escondera os espias para obter em troca um compromisso deles de que a sua casa seria poupada. Obviamente esses podem ter sido os planos de Raabe, mas a sua origem certamente é divina. Deus não só a usou para salvar a vida dos dois espias, como também tinha grande planos para ela, que Ele não via como uma mera prostituta, mas como uma participante do Seu plano de salvação.

Os homens foram escondidos no telhado e os soldados que apareceram para prendê-los foram devidamente despistados e enviados por ela numa busca cega.

Ela os desceu pelo muro e os instruiu a esperar nas montanhas até que os homens que foram atrás deles retornassem. Antes de despedi-los, contudo, fez com que se comprometessem com ela no sentido de salvar tanto a si mesma, como à sua família.

Ao retornarem ao acampamento dos israelitas, contaram tudo que acontecera e ninguém tinha dúvida que o Senhor já entregara Jericó em suas mãos.

Josué 3

Este capítulo narra a travessia do Rio Jordão pelos filhos de Israel a pés enxutos. Três dias depois, conforme anunciado (*Josué 1.11*), eles se mobilizaram para a travessia, com o povo instruído no sentido de seguir a arca carregada pelos sacerdotes, guardando em relação à mesma uma distância de 900m.

Naquele dia, véspera da passagem do rio, eles deveriam se santificar, ou lavar as roupas e evitar relações sexuais, entre outras coisas, para que o Senhor pudesse andar livremente no meio deles, fazendo maravilhas (versículo 5).

No versículo 7 Deus volta a avisar a Josué que vai começar a engrandecê-lo diante dos olhos de seu povo, da mesma forma como fizera com Moisés. Para tanto, Ele abriria as águas do Jordão (rio cheio transbordando pelas margens) da mesma forma como abria o Mar Vermelho 40 anos antes (versículo 8).

No versículo 10 Josué chama o povo e informa a eles que tudo que presenciariam naquele dia deveria servir para que cressem que o Senhor expulsaria da terra que estavam adentrando todos os povos da mesma. A seguir, ele avisou a eles, nos versículos 11 e 13, que o Jordão se abriria diante deles, tão logo os pés dos sacerdotes entrassem na água.

Curiosamente, ele pede, no versículo 12, que separem um homem de cada tribo, mas somente no capítulo seguinte ele informará a eles para que função.

Os versículos 14 a 17 são simplesmente a confirmação daquilo que fora anunciado, ou seja, tão logo os sacerdotes carregando a arca adentraram o Jordão, as águas se

estancaram a montante, formando uma parede, e simplesmente se escoaram a jusante, de modo que o rio não corria mais para dentro do Mar Morto.

Os sacerdotes ficaram parados no meio do rio até que todo o povo havia passado.

Josué 4

O capítulo 4 apresenta a continuidade das ações de travessia do Jordão depois que o povo tinha acabado de passar. O texto começa justamente falando da tarefa dos 12 escolhidos, um de cada tribo, que havia sido omitida na sua convocação no versículo 12 do capítulo anterior. Aqui o versículo 3 diz claramente que cada um deles deve recolher uma pedra do tamanho que conseguissem levar no ombro e estas deveriam ser depositadas no novo acampamento que fossem formar além do Jordão.

Nos versículos 4 a 7 Josué convoca os 12 escolhidos e os instrui com relação ao que fariam e explica a função das pedras, que deveriam servir de testemunho para gerações futuras que não estiveram ali para ver o Jordão se abrir. O cumprimento dessa tarefa é registrada no versículo 8.

Além destas 12 pedras, Josué também recolheu outras 12 na proximidade do local onde ficaram parados os sacerdotes com a arca e as deixou ali como registro do evento (versículo 9).

Os versículos 10 a 13 registram a passagem de todo o povo e a permanência dos sacerdotes até que isso tivesse ocorrido. A passagem em apreço foi encabeçada por 40 mil guerreiros dos rubenitas, dos gaditas e da meia tribo de Manassés, como acordo que haviam feito com Moisés e que haviam reiterado com Josué.

Confirmando a promessa divina, essa passagem fez com que o povo passasse a respeitar Josué da mesma forma que respeitaram Moisés.

Os versículos 15 a 18 registram a conclusão da passagem do Jordão com os sacerdotes, carregando a arca, chegando ao outro lado e o rio voltando a fluir normalmente.

Finalmente, todo o povo chegou a Gilgal, onde formaram o novo acampamento e onde Josué, também, fez uma coluna com as 12 pedras colhidas no rio, para servir de testemunho para gerações futuras.

Josué 5

O versículo 1 registra o desânimo que tomou conta dos reis da terra de Canaã, quando souberam que Jeová abrisse o Jordão para a passagem do mesmo pelos filhos de Israel, da mesma forma como já fizera com o Mar Vermelho na saída deles do Egito. Se havia qualquer dúvida sobre a veracidade do primeiro evento, eles agora assistiram a outro equivalente que totalmente valida as informações anteriores.

Nos versículos 2 a 9 vemos uma iniciativa de Deus no sentido de regularizar a situação dos filhos de Israel no tocante à circuncisão. Cabe recordar que Moisés foi convocado por Deus para servi-IO, mas só pôde efetivamente começar depois que regularizou a circuncisão de seus próprios filhos (*Êxodo 4.24-26*). Ficara claro naquele evento que só podemos servir a Deus se nossas vidas se conformarem à Sua vontade.

Agora que os filhos de Israel vão finalmente poder adentrar a Terra Prometida, que lhes fora destinada por Deus, urge que suas vidas estejam conformadas igualmente ao compromisso que tinham com Ele, qual seja: a circuncisão. Os pais destes israelenses que haviam saído do Egito, e que morreram no deserto devido à sua desobediência, eram circuncidados, mas seus filhos que nasceram no deserto não. Agora Deus estava pedindo que essa situação fosse normalizada.

Todos os incircuncisos foram circuncidados e estiveram descansando no arraial enquanto saravam. Feito isso, Deus Se dirigiu a Josué, dizendo que havia removido naquele dia a humilhação que eles haviam sofrido no Egito (NVI). Essa declaração nos deixa um pouco confusos, porque a humilhação que os israelitas sofreram por parte dos egípcios levou à total destruição da terra pelas pragas, sem falar do saque de todos os seus bens (saque consentido por mediação divina) quando eles pediram tudo aos egípcios na saída. Assim sendo, essa humilhação estava mais do que vingada ou removida. Richard Hess (*/32/, pág. 110*), sugere que a humilhação em apreço não foi causada pelos egípcios e, sim, pelos pais desses mesmos israelitas, que haviam pecado por 40 anos e ainda haviam deixado seus filhos incircuncisos durante todo esse tempo, para a vergonha dos filhos de Israel. Naquele dia, portanto, com a circuncisão de todos, essa humilhação estava sendo removida.

O versículo 9 termina dizendo que, por esse mesmo motivo, o arraial passou a se chamar Gilgal, que significa “círculo de pedras”, que tanto pode se referir às pedras colhidas no Jordão, como às facas de pedra com as quais foi feita a circuncisão de milhares de israelenses.

Os versículos 10 e 11 registram a celebração da primeira Páscoa celebrada pelos filhos de Israel na Terra Prometida, no acampamento de Gilgal. Nesta ocasião comeram não apenas o maná, mas também dos frutos que já colheram em volta do acampamento. Por isso mesmo cessou no dia seguinte o maná celestial, com os filhos de Israel passando a comer apenas do produto da terra. Eles haviam sido sustentados por pão caído dos céus pelo período de 40 anos.

Os últimos 3 versículos deste capítulo nos falam de uma pessoa que apareceu diante de Josué com uma espada desembainhada quando ele voltou seu olhar para Jericó. Josué imediatamente pediu que se identificasse e, para surpresa sua, Ele falou que era o general das tropas do Senhor.

Vemos, então, Josué se encurvando para adorá-IO e tratando-O de Senhor. Se fosse apenas um anjo, certamente não teria aceitado a adoração, mas o fato dEle aceitá-la, nos faz crer ser mais uma teofania do Antigo Testamento.

O personagem em apreço encerra este capítulo pedindo a Josué que tire as sandálias, porque a terra em que se encontra é terra santa. Não é por acaso que ele repete as palavras com que Deus Se dirigiu pela primeira vez a Moisés.

Josué 6

Nos primeiros 5 versículos do capítulo 6, vemos ainda o general celestial conversando com Josué sobre a tomada de Jericó e sendo chamado de Senhor pelo narrador do texto.

Ele descreve a Josué como será a tomada da cidade (a derrubada do muro, considerado inexpugnável) e logo a seguir (versículo 6), vemos Josué se dirigindo aos sacerdotes para que providenciem sete trombetas de chifre de carneiro, que serão tocadas diante da arca enquanto circundam a cidade e também ao povo (versículo 7) que os seguirão. As pessoas que tivessem armas andariam à frente da arca e todos manteriam silêncio até que lhes fosse comandado que gritassem.

Foi com essa procissão bizarra que foi dito aos filhos de Israel que derrubariam os muros depois de circundar a cidade por 6 dias, uma vez por dia, e 7 vezes no sétimo dia. Nada deveria ser saqueado, mas tudo destruído e/ou morto, menos as peças de metal, que seriam consagradas ao Senhor.

O texto bíblico (versículo 20) nos diz que o muro ruiu e que apenas Raabe e sua família foram poupados, conforme prometido a ela pelos espiões.

Não importa se a queda dos muros se deu por um fenômeno físico de ressonância ou se Deus agiu milagrosamente, porque mesmo em caso de ressonância não havia conhecimento de engenharia à época que permitisse calcular a vibração necessária para derrubar o muro. Assim sendo, foi milagre de um jeito ou de outro.

Há uma maldição pronunciada por Josué (versículo 26) contra qualquer pessoa que reconstruísse a cidade de Jericó. Se isso acontecesse, tal pessoa perderia o seu primogênito quando lançasse a fundação da cidade e o seu caçula quando colocasse os portões.

A cidade foi efetivamente reconstruída, muitos anos mais tarde, nos dias de Acabe, quando um homem de Betel, chamado Hiel, perdeu os seus dois filhos conforme profetizado por Josué.

Josué 7

A história de Acã é uma das mais bem conhecidas da Bíblia por demonstrar, de maneira singular, os efeitos negativos que podem causar um único pecado. Talvez por isso mesmo Josué, ou o autor do livro que leva o seu nome, tenha reservado para ela um capítulo inteiro de 26 versículos.

Várias coisas são dignas de nota neste texto, mas talvez uma das mais difíceis de compreender é porque a nação de Israel inteira teve que pagar pelo pecado de Acã, inclusive os 36 mortos na primeira batalha contra Ai, que nem chegaram a saber porque estavam sendo mortos, já que lutavam ali em nome de Yahveh, o Deus Todo-Poderoso.

A primeira coisa que chama atenção nessa história é uma certa arrogância na lógica dos espíões que Josué mandou até Ai, antes de tentar invadi-la. A lógica deles foi simples: se o nosso exército de talvez 200 mil homens, derrotou a grande cidade de Jericó, com seus muros inexpugnáveis, sem qualquer resistência dos habitantes de lá, é “claro” que a pequena vila de Ai não requer que todos nos cansemos levando todo o nosso exército até lá. Considerando as devidas proporções de tamanho das duas cidades, basta que enviemos para lá 2.000 ou, no máximo, 3.000 pessoas.

O problema disso é que essa lógica desconsidera totalmente o fato de que foi o Senhor que entregou Jericó nas mãos de Israel, pelo que tanto os espíões, como os próprios líderes de Israel, incluindo Josué, já tinham uma lição a ser aprendida aqui.

É interessante que isso sequer tenha passado pela cabeça de Josué quando ele dobrou os joelhos e colocou o rosto em terra para “jogar na cara de Deus” que Ele não havia cumprido a sua parte do acordo. Que seria agora de Seu grande Nome (versículo 9)? Se eu estivesse no lugar de Josué, e desconhecendo o pecado de Acã, tal como ele, seria a primeira coisa que passaria pela minha cabeça.

A resposta de Deus à acusação que Josué Lhe fizera simplesmente ignorou as críticas de Josué e se limitou a dizer a ele que era sem sentido estar ali prostrado orando, porque Israel havia pecado, violando a aliança, lançando mão do despojo de Jericó, que havia sido vedado a eles.

Novamente nos surpreendemos por Israel inteira estar sendo acusada do pecado de um único homem, mas a aliança de Deus era com Israel e não com Acã. Assim sendo, as consequências do seu pecado são colhidas por todos. Quando nós, como crentes em Jesus Cristo, pecamos, é o nome dEle que é difamado, é a nossa igreja que é acusada de nosso erro. O pecado nunca prejudica apenas aquele que o comete.

Deus foi muito claro dizendo que Israel não resistiria aos seus inimigos enquanto não removesse o pecado do seu meio (versículo 12). É claro que a aplicação imediata aqui, é que os nossos esforços em prol do Reino serão vãos, enquanto o pecado estiver em nossas vidas. Além disso, o pecado na minha vida, prejudica o trabalho de toda a Igreja.

Deus instruiu Josué quanto a como encontrar o culpado, poupando assim uma longa investigação que talvez sequer fosse bem sucedida e Acã foi imediatamente identificado e todo Israel ficou sabendo, não apenas das consequências do seu pecado, mas também da impossibilidade de se esconder qualquer pecado desse Grande Deus.

O julgamento de Acã incluiu a sua confissão, a sua condenação e a execução da pena que foi estendida a toda a sua família e a todos os seus bens. Isso não deve nos chocar porque dificilmente Acã poderia abrir um buraco no meio de sua tenda para esconder as

coisas que roubara, sem que sua família o visse e se tornasse conivente. Além disso, devemos nos lembrar que isso não é uma regra geral, porque os filhos de Coré (ou Corá, em algumas versões), que não concordaram com a rebelião de seu pai, juntamente com Datã e Abirão, narrada em *Números 16*, foram poupados.

Josué 8

Resolvido o problema do pecado de Acã, Israel já estava livre para tomar Ai, mas a instrução de Deus foi bem diferente daquela que Josué havia dado a primeira vez. Ele mandou que Josué a atacasse com todo o seu exército e, mesmo assim, Ele definiu uma estratégia militar a ser seguida, com parte do exército armando uma emboscada para tomar a cidade. Embora nada seja dito no texto, Deus deixa claro aqui que é Ele que faz a diferença e não o fato da cidade ser pequena.

Só na emboscada Josué previu o envio de 30mil soldados (versículo 3), ficando com ele o restante do exército (talvez uns 170mil homens). Destes ainda tomou mais cinco mil e armou uma segunda emboscada do lado ocidental da cidade (versículo 12).

Josué, com parte do seu exército, se apresentaram diante da porta de Ai, de onde saíram os habitantes para combatê-los. Estes fingiram que estavam perdendo novamente e recuaram, sendo perseguidos por todos os homens da cidade de Ai.

Neste momento foi iniciada a emboscada que destruiu a cidade, incendiando-a e logo a seguir os soldados da emboscada saíram da cidade enquanto os que fugiam se voltaram todos e se juntaram com os demais para matar os soldados de Ai, que foram totalmente eliminados. Feito isso, toda a cidade foi passada ao fio da espada e destruída (versículo 26).

Desta feita os israelitas tiveram direito aos despojos da cidade, que foram totalmente coletados antes de sua destruição.

Os versículos 30 a 35 apresentam o cumprimento de uma cerimônia de repactuação da aliança, que Moisés havia solicitado ao final dos 40 anos de peregrinação no deserto (*Deuteronômio 27*). Essa cerimônia consistia de 3 eventos distintos. No primeiro o povo coletaria pedras e nelas transcreveria a lei de Deus (Dez Mandamentos), de modo que todos pudessem lê-la.

Depois disso seriam lidas a lei, bem como as bênçãos e as maldições referentes à guarda e à quebra da mesma, nos montes Gerizim e Ebal, respectivamente. As bênçãos seriam lidas pelas tribos de Simeão, Levi, Judá, Issacar, José e Benjamin, enquanto as maldições seriam lidas pelas demais tribos.

Provérbios 21

O primeiro provérbio deste capítulo nos diz que o coração do rei, nas mãos do Senhor, é como um ribeiro de água que Ele faz fluir na direção que Ele deseja. Em princípio isso é ótimo para os reis sensatos, mas diz respeito a muito poucos reis que há por aí.

Lembrando, contudo, que nós somos uma geração eleita, um sacerdócio real, uma nação santa e um povo exclusivo de Deus para anunciar as grandezas dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz (*IPedro 2.9*), então é exatamente de nós que este provérbio está falando, desde que nossos corações estejam nas mãos do Senhor. Somos nós que vamos abençoar pessoas de todas as nações, com nossas vidas fluindo como um rio, que abençoa vidas.

Devemos permitir, para tanto, que Ele sonde os nossos corações, dirigindo nossas vidas segundo a Sua vontade e não segundo aquilo que julgamos melhor (versículo 2). Nossas vidas devem ser justas, pois esse é o sacrifício santo do qual Ele Se agrada (versículo 3), oferecido diligentemente (versículo 5) e sem altivez (versículo 4).

Os versículos 9 e 19 falam a respeito da dificuldade de relacionamento com a mulher rixosa. Obviamente a equiparação produzida pela cruz nos obriga a aplicar esses provérbios a pessoas rixosas ou briguentas de ambos os sexos. Paulo recomenda que saiam de nossa boca apenas palavras que edifiquem os outros, quando necessário, para que concedam graça a quem as ouve (*Efésios 4.29b*). Viver com um companheiro ou companheira assim é muito agradável. O contrário é pior do que viver debaixo de um simples canto de telhado ou numa terra deserta.

Diversos provérbios deste capítulo falam a respeito dos caminhos do tolo levando à perdição, dos caminhos do preguiçoso levando à pobreza e dos caminhos do perverso levando à morte. Em contrapartida, o caminhos dos sábios os levam à vitória, os caminhos dos justos levam à vida e os caminhos dos misericordiosos levam à misericórdia.

A experiência do dia a dia de oração do crente testifica o provérbio do versículo 30, ou seja, não há sabedoria, nem inteligência, nem mesmo conselho contra o SENHOR, pois é dEle que vem a vitória (versículo 32).

Semana 31 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (2)

Texto: Josué 9 a 16 e Provérbios 22 a 23

Estação 16

Josué 9

A lição de confiar sempre no Senhor e procurar ouvir a Sua voz, independente de quão simples e óbvia a solução possa parecer, é muito difícil de aprender. Os filhos de Israel tinham acabado de passar pelo aprendizado de Ai e já neste capítulo há um novo tropeço.

A queda de Jericó, seguida da total destruição também de Ai, fez com que os reis da terra de Canaã procurassem se associar para juntar forças contra Israel. Dentre estes reis, contudo, o de Gibeão achou que essa associação não ajudaria em nada, porque o Deus de Israel já Se mostrara muito poderoso, pelo que dificilmente conseguiriam resistir.

Para nós, que conhecemos o nosso Deus, o único caminho a percorrer seria o arrependimento e a confissão de pecados, seguida da conversão ao Deus de Israel. Eles, contudo, conheciam apenas a Sua fama e nesta não transparecera, por hora, o quanto Ele é misericordioso e compassivo.

Assim sendo, os gibeonitas conceberam um plano baseado numa tentativa de enganar os israelitas, fazendo-os acreditar que eles eram um povo de habitação muito distante e que queria se aproximar deles e de seu Deus, fazendo com eles uma aliança.

Em condições normais, a onisciência divina anularia uma tentativa de pôr em prática um plano desses, mas Yahweh não foi consultado (versículo 14), e assim permitiu que os israelitas pagassem o preço da arrogância associada à sua omissão.

Eles fizeram a aliança com os gibeonitas e ficaram sabendo 3 dias depois que eram seus vizinhos e que haviam sido enganados, mas era um caminho sem volta, visto que haviam feito um juramento em Nome do Senhor.

É verdade que os gibeonitas foram escravizados pelos israelitas, mas o seu objetivo de salvar suas próprias vidas havia sido alcançado.

Josué 10

Este capítulo contém a descrição de grande parte das batalhas empreendidas por Josué, à frente do povo de Israel, para a conquista da Terra Prometida.

A primeira destas foi consequência do acordo que os gibeonitas haviam feito com Israel. Somos informados que isso trouxe grande preocupação ao rei de Jerusalém, que convocou também os reis de Hebron, Jarmute, Laquis e Eglon, para que juntos

destruíssem a Gibeão, visando evitar que outras cidades fossem estimuladas a fazer o mesmo.

Tão logo o exército dos 5 reis se apresentou diante dos muros de Gibeão para atacar a cidade, os gibeonitas fizeram uso do seu acordo de proteção mútua com Israel, para pedir a Josué que viesse socorrê-los (versículo 6).

Não só Josué atendeu ao seu pedido (versículo 7), como também ouviu do Senhor que Ele havia de entregar a todos eles em suas mãos. O resultado, portanto, não poderia ser outro, a não ser a vitória esmagadora das tropas de Israel.

À medida que fugiam e Josué os perseguia, fez o Senhor chover grandes pedras sobre o exército inimigo, de modo que somos informados que mais gente morreu devido às pedras, do que pelo exército de Israel.

Se os filhos de Israel tinham alguma dúvida sobre como o Senhor interviria em suas batalhas a seu favor, esta dúvida já estava totalmente sanada, mas, mesmo assim, o que aconteceu a seguir foi tão espetacular, que o próprio narrador bíblico parece desconfiar que seus leitores terão dificuldade de acreditar. Josué pediu que o sol parasse no meio do céu até que ele e seu exército pudesse eliminar totalmente o exército inimigo.

A Bíblia nos diz, a seguir, que Deus atendeu ao seu pedido e que jamais houve um dia como esse. Aparentemente prevendo a dúvida de seus leitores, o narrador pergunta se isso não está escrito no livro dos Justos?

Os 5 reis, que também haviam fugido, foram localizados escondidos numa cova em Maqedá. Josué os matou a todos e lançou seus corpos na mesma cova, que fechou com grandes pedras.

A figura 31-1 mostra, a seguir, a localização destas cinco cidades, bem como daquelas mencionadas abaixo.

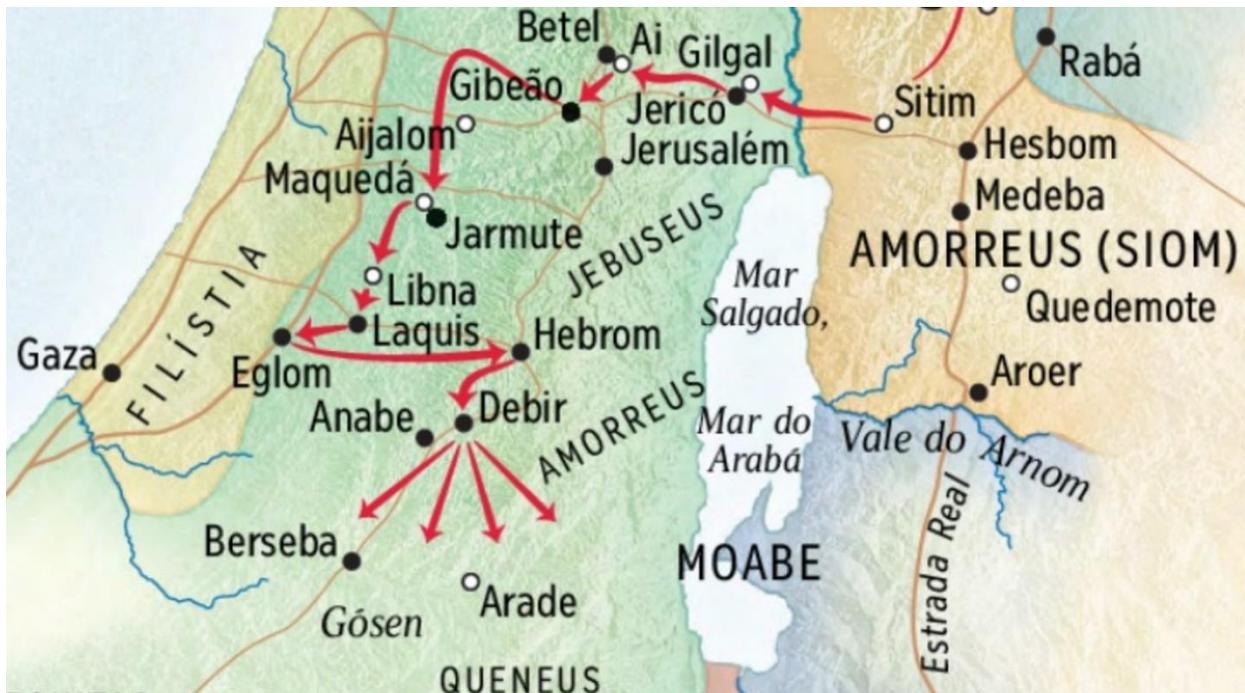


Figura 31-1 - Início da conquista da Terra Prometida /33/

Na continuidade da conquista, foram destruídas as cidades dos cinco reis, bem como Maquedá, Gezer, Libna e Debir.

Josué 11

Tão logo ficou constatado que a associação dos reinos de Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom havia sido totalmente derrotada por Israel, os demais reinos de Canã não tiveram qualquer dúvida quanto à necessidade de formar uma coalisão bem mais forte. Foi exatamente isso que procurou fazer Jabim rei de Hazor, a antiga capital de vários reinos da região da Galiléia (ver figura 31-2).

Associação dos reis da região do Mar da Galiléia (Quinerete).

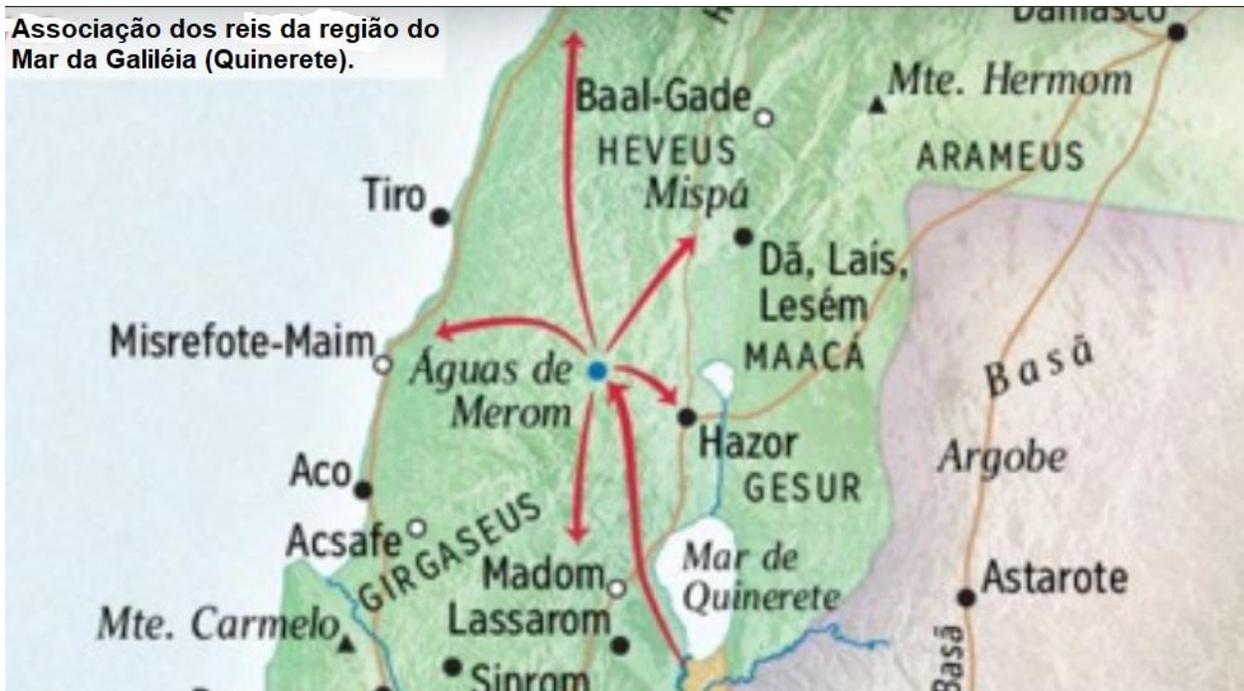


Figura 31-2 - Nova associação de reinos da região da Galiléia para lutar contra Israel /33/

Assim sendo, Jabim tentou juntar todos esses reinos para guerrear contra Josué, e efetivamente conseguiu juntar um grupo tão grande quanto as areias da praia (versículo 4).

Deus disse a Josué, contudo, que ele não tinha motivo para se preocupar, porque Ele havia de entregá-los em suas mãos (versículo 6). Isso efetivamente aconteceu, com os israelitas derrotando totalmente os seus inimigos (versículo 8).

No versículo 10 vemos Josué se dirigindo a Hazor, onde matou o rei Jabim e destruiu completamente a cidade. Várias outras cidades foram derrotadas e saqueadas, mas Hazor, desta feita, foi a única que foi destruída.

O restante do capítulo faz um resumo da tomada do restante da terra. Assim sendo, vemos, no versículo 16, Josué tomando o Neguebe e Gósen (ambos na península de Sinai) e toda a região do Arabá (o vale bem regado do Jordão).

Nos versículos 21 e 22 o narrador nos fala da eliminação dos anaquins (povo de grande estatura) nas cercanias de Hebron, Debir e Anabe, bem como da impossibilidade de fazê-lo nas cidades dos filisteus (Gaza, Gate e Asdode).

O versículo final nos fala do sucesso das empreitadas de Josué, levando-o a tomar todas as cidades da terra de Canaã.

Josué 12

Este capítulo se limita a produzir uma listagem de todos os reis que foram derrotados por Israel ao tomar a Terra Prometida, num total de 31.

Josué 13

A narrativa dos capítulos anteriores nos dá a impressão de que a conquista da terra foi muito rápida, mas o início do capítulo 13 nos surpreende pelo fato de serem passados vários anos desde o início da invasão comandada por Josué. É o próprio Deus que chama a atenção dele para o fato de que ele já envelhecera e ainda faltava uma boa parte da Terra Prometida por conquistar.

Essa parte não conquistada é descrita nos versículos 2 a 6 e compreende, basicamente, uma faixa junto ao Mediterrâneo, ao longo de todo o território prometido a eles.

Para que essa conquista fosse acelerada Deus sugeriu a Josué que ele procedesse a repartição do território entre as tribos (as nove e meia que ainda faltavam), porque aí cada uma correria atrás da conquista de seu próprio quinhão.

A figura 31-3, apresentada a seguir, contém uma distribuição das tribos, conforme organizada por Josué. A distribuição das terras concedidas por Moisés às tribos de Rubens, Gade e à meia tribo de Manassés.



Figura 31-3 - Distribuição das tribos de Israel na Terra Prometida /34/

Josué 14

Neste capítulo tem início a distribuição da Terra Prometida entre as nove tribos e meia. O texto esclarece que estas tribos são os descendentes dos doze filhos de Jacó, menos os levitas, que não teriam herança e com duas partes para José, visto que a herança dupla do primogênito Rubens, foi tirada dele e dada a Manassés e Efraim (filhos de José).

Além disso, as tribos de Rubens, Gade e a meia tribo de Manassés já haviam recebido sua herança do outro lado do Jordão.

Neste ponto estaria tudo pronto para que a distribuição das heranças pudesse ser iniciada, quando aproximou-se Calebe, membro da tribo de Judá, para dizer a Josué que o Senhor havia feito uma promessa a ele em função do fato dele ter agido com fidelidade por ocasião da primeira vez em que espionaram a terra, ocasião na qual os demais espíões haviam difamado a terra para desanimar o povo.

Fora prometido a ele, naquela ocasião, que a terra onde pisassem os seus pés seria dele. Pois bem, o lugar reivindicado por ele fora a cidade de Hebrom, no que Josué prontamente o atendeu.

Ficamos sabendo, graças a essa reivindicação de Calebe, que são passados 45 anos desde a primeira vez que espionaram a terra. Como passaram 40 anos no deserto devido à desobediência do povo, segue que a tomada de Canaã, a essa altura, já tem uma duração de 5 anos.

Josué 15

O capítulo 15, finalmente, apresenta a parte da terra que foi distribuída para os filhos de Judá. Os primeiros 12 versículos contêm uma descrição detalhada das fronteiras da tribo de Judá em toda a volta.

No versículo 13 somos lembrados que Hebrom foi concedida a Calebe e que ele de lá expulsou os anaquins (versículo 14). Ele teve ainda a intenção de fazer o mesmo com Quiriate-Sefer, mas fez uso dessa oportunidade para casar a sua filha Acsa. Aquele que a conquistasse, a este ela daria sua filha em casamento (versículo 16).

O vencedor dessa “competição” foi o seu sobrinho (filho de Quenaz) conhecido por Otoniel ou Otniel (versículo 17).

Nos versículos 21 a 63 são listadas todas as cidades vencidas e ocupadas por Judá. Há, contudo, uma nota no versículo 63, relativa ao fato de não terem conseguido expulsar os jebuseus de Jerusalém. Assim sendo, os jebuseus dividiam a cidade com eles.

Josué 16

A tribo de Efraim foi a próxima a ser assentada. Sua herança foi estabelecida logo acima de Judá, conforme indicado na figura 31-3, acima.

Mais uma vez vemos, no versículo 10, que eles não foram capazes de expulsar os cananitas que habitavam em Gezer, de modo que passaram a conviver com eles, não obstante terem sido reduzidos a escravos.

Provérbios 22

Os provérbios aqui, de um modo geral, repetem coisas que foram ditas antes com outras palavras, mas há alguns novos como, por exemplo, o versículo 6. Esse é, ao mesmo tempo, um provérbio e uma promessa. O papel dos pais é ensinar a criança o caminho no qual deve andar, ou seja, ela deve aprender a andar nos caminhos do Senhor. Se os pais assim procederem, podemos confiar que o Senhor fará com que nunca se afastem desses caminhos.

Claro que não estamos ignorando o fato de que muitas vezes os nossos filhos, criados no Evangelho, se afastam dele por algum tempo, mas a experiência que temos é de que voltam, graças à fidelidade do Senhor.

Ainda dentro do mesmo assunto, o versículo 15 nos fala da melhor maneira de lidarmos com a estultícia (atitudes tolas) das crianças, qual seja, usando a vara de correção. Sabemos que este ensino está na contramão daquilo que está sendo preconizado pelas autoridades e especialistas de nossos dias, mas não há a menor dúvida de que Deus sabe melhor o que nos convém que as autoridades do mundo. Afinal de contas, Ele é o “fabricante”.

Os pais que realmente amam os filhos devem dar total prioridade a criá-los nos Seus caminhos. Deixar de corrigi-los (com vara), apenas porque o mundo pensa que isso é inadequado, é a maneira mais inadequada de lidar com o problema. A estultícia da criança deve ser removida na infância, porque é nesta idade que sua remoção tem menor custo, sob todos os aspectos.

Os versículos 24 e 25 contêm excelentes conselhos para aqueles que se relacionam com pessoas iracundas e coléricas. A recomendação é no sentido de não se associar a elas, porque esta é a melhor maneira de evitar qualquer envolvimento com seus caminhos ou qualquer aprendizado de suas veredas.

Provérbios 23

Este capítulo contém um elevado número de provérbios falando a respeito de excessos na comida e na bebida. É claro que qualquer tipo de excesso é prejudicial, mas esses são justamente os dois nos quais as pessoas mais incorrem.

A primeira situação considerada é aquela na qual somos convidados a comer perante alguém de status social elevado. A recomendação, nesse caso, para não passar vergonha, é ser comedido.

Tenho uma conhecida que brinca sempre dizendo que não gosta de oferecer para compartilhar alguma coisa saborosa que esteja comendo, porque ela corre o risco da pessoa aceitar. Os versículos 6 a 8 falam sobre essa mesma situação, só que a pessoa que ofereceu é invejosa e só o fez por constrangimento, preferindo, com certeza que os outros não aceitassem.

Os versículos 20 e 21 alertam para o perigo de nos tornarmos beberrões de vinho ou comilões de carne, tendo em vista o prejuízo que trazem.

Os versículos 29 a 35 retratam a situação de uma pessoa que acorda de uma bebedeira sem saber o que a causou. O motivo, contudo, é óbvio (versículo 30) e vem acompanhado pela recomendação de não olhar com desejo para vinho sendo servido suavemente no copo (versículo 31). As consequências desse vício são enumeradas nos versículos 32 a 35.

Semana 32 - O Povo de Israel Chega à Terra Prometida (3)

Texto: Josué 17-24; ICrônicas 5.18-26 e ICrônicas 6.54-81

Estação 16

Josué 17

Este capítulo fala a respeito da distribuição de terra para a tribo de Manassés. Eles já haviam recebido uma parte extensa das terras a leste do Jordão, mas ela foi ocupada apenas por parte da tribo (os descendentes de Maquir - ver versículo 1).

O restante dos filhos de Manassés, bem como das filhas, que haviam adquirido o direito de herança porque seu pai não tivera filhos (versículo 3), receberam a sua herança do lado oeste do Jordão (ver mapa da figura 31-3). A descrição dos limites dessa herança se estende até o versículo 10.

Os versículos 11 a 13 nos falam, novamente, sobre a incapacidade dos israelitas de expulsarem o povo da terra. Isso se deu em algumas cidades no norte do território de Manassés (Bete-Seã, Ibreão, Dor, En-Dor, Taanaque e Megido). Eles foram escravizados, a exemplo do que acontecera com os gibeonitas, mas a má influência, por adorarem outros deuses, ficou.

Nos versículos 14 a 18 vemos uma discussão entre Josué e os filhos de José (Efraim e Manassés) devido à reclamação destes de que haviam recebido muito pouca terra útil, pois boa parte de seus territórios era composta de montanhas arborizadas. Josué sugeriu o óbvio, ou seja, que cortassem as árvores, mas aí voltaram com outra desculpa, segundo a qual havia também planícies, mas que os povos que as estavam ocupando eram difíceis de derrotar porque tinham carros de guerra.

Mais uma vez Josué considerou a desculpa inaceitável e disse a eles que ambas as providências eram da alçada deles: tanto podiam desmatar como vencer os cananeus com os carros de guerra feitos de ferro.

Apenas a título de curiosidade, chama a atenção na figura 31-3 o tamanho do território dado à tribo de Manassés, comparada às demais tribos (exceto talvez Judá). É provável que Josué tenha considerado sem procedência a reclamação dos filhos de José.

Josué 18

O capítulo 18 tem início com os filhos de Israel se reunindo em Siló (cidade do território que foi dado a Efraim), onde resolveram instalar a tenda da congregação, agora que a terra estava sujeita a eles (versículo 1).

Já haviam se passado 5 anos desde o início da conquista da terra, mas mesmo assim só 5 das 12 tribos estavam assentadas (Rubens, Gade, Manassés, Judá e Efraim). Exatamente por isso Josué se dirigiu a eles perguntando até quando eles seriam negligentes em relação à posse da mesma.

Ele sequer esperou pela resposta e determinou que fossem escolhidos 3 representantes de cada tribo para que constituíssem uma comissão com a função de fazer um mapa da terra, para que esta pudesse ser dividida, por sorteio, entre as 7 tribos que ainda permaneciam sem território.

O versículo 8 nos informa que foram e que levantaram a terra em 7 partes (versículo 9) e que depois retornaram a Siló, onde Josué os esperava (versículo 10). Ali ele lançou sortes e a primeira destas saiu para Benjamim, cuja terra foi definida entre as tribos de Judá e de Efraim (ver figura 31-3).

Os limites da propriedade de Benjamim são descritos ao longo dos versículos 12 a 20. Os 8 versículos finais do capítulo listam as cidades que couberam aos filhos de Benjamim em seu território.

Josué 19

Os versículos de 1 a 9 de Josué 19 definem o segundo território a ser sorteado, que saiu para a tribo de Simeão. O território deles ficou dentro do território que já havia sido alocado para Judá, porque o levantamento concluiu que o território dado a eles era maior que o necessário. Assim sendo, a herança dos filhos de Simeão foi definida em termos das cidades que foram dadas a eles.

Os versículos 10 a 16 falam a respeito da terceira área sorteada e que saiu para a tribo de Zebulom. Já os versículos 17 a 23 nos falam acerca do quarto sorteio que saiu para a tribo de Issacar e a quinta saiu para a tribo de Aser (versículos 24 a 31).

Os versículos 32 a 39 falam a respeito do sexto sorteio que saiu para a tribo de Naftali e, finalmente, o sétimo e último sorteio saiu para a tribo de Dã e encontra-se descrita nos versículos 40 a 48. Curiosamente, somos informados que a terra atribuída a Dã resultou pequena para eles, pelo que simplesmente saíram e combateram uma cidade fora de seus limites, Lesém, que eles anexaram e rebatizaram com o nome de Dã.

Finalmente os versículos 49 e 50 falam a respeito da herança que foi dada a Josué, a cidade de Timnate-Sera, que ficava no meio das cidades da tribo de Efraim.

Josué 20

O capítulo 20 lida apenas com o estabelecimento das cidades de refúgio, cuja finalidade era prover um lugar seguro para onde os assassinos não intencionais poderiam fugir

para ficar fora do alcance do vingador de sangue (pessoa da família do morto que poderia matar o assassino sem que houvesse contra ele qualquer acusação).

Ao lado oriental do Jordão foram estabelecidas as cidades de Quedes ao norte, na região da Galileia, Siquém na região central, dentro do território de Efraim e Quiriate-Arba (Hebrom) ao sul, dentro do território de Judá.

Ao lado ocidental do Jordão só há 3 tribos, pelo que foi escolhida uma cidade de cada uma. As cidades estabelecidas foram Bezer ao sul, dentro do território de Rubens, Ramote em Gileade, pertencente à tribo de Gade e Golã ao norte em Basã, no território pertencente à meia tribo de Manassés.

O assassino não intencional deveria se apresentar aos anciãos da cidade de refúgio, para os quais apresentaria o seu caso. Se aceito, ele teria que ficar ali até o julgamento, quando poderia ser condenado e entregue nas mãos do vingador do sangue para morrer. Caso fosse considerado efetivamente inocente, deveria permanecer na cidade de refúgio até a morte do Sumo Sacerdote para, só então, retornar à sua própria cidade.

A ideia de ter que esperar até a morte do Sumo Sacerdote parece ser uma figura do sacrifício redimidor de Jesus, que paga pecados intencionais e não intencionais de igual modo.

Josué 21

Depois de distribuída a terra a todas as 12 tribos de Israel, chegou finalmente a vez de dar uma moradia aos levitas, já que estes não tiveram nenhuma herança territorial, conforme a Palavra do Senhor (*Números 18.20-21*), que para o seu sustento receberiam os dízimos de todos os seus irmãos.

Os levitas receberiam, ainda, para a sua habitação e para a pastagem de seu gado, cidades dentro do domínio de cada uma das tribos, juntamente com os seus arredores (*Números 35.2-3*).

A distribuição destas cidades se deu também por sorteio, com os coatitas indicados para o recebimento em primeiro lugar. Foram sorteadas, em primeiro lugar, para os sacerdotes, ou seja, para a descendência de Arão, 13 cidades dos territórios de Judá, Simeão e Benjamim. Para os demais coatitas foram escolhidas mais 10 cidades sorteadas dentro dos territórios de Efraim, Dã e da meia tribo de Manassés, que estava do lado oeste do Jordão.

Em segundo lugar foram sorteados os filhos de Gerson, a quem foram dadas 13 cidades situadas nos territórios das tribos de Issacar, Aser, Naftali e da meia tribo de Manassés situada a leste do Jordão.

Finalmente, foram sorteadas as cidades a serem dadas aos meraritas, que receberam 12 cidades situadas no território das tribos de Ruben, Gade e Zebulom.

Desta forma, foram distribuídas, para os levitas, um total de 48 cidades com as pastagens ao seu redor. Estas cidades são citadas nominalmente ao longo dos versículos 11 a 40.

Josué 22

Eram passados mais de 5 anos desde o início da conquista da terra de Canaã e os rubenitas, os gaditas e os homens da meia tribo de Manassés que ficaram a leste do Jordão haviam se comprometido a lutar juntamente com seus irmãos até que estes estivessem assentados na terra.

Finalmente, todos estavam assentados e Josué, então, chamou todos os soldados destas tribos e lhes disse que era chegado o tempo de irem para casa. Elogiou-os por terem cumprido tudo que havia sido combinado com Moisés e por terem apoiado os seus irmãos durante todo o período de conquista.

Finalmente, exortou-os no sentido de guardarem fielmente a aliança feita diante de Deus no Sinai e abençoou-os em nome do Senhor (versículos 1 a 7). Antes de partirem lembrou a eles que todo o despojo que haviam conquistado nas guerras e que levavam de volta consigo deveria ser repartido com seus irmãos que ficaram além do Jordão tomando conta de suas famílias enquanto estavam ausentes.

O restante deste capítulo (versículos 10 a 34) narra a confusão gerada entre eles e seus irmãos de Canaã por uma ato bem intencionado realizado por eles antes de atravessarem o Jordão e que, por pouco, causou uma guerra entre eles.

Quando chegaram ao Jordão discutiam entre si o efeito que a separação causada pelo rio poderia ter sobre o relacionamento entre eles e seus irmãos, se as gerações futuras do lado oriental não reconhecessem mais essa irmandade com seus descendentes do lado ocidental. Concluíram, então, que o ideal seria a construção de um memorial, bem visível, que atestasse exatamente esse vínculo entre eles, para que este monumento testificasse isso às gerações futuras. Assim sendo, construíram um altar, que o versículo 10 chama de grande e vistoso.

Ocorre, contudo, que nada disso foi comunicado aos seus irmãos do lado de Canaã, de modo que estes, quando viram o altar, imaginaram, imediatamente, que se tratava de um altar de adoração a uma outra divindade, que não ao Senhor, visto que o altar dEste já fora erigido em Siló.

Imediatamente se lembraram do elevado preço que seus pais haviam pago por sua própria idolatria cometida em Peor (*Números 25. 1-9*), quando morreram 24 mil israelitas, concluindo que não iam permitir que isso acontecesse novamente.

Assim sendo, todos os israelitas que moravam em Canaã pegaram em armas para lutar contra os seus irmãos idólatras que habitavam em Gileade, do outro lado do rio Jordão.

Felizmente, contudo, acharam por bem dar aos seus irmãos uma chance de se arreenderem e se retratarem diante de Deus “por seu terrível pecado”.

Obviamente não foi necessário mais do que uma conversa franca para que tudo ficasse esclarecido e para que Finéias, filho do Sumo Sacerdote Eleazar, se convencesse de que tudo não passara de um grande mal entendido, retornando a seguir para Canaã, onde narrou tudo isso aos seus irmãos daquele lado do rio.

Certamente essa sequência de equívocos e precipitações têm registro bíblico para que nós, também, possamos tomar cuidado com as decisões impensadas que de vez em quando tomamos.

No final de todo esse mal entendido, o monumento acabou sendo chamado de altar do testemunho.

Josué 23

Somos informados neste versículo que Josué já estava idoso e sentindo que a morte se aproximava (versículo 14a), pelo que decidiu convocar para um discurso importante todo o povo, seus anciãos, seus juizes, seus líderes e seus oficiais para que pudesse adverti-los sobre a necessidade imprescindível de guardarem a aliança que Deus fez com eles.

Eles mesmos haviam sido testemunhas de tudo o que o Senhor fizera por eles, não deixando de cumprir nenhuma das promessas que Ele lhes fizera.

Era necessário lembrarem que ele, Josué, havia dividido as terras das nações de Canaã entre as 12 tribos, mas que eles não haviam conseguido expulsar todas elas (versículo 4). Não obstante isso, o Senhor acabaria de expulsar cada uma delas, se eles tão somente fossem fiéis e guardassem a Sua aliança.

Para tanto, deveriam guardar a lei de Moisés, deveriam evitar de se misturar com essas nações ou adorar os seus deuses, apegando-se sempre ao Senhor, amando-O de todo o coração (versículo 11).

Caso eles deixassem de assim proceder, contudo, essas mesmas nações não mais seriam expulsas diante deles e serviriam de tropeço para que caíssem diante de Deus e fossem expulsas daquela boa terra que Ele lhes destinou, mas condicionado à sua fidelidade em relação à aliança.

Os versículos 12 a 16 detalham essa queda e terminam dizendo que eles pereceriam na boa terra que o Senhor havia dado a eles.

Josué 24

Podemos admitir que o discurso do capítulo anterior tenha sido pronunciado por Josué em sua cidade Timnate-Sera, ou talvez em Siló, por ocasião de uma das festas anuais,

mas, desta vez, seu último discurso é pronunciado em Siquém, onde ele entregou uma palavra profética recebida do Senhor.

Esta palavra profética está registrada entre os versículos 2 e 13, com o Senhor falando na primeira pessoa do singular: Eu. Nestes 12 versículos Ele resume a história dos filhos de Israel, começando pela convocação de Abraão, enquanto habitava ainda com seu pai, Tera, um adorador de outros deuses.

Ele fala sobre a descendência de Abraão, a forma como desceu ao Egito, onde Ele a multiplicou, tirando-a de lá com mão poderosa, guiando-a pelo deserto e, finalmente, introduzindo-a na Terra Prometida.

Deus lhes diz, a seguir, que os filhos de Israel agora têm terras que não trabalharam, cidades que não construíram e comem de vinhas e oliveiras que não plantaram.

Neste ponto Josué deixa de pronunciar palavras enunciadas por Deus e passa a advertir o povo de que há uma decisão a ser tomada. Ele devem escolher entre servir o Senhor ou servir aos deuses de Tera, pai de Abraão, ou talvez aos deuses dos cananeus. Eles têm a liberdade de servir a quem bem entenderem, mas ele, Josué, e a sua casa já haviam decidido servir ao Senhor.

Nos versículos 16 a 18 o povo comunica que eles também serviriam ao Senhor por tudo que Ele havia feito por eles. Josué insiste que o Senhor é um Deus zeloso e que não tolerará a sua infidelidade, mas mesmo assim eles insistem que só querem ser do Senhor.

Em função disso, Josué pediu que fossem removidos de seu meio qualquer objeto que pudesse ser usado para a adoração de outro deus, obrigando-os a uma renovação da aliança deles com Deus.

Feito isso, ele colocou uma pedra grande ali para que servisse de testemunha entre eles de suas palavras pronunciadas diante de Deus, para que estas nunca viessem a se constituir em mentira. Depois disso ele os despediu.

Pouco depois somos informados (versículo 29), que Josué faleceu aos 110 anos e que foi enterrado em sua própria casa.

O efeito desses seus 2 últimos discursos é descrito no versículo 31, onde somos informados que o povo permaneceu fiel ao Senhor durante todos os dias de Josué e por muito tempo depois, enquanto estavam vivos os anciãos que sobreviveram a ele e que se lembravam de todas as grandes obras que o Senhor havia feito.

Notem a importância de nunca esquecermos das grandes coisas que o Senhor tem feito por nós, bem como da importância de transmitirmos esse conhecimento a nossos filhos.

Os últimos dois versículos deste texto nos falam de José e do fato de seus ossos, trazidos do Egito, terem sido enterrados ali mesmo em Siquém, bem como da morte de Eleazar, substituído no sumo sacerdócio por Finéias.

ICrônicas 5.18-26

Este texto de *ICrônicas 5* nos fala do pecado dos filhos de Israel do lado oriental do Jordão, que não obstante as vitórias concedidas a eles pelo Senhor (versículos 18-24), ainda assim, haviam sido infiéis (versículo 25), pelo que Deus os entregou a Pul e a Tiglate-Pileser, reis da Assíria, que os exilou definitivamente.

ICrônicas 6.54-81

Esse trecho de *ICrônicas 6* é uma repetição de *Josué 21*, onde são mencionadas as cidades que foram dadas aos levitas para a sua habitação e para o pastoreio de seu gado, nos arredores das mesmas.

Semana 33 - Salmos de Sabedoria (1)

Texto: Salmos 1, 12, 14, 37, 112, 127, 128 e 133

Estação 17

Salmos 1

Spurgeon (/1/, pág. 15) sugere que este salmo é o prefácio do livro, pois é nele que o assunto do livro de Salmos é apresentado. Fala de como é feliz a pessoa que anda na lei do Senhor, ao passo que o ímpio, ou seja, aquele que a despreza, caminha para a destruição.

O salmo 1 é dividido em duas partes, a primeira, que fala sobre o caminho do justo e aquilo que o leva a ser feliz, e a segunda, que trata do comportamento do homem sem Deus, e sobre a forma como caminha para a perdição.

No primeiro versículo o comportamento do justo é tratado negativamente, ou seja, em função daquilo que ele não faz:

- Em primeiro lugar, ele não segue o conselho dos ímpios. As pessoas estão sempre prontas a nos aconselhar no sentido de agirmos segundo as práticas do mundo. “Deixa de bobagem, todo mundo faz isso!”. Quantas vezes já ouvimos isso. Ocorre, contudo, que nós somos filhos do Deus Altíssimo, e a forma como Ele quer que nos comportemos é diferente. Mesmo que tenhamos agido assim no passado, agora o nosso Senhor é outro;

- Em segundo lugar, ele não anda no caminho dos pecadores, ou seja, ele não o imita, nem o acompanha porque nós efetivamente morremos para as coisas do mundo e os caminhos ímpios que as caracterizam. O Espírito Santo vivendo em nós nos leva por caminhos que Deus aprecia, pelo que, graças à liderança dEle, podemos distinguir uns dos outros.

- É interessante que essas três coisas que o justo não deve fazer vão se agravando na ordem em que são pronunciadas. Primeiro, devíamos evitar os conselhos de um encontro casual com o ímpio. Segundo, devíamos evitar de andar com ele, porque seus caminhos não nos convêm, mas o terceiro é o pior de todos: devemos evitar de parar e sentar exatamente no meio daqueles que zombam das coisas de Deus. Spurgeon (/1/, pág. 16) nos diz que a “roda dos escarnecedores” infelizmente fica muito próxima da “porta do inferno”.

Já o segundo versículo define o justo em termos bem positivos, tomando como medida o seu relacionamento com a Palavra de Deus. Ao contrário do comportamento dos ímpios, que foi vedado a ele no versículo 1, o justo tem o seu prazer na lei do Senhor.

Não se trata simplesmente de conhecer a vontade de Deus e segui-la, mas o verdadeiro justo tem nela o seu prazer. As coisas que nos dão prazer são justamente aquelas que

tomam o nosso tempo, porque nós nos dedicamos a elas. É exatamente por isso que o versículo continua dizendo que o justo nela medita de dia e de noite. Nós “ruminamos” a Palavra de Deus e estamos sempre nos surpreendendo com aplicações práticas maravilhosas que não nos tinham ocorrido antes. É assim que o Espírito Santo nos ensina.

O versículo 3 é uma figura representativa da vida do justo, ou seja, da vida daquele que ama a Deus e obedece os Seus ensinamentos. Ele é como uma árvore, para a qual não há qualquer falta de água, porque foi plantada junto a ribeiros (no plural!!!), de maneira que a água seja perene. Nesse local aprazível essa árvore foi plantada; portanto, há alguém que realmente cuida dela o tempo todo. Assim sendo, **ela dá o seu fruto na estação própria**. A estação própria significa na hora certa. Quando a sua vida passa por dificuldades, o seu fruto é o da paciência até que Deus venha a prover. Quando vierem as provações, o seu fruto é a fé, porque Deus há de resolver. Quando vier a prosperidade, ele produz alegria, mas sempre grato pela provisão divina. Cada fruto para a estação própria!

É por isso mesmo que **tudo quanto fizer prosperará**. Porque Deus o faz prosperar na medida em que tudo que ele faz é para a honra e a glória do Reino ao qual ele serve. Obviamente a prosperidade aqui mencionada não é necessariamente financeira, embora também possa ser, mas é, antes de mais nada, uma vida plena, que Deus preenche de Sua graça.

Já os ímpios, aqueles que vivem de costas para Deus e os Seus mandamentos, não são assim. **Eles são como a moinha que o vento espalha**. A moinha espalhada pelo vento simplesmente se perde. No mercado de capitais, dizer que alguma coisa vira pó, significa que perde todo e qualquer valor. O ímpio vira pó literalmente, perdendo, assim, todo e qualquer valor.

Assim sendo, o juízo do ímpio é um de condenação certa, porque o homem sem Deus não terá acesso a Ele e nem à morada eterna com Ele. Essa é a congregação dos justos, e os ímpios simplesmente não terão acesso à mesma.

Finalmente, o salmo se encerra lembrando que o Senhor conhece o caminho do justo o tempo todo, ou seja, está sempre cuidando dele, mas o caminho do ímpio perecerá. Não é apenas o ímpio que perece, mas perecem juntamente com ele tudo o que ele tinha planejado e tudo o que já tinha feito. É muito triste ser ímpio.

Salmos 12

Trata-se de um salmo de Davi, que se supõe ter sido escrito enquanto ele estava sendo perseguido por Saul.

Nos primeiros dois versículos Davi faz a sua queixa a Deus, denunciando o fato de serem poucos os homens tementes a Deus que sobraram à sua volta, enquanto grassam os

ímpios, pelo que ele clama para que Deus o livre. As pessoas são todas mentirosas, seus lábios são cheios de bajulação e tudo que dizem tem segundas intenções.

Davi mostra aqui que não era em suas próprias forças que ele confiava, mas, sim, no fato de que o Senhor havia de livrá-lo. É nesse sentido que ele implora nos versículos 3 e 4: **que o Senhor corte todos os lábios adutores e línguas arrogantes que falam de sua vitória e de não haver senhor sobre eles**. É claro que Davi sabia que eles seriam derrotados e que eles seriam entregues ao seu verdadeiro senhor, qual seja: Satanás.

A promessa divina de livramento para o oprimido e necessitado no versículo 5, concedendo a cada um deles a segurança pela qual tanto anseiam, é um ato que mostra a justiça do nosso Deus.

Os versículos 6 e 7 nos asseguram que as palavras do Senhor são puras, pelo que confiáveis. Por isso mesmo Ele nos guardará seguros e protegidos contra inimigos similares àqueles que Davi enfrentava.

É verdade que esses ímpios andam por toda parte, principalmente quando a corrupção é exaltada, mas isso em nada altera a promessa feita no versículo 7.

Salmos 14

Este salmo nos fala a respeito da decadência da humanidade em função do pecado. Sem dúvida o fato de negar a existência de Deus é o ponto mais longe dEle a que o ser humano pode chegar; portanto, é justamente aí que o salmo começa.

O tolo já está tão afundado, que sinceramente crê que Deus não existe, a ponto de dizê-lo no seu próprio coração. Ele se acha tão sábio que desdenha dos outros que creem. Ele preenche totalmente o papel do homem citado por Paulo em *Romanos 1.22*. Dizendo-se sábio, ele se tornou louco, daí o salmista chamá-lo de “tolo”.

O mesmo versículo descreve a condição humana geral, dizendo que todos se corromperam e que não há um único espécime da raça humana que faça o bem. Isso nos remete a *Romanos 11.32*, que diz que **Deus encerrou a todos debaixo do pecado para com todos usar de misericórdia**. A natureza hereditária do desejo de pecar (pecado original) foi a causa primeira desse fato.

O fato de Deus olhar dos céus no versículo 2, para ver se algum homem fiel pode ser achado, é, na realidade, apenas uma questão de retórica, pois Deus já encerrara todos debaixo do pecado, de modo que pessoas corrompidas pelo pecado era tudo que Ele podia encontrar. Justo mesmo, nenhum sequer!

No versículo 4 o salmista pergunta se nenhum dos malfeitores aprende? Já a resposta parece indicar que não, mas o versículo 5 nos confunde, porque fala de Deus no meio dos justos. Assim sendo, para que os malfeitores do versículo 4 e os justos do 5 possam

ser entendidos, precisamos supor que não obstante todos se terem corrompido, há alguns que ainda assim se esforçam por guardar a lei e estes são chamados de justos.

Logo, os malfeitores são pessoas que vivem de costas para Deus e realmente não aprendem. Estes estão sempre em posição de inimizade com o povo de Deus, mas o fato do Senhor Se manifestar no meio deles é sempre motivo de pavor para eles.

No versículo 6 o Senhor fala diretamente a esses malfeitores, dizendo-lhes que o fato deles lesarem os pobres tem como contrapartida a ação dEle mesmo em favor destes. Não há, portanto, vitória a longo prazo para os malfeitores.

Este salmo é encerrado por uma expressão de desejo que venha logo o Messias para restaurar todas as coisas.

Salmos 37

Este salmo fala a respeito da confiança que o justo pode ter no Senhor, não obstante as ameaças e o aparente sucesso dos ímpios que estão à nossa volta. Começa dizendo que tanto as ameaças como o sucesso são efêmeros, pois os ímpios vão secar como o capim e murchar como a erva.

Já o justo pode confiar no Senhor, porque Ele garantirá a sua morada segura. Ele pode se deleitar no Senhor, pois Este satisfará o desejo do seu coração. Ele pode entregar o seu caminho ao Senhor, pois Este agirá sempre.

Mesmo que os malfeitores armem ciladas e façam acusações falsas contra o justo, o Senhor fará resplandecer a sua justiça de forma marcante. Vale a pena descansar no Senhor (versículos 5 a 7).

O versículo 8 contém uma excelente recomendação: devemos evitar qualquer tipo de ira ou fúria, porque só levam ao mal. Os ímpios serão eliminados, enquanto os justos receberão a terra por herança.

Os próximos versículos repetem essa mesma verdade de várias outras maneiras. Os ímpios, por exemplo, tramam contra os justos, mas o Senhor ri deles porque o dia deles está chegando (versículo 12).

Os ímpios se têm esforçado por derrubar o poder, ferir o necessitado e matar os retos. Esse versículo retrata reiteradas situações que temos assistido na política brasileira. O versículo 15 nos assegura, contudo, que suas armas se voltarão para si mesmos e serão destruídas.

No versículo 23 somos informados que o Senhor firma os passos do homem cuja conduta Lhe agrada. Ainda que tropece não cairá, porque o Senhor o toma pela mão. Esse é o Deus no Qual confiamos.

O versículo 25 é muito conhecido: **Eu já fui jovem e agora sou velho, mas nunca vi o justo mendigar o pão.** Mais uma vez a fidelidade do Senhor é atestada!

Os versículos 26 a 31 não prometem riqueza para o justo, mas certamente falam da forma como o Senhor os utiliza para abençoar os necessitados.

Nos versículos 32 e 33 encontramos mais essa promessa: **O ímpio fica à espreita do justo, querendo matá-lo; mas o Senhor não o deixará cair em suas mãos, nem permitirá que o condenem quando julgado.**

Os versículos 39 e 40 fecham o salmo com as mesmas promessas: **Do Senhor vem a salvação dos justos; ele é a sua fortaleza na hora da adversidade. O Senhor os ajuda e os livra; ele os livra dos ímpios e os salva, porque nele se refugiam.**

Salmos 112

Salmos 111 e 112 formam uma espécie de paralelo, onde o primeiro fala das virtudes de Deus e o segundo as virtudes que Deus produz na vida daquele que O serve. Ambos começam com Aleluia, ou seja, Louvado seja o Senhor! Resumindo, podemos dizer que no primeiro Deus deve ser louvado pelo que Ele é, enquanto no segundo Ele deve ser louvado pelo que Ele faz. Vejamos, pois, a seguir, o que resulta da obra que Deus faz na vida daquele que O serve.

O homem que teme o Senhor é uma pessoa feliz. Ele tem paz com Deus e é Deus Quem o faz feliz, porque deu a ele um coração que tem grande prazer nos mandamentos do Senhor.

Seus descendentes serão poderosos na Terra, não apenas devido ao comportamento dele, mas porque ele soube ensinar os seus filhos a andar nos caminhos do Senhor. A exemplo de seu pai, eles formam uma geração abençoada de pessoas íntegras.

O homem que teme ao Senhor tem grande riqueza em sua casa (versículo 3a). Obviamente devemos nos perguntar por que, então, há tantos crentes fiéis que são pobres e tem apenas o suficiente para viver? Bem, em primeiro lugar o texto não determinou a natureza dessas riquezas. O homem que teme a Deus é rico em sabedoria, é rico em integridade, é rico em amor pelo próximo e, eventualmente, se Deus quiser usá-lo dessa maneira, ele pode ser rico em suas finanças. Seja qual for a natureza de sua riqueza, contudo, sempre a sua justiça será patente a todos.

Isso se dá porque a luz do íntegro raia nas trevas, pois ele é misericordioso, compassivo e justo. Ele empresta seu dinheiro de forma generosa e seus negócios são sempre conduzidos com honestidade. Por isso mesmo ele jamais será abalado e os seus feitos serão lembrados.

Como ocorre com todos, ele também conhece o dia da adversidade, mas ela não o abala, porque a sua confiança está no Senhor. Ele sabe que Deus deu a ele a vitória final.

Mesmo em tempos difíceis, ele tem prazer em repartir com o pobre, pelo que ele é honrado no meio em que vive.

Nada de tudo isso, contudo, deve ser atribuído a ele e, sim, ao Deus a Quem ele serve, pois ele só pode tudo que é e tudo que faz nAquele que o fortalece.

O ímpio vê tudo isso, se ira, sente grande ódio, a ponto de definhar, mas apenas se frustra, porque o homem que teme ao Senhor é o testemunho vivo das bênçãos do Todo Poderoso.

Salmos 127

Este salmo, atribuído a Salomão, é conhecido, também, como o salmo da edificação. Nós, os servos do Deus Vivo, somos os edificadores, mas Ele é o Deus que tudo edifica através de nós. É exatamente nestes termos que Salomão começa dizendo que, se não for Deus o construtor da casa, então, é inútil trabalharmos na construção.

Nestes tempos de violência exacerbada, se a vigilância não for feita pelo Senhor, então, é perda de tempo fazermos a vigilância da cidade.

Mesmo no nosso trabalho, se o Senhor não estiver à frente daquilo que nos esforçamos por fazer, então, é perda de tempo madrugarmos e trabalhar até tarde. Na verdade a produção eficiente é do Senhor, que a torna nossa na medida em que Ele mantém conosco uma relação de amor.

Até na família nada muda. Deus abençoa os seus servos com filhos que enchem a sua casa, trazendo orgulho a seus pais. Feliz é a família que os tem. Eles são uma bênção para os seus pais nos tempos de necessidade.

Louvado seja o Senhor, porque Ele faz com que Seus servos sejam bem sucedidos!

Salmos 128

Salmos 127 terminou com uma bem-aventurança, e este principia de igual forma. Como tudo que queremos que dê certo precisa ser confiado ao Senhor, segue que aquele que assim procede, é obviamente bem-aventurado.

Assim sendo, feliz é o homem que teme ao Senhor (teoria) e anda nos Seus caminhos (prática). No versículo 2 o autor se dirige ao homem que assim procede e diz a ele que o resultado deste temor aplicado é que ele comerá do fruto do seu trabalho e isso o fará não só feliz, como também próspero.

Como se isso não bastasse, em casa a sua mulher será uma verdadeira bênção e seus filhos serão motivo de muito orgulho. Trata-se de um lar em total harmonia, onde todos crescem e todos constroem harmoniosamente. É um lar onde todos têm prazer de estar e onde todos têm prazer uns nos outros, porque o Senhor é o Senhor da casa.

É assim que Deus abençoa a pessoa que O teme. Abençoa seu culto e seu relacionamento com Ele, abençoa o seu trabalho e abençoa o seu lar. Que mais o homem pode desejar?

Ele verá a prosperidade de Sião até Jerusalém e viverá para ver os seus netos. Aleluia pela fidelidade do Senhor!

Salmos 133

Vimos vários salmos acima nos quais vemos aquilo que realmente nos aproxima de Deus, fazendo de nós servos tementes a ele. Vimos, também, como essa aproximação redundava em bênção para a vida daquele que O serve, mas, mesmo assim, a experiência mostra que nem sempre duas pessoas com essas qualificações vivem harmoniosamente um com o outro.

Exatamente por isso, Davi nos lembra como Deus Se agrada de que isso ocorra, ou seja, como é bom e agradável que os irmãos vivam em união, porque é da comunhão harmoniosa de irmãos tementes ao Senhor que a obra da Igreja é feita. A própria presença de Deus no nosso meio depende disso, porque Jesus mesmo a condicionou a dois ou três se unirem para buscá-IO.

Para exemplificar essa comunhão, Davi nos diz que é como o precioso óleo que ungiu a cabeça de Arão, fazendo dele Sumo Sacerdote. Ela começa sobre a cabeça, desce pela barba e, finalmente, chega às suas vestes. Assim, a unção do Senhor sobre os seus servos, deve levá-los a ungir os seus conservos. A unção do Senhor não vem sobre nós para nós mesmos, mas para os outros.

De igual forma pode ser exemplificada pelo orvalho, que cobre os montes mais altos como o Hermon (2.750m), mas que também desce sobre os mais baixos como Sião (750m), que não obstante serem mais baixos, ali o Senhor concede a bênção da vida para sempre.

Podemos entender, portanto, que a unção, a ser compartilhada, pode vir de cima para baixo, ou seja, do Sumo Sacerdote para os irmãos menos importantes na hierarquia de Israel, como pode percorrer o caminho inverso, dos irmãos mais humildes (um humilde galileu de Nazaré) para cima.

Semana 34 - Salmos de Sabedoria (2)

Texto: *Salmos 119.1-80*

Estação 17

Salmos 119 é o capítulo mais longo de toda a Bíblia e, curiosamente, trata de um único assunto, qual seja, a Palavra do Senhor, mas com uma variedade de pensamentos tão rica, que esses jamais se repetem.

Com relação à sua autoria, muitos o atribuem a Davi, mas muitos outros creem que o autor aqui tem um estilo diferente do dele. Vamos nos limitar a dizer que o autor é desconhecido.

O texto deste salmo é montado com 22 grupos de 8 versículos cada, totalizando 176 versículos. Cada um desses 8 versículos começa sempre com a mesma letra. Os 22 grupos correspondem às 22 letras do alfabeto hebraico.

É interessante verificar os diferentes nomes com os quais o salmista se refere à Palavra de Deus:

- **Lei** → é uma palavra que significa regra de conduta e, obviamente, refere-se à Lei de Deus;
- **Testemunhos** → é uma palavra que está associada àquilo que dá testemunho. Refere-se à lei revelada de Deus e ao testemunho e a confirmação das promessas feitas por Ele;
- **Preceitos** → significam algo confiado ao homem na forma de compromissos de Deus, que exigem a contrapartida do homem;
- **Estatutos** → o verbo associado significa gravar ou fazer uma inscrição. Trata-se, portanto, de uma lei escrita;
- **Mandamentos** → é um termo associado a dar ordens, de modo que imediatamente nos remete ao decálogo;
- **Juízos** → é um termo associado a julgar, de modo que sua aplicação aqui seria como juízos de Deus, referindo-se à Bíblia;
- **Palavra** → no sentido a que nos referimos, o termo palavra é simplesmente uma forma reduzida de dizer Palavra de Deus;
- **Caminho** → segundo Spurgeon (/3/, pág. 176) esse termo nos lembra Jesus. Ele disse que Ele mesmo é o “caminho”. Assim, adotando o mesmo sentido aqui, a Bíblia nos apresenta o “caminho” que Deus nos deu para chegarmos até Ele.

Salmos 119.1-8

1ª letra do alfabeto hebraico: Alef - Feliz o homem que obedece à Palavra de Deus

Os primeiros 8 versículos, iniciados todos com a primeira letra do alfabeto hebraico, falam da bênção que resulta de se observar os estatutos do Senhor. São escritos por alguém que meditou muito na Palavra de Deus e se encontra totalmente embevecido com ela.

O primeiro versículo nos fala sobre a convicção do salmista, baseado na sua experiência com Deus. Ele sabe que aqueles que trilham caminhos íntegros, pautando-os na Lei do Senhor, com toda certeza serão bem-aventurados.

Podemos dizer que este versículo está para o salmo 119, assim como o salmo 1 está para todo o saltério. Trata-se de um prefácio que mostra o quanto o salmista coloca a conformidade com os caminhos do Senhor um alvo para a sua vida.

Somos por natureza corruptos e não deixamos de sê-lo no dia em que nos convertemos, mas neste mesmo dia, quando recebemos um espírito novo, no qual passou a habitar o Espírito Santo de Deus e ganhamos um coração novo, tem início uma obra de regeneração, que faz com que mudemos de dentro para fora. O nosso novo espírito começa a falar à nossa mente e aos nossos desejos para que estes deixem os caminhos corruptos nos quais andávamos, levando-nos a andar por trilhos íntegros.

À medida que conhecemos os caminhos do Senhor e neles passamos a andar, tornamo-nos bem-aventurados, e tem início um processo através do qual abençoamos aqueles que estão à nossa volta.

O versículo 2 continua dizendo o quanto é feliz aquele que guarda os testemunhos do Senhor e que O busca de todo o coração. O Senhor já nos havia prometido que O encontraríamos se O buscássemos dessa forma (*Jeremias 29.13*, citação de *Deuterônimo 4:29*).

O nosso autor já havia previsto que seria bem-aventurado aquele que andasse nos caminhos do Senhor. Agora ele prevê uma segunda bênção para aqueles que são bem sucedidos andando nesses caminhos, porque seu desejo de servir ao Senhor de coração, faz com que guardem fielmente os Seus testemunhos.

O versículo 3 é a consequência imediata dos versículos 1 e 2. Esse homem duplamente bem-aventurado não pratica a iniquidade, antes caminha na Lei do Senhor. Essa lei é composta de itens grandes e itens que pensamos ser pequenos. Pois bem, o que Deus espera é que andemos em todos os Seus caminhos.

Os versículos 4 e 5 andam juntos, porque o salmista sabe que Deus não ordenou os Seus preceitos para que fossem guardados seletivamente, mas, sim, na sua totalidade

e diligentemente. Por outro lado, ele reconhece suas próprias fraquezas e sabe que precisa ser dirigido pelo Senhor, para que possa guardar os Seus estatutos sempre.

Com a direção do Senhor, e tendo aprendido as retas ordenanças do Senhor, então, o salmista sabe que não será mais confundido, ou seja, ele não será mais envergonhado por cair diante das tentações (versículo 7).

Ao invés disso, o autor do salmo sabe que poderá observar os estatutos do Senhor, mas ao mesmo tempo ele sabe que deve evitar toda e qualquer soberba, pois no momento em que ele achar que poderá vencer pelo seu próprio conhecimento, então, virá a derrocada. Assim sendo, ele pede a Deus que não o desampare totalmente, mas que esteja sempre a apoiá-lo, para que sua confiança esteja sempre no Senhor e não na sua própria força.

Salmos 119.9-16

2ª letra do alfabeto hebraico: Bê - Ordenando a vida pela Palavra de Deus

O versículo 9 nos dá a impressão de que o autor pode ser jovem, mas ficará claro adiante que se trata de uma pessoa de idade e com grande experiência na Palavra. Aqui, portanto, trata-se apenas de aconselhar aos jovens como devem proceder, para que seus caminhos sejam puros: a receita é simples: basta que pautem seus caminhos na Palavra do Senhor.

Mais uma vez o autor ora ao Senhor dizendo que O tem buscado de todo coração, pelo que pede que o Senhor não permita que ele se desvie dos Seus caminhos. Ele sabe que Deus já prometera ser achado por ele se assim procedesse (*Deuteronômio 4.29*), portanto seu pedido se baseia na própria vontade de Deus.

O versículo 11 nos traz uma excelente arma para que possamos resistir às astutas ciladas de Satanás. Basta, para tanto, que conheçamos e guardemos a Palavra do Senhor, não apenas na mente, mas principalmente no coração. Jesus mesmo fez uso desta arma ao ser tentado por Satanás, logo após o Seu batismo. Todas as respostas de Jesus ao inimigo foram citações bíblicas. São palavras do Pai que Ele tanto amava.

Bendito, portanto, seja o Senhor, que nos ensina os Seus estatutos (versículo 12). Cabe a nós tê-los na ponta da língua para poder declará-los (versículo 13). Quando assim procedemos, reconhecemos o seu valor e a riqueza de sua utilidade (versículo 14).

Por isso mesmo o salmista proclama meditar nos preceitos de Deus enquanto observa os Seus caminhos (versículo 15). Isso faz com que tenha neles grande deleite e impede que os esqueça (versículo 16).

Salmos 119.17-24

3ª letra do alfabeto hebraico: Guimel - revelação da Palavra a quem a busca

Obviamente todos nós desejamos que o Senhor nos faça bem, concedendo que tenhamos uma vida longa, mas nem todos temos uma finalidade tão marcante como a do salmista. Ele quer vida longa para poder observar, ao longo de toda ela, a Palavra do Senhor (versículo 17). Além disso, ele pede entendimento para que as maravilhas da lei de Deus não lhe passem despercebidas (versículo 18). Embora ele se veja apenas como peregrino na Terra (seu lar permanente é o celestial), ainda assim ele pede que Deus revele a ele todos os Seus mandamentos (versículo 19), pois ele anseia por conhecer todas as Suas ordenanças (versículo 20).

A partir do versículo 21, o autor reconhece que Deus repreende os soberbos e malditos que vivem em desprezo à Palavra de Deus, enquanto ele a ama, motivo pelo qual ele se sente vítima de desonra e desprezo da parte deles. Por isso ele pede que Deus remova essas afrontas (versículo 22).

Na verdade nada mudou para aqueles que servem a Deus, meditando nos Seus estatutos. As pessoas “eloquentes”, como os príncipes da época, continuam a falar mal da Palavra de Deus e contra aqueles que a proclamam (versículo 23).

No versículo 24 o salmista adiciona uma nova maneira de tratar a Palavra de Deus; além de ser o seu prazer, ele agora diz que é também o seu conselheiro. Quantos de nós se deixam aconselhar pela Palavra de Deus? Quantos se voltam para a Bíblia quando precisam tomar uma decisão importante?

Salmos 119.25-32

4ª letra do alfabeto hebraico: Dálet - lamento pelo apego às coisas do mundo

No versículo 25 ele reconhece que “sua alma se apega ao pó”, ou seja, ele se sente totalmente derrotado, mas é o Senhor que promete vivificá-lo segundo a Sua Palavra. Ele se volta para o Senhor com o seu problema, o Senhor o ouve e a ele ensina os estatutos aplicáveis (versículo 26). Esse é o Deus do salmista e também o nosso, sempre pronto a nos ensinar o caminho a seguir. Aleluia!

Por isso o autor pede que Deus mostre a ele sempre o propósito dos seus preceitos, para que ele possa meditar sempre nas Suas maravilhas (versículo 27).

No versículo 28 o autor fala da tristeza que lhe dá o ambiente em que ele vive, mas pede ao Senhor que o fortaleça segundo a Sua Palavra. Que Deus desvie dele toda a falsidade que o assedia e que, pela Sua graça, o ensine a Sua lei (versículo 29)!

Nos 3 versículos seguintes o salmista fala do tesouro que é para ele a Palavra do Senhor à qual ele resolveu ser fiel (versículo 30), à qual decidiu se apegar (versículo 31) e cujos caminhos optou por percorrer (versículo 32).

Salmos 119.33-40

5ª letra do alfabeto hebraico: He - dependência e extrema necessidade da Palavra

O salmista começa aqui pedindo que Deus lhe ensine o caminho dos Seus decretos para que ele os guarde até o fim. No salmo 103 Davi diz que Deus mostrou a Moisés os Seus caminhos, enquanto os filhos de Israel viram apenas os seus feitos. Os caminhos mostravam a Moisés o que e como Deus ia fazer, enquanto os israelitas viam os resultados. Aqui, o salmista está pedindo mais do que simplesmente conhecer os decretos do Senhor; ele quer saber o que está por trás dos mesmos. Desta forma, ele fica capacitado a obedecer não apenas à lei, mas ao espírito da lei. O entendimento pedido no versículo 34 faz com que ele obedeça com conhecimento de causa. Seu coração está nisso, porque ele entendeu tudo o que Deus tinha em mente. Agora trata-se de agradá-LO. Seu desejo é andar nas veredas traçadas pelo Senhor, porque elas dão ao salmista muito prazer (versículo 35). Ele se sente parte daquilo que Deus quer realizar.

Nos versículos 36 a 39 o salmista pede que Deus remova da vida dele qualquer das coisas associadas a desejos mundanos: a cobiça, a vaidade e a vergonha para onde levam. Ao invés disso, que seu coração se incline para a lei do Senhor, que viva nos Seus caminhos e que Ele faça brotar cada vez mais o temor do Senhor no seu coração.

No versículo 40 o autor pede que Deus preserve a sua vida pela Sua justiça, da mesma forma como ele tem anelado pelos Seus preceitos.

Salmos 119.41-48

6ª letra do alfabeto hebraico: Vav - apelo à permanência na graça de Deus

Quando lemos a Palavra do Senhor, vemos que Ele, pela Sua maravilhosa graça, nos faz muitas promessas. Se entramos em aliança com Ele, ou seja, se aceitamos a salvação que nos oferece, então, essas promessas nos dizem respeito. Vemos aqui o salmista se apropriando das promessas que lhe foram feitas (versículo 41). Que venha sobre ele a benignidade do Senhor e que ele possa usufruir da salvação que lhe foi prometida!

Desta forma ficarão desmoralizados aqueles que o afrontam e que ridicularizam sua fé (versículo 42). Que em sua boca habite sempre a Palavra da Verdade, porque é nela que tem colocado a sua confiança (versículo 43).

Assim, observará para sempre a Lei do Senhor (versículo 44), andando em liberdade nos Seus caminhos (versículo 45), deles falando perante reis, sem ser envergonhado (versículo 46). Desta forma ele se deleitará nos Seus mandamentos, que ele ama (versículo 47), e aos quais levantará as suas mãos para meditar nos seus estatutos (versículo 48).

Salmos 119.49-56

7ª letra do alfabeto hebraico: Zain - a consolação que há na Palavra de Deus

Aqui o salmista não pede a Deus por qualquer promessa nova, mas pede que seja cumprida uma promessa feita anteriormente. A sua esperança reside justamente na certeza de que Deus cumpre aquilo que promete (versículo 49). O tempo de Deus não é igual ao nosso, mas a certeza quanto à Sua fidelidade faz com que tenhamos sempre esperança.

A natureza humana faz com que tenhamos angústias, mas a certeza no tocante ao cumprimento da Palavra faz com que sejamos consolados. É o cumprimento de Suas promessas que nos dá vida (versículo 50).

O mundo vai sempre zombar daquele que crê em Deus, mas o prazer do crente consiste em se manter fiel à Lei (versículo 51). Nós nos lembramos de promessas antigas e assim nos consolamos (versículo 52). Os ímpios, que não aceitam o Lei do Senhor, por isso eles são para nós motivo de indignação (versículo 53), mas a Lei do Senhor se torna motivo de cântico na boca do fiel (versículo 54).

O salmista segue dizendo que à noite se lembra do Nome do Senhor, e que isto o leva a observar a Sua Lei (versículo 55). Isso lhe tem acontecido pois esta tem sido a sua prática (versículo 56).

Salmos 119.57-64

8ª letra do alfabeto hebraico: Hêt - o apego ao próprio Deus

A ideia de que o Senhor seja a minha herança soa muito ousado, mas é assim que o salmista se sente. À luz das promessas do Deus, a Quem tem sido fiel, e guardando as Suas Palavras, ele sente que o Senhor Se tornou o “seu Deus” (versículo 57). Ele se sente no direito de implorar o Seu favor, de todo coração, com base na Sua misericórdia, porque o Senhor assim o prometeu (versículo 58).

No versículo 59 o autor deste salmo faz o que todos deveríamos fazer: ele avalia os seus caminhos e se certifica de que estão dentro dos Preceitos do Senhor. Ele não vacila, mas faz isso apressadamente (versículo 60).

Mesmo sabendo que os ímpios estão armando ciladas para atá-lo, ainda assim é à Lei do Senhor que o salmista dá a sua prioridade (versículo 61), que o leva a acordar no meio da noite para cultuar o Senhor que as dá (versículo 62).

O salmista se junta a todos os que temem ao Senhor como ele, para que, juntos, obedeçam aos Seus Preceitos (versículo 63). Seu amor enche a Terra, para que juntos aprendam cada vez mais a respeito da Palavra do Senhor (versículo 64).

Salmos 119.65-72

9ª letra do alfabeto hebraico: Tét - a bondade de Deus e a preciosidade de Sua Lei

A história de nossas vidas, como servos do Senhor, se resume a relatos de Sua bondade para conosco. Não podia ser diferente com o salmista (versículo 65). Essa bondade se expressa pela forma como Ele nos ensina o bom senso e o conhecimento através de Sua Palavra (versículo 66).

O versículo 67 nos fala um pouco sobre o autor do salmo. Ele diz que andava longe dos caminhos do Senhor, até que foi castigado. Daí em diante, ele passou a andar de acordo com a Sua Palavra. Isso nos lembra imediatamente que **o Senhor repreende a quem ama e que castiga a qualquer que recebe por filho**. Quantos de nós não tivemos que ser castigados para aí aprender? O nosso Deus é bom e quer que andemos nos Seus Caminhos, porque são bons para nós (versículo 68).

Não obstante os soberbos mancharem o nome dos servos do Senhor com mentiras, isso serve apenas de estímulo para que continuem a andar, de todo o coração, segundo os Preceitos do Senhor (versículo 69). O coração deles se torna insensível, mas o dos Servos do Senhor cada vez mais se compraz nas Suas Ordenanças (versículo 70). O salmista nos informa que, embora tenha sido afligido pela perseguição, isso trouxe a ele aprendizado na Palavra (versículo 71). O apreço dele pela Palavra do Senhor se tornou tão grande, que mais vale para ele do que o ouro e a prata (versículo 72).

Salmos 119.73-80

10ª letra do alfabeto hebraico: Iode - a experiência pessoal do salmista com Deus

O salmista sabe que ele é feitura de Deus, de modo que a única maneira dele andar nos Estatutos do Senhor é com os ensinamentos vindos dEle (versículo 73). Se ele tiver se tornado um exemplo para os seus irmãos, que também temem a Deus, isso será para eles motivo de alegria, porque todos sabem que sua esperança está na Palavra do Senhor (versículo 74).

É importante sabermos que o castigo vindo do Senhor é expressão de Sua fidelidade para conosco. Suas Ordenanças são o caminho que devemos trilhar (versículo 75) e Ele nos direciona por amor a nós, Seus servos. O nosso consolo reside no fato de sabermos

que Ele nos ama e que cumpre para conosco Suas promessas (versículo 76). É a Sua misericórdia que nos vivifica, dando-nos prazer em Suas Leis (versículo 77).

Enquanto o Senhor humilha aqueles que prejudicam sem causa o Seu servo, este permitirá que isso lhe sirva de estímulo para meditar nos Preceitos do Senhor (versículo 78). Aqueles que temem ao Senhor e andam nos Seus Caminhos apoiarão os seus co-servos, pois todos entendem os Estatutos do Senhor (versículo 79).

Que os servos do Senhor saibam proceder com integridade, guardando os Seus Decretos, para que de forma alguma sejam humilhados (versículo 80)!

Semana 35 - Salmos de Sabedoria (3)

Texto: Salmos 119.81-176

Estação 17

Salmos 119.81-88

11ª letra do alfabeto hebraico: Caf - o salmista fica angustiado e depressivo

Os versículos 81 a 88 apresentam o salmista angustiado devido à perseguição de seus inimigos, e depressivo por causa da demora em receber o livramento do Senhor. Não obstante isso, ele permanece confiante nas promessas que lhe foram feitas na Palavra.

Ele fala que está desfalecendo à espera da salvação prometida pelo Senhor (versículo 81), que seus olhos já estão falhando à espera de socorro (versículo 82), que ele se sente, no versículo 83, como um vaso inútil (odre na fumaça), que ele começa a temer por sua vida enquanto seus inimigos não forem julgados (versículo 84), que os arrogantes preparam a sua cova (versículo 85) e que por pouco tiraram a sua vida (versículo 87).

Apesar de toda a perseguição (versículo 86), ele continua confiando na Palavra do Senhor e pede que o Deus que o ama preserve a sua vida (versículo 88).

Salmos 119.89-96

12ª letra do alfabeto hebraico: Lâmed - o salmista reconhece que a Palavra o livra

Chegamos aqui exatamente à metade do salmo, com 11 grupos de 8 versículos começando com as 11 primeiras letras do alfabeto hebraico, um em cada. Até aqui, também, o salmista tem falado sobre os ataques que vem sofrendo e lembrando das promessas de livramento. No último dos 11 grupos, ele mostrou a sua angústia pela demora em vir o livramento, mas neste grupo ele se lembra que não obstante a aguerrida perseguição que sofre, até aqui o ajudou o Senhor, pelo que, sim, Ele tem sido fiel a Suas promessas.

A Palavra do Senhor está firmada nos céus (versículo 89), cuja fidelidade mantém firme a Terra para todos e por todo o tempo (versículos 90 e 91). Não obstante sua angústia, ele reconhece que foi o seu prazer nos preceitos de Deus que o mantiveram vivo (versículo 92).

Ele volta a pedir, portanto, por salvação (versículos 93 e 94), mas desta vez ele o faz porque é do Senhor a sua vida. Ao confiar em Sua Palavra é ao Senhor que ele confia a sua segurança. Os ímpios continuam buscando a sua morte, mas é aos Testemunhos do Senhor e às promessas neles contidas que ele se volta (versículo 95).

Este grupo é concluído com a certeza de que o mais perfeito dos planos humanos (especificamente os dos seus inimigos que querem matá-lo) são limitados e que é na Palavra do Senhor e em Suas promessas que está a verdadeira perfeição (versículo 96).

Salmos 119.97-104

13ª letra do alfabeto hebraico: Mem - o salmista declara seu amor pela Palavra

Não há dúvida de que foi o seu amor pela Palavra do Senhor que deu a ele o discernimento através do qual o Senhor o tem livrado (versículo 97). Ele reconhece que foi graças aos Mandamentos de Deus que ele agiu mais sabiamente que seus inimigos (versículo 98). Sua sabedoria excede mesmo a de seus mestres, pois se baseia nos Testemunhos do Senhor (versículo 98). Seu entendimento excede o dos anciãos (versículo 99), pois se baseia na guarda dos Preceitos Divinos (versículo 99).

Ele odeia todos os caminhos tortuosos que poderiam afastá-lo do Senhor (versículo 101) e evita-os graças à Lei do Senhor (versículo 102), que para ele é mais doce que o mel (versículo 103). O entendimento alcançado pelos preceitos do Senhor lhe permite não cair (versículo 104).

Salmos 119.105-112

14ª letra do alfabeto hebraico: Nun - o salmista é guiado pela Palavra

Os versículos 11 e 105 são os mais conhecidos de todo o salmo 119 e expressam verdades semelhantes que todos nós já experimentamos na prática. A Palavra do Senhor é a lâmpada que Ele coloca à nossa disposição para que sejam iluminados os nossos passos (versículo 105). Se a guardarmos no coração, deixamos de pecar contra Ele (versículo 11).

Para que isto ocorra precisamos, tal como o salmista, não só jurar guardar Seus Preceitos, mas confirmar o nosso juramento (versículo 106). Assim procedendo, não importa o quanto estejamos aflitos, o Senhor nos preserva a vida pela Sua Palavra (versículo 107). Além disso, Ele aceita o nosso culto racional e nos dá mais entendimento das Suas Ordenanças (versículo 108).

O salmista continua dizendo que sua vida está sempre em perigo (versículo 109) porque seus inimigos armam ciladas contra ele (versículo 110), mas ele é sempre vitorioso, guardando os Preceitos de Deus (versículo 111).

Tal como ele, podemos dizer que a Palavra do Senhor é a nossa herança permanente e que é ela que traz a alegria ao nosso coração. Basta, para seguir em frente, que disponhamos o nosso coração para segui-la sempre (versículo 112).

Salmos 119.113-120

15ª letra do alfabeto hebraico: Sâmeq - a guarda da Palavra define quem vence

O autor deste salmo nos fala aqui do contraste entre o desfecho daqueles que seguem a Lei do Senhor e dos que optam por praticar o mal (versículo 113). Contra estes ele tem uma atitude de desprezo e procura mantê-los à distância (versículo 115), porque o próprio Deus os rejeita, por terem planos enganosos (versículo 118) e destrói todos os ímpios como se fossem refugio (versículo 119).

Por outro lado, o Senhor é o abrigo e escudo de todos que mantêm nEle e em Sua Palavra a sua esperança (versículo 114). Ele sustenta, vivifica e ampara todos os que esperam nEle (versículo 116).

O salmista encerra esse grupo dizendo que isso (a misericórdia contrastando com o justo juízo) faz com que ele estremeça diante dEle, pois as Suas Ordenanças o enchem de temor (versículo 120).

Salmos 119.121-128

16ª letra do alfabeto hebraico: Áin - Deus por fiador graças à guarda da Palavra

A prática da retidão e da justiça segundo a Lei do Senhor faz com que o salmista tenha a confiança de que Deus não permitirá que seus opressores o vençam (versículo 121). Deus assume o papel de fiador de sua vida (versículo 122). Mesmo que ele se angustie à espera da salvação, que parece tardar (versículo 123), ainda assim ele confia na benignidade do Senhor e que Este lhe ensinará os Seus Estatutos (versículo 124).

No versículo 125 o salmista se coloca na posição de servo do Senhor, que espera receber dEle entendimento para compreender os Seus Testamentos. O servo sabe que cabe ao Senhor agir quando os opressores violam a Lei (versículo 126). A certeza de Sua justiça faz com que o salmista ame os Mandamentos do Senhor mais que o ouro refinado (versículo 127).

Ao servo resta cuidar para que seus passos sejam dirigidos pelos Preceitos do Senhor. Assim como seu Senhor abomina a falsidade, cabe a ele agir de igual modo (versículo 128).

Salmos 119.129-136

17ª letra do alfabeto hebraico: Pê - os Seus Testemunhos fazem toda a diferença

A Palavra de Deus é maravilhosa! Não temos qualquer dificuldade de concordar com isso. É exatamente por isso que nós sabemos que ela deve ser guardada (versículo 129).

Quando confiamos em alguém, tudo que ela diz é igualmente confiável. A Palavra de Deus traz entendimento (versículo 130).

O salmista diz que abre a boca e suspira, como sinal de anelo pelos Mandamentos do Senhor (versículo 131). Há muitas maneiras de expressar o nosso encantamento com a riqueza dos ensinamentos bíblicos, mas o que todos queremos é gozar da intimidade de Deus, porque nós O amamos (versículo 132).

Conhecemos as nossas fraquezas, mas, para que o pecado não nos domine, precisamos que nossos passos sejam dirigidos pela Sua Palavra (versículo 133). Assim como o salmista, queremos obedecer aos Seus Preceitos, mas sabemos o quanto a opressão dos homens tudo faz para nos desviar deste intento, pelo que pedimos ao Senhor que nos resgate dos mesmos (versículo 134).

A bênção arcaica pede que o rosto do Senhor se faça resplandecer sobre nós, os Seus servos. Além disso, o salmista também associa o seu pedido de que o Senhor lhe ensine os Seus Decretos (versículo 135).

Ele encerra esse grupo dizendo o quanto se entristece por Sua Lei não ser obedecida (versículo 136).

Salmos 119.137-144

18ª letra do alfabeto hebraico: Tsade - a Palavra do Senhor é justa

O versículo 137 nos remete, de imediato, a *Salmos 145.17* e à música lindíssima que nele se inspira (Justo És, Senhor!), porque realmente o Senhor é justo em todos os Seus Caminhos. Seus Testemunhos foram ordenados de maneira reta e fiel (versículo 138). O nosso zelo pela Palavra do Senhor nos impede de entender que alguém possa viver em desprezo à mesma (versículo 139). Nós a amamos, tal como o salmista, porque ela já foi provada e comprovada tantas vezes (versículo 140).

Embora o autor do salmo se sinta pequeno e desprezado aos seus próprios olhos, ele sabe o valor que tem para si mesmo o fato de observar sempre os Preceitos do Senhor (versículo 141). Ele pode ser injustiçado por seus inimigos, mas o Deus que ele serve é um Deus de justiça eterna, expressa claramente por Sua Lei (versículo 142). Mesmo que a tribulação e a angústia por vezes dele se apropriem, ainda assim o seu prazer está nos Mandamentos do Senhor (versículo 143). Eles contêm os eternos Testemunhos de Deus, que dão o entendimento para que ele viva (versículo 144).

Salmos 119.145-152

19ª letra do alfabeto hebraico: Cof - o salmista clama e o Senhor o ouve de perto

Nos versículos 145 a 147 três vezes o salmista clama ao Senhor, pedindo que o Senhor se volte para ele e o salve, mas nos três versículos ele está atento à guarda dos Estatutos de Deus. Por isso mesmo as vigílias da noite são gastas meditando nos mesmos.

Ele confia na benignidade do Senhor para que sua oração seja ouvida e ele viva de acordo com as Ordenanças do dEle (versículo 149). Embora ele se diga perseguido pelos malvados que desprezam a Lei do Senhor (versículo 150), ele sente a presença do Senhor e sabe quão verdadeiros são os Seus Mandamentos (versículo 151). Ele sabe ainda que eles foram estabelecidos para todo o sempre (versículo 152).

Salmos 119.153-160

20ª letra do alfabeto hebraico: Rêsh - a Palavra é a verdade que livra e salva

É verdade que o salmista continua aflito, buscando resgate e salvação nos versículos 153 a 155, mas sua confiança está arraigada na Lei do Senhor. É ela que o vivifica, ao mesmo tempo em que condena os ímpios que a desprezam (versículo 156).

As misericórdias do Senhor duram para sempre, por isso ele sabe que o Juízo Divino o vivifica (versículo 157). Seus adversários e inimigos também são muitos, mas os Testemunhos do Senhor o sustentam (versículo 158). Ele ainda se aflige pelos infiéis que não guardam a Palavra do Senhor, mas aí ele se lembra do amor que tem pelos Preceitos do seu Deus e se sente vivificado pela benignidade do Senhor (versículo 159). No final, sobra apenas a verdade da Palavra de Deus e a duração perpétua de Suas Justas Ordenanças (versículo 160).

Salmos 119.161-168

21ª letra do alfabeto hebraico: Shin e Sin - vence quem guarda os Mandamentos

O salmo vai aos poucos chegando ao final e o salmista ainda fala de perseguição e sofrimento. Talvez estejamos nos perguntando se o autor vai se frustrar por não haver uma vitória final? Não podemos esquecer, contudo, que Deus já havia dito a ele, neste mesmo salmo (versículo 19) que a “vingança é de Sua alçada”, pelo que não devemos nos preocupar com ela. Assim sendo, o que o salmista está dizendo é que não obstante ser perseguido sem causa, ele não os teme. O temor do seu coração se faz sentir em relação à Palavra de Deus (versículo 161). Ele se regozija com ela e a trata como se tivesse encontrado um grande despojo (versículo 162). Fica implícito, portanto, que ele sente como se tivesse ganho uma guerra muito lucrativa.

Embora ele abomine a falsidade, ele ama tanto a Lei do Senhor que sete vezes ao dia ora agradecendo por Seus Preceitos (versículo 163). Ele reconhece que aqueles que a amam como ele, simplesmente não tropeçam (versículo 165). Do Senhor vem a sua salvação, cabendo a ele cumprir os Mandamentos de Deus. Isso, contudo, ele faz com prazer, porque ele os ama extremamente (versículo 166).

Ele observa todos os Preceitos e os Testemunhos do Senhor, porque nada há na vida dele que o Senhor não esteja observando (versículo 167). Assim, o salmista pede que o Senhor aceite o seu louvor permanente e que este seja sustentado pelas Ordenanças de Deus (versículo 168).

Salmos 119.169-176

22ª letra do alfabeto hebraico: Tau - a Lei me salva e me ensina a clamar e louvar

Encerrando o salmo com versículos iniciando com a última letra do alfabeto hebraico, o autor se mostra totalmente confiante, não porque não tenha mais problemas e, sim, porque sabe que a solução destes vem do alto, enquanto o seu próprio papel reside em conhecer, amar e obedecer os Preceitos da Palavra do Senhor.

Ele ora para que o seu clamor e a sua súplica cheguem ao Senhor para que, por Sua vez, lhe dê entendimento e livramento, conforme prometido na Palavra (versículos 169 e 170). Seus lábios se abrem louvando o Senhor, que ele cultua, por ensinar-lhe os Seus Estatutos e por serem estes todos justos (versículo 171 e 172).

Tendo feito a escolha por Seus Preceitos, nos quais tem todo o prazer, ele sabe que o Senhor o salvará e o socorrerá (versículos 173 e 174). Ele reconhece que, vez por outra, anda como uma ovelha desgarrada, mas pede que Deus sempre o resgate e o mantenha sempre sob a orientação dos Seus Mandamentos (versículos 175 e 176).

Semana 36 - Orientações à Igreja por Paulo (1)

Texto: ICoríntios 1-16

Estação 18

ICoríntios 1

A Igreja de Corinto é tudo, menos um modelo a ser seguido. Havia muitos problemas e Paulo está começando a lidar com eles neste primeiro capítulo. A própria saudação dele, normalmente cheia de elogios, diz que eles são “separados (santificados) em Cristo Jesus e chamados para serem santos” (versículo 2). Infelizmente, contudo, estavam longe de cumprir o seu chamado, conforme veremos adiante.

Nos versículos 3 a 9 Paulo fala a respeito do fato deles serem o resultado do ministério dele e de como ele agradece a Deus pela graça dada a eles em Cristo Jesus. Não obstante os problemas, que serão todos objeto de sua carta, ainda assim ele sabia que haviam sido enriquecidos tanto em palavra como em conhecimento e que o testemunho de Cristo havia sido confirmado entre eles pelo exercício dos dons. A intenção do Senhor era torná-los irrepreensíveis até o dia de Sua volta.

Já a partir do versículo 10, ele começa a falar sobre as dissensões que vinham ocorrendo dentro da igreja, onde os irmãos estavam divididos em função do apoio àqueles que trabalharam entre eles (Apolo e ele mesmo, Paulo), ou cuja fama chegara até eles pela liderança entre os apóstolos. Supõe-se que seja este o caso de Pedro, porque não consta que ele tenha estado em Corinto.

Paulo deixa claro que esse tipo de partidarismo não tem qualquer sentido na Igreja, pois o servo do Senhor nada mais é do que alguém alcançado pela graça de Cristo, da mesma forma que eles mesmos.

Embora ele fale da Palavra da Cruz do versículo 18 até o 29 como a verdadeira sabedoria de Deus, ele não mudou de assunto, porque está apenas falando daquilo que Apolo e ele mesmo haviam pregado entre eles e que Pedro, sem dúvida, também pregava. Deus haveria de destruir a sabedoria dos sábios e aniquilar o entendimento dos entendidos, porque Ele escolhera as coisas loucas deste mundo para confundir os sábios, as coisas fracas para confundir os fortes e as coisas insignificantes deste mundo para reduzir a nada aqueles aos quais se atribui valor.

Paulo deixa claro, desta forma, que a escala de valores dos coríntios estava deturpada e que as coisas às quais Deus atribui valor são de outra natureza, pelo que havia sérias medidas corretivas a serem tomadas.

No versículo 29 ele diz que não há porque qualquer um deles se gloriar senão em Jesus Cristo, ao qual pertence cada um deles por terem sido por Ele comprados.

ICoríntios 2

Paulo inicia este segundo capítulo de uma forma interessante. Ele era reconhecidamente uma pessoa muito culta e poderia demonstrar essa cultura por sua forma de falar. Ao invés disso, contudo, ele diz que não usou disso quando chegou a Corinto para pregar, porque isso de forma alguma o distinguiria dos sábios gregos que havia na cidade. Ele havia preferido, então, que Jesus Cristo crucificado fosse pregado através dos atos de poder do Espírito Santo, de modo que a fé dos convertidos se apoiasse, não na sabedoria humana, mas no poder do próprio Deus (versículos 1 a 5).

Nos versículos 6 a 16 Paulo discursa sobre a sabedoria de Deus e especificamente sobre a forma como ela é compreendida pelo homem de Deus. É com esta sabedoria divina que ele, Paulo, se dirige a estes que têm maturidade, pois eles a entendem, enquanto o mundo a despreza, motivo pelo qual vai gradualmente se deturpando.

Essa sabedoria de Deus estivera oculta por séculos, mas Ele a havia revelado naqueles dias através de Cristo. Nenhum dos poderosos daqueles dias a havia compreendido, porque do contrário não o teriam crucificado, mas Ele as revelou somente para aqueles que O amam: **“coisas que olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem”** (Isaías 64.4).

Essas coisas são reveladas ao homem através do Espírito Santo, que conhece a mente de Deus da mesma forma que o espírito do homem conhece a sua própria mente. Foi exatamente por isso que recebemos o Espírito Santo quando nos convertemos, para que pudéssemos compreender as coisas que nos foram dadas pela graça divina.

Paulo fecha o raciocínio dizendo, então, que não pode usar de sabedoria humana para ensinar coisas espirituais, porque as coisas espirituais se discernem espiritualmente. Assim, o homem espiritual discerne tudo muito bem, porque ele tem a mente de Cristo, que foi formada nele.

ICoríntios 3

Neste capítulo Paulo segue dentro da mesma linha de raciocínio anterior, onde estipulara que o homem espiritual discerne tudo pelo Espírito de Deus. Infelizmente, continua ele, não fora possível falar aos os coríntios como se fossem espiritualmente maduros, porque eles eram ainda carnais. Eram semelhantes a crianças no tocante às coisas de Deus.

Precisavam ser alimentados ainda à base de leite, porque não eram capazes de suportar alimento sólido. Isso se comprovava exatamente pela existência de dissensões e inveja entre eles. Ao formarem um partidarismo pró-Paulo ou pró-Apolo, que eram apenas

ministros que Deus lhes enviara para que cressem, mostraram apenas o quanto a sua fé era infantil.

Nos versículos 6 a 15 Paulo deixa claro que ele plantou e Apolo regou, mas o que importa é Deus que dá o crescimento. Os ministros como ele e Apolo recebem galardão ou não por fazerem adequadamente o trabalho para o qual foram constituídos. A fundação da obra é Jesus Cristo, não pode haver outra. Sobre ela todos os servos enviados por Deus passam a construir uma edificação que pode ou não ter valor espiritual. Se for bem avaliada, o servo receberá galardão, deixando de recebê-lo caso contrário.

A partir do versículo 16 ele informa aos coríntios que eles são o santuário de Deus, que está sendo edificado como uma obra do Espírito Santo e que a destruição deste santuário implica na própria destruição deles (versículo 17). Sem dúvida esses dois versículos têm uma interpretação complicada. Será que Paulo está dizendo que nós, que somos o santuário de Deus, vamos ser destruídos se não atentarmos para a voz do Espírito Santo? De acordo com Morris (/35/, pág. 55-56), a referência feita ao santuário de Deus nestes versículos é diferente da que é feita em *ICoríntios 6.19*. Ali a referência é claramente ao Espírito Santo habitando no indivíduo, enquanto aqui Paulo está falando da Igreja, ou seja, da comunidade dos crentes em Corinto (notar a referência “que sois vós” ao final do versículo 17).

Assim sendo, de acordo com Morris, Paulo está dizendo que, se um indivíduo da Igreja causar divisões na mesma, que este indivíduo será destruído por Deus. Também a palavra “destruído” nos deixa intrigados, porque não está claro em que sentido isso vai se dar. Mais uma vez Morris nos informa que o significado de “destruído” aqui equivale a ser punido e não morto ou algo do gênero.

Já sabemos que o pecado de causar contendas entre irmãos é algo que Deus abomina (*Provérbios 6.19*) e que pune o filho que está sem disciplina (*Hebreus 12.6*); portanto, não devemos nos surpreender com uma punição mais grave para aquele que está sem disciplina.

Nos versículos 18 a 20 o apóstolo volta a diferenciar a sabedoria de Deus da sabedoria do mundo. Se um irmão da Igreja se acha sábio, então, deve adquirir a sabedoria de Deus, que é loucura para o mundo, pois a sabedoria do mundo é igualmente loucura para Deus e apanha os sábios do mundo em sua própria astúcia.

Concluindo este capítulo, ele argumenta que é sem sentido que eles se gabem de serem discípulos de Paulo, Apolo ou mesmo Pedro, quando todos estes estão a serviço deles em Cristo. Ele estende o raciocínio dizendo que sua própria existência eles a têm em Cristo e em Deus, a quem eles mesmos pertencem.

ICoríntios 4

A simples tradução do texto para o português não nos fornece a riqueza do que Paulo está dizendo no versículo 1. A palavra usada para “ministro” (huperetes) não é a mesma

que foi usada no capítulo anterior (*ICorintios 3.5*). Ali a palavra “diáconos” fala de um servo mais honrado que um “huperetes”. Por outro lado o dispenseiro é a pessoa contratada pelo dono para orientar todos os seus outros servos. Assim, Paulo primeiro se humilha para depois dizer que é ele que representa os interesses do Senhor da Igreja (Jesus Cristo).

Por outro lado, o dispenseiro, que é responsável por todos os bens do seu senhor, tem que ser uma pessoa fiel, tamanha a sua responsabilidade (versículo 2).

Com base no versículo 3, temos a impressão que a informação que chegou até Paulo não falava apenas das dissensões entre os coríntios, mas também das avaliações feitas por eles acerca de cada um dos ministros mencionados. Ele retruca, todavia, que a ele pouco importa o que os coríntios ou qualquer outro tribunal humano tenha a dizer sobre ele, primeiro porque ele estava com a consciência tranquila, mas mesmo que isso não seja o suficiente para isentá-lo de culpa, quem o julga é o Senhor. Assim sendo, eles podem esperar pela volta de Cristo, porque naquela ocasião ele receberá a devida aprovação ou reprovação, o que lhe for aplicável.

Finalmente, Paulo parece querer concluir esse assunto, pelo que diz que fez essa aplicação a ele e Apolo para que saibam que não tem sentido eles contarem vantagem tomando partido de um ou outro. Além disso, é necessário considerar que ninguém tem coisa alguma que não tenha recebido. Como, então, eles podem se vangloriar de alguma coisa que receberam como se a não tivessem recebido. Essa lógica é perfeita e condena qualquer tipo de soberba decorrente de qualquer aptidão.

No versículo 8 Paulo começa a falar de outro problema que encontrou na Igreja de Corinto. Trata-se do total descompromisso que eles tinham, como Igreja, para com o sustento do trabalho. Paulo parece criticá-los como se vivessem uma filosofia estoica de buscar conforto na vida, ao invés de buscar a sabedoria divina. Eles agiam como se já tivessem tudo que queriam, como se fossem ricos e como se reinassem soberanamente, mas no fundo não era nada disso. Paulo ainda ironiza, dizendo que gostaria que eles realmente tivessem tudo isso e que ele pudesse usufruir de tudo com eles. Fica implícito, contudo, que não tinham.

Enquanto os coríntios viviam como se fossem reis, Paulo diz que parecia que a vontade de Deus era bem outra para com os apóstolos. Eles teriam sido colocados numa condição de total necessidade e convertidos em uma espécie de espetáculo público.

Na avaliação dos coríntios, os apóstolos seriam loucos por amor a Cristo, enquanto eles mesmos eram sábios em Cristo. Os apóstolos seriam fracos, enquanto os coríntios fortes. Por isso os coríntios ocupavam uma posição de respeito, enquanto os apóstolos eram desprezados.

Em função dessa avaliação negativa que os coríntios faziam dos apóstolos, eles eram literalmente desprezados, não obstante estarem ali para o benefício deles. Passavam fome, sede, andavam mal vestidos, eram tratados com violência e sequer tinham

moradia fixa (versículo 11). Trabalhavam com as mãos (trabalho considerado pelos gregos como sendo de escravos), quando amaldiçoados respondiam abençoando, quando perseguidos suportavam sem reclamar e quando caluniados respondiam com amabilidade. Resumindo, os coríntios tratavam os apóstolos como se fossem o lixo do mundo.

Obviamente Paulo não diria isso se não fosse verdade, mas, mesmo assim, ele afirma no versículo 14 que não o está dizendo para envergonhá-los e, sim, para adverti-los como a filhos amados. Na condição de pai na fé dos coríntios, ele gostaria que seguissem o seu exemplo.

Isso não significa que Paulo quisesse ser um modelo para os coríntios, mas que ele se esforçava por viver nos moldes do Evangelho de Jesus Cristo, que ele pregava. Ele não poderia fazer isso pessoalmente no momento, mas enviaria Timóteo, que conhecia bem a maneira dele viver em Cristo Jesus.

Como se todo esse maltrato não fosse suficiente, Paulo ainda menciona, no versículo 18, o fato de alguns deles se tornarem tão arrogantes, que tenham dito ser desnecessário ter qualquer respeito por Paulo, porque ele não mais viria a Corinto. A esses Paulo respondeu que iria visitá-los em breve e que mostraria a eles que o poder no Reino de Deus vem, não da eloquência, mas do Espírito Santo.

Finalmente, ele declara que preferia vir a Corinto com amor e espírito de mansidão, mas que poderia vir também com uma vara se necessário.

ICoríntios 5

A Igreja de Corinto já foi recriminada por Paulo, ao longo dos 3 primeiros capítulos, devido a suas dissensões internas por partidarismo associado às lideranças apostólicas, e no capítulo 4 devido à sua total indiferença em relação ao cuidado com seus ministros. Agora neste capítulo Paulo se mostra estarecido com a imoralidade que opera no seio da Igreja com o consentimento e o apoio dos próprios coríntios.

Logo no primeiro versículo, ele fala a respeito de um membro que estava vivendo com a esposa de seu pai. É pouco provável que esta seja sua mãe, mas a madrasta em apreço pode ter ficado viúva ou simplesmente deixou o pai para estar com ele. Seja como for, era uma situação incomum até no meio dos gregos, que eram totalmente tolerantes com questões sexuais.

O versículo 2 nos mostra que esta situação não só foi tolerada pela Igreja, como eles estavam orgulhosos pelo fato de terem mostrado tal tolerância. Resguardadas as devidas diferenças, seria como se uma igreja evangélica comesse a apoiar casamentos de mesmo sexo e os membros dessa igreja sentissem orgulho de sua posição anti-homofóbica.

Paulo nem se dá ao trabalho de recomendar que se reúnam para tomar providências, porque ele mesmo as toma. Nos versículos 3 a 5 ele determina que aquele que cometeu tal ultraje seja entregue a Satanás, ou seja, que seja excluído da Igreja e passe a militar no mundo, onde Satanás reina.

A destruição da carne e a salvação no dia do Senhor Jesus são a expectativa de Paulo, no sentido de que a exclusão da Igreja cause despertamento no faltoso, no sentido de destruir os seus desejos carnis, para que ele se arrependa e se converta para a salvação no dia da volta de Jesus Cristo.

Paulo, no versículo 6, se preocupa também com o fato deles terem ficado orgulhosos com relação à decisão tomada sobre o pecador. Ele fala que isso não tem sentido porque um pouco de fermento, ou seja, a presença daquela pessoa, ia acabar contaminando toda a Igreja. O fermento velho, ou seja, os costumes pecaminosos de outrora, precisam ser todos abandonados, porque foi para isso que Jesus foi sacrificado (versículo 7). Assim sendo, a nossa festa, ou seja, o nosso culto, deve ser celebrado em santidade e não tentando impingir a Deus os nossos pecados (versículo 8).

No versículo 9 Paulo faz referência a uma carta anterior aos coríntios, que nós não temos, mas que aparentemente foi mal entendida por eles. Ele dissera que não deveriam se relacionar com pessoas que se prostituem em seus atos, mas aparentemente eles entenderam que isso seria uma proibição geral, enquanto Paulo se referia apenas às pessoas da Igreja que se deixavam corromper dessa forma (versículo 10). Por isso mesmo ele esclarece, no versículo 11, que é dos “crentes” de mal comportamento que ele quer que se afastem. Aliás, ele sugere que nem sequer comam com eles.

Quanto ao pessoal de fora da Igreja, quem lida com eles é o próprio Deus. Logo, o iníquo ao qual se referiu no início do capítulo deve ser excluído, pois ele não pertence à Igreja.

ICoríntios 6

Nos versículos 1 a 8 deste capítulo Paulo comenta a respeito de mais um problema que estava ocorrendo na Igreja de Corinto. Aparentemente havia disputas entre os irmãos da Igreja a respeito de bens materiais, em função dos quais um irmão estava processando outro. Paulo começa, portanto, falando do absurdo que é dois irmãos levarem o seu problema a um juiz ímpio, quando poderiam simplesmente levá-lo a um irmão sábio da Igreja.

Paulo, então, pergunta se eles não sabem que o mundo e até os anjos vão ser julgados por eles. Como, então, eles levam coisas de menor valor para serem julgadas por ímpios? Na realidade, segundo Paulo, já é vergonhoso suficiente que eles tenham disputas em relação a coisas do mundo. Será que, em prol da harmonia do relacionamento, não seria preferível simplesmente sofrerem o prejuízo? Ao invés disso, vocês mesmos assumem o papel de fraudadores, cometendo injustiças contra os próprios irmãos.

Nos versículos 9 e 10 ele aproveita o assunto para falar sobre pecados em geral na Igreja, lembrando que nem injustos, nem devassos, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avarentos, nem bêbedos, nem maldizentes, nem roubadores herdarão o reino de Deus. Embora alguns deles tenham sido assim no passado, não o são mais depois que foram lavados no sangue de Jesus.

Embora, diz Paulo, todas estas coisas me sejam permitidas, a verdade é que nem todas me convêm. Além disso, não obstante permitidas, eu não vou me deixar dominar por nenhuma delas. O corpo do crente não é feito para a prostituição e, sim, para Cristo.

Nos versículos 14 a 20 Paulo faz um excelente arrazoado em prol da necessidade de santificação do corpo. Ele começa dizendo que nós seremos ressuscitados da mesma forma que Jesus o foi e que nossos corpos são membros de Cristo. Como, portanto, os membros de Cristo podem se tornar membros de uma prostituta? Como podemos nos fazer um só corpo com ela, se somos um só espírito no Senhor?

Devemos fugir da prostituição porque nossos corpos são templo do Espírito Santo. Nós fomos comprados por um alto preço, pelo que devemos glorificar a Deus no nosso corpo.

ICoríntios 7

Já tínhamos visto no capítulo 5 que Paulo havia escrito uma carta anterior a essa de *ICoríntios*. Agora vemos, no versículo 1, que esta carta foi respondida com algumas perguntas, que Paulo procura esclarecer. O assunto principal parece ser sobre casamentos, mas há outros assuntos, como veremos.

A primeira resposta de Paulo parece sugerir que alguém perguntou se era melhor casar ou ficar solteiro. Devemos lembrar que Paulo era solteiro e tinha como prioridade na vida servir a Deus. Assim, não surpreende a sua resposta, segundo a qual o ideal seja não casar, mas ele é bastante razoável ao dizer que, se isso for problema para alguém, então, essa pessoa deve casar, para evitar que seja atraída pela prostituição.

Nos versículos 3 a 5 Paulo diz, então, que tanto o homem como a mulher casados têm obrigações um para com o outro, que eles devem cumprir. O sexo faz parte regular do casamento e deve ser praticado, exceto no caso de se separarem, por mútuo consentimento, para se dedicarem à oração. Depois disso, contudo, devem voltar ao convívio mútuo, para evitar a tentação.

Nos versículos 7 a 9, Paulo se dirige aos solteiros e às viúvas dizendo que o ideal para eles é que não casem, mas, se não aguentarem, que casem.

Já aos casados, nos versículos 10 a 16, Paulo faz algumas recomendações que resumimos a seguir:

- A esposa não deve se separar do marido, mas se o fizer que fique sem casar ou que volte para o marido. É importante lembrar que Paulo está escrevendo para os coríntios,

onde a mulher podia se separar do marido e casamentos desfeitos podiam ser reatados. Na legislação judaica nem a mulher podia pedir divórcio, nem a mulher divorciada podia voltar a se casar com o mesmo cônjuge, se tivesse tido outro marido depois do divórcio.

- O marido não deve se divorciar de sua esposa.

- Quando uma pessoa crente fosse casada com outra descrente e a descrente quisesse continuar, a pessoa crente deveria manter o casamento. Os comentários que Paulo faz a seguir, de que a pessoa crente santifica a descrente e que os filhos são santos, devem ser interpretados à luz daquilo que outros textos bíblicos nos ensinam. Os crentes são separados (santificados) para servir a Deus e Este os abençoa por causa disso. Essas bênçãos certamente se estendem, de alguma forma, tanto ao cônjuge descrente como aos filhos, mesmo não convertidos, mas não é possível concluir que a salvação de um crente implique na salvação de um cônjuge descrente ou de filhos que não tomaram uma decisão própria nesse sentido.

- Se, contudo, a pessoa descrente quiser se separar, então, que assim seja. Nesse caso Paulo diz que o crente não fica debaixo da servidão porque Deus chamou aos crentes para viverem em paz (versículo 15). Esse versículo tem dado margem a uma interpretação, segundo a qual a pessoa crente casada com outra descrente pode se divorciar e casar novamente, justamente para não ficar debaixo da servidão de uma pessoa descrente. O texto, contudo, não diz isso, que é claramente uma extrapolação. O texto em apreço permite que haja a separação, mas não fala nada sobre novo casamento.

Nos versículos 17 a 24 Paulo fala de duas outras situações sobre as quais possivelmente tenha sido, também, questionado.

- Se o crente era circuncidado ou não quando se converteu, não importa e nem deve ser motivo para tentar mudar essa situação. Segundo Paulo, não há qualquer importância em uma ou outra coisa. O importante é ser temente a Deus e guardar seus mandamentos.

- Se o crente era escravo quando se converteu, a liberdade não deve ser para essa pessoa uma obsessão, mas se surgir uma oportunidade de se tornar livre, Paulo diz que certamente ela deve ser aproveitada. O importante, contudo, para Paulo, é que o escravo que se converteu foi liberto para servir o Senhor e o livre que se converteu tornou-se escravo do Senhor.

Para completar o espectro do estado civil das pessoas, Paulo cobre mais algumas situações entre os versículos 25 e 39. Para entendermos o pensamento paulino é importante lembrarmos que para ele o viver é Cristo e o morrer é ganho, ou seja, enquanto estiver entre nós, seu negócio é servir a Cristo e, se morrer, ótimo, porque ele vai para casa para estar com Ele.

- Falando sobre homens e mulheres solteiros (os solteiros para ele são virgens; portanto, os dois termos para ele são intercambiáveis), Paulo diz que o ideal é permanecerem

assim, porque desta forma serão poupados de uma série de dificuldades. Ele acha que o tempo é escasso, pelo que aqueles que têm cônjuge deveriam viver como se não o tivessem e todo o relacionamento com o mundo deve ser tratado como se este não existisse. As pessoas solteiras podem se preocupar apenas com as coisas do Senhor, enquanto aquelas que têm compromisso matrimonial ficam divididas e precisam gastar parte do tempo se preocupando em como agradar às pessoas com quem se comprometeram. Paulo fecha esse assunto, dizendo que sua intenção é apenas fazer com que as pessoas fiquem livres para viver em plena consagração ao Senhor.

- Nos versículos 36 a 38 Paulo fala a pais que têm filhas solteiras, quanto a dá-las em casamento ou não. Novamente a sua recomendação é a mesma, ou seja, se for absolutamente necessário, que casem, mas o ideal é que fiquem solteiras. Paulo só pensa em termos de servir ao Senhor e qualquer tempo que seja perdido com outra coisa é jogado fora.

- Encerrando o capítulo, Paulo fala de mulheres casadas e menciona o regime judaico. Elas não poderiam pedir divórcio, de modo que estavam ligadas ao marido enquanto este vivesse. Estariam livres do marido se este morresse e, neste caso, poderiam casar-se novamente, mas a recomendação paulina é no sentido de que fiquem solteiras, porque serão mais felizes servindo ao Senhor.

O versículo 39 traz um comentário interessante, qual seja, que mulheres crentes, que ficaram livres do marido, podem casar novamente, desde que seja no Senhor, ou seja, desde que casem com outro crente. Essa restrição foi generalizada no meio evangélico, de modo que muitos pastores sequer consentem em fazer casamentos de crentes com não crentes.

Pessoalmente, acho que Paulo está certo e que muitos problemas podem ser evitados no casamento se ambos os cônjuges são do Senhor.

ICoríntios 8

A frase “**No tocante à carne sacrificada aos ídolos**” sugere que a carta dos coríntios a Paulo, citada anteriormente, também continha uma indagação a esse respeito (/35/, pág. 99), na qual aparentemente os inquiridores estariam argumentando que o ídolo nada era.

Para melhor compreensão, talvez seja interessante falarmos um pouco sobre as refeições nos templos de Corinto. Os cultos aos ídolos, seguidos de refeições públicas nos templos, era uma prática social comum, que fazia parte da etiqueta formal da sociedade. Se um crente continuasse a tomar parte nessas refeições, é bastante provável que isso fosse questionado na Igreja, principalmente pelos irmãos mais fracos, que identificassem aquilo com um culto a outro deus.

Há um outro aspecto dessa questão, ainda, que diz respeito ao fato de que a maior parte dessa carne, que não fosse consumida no templo, ia parar no mercado da cidade, onde era vendida para a população. Talvez uns poucos crentes ainda se atrevessem a

participar das refeições no templo, mas a grande maioria dos crentes esclarecidos dificilmente iriam se preocupar em saber se ela fora ou não sacrificada a ídolos antes de ir para o mercado, pois o ídolo nada é. Havia, contudo, um grupo menor, cuja consciência não permitia que comessem da mesma, porque fora dedicada a ídolos.

Assim sendo, Paulo não está preocupado com o nível de conhecimento intelectual dos coríntios e, sim, com o seu amor para com Deus e para com seus irmãos fracos na fé. O importante não é ter conhecimento e, sim, ter intimidade com Deus. Só quem ama a Deus, ama também o seu próximo e só quem ama a Deus é conhecido dEle (versículo 3).

Nos versículos 4 a 6 Paulo deixa claro que há um só Deus e que os ídolos são de nenhum valor, pelo que a carne não deixa de ser carne por ter sido ofertada a um ídolo. No versículo 7, contudo, ele lembra que nem todos têm essa convicção, porque alguns dos convertidos passaram a vida adorando um ídolo, que era o seu deus. Se agora voltassem a fazê-lo, a sua consciência fraca se sentiria culpada, como se estivessem traindo ao Senhor.

É importante, lembra Paulo, que Deus não nos avalia pelo que comemos e não somos melhores por fazê-lo nem piores por nos abstermos, mas a nossa liberdade de consciência não pode servir de tropeço para o nosso irmão que não a tem.

Se nós fossemos ao templo para comer, poderíamos fazê-lo de consciência limpa, mas se nosso irmão fraco fizer o mesmo por nossa causa, mas no fundo achando que aquilo é errado, então, seríamos nós os culpados do seu pecado.

Não se trata, portanto, de comer ou não comer e, sim, de amar ou não o meu irmão, de modo que, sabendo que posso prejudicá-lo, eu jamais voltaria a comer carne.

ICoríntios 9

Neste capítulo Paulo resolve se defender das acusações que foram feitas contra ele e contra o seu ministério por algumas facções dos coríntios. Como sempre, contudo, não é com sua própria honra que Paulo está preocupado, mas com os próprios coríntios e sua falta de conhecimento do Senhor e da Sua Palavra em relação às acusações que fazem.

O primeiro ponto que Paulo estabelece é o fato dele ser apóstolo de Jesus Cristo. Ele viu o Senhor e foi comissionado por Ele, enquanto os coríntios foram sua seara missionária, motivo pelo qual ele é apóstolo para eles mais do que qualquer outro, porque foram evangelizados por ele.

Aparentemente um dos pontos-chaves da acusação seria que Paulo era um interesseiro e que estaria ali simplesmente para tirar dinheiro deles.

Nos versículos 4 a 15 Paulo discorre sobre os direitos daqueles que vivem para pregar o evangelho, no tocante a receberem algum sustento daqueles a quem pregam. Eles têm direito a comida e bebida, a ter uma família e repouso.

Como argumentos em favor desses direitos, Paulo pergunta se algum soldado vai à guerra a suas próprias custas? Pergunta, ainda, se não é usual que beba do leite aquele que apascenta o rebanho? Ele sustenta, ainda, que isso está previsto na Lei de Moisés, pelo que cita *Deuteronômio 25.4*. Assim sendo, ele pergunta se não é legítimo ele e Barnabé colherem deles bens materiais, em troca do trabalho de semearem coisas espirituais? O pior, ainda, é que eles estavam provendo esse sustento aos outros ministros que vinham a Corinto, por que não, portanto, para eles também?

Embora a resposta a todas essas perguntas relativas ao direito de receber sustento seja sim, Paulo tem o orgulho de dizer que ele e Barnabé nunca tinham recebido um centavo deles, porque sabiam que isso poderia ser motivo de tropeço ao Evangelho de Jesus Cristo.

Apesar disso, ele continua lembrando a eles que aqueles que trabalham no templo (os levitas) têm direito de alimentar-se das coisas do templo e que aqueles que servem ao altar (os sacerdotes) comem das ofertas trazidas ao altar para sacrifício. Logo, é mais que justo que vivam do Evangelho aqueles que o pregam.

Mais uma vez, contudo, desta vez em seu próprio nome, Paulo diz que nunca usou deste direito e que tampouco estava escrevendo pensando em passar a fazê-lo, e ele poderia até se orgulhar disso.

Nos versículos 16 a 23 ele passa a discorrer sobre a sua missão como evangelista e o faz de maneira a mostrar o seu comprometimento de uma forma fantástica. Ele começa dizendo que se ele pregasse o evangelho de livre e espontânea vontade, que teria direito a recompensa, mas nem esse era o caso dele. A obrigação de pregar o evangelho lhe havia sido imposta; portanto, era-lhe necessário cumprir a sua incumbência. Além disso, sua única recompensa seria o prazer de fazê-lo gratuitamente, ao invés de exercer os seus direitos de remuneração pelo seu trabalho.

Nos versículos 19 a 23 Paulo fala de sua missão com um lindo jogo de palavras, onde diz que se associou a diferentes grupos, agindo de forma diferente para poder se aproximar deles e pregar livremente. Ele conclui dizendo que **fizera-se tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns**.

Nos versículos 24 a 27 Paulo faz um maravilhoso paralelo entre a vida cristã e os jogos olímpicos, tão bem conhecidos dos gregos coríntios. Assim como a vitória nos jogos exigia treino e dedicação, de igual modo havia um treinamento rigoroso para vencer na vida cristã, com a vantagem de que a coroa neste caso é eterna. Assim, Paulo, sabendo como é fácil dar lugar à ira e ao pecado em geral, diz que esmurra o seu corpo para mantê-lo em sujeição ao evangelho. Que nós façamos o mesmo!

ICoríntios 10

O capítulo 10 tem dois discursos distintos. No primeiro Paulo apresenta o exemplo do fracasso de Israel no deserto devido à sua carnalidade (versículos 1 a 13) e o segundo sobre idolatria dos coríntios e a participação no seu culto idólatra.

Nos versículos 1 a 4 Paulo fala dos israelitas que saíram do Egito como um povo que formava uma espécie de Igreja. Todos foram batizados na nuvem que os conduzia e passaram pela águas do Mar Vermelho. Todos comeram do mesmo pão espiritual e todos beberam da mesma bebida espiritual, pois a sua bebida vinha da rocha espiritual que os acompanhava, que era Cristo.

Não obstante esses fatos, Deus não Se agradou da maioria deles, pelo que morreram no deserto. Tudo isso deve servir de exemplo para nós, pois o problema deles foi a cobiça pelas coisas más, cujos exemplos ele dá a seguir:

- Eles foram idólatras, como diz o texto bíblico: **o povo se assentou para comer e beber e se levantou para entregar-se à farrá** (*Êxodo 32.6*);
- Alguns deles se entregaram à imoralidade, pelo que morreram num só dia 23 mil deles (*Números 25*);
- Alguns puseram o Senhor à prova, pelo que muitos morreram picados por serpentes (*Números 21.4-9*);
- Alguns se queixaram e foram mortos pelo anjo destruidor (*Números 11.31-35*).

Paulo repete, então, que essas coisas aconteceram a eles como um exemplo para os coríntios, pelo que aqueles que acham que estão firmes devem ter o cuidado de não cair. Por outro lado, o versículo 13, dito a eles, é uma preciosidade para quem duvida da fidelidade de Deus: **mas fiel é Deus, o qual não deixará que sejais tentados acima do que podeis resistir, antes com a tentação dará também o meio de saída, para que a possais suportar.**

Nos versículos 14 a 22 Paulo estabelece um ensino adicional com relação ao sacrifício a ídolos, como base num paralelo com o significado da Ceia do Senhor, da qual ele fala detalhadamente no capítulo 11.

Aqui ele começa sugerindo que fujam da idolatria, tanto os irmãos entendidos, quanto os menos esclarecidos. A necessidade disso ele tenta estabelecer através de duas figuras: 1. a celebração da ceia no culto cristão (que deriva da páscoa judaica); 2. a oferta de sacrifícios no judaísmo.

Na primeira figura ele visualiza a relação entre o cálice e a participação no sangue de Cristo e entre o pão e a participação no Seu corpo. Como há um só pão, resulta que, apesar da Igreja ser formada por muitas pessoas, ainda assim é um só corpo. A outra figura é a do povo de Israel comendo dos sacrifícios e participando do altar.

Essas duas figuras estabelecem ofertas equivalentes àquelas que os pagãos oferecem aos ídolos. Embora já tenha sido estabelecido que estes nada são, isso não significa que estas ofertas nada sejam, porque na realidade elas estão sendo dedicadas a demônios e não a Deus, pelo que Paulo não deseja que seus filhos tenham comunhão com os demônios. Não é possível participar da Ceia do Senhor e da ceia dos demônios, nem comer da mesa do Senhor e comer da mesa dos demônios.

Desta forma, ele estabelece um ensino adicional àquilo que já fora dito no capítulo 8. Há aqui um motivo adicional sério para que os filhos de Deus não participem das refeições oferecidas nos templos pagãos de Corinto.

Nos versículos 23 a 33 ele fala sobre a liberdade cristã, mas aplicando-a aos irmãos fracos que fazem parte do mesmo corpo. Ele começa repetindo aquilo que dissera em *1Coríntios 6.12*, modificando apenas o final. Tudo é permitido, mas nem tudo edifica. É importante que nos permitamos apenas as coisas que edificam o nosso irmão.

Em termos bem práticos, podemos comer de toda a carne que se vende no mercado ou aceitar comer carne na casa dos outros até o momento em que isso seja contestado por um irmão fraco. Quando isso ocorrer, devemos simplesmente deixar de fazê-lo para não ferir a consciência desse irmão, porque a minha liberdade em Cristo não deve ferir a consciência do meu irmão.

Ele, então, generaliza o ensino para os gregos e judeus fora da Igreja, dizendo que tudo que nós fazemos deve ser feito, não para o nosso próprio bem, mas de modo a estabelecer um bom relacionamento com eles, visando sempre a possibilidade de salvação deles.

1Coríntios 11

O primeiro versículo deste capítulo, onde Paulo pede aos coríntios que sigam o seu exemplo, parece que deveria ter feito parte do capítulo anterior, onde ele estabeleceu critérios de comportamento na Igreja, baseados no amor ao próximo.

O texto que abrange os versículos 2 a 16 é extremamente difícil de defender, principalmente pelo fato de não mais ser praticado em nossas igrejas nos dias atuais. Trata-se do fato da mulher dever usar um véu enquanto cultua e ora, enquanto o ensinamento para os homens era exatamente o oposto. O mais curioso aqui é a diferença entre os ensinamentos correspondentes para os gregos e para os judeus. Os gregos, tanto homens como mulheres, iam ao templo para orar sem qualquer tipo de véu. Já os judeus tinham o hábito de cobrir sempre a cabeça como sinal de que a autoridade divina estava sobre eles. Este hábito entre eles é praticado até hoje.

Já os cristãos tinham estabelecido um critério diferente, segundo o qual os homens não precisavam cobrir a cabeça para orar, porque não havia autoridade humana superior a eles diante de Deus, enquanto as mulheres, que deveriam ser submetidas a seus pais

(as solteiras) ou seus maridos (as casadas) deveriam cobrir a cabeça como sinal de reconhecimento desta autoridade.

Aparentemente algumas mulheres emancipadas da igreja de Corinto estavam frequentando os cultos sem véu e alguém deve ter feito uma consulta a respeito na carta que Paulo estaria respondendo.

Paulo começa de maneira bastante incisiva, dizendo que o cabeça de todo homem é Cristo e que o cabeça de toda mulher é um homem. Assim sendo, é desonroso para a mulher orar ou profetizar com a cabeça descoberta. Isso seria, segundo ele (versículo 5), o mesmo que rapar a cabeça. Como rapar a cabeça é vergonhoso, segue que toda mulher deve usar um véu.

Além disso, ele disse que o homem não deve cobrir a cabeça porque ele é a imagem e a glória de Deus, mas a mulher é a glória do homem, pelo que deve usar um véu. A mulher foi criada por causa do homem e a partir dele, pelo que o véu representa o fato de estar sob autoridade.

Encerrando, Paulo diz que, se alguém quiser polemizar a esse respeito, isso não é um hábito dele ou das igrejas de Deus.

Creio que seja lícito dizer que esse tópico tem tudo a ver com conceitos sociais do local e da época. Ainda hoje há lugares onde se considera desonroso para a mulher não usar véu, enquanto em outros, notadamente no oeste, ninguém julga a honra de uma mulher pelo fato de usar ou deixar de usar um véu.

Os versículos 17 a 34 contêm o texto bíblico mais completo sobre o significado e a prática da Ceia do Senhor. O motivo para tanto é que a igreja de Corinto havia deturpado completamente a realização desta ordenança, pelo que Paulo se sentiu obrigado a escrever a respeito, denunciando mais este problema dessa igreja problemática.

Os versículos 17 a 22 mostram que o problema residia no fato de que a Ceia, celebrada em todos os cultos, se tornara uma simples refeição onde cada um comia por si; os ricos com fartos alimentos e grande quantidade de vinho, a ponto de ficarem embriagados, enquanto os pobres passavam fome e eram envergonhados pela abastança dos irmãos ricos. No versículo Paulo diz, então, que é impossível elogiar esse tipo de comportamento.

Em função disso, ele passa a descrever o real significado da Ceia, tal como lhe foi revelado pelo Senhor. Trata-se, portanto, de uma Ceia Memorial, na qual devemos celebrar a morte de Jesus Cristo, até que ele volte, lembrando que seu corpo foi dado por nós e de igual forma, que seu sangue foi por nós derramado.

Por outro lado, ele diz que aqueles que comem o pão e bebem o cálice indignamente, serão culpados de pecar contra o corpo e contra o sangue do Senhor, porque quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor, o faz para a sua própria condenação.

Assim sendo, o homem deve examinar a si mesmo, para ver se o seu comportamento é compatível com o sacrifício que está sendo lembrado. Por não fazê-lo, diz Paulo, que há entre eles tantos fracos e doentes e até alguns falecidos.

Resumindo, ele pede que eles esperem uns pelos outros no momento de tomar a Ceia e que, se alguém tiver fome, que coma em casa antes do evento, para que isso não acabe resultando em condenação.

ICoríntios 12

Este capítulo tem como tema principal o estudo dos dons espirituais, mas ele fala especificamente a esse respeito nos primeiros 11 versículos, para depois falar do corpo de Cristo até o versículo 27. Finalmente, do 28 a 31 Paulo volta a falar sobre a distribuição dos dons.

Paulo começa falando sobre o Espírito Santo e a forma como ele influencia aquele que O tem. Não seria possível, diz ele, alguém que tem o Espírito amaldiçoar Jesus, da mesma forma como ninguém pode reconhecer o Seu senhorio sem que seja pelo Espírito.

Ela fala que há muitos diferentes tipos de dons, mas o Espírito que os concede é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo, assim como há diferentes atuações, mas o Deus que as realiza é o mesmo. Apesar disso, as manifestações do Espírito são sempre concedidas visando o bem comum da igreja.

Paulo lista a seguir 9 dons que costumam ser agrupados 3 a 3, conforme indicado a seguir:

a) Dons que concedem revelação ou conhecimento sobrenatural:

- palavra ou mensagem de sabedoria;
- palavra ou mensagem de conhecimento;
- discernimento de espíritos.

b) Dons que concedem poder para agir sobrenaturalmente:

- fé;
- realização de milagres em geral;
- cura.

c) Dons que concedem poder para falar sobrenaturalmente:

- profecia;
- línguas estranhas;

- interpretação de línguas.

Não há espaço aqui para detalhá-los e obviamente há muitos outros tipos de dons que não foram aqui mencionados.

Paulo encerra essa parte dizendo que todos esses dons são concedidos pelo mesmo e único Espírito, que os distribui individualmente, a cada um, como quer.

A partir do versículo 12 Paulo passa a fazer um paralelo entre o corpo humano e o corpo de Cristo, a Igreja. Assim como o corpo tem muitos membros, estes formam um só corpo, o mesmo ocorre com a Igreja, o corpo de Cristo. Todos foram batizados para dentro do corpo pelo mesmo Espírito e a todos foi dado beber dEle.

Paulo fala de diferentes membros com diferentes funções, mas todos igualmente importantes. Não há membros mais honrados e nem membros mais necessários. Se um membro sofre, todos sofrem.

Paulo diz, então, que os coríntios são o corpo de Cristo e cada um deles individualmente membro desse corpo. Neste corpo Deus estabeleceu apóstolos, profetas, mestres e vários outros dons, mas nem todos têm o mesmo. Assim, cada um tem sua função e todos devem buscar os melhores dons.

ICoríntios 13

Neste capítulo Paulo interrompe o que estava falando sobre dons e muda de assunto para falar sobre o amor. Obviamente isso não ocorre por acaso e, sim, porque o sucesso da Igreja depende do amor que os irmãos demonstram uns pelos outros, visto que os dons são distribuídos para a edificação da Igreja e não própria, de modo que só pode haver sucesso se houver amor por parte de quem exerce um dom.

Paulo começa dizendo que não adianta eu ter os dons espirituais mais espetaculares, se eu não tiver amor.

O amor tem atributos fantásticos compatíveis com Aquele que é amor. Por isso mesmo o amor vence todas as situações adversas. Assim, todos nós temos fé, esperança e amor, mas o maior destes é o amor.

O texto de Paulo sobre o amor é um dos trechos poéticos mais lindos de toda a Bíblia.

ICoríntios 14

Até agora Paulo falou sobre dons espirituais apenas em termos de sua função, mas interrompeu o que estava falando para apresentar o seu lindo texto sobre o valor do amor. Agora, então, no capítulo 14, Paulo volta a falar sobre dons espirituais, deixando claro, todavia, que a igreja de Cortinto tinha um problema nessa área.

Ele começa falando ainda sobre o amor, como mola mestre do sucesso dos dons, mas menciona logo na primeira sentença, que a prioridade deles deve ser para o dom de profecia e não para línguas. Fica patente, portanto, que o problema da igreja de Corinto era o mesmo que ocorre com frequência em muitas igrejas pentecostais, onde se dá um valor exacerbado ao dom de línguas e aqueles que o têm se sentem superiores àqueles que não o tem.

Paulo fala sobre as limitações do dom de línguas pelo fato de edificar basicamente aquele que o tem, enquanto o dom de profecia serve para a edificação e encorajamento de toda a Igreja.

Não é que Paulo seja contra o dom de línguas, tanto que ele deseja, no versículo 5, que todos o tenham, mas ele diz que o dom de profecia é maior que o de línguas, a não ser que a pessoa que o tem também possa interpretá-lo.

Paulo menciona a seguir a inutilidade de se falar em línguas que os outros não entendem. Seus exemplos são tomados a partir dos diversos idiomas que há no mundo, mas é óbvio que o problema de corinto era de línguas espirituais e não de idiomas estrangeiros. O resultado, contudo, é exatamente o mesmo. Se alguém fala em línguas e não há interpretação, tudo se passa para a Igreja como se aquele irmão fosse um estrangeiro.

É importante que Paulo diga, no versículo 14, que aquele que ora em línguas, tem o seu espírito orando bem, mas que o seu próprio intelecto fica sem proveito. Assim, o dom de línguas é um dom com proveito pessoal, mas que para a Igreja tem utilidade muito limitada.

No versículo 20 Paulo deixa claro que a forma de pensar em relação a dons é infantil e que eles precisam ser mais maduros. Como exemplo ele cita *Isaías 28.11-12*, onde Israel teve que ouvir os vitoriosos assírios falando em língua estrangeira, por terem deixado de ouvir o profeta. De igual forma a Igreja teria que ouvir apenas seus membros falando em dons de línguas se não se dispusessem a ouvir o que Paulo tinha a dizer.

Complementando os seus argumentos, Paulo diz que, se entrar um descrente e ouvir todos falando em línguas, o máximo que vai dizer é que são todos loucos. Se, contudo, o descrente ouvir uma profecia que revela todos os seus segredos, então, ele será convencido de seus pecados e dirá que Deus realmente está no meio da Igreja.

Nos versículos 26 a 40 Paulo fala sobre a necessidade de ordem no culto dos coríntios. Fica claro que todos queriam falar em línguas e o culto era tumultuado pelo excesso de participações, sem que houvesse qualquer edificação. Assim, Paulo estabelece que devem falar uns poucos e em línguas apenas se houver interpretação. Caso contrário aquele que tem o dom de línguas deve permanecer calado.

Mais uma vez ele estimula que todos busquem o dom de profecia, mas que não se proíba o dom de línguas.

ICoríntios 15

O capítulo 15 nos fala a respeito da ressurreição dos mortos porque, mais uma vez, havia gente em Corinto pregando contra aquilo que já fora ensinado pelos apóstolos. Constatamos ao longo da leitura deste livro porque a igreja de Corinto carrega a fama de ser a mais problemática das igrejas neotestamentárias. Dificilmente podemos imaginar tanta falta de conhecimento das Escrituras e tanta arrogância combinada em um único lugar. Por isso mesmo, deve ser a carta que concentra os mais ricos ensinamentos para as igrejas dos nossos dias, pois todos os problemas que podemos imaginar numa igreja são tratados detalhadamente aqui.

Paulo começa este capítulo dizendo aos coríntios querer lembrar a eles os princípios do Evangelho que lhes foi pregado, que eles receberam, no qual estão firmados e pelo qual serão salvos, desde que a ele se apeguem.

O primeiro ponto é que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras e Ele também foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras. Depois disso ele apareceu a vários irmãos, incluindo ao próprio Paulo, que sequer merecia ser chamado apóstolo, por ter perseguido a Igreja de Cristo, mas que, pela graça de Deus, trabalhou muito mais que todos os outros, tendo sido graças a ele que os coríntios tinham conhecido o Evangelho.

Pois bem, se foi pregado a eles que Jesus Cristo havia ressuscitado dentre os mortos, como é possível eles agora dizerem que a ressurreição dos mortos não existe? Se isso fosse verdade, tampouco Jesus teria ressuscitado e eles estariam ainda mortos em seus pecados, bem como todos aqueles que morreram confiando em Cristo.

Mas na realidade, diz o versículo 20, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo Ele o primeiro a fazê-lo. Assim como a morte (espiritual e depois física) veio por um homem, Adão, assim também a ressurreição dos mortos (espiritual e depois física) também veio por meio de um só homem. Pois da mesma forma como todos morrem em Adão, todos serão vivificados em Cristo.

Como foi que todos morreram em Adão? Isso se deu espiritualmente no dia em que comeram do fruto proibido e quase 1.000 anos depois fisicamente. Como todos serão ressuscitados em Cristo? Isso se dá primeiro espiritualmente, com o novo nascimento e depois da volta de Cristo, fisicamente, quando a morte, o último inimigo, for derrotado (versículo 26).

Ora, para que essas duas ressurreições pudessem ser conquistadas, foi necessário que Jesus morresse duas vezes, primeiro espiritualmente e depois fisicamente. A primeira morte efetivamente ocorreu quando Deus colocou sobre Ele os nossos pecados (*II Coríntios 5.21*) e Ele se queixou de ter sido abandonado pelo Pai e a segunda logo a seguir, quando Ele expirou na cruz.

No versículo 29 Paulo nos confunde com uma pergunta sobre um batismo vicário que aparentemente era praticado em Corinto. Aparentemente alguns coríntios se deixavam

batizar por amigos crentes que morreram sem serem batizados. A intenção seria dar a eles, postumamente, o status de batizados. Paulo pergunta porque eles fariam isso se não houvesse ressurreição? Usa isso como argumento pró-ressurreição, sem, contudo, aprovar ou criticar a prática em si.

No versículo 30 o apóstolo diz que “as más companhias corrompem os bons costumes”. Sua intenção aqui é chamar a atenção para estes que defendem a inexistência da ressurreição, como pessoas que simplesmente não conhecem a Deus e devem ser evitadas.

Nos versículos 35 a 56 Paulo passa a falar sobre a natureza do corpo ressurreto, respondendo a perguntas de um questionador hipotético. A primeira pergunta é que espécie de corpo o ressurreto vai ter? Basicamente Paulo responde que Deus dará um corpo adequado e que este será espiritual. Este corpo será imperecível e glorioso. Assim como todos os homens terrenos tiveram a mesma imagem, de igual modo todos os homens ressurretos terão uma mesma imagem celestial.

No versículo 50 Paulo declara que a carne e o sangue não herdarão o Reino de Deus, mas todos seremos transformados e teremos corpos incorruptíveis. Isso ocorrerá ao som da última trombeta quando da volta de Jesus. Nesta ocasião a morte será derrotada e passaremos a ter vida eterna.

Em vista disso Paulo exorta os coríntios a se manterem firmes e dedicados à obra do Senhor, pois o seu trabalho não será em vão.

ICoríntios 16

Sabemos que a igreja de Jerusalém passava por dificuldades financeiras, de modo que Paulo tinha por hábito fazer coletas entre os gregos para prover para as necessidades dos judeus. Aqui ele mesmo diz que fez isso nas igrejas da Galácia.

As coletas em questão seriam feitas nos cultos realizados no primeiro dia da semana, ou seja, no domingo. Essa é a primeira referência bíblica ao fato de que os cultos estavam sendo realizados neste dia (/35/, pág. 191). Quando Paulo chegasse a Corinto, ele esperava que já houvesse uma soma apreciável para ser remetida a Jerusalém.

Eles deveriam escrever cartas de recomendação (isso era comum) para aqueles que fossem levar o dinheiro, e se necessário ele se dispôs a acompanhá-los até Jerusalém.

Nos versículos 5 a 12 Paulo fala de seus planos de viagem, principalmente em relação à sua viagem a Corinto. Ele ainda não tem certeza de data, mas está planejando passar algum tempo com eles, certamente tendo em vista a enorme lista de problemas da igreja. Ele aventa a possibilidade de mandar Timóteo na frente e menciona o fato de ter tentado que Apolo fosse lá antes dele, mas este estava retido em outra localidade.

Nos versículos 13 a 18 ele recomenda que os coríntios sejam vigilantes e que se mantenham firmes na fé. A seguir ele menciona a visita dos coríntios Estéfnas,

Fortunato e Acaico, ressaltando o serviço dedicado desses irmãos, deixando claro que a visita deles trouxe a ele grande consolação.

Finalmente esta carta é encerrada com saudações nos versículos 19 a 24.

Semana 37 - Orientações à Igreja por Paulo (2)

Texto: II Coríntios 1-13

Estação 18

II Coríntios 1

Para que possamos entender corretamente a carta de *II Coríntios*, é necessário que tenhamos uma ideia do desenvolvimento do contato de Paulo com o povo daquela cidade. Paulo chegou ali pela primeira vez em sua terceira viagem missionária, depois de ter estado em Atenas (ver figuras 6 e 7).

Ali ele encontrou Áquila e Priscila, que haviam sido expulsos, havia pouco, de Roma, onde o imperador Cláudio baniu todos os judeus por volta de 49aD. Como o casal fabricava tendas, mesma profissão de Paulo, eles trabalhavam juntos para se sustentar e falavam na sinagoga sempre aos sábados (*Atos 18.1-4*). Não demorou muito para que fosse rejeitado pelos judeus, motivo pelo qual ele se voltou para o povo da cidade, uma mistura de romanos e gregos, onde muitos se converteram, com Paulo formando a Igreja Cristã daquele local. A cidade havia sido destruída pelos romanos em 146a.C. e foi reconstruída por Júlio Cesar em 44a.C., motivo pelo qual havia tantos romanos.

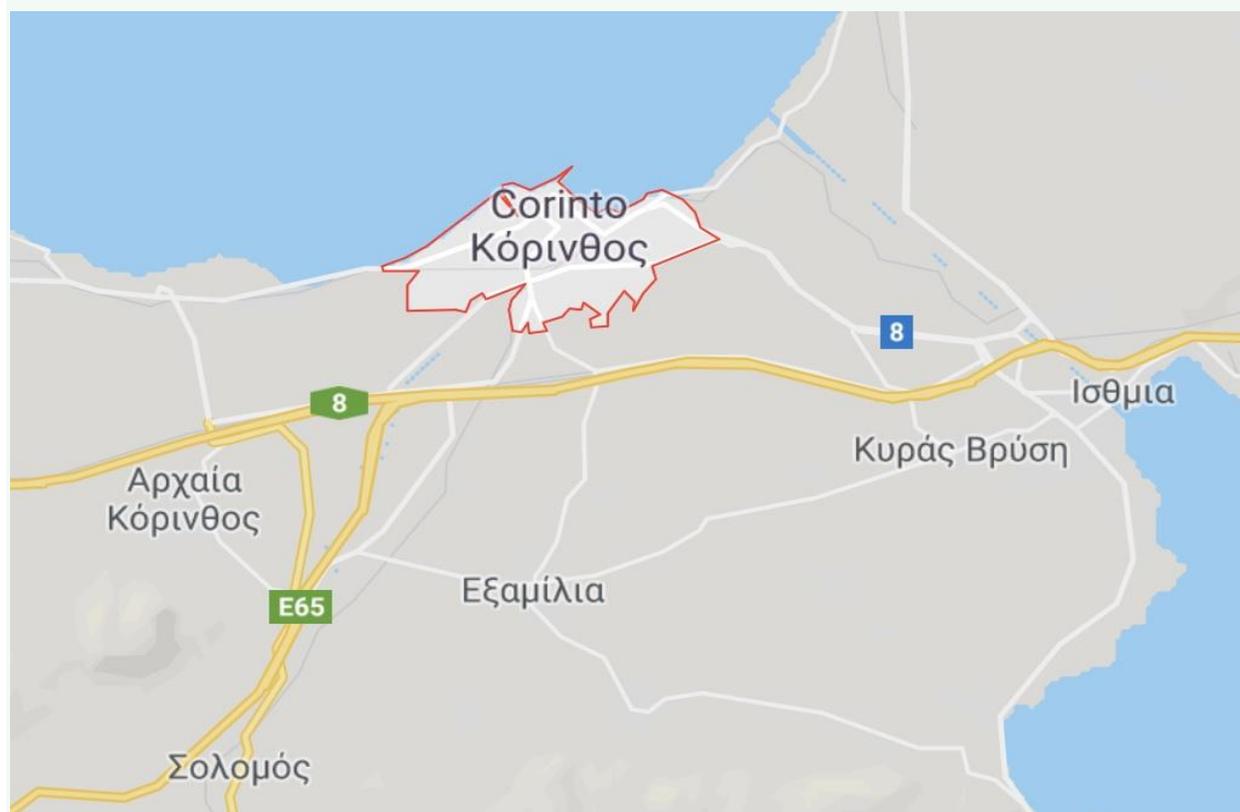


Figura 37-1 - Vista local da cidade de Corinto e do canal adjacente concluído em 1893

Na sua terceira viagem missionária, Paulo chegou a Éfeso logo depois de Apolo ter partido para Corinto (*Atos 19.1*), onde permaneceu durante 2 anos, pregando na escola de Tirano. Durante esse período ele teve muitos contatos com os coríntios através dos quais ele era instruído a respeito dos problemas que ali ocorriam.

Em *ICoríntios 5.9* tomamos conhecimento de uma primeira carta que Paulo escreve aos coríntios, onde uma recomendação dele, para que se afastassem dos impuros, foi mal interpretada, entendendo que se tratasse de isolar-se do mundo à sua volta.

Durante sua estada em Éfeso, Paulo recebeu várias visitas de membros da Igreja de Corinto (os da casa de Cloe em *ICoríntios 1.11-12* e Estefanas, Fortunato e Acaico em *ICoríntios 16.15-18*), através dos quais ficou sabendo de vários problemas que ali ocorriam.



Figura 37-2 - Vista das proximidades da cidade de Corinto

Finalmente, Paulo escreveu a carta de *ICoríntios*, onde respondeu a várias consultas feitas por eles também através de carta. Além disso, ele falou a respeito dos problemas sobre os quais fora informado e procurou corrigir o mal-entendido de sua carta anterior. Nesta carta Paulo expressou, ainda, sua intenção de fazer a eles uma visita prolongada,

mas só depois de ir à Macedônia. Enquanto isso ele se propôs a mandar Timóteo em seu lugar.

Isso efetivamente ocorreu, mas não há comentários em lugar algum sobre o desfecho dessa vinda. Tendo em vista, contudo, o fato de Paulo ter mudado os seus planos de viagem após o regresso de Timóteo, parece lícito crer que as notícias trazidas por ele não eram muito boas.

Os planos de viagem de Paulo, fornecidos em *ICoríntios 16.5-9*, eram de ir primeiro à Macedônia, descendo a seguir até Corinto, para depois seguir viagem até Jerusalém. Com as notícias pouco alentadoras de Timóteo, ele resolveu ir direto para Corinto, o que efetivamente fez, e depois subiria até a Macedônia, retornando, a seguir, novamente via Corinto, a caminho de Jerusalém (*IICoríntios 2.16*).

Ele seguiu, portanto, diretamente a Corinto, mas foi pego de surpresa e atacado duramente por um membro da igreja (*IICoríntios 2.5 e 7.12*), sem que o restante da congregação tivesse feito algo para apoiar o apóstolo (*IICoríntios 2.3*). Essa visita acabou sendo muito desagradável para Paulo, pelo que este mudou novamente seus planos de viagem. Ele seguiu para a Macedônia, mas ao invés de voltar para Corinto foi direto para Éfeso (*IICoríntios 1.23 e 2.1*).

Já de volta a Éfeso, Paulo escreveu outra carta aos coríntios, que nós também não temos, mas alguns acham que ela se assemelha com o que também está registrado em *IICoríntios 10-13* (/36/, pág. 26). Trata-se de uma carta severa na qual Paulo pedia à Igreja de Corinto que tomasse medidas contra aquele membro específico, cujo nome não é revelado. Aparentemente a carta em questão foi levada por Tito em mãos, que partiu para Corinto à mesma época em que Paulo voltava à Macedônia e depois Trôade, onde combinou de encontrar com ele.

Quando Tito, finalmente, chegou (*IICoríntios 7.6-7*), trouxe boas notícias, segundo as quais a carta severa havia sido bem aceita. É possível que nessa ocasião Paulo tenha escrito a primeira parte da carta de *IICoríntios*, os capítulos de 1 a 9, mas faltaria a conclusão que ele sempre faz.

Paulo, então, retomou os seus planos de voltar a Corinto, mas antes mandou novamente Tito até lá, preocupado que estava com a coleta que os coríntios iam fazer para os seus irmãos judeus de Jerusalém. Infelizmente, contudo, desta vez as notícias que Tito trouxe consigo de volta foram que a situação naquela igreja havia sofrido nova guinada para a rebeldia aos ensinamentos paulinos.

Esses rebeldes o estavam criticando duramente, tentando desacreditar não apenas a Paulo, mas também aos seus companheiros Silvano, Timóteo e Tito, tendo influenciado bastante a igreja.

A carta de *IICoríntios*, ou talvez apenas a segunda parte (capítulos 10 a 13), que estamos iniciando a seguir, é a resposta de Paulo às críticas que lhe foram feitas. Nesta carta ele

faz referência à sua intenção de fazer uma nova visita (a terceira). Deve ter sido escrita a partir da Macedônia e imagina-se que ele tenha passado por lá no seu caminho de volta, antes de retornar a Jerusalém. Assim, alguns autores defendem que *II Coríntios* engloba, na realidade, duas cartas, uma nos capítulos 1 a 9 e a outra de 10 a 13 (/36/, pág. 33).

A sequência dos contatos de Paulo com os coríntios, descrita até aqui, é a mais provável (/36/, pág. 22), mas a terceira visita, por exemplo, não tem registro, ou seja, está baseada em eventos associados.

Esta carta começa com uma saudação similar à de outras cartas paulinas, mas na qual ele já diz que é apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus. Na carta de *ICoríntios* ele já tinha usado a mesma declaração, pelo que fica patente que ele quer deixar claro para os coríntios que ele não foi ali porque queria, mas porque Deus o colocou ali.

Nos versículos 3 a 7 Paulo louva a Deus, o Pai de Jesus Cristo, pela Sua misericórdia e consolação, com a qual nos consola em todas as nossas tribulações, para que possamos consolar aqueles que também passam por tribulações.

É claro que esses versículos 3 e 4 nos remetem imediatamente para *Romanos 5.3-5* e *Tiago 1.2-4*, pois ambos falam da obra de construção espiritual que Deus faz na vida do crente para que este possa abençoar os outros à sua volta.

E por que será que Paulo está falando de tribulação e consolo em meio a toda essa confusão de Corinto? Muito simples! É que Deus está permitindo toda essa confusão e tormenta para que a Igreja de Corinto possa amadurecer e ser consolada pelo seu crescimento.

O versículo 5 é um pouco difícil, porque precisamos entender como as tribulações de Cristo transbordam sobre nós. Kruse (/36/, pág. 67) sugere inúmeras interpretações diferentes, mas vou me permitir uma que não aparece entre as dele. Com relação a seguirmos Jesus, Ele mesmo disse que o mundo nos traria aflições, mas Ele também nos disse que tivéssemos bom ânimo porque Ele venceu o mundo (*João 16.33*) e o próprio Paulo nos disse que com Ele seríamos mais que vencedores (*Romanos 8.37*). Com essa interpretação o restante do versículo fica óbvio: **assim também, por meio de Cristo, transborda a nossa consolação.**

Os versículos 6 e 7 falam da tribulação e da consolação que todos estão sofrendo ali em Corinto, para que possam tanto consolar como ser consolados.

Nos versículos 8 a 11 Paulo fala das grandes tribulações pelas quais acabou de passar e das quais o Senhor o livrou. Ele aproveita para agradecer as orações daqueles que lhe deram o devido apoio nessa área.

Nos versículos 12 a 14 Paulo assegura aos coríntios que sempre os tratou com sinceridade proveniente de Deus, não com a sabedoria do mundo, mas de acordo com

a graça de Deus. Ele realmente escreveu coisas duras para eles, mas espera que possam entender tudo e se orgulhar dele, da mesma forma como ele tem certeza de que vai poder se orgulhar deles no Dia do Senhor Jesus.

Ele lembra que tivera a intenção de visitá-los duas vezes, na ida e na volta da Macedônia, mas que mudara de planos. Aparentemente, ele teria sido acusado de ter mentido para eles e que o mesmo poderia ter acontecido com o Evangelho pregado por ele (versos 17 e 18).

Nos versículos 19 a 22 Paulo fala sobre a confiabilidade de Deus e do Evangelho de Jesus Cristo pregado por ele.

Finalmente, nos versículos 23 e 24 ele diz porque mudou os planos de viagem, querendo poupar os coríntios de outro encontro só de repreensões.

II Coríntios 2

Aqui no primeiro versículo Paulo confirma aquilo que já dissera no capítulo anterior, ou seja, que ele não gostaria de passar por uma experiência triste como fora o da visita anterior.

Recordando, a intenção de Paulo era de visitar os coríntios na ida de Éfeso para a Macedônia e depois na volta, mas a viagem da volta havia sido cancelada em função da trágica visita da ida, preferindo escrever uma carta, que ele mesmo reconheceu ser dura e motivo de tristeza para eles (versículos 3 e 4).

A carta severa de Paulo recriminava os coríntios por terem adotado uma posição de neutralidade enquanto ele era ofendido por um dos membros da igreja e Paulo exigia que tomassem uma providência a respeito. Ele esperava que essa providência já tivesse sido tomada para que sua visita futura pudesse ser de alegria e não de novas tristezas.

Aparentemente agora, por ocasião da carta de *II Coríntios*, ele já sabe que a punição solicitada já fora implementada (versículo 6) e ele até intercede pelo ofensor para que seja perdoado e reintegrado à congregação (versículos 7 e 8).

A partir do versículo 9 Paulo passa a falar dos próprios coríntios e diz a eles que sua solicitação de punição do faltoso foi, também, um teste para eles, para saber se seriam obedientes em tudo.

Ele mesmo, Paulo, informa que já perdoou o faltoso, tal como eles mesmos e que isso foi feito na presença de Jesus Cristo.

É importante para ele que essa situação não se prolongue para evitar que Satanás não venha a tirar proveito da mesma. Os ressentimentos são sempre um campo fértil para o inimigo, pelo que quanto menos o problema for lembrado, melhor para todos.

Os versículos 12 e 13 nos mostram um Paulo chegando a Trôade (uns 250km a norte de Éfeso), preocupado com Tito, que ele enviara para Corinto com sua carta severa, a ponto de negligenciar uma porta, que ele mesmo diz ter sido aberta, pelo Senhor, para o trabalho ali. Ele tinha marcado ali com Tito, que vinha de Corinto pela Macedônia ao norte.

Como Tito não apareceu, ele resolveu ir ao seu encontro, deixando o trabalho em Trôade para outros, subindo pela Macedônia até encontrá-lo (porque sabia que ele contornaria o Mar Egeu vindo por ali). Esse encontro não é narrado, senão em *II Coríntios 7.6-7*.

O capítulo 2 até agora mostra um período de tribulação do ministério de Paulo, mas os 4 últimos versículos parecem injetar algum ânimo no seu trabalho. O encontro com Tito na Macedônia parece ter permitido a Paulo se animar novamente com o trabalho, pelo que dá graças a Deus por permitir que ele seja portador da fragrância do conhecimento dEle. Trata-se de uma forma elegante de dizer que as pessoas têm prazer de ouvir o que ele tem a pregar sobre Jesus e a salvação ofertada através dEle.

No versículo 15, ele expande esse conceito de fragrância não apenas para aqueles que o ouvem para a salvação, como para aqueles que o rejeitam e se perdem. Para estes últimos ele é um cheiro de morte, enquanto aos demais um cheiro de vida (versículo 16).

Encerrando o capítulo, Paulo parece dizer que até entre os pregadores do Evangelho há pessoas que falsificam a mensagem para agradar aos seus ouvintes, mas que ele nem disso é capaz, porque sua palavra não visa lucro.

II Coríntios 3

Aparentemente Paulo teria sido criticado pelos “falsos apóstolos” por ter ido a Corinto sem uma carta de recomendação, que daria a ele o status de apóstolo que ele afirmava ter. Não obstante ele ser o fundador da igreja, pelo que não havia ninguém antes dele a quem apresentar uma carta do gênero, mesmo assim ele se dá ao trabalho de rebater a crítica.

Ele já havia falado a seu próprio respeito no capítulo 1, versículo 12, pelo que parece até receoso de fazê-lo “outra vez” e pergunta se isso é mesmo necessário. Afinal de contas, a mudança de vida dos coríntios convertidos já é uma carta lida por todos aqueles que os conheciam antes. Estes reconhecem ser obra do próprio Jesus Cristo, uma carta escrita nas tábuas do coração pelo Espírito Santo de Deus. Isso é toda a recomendação da qual Paulo precisava.

Nos versículos 5 e 6, contudo, ele deixa claro que a capacitação para a obra por ele realizada vem toda de Deus. Ele é um ministro de um novo pacto, não da letra, porque a letra mata, mas do Espírito, pois o Espírito vivifica.

A forma como a letra da lei mata é explicada por Paulo em *Romanos 7.7* e outros textos similares. Embora a lei seja santa, justa e boa, é através dela que temos o conhecimento

do pecado. Por outro lado, na nova aliança o Espírito de Deus convence o homem do pecado, da justiça e da ira vindoura, fazendo com que este se arrependa dos seus pecados e aceite o sacrifício substitutivo de Jesus.

O fato de Paulo contrastar a nova aliança com a velha ao longo do restante deste capítulo, nos dá a impressão de que os “falsos apóstolos”, além de soberbos, eram também judaizantes. Notem que ele não desfaz da velha aliança, ao contrário, ele a exalta, dizendo que veio com tal glória que os israelitas sequer podiam fixar os olhos no rosto resplandecente de Moisés, apesar desse esplendor estar diminuindo com o tempo. Se Deus assim exaltou a velha aliança, não será muito maior a glória da nova que introduz o ministério do Espírito? Se aquilo que desapareceu tinha grande glória, quanto maior será a glória daquilo que permanecerá para sempre?

É lamentável, diz Paulo, que a mente daqueles que rejeitam a nova aliança continue fechada até hoje. Mesmo quando Moisés é lido hoje, eles continuam com uma venda sobre os olhos, pois somente Jesus a pode retirar. Quando alguém se converte a Ele, só então o véu é retirado e o Espírito do Senhor concede a verdadeira liberdade, transformando o crente e criando nele a imagem de Cristo, revelando-a de glória em glória.

II Coríntios 4

Nos primeiros 6 versículos deste capítulo Paulo dá continuação àquilo que dizia no capítulo anterior. Ele afirma que o ministério do Espírito da nova aliança lhe havia sido dado por misericórdia de Deus, pelo que não importava quão difícil fosse, não desanimaria de pregá-lo. Para tanto, não usaria de nenhum procedimento secreto ou enganoso ou ousaria torcer a Palavra de Deus (a Bíblia).

Aparentemente ele fora acusado de pregar um Evangelho que a grande parte das pessoas rejeita, principalmente os judeus. Se isso é verdade, afirma Paulo, diz respeito àqueles que estão perecendo. Isso ocorre porque o deus deste século, Satanás, cegou os seus entendimentos (colocou um véu nos seus olhos, segundo o capítulo anterior), para que não vejam a luz do Evangelho da glória de Cristo.

Além disso, ele era acusado de pregar a sua autoexaltação, mas esclarece que prega a Jesus Cristo como Senhor e ele mesmo como escravo daquele a Quem serve. Da mesma forma como Deus disse “**haja luz**”, de igual forma Ele faz brilhar em nossos corações a iluminação do conhecimento da glória de Deus em Cristo Jesus.

Nos versículos 7 a 12 Paulo continua a falar do seu ministério da nova aliança, mas especificando a forma como ele trata esse tesouro, de modo que fique claro que o poder associado não vem dele e, sim, de Deus. Ele chama seu ministério de “tesouro em vaso de barro”, onde o tesouro é o ministério e o vaso de barro é ele.

Ele deixa claro que é um ministério difícil sob muita pressão, mas no qual ele não desanima. Ele está permanentemente perplexo, mas nunca desesperado, sempre

perseguido, mas nunca abandonado, frequentemente ele é abatido, mas nunca destruído. Assim, como Jesus sofreu, também Paulo era entregue ao sofrimento, para que a vida de Cristo também seja revelada nele. Assim, a morte atua no corpo de Paulo para que os coríntios tenham vida.

Nos versículos 13 a 15 Paulo nos informa que não obstante as aflições associadas ao ministério que lhe foi dado, mesmo assim as promessas que lhe foram feitas e a fidelidade do Deus que as fez, são motivo mais que suficiente para que ele siga em frente.

Paulo se compara ao salmista, em *Salmos 116.10*, onde ele diz que não obstante ter dito estar muito aflito, ainda assim ele cria nas promessas que o Senhor lhe fizera. As aflições eram deveras grandes, mas o Deus que ressuscitou a Jesus também ressuscitaria tanto a ele mesmo como aos coríntios no Dia de Sua vinda.

Resumindo, Paulo diz que tudo isso que está acontecendo, tanto suas aflições como a fé que o tem sustentado, é para o bem deles, para que a graça de Deus, alcançando um número de pessoas cada vez maior, resulte em ações de graças, para a glória de Deus.

Concluindo, Paulo afirma que ele não desanima porque todas as consequências das aflições pelas quais está passando são aparentes. Seu desgaste é externo, mas internamente ele está sendo renovado. Seu sofrimento é leve e temporário, mas produz uma glória eterna e muito maior. Para seguir em frente, ele olha para o eterno que não se vê, pois o visível é temporário.

II Coríntios 5

Embora o assunto aqui seja a continuidade daquele tratado no capítulo anterior. Muitas vezes ele é tratado separadamente para avaliar o conhecimento de Paulo do estado pós-morte do crente. Não podemos esquecer, contudo, que ele disse que estava sujeito a um sofrimento leve e temporário, mas que produz uma glória eterna e muito maior. O temporário em questão é a vida aqui na terra, enquanto a glória eterna é a vida no céu com Jesus.

Agora Paulo vai entrar em maiores detalhes sobre esse assunto, ou seja, a casa terrestre deste tabernáculo ao qual se refere é o corpo humano no qual ele está sofrendo um pouco e temporariamente até que este se desfaça. Por outro lado, a glória eterna é muito maior que ele citou, está associada ao edifício preparado por Deus, que é o corpo celestial que nos será dado, e que é a casa não feita por mãos humanas nos céus.

Essa interpretação é clara suficiente no contexto, mas admite-se que Paulo tenha escrito sua carta aos *Romanos* a partir de Corinto, pouco antes de escrever *II Coríntios*, de modo que *Romanos 8.18-24*, é uma comparação fidedigna dos mesmos pensamentos expressos no versículo 2, onde gememos esperando ser revestidos de nossa habitação celestial (ver *Romanos 8.22*).

Já o versículo 3 nos apresenta uma ideia interessante, pois Paulo fala que não gostaria de trocar sua atual vestidura pela nudez, ou seja, ele não quer morrer e perder a casa temporária antes da volta de Cristo, porque nesse caso o seu edifício nos céus ainda não estaria disponível e ele ficaria nu.

Ele detalha essa ideia no versículo 4, onde ele diz que gememos e nos angustiamos para não sermos despidos, sem que aquilo que é mortal seja absolvido pela vida. Essa ideia parece ser a mesma expressa por João em *Apocalipse 6.9-11*, quando da abertura do quinto selo, onde as almas que estavam debaixo do trono perguntam até quando teriam que esperar pelo julgamento final? Ao invés de terem respondida a sua pergunta, lhes foram dadas roupas brancas (dando a ideia de que estavam nus), até que se completasse o número de seus irmãos que seriam mortos como eles.

No versículo 5 ficamos sabendo que foi o próprio Deus que nos preparou para essa transição, dando-nos o Espírito de Deus habitando em nós como uma espécie de penhor do corpo espiritual que vamos receber futuramente. É importante ressaltar que Paulo não está falando de um penhor como garantia da nossa salvação, porque este já recebemos quando ganhamos um espírito novo. Trata-se aqui da garantia de que receberemos um corpo espiritual igual ao de Jesus.

Nos versículos 6 a 10 Paulo volta a falar sobre a confiança que tem para seguir em frente, tal como já dissera em *II Coríntios 4.13-15*, enquanto ainda permanecesse no corpo, mesmo estando longe do Senhor. Nestas condições continuaria a andar por fé e não por vista.

Paulo já tinha dito que não gostaria de morrer e passar pelo estado de nudez, mas no versículo 8 ele parece reavaliar as alternativas e nos informa que entre ficar aqui no corpo ou ir para o Senhor (mesmo em estado de nudez), que a segunda alternativa é melhor. Como não é ele que determina o momento da partida, Paulo deixa claro no versículo 9 que ele decidira que sua vida seria gasta agradando o Senhor, quer ficando, quer partindo.

No versículo 10 ele descreve o comparecimento de todos diante do tribunal de Cristo, uns para receber galardão pelas obras realizadas no Reino e outros para o castigo eterno.

Nos versículos 11 a 21 Paulo fala a respeito do seu ministério, cujo objetivo é prover a reconciliação dos homens com Deus. Ocorre, contudo, que ele tem em mente todas as coisas das quais foi acusado pelos “falsos profetas”, de modo que faz pequenos comentários à medida em que vai falando.

Ele começa dizendo que o temor do Senhor é algo que ele conheceu e passou a considerar em seus ensinamentos, para que todos também o tenham (versículo 11).

Como ele foi acusado de fazer tudo para sua autopromoção, ele tem uma preocupação grande de fazer exatamente o oposto, mas esforça-se para que os coríntios, olhando para sua vida, vejam o quanto ela difere da dos “falsos profetas” (versículo 12).

De alguma forma Paulo, juntamente com seus ensinamentos, foi taxado de louco, mas ele deixa claro que sua sanidade mental é algo entre ele e Deus. Por outro lado, Deus tem preservado sua sanidade para que ele, Paulo, possa mostrar o seu amor para com os coríntios.

No versículo 14 Paulo nos fala do fato do amor de Jesus nos constranger, ou seja, o fato de Ele morrer por nós, nos toca de tal maneira que não queremos mais viver para nós mesmos, mas para Ele (versículo 15).

De agora em diante, a gente não deve mais considerar as pessoas segundo a carne, ou seja, como elas eram antes da reconciliação com Deus. Elas agora são diferentes, porque estão em Cristo. Elas são novas criaturas e as coisas antigas da vida delas se fizeram igualmente novas.

Tudo isso provém do maravilhoso plano divino, através do qual Ele reconciliou consigo o mundo por meio de Jesus Cristo, que levou sobre Si os nossos pecados e ainda nos fez embaixadores de Ele, dando-nos o ministério da reconciliação.

Paulo conclui dizendo que Deus O tornou pecado por nós, Aquele que não tinha pecado, para que Deus olhasse para nós como justos.

É muito difícil entender que alguém possa pensar em Jesus feito pecado por nós, sem efetivamente ter-se contaminado por ele, mas é exatamente isso que a maioria dos teólogos pensa hoje. O que nos separou de Deus não foi a morte física e sim a espiritual. Nós não podemos ser comprados senão por um preço equivalente, ou seja, a morte espiritual de Jesus pagando a nossa. É através dela que Ele compra de volta a vida eterna que perdemos. Colin Kruse (/36/, pág. 137 e 138), por exemplo, apresenta 3 alternativas para o fato de Jesus ter sido feito pecado por nós:

- a) Ele Se tornou pecador em nosso lugar;
- b) Ele foi feito oferta pelo pecado (mas sem se contaminar);
- c) Ele suportou as consequências dos nossos pecados (mas sem se contaminar).

Com relação a a) ele diz que esta hipótese é descartada de imediato. Depois de arrazoar entre b) e c), ele acaba ficando com c), embora tanto uma como outra contradigam frontalmente o fato de que é impossível ser feito pecado e se tornar maldito (*Gálatas 3.13*), sem ser contaminado pelos nossos pecados.

II Coríntios 6

Paulo, que vinha clamando pela reconciliação plena dos coríntios com Deus, continua dizendo a mesma coisa, pedindo apenas que a graça de Deus na vida deles não seja em vão. O tempo da reconciliação plena é sempre hoje, por isso Paulo cita *Isaías 49.8* no versículo 2, para mostrar essa urgência.

A partir do versículo 3 e até o 10, Paulo ressalta o fato de que o seu próprio exemplo mostra a seriedade com que o seu ministério fala a respeito da urgência da reconciliação plena com Deus, tudo fazendo para que ele não seja pedra de tropeço para os outros. Ele mesmo mostra perseverança em meio a muita perseguição. Ele demonstra seu empenho nos trabalhos, nas vigílias e nos jejuns, bem como através da pureza, da ciência, da longanimidade, da bondade, do poder do Espírito Santo, do amor não fingido, da palavra da verdade, do poder de Deus e pelas armas da justiça à direita e à esquerda. Nisso ele e seus auxiliares agem como se estivessem morrendo, embora estejam vivos, como quem morre, embora vivendo, como castigados, porém não mortos, como entristecidos, mas sempre alegres no Senhor, como pobres, mas enriquecendo a muitos, como nada tendo, mas possuindo tudo.

Esse foi um ministério muito difícil, mas mesmo assim Paulo tem palavras de amor e carinho para com os seus filhos na fé. Ele pede que coloquem de lado as restrições que lhe tem imposto e que o amem como são por ele amados.

Nos versículos 14 a 18 Paulo fala a respeito dos vínculos entre crentes e não crentes. É importante ressaltar que os vínculos em apreço não são laços de amizade, ou seja, o crente pode e deve ser amigo dos não crentes. O que está em apreço aqui são vínculos de sociedade comercial, vínculos de casamento e outros de natureza similar, onde o crente pode ser constrangido a aceitar alguma coisa com a qual não concorda, simplesmente porque está ligado à pessoa que o constrange através de vínculos de alguma natureza.

As comparações que Paulo faz se expressam com perguntas tais como: que comunhão existe entre Cristo e Satanás? Ou ainda, que há de comum entre os crentes e os descrentes?

Encerrando esse capítulo, Paulo faz citações de Jeremias, Ezequiel e Isaías, nas quais Deus instrui o Seu povo a sair do meio dos impuros e Ele, então, viverá no meio deles.

II Coríntios 7

O capítulo 7 começa fazendo referência à promessa divina de habitar no meio do Seu povo, caso eles se mantenham puros (*II Coríntios 6.17-18*). Paulo continua, portanto, dizendo que, se temos tais promessas, que são condicionais, devemos nos santificar para que Deus possa manter a Sua parte do acordo.

Assim Paulo termina o assunto que começara a abordar em *II Coríntios 6.14* e retoma o assunto anterior, que era o apreço dos coríntios por ele. Ele começa pedindo que abram os seus corações para recebê-lo, porque ele não fez injustiça a ninguém, não corrompeu ninguém e nem tampouco lesou quem quer que seja.

Sentindo que talvez tenha sido duro em suas palavras, Paulo ameniza dizendo que sua intenção não é condená-los, porque ele já tinha deixado claro que eles tinham lugar garantido em seu coração, até as últimas consequências.

No versículo 4 Paulo é bem franco com os coríntios e diz que se orgulha deles, e que não obstante todas as tribulações pelas quais o têm feito passar, ainda assim dão a ele grande alegria. Para que eles pudessem avaliar isso, ele falou de sua preocupação durante a viagem à Macedônia, onde não teve sossego até a chega de Tito com notícias boas deles. Ele falou que ficara muito preocupado com a carta dura que ele havia escrito, mas que o fato deles terem entendido havia sido um grande consolo para ele.

Aqui neste discurso entendemos bem a diferença bíblica entre remorso e arrependimento. Paulo diz no versículo 10 que a tristeza segundo Deus não produz remorso e, sim, arrependimento para a salvação. Remorso é a tristeza segundo o mundo que produz morte. Decorre de termos sido pegos em erro, mas que não nos entristeceria se não tivéssemos pegos. Já o arrependimento leva a uma decisão de nunca mais repetir o mesmo erro.

A partir do versículo 13 Paulo fala a respeito de sua alegria pela forma como os coríntios haviam impressionado a Tito. Ele havia voltado mostrando grande afeição por eles, correspondendo totalmente à sua expectativa produzida pelos elogios que Paulo fizera ao falar a ele sobre os coríntios.

II Coríntios 8

O capítulo 8 fala integralmente a respeito do levantamento de ofertas que Paulo está fazendo entre as igrejas para suprir as necessidades dos irmãos de Jerusalém. Ele começa falando a respeito do belo exemplo dado pelo macedônios, que não obstante muita perseguição e a pobreza entre os membros, eles quiseram contribuir e o fizeram muito além do que poderiam, segundo Paulo.

Por causa disso, Paulo pediu a Tito para retornar a Corinto para continuar a supervisionar também a coleta entre eles (versículo 6). E escreveu aos coríntios dizendo que gostaria muito que sua excelência em fé, ciência, zelo e amor se mostrasse também no tocante a essa contribuição (versículo 7). Não que eles fossem obrigados a contribuir, mas para que o amor deles pelos outros se expressasse dessa forma.

Neste sentido ele os exorta a se mirarem no exemplo do próprio Jesus, que, sendo rico, se fez pobre para que eles, pela Sua pobreza, fossem enriquecidos. Ele lembra, também, a eles que isso foi uma iniciativa deles, e que resolveram contribuir para o bem-estar de seus irmãos de Jerusalém um ano antes. Assim, cabe a eles agora simplesmente realizar aqui que eles mesmos propuseram.

Paulo disse, ainda, contudo, que a ideia não era pedir mais dos coríntios para que os outros pudessem ser aliviados, mas que todos tivessem o mesmo encargo, de modo a não ficar pesado para ninguém.

Com relação a Tito, Paulo disse que ele mesmo tomou a iniciativa de voltar a Corinto, tamanho o apreço dele pelos coríntios, que conheceu em sua primeira viagem. É muito

interessante a forma como Paulo cita dois companheiros que viriam juntamente com Tito. Ele não cita o nome de nenhum dos dois, mas os elogios que faz são tão marcantes, que pressupõe-se que os coríntios soubessem de quem se trata. Com relação ao primeiro, ele disse que é o irmão que é recomendado por todas as igrejas por seu serviço no Evangelho (versículo 18); com relação ao segundo, Paulo disse que se trata do nosso irmão que muitas vezes e de muitas maneiras já nos provou que é muito dedicado, e agora ainda mais, por causa da grande confiança que ele tem em vocês (versículo 22). Seja como for, ambos eram muito qualificados e bom seria que os líderes de nossas igrejas pudessem falar de todos os seus membros dessa maneira.

Assim Paulo encerra esse capítulo esperando que o comportamento dos coríntios fique à altura das recomendações que tem feito a seu respeito.

II Coríntios 9

Certamente a coleta para Jerusalém era uma grande preocupação de Paulo, não apenas porque ele elogiara bastante a disponibilidade dos coríntios de contribuir para terceiros, mas também devido à situação difícil na qual os judeus ali se encontravam. Embora ele comece dizendo ser desnecessário escrever a esse respeito, justamente porque eles, os coríntios, mostravam grande prontidão para contribuir, a ponto dele ter se gabado deles para o macedônios, mas por via das dúvidas ele está escrevendo, sim, e, além disso, está enviando 3 irmãos para garantir que vai sair tudo a contento.

Além disso, era previsível que alguns irmãos macedônios pudessem querer acompanhar Paulo até lá, de modo que ele não queria que ninguém passasse vergonha com relação a esse assunto.

O versículo 6 é um “prato cheio” para os defensores do “evangelho da prosperidade”, mas não podemos tirar esse versículo de todo o restante do contexto. A ideia de que “quem muito semeia muito colhe” está aplicada no texto às ofertas, mas não é uma regra geral que permita dizer que quem muito contribui vai receber de Deus muito mais. Em primeiro lugar não há nada que diga que se semeia e se colhe na mesma moeda. O versículo 7 deixa claro que Deus ama a quem dá com alegria e o 8 nos informa que Deus fará abundar nesta pessoa toda a graça, a fim de que tenha suficiência para abundar em toda boa obra. Mesmo que essa suficiência se faça na mesma moeda, ainda assim ela tem destino marcado: várias outras boas obras.

Com base nisso, o máximo que podemos dizer é que alguns irmãos, que dão com alegria àqueles que deles precisam, são especialmente amados por Deus para esse fim, ou seja, ele continua a encher os seus cofres para que tenham mais para distribuir. O versículo 9 nos informa que esses irmãos, além disso, são conhecidos por sua justiça. Já o versículo 10 diz que os seus frutos de justiça vêm do próprio Deus. Essas pessoas enriquecem para a liberalidade que desemboca em ações de graças a Deus (versículo 11). Deus usa essas pessoas não apenas para suprir as necessidades dos santos (dos

irmãos menos afortunados), mas também para aqueles que recebem também glorifiquem a Deus pela Sua providência (versículo 12).

Forma-se, afinal, um ciclo em que os que recebem louvam a Deus e oram por aqueles que Deus usou para seu benefício, gerando a superabundante graça de Deus nessas mesmas pessoas. É por isso que Paulo encerra louvando a Deus por esse Seu dom indescritível.

II Coríntios 10

Tínhamos visto anteriormente que existe a possibilidade de *II Coríntios* conter, na realidade, duas cartas, ou pelo menos parte delas. Parece estranho, por exemplo, que Paulo tenha gasto os capítulos 7, 8 e 9 falando mansamente com os coríntios e se preocupando, principalmente, com a oferta a ser levantada para os irmãos de Jerusalém, para depois chegar nos últimos 4 capítulos e novamente repreendê-los, na medida em que defende o seu ministério. Isso reforça bastante a hipótese das duas cartas distintas e, principalmente, duas cartas incompletas. Obviamente não podemos ter certeza disso, mas chamamos a atenção para a mudança de ênfase da carta a partir deste capítulo.

Paulo havia sido severamente criticado por aqueles que estavam tentando excluí-lo da liderança intelectual e espiritual que ele exercia no trabalho em Corinto. Neste capítulo e nos seguintes Paulo se defende, mas ele ora o faz com palavras mansas, ora com sarcasmo e, às vezes, mostrando a falsidade de seus críticos.

Ele começa, nos primeiros 3 versículos, se defendendo da acusação de que é audaz quando escreve, mas humilde e sem autoridade quando fala ao vivo. Para se defender neste caso ele faz um apelo, em nome da mansidão e da benignidade de Cristo, pedindo aos coríntios que não o obriguem a agir com audácia quando estiver presente, porque ele tem prazer em agir com mansidão. Infelizmente, diz Paulo, parece que ele não vai escapar de usar de audácia e severidade com os seus críticos, que o acusam também de falta de espiritualidade. Desta segunda acusação ele se defende dizendo que não obstante viver como homem, não é segundo os padrões humanos que ele luta. Falando como militar, ele diz que as armas que utiliza são poderosas em Deus para destruir fortalezas, quais sejam, todos os pensamentos que se levantam contra o conhecimento de Deus, levando-os cativos à obediência a Cristo.

A partir do versículo 7 Paulo fala a respeito do senhorio do Senhor Jesus Cristo, que abrange a todos. Assim sendo, ele critica a avaliação que fizeram do seu ministério, porque um verdadeiro crente deve ser capaz de reconhecer o seu irmão, em detrimento de outros que afirmam ser de Cristo, mas que não vivem segundo as Suas diretrizes. Paulo afirma que sua autoridade vem do Senhor e que ele não se envergonha de usá-la. As cartas dele não têm a finalidade de amedrontar os coríntios (provavelmente uma terceira acusação), mas de edificá-los.

Paulo afirma, a seguir, que não é nem fraco nem desprezível quando está no meio deles, mas que pode ser bastante audaz se necessário for. Ele não quer se igualar a esses

obreiros que vêm se autorecomendando entre eles, pois eles agem sem entendimento. Não cabe ao obreiro vangloriar-se de suas atribuições, como aparentemente o estavam fazendo esses obreiros. Kruse (/36/, pág. 191) sugere que eles estariam dizendo que o apóstolo teria que ter aparência física imponente e eloquência arrebatadora (*II Coríntios 10.1, 10; 11.20-21*), ascendência judaica impecável (*II Coríntios 11.21b-22*), experiências espirituais impressionantes (*II Coríntios 12.1-6*) e uma exibição de autoridade e poder (*II Coríntios 11.19-20*) a fim de provar que Cristo realmente falava através deles (*II Coríntios 13.3*). Se o critério para ser apóstolo for realmente este, de agir como super-herói de Deus, fica mais do que claro porque Paulo os considera “sem entendimento”.

Já no versículo 13 Paulo fala que a única razão que ele poderia ter de se orgulhar seria em função do trabalho que Deus realizara através dele, que inclui, entre outras coisas, a própria conversão dos coríntios. Tudo que Paulo diz que fizera foi levar até eles o Evangelho de Jesus Cristo.

Assim, ele jamais se orgulharia de algo que Deus fez através de outro. Aliás, a sua esperança é que o trabalho ali realizado cresça e alcance outros, através da pregação da mensagem em campos novos e não em lugares onde outros já estejam pregando.

Como regra geral com relação ao orgulho, contudo, Paulo recomenda, no versículo 17, que quem quiser se orgulhar, que o faça dando ao Senhor toda a glória, pois o obreiro aprovado não é aquele que se autorecomenda, mas aquele que é recomendado pelo Senhor.

II Coríntios 11

Paulo começa o capítulo 11 pedindo desculpas por suas críticas continuadas, mas ele assegura aos coríntios que elas estão associadas ao zelo que ele tem por eles, que por sua vez vem do próprio Deus. Ele fora comissionado a ensinar a noiva coríntia para que ela fosse entregue virgem e pura ao Esposo, Jesus Cristo, na hora do casamento.

O medo dele era que acontecesse com eles o mesmo que ocorreu com Eva, que foi enganada pela serpente, fazendo com que eles se corrompessem, desviando-se da sincera dedicação a Jesus Cristo. Esse risco existe, contudo, na medida em que aceitam que se lhes pregue um outro Jesus, que não Aquele pregado por ele, Paulo, e recebem um outro Espírito, que não o do Deus vivo, dando, então, acesso à serpente através desses “super-apóstolos”.

Resumindo, Paulo diz aos coríntios que pode até ser um orador pouco eloquente, mas que tem conhecimento e que eles mesmos já experimentaram isso em várias situações. Por outro lado, nunca cobrou deles qualquer remuneração financeira pelos trabalhos ali realizados, porque não queria dar ocasião àqueles que o acusam e assim justificar a cobrança deles.

Esses obreiros, segundo ele, são falsos apóstolos e não apóstolos de Cristo, mas isso não deve surpreender ninguém, porque Satanás se faz passar por anjo de luz; logo, seus servos podem se fazer passar por servos da justiça.

Nos versículos 16 a 27 Paulo fala um pouco de seu próprio ministério, mas o faz tão “cheio de dedos”, que parece que está cometendo um abuso, mas é graças a isso que reconhecemos o quanto se concretizou aquilo que o Senhor disse a Ananias em Atos 9.16: **Eu lhe mostrarei o quanto deve padecer pelo Meu Nome**. Ele fala de prisões, açoites, naufrágios, perigos os mais diversos, fome, sede, frio e nudez.

Além disso, ele fala de sua preocupação com todos os seus filhos espirituais, o quanto ele sofre por eles. Isso, segundo ele, foi assim desde o princípio de seu ministério em Damasco, de onde fugiu, para não ser morto, abaixado pelo muro numa cesta.

II Coríntios 12

No capítulo 12, Paulo continua a falar sobre o seu ministério e narra um arrebatamento que teve, sendo levado até ao céu. Ele não sabe dizer se foi no corpo ou fora dele, mas sabe que foi arrebatado ao paraíso, onde ouviu coisas que não lhe foi permitido repetir.

Embora o arrebatado seja ele mesmo, ele fala a respeito dele na terceira pessoa. No versículo 5 ele diz que se gloria desse homem, mas que dele mesmo, Paulo, ele só se gloria das fraquezas. É uma forma de manter-se humilde como Paulo.

No versículo 7 ele ressalta que Deus mesmo se preocupou em mantê-lo humilde dando-lhe um “espinho na carne” como lembrete. Não sabemos exatamente do que se trata, mas a maioria das pessoas acha que se trata de um problema de vista com base em *Gálatas 4.15*. Seja como for, Paulo nos diz que orou 3 vezes para que Deus o removesse, mas que a resposta foi sempre a mesma: **a Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza**.

A forma como Paulo reagiu a essa resposta é um exemplo para nós todos. Como Paulo queria o poder de Deus em sua vida, ele passou a se alegrar na sua fraqueza, porque sabia que dela resultaria poder de Deus. Além das fraquezas, ele generalizou o conceito estendendo-o aos insultos, às necessidades, às perseguições e às angústias, tendo descoberto que ele ficava forte quando estava fraco.

Paulo lamenta, mais uma vez, que tenha sido obrigado a falar de si mesmo, para mostrar que ele não é, em nada, inferior aos “super-apóstolos” que estavam criando problemas em Corinto. Quanto às marcas do seu apostolado: sinais, maravilhas e milagres, Paulo se limita a dizer que eles os conhecem, pois foram praticados entre eles em Corinto.

No versículo 14 Paulo diz que está pronto a novamente visitar os coríntios e que mais uma vez isso nada lhes vai custar, porque seu interesse são eles e não o seu dinheiro. Ele os está tratando como um pai trata os filhos. Em tempo, ele lembra que são os pais que juntam dinheiro para os filhos e não o contrário.

Ele deixa claro que tampouco algum dos seus auxiliares custou coisa alguma a eles, porque ele havia instruído a Tito e aos outros no sentido de agir da mesma forma que ele.

Encerrando o capítulo, ele pergunta se acham que ele está se defendendo? Ele disse que não se trata disso, porque ele esteve falando diante de Deus como alguém que está em Cristo. Todo esse ensino tem por finalidade fortificá-los.

Nos últimos dois versículos, ele diz que espera, em sua visita, não haver mais entre eles brigas, invejas, manifestações de ira, divisões, calúnias, intrigas, arrogância e desordem. De igual modo espera não ter que lamentar aqueles que novamente caíram em pecado e não mais se arrependeram da impureza, da imoralidade sexual e da libertinagem que praticaram.

II Coríntios 13

Paulo se refere aqui ao planejamento de sua terceira viagem a Corinto e complementa a informação dizendo que duas ou três testemunhas terão que confirmar tudo. O problema é que não está muito claro do que ele está falando.

Quando de sua última estada na cidade de Corinto, já vimos que ele fora duramente tratado por uma ou mais pessoas. Ele as advertiu, mas ao invés de enfrentá-las, naquela ocasião, ele preferiu retornar a Éfeso, porque tinha ficado muito decepcionado com a falta de apoio da igreja.

O versículo seguinte mostra a intenção de Paulo de confrontar os coríntios em sua próxima visita, pelo que é provável que as testemunhas exigidas por ele acima (de acordo com a lei e caso sejam encontradas) sejam para comprovar as acusações que haviam sido feitas contra ele.

Nesta carta (talvez apenas os capítulos 10 a 13), Paulo está sendo duro tanto com os falsos apóstolos, como está provendo provas de que Cristo fala através dele, provas essas exigidas por estes impostores com o aparente consentimento da igreja. Essa informação é complementada com Paulo dizendo que Cristo foi crucificado em fraqueza, mas que vive agora pelo poder de Deus. De igual modo, Paulo diz que é fraco em Cristo, mas que viverá eternamente com Ele pelo poder de Deus, justamente para servir em Corinto.

Em função do acima exposto, cabe a cada coríntio se examinar para ver se está na fé. Se não pudessem comprovar que Cristo habitava neles, então é porque já haviam sido reprovados. Não obstante a dureza de suas palavras, Paulo diz que ele ora para que todos estejam em Cristo e para que sejam aperfeiçoados (versículo 9).

Ele insiste, ainda, dizendo que está escrevendo essa carta dura porque deseja que não precise ser rigoroso na sua próxima viagem.

Os versículos 11 a 14 trazem uma tradicional saudação de encerramento e uma bênção no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Semana 38 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (1)

Texto: Juízes 1-7 e Provérbios 24-26

Estação 19

Juízes 1

O livro de Juízes narra a história do povo de Israel durante os primeiros séculos de sua estada na Terra Prometida, cobrindo um período que varia entre 350 e 400 anos. A dificuldade de datas reside no fato de que a soma dos anos atribuídos aos diversos juízes chega a 410 anos, mas esse período é cerca de meio século maior que os eventos limítrofes (saída do Egito e início do reino de Saul).

Este primeiro capítulo começa com o final da tomada da Terra Prometida, numa época em que o povo ainda servia ao Senhor. Isso fica claro pelo fato de terem-nO consultado antes de sair à guerra. Deus não apenas indicou quem sairia primeiro, Judá, mas também lhes assegurou vitória em sua empreitada (versículo 2).

Simeão tinha recebido suas terras dentro de Judá, portanto nada mais natural do que saírem juntos em suas conquistas (versículo 3).

Os versículos 4 a 20 falam das lutas empreendidas por Judá e Simeão e foram bem sucedidos em tudo porque o Senhor estava com eles. Curiosamente, contudo, justamente o versículo que fala de Sua presença nos informa, também, que não conseguiram desalojar os habitantes dos vales porque estes possuíam carros de guerra feitos de ferro. A única explicação plausível para isso e para a repetição desse mesmo evento nas outras tribos, ao longo do restante desse capítulo, é que o povo de Israel já não mantinha a fidelidade total que tinha ao início da conquista da terra. Vamos lembrar do que Josué tinha dito a eles em *Josué 23.12-13*: **Porque, se de algum modo vos desviardes, e vos apegardes ao restante destas nações que ainda ficou entre vós, e com elas vos aparentardes, e vós a elas entrardes, e elas a vós, sabeis certamente que o Senhor vosso Deus não continuará a expulsar estas nações de diante de vós, mas elas vos serão por laço e rede, e açoite às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos; até que pereçais desta boa terra que vos deu o Senhor vosso Deus.**

Não há dúvida de que isso começou a acontecer já no primeiro capítulo do livro de Juízes, que começou muito bem, com o povo consultando o Senhor, e vai mostrar uma derrocada contínua até o ponto mais baixo, ao final do mesmo livro. É isso que acontece mesmo aos servos de Senhor, quando deixam de servi-IO.

Pode parecer estranho que Judá tenha derrotado Jerusalém no versículo 8 e queimado toda a cidade, para depois vermos os benjamitas não conseguindo expulsar os jebuseus da mesma cidade, que passaram a dividir com eles. Precisamos lembrar, contudo, que Jerusalém ficava dentro do território de Benjamin, mas que Belém, apenas 5km a sul de Jerusalém, ficava em Judá. Segue, portanto, que a parte sul das cercanias de Jerusalém

pertencia a Judá, que a tomou, mas a cidade, propriamente dita, pertencia a Benjamin, que não conseguiu tomá-la inteiramente.

Todo o restante deste capítulo, versículos 22 a 36, repete o fracasso parcial das outras tribos, que ora não conseguiam expulsar os habitantes da terra, mas mantinham-nos como escravos e ora nem isso, simplesmente habitavam juntos.

Juízes 2

O capítulo 2 é simplesmente a confirmação daquilo que acabamos de dizer em relação ao capítulo 1. Ele tem início com palavras que o anjo do Senhor falou ao povo e a Josué enquanto este ainda vivia. Havia uma aliança entre Deus e Israel e havia compromissos de ambas as partes aos quais esta aliança estava condicionada. O Senhor seria o seu Deus, mas os israelitas O teriam como único. Infelizmente, dentre os filhos de Israel, havia alguns que não guardavam a sua parte do acordo desde os dias de Josué. Em função disso, o anjo disse que não expulsaria os povos da terra, mas que os deixaria para testá-los.

Deus quer sempre o melhor para nós e se, tão somente, a gente fizer o que Ele de nós espera, é o melhor que vamos ter. Infelizmente, a gente falha com tanta frequência, deixando de amá-IO de todo o coração e com todas as nossas forças, que Ele é obrigado a nos disciplinar, dando-nos menos do que queria. Não podemos criticar aqui os israelitas, quando nós somos iguais a eles de tantas maneiras. Devemos, antes, ver isso como um ensino que temos que seguir, se quisermos ver concretizados e alcançados os alvos de intimidade com Deus, que estamos sempre dizendo que queremos.

Claro que ficamos tristes quando falhamos, tal como os filhos de Israel, que choraram e ofereceram sacrifícios tão logo o anjo se ausentou, mas isso não basta. É necessário que os nossos erros não se repitam, o que, infelizmente, os filhos de Israel não souberam evitar. Nos versículos 6 a 10, enquanto viveram Josué e a geração dele, as coisas ficaram sob controle, mas quando veio a geração seguinte, não imbuída do alvo de amar a Deus sobre todas as coisas, vemos que novamente descambaram (versículos 11 a 13).

Em consequência disso, a ira do Senhor se acendeu contra eles e não conseguiam mais derrotar os seus inimigos (versículos 14 e 15), e grande angústia os dominava.

Já vimos, contudo, que Deus é misericordioso e compassivo, pelo que mesmo em meio à Sua disciplina Ele continua exercendo misericórdia e compaixão. Assim é que os versículos 16 a 18 nos falam que Ele suscitou juízes que lutavam contra os povos que os oprimiam e os livrava. Isso, contudo, não tinha o efeito educativo que deveria ter, porque o versículo 19 nos diz que tão logo o juiz morria, eles voltavam a caminhos ainda piores que os de seus pais, seguindo outros deuses.

Exatamente por isso os últimos 3 versículos deste capítulo nos dizem que Deus não mais expulsou os povos inimigos, antes permitiu que ficassem para servir de prova para a fé de Seu povo. Este é, portanto, o motivo porque o capítulo anterior nos mostra a incapacidade dos israelitas de expulsarem os povos que ocupavam a Terra Prometida (não obstante ter-lhes sido prometida).

Juízes 3

Os primeiros versículos deste capítulo nos dizem que serão anunciadas quais as nações que o Senhor deixaria ficar para que pudessem ser provados quanto a guardarem ou não a aliança. Além disso, contudo, Deus dá uma segunda razão pela qual as deixaria. Os filhos dos israelitas que conquistaram a terra gozaram da paz que se seguiu à conquista da mesma, pelo que nunca haviam guerreado. Assim, Deus está dizendo que deixaria as nações, enunciadas a seguir, para que eles pudessem aprender a guerrear.

A lista das nações, propriamente dita, veio no versículo 3, que apresenta os filisteus, todos os cananeus, os sidônios e os heveus. Infelizmente, os israelitas haviam feito com elas tudo que o Senhor proibira. Tinham dado suas filhas a eles em casamento, haviam tomado, para seus filhos, suas filhas em casamento e haviam estabelecido um culto aos seus deuses (versículo 6).

O primeiro juiz mencionado no livro de Juízes é apresentado aqui nos versículos 7 a 11. Em consequência dos pecados mencionados nos versículos 6 e 7, somos informados que a ira do Senhor se acendeu contra eles, entregando-os nas mãos de Cuchã-Rizataim, rei da Mesopotâmia (povos sumérios e acádios, que ocupavam as margens do Tigre abrangendo os atuais Iraque, Turquia e Síria).

Quando isso ocorreu, os israelitas souberam clamar ao Senhor, que levantou um personagem já conhecido nosso para realizar a sua libertação. Trata-se de Otoniel, genro de Calebe. A Bíblia nos diz que o Espírito do Senhor veio sobre ele e que ele prevaleceu contra Cuchã-Rizataim. Depois disso, ele guiou o povo por 40 anos, durante os quais houve paz e o povo serviu ao Senhor.

O versículo 12 nos informa que, mais uma vez, os israelitas fizeram o que o Senhor reprova, pelo que Ele deu a Eglom, rei dos moabitas, poder sobre Israel. Constatamos aqui que Deus é Senhor da situação e permite que Eglom se fortaleça, graças a uma associação com os amalequitas e os amonitas, de modo a derrotar e dominar Israel por 18 anos. Podemos nos surpreender com o fato dele haver conquistado a Cidade das Palmeiras, Jericó, porque ela havia sido destruída por Josué poucos anos antes e sabemos que havia sobre ela uma maldição sua, em caso de reconstrução, que só se cumpriu nos dias de Acabe (cerca de 500 anos mais tarde). É provável, contudo, que Eglom tenha se valido ali de excelentes materiais de construção e que tenha feito de Jericó uma morada temporária para suas tropas, pela facilidade de preparar abrigos.

Novamente os israelitas reconheceram o seu erro e clamaram ao Senhor por livramento. Este, por sua vez, levantou um libertador da tribo de Benjamim chamado Eude, que matou o rei dos moabitas em seu próprio palácio, fugiu de volta para Israel e juntou uma tropa com a qual derrotou os moabitas, matando 10 mil deles. Depois disso, Israel voltou a servir ao Senhor e teve paz por 80 anos (versículos 15 a 30).

Muito pouco sabemos acerca de Sangar, o terceiro juiz mencionado no versículo 31, mas o fato dele ter subjugado os filisteus, matando 600 deles sozinho com uma aguilhada de bois (vara comprida com ponta de ferro, que serve para picar os bois, mas que foi usada como se fosse uma lança), nos faz lembrar de Sansão, que realizou um feito similar.

Curiosamente, não temos nenhuma informação relativa a quando isso se deu e o nome Sangar, nem hebraico é. A única outra referência que há ao seu nome está em *Juizes* 5.6, onde aparece no cântico de Débora, como filho de Anate.

Juizes 4

Mais uma vez somos informados que os filhos de Israel voltaram a pecar, mas as referências para fins de localização no tempo são de Eude e não de Sangar. 80 anos depois que Eude derrotou os moabitas, os israelitas já tinham voltado a fazer o que o Senhor reprova, pelo que desta vez Ele os entregou nas mãos de Jabim, rei de Canaã, que reinava em Hazor. Ele oprimiu cruelmente os israelitas durante um período de 20 anos, através do seu general Sísera, que comandava um exército com 900 carros de ferro.

Os israelitas, mais uma vez, clamaram ao Senhor, que desta feita já estava usando uma profetiza como juíza nos montes de Efraim, que todo o Israel consultava. Fica implícito que o Senhor lhe deu ordens para utilizar um soldado de nome Baraque da tribo de Naftali, para que este atacasse e derrotasse Sísera junto ao Rio Quisom.

Somos informados no versículo 8, que ele só iria se ela fosse junto. A resposta de Débora foi positiva, mas ela declarou que devido à sua covardia, Baraque não teria a honra da vitória sobre Sísera e, sim, uma mulher.

Acompanhado por Débora, Baraque convocou 10 mil soldados de Zebulom e Naftali e o deslocamento desse pessoal até Quedes fez com que Sísera juntasse suas tropas levando-as até o rio Quisom (ver figura 38-1). Débora ordenou, então, que Baraque descesse até lá, onde batalharam e o Senhor derrotou Sísera diante de Baraque, que destruiu todos os seus carros de ferro.

Enquanto Baraque se distraía com o exército inimigo, Sísera fugiu a pé e se refugiou na tenda de Jael, mulher do queneu Héber, descendente do sogro de Moisés, que era neutro na batalha. Ela deu a ele leite para beber e o cobriu com um pano para que não fosse visto.

Ele a havia pedido para que ficasse de vigia enquanto ele dormia, porque estava exausto, caindo a seguir num sono profundo. Ela pegou a seguir uma estaca e um martelo e cravou-a na sua testa até sair do outro lado, prendendo-o ao chão.

Quando Baraque passou por lá procurando por ele, Jael o chamou e levou-o até sua tenda, onde disse que lhe mostraria o homem que ele estava procurando. Entrando na tenda, já o encontrou morto, conforme profetizado por Débora. Naquele dia os israelitas atacaram também o rei Jabim e o destruíram, ficando livres da cruel opressão dos cananitas.



Figura 38-1 - Localização do Rio Quisom /38/

Juízes 5

O capítulo 5 contém o chamado Cântico de Débora, no qual o autor, possivelmente a própria Débora, louva o Senhor pelo grande livramento e fala a respeito das dificuldades que enfrentaram para que pudessem chegar à vitória.

O pessoal que se apresentou para a primeira batalha com Sísera se limitou a 10 mil pessoas e os chefes, que juntamente para tanto se consagraram, são igualmente aqui elogiados.

A partir do versículo 3 fica claro que só o Senhor Deus de Israel poderia arrancar uma vitória em condições tão adversas. Ele é o Deus que fez uma aliança com os israelitas no Monte Sinai, próximo a Edom.

As condições eram muito difíceis porque as estradas eram inseguras e as caravanas comerciais não eram mais viáveis. O povo já desistira de servir ao Senhor e estava adorando outros deuses. Embora fosse possível juntar um exército de 40 mil homens, infelizmente não havia armas para eles (versículo 8).

Havia tropas de Efraim, Benjamim e Maquir (Manassés do lado leste do Jordão), Rubens, Aser e Dã, mas na hora da batalha só apareceram mesmo os soldados de Zebulom e Naftali. Mesmo assim, louvado seja o Senhor, que despertou líderes e voluntários que se dispuseram a lutar, os quais nas mãos dEle foram suficientes (versículos 14 a 18).

A batalha contra Sísera é descrita sem detalhes nos versículos 19 a 22, numa linguagem figurada, onde Deus batalhando a favor de Israel é descrito como as estrelas batalhando.

No versículo 23 há uma maldição para Meroz, que aparentemente é uma cidade israelita da zona do conflito, que não cedeu qualquer pessoa para lutar contra as tropas de Sísera, o que foi considerado uma traição. Já o versículo seguinte traz uma bênção para Jael, por ter matado Sísera. O feito dessa mulher heroica é narrado nos versículos 24 a 27.

Os versículos 28 a 30 trazem uma suposta conversa entre a mãe de Sísera e as servas dela, falando inicialmente sobre sua demora em retornar da batalha. Tão acostumadas estavam à vitória que sugeriram tratar-se de demora na distribuição dos despojos, mas o cântico de Débora foi encerrado, sugerindo que, de igual modo, pereçam todos os inimigos do Senhor.

Depois disso, somos informados que a terra teve paz por 40 anos.

Juízes 6

É claro que a demonstração do poder de Deus, atuando através de Débora e Baraque, trouxe um reavivamento do povo de Israel, mas, passados 40 anos de paz, somos informados que os filhos de Israel voltaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor. Essa é a tendência de todos nós. Nos ocupamos com outras coisas (“nossos novos deuses”) e nos esquecemos do Senhor. No caso deles, para lembrá-los dEle, Ele permitiu que os midianitas saqueassem a terra.

Isso era diferente do domínio estrangeiro que ocorrera algumas vezes antes. Os midianitas, apoiados pelos amalequitas e os filhos do oriente (alguma outra tribo a leste

do Jordão) invadiam a terra uma vez por ano, pouco depois que os israelitas haviam semeado, destruíam tudo e levavam consigo todos os animais. Isso havia ocorrido por 7 anos seguidos numa faixa que englobava Manassés (e do Jordão), Naftali, Zebulom e Aser, chegando até Gaza. O resultado disso foi o empobrecimento e o enfraquecimento do povo de Israel (versículos 1 a 6).

Há uma curiosidade aqui, mencionada no versículo 5, qual seja o uso, por parte dos midianitas, de muitos camelos em seus ataques. Era um animal estranho aos israelitas, com o qual os seus agressores se deslocavam rapidamente.

Obviamente, como antes, o povo clamou ao Senhor por socorro. Ele era o último recurso, mas, desta vez, ao invés de mandar logo um libertador, Ele mandou um profeta, que lembrou a eles a forma como os havia resgatado do Egito e entregue a eles a terra que ora habitavam. Tudo que ele havia pedido a eles é que Lhe fossem fiéis, mas nisso não O haviam atendido (versículos 7 a 10). Embora não haja menção disso por parte do profeta, somos informados que Deus mandou um anjo que se dirigiu a Gideão, da tribo de Manassés. Quando o anjo se apresentou, ele estava malhando trigo no lagar (lugar feito para prensar uvas), para que pudesse escondê-lo dos midianitas.

A conversa entre o anjo e Gideão, que é fornecida nos versículos 12 a 21, chega ser engraçada. O anjo, talvez uma pré-aparição de Jesus no Velho Testamento, fala a Gideão como o vencedor que ele será no futuro próximo, mas Gideão responde sempre como o descrente, no qual ele e seus conterrâneos se haviam tornado. Ele conhecia as histórias do livramento do Egito, mas a realidade dele era de ter sido abandonado por esse Deus, que agora os entregara aos midianitas.

O fato de ser chamado de “varão valoroso” e do anjo ter dito a ele que Deus o escolhera para livrar os israelitas, soava a brincadeira para ele, mas ele resolveu dar ao anjo (em forma humana) o benefício da dúvida e pediu que ele permanecesse ali enquanto ele preparava uma oferta. Quando trouxe sua oferta, o anjo fez subir fogo da rocha para queimá-la e desapareceu miraculosamente de sua presença. Só então ele se conscientizou de que vira Deus face a face e que provavelmente morreria (versículo 22), mas Deus respondeu a ele dizendo que ficasse em paz, porque ele não morreria (versículo 23).

É interessante que a reação de Gideão seja de construir um altar, ao qual deu o nome de “o Senhor é Paz”, mas sobre o qual nada sacrificou. Como sinal de aprovação do seu monumento, Deus mandou que Gideão sacrificasse sobre o mesmo um dos bois de seu pai e que destruísse o altar a Baal e um poste ídolo que seu próprio pai havia construído.

Embora fossem de seu pai, Gideão teve receio de demolir os dois monumentos porque o povo em geral sacrificava sobre eles. Assim tentou ocultar seu ato fazendo-o à noite, mas foi descoberto e os homens queriam matá-lo por isso. Seu pai o impediu, contudo, ameaçando os homens de retaliação e dizendo que Baal, sendo deus, poderia defender a si mesmo.

Nos versículos 33 a 35 tem início a invasão anual dos midianitas e ficamos sabendo que o Espírito do Senhor veio sobre Gideão. Ele imediatamente convocou seus irmãos abiezritas, bem como os soldados das demais famílias da meia tribo de Manassés do lado oeste do Jordão. Além disso, convocou contingentes das tribos de Aser, Zebulom e Naftali.

Não obstante a unção do Espírito Santo, vemos nos versículos 36 a 40, que Gideão teve medo e que por duas vezes pediu provas ao Senhor de que ele realmente seria bem sucedido. A paciência de Deus com ele, provendo todas as evidências que ele precisava, contrasta com a impaciência que Deus demonstrou em relação à incredulidade de Moisés, no caso da água que jorrou da rocha em Meribá. Devemos lembrar, contudo, que a experiência de Gideão com Deus é quase nenhuma, enquanto a de Moisés se aproximava de 5 décadas. A experiência mostra que Deus é bem mais tolerante com as pessoas que não O conhecem, enquanto aqueles que já experimentaram a Sua fidelidade não têm mais o direito de duvidar dEle.

Abrir a Bíblia a esmo para procurar uma resposta de Deus é um procedimento que ganhou o nome de “técnica de Gideão”, por se tratar de uma forma similar àquela como ele testa Deus neste capítulo. Ela pode até funcionar, pela misericórdia de Deus, para aqueles que não O conhecem bem, mas não deve ser praticada por crentes que já têm experiência com Ele.

Juízes 7

Este capítulo começa com um curso intensivo de fé no qual Gideão teria que passar antes de estar pronto para enfrentar os midianitas. Ele tinha conseguido juntar 32.000 pessoas em seu exército, que já era pequeno comparado com o do dos adversários, que tinha pelo menos 135.000 pessoas (ver *Juízes 8.10*).

Antes de anoitecer ele chegou pelas montanhas a um ponto, de onde podia ver o exército dos inimigos lá embaixo no vale. Neste momento Deus fez um comentário que, aos olhos humanos, agravaria a situação, que já era difícil. Deus disse que havia muita gente com Gideão e que os israelitas poderiam pensar que sua vitória ocorreria por suas próprias forças. Depois de mandar embora os medrosos, Gideão viu seu exército reduzido a 10.000 homens e, obviamente, ficou muito preocupado. Para o seu desespero, contudo, Deus disse a ele que ainda eram muitos. Mais um teste e o número final foi reduzido a 300 homens. Mais 9.700 foram embora, mas deixaram suas trombetas e suas provisões com os 300.

Realmente esse seria um teste gigantesco de fé para Gideão, mas Deus foi misericordioso com ele e levou-o até os sentinelas do acampamento, para ouvir o sonho que um deles tivera. O sonho em questão mostrava que eles estavam apavorados com o exército de Gideão.

Todos conhecemos o desfecho da batalha. Gideão nem teve que lutar. Seus homens se limitaram a tocar suas trombetas e quebrar os fracos que tinham em suas mãos. A confusão no acampamento foi tão grande que eles começaram a matar uns aos outros, enquanto Gideão apenas assistia.

Alguns fugiram, mas para ir atrás destes ele convocou as demais tropas, inclusive de Efraim, e a vitória foi esmagadora.

Provérbios 24

Os textos dos provérbios normalmente dispensam esclarecimentos, pelo que serão escolhidos apenas os preferidos para comentar.

O versículo 5 diz que o sábio é mais poderoso que o forte. Obviamente a verdade desta citação reside no fato de que o forte normalmente se fia apenas em sua força e por isso mesmo realiza grandes tolices, enquanto o sábio, por estar estribado na Palavra de Deus, sabe quando recuar e evitar confrontos.

Os versículos 17 e 18 nos ensinam a não nos alegrarmos quando cair o nosso inimigo, porque o Senhor pode não se agradar disso e desviar dele a Sua ira. Podemos e devemos sempre louvar a Deus e nos alegrar pelas vitórias que Ele nos dá, mas a morte ou mesmo apenas a queda dos nossos inimigos deve ser motivo de lamento.

O versículo 24 nos fala das consequências relativas a declarar o ímpio como justo no juízo. Quem assim proceder será amaldiçoado pelos povos e detestado pelas nações. Por outro lado, o 25 prevê copiosas bênçãos para aqueles que julgam corretamente. Vivemos dias de grande exaltação dos ímpios, mas a lâmpada deles se apagará (versículo 20).

Os versículos 30 a 34 advertem contra a preguiça e ressaltam o fato de levar, inevitavelmente, à pobreza.

Provérbios 25

O versículo 11 nos mostra o grande valor de deixar para falar apenas no momento adequado, essa palavra será **como maçãs de ouro em salvas de prata**.

O versículo 21 é citado também por Paulo em *Romanos 12.20*. Diz respeito à forma como devemos tratar bem os nossos inimigos, para que se envergonhem, e o Senhor nos recompensará.

O versículo 28 compara o homem colérico com uma cidade derrubada que não tem muros. É muito vulnerável!

Provérbios 26

O versículo 7 compara o provérbio na boca do tolo às pernas de um aleijado, que têm pouca utilidade.

Ao longo de todo o livro de Provérbios, as citações falam do pequeno valor do tolo. O versículo 12, contudo, faz uma comparação na qual o tolo sai enaltecido, por ser ainda mais tolo aquele que é sábio aos seus próprios olhos.

O versículo 17 compara a pessoa que se mete desnecessariamente em questões alheias à pessoa que tenta segurar um cão pelas orelhas.

O versículo 20 nos ensina que a melhor maneira de acabar com uma contenda é afastando o difamador que deu início à mesma. Isso equivale a tirar a lenha do fogo, fazendo com que este se apague.

Semana 39 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (2)

Texto: Juízes 8-14 e Provérbios 27-28

Estação 19

Juízes 8

Este capítulo narra a extensão da vitória dos israelitas sobre os midianitas, mas mostra ao mesmo tempo o quanto o relacionamento entre as tribos de Israel era difícil. O primeiro problema enfrentado por Gideão foi com os efraimitas. Ele os havia chamado para ajudar a capturar dois reis dos midianitas que fugiram após a primeira batalha. Eles os haviam capturado e matado, mas quando se encontraram com Gideão logo a seguir, se dirigiram a ele agressivamente por não tê-los chamado antes para participar da primeira batalha. Gideão foi bastante político e atribuiu ao feito deles muito maior valor que ao seu próprio e, assim, abrandou os ânimos.

Ele e seus 300 homens, contudo, estavam, ainda, perseguindo dois outros reis midianitas que haviam fugido, Zera e Zalmuna. Passando por Sucote e Penuel, duas cidades israelitas, ele pediu que alimentassem suas tropas, mas em ambos os lugares o pessoal se negou, por não acreditar que aquele pequeno grupo pudesse prender os reis em apreço.

Somos informados, no versículo 12, que Gideão com seus 300 homens derrotou os 15mil que fugiam com Zera e Zalmuna e ainda prendeu os dois reis, trazendo-os de volta a Israel consigo, onde depois os matou. Ao passar por ambas as cidades ele castigou aqueles que haviam negado apoio a suas tropas.

Ele recusou, a seguir, um convite dos israelitas para reinar sobre eles e viveu sossegadamente morrendo em boa velhice, apoiado pelos 70 filhos, que gerara de várias esposas. O texto registra que ele tivera, ainda, um filho com uma concubina de Siquém, de nome Abimeleque, mas que não morava com ele.

Novamente o povo viveu em paz por 40 anos, mas os últimos versículos já nos falam dos israelitas cultando a Baal-Berite e se esquecendo do Senhor. Como se isso não bastasse somos informados que desrespeitaram a memória de Gideão. Isso será visto no próximo capítulo.

Juízes 9

Este capítulo traz uma triste história de traição e morte no seio da família de Gideão. Lembramos que ele tivera 70 filhos legítimos e um ilegítimo, Abimeleque, por ser filho de uma concubina de Siquém. Pois bem, a narrativa começa com Abimeleque indo a Siquém para buscar o apoio dos seus tios, irmãos de sua mãe, para que ele reinasse

sobre eles, na condição de filho de Gideão, ao invés dos seus 70 filhos legítimos, mas que não eram “sangue do seu sangue”.

Para encurtar a estória, ele não só se tornou rei, mas também ganhou dinheiro suficiente para comprar um pequeno exército de voluntários (vadios), que passaram a lutar com ele. Com este pequeno exército, ele foi à casa de seu pai e matou todos os seus irmãos com exceção do mais novo, Jotão, que conseguiu escapar.

A Bíblia não nos informa acerca da abrangência do reinado de Abimeleque, mas pelo menos reinou sobre algumas cidades, dentre as quais Siquém, Bete-Milo e Tebes. No dia de sua coroação, Jotão se fez presente, mas a uma distância segura para que não fosse pego, e de lá gritou criticando a monstruosidade daquilo que fora feito por Abimeleque e pelo povo de Siquém contra Gideão. Junto com suas críticas pronunciou uma maldição, segundo a qual Abimeleque e as cidades de Siquém e Bete-Milo se destruiriam mutuamente.

Passados 3 anos, eles realmente se desentenderam e Abimeleque marchou contra as duas cidades. No tocante a Siquém, ele a destruiu praticamente por completo, com uma matança bárbara de homens e mulheres. Ao tentar fazer o mesmo com Bete-Milo ele acabou morto por uma mulher que jogou sobre a sua cabeça uma pedra de moinho.

O versículo 56 nos diz que isso foi obra de Deus para que Abimeleque sofresse as consequências do mal que fizera a seus irmãos, filhos de Gideão.

Juízes 10

O capítulo 10 menciona mais dois juízes que reinaram sobre Israel, um de nome Tola, da tribo de Issacar, que julgou por 23 anos, e o outro chamado Jair, da tribo de Manassés do lado oriental do Jordão, que julgou Israel por 22 anos.

No versículo 6, somos informados que Israel voltou a pecar contra o Senhor e que serviram aos deuses das nações circunvizinhas, pelo que, mais uma vez, a ira d'Ele se acendeu contra eles, pelo que os entregou tanto aos amonitas quanto aos filisteus. Desta vez, contudo, quando clamaram a Ele, respondeu que não os livraria mais. Que procurassem livramento dado pelos deuses a quem serviam.

Obviamente deuses que não o são tampouco podem livrar quem quer que seja, pelo que os israelitas se humilharam diante de Deus e jogaram fora os seus ídolos, que compadecendo-se deles, Ihes mandou Jefté, que é tratado no próximo capítulo.

Juízes 11

A história de Jefté, da tribo de Gade, é instigante pela forma como ele, filho de uma prostituta, rejeitado pelos filhos legítimos de seu pai, conseguiu dar a volta por cima e

tornar-se juiz em Israel. Seus irmãos o haviam expulsado e ele fugira para Tobe (possivelmente fora de Israel), mas o trouxeram de volta quando precisaram de uma pessoa valente para combater os amonitas. Ele aceitou voltar em troca de um cargo de liderança e fez um excelente trabalho à frente do exército de Israel.

Antes de se engajar numa guerra contra os amonitas, ele procurou acertar o relacionamento através de negociações, mas os amonitas não estavam dispostos a aceitar a verdade, ou seja, que nunca foram donos da terra que estavam pleiteando.

O exército de Jefté contou com o apoio de Deus e rapidamente acabou com as tropas amonitas, mas ele havia feito um juramento antes de sair à guerra, segundo o qual sacrificaria ao Senhor, caso lhe desse vitória, a primeira coisa que saísse de sua casa.

Infelizmente a primeira coisa que encontrou tão logo chegou em casa foi sua única filha. Sem dúvida foi um voto tolo, mas ele não quis deixar de cumprir o seu voto. Assim sendo, seu voto foi mantido e sua filha foi sacrificada.

Juízes 12

Já tínhamos visto, quando falamos a respeito de Gideão, o quanto ele precisou ser sábio no trato com Efraim para evitar conflito com eles, devido à sua soberba. Este capítulo começa mostrando um conflito similar que os efraimitas armaram contra Jefté. Dessa vez, contudo, eles foram muito mais longe, porque não só reclamaram por não tê-los chamado para participar da guerra contra os amonitas, como também o ameaçaram dizendo que estavam dispostos a queimar a casa dele em represália, com ele dentro.

Infelizmente, Jefté não teve a mesma boa vontade que teve Gideão. Ele tentou mostrar a eles que haviam sido convocados sim, mas que eles não haviam atendido à sua convocação. Como não se acalmaram, ele reagrupou o seu exército e aceitou a provocação deles.

O resultado foi uma grande mortandade entre os efraimitas, onde a contagem de mortos chegou a 42.000. Mesmo depois de vencerem os efraimitas, as tropas de Jefté ainda mataram os efraimitas fugitivos que tentavam transpor o Jordão, mas eles os identificavam pela dificuldade que tinham em relação à pronúncia das letras “ch”, que pronunciavam como “x”.

Depois da morte de Jefté, que julgou Israel por 6 anos, foram juízes a seguir Ibsã, um judeu de Belém, depois Elom, um zebulonita, e depois Abdom, um efraimita, que julgaram Israel por 7, 10 e 8 anos, respectivamente.

Juízes 13

Este capítulo narra o anúncio do envio de Sansão para livrar os israelitas da opressão dos filisteus. Eles invadiram Canaã por volta do século XIII a.C. e ocuparam as terras da

costa do Mediterrâneo. Devido ao pecado do povo de Israel, Deus havia excitado os filisteus contra eles e o seu domínio já se estendia por 40 anos.

O casal escolhido por Deus para dar berço àquele que iniciaria as lutas de libertação contra os filisteus era da tribo de Dã. O nome do homem era Manoá e o da mulher não é dado a conhecer, embora fique claro no texto que se trata de uma mulher de fé e grande discernimento.

Embora ela fosse estéril, um anjo do Senhor apareceu a ela e lhe disse que daria luz a um menino, que seria nazireu desde o ventre. Ela não deveria beber nada com teor de uva, nem tampouco comer qualquer alimento impuro.

A mulher contou tudo a Manoá, que implorou ao Senhor que o anjo retornasse para dar maiores diretrizes sobre a forma como deveriam cuidar do menino. Deus atendeu ao seu pedido e o anjo repetiu para ele as mesmas palavras que já dissera a sua esposa.

Ambos ficaram maravilhados com as coisas que o anjo fez e Manoá chegou a achar que morreria por ter visto a Deus, mas sua mulher teve mais bom senso e o convenceu que Ele não teria tido esse trabalho todo para depois matá-los.

A criança nasceu e recebeu o nome de Sansão, sendo abençoada por Deus, que o ungiu com o Seu Espírito Santo.

Juízes 14

Neste capítulo Deus dá início às lutas de Sansão contra os filisteus, fazendo uso da deficiência dele no tocante à forma como era despertado pelas mulheres. Ele foi à cidade filistéia de Timnate e se apaixonou pelo primeiro rosto bonito que viu ali, pelo que pediu a seu pai para tomá-la por esposa para ele. É claro que seus pais foram ambos contra, mas prevaleceu a sua vontade.

É muito interessante como Deus arma toda a trama do leão, da colmeia formada no corpo deste e do enigma proposto por Sansão, para que este se frustrasse com a traição da mulher que tomara por esposa.

Gostamos de pensar nos homens, ungidos pelo Espírito de Deus, como pessoas de moral inquestionável, mas a prática nos mostra que nem sempre é assim e Sansão é um excelente exemplo. Essa sua deficiência é tão exacerbada, que o leva a cometer erros tolos e, no final, à morte. Deus usa Sansão, porque essa era a Sua intenção desde o início, mas precisa fazê-lo mais através de suas deficiências do que suas virtudes. Sem dúvida ficamos todos a nos perguntar que grande bênção Sansão realmente poderia ter sido para o povo israelita se não fosse a sua fraqueza em relação às mulheres.

É claro que o exemplo de Sansão não está na Bíblia para que fiquemos surpresos com sua “burrice” e, sim, para que pensemos também na bênção que Deus queria que nós fôssemos, mas que talvez possamos ter impedido devido às nossas próprias fraquezas.

Este capítulo se encerra com Sansão matando 30 filisteus de Asquelom para pagar sua dívida de 30 vestes, que perdera graças ao enigma revelado por sua esposa.

Provérbios 27

Os provérbios deste capítulo que mais me agradam são comentados a seguir. No versículo 2 aprendemos que não devemos nos auto-elogiar e que o elogio feito por terceiros tem muito mais valor.

Já no versículo 4 somos ensinados o quanto a inveja consegue ser pior que outros sentimentos como o rancor e a fúria, que provocam crueldade e destruição, respectivamente.

O versículo 5 nos ensina que o amor oculto pelo amigo faz com que deixemos de repreendê-lo, achando que protegemos a amizade. Na realidade a repreensão sincera no momento certo mostra muito mais o nosso amor por ele.

No versículo 12 aprendemos que há sabedoria em evitar as brigas, enquanto o tolo aceita a provocação e sofre as consequências decorrentes das lutas.

O versículo 15 nos fala da mulher briguenta ou rixosa. É muito difícil passar o dia a ouvir reclamações. Salomão a compara a um gotejar constante num dia chuvoso. Tentar fazer com que pare é similar a tentar parar o vento, ou a apanhar óleo com a mão.

O versículo 21 nos diz que a forma como a pessoa se comporta ao ser elogiada nos fala muito do seu caráter. O fato, por exemplo, dela ficar “inchada” nos fala abertamente de sua soberba.

Provérbios 28

O versículo 4 retrata a política da atualidade. Há muita gente elogiando os ímpios e poucos são os que lutam contra eles. Continuando no versículo 5, são muitos os maus que não entendem a justiça (nem a querem entender), enquanto aqueles que buscam o Senhor e a entendem plenamente se tornaram extremamente escassos.

Há um pensamento interessante no versículo 8, segundo o qual quem aumenta o seu dinheiro com juros exorbitantes, ajunta para outra pessoa que será misericordiosa com os necessitados. Isso só é possível pela providência divina.

O versículo 12 também expressa a realidade atual. Quando os justos sobem ao poder, há prosperidade geral, mas, quando os ímpios o detêm, os homens tratam de se esconder. Isso ocorre porque o dano é geral.

O provérbio do versículo 19 é muito interessante: Quem lavra sua terra terá comida com fartura, mas quem persegue fantasias fartar-se-á de misérias. Perseguir fantasias é uma

forma interessante de referir-se a direitos sem obrigações. Quem lavra, cumpriu sua obrigação e terá a comida e o lucro dela por direito. Quem procura direitos sem querer se comprometer com obrigações é fantasioso e não merece crédito.

O versículo 27 é uma realidade divina: Quem dá aos pobres não passará necessidade, mas quem fecha os olhos para não vê-los sofrerá muitas maldições. O amor a Deus em primeiro lugar e o amor ao próximo em segundo, cumpre toda a lei. Além disso, já vimos que Deus supre para aqueles que assim procedem.

Semana 40 - A Fidelidade e a Infidelidade do Povo de Israel (3)

Texto: Juízes 15-21 e Provérbios 29-31

Estação 19

Juízes 15

Este capítulo dá continuidade à vida conturbada de Sansão, movida por seus sentimentos pessoais, à medida que Deus os usa para a realização de Sua vontade.

Passado o rancor causado pela traição de sua esposa, com quem celebrava ainda o casamento, Sansão achou que poderia voltar à sua casa e continuar o casamento de onde havia parado. O pai da moça, contudo, entendera que ele havia desistido dela e já a dera a outro, pelo que não permitiu que Sansão tivesse relações com ela. O resultado disso foi mais um acesso de rancor de Sansão, que queimou os campos de colheita dos filisteus, usando para tanto raposas puxando uma tocha acesa.

A reação dos filisteus, ao saberem que fora ele, foi queimar a casa do sogro de Sansão, matando a todos na casa. Isso gerou outra fúria de Sansão, que dessa vez fez uma grande mortandade entre os filisteus, da qual não temos detalhes (versículo 8).

Sansão voltou para Israel, mas ficou isolado no penhasco de Etã. Enquanto isso os filisteus organizaram um exército e se dirigiram à sua cidade, Leí, onde negociaram com os habitantes a entrega dele amarrado, como condição de não fazerem uma matança. Estes, por sua vez, negociaram o mesmo com Sansão e o entregaram amarrado aos filisteus.

Mais uma vez o Espírito do Senhor veio sobre ele, que rompeu as cordas que o amarravam e matou todo o exército de 1.000 homens com uma queixada de jumento, que encontrou no chão.

Chama atenção a forma agressiva como ele se dirige a Deus, pedindo água após a mortandade, e Deus o atendendo assim mesmo.

O capítulo se encerra dizendo que seu período de juízo foi de 20 anos, ou seja, foi um dos mais longos desse período de liderança conturbada. Esse versículo não nos permite pensar em Sansão como um monte de músculos sem qualquer juízo, como pareceu até agora. Durante 20 anos as pessoas efetivamente traziam suas questões, para que ele as julgasse e decidisse entre o certo e o errado.

Juízes 16

É lamentável que Sansão não tenha se envolvido em nada que não estivesse relacionado ao seu apetite sexual incontrolável. Neste capítulo nós o encontramos

primeiro com uma prostituta, da casa de quem sai à meia noite para depois arrancar e carregar consigo os portões da cidade de Gaza.

O evento seguinte, de mesma natureza, é a conhecida estória do relacionamento dele com Dalila. Foi oferecido a ela um montante de 5.500 moedas de prata (cerca de 750 mil reais) para que ela descobrisse o segredo da sua força. Ela fez várias tentativas frustradas, mas tanto insistiu até que ele revelou a ela o seu nazireado. Assim sendo, tão logo ele teve seus cabelos cortados, foi subjugado e teve os olhos vazados, dando fim, assim, à sua carreira de juiz de Israel. Como se isso não bastasse, foi colocado girando um moinho.

Para celebrar a vitória sobre Sansão, supostamente dada aos filisteus pelo seu deus Dagom, eles convocaram o povo para assistir uma demonstração com ele na casa do deus Dagom, onde Sansão os divertiria brincando para eles.

A oração final de Sansão, pedindo a Deus que lhe fizesse recobrar a sua força para derrubar as colunas do templo e assim morrer com os filisteus, é o seu último ato, matando 3.000 pessoas. É inevitável, contudo, que nos perguntemos quanto mais Deus poderia ter feito através desse homem se não tivesse sido tão fraco e tolo em relação a sexo.

Juízes 17

O livro de juízes mostra uma decadência espiritual constante à medida em que o tempo passa. Neste capítulo somos apresentados a um homem efraimita chamado Mica, mostrando que passa de ladrão de sua própria mãe a um homem que se arrepende e tenta de várias maneiras consecutivas resolver o seu problema de relacionamento com Deus, mas sempre de sua própria maneira. Ele mostra, assim, um retrato do total desconhecimento que tinha da aliança que Israel fizera com o Senhor, mas também sem qualquer tentativa de conhecê-la.

O capítulo começa com Mica confessando à mãe que roubara suas 1.100 moedas de prata, cujo valor atual é de aproximadamente 150 mil reais. Ela fica contente pela recuperação do dinheiro, mas quer fazer com ele algo pelo filho, pelo que faz, com parte dele, uma imagem e um ídolo de metal. Obviamente a mãe queria o melhor para o filho arrependido, mas o total desconhecimento tanto da mãe como do filho, mostra o quão pouco eles conhecem a respeito do Deus de Israel.

Para fazer uso destes objetos religiosos, Mica sabia que precisava de um sacerdote, pelo que consagrou um dos seus filhos, não obstante não ser levita. Logo a seguir, contudo, aparece, para ele, vindo de Belém de Judá, um levita procurando trabalho. Fica claro, portanto, que em Judá, e provavelmente em todas as outras tribos de Israel, os dízimos não estavam sendo recolhidos, pelo que os levitas estavam passando fome. Em *Juízes 18.30* somos informados que o levita se chamava Jônatas e que era filho de Gérson, filho de Moisés. Considerando que Gerson talvez tivesse nascido há uns 80 anos, seu filho talvez tivesse 40, pelo que pode ter sido filho ou neto de Gerson.

Em chegando à casa de Mica, este contempla a oportunidade de acertar essa questão do sacerdócio, que ele sabia ter que ser levítico. Assim sendo, ele oferece ao jovem casa, comida e uns 100 reais por ano de salário, que o levita aceita prazerosamente.

O capítulo termina com o Mica afirmando que agora ele sabia que Deus Se agradaria dele e o abençoaria, porque seu sacerdote era um levita.

Juízes 18

O primeiro versículo do capítulo 19 nos situa no tempo, pois vimos que a tribo de Dã ainda não tinha a sua herança definida. Podemos supor, portanto, que havia uns 5 anos que haviam entrado na Terra Prometida e que os danitas estavam, ainda, procurando a parte da terra que lhes caberia.

Nestas condições foram escolhidos 5 homens danitas para investigarem a terra, para assim poderem propor um bom lugar para os danitas. Estes partiram e, ao longo do caminho, passaram pela casa de Mica, onde encontraram o levita Jônatas, que lhes era conhecido. Jônatas seria de Belém de Judá e talvez o conhecessem de lá, mas o fato de ser neto de Moisés aumentava bastante as chances de ser uma pessoa conhecida.

Eles se informaram das condições do menino ali e pediram que consultasse a Deus para saber se a sua missão seria bem sucedida. Tendo ouvido uma resposta positiva, os cinco partiram, seguindo o seu caminho.

Eles chegaram a uma cidade sidônia chamada Laís, que era um lugar autossuficiente e que vivia sem relacionamento com outras cidades. Assim sendo, voltaram e animaram os seus irmãos a tomarem-na porque seria um excelente lugar para os danitas.

No versículo 11 vemos que partiram, então, para a luta contra Laís um grupo de danitas de umas 600 pessoas. No caminho passaram pela casa de Mica, enquanto os soldados ficavam lá fora; os 5 conhecidos de Jônatas entraram na casa, pegaram os seus ídolos de trabalho e partiram levando consigo tanto o levita quanto os ídolos pertencentes a Mica.

Mica ainda tentou persegui-los, mas por estar em franca desvantagem numérica, ele acabou desistindo.

A campanha dos danitas foi bem sucedida, pois tomaram a cidade que passou a se chamar Dã. A Jônatas eles instituíram como sacerdote deles e de toda a tribo de Dã.

Juízes 19

Neste capítulo temos a narração de uma das histórias mais deprimentes de toda a Bíblia. Ela começa com o casamento de um homem de Efraim com uma mulher de Belém de

Judá, mas que infelizmente adultera com outro homem e foge de volta para a casa do pai em Belém.

Depois de um período de 4 meses, o marido resolveu tentar trazer de volta a sua mulher, pelo que partiu de Efraim para Bélem, onde foi bem recebido pelo sogro, que ficou muito contente com o reatamento.

Depois de alguns dias de celebração pela volta do casamento, o efraimita finalmente retomou o seu caminho de volta para casa. O sol se pôs quando chegaram a Gibeá, da tribo de Benjamim. Seria usual, à época, que alguém o acolhesse em sua casa, mas isso não ocorreu a princípio, pelo que ele se instalou numa praça da cidade.

Um senhor idoso, que voltava tarde do campo, o viu ali e resolveu levá-los para a sua casa, onde estavam comendo e conversando alegremente, quando bateram à porta os homens da cidade querendo ter relações homossexuais com o homem de Belém.

Vamos nos lembrar que houve um evento similar com Ló em Sodoma, um dia antes da destruição da cidade, mas aqui estamos numa cidade israelita, poucos anos após a tomada da Terra Prometida. Uma extrema corrupção sexual dessa natureza era uma coisa inimaginável, mas estava acontecendo.

O dono da casa implorou para que não fizessem tal coisa, mas se recusaram a desistir, mas no final se deram por satisfeitos estuprando a esposa/concubina do homem de Efraim, até pela manhã.

Quando o homem se levantou para partir e abriu a porta, lá estava a moça inconsciente. Ele a colocou sobre o seu animal e voltou para casa, onde aparentemente já chegou morta.

Para que tamanha torpeza ficasse bem conhecida entre as tribos de Israel, o efraimita cortou o corpo da concubina em 12 pedaços e enviou uma para cada tribo juntamente com uma narrativa do que ocorrera.

Juízes 20

Este capítulo narra a batalha das 11 tribos de Israel contra os benjamitas, em função do pecado cometido pelos homens de Gibeá e que foi objeto do capítulo anterior.

O efraimita que enviara pedaços de sua concubina a todas as tribos gerou tamanha indignação entre os filhos de Israel, que se juntaram em Mizpá, para discutir o assunto, 400 mil homens. Estes primeiro se inteiraram dos detalhes e depois pediram aos benjamitas que entregassem aqueles que haviam cometido tamanho pecado, para que fossem mortos pelo mesmo. Infelizmente os seus irmãos benjamitas não atenderam ao pedido de Israel e decidiram que sairiam em combate contra eles, para o que juntaram um exército de 26.700 homens (versículo 15).

Os filhos de Israel consultaram o Senhor perguntando qual das tribos deveria subir primeiro para lutar contra os benjamitas e o Senhor determinou que subisse primeiro a tribo de Judá. Devemos lembrar aqui que esta consulta era feita pelo Sumo Sacerdote (possivelmente Finéias nessa época, com base no versículo 28) utilizando para tanto o Urim e o Tumim. Aparentemente os israelitas, por estarem lutando em nome da preservação da lei, achavam que a vitória seria certa.

Nesta batalha a vitória foi francamente benjamita, com Israel perdendo 22 mil homens (versículo 21). Envergonhados e confusos, os israelitas voltaram a consultar o Senhor se tornariam a lutar contra os seus irmãos benjamitas e a resposta do Senhor foi afirmativa. Assim sendo, ordenaram nova batalha contra eles e surpreendentemente voltaram a perder 18 mil homens.

Dessa vez a coisa ficara ainda mais desconcertante, pelo que a própria consulta a Deus estava sendo questionada. Ele não havia confirmado que deveriam batalhar? Como, pois, haviam perdido novamente?

Qualquer resposta que se dê aqui é especulativa, mas Deus é fiel, pelo que o fato de Ele responder através do Urim e Tumim não assegurava aos israelitas o sucesso na batalha. O sucesso do vencedor no Reino de Deus é assegurado por ser este um guardador dos Preceitos do Senhor (ver *Salmos 119.165*, por exemplo).

Dessa vez não se aproximaram de Deus com uma simples consulta, mas choraram perante o Senhor, jejuaram durante todo o dia e ofereceram holocaustos e ofertas de comunhão. Só aí, então, consultaram o Senhor para ver se era essa a Sua vontade. Deus desta feita não apenas confirmou que queria que batalhassem novamente, mas que os benjamitas seriam entregues em suas mãos (versículo 28b).

As duas batalhas anteriores haviam sido realizadas com ataques diretos a Gibeá, onde os israelitas levavam desvantagem. Na terceira batalha armaram uma emboscada similar à que Josué armara para Ai. Cerca de 10 mil soldados se esconderam atrás da cidade, enquanto o restante das tropas fingia perder num ataque frontal igual às vezes anteriores.

Animados pela autoconfiança, os benjamitas saíram da cidade atrás dos israelitas que fugiam, enquanto os 10 mil tomaram a cidade de Gibeá e tocaram fogo na mesma. Quando os benjamitas perceberam que haviam sido enganados era tarde, porque já havia tropas à sua frente e na sua retaguarda saindo da cidade. Morreram entre eles 25.100 pessoas, sobrando apenas 600, que fugiram para a rocha de Rimom, onde permaneceram por 4 meses.

Há um pequeno problema com os números porque se havia 26.700 soldados de Benjamim e os israelitas mataram 25.100, teriam que sobrar 1.600, mas isso é um problema comum com números bíblicos.

Para terminar, somos informados que os israelitas voltaram para todas as outras cidades benjamitas e mataram toda alma vivente, como se fosse um povo idólatra. A tribo de Benjamim havia sido praticamente eliminada.

Juízes 21

Este capítulo narra a tristeza dos israelitas com a quase total destruição da tribo de Benjamim, bem como o empenho em tentar ressuscitá-la procurando novas esposas para os 600 homens sobreviventes da batalha, cujas famílias haviam sido completamente eliminadas como se cananeus fossem.

Para dificultar a solução do problema, as outras 11 tribos haviam jurado que não dariam qualquer de suas filhas a um benjamita em casamento. Assim sendo, as opções para arranjar esposas para eles teriam que ser criativas e radicais.

A primeira ideia que surgiu para sanar o problema foi verificar se alguma tribo ou cidade havia deixado de comparecer à convocação feita por todo o Israel para que estivessem ali. Eles haviam jurado de morte quem não comparecesse. Fez-se uma busca e foi constatado que ninguém de Jabes-Gileade tinha atendido à convocação.

Jabes-Gileade era uma cidade de Manassés do lado leste do Jordão situada a uns 3km do rio. A decisão de mandarem tropas para a cidade, matar todos os homens e mulheres casadas e deixar com vida apenas as virgens parece extremamente radical, mas os juramentos feitos eram sagrados, pelo que a ordem foi cumprida independente de quão radical pareça. Ressalta-se, contudo, que a cidade não foi destruída e alguns homens devem ter escapado, porque há registros bíblicos, mais adiante, dos feitos dos homens de Jabes-Gileade. Seja, por exemplo, o ato heroico deles resgatando os corpos de Saul e seus filhos, que os filisteus haviam pendurado num muro da cidade de Bete-Seã, que é descrito em *ISamuel 31.11-13*.

Foram resgatadas de Jabes-Gileade um total de 400 virgens, que já resolveram 2/3 do problema dos benjamitas, mas restavam 200 deles, para os quais não havia, ainda, esposas.

A segunda solução radical para o problema foi concebido por alguém que sabia que havia uma festa anual em Siló, onde as moças saíam para dançar fora da cidade. Foi sugerido, então, que os 200 benjamitas se escondessem ali nos campos e que agarrassem as moças necessárias quando por ali passassem. Obviamente isso não foi dado a conhecer aos pais das moças senão após o feito, mas foram convencidos de que se tratava de uma boa causa, além do fato de não terem quebrado o seu juramento, porque suas filhas haviam sido tomadas e não entregues voluntariamente.

O livro de *Juízes* se encerra dizendo que naqueles dias não havia rei em Israel e cada um fazia o que bem entendia. Sem dúvida essa é uma forma do autor do livro de justificar a queda de moral pelas coisas que ocorreram durante esse período.

Provérbios 29

Neste capítulo de *Provérbios* é difícil escolher os prediletos porque são muitos os ensinamentos maravilhosos.

Os versículos 2, 4, 12 e 14 falam a respeito de opções de governo. Aqueles que o fazem com justiça e equidade estabelecem o seu governo para sempre. Por outro lado, aqueles que buscam o proveito financeiro não de sucumbir.

Os versículos 3, 15 e 17 trazem ensinamentos sobre a vantagem de castigar os filhos durante a infância para que aprendam a sabedoria enquanto é tempo. Esses são os que trazem alegria aos pais.

A promessa do versículo 16 é um alento para os que se entristecem com a iniquidade reinante nos dias de hoje. Vemos a multiplicação dos ímpios e de seus atos de injustiça, mas temos a promessa de que nós, os justos, veremos a sua queda.

Provérbios 30

Não sabemos quem é Agur, mas sabemos, com certeza, que se trata de uma pessoa humilde, tendo em visto o que diz de si mesmo. Ele se diz o mais tolo dos mortais, que não tem o entendimento que deveria ter. Não aprendeu a sabedoria e nem tampouco tem o conhecimento de Deus, mas sabe o quanto é poderoso para subir e descer dos céus, ajuntar os ventos nas mãos, embrulhar as águas em sua capa e fixar as extremidades da terra. Ele não sabe Seu Nome, nem o nome de Seu Filho.

O que ele sabe com certeza é que todas as Suas Palavras são puras e que aquele que não se refugia em Ele tem nele um excelente escudo. Por isso mesmo, ele pede que Deus o preserve, de modo a nunca ceder à falsidade e à mentira e que Ele conceda que ele tenha dinheiro suficiente apenas de modo a não lhe subir a soberba à cabeça (versículos 5 a 10).

A partir do versículo 11 o autor deste provérbio fala a respeito de grupos de 4 coisas que ele procura citar. Nos versículos 11 a 14 ele dá exemplos de pessoas que são objeto de sua própria arrogância. Nos versículos 15 a 17 ele fala de 4 coisas que simplesmente não se bastam. Mais uma vez nos versículos 18 a 20 ele fala de 4 coisas que julga serem maravilhosas. Nos versículos 21 a 23 ele menciona 4 coisas intoleráveis, em 24 a 28 4 coisas pequenas e sábias e em 29 a 31 4 coisas nobres.

Finalmente, ele encerra com uma chamada novamente à humildade nos versículos 32 e 33.

Provérbios 31

Este último capítulo de Provérbios começa com algumas recomendações sábias, que faz a seu filho, a mãe do rei Lemuel. Ela começa sugerindo que ele tenha cuidado com as mulheres, para que não o dominem. Em segundo lugar diz a ele que o álcool não é adequado para os reis, por poder levá-los a cometer injustiças. Em sua experiência, ela recomenda que seja usado apenas pelas pessoas que estão sofrendo. Em último lugar recomenda que seu filho abra a boca para clamar contra desonestidades realizadas contra os desamparados, pobres e necessitados.

A partir do versículo 10 ela descreve para o filho as qualidades que julga que deve ter a mulher exemplar. Não há dúvida que a mulher descrita por ela é o sonho de casamento de qualquer homem de bom senso.

Uma mulher exemplar: feliz é o homem que encontra uma mulher assim!

- Ela tem muito mais valor do que ricas jóias.
- Seu marido tem nela toda confiança e nunca falta a ele coisa alguma.
- Ela vive para lhe fazer o bem, todos os dias da sua vida.
- Escolhe os produtos com os quais vai trabalhar e se deleita em fazer o trabalho ela mesma.
- Ela supre todas as necessidades da casa e antes mesmo do dia clarear ela já preparou as refeições de todos e administra bem os empregados que tem à sua disposição.
- Ela tem um excelente tino para negócios e não perde uma boa oportunidade para investir. Seus ganhos são expressivos e sempre reinvestidos adequadamente.
- Ela se entrega com vontade ao seu trabalho, que ela mesma toca com braço forte.
- Seu negócio é lucrativo e ela está a par de tudo o que nele se passa. Ela controla tudo.
- Apesar de ser uma mulher de negócios ela acolhe os necessitados e ajuda sempre os pobres.
- Seu marido e filhos estão sempre bem apresentados e vestidos para a estação própria.
- Ela cuida de tudo da casa, onde cuida tanto do linho fino como de todos os materiais que os empregados usam. Nunca falta coisa alguma.
- Por causa dela, seu marido é respeitado na cidade, onde é admirado sempre que passa.
- Ela se reveste de força e dignidade e está sempre bem disposta para o que der e vier.
- Fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar à preguiça.
- Seus filhos se levantam e a elogiam atribuindo a ela todo o cuidado e a educação que tiveram.
- Seu marido também a elogia, dizendo: "Muitas mulheres são exemplares, mas você a todas supera".
- A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme ao Senhor será elogiada.
- Que ela receba a recompensa merecida, e as suas obras sejam elogiadas à porta da cidade.

Semana 41 - O Compasso da Graça

Texto: Gálatas 1 a 6

Estação 20

Gálatas 1

A Galácia era um distrito provincial que fazia parte do Império Romano, conforme indicado na figura 41-1, abaixo.



Figura 41-1 - Império Romano, com a Galácia em vermelho no ano 125a.D. /37/

Paulo iniciou o seu trabalho entre os gálatas em sua primeira viagem missionária e, por isso mesmo, tinha com eles um excelente relacionamento. Quando o trabalho foi iniciado, aparentemente ele estava doente e recebeu deles uma acolhida muito boa, que fortaleceu os laços de amizade entre eles. Ele esteve com eles nas 3 viagens, visitando as igrejas de Derbe, Listra e Icônio.

Mais adiante chegaram à Galácia, vindos de Jerusalém, alguns judeus, que insistiam na necessidade deles se tornarem judeus (principalmente se deixando circuncidar), para que pudessem pertencer à Igreja de Jesus Cristo.

Embora não fossem, necessariamente, mal intencionados, eles aparentemente disseram aos gálatas, que o ensino de Paulo, contrário ao que estavam dizendo, não era suportado pelos principais apóstolos (Pedro, João e Tiago), que eram os “colunas” da Igreja em Jerusalém.

Esse, portanto, é o pano de fundo da carta de Paulo aos gálatas, que passamos agora a abordar. É importante ressaltar, antes disso, que nessa época não conhecemos a posição exata de Pedro, João e Tiago, visto que essa só foi definida em um Concílio realizado em Jerusalém, registrado em *Atos 15*, quando a posição paulina foi oficializada.

As saudações de Paulo são todas semelhantes, mas de um modo geral não são tão extensas quanto ocorre aqui. Paulo só vai começar a falar do seu assunto principal no versículo 6, mas desde a introdução ele já está falando da autoridade que lhe foi delegada por Jesus e pelo próprio Pai, além do fato de não ter sido comissionado por qualquer apóstolo de Jerusalém. Sua saudação também se faz em nome de todos os seus colaboradores, certamente conhecidos igualmente dos gálatas.

No versículo 3 ele deseja a eles a graça e a paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus, aos quais ele louva nos versículos 4 e 5.

No versículo 6 Paulo começa, então, a mostrar a sua perplexidade pelo fato dos gálatas terem abandonado tão rapidamente o Evangelho de Jesus Cristo, para o qual haviam sido convocados pelo próprio Deus, trocando-o por outro evangelho.

Além disso, esse outro evangelho, nem outro é e, sim, uma corrupção do Evangelho de Jesus Cristo, introduzida por perturbadores que ali chegaram. Paulo entende completamente o perigo associado a um evangelho vinculado à lei e está tão esquentado com o ultraje de ser pregado algo assim entre os gálatas, que ele amaldiçoa duas vezes seguidas quem assim o faz.

No versículo 10 Paulo nos dá a entender que estaria sendo acusado de permitir a entrada de gentios na igreja de forma facilitada apenas para agradá-los. Nos 2 versículos seguintes, contudo, ele deixa claro que o evangelho que ele prega foi recebido diretamente de Deus por revelação, de modo que ele está simplesmente sendo fiel ao mesmo.

Nos versículos 13 e 14 Paulo fala a respeito do seu comportamento no Judaísmo, de como era zeloso do mesmo a ponto de perseguir a Igreja de Jesus Cristo. Mesmo assim, Deus tinha para ele outros planos desde o seu nascimento, sendo da vontade dEle que ele fosse pregador desse evangelho entre os gentios.

Quando isso aconteceu, ele não voltou a Jerusalém para combinar alguma coisa com os apóstolos, mas foi para a Arábia e depois voltou a Damasco. Só 3 anos mais tarde é que esteve por um curto tempo em Jerusalém e, mesmo assim, só viu a Pedro e a Tiago. Depois disso, ele diz que foi para a Síria, de onde mais tarde seria enviado como missionário juntamente com Barnabé.

Fechando esse capítulo, ele lembra que o pessoal da igreja em Jerusalém nem o conhecia, mas apenas ouviam falar de sua conversão e davam glória a Deus por isso.

Gálatas 2

Paulo continua aqui a narrar a sua experiência com o pessoal de Jerusalém e fala a respeito de uma outra viagem sua para lá 14 anos mais tarde. Nesta ocasião houve uma revelação divina (não está claro quem a teve), mas aparentemente sua ida para lá foi em obediência a essa visão. Enquanto ali, ele teve a oportunidade de expor aos líderes o evangelho que estava pregando entre os gentios e que lhe fora revelado por Deus. Ele ressalta que Tito, um grego que o acompanhara, não foi obrigado a se circuncidar, pelo que fica claro que isso não era uma exigência para eles tampouco.

No versículo 4, não está claro se nesta ocasião ou em outra, alguns falsos irmãos levantaram a questão da circuncisão, numa tentativa de reduzir a liberdade em Cristo à escravidão da lei. Paulo diz, então, que ele os refutou veementemente para que a verdade do mesmo evangelho pregado aos gálatas não sofresse detrimento.

Nesta ocasião o pessoal de Jerusalém não acrescentou absolutamente nada à defesa de Paulo (versículo 6), reconhecendo que a pregação do evangelho entre os gentios fora comissionado a Paulo, assim como o da circuncisão o fora a Pedro (versículo 7), pois o mesmo Deus operava através dos dois (versículo 8).

Como Tiago, Pedro e João reconheceram que a graça de Deus estava operando através de Paulo entre os gentios, eles o abençoaram com sua comunhão e mandaram que continuasse o seu ministério como estava. Eles só recomendaram que Paulo não esquecesse os pobres. Embora não esteja escrito, subentende-se aqui que os pobres em apreço fossem os de Jerusalém, que Paulo sempre se esforçou por apoiar.

Os versículos 11 a 14 relatam um pequeno problema que houve com Pedro e os demais irmãos de Jerusalém durante a sua visita a Antioquia. Pedro havia chegado na frente e estava se sentando à mesa junto com os gregos, coisa que um judeu jamais faria, mas que ele mesmo havia aprendido a aceitar quando foi pregar a Cornélio. Quando, contudo, chegaram os outros enviados de Tiago, Pedro mudou sua forma de agir e passou a discriminar os gregos, influenciando assim, também, os outros judeus, dentre os quais até Barnabé.

Quando Paulo viu isso, indignou-se e começou a repreender Pedro na frente de todos, falando de sua hipocrisia. Paulo aproveitou, então, a ocasião para dizer que eles, os judeus e os gentios eram ambos salvos pela fé em Jesus e que ninguém é justificado pela Lei.

A seguir Paulo continuou dizendo que não podemos ser justificados em Cristo e continuar a viver intencionalmente no pecado, pois Cristo não é ministro do pecado. Se voltamos àquilo que destruímos, provamos que somos transgressores.

Mas agora nós morremos para a Lei, afim de viver para Deus, porque fomos crucificados com Cristo e agora vivemos não mais nós, mas Cristo vive em nós. A vida que vivemos neste corpo, nós a vivemos pela fé no Filho de Deus, que nos amou e a Si mesmo Se entregou por nós.

Gálatas 3

Neste capítulo Paulo procura dar aos gálatas a base para que entendam a dimensão do erro que estão cometendo ao se colocarem novamente debaixo da Lei, como se esta fosse necessária para a salvação.

Ele começa perguntando quem foi que os enfeitiçou para que perdessem de vista a cruz de Jesus, pela qual creram para a salvação? Ele pergunta, ainda, se foi pelas obras da Lei ou se foi pela fé em Jesus, que eles haviam recebido o Espírito Santo? Seriam eles tão tolos a ponto de acharem que podem se aperfeiçoar pelas obras da Lei depois de terem começado a sua santificação por obra do Espírito? Finalmente, ele pergunta se os milagres realizados pelo Espírito Santo foram resultado da fé em Cristo ou se resultam das obras da Lei?

Todas essas perguntas têm resposta óbvia, mas Paulo precisa racionalizá-las para que eles percebam o tamanho da bobagem que estão fazendo.

Nos versículos 5 a 9 Paulo usa o exemplo de Abraão para mostrar que a justificação, tanto dele como a nossa, foi outogada pela fé. Ele creu e isso lhe foi creditado como justiça (*Gênesis 15.6*). Deus prometeu a Abraão que através dele seriam abençoadas todas as nações da Terra, logo são os que descendem pela fé que recebem essa bênção.

Já nos versículos 10 a 14 ele apresenta a contrapartida da Lei, mas mostra que tudo que obtemos através dela é uma maldição, visto que é maldito todo aquele que deixar de cumpri-la (*Deuteronômio 11.28*). Por outro lado é a fé em Cristo que nos redime desta maldição, pois Ele Se fez maldito, através de Seu sacrifício vicário na cruz (no madeiro - *Deuteronômio 21.23*).

Os versículos 15 a 18 falam a respeito da aliança que Deus firmou com Abraão e com seu Descendente. Paulo deixa claro que esse descendente é singular e, sem dúvida, a pessoa de Jesus (aparentemente o texto citado é *Gênesis 22.17-18*). A promessa a Abraão veio no âmbito dessa aliança, que nada tem a ver com a Lei.

A Lei, por sua vez, veio 430 anos depois da Promessa e foi estabelecida apenas para lidar com as transgressões, enquanto não chegasse o Descendente. Ela veio por meio de anjos (interpretação que a Septuaginta dá a *Deuteronômio 33.2*), que a entregaram a um mediador, Moisés.

O versículo 20 diz que Moisés é o mediador de muitos, enquanto Deus é um só. Não está claro exatamente o que Paulo quis dizer com isso, mas certamente a intenção final é mostrar a superioridade da Promessa que veio diretamente de Deus.

Paulo quer que fique claro, contudo, que a Lei não se opõe à Promessa. O não cumprimento dela, todavia, encerrou a todos debaixo do pecado para que a Promessa, que trouxe Jesus Cristo, pudesse usar de misericórdia pela fé nEle.

Antes que viesse a fé, contudo, estávamos custodiados pela Lei, que servia a todos como um tutor, mas com a vinda de Jesus já não precisamos desse tutor, pois nos tornamos filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo.

Agora somos todos iguais, gregos, judeus, homens, mulheres etc. Somos todos um em Jesus, herdeiros segundo a promessa.

Gálatas 4

Paulo continua aqui a mesma linha de pensamento do final do capítulo 3. O herdeiro ao qual se refere no versículo 1 é o servo de Deus antes do cumprimento da Promessa, ou seja, antes da chegada do Messias.

Naquela época o herdeiro da casa de uma pessoa de posses era criado pelos escravos e por tutores até que chegasse a maioridade. Durante esse período, embora fosse o “dono” dos bens do seu pai, ele não tinha nenhum direito a mais do que os escravos que o tutoriavam.

Para Paulo, o status de herdeiro corresponde ao fato de estarem todos sob a custódia da Lei. Eram crianças espirituais que viviam um período de legalismo religioso. É uma época em que o Espírito Santo não era dado, pelo que Paulo diz que estavam todos escravizados pela própria Lei Mosaica.

Mas quando chegou a plenitude dos tempos, isto é, no momento mais propício da história, tanto do ponto de vista espiritual como histórico, Deus enviou o Seu Filho, a segunda pessoa da Trindade, para assumir um papel 100% humano, sem deixar de ser 100% Deus.

Para ser 100% humano, foi-Lhe necessário nascer de uma mulher, como qualquer outro humano, tornando-Se, assim, um habitante legal deste planeta. Além disso, era necessário que Ele estivesse debaixo da Lei, para que, como homem, Ele pudesse cumpri-la, vencendo o pecado, diante do qual todos os outros humanos haviam capitulado e enfrentado derrota.

Aqui há um ponto muito importante. Se Jesus tivesse vencido o pecado como Deus, isso O desqualificaria como o substituto, que deveria ser, para pagar os nossos pecados. Por isso mesmo Deus providenciou que Ele, na condição de Unigênito, fosse esvaziado de Sua divindade (*Filipenses 2.5-8*). Em termos práticos, Ele esteve proibido de usá-la.

Assim, o versículo 5 nos informa que Ele pôde redimir os que estavam debaixo da Lei, ou seja, todos os que haviam sido amaldiçoados por não guardá-la, para que pudessem

receber a adoção de filhos de Deus. Ele Se tornou o Primogênito dentre muitos irmãos e nós somos a produção de filhos de Deus que Ele inaugurou.

Agora que nos tornamos os filhos de Deus, diz Paulo, nos habilitamos a receber o Espírito Santo, tal como havia sido prometido em *Ezequiel 36.27*, e que clama Abba Pai. É Ele que nos dá a certeza de filiação.

Desta forma, nós que havíamos sido escravizados pelo pecado, porque a Lei nos encerrara a todos debaixo dele; agora fomos libertados e tornados filhos e co-herdeiros com Cristo.

Nos versículos 8 a 11 Paulo primeiro fala da conversão inicial dos gálatas, falando de como eram idólatras, servindo a deuses, que deuses não eram, até conhecerem o Verdadeiro Deus e tornarem-se conhecidos dEle. Em seguida ele pergunta como podem eles agora querer voltar à escravidão anterior. Obviamente essa escravidão se aplica tanto à idolatria anterior deles, como se aplica ao Judaísmo, conforme mostrado pelo versículo 10, por eles estarem passando a guardar as festas e as datas de culto dos judeus.

A partir do versículo 12, Paulo passa a fazer um apelo para que sigam o seu exemplo. Imediatamente pensamos que é o exemplo de fé e de crença, mas o que ele está dizendo aqui é que atentem para o fato de que ele, judeu, passou a viver entre eles como um grego, para mostrar que seu Judaísmo não era importante para a sua fé.

Ele lembra que chegara doente em sua primeira visita e que eles o receberam com muita consideração, como se fosse um anjo de Deus. Eles haviam cuidado dele e teriam dado a ele os seus olhos se possível fosse (aparentemente a doença dele era de visão). Como é possível que ele seja agora considerado um inimigo por ter dito a eles a verdade?

Ele chama ainda a atenção deles para a forma como os seus novos ministros estão tentando ganhá-los com sua amizade e ensinamentos para que eles, por sua vez, retribuam com zelo pelos ensinamentos errados que estão transmitindo.

Paulo completa dizendo, contudo, que ser zeloso é bom, mas apenas do bem e o bem é aquilo que ele lhes ensinara antes.

Ele termina essa seção declarando o seu amor por eles e pelo seu bem estar, motivo pelo qual diz sentir dores de parto por eles, seus filhinhos, até que Cristo seja novamente formado neles.

Nos versículos 21 a 31 Paulo faz uma alegoria na qual usa os dois filhos de Abraão, Ismael e Isaque, e suas respectivas mães, para traçar um paralelo entre a Lei e a Promessa. Um é filho da escrava e nasceu naturalmente. Já o outro é da livre e nasceu segundo a Promessa. Hagar corresponderia à aliança do Sinai, que está associada à Jerusalém terrestre, enquanto Sara corresponde à Nova Aliança, que tem como cidade a Jerusalém celeste. A Escritura diz que Sara deve se alegrar, apesar de ser estéril, porque mais serão os filhos dela do que da outra.

Paulo lembra a seguir que os gálatas são filhos da Promessa como Isaque e que o filho da escrava perseguiu o filho da Promessa da mesma forma como ocorria agora com eles. Eles não poderiam esquecer, contudo, que o filho da escrava foi mandado embora para não herdar junto com os filhos da Promessa.

Gálatas 5

Obviamente o assunto não muda e Paulo continua aqui a exortar os gálatas que não percam aquilo que já tiveram. Cristo os tornou livres, pelo que não faz sentido que eles mais uma vez se deixem escravizar.

Os versículos 2 a 4 trazem uma verdade marcante e de ampla aplicação: “**se vocês se deixarem circuncidar, Cristo não serve para mais nada**”. Obviamente isso não se dá porque a circuncisão tenha algum valor e, sim, porque a fé deles deixaria de estar em Cristo, para estar nas obras. Se pensarmos na vasta maioria das pessoas que coloca a sua fé para salvação em suas boas obras, rapidamente entendemos quão poucas são as pessoas que efetivamente se valem do sacrifício de Jesus. A ideia de “cair da graça” ou nunca chegar a conhecê-la é muito frustrativa.

O versículo 5 fala a respeito de nossa esperança de sermos justificados diante de Deus. É claro que a nossa justiça não é nossa e, sim, de Jesus (*Jeremias 23.6*); portanto, nossa esperança reside no fato do Espírito nos batizar para dentro do Corpo de Cristo. Neste contexto, circuncisão e incircuncisão nada alteram.

A partir do versículo 7 Paulo fala a respeito da mudança de atitude dos gálatas. Vocês estavam indo tão bem, diz ele. Quem foi que causou essa mudança de posição? Certamente isso não vem de Deus! Foi alguém no meio de vocês que está corrompendo a todos.

No versículo 10, contudo, ele expressa sua certeza de que eles vão acatar suas recomendações e que condenarão quem os está tumultuando.

A partir do versículo 13 Paulo fala aos gálatas que eles foram chamados para a liberdade, mas no momento em que dela usam para se voltar às obras da carne, então, deturpam o seu verdadeiro sentido, qual seja, cada um amar o próximo como a si mesmo. Além disso, como eles passaram a se morder e devorar devido a desavenças internas, eles correm o risco de acabar se auto-destruindo.

A única forma de remediar o problema é vivendo segundo o Espírito, que não está debaixo da Lei. Este é contrário aos interesses da carne, de modo que a carne e o Espírito se contrapõem, sendo impossível servir aos dois.

Os frutos da carne, listados nos versículos 19 a 21, são praticados por aqueles que não podem herdar o Reino de Deus. Já os frutos do Espírito, apresentados nos versículos 22

e 23, são praticados por aqueles que pertencem a Jesus Cristo e, por isso mesmo, crucificaram a carne, suas paixões e seus desejos.

Assim, Paulo termina esse argumento exortando os gálatas a viverem e andarem no Espírito.

No último versículo ele exorta os gálatas quanto à presunção nas brigas causadas pela inveja entre eles.

Gálatas 6

Aqui Paulo continua o assunto do último versículo do capítulo anterior e exorta os gálatas a serem mais tolerantes com os irmãos faltosos, lembrando que eles mesmos devem ter o cuidado de não cair nos mesmos pecados.

O versículo 2 é algo que se espera de um crente, ou seja, que ajude o seu irmão em suas dificuldades, mas está numa aparente contradição com o versículo 5, onde ele fala que cada um deve levar o seu próprio fardo. Essa contradição é, contudo, apenas aparente, porque Paulo está falando no 5 dos afazeres do dia a dia, onde cada um deve fazer a sua parte, e não ficar pendurado nos outros, mas no 2 ele fala de sobrecargas súbitas que algum irmão pode vir a ter.

Nos versículos 3 e 4 ele volta a falar da soberba que exortara no final do capítulo anterior, recomendando examinar cada um seus próprios atos e não ficar se comparando aos outros.

Paulo, no versículo 6, recomenda que o crente que está sendo instruído por outro, compartilhe com ele o que tem, como forma de mostrar apreço pelo tempo que ele toma se preparando para instruí-lo e fazendo-o.

Embora a soberba seja o resultado da carnalidade do crente, nos versículos 7 e 8, ambos bem conhecidos, ele volta ao confronto de carne x Espírito. De Deus não se zomba, porque Ele fará com que colhamos tudo o que semeamos. Se o fizermos na carne, colheremos a destruição e, no Espírito, a vida eterna.

Nos versículos 9 e 10 Paulo não menciona o amor que devemos mostrar, mas ressalta o fruto desse: que façamos bem a todos, principalmente aos irmãos da Igreja.

Paulo começa aqui, no versículo 11, a encerrar a sua carta e, por algum motivo, está escrevendo de próprio punho com letras grandes. Não há menção de que tenha usado uma outra pessoa para escrever o resto da carta, mas se tiver sido esse o caso, então, admite-se que ele estaria dizendo que ele estaria mostrando que sua vista continua a ter problemas (suposta enfermidade que teve quando primeiro chegou à Galácia - ver *Gálatas 4.13-15*). Outra alternativa (/40/, pág. 191), é que ele mudou aqui

propositadamente o tamanho da letra para chamar a atenção para a sua exortação final referente à circuncisão.

Nos versículos 12, 13 e 15 ele fala, então, sobre a circuncisão, e no fato de não haver qualquer vantagem ou glória em aceitarem-na. Neste intervalo o versículo 15 é também muito conhecido. Não devemos, nós também, achar que há glória em qualquer outra coisa que não seja na cruz de Jesus Cristo, por meio da qual o mundo foi crucificado para nós e nós para o mundo.

Nos últimos 3 versículos ele encerra a carta com uma saudação usual, mas curiosamente, no meio desta, ele faz mais uma exortação para que os gálatas não mais sejam causa de suas tribulações, mas que tomem juízo e acatem aquilo que lhes foi escrito e ao fato de que Jesus pode ser visto através da vida dele, confirmando o que foi escrito.

Semana 42 (1ª Parte) - A Natureza da Graça Segundo Paulo

Texto: Efésios 1 a 6

Estação 20

Efésios 1

A figura 41-2, a seguir, apresenta a localização de Éfeso e das outras 6 igrejas da Ásia, que eram pastoreadas por João no final do século 1. Quando Paulo escreveu a sua carta aos efésios, ele provavelmente estava preso em Cesaréia, por volta do ano 60a.D.

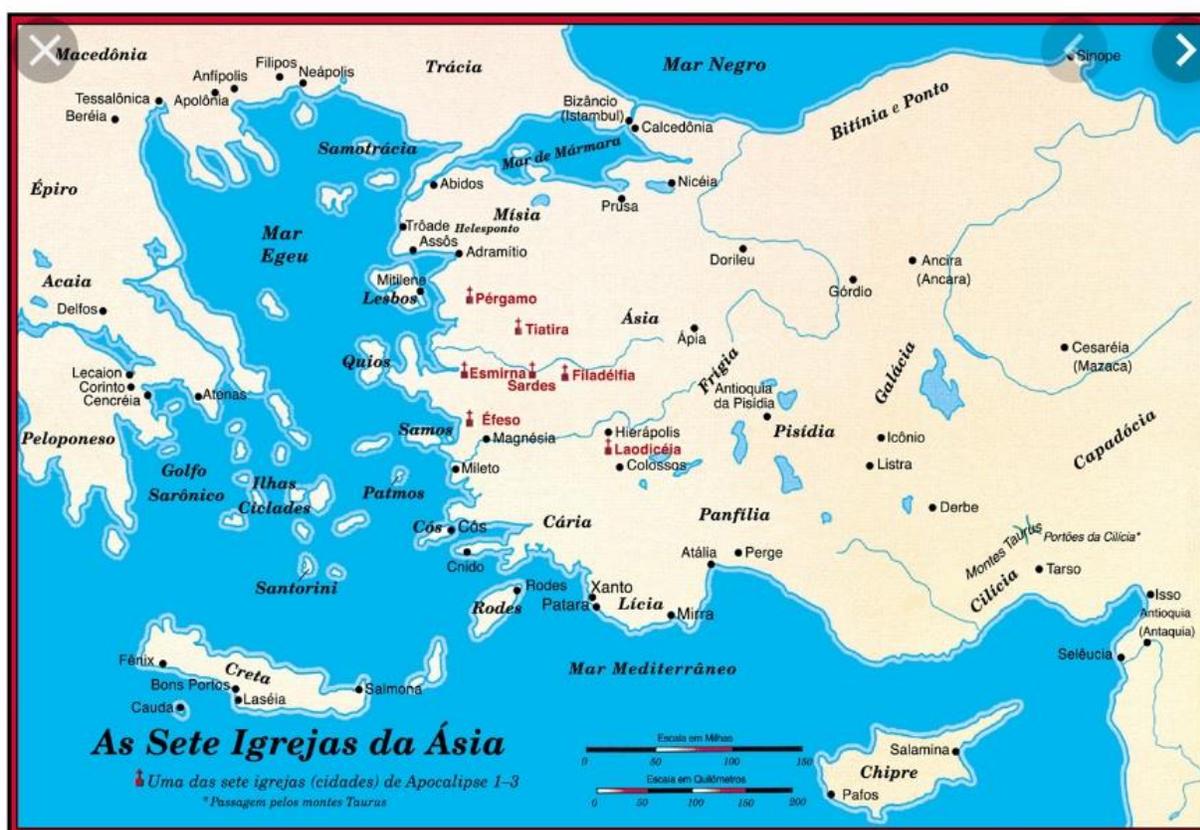


Figura 41-2 - As sete igrejas da Ásia, onde a mais importante à época era Éfeso

Éfeso era uma cidade portuária, que recebia boa parte do comércio romano e estima-se que tenha chegado a ter 300.000 habitantes. Tinha, ainda, um anfiteatro para 25.000 pessoas e era a cidade dos adoradores da deusa Artemis, deusa da fertilidade.

A evangelização de Éfeso começou por volta de 52aD, durante a Segunda Viagem missionária de Paulo. Foi a cidade onde Paulo teve o ministério mais prolongado, por ter permanecido ali quase 3 anos.

A cidade floriu enquanto tinha um porto de excelentes condições, mas com o passar dos séculos ele foi sendo assoreado (a água foi ficando mais rasa) e os barcos não podiam mais atracar.

Por volta de 431aD a cidade sediou um dos concílios da Igreja, exatamente aquele no qual foi condenado Nestório, por declarar que Maria não era mãe de Deus. Depois disso, a cidade foi diminuindo até desaparecer completamente. As ruínas da antiga Éfeso se encontram hoje nas proximidades da cidade de Kusadasi, numa região da Turquia, onde a cidade mais importante é Esmirna.

A carta de Paulo aos efésios difere de suas outras cartas, pelo fato de não ter sido escrita para falar de algum problema da igreja local. Trata-se de uma carta doutrinária, que possivelmente seria um documento a ser distribuído entre as igrejas da região. Por esse mesmo motivo Paulo não faz referência a qualquer dos seus conhecidos, nem na introdução, nem no encerramento.

Nos primeiros dois versículos Paulo se apresenta como apóstolo e especifica os efésios como destinatários. Depois disso ele os saúda, desejando-lhes graça e paz concedidas por Deus Pai e Deus Filho.

Nos versículos 3 a 14, Paulo escreve uma longa sentença de louvor a Deus, onde os pontos-chaves podem e devem ser ressaltados:

- Deus já nos abençoou com todas as bênçãos nos lugares celestiais em Cristo;
- Deus nos escolheu, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis em Sua presença;
- Deus nos predestinou em amor para sermos adotados como filhos, por meio de Jesus Cristo;
- Deus nos fez para o louvor de Sua gloriosa graça, que nos deu gratuitamente em Cristo;
- Deus nos deu em Cristo a redenção por meio de Seu sangue, de acordo com as riquezas de Sua graça;
- Deus nos deu a Sua graça, que Ele derramou sobre nós com toda a sabedoria e entendimento;
- Deus nos revelou o mistério da Sua vontade, de acordo com Seu bom propósito, estabelecido em Cristo;
- Deus fez convergir em Cristo todas as coisas celestiais e terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos;
- Deus nos escolheu em Cristo e nos predestinou conforme o Seu plano, no qual faz todas as coisas segundo o propósito da Sua vontade;
- Deus fez com que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, vivamos para o louvor da Sua glória.

Todas essas coisas Deus fez pelos efésios e também por nós. Por isso mesmo, quando ouvimos e cremos no Evangelho que nos salvou, fomos selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa redenção por pertencermos a Deus, para o louvor de Sua glória.

Em termos práticos, o versículo 15 é o primeiro realmente dirigido aos efésios e Paulo escreve como se não os conhecesse, embora tenha passado quase 3 anos com eles. Por esse motivo, muitos comentaristas pensam que essa carta é de natureza circular e que foi enviada, também, aos efésios.

Paulo reconhece que o amor implantado por Deus no coração dos efésios funciona como deve, porque produz não apenas o amor a Deus, mas também o amor aos irmãos. Sem dúvida isso é motivo para dar graças e para interceder no sentido de que assim continue. Nessa oração ele pede que:

- Deus lhes dê espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dEle;
- Deus lhes ilumine os olhos do coração para que conheçam a esperança para a qual foram chamados e as riquezas da gloriosa herança dEle nos santos;
- Deus lhes mostre a incomparável grandeza do Seu poder para com eles, os que creem, conforme a atuação da Sua poderosa força.

Nos últimos 4 versículos deste capítulo Paulo fala do que Deus já fez em Cristo, com base em que fará o mesmo por nós:

- Deus ressuscitou Jesus dos mortos fazendo-O assentar-Se à Sua direita nas regiões celestiais;
- Deus O colocou muito acima de todo governo e autoridade, poder e domínio e de todo nome que se possa mencionar, não apenas agora, mas também no futuro;
- Deus colocou tudo debaixo de Seus pés e O colocou acima de todas as coisas para a Igreja;
- Deus fez da Igreja o Corpo de Cristo, para que ela seja a Sua plena expressão, trazendo vida a tudo que existe.

Efésios 2

Neste capítulo Paulo descreve a trajetória dos efésios (aplicada a todos nós), começando com sua situação como pecadores (versículos 1 a 3). No versículo 3 Paulo se inclui entre os pecadores que viviam satisfazendo a vontade da carne, sendo, portanto, mercedores da ira divina.

Nos versículos 4 a 7, contudo, ele fala da misericórdia e do amor divinos, com Deus dando a eles vida em Cristo, a Quem Ele ressuscitou dos mortos, fazendo-os assentar juntamente com Ele nas regiões celestiais. Além disso, lhes mostrou a incomparável riqueza de Sua graça, que revela Sua bondade para com eles em Cristo Jesus.

Os versículos 8 e 9 falam claramente que essa salvação foi outorgada pela Sua graça e que ninguém deve se gloriar por merecê-la. O mérito estaria associado a obras realizadas, mas não é este o caso. Uma vez salvos, contudo, Deus preparou obras que Ele quer que nós realizemos, mas estas são consequência da salvação e não causa da mesma (versículo 10).

Nos versículos 11 a 22, Paulo argumenta que judeus e gentios já não são mais dois povos distintos diante de Deus, porque em Cristo foram derrubadas todas as barreiras que havia entre eles.

Ele começa dizendo que os efésios eram gentios que se chamavam incircuncisos pelos judeus, que tinham a circuncisão. Esta, contudo, era apenas uma coisa feita por mãos de homens. Os gentios estavam separados de Cristo e de Israel, bem como das promessas divinas e da aliança, pelo que estavam sem esperança e sem Deus no mundo.

Agora, contudo, os gentios, que estavam longe, foram trazidos para perto pelo sangue de Jesus Cristo, que é igualmente aplicável aos judeus, destruindo a barreira de separação entre os dois (versículo 14).

O versículo 15 nos diz que o sacrifício de Jesus anulou a Lei dos Mandamentos e Ele criou em Si mesmo um novo homem, que pode se reconciliar com Deus através de Sua cruz (versículo 16).

Ele ofereceu, assim, a mesma paz aos gentios e aos judeus. Por meio de Jesus ambos têm acesso ao Pai, através do Espírito Santo (versículo 18). Desta forma os gentios deixam de ser estrangeiros e passam a ser família de Deus, edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, onde Jesus é a pedra de fundação (versículo 20).

Agora ambos estão crescendo juntos para se tornar santuário santo e morada do Deus Vivo, através de Seu Espírito (versículo 22).

Efésios 3

Paulo começa esse capítulo lembrando aos seus destinatários que está orando pelos gentios na condição de prisioneiro de Cristo. Devemos lembrar que Paulo está preso devido ao ódio dos judeus pelos gentios. Quando Paulo foi preso em Jerusalém e pediu para falar ao povo, eles ouviram silenciosamente acerca de seu encontro com Jesus, sua conversão e seu batismo, mas no momento em que disse que Deus o enviara para pregar aos gentios (*Atos 22.21*) eles se enfureceram e quiseram a sua morte. Não obstante esse fato, Paulo está a serviço de Jesus e se Este tiver permitido que ele continue aprisionado, então, ele se considera um prisioneiro de Jesus.

Assim sendo, os efésios devem saber que ele, Paulo, tem uma responsabilidade diante da graça de Deus em favor deles como gentios. Essa responsabilidade consiste em fazer com que o mistério do Evangelho, que foi revelada a ele, seja pregada a eles.

Certamente a forma como ele conhece o assunto deve ficar clara pela forma como discorre a respeito. Esse mistério não foi revelado a gerações anteriores, mas somente agora aos apóstolos e profetas de Deus.

Isso significa que o Evangelho de Jesus Cristo tornou os gentios co-herdeiros com os judeus das promessas que Deus lhes fizera, através de Cristo. Foi exatamente deste Evangelho que ele se tornou ministro, pelo dom da graça de Deus, concedida a ele, pelo poder de Deus. Apesar dele ser o convertido que menos merecia, foi dado a ele o privilégio de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo, que foram mantidas ocultas durante tanto tempo.

A intenção da graça de Deus é que a Igreja de Jesus Cristo seja a responsável por tornar conhecida, dos poderes e autoridades nas regiões celestiais, a multiforme sabedoria de Deus, que se expressa através do plano que Ele concebeu em Cristo Jesus. É por intermédio de Ele e pela fé nEle que nós temos confiança no acesso a Deus Pai.

No versículo 13, Paulo pede, então, que eles não fiquem desanimados pelo fato dele estar preso por seu apreço pelos gentios, porque isso deve ser motivo de glória para eles. Embora ele não o diga, o que parece ter em mente é o fato disso estar associado ao amor de Deus por eles.

Nos versículos 14 a 19 ele volta a falar sobre as orações que faz em prol deles para que:

- Deus, com Suas gloriosas riquezas, os fortaleça com Seu poder;
- Cristo habite em suas vidas mediante a fé, de modo que sejam firmes no Seu amor;
- Todos eles compreendam a plena dimensão e conheçam o amor de Cristo, apesar dele exceder todo o entendimento, para que sejam cheios da plenitude de Deus.

Encerrando esse capítulo, Paulo louva a Deus Pai por fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos, através do poder que em nós atua. Glória a Ele sempre!

Efésios 4

Os três primeiros capítulos de Efésios foram no sentido de prover a eles base doutrinária, focando na intenção de Deus relativa à sua chamada. Já os próximos três falam a respeito de como o crente deve viver. Paulo chama isso de viver de acordo com a vocação que receberam (com a conversão, é claro).

Todos deveriam ser completamente humildes, dóceis e pacientes, apoiando uns aos outros em amor. É lamentável que as igrejas estejam cheias de pessoas soberbas, agressivas, impacientes e desprovidas do amor pelos irmãos.

Deveriam fazer um esforço para manter a unidade do Espírito. Essa unidade consiste em viverem todos para a glória dAquele que os chamou e transportou para o Reino do Amado.

Os versículos 4 a 6 dizem que há um só corpo, um só Espírito, uma só esperança na qual foram todos chamados, um só Senhor, uma só fé, um só batismo e um só Deus que rege tudo em todos. O corpo único é a Igreja de Cristo, o Espírito Santo é único, nossa esperança em Jesus é única, Ele é o único Senhor, no qual temos nossa fé única, no Deus único, mas temos dúvida quanto ao batismo. Aparentemente seria uma referência

ao batismo pelo Espírito Santo para dentro do corpo de Cristo. Isso faz com que todos os tópicos sejam correlatos. Sem este batismo, o das águas se torna sem sentido.

Os versículos 7 a 10 nos falam a respeito dos dons que recebem todos os membros do corpo de Cristo, mas nos versículos 11 a 16 Paulo fala de pessoas especialmente capacitadas com a finalidade de instruir e edificar a Igreja. As seguintes definições foram estabelecidas por Pinto (/42/, pág. 350):

- Apóstolos → para estabelecer a palavra como testemunhas oculares de Cristo;
- Profetas → para revelar a vontade de Deus;
- Evangelistas → para proclamar a mensagem de salvação em Cristo;
- Pastores e mestres → para ensinar e guiar o rebanho local de crentes.

O propósito de tais dons é para o desenvolvimento da Igreja rumo à maturidade espiritual:

- Para que todo crente desempenhe seu ministério designado (versículo 12);
- Para que a Igreja desfrute de sua união (versículo 13);
- Para que todos na Igreja alcancem estabilidade espiritual, intelectual e emocional (versículo 14);
- Para que a Igreja cresça harmoniosamente em amor sob a autoridade do Cabeça (versículos 15 e 16).

Nos versículos 17 a 19, Paulo lembra aos efésios que não devem mais viver como vivem os demais gentios, com seu entendimento obscurecido e separados de Deus, entregando-se à depravação. Antes, devem se despir do velho homem e revestir-se do novo, para que sejam semelhantes a Deus em justiça e santidade. Foi isso que aprenderam de Cristo (versículos 20 a 24).

Nos 8 versículos finais deste capítulo, Paulo faz recomendações no tocante a como a vida deles deve ser:

- Devem abandonar a mentira e falar apenas a verdade uns aos outros;
- Não devem pecar quando se irarem, mas apaziguar sua ira antes do por do sol;
- Não dar lugar ao diabo (procedendo conforme previsto no versículo anterior, 26);
- Não furtar e, sim, ganhar dinheiro honestamente para ter o que dar aos necessitados;
- Não usar termos de baixo calão, mas usar antes palavras que inspirem quem as ouve;
- Não entristecer o Espírito Santo com o qual foram selados para o dia da redenção;
- Não dar lugar à amargura, indignação, ira, gritaria, calúnia e nenhum outro tipo de maldade;
- Devem ser bondosos e compassivos uns para com os outros, perdendo-se mutuamente como Deus os perdoou em Cristo.

Efésios 5

O capítulo 4 terminou com a recomendação de Paulo no sentido de que os efésios se perdoem mutuamente como foram perdoados por Cristo. Os primeiros dois versículos do capítulo 5 são uma continuação da mesma recomendação. Eles devem ser imitadores de Deus como filhos amados, amando uns aos outros, como também Cristo nos amou e

Se entregou por nós. Obviamente, Deus espera que cada um dos Seus filhos ame o seu próximo a tal ponto de se sacrificar por ele.

Nos versículos 3 a 14 Paulo expõe o efeito que a luz deve ter sobre a natureza, outrora pecadora, dos crentes:

- A imoralidade sexual e qualquer tipo de impureza, tão comuns nos dias atuais, não devem sequer ser mencionados entre os santos;
- Na boca do crente não deve haver obscenidades ou qualquer tipo de conversa chula, mas tão somente ações de graças, porque no Reino de Deus não há lugar para imorais, impuros, gananciosos e idólatras. Nenhum argumento que amenize o pecado destes atos deve ser aceito. Deus simplesmente não será tolerante para com os desobedientes;
- Os efésios devem viver como filhos da luz que se tornaram;
- Devem produzir os frutos da luz, quais sejam: a bondade, a justiça e a verdade;
- Devem aprender a reconhecer e praticar aquilo que agrada ao Senhor;
- Não devem participar de atividades das trevas;
- Devem denunciar as obras das trevas, pois são vergonhosas até quando praticadas em oculto;
- Devem expô-las à luz para que todos as vejam;
- Devem despertar os que dormem, levantando-se dentre os mortos, para que Cristo em suas vidas resplandeça.

Tiago 1.5 diz que “se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida”. É pelo fato de todos os crentes terem acesso à sabedoria divina que Paulo, nos versículos 15 a 21, exorta os efésios no sentido de viverem com a sabedoria que Deus lhes disponibiliza (versículo 15):

- Devem aproveitar todas as oportunidades de serviço no Reino que Deus lhes proporciona. Neste sentido devem remir o tempo, porque os dias são maus;
- Devem se esforçar por entender exatamente o que Deus quer deles;
- Devem evitar o vinho, que leva a ações irresponsáveis, mas se encher do Espírito;
- Devem expressar-se em salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando de coração ao Senhor;
- Devem dar graças a Deus por tudo, em Nome de Jesus;
- Devem se sujeitar uns aos outros seguindo o exemplo que Cristo legou.

Não é à toa que o versículo 21 termina pedindo essa sujeição segundo o exemplo de Cristo, pois Ele tanto nos amou, que deu a própria vida por nós. Assim sendo, no trecho que vem a seguir, sobre o relacionamento entre marido e mulher, essa verdade deve ecoar o tempo todo acima de qualquer hierarquia que seja estabelecida.

Paulo traça um paralelo entre o relacionamento do homem e da mulher com o relacionamento de Cristo com a Igreja. O homem é o cabeça da mulher, da mesma forma que Cristo é o cabeça da Igreja. Assim, a mulher deve estar sujeita ao marido da mesma forma como a Igreja deve se sujeitar a Cristo.

É muito importante ressaltarmos, contudo, que Cristo não impõe à Igreja que ela Lhe obedeça. Essa sujeição tem que se dar no amor e no respeito que a Igreja mostra para

com Deus. De igual modo, não é o homem que impõe à mulher qualquer tipo de sujeição. É ela que, por amor e respeito, acata a liderança do marido.

Da mesma forma como Cristo amou a Igreja e Se sacrificou por ela, independente de Sua submissão, é igualmente função do marido amar a mulher a ponto de se deixar sacrificar por ela, independente de sua sujeição.

Assim como Cristo ama a Igreja e tudo faz pela sua santificação, novamente independente de sua submissão, de igual modo, o marido tudo deve fazer pelo bem da mulher, independente de sua submissão ou não.

O amor incondicional que Deus pediu a Jesus, no tocante à Igreja é o mesmo amor incondicional que Deus pede ao marido, no tocante à esposa. Da mesma forma como a Igreja só progride quando se submete ao Senhor, de igual modo o casamento só progride quando a mulher acata o senhorio do marido.

Efésios 6

Neste último capítulo, Paulo continua falando à família, começando agora pelos filhos dos efésios. Estes, segundo ele, devem ser obedientes a seus pais no Senhor. Obviamente, ele tem em mente um lar cristão, onde os ensinamentos bíblicos regem o comportamento num padrão de amor bem acima da simples obediência. Isso é justo, porque realmente agrada a Deus (*Colossenses 3.20*). Paulo lembra, ainda, que honrar pai e mãe traz consigo a promessa de longa vida (versículos 2 e 3).

Já os pais são exortados a não irritar os filhos, mas isso não significa que Paulo era contra o uso da vara. A continuidade do texto diz que devem ser educados segundo a instrução e conselho do Senhor, ou seja, segundo previsto na lei, que é muito bem expressa em vários textos de *Provérbios*.

Quanto aos escravos, Paulo os exorta a servirem a seus senhores como se estivessem servindo a Cristo. Isso não deve ser apenas quando estiverem olhando, mas em todo o tempo. De alguma forma, Deus os recompensará.

Já os senhores devem tratar os escravos da mesma forma, o que significa reconhecer que tanto eles quanto os escravos são iguais diante de Deus.

Nos versículos 10 a 17, Paulo fala acerca do uso de todo o poder que Deus coloca à nossa disposição. Esse poder é exemplificado, a seguir, através das peças de armadura que são descritas e que se destinam a resistirmos às astutas ciladas de Satanás:

- O cinto da verdade e a couraça da justiça fazem com que nos mantenhamos firmes. Devemos zelar para que falemos sempre a verdade e que nossos atos sejam todos justos;

- Os nossos pés devem estar calçados sempre com a prontidão do Evangelho da Paz, ou seja, devemos estar prontos a pregar esse Evangelho em qualquer lugar para onde formos enviados. Essa é uma das nossas armas de ataque;
- Usando o escudo da fé, apagamos as setas inflamadas do diabo. Pela fé somos capazes de vencer todas as situações adversas.
- Devemos usar o capacete da salvação, com o qual temos certeza da nossa vitória final;
- A espada do Espírito, que é a Palavra de Deus, é a nossa principal arma de ataque, que devemos saber manejar bem.

No versículo 12, Paulo tinha lembrado aos efésios, bem como a nós, que a nossa luta não é contra seres humanos e, sim, contra as hostes espirituais do reino das trevas. Nunca devemos nutrir ódio contra as pessoas por elas usadas, pois são igualmente vítimas.

O versículo 18 contém uma palavra de estímulo para que os efésios orem no Espírito em todo o tempo, intercedendo por todos os santos. Neste ponto Paulo aproveita e pede por si mesmo, para que Deus coloque em sua boca sempre a palavra mais adequada para que as pessoas conheçam e aceitem o evangelho de Jesus Cristo, em prol do qual ele, Paulo, é embaixador, apesar de estar preso.

Nos versículos 21 e 22, Paulo fala aos efésios que está mandando Tíquico para estar com eles, exortando-os e trazendo informações dele.

As saudações finais de Paulo aos efésios são transmitidas nos versículos 23 e 24.

Semana 42 (2ª Parte) - A História de Rute e Boaz

Texto: Rute 1 a 4

Estação 21

Rute 1

Poderíamos começar a avaliação deste texto perguntando como é possível um casal de judeus de Belém querer sair de sua terra, a Terra Prometida, para peregrinar entre os moabitas, um povo idólatra, que sacrifica suas crianças ao deus Moloque, achando que vão ser abençoados por isso?

Sabemos que havia fome em Israel e que o nível moral do país estava extremamente baixo ao longo do período dos juízes, mas mesmo considerando as circunstâncias, foi exatamente isso que fez Elimeleque juntamente com sua esposa Noemi e seus filhos Malom e Quiliom. Como se isso não bastasse, o casal permitiu que seus filhos se casassem com duas moças moabitas, Ofra e Rute, em total contrariedade à vontade de Deus, que pedira aos filhos de Israel que se casassem apenas entre si.

Quando o texto nos fala, portanto, sobre a morte de Elimeleque, seguida, também, da morte de Malom e Quiliom, somos tentados a imaginar que isso possa ter sido castigo de Deus, diante de tanta provocação dessa família!

Ocorre, contudo, que a Bíblia não nos autoriza a pensar dessa maneira, embora a própria Noemi o tenha feito (versículos 20 e 21). Tudo que podemos dizer aqui, ao início dessa história, é que Deus tem um plano, mesmo que só o reconheçamos no final.

A continuidade da história (versículos 7 a 18) nos mostra Noemi tomando ciência de que a fome em Israel cessara, pelo que tinha resolvido voltar para casa sozinha. Pediu às noras que voltassem para suas casas maternas, mas ambas decidiram que queriam retornar com ela.

Noemi mostrou a elas que isso não tinha sentido e conseguiu convencer Ofra a ficar em Moabe, mas Rute ficou irredutível e seus argumentos finais (texto muito conhecido dos versículos 17 e 18) convenceram Noemi de que era inútil continuar a insistir.

A essa altura já reconhecemos em Rute uma pessoa totalmente convertida ao Deus de Israel e que admiramos pela forma como ama a sua sogra.

Os versículos 19 a 22 nos mostram as duas retornando a Belém, Noemi sendo reconhecida e contando a todos que Deus se tornara seu inimigo, devido aos erros cometidos pela família.

Não por coincidência, as duas chegaram de volta a Belém exatamente no início da colheita da cevada.

Rute 2

Neste capítulo vemos o início da vida de Noemi e Rute na cidade de Belém. É provável que Noemi tenha voltado a morar em sua antiga residência, pertencente a seu marido e para a sobrevivência das duas, Rute se ofereceu a ir ao campo para colher em algum lugar, atrás dos ceifeiros, conforme previsto na lei (*Deuteronômio 24.19-22*).

O versículo 3 nos diz que Rute foi parar “casualmente” no campo de Boaz, que era parente e um dos resgatadores de Elimeleque, no caso de Noemi querer vender as propriedades dele. É claro, que a direção do Senhor está por trás de tudo que ocorre casualmente neste livro, cuja intenção é tão somente mostrar que Deus é fiel para com aqueles que a Ele se achegam. Neste caso, estamos falando não apenas de Rute, a moabita, mas também de Raabe, a canaanita de Jericó, que foi mãe de Boaz.

Quando Boaz chega para inspecionar o início de sua colheita, ele repara em Rute e se informa a seu respeito. Nessa ocasião fica sabendo que se trata da moabita que acompanhara Noemi, sua parente, e de quem já tinha ouvido falar muito bem. Assim sendo, ele se interessa por seu bem-estar e instrui seu pessoal para que facilitem as coisas para ela. Além disso, ele se dirige à própria Rute, pedindo a ela que continue ali até o final da colheita, porque ele trataria de sua segurança.

Mais uma vez vemos Deus dirigindo tudo para que Rute se aproxime de Boaz. Ela havia se mostrado muito grata com seu interesse por ela, uma estrangeira, e o relacionamento entre eles foi se estreitando na hora da refeição, em que ele ofereceu a ela participar da refeição preparada para os funcionários (versículo 14).

Ao final do dia Rute havia colhido cerca de 30 litros de grãos (uma quantia notável para quem está colhendo sobras) e quando chegou em casa, Noemi ficou muito admirada e entendeu que ela havia sido ajudada. Ao saber que estivera nos campos de Boaz, a mesma Noemi, que atribuíra à punição de Deus a desgraça que caíra sobre sua família, agora entendeu que nada disso se deu por acaso e que Deus estava por trás de tudo (versículo 20).

Em função disso, ficou decidido que Rute iria aos campos de Boaz durante toda a colheita de cevada.

Rute 3

O início do capítulo 3, nos mostra que Rute frequentou os campos de Boaz durante vários dias e, passado algum tempo, havia ocorrido a Noemi que Boaz seria um bom partido para Rute, principalmente por ser um dos resgatadores, de modo que concebeu um plano, segundo o qual pediria a ele para comprar a propriedade de Elimeleque, ficando automaticamente com Rute e com o amparo dela mesma, Noemi.

A colheita chegara ao final e aparentemente estava sendo feita a limpeza da cevada colhida e Noemi, pela sua experiência, sabia que ele estaria lá e que haveria uma celebração com pão e vinho, antes de todos dormirem. Assim sendo, ela instruiu sua nora no sentido de aguardar que ele dormisse para, então, se deitar a seus pés. Quando ele acordasse ela deveria, literalmente, pedir a ele que se casasse com ela, fazendo o resgate de toda a propriedade.

Tudo ocorreu conforme planejado, com Boaz se sentindo muito honrado com o pedido, mas havia um imprevisto, pelo fato de haver um parente mais próximo, que deveria ser consultado antes que ele, Boaz, pudesse tomar esta iniciativa. Ele se comprometeu a fazer a consulta (versículo 13) e pediu que ela aguardasse.

Mais uma vez, ela não voltou de mãos vazias, antes recebeu uma boa quantidade de cevada que levou amarrada na sua túnica.

Rute 4

Neste capítulo vemos Boaz cumprindo o que prometera a Rute, oferecendo à pessoa com primazia de direito de resgate, a propriedade de Elimeleque, Malom e Quiliom. Este se interessou pelo negócio, dispondo-se a fazer o resgate, mas desistiu ao saber que a Rute era parte do negócio e que teria que suscitar, com ela, descendência para Elimeleque e seus filhos. Mais uma vez vemos a mão de Deus dirigindo a história e realizando a Sua vontade.

A negociação se deu na presença de 10 líderes da cidade, que serviram de testemunhas do fato, além de abençoarem a Boaz pelo seu casamento com Rute.

O casamento se realizou e Boaz e Rute tiveram um filho a quem deram o nome de Obede, que foi a alegria da avó Noemi nos anos que se seguiram. A fidelidade de Deus foi reconhecida por todos que os conheciam.

Obede, por sua vez, teve um filho chamado Jessé, que foi o pai do rei Davi, de cuja descendência nasceria o Messias. É interessante a forma que Deus escolheu para confirmar que na descendência de Abraão seriam abençoadas todas as nações da Terra. Aqui nós O vemos abençoando a prostituta Raabe, esposa de Salmon e a moabita Rute, nora de Noemi, a ponto de colocar ambas na ascendência de Davi e do Messias.

Semana 43 (1ª Parte) - A História de Ana e Samuel

Texto: I Samuel 1 a 8

Estação 21

ISamuel 1

Este capítulo começa com a história de Ana, uma mulher estéril, que pediu um filho ao Senhor, para depois dedicá-lo a Ele por toda a vida. O filho em apreço chamou-se Samuel, que significa, “Nome de Deus”, que foi o último líder do período dos juízes e o sacerdote que ungiu os primeiros dois reis de Israel: Saul e Davi.

Há algumas coisas que precisam ser ressaltadas na história de Ana:

- A primeira coisa que nos deixa curiosos é o fato de a genealogia de Elcana apresentá-lo como tataraneto de um efraimita chamado Zufe. Por outro lado *ICrônicas 6.22-27* o apresenta como um coaita, ou seja, um levita. Como o Antigo Testamento apresenta a cidade de Belém como Belém Efrata, em homenagem ao seu fundador, pode ser que a família de Elcana seja originária de Belém, pelo que Zufe seria um efraimita de Efrata e não de Efraim. Digamos apenas que isso é bastante provável, já que o direito de Samuel de oferecer sacrifícios, lícito apenas para um sacerdote, nunca foi questionado.

- Logo de início, no versículo 2, vemos que Elcana tinha duas esposas: Ana e Penina. Embora isso fosse lícito e por vezes até inevitável (o levirato foi hábito até antes de ser lei, ver *Gênesis 38.8*), mesmo assim sempre gerou problemas. Fica claro, portanto, que a intenção divina sempre foi de “uma só carne”.

- O autor deste livro faz questão de ressaltar o contraste entre Penina e Ana:

- ◆ Ana era estéril, enquanto Penina tinha filhos;
- ◆ Ana era amada, enquanto Penina não despertava os sentimentos do marido;
- ◆ Ana ficava triste com as constantes provocações de Penina;
- ◆ Ana era uma mulher de fé, enquanto Penina confiava em si mesma.

Essas diferenças acabaram levando Ana a confiar em Deus, o que garantiu a ela a vitória numa disputa, na qual nunca quis entrar. Seu canto de vitória é, na realidade, um canto de exaltação ao Senhor. É com gratidão e adoração que se expressam aqueles que confiam no Senhor, motivo pelo qual tributam a Ele todas as vitórias.

ISamuel 2

O cântico de Ana é apresentado nos versículos 1 a 10, onde ela dedica ao Senhor todo o crédito pela sua vitória. Trata-se de um louvor tão rebuscado, que os teólogos têm dificuldade de aceitar que tenha sido composto por ela. Uns acham que era um canto existente no louvor de Siló e outros simplesmente acham que foi composto muito depois por outros, que a colocaram em sua boca ao fazerem a redação final de *ISamuel*.

Ao invés de entrarmos nessa discussão desnecessária, é preferível reconhecer que o nosso Deus a capacitou a expressar o louvor que aquecia seu coração, dando a ela as palavras corretas para que os seus lábios pudessem expressá-las.

Os versículos 12 a 17 nos falam do descontrole de Eli sobre o comportamento de seus filhos, bem como do desrespeito destes em relação ao sacerdócio que eles exerciam juntamente com o pai.

Quando nos lembramos que os filhos de Arão morreram devido ao uso de incenso incorreto no interior da tenda, por estarem bêbados, torna-se óbvio que a tolerância de Deus para com os atos irreverentes de Hofni e Finéias, não duraria muito. Eles não apenas desrespeitavam as ofertas, comendo-as com gordura, como ainda ameaçavam os ofertantes quando estes tentavam impedi-los.

Nos versículos 18 a 21 o autor do texto ressalta outro contraste, neste caso o de Samuel em relação aos filhos de Eli. O versículo 21 resume isso bem ao dizer que o menino Samuel crescia perante o Senhor.

Exatamente por isso esses mesmos versículos nos mostram a bênção de Deus sobre Elcana e Ana, pelo seu desprendimento. Ana teve mais 3 meninos e 2 meninas.

Nos versículos 22 a 25 vemos Eli repreendendo os seus filhos devido a seu comportamento, mas a iniquidade deles passara dos limites e Deus já resolvera matá-los (versículo 25). Em contraste com eles, contudo, Samuel continuava a crescer, sendo cada vez mais estimado, tanto pelo Senhor como pelo povo.

Nos versículos 27 a 36 lemos a respeito de um profeta que advertiu a Eli a respeito da morte de seus filhos (ambos no mesmo dia) e de como a sua descendência perderia o Sumo Sacerdócio, pelo fato de não O terem honrado (versículo 30).

ISamuel 3

Este capítulo contém uma das histórias bíblicas que mais agradam as crianças. Trata-se da iniciação de Samuel na condição de profeta. O versículo 1 nos informa que Samuel ministrava perante o Senhor, sob a orientação de Eli, e que naqueles dias o Senhor andava calado.

Samuel dormia no templo, provavelmente para cuidar das lâmpadas, que deveriam permanecer acesas por toda a noite (*Êxodo 27.21*). Na noite objeto da narrativa, tudo se passava como de costume, quando Deus chamou Samuel pela primeira vez.

Ele prontamente se dirigiu até onde estava Eli, provavelmente altas horas da noite, e perguntou se este o havia chamado. O que podemos observar aqui é um menino obediente e disposto a fazer a vontade de Eli. Era isso que o Senhor apreciava nele. É esse tipo de prontidão que o Senhor espera de nós.

A história é bem conhecida, pelo que não precisamos recontá-la, mas seria interessante ressaltar o início de um ministério profético marcante, numa época em que Israel vivia uma fase de nível moral decadente e afastamento do Senhor.

Samuel, não obstante jovem e inexperiente, foi incumbido de uma missão difícil, qual foi entregar ao seu mentor uma mensagem de juízo vinda do Senhor. O próprio Eli, contudo, tornou as coisas mais fáceis para ele, exigindo que lhe contasse tudo e que não omitisse nenhum detalhe.

Na continuidade do capítulo (versículos 19 a 21), vemos que o Senhor continuou a aparecer a Samuel e que houve outras profecias pronunciadas por ele e não descritas, que se cumpriram. Assim sendo, todo o Israel, do extremo norte ao extremo sul, reconheceu que Samuel era profeta do Senhor.

Mais uma vez é exatamente isso que Deus espera de nós; que todos os nossos amigos e conhecidos reconheçam que somos servos Seus e que fazemos a Sua vontade em todas as nossas atividades.

O versículo 21 nos informa que o Senhor continuou a aparecer em Siló, onde Se revelara a Samuel. Embora o texto não o diga, certamente o fazia para se encontrar com Seu amigo Samuel. Que haja motivação para que Ele apareça nas nossas casas, nos nossos locais de trabalho e, principalmente, na nossa igreja, porque a nossa amizade com Ele Lhe dá prazer.

ISamuel 4

Este capítulo apresenta o cumprimento da profecia que Deus havia dado a Samuel no capítulo 3. Morreram no mesmo dia Hofni e Finéias no campo de batalha e Eli, por levar um tombo e quebrar o pescoço, quando soube da notícia da tomada da arca pelos filisteus. Isso é o que havia previsto o profeta que Deus lhe enviara anteriormente (*ISamuel 2.24*).

É interessante que, não obstante o Senhor estar falando com Samuel, e isto ser reconhecido por todos os israelitas, ainda assim, o pecado na vida do povo o impediu de derrotar os filisteus numa primeira batalha, mencionada no versículo 2, onde morreram 4 mil homens de Israel.

Embora a arca representasse a presença do Senhor em Israel, vemos que sua presença no campo de batalha alegrou os israelitas, assustou muito os filisteus, que se lembraram o que este Deus fizera aos egípcios, mas, em termos práticos, não ajudou Israel em nada. Pelo contrário, caíram dos israelitas nesta segunda batalha 30 mil homens.

Este é um exemplo marcante de que a presença do Senhor não é assegurada por amuletos e, sim, pelo relacionamento obediente e sincero de Seus servos com Ele, o Deus Onipotente.

Os últimos 4 versículos deste capítulo nos falam a respeito do nascimento de Icabode, filho de Finéias, cuja mulher estava grávida e teve o parto precipitado pelas más notícias da morte do marido, do sogro e do cunhado. Embora ela morresse no parto, o nome escolhido para o menino significa “foi-se a glória de Israel”.

I Samuel 5

Embora o capítulo anterior nos tenha mostrado a impossibilidade de chegar à presença de Deus através de amuletos, este capítulo nos mostra que é o próprio Deus que zela pelo Seu Nome, fazendo uso dos mesmos objetos, que os israelitas trataram como amuletos. A arca não serviu para nada, em termos de defesa dos israelitas, não obstante o seu Deus assustar os filisteus, mas a sequência de fatos narrada aqui mostra que o respeito dos filisteus, pelo Deus associado à arca, era totalmente justificado.

A arca do Senhor foi colocada inicialmente na casa do deus filisteu Dagon, na cidade de Asdode. Talvez isso tivesse a intenção de representar o domínio de Dagon sobre Jeová. Curiosamente, acabou sendo comprovado o contrário, pois ficou evidente que Dagon não podia estar em pé diante do Senhor.

A segunda ocorrência, que assustou o povo de Asdode, foi a epidemia de tumores que começou a assolar os homens da cidade. Como havia dúvidas sobre a real origem da epidemia, os filisteus resolveram que seria interessante mandar a arca para Gate. Como a epidemia se repetiu em Gate, foi decidido mudar novamente a arca, desta vez mandando-a para Ecrom, onde o povo se apavorou antes mesmo da arca chegar.

Com a ocorrência dos mesmos tumores, causando várias mortes, ficou decidido que o único lugar seguro para um deus tão poderoso era o seu lugar de origem, ou seja, a arca deveria ser devolvida a Israel (versículo 11).

Em meio à situação vergonhosa do povo de Israel, é bonito ver a forma como o Senhor glorifica o Seu nome. O nosso Deus é o Senhor de toda a Terra e glorificar o Seu nome é a nossa função. Que estejamos sempre prontos para cumpri-la.

ISamuel 6

Este capítulo descreve os preparativos dos filisteus e a devolução da arca do Senhor a Israel. Eram passados 7 meses desde a tomada da mesma e vemos neste texto, que além dos tumores, Deus tinha assolado as cidades dos filisteus também com uma praga de ratos. Curiosamente, os filisteus estavam se perguntando porque eles deveriam ter um coração tão obstinado quanto os egípcios, que só soltaram os israelitas depois que o Senhor havia destruído a sua terra (versículo 6).

Os sábios filisteus recomendaram que a arca fosse devolvida juntamente com uma oferta pela culpa que haviam contraído ao levarem-na consigo para a Filistia. Sugeriram que a oferta em apreço fosse composta de tumores e ratos de ouro, 5 de cada (versículo 4).

Além disso, para que pudessem ter certeza de que as pragas não tinham ocorrido por acaso, eles recomendaram que a arca fosse colocada sobre uma carroça puxada por vacas que tivessem acabado de ter cria e cujas crias fossem deixadas em seu curral. Desta forma, o normal seria as vacas se dirigirem para o curral. Caso isso não acontecesse e, ao invés disso, as vacas se dirigissem diretamente para Bete Semes (cidade de Israel mais próxima de Ecrom), então, saberiam que tudo isso aconteceu pela vontade do Senhor (versículo 9).

Não obstante serem incrédulos e terem suas dúvidas sobre o poder do Deus de Israel, ainda assim é interessante ver o respeito que aprenderam a ter por Ele, tanto pelas histórias contadas por terceiros, como por suas próprias experiências. A confirmação de que o Senhor estivera por trás de tudo que estava acontecendo veio no melhor estilo possível. Tão logo foram soltas as vacas puxando a carroça com a arca e as ofertas, foram correndo diretamente na estrada para Bete Semes, mugindo durante todo o caminho (versículo 12).

Não obstante o fato dos homens de Bete Semes se alegrarem com a devolução da arca do Senhor e de terem queimado ofertas de gratidão por isso, houve alguns curiosos que resolveram abrir a tampa da arca, olhando para o que havia em seu interior. O versículo 19 nos informa que foram 70 ao todo e que todos foram fulminados. Embora o número pareça exagerado, o restante do versículo, falando do choro do povo pelo grande número de mortos, tende a confirmá-lo.

Vemos, portanto, repetir-se em Israel, o mesmo que ocorrera em Asdode, Gate e Ecrom. Os homens de Bete Semes pediram aos homens de Quiriate-Jearim que viessem pegá-la.

ISamuel 7

Os homens de Quiriate-Jearim vieram, levaram a arca e deixaram-na na casa de uma pessoa chamada Abinadabe, onde ficou por 20 anos. Ali seu filho, Eleazar, foi indicado para tomar conta dela.

O versículo 2 não é totalmente claro, mas dá a impressão de que o povo de Israel, vinha à casa de Abinadabe para trazer diante do Senhor as suas súplicas. Se isso for verdade, então, as súplicas eram feitas à arca, que teria sido transformada em uma espécie de ídolo.

Aparentemente Samuel reconheceu que o povo buscava ao Senhor, só que de maneira errada, pelo que disse a eles (versículo 3), que deveriam buscá-LO de todo o coração, deixando de lado a idolatria, que estavam praticando, porque só aí Ele os livraria da mão dos filisteus.

Os versículos 4 a 6 nos apresentam, portanto, um reavivamento que teve início em Mispá, onde o povo se reunia para que Samuel intercedesse por eles. Ali eles jejuaram e confessaram os seus pecados ao Senhor, enquanto Samuel por eles intercedia.

A resposta do Senhor, no tocante a livrá-los das mãos dos filisteus, teve uma resposta meteórica por parte dEle. Ao vê-los reunidos em Mispá, os filisteus, erradamente, acharam que se tratasse de um ajuntamento militar, pelo que decidiram se antecipar e atacá-los.

Quando os israelitas perceberam a vinda dos filisteus, eles foram tomados de medo e pediram a Samuel para que não parasse de interceder por livramento. Samuel tomou, então, um cordeiro e o ofereceu em holocausto ao Senhor. Enquanto ele o fazia, os filisteus chegaram, mas Deus os levou ao pânico, trazendo trovões contra eles com fortíssimos estrondos, fazendo com que fossem derrotados por Israel.

Ao fugirem, os israelitas os perseguiram e foram muitos os mortos entre as tropas dos filisteus. Eles nunca mais atacaram Israel durante o juizado de Samuel e houve paz entre eles.

Samuel continuou como juiz por muitos anos em Mispá, mas viajava para outras cidades, onde julgava as causas do povo.

ISamuel 8

Este capítulo começa com Samuel envelhecendo e colocando os seus filhos, Joel e Abias, como juizes em seu lugar. Infelizmente, contudo, estes não seguiram o pai, em termos de integridade. Pelo contrário, eles aceitavam suborno e corromperam a justiça, a ponto dos anciãos resolverem que o ideal seria mudar o sistema de governo, passando a ter um rei, como todos os outros povos. Assim sendo, as autoridades se juntaram e foram visitar Samuel em sua casa em Ramá e ali pediram que ele lhes constituísse um rei.

O pedido deles entristeceu a Samuel, que se sentiu rejeitado, fazendo com que ele trouxesse o caso perante o Senhor. Deus o surpreendeu, contudo, dizendo que não era ele o rejeitado e, sim, Ele, Deus, a Quem o povo já rejeitara desde a saída do Egito. Mesmo assim, Deus disse a ele que deveria atender ao povo, limitando-se a alertá-los, todavia, com relação ao preço que a nação teria que pagar para ter um rei (versículo 9).

Nos versículos 10 a 18 Samuel discursa ao povo sobre o preço que teriam que pagar, não apenas em dinheiro e bens, mas também cedendo os seus filhos e filhas para estarem a serviço dele. Estes versículos nos mostram que os impostos adicionais a serem pagos pelos israelitas seriam de mais um dízimo, além daquele que eles já pagavam para suprir a casa do Senhor.

Os israelitas não aceitaram os argumentos de Samuel e Deus reiterou que ele deveria atendê-los.

Semana 43 (2ª Parte) - Ensinos Apostólicos

Texto: Filipenses 1 a 4

Estação 22

Filipenses 1

A igreja de Filipos foi fundada na segunda viagem missionária de Paulo e encontra-se na Macedônia, conforme indicado na figura 43-1, abaixo. Lucas fala da cidade em *Atos 16.12*, onde diz ser a primeira deste distrito da Macedônia, onde a capital seria Tessalônica.

Foi ali que Paulo evangelizou algumas mulheres, dentre as quais Lídia, uma vendedora de púrpura de Tiatira. Foi também ali que Lucas narra que eles foram seguidos, por vários dias, por uma jovem que tinha um espírito de adivinhação, que dizia, repetidamente, que **“estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo”**.

Embora a moça estivesse fazendo propaganda positiva do ministério de Paulo, ele reconheceu tratar-se de uma armadilha satânica e expulsou o demônio. Como a moça deixou de ser fonte de lucro de seus senhores, estes foram prestar queixas contra Paulo e Silas, alegando que eram judeus e estavam trazendo costumes ilícitos. Hora nenhuma mencionaram o motivo real de sua queixa. Os dois foram presos, açoitados e jogados na prisão.

Foi neste contexto, em meio a louvores que os dois cantavam, que ocorreu um terremoto que soltou todos os presos, mas que não fugiram, dando a Paulo a oportunidade de impedir o suicídio do carcereiro e depois levá-lo à salvação em Cristo.

Não obstante os açoites, podemos dizer que Paulo guardava boas lembranças de sua estada em Filipos, para onde retornou em sua terceira viagem missionária.

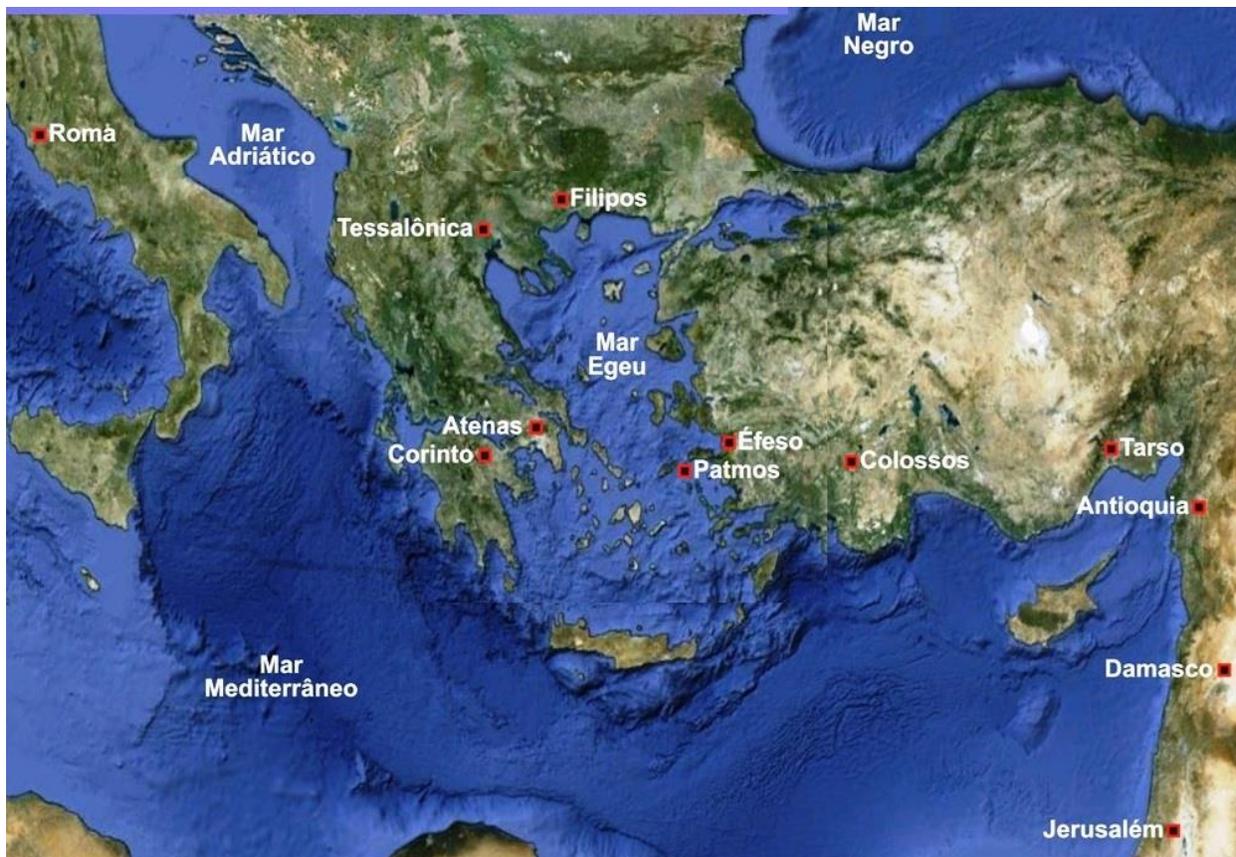


Figura 43-1 - Localização da Igreja de Filipos na Macedônia

A carta de Paulo provavelmente foi escrita durante o seu período de prisão em Roma. Admitindo que ele chegou em Roma no ano 60d.C. e que morreu por volta do ano 67d.C., estima-se que tenha sido escrita entre essas duas datas.

Os primeiros dois versículos contêm a saudação típica das cartas de Paulo, mas incluindo Timóteo, ambos como servos de Jesus Cristo. A carta é endereçada aos que estão em Filipos, incluindo os bispos e os diáconos. É curioso que ele não a esteja endereçando à igreja, mas inclua os pastores e diáconos, pelo que certamente há uma igreja. A graça e a paz de Jesus fazem parte usual das saudações paulinas.

Nos versículos 3 a 11 Paulo fala não apenas de sua afeição pelos filipenses, mas de sua gratidão a Deus pela alegria que tem de ver como o Evangelho se desenvolveu e se desenvolve ainda entre eles. Quando terminamos de estudar as cartas aos coríntios e vimos as dores que estes causaram a Paulo, não só por sua carnalidade, mas também pelo seu total desrespeito, fica fácil de entender porque os filipenses dão a ele tanta alegria. É por isso mesmo que ele continua intercedendo para que o amor deles e o conhecimento de Deus cresça cada vez mais, para que tenham cada vez mais discernimento e continuem puros e irrepreensíveis até a volta de Cristo.

O texto de Paulo, que se estende do versículo 12 até o 26, fala do amor e da vibração dele com a pregação do Evangelho de Jesus Cristo. Sempre que a vida fornece a algumas pessoas uma nova motivação, é fácil entender que elas possam vibrar com a mesma. É exatamente isso que ocorre com Paulo. Aquele que era árduo defensor da lei e de toda a dificuldade de viver pela mesma, descobriu o grande amor de Deus no sacrifício de Jesus Cristo e se tornou um vibrante defensor do Evangelho.

Assim sendo, mesmo preso em Roma, Paulo vibra pelo fato da guarda pretoriana e de muitos outros estarem notando que Cristo vive através de sua vida. Além disso, a sua prisão tinha servido de motivação para que os demais irmãos pregassem cada vez mais.

Neste momento Paulo se lembra de algumas pessoas que não pregavam o Evangelho, mas que passaram a fazê-lo, achando que ele ficaria chateado por estarem tomando o seu lugar. Ele diz, contudo, que fica contente que o Evangelho esteja sendo pregado, mesmo que com a motivação errada, porque pessoas podem se converter, não obstante a falsa iniciativa (versículo 18).

Paulo continuou a falar sobre a sua determinação no sentido de Cristo ser engrandecido nele. Neste contexto ele pronunciou um dos versículos que deveria ser o alvo de todo crente: **porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro** (versículo 21). Ele deixa claro que a sua vida estava nas mãos de Deus. Se fosse para ficar por aqui, certamente seria para dar fruto para o Reino. Caso contrário, ele estava pronto para partir e estar com Deus, o que seria melhor ainda.

Nos versículos 27 a 30 Paulo exorta os filipenses a se manterem firmes, todos lutando pelo Reino, com um mesmo Espírito. Certamente seriam atacados, mas não deveriam se deixar intimidar, porque a eles seria dado o mesmo privilégio que ele, Paulo, tivera, qual seja, crer em Cristo e sofrer por ele.

Filipenses 2

Este capítulo é uma continuação da exortação que Paulo iniciou no versículo 27 do capítulo anterior. Se, estando em Cristo, todos têm a mesma motivação, sentimos todos o mesmo amor, temos comunhão no mesmo Espírito e a todos é dada a mesma afeição e compaixão; então, isso deve se refletir no relacionamento que há entre eles. Paulo diz, portanto, que lhe alegraria muito que todos concordassem em seus pensamentos, que se amassem mutuamente e que, num mesmo espírito, tivessem todos a mesma atitude.

Segundo ele, o segredo para tanto é que eles erguessem a bandeira da humildade, considerando os outros superiores a si mesmos e que tudo fosse feito não por interesses pessoais, mas para o benefício dos outros (versículos 3 e 4).

Nos versículos 5 a 8 o assunto é o mesmo, mas o exemplo de humildade é o de Jesus Cristo. Trata-se de um texto conhecido pelo nome grego “kenosis”, que significa esvaziamento, segundo o qual Jesus Se esvaziou de Sua divindade para tomar, entre nós, a forma de servo, não obstante continuar sendo Deus. Nessas condições, Ele Se

humilhou de tal maneira, que aceitou morrer a vergonhosa morte de cruz. Tudo isso em nosso favor.

Trata-se de um texto muito disputado, onde muitos o interpretam como Jesus deixando de usar a Sua divindade enquanto homem, para agir apenas como homem (embora permanecesse sendo Deus). Já outros acham que significa apenas que Jesus Se humilhou, tomando a forma de homem e morrendo em nosso lugar.

Obviamente, a interpretação correta não será encontrada no grego do texto, que já foi disputado pelos melhores especialistas, e, sim, no fato de explorarmos melhor a finalidade desse esvaziamento.

Satanás é o nosso grande acusador e está pronto, inclusive, a acusar Deus de ser injusto, como fez duas vezes enquanto Deus estava provando Jó (*Jó 1.9-11 e 2.4*). Pois bem, a Bíblia nos diz que Jesus venceu o pecado e que, por isso mesmo, está qualificado para ser o nosso Sumo Sacerdote diante de Deus.

Não poucos teólogos dizem que Jesus venceu o pecado justamente por ser Deus, já que Deus não pode pecar. Será que Satanás perderia a chance de acusar Deus de ser injusto se Jesus tivesse vencido o pecado pelo fato de ser Deus? A resposta é óbvia! O pior é que, na minha opinião, Satanás estaria certo.

O nosso substituto qualificado para pagar os nossos pecados teria que ser homem e teria que vencer os pecados como homem. É isso que Paulo atesta ao dizer que o único mediador entre Deus e os homens é Jesus Cristo homem (*1 Timóteo 2.5*). Assim sendo, o esvaziamento de Jesus, no sentido de não usar a sua divindade, tem exatamente essa finalidade: fazer com que o nosso substituto pleno seja o homem Jesus.

Outro argumento forte nesse sentido está associado a *Tiago 1:13b* que diz que **Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta**. É fato, contudo, que Jesus foi tentado por Satanás (*Lucas 4.1-13*). Como Satanás não tem a liberdade de fazer o que bem entende, segue que o esvaziamento de Jesus foi tal que a Sua divindade estava “desativada”, dando a Satanás o direito de tentar o homem Jesus e não Jesus Deus Filho.

Ainda com relação à tentação, vemos que a primeira tentação de Satanás foi no sentido de que Jesus transformasse pedra em pão, para Se alimentar depois de 40 dias de jejum. Haveria algum pecado em transformar pedra em pão? Claro que não, mas Jesus estaria agindo como Deus, em benefício próprio e, assim, estaria desqualificado como substituto. Satanás é muito astuto, mas Jesus venceu também essa prova.

Finalmente, *Hebreus 2.9* nos informa que Jesus foi, por pouco tempo, menor do que os anjos. Em outras palavras, Ele foi um homem comum (embora Deus estivesse presente esvaziado). Isso aconteceu durante toda a vida do Unigênito, tanto que Seus milagres foram realizados por Deus Pai (*João 14.10*). Tão logo Ele ressuscitou, contudo,

Hebreus 1.6 atesta que essa situação mudou e Deus mandou que todos os anjos O adorassem. Em outras palavras, o Primogênito, não estava mais sujeito ao kenosis.

Vemos, portanto, à luz desses muitos exemplos, que Jesus, embora tendo a natureza de Deus, não usou de Sua divindade enquanto foi o Unigênito. É exatamente por isso que Jesus pôde morrer tanto espiritualmente como fisicamente, sem que Deus tivesse morrido.

Os versículos 9 a 11 falam a respeito da exaltação de Jesus, por parte de Deus Pai, para que a Ele se dobre todo joelho no céu e na Terra.

Nos versículos 12 a 18, Paulo fala aos filipenses a respeito de obediência e de colocarem a sua salvação em prática. A obediência em questão é a Deus, vivendo de maneira a agradá-IO, enquanto o exercício da salvação é a consagração de suas vidas ao Reino, no qual passaram a militar. Tudo isso deve ser feito com temor e tremor, que qualificam o respeito que devem ter pelo Deus a Quem servem.

No tocante a como fazer isso, eles não precisariam se preocupar, pois é Ele que efetua tanto o querer como o realizar (versículo 13). Essa é a realidade da vida do crente. Ele vive em obediência a Deus e Ele cria as oportunidades. O papel dos filipenses, bem como o nosso, é viver uma vida pura e irrepreensível (versículo 15).

No versículo 17, Paulo faz referência ao fato de sua vida estar sendo derramada como oferta de bebida, sobre o sacrifício que está sendo oferecido pela vida de fé dos filipenses, que, em última análise, é o resultado de seu ministério entre eles. A oferta de bebida era um acessório das ofertas sacrificiais descritas nos primeiros 6 capítulos de *Levítico*. Caso fosse essa a vontade de Deus, é assim, dessa forma elegante, que Paulo vê o seu martírio, com o qual ele se diz contente, pedindo, também aos filipenses, que se alegrem com ele (versículo 18).

Nos versículos 19 a 24, Paulo fala de seus planos de enviar Timóteo a Filipos, para que tenha notícias deles e nos versículos 25 a 30, ele discute o retorno de Epafras, um filipense que havia sido enviado pela igreja de Filipos para levar a Paulo uma oferta. Paulo nos informa que ele adoecera gravemente, mas que Deus o havia poupado. É bonito o elogio que Paulo faz a ele, no versículo 29, ao dizer que homens como ele devem ser honrados.

Filipenses 3

Paulo começa esse capítulo com uma nota positiva, exortando os filipenses a se alegrarem no Senhor. Quanto ao fato de Paulo defender a repetição de exortações anteriores, não está claro se ele se refere à exortação que acabara de fazer, ou se está falando das coisas que vai dizer a seguir. Neste caso, ele estaria se referindo, também, a uma carta anterior que não temos. Seja como for, denota o fato de Paulo ser zeloso em relação ao aprendizado de seus filhos.

Embora a igreja de Filipos não tenha tido problemas tão graves quanto a de Corinto, o capítulo 3, com a menção dos “cães” e da falsa circuncisão, deixa claro que os judaizantes também haviam levado seus ensinamentos aos filipenses. O sentido exato da palavra cães é incerto. Os judeus tinham por hábito chamar os gentios de cães, mas Paulo não utilizaria o termo com esse sentido. Como o cão era tido como um animal sujo, chamar uma pessoa de cão poderia referir-se a uma pessoa suja. Seja como for, é alguém que age de forma inadequada, tal como os que praticam o mal e a falsa circuncisão. O fato de Paulo se defender na segunda parte do versículo 2, não só prova que ele fora acusado, como deixa claro que os judaizantes tinham estado também em Filipos.

Os versículos 3 a 14 apresentam o discurso de Paulo contra os judaizantes. Ele começa, no versículo 3, falando a respeito da verdadeira circuncisão, que é espiritual e que se gloria em Jesus Cristo, ao invés de confiar na carne. Nos 3 versículos seguintes, contudo, fala que se fosse possível confiar na carne, ele mesmo seria extremamente qualificado para isso, devido ao seu zelo no Judaísmo. Ocorre, contudo, que quando ele conheceu a Cristo, tudo aquilo que ele considerava lucro, passou a tratar como se fosse perda, devido à suprema grandeza do conhecimento de Jesus Cristo. Valeu a pena perder tudo por amor a Cristo, porque tudo que ele havia perdido passara a valer, para ele, menos que esterco. Dificilmente Paulo poderia ter sido mais claro em relação à nova escala de valores que ele adotara, a qual é encabeçada por seu amor a Cristo.

É interessante nos versículos 12 e 13, que Paulo bata na tecla de que ainda não alcançara aquilo que buscava em Cristo. Uma leitura rápida pode dar a impressão de que ele tinha dúvidas sobre sua própria salvação ou algo assim, mas não é nada disso. É que, aparentemente, seus opositores judaizantes haviam declarado que já estavam num estado de santidade elevado, pelo que tinham autoridade para “corrigir” os ensinamentos paulinos, já que ele estaria num nível espiritual mais baixo.

Assim sendo, Paulo insiste em dizer que é sem sentido alguém alegar que está num nível espiritual mais elevado, a ponto de poder achar-se superior aos outros. A vida cristã, diz Paulo, deve ser vivida de olho no alvo, que é Cristo, para que possamos alcançar o prêmio para o qual fomos vocacionados (versículo 14).

Em função disso, fica difícil de entender exatamente o que Paulo está dizendo nos versículos 15 a 17. Como ele acabara de criticar a falsa maturidade dos judaizantes, parece que ele estaria usando de sarcasmo ao dizer que ele e outros crentes maduros veem as coisas como ele acabara de dizer. Quanto aos outros que porventura pensassem diferente, Deus certamente lhes mostraria que Paulo tinha razão (/43/, pág. 154-155).

Por outro lado, Paulo poderia estar dizendo algo como declarou certa vez Rui Barbosa, “que só sabe realmente, aquele que sabe o quanto não sabe”. Nesse sentido, como ele já declarara que não havia alcançado o alvo, ao declarar-se maduro, estaria alegando que o maduro é aquele que sabe o quanto falta para chegar à maturidade perfeita.

Seja como for Paulo ,declara, no versículo 16, que o crente só pode viver de acordo com aquilo que já aprendeu. Assim sendo, sugere que sigam o seu exemplo, e que observem a vida daqueles que fazem isso, constatando se não é um padrão a ser seguido.

No versículo 18 ele nos dá a impressão de estar criticando, também, alguns irmãos da igreja de Filipos, que além da circuncisão estariam dizendo que a verdadeira salvação estaria na guarda da lei e não na cruz de Jesus Cristo. Estes, aparentemente, estariam advogando, também, alguma liberdade adicional para as depravações praticadas antes de sua conversão.

Paulo encerra dizendo que os verdadeiros crentes são aqueles que já não pertencem a esse mundo, mas cuja cidadania é a celestial. É vindo dos céus que aguardamos a Cristo, diz Paulo, que vai restaurar todas as coisas, inclusive os nossos corpos, que se tornarão como o dEle (versículos 20 e 21).

Filipenses 4

Paulo inicia este quarto capítulo declarando o seu amor pelos filipenses, dizendo ter deles saudades e exortando-os a permanecer firmes no Senhor. Tendo dito isso, ele se lembra de desavenças que estão ocorrendo entre duas de suas colaboradoras, Evódia e Síntique, que ele exorta a viverem em harmonia. Além disso, pede que seu fiel companheiro de jugo, cujo nome não é citado, sirva de mediador entre elas, visto que ambas haviam trabalhado com ele em prol do Evangelho, juntamente com Clemente e outros companheiros, cujos nomes estão todos no livro da vida. Esse adendo final equivale a dizer que pessoas que vão passar a eternidade juntas no céu, não devem se desentender aqui.

As recomendações dos versículos 4 a 9 são todas no sentido de viverem uma vida a serviço do Senhor. Eles deveriam se alegrar sempre, deveriam ser reconhecidos por serem amáveis, andar sempre confiantes no Senhor, porque Ele cuida deles, deveriam pensar apenas em coisas dignas de louvor e deveriam observar tudo que ele, Paulo, lhes transmitira.

Nos versículos 10 a 20 Paulo faz um longo agradecimento pela oferta que acabara de receber deles e que lhe fora levada por Epafrodito. Ele ressalta, contudo, que o amor deles por ele lhe foi muito mais importante que a oferta propriamente dita.

Neste ponto, ele dá um belo testemunho de como aprendera a confiar no Senhor em todas as situações, pelo que houve tanto abundância como necessidade, mas o Senhor havia suprido sempre. Deus havia mostrado a ele que **ele tudo pode nAquele que o fortalece** (versículo 13).

Mais uma vez, contudo, ele agradeceu e lembrou a eles que foram somente eles que haviam suprido suas necessidades quando ele estivera em Tessalônica, para onde eles haviam mandado ofertas duas vezes.

É interessante que ele insiste que está registrando esse fato para que fique como crédito para eles. Ele termina esses agradecimentos dizendo-se totalmente suprido graças a eles e desejando que Deus os recompense suprimindo também todas as necessidades deles com as riquezas gloriosas de Cristo.

A carta é concluída com saudações nos versículos 21 a 23.

Semana 44 - O Reino Unido: Saul

Texto: ISamuel 9 a 15, 28 e 31, ICrônicas 10 e Eclesiastes 1 a 4

Estação 23

I Samuel 9

Neste capítulo vemos duas histórias independentes, que convergem para a unção de Saul como rei de Israel. A forma como Deus dirige todas as coisas, para a realização de Sua vontade, fica patente a cada passo dessas histórias.

O texto da primeira história começa com a apresentação de Quis, pai de Saul, um benjamita que perdera algumas jumentas e que pediu ao filho Saul para procurá-las. Saul, por sua vez, é apresentado como uma pessoa de elevada estatura, provavelmente um pouco acima de 2m, que prontamente o atendeu e partiu, com um servo, a procura das jumentas.

Depois de saírem do território de Benjamim e adentrarem Judá, sem qualquer sucesso, Saul resolveu que era hora de voltar, mas seu servo achou que uma consulta ao famoso vidente Samuel valeria a pena, já que estavam às portas da cidade onde este se encontrava. Assim sendo, constatado que tinham uns R\$50,00 para dar a ele de oferta, eles entraram na cidade procurando-o.

Nesse íterim, numa história paralela, Deus já havia falado com Samuel, no dia anterior, avisando a ele que estava trazendo o novo rei de Israel à sua cidade para encontrá-lo. Novamente, no dia seguinte, quando Saul entrou na cidade, Deus fez com que Saul se dirigisse justamente a Samuel para perguntar onde poderia encontrar o vidente.

Aqui as duas histórias se encontram, mas apenas Samuel tinha todas as informações. Ele, a serviço de Deus, já fora informado da chegada de Saul, já sabia que as jumentas haviam sido encontradas e sabia que sua tarefa era ungir Saul.

Samuel, que estava indo para ofertar ao Senhor e depois almoçar com o pessoal da cidade, quando Saul chegou, respondeu que ele era o vidente e que Saul e seu servo almoçariam com ele depois da oferta. Além disso, disse a ele que as jumentas, perdidas havia 3 dias, foram achadas e que ele, Saul, poderia retornar pela manhã.

No dia anterior Samuel mandara preparar um pedaço especial de carne para os seus visitantes e, assim, Saul, teve sua primeira refeição de rei, antes mesmo de ser coroado.

O capítulo se encerra, no dia seguinte, quando Saul está partindo. Samuel pede ao servo para partir na frente, enquanto ele se preparava para ungir Saul.

ISamuel 10

Este capítulo começa exatamente onde parou o anterior, ou seja, com Samuel pegando um jarro de óleo e unguendo Saul rei de Israel. Como prova disso, ele profetizou para Saul uma série de coisas que lhe aconteceriam durante o regresso para casa:

- Assim que chegasse ao túmulo de Raquel, em Zelza (lugar desconhecido), entre Belém e Betel, ele encontraria dois homens, que lhe diriam que as jumentas haviam sido encontradas e que seu pai agora estava preocupado com ele;
- Ao se aproximar do carvalho de Tabor (local desconhecido) ele se encontraria com 3 homens que estavam subindo para Betel. Eles estariam levando 3 cabritos, 3 pães e vinho. Estes homens lhe ofereceriam 2 pães, que ele deveria aceitar;
- Quando ele chegasse em Gibeá (sua própria cidade, onde havia tropas filisteias) viria a seu encontro um grupo de profetas tocando instrumentos e profetizando. Neste momento o Espírito de Deus se apossaria dele e ele também profetizaria. Nesta ocasião ele seria transformado em outro homem.

Depois que estas coisas acontecessem, ele estaria revestido do poder de Deus e poderia fazer qualquer coisa que lhe subisse ao coração. Esse versículo 7 parece indicar que Deus lhe dirigiria. Além disso, tudo isso seria a confirmação de que Deus realmente o escolhera.

O próximo passo seria subir para Gilgal, onde deveria esperar 7 dias por Samuel. É no mínimo curioso que Samuel o pedisse para chegar uma semana antes. Em chegando, contudo, ele instruiria Saul com relação aos próximos passos a serem seguidos.

O versículo 9 nos informa que Deus mudou o coração de Saul no momento em que saiu da presença de Samuel. Além disso, confirma que todas as coisas previstas por Samuel ocorreram conforme profetizadas.

Não obstante já termos a confirmação de que ocorreram, o narrador descreve, nos versículos 10 a 13, o evento de Saul profetizando. A impressão que o texto nos dá é que esses profetas não eram benquistos pelo povo. O homem que se surpreende com Saul profetizando parece dizer que Saul vem de boa família, enquanto esses outros não têm pai conhecido.

Nos versículos 14 a 16 vemos Saul finalmente chegando em casa e sendo questionado por seu tio sobre o seu relacionamento com Samuel. O fato de Saul esconder do tio a unção dele, feita pelo profeta, pode indicar que Samuel o tenha instruído para não mencionar o fato até que Deus mesmo o tornasse público.

É exatamente isso que acontece nos versículos 17 a 24, quando Samuel convoca o povo a subir a Mispá, para ali proceder a escolha do rei. Ele começa convocando todas as tribos, dentre as quais sorteia Benjamim, e depois as famílias, ficando com Matri e a nível pessoal chegando em Saul.

Esse método por sorteio causou um certo desconforto pelo fato de Saul não ter sido encontrado. Será que Samuel se enganara? Para tirar essa dúvida Deus foi consultado

e Ele revelou a Samuel que Saul, por receio de aceitar o cargo, se escondera entre as bagagens (versículo 22).

Quando foi encontrado e trazido, Samuel exaltou a estatura e o porte físico dele, dando a entender que Deus não poderia ter escolhido melhor.

O versículo 25 nos mostra que Deus havia previsto regras, segundo as quais o rei deveria liderar o povo. Essas regras foram registradas por escrito.

Depois disso, Samuel mandou todos para casa e o mesmo ocorreu com o próprio Saul, que foi acompanhado de pessoas cujos corações haviam sido movidos para apoiá-lo. Infelizmente, contudo, havia os insatisfeitos que se opunham à escolha. Esses são registrados no versículo 27.

Eclesiastes 1

O livro de Eclesiastes, atribuído a Salomão, tem suscitado muitas discussões quanto ao seu objetivo. Sabemos, através do texto bíblico, que o final do reinado de Salomão foi muito tumultuado, porque suas muitas mulheres lhe “viraram a cabeça”. Ele passou a servir, também, aos deuses de suas mulheres e se tornou um rei injusto, perseguindo alguns de seus servos (*1 Reis 11*). Por causa disso, muitos acham que se trata de um livro escrito por ele em meio à sua frustração. Já outros acham que se trata apenas de um tipo literário, o sapiencial, que fazia sucesso à época, e no qual Salomão produziu essa obra.

Seja como for, vemos que Eclesiastes alterna expressões de um deprimido com conclusões de que a verdadeira felicidade só pode ser encontrada no serviço ao Senhor Deus de Israel.

Neste primeiro capítulo o autor fala sobre o fracasso em relação a todas as coisas desta vida. O primeiro versículo identifica o autor como o filho de Davi, que ocupa o cargo de rei em Jerusalém.

A partir do versículo 2 ele fala da inutilidade ou da vaidade de todas as coisas com as quais teve que lidar, começando pelo trabalho. O homem se esforça muito, mas ao final geração vai e geração vem e nada muda. Todo dia o sol nasce e se põe, todo dia o vento sopra, mas está sempre soprando. Os rios levam as águas para o mar, que nunca se enche. De alguma forma voltam para continuar sendo levadas novamente.

Nada muda, mas mesmo assim o homem não entende. Ele quer ver mais e ouvir mais. Tudo que foi voltará a ser. Nada é novo! Os que viveram no passado são esquecidos pelo pessoal que vive e os que vivem serão esquecidos por seus descendentes.

Nos versículos 12 a 18 Salomão fala de sua própria frustração como rei de Israel a quem foi dada grande sabedoria. Ele fala de como se tornou famoso, mas que a muita sabedoria, que lhe trouxe muito conhecimento, lhe deu muito trabalho, tentando entender

as coisas e consertando o que estava errado, mas que, no final, foi como correr atrás do vento. No final concluiu que quanto maior a sabedoria, maior o sofrimento e quanto maior o conhecimento, maior o desgosto, por não conseguir mudar nada.

Eclesiastes 2

No capítulo 2 Salomão continua a discursar sobre a inutilidade de sua busca pela felicidade. Sua nova tentativa é na alegria, no vinho, nas grandes realizações (construções, plantações, reservatórios, escravos, rebanhos, prata e ouro, cantores e um harém) e, no final, a conclusão foi a mesma, qual seja, nada passa de correr atrás do vento (versículo 11).

A partir do versículo 12 ele passa, então, a fazer considerações envolvendo sabedoria, loucura e insensatez, no tocante ao seu sucessor. Não obstante Salomão reconhecer que a sabedoria é melhor que a insensatez, da mesma forma como luz é melhor que trevas, o sábio e o tolo, ambos, vão para a sepultura.

Salomão, então, medita sobre a injustiça associada ao fato do sábio e do tolo terem o mesmo destino. De igual forma ambos serão esquecidos, apesar de um ter sido sábio e o outro tolo. Assim sendo, ele conclui que não valeu a pena ter sido sábio. Ele se esforçou muito, trabalhou muito e, no final, não vai levar nada. Fica tudo para o seu sucessor. Assim, no fundo, ele só correu atrás do vento.

Quanto ao sucessor, ele não sabe se vai ser sábio ou tolo, mas, mesmo assim, é ele que vai ter domínio sobre tudo que ele deixou. Mais uma vez ele conclui que isso é um absurdo, uma tremenda injustiça!

Resumindo, a sua vida de trabalho se restringe a dor e tristeza, sem falar da falta de sono pela preocupação que tudo isso traz.

Assim sendo, Salomão, nos últimos três versículos, conclui que a forma de vida que ele vivia era sem sentido. As únicas coisas que valem a pena são comer, beber e encontrar prazer no trabalho, porque é isso que Deus espera de todos. Ele não está propondo uma vida só de prazeres, mas uma onde gozamos e nos contentamos com aquilo que Deus nos dá. Àquele de quem Deus Se agrada, Ele também dará sabedoria, conhecimento e felicidade. Quanto ao pecador, Deus simplesmente o encarregará de juntar riquezas para os justos.

Há comentaristas que acham que Salomão está, sim, defendendo uma vida de prazeres e que seus ensinamentos não são o ideal para nenhum crente, mas ele continua a falar sobre o mesmo assunto no capítulo seguinte, que nos indica que, apesar de frustrado com a vida que levou, ainda assim está raciocinando e procurando priorizar o relacionamento com Deus na sua proposta.

Eclesiastes 3

O capítulo 3 continua falando a respeito desse novo conceito de vida, pelo que faz-se necessário dizer que todas as coisas têm um tempo devido para a realização de cada propósito. A vida que Salomão vivera, onde havia tentado realizar todos os seus propósitos o mais rápido possível no tempo associado a suas prioridades, só lhe trouxera tristeza e sofrimento. Exatamente por isso, ele quer nos ensinar a respeitar os tempos adequados, quais sejam, os de Deus.

A vida começa com o nascimento e termina com a morte. Ambos estes eventos têm um tempo devido para cada indivíduo. O propósito nesse caso existe e foi estabelecido por Deus. Ele tem um propósito para nossas vidas, mas cumpri-lo ou não está associado ao nosso arbítrio. Ao longo da vida, ou seja, entre esses dois eventos, há tempo para plantar e tempo para se arrancar o que foi plantado. Plantar ou arrancar fora de hora é contra-produtivo. Há estações propícias.

Nos versículos 3 a 8 ele contrapõe vários propósitos cujos tempos devidos devem ser respeitados: matar e curar, derrubar e construir, chorar e rir, lamentar e celebrar (prantear e dançar), espalhar pedras e ajuntar pedras, abraçar e abster-se de fazê-lo, procurar e desistir de fazê-lo, guardar e jogar fora, amar e odiar e, finalmente, lutar e viver em paz.

Cada um desses propósitos tem o seu tempo adequado, que podemos reconhecer obedecendo aos preceitos divinos que nos foram ensinados. Tudo que o trabalhador ganha com todo o seu esforço é o fardo que Deus lhe impõe, por não observar que Deus fez tudo para o tempo apropriado.

Há uma certa dificuldade na compreensão do que foi dito no versículo 11. O anseio pela eternidade, que Deus colocou no coração do homem, parece associado à noção que temos de que a vida não termina aqui. Esse anseio vem do próprio Deus, que faz com que queiramos que Ele preencha o nosso vazio.

Há um ditado popular (no meio evangélico) que diz que todos nós temos um vazio interior exatamente do tamanho de Deus, prontinho para que Ele o preencha. Além disso, contudo, o anseio pela eternidade também nos leva à compreensão dos planos eternos de Deus, mas estes ficam, parcialmente, além do nosso entendimento.

Nos versículos 12 e 13, Salomão estipula, novamente, a sua tese apresentada nos 3 versículos finais do capítulo anterior, desta vez acrescentando a necessidade de praticarmos o bem. Ressalta-se, contudo, que ele não está advogando o estabelecimento de uma conta de débito e crédito e, sim, o fato de que fazer o bem é o que Deus espera de nós. É nossa obrigação.

O texto dos versículos 14 a 22 nos diz que a falha do homem de entender os propósitos de Deus neste mundo moralmente distorcido o torna apenas um pouco superior aos animais, pelo que desfrutar a vida fica sendo o único meio de fugir à frustração.

O versículo 14 fala da imutabilidade das coisas feitas por Deus, cuja finalidade é fazer com que o homem O tema. Embora o versículo 15 repita a mesma ideia, o final do versículo, no tocante à “investigação do passado”, parece ser um problema de tradução, onde o sentido é que Deus trará tal passado de volta, embora tenha sido rejeitado no passado.

Já o versículo 16 nos diz que onde se esperava encontrar justiça e retidão nesse mundo, tudo que se viu foi a impiedade. No final das contas quem distingue entre o justo e o ímpio é o próprio Deus, que vai julgar a ambos (versículo 17).

Nos versículos 18 a 22 há excelente munição para aqueles que alegam que o Pregador (Salomão) está totalmente dissociado do pensamento bíblico, mas se virmos as suas palavras como o pensamento do descrente, que só vê impiedade por toda a parte, então, o normal é concluir que se vivemos como animais, vamos morrer como animais, pelo que não haverá nenhuma diferença entre o homem e um animal (versículo 21), então, o tempo gasto de acordo com o propósito divino (versículo 17), fará toda a diferença entre os dois.

Caso contrário, a única alternativa que sobrou é a de gozar a vida com seus prazeres.

Eclesiastes 4

Neste capítulo o Pregador continua a olhar para algumas situações do dia a dia da vida, mostrando a sua falta de sentido. Ele começa pela opressão nos versículos 1 a 3, onde o poder normalmente apoia os opressores, de modo que não há solução para consolar as lágrimas dos oprimidos. É assim que as coisas funcionam debaixo do sol. Assim sendo, feliz é quem já morreu e não vai mais ser injustiçado e mais feliz ainda quem sequer nasceu, pois este não terá conhecido a injustiça.

Os versículos 4 a 6 falam da constante competitividade com a qual as pessoas levam as suas vidas. Isso existe tanto em relação ao ser (disputas de cargos e poder) quanto ao ter (disputa de propriedades). Sob esse aspecto o tolo entra nas disputas e destrói a própria vida. Nesses casos é melhor ter um pouco menos ou ser um pouco menor, do que viver uma vida conturbada para ter um pouco mais ou ser um pouco maior. É mais uma forma de correr atrás do vento.

Os versículos 7 a 12 falam do absurdo de se viver só. Pior ainda, contudo, é a pessoa só, que vive para o trabalho. Sua única preocupação é juntar dinheiro, sem qualquer tempo para a diversão e sem ter para quem deixar. Trata-se de um trabalho muito ingrato.

Ainda dentro do assunto de ter companhia, Salomão fala da vantagem de não se viver só. Até o trabalho tem maior recompensa, porque são dois. Se um cair, o outro o ajuda a levantar-se. Se um sentir frio, o outro o aquece. Finalmente, se um for desafiado, o outro o defende.

Neste âmbito Salomão diz que o cordão de 3 dobras é mais forte, pelo que ficamos a nos perguntar o que seria a terceira dobra, quando ele aparentemente estava falando de um casal. Uma das interpretações mais comuns é que seja o filho do mesmo casal.

Não raramente temos visto esse versículo utilizado em casamentos para dizer ao casal de nubentes que serão mais fortes se Jesus for parte de seu casamento. Não obstante ser uma linda aplicação, é pouco provável que tenha sido essa a ideia pretendida pelo Pregador.

Os versículos 13 a 16 falam sobre a ilusão do poder político. O texto começa contrastando um rei velho e tolo, que não mais se deixa aconselhar, com um jovem sábio, que pode até ter sido aprisionado pelo rei, devido à sua sabedoria incômoda. Numa reviravolta do poder, o rei é deposto e passa a reinar o jovem sábio em seu lugar, mas tudo isso é ilusório, se logo a seguir ele perder o apoio popular e cair em desgraça. Jogar com o poder é apenas mais uma forma de correr atrás do vento.

ISamuel 11

Neste capítulo é apresentado o primeiro ato de Saul na condição de rei. Ele havia voltado para casa depois de sua coroação em Gibeá e estava trabalhando, tal como antes, nas terras de seu pai. Nesse meio tempo, os amonitas invadiram Israel e cercaram a cidade de Jabes Gileade, localizada próximo ao rio Jordão, 35km a sul do mar da Galileia, no território destinado à tribo de Gade. Trata-se de uma cidade murada, de modo que o cerco dos amonitas teria sucesso tão logo os mantimentos da cidade faltassem.

Para evitar que chegasse a tanto, os moradores de Jabes pediram que fossem estabelecidas condições para um rendimento pacífico, mas a resposta dos amonitas foi ultrajante. Disseram que aceitariam tirar o olho direito de cada habitante para deixá-los viver em troca de seu rendimento.

Os moradores de Jabes pediram 7 dias para dar a resposta e trataram de enviar uma mensagem ao rei pedindo socorro. Quando o rei soube da notícia, ficou indignado e convocou todo o Israel para combater os amonitas.

As tropas israelitas, em número de 330 mil, se juntaram em Bezeque (ao norte de Jerusalém) e mandaram dizer ao povo de Jabes que os libertariam no dia seguinte. Obviamente se alegraram com isso e avisaram aos amonitas que se renderiam no dia seguinte. Naquela mesma madrugada Saul atacou o acampamento amonita, causando grande mortandade e a fuga dos que sobraram.

Diante da esmagadora vitória, os israelitas que apoiaram Saul quiseram se vingar dos seus conterrâneos que haviam decidido não apoiá-lo durante a coroação, mas o próprio Saul decidiu perdoá-los.

A reação de Samuel foi de voltar a Gilgal para confirmar, diante de Deus, a sua coroação.

ISamuel 12

Este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, Samuel fala que está idoso e pronto a parar, motivo pelo qual ele coloca diante do povo os seus atos realizados ao longo de todos os anos durante os quais foi juiz, perguntando se havia alguma queixa contra o seu procedimento, ou se alguém se sentira lesado por ele. Caso afirmativo, ele estaria disposto a ressarcir qualquer prejuízo que tivesse causado (versículos 1 a 3).

A resposta do povo foi unânime em declará-lo isento de toda e qualquer culpa. Seria muito bom se nossos políticos de hoje pudessem fazer o mesmo ao deixarem os seus cargos. Tanto o povo como o próprio rei se colocaram como testemunhas em favor da honestidade de Samuel.

No restante do capítulo Samuel falou a respeito do erro cometido pelo povo ao resolverem pedir a Deus que lhes desse um rei (versículos 6 a 25). Nos versículos 6 a 11 ele ensaiou uma resumo do comportamento do povo desde a saída do Egito até o final do período dos juízes, mostrando que sempre foram rebeldes e que desrespeitaram seu acordo com Deus.

No versículo 12, já ao final do período dos juízes, quando Naás, rei dos amonitas, começou a se levantar contra Israel, eles pediram um rei e Deus os atendera. Ali reunidos para celebrarem a vitória sobre o rei Naás, Samuel declarava que cumprira aquilo que lhe fora solicitado e que o rei já estava empossado.

Além disso, ele declarou que eles fossem fiéis na obediência ao seu rei e que se tanto eles quanto o seu rei permanecessem fiéis ao Senhor, tudo lhes iria bem. Se, contudo, eles fossem infiéis ao Senhor, como haviam sido os seus pais, que o Senhor os abandonaria da mesma forma como abandonara a seus pais (versículos 14 e 15).

Neste instante, contudo, ele disse que o povo se preparasse, porque Deus iria mostrar a eles o quão grande era o erro que eles haviam cometido, pelo fato de o terem rejeitado e pedido a Ele que lhes desse um rei.

Lembrou a eles que não era época de colheita do trigo, quando as chuvas com trovoadas eram comuns, mas, mesmo assim, Deus lhes mandaria chuvas e trovoadas fora do tempo, só para provar a eles o quanto Ele Se indignara com a sua solicitação. Foi exatamente o que aconteceu a seguir. O resultado foi o povo amedrontado, em função de seu grande pecado, levando-os a pedir a Samuel para que intercedesse por suas vidas.

Nos versículos 20 a 25, Samuel não apenas os tranquilizou, mas assegurou-lhes que Deus os perdoara e que, por amor de Seu grande Nome, havia de guardá-los. A condição para tanto é que eles O servissem de todo o coração, andando nos Seus caminhos e guardando a Sua aliança. Caso contrário, eles seriam destruídos.

ISamuel 13

Neste capítulo estamos, ainda, nos primeiros dias do reinado de Saul. Somos informados que ele tinha 32 anos ao começar a reinar e que reinou por 42 anos. Após a sua vitória sobre o rei amonita Naás, vemos que Saul mandou seu exército de 330 mil homens para casa e que ficaram com ele em Micmás, perto de Betel, 3.000 homens e com seu filho Jônatas, 1.000 em Gibeá. Devemos reconhecer que Jônatas não podia ter mais que 15 anos. Vamos lembrar, ainda, que Micmás e Gibeá eram justamente as cidades onde os filisteus estavam mantendo tropas.

Pois bem, a primeira medida desse menino de 15 anos foi atacar o destacamento de soldados filisteus que havia em sua cidade, Gibeá. Os filisteus ficaram sabendo e imediatamente foram convocados para a guerra contra os israelitas. Juntaram 3.000 carros de guerra, com 6.000 soldados treinados para dirigi-los, além de um exército incontável, pois o versículo 5 diz que eram “como a areia do mar”.

Mesmo assim, Saul reconvocou o seu exército de 330 mil homens e Deus estava do lado dele; portanto, em princípio deveria ser fácil, apesar da pequena desvantagem. Só que o mesmo versículo nos diz que os soldados de Saul tremiam de medo e logo a seguir que estavam se escondendo nas cavernas e nos poços, sem falar dos outros que passaram o Jordão para fugir da luta (versículos 6 e 7).

Por que esse medo todo? Não tinham experimentado esraçalhar os amonitas? Deus não estava com eles? Se nos adiantarmos um pouco e lermos os versículos 19 a 22, ficamos sabendo que não havia ferreiros em Israel, porque os filisteus não os permitia. Em decorrência disso, só havia duas espadas em todo o país. Uma era de Saul e a outra de Jônatas. Todo o restante dos 329.998 tinham paus e pedras.

Nesse ponto nos lembramos da vitória na guerra contra os amonitas e ficamos admirados de que a tenham ganho sem armas. É verdade que eles atacaram à noite e os amonitas não sabiam disso, mas mesmo assim foi difícil. Agora, contudo, eles estavam lutando contra os seus dominadores, bem armados, com apenas 2 espadas contra um exército incontável. É fácil entender a razão de tanto medo.

Os filisteus se dirigiram até Micmás, onde estava anteriormente o pequeno exército de Saul, mas este havia ido para Gilgal, a pedido de Samuel, onde deveria esperar por 7 dias. Mas 7 dias em tempos de paz é uma coisa, outra, completamente diferente, é ficar esperando por 7 dias sob a ameaça de invasão dos filisteus a qualquer momento. Assim sendo, pouco a pouco, os soldados de Saul começaram a debandar. No sétimo dia Samuel ainda não havia chegado e a situação estava insustentável, pelo que Saul se viu obrigado a fazer ele mesmo o sacrifício. É verdade que ele não era sacerdote, mas era o ungido do Senhor. Certamente Deus aceitaria a sua oferta.

Tão logo Saul terminou de ofertar Samuel chegou. Era apenas uma prova que Deus armara para Saul e ele havia falhado. Talvez houvesse duas semanas de reinado e já Samuel estava informando a Saul, que ele fizera uma loucura e que, por causa dela,

Deus já estava escolhendo outro para ocupar o seu cargo. Samuel não disse quem nem quando, mas Saul estava reprovado.

Saul contou o número de soldados que ainda tinha e viu que eram 600 apenas. Ele e Jônatas foram para Gibeá, enquanto os filisteus continuaram concentrados em Micmás (ver figura 44-1).



Figura 44-1 - Cidades de Israel próximas ao reino dos filisteus

Logo a seguir os filisteus resolveram atacar, mas como não estavam certos da posição das tropas de Israel, um destacamento deles se subdividiu indo em 3 direções: Ofra (norte), Bete Horom (Oeste) e Ziboim (sul), saindo de Micmás. Outro destacamento ficou em Micmás, num desfiladeiro de difícil acesso.

ISamuel 14

Este capítulo continua mostrando que os 600 homens de Saul estavam escondidos e que não houve batalha imediata entre as tropas dele e os filisteus. Passados alguns dias, contudo, novamente o jovem Jônatas resolveu que era hora de atacar os filisteus. Por isso mesmo, ele e seu escudeiro subiram até o desfiladeiro entre Micmás e Geba e

resolveram se mostrar aos filisteus à distância. Para ter certeza que Deus estaria com ele, Jônatas propôs a Deus um sinal. Se os filisteus lhes mandassem subir o desfiladeiro para lutar com eles (o mais difícil), então, é porque Deus estava com eles. Caso contrário, eles deveriam se retirar.

Como os filisteus os provocaram pedindo para subir até onde eles estavam, então, Jônatas entendeu que Deus o apoiava. Jônatas era muito hábil e já tinha derrotado 20 filisteus, que seu escudeiro vinha atrás matando, quando os filisteus começaram a se apavorar e correr. Isso se espalhou de tal modo, que o versículo 15 nos diz que o terror foi geral entre os outros destamentos e o chão tremeu (a participação de Deus não é mencionada, mas é inegável).

Quando Saul e seus 600 homens, escondidos em Gibeá, o perceberam, fizeram um reconhecimento para ver quem deles poderia estar fazendo aquilo e viram que Jônatas e seu escudeiro não estavam entre eles. Saul e seus homens entraram, então, na batalha e se juntaram a eles os israelitas que estavam escondidos, bem como aqueles que já se haviam rendido aos filisteus para não serem mortos. Houve, nesse dia, uma grande vitória dos israelitas, que perseguiram os filisteus até Bete-Aven (perto de Betel).

Os versículos 24 a 46 narram uma confusão que se formou em função de um jejum que Saul impôs a seu exército, até o final daquele dia. Jônatas, que estava ausente, não sabia do jejum e comeu um pouco de mel que encontrou no bosque. Ao final do dia os soldados estavam tão desesperados de fome, que começaram a comer carne crua (com sangue, contrariando a lei). Saul interveio para que esse pecado não continuasse, mas entendeu que a situação era muito mais grave, quando consultou o Senhor, se deveriam continuar a perseguir os filisteus, e Ele não respondeu. Saul tirou sortes, então, para ver quem pecara, e Jônatas foi indicado, pelo que deveria morrer, mas o povo interveio e não permitiu que Saul o matasse.

O restante do capítulo fala de forma genérica sobre as guerras de Saul contra as nações vizinhas, que ele venceu totalmente, com exceção dos filisteus, contra quem teve guerra durante todo o seu reinado. O texto também fala sobre a família e os principais assessores de Saul.

ISamuel 15

Durante a subida de Israel do Egito até a Terra Prometida, os amalequitas haviam guerreado contra os filhos de Israel, pelo que Deus havia prometido eliminá-los (ver *Êxodo 17.14-16*). Pois bem, era chegado o momento de fazê-lo e Saul foi encarregado, para tanto, por Samuel. As ordens de Deus eram similares à de Jericó. Não haveria despojo e tudo deveria ser morto ou destruído. Infelizmente, as ordens de Deus haviam sido apenas parcialmente cumpridas. O melhor do despojo e dos animais haviam sido poupados e trazidos de volta com o exército israelita. Além disso, o rei Agague havia sido poupado, preso e também trazido de volta.

Durante a noite seguinte Deus havia dito a Samuel para falar com Saul, no sentido de que ele estaria sendo rejeitado por Deus, por sua total falta de obediência. Samuel, que já se afeiçoara de Saul, tentou interceder por ele, mas Deus não aceitou. Assim sendo, no dia seguinte Samuel foi dar a Saul o recado de Deus. Saul começou dizendo que, ao contrário, fizera tudo que Deus mandara, depois colocou a culpa nos seus soldados e, finalmente, reconheceu que ele mesmo fora culpado.

Os versículos 22 e 23 contêm palavras marcantes de Samuel, segundo as quais Deus tem muito mais prazer na obediência do que num culto hipócrita e que rebeldia é como a feitiçaria e a arrogância como a idolatria. Devemos sempre ter isso em mente, para que nós mesmos não sejamos nem hipócritas, nem feiticeiros, nem idólatras.

Samuel se virou para ir embora, mas Saul conseguiu convencê-lo a voltar com ele enquanto ele adorava a Deus. Eles retornaram juntos a Gilgal, onde Samuel matou pessoalmente a Agague, adoraram juntos e depois os dois retornaram para suas casas (Samuel a Ramá e Saul a Gibeá). O versículo 35 nos informa que os dois nunca mais se viram, até a morte de Samuel.

ISamuel 28

Este capítulo tem uma das narrativas mais conturbadas da Bíblia, qual seja a consulta de Saul ao espírito de Samuel, após a sua morte, ou a um demônio que se fez passar por ele.

Davi havia sido ungido rei de Israel em lugar de Saul, mas este resolvera matá-lo, para evitar que a vontade divina se cumprisse. A desobediência de Saul, que começara com duas semanas de reinado, chegara ao ponto mais baixo no final de seu reinado. Davi havia se juntado aos filisteus para fugir da perseguição de Saul e o rei filisteu, que o acolhera, queria levá-lo numa batalha que estavam preparando contra as tropas de Saul.

Samuel já havia morrido e o próprio Saul havia eliminado todos os que consultavam a espíritos. Essa informação, dada no versículo 3, tem por finalidade mostrar que Saul ficara sem comunicação com Deus depois do evento do versículo 6.

Ele ficara apavorado ao ver as tropas filisteias, contra as quais estava se preparando para lutar e sua situação ficou pior ainda quando ele consultou o Senhor a respeito e Este não lhe respondeu nem através do Urim e Tumim utilizado pelo Sumo Sacerdote, nem em sonho e nem por qualquer profeta.

Sem saber o que fazer, Saul fez a pior de todas as escolhas, ele mandou procurar uma médium, através da qual ele poderia consultar o espírito de Samuel. É, no mínimo, curioso que seus auxiliares soubessem, de pronto, que havia uma na cidade de En-Dor.

Saul se disfarçou e foi até lá, onde a mulher, a princípio, se recusou a fazê-lo, porque Saul o proibira. Como ele jurou, pelo Senhor, que ela não seria castigada por isso, ela

aceitou fazê-lo. É igualmente estranho e hipócrita, que alguém jure pelo Senhor, no tocante a um pecado que está prestes a cometer.

A mulher foi instruída, no sentido de consultar ao profeta Samuel, mas tão logo ela começou a fazê-lo, ela reconheceu que seu cliente era o próprio rei. Este a assegurou que deveria continuar e que nada lhe aconteceria, pelo que ela continuou, fazendo subir o próprio Samuel.

Neste ponto devemos reconhecer que existem duas possibilidades: a primeira seria tratar-se de um demônio, que se fizera passar por Samuel, como normalmente ocorre nos centros espíritas, ou Deus, excepcionalmente, permitira que Samuel ali comparecesse na forma de espírito, para expressar a Sua condenação a Saul pelo que ele estava fazendo.

Alguns defendem a primeira hipótese alegando que “Samuel” errou a data da morte de Saul, ao dizer que “amanhã você e seus filhos estarão comigo”, algo que Satanás não tinha condição de saber. Independente disso ser correto ou não, o fato é que Deus poderia ter feito uma coisa ou outra, de modo que não podemos bater o martelo em uma coisa nem na outra.

A resposta de “Samuel” foi dura e Saul foi informado que ele estava sendo punido pelo seu pecado, cometido no dia em que desobedecera às ordens do Senhor no sentido de eliminar os amalequitas, em função de sua perseguição aos filhos de Israel.

O restante do capítulo fala a respeito do desânimo e do apavoramento de Saul diante da resposta e de como, somente a muito custo, a médium e seus auxiliares, conseguiram convencê-lo da necessidade de comer alguma coisa, para que pudesse pelo menos partir dali e se aprontar para a batalha com os filisteus.

ISamuel 31

Temos aqui, finalmente, a narrativa da morte de Saul. Os filisteus prevaleceram na batalha e muitos israelitas foram mortos, inclusive os 3 filhos de Saul. Vendo que sua própria morte se avizinhava (ele já havia sido atingido por uma flecha) e não querendo ser morto por um filisteu, Saul pediu a seu escudeiro que o matasse, mas este se recusou a fazê-lo. Diante de sua recusa, Saul resolveu se lançar sobre a sua própria espada, no que foi imitado por seu escudeiro.

Os israelitas das cidades próximas abandonaram suas cidades e os filisteus vieram habitar nas mesmas. Além disso, os soldados filisteus vieram saquear os corpos e encontraram os corpos de Saul e de seus filhos. Eles cortaram a cabeça do rei e a colocaram no templo da deusa Astarote, além de pendurarem o seu corpo num muro de Bete-Seã.

Os últimos 3 versículos narram o belo gesto dos habitantes de Jabes-Gileade, a cidade que Saul primeiro havia libertado 42 anos antes, através de sua vitória sobre o rei amonita, Naás, e vieram durante a noite pegar o seu corpo, que cremaram e enterraram em sua própria cidade. Além disso, proclamaram um jejum de 7 dias.

ICrônicas 10

Este capítulo repete as informações, referentes à morte de Saul, que já foram dadas nos comentários de *ISamuel 28*, pelo que não serão aqui repetidas.

Semana 45 - O Reino Unido: Davi 1

Texto: ISamuel 16 a 27, 29 e 30 e Eclesiastes 5 e 6

Estação 24

ISamuel 16

Este capítulo narra duas histórias distintas, ambas bem conhecidas. A primeira é a unção de Davi como rei em substituição a Saul e a segunda a convocação do próprio Davi, para servir na corte de Saul tocando o seu instrumento: a harpa.

Não cabe aqui repetir as duas histórias, mas há certamente alguns pontos nas duas sobre os quais gostaríamos de refletir.

O primeiro ponto em questão é a curiosa conversa entre Samuel e Deus, sobre o fato de que Saul não poderia saber que ele estava indo a Belém para ungir o substituto do próprio Saul. “Certamente me matará”, argumentou Samuel. É claro que o Deus Onipotente poderia evitar que isso ocorresse de alguma forma, mas, curiosamente, Ele preferiu arranjar uma boa desculpa para que Samuel pudesse justificar a sua ida a Belém.

Atos milagrosos não são a forma mais comum de Deus agir. Ele pode curar milagrosamente e pode usar os médicos. Qual desses métodos é o mais comum? Todos sabemos a resposta a essa pergunta. Deus usa pessoas prazerosamente e isso é muito mais comum que sinais e prodígios.

Outro ponto digno de nota é o comentário de Deus em relação a Eliabe, o primogênito de Jessé. Samuel não tinha qualquer dúvida de que ele seria o próximo rei, mas Deus simplesmente o usou para ensinar a Samuel e todos nós que Deus não olha as aparências e, sim, o coração. Em tempo: cada um deve se perguntar como anda o seu coração e que avaliação Deus faz do mesmo?

Entre as duas narrativas, há duas notas com relação à atuação do Espírito Santo de Deus. Na primeira somos informados que daquele dia em diante Ele esteve atuando na vida de Davi. Por outro lado, vemos com tristeza a derrocada de Saul, se afundando cada vez mais, não só perdendo a unção do mesmo Espírito, mas em contrapartida sendo atormentado por um espírito maligno da parte de Deus.

Não que Deus esteja comandando também um exército de demônios, mas no sentido de que Ele permitiu que este atormentasse Saul. É interessante ressaltar, também, o fato dos servos de Saul reconhecerem que este estava sendo atormentado por um espírito maligno da parte de Deus. Quando possuído pelo maligno, Saul certamente dizia coisas que o revelava.

Na segunda narrativa, somos obrigados a reconhecer que a convocação de Davi para tocar diante de Saul, sempre que este estivesse endemoniado não é qualquer coincidência. A presença de Davi certamente agradou a Saul, porque a presença do Espírito Santo nele era a garantia de que o maligno se afastava.

ISamuel 17

Esse capítulo contém a história de Davi e Golias, uma das narrativas bíblicas preferidas tanto das crianças como dos adultos. Todos nós ficamos emocionados quando vemos Deus atuando através de um de seus servos.

Houve guerra entre Israel e os filisteus durante todo o reinado de Saul; portanto, essa era apenas uma de muitas batalhas. O que essa tinha de diferente era um guerreiro com a altura de 2m e 90cm, que passou 40 dias desafiando as tropas de Israel para que lhe proovessem um adversário.

Novamente não há qualquer coincidência no fato de Davi chegar para ver como estavam os seus irmãos justamente no momento em que Golias estava desafiando as tropas de Israel. É interessante, de igual forma, que Golias provoque em todos apenas medo, enquanto Davi sente indignação, pelo fato dele ofender o Deus de Israel, mas isso nos permite identificar o Espírito de Deus atuando em sua vida, pelo que certamente a sua unção através de Samuel, narrada no capítulo 1, já ocorrera. Isso explicaria, também, a má vontade de Eliabe com ele, típica de uma pessoa invejosa.

A confiança de Davi em Deus, certamente não é sem motivo, porque não há nada de usual no fato dele ter agarrado um leão pela juba para matá-lo, bem como de ter vencido um urso pela força. Ele sabia que Deus estava com ele.

É claro que Deus não precisava mais do que uma atiradeira para derrotar Golias e não seriam as vestimentas militares que fariam de Davi um guerreiro mais capacitado. Deus sempre deixa patente que a vitória é dEle. Foi exatamente isso que Davi quis dizer ao declarar para Golias que **“a batalha é do Senhor”** (versículo 47). A vitória de Davi sobre Golias teve como consequência uma grande vitória de Israel sobre os filisteus.

Temos uma certa dificuldade de relacionar o evento deste capítulo com as duas narrativas do anterior. Conforme já indicado acima, parece bastante claro que a unção de Davi já ocorrera, mas isso é um fato mantido em segredo até o momento propício. Já a pergunta que Saul faz a Abner sobre a identidade do pai de Davi (versículo 55), deixa claro que a segunda narrativa do versículo anterior ainda não ocorrera.

Embora o capítulo 18 nos diga que ele a princípio ficou com Saul depois de matar Golias e que Jônatas se tornou seu melhor amigo, mesmo assim somos obrigados a concluir que, após a vitória sobre o filisteu, Davi voltou para casa, onde continuou a cuidar das ovelhas de seu pai. Pouco depois, contudo, teria ocorrido o convite para que Davi tocasse para Saul, quando este estivesse possuído. Isso também explicaria o fato dos servos de

Saul saberem que Davi tocava a harpa muito bem e dele ter sido escolhido para escudeiro do rei (*ISamuel 16.21*).

Eclesiastes 5

Neste capítulo Salomão nos fala do nosso relacionamento com Deus. Ele começa falando a respeito da necessidade de nos aproximarmos dEle com reverência, ao mesmo tempo em que critica o culto desrespeitoso do tolo, que oferece o seu sacrifício sem saber que está sendo rejeitado, pela forma equivocada como o apresenta.

Os versículos 2 a 6 falam a respeito da necessidade de se cumprir aquilo que é prometido a Deus. Para evitar que isso não aconteça, devemos pensar duas vezes antes de abrir a boca. Salomão repete aqui o mesmo que falou em muitos provérbios, ou seja, que o tolo fala demais. Assim, caso prometamos alguma coisa e não cumpramos, somos tolos diante de Deus. Por isso mesmo é melhor não fazer promessas a mentir para Deus.

O versículo 7 é de difícil compreensão, mas parece nos dizer que nossos sonhos, nem sempre coerentes, nos levam a falar bobagem. Assim sendo, ficar calado é a melhor maneira de mostrar que tememos a Deus.

Os versículos 8 e 9 também são de difícil interpretação. Aparentemente Salomão vê a burocracia ou mesmo a corrupção como algo sempre contra os interesses dos pobres, mas o rei que prioriza uma agricultura farta, ajuda os pobres indiretamente.

Os versículos 10 a 17 falam sobre o problema de se amar o dinheiro que se tem ou tinha:

- Quem o ama, nunca se satisfaz com o que tem;
- Quanto mais tem, mais as pessoas ligadas a ele consomem seu dinheiro;
- Enquanto o trabalhador dorme bem, o rico tem sono intranquilo;
- Riquezas acumuladas não raramente são a causa da tristeza de quem as tem;
- Assim como chegamos a esse mundo, de igual modo partimos dele;
- Todo o esforço produzido em prol de bens nesse mundo é como correr atrás do vento;
- Quem com bens se preocupa, passa a vida nas trevas, frustrado, doente e amargo.

No versículo 18 retornamos à mesma conclusão de *Eclesiastes 2.24*, ou seja, é melhor viver satisfeito com o que temos e deixar por conta de Deus aquilo que vamos angariar.

O homem que consegue ter bens sem se preocupar por tê-los e usufruir dos mesmos sem se preocupar com o fato de os estar perdendo, é um abençoado por Deus. Esse tipo de pessoa não se preocupa com a brevidade da vida, porque Deus dá a ela um coração alegre.

Eclesiastes 6

Este capítulo parece esquecer do homem feliz, com que foi terminado o capítulo 5. Aqui o homem em apreço é um abençoado por Deus, recebendo dEle riquezas, bens e honra, mas aparentemente não reconhece de onde tudo isso está vindo. Talvez por isso mesmo, Deus não lhe permite gozar dos mesmos. Ao invés disso, vão para outro que deles usufrui.

A outro Deus concede a bênção de ter uma família grande e uma longa vida para viver com ela, mas ele não usufrui dela, pelo que até uma criança que morreu antes de nascer é mais feliz que ele. Ela que nunca viu a luz do sol é mais feliz que ele. Mesmo que essa pessoa vivesse 2.000 anos, não adiantaria nada, por ser incapaz de usufruir daquilo que lhe foi dado (versículo 6).

Na segunda metade deste capítulo (versículos 7 a 12), o Pregador volta a falar sobre a futilidade da vida. Ele o faz através de perguntas ou declarações, que nem sempre são totalmente claras.

O versículo 7 parece dizer que o homem faz todo o seu trabalho para se satisfazer, mas, apesar do esforço, nunca se satisfaz.

Já no versículo 8 o Pregador faz duas perguntas. Qual a vantagem do sábio em relação ao tolo? Embora não o diga, ele parece estar pensando que no final vão os dois para o mesmo túmulo. A segunda pergunta é similar, porque ele quer saber qual a vantagem do pobre de aprender a se conduzir entre os mais fortuitos? Novamente parece omitir o fato de que ele continua a ser tão pobre quanto era antes.

No versículo 9 ele parece dizer que contentar-se com o que se tem é bem melhor do que sonhar com o que não se tem, pois isso é tão sem sentido quanto correr atrás do vento.

Os versículos 10 a 12 falam ainda a respeito da futilidade da vida, mas mostrando que o homem não pode contender com Deus por esse motivo. O homem é totalmente conhecido de Deus, mas não adiante ao homem querer lutar com Ele, pois Deus é bem mais forte. Quanto mais o homem fala, mais tolice sai de sua boca.

Na verdade o homem sabe muito pouco. Não sabe o que é melhor para ele e muito menos o que será depois que ele se for.

ISamuel 18

Davi era um homem humilde e responsável; assim, somos obrigados a concluir que embora Saul tivesse decidido mantê-lo, eventualmente havia voltado para casa. Nesse ínterim Saul deve ter ficado endemoniado (evento citado em *ISamuel 16.14*) e deve ter mandado buscar Davi novamente.

Seja como for, somos informados, nos versículos 3 e 4, que Jônatas e Davi se tornaram melhores amigos e que o próprio rei também se afeiçãoou dele, graças à sua eficiência, fazendo com que crescesse rapidamente em postos de destaque do exército de Israel.

Infelizmente, contudo, o apreço de Saul por ele só durou até o momento em que constatou que a popularidade de Davi ultrapassara a sua própria. Em função disso, o seu apreço foi substituído por ciúmes, que rapidamente evoluíram para um ódio que perdurou até a sua morte.

O versículo 10 nos informa que Davi ainda tocava a harpa para Saul quando este ficava possuído, mas logo ficou claro que isso não seria mais possível, quando Saul tentou matar Davi com sua lança.

O próprio Saul se encarregou de afastar Davi, porque via que era temente ao Senhor, que Este o abençoava, pelo que passou a temê-lo. Ele o manteve, contudo, à frente de uma tropa de mil homens, torcendo para que os filisteus o acabassem matando.

No versículo 17 vemos que Saul ofereceu a sua filha mais velha, Merabe, a Davi em casamento, mas Davi não aceitou, porque realmente se achava indigno de ser genro do rei. Merabe, então, se casou com outro, de nome Adriel.

Novamente nos versículos 20 a 29 vemos a história do casamento de Davi com a outra filha de Saul: Mical. Ela gostava dele e Saul achou que de alguma forma ela poderia ser útil nos planos dele de matá-lo. Embora Davi tivesse recusado novamente a oferta de Saul, ele o justificou desta vez dizendo-se pobre e incapaz de pagar pelo dote. Numa tentativa de se mostrar magnânimo, quando no fundo o que queria era a morte de Davi, Saul abriu mão de dinheiro pelo dote, aceitando em troca 100 prepúcios filisteus. Isso seria ultrajante para os filisteus, pelo que Saul tinha esperança de que se enchessem de brios e o matassem. Isso não ocorreu, contudo, e Davi acabou trazendo para o rei 200 prepúcios ao invés de 100. A narrativa do casamento termina falando do ódio de Saul por Davi, mas de quem ele também tinha medo.

O capítulo termina com um comentário mostrando a grande habilidade de Davi como guerreiro, a ponto de exceder todos os oficiais de Saul, pelo que sua fama só aumentava dia após dia.

ISamuel 19

Neste capítulo o ódio de Saul por Davi já não era mais uma coisa subjetiva, mas a sua intenção de matá-lo já era comentada ostensivamente com Jônatas e os seus conselheiros.

Nesta ocasião Jônatas alertou Davi acerca das intenções de seu pai e pediu a ele que se mantivesse escondido enquanto não conversasse a esse respeito com o pai. Jônatas

fez isso e conseguiu convencer Saul de que Davi não era seu inimigo e que apenas o havia ajudado, não havendo qualquer motivo para que fosse morto.

Saul reconheceu ser isso verdade e Jônatas chamou, então, a Davi e parecia que já estava tudo bem entre eles. Pouco depois, contudo, Saul foi tomado, mais uma vez, pelo espírito maligno e, enquanto Davi lhe tocava a harpa, mais uma vez tentou espetá-lo com a lança, mas novamente ele escapou.

Naquela noite Mical lhe aconselhou a fugir porque sabia que seu pai ia tentar matá-lo e deveras já havia enviados de Saul esperando com essa intenção em frente de sua casa, pelo que Davi escapou por uma das janelas.

No dia seguinte os servos de Saul bateram à porta, mas Mical falou que ele estava doente. Os servos aceitaram sua desculpa, mas Saul não, pelo que mandou prendê-lo mesmo doente. Mical ainda tentou enganar os servos de Saul, mas no final ficou claro que ela ajudara seu marido a fugir.

De fato Davi já se encontrava em Ramá, conversando com Samuel a respeito do que estava acontecendo, e os dois foram juntos a Naiote (aparentemente um bairro de Ramá).

Saul soube onde ele estava, contudo, e mandou alguns servos ali para matá-lo. Estes, ao chegarem, todavia, foram tomados pelo Senhor em profecia e não puderam fazer o que foi pedido. Isso ocorreu mais duas vezes e em todas elas os servos de Saul profetizaram e descumpriram a sua tarefa de matar Davi.

Finalmente, Saul resolveu fazê-lo pessoalmente, mas também ele foi tomado em profecias e não pôde realizar a tarefa que se propusera. Desta forma ficou patente que Deus não ia permitir a ele tirar a vida de Davi.

ISamuel 20

A perseguição de Saul a Davi fez com que ele fugisse de Naiote em Ramá e fosse procurar Jônatas, a quem disse que seu pai estava totalmente decidido a matá-lo. Não obstante achar que não, Jônatas disse a Davi que faria o que ele pedisse. Assim sendo, Davi pediu a Jônatas que provasse o seu pai, permitindo que ele não comparecesse às refeições de uma festa de lua nova.

Trata-se de uma festividade de dois dias e, no primeiro, Saul nada perguntou, por supor que talvez Davi estivesse cerimonialmente impuro. Como ele deixou de comparecer também no segundo dia, Saul perguntou a Jônatas por Davi, que respondeu ter consentido em sua ida a Belém para celebrar com sua família. A irritação de Saul com Jônatas não deixou qualquer margem de dúvida em relação às verdadeiras intenções de Saul, pelo que Jônatas se retirou sem comer, depois de seu pai também tentar matá-lo.

Jônatas foi ao campo se encontrar com Davi e ambos trocaram juras de proteção mútua, com Davi se retirando a seguir.

ISamuel 21

Mais uma vez em fuga, Davi foi para Nobe (pouco ao norte de Jerusalém), onde se encontrou com o Sumo Sacerdote Aimeleque e lhe pediu mantimentos para a sua missão. O único pão disponível era o da proposição, que estava sendo substituído naquele dia, pelo que Davi levou alguns para si mesmo e para a sua tropa, que ele mentiu dizendo que encontraria em certo lugar aprazado.

Além disso, ele perguntou se Aimeleque teria uma espada para lhe dar, porque sua missão era urgente e secreta e não tivera tempo de trazer uma consigo. Aimeleque por acaso tinha a espada de Golias, que o próprio Davi havia tomado; portanto, Davi a levou consigo.

Durante a sua estada ali Davi notou a presença de um servo edomita do rei Saul e temeu que este pudesse alertar o rei. Assim sendo, tratou de fugir e escolheu como melhor lugar a cidade filisteia de Gate, onde pensou em pedir asilo ao rei Aquis. Infelizmente ele foi imediatamente reconhecido e denunciado como aquele que matara as suas dezenas de milhares de filisteus.

Assim sendo, antes mesmo de ser introduzido na corte de Aquis ele se arrependeu de ter ido ali e começou a se fingir de doido, permitindo que sua saliva escorresse pela sua barba e rabiscando as portas da cidade.

Ao invés de recebê-lo, portanto, o rei Aquis, o considerou como doido e mandou que fosse posto fora, pois já tinha doidos em número suficiente em Gate.

ISamuel 22

Davi, que se fingira de doido, conseguiu escapar de Gate e se escondeu numa caverna, em Adulão, de onde mandou recado a seus pais e irmãos para que se juntassem a ele ali. Certamente Saul os mataria se eles fossem encontrados. Ali se juntaram a ele muitas pessoas que estavam descontentes com o governo de Saul, chegando estes a um total de 400 pessoas.

Davi levou seus pais para Moabe, onde combinou com o rei que eles ficariam lá até que a sua situação fosse resolvida. Depois disso, retornou para a região das cavernas de Adulão, mas, por recomendação de um profeta chamado Gade, retornou para a floresta de Herete, em Judá.

A continuidade deste capítulo nos fala do baixíssimo nível moral a que chegara o governo de Saul. A narração começa com ele em sua cidade, Gibeá, reclamando com os

benjamitas pelo pouco apoio que estava tendo deles em relação à sua perseguição a Davi. Vemos, então, que ele os comprara em troca de terras, vinhas e cargos. Esse tipo de corrupção não é recente e Saul agora cobra lealdade a seus “adeptos também corruptos”.

Foi justamente nesta ocasião que o seu servo edomita, Doegue, aproveitou para dizer que vira Davi em Nobe com o Sumo Sacerdote Aimeleque e que este lhe dera mantimentos e a espada de Golias.

Aimeleque e seus familiares foram convocados e compareceram em Gibeá, onde Saul os acusou de traidores e mandou matar a todos. Os seus oficiais se recusaram a levantar a mão contra os sacerdotes, mas Doegue não teve qualquer dificuldade para matar 85 deles. Além disso, Saul mandou matar todos os habitantes de Nobe, basicamente os familiares desses mesmos sacerdotes. O único que escapou, Abiatar, era um dos filhos de Aimeleque, que fugiu para se juntar a Davi.

ISamuel 23

Esse capítulo começa com Davi sendo informado que a cidade de Queila, situada uns 25km a sudoeste de Jerusalém, e próxima de onde ele estava escondido, estava sendo atacada pelos filisteus. Ele, então, sentiu que deveria ir até lá e libertar a cidade, mas consultou o Senhor (não nos é dito como) e o Senhor respondeu positivamente.

A essa altura Davi já tinha com ele cerca de 600 pessoas e eles disseram que não era uma boa ideia, porque certamente revelaria o local do seu esconderijo. Davi consultou novamente ao Senhor e Este confirmou não apenas que deveria libertar Queila, mas que Ele daria a eles a vitória sobre os filisteus.

Tal como previsto, Saul ficou sabendo que Davi estava em Queila, uma cidade murada, e achou que seria uma excelente oportunidade para matá-lo.

Abiatar tinha acabado de chegar (versículo 6) e tinha trazido com ele a estola sacerdotal ao fugir de Nobe; portanto, Davi o chamou e pediu para consultar o Senhor sobre o que fazer, fazendo uso do Urim e Tumim. Isso nos deixa curiosos sobre como Davi consultara o Senhor nas duas vezes anteriores. Possivelmente o Senhor terá falado com o profeta Gade, que talvez estivesse também com eles, ou com o próprio Davi, sobre quem também havia a unção do Senhor. Davi fez, então, duas perguntas ao Senhor (o Urim e Tumim só davam respostas do tipo sim ou não): se Saul o atacaria em Queila, e a resposta foi sim, e se os habitantes de Queila o entregariam a Saul para salvar suas peles. Novamente a resposta foi sim.

Assim sendo, Davi fugiu para um lugar mais a sul chamado Horesa, que ficava 25km a sudeste de Queila e uns 35km a sul de Jerusalém. Ali ele teve o seu último encontro com Jônatas, que também soube que ele estava ali e foi animá-lo. É interessante que os dois tinham combinado que Davi reinaria e que Jônatas seria o homem número dois do reino.

Assim como Jônatas, Saul também soube que ele estava em Horesa e partiu novamente para matá-lo. Davi fugiu dali, novamente adentrando o deserto a sul, mas as tropas de Saul já o estavam quase cercando, quando um ataque providencial dos filisteus em Benjamim, obrigou Saul a desistir da perseguição e retornar a Gibeá.

Salvo pela providência divina, Davi resolveu ir mais ainda para o sul, onde foi parar em EnGedi (às margens do mar Morto, 35km a sul de Jerusalém).

ISamuel 24

Durante as perseguições movidas por Saul contra Davi, houve duas ocasiões nas quais o Senhor entregou a vida de Saul em suas mãos. Este capítulo narra o primeiro destes eventos.

Saul já tinha terminado a sua luta contra os filisteus, quando soube que Davi estava em EnGedi. Escolheu, portanto, 3.000 dos seus melhores soldados e foi para lá para persegui-lo.

Chegando ali ele resolveu entrar numa caverna, onde acampou. Nesta mesma caverna, contudo, estavam escondidos mais adiante Davi e seus 600 homens, que perceberam a presença de Saul. Eles disseram a Davi, portanto, que esse era o dia em que Deus entregara Saul em suas mãos, para fazer dele o que bem entendesse.

Davi, contudo, se limitou a cortar uma ponta da túnica de Saul, pois sentiu que não poderia fazer nada contra uma pessoa que tivesse sido ungida pelo Senhor, independente do comportamento que estivesse tendo.

Quando Saul saiu da caverna para seguir o seu caminho, Davi gritou atrás dele, contando o que acontecera e como a vida dele fora salva, apenas por ser o ungido do Senhor, demonstrando, assim, que Davi não era inimigo dele, e que nem tampouco o estava procurando prejudicar.

Nesta ocasião Saul ficou muito tocado e reconheceu que Davi tivera a oportunidade de matá-lo e que não o fizera, mostrando ser muito mais justo do que ele, Saul. Ele reconheceu, ainda, ter certeza de que ele, Davi, seria rei de Israel e pediu, apenas, que ele, nesse ocasião, não eliminasse a sua descendência.

Feito o juramento pedido, Saul e suas tropas retornaram a Jerusalém.

ISamuel 25

Este capítulo começa registrando a morte de Samuel e dando a entender que Davi comparecera ao seu enterro, indo com seus homens depois para o deserto de Maon. Isso talvez tenha sido possível nos dias que se seguiram ao evento do capítulo 24.

Em Maon, os eventos do capítulo estão ligados ao fato de haver, naquela localidade, um homem rico, cujas cabras e ovelhas estavam no mesmo lugar onde Davi e seu pessoal estavam acampados. Assim sendo, pelas próprias palavras de um dos pastores (versículo 16), Davi e os seus serviam de muro em volta deles, de modo que nada destes animais se perdeu durante todo aquele período.

O homem rico se chamava Nabal, que significa tolo, e que tinha um caráter condizente com seu nome (pelas próprias palavras da esposa - ver versículo 25). Ele era casado com uma mulher chamada Abigail, que era inteligente e bonita, conforme comentário do narrador do texto.

Quando chegou à época de tosa dos animais, Davi achou que os trabalhos prestados por eles poderiam ser recompensados com algum alimento, pelo que mandou mensageiros para falar com Nabal. Infelizmente, eles não foram apenas mal recebidos, mas Nabal lhes ofendeu, tratando-os como vagabundos que queriam se aproveitar dele.

Davi e seus homens ficaram muito irritados com aquilo e resolveram se vingar de Nabal, matando a todos os homens de sua casa. Obviamente a reação de Davi foi tão tola quanto a de Nabal e, se levada a cabo, faria dele um simples assassino.

Nesse ínterim, os servos de Nabal foram contar tudo a Abigail, dizendo que a reação negativa de Davi podia ser esperada (versículo 17). Ela rapidamente preparou a oferta que Davi havia pedido e partiu levando-a para se encontrar com Davi e seus homens.

Quando Davi e Abigail se encontraram, ela se humilhou diante dele e assumiu toda a culpa pelo fato de não ter visto quando os mensageiros de Davi chegaram lá. Além disso, ela falou inteligentemente com Davi, dizendo que Deus a enviara para evitar que ele se vingasse e tomasse a justiça em suas próprias mãos (versículo 26).

Davi reconheceu e acatou tudo que essa mulher sábia havia dito e interrompeu a sua ida à casa de Nabal para se vingar.

Quando Abigail chegou em casa, encontrou o marido bêbado, participando de uma gigantesca festa que preparara. Na manhã seguinte, passado o efeito do álcool, ela falou a ele o que acontecera e ele ficou tão chocado que teve uma espécie de derrame, que o levou a falecer 10 dias depois. No versículo 38 o narrador nos informa que foi o Senhor que o feriu.

Davi havia ficado tão impressionado com a sabedoria de Abigail que a pediu em casamento tão logo soube da morte de Nabal.

ISamuel 26

O segundo evento no qual Deus entrega Saul nas mãos de Davi e este poupa a sua vida é narrado neste capítulo. Davi continuava no deserto de Jesimon, perto da cidade de Háquila, quando os zifeus (moradores de Zife, cidade próxima a Horesa, Háquila e EnGedi - cerca de 35km a sul de Jerusalém) foram a Gibeá e denunciaram a presença de Davi ali.

Mais uma vez Saul juntou seus 3.000 soldados mais bem preparados e desceu até o mar Morto para procurar Davi. Quando chegou e estava acampado, fomos informados pelo narrador que Davi quis descer até o acampamento de Saul, pelo que convidou um de seus homens, Abisai irmão de Joabe, para descer com ele. A certeza do que está fazendo e a forma destemida como age nos levam a pensar que, certamente, Davi seguia ordens recebidas de Deus. Isso se confirma pelo versículo 12, que nos informa que um pesado sono da parte de Deus havia caído sobre todos no acampamento de Saul.

Mais uma vez Davi foi instigado por Abisai, no sentido de liquidar Saul com a sua própria lança (ele mesmo se dispôs a fazê-lo), mas, novamente Davi falou a ele da impossibilidade de levantar a mão contra o ungido do Senhor. Assim sendo, eles se limitaram a pegar a lança e o jarro de água do rei e partiram.

Quando já distantes, Davi gritou para o chefe do exército de Saul, Abner, e o chamou de irresponsável por não ter protegido a vida do rei, que poderia ter sido morto por qualquer um, tendo em vista estarem com ele, Davi, tanto a lança como o jarro de água do rei, que estavam ao lado de sua cabeça enquanto dormia.

O restante dessa narrativa é uma repetição do evento anterior, com Saul reconhecendo que Davi era mais justo do que ele e que não havia da parte de Davi culpa alguma. Saul, mais uma vez, voltou para casa e Davi continuou naquela região.

ISamuel 27

Não obstante Deus ter sido fiel para com Davi, cuidando de sua vida e protegendo-o, ele resolveu que era hora de acabar com a perseguição de Saul. A melhor maneira de fazê-lo seria passando a alinhar-se com os inimigos. Ele já tentara isso antes, mas sozinho e tivera que se fingir de louco para não ser morto. Agora ele tinha consigo os seus 600 homens, pelo que poderia lutar se necessário fosse. Felizmente, contudo, isso não foi necessário e o mesmo rei Aquis, que o considerara um louco, pouco tempo antes, agora abria para ele as portas da cidade de Gate. Além disso, ele concedeu a eles (Davi, seus homens e suas respectivas famílias) uma cidade chamada Ziclague, que não obstante estar dentro da Filístia, acabou se transformando em uma cidade de Judá.

Ele permaneceu em território filisteu por um período de 1 ano e 4 meses, durante os quais atacava, saqueava e aniquilava cidades dos gesuritas, gersitas e amalequitas,

embora dissesse a Aquis que estava atacando Israel. Como ele não deixava nenhum sobrevivente, não havia ninguém para contar.

Em função do acima exposto, Aquis achava que Davi estava se tornando cada dia mais odiado pelos israelitas, pelo que esperava contar com seu serviço para sempre.

ISamuel 29

Este capítulo narra um incidente que houve durante os preparativos para a batalha entre filisteus e israelitas, vencida pelos filisteus e na qual morreram Saul e seus filhos.

Aquis tinha resolvido levar consigo, para a batlha contra Israel, Davi e seus homens, já que estavam com ele havia 16 meses, durante os quais ele achava que Davi se tornara odioso para os israelitas. Quando chegou com eles junto às tropas das outras 4 capitais (Ascalom, Ecom, Asdode e Gaza) os demais reis filisteus se revoltaram com ele e exigiram que Davi retornasse para Ziclague.

Aquis falou com Davi a respeito do problema que se formara e pediu que ele, então, retornasse. Davi ainda se fingiu de ofendido, mas no fundo isso o livrara de uma situação embaraçosa, na qual se metera por não confiar no Senhor.

ISamuel 30

Chegando de volta a Ziclague, Davi e seus soldados constataram que a cidade havia sido saqueada, queimada e que tudo, inclusive as pessoas, haviam sido levadas cativas. Todos choraram amargamente e os mais exaltados falavam em apedrejar Davi, por ser culpado de tudo aquilo.

Em meio a essa situação difícil, Davi fez o que sempre fez, ou seja, consultou o Senhor e perguntou se deveria perseguir o bando que os atacara, se os alcançaria e se libertaria os prisioneiros. A essas três perguntas o Senhor respondeu afirmativamente, pelo que Davi partiu com sua tropa de 600 homens.

Pouco adiante, na travessia de um rio, Davi perdeu 1/3 de seus homens, que não conseguiram atravessá-lo de tão cansados que estavam. Assim, ficaram para trás com a bagagem.

Continuando a perseguição, eles encontraram um egípcio da turma que atacara Ziclague e tinha sido deixado doente para morrer. Davi o reanimou e alimentou, pelo que pediu que ele os ajudasse a alcançá-los.

Quando finalmente os alcançaram, esperaram até o dia seguinte para atacá-los, mas quando o fizeram eles os massacraram e puderam reaver tudo que fora roubado deles e de vários outros. O saque foi realmente muito grande.

Na volta houve um pequeno problema porque alguns dos homens que foram, achavam que nada, exceto as pessoas, deveria ser dado aos 200 que ficaram com a bagagem. Davi, contudo, discordou e estabeleceu uma regra segundo a qual todos teriam direito à sua parte.

O saque ao final foi tão bom, que Davi ainda teve o suficiente para mandar presentes para várias cidades israelitas.

Semana 46 - O Reino Unido: Davi 2

Texto: II Samuel 1 a 10 e Eclesiastes 7 a 12

Estação 24

II Samuel 1

No terceiro dia depois de ter derrotado os amalequitas Davi, já de volta a Ziclague, recebeu a visita de um homem vindo do acampamento de Saul, que pediu para falar com ele.

Ele trouxe notícia da morte de Jônatas e Saul, pelo que Davi pediu a ele maiores detalhes. Ele explicou, então, que encontrou Saul ainda com vida, mas já mortalmente ferido, o qual lhe pediu para matá-lo antes que os filisteus o fizessem. Como prova do que estava dizendo, ele trouxera consigo, para entregar a Davi, a coroa e um bracelete do rei.

A notícia entristeceu profundamente a Davi e aos outros, pelo que choraram até o final do dia. Davi sabia que esse dia chegaria e talvez até tivesse anseio por sua chegada, mas nem por isso se alegrou com a morte do rei e muito menos com a derrota de Israel.

Enquanto o homem, por acaso também amalequita, esperava receber de Davi uma recompensa por ter trazido “boas notícias”, foi surpreendido com a reação de Davi, que mandou matá-lo por ter estendido a mão para matar o Ungido do Senhor.

Davi compôs, então, um cântico de lamento pela morte de seu rei e de Jônatas, seu melhor amigo. As palavras desta canção estão registradas nos versículos 19 a 27.

II Samuel 2

Este capítulo começa com Davi consultando o Senhor e retornando a Israel após a morte de Saul. Deus indicou que ele permanecesse na cidade de Hebrom, e assim foi. Ali ele foi ungido rei da tribo de Judá e começou a reinar.

Ele ficou sabendo daquilo que haviam feito os habitantes de Jabes-Gileade, dando sepultura aos restos mortais de Saul, e mandou a estes uma mensagem de encorajamento. O versículo 7 nos dá a entender que ele se propôs a eles como rei, mas o texto não apresenta qualquer resposta da parte deles.

Por outro lado, somos informados que Abner, o comandante das tropas de Saul, colocou Isbosete, filho de Saul, como rei sobre o restante de Israel, transferindo o reino de Gibeá para Maanaim, do outro lado do Jordão, dentro da tribo de Gade.

Pouco depois, Abner juntou o exército de Israel e marchou contra Judá em Gibeon (próximo a Gibeá, pouco acima de Jerusalém), para onde se deslocou também o exército de Judá, liderado por Joabe.

A guerra começou de forma curiosa, com apenas 12 escolhidos de cada lado se enfrentando. O resultado deste embate foi a morte dos 24.

Logo depois a batalha se tornou aguerrida e Judá se saiu bem melhor, com Israel batendo em retirada. Infelizmente Asael, irmão de Joabe e Abisai, resolveu perseguir Abner para acabar de vez com o exército de Israel, mas no embate entre os dois prevaleceu a experiência de Abner, que matou a Asael, criando uma rixa com Joabe.

Terminada a batalha, os dois exércitos voltaram para casa, mas Israel perdera 360 soldados enquanto Judá apenas 20.

Eclesiastes 7

As coisas que nos acontecem nesta vida nem sempre nos parecem justas, pelo que nos causam tristeza e frustrações. Neste capítulo Salomão focaliza, justamente, neste tipo de ocorrência. Ele apresenta as situações às quais se refere numa forma de provérbio, mas normalmente fazendo, ainda, um paralelo de duas situações.

No versículo 1, por exemplo, ele ressalta que o bom nome, pelo qual devemos zelar, é melhor do que o uso de perfume fino. De igual modo, o dia da morte, nos leva a pensar que é uma situação reservada também enfrentaremos, pelo que é melhor do que o dia do nascimento, que para nós é passado.

Ele permanece dentro do mesmo assunto nos versículos 2 a 4, onde o sábio é associado ao luto pela morte, enquanto o tolo só quer saber de alegria e festa, ambos irrefletidos.

Nos versículos 5 a 12 Salomão, que já introduzira o contraste do sábio e do tolo, continua falando deles. É melhor, por exemplo, ser repreendido pelo sábio que cantar juntamente com o tolo. No versículo 6, o estalo dos espinhos debaixo da panela, que é comparado ao riso dos tolos, representa um material que queima rapidamente e com grande intensidade. Assim é o tolo que faz grande alarde por nada.

A lógica do versículo 7 é que se o sábio se torna um opressor, ele brevemente se torna um tolo, da mesma forma que o suborno corrompe uma pessoa honesta. Já no versículo 8 temos alguma dificuldade com a lógica. O fim nem sempre é melhor que o início, mas admitindo que seja, ainda assim temos um problema com a relação entre a pessoa paciente e a pessoa orgulhosa. Se concluirmos que o orgulhoso é sempre uma pessoa impaciente, então, melhora a lógica, mas não é uma coisa óbvia.

O versículo 10 nos informa apenas que cada época tem os seus prós e contras, pelo que não tem sentido julgarmos vantajosos os prós de outrora, sem considerarmos os contras. Além disso, não é no “outrora” que estamos vivendo e, sim, agora.

Os últimos 2 versículos dessa série falam a respeito das vantagens da sabedoria. Como herança é um grande tesouro que deixamos para os nossos filhos. Como proteção ela é tão boa como o dinheiro, mas tem a vantagem adicional de preservar a vida, ao invés de destruí-la, como muitas vezes o dinheiro faz.

A partir do versículo 13 Salomão se concentra nas coisas que não fazem muito sentido. Justamente neste versículo ele pergunta quem pode consertar aquilo que Deus criou torto? No versículo 14 ele recomenda que aproveitemos os dias bons, mas sem esquecer que Deus também criou os dias maus. No versículo 15 ele reclama da vida sem sentido; o justo morrendo cedo e o ímpio vivendo por muitos anos.

Nos versículos 16 a 18, Salomão tem uma forma jocosa de recomendar que sejamos comedidos. Já no 19 ele reconhece que a sabedoria sempre triunfa sobre a força.

Eclesiastes 8

Os primeiros 8 versículos deste capítulo falam a respeito da forma como o súdito deve se comportar diante do rei. É interessante que Salomão, como rei, escreva a esse respeito.

Ele começa dizendo que o rei tem prazer em ouvir pessoas sábias. A seguir ele aconselha seus súditos a obedecerem o rei, mesmo porque aparentemente em Israel havia um juramento destes diante de Deus, de que acatariam a sua palavra. De igual forma ele sugere que o súdito não tenha pressa de deixar a presença do rei, que tampouco abrace causas erradas. Finalmente, ele lembra que a palavra do rei é soberana, pelo que não deve ser questionado.

Nos versículos 5 a 8 ele fala sobre a forma sábia de agir e começa dizendo que quem obedece ao rei está salvaguardado, mas mesmo assim existe uma hora certa e uma maneira certa de agir.

A segunda parte do versículo 6 parece ser de difícil interpretação, tendo em vista as várias maneiras distintas como é traduzida. A primeira parte diz respeito à hora e maneira certas de agir; portanto, a lógica nos diz que fala da consequência de não observar esse fato. Assim, aparentemente refere-se ao fato de que o homem é rebelde por natureza e que, a não observância do tempo e forma de agir paga um preço elevado. O versículo 7 completa a mesma frase dizendo que ninguém conhece o futuro, pelo que ninguém pode prevê-lo. Como consequência disso, a vida é cheia de aspectos imprevisíveis.

A partir do versículo 9 Salomão volta ao tema principal do livro, qual seja, querer que a vida faça sentido. Ele fala, por exemplo, que o fato de que dominar sobre outros nem sempre faz o homem feliz. É claro que ele está falando de sua própria experiência. No versículo 10 ele fala que viu ímpios que morreram e cujos sepulcros são venerados, enquanto há justos que caem em total esquecimento.

O versículo 11 é totalmente aplicável ao Brasil de hoje. Quando os crimes deixam de ser castigados, então, nos defrontamos com o problema dos crimes se tornarem vantajosos, pelo que muitos passam a querer cometê-los.

Apesar dele ter visto que muitos ímpios cometeram uma grande quantidade de crimes e não obstante terem tido vida longa, mesmo assim sua experiência mostra que temer a Deus e fazer a Sua vontade é a melhor maneira da pessoa prosperar nesta vida (versículo 12). A regra geral para o ímpio é que ele, por não temer a Deus, tenha uma vida abreviada. Ainda assim, ele reconhece que, às vezes, os ímpios recebem os prêmios dos justos e os justos são castigados como se ímpios fossem.

Mais uma vez, a conclusão dele é que a vida é sem sentido, pelo que devemos aproveitá-la usufruindo daquilo que Deus nos dá (comendo, bebendo e nos alegrando). Novamente, ele não está sugerindo que se viva para isso, mas que a pessoa usufrua do que Deus dá, apesar das injustiças da vida.

Sua conclusão neste capítulo é que a vida não faz sentido e que os mais sábios, que dizem poder compreendê-la, estão enganados.

II Samuel 3

A guerra entre Isbosete e Davi se estendeu por 7 anos, mas Davi foi progressivamente levando vantagem. Apesar disso, o versículo 6 nos informa que Abner foi ficando cada vez mais forte dentro do reinado de Isbosete. A tendência seria a guerra se arrastar por mais alguns anos, mas ocorreu uma desavença entre Abner e Isbosete, que fez com que Abner tenha resolvido não mais apoiá-lo.

Saul tinha tido uma concubina chamada Rispa, com quem Abner manteve relações. Quando Isbosete soube disso, ficou irado e foi cobrar satisfações de Abner. Este, por sua vez, ficou ofendido e disse claramente a Isbosete que não o apoiaria mais e que o reino seria entregue a Davi. Em função da posição forte de Abner, Isbosete ficou calado.

O próximo passo de Abner foi mandar mensageiros a Davi, dizendo que queria fazer um acordo. Surpreendentemente, Davi condicionou o encontro dos dois a que lhe fosse devolvida a sua esposa Mical, que Saul simplesmente fizera casar com outro. O mais curioso ainda é que foi o próprio Isbosete que cuidou de devolvê-la (versículo 15).

Removido esse obstáculo, os dois se encontraram e Abner já havia combinado com os líderes das outras tribos mais influentes, que Davi seria o rei de todo Israel. Davi o recebeu muito bem e, feito o acordo, Abner saiu e estava a caminho de casa, quando Joabe soube do que acontecera e não se conformou com o acordo feito por Davi, porque odiava Abner, por ter matado o seu irmão Asael.

Ele tentou demover Davi do acordo, alegando que Abner não era de confiança, mas Davi não quis. Sem que Davi o soubesse, mandou mensageiros atrás de Abner pedindo que ele voltasse e juntamente com seu outro irmão Abisai, o matou quando chegou.

Davi deixou claro que não sabia de nada e que não participara desse assassinato, dando a Abner uma funeral de honra, cuja cerimônia foi dirigida por ele mesmo, onde compôs até música para cantar em sua honra. Em função disso, os líderes de Israel decidiram manter o acordo feito por Abner.

II Samuel 4

A notícia da morte de Abner foi um choque para Isbosete, porque Abner, como negociador do acordo, certamente não permitiria que o filho de Saul sofresse dano, mas a sua morte deixou a situação de Isbosete muito insegura. O povo de Israel, que ainda não conhecia o acordo, também ficou muito alarmado (versículo 1).

Somos informados, a seguir, que dois líderes de grupos do exército de Israel, dois irmãos, Baaná e Recabe, da própria tribo do rei, Benjamim, resolveram debandar para o lado de Davi, pelo que mataram o rei enquanto dormia e cortaram-lhe a cabeça, que levaram como um trunfo para entregar a Davi.

Davi ficou muito irritado quando os dois contaram o seu feito, achando que seriam premiados. Ao invés disso Davi mandou que fossem mortos imediatamente. Além disso, ele sepultou, também com honra, a cabeça de Isbosete.

Como informação complementar, ficamos sabendo, no versículo 4, que Jônatas tivera um filho antes de morrer, cujo nome era Mefibosete. No dia em que Saul e Jônatas foram mortos, chegou a notícia em sua casa que os filisteus estavam chegando para saquear tudo, pelo que todos os habitantes de Gibeá se puseram em fuga. Na pressa da fuga, a ama de Mefibosete o deixou cair, ferindo o menino de modo que ficou aleijado.

Eclesiastes 9

Mais uma vez vemos Salomão falar de sua frustração com a vida, que ele avaliou como sem sentido. Ele reconhece que o justo e sábio têm suas vidas nas mãos de Deus, mas ninguém sabe como Deus os tratará.

Apesar de toda a sua sabedoria, Salomão não mostra qualquer conhecimento em relação a uma vida com ou sem Deus no pós-morte. Nos versículos 2 e 3 ele deixa claro que o destino de todos é o túmulo, independente de quem são e do que fizeram.

Nos versículos 4 a 6 ele diz ter esperança quem está vivo, mas que os mortos nem esperança têm. Na realidade não têm mais qualquer relação com a vida aqui. É claro que isso está certo, mas esse homem, Salomão, que perdera o seu relacionamento com Deus, também perdera o seu anseio por estar com Ele.

Por isso, mais uma vez, ele exalta a necessidade de aproveitar o que a vida oferece, por ser esta a recompensa que se tem. É isso que Deus nos oferece. Os versículos 8 e 9 mais uma vez nos dizem que devemos estar prontos para celebrar, juntamente com a pessoa amada, pois é essa a recompensa que temos do Senhor.

Sempre usei o versículo 10 como uma exortação de um homem sábio para dar sempre o melhor de mim enquanto posso. Não é que o versículo não diga isso, mas o contexto não é de palavras de um homem sábio, mas, sim, de um homem frustrado, que perdeu o sentido da vida. Exorto a todos, portanto, no sentido de darem o seu melhor, porque o Deus a Quem servimos honra os Seus servos.

Os versículos 11 a 18 continuam a falar sobre as coisas desta vida que não fazem sentido para ele. Não são os velozes que vencem a corrida, nem os fortes que vencem a guerra, nem os sábios que ficam ricos, nem os instruídos que têm fama, pois o acaso pode mudar tudo isso. Além disso, ninguém sabe quando vai morrer. A gente não é melhor que os peixes que caem na rede, nem que os pássaros que caem em armadilhas.

Para reforçar o seu argumento, ele falou de um sábio pobre que salvou toda uma cidade, mas que foi esquecido a seguir só porque era pobre. Assim sendo, ele diz que não basta ser sábio; somos reféns também das circunstâncias. A sabedoria é ótima, mas infelizmente não é garantia de nada.

II Samuel 5

Este capítulo narra o acordo de Davi com as demais tribos de Israel levando à sua coroação, também sobre eles. Depois da morte de Isbosete, os líderes das demais tribos mandaram representantes para falar com Davi em Hebrom. Nesta ocasião fizeram um pedido formal para que ele reinasse sobre todas as tribos. Esse primeiro encontro levou a uma reunião dos líderes das demais tribos com Davi, também em Hebrom, quando ele foi, então, coroado.

Ele já estava reinando havia sete anos e meio sobre Judá, quando, aos 37 anos, começou a reinar sobre todo o Israel, o que ele faria por mais 33 anos. Nessa ocasião resolveu transferir a sua cidade de moradia para Jerusalém, que até então não havia sido conquistada dos jebuseus que ali moravam. A sua estratégia para a conquista da cidade foi a entrada através de uma passagem de água. Ele tomou a cidade e fez da fortaleza de Sião a Cidade de Davi.

O versículo 10 diz que ele ficou cada vez mais poderoso, porque o Senhor estava com ele. Essa mesma frase foi repetida para todos os reis que fizeram do Senhor o verdadeiro mandatário durante os seus reinados. Essa é também a realidade dos servos de Deus hoje. Quando nós estamos com Ele, também Ele está conosco e isso assegura o nosso sucesso, independente de como o Senhor o realiza.

Os aliados vizinhos, como Hirão, rei de Tiro, se alegraram com Davi, um homem temente a Deus, à frente do reino de Israel, mas seus inimigos, os filisteus ficaram muito alarmados, pelo que marcharam contra ele.

Nos versículos 19 a 25 vemos os filisteus atacando as tropas de Davi duas vezes e em ambas Davi consultou o Senhor sobre como proceder. Novamente, em ambas, o Senhor deu a ele uma retumbante vitória. Na segunda, o Senhor ainda pediu a ele para esperar até que Ele, Deus, saísse na frente, porque iriam juntos para derrotá-los. Ter um Deus que anda conosco e que luta as nossas guerras é uma segurança muito abençoada.

Eclesiastes 10

Os textos de Salomão no livro de Eclesiastes estudados até aqui, têm alternado dois temas básicos: a falta de sentido da vida e a vantagem do sábio sobre o tolo. Neste capítulo ele fala do segundo.

Ele começa dizendo que ser sábio e honrado não adianta nada se essa mesma pessoa volta e meia age com insensatez. Ele compara isso a uma mosca morta que cai num perfume e lhe estraga o odor.

O coração do sábio se inclina para o bem, mas o do tolo para o mal. O tolo, mesmo que ande por caminhos retos, ainda assim age como tolo, pelo que todos o identificam.

Nos versículos 4 a 7, o pregador fala sobre a insensatez quando esta ocorre na vida de quem está governando. Quando a pessoa que governa se irrita com um dos seus súditos por algum motivo, a melhor forma de tratar o assunto é mantendo a calma, até que passe a crise. Quando pessoas incompetentes governam, então, a insensatez a nível de governo pode ser esperada. É esperado que pessoas honradas tenham cargos sem importância, enquanto tolos ocuparão cargos de grande responsabilidade.

Os versículos 8 a 11 falam de pessoas que são prejudicadas pela forma incorreta como realizam suas próprias tarefas. Os exemplos incluem pessoas que cavam poços caindo neles, pessoas que derrubam muros sendo picadas por serpentes escondidas nos mesmos e encantadores de serpentes sendo picados por elas, por não tomarem o devido cuidado antes da tarefa ser concluída. Michael Eaton (/44/, pág. 143) dá como exemplo Hamã, que séculos mais tarde foi enforcado na forca que construiu para Naamã.

Os versículos 12 a 14, confirmam que da boca do tolo só sai insensatez, mas que facilmente se convertem em perversidade, pelo que o tolo é imprevisível. No versículo 15 o pregador nos informa que o tolo, além de falar coisas insensatas, também acha todo trabalho extremamente cansativo.

Os últimos 5 versículos falam sobre a qualidade que se exige do rei para que seja sábio. Pobre é a nação cujo rei vive para fazer banquetes, contrastando com a felicidade

daquela cujo rei é sábio e evita as festas e a embriaguez. O bom rei é trabalhador e evita os gastos desnecessários, principalmente os de banquetes.

Outra recomendação do pregador, na qualidade de rei, é que o súdito evite insultar o rei ou as pessoas influentes do reino, pois suas palavras podem ser ouvidas.

II Samuel 6

A arca do Senhor voltou da terra dos filisteus e foi levada para a casa de Abinadabe, onde permaneceu por muitos anos. Apesar dela significar a presença de Deus no meio do povo, ela permaneceu esquecida na casa de Abinadabe. Quando Davi transferiu sua morada para Jerusalém, resolveu que queria trazer para perto de si a arca. É sobre a materialização deste seu desejo que fala este capítulo.

Ele juntou 30 mil dos seus melhores homens e foi com eles à casa de Abinadabe para buscar a arca. Os dois filhos de Abinadabe, Uzá e Aiô foram encarregados de transportá-la sobre uma carroça, na qual foi colocada. Aiô foi à frente e Uzá atrás. Davi e seus homens iam junto louvando e dançando.

Em dado momento, contudo, a carroça se inclinou e a arca começou a tombar, pelo que Uzá correu para segurá-la. No momento em que ele segurou na arca, Deus o fulminou e ele morreu imediatamente.

Aquilo foi um choque para Davi, que se decepcionou com Deus, teve medo dEle e resolveu não mais transportar a arca para Jerusalém. O local mais próximo para deixá-la era a casa de Obede-Edom, que era levita. O povo voltou com Davi para Jerusalém.

Nos três meses que se seguiram começou a haver uma mudança notável na casa de Obede-Edom, com todos os seus filhos assumindo cargos importantes no sacerdócio do Tabernáculo (*ICrônicas 16.38 e 26.8* nos dizem que o total de seus filhos e parentes comissionados por Davi chegou a 62 pessoas). A conclusão a que chegaram todos é que Deus estava abençoando a casa de Obede-Edom por amor à arca. Ocorre, contudo, que, se isso fosse verdade, Ele deveria ter abençoado tremendamente a casa de Abinadabe, porque ela ficou ali por 20 anos.

É claro que a atitude de Obede-Edom em relação à presença da arca em sua casa foi bem diferente da de Abinadabe. O primeiro tinha Deus presente em sua casa, enquanto o segundo, apenas uma caixa de madeira. Sem dúvida cabe perguntar se nós estamos agindo como Abinadabe ou como Obede-Edom em relação à presença de Deus em nossas vidas e de Sua Palavra em nossas casas. Estamos sendo abençoados por estarmos a Seu serviço ou as pessoas sequer se lembram que somos templo do Espírito Santo?

Davi ficou tão encantado com aquilo que acontecia na casa de Obede-Edom que desejou novamente trazer para si a arca da aliança. Desta feita já sabia que a haviam

transportado de forma equivocada. Sabia, também, porque Uzá falecera e não estava mais disposto a cometer os mesmos erros.

Os versículos 12 a 17 narram a transferência da arca para Jerusalém, desta vez sem qualquer incidente, porque tudo foi feito conforme a orientação dada pelo Senhor a Moisés. No versículo 18 Davi abençoou o povo e celebrou com eles no versículo 19.

O único incidente que houve ficou por conta de Mical, que desprezou seu marido por este dançar na frente da arca. O registro dela nunca ter engravidado é descrito como um castigo divino para o seu desrespeito em relação ao marido, enquanto este apenas cultuava a Deus.

Eclesiastes 11

Os capítulos 11 e 12 trazem uma série de recomendações de interpretação difícil, na maioria das vezes, mas cuja conclusão final é que o homem deve se relacionar com Deus e obedecê-IO. Mesmo que a vida não possa ser racionalizada, essa é a principal coisa que o Pregador tem certeza. Em função disso, de alguma forma, as recomendações feitas devem apontar para a conclusão do pregador.

Lançar o pão sobre as águas e recebê-lo de volta dias depois não pode ser literal, mas as recomendações deste capítulo parecem sugerir um investimento nas coisas de Deus ou no relacionamento com Ele, com exemplos de outros tipos de investimentos. Exportar alimentos por navio, para receber outros bens de valor quando do seu regresso, é uma forma como se ganhava dinheiro com risco. O investimento no relacionamento com Deus parece similar, pois Deus é invisível e Se materializa através de Suas bênçãos. Eaton /44/ sugere que seja esse o raciocínio.

Repartir o que se tem com 7 ou 8 parece ser uma outra forma de investimento. Seria a diversificação do investimento ou talvez uma referência à benevolência para com os necessitados.

Os versículos 3 e 4 parecem advertir em relação à preguiça, que não pode impedir o homem de plantar ou colher. O paralelo em relação à comunhão com Deus teria que sugerir a persistência por parte do homem em buscá-IO.

Já o versículo 5 parece mais claro. Há coisas que não sabemos, tanto quanto não compreendemos a maneira como Deus faz as coisas, mas nada disso deve impedir que confiemos nEle.

O versículo 6 parece sugerir que não há uma única maneira de buscar a Deus, da mesma forma como não há uma única hora para se fazer o plantio. Devemos buscá-IO sempre! Os versículos 7 e 8 parecem apresentar um outro contraste. Não importa se O buscamos em meio à luz e a alegria, ou se em meio a trevas e tempos difíceis. O nosso propósito é buscá-IO.

A juventude e seus prazeres não devem ser motivo para que nos afastemos de Deus. A recomendação do pregador é no sentido que O busquemos desde a juventude (Eclesiastes 12:1).

II Samuel 7

Este capítulo narra o desejo que Davi teve de construir um templo de pedra e madeira para o Senhor e a forma amorosa como Deus rejeitou, ou pelo menos postergou, a aceitação do seu pedido.

Davi falou de sua ideia com o profeta Natã e este, porque a achou ótima, presumiu que Deus também ia achar o mesmo, pelo que sequer O consultou antes de dar sua resposta.

Naquela noite, contudo, Deus veio falar com Natã e deu a ele uma resposta bem distinta daquele que fora dada anteriormente a Davi pelo profeta. Resumindo, Deus mandou dizer a Davi que Ele nunca pediu que fosse edificada para Ele uma casa de pedra e madeira. Embora Ele estivesse muito satisfeito com Davi, o que poderia ser visto pela forma como o tem dirigido e abençoado, Ele não queria que Davi construísse para Ele essa casa.

Por outro lado Ele, Deus, Se dispunha a construir uma casa para Davi, que estivesse sempre diante dEle e o filho que fosse substituir a Davi; esse construiria a casa que Davi intentara construir.

Não obstante a recusa de Deus, Davi ficou maravilhado com a resposta que recebeu e sua primeira providência foi prostrar-se diante dEle no Tabernáculo para orar segundo as palavras transcritas nos versículos 18 a 29.

Não cabe repetir aqui as palavras de Davi, mas são palavras de gratidão e de entrega total de sua vida, para que Deus a usasse para Sua honra e glória. As promessas que Deus nos faz no livro de *Efésios* são muito similares. Que também nós saibamos nos prostrar diante dEle para expressar o nosso louvor e a nossa gratidão!

II Samuel 8

Neste capítulo somos informados que “depois disso” Davi derrotou todos os inimigos à sua volta e consagrou ao Senhor tudo conquistado deles por meio de saques. Entendemos, portanto, que “isso” é o que se passou no capítulo 7.

Os povos derrotados por Davi são listados a seguir e podem ser identificados na figura 46-1 abaixo: filisteus, moabitas, sírios (Hadadezer de Zobá e arameus de Damasco), amalequitas e edomitas.



Figura 46-1 - Inimigos de Israel derrotados por Davi /45/

O versículo 15 nos informa que Davi reinava com justiça. É exatamente isso que se espera de um rei temente a Deus. O restante do capítulo nos informa os nomes das pessoas que ocupavam os principais cargos no reino de Davi.

Eclesiastes 12

O discurso do Pregador chega ao seu clímax quando, em meio a uma vida sem sentido, ele conclui que a única coisa certa é que o Criador deve ser lembrado e, de preferência, desde cedo na vida, porque virão dias em que veremos que a vida sem Deus não pode produzir felicidade.

Aparentemente os versículos 2 a 8 tendem a descrever a velhice, mostrando os motivos pelos quais levam a uma vida vazia e sem sentido: o homem não desfruta mais do ambiente externo, os dias escurecem, andamos encurvados, não enxergamos bem, já não festejamos, já não trabalhamos e, finalmente, no versículo 7, voltamos ao pó e achamos tudo sem sentido.

Tudo sem sentido, foi o que vimos o Pregador dizer ao longo de todo o livro. Sabemos, contudo, como foi a vida de Salomão. Ao início ele teve um relacionamento íntimo com

Deus, a ponto de lhe aparecer duas vezes pessoalmente, além de dar a ele o direito de moldar como gostaria que fosse a sua vida. Nessa ocasião ele agradeceu a Deus pedindo sabedoria e sabedoria lhe foi dada, maior que a de todo e qualquer um antes dele. Infelizmente, o sábio que andou com insensatez, citado em *Eclesiastes 10.1*, foi ele mesmo. E, ao longo de todo o livro, vemos que ele se ressentiu da falta de intimidade com Deus. Agora, na conclusão, contudo, embora continue faltando a intimidade, pelo menos ele reconhece que a única coisa que faz sentido, em meio a essa vida conturbada, é o relacionamento com Deus.

Nos versículos 9 a 14, o Pregador fala de si mesmo, de sua sabedoria, de como ensinou provérbios, nos quais procurou ensinar as coisas certas que recebeu de Deus. Embora não haja limite para os estudos e a aplicação destes através de livros, a única coisa importante, no final das contas, é o temor do Senhor e a obediência aos Seus mandamentos.

II Samuel 9

Vemos aqui Davi cumprindo a promessa que fizera a Jônatas. Ele, por amor ao seu amigo, se informou sobre a existência e o paradeiro de Mefibosete, filho de Jônatas, e resolveu dar a ele todas as terras que outrora haviam pertencido a Saul. Além disso, ele o adotou como se fora seu próprio filho e Mefibosete passou a comer à mesa do rei.

Claro que Mefibosete, quando foi chamado à presença do rei, temia por sua própria vida, mas Davi logo o tranquilizou e seu medo foi convertido em um sentimento de gratidão por aquilo que Davi fez por ele.

Saul tivera um servo chamado Ziba, que Davi transformou em servo de Mefibosete, e que passou a cuidar de tudo que era de Mefibosete. Ziba e seus filhos, em número de 15, passaram a gerir os bens de Mefibosete.

II Samuel 10

Além de Hirão, rei de Tiro, que era aliado de Davi, os amonitas foram os únicos vizinhos que não haviam sido derrotados por ele, conforme descrito no capítulo 8 (ver vizinhos de Israel na figura 46-1). Cabe lembrar aqui que Naás, rei de Amom, recebeu Davi quando ele estava fugindo de Saul e que ficou tomando conta de seus pais e irmãos, enquanto a situação de Davi não se resolveu. Assim sendo, os amonitas eram, também, aliados de Davi.

Com a morte de Naás, subiu ao trono dos amonitas o seu filho Hanum, a quem Davi quis mostrar o seu apreço por seu pai, mandando uma delegação para transmitir a Hanum os seus pêsames. Infelizmente Hanum se cercara de conselheiros tolos, que convenceram o rei que a delegação de Davi estava ali para espionar, visando futura conquista da terra deles.

O resultado disso foi a humilhação dos servos de Davi, cortando metade de suas barbas e metade de suas roupas, expulsando-os a seguir. Os servos voltaram até Jericó, mas ficaram com vergonha de retornar à presença de Davi sem as suas barbas, pelo que Davi pediu a eles que ali permanecessem até que suas barbas crescessem novamente.

Obviamente o ato tolo de Hanum foi uma provocação ao exército de Davi, de modo que, já esperando ser atacados, providenciaram uma aliança com os arameus ao norte para saírem à guerra contra Davi. Apesar de sua excelente estratégia, atacando Israel em duas frentes, Joabe e seu irmão Abisai dividiram as tropas de Israel e cada um deles foi vencedor em sua frente.

Os amonitas houveram por bem propor paz a Davi, mas os arameus se reagruparam e procuraram novas alianças. Neste segundo embate, contudo, perderam 40 mil homens e 700 condutores de carros, para só então reconhecerem a derrota, aceitando passar a pagar tributos a Davi.

Vemos, dessa forma, que Davi dominava todos os seus vizinhos e tinha paz em todas as suas fronteiras.

Semana 47 - O Reino Unido: Davi 3

Texto: II Samuel 11 a 24

Estação 24

II Samuel 11

Até este ponto do relato dos livros de Samuel a vida de Davi, como servo do Senhor, nos revelava uma pessoa de caráter invejável, que procurava sempre agradar a Deus. É exatamente por esse motivo, que temos tanta dificuldade de entender como um pecado de adultério possa ter levado a tantos outros, que são narrados aqui para frente, mostrando um Davi adúltero, assassino, sem qualquer respeito pelas leis de Deus, um péssimo pai e um homem de valores errados.

Este relato começa nos falando de um Davi que tinha a obrigação de estar à frente de seu povo, mas que, por preguiça ou outro motivo qualquer, igualmente indigno, achou que poderia delegar suas obrigações e permanecer descansando em Jerusalém. Os motivos para tanto não foram informados, mas certamente podemos imaginar que tudo era tão fácil para o seu exército, que não havia motivo para que ele, o grande Davi, se desgastasse com um inimigo que já estava derrotado. Talvez tenha sido, portanto, um misto de soberba com preguiça. Seja como for, ele não deveria ter ficado em Jerusalém.

Uma mente desocupada, diz o provérbio popular, é oficina de Satanás. Foi como desocupado que Davi resolveu passear pela cobertura de seu palácio. O fato de notar a jovem senhora tomando banho, provavelmente com pouca ou nenhuma roupa, foi a tentação que Satanás armou para ele, na qual caiu sem esboçar qualquer resistência.

Cometido o pecado de adultério, veio a constatação de que seu pecado não deixaria de se tornar pública, através da gravidez de Bateseba, pelo que era necessária encobri-lo. Assim sendo, ele providenciou para que Urias, seu marido, voltasse da guerra para ter relações com ela, mas ele se recusou a ter prazer, enquanto seus companheiros na guerra estavam lutando. O resultado é que nascia no coração de Davi mais um assassinato, que foi realizado pela mão de terceiros, mas arquitetado por ele.

O mais interessante é que não há da parte dele nem arrependimento nem remorso. Ele ainda consola, cinicamente, a Joabe, co-autor do crime, porque na guerra é assim mesmo, algumas pessoas morrem.

Passados alguns dias, “como tudo dera certo”, Davi toma a bela Bateseba por mulher e tudo prossegue como se nada tivesse acontecido. Apenas Deus, que a tudo assistira, ficara insatisfeito com os pecados de Davi.

II Samuel 12

Para avisar a Davi que o seu pecado teria graves consequências, Deus enviou a ele o profeta Natã, que contou a ele uma história revoltante de um rico, que, não obstante toda a sua riqueza, roubou do seu vizinho pobre, para não gastar dos seus próprios bens. Davi ficou revoltado a ponto de dizer que o rico era digno de morte, mas nem assim achou que aquilo era com ele. Já havia se passado pelo menos um ano e seu próprio pecado não o perturbava. Como um homem tão temente a Deus e por Ele abençoado, conseguira se tornar tão insensível ao pecado?

Quando Natã revelou a Davi que o homem da história era ele mesmo, aquilo veio como um choque, mas não foi rejeitado, nem trouxe a Davi qualquer revolta contra o profeta. Muito pelo contrário, Davi caiu em si e viu o quão monumentais haviam sido os seus pecados. Ele sequer tentou regatear a condenação de Deus, entregue entre os versículos 7 e 12. Toda a resposta de Davi se resumiu ao reconhecimento de que havia pecado contra o Senhor. Surpreendentemente, ficou claro na resposta seguinte de Natã, que Deus já sabia que Davi se arrependeria, pelo que Ele de antemão já o perdoara, mas a criança que Davi gerara com Bateseba havia de morrer. De fato, logo a seguir ela adoeceu (versículo 15).

Davi, que até então nada pedira por si mesmo, implorou e jejuou pela vida da criança, que não era culpada de nada. Ele ficou de tal forma prostrado, que os seus súditos ficaram receosos que cometesse suicídio. Quando a criança morreu, contudo, ele se levantou, comeu e foi ao Tabernáculo para louvar o Senhor, confundindo os seus súditos. Davi mostrou apenas que sabia aceitar a resposta “não” do Senhor.

Definida a situação, incluindo a punição do Senhor, Davi se voltou para Bateseba, que, embora conivente, também fora vítima de seu pecado. Ela a consolou, e de certa forma Deus também, dando a ele outro filho, que viria a ser o rei em lugar de Davi. A Bíblia diz que Deus o amou (versículo 24), mas não só isso, Ele também mandou Natã dizer a Davi que Ele chamaria o menino de Jedidia, ou seja, “o amado do Senhor”.

Os versículos de 26 a 31 terminam o capítulo exatamente como deveria ter sido iniciado. Com Davi indo à guerra para a conquista da capital dos amonitas: Rabá. Davi a conquistou juntamente com Joabe e depois voltou para Jerusalém.

II Samuel 13

As desgraças no meio da família de Davi, que Deus havia prometido como consequência de seus pecados narrados no capítulo 11 (*II Samuel 12.11-12*), começam a surgir neste capítulo. A trama de Amnom, filho de Davi, para ter relações sexuais com sua irmã por parte de pai, Tamar, é de um nível moral compatível com o assassinato de Urias praticado por Davi.

Estamos lidando aqui com uma das famílias mais abençoadas do reino de Israel. Trata-se da família de Jessé, um homem temente a Deus, que criou uma família de filhos

ensinados também a temer a Deus. Mesmo assim, vemos Jônatas, filho de Simeia, irmão de Davi, aparecer apenas para mostrar a sua sagacidade, totalmente incompatível com aquilo que esperaríamos de um descendente de Jessé.

Amnom, por sua vez, é de um nível moral tão baixo, que ficamos sem entender como Davi pode ter dado a ele uma criação tão deficitária. Sabemos que Deus havia prometido essas coisas a Davi, mas ele apenas permite a Satanás usar as condições negativas que já existiam. Assim sendo, o fato de Davi se mostrar um pai relapso na educação dos filhos (todos eles), é uma deficiência de Davi e não algo que possamos atribuir a Deus, porque Deus a ninguém tenta (*Tiago 1.13*).

Outra coisa que vemos nesse texto e que nos causa perplexidade é a frieza de Absalão, que passou 2 anos planejando a sua vingança, que culminaria com o assassinato de Amnom e que forçou a sua fuga de Jerusalém para Gesur (Absalão era filho de Davi com Maaca, filha de Talmai, rei de Gesur; portanto, ele fugiu para a casa do avô, localizada nos planaltos de Golan). Ele não tem qualquer apego à família de Davi, tanto que tentaria matá-lo e usurpar seu trono pouco tempo depois.

Em meio a essa lamentável situação familiar, vemos que Davi errou novamente ao ser complacente com o pecado de Amnom. Este não sofreu qualquer castigo, embora a sua pena, de acordo com a lei de Moisés, fosse morte (*Levítico 18.9*). Não há dúvida, portanto, que Davi é responsável pelo crime de Absalão.

II Samuel 14

Passados três anos da morte de Amnom, Joabe percebeu que Davi já estava consolado e que começava a sentir saudades de Absalão. Por esse motivo ele concebeu um plano para que o rei sentisse vontade de trazer Absalão de volta de Gesur.

Joabe contratou uma mulher, que ele mandou que se vestisse de luto, que contou uma estória sobre como ela ficara viúva, com dois filhos e que os dois haviam brigado a ponto de um matar o outro. Agora os familiares estariam exigindo a morte do filho assassino.

Quando a mulher contou essa história ao rei, ele ficou com pena dela e disse que garantiria a vida do seu filho. Quando a mulher sugeriu que ele estaria agindo de forma diferente com seu próprio filho, ele percebeu que havia o dedo de Joabe por trás disso. Confrontada sobre o assunto a mulher acabou revelando a verdade. Mesmo tendo sido enganado, Davi aceitou o pedido de Joabe e mandou chamá-lo para que ele trouxesse Absalão de volta.

Com Absalão já de volta e morando em Jerusalém, Davi resolveu que não o receberia no palácio; e assim foi. Absalão já estava, havia dois anos, em Jerusalém sem ver o rei e queria que Joabe fosse lá conversar com ele para alterar isso. Joabe só o fez depois de muita assistência e finalmente o rei aceitou, recebendo Absalão no palácio.

Apenas para que não haja qualquer mal-entendido, Absalão havia fugido porque, de acordo com a Lei Mosaica, ele deveria morrer (vida por vida). O fato dele agora voltar com permissão do rei apenas ressalta um novo erro do rei em não fazer aplicar a lei.

II Samuel 15

Esse capítulo continua a descrever os problemas que surgiram na vida e na família de Davi em função dos pecados por ele cometidos e que são narrados no capítulo 11. O capítulo anterior terminou com a normalização das relações entre Davi e Absalão depois que este matou seu irmão Amnom. Poderíamos até pensar que a família estava novamente unida e que estava tudo bem, mas o início deste capítulo nos mostra uma situação bem diferente.

O que vemos aqui é Absalão investindo o seu dinheiro e o seu tempo num plano de assassinato do pai e conquista do trono de Israel. O plano dele, muito bem sucedido, por sinal, começa com ele ganhando a confiança do povo ao longo de quatro anos de árduo trabalho, onde ele se posicionava no portão de entrada da cidade de Jerusalém para receber todos aqueles que vinham falar com o rei sobre as suas causas legais.

Absalão ouvia a todos com paciência e ganhava os seus corações, mostrando interesse, que nem sempre tinham da parte do rei. Aqueles que o tratavam com a reverência devida ao filho do rei, ele abraçava e beijava, dando a entender que era amigo e não precisava de formalidades.

Passados 4 anos, é justo dizer que Absalão era tido como o sucessor de Davi por todo o Israel, que via nele uma pessoa de excelentes qualidades.

Cumprida essa parte do plano, chegara a hora do golpe em cima de seu pai. Com a desculpa de que queria cumprir uma promessa feita a Deus na época de seu exílio, Absalão pediu a Davi para ir a Hebrom. Davi obviamente não desconfiou de nada e deve ter se alegrado com o fato de seu filho buscar a Deus. Em Hebrom, contudo, Absalão se auto-proclamou rei no lugar do pai e marchou contra Jerusalém para derrubá-lo.

Avisado em tempo hábil, Davi resolveu sair de Jerusalém para evitar o derramamento de sangue, visto estar em franca minoria. Entre os conspiradores Davi ficou sabendo que se encontrava o seu principal conselheiro: Aitofel. Isso realmente o preocupou muito, porque os conselhos de Aitofel eram extremamente valiosos. Assim sendo, somos informados que Davi orou especificamente a esse respeito, pedindo a Deus que Absalão não aceitasse os conselhos de Aitofel.

Dentre os que apoiaram Davi, havia também outro conselheiro, cujo nome era Husai. Davi pediu a Husai que fingisse também estar se unindo à conspiração para que ele pudesse ser avisado de tudo que estava acontecendo. Para ajudar a levar as notícias, Davi também fez permanecer em Jerusalém os sacerdotes Zadoque e Abiatar, bem como seus filhos Aimaás e Jônatas, que seriam os mensageiros.

II Samuel 16

Este capítulo fala ainda da saída de Davi de Jerusalém, bem como da chegada de Absalão, que já encontrou o palácio desabitado.

Os primeiros 4 versículos falam a respeito de Ziba, servo de Mefibosete, se encontrando com Davi, trazendo dois jumentos carregados de alimentos e bebidas para Davi e seus soldados. Nesta ocasião, quando Davi perguntou por Mefibosete, ele respondeu que permaneceu em Jerusalém, porque achava que o povo de Israel daria a ele o reinado que lhe pertencia por direito. Como Davi creu no que ouviu, ele transferiu para Ziba todos os bens de seu senhor. Mais adiante vamos ouvir a versão de Mefibosete, dizendo que Ziba fora embora sem esperar por ele e que mentira a seu respeito. O assunto no final não é esclarecido e não sabemos qual dos dois teria mentido, mas parece pouco provável, que Mefibosete pudesse achar que os israelitas devolveriam a ele o trono. O mais provável é que não passasse de um golpe de Ziba, que ficou impune.

Os versículos 5 a 13 narram um evento proporcionado por um benjamita de nome Simei, que resolveu amaldiçoar o rei Davi, dizendo que estava sendo punido por Deus pelo fato de se ter usurpado do trono de Saul. Embora os servos de Davi quisessem matá-lo, ele não o permitiu.

No versículo 14 somos informados que a fuga de Davi fora bem sucedida, mas que todos estavam exaustos ao chegaram ao destino pretendido.

Já os versículos 15 a 23 narram a chegada e a primeira providência de Absalão ao assumir o trono de Davi no palácio de Jerusalém. Ele se admirou que Husai estivesse ali esperando por ele e criticou a sua infidelidade para com seu amigo Davi, mas Husai falou sabiamente e convenceu Absalão de que ficara ali para servi-lo.

Absalão havia chegado com Aitofel, pelo que sua primeira providência foi consultá-lo para saber por onde começar. Nesta ocasião apenas Aitofel foi consultado e sua resposta sugeriu que Absalão deveria manter relações com as 10 concubinas de Davi, que haviam ficado para trás guardando o palácio. Desta forma todo o Israel saberia que sua coroação era um caminho sem volta, graças ao rompimento total entre os dois.

O capítulo se encerra com uma avaliação do narrador do texto falando do quão importantes eram as palavras de Aitofel tanto para Davi como para Absalão. Ambos o tinham em altíssima consideração.

Foi construída uma tenda no terraço do palácio e ali, às vistas de todos, Absalão manteve relações com as 10 concubinas de Davi, tal como prometido por Deus em *II Samuel 12.11*.

II Samuel 17

Concluída a primeira tarefa de Absalão, que foi provar a Israel que o rompimento entre ele e seu pai era sem volta, este capítulo prossegue com nova consulta a Aitofel sobre o que fazer a seguir. Basicamente Aitofel sugeriu que Absalão escolhesse os seus 12 mil melhores soldados e que estes partissem naquela mesma noite para achar Davi e matá-lo, antes que ele tivesse tempo para se recompor.

Por se tratar de uma decisão extremamente importante, Absalão resolveu que seria importante ter uma segunda opinião, pelo que consultou a Husai a respeito. Husai sabia que Davi precisava de tempo para se recompor, de modo que deu uma opinião sabidamente ruim, mas que Deus fez parecer a todos muito melhor que a de Aitofel.

Houve uma época há cerca de 12 anos, quando perguntei a Deus como deveria agir quando eu pedisse uma coisa Ele. Desejava saber se deveria cruzar os braços e deixar tudo para Ele (e não fazê-lo denotaria falta de fé de minha parte), ou se Deus continuaria a me usar, se assim desejasse, para chegar à solução pedida. Neste caso eu continuaria a fazer o que necessário fosse, crendo que meus passos eram dirigidos por Ele.

Como resposta à minha pergunta Ele me levou a ler esta história de Davi querendo desacreditar o conselho de Aitofel. Os passos dessa história foram:

- Davi orou a Deus pedindo que o conselho de Aitofel não fosse aceito (*II Samuel 15.31*);
- Davi se encontrou com Husai e pediu a ele para tentar desacreditar o conselho final de Aitofel (*II Samuel 15.34*);
- Absalão se convenceu de que Husai realmente estava desejoso de servi-lo (*II Samuel 16.18-19*);
- Aitofel sugeriu que Davi fosse caçado e morto na mesma noite da fuga por 12 mil soldados escolhidos de Israel;
- Absalão desejou ouvir uma segunda opinião (certamente um sentimento colocado ali por Deus);
- O conselho de Husai foi no sentido de juntar um grande exército dirigido pelo próprio Absalão, que mataria Davi onde quer que fosse;
- Absalão e todos os homens de Israel consideraram o conselho de Husai melhor do que o de Aitofel. Isso aconteceu porque o Senhor tinha decidido frustrar o eficiente conselho de Aitofel.

A resposta à minha pergunta estava muito clara. Eu deveria confiar em Deus, mas ao mesmo tempo continuar a trabalhar no sentido de ser usado por Ele para a realização de Sua vontade. Foi exatamente isso que Davi havia feito. Ele orara a Deus, mas quem combinou tudo com Husai foi ele. Quem tornou Husai aceitável para Absalão e fez com que este desse crédito a seu conselho foi Deus. No final tudo foi creditado a Deus, como deveria ser.

Nos versículos 15 a 21 somos informados sobre como Husai informou a Davi sobre detalhes do plano, pedindo que este atravessasse o Jordão para estar em segurança. Tudo foi feito conforme combinado.

Aitofel sabia que seu conselho era bom, mas ao ver que não fora seguido, já antecipou o desfecho de sua insurreição, pelo que foi e enforcou-se.

Absalão fora muito eficiente no preparo de seu grande exército, mas Davi tivera tempo suficiente para descansar e ainda receber alimentos em Maanaim, onde se preparou para enfrentar Absalão.

II Samuel 18

O capítulo 18 narra superficialmente os preparativos finais do exército de Davi e a guerra que houve contra Israel. Começa com o rei passando em revista final o seu exército e dividindo-o em três partes, que foram comandados por Joabe, Abisai e Itai, respectivamente. Davi pediu, encarecidamente, que fossem misericordiosos com Absalão, por amor dele, Davi.

A guerra se deu na floresta de Efraim (lado ocidental do Jordão), o que provavelmente foi uma escolha de Joabe, tendo em vista a inexperiência do exército recém formado de Israel face à dificuldade de lutar em meio às árvores. Absalão e o exército de Israel, liderado por Amasa, foram derrotados com a perda de 20 mil homens e com o restante fugindo para se salvar. O próprio Absalão se viu isolado, quando encontrou tropas de Davi e tentou fugir, mas seus cabelos ficaram presos nos galhos de uma árvore, onde Joabe, não obstante a solicitação de Davi, fez questão de matá-lo.

Davi ficou muito triste com a notícia da morte de Absalão, a ponto de dar à vitória dos seus soldados um sabor de derrota.

II Samuel 19

A atitude de Davi, já mencionada no capítulo anterior, desprezando a vitória de seu exército e chorando a morte de Absalão, trouxe grande mal estar, com o seu pessoal se sentindo humilhado, como se tivessem perdido.

Isso resultou em grande irritação por parte de Joabe, que foi falar com o rei e o fez num tom áspero, dizendo que se ele não falasse com seus soldados, que eles iriam abandoná-lo. O rei fez exatamente o que Joabe pediu, mas decidiu, ao mesmo tempo, destituir Joabe do cargo de comandante em chefe das tropas de Israel. Isso tanto pode ser devido ao fato dele ter sido tão áspero, como pode ter sido pelo fato dele ter matado Absalão, embora o rei tivesse dado ordens contrárias.

O rei a essa altura continuava em Maanaim, porque sequer sabia se ainda seria aceito como rei, já que havia fugido de Jerusalém. Chegou aos seus ouvidos, contudo, que as outras tribos de Israel estavam considerando a possibilidade de reconduzi-lo ao trono (versículos 9 e 10), pelo que ele mandou perguntar qual era a situação em relação à sua

própria tribo, Judá, já que eles eram “sangue do seu sangue”. O resultado foi um apoio unânime de Judá (versículo 12), não obstante Davi ter convidado Amasa para substituir Joabe (versículo 13).

Pareceu, então, a Davi, que ele poderia voltar a Jerusalém e efetivamente o fez, sendo recebido em primeiro lugar por Simei, o mesmo que o amaldiçoara quando ele se fora. Desta vez, contudo, ele estava lá para pedir perdão e implorar por sua vida. Apesar da opinião contrária de Abisai, Davi acabou perdendo Simei.

Além de Simei, o rei foi recepcionado também por Ziba e, finalmente, por Mefibosete. Nesta ocasião Davi pediu explicações a ele, que disse ter sido enganado e difamado por Ziba e que ele tivera a intenção de partir junto com Davi, mas que Ziba havia levado o seu animal. Davi, que tinha dado todos os seus bens a Ziba, não sabia em quem acreditar, pelo que resolveu dividi-los entre Mefibosete e Ziba, mas Mefibosete disse que Ziba poderia ficar com tudo, porque ele, Mefibosete, não precisava de bens. Essa atitude de Mefibosete parece deixar claro que Ziba agira de maneira enganosa, mas a Bíblia não nos traz mais detalhes a respeito desse fato.

Barzilai, um gileadita, havia sido o principal mantenedor de Davi enquanto este estava em Maanaim, porque era muito rico. Ele acompanhou Davi até o Jordão, quando de seu retorno e Davi, mostrando sua gratidão, o convidou para viver com ele no palácio. Como ele já tinha 80 anos, declinou do convite, mas colocou um servo seu, Quimã, a serviço de Davi para apoiá-lo.

Nos últimos versículos deste capítulo vemos os israelitas e os judeus que foram ao Jordão recepcionar Davi, fazendo acusações mútuas, deixando claro que a guerra havia deixado ressentimentos, pelo que havia feridas abertas que precisavam ser curadas.

II Samuel 20

Em meio às discussões entre os judeus e os demais israelitas, surgiu um benjamita de nome Seba, que resolveu que os israelitas não precisavam ficar sob a liderança de Davi. Em princípio ele não faz mais do que convocar os israelitas a voltarem para casa, mas fica implícito que sua intenção é de se tornar rei.

Davi retornou, então, para Jerusalém com os judeus, enquanto os israelitas seguiram Seba e foram embora. Já de volta em Jerusalém Davi arranhou uma casa para as concubinas que Absalão havia possuído, com as quais nunca mais se relacionou e convocou Amasa para que juntasse as tropas de Judá, visando ir atrás de Seba.

Ocorre que Amasa recebeu do rei um prazo e não o cumpriu. Em função disso Davi convocou Abisai e pediu a ele para levar as tropas e sair atrás de Seba antes que esse conseguisse organizar um exército.

Abisai e Joabe saíram com as tropas, mas Amasa foi ao encontro deles e os alcançou em Gibeom. Ali Joabe fingiu que ia cumprimentá-lo, pelo que o abraçou com uma mão, mas ao invés disso o golpeou com uma adaga que tinha na outra. Amasa caiu morto com esse único golpe, mas todos os soldados paravam para ver o seu corpo. Em função disso Joabe removeu o corpo e só então conseguiu que todos o seguissem.

Eles continuaram, então, a sua perseguição a Seba e o encontraram numa cidade de nome Abel-Bete-Maaca. Joabe e Abisai se preparavam para derrubar o muro da cidade, quando uma mulher pediu para falar com Joabe. Este a atendeu e explicou a ela porque estavam ali sendo obrigados a invadir a cidade. Esta, então, perguntou se eles iriam embora se a cabeça de Seba fosse jogada pelo muro. Diante da resposta afirmativa, ela pediu um prazo para falar com os outros e pouco tempo depois a cabeça de Seba lhe era jogada.

Joabe voltou a seguir com as tropas de Davi e continuou a dirigi-las.

II Samuel 21

Esse capítulo fala de algumas dificuldades enfrentadas por Davi após o seu retorno a Jerusalém reassumindo o seu reinado, mas que já não são consequência dos seus pecados narrados no capítulo 11.

O primeiro desses eventos foi uma fome na terra de Israel, que se estendeu por um período de 3 anos. Nem todos os problemas que enfrentamos na vida são causados por pecados que tenhamos cometido, mas Davi já se acostumara com a ideia de que o Senhor é Aquele que zela por Israel e quando Ele deixa de fazê-lo, é porque alguma coisa foi feita, que não foi do Seu agrado. Assim sendo, nada mais natural para Davi do que perguntar a Deus o motivo da fome em apreço.

A resposta de Deus confirmou a suspeita de Davi, ou seja, que alguém havia feito algo errado. No caso específico, esse alguém fora Saul. Ele havia tentado exterminar os gibeonitas, apesar de Josué e os principais líderes de Israel terem feito com eles uma aliança de proteção (*Josué 9*). Tendo tomado ciência do problema, Davi chamou os gibeonitas e perguntou o que seria necessário para que o mal fosse refeito e eles abençoassem os filhos de Israel. Eles pediram que a família de Saul passasse pelo mesmo suplício que ele causara nas deles. Para tanto 7 dos seus descendentes deveriam ser entregues a eles para que os matassem todos no mesmo dia. Deixaram claro, contudo, que não se tratava de uma vingança e nem de uma mortandade. Como disso dependia o fim da fome, Davi concordou e entregou a eles 7 netos de Saul, os 5 filhos de Merabe, irmã de Mical e os dois filhos de Rispa, também irmã de Mical e Merabe, mas apenas por parte de Saul. Ele teve o cuidado, contudo, de poupar Mefibosete, devido a seu juramento feito a Jônatas.

Os eventos narrados entre os versículos 10 e 14 são de difícil compreensão se não atentarmos para o significado do ato de Rispa. Obviamente ela ficou muito triste com a

morte de seus dois filhos, mas ao invés de simplesmente lamentá-la, ela resolveu zelar pelos seus corpos (em decomposição) até que Deus realmente concedesse a chuva, motivo pelo qual eles haviam sido mortos.

Davi ficou muito impressionado com a atitude de Rispa, pelo que resolveu honrar os restos mortais de Saul e Jônatas, ao mesmo tempo em que definia o lugar de honra, onde Rispa também enterraria os seus filhos. Assim sendo, Davi mandou desenterrar os restos mortais de Saul e Jônatas, que haviam sido enterrados pelos habitantes de Jabes-Gileade e transferiu-os para Zela, perto de Jerusalém, onde ficava o túmulo de Quis, pai de Saul. Feito isso, Deus determinou o fim da seca e mandou a chuva esperada.

Os versículos 15 a 22 narram alguns eventos de combates contra os filisteus, nos quais foram enfrentados outros gigantes, a exemplo do que ocorrera com Golias. Um deles inclusive tinha o mesmo nome, Golias, mas foi morto por outro que não Davi. O texto apresenta apenas narrativas sucintas que dispensam maiores comentários.

II Samuel 22

Este capítulo contém um salmo de louvor ao Senhor escrito por Davi para celebrar o livramento que lhe foi dado, tanto em relação a Saul como aos seus inimigos em volta.

Com pequenas variações, trata-se de uma simples transcrição de *Salmos 18*, que é um dos mais belos de todo o saltério.

Os versículos 2 a 4 são a introdução, na qual Davi declara o seu desejo de exaltar o Senhor. Já os versículos 5 a 20 ressaltam tudo que Deus fez por Davi, mas curiosamente vemos aqui, também, tudo que Deus fez por Jesus. Na realidade, o que vemos aqui é Davi descrevendo a trajetória vitoriosa do seu Descendente.

Quando chegamos aos versículos 21 a 29 nós, que conhecemos a trajetória de Davi, com seus erros incríveis, só podemos concluir que ele não está falando de si mesmo, enquanto tudo que está dito aqui é totalmente verdadeiro em relação a Jesus. Ele e somente Ele pode fazer as declarações que são feitas aqui.

Há comentaristas que dizem que certamente isso foi escrito por Davi antes da sua série de pecados, começando com Bateseba, mas só uma pessoa cega pela soberba poderia dizer isso de si mesmo. Bem antes de Davi reinar, nós o vimos tomando a justiça nas próprias mãos ao resolver matar Nabal. Deus o impediu, mas a sua intenção já consumara o pecado. Não, certamente Davi não poderia dizer isso de si mesmo em nenhuma época de sua vida.

Nos versículos 30 a 46 Davi descreve os livramentos que teve, bem como expressa a certeza de que Deus continuará a livrá-lo de todos os seus inimigos.

Encerrando o salmo, Davi deixa claro que seu coração é muito grato por tudo que recebeu e que sua descendência continuará a receber. Claro que o seu louvor é sincero, ao falar de suas grandes vitórias, mas o auge destas dizem respeito ao Messias.

É interessante que Paulo, em *Romanos 15.9*, cita o versículo 50 atribuindo-o a Jesus.

II Samuel 23

Este capítulo começa dizendo tratar-se das últimas palavras de Davi. No versículo 2 ele mostra plena consciência do fato de que o Espírito Santo o ungiu para declarar ao povo de Israel as palavras de Deus.

Nos versículos 3 e 4 Davi diz que foi instruído a reinar com justiça e com o temor do Senhor, porque quem assim governa, se assemelha à luz do nascer do sol num dia claro. Ele estava totalmente consciente, portanto, de que um governo só pode ser abençoado se o governador for uma bênção para aqueles sobre os quais ele reina. Como seria bom se os políticos todos fossem eleitos apenas mediante o compromisso de carregarem essa bandeira. Quem não governa pelo Brasil e pelo povo brasileiro não deveria ter o direito de se candidatar.

No versículo 5 Davi faz referência à promessa que Deus havia feito a ele sobre o seu reino e o de sua descendência. Seu otimismo é totalmente justificado, pela certeza de que o Messias será descendente seu. Os versículos 6 e 7 falam do destino de seus inimigos.

Todo o restante do capítulo (versículos 8 a 31) fala a respeito dos principais guerreiros do exército de Davi.

II Samuel 24

Este último capítulo de *II Samuel* traz uma narrativa que vale a pena tentar entender. Ela começa dizendo que Deus havia se irado contra Israel e isso certamente se deu devido ao pecado do povo. Era um tempo de paz e já sabemos, por experiência própria, que a maioria das pessoas buscam a Deus em tempos de crise, mas que, ao contrário, se esquecem dEle e de Seus mandamentos quando as coisas vão bem. Certamente este foi o caso aqui e Deus estava irado com o povo.

A segunda coisa que o texto nos diz é que Ele incitou Davi, em função disso mesmo, contra o povo, a realizar um censo. Deus já mandara fazer censos antes e não se constituíram em pecado; portanto, ficamos confusos tentando entender porque esse seria. Curiosamente, o próprio Joabe foi contra a ideia, pelo que certamente havia algo de diferente neste censo. Realmente havia! O censo não era do número de habitantes de Israel e, sim, do número de pessoas aptas a lutar em Israel. Deus havia dado paz e o exército de Israel vencera sempre, mesmo em casos de flagrante minoria; portanto,

não havia nenhum motivo para precisar planejar um grande exército. De certa maneira era o mesmo que duvidar da providência divina.

Davi fora incitado por Deus, portanto, a fazer algo que Deus depois puniria e assim foi feito.

Depois de 9 meses e 20 dias, uns 290 dias ao todo, verificou-se que havia em todo o Israel 1.300.000 pessoas aptas a sair à guerra, dos quais 500.000 eram de Judá e 800.000 do restante das tribos (versículo 9).

Tão logo o censo foi concluído, contudo, Davi já havia sido convencido pelo Espírito Santo, de que aquilo fora um erro e que o pecado em apreço teria consequências. Arrepentido que estava, Davi orou a Deus pedindo que perdoasse o seu pecado e Deus o perdoou, mas a consequência veio em forma de três opções, dentre as quais Davi poderia escolher:

- 3 anos de fome;
- 3 meses sendo assolado pelos inimigos;
- 3 dias de praga.

Davi ficou em dúvida entre as opções 1 e 3, pelo que Deus puniu a Israel (sua intenção inicial) com os 3 dias de praga. Durante esses 3 dias morreram 70 mil pessoas e Deus, ao terceiro dia, permitiu que Davi visse o anjo que estava matando os israelitas. Sua intenção com isso é que Davi oferecesse um sacrifício pedindo o fim da praga.

Gade, o profeta que levava a Davi as 3 opções de castigo, retornou ao palácio dizendo que Davi deveria oferecer o sacrifício em questão e que este seria realizado num terreno aplanado pertencente a um jebuseu de nome Araúna. Os jebuseus eram os donos de Jerusalém antes de Davi conquistá-la, mas muitos deles continuaram morando ali.

Quando Davi se dirigiu a Araúna, vemos que este teve grande respeito pelo rei e quis inclusive fornecer o local e os bois para sacrifício, mas Davi insistiu em comprar a propriedade e o sacrifício. É muito interessante que esse local era exatamente o monte Moriá, sobre o qual foi construído mais tarde, por Salomão, o templo do Senhor (ver *II Crônicas 3.1*).

Feita a oferta, a praga parou.

Semana 48 - O Reino Unido: Davi 4

Texto: ICrônicas 11 a 20

Estação 24

ICrônicas 11

Este capítulo apresenta a consagração de Davi como rei de todos os israelitas, após 7 anos e meio ao longo dos quais reinou apenas sobre Judá em Hebrom. Isbosete, filho de Saul havia reinado durante esse período sobre as demais tribos, mas acabara de ser assassinado por dois de seus assessores.

Assim que Davi foi coroado na presença de todos os principais líderes de Israel, ele mudou a sua residência (e a capital de Israel) para Jerusalém, que até então ainda estava sob o domínio dos jebuseus. A cidade foi tomada e Davi passou a residir na fortaleza de Sião, que passou a se chamar Cidade de Davi.

A figura 48-1, abaixo, mostra a cidade de Jerusalém na época de Jesus, onde a cidade de Davi está identificada. A região onde se encontra o templo, já na versão construída por Herodes, ocupa o terreno que Davi comprou do jebuseu, Araúna, e que ficava fora da cidade de Jerusalém à época dele. Estava bem no limite do muro antigo.

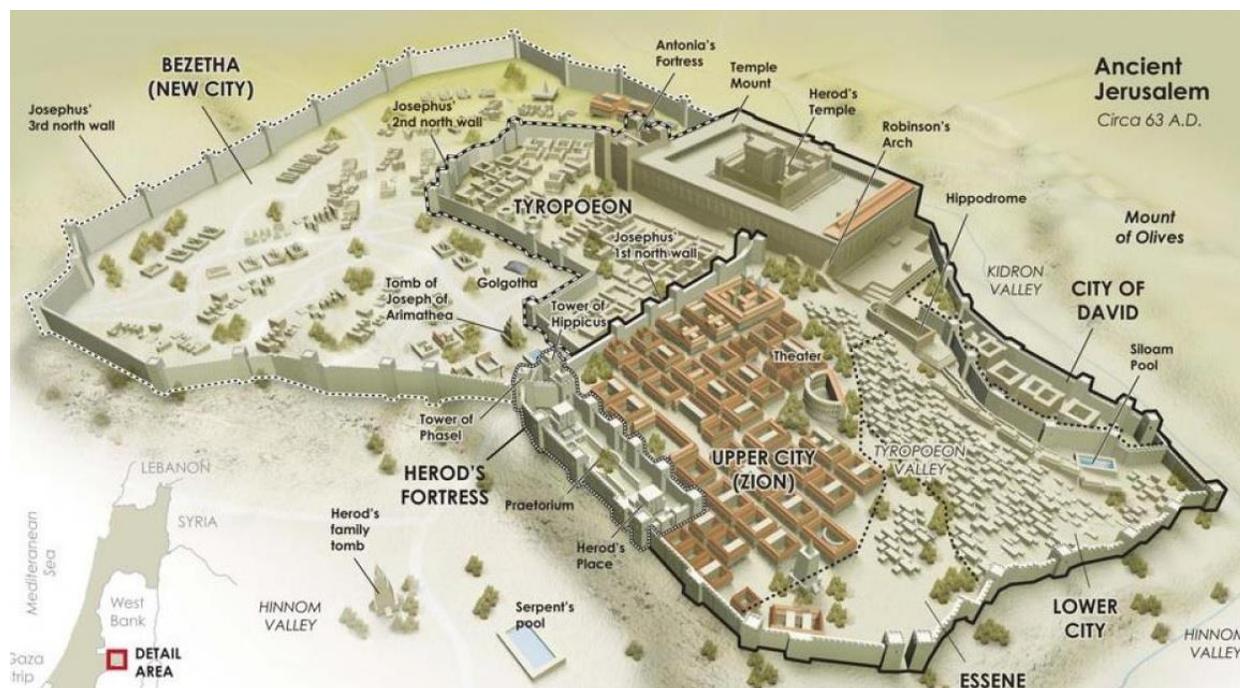


Figura 48-1 - Jerusalém da época de Cristo

A Cidade de Davi pode ser vista junto ao muro superior à direita do Templo de Herodes. Adjacente ao muro superior, acima do mesmo, vemos o Vale de Cedrom e, acima deste, o Monte das Oliveiras, de onde são tiradas, hoje, a maioria das boas fotos da cidade antiga, como mostrado na figura 48-2. Nesta figura a cúpula dourada é a Mesquita de Al Aqsa e a cúpula preta menor, à direita desta, o Domo da Rocha. Ambas construções estão no terreno onde outrora ficava o templo de Herodes, que foi destruído pelos romanos no ano 70d.C.

A vinda de Muhammad (Maomé) a Jerusalém num cavalo alado não é claramente descrita no Corão. Tudo que o Corão diz, no Surah 17.1, é que Allah trouxe o seu servo numa viagem à noite da Mesquita Sagrada (Referência a Meca) até a Mesquita Mais Longínqua (que se admite ser uma referência ao Templo de Salomão).

O Templo de Salomão foi concluído por volta do ano 1.000a.C. e foi destruído por Nabucodonozor em cerca de 586a.C. Esdras e outros o reconstruíram em aproximadamente 515a.C. e Herodes o reformou entre 17a.C. e 29d.C. Sua destruição final se deu no ano 70d.C. por ordem do imperador Tito. No ano 705d.C. admite-se que foram concluídas as duas mesquitas citadas acima, cuja função, antes de mais nada, era evitar que os judeus voltassem a construir naquela localidade.

Os judeus, por sua vez, têm estocado materiais para reconstruir o templo após a próxima queda da Mesquita de Al Aqsa, que já foi destruída duas vezes por terremotos (748 e 1.033). O Domo da Rocha foi construído em cima da rocha onde Abraão teria tentado sacrificar Isaque, onde Salomão construiria o templo um milênio mais tarde.



Figura 48-2 - Vista do muro de Jerusalém e atrás deste a Mesquita de Al Aqsa e o Domo da Rocha logo à direita deste

Os versículos 10 a 47 descrevem os principais guerreiros do exército de Davi, começando pelo mais destacado deles: Jasobeão. Quase todos são mencionados nominalmente. Um dos 3 melhores, Samá, citado em *ISamuel 23.11*, curiosamente foi omitido aqui.

ICrônicas 12

Este capítulo traz duas listas de guerreiros que também apoiaram Davi. A primeira engloba os 22 versículos iniciais e diz respeito ao grupo que foi apoiar Davi no período em que este esteve na cidade filisteia de Ziclague. São soldados que abandonaram o exército de Saul e se aliaram a Davi, por verem que Deus estava com ele.

O segundo grupo, mencionado no texto que se estende do versículo 23 até o final do capítulo, fala de soldados do exército de Israel (reino das tribos que apoiavam Isbosete), que vieram a Hebrom apoiar Davi para fins de coroação sobre todo o Israel. Neste caso trata-se de um exército de centenas de milhares de pessoas. Estes permaneceram por apenas 3 dias e vieram com suas famílias, que se alegraram aqui com essa missão específica.

ICrônicas 13

Este capítulo narra a primeira tentativa de Davi, no sentido de trazer para Jerusalém a arca do Senhor, que se encontrava, havia 20 anos, na casa de Abinadabe em Quiriate-Jearim, cerca de 10km de Jerusalém.

Sabemos que ela fora levada pelos filisteus nos dias de Samuel e que estivera com eles por alguns meses, antes de a terem mandado de volta. Depois disso, ela ficou na casa de Abinadabe por 20 anos, mas Saul havia reinado, nesse ínterim, por 40 anos e Davi já estava reinando sobre Judá, havia cerca de 8, de maneira que parece haver um descompasso entre os 20 anos de permanência da arca na casa de Aminadabe e os 50, no mínimo, desde a sua tomada, mas a numerologia bíblica tem uma série de dificuldades dessa natureza, devido ao fato de não haver algarismos numéricos no alfabeto hebraico.

Independente deste fato, somos informados que trazê-la tinha sido uma decisão de todos porque Davi consultara todos os líderes (versículo 1). Foram feitos os preparativos (uma carroça nova havia sido preparada para transportá-la) e havia grande alegria enquanto a arca era trazida, com o povo dançando e cantando diante da arca (versículo 8).

Houve um imprevisto, contudo, durante o trajeto e somos informados, no versículo 9, que a carroça se inclinou e que foi necessário que Uzá, filho de Abinadabe, segurasse a arca, para evitar a sua queda da carroça.

Devemos lembrar que a arca representava a presença de Deus no meio do povo e que tinha quatro ganchos e duas varas, através das quais deveria ser carregada. Além disso, a arca só deveria ser carregada pelos levitas, pelo que Uzá foi fulminado por Deus quando o fez.

Este incidente interrompeu os planos de trazer a arca e deixou Davi contrariado, por não entender a intolerância divina (versículo 11), ao mesmo tempo em que o deixou com medo, por ter entendido que Deus tinha rígidos critérios para o relacionamento com Ele que não haviam sido observados (versículo 12). Assim sendo, a arca foi levada para a casa de Obede-Edom e deixada ali.

Não havia mais pressa para trazê-la, porque a precipitação havia sido uma tragédia, mas aconteceu uma coisa totalmente inesperada na casa e com relação a Obede-Edom. Deus começou a abençoá-lo ricamente, tanto a ele como a toda a sua família. Claro que ficamos nos perguntando qual seria a natureza dessas bênçãos que teriam chamado tanta atenção em apenas 3 meses? Imaginamos que talvez ele tivesse ficado riquíssimo de repente, mas não há nenhum registro de algo assim.

O que há, isso sim, são registros em *ICrônicas 16.38* e *26.8* que nos dizem que todos os seus filhos passaram a assumir cargos importantes no sacerdócio do Tabernáculo e que o total de seus filhos e parentes comissionados por Davi chegou a 62 pessoas. Isso é muito interessante, porque não está simplesmente ligado à presença da arca em sua casa, porque, se assim fosse, Abinadabe teria que estar abençoadíssimo depois de 20 anos.

Obviamente isso está ligado à forma diferenciada como Obede-Edom lidou com a arca em sua casa. Sem dúvida isso nos deixa pensativos quanto a como lidamos nós com o Espírito Santo, agora presente em nossas vidas. Porque alguns crentes são muito abençoados e outros pouco diferem dos não crentes à sua volta? Não podemos deixar de reconhecer que isso está intimamente ligado à forma como O reverenciamos em nossas atitudes.

ICrônicas 14

Este capítulo corresponde ao texto apresentado em *ISamuel 5.11-25*.

Hirão, rei de Tiro, selou uma aliança com Davi mandando-lhe de presente as madeiras e a mão de obra necessárias para que ele construísse um palácio para si na fortaleza de Sião. Em função disso, ele sentiu que Deus o havia confirmado como rei de Israel, visto que fazia prosperar o seu reino.

Em Jerusalém Davi tomou outras esposas e teve um maior número de filhos, dentre os quais lhe nasceu Salomão, que havia de sucedê-lo.

Os filisteus ficaram muito alarmados, quando souberam que Davi havia se tornado rei de Israel, pelo que marcharam contra ele, através do vale de Refaim. Davi consultou o

Senhor e, tendo recebido a devida aprovação, atacou-os e derrotou-os, a ponto deles se desfazerem até dos seus ídolos, que ele mandou queimar.

Insatisfeitos, os filisteus tentaram novamente, mas desta vez Deus mandou que Davi os rodeasse e que atacasse por trás. O mais interessante seria a necessidade de Davi esperar até que ele ouvisse passos, porque Deus sairia na frente para lutar contra eles. Esse é o Deus que luta por nós e assim fez com relação a Davi nesse dia.

ICrônicas 15

Além de construir o seu próprio palácio, Davi também havia preparado uma tenda para nela colocarem a arca do Senhor. Além disso, ele já tinha consultado o Senhor em relação ao que fizera errado na primeira tentativa de trazer a arca e agora sabia que a arca não podia ser carregada senão por levitas (versículo 2).

Assim sendo, ele reuniu quase mil levitas (versículos 5 a 11) e falou com eles sobre a sua missão de carregarem a arca nos ombros da casa de Obede-Edom até a tenda que preparara para ela em Jerusalém (versículos 12 a 15).

Além disso, Davi preparou vários músicos, também dentre os levitas, que seriam encarregados da celebração de culto ao Senhor, enquanto a arca estivesse sendo transportada (versículos 16 a 27), sem falar dos instrumentistas com seus instrumentos, que os acompanhariam (versículo 28).

O versículo final, 29, registra o desprezo da Mical pelo seu marido, por estar dançando diante da arca, ao vê-lo entrando em Jerusalém. Não fica claro aqui se Mical sentiu ciúmes de Davi ou se achou que dançar em público era uma atitude indigna para um rei. Seja como for, Deus não Se agradou de sua atitude e a impediu de ter filhos.

ICrônicas 16

Este capítulo pode ser resumido como a seguir:

Versículos 1 a 3 → Davi impetra a bênção de Deus sobre cada israelita;

Versículos 4 a 7 → Davi designa os levitas para a realização do culto em Jerusalém;

Versículos 8 a 36 → Davi entoa um salmo de louvor ao Senhor;

Versículos 37 a 42 → Davi designa levitas e sacerdotes para a realização do culto no Tabernáculo de Gibeão;

Versículo 43 → Davi impetra a bênção de Deus sobre a sua própria casa.

Chama a atenção o fato do salmo ser disposto quiasticamente (forma simétrica de disposição da poesia israelita), mas em termos de conteúdo, chama mais atenção o fato da arca ter ido parar em Jerusalém, enquanto o Tabernáculo permaneceu em Gibeão.

É provável, contudo, que Davi não estivesse interrompendo, contudo, o culto estabelecido por Moisés, porque a arca já não estava no Tabernáculo, possivelmente, há 50 anos. Assim sendo, é difícil imaginar que a cerimônia do Yom Kippur estivesse sendo realizada anualmente.

Como a arca foi parar numa tenda que Davi adentrava, fica claro que o dia anual da propiciação com o Sumo Sacerdote se colocando diante da arca estava suspenso. O mais provável, inclusive, é que só tenha voltado a ser praticado após a construção do templo, por Salomão, em Jerusalém.

O salmo de louvor que Davi inseriu entre os versículos 8 e 36 é composto por 3 salmos elaborados por Davi:

Os versículos 8 a 22 → correspondem aos versículos 1 a 15 de *Salmos 105*;

Os versículos 23 a 33 → reproduz os versículos 1 a 13 de *Salmos 96*;

Os versículos 34 a 36 → é extraído dos versículos 47 e 48 de *Salmos 106*.

Apenas a título de curiosidade, o versículo 7 registra o fato de ser aquela a primeira ocasião na qual Davi designou Asafe e seus familiares para entoarem salmos de gratidão em louvor ao Senhor.

ICrônicas 17

Este capítulo é apenas uma transcrição de *II Samuel 7*, pelo que aproveitamos para transcrever, também, a seguir, os comentários do mesmo.

Este capítulo narra o desejo que Davi teve de construir um templo de pedra e madeira para o Senhor e a forma amorosa como Deus rejeitou, ou pelo menos postergou, a aceitação do seu pedido.

Davi falou de sua ideia com o profeta Natã e este, porque achou ótima a ideia, presumiu que Deus também ia achar o mesmo, pelo que sequer O consultou antes de dar sua resposta.

Naquela noite, contudo, Deus veio falar com Natã e deu a ele uma resposta bem distinta daquela que fora dada anteriormente a Davi pelo profeta. Resumindo, Deus mandou dizer a Davi que Ele nunca pediu que fosse edificada para Ele uma casa de pedra e madeira. Embora Ele estivesse muito satisfeito com Davi, o que poderia ser visto pela forma como o tinha dirigido e abençoado, Ele não queria que Davi construísse para Ele essa casa.

Por outro lado Ele, Deus, Se dispunha a construir uma casa para Davi, que estivesse sempre diante dEle e o filho que fosse substituí-lo; esse construiria a casa que Davi intentara construir.

Não obstante a recusa de Deus, Davi ficou maravilhado com a resposta que recebeu e sua primeira providência foi prostrar-se diante de Deus no Tabernáculo para orar segundo as palavras transcritas nos versículos 17 a 27.

Não cabe repetir aqui as palavras de Davi, mas são palavras de gratidão e de entrega total de sua vida, para que Deus a usasse para Sua honra e glória. As promessas que Deus nos faz no livro de *Efésios* são muito similares. Que também nós saibamos nos prostrar diante dEle para expressar o nosso louvor e a nossa gratidão!

ICrônicas 18

A exemplo do que aconteceu no capítulo anterior, também este é praticamente uma transcrição de *ISamuel 8*. Assim sendo, os comentários ali feitos serão também aqui transcritos.

Neste capítulo somos informados que “depois disso” Davi derrotou todos os inimigos à sua volta e consagrou ao Senhor tudo conquistado deles por meio de saques. Entendemos, portanto, que “isso” é a conversa entre Davi e Deus depois que ele manifestou o desejo de construir para Deus uma casa de pedra e madeira.

Os povos derrotados por Davi são listados a seguir e podem ser identificados na figura 48-2 acima: filisteus, moabitas, sírios (Hadadezer de Zobá e arameus de Damasco), amalequitas e edomitas.

O versículo 14 nos informa que Davi reinava com justiça. É exatamente isso que se espera de um rei temente a Deus. O restante do capítulo nos informa os nomes das pessoas que ocupavam os principais cargos no reino de Davi.

ICrônicas 19

Mais uma vez temos aqui um texto muito semelhante a *ISamuel 10*, pelo que novamente são transcritos aqui os comentários correspondentes.

Além de Hirão, rei de Tiro, que era aliado de Davi, os amonitas foram os únicos vizinhos que não haviam sido derrotados por Davi, conforme descrito no capítulo 18 (ver vizinhos de Israel na figura 48-2). Cabe lembrar aqui que Naás, rei de Amom, recebeu Davi quando ele estava fugindo de Saul e que ficou tomando conta de seus pais e irmãos, enquanto a situação de Davi não se resolveu. Assim sendo, os amonitas eram, também, aliados de Davi.

Com a morte de Naás, subiu ao trono dos amonitas o seu filho Hanum, a quem Davi quis mostrar o seu apreço por seu pai, mandando uma delegação para transmitir a Hanum os seus pêsames. Infelizmente Hanum se cercara de conselheiros tolos, que convenceram

o rei que a delegação de Davi estava ali para espionar, visando futura conquista da terra deles.

O resultado disso foi a humilhação dos servos de Davi, cortando metade de suas barbas e metade de suas roupas, expulsando-os a seguir. Os servos voltaram até Jericó, mas ficaram com vergonha de retornar à presença de Davi sem as suas barbas, pelo que Davi pediu a eles que ali permanecessem até que suas barbas crescessem novamente.

Obviamente o ato tolo de Hanum foi uma provocação ao exército de Davi, de modo que, já esperando ser atacados, providenciaram uma aliança com os arameus ao norte para saírem à guerra contra Davi. Apesar de sua excelente estratégia, atacando Israel em duas frentes, Joabe e seu irmão Abisai dividiram as tropas de Israel e cada um deles foi vencedor em sua frente.

Os amonitas houveram por bem propor paz a Davi, mas os arameus se reagruparam e procuraram novas alianças. Neste segundo embate, contudo, perderam 40 mil homens e 700 condutores de carros, para só então reconhecerem a derrota, aceitando passar a pagar tributos a Davi.

Vemos, dessa forma, que Davi dominava todos os seus vizinhos e tinha paz em todas as suas fronteiras.

ICrônicas 20

O primeiro versículo deste capítulo corresponde a *II Samuel 11.1*, mas o texto ali passa a narrar o adultério de Davi com Bateseba, seguido do assassinato de Urias, seu general e marido dela. A sequência de pecados de Davi é simplesmente omitida em *ICrônicas*.

Já os versículos 2 e 3 correspondem aos atos de Davi em relação à mesma guerra contra os amonitas, narrada em *II Samuel 13.29-31*.

Os versículos finais deste capítulo, 4 a 8, são mais uma vez a transcrição aproximada de *II Samuel 21.18-22*. São narrados aqui alguns feitos notáveis de guerreiros de Davi.

Semana 49 - O Reino Unido: Davi 5

Texto: ICrônicas 6.31-48 e 21-29

Estação 24

ICrônicas 21

Mais uma vez temos aqui uma transcrição bastante próxima, desta vez de *II Samuel 24*. Há, contudo, uma diferença, aparentemente marcante, logo no início deste capítulo. *II Samuel 24* dizia que Deus estava irado contra Israel, pelo que incitou Davi a fazer o censo. Neste capítulo, contudo, o narrador nos diz que foi Satanás que incitou Davi a fazê-lo.

Embora essas duas declarações possam parecer diametralmente opostas, na realidade, não são muito diferentes. *Tiago 1:13* nos diz que Deus a ninguém tenta; assim sendo, quando Deus incitou Davi a fazer uma coisa errada, ele não o fez pessoalmente, porque Deus a ninguém tenta, mas já O vimos fazê-lo utilizando os préstimos de Satanás várias vezes, como, por exemplo na tentação de Jó.

Resumindo, dizer que Davi fora incitado por Deus, portanto, para que fosse realizado o censo em apreço, ou dizer que isso fora feito por Satanás, é exatamente a mesma coisa.

Joabe fora contra o censo desde o início, porque achava que era errado, mas ele não podia resistir ao rei, cuja ordem prevaleceu. Feito o censo, portanto, verificou-se que havia em todo o Israel 1.300.000 pessoas aptas a sair à guerra, das quais 470.000 eram de Judá. Esse número difere dos 500.000 apresentado em *II Samuel 24.9*. Obviamente o valor ali foi arredondado.

Tão logo o censo foi concluído, contudo, Davi já havia sido convencido que aquilo fora um erro e que o pecado em apreço teria consequências. Arrepentido que estava, Davi orou a Deus pedindo que perdoasse o seu pecado e Deus o perdoou, mas a consequência veio em forma de três opções, dentre as quais Davi poderia escolher:

- 3 anos de fome;
- 3 meses sendo assolado pelos inimigos;
- 3 dias de praga.

Em *II Samuel 24* o texto nos dá a impressão que Davi havia ficado em dúvida entre as opções 1 e 3, pelo que Deus puniu a Israel com os 3 dias de praga, mas aqui o versículo 12 nos parece indicar que Davi já havia escolhido os 3 dias de praga.

Durante esses 3 dias morreram 70 mil pessoas e Deus, ao terceiro dia, permitiu que Davi visse o anjo que estava matando os israelitas. Sua intenção, com isso, é que Davi oferecesse um sacrifício pedindo o fim da praga.

Gade, o profeta que levava a Davi as 3 opções de castigo, retornou ao palácio dizendo que Davi deveria oferecer o sacrifício em questão e que este seria realizado num terreno aplanado pertencente a um jebuseu de nome Araúna. Os jebuseus eram os donos de Jerusalém antes de Davi conquistá-la, mas muitos deles continuaram morando ali.

Quando Davi se dirigiu a Araúna, vemos que este tem grande respeito pelo rei e quis inclusive fornecer o local e os bois para sacrifício, mas Davi insistiu em comprar a propriedade e o sacrifício, pelos quais pagou 7.200 gramas de ouro (valor atual de aproximadamente R\$1.300.000,00).

É muito interessante que esse local era exatamente o monte Moriá, sobre o qual foi construído mais tarde, por Salomão, o templo do Senhor (ver *II Crônicas 3.1*). Feita a oferta, a praga parou.

ICrônicas 22

Tão logo cessou a praga, vemos Davi reconhecendo, no início deste capítulo, que aquele monte, que ele adquirira do jebuseu Araúna para sacrificar ao Senhor, seria de fato o lugar onde Salomão deveria construir o templo.

Como Deus já havia dito a ele que o templo seria construído por seu filho, Davi propôs no seu coração juntar todo o material que seria necessário para a realização dessa obra. Além disso, ele já começou a preparar todos os acessórios que deveriam ser fabricados neste intuito, quais sejam: blocos de pedras já totalmente lavradas (versículo 2), pregos e dobradiças de ferro e madeira de cedro em toras (versículo 3).

A meta de Davi era fazer um templo magnífico para o Senhor, mas seu esplendor deveria ser tal que todas as nações da Terra fossem atraídas ao Deus de Israel. Dessa forma Davi estava resgatando a missão original do povo de Israel, que seria de abençoar, pelo conhecimento do verdadeiro Deus, todas as famílias da Terra.

Feito isso, Davi chamou seu filho Salomão e, ao longo dos versículos 7 a 16, falou com ele a respeito de sua missão de construir o templo ao Senhor. Além disso, ele nos transmite uma série de informações que não haviam transparecido antes. O motivo pelo qual ele mesmo não poderia construir o templo é que tinha derramado muito sangue nas guerras que empreendera. Já seu filho Salomão, para não incorrer no mesmo problema, teria paz com todos os seus vizinhos.

Isso é uma afirmativa indireta de que Deus reina. Quem desperta a belicosidade ou o desejo de paz de todos é Deus. A paz não seria concedida porque Davi já derrotara todos os vizinhos e, sim, porque Deus luta as nossas guerras, mas também promove a nossa paz com todos.

Para que essas condições prevalecessem, contudo, seria necessário que Salomão estivesse atento à necessidade de guardar todos os mandamentos que o Senhor transmitira a Israel através de Moisés.

O nosso sucesso e a paz com aqueles que estão à nossa volta sempre dependerá, de igual forma, do fato de amarmos a Deus e obedecê-LO em tudo.

ICrônicas 23

No capítulo anterior, Davi começou a tratar dos preparativos para a construção do templo a ser feito por Salomão e neste, bem como em todos os outros do livro de *ICrônicas*, ele trata da organização dos levitas e de suas tarefas a partir do momento em que o templo estivesse construído.

O capítulo 23 começa com a menção do fato de que Davi já estava avançado em anos e que resolveu transferir o reinado para seu filho Salomão, enquanto ainda em vida. Para tanto ele reuniu todos os líderes das tribos de Israel, bem como todos os sacerdotes e levitas.

No versículo 3 nos surpreendemos com Davi mandando fazer outro censo, desta vez apenas dos levitas de 30 anos para cima, justamente quando ele acabara de ser punido pelo censo anterior. Devemos recordar, contudo, que o problema não é o censo em si e, sim, a finalidade com a qual estava sendo realizado. No censo anterior, Davi estava preocupado em saber o tamanho do seu exército, ignorando o fato de que as vitórias dele vinham do Senhor e não da sua própria força. Já desta feita o censo tem por finalidade repartir as tarefas do templo pelos levitas disponíveis para realizá-las.

Neste censo foram encontrados, de acordo com o versículo 3 ainda, 38 mil levitas. Que foram distribuídos conforme indicado a seguir:

- para a supervisão do trabalho do templo → 24 mil;
- para serem oficiais e juizes → 6 mil;
- para o cuidado das portas do templo → 4 mil;
- para a realização do louvor ao Senhor com instrumentos musicais → 4 mil.

Nos versículos 6 a 23 o texto nos informa que Davi dividiu os levitas de acordo com a sua descendência. São citados, inicialmente, os 3 filhos de Levi, depois os 8 netos e, finalmente, os bisnetos, aparentemente em número de 22, mas não está claro exatamente como essa divisão se relaciona com a divisão do trabalho.

No versículo 24 somos informados que os levitas foram distribuídos de acordo com suas famílias, ou seja, de acordo com os nomes dos chefes de famílias, tomando por base o censo considerando pessoas de 20 anos para cima. O problema é que o censo havia sido feito considerando pessoas de 30 anos para cima, de modo que essa nova informação nos deixa em dúvida. Aparentemente o número original era 30 e posteriormente foi reduzido para 20.

O autor do texto afirma, a seguir, que Davi já previra uma mudança nas tarefas dos levitas, visto que estes não mais carregavam as coisas referentes ao Tabernáculo.

Assim, o dever dos levitas deveria ser auxiliar os sacerdotes no serviço do templo. Uma lista das atividades a serem cumpridas por eles é fornecida nos versículos 26 a 32.

ICrônicas 24

Neste capítulo, os primeiros 19 versículos dizem respeito à divisão do trabalho entre os sacerdotes (os filhos de Arão). Arão tivera 4 filhos, mas 2 deles, Nadabe e Abiú, morreram logo no início do seu sacerdócio, em função de desobedeceram as instruções recebidas. Assim sendo, apenas Eleazar e Itamar deram continuidade ao sacerdócio de Arão.

Nos dias de Davi, ele escolheu como líderes Zadoque e Aimeleque, descendentes de Eleazar e Itamar, respectivamente, e escolheu da descendência de Eleazar, bem maior que a de Itamar, 16 famílias, enquanto dentre os filhos de Itamar apenas 8. Foram escolhidos, portanto, 24 famílias sacerdotais, que alternavam o seu serviço no templo, ao longo do ano (versículos 7 a 18).

Nos versículos 20 e 21 Davi nomeia, dentre os descendentes de Moisés, Jedias, filho de Sebuel e Issias filho de Reabias como representantes dessas famílias.

Dos demais coatitas, Isar, Hebrom e Uziel, Davi nomeou um total de 7, de Isar, Jaate, de Hebrom, Jerias, Amarias, Jaaziel e Jecameão e de Uziel, Samir e Zacarias (versículos 22 a 25).

Dos meraritas, Mali e Musi, Davi nomeou um total de 9. De Mali, Beno, Soão, Zacur, Ibri, Eleazar e Jerameel, bem como de Musi, Mali, Éder e Jeremote (versículos 26 a 30).

Os gersonitas não são mencionados aqui, mas o foram nos versículos 7 a 11 do capítulo 23, num total confuso, que pode ser 6. Assim sendo, as famílias dos levitas não sacerdotes escolhidas também parecem totalizar 24 (2 de Moisés, 7 dos demais coatitas, 9 dos meraritas e 6 dos gersonitas).

O versículo 31 nos fala que a escala de serviço por família foi definida por sorteio.

ICrônicas 25

Este capítulo é totalmente dedicado à escolha das equipes de música que haviam de tocar e profetizar nos cultos ao Senhor. O termo profetizar aqui tanto pode dizer respeito ao canto de Salmos que traziam a Palavra do Senhor, bem como a proclamação de palavras dadas diretamente a eles pelo Senhor (/46/, pág. 198).

Os instrumentistas, cantores ou profetas, escolhidos por Davi para essa função de louvor, eram todos oriundos de 3 famílias distintas, cujos nomes já nos acostumamos a ver associadas aos salmos: Asafe, Hemã e Jedutum. Da descendência de Asafe, Deus

provê para que 4 famílias estejam presentes. Já Jedutum contribui com 6 famílias e finalmente Hemã com 14 (versículos 2 a 4).

Os versículos 5 e 6 nos falam especificamente sobre Jedutum, que já era vidente (profeta) do rei e a quem Deus fizera promessas de bênçãos. Ele tinha 14 filhos (todos engajados no ministério da música) e 3 filhas.

Essas 24 famílias, cujos nomes são descritos no texto bíblico, contribuíam, cada uma, com 12 pessoas, totalizando 288 (versículo 7). Os versículos 9 a 31 mostram os nomes dos líderes das famílias na ordem em que foram sorteadas.

ICrônicas 26

Neste capítulo foram indicadas as famílias dos levitas responsáveis pela guarda das portas do templo, bem como aquelas responsáveis pelos tesouros do templo e pelos tesouros do reino.

Os versículos 1 a 19 dizem respeito aos nomes das famílias de Coate e Merari responsáveis pela guarda das portas, bem como o nome das pessoas responsáveis por cada uma delas e o número de levitas previstos para a guarda de cada uma.

Dentre os nomes citados, encontramos, mais uma vez, com Obede Edom, o mesmo que cuidou da arca de Deus em sua casa durante os 3 meses entre a primeira e a segunda tentativas de Davi de trazê-la para Jerusalém. Mais uma vez encontramos o registro de que Deus o abençoou e que em consequência disso 62 pessoas de sua família estavam a serviço de Deus.

Essa é mais uma prova irrefutável do privilégio que é servir a Deus. Todas as regalias, em todas as atividades da vida, apresentam recompensas por bons serviços, mas esta é a única na qual a recompensa por bons serviços são mais serviços. Embora isso possa parecer uma injustiça aos nossos olhos “comerciais”, na realidade apenas reforça o que foi dito acima: servir ao nosso Deus é um privilégio e somos tão mais privilegiados quanto mais Ele usa os nossos préstimos.

Já nos versículos 20 a 32 temos a descrição das famílias encarregadas dos tesouros do templo e do reino.

Duas famílias dentre os descendentes de Gerson ficaram encarregadas da tesouraria do templo do Senhor (versículo 22). O responsável pelos depósitos dos tesouros era Sebuel, um dos descendentes de Moisés, enquanto outro, Selomote, ficou responsável por todos os tesouros consagrados por Davi e outros oficiais de governo.

Embora possa parecer um exagero ter pessoas designadas especificamente para cuidar dessas ofertas consagradas, veremos logo adiante, no capítulo 29, que o vulto dessas ofertas o justifica totalmente.

Os versículos 29 a 32 falam dos levitas encarregados nos tesouros do reino.

ICrônicas 27

Este capítulo apresenta quatro listas distintas, como veremos a seguir:

Os versículos 1 a 15 apresentam os nomes de 12 líderes de grupos distintos formados por 24.000 soldados cada, que ficavam à disposição do rei, para a sua segurança, durante 1 mês do ano em tempos sem guerra. Não estão mais sendo listados levitas, embora um dos doze o seja.

Assim sendo, todos esses grupos eram formados por pessoas soldados contratados apenas 1 mês por ano, ou por elementos dos quais se requeria 1 mês de serviço militar anual, na pior das hipóteses, ou 1 mês a cada 5 anos, tendo em vista que o país tinha um contingente de soldados possíveis de aproximadamente 1,5 milhões, com base no censo não concluído de Davi.

Nos versículos de 16 a 22 é fornecida a lista dos líderes de cada uma das tribos de Israel, que corresponderiam aos governadores dos estados brasileiros.

Os versículos 23 e 24 apresentam comentários relativos ao censo ordenado por Davi e que Joabe realizou apenas parcialmente, tendo em vista a ira de Deus sobre a nação como resultado da mesma.

As últimas duas listas dos versículos 25 a 31 e 32 a 34 são, respectivamente, os responsáveis pelo controle do tesouro do rei (e não do reino) e dos conselheiros pessoais do rei.

ICrônicas 28

Neste capítulo Davi convoca e reúne em Jerusalém todas as pessoas com as quais dividia qualquer tipo de poder. Estão incluídos aqui todos os líderes das tribos, os líderes das divisões a serviço do rei, os comandantes de mil e de cem do seu exército, e os líderes encarregados de todos os bens e rebanhos que pertenciam ao rei e aos seus filhos, bem como os oficiais do palácio, os principais guerreiros e todos os grupos especiais de seus soldados.

Nesta ocasião ele começa falando a respeito da sua intenção de construir um templo ao Senhor, mas que fora impedido de fazê-lo, tendo em vista o excesso de sangue derramado por ele. Por outro lado, nesta mesma ocasião Deus havia indicado o seu sucessor, Salomão, tendo dito que este não apenas reinaria, mas que construiria o templo em apreço, desde que se mantivesse fiel ao Senhor.

Assim sendo, a primeira recomendação feita a todos os líderes foi no sentido de permanecerem fiéis ao Senhor e a todos os Seus mandamentos, para que a boa terra de Israel pudesse continuar a pertencer ao seus descendentes (versículo 8).

Nos versículos 9 e 10 Davi se dirige diretamente a Salomão, solicitando que reconheça o Deus dele e que O honre e cultue, já que ele fora escolhido por Ele para edificar o templo em Sua glória.

Nos versículos 11 a 18 Davi transfere para as mãos de Salomão não apenas o projeto da estrutura, tal como recebida de Deus, mas também os projetos de todos os itens que deveria colocar no interior do templo.

Finalmente, nos versículos 19 a 22, Davi se dirige novamente a Salomão, lembrando a ele que todos esses projetos foram transmitidos pelo próprio Deus e estimulando-o a empreender, com coragem, a obra que lhe fora destinada. Além disso, ele falou que já acertara todo o pessoal dos levitas, para que estivessem disponíveis durante a realização da obra.

ICrônicas 29

Dando continuidade ao seu pronunciamento do capítulo anterior, Davi se dirigiu aos líderes dizendo que Deus havia escolhido pessoalmente a Salomão, mas que a tarefa de construir o templo era grande e seu filho inexperiente. Assim sendo, ele já provera grande quantidade de materiais diversos para a construção da obra e que naquele mesmo momento ele estava ofertando, de seu próprio tesouro, 105 toneladas de ouro e 240 toneladas de prata para a mesma obra.

Embora estes sejam apenas números, seria interessante ter uma idéia do valor daquilo que estava sendo ofertado. Admitindo a grama de ouro a 200 reais e a de prata a 30, o valor dos materiais citados acima chega a 28,2 bilhões de reais. Só para fins de comparação, isso equivale a construir 20 estádios iguais ao do Maracanã, que foi preparado para a Copa do Mundo de 2014.

Fica claro, portanto, porque foi estabelecida uma família de levitas apenas para fiscalizar e administrar os tesouros doados ao templo pelos reis.

Logo a seguir, Davi se dirigiu aos seus líderes e perguntou se não havia entre eles quem também desejasse ofertar para a mesma obra. A resposta a este convite foi surpreendente, porque as ofertas de seus convidados totalizaram 175 toneladas de ouro e 10 mil moedas de ouro, 350 toneladas de prata, 630 toneladas de bronze e 3.500 toneladas de ferro, cujo valor hoje equivaleria a 45 bilhões de reais.

Além disso, foram ofertadas pedras preciosas e todos se alegraram com as ofertas, inclusive Davi, que fez uma oração de agradecimento e de louvor, que se estende do versículo 10 ao versículo 19.

No versículo 20 Davi pediu que toda a assembleia presente louvasse ao Senhor, o que todos fizeram prontamente.

No dia seguinte todos se reuniram novamente para oferecer sacrifícios ao Senhor Deus de Israel, em cuja presença se alegraram. Nesta ocasião fizeram, mais uma vez a consagração de Salomão como rei no lugar de seu pai e todos os servos de Davi juraram servi-lo com integridade.

O capítulo se encerra resumindo o tempo de reinado de Davi e mencionando a sua morte.

ICrônicas 6

Os versículos indicados acima resumem os escolhidos por Davi para dirigir os cânticos no templo do Senhor depois que a arca foi levada para lá. Enquanto Salomão não a concluiu, eles ministraram o louvor diante da Tenda do Encontro.

Semana 50 - Salmos dos Reis e de Jerusalém

Texto: Salmos 20, 21, 45, 48, 84, 87, 110, 122, 129 e 132

Estação 25

Salmos 20

Este é um salmo de Davi no qual ora pelo sucesso do rei na guerra. Como se trata de um salmo a ser cantado pelo mestre de música, fica claro que Davi queria que seus súditos orassem pelo sucesso do seu reino. Esse é o teor dos primeiros 4 versículos.

Nada mais natural do que aquele que serve ao Senhor pedir aos seus companheiros de batalha que intercedam, junto ao Senhor da guerra, pelo sucesso de sua liderança. Que todos os reis, presidentes e primeiros ministros agissem dessa forma, viveríamos num mundo de paz.

Nos versículos 5 a 7 os súditos expressam a sua confiança de que Deus dará a vitória ao seu rei. O versículo 7 se tornou um dos mais citados de todo o saltério, porque expressa a confiança que têm os servos de Deus no Nome do Senhor.

Os inimigos tropeçam e caem mas os servos do Senhor se erguem, porque é Ele que concede a vitória ao rei (versículos 8 e 9).

Embora tenhamos feito a aplicação acima a Davi, é inegável que se trata, também, de um salmo messiânico, onde podemos fazer a mesma aplicação a Jesus e a sua vitória sobre o pecado, concedida igualmente pelo Pai.

Salmos 21

Este é um salmo de Davi no qual ele agradece a Deus por suas vitórias nos versículos de 1 a 6, enquanto mostra a sua confiança de que Deus continuará a suportá-lo nos versículos 7 a 13.

Se por um lado o texto é de Davi, expressando a sua gratidão por tudo que Deus fez e continuará a fazer por ele e seu reino, por outro, vendo o salmo como uma expressão profética do autor, não podemos deixar de reconhecer, como o faz a maioria dos teólogos, que este salmo fala de Jesus e Sua glória.

A vitória de Jesus sobre a morte, comprando vida eterna e perdão de pecados para todos nós que O amamos, sem dúvida foi motivo de grande alegria para Ele, como o é para nós.

O versículo 2 nos diz exatamente o mesmo que *Hebreus 5.7*: Jesus no Getsêmani não estava com medo da morte física e muito menos do sofrimento que Lhe seria imposto,

mas pedia a Deus pelo relacionamento dEle com o Pai, que deixaria de existir no momento em que os nossos pecados fossem tornados Seus. Mas Deus atendeu a Seu pedido, dando a Ele um novo espírito, que restauraria o relacionamento dEles.

Ele foi abençoado ao pedir vida e recebê-la ao ressuscitar física e espiritualmente (versículo 4). Ele recebeu a maior das vitórias (sobre a morte) e glória como nenhum outro (versículo 5). Desta forma Ele Se tornou a maior bênção que a humanidade podia receber (versículo 6).

Os versículos 7 a 12 deixam claro que a manifestação final de Jesus não reserva qualquer esperança para aqueles que O rejeitam. Ele acabará com a geração deles na Terra (versículo 10).

Assim sendo, o versículo 13 é uma expressão de louvor que se aplica tanto a Jesus como a Deus Pai. A nós cabe apenas cantar e louvar o Seu poder.

Salmos 22

Trata-se de um salmo messiânico, que Spurgeon chama de “O Salmo da Cruz” (/1/, pág. 422).

Ele começa com as palavras pronunciadas por Jesus no momento de Seu maior sofrimento, ou seja, o momento em que Ele Se faz pecado e é separado do Pai por amor de nós.

Os primeiros 10 versículos contêm um clamor em busca de ajuda, tomando por base as promessas contidas na aliança. Em tempos passados, os Seus antepassados haviam confiado no Senhor. Havia levantado a Ele o seu clamor e tinham sido socorridos. Jesus, contudo, foi objeto de zombaria. O povo O desprezava dizendo: "**Recorra ao Senhor! Que o Senhor o liberte! Que ele o livre, já que Lhe quer bem!**"

Nos versículos 11 a 21 o clamor continua, mas a tônica é a iminência de Sua morte. No versículo 16 Ele fala a respeito de ter tido os pés e as mãos perfurados no momento da crucificação. O versículo mais conhecido desse trecho é o 18, onde Ele fala de dividirem as suas roupas, lançando sorte para ficar com suas vestes.

Já os versículos 22 a 31, segundo o Spurgeon (/1/, pág. 433), contêm o antegosto, muito precioso, do livramento que Deus estava prestes a Lhe conceder, através da ressurreição do terceiro dia.

O salmo se encerra falando a respeito de um povo que ainda não nasceu, aos quais serão proclamados os feitos de Jesus. Certamente este povo é a Igreja de Jesus Cristo.

Salmos 45

Há quem ache que este salmo fala de Salomão e o seu casamento com a filha de Faraó. Quanto a estes, Spurgeon diz que são completamente míopes. Há os que acham que fala de Salomão sim, mas que o texto fala também de Jesus. A estes Spurgeon chama de estrábicos. Finalmente, aqueles que sabem que este salmo é sobre Jesus e que Sua noiva é a Igreja, estes, segundo Spurgeon, são aqueles que têm os seus olhos espirituais focados naquilo que Deus tem para lhes dizer (/1/, pág. 958 e 959).

No versículo 1 o autor do salmo apresenta a sua intenção de louvar ao rei, usando para tanto as suas palavras a Ele dirigidas.

Já no versículo 2 ele deixa claro que o rei é uma pessoa inigualável, que derramou a Sua graça sobre nós e a quem Deus, o Pai, abençoou para sempre. O mais notável de todos os homens não pode ser outro senão Jesus, o Messias.

Os versículos 3 a 9 fazem um discurso de louvor a Ele. Destes, os mais conhecidos são os versículos 7 e 8, que O identificam com o próprio Deus Filho. Estes dois versículos são citados pelo autor de Hebreus (*Hebreus 1.8-9*). Neles o autor se dirige ao rei como Deus no versículo 7, mas diz a seguir, no 8, que Deus (o Pai), o Deus dEle (Jesus) O escolheu, ungiendo-O com óleo de alegria. A Igreja é a noiva com quem o rei contrairá núpcias. Ele diz a ela que o Rei foi cativado pela sua beleza, pelo que ela deve honrá-LO, visto ser Ele o seu Senhor (versículo 11).

Finalmente, nos últimos 2 versículos, novamente o salmista se dirige ao Rei, que fará filhos por toda a Terra (versículo 15) e será louvado por todas as nações e por todas as gerações. Como pode ser outro que não Jesus?

Salmos 48

Este é um salmo de autoria desconhecida, escrito numa época igualmente desconhecida. Os versículos 4 e 5 nos dão uma dica de uma associação de reis que pretendia atacar Jerusalém, mas que desistiram ao vê-la de perto. Mesmo assim, tudo que se pode fazer é conjecturar.

Por outro lado, a confiança que o salmista demonstra nos faz pensar em um grande rei como Josias, que associamos imediatamente a *II Crônicas 20*, quando ele foi atacado por uma coligação de moabitas, amonitas e edomitas, mas certamente poderíamos pensar em outras ocasiões.

Spurgeon divide este salmo em 3 partes, como vemos a seguir:

- Versículos 1 a 3 → contêm escritos em honra ao Senhor e falam da cidade dedicada ao Seu culto;
- Versículos 4 a 8 → falam de como são confundidos pelo Senhor os inimigos que a atacam;
- Versículos 9 a 14 → exaltam a cidade cujo Deus é o Senhor para sempre. É no Seu templo que o Seu amor é proclamado. É a partir de Jerusalém que o Nome de Deus é proclamado em toda a Terra. É ali que é ressaltada a justiça desse Deus único.

O primeiro versículo é cantado por nós com alguma frequência. **Grande é o Senhor e mui digno de louvor.**

Salmos 84

Mais uma vez nos defrontamos com um salmo que estamos acostumados a cantar. Todos sabemos o quanto é agradável para nós o lugar da habitação do Senhor, principalmente porque Ele agora habita em nós e não mais num tempo construído na cidade de Jerusalém.

O autor deste texto é desconhecido, mas Spurgeon não hesita em sugerir que Davi é o melhor candidato a quem atribuí-lo (/2/, pág. 543). Já Kidner o atribui aos filhos de Corá (/6/, pág. 329). Independente, contudo, de quem o escreveu, nós certamente ficamos convencidos de que se trata de um pessoa que tem enorme prazer de estar na casa do Senhor.

O apego que têm o pardal e a andorinha ao seu ninho cheio de filhotes é o paralelo que autor encontra para descrever o seu regozijo por estar na presença do Senhor. Transportando esse mesmo sentimento para os nossos dias, entramos na presença do Senhor quando levantamos a Ele os nossos pensamentos em oração. Assim sendo, o nosso paralelo deveria se expressar através do prazer que temos de falar com Ele através de nossas preces. Será que temos esse mesmo prazer? Ao responder essa pergunta não devo pensar nos outros e, sim, em mim mesmo. Será que eu encontro esse prazer nas minhas horas de oração. Será que a minha prece contém palavras que o meu Senhor tem prazer em ouvir?

Como são felizes, diz o salmista, aqueles que têm prazer de estar com o Senhor e que O buscam de coração! Se pensarmos nos peregrinos israelitas, que se dirigiam a Jerusalém nas festas anuais, às quais eram obrigados a comparecer, os que esperam ansiosamente pela chegada, esses são os que passam pelo vale de Baca (aparentemente um lugar de muita seca) pensando no prazer de estarem ali porque se trata de mais uma oportunidade do Senhor mostrar o Seu poder.

Embora o salmista não tenha feito qualquer pedido específico ele, no versículo 8, pede que sua oração seja ouvida, porque melhor é para ele passar um dia nos átrios do Senhor do que mil em qualquer outra parte.

Os salmista encerra o seu louvor dizendo-se certo de que Deus concede força e honra àqueles que vivem com integridade. A estes Ele ilumina os passos e age como escudo, protegendo-os.

Salmos 87

Trata-se aqui de um salmo escrito pelos filhos de Corá ou por outro para que estes o cantassem. Seja como for, são palavras que falam do grande amor de Deus por Sião ou por Jerusalém.

Havia algo muito especial neste monte para Deus. Foi ali que Ele mandou que Abraão sacrificasse o seu filho Isaque (*Gênesis 22.2*). Foi ali que Ele mandou que Davi oferecesse sacrifícios para que Ele pudesse dar fim à praga que Israel recebera de castigo pelo seu pecado (*II Samuel 24.18*) e foi ali, de igual forma, que Deus mandou que Salomão edificasse um templo de pedra e tijolo para Ele (*ICrônicas 22.1*).

O fato de Deus fazer construir ali a cidade de Jerusalém não deve surpreender, portanto, a ninguém. Trata-se do lugar que Ele mais ama de toda a Terra Prometida (as portas de Sião se confundem com a própria cidade).

É a cidade do próprio Deus, a respeito da qual muitas coisas gloriosas foram ditas. Muitos ex-inimigos que outrora quiseram e até tentaram destruí-la, um dia se reunirão ali para dar o tributo ao Filho que passaram a reconhecer. São eles Raabe (os egípcios), Babilônia (os caldeus), a Filistia, Tiro e a Etiópia. Todos reconhecerão que foi ali que todos experimentaram o novo nascimento. Sentirão orgulho de serem filhos e de terem nascido aos pés de uma cruz vergonhosa, mas na qual se orgulham do sacrifício que foi feito por eles.

De fato acerca de Sião se reconhecerá que ali nascemos todos os que temos a nossa fé firmada no sacrifício redentor de Jesus Cristo, que derramou o Seu sangue na cruz que deveria ter sido nossa. A confirmação do nosso nascimento seguirá o fato de Jesus ter sido feito pecado ali por nós, para que nós pudessemos receber a Sua justiça.

O próprio Deus escreverá os nossos nomes no registro do livro da vida. Ali Ele reconhecerá que somos cidadãos da Nova Jerusalém, pelo fato de termos morrido com Cristo naquela cruz e ressuscitado juntamente com Ele no terceiro dia.

Todos cantaremos e dançaremos pelo fato de nossas origens estarem em Sião.

Salmos 110

Trata-se de um salmo notável porque nele Davi reconhece, logo no versículo 1, que o Messias é o seu Senhor e que Deus Pai é o Senhor dEle: **O Senhor** (Deus Pai) **disse ao meu Senhor** (Deus Filho e Messias)...

O que Ele diz é exatamente a confirmação de sua vitória salvadora sobre o pecado, pois concluída a Sua obra salvífica, Deus Pai dá a Jesus um lugar de honra à Sua destra, até que Ele (Pai) coloque todos os Seus inimigos (os do Filho) sob os Seus pés. *Hebreus 1:13* faz menção deste versículo para dizer que o Rei Jesus é maior do que todos os anjos, pelo que certamente é maior também que o rei Davi, que também O reconhece como seu Senhor.

Referência é feita, ainda, a esse versículo em *Atos 5.31, Romanos 8.34, ICoríntios 15.25 e Hebreus 10.12-13.*

Os versículos 2 e 3 aparentemente são repetidos em 5 e 6, mas na realidade tratam de fases distintas da história da humanidade. Aliás este salmo, conquanto pequeno, por ter apenas 7 versículos, abrange toda a obra do Messias, desde o início de Seu sacerdócio, nos dias de Abraão, passando pela Sua Primeira Vinda e Sua vitória sobre o pecado, cobrindo toda a Era da Igreja e finalizando com Sua Segunda Vinda.

O versículo 1 já falou da obra de redenção concluída com Jesus se sentando à destra de Deus. No versículo 2, o cetro de poder, que se estende desde Sião até abranger toda a Terra, é a obra da Igreja, que levaria, e está levando, o Reino de Deus a todas as nações. As tropas convocadas no versículo 3 somos nós, a Igreja de Jesus Cristo, que voluntariamente nos apresentamos para servir a este Reino maravilhoso.

O versículo 4 faz uma pausa nessa sequência para associar Jesus a Melquisedeque, que conhecemos como Rei da Paz, desde os dias de Abraão. Aqui Deus Pai faz um dos Seus poucos juramentos: Ele jura que Jesus será sacerdote eterno (no lugar do descendente de Arão) segundo a ordem de Melquisedeque.

No versículo 5 surge outra descrição de batalha, mas agora ela ocorre no dia da ira de Deus, ou seja, Davi está falando da Segunda Vinda do Messias, onde o versículo 6 fala dele esmagando governantes rebeldes e julgando as nações da Terra.

Finalmente o versículo 7 nos fala da pressa com que isso é feito (os versículos 2 e 3 já estão em curso há 2.000 anos), pois sequer há tempo para matar a sede. Ele bebe de um ribeiro, enquanto ergue a cabeça para destruir os inimigos do Reino.

Salmos 122

O primeiro contato que tive com esse salmo foi na infância, quando meus pais me lembravam que ir à igreja propiciava grande alegria às pessoas a quem era dada essa oportunidade. Faziam-no citando o primeiro versículo desse salmo.

Foi exatamente com essa intenção que Davi parece tê-lo composto. Era destinado às pessoas que subiam a Jerusalém por ocasião de uma das 3 festas, nas quais os israelitas deveriam comparecer diante do Senhor. Dentre os salmos com esta finalidade Spurgeon nos lembra que este era entoado quando as pessoas estavam adentrando os portões da cidade (versículo 2, /3/, pág. 605).

A casa do Senhor, nos moldes por ele almejados, ainda não estava construída nos dias de Davi, mas pode ser que ele já falasse dela em seu canto como Deus lhe mostrara, embora ele mesmo não fosse construí-la e, sim, seu filho Salomão.

No versículo 3 ele exalta a cidade de Jerusalém como a sua capital firmemente construída. É para lá que sobem as tribos de Israel para cumprir o louvor que o povo

deveria tributar 3 vezes ao ano de acordo com a lei de Moisés (versículo 4). É nela que se faz a justiça na qual estava fundado o reino de Davi (versículo 5).

O nome Jerusalém significa lugar de paz. É desejável, portanto, que se ore para que essa paz realmente esteja presente tanto dentro dos seus muros como nas cidadelas à sua volta. Que todos vivam em segurança (versículos 6 e 7).

A saudação desejando paz aos irmãos já é estimulada no versículo 8 deste salmo. Finalmente o versículo 9 encerra o salmo, estimulando a todos que busquem o bem da Casa do Senhor.

Salmos 129

Ainda dentre os cânticos entoados pelos peregrinos, temos este que era de lamento pela perseguição a que o povo de Israel era objeto, mas que ao mesmo tempo louva ao Senhor pelos livramentos por Ele concedidos.

O cantor que abre o salmo lembra que desde o começo (a juventude da nação de Israel) tem sido oprimida por seus inimigos. Ele pede, então, que o povo o repita, o que eles não só fazem, mas lembram que jamais foram vencidos. As perseguições eram cruéis, comparáveis aos sulcos produzidos no campo por um arado, mas o nosso justo Senhor sempre nos libertou, diz o cantor (versículo 4).

Que assim sejam derrotados todos os que odeiam Sião (versículo 5). Que sejam como a erva que cresce nos telhados, mas que não vinga por falta de terra. Que tudo assim dê errado para eles e que ninguém os abençoe em nome do Senhor.

Salmos 132

Este salmo também tem por alvo o canto dos peregrinos que vão a Jerusalém e é dividido por Spurgeon como a seguir:

- Versículos 1 a 7 → Uma declaração do ansioso cuidado de Davi em edificar uma casa para o Senhor;
- Versículos 8 a 10 → Uma oração por ocasião da remoção da arca;
- Versículos 11 a 18 → Um apelo ao mandamento divino e às Suas promessas.

Quando eu o leio, contudo, a mim me parece uma narrativa que expressa a grande gratidão de Davi pela forma como Deus rejeitou o seu desejo sincero, no sentido de construir para Ele uma casa sólida para a Sua habitação em Jerusalém (o templo), mas, ao mesmo tempo, reconhecendo a sua sinceridade, Deus concede a Davi uma casa sólida e eterna, ao prever o nascimento do Messias na sua descendência.

Aqui há uma lição importante a ser aprendida. Mesmo nas nossas melhores intenções, as coisas que planejamos para o Senhor nem sempre coadunam com a Sua vontade. Mesmo tendo que dizer não, contudo, Deus não deixa de levar em conta a nossa sinceridade e a recompensa com coisas infinitamente mais grandiosas que aquelas que tínhamos planejado. Foi exatamente isso que Deus fez com Davi e é disso que esse salmo nos fala.

Realmente os versículos 1 a 7 nos falam do desejo sincero de Davi de construir, para o “Poderoso de Jacó” (versículo 5), uma habitação em Jerusalém. O “Poderoso de Jacó” é um dos nomes pelo qual Jacó se refere a Deus em seu discurso de despedida de seus filhos. Ele o utiliza quando pronuncia a bênção sobre José (*Gênesis 49.24*).

No versículo 6 Davi fala de sua primeira tentativa de trazer a arca para Jerusalém e conta que ela foi encontrada em Jaar. Trata-se da forma singular de Jearim, onde morava Abinadabe (Quiriate Jearim é a cidade de Jearim), em cuja casa a arca permaneceu por 20 anos.

Sem entrar no mérito da falha nesta tentativa, o versículo 7 nos fala da intenção última, qual seja a de trazer Deus para a Sua morada em Jerusalém, para ali adorá-IO. Nos versículos 8 a 10, mesmo sabendo que não construiria ele o templo do Senhor, Davi ora a Deus pedindo que aceite vir para Jerusalém, o Seu lugar de descanso, na figura da arca que representa o Seu poder.

Já nos versículos 11 a 18 trazem informações de Deus tanto a respeito de Davi e sua descendência, como a respeito do Messias na qualidade de descendente específico. Nos versículos 11 e 12 Davi fala a respeito da promessa divina de perpetuar a sua descendência no trono de Israel, desde que eles sejam fiéis a Ele. Sabemos que Deus cumpriu essa promessa, não obstante Salomão ter deixado de cumprir a sua parte.

No versículo 13 vemos que Deus escolheu que Sua casa seria em Jerusalém, pelo fato de ter escolhido para o templo o mesmo lugar onde havia mandado que Davi sacrificasse para interromper a praga que Ele havia dado como punição. Nos versículos 14 a 16 Deus fala acerca de Sua bênção sobre a cidade e sobre o Seu povo pelo fato dEle a ter escolhido.

Já nos versículos 17 e 18 Deus está falando da vinda do Seu Ungido, Jesus, que ocuparia o trono de Davi, fazendo-o renascer, pelo Seu Senhorio na Sua Igreja, que começaria em Jerusalém, mas se espalharia por todas as nações da Terra.

Semana 51 - Cartas de Paulo, Silas e Timóteo

Texto: Colossenses 1 a 4, ITessalonicenses 1 a 5 e IITessalonicenses 1 a 3

Estação 26

Colossenses 1

A cidade bíblica de Colossos ficava perto de Laodiceia na Frígia e teve seu auge antes do surgimento do Império Romano. Quando Paulo escreveu a sua carta aos Colossenses, por volta do ano 60d.C., ela já estava em franco declínio, visto que os romanos haviam feito de Laodiceia a sua capital da região (ver figura 51-1).

Admite-se que a igreja de Laodiceia tenha sido fundada por Epafras, trabalhando juntamente com Paulo durante o seu período em Éfeso. Aparentemente, contudo, o próprio apóstolo Paulo jamais esteve ali, conforme ele mesmo dá a entender em *Colossenses 1.4* e *2.1*. Ele tinha, contudo, a intenção de visitá-los, conforme diz em sua carta a Filemon (versículo 22), provavelmente escrita também durante o seu período de aprisionamento em Roma (primeiro ou único).

A carta de Paulo aos colossenses foi motivada por algum tipo de sincretismo que estava sendo pregado ali e que diminuía a eficácia da cruz de Cristo, colocando em obras alternativas a salvação dos fiéis. Esse sincretismo e seus diversos problemas serão objeto de considerações à medida em que estudarmos a carta.

Aparentemente os problemas em apreço foram trazidos a Paulo por Epafras, que o visitou em sua casa-prisão em Roma. Ali ele, aparentemente, teve alguns problemas e chegou a estar, ele mesmo, preso (ver *Filemon 23*), tanto que a carta foi levada de volta para Colossos por Tíquico, que retornou acompanhado de Onésimo, a respeito do qual Paulo escreveu a sua carta a Filemon.



Figura 51-1 - Mapa da Frígia, onde ficavam as igrejas de Colossos e Laodicéia

A carta começa, como sempre, com uma saudação (versículos 1 e 2), onde Paulo se apresenta como apóstolo de Cristo Jesus, pela vontade de Deus e que se encontra acompanhado de Timóteo, o principal de todos os ajudantes de Paulo.

Nos versículos 3 a 8 Paulo expressa o seu motivo de oração pelos colossenses, onde ele demonstra a sua gratidão pela fidelidade deles em relação a Jesus Cristo e o amor fraternal que Epafras informou ser uma prática bem desenvolvida entre eles.

Nos versículos 9 a 14 Paulo continua a falar das perspectivas dos colossenses na caminhada com Cristo, mas o faz na forma de um pedido a Deus. Nos versículos 9 e 10 ele intercede para que conheçam a vontade de Deus, que se obtém através da sabedoria e entendimentos espirituais, porque disso resulta uma vida que agrada a Deus, frutificando em boas obras. Já nos versículos 11 a 14 Paulo deixa claro que nada disso é obtido por nossas forças, mas pelo poder de Deus, que graciosamente nos adotou como filhos e nos deu uma herança em Seu próprio reino. Isso foi feito resgatando-nos do reino das trevas e transportando-nos para o reino de Seu filho Jesus, cujo sacrifício nos possibilitou obter o perdão de pecados.

Nos versículos 15 a 23 Paulo descreve, de forma resumida, toda a obra de Deus Filho, começando com a criação até a recriação do homem, alcançada através de Seu sacrifício supremo.

Paulo começa, nos versículos 15 e 16, dizendo que Ele é a imagem do Deus invisível, ou seja, é através dEle que conhecemos a Deus. Também Ele é o criador de todas as coisas. Tudo foi feito por Ele e para Ele.

Nos versículos 17 a 23 Paulo informa aos colossenses como esse maravilhoso resgate será feito e como Ele, que é antes de todas as coisas, fará com que essa nova criação nEle subsista. Trata-se, contudo, de uma criação diferente, onde Ele aceita corromper-se para que possa demonstrar, através dela, o Seu amor, pagando o preço de nossa redenção e dando-nos o livre arbítrio de escolher entre viver para Ele ou rejeitá-IO.

Será formada uma Igreja de filhos, onde Ele, o único Filho que Deus tem, Se deixará corromper tomando sobre Si a corrupção de todas as criaturas humanas que haviam se corrompido. Tendo morrido a nossa morte, tanto espiritual como física, Deus O ressuscita, fazendo dEle o primogênito dentre os mortos, reconciliando, então, Consigo, todas as coisas. Esse sacrifício foi sofrido pela parte humana de Jesus (versículo 22), para que nós pudéssemos ser apresentados diante do Pai como santos, inculpáveis e livres de qualquer acusação. Esse, diz Paulo, é o Evangelho do qual ele se tornou ministro.

Finalmente, Paulo encerra este capítulo, versículos 24 a 29, falando de seu próprio trabalho, que ele tem a honra de desenvolver em prol da Igreja de Jesus Cristo, da qual ele foi feito ministro.

No versículo 24 Paulo afirma que está completando, no seu corpo, o que resta das aflições de Cristo em favor da Igreja. Isso não quer dizer que a salvação obtida por Cristo precisasse ser completada com seus próprios sacrifícios, porque do contrário ele estaria desmentindo o que acabou de dizer nos versículos 15 a 23. O que ele está dizendo, isso sim, é que a aplicação do sacrifício de Jesus não é automática, e que ele se tem esforçado para fazer com que as pessoas entendam isso. Para ele tem sido um sacrifício, para o qual Deus o comissionou.

O plano divino tinha estado oculto durante todo o período do AT, mas agora, em Jesus, ficou clara a intenção que Deus sempre teve, não apenas para os judeus, mas também para os gentios. Esse é o Evangelho que ele diz proclamar para apresentar a Deus filhos perfeitos em Cristo (versículo 28). Para isso ele se esforça, lutando conforme a força que Deus disponibilizou nele (versículo 29).

Colossenses 2

É neste capítulo que Paulo aborda os problemas a respeito dos quais foi informado por Epafras. Um resumo destes é apresentado por Pinto na tabela a seguir (/42/, pág. 381),

onde ele dá nome aos problemas, destaca as doutrinas atacadas pelos mesmos e cita os versículos onde são mencionados.

	Filosofismo	Legalismo	Misticismo	Asceticismo
Elementos	Uso de argumentos persuasivos. Dualismo de matéria e espírito. Ênfase em princípios alimentares	Circuncisão. Leis alimentares. Observância de dias especiais para culto ou devoção	Autodegradação Mortificação Adoração de anjos Visões extáticas	Abstinência sexual Restrições alimentares Restrições de contato
Ataques	Ataca a doutrina da iluminação	Ataca as doutrinas de reconciliação e identificação com Cristo	Ataca a doutrina da união dos crentes com Deus	Ataca a doutrina da santificação
Versículos	2.8	2.8, 11, 16	2.18	2.16, 21, 23

No versículo 1 Paulo diz que está lutando tanto pelos colossenses como pelo laodicenses, que não o conhecem pessoalmente. Isso porque ele fora informado a respeito de perturbadores que vinham deturpando o Evangelho de Jesus Cristo que haviam recebido.

No versículo 8 Paulo se refere àquilo que Pinto chamou de filosofismo como “filosofias vãs e enganosas”, dentre as quais podemos citar o princípio do surgimento do gnosticismo. Essas filosofias se fundamentam em tradições humanas e não em Cristo.

Se em Cristo habita a plenitude da divindade e nós estamos nEle, segue que também nós temos a mesma plenitude. Não se justifica, portanto, que fiquemos preocupados com legalismos, como a circuncisão da carne. Nós já fomos circuncidados no coração e isso por Cristo. Morremos com Ele, ou seja, fomos batizados com Ele na Sua morte e ressuscitamos com Ele pelo mesmo poder de Deus que O ressuscitou (versículo 11).

A única dívida que tínhamos, Ele a tomou sobre Si, cravando-a na cruz; assim, qualquer poder que Satanás tinha contra nós foi derrotado na cruz. Não tem sentido, portanto, que alguém diga para beber isso ou comer aquilo, ou ainda, para que você esteja nesse ou naquele culto, nem tampouco que guarde este ou aquele dia. Todas essas coisas do Judaísmo só apontavam para aquele que havia de vir, mas Ele é a realidade e o cumprimento de todas elas (versículo 16).

Pessoas que defendem essas coisas falam a respeito de uma falsa humildade e da adoração de anjos. Elas contam detalhes de suas visões e são consumidos pela soberba (versículo 18).

Assim sendo, se já morremos com Cristo para as coisas desse mundo, porque vamos nos submeter a elas (regras do tipo: não toques, não manuseies, não proves etc...). Por mais severas que essas coisas possam parecer, tudo não passa de carnalidade (versículos 21 a 23).

Colossenses 3

Ressaltados todos os problemas doutrinários de Colossos, bem como o verdadeiro Evangelho em Cristo (capítulo 2), Paulo passa a descrever, no capítulo 3, a verdadeira vida cristã, qual seja aquela vivida em Cristo.

Agora, portanto, se vocês ressuscitaram com Cristo, ou seja, se vocês estão nEle, nada mais lógico do que passarem a viver a vida de Cristo. Mantenham os pensamentos nas coisas de cima e não nas terrenas.

Quando Cristo Se manifestar, vocês também serão manifestados com Ele em glória; portanto, tudo que é carnal, deve desaparecer da vida de vocês (**imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria**). Paulo parece nos informar que essa é a lista das coisas que eles praticavam antes e agora não mais. Uma segunda lista, dada a seguir, sugere que havia ainda alguns inimigos a serem vencidos: **ira, indignação, maldade, maledicência e linguagem indecente no falar e a mentira**. Como será que estamos nós em relação a essas duas listas? Tanto para os colossenses como para nós, Paulo diz que se já nos despimos do velho homem e nos revestimos de Cristo, então, devemos nos parecer com Ele.

Nesta nova vida somos todos iguais, porque Cristo é tudo em todos. O que se espera de nós, portanto, é **profunda compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência, suportando-nos uns aos outros e perdoadando as queixas que tivermos uns contra os outros, perdoadando como o Senhor nos perdoou. Que o amor seja o nosso elo perfeito**.

O versículo 15, muito conhecido e citado, deve ser empregado, portanto, dentro desse contexto de vida cristã ideal. **Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração**. A interpretação correta é no sentido de que a paz de Cristo faça com que tenhamos paz com os demais membros do corpo dEle.

Paulo continua recomendando que habite em nós a Palavra de Cristo, que nos permita ensinar e aconselhar os outros com a sabedoria de Deus. Juntos devemos cantar salmos, hinos e cânticos espirituais. Em tudo devemos ser gratos.

No restante do capítulo 3 Paulo faz recomendações às mulheres, aos maridos, aos filhos, aos pais e aos escravos.

Colossenses 4

O primeiro versículo deste capítulo pertence ainda às recomendações iniciadas no versículo 18 do capítulo anterior. Aqui Paulo conclui as recomendações falando aos senhores a respeito da forma de tratar os seus escravos.

Os versículos 2 a 4 são recomendações gerais à Igreja sobre a oração e os versículos 5 e 6 dão diretrizes referentes à forma como falar às pessoas fora da Igreja.

A partir do versículo 7 Paulo encerra a carta falando do seu portador, Tíquico e de Onésimo, um habitante de Colossos que estava com ele em Roma e que estaria voltando com Tíquico. Além destes, Paulo menciona vários outros irmãos que estão com ele e termina desejando a graça de Deus aos colossenses.

ITessalonicenses 1

A cidade de Tessalônica foi visitada por Paulo em sua segunda viagem missionária, com certeza, depois de ter passado pela cidade de Filipos. Parece possível que tenha estado também com os tessalonicenses na sua terceira viagem, mas não há registro disso em Atos. A localização de Tessalônica pode ser vista nas figuras 2 e 3 localizadas acima, neste mesmo volume.

O motivo da carta não parece ser único, pois no primeiro capítulo Paulo fala de sua alegria pela forma como os tessalonicenses estavam se desenvolvendo em Cristo. Já nos dois capítulos seguintes parece que está sendo obrigado a defender seu ministério. Em partes do quarto e do quinto capítulos Paulo dá ênfase à segunda vinda de Cristo, que aparentemente se tornou uma preocupação grande dos tessalonicenses. Resumindo, talvez possamos dizer que a volta de Cristo seja o motivo principal de ambas as cartas de Paulo à Igreja de Tessalônica, embora não seja o único.

Paulo escreve aqui juntamente com Silvano (talvez o mesmo Silas, pois trata-se de uma variação do seu nome) e Timóteo, desejando graça e paz da parte do Pai e do Filho, como o faz usualmente.

Nos versículos 2 e 3 ele dá graças a Deus pelo amor, pela perseverança e pela esperança que eles vinham demonstrando em nosso Senhor Jesus Cristo.

Nos versículos 4 a 10 Paulo fala a respeito do bom exemplo que os tessalonicenses estavam dando para aqueles que os conhecem e têm ouvido falar de sua fé. Ele diz, ainda, que se tornaram um exemplo para as igrejas da Macedônia e da Acaia.

ITessalonicenses 2

Este capítulo, que tem continuidade no seguinte, nos dá a impressão que Paulo havia sido acusado de uma série de coisas relativas ao seu ministério em Tessalônica. Por outro lado, não há qualquer citação que faça referência à existência e à origem de tais acusações, pelo que podem ter vindo dos judeus da cidade, ou podem nem existir. Neste caso Paulo estaria apenas descrevendo o ministério dele e de seus companheiros como um exemplo de vida a ser seguido pelos tessalonicenses. A mim parece pouco provável que Paulo começasse o capítulo dizendo que sua visita a Tessalônica não fora inútil, se alguém não tivesse levantado esse argumento.

Na continuidade ele lembra como chegara lá, vindo de Filipos, onde fora acusado, maltratado e aprisionado, mas que mesmo assim tivera ânimo para pregar o Evangelho de Jesus Cristo entre os tessalonicenses, cujo propósito não se faz acompanhar de interesses escusos. Eles eram homens honrados, a quem Deus confiara o Evangelho, do qual falavam para agradá-IO.

Os versículos 5 e 6 deixam claro que suas palavras não eram de bajulação e nem buscando reconhecimento, mas que elas demonstravam apenas o amor que Deus tinha por eles. Além disso, os versículos 7 a 9 deixam clara a preocupação que Paulo e seus companheiros tiveram de não serem pesados à igreja. Eles trabalhavam para o seu próprio sustento, além de pregarem na igreja. Encerrando essa aparente defesa (versículos 10 a 12), Paulo diz que ele e seus companheiros foram um exemplo para os tessalonicenses e que eles sabem disso.

A partir do versículo 13, contudo, vem a contrapartida, com Paulo reconhecendo claramente e dando graças a Deus pela forma como eles receberam sua mensagem como Palavra de Deus. Além disso, eles estavam suportando a perseguição de seus conterrâneos da mesma forma que as igrejas de Israel suportavam a dos judeus, que mataram tanto o Senhor Jesus como os seus profetas.

Encerrando, Paulo fala do seu empenho em visitá-los, mas que foi impedido em duas tentativas, mas expressa o seu amor por eles, que reconhece como sendo a sua glória e a sua alegria perante o Senhor Jesus.

ITessalonicenses 3

Paulo falava de sua vontade de rever os tessalonicenses no final do capítulo anterior e de como fora impedido de fazê-lo. Aqui ele continua exatamente onde parou, dizendo que, preocupado com a situação deles, preferiu abrir mão da colaboração de Timóteo em Atenas, enviando-o para Tessalônica para fortalecê-los e para garantir que nenhum deles fosse abalado pelas presentes tribulações (versículos 1 a 3).

Quando Paulo estava escrevendo essa carta, Timóteo tinha acabado de retornar com excelentes notícias sobre a situação espiritual da Igreja em Tessalônica. Eles não só

estavam firmes, como também ansiosos por uma nova visita de Paulo. Assim, Paulo vê respondidas as suas orações em prol da Igreja de Tessalônica.

Desta forma ele promete continuar orando não apenas para que surja a oportunidade de retornar, mas para que o amor deles continue a transbordar e que eles se tornem irrepreensíveis até a volta do Senhor Jesus.

ITessalonicenses 4

Se alguém me perguntasse hoje qual o maior problema da sociedade moderna, certamente a resposta teria que ser totalmente dentro da exortação que Paulo faz aos tessalonicenses nos versículos 1 a 12, pois o maior problema da sociedade grega de seus dias era o mesmo: a imoralidade sexual.

Notem que Paulo só tem elogios para a igreja de Tessalônica. Ele os havia instruído a respeito de como viver para agradar a Deus e eles haviam guardado cuidadosamente os mandamentos divinos que lhes havia legado, mas, mesmo assim, Paulo sabia o perigo recorrente que representava para eles a influência do mundo de onde haviam saído.

Certamente o mesmo se aplica hoje. “Eu tenho o direito de ser feliz” é uma resposta que todos já ouvimos vez após vez, sempre que alertamos alguém a respeito do perigo que o sexo representa, porque ao longo de toda a história da humanidade as pessoas têm se recusado a crer que o sexo honrado e o controle dos impulsos sexuais (versículo 4) possam preencher as necessidades que sentem.

As paixões desenfreadas podem e devem ser dominadas, porque Deus não nos chamou para a impureza e, sim, para a santidade (versículo 7). Quando rejeitamos essa exortação, não é ao homem que estamos rejeitando e, sim, a Deus, na figura do Seu Espírito Santo.

Paulo conclui essa primeira parte lembrando a eles o quão bem eles aprenderam a lição no tocante ao amor fraternal. A fama deles se espalhara por toda a Macedônia. Eles deveriam continuar a viver de forma simples e tranquila como vinham fazendo, trabalhando de maneira honesta, para que impressionassem aqueles que são de fora.

Na segunda parte deste capítulo, nos versículos 13 a 18, Paulo traz um ensino sobre a volta de Jesus e que esperança haveria para aqueles que já haviam morrido. Aparentemente alguém tinha ensinado que aqueles que morreram antes da volta de Cristo infelizmente não mais participariam da vida futura. Paulo começa, portanto dizendo que não quer que sejam ignorantes quanto a esse assunto. Assim, ele deixa claro que aqueles que morreram em Cristo, já se encontram com Ele e que quando Ele voltar certamente há de trazê-los com Ele.

É verdade que eles ainda não têm corpo celestial, mas de forma alguma, “nós os que estivermos vivos naquela ocasião”, vamos receber o nosso antes deles. Porque quando for tocada a última trombeta e Jesus estiver voltando, então os corpos deles, cujos

espíritos acompanham Jesus, ressuscitarão primeiro e eles receberão seus corpos celestiais antes de “nós”. Só aí, então, nós seremos arrebatados para encontrar Jesus nos ares, ocasião na qual os nossos corpos serão transformados.

Assim Paulo ensina que tanto um grupo como o outro serão vitoriosos, pelo que eles podiam ficar tranquilos e se consolar mutuamente a respeito.

ITessalonicenses 5

Neste último capítulo da primeira carta de Paulo aos tessalonicenses, ele continua a falar sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo, com ênfase, desta vez, na situação dos que estiverem vivos quando do Seu retorno.

Ele começa falando da imprevisibilidade de Sua volta, comparável à de um ladrão entrando numa residência à noite, mas Paulo ressalta que eles, tessalonicenses, não andam nas trevas para que esse dia os surpreenda. Por serem todos filhos da luz, andando somente à luz do dia, não há porque as trevas serem para eles motivo de tropeço. A recomendação de Paulo é que sejam atentos e sóbrios, vestindo a couraça da fé e do amor e o capacete da esperança da salvação.

A esperança da salvação não significa que haja alguma dúvida a respeito e, sim, que eles não devem ter tais dúvidas. Isso fica claro no versículo 9, onde Paulo diz que Deus não os destinou para a ira, mas para a salvação em Cristo Jesus. Isso é uma certeza! Assim sendo, quer estejamos acordados ou dormindo, estamos unidos a Ele; portanto, eles devem se edificar mutuamente no tocante a essa certeza.

Nos versículos 12 e 13 Paulo fala da necessidade de terem consideração para com aqueles que estão liderando o trabalho do Senhor entre eles. É necessário que todos os tenham em elevada estima, auxiliando-os e criando um ambiente de paz.

No versículo 14 ele fala a respeito da necessidade de repreender a ociosidade. De igual maneira, ele pede que os desanimados sejam confortados e os fracos apoiados.

Paulo faz a seguir uma série de recomendações, todas importantíssimas:

- alegrem-se sempre;
- orem sempre;
- deem graças em tudo;
- não apaguem o Espírito (através da desobediência, é claro);
- não desprezem as profecias, mas também não devem ser aceitas sem uma avaliação bíblica;
- evitem toda forma de mal (a melhor maneira de não sermos tentados).

Concluindo, ele deseja que Deus os santifique e mantenha irrepreensíveis para a volta de Jesus. É isso que Deus quer e certamente o fará.

Paulo pede orações e estimula os irmãos a se saudarem com um beijo santo (respeitoso, é claro!). Além disso, pede que todos sejam informados do conteúdo dessa carta.

II Tessalonicenses 1

A segunda carta de Paulo aos tessalonicenses tem, segundo Pinto (42/, pág. 414), o seguinte propósito: “encorajá-los a buscarem excelência numa vida cristã equilibrada em meio à perseguição, animando-os à luz de sua vindicação definitiva, consolando-os com uma visão correta do seu relacionamento com o Dia do Senhor e confrontando-os com a necessidade de uma abordagem realista da vida e do trabalho”.

A carta tem início com uma saudação tipicamente paulina, desejando a eles graça e paz da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo e prossegue com um elogio, primeiro ao amor fraternal que está aperfeiçoado no meio deles e a seguir pela sua persistente fé em meio às perseguições e tribulações, às quais estavam sendo sujeitados.

O versículo 5 nos traz alguma dificuldade porque Paulo nos fala de provas do justo juízo de Deus, mas ficamos em dúvida de que provas sejam essas. À luz dos versículos seguintes, onde Paulo fala a respeito de Deus retribuir com tribulações os perseguidores causadores das tribulações dos tessalonicenses e do alívio que estes receberão por ocasião da volta de Jesus, fica claro Deus proverá justiça para a perseguição injusta a que estavam sendo sujeitados, mas aparentemente a “prova do justo juízo de Deus”, a ser exercido futuramente, é que no momento Ele concede a Seus filhos “persistência em fé” em meio a essa injustiça.

Independente disso, os versículos 8 a 10 deixam bem claro qual o destino final daqueles que não conhecem a Deus e não obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo. Isso se dará por ocasião da vinda do Senhor Jesus.

Na primeira carta aos cristãos de Tessalônica, Paulo parece se referir a perseguições passadas que haviam sido amainadas, mas aqui nesta carta são claramente atuais. Isso faz com que alguns teólogos defendam que a segunda carta é, na realidade, anterior à primeira (42/, pág. 412), mas obviamente nada impede que as perseguições tenham sido retomadas e que este seja um dos motivos da segunda carta.

Paulo conclui este capítulo assegurando aos tessalonicenses que está orando por eles, para que Deus os sustente e que o nome do Senhor Jesus seja glorificado neles, bem como eles nEle, pela Sua graça.

II Tessalonicenses 2

Paulo já havia feito esclarecimentos a respeito da Segunda Vinda de Jesus na sua primeira carta (*ITessalonicenses 4.13-18*), mas, nesse ínterim, aparentemente alguém havia escrito uma carta aos tessalonicenses em nome de Paulo, baseando-se, supostamente, em profecias, dizendo que o Dia do Senhor já havia ocorrido. Assim

sendo, o apóstolo tem a preocupação aqui de esclarecer a verdade relativa a essa Segunda Vinda.

É interessante, contudo, que os primeiros três versículos deste texto deveriam esclarecer a sequência de eventos que definem a vinda de Jesus, mas, conquanto os termos utilizados e o significado dos mesmos provavelmente fossem claros para os tessalonicenses, infelizmente não o são para a Igreja do século XXI, motivo pelo qual eles abrem uma série de alternativas para grupos distintos, que creem de forma distinta nesses eventos. Cabe ressaltar aqui a diferença entre os pré-tribulacionistas (aqueles que creem que Jesus virá duas vezes, uma para arrebatá-la Igreja antes da grande tribulação e outra ao final dela) e os pós-tribulacionistas (os que creem apenas na vinda de Jesus ao final da grande tribulação). Entende-se por grande tribulação o período do reino do anticristo, durante o qual a Igreja será muito perseguida.

Vamos ver, a seguir, em que consistem as confusões geradas por interpretações distintas desses 3 versículos.

- versículo 1 → diz o seguinte: **“Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele...”**. Para os pré-tribulacionistas a “vinda de Jesus” em apreço é apenas para arrebatamento da Igreja, que é o **“nossa reunião com ele”**. A “volta gloriosa” (forma como se referem à Sua segunda vinda) dar-se-ia apenas por ocasião da batalha de Armagedom. Para os pós-tribulacionistas essas duas vindas se confundem;

- versículo 2 → contém o pedido com o qual Paulo finaliza o versículo 1. Trata-se de que eles não se perturbassem pela carta, mensagem ou revelação que receberam em nome dele mesmo, Paulo, segundo a qual o **“dia do Senhor”** já teria passado. Para os pré-tribulacionistas, Paulo já pregara aos tessalonicenses o arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação. Assim sendo, o **“dia do Senhor”** diria respeito à Sua “volta gloriosa”, que se dará após a grande tribulação. Para os pós-tribulacionistas, mais uma vez a **“vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”** e o **“dia do Senhor”** se confundem;

- versículo 3 → mais uma vez a mesma situação ocorre. Paulo diz: **“Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição”**. Neste versículo “aquele dia” tanto pode se referir à **“vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”** como ao **“dia do Senhor”**. Para os pré-tribulacionistas é conveniente que seja referido à “volta gloriosa”, que é a interpretação única também dos pós-tribulacionistas. Já alguns teólogos disputam o sentido da palavra apostasia, que tanto pode significar um desvio da fé ou um desvio físico posicional de toda a Igreja. Neste último caso, seria sinônimo de arrebatamento, **condição absolutamente necessária para a interpretação pré-tribulacionista**.

Por uma questão de conveniência, as interpretações seriam dadas como a seguir:

- para os pré-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que a volta gloriosa de

Cristo já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta gloriosa não se dará antes que ocorra o arrebatamento e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;

- para os pós-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que Sua volta já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta de Cristo não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”.

Fica claro, portanto, que esses 3 versículos esclarecedores podem ser usados para provar ambas as condições relativas ao arrebatamento, em função de problemas de interpretação. A “manipulação” de palavras necessárias para viabilizar o ponto de vista pré-tribulacionista faz com que este seja o menos provável, pois exige que a palavra “apostasia” seja entendida como “arrebatamento”, que, segundo La Haye e Ice (/3/, pág. 39) é a interpretação mais comum no Novo Testamento. É importante ressaltar, contudo, que a maioria dos tradutores bíblicos não concorda com isso. Além disso, cabe lembrar que Daniel associa uma “apostasia espiritual” à visão do Anticristo (*Daniel 11:36-37*), definida através de “blasfêmias” pronunciadas contra o Deus dos céus. Exatamente por isso foi usada a palavra “manipulação” acima para definir o que LaHaye e Ice tentam fazer com a palavra apostasia.

Embora eu gostasse muito de ser arrebatado antes da grande tribulação, se ainda estiver vivo quando ocorrer, ou seja, embora eu gostasse muito que Jesus voltasse em dois eventos distintos, sendo arrebatado no primeiro, infelizmente o versículo 3 deste texto não dá margem a essa interpretação.

Nos versículos 4 a 12 Paulo fornece aos tessalonicenses importantes informações referentes ao Anticristo e à sua forma de proceder. Nos versículos 4 e 5 ele se refere a ensinamentos anteriores, que obviamente se baseiam no texto de Daniel. Os versículos 6 e 7 também apresentam informações que têm uma interpretação curiosa em nossos dias. Somos informados aqui que o “mistério da iniquidade” já está em funcionamento em nossos dias, mas que o Anticristo está impedido de se manifestar por Aquele que o detém, até que chegue o tempo estipulado por Deus. Embora Paulo não tenha dito aqui Quem é Aquele que o detém, fica claro que já o dissera anteriormente aos tessalonicenses. Uma das opções mais frequentes é atribuir-se esse encargo ao Espírito Santo (/49/, vol. 5, pág. 245 e 246). Trata-se de uma hipótese bastante razoável, considerando que, em última análise, é o poder de Deus que determina os tempos. O problema ocorre, contudo, quando admite-se, no versículo 7, que “o afastamento daquele que o detém” seja entendido como a remoção do Espírito Santo do mundo após o arrebatamento pré-tribulacionista da Igreja. Assim, os crentes de segunda categoria e os que se convertem durante a grande tribulação estariam entregues à sua própria sorte, visto não haver mais o Espírito Santo para convencê-los do pecado, do juízo e da ira vindoura, nem tampouco para dirigí-los.

O versículo 8 nos informa que no tempo de Deus será revelado o Anticristo, que Jesus matará na Sua Vinda, com o sopro de Sua boca, mas que até lá, ele agirá pelo poder de Satanás, fazendo milagres que convencerão a todos os inimigos de Deus, para que creiam no engano e sejam condenados (versículos 9 a 12).

Quanto aos tessalonicenses, contudo, Paulo dá graças a Deus por tê-los escolhido para a salvação mediante a obra santificadora do Espírito Santo, que os chamou, através do Evangelho, para tomarem posse da glória do Senhor Jesus Cristo.

Encerrando esse capítulo Paulo intercede por eles para que Deus lhes dê ânimo de coração de modo a fazerem sempre o bem, tanto em atos como em palavras.

II Tessalonicenses 3

O último capítulo dessa carta começa com Paulo pedindo aos tessalonicenses que orem por seu ministério, para que outros recebam a Palavra tal como eles mesmos a receberam. Além disso, que orem para que ele seja liberto dos perversos inimigos no Evangelho.

A partir do versículo 6 ele passa a falar sobre o seu último tema, que é a ociosidade de alguns dos membros da igreja de Tessalônica. Neste sentido ele faz uso de seu próprio exemplo, de como trabalhou em todo o tempo enquanto esteve entre eles, para não ser um encargo para ninguém, mas para ter dinheiro para o seu sustento próprio. Não que ele não devesse ser sustentado por eles, mas para dar o bom exemplo.

Parece tratar-se de um problema até comum entre eles, pelo que Paulo os exorta dizendo que quem não trabalha também não deve comer (versículo 10). Infelizmente essas pessoas, além de viverem às custas dos outros, também passavam o seu tempo “fofocando” (versículo 11).

Ele pede, ainda, que se tais pessoas não aceitarem a sua recomendação, no sentido de trabalharem pelo sustento próprio, que sejam isoladas para que se envergonhem do seu comportamento. Ele ressalta, contudo, que devem continuar a ser tratados como irmãos, mas que carecem de disciplina.

Os versículos 16 a 18 contêm as recomendações finais, desejando que Deus lhes dê paz e graça.

Como havia sido enviada uma carta falsificada dele, essa ele faz questão de assinar de próprio punho, conforme indicado no versículo 17.

Semana 52 - Leitura Especial para o Natal

Texto: Lucas 1 a 3, Mateus 1 a 2, Isaías 9 e Miquéias 5

Estação 26

Lucas 1

É muito interessante que Lucas comece dizendo que ele é apenas um de muitos que resolveram relatar acerca de Jesus. Especula-se que ele provavelmente tivesse em mãos o texto do Evangelho de Marcos e possivelmente o de Mateus, dependendo de quem escreveu primeiro, mas “muitos” inclui vários outros, que não conhecemos (versículo 1). Obviamente, resta a possibilidade, ainda, desses relatos serem apenas verbais, de modo que, aí sim, todas as testemunhas oculares estarem aí incluídas (versículo 2).

É interessante que o versículo 2 os chame de “servos da Palavra”, mostrando o quanto a Palavra já era valorizada numa época em que poucos liam.

Embora alguns achem que Teófilo era apenas uma forma de Lucas personalizar o seu leitor, os versículos 3 e 4 não apenas se referem a uma pessoa amiga, por quem ele demonstra grande interesse, mas que se trata de uma pessoa que confiava nele, pelo que saberia ser verdade tudo que ele escrevesse.

O versículo 5 nos situa no tempo de Herodes, o Grande, e os versículos 5 e 6 nos falam de Zacarias e Isabel na qualidade de servos de Deus. Todo crente deseja ser usado por Deus, porque é uma honra participar da obra de Seu Reino. Quando vemos, contudo, o que têm em comum aqueles que Deus usa, vamos encontrar, na raiz do comportamento de todos eles, o fato de serem obedientes ao Senhor. Isso obviamente não é sinônimo de sem pecado, já que todos pecaram (*Romanos 3.23*), mas certamente significa que são pessoas que vivem priorizando a obediência.

Os versículos de 7 a 20 narram o fato do casal não ter tido filhos, apesar de sua “fidelidade a Deus” e que ambos eram já idosos, significando que sua idade não era mais compatível com o nascimento de filhos. Não obstante esse fato, o versículo 13 nos diz que a oração de Zacarias estava sendo ouvida. Não há dúvida de que ele orava por um filho e talvez ainda o estivesse fazendo, apesar da idade de ambos. Por outro lado é possível, também, que ele, devido à idade, tivesse desistido de orar, mas que Deus não se esquecera do seu pedido. Seja como for, trata-se de um estímulo para nós, quando achamos que Deus está “surdo” às nossas preces, ou que está demorando a responder.

Nos versículos 21 a 25 somos informados a respeito da reação das pessoas que esperavam a saída de Zacarias, bem como do cumprimento de tudo que Gabriel profetizara.

O anúncio a Maria do nascimento de Jesus, feito pelo anjo Gabriel, é descrito nos versículos 26 a 38. Já o lemos tantas vezes que tendemos a achá-lo quase normal, mas se trata, na realidade, de algo tão inacreditável, que a maioria das pessoas hoje o encara como “conto da carochinha”. Nunca alguém engravidou sem algum tipo de relação; portanto, só o podemos entender mesmo pela fé e aquilo que entendemos dessa forma nunca pode virar uma coisa normal.

A única dúvida de Maria foi justamente como sua gravidez se daria sem qualquer participação de um marido. Quando Gabriel o explicou, descrevendo o inacreditável, ela prontamente se colocou à disposição de Deus para que Ele a usasse.

Nessa ocasião ela também foi informada a respeito da gravidez de Isabel, sua prima, que morava na Judeia, pelo que sua primeira providência, mesmo grávida, foi viajar até lá para visitá-la. A descrição dessa visita e dos cânticos de louvor de Isabel e da própria Maria, inspiradas, ambas, pelo Espírito Santo, são apresentados nos versículos 39 a 56.

Os versículos 57 a 80 falam a respeito do nascimento de João Batista e de como todos se admiraram daquilo que Deus estava fazendo através de Zacarias e Isabel. Todos estavam curiosos quanto ao papel que ele desempenharia e o próprio Zacarias respondeu através de uma profecia, que se encontra registrada nos versículos 67 a 79.

Lucas 2

Esse capítulo narra o nascimento de Jesus, a proclamação desse fato feito aos pastores que estavam no campo, a circuncisão dEle aos 8 dias de idade e a Sua primeira ida a Jerusalém por ocasião da Páscoa, com a idade de 12 anos.

José e Maria moravam em Nazaré e o nascimento do Messias estava previsto para a cidade de Belém (*Miquéias 5.2*), onde José havia nascido. Não havia, contudo, qualquer motivo para ele se deslocar até lá, até que saiu um decreto da parte de Cesar Augusto, ordenando o recenseamento de todo o Império Romano, com cada um se alistando em sua cidade natal. Assim, o imperador colaborou para que as Escrituras se cumprissem.

Enquanto José e Maria lá estavam, cumpriu-se o tempo dela de dar a luz ao seu primogênito, mas para o qual não havia acomodações necessárias. Assim, a romântica manjedoura que cantamos e decantamos foi uma improvisação caótica para o nascimento do Rei da Terra (versículo 7).

Nos versículos de 8 a 14 Lucas narra a aparição, primeiro de um anjo falando do nascimento de Jesus e deixando alguns pastores de ovelhas no campo totalmente apavorados. Depois que o anjo os tranquilizou, surgiu uma multidão de anjos cantando e glorificando a Deus.

Claro que os pastores não poderiam deixar de entrar na cidade de Belém para conferir o que lhes fora anunciado. Lá encontraram Maria, José e o bebê, tal como lhes havia

sido narrado e contaram a todos o que acontecera, com Maria encantada pela forma como tudo conferia com aquilo que Gabriel havia dito a ela (versículos 15 a 20).

Os versículos 21 a 38 narram a circuncisão de Jesus no Seu oitavo dia, conforme a lei, que exigia o sacrifício de duas rolinhas ou dois pombinhos para pessoas de recursos limitados (certamente o caso de José). Mais uma vez vemos o Espírito Santo dirigindo Seus ungidos para o cumprimento de Suas promessas. Deus havia prometido a Simeão, um sacerdote idoso, que não morreria sem ver o Messias. Assim sendo, Ele o avisou para ir ao templo, porque o Messias estava chegando. Quando José e Maria se aproximaram, ele já sabia de Quem se tratava e falou coisas maravilhosas a respeito daquela criança, além de agradecer a Deus o cumprimento de Sua promessa.

Além das coisas que falou a respeito de Jesus, Simeão também disse a Maria que uma espada atravessaria a sua alma, certamente referindo-se à dificuldade que seria para ela assistir à morte de seu filho por crucificação.

Nos versículos 36 a 38 Lucas fala, ainda, de uma profetiza chamada Ana, que era também idosa e que o Espírito Santo também conduziu ao local onde Jesus estava sendo circuncidado no exato momento em que Simeão falava a Seu respeito. Também ela estava totalmente informada de Quem se tratava e falava dEle a todos. A forma como Deus recompensa a fidelidade, dando informações privilegiadas aos Seus servos, é muito linda.

Lucas não menciona a fuga de José e família para o Egito, por algum tempo, devido à perseguição de Herodes, preferindo falar de seu retorno a Nazaré e da primeira visita de Jesus ao templo em Jerusalém, quando tinha 12 anos. É muito interessante ver o fato de que Jesus, com esta idade, já tinha pleno conhecimento de Sua filiação divina.

Lucas 3

Lucas apresenta aqui um resumo do ministério de João Batista, falando de sua mensagem de arrependimento e do batismo de Jesus. O texto começa situando esse ministério em relação ao tempo e às autoridades que reinavam à época, além de caracterizá-lo como o cumprimento de uma profecia apresentada em *Isaías 40.3-5* (versículos 4 a 6).

A mensagem de arrependimento pregada por João está resumida nos versículos 7 a 14, nos quais ele se dirige a diferentes grupos que vinham procurá-lo às margens do Jordão para ouvir aquele que alguns diziam ser o Messias. Ele mesmo, contudo, deixou claro que Este (o Messias), de cujas sandálias ele não tinha sequer o direito de desatar as correias, estava chegando. **“Enquanto eu”,** dizia João, **“vos batizo com água, Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo”,** referindo-se ao batismo para dentro do corpo de Cristo e a santificação de vida que a presença do Espírito produziria na vida dos que cressem.

No versículo 19, Lucas faz menção da prisão de João Batista por criticar o adultério de Herodes, que se casara com Herodias, esposa do seu irmão Filipe.

Os versículos 21 e 22 narram o batismo de Jesus por João, findo o que desceu o Espírito Santo sobre Ele, enquanto orava. Neste mesmo instante ouviu-se a voz audível de Deus, falando com Jesus e dizendo a Ele que era o Seu Filho amado, em Quem Ele tinha prazer.

A relevância do Espírito Santo na vida de Jesus é disputada entre os teólogos. Para alguns, dentre os quais me incluo, Jesus nunca agiu como Deus antes de Sua crucificação. Assim sendo, todos os Seus milagres foram feitos pelo homem Jesus com o poder que Ele recebeu através do Espírito Santo e que O acompanhou até o momento em que Ele tomou sobre Si os pecados da humanidade. Há outros que assim também creem, mas que acham que Jesus jamais tomou sobre Si os pecados da humanidade. Acham simplesmente que Lhe foram atribuídos, mas que Ele nunca Se contaminou com eles. Finalmente, há um terceiro grupo que crê que Jesus sempre exerceu o pleno poder do fato de ser Deus. Assim, a Sua vitória sobre o pecado se deu pelo fato dEle ser Deus pleno. Obviamente creem também que Ele jamais tomou sobre Si os pecados da humanidade. O versículo de *II Coríntios 5.21*, segundo o qual Deus O tornou pecado para que fôssemos feitos justiça de Deus, é apenas retórico.

No versículo 23 somos informados que o ministério de Jesus começou quando Ele tinha cerca de 30 anos, ou seja, a maioridade da época.

O restante deste capítulo apresenta uma genealogia de Jesus, que começa com José e retrocede até Adão como descendente de Deus.

Mateus 1

Mateus começa o seu capítulo 1 com a genealogia de Jesus, principiando com Abraão e terminando com José, mostrando apenas 42 gerações entre Abraão e Jesus, enquanto Lucas (capítulo 3) nos apresenta 55. Além disso, ambas as genealogias terminam em José, mas mostrando nomes diferentes para chegar até ele.

Uma das explicações mais comuns para isso é dizer-se que a genealogia de Mateus é realmente a de José, enquanto a de Lucas chegaria em Maria, mas todas as explicações (há várias outras) falham por deixarem de justificar adequadamente a diferença entre o número de gerações citado acima.

Ambas passam por Abraão e por Davi, mas Mateus segue uma linhagem real descendendo através de Salomão, enquanto Lucas deixa a linhagem real e passa a linhagem de Jesus para Natã, irmão de Salomão.

No restante deste capítulo, a partir do versículo 18, Mateus nos apresenta a sua versão do nascimento de Jesus. Ele já começa com Maria grávida, por obra do Espírito Santo e com José não conseguindo crer na versão da estória contada por ela, pelo que havia

decidido deixá-la, sem qualquer alarde, para não prejudicá-la. É neste ponto que Mateus nos narra o sonho que José teve, também com a visitação de um anjo, dizendo que a versão dela era correta, fornecendo, para tanto, base bíblica, consubstanciada em *Isaías 7.14*. Quando ele acordou, não teve qualquer dúvida em seguir as instruções que havia recebido, pelo que recebeu Maria como esposa, mas só se relacionando sexualmente com ela após o nascimento de Jesus.

Mateus 2

Mateus nos informa aqui de uma tentativa de Herodes de eliminar Jesus, depois de tomar conhecimento de Sua existência através da chegada de alguns magos do Oriente, que disseram ter visto e seguido a estrela do recém-nascido Rei dos Judeus.

Herodes informou aos magos, com base na profecia de *Miquéias 5.2*, que o Messias nasceria em Belém (distante apenas 5km de Jerusalém) e confiou aos próprios magos a tarefa de encontrá-lo, tendo esperado a retorno destes para, então, matá-lo. Como não voltaram, porque Deus os havia advertido no sentido de voltarem para casa por outro caminho, Herodes reconheceu que havia sido ludibriado, pelo que mandou matar todas as crianças de Belém com menos de dois anos. Como havia se informado sobre a data de nascimento de Jesus, junto aos magos, supõe-se que os magos só tenham chegado a Jerusalém mais de um ano após o nascimento de Jesus e que José havia fixado residência em Belém.

Para evitar que a manobra de Herodes tivesse sucesso, Deus usou um anjo para avisar José que fugisse para o Egito e que ali permanecesse até ser avisado para retornar. José fez conforme informado e mais tarde, após a morte de Herodes, quando não havia mais ameaça à vida do menino, outro anjo apareceu em sonho a José, mandando que retornasse. Ele o fez, mas por receio de Arquelau, filho de Herodes, acabou voltando para Nazaré.

Fica claro, nesta narrativa, que Deus toma todo o cuidado para que seu plano triunfasse. Ele não precisou de um plano B e tudo que Ele planejou e planeja foi e é realizado conforme planejado.

Isaías 9

Temos aqui uma das profecias messiânicas mais conhecidas da Bíblia. Isaías começa se referindo a tempos difíceis na região das tribos de Zebulom e Naftali, onde Tiglate-Pilezer da Assíria invadiu Israel e levou consigo muitos cativos.

Esse povo dessa região, que vivia em trevas, uma verdadeira terra da sombra da morte, repentinamente veria uma grande luz, que sobre eles raiaria. Sua tristeza se tornaria em gozo semelhante a quem faz uma grande colheita ou vence uma batalha que rende muitos despojos.

Trata-se de verem removida uma situação de opressão comparável àquela que experimentaram os israelitas quando Gideão venceu os midianitas com apenas 300 soldados à sua disposição. Além disso, todos os trajes militares e tudo que lembrava essa época difícil, estaria sendo removido com a chegada da paz.

Tudo isso porque o Messias chegou na forma de um menino, sobre cujos ombros repousará o governo. Ele será chamado por vários nomes que permitem identificá-lo com aquele que os judeus esperavam: **Maravilhoso Conselheiro, (ou Maravilhoso, Conselheiro) Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz**. O Seu reino será estabelecido sobre o trono de Davi e será eterno, com um domínio que abrange toda a Terra, sendo estabelecido com paz, justiça e retidão. Tudo isso será feito pelo próprio Deus.

O restante do capítulo, contudo, muda de assunto e fala sobre uma série de juízos que Deus trará sobre Israel antes que o Messias chegue. Na realidade, parece que os juízos em apreço sejam descritos como se não tivessem qualquer relação com a vinda do Messias. O que sabemos em termos práticos é que Israel foi objeto de contínuo juízo, conforme descrito, até que foi totalmente destruído por volta do ano 722a.C.

A terra de Zebulom e Naftali, objeto do início do capítulo, não foi mais acossada pela Assíria, como o foi o restante do Reino do Norte (Israel). Tanto foi assim que à época da chegada do Messias, a Galileia era considerada parte de Judá, enquanto o restante de Israel, ocupada por pessoas transportadas pela Assíria, fazia parte da terra dos samaritanos, não reconhecidos mais pelos judeus, como israelitas.

Miquéias 5

Miquéias 1.1 nos diz que o livro é sobre as visões que o profeta teve acerca de Samaria e Jerusalém. No final do capítulo 4 (versículos 10 a 13), Miquéias está falando a respeito da queda e da reconstrução de Jerusalém. É bastante provável, portanto, que seja a Jerusalém que o primeiro versículo do capítulo 5 se refere ao dizer que a cidade está cercada. Podemos imaginar, portanto, que o profeta está falando da queda da cidade diante das tropas de Nabucodonozor, o mais provável, ou talvez ele esteja se referindo ao cerco romano séculos mais tarde.

Independente disso, contudo, os seus olhos se voltam para a pequena Belém, poucos quilômetros a sul, onde os agressores não têm qualquer interesse, mas é justamente naquela vila pacata que transcorreria o maior evento que a história já registrou. Ali nasceria o Rei Eterno de Israel e de toda a Terra (versículo 2).

Essa realidade está encoberta e assim continuará até que aquela, Maria, que vai dar a luz a Ele na plenitude dos tempos, seja usada por Deus para fazê-lo. Então os Seus irmãos, provavelmente aqueles cuja vida Ele comprou para Deus através de Seu sacrifício, se juntará a Ele, em Sua Segunda Vinda, e também ao povo de Israel, que finalmente O reconhecerá como seu Messias (versículo 3). Nesta ocasião, Ele estabelecerá o Seu reino, que se estenderá até os confins da Terra, com todos vivendo em segurança (versículo 4). Ele, Jeová Shalom, é a nossa paz (versículo 5a).

De repente há uma abrupta mudança e Miquéias traz a sua narrativa de volta para os seus dias, quando seguidas invasões da Assíria eram uma ameaça também para Jerusalém (versículo 5b). O versículo 6, contudo, nos fala do livramento propiciado pelo Senhor, que bem conhecemos, da época de Ezequias.

Os versículos 7 a 15 nos confundem porque, não obstante falarem de Israel espalhada entre as nações (versículos 7 e 8), ora parecem nos falar deles de maneira vitoriosa, ora indicam que estavam sendo castigados por seu pecado de rebeldia contra Deus.

Talvez tenhamos que ver aqui as duas coisas. Os judeus, durante o seu cativeiro babilônico, que posteriormente se tornou persa, tiveram momentos de castigo e sofrimento, com Deus tentando purificar o Seu povo. Por outro lado Israel viveu, também, momentos de vitória sobre os seus inimigos, como ocorrido nas narrativas do livro de Ester.

Não resta dúvida, contudo, que Deus, na Sua fidelidade, sempre teve um plano e que Sua intenção última sempre foi a conversão de Israel a Ele e a seu serviço.

Semana 53 - O Reino Unido: Salomão

Texto: IReis 1 a 11 e II Crônicas 1 a 9

Estação 27

I Reis 1

Este primeiro capítulo de *IReis* nos mostra que as desgraças na família de Davi, que ocorreram em consequência de seu pecado, ainda não haviam chegado ao fim. Aliás, o preço do seu pecado continuou além de sua morte, como veremos a seguir.

O fato de Davi sentir frio e ter feito uso de uma virgem para se deitar com ele e aquecê-lo, mesmo sem ter condições físicas para ter relações com ela, é ressaltado aqui apenas porque será motivo causador de outra desgraça pouco adiante (versículos 1 a 4).

A partir do versículo 5 vemos mais um dos filhos de Davi, desta feita Adonias, querendo assumir, através de alianças e intrigas dentro da casa do pai, o reinado com seu pai ainda em vida. O versículo 6 deixa claro que a culpa disso é do próprio Davi, que jamais o havia repreendido nas situações em que ele tivera atitudes indignas.

O fato de Joabe ser contado entre aqueles que o apoiaram não chega a surpreender, porque sua posição diante de Davi havia se tornado insustentável, pelo que lhe era necessário aproximar-se de seu sucessor, principalmente se esse sucessor de alguma forma lhe ficasse devendo favor. Surpreendente, contudo, é ver o sacerdote Abiatar se alinhando também com ele, em rebelião contra Davi. Talvez o fato de Davi ter dividido o seu sacerdócio com Zadoque o tenha deixado descontente (quando Davi trouxe a arca para Jerusalém, Abiatar, que era Sumo Sacerdote, veio para Jerusalém com ela, mas o tabernáculo continuou em Gibeom e Zadoque ficou responsável pelos trabalhos ali). Não sabemos com certeza se foi isso que o desagradou, mas vê-lo trair Davi ao fim da vida deste, certamente depõe contra ele.

Da mesma forma como ele se fizera cercar de pessoas que o apoiavam por interesses pessoais, Adonias também rejeitara a aproximação daqueles que não o apoiaram porque sabiam da indicação de Salomão, como Natã, por exemplo (versículo 8).

Para oficializar a sua coroação, já previamente acordada com todos os que o apoiavam, Adonias organizou uma festa, na qual o novo rei seria celebrado na condição de irmão mais velho. Obviamente Salomão e aqueles que sabiam que ele já fora definido como rei não foram convidados.

Ao perceber o que estava acontecendo, o profeta Natã resolveu agir para evitar a morte de Salomão, que certamente seria o primeiro ato de Adonias como rei, visto que ele representava uma ameaça às aspirações deste. Neste sentido, fez ver a Bateseba que tanto ela como ele mesmo deveriam conversar com o rei Davi a respeito.

Ao ser informado do que estava acontecendo, Davi tomou providências imediatas no sentido de oficializar a coroação de Salomão, providenciando, inclusive, a sua unção na condição de rei. O povo em geral recebeu a coroação dele com grande alegria e houve tanta celebração que foi possível ouvi-la do local onde Adonias estava celebrando também a sua própria.

Tão logo ficaram inteirados do motivo da celebração, todos os presentes à festa de Adonias trataram de se dispersar sorratamente, para evitar que fossem acusados de conspiração, mas o próprio Adonias sabia que sua situação era muito difícil, pelo que se dirigiu ao templo, agarrou-se às pontas do altar e pediu clemência a Salomão.

Este, por sua vez, informado do ocorrido, optou por perdoá-lo, preferindo crer que seu irmão havia feito apenas o que era comum em outras terras, ou seja, que o mais velho reinava.

IReis 2

Se tivéssemos que dar um título a esse capítulo, talvez o chamássemos de “limpeza da casa”, pois é exatamente disso que é tratado em todo ele. Começa com Davi, sentindo a proximidade de sua morte, convocando Salomão, para dar a ele algumas recomendações finais. A primeira destas é exatamente o que se esperaria, ou seja, a recomendação para que ele ande nos caminhos do Senhor, obedecendo fielmente a toda a lei de Moisés, visto ser esta a condição, definida pelo próprio Deus, para que o seu reino tivesse sucesso e continuidade.

Já os versículos 5 a 9 versam sobre pendências que Davi tinha relativas a pessoas com as quais se relacionara. A primeira delas foi Joabe. Durante todo o seu reino, Davi sempre foi refém de Joabe. Talvez isso pareça estranho, pelo fato de Davi ser rei e Joabe súdito, mas as duas tentativas do rei de removê-lo de seu cargo de chefe das forças armadas resultaram ambas em assassinatos dos substitutos e com ele se perpetuando no cargo. Exatamente por isso, Davi recomendou claramente a Salomão que o matasse.

Em segundo lugar o rei se lembrou de Barzilai, que havia provido para ele enquanto ele fugia de Absalão. Ele havia feito promessas a Barzilai, no sentido de reconhecer pessoas indicadas por ele para estarem no palácio e queria ter certeza de que Salomão cumpriria as promessas em questão.

Finalmente, havia mais uma pendência, qual seja: o caso de Simei. Ele havia amaldiçoado o rei quando este fugia de Absalão, mas fora o primeiro a recebê-lo quando do seu retorno. Por isso mesmo Davi havia prometido não matá-lo. Salomão, contudo, não havia prometido nada, pelo que Davi estava deixando por conta dele a punição por seu ato desrespeitoso.

Somos informados, então, que Davi faleceu e que Salomão se assentou no seu trono, com seu reino firmemente estabelecido (versículos 10 a 12).

Já no versículo 13 somos confrontados com mais uma tentativa de Adonias de tomar o trono de Salomão. Embora Davi não tivesse tido relações sexuais com Abisague, ainda assim ela era considerada mulher ou concubina dele. Assim sendo, a tentativa de Adonias de pedir a Bateseba para que ela pedisse licença a Salomão para ele tomá-la por esposa, era na realidade uma tentativa de tomar o reino de Salomão, visto que ele a usaria para provar que tinha direito, visto que ele se apossara da mulher dele. Seria algo parecido com o que fizera Absalão ao tomar para si as 10 concubinas deixadas no palácio por Davi, seu pai.

Claro que Salomão entendeu do que se tratava e aproveitou a oportunidade para se livrar não só de Adonias, mas também de Joabe e de Abiatar, que haviam conspirado juntamente com ele. Adonias e Joabe ele mandou que fossem mortos por Benaia, que se tornou líder das tropas de Israel em lugar de Joabe. Quanto a Abiatar, ele foi expulso do sacerdócio e substituído por Zadoque. O versículo 27 nos informa que isso se deu em cumprimento àquilo que Deus prometera a Eli em função do pecado de seus filhos (*ISamuel 2.30-36*).

Tão logo Joabe ficou sabendo da morte de Adonias e da disciplina aplicada a Abiatar, temeu por sua própria vida e se dirigiu ao templo, agarrando-se, de igual forma, às pontas do altar. Benaia, encarregado de matá-lo, ficou em dúvida se poderia executá-lo ali mesmo, mas foi exatamente o que acabou fazendo.

Da lista inicial ficou faltando apenas Simei, que o rei mandou chamar para uma conversa, na qual estabeleceu que ele não mais poderia sair de Jerusalém, sob pena de morte se o fizesse, como castigo pelo seu desrespeito ao rei Davi. Simei reconheceu que a pena era justa e que ele a cumpriria.

Durante 3 anos Simei ficou sossegado em Jerusalém, mas, passado esse período, contudo, surgiu um problema com dois de seus escravos, que fugiram para a Filistia e que ele seguiu para trazer de volta. Tão logo Salomão foi informado do ocorrido, chamou Simei e o condenou à morte, conforme tratado, com a pena sendo executada por Benaia.

IReis 3

Neste capítulo vemos o início dos casamentos de interesse estabelecidos por Salomão. Ele casou-se 700 vezes e tomou para si mais 300 concubinas e isso é a razão mais provável para o seu afastamento de Deus. Por enquanto, contudo, somos informados apenas de sua parceria política com os egípcios, selada com base em sua união com a filha de Faraó.

O versículo seguinte nos informa que o povo sacrificava nos lugares sagrados, sem menção específica de qualquer deles, mas, quanto a Salomão, o texto nos diz que ele realizava seus sacrifícios em Gibeom, lugar onde ficava o tabernáculo, e foi justamente ali, durante uma de suas viagens de adoração, que Deus lhe apareceu em sonho, franqueando-lhe a oportunidade de fazer um pedido. Sua resposta sincera, bela e sábia,

foi no sentido de que Deus lhe concedesse um coração com discernimento, para dirigir o povo sobre o qual Ele o colocara como rei no lugar de seu pai, Davi.

Deus ficou tão satisfeito com sua resposta, que prometeu fazer dele a pessoa mais sábia que já pisara a face da Terra. Além disso, prometeu-lhe tudo que pessoas normalmente pediriam diante de tal pergunta, quais sejam: riquezas e longevidade. Deus aproveitou, contudo, para lembrar a Salomão que todas as suas bênçãos estariam condicionadas ao fato dele ser obediente às leis que haviam sido transmitidas a Moisés, como o fora Davi, seu pai.

A Bíblia nos promete que Deus há de perdoar e esquecer os pecados daquele que O buscar de todo coração (*Jeremias 31.31-34*). Pois bem, não obstante todos os pecados de Davi, incluindo o assassinato de Urias e o adultério com Bateseba, Deus deixa claro aqui, para nós, que não Se lembra de mais nada disso, pois Davi é tomado, por Ele, como exemplo de obediência.

Os versículos 16 a 28 contêm a narrativa do veredito sábio de Salomão em relação a uma disputa entre duas mulheres pela maternidade de duas crianças, uma das quais estava morta, pelo que ambas diziam ser mãe da que vivia.

Usando maravilhosamente da sabedoria que lhe foi dada por Deus, Salomão pôde distinguir entre as mães e dar a viva para sua verdadeira progenitora. Disso resultou grande glória a Deus e respeito por Salomão.

IReis 4

Os versículos 1 a 19 desse capítulo apresentam os principais personagens que tinham cargos de destaque no governo de Salomão.

Já o versículo 20 tem um comentário interessante, pois nos informa que o povo vivia bem e que era feliz. Isso mostra que Salomão começou muito bem o seu governo.

O texto englobando os versículos 21 a 28 nos fala da extensão do reino de Salomão, bem como de todos os bens que havia acumulado.

Finalmente, os versículos 29 a 34 falam de sua grande sabedoria, maior que a de todos os demais homens do planeta. Descrevem as suas realizações intelectuais e de como era procurado por todos os outros reis para que pudessem testificar de sua fama.

IReis 5

Este capítulo começa com Hirão, rei de Tiro e aliado de Davi, mandando os seus conselheiros a Jerusalém para transmitir os seus pêsames a Salomão pelo falecimento de seu pai e certamente desejando que a amizade entre os dois tivesse prosseguimento.

Em resposta, Salomão falou a Hirão sobre o motivo pelo qual Deus havia impedido Davi de construir um templo em Jerusalém, por ter sido um homem de guerra, mas, ao mesmo tempo, dizendo que ele, seu filho, teria o encargo de fazê-lo. Exatamente por isso o bom relacionamento entre eles teria início com um bom empreendimento comercial, no qual Hirão faria uso do seu pessoal, experimentado no trato com madeira, para fornecer o material necessário para o templo que seria construído.

Obviamente Hirão ficou encantado com a proposta e assim começou um longo relacionamento entre os dois, com o fornecimento, tanto de madeira como de pedras talhadas, para um grande número de palácios construídos por Salomão.

IReis 6

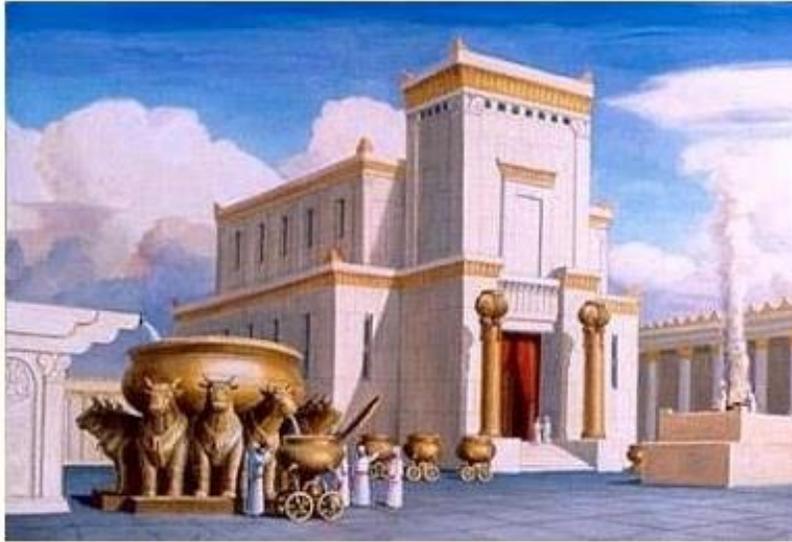
O primeiro versículo deste capítulo nos traz uma das informações mais claras de que dispomos sobre a data da saída do povo de Israel do Egito. O autor do texto nos dá a data do início da construção do templo, no quarto ano do reinado de Salomão, que sabemos ter tido início por volta do ano 966a.C. Assim sendo, a saída do povo do Egito ter-se-ia dado no ano 1.442a.C.

Neste caso, é lícito pararmos para pensar, também, se esses 480 anos casam com as estimativas de tempo que temos entre essas duas datas:

- O texto bíblico atribui ao período no deserto 40 anos;
- Depois Josué dirigiu o povo por um período de 41 anos;
- O período dos juízes, começando com Otoniel e terminando com Samuel, teve uma duração estimada de 311 anos;
- Depois disso veio Saul, cujo reinado durou 42 anos;
- A seguir tivemos Davi, que governou por 40 anos;
- Finalmente, temos que contar os 4 anos de Salomão.

Somando todas essas parcelas, temos 478 anos, que casam razoavelmente bem com os 480 supracitados (diferença atribuída apenas a arredondamentos).

Os versículos 2 e 3 nos dão as dimensões gerais do templo (vinte e sete metros de comprimento, nove metros de largura e treze metros e meio de altura), além de um pórtico na frente com a mesma largura que o templo e quatro metros de comprimento. Algumas imagens do templo são fornecidas a seguir na figura 53-1.



A vista exterior do Templo de Salomão



A bacia de bronze de Moisés e o mar de fundição de Salomão

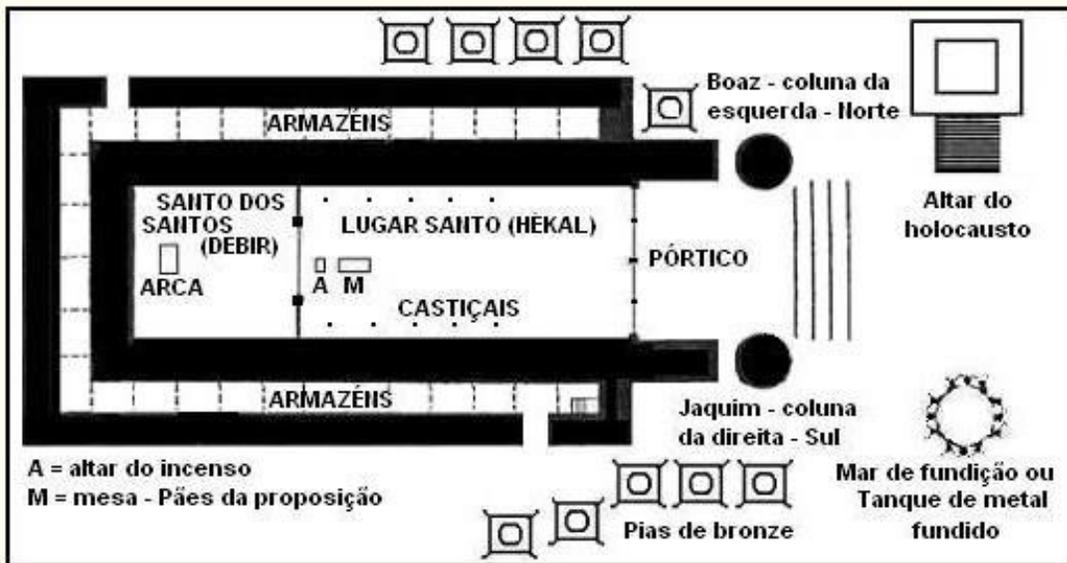


Figura 53-1 - Imagens do templo construído por Salomão

Nos versículos 4 a 38 foi descrita toda a obra do templo, falando a respeito de todas as suas partes. O prazo total para a construção do mesmo foi de 7 anos (ver versículo 38).

IReis 7

Os primeiros 12 versículos deste capítulo falam a respeito dos vários palácios que Salomão construiu para si mesmo e para as suas esposas mais importantes (veja, por exemplo, o caso da filha de Faraó no versículo 8).

A partir do versículo 13 o narrador passa a falar sobre o trabalho em bronze que foi elaborado por um israelita de nome Hurão, filho de uma naftalita, que se casara com um cidadão de Tiro.

As obras em questão, todas para o templo, englobavam as duas colunas da entrada do templo, com seus capitéis, suas correntes e um grande número de romãs com as quais eram decoradas. Além disso, Hurão fez um tanque com 4,5m de diâmetro, que se apoiava sobre 12 touros, bem como 10 carrinhos quadrados, no interior dos quais havia uma bacia em cada. Todas essas peças podem ser localizadas na figura 53-1 acima. O bronze dessas peças sequer foi medido tamanho o volume do mesmo.

Além disso, foram confeccionados, ainda, um altar de ouro, bem como a mesa dos pães da proposição, também de ouro, os 10 candelabros de ouro, que ficavam 5 à direita e 5 à esquerda do santuário interno e várias peças adicionais.

Salomão consagrou ao Senhor tudo que havia sobrado de todas as ofertas feitas por Davi ou através dele.

IReis 8

Neste capítulo temos a descrição da consagração do templo, começando com a convocação de todos os líderes e as autoridades de Israel para a testificarem. Tão logo eles chegaram, os sacerdotes trouxeram a arca do Senhor, que estava na cidade de Davi, e a colocaram em seu devido lugar no Santo dos Santos. Juntamente vieram os levitas carregando as peças a serem utilizadas no culto e também as puseram em seus devidos lugares.

No interior da arca, diz o versículo 8, havia apenas as tábuas da lei. O autor de Hebreus, contudo, nos diz que dentro dela havia também uma porção de maná e a vara de Arão, que havia florido por ocasião de uma disputa de autoridade (*Hebreus 9.4*). Estes objetos foram adicionados em *Êxodo 16:33-34* e em *Números 17.10-11*, respectivamente. Aparentemente o narrador do livro de *IReis* se esqueceu destes detalhes, ou foram efetivamente retirados em data posterior.

Tão logo os sacerdotes saíram do templo, este foi preenchido por uma nuvem, que veio juntamente com a glória do Senhor, enchendo toda a construção, de tal modo, que os

sacerdotes não mais podiam estar em pé ali. Desta forma Deus atestou a Sua aprovação da casa construída para Ele, mostrando que estava disposto a estar presente na vida de Seu povo.

Nos versículos 13 a 21 Salomão se dirigiu ao povo, primeiro para abençoá-lo e depois para falar da fidelidade de Deus para com seu pai Davi e para com ele mesmo.

Começando no versículo 22 está registrada a oração de dedicação de Salomão, que se estende até o versículo 53. Neste texto Salomão pede a Deus que a Sua promessa de manter sobre o trono os descendentes de Davi seja cumprida, mediante a obediência dos Seus servos. Pede, ainda, que as orações de Seu povo, feitas com sinceridade de coração, voltadas para aquela casa, sejam ouvidas. Que os pecados confessados em oração feita voltada para aquele lugar sejam perdoados. Assim sendo, ele acrescentou vários outros pedidos, sempre baseados no arrependimento de seus servos, expressos em orações feitas voltadas para aquela casa.

Terminada a oração, Salomão abençoou o povo novamente e iniciou uma festa de sacrifícios de louvor que se estendeu por mais 7 dias.

IReis 9

Terminada a construção e inaugurado o templo do Senhor, diz-nos o versículo 2 que o Senhor apareceu novamente em sonho a Salomão, para dizer que ouvira a sua oração e que havia consagrado aquela casa como a Sua moradia no meio do povo de Israel. Com relação à perpetuação de seus descendentes no trono, Ele certamente o faria, desde que Salomão e seus filhos O obedecessem, conforme Ele havia pedido. Por outro lado, contudo, se essa obediência não fosse cumprida, que certamente aquela casa seria destruída, tornando-se motivo de escárneo dos outros povos.

O versículo 10 deixa claro que Hirão havia honrado bem a sua parte do acordo de fornecimento de materiais de construção que fizera com Salomão, pelo que este resolveu dar a ele a posse de 20 cidades na região da Galiléia. Infelizmente, eram pequenas e pobres, pelo que Hirão não ficou muito satisfeito com o presente, principalmente tendo em vista que seu próprio presente para Salomão fora de quatro mil e duzentos quilos de ouro (900 milhões de reais).

A partir do versículo 15 e até o 24 ficamos sabendo que Salomão impunha trabalhos forçados aos estrangeiros habitando em Israel para a construção de todas as suas obras. Já os israelitas ocupavam cargos de direção e administração. Resulta disso que os estrangeiros que moravam em Israel não podiam ter por Salomão o mesmo apreço que os israelitas.

Dentre as obras realizadas por Salomão, que incluíam também muros e a reconstrução de cidades, houve uma em Jerusalém chamada Milo, que o versículo 24 diz ter sido iniciada apenas após a conclusão do palácio da filha de Faraó. Aparentemente fazia parte do palácio real e servia para sua proteção, mas não há certeza do que seja.

Os últimos 3 versículos nos falam da associação de Salomão com Hirão também na construção naval e sua exploração para a obtenção de ouro de Ofir. Neste contexto Salomão teria obtido um lucro de 14.600 quilos de ouro (quase 3 bilhões de reais). Não somos informados sobre quanto Hirão ganhou na empreitada.

IReis 10

Este capítulo começa narrando a visita da rainha de Sabá (provavelmente abrangendo Etiópia e Iêmen. A cidade de Sabá seria no sul do Iêmen). Ela tinha ouvido falar da grande sabedoria de Salomão, mas resolveu fazer uma visita para comprovar. Veio a Jerusalém com grandes presentes, incluindo 4.200 quilos em ouro (900 milhões de reais).

Ela ficou encantada com a riqueza e a abundância em Jerusalém, mas sobretudo constatou que a sabedoria de Salomão excedia em muito aquilo que ouvira falar a seu respeito. O versículo 9, no qual ela bendiz o Senhor pela sabedoria de Salomão e pela forma como isso trazia justiça e retidão para Israel, mostra bem o quanto ela entendeu que se tratava de uma concessão divina. Felizes aqueles que reconhecem a mediação divina nas nossas vidas!

O versículo 11 nos fala de navios de Salomão e de Hirão que partiam, a cada 3 anos, para Ofir em busca de ouro, pedras preciosas e madeira rara. Não sabemos a localização exata de Ofir (talvez na costa ocidental de África ou no sul da Ásia), mas entendemos que o ouro vindo de lá era de alta qualidade, como também a madeira de Junípero. Impressiona bastante a quantidade de ouro que Salomão recebia anualmente (23.300 quilos - quase 5 bilhões de reais).

Os versículos 16 a 21 falam a respeito da ostentação de peças de ouro que se observava no palácio de Salomão. Seus servos usavam escudos de ouro, suas taças eram todas de ouro e seu grande trono de marfim era totalmente revestido de ouro. O versículo 23 nos diz que era o rei mais rico e mais sábio de toda a Terra.

O versículo 26 nos diz que ele chegou a possuir 1.400 carros de guerra e 12.000 cavalos. Estes eram tanto para uso próprio como para a comercialização.

IReis 11

Ao contrário dos 10 capítulos anteriores de *IReis*, este nos fala apenas dos problemas incorridos por Salomão e que causaram o seu afastamento do Senhor. O versículo 1 nos diz o que já sabíamos, mas logo a seguir somos lembrados que se trata de mulheres com as quais o relacionamento dos israelitas estava proibido, em função do perigo delas levarem ao seu afastamento do Senhor.

Foi exatamente isso que aconteceu ao homem mais sábio do mundo. O versículo 4 nos diz que elas o induziram a voltar-se para outros deuses. Sua infidelidade ao Senhor foi tamanha que ele construiu altares em uma das montanhas de Jerusalém em honra a Camos, o deus de Moabe, a Moloque, o deus dos amonitas e também aos deuses de todas as suas outras mulheres estrangeiras, que queimavam incenso e ofereciam sacrifícios a eles.

Obviamente isso não poderia agradar a Deus; portanto, no versículo 11, Ele já havia decidido que tiraria o reinado de Salomão. Mesmo assim Ele foi extremamente misericordioso e só o fez após a morte dele. Por amor a Davi, contudo, Ele permitiu que a sua descendência continuasse a reinar sobre uma tribo, qual seja: a de Judá em Jerusalém, a cidade que Ele escolhera.

Além disso, Salomão, que até então só conhecera tempos de paz, começou a ter adversários, tanto externos como internos. Dentre os externos o texto fala de Hadade, um edomita que escapara à matança realizada por Joabe nos dias de Davi, fugindo para o Egito e Rezom, que governou a Síria, após a derrota de Hadadezer pelas tropas de Davi.

Internamente Jeroboão era um dos bons e eficientes servos de Salomão, que este colocara sobre a mão de obra forçada da tribo de José. Deus mandou, contudo, que seu profeta Aías o ungesse rei sobre as 10 tribos de Israel. Quando Salomão foi informado disso, se esforçou por matá-lo (notem que fez exatamente o contrário daquilo que Davi achava impossível fazer). Para evitar que isso ocorresse, Jeroboão fugiu para o Egito, onde permaneceu até a morte de Salomão.

Em lugar de Salomão começou a reinar Roboão, seu filho.

II Crônicas 1

O primeiro capítulo de *II Crônicas* contém parte da informação fornecida no capítulo 3 de *I Reis*, mas o autor aqui dispensa toda a informação introdutória sobre a tentativa de usurpação do trono, por parte de Adonias, bem como a conspiração apoiada por Joabe e por Abiatar, dada nos capítulos anteriores de *I Reis*.

No versículo 3 já encontramos o rei em Gibeom, onde se encontrava a tenda do tabernáculo construído por Moisés no deserto. Ele estava ali para oferecer ao Senhor, sobre o altar de bronze construído por Bezalel, o sacrifício de 1.000 holocaustos. Naquela mesma noite vem o Senhor se apresentando a Salomão em sonho, prometendo dar a ele o que lhe pedisse.

Já vimos acima que ele agradou a Deus pedindo sabedoria para julgar bem o povo de Israel, motivo pelo qual Ele lhe concedeu, além da sabedoria, fama, honra e riqueza, conforme descrito nos versículos 14 a 17.

II Crônicas 2

Neste capítulo vemos Salomão se preparando para a construção do templo, que já havia sido descrita em *ISamuel 5 e 6*. Ele começa fazendo um censo de todos os estrangeiros habitando em Israel e encontra 153.600 homens aptos para o trabalho. Destes ele escolhe 70.000 para serem carregadores e 80.000 para cortadores de pedras nas colinas. Os 3.600 restantes ele escolheu como capatazes supervisionando o trabalho dos demais.

A seguir entrou em contato com Hirão, rei de Tiro, para que este provesse uma pessoa para estar à frente da obra do templo e para que os seus súditos provessem o material para a obra em apreço. Em contrapartida ele sustentaria Hirão e seus súditos com uma grande quantidade de alimento anual.

O texto nos diz que a proposta foi bem aceita e que Hirão mandou ao encontro de Salomão um homem israelita chamado Hurão-Abi. Maiores detalhes a respeito da obra podem ser vistos nos capítulos de *IReis* mencionados acima.

II Crônicas 3

Neste capítulo o autor de *II Crônicas* nos fornece informações similares às de *IReis 6* nos versículos 1 a 7. No versículo 8 ele começa a falar da suntuosidade do Santo dos Santos, com 81m², revestidos com 21 toneladas de ouro puro (1 bilhão de reais a preços de hoje), sem falar dos dois querubins de asas abertas sobre a arca, que eram igualmente revestidos de ouro.

No versículo 14 temos uma descrição majestosa do véu que separava o Santo dos Santos do Lugar Santo, feito de linho fino de cores vivas, também com imagens de querubins.

Na entrada do templo havia um vestíbulo com a mesma largura que o templo e um comprimento de 4m, na qual havia duas colunas de 8m de altura com um capitel de 2,25m, ligadas por correntes, nas quais havia 400 romãs penduradas (ver capítulo seguinte).

As duas colunas de entrada do templo ganharam nome. A que ficava a sul ganhou o nome de Jaquim, que significa “Ele estabelece”, enquanto a que ficava a norte se chamou Boaz, cujo significado é “nEle há força”. Como se trata de um templo para o Senhor, nada mais lógico que falar de Sua onipotência àqueles que adentram a Sua casa.

II Crônicas 4

Neste capítulo prossegue a descrição do templo com a menção de todos os apetrechos contidos no mesmo. São, basicamente, as mesmas informações fornecidas em *IReis 7*, embora um pouco mais detalhadas.

Apenas a título de curiosidade matemática, temos aqui uma primeira aproximação do número matemático π (pi), que define a relação entre o perímetro (comprimento) de um círculo e o seu diâmetro, calculado pelo filósofo e matemático Pitágoras cerca de 500 anos antes de Cristo. O versículo nos fornece o diâmetro do tanque, quatro metros e meio, o perímetro do círculo 13,5m e a espessura da parede de 4 dedos.

Assim sendo, se considerarmos que diâmetro e perímetro são ambos internos, temos:

$$\pi = 13,5 / 4,5 = 3,0$$

O número pi vale 3,141592, ou seja, temos um erro inferior a 5%, que seria, obviamente, apenas um problema de aproximação.

Admitindo, contudo, que a espessura, de aproximadamente 10cm, tenha sido dada para compatibilizar o perímetro interno com o diâmetro externo, teríamos, então:

$$\pi = 13,5 / (4,5 - 2 \times 0,10) = 3,139535 \text{ o número é quase exato (erro de apenas 0,06\%).}$$

A Bíblia não é um livro de matemática, mas certamente contém algumas informações que mostram o quanto o conhecimento divino envergonha a Ciência, que o confirma apenas séculos depois, quando confirma.

II Crônicas 5

Mais uma vez vemos replicada aqui, neste capítulo, a informação já fornecida nos primeiros 11 versículos de *I Reis 8*, só que novamente com mais detalhes.

Os versículos 12 e 13 falam da presença de muitos músicos das famílias de Asafe, Hemã e Jedutum, todos vestidos de linho fino, tocando címbalos, harpas e liras, acompanhando os 120 sacerdotes que tocavam suas cornetas. Dificilmente haveria tantos músicos juntos no culto de qualquer de nossas igrejas.

Nem tampouco podemos imaginar uma presença tão intensa de Deus nos nossos templos, que sejamos obrigados a interromper o culto, por estarmos fisicamente incapacitados pelo fato de sua glória encher todos os espaços.

II Crônicas 6

II Crônicas 6 contém uma réplica da continuidade de *I Reis 8* a partir do versículo 12, com a íntegra da bênção de Salomão sobre os israelitas presentes, bem como da oração de dedicação e intercessão feita por ele.

II Crônicas 7

Este capítulo replica, mais uma vez, informações contidas em *IReis 8* (parte final) e no início de *IReis 9* (os primeiros 9 versículos). O autor descreve com maiores detalhes a manifestação do Senhor, tão logo Salomão acabou de pronunciar a sua oração de dedicação do templo.

Aqui somos informados não apenas sobre a glória do Senhor enchendo o templo, mas da descida de fogo do céu consumindo as ofertas que se encontravam sobre o altar, fazendo com que todo o povo dobrasse os seus joelhos assombrados com a poderosa manifestação de Sua presença.

Já sabíamos da segunda aparição do Senhor falando com Salomão, aceitando a sua oração, mas temos aqui, no versículo 14, a maravilhosa promessa de Deus, da qual também nos apropriamos para orar pelo Brasil:

“Se o meu povo, que se chama pelo Meu Nome, se humilhar e orar, buscar a Minha face e se afastar dos seus maus caminhos, dos céus o ouvirei, perdoarei o seu pecado e curarei a sua terra”.

Diante de tão ricas promessas feitas por Deus a Salomão, estamos sempre prontos a dizer o quão inacreditável seja o fato de Salomão se desviar dos Seus caminhos. Ocorre, contudo, que o Brasil está no estado que está justamente porque nós não sustentamos, adequadamente, o nosso país e os seus líderes com as nossas preces.

Todas as desgraças que vemos hoje aqui, e que muito se assemelham àquelas prometidas por Deus a Salomão, caso ele se afastasse dos caminhos do Senhor, só ocorreram, também à nossa nação, devido à nossa omissão. Que atentemos, portanto, para a riqueza da solução apresentada no versículo 14.

II Crônicas 8

Este capítulo contém as mesmas informações já estadas em *IReis 9.10-28*.

II Crônicas 9

Este capítulo é uma transcrição de *IReis 10 e 11*, mas são omitidos todos os problemas causados pelo fato de Salomão se ter afastado de Deus, em decorrência de seus casamentos com mulheres estrangeiras, que cultuavam outros deuses.

Semana 54 - Um Poema Sobre o Amor Conjugal

Texto: Cântico dos Cânticos 1 a 8

Estação 28

Cântico dos Cânticos 1

O livro *Cântico dos Cânticos* é um dos que receberam muitos questionamentos tanto antes que fizesse parte do cânon judaico como depois, pelo fato de seu gênero literário distanciar-se de todos os outros livros da Bíblia. A ideia de ter um texto que enalteça sentimentos eróticos de um casal (interpretação literal) parece estranha a muitos e a outros até ofensiva. No ano 90d.C. os judeus ainda discutiam se o livro deveria ser removido do cânon judaico (/44/, pág. 179).

Em decorrência disso, surgiram interpretações alegóricas, tanto no Judaísmo como no meio cristão. No primeiro, o livro retrataria, de forma figurada, a relação entre Deus e Israel, enquanto no segundo os personagens seriam Cristo e a Igreja.

Entre os extremos, literal e alegórico, há ainda uma grande quantidade de interpretações tipológicas, ou seja, aquelas em que uma linha de interpretação figurada seria parcial. Ao longo dessa linha podemos ter a intenção do autor diferindo daquela de quem interpreta. Hoje mesmo um amigo me falou de uma interpretação tipológica, sobre a qual havia lido e que se baseia nos versículos 5 a 11 desse primeiro capítulo. A noiva se revela preocupada com o fato de ter pele escura e, por isso mesmo, não estaria à altura do noivo. Ele responde a ela dizendo ser ela linda e que a vê de modo diferente do que ela vê a si mesma. Isso representaria a nossa condição diante de Deus, pois vemos a cor do nosso coração, também escura, e nos sentimos indignos d'Ele, mas Ele diz que nos ama e prova isso pagando o preço extremo para nos ter com Ele. Claro que a figura é linda, mas será que o autor quis dizer isso?

Há ainda outras formas de interpretação, mas menos importantes que aquelas acima citadas, pelo que serão omitidas. Nos dias atuais, a interpretação mais comum é a literal ou natural, mas ainda é muito comum que os pregadores usem exemplos deste livro, como aquele citado acima, para servir a suas aplicações tipológicas em seus sermões.

Embora o primeiro versículo, dando título ao livro, traga o nome de Salomão, mesmo assim é muito comum que algumas pessoas neguem a sua autoria. A maioria, contudo, a aceita tal como declarada.

Os próximos 10 versículos falam da expectativa da noiva quanto ao relacionamento físico com seu noivo. Anseia por sua afeição, compartilhando seus sentimentos com suas amigas (versículos 2 a 4), mas se preocupa de não estar à altura dele, pelo fato de ter pele escura (versículos 5 e 6) e procura apressar o encontro com ele, temendo, contudo, ser tomada, pelos seus amigos, por uma qualquer, pelo fato de o estar procurando (versículo 7).

A resposta do noivo, nos versículos 8 a 11, é encorajadora para a noiva, pois ela é chamada de “a mais linda das mulheres” e parece indicar que ninguém vai julgá-la de forma negativa pelo fato de o estar procurando (versículo 8). No versículo 9 o elogio no sentido de que ela se parece com uma das éguas das carruagens de Faraó, pode nos parecer estranha, mas faz parte da cultura local. Os cavalos mais bonitos vinham do Egito e obviamente as éguas de Faraó seriam uma raridade de beleza da espécie. Já os versículos 10 e 11 são citações mais próximas de nossa cultura.

Nos versículos 12 a 14 a noiva retoma a palavra falando de 3 perfumes e de seu relacionamento com o noivo. O fato dela chamá-lo de “rei” no versículo 12 e de “meu amado” nos versículos 13 e 14, tem feito com que muitos distingam os dois, sugerindo que ela teria tido um amado antes de ser “convocada” para o harém de Salomão e que o problema do livro seria ela lutando para decidir abrir mão do amado para ficar com Salomão. Embora a base para essa ideia seja fraca, seria necessário escolher outro autor para o texto, porque Salomão jamais concordaria em escrever algo assim.

No versículo 15 Salomão diz duas vezes que a Sulamita é linda, além de tratá-la por “minha querida”. Ele usa também mais uma comparação do reino animal, a pomba, para elogiar os olhos de sua amada.

Este capítulo se encerra com a noiva retribuindo os elogios do noivo e falando do leito e da casa onde vão morar.

Cântico dos Cânticos 2

A noiva, muito elogiada, fala humildemente de si mesma como duas flores comuns da região, talvez uma rosa e um lírio (versículo 1), mas o noivo a interrompe para dizer que se trata de um lírio muito especial, que sobrevive entre os espinhos, sem se deixar sufocar. Ela se distingue entre as jovens (versículo 2).

A noiva retoma a palavra para elogiar o noivo como uma macieira entre as árvores (uma árvore frutífera), impossível de passar despercebida em meio às outras, ou seja, é um jovem singular (versículo 3), em cuja companhia ela tem prazer.

O versículo 4 é interessante. Ela diz que ele a levou ao salão de banquetes e que o estandarte dele sobre ela é o amor. Na interpretação, que se tornou comum em nossas igrejas, somos levados ao culto para experimentar e proclamar o grande amor de Deus, que é o Seu estandarte ou Sua bandeira. Nós até temos um corinho que tem esse refrão. Ocorre, contudo, que na interpretação literal defendida por Lloyd Carr (/44/, pág. 249), o lugar de banquetes seria uma vinha e o restante da frase falaria sobre o desejo do noivo de ter relações sexuais com a noiva. Neste caso a interpretação tipológica ficou muito distante da literal.

Nos versículos 5 e 6 Lloyd Carr insiste na interpretação erótica, alegando que o sustento com passas e maçãs seria uma forma de solicitar afrodisíacos, para “curar” a sua

enfermidade de amor com sexo. O fato do noivo passar uma mão sob a cabeça da noiva e abraçá-la com a outra significa que estão deitados (/44/, pág. 250-251).

Há alguma dúvida em relação a quem fala no versículo 7, mas aparentemente trata-se da noiva, que até então falou de seus sonhos e desejos. Ela estaria dizendo aqui que tudo tem o seu momento adequado, pelo que o sexo não deve ser apressado até que este momento chegue.

A partir do versículo 8 a noiva registra a chegada do noivo com grande alarde e depois já ao lado da casa olhando pelas janelas para localizá-la (versículo 9) e, ao fazê-lo, lhe faz um convite para que venha com ele. Aparentemente ele chama a sua atenção para o bom tempo, passado o inverno, com as flores começando a nascer, as aves (pombos) arrulhando, as figueiras já produzindo fruto e as videiras floridas, para depois mais uma vez chamá-la para vir com ele.

No versículo 14 ele, mais uma vez, a chama de pomba e pede que lhe mostre o seu rosto e que fale com ele. Encerrando essa conversa no versículo 15 ele, ou talvez ela, fala sobre a necessidade de proteger as vinhas floridas das raposas, mas o real sentido da frase parece se referir à relação dos dois, onde ele seria a raposa e ela a vinha que deveria ser preservada dele, por enquanto, ou seja, ela sai com ele, mas só para o passeio. Como o mais provável é que a frase seja dele, trata-se de uma forma alegórica dele dizer que vai respeitá-la.

No versículo 16 ela se diz dele e ele dela, pelo que cabe a ele pastoreá-la (tomar conta dela). O versículo 17 é confuso e de difícil interpretação, tanto que os comentaristas não conseguem chegar a um acordo sobre a referência ao início ou final do dia. Aparentemente trata-se de um lamento da noiva pelo fato do passeio ter chegado ao fim e expressando seu desejo para que a presença do noivo seja repetida.

Cântico dos Cânticos 3

Este capítulo é dividido em duas partes bem nítidas. A primeira, dos versículos de 1 a 5, tem uma linguagem direta e clara, terminando com uma exortação idêntica à que foi feita no versículo 7 do capítulo anterior.

O noivo tinha trazido a noiva de volta para casa, mas ela pensou nele, ou sonhou estar com ele, a noite toda (ver versículo 1). Pela manhã, ainda cedo, ela se levantou e saiu para procurar o noivo, pois aparentemente haviam combinado um novo encontro bem cedo e ele se atrasara (versículo 2). Ao sair encontrou-se com os guardas que faziam a ronda de proteção e perguntou por ele, mas não o tinham visto (versículo 3). Pouco depois, contudo, ele já estava chegando e se encontraram, pelo que ela o trouxe para dentro de casa.

Esta primeira parte se encerra com uma exortação da noiva, novamente falando da necessidade de não haver precipitação nas relações sexuais até que chegue o momento propício.

Já a segunda parte do capítulo, abrangendo os versículos 6 a 11, é formado por um texto igualmente claro, mas que não tem qualquer conexão com tudo que foi dito sobre os noivos até agora. É como se o autor do texto, o rei Salomão, quisesse se inserir pessoalmente na história do noivado, embora o faça de uma forma totalmente fora de contexto. Aparentemente, qualquer tentativa de encontrar uma relação entre as duas partes, ou mesmo entre esta segunda parte e o capítulo 4, a seguir, é infrutífera.

O versículo 6 anuncia a chegada de uma comitiva numerosa e opulenta, que é identificada no versículo 7 como sendo o próprio rei Salomão, escoltado por 60 dos melhores guerreiros de Israel. Todos estão armados com suas espadas e todos têm grande experiência. Os versículos 9 e 10 descrevem a riqueza com a qual foi confeccionada a liteira do rei e, finalmente, o versículo 11 faz uma convocação para que as mulheres de Jerusalém venham vê-lo utilizando a sua coroa, com a qual foi ungido.

Cântico dos Cânticos 4

Este capítulo se deixa separar em alguns textos distintos, conforme indicado a seguir.

No primeiro, englobando os versículos de 1 a 7, vemos as considerações renovadas que o noivo faz de sua noiva, qualidade de uma pessoa totalmente apaixonada. Ele ressalta sua beleza, seus belos olhos de pomba e seus cabelos ondulados como um rebanho de cabras (versículo 1), seus dentes brancos e certinhos como ovelhas recém tosqueadas e simétricos (versículo 2), sua boca é belíssima, seus lábios finos como um fio vermelho e suas faces rosadas e lisas como as duas metades de uma romã (versículo 3), seu pescoço esbelto como a torre de Davi e seus colares parecendo um exército de soldados (versículo 4). Ele fala ainda de seus belos seios, como filhotes de cervo ou gazela em meio a lírios (versículo 5). É curiosa a forma como fala do seu perfume semelhante ao aproximar-se de uma montanha de mirra e uma colina de incenso (versículo 6). Finalmente ele resume seu elogio dizendo que ela é toda linda e sem defeito algum.

O versículo 8 é complicado tanto em relação ao significado das palavras para fins de tradução, como em termos de sentido. Porque convocar a noiva para uma viagem ao Líbano, para depois retornar de lá, passando pelos picos das principais montanhas e pelas covas de leões e tocas de leopardos? Os teólogos procuram ver aqui algum tipo de pedido de compromisso de casamento, mas isso estaria longe do óbvio.

A partir do versículo 9, o noivo retoma os elogios, mas falando não dos atributos físicos e, sim, dos sentimentos que a noiva nele provoca. Um simples olhar dela faz com que o seu coração dispare. Um simples afago da noiva traz mais prazer que o melhor dos vinhos, enquanto a fragrância do seu perfume excede a melhor das especiarias (versículo 10). O sabor de seus lábios se assemelha a favos de mel e suas vestes têm fragrância igual à das florestas do Líbano (versículo 11).

Nos versículos 12 a 15 o noivo passa a falar da noiva como um trunfo de grande valor, que ele quer conquistar. O jardim fechado e a fonte de água selada indicam o tesouro de delícias dela que ainda não foram possuídos.

Finalmente a noiva responde, no versículo 16, convidando-o a tomar posse do jardim e a saborear as suas deliciosas frutas.

Cântico dos Cânticos 5

Convite aceito, ou seja, o noivo está exultante e ansioso por consumir o casamento. Aqui ela deixa de ser noiva e o ato conjugal é consumado. O agora marido fala do quanto foram agradáveis os frutos e a bebida do jardim. Os amigos desejam ao novo casal que aproveitem bem as delícias do casamento.

O versículo 2 sugere uma repentina mudança com o casamento sofrendo uma crise, cuja causa não é descrita, mas cuja primeira tentativa de buscar a reconciliação é do marido. A esposa já estava na cama, mas sem conseguir dormir, quando repentinamente o marido bate à porte querendo entrar para tentar resolver o assunto. Infelizmente, contudo, a primeira reação da esposa é de que já está na cama e não quer se vestir novamente. Além disso, ela já havia lavado os pés e depois de sair teria que lavá-los novamente. Sim, a razão dizia a ela que ele errara e que não deveria facilitar para ele, mas o coração batia forte, querendo que as pendências entre eles fossem resolvidas (versículo 3).

O marido insiste e tenta abrir a porta, mas sem sucesso (versículo 4). Nesse momento, contudo, ela compreende a bobagem que fez e se levanta correndo para abrir (versículo 5), apenas para constatar que ele já se fora. Ela ainda o procura, mas sem achá-lo, e o chama, mas sem resposta (versículo 6).

O versículo 7 nos fala que ela se encontra com as sentinelas e estes têm para com ela uma posição hostil, tratando-a com violência e tomando o seu manto. O pedido dela às suas amigas, as filhas de Jerusalém, que é feita no versículo 8, não está muito clara. Aparentemente ela não gostaria que elas contassem a ele nada do que aconteceu, mas se ele perguntasse alguma coisa, que dissessem que ela está “morrendo de saudades”. Curiosamente Lloyd Carr (/44/, pág. 296) acha que ela está falando de sexo, mas o contexto não parece sugerir que caiba algo assim.

Em resposta ao seu pedido, as amigas perguntam a ela o que esse marido dela tem de tão especial, que elas devam se comprometer, com a mais linda das mulheres, por causa dele. Obviamente parece um deboche, mas as amigas parecem realmente curiosas para saber porque ela está tão desesperada.

Nos versículos 10 a 16 ela responde falando muito bem do seu marido. Ela descreve os seus atributos físicos com uma série de alegorias, da mesma forma como ele havia feito com ela. Ao final ela enche a boca para dizer, duas vezes, que esse é o meu amado!

Cântico dos Cânticos 6

No versículo 1, embora as mulheres continuem a chamar a amiga de “a mais linda das mulheres”, de alguma forma não parece mais haver deboche nessas palavras. Ao contrário, ela acabara de descrever o seu amado como “o mais lindo dos homens”, pelo que parece estarem todas unidas no propósito de unirem “o mais lindo dos casais”. É exatamente por isso que perguntam para onde ele foi, pois todas elas querem ajudar a procurá-lo.

O versículo 2 é a resposta da esposa à pergunta das amigas, para onde, aparentemente, se dirigem todas e ali o encontram, embora não haja menção do reencontro no texto. O que há, sim, é a esposa declarando-se do esposo e ele dela, ao encontrarem-no entre os lírios de seu jardim (versículo 3). Embora o jardim e os lírios tenham sido utilizados figuradamente antes, a sequência lógica do texto parece exigir que aqui sejam reais.

Nos versículos 4 a 10 o esposo, encontrado, tem a sua oportunidade de falar a respeito da esposa. Ele o faz utilizando várias figuras que já utilizou antes, mas outras que está introduzindo agora para exaltar os atributos da esposa. Tirza aqui é o nome de uma cidade do norte de Israel, na região de Siquém. Jeroboão fez dela capital do reino de Israel poucos anos após a morte de Salomão. É intuitivo, portanto, que fosse a cidade mais bonita da parte norte de Israel, pelo que é comparada em beleza a Jerusalém.

Os versículos 11 e 12 voltam a conter palavras da esposa, que foi recebida pelo marido como se nada tivesse ocorrido e tudo entre eles estivesse ótimo. Na realidade as questões importantes, do calor da discussão, tornam-se irrelevantes quando há perdão.

Pelo visto o casal está de saída e as amigas pedem que ela volte para que possam contemplá-la na sua alegria, mas o esposo, pelo visto, não entende porque querem detê-la. Aqui pela primeira vez ela é chamada de Sulamita, que pode ser um nome próprio, a região de onde ela vem, ou uma referência ao fato de ser amada de Salomão. Nós simplesmente não sabemos. Tampouco sabemos o que é a dança de Maanaim. Quando Jacó voltou para casa, depois de servir a Labão por 20 anos, este o perseguiu, mas Deus não permitiu que ele tocasse em Jacó. Logo depois do encontro dos dois, Jacó teve uma visão angelical e chamou aquele lugar de Maanaim (dois exércitos). Se houve uma dança dos dois exércitos angelicais não sabemos, da mesma forma que não sabemos se há alguma relação entre esses dois eventos.

Cântico dos Cânticos 7

Os versículos 1 a 7 apresentam a continuidade dos elogios do esposo aos atributos físicos da esposa, usando sempre comparativos da flora e da fauna. Ele olha para todos os detalhes do corpo de sua amada. Ela já fora identificada como a Sulamita, agora, no versículo 5, ele se identifica como o rei.

No versículo 8 e na primeira metade do 9, Salomão declara a sua intenção de se apossar das carícias que a esposa lhe disponibiliza. Já da segunda metade do versículo 9 até o 13 é a vez da esposa se declarar a ele e de se oferecer totalmente a ele.

Cântico dos Cânticos 8

O versículo 1 nos mostra que as carícias do casal não podiam ser realizadas em público. Por isso mesmo a Sulamita, que gostaria de ter essa liberdade em todas as circunstâncias, diz como seria bom se seu esposo fosse também seu irmão. Nesse caso os carinhos públicos não seriam reprimidos.

No versículo 2 Lloyd Carr (/44/, pág. 325 e 326) mais uma vez vê uma conotação erótica com o esposo ensinando à esposa as delícias do sexo, mas o problema é que a casa da mãe não parece ser o lugar mais indicado para tanto. O máximo que se pode supor é que haja ali a liberdade que ela reclama no versículo anterior.

Os versículos 3 e 4 repetem expressões já declaradas pela Sulamita anteriormente.

Os versículos 5 a 14 apresentam a dificuldade de parecerem totalmente desconexos. O versículo 5, por exemplo, começa com uma pergunta cuja resposta é obviamente a esposa ou a amada. É difícil saber quem faz a pergunta, mas é a esposa que responde dizendo que encontrou o amado debaixo de uma macieira dormindo. A referência ao fato de sua mãe ter dado luz a ele ali impossibilita qualquer interpretação literal. É um versículo confuso.

No versículo 6 a Sulamita reclama o direito de que haja um selo no marido que determine a sua posse tanto do seu coração como do restante do corpo. O amor é definido como um sentimento ao qual é impossível resistir, tal como a própria morte, à qual não se diz não. Ele provoca desejos de posse (ciúmes). O amor é um fogo cuja origem é divina. Esse parece ser o sentido desta última frase.

O versículo 7 parece continuar dizendo que o amor é irresistível e que não pode ser comprado.

Os versículos 8 a 10 começam falando de uma irmãzinha, sem especificar de quem, que ainda não tem seios. Com relação a ela, se pergunta o que fazer quando for pedida em casamento. Na realidade queremos saber bem mais que isso. Que menina é essa? Que preocupação precoce é essa? Se ela for um muro ou uma porta e as providências a serem tomadas em cada caso, parecem ser uma preocupação que há em educá-la adequadamente. Chegando ao versículo 10, contudo, parece que a Sulamita volta a falar e se identifica com a irmãzinha que recebeu educação adequada e agora inspira paz ao seu esposo e rei.

A quantidade de opções que os comentaristas oferecem para interpretação destes últimos 10 versículos se aplicam igualmente aos 4 finais. Baal-Hamom é traduzido na Vulgata como “o Senhor de uma Multidão”. Assim, o versículo diria que Salomão é senhor

de uma multidão, com a qual gasta sua vinha (talvez a sua atenção), mas a esposa também tem uma vinha e a gasta quase que exclusivamente com ele.

Talvez o versículo 13 seja a resposta de suas amigas querendo que haja atenção também para elas, mas a esposa está tão embevecida com o marido, que parece só ter olhos para ele no versículo final.

Semana 55 - A História de Jesus Segundo Lucas - 1

Texto: Lucas 4 a 13

Estação 29

Lucas 4

Os versículos 1 a 13 nos apresentam a tentação de Jesus por Satanás, logo após o Seu batismo e a Sua unção com o Espírito Santo e logo antes do início de Seu ministério. Quando pensamos na tentação de Jesus, normalmente lembramos apenas das 3 investidas de Satanás narradas neste texto, mas, se atentarmos para o versículo 2, vemos que a tentação se deu ao longo de 40 dias e que essas 3 são apenas as últimas tentativas do Diabo de subjulgá-IO.

Cabem aqui algumas considerações, visto que *Tiago 1.13* nos informa que Deus não pode ser tentado por Satanás. Não obstante Jesus ser Deus, Ele é tentado assim mesmo, o que certamente parece incoerente. A única explicação plausível para isso é dada por Paulo em *Filipenses 2.6-8*. Ali somos informados a respeito do “esvaziamento” de Jesus, que abriu mão de Seus poderes divinos. Nesta condição de “Deus desativado” foi dado a Satanás o direito de tentá-IO. É importante, contudo, que a condição de “Deus desativado” não implica no fato de Jesus deixar de ser Deus, mas apenas no fato de que Sua condição de Deus não estava em uso. A importância disso é muito grande, porque resolve um problema cristológico que está há 2.000 anos sem definição.

Adão morreu primeiro espiritualmente (no dia em que comeu do fruto proibido) e fisicamente só quase 1.000 anos depois. Dessas duas mortes, sem dúvida, a mais danosa e mais importante foi a espiritual. Quando falamos da morte substitutiva de Jesus, é óbvio que Jesus teria que ter morrido ambas as mortes para ser um substituto perfeito, mas a ideia de Jesus Deus, morrer espiritualmente e ir para o inferno é rejeitada por quase todos. Por outro lado se Ele não morreu espiritualmente, *II Coríntios 5.21*, que declara que Jesus tomou sobre Si os nossos pecados fazendo-Se pecado por nós fica com um status de meia verdade, bastante embaraçoso.

O fato de Jesus Deus estar “desativado” permite, aqui, que Jesus morra espiritualmente como homem, sem que Jesus Deus seja atingido, tanto que Seu espírito divino é devolvido ao Pai antes de Jesus homem morrer fisicamente.

É importante notar que a primeira tentação de Satanás não é no sentido de que Jesus peque, porque não haveria pecado algum no fato de Jesus transformar pedra em pão para satisfazer a sua fome. Por outro lado, ao usar Seu poder divino em benefício próprio, Jesus Deus estaria sendo reativado e a Sua morte substitutiva ficaria inviabilizada. Satanás é bem mais esperto do que por vezes pensamos.

Maiores informações sobre o tema cristológico apresentado acima são fornecidas em /50/.

Nos versículos 14 a 30 Lucas descreve o início do ministério de Jesus Cristo na Galileia, comentando que Ele operava pelo poder do Espírito Santo, com a Sua fama se espalhando por toda aquela região e com todos encantados com Seus milagres e ensinamentos até chegar a Nazaré.

Em Nazaré, a cidade onde Ele crescera e onde todos O conheciam, a Sua fama havia despertado grande curiosidade, porque Ele nunca fizera ali tais coisas. Quando entrou na sinagoga no sábado, segundo o Seu costume, foi-lhe franqueada a palavra e Ele escolheu como base para seu sermão o texto de *Isaías 61.1-2a*. Trata-se da descrição do início do ministério do Messias, com o Espírito Santo unguendo as Suas ações.

A exemplo do que ocorrera em outros lugares, as pessoas ficaram muito admiradas pela autoridade com que falava, mas ao mesmo tempo se escandalizaram quando perceberam que Ele estava declarando ser Ele o Messias e que seria rejeitado por eles. Furiosos, resolveram levá-Lo para um local onde havia um precipício, de onde O jogariam.

Ele Se deixou levar até lá, mas no momento de jogá-IO, simplesmente passou entre eles, porque não era chegada a Sua hora. Um livramento interessante do Espírito Santo.

A terceira parte deste capítulo, que se estende do versículo 31 até o final, diz respeito à continuidade do ministério de Jesus, com sinais e prodígios em Cafarnaum. Sua autoridade sobre os demônios, que O reconheciam como o Filho de Deus, e a forma como pregava e curava todos os doentes, fez com que a Sua fama se espalhasse rapidamente.

Lucas 5

Este capítulo narra a continuidade do ministério de Jesus e a chamada dos primeiros discípulos. É muito interessante, por exemplo, a forma como Jesus Se aproxima de Simão Pedro, utilizando o seu barco como púlpito para falar à multidão (versículo 3), para depois mostrar a ele ser igualmente senhor da pesca (versículos 4 a 7). Na realidade o Seu sucesso foi tão surpreendente, que Pedro não pôde deixar de ver nEle o próprio Deus, cuja santidade fez ressaltar, para ele mesmo, os seus pecados.

Neste momento Jesus usa de Sua graça e o convida para ser pescador de homens, convite ao qual atenderam, também, os irmãos Tiago e João, filhos de Zebedeu e sócios de Pedro (versículo 10). A forma como deixam os seus barcos (cheios de peixes) e seguem a Jesus, mostram o tipo de decisão que Deus espera de nós em relação à nossa escolha de segui-IO.

Os versículos seguintes nos mostram a cura de um leproso em estado avançado da enfermidade e de muitos outros enfermos a seguir. O versículo 17 nos mostra a multidão se ajuntando para ouvir Jesus e vê-IO praticando curas, mas há uma nota que vale a pena ressaltar: **E o poder do Senhor estava com Ele para curar os doentes.** Embora

Jesus fosse Deus, devemos lembrar que Sua parte divina estava “desativada”, pelo que todos os milagres realizados por Ele eram obra de Deus Pai, realizada através do Espírito Santo. Jesus mesmo confirma isso em *João 14.10*.

O mesmo versículo 17 nos informa que a fama de Jesus chegara às autoridades religiosas, de modo que havia ali reunidos, também, vários fariseus e mestres da lei, que queriam saber a respeito de Jesus. Esta oportunidade surgiu quando um paralítico, que não pudera chegar perto do Mestre, é abaixado à Sua presença pelo telhado da casa onde estava falando. O fato de Jesus começar perdoando os seus pecados, ao invés de curá-lo, certamente foi uma provocação de Jesus às descrentes autoridades da lei, para que pudesse ensiná-los. Diante de sua indignação, Jesus, então, cura o paralítico, mostrando ter autoridade tanto para perdoar pecados como curar.

No versículo 27 temos a chamada de Mateus (Levi), um coletor de impostos, que de igual modo larga tudo para seguir a Jesus. Ao trazer Jesus e Seus discípulos para uma refeição em sua casa, ele, um pecador segundo o critério da época, por ajudar os romanos, provoca, novamente, a indignação das autoridades religiosas. Estes questionam a falta de critério de Jesus, por aceitar se relacionar com um pecador como Mateus. É nesta ocasião que Jesus tem a oportunidade de declarar que veio chamar os pecadores e não os justos ao arrependimento (versículo 32).

Derrotados em seu argumento, os fariseus e mestres engatilham rapidamente uma outra pergunta, qual seja: por que os discípulos de Jesus não jejuavam? A resposta de Jesus, sobre não o fazerem naquela ocasião porque Ele estava entre eles, veio acompanhada de uma explicação, baseada em dois exemplos, que não necessariamente foi compreendida por todos. O primeiro desses exemplos diz respeito a se evitar remendar roupas velhas com tecidos novos, porque o tecido novo fará romper o velho. O segundo, com a mesma mensagem, fala de colocar vinho novo em recipientes novos, pois do contrário o recipiente se rompe. Este segundo vem acompanhado de um comentário sobre o fato do vinho velho ser mais apreciado.

Jesus está trazendo ensinamentos novos que, de certa forma, estão sendo ouvidos pelos Seus ouvintes dentro do âmbito do Judaísmo. O Judaísmo em apreço abrange o legalismo que os mestres da lei introduziram ao longo do tempo. É justamente este que Jesus assemelha a tecido velho (rompido) e a odres velhos. Por outro lado, Sua mensagem, sobre o plano salvador de Deus, se faz representar pelo tecido novo e pelo vinho novo. Fica claro aqui que a Sua mensagem não pode ser usada dentro dos conceitos do Judaísmo legalista, porque eles são incompatíveis. A Lei veio de Deus através de Moisés, mas o legalismo judaico veio do homens, corrompendo o espírito da Lei. Qualquer tentativa de interpretar os ensinamentos de Jesus dentro dos conceitos legalistas produz ruptura (assim como do tecido velho e como dos odres velhos). Além disso, os fariseus e mestres da Lei não estão interessados no vinho novo do Evangelho, porque acham que o vinho velho é melhor.

Lucas 6

Jesus enfrentou problemas com a hipocrisia da interpretação que os mestres e fariseus davam à lei de Deus. Este capítulo começa mais um evento em que essa hipocrisia estava em jogo. Os discípulos de Jesus estavam passando por um campo de plantação de milho e colheram, cada um, uma espiga, que descascaram e comeram. Obviamente pegar uma espiga para matar a fome e trabalhar colhendo espigas de milho são atos bem distintos, mas no legalismo judaico as autoridades viam as duas coisas como a mesma.

Quando atacaram Jesus, em função da atitude de Seus discípulos, Jesus retrucou com outra pergunta, relativa a uma situação paralela, quando Davi tinha comido dos pães da proposição que recebera do Sumo Sacerdote Aimeleque (*ISamuel 21*). Ele o fizera independente do fato de ser proibido, porque tratava-se apenas de matar a fome, com um pão que havia sido substituído naquele dia.

Como eles não tiveram resposta a dar, Jesus Se limitou a dizer que o Filho do Homem era Senhor também do sábado (versículo 5).

Em um sábado subsequente Jesus Se defrontou mais uma vez com o mesmo tipo de legalismo ao entrar numa sinagoga onde havia um homem com a mão aleijada. As autoridades queriam ver se Ele curaria no sábado, porque isso configuraria trabalho e, portanto, crime. Antes, contudo, que eles sequer pudessem acusá-LO, Jesus esclareceu, através de pergunta feita aos presentes, se o sábado era um dia dedicado a fazer o bem ou o mal. Ficou claro que a cura daquele homem tanto poderia como deveria ser feita ali no sábado, porque se tratava de um bem feito em seu favor (versículos 6 a 11).

Os versículos 12 a 16 apresentam a lista completa dos discípulos escolhidos por Jesus, incluindo os 4 que já haviam sido indicados no capítulo anterior. É muito significativo que essa escolha tenha sido antecedida por um noite inteira de oração (versículo 12), pelo que devemos nos perguntar até que ponto nossas escolhas são precedidas por nossos pedidos de orientação divina.

No restante deste capítulo, os versículos 17 a 49 apresentam a versão de Lucas do Sermão da Montanha. As pessoas vinham de toda a terra de Israel para ouvir o que Ele tinha para dizer, para serem curadas ou simplesmente para testemunhar os maravilhosos milagres que faziam parte do dia a dia de Jesus.

Este sermão é mencionado por Mateus e por Lucas, sendo que Mateus apresenta 9 ou 10 bem-aventuranças (dependendo da tradução), enquanto Lucas se limita a 4. Isso não chega a surpreender, porque Mateus estava presente e Lucas não. Por outro lado, Lucas apresenta 4 mal-aventuranças correspondentes, que Mateus omite.

Basicamente, podemos resumir o Sermão da Montanha dizendo que se trata de um conjunto de ensinamentos práticos segundo os quais Deus espera que os Seus filhos vivam. Os ensinamentos em apreço são claros e não exigem explicações, mas é interessante que Jesus os encerre dizendo que não basta ouvir o que Ele está dizendo e, sim, colocar em prática.

Aquele que ouve e coloca em prática, Ele compara a um homem que constrói a sua casa sobre a rocha, pois em vindo a tempestade ela resiste. Por outro lado, aquele que ouve, mas não pratica, é similar àquele que construiu a sua casa sem fundação, pelo que esta certamente vai ruir quando vier a tempestade.

Lucas 7

O primeiro versículo deste capítulo deixa claro que o Sermão da Montanha foi pronunciado às portas de Cafarnaum, pelo que, terminada a pregação, Jesus entrou na cidade, onde foi procurado por alguns religiosos que pediam em favor de um centurião romano, cujo servo estava enfermo.

De acordo com a narração de Lucas, este centurião era muito benevolente para com o povo judeu, tanto que construiu para eles a sinagoga da cidade. Por isso mesmo os religiosos insistiam com Jesus para que fosse à sua casa.

Quando já estavam quase chegando, o centurião mandou um dos seus amigos dizer a Jesus que ele não era digno que Ele entrasse em sua casa. Seu poder, contudo, era tamanho que bastava uma palavra dEle para que o servo fosse curado. Ele falou ainda que entendia de autoridade, pelo fato de ser centurião e estar sob autoridade, bem como porque tinha 100 soldados sob seu comando. Por isso mesmo sabia que uma palavra pronunciada por alguém como Jesus, que tinha autoridade sobre as enfermidades, era suficiente.

Jesus admirou-se muito pelo fato do centurião ter tamanha fé, de modo que o atendeu prontamente, sarando o seu servo, fato esse confirmado por seus amigos quando chegaram de volta à casa do centurião (versículo 11).

Saindo Jesus de Cafarnaum, dirigiu-Se para uma cidade próxima de Nazaré chamada Naim (ver figura 55-1).



Figura 55-1 - Cidade de Naim, próxima a Nazaré, na região da Galileia

Quando lá chegava, havia um cortejo fúnebre deixando a cidade, com uma viúva chorando a perda de seu único filho. Jesus imediatamente sentiu compaixão pela viúva, a quem pediu para que não chorasse, enquanto pedia ao jovem morto que se levantasse. Esta foi a primeira ressurreição realizada por Jesus que as escrituras registram, sendo também o Seu milagre mais espetacular realizado até então, de modo que a Sua fama chegou até a Judeia, onde João Batista tomou conhecimento da mesma e mandou dois de seus discípulos procurá-LO para perguntar se Ele era o que havia de vir ou se outro ainda viria (versículo 19).

Certamente a pergunta de João nos surpreende, porque a essa altura João mesmo já dera testemunho a Seu respeito, dizendo ser Ele o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. Como agora ele poderia ter dúvida?

João, a essa altura, estava na prisão e talvez esperasse que Jesus o fosse livrar, ou talvez a prolongada prisão tenha tido um efeito negativo sobre a sua fé. Seja como for, Jesus não respondeu à sua pergunta, mas mostrou sinais que certamente convenceriam João de Quem Ele realmente era (versículos 21 a 23).

Nos versículos 24 a 35 Jesus falou à multidão sobre João Batista e os seus ensinamentos a respeito dEle. Dentre as coisas que falou, chama a nossa atenção o versículo 28, onde Jesus declara que: **“entre os que nasceram de mulher não há ninguém maior do que João; todavia, o menor no Reino de Deus é maior do que ele”**. Não temos dificuldade de entender que João Batista seja tão bem avaliado entre os que nasceram de mulher, mas ficamos sem entender porque ele seria o último do reino dos céus.

Devemos nos lembrar que João pertence ainda ao regime da Lei e o seu batismo é um batismo de arrependimento dentro deste regime. Dentre os religiosos deste regime, João está recebendo de Jesus a primazia, porque realmente se trata de uma pessoa notável. Infelizmente, contudo, ele não alcançou o regime da graça, onde todos recebem o poder do Espírito Santo de uma forma que ele não conheceu. Todos os que assim receberam o Espírito, são tratados por Jesus, como superiores a ele, não por uma questão de mérito, mas porque o Espírito faz toda a diferença.

Os versículos finais de 36 a 50 narram a refeição para a qual Jesus foi convidado na casa de um fariseu chamado Simão, onde surgiu uma prostituta para lavar os Seus pés com suas lágrimas, enxugá-los com seus cabelos, beijá-los e ungi-los com perfume. Ao constatar aquilo, Simão imediatamente fez mal juízo de Jesus, achando que Ele, se profeta fosse, não Se deixaria tocar por aquela mulher pecadora.

É nesta situação que Jesus propõe a Simão a pergunta que leva ao ensino sobre a verdadeira gratidão e a associação da mesma com o perdão recebido. Desta forma Ele chama a atenção para a gratidão da mulher pelo fato de seus muitos pecados terem sido perdoados. O capítulo se encerra maravilhosamente, com Jesus dizendo à mulher para ir em paz, porque sua fé a salvara!

Lucas 8

Este capítulo começa com uma breve citação das pessoas que acompanhavam Jesus em Seu ministério, para logo depois apresentar a parábola do semeador e a explicação de Jesus da mesma (versículos 5 a 18). Não obstante a explicação de Jesus, ainda há autores que conseguem confundir a interpretação desta parábola. A semente é a Palavra de Deus, enquanto o semeador é aquele que a prega. Os diferentes tipos de terrenos são pessoas que a recebem diferentemente, começando por aqueles que não a recebem, passando por aqueles que a recebem a princípio e logo abandonam, aqueles que a recebem bem, mas depois a deixam sufocar por outros interesses e finalmente aqueles que a recebem e permanecem. Estes últimos são os que produzem fruto.

Ao final de Sua explicação, Jesus apresenta duas declarações adicionais, que são aplicáveis àqueles que recebem a Palavra. Estes a colocam num lugar visível, pelo que fica claro a todos que eles a receberam (versículo 16). O versículo 17 nos diz que a real posição das pessoas em relação à Palavra não ficará oculta, ou seja, ela será conhecida de todos com o passar do tempo. Aqueles que a receberam continuarão a ser enriquecidos pela mesma, enquanto aqueles que declaram tê-la recebido, mas que na realidade não a vivem, estes perderão até o que pensam que têm (versículo 18).

Os versículos 19 a 21 nos informam que Maria e seus outros filhos queriam falar com Jesus, mas que não conseguiam se aproximar devido à multidão. Informado disso, Jesus deixou claro que Sua prioridade, naquele momento, era para aqueles que O ouviam.

O texto a respeito de Jesus acalmado a tempestade, durante a travessia do Mar da Galileia, é apresentado nos versículos 22 a 25. Embora os discípulos se admirassem

sobremaneira pelo fato dEle ser Senhor também da tempestade, devemos lembrar que tudo que Ele fazia era praticado pelo poder do Espírito Santo, motivo pelo qual Ele depois diria aos discípulos que eles mesmos poderiam fazer o mesmo (*João 14.12*).

Os versículos 26 a 39 narram o episódio da expulsão dos demônios que ocupavam o corpo de um gadareno que veio ao encontro de Jesus tão logo este saltou do barco quando concluíram a travessia do Mar da Galileia. O texto é claro e dispensa esclarecimentos, mas é interessante ressaltar a forma como os demônios O conheciam e sabiam também que, pela palavra de Jesus, não mais poderiam permanecer ali. O fato de Jesus permitir que os demônios entrassem nos porcos mostra que Ele só conhecia o futuro que Lhe era revelado pelo Espírito Santo. Neste caso, Ele dificilmente o teria permitido, se conhecesse, antecipadamente, o prejuízo que causaria aos donos dos 2.000 porcos. Esse, certamente, foi um dos motivos pelos quais os gadarenos pediram que Ele Se retirasse.

Já de volta do lado de Cafarnaum, Jesus foi bem recebido pela multidão, desejosa de ver mais milagres, mas ali se encontrava também Jairo, o líder da sinagoga, cuja filha estava à beira da morte, motivo pelo qual pediu a Jesus que o acompanhasse para casa para ali curá-la.

Eles se puseram a caminho, mas Jesus andava com dificuldade devido à multidão que O comprimia. Em meio a essa multidão, aproximou-se dEle, para tocá-LO, uma mulher que gastara todo o seu dinheiro com médicos sem conseguir ser curada. Seu desejo foi realizado, mas Jesus não permitiu que ela permanecesse oculta e quis saber quem O havia tocado, porque Ele tinha mais para dar a ela que a simples cura.

Jesus é assim, Ele tem tudo para nos dar, mas por vezes queremos apenas satisfazer o nosso desejo imediato. Nesse caso, Ele queria que ela voltasse redimida para casa e Seu objetivo foi alcançado. Claro que essa demora imprevista implicou naquilo que Jairo tanto quis evitar, qual seja, a morte de sua filha, mas Jesus pediu a ele um crédito de fé e isso era tudo que se fazia necessário.

Pouco depois Jesus já realizava a Sua segunda ressurreição e o texto se encerra com Jairo e sua mulher maravilhados com a restauração de sua filha.

Lucas 9

Os primeiros 10 versículos deste capítulo falam do primeiro treinamento prático que Jesus organizou para os Seus discípulos. Ele fez com que andassem pelas cidades, aos pares, pregando o Evangelho do Reino e curando os enfermos. Notícias disso se espalharam pela nação e chegaram até ao palácio de Herodes, que ficou confuso, querendo saber o que estava acontecendo.

Os próprios discípulos ficaram encantados com o poder que lhes fora outorgado, mas quando retornaram e queriam contar tudo a Jesus, lá estava novamente a multidão sequiosa dos ensinamentos e das curas que Ele provia.

O dia declinava, quando os discípulos alertaram Jesus para que despedisse a multidão porque precisavam se alimentar, mas Ele pediu aos discípulos que eles mesmos providenciassem refeição para toda a multidão (versículo 13). O desfecho dessa narração é que Jesus multiplicou a oferta de um único jovem (*João 6.9*), que abriu mão de seus cinco pães e dois peixes para alimentar mais de 5 mil homens, sem falar de mulheres e crianças.

No versículo 20, Lucas registra o evento em que Pedro reconhece que Jesus é o Cristo, que seria enviado por Deus. Sabemos, contudo, através de *Mateus 16.17*, que isso provinha de Deus e não da perspicácia de Pedro.

Na continuidade deste texto Jesus dá aos discípulos uma visão geral da abrangência de Sua missão na Terra e da salvação que dela resultaria, mas desta vez a compreensão dos discípulos já não é a mesma (ver versículo 45).

No versículo 27 Jesus prevê que alguns discípulos O veriam sendo glorificado e isso efetivamente ocorreu poucos dias depois quando subiram a um monte para orar somente Jesus, acompanhado de Pedro, Tiago e João. Ele Se transfigurou diante deles, enquanto conversava com Moisés e Elias sobre os eventos pelos quais passaria.

Quando desceram do monte, já havia uma multidão esperando por Ele devido a um pai, que trouxera seu filho epilético para que Jesus curasse o seu filho endemoniado. Não obstante os efeitos da enfermidade serem claramente os de uma epilepsia, a Bíblia deixa claro que a origem da enfermidade era satânica (versículo 42). Mais uma vez foram derrotados por Jesus tanto Satanás como a enfermidade do menino.

No versículo 44 Jesus voltou a falar sobre o Seu sacrifício, mas não só os discípulos não entendiam, como ficamos sabendo que era essa a vontade do Pai. Certamente os discípulos teriam outro ânimo se soubessem, desde o princípio, que Jesus seria morto pelos religiosos judaicos.

Na verdade eles estavam tão despreparados para isso, que sua discussão girava em torno de qual deles seria o maior no reino de Deus. Foi necessário, portanto, que Jesus os repreendesse através do exemplo de uma criança (versículo 48).

Os versículos 49 a 55 trazem dois exemplos das atitudes dos discípulos, mostrando que mesmo após mais de 2 anos de ministério, eles ainda entendiam muito pouco sobre o papel salvador de Jesus.

Nos versículos 57 a 62 Jesus mostra aos discípulos o quanto era necessário priorizar o Reino de Deus para poderem segui-LO.

Lucas 10

Os primeiros 24 versículos deste capítulo falam a respeito de um segundo treinamento prático ao qual Jesus sujeitou os Seus discípulos aos pares (os 12 e outros 60), para que pregassem o Evangelho do Reino, curassem os enfermos e expulsassem os demônios. É interessante a forma como Jesus Se alegra com os discípulos pelo sucesso de suas missões, mas Ele aproveitou para alertá-los, dizendo que maior recompensa é o fato de terem os seus nomes escritos no Livro da Vida.

Nos versículos 25 a 37 Jesus foi confrontado por um perito da Lei sobre o que seria necessário para a salvação. Jesus lhe devolveu a sua pergunta, indagando o que a Lei tinha para dizer a respeito, ao que o mestre da Lei respondeu citando *Levítico 19.18*. Para não ficar com cara de bobo, por perguntar aquilo que já sabia, ele aproveitou para perguntar a Jesus quem era o seu próximo. Foi neste contexto que Jesus nos transmitiu o maravilhoso ensino sobre a associação do sentimento de misericórdia com a demonstração de amor ao próximo.

Numa de suas visitas a seus amigos Lázaro, Marta e Maria, esta ficou embevecida ouvindo os ensinamentos que Ele transmitia aos homens, enquanto Marta ficou sozinha trabalhando para servi-los. Chateada por estar fazendo tudo sozinha, Marta pediu a Jesus que chamasse a atenção de Maria. Surpreendentemente, Jesus classificou as atividades das duas e considerou a escolha de Maria como superior ao serviço da casa. Obviamente não se trata de desmerecer o serviço caseiro, mas, sim, de ressaltar o fato de que há coisas mais importantes, que podem e devem ser priorizadas.

Lucas 11

Os primeiros 13 versículos deste capítulo lidam com o ensino de Jesus aos Seus discípulos sobre oração, incluindo a versão de Lucas da oração que conhecemos como o “Pai Nosso”.

Há alguns pontos aqui que devem ser ressaltados, quais sejam:

- O perdão de Deus exige que também perdoemos;
- Nós, às vezes, damos só para nos livrarmos do pedinte incômodo, mas Deus dá porque nos ama;
- Por isso mesmo, quem pede, recebe; quem busca, encontra; e quem bate, se lhe abre;
- O contexto de querermos que Seu nome seja glorificado e que venha o Seu Reino é marcante para o sucesso dessa empreitada. Com essa finalidade, o Espírito Santo pede através de nós, pelo fato de não sabermos como devemos pedir (*Romanos 8.26*). Isso é vital.

No versículo 14 Jesus expulsava um demônio de um homem mudo, que não falava porque o demônio era mudo. É interessante que restrições que parecem naturais possam ter origem satânica!

No texto que se estende até o versículo 22, Jesus Se defende dos pensamentos daqueles que O acusavam de comandar os demônios pelo poder de Satanás. Ele deixa claro que se trata de um pensamento sem sentido, pois implicaria em Satanás ter uma

casa dividida, pelo que seria derrotada por si mesma. Ele aproveita, contudo, para apresentar algumas informações sobre a forma de agir do inimigo.

Findos esses ensinamentos, uma mulher presente declarou uma bem-aventurança para Maria, mas Jesus a retrucou dizendo que bem-aventurado é aquele que ouve as palavras de Deus e as coloca em prática.

Com a cura supracitada (do endemoniado mudo), aumentou a multidão à volta de Jesus, pelo que Ele continuou ensinando ao povo sobre o sinal que alguns Lhe pediam que provesse para provar quem Ele era realmente. Ele disse que Ele seria o sinal para aquela geração incrédula, da mesma forma como Jonas fora um sinal para os ninivitas. Assim, os ninivitas testemunhariam contra a Sua geração porque Ele era maior que Jonas (versículo 32). De igual forma a Rainha de Sabá, que veio ouvir Salomão, testemunharia contra aquela geração, por Ele, Jesus, ser maior que Salomão (versículo 31).

Nos versículos 33 a 36 Jesus fala à multidão sobre a forma como eles olham para os Seus ensinamentos. Neste contexto, Ele diz que os olhos são a luz do corpo. Se essa luz for boa, então, o comportamento deles será bom. Se, contudo, eles denegrirem os Seus ensinamentos, então, todo o comportamento deles será nefasto.

Mesmo tendo aceito um convite para almoçar na casa do fariseu que o convidara, Jesus percebeu as críticas não externadas do seu hospedeiro, que o reprovou mentalmente por não ter lavado as mãos segundo o cerimonial da legislação judaica. Em função disso, Ele começou a criticar a hipocrisia geral dos fariseus.

Os mestres da lei, que estavam presentes, retrucaram dizendo que daquela forma Jesus também os ofendia. Jesus, contudo, não diminuiu as críticas e começou a falar também das hipocrisias deles.

Não é sem razão que os fariseus e os mestres da lei se juntaram, nos versículos 53 e 54, para tentar pegá-LO em algo que dissesse.

Lucas 12

A multidão que ouvia Jesus já chegara a milhares de pessoas e Ele continuava falando a respeito da hipocrisia dos fariseus. A hipocrisia consiste em insistir numa mentira escondendo uma parte da verdade, mas o que Jesus diz nos versículos 2 e 3 é que toda a verdade há de ser revelada, pelo que sua hipocrisia seria derrotada.

Os fariseus e as autoridades religiosas hipócritas não estão lá para serem temidas, porque o máximo que podem fazer é mandar matar o corpo. Já o temor de Deus é diferente, porque Ele é O que tem a palavra final no destino eterno. Assim, é a Ele que se deve obediência, e não aos fariseus. Ressaltamos aqui essa declaração porque ela será objeto de comentários adiante.

O cuidado de Deus para com os Seus pode ser visto até nos animais, como os pardais, por exemplo. Já nós valemos muito mais que os pardais; portanto, Deus certamente terá o cuidado devido para conosco.

Os versículos 8 a 10 falam de nossa atitude em relação a Jesus, que é a providência divina para a nossa salvação. Se quisermos ser confessados por Jesus diante do Pai, urge que primeiro nós O confessemos como nosso Salvador.

Já a atuação de Deus através de Jesus se faz pelo Espírito Santo. Se negamos a divindade de Jesus, estamos negando o Espírito Santo e toda a obra que Ele faz através de Jesus. Para quem assim procede não há perdão, porque tampouco pode haver arrependimento.

Aqueles que seguem a Jesus não devem temer quando forem levados diante das autoridades religiosas do templo ou da sinagoga, porque o mesmo Espírito Santo há de guiá-los (versículos 11 e 12).

Neste momento de Seu discurso Jesus foi interrompido por alguém da multidão que pedia que Ele resolvesse uma briga que estava tendo com seu irmão sobre herança. Jesus imediatamente respondeu que Ele não fora constituído árbitro entre os dois (versículo 14), mas engatou o assunto ganância logo a seguir.

No âmbito deste assunto, Ele contou primeiro a parábola do rico insensato, que após grande colheita disse a si mesmo que se tranquilizasse porque tinha estocados bens para muitos anos com os quais poderia viver por muito tempo. Deus o chamou, contudo, de tolo, pois ele morreria naquela noite; portanto, para quem seria deixado tudo que ele juntara?

No versículo 21 Jesus introduz o conceito de ser rico para com Deus, em contrapartida ao desejo de uma pessoa de ser rica para si mesma. Ele Se virou, então, para os Seus discípulos e falou da necessidade de não terem preocupações quanto ao que comer ou vestir, porque Deus cuida de suas vidas e a vida é muito mais importante que o alimento. De igual forma, Ele cuida do corpo e este é muito mais importante que a vestimenta.

Como eles não poderiam fazer algo tão pequeno quanto acrescentar uma hora à extensão de suas vidas, não há porque se preocuparem com qualquer coisa. Eles deveriam, isso sim, buscar primeiro o Reino de Deus e todas as demais coisas lhes seriam acrescentadas (versículo 31). Tornando-se ricos para Deus, o seu tesouro estaria nos céus e onde este tesouro estivesse, ali estaria também o seu coração (versículo 34).

A partir do versículo 35, Jesus passou a falar a eles sobre a necessidade de servir com fidelidade, mesmo que seu senhor se ausentasse. Mesmo que não soubessem do dia do seu retorno, eles deveriam estar sempre prontos para a sua chegada. Seu comportamento e sua prontidão deveriam ser como a de um guarda que não sabe quando chega o ladrão, mas precisa estar sempre pronto.

Pedro ficou confuso e perguntou se aquilo que Jesus estava dizendo era aplicável apenas a eles, discípulos, ou a todos. Aparentemente Jesus não respondeu, mas Ele disse que bem aventurado é o servo que estiver trabalhando fielmente quando da volta de Seu Senhor. Este, como prêmio, receberá todos os Seus bens para administrar. Assim sendo, a resposta é aplicável a todo aquele que quiser se tornar servo de Jesus Cristo.

Jesus continuou dizendo, contudo, que a quem muito for dado, muito será exigido; e a quem muito foi confiado, muito mais será pedido. Moisés foi um excelente exemplo dessa prática divina. Deus foi amigo dele como de nenhum outro, mas foi extremamente exigente com ele devido a um deslize de fé, impedindo que entrasse na Terra Prometida.

O versículo 49 introduz uma mudança interessante. Jesus diz que está prestes a ser introduzida uma grande mudança como se Ele fosse botar fogo na Terra. Aparentemente Ele está falando da Nova Aliança que está para ser instaurada e em relação à qual as pessoas seriam obrigadas a se posicionar. Assim sendo, embora Ele tenha vindo trazer paz à Terra, Ele, de igual modo, trouxe consigo o juízo de Deus para aqueles que não crerem.

Já o versículo 50 fala claramente de Sua ansiedade em relação à cruz, mas não em relação à Sua morte física, do contrário sua declaração no versículo 4 seria uma hipocrisia. Ele fala claramente do horror de ter que se tornar pecado por nós, conforme previsto em *II Coríntios 5.21*. Era a morte espiritual, Sua ida ao inferno e Sua ressurreição que tanto O afligiam. Ele teria que ser separado de Deus pelo pecado do mundo.

Os versículos 51 a 59 deixam claro de que maneira a vinda de Jesus vai trazer dissensões. Ele nos dá a Sua paz, mas esta é dada apenas àqueles que O aceitam. Para aqueles que O rejeitam, Ele é um fator de divisões, que ocorrerão no seio da própria família (versículos 52 e 53). Assim sendo, os versículos 54 a 59 representam um apelo para que todos estejam atentos à necessidade de reconciliação com Deus, da mesma forma como se faz necessária a reconciliação entre oponentes no mundo.

Lucas 13

O principal assunto de Jesus nos Seus ensinamentos neste capítulo é a salvação. O capítulo começa com um evento recente, no qual Pilatos havia mandado matar alguns galileus enquanto eles estavam sacrificando a Deus. Aparentemente os presentes esperavam ouvir que se tratava de homens pecadores, que Deus havia castigado pela mão de Pilatos. A resposta de Ele, contudo, foi exatamente o oposto. Eles não eram mais pecadores que os outros galileus, como tampouco os 18 moradores de Jerusalém, que haviam morrido num acidente recente da queda de uma torre na cidade, eram mais pecadores que os demais habitantes da cidade. Ele os advertiu, contudo, que o papel deles era de arrependimento dos seus pecados, para estarem prontos quando Deus os chamasse.

No âmbito do mesmo assunto, ele contou uma parábola sobre uma figueira que não dava fruto, a qual o dono mandou que seu funcionário cortasse, mas este pediu mais um tempo para adubá-la para ver se, então, daria fruto. Se não desse, então, poderia ser cortada. A interpretação da parábola é clara e mostra que Deus é paciente, querendo que todos produzam frutos de arrependimento, mas que essa paciência tem limite.

Nos versículos 10 a 17 Lucas narra outro evento de cura realizado por Jesus no sábado numa sinagoga, onde o dirigente ficou indignado com Jesus por fazê-lo no sábado e criticou os enfermos que estavam ali buscando cura. O argumento de Jesus, que chamou o dirigente de hipócrita, é simplesmente fantástico. Ele disse ao dirigente, que era inconcebível que ele achasse certo soltar o seu animal e levá-lo para beber água no sábado, e O criticasse por libertar a mulher, muito mais valiosa diante de Deus, de sua enfermidade no sábado. O texto nos diz que Seus oponentes, o dirigente e demais oficiais da sinagoga, ficaram envergonhados pela sua hipocrisia.

Nos versículos 18 a 21 Jesus fez duas comparações no tocante a como seria o Reino de Deus. Primeiro o comparou a um grão de mostarda, de tamanho ínfimo, e ressaltou o tamanho da árvore no qual se torna. Depois o comparou, também, com o fermento que, adicionado à massa, a faz crescer muito. O crescimento do Reino de Deus se faz e fará também nos mesmos moldes.

No versículo 22 somos informados que Jesus continuava em Sua última viagem até Jerusalém, onde seria preso e morto. No caminho ele pregava nas cidades pelas quais passava e, numa delas, alguém Lhe perguntou se o número de pessoas salvas seria pequeno. Jesus respondeu indiretamente dizendo que a porta de entrada nos céus era pequena e que poucos a adentrariam, motivo pelo qual deveriam se esforçar nesse sentido.

Além disso, Ele falou que um dia a porta se fecharia e que de nada valeriam os argumentos de quem ficasse de fora. Ele falou, ainda, que muitos viriam de outras nações e se assentariam com Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas que aqueles que não tivessem passado a porta ficariam de fora chorando.

Nos versículos 30 a 35, Jesus responde a alguns fariseus que vieram dizer a Ele para fugir, porque Herodes estava vindo para matá-lo. A resposta dEle é curiosa, porque parece fazer alusão à Sua morte e ressurreição no terceiro dia e no último versículo ele parece prever a destruição de Jerusalém após a Sua morte.

Semana 56 - A História de Jesus Segundo Lucas - 2

Texto: Lucas 14 a 24

Estação 29

Lucas 14

Este capítulo começa com Jesus almoçando, num sábado, na casa de um fariseu destacado, onde havia, também, um homem enfermo. Claro que Jesus estava sendo testado para ver se curaria no dia de descanso. Jesus, portanto, tomou a iniciativa de introduzir o assunto e, depois de curar o homem, perguntou qual deles deixaria de salvar o seu filho ou mesmo o seu boi, se caísse num poço no sábado. Como a resposta era óbvia, segue que não havia qualquer motivo para deixar de curar só por ser sábado.

Logo a seguir, notando a disputa dos convidados pelos lugares de mais honra, Ele aproveitou para introduzir um ensinamento a respeito da necessidade do exercício da humildade, visto que aquele que se exaltasse seria humilhado e o que se humilhasse seria exaltado (versículo 11).

Mesmo ao dono da casa, que o convidara, Jesus aproveitou para ensinar sobre a necessidade de preparar banquetes para aqueles que não poderiam retribuí-los, porque assim procedendo alcançaria sua recompensa por ocasião da ressurreição dos justos. Esse comentário arrancou uma bem-aventurança de um dos presentes para aqueles que lograrem chegar ao Reino dos Céus para receber sua recompensa, é claro.

Aproveitando a deixa, Jesus contou uma parábola (versículos 16 a 24) sobre uma pessoa que preparou um banquete, mas ouviu de seus convidados desculpas porque não poderiam comparecer ao mesmo. Fica implícito que o dono da casa é Deus Pai, que preparou um banquete para os Filhos de Israel, mas que estes preferiram não comparecer. Assim sendo, a festa foi franquiada aos pobres, aleijados, cegos e mancos, ou seja, aos que seriam indesejáveis aos olhos de Israel. Desta forma, fica patente que os filhos de Israel demonstraram pouco interesse em chegar ao Reino dos Céus e que a bem-aventurança declarada pelo ouvinte de Jesus se estenderia a poucos.

Nos versículos 25 a 36 Jesus já não se encontra na casa do fariseu, mas na rua, acompanhado de uma multidão de pessoas que O ouvia. A estes ele falou sobre a necessidade de darem a Ele toda a prioridade, aqueles que porventura quisessem se tornar Seus discípulos. Essa decisão, segundo Jesus, é uma questão de planejamento e bom senso. Tal como não sair à guerra sem a certeza de poder vencê-la, ou de iniciar uma construção sem o dinheiro necessário para concluí-la. De igual forma não adianta desejarem seguir Jesus sem amá-LO e priorizá-LO.

Lucas 15

Este capítulo é conhecido, por vezes, como o capítulo dos perdidos e achados, devido ao conteúdo das parábolas contadas no mesmo, mas o real conteúdo diz respeito a como o amor de Deus é dirigido aos homens, mediante o arrependimento dos mesmos.

As parábolas em apreço, por sua vez, foram motivadas pelas críticas dos fariseus e mestres da lei, pelo fato de Jesus estar se relacionando com publicanos e pecadores, que eram tidas como pessoas indignas.

Jesus começou a recriminá-los, portanto, contando uma parábola sobre o dono de 100 ovelhas (muitas), que perdeu apenas uma. O amor dEle, contudo, por essa uma era tão grande, que não hesitou em deixar as 99 para ir em busca daquela uma e de se alegrar muito quando a achou.

Claro que o dono das ovelhas é Deus Pai e a importância de ressaltar o Seu amor era tão grande, que Jesus repetiu a mesma parábola com outro cenário, formado por uma mulher, que perdeu uma de suas 10 moedas e a buscou com afino até encontrá-la. Assim se esforça também Deus em busca do pecador. Sua alegria, quando o encontra, é tão grande que transborda para todos os anjos do céu por um pecador que se arrepende.

O assunto é tão relevante que Jesus emenda uma terceira parábola que conta, mais uma vez, e de forma marcante, o grande amor de Deus, aguardando o arrependimento daqueles que caíram. Trata-se da parábola do filho, comumente chamado de pródigo, e que todos conhecem.

Ficam ressaltadas na mesma dois pontos marcantes: primeiro, que o Pai ama o filho e espera ansiosamente por seu arrependimento e regresso, não obstante ele ter agido desrespeitosamente, causando a Ele grande prejuízo. Em segundo lugar, diferindo das parábolas anteriores, o outro filho, que não fizera o mesmo, mas ficara junto ao Pai, não conseguia entender que o Pai amasse os dois filhos igualmente, pelo que ofendeu-se pelo fato do Pai se alegrar com sua volta e recebê-lo.

Obviamente o outro irmão tipificava os Filhos de Israel, que viam os outros povos como estranhos ao povo de Deus e de igual modo os fariseus e mestres, que julgavam-se superiores a “seus irmãos pecadores”.

Sem dúvida é o mais incisivo capítulo da Bíblia sobre o grande amor de Deus Pai.

Lucas 16

Temos aqui nos versículos 1 a 9 uma das parábolas mais difíceis ensinadas por Jesus. Ele fala de um mordomo desonesto, que foi descoberto e demitido. Ao demiti-lo, o seu senhor lhe pede para pegar todos os livros e passar tudo para ele. Desesperado, porque não apenas estaria demitido, mas também com má fama, ele resolve “fazer média” com os devedores de seu senhor, diminuindo substancialmente as suas dívidas, para que

estes ficassem devendo a ele “esse favor”. Curiosamente, o seu senhor entende a astúcia de sua improbidade final e a elogia (a astúcia somente).

Jesus usa essa mesma astúcia para dizer que nós, que não comungamos com a impiedade desse mundo, mas lidamos com o dinheiro que o corrompe, devemos agir em relação a ele com astúcia para fazer amigos, que nos recebam quando chegarmos ao céu. Usá-lo com astúcia, nesse caso, nos incentiva a empregá-lo para o bem dos outros.

Os versículos 10 a 13 nos trazem 4 ensinamentos, 3 dos quais são óbvios, mas um não. É claro que quem é fiel ou infiel no pouco, já demonstra como será em relação a valores maiores. De igual modo pessoas desonestas em relação a dinheiro não receberão os bens espirituais para administrarem. Já a declaração do versículo 12 é o contrário do que estamos acostumados a ouvir, ou seja, se alguém não pode cuidar do que é seu, como vai poder cuidar do que é dos outros. Jesus, porém, inverte isso. É que nós nada trouxemos para cá e nem daqui vamos levar coisa alguma. Assim sendo, aquilo que “administramos” por pouco tempo, enquanto aqui estamos, tampouco é nosso. Se não sabemos lidar com esses bens emprestados, como Deus vai nos dar alguma coisa “nossa” para a eternidade. Assim, a última declaração, que também é óbvia, apenas complementa a anterior. Não podemos servir ao dinheiro e a Deus.

Os fariseus presentes zombavam dos ensinamentos de Jesus, de modo que os versículos 15 a 18 são ensinamentos que começam dirigidos a eles e depois se generalizam. Os atos dos fariseus os justificavam diante dos homens, mas Deus, olhando os seus corações, via seus valores corrompidos. Os ensinamentos dos fariseus eram todos a respeito de sua interpretação da Lei Mosaica e dos ensinamentos dos profetas, mas Jesus, no versículo 16, ensina que a salvação, pelo cumprimento da Lei, só durou até João, depois disso a chegada do Reino de Deus, através da vinda dEle, Jesus, impede que as pessoas queiram se salvar pela força do cumprimento da Lei. Isso não quer dizer, contudo, que a Lei estava deixando de valer, mas, sim, que o Reino de Deus estaria introduzindo a guarda de sua totalidade em minúcias.

Como exemplo, Jesus toma, no versículo 18, a questão do divórcio, muito disputada entre os fariseus, com alguns achando que “queimar o feijão” era motivo suficiente para mandar a mulher embora. Fica claro que isso é inaceitável na interpretação da Lei, no âmbito do Reino.

Os versículos 19 a 31 nos apresentam a famosa parábola do rico e do Lázaro. Devemos começar ressaltando que o rico não foi para o inferno por ser rico e nem o Lázaro para o céu por ser pobre. A falta de misericórdia do rico é ressaltada no texto, enquanto o amor a Deus do pobre é omitida.

Ficamos sabendo que céu e inferno não têm comunicação e que Deus não provê advertências sobrenaturais para aqueles que já tinham a lei e os profetas. Não se trata de limitar a Deus, mas o que Abraão diz ao rico é que Deus dá a seus 5 irmãos as mesmas chances de honrar a Deus que foram dadas a ele, e que haviam sido desprezadas.

Lucas 17

Jesus começa este capítulo dizendo aos discípulos que sempre haveria gente ensinando coisas erradas ao povo, mas que as pessoas que levassem outras a se desviar sofreriam um castigo severo (versículos 1 e 2). Todos os erros deveriam ser repreendidos, mas seria importante que eles soubessem também perdoar, pois o perdão deve vir de encontro ao arrependimento todas as vezes em que este se der (versículos 3 e 4).

Os discípulos já sabiam que os milagres todos, principalmente aqueles que eles haviam realizado, eram decorrentes da fé em Deus, que os fizera através deles. Exatamente por isso, pedem a Jesus que lhes aumente a fé, para que possam produzir mais. A resposta de Jesus deixa claro que o importante não é mais fé e, sim, a confiança de que Deus é um Deus grande. Bastaria fé como a menor das sementes para realizar milagres marcantes como transportar árvores.

Os versículos 7 a 10 nos dizem, contudo, que o bom servo não deve imaginar que seu serviço bem feito deva receber favores de seu senhor. Muito pelo contrário, ele terá feito apenas a sua obrigação. Somos nós que estamos a serviço de Deus e não o contrário. Assim sendo, não passamos de servos ao fazer aquilo que Ele quer que façamos. Essa deve ser a nossa atitude. A dEle fica por conta dEle ao nos tratar como filhos.

Nos versículos 11 a 19 Lucas narra a cura de 10 leprosos que estavam na divisa de Samaria e Galiléia. Eles eram obrigados a identificar sua doença à distância, para que os outros não se contaminassem e assim fizeram quando viram Jesus e sua comitiva. Ao mesmo tempo pediram que os curasse. Jesus mandou que se apresentassem ao sacerdote para que este atestasse a cura, mas eles ainda não haviam sido curados. Mesmo assim, todos, mostrando a sua fé, se puseram a caminho. Logo perceberam que a cura se realizara enquanto estavam a caminho. Dos dez, um único era samaritano e este voltou para agradecer e foi igualmente salvo de seus pecados.

Nos versículos 20 a 37 Jesus fala sobre o Reino de Deus, em resposta a uma pergunta feita pelos fariseus, no tocante à sua vinda. É claro que eles perguntavam sobre a vinda do Messias nos moldes políticos e de poder esperados por eles, enquanto Sua resposta diz respeito ao Reino que Ele estava implantando no coração daqueles que se dispunham a se tornar seus discípulos.

Pouco depois, contudo, falando aos discípulos, Ele deixa claro que em breve os deixaria e que eles ansiariam por Seu retorno, mas que eles não se impressionassem com pessoas anunciando a Sua vinda, porque Sua vinda seria vista por todos como um relâmpago que rasga os céus. Antes de Sua partida, contudo, era necessário que Ele sofresse muito e fosse rejeitado por Sua geração.

Quanto a Sua Segunda Vinda, Ele a comparou a dois eventos, quais sejam: o dilúvio e a destruição de Sodoma e Gomorra. Ambos os eventos pegaram todos de surpresa. Além disso, será um tempo de deixar tudo para trás porque é a própria vida aqui que estaria sendo deixada. Como exemplo, eles deveriam se lembrar da mulher de Ló, cujo coração ficou em Sodoma, pelo que também ela morreu na destruição da cidade.

Lucas 18

Os versículos 1 a 8 contêm uma parábola estranha, pelo fato de Jesus comparar Deus Pai e a justiça por Ele concedida a um juiz iníquo, que concedeu justiça a uma mulher apenas para não ser mais importunado por ela. A lógica é simples e clara: se o juiz corrupto concede justiça apenas para se livrar da mulher insistente, com muito mais razão Deus, o Pai amoroso e todo poderoso, fará justiça a Seus servos que assim Lhe pedem. O versículo 8 tem uma ressalva, contudo, qual seja: a fé dos filhos na fidelidade do Pai.

Jesus falava a um grupo de judeus, cuja confiança para a salvação estava na guarda da Lei, motivo pelo qual Lhes contou uma parábola de duas pessoas que subiram ao templo para orar: um fariseu e um publicano. Enquanto o fariseu agradecia a Deus por seu justo comportamento e por não ser pecador como o publicano a seu lado, este pedia perdão pelo miserável pecador que era. Concluindo, Jesus disse que o publicano voltou para casa perdoado e o fariseu não, porque os soberbos haveriam de ser humilhados, enquanto os humildes seriam exaltados por Deus.

A admiração do povo com os ensinamentos de Jesus fazia com que trouxessem seus filhos para que Ele os abençoasse. Querendo dar mais sossego ao Mestre, os discípulos os repreendiam para que O deixassem em paz, mas Jesus imediatamente os repreendeu para que não impedissem a chegada das crianças, porque delas é o Reino de Deus. Depois Ele acrescentou que era necessário receber o Reino de Deus como uma criança.

O que Ele quis dizer com isso? Há algumas considerações simples aqui para que possamos entender o que Jesus está dizendo. Primeiro, as crianças nascem pertencendo ao Reino de Deus. Enquanto não cometem o seu primeiro pecado consciente elas ainda pertencem a ele. Outra consideração importante é a forma como as crianças creem e recebem aquilo que se Lhes dá. Elas mostram uma confiança de todo o coração e esta é a maneira como Jesus diz que deve ser recebida a salvação oferecida por Deus.

Os versículos 18 a 30 narram o encontro de Jesus com um jovem rico e importante que se achega para perguntar o que era preciso para ser salvo. O Espírito revelou imediatamente a Jesus qual o problema daquele jovem; portanto, Jesus disse apenas que ele precisava guardar os mandamentos e começou a citá-los, mencionando apenas aqueles de natureza horizontal (relacionamento entre homens), pelo que o jovem retrucou que tudo isso ele guardava desde a adolescência. Diante disso, Jesus colocou o dedo em sua ferida, pois sabia o quanto ele amava as suas riquezas, dizendo a ele ser necessário vender todos os seus bens para ter um tesouro nos céus.

Obviamente o problema não era a sua riqueza e, sim, o amor prioritário que ele tinha por ela. Assim, ele se retirou triste, com Jesus comentando o quanto era difícil a um rico entrar no Reino de Deus.

Isso provocou uma dúvida nos discípulos, porque o pensamento judaico era de que os ricos eram pessoas abençoadas por Deus. Se era difícil para eles, quem poderia se

salvar? A resposta de Jesus deixa claro que a salvação não é por mérito, mas pela graça divina; portanto, tudo é possível através dEle.

Nos versículos 31 a 34 Jesus, mais uma vez, disse aos discípulos o que O esperava em Jerusalém, o Seu sofrimento, morte e ressurreição, mas eles novamente deixaram de entender.

Encerrando este capítulo, temos a narrativa da cura do cego de Jericó, que não deixou que o seu grito de socorro fosse calado pelas repreensões que sofreu, vindas do povo em geral. Jesus premiou a sua fé e o curou para a glória de Deus.

Lucas 19

Os primeiros 10 versículos deste capítulo narram a história de Zaqueu e seu encontro com Jesus. Trata-se de uma conversão com mudança imediata do caráter do convertido. A decisão de Zaqueu, uma pessoa motivada outrora pelo dinheiro, prioriza a sua relação com Jesus e corrige toda a sua relação com o dinheiro.

Os ouvintes de Jesus O ouviam falar a respeito do Reino de Deus e, de um modo geral, achavam que Ele Se encaminhava para Jerusalém para implantá-lo. Jericó ficava a apenas 28km de Jerusalém. Para dirimir dúvidas sobre o assunto, Jesus contou uma parábola, que Lucas descreve nos versículos 11 a 27. Assemelha-se um pouco com a parábola dos talentos narrada por Mateus, mas as diferenças são tantas, que dificilmente poderíamos dizer que é a mesma.

Jesus fala de um homem que vai viajar para longe, onde vai ser coroado rei, retornando a seguir para a terra em que vivia. Há semelhanças dessa narrativa com o que ocorreu com Herodes Arquelau, que foi coroado em Roma, contra a vontade dos judeus, mas o mais provável é que Jesus estava se referindo a Seu retorno para o céu, até a Sua Segunda Vinda, quando há de retornar como Rei de toda a Terra.

Nesse ínterim, chamou 10 servos e deu uma moeda a cada um, para que pudessem fazer investimentos com ela. O desfecho é que 3 foram analisados, dois foram aprovados e passaram a governar cidades em seu novo reino e um foi reprovado, perdendo todos os seus direitos.

A parábola termina com o rei, já de volta, mandando matar seus súditos que se insurgiram contra ele, rejeitando o seu reinado.

Aparentemente, portanto, Ele, Jesus, partiu após a Sua crucificação e ressurreição, para Se tornar o Rei dos reis de toda a Terra. Durante o período que se estende até a Sua volta todos são testados e a escolha que fizerem é vital, tendo implicações de vida ou morte.

Os versículos 28 a 40 falam da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, montado no dorso de um burrinho, que Seus discípulos pegaram emprestado. Durante Sua chegada

Ele é exaltado como Rei, não obstante o protesto dos fariseus, mas trata-se de um rei humilde e que chora sobre a cidade ao pensar na rejeição do plano divino de salvação, que poderia trazer livramento a todos, mas que, ao invés disso, levará à destruição de toda a cidade.

Chegando ao templo Ele expulsa, mais uma vez, os vendilhões que transformaram a casa de Seu Pai em covil de ladrões.

Lucas 20

Os primeiros 8 versículos deste capítulo narram uma interessante conversa entre Jesus e os líderes do templo, num dos dias em que Ele ali ensinava e pregava o Evangelho. Perguntaram a Ele com que autoridade Ele ensinava. Jesus Se propôs a responder, contudo, apenas se eles, de igual forma, respondessem à Sua pergunta. Sua pergunta foi sobre João Batista, que todos consideravam um profeta e eles não. Assim sendo, temendo a reação popular, eles se negaram a responder Sua pergunta, pelo que Jesus não teve que dizer de onde provinha a Sua autoridade.

Já os versículos 9 a 18 contêm uma parábola contada por Jesus sobre um senhor que plantou uma vinha e a arrendou, mas não conseguia receber o pagamento correspondente, pois eles aviltavam e espancavam os cobradores que lhes enviava. Finalmente ele resolveu mandar o seu próprio filho, porque achou que o respeitariam, mas a este mataram, achando que assim se tornariam donos da propriedade. Em função disso, o dono da vinha resolveu mandar matar os arrendatários e arrendar a vinha para outros.

Obviamente os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei perceberam que os arrendatários eram eles, pelo que odiaram Jesus ainda mais e queriam matá-IO, mas temiam o povo. Assim sendo, resolveram tentá-IO para que Ele dissesse algo pelo que pudesse ser acusado.

Neste capítulo são apresentadas duas dessas tentativas. A primeira diz respeito ao pagamento de tributos, que Jesus respondeu maravilhosamente, com base na efígie de uma moeda, que pagassem a Cesar o que a ele pertence e a Deus o que é dEle.

Já a segunda foi uma tentativa dos saduceus, que não criam na ressurreição, de ridicularizá-IO através de uma pergunta correspondente. Desta feita eles foram completamente desmoralizados, por ter ficado patente a sua total falta de conhecimento sobre o assunto. Em contrapartida, as informações dadas por Jesus nos versículos 34 a 38 são muito ricas e devemos atentar para as mesmas:

- A perpetuação da espécie na presente era se dá por casamento e reprodução, mas no porvir, e na ressurreição dos mortos, isso não será mais necessário, ou seja, não haverá casamentos, porque as pessoas já não morrem mais, por serem filhos de Deus, que se tornaram filhos na ressurreição. A presente era se estende até o dia de nossa morte física. Qualquer coisa depois disso para nós é porvir. Paulo deixa claro, em *ICoríntios 15, 20-23*, que Jesus já recebeu o Seu corpo espiritual quando ressuscitou, mas que nós

só o receberemos quando Ele vier nos arrebatá-lo. Já o próprio Jesus disse que o novo nascimento se dá quando olhamos para Ele, crendo que está nEle a nossa salvação. Nossa ressurreição está associada à dEle (Ele é o primogênito) e já nos tornamos imortais no espírito nessa ocasião;

- Além disso, ficamos sabendo que o novo nascimento espiritual, de alguma forma, era facultado aos crentes do Antigo Testamento, talvez só após a sua morte física, porque Jesus deixa claro, no evento de Deus falando com Moisés, através da sarça, que Abraão, Isaque e Jacó, estavam vivos, no espírito, muito antes de Jesus morrer pelos nossos pecados. Sobre esse assunto não temos mais informações, mas esta já é riquíssima.

Diante disso, os mestres da lei capitularam e reconheceram que Ele respondera bem e não mais ousaram perguntar qualquer coisa.

Talvez para mostrar o total despreparo destes supostos mestres da lei, Jesus resolveu fazer a eles mais uma pergunta, mas que sequer ousaram tentar responder. Ele perguntou como Davi podia se referir ao Messias como “meu Senhor” se o Messias era filho dele, Davi. É claro que a ideia de um Messias Deus, excedia em muito toda e qualquer compreensão que eles pudessem ter. Por isso mesmo Jesus fala de sua hipocrisia exacerbada nos últimos dois versículos desse capítulo.

Lucas 21

Este capítulo está quase totalmente dedicado às informações relativas ao final dos tempos e à Segunda Vinda de Jesus Cristo, transmitidas por Ele mesmo. Começa com Jesus e Seus discípulos no templo observando as pessoas que estavam contribuindo, quando Jesus chamou a atenção dos discípulos para uma viúva que contribuía com duas moedinhas de cobre (quase sem valor), que Ele disse ter sido uma oferta maior que as de todos os outros, porque todos os outros davam do que sobrava, enquanto ela se privava do próprio sustento para poder contribuir.

Enquanto isso os discípulos se distraíam vendo os ricos adornos do templo, para os quais estavam chamando a atenção de Jesus, quando Este lhes disse que o templo seria totalmente destruído. Assustados com aquela revelação, quiseram saber quando isso aconteceria, pelo que Jesus começou a lhes falar sobre tempos futuros, tanto para os anos a seguir como para a Sua Segunda Vinda.

Nos versículos 8 a 11 Jesus fala de pessoas vindo em Seu nome, mas que não devem ser levadas a sério, porque antes de Sua vinda haveria vários sinais, quais sejam: guerras, rebeliões, nação se levantando contra nação, reino contra reino, grandes terremotos, fomes, pestes e sinais nos céus. Antes disso, contudo, eles seriam presos e perseguidos, entregues nas sinagogas, levados à presença de governadores e tudo isso por causa do Seu nome. Eles deveriam encarar tudo isso, contudo, como uma oportunidade de testemunho, na qual eles saberiam o que falar (versículos 12 a 15). Eles seriam traídos e odiados pelo Nome de Jesus.

Tudo até agora fala de eventos que começam imediatamente, mas sempre olhando para os tempos do fim. Nos versículos 20 a 24, contudo, Jesus fala claramente da destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 70. Seriam tempos difíceis, principalmente para as grávidas e mães de crianças pequenas. Muitos seriam mortos e levados em cativeiro.

Já a partir do versículo 25, Jesus volta a falar sobre os sinais nos astros e nos mares, com as pessoas aterrorizadas pelas mudanças climáticas, quando repentinamente chegará o Senhor Jesus, vindo numa nuvem com poder e grande glória (versículo 27). Assim sendo, prestem atenção nos sinais porque quando começarem a ocorrer é porque o fim está próximo. De acordo com Jesus, os sinais serão tão claros quanto os de uma figueira ou de qualquer outra árvore. Tão logo ela começa a florir é porque o verão está chegando.

Jesus declara no versículo 32 que não passaria aquela geração, sem que todas essas coisas acontecessem. O mais provável é que Jesus esteja se referindo à geração que visse os sinais. Isso denotaria que o período entre o surgimento dos sinais e a Sua volta é pequeno (algo como 40 a 70 anos, dependendo de como definirmos uma geração). A nós cabe estarmos atentos a sinais como as mudanças climáticas.

Os versículos 34 a 36 são um alerta para que os seus discípulos não se deixassem levar pelas tentações da carne, de modo a estarem sempre prontos para o Seu retorno. É interessante ressaltar que a Sua volta será vista por todos os habitantes da Terra (discípulos e não discípulos). Isso não deixa qualquer margem de possibilidade para um primeiro arrebatamento apenas da Igreja.

Lucas encerra dizendo que Jesus estava indo diariamente ao templo para ensinar e que estava passando a noite no Monte das Oliveiras.

Lucas 22

Transcorria a semana da Páscoa, na qual Jesus foi crucificado, e Judas, já dominado por Satanás, se ofereceu aos líderes dos sacerdotes e à chefia da guarda do templo para levá-los a Jesus, num lugar sem a presença da multidão. Para tanto ele seria devidamente remunerado. É difícil entender o que terá levado Judas a isso, depois de tantas experiências marcantes com Jesus, mas essa é a nossa natureza de pecado, da qual Satanás sabe tirar bom proveito. Cabe a cada um de nós deixar de dar a ele qualquer espaço.

Os versículos 7 a 13 falam do preparo da ceia da última Páscoa que Jesus celebraria com os Seus 12 discípulos. Ele especificou o local de sua realização e pediu a Pedro e João para se encarregarem do preparo.

Na hora da ceia da 5ª feira Jesus e Seus discípulos se reuniram e Jesus a celebrou nos moldes que bem conhecemos das nossas ceias memoriais, nas quais repetimos as palavras pronunciadas por Ele naquela ocasião (versículos 14 a 20).

No texto de Mateus 26, Jesus primeiro identifica Judas como traidor, este se retira e a ceia é celebrada apenas com os onze. Aparentemente Lucas trata os dois eventos separadamente, sem se preocupar com a sequência cronológica, tanto que sequer se preocupa em identificar que o traidor seja Judas. Em compensação, Lucas registra uma discussão absurda entre os discípulos, justamente naquela ocasião, sobre qual deles seria o maior.

Nos versículos de 25 a 30 Jesus ensina aos discípulos a diferença entre o Reino de Deus e os reinos da Terra, principalmente no que diz respeito a ser o maior, mostrando que Ele mesmo estava a serviço deles, pelo que o maior entre eles deveria, igualmente, se preocupar em servir aos demais.

Nos versículos 31 a 34 Jesus comunica a Pedro que ele irá negá-lo naquela noite. Curiosamente Pedro diz a Jesus que está errado e que ele, Pedro, está pronto a morrer com Ele, se necessário. Jesus encerra o assunto dizendo apenas que ele o negaria 3 vezes, para logo a seguir ouvir um galo cantar.

Nos versículos 35 a 38 Jesus falou aos discípulos que eles precisavam ter uma espada e logo apareceram duas, que Jesus declarou serem em número suficiente. A seguir, dirigiram-se para o Monte das Oliveiras, conforme fizeram nas noites anteriores.

Os versículos 40 a 46 registram o fato de Jesus orar ao Pai pedindo que afastasse dEle aquele cálice, se possível. Seria muito interessante entendermos de que cálice Jesus estava falando, ressaltando que a maioria das pessoas entende que Ele pedia para não passar pelo sofrimento e morte física, que O aguardavam. Para tanto, é importante examinar um texto paralelo em *Hebreus 5.7* transcrito a seguir:

Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão.

O texto obviamente se refere a Jesus orando, no Monte das Oliveiras, Àquele que O podia livrar da morte, e registra claramente **que foi ouvido**. Obviamente se a morte em apreço fosse a física, o texto jamais poderia nos informar que Jesus foi ouvido. Por outro lado, sabemos que Jesus Se tornou o primogênito entre muitos irmãos, que não pode ter sido fisicamente, porque nesse caso Ele não seria o primogênito. Segue que Jesus foi o primeiro ser humano a sofrer morte espiritual e receber um espírito novo.

Nós realmente não podemos entender a angústia e o sofrimento de Jesus diante da perspectiva de ser feito pecado (*II Coríntios 5.21*). Ele, que durante toda a eternidade sempre teve uma perfeita relação com o Pai (*João 17.5*), estava prestes a vê-la interrompida por causa do nosso pecado, que seria colocado sobre Ele. Ele morreria a nossa morte (a mesma que Adão sofreu no dia em que comeu do fruto proibido) e a angústia foi tanta que Ele suava gotas de sangue. O Pai disse a Ele, contudo, que Ele receberia um espírito novo, abrindo, assim, o caminho para que nós também pudéssemos recebê-lo.

Pena que os discípulos estavam tão longe de perceber o maravilhoso significado de tudo que estava sendo conquistado. Tudo que sentiam era tristeza por Jesus mencionar o sofrimento que se avizinhava e dormiram para esquecê-la.

Os versículos 46 a 54 narram a prisão de Jesus, com Judas beijando-O para identificá-IO e Pedro decependo a orelha do servo do Sumo Sacerdote, que Jesus logo curou. De lá O levaram à casa do Sumo Sacerdote, e o texto nos informa que Pedro os seguia à distância.

A noite era fria, pelo que acenderam um fogo para aquecer aqueles que estavam do lado de fora da casa. Pedro se aproximou e foi identificado por 3 dos presentes, mas nas 3 vezes negou que conhecesse Jesus, com o galo cantando logo a seguir e Pedro se retirando para chorar pelo seu erro (versículos 55 a 62).

Os versículos 63 a 65 falam de como zombavam de Jesus os homens que O detinham, enquanto o restante do capítulo narra o julgamento sumário de Jesus enquanto Ele estava no sinédrio.

Lucas 23

Este capítulo continua com os membros do Sinédrio, que tinham acabado de condenar Jesus à morte, levando-o para pedir a Pilatos a Sua execução, com base em acusações falsas. Este interroga Jesus sobre a principal das acusações e entende que as acusações não se justificam.

Quando fica sabendo que Jesus veio da Galileia, ele vislumbra a possibilidade de passar o problema adiante, mandando-o para Herodes Antipas, o tetrarca dessa região, que estava em Jerusalém naquela ocasião. Embora Herodes se frustre com Jesus, que nada falou em sua presença, e principalmente por não vê-IO realizar nenhum milagre, ele reata o relacionamento com Pilatos, que estava estremecido. Ao final, nada encontrou e retornou Jesus para Pilatos. Este ainda tentou soltá-IO, fazendo uso de uma prática de soltar um preso na Páscoa, mas os presentes acabaram pedindo que fosse solto Barrabás, um assassino. Por não querer se indispor com o Sumo Sacerdote, Pilatos acabou permitindo que Jesus fosse crucificado.

Os versículos 26 a 32 narram a caminhada para o Calvário, com Simão Cireneu carregando a cruz para Jesus. Durante a caminhada, Jesus Se dirige às mulheres que O acompanham chorando, pedindo que chorem não por Ele, mas por si mesmas e por seus filhos, tendo em vista, certamente a destruição da cidade que se daria em alguns anos.

Nos versículos 33 a 49 Lucas narra o que se passa na cruz e a primeira coisa que chama a atenção é o pedido de Jesus ao Pai, pedindo que o pecado específico da crucificação seja perdoado àqueles que o causaram.

Ele era ridicularizado pelos líderes religiosos, pelos soldados, e até por um dos ladrões crucificados a Seu lado, mas o segundo ladrão mostrou arrependimento pelo seu erro e pediu que Jesus Se lembrasse dele ao entrar no Seu reino. A resposta de Jesus, dizendo que naquele mesmo dia estaria com ele no Paraíso, tem levado a muita especulação, principalmente levando em conta o fato de Jesus ter dito a Madalena 3 dias depois, que ainda não estivera com Seu Pai. Talvez a melhor resposta esteja associada ao versículo 46, onde Jesus, pouco antes de morrer, entregou a Deus Pai o Seu espírito.

Para que Jesus pudesse ser 100% homem e 100% Deus, era necessário que Ele tivesse um espírito humano corruptível, que se corrompeu com nossos pecados e que foi a causa de Sua ida ao inferno (*IPedro 3.18-19*). Por outro lado, Seu espírito divino não podia se corromper, justamente por ser divino. Já vimos, igualmente, que Jesus abriu mão dos poderes de Sua divindade, ou seja, “desativou-a”, enquanto vencida o pecado como homem (*Filipenses 2.6-8*). Assim sendo, ao Se corromper com nossos pecados, Deus abandonou a Jesus homem, que morreu espiritualmente primeiro e depois fisicamente. Antes da morte física, contudo, ele devolveu o Seu espírito divino ao Pai.

Desta forma Ele recepcionou o ladrão da cruz no paraíso (céu), enquanto Jesus homem ia para o inferno, onde Deus Pai deu a Ele um espírito novo (*ITimóteo 3.16*).

Os versículos 50 a 56 falam de Seu sepultamento por um homem chamado José de Arimatéia. Este colocou Jesus na sepultura, que preparara para si mesmo; assim, Ele foi sepultado entre os ricos.

Lucas 24

Este último capítulo de Lucas nos fala da ressurreição e dos eventos finais da vida de Jesus aqui na Terra. Começa com as mulheres levando perfumes e especiarias aromáticas para ungir o corpo de Jesus no domingo pela manhã. Ali encontraram a pedra removida e o corpo de Jesus sumido. Em meio à sua perplexidade, apareceram a elas dois anjos que avisaram a respeito de Sua ressurreição. Os anjos fizeram questão de lembrar que tudo isso já fora dito por Jesus antes.

As mulheres em apreço, Maria, Maria Madalena e Joana, contaram aos discípulos, mas estes não acreditaram. Mesmo assim, Pedro foi ao local e constatou que Ele sumira, mas não creu na hipótese de ressurreição.

Enquanto isso dois outros discípulos viajaram a pé para uma cidade próxima chamada Emaús. O encontro deles com Jesus foi notável, embora não O tivessem reconhecido até chegarem a Emaús, onde sentou à mesa com eles, para logo depois sumir. Cheios de Seus ensinamentos aprendidos pelo caminho, voltaram a Jerusalém e contaram tudo aos 11 e aos demais, que confirmaram ter Jesus aparecido também a Simão Pedro.

Enquanto eles narravam aos demais os ensinamentos de Jesus, o próprio Senhor Se apresentou entre eles para o espanto de todos. Não obstante terem-no reconhecido, tiveram grande dificuldade de crer que era Ele. Repassado o susto inicial, Jesus abriu-

lhes o entendimento e, pela primeira vez, tiveram a oportunidade de entender a verdadeira natureza da missão do Messias, qual seja: pagar o preço do pecado para a salvação de todos os que se arrependessem dos seus pecados e cressem.

Eles eram as testemunhas dessas coisas e era a eles, prioritariamente, que cabia a tarefa de dizer ao mundo o que Ele fizera. Para capacitá-los, contudo, nesse sentido, ele falou que receberiam a unção do Espírito Santo. Para tanto, deveriam permanecer em Jerusalém até que O recebessem.

O texto se encerra em Betânia, onde Jesus os abençoou e depois foi elevado ao céu.

Semana 57 - O Reino do Norte: Jeroboão I, Nadabe, Baasa, Elá, Zinri, Onri, Acabe e os Profetas Elias e Eliseu

Texto: IReis 12.16-20 e 25-33; IReis 13.1-14.20; IICrônicas 10.16-19; IReis 15.25-21; IReis 22.29-40; IICrônicas 18.28-34

Estação 30

IReis 12.16-20 e 25-33; IReis 13.1-14.20; IICrônicas 10.16-19; IReis 15.25-34; IReis 16.1-7

IReis 12.16-20

Embora Davi tenha sido ungido rei de Israel por ordem divina, a maior parte do povo levou 7 anos para aceitá-lo. Durante este período ele reinou apenas sobre Judá, enquanto as outras tribos continuavam servindo ao filho de Saul. Somente após a morte deste é que resolveram coroá-lo rei sobre todas as tribos.

Ele foi um grande rei, mas próximo ao final do seu reinado uma manobra bem arquitetada de seu filho Absalão fez com que fosse visto, por muitas pessoas, como uma pessoa que não se interessava pelo bem-estar do povo em geral. A segunda parte de seu plano foi tentar tomar o trono de seu pai, mas acabou morto. Mesmo assim, o dano ao conceito que o povo tinha por Davi já estava feito, pelo que houve mais uma tentativa, logo eliminada, de elegerem um outro rei sobre as demais tribos.

Pouco depois, passou a reinar Salomão no lugar do pai, que, a princípio, reconquistou a confiança do povo e tornou o reino em orgulho do povo. Com o passar do tempo, contudo, afastou-se de Deus, tornou-se injusto, cobrando impostos excessivos do povo, pelo que perdeu a admiração que conquistara.

Ao falecer, portanto, trouxe esperança ao povo, no sentido de que seu filho, Roboão, pudesse ser uma pessoa mais justa que o pai, reinando com justiça. Seu pedido nesse sentido, contudo, não fora atendido e exatamente neste ponto o texto acima nos mostra o renascimento do sentimento das outras tribos de que Davi não era o seu rei.

Claro que sabemos que Deus estava por trás disso, tirando a maior parte das tribos de Roboão, dando-as a Jeroboão, mas vemos que Ele o faz como Senhor da história, usando todas as coisas, incluindo os sentimentos do povo, para a realização de Sua vontade, porque Ele é Deus.

IReis 12.25-33

Deus faz tudo, escolhendo aqueles que deseja usar, como é o caso de Jeroboão, mas, mesmo assim, estes têm o livre arbítrio, podendo confiar nEle ou deixar de fazê-lo.

Certamente Jeroboão ficou encantado com as palavras de Aías, que profetizara que seria rei de Israel, ficando com 10 das 12 tribos de Israel (*1Reis 11.26-40*), mas isso não impediu que tivesse que fugir para o Egito para não ser morto (*1Reis 11.40*). No devido tempo, contudo, Deus o trouxe de volta e o instituiu como rei de Israel (de todas as tribos do norte), tal como havia prometido.

Não obstante esse fato, contudo, vemos que sua confiança, ao assumir o trono, não estava em Deus e, sim, em si mesmo. Ele não queria correr o risco de continuar a permitir que o povo subisse a Jerusalém para adorar ao Senhor, que assim determinara. Ele não confiou que o Deus que lhe dera o reinado pudesse, também, conceder a ele uma relação amistosa com o reinado de Roboão.

Sua solução para o problema foi muito simples: criar outros lugares de culto a outros deuses, para evitar o risco de que desejassem voltar a servir a Roboão acompanhando a sua subida a Jerusalém. O dia da Expição, no sétimo mês, virou uma outra festividade um mês depois e o culto de presença obrigatória em Jerusalém tornou-se obrigatória e idólatra nos novos lugares de culto. Tudo aconteceu porque faltou a Jeroboão a vontade de confiar naquele que o chamara.

Claro que aqui cabe perguntar como anda a nossa confiança naquele que também nos chamou e, de igual modo, espera que confiemos nele?

1Reis 13

Esse capítulo nos mostra o quanto o Senhor é um Deus misericordioso e compassivo, mas, ao mesmo tempo, rigoroso para com aqueles que já O conhecem. Vimos no capítulo anterior a péssima escolha feita por Jeroboão devido à sua falta de confiança no Senhor. Este, por Sua vez, ao invés de castigá-lo, dá a ele uma oportunidade de arrependimento, mandando um profeta para alertá-lo de seu pecado.

Mesmo com ele se irando com o profeta e tendo mandado prendê-lo, Deus dá a ele mais uma grande oportunidade, primeiro criando uma paralisia em seu braço, para depois curá-lo através da oração intercessória do profeta. Os versículos 33 e 34 nos dizem, contudo, que mesmo depois de tudo isso, o rei não mudou o seu procedimento e continuou em seus pecados.

Por outro lado, o profeta, que conhecia a Deus, cometeu um pequeno deslize, qual seja, se deixar enganar pelo velho profeta local, que mentiu dizendo que Deus enviara a ele uma mensagem convidando-o a comer em sua casa. O preço desse erro foi a vida do profeta, ou seja, o mesmo Deus que o protegera contra o rei Jeroboão, mandaria um leão ao seu encontro para matá-lo.

Não podemos deixar de ressaltar aqui a profecia desse homem de Deus que se cumpriria muitos anos adiante, com Josias sacrificando sobre aquele altar construído por Jeroboão os ossos dos sacerdotes que o rei havia estabelecido para ali sacrificar.

IReis 14

O triste evento da morte do filho de Jeroboão é narrado neste capítulo, com Jeroboão achando que Aías teria boas coisas para ele, porque fora ele que profetizara o seu reinado. É interessante como as pessoas podem achar que Deus Se manifesta de forma distinta, dependendo de quem é o intermediário.

O texto nos mostra que Deus havia alertado Aías sobre a visita da esposa de Jeroboão fingindo ser outra pessoa, pelo que a mensagem foi dura, apresentando o juízo de Deus sobre Jeroboão e toda a sua família.

Enquanto lemos aqui acerca do triste desfecho de uma vida que começou de forma tão promissora, devemos aproveitar para perguntar se os planos de Deus para as nossas próprias vidas tiveram o sucesso que Deus havia planejado para nós.

Jeroboão reinou durante 22 anos, mas todas as vezes em que a Bíblia o menciona depois disso, é para lembrar que foi ele que introduziu a idolatria no Reino do Norte. Mesmo neste capítulo, nós vemos Aías prenunciando, nos versículos 15 e 16, que o povo do Reino do Norte seria levado em exílio, para nunca mais voltar.

II Crônicas 10.16-19

Temos aqui a narração paralela de *II Crônicas*, apresentando a decisão de Israel de não mais ter Roboão como rei, somente aqueles que habitavam nas cidades de Judá.

Somos informados que Roboão ainda tentou receber os impostos do povo, mas que estes mataram o seu enviado, Adonirão, e por pouco também o próprio rei Roboão.

IReis 15.25-34

Temos neste texto a narração a respeito de Nadabe, filho de Jeroboão, que reinou em seu lugar, mas apenas por 2 anos, porque Deus suscitou a Baasa, filho de outro Aías, para matá-lo e tirar da descendência de Jeroboão o reinado, conforme prometido pelo profeta Aías. Depois de matar a Nadabe, somos informados que Baasa matou toda a família de Jeroboão, também em cumprimento ao estabelecido por Deus.

O texto é muito claro ao nos informar que tudo isso aconteceu por causa do pecado de Jeroboão, que provocou a ira do Senhor, fazendo com que todo o Israel cultuasse a outros deuses (versículo 30).

Baasa reinou por 24 anos, mas infelizmente cumpriu à risca tudo o que Deus mandou que ele fizesse, exceto o item mais importante, qual seja, trazer de volta para Ele o coração de Seu povo, Israel.

Não é à toa, portanto, que o versículo 32 mencione que houve guerra entre Baasa e Asa, rei de Judá, durante todos os dias de seus reinados.

IReis 16.1-7

Neste texto vemos Deus suscitando o profeta Jeú, filho de Hanani, para dizer a Baasa exatamente a mesma coisa que foi dita por Aías à mulher de Jeroboão. Ele disse a Baasa que “está na iminência” de destruir tanto a ele como à sua família. Isso significa que “esta é a sua oportunidade de arrependimento”, antes que Ele envie contra ele (Baasa) e sua família o mesmo juízo que o próprio Baasa executou contra Jeroboão.

Não obstante a experiência que ele tinha em relação à fidelidade de Deus para com a Sua palavra, ele preferiu continuar a andar em seus pecados. Inacreditável!

IReis 16.8-28

No lugar de Baasa passou a reinar seu filho Elá e, exatamente como acontecera a Nadabe, filho de Jeroboão, o reinado dele durou apenas dois anos, pois foi morto por Zinri, que se proclamou rei em seu lugar, matando, também, toda a família e todos os amigos de Elá. O texto deixa muito claro que o motivo para tanto é o fato de Elá ter continuado a viver na vida pecaminosa pela qual optara o seu pai.

Desta feita, contudo, o povo da terra não quis que Zinri fosse rei, pelo que escolheram Onri para reinar em seu lugar. Zinri se viu sem apoio e optou por cometer suicídio. Mesmo assim Onri não tinha o apoio unânime dos filhos de Israel, pois havia um grupo que queria como rei uma pessoa de nome Tibni. Houve luta entre os dois grupos e Tibni acabou morto, reinando Onri, por 12 anos. Infelizmente, também ele optou por seguir os caminhos pecaminosos de Jeroboão.

Durante os seus dias ele comprou o monte onde edificou a cidade de Samaria, para onde transferiu a capital de seu reinado. Quando morreu, reinou Acabe em seu lugar.

IReis 16.29-34

Este texto nos fala a respeito do início do reinado de Acabe, filho de Onri, no 38º ano do reinado de Asa, rei de Judá. Somos informados aqui que ele foi o pior de todos os reis de Israel que reinaram até então. Seu crime consistiu em casar com Jezabel, filha de um rei sidônio, adoradora de Baal, que instituiu o culto a ele em Israel (Acabe construíra tanto um templo para ele, como um altar, onde ele mesmo, Acabe, sacrificava).

Há uma nota interessante aqui sobre o cumprimento de uma maldição pronunciada por Josué, na época em que Israel destruiu Jericó (*Josué 6.26*). Ele condenara à perda de seu primogênito aquele que procurasse reconstruir a cidade de Jericó. Ao concluir a

reconstrução ele perderia, ainda, o seu caçula. Pois bem, nos dias de Acabe uma pessoa de nome Hiel reconstruiu a cidade, mas perdeu seu primogênito, Abirão, ao iniciar a obra, e o seu caçula, Segube, quando a concluiu.

Este texto obviamente não prova que todas as maldições são verdadeiras, mas certamente prova que esta foi pronunciada profeticamente por Josué.

IREIS 20

Deus sempre faz as coisas que glorificam o Seu nome e isso fica bem claro neste capítulo. Além disso, vemos a fantástica oportunidade de arrependimento que é oferecida por Deus a Acabe, apesar dele ser o pior de todos os reis que haviam se assentado no trono do reino de Israel.

Ben Hadade, rei da Síria, havia feito uma associação com outros 32 reis e montado um gigantesco exército, com o qual cercou a cidade de Samaria. Para não atacá-la e destruí-la, ele ofereceu a Acabe que este rendesse todos os seus bens pessoais, condição essa que o rei aceitou. Mediante a concordância de Acabe, Ben Hadade voltou atrás de sua oferta e exigiu que Acabe rendesse também todos os bens de seus oficiais, com o que Acabe disse não poder concordar. Diante da recusa de Acabe, Ben Hadade resolveu atacar a cidade e prometeu a Acabe destruí-la por completo.

Em meio aos momentos de agonia que vivia Acabe, sabendo que seu adversário tinha poder suficiente para cumprir o que prometera, Deus mandou a ele um profeta para dizer que Ele, o Senhor, iria destruir o exército de Ben Hadade, apenas para que o rei soubesse Quem Ele realmente era.

Deus havia sido afrontado por Acabe, mais do que por qualquer de seus antecessores e, mesmo assim, Ele oferece ao rei a oportunidade de conhecê-LO pessoalmente. Realmente nunca vamos entender a fonte de tanta misericórdia! Esse é o Deus a Quem servimos, que está pronto a oferecer uma chance incondicional mesmo ao pior dos reis de Israel.

A vitória de Acabe foi completa e arrasadora, vindo acompanhada de um alerta para que ele se preparasse para outra guerra, porque no ano seguinte Ben Hadade voltaria a atacá-lo.

Passado um ano, Ben Hadade voltou a atacar e Deus, mais uma vez, avisou a Acabe que venceria para que pudesse reconhecer que Ele era o Senhor. Assim foi, e as tropas sírias foram completamente arrasadas.

Em meio a tudo isso, não há menção de arrependimento por parte de Acabe e, sim, do fato dele decidir usar de misericórdia para com Ben Hadade, sem se dar ao trabalho de consultar o Senhor, que realmente o entregara em suas mãos.

O texto é encerrado com Deus dizendo a Acabe que a sua própria vida seria tomada em lugar da de Ben Hadade, que Ele, Deus, não queria que vivesse. Que também os israelitas seriam destruídos em lugar dos sírios, que também Ele, Deus, queria que fossem destruídos.

IReis 21

Vemos, neste texto, que Acabe não se arrependera em nada dos seus pecados, não obstante as duas vitórias maravilhosas que Deus lhe dera sobre a Síria. Vemos aqui, bem ao contrário, que ele agiu de forma ainda mais iníqua, permitindo que sua mulher, Jezabel, arquitetasse a morte de um homem chamado Nabote, apenas porque este se recusara a vender uma vinha que ficava ao lado do palácio.

Imediatamente Deus mandou que Elias fosse se encontrar com o rei para declarar que tanto ele como Jezabel seriam objeto de Seu juízo, assim como o haviam sido Jeroboão e Baasa.

Desta vez, contudo, contrariando todas as expectativas, Acabe rasgou suas roupas e se fez cobrir de cinzas em sinal de arrependimento pelo seu ato. Obviamente Deus o sabia, porque Ele conhece os nossos corações, mas Ele perguntou a Elias se ele também o havia notado. Neste caso ele deveria informar a Acabe que percebera o seu arrependimento e que, com base nele, havia decidido que seu reinado seria tomado sim, mas não de sua mão e, sim, da mão de seu filho.

Claro que Deus conhecia o coração de Acabe e sabia que era uma questão de tempo para que ele se voltasse para Deus. É neste ponto que o texto aqui se encerra.

IReis 22.29-40

Este último texto sobre Acabe nos fala de sua última batalha contra o rei da Síria, na qual se cumpriria aquilo que Deus lhe dissera: que sua vida seria tomada no lugar da vida do rei sírio.

Acabe mantinha um bom relacionamento com o rei de Judá, Josafá, este um homem temente ao Senhor, e os dois subiram juntos, eles e seus exércitos, nesta batalha contra os sírios.

O exército judeu-israelense foi derrotado e Acabe fatalmente atingido, mas ele retornou a Samaria, onde foi enterrado, passando a reinar o seu filho Acazias em seu lugar.

II Crônicas 18.28-34

Este é o texto paralelo de *II Crônicas*, no qual é narrada também a morte de Acabe. Somos informados aqui que a guerra teve início por parte de Acabe e Josafá, para que fosse retomada Ramote-Gileade, que anteriormente pertencia a Israel, mas estava ainda em mãos dos sírios.

Os dois reis entraram na batalha, mas apenas Josafá se vestira de rei, enquanto Acabe lutava como um soldado comum. Deus deu a Josafá livramento, não obstante a derrota, mas o mesmo não aconteceu em relação a Acabe, “que foi ferido por acaso”, em cumprimento àquilo que Deus já o avisara que ocorreria (sua vida seria tomada pela de Ben Hadade, que ele perdoara).

Não obstante a morte de Acabe, é maravilhoso entendermos, pelo texto, que o pior rei de Israel, que não teve tempo para corrigir os seus muitos erros, se arrependeu dos seus pecados e será encontrado nos céus, para a glória e honra do Misericordioso Deus.

IReis 17

No texto acima, retrocedemos um pouco na vida de Acabe, para uma das narrativas dos feitos da vida de Elias. O profeta vinha clamando contra Acabe devido à sua vida ímpia diante de Deus. Como prova da insatisfação de Deus para com ele, o profeta havia dito ao rei que não voltaria a chover em Israel, senão mediante mandado seu (fica implícito aqui que isso se daria em cumprimento à vontade de Deus).

Obviamente haveria perseguição e ameaça à sua vida, pelo que Deus mandou que Elias saísse dali. Inicialmente ele o alimentou através de corvos à beira de um riacho, mas quando este secou, mandou que fosse à cidade de Sarepta, onde não apenas multiplicou o alimento da casa de uma viúva, para que esta pudesse sobreviver, como também para que sustentasse o profeta. Além disso, vemos a maravilhosa ressurreição do filho da viúva, quando este adoeceu e faleceu em função dessa enfermidade.

É notável a forma como o Deus que rege a história de Israel ainda atenta para detalhes na vida desta pobre viúva, para que possa prover para todas as suas necessidades, inclusive médicas.

IReis 18

Esta é a narrativa mais marcante de todos os feitos de Deus realizados através do profeta Elias. Trata-se de uma demonstração do Seu poder realizada, não apenas para mostrar a Acabe o poder do Senhor, mas também para que todo o povo de Israel a Ele se convertesse.

O texto começa ressaltando a fidelidade de Obadias, um servo fiel do Senhor, em uma posição de destaque no reino de Israel, e que usa a sua posição, arriscando a própria vida, para salvar os profetas do Senhor, que Jezabel estava matando.

O texto é claro e dispensa qualquer esclarecimento, mas não podemos deixar de chamar a atenção para a misericórdia de Deus para com o Seu povo. Sabemos bem o desfecho do Reino do Norte, mas não podemos deixar de reconhecer todo o esforço de Deus no sentido de trazer de volta esse povo, agora descrente, e que fica sem resposta quando Elias os alerta para a necessidade de decidirem entre o Senhor e Baal (versículo 21). É o Seu grande amor que faz com que simplesmente não possa “deixar para lá”.

Deus concede a ele uma vitória esmagadora diante dos profetas de Baal, que resulta na morte de todos eles. Como se isso não bastasse, Deus cumpriu a Sua promessa de trazer chuva apenas quando solicitada por Elias.

Se não conhecêssemos o capítulo seguinte, poderíamos agora pensar que Deus sempre está disposto a conceder superpoderes aos Seus servos que agem com fidelidade, mas o capítulo seguinte nos mostra que não é bem assim.

IReis 19

É justamente em meio a essa tremenda demonstração do poder de Deus, que vemos agora Elias acovardar-se, devido a uma ameaça de Jezabel, fugir e deixar-se abater por uma grande depressão. Somos tentados a achar inacreditável que alguém que tenha tido uma experiência tão marcante com Deus, pudesse agora estar numa situação tão constrangedora.

Devemos nos lembrar, contudo, que assim somos todos nós. Os milagres e o poder demonstrados por Deus ontem são rapidamente esquecidos. Sua maravilhosa providência de ontem é rapidamente esquecida e passamos a nos desesperar com as necessidades de hoje.

Elias disse a Deus que não queria mais viver e pediu que o levasse. O mais interessante, contudo, é que Deus aceitou fazê-lo, mas não antes de cumprir umas pequenas tarefas pendentes, entre as quais ungir seu sucessor Eliseu, o novo rei da Síria e o novo rei de Israel, que eliminaria a descendência de Acabe. Não podemos deixar de imaginar, contudo, o que mais esse “super profeta” poderia ter feito caso tivesse mantido a sua confiança no maravilhoso Deus que o sustentara até ali?

Quanto mais Deus ainda quer fazer através de nós?

Semana 58 - O Reino do Norte: Profetas Elias, Eliseu e Acazias, Jorão, Jeú, Jeoacaz, Jeoás, Jeroboão II, Salum, Menaém, Peca, Oséias e Azarias

Texto: IIReis 1 a 8.24; 9 e 10; 13; 14.15-16 e 23-29; 15.8-31; 17; Salmos 84

Estação 30

IIReis 1

Este capítulo apresenta mais uma das marcantes histórias da vida do profeta Elias, no qual fica ressaltado o quanto o Reino de Israel se afastou de Deus, graças à influência nefasta de Jezabel, começando pelo reinado de Acabe e aqui se perpetuando no reinado de Acazias, seu filho.

Trata-se de um acidente bizarro, no qual o rei Acazias caiu da sacada do seu quarto no palácio real de Samaria, sofrendo sérios ferimentos, que o levariam a morrer pouco depois.

Ciente da gravidade de seu estado, o rei decidiu mandar alguns de seus servos para consultar Baal-Zebube, deus de Ecrom (terra de Jezabel), para saber, pela boca de algum dos sacerdotes de lá, se ele seria curado.

A consulta em apreço acabou não ocorrendo, porque Deus mandou o profeta Elias interceptar os mensageiros do rei, dizendo a eles que retornassem para informar ao soberano que não fazia sentido consultarem Baal-Zebube, se havia um Deus como o Senhor em Israel. Por isso mesmo, ou seja, devido a tamanha afronta ao Deus Vivo, ele, o rei, não se levantaria mais de sua cama; pelo contrário, morreria em função dos ferimentos sofridos.

O restante do capítulo mostra a arrogância de Acazias, primeiro se informando quanto a quem era o profeta que mandara a mensagem e depois exigindo que este comparecesse à sua presença, mandando, para tanto, um oficial e cinquenta soldados para o trazerem.

O capitão em questão age com a mesma arrogância, exigindo que Elias o acompanhasse, mas este mandou que descesse fogo do céu para consumir tanto o oficial como os seus soldados. Sem dúvida é chocante ver tamanha mortandade que resulta dessa arrogância. Pior, ainda, é ver o incidente se repetir, com outro oficial e mais cinquenta soldados.

Finalmente, vemos um terceiro oficial se humilhar diante de Deus e do seu profeta, pelo que Deus concedeu que Elias poupasse as vidas destes e os acompanhasse até Samaria, apenas para repetir a mesma condenação à vida de Acazias, ou seja, que morreria logo a seguir, passando a reinar seu irmão Jorão em seu lugar.

II Reis 2

Este capítulo narra a fantástica subida ao céu de Elias numa carroça de fogo, puxada por cavalos, também de fogo. Trata-se de um evento singular na Bíblia, onde, pela segunda e última vez, um ser humano é transladado para o céu, sem passar pela morte. A primeira diz respeito a Enoque, que andou com Deus e foi tomado por Este e aqui vemos o mesmo ocorrendo com Elias, mas de forma espetacular.

Esta narrativa inspirou a mais famosa das canções do gênero “negro spiritual”, conhecida como “Swing Low”, na qual um escravo invoca que Deus mande a “doce carruagem” (representativa da morte) para levá-lo para casa.

É curioso ver a grande divulgação do evento, pelo Espírito Santo, informando-o a Elias, a Eliseu e a dois grupos distintos de profetas, um de Betel e outro de Jericó (aqui em número de 50), pelo que formou-se grande expectativa em relação ao que estava por ocorrer.

A princípio vemos Elias tentando se separar de Eliseu, para ir sozinho ao encontro de “sua carruagem”, mas este não queria perder o evento de forma alguma. Os dois saíram juntos de Gilgal e se dirigiram a Betel, onde encontraram o primeiro grupo de profetas, que estavam ansiosos pelo que estava por acontecer.

De lá foram para Jericó, onde outro grupo não só os aguardava, como os acompanhou até o Jordão, para onde se dirigiram a seguir. Chegando ao rio, Elias tirou o seu manto e bateu com ele nas águas, que se partiram, pela terceira vez na Bíblia (segunda do próprio Jordão) e os dois passaram andando em terra seca.

Chegando do outro lado, as águas retornaram ao curso normal e os dois seguiram conversando. Os 50 profetas, que os acompanhavam à distância, permaneceram do outro lado do rio.

Na conversa entre Elias e Eliseu, o primeiro perguntou se havia algo que ele pudesse fazer pelo seu substituto antes deles se separarem. A tradução de algumas Bíblias, como a JFA, traz uma solicitação de Eliseu no sentido de receber “o dobro do Espírito que havia sobre Elias”. Curiosamente, essa sentença tem inspirado muitas orações de consagração, nas quais se pede uma “grande unção do Senhor”, expressa através destas palavras. Em termos práticos, os tradutores da NVI, contudo, entendem que Eliseu pediu apenas que a mesma unção de Elias se repetisse na vida dele. Há, todavia, quem ressalte o fato de que o número de milagres de Eliseu, narrados no texto bíblico, é exatamente o dobro daqueles que são atribuídos a Elias.

Elias respondeu a Eliseu que era difícil o que ele havia pedido, mas que seria concedido se ele visse o momento em que ele, Elias, fosse tomado dele. Obviamente Eliseu, que já estava atento, passou a ficar ainda mais cuidadoso.

Enquanto caminhavam surgiu, então, o carro de fogo, puxado por cavalos igualmente de fogo, no qual Elias entrou, levando-o embora, sumindo pouco a seguir, não sem antes deixar cair o seu manto, que Eliseu rapidamente pegou.

Chegando de volta ao Jordão, ele quis testar se o pedido feito havia sido atendido, e a melhor maneira de fazê-lo seria abrindo, novamente, as águas do rio para voltar a passar em seco. Assim, esse mesmo milagre se repetiu pela quarta vez na Bíblia, testificando, também para os 50 profetas, que a unção sobre Elias agora respousava sobre Eliseu (versículo 15).

Por algum motivo que não fica claro no texto, os 50 profetas não achavam que Deus havia levado Elias embora, pelo que insistiram em procurá-lo. Eliseu achou aquilo sem sentido, mas tanto insistiram que ele acabou concordando que fossem. Quando retornaram 3 dias depois, Eliseu, que os aguardava em Jericó, se limitou a dizer que não deveriam ter ido.

Ainda em Jericó, alguns homens do lugar disseram a Eliseu que a cidade era bem situada, mas que a água ali era ruim e improdutiva, pelo que Eliseu jogou sal na sua nascente, fazendo, pelo poder divino, é claro, que a água se tornasse boa.

Finalmente, o texto narra um evento terrível, de Eliseu retornando de Jericó para Betel, seguido por muitos meninos que vinham atrás dele, fazendo gozação com a sua careca. Eliseu, irritado com aquilo, amaldiçoou os meninos em nome do Senhor e foi embora. Logo a seguir o texto nos informa que surgiram duas ursas que mataram 42 desses meninos.

II Reis 3

Este capítulo narra uma guerra entre Israel e Moabe, da qual participaram também Judá e Edom, apoiando os exércitos de Israel. Isso se deu logo ao início do reinado de Jorão, filho de Acabe, que passou a reinar no lugar de seu irmão Acazias.

Jorão, conforme descrito nos versículos 2 e 3, continuava a manter a idolatria de seus pais, mas já ficara convencido que Baal deveria ser banido de Israel, pelo que pelo menos isso ele fez.

Os moabitas eram tributários de Israel, mas, com a morte de Acabe, haviam decidido que não pagariam mais o tributo anual. Por causa disso, Jorão pediu a Josafá que o apoiasse na batalha e este aceitou. Ambos, a caminho, ainda conseguiram o apoio de Edom.

Infelizmente, o planejamento dos 3 reis para esta batalha foi desastroso, porque ao fim de 7 dias ainda não haviam chegado ao local de batalha e já não tinham mais água. Josafá sugeriu que fosse consultado um profeta do Senhor e um dos conselheiros de Jorão se lembrou de Eliseu, que previra a morte de Acazias.

Eliseu foi trazido à presença de Jorão, mas ele deixou muito claro que só estava ali por causa de Josafá, por ser este temente ao Senhor. Sua profecia, contudo, foi muito favorável, prevendo uma vitória contundente e dizendo que não choveria, mas que Deus mandaria toda a água necessária.

O restante do capítulo narra a chegada da água e a vitória sobre Moabe, com a destruição de suas principais cidades. A guerra foi encerrada com a indignação de Judá e Israel, pelo fato do rei moabita, Messa, num ato de total desespero, ter sacrificado o seu próprio filho, herdeiro do trono, para tentar agradar ao seu deus.

II Reis 4

Este capítulo narra vários dos milagres realizados por Eliseu durante o seu ministério de profeta.

- Pagamento de dívida e sustento de uma viúva:

Este evento mostra como Deus usou o profeta para prover sustento para uma viúva e seus filhos, com suficiência para pagar uma dívida de seu marido, através do aumento do volume do azeite que a mulher tinha em casa. É um milagre utilizado com frequência pelos púlpitos para mostrar como Deus, frequentemente, utiliza aquilo que já temos para prover através de nós mesmos, na medida em que o confiamos a Ele.

- Ressurreição do filho da sunamita:

Uma mulher rica de Suném mandou fazer um aposento em sua casa para o profeta Eliseu e este, como sinal de agradecimento, pediu a Deus que desse a ela um filho, apesar da idade avançada de seu marido. Alguns já veem aqui um primeiro milagre para com ela.

Anos mais tarde o menino adoeceu pela manhã e ao meio dia morria nos braços da mãe, que mandou preparar o seu animal e foi de encontro ao profeta, para que este a socorresse. Esta é a segunda ressurreição mencionada na Bíblia, visto que Elias, poucos anos antes, também já fora usado por Deus, para realizar a ressurreição de outro menino (*IReis 17.21*).

- A adequação de um ensopado envenenado:

Eliseu estava em Gilgal lecionando numa escola de profetas, numa época de fome na terra de Israel, pelo que ele pediu ao seu servo que fosse colher uma plantas para fazer um ensopado para ele e seus alunos. Dentre as plantas colhidas, havia uma que o servo não conhecia e que foi usada no preparo da sopa. Quando o alimento foi servido, identificou-se, imediatamente (provavelmente pelo sabor), que não poderia ser comido, pois estava envenenado. O texto bíblico nos diz que um pouco de farinha resolveu o problema e puderam comê-lo, mas obviamente o correto seria dizer que Deus usou um pouco de farinha para tanto.

- A multiplicação de alimentos:

Num evento muito similar ao anterior, Eliseu ensinava a uma centena de pessoas, quando chegou a hora da refeição. Um homem presente colocou à disposição do profeta os seus 20 pães de cevada e umas poucas espigas de milho verde que tinha consigo. Eliseu simplesmente tomou o alimento e mandou que seu servo o servisse a todos.

Ao servo, contudo, pareceu que faltara bom senso ao profeta, porque o alimento era visivelmente insuficiente. Eliseu se limitou a dizer, contudo, que todos se satisfariam e que ainda haveria sobras. Assim foi e esta deve ter sido a primeira multiplicação de alimentos que encontramos na Bíblia.

II Reis 5

Neste capítulo encontra-se narrada a cura da lepra do general sírio, Naamã. Trata-se do lindo testemunho de uma menina que havia sido levada cativa de Israel e separada de sua família, justamente por ele. Ela, que tinha todos os motivos para odiar Naamã, servia à mulher dele e mostrou interesse por sua saúde quando ele ficou leproso, a ponto de sugerir que haveria cura para ele, se pudesse comparecer perante Eliseu, o profeta do Senhor, em Israel.

Quantos de nós agiria de mesma forma que ela, se tivéssemos sido prejudicados e alijados da família da mesma maneira que ela? Quantos de nós mostraria o amor de Deus para com alguém como Naamã?

Em condições normais, Naamã jamais acataria a sugestão de uma criança escrava, mas tanto o amor demonstrado por ela, como o desespero da situação, criaram condições propícias para que o general fosse parar em Israel, batendo à porta de Eliseu.

Antes que Deus o quisesse curar, contudo, havia uma grande soberba por parte de Naamã a ser resolvida. Exatamente por isso, Eliseu sequer foi à porta conversar com ele, limitando-se a mandar seu servo para instruí-lo quanto à cura.

Foi exatamente a soberba que impediu que Naamã aceitasse a palavra do servo, tendo antes se retirado indignado pela falta de respeito de Eliseu. Felizmente, contudo, quando já havia decidido retornar à Síria, um dos servos de Naamã mostrou bom senso ao perguntar se ele não faria qualquer coisa difícil que Eliseu tivesse solicitado; por que, então, deixar de fazer algo tão simples quanto mergulhar 7 vezes no Jordão? Neste ponto, revelada a insensatez da soberba de Naamã, este caiu em si e foi aberto o caminho para a cura.

A forma como ele é curado a seguir e se humilha diante de Eliseu, reconhecendo que só o Senhor é Deus, sem dúvida mostra que o verdadeiro objetivo de Deus fora alcançado.

Quanto ao pecado de Geazi, cobiçando os presentes de Naamã, que Eliseu se recusara a receber, nos mostra o quanto as prioridades erradas corrompem os nossos corações, fazendo com que nos desviemos dos planos, que Deus tem para as nossas vidas. Geazi assistia de forma privilegiada aos grandes milagres que Deus fazia através de Eliseu.

Sua cobiça, contudo, fez com que perdesse sua posição de honra, trocando-a por uma caverna fora da cidade, tendo que gritar “impuro”, sempre que alguém se aproximasse.

II Reis 6

Os primeiros 7 versículos deste capítulo narram a recuperação de um machado emprestado, que Eliseu fez flutuar nas águas do Rio Jordão. A escola de profetas estava crescendo e não cabia mais no lugar onde estava se reunindo, pelo que os alunos se reuniram para ir ao Jordão, onde cortariam árvores para a construção da nova sede, e Eliseu foi junto.

Chegando lá o machado de um deles se soltou do cabo e caiu no Jordão. Para resolver o problema, Eliseu o fez flutuar e o aluno simplesmente estendeu a mão e o recuperou.

Os versículos 8 a 23, a seguir, narram alguns eventos curiosos da guerra entre Israel e a Síria. Inicialmente, vemos Eliseu frustrando todas as armadilhas que o rei da Síria armava para o rei de Israel, denunciando sempre o seu esconderijo. O rei da Síria começou a suspeitar de alguma traição entre os seus conselheiros, mas ao ficar sabendo que era obra do profeta Eliseu, resolveu que iria prendê-lo.

O plano falhou, contudo, e Deus aproveitou a ocasião para ensinar várias lições a quem as precisava aprender. Primeiro foi o servo de Eliseu, que aprendeu uma lição de confiança no Senhor, ao ver que as tropas sírias estavam cercadas por um contingente divino em muito maior número.

Depois foi a vez do rei de aprender que a misericórdia pode trazer a paz muito mais facilmente que as ações violentas. Ele queria matar os soldados sírios que Eliseu trouxera para Samaria, mas o fato de alimentá-los e enviá-los de volta ao rei da Síria, trouxe como consequência um longo período de paz entre as duas nações.

Já o restante do capítulo 6 e todo o 7 contêm, juntos, uma narrativa que ocorreu durante o reinado de Ben-Hadade sobre a Síria, que tanto pode ser o antecessor de Hazael, como o rei posterior ao mesmo, já que ambos se chamavam Ben-Hadade. Certamente Eliseu já fora empossado no lugar de Elias e talvez reinasse ainda Acabe, ou já estivesse reinando Acazias, seu irmão Jorão, ou mesmo Jeú, seu filho ou ainda o seu neto, Jeoás. Por algum motivo, não claramente revelado, o rei de Israel considerava Eliseu culpado pelo cerco dos sírios e pela fome que todos estavam sofrendo, a ponto de querer matá-lo. A melhor sugestão da causa para esse ódio todo está no versículo 33, na pregação do profeta, porque o rei diz a ele, que toda essa desgraça vinha do Senhor, pelo que não havia porque ter esperança nEle.

II Reis 7

Este capítulo apresenta a continuidade da narrativa iniciada no versículo 24 do capítulo anterior, que foi interrompida pela declaração do rei, de que não adiantava confiar no

Senhor, visto que Ele era o culpado da situação em que se encontravam (ver *II Reis* 6.24, onde somos informados que uma cabeça de jumento estava sendo vendida por 80 peças de prata e uma caneca de esterco de pombo por 5). A resposta de Eliseu foi muito simples: ele profetizou que àquela mesma hora no dia seguinte uma medida de farinha estaria sendo vendida por uma peça de prata e uma de cevada pela metade disso (versículo 1).

O oficial que acompanhava o rei riu a respeito e disse que aquilo era improvável mesmo se Deus abrisse as comportas do céu e fizesse chover ali. Obviamente uma coisa é duvidar do Senhor e outra completamente diferente é debochar dEle. Sua condenação por Eliseu foi imediata: ele testemunharia o cumprimento da profecia de Eliseu, mas não chegaria a usufruir desse milagre, porque morreria antes disso (versículo 2).

A partir do versículo 3 tem início uma história paralela de 4 leprosos, que tinham que ficar fora da cidade, devido a seu estado, e que estavam junto ao portão da cidade, esperando que talvez os portões se lhes fossem abertos em caso de ataque dos sírios. Em meio à conversa que tiveram entre si, decidiram que, se ficassem ali, morreriam de fome, pelo que deveriam se dirigir ao acampamento sírio, porque talvez lá recebessem comida e, na pior das hipóteses, seriam mortos, mas isso já estava acontecendo de qualquer maneira.

Chegando lá veio a surpresa: o acampamento estava vazio, puderam comer à vontade e ainda saquear as coisas que ficaram para trás. Não obstante a própria situação, contudo, resolveram que sua atitude era errada e que certo mesmo seria voltar a Samaria e contar que os sírios haviam fugido.

Obviamente a notícia lá foi recebida com desconfiança, mas, após a investigação devida, concluíram que era verdade. Foi nesse momento que o povo correu ao acampamento sírio para saqueá-lo, atropelando e matando o oficial do rei, que ficara encarregado de cuidar do portão da cidade.

Salmos 84

Este é um belo salmo que estamos acostumados a cantar em nossos cultos. Trata-se de um salmo para os filhos de Corá. Este salmo fala da alegria das assembléias santas da casa do Senhor; nem mesmo os filhos favorecidos da graça, que são como os filhos de Corá, podem ter um assunto mais rico para cantar do que os festivais sagrados de Sião. Não sabemos nem quem o escreveu, nem em que época foi escrito, mas certamente ele expressa palavras que facilmente poderiam vir da boca de Davi.

De acordo com Spurgeon, o salmo 23 é o mais popular, o 103 o mais alegre, o 119 o mais profundamente experimental, o 51 o mais sentimental e este com certeza um dos mais doces dos salmos de paz.

As famílias israelitas viajavam juntas, cantando em uníssono ao longo das estradas, 3 vezes ao ano por ocasião das festas durante as quais deveriam comparecer em Jerusalém. Essa era uma das canções que entoavam pelo caminho.

II Reis 8

Os feitos de Eliseu, que hoje em dia nos encantam, pela forma como Deus o utilizava, já deixavam extasiados o rei de Israel de seus dias. Aqui nós vemos o seu servo Geazi sendo interrogado pelo rei, que queria conhecer detalhes de tudo que Deus fizera através dele.

Dentre os feitos em questão a ressurreição do filho da sunamita é sem dúvida um dos mais vistosos. Não sabemos exatamente por quanto tempo ela e Eliseu continuaram a se relacionar, mas quando o Senhor avisou ao profeta que haveria 7 anos de fome em Israel, ele sugeriu a ela que fosse morar em outro lugar para evitar que empobrecesse juntamente com todos os seus conterrâneos. Assim, ficamos sabendo que ela esteve na Filistia durante todo esse tempo.

Ao regressar e tentar retornar à sua propriedade, constatou que esta havia sido ocupada por outros, que não estavam dispostos a devolvê-la, pelo que decidiu apelar ao rei. Ao fazê-lo, contudo, compareceu ao seu palácio exatamente no momento em que Geazi contava a sua história ao rei. O momento não poderia ter sido mais propício (nem para ela nem para Geazi), de modo que o rei devolveu a ela não apenas a propriedade como também o lucro que foi auferido por aqueles que dela se apossaram durante o período de sua ausência.

Esse é o Deus a Quem servimos e que Se preocupa com os mínimos detalhes a favor de Seus servos!

Do versículo 7 até o final do capítulo, somos informados a respeito da transição do governo da Síria de Ben-Hadade a Hazael. Não há registro de que Elias já o tivesse ungido, mas, caso afirmativo, Hazael ainda aguardava o tempo propício e talvez até duvidasse da realidade daquela unção, já que ele não conhecia o Senhor.

Ben-Hadade estava doente e Eliseu estava em Damasco (talvez por isso mesmo), pelo que o rei pediu a Hazael que se encontrasse com o profeta e perguntasse a respeito de seu futuro (se ele sararia de sua enfermidade).

O profeta disse a ele que não, mas pediu a Hazael para omitir essa verdade, talvez por misericórdia. Nesta ocasião Eliseu se entristeceu muito por reconhecer as maldades que Hazael faria com os israelitas, mas Hazael se disse um “João ninguém” e que não faria aquilo. Neste instante Eliseu confirmou mais uma vez que ele seria rei em lugar de Ben-Hadade.

Em função da informação recebida de Eliseu, Hazael resolveu abreviar a sua ascensão ao trono e sufocou Ben-Hadade com uma toalha molhada.

IIReis 13.14-25

Os versículos 14 a 25 deste capítulo narram a morte de Eliseu e sua última profecia relativa a 3 vitórias de Israel sobre a Síria, durante o reinado de Jeoás, filho de Jeoacaz e neto de Jeú, que tomou o trono da casa de Acabe, conforme profetizado por Elias.

Eliseu estava enfermo, pelo que Jeoás foi visitá-lo pouco antes de sua morte. O rei estava muito triste e chorou muito durante a visita.

Nesta ocasião Eliseu pediu a ele que pegasse um arco e flechas e que atirasse uma flecha para o leste em direção à Síria. Ele o fez prontamente e o profeta assegurou a ele que aquela era a flecha da vitória do Senhor sobre a Síria.

É importante ressaltar que Hazael havia tomado boa parte do Reino de Israel para a Síria, durante o reinado de Jeú e de Jeoacaz, avô e pai de Jeoás, respectivamente.

Logo a seguir Eliseu pediu que ele pegasse as flechas e com elas golpeasse o chão, o que Jeoás fez 3 vezes seguidas e depois parou. Essa atitude de Jeoás irritou a Eliseu porque disse que era necessário que ele golpeasse a Síria 5 ou 6 vezes para eliminá-la totalmente, mas que ele agora teria apenas 3 vitórias sobre a Síria, que continuaria a existir.

Jeoás ou possivelmente Jeroboão seu filho, venceu o filho de Hazael 3 vezes e retomou todas as cidades que haviam sido perdidas para a Síria.

IReis 22.52-53

Os versículos 52 e 53 de *IReis 22* nos falam a respeito de Acazias filho de Acabe, dizendo que andara nos caminhos de seu pai e de sua mãe Jezabel, provocando a ira do Senhor como fizera seu pai.

IIReis 8.16-24

Jorão já estava reinando sobre Israel havia 5 anos, quando teve início o reinado de Jeorão, filho de Josafá, sobre Judá. Ele reinou apenas 8 anos e não foi temente a Deus como o seu pai Josafá. Ao invés disso, andou nos caminhos dos reis de Israel, influenciado por sua mulher Atalia, filha de Acabe.

Em seus dias Edom, que era um estado vassalo de Judá, se rebelou contra ele. Jeorão juntou o seu exército e marchou contra Edom, mas foi cercado e encurralado por eles. Num ataque noturno conseguiu romper o cerco, mas isso possibilitou apenas sua fuga para Jerusalém, permanecendo Edom independente.

Jeorão morreu e Acazias seu filho reinou em seu lugar.

IIReis 9

Deus havia encarregado Elias de ungir Jeú rei de Israel para eliminar a casa de Acabe. Elias passara essa incumbência a Eliseu, que, por sua vez, pediu a um dos seus alunos profeta para fazê-lo.

O jovem profeta, cujo nome não é mencionado, se desincumbiu de sua tarefa e ungiu Jeú rei. Esta unção foi reconhecida pelos demais comandantes que estavam com ele e o grupo saiu para se encontrar com Jorão em Jezreel. Este estava lutando contra o rei da Síria, Hazael, mas havia sido ferido em combate, e voltara para Jezreel para se curar dos ferimentos. Ali ele estava recebendo a visita de seu sobrinho Acazias, rei de Judá, quando Jeú se aproximou da cidade.

Jorão saiu ao seu encontro, mas foi imediatamente morto por Jeú, que aproveitou também para ferir Acazias, que conseguiu fugir para Megido. Este morreu também ali. De lá Jeú voltou para Jezreel, onde Jezabel o esperava na sacada do palácio.

Tão logo ele se aproximou, ela debochou dele chamando-o de Zinri (pessoa que havia matado o rei Baasa algumas décadas antes) e dizendo que ele era o assassino do rei. Na sacada havia 3 servos com ela, que Jeú pediu para a jogarem dali para baixo. Estes fizeram o que foi pedido sem vacilar e ele a atropelou com seu carro, deixando-a morta na rua.

Durante o almoço ele reconsiderou e resolveu enterrá-la, mas, ao sair, encontrou apenas o crânio, os pés e as mãos, que os cães não haviam comido, em cumprimento à profecia de Elias.

IIReis 10

Jeú tinha sido incumbido de eliminar toda a descendência de Acabe, pelo que seu próximo alvo foram os 70 filhos dele que estavam em Samaria. Ali ele conseguiu o apoio dos principais líderes e deu a eles 24 horas para que lhe enviassem as suas cabeças. Essa tarefa foi cumprida sem hesitação, enquanto Jeú continuava a sua “limpeza” em Jezreel.

A caminho de Samaria, ele encontrou com 42 parentes de Acazias, rei de Judá, que também aproveitou para matar. Chegando em Samaria, ele proclamou um grande sacrifício a Baal, onde, ao final, sacrificou todos os sacerdotes que ali se juntaram, eliminando totalmente o culto a Baal em Israel.

Deus Se agradou dos seus primeiros atos, pelo que lhe prometeu que seus descendentes se assentariam no trono até a quarta geração. Infelizmente, contudo, ele não eliminou o culto aos bezerros que haviam sido instituídos por Jeroboão, pelo que Deus permitiu a Hazael, rei da Síria, tomasse toda a área de Israel a leste do Jordão.

Jeú reinou 28 anos e foi substituído por seu filho Jeoacaz.

IIReis 13

Este capítulo se limita a mencionar os reinados de Jeoacaz e Jeoás, filho e neto de Jeú, respectivamente. O primeiro reinou por 17 anos e viu o seu país cair progressivamente nas mãos do rei da Síria, na pessoa de Hazael e depois de seu filho Ben-Hadade.

A situação ficou tão caótica, que seu exército ficou reduzido a apenas 10 mil pessoas e seus carros de guerra a apenas 10. Neste estado, ele teve o bom senso de entender que era necessário buscar o Senhor, que ainda estendeu para ele a Sua misericórdia, mandando um libertador, para que ele pudesse resistir à Síria.

Ele faleceu e seu filho Jeoás reinou no seu lugar, por um período de mais 16 anos, durante os quais lutou contra a Síria, mas voltou a se desentender também com o rei de Judá, Amazias, filho de Joás.

IIReis 14.15-16

Amazias, rei de Judá, foi quem provocou a guerra contra Jeoás, enquanto este procurou evitá-la. Infelizmente, Amazias tomou a iniciativa do combate e foi derrotado. Assim sendo, esses versículos estão resumindo a vitória supracitada e nos informam que Jeroboão, seu filho, passou a reinar em seu lugar.

IIReis 14.23-29

Este texto nos fala a respeito do reinado de Jeroboão, filho de Jeoás, terceiro descendente de Jeú a se sentar no trono de Israel, o qual reinou por 41 anos.

Embora ele não tivesse eliminado a idolatria dos bezerros em Israel, mesmo assim o Senhor teve misericórdia do Reino do Norte e permitiu que ele derrotasse a Síria e restabelecesse as fronteiras de Israel, inclusive anexando a cidade de Damasco.

IIReis 15.8-16

Após a morte de Jeroboão, passou a reinar em seu lugar o seu filho Zacarias, o quarto descendente de Jeú, em cumprimento à promessa que Deus lhe fizera. Infelizmente, contudo, Zacarias reinou apenas 6 meses, porque foi morto por Salum, filho de Jabe, que, por sua vez, reinou apenas 1 mês, porque foi assassinado por Menaem, filho de Gadi, que matou, ainda, os habitantes da cidade de Tífsa, talvez por não quererem reconhecer o seu reinado.

O fato dele “rasgar ao meio todas as mulheres grávidas” nos deixa uma péssima impressão a seu respeito.

II Reis 15.17-26

Os seguidos golpes com mudanças de governo nos mostram a extrema corrupção que tomou conta do Reino do Norte. Menaém reinou 10 anos, mas vemos que só se perpetuou no governo porque fez um acordo com o rei da Assíria, para extorquir dinheiro de seu próprio povo.

Ele conseguiu deixar o reinado para seu filho Pecaías, mas este foi morto também após 2 anos de governo. Em seu lugar passou a reinar Peca, filho de Remalias, que conspirou contra ele.

II Reis 15.27-31

O reinado de Peca em Israel começou quando chegava ao final o de Uzias em Judá. Ele reinou durante 20 anos e manteve o culto aos bezerros de ouro, da mesma forma que todos os outros reis de Israel que o antecederam.

Durante o seu reinado se deu a primeira invasão da Assíria, que foi realizada na parte norte de Israel, na região da Galileia, por Tiglate-Pileser. Embora essa invasão tenha uma conotação negativa, ela foi, na realidade, benéfica, pois a região da Galileia, acabou sendo poupada na segunda invasão que se deu pouco mais tarde por Salmaneser.

O seu reinado chegou ao final também de forma abrupta, tendo sido assassinado por Oseias, filho de Elá, que o substituiu.

II Reis 17

Oseias começou a reinar após assassinar o rei Peca e fez um acordo com o rei Salmaneser da Assíria para pagar tributos. Depois de 9 anos, contudo, ele procurou apoio do rei do Egito para se rebelar contra a Assíria e parou de pagar os tributos.

Salmaneser soube disso e invadiu Israel pela segunda vez, prendendo Oseias e levando todo o povo cativo para a região da Média. O texto deixa claro que isso se deu porque tinham feito um acordo com o Deus dos céus e não tiveram o cuidado de cumpri-lo.

Além disso, o rei Salmaneser trouxe da Babilônia e outros lugares os cativos dessas regiões para habitar em Israel, conforme o costume dos assírios. Em função disso, o Senhor multiplicou os leões, que passaram a atacar os novos moradores e foi reconhecido pelos assírios que isso era obra do Senhor, pelo que providenciaram um sacerdote do Senhor para que ensinasse a lei de Moisés aos novos moradores. Assim,

o culto ao Senhor passou a ser realizado juntamente com o culto a todos os deuses originais dos povos que ocuparam a região de Samaria.

Esse culto sincretista deu início à religião samaritana, pelo que podemos entender o que estava por trás das diferenças entre os judeus e os samaritanos. Por outro lado, esse mesmo sincretismo não se estendeu à região da Galileia, pelo que os judeus viam os galileus como um povo inferior, mas ainda como Israel.

Semana 59 - Salmos Éticos

Texto: Salmos 15, 24, 26, 36, 49, 52, 53, 75 e 82

Estação 31

Salmos 15

Este salmo de Davi começa com a pergunta que todos nós nos deveríamos fazer quando olhamos para as nossas vidas tortas (Davi está longe de ser uma exceção), reconhecemos o quanto ela distoa da santidade divina e, por nos sentirmos totalmente indignos, queremos saber realmente como é possível que Deus possa permitir que eu dEle me aproxime, para passar a eternidade na Sua santa morada.

Os salmos de Davi normalmente têm uma indicação relativa à ocasião para a qual foram escritos, mas este não. Spurgeon (/1/, pág. 242) acha que possivelmente tenha sido escrito na ocasião em que Davi tentara transportar a arca para Sião e amargara uma derrota pessoal, que culminou com a morte de uma pessoa que ele encarregara de fazer o transporte.

Ele já se informara e sabia que havia sido descuidado e que fora o principal culpado pela tragédia ocorrida. Agora, se sentindo mais indigno que nunca, ele pergunta a Deus como uma pessoa indigna como ele pode se aproximar do monte santo.

Os versículos 2 a 5 contêm a resposta que, em primeira instância, é desanimadora, porque reconheço que a minha vida não é assim, por mais que me esforce para que seja, pelo que devo reconhecer que estou desqualificado.

Será que é isso mesmo que Deus quis dizer ao salmista: “olha só como você deveria andar e veja se você tem alguma chance de algum dia ser acolhido aqui!”?

Obviamente, se eu raciocinar dessa maneira, nem Davi, nem eu, nem ninguém tem o direito de almejar algum dia habitar com Deus. Assim sendo, a Bíblia seria totalmente sem sentido e o plano divino de salvação, que começa em *Gênesis 1.1* e vai até *Apocalipse 22.21*, seria uma piada de mau gosto, visto que ninguém preencheria os requisitos mínimos para tanto.

Felizmente, contudo, o plano não foi esse. Na realidade o plano criou um único homem, chamado Jesus, que preenche totalmente os requisitos desses 4 versículos, cujo comportamento é descrito aqui.

O plano de Deus é que nós reconheçamos que não estamos à altura deste comportamento e que aceitemos o plano de Deus para mudar as nossas vidas, permitindo que o Seu Espírito Santo molde em nós os atributos dEste homem.

Assim sendo, o restante de minha vida deve ser tal que me esforce por permitir que o Espírito de Deus tenha a liberdade para fazer o Seu trabalho, qual seja:

- que a minha conduta seja íntegra, praticando o que é justo e falando somente a verdade de todo o meu coração;
- que eu não use a minha língua para difamar os outros ou fazer qualquer mal a quem quer que seja, não lançando qualquer calúnia contra o meu próximo;
- que eu me recuse a andar com aqueles que desprezam o Senhor, mas que honre aqueles que O temem, mantendo sempre a palavra, mesmo que isso resulte em prejuízo;
- que os meus atos não priorizem o lucro e que não aceitem perverter a justiça do inocente, em troca de qualquer tipo de suborno.

Se eu assim proceder, certamente o Espírito será bem sucedido e jamais serei abalado, ou seja, eu, com certeza, habitarei no Seu santo monte.

Aleluia!

Salmos 24

Spurgeon achou que *Salmos 15* foi composto porque Davi acabara de falhar na sua primeira tentativa de levar a arca do Senhor da casa de Aminadabe para Sião (/1/, pág. 241). Ele havia entendido que seu erro, naquela ocasião, estava ligado ao fato de tentar se aproximar de Deus fazendo o que ele achava certo. Agora, Deus havia mostrado a ele que havia um jeito certo, segundo a vontade de Deus, de proceder e que era esse procedimento que Deus esperava dele (/1/, pág. 484). Assim sendo, Davi celebra, neste salmo, a lição aprendida em seu erro anterior.

Ele o começa dizendo que Deus reina. É a Ele que pertence não só a terra, mas também tudo o que nela existe, incluindo, é claro, os seres humanos. Curiosamente, o povo que cantava isso, não cria dessa forma. Eles achavam que a Deus pertencia a Terra Santa e que a descendência de Abraão era o Seu povo.

A abrangência do Seu reino era o mundo inteiro e Seu povo era e é a totalidade dos habitantes da Terra. O motivo para tanto é que eles foram todos criados por Ele. Foi Ele que estabeleceu o limite das águas para que a terra seca exista segundo a Sua vontade.

Tendo dito isso Davi repete a pergunta em *Salmos 15.1*: quem vai subir ao monte do Senhor e habitar no Seu lugar santo? A resposta desta feita vem num único versículo, mas é a mesma de *Salmos 15*: é aquele que se mantém justo segundo os critérios de Deus, mantém seu coração puro para com esse Deus, e busca apenas esse Deus verdadeiro.

Nós já sabemos que o único que preenche esses requisitos é Jesus, o Messias do povo de Israel. É justamente Ele que receberá as bênçãos de Deus Pai, o Salvador de Jesus e também o nosso. A Ele, Jesus, Ele fará justiça, porque Ele morreu pelos nossos pecados, mas a nós está reservada a graça. Somos nós que recebemos a graça por buscarmos o Senhor. Ele nos salva e santifica.

Os versículos 7 a 10, que cantamos também em alguns dos nossos cânticos, são de louvor a esse Messias, Rei da Glória, Senhor forte e valente, que venceu as guerras espirituais contra o pecado, a morte e o inferno, que abriu as portas para a eternidade nos céus.

Salmos 26

Este salmo, também de Davi, parece falar de uma ocasião em que ele tenha sido acusado de algum crime que não cometeu, motivo pelo qual estaria apelando para o tribunal divino, que simplesmente não se deixa enganar.

Embora a maioria prefira não arriscar algum palpite, há quem ache que diga respeito à ocasião em que dois dos líderes de grupos de ataque do Isbosete, Baaná e Recabe (*II Samuel 4*) o mataram e acharam que seriam recompensados por levarem sua cabeça a Davi. Este, por sua vez, teria sido acusado de conspirar com os dois, contra a vida de Isbosete.

Já Spurgeon sugere que talvez seja um salmo messiânico e que Davi poderia estar falando do próprio Messias injustiçado (/1/, pág. 534).

Independente da ocasião, não há dúvida de que aquele que clama por justiça precisa estar certo de sua integridade e da fidelidade do Senhor que o pode julgar, pois trata-se de um trono onde não há injustiça.

É exatamente por isso, que ele pode pedir que o Senhor sonde tanto o seu coração como a sua mente, pois ele tem absoluta certeza de não ter cometido o crime do qual é acusado.

Além disso, o amor que emana daquele trono está continuamente diante dele, como um padrão de absoluta verdade. Davi parece se lembrar do primeiro salmo e das promessas de bem-aventurança para o que não anda segundo o conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores e nem se assenta na roda dos escarnecedores.

O salmista declara a seguir que, ao se aproximar do altar do Senhor, ele o faz tendo lavado as suas mãos na inocência à medida em que oferece culto de gratidão, tal a sua certeza de retidão, a quem não será atribuído o castigo dos pecadores e assassinos.

Por viver com integridade e retidão, o salmista sabe que fim será o seu.

Essas bem poderiam ser palavras pronunciadas por Jesus, sabendo que justiça lhe seria feita ao final, como se ajustam àquele cujos pés estão firmados no caminho do crente guiado pelo Espírito Santo.

Salmos 36

O primeiro versículo deste salmo é de difícil tradução. Para alguns o oráculo a respeito da maldade está no próprio coração do ímpio, enquanto para outros Davi está dizendo que há algo dentro dele que reconhece facilmente a maldade do ímpio. Seja como for, o ímpio é aquele que não tem o temor do Senhor.

É interessante que ele chega a se vangloriar de suas iniquidades, porque fazem dele uma pessoa esperta e bem superior aos outros, de modo que seus pecados são “arte”, que não será rejeitada nem detestada.

O versículo 3 deixa claro que seu negócio é trapaça. Até quando dorme ele a planeja, de modo que tudo o que faz é sempre orientado para o mal.

Por outro lado, o justo repara é no amor e na fidelidade de Deus, que chegam até o céu. A justiça dEle é firme como as montanhas e Suas decisões são inquestionáveis, de modo a preservar tanto os homens como os animais.

Os homens se refugiam nEle, porque o Seu amor assim os estimula. Deus lhes satisfaz pela Sua presença, dando-lhes de beber do Seu rio de delícias. Mas apenas os justos e retos de coração têm condição de reconhecê-IO.

Por isso o salmista pede que Deus o livre do ímpio e já antevê a sua derrota.

Salmos 49

Nos primeiros 4 versículos o salmista faz uma abertura na qual conclama a todos para que venham ouvir a mensagem importantíssima que ele vai entoar acompanhado pela harpa.

Nos versículos 5 a 12 Davi fala a respeito do valor da vida diante das circunstâncias. Não adianta temer quando vierem as dificuldades, nem sentir inveja daquele que tem muito dinheiro, porque a vida não pode ser comprada e no final dela vão todos para o túmulo, tanto o sábio como o tolo e todos deixam para trás os seus bens. Por mais importante que o homem seja, no final morre tal como os animais.

Esta última sentença é o refrão da canção que será repetido no versículo 20.

Os versículos 13 e 14 falam do destino eterno dos ímpios. Embora não mencionem o inferno diretamente, primeiro os coloca na sepultura, para depois dizer que a “morte lhes servirá de pastor”, ou seja, vai cuidar deles por toda a eternidade. A morte aqui se opõe à eternidade com Deus, da qual fala o versículo 15, reservada para aqueles que nEle confiam.

Por isso mesmo, o salmista diz que não devemos nos impressionar pela riqueza do ímpio, nem pelo luxo de sua casa, nem por sua fama, pois tudo isso perecerá com ele.

Sua sepultura, por mais adornada que seja, é apenas a porta de entrada para as trevas, onde nunca mais verá a luz.

Salmos 52

Admite-se que este salmo tenha sido escrito por Davi pouco depois da mortandade do Sumo Sacerdote Aimeleque e de toda a sua família, por ordem de Saul. Davi estivera com Aimeleque enquanto fugia de Saul e pediu a ele uma espada e víveres, dizendo que o rei o comissionara para uma missão urgente e que ele não tivera tempo para pegar nada. Doegue, um servo estrangeiro de Saul, presenciara a conversa dele e contou tudo para o rei, que mandou chamar o Sumo Sacerdote. Embora este dissesse que nada sabia a respeito de qualquer traição de Davi, o rei mandou matar a ele e à sua família. Como seus soldados se recusassem a fazê-lo, ele pediu a Doegue que o fizesse.

Abiatar, o filho mais novo do Sumo Sacerdote, foi o único que conseguiu fugir, buscando refúgio junto a Davi, que reconheceu ser o principal culpado da morte de seu pai, pelo que sugeriu que ali permanecesse, que ele cuidaria dele.

Os primeiros 4 versículos são dirigidos por Davi, provavelmente a Doegue, que não teve o mesmo temor de Deus que tiveram os soldados de Saul. Sua descrição muito se assemelha à do ímpio descrito em *Salmos 49*. Assim sendo, o seu castigo, descrito no versículo 5, também é similar ao destino do ímpio narrado no mesmo salmo.

Não há informação bíblica sobre o destino de Doegue, mas aquilo que foi preconizado por Davi no versículo 5 será testemunhado pelos justos nos versículos 6 e 7, que entenderão ser obra de Deus na vida dele.

No versículo 8 Davi informa a sua decisão de confiar no Senhor, esperando nEle, como se fosse uma árvore plantada na casa de Deus, que depende de Seu amor para sua proteção.

O versículo de encerramento é uma nota de louvor e exaltação por tudo que Deus tem feito.

Salmos 53

Realmente é uma tolice dizer que não há Deus. Quando comecei a trabalhar em engenharia, era orientado por um excelente engenheiro, com o qual aprendi muito, mas que me gozava devido à minha crença. Um dia estava programando uma calculadora que acabara de comprar, quando ele entrou na minha sala e perguntou qual a marca de minha nova calculadora. Eu respondi dizendo que não tinha marca e que a achara escavando no quintal. Disse que ela deveria estar ali havia milhões de anos evoluindo de forma natural. Ele riu e foi embora, porque entendeu que essa resposta é tão tola, quanto dizer que o Criador não existe e o ser humano evoluiu naturalmente a partir de um micro-organismo qualquer.

Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, motivo pelo qual todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (*Romanos 11.32a e 3.23*). É exatamente por isso que Deus olhou lá dos céus, reconheceu que não há ninguém que busque a Deus, motivo pelo qual todos se desviaram, não havendo ninguém que faça o bem (versículos 2 e 3).

No versículo 4, vemos que o néscio também não aprende. Ele acha que pode devorar o povo de Deus e sair ileso. Deus tem sido fiel e tem protegido o seu povo em tantas circunstâncias, que é inacreditável que o ímpio não o tenha percebido e que, ao invés disso, tenha aprendido a clamar ao Senhor.

Veza após veza, aqueles que arrogantemente se levantavam contra o povo de Deus, repentinamente eram vítimas de grande pavor, sem motivo aparente, tornando-se vítimas daqueles que antes atacavam, sendo por eles duramente humilhados.

O versículo 6 nos denuncia uma situação de servidão e de exílio, onde o povo aguarda o livramento vindo de Sião. Todos aguardam que isso ocorra para que Jacó, ou seja, o povo de Israel, se exalte e regozije.

Salmos 75

Este é um salmo de Asafe, que possivelmente foi composto por ocasião da destruição do exército de Senaqueribe, quando o anjo do Senhor matou 185.000 de seus soldados numa única noite.

Nada mais natural, portanto, que começar o salmo louvando ao Senhor por Seus maravilhosos feitos!

No segundo versículo a palavra é passada para o próprio Deus, que fala do tempo definido por Ele para estabelecer a justiça. Quando a terra treme e todos os seus habitantes parecem não poder resistir, ainda assim é Deus Quem mantém firmes os pilares que pareciam estar ruindo.

Vivemos numa época em que essa parece ser a nossa realidade. Vemos ruir toda a estrutura de moralidade e justiça sobre as quais estavam erigidos os princípios que tanto prezamos. Vemos a mídia exaltar a imoralidade e os justos sendo condenados por defenderem a prisão dos corruptos. Mas quando tudo parece perdido, é nestas circunstâncias que Deus diz que manterá firmes os pilares que julgávamos já estar ruindo. Aos arrogantes, que se vangloriam de sua vitória por antecipação, e aos ímpios, que já davam como certa a sua vitória contra os céus, Deus manda que se calem e que cesse toda a insolência. Ele humilha a quem quer e exalta a quem determina. O cálice de Sua ira, Ele a derrama e dele devem beber todos os ímpios, por determinação Sua.

No versículo 9 o salmista diz, então, que todas essas coisas feitas pelo Senhor devem ser anunciadas para que ao Deus de Jacó seja dada toda a glória, pois é Ele que destrói os ímpios e dá aos justos toda a Sua força.

Salmos 82

Nos defrontamos aqui com mais um salmo de Asafe, que a princípio achamos estranho. Falta nele alguma palavra de louvor ou exaltação. O que vemos nele é apenas a denúncia feita contra a corrupção à sua volta, feita por alguém que era pago para louvar.

Spurgeon ressalta ser esse um exemplo de como um cantor pode ser pregador ou como um poeta pode ocupar o cargo de promotor (/2/, pág. 519). É exatamente isso que Asafe faz através deste seu salmo. Ele denuncia a corrupção que ocorria no meio dos juízes de seu povo.

O salmo começa se dirigindo aos juízes, que agem como deuses em suas cortes, dizendo que acima deles há um juiz supremo, que é Deus (versículo 1). Sabendo disso, como é possível que continuem a perverter a justiça, absolvendo os culpados e condenando os justos (versículo 2)?

Ao invés disso, deveriam garantir a justiça para aqueles que não conseguem exigí-la, quais sejam: os fracos, órfãos, necessitados e oprimidos (versículo 3). É função deles livrá-los daqueles que os oprimem (versículo 4).

Embora se achem sábios, na verdade nada sabem, nem entendem, porque andam nas trevas e os fundamentos nos quais se apoiam estão abalados. Embora eles mesmos se achem e ajam como deuses, na realidade o Deus que é sobre Eles fará com que morram a morte de ímpios simples.

O salmista termina convocando Deus a julgar toda a Terra com justiça, porque toda ela Lhe pertence.

Semana 60 - Salmos de Indignação

Texto: Salmos 5, 10, 17, 35, 58, 59, 69, 70, 73, 79, 83, 94 e 137

Estação 32

Salmos 5

Este salmo de Davi mostra a forma como a confiança dele está no Senhor. Por trás do texto está a ameaça de seus inimigos, mas a sua confiança na vitória sobre eles está associada à sua total dependência do Senhor, como veremos adiante.

Nos primeiros 3 versículos ele fala de suas súplicas, que começam desde cedo pela manhã. Ele geme, grita por socorro, implora e ora com esperança, pois, apesar de ser rei, Davi sabe que o Senhor é realmente Aquele que reina sobre todas as circunstâncias, pelo que O chama de meu Rei. Apresentado o seu pedido, o que resta para ele é esperar, confiando no Senhor.

Nos versículos 4 a 6 ele fala da forma como Deus trata o homem com justiça. Ele simplesmente abomina a injustiça, o mal, a arrogância, a mentira, a violência e a traição, pelo que destrói os que assim procedem.

É curioso que o versículo 7 deste salmo, escrito por Davi, fala do templo numa época em que este ainda não existia. Claro que Davi, como todos nós, reconhecemos o quanto a presença de Deus ressalta os nossos pecados. Assim sendo, Davi diz que vai entrar no templo, na casa de Deus para trazer a sua solicitação pessoalmente, não baseado na sua justiça, mas por causa do amor e da graça de Deus. Ele vai se inclinar e se humilhar diante de Deus. Para tanto, ele pede que Deus o conduza na justiça e aplaine os seus caminhos. Em outras palavras, é o Espírito de Deus que deve guiá-lo.

Nos versículos 9 e 10 Davi fala da maldade de seus inimigos, que só mentem e destroem e enganam, pelo que pede que Deus os condene e que conceda que sejam vítimas de suas próprias maquinações. Que seus crimes sejam expostos e que sejam causa de sua expulsão.

Finalmente, ele pede que se regozijem aqueles que se refugiam no Senhor. Que cantem sempre de alegria aqueles que têm a Sua proteção, por amarem o Seu nome, pois o Senhor sempre abençoa o justo e o protege como um escudo.

Salmos 10

Este salmo começa com o mesmo questionamento que muitas vezes nos fazemos. Por que Deus às vezes parece que está indiferente àquilo que estamos sofrendo, permitindo que as injustiças do ímpio tenham sucesso temporário?

Embora não o diga nestes termos, fica patente neste salmo que Deus tem o Seu próprio tempo. Antes disso, contudo, ele passa 10 versículos (2 a 11) descrevendo os atos do homem ímpio e o quanto a Deus desagradam.

O ímpio é arrogante, se gaba de sua cobiça, não tem lugar para Deus em sua vida, faz pouco caso dos justos quando seus planos prosperam, pensa que nada o abalará, só pensa e faz maldades, está sempre na espreita para pegar a sua próxima vítima e pensa que Deus está alheio a tudo isso.

Por causa disso o salmista renova o seu clamor no versículo 12, pedindo que Deus Se levante, erga a mão contra o ímpio e Se lembre dos necessitados.

Ele lembra a Deus, ainda, que o ímpio O insulta, dizendo que Ele não lhe pedirá contas. Que o Senhor veja o sofrimento e a dor de suas vítimas. Ele é o protetor dos órfãos.

Portanto, que Ele quebre o braço do ímpio e cobre dele todos os seus erros. Ele renova seu pedindo, porque sabe que Deus é o Rei de toda a Terra e que faz desaparecer dela os ímpios. Porque Ele atende ao clamor dos necessitados e defende os órfãos e os oprimidos.

Salmos 17

Mais uma vez temos um salmo de Davi pleiteando ao Senhor justiça em sua demanda contra os seus inimigos. É interessante ressaltar, contudo, que Davi faz referência à justiça de sua queixa, pedindo que Deus dê a ele ganho de causa, já que seu pleito vem de lábios sinceros.

Pode ser que esse salmo tenha sido composto antes dos pecados de adultério e assassinato, que tanto prejudicaram a vida de Davi, mas sabemos que Deus, mesmo depois disso, tendo perdoado o seu pecado, continuou a se referir a ele como o homem segundo o Seu coração.

O ponto que gostaria de ressaltar aqui é que tanto Davi, como Jó, sabiam que eram homens pecadores, mas ambos tinham a consciência do perdão divino e de que naquele momento as suas consciências de nada os acusavam. Assim sendo, nós, também, podemos fazer uso, em nossos pleitos, do fato de estarmos tranquilos em relação à nossa consciência, para pedir que Deus nos faça justiça.

Quanto aos outros pecados, que “faziam divisão entre nós e o nosso Deus” (*Isaías 59.2*), podemos estar certos de que deles Deus não mais Se lembra, pois já foram cravados na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo e que Ele os tomou sobre Si (*II Coríntios 5.21*).

Exatamente por isso, os versículos 2 a 5 contêm um pedido de Davi para que Deus o sonde e veja a sua sinceridade, justiça e a firmeza de seus passos nos caminhos do Senhor. A nós é dado o mesmo direito, graças a Jesus.

Nos versículos 6 a 9 Davi deixa claro que Deus atende o seu clamor e que ouve a sua oração. Graças ao Seu maravilhoso amor, Ele o salva e protege daqueles que buscam prejudicá-lo. Ele protege a menina dos seus olhos, abrindo sobre ele as Suas asas.

Os versículos 10 a 12 ressaltam o quanto os inimigos, insensíveis e arrogantes, seguem os seus passos e estão prontos para derrubá-lo. Mas nos versículos 13 e 14 ele mostra a sua certeza de que Deus há de confrontá-los e derrubá-los, dando a eles o castigo que merece a sua impiedade.

Certo, então, de que lhe será feita justiça, ele já se rejubila, antecipadamente, em ver a face do Senhor.

Salmos 35

Mais uma vez Davi aqui está pedindo ao Senhor que o livre de seus inimigos ímpios, que lutam contra ele. Só sabemos que este salmo é de Davi, mas não temos informações sobre quando foi escrito. Tanto pode se referir ao período em que fugia de Saul, antes de ser rei, como pode ter sido ao final de seu reinado, onde seus inimigos acabaram sendo seus próprios filhos (Absalão e depois Adonias) e aqueles que a eles se juntaram.

Este salmo é formado por uma sequência tríplice que ocorre três vezes. O segmento inicial dos versículos 1 a 10 contém uma queixa, uma oração e uma promessa de louvor. Essa formação tríplice se repete nos versículos 11 a 18 e depois novamente em 19 a 28.

No primeiro segmento, versículos de 1 a 3, Davi pede que Deus o defenda de seus acusadores, que o proteja, levantando para eles os Seus escudos e que empunhe contra os seus perseguidores as suas armas. Assim ele terá certeza de que o Senhor é a sua salvação.

Nos versículos 4 a 8, Davi ora pedindo que sejam humilhados e envergonhados por tentarem matá-lo, que sejam expulsos como a palha que o vento espalha, que seja a vereda deles escorregadia, que sejam surpreendidos pela ruína, presos pelas armadilhas que armaram e que caíam nas covas que escavaram para ele.

Finalmente, nos versículos 9 e 10, Davi promete que sua alma exultará no Senhor e se regozijará na salvação dEle recebida. Ele promete declarar que ninguém pode livrar como o Senhor, visto que Ele o faz sempre para livrar aqueles que O temem.

A mesma sequência tríplice pode ser encontrada nos outros dois segmentos mencionados acima.

Salmos 58

Poucas coisas nos causam tanta revolta e indignação como os governos déspotas. Normalmente são formados por pessoas que foram colocadas no governo pelo povo,

prometendo justiça e prosperidade, e que depois se perpetuam no governo pela força, não raramente matando aqueles que se opõem a seu governo e que rouba da maioria subjugada em benefício de uma minoria que os apoia. Há vários governos assim na África, na Ásia, no Oriente Médio e até na América do Sul.

Nos versículos 1 e 2 Davi deixa claro que é exatamente contra este tipo de governo que ele está falando aqui. Nos versículos 3 a 5 ele passa a descrevê-los.

Davi durante o seu próprio reinado tinha o poder para remover qualquer pessoa que usasse do poder para seu próprio benefício, pelo que provavelmente ele estaria falando aqui de pessoas comissionadas por Saul, durante o seu governo, ou de pessoas reinando em países adjacentes. Seja como for, Davi pede a Deus, nos versículos 6 a 9, que quebre os seus dentes, que arranque suas presas, que desapareçam, que sua capacidade de ataque seja enfraquecida e que sejam varridos da terra.

O salmista deixa claro, nos versículos 10 e 11, que os justos se regozijarão pelo fato de Deus trazer justiça, ao passo que mesmo os de fora se alegrarão pelo fato de haver um Deus que faça justiça.

Salmos 59

Trata-se de um salmo de Davi escrito, aparentemente, a propósito da fuga dele por uma janela de sua casa para evitar que fosse morto pelos enviados de Saul, que o estavam aguardando do lado de fora, para atingi-lo quando saísse pela porta da frente. Ele escapou graças à ajuda de sua mulher Mical (*ISamuel 19.11-12*).

Tudo indica que o salmo só foi escrito anos mais tarde, quando Davi já era rei e talvez já houvesse uma crise paralela, com tropas estrangeiras (versículo 5), que fez com que ele se lembrasse daquela ocasião.

Nos versículos 1 a 4a, ele certamente está descrevendo a fuga feita com auxílio de Mical, onde a segunda metade do versículo 4 é uma oração de Davi, pedindo a Deus que o livre.

Já o versículo 5 parece referir-se a uma situação envolvendo uma nação estrangeira, ou talvez até mais de uma, onde, mais uma vez, a vida de Davi está ameaçada. Assim sendo, a súplica do versículo 4b continua, mas desta vez para que Deus castigue todas as nações.

Nos versículos 6 e 7 Davi parece ter voltado à descrição do evento anterior, com os soldados de Saul chegando ao final da tarde, mas ao dizer que Deus se rirá deles, complementa para dizer que “Deus caçará de todas as nações”. Assim o segundo evento volta à tona.

Nos versículos 9 e 10 Davi louva a Deus, por antecipação, pelo triunfo sobre os seus inimigos, mas ele nos surpreende no versículo seguinte com um pedido adicional, qual

seja, que os inimigos não sejam mortos subitamente. Ele deseja que a batalha se prolongue para que o seu povo (Israel) possa se lembrar dela. Eles devem ser abatidos aos poucos, com sua soberba e suas mentiras sendo ressaltadas. Eles devem ser totalmente consumidos pela ira de Deus, de modo que todo o mundo saiba que existe Deus em Israel.

Trata-se, portanto, de uma vitória que deve enaltecer, para todo o mundo, a fama do Deus de Jacó. Certamente não estamos falando só da fuga de Davi da casa cercada pelos soldados de Saul.

Os versículos 14 e 15 reeditam o versículo 6 e o fato do ataque ser perpetuado, mas, em meio a esse ataque, os versículos 16 e 27 são de louvor ao Senhor porque a vitória final do Deus, em Quem Davi se refugia, já está garantida.

Salmos 69

Este é um salmo messiânico, que tem uma série de versículos bem conhecidos, todos referentes ao Messias. Por outro lado, contém outros, como por exemplo o 5, que certamente não se referem a Jesus. Desta forma podemos dizer que este salmo de Davi é messiânico, mas com Davi falando também de si mesmo.

É interessante que Aquele que clama aqui pedindo salvação no versículo 1 é O mesmo a quem clamamos nós pedindo que nos salve. Jesus clama aqui no versículo 2 como clamou Jonas, durante os 3 dias que passou na barriga do peixe e que prefiguram os 3 dias que Jesus passou no inferno (chamo atenção para o fato de que creio na morte espiritual de Jesus homem, mas não na de Jesus Deus. Para maiores detalhes ver /50/).

Os versículos 3 e 4 nos mostram o sofrimento de Jesus clamando por livramento, mas a Bíblia nos assegura que Ele foi ouvido quando clamava no Getsêmani (*Hebreus 5.7*) pelo restabelecimento da comunhão com o Pai. O versículo 4b deixa claro que os nossos pecados foram colocados sobre Ele.

Já o versículo 5 só pode ser atribuído a Davi, porque Jesus jamais foi insensato e os pecados que tomou sobre Si não eram dEle e, sim, nossos.

Os versículos 6 e 7 falam da tristeza dos discípulos com a morte de Jesus, bem como da zombaria dos adversários por Deus não ter vindo livrá-LO da morte. É claro que nem os discípulos nem os adversários entendiam, a essa altura, o maravilhoso plano de salvação de Deus.

O versículo 8 não tem nenhum motivo para não ser atribuído a Jesus. O fato dEle ter sido rejeitado pelos filhos de Sua mãe, nega claramente o fato de Maria não ter tido outros filhos.

O versículo 9 é citado em *João 2.17* por ocasião da expulsão, por Jesus, dos mercadores do templo. Esse mesmo zelo dá origem à zombaria que é citada nos versículos 10 a 12, pelo que Jesus ora pedindo livramento nos versículos 13 a 18.

Nos versículos 19 a 21 é novamente o Messias que clama a Deus falando da forma como tem sido objeto de zombaria. O versículo 21 é o mais conhecido do capítulo, tendo sido citado pelos 4 evangelistas.

Não obstante Jesus ter pedido ao Pai, na cruz, que não imputasse aos Seus crucificadores aquele pecado, isso não significa que não estejam debaixo da condenação aqueles que rejeitam o sacrifício substitutivo de Jesus Cristo. É dessa condenação que o salmista fala aqui nos versículos 22 a 28.

Finalmente, nos versículos 29 a 36, o salmista volta a pedir que Deus o livre, mas a sua oração, que começa denunciando a grande aflição do salmista no versículo 29, rapidamente se converte numa oração de louvor, pela certeza de que o livramento será concedido.

Salmos 73

Trata-se de um salmo escrito por Asafe e que lida com os sentimentos de indignação que tinha relativos ao sucesso dos ímpios, até compreender que o futuro deles era definido por Deus.

Ele começa dizendo que Deus é bom para os puros de coração. Isso, aparentemente, ele sempre soube, mas, apesar de sabê-lo, via o ímpio prosperar, não obstante a sua impiedade. Isso era incompreensível e gerava nele sentimentos de revolta e até de inveja.

Nos versículos 4 a 12 ele fala de tudo o que o ímpio faz de ruim e, não obstante sua impiedade, para ele, salmista, parece que em tudo ele é bem sucedido. No versículo 13 ele chega a dizer que foi inútil o seu esforço no sentido de se manter puro e inocente, porque o ímpio não o era, mas mesmo assim só aumentavam as suas riquezas (versículo 12).

Ele continuou sem entender, até que teve a oportunidade de entrar no santuário onde compreendeu que o fim do ímpio é de total destruição (versículo 17). Ele escorrega, cai e é destruído, tomado por total pavor (versículos 18 e 19).

Juntamente com essa nova compreensão, o salmista também se sentiu envergonhado. Ele diz ter agido como um tolo. Ele se lembra que Deus sempre lhe foi fiel, pelo que Ele é digno de toda a honra (versículo 24).

Ele encerra dizendo que, sem dúvida, Deus não permitirá a vitória de nenhum infiel (versículo 27), de modo que vale a pena proclamar os feitos do Senhor (versículo 28).

Salmos 79

Temos aqui mais um salmo de Asafe escrito, provavelmente, durante o cativeiro babilônico. O Asafe da época de Davi é um sacerdote levita que iniciou um grupo de canto no santuário, do qual o nosso autor aqui é um descendente que viveu mais de 400 anos depois.

Na há qualquer citação dos babilônios aqui, mas a tomada de Jerusalém por Nabucodonozor, com a total destruição do templo e os judeus sendo levados em cativeiro parece se harmonizar completamente com os problemas descritos pelo salmista.

Era uma vergonha para um judeu não ser enterrado, e foi exatamente isso que aconteceu com muitos deles, quando da invasão de Nabucodonozor, conforme descrito nos versículos 2 e 3. A vergonha a que foram submetidos, através da zombaria dos vizinhos, é objeto do versículo 4.

A ira de Deus sobre a nação de Israel é óbvia, mas até quando ela será exercida? Trata-se de um ato de ciúme, diz o salmista, pelo fato de terem adorado outros deuses (versículo 5), mas por que permitir que nações, que não reconhecem o Seu nome, sejam os instrumentos da Sua ira (versículo 6)?

No versículo 8 Asafe parece atribuir aos seus antepassados toda a culpa pela idolatria que levou a essa destruição, mas não podemos esquecer que ambos os grandes profetas da época discordam dele ao dizer que: **“naqueles dias nunca mais dirão: os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos se embotaram. Mas cada um morrerá pela própria iniquidade”** (*Jeremias 31.29-30a* e *Ezequiel 18.2*). Mesmo assim, ele reconhece os pecados que eles mesmos cometeram e pede perdão por eles no versículo 9.

Nos versículos 10 a 12 ele pede, então, que Deus não mais permita que o Seu nome seja envergonhado, mas que Ele vingue o sangue dos Seus servos, libertando aqueles que estão presos e retribuindo 7 vezes o mal causado pelos vizinhos que afrontam e insultam o Senhor.

Assim o Seu povo O louvará pelos séculos futuros.

Salmos 83

A maioria dos comentaristas não tem dúvida de que o início desse salmo, escrito por Asafe, se refere ao evento narrado em *II Crônicas 20* a respeito da derrota de Moabe e Amom, por ocasião de seu ataque conjunto ao rei Josafá.

O autor do salmo é possivelmente o profeta Jaaziel, descendente de Asafe, que profetiza a vitória única na história de Israel, em que os dois exércitos consorciados acabaram destruindo um ao outro, enquanto as tropas de Josafá se limitavam a louvar ao Senhor.

Nos primeiros quatro versículos o salmista suplica a Deus que venha livrar o Seu povo do exército que o ataca, porque os inimigos de Israel são também inimigos de Deus. Hoje nada mudou, os inimigos de Deus querem destruir a Igreja e impedir que o Nome de Jesus seja lembrado.

Nos versículos 5 a 8 o salmista detalha os inimigos que cercavam Israel e que se juntariam a Moabe e Amom para destruir os filhos de Israel. São eles: os edomitas, descendentes de Esaú; os ismaelitas, descendentes de Ismael; os agarenos, descendentes de Agar; o povo de Gebal, provavelmente uma região perto de Edom; os amalequitas, foi o primeiro povo a atacar Israel na península do Sinai, depois que Moisés saiu do Egito ; os filisteus são inimigos que se localizavam ao longo do mediterrâneo e finalmente os assírios, que estavam ainda em ascensão, mas formaram um grande império (ver figura 60-1), que depois foi conquistado pelos babilônios.

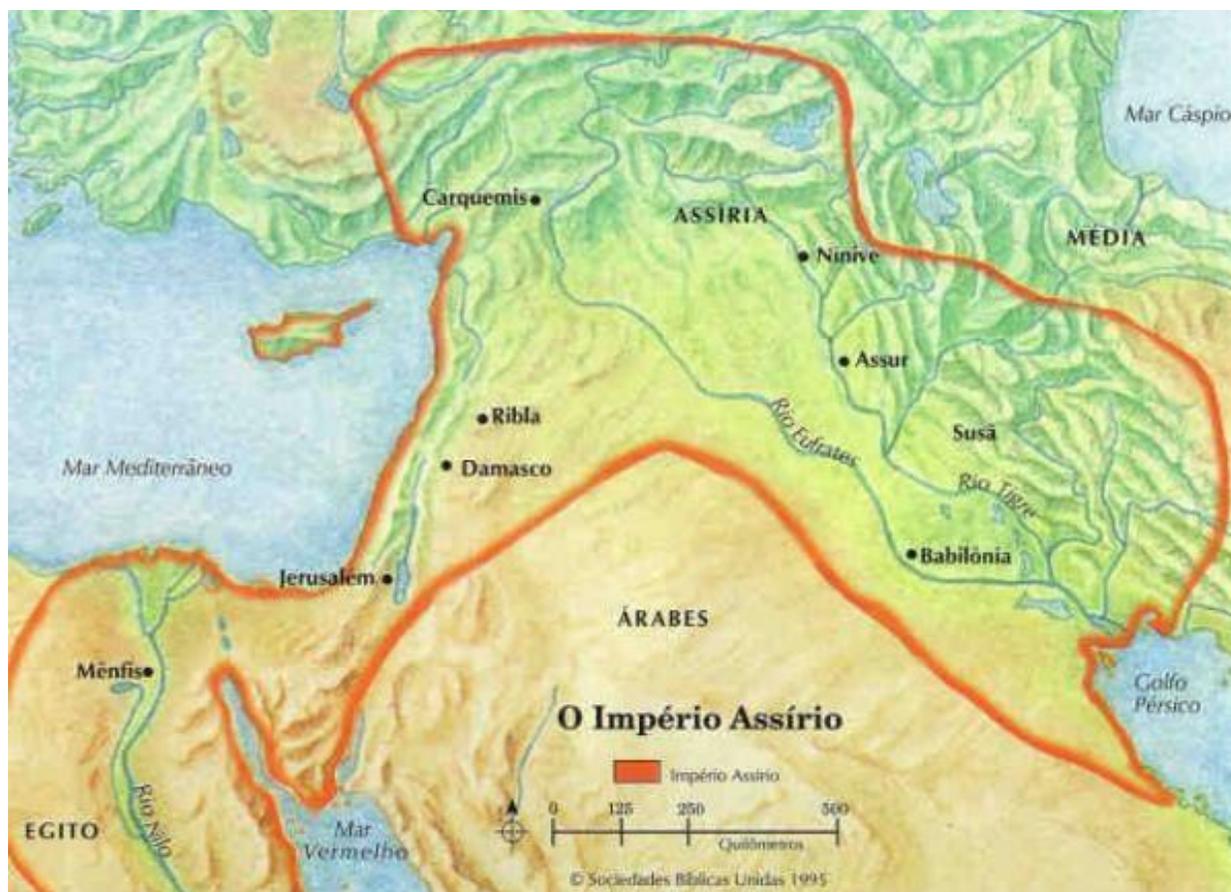


Figura 60-1 - Auge do Império Assírio, por volta de 678a.C. /51/

Nos versículos 9 a 12 o salmista faz menção de vitórias anteriores, onde o Senhor interferiu em favor de Israel e transformou situações de derrota prevista em vitória retumbante. Na invasão midianita Gideão contava com 300 homens escolhidos por Deus para guerrear contra mais de 135 mil deles (ver *Juizes 8. 10*) e mataram mais de 120 mil deles. O outro feito citado é a vitória de Débora e Baraque sobre o rei Jabim e seu general Sísera, igualmente marcante.

No versículo 11 o salmista pede que seja feito aos seus nobres o mesmo que Deus fez com os reis midianitas Orebe e Zeebe, através dos efraimitas e de Zeba e Zalmuna, também através de Gideão.

Nos versículos 13 a 18 o salmista pede que sejam todos envergonhados, mas principalmente que reconheçam que só o Senhor reina sobre toda a Terra.

Salmos 94

Trata-se de um salmo de autor desconhecido, escrito em época desconhecida. Tudo que sabemos é que o salmista sofre com a corrupção no governo, levando à perseguição de pobres e necessitados, pelo que ele clama a Deus pedindo que intervenha.

Judá teve vários reis que seguiram a impiedade do Reino do Norte, mas o pior dentre estes talvez tenha sido a rainha Atalia, que era filha de Acabe. É possível, portanto, que nosso salmista em apreço tenha vivido por volta de 835a.C.

Uma pessoa ímpia governa assessorada por ímpios e era exatamente isso que o salmista via no governo. Ao longo dos versículos 2 a 6 ele os descreve como arrogantes e assassinos, que ainda ousam dizer que Deus não vê nada do que estão fazendo (versículo 7).

Nos versículos 8 a 11 o salmista contra-argumenta dizendo o quão tolo eles são por assim pensarem. Como Aquele que dá visão não vai ver? Como Aquele que institui a disciplina não vai castigar?

Feliz é o homem a quem Deus disciplina, porque ele aprende a andar nos caminhos do Senhor. Haverá dias maus também para ele, mas ele os enfrenta confiadamente, porque o Deus a Quem serve é fiel. Já para o ímpio haverá tropeço e queda numa cova preparada para ele.

No versículo 16 o salmista se sente só em sua campanha anti-corrupção e pergunta quem vai apoiá-lo. Imediatamente, contudo, ele se lembra que tem o apoio de Deus e que se não fosse isso ele já estaria morto (versículo 17). Os versículos 18 e 19 falam do amparo que Deus lhe deu.

No versículo 20 ele faz uma pergunta cuja resposta é óbvia. É possível um governo corrupto fazer qualquer aliança com Deus? Faz sentido que um governo cometa injustiças em nome da lei? Está claro, portanto, que os assassinatos dos justos continuarão a ser planejados (versículo 21), mas o Senhor é o nosso “castelo forte”.

Deus os destruirá por causa de seus crimes. O nosso Deus os destruirá!

Salmos 137

Embora não conheçamos o autor deste salmo, fica óbvio que se trata de uma pessoa que viveu a destruição de Jerusalém, a mortandade de muitos amigos e parentes, a destruição do templo, a ironia dos inimigos felizes com tudo aquilo e o exílio na Babilônia, onde entoa o seu canto.

Fugindo do movimento da cidade grande, ele se refugia às margens dos muitos rios e canais que ali havia e chora de saudade de Sião.

Eles até trouxeram as harpas, pensando em cantar ali e são estimulados pelos locais que querem ouvir suas canções, mas a tristeza do coração não o permite. É uma saudade tão grande de Jerusalém, que o salmista se auto-impõe uma maldição se ele porventura se esquecer de sua cidade amada (versículos 5 e 6).

Os versículos 7 a 9 nos trazem imediatamente à memória a necessidade de amarmos os nossos inimigos, ou seja, o contrário do que está sendo feito aqui. Ele pede que Deus faça justiça tanto em relação aos edomitas como aos babilônios. Seus sentimentos estão endurecidos, mas não está simplesmente procurando vingança.

Semana 61 - O Reino do Sul: Roboão, Abias, Asa, Josafá e Jeorão

Texto: IReis 12.1-24; IReis 14.21-31; IReis 15.1-24; IReis 22.1-28 e 41-51; IICrônicas 10 a 17; IICrônicas 18.1-17; IICrônicas 19 a 21

Estação 33

IReis 12.1-24

É muito importante termos em mente aqui, que Deus já havia decidido que a quase totalidade do reino seria tirado das mãos de Roboão e entregue a Jeroboão. Assim sendo, o que vemos aqui é um “fato consumado” desde o princípio.

É fato que o governo monárquico havia introduzido um novo dízimo nos tributos do povo de Israel. Deus já os prevenira quanto a isso através de Samuel, quando eles pediram um rei. Além disso, contudo, as gigantescas obras do templo e dos seus palácios tinham obrigado Salomão a incrementar, mais ainda, os tributos pagos pelo povo. Desta forma, sabemos exatamente do que o povo estava se queixando quando pediram a Roboão para reduzir a carga tributária (versículo 4).

Talvez Roboão estivesse esperando por isso, porque a insatisfação do povo com o nível de impostos era conhecida de todos (aliás, nós brasileiros estamos igualmente insatisfeitos com o tamanho do nosso governo e conhecemos, de igual modo, a dificuldade causada pela excessiva carga tributária necessária para sustentá-lo), mas a forma como veio, condicionando a isso a sua aceitação como rei, provavelmente o pegou de surpresa.

Por isso mesmo foi sábio da parte dele pedir 3 dias para se deixar aconselhar. Seus principais conselheiros eram os mesmos que seu pai havia deixado e estes foram unânimes em dizer que deveria atender o pedido do povo: o governo deve ser servo do povo!

Infelizmente, os amigos de Roboão, que haviam crescido com ele, eram tolos e viam o rei como o “deus” do povo, pelo que esse pedido deveria ser tomado como um insulto e respondido duramente, sendo isso exatamente o que ele fez.

O desfecho foi o rompimento de Israel com Judá, pelo que as 10 tribos ficaram com Jeroboão e apenas Judá acabou ficando com Roboão, exatamente como Deus havia decidido. Roboão ainda tentou cobrar os impostos a que achava que tinha direito, mas seu cobrador foi morto e ele mesmo escapou por pouco.

Irritado, ele ainda tentou montar um exército para atacar as 10 tribos e trazê-las de volta, mas Deus lhe mandou o profeta Semaías para adverti-lo a não tentar, pelo que ele acabou aceitando.

O grande contemplado de tudo isso foi Jeroboão. Ele recebeu um trono que, de outra forma, jamais teria direito e sabia que só lhe fora entregue porque Salomão havia deixado de cumprir a aliança que fora feita com o Deus de Israel. É exatamente por isso que a atitude de Jeroboão, em relação à adoração deste Deus, nos versículos 26 e 27, é tão incompreensível. O versículo 28 ainda nos diz que, na dúvida, ele foi buscar conselhos e fez o que de pior poderia ser feito: ele resolveu instituir outros deuses, com sacerdotes próprios e com festas em datas determinadas por ele (versículos 32 e 33).

IREis 14.21-31

Este texto nos fala a respeito do reinado de Roboão, mas se estende bem menos que o livro de *II Crônicas* nos capítulos 11 e 12, onde a informação é bem mais detalhada. Desta forma, deixaremos para comentar o reinado de Roboão nos dois capítulos supracitados, que são fornecidos logo adiante.

A única informação exclusiva deste texto diz respeito aos versículos 23 e 24, onde somos informados da idolatria do povo construindo para si altares, colunas e postes sagrados, sem mencionar os prostitutos culturais introduzindo práticas dos povos que tinham sido expulsos de Canaã.

II Crônicas 10

Este texto se limita a repetir o que já foi visto em *IREis 12.1-18*, pelo que não será comentado aqui.

II Crônicas 11

Confirmada a rebelião das 10 tribos de Israel, que seguiram a Jeroboão, Roboão resolveu que reconquistaria o seu reino pela força, derrotando Jeroboão, pelo que formou um exército de 180 mil homens. Antes que partissem, contudo, Deus mandou o profeta Semaías dizer a Roboão e aos homens de Judá que aquilo partira dEle, pelo que não deveriam sair para lutar contra Jeroboão.

É importante ressaltar aqui que Roboão entendeu o que se passara, aceitou a palavra do Senhor e desistiu de sair à guerra. A única coisa que ele fez, contudo, foi fortalecer várias das cidades de Judá, para que pudessem oferecer resistência, caso ocorresse o contrário, ou seja, se Jeroboão atacasse Judá (versículos 5 a 12).

Os versículos 13 a 16 nos mostram a consequência, em Israel, do fato de Jeroboão ter decidido abandonar o culto a Jeová, construindo ídolos para a adoração do povo. Os primeiros a não mais apoiá-lo foram os levitas. Estes foram inclusive rejeitados para o culto dos ídolos, pelo que apoiaram em peso o reino de Roboão, a ponto de abandonarem as suas casas e terras, procurando abrigo em Judá. Também muitos

dentre o povo, que temiam ao Senhor, seguiram os levitas e também migraram para Judá.

O versículo 17 nos diz que durante 3 anos o reino de Judá se fortaleceu, andando nos caminhos do Senhor tal como haviam feito Davi e Salomão (ao princípio).

O restante do texto se limita a falar dos casamentos de Roboão (com 18 esposas e 60 concubinas), gerando um total de 28 filhos e 60 filhas. O texto nos informa, ainda, que ele tinha uma esposa predileta (Maaca, filha de Absalão), cujo primogênito ele queria que fosse rei no lugar dele, embora não fosse o seu próprio primogênito, nem tampouco haja qualquer menção de ter sido o eleito do Senhor.

Somos informados apenas que ele deixou isso claro desde o princípio, inclusive espalhando os outros filhos pelas cidades de Judá, dando a eles cargos de liderança e vida confortável, mantendo perto de si apenas Abias, filho de Maaca.

II Crônicas 12

Este capítulo começa com a informação de que Roboão se fortaleceu e tornou-se infiel para com o Senhor logo a seguir. Sem dúvida esse é o caminho de todos nós quando achamos que somos fortes. Passamos a confiar em nossas próprias habilidades e nos esquecemos do Senhor.

Durante 3 anos ele havia seguido os caminhos do Senhor como Davi, mas já no quinto ano, um ano e pouco depois de se desviar dos Seus caminhos, já Sisaque havia dominado todas as cidades de Judá, inclusive Jerusalém. Toda a fortuna que Salomão havia juntado, além daquela que Davi deixara, tudo foi levado embora para o Egito.

Curiosamente, o mesmo Semaías havia se refugiado em Jerusalém fugido de Sisaque e foi novamente ele que Deus usou para dizer a Roboão que Deus o abandonara porque ele, Roboão, abandonara a Deus primeiro. Agora ele saberia a diferença entre servir a Deus e servir aos reis de outras terras.

Felizmente, o rei e os líderes de Judá se humilharam diante de Deus e reconheceram que Ele havia agido com justiça, pelo que Deus foi misericordioso com Roboão e permitiu que ele reinasse por mais 12 anos depois disso.

Durante todo esse tempo houve embates esporádicos com Jeroboão até que Roboão faleceu aos 58 anos de idade, passando a reinar Abias em seu lugar.

II Crônicas 13

Este capítulo narra os eventos do reinado de Abias, que assumiu o trono após a morte de Roboão. Ele reinou apenas 3 anos, mas o texto nos fala de uma vitória expressiva que teve sobre Jeroboão e o seu exército.

O versículo 3 menciona uma batalha específica em que ele e seu exército saíram para guerrear contra Jeroboão, que saiu contra ele com um exército duas vezes maior. Mesmo assim, Abias teve a ousadia de discursar perante Jeroboão, dizendo a ele que ele não tinha chance, porque quem lutava do seu lado era o Senhor.

Enquanto Abias discursava, Jeroboão mandou que suas tropas armassem uma armadilha por trás do exército de Judá, de modo que a batalha começou com um posicionamento, também, extremamente desfavorável para Judá. Mesmo assim, os sacerdotes levitas tocaram as suas cornetas e Deus concedeu a Abias uma vitória avassaladora, matando quase 2/3 dos israelitas de Jeroboão. Desta derrota Jeroboão não mais se recuperou, vindo a falecer no segundo ano do reinado de Abias.

No terceiro ano de seu reinado Abias faleceu e seu filho Asa reinou em seu lugar.

IReis 15.1-8

A única informação que este texto nos acrescenta ao que foi visto em *IICrônicas 13* é que o coração de Abias não foi totalmente perfeito para com o Senhor. Mesmo assim, o Senhor foi fiel para com ele, dando-lhe uma grande vitória contra Jeroboão, rei de Israel.

Não obstante o seu reinado ter sido tão curto (apenas 3 anos), não temos qualquer informação sobre a causa de sua morte.

IReis 15.9-24

Mais uma vez a informação relativa ao reinado de Asa, fornecido nestes 16 versículos de *IReis 15* é menos completa que aquela apresentada em *IICrônicas 14 a 16*, onde serão feitos os comentários correspondentes.

IICrônicas 14

Asa, sucessor de Abias, aparece como um rei temente ao Senhor durante toda a sua vida (*IReis 15*), sendo que esta mesma impressão nos é passada em *IICrônicas 14 e 15*. Infelizmente, contudo, ele teve dificuldade de receber uma crítica de Deus, que é descrita em *IICrônicas 16*, pelo que o final de sua vida foi conturbada.

O versículo 2 deste capítulo diz que ele fez aquilo que o Senhor seu Deus aprova, comprovado através de várias medidas contra a idolatria, à medida em que estimulava o povo de Judá a buscar ao Senhor.

Em função disso Deus lhe deu paz durante os primeiros 10 anos de seu reinado, permitindo que ele fortificasse algumas cidades de Judá, além de constituir um exército de 580 mil soldados.

Quando Judá foi atacada por um exército etíope de 1 milhão de pessoas, ele clamou a Senhor e teve um maravilhoso livramento, descrito nos versículos 9 a 15.

II Crônicas 15

Ao retornar desta guerra, Deus mandou o profeta Azarias se encontrar com ele para estimular a fidelidade de Judá, dizendo que Deus estaria com ele enquanto ele permanecesse fiel ao Senhor.

Nos versículos 3 a 6 Azarias lembrou a Asa os tempos difíceis pelos quais Judá passara por não manterem a fidelidade para com o Senhor, mas que o rei e todo o Judá seriam recompensados se permanecessem fiéis.

Os versículos 8 a 15 mostram o efeito que essa profecia teve sobre o povo de Judá. Eles renovaram a sua aliança com o Senhor, removeram todos os ídolos que ainda se achavam ali e fizeram grandes sacrifícios ao Deus de Israel.

No versículo 16 ele removeu do cargo de rainha-mãe a sua avó, Maaca, filha de Absalão, porque ela havia construído um poste ídolo, que Asa derrubou e queimou no vale de Cedrom.

Além disso, ele consagrou ao Senhor no Templo todos os tesouros que ele para tanto havia conquistado. Em função deste novo reavivamento, Deus deu a ele paz até o 35º ano de seu reinado.

II Crônicas 16

No seu 36º ano, contudo, Deus permitiu que ele fosse atacado por Baasa, rei de Israel, que sucedera a Nadabe, que foi rei em lugar de Jeroboão. Baasa fortificou a cidade de Ramá e fechou a passagem natural de pessoas entre os dois reinos. Embora o texto não o diga, trata-se, aparentemente, de uma prova que Deus preparou para Asa, em função de sua soberba resultante do sucesso que vinha tendo.

Infelizmente a solução de Asa, desta feita, não foi de se humilhar e buscar o Senhor. Ao invés disso, ele optou por tirar os tesouros de ouro e prata que havia no templo e no seu próprio palácio e enviá-los a Ben-Hadade, rei da Síria, para comprar com ele uma aliança, rompendo aquela que ele, até então, mantinha com Baasa.

Aparentemente o plano dera certo, porque Ben-Hadade aceitou sua proposta e rompeu sua aliança com Baasa, obrigando a remoção das tropas dele de Ramá e permitindo que Asa desfizesse o que havia sido feito em Ramá.

Ocorre, contudo, que Deus ficara decepcionado com Asa, que preferiu uma solução própria a buscar novamente a proteção divina. Ele enviou, desta feita, um profeta de nome Hanani, que disse a Asa exatamente isso, em função do que ele perderia todo e

qualquer controle sobre o reino da Síria. Além disso, a paz cessaria, dando lugar a um período de guerra.

Era a primeira vez que Deus repreendia Asa e sua soberba, que infelizmente não aceitou a crítica que lhe fora feita. Ele não só mandou prender o profeta, como perseguiu duramente outras pessoas do seu reino que também o repreenderam por sua atitude.

No 39º ano de seu reinado, Deus permitiu que ele fosse acometido de uma grave enfermidade nos pés, mas mais uma vez ele não quis buscar ao Senhor, preferindo antes se aconselhar com os médicos de sua corte. Assim sendo, ele morreu dessa enfermidade, revoltado contra o Senhor, e seu filho Josafá se tornou rei em seu lugar.

IReis 22.1-12

Este texto nos fala a respeito de uma mudança no relacionamento entre Judá e Israel. No capítulo anterior Judá estava sendo atacada por Israel, na pessoa de Baasa, neto de Jeroboão, e havia feito uma aliança com a Síria para atacá-los. Agora a situação havia mudado em Israel, com uma conspiração contra a casa de Jeroboão, que trouxe ao trono Onri, após um pequeno período de instabilidade e agora já o seu filho Acabe estava reinando.

O relacionamento entre Acabe e Josafá estava indo bem, porque Josafá casara o seu filho Jeorão, com a filha de Acabe, Atalia. Em meio a esse bom relacionamento, Josafá fez uma visita a Acabe em Samaria (cidade construída por seu pai, Onri) e durante essa visita, Acabe perguntou a Josafá se ele lutaria com ele contra a Síria para reconquistar a cidade de Ramote Gileade, que os sírios haviam tomado.

A resposta de Josafá foi afirmativa (versículo 4), mas pediu a Acabe que o Senhor fosse consultado antes de irem (versículo 5). Rapidamente Acabe juntou 400 profetas, e todos diziam a mesma coisa, ou seja, que subissem contra a Síria, porque seriam bem sucedidos. De alguma forma ficou óbvio para Josafá que nenhum deles era profeta do Senhor, pelo que perguntou se o Senhor não tinha mais nenhum profeta ali. Acabe respondeu que sim, havia Micaías, mas que sempre falava contra ele.

Este texto termina com a convocação de Micaías.

II Crônicas 18

Este texto é exatamente igual ao que acabamos de ler em *IReis 22.1-12*, pelo que não há porque comentá-lo.

IReis 22.41-51

Este texto parece regredir no tempo, embora o texto comentado acima de *IReis 22.1-12* seja anterior. Isso se deve ao fato do texto acima fazer parte da narrativa da vida de Acabe, embora contenha também o relacionamento dele com Josafá. A continuação da narrativa acima será vista pouco adiante. Quanto à vida de Josafá, será comentada em *II Crônicas 17 a 21*, que contém informações mais abrangentes.

II Crônicas 17

Somos informados, neste capítulo, a respeito dos primeiros anos do reinado de Josafá. Ele começou a reinar enquanto Onri, pai de Acabe, era rei de Israel e ainda estava em guerra contra Judá. Por isso mesmo o versículo 1 nos diz que ele se fortaleceu contra Israel, posicionando tropas nas cidades fortificadas (versículo 2).

O Senhor esteve com ele, porque ele andou segundo os caminhos do Senhor em seus primeiros anos, como o fazia Davi. O versículo 6 diz que seguia “corajosamente” os caminhos do Senhor. Isso provavelmente está associado à segunda parte do versículo, onde ele removeu todo tipo de idolatria que encontrou em Judá.

Nos versículos 7 a 9 vemos que ele mandou que os levitas e sacerdotes ensinassem a lei em todo o Judá, para que o povo não pecasse contra o Senhor.

Por isso o versículo 10 nos diz que Deus lhe deu paz com todos os seus vizinhos. Dentre estes está também Israel, pois ele acabou fazendo amizade com Acabe, que assumiu o trono no quinto ano de Josafá.

Os versículos 11 a 19 nos dizem que seu poder e suas riquezas cresceram muito. Além disso, ele formou um exército de 1 milhão, cento e sessenta mil soldados.

II Crônicas 20

Os versículos 1 a 28 nos falam de um evento específico no qual os amonitas e os moabitas (ambos descendentes de Ló) se juntaram aos edomitas (descendentes de Esaú) para a invasão de Judá, que queriam destruir.

Não obstante o grande exército que Josafá havia formado, tudo indica que as tropas que subiram contra ele eram em muito maior número, tanto que os versículos 3 a 5 nos mostram a convocação de Josafá para que todo o povo jejuasse e viesse a Jerusalém para juntos orarem ao Senhor. Nos versículos 6 a 12 ele efetivamente faz esta oração, clamando ao Senhor por socorro.

O versículo 13 nos diz que todos os homens de Judá com suas mulheres e crianças, ou seja, a nação inteira, havia se juntado ali em pé diante do Senhor para implorar por livramento.

Exatamente neste momento o Espírito do Senhor veio sobre um dos levitas chamado Jaaziel, um descendente de Asafe, que proclamou a mensagem do Senhor, transcrita nos versículos 15 a 17. Deus havia tomado sobre Si a responsabilidade daquela batalha, tanto que eles não teriam que lutar, mas apenas ficar assistindo. Nos versículos 18 e 19 Josafá agradece ao Senhor e os levitas O louvam pela Sua fidelidade.

As tropas de Josafá se dirigiram para o lugar onde deveriam assistir à batalha e à frente deles estavam os levitas que Josafá designou para o louvor durante a batalha. O versículo 22 nos diz que o Senhor começou a agir assim que os levitas começaram a cantar. Ao final, todos se mataram uns aos outros e Judá teve apenas que saquear os despojos.

Os versículos 29 a 33 nos mostram que isso trouxe grande temor sobre os vizinhos quando souberam do que acontecera, tanto que ninguém mais quis guerrear contra Judá e Josafá voltou a ter paz.

Já os versículos 35 a 37 nos informam que Deus repreendeu Josafá por causa de sua aliança com Acázias, filho de Acabe, rei de Judá, porque este tinha uma vida ímpia. Essa não foi a primeira vez que ele fez isso, conforme veremos adiante, e Deus também o repreendeu das outras vezes. Desta feita Ele destruiu completamente as embarcações construídas no âmbito dessa associação.

IReis 22.13-28

Trata-se aqui da continuação do texto de *IReis 22.1-12*, apresentado acima e que terminara com a determinação de Acabe para que Micaías, profeta do Senhor, fosse convocado.

O enviado de Acabe recomendou a ele que profetizasse conforme a palavra dos outros profetas, mas Micaías disse a ele que só profetizaria o que o Senhor lhe mandasse. Ao chegar, contudo, parece que ele começa debochando, mas de uma maneira que ficasse claríssimo para o rei Acabe, que aquelas não eram a palavra do Senhor. Por isso mesmo, Acabe o repreende e diz que ele profetize exatamente o que o Senhor disser.

Neste momento ele nos dá a visão do mundo espiritual mais interessante de toda a Bíblia. Deus estaria entrevistando os espíritos demoníacos para saber qual a sugestão deles no sentido de enganar a Acabe, para que subisse a Ramote-Gileade e morresse. Um dos demônios presentes disse que seria um espírito de mentira na boca dos profetas de Acabe e assim foi.

Acabe obviamente não creu na profecia de Micaías, mas o mais triste aqui é que Josafá, que pedira a sua presença também a dispensou.

Micaías foi preso por mentir e assim ficaria até o retorno de Acabe.

II Crônicas 18.12-17

Este texto é exatamente igual ao de *I Reis 22.3-28*, pelo que não há necessidade de comentá-lo.

II Crônicas 19

Josafá conseguiu sair com vida da guerra contra os sírios, onde morreu o rei Acabe e, pela misericórdia de Deus, retornou para Jerusalém, mas o Senhor usou o profeta Hanani para repreendê-lo por ter feito uma aliança com Acabe.

Ao contrário de Asa, contudo, ele aceitou a repreensão e retornou a todas as cidades de Judá pregando a lei de Moisés e convencendo o povo a segui-la. Além disso, nomeou juízes por toda a nação, recomendando seriamente a justiça em seus vereditos.

É interessante, contudo, que, apesar de ter aceito, sinceramente, a repreensão de Hanani, Josafá voltou a cair no mesmo pecado, fazendo aliança com Acazias filho de Acabe, conforme já visto anteriormente.

II Crônicas 21

Josafá morreu e passou a reinar em seu lugar o seu filho Jeorão. Devemos lembrar, contudo, que ele era casado com Atalia, filha de Acabe, cujo comportamento se assemelhou muito ao de Jezabel.

Não causa, portanto, qualquer surpresa o fato de Jeorão mandar matar todos os seus irmãos, provavelmente por receio que estes pudessem conspirar contra ele. Além disso, ele andou nos caminhos dos reis de Israel, deixando de servir ao Senhor, para introduzir novamente a idolatria em Judá.

Devido ao seu comportamento ímpio, o Senhor suscitou contra ele vários inimigos. Além disso, mandou que Elias, conhecido dele pelo menos de nome, devido a seus grandes feitos em Israel, lhe escrevesse uma carta denunciando a sua impiedade, mas da qual não se arrependeu.

O fim de seu reinado de apenas 8 anos foi numa cama com uma grave enfermidade nos seus intestinos, que fizeram com que estes saíssem, dando a ele uma morte terrível.

Semana 62 - O Reino do Sul: Acazias, Atalia, Joás, Amazias e Uzias

Texto: IIReis 8.25-29; IIReis 11-12; IIReis 14.1-14 e 17-21; IICrônicas 22 a 26

Estação 33

IIReis 8.25-29

Depois da morte de Jeorão, passou a reinar seu filho Acazias sobre o trono de Judá. Ele era filho de Atalia, filha de Acabe, e se casou com uma mulher da casa de Acabe em Israel. Não nos surpreende, portanto, que tenha feito somente aquilo que o Senhor reprova, pois a influência de toda a sua casa era ímpia.

Quando lemos, anteriormente, a dura repreensão que Deus mandou fazer a Josafá, devido à sua boa relação com Israel, é difícil não pensarmos que talvez fosse exagerada, tendo em visto ele se ter mantido fiel ao Senhor. Quando vemos, contudo, a consequência dessa relação, não na vida de Josafá, mas na de seu filho e neto, não resta dúvida que Deus estava certo. Josafá abriu uma tremenda brecha, cujas consequências foram duríssimas até aqui, mas que ainda não acabaram.

Maiores detalhes a respeito dos erros de Acazias e suas consequências são fornecidos em *IICrônicas 22*.

IICrônicas 22

O versículo 1 faz referência a um evento citado em *IICrônicas 21.16-17*, que relata a invasão do reino de Jeorão, por soldados filisteus apoiados por árabes, que saquearam o seu palácio e ainda levaram suas mulheres e seus filhos, deixando apenas o mais novo, Acazias. Já aqui somos informados que os demais filhos de Jeorão haviam sido mortos.

O autor deste texto nos diz o que já sabíamos, ou seja, que Atalia e seus parentes da casa de Acabe foram os péssimos mentores que Acazias teve, pelo que sua aliança com Jorão foi apenas uma consequência disso e que, por fim, o levou à morte.

Os dois reis haviam saído à luta contra Hazael, rei da Síria, mas Jorão havia sido ferido nesta batalha, pelo que foi levado a Jezreel para se tratar. Nesse ínterim, Deus havia incumbido Jeú, um dos líderes do seu exército, de destruir a casa de Acabe, exatamente quando Acazias estava indo a Jezreel para visitar Jorão.

O desfecho desta história foi a morte de ambos os reis, Jorão e Acazias, seguido também da morte de Jezabel e o restante da família de Acabe.

II Crônicas 22.10-12

Atalia, mãe de Acazias, nos mostra no versículo 10 deste texto, o quão insensível uma pessoa consegue ser, quando está a serviço de Satanás. Ela providenciou a morte de toda a família real, começando pelos próprios netos.

Ocorre, contudo, que os planos de Satanás esbarram na providência divina, onde Deus faz uso de servos que estão disponíveis. Esse foi o caso de Jeoseba, irmã de Jeorão, tia de Acazias, cunhada de Atalia, que conseguiu esconder Joás, uma criança de no máximo 1 ano, no templo, onde vivia por ser casada com o Sumo Sacerdote Joiada.

Durante 6 anos Atalia conseguiu se manter no trono, graças a seu procedimento maligno.

II Reis 11.1-3 e 13-16

Vemos aqui que Atalia reinou efetivamente 6 anos, findos os quais Joiada decidiu que era chegado o tempo de coroar o legítimo herdeiro do trono de Judá. Assim sendo, Joás se tornou rei aos 7 anos, tendo sido coroado no templo do Senhor.

A grande alegria do povo, com seus gritos de contentamento chegou aos ouvidos de Atalia, que dirigiu-se até lá para saber o que se passava. Ao ver o coroamento do rei, ela denunciou o fato como uma traição, mas Joiada mandou que ela fosse removida do templo e morta, o que ocorreu a seguir.

II Crônicas 23

A narrativa da coroação de Joás neste texto de *II Crônicas 23* é bastante mais detalhada que a de *II Reis 11*, mas, basicamente, nos fala dos cuidados de Joiada de proteger o rei, caso houvesse algum apoio a Atalia, quando o legítimo rei fosse apresentado ao povo.

Esse apoio não aconteceu e ela foi removida do templo e morta sem qualquer oposição de parte alguma. Na realidade, o texto deixa claro que o povo se alegrou com a sua morte e de ver o legítimo rei assumir o seu trono (versículo 21).

O versículo 16 nos mostra o início de um avivamento, com Joiada fazendo, juntamente com o povo e seu rei, um concerto segundo o qual todos eles seriam o “povo do Senhor”. Essa é, sem dúvida, a melhor forma de recomeçar a vida do reino de Judá.

Os demais eventos foram, simplesmente, consequência deste. O povo derrubou o templo de Baal, edificado por Atalia, e matou o seu sacerdote. Além disso, devolveram aos levitas a administração do templo, que por sua vez voltaram a realizar os sacrifícios previstos na Lei de Moisés, além de entoar os cantos que outrora eram oferecidos em culto ao Senhor.

II Crônicas 24

II Crônicas 24 nos traz um sumário do reinado de Joás sobre Judá, que pode ser dividido em duas partes bem distintas, uma antes da morte de Joiada e outra depois. A impressão inicial que o texto nos dá é que Joás seria um rei totalmente consagrado ao Senhor, tanto que ele logo se dispôs a reformar o templo e dinamizar o cumprimento da lei, que foi abandonada durante o reinado de Atalia.

Neste contexto, nos surpreendemos de ver Joás até mais zeloso em relação à obra de reforma do que o próprio Joiada (ver versículo 6). Assim sendo, até a morte de Joiada, aos 130 anos (bem avançada para aquela época), não vemos nada na vida de Joás que mereça qualquer repreensão.

Depois da morte de Joiada, contudo, Joás se torna outra pessoa, passando rapidamente a aceitar o culto idólatra (versículos 17 e 18). Trata-se de uma mudança tão radical, que somos obrigados a reconhecer que Joás nunca foi convertido ao Senhor e, sim, a Joiada, pelo que na ausência deste ele fica completamente perdido.

O Senhor fez o que sempre faz quando os Seus servos cometem erros: Ele mandou que seus profetas advertissem tanto o rei como o povo, para que retornassem de seus maus caminhos, mas simplesmente não foram ouvidos (versículo 19). Deus fez, então, o mesmo que qualquer um de nós faria. Se Joás não ouviu um profeta qualquer, então o Seu Espírito convocou um que fosse próximo a Joás e no qual ele confiasse. Obviamente não havia ninguém mais indicado do que Zacarias, o filho de Joiada. Esse Joás tinha a obrigação de ouvir.

Infelizmente, contudo, não foi nada disso que aconteceu. Num terrível ato de desrespeito para com Joiada, que arriscou a sua vida para salvar a dele, Joás mandou que matassem Zacarias. Não sobrou ao Senhor senão o recurso de castigá-lo, o que fez trazendo sobre ele os exércitos arameus. Os versículos 23 e 24 descrevem a invasão síria, com todos os líderes idólatras sendo mortos e com o rei sendo ferido e levado para Damasco. Quando finalmente parece ter voltado, ele foi assassinado por dois de seus servos, que queriam vingar a morte de Zacarias.

Em seu lugar passou a reinar o seu filho Amazias.

II Reis 11.4-12 e 17-21

Este texto nada acrescenta ao que já foi descrito em *II Crônicas 23*, pelo que não será comentado.

II Reis 12

Neste texto a narrativa é similar à de *II Crônicas 24*, com o narrador nos informando, também, que Joás só andou nos caminhos do Senhor enquanto viveu o sacerdote

Joiada. Ele omite, contudo, a sua idolatria após a morte do sumo sacerdote, bem como o assassinato de Zacarias, mostrando a sua total ingratidão.

Embora não fale da idolatria, certamente estranhamos o fato dele tirar todo o tesouro do reino e do templo para fazer com que Hazael desista de invadir Jerusalém. Aliás, há aqui uma pequena discrepância, porque o texto de Crônicas nos diz que Jerusalém foi invadida.

Seja como for ambos os textos reconhecem a morte de Joás, assassinado por seus servos.

II Crônicas 25

Amazias passou a reinar no lugar de seu pai Joás e reinou 29 anos em Jerusalém. Somos informados que ele começou muito bem, procurando servir com integridade ao Senhor. Seu pai havia sido assassinado, pelo que prendeu os assassinos dele e os matou, em conformidade com a lei. O autor do texto registra, contudo, que não matou os filhos desses assassinos, o que seria habitual, porque a lei define que cada um seria morto pelo seu próprio pecado. Vemos, assim, a sua preocupação em guardar a lei (versículo 4).

Outro fato ressaltado a seguir é que ele entrou em guerra contra os edomitas e achou o seu exército muito pequeno, pelo que contratou 100mil soldados de Israel ao custo de 3.500kg de prata (5 milhões de reais). Deus enviou, contudo, um profeta para falar com ele, dizendo que ele não deveria contar com eles, porque Deus não lhe daria a vitória se o fizesse.

Ele acatou a palavra de Deus, mas comentou que o dinheiro estaria perdido. A resposta do profeta, no sentido de que Deus tinha muito mais para dar a ele, nos mostra o quanto obedecer é muito mais importante que o dinheiro.

Infelizmente as tropas dispensadas de Israel ficaram indignadas com essa decisão e saquearam as cidades de Judá ao longo de seu caminho para casa. Naquele momento Amazias não pôde fazer nada a respeito.

A vitória de Amazias sobre Edom foi retumbante, mas o que ocorreu a seguir foi completamente absurdo. Amazias trouxe de volta consigo os deuses dos edomitas, que ele confiscou e passou a cultuá-los. O próprio Deus questionou a “burrice” de tal atitude, visto que aqueles deuses já não tinham conseguido defender os edomitas, por que, então, cultuar deuses de um povo que não conseguiram salvar (versículos 14 e 15)? A reação de Amazias foi no sentido de mandar que o profeta se calasse se não quisesse ser morto.

Desta forma, ele acabou tomando a mesma posição irracional de seu pai, pelo que Deus resolveu eliminá-lo. A oportunidade para tanto surgiu logo a seguir, porque ele resolveu se vingar das tropas de Israel, declarando guerra a Jeoás, rei de Israel. Curiosamente,

Jeoás tentou dissuadi-lo, mas Amazias insistiu na guerra e acabou perdendo e sendo preso por Jeoás, que veio até Jerusalém com o rei preso, saqueou o palácio e o templo e ainda derrubou boa parte do muro da cidade.

Quando Jeoás se foi, deixou Amazias doente e o povo muito insatisfeito, pelo que foi assassinado. Em seu lugar passou a reinar seu filho Uzias.

II Reis 14. 1 a 14 e 17 a 22

As informações relativas ao reinado de Amazias apresentadas aqui em *II Reis 14* são similares àquelas já comentadas em *II Crônicas 25*, pelo que não serão repetidas aqui.

II Crônicas 26

Mais uma vez vemos a descrição do reinado de um monarca que começou extremamente bem, para depois se rebelar contra o Senhor, levando à perda do seu mandato.

Uzias, conhecido também como Azarias, filho de Amazias, começou a reinar aos 16 anos de idade e reinou por 52 anos, mas nos últimos 8 ele foi co-regente com seu filho, devido à sua enfermidade.

Os versículos 4 e 5 nos dizem que ele fez o que o Senhor aprova e que O buscou durante os dias de Zacarias, o sacerdote, que o intruiu no temor do Senhor. A exemplo do que aconteceu com Joás, que era totalmente obediente ao sacerdote Joiada e se perdeu após a sua morte, vemos a mesma coisa ocorrer com Uzias em relação a Zacarias.

Os versículos 6 a 8 nos dizem que ele teve guerras contra os filisteus, os árabes e os amonitas, tendo sido vitorioso em todas elas. Além disso, somos informados que ele fortificou a cidade de Jerusalém, tornando-a muito mais segura.

Era um amigo da agricultura, pelo que se esforçou por manter o povo em seus campos e em suas vinhas. Além disso, escavou poços por todo o país para que também os rebanhos pudessem ser mantidos.

Nos versículos 11 a 15 temos informações a respeito do seu exército, onde ele montou um sistema hierárquico similar às patentes de hoje em dia, com todo o seu pessoal bem treinado e equipado. O comentarista encerra a sua descrição dizendo que ele fabricou armas de grande porte para lançar flechas e pedras, porque foi extraordinariamente ajudado (por Deus é claro).

Tudo isso aconteceu enquanto vivia o sacerdote Zacarias, mas ele faleceu por volta do quadragésimo quarto ano do reinado de Uzias. Neste ponto tudo mudou e vemos Uzias ser corrompido pela soberba, achando-se no direito de oferecer os seus sacrifícios, outrora oferecidos por Zacarias.

Somos informados que o Sumo Sacerdote, que também se chamava Azarias, fez o possível para impedi-lo, com o apoio de mais 80 sacerdotes, mas foram afrontados por Uzias. Antes, contudo, que ele pudesse concluir a sua oferta, o rei irritado e indignado com a falta de respeito dos sacerdotes, foi ferido pelo próprio Deus, que abriu uma mancha de lepra na sua testa (versículo 19).

Imediatamente tudo mudou, porque os sacerdotes pararam de tentar impedi-lo, e ele mesmo se apressou em sair do templo. Ele passou a morar numa casa separada do palácio e seu filho Jotão assumiu o trono na condição de co-regente durante os 8 anos finais da vida de Uzias. Ao falecer, seu filho Jotão, que já era co-regente, se tornou rei em lugar do pai.

Semana 63 - O Reino do Sul: Jotão, Acaz, Ezequias, Manassés e Amom

Texto: IICrônicas 27 a 33; IIReis 15.32-38; IIReis 16 e 18 a 20; IIReis 21.1-26

Estação 33

IICrônicas 27

Quando o rei Uzias afrontou o Senhor e Este o puniu imediatamente com lepra, o seu filho Jotão assumiu o trono com 25 anos de idade, na forma de co-regente, com o seu pai. Quando o pai finalmente faleceu, 8 anos mais tarde, ele passou a reinar sozinho por mais 8 anos.

Jotão seguiu fielmente ao Senhor e seu reinado foi um sucesso total em função disso. Ele venceu todas as guerras que lutou, fez reformas no templo e nos muros de Jerusalém, além de construir várias cidades em Judá.

O texto do versículo 6 nos diz que foi se tornando cada vez mais poderoso porque andava firmemente segundo a vontade do Senhor, seu Deus. É muito gratificante a gente ver em ação a fidelidade do Deus a Quem servimos!

O seu sucessor foi o seu filho Acaz.

IIReis 15.32-38

Este texto contém a mesma informação já apresentada nos comentários de *IICrônicas 27*, pelo que estes não serão repetidos.

IICrônicas 28

O texto de *IICrônicas 28* deixa muito claro, desde o primeiro versículo, que Acaz andou, desde o princípio de seu reinado, em rebeldia com relação aos caminhos do Senhor. Ele teria andado em conformidade com os procedimentos dos reis de Israel. O motivo para tanto, considerando o comportamento exemplar de seu pai, Jotão, é difícil de entender, mas, considerando o papel importantíssimo que tinha a mãe na educação dos príncipes, é bastante provável que a mãe de Acaz fosse uma adoradora de Baal. Ela não é mencionada, mas talvez seja esse mesmo o motivo para a omissão.

Os versículos 3 e 4 nos mostram o absurdo dele sacrificar o seu próprio filho a um ídolo, além de ter disseminado a idolatria em Judá. Não causa qualquer surpresa, portanto, o fato de Deus entregá-lo nas mãos de Rezim, rei da Síria, que invadiu Judá juntamente com Peca, rei de Israel.

O texto nos informa que Rezim matou 120 mil soldados de Acáz num só dia, sem falar dos prisioneiros que levou para Damasco. Além disso, Peca fez 200 mil prisioneiros também, que seu exército levou para Samaria. Os versículos 8 a 15 nos narram, contudo, a forma como Deus interviu, através de Seu profeta Odede, para que os prisioneiros fossem soltos, alimentados, cuidados e devolvidos para Judá, sem que houvesse qualquer resistência por parte de Israel.

Os edomitas e os filisteus atacaram Judá e ambos foram bem sucedidos em seus objetivos, pelo que Acáz foi humilhado e resolveu apelar para Tiglate-Pileser, a quem pediu ajuda em troca de presentes. O narrador nos diz, contudo, no versículo 20, que Tiglate-Pileser trouxe mais problemas do que soluções. Ele recebeu os tesouros do templo, mas não se satisfaz.

Apesar disso, o rei assírio fez guerra à Síria, conquistou Damasco e matou seu rei, Rezim. Diante disso, Acáz foi visitá-lo em Damasco e mandou fazer cópia da estátua que encontrou ali. Quando chegou de volta, já o sacerdote Urias havia preparado a estátua e ele ofereceu a ela o seu culto.

Além disso, ele desmontou o altar do templo do Senhor, tirou o tanque de cima dos bois e praticamente fechou o templo. Seu sepultamento se deu em Jerusalém, mas não no túmulo dos reis e seu filho Ezequias reinou em seu lugar.

II Reis 16

II Reis 16 apresenta, basicamente, as mesmas informações que constam em *II Crônicas 28*. As poucas informações adicionais já foram incluídas nos comentários ali apresentados.

II Crônicas 29

Assim como Acáz tivera bons exemplos no seu pai e igualmente em seu avô, mas deu errado, também Ezequias tivera em seu pai um péssimo exemplo e, apesar disso, foi elogiado como o rei mais fiel ao Senhor que Israel tivera, tanto antes como depois dele (*II Reis 18.5*). Mais uma vez, contudo, olhamos para a sua mãe Abia e tudo indica que ela era filha do sacerdote Zacarias, motivo pelo qual ficamos sabendo que educação espiritual foi dada a Ezequias.

Vemos no versículo 3, que sua prioridade número 1, executada logo no primeiro dia de seu reinado, foi reabrir o templo, convocar os levitas e os sacerdotes (versículo 4), mandar que se consagrassem e que consagrassem o templo, retirando do mesmo tudo que fosse impuro e que lá havia sido colocado por Acáz (versículo 5).

Nos versículos 6 a 9 ele mostra ter pleno conhecimento de que a derrocada do reinado de Acáz fora consequência de sua infidelidade, despertando a ira do Senhor e resultando em mortes e aprisionamentos.

A solução do problema, para ele, estava muito clara: tratava-se de refazer a aliança de Judá com o Senhor (versículo 10), pelo que não havia espaço para qualquer tipo de negligência por parte dos levitas e dos sacerdotes.

Nos versículos 12 a 19 vemos os levitas e os sacerdotes trabalhando com afinco e depois de apenas 8 dias eles haviam removido do templo tudo o que era impuro (foi tudo queimado no vale de Cedron) e depois levaram mais 8 dias com as cerimônias de consagração do templo e de todos os seus utensílios.

O rei foi comunicado imediatamente e, logo no dia seguinte, pela manhã cedo, convocou os líderes e o povo para irem juntos ao templo, onde sacrificaram ao Senhor 7 carneiros, 7 cordeiros e 7 bodes.

Os versículos 22 a 24 descrevem os sacrifícios e logo a seguir o rei posicionou os levitas com seus instrumentos, os sacerdotes com suas cornetas e o povo para o louvor e a adoração (versículos 25 a 30).

Depois da dedicação de todos, o rei estendeu a oportunidade para que todos ofertassem e os líderes e o povo trouxeram milhares de animais, tantos que os levitas precisaram ajudar os sacerdotes nos sacrifícios (versículos 31 a 35).

Todos se regozijaram com o reavivamento que ocorrera com menos de 3 semanas de reinado de Ezequias.

II Crônicas 30

Este capítulo nos fala a respeito da convocação e da efetiva realização da Páscoa no segundo mês, conforme facultado na lei (no primeiro ainda não tinham número suficiente de sacerdotes). A convocação em apreço fez-se não apenas em Judá, mas também por todo o Israel. Para tanto devemos lembrar que a queda final de Israel (Reino do Norte) estava às portas. Ela ocorreu efetivamente no quarto ano do reinado de Ezequias. Assim sendo, a convocação feita para que viessem celebrar a Páscoa em Jerusalém teria, se aceita, o papel de uma restauração espiritual do erro cometido por Jeroboão, quando fez as duas estátuas para adoração em Israel.

Infelizmente, a boa intenção de Ezequias não deu resultado, porque a grande maioria das pessoas zombou da ideia de ir a Jerusalém, mas houve algumas pessoas da região da Galileia (Aser, Zebulom, Issacar e Manassés), que aceitaram o convite e vieram. A continuidade dos eventos no Reino do Norte mostrou uma notável fidelidade de Deus para com estes poucos “galileus”. A Assíria já havia feito uma pequena incursão anos antes na região da Galileia, pelo que quando Tiglate-Pileser destruiu Samaria e levou o povo embora, ele não mais se importou em levar os galileus. O resultado disso nós vemos quando estudamos o Novo Testamento e vemos que a Galileia faz parte do Reino da Judéia, com os samaritanos habitando no restante do Reino do Norte.

Embora o centro das atenções em Israel fosse Jerusalém, na Judéia, Deus escolheu premiar a região da Galileia, certamente em função dessas pessoas que aceitaram o convite de Ezequias. Foi para eles, que andavam em trevas, que Deus fez resplandecer a grande luz do ministério do Messias (*Isaías 9.2*).

Quase todos os que vieram de Israel para a Páscoa estavam cerimonialmente impuros, pelo simples fato de não conhecerem os critérios especificados na Lei de Moisés. Os versículos 18 a 20 nos informam que Ezequias orou por eles, para que Deus fosse tolerante e não os punisse por isso. A morte de Uzá, filho de Abinadabe, por simplesmente ter tocado na arca, quando Davi a estava trazendo para Jerusalém, nos mostra o quanto Deus é zeloso de Sua santidade. O mesmo exemplo, contudo, nos mostra, também, o quão complacente Deus teve que ser para permitir que os “israelitas” entrassem impuros para a cerimônia da Páscoa.

Esta festa da Páscoa foi celebrada por duas semanas, consumindo mais de 20.000 animais sacrificados. O versículo 26 nos informa que não houve outra igual desde os dias de Salomão.

II Crônicas 31

Este capítulo fala, inicialmente, da volta para casa daqueles que vieram a Jerusalém para celebrar a Páscoa. O ponto comum, tanto dos judeus como dos israelitas, mostrou ser o zelo pelas coisas do Senhor. A caminho de casa todos eles foram destruindo os altares ídólatras pelos quais passavam.

Nos versículos 2 e 3 vemos Ezequias regularizando todos os sacrifícios previstos em lei, complementando, com seus próprios bens, tudo que faltava.

Os versículos 4 a 19 nos mostram a regularização dos dízimos e das ofertas para que os levitas pudessem voltar a se dedicar exclusivamente às coisas relativas ao templo do Senhor. A longa descrição nos mostra o quanto era importante a regularidade das ofertas para que o sistema funcionasse.

Os últimos dois versículos nos falam da fidelidade de Ezequias em relação às coisas do Senhor e de como prosperou em função disso.

II Crônicas 32

Esta é a narrativa de um dos livramentos mais maravilhosos do Antigo Testamento. O texto ressalta o fato de que, não obstante toda a fidelidade de Ezequias, Deus permitiu que Senaqueribe, rei da Assíria, atacasse Jerusalém.

A primeira pergunta do homem natural é: “como Deus pode permitir uma coisa dessas para com alguém que Lhe foi tão fiel”? A resposta do homem que confia em Deus é:

“seja qual for o motivo, Deus sabe muito bem o que está fazendo e permanece fiel ao fazê-lo”.

Independente dos “porquês”, encontramos Ezequias se preparando. Ele canalizou a água, reforçou o muro, reforçou o Milo (alguma forma de defesa, mas que não é descrita em lugar nenhum da Bíblia) e preparou muitas armas. Além disso, nomeou pessoas para os cargos de liderança e falou pessoalmente sobre a vantagem de terem o Senhor guerreando junto com eles, pelo que não deveriam temer os assírios.

Nos versículos 9 a 19 Senaqueribe tentou, por todos os meios, minar a confiança do povo no interior da cidade. Seus enviados falavam em hebraico, para que o povo sobre o muro pudesse entender suas ameaças e escreveu cartas desfazendo do Deus de Israel, comparando-O a todos os outros deuses, que não puderam lhe oferecer nenhuma resistência.

Já a resistência de Ezequias foi formada juntamente com Isaías. Ambos clamaram aos céus por socorro, conforme indicado no versículo 20. Essas orações foram respondidas de modo espetacular, com um anjo matando todo o exército de Senaqueribe, formado por 185 mil pessoas. Senaqueribe saiu dali envergonhado, retornando para casa, onde foi morto pelos próprios filhos.

Esse evento trouxe a Ezequias muito prestígio, fazendo com que ele fosse muito respeitado e amado por seu povo.

Infelizmente, ele adoeceu e Deus mandou avisar a ele que era tempo de arrumar a casa, porque ele não se recuperaria dessa enfermidade. Mais uma vez o homem natural perguntaria: “como pode ser isso”? Mas o restante da vida de Ezequias nos responde muito bem porquê.

Ele chorou amargamente e pediu que Deus se lembrasse de seu comportamento impecável para com Ele e, contrariando Sua própria vontade, Deus o ouviu e concedeu a ele mais 15 anos de vida.

Recuperado da enfermidade, a Bíblia nos informa que ele deu lugar à soberba, pecando contra o Senhor. Além disso, nesse período de 15 anos, ele gerou o seu sucessor, que se tornou o pior rei que Judá teve em todos os tempos.

Sem dúvida teria sido bem melhor para ele partir quando Deus quis, mas vai aí mais uma lição importante para nós, que podemos aprender com os erros dos outros.

IIReis 18

Os capítulos 18 a 20 de *IIReis* narram a mesma história que acabamos de comentar em *IICrônicas 28-30*, pelo que comentaremos apenas as coisas adicionais apresentadas *IIReis*.

No versículo 4 de *IIReis 18*, o narrador nos informa que Ezequias mandou remover todas as imagens idólatras que havia, começando por Jerusalém, e que dentre estas mandou quebrar a serpente que Moisés havia feito no deserto, seguindo o mandamento divino. O motivo para tanto é que esta havia virado um instrumento de idolatria e tinha até nome, qual seja: Neustã. É interessante como um objeto constituído por Deus para salvação do povo, tenha virado um ídolo para a morte do mesmo povo.

No versículo 9 somos informados que Salmaneser, rei da Síria, havia cercado Samaria no quarto ano de Ezequias e que ele a tomou e deu fim ao Reino do Norte 3 anos depois. O texto deixa muito claro que isso se deu devido à sua total rebeldia contra o Senhor.

A invasão de Judá por Senaqueribe se deu no décimo quarto ano de Ezequias. A Assíria derrotou todas as cidades de Judá, mas antes deles tentarem atacar Jerusalém, Ezequias pediu condições de paz e pagou a Senaqueribe 10.500 quilos de prata e 1.500 quilos de ouro.

Mesmo assim, o rei da Assíria mandou dizer a Ezequias que queria transportar a ele e ao povo de Jerusalém para outro lugar, segundo o costume dos assírios com todas as outras terras que tinham invadido.

O restante da história narrada neste capítulo, embora mais detalhada, é a mesma já comentada em *IICrônicas*.

IIReis 19

Este capítulo narra detalhadamente aquilo que foi comentado em *IICrônicas 32*, pelo que não serão feitos novos comentários aqui.

IIReis 20

Também este capítulo narra com maiores detalhes aquilo que já foi comentado em *IICrônicas 32*, pelo que também não faremos aqui novos comentários.

IICrônicas 33.1-20

Em 1968 Billy Graham esteve no Brasil pregando no Maracanã e usou este capítulo como texto básico de seu sermão, ao qual deu o título: “o pior homem do mundo”. Sem

dúvida a descrição de Manassés, apresentada nos primeiros 11 versículos, dá margem a pensar nele dessa forma.

É verdade, contudo, que o Ezequias que ele conheceu, nos primeiros 12 anos de sua vida, era um homem soberbo, que não fazia jus à fama que ele tinha. Talvez isso explique a aversão que esse menino mostrara desde cedo contra o Senhor e contra tudo que seu pai havia feito. Ele desfez tudo que foi feito por Ezequias e chegou a sacrificar os seus próprios filhos a entidades inexistentes. Ele recorreu a médiuns através dos quais passou a consultar espíritos de mortos. Como se tudo isso não bastasse, ele ainda corrompeu o templo, colocando nele imagens de outros deuses. Desta forma não apenas se corrompeu, mas corrompeu o povo de Judá juntamente com ele.

A grande misericórdia do Senhor fez com que Este suscitasse profetas para falar com ele e com o povo, mas sem sucesso (versículo 10), pelo que não restou ao Senhor senão a opção de castigá-lo. Isso foi feito através do exército assírio, que o prendeu e levou para a Babilônia. Nesta época a Babilônia estava sob domínio assírio, portanto tratava-se apenas de um local de exílio. Ressalta-se, contudo, que isso ocorreu numa época em que o império assírio estava em queda e o caldeu em ascensão.

Nessa nova condição, Manassés teve oportunidade de pensar e entendeu que sua única escolha era buscar o Deus de seu pai, pelo que se arrependeu de seu comportamento (apesar de ser o pior homem do mundo) e o Senhor, que é Deus misericordioso e compassivo, além de Senhor da história, fez com que o mando em Babilônia trocasse de mãos, permitindo que Manassés fosse libertado, podendo voltar para Jerusalém.

Isso permitiu que ele tivesse tempo de reverter tudo de errado que ele havia feito até então, pois Deus lhe permitiu reinar por 55 anos.

II Reis 21.1-18

Este texto de *II Reis* contém as informações dadas em *II Crônicas* 33, falando de tudo que Manassés fez errado, mas sem falar de seu arrependimento e do maravilhoso livramento que o Senhor lhe deu. Assim sendo, recomenda-se ver os comentários de *II Crônicas* 33.1-20.

II Crônicas 33.21-25

As informações sobre Amom são muito restritas. Sabemos apenas que ele começou a reinar com 22 anos e que reinou por apenas dois anos. Além disso, sabemos que seu comportamento foi ímpio e que desagradou o Senhor em tudo.

Depois de dois anos, o descontentamento com ele era muito grande, tanto que foi assassinado por seus servos. Os assassinos foram punidos de morte, mas o simples

fato dele não ter sido enterrado no sepulcro dos reis, mostra bem o que o povo pensava dele.

Josias, seu filho, reinou em seu lugar.

IIReis 21.19-26

Este texto de *IIReis* contém as mesmas informações dadas em *II Crônicas 33.21-25*. Assim sendo, recomenda-se ver os comentários apresentados ali.

Semana 64 - O Reino do Sul: Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias

Texto: IICrônicas 34 a 36; IIReis 22 a 25

Estação 33

IICrônicas 34

Josias começou a reinar com apenas 8 anos de idade e foi um bom rei, temente ao Senhor desde o princípio. Obviamente ele permaneceu, a princípio, sob a tutela de alguém que o dirigiu muito bem, pois com apenas 16 anos ele começou a buscar ao Senhor e não se afastou dos Seus caminhos nem para a direita e nem para a esquerda.

Durante todo o seu reinado nós o vemos tentando extirpar a idolatria tanto em Judá como em Israel. No versículo 6 quando somos informados que ele fez isso em Manassés, Naftali, Efraim e Simeão.

No décimo oitavo ano de seu reinado, ele começou um trabalho de reforma do templo. Os versículos 9 a 13 descrevem a realização dessa obra, em meio à qual o sumo sacerdote Hilquias encontrou o livro da lei de Moisés, que ele imediatamente mandou para o rei.

Este pediu que fosse lido na sua presença e pouco depois ele rasgava as suas vestes em sinal de tristeza pelo fato de constatar que estava andando tão longe dos caminhos de Senhor. Além disso, providenciou para que Deus fosse consultado, a respeito dos caminhos tortuosos pelos quais andavam.

Foi consultada a respeito a profetiza Hulda, que confirmou que o povo seria levado em cativeiro devido à desobediência à lei do Senhor, mas que isso não se daria nos dias de Josias, visto que ele se entristecera por ver a corrupção e se humilhara diante de Deus. A profetiza Hulda disse a ele que ele seria sepultado em paz e que apenas os seus descendentes o veriam.

Em decorrência disso a atitude de Josias foi no sentido de convocar a todos para comparecerem no templo, onde leu diante de todos o livro da lei e mais uma vez renovou a aliança de todos com Deus. Isso é narrado nos versículos 29 a 33, que nos mostram o sucesso total desse avivamento.

IICrônicas 35

Este capítulo fala especificamente a respeito de uma Páscoa celebrada por Josias depois de concluir a reforma do templo, no décimo oitavo ano de seu reinado. Quando ele

assumiu o reino, os serviços religiosos do templo estavam desativados e certamente a Páscoa não vinha sendo celebrada.

Ao tomar conhecimento da Lei de Moisés, através do livro da lei que fora encontrado no templo, certamente uma das coisas que lhe ocorreu foi o desejo de realizar as festas que ali estavam previstas. A primeira destas foi a Páscoa e Josias resolveu celebrá-la adequadamente. Para tanto uma das partes mais importantes era a participação correta dos sacerdotes e levitas.

Nos versículos 2 a 6 nós vemos o rei instruindo a ambos quanto à forma correta de realizá-la. Ele os inteirou, ainda, sobre as mudanças que tanto Davi como Salomão tinham introduzido em seu serviço após a construção do templo.

Feito isso ele providenciou para que não faltassem cordeiros para todas as famílias. Neste sentido ele mesmo doou 30 mil carneiros e bodes para os sacrifícios do povo (um valor total próximo de 10 milhões de reais). Além disso ele estimulou outros líderes para que fizessem o mesmo (versículos 7 a 9).

Os versículos 10 a 17 descrevem como a Páscoa foi realizada perfeitamente, graças ao desempenho dedicado dos levitas. O versículo 18 nos informa que foi a Páscoa mais marcante desde os dias de Samuel.

Os últimos versículos deste capítulo nos informam que o rei Neco do Egito saiu para combater o poderoso exército de Nabucodonozor da Babilônia. Josias resolveu sair ao seu encontro, porque Neco estava aliado ao remanescente do exército assírio, que era inimigo de Josias.

Curiosamente, Neco mandou avisar a Josias que não deveria sair para combatê-lo, porque ele estava seguindo instruções de Deus, a quem Josias estaria se opondo. Josias não aceitou essa palavra, saiu para guerrear contra Neco e acabou morto aos 39 anos de idade. O versículo 22 deixa claro, contudo, que o Senhor realmente falara através de Neco e que Josias não o reconheceu.

Obviamente ficamos nos perguntando porque Deus falou através de Neco ao invés de mandar um profeta. Nesse caso certamente Josias Lhe teria dado ouvidos. Não temos resposta para essa pergunta, mas Deus certamente teve um bom motivo, além disso Josias poderia ter consultado ao Senhor e Ele teria respondido, mas ele não o fez e isso lhe custou a vida.

IIReis 22

Este capítulo de *IIReis 22* nada acrescenta a *II Crônicas 34*, lido e comentado acima. Assim sendo recomendamos a leitura dos comentários daquele texto.

IIReis 23

Também este capítulo narra a mesma história já descrita e comentada de II Crônicas 34 e 35. A parte relativa ao esforço de Josias no sentido de eliminar toda a idolatria é comentada aqui com mais detalhe. Não há porque repetir a mesma história, mas cabe ressaltar a narrativa do cumprimento da profecia proferida contra Jeroboão, relativa à destruição do altar de Betel por Josias (*I Reis 13.2*).

O versículo 25 nos informa que nem antes nem depois houve um rei que se voltasse para o Senhor de todo o coração, toda a sua alma e todas as suas forças, se esforçando para guardar a Lei de Moisés. Mesmo assim, os versículos 26 e 27 nos dizem que a ira do Senhor, que O levou à decisão de exilar o povo de Judá, assim como fizera a Israel, foi mantida.

Josias faleceu na batalha contra Neco e Jeoacaz reinou em seu lugar.

II Crônicas 36.1-4

O reinado de Jeoacaz durou apenas 3 meses, porque Neco, derrotado por Nabucodonozor na batalha de Carquemis, tratou de voltar para casa, mas o fez passando por Jerusalém. Ali ele prendeu Jeoacaz e o levou com ele de volta para o Egito, além de aplicar um tributo pesado de 3500kg de prata e 35kg de ouro, que foram pagos por seu sucessor.

No lugar de Jeoacaz, Neco deixou reinando o seu irmão Eliaquim, a quem deu o nome de Jeoaquim.

IIReis 23.31-35

Este texto pouco acrescenta ao de *II Crônicas 36.1-4* já comentado acima.

II Crônicas 36.5-8

Este texto registra apenas que Jeoaquim reinou 11 anos em Jerusalém e que realizou apenas aquilo que o Senhor reprova. Foi atacado por Nabucodonozor, mas não consta que lhe tenha oferecido qualquer resistência. Este simplesmente o teria prendido com o intuito de levá-lo para a Babilônia, mas o texto não diz que ele efetivamente foi para lá.

Em seu lugar passou a reinar Joaquim seu filho.

IIReis 23.36-37

Este texto pouco acrescenta ao de *II Crônicas 36.5-8* já comentado acima.

IIReis 24.1-7

Este texto, embora não contradiga o de *II Crônicas 36.5-8*, acrescenta algumas informações úteis. Nabucodonozor atacou Jerusalém duas vezes durante o reinado de Jeoaquim. O primeiro foi no oitavo ano do seu reinado, ocasião na qual Jeoaquim se tornou seu vassalo. Aparentemente, contudo, ele não manteve o seu acordo com o rei de Babilônia, pelo que este voltou a atacar Jerusalém no décimo primeiro ano de seu reinado.

O narrador deste texto comunica o falecimento de Jeoaquim, substituído por seu filho Joaquim, mas não fala de sua ida para Babilônia.

II Crônicas 36.9-10

Estes versículos de II Crônicas 36 nos mostram que Nabucodonozor atacou Jerusalém apenas 3 meses após o início do reinado de Joaquim. Ele decidiu levá-lo para a Babilônia e colocou o seu tio Zedequias reinando em seu lugar.

IIReis 24.8-17

Os textos lidos acima referentes a Jeoaquim e Joaquim nos deixam incertos quanto ao que realmente ocorreu. Se admitirmos que todas as informações são corretas, parece que a sequência dos eventos exige que Nabucodonozor tenha tomado Jerusalém depois de derrotar Neco, no oitavo ano de Jeoaquim. Nesta ocasião ele prendeu Jeoaquim para levá-lo para a Babilônia (*II Crônicas 36.6*) mas o texto não nos diz, que efetivamente o levou para lá. O que temos por certo é que Jeoaquim fez um acordo com Nabucodonozor e continuou o seu reinado em Jerusalém.

Infelizmente, contudo, sabemos que ele traiu esse acordo, com base em *IIReis 24.1*, e que no décimo primeiro ano de seu reinado Nabucodonozor mandou tropas para tomar Jerusalém e prender Jeoaquim. Tudo indica, contudo, que este morreu antes da chegada dessas tropas, tanto que ele foi enterrado com seus antepassados (*IIReis 24.6a*), passando a reinar seu filho Joaquim em seu lugar.

Apenas 3 meses depois da morte de Jeoaquim chegaram a Jerusalém as tropas de Nabucodonozor e pouco depois ele mesmo. O jovem rei Joaquim preferiu não tentar resisti-lo, pelo que abriu as portas da cidade e se entregou a Nabucodonozor.

Este, por sua vez, decidiu levar Joaquim para Jerusalém e instituiu em seu lugar o seu tio Zedequias, aparentemente irmão de Jeoaquim e Joaquim, todos filhos de Josias, com quem também fez um acordo nos moldes que fizera com Jeoaquim.

Juntamente com Joaquim, ele levou consigo 10.000 outros de Jerusalém, incluindo Daniel e seus amigos, de quem falaremos adiante.

II Crônicas 36.11-23

O período de aproximadamente 23 anos entre a morte de Josias e fim do reinado de Zedequias, com a deportação do restante do povo de Jerusalém para a Babilônia, foi caracterizado por uma sucessão de 4 reis que tinham em comum o fato de fazerem todos aquilo que Deus reprova. Zedequias, o quarto e último deles, teve tudo para alterar esse quadro e perpetuar o reino de Judá, porque além de contar com a confiança de Nabucodonozor, ele tinha um profeta extremamente dedicado, que o instruiu, da parte do Senhor, durante todo o seu reinado, qual seja Jeremias. Infelizmente, contudo, ele fez todo o possível para que as coisas dessem errado, motivo pelo qual foi duramente castigado, pois teve seus olhos vazados, logo depois de assistir à morte de seus filhos e ser levado como exilado para a Babilônia, onde morreu.

Zedequias começou a reinar com 21 anos e procedeu sempre de uma forma que desagradava ao Senhor, rejeitando, sistematicamente, as mensagens dEle, entregues por Jeremias. Além disso reinstalou, de toda forma possível, a idolatria que Deus tanto abomina. Por outro lado, ele havia estabelecido uma aliança com Nabucodonozor, que se fez acompanhar de um juramento de fidelidade, feito em nome do Senhor, mas também este ele quebrou.

Seguindo as suas ordens, foram corrompidos também os sacerdotes, pelo que passaram a profanar o templo do Senhor, adorando ali a outros deuses. Deus tentou adverti-los através de Seus profetas, mas eles apenas debocharam destes.

Ele os entregou, portanto, nas mãos de Nabucodonozor, que destruiu tanto o templo como a cidade. Além disso levou quase toda a população cativa para Babilônia, deixando na terra apenas os mais pobres.

II Reis 24.18-20

Estes versículos nada acrescentam ao que foi dito em *II Crônicas 36.11-23*, pelos que não são oferecidos aqui novos comentários.

II Reis 25.1-30

II Reis 25 descreve os últimos dois anos do reinado de Zedequias, que se havia rebelado contra o Rei de Babilônia, Nabucodonozor, apesar de haver jurado, pelo Senhor, que lhe seria fiel.

O cerco à cidade começou no nono ano de seu reinado e durou um ano e meio, findo os quais a fome na cidade se tornou desesperadora, pelo que o rei e seus soldados

tentaram fugir de noite através de uma porta que havia entre os dois muros, deixando-os além dos babilônios que cercavam a cidade. Esse movimento foi percebido, contudo, e os babilônios saíram em seu encalce, alçando-os quando já haviam descido a serra e chegado às planícies de Jericó. Todos os seus soldados fugiram e Zedequias foi preso e levado para encontrar com Nabucodonozor em Ribla (no Líbano, presumivelmente).

Lá ele assistiu à morte dos filhos e teve seus olhos vazados antes de ser levado para a Babilônia, onde morreu.

Nebuzaradã, líder das tropas babilônias, retornou para Jerusalém onde incendiou a maioria dos prédios, incluindo o palácio e o templo, além de derrubar os muros da cidade. Depois disso levou para o exílio o povo que não foi morto, deixando para trás apenas os mais pobres.

Jeremias foi deixado também, por uma concessão especial de Nabucodonozor, sob os cuidados de Gedalias, que ficou responsável pela terra de Israel. Infelizmente, contudo, alguns judeus que haviam escapado se encontraram com Gedalias e o mataram.

Com medo da reação dos babilônios, fugiram todos para o Egito, levando também Jeremias.

Semana 65 - Uma Teologia para o Sofrimento - 1

Texto: Jó 1 a 12

Estação 34

Jó 1

Nada sabemos sobre Jó, exceto o fato de ser temente a Deus e rico. Especula-se que teria sido conhecido de Moisés durante os seus 40 anos de exílio em Midiã e que, nesse caso, Moisés seria o autor do livro que leva o nome do seu personagem principal, mas nada de concreto confirma tal hipótese. Em defesa dessa hipótese existe apenas a residência de Jó em Uz (aparentemente pertencente ao território de Edom, próximo a Midiã, onde vivia Jetro, sogro de Moisés). O fato de Jó ter vivido mais de 140 anos parece situá-lo na época patriarcal, da qual se pode dizer que Moisés ainda fez parte.

Trata-se de um livro que pode ser dividido em 3 partes, conforme indicado a seguir:

- Introdução → *Jó 1.1-5*;
- Discursos → *Jó 1.6 - 42.6*;
- Conclusão → *Jó 42.7-17*.

Os discursos englobam duas entrevistas de Deus com Satanás (*Jó 1.6-2:13*); o diálogo de Jó com seus três amigos (*Jó 3.1-31.40*); os discursos do jovem Eliú (*Jó 32.1-37.24*) e duas entrevistas de Deus com Jó (*Jó.38.1-42.6*).

A introdução e a conclusão são escritas em prosa, mas os discursos, curiosamente, em forma poética. Trata-se, portanto, de uma obra singular, sem similar nas Escrituras Sagradas.

É oportuno, inicialmente, rever a relação das qualificações de Jó, listadas em *Jó 1.1*: tratava-se de um homem sincero, reto, temente a Deus e que se desviava do mal.

O homem precisa ser sincero; sinceridade é uma qualidade necessária, mas está longe de ser suficiente, pois o maior dos assassinos pode possuí-la, sem com isso ser aceitável diante de Deus. Urge que tenha o segundo dos atributos de Jó, isto é, que seja reto. Ocorre, no entanto, que o mundo está cheio de pessoas retas, reprovadas, contudo, aos olhos de Deus, por crerem em sua própria justiça.

Ao pensarmos na qualidade seguinte de Jó, qual seja, a de ser um homem temente a Deus, podemos transpor este atributo para os tempos neo-testamentários, dizendo tratar-se de um crente em Jesus Cristo, que preenche as condições mínimas necessárias para que possa entrar no Santo dos Santos pelo Novo e Vivo Caminho (*Hebreus 10.20*). Sabemos, contudo, por experiência própria, que a intimidade com Deus nasce na cruz, mas torna-se mais intensa mediante uma mudança de mente por parte do homem,

fazendo com que deixe de ser conformado a este mundo, tornando-o capaz de discernir qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus (*Romanos 12.2*). Tal mudança está intimamente relacionada com o fato dele saber desviar-se do mal, que é o último dos atributos de Jó.

Não obstante todos esses atributos, este livro apresenta-nos uma longa discussão entre Jó e seus amigos, na qual fica patente que nenhum deles, incluindo o próprio Jó, tinha comunhão íntima com Deus. Esta constatação, feita por ele mesmo ao final do livro, deve servir de motivação para que "garimpemos" nele a caça do tesouro encontrado por Jó.

Os dois diálogos entre Deus e Satanás, apresentados em *Jó 1 e 2*, respectivamente, nos dão informações muito importantes sobre a forma de atuar do nosso adversário (significado do nome Satanás):

- 1) Satanás não é um ser onipresente, tendo em vista a necessidade de rodear a terra e passear por ela (*Jó 1.7*);
- 2) Os servos fiéis do Senhor estão sob constante vigilância de Satanás, para que tenha de que os acusar (*Jó 1.8*);
- 3) O inimigo só pode tocar nos servos fiéis do Senhor mediante Sua estrita permissão (*Jó 1.12*);
- 4) A animosidade de Satanás para com Jó mostra tratar-se de um ente que tem sentimentos. Não se trata, portanto, de uma "força do mal", como querem alguns, mas de uma pessoa que milita como adversário, fazendo, assim, jus ao seu nome.

No 1º diálogo entre Deus e Satanás, o tema deste é a fidelidade de Jó, que o Diabo atribuiu às muitas bênçãos que Deus vinha derramando sobre ele. A mente corrompida de Satanás não consegue conceber gratidão dissociada de interesses escusos. Na nossa sociedade corrompida pelo pecado, é comum ver as pessoas desconfiando de atitudes belas, pelo simples fato de não serem capazes de conceber amor, bondade, misericórdia, temperança etc., dissociadas de interesses mesquinhos. Assim são os filhos de Satanás: agem tal qual o pai.

O fato de Deus ter permitido que Satanás lhe tirasse os bens e filhos (ordem em que foram tirados), não significa que Deus tivesse caído no golpe do incitamento do Diabo (*Jó 2.3*). Devemos estar plenamente convencidos, ao lermos este livro, de que Deus controla toda a situação e que a prova imposta a Jó tem por objetivo o seu bem (*Romanos 8.28*), embora, certamente, Deus tivesse feito uso da oportunidade para mostrar a Satanás um tipo de fidelidade que ele não poderia conceber como verdadeira.

Jó 2

Jó 2 começa falando de outro dia em que Satanás veio se apresentar diante do Senhor, no qual, mais uma vez, a conversa entre ambos teve por objeto a fidelidade do servo Jó. Desta feita o Diabo acusou Jó de ter mantido a sua fidelidade apenas porque ele mesmo

nada sofrera, dizendo, ainda, que se Deus tivesse tocado na sua pele, aí é que ele blasfemaria (Jó 2.4-5). Outra vez Deus deu a Satanás o direito de tocar no Seu servo, tirando-lhe a saúde, exigindo, contudo, que sua vida fosse poupada. Novamente fica evidenciada a impossibilidade de Satanás realizar qualquer mal ao servo do Senhor, sem que Este lhe dê a permissão para tanto.

O versículo 7 nos diz que Satanás se foi da presença do Senhor e feriu a Jó, dos pés à cabeça, com uma enfermidade de pele, que trazia muita coceira, causava fortes dores (Jó 2.13), atraía vermes, tornava a pele cascuda (Jó 7.5) e fazia doer os ossos (Jó 30.17).

Como se tudo isso não bastasse, veio a sua mulher, convencida de que Deus era o culpado de tudo aquilo e que de nada valera a fidelidade de Jó para com Ele, sugerindo que ele blasfemasse de Deus e morresse (Jó 2.9). A resposta de Jó (Jó 2.10) revela seu reconhecimento cristalino de que tudo o que possuía fora dádiva de Deus, e não resultado de esforço próprio. Assim sendo, se ele havia recebido das mãos de Deus as coisas boas, como não haveria de receber as ruins. *"... Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios"* (Jó 2.10).

A essa altura caíra por terra a argumentação de Satanás; ou seja, Jó mantivera a sua fidelidade, mas o objetivo de Deus não fora, ainda, alcançado. Temos em nossos dias uma corrente que atribui todas as enfermidades a Satanás, sustentando, ainda, que podem ser vencidas em nome de Jesus, visto que Ele já as levou sobre Si (Isaías 53.3-5). Certamente o Diabo pode nos tentar com enfermidades, mas a vida de Jó nos ensina que Deus pode usá-las para o nosso bem, visando alcançar os Seus objetivos em nossas vidas. Logo, devemos ser cautelosos e evitar radicalizações e verdades absolutas no tocante a essa área da vida espiritual. A Bíblia quer dizer o que ela diz e a nossa fé é tudo o que Deus precisa para realizar aquilo que Lhe pedimos, mas não podemos ignorar a Sua soberana vontade em nossas vidas.

Jó 3

A 2ª parte do livro de Jó continua com a chegada de seus amigos, inicialmente três (Jó 2.11) e depois mais um (Jó 32.3), para consolá-lo. A conversa entre eles acaba sendo de pouco conforto para Jó, visto que eles, nem de longe, concordam com as lamentações dele apresentadas neste capítulo 3.

Aqui Jó maldiz, inicialmente, o dia de seu nascimento e lamenta não ter sido abortado antes de nascer, mas coloca a seguir a sua confusão por constatar, à luz de sua própria experiência, que, contrariamente ao que cria até então, Deus não castiga os ímpios e concede graça aos que Lhe são tementes (versículos 20 a 24).

Seguem-se três rodadas de discussões entre Jó e seus três amigos, conforme indicado a seguir por capítulo:

Rodada	Elifaz	Jó	Bildade	Jó	Zofar	Jó
1ª	4-5	6-7	8	9-10	11	12-14
2ª	15	16-17	18	19	20	21
3ª	22	23-24	25	26	-	27

De modo geral poderíamos resumi-las dizendo que os amigos de Jó o acusaram de estar sofrendo em função de algum pecado cometido por ele e que a solução de seu problema residiria no reconhecimento de sua culpa e a confissão do seu pecado diante de Deus. Jó, por sua vez, sustentou não ter cometido pecado algum que justificasse o castigo que estava recebendo de Deus, sendo necessário, portanto, que houvesse alguma outra explicação para o seu sofrimento. Se ficássemos, contudo, nesse resumo, estaríamos abrindo mão de lindíssimas passagens, pelas quais passou a discussão, de modo que algumas delas serão abordadas abaixo.

Jó 4

Elifaz é o primeiro dos amigos de Jó que se aventura a dizer alguma coisa. Ele sabe que a situação é difícil e, por isso mesmo, pede licença para falar, perguntando se isso vai irritá-lo.

Não consta que Jó tenha respondido, mas ele começa a falar assim mesmo, pedindo a Jó que se mire no seu próprio exemplo. Ele que ensinou a tantos, que fortaleceu os fracos; como é possível que ele fique prostrado quando chega a sua vez de cair? Ao invés de ficar prostrado como está, porque não olha para o seu comportamento irrepreensível, para que brote nele mesmo a esperança que falta?

No versículo 7 começa a primeira de uma multidão de perguntas quase idênticas, que qualificam o justo a receber bênçãos de Deus, enquanto o ímpio será sempre objeto de maldições.

Não há dúvida que todos os amigos de Jó pensavam assim, porque o próprio Jó já confessara acima (*Jó 3.20-24*), que também assim pensava.

Depois de dar alguns exemplos, Elifaz informa a Jó que isso veio a ele como uma espécie de revelação divina (versículos 12 a 17). Ele descreve uma experiência mística, que culminou com um ser celestial fazendo a ele as duas perguntas do versículo 17.

Ocorre, contudo, que Jó só disse até agora que estava muito triste e que preferia não ter nascido. Em momento algum ele se disse mais justo ou mais puro que Deus. Assim sendo, as críticas de Elifaz são incoerentes.

Nos versículos 18 a 21 Elifaz ressalta o fato de que nem os anjos dos céus (não os decaídos) são perfeitos. Como se poderia esperar perfeição do ser humano (habitante de casas de barro)? Ele continua dizendo que a vida é efêmera e que a sabedoria do homem é de pequeno alcance.

Jó 5

Ao longo da mesma linha de pensamento Elifaz diz a Jó que seu ressentimento não se justifica e vai acabar por destruí-lo. Ninguém no céu vai ouvir a sua voz. O ímpio procede assim e o seu fim é sempre ruim. Ele acaba perdendo tudo. Implicitamente ele está chamando Jó de ímpio e está dizendo que seu procedimento é inaceitável para Deus.

O que Jó precisa, segundo Elifaz, é de humilhar-se diante de Deus e, se ele fosse Jó, era isso que ele faria, ou seja, confessaria o seu pecado diante de Deus (versículo 8).

Os versículos 9 a 16 falam da maneira justa que Deus age em diversas situações distintas. Ele exalta os humildes, derrota os astutos em sua própria astúcia, salva os oprimidos e dá esperança aos pobres e injustiçados.

Nos versículos 17 a 26 Elifaz ressalta a felicidade do homem que aceita a disciplina de Deus. Tudo funciona para o bem daquele que é reto.

Elifaz encerra esse capítulo dizendo que a verdade de suas palavras é atestada pela sua experiência, pelo que Jó deveria aplicar isso à sua vida.

Jó 6

Nos versículos 2 e 3 Jó reconhece que suas palavras são impetuosas, mas isso por causa da dor e da aflição que ele está sentindo. Ele deixa claro que elas são compatíveis com a situação.

Agora pela primeira vez ele fala que Deus está por trás do que acaba de lhe ocorrer. Ele está sendo alvo das flechas envenenadas que o Deus Altíssimo está lançando contra ele. Ele estaria sendo aterrorizado por Deus.

As perguntas do versículo 5 têm respostas óbvias. Ele tem o direito de zurrar, como zurraria um jumento sem capim ou como muge o boi sem folhagem. Já as perguntas do versículo 6 e o comentário do 7 parecem ser voltadas para o discurso “insípido” de Elifaz, que ele se recusa a comentar.

A essa altura, Jó só expressa um único desejo: morrer, se Deus assim o permitir. Ele estaria partindo, mas teria o consolo de não ter negado a Deus (versículos 8 a 10).

Apesar de não querer comentar coisas específicas das acusações de Elifaz, ele fala sobre generalidades do seu discurso a partir do versículo 11. Ele diz que não tem forças

para ter esperança e nem futuro que lhe permita ter paciência. Ele lembra que é de carne e osso e não de pedra e bronze. Ele não tem mais recursos para buscar ajuda.

Um homem desesperado, como ele, deveria receber a compaixão de seus amigos, mesmo se ele tivesse se voltado contra Deus, como Elifaz alegou (versículo 14). Nos versículos 15 a 21 Jó acusa os seus amigos (embora apenas Elifaz tenha falado) de o terem abandonado como chuvas que enchem o deserto e logo desaparecem. Talvez pela torrente de acusações vazias, ou o apoio que acabou virando apenas acusações.

Talvez seja este o melhor momento de dizer que a reação de Jó parece ser exagerada comparada às palavras de Elifaz, que realmente o acusou, mas sempre “pisando em ovos”. O problema é que temos que dar o devido desconto a Jó, que está desesperado e sem entender nada.

Nos versículos 22 a 30 Jó se defende de seus amigos. Ele alega que nada deve a eles, nem em termos financeiros, nem em gratidão por algum livramento. Se eles tiverem algo a lhe ensinar, ele está disposto a aprender, mas que não digam que ele errou, sem saberem o que fez. Que não se aproveitem do fato de ele estar desesperado. Se forem realmente amigos, que o tratem como tal.

Com relação a suas palavras, que não lhe digam que está mentindo. Se ele disse que nada havia feito para merecer aquilo, que eles acreditem nele. Jó pede que sejam justos com ele, pois é a integridade dele que está em jogo. Ele que sempre procurou andar de modo íntegro, não saberia se tivesse cometido alguma maldade?

Jó 7

O discurso de Jó começou no capítulo 6 em resposta a Elifaz, mas aqui parece que ele fala genericamente sobre o seu sofrimento e, por volta do versículo 7, começa a se dirigir a Deus.

O primeiro versículo fala de um assalariado trabalhando na lavoura. Como assalariado, ele é um diarista que nunca tem certeza se vai conseguir trabalho. Ele começa comparando isso ao trabalho do escravo que anseia apenas pelo final do dia e depois com a preocupação do jornaleiro com o recebimento de sua diária. Jó nesse ponto compara esse sofrimento do dia a dia com a crise pela qual está passando e que já dura alguns meses.

Quando chega a noite ele se deita, mas não descansa, fica apenas se virando à espera do amanhecer. Enquanto isso, seu corpo está cheio de vermes e das suas feridas escorre constante pus. Ele sabe que a vida lhe está sendo drenada, sem qualquer esperança de que essa situação se reverta.

Neste ponto, no versículo 7, ele se dirige a Deus e pede que Ele Se lembre que a vida dele não passa de um sopro, sem qualquer chance de felicidade pela frente. Ele continua dizendo outras coisas óbvias, tais como o fato de que em breve não será mais e que vai

descer à sepultura para não mais voltar. Apesar disso, contudo, ele sente como se Deus o estivesse retendo e prolongando o seu sofrimento. Assim sendo, o que ele quer mesmo é que Deus o deixe morrer, para acabar com todo esse sofrimento (versículo 16). Viver assim, diz Jó, não tem sentido.

Nos versículos 17 a 19 Jó parece insinuar que Deus tem segundas intenções com ele, mas o sofrimento é excessivo, pelo que pede para que Deus “deixe para lá”. Ele não tem consciência de nenhum pecado, mas se tiver cometido algum pecado, que Ele o revele e perdoe, para ele poder partir em paz (versículos 20 e 21).

Jó 8

Bildade é o segundo dos seus amigos a falar e o seu discurso é bem menos cuidadoso que o de Elifaz. Ele começa reclamando do discurso de Jó. Ele entende que as palavras de Jó acusaram Deus de ser injusto. Além disso, sem um pingão de tato, afirma que os filhos de Jó morreram porque pecaram e tiveram o que mereciam (versículo 4).

Assim sendo, se ele, Jó, quisesse reverter esta situação, bastaria confessar os seus pecados, se acertar com Deus e ser perdoado (versículos 5 e 6).

Nos versículos de 7 a 20 Bildade diz a Jó aquilo que é óbvio e que todos sabem, ou seja, que Deus não rejeita o íntegro e nem fortalece aquele que age com impiedade, ou seja, ele repete, com palavras mais duras, o discurso de Elifaz.

Para o embasamento de seu discurso, Bildade recorre ao ensino dos antepassados, ou seja, às tradições (versículos 8 a 10). As tradições, por vezes sadias e boas, têm sido também motivo de disputas e separações entre grupos evangélicos. Que saibamos dar às tradições apenas o valor que têm ao serem confrontadas com as realidades bíblicas.

Nos versículos 21 e 22 ele reforça que a vida de Jó vai ser só risos, se ele seguir seu conselho. Dessa forma ele envergonharia também os seus inimigos.

Jó 9

Embora Jó comece sua resposta aos comentários de Bildade dizendo que tudo isso é verdade, na realidade ele reconhece como verdade que Deus é fiel para com os íntegros e que pode punir os ímpios, mas ele desmonta a tese da recompensa automática perguntando se há realmente algum homem justo. A resposta óbvia é não.

Jó já havia ressaltado, em seu discurso do capítulo 3 (versículos 20 a 24), que pensava exatamente como os seus amigos, mas que essa experiência o estava levando a ver as coisas de maneira diferente.

Dos versículos 3 até o 32 Jó nos apresenta o Deus Onipotente que ele conhece de ouvir falar e ao qual tem servido por toda a vida, mas com o qual não tem qualquer intimidade.

Até o versículo 13 ele fala da grandeza de Deus e encerra essa parte falando de como Deus humilhou a Faraó (Raabe - nome do Egito). Essa declaração dá apoio à tese de que Jó era conterrâneo de Jetro, sogro de Moisés, pelo que Moisés o conheceu ali em Midiã e soubera, posteriormente, durante os 40 anos de peregrinação no deserto, a respeito de sua experiência, pelo que seria o autor desse livro.

A partir do versículo 14 ele fala da dificuldade que tem para falar com Deus. Pelo visto ele se acha inocente, mas crê que possa estar sendo punido por alguma falha que tenha cometido involuntariamente. Infelizmente, contudo, todas as formas de tentar falar com Deus parecem falhar devido à enorme distância entre os dois.

Finalmente, no versículo 29, ele conclui que foi considerado culpado e que simplesmente não há nada que ele possa fazer para reverter isso. Além disso, Deus não é homem para que ele possa questioná-lo em juízo (versículo 32).

Encerrando o seu discurso, num gesto de total desespero, Jó reclama que falta um árbitro ou um mediador entre ele e Deus; alguém que compreenda tanto a Deus quanto ao homem, de modo a promover a paz entre eles (versículos 32 a 34). O raciocínio de Jó não podia ser mais claro, pois é exatamente esse o papel que Deus previu para o Seu filho Jesus Cristo (*1 Timóteo 2.5*). É também disso que fala o autor da carta aos hebreus, ao dizer: **"Por isso mesmo convinha que, em todas as coisas, Se tornasse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo Sacerdote nas coisas referentes a Deus, e para fazer propiciação pelos pecados do povo. Pois naquilo em que Ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados"** (*Hebreus 2.17-18*).

Jó conclui dizendo que se tal Mediador existisse, ele poderia falar sem medo, mas que infelizmente esse não é o caso.

Esse maravilhoso desfecho do discurso de Jó certamente provém de revelação divina, embora Jó ainda não o saiba. Jó, apesar de se reconhecer pecador, é um homem que age como Deus o descreveu para Satanás. Não é à toa que Deus quer que Jó O conheça pessoalmente, como está prestes a ocorrer no final do livro.

Jó 10

Não obstante serem maravilhosas, para nós, as palavras de Jó a respeito do papel de Jesus, registradas no final do capítulo anterior, elas não foram, para Jó, de nenhum consolo, pois representam aquilo que seria necessário, mas não existia. Ele está em profunda depressão, falando de sua vida amargurada, que só traz desgosto.

Ele pede que Deus não o condene, mas que, ao invés disso, mostre a ele o que fez de errado. Ele sabe que é obra das mãos de Deus, pelo que não pode entender que Ele simplesmente o rejeite, sem que ele saiba porque.

Deus não é homem como ele, mas foi Ele que o criou. Deus foi bondoso para com ele, cuidando inclusive de seu espírito (versículo 12), mas escondeu algo dele, que agora parece estar cobrando.

Ele diz que se acha inocente, mas nem assim ele consegue erguer a cabeça pela vergonha que sente em função da situação na qual se encontra.

Mais uma vez ele lamenta que Deus não o tenha matado por ocasião do seu nascimento. Se assim fosse, ele certamente não estaria na situação em que se encontra. Se Deus se virar por um pequeno instante e permitir que ele se vá, pelo menos ele teria a alegria de saber que estava voltando ao pó.

Jó 11

Zofar, o último dos três a fazer uso da palavra, consegue ser ainda menos misericordioso com Jó do que os dois anteriores. Ele chama sua conversa de zombaria tola (versículo 3) e diz que Jó é pecador e que está recebendo apenas uma parte do castigo que ele realmente merece (versículo 6).

A resposta de Jó se estende por três capítulos, nos quais insiste em sua inocência, reclama da falta de misericórdia dos seus amigos e apela a Deus para que Este lhe mostre os motivos do seu sofrimento.

Ele fala das maravilhas do poder de Deus e de sua capacidade de perdoar, bastando para tanto que Jó afaste de suas mãos o pecado e não permita que a maldade habite em sua tenda (versículo 14). Em assim procedendo, ele poderá levantar o seu rosto sem envergonhar-se (versículo 15) e esquecerá as suas desgraças (versículo 16).

Jó 12

A resposta de Jó se estende por três capítulos, nos quais insiste em sua inocência, reclama da falta de misericórdia dos seus amigos e apela a Deus para que Este lhe mostre os motivos do seu sofrimento.

Neste primeiro dos 3 capítulos, Jó questiona a lógica de seus amigos. Ele declara que tem a mesma capacidade de raciocinar que eles e que sabe tudo que eles sabem. Ele ressalta, contudo, que vinha servindo a Deus com integridade, orava a Deus e Este o ouvia, mas de repente tudo mudou e ele tornou-se o alvo de riso dos seus amigos, que antes o respeitavam.

Além disso, ele pede que atentem para o fato de que as casas dos saqueadores não sofrem perturbação, aqueles que provocam a Deus estão seguros, como o estão também os idólatras que transportam o seu deus em suas próprias mãos (versículo 6). Como tudo isso se encaixa na ideia de que Deus sustém os justos e derruba os ímpios?

A verdade é que a sabedoria e o entendimento não estão com os idosos. Deus criou a todos e todas as criaturas estão em Suas mãos. Deus faz o que bem entende porque é Ele quem detém toda a sabedoria e o entendimento (versículo 13).

Nos versículos 14 a 25 ele declara uma série de coisas que Deus faz e que não se encaixam nessa teoria que seus amigos defendem. O que estamos assistindo é a uma mudança radical da atitude de Jó. Ele saiu da defensiva, com seus sentimentos magoados, para um ataque racional, onde tenta combater a credulidade cega com o bom senso e os fatos constatáveis à sua volta.

Semana 66 - Leitura para a Semana Santa

Texto: Mateus 21 a 26

Estação 34

Mateus 21

Este capítulo apresenta o início da semana final do ministério terreno de Jesus, principiando com a Sua entrada triunfal em Jerusalém. Havia uma profecia em *Zacarias* 9.9, que precisava ser cumprida:

“Alegre-se muito, cidade de Sião! Exulte, Jerusalém! Eis que o seu rei vem a você, justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, um jumentinho, cria de jumenta.”

Claro que podemos achar isso muito estranho, porque se trata de Jesus “fabricando” o cumprimento de uma profecia, mas na realidade não é bem assim. Ele entrou em Jerusalém montado num jumentinho sim, mas quanto a ser “aclamado pelo povo como justo e vitorioso”, cumprido através da narrativa dos versículos 8 a 11, isso ficou por conta da preciência divina.

Ao entrar no templo Jesus, novamente, Se ofende com o comércio que ali se realizava, e toma a iniciativa de expulsar todos que realizavam atividades de natureza ilegal naquele local, acusando-os de terem transformado a “Casa de Deus” num covil de ladrões.

Obviamente o povo e os próprios líderes do templo sabiam que Ele estava certo, pelo que não falaram nada a esse respeito naquele dia, mas questionaram que as crianças gritassem Hossanas ao Filho de Davi. Afinal de contas, “o Filho de Davi” era o próprio Messias, como Jesus podia ouvir aquilo e usurpar ser o que não era (para eles). A resposta de Jesus foi bíblica e extraída de *Salmos* 8.2, fornecida aqui no versículo 16.

Jesus depois disso saiu da cidade, atravessou o ribeiro de Cedron, subiu o Monte das Oliveiras e dirigiu-se a Betânia, onde provavelmente dormiu na casa de Seu amigo Lázaro. No dia seguinte saiu cedo novamente para Jerusalém e a caminho teve fome, pelo que tentou obter frutos de uma figueira no caminho. Como nada tivesse ali encontrado, Jesus repreendeu a árvore e disse que ninguém mais dela comeria. A árvore em questão secou-se, causando grande espanto aos discípulos. Estes perguntaram, então, como a árvore secara tão depressa. A resposta de Jesus se tornou um marco da fé para os pedidos de oração e está transcrita no versículo 21.

Já li e ouvi muitas histórias relativas a pedidos atendidos com base nesse versículo, mas uma das mais graciosas foi contada pelo pastor de uma igreja evangélica numa pequena cidade americana. O templo de sua igreja não tinha estacionamento e os cultos de domingos pela manhã geravam bastante tumulto na rua onde ficava, pelo que os vizinhos acabaram dando queixa na Prefeitura. O pastor recebeu, então, um prazo muito exíguo

para resolver o problema, mas a parte de seu terreno era muito montanhoso e eles não teriam dinheiro para fazer face ao elevado custo de nivelar o terreno. Comentando com a esposa à mesa, a filha de 10 anos disse que ia orar para Jesus remover aquela montanha. O casal achou aquilo “lindinho” mas esqueceram.

Na 2ª feira, o pastor recebeu um telefonema do dono da fábrica do terreno ao lado, dizendo que fora intimado pela prefeitura a aumentar o seu espaço de estacionamento, mas que ele não tinha mais terreno. Assim, ocorreu a ele que talvez a igreja tivesse interesse em transformar a parte montanhosa do terreno deles num estacionamento, que eles construiriam em troca do usufruto nos dias de semana. Aceita a proposta, o trabalho de remoção principiou no dia seguinte com grandes tratores e escavadeiras, tendo sido concluído no prazo dado à igreja e à fábrica pela Prefeitura.

A oração “lindinha” da filha acabou envergonhando o pai, pela sua falta de fé, que contou isso aos prantos no sermão do domingo seguinte.

Chegando ao templo, Jesus ensinava o povo e os líderes do templo mais uma vez O questionaram, desta vez com relação à Sua autoridade para ensinar, para as curas que realizava e principalmente para expulsar os comerciantes, como fizera no dia anterior. Jesus sabia que aquilo era uma armadilha e que ainda não era chegada a Sua hora de prisão, pelo que perguntou-lhes a respeito da obra de João Batista, condicionando uma resposta à outra. João a essa altura já morrera pelas mãos de Herodes Antipas, mas o povo todo o considerava como profeta. Assim, se recusaram a responder, perdendo a chance de prendê-lo, caso confessasse que Sua autoridade provinha de Sua divindade.

Jesus não deixou, contudo, que Sua própria pergunta ficasse sem resposta. Para tanto contou a parábola de um pai que fez o mesmo pedido a seus dois filhos. O primeiro respondeu que não, mas o atendeu, enquanto o segundo disse que sim, mas nada fez. Jesus, então, comparou os fariseus e os líderes do templo, que rejeitaram a mensagem de João Batista, ao filho que disse sim, mas nada fazia pelo pai, enquanto os publicanos e pecadores, que aceitaram a mensagem de João, ao filho que negara atender ao pai, mas o fez assim mesmo.

Encerrando este capítulo, Jesus contou mais uma parábola (versículos 33 a 44) a respeito de um homem que construiu uma vinha e a arrendou a alguns lavradores. Chegada a época da colheita, mandou, por mais de uma vez, alguns servos para receber a sua parte, mas estes foram espantados, apedrejados e mortos, pelo que, mandou seu próprio filho, a quem mataram por ser o herdeiro, julgando que ficariam com a propriedade.

Jesus, o filho que seria morto, deixa claro no versículo 43, que o reino seria tirado deles e dado à Igreja.

Mateus 22

O embate entre Jesus e os fariseus e principais do templo ocorria sempre porque, por um lado eles tinham inveja dos Seus maravilhosos ensinamentos, mas, por outro, porque queriam matá-Lo e achavam que poderiam pegá-Lo em alguma resposta incriminadora que lhes desse.

Neste capítulo ele começa associando o Reino dos Céus a um banquete preparado por um rei para uma série de convidados, que se recusaram a comparecer quando ficou pronto. O rei renovou o convite, mas alguns simplesmente o ignoraram e outros chegaram ao ponto de matar os seus enviados (versículos 1 a 6).

O rei, irado, matou os assassinos e queimou sua cidade. Ele, então, mandou convidar a outros e seus servos enviados convidaram todas as pessoas que encontraram. Quando o rei adentrou a festa, contudo, encontrou um homem inadequadamente trajado e mandou expulsá-lo para as trevas exteriores, porque muitos são chamados e poucos escolhidos.

Essa parábola é quase toda óbvia. Israel, a convidada inicial, não aceitou o convite e mataram os enviados, pelo que Deus, o rei, rejeitou os Seus eleitos iniciais e depois destruiu Jerusalém. A seguir chamou a todos de outras nações, que formaram a Igreja em Jesus Cristo. Surge, contudo, na recepção, um homem inadequadamente vestido para a festa e que não tinha o direito de estar ali. Quem seria ele?

Essa pergunta tem obtido respostas distintas, principalmente dependendo da origem de quem a responde. De acordo com Tasker (1952, pág. 165) exegetas protestantes dizem que se trata de uma pessoa sem as vestes da justiça, ou seja, um não convertido a Jesus Cristo. Já um teólogo católico romano responde que faltava a ele as vestes do amor.

Independente da natureza das vestes que lhe faltavam, parece que estas lhe eram oferecidas quando estivesse entrando, de modo que estava claro que ele entrara ali irregularmente (sem ser pela porta). Jesus deixava claro, portanto, que a entrada para o Reino também tinha pre-requisitos a serem cumpridos, não sendo possível ficar ali sem cumpri-los.

No versículo 15 somos informados que os fariseus deixaram o local convictos de que Jesus era um perigo que precisava ser eliminado, pelo que logo a seguir vemos seus discípulos armando uma cilada para Ele juntamente com os herodianos (pessoas que apoiavam a posição de Herodes).

Nos versículos 17 a 22 eles armam a cilada do pagamento dos impostos. Eles, na condição de defensores do povo judeu, pegariam Jesus como traidor da nação, se Ele mandasse pagar os impostos, mas os herodianos fariam o mesmo, acusando-O de ser opositor de Roma, em caso contrário. Jesus mandou que pagassem a quem fosse devido e essa resposta maravilhosa de Jesus confundiu os dois.

Nos versículos 23 a 33 lemos a respeito da tentativa dos saduceus de confundir Jesus com uma pergunta capciosa sobre casamento, mas Jesus deixou claro que a pergunta

deles era descabida e que os saduceus eram pessoas despreparadas, faltando-lhes melhor conhecimento bíblico.

Essa resposta animou os fariseus, porque achavam que seu próprio conhecimento não corria esse tipo de risco. Mesmo assim, fizeram a Jesus uma pergunta muito básica, sobre qual o maior mandamento da Lei Mosaica. Jesus respondeu citando *Deuteronômio 6.5* e complementou com *Levítico 19.18* (ambos transcritos nos versículos 37 e 39, respectivamente).

Como Sua resposta foi muito mais completa que a pergunta, os fariseus ficaram meio desarmados, pelo que Jesus aproveitou para perguntar-lhes de quem o Cristo é filho. Como a pergunta era trivial, eles a responderam de bate-pronto: de Davi. Neste ponto, contudo, nos versículos 43 a 45, Ele lhes perguntou por que, então, Davi o chama de Senhor em *Salmos 110.1* (transcrito no versículo 44)?

Como não soubessem responder, entenderam que não eram páreo para o conhecimento bíblico de Jesus, pelo que não ousaram mais Lhe fazer perguntas.

Mateus 23

Jesus aproveitou a ignorância dos fariseus para ressaltar não apenas a sua falta de conhecimento, mas também, e principalmente, a total incoerência entre a sua mensagem e o seu comportamento. Eles são falsos (versículo 3), hipócritas (versículo 4) e soberbos (versículos 5 e 6). Nos versículos 7 a 10 Jesus ressalta o erro do uso dos títulos que atribuíram a si mesmos.

Nos versículos 11 e 12 Jesus fala genericamente a respeito da necessidade de sermos humildes e de servirmos uns aos outros, mas a partir do 13 até o 36 o discurso de Jesus relativo aos mestres da lei e aos fariseus se torna extremamente duro, chamando-os de hipócritas reiteradamente. As alegações são todas claríssimas, pelo que dispensam maiores comentários.

O ponto mais duro do discurso é o versículo 33, onde Jesus os chama de “serpentes e raça de víboras”, para logo a seguir perguntar como eles conseguiriam escapar da condenação do inferno.

Nos versículos 37 a 39 Jesus fala um pouco da destruição da cidade de Jerusalém, apesar de todas as Suas tentativas de fazer com que Seu povo se voltasse para Deus.

Mateus 24

Este capítulo e sua continuidade no seguinte, contém a profecia escatológica mais significativa de toda a Bíblia, não só por ser apresentada pelo próprio Senhor Jesus (principalmente por isso), mas também pela sua abrangência. Normalmente é estudada juntamente com textos das profecias de Daniel e do próprio livro de Apocalipse.

O discurso é a resposta a três perguntas que os discípulos fizeram a Jesus depois que Ele profetizou a destruição do templo, quais sejam:

- Quando essas coisas ocorrerão?
- Qual será o sinal de Sua vinda?
- Qual será o sinal do fim dos tempos?

As respostas de Jesus a Seus discípulos, tanto aqui em *Mateus*, como em *Marcos* e *Lucas* são bastante semelhantes. Ele começa tratando de alertá-los para alguns sinais que antecederão a Sua vinda, quais sejam: o surgimento de falsos cristos, bem como a ocorrência de guerras, fomes e pestilências. Isso seria, contudo, apenas o princípio das dores. Então haveria perseguição, não apenas por parte dos judeus, mas de todos.

Mateus e *Marcos* fornecem, a seguir, uma curiosa declaração, segundo a qual o Evangelho do Reino seria pregado a todas as nações e, então, viria o fim (*Mateus 24.14* e *Marcos 13.10*). Cabe perguntar aqui o que Jesus realmente quis dizer com isso. Muitos concluem, com base nestes versículos, que a volta de Jesus só pode se dar depois que todas as pessoas do planeta Terra tiverem ouvido o Evangelho da salvação em Jesus. Conquanto reconheçamos que a concretização disso seja o ideal de todo crente sincero, somos obrigados a admitir que não é isso o que está escrito. Todas as nações ouvirem o Evangelho do Reino não é a mesma coisa que todas as pessoas de todos os reinos virem a ouvi-lo. Parece lícito dizer que, a essa altura, o Evangelho de Jesus Cristo já foi pregado em todas as nações da Terra, a única coisa implícita neste versículo, pelo que essa condição já está cumprida e, com base nela, Jesus poderia voltar a qualquer momento.

Depois de Jesus dizer isso, mais uma vez apenas *Mateus* e *Marcos* registram a advertência para que estejam atentos à “abominação da desolação” prevista por Daniel (*Mateus 24.14* e *Marcos 13.10* em referência a *Daniel 9.27*), antes de começarem a falar da destruição de Jerusalém. *Lucas*, por outro lado, dá como sinal para a destruição de Jerusalém o fato de exércitos virem cercar a cidade (*Lucas 21.20*). É interessante, contudo, que *Mateus* e *Marcos* parecem falar da destruição de Jerusalém nos últimos dias, enquanto *Lucas* deixa entender que está falando do ano 70, quando o general Tito arrasou a cidade. Isso porque ele fala, a seguir, da cidade pisada pelos gentios até que o tempo deles se complete (*Lucas 21.24*). Como os três referem-se ao mesmo discurso de Jesus, segue que devemos entender que a descrição se refere aos dois eventos: a destruição de Jerusalém dos dias apostólicos e a do final dos tempos. Os três autores, então, passam a falar de sinais nos astros antecedendo o Grande Dia de Sua Vinda, que se darão de modo que todos os vejam.

Há uma curiosa referência, a seguir, ao sinal da figueira (*Mateus 24.32*, *Marcos 13.28* e *Lucas 21.29*), ao qual deveriam estar atentos, não obstante Sua vinda se dar sem qualquer aviso prévio. Os autores apocalípticos têm descrito a figueira como um símbolo do povo judeu, ou da cidade de Jerusalém, com base no que ela teria já florido em 1948

(retorno do povo judeu à Palestina) ou em 1967 (retomada de Jerusalém). Ainda outros preferem uma interpretação simplesmente literal, já que a figueira perde as folhas no inverno, de modo que volta a florir, anunciando a primavera. Desta forma, Jesus estaria dizendo apenas que devemos estar atentos aos sinais que Ele descrevera. Finalmente, os três registram a declaração de Jesus de que “aquela geração” não passaria antes que “todas” aquelas coisas ocorressem. Mais uma vez “aquela geração” tem detonado as mais diversas explicações. Alguns dizem que se refere apenas à destruição do ano 70, enquanto outros creem dizer respeito ao tempo do fim. Desta forma, várias datas limites para o retorno de Jesus têm sido estabelecidas. A forma de raciocínio é simples: basta estabelecer a duração de uma geração (seja, por exemplo, considerar que houve 2.000 anos de Abraão até Jesus, durante os quais transcorreram 42 gerações, com base em *Mateus 1.17*; logo, a duração superposta de uma geração será $2.000/42 \sim 48$ anos. Admitindo-se que uma pessoa tenha o primeiro filho na idade média de 22 anos, isso significa que a extensão média da vida de uma geração seria de $48 + 22 = 70$ anos, coincidindo com a previsão davídica: *Salmos 90.10*).

Tomando como datas associadas ao florir da figueira os anos de 1948 ou 1967, é fácil concluir que Cristo deve voltar até 2018 ou 2037. Tudo isso, contudo, é mera especulação. É possível que Jesus fizesse referência à Sua própria geração no caso da destruição de Jerusalém no ano 70 e/ou à geração que visse o início da tribulação, que veria todo o restante no final dos tempos.

Seja qual for a interpretação correta, ela não tem a finalidade de fixar uma data para o retorno de Jesus, pois *“aquele dia e hora ninguém conhece, nem mesmo os anjos do céu, nem o Filho, mas apenas o Pai”* (*Marcos 13.32*). A Sua intenção, isso sim, é que todos estejamos atentos, em oração, para que não sejamos surpreendidos.

Uma das coisas que chama a atenção na narrativa dos três evangelistas, é que não há qualquer referência a um arrebatamento separado da Igreja. Pelo contrário, os três narram os sinais nos céus, que incluem o escurecimento do sol, da lua e das estrelas para, então, surgir o Senhor Jesus com *“poder e grande glória”*. Ele enviará Seus anjos, então, para ajuntar os Seus eleitos dos quatro ventos e de uma extremidade a outra do céu. Esta informação é dada apenas por *Mateus* e *Marcos*. *Lucas*, contudo, cita uma declaração de Jesus que nos deixa intrigados: *“Vigiai, portanto, e orai sempre para que possais ser considerados dignos de escapar a todas estas coisas que ocorrerão e estar em pé diante do Filho do Homem”* (*Lucas 21.36*).

Para aqueles que defendem um arrebatamento anterior às dores causadas pela grande tribulação, esse versículo é um “prato cheio”.

Mateus 25

Os primeiros 13 versículos de Mateus 25 nos contam uma parábola a respeito de 10 virgens que iam participar de um casamento, que se realizaria tão logo o noivo chegasse. O narrador nos diz que 5 delas eram prudentes e 5 imprudentes.

A narrativa nos mostra que as prudentes se prepararam para um eventual retardamento do noivo, pelo que estavam preparadas quando isso ocorreu. Já as imprudentes tiveram que se ausentar e o noivo, que chegou nesse meio tempo, não aceitou desculpas posteriores.

O noivo obviamente é Jesus e o casamento é o dEle com Sua Igreja, que é alertada, no versículo 13, a manter-se vigilante até a Sua chegada.

Jesus contou outra parábola similar entre os versículos 14 e 30. Desta feita trata-se de um senhor que se ausenta e dá a 3 servos distintos respectivamente 5, 2 e 1 talento para negociar em sua ausência.

Os dois primeiros são bem sucedidos, enquanto o terceiro simplesmente escondeu seu talento, que devolveu ao seu senhor quando este voltou. Os dois primeiros foram recompensados e honrados por seu cuidado, enquanto o terceiro foi lançado fora por sua inutilidade. Obviamente não podemos concluir que o crente que não produz para o reino é lançado no inferno, mas podemos concluir que o falso crente (membro da igreja mas não convertido) não produz para o reino ao qual não pertence.

O texto dos versículos 31 a 46 nos apresenta um juízo, que não consta dos outros dois sinóticos e que contém uma grande dificuldade de interpretação, por dar margem a uma interpretação errônea segundo a qual o justo seria aquele que faz boas obras e o ímpio aquele que se recusa a produzi-las.

Mateus 26

Os versículos 1 e 2 deste capítulo nos posicionam na terça ou quarta feira da semana da Páscoa, quando somos informados da decisão dos líderes religiosos de prenderem Jesus visando matá-lo. Isso seria feito após a Páscoa, contudo, para evitar problemas com o povo (versículos 3 a 5).

Enquanto isso Jesus estava na casa de Simão, um leproso curado por Jesus, que vivia também em Betânia, onde vivia Lázaro, quando se aproximou dEle uma mulher, que João identifica como sendo Maria, irmã de Lázaro, e começou a ungi-lo com um perfume caro. Alguns discípulos, segundo Mateus, comentaram que aquilo seria um desperdício, porque aquele frasco poderia ter sido vendido por muito dinheiro (algo como o salário de 1 ano, segundo João) e o dinheiro dado aos pobres. Aliás, João atribui essa declaração a Judas, não por seu cuidado com os pobres, mas porque roubava tudo que vinha para a bolsa de manutenção da obra de Jesus.

Somos informados que Jesus os repreendeu e disse que não era um desperdício e, sim, que aquilo nada mais era do que o preparo de Seu corpo para a sepultura, que eles mais uma vez deixaram de entender.

Exatamente neste ponto somos informados que Judas se decide por trair Jesus e se dirige ao chefe dos sacerdotes para saber quanto lhe dariam para lhes entregar Jesus num lugar onde pudessem prendê-lo sem ninguém por perto? Ele recebe uma proposta de 30 moedas de prata (algo como 6 anos de salários) e passa a trabalhar procurando uma ocasião propícia para levá-los até Ele. Somos levados a crer, portanto, que Judas vivia, a essa altura, em função de quanto poderia roubar na condição de tesoureiro de Jesus e dos discípulos.

Os versículos 17 a 19 nos descrevem os preparativos dos discípulos para a última ceia da Páscoa que comeriam com Jesus e, no versículo 20, os vemos sentados à mesma para comê-la. Enquanto o faziam, Jesus informa aos seus discípulos que um deles o há de trair (versículos 21 a 25). Neste ponto *João 13.26* identifica esse discípulo como Judas e este sai da mesa para fazer o que tinha que fazer, mas os outros discípulos não entendem, senão mais tarde.

Nos versículos 26 a 30, já sem a presença de Judas, segundo João, Jesus institui a ceia memorial que deveria ser feita em memória de Seu sacrifício substitutivo por nós. Depois disso eles cantaram um hino e se retiraram para o Monte das Oliveiras, onde foram orar no jardim Getsêmani.

Enquanto se dirigiam para lá Jesus advertiu a Pedro que ele haveria de negá-lo naquela noite, mas que Ele já havia orado pela sua restauração. Pedro obviamente jurou que aquilo jamais aconteceria, ou seja, chamou de Jesus de mentiroso sem pensar duas vezes, mas Jesus encerrou o assunto dizendo que ouviria um galo cantar quando ele já tivesse negado 3 vezes.

Nos versículos 36 a 46 eles já haviam chegado ao Getsêmani e Jesus se separou com Pedro, Tiago e João para orar e se confessou estar mortalmente triste, pelo que pediu aos 3 que vigiassem enquanto Ele orava. Jesus orou durante 1 hora, segundo *Marcos*, e suava gotas como de sangue, segundo *Lucas*. Quando retornou, contudo, encontrou os 3 dormindo. Ele lhes falou sobre a necessidade de se manterem vigilantes e voltou para orar novamente. Mais uma vez Ele os encontrou dormindo. Novamente os exortou e orou por uma terceira vez. Desta feita os acordou para partirem porque Judas já se aproximava com os sacerdotes e os soldados.

É muito importante ressaltar aqui que a tristeza mortal de Jesus não diz respeito ao seu medo do sofrimento físico, nem mesmo da morte física, aos quais seria sujeitado em poucas horas, mas, sim, o Seu horror diante da morte espiritual, quando Ele tomasse sobre Si os nossos pecados, separando-O de Deus Pai. *Lucas 12.4* nos mostra que Jesus não tinha qualquer preocupação com o sofrimento e a morte física, mas *Lucas 12.50* deixa muito claro o Seu horror pela morte espiritual. Já *Hebreus 5.7* nos diz que sua oração no Getsêmani foi atendida, o que jamais poderia ser dito se ele dissesse respeito à Sua morte física. Por outro lado, a promessa de Seu novo nascimento espiritual e de Sua adoção como primogênito pelo Pai estão totalmente implicadas.

Os versículos 47 a 56 narram a prisão de Jesus, com Judas identificando Jesus para os sacerdotes e os soldados através de um beijo. Devemos lembrar que estava escuro e que uma rápida identificação era importante para que pudessem prendê-lo.

Jesus, embora ultrajado e desrespeitado, ainda teve tempo para curar o servo do Sumo Sacerdote, cuja orelha havia sido cortada por um dos discípulos, que João identifica como sendo Pedro.

É interessante ressaltar aqui, no versículo 53, que Jesus disse que poderia ter pedido ao Pai e que Ele mandaria 12 legiões de anjos. Ele estava claramente agindo como homem apenas e Jesus-Deus estava “esvaziado”, conforme predito em *Filipenses 2.6-8*. Do contrário, Ele teria dito que poderia ter mandado que se apresentassem 12 legiões de anjos e o fariam, porque os anjos estariam submissos a Ele. Neste momento, contudo, Ele era pouco menor dos que os anjos (*Hebreus 2.9*) e não tinha ascendência sobre eles.

Logo que foi preso, os discípulos o abandonaram e fugiram.

Depois de preso, Jesus foi levado à casa de Caifás onde foi julgado pelos principais dos sacerdotes e todo o Sinédrio. Pedro e João (segundo *João*) foram os únicos discípulos que O seguiram até lá para ver o que aconteceria.

Ali Jesus foi novamente agredido e insultado, mas havia grande dificuldade em condená-lo legalmente, até que Caifás exigiu que Jesus dissesse, em nome de Deus, se Ele era ou não o Cristo. Como Jesus o confirmasse, dizendo, “você mesmo acabou de dizê-lo”, Caifás rasgou as vestes e declarou que Jesus havia blasfemado, pelo que todos disseram que Ele era digno de morte.

No versículo 67 lemos que Ele foi novamente insultado, agredido e alvo de deboches.

Os versículos 69 a 75 narram a sequência de 3 vezes em que Pedro negou conhecer a Jesus antes que o galo cantasse e Pedro saísse do local chorando envergonhado pelo que acabara de fazer.

Semana 67 - Uma Teologia para o Sofrimento - 2

Texto: Jó 13 a 27

Estação 34

Jó 13

No capítulo anterior Jó começou a arquitetar um raciocínio claro e baseado em fatos para provar que seus amigos estavam errados ao acharem que todo sofrimento é consequência de pecado e que toda abundância provém da bênção da aprovação divina.

Ele deixa claro que tudo que fizeram até agora foi difamá-lo com mentiras, pelo que se mostrariam sábios se ficassem calados (versículos 4 e 5). Assim sendo, pede que parem e ouçam o que ele tem para dizer. O que não tem sentido é eles continuarem a falar maldades em nome de Deus, a falarem enganosamente em favor de Deus, a agirem com parcialidade em favor dEle e a defenderem uma causa ímpia a Seu favor (versículos 7 e 8).

Nos versículos 10 e 11 Jó pergunta como seria se Deus fosse examiná-los por suas mentiras. Será que a condenação divina não os aterroriza? Aqui essa pergunta parece hipotética e apenas argumentativa, mas é exatamente o que ocorre ao final, como veremos.

Tendo dito isso, pede que ouçam o que tem para dizer, independente do que vai ser da vida dele dali para frente.

Nos versículos 14 a 17 ele declara, ousadamente, que mesmo que Deus o mate, é nEle que põe a sua confiança. Ele precisa defender seu procedimento diante dEle, porque nenhum ímpio ousaria fazê-lo. Ele o faz porque agiu sempre temendo a Deus.

Mais uma vez, contudo, o discurso de Jó, que era para os seus amigos, se volta para Deus. Jó pede a Ele que retire dele a Sua pesada mão, que o tem aterrorizado. Que o chame para responder Suas perguntas, ou que pelo menos ouça o que ele tem a dizer e responda. Que Deus não esconda o Seu rosto como se ele fosse inimigo.

Encerrando este texto, Jó reconhece que ele é um nada, uma folha levada pelo vento, que está sendo atormentada. Que Deus o liberte e permita que fale.

Jó 14

Neste ponto do discurso, talvez seja justo dizer que Jó nos decepciona, porque estamos esperando que ele desenvolva ideias que justifiquem o que possa estar acontecendo com ele. Não é isso, contudo, o que acontece.

Ele começa falando, ao longo dos primeiros 6 versículos, a respeito da fugacidade da vida. Ele diz que a vida é curta e que só mesmo Deus pode extrair alguma coisa pura de um ser impuro, como é o homem (versículo 4). No versículo 5 ele volta a falar de uma vida de dias contados, pelo que parece sugerir a Deus, no versículo 6, que Ele não deveria interferir (como no caso dele), mas que espere até o breve tempo determinado. Aliás, ele parece que dirige todo o restante do seu discurso a Deus e esquece completamente dos seus amigos.

Nos versículos 7 a 9 ele fala a respeito das plantas e de sua capacidade de reviver mesmo depois de aparentemente mortas pela falta de água. Tão logo volte a haver alguma umidade, logo voltam a brotar.

Nos versículos 10 a 12 ele traça o paralelo do homem, que morre e não mais se levanta. A declaração específica do versículo 12 tem dado a entender que Jó pensava em termos de vida pós-morte, ao final da presente era. Ele diz apenas que enquanto os céus ainda existirem, aqueles que dormiram não acordarão, mas deixa a pergunta aberta sobre o que ocorre depois.

Os egípcios talvez fossem o único povo, à época, que já tinha ideias sobre vida após a morte, pois nem os patriarcas falam qualquer coisa sobre isso. Se Jó, contudo, consegue conceber um mediador nos moldes de Jesus, não parece nenhum absurdo que ele possa pensar num relacionamento com Deus numa era futura ou pelo menos sugerir uma, a exemplo do que fez com o mediador.

Pois bem, os versículos 13 a 17 formam exatamente esta sugestão. Ele começa dizendo que o desejável seria que Deus o pudesse esconder no túmulo até que passasse o tempo da ira. Depois Ele o tiraria de lá e teria prazer de Se relacionar com ele, esquecendo-Se dos seus pecados.

Claro que há comentaristas que dizem que aqui estão expressos apenas pensamentos egípcios da época, acerca dos quais Jó certamente teria conhecimento (/19/, pág. 1924), mas se Jó pôde conceber a mediação de Jesus, por que não pensar igualmente num relacionamento com Deus, já com seus pecados perdoados?

Assim sendo, Jó pode nos ter decepcionado com relação à defesa que esperávamos, mas nos deixa estufepatos quando apresenta ideias sobre vida pós-morte com Deus, inconcebíveis para o conhecimento de sua época.

Infelizmente, contudo, os versículos 18 a 22 nos mostram que sua realidade naquele momento era bem outra. Sua esperança era levada pelo próprio Deus, como a montanha

que desmorona pela erosão ou a torrente de água que tudo arrasta. O homem se vai e nem fica sabendo do futuro dos filhos. Ele morre pranteando por si mesmo.

Jó 15

As palavras de Jó soaram totalmente estranhas a Elifaz. Este começa, portanto, criticando a falta de sabedoria de Jó, dizendo que um sábio nãoalaria as coisas vazias que ele falou e teria mais bom senso do que tentar satisfazer sua fome com o vento. Depois disso ele agravou as acusações, dizendo que Jó tentou dar uma de astuto e que ele age levantando-se contra a piedade e a devoção a Deus. Assim, segundo ele, Jó condena a si mesmo.

No versículo 7 Elifaz debocha de Jó, perguntando se ele nasceu antes dos montes, ou se frequenta algum conselho particular de Deus, que dá a ele informações privilegiadas? Afinal de contas, o que Jó poderia saber que seus amigos não sabem?

A partir do versículo 10 Elifaz recai na sua própria filosofia, que associa os cabelos brancos à sabedoria e aproveita para dizer que os sábios que lhe ensinam são bem mais idosos que o pai de Jó.

Fomos testemunhas das palavras dos amigos de Jó até agora e com base nestas o versículo 11 só pode ser brincadeira. Elifaz pergunta a Jó se não bastam para ele a consolação que Deus vem lhe dando e as “amáveis palavras” que ele e seus dois amigos vêm dirigindo a Jó?

Nos versículos 13 a 16 Elifaz afirma que as palavras de Jó são ofensivas para Deus, pois ele se diz justo, enquanto todos sabem que o homem é impuro e corrupto. Já nos versículos 17 a 19 Elifaz pede que Jó o ouça, porque ele vai explicar como são as coisas, de geração em geração, desde a fundação do mundo.

Nos versículos 20 a 35 ele descreve como é a vida do ímpio, recebendo, sempre, castigo de Deus pela sua impiedade. Ao lermos esses 16 versículos, ficamos nos perguntando como alguém pode ser tão desprovido de bom senso, a ponto de sequer pensar em ser ímpio. Ocorre, contudo, que essa não é a realidade do nosso dia a dia. A quantidade de ímpios à nossa volta só cresce e há uma atração arrebatadora em prol da impiedade. Isso porque o ímpio leva vantagem, sim, mesmo que só temporariamente aqui, fazendo com que o desejo das pessoas de se alinharem com eles seja uma realidade que se impõe, tentando, inclusive, inverter a verdade, fazendo com que a impiedade pareça correta.

Jó 16

Jó responde a Elifaz pela segunda vez e se queixa de seus amigos, por estarem sendo “pobres consoladores” (versículo 2). Ele diz que no lugar deles não faria esses discursos condenatórios, mas procuraria encorajá-los com palavras de consolo.

Curiosamente, depois de se queixar de sua dor, que não sofre qualquer alívio, o seu discurso, mais uma vez, se volta para Deus e ele simplesmente deixa Elifaz de lado. No versículo 7 Jó inicia a conversa com Deus, não necessariamente acusando-O, mas deixando claro que suas forças certamente foram esgotadas por Ele e que foi Ele que aniquilou toda a sua família. Sua própria depressão e magreza são atestados disso.

Dos versículos 9 a 18 Jó atesta tudo que a ira de Deus vem produzindo em sua vida, sem que ele consiga entender, mas quando pensamos que Jó vai dizer que perdeu a paciência com Deus, ele nos surpreende com suas maravilhosas declarações a respeito de Jesus nos versículos 19 a 21:

- Ele sabe que o seu advogado perante Deus está no céu. Como Jó pode saber isso, se nunca ouviu falar de Jesus?

- Ele tem um verdadeiro amigo, que é seu intercessor diante de Deus, que o emociona a ponto de rolarem lágrimas de seus olhos. Como Jó pode ter essa intimidade com um amigo que sequer conhece?

- Essa pessoa que nos defende perante Deus o faz deixando claro que é nosso amigo. A amizade é recíproca e começa com essa pessoa.

Jó só pode ter essa visão por inspiração divina, ou seja, muito antes de Deus curá-lo, o Seu Espírito Santo já está dando visões proféticas a Jó.

Jó 17

À luz das declarações maravilhosas do final do capítulo anterior, a princípio nos surpreendemos pelo fato de Jó começar aqui se lamentando novamente. Ele se declara desanimado e com a sepultura como única expectativa, enquanto à sua volta há apenas zombadores hostis.

No versículo 3 ele parece, contudo, retornar ao final do capítulo 16 e pede que Deus, Aquele mesmo que pede dele o impossível, compareça dando a ele a certeza de que Ele mesmo o proverá. Mais uma vez nos surpreendemos com Jó porque nós contraímos para com Deus uma dívida de santidade impagável e sabemos que Ele comparece como credor da mesma dívida paga pelo sacrifício de Jesus. É possível que Jó esteja se referindo a isso? Será que vemos o Espírito Santo mais uma vez falando através dele?

No versículo 4 Jó, que supostamente está respondendo ao segundo discurso de Elifaz, reconhece que Deus limitou a inteligência de seus amigos para que simplesmente não entendessem as verdades maravilhosas que estão sendo discutidas. O discurso deles está fadado ao fracasso!

No versículo 6 Jó reconhece que Deus fez dele um provérbio e isso é tão verdade que, ainda hoje, a “paciência de Jó” permeia o discurso popular de pessoas que estão sofrendo.

No versículo 7 ele volta a se lamentar e diz a seguir que os íntegros ficam atônitos sem conseguir entender o que ocorre com ele, mas que mesmo assim os justos continuarão sem esmorecer em sua justiça. Essas palavras automaticamente excluem seus amigos da lista de íntegros e justos.

O que sobrou para eles foi apenas o desafio de renovarem suas críticas, porque ele já sabe que nenhuma palavra sábia será dita. Em palavras bem simples: ele já sabe que só falam bobagem!

Os últimos 6 versículos falam do desespero de sua situação e de como não lhe resta qualquer esperança.

Jó 18

Depois das duras críticas de Jó (mesmo que corretas), as palavras agressivas da réplica de Bildade já eram esperadas. Ele começa dizendo que não dá para falar com Jó, enquanto ele não parar de expressar tanta insensatez. Além disso, reclama que está sendo tratado como se fosse um animal irracional.

No versículo 4, aparentemente Bildade pergunta a Jó se sua grande ira, contra Deus, vai fazer com que Ele mude coisas na Terra por sua causa, como, por exemplo, reposicionar as montanhas.

Nos versículos 5 a 21 Bildade lembra a Jó a forma como Deus trata os ímpios (como ele). Sua chama se extinguirá, sua luz se apagará e seus planos cairão por terra. Ele cairá em sua própria armadilha. Terrors o assustarão e calamidades o esperam. Ele viverá sem segurança e depois será esquecido. Ele, ao final, não deixa descendência. Tudo isso por não conhecer a Deus.

Jó 19

Novamente Jó tem a oportunidade de falar em sua própria defesa e o faz, atacando a falta de misericórdia de seus amigos, ao longo dos versículos 1 a 5. Ele pergunta se não têm vergonha de agredi-lo da forma como já fizeram reiteradas vezes. Eles o têm humilhado para exaltarem a si mesmos.

Nos versículos 6 a 13 ele insiste no fato de que Deus está por trás de tudo que lhe vem acontecendo, mas que não responde quando lhe pergunta porque. Deus tem tirado tudo dele e se tornou o seu inimigo, acendendo contra ele a Sua ira. Os exércitos de Deus o cercaram por todos os lados, fazendo com que seus próprios irmãos e amigos o abandonassem.

Jó lista nos versículos 14 a 19 a forma como todos à sua volta o tratam com desprezo, reclamando, no versículo 20, que só lhe sobraram pele e ossos. Assim sendo, ele pede que seus amigos tenham misericórdia e que não o tratem exatamente como Deus está fazendo.

Quando parece que só falta a Jó pedir novamente para morrer, repentinamente o seu discurso sofre uma reviravolta e novamente temos a impressão que o Espírito assumiu o suas palavras.

Ele começa desejando que os seus argumentos fossem registrados em um livro ou talhadas numa rocha para que todos pudessem ler.

No versículo 25 ele faz uma das declarações mais surpreendentes de todo o livro. Jó diz saber que **“o seu Redentor vive e que ao fim se levantará sobre a Terra”**. Só uma revelação do Espírito Santo poderia dar a ele essa convicção.

Nos versículos 26 e 27 ele fala de sua certeza que mesmo depois de morto ele verá a Deus com seus próprios olhos e que o seu coração anseia por esse encontro. O Espírito o torna num homem à frente do seu tempo.

Nos últimos dois versículos Jó exorta os seus amigos a pararem de persegui-lo como se a raiz de todos os seus problemas estivesse no seu pecado. Antes ele os adverte por estarem trazendo sobre si mesmos a condenação de Deus.

Jó 20

A segunda rodada de conversas concede a Zofar a oportunidade de se expressar novamente, mas suas palavras não acrescentam coisa alguma a tudo que já foi dito por seus dois amigos.

Ele começa dizendo que Jó o desrespeitou e que seu entendimento o faz responder novamente. Exatamente neste ponto ele diz que **“certamente você sabe que sempre foi assim, desde a antiguidade; desde que o homem foi posto na terra ...”** para repetir, então, ao longo dos versículos 5 a 29, que Deus sempre castiga o ímpio e tira dele tudo que acumulou com a sua injustiça, até que ele finalmente morre.

Jó 21

A resposta de Jó aos argumentos de Zofar é no sentido de que ele e seus amigos ouçam o que ele tem para dizer e que depois zombem dele.

Jó passa a descrever, então, a visão que ele tem da trajetória usual do ímpio, baseada em constatações do dia a dia.

Começando no versículo 7, ele diz que chegam à velhice aumentando o seu poder e vendo os seus filhos todos bem estabelecidos. Seus lares são felizes e não se vê a vara de Deus a feri-los. Seus animais procriam normalmente, seus filhos são aceitos sem problemas e ao final da vida descem em paz à sepultura.

Tudo isso ocorre, embora estejam sempre declarando que não querem saber de Deus e muito menos dos Seus caminhos. Aliás, não sabem nem quem é e não veem qualquer vantagem em servi-LO.

No versículo 17 Jó, então, pergunta quantas vezes eles realmente viram o ímpio sendo castigado e a ira de Deus sendo derramada sobre ele? A resposta não veio, mas é óbvia: muito poucas.

Jó continua dizendo que o dito popular é que seus filhos vão pagar por seus erros, mas a verdade é que o castigo deve ser prá quem pratica o erro e não para seus descendentes. Cabe lembrar aqui que essa é a determinação divina do AT (**“Naqueles dias não se dirá mais: 'Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram'. Ao contrário, cada um morrerá por causa do seu próprio pecado. Os dentes de todo aquele que comer uvas verdes se embotarão” - Jeremias 31.29-30**).

Jó relata a seguir que a dor e a morte chegam aleatoriamente para todos os homens. Assim como morrem os maus, morrem também os bons. Ele, então, pergunta se eles, por acaso, não conversam com pessoas que viajam pelo mundo e não ouvem os casos que contam? Jó declara verdadeiras as coisas que está dizendo e pura falsidade a teoria da compensação por eles defendida.

Jó 22

A essa altura os amigos de Jó começam a ficar muito irritados com ele, conforme vemos claramente nas novas argumentações de Elifaz. Ele começa dizendo que Deus não dá a mínima para Jó. Se ele for justo e irrepreensível, Deus não está nem aí. Por acaso, pergunta Elifaz, Deus estaria repreendendo você, porque você é temente a Ele?

Embora Elifaz ache que está fazendo uma pergunta absurda, vamos ver adiante que é exatamente isso o que está acontecendo. Deus quer que Jó O conheça mais de perto e está permitindo todas essas coisas em sua vida, para que, ao final, tenha com Ele maior intimidade.

A seguir Elifaz se torna bem grosseiro, diz que são infinitos os pecados de Jó e passa mesmo a enumerá-los. Jó teria exigido penhores de seus irmãos, tomado as vestes de quem não tinha, negado água aos sedentos e comida aos famintos. Além disso, ele teria negado qualquer apoio a viúvas e a órfãos necessitados. É exatamente por isso, diz Elifaz no versículo 10, que Jó estava cercado de armadilhas divinas.

Nos versículos 11 a 15, Elifaz acusa Jó de estar dizendo que Deus está muito longe e não sabe nada do que se passa aqui. Que Ele não consegue enxergar através das

espessas nuvens. Elifaz aqui começa a inventar, porque não há registro de Jó ter dito isso.

Nos versículos 16 a 20, Elifaz insiste na teoria da retribuição por nossas ações, dizendo que os ímpios foram todos levados antes do tempo. Que todos eles repetiam que Deus não os tocara, mas o certo é que Deus os devorou a todos e tomou todas as suas riquezas.

Assim sendo, ele apela, nos versículos 21 a 30, para que Jó se arrependa de seus pecados e volte para Deus, que não apenas restaurará sua condição anterior, mas fará dele uma bênção para os outros.

Jó 23

Neste capítulo vemos Jó respondendo a Elifaz no tocante ao seu próprio relacionamento com Deus. Jó reconhece que se tem queixado diante dEle de forma amargurada, mas Ele o tem castigado, apesar dos seus gemidos.

A verdade é que ele O tem buscado, mas sem sucesso. Se ao menos Deus lhe respondesse, ele estudaria minuciosamente a Sua resposta e a consideraria. Até aquele momento, contudo, ele diz que se tem esforçado por ser justo diante de Deus, dando mais valor aos Seus mandamentos que ao seu alimento diário. Quantos de nós pode dizer isso?

Infelizmente, contudo, diz Jó, Ele é Deus e faz o que bem entende. Ele tem os Seus motivos, que nos são desconhecidos. Deus fez desmaiar o seu coração, mas isso não faz silenciar a sua voz. Ele insiste em querer saber o que se passa.

Jó 24

Jó continua aqui a defender os seus argumentos do capítulo anterior. O primeiro deles é que Deus, como supremo juiz, deveria pelo menos marcar o seu julgamento, mas ele não vê isso ocorrer.

Ele continua, a seguir, a enumerar os vários tipos de delitos que Deus simplesmente deixa impunes. Ele fala dos que roubam terras, mudando a posição dos marcos limítrofes e dos que roubam rebanhos inteiros dentre os animais de seus vizinhos. Eles roubam dos órfãos e das viúvas, como também afastam de sua presença os pobres e necessitados. Estes passam grandes privações, mas Deus parece não ligar para isso (versículo 12).

Nos versículos 13 a 21 ele continua a falar de outros que se afastam da luz divina e passam a viver nas trevas. No final eles morrem, desaparecem e são esquecidos pela própria mãe.

Nos versículos 22 e 23, Jó diz que Deus por vezes os arranca e não os deixa viver em paz, mas também pode permitir que vivam em descanso, sentindo-se seguros. Por um breve instante eles são até exaltados, mas ao final morrem como todos os outros.

Algum de seus amigos por acaso pode provar que não é assim que ocorre?

Jó 25

O último dos 3 amigos de Jó a fazer uso da palavra é Bildade. Seu argumento contra Jó é muito simples: como pode ele dizer que é justo diante de Deus? O argumento dele é que todos nós somos pecadores, pelo que Jó simplesmente não pode sustentar o argumento de que é justo.

Jó 26

De igual forma, Jó é duro com Bildade. Ele reclama que seu conselho não ajudou em nada a um desvalido e que sua sabedoria não é sabedoria nenhuma.

Em contrapartida ele fala da sabedoria de Deus, que sabe tudo que se passa na morte. A morte aqui é o Abaddon, que talvez se refira ao inferno e não simplesmente à sepultura. Além disso, ele revela um conhecimento interessante para a sua época. Numa época em que nem se discutia, ainda, se a terra era sustentada por quatro grandes elefantes, Jó nos informa que ela é sustentada pelo nada (versículo 7). Considerando que Jó não era cientista, fica clara aqui, mais uma vez, a inspiração do Espírito Santo. O restante do capítulo faz várias outras declarações do mesmo gênero.

Jó 27

Jó continua aqui o discurso de defesa contra os argumentos de Bildade apresentados no capítulo 25 e que ele começou a responder no capítulo 26. Aqui ele reitera que Deus é o culpado pelo seu sofrimento e que a justiça lhe foi negada, mas enquanto ele tivesse fôlego em suas narinas ele não aceitaria que isso estivesse ocorrendo em decorrência de sua maldade, porque sua consciência de nada o acusava (versículo 6).

Assim sendo, nos versículos 7 a 12, Jó se declara inimigo dos ímpios e de sua forma de agir, pois estes não buscam a Deus, nem têm prazer em se relacionar com Ele. Eles, seus amigos, já sabem disso, pelo que a conversa que vêm sustentando é sem sentido.

No restante deste capítulo, contudo, nos versículos 13 a 23 nos surpreendemos com Jó dizendo o contrário do que vinha dizendo até agora e aparentemente concordando com os argumentos de seus amigos. Por outro lado, sabemos que Zofar não fez uso de sua terceira oportunidade de falar. Assim sendo, muitos atribuem estes 11 versículos a Zofar e não a Jó.

A verdade é que não sabemos, mas, caso sejam de Jó, ele estaria fazendo uso de sarcasmo ou algo assim.

Semana 68 - Uma Teologia para o Sofrimento - 3

Texto: Jó 28 a 42

Estação 34

Jó 28

Este lindo trecho do discurso de Jó é uma ode à sabedoria. Nos primeiros 11 versículos ele fala a respeito das coisas laboriosas que o homem é capaz de fazer para encontrar e gerar riquezas. Ele diz, ainda, que essa capacidade está limitada aos homens, porque os animais nada fazem nesse sentido.

No versículo 12, contudo, ele pergunta a respeito da sabedoria. Onde ela pode ser achada? Onde se encontra o entendimento? O homem não a percebe e nem mesmo ela é encontrável na terra dos viventes. Tampouco o abismo ou o mar a contêm.

Nos versículos 15 a 19 Jó nomeia vários objetos de valor, mas nenhum pode comprá-la, porque seu valor é inestimável. Nem a vida nem a morte a conhecem, pelo que está escondida de toda criatura viva.

A verdade é que só Deus a conhece e sabe como encontrá-la. Por isso mesmo, ao criar a terra e todas as coisas maravilhosas que vieram com a criação, Ele a dispôs de modo a somente ser encontrável mediante uma prova, qual seja, o Temor do Senhor. É nele que está a sabedoria e o entendimento reside em evitar o mal. Aleluia!

Jó 29

Neste capítulo Jó descreve como era a sua vida antes que toda essa tragédia o tenha atingido e fala dela com saudade. Embora ele só fale bem de si mesmo ao longo de 25 versículos, ele não passa qualquer impressão de soberba.

Ele diz que Deus guiava os seus passos, pelo que ele andava na luz. A amizade de Deus abençoava a sua casa e ele vivia saudável juntamente com seus filhos.

Os versículos 7 a 10 falam de como ele era respeitado por todas as faixas etárias e de como todos que o ouviam gostavam dele e o admiravam. Ele socorria os pobres, as viúvas e os órfãos, além de ajudar os cegos e os aleijados.

Todos se consultavam com ele e o que ele dissesse era a palavra final, tal a forma como era respeitado.

Por tudo isso ele achava que sua vida seria longa e cheia de alegria, pois ele vivia em retidão, seguindo os caminhos do Senhor.

Jó 30

Contrastando com o capítulo anterior, Jó narra aqui o que passou a ser a sua vida depois que Deus começou a afligi-lo. Homens totalmente desqualificados, que ele descreve ao longo dos primeiros 10 versículos, passaram a zombar dele, enquanto os filhos destes não hesitavam cuspir no seu rosto.

Pavores se apoderaram dele e sua dignidade foi levada pelo vento. Ele sentia que Deus o lançara na lama e que o reduzira a pó e cinza. Ele clamava a Deus por socorro, mas Este não lhe respondia, embora continuasse a se ver atacado por Ele.

A experiência dele é que ninguém lhe dava atenção quando gritava por socorro. Ele mesmo, contudo, não agia dessa forma, porque chorava com os entristecidos e com aqueles que passavam dificuldades.

Quando ele achava que seria recompensado pelo bem que fizera, tudo que lhe veio foi desgraça. Ele procurava luz e lhe vinham trevas. Ele conclui dizendo que sua música era apenas um canto fúnebre e que seu instrumento era o choro.

Jó 31

As últimas palavras de Jó na discussão com seus três amigos, Elifaz, Bildade e Zofar, termina neste capítulo, onde ele faz uma lista dos possíveis pecados que ele poderia ter cometido, mas não cometeu.

Desta forma, sem que sua consciência o acuse, Jó se declara justo diante de seus amigos, não havendo motivo, que ele conheça, para que Deus o trate da forma como vinha tratando.

Jó 32

Diante das últimas palavras de Jó, declarando-se justo, seus 3 amigos se calaram, por não terem mais o que contra-argumentar. De repente, contudo, surge um novo personagem na discussão, Eliú, filho de Baraqueel, cuja presença até então ignorávamos. Tudo que ficamos sabendo a seu respeito, além de sua ascendência, é que era mais novo que seus outros amigos, pelo que havia ficado calado até este momento, por uma questão de respeito.

Nos chama a atenção o fato de que ele estava indignado contra Jó, por este ter tido a ousadia de se justificar diante de Deus, o que, na sua concepção, implicaria em Jó se achar mais justo do que Deus. Na verdade, Jó nunca disse isso. Ele se limitara a dizer não ter consciência de pecado e de reclamar que Deus não justificara o temporal que Ele fizera derramar sobre a sua vida.

Além disso, Eliú se declarou indignado também com Elifaz, Bildade e Zofar, por estes não conseguirem mostrar a Jó a natureza de seu erro e por não conseguirem fazer face às suas justificações.

Apesar de ter respeitado a idade mais avançada dos outros amigos de Jó, ele deixa claro que Deus deu a ele sabedoria e que ele se sentia impulsionado a externar o conhecimento que lhe fora dado.

Assim sendo, ele pede licença para falar e afirma que não vai bajular ninguém e que tampouco seria parcial diante dos outros.

Jó 33

Nestas palavras introdutórias de Eliú, ele declara ter ouvido claramente quando Jó declarou que:

- ele estava limpo e sem pecado, puro e sem culpa;
- que Deus havia procurado motivos para se opor a ele e que se tornara seu inimigo;
- que Deus havia acorrentado os seus pés e que controlava todos os seus caminhos.

Com relação a isso, contudo, ele disse que Jó estava errado porque Deus é maior que o homem e que Ele responde sempre de alguma maneira, mas é o homem que não o percebe.

Nos versículos 15 a 24 Eliú cita várias maneiras através das quais fala e na última parece sugerir que Deus tem alguns anjos intercessores, que falam ao homem e a Deus em defesa deles, depois de convencê-los de seus erros.

Nos versículos 25 a 28 ele fala a respeito da mudança do homem depois de reconhecer o seu pecado e ser perdoado pelo mesmo. Logo a seguir ele diz que Deus dá essa chance ao homem duas ou três vezes, pelo que Jó deve ouvir o que ele tem para dizer, para não “queimar” a oportunidade que Deus lhe está dando através dele.

Que Jó ouça, portanto, a sabedoria que vai sair de seus lábios!

Jó 34

Neste capítulo vemos Eliú pedindo que todos ouçam as suas palavras de sabedoria para que, juntos, todos eles que também são sábios, possam discernir se as palavras dele são ou não corretas.

A premissa básica dele é que Jó se diz inocente, enquanto Deus lhe nega justiça. É muito importante ressaltar desde já, contudo, que Jó nunca atribuiu a Deus qualquer injustiça, não obstante ter declarado, sim, a sua inocência. O problema todo reside, contudo, no fato de que tudo que Eliú declara a seguir se baseia na parte falsa de sua assertiva.

Nos versículos 7 e 8 ele acusa Jó duramente de zombar de Deus e de ser companheiro de ímpios. Além disso, coloca na boca de Jó palavras mentirosas no versículo 9, onde alega que ele teria dito que “não há qualquer vantagem em agradar a Deus”. Jó disse, na realidade, que ele havia sido fiel, pelo que esperava ser recompensado, mas que fora duramente castigado. Jó não havia estabelecido, contudo, a relação de causa e consequência citada por Eliú.

No discurso de Eliú encontramos, mais uma vez, a teologia do mérito, pelo que Jó estaria recebendo exatamente o que mereceu. Assim sendo, não é aceitável acusar Deus de ser injusto, segundo ele.

Nos versículos 13 a 30 Eliú deixa claro que Deus reina, faz o que bem entende, conhece as obras de todas as pessoas e que castiga os ímpios, ao passo que sabe recompensar os justos.

Já no versículo 31 ele introduz a possibilidade de arrependimento e confissão de pecados, com o conseqüente perdão dos mesmos, mas Jó não deveria esperar por qualquer perdão enquanto permanecer na sua posição arrogante. Além disso, ele afirmou que todos os homens de bom senso ali reunidos concordam que Jó não tem qualquer discernimento em suas palavras e que as coisas podem ficar bem piores se Deus resolver castigá-lo pela sua revolta.

Jó 35

Eliú continua aqui avaliando palavras de Jó (como ele as entende) e prossegue com suas críticas.

Em primeiro lugar ele critica Jó por dizer que Deus possa absolvê-lo. Ele prossegue dizendo que Deus não dá a mínima para ele. Se ele peca, Deus não é prejudicado e se age bem, tampouco é beneficiado. Os atos de Jó afetariam apenas as pessoas à sua volta.

Nos versículos 9 e 10 Eliú parece sugerir que as pessoas clamam a Deus, mas de maneira inadequada e, por isso mesmo, não são ouvidas. No versículo 13 ele diz claramente que Deus não ouve a súplica vã. No versículo 14, se referindo novamente às palavras de Jó, ele diz que Deus jamais vai ouvir quando Jó diz que não o vê. Ele não precisaria sequer esperar uma resposta, porque não vem.

Finalmente, ele diz que é sem sentido Jó dizer que o ímpio vive uma vida boa sem que Deus o castigue.

Jó 36

Eliú começa este capítulo pedindo que seus ouvintes tenham paciência porque ele tem mais coisas para dizer em defesa de Deus. Ele não é muito humilde, porque diz que seu conhecimento vem de longe e que quem com eles está é a perfeição no conhecimento.

Infelizmente, ele nada tem de novo para dizer. Começa dizendo que Deus é poderoso, duro com os ímpios e fiel com os justos, além de garantir os direitos dos aflitos.

Nos versículos 8 a 10 ele diz que Deus manda sofrimentos aos que pecaram, mas pede também que se arrependam. Se Lhe obedecerem, Ele torna a lhes fazer prosperar (versículo 11). Caso contrário, Ele lhes faz morrer pela espada.

Neste ponto ele se prepara para dirigir-se especificamente a Jó. Ele primeiro ressalta que os ímpios ficam ressentidos (como Jó) e em meio ao castigo não clamam por socorro, pelo que Deus os mata na juventude.

Por isso Jó deve observar que a intenção de Deus é atraí-lo, através desse sofrimento, para o lugar de arrependimento. Só que Jó está tendo que ser tratado como um ímpio (pelo fato de não reconhecer o seu erro).

Nos versículos 18 a 21 ele adverte Jó para não se deixar seduzir pelas riquezas, nem que busque a iniquidade, “que Jó parece preferir ao arrependimento que a aflição procura produzir”.

No versículo 23 Eliú diz a Jó que não se pode dizer a Deus que Ele agiu mal (insinuando que Jó o teria dito). Pelo contrário, todas as obras de Deus devem ser exaltadas em cânticos de louvor. Nos versículos 25 a 33 ele se limita a exaltar as obras de Deus.

Jó 37

Eliú se estende em seu discurso e usa palavras pomposas, mas não cessa de dizer exatamente a mesma coisa. Ele diz que seu coração bate aceleradamente e salta do seu lugar para, então, continuar a falar da grandeza de Deus através da natureza.

Nos versículos 3 a 13 ele explica como Deus se expressa através da chuva, do vento, dos relâmpagos e dos trovões, do frio e do gelo, bem como da umidade, fazendo com que o Seu poder se expresse através desses elementos.

Por isso ele pergunta a Jó se ele não sabe dessas maravilhas de Deus. Por isso, Jó deve se confessar para que os seus amigos possam interceder por ele (versículo 19). Deus, em Sua justiça, não oprime aos que O temem, mas dá atenção àqueles que têm coração sábio.

Resumindo, o discurso de Eliú, que se estendeu do capítulo 32 ao 37 nada acrescentou àquilo que já havia sido dito por Elifaz, Bildade e Zofar, a não ser graves acusações contra Jó, resultantes da sua compreensão equivocada ou distorcida das palavras dele.

Jó 38

Neste momento começa a se formar uma tempestade, provavelmente com ventos fortes e repentinamente o próprio Deus começa a falar, com voz audível, para que Jó e seus amigos O ouçam.

Deus nos fala de muitas maneiras, mas ouvi-LO de maneira audível é uma das experiências mais marcantes que o homem pode ter. Sem dúvida, portanto, Jó está iniciando aqui o momento mais importante de sua vida até então.

Curiosa é a forma como Deus se refere ao discurso tolo de Eliú. Sem sequer mencionar o seu nome, ele pergunta a Jó quem é essa pessoa inculta que está falando a respeito dEle e seu modo de agir. Deus vai Se dirigir tanto a Jó como aos seus 3 amigos pelo nome, mas na omissão do nome de Eliú fica ressaltada, igualmente, a tolice de suas palavras.

Deus diz a Jó, então, que gostaria que ele respondesse a algumas perguntas Suas, se possível fosse. Nos versículos 4 a 38 Deus Se limita a fazer a Jó perguntas sobre a criação do mundo e sobre a Sua providência para que nada falte. São perguntas que a maioria de nós, apesar de séculos de avanço da ciência, não tem qualquer possibilidade de responder. Nos versículos 39 a 41, Deus continua a fazer perguntas específicas sobre a Sua providência para com os animais.

Jó 39

Suas perguntas sobre o reino animal prosseguem ao longo de todo o capítulo 39, com a intenção clara de mostrar a Jó e seus amigos o quão pouco eles realmente sabem.

Jó 40

No capítulo 40, Deus Se dirige, então, especificamente a Jó e a primeira pergunta que faz a ele é se ele acha que Deus é culpado de alguma injustiça? Jó falara ao longo de todo o discurso com seus amigos que não tinha consciência de qualquer pecado que tivesse cometido para ser castigado da maneira que o vinha sendo. Ele havia ressaltado, contudo, que, se alguma coisa involuntária tivesse feito, Deus deveria mostrar a ele, que ele a corrigiria (Jó 7,20-21).

Agora, contudo, ressaltada por Deus a sua total ignorância, Jó reconhece que tudo que dissera estava prejudicado por sua falta de conhecimento, pelo que confessou-se indigno de responder a Deus.

Nos versículos 8 a 14, Deus deixa claro para Jó que ele é um simples homem, que não consegue responder suas perguntas, não tem qualquer poder sobre a vida de ninguém, não domina a natureza, não se reveste de esplendor e nem mesmo pode se salvar. Desta maneira ele não está em condições de julgar os atos de Deus.

Nos versículos 15 a 24, Deus fala a Jó a respeito do hipopótamo e de sua maravilhosa força, mas que é indomável.

Jó 41

Este capítulo é quase totalmente a respeito de um animal chamado leviatã, que a maioria dos intérpretes crê ser um crocodilo. Deus fala dele até o versículo 10 e neste trecho o crocodilo parece bastante com o animal que é descrito.

No capítulo 10, Deus diz que ninguém resiste ao crocodilo, para a seguir perguntar quem poderia resistir a Ele, Deus, que o criou? Afinal de contas, Ele reina sobre tudo.

No versículo 12, Deus parece voltar a falar sobre o leviatã e o faz até o final do capítulo, mas desta feita a descrição já não se encaixa tão bem com o crocodilo. Seja como for, trata-se de um animal formidável e indomável.

Jó 42

Surpreendente, depois de tantas perguntas divinas, para as quais Jó não tem resposta, Jó ainda ousa abrir a boca, mas o faz para confessar a sua pequenez diante da majestade de Deus.

Primeiro ele diz que sabe que nenhum dos planos divinos pode ser frustrado, motivo pelo qual Deus faz o que bem entende. A seguir ele se refere à pergunta de Deus a respeito de quem era aquele que estava falando dEle sem conhecimento. Embora a pergunta tivesse sido claramente dirigida a Eliú, temos a impressão inicial de que Jó achava que era com ele. O que ele diz a seguir, contudo, nos mostra que ele está apenas pegando o gancho das palavras “sem conhecimento”, para dizer que durante o seu próprio discurso, ele sabia que tinha dito várias coisas maravilhosas a respeito de Deus, que ele não tinha a menor condição de saber.

São essas as coisas maravilhosas com as quais ficamos encantados ao longo dos discursos de Jó e que atribuímos ao Espírito Santo, com Jó sendo usado na condição de profeta. Jó, contudo, não sabia de nada disso, pelo que teve aqui receio de ter dito coisas a respeito de Deus que não fossem verdade.

Ele reconhece a seguir que conhecia Deus de ouvir dizer, mas que o fato de conhecê-lo pessoalmente agora o deixa ainda mais constrangido, pelo que pede perdão de tudo de errado que porventura tenha feito ou dito.

A resposta de Deus, contudo, pega todo mundo de surpresa, porque parecia, até agora, que Deus estava repreendendo a Jó pelas coisas que ele havia dito, mas Deus se vira para Elifaz, Bildade e Zofar e diz especificamente para Elifaz que ele e seus dois amigos não falaram a Seu respeito o que é certo, como havia feito o Seu servo Jó, pelo que Ele

estava indignado com os três (nenhuma menção do tolo Eliú). Assim sendo, Ele estaria instruindo o Seu servo Jó a interceder por eles, pedindo perdão por suas culpas, porque a oração dele, Jó, seria ouvida.

O versículo 9 nos diz que Jó intercedeu por eles e sua oração foi ouvida. Enquanto isso, somos informados que Deus também mudou a situação de Jó e deu a ele tudo que tinha antes em dobro.

O texto menciona, ainda, todos os seus bens em número dobrado, mas nos surpreendemos, a princípio, pelo fato de Deus não ter dado a ele o dobro do número de filhos. Ocorre, contudo, que Deus cumpriu Sua promessa, sim, mas esta foi simplesmente a maneira dEle dizer a Jó que os seus primeiros filhos viviam e estavam com Ele, pelo que Jó agora tinha 20 filhos, dos quais 10 já estavam com Ele.

O livro de Jó é uma das maiores riquezas de toda a Bíblia e merece ser lido e relido para melhor aprendizado da natureza de Deus.

Somos informados que Jó não só teve tudo restaurado, mas que viveu, ainda, mais 140 anos e que viu os seus novos descendentes até a quarta geração.

Semana 69 - A Mensagem do Profeta Isaías - 1

Texto: Isaías 1 a 16

Estação 35

Isaías 1

Isaías, cujo nome significa Salvação do Senhor, é considerado o maior de todos os profetas do Velho Testamento. Seu ministério abrange um período de aproximadamente 60 anos, cobrindo os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias (*Isaías 1.1*).

O livro de Isaías parece conter uma combinação de diversas profecias pronunciadas por ele em épocas diferentes de sua vida, que poderiam ser classificadas como a seguir:

- *Isaías 1-12*: profecias que dizem respeito a Judá;
- *Isaías 13-27*: profecias contra diversas nações vizinhas;
- *Isaías 28-35*: advertências referentes a Efraim e Judá;
- *Isaías 36-39*: resumo histórico de alguns anos da vida de Ezequias;
- *Isaías 40-48*: a libertação do cativo na Babilônia e o Servo do Senhor;
- *Isaías 49-55*: o Servo Sofredor e a restauração de Sião;
- *Isaías 56-66*: profecias diversas.

Ele começa o seu livro descrevendo a decadente situação espiritual do povo de Judá. Os versículos 3 a 6 resumem bem em que consiste a decadência espiritual: falta de conhecimento de Deus do Seu povo. Ele os criara como filhos, mas eles não O reconheciam como Pai. Ele, como Santo de Israel, os redimira e esperava deles o cumprimento da aliança estabelecida com eles. O resultado do desinteresse do povo por Ele foi um culto vazio (*Isaías 1.11*), abominável e insuportável para Deus (*Isaías 1.13*), que Se recusava a ouvir suas orações (*Isaías 1.15*).

Isaías 1.18-19, dois versículos muito conhecidos, são a expressão de Sua maravilhosa graça para com aqueles que cessam de fazer o mal e aprendem a fazer o bem (*Isaías 1.16-17*).

Os versículos 20 a 25 falam da destruição daqueles que resistem e não se dispõem a obedecer. Todos serão devorados pela espada. O mesmo zelo que destrói os ímpios, contudo, produz a purificação do remanescente, pelo que a cidade de Jerusalém será restaurada e voltará a ser chamada de cidade fiel (versículos 26 e 27).

Os versículos 28 a 31 se referem àqueles que cultuavam a natureza, como os antigos cananeus. Eles a veriam destruída juntamente com sua própria destruição.

Isaías 2

Isaías 2 começa com um dos mais conhecidos textos bíblicos relativos à restauração de Israel (*Isaías 2. 1-4*). Trata-se de um plano que começou com a Primeira Vinda de Cristo e que se concretizará na Segunda. Vemos nessa descrição a realização daquilo que era a missão do povo de Israel (ser uma bênção para todas as nações), mas que foi cumprida por um grupo pequeno, que deu origem à Igreja, levando todas as nações a vir à Casa do Deus de Jacó.

Logo depois, contudo, ele retoma o assunto do juízo iminente sobre Judá, que se estende até *Isaías 6*. Nos versículos 5 e 6 vemos Isaías falando a respeito das adivinhações (consulta a espíritos), que os israelitas haviam aprendido com os filisteus, bem como suas críticas ao paganismo, que dominava o povo de Deus. Eles são convocados a andar nos caminhos do Senhor.

Já os versículos 7 e 8 nos falam da idolatria do dinheiro, que dominava o povo por causa das riquezas do reino nos dias de Uzias e Jotão. Os bens materiais haviam se tornado ídolos, pelos quais os homens, inclusive Uzias, se tornaram soberbos. A remoção completa de toda e qualquer soberba é profetizada por Isaías nos versículos 12 a 19.

Finalmente, nos versículos 20 a 22, Isaías fala da inutilidade desses bens por ocasião do Dia do Senhor.

Isaías 3

O capítulo 3 continua com as profecias de Isaías contra Jerusalém e contra o povo de Judá. As profecias em apreço são o prenúncio dos últimos reis de Judá, que seriam inexperientes e corruptos. Com a primeira invasão de Nabucodonosor, a nata da sociedade judaica foi levada cativa para a Babilônia (como, por exemplo, Daniel e seus amigos), ficando em Jerusalém a liderança jovem e menos talentosa.

Veio com isso, também, a escassez de alimentos. O versículo 5 mostra como a falta de justiça no governo leva, igualmente, à falta de justiça nas ruas. Essa era a situação quando Nabucodonosor invadiu Jerusalém pela última vez e a destruiu. O povo que ficou na cidade era o mais pobre e sem qualquer liderança (versículos 6 e 7).

Os versículos 8 a 12 falam do juízo de Deus sobre o Seu povo, mas mesmo em meio a esse juízo, Isaías diz aos justos que Deus saberá zelar pelo seu bem-estar (versículo 10).

Nos versículos 13 a 26, Isaías fala do Senhor sentado como juiz no tribunal julgando os líderes do Seu povo, que arruinaram a Sua vinha (o povo de Israel) e roubaram dos necessitados. Nos versículos 16 a 24, Isaías fala da lascívia das mulheres e frouxidão

moral de seu comportamento, despertando o desejo dos homens, bem como de sua punição. A punição correspondente dos homens é objeto dos últimos dois versículos.

Isaías 4

O primeiro versículo deste capítulo parece fazer parte, ainda, do juízo do capítulo anterior. Retrata a cidade de Jerusalém após a destruição causada por Nabucodonosor, onde a maioria dos homens havia sido morta ou levada em cativeiro e os pobres, deixados na cidade, eram predominantemente mulheres. Nesta ocasião elas disputariam o casamento com os poucos homens que sobraram.

Já o restante do capítulo olha para o objetivo final de Deus, qual seja a salvação de Seu povo. Estão implícitos aqui tanto o futuro próximo, com a reconstrução pós-exílio da cidade, como também, e principalmente, o futuro mais longínquo, com a instauração do reino divino (*Isaías 4.2-6*). "**Naquele dia o Renovo do Senhor será belo e glorioso**". Com estas palavras Isaías fala pela primeira vez acerca do Renovo. A palavra traduzida em português como Renovo tem o significado de um "galho novo de árvore" ou um "broto", que nasce com toda a sua força, numa clara referência ao Messias, mas que ao mesmo tempo fala do fruto resultante na vida daqueles que O recebem (os sobreviventes de Israel), trazendo a estes "orgulho e adorno". Neste caso específico alguns teólogos (/47/, pág. 85) acham que a referência é ao fruto da terra, mencionado logo a seguir, mas o simples fato dos dois serem mencionados lado a lado torna esta interpretação pouco provável. Assim sendo, "belo e glorioso" são atributos do próprio Messias em Sua majestade.

Nos versículos 5 e 6, a nuvem de dia e o fogo de noite, uma referência clara à proteção do povo por Deus, durante os 40 anos de caminhada no deserto, indica igual proteção do povo de Deus em Sião.

Isaías 5

Isaías 5 apresenta uma parábola sobre uma vinha, pertencente a um amigo, plantada num outeiro fértil (*Isaías 5.1*) que, não obstante todos os cuidados, veio a dar uvas amargas. A referência é óbvia; o dono da vinha é o Senhor e a vinha é Israel, cujo juízo - ser cortada e pisada - é pronunciado em *Isaías 5.5-6*. Para não deixar qualquer dúvida, Isaías identifica o amigo e a vinha no versículo 7.

Os versículos seguintes apresentam 6 "ais" referentes a pecados que Deus tinha constatado no seio de Seu povo, todos igualmente repetidos em nossos dias.

O primeiro "ai" (versículo 8) diz respeito ao fato de algumas pessoas de posses estarem acumulando terrenos, deixando muitos do povo sem casa própria. Quanto a estes, veriam seus terrenos tomados por estrangeiros e ninguém a ocupá-los.

O segundo “ai” (versículo 11) seria referente a pessoas que viviam para se embriagar. Seu castigo seria o exílio.

O terceiro “ai” (versículo 18) diz respeito a pessoas que vivem conscientemente em pecado, mas falam de fazer a vontade de Deus como grandes hipócritas. Seu castigo é descrito juntamente com os outros 3 “ais” nos versículos 24 em diante.

O quarto “ai” (versículo 20) fala de pessoas que pregam uma total inversão de valores. Chamam o errado de certo e o certo de errado. Tal inversão nunca foi tão real como nos dias de hoje.

O quinto “ai” (versículo 21) diz respeito à soberba. Trata-se de pessoas que são sábias e inteligentes aos seus próprios olhos.

O sexto “ai” (versículos 22 e 23) fala novamente de pessoas chegadas ao vinho, mas que, além disso, usam do suborno como forma de corromper a justiça.

Todos esses o Senhor levará como o vento por terem rejeitado a Sua lei (versículo 24). Contra eles se acendeu a ira do Senhor (versículo 25), que contra eles mobiliza uma nação distante, que tanto pode ser a dos assírios ou a dos babilônios (versículo 26). Sua obra de castigo de Judá é descrita nos versículos 27 a 30.

Isaías 6

A descrição do comissionamento de Isaías principia por uma declaração que o situa no tempo: *"No ano da morte do rei Uzias ..."* (Isaías 6.1), mas de igual maneira pode nos transmitir a idéia de que Isaías, aparentemente ligado à vida palaciana (a tradição rabínica, sem confirmação adequada, supõe que seu pai, Amós, era irmão do rei Amazias), era tão aficionado pelo rei Uzias, que foi preciso primeiro que Deus removesse o rei para poder, então, manifestar-Se ao profeta. Se isso, no caso de Isaías, é apenas uma suposição, não raramente é uma realidade nas nossas próprias vidas, onde passamos a viver em função de bens ou de pessoas do nosso relacionamento, perdendo, então, a visão de Deus. Para nos restaurar dessa "idolatria cega" Ele, muitas vezes, é obrigado a tirar de nós aquilo e/ou aquele que a promove. É neste sentido que Paulo nos adverte: *"Os que se utilizam do mundo sejam como se dele não usassem, porque a aparência deste mundo passa. O que realmente quero é que estejais livres de preocupações..."* (ICoríntios 7.31-32). Que estejamos, pois, atentos àquilo que nos pode desviar os olhos do Trono!

É interessante que, em sua visão, Isaías nos informe que viu o Senhor ("Adonai") assentado sobre um alto e sublime trono, ou seja, a sua visão parece ser de Jesus, e não de Deus Pai, fato esse confirmado por João: *"Isaías disse isto quando viu a glória de Jesus e falou dEle"* (João 12.41). A primeira coisa que chama a sua atenção é a Santidade dAquele que está assentado sobre o trono. Essa santidade não está apenas associada à Majestade e à Glória do Senhor do Universo (*"...Santo, Santo, Santo é o*

Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória" - *Isaías 6.3*), mas, sim, à total ausência de pecado daquele recinto.

Esse fato fica ressaltado no momento em que Isaías enxerga o contraste dessa santidade com a total falta dela em sua vida: "...Ai de mim! Estou perdido, porque sou um homem de lábios impuros e habito no meio de um povo de impuros lábios..." (*Isaías 6.5*); ou seja, sou um pecador, habito no meio de pecadores, e não posso subsistir diante desta Santidade. A referência específica aos lábios certamente está ligada ao fato dele sentir que, como tal, não poderia participar do coro de serafins que cantava à Santidade d'Aquele que estava assentado sobre o trono.

Mas o arrependimento e a confissão de pecados sempre abrem o caminho para que Deus possa restaurar a vida de Seus servos; assim é, que *Isaías 6.6-7* nos fala da remoção de iniquidades e perdão de pecados, obtidos mediante o poder purificador da brasa viva tirada do altar.

Que não passe pela cabeça de ninguém a idéia de que Isaías tenha sido "salvo" por um processo alternativo à cruz de Cristo, pois não se trata disso, visto que a brasa foi retirada do altar, e o único altar de valor eterno para Deus é a cruz, pelo que Isaías é feito aqui participante daquele supremo sacrifício.

Uma vez purificado o Seu servo, e pronto para o serviço, fica clara, então, a intenção de Deus de utilizá-lo: "...a quem enviarei e quem há de ir por nós?..." (*Isaías 6.8*); ao que Isaías rapidamente respondeu: "...eis-me aqui, envia-me" (*Isaías 6.8*). Quando Deus resgata o homem do pecado, coloca em seus lábios um novo cântico (*Salmos 96.1*) para que vá e proclame ao mundo aquilo que Ele fez por ele. Foi exatamente isso que Jesus disse ao gadareno endemoniado depois de curá-lo (*Marcos 5:19*). A nós nos cabe a disponibilidade demonstrada por Isaías e, a Ele, o realizar a obra.

De fato, sem o revestimento especial que acabara de receber e sem total prontidão para exercer o seu ministério, Isaías jamais cumpriria a tarefa a ele outorgada. As promessas de Deus para ele não eram de um ministério frutífero e, sim, de "insucesso total" (pelo menos sob a perspectiva do pregador que deseja ver o arrependimento daqueles a quem prega). Sua tarefa era advertir um povo rebelde do derramamento iminente da ira do Senhor que, em contrapartida, tornar-se-ia mais cego, mais surdo e de coração totalmente endurecido, de modo a vir a ser, assim, inescusável e réu de juízo.

Isaías se angustia com isso e pergunta: "...até quando, Senhor?..." (*Isaías 6.11*). A resposta do Senhor deixa claro que o tempo de arrependimento é passado: "...até que o juízo se cumpra, com a terra sendo totalmente assolada" (*Isaías 6.11*).

Textos como o do dilúvio, o da destruição de Sodoma e Gomorra, este e vários outros não deixam nenhuma dúvida com relação ao inevitável cumprimento do Dia do Juízo Final. A nós, a exemplo do que ocorreu com Isaías, nos cabe cumprir o "Ide". A conversão ou o endurecimento de coração (vasos para honra ou para desonra -

Romanos 9.21) são uma escolha livre e soberana do homem, que Deus de forma alguma viola (embora dela faça uso para Sua própria honra e glória).

Da mesma forma como o versículo 12 nos mostra que o exílio do povo era, a essa altura, inevitável, o versículo 13 nos assegura que o plano de Deus não é a destruição e, sim, a correção. O povo de Israel, mesmo indo embora, deixaria raízes que voltariam a brotar, a exemplo do que fazem o carvalho e o terebinto. Essas duas espécies de árvores têm características muito importantes. Ambas têm alta resistência, mas o carvalho é muito flexível, de modo que resiste à tempestade dobrando-se diante da mesma, após a qual busca sempre raízes mais profundas para sua resistência. Já o terebinto se deixa descascar com facilidade quando sujeita a intempéries, mas ao fazê-lo emite um aroma excelente, ao mesmo tempo em que deixa escoar uma seiva cujas propriedades de cura são magníficas. Ambos, portanto, quando sujeitos a tempestades se aprimoram e tornam-se mais fortes e úteis. Era isso que Deus esperava de Seu povo sendo aprimorado em Babilônia.

Isaías 7

Passados alguns anos, já nos dias de Acaz, sucessor de Jotão, filho de Uzias, foi Isaías enviado a trazer ao rei o que deveriam ser boas-novas. As forças militares de Acaz haviam sido desbaratadas pelas tropas sírias, aliadas a Israel (*II Crônicas 28.5*), e agora armavam um cerco a Jerusalém para desfechar, contra o reino de Judá, o golpe de misericórdia (*II Reis 16.5*). Acaz talvez já tivesse pedido ajuda à Assíria ou estava por fazê-lo (*II Reis 16.7-9*), de modo que a mensagem de Isaías continha, também, uma advertência ao rei com relação a isso. A mensagem do Senhor apresentada em *Isaías 7.4-9* diz que eles não entrariam em Jerusalém e que, além disso, ambas as nações (Síria e Israel) seriam destroçadas ("**...com certeza não resistirão**" - *Isaías 7.9*), concluindo por dizer que se ele, Acaz, não pudesse crer nisso (ao invés de achar que a sua libertação viria de uma aliança com a Assíria) também o rei de Judá seria destituído.

Isaías propôs, então, que Acaz pedisse um sinal ao Senhor que, certamente, tinha por finalidade fortalecer a sua fé naquele momento de decisão tão difícil. Se por um lado parece piedosa a resposta do rei, no sentido de não tentar o Senhor seu Deus (*Isaías 7.12*), em total consonância com a lei (*Deuteronômio 6.16*), fica claro, por outro, que Acaz não queria compromisso com o Senhor, pois estava convicto da impossibilidade de subsistir, salvo com a ajuda da Assíria, pelo que se ele pedisse um sinal, e Deus o concedesse, estaria obrigado a confiar no Senhor, ao invés de buscar ajuda junto aos assírios.

Por isso mesmo Deus tomou a iniciativa e prometeu a Acaz o sinal descrito em *Isaías 7.14-16*, mas pronunciou contra Acaz, por sua recusa em confiar no Deus de seus pais,

o juízo descrito em *Isaías 7.17-25*, usando, ironicamente, como instrumento do mesmo, o próprio rei da Assíria, em quem Acaz pusera a sua confiança.

O sinal prometido em *Isaías 7.14-16* é uma referência profética clara ao livramento do pecado, prometido através do Messias quando Este Se fizesse "Deus conosco", e cumprido quando o "Verbo Se fez carne e habitou entre nós e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade..." (*João 1.14*). Ocorre, contudo, que tal profecia deveria ter um sentido paralelo, que tivesse aplicação imediata para Acaz, do contrário seria totalmente desprovida de lógica como sinal para ele. Tal sentido fica claro pelo cumprimento imediato da profecia narrada em *Isaías 8*. O profeta toma consigo testemunhas fidedignas, que poderiam confirmar o cumprimento literal de sua profecia, toma por esposa uma profetisa "virgem" e tem com ela um filho que Deus manda chamar de Rápido-despojo-presas-segura, significando que era chegada a hora, inevitável, de tomada das presas (Síria e Israel), cujo despojo seria levado rapidamente.

Isaías 8

O capítulo começa com Deus mandando que Isaías escreva em uma tábua de bom tamanho as palavras "rápido despojo, presa segura", que deveriam significar algo como "é chegado o tempo de saquear e ajuntar despojos" (*47/*, pág. 106). Isso deveria ser testemunhado por duas pessoas de confiança. Além disso, ele deveria dar esse estranho nome ao seu primeiro filho (versículo 3).

Com relação a essa criança, então, Isaías informa que antes que ela aprendesse a dizer "papai" ou "mamãe", tanto Damasco quanto Samaria seriam devastadas e saqueadas (*Isaías 8.4*). Ele continua, contudo, a narrar (*Isaías 8.5-8*) a invasão posterior de Judá pelo rei da Assíria, como se fosse uma enchente, com as águas chegando até o pescoço, ou seja, toda a terra seria tomada, mas a cabeça, Jerusalém, não sucumbiria, numa clara alusão ao cerco fracassado de Senaqueribe à cidade nos dias de Ezequias.

Isaías 8.9-10 retoma o sentido profético e fala da impossibilidade de vitória da Assíria em seu cerco a Jerusalém, por melhor que seja a sua estratégia militar. Simultaneamente, contudo, este mesmo texto contém as instruções que Isaías recebe de Deus com relação à forma como deve pautar a sua vida, diferenciada daquela do povo ("impuro") no meio do qual vive (*Isaías 8.11*). Não deveria olhar para as circunstâncias e temer aquilo que todos temiam, mas santificar e temer o Senhor dos Exércitos somente (*Isaías 8.12-13*). As mesmas recomendações aplicam-se à vida dos crentes nos dias de hoje, no sentido de viverem uma vida santificada, apesar da extrema corrupção do mundo, prosseguindo para o alvo da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus (*Filipenses 3.14*).

No versículo 14 o profeta fala, a respeito do Senhor dos Exércitos, que "...Ele será um santuário, mas também uma pedra de tropeço e rocha de escândalo às duas casas de Israel...". Especificamente para os moradores de Jerusalém, contudo, Ele será uma armadilha e um laço, no qual muitos serão capturados (versículo 15). Vemos aqui nitidamente a diferença entre Isaías, bem como os demais servos do Senhor, e a massa

incrédula do povo. Os versículos 16 a 18 trazem recomendações específicas para os servos do Senhor.

Isaías 8.19 nos dá fortes indícios de como o espiritismo, com seu tradicional culto de consulta a mortos, já era prática corrente nos dias de Acáz. O texto é muito claro em condenar esta prática, ressaltando o absurdo de deixar de buscar a Deus para consultar os mortos em favor dos vivos. O fim das pessoas que assim procedem é: serem lançadas em densas trevas (*Isaías 8.22*).

Isaías 9 - Este capítulo já foi lido e comentado - ver Volume 4, Semana 51

Isaías 10

O reino de Acáz foi de grande impiedade e, embora talvez o capítulo 10 já seja escrito no início do reino de Ezequias, é fato que muitas leis, complementares ao texto mosaico, tinham sido introduzidas, ainda durante o reino de Acáz, que eram extremamente injustas para o povo indefeso, órfãos e viúvas, dando vantagens aos poderosos. É contra essas leis que Isaías escreve os seus 4 primeiros versículos aqui.

A partir do versículo 5, contudo, ele volta a falar a respeito da Assíria como cetro da ira divina. Ele o faz, todavia, começando com um “ai”, pois Isaías informa que esta mesma ira se voltaria agora contra a Assíria, porque ela não soubera reconhecer que o Senhor havia sido a fonte da força com a qual havia exercido suas conquistas. Em sua soberba, os assírios haviam atribuído à sua própria força a fonte de seus feitos (versículos 8 a 11), gloriando-se, inclusive, contra o Senhor diante do muro de Jerusalém; mas Deus lhes pergunta se, porventura, o machado vai se exaltar acima do que corta com ele (versículo 15).

Nos versículos 16 a 27, Isaías fala da destruição da Assíria, que ocorreu em vários estágios. O versículo 16, por exemplo, parece se referir à morte de 185 mil soldados por um anjo, em uma única noite. Como o anjo o fez pode ter sido através de uma enfermidade, como diz o texto, que ceifou a vida de todos.

Sabemos que o reinado assírio foi se enfraquecendo aos poucos e que ruiu, finalmente, em 612a.C. com a queda de Nínive, destruída pelos babilônios num marcante exemplo de como o instrumento teve que ser destruído, pelo fato de não reconhecer ser apenas instrumento.

Os versículos 28 a 34 parecem descrever o avanço dos assírios, a caminho de Jerusalém, para o cerco na época de Senaqueribe e Ezequias, quando o povo confiou em Deus e viram a Sua glória.

Isaías 11

Isaías 11 começa com outra maravilhosa profecia de Jesus, chamado aqui de Rebento de Jessé (literalmente um ramo da raiz de Jessé). O versículo 2 nos informa a respeito de sete manifestações do Espírito de Deus, que sobre Ele haveriam de repousar, e que comumente são identificadas com os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra em *Apocalipse 5.6*. A justiça será a Sua marca (versículos 3 a 5) e implantará um reino de paz.

Aqui os versículos 6 a 8 parecem referir-se ao reino implantado após a volta de Cristo, com a natureza pacífica sendo reinstituída. Nesta ocasião os versículos 9 e 10 nos falam de como o conhecimento do Senhor será tão disseminado na Terra como o são as águas dos mares. Além disso, as nações O buscarão fazendo dEle a sua bandeira.

O restante do capítulo fala de um tempo em que todos os exilados de Israel retornarão, haverá paz entre os reinos de Efraim e Judá, assim como eles não terão mais preocupação com as guerras com os povos vizinhos.

Isaías 12

Isaías 12 apresenta um cântico de louvor a Deus por Sua grande salvação (versículo 2). Essa salvação traz grande alegria (versículo 3), pela qual não apenas o Senhor deve ser louvado, como anunciado a todas as nações e em todo mundo (versículos 4 e 5) pelo povo de Sião (versículo 6).

Isaías 13

A segunda parte do livro de Isaías (*Isaías 13-27*) contém profecias contra uma série de povos, dentre os quais os babilônios, os assírios, os filisteus, os moabitas, os sírios, os egípcios, os etíopes etc.

Isaías 13 traz uma profecia contra a Babilônia, que ilustra bem o quanto as visões de Isaías não estão restringidas à ordem cronológica. Suas palavras falam do despertamento de Seus valentes (versículo 3) como instrumentos da ira de Deus, vindos de um país remoto (versículo 5) e que são claramente identificados como sendo os "medos" (versículo 17).

Os versículos 6 a 16 falam a respeito do Dia do Senhor, que a princípio parece apenas tratar-se do dia do juízo do Senhor para a Babilônia, mas o versículo 10, falando do escurecimento do sol e da lua, nos lembram palavras apocalípticas de Jesus em *Mateus 24.29*. Além disso, o versículo 11 fala de castigo para o mundo. Já os versículos 12 a 16 parecem voltar a falar do castigo dos babilônios.

Mais uma vez, contudo, as palavras expressas nos versículos 17 a 22 são dirigidas à Babilônia dos caldeus, inclusive com os versículos 19 e 20 afirmando que será destruída e nunca mais reconstruída. Apenas a título de curiosidade tivemos, há pouco tempo, um desafio a essa profecia, feito pelo ditador iraquiano Saddam Hussein, segundo o qual ele

a reconstruiria. Isso não ocorreu, contudo, porque ele foi preso em 2003, julgado e condenado a seguir e morto em 2006, antes de iniciar a obra anunciada.

Isaías 14

O capítulo 14 começa dando prosseguimento à profecia contra a Babilônia, informando que o Senhor terá compaixão do povo de Israel, permitindo que retornem para a sua terra, onde haverá tempos de prosperidade tal, que atrairão outros povos. Os versículos 5 a 8 falam de tempos de paz, durante os quais o povo pode descansar.

Nos versículos 9 a 11, Isaías faz uso de uma figura de imaginação para falar do inferno se preparando para receber o espírito do rei de Babilônia, que agora, sem qualquer poder, é objeto da zombaria dos muitos reis que mandou para lá.

Nos versículos 12 a 15 temos a impressão que Isaías passa a fazer um paralelo entre o rei de Babilônia e o próprio Satanás. Os pais da igreja, Jerônimo e Tertuliano, achavam que Isaías estava falando do próprio Satanás, ao chamá-lo de Lúcifer (Estrela da Manhã), mas tanto Lutero como Calvino rejeitavam essa ideia (/47/, pág. 149). Independente de quem tinha razão, o paralelo é totalmente válido e, sim, Nabucodonosor chegou a se achar uma forma de Deus, até que sua insanidade temporária lhe provou o contrário (*Daniel 4*).

Os versículos 16 a 20 retratam a forma inglória como se deu a morte do rei de Babilônia da época. Babilônia caiu diante de Ciro, rei dos medos e persas, no ano 538a.C., quando reinava Belsazar (ver Daniel 5). O rei Nabonido estava afastado e em seu lugar reinava Belsazar, que foi morto em meio à sua embriaguês.

A total erradicação de Babilônia exigia a morte de toda a família real para que esta não tivesse qualquer chance de se recuperar. É a esse respeito que fala Isaías nos versículos 21 a 24.

Os versículos 25 a 28 trazem mais uma profecia contra os assírios, na qual, mais uma vez, é prevista a sua queda em Judá. Deus diz que Ele vai esmagá-los na Sua terra, para que fique claro a todos que foi Ele que fez. O versículo 28 deixa claro que essa profecia data do ano da morte do rei Acáz.

Os versículos 29 a 32 contêm uma profecia contra os filisteus. Acabara de falecer, também, Tiglate-Pilezer, o rei assírio, o que poderia significar um alívio para os filisteus, que estavam sendo duramente perseguidos por ele. Ocorre que Salmanezer e Sargom, que o sucederam, foram igualmente duros, pelo que realmente a morte do tirano assírio não lhes trouxe nenhum motivo de alegria (versículo 29). Além disso, seus representantes, que queriam uma aliança com Judá para resistir aos assírios, tiveram como resposta o versículo 32.

Isaías 15

Isaías apresenta aqui, sob a forma de um choro por algo passado, uma profecia relativa à destruição futura de Moabe. Os moabitas são descendentes de Ló, que tiveram muitas desavenças tanto com Israel, reino unido, como com Judá e com o Reino do Norte. Durante algum tempo foi um reino tributário dos três reinos de Israel, mas nesta ocasião ficara livre do cativo sob o Reino do Norte (com a destruição deste), pelo que encontrava-se como estado independente.

O versículo 1 prevê a destruição súbita de Ar e de Quir, duas das principais cidades de Moabe, pelo que o povo sobe a seus templos para apresentar o seu choro e pedir clemência aos seus deuses. Isso ocorre em Dibom, Nebo e Medeba (versículo 2). Além disso, o povo moabita veste roupas de lamento e chora (versículo 3). Apesar de armados, os homens de Hesbom e Eleale clamam e tremem em seus corações.

O versículo 5 começa com Isaías se entristecendo pela mortandade do povo moabita. Ele vê o povo fugindo para o sul, até Zoar e Egalte-Selisia (sul de Moabe ao norte do mar morto), pelo que parece pressupor que se trata de uma invasão assíria vindo do norte.

No versículo 6 vemos que tudo ao norte ficou destruído e virara um grande deserto. No versículo 7 vemos o povo levando tudo que sobrou para fugir para dentro do território de Edom, com todos clamando e chorando quando chegam ao sul do Mar Morto, a Eglaim e Beer-Elim.

Apesar de toda essa desgraça, Isaías ainda vê mais desgraça, como um leão feroz, derramando-se sobre aqueles que ousaram não fugir de Moabe.

Isaías 16

Isaías continua a falar aqui sobre o povo de Moabe, mas desta feita ele, aparentemente, apresenta uma sugestão para que mandem um tributo ao rei de Judá, na forma de cordeiros (versículo 1), para que os habitantes de Moabe, que vivem como aves fora do ninho (versículo 2), possam buscar esconderijo junto ao rei de Judá (versículo 3). Obviamente eles não estariam em condições de enviar o grande tributo, que pagavam no passado, mas apenas algo que suporte o seu pedido de socorro.

Desta forma eles passariam a habitar em Judá, onde seriam abrigados contra o rei da Assíria, que brevemente desapareceria (versículo 4). Esse pedido seria acatado em amor por um novo e justo rei da casa de Davi, que estaria prestes a substituir Acáz. Trata-se, aparentemente, de uma referência ao rei Ezequias, filho de Acáz, que foi justo e temente a Deus durante todo o seu reinado (versículo 5).

Nos versículos 6 a 8, Isaías recua no tempo e lembra da arrogância mostrada por Moabe, contra Judá, contra o Senhor e contra os assírios. O que estava acontecendo mostrou o

quanto a soberba nada vale (versículo 6). O resultado dela é a destruição de todas as lavouras e dos produtos que outrora vendiam.

Os versículos 9 a 12 mostram o quanto Isaías realmente se sensibiliza com a situação de Moabe, a ponto de chorar com eles e por eles.

No versículo 13 Isaías traz à memória uma profecia que o Senhor já havia pronunciado algum tempo antes, segundo a qual Moabe seria destruída em 3 anos, com grande mortandade e apenas uns poucos sobreviventes.

Semana 70 - A Mensagem do Profeta Isaías - 2

Texto: Isaías 17 a 32

Estação 35

Isaías 17

No versículo 1 Isaías deixa claro que sua profecia é contra a Síria e especificamente contra a cidade de Damasco. Suas cidades, citadas no versículo 2, pela lógica seriam as cidades da Síria, mas a maioria dos comentaristas as associam ao versículo 3, onde o profeta já incluiu Efraim, ou seja, o Reino do Norte de Israel. Assim sendo, esses três versículos nos fazem pensar na associação que fizeram Israel e Síria para que juntas pudessem governar Judá, mas que foram ambas destruídas.

Sabemos que a Assíria ocupou e conquistou tanto o Reino do Norte de Israel quanto a Síria, mas a destruição da cidade de Damasco, a ponto de deixar de ser cidade, nunca ocorreu. Assim sendo, a destruição de Damasco, nos termos citados, se encontra ainda no futuro. Essa profecia foi lembrada em 2012, quando ocorreu a chamada “Batalha de Damasco”, pois naquela ocasião muitos previam a destruição total da cidade, mas esta acabou não ocorrendo.

Nos versículos 4 a 6 Isaías fala a respeito da destruição do Reino do Norte, com Jacó definindo. O Vale de Refaim era uma região muito produtiva de Israel, mas aqui Isaías a declara completamente improdutiva, com muito poucas espigas sobrando.

Essas poucas pessoas que sobrarem voltarão os seus olhos para o Santo de Israel (versículo 7) e não mais para os altares e os postes sagrados que fizeram (versículo 8), ou seja, o que se espera é uma conversão dos que foram poupados.

Os versículos 9 a 11 narram a destruição das cidades principais do Reino do Norte pelo fato de terem esquecido do Senhor, da Rocha de sua fortaleza.

Os versículos 12 a 14 falam a respeito do destino daqueles que nos saqueiam. Estes são assírios, que, de acordo com o versículo 14, sofrerão pavor repentino e antes do amanhecer já não serão mais. Isso nos faz lembrar da matança do anjo do Senhor, que liquidou 185mil assírios no mesmo dia.

Isaías 18

Este capítulo fala de uma visita de emissários da Etiópia a Jerusalém, numa época em que os etíopes tinham dominado o Egito (aproximadamente 727a.C.). Ressalta-se que o termo hebraico para os etíopes é cuxitas. Assim sendo, os cuxitas eram o povo ao sul do Egito que dominavam o presente Sudão e a Etiópia.

O objetivo dos representantes etíopes era conseguir o apoio de Judá, no sentido de formar uma frente única contra o exército assírio.

A resposta de Isaías a essa consulta começa a ser dada no versículo 3, onde ele pede a todos que estejam atentos àquilo que será feito dentro em breve. Eles verão quando a bandeira for erquida e ouvirão quando a trombeta for tocada.

O Senhor, diz Isaías, vai deixar que, por enquanto, as coisas sigam o seu próprio curso, sem que Ele intervenha. Isso Ele fará, mas apenas no momento oportuno (versículo 4). Do lugar onde mora, Ele ficará esperando chegar o tempo da colheita.

As flores terão dado lugar às frutas e estas estarão praticamente maduras. É chegado o momento em que os assírios pensam que vão começar a colher os frutos de seu cerco a Jerusalém. É exatamente este o momento em que o Senhor decide intervir, aniquilando os assírios (versículo 5), fazendo com que estes sirvam de alimento às aves do céu e aos animais selvagens (versículo 6).

Essa é a mensagem que os emissários devem levar de volta aos seus líderes. Eles podem esperar e depois trazer as suas ofertas de louvor a Sião, para glorificar o Deus que fará estas coisas.

Isaías 19

Isaías deixa claro, no versículo 1, que se trata de uma profecia contra o Egito, que começa, no versículo 2, com uma guerra civil (egípcio contra egípcio, cidade contra cidade e reino contra reino). Esse longo período de guerra civil enfraqueceu o Egito, de modo que não foi possível resistir à invasão etíope (domínio dos cuxitas a partir 727a.C.). A dinastia cuxita teve um rei cruel e forte chamado Shabaca, que possivelmente é o que foi mencionado no versículo 4.

Os versículos 5 a 10 falam a respeito de uma seca do rio Nilo, do qual depende pesadamente a prosperidade do Egito. Trata-se de um rio cuja maioria das águas são geradas pelo período de chuvas regulares da Etiópia. Sempre que essas chuvas se tornam irregulares, algo que Deus fez algumas vezes no texto bíblico, o rio pode ter apresentado problemas localizados. Não podemos precisar se essa profecia já se cumpriu ou não, mas cabe ressaltar um artigo publicado pelo BBC, recentemente, sob o título: “A Morte do Rio Nilo” /48/.

Nos versículos 11 a 15 Isaías fala a respeito da forma como Deus também castigaria o Egito fazendo com que os sábios conselheiros de Faraó lhe dessem conselhos tolos, levando-o a cometer erros que trariam grandes prejuízos ao país.

A essa altura os egípcios tremeriam de medo pelo fato de terem Jeová como opositor. O fato de Judá ser o “povo do Senhor” fará com que a simples menção do nome Judá, traga também pavor aos egípcios.

A partir do versículo 18, contudo, a profecia de Isaías sofre uma guinada radical, com ele passando a descrever uma maravilhosa conversão dos egípcios ao Senhor. A descrição desse fato vai até o versículo 22, onde o profeta fala que o Deus que feria o Egito, agora passa a curá-lo.

Como se isso não bastasse, Isaías narra, igualmente, a conversão da Assíria, com Egito e a Assíria passando a cultuar juntos, sob a mediação de Israel.

Isaías 20

A mensagem deste capítulo é bastante clara. Ela ocorre após a queda do Reino do Norte, visto que esta se deu no reinado de Salmaneser no ano 722a.C.. Neste mesmo ano Sargom sucedeu a Salmaneser e assumiu o trono da Assíria em Nínive. Poucos anos depois Asdode, uma das 5 cidades filisteias, se revoltou contra a Assíria (inicialmente em 713a.C.) e foi atacada e conquistada a mando de Sargom. Dois anos mais tarde Asdode tentou se rebelar novamente, mas foi definitivamente derrotada. Essas rebeliões haviam sido estimuladas pelo Egito, sob o domínio dos cuxitas (etíopes), mas estes não puderam prover o apoio que os filisteus esperavam.

No capítulo 18 já tínhamos visto que os etíopes tinham ido a Jerusalém para angariar o apoio dos judeus para formar uma aliança contra os assírios. Naquela ocasião Isaías já profetizara a derrota deles em Judá, pelo que a aliança não deveria ser feita.

Desta feita, após a derrota dos filisteus, Deus pediu a Isaías para andar sem roupas e descalço por 3 anos. O que ele efetivamente fez. Admite-se que ele tenha andado apenas com as roupas íntimas, mas não em pêlo. Seja como for, não era uma forma costumeira de andar na rua e, sem dúvida, chamou atenção.

Pouco depois ele profetizou, por ordem divina, dizendo que aquilo era um sinal para os egípcios e etíopes, de que seriam levados nus e descalços pelos assírios para outras terras. Desta forma, todos os que aderissem à aliança proposta por eles e que neles confiassem ficariam decepcionados e confusos sobre o que fazer.

Isaías 21

O capítulo 21 contém 3 profecias distintas de Isaías: contra a Babilônia, contra Edom e contra a Arábia, respectivamente.

Embora o versículo 1 seja uma referência tanto à Babilônia (algo associado ao deserto junto ao mar) e também aos medos e persas (um vendaval de redemoinhos que varre todo o Neguebe), na verdade isso só fica claro mais adiante.

No versículo 2, Isaías fala de quão terrível é sua visão de destruição, mas já ficamos sabendo que está sendo causada pelo Elão (uma referência à Pérsia) e à Média (país dos medos).

Nos versículos 3 e 4, o profeta deixa claro o quanto a destruição lhe entristece e angustia. Ele vê o quanto os babilônios estão perdidos em meio a seus festejos, a ponto de não ouvirem o seu alerta para que preparem os escudos (versículo 5).

No versículo 6 Deus manda que Isaías comissione um vigia que informe o tempo do início da invasão. Trata-se de um papel que ele mesmo acaba assumindo, até que no versículo 9, ele vivencia o momento em que a Babilônia é derrotada juntamente com todos os seus deuses idólatras.

O versículo 10 é Deus alertando o Seu povo sofrido, para o fato de que isso foi feito por Ele. Obviamente eles devem se alegrar pelo livramento que Ele lhes está trazendo.

Nos versículos 11 e 12, Isaías nos traz o seu oráculo contra Edom, onde Dumá é alguma forma de se referenciar a eles, mas que fica totalmente esclarecido quando ele se refere à gente de Seir.

A pergunta ao guarda acerca do fim da noite, parece ser uma indagação relativa ao tempo até que esse oráculo se realize. A resposta do guarda no versículo 12 parece indicar que vai levar ainda algum tempo.

Os versículos 13 a 17 lidam com os arábios, mas a dificuldade reside em identificá-los. O povo de Dedã (descendentes de Cão, mencionados em *Gênesis 10.7*) foge de um inimigo não identificado para Temá (uma pequena cidade a sudeste da Palestina), onde os habitantes são conclamados a tratá-los com generosidade, alimentando-os e trazendo-lhes água.

Nos versículos 16 e 17 talvez estejam sendo identificados os inimigos não mencionados acima, chamados aqui de Quedar, que caminham para a destruição, mas não está claro.

Isaías 22

A primeira dificuldade deste texto reside em saber com quem o profeta está falando. Para alguns, o Vale da Visão fica em Jerusalém (/19/, pág. 2849), pelo que ele estaria se dirigindo aos habitantes de Jerusalém, enquanto outros acham que é um lugar perto de Jerusalém e que Isaías estaria se dirigindo aos habitantes de cidades vizinhas já conquistadas pelo inimigo (/47/, pág. 185). Para um e outro grupo, o inimigo em apreço é a Assíria e o texto é de uma época que antecede a invasão de Senaqueribe em 701a.C..

Talvez a segunda opção seja mais razoável, pois o povo das cidades vizinhas estavam se rendendo aos assírios sem luta. Assim sendo, não estavam morrendo pela espada em combate (versículo 2). Os líderes tentavam fugir, mas eram presos e alguns mortos (versículo 3).

A tristeza do profeta é muito grande e ele pede apenas que o deixem chorar (versículo 5). Ele sabe que tudo isso faz parte do castigo de Deus pela idolatria do povo, pelo que a destruição deve ser generalizada. Elão e Quir, povos associados à Assíria, já estavam levando adiante a destruição em apreço. Os vales mais férteis de Judá estavam caindo nas mãos deles (versículo 7).

Nos versículos 8 a 11 Deus fala ao povo da cidade de Jerusalém pedindo que olhem para Ele ao invés de colocarem a sua fé nas muitas obras que realizaram para tentar impedir a entrada do inimigo. Eles haviam consertado as brechas nos muros, fechado as fontes de água fora da cidade e construído um reservatório dentro da cidade, mas não tinham olhado para cima, para Aquele que tinha feito todas essas coisas.

Deus esperava deles arrependimento e choro, mas ao invés disso fizeram festas e comilanças, dizendo, “**comamos e bebamos, porque amanhã morreremos**”. Sabemos que Deus concedeu livramento nesta ocasião, mas não deixou de lembrar que o castigo desse pecado estava por vir.

Os versículos 15 a 25 falam a respeito do administrador do palácio, Sebna, que estava prestes a ser demitido, devido à sua corrupção. Parece que fizera várias coisas em benefício próprio, das quais a última fora usar os funcionários públicos para escavar um túmulo para si mesmo na rocha. A paciência de Deus com ele se esgotara e foi destituído do cargo. No lugar dele seria colocado Eliaquim, que, dentre outras coisas, era crente.

Aparentemente o problema estaria resolvido, mas o que se viu nos tempos a seguir, foi a corrupção da família de Eliaquim, com todos passando a depender dele. É lamentável que isso tenha ocorrido e que pouco tempo depois a sua própria destituição se fizesse necessária (versículos 24 e 25).

Isaías 23

Este capítulo prevê a queda de Tiro, principalmente, mas fala também da destruição de Sidom, bem como de toda a Fenícia. A referência mais enfática a Tiro se dá pelo fato desta ter assumido uma condição de destaque no comércio fenício, da mesma forma como toda a Fenícia se destacava à época no comércio mundial.

Para localizar a data desta profecia, as pessoas se valem, usualmente, do versículo 13, que fala da destruição de Babilônia, que se deu em 710a.C. por Sargom, em 703a.C. por Senaqueribe, ambos assírios, e em 536a.C. pelo medo Ciro. É provável que Isaías tenha profetizado após uma das primeiras duas destruições mencionadas acima, pois o mesmo versículo menciona os assírios como destruidores.

Isaías começa profetizando aos navios de Tiro, que não tinham mais para onde voltar e que haviam sido informados por terceiros da destruição de sua cidade (versículo 1). Ele sugere que se mantenham em silêncio todas as outras cidades da Fenícia, com menção específica de Sidom, pois está em jogo a sua riqueza acumulada com o comércio, onde

é mencionado, especificamente, aquele feito com o trigo do Egito vindo de Sior e do Nilo (versículos 2 e 3). Sidom estaria sendo envergonhada pela perda de filhos e filhas (versículo 4). De igual forma, o Egito ficaria confusa com a perda do comércio de seu trigo (versículo 5).

O profeta que sugere que o povo fenício atravessasse o mar e navegasse para Tárzis, uma colônia fenícia fundada na Espanha, cuja localização exata não é conhecida. Aparentemente é o mesmo lugar para onde Jonas se dirigia depois que Deus o mandou para Nínive. Nos versículos 6 a 9 Isaías deixa claro que esta destruição está se dando devido à determinação do Senhor, e que foi causada pela soberba dos fenícios.

Nos versículos 10 a 14 Isaías volta a falar aos navios fenícios por não terem mais um porto ao qual voltar. Que aqueles que se refugiaram em Tárzis passem a plantar porque o comércio não será mais possível sem um porto para entregar as mercadorias. Que o povo de Sidom, que optou por fugir para Chipre, saiba que isso tampouco vai dar certo. A prova disso é o que aconteceu com os babilônios, também por determinação do Senhor.

Os versículos 15 a 18 falam, contudo, que essa destruição de Tiro era, na verdade, temporária, pois depois de 70 anos o Senhor reverteria essa determinação.

Isaías 24

Até este ponto Isaías havia profetizado a destruição total ou parcial de alguns países ou povos, mas neste capítulo a sua profecia se torna apocalíptica e prevê a destruição de toda a Terra.

Ele devastará toda a Terra, arruinará sua superfície e espalhará seus habitantes. Todos serão igualmente atingidos e quem o decretou foi o Senhor dos Exércitos. A Terra fora contaminada por seus habitantes, por terem quebrado as leis, violado os decretos e descumprido a eterna aliança.

A maldição, objeto do versículo 6, é causada pelo próprio pecado do homem e será a razão pela qual o fogo consumirá os habitantes da Terra, até que muito poucos restem. Este segmento se estende até o versículo 13, ao longo do qual a alegria, representada pelo vinho, é retirada e as festas associadas aos instrumentos musicais param porque os instrumentos estão mudos. As cidades seriam todas deixadas em ruínas.

Em meio a isso, os versículos 14 a 16a representam um oásis no deserto, pois trata-se da alegria dos servos do Senhor, que erguem as suas vozes para louvá-IO e exaltar a Sua majestade. No ocidente, no oriente e nas ilhas do mar o nome do Senhor é exaltado!

Logo a seguir, contudo, o próprio profeta interrompe os louvores para falar da traição e dos horrores que aguardam todos os habitantes da Terra. Quem escapa de um mal cai em outro e Deus abre as comportas dos céus para fazer tremer os alicerces da Terra.

Ela cambaleia e cai devido à sua própria culpa, para nunca mais se levantar (versículos 16b a 20).

Nos versículos 21 a 23 Isaías fala do Juízo Final, com Deus lançando no inferno aqueles que não aceitaram a Sua salvação, enquanto Ele reinará em Sião com o Seu povo.

Isaías 25

Este é um capítulo que começa com o louvor ao Senhor por ter cumprido tudo que prometera àqueles que Lhe foram fiéis. Tudo foi feito maravilhosamente e com perfeição.

Embora não haja qualquer citação, a cidade do versículo 2 se parece muito com Babilônia, pois se trata da capital do império, sob cujo poder o povo de Deus estava escravizado. Agora ela está destruída e nunca mais será edificada. Devido ao Seu grande poder, o Senhor será temido e respeitado por povos fortes e cidades de nações cruéis.

Os versículos 4 e 5 falam de como Deus cuidou dos pobres e necessitados do Seu povo ao longo de todos esses anos. Agora é chegado o momento de celebrar com eles a vitória através de um farto banquete (versículo 6).

No versículo 7 somos informados que em Sião Deus removerá o véu que envolve todos os povos e a cortina que cobre todas as nações, ou seja, todos ficarão transparentes de modo a serem identificados os filhos de Deus no meio de todos eles. A morte será vencida e as lágrimas dos olhos de Seu povo serão totalmente enxugadas (versículo 8).

Este livramento de Seu povo será motivo de canto de exaltação e alegria pela grande salvação recebida. A contrapartida será a destruição dos inimigos (versículo 12), que são representados nos versículos 10 e 11 por Moabe, cujo orgulho será abatido.

Isaías 26

O profeta já vinha falando sobre um dia de juízo, com livramento para os filhos do povo de Deus. Neste mesmo dia, ele diz aqui que este canto, apresentado nos versículos 1 a 3, será entoado pelo povo de Judá.

Inspirado por este canto, o profeta exorta o povo a confiar no Senhor, como rocha eterna. Ele humilha os altivos à medida em que os pobres e necessitados pisoteiam aqueles que antes os oprimiam (versículos 4 a 6).

Os versículos 7 a 9 nos falam de como o Senhor lida com os justos. Ele aplaina os seus passos e faz com que nEle confiem nas horas difíceis. A prática dos justos é um estímulo para que outros sigam os caminhos do Senhor.

Já os versículos 10 e 11 deixam claro que não vale a pena ter misericórdia do ímpio, pois isso não o leva a ser justo. Pelo contrário, será um estímulo para que continue a andar na sua impiedade. Mesmo vendo o zelo de Deus para com os justos, ele não se envergonha e deve mesmo é ser consumido pelo fogo reservado para o castigo dos adversários do Senhor.

O texto de 12 a 19 é uma oração, na qual Isaías reconhece tudo que o Senhor fez pelo Seu povo. É Ele que estabelece a paz e é a Ele que são atribuídas todas as conquistas de Seu povo. O Senhor é o Deus de Israel. É verdade que Israel foi dominada por outros senhores, mas só o Nome do Senhor é digno de honra. Agora os outros senhores de Israel foram mortos e castigados pelo Senhor. Jamais voltarão, pois foram apagados por completo.

O versículo 15 diz que o Senhor fez crescer a nação, alargando as suas fronteiras, mas a referência a partir daqui parece ter uma ênfase muito mais voltada para o povo de Deus em sentido de Igreja, do que da nação de Israel. Eles buscaram livramento em meio a suas preocupações, mas nada alcançaram com suas próprias forças (versículos 17 e 18). Por outro lado, os mortos do povo de Deus serão ressuscitados e viverão eternamente (versículo 19). Trata-se aqui de uma maravilhosa promessa de vida eterna para o povo de Deus.

Os versículos 20 e 21 contêm um convite do profeta para que o povo de Deus aguarde com paciência até que Ele se tenha vingado daqueles que optam pela iniquidade.

Isaías 27

Este capítulo começa com a descrição de um juízo contra três animais representativos de países que serão destruídos. Dois são chamados de leviatã e descritos como serpentes, enquanto o terceiro é chamado, nesta tradução, de serpente aquática, mas que o original chama apenas de monstro marinho. Alguns comentaristas veem aqui a Assíria (devido ao rio Tigre, que é veloz), a Babilônia, devido ao Eufrates e o Egito.

O versículo 2 nos fala do canto da vinha frutífera, que é o louvor de Israel devido ao livramento que Deus lhe deu. O versículo 3 fala do cuidado do Senhor para com Israel, mas mesmo em relação aos países que Deus prometeu destruir, Ele está pronto a aceitar o seu arrependimento (versículo 5).

Os versículos 6 a 13 falam a respeito da forma como a culpa de Israel está sendo expiada e perdoada. A punição deles não foi para a sua destruição e, sim, para que vissem e se arrependessem do seu pecado. É através do desterro e do exílio que o Senhor procura disciplinar o Seu povo.

A cidade fortificada que está abandonada (versículo 10) talvez seja uma referência a Jerusalém, mas pode ser também uma forma coletiva de falar das cidades de Judá. O

texto nos diz, contudo, que haverá restauração e adoração do Senhor no santo monte de Jerusalém.

Isaías 28

Isaías profetiza, nos versículos 1 a 6, a respeito da destruição de Samaria, que se deu no ano 722a.C. Obviamente esta profecia é anterior a esta data, mostrando que o livro de Isaías não está em ordem cronológica.

Samaria é a coroa situada nos altos de um vale fértil e que agora começa a murchar. Contra ela o Senhor levanta o povo assírio, que é poderoso e forte, para lançá-la ao chão, como um vento tempestuoso ou um aguaceiro inundante (versículos 2 e 3).

A sua beleza, agora murcha, é como uma flor que será comida da mesma forma que o é o figo temporão (versículo 4). O remanescente dela, contudo, se arrependerá e terá o próprio Senhor dos Exércitos como sua coroa gloriosa no seu lugar. Ele será o espírito de justiça com o qual eles viverão.

Nos versículos 7 a 13, a profecia citada acima já se cumpriu e o prosseguimento do texto, escrito anos mais tarde, agora revela uma profecia contra líderes bêbados de Judá definidos no versículo 7. Eles se encontram festejando, daí o vômito nas mesas, e não conseguem entender qualquer sentido no discurso de Isaías (versículo 9), pelo que debocham do mesmo, dizendo tratar-se de ordem sobre ordem e regra sobre regra.

Isaías declara no versículo 11, contudo, que é com esses lábios trôpegos e com essa língua estranha que Deus há de lhes falar. Ele quis dar descanso a eles, mas não o quiseram. Por isso mesmo hão de cair e serão presos no laço e capturados (versículo 13).

No versículo 14, Isaías aparentemente passa a falar a respeito do acordo que os líderes de Judá fizeram com os países que juntamente conspiram contra a Assíria. Este é o pacto com a morte. Para o caso disso não dar certo, contudo, eles mantêm um relacionamento de mentira com os assírios, do qual pretendem se valer (versículo 15).

O versículo 16 é muito conhecido e neste contexto expressa a forma como Deus Se desagrada desse comportamento. Em termos mais gerais, todavia, fala de Jesus, que é a pedra fundamental que foi colocada em Sião, na qual todos podem confiar.

Como é da justiça que Deus Se agrada, então é certo que o pacto que fizeram com a morte baseada em mentira, certamente lhes levará à ruína. Sua situação é como alguém que se deita numa cama curta e se cobre com um cobertor estreito. Tudo é insuficiente!

É necessário que parem com isso, se quiserem que Ele os livre. Em tudo Ele tem ensinado o caminho a seguir, pelo que urge que se voltem para Ele, porque o Senhor dos Exércitos é magnífico em sabedoria.

Isaías 29

Trata-se de uma profecia contra Ariel, que aparentemente é uma referência a Jerusalém, mas cujo significado é “coração do altar” (/47/, pág. 220). Deve ter sido proferida durante uma das festas do Senhor, que ocorreu pouco antes de um cerco à cidade (provavelmente a dos assírios).

Os versículos 2 e 3 falam a respeito do cerco que ocorrerá em breve, bem como da aflição do povo, vendo a cidade sitiada por tropas, provavelmente assírias. Como resultado disso o povo clamará por livramento (versículo 4).

Já os versículos 5 a 8 trazem uma mudança completa no cenário do cerco de opressão. Repentinamente, os muitos inimigos viram pó fino e as hordas cruéis como se fossem palha levada pelo vento. Parece pouco provável que isso não seja uma visão profética do maravilhoso livramento que Deus deu a Ezequias, no tocante à aniquilação do exército de Senaqueribe, postado do lado de fora do muro. Os assírios já sonhavam com a conquista de Jerusalém, mas o versículo 8 compara esse sonho ao de uma pessoa faminta, que sonha comer e satisfazer a fome ou uma pessoa sedenta, que sonha matar a sede, mas que acorda com fome e sede. Da mesma forma o sonho dos assírios foi aniquilado.

Nos versículos 9 a 12 Isaías adverte o povo de Judá em relação à sua cegueira espiritual. A situação deles é impressionante, porque eles próprios são responsáveis por sua cegueira, devido ao seu total desinteresse pelas advertências que Deus lhes vinha fazendo através do próprio Isaías. Isso fica claro nos versículos 11 e 12, onde Isaías diz que suas palavras são tratadas como um livro selado, que não pode ser lido, ou como um texto aberto, mas cujos leitores não sabem ler.

Nos versículos 13 e 14 o profeta adverte o povo com relação à natureza do seu culto, que tem sido só de aparência. Deus não está interessado num culto só de forma, mas deseja que o coração do homem seja sinceramente engajado neste culto.

Nos dois versículos seguintes, Isaías parece exortar, mais uma vez, os líderes de Israel pelo fato de esconderem de Deus os seus planos, como se isso fosse possível. Eles tinham apoiado o Egito, que estava formando uma frente anti-Assíria, mas de maneira fraudulenta, porque mantinham, também, boas relações com a Assíria. A ideia de que a criatura possa ser maior que seu Criador ou julgar-se mais sábia que Ele é mostrada como sendo desprovida de sentido no versículo 16.

A partir do versículo 17 o profeta prevê dias melhores para Judá. Claro que sabemos que o cativeiro babilônico ainda está por ser realizado e não parece haver aqui qualquer menção do mesmo, mas isso apenas prova que as revelações de Deus aos seus servos tanto podem ser imediatas como relativas a num futuro mais distante. Neste caso

específico, a profecia está falando de uma época pós-exílio, pelo menos 170 anos adiante.

O povo que era cego passaria a ver e aqueles que eram surdos ouviriam novamente a Palavra do Senhor. Nessa época estariam eliminados os cruéis e os zombadores. Todos os que se inclinavam para o mal.

Os versículos 22 a 24 completam a profecia dizendo que Jacó não será mais humilhado e que seus filhos proclamam o Nome do Senhor, reconhecendo a Sua santidade. Os “desorientados de espírito” obterão entendimento e os queixosos aceitarão a instrução.

Isaías 30

Mais uma vez Isaías profetiza contra os líderes de seu povo que desceram ao Egito procurando estabelecer uma aliança de vários países contra a Assíria. Deus diz claramente que é contra e que não está sendo consultado a respeito (versículos 1 e 2). Os versículos 3 a 5 deixam claro que a proteção de faraó não é confiável e que só trará vergonha àqueles que nela confiam.

O versículo 6 registra a comitiva de Judá, passando pelo Neguebe, a caminho do Egito, sem atentar para os animais ferozes que há ali, levando o seu dinheiro para comprar essa proteção inútil do Egito (versículos 6 e 7). No versículo 8 o Senhor instrui Isaías a escrever a esse respeito, para que haja registro escrito do que está sendo dito.

Nos versículos 9 a 11 Isaías já está escrevendo e deixa claro que os líderes não estão interessados em ouvir o que tem para dizer. Pelo contrário, pedem que ele não mais profetize o que vem do Senhor, mas que diga a eles apenas coisas agradáveis! Eles não querem ser confrontados com palavras do Santo de Israel.

O fato de não terem ouvido a Sua voz, fez com que o Santo de Israel declarasse que o pecado deles, de confiar no Egito, seria retribuído como se fosse uma parede rachada que cairia sobre eles de maneira inesperada (versículos 12 a 14). Ele continuou dizendo que a salvação deles estaria no arrependimento e no fato de descansarem nEle, mas eles O rejeitaram. Por isso mesmo eles se veriam em breve fugindo dos assírios (versículos 15 a 17).

Em meio a essa condenação, há uma súbita mudança e a misericórdia do Senhor se manifesta atendendo ao pedido de livramento que lhe fará o povo de Jerusalém (versículo 19). É chegado o momento da bondade do Senhor! Como são felizes os que nEle esperam!

A dieta de prisioneiro do versículo 20, dada por Deus para o despertar do povo, surte o efeito desejado, pois o povo que não queria saber de Seu Mestre divino passou a ouvi-IO. Ele, por sua vez, que estava oculto, porque ninguém mais O ouvia, passaria a

estar presente ensinando o povo (versículo 21). Este, em resposta à orientação recebida, botaria fora todos os ídolos com os quais desagradavam o Senhor.

Nos versículos 23 a 26 há uma mudança na terra de Judá, com Deus derramando abundância tanto sobre homens como animais. O dia do grande massacre certamente é uma referência à destruição dos inimigos de Deus, mas o brilho muito maior do sol e da lua no versículo 26, se parecem mais com a volta de Cristo do que com a alegria pela destruição das tropas assírias. Talvez seja uma referência a ambos os eventos e nesse caso será apenas figurado para os dias de Ezequias.

Os versículos 27 a 33 narram a destruição do inimigo, que é literalmente chamado de Assíria no versículo 31. No versículo 29 somos informados que, nesse ínterim, o povo de Deus cantará à Rocha de Israel, como em noite de festa e, no versículo 32, o Seu povo estará tocando tamborins e harpas, enquanto o Senhor derrota o inimigo.

Isaías 31

O capítulo 31 parece uma versão resumida da mesma profecia do capítulo 30. Começa falando dos líderes de Judá que descem ao Egito para buscar a ajuda dos cavalos, cavaleiros e carros egípcios, enquanto deixam de olhar para o Santo de Israel, de onde provém a verdadeira força.

No versículo 2 vemos um pouco de sarcasmo do profeta. Aparentemente os líderes que desceram ao Egito achavam que tinha sido muito sábia a sua aliança com os egípcios, mas Isaías lhes fala que Deus também é sábio (o sarcasmo está na comparação). O problema é que Ele pode trazer a desgraça sobre os que usam de mentiras (eles faziam isso) e contra quem ajuda o ímpio.

Nessa disputa os egípcios são homens e não Deus, da mesma forma como seus cavalos são carne e não espírito. Quando Deus estende a mão em sentido contrário, tropeçam tanto o ajudador como o ajudado (versículo 3). Quem protege Sião é o Senhor, que não deixará de cuidar dela da mesma forma como um leão não larga a sua presa mesmo pressionado por pessoas à volta.

Assim como as aves cuidam dos filhotes, o Senhor certamente tem cuidado de Jerusalém. Neste versículo 6, Isaías está falando do maravilhoso livramento que o Senhor concederá a Ezequias. Em decorrência disso, o povo deixará a sua idolatria e voltará a servir ao Senhor. A Assíria será derrotada e o fogo consumidor da ira do Senhor será contra ela.

Isaías 32

Neste capítulo Isaías fala a respeito do Reino Messiânico a ser implantado, sem falar de quando. Claro que se estiver falando do final dos tempos, o rei em apreço será o próprio Jesus, mas se for do período pós-Assíria, então o rei justo pode ter sido Josias. Seja

como for, os seus governadores serão servos de Deus. No versículo 2 o profeta descreve a situação do povo neste reino, expressando uma condição de plena segurança e suprimento abundante. Já os versículos 3 e 4 nos fazem lembrar de *Jeremias 31.33-34*, porque não haverá mais cegueira e surdez espirituais, mas todos terão entendimento e se expressarão claramente.

Em função do acima exposto, já não veremos a pessoa tola e sem caráter exaltada como sendo nobre e de alta estima, como frequentemente ocorre hoje, pois os ímpios e a sua impiedade serão todos eliminados, enquanto o povo de Deus, com seu proceder reto, estará firme (versículos 5 a 8).

Os versículos 9 a 20 são profecias sobre a segurança nos tempos imediatos e nos tempos futuros. Elas são dirigidas por Isaías às mulheres, porque talvez estas estejam alheias aos fatos políticos que estão ocorrendo e achem que está tudo bem. É possível, ainda, que estas palavras estejam sendo pronunciadas numa das festas do povo, de modo que mulheres de todo Judá estejam presentes.

O profeta começa o versículo 9 dizendo que a segurança que elas estão sentindo é falsa, porque, em pouco mais de um ano, as colheitas começarão a falhar. Isso pode ser uma referência à invasão de Senaqueribe, que tomaria todas as cidades judaicas (bem como seus campos de colheita) e cercaria Jerusalém. Dependendo da data da profecia, este evento podia estar às portas.

Nos versículos 11 a 13 ele pede que tremam e que vistam roupas de lamento, passando a interceder pelo país, agora cheio de cactos e espinhos, bem como por Jerusalém, que ficaria deserta. Neste ponto temos uma dificuldade de compreensão, porque sabemos que Jerusalém foi destruída um século mais tarde pelos babilônios, mas na ocasião que estamos considerando, qual seja, o cerco de Senaqueribe, isso não ocorreu, porque Deus concedeu um grande livramento.

Assim sendo, o texto de 14 a 20 pode se referir a um século posterior ao livramento dado em relação aos assírios, ou pode estar falando a respeito de tempos do fim. Quem conhece a atual terra de Israel e a irrigação eficiente ali implementada, diria que o versículo 15 já é uma realidade. Pessoalmente, contudo, me parece que em todo o texto de 14 a 20 Isaías está olhando para dois picos proféticos, um imediato, concernente à mortandade dos assírios, na qual Deus não destruiu Jerusalém, e outro no final dos tempos, ainda futuro para nós, quando Jerusalém, mais uma vez, será destruída, mas após o que Deus implementará novos céus e nova terra.

Semana 71 - A Mensagem do Profeta Isaías - 3

Texto: Isaías 33 a 49

Estação 35

Isaías 33

Aparentemente essa profecia de Isaías começa com uma condenação de Senaqueribe, pelo fato de estar traíndo Ezequias (/47/, pág. 253). Senaqueribe teria exigido um tributo de Judá para não invadir Jerusalém, que foi pago. Depois disso ele estaria exigindo a rendição da cidade, num ato de traição ao seu acordo. É bem verdade que Ezequias também teria feito um acordo com os egípcios para que o apoiassem em caso de luta contra a Assíria, mas uma coisa não justifica a outra. Em função dessa traição, contudo, Isaías está profetizando a Senaqueribe que ele, traidor, seria traído e que ele, destruidor, seria destruído.

Nos versículos 2 e 3 Isaías levanta a sua voz ao Senhor e pede livramento para Judá, onde ele se inclui através de “nós”. Já no versículo 4 ele fala do despojo que o exército de Senaqueribe deixaria para trás.

Isaías louva ao Senhor nos versículos 5 e 6 pela retidão e justiça com as quais encherá Sião. Ele diz que o temor do Senhor é a chave do tesouro que inclui salvação, sabedoria e conhecimento.

O versículo 7 faz referência aos mensageiros que Ezequias enviou para negociar com Senaqueribe, levando o resgate exigido por Jerusalém. A tristeza deles está associada ao fato dele não honrar o acordo inicial. Isso é confirmado no versículo 8, onde se vê que o domínio assírio de Judá deixou as estradas vazias. O versículo 9 fala do quanto a natureza está sendo destruída por eles.

Nos versículos 10 a 13 o profeta permite que o próprio Deus se expresse, dizendo que chegou a hora dEle agir, destruindo totalmente o inimigo. Que aqueles que estão assistindo de longe (os outros povos) e aqueles que acompanham de perto (Judá) reconheçam o que Ele fez pelo Seu poder.

Em Jerusalém, por ocasião do grande livramento dado pelo Senhor a Ezequias, havia tanto pessoas tementes a Deus como pecadores. Isaías se expressa como se pertencesse ao segundo grupo perguntando, totalmente aterrorizado, quem pode conviver com esse fogo consumidor? Que esta seja uma expressão de arrependimento! A resposta a essa pergunta vem nos versículos 15 e 16, ou seja, aquele que é temente ao Senhor e faz a Sua vontade **“esse veria o rei e toda a extensão da terra”**, tanto pode se referir a Ezequias e Judá já de volta a suas fronteiras anteriores aos assírios, como pode ser uma referência à Era Messiânica, com o Messias reinando em toda a Terra.

No versículo 18, o povo, já liberto dos assírios, perguntaria por seus oficiais, seus cobradores de tributos e por suas tropas. Isaías responde a essa pergunta dizendo que nunca mais seriam vistos (versículo 19).

Os versículos 20 a 24 descrevem a Jerusalém restaurada e que não será mais desarraigada, onde o Senhor reina como juiz, legislador e rei, para a salvação de todos. Parece claro que a referência aqui considera muito mais a Nova Jerusalém do que a dos dias do profeta. Ali não haverá mais fome nem enfermidade.

Isaías 34

Os primeiros quatro versículos deste capítulo são uma convocação de todos os povos (os inimigos de Deus) para que atentem para o juízo que Ele está prestes a derramar sobre eles. Pela forma como Isaías descreve as mudanças nas estrelas e nos astros, rapidamente a identificamos com o Juízo Final e a Batalha de Armagedom.

É um tanto surpreendente que a profecia contra os inimigos de todas as nações se resume a um juízo contra Edom no versículo 5. Os edomitas eram descendentes de Esaú, que Deus sempre obrigou o povo de Israel a respeitar, mas trata-se de um benefício ao qual os edomitas nunca corresponderam; pelo contrário, sempre foram hostis em relação a Israel e depois Judá. Talvez aqui eles sejam apenas uma forma de representantes dos demais inimigos que a Deus se opõem.

Os versículos 6 a 8 falam do Dia de Vingança do Senhor sobre Bozra (que foi capital de Edom) e sobre o país como um todo. Ele de espada desembainhada atingirá a grandes e pequenos. O fato do versículo 8 mencionar a retribuição do que eles fizeram contra Sião, faz lembrar a tentativa de Edom de tirar proveito de Judá, quando da destruição pelos babilônios.

Os versículos 9 a 15 descrevem uma destruição tão completa de Edom, que ali haverá apenas uma região desértica ocupada por diversos tipos de animais selvagens. Aquilo que aconteceu com as cidades vizinhas de Sodoma e Gomorra seria estendido ao território de Edom.

Os últimos dois versículos sugerem que se consulte o livro do Senhor para constatar que ali encontrariam todos os animais listados anteriormente, porque Deus zelaria pelo cumprimento de Sua Palavra. O livro do Senhor, hoje em dia, seria entendido como a Bíblia, que à época não existia, mas certamente Isaías está se referindo ao seu próprio manuscrito, que hoje faz parte da Bíblia. É certo que Edom foi destruída pouco depois da queda de Jerusalém, pelos babilônios, mas, ao contrário de Jerusalém, não foi reconstruída. Hoje em dia é uma região desértica, pertencente à Jordânia, que fica cerca de 50km a sudoeste da capital Amã.

Isaías 35

A profecia de Isaías neste capítulo já fala de um período posterior à destruição de Edom, onde ele contempla o deserto em que se tornara também a região outrora ocupada por Judá. Ele vê este deserto começando a florir de modo a testificar a glória do Senhor e o resplendor do Deus a Quem essa terra pertence (versículos 1 e 2).

Enquanto isso Isaías olha além, para a Babilônia, onde vê os judeus desanimados, de mãos cansadas e corações vacilantes, e ele os estimula porque o Seu Deus virá com vingança para retribuir aos babilônios aquilo que estavam sofrendo e para salvá-los (versículos 3 e 4).

Nos versículos 5 a 7 Deus muda tudo. Ele sara todos os enfermos e o deserto abrasador se enche de águas, que o tornam um lugar aprazível. Onde antes havia apenas chacais, passam a crescer relva, junco e papiro.

Deus havia mandado o seu povo para a Babilônia para que se santificasse. Agora Ele o traz de volta santificado e faz com que trilhe uma estrada à qual Ele dá o nome de Caminho de Santidade (versículo 8). O reinício em Jerusalém é como todos os reinícios quando buscamos o Senhor: devemos nos santificar!

Os versículos 9 e 10 nos mostram a alegria que sentem aqueles que se voltam para o Senhor, bem como o cuidado que Ele tem para com eles.

Isaías 36

Os capítulos 36 a 39 narram algumas profecias de Isaías, mas diferem dos capítulos anteriores pois contêm, basicamente, a descrição de alguns eventos da história de Judá nos dias do rei Ezequias, com as citadas profecias inseridas no contexto.

As narrativas correspondentes dos livros de *II Reis* e *II Crônicas* são semelhantes, mas há coisas descritas por Isaías que não são encontradas ali e vice-versa. Assim sendo, não é possível definir quem escreveu primeiro, mas o fato de Isaías ser testemunha ocular e participante de tudo que ele narra, tende a fazer com que pensemos nele como tendo maior conhecimento de causa que aqueles que narram os eventos nos livros históricos.

Neste capítulo 36 é importante termos em mente que Isaías já nos deu uma visão menos “santa” do rei Ezequias, que tiramos dos dois livros históricos. Aparentemente ele havia concordado em fazer parte da frente ampla que vários países da região estavam “costurando” para resistirem a Senaqueribe, não obstante Isaías ter profetizado contra. Como se isso não bastasse, havia ainda um jogo duplo, porque Judá continuava a “fingir” estar submissa à Assíria (o Senhor não se agrada da mentira).

Assim sendo, quando Senaqueribe invadiu Judá, capturando a maior parte de suas cidades e finalmente enviando seu comandante e parte de suas tropas a Jerusalém para

exigir a rendição de Ezequias (o próprio Senaqueribe permaneceu na cidade de Laquis junto à fronteira da Filistia). Não vemos em Ezequias, contudo, um homem temente a Deus que tem certeza de que Este vai atender ao seu pedido de livramento e, sim, alguém que era temente a Deus sim, mas que andava em “certa” desobediência, porque queria costurar a aliança com os vizinhos “só por via das dúvidas”.

A essa altura ninguém dos seus “pseudo aliados” apareceu para socorrê-lo e ele não sabia o quanto Deus iria permitir que ele sofresse as consequências por ter sido desobediente. Será que nós mesmos não estivemos na mesma situação de Ezequias inúmeras vezes, com medo de Deus não nos atender por termos “pisado na bola”?

Essa, contudo, é a grande vantagem da narrativa de Isaías. Não temos aqui um super rei sendo socorrido pelo Super Deus a Quem serve e, sim, o Super Deus de Misericórdia Infinita, que age maravilhosamente para com Seu servo falho, não obstante seus erros.

Ao longo dos versículos 5 a 9, o comandante das tropas assírias debocha primeiro da estratégia militar inexistente de Ezequias, da impossibilidade de pensar em confiar no livramento oferecido pelos egípcios (o aliado mais forte) e da capacidade do Senhor, Deus de Israel, de fazer qualquer coisa para resistir a suas tropas. Além disso, ele continua debochando no versículo 10, dizendo que foi o Senhor mesmo que mandou que eles viessem até Jerusalém.

Os servos de Ezequias ainda tentaram pedir que ele se expressasse em aramaico e não em hebraico, porque eles entendiam a língua dele, mas foi aí que o deboche ficou mais acirrado. Ele baixou o nível da conversa e disse ser imprescindível que o povo em cima do muro soubesse que teriam que comer as próprias fezes e beber a própria urina se não se submetessem a ele.

Nos versículos 13 a 22 o comandante assírio apenas reforça o seu discurso, dizendo que nenhum dos deuses dos vários outros povos derrotados pelos assírios havia conseguido livrá-los, pelo que não havia como o Senhor pudesse fazer algo por Jerusalém.

Isaías 37

O capítulo 37 começa com os servos de Ezequias vindo conversar com ele sobre aquilo que dissera o comandante assírio e já o fazem com as roupas rasgadas em sinal de profunda tristeza. O rei procede de igual modo em relação a sua própria indumentária e manda que seus servos consultem o profeta Isaías a respeito, enquanto ele mesmo se dirige ao templo para se colocar humilhado diante de Deus.

Os servos de Ezequias expressaram bem a tristeza do rei, mas também a sua esperança no sentido de que o Senhor tenha ouvido as ofensas do comandante assírio e que estivesse disposto a fazer algo a respeito. Devemos lembrar, contudo, que Isaías já tinha profetizado a esse respeito anteriormente e que sabia que a Assíria não lograria entrar

na cidade e é exatamente neste sentido que ele responde. Deveriam dizer a Ezequias que Senaqueribe ouviria uma notícia que o faria retornar à sua própria terra e que lá seria morto.

A sequência dos fatos, daqui para frente, não está totalmente clara, mas podemos supor que Ezequias, com base nesta profecia, tenha respondido ao comandante das tropas que não se renderia. Já o comandante, de posse dessa informação, dificilmente levaria todas as suas tropas com ele de volta a Laquis (uns 25km a oeste de Jerusalém) apenas para ter a autorização de Senaqueribe para atacar a cidade. Assim, podemos supor que ele foi sozinho, enquanto as tropas ficaram fora da cidade de Jerusalém.

Quando ele chegou a Laquis, Senaqueribe não estava mais lá, mas havia partido com as tropas, que ficaram com ele, para atacar a cidade de Libna, aparentemente pouco ao norte de Laquis. Durante esse ataque, ele havia sido informado que Tiraca, rei dos etíopes e egípcios, havia saído do Egito para atacá-lo. Ele não sabia se era verdade ou não, mas não deu a ordem de ataque temendo que pudesse precisar das tropas que tinha deixado em Jerusalém. Desta forma, resolveu escrever mais uma carta ameaçadora a Ezequias, na esperança de que não precisasse desgastar suas tropas num ataque a Jerusalém.

Novamente ele debochou do Deus de Israel e descreveu como nenhum outro deus havia podido resistir aos assírios.

Já de posse da carta, Ezequias voltou ao templo e a colocou diante de Deus, a Quem levantou a sua prece de livramento (versículos 16 a 20). A resposta do Senhor veio imediatamente a seguir, através de Isaías, que foi de encontro ao rei para dizer a ele que Deus ouvira sua prece e que a atenderia, impedindo que a cidade sofresse qualquer tipo de agressão ou cerco. Suas palavras se estenderam do versículo 21 ao 35.

A mortandade de todos os 185 mil soldados assírios, acampados fora de Jerusalém, pela intervenção milagrosa do anjo do Senhor, foi notificada imediatamente a Senaqueribe que voltou às pressas para Nínive, onde foi morto pelos próprios filhos, passando a reinar um outro filho de nome Esar-Hadom em seu lugar.

Isaías 38

O capítulo 38 narra um evento de enfermidade de Ezequias, no momento em que a sua carreira estava no auge. Deus mandou que Isaías comunicasse a ele que colocasse suas coisas em ordem, porque dessa enfermidade ele não sararia. A reação dele, perfeitamente natural, foi de chorar diante de Deus, pedindo clemência e argumentando que ele fora um servo fiel. Claro que a verdade disso era questionável, mas nós nos avaliamos por comparação com os outros e, sob esta mira, ele dissera a verdade.

Deus sabia, assim como nós também, a posteriori, que as consequências dele continuar vivo seriam desastrosas, mas mesmo assim optou por atender o seu pedido. Ele fez com que Isaías voltasse lá, para dizer que ouvira e atendera a sua oração e que ele teria mais

15 anos de vida. Além disso, Deus deu a ele um sinal maravilhoso, qual seja fazer com que o sol retrocedesse, revertendo a sua trajetória em 10 graus.

Neste momento tudo parece ser apenas mais uma das grandes maravilhas de Deus, tanto que Ezequias escreveu o texto de louvor que Isaías registrou nos versículos de 10 a 20.

Isaías 39

Este capítulo, de apenas 8 versículos, narra a visita, a Jerusalém, de servos do rei Merodaque-Baladã de Babilônia, para felicitar Ezequias por sua maravilhosa recuperação. Precisamos ter em mente que a fama da vitória contundente sobre Senaqueribe, que Deus dera a Ezequias, ainda estava gravada na mente de todos os inimigos dos assírios, dentre os quais os babilônios eram os maiores.

Embora não haja menção específica disso aqui, Ezequias ficou muito envaidecido com as honrarias prestadas pelos babilônios, pelo que sua soberba se tornou em ostentação, mostrando a eles todas as riquezas, bem como as “sofisticadas” armas que ele havia criado para defender seu país. Assim sendo, anos mais tarde quando invadiram Jerusalém, os babilônios já sabiam exatamente o que queriam.

O texto apresenta também a repreensão do Senhor a Ezequias feita através de Isaías, prometendo que tudo que ele mostrara iria parar em Babilônia, juntamente com alguns de seus descendentes, servindo como eunucos naquela corte.

Não podemos deixar de lembrar aqui, que nada disso teria acontecido se ele tivesse falecido, conforme previsto por Deus. Ressaltamos, ainda, que Manassés, sucessor de Ezequias, o pior de todos os reis a se sentar no trono de Davi, também não teria existido se Ezequias tivesse morrido, porque ele só nasceu cerca de 3 anos depois de sua enfermidade.

Isaías 40

Adentramos aqui a segunda parte das profecias de Isaías, onde o tópico principal é a libertação de Judá do cativo babilônico. Em paralelo existe, contudo, o cativo do pecado, sob o qual todo o povo de Deus se encontrava igualmente escravizado. Assim sendo, existem as profecias sobre o Servo Sofredor, cujo papel nesta segunda libertação é básico.

O versículo 1 começa com Isaías olhando muitos anos adiante, para o retorno dos filhos de Israel da Babilônia, durante o reinado de Ciro. Os anos de sofrimento, sob o jugo caldeu, haviam chegado ao final e Deus anunciava o consolo de Seu povo.

Jerusalém podia voltar a se encorajar, pois os pecados, pelos quais o povo de Israel havia sido punido pesadamente, já estavam perdoados. Antes que a família real viajasse, era usual que alguém percorresse o caminho para prepará-lo, caso houvesse necessidade.

Mas é claro que o versículo 3 não nos lembrou isso e, sim, de João Batista clamando no deserto de Judá, preparando o caminho do Rei dos reis. Nesse caso, os montes a serem aplainados e os vales a serem levantados não se referem a uma estrada e, sim, aos princípios espirituais, segundo os quais o povo de Deus vivia.

É inegável que a glória de Deus foi revelada através de Sua determinação para que Seu povo voltasse de Babilônia, mas a vinda de Jesus revelou esta glória com muito maior ênfase, de modo que todos a vissemos (versículo 5).

Os versículos 6 a 8 ressaltam o quanto o homem é frágil como uma planta, que facilmente murcha quando sopra o vento produzido pelo Senhor, mas a condição desse mesmo homem é completamente diferente, quando está baseada na Palavra do Senhor, pois esta dura para sempre. Isso é igualmente aplicável para o povo daquela época, como o é para o povo dos dias de Jesus e para nós nos dias de hoje.

As boas novas proclamadas nos versículos 9 a 11, tanto se aplicam a Deus presente no meio de Seu povo em Jerusalém e nas demais cidades de Judá, como estão previstas no Evangelho de Jesus vivendo em nós.

Os versículos 12 a 14 deixam patente que o Deus da criação fez tudo sozinho. O Seu Espírito Santo não precisou de qualquer conselho nosso, nem tampouco o homem contribuiu com qualquer coisa para Sua justiça e sabedoria. Nós somos totalmente “nada”, conforme descrito nos versículos 15 a 17. Deus é incomparável e não se deixa representar por qualquer tipo de ídolo, seja ele ricamente produzido em ouro ou feito em madeira por alguém sem riquezas (versículos 18 a 20).

Os versículos 21 e 22 repetem o que já foi dito em 12 a 20; Deus fundou a Terra sozinho e assentado no Seu trono Ele reina sobre os habitantes da Terra como se gafanhotos fossem. A Terra onde habitam é totalmente controlada por Ele.

Nos versículos 23 e 24 Ele mostra que não há poderosos na Terra, pois só podem reinar enquanto Ele não lhes “puxa o tapete”. Ele é um Deus incomparável e que não deve ser questionado, pois sabe exatamente o que está fazendo. Sua sabedoria é insondável!

Por outro lado, encerrando, Ele é o Deus que fortalece aos cansados. Os jovens se cansam e os moços tropeçam e caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças. Voam alto como águias, correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam.

Tudo isso valia nos dias do cativeiro babilônico, na vinda de Jesus e vale igualmente nos dias se hoje.

Isaías 41

Este capítulo começa com uma convocação do Senhor para que todos os povos (de todas as ilhas) estejam caladas diante dEle, porque Ele tem algo importante a discutir com eles, em relação à qual terão a oportunidade de se defender em juízo.

Nos versículos 2 a 4, o Senhor fala que comissionou um conquistador (veremos pouco adiante que Ele está falando do persa Ciro), que derrota e subjuga todas as nações, dirigindo-se por um caminho que jamais conheceu. Deus deixa claro que é Ele que está por trás de tudo isso. Foi Ele que levantou o primeiro conquistador e de igual modo será Aquele que dirigirá o último.

Todas as nações ficam sabendo de suas conquistas e o temem. Procuram fazer coalisões para resistir a este conquistador, ao mesmo tempo em que produzem novos ídolos para que estes possam ajudá-los (versículos 5 a 7).

A partir do versículo 8, o Senhor Se dirige especificamente a Israel (Judá, no caso), que se encontra, ainda, no cativeiro babilônico. Ele deixa patente que foi Ele que os escolheu, por serem descendentes do Seu amigo Abraão e que Ele é fiel para com Seus amigos. Assim sendo, eles não foram rejeitados, como talvez pensassem devido ao período de cativeiro, porque são Seus servos, os Seus escolhidos.

Enquanto todos os povos estão vivendo em temor por causa de Ciro, Deus diz a Israel que eles não têm nada a temer, pois ele os fortalecerá e os dirigirá com a Sua mão vitoriosa (versículo 10).

Nos versículos 11 a 16, o Senhor promete a Israel uma vitória total e irrestrita sobre os seus inimigos, a ponto de não mais poder sequer encontrá-los (versículo 12). Ele tomará Seu povo pela mão e o tratará como o Seu “bichinho de estimação”, na condição de Redentor e Santo de Israel.

Embora Judá estivesse olhando para as circunstâncias, descritas aqui figuradamente pela falta de água, o Senhor promete, nos versículos 17 a 20, que irá suprir todas as suas necessidades. Novamente, de maneira figurada, Ele havia de prover abundância de água e de vegetação no deserto, para que Judá soubesse que foi Ele, o Santo de Israel, que fez.

No versículo 21, o Senhor volta a Se dirigir a todos os povos para que tragam agora a sua defesa. Isto se faria através de seus deuses, que deveriam poder declarar que fizeram as coisas no passado e ao mesmo tempo revelar o que haveriam de fazer no futuro. Como obviamente não conseguiriam fazê-lo, porque os seus deuses nada mais são do que ídolos, a ira de Deus seria derramada sobre eles (versículo 24).

Nos versículos 25 a 29 Isaías transcreve um resumo daquilo que Deus havia dito anteriormente:

- Foi Ele que levantou Ciro e foi igualmente Ele que definiu o que ele havia de fazer;

- Quem foi dentre os povos ou dentre os seus deuses que profetizou a seu respeito? Obviamente ninguém;
- Por outro lado, Sião havia sido informado que isso estava por ocorrer. Jerusalém estava aguardando as boas novas;
- Ninguém dentre os povos tem qualquer coisa para dizer em sua própria defesa;
- Seus deuses não passam de ídolos, que representam deuses nulos e inexistentes.

Isaías 42

O Servo do Senhor é um título usado em várias situações distintas ao longo do texto bíblico. Foi utilizado para várias pessoas distintas, a serviço de Deus, mas não há dúvida de que seu emprego mais importante é aquele aplicado ao Messias, como é feito aqui. Jesus é o Servo em Quem o Pai se compraz, é Aquele em Quem Deus colocou o Seu Espírito, para que, agindo como homem, Ele, que é Deus, pudesse fazer as coisas que só Deus faz. É Ele, de igual forma, Aquele que Se fez justiça por nós, estendendo-a a todas as nações.

Já dissemos acima que Isaías estava escrevendo sobre a volta de Israel da Babilônia, mas ao mesmo tempo ele estava retratando a obra de salvação do Messias. Neste caso, contudo, o Messias está sendo tão fortemente retratado, que fica difícil até de identificar o seu texto com Ciro e a volta de Judá para Israel.

Os versículos 2 a 4 são citados na íntegra em *Mateus 12.17-21*, de modo que, mais uma vez aqui, o Messias é facilmente identificado, ao passo que Ciro não. É sem gritaria, sem elevar a voz, que os evangelhos retratam o comportamento de Jesus em Suas pregações. Se é verdade que as pessoas que mais gritam são aquelas que menos têm a dizer, então, Jesus falava com mansidão, mas com autoridade, sem elevar a voz, porém com firmeza.

O versículo 3 mais uma vez retrata o Jesus da Bíblia: uma Pessoa que tinha misericórdia dos necessitados, curava os enfermos e quebrantados de coração. Claro que Ciro trouxe também alívio ao povo de Judá, mas Jesus Se encaixa muito melhor nessa profecia de Isaías. Fazer justiça com fidelidade é algo que se esperaria dEle.

A ideia de um rei não mostrar fraqueza, se encaixa bem com Ciro, mas o fato de ser alvo de perseguição e se deixar ferir para que seja estabelecida a justiça na Terra é algo que só Jesus foi capaz de fazer. Talvez algumas nações que sofreram sob o domínio caldeu tivessem se enchido de esperança com a vitória de Ciro sobre Babilônia, mas certamente se encheriam também de receio do que este pudesse vir a fazer com elas. Já a revelação de Jesus ao mundo trouxe uma esperança de salvação que os gentios antes não conheciam.

Nos versículos 5 a 7 temos o testemunho do Deus que Se identifica como Criador dos céus e da Terra, bem como Senhor da vida, acerca do Seu Servo. O Servo do Senhor fora instituído para fazer justiça, pelo que Deus seguraria Sua mão. Seu Servo atuaria

como Mediador e seria uma luz para os gentios. Abriria os olhos dos cegos e libertaria da prisão os cativos. Certamente Ciro faria isso em sentido figurado, mas Jesus o fez tanto literalmente como em sentido figurado.

Nos versículos 8 e 9 Deus deixa claro que não divide com outros deuses ou ídolos a Sua glória. Ele é Senhor tanto dos fatos já ocorridos, como daqueles que ainda ocorrerão, conforme Sua previsão. Por isso Ele deve ser louvado por todas as nações, conforme previsto nos versículos 10 a 12. Recebem menção específica os habitantes de Quedar (ismaelitas) e de Selá (edomitas) no versículo 11.

Os versículos 13 a 17 nos dizem que o Senhor esteve em silêncio, ou seja, aguardou o cumprimento do cativo babilônico, mas que findo o tempo deste, Ele Se levantaria como guerreiro para livrar o Seu povo. Para tanto não haveria obstáculos para detê-IO. Seu povo se comportava como se cego fosse, mas Ele os traria para a luz e não os abandonaria. Por outro lado, aqueles que insistissem em manter os seus ídolos, ficariam para trás em vergonha total.

Nos versículos finais deste capítulo, Deus Se dirige aos Seus servos (o povo de Israel) novamente como cegos e surdos, falando da natureza espiritual desta cegueira e desta surdez. O seu pecado foi o motivo do seu cativo, mas é necessário que obedeçam à Sua lei para que voltem a ver e ouvir.

Isaías 43

Nos primeiros 8 versículos deste capítulo, Isaías completa a exortação iniciada nos versículos 18 a 25 do capítulo anterior. Aquele que formou a Jacó e que teve que puni-lo por causa de sua cegueira e surdez espirituais, diz que vai resgatá-lo. Os judeus seriam protegidos em todas as circunstâncias e como compensação por liberá-los, Ciro receberia o domínio do Egito, da Etiópia e de Sebá (parte da Etiópia). Além disso, Deus declara o seu amor por Jacó e promete trazer de volta para Israel todos os que criou para Sua própria honra e glória.

Os versículos 9 a 21 falam a respeito do Senhor, Deus de Israel e Deus Único, que prevê e faz as coisas novas que prevê. Neste ponto Ele desafia as nações e seus deuses, para que entrem e mostrem aquilo que previram e as ocorrências correspondentes, de modo que todos possam ver como são verdadeiros (versículo 9).

Na realidade Israel é a única nação que pode fazer isso, pois ela é a testemunha de como Deus a havia chamado para fazer com que Ele fosse conhecido de todas as nações da Terra. Neste sentido Ele profetizara seu livramento e cumprira tudo que prometera. Eles podem atestar que só Ele é Deus.

No versículo 14, muito antes que sequer tivessem sido levados em cativo para a Babilônia, já vemos Deus testificando o envio de Ciro para derrotar os caldeus e libertar

o Seu povo. Nesta ocasião Ele prevê, também, os caldeus fugindo, por navio, para o Golfo Pérsico.

Nos versículos 15 a 17, Isaías lembra ao Seu povo a passagem do Mar Vermelho e a forma como Deus os livrara das tropas egípcias. A intenção de Deus, contudo, não é que Seu povo viva apenas de experiências do passado (versículo 18). Por isso mesmo Deus já estava anunciando uma coisa nova que faria para o livramento de Seu povo em Babilônia, chamando a atenção deles para a passagem pelo deserto no retorno para Jerusalém (versículos 19 a 21).

Encerrando, nos versículos 22 a 28, Deus faz uma séria crítica ao Seu povo, mas a Sua intenção não é o anúncio de um novo castigo, mas, sim, de Sua graça ativa no Antigo Testamento. Eles haviam sido chamados para a proclamação do Seu louvor (versículo 21), mas não O haviam louvado, nem tampouco oferecido holocaustos ou incensos aromáticos. Eles O haviam, isso sim, sobrecarregado com seus pecados, cansando-O com suas ofensas.

Apesar disso, pela Sua maravilhosa graça, Ele havia perdoado as suas transgressões e efetivamente esquecido os seus pecados. Não havia nada que pudessem apresentar como prova de sua inocência. Eles eram pecadores desde os dias de Jacó, e foi exatamente isso que os levou para o cativeiro, mas a Sua graça os traria de volta.

Isaías 44

Isaías começa esse capítulo falando em nome de Deus e se dirigindo a Jacó, o Seu escolhido, referindo-se a ele Jacó (trapaceiro) como sendo Jesurum (confiável, reto). Aparentemente Ele está dizendo que não obstante saber quem ele é, o importante é como Ele o vê (versículos 1 e 2).

Ele derramaria sobre seus filhos o Seu Espírito e abençoaria a sua descendência. Eles brotariam como salgueiros junto às águas e teriam prazer em pertencer a Ele, o Senhor, Rei de Israel, o Alfa e o Ômega (versículos 3 a 6).

Nos versículos 7 e 8, Deus lembra aos filhos de Jacó, que não há ninguém como Ele. Tudo que aconteceu com eles fora totalmente predito por Ele. Não deveriam temer nem tremer, pois tudo que estavam experimentando e que experimentariam, ainda, fora tudo previsto por Ele. Não havia outra Rocha como Ele.

Ao longo dos 12 versículos seguintes Deus faz um arrazoado, mostrando a inconsistência de tratar um ídolo como sendo um deus. Aqueles que os fazem não podem testemunhar os seus feitos, pois nada fazem e nada sabem. Deus, então, pergunta, como pode o adorador de um pedaço de madeira não se perguntar se aquilo não é uma mentira?

Nos versículos 21 a 28, Deus volta a se dirigir a Israel na qualidade de servo Seu, cujas ofensas e cujos pecados Ele havia perdoado, pelo que estavam livres para voltar a Ele. Os céus e a natureza são conclamados a oferecer um canto de louvor, porque o Senhor havia resgatado a Jacó e mostrado a Sua glória em Israel. Ele é o Senhor que fez os céus e a terra. Ele declarou que Jerusalém voltaria a ser habitada e que as demais cidades de Judá seriam reconstruídas.

No último versículo Isaías fala nominalmente a respeito de Ciro, um rei persa que só existiria cerca de um século e meio mais tarde. Ele mencionaria a reconstrução de Jerusalém e do templo de Salomão.

Isaías 45

Deus continua a falar aqui acerca de “Seu ungido” Ciro, que Ele segura pela mão direita e dirige para que seu caminho de conquistas seja bem sucedido. Ele mesmo segue adiante dele aplainando montes, abrindo portas e rompendo trancas de ferro.

É muito interessante que Deus lhe diga que vai lhe conceder tesouros ocultos e que o convoca pelo nome e que dá a ele um título de honra, apesar do fato dele não conhecê-lo (versículos 3 e 4).

O fato de Daniel ter continuado a servir aos persas, da mesma forma como antes servira aos caldeus é, no mínimo, curioso, mas no exercício deste ofício, não é difícil imaginar que Daniel tenha mostrado a Ciro as profecias de Isaías e Jeremias. Estas certamente tiveram grande influência com relação ao respeito que Ciro passou a ter pelo Senhor. Ver-se retratado nominalmente por Isaías cerca de 150 anos antes de seu nascimento deve ter sido impressionante para ele.

Ciro certamente conhecia, também, a grandeza do reinado de Nabucodonosor, pelo que terá ficado igualmente impressionado acerca da narrativa, por Daniel, do sonho de Nabucodonosor narrado no capítulo 4 de seu livro, principalmente tendo em vista sua realização e o desfecho na vida de Nabucodonosor.

Assim sendo, todo o restante do capítulo tem por finalidade mostrar que só o Senhor é Deus e que Ele reina soberanamente sobre toda a terra, pelo que todos devem reconhecer o Seu senhorio.

No versículo 5 Ele fala ainda com Ciro, dizendo que é Ele que o fortalece, independente do fato dele admiti-lo ou não. Nos versículos 6 a 8 Ele Se identifica como criador de luz e trevas. Não há outro como Ele, pelo que ninguém pode contender com o seu criador. O barro não pode dizer ao oleiro que Ele não sabe o que está fazendo (versículo 9).

No versículo 12 Deus diz que fez a terra e toda a humanidade, que dispôs os astros no céu, juntamente com todas as estrelas. Por isso mesmo Ele pode levantar Ciro, um

homem que vai agir segundo a Sua retidão, para reconstruir a Sua cidade (Jerusalém) e libertar o Seu povo, tudo sem exigir um centavo de recompensa (versículo 13).

No versículo 14 temos uma declaração interessante. Somos informados que as riquezas dos egípcios, etíopes e sabeus seriam entregues a Jerusalém, em reconhecimento de que só o Senhor é Deus. Por outro lado, devemos lembrar que Deus tinha dado as riquezas desses países a Ciro, como recompensa por Seu povo (*Isaías 43.3*). Aparentemente Ciro está tão encantado com tudo que Deus, o Senhor, fez por ele, que está devolvendo a paga que recebeu em troca de Israel. Assim sendo, a recompensa que Ciro deveria receber foi devolvida ao Senhor.

O versículo 15 parece ser um louvor de Isaías, que está encantado pela maneira como Deus esconde as coisas e no final tudo encaixa maravilhosamente.

Nos versículos 16 a 25 o Senhor ressalta novamente a vergonha que passam aqueles que colocam a sua fé em ídolos, que não podem prever nada e muito menos salvar aqueles que neles confiam. Por outro lado, Ele, o Senhor, já tinha previsto tudo que está sendo discutido. Ele é o Senhor da história.

O versículo 23 nos soa familiar porque Paulo o utiliza em *Filipenses 2.10-11* para a exaltação do Nome de Jesus.

Isaías 46

Bel e Nebo são deuses babilônicos (Bel-Marduque e Nabu) que estão sendo levados, pelo seu valor de material, como despojo por parte dos persas. Fica claro que não salvam ninguém, já que eles mesmos estão sendo levados para o cativeiro.

Deus deixa claro para Israel, contudo, que eles sempre foram e sempre serão Seu povo, protegido por Ele. Não há como compará-IO a nada, porque Ele é único. Não há outro Deus.

Os ídolos podem ser fabricados, carregados nas costas e até adorados, mas, quando consultados, jamais terão uma resposta. Nunca vão salvar quem quer que seja. Basta lembrar das coisas passadas, que Ele fez conhecidas desde o princípio.

É exatamente por isso que Ele pode trazer um homem do Oriente (Ciro) para fazer aquilo que Ele já há muito havia anunciado. Deus faz tudo o que anuncia e realiza tudo o que planeja.

Israel será salva porque Ele o prometeu e cumprirá, tal como avisado com a devida antecedência.

Isaías 47

Este é um canto pela cidade de Babilônia, mas não de lamento e, sim, de vitória, pela queda que ela enfrentaria por ocasião da invasão dos persas, a qual Isaías vinha profetizando nos capítulos anteriores. A Virgem Cidade dos Babilônios, orgulho de seus moradores, é convidada a descer do seu trono e a sentar-se no pó como se fosse uma escrava comum (versículo 1).

Ela que estava acostumada a mandar, agora vai aprender a moer farinha com a mó. Além disso, deixaria de usar seu vestido longo e seria obrigada a mostrar suas pernas ao atravessar riachos (versículo 2). Ela seria desrespeitada e teria que mostrar a sua nudez.

Infelizmente o seu adversário é o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel, que resolveu colocá-la nas trevas, para nunca mais ser chamada de Rainha dos Reinos. O motivo para isso é porque Judá procedera mal e o Senhor havia escolhido a Babilônia como instrumento do Seu castigo para com ele. Só que ela tratou Seu povo sem qualquer misericórdia; mesmo no caso dos mais idosos, ela foi sempre cruel (versículo 6).

Os versículos 7 a 9 trazem a profecia de Isaías relativa ao que ocorreria com a cidade de Babilônia. Ela achava que continuaria sendo a rainha das cidades para sempre e que jamais ficaria viúva e sem filhos (perda de seu rei e morte do seu povo). Com relação a isso, Deus disse que ambas essas coisas lhe sucederiam no mesmo dia. Isso aconteceria, não obstante as palavras de feitiçaria que ela se acostumou a pronunciar sobre os outros.

No versículo 12, Isaías sugere que ela continue a se valer da sua feitiçaria para sua proteção. Obviamente ele o diz em tom de deboche, porque essa feitiçaria nada vale, da mesma forma como seus deuses, deuses não são.

De igual maneira eles podem recorrer aos seus astrólogos, para que tentem se valer de suas previsões sobre o futuro. Infelizmente estes não vão conseguir dizer nada, porque isso nunca foi possível, tampouco o será agora. De forma alguma eles iam poder salvá-la.

Isaías 48

Tudo que Deus sempre quis de Seu povo, foi o seu amor. Tudo que continua a querer de nós hoje é que O amemos. Aquele que ama a Deus obedece a Seus mandamentos, ou seja, faz a Sua vontade.

A mensagem de Isaías tem sempre uma forma diferenciada na apresentação, mas a tônica é sempre a mesma: obediência. Nos versículos 1 e 2 Isaías se dirige aos filhos de Israel, que invocam o Nome do Senhor, mas “só da boca para fora”. São pessoas que dizem confiar no Senhor, mas que não Lhe dão o devido crédito.

Deus Se dirige a eles para chamar a sua atenção para a forma como Ele age. Ele começa chamando a atenção deles para a consistência entre as coisas profetizadas no passado e o seu cumprimento. Ele age assim por serem uns “cabeças duras”, pessoas que creem com dificuldade (dura cerviz). Mas eles precisam reconhecer que no passado foi assim.

No versículo 6, Isaías diz que vai profetizar coisas novas que eles certamente não conhecem. A intenção de Deus é que eles reconheçam que são novas e que estão sendo anunciadas com a devida antecedência para que toda a honra e toda a glória sejam dadas a Ele.

No versículo 8 Deus diz que sabe que Israel é um povo rebelde e traiçoeiro. Mesmo assim Ele não os elimina por amor de Seu próprio Nome e em função do Seu próprio louvor.

O versículo 10 fala a respeito do refinamento de Judá na fornalha da aflição, como se fosse uma coisa passada, mas Isaías profetizou até o ano 690a.C., aproximadamente, e Judá só foi levada para o exílio (o refinamento em apreço) no ano 606a.C., ou seja, uns 84 anos mais tarde. No exílio eles ficariam por 70 anos, para finalmente serem libertados por Ciro em 536a.C.. Assim sendo, o povo de Judá, ao qual ele fala de refinamento, talvez sequer entenda do que ele está falando, porque eles não imaginam que possam ser derrotados e levados em cativeiro.

Mas Deus está falando a respeito do cativeiro, e da libertação deles do mesmo, com grande antecedência para que possa ter o crédito devido. **“Por amor de Mim mesmo”** diz o Senhor no versículo 11, porque Deus nunca permitirá que Sua glória seja dada a outro.

Ele é Deus, foi Ele que chamou Israel para ser Seu povo e foi Ele que fez Terra e céus. Ambos Lhe obedecem sempre. É por isso que Ele pode convocar Ciro para destruir Babilônia, porque Ele é Deus. Ciro será bem sucedido, porque tudo será feito como Ele quer (versículos 12 a 15).

O versículo 16 é pouco claro, porque temos dificuldade para identificar quem fala. Talvez seja Isaías falando de suas próprias profecias em nome de Deus. Isso justificaria o lamento dos versículos 17 a 19, onde o profeta, em nome de Deus, ressalta que Ele é o Senhor Deus de Israel, que ensina o caminho no qual eles devem andar. Se tão somente eles tivessem ouvido a Sua voz, eles teriam paz como um rio e sua retidão seria firme como as ondas do mar. Seus descendentes seriam em muito maior número e jamais teriam sido levados em cativeiro.

Agora deveriam se alegrar com a libertação de Judá e sair de Babilônia. Deveriam proclamar até os confins da Terra que foi o Senhor que libertou Israel. Da mesma forma como saíram do Egito e passaram pelo deserto sustentados por Ele, assim também sairiam de Babilônia.

O último versículo termina, contudo, com uma advertência. Eles deveriam se lembrar que os ímpios nunca chegaram à Terra Prometida. Em outras palavras, o livramento é para os fiéis.

Isaías 49

Mais uma vez Isaías nos fala aqui a respeito do Servo do Senhor e não temos qualquer dúvida de que ele começa falando de Jesus. Ele foi chamado antes de nascer e Seu Nome foi devidamente citado. Deus deu a Ele um discurso muito eficiente.

Não obstante Deus ter dito que mostraria nele o Seu esplendor e Ele Se queixar diante do Pai, por não ser ouvido por aqueles a quem tinha falado, ainda assim, Ele declararia que Sua recompensa está nas mãos do próprio Pai.

O versículo 5 tem uma estrutura curiosa. Começa com um “assim diz o Senhor”, mas ao invés de continuar com o que Ele diz, há um aposto com uma declaração de Jesus, onde Ele fala que quem vai falar é justamente **“Aquele que me formou no ventre para ser o Seu servo, para trazer de volta Jacó e reunir Israel a Ele mesmo, pois Ele era honrado aos olhos do Senhor, e o Seu Deus tinha sido a Sua força”**. Tendo dito isso Jesus continua a declarar aquilo que o Pai falou, ou seja, que a missão dEle, Jesus, não se restringe a trazer de volta para Ele, Deus, o coração do povo de Israel; além disso, Ele seria uma luz para os gentios, levando o Seu plano de salvação até os confins da Terra. Desta forma a totalidade do plano de Deus para Jesus está declarada no versículo 6 deste texto.

No versículo 7, volta a falar Deus Pai e Ele retoma o assunto da queixa de Jesus do versículo 4, de que fora desprezado, e diz que Ele seria honrado pelos reis e líderes da Terra e que eles se encurvariam diante dEle, por causa do Senhor, o Santo de Israel, que O havia escolhido. Continuando no versículo 8, o Pai diz, ainda, que no tempo certo, qual seja o dia da salvação (é do Seu sacrifício na cruz, que o Pai está falando), Ele Pai O ajudaria, O guardaria e faria com que Ele Se tornasse uma “aliança para o povo”. Assim sendo, Ele está detalhando aqui o plano que citou no versículo 6.

Ocorre, contudo, que toda a lógica apresentada no parágrafo anterior, fica confundida pelo prosseguimento da sentença, que passa a falar sobre a distribuição das terras em Israel, quando o povo chegasse de volta do exílio. Parece lícito dizer que Isaías estava olhando um segundo pico profético da época de Jesus, quando repentinamente um pico mais próximo entrou no meio e ele sequer o percebeu. Assim, os versículos seguintes voltam ao assunto de capítulos anteriores, onde ele fala da libertação do povo no exílio e seu retorno a Jerusalém.

Nos versículos de 9 a 13, Isaías fala claramente sobre Judá sendo libertado da Babilônia e retornando para Jerusalém. O versículo 9 parece falar daqueles que, além de exilados, ainda estavam na prisão. Também estes seriam libertos. Todos teriam suas necessidades supridas porque Aquele que deles Se compadece o proveria. Viriam todos de volta para casa, viriam do norte, do oeste e do sul (Assuã no Egito). Também no deserto todos seriam guiados.

O versículo 14 sugere que aqueles que não foram exilados, mas ficaram em Jerusalém, podem achar que deles o Senhor Se esqueceu. Em resposta a isso Ele fala do Seu amor por eles, como

a mãe que não pode deixar de amar seus filhos (versículos 15 e 16). O fato de que Seus filhos estavam todos voltando é a prova disso (versículos 18 a 26).

Semana 72 - A Mensagem do Profeta Isaías - 4

Texto: Isaías 50 a 66

Estação 35

Isaías 50

Ao início dessa seção, que inclui os capítulos 40 a 66, dissemos que eles falavam tanto do exílio babilônico, com a libertação que o Senhor concedera através de Ciro, como da escravidão do pecado, com a libertação que Ele concedera em Jesus, o Servo Sofredor. Cabe ressaltar, ainda, a dificuldade que há, às vezes, de distinguir um do outro.

Esse capítulo começa com o Senhor, Deus, Se dirigindo, aparentemente, ao povo de Israel, depois de tê-lo rejeitado e mandado para o exílio na Babilônia. A certidão de divórcio à qual Ele Se refere é a rejeição da escolhida dEle, Jerusalém, cuja queda tipifica o Seu divórcio com a nação de Judá.

Aparentemente Deus Se refere ao uso dos serviços dos babilônios como um crédito que passaram a ter com Ele. Assim, devido aos pecados de Israel, Ele os utiliza como instrumento do Seu castigo, que abrange a entrega da mãe de Judá, qual seja, a cidade de Jerusalém, como forma de pagamento.

O versículo 2 fala, então, a respeito do esforço que Deus havia feito para trazer Judá ao arrependimento e assim poder salvar a nação, mas eles não O ouviram. Ele tinha o poder para libertá-los, pois Ele domina sobre as águas, sobre o deserto e sobre os céus, mas eles simplesmente não o quiseram (versículo 3).

Se estávamos confiantes, contudo, em relação ao significado dos primeiros 3 versículos e sua aplicação a Judá, a partir do versículo 4, não só parece que Isaías está falando do Messias, mas o próprio Messias toma a palavra e faz a respeito de Si mesmo uma revelação muito interessante, quanto à origem do Seu conhecimento bíblico. O próprio Jesus estaria dizendo que o Pai dera a Ele uma língua eficiente e o conhecimento necessário para o sustento dos necessitados. Ele, o Pai, o acordaria a cada manhã, para dar a Ele, Jesus, pessoalmente, os ensinamentos necessários para tanto. Já o versículo 5 fala do Seu empenho em relação a esse aprendizado.

Será que Isaías poderia estar falando de si mesmo e não de Jesus? Parece pouco provável, pois ele havia sido criado no palácio e fora ensinado pelos levitas que tinham essa função. Sabemos, ainda, que ele só foi chamado no ano da morte do rei Uzias. Além disso, essa descrição se parece com a que veremos pouco adiante no capítulo 53, que certamente se refere a Jesus.

A partir do versículo 6 vemos os ensinamentos de Jesus sendo rejeitados da mesma forma como foi citada a rejeição do próprio Deus, nos versículos 2 e 3. Ele recebeu açoites, bateram-Lhe no rosto, puxaram Sua barba (cabelos) e foi objeto de zombaria e cuspes.

Nos versículos 7 a 9 continua o Messias a falar a respeito de não se deixar constranger pela rejeição, porque o Senhor, o Soberano, está do Seu lado e O apoia. Quem poderá acusá-LO se é o próprio Deus que O defende.

No versículo 10 o Messias promete, àquele que teme ao Senhor e que obedece à palavra do Servo, que este poderá andar nas trevas sem tropeçar, porque o Senhor está com ele. Em compensação, o versículo 11 promete que de nada adianta, aos que O rejeitam, o fato de acenderem tochas para iluminar o seu caminho, porque serão atormentados ao longo do caminho.

Isaías 51

Isaías volta a falar aqui acerca da restauração de Judá em sua terra, após a libertação dada por Ciro. É interessante que ele se dirige àqueles que buscam a retidão e procuram o Senhor, pessoas tementes a Deus. Ele pede que olhem para Abraão e Sara. Ele era um só quando foi chamado, mas Deus o abençoou e fez dele uma multidão. De igual maneira o Senhor abençoaria a Sião e tornaria o deserto em um jardim como o Éden, de modo a voltar a haver ali alegria, ações de graças e canções (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 e 5 Deus fala a Seu povo com relação à sua salvação que se tornará uma luz para todas as nações. De certa maneira Ele está reinstituindo o Seu plano original, quando tinha dito a Abraão que ele seria uma bênção para todas as famílias da terra. O povo de Israel sempre O havia considerado o seu Deus, mas nunca pensara em termos de fazer dEle o Deus de toda a Terra. No versículo 5 Ele diz que o Seu braço traria justiça (salvação) a todas as nações. Obviamente Ele não está mais falando de Ciro, porque isso não faria ele e, sim, Jesus.

Esta salvação é retratada no versículo 6 como algo permanente. Os céus passarão, a Terra se gastará, os seus habitantes morrerão, mas a salvação do Senhor, bem como aqueles a quem ela se aplica, durarão para sempre.

Os versículos 7 e 8 são dirigidos àqueles que guardam a lei do Senhor, que abrange tanto Judá como a Igreja. Não devemos temer a censura dos homens e nem ficar aterrorizados com seus insultos, porque eles também passarão, mas a retidão do Senhor permanecerá de geração em geração.

Nos versículos 9 a 11, Isaías faz uma oração para que Deus vá à frente de Seu povo e que o Seu braço faça exatamente o que fez ao Egito. Ali ele fala de Raabe (o monstro marinho que representa o Egito) e lembra a travessia do Mar Vermelho em terra seca. Finalmente, ele diz que os resgatados do Senhor (de Babilônia) entrarão em Sião com louvores e cânticos nos lábios.

Nos versículos 12 e 13 Deus toma a palavra para lembrar ao Seu povo que o consolo deles vem dEle mesmo. A seguir pergunta como podem ser preocupar com as ameaças de homens, sabendo que Ele é o Criador de tudo e todos? Ele é Quem liberta os

prisioneiros, que agita as águas e que lança os alicerces da Terra. É Ele Quem reina e que faz o que bem Lhe agrada (versículos 14 a 16).

Os versículos finais deste capítulo são endereçados a uma Jerusalém desanimada, que não consegue ver na libertação a solução do seu problema. A esta Jerusalém Deus clama palavras de ânimo. Primeiro Ele explica que realmente ela teve que beber do cálice de Sua ira, porque pecara contra Ele. Da mão dEle veio “ruína e destruição” por um lado e “fome e espada”, por outro. Esse foi o seu castigo, pelo que nenhum de seus filhos poderia livrá-la. Eles, pelo contrário, experimentaram também a ira do Senhor.

Mas isso tudo é passado, porque Ele agora estava tirando da mão dela o Seu cálice, do qual ela não mais beberia. Este, contudo, seria entregue aos seus atormentadores (os babilônios).

Isaías 52

Este capítulo é uma continuidade do anterior. Isaías tinha terminado falando do desânimo de Jerusalém, pelo que aqui começa conclamando Sião, representativa do povo de Israel, a despertar de sua letargia e se vestir de suas melhores roupas, pois os incircuncisos não voltariam a adentrá-la. Assim sendo, é tempo de se levantar porque o cativo acabou (versículos 1 e 2).

Os versículos 3 a 6 fazem uma descrição sumaríssima da história de Israel. Eles foram vendidos, por iniciativa divina, sendo entregues de graça para os instrumentos do castigo de Deus. Assim sendo, nenhum deles tem qualquer direito sobre Israel. Agora, de igual modo, nada está sendo pago pelo seu resgate. Tudo é obra do Senhor.

Eles foram entregues aos egípcios, depois aos assírios e dentro em breve seriam levados pelos babilônios, de onde eles seriam libertados pela Sua poderosa mão. Isaías deixa claro que o próprio Deus o está anunciando, para que todos saibam que foi Ele que o fez.

O versículo 7 nos é bem conhecido devido à sua aplicação por Paulo, em *Romanos 10.15*. Ali obviamente sua aplicação diz respeito ao pregador do Evangelho de Jesus Cristo, que é a sua aplicação perfeita, mas aqui Isaías tem em mente a chegada desse mensageiro a Jerusalém, comunicando a liberação do povo e seu retorno para casa em breve. Tudo isso é resumido no fato de que “o nosso Deus reina”.

Em consequência da chegada do mensageiro, ouve-se os gritos de alegria dos sentinelas da cidade. A ideia de ter o Senhor novamente morando em Sião é tão significativa quanto o retorno do próprio povo.

As ruínas de Jerusalém são conclamadas a cantar, numa forma figurada de estímulo para que cante todo aquele que achava impossível ver a cidade recuperada. Isaías declara que esse consolo vem do próprio Senhor.

Já o versículo 10 volta a ter tanto o sentido imediato, do Senhor lutando para libertar o Seu povo, através de Ciro, como o profético, mais longínquo, com o Senhor provendo a Sua salvação, em Jesus Cristo, para todas as nações.

Os versículos 11 e 12 são dirigidos, principalmente, aos sacerdotes e levitas, que estarão levando de volta os utensílios do templo, que o rei Ciro fez questão de disponibilizar àqueles que estavam voltando. Eles deveriam se purificar para a tarefa que lhes foi dada. Não deveriam fazê-lo de qualquer maneira, porque teriam tempo para se preparar, mas era necessário ter em mente que o Senhor iria adiante deles (como a nuvem de dia e a coluna de fogo à noite) e estaria também à sua retaguarda para proteção (como também ocorreu na saída do Egito).

Os últimos 3 versículos deste capítulo aplicam-se, claramente, ao Messias e já servem de introdução para o maravilhoso capítulo 53. Isaías começa dizendo que o Servo será sábio, pelo que será muitíssimo exaltado. Antes disso, contudo, o Seu sofrimento, resultando numa aparência completamente desfigurada, deixará pasmados aqueles que O virem. Mas tudo isso resultará em bênção para muitas nações, onde os reis Lhe tributarão honra e entenderão o maravilhoso plano de salvação que o Pai lhes destinou.

Isaías 53

Isaías já falou do Servo Sofredor antes e agora vai fazê-lo ao longo de todo este capítulo. Quem foi que creu nessa mensagem? Quem foi que viu o que o próprio Deus está fazendo?

Deus fez nascer um menino, que cresceu diante dEle como uma plantinha ou uma raiz, que estava se desenvolvendo numa terra seca. Esse menino era feio e não tinha qualquer qualificação especial que atraísse as pessoas. Por isso mesmo Ele era desprezado e rejeitado pelas pessoas. Era uma pessoa que vivia com dificuldade e que os outros evitam quando O veem. Resumindo, Ele era desprezado e não tínhamos por Ele qualquer estima.

Com certeza Ele tomou sobre Si mesmo as nossas enfermidades e levou sobre si as nossas doenças. Nós, ao invés de ficarmos gratos, resolvemos achar que Ele merecia isso e que Deus O estava castigando e afligindo. Na realidade, contudo, eram os nossos pecados e a nossa iniquidade, que Deus fez recair sobre Ele. Foi sobre Ele que Deus fez recair o castigo que permite haver paz entre nós e Deus. Foi pelo Seu sofrimento que as nossas enfermidades foram curadas (versículos 4 e 5).

Esses versículos mostram que Jesus nos salvou de nossos pecados (*IPedro 2.24*), da mesma forma como curou as nossas enfermidades (*Mateus 8.17*). Cabe ressaltar, contudo, que no primeiro caso temos uma promessa adicional como *João 3.16*, que torna isso uma promessa geral e irrestrita. Infelizmente não há um versículo equivalente para

a segunda parte. Assim sendo, a cura, ao contrário da salvação, estará sempre condicionada à vontade de Deus.

Cada um de nós fez o que achava certo, cometendo o seu próprio pecado, mas Deus fez recair sobre Ele o pecado de nós todos (versículo 6)

Jesus sofreu todo o nosso castigo sem abrir a boca para reclamar. Ele foi levado para o matadouro e, tal como faz a ovelha que não reclama, Ele não abriu a Sua boca. Desta forma Ele foi levado por um julgamento que O oprimiu muito. Ele recebeu a totalidade do castigo que nós deveríamos ter recebido. Ele foi primeiro separado de Deus pelo nosso pecado e depois morreu também fisicamente. Jesus não tinha descendência, mas gerou para Deus os descendentes que, começando por Ele mesmo, se tornaram filhos de Deus por adoção (versículos 7 e 8).

O versículo 9 registra o fato de Ele ter morrido entre ímpios (os dois ladrões a Seu lado) e era previsto que Ele tivesse um enterro igualmente ímpio. Ocorreu, contudo, que José de Arimateia e Nicodemos se adiantaram aos sacerdotes do templo e providenciaram o Seu sepulcro em um lugar de honra.

Já o versículo 10 começa mostrando um Pai de uma dureza, aparentemente, incrível: foi da vontade de Deus esmagá-IO e fazê-IO sofrer! Mas a continuidade do versículo mostra que era esse o plano, ou seja, fazer da vida de Ele uma oferta pela culpa de todos os pecadores. Não era, contudo, intenção de Deus, que a vida de Jesus terminasse no inferno, mas, sim, que Ele vencesse a morte, ressuscitasse e visse os filhos que Ele gerou para Deus. Desta forma Ele mesmo viverá para fazer prosperar a vontade de Deus na Sua mão.

O versículo 11 talvez seja um dos mais disputados desse capítulo. Isaías começa dizendo que depois do sofrimento que Ele padeceu na Sua humanidade, que Ele verá a luz e ficará satisfeito, ou seja, depois de Sua morte (espiritual primeiro e depois física) Ele ressuscitará e o resultado alcançado Lhe trará grande satisfação. Neste ponto, contudo, Isaías diz que Jesus, o Servo Justo de Deus, através do Seu conhecimento, justificará a muitos, levando os seus pecados. Devemos nos perguntar qual o conhecimento que Jesus não tinha quando chegou à cruz, mas que obteve ali, permitindo assim carregar as iniquidades daqueles que foram justificados pelo Seu sacrifício?

A única resposta plausível é o pecado. **Jesus não conhecia pecado, mas Deus O fez pecado por nós, para que pudéssemos ser feitos justos de Deus (II Coríntios 5.21).** Neste versículo temos mais uma prova inequívoca da morte espiritual de Jesus Homem. Já ouvi, várias vezes, que nossos pecados foram atribuídos a Jesus na cruz, mas que Ele mesmo nunca Se corrompeu por eles. Se os pecados fossem apenas atribuídos a Ele, seria impossível a Ele conhecê-los. Fica claro, portanto, que sem o verdadeiro conhecimento do pecado, tampouco haveria justificação.

O último versículo contém o testemunho do Pai dizendo que honrará o Seu Servo, por ter derramado a Sua vida até a morte, chegando a Se tornar um transgressor. Esse Servo

Maravilhoso não só carregou os nossos pecados, como Se colocou na posição de intercessor por nós. Ele é o nosso alvo no serviço que prestamos a Deus!

Isaías 54

Neste capítulo estamos voltando a falar de Sião ou de Jerusalém utilizando a mesma figura que Isaías havia utilizado antes, embora nenhum dos dois nomes acima tenha sido usado. O Senhor havia abandonado primeiro a Israel, Reino do Norte, de forma permanente e agora estava prestes a abandonar Judá, mandando-o para o exílio na Babilônia. O fato dele chamá-la de estéril e sem filhos, além de dizer que foi abandonada pelo marido, retrata a situação. Isaías estaria profetizando a libertação de Sião do cativo tentando animar a abandonada, que perdera também seus filhos, porque o Senhor estaria disposto a aceitá-la de volta, trazendo para casa, também, os muitos filhos que haviam nascido durante o cativeiro.

Para acomodá-los, ela teria que alargar as suas tendas, porque eram muitos os filhos que voltariam com eles. Estes eram tantos, que sequer caberiam em Jerusalém. Seria necessário que as demais cidades de Judá, que haviam sido ocupadas por estrangeiros, fossem agora desocupadas com eles voltando enchê-las.

Nos versículos 4 a 6, Sião é exortada a não temer ser envergonhada. Ela não será nem humilhada, nem constrangida. Ela deveria se esquecer das humilhações que sofreu na sua juventude, bem como da vergonha sofrida quando de sua viuvez. O seu marido é o próprio Criador, o Senhor dos Exércitos, Ele é o seu Redentor, o Deus de toda a Terra. Embora ela tenha sido abandonada, Ele ainda a ama e a está chamando de volta. Nos versículos 7 e 8 Ele volta a enfatizar que por um breve instante Ele a abandonou, mas que com profunda compaixão Ele agora a traz de volta.

Ele a seguir promete que Seu amor por ela não mais será abalado. Da mesma forma como Ele prometeu a Noé não mais destruir a Terra com outro dilúvio, de igual forma Ele promete a Sião que não mais a abandonará (versículos 9 e 10).

De repente as promessas relativas à reconstrução de Sião passam a descrever uma realidade diferente e temos a nítida impressão de que não está mais sendo considerada a Jerusalém terrena, mas, sim, a nova Jerusalém (versículos 11 e 12). Nessa nova Jerusalém vemos uma promessa que faz parte da nova aliança, qual seja, que todos os filhos de Sião serão ensinados diretamente pelo Senhor (*Jeremias 31.34*). As crianças viverão em paz, o reino conhecerá apenas a retidão, não haverá tirania de espécie alguma e o medo não mais será conhecido.

Encerrando esse capítulo, os versículos 14 a 27 falam a respeito da segurança nesta Nova Sião, que será vitoriosa contra todos os que a atacarem. Contra quem nenhuma arma forjada prevalecerá.

Isaías 55

Já ouvi vários pregadores dizendo que o capítulo 53 é uma mensagem de evangelização, na qual o maravilhoso plano divino de salvação é detalhado. Já o capítulo 54 descreve a Jerusalém celestial para a qual o Senhor quer levar a Sua Noiva, que é a Igreja. Finalmente, o capítulo 55 é o apelo que Ele faz para que os Seus ouvintes aceitem Sua oferta de salvação.

O versículo 1 começa com o próprio Deus fazendo-se de mercador que oferece água a quem tem sede e comida a quem tem fome, mas não tem dinheiro. Além disso, quem quiser bebidas mais finas como o vinho ou mesmo o leite, que venham e comprem sem dinheiro, porque tampouco há custo, ou seja, o produto é gratuito.

Ele a seguir declara que não há porque gastar dinheiro e esforço procurando aquilo que não satisfaz, quando podem se deliciar com a mais fina refeição (versículo 2). Que ouçam, portanto, o que Ele diz, porque Seu desejo é fazer uma aliança eterna com eles, mostrando a mesma fidelidade que mostrou para com Davi (versículo 3). Essa promessa feita a Davi nos leva a *II Samuel 7.8-16*. Trata-se de um texto bem conhecido, quando Deus promete a Davi a perpetuidade do seu reinado, mas o descendente que Deus tem em mente é o Messias, conforme Paulo o descreve em *Atos 13.34*.

O fato de que Deus o ressuscitou dos mortos, para que nunca entrasse em decomposição, é declarado nestas palavras: 'Eu lhes dou as santas e fiéis bênçãos prometidas a Davi'.

Assim sendo, quando chegamos ao versículo 4, onde Deus fala de alguém que colocou como testemunha aos povos, é exatamente de Jesus que Ele está falando.

Ao início do capítulo era ao Israel de Deus que o Pai estava Se dirigindo. Foi a Israel que Ele fez o primeiro apelo, mas foi o descendente de Davi, o Messias, que Ele suscitou para ser o Mediador das promessas que vieram associadas ao Seu apelo.

Agora no versículo 5, Deus Se volta, novamente, para Israel (na figura de você) e diz que eles têm uma incumbência, qual seja, convocar nações que eles não conhecem, em consequência do que nações, que eles não conhecem, viriam até eles, por causa do Deus deles, o Santo de Israel, devido ao esplendor que o Messias daria a Israel. A intenção de Deus sempre foi que Israel fosse participante de tudo isso.

Por isso mesmo Ele faz um apelo para que eles busquem o Senhor enquanto Ele pode ser achado e para que O invoquem enquanto está perto. A salvação vem através do Messias e a única forma de serem participantes dela é aceitando-O. Esse apelo particular se estende, no versículo 7, ao ímpio e ao homem mau. Este contará com a misericórdia de Deus, bastando que se converta dos seus maus caminhos.

Os versículos 8 a 11 são todos muito conhecidos e falam da onisciência e da onipotência de Deus. Os Seus pensamentos e os Seus caminhos são infinitamente melhores que os

nossos. Assim como a chuva cai na terra e a rega dando crescimento às plantas que nos alimentam, de igual forma a Palavra do Senhor produz vida e não voltará vazia.

Encerrando, nos versículos 12 e 13, Deus volta a se dirigir a Israel, bem como à Igreja, que ao Israel de Deus se juntou, dizendo que, assim procedendo, seremos conduzidos em paz e que toda a natureza se regozijará, passando a produzir plantas úteis. Disso resultará a glória de Deus, que será um sinal eterno no nosso meio.

Isaías 56

Ressalta-se, mais uma vez, que os capítulos 40 a 66 falam, primordialmente, da libertação de Israel do exílio babilônico e retorno a Jerusalém, além da mensagem paralela de salvação em Jesus.

Nos primeiros 9 versículos, a ênfase parece estar na volta de Israel a Jerusalém, vivendo de maneira justa, guardando a lei. Além disso, o profeta estimula o proselitismo, com promessas sendo feitas a não judeus e a eunucos.

No versículo 1, Isaías reproduz palavras do Senhor no sentido de que **“se mantenha a justiça e que se pratique o que é direito”**. Logo a seguir Ele detalha isso dizendo que feliz é aquele que **“observa o sábado para não profaná-lo, e vigia sua mão para não cometer nenhum mal”**.

Obviamente Deus não está falando da legislação judaica que reduzira a guarda do sábado a não realizar trabalho e não andar mais do que 2.000 côvados (aproximadamente 900m). A guarda do sábado aqui retratava o amor a Deus e **“não cometer nenhum mal”** à guarda do restante da lei, que Jesus resumiu a **“amar o próximo como a si mesmo”**.

Os versículos 3 a 7 falam a respeito do convite divino para que estrangeiros e eunucos venham se unir ao Senhor. Sabemos que havia restrições quanto à entrada na assembleia do Senhor de pessoas ligadas a esses grupos (*Deuteronômio 23.1-8*), pelo que vários comentaristas associam este texto à revogação dessas restrições, mas o texto não traz qualquer comentário a esse respeito, pelo que vamos nos restringir apenas àquilo que o texto diz. Devemos ressaltar que a “assembleia do Senhor” em termos específicos, já é de abrangência mal definida, pelo que não faremos comentários sobre aquilo que já não era claro na lei.

O versículo 3 nos diz claramente, que o estrangeiro é bem-vindo e que o eunuco não deve se sentir uma pessoa incapaz por não ter filhos. Os versículos 4 e 5 prometem ao eunuco um memorial, no próprio templo, pelo qual será lembrado e que será melhor do que ter filhos e filhas. Já nos versículos 6 e 7 o próprio Senhor recepciona o estrangeiro que O buscar, aceitando os seus sacrifícios e dando a ele grande alegria no relacionamento com Ele.

No versículo 8, Isaías fala ainda de outros que serão aceitos e estes certamente incluem toda a Igreja de Jesus Cristo. O que Deus sempre quis é que o Seu nome fosse adorado em espírito e em verdade.

O texto até aqui falava de pessoas (de Israel, estrangeiros, eunucos e outros) que tinham em comum o fato de se tornarem tementes ao Senhor. De repente, no versículo 9, o convite é estendido a animais selvagens para que venham comer. A seguir Isaías falará aos líderes do povo que não são tementes ao Senhor. Assim sendo, podemos tentar imaginar de que forma os animais selvagens servem de relação ou com pessoas tementes ao Senhor ou com pessoas que não O temem.

Alguns teólogos pensam nos animais como uma figura de pessoas totalmente estranhas ao Senhor e que também são convidadas (/19/, pág. 2949). Já outros acham que os animais devem ser entendidos literalmente como o castigo dos líderes não tementes a Deus que são mencionados a seguir (/47/, pág. 463). Infelizmente o texto não é claro.

Encerrando o capítulo, Isaías menciona os sentinelas de Israel, por não estarem cumprindo a sua função. Os sentinelas no caso podem incluir os líderes, tanto civis quanto religiosos. Isaías os compara a cães que só querem satisfazer sua fome. Ele diz que são pastores (líderes), que só procuram vantagem própria e que passam o tempo em bebedeiras. O fato de não ser feita a eles qualquer condenação, reforça a posição daqueles que veem os animais do versículo 9 como o seu castigo. É possível, contudo, que o seu castigo seja dado no capítulo 57, a partir do versículo 3.

Isaías 57

Israel vivia ou passaria a viver dias de injustiça quando Isaías escreveu isso. Foram os dias que antecederam o cativeiro babilônio. Os líderes ímpios descritos ao final do capítulo 56 só se interessavam por si mesmos. Pode ser, portanto, que o profeta esteja testemunhando a morte de pessoas justas como consequência dos “desmandos” dos líderes ímpios. Por outro lado Deus não deixa de reinar só porque os líderes são ímpios. Assim sendo, me parece que os primeiros dois versículos atestam o cuidado do Senhor para com os justos em meio a injustiças que sofrem, muitas vezes, tomando-os para Si, evitando, assim, que passem pelo mal. Os ímpios podem até achar que foi bom, mas a verdade é que o Senhor por vezes “abençoa o justo levando-o para casa”.

A partir do versículo 3 Isaías passa a repreender os israelitas idólatras, que ele identifica como sendo filhos de adinhas e de prostitutas espirituais. Ele os identifica como zombadores, rebeldes e mentirosos no versículo 4 e os acusa de oferecerem sacrifícios a ídolos debaixo de árvores e sacrificarem os próprios filhos no versículo 5. Assim Deus pergunta se acham que Ele vai ficar contente com isso, por fazerem suas ofertas a ídolos?

No versículo 8 os idólatras em apreço aparentemente são acusados de terem tornado os seus sacrifícios em atos de orgia. Nos versículos 9 e 10 somos informados que esses

israelitas sacrificavam também ao deus Moloque dos amonitas, que era conhecido por exigir o sacrifício de crianças. Eles iam até lá em longas viagens, nas quais se cansavam, mas nem assim reconheciam o quanto isso era em vão.

Nos versículos 11 e 12 Isaías questiona Israel a respeito do medo que fez com que se voltassem para a idolatria. Será que não perceberam o quanto foram injustos para com o Senhor? Será que o Senhor deveria tê-los castigado antes? Ele promete que vai expor a falta de retidão e de justiça deles, pelo que vai ficar claro quem eles realmente são. Quando chegar o dia da aflição e clamarem por socorro, Deus sugere que a busquem junto a seus ídolos. Obviamente não a encontrarão, mas o homem que buscar nEle o seu refúgio, esse possuirá o Seu Santo Monte.

Sabemos que pouco depois, por causa de sua rebeldia, toda a nação de Judá foi morta ou levada em cativeiro para a Babilônia, onde permaneceu, na condição de exilada, por 70 anos. O versículo 14 narra, então, o preparo de sua volta. Deve ser preparado o caminho e removidos do mesmo todos os obstáculos.

Quem declara isso no versículo 15 é o Alto e Sublime Senhor, que mora num lugar alto e santo, mas também junto ao contrito e humilde de espírito, a quem ele dá um novo alento. Na Sua ira Deus os levava para Babilônia, mas Ele sabe que não pode ficar irado com os homens para sempre, senão nós, os homens, desanimaríamos diante dEle (versículo 16).

No versículo 17 Deus confirma que ficara irado com Israel devido à sua cobiça e soberba e que por isso mesmo os castigara. Ele escondeu deles o Seu resto e enquanto assim procedia, eles continuaram a viver na sua abominação. Agora, contudo, passado o castigo (versículo 18), Ele quer dar a eles nova oportunidade, curando-os e consolando-os. Havendo louvor nos lábios dos pranteadores de Israel, Ele promete dar paz aos de longe e paz aos de perto (versículo 19).

Infelizmente, contudo, isso não se aplica aos ímpios, pois estes são como o mar agitado que gera águas turvas o tempo todo. Para estes não há paz.

Isaías 58

Este capítulo é claramente a continuidade do anterior, que terminou com Deus dizendo que daria nova oportunidade de arrependimento ao Seu povo, por ocasião da saída da Babilônia. Ele começa com Deus pedindo a Isaías que clame bem alto, deixando claro que o povo se rebelara contra Deus e que precisava reconhecer os seus pecados.

No versículo 2, o Senhor declara que a religião deles é toda de aparência, o que imediatamente nos faz pensar o que Deus tem para dizer da nossa. Eles O procuram no dia a dia, parecem desejosos de conhecer os Seus caminhos e tudo indica que são um povo que guarda os Seus mandamentos. Eles ainda oram a Ele perguntando porque eles jejuam e Ele não responde, porque se humilham e Ele nem repara. A resposta de

Deus fala a respeito do jejum sem sentido praticado por eles. Eles jejuam apenas deixando de comer, mas passam o resto do seu tempo cuidando de suas próprias atividades e não dedicado a Ele. Além disso, não raramente, brigando entre si.

Nos versículos 5 a 7 Deus questiona esse tipo de jejum e apresenta, num texto bem conhecido, o que Ele realmente espera do jejum, ou seja, que vivamos vidas justas, que saibamos perdoar aos nossos devedores, que coloquemos em liberdade as pessoas que oprimimos e que não alimentemos nenhum outro tipo de jugo. Além disso, que saibamos ajudar os necessitados, abrigar os desamparados e vestir aqueles a quem falta vestimenta. Resumindo, que nossas vidas reflitam horizontalmente a relação vertical que estamos buscando no jejum. Esse será um jejum que agradará a Deus. Os versículos 8 a 11 nos informam como será a resposta de Deus às nossas preces se assim procedermos.

Encerrando este capítulo, Deus fala que o povo de Israel, se assim proceder, reconstruirá a cidade de Jerusalém, suas casas e seus muros. Se além disso observarem o sábado e honrarem o Senhor do mesmo, então o Senhor será a sua alegria, fazendo com que eles realmente vivam a Seu serviço.

Isaías 59

Isaías profetizou desde a morte do rei Uzias até o final do reinado de Ezequias, por volta do ano 690a.C.. Aparentemente ele está profetizando para o declínio moral em Israel, que ocorreu tanto no reinado de Manassés (filho de Ezequias), como depois do reinado de Josias, nas duas décadas que antecederam o exílio babilônico.

Isaías está falando que o problema de Judá não é Deus, ou seja, não se trata da Sua incapacidade de ouvir o clamor do povo por livramento ou de salvá-lo dos babilônios que brevemente vêm aí para levá-lo em cativeiro. O problema é a maldade do povo de Israel que o separa de Deus. São os pecados dos israelitas que fazem com que Ele esconda o Seu rosto e não os ouça.

Nos versículos 3 e 4 ele detalha o comportamento dos israelitas: eles são homicidas, mentirosos e ímpios. Seus casos na justiça são inventados e os juízes julgam com parcialidade.

Nos versículos 5 a 8 ele continua falando de sua impiedade, começando com duas figuras. Na primeira diz que sua impiedade é semelhante a “chocar ovos de víboras”. Se dão para alguém comer, aquela pessoa morre. Se alguma pessoa os pisa, de dentro da casca sai uma cobra para picá-la. Na segunda é como se tecessem teias de aranha, que não servem nem para vestir nem para cobrir alguém. Sua impiedade não beneficia ninguém. Assim sendo, estão sempre prontos a matar. Tudo que concebem é ruína e destruição. Por não haver justiça em seus caminhos, nem eles têm paz, nem a tem quem com eles se envolve.

Os versículos 9 a 15a não são mais Isaías falando pelo Senhor a Israel. O que vemos agora é Isaías falando como representativo do povo, dirigindo-se ao Senhor para reconhecer e confessar os pecados da nação.

Ele declara que não há justiça em Judá, pois tudo que o povo faz são trevas. Eles andam como cegos que tropeçam ao meio-dia como se fosse noite. Embora lutem urrando como ursos e gemendo como pombas, sua procura por justiça não a encontra. A seguir Isaías confessa as muitas transgressões do povo contra o Senhor, contra Quem se rebelam e a Quem traem proferindo mentiras que seus corações conceberam. Desta forma a justiça é afastada, a retidão fica distante, a verdade é omitida e a honestidade não encontra espaço. Os poucos que tentam evitar o mal são vítima dos ímpios que tentam tocar as coisas para a frente.

Foi exatamente esse o motivo que levou o Senhor a Se indignar com a falta de justiça. Isso O levou a procurar alguém que pudesse interceder por Israel, mas não encontrou ninguém, pelo que sobrou a Ele a alternativa dEle mesmo trazer livramento com o apoio da justiça. Em termos práticos, Ele Se veste como quem vai à luta. Ele usa a couraça da justiça, o capacete da salvação, Se vestiu de vingança e Se envolveu no zelo como uma capa. Fica claro aqui onde Paulo se inspirou para escrever sobre a armadura de Deus em Efésios 6.

No versículo 18 ficamos sabendo que Deus retribuirá com o devido castigo àqueles que o merecem. Como já fora estabelecido, os pecados de Judá seriam castigados e sabemos que isso se deu cerca de 85 anos mais tarde, com Judá sendo levado para o cativeiro babilônico. Ali seus servos seriam depurados e temeriam o nome do Senhor desde o poente e desde o nascente a Sua glória. A Sua intenção era trazê-los ao arrependimento dos seus pecados para que pudessem voltar a servi-IO.

Embora nenhuma citação tenha sido feita até aqui, estamos entendendo que tudo diz respeito ao arrependimento de Judá, dos pecados cometidos antes do cativeiro babilônico. O versículo 20 está compatível com a libertação do povo por Ciro, com o Senhor trazendo-os de volta a Sião, mas a aliança na qual o Espírito de Deus é dado aos servos do Senhor (versículo 21) não se encaixa nessa época.

Vemos, mais uma vez, que o pico profético que Isaías estava narrando parece ter cruzado outro bem mais adiante e Isaías passou a falar da época de Jesus, quando o Espírito Santo é concedido juntamente com o novo nascimento.

Isaías 60

Temos aqui uma profecia de Isaías relativa a Jerusalém, representativa do “povo de Deus”, falando de sua glória futura. Como em toda essa seção do livro (capítulos 40 a 66), há uma dupla visão, com a primeira vendo a restauração da cidade, com o povo voltando da Babilônia e a outra contemplando a Nova Jerusalém, onde a luz do próprio

Deus faz com que haja dia perene. Obviamente a descrição só é completa para a segunda visão, mas é uma alegoria da restauração de Sião após o retorno do povo.

Nos primeiros 3 versículos Isaías visualiza Judá no cativeiro babilônico, que só começaria 85 anos no futuro, já prestes a retornar para Israel, mais de um século e meio no futuro, e anuncia a chegada da luz do Senhor brilhando sobre ela, iniciando o seu reerguimento. Embora haja trevas em toda a Terra, chama a atenção de todas as nações o que está se passando em Jerusalém.

Isaías pede a Jerusalém que olhe ao redor, nos versículos 4 e 5, e que veja a chegada de seus filhos e filhas, sendo trazidos por aqueles que outrora os retinham, e que se alegre, também, com as riquezas que estão trazendo juntamente por via marítima. Enquanto esperamos nada menos que isso após a derrota do Anticristo, trata-se de uma linguagem muito figurada para o que aconteceu após o retorno dos judeus da Babilônia.

Enquanto o versículo 5 falava de riquezas trazidas por via marítima, os versículos 6 e 7 nos falam daquelas trazidas por tribos árabes e pelos descendentes de Ismael. Estes trarão camelos e carneiros, cujas ofertas sobre o altar do templo serão aceitas. Novamente só esperamos a conversão dos países árabes após a derrota do Anticristo.

O versículo 8 é curioso, pois vê a chegada de filhos e filhas, bem como os presentes das nações por via aérea. Para nós seria a forma preferencial de transporte, mas para Isaías ficou apenas a pergunta: que é isso? Já no versículo 9 ele vê filhos e presentes chegando pelo Mediterrâneo.

O versículo 10 começa dizendo que estrangeiros reconstruirão os seus muros, uma coisa que sabemos que não ocorreu na narração de Neemias. Segue, portanto que esse versículo não se refere ao retorno da Babilônia e, sim, à reconstrução após a batalha de Armagedom. Nesta ocasião, apesar de todas as dificuldades escatológicas da Bíblia, é provável que a Igreja tenha sido arrebatada e que Israel ainda reconstrua o seu templo (*Ezequiel 40-48*) em carne e osso. Assim sendo, estarão vivendo o milênio e Davi (ou seu descendente legal) viverão um tempo de paz, pelo que as portas podem ficar abertas, visto que todas as nações serão pró Israel. A batalha final depois que Satanás for solto será a ocasião em que as outras nações serão destruídas. Para maiores dados sobre o Apocalipse e a escatologia bíblica, recomendo a leitura de /53/.

A glória do Líbano virá a Jerusalém na medida em que sua madeira é usada na reconstrução do templo. Neste novo templo cultuarão, também, os filhos dos ex-inimigos de Israel, que se referirão a Jerusalém como a Cidade do Senhor, que se tornará o orgulho de todas as nações. Jerusalém reconhecerá, então, que o Senhor é seu Redentor, seu Salvador, o Poderoso de Jacó (versículos 13 a 16).

Os versículos 17 e 18 falam de um período de prosperidade e de paz em Jerusalém, enquanto os versículos 19 e 20 nos remetem diretamente para o texto apocalíptico que narra não mais serem necessários o sol e a lua, pois o Cordeiro e o Senhor Deus serão

a fonte de toda a iluminação necessária (*Apocalipse 21.23 e 22.5*). Toda a tristeza terá fim e nos lembramos novamente do Senhor enxugando toda a lágrima (*Apocalipse 21.4*).

Todo o povo de Deus sendo justo e possuindo a Terra para sempre (versículo 21) é algo que só vamos ver no futuro escatológico, quando todos manifestaremos a glória do Senhor. O Senhor certamente fará isso na hora certa (versículo 22).

Isaías 61

Creemos que a Bíblia é de inspiração divina, o que significa aqui, que Isaías escrevia aquilo que o Senhor colocava em seu coração. A pergunta que me faço aqui é se Isaías estava falando, pensando em si mesmo, ou se já sabia que era ao Servo Sofredor que Deus Se referia? Independente disso, sabemos que Jesus usou a resposta expressa nos versículos 1 e 2 para definir a Sua missão terrena.

De certa maneira, Isaías cumpriu isso para com os judeus exilados na Babilônia, mas só Jesus o fez de maneira totalmente abrangente. Só Ele anuncia boas novas aos pobres, cuida dos que têm coração quebrantado e liberta do pecado aqueles que foram feitos cativos por ele.

Todos os que aceitam as boas novas de Jesus Cristo têm o seu pranto removido e substituído por óleo de alegria, que vem acompanhado de uma coroa de celebração com um manto de louvor que elimina o espírito de depressão. O resultado é que essas pessoas se tornam firmes na justiça e manifestam a glória de Deus (versículo 3).

No versículo 4 a primeira coisa que nos vem à mente é a reconstrução de Jerusalém e cidades em volta destruídas por Nabucodonosor. Quando lemos os versículos 5 e 6, contudo, mesmo aplicando o texto ao povo de Israel, vemos que se adapta melhor à interpretação escatológica. Eles haviam rejeitado Jesus de geração em geração, mas agora suas vidas seriam reconstruídas pelo Evangelho de Cristo. O trabalho aplicado dos judeus passará a ser realizado por pessoas estrangeiras, enquanto os judeus mesmos serão reconhecidos como sacerdotes do Senhor, ou ministros de Deus.

Não há dúvida de que os judeus são um povo muito perseguido, envergonhado e humilhado, mas na realização escatológica serão recompensados, recebendo uma herança que lhes dará alegria eterna. Deus será fiel para com eles e lhes dará a justiça que ama. Fará com eles uma aliança eterna (*Jeremias 31.31-34*). Ao invés de odiados, como o são hoje, serão conhecidos por serem um povo abençoado por Deus.

Difícilmente Isaías poderia dizer algo assim reverendo-se a si mesmo. Por outro lado, o Pai revestiu Jesus de um manto de Salvação e justiça. É graças a Ele que Deus Pai faz nascer a justiça e o louvor de todas as nações (versículo 11).

Isaías 62

O último versículo do capítulo anterior termina dizendo que “o Senhor fará nascer a justiça perante todas as nações”. Agora Isaías escreve que “eu não sossegarei e não descansarei enquanto a sua (de Sião) justiça não resplandecer”. “Eu” tanto pode ser o profeta Isaías no seu próprio zelo, como pode ser o Messias. Os teólogos parecem se dividir a respeito.

As nações verão sua justiça e todos os reis a sua glória, pelo que Deus lhe dará um novo nome (versículo 2). Esse novo nome está associado à má fama que ganhou quando Deus a abandonou e mandou para o exílio, mas agora Sião se tornaria uma coroa de honra na mão do Senhor (versículo 3). Assim sendo, ninguém a chamará mais de abandonada nem a sua terra de desamparada. Ao invés disso, ela será chamada de Hefzibá (Meu deleite está nela) e a sua terra Beulá (desposada). No versículo 5, Isaías diz que seus filhos se casarão com Sião, ou seja, a amarão e se comprometerão com ela e que seu Deus Se regozijará por ela.

No versículo 6 o sujeito da frase é novamente eu, mas fica difícil de imaginar Isaías colocando sentinelas nos muros de Jerusalém; portanto, parece que Sião está mais associada aos servos de Deus do período apocalíptico e o Messias deve ser aquele que está Se empenhando por ela. Em *Isaías 60.18* foi dito que “**seus (de Sião) muros você chamará salvação, e as suas portas, louvor**”; assim sendo, parece que esses servos estarão empenhados em zelar pela divulgação da salvação do Senhor, até que seja estabelecida a Jerusalém do milênio, que será o louvor da Terra (versículo 7).

Os versículos 8 e 9 estão associados ao fato de Deus ter prometido que Sião não seria mais abandonada, de modo que o alimento produzido pelo trabalho de seus filhos nunca mais seria dado a terceiros.

Os versículos 10 a 12 parecem falar da volta do exílio, desde a saída das portas de Babilônia, passando pelo caminho de volta, que requer cuidados até a chegada. Este povo que chega é chamado de povo santo e redimidos do Senhor, ao passo que Sião passa a ser cidade não abandonada. Essa descrição parece se adequar tanto aos dias de Isaías como aos tempos apocalípticos.

Isaías 63

Isaías começa essa profecia perguntando quem é o personagem que ele vê vindo de Edom e de Bozra com as roupas sujas de sangue. A resposta diz apenas Sou eu, que falo com retidão, poderoso para salvar. Obviamente apenas o Senhor é poderoso para salvar; portanto, não temos dúvida quanto à resposta, mas certamente a temos quanto à pergunta, que enseja pelo menos duas outras perguntas. Por que Ele vem de Edom e de Bozra? Por que Ele está sujo de sangue?

Bozra é uma cidade de Edom e os edomitas, descendentes de Esaú, são tradicionais inimigos de Israel, que podem estar sendo citados aqui individualmente por serem os piores de todos, mas isso seria um exagero. Mais razoável é a opinião de alguns teólogos de que Edom significa vermelho e Bozra uma palavra quase idêntica a uva. Assim sendo, estaria sendo comentado aqui o dia da vingança, ou seja, do juízo de Deus. Efetivamente ao lermos o resto deste texto vemos que está sendo feito um paralelo entre o dia da vingança para os ímpios e o dia da salvação para os justos.

Os versículos 3 e 4 parecem nos dizer isso mesmo. O Senhor fala que pisou sozinho as uvas no lagar e que manchara Suas vestes, porque era o Dia da Vingança que Ele desejava e que este havia chegado junto com o Dia da Redenção. Essa informação é repetida nos versículos 5 e 6, onde o Senhor fala, de forma irônica, que Ele lutara sozinho contra todas as nações inimigas e que as havia vencido, fazendo-as beber o sangue de Sua ira.

Essa introdução sobre o Dia da Vingança nos dá a falsa impressão de que esse é o assunto do texto, mas, na realidade, Isaías vai reconhecer nos versículos 7 a 9 que Israel não foi objeto dessa vingança e, sim, de sua grande redenção. Primeiro ele fala da grande bondade do Senhor para com Israel, pelo fato de ser a nação do Seu povo. Ele Se tornou o seu Salvador por serem “filhos que não O iriam trair”. Isaías diz que Deus sofreu juntamente com o povo sem que este fosse afligido, pelo que os resgatou e conduziu. Infelizmente, contudo, eles O traíram assim mesmo. Revoltaram-se, entristeceram seu Espírito Santo e fizeram com que Se voltasse contra eles.

Agora no versículo 11 é que Isaías começa a introduzir o verdadeiro assunto dele: trata-se de uma oração intercessória para que Deus os perdoe e volte a tratá-los como antes. No versículo 10 Isaías confessa o pecado deles e agora nos versículos 11 a 14 se lembra de como foi bom nos dias de Moisés. Pena que não esteja mais entre eles aquele que os guiou na passagem do Mar Vermelho. Ali eles viram o Espírito Santo atuando e Deus agindo através dele. Deus lhes deu descanso e guiou o Seu povo, fazendo para Si mesmo um nome glorioso.

Nos versículos 15 a 19 Isaías faz, então, a sua intercessão, mas confesso que me parece a intercessão mais injusta que vi em toda a Bíblia. Ele culpa Deus Pai por fazer com que Israel ande longe de Seus caminhos. É Ele, o Senhor, que endurece o coração deles para que não mais O temam. Ele, então, apresenta seu pedido: “que Deus volte, por amor de Seus servos, por amor das tribos que são a Sua herança”.

Durante algum tempo, diz Isaías, o Senhor esteve no templo entre eles, mas os inimigos destruíram a Sua habitação. Ele lembra, então, que eles são dEle desde a antiguidade.

Fica claro que essa oração não pode ficar como está!

Isaías 64

Talvez o próprio Isaías tenha percebido que sua oração não estava muito adequada; portanto, ele continua aqui, passando a utilizar um tom mais consistente com o arrependimento exigido por Deus. Mesmo assim, ele começa insistindo num ponto, onde devemos reconhecer que ele tinha toda a razão.

O povo de Israel não conhecia mais a Deus, pelo que, na sua súplica, ele pede que Deus rompa os céus e desça, fazendo tremer todos os montes. Isso faria com que todos os Seus inimigos O conhecessem e as nações tremessem diante dEle, mas também serviria para que o povo de Judá visse que todas as coisas tremendas, das quais tinham ouvido falar, eram verdadeiras (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 7 ele realmente mostra a sua mudança de tom, com a correspondente confissão de pecados. Ele reconhece que nunca houve um Deus como Ele, que trabalha pelos Seus súditos. Ele é um Deus que ajuda sempre aqueles que Lhe são fiéis.

Por outro lado, Judá não foi e continuava não sendo fiel, pelo que Ele Se havia irado devido a seus pecados. Como poderia Ele, então, salvá-los. Eles eram todos um bando de ímpios, cujos atos são todos imundos.

O resultado disso é que não há entre eles ninguém que clame ao Senhor ou que O procure. Assim sendo, Ele tem toda a razão ao esconder deles o Seu rosto, permitindo que pereçam em seus pecados!

Agora que Isaías colocou as coisas em sua perspectiva correta, ele, então, apresenta os seus argumentos suplicando a misericórdia do Senhor. Ele começa lembrando a Deus que eles são um povo gerado por Ele. Ele é Pai! Eles são barro e Ele o oleiro. Assim sendo, Isaías pede que Ele amaine um pouco a Sua ira e esqueça por um pouco de suas maldades e se lembre que eles são Seu povo.

Nos versículos 10 e 11 ele reconhece, ainda, que Jerusalém e Sião haviam se transformado em desolação. Além disso, o próprio templo onde eles louvavam o Senhor tinha virado ruínas devido a seus pecados.

Assim ele encerra a sua oração com o único pedido que cabe para a situação deles: misericórdia!

Isaías 65

Acabamos de passar por dois capítulos ao longo dos quais Isaías suplicava pelo povo de Judá, pedindo que Deus tivesse misericórdia em relação à sua impiedade. Nada mais justo, portanto, do que esperar uma resposta dEle.

Os versículos 1 e 2 foram citados por Paulo em *Romanos 10.20-21*, respectivamente, aplicados o primeiro aos gentios e o segundo aos filhos de Israel. Dentro do espírito da solicitação feita por Isaías, essa referência inesperada aos gentios se justifica, como vemos a seguir.

Isaías reconheceu que o povo de Judá estava vivendo em rebeldia e que não ouvia seus apelos por arrependimento porque não conhecia mais o Senhor. Ele pedia, então, que Deus tivesse misericórdia desse povo e que Se manifestasse a ele para que O reconhecesse.

Deus começa, então, dizendo que Ele Se fizera acessível a uma nação que não perguntava por Ele. Mesmo assim, Ele foi achado por eles e iniciara com eles um relacionamento. Por outro lado, havia os filhos de Judá, que Ele procurara incessantemente, mas que na sua obstinação se tornaram idólatras. Como se isso não bastasse, viviam nos túmulos consultando os mortos, comiam carne de porco, colocavam outras carnes impuras em suas sopas e ainda O mandavam afastar-Se, devido à Sua santidade. Essa gente O irrita, disse Deus!

Nos versículos 6 e 7, Deus responde a esse assinte, dizendo que já está definido que haverá total retribuição pelos seus pecados, pois Ele fora desafiado por eles queimando incenso a outros deuses.

Essa seria, contudo, uma resposta muito dura para a intercessão de Isaías, pelo que Deus deixa claro nos versículos 8 a 10 que não os destruiria totalmente, mas que dentre eles havia os “Seus escolhidos” que herdariam as montanhas de Israel (versículo 9).

Não há aqui um esclarecimento explícito quanto a quem seriam os Seus escolhidos, mas fica implícito pelo fato dos não escolhidos serem os idólatras. Assim sendo, os Seus escolhidos são aqueles que veem no castigo um motivo para arrependimento de seus pecados, voltando-se para Deus, buscando-O de todo coração.

Assim sendo, a resposta de Deus a Isaías é exatamente a mesma que o pai Abraão deu ao rico na parábola do rico e do Lázaro, contada por Jesus, quando este pediu para mandar Lázaro de volta para evangelizar seus irmãos. Não adiantaria uma manifestação sobrenatural para aqueles que desejam permanecer no pecado. Eles têm Moisés e os profetas. Estes que abandonaram o Senhor e que preferiram adorar a deusa Sorte e o deus Destino já estavam destinados à degola (versículos 11 e 12).

Nos versículos 13 a 15 o Soberano, o Senhor, fala da diferença de tratamento que dará a Seus servos e aos idólatras. Para os primeiros vida em abundância, enquanto aos segundos está destinada a morte.

Até este ponto, talvez com a exceção do primeiro versículo, poderíamos pensar que essa profecia diz respeito ao pedido de Isaías, feito antes do cativo babilônico, e que Deus usaria o cativo para separar o seu povo que retornaria daqueles que optaram por permanecer na idolatria.

Nos versículos 16 a 25, contudo, as palavras de Isaías dizem respeito ao período apocalíptico com a descrição da vida no milênio.

Isaías 66

Este capítulo, que encerra as profecias de Isaías, começa falando do tipo de culto que estava sendo oferecido ao Senhor. Em primeiro lugar Deus Se declara o Senhor do céu e da terra, de modo que não é o esplendor do templo que construímos para Ele que vai fazer alguma diferença para o nosso culto e, sim, o fervor e a sinceridade dos nossos corações. Exatamente por isso é que Ele estima o humilde e o contrito de espírito, que treme diante de Sua palavra (versículos 1 e 2).

No versículo 3 o profeta denuncia a hipocrisia de 4 pessoas distintas. O primeiro vai ao templo para sacrificar um boi ao Senhor, mas logo a seguir ele comete um assassinato. O segundo oferece um carneiro, mas saindo dali vai participar de um culto idólatra, onde a oferenda é um cachorro. O terceiro faz uma oferta de cereais, mas logo a seguir oferece sangue de porco, também num culto idólatra. Finalmente o quarto oferece um incenso memorial, mas logo a seguir sai para adoração de um ídolo. Seus cultos são hipócritas e seus atos detestáveis. Esse tipo de hipocrisia será objeto de um duro tratamento, onde receberão aquilo que temem (versículo 4).

No versículo 5 o profeta menciona a injustiça praticada contra servos fiéis, tementes ao Senhor, por líderes ímpios que os expulsam do convívio do templo. Também essa hipocrisia será punida e eles passarão vergonha.

Nos versículos 6 a 16 o profeta começa ouvindo um som vindo do templo onde o Senhor está exercendo juízo contra os Seus inimigos. A única forma de ter alguma continuidade de raciocínio aqui é ligando esses inimigos aos judeus ímpios dos versículos 3 a 5. Desta forma a reorganização do culto, com a chegada de novos fiéis nos versículos a partir de 7, permite dar continuidade para trás e para frente.

O nascimento dos filhos de Sião antes do trabalho de parto (versículo 7), uma nação nascendo num único dia (versículo 8) e Deus organizando tudo (versículo 9) falam a respeito da providência divina para que Jerusalém possa se alegrar por estar cheia de filhos fiéis que a amam e que por ela prantearam (versículo 10).

Os versículos 11 a 13 falam de tempos de prosperidade que darão regozijo aos novos fiéis, que passarão a viver paz como um rio e que serão grandemente consolados depois dos tempos difíceis que tiveram. Nos versículos 14 a 16 eles se regozijarão por ver o Senhor lutando as suas lutas, lidando com seus adversários.

No versículo 17 Isaías, mais uma vez expressa uma nota de condenação para os judeus ímpios, que não se arrependeram. O texto diz claramente que perecerão.

O versículo 18 nos mostra o momento em que o Senhor se volta para as outras nações para que também elas possam ver a Sua glória. No versículo 19 Isaías fala de como serão enviados “missionários” a várias nações, que passarão a oferecer sacrifícios ao Senhor como o fazem os israelitas. Destas nações virão novos fiéis dentre os quais alguns também serão escolhidos para serem sacerdotes e levitas (versículo 21).

Até este ponto não havíamos nos preocupado em saber se a Jerusalém era a terrestre ou a celestial. Os sacerdotes e levitas do versículo 21 nos fazem pensar nos dias de Isaías, mas o versículo 22, falando de novos céus e nova Terra, parecem nos projetar, mais uma vez, no futuro apocalíptico.

O versículo 23 nos dá uma ideia de um louvor perene, mas o 24 faz um paralelo a respeito do castigo eterno dos infiéis.

Semana 73 - As Mensagens de Joel, Amós, Obadias e Jonas

Texto: Joel 1 a 3, Amós 1 a 9, Obadias 1 e Jonas 1 a 4

Estação 36

Joel 1

Embora não haja evidências contundentes com relação à data em que o profeta Joel testemunhou em Jerusalém, boa parte dos teólogos prefere considerar que isso se deu ao final do reinado de Joás (/54/, pág. 707). Admite-se que Joel tenha sido um dos profetas citados em *II Crônicas 24.19*, que Deus enviou no afã de reconduzir o rei a Si. A nação vivera um período de avivamento, com a tutela do sacerdote Jeoiada sobre o rei, mas, uma vez morto o tutor (Jeoiada morreu em farta velhice, aos 130 anos - *II Crônicas 24.15*), o rei deixou de servir ao Senhor, pelo que "...veio grande ira sobre Judá e Jerusalém..." (*II Crônicas 24.18*).

Independente, todavia, de estar certa ou não a data e a ocasião supostas acima, as profecias de Joel são claras o suficiente para que possamos entender do que ele está falando.

Joel fala, inicialmente, de uma súbita desolação na terra de Judá, causada por pragas subsequentes de quatro tipos de gafanhotos devorando, literalmente, toda a lavoura do país (*Joel 1.4*). Ele fala aos ébrios, não para que deixem a sua bebedeira, mas que lamentem porque o seu vinho vai deixar de ser fabricado por falta de vinhas (*Joel 1.5*). Já o versículo 6 compara a organização dos gafanhotos a um exército estrangeiro marchando contra Judá e arrasando todas as videiras, as figueiras e outras plantas.

É interessante ressaltar que vários teólogos acham, com base nesse versículo 6, exatamente o contrário, ou seja, que os gafanhotos são, na realidade, um exército de algum país, que teria derrotado Judá (/54/, pág. 708). Eu acho, contudo, que isso fere a lógica do que está sendo dito a respeito da eficiência dos dentes dos invasores.

Devem chorar como uma noiva que perdeu o noivo antes de casar. Como sacerdotes que não oferecerão mais as ofertas de cereais, já que estes não mais existem (versículos 8 e 9). Os versículos 10 a 13 repetem exatamente o mesmo lamento.

O versículo 14 conclama todo o povo de Judá a fazer um jejum e a levantar um clamor ao Senhor, pedindo que Ele tenha misericórdia. O versículo 15, fala do "Dia do Senhor" como uma intervenção direta do Todo-Poderoso nos destinos de Judá. O restante do capítulo 1 fala somente da terra, agora desprovida de alimentos, e a consequência disso tanto para homens como para os animais.

Joel 2

A seguir o profeta volta a se concentrar na visão profética do exército invasor, que o atalaia deve anunciar com o toque de sua trombeta, pois se trata de algo tenebroso que lembra a chegada do Dia do Senhor. Mais uma vez os gafanhotos são comparados a um grande e tenebroso exército que não se verá igual nas gerações futuras (versículos 1 e 2). À frente deles tudo é verde, mas a sua passagem deixa tudo desértico (versículo 3).

Os versículos 4 a 10 os descrevem pela forma organizada como procedem: marcham todos em linha, sem desviar-se do seu curso. Não desfazem a sua formação enquanto atacam. Os céus se escurecem enquanto o sol e a lua param de brilhar.

No versículo 11 somos informados que o Senhor levanta a sua voz à frente desse seu exército, mas Suas palavras são, na realidade, um convite para que Seu povo se volte para Ele de todo o coração com jejum, lamento e pranto. Que se arrependam porque Ele é misericordioso e compassivo, muito paciente e cheio de amor. Talvez assim não envie a desgraça.

Nos versículos 14 a 17 o profeta faz uma conclamação para que o povo se reúna e busque o Senhor, juntamente com os sacerdotes e que chorem diante dEle para que Ele poupe o Seu povo.

Embora o texto não o diga, fica implícito que o povo de Sião acatou a conclamação de Joel, arrependendo-se diante de Deus e pedindo que os poupe. Como resultado disso, o versículo 18 nos mostra o Senhor informando, através de Joel, que Ele, no Seu zelo, mostraria piedade do Seu povo.

Os versículos 19 a 27 nos trazem uma resposta detalhada pelo Senhor, na qual Ele Se compromete a enviar alimentos e a remover os gafanhotos (versículo 20) levando-os para bem longe. Ele mostraria piedade dos animais e faria com que brotassem também todas as árvores frutíferas. Ele também voltaria a dar as chuvas nos momentos propícios. Ele os compensaria pelas perdas nas colheitas devido aos gafanhotos e todos comeriam a contento. Além disso, todos saberiam que Ele é o Senhor.

A última promessa reservada para "depois" encerra um dos textos mais conhecidos do Velho Testamento e que diz respeito ao derramamento do Espírito Santo (*versículos 28-32*).

O cumprimento dessa profecia é citada por Pedro em seu discurso do dia de Pentecostes em *Atos 2.17-21*. Embora ele tenha citado todo o texto dos versículos 28 a 32a, entendemos que apenas os versículos 28 e 29 se cumpriram naquele dia e que os demais estão associados ao "Dia do Senhor", no sentido da volta do Senhor Jesus Cristo.

Joel 3

No final do capítulo passado Joel falava da chegada do “grande e terrível Dia do Senhor” e aqui ele continua a falar a respeito do mesmo tempo. Trata-se de um tempo no qual o Senhor promete restaurar a sorte de Judá e de Jerusalém. Poderíamos pensar aqui na volta do povo de Babilônia, mas podemos pensar, igualmente, na restauração de Israel na volta de Jesus.

O versículo 2 anuncia um juízo para as nações vizinhas, tendo em vista o desrespeito que tiveram em relação a Israel (versículos 3 a 8). Este é aplicável tanto ao período que antecede o milênio como ao período logo após o início do exílio de Judá. Vemos, portanto, que temos, mais uma vez, uma profecia com dupla aplicação.

No versículo 3 Joel nos informa que as crianças judias foram vendidas em troca de prazeres, quais sejam a prostituição e a bebedeira. No versículo 4, Joel menciona nominalmente o povo das cidades de Tiro e Sidon, bem como os filisteus, como sendo culpados de terem roubado ouro e prata, bem como de venderem judeus como escravos (versículos 5 e 6). Em função disso, o Senhor promete fazer com eles e seus filhos exatamente o mesmo (versículos 7 e 8).

Nos versículos 9 a 13 Joel convoca as nações para que preparem suas armas e seus exércitos e que venham lutar contra o Senhor. São chamados para **comparecerem** no vale de Josafá, que no versículo 14 passa a ser chamado de vale da Decisão.

No versículo 15, o profeta volta a falar claramente da volta do Senhor Jesus e a partir do versículo 16 até o final do capítulo ele fala da restauração de Israel. A única exceção é o versículo 19, onde Egito e Edom são somadas às nações que derramaram sangue judeu inocente.

Amós 1

Amós é identificado no primeiro versículo como sendo originário da cidade de Tecoá, em Judá (20km ao sul de Belém), e que fora comissionado por Deus para pronunciar as revelações que recebera de Jeová. As profecias em apreço enfocavam, basicamente, o desrespeito aos estatutos de Deus. Seu ministério começou dois anos antes de um terremoto, ocorrência que se deu nos dias de Uzias e que foi registrado tanto por Amós como por Zacarias (*Zacarias 14.5*). É interessante salientar que Amós o via como parte da punição do Senhor pelo descumprimento de Suas leis (ver *Amós 8.8* e *9.1-6*).

O versículo 2 fala sobre palavras do Senhor, vindas de Sua morada em Jerusalém, e que previam uma seca punitiva que atingiria o Reino do Norte (caracterizado pelo Monte Carmelo, onde Elias enfrentara os profetas de Baal).

A partir do versículo 3, Amós começa pronunciando a vingança do Senhor contra vários locais vizinhos de Israel, que soam agradáveis aos ouvidos dos moradores de Samaria, na medida em que pronunciava, primeiramente, o juízo de Deus contra os seus inimigos.

Assim é que ele falou da destruição dos sírios, que não raramente atacavam a região de Gileade (onde ficavam as tribos de Rubem, Gade e a meia tribo de Manassés), ressaltando as derrotas que seriam aplicadas aos reis Hazael e seu filho Ben-Hadade (*Amós 1.3-5*).

Nos versículos 6 a 8, a profecia de Amós se vira contra os filisteus, que haviam escravizado e vendido habitantes de várias cidades de Israel, vendendo-os como escravos para os edomitas. Como castigo, Deus promete destruir Gaza, Asdode, Ascalom e Ecom.

Os versículos 9 e 10 contêm uma profecia contra os fenícios de Tiro, exatamente pelo mesmo motivo, qual seja escravizar e vender seus vizinhos para os edomitas. Devido a isso Tiro seria queimada.

Obviamente Edom, que comprou e escravizou seus irmãos, não poderia escapar da ira divina. Assim, Deus prometeu arrasar, também pelo fogo, as cidades de Temã e de Bozra (versículos 11 e 12).

Os versículos 13 a 15 contêm uma profecia similar contra os amonitas, por terem invadido e tomado posse das terras de Gileade, matando até mulheres grávidas. Rabá seria destruída e seus líderes seriam exilados.

Amós 2

É, no mínimo, curioso que a profecia de Amós contra os moabitas, apresentada nos versículos 1 a 3, seja motivada pelo fato destes terem destruído os edomitas, contra quem Amós acabara também de profetizar nos versículos 11 e 12 do capítulo anterior.

Finalmente, antes de chegar a vez de Israel, Amós falou do castigo sobre Judá (versículos 4 a 5). O castigo em apreço seria por rejeitarem a lei do Senhor e terem se tornado idólatras. Deus queimaria as fortalezas de Jerusalém.

No versículo 6 lemos o início de sua profecia contra Israel, ressaltando a injustiça social (versículos 6 a 8) e apresentando um resumo de Sua intervenção na história da nação israelita sem, contudo, ter sido obedecido (versículos 9 a 12). Em decorrência disso, era chegado para eles o juízo, visto que Ele, Deus, não mais poderia tolerá-los. Nem os mais ágeis, os melhores arqueiros ou os melhores cavaleiros ou ainda os guerreiros mais corajosos escapariam (versículos 13 a 16).

Amós 3

Deus lembrou aos israelitas, nos versículos 1 e 2, que dentre todas as famílias da terra somente a deles, através de Abraão, havia sido escolhida por Ele. Por isso mesmo estaria agora anunciando contra eles o Seu castigo, por todas as maldades que haviam cometido ao invés de obedecê-IO.

Os versículos 3 a 8 contêm perguntas de respostas óbvias, que aparentemente estão sendo formuladas por Amós, para que suas perguntas de real interesse (versículos 6 a 8) sejam respondidas de igual forma.

São de real interesse as declarações dos versículos 6 a 8. No versículo 6a, Amós pergunta se o povo da cidade não treme de medo, ao ser alertado a respeito de um exército que o ataca. É óbvio que sim! Em 6b ele pergunta se alguma desgraça que aconteça à cidade (como todo o povo da cidade ser morto pelo exército atacante) pode ocorrer sem ser mandada por Deus? É óbvio que o juízo de Deus ocorre porque Ele o mandou. O que nem sempre é óbvio é o motivo.

Nos dias atuais, quando todos nos perguntamos se Deus estará por trás do “corona vírus”, que assola o mundo inteiro, a resposta dada aqui é muito clara: toda desgraça que ocorre é mandada por Deus. O que não podemos fazer sempre, é dizer porque.

No livro de Isaías vemos Deus anunciar alguns eventos com anos de antecedência, dizendo que assim procede para glória de Seu Nome (*Isaías 48.6b-11*). Um excelente exemplo é a libertação de Judá do exílio babilônico feita pelo persa Ciro, que foi anunciada com 150 anos de antecedência (*Isaías 44.28 e 45.1*). Esse é um exemplo em que houve juízo (sobre os caldeus), mas Deus aproveitou para glorificar o Seu Nome deixando claro que Ele é o Deus da História. A Bíblia tem inúmeros exemplos disso.

O que não podemos fazer é declarar que todas as desgraças que acontecem são juízo de Deus. De igual forma, nem tudo que acontece foi previsto para a glória de Deus. Para isso é necessário que haja conhecimento prévio, como Ele mesmo diz em *Isaías 48*, citado acima. É exatamente isso que Amós declara no versículo 7.

No versículo 8, Amós responde a quem estava perguntando com que autoridade ele estava ali para profetizar? A resposta é simples: se Deus mandou falar, como posso ficar calado?

Nos versículos 9 a 12 Amós anuncia a destruição do Reino do Norte. Ele começa chamando os antigos inimigos, os filisteus e os egípcios, para que o testemunhem. O próprio Senhor declara que os israelitas são pessoas desonestas, pelo que serão cercados e terão seus palácios saqueados e derrubados. Infelizmente, a mortandade será como o pastor que chega tarde para livrar a ovelha do leão. Eles serão totalmente consumidos e arrancados de Samaria.

O Senhor declara a seguir que ouçam o que Ele está dizendo contra esses descendentes de Jacó (Reino do Norte). Ele vai castigá-los por seus pecados e sua idolatria. Os altares

que fizeram em Betel serão destruídos, como o serão também todas as mansões que construíram.

Amós 4

Este capítulo continua com a palavra do Senhor dirigida contra Israel e começa falando às mulheres ricas dos fazendeiros da região de Basã (região fértil à leste do mar da Galiléia). Elas são chamadas aqui de “vacas” e são acusadas de oprimirem os pobres e necessitados, além de passarem o seu tempo em festas bebendo o vinho provido por seus maridos.

Seu castigo seria o cativeiro, com os cativos sendo levados com ganchos passados através dos seus narizes. Seriam retirados de suas cidades através de brechas feitas nos muros e levadas na direção de Harmom, que parece ser uma cadeia de montanhas além de Damasco (versículos 2 e 3).

Nos versículos 4 e 5, Deus recomenda, ironicamente, que os idólatras de Israel se dirijam a Betel e Gilgal para continuarem com seu culto usual de acordo com os ritos prescritos pelos sacerdotes.

Nos versículos 6 a 11, Deus relata todas as suas tentativas, através de castigos diversos, de chamar a atenção dos israelitas, mas, repetidamente, eles deixaram de se voltar para Ele. Ele cita, entre outros: a escassez de alimentos, a falta de chuva para o plantio, a distribuição irregular da chuva, a sede em geral, pragas, ferrugem, gafanhotos, morte nas guerras, roubo de seus animais e a destruição de algumas cidades.

Israel seria destruída, pelo que deveria se preparar para o encontro com o Seu Deus. Eles seriam julgados justamente pelo Criador, Aquele que transforma agora luz em trevas para eles, o Senhor dos Exércitos.

Amós 5

Neste capítulo vemos mais um lamento pelo futuro de Israel. No versículo 2, Deus fala a respeito da natureza irreversível do cativeiro no qual passavam a entrar, ao mesmo tempo em que continua a apelar por arrependimento (versículos 4-6, 14-15), numa aparente contradição. Se é verdade, por um lado, que os juízos de Deus tardam mas não falham (*II Pedro 3.9*), temos visto, por outro, que o arrependimento do homem tem o poder de mover o coração de Deus, no sentido de adiar o juízo (veja o exemplo de Acabe - *I Reis 21.27-29*).

No versículo 3 Amós avisa que a guerra contra os assírios resultará na perda de 90% do exército de Israel, mas os versículos 4 a 6 são um apelo por arrependimento. Novamente o versículo 7 denuncia o procedimento dos israelitas por estarem transformando o certo

no errado e a justiça em injustiça. Por isso mesmo o Criador dos céus e da terra trará repentina destruição (versículos 8 e 9).

Os versículos 10 a 13 voltam a nomear facetas do procedimento iníquo de Israel, pelo que os versículos 14 e 15 apresentam novo apelo de arrependimento, mas que não foi atendido, conforme demonstrado pelo lamento dos versículos 16 e 17.

Aparentemente havia, entre os israelitas, um erro conceitual quanto ao que viria a ser o “Dia do Senhor”. Eles o viam como o dia em que Deus interviria para aniquilar todos os inimigos de Israel, pelo que ansiavam por sua chegada. Nos versículos 18 a 20 Amós procura esclarecer esse erro e mostra a eles que o mesmo consiste num dia de destruição para eles.

Entre outras exortações, os versículos 21 a 27 falam a respeito do culto abominável dos filhos de Israel, dedicados a deuses como Sicute e Quium (versículo 26), motivo pelo qual Israel iria para o exílio além de Damasco (versículo 27).

Em boa hora devemos examinar o nosso próprio culto para ver se, porventura, não estamos incorrendo em pecado similar. Lemos em *João 4.24* que o verdadeiro culto é aquele que prestamos a Deus em espírito e em verdade. Assim, pois, o culto de rotina no qual não raramente caímos, não preenche este requisito e acaba por nos fazer recair em igual abominação.

Amós 6

Amós inicia este capítulo com uma advertência que vale tanto para os líderes de Judá (em Jerusalém/Sião) como para os de Israel (em Samaria). Eles estavam tranquilos, achando que eram escolhidos de Deus, e que tinham todas as respostas para o povo que os buscava. Só que o apoio divino, principalmente de Israel, havia cessado quando deixaram de seguir a lei de Moisés.

Por isso mesmo, o profeta os convida a “visitarem com ele” as cidades de Calné e Hamate (cidades-Estado situadas ao norte da Síria e que haviam sido destruídas por Salmanezer, rei da Assíria antes de 845a.C.), bem como Gate (uma das 5 capitais da Filistia, destruída por Hazael da Síria em 815a.C. e novamente por Uzias, rei de Judá, em 760a.C.). Essas cidades teriam tido a mesma glória que Samaria e já não mais tinham o que ostentar (versículo 2).

Os últimos anos do Reino do Norte foram de terror, com grande injustiça social, motivando a pergunta de Amós. Vocês acham que estão assegurando suas posições com toda essa injustiça? Na realidade, vocês estão tornando suas posições insustentáveis.

Eles viviam em grande ostentação, comendo e bebendo luxuosamente, se deliciando com música, mas sem ligar para o sofrimento do povo (versículos 4-6). Por isso mesmo o Senhor lhes assegurou que eles seriam os primeiros a serem levados para o exílio.

Desta forma Jeová Adonai (Senhor Soberano) expressa o Seu ódio pelo orgulho de Jacó e garante que toda a cidade será destruída (versículo 8).

Os versículos 9 e 10 falam da extensão da mortandade prevista por Deus. Numa casa onde restarem 10 pessoas, morrerão os 10. Os demais terão sido igualmente mortos ou levados em cativeiro. Ninguém escapará! Numa casa onde o parente mais próximo estiver queimando os cadáveres, caso ele encontre alguém escondido, este será proibido de mencionar o nome do Senhor, por medo que Ele venha e cause a morte de ambos. Em outras palavras, todos saberão que isso é um castigo do Senhor. Todas as casas serão destruídas (versículo 11).

No versículo 12, mais uma vez, Amós denuncia a impiedade de Israel, usando para tanto, novamente, perguntas de respostas óbvias. Assim como o cavalo não corre na rocha e nem faz sentido tentar ará-la, assim também é sem sentido a forma como Israel transformara o direito em veneno e o fruto da justiça em amargura, numa total inversão de valores.

A sua falta de noção de valores ficara igualmente demonstrada pelo regozijo da conquista das cidades de Lo-Debar (cujo nome curiosamente significa “nada”) e Carnaim, ambas sem qualquer importância (versículo 13).

Em consequência de tudo isso, o Senhor, o Deus dos Exércitos traria os assírios como castigo definitivo sobre Israel, arrasando a nação de norte a sul.

Amós 7

Os primeiros 6 versículos deste capítulo nos mostram a diferença entre os profetas Amós e Jonas. Jonas profetizou a destruição de Nínive e ficou irritado quando seus ouvintes se arrependeram e Deus voltou atrás em Seu intento. Ele queria ver “o circo pegar fogo”. Amós, contudo, mostra real misericórdia para com o povo para o qual está profetizando. Em duas ocasiões seguidas Deus mostrou a ele como intentava iniciar a destruição de Israel e Amós intercedeu para que o Senhor não fizesse. O mais bonito fica por conta de Deus que aceitou em ambos os eventos o pedido intercessório de Seu profeta.

Quando Paulo diz que **“o amor de Cristo nos constrange”** (*II Coríntios 5.14*) é como Amós que devemos nos comportar para com o nosso próximo, considerando muito valiosa a sua vida.

Os versículos 7 a 9 não deixam, contudo, mais qualquer margem de intercessão para Amós. Deus disse a ele que julgaria Israel de acordo com a lei, que como resultado disso destruiria toda a idolatria e que sua espada se levantaria contra os seguidores de Jeroboão. Aqui Ele tanto pode estar se referindo a todos os ídólatras desde Jeroboão I, como pode estar efetivamente falando do rei àquela época, que era Jeroboão II.

Seja como for, o sacerdote de Betel, Amazias, entendeu que Amós proclamava a morte de Jeroboão II e o exílio para todo o Israel e o fez saber ao rei. Além disso, ele se dirigiu ao próprio Amós e o proibiu de continuar profetizando, exigindo que retornasse a Judá, de onde viera.

A resposta de Amós foi muito tranquila, dizendo que não era profeta, nem vinha de qualquer escola de profetas. O trabalho dele era cuidar de rebanhos e colher figos silvestres. Por outro lado, se Deus mandou que ele profetizasse, ele simplesmente obedeceria. Por outro lado, a profecia de condenação de Amazias foi extremamente dura, findo o que confirmou que Israel certamente iria para o exílio (versículos 14 a 27).

Amós 8

Os dois primeiros versículos deste capítulo, onde Deus diz a Amós que é chegado o tempo do juízo para Israel, só fazem sentido para a pessoa que sabe que o texto original em hebraico, referente às palavras “frutas maduras”, tem quase o mesmo som que “o fim chegou”.

O versículo 3, que começa com “naquele dia”, refere-se na realidade ao Dia de Juízo, ou seja, o Dia do Senhor para o Reino do Norte. O canto que se poderia fazer nos lugares de culto seria somente para expressar lamentos. Os corpos serão tantos, que o silêncio é a única forma de retratá-los.

Os versículos 4 a 6 trazem apenas uma chamada para Israel, que agora é tratada pelos seus principais pecados: vocês que oprimem pobres e necessitados, que desrespeitam os sábados e luas novas e que têm pesos e medidas injustos.

O versículo 7 nos diz que o Senhor não havia de esquecer os pecados de Israel. Nos versículos 8 a 10 Amós compara “aquele dia” a um terremoto, a uma enchente do Nilo e a um dia de trevas com o sol se apagando ao meio-dia. Neste dia todos os cantos serão de lamento e todos vestirão luto.

Os versículos 11 a 13 falam sobre a busca que surgirá, então, pela palavra do Senhor, mas que aí será tarde, por não O terem buscado enquanto se podia achar. O versículo final fala a respeito da vergonha de Samaria, pela queda daqueles que juravam pelos ídolos de Betel e Gilgal, os quais nunca mais se levantarão.

Amós 9

Tem início a visão da destruição do povo de Israel. O cenário é o templo, onde o Senhor Se encontra junto ao altar e manda que sejam derrubadas as colunas, que caem então sobre o povo. Aqueles que porventura não morrerem, serão todos mortos por Sua espada. Fica definido que ninguém fugirá e que ninguém escapará.

Nos versículos 2 a 4 são aventadas algumas possibilidades de tentativa de fuga, mas todas em vão. Os versículos seguintes continuam a descrever o castigo de Deus. No versículo 5 Amós faz novamente uma comparação com uma enchente do Nilo e no 6 ele fala do Senhor, Rei da Criação, usando uma inundação do mar para alcançar Seus objetivos.

No versículo 7 Deus declara que os israelitas idólatras não representam mais para Ele do que representavam os etíopes (que Ele usou no Egito), os filisteus (que Ele trouxe de Caftor) e os arameus (que Ele trouxe de Quir). Depois que os israelitas haviam rejeitado a Sua lei, a aliança dEle com eles estava quebrada.

No versículo 8, contudo, começa a entrar em ação, mais uma vez, a misericórdia divina. Ele havia de varrer da superfície da Terra esse reino pecaminoso, mas sem destruir totalmente a descendência de Jacó. Os versículos 9 e 10 aparentemente voltam atrás e narram o espalhamento de Israel por todas as nações e todos os pecadores que há no seu meio serão mortos à espada. Pelo visto, contudo, nem todos são pecadores, motivo pelo qual o versículo 11 profetiza a restauração da dinastia davídica. Neste ponto, contudo, não é mais possível distinguir Judá da restauração das outras tribos.

Os versículos 12 a 15 parecem falar da volta de toda a nação israelita à Palestina e o seu estabelecimento perpétuo ali.

Obadias 1

Nada se sabe a respeito do profeta Obadias, exceto que seu nome significa "Adorador do Senhor". Embora haja registro de um Obadias, mordomo de Acabe nos dias de Elias (*IReis 18.3*), também um homem temente a Deus, a data mais provável para as palavras do profeta que leva este nome é 586a.C., quando da queda de Jerusalém com a invasão de Nabucodonosor.

O pano de fundo da profecia de Obadias, pronunciada contra os edomeus, é apresentado em *Provérbios 24.17-18*, onde Salomão nos diz: *"Quando cair o teu inimigo, não te alegres; e quando tropeçar, não se regozije o teu coração; para que o Senhor isso não veja, e seja mau aos Seus olhos, e desvie dele a Sua ira"*.

Ora, sabemos que a inimizade entre Israel e Edom data do relacionamento entre Jacó e Esaú (*Gênesis 27*), tendo sido reaquecida em algumas pelejas ao longo dos séculos (*Números 20.20, ISamuel 14.47, IReis 11.14-17, IICrônicas 20.22, IICrônicas 21.8*), de modo que a classificação de "inimigos" parece se ajustar bem a esses povos.

Nesta ocasião específica, temos estudado que Deus estava disciplinando Judá através de Nabucodonosor, não cabendo a Edom, perante o Senhor, o direito de proceder conforme Obadias o descreve (*Obadias 1.11-14*):

- enquanto Jerusalém era saqueada, os próprios edomeus se aproveitaram para participar dos saques;

- eles tiveram prazer na derrota e vergonha de seus inimigos;
- ficaram nas encruzilhadas matando os que escapavam de Judá e denunciando aos babilônios o paradeiro dos judeus que procuravam fugir de Nabucodonosor.

Assim é, que isso "**foi mau aos olhos do Senhor**", pelo que desviou Ele a Sua ira de sobre Judá, fazendo-a recair sobre Edom, cujo extermínio é profetizado aqui em *Obadias 1.1 a 10*.

Que também nós possamos ter em mente a forma como Deus quer que procedamos em relação aos nossos inimigos, amando-os, abençoando-os e pagando-lhes bem por mal (*Mateus 5.44-45*)! Assim procedendo, estaremos cumprindo o nosso papel de "filhos de Deus".

Salomão usa uma expressão, em *Provérbios 25.22*, que Paulo repete, qual seja a de "**...amontoar brasas de fogo sobre a cabeça de nossos inimigos**" (*Romanos 12.20*), o que é conseguido através de benefícios feitos a eles (alimentando-os quando têm fome e matando-lhes a sede). Seu significado, à luz do texto, é de envergonhar o inimigo, "**...vencendo o mal com o bem**" (*Romanos 12.21*). Façamos isso!

Jonas 1

É curiosa a referência feita ao profeta Jonas, em *II Reis 14.25*, pois se trata de previsões deste que não constam de seu livro. Tais previsões, aparentemente, fariam da misericórdia do Senhor permitindo que Jeroboão restabelecesse as fronteiras originais da terra de Israel. A citada referência nos ajuda a situar o profeta Jonas no tempo e, ao mesmo tempo, nos permite entender melhor a fuga desse profeta devido à sua relutância em ir a Nínive, pois o Deus que ele conheceu era benigno e misericordioso (para com Israel), sendo-lhe difícil crer que executaria o juízo que ele haveria de anunciar aos ninivitas.

II Reis 14.26 nos informa que a aflição de Israel era mui amarga, tanto para os escravos como para os livres, e não havia quem pudesse socorrer o povo que ali habitava. Por isso mesmo Ele trouxe livramento através de Jeroboão.

Ao contrário dos demais livros proféticos do Velho Testamento, o livro de Jonas pode ser lido como um conto, que contém uma narrativa bem sequencial, sem as usuais alegorias dos profetas, embora isso não exclua a realidade das lições nele incluídas, ilustradas, justamente, pela beleza dos fatos históricos.

A única outra referência bíblica a esse profeta é feita por Jesus em *Mateus 12.39-41*, ao estabelecer um paralelo entre a "ressurreição" de Jonas após a sua permanência por três dias na barriga do peixe (um lugar de morte) e Sua própria morte e ressurreição ao 3º dia. Neste sentido, o próprio Jonas é uma figura do Cristo.

Nínive era uma cidade do reino dos assírios, que ficava às margens do rio Tigre, cerca de 800km a nordeste da cidade de Jonas, Gate-Hefer, próxima a Nazaré. Tratava-se de uma cidade cujo povo era conhecido por sua impiedade e, principalmente, pelos seus requintes de crueldade.

É importante ressaltar, ainda, o papel que Deus preparara para os assírios na deportação e destruição do reino de Israel, pouco mais de 50 anos depois das advertências de Jonas aos ninivitas.

Neste primeiro capítulo o texto narra o comissionamento de Jonas e sua tentativa de escapar do Senhor, dirigindo-se para Jope, onde pegou um navio para Társsis (ver figura 1).



Figura 73-1 - Tentativa de fuga de Jonas para a cidade de Társsis

É interessante chamar a atenção para o fato de Jonas não hesitar em recomendar a sua própria morte para salvar a vida dos marinheiros.

Jonas 2

Esse capítulo registra a oração feita por Jonas no interior da barriga do peixe. O texto é muito claro, mas vale a pena ressaltar o versículo 4, onde Jonas mostra a sua certeza de voltar a ver o templo do Senhor, o que implica em sair dali.

É interessante, também, a declaração de Jonas de que aqueles que acreditam em ídolos desprezam a misericórdia de Deus (versículo 8).

Como criança eu visualizava essa história, com o peixe vomitando Jonas na praia em frente a Nínive. Vemos, contudo, na figura 73-1, que na melhor das hipóteses Jonas foi lançado numa praia à mesma distância que estava quando Deus o chamou em Gate-Hefer (próximo a Nazaré) a primeira vez (a uns 600km).

Jonas 3

Parece lícito dizer que a Bíblia não registra nenhum outro arrependimento tão radical e tão marcante quanto o de Nínive, levando Deus a adiar o Seu juízo por quase dois séculos (os ninivitas voltaram posteriormente à sua impiedade e Deus executou o Seu juízo por volta do ano 600a.C., destruindo de tal modo a cidade, que sua localização exata ficou incerta).

Jonas 4

Além do arrependimento total de Nínive, desde o rei até o mais humilde súdito (mais de 120 mil pessoas convertidas no mesmo dia), é marcante no livro de Jonas como Deus lida com o próprio profeta. Fica ressaltada a soberania da vontade de Deus e a inutilidade de Jonas de tentar opor-se a ela. Outro ponto importante é a forma como Deus rebate a crítica, não explícita, feita por Jonas, de que a misericórdia de Deus seria, na realidade, uma demonstração de que Ele seria tolerante com pecados e, portanto, injusto (*Jonas 4.2*). A resposta de Deus, vivamente ilustrada através da aboboreira, mostra não apenas o Seu amor pelos pecadores de Nínive, mas também por Jonas, demonstrando a ele que sua própria justiça (menos tolerante que a de Deus) não passava, na realidade, de preconceito.

O livro de Jonas se encerra, aparentemente, faltando a resposta dele à pergunta final de Deus: *"Não hei Eu de ter compaixão da grande cidade de Nínive, onde vivem mais de 120 mil pessoas, que não sabem discernir entre a mão direita e a esquerda, e também muito gado?"* (*Jonas 4.11*). Se admitirmos que o livro foi efetivamente escrito por Jonas (hipótese comumente aceita), então é possível que a resposta tenha parecido a ele tão óbvia, que simplesmente a omitiu.

Embora seja muito fácil condenar a atitude de Jonas, no sentido de querer ver punidas as atrocidades cometidas pelos ninivitas, não raramente procedemos exatamente da mesma forma ao tratarmos como inimigos aqueles que rejeitam o Evangelho de Jesus Cristo, ao invés de lembrarmos que o inimigo é aquele que os escraviza e usa.

Que aprendamos com Jonas a reavaliar o nosso próprio senso de justiça, com o qual condenamos, por vezes, até os nossos conservos! Que aprendamos a conhecer melhor o nosso Deus, atendendo à exortação de Paulo no sentido de considerarmos tanto a Sua bondade como Sua severidade (*Romanos 11.22*)! Que aprendamos a amar o mundo

perdido da mesma forma como Deus o ama, a ponto de dar por ele o Seu Filho (*João 3.16*)!

Semana 74 - As Mensagens de Oseias

Texto: Oseias 1 a 14

Estação 37

Oseias 1

As profecias de Oseias foram pronunciadas durante os reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, e de Jeroboão, filho de Jeoás, rei de Israel, conhecido como Jeroboão II.

Suas profecias tiveram a sua ênfase no paralelo que Deus fez entre a idolatria de Israel e a infidelidade conjugal. Para ilustrá-la, Ele mandou que o profeta tomasse por esposa uma prostituta de nome Gomer, que é uma esposa real, que representa, nesta ilustração, a nação de Israel (Reino do Norte). Obviamente o profeta representa o papel de Jeová, que tomou Israel por esposa, mas esta se tornou infiel.

É possível, portanto, que Gomer não fosse adúltera a princípio, mas, seja como for, Oseias já sabia que esta viria a traí-lo. Gomer teve com ele três filhos, a quem Deus mandou chamar de Jizreel, Lo-Ruama e Lo-Ami. Estes nomes significam, respectivamente, "espalhou", "desfavorecida" e "não-meu-povo", que são nomes pouco usuais, mas que tinham por objetivo ressaltar as mensagens de Deus, que deveriam ser transmitidas por Oseias para o povo de Israel.

O profeta deveria advertir o povo do Reino do Norte que eles seriam **espalhados** pelas nações e que não mais mereceriam o **favor** de Jeová. Ele os estava oficialmente rejeitando para que não mais fossem chamados de **povo de Deus**.

Ainda no âmbito dessa mensagem, contudo, Oseias pôde falar de uma realidade futura de restauração de Israel, mas já reunificada com Judá e tendo sobre si "um só cabeça", numa clara referência à Era Messiânica (*Oséias 1:10-11*).

Oseias 2

O capítulo 1 havia acabado com uma surpreendente declaração sobre a restauração de Israel no Reino Messiânico, mas o capítulo 2 nos traz de volta à triste realidade do casamento de Oseias com Gomer, já destruído por seu atos de adultério.

Nesse meio tempo são passados vários anos e Gomer havia saído de casa para se tornar prostituta num bordel ou passa a reassumir sua posição anterior ao casamento, quando já era prostituta. Durante esses anos ela tivera alguns outros filhos e filhas, além dos 3 que tivera com Oséias.

O profeta tivera, desde o início de seu adultério, a opção de denunciá-la e exigir sua morte, conforme a lei, mas ele não a exercera, limitando-se a dizer que a perdoaria se voltasse para casa, convite esse que ela rejeitara, tendo em vista os elevados ganhos que ela tinha no prostíbulo.

Não podemos esquecer que tudo que está ocorrendo com Gomer é apenas o paralelo ao que está acontecendo com a nação de Israel, que também estava adulterando espiritualmente com o seu culto a Baal. Oseias está profetizando para Israel e podemos admitir que tudo que ele diz no capítulo 2 se aplica igualmente ao povo do Reino do Norte.

O versículo 1 começa com Oseias se dirigindo aos seus filhos e talvez também aos demais filhos dela, informando aos mesmos que infelizmente seu casamento com a mãe deles chegara ao fim devido ao adultério dela. Ele sugere que eles a repreendam, dando a ela uma última chance de largar a sua prostituição (versículo 2), ou não haverá alternativa a não ser aplicar a lei (versículo 3). A lei mandava que ela fosse apedrejada, mas aparentemente esse apedrejamento era feito com ela nua.

Os versículos 4 e 5 nos informam que outros filhos, que ela tivera fora do casamento, ele não reconheceria. Ainda no versículo 5 vemos que ela até então não estivera disposta a renunciar aos seus amantes, porque o ganho de sua prostituição tornava essa vida atraente para ela.

Já o versículo 6 nos mostra que as coisas tinham mudado. Talvez estivesse enfrentando enfermidades, ou a beleza se esvaindo. Seja como for, o versículo 7 nos mostra que os amantes já não a queriam mais, fazendo com que ela entendesse que havia cometido um erro deixando o marido.

No versículo 8 Oseias continua falando com seus filhos, mas o seu discurso parece agora mais dirigido a Israel do que a Gomer. Ele diz que Israel não fora capaz de reconhecer todo o sustento que provinha dEle (do Senhor) e que tudo que ela obtivera havia sido consumido com seu culto a Baal.

Em função disso a fome, a sede e a nudez de Israel, associadas ao seu adultério espiritual, seriam expostos, na medida em que Ele tirasse o trigo, o vinho, a lã e o linho. Seus amantes veriam tudo isso e ninguém poderia livrar Israel do castigo imposto por Ele. Ele estaria dando fim à alegria de seus cultos e tiraria dela (Israel) tudo que ela pensava que havia recebido de seus amantes. Enfim, esse seria o seu castigo por tê-lo rejeitado e por ter oferecido seu culto aos baalins (versículos 9 a 13).

Nos versículos 14 a 23 o texto parece retomar a restauração prometida em *Oseias 1.10-11*. O deserto, para onde Israel seria levado, e o vale de Acor (vale da provação) do versículo 15, parecem falar de um tempo após a destruição do Reino do Norte. Pensando novamente em Gomer, seria assim, também, que ela estaria se sentindo, por estar sendo rejeitada pelos ex-amantes.

Nesta situação Ele voltaria a falar carinhosamente com Israel, que passaria a chamá-lo de “meu marido”. A condição para tanto seria a total remoção dos outros deuses (baalins), que nunca mais seriam invocados. Eles se casariam para todo o sempre e haveria fidelidade neste casamento. Haveria abundância de alimentos e Israel seria tratado com amor, onde antes era chamada de “não amada”. Onde antes Israel estava sendo chamada de “não meu povo” Ele passaria a dizer que “você é meu povo” e Israel responderá “O Senhor é o meu Deus”.

Oseias 3

Neste capítulo vemos a reconciliação do casamento de Oseias e Gomer, mas de uma maneira totalmente surpreendente. Esperaríamos ver Gomer se humilhar, principalmente tendo em vista a situação de total rejeição na qual se encontra, e suplicar pelo perdão do Oseias, mas não é nada disso que acontece.

Oseias recebe uma ordem do Senhor, que ele cumpre prontamente, no sentido de tomar a iniciativa de procurá-la e amá-la da mesma forma como o Senhor continuava a amar Israel, apesar deles O terem trocado pelos baalins.

Além disso, vemos, no versículo 2, que ele a compra como se prostituta fosse, por 180 gramas de prata e um barril e meio de cevada, para que ela deixasse de ser prostituta e passasse a viver com ele (versículo 3). Claro que qualquer semelhança desse verdadeiro “resgate” de Oseias, com o sacrifício substitutivo de Jesus por nós, não é mera coincidência.

De igual forma, depois de um longo período exilado e sem lei, Israel aceitará o sacrifício equivalente de Jesus Cristo, que os comprou de volta, tirando-nos a todos do adultério do pecado (versículos 4 e 5).

Oseias 4

O capítulo 3 tinha introduzido de forma maravilhosa o lado prático do Evangelho de Jesus Cristo. O direito de justiça, que Oseias começava a articular no capítulo 2, de repente vira um ato de graça e muda radicalmente a vida tanto do Oseias como de Gomer. Ficamos encantados com a prática do Evangelho na vida do profeta e ficamos a torcer por mais no capítulo 4.

Infelizmente, contudo, o que vemos a seguir é uma longa descrição das críticas que Jeová faz ao comportamento idólatra e adúltero do povo de Israel (Reino do Norte). Gostaríamos de ver mais graça, mas esta pressupõe arrependimento, que neste caso simplesmente não existe.

A base para todas essas críticas é o colapso moral em todos os níveis, começando pela família real, passando pelos sacerdotes e atingindo todos os israelitas. Se

desapareceram a fidelidade, o amor e também o conhecimento de Deus, o que sobrou foram maldições, mentiras, assassinatos, roubos e adultérios. Estão desaparecendo tanto os homens como os animais (versículos 1 a 3).

Os sacerdotes haviam falhado por não transmitirem ao povo a lei mosaica. Conseqüentemente, a falta de conhecimento de Deus estava levando à destruição do povo. Em função disso, Deus rejeitou os sacerdotes (versículos 4 a 6).

Na realidade o aumento do número de sacerdotes produziu maior corrupção. Dessa corrupção participavam tanto os sacerdotes como o povo em geral, pelo que Jeová deixa claro que ambos serão castigados (versículos 7 a 9).

Os versículos 10 a 19 enfatizam o aumento da idolatria, da prostituição e dos adultérios, com os 3 produzindo um sistema de retroalimentação. Um redemoinho mandado por Jeová os levará para o exílio e os altares de sua idolatria serão lembrados como inúteis.

Oseias 5

Neste capítulo mais uma vez o Senhor chama a atenção de Israel para a sentença que pesa contra eles pelo fato de se terem afastado dEle, rebelando-se contra a Sua Lei, pelo que todos serão disciplinados (versículos 1 e 2).

Embora Israel possa pensar que Ele não os veja, em verdade Ele os conhece muito bem. Sabe que foram dominados por um espírito de prostituição, que tem feito com que Judá tropece junto com seus vizinhos (versículos 3 a 5).

É inútil que busquem o Senhor, com todo o seu pecado, porque Ele simplesmente não os ouvirá. Traíram o Senhor, pelo que sofrerão o castigo por sua traição. Eles serão arrasados (versículos 6 a 9).

Os versículos 10 a 14 nos informam que tanto Judá como Israel, cada um a seu tempo, serão objeto da ira de Deus. Quando a nação de Israel viu que estava enferma, procurou cura junto à Assíria e acabaram destruídos. Já Judá, não obstante seus tumores, deixou de buscar o auxílio do Senhor, pelo que também deixará de conhecer o Seu livramento.

O versículo 15, contudo, mais uma vez, mostra o Senhor disposto a perdoar a ambos mediante arrependimento e confissão de culpa.

Oseias 6

Os versículos 1 a 3 contêm uma das mais lindas promessas de restauração final de toda a Bíblia, onde muitos veem a previsão da restauração de Israel dois dias (2.000 anos) após a sua queda perante Roma no ano 63a.C., cumprida em 1948. Estes versículos também podem ser vistos como uma descrição do caminho a seguir para que, tanto Israel quanto Judá possam atender ao convite que Deus lhes fizera em *Oseias 5.15*.

O segredo para tanto reside em conhecermos o Senhor, para o que devemos nos esforçar. Em termos práticos, esse estudo detalhado da Sua Palavra, realizada ao longo de dois anos, é uma excelente maneira de fazê-lo.

Continuando o seu convite, Deus deixa claro que tudo que Ele podia fazer pelo bem de Israel e Judá já fora feito. Os dois tinham que amar a Deus sobre todas as coisas, mas ao invés disso ambos declaram um amor, que na prática se dissipa como a neblina da manhã (versículo 4).

Esse é o motivo porque vocês foram despedaçados, diz Ele. Quero que vocês mostrem sentimentos de misericórdia e não que apresentem sacrifícios apenas para “cumprir a tabela”. Quero que Me conheçam, ao invés de trazerem holocaustos vazios (versículos 5 e 6).

A NVI em português traz uma tradução diferente até da NVI em outras línguas para o início do versículo 7, a ponto de não fazer muito sentido. Em inglês, por exemplo, a mesma NVI diz que “A exemplo de Adão” ou invés de “Na cidade de Adão”, assim entendemos que os israelitas e os judeus quebraram a aliança a exemplo do que fez Adão e foram infiéis a Deus.

Os versículos 8 a 10 ressaltam esses pecados de Israel, pelo que, intuitivamente, haverá um castigo associado. Já o versículo 11, ao longo da mesma linha de raciocínio, teria que dizer que um castigo similar é previsto também para o pecado de Judá. Só que o texto não é nada claro, ficando difícil de confirmar que é isso que diz.

Literalmente o versículo 11 nos informa que foi determinada uma colheita para Judá, quando Deus trouxe o povo de volta de Babilônia. Em termos práticos Deus matou a maioria dos judeus na invasão de Nabucodonozor, levando para Babilônia um número pequeno deles. Mesmo dentre estes, foi pequeno também o número dos que retornaram para Jerusalém 70 anos depois; assim, podemos dizer que houve uma colheita muito seletiva para aqueles que Deus trouxe de volta. Aparentemente é isto que significa o versículo 11.

Oseias 7

Mais uma vez, no capítulo 7, Deus resalta os pecados de Efraim (Israel - Reino do Norte), lembrando que são ladrões, que acham que Ele não vê tudo que fazem, embora esteja ciente de tudo (versículos 1 e 2).

São todos adutores do rei, mentirosos e inflamados pelo vinho, mas estão prontos para devorar os seus governantes. Oseias nos diz, no versículo 7, que seus reis caem porque vários reis do Reino do Norte foram assassinados.

Efraim se mistura com as nações (através de alianças), que só serviram para enfraquecê-los, como é fraco um bolo que não foi virado, porque os estrangeiros sugam a sua força (versículos 8 e 9).

Nos versículos 10 a 16 o Senhor deixa claro que Ele deu a Israel tudo que precisavam, mas que eles simplesmente não O buscam. Ele quis muito redimi-los, mas eles se limitaram a falar mentiras a Seu respeito. Por causa disso, eles seriam destruídos.

Oseias 8

Neste capítulo, Deus fala a respeito do culto de Israel, praticado depois de terem quebrado a aliança que celebraram com Ele. Não obstante clamarem dizendo que O reconheciam como Deus, na prática rejeitaram tudo de bom que Ele tinha preparado para eles (versículos 1 a 3).

Seus reis e líderes eram pessoas escolhidas por eles e não por Deus, pelo que estabeleceram para eles deuses de ouro e prata em forma de bezerro, acendendo contra eles a ira do Senhor (versículos 4 a 6).

Reconhecemos no versículo 7 um ditado popular que vemos ser bíblico: "Israel semeou vento e por isso colheu tempestade". Eles foram espalhados entre as nações, depois de destruídos pelos assírios, e agora perderam todo o seu valor.

Embora Israel tenha construído muitos altares como oferta pelo pecado, estes se tornaram oferta para o pecado, segundo o versículo 11. Ele os havia tirado de um cativo, feito com eles uma Aliança, contendo Seus ensinamentos, mas eles os desrespeitaram, pelo que ao cativo voltarão (versículo 13). Israel esqueceu o Seu Criador e construiu palácios, mas estes serão destruídos.

Oseias 9

A impressão que temos, lendo os capítulos 4 a 14 de Oséias, é que o profeta está se repetindo em termos de denunciar o pecado de Israel, ressaltar o seu afastamento do Senhor e informar a respeito do castigo que estavam prestes a receber. Na realidade deve ser isso mesmo que ele está fazendo. Andando pelas ruas de Samaria, Oseias deve estar variando muito pouco o seu discurso dia após dia. Assim sendo, ao chegar em casa e registrar suas palavras de cada dia, ele mesmo deve ter observado como pouco haviam mudado em relação ao dia anterior. Ele gostaria mesmo é que seus ouvintes se arrependessem e que Deus pudesse perdoá-los, ao invés de aplicar o castigo, pelo que pouco importa se ele estava se repetindo.

Neste dia específico Oseias estava pedindo que Israel não se alegrasse com sua prostituição espiritual. O fato de terem abandonado o Senhor teria também reflexos sobre suas atividades do dia a dia. Seus campos deixariam de produzir e o vinho deixaria de ser produzido. Eles seriam arrancados da terra que o Senhor lhes dera e a Assíria promoveria para eles um cativo similar ao que tinham tido no Egito (versículos 1 a 3).

Em seu novo cativeiro, tampouco sacrificariam ao Senhor, porque não haveria pão suficiente para isso. O pão dos pranteadores é aquele de pessoas que haviam sido contaminadas por contato com algum morto. Dessa forma seria tratado toda a pouca comida que tivessem (versículo 4).

No cativeiro não haveria qualquer dia de festa, conforme estabelecido na lei de Moisés. Na Assíria, seu novo Egito de cativeiro, eles seriam sepultados como em Mênfis (cidade reconhecida como cemitério pelos egípcios). Tudo de valor que conseguissem ajuntar seria perdido durante os dias de castigo anunciados por Oseias. Infelizmente, Israel o via como um lunático (versículos 5 a 7).

Na realidade, Oseias, profeta do Senhor, sabia que sua mensagem era a tábua de salvação de Israel, mas mesmo assim ele era tratado com hostilidade por eles. Estavam mergulhados em corrupção e Deus estava preparando um castigo para os seus pecados (versículos 8 e 9).

No versículo 10, Deus dá testemunho de que Israel já fora motivo de deleite para Ele, mas que sua idolatria, praticada nos cultos a Baal-Peor, os havia tornado tão repugnantes para o Senhor, quanto a própria imagem de Baal.

Novamente, nos versículos 11 a 17, o Senhor diz a eles que seu castigo implicaria em uma drástica redução do seu número. Sua idolatria havia começado com o culto em Gilgal, pelo que os seus líderes foram rejeitados, assim como eles mesmos, tornando-se peregrinos entre as nações.

Oseias 10

Nesse capítulo Oseias começa apresentando a associação da queda espiritual do povo de Israel ao seu enriquecimento material. Eram seus ganhos que os impulsionavam em direção à idolatria. Em função disso, Oseias promete que o Senhor demolirá seus altares (versículos 1 e 2).

No versículo 3 os israelitas aparentemente reconhecem que a invasão assíria, com a morte do rei, havia mostrado que seus argumentos apresentados quando pediram que Samuel lhes desse um rei que lutasse suas guerras, eram falsos (*ISamuel 8.19-20*). Sua vulnerabilidade não provinha do fato de não terem um rei e, sim, por não reverenciarem o Senhor. O versículo 4 deixa claro que os reis eram falsos e incapazes de cumprir suas promessas.

Não obstante essa constatação, não foi para o Senhor que o povo se virou na adversidade e, sim, para os seus bezerros sagrados de iniquidade (Bete-Áven). Ironicamente os bezerros de sua devoção também foram levados para a Assíria como tributo, mostrando que nem a si mesmos puderam salvar (versículos 5 e 6).

Agora, tanto Israel como o seu rei serão arrastados para o exílio. Eles estariam sendo alcançados pela guerra, porque Deus os estava castigando e isso se dava quando Ele queria (versículos 7 a 10).

Israel, assim como Judá no seu devido tempo, teriam que aprender a lição da obediência. Eles teriam que aprender que só iam ver justiça quando o Senhor a fizesse chover sobre eles. Ele tinham plantado impiedade e estavam colhendo o mal, por confiarem em suas próprias forças. A consequência disso era a sua destruição (versículos 12 a 15).

Oseias 11

O primeiro versículo deste capítulo fala da expressão de amor de Deus para com Israel por ocasião da saída do Egito. É verdade que o NT dá uma interpretação particular a esse versículo em *Mateus 2.15*, mas fica claro que a referência aqui é à formação da nação de Israel por ocasião da convocação de Moisés (versículo 1).

Já o versículo 2 não se refere apenas ao período de 40 anos no deserto, mas, sim, a todas as idas e vindas de Israel desde a saída do Egito até o ano 722a.C., quando a Assíria destruiu Samaria e levou o povo cativo. Durante esse período Israel se tornara predominantemente idólatra.

Os versículos 3 e 4 mostram que Ele continuou a apoiar Israel, apesar de Seu povo não O reconhecer, tanto cuidando deles como alimentando-os. No versículo 5, contudo, o Senhor diz que as coisas já foram longe demais, porque eles de todo se recusam a arrepende-se, pelo que conhecerão a espada, visto estarem decididos a desviar-se dEle (versículos 7).

Já no versículo 8 vemos Deus permitindo que Seu coração pró-Israel fale mais alto do que Sua ira. Admá e Zeboim foram duas cidades destruídas juntamente com Sodoma e Gomorra, devido à sua impiedade (ver *Deuteronômio 29.23*). Como Ele poderia tratar Israel da mesma forma que tratara duas cidades rebeldes com as quais jamais Se relacionara. Punir Israel fazia doer o coração de Deus. Isso faz com que a gente se lembre imediatamente de *Provérbios 3.12*: "Porque o Senhor disciplina a quem ama assim como o pai faz ao filho de quem deseja o bem".

No versículo 9 o Senhor nos informa, através de Oseias, que essa destruição de Efraim (Israel) não seria total. Ele, como Deus, sabe punir sem ira. É exatamente desta misericórdia divina que Davi está falando ao pedir ao Senhor para que não o rejeite em Sua ira (*Salmos 6.1 e 27.9*).

Ele há de disciplinar, tanto a Israel como a Judá (esta um século e meio mais tarde), devido a seus enganos e sua rebeldia, mas ambos retornarão à Terra Prometida, onde Ele os promete estabelecer (versículos 10 a 12).

Oseias 12

O capítulo 12 é uma continuação do anterior. Oseias falava das mentiras de Efraim e da rebeldia de Judá contra Deus. Aqui o profeta começa explicando que Efraim (Israel) não estava agindo com muita inteligência, já que alimentar-se de vento e correr atrás do mesmo não são coisas que tenham algum sucesso assegurado. Assim, a escolha por praticar mentiras e violências na medida em que fazia tratados com a Assíria e pagava tributos ao Egito, só mostra a mesma falta de inteligência nas decisões (versículo 1).

Com relação à rebeldia de Judá, Oseias não entra em detalhes, mas deixa claro que vai castigá-lo em retribuição pelos seus erros (versículo 2). Por outro lado, os versículos 3 a 5 deixam claro que Jacó sempre andou procurando estar perto de Deus, lutando com Ele e buscando Seu favor e conversando com Ele. Assim sendo, o versículo 6 é totalmente coerente ao ressaltar a necessidade de voltar para Ele, praticando lealdade e justiça.

A partir do versículo 7 Oseias volta a falar sobre Israel (Reino do Norte), dizendo que são tão desonestos quanto o eram os cananeus, orgulhando-se por enriquecer ilicitamente, mas declarando nunca ter pecado. Para corrigir isso, o Senhor, que é Deus de Israel desde o Egito, faria com que voltassem a viver em tendas, como o fizeram durante 40 anos no deserto, para que novamente pudessem aprender a conhecer o Seu Deus (versículos 7 a 9).

Era Ele que lhes mandava profetas, mas mesmo assim o povo de Israel (Reino do Norte) se corrompeu e sacrificou a ídolos, como em Gilgal, mas o histórico de Israel com Deus é bem anterior a isso. Deus esteve com Jacó quando fugiu de seu irmão indo para a casa do tio em Arã. Lá ele trabalhou 14 anos por sua mulher. Depois que ele desceu ao Egito, Deus suscitou um profeta para tirar de lá a nação de Israel, que dele descendeu, cuidando dela por 40 anos. Efraim depois de tudo isso provocou o Senhor à ira e Ele o castigará por isso (versículos 10 a 14).

Oseias 13

Oseias continua aqui o seu discurso sobre Efraim, mas as referências anteriores eram a Israel, ou seja, Efraim era o nome pelo qual Israel se chamava por ser a tribo mais importante. Aqui, contudo, o profeta está falando efetivamente da tribo de Efraim. Os efraimitas tinham se tornado a maior tribo, a ponto de todas as outras terem por ela grande respeito. Infelizmente, contudo, ela adentrou as portas da adoração idólatra, fazendo com que se dirigisse para a destruição. Ali seus pecados se alastraram e passaram a fazer bezerros de ouro, aos quais sacrificavam vidas humanas. Em consequência disso se dissiparão como o faz a neblina da manhã (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 9, contudo, Deus deixa claro que eles tinham uma aliança. Ele era o seu Deus desde o Egito. Eles não deveriam reconhecer nem um Salvador além dEle. Ele cuidou deles e os alimentou, mas, quando satisfeitos, O esqueceram. Por isso mesmo, tendo escolhido virar Seus adversários, Ele Se voltaria contra eles como um leão destruidor.

Nos versículos 10 e 11, Oseias faz uso novamente do texto de *ISamuel 8.19-20*, desta vez para perguntar onde estaria o rei que iria defendê-los. Deus disse que os tinha atendido dando-lhes um rei, mas que fora forçado a tirá-lo.

A lógica do texto nos diz que esse rei nada poderia fazer contra o Senhor. A culpa de Efraim estava devidamente registrada e que seu sofrimento estava chegando como as dores da mulher em trabalho de parto (versículos 12 e 13).

O versículo 14 não é claro, e tanto pode significar que ainda resta esperança, porque Deus promete resgatar Israel do poder da sepultura e morte, como pode ser uma indagação, na qual está perguntando se o faria, com uma resposta ao final dizendo que não. Seja como for, é um versículo que Paulo cita em *ICoríntios 15.55*, onde conclui que a vitória está em Jesus. Ao longo desta linha, haveria restauração para Israel sim, mas apenas no futuro apocalíptico.

Os últimos dois versículos voltam a falar que ainda que Efraim tenha florescido entre as demais tribos, o Senhor mandaria um vento oriental que secaria o seu poço e todos os seus tesouros seriam perdidos. Além disso todo o povo de Samaria (referência a Israel, Reino do Norte), carregaria sua culpa, sendo mortos à espada.

Oseias 14

O livro de Oseias termina com um apelo para que Israel volte para o Senhor seu Deus, reconhecendo que sua queda estava totalmente associada a seus pecados. Ele até “ensaia” com eles as palavras de sua confissão. Eles deveriam pedir perdão e misericórdia, para que pudessem ser recebidos. Em troca disso eles forneceria o seu louvor. Reconheceriam, ainda, que a Assíria não poderia salvá-los, nem adiantaria mesmo saírem à guerra e, finalmente, eles abandonariam a idolatria, prometendo nunca mais se dobrar aos deuses que suas mãos haviam feito (versículos 1 a 3).

Em resposta a uma sincera confissão dessa natureza, Deus promete que curaria sua infidelidade, os amaria de todo o Seu coração e desviaria deles a Sua ira. Nos versículos 5 e 6 Ele promete que Israel reflorescerá e que seu esplendor será como o cedro do Líbano. Além disso, os versículos 7 e 8 prometem a restauração de Israel em termos dos alimentos que precisam para o seu sustento.

Finalmente, Oseias encerra o seu livro com um desafio em termos de sabedoria. Quem for sábio vai reconhecer que os caminhos do Senhor são justos e que os justos neles andam, enquanto os rebeldes neles tropeçam.

Semana 75- As Mensagens de Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias

Texto: Miquéias 1 a 7, Naum 1 a 3, Habacuque 1 a 3 e Sofonias 1 a 3

Estação 37

Miquéias 1

O primeiro versículo nos informa que Miquéias, da cidade de Moresete-Gate (que ficava a uns 40km de Jerusalém, nas proximidades de Gate), profetizou nos dias de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá, ou seja, durante a mesma época em que profetizou também Isaías. O nome Miquéias significa "quem é como o Senhor?" e o tom de sua mensagem pouco difere daquelas apresentadas por Oséias e Amós. Ele começou profetizando a queda de Samaria sob o poder da Assíria, acrescentando que o mesmo mal chegaria "...até à porta de Jerusalém" (*Miquéias 1.12*), numa provável alusão à mal sucedida invasão de Senaqueribe em Judá nos dias de Ezequias (*IIReis 18.13 - 19.1-37*).

O versículo 2 pede que todos os povos prestem atenção ao fato de que Adonai Jeová saiu de Seu templo nos céus para servir de testemunha num juízo contra eles. Ele já está pisando os lugares altos (possível referência aos lugares de idolatria ou àqueles onde reinam os líderes), com tamanho poder, que faz derreter os montes e rasgar os vales (versículos 3 e 4).

No versículo 5 Miquéias começa a falar sobre os pecados de Israel (Reino do Norte) e pergunta em que consistem? Ele mesmo propõe que tenham tido origem em Samaria, com sua instituição vindo através dos líderes. Logo a seguir faz a mesma pergunta relativa a Judá e sugere como resposta um mal similar começando em Jerusalém.

Logo a seguir é pronunciado o juízo contra Samaria, com a sua total destruição. O Senhor deixa claro que todos os ídolos serão destruídos e que todos os atos ímpios de Israel serão castigados.

Já no versículo 8 o profeta nos informa que recebera ordens de Deus para expressar sua tristeza pela destruição de Israel, chamando a atenção dos israelitas devido à sua indumentária escassa e seus uivos de chacal (todo animal que uiva o faz quando já tem a sua presa). A ferida de Israel era incurável e ameaçava Jerusalém (versículo 9).

Os versículos 10 a 15 são um tanto incompreensíveis sem o conhecimento dos nomes das cidades citadas, bem como dos fatos associados aos mesmos. Vejamos inicialmente o significado dos nomes citados (/54/, pág. 200):

- Gate: Cidade da Notícia ou Anunciação;
- Bete-Ofra: Casa do Pó;
- Safir: Cidade-Ornamento ou Vista Esplêndida;
- Zaanã: Partida ou Saída;
- Bete-Ezel: Cidade Vizinha ou Casa de Separação;
- Marote: Lamento Amargo;
- Laquis: Cidade da Corrida ou Cidade de Cavalos;

- Marosete-Gate: Noiva de Gate;
- Aczibe: Fonte Mentirosa ou Local de Engano;
- Maressa: Cidade da Conquista ou Cidade Hereditária.

Nestes versículos vemos agora, à luz do significado dos nomes, que Miquéias, de modo geral, está citando ocorrências consistentes ou opostas aos nomes dos lugares em apreço. As cidades citadas são todas próximas a Jerusalém (Bete-Ofra, Safir, Zaanã, Marote, Bete-Ezel) ou de Gate, na faixa de Gaza (Laquis, Marosete-Gate, Aczibe, Maressa).

Só para exemplificar, na Cidade da Notícia não se daria aos arqui-inimigos de Israel a notícia de que Jerusalém estava prestes a ser destruída pelos assírios. Já os habitantes da Casa do Pó (que foram destruídos por Senaqueribe) estariam se revolvendo no pó.

É importante ressaltar que tudo aqui diz respeito a Jerusalém e ao Reino de Judá.

No versículo 15 à Cidade da Conquista será mandado um conquistador; é uma continuação do jogo de palavras, mas a segunda parte do versículo é de mais difícil compreensão. A Caverna de Adulão é um dos lugares onde Davi se escondeu de Saul enquanto este o perseguia. Talvez seja uma referência a Ezequias “enfurnado” em Jerusalém, enquanto Salmanezer, o Conquistador, o ameaçava do lado de fora dos muros.

O capítulo termina com uma palavra de lamento pelo exílio dos seus ouvintes de Judá, motivo pelo qual fica implícito que o capítulo 2 é simplesmente uma continuação daquilo que estava sendo dito aqui.

Miquéias 2

É óbvio que o livramento maravilhoso dado por Deus a Jerusalém, com a vitória retumbante de Ezequias sobre Senaqueribe, tinha trazido um reavivamento em Judá, mas o que vemos aqui é que esse avivamento não durou muito e, não muito tempo depois, os homens de Judá já estavam novamente pensando em como ganhar dinheiro, e não necessariamente por meio lícitos. É exatamente isso que o profeta fala no versículo 1. A sua cobiça os leva a se apropriarem de bens alheios até por meios violentos, se necessário (versículo 2).

Exatamente por isso Miquéias lhes diz que Deus está preparando um castigo do qual nenhum deles escapará, que fará cessar a sua arrogância (versículo 3) e que naquele dia seria composta uma canção para zombar deles, dizendo que “**Deus tirou a terra de nós e a entregou aos invasores**” (versículo 4).

Esses iníquos, que roubavam as terras dos mais pobres não estariam entre os que fariam a divisão da terra por sorteio, mais adiante, quando retornassem do exílio. Trata-se de

uma referência aos dias de Josué, quando isso era feito de forma justa, pois eles simplesmente não viveriam até a volta do exílio, quando nova distribuição seria feita.

As palavras de Miquéias não foram aceitas. Mandaram que ele se calasse, pois diziam que a desgraça não os alcançaria (versículo 6). Ele insistiu, todavia, dizendo que a paciência do Espírito de Deus realmente estava chegando ao limite. Suas palavras só fazem bem àqueles que andam retamente. Para os ímpios ela é ofensiva, como certamente era o caso dos seus ouvintes.

Como exemplo disso ele cita a forma como agem injustamente contra os pobres (versículo 8) e contra as mulheres (versículo 9). Assim sendo, a sua terra não seria mais para eles um lugar de descanso, porque eles a haviam contaminado e brevemente a deixariam (versículo 10).

Miquéias termina essa parte dizendo que eles simplesmente não criam nele, mas se alguém profetizasse para eles fartura de vinho e bebidas fermentadas, esse sim é que seria um profeta bem aceito.

Neste ponto, contudo, quando o máximo que se espera é que ele reitere a condenação, Miquéias nos surpreende, olhando para um período além do cativeiro babilônico, e fala sobre o reino messiânico futuro, com a restauração de todo o Israel.

Miquéias 3

Após a rápida visão pós-babilônica, Miquéias volta a falar a Judá sobre a sua falta de justiça. Neste versículo ele se dirige especificamente aos líderes civis e religiosos de Judá, que, segundo ele, deveriam conhecer a justiça. Ao invés disso, contudo, eles fazem uma total inversão de valores, que, aliás, bem conhecemos em nossos dias. Miquéias deixa claro que esses que assim procedem um dia clamarão ao Senhor e Ele não lhes responderá (versículos 1 a 4).

Nos versículos 5 a 7 ele fala aos profetas que profetizam em função do ganho que lhes é concedido. Por assim procederem, a noite se porá sobre as suas visões proféticas de modo que o Senhor não mais será ouvido por eles.

Quanto a ele mesmo, pelo fato de observar os preceitos do Senhor, o poder do Espírito Santo continuava a utilizá-lo para anunciar a transgressão de Israel. É exatamente isso que ele volta a fazer, dirigindo-se aos líderes de Judá, que pervertem a justiça, derramam sangue em Sião e agem com impiedade em Jerusalém.

Miquéias deixa claro que seu governo se faz aceitando suborno, que até o seu culto visa lucro e seus profetas falam o que são pagos para falar. Como se isso não bastasse, ainda dizem que o Senhor está no meio deles, pelo que nada lhes atingirá.

Mais uma vez, portanto, ele anuncia o exílio, com Sião virando um campo e Jerusalém um monte de entulhos.

Miquéias 4

A exemplo do que muitas vezes ocorre nos profetas, os futuros longínquo e relativamente próximo são apresentados juntos. Isso pode ser visto, por exemplo, em *Miquéias 4*, que começa com uma profecia conhecida da Era Messiânica (versículos 1 a 8), mas retrocede séculos até o cativo babilônico de Judá e a volta do mesmo nos versículos 9 e 10. Já os versículos 11 a 13 tanto podem se aplicar ao tempo do cerco de Jerusalém por Nabucodonosor como também se aplicam novamente para a chamada "Batalha do Armagedom".

O versículo 1 se refere claramente aos tempos do fim, onde Jerusalém será restaurada como capital político-religiosa com o templo restaurado e o Rei-Messias governando. Além disso, Israel ocupará um lugar de importância capital entre as nações da Terra com muita gente, de todas as nações, ali ocorrendo.

O versículo 2 tem sido cantado e decantado, pois Jerusalém se tornará um centro de ensinamentos espirituais para todas as nações. Além disso, a lei divina absoluta dali virá para todas as nações da Terra. Esta será a palavra do Senhor.

Nesse Reino Messiânico, a palavra do Senhor resolverá as disputas entre muitas nações poderosas e mesmo distantes de Israel. Veremos, ainda, o fim das disputas bélicas, com todas as nações transformando as suas armas em equipamentos agrícolas (versículo 3). Já o versículo 4 nos informa que o Reino Messiânico será um tempo tanto de segurança, quanto de abundância, graças à promessa do Senhor dos Exércitos.

O versículo 5 nos deixa um pouco confusos. Nos versículos 2 e 3 acima somos informados que as nações se voltariam para o Deus de Israel. Como é possível que agora Miquéias nos diga que todas as nações andam cada uma em nome dos seus deuses? O que esperaríamos seria ler que "todas as nações andarão em nome do Senhor, nosso Deus. No original hebraico os dois verbos estão no mesmo tempo e não um no passado e outro no futuro, como a tradução. Mesmo assim, tudo indica que as nações que andam em nome de seus deuses, nos dias de Miquéias, andarão juntamente com Israel, em nome do Senhor, no Reino Messiânico.

No versículo 6 nós vemos a promessa do Senhor de ajuntamento de todos os israelitas que foram dispersados por toda a Terra, ao longo dos séculos. O remanescente a quem Paulo se refere em *Romanos 11.26* é todo o Israel que será salvo nesta ocasião. Sobre eles o Senhor reinará em Sião para todo o sempre (versículo 7).

A última promessa para Sião é o fato dela ver restaurados todo o seu domínio e toda a sua realeza. Ela se tornará uma torre para o rebanho de Israel e para todas as demais nações.

Já nos versículos 9 e 10 nos vemos reconduzidos aos dias em que Nabucodonosor já dominava o antigo reino assírio e estava prestes a tomar e destruir a cidade de Jerusalém. Ela sofre e grita como uma mulher em trabalho de parto. Fica claro, contudo, que ela seria levada para a Babilônia, de onde seria libertada futuramente, resgatada pelo Senhor.

Já as muitas nações que estão reunidas contra Jerusalém, tanto podem ser as nações vizinhas de Israel à época do exílio, como podem ser as nações que se preparam para lutar contra Israel nos tempos do fim, pelo que seria uma referência à batalha de Armagedom (versículo 11). Realmente os pensamentos do Senhor mencionados no versículo 12, não os compreendemos, mas sabemos que Seus planos são tais que tudo isso contribuirá para o nosso bem, que prepara para o Seu povo a vitória final (versículo 13).

Miquéias 5

O texto original não tem a divisão em capítulos, de modo que é difícil saber se o versículo 1 ficaria melhor como continuação do capítulo anterior, ou se simplesmente nos traz de volta para a invasão assíria, que também poderia ser uma referência a Nabucodonosor nos dias de Zedequias, ou ainda se o líder ferido na face seria o próprio Messias, ligando, assim, o versículo 1 ao 2.

Já o versículo 2 começa com uma das mais conhecidas profecias messiânicas do Velho Testamento, na qual Miquéias prediz o nascimento de Jesus em Belém, ao mesmo tempo em que fala de Sua existência anterior e eterna.

Creio que o versículo 3 nos forneça o elo de ligação entre o 1 e o 2. Nabucodonosor levaria os israelitas para o exílio babilônico, de onde seriam libertados por Ciro após 70 anos, mas eles viveriam depois em total abandono até que nascesse o Messias. Ele seria o governante eterno, mas os judeus não O reconheceriam. Por outro lado, o Messias permitiria que muitos outros irmãos Seus fossem objeto da adoção divina. Estes, por sua vez, serão unidos ao remanescente judeu, na Segunda Vinda do Messias.

Reconheço que minha leitura do versículo 3 está se fazendo nas entrelinhas, mas isso é possível graças ao conhecimento dos fatos que são passado para nós, mas que Miquéias vê apenas parcialmente. Além disso, está também em total harmonia com o versículo 4, que fala do Messias pastoreando Israel em segurança, após a Sua Segunda Vinda, na medida em que o Seu Reino se estende por toda a Terra.

A maioria dos comentaristas bíblicos dizem que o início do versículo 5 deveria fazer parte do 4, pois realmente o Messias, em Seu reino Messiânico, será a nossa paz. Já o restante do versículo 5 e o 6, a seguir, tanto podem nos remeter de volta aos dias de Ezequias, quando Deus derrotou maravilhosamente o Reino da Assíria (fundado por Ninrode), como pode fazer um paralelo chamando de Assíria a associação de nações

que invadirá Israel na batalha de Armagedom ao final do Milênio. Pessoalmente, creio nessa segunda hipótese, porque o restante do capítulo parece falar do preparo do povo de Israel “abandonado entre as nações” para que assuma o seu papel de líder no Reino Messiânico.

O versículo 7 parece fazer referência ao povo judeu espalhado entre as nações, onde sua presença é uma bênção graças, certamente a suas realizações. Por outro lado o versículo 8 parece dizer exatamente o oposto, ou seja, que sua presença é uma praga ou uma maldição, a ponto de destruir seus adversários (versículo 9).

Somos obrigados a reconhecer que a grande variedade de interpretações deste texto mostram apenas a grande dificuldade que a sua interpretação representa, mas todos podemos concordar que o povo judeu é dotado de uma inteligência média superior à média dos outros povos, pelo que suas realizações científicas têm abençoado as outras nações. O grande número de prêmios Nobel atribuídos a judeus atesta isso. Por outro lado, o isolacionismo (exigido por Deus na lei mosaica) tem levado a muito antagonismo em relação aos judeus, pelo que não raramente sofrem sanções por esse motivo. O massacre promovido por Hitler é, sem dúvida, o exemplo mais contundente.

Finalmente, a volta do povo à terra de Israel e suas memoráveis vitórias sobre todos os países árabes em diversas guerras atestam completamente o que foi previsto no versículo 9.

Os versículos 10 a 14 falam a respeito da purificação que o Senhor está promovendo no seio do povo judeu ao longo dos séculos e que estará concluído apenas quando ocorrer a conversão do remanescente deles previsto em *Romanos 11.26*. Há muito sofrimento que acompanha essa purificação, e creio que podemos concordar que dificilmente outro povo tenha pago um preço tão alto quanto o povo judeu.

O versículo 15, contudo, parece atestar que Deus não permitirá que esse sofrimento, impingido por outras nações, deixe de ter a devida recompensa.

Miquéias 6

Neste capítulo Miquéias faz o que Deus pediu e convoca o povo de Israel a ouvir as acusações que Ele pretende apresentar em juízo contra eles (versículos 1 e 2).

Antes de fazê-lo, contudo, Ele pergunta, versículo 3, o que Ele pode ter feito contra eles, para que eles O deixassem? Teria Ele sido muito exigente? Ele lembra que os tirou da escravidão, enviando para tanto Moisés, Arão e Miriã, que os conduziram (versículo 4). Além disso, Ele impediu que eles fossem amaldiçoados quando Balaque intentou fazê-lo através de Balaão. Ele pediu, ainda, que se lembrassem da caminhada no deserto, se houve alguma injustiça da parte dEle (versículo 5)?

Nos versículos 6 e 7 o profeta pergunta aos seus ouvintes acerca da melhor maneira de comparecer diante do Senhor para ser aceito por Ele:

- Será que oferecer holocaustos de bezerras de um ano é suficiente? Isso seria segundo a lei;
- Será que O agradariam com milhares de carneiros? Isso também seria segundo a lei;
- Será que dez mil ribeiros de azeite resolveria? Também segundo a lei;
- Será que o sacrifício do seu primogênito pagaria pelo pecado do ofertante? Contra a lei, é claro.

Mas o próprio profeta responde no versículo 8, muito conhecido. Deus nunca Se agradou do legalismo da guarda da lei e, sim, da justiça e misericórdia resultantes do fato de andarmos humildemente com Ele. Tem sido assim as nossas vidas? Infelizmente olhamos à nossa volta e vemos que, em muitos casos, o Evangelho de Jesus Cristo tem sido transformado em uma série de preceitos do tipo "**não toques, não proves, não manuseies**" (*Colossenses 2.21-23*), pelo que a mensagem de Miquéias continua completamente atual.

A partir do versículo 9, Miquéias primeiro lembra aos judeus que é sensato temer a Deus, pelo que ele vai apresentar a eles alguns problemas, pelos quais Deus estava irado. No versículo 10 ele pergunta se não é verdade que há ímpios na cidade em cujas casas Ele encontraria pesos desonestos? Essa pergunta é complementada a seguir no versículo 11, onde Ele pergunta se uma pessoa com balanças desonestas e pesos falsos poderia ser chamada de pura?

No versículo 12 o profeta complementa dizendo que há ricos violentos e pessoas mentirosas no meio deles. A consequência dessa impiedade é ressaltada nos versículos 13 a 15, que preveem fome e perda de colheita.

Por estarem seguindo os mesmos caminhos do Reino do Norte (obedecendo aos decretos de Onri) eles seriam entregues à ruína, ao desprezo e à zombaria das nações, sofrendo o mesmo castigo que Samaria.

Miquéias 7

Este sétimo capítulo é composto por 3 partes bem distintas. Nos versículos 1 a 7 Miquéias visualiza Judá sem um único homem puro, pelo que ele está desanimado, mas não se entrega ao desespero. Já nos versículos 8 a 13 há uma promessa de justificação, mas que fala igualmente de juízo. Finalmente o capítulo se encerra apresentando a restauração completa nos versículos 14 a 20.

O primeiro versículo começa com uma visão na qual Miquéias sai ao campo para colher algumas frutas, mas não encontra nem uvas nem figos. Sua fome, contudo, não é de alimentos e, sim, de justiça. A falta de frutas é, na realidade, uma figura que aponta para a ausência de frutos de justiça, pelo que ele reclama que os piedosos não existem mais.

O que há, sim, são pessoas cujo único interesse reside em derramar sangue e colocar armadilhas para os outros (versículo 2).

O rei, os juízes e os poderosos de Judá são todos corruptos e tudo no país se obtém às custas de suborno. É fácil entendermos a tristeza de Miquéias, porque nos dias de hoje nos entristecemos por nosso país ser exatamente assim. Os corruptos se entendem e tramam tudo em conjunto (versículo 3), pois são todos iguais e se entendem (versículo 4a).

Felizmente é chegado o Dia do Juízo, pelo que reina confusão entre eles.

Exatamente de que época Miquéias está profetizando, nós não sabemos. O que ele diz se encaixa bem para os dias de Zedequias, porque este era um rei corrupto, como toda a sociedade estava corrompida, mas é mais provável que Miquéias esteja olhando para os dias que antecedem a volta de Cristo.

Seja como for, é uma época em que a confiança nos outros exige cuidados (versículo 5), porque os maiores inimigos do homem são justamente os seus familiares (versículo 6). Nossa confiança, contudo, está no Senhor a exemplo do que ocorre com Miquéias, pois Ele sempre nos ouve (versículo 7).

Na segunda parte deste texto (versículos 8 a 13), vemos que o profeta tem consciência de seu estado de pecado, com o qual a sua inimiga se regozija. Embora caído, contudo, ele tem também a certeza de que seu Deus o levantará. Embora habite em trevas, ele sabe, de igual maneira, que o Senhor é a sua luz.

O versículo 9 nos traz verdades que conhecemos bem, mas que por vezes teimamos em ignorar. Todo pecado tem consequência. Miquéias sabe disso, pelo que já o confessou no versículo anterior e diz aqui que suportará a ira correspondente, mas que o próprio Senhor virá e estabelecerá o seu direito. Trata-se de um direito que eu não tinha, mas que foi conquistado pelo Messias ao comprar a minha dívida.

É isso que envergonhará a minha inimiga. Ela que quis saber onde está o meu Deus, se envergonha por testemunhar o livramento que Ele me traz (versículos 9 e 10). Além disso, o Senhor proferia para que os muros de Jerusalém fossem reconstruídos e para que as fronteiras de Israel fossem aquelas que foram prometidas por Ele (versículo 11).

“**Naquele dia**” será certamente depois que Deus tiver restaurado Israel em suas novas fronteiras, com a volta dos israelitas para a sua terra (versículo 12). Essa volta retumbante concedida pelo Senhor deixará desoladas as outras nações que assistirem à vitória de Israel.

Nesta última seção deste capítulo vemos Miquéias pedindo ao Senhor que venha pastorear o Seu povo como antigamente (versículo 14) e o Senhor respondendo que teria prazer em mostrar as mesmas maravilhas que mostrou quando saíram do Egito (versículo 15). As outras nações o veriam e se envergonhariam. Mesmo elas se voltariam para o Senhor (versículos 16 e 17).

Os últimos 3 versículos formam um canto de exaltação ao Senhor: "**Quem, ó Deus, é semelhante a Ti?**", para exaltar a fidelidade de Deus cumprindo todas as Suas promessas feitas a Jacó e a Abraão mediante Aliança.

Naum 1

Provavelmente durante o reinado de Josias, o profeta Naum falou a respeito da destruição de Nínive, não mais como uma advertência para os ninivitas, visando o arrependimento destes, como fizera Jonas 200 anos antes, mas como o anúncio da chegada do juízo de Deus sobre a crueldade e a impiedade deles. O arrependimento demonstrado por ocasião da profecia de Jonas fora sincera, mas pouco duradoura, pelo que Naum começa as suas palavras dizendo que: "**o Senhor é Deus zeloso e vingador! O Senhor é vingador! Seu furor é terrível! O Senhor executa vingança contra os seus adversários e manifesta o seu furor contra os seus inimigos**" (versículo 2).

Pode parecer estranho que uma hora Deus Se mostre muito mais misericordioso que Jonas, para depois falar de ira contra os "inimigos", mas o próprio Naum esclarece no versículo seguinte: "**o Senhor é muito paciente, mas o seu poder é imenso; o Senhor não deixará impune o culpado**" (versículo 3). Se por um lado Ele não queria que 120.000 vidas se perdessem (*Jonas 4.11*), Paulo nos exorta, em *Romanos 11.22*, dizendo: "**Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus...**". Embora Ele seja longânimo, não querendo que ninguém se perca, antes, que todos cheguem ao arrependimento (*IIPedro 3.9*), ainda assim, Ele **jamais** inocenta o culpado!

Ao contrário do que pensa a vasta maioria das pessoas, Deus não expressa Sua misericórdia e tolerância para com nossos pecados fazendo uso de Sua Soberania para, simplesmente, anistiá-los. Sua justiça, por ser divinamente perfeita, não permite que haja perdão sem expiação da culpa. A bondade, tolerância e longanimidade de Deus são no sentido de levar o homem ao arrependimento (*Romanos 2.4*), para que a ele se aplique a expiação substitutiva de Jesus, completada, para fins de perdão, desde a fundação do mundo (*Apocalipse 13.8*).

Os versículos 4 e 5 ilustram o poder de Deus através da reação que tem a natureza. Enquanto o versículo 6 fala da impossibilidade do homem de resistir à Sua ira, o versículo 7 nos assegura que Ele é um refúgio perfeito para os que nEle se refugiam.

O outro lado da moeda, contudo, é a Sua severidade para com aqueles que rejeitaram a Sua oferta de perdão mediante a cruz. O juízo dos ninivitas é anunciado nos versículos 8 a 12a.

Nos versículos 12b e 13 Deus promete suavizar o Seu jugo sobre Judá, mas no versículo 14 continua a falar do Seu juízo contra o rei da Assíria.

O capítulo se encerra com o Senhor falando favoravelmente em relação a Judá.

Naum 2

Este capítulo começa com o alerta de Naum à cidade de Nínive, de que seus destruidores, os babilônios e medos vêm aí. Ele manda que se preparem, mas sabe que sua causa é indefensável, porque o inimigo vem apoiado pelo Senhor dos Exércitos.

Nabopolasar fez uma associação com os medos e marchou contra Nínive em 612a.C.. Depois de um longo cerco, a cidade foi invadida e destruída. Ele faleceu deixando o reino para o seu filho Nabucodonosor em 605a.C..

A seguir Naum visualiza a restauração de Israel, não obstante tudo que foi destruído, porque, mais uma vez, é essa a vontade do Senhor Deus de Israel, a Quem ninguém pode resistir (versículo 2).

As tropas dos babilônios e medos são descritas nos versículos 3 e 4, enquanto o versículo 5 nos apresenta um desajeitado exército assírio tropeçando ao estabelecer a defesa do muro da cidade.

Não há qualquer descrição histórica que narre detalhes da queda da cidade; portanto, não sabemos exatamente a que comportas o versículo 6 se refere como sendo responsáveis pelo desabamento do palácio (versículo 6), mas o versículo 7 deixa claro que a Assíria havia de sofrer o mesmo castigo que impunha aos outros, qual seja, o exílio.

Os versículos 8 a 10 narram a devastação de Nínive e o saque dos bens da cidade, que eram muitos. Todos tremem e bebem de sua própria bebida.

Nos versículos 11 e 12 Naum fala da Assíria como um toca de leões que saíam sem oposição para caçar suas presas. Agora o profeta pergunta que foi feito deles? No versículo 13 Deus deixa claro que tudo que está acontecendo vem dEle, que reina sobre todos os reinos.

Naum 3

Este capítulo contém uma exposição de motivos pelos quais Deus trouxe o Seu juízo sobre Nínive. A palavra “**ai**” normalmente é usada como expressão de lamento, mas não aqui. Naum está dizendo que “**finalmente chegou a vingança**” para esta cidade sanguinária, que sempre enganou, roubou e vitimizou.

Os versículos 2 e 3 resumem o ataque dos babilônios e medos, que resultam em cadáveres assírios sem conta. Esse é o castigo pela prostituição e feitiçaria com que ela escravizou tantas nações. A vergonha da qual a Assíria agora é objeto será equivalente a expor a sua própria nudez, como fez com muitas outras nações. O desprezo do qual será objeto servirá de exemplo para outras nações (versículos 4 a 6).

O versículo 7 expressa, na realidade, a satisfação de outras nações com aquilo que está acontecendo à Assíria. O fato de Nínive estar arrasada é motivo de celebração.

Tebas foi capital do Egito durante o Império Novo entre 1550a.C. e 1070a.C., mas continuou sendo uma cidade de prestígio, localizada junto à cidade atual de Luxor. Em 661a.C., a provável referência dos versículos 8 a 11, a Assíria devastou Tebas e levou o seu povo cativo para o exílio. É por isso que o profeta pergunta à Assíria se eles se julgam melhores do que Tebas, já que agora acontecia exatamente o mesmo com eles. É claro que os soldados assírios não ficaram embriagados para lutar com as tropas de Nabopolassar; ficaram embriagados, sim, do vinho da ira de Deus, de modo que sequer podiam se proteger do inimigo.

Os versículos 12 a 19 falam de como todos os fortes do reino assírio se tornaram pontos frágeis por ocasião da invasão dos inimigos suscitados por Deus. Suas fortalezas pareciam frutas maduras prontas para cair. Suas tropas pareciam mulheres na batalha (nenhuma ofensa às mulheres, mas os homens costumam se sair melhor nas guerras). Faltou água durante o cerco. Nínive foi consumida pelo fogo e devorada por gafanhotos. Os comerciantes assírios, em grande número e bem sucedidos, bateram asas antes da invasão dos inimigos. Os guardas sumiram quando mais se precisava deles. Os pastores não puderam dirigir o povo, quando este deles precisava.

O resultado de tudo isso foi o mundo da época, que sofrera muito nas mãos dos perversos assírios, agora apenas batia palmas enquanto o seu reino era destruído.

Habacuque 1

Embora não haja qualquer referência a Habacuque nos livros de *Reis* ou de *Crônicas* sabemos, pelo teor de sua mensagem, que ele profetizou nos dias que antecederam o exílio babilônico, possivelmente ainda nos dias de Manassés mas, mais provavelmente, após o reinado de Josias.

A beleza do livro de Habacuque reside, inicialmente, na sinceridade com que questiona tanto a passividade como a forma de castigo de Deus para com os pecados de Seu povo e, depois, no canto de exaltação ao Deus que responde aos Seus fiéis.

Lemos, nos versículos 1 a 4, que ele olha à sua volta, vê somente violência e corrupção e pergunta a Deus até quando a impunidade vigoraria, triunfando sobre a justiça. Com muito mais razão ele faria as mesmas perguntas se vivesse em nossos dias, pois, olhando à nossa volta, nada vemos senão as verdadeiras afrontas que fazem os iníquos ao sistema de justiça em vigor. Ficamos estarecidos diante da violência crescente e, também, da crescente impunidade. Até quando, Senhor?, também nós perguntamos.

A resposta do Senhor, apresentada nos versículos 5 a 11, que prevê a utilização da perversa nação babilônica como o instrumento de Sua ira sobre os pecados citados, deixa o profeta perplexo. Está certo que a impunidade não poderia continuar, mas a

utilização de um povo ainda muito mais ímpio que os judeus, para servir de vara de disciplina (versículos 12 e 13), parece a Habacuque não condizer com a justiça divina.

Nos versículos 14 a 17 ele sugere que Deus criou, assim, uma forma curiosa de idolatria, ao fazer com que os babilônios dominem sobre todos os homens como se fossem peixes do mar. Embora não estejam sujeitos a ninguém, os babilônios chegam com sua rede (uma figura do seu poderio militar) e pescam a todos, escravizando-os. Depois disso adoram e honram a sua rede, que permite que eles vivam em grande conforto e prazer. Assim o seu deus é a sua rede, usada sem misericórdia em relação às nações.

Habacuque 2

A atitude de Habacuque adotada ao início deste capítulo é um grande ensinamento para nós hoje. Apesar de não ter entendido e de ter colocado, com sinceridade, o seu questionamento diante de Deus, Habacuque diz que vai assumir, obedientemente, o seu posto de atalaia e aguardar por uma resposta divina (versículo 1). Não vemos qualquer rebeldia, nem imposição de condições para continuar servindo, mas prontidão para continuar o serviço, mesmo não tendo entendido. Que saibamos agir de igual maneira!

Ressaltamos, contudo, que a atitude de Habacuque é uma de ousadia, pois não entendeu o que Deus está fazendo, achou que fosse injusto e colocou, respeitosamente a sua dúvida.

Como não podia deixar de ser, o Senhor não deixou Habacuque sem resposta. O versículo 2 diz: "**Então o Senhor me respondeu: Escreve claramente a visão...**". Ela foi registrada para que também nós a tivéssemos e pudéssemos correr para divulgá-la.

A resposta divina começa por informar a Habacuque que a visão que ele tivera da invasão babilônica tinha um tempo determinado, mas que era certa (versículo 3) e que todos os males praticados por Israel haviam de receber o merecido castigo (versículos 5 a 20), mas mesmo em meio à provação dos dias que teriam pela frente, o justo viveria pela fé (versículo 4). O Senhor haveria de prover para as suas necessidades. Ele revela, ainda, no versículo 14, a Sua intenção última, qual seja, que toda a terra seja cheia do conhecimento da Sua glória!

É curioso que a resposta de Deus não mencione os babilônios, objeto da principal "acusação" de Habacuque, mas aparentemente está falando deles em todo o texto. Fica claro, pelos versículos 5 e 6, que eles serão castigados. Os principais erros deles são ressaltados entre os versículos 7 a 13, mas o objetivo último do Senhor é apresentado no versículo 14, qual seja, que o conhecimento de Sua glória, a cumprir-se plenamente no Reino Milenar, seja visível desde já na vida de Seus servos fiéis, aqueles que andam por fé, e não por vista.

Os versículos 15 a 19 continuam a citar os erros dos babilônios, mas o versículo 20 ressalta que no final das contas, o que importa é o fato de que Deus reina e o direito de toda a Terra é ficar em silêncio diante dEle.

Habacuque 3

Habacuque 3 é um salmo de louvor a Deus pela Sua soberania, no qual fica claro o perfeito entendimento daquilo que Ele respondera ao profeta. Ele reconhece ser verdade aquilo que sempre ouvira a Seu respeito e pede que Deus realize nos seus dias sinais iguais, sem esquecer, contudo, de Sua misericórdia (versículo 2).

Temã e Parã são ambos em Edom, mas evocam a manifestação de Deus ao povo de Israel no deserto, quando saíram do Egito. Os versículos 3b a 6 falam dos Seus gloriosos feitos, abrangendo o que fez no Egito, mas ampliando os Seus feitos em lugares não definidos.

No versículo 7 não reconhecemos quem habita as tendas de Cuchã, mas talvez sejam beduínos próximos a Midiã, que testemunharam, juntamente, as coisas que Deus fez por Israel no deserto. Os versículos 8 a 11 se referem a milagres diversos realizados por Deus, nos quais os rios foram afetados, o mar se abriu, os astros pararam e outros. Tudo isso é dito em louvor ao Senhor, que é Deus sobre a natureza.

A exaltação no versículo 12 se volta agora à forma como o Senhor reina sobre as nações. Já no versículo 13 ela se torna específica, agora em prol de Israel, o seu povo ungido. Para salvá-lo, Deus esmagaria a nação ímpia que os retém.

O que Deus faria ao inimigo de Israel é descrito de forma figurada nos versículos 14 e 15, enquanto, no versículo 16, o profeta confessa o seu estremecimento quanto ao que Deus iria fazer em prol de Seu povo. Assim, ele declara que esperará pacientemente pelo dia da desgraça dos caldeus.

As palavras finais de Habacuque indicam bem a sua fé renovada no sentido de reconhecer que Deus estava na direção de todas as coisas: *"Ainda que a figueira não floresça e a vide não dê o seu fruto ...todavia eu me alegrarei no Senhor e exultarei no Deus da minha salvação. O Senhor é a minha fortaleza..."* (versículos 17 e 18).

Ele encerra declarando que o Senhor é a sua força e que o faz andar sempre vencendo.

Sofonias 1

Durante o reinado de Josias, aparentemente no período que antecedeu o avivamento, Sofonias (provavelmente tetraneto do rei Ezequias - versículo 1) profetizou em Judá contra a idolatria de um modo geral.

O versículo 2 começa com a promessa de destruição geral de homens e animais, aves e peixes, que obviamente não ocorreu no passado, pelo que se aplica a alguma data futura durante o reino do anti-Cristo (versículo 3).

Já os versículos 4 a 6 são dirigidos especificamente à idolatria em Judá. Ao final do reinado de Amom, pai de Josias, o culto a Baal havia sido reintroduzido em Judá. Seu filho Josias começou a extirpá-lo quando completou 12 anos (ele assumiu o trono com 8 anos de idade), mas ainda havia um remanescente a ser eliminado, conforme citado aqui. Havia também ministros idólatras entre os sacerdotes, aqueles que adoravam os astros e que promoviam um culto sincretista prestado ao Senhor e a Moloque.

No versículo 7 Sofonias começa a falar sobre o Dia do Senhor, a respeito do qual ele tem mais 18 citações em seu livro. Neste dia está reservado um castigo para o povo de Israel, que será promovido pelos convidados, quais sejam, os caldeus. Motivos para tanto são citados nos versículos 8 e 9, incluindo a ostentação dos líderes que vestiam roupas importadas, não pisavam soleiras conforme procedimento do culto filisteu, além de agirem com violência e engano.

“**Naquele dia**” haveria muito sofrimento na porta dos Peixes e em várias outras partes da cidade de Jerusalém. O comércio seria destruído e o próprio Senhor se certificaria de terem sido punidos os complacentes, ou seja, os que são indiferentes à palavra do Senhor. Toda a riqueza deles seria saqueada (versículos 10 a 13).

O grande Dia do Senhor é um termo usado ao longo da Bíblia para diversas ocasiões, e mesmo aqui em Sofonias é aplicado para o dia próximo da queda da cidade de Jerusalém, mas também para um dia futuro de juízo para a humanidade.

Os versículos 14 a 18 parecem se aplicar, claramente, à queda de Jerusalém, no qual haveria angústia, aflição, sofrimento, ruína e trevas, quando o dinheiro nenhum alívio compraria.

Sofonias 2

Sofonias inicia este capítulo com um apelo emocionante para que o povo de Deus, chamado aqui de “**nação sem pudor**”, se reúna, antes que chegue o Dia do Senhor, para que O busquem e se humilhem diante dEle, confessando os seus pecados (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 7 Sofonias descreve a destruição dos filisteus. Ele cita que serão arrasadas 4 das 5 capitais da Filistia, enquanto a quinta será ocupada pelo remanescente da tribo de Judá. Supõe-se que a referência aos filisteus como queretitas esteja associada à sua origem e nome anterior em Creta.

Os versículos 8 a 11 descrevem uma destruição similar dos moabitas e amonitas, que teriam procurado tirar proveito da destruição de Judá. Mais uma vez o remanescente de Judá ocupará suas terras.

No versículo 12 é prevista a destruição dos etíopes e os assírios são objeto de eliminação nos 3 versículos finais, onde o profeta fala especificamente da destruição de Nínive.

Sofonias 3

Nesse capítulo final Sofonias começa falando com Jerusalém. Ele lamenta que ela seja rebelde, impura e opressora como as outras que o Senhor prometeu destruir. Ela é surda à correção e não quer se relacionar com seu Deus. Os seus líderes e juizes são pessoas impiedosas, que agem como feras selvagens destruindo as ovelhas que deveriam guiar. Os profetas e sacerdotes de igual forma buscam seus próprios interesses e fazem violência à lei (versículos 1 a 4).

Apesar do Senhor estar presente em Jerusalém (no Santo dos Santos) ministrando a Sua justiça a cada manhã, o povo injusto não vê o quanto O ofende. Por isso o próprio Senhor interrompe Sofonias e declara o que tem feito às outras nações. Ele as tem eliminado totalmente sem deixar ninguém, pelo que Jerusalém deveria temê-LO e aceitar a Sua correção, evitando ela mesma ser eliminada, mas nada disso adianta (versículos 5 a 7).

O resultado disso é que Deus declara que Ele vai reunir todos os reinos, incluindo Israel, e derramar sobre eles a Sua ira e a Sua indignação, consumindo-os pelo fogo de Sua ira. Em meio à Sua ira, contudo, o Senhor também Se lembra de Sua misericórdia para com os Seus adoradores e para com aqueles que são mansos e humildes e se refugiam nEle. Para estes promete purificar os seus lábios para que O invoquem. Promete, também, ajuntar os Seus adoradores (versículos 8 a 10).

E quanto a Sião ela será purificada, removendo dela todos os altivos e deixando apenas os mansos e humildes. O remanescente de Seu povo será formado apenas por pessoas justas, que viverão em segurança em Judá. Desta feita o Senhor anulou a sentença que havia contra Jerusalém e ela será convocada a cantar: **“cante, ó cidade de Sião; exulte, ó Israel! Alegre-se, regozije-se de todo o coração, ó cidade de Jerusalém!”** (versículos 11 a 15).

Desta forma o **“Dia do Senhor”** será seguido do exercício de Sua grande misericórdia. A Sua graça será abundante para com aqueles que O temem. Ele promete juntá-los em Sua terra, dando a honra e louvor entre todos os povos da Terra, restaurando a sua sorte diante de seus próprios olhos.

Semana 76 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 1

Texto: Jeremias 1 a 13

Estação 38

Jeremias 1

O ministério do profeta Jeremias cobriu um período que se estende por mais de 40 anos, durante os quais ele viveu os turbulentos dias que antecederam o exílio babilônico. Trata-se de um jovem sacerdote da cidade de Anatote (cerca de 5km ao norte de Jerusalém), cuja "chamada", narrada neste capítulo, deu-se no 13º ano do reinado de Josias (627a.C.) e cujo ministério se estendeu até o povo ser levado em cativeiro para a Babilônia no 11º ano do rei Zedequias.

As palavras do Senhor, apresentadas a partir de *Jeremias 1.5*, nos mostram o princípio de eleição divina em funcionamento no Velho Testamento, da mesma forma como Paulo, em *Efésios 1.4-6*, a descreve no Novo. Jeremias é informado que já era conhecido de Deus antes de ser formado no ventre de sua mãe e que fora consagrado profeta às nações antes mesmo de nascer (versículo 5). É lícito dizer aqui, com base em *1Coríntios 8.3*, que o amor, traduzido em zelo, que Jeremias tinha pelo Senhor e Seu reino, tornou-o conhecido dEle. A atemporalidade de Deus O levou a incluí-lo em Seus planos, concebidos "antes da fundação do mundo" (*Efésios 1.4*).

É verdade que Jeremias se sentiu despreparado para a missão que lhe estava sendo outorgada e expressou isso, dizendo não passar de uma criança (versículo 6), mas o Senhor disse a ele o mesmo que já dissera, e continua a dizer, a todo aquele que Ele comissiona: "Não tenha medo deles, pois eu estou com você para protegê-lo..." (versículo 8). É maravilhoso saber que em "tudo que nos vem à mão para fazer" o Senhor não requer de nós senão que "façamos conforme as nossas forças" (*Eclesiastes 9.10*), ficando a cargo dEle completar o que faltar.

Lemos no versículo 11 que o Senhor pergunta a Jeremias o que ele vê e este, por sua vez, tem a visão de uma amendoeira, que em hebraico significa "atalaia". Ele, pois, Jeremias, seria responsável por anunciar a palavra do Senhor, que, por Sua vez "velaria por fazê-la cumprir" (versículo 12).

Sua mensagem seria de juízo, dada a ele sob forma de visão de uma panela com água fervente a ser derramada a partir do norte, ilustrando a invasão babilônica, devido à idolatria com que viviam (versículos 13 a 17).

Nos versículos 18 e 19, Deus diz a Jeremias que ele seria uma cidade fortificada contra toda a terra de Judá (reis, príncipes, sacerdotes e povo), mas que estes não prevaleceriam contra ele, pois o Senhor o livraria. Estes versículos, somados ao versículo 10, poderiam dar a idéia de que Jeremias, revestido pelo poder de Deus, seria

uma espécie de super-herói, inatingível pelas "astutas ciladas de Satanás" (*Efésios 6.11*). A vida dele, contudo, não retrata nada disso. Vamos ver um homem sob a intensa perseguição do Diabo, injustiçado em todo o tempo, mas de uma fé inabalável, que o leva a continuar como atalaia, apesar de toda a adversidade.

Este, digamos, "super-herói de Deus", "mais do que vencedor", segundo Paulo (*Romanos 8.37*), nada tem dos super-heróis das histórias em quadrinho (e, às vezes, enfatizados por alguns púlpitos), mas está totalmente coerente com a descrição que tem de sua armadura apresentada em *Efésios 6.10-17*. *Efésios 6.16* deixa claro que as "setas inflamadas do maligno" vão nos atingir e queimar, sendo, contudo, "apagadas" pelo escudo da fé.

Jeremias 2

O livro de Jeremias pode ser subdividido, basicamente, como a seguir:

- *Jeremias 1* → sua chamada;
- *Jeremias 2-45* → suas profecias relativas a Judá;
- *Jeremias 46-51* → profecias contra as demais nações;
- *Jeremias 52* → complemento histórico.

Embora as profecias de Jeremias não estejam de todo em ordem cronológica, pelo menos *Jeremias 1-6* refere-se ao início de seu ministério nos dias de Josias (*Jeremias 3:6*).

Neste capítulo, Deus manda lembrar aos judeus que já foram fiéis no início. Ele diz que eles eram como que a primícia de Sua colheita (foram Seus primeiros servos), pelo que Ele castigava todos os que neles tocavam (versículos 2 e 3). Por isso mesmo Ele pergunta como o Seu povo pode ter se afastado dEle. Como podem ter seguido ídolos sem valor? Como podem ter esquecido Aquele que os trouxe através do deserto para uma terra que mana leite e mel (versículos 5 e 6)?

Apesar de receberem uma terra assim, eles a contaminaram. Seus sacerdotes e profetas passaram a seguir ídolos. Se eles consultassem os moradores de Chipre ou os habitantes de Quedar veriam que estes eram fiéis aos seus ídolos (versículos 7 a 10). Ele ressalta, contudo, o absurdo de Ele, Fonte de Águas Vivas, ter sido trocado por cisternas rachadas, incapazes de reter a água (versículos 11 a 13).

Nos versículos 14 a 19, Deus deixa claro que todas as dificuldades que Israel estava experimentando haviam sido causadas por sua própria idolatria. Foram envergonhados pelos egípcios, depois vieram os assírios, mas tudo poderia ter sido evitado se ao menos tivessem se mantido fiéis ao Senhor.

Nos versículos 20 e 21 Ele lamenta que tenha tirado Israel da servidão, feito com Seu povo uma aliança, mas que eles não quiseram honrar. Ele a havia plantado como "excelente videira" mas que ela escolheu tornar numa planta degenerada.

Sua situação agora era tal que nem mesmo todo o sabão do mundo poderia lavar o seu pecado diante de Deus. Nos versículos 23 a 25 fica claro que o motivo é a escolha deliberada de Israel por permanecer na idolatria. Ironicamente ainda negavam essa idolatria (versículo 23), pelo que seus reis, oficiais e sacerdotes seriam envergonhados da mesma forma que um ladrão flagrado no roubo (versículo 26).

Já que optaram por adorar a madeira e a pedra, Deus sugeriu que eles também os buscassem na hora de gritar por livramento. Eles têm queixas contra o Senhor e não aceitaram Sua correção, preferindo matar os Seus profetas. Pois bem, já que dizem que assumiram o controle, que esqueceram totalmente do Senhor, Ele pronunciaria contra Judá uma sentença pelo fato de se recusarem a reconhecer os seus pecados (versículos 27 a 35).

Os versículos 36 e 37 nos mostram exatamente a que momento essa profecia de Jeremias se refere. Judá está confiando no Egito para se rebelar contra Nabucodonosor, mas eles ficariam decepcionados da mesma forma que ficou a Assíria. Além disso, seriam levados embora para o exílio com as mãos na cabeça.

Jeremias 3

O versículo 1 faz alusão a *Deuteronômio 24.1-4*, que proibia que uma pessoa divorciada e recasada voltasse a se divorciar para casar-se com o parceiro anterior. O texto diz que isso contaminaria toda a terra. A seguir o Senhor pergunta se Judá não estaria tentando fazer exatamente isso? Apesar de todo o seu adultério, e pior, em meio a ele, Judá queria voltar ao Senhor por socorro.

Judá vivera dias de avivamento no reinado de Josias (aparentemente já passado com base no versículo 6), mas a idolatria voltara a crescer no meio do povo (versículo 2). Deus havia retido as chuvas em função disso (versículo 3), mas nem assim Judá havia abandonado a sua idolatria. Agora queriam saber porque o Senhor estava irado e por quanto tempo assim permaneceria (versículo 4 e 5).

Nos versículos 6 a 11 Deus pede a Jeremias que considere uma comparação entre os comportamentos de Israel (Reino do Norte, já no exílio) e Judá. Israel havia sido infiel, pelo que recebera do Senhor carta de divórcio (destruição e exílio). Já Judá, não obstante ter sido testemunha de tudo isso, também se prostituíra com a idolatria. Judá é chamada, então, de traidora, porque se voltou para o Senhor, mas não de todo coração. Assim, no versículo 11, Deus avalia Israel como sendo melhor que Judá.

Em função disso, Deus se volta para Israel (Reino do Norte, já no exílio) e oferece a Sua misericórdia mediante arrependimento. Esse é o Deus da graça, que está sempre pronto a perdoar e restaurar (versículos 12 a 14).

Embora não haja qualquer referência específica, tudo indica que, no versículo 15, o Senhor volta a se dirigir a Judá, mas Ele fala de outra época, na qual os seus governantes serão pessoas tementes a Ele. Nesta época, na qual não haveria mais a arca do Senhor, Jerusalém será chamada de “**Trono do Senhor**”, com todas as nações se reunindo ali para honrar o Senhor (versículos 15 a 18). É interessante comparar esse novo nome de Jerusalém por aquele considerado em Ezequiel 48.35: “**O Senhor Está Aqui**”.

Nos versículos 19 a 21 Deus lembra a Judá tudo que eles perderam por acharem que poderiam chamá-LO de Pai e continuar a traí-LO, como uma esposa infiel. O resultado é o choro resultante do castigo inevitável por terem pervertido os seus caminhos.

Mas Ele deixa claro que na restauração futura eles voltariam para Ele, sim, porque Ele é o Senhor Deus que todos reconheceriam. Confessariam seu pecado de idolatria e reconheceriam que só os envergonhara e que só nEle há salvação.

Jeremias 4

A Palavra de Deus, dirigida a Judá através de Jeremias, continua sendo no sentido de colocarem de lado os seus ídolos e de voltarem para o Senhor. Eles juravam pelo Nome do Senhor, mas só “da boca para fora”. Precisavam fazê-lo com fidelidade, para que pudessem proclamar Seu nome entre as nações. Só assim seriam bem sucedidos. Do contrário, seria como fazer plantio entre os espinhos (versículos 1 a 3).

Os versículos 4 a 6 são ainda mais incisivos. Se eles não fossem fiéis à aliança do Sinai, a ira de Deus se acenderia contra eles. Ele traria do norte um invasor que causaria grande destruição, obrigando o povo a fugir para as cidades fortificadas, onde o principal reduto seria Jerusalém.

Nos versículos 7 a 9 Jeremias descreve a invasão babilônica, como um leão destruidor de nações que já está a caminho para arrasar Judá e destruir suas cidades. O povo deveria levantar um clamor lamentando o resultado da ira do Senhor sobre eles. Os líderes ficariam horrorizados vendo a chegada da desgraça anunciada, na qual não creram.

O versículo 10 pode dar a falsa impressão de que Jeremias está acusando Deus de ter enganado o povo, mas “você terão paz” não foi a mensagem de Isaías, nem de Jeremias, Miquéias, Habacuque e Sofonias. Estes anunciaram a iminência de juízo e a imediata necessidade de arrependimento. Já os demais profetas mentirosos, que Deus permitiu, traziam a mensagem que o povo queria ouvir e nos quais preferiram crer.

Por isso babilônia viria como um vento quente que não viria para “limpar”, mas destruir. O versículo 13 deixa claro que se trata de um exército impetuoso, com carros de guerra, que mais se parecem com um furacão.

Enquanto ainda era tempo Deus apela mais uma vez para que o povo “lave o mal do seu coração”, ou seja para que se converta e se salve (versículo 14). No versículo 15 Ele descreve a rota de chegada do exército invasor e no seguinte pede que isso seja anunciado em Jerusalém, que será cercada pelos babilônios (versículo 17).

Os versículos 18 a 26 nos trazem um lamento de Jeremias pelo que está acontecendo com a sua terra. Ele reconhece que Judá trouxe isso sobre si mesma, mas ele não pode ficar indiferente ao castigo. É difícil ver a sua terra sendo devastada.

Sua visão da terra é como se fosse sem forma e vazia, com os astros desaparecendo. Seus montes ficaram instáveis e ela ficara vazia, tanto de homens como de animais. Aquilo que fora terra fértil virara um deserto e as cidades estavam todas destruídas.

Nos versículos 27 a 31 o próprio Senhor descreve a devastação de Judá, mas promete não destruí-la completamente. A terra ficará de luto e em trevas porque o castigo estava decidido e sem volta. Assim, a chegada dos exércitos babilônios determinam a fuga do povo.

O versículo 30 sugere que Sião ainda teria tentado um ato de prostituição para despertar o interesse de seus amantes ou, em outras palavras, Jerusalém teria tentado ainda uma saída negociada com os babilônios, mas o ódio dos inimigos não poderia mais ser aplacado. Assim sendo, o último versículo descreve a cidade caindo nas mãos de assassinos.

Jeremias 5

Este capítulo pouco difere do anterior. Podemos imaginar Jeremias saindo dia após dia para se colocar nas proximidades do templo, onde proclamava sermões similares aos capítulos 3 e 4.

A Palavra de Deus começa, no versículo 1, sugerindo que ele percorresse a cidade de Jerusalém para ver se era possível encontrar uma única pessoa honesta e temente a Ele. Caso ele a encontrasse, certamente Ele, Deus, a perdoaria. Fica implícito, contudo, que essa pessoa não existia. Eles juravam pelo nome do Senhor, mas, novamente, “só da boca para fora”.

Nos versículos 3 e 4, Jeremias parece querer culpar a ignorância do povo, pois reconhece que nem os castigos mandados pelo Senhor estavam produzindo arrependimento no meio deles. Em função disso, o profeta passou a falar aos nobres que conheciam o Senhor, bem como Suas exigências, mas verificou que estes não estavam mais “dando a mínima” para a lei e seus preceitos.

Então, responde Deus, por que Ele deveria perdoar? Eles agora buscavam outros deuses e só estavam interessados em sexo ilegal, pelo que o castigo é a opção que Lhe

sobrara. As suas vinhas seriam destruídas, embora não totalmente, porque eles haviam traído o Senhor (versículos 6 a 11).

Ele chamou a atenção para o fato de que continuavam repetindo que Deus não ia fazer nada. Seus profetas continuavam também a dizer isso, mas por isso mesmo eles iriam experimentar o quanto a Palavra do Senhor é verdadeira e a forma como queimaria como um fogo entre eles (versículos 12 a 14).

Mais uma vez o Senhor advertiu Judá dizendo que estava trazendo os babilônios, que representavam para eles um túmulo aberto. Destruiriam colheitas, alimentos, filhos e filhas, ovelhas e bois, videiras e figueiras, embora, por misericórdia, Ele não permitisse a destruição de tudo (versículos 15 a 18).

Quando os judeus perguntassem porque o Senhor, seu Deus, havia feito isso com eles, Jeremias deveria responder dizendo que era para que aprendessem que sua idolatria a deuses estrangeiros, praticada em casa, os levava a servir os estrangeiros em sua terra. Esse é o preço de se fazerem de cegos e surdos (versículos 19 a 21).

O Senhor, então, faz uma pergunta a Judá: como vocês podem não Me temer, sabendo que Eu controlo até o movimento do mar? Como é possível que o Senhor retenha as chuvas devido a sua idolatria e eles não o perceberem (versículos 22 a 25)?

Nos versículos 26 a 28 o Senhor denuncia a impiedade de alguns que há no meio do povo, enriquecendo às custas de sua injustiça para com pobres, necessitados e viúvas. Assim, Ele novamente pergunta se pode deixar um povo assim sem castigo (versículo 29).

Jeremias conclui perguntando como o povo pode apreciar profetas que mentem e sacerdotes que governam sem a lei do Senhor? Aonde isso pode levar?

Jeremias 6

Este capítulo começa com Jeremias sugerindo ao “seu povo” que fugisse de Jerusalém, pois as duas cidades mencionadas ao sul de Sião seriam mais seguras. Claro que Jeremias não era benjamita, porque era sacerdote, portanto levita, mas vinha de Anatote que ficava dentro de Benjamin.

Jeremias usa Sião e Jerusalém de maneira intercambiável. No versículo 3 ele fala dos generais caldeus como pastores, cujos rebanhos são os seus exércitos. Suas tendas armadas ao redor de Sião representam o seu cerco à cidade. Assim sendo, a bela pastagem do versículo 2 soa como uma figura pejorativa.

A visão do profeta fala dos caldeus se preparando para o ataque, que deveria ser ao meio-dia, mas que se atrasou tanto que já estava escurecendo. A pressa, contudo, era

tal, que sequer quiseram esperar pelo dia seguinte, tendo optado pelo ataque noturno (versículos 4 e 5).

Parece surpreendente, mas é o próprio Senhor que está ordenando que o exército caldeu derrube as árvores em volta e construa rampas de cerco contra Jerusalém. É uma cidade cheia de falsidade e opressão, onde a maldade é tão normal quanto o é um poço produzir água. Violência e destruição é tudo que se ouvirá neste ataque (versículos 6 e 7).

Tentando, mais uma vez, evitar que essa profecia se torne realidade, o Senhor apela pelo arrependimento de Jerusalém, sem o que a cidade ficará desolada e desabitada. Deus insiste em repassar o remanescente de Israel, tal como se busca uvas na videira, ainda à procura de quem ouça e se arrependa, mas o versículo 10 mostra que essa busca é infrutífera, porque eles desprezam a palavra do Senhor.

O profeta, que é portador da Palavra do Senhor, sente a Sua ira transbordar dentro dele. Ele manda que seja derramada sobre todos de todas as idades, porque são todos gananciosos e até os profetas e sacerdotes estão corrompidos. Eles tratam toda essa situação como se não fosse grave, mas serão humilhados quando forem castigados (versículos 11 a 15).

Nos versículos 16 e 17 o Senhor manda que procurem o bom caminho que abandonaram, mas que eles se recusaram a fazê-lo. De igual forma os sentinelas que Ele havia colocado lá para alertá-los dos perigos, não querem prestar atenção. Por isso mesmo, Deus alerta as nações de toda a terra para que vejam a desgraça que Ele mandará como castigo por rejeitarem a Sua lei (versículos 18 e 19).

Deus deixa claro no versículo 20, que não está interessado em ofertas que não venham acompanhadas da sinceridade dos corações do Seu povo.

Os versículos 21 a 23 falam a respeito do exército caldeu que Deus está mobilizando para atacar a cidade de Jerusalém. Já os versículos 24 a 26 contêm um lamento pela destruição que causarão no meio do povo.

Os últimos versículos deste capítulo falam do fato de Jeremias, provador do povo de Deus, não ter achado no meio deles, senão rebeldes obstinados e propagadores de calúnias; todos corruptos. Em função disso, o Senhor os rejeitou.

Jeremias 7

Este capítulo começa com Jeremias junto à porta do templo proclamando àqueles que ali estão entrando para adorar o Senhor, sobre a necessidade de corrigirem a sua conduta. O fato deste ser “o templo do Senhor” não é qualquer garantia de que o Senhor vá protegê-los. Essa segurança dependeria exclusivamente do fato deles viverem segundo a aliança que fizeram com Deus (versículos 1 a 7).

Essas palavras são repetidas nos versículos 8 a 11, onde Deus acusa o povo de Judá de roubar, matar, cometer adultério, jurar falsamente, queimar incenso a Baal e depois achar que estão seguros por virem ao santuário do Senhor.

Como prova do que Ele está dizendo, Deus sugere que se dirijam a Siló, onde outrora ficou a arca, para verem o que foi feito daquele local em função do comportamento ímpio dos israelitas do Reino do Norte. Pelo fato deles estarem praticando exatamente as mesmas impiedades, e por não darem ouvidos aos Seus alertas, Ele haveria de destruir, de igual modo, aquele templo e os expulsaria de Sua presença exatamente da mesma forma como fizera com Israel (versículos 12 a 15).

No versículo 16 Deus recomenda a Jeremias que deixe de interceder pelo povo de Judá, porque Ele não o ouviria, tendo em vista a idolatria que podia ser testemunhada tanto em Jerusalém como nas demais cidades de Judá. Eles estavam fazendo bolos que ofereciam à rainha dos céus. Isso, contudo, não era uma provocação contra Ele e, sim, contra si mesmos, pois estavam provocando a Sua ira, que arderia contra eles e suas ofertas (versículos 17 a 21).

Nos versículos 22 a 26 o Senhor lembra a Jeremias que isso vem acontecendo desde a época em que Ele os tirou do Egito. Tudo que sempre pediu deles foi obediência, mas eles nunca O haviam escutado, apesar de Seus profetas os terem alertado insistentemente.

De igual modo, quando Jeremias lhes dissesse todas essas coisas, eles não o ouviriam, pois se trata de uma nação que nunca obedeceu ao Senhor. O versículo 29 nos apresenta o Senhor dizendo a Jeremias que seu voto de não cortar o cabelo em prol de Judá estava terminado. Ele deveria cortá-los e jogá-los fora, porque Deus já rejeitara aquela geração que provocara a Sua ira. Eles haviam profanado o templo com ídolos e estavam sacrificando seus filhos, coisa que nunca havia sido pedida por Ele.

Ele encerra profetizando uma mortandade em Jerusalém e o fim das atividades normais naquele local.

Jeremias 8

Os versículos 1 e 2 nos informam que no tempo da invasão dos caldeus, eles haviam de desenterrar os ossos dois reis, líderes, sacerdotes e profetas. Se o fizeram em sinal de desrespeito ou para achar tesouros não está claro, mas o Senhor o está promovendo para desonrá-los devido à idolatria que praticaram. Já o destino dos que forem exilados não será muito melhor, porque preferirão a morte à vida que levarão (versículo 3).

Os versículos 4 a 9 mostram a incoerência das palavras e do comportamento do Seu povo. Eles se desviaram e não voltaram. Se dizem arrependidos, mas perguntam qual foi a natureza de seu pecado. Eles se apegam ao erro e não o largam. Não são capazes

de discernir as exigências do Senhor. Igualmente incoerente é o fato de se acharem sábios por terem a lei do Senhor e de não a observarem.

Como consequência disso, o Senhor havia resolvido que entregaria as mulheres dos judeus a outros homens e seus campos a outros proprietários. Esse é o resultado de sua ganância. Além disso, o Senhor ressaltou a falsidade dos sacerdotes e dos profetas, que proclamavam paz, quando não havia paz alguma. Isso resultaria em sua queda e sua humilhação (versículos 10 a 12).

No versículo 13 Deus parece estar falando, ainda, dos sacerdotes e profetas falsos. Aqui parece dizer, portanto, que cabia a eles produzir fruto para o reino ao qual serviam, mas suas videiras e figueiras só tinham folhas secas. A última sentença é a mais difícil, mas Deus talvez esteja dizendo que seus cargos lhes serão tirados.

Os versículos 14 a 17 apresentam a situação dramática na qual se encontrariam os judeus ao perceberem a chegada dos caldeus. Sua melhor alternativa era fugir para as cidades fortificadas, mas mesmo ali era a morte que os esperava. O castigo imposto pelo Senhor pelos seus pecados era como se tivessem que beber água envenenada. Em vez da paz que esperavam, receberiam o terror dos exércitos caldeus, que consumiriam tudo à sua volta e para o qual não havia remédio.

Os últimos 5 versículos deste capítulo trazem um lamento de Jeremias pelo seu povo. De nada adiantaria clamarem pelo Senhor porque eles O haviam provocado à ira. Não haveria mais colheita, não havia mais remédio, nem haveria mais cura.

Jeremias 9

Jeremias tinha acabado o capítulo anterior lamentando a situação do seu povo e o castigo que estavam para sofrer. O primeiro versículo aqui ainda faz parte dessa lamentação, onde ele expressa de forma poética a sua tristeza pelo desfecho do seu povo.

O versículo 2 deixa claro, contudo, que o castigo em apreço é merecido, porque são todos adúlteros e traidores, dos quais ele se sente dissociado pelo pecado. É triste reconhecer que são falsos e o próprio Senhor declara que só pensam no próximo crime a ser cometido.

Precisam se preocupar cada um com seus amigos e parentes, porque estes são os enganadores e caluniadores mais prováveis. Ninguém fala a verdade, porque todos são perversos e se recusam a reconhecer o quão longe estão do Senhor (versículos 4 a 6).

Nos versículos 7 a 9 é o Senhor dos Exércitos que reconhece ter ficado sem alternativa, a não ser refinar e provar o Seu povo. Ele simplesmente não poderia deixar de castigá-los.

Jeremias lamenta e chora o fato dos montes não servirem mais de pastagens, pois por eles não passa mais ninguém e até os animais fugiram. Deus cumpriu a Sua promessa de fazer de Jerusalém um monte de ruínas. Nas demais cidades de Judá Sua devastação não deixou mais nenhum morador (versículos 10 e 11). O motivo para tanto é que abandonaram a Sua lei e assim deixaram de segui-la, preferindo antes os baalins (versículos 12 a 14).

Como castigo seriam espalhados entre as nações e exterminados pela espada. Para lamentar tamanho castigo, Jeremias sugere que se chame as pranteadoras e dentre estas as mais hábeis, porque os habitantes de Sião estariam arruinados e grande seria a sua humilhação. Suas casas estariam em ruínas (versículos 15 a 19).

A Palavra do Senhor às mulheres adverte para que ouçam o que Ele tem para dizer. Deveriam saber lamentar, pois a morte penetraria suas janelas, eliminando suas crianças e seus rapazes. Os seus cadáveres ficariam estirados no campo como o trigo deixado pelo ceifeiro.

Não haveria motivo para que ninguém se gloriasse, mas quem quisesse fazê-lo, deveria gloriar-se por conhecer o Senhor, que age com justiça e retidão sobre a terra, pois é disso que Ele Se agrada (versículos 22 a 24).

Nos últimos dois versículos o Senhor fala a respeito do castigo que receberão aqueles que são circuncidados apenas na carne. Também serão castigados todos os vizinhos como Egito, Edom, Amom e Moabe. Estas são nações incircuncisas, tal como é obstinado o coração de Judá.

Jeremias 10

Jeremias alerta Israel aqui, mais uma vez, sobre o perigo e a tolice das práticas idólatras das nações à sua volta. O versículo 2 alerta para o fato de que ocorrências normais da natureza são tratados como sinais vindos dos deuses, que nada mais são do que um pedaço de madeira que algum artesão modelou e enfeitou de ouro e prata, fixado com pregos para não cair. No versículo 5 Jeremias os compara a um espantalho numa plantação, que não fazem bem nem mal.

Curiosamente, os versículos 6 a 9 e o 11 são escritos em aramaico, a língua falada pelos babilônios e que foi aprendida por Judá no exílio. O versículo 6 contrasta a grandeza do Deus Vivo com os ídolos citados anteriormente, enquanto o 7 O exalta com palavras que cantamos frequentemente, juntamente com outras tiradas de *Apocalipse 15.4*: **“Ó Rei das nações, quem não Te temerá, quem não glorificará Teu nome.”** Os versículos 8 e 9 voltam a insistir na insensatez da idolatria, que é obra das mãos de um artesão.

Os versículos 10 a 13 novamente falam do Senhor como o Deus vivo, Criador dos céus e da Terra, Deus de poder e de sabedoria, que estendeu os céus, cujo trovão Ele controla, juntamente com a chuva e o vento.

Estúpidos e ignorantes são os adjetivos que Jeremias usa para qualificar as pessoas capazes de crer que o ourives possa esculpir mais que uma simples peça de madeira. Compará-los com o Deus de Jacó é desprovido de sentido (versículos 14 a 16).

Do versículo 17 até o final do capítulo, o profeta passa a falar sobre o exílio babilônico, pelo que manda que o povo ajunte seus pertences. Trata-se de um castigo irreversível, uma ferida incurável (versículos 18 e 19). Assim, todas as casas serão destruídas e o povo levado embora, devido à insensatez dos líderes que não consultavam o Senhor (versículos 20 e 21).

Como os babilônios já estão chegando para arrasar Judá e para corrigir o povo pelo seu pecado, Jeremias pede ao Senhor que Ele o faça com justiça, mas sem ira. Que Ele deixe para derramar a Sua ira sobre as nações que não O conhecem e que ajudaram a destruir Jacó.

Jeremias 11

A aliança em apreço neste capítulo é aquela que foi celebrada entre Deus e o povo de Israel no Monte Sinai, com a mediação de Moisés. As alianças realizadas pelos povos antigos normalmente tinham cláusulas de bênçãos e maldições, como esta também, e que podem ser encontradas em *Deuteronômio 28*, por exemplo.

Os versículos 2 a 6 lembram, portanto, o óbvio, ou seja, que seriam amaldiçoadas se não a guardassem e benditos caso se arrependessem e voltassem a guardá-la. Jeremias deveria proclamar isso em todas as cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém.

Nos versículos 7 a 11 Deus disse a Jeremias que vem pedindo obediência ao povo de Israel desde a sua saída do Egito, mas que eles continuamente se recusaram a ouvir. Por isso mesmo, Ele já havia trazido sobre eles várias das maldições previstas.

Por ocasião desta profecia (pronunciada talvez tão cedo quanto no reinado de Josias), Deus disse que tanto o remanescente de Israel (já exilado), quanto Judá, tinham retornado aos pecados de idolatria de seus antepassados, motivo pelo qual estava vindo sobre eles nova desgraça da qual não escapariam (versículo 12).

No versículo 13 o Senhor voltou a dizer que o número dos deuses de Judá e os altares sobre os quais queimavam incensos aos mesmos era maior que o número de cidades de Judá e das ruas de Jerusalém, respectivamente.

Em decorrência disso, Deus voltou a pedir a Jeremias que parasse de interceder por Judá. Os versículos 15 e 16 são de difícil interpretação, mas o 15 ressalta o fato dos cultos hipócritas de Judá serem inadequados para amainar a ira do Senhor, enquanto o 16 fala de Judá como uma oliveira verdejante, que seria incendiada. Foi o Senhor que a plantou, mas ela provocara Sua ira queimando incenso a Baal (versículo 17).

O restante deste capítulo nos fala de uma conspiração contra a vida de Jeremias, que foi tramada a partir do momento em que Jeremias começou a chamar muita atenção através de suas profecias. Foram os seus próprios parentes de Anatote que a lideraram e que planejaram matá-lo.

É o próprio Senhor, no versículo 21, que avisa Jeremias a esse respeito. Já o versículo 22 nos mostra que Deus mesmo tomou sobre Si o encargo do castigo dos homens de Anatote.

Jeremias 12

Este capítulo começa com uma dúvida de Jeremias, que desafia o pensamento de justiça da época e que prevalece para muitos até o dia de hoje. Será que Deus abençoa sempre os justos e pune os ímpios? Aparentemente Jeremias achava que deveria ser assim, mas a experiência havia provado a ele que as coisas não ocorriam desta forma. Isso é igualmente a ideia que permeia a mente de todos os amigos de Jó, que Deus mostrou não ser verdadeira.

No final do capítulo anterior, Deus tinha informado a Jeremias que havia sacerdotes de Anatote, parentes dele, que estavam planejando matá-lo. Deus já tinha dito que cuidaria deles, mas mesmo não querendo questionar a justiça divina, ele gostaria de saber por que Deus permite que o ímpio tenha sucesso e possa chegar a esse ponto? Ele afirma que esses ímpios foram criados por Deus, criaram raízes (no mal, obviamente), cresceram e deram fruto (ímpio, é claro). Como sacerdotes que são, eles falam de Deus o tempo todo, mas no fundo não querem nada com Ele (versículos 1 e 2).

Por outro lado, Jeremias afirma que o Senhor o conhece enquanto prova o seu procedimento. Em função disso, ele ousa apresentar ao Senhor um pedido em relação a seus perseguidores: que eles sejam destinados à morte, ou seja, que Ele os reserve para o dia da matança (versículo 3).

Esses ímpios na realidade prejudicavam tudo à sua volta, tanto plantas como animais e aves. Eles mesmos diziam que Deus não vê nada disso que estavam fazendo. Embora isso não fosse verdade, até quando Deus o permitiria (versículo 4)?

Obviamente Jeremias esperava uma resposta denotando o juízo de Deus sobre o mal, mas o que Ele responde no versículo 5 pegou o profeta de surpresa. Se a ameaça desses homens já deixaram você extenuado, como vai ser quando você for alvejado por pessoas mais influentes. Essa diferença de poder dos inimigos é comparada associando os inimigos de Anatote a pessoas correndo a pé, enquanto os próximos estarão correndo a cavalo. Uns ele havia enfrentado em terra firme, mas outros ele teria que enfrentar por entre os arbustos das margens do Jordão. Em outras palavras, ao invés de dizer que Ele resolveria, Ele disse que Jeremias precisava confiar nEle, porque os novos inimigos seriam muito mais fortes. Deus lembra a ele que até sua própria família o havia traído,

pelo que ele não poderia confiar neles, mesmo quando dissessem coisas boas a seu respeito (versículo 6).

Não obstante parecer uma resposta de Jeremias àquilo que o Senhor acabara de dizer, na realidade o texto, começando com o versículo 7, passa a apresentar uma lamentação do Senhor em relação à situação em que Seu povo e Sua terra ficariam. São elas, Seu povo e Sua terra que estavam sendo entregues nas mãos dos inimigos. É o Seu povo que ruge contra Ele e é sobre ele que pairam aves de rapina (versículos 8 e 9).

Sua vinha foi destruída e se havia tornado em um deserto devastado, mas não há ninguém que se importe com isso (versículos 10 e 11). Ele havia permitido que viessem destruidores sobre todas as planícies. Seu povo havia semeado trigo, mas apenas espinhos foram colhidos; trabalharam muito e nada resultou (versículos 12 e 13).

Nos versículos 14 a 17 o Senhor fala a respeito das nações vizinhas que se apoderaram das terras de Israel. Elas seriam igualmente arrancadas, mas teriam uma nova chance, da mesma forma que teria também Judá. Elas seriam restabelecidas em suas terras caso viessem a temer ao Senhor, mas seriam permanentemente destruídas em caso contrário.

Jeremias 13

Os primeiros 11 versículos deste capítulo contêm a narrativa de um exemplo que Deus deu a Jeremias, acerca do motivo pelo qual havia de “descartar” o Seu povo Israel. Começa com Ele pedindo ao profeta que compre um cinto novo de linho, colocando-o na cintura, mas sem permitir que se molhe.

Não está claro porque ele não deveria molhar o cinto, mas qualquer tentativa de explicar isso será mera especulação. O que sabemos é que ele obedeceu e comprou o cinto solicitado pelo Senhor.

Tão logo o fez, o Senhor pediu a ele que fosse a um lugar chamado Perate (que pode ser um local perto de sua cidade natal, Anatote).

Ali ele escondeu o cinto a mando do Senhor e voltou para Jerusalém. Passado muito tempo (período de tempo não definido), o Senhor mandou que ali regressasse para pegar o cinto, mas este estava imprestável, porque apodrecera (versículo 8).

Tomando o evento do cinto como exemplo, o Senhor disse a Jeremias que de igual modo arruinaria o orgulho de Judá e de Jerusalém. Eles haviam se recusado a ouvir as palavras de Deus e haviam endurecido os seus corações, tornando-se completamente inúteis para o Senhor. Eles haviam sido chamados para abençoar todas as nações, mas tinham que se apegar ao Senhor para tanto. Como não o haviam feito, acabaram se tornando inúteis e incapazes de viver para a honra e o louvor dEle (versículos 9 a 11).

Os versículos 12 a 14 falam sobre o colapso interno de Judá, fazendo uma comparação entre o armazenamento de vinho e a embriaguez causada pelo vinho da ira de Deus, que causaria dissensões em todos os níveis, incluindo reis, sacerdotes, profetas e o povo em geral, sem piedade nem misericórdia até a total destruição.

Os versículos 15 a 17 falam a respeito da arrogância do povo de Judá, que se recusava a dar ao Senhor a honra e a glória merecidas. Os dias anunciavam complicações no cenário político, mas eles esperavam por dias melhores. Ao invés disso, contudo, caso não se arrependessem, o Senhor lhes traria trevas que resultariam em cativeiro.

A advertência ao rei e à rainha-mãe no versículo 18, para que desçam do trono, nos situa no reinado de Jeoaquim, que tinha apenas 18 anos, daí a relevância da rainha mãe. Aqui Jeremias profetiza o início do cativeiro babilônico, que progride até que sejam todos levados em cativeiro no versículo 19.

Nos versículos 20 a 27, Jeremias, mais uma vez adverte Jerusalém quanto aos babilônios que estão chegando. Eram considerados aliados, mas agora estariam dominando sobre Judá. Tudo isso causado pela sua idolatria. Eles estavam tão acostumados a pecar, que já não conseguiam deixar de fazê-lo. Devido a essa “prostituição espiritual de Jerusalém” ela seria envergonhada em público com suas vestes sendo levantadas e suas vergonhas expostas.

Semana 77 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 2

Texto: Jeremias 14 a 26

Estação 38

Jeremias 14

Deuteronomio 28.24 apresenta uma das maldições da aliança celebrada entre Deus e os filhos de Israel, que diz respeito à retenção de chuva na Terra Prometida. Como o povo vivia momentos de idolatria e quebra da aliança, nada mais natural do que Deus fazer uso de Sua prerrogativa de amaldiçoar o povo e reter as chuvas em Judá.

O versículo 1 nos fala de uma dessas ocasiões, na qual Deus chama a atenção de Jeremias para como o povo está reagindo. Eles estavam prostrados no chão chorando e lamentando. Os servos dos nobres procuravam, mas não achavam água, os lavradores choravam a falta de produção e os animais não tinham nem capim nem pastagem (versículos 2 a 6).

Nesta situação Jeremias se coloca na posição de intercessor pelo seu povo, confessa os seus muitos pecados e pede que o Senhor aja por amor do Seu nome. Ele reconhece que o Senhor é a esperança de Israel, Aquele que pode salvar. Pede para que não abandone o Seu povo, pois é a Ele que Judá pertence (versículos 7 a 9).

Reconhecemos que a intenção de Jeremias foi boa, mas Deus já tinha pedido a ele para não interceder por Judá. O motivo para tanto é repetido no versículo 10. Não há por parte deles qualquer arrependimento. Eles continuam procurando ídolos em todos os cantos. Assim sendo, o Senhor reitera o Seu pedido para que Jeremias não interceda por eles (versículo 11).

Aliás, a ira do Senhor está tão acirrada, que Ele deixa claro que nada vindo deles será aceito: nem jejum, nem holocaustos, nem ofertas. Eles receberiam, isso sim, a destruição pela guerra, pela fome e pela peste (versículo 12).

Mas Jeremias não se deu por vencido (nem convencido). Ele tenta mais uma alternativa, qual seja, transferir a culpa do povo para os profetas, que enganam o povo dizendo-lhes que o Senhor os livraria da guerra e da fome, além de dar-lhes prosperidade duradoura.

Mais uma vez, contudo, o plano de Jeremias falha, porque Deus reconhece, nos versículos 14 a 16 a culpa dos profetas mentirosos e define que serão castigados justamente pela guerra e pela fome que reiteradamente negaram, mas de forma alguma aceitou isso como motivo para isentar o povo em geral.

Os versículos 17 a 22 na realidade atestam apenas a frustração do profeta. Ele desobedece ao Senhor e, mais uma vez, lança uma intercessão na qual não consegue reter as lágrimas e sofre antecipadamente pela mortandade que sabe que vai ocorrer.

Ele insiste que Deus não rejeite a Judá e que interrompa o castigo para que Seu povo possa ser curado. Que conceda paz, ao invés de terror. Que Ele, de forma alguma, quebre a Sua aliança com Judá, não obstante terem-na infringido tantas vezes.

Finalmente, ele encerra sua súplica reconhecendo que não há ídolo algum que faça chover, pelo que Ele é a única esperança que há para Judá.

Jeremias 15

O nosso coração é como o de Jeremias. Diante de sua linda intercessão, ficamos torcendo para que o Senhor o ouça e perdoe, mas precisamos entender, de uma vez por todas, que nosso Senhor, misericordioso e compassivo, está pronto a perdoar e até pagar pelas nossas culpas, mas que o perdão só pode ser aplicado mediante arrependimento. Deus fora misericordioso e compassivo por muito tempo, mas o arrependimento não viera. Era chegado o tempo de juízo, o Dia do Senhor. Jeremias não podia se arrepender pelos seus irmãos. Assim é que o Senhor dá a Jeremias uma resposta muito dura no versículo 1: "Ainda que Moisés e Samuel estivessem diante de mim, intercedendo por este povo, eu não lhes mostraria favor. Expulse-os da minha presença! Que saiam!".

Moisés e Samuel foram ambos intercessores pelo seu povo, mas ambos conseguiram, pelo menos durante algum tempo, que o povo mostrasse arrependimento. Isso não foi o caso de Jeremias. Assim sendo, Deus está dizendo a Jeremias que exatamente o contrário do que parece à primeira vista. Não é que Moisés e Samuel fossem melhores intercessores que ele, mas, sim, que a intercessão deles, nesse caso, teria sido igualmente rejeitada, porque faltara o arrependimento necessário.

Em caso de dúvida por parte do povo, Jeremias tinha que ser muito claro: eles estavam condenados à morte, à fome e ao cativeiro e que a morte viria pela espada ou por ataques de cães, aves ou animais selvagens (versículos 2 e 3).

No versículo 4 temos uma ocorrência interessante. Deus diz a Jeremias que o castigo exemplar de Judá é necessário devido a toda a idolatria extrema causada por Manassés, rei de Judá. O curioso é que Deus concedeu a Manassés um dos livramentos mais espetaculares de toda a Bíblia. Ele estava no fundo do poço, sentado numa prisão assíria em Babilônia e Deus o trouxe de volta para se assentar no trono em Jerusalém. Ora, se Deus perdoou o próprio Manassés, por que não perdoar o povo de Judá? A resposta, mais uma vez, reside no arrependimento sincero, que ele demonstrou e o povo não.

Os versículos 5 a 9 trazem apenas a confirmação da condenação já anunciada acima. Ninguém teria mais compaixão de Jerusalém nem ninguém lamentaria sua destruição. Deus cansou de ser compassivo com Judá, porque eles continuam a rejeitá-lo. Os que deles sobrassem seriam espalhados pela Terra, mas seriam muitas as viúvas como seriam muitas também as mães sem filhos.

O versículo 10 é um lamento do profeta por ter nascido, pelo fato de se sentir como inimigo de todos e por ser por todos amaldiçoado. Em resposta a esse lamento, o Senhor promete o seu fortalecimento, dizendo que interviria a seu favor na época de desfecho da desgraça e da adversidade, que os inimigos estavam trazendo. Lembramos aqui que Jeremias foi bem tratado por Nebuzaradã quando este invadiu a cidade por ordem de Nabucodonosor.

O versículo 12 é de difícil compreensão, mas aparentemente apenas qualifica o inimigo invencível do versículo 11, de quem Judá se tornaria escravo (versículo 14) e a quem seriam dados todos os bens de Judá como despojo (versículo 13).

No versículo 15 Jeremias começa pedindo ao Senhor que o vingue de seus perseguidores, mas do 16 ao 18 ele abre o coração e faz uma autoavaliação de seu ministério. Ele diz que comeu as Suas palavras, pois deram a ele grande alegria por sentir que ele pertence ao Senhor dos Exércitos. No versículo 17 ele parece se lembrar do primeiro versículo do primeiro salmo: ele nunca se assentou na roda dos escarnecedores e nem imitou a conduta deles, pelo contrário, a mão de Deus sobre ele fez com que tivesse horror ao pecado. No versículo 18, contudo, ele parece sugerir que o Senhor estava falhando com ele, ao dizer que o “riacho de suas promessas” parecia estar secando.

A resposta do Senhor começa desaprovando o fato de Jeremias duvidar dEle. Caso ele se arrependesse, o Senhor disse, então, que o restauraria ao cargo de profeta, ou seja, Deus já o havia destituído! Restaurado, contudo, ele deveria pronunciar palavras dignas de um porta-voz do Altíssimo. Deus ainda lembra a ele que são os judeus que precisam se converter a ele (às suas palavras) e não Ele às dúvidas deles. Na continuidade (versículos 20 e 21) Deus promete torná-lo invencível, livrando-o das mãos dos ímpios.

Jeremias 16

Este capítulo começa com uma ordem direta de Deus a Jeremias para que não se case e tenha filhos enquanto estiver em Jerusalém. Não sabemos se ele se casou depois que foi para o Egito, mas pelo menos isso não lhe foi impedido (versículo 2).

O motivo para isso é descrito nos versículos 3 e 4 que, resumindo, informa a ele que tanto os filhos como os respectivos pais de Judá seriam mortos e serviriam de esterco para a terra e alimento para as aves e os animais.

No versículo 5 o Senhor também pede a ele que não celebre o luto de quem quer que seja e nem mesmo apresente condolências, porque Ele, o Senhor, havia retirado dos judeus a Sua paz, o Seu amor e a Sua compaixão. Nos versículos 6 e 7 o Senhor fala de costumes associados ao luto que simplesmente não ocorreriam, provalmente porque não haveria tempo. Cabe ressaltar que algumas dessas coisas, como fazer cortes no corpo, já eram proibidas por lei (*Levítico 19.28 e Deuteronômio 14.1*).

De igual maneira, Jeremias estaria proibido de participar de festas, porque os motivos para tanto deixariam de existir, por iniciativa do Senhor (versículos 8 e 9).

O Senhor previu que Jeremias seria questionado sobre o motivo de tão grande castigo, quando os judeus ouvissem o profeta falando essas coisas. Ele falaria sobre a idolatria de seus antepassados, que era ainda maior no caso deles (versículos 10 a 13).

Os versículos 14 e 15 formam uma espécie de aposto no meio da descrição do castigo de Judá, que será continuado no versículo 16. Aqui o Senhor declara que vêm dias nos quais a libertação dos judeus do exílio de Babilônia, e seu retorno à Terra Prometida, eclipsaria a retirada do povo de Israel do Egito.

Nos versículos 16 a 18, o Senhor retoma a descrição do castigo que imporia a Judá. Os pescadores e caçadores citados no versículo 16 retratam os soldados de Babilônia que estão procurando matar todos os moradores da terra e não querendo que escape nenhum (versículo 17). No versículo 18 Ele promete que receberão castigo em dobro por todo o seu pecado, com o qual contaminaram a terra com ídolos detestáveis.

Nos versículos 19 a 21, Jeremias tem uma visão messiânica, na qual vê as nações desde os confins da Terra vindo buscar o Senhor reconhecendo que seus tempos de idolatria diziam respeito a deuses falsos. O próprio Senhor encerra dizendo que lhes ensinaria sobre o Seu poder e a Sua força, pelo que ficariam sabendo que Ele é o Senhor.

Jeremias 17

Jeremias ressalta aqui a dureza do coração dos judeus, nos quais a sua idolatria foi gravada com estilete de ferro com ponta de diamante (para poder escrever em rocha). Os filhos deles já estavam tão habituados a esse culto idólatra, que a palavra culto para eles trazia à mente os altares e os postes sagrados erguidos junto às árvores nos lugares elevados. Esse pecado acendera a ira do Senhor e seria pago com todos os bens de Judá e com a escravidão dos judeus numa terra longínqua (versículos 1 a 4).

Harrison (/56/, pág. 84) ressalta que a confiança no Senhor é um requerimento básico da aliança, além de ser cantada e decantada nos salmos (ver *Salmos 146.3*); portanto, o fato de não a praticarem, antes colocando a sua confiança no próprio homem, faz com que o homem seja alcançado pelas maldições previstas na lei, onde aquela prevista em *Deuteronômio 28.49*, especificamente, está sendo aplicada. Por outro lado, bendito é o homem que coloca a sua confiança no Senhor. Nos versículos 7 e 8, mais uma vez, Jeremias parece ter em mente o homem citado em *Salmos 1*.

O coração dos homens de Judá tinha uma doença incurável, que, à luz de tantas bênçãos concedidas por Deus, era, simplesmente, impossível de compreender. Foram examinados por Deus e achados em falta, pelo que seriam recompensados de acordo com suas obras.

O versículo 11 parece associar o coração dos homens de Judá à ganância por bens ilícitos. Havia uma crença popular de que a perdiz tinha por hábito chocar os ovos colocados por outras aves, pelo que seus “filhotes” a abandonavam tão logo constatavam que sua mãe era falsa (/56/, pág. 84). De igual forma, as riquezas adquiridas ilicitamente pelos judeus, seriam tiradas deles, mostrando o quão tola fora a sua ganância.

Tentar entender o versículo 12 à luz do 11 e do 13 é um desafio. Jeremias parece dizer que o santuário de Judá, exaltado desde o início, significava a presença de Deus no meio do povo, mas Judá havia entronizado a ganância no lugar do Senhor, pelo que sua esperança se fora quando O abandonaram, em consequência do que sofreriam vergonha.

A mensagem de Jeremias a Judá era constantemente rejeitada e isso o deixava literalmente doente. Além disso ele era igualmente ameaçado por aqueles que não apreciavam o teor de sua mensagem. O clamor dele neste versículo 14 seria suscitado por essa rejeição.

Esses mesmos são os que o criticavam por não se cumprirem as suas profecias, no versículo 15, mas Jeremias no fundo gostaria mesmo é que suas profecias não se cumprissem. Ele preferia que o povo se arrependesse e que o “Dia do Senhor” nunca chegasse. O próprio Senhor seria testemunha disso!

Por outro lado, se o próprio Senhor já deixou claro que o dia do juízo era certo e que não havia mais arrependimento para Judá, então Jeremias, nos versículos 17 e 18, pede que Ele seja o seu refúgio no dia da desgraça. Que esses que o perseguem sejam aterrorizados e castigados.

Aparentemente, contudo, o Senhor, não concordou com a ideia de não haver mais chance de arrependimento. Assim, a resposta dEle a Jeremias é no sentido de que ofereça ao povo de Jerusalém mais uma profecia garantindo perdão em troca de arrependimento.

Ele deveria se colocar primeiro na porta do Povo (de localização incerta) e depois nas demais portas da cidade, para denunciar o fato de que o sábado não estava sendo respeitado pelos habitantes da cidade. Eles estavam transportando cargas e realizando trabalho no dia de sábado em desobediência à lei (*Êxodo 20.8-11*).

Caso se arrependessem e voltassem ao Senhor, Ele prometeu que não permitiria a destruição da cidade e que os povos que ali chegassem o fariam apenas para adorar e oferecer sacrifícios.

O versículo 23 nos informa que eles não deram ouvidos à sua mensagem, pelo que logo a seguir, nos versículos 24 e 25 Jeremias voltou a repetir a mesma mensagem de necessidade de arrependimento e não realização de trabalhos no sábado.

O último versículo nos fala a respeito da destruição de Jerusalém, caso a mensagem do Senhor não fosse aceita.

Jeremias 18

Este capítulo começa com uma ordem específica para que Jeremias vá à casa do oleiro, para ali receber mais instruções. Ali ele viu o oleiro trabalhando uma peça de barro, que logo a seguir se estragou, obrigando-o a começar outra com o mesmo material. Tomando essa peça como exemplo, o Oleiro da raça humana perguntou a Jeremias se Ele, tomando a comunidade de Israel nas mãos, não poderia agir com eles da mesma forma que o oleiro agira com o barro? Ele mesmo já respondeu afirmativamente (versículos 1 a 6).

Nos versículos 7 a 10, o Senhor deixa claro que Suas determinações são aplicadas em função de como são recebidas por quem as ouve. Se Ele resolver destruir um reino, por exemplo, e este, ouvindo-o, se arrepender e se converter, Ele pode igualmente mudar Suas determinações. De igual forma se Ele decretar a bênção para um reino e este fizer coisa que Ele reprova, Ele pode desta feita deixar de abençoá-la.

Todo esse introito teve por finalidade preparar mais uma oferta de arrependimento ao povo de Judá. A oferta propriamente dita, Sua rejeição por parte de Judá e a confirmação do castigo são detalhados a seguir nos versículos 11 a 17.

No versículo 11, o Senhor deixa claro que Judá está sendo enquadrada no caso do versículo 7 e que, tal como previsto no versículo 8, eles podem se arrepender de sua perversidade e receber o perdão divino.

Infelizmente a resposta de Judá só permite ao Senhor confirmar o Seu juízo (versículo 12). Antes de fazê-lo, contudo, o Senhor pergunta, nos versículos 13 a 15, se alguma nação do mundo desprezou e esqueceu-se de seu Deus como fez Israel, trocando-O por ídolos que deuses não são. Em vista disso, ele confirma sua destruição e exílio no versículo 16 e a forma como lhe vira as costas no versículo 17.

No versículo 18 vemos uma conspiração sendo formada contra Jeremias devido à oferta de arrependimento de Judá que acabara de ser feita. A intenção é que ele seja levado a julgamento, mas sem qualquer direito de defesa.

Nos versículos 19 a 23 vemos o profeta, extremamente ofendido, pedindo a Deus que atente para aquilo que seus inimigos estão dizendo. Ele lembra ao Senhor como havia intercedido por eles para que Deus deles desviasse a Sua ira. Como é isso que ele recebe em troca, ele pede agora que Deus leve adiante o Seu plano de destruição e exílio.

Jeremias 19

Mais uma vez, o Senhor pede a Jeremias que use de uma ilustração para que todos entendam a seriedade do castigo que Ele está trazendo sobre Judá e Jerusalém. Deus solicita que ele compre um vaso de barro e que proclame sua profecia no vale de Ben-Hinom, perto da porta dos cacos. Ele leva com ele alguns líderes do povo e alguns sacerdotes (versículos 1 e 2).

Jeremias deveria dizer a eles que o Senhor estava prestes a trazer sobre Judá uma desgraça qual nunca se viu ali, como castigo pela idolatria que vinha sendo praticada, além de terem matado pessoas inocentes (versículos 3 e 4). Como se isso não bastasse, tinham erguido altares a Baal e queimado neles os seus filhos.

Por isso aquele vale passaria a ser conhecido como o Vale da Matança, porque nele seria morta a maior parte das pessoas de Jerusalém. O Senhor faria morrer essas pessoas por ocasião da invasão babilônica e a cidade ficaria deserta, com os cadáveres sendo comidos por animais (versículos 4 a 9).

Tendo terminado de falar todas essas palavras, Jeremias quebraria o vaso de barro para dizer que de igual maneira Deus quebraria a cidade de Jerusalém, sem restauração, como fora quebrado o vaso. Todos os palácios e as casas de Jerusalém onde haviam queimado incenso seriam totalmente destruídas (versículos 10 a 13).

Entregue a sua profecia no Vale de Ben-Hinom, Jeremias retornou para o pátio do templo onde, mais uma vez, alertou todo o povo ali a respeito da destruição da cidade que se avizinhava.

Jeremias 20

Essa ousada profecia de Jeremias no pátio do templo despertou a ira de Pasur, provavelmente o segundo depois do Sumo Sacerdote. Aparentemente ele tinha autoridade para mandar prender Jeremias por desacato, e assim fez literalmente, amarrando-o num tronco junto a uma das portas do templo, onde também mandou açoitá-lo. Jeremias passou a noite ali e Pasur mandou soltá-lo pela manhã. Ao fazê-lo, esperando que ele tivesse aprendido sua lição, Jeremias profetizou contra ele, dizendo que Deus passara a chamá-lo de Magor-Missabibe, que significa “terror por todos os lados”. Neste sentido ele veria a morte de todos os seus amigos, enquanto ele mesmo e sua família seriam levados para a Babilônia, onde morreriam, como pagamento pelas mentiras que vinha profetizando (versículos 1 a 6).

Os versículos 7 a 10 trazem palavras de lamento de Jeremias, pelo fato de estar sendo ridicularizado devido a suas profecias. Ele já vinha, havia algum tempo, profetizando que Deus mandaria “terror por todos os lados”, mas isso estava demorando a acontecer, pelo que o povo começou a debochar dele, inclusive apelidando-o de “magor-missabibe”. Ele sentia que essa demora fora uma forma de ser enganado pelo Senhor, motivo pelo qual

ele tinha até resolvido não profetizar mais, mas a necessidade de abrir a boca e fazê-lo era como um fogo queimando dentro dele.

Apesar disso, ele estava certo da presença do Senhor com ele, assegurando a sua vitória sobre os seus inimigos, que seriam envergonhados. Essa certeza o leva a pedir que Deus lhe permita ver a destruição de seus inimigos e irrompe num louvor ao Senhor no versículo 13.

Mesmo assim, o ânimo do profeta não é nada bom, porque ele passa os versículos 14 a 18 amaldiçoando o dia em que nasceu, o homem que anunciou o seu nascimento, o fato de não ter sido abortado antes de nascer e o próprio fato de sua mãe ter permanecido grávida. Ele olha para o futuro e só vê decepção.

Jeremias 21

Este capítulo nos traz um excelente exemplo de como as pessoas, que não conhecem a Deus, lidam com Ele como se Suas atitudes fossem erráticas, ou seja, Ele pode ter uma determinação distinta dependendo de quem e quando O consulta. Já tínhamos visto isso com Balaque levando Balaão para diferentes pontos de visada para ver se Deus permitiria que Israel fosse amaldiçoado. Aqui, vemos o rei Zedequias, que conhecia muito bem as profecias de Jeremias, sobre a iminente destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, mandar consultar, justamente o mesmo profeta, sobre a possibilidade de Deus estar planejando um de Seus maravilhosos livramentos para o momento em que Nabucodonosor, que cercava a cidade, a atacasse (versículos 1 e 2).

A resposta de Jeremias obviamente não podia ser diferente de todas as profecias que ele já havia entregue antes. Aliás, Deus ainda acrescentou que estava decidindo se as próprias armas dos judeus se voltariam contra o Seu povo para apoiar os babilônios, que Ele mesmo traria para dentro dos muros de Jerusalém. Além disso, Ele mesmo estaria combatendo do lado dos babilônios, matando os habitantes de Jerusalém (versículos 3 a 6).

Quanto a Zedequias, o rei de Judá, seus conselheiros e todo o povo da cidade que tivessem sobrevivido à peste, à espada e à fome, Ele os entregaria nas mãos de Nabucodonosor para tirar-lhes a vida sem qualquer misericórdia (versículo 7).

Não obstante essa ser a mesma profecia que Jeremias havia recebido de Deus e pronunciado reiteradas vezes, ela viera sempre acompanhada de uma promessa de livramento caso o povo se arrependesse de seus pecados de idolatria. Desta vez o tempo de livramento era passado, mas Deus ainda ofereceu o resgate da vida de quantos cressem na mensagem de Jeremias e decidissem se entregar aos babilônios fora dos muros da cidade, porque Ele já havia decidido entregar a cidade ao rei de Babilônia e que ela seria incendiada (versículos 8 a 10).

Encerrando as suas palavras, Jeremias mandou mais um recado do Senhor ao rei de Judá. Independente de qualquer outra coisa, a dinastia de Davi tinha a obrigação de administrar a justiça e não a opressão que imperava. A ira do Senhor estava acesa e arderia para sempre, enquanto esse mal não fosse corrigido.

Não adiantaria achar que Jerusalém era inexpugnável porque não era. Ele faria arder tanto a cidade como a floresta à sua volta.

Jeremias 22

O capítulo anterior foi escrito por volta de 587a.C., pouco antes da queda e destruição de Jerusalém. Já os eventos deste ocorreram vários anos antes, talvez durante o reinado de Jeoaquim, que reinou no lugar de Jeoacaz seu irmão (ver versículo 18).

É curioso que, não obstante a mensagem ter sido entregue uns 20 anos antes, ela se parece muito com a do versículo 12 do capítulo anterior: a justiça e o direito estavam sendo infringidos e os necessitados estavam sendo explorados por opressores (versículos 2 e 3).

Juntamente com essa profecia veio também a promessa baseada na misericórdia de Deus. Se eles se arrependessem, os reis continuariam a se assentar no trono de Davi. Caso contrário, aquele palácio, onde Jeremias foi profetizar, ficaria vazio, como vazia ficaria também Jerusalém, que seria queimada pelos destruidores que Ele enviaria (versículos 4 a 7).

Os versículos 8 e 9 falam a respeito do espanto que a destruição de Jerusalém causaria depois que as nações vissem o que aconteceu. Todos saberiam, contudo, que isso aconteceu a Judá porque haviam abandonado a aliança que fizeram com o Senhor, entregando-se à idolatria com outros deuses.

O versículo 10 diz ao povo que não chorem a morte do rei, não porque não seja lamentável, mas porque muito pior será o sofrimento daqueles que vão para o exílio e lá morrerão. Já no versículo 11, Jeremias disse que o rei Salum (Jeoacaz), filho de Josias, que se sentou no trono quando este foi morto por Neco, rei do Egito, e que foi levado para o Egito, de lá nunca voltaria.

Devemos lembrar que Jeoacaz morreu no Egito (versículos 11 e 12) e que Jeoaquim, seu irmão, foi colocado no trono, também por Neco, quando depôs Jeoacaz. Este, apesar de empossado por Neco, ficou servindo a Nabucodonosor, visto que ele havia derrotado a Neco. Jeoaquim se rebelou contra Nabucodonosor, mas morreu pouco antes deste invadir Jerusalém pela primeira vez, onde já encontrou Joaquim, seu filho, reinando sob a regência de sua mãe Neusta.

Os versículos 13 a 19 apresentam uma profecia contra Jeoaquim, dando a entender que este estava no trono por ocasião da proclamação da mesma. Sabemos que ele se tornara

tributário de Nabucodonosor logo depois de empossado, mas somos informados aqui que cobrava esse valor em excesso de seu povo para poder construir um novo palácio. Além disso, explorava os servos que o construíam, deixando de pagar seus salários. No versículo 16, Jeremias diz que conhecer ao Senhor implica automaticamente em ser justo, defendendo a causa do pobre e necessitado. Por isso mesmo os versículos 18 e 19 preveem que a morte de Jeoiaquim traria alegria ao povo, que arrastaria o seu corpo para fora da cidade, ao invés de enterrá-lo.

Os versículos 20 a 23 apresentam uma profecia contra Jerusalém, que pode ter sido pronunciada mais tarde, quando já reinava Joaquim. Basicamente ela fala da soberba da cidade, que tipifica o povo de Judá, informando que seus filhos serão exilados.

Os últimos 7 versículos deste capítulo nos falam da destituição de Joaquim, com apenas 3 meses de reinado, sendo levado para a Babilônia, de onde não mais voltou. Apesar de reinar tão pouco tempo e com apenas 18 anos, fez o que não agradava ao Senhor, pelo que, no versículo 24, o Senhor deixa claro que ele não era a Sua autoridade no trono. Ele seria entregue ao rei Nabucodonosor, que o levaria, juntamente com sua mãe, para o exílio, onde ambos morreriam.

O último versículo manda que Joaquim seja registrado como um homem sem filhos, mas como o mesmo versículo nos fala de seus descendentes, conclui-se que ele não teve filhos, senão depois de sair da prisão em Babilônia. Somos informados em *ICrônicas* 3.17 que ele teve 6 filhos e que seu neto foi Zorobabel, que não reinou, conforme indicado, mas ocupou o cargo de governador na volta do exílio.

Jeremias 23

Não sabemos se este capítulo é continuação do anterior, mas caso o seja, Jeremias já falou de Jeoacaz, de Jeoiaquim e de Joaquim. Assim sendo, só falta falar de Zedequias, que completa esse grupo de pastores (reis) que literalmente destruíram e dispersaram as ovelhas de Judá, pelo que o Senhor promete puni-los pelos seus maus procedimentos. Juntamente com isso, contudo, Ele diz que trará de volta os remanescentes que espalhou por todas as terras, estabelecendo sobre eles pastores que realmente cuidarão deles (versículos de 1 a 4).

Esse ajuntamento dos remanescentes, citados acima, tanto pode ser uma referência ao período após o exílio babilônico, como ao ajuntamento dos tempos do fim, mas os dias que virão, citados no versículo 5, certamente falam do Messias. Judá será salva sim, por um Renovo justo, que será conhecido como “O Senhor a Nossa Justiça”.

Jesus Se tornou “Yahweh Tzidkenu”, Jeová nossa justiça, ao tomar sobre Si os nossos pecados, para que nós fossemos feitos justiça de Deus (*II Coríntios* 5.21). Isso ocorreu na Sua Primeira Vinda, mas o cumprimento desta profecia está associada à Sua Segunda Vinda, quando reinará sobre toda a Terra (versículos 5 a 8).

O versículo 9 nos mostra que Jeremias tinha perfeita noção da responsabilidade associada a proclamar as palavras do Senhor. Exatamente por isso ele expressa profunda tristeza em relação ao que estava se passando em seus dias, quando havia muitos profetas proclamando uma mensagem, que diziam vir de Deus, mas que tinha outra origem.

Todo o restante deste capítulo (versículos 10 a 40) fala, principalmente, a respeito dos profetas dos dias de Jeremias, mas suas palavras certamente englobam todos os profetas de todos os tempos, que têm usado o nome do Senhor de forma fraudulenta, ou seja, proclamando em Seu nome coisas que o Senhor não falou.

Nos versículos 10 a 12 ele fala a respeito do adultério no meio tanto dos profetas como do sacerdócio. Esse adultério não é necessariamente espiritual, porque o culto a Baal inclui a profanação sexual como parte dos ritos, pelo que Jeremias fala de iniquidades praticadas no interior do templo. A estes profetas e sacerdotes estava destinada a desgraça como castigo.

Os versículos 13 a 15 trazem uma comparação entre os profetas do Reino do Norte e os de Judá. Os primeiros eram simplesmente idólatras e cultuavam a Baal. Já os de Jerusalém eram muito piores, porque promoviam o adultério nas cerimônias de culto e o faziam em Nome do Senhor, que os considerava iguais ao povo de Sodoma e Gomorra. Graças a estes profetas a impiedade havia se espalhado por toda a terra de Judá.

Nos versículos 16 a 22 o Senhor fala especificamente a respeito dos profetas que falam, em Nome dEle, coisas que Ele não disse. Eles dizem, por exemplo, que haveria paz em Judá e que a desgraça que alcançara o Reino do Norte jamais ocorreria em Judá. Infelizmente nenhum deles tinha noção do que Deus havia decidido fazer. Eles não atentaram para a tempestade que Deus estava trazendo e que desabaria sobre todos os ímpios até que a Sua ira fosse aplacada.

A onisciência e a onipresença de Deus são objeto das palavras dEle nos versículos 23 e 24. Ele afirma que “enche o céu e a Terra” de modo que ninguém se oculta dEle. Assim, esses profetas que mentem em Seu nome, afirmando que Ele lhes dera um sonho, não deviam passar impunes (versículos 25 e 26).

O versículo 27 revela que a intenção desses profetas é fazer com que o povo esqueça o Nome do Senhor, mas suas palavras são palha que não alimenta. Por acaso alguém mistura palha com trigo para fazer um bolo? Assim a palavra do Senhor deve ser proclamada com fidelidade, pois se trata de um fogo que consome a palha da impiedade e um martelo que despedaça a rocha do pecado (versículos 28 e 29).

Assim, os versículos 30 a 32 repetem porque o Senhor é contra esses profetas que roubam palavras falsas uns dos outros, que declaram suas próprias palavras como se fossem divinas e que contam sonhos divinos que Ele não deu.

Nos versículos 33 a 40 Jeremias fala a respeito do “peso” da Palavra do Senhor. O uso dessa palavra no hebraico talvez possa ser traduzido como “oráculo”(NVI), “significado”, ou “interpretação”. Aqui, contudo, Jeremias está fazendo um trocadilho com o sentido literal da palavra. Quando algum profeta ou sacerdote perguntasse pelo “peso” de sua mensagem do Senhor, ele deveria responder com o significado literal da palavra dizendo que o peso eram eles mesmos, que proclamavam coisas que Ele não disse, motivo pelo qual estavam sendo castigados (versículo 34).

Os versículos 35 a 40 deixam claro que ninguém deveria voltar a dizer que recebera uma mensagem do Senhor e que fora encarregado de passar adiante.

Jeremias 24

Este capítulo diz respeito a uma mensagem entregue ao profeta Jeremias quando já reinava Zedequias, instituído por Nabucodonosor, quando este levou de Jerusalém para a Babilônia seu segundo grupo de exilados, dentre os quais o rei Joaquim e sua mãe Neusta. Os primeiros exilados, que incluíam Daniel, Misael, Hananias e Azarias, haviam sido levados no terceiro ano do rei Jeoiaquim (oito anos antes).

Nesta ocasião o Senhor mostrou a Jeremias que estavam, diante do templo, duas cestas de figos, uma muito boa e outra já podre. Depois de perguntar a Jeremias o que ele estava vendo, o Senhor tratou de explicar o significado de cada uma das cestas.

Os figos bons seriam os exilados que Ele havia levado para a Babilônia para fins de depuração e edificação, com a intenção de trazê-los de volta e reimplantá-los. Ele daria a estes um coração capaz de conhecê-IO, voltando-se totalmente para Ele (versículos 5 a 7).

Já os “felizardos”, pelo menos assim se achavam aqueles que haviam ficado em Judá, esses, incluindo o rei Zedequias e todos os que haviam descido para o Egito, eram os figos podres, que Ele tornaria objeto de terror e desgraça. Contra eles viria a guerra, a fome e a peste até eliminá-los da terra de Judá, espalhando o remanecente pelo mundo afora.

Jeremias 25

Essa profecia de Jeremias tem data de 604a.C., que foi o quarto ano do reinado de Jeoaquim. Cabe ressaltar que em 605a.C. Nabucodonosor invadira Jerusalém e havia subjugado Jeoaquim, que até então pagava tributo a Neco, rei do Egito, que já havia sido derrotado por Nabucodonosor (embora reinasse ainda Nabopolassar, seu pai) na batalha de Carquemis em 609a.C., logo após a morte de Josias em Megido.

A profecia de Jeremias fazia um retrospecto de seu ministério, que a essa altura já durava 23 anos e que havia começado no 13º ano do reinado de Josias. Ele deixou claro que

havia proclamado a Palavra do Senhor ao longo de todo esse tempo, mas que Judá não lhe dera ouvidos (versículo 3).

Jeremias disse, ainda, que Deus havia mandado, ainda, vários outros profetas, que tentaram convencer o povo a converter-se dos seus maus caminhos e de sua idolatria, como condição para permanecerem na terra dada a eles e aos seus antepassados, mas sem que lhes dessem ouvidos (versículos 4 a 7).

Por não terem ouvido Suas palavras, o Senhor mandou que Jeremias lhes dissesse que Ele já decidira convocar Nabucodonosor, rei de Babilônia, para atacar Judá e seus habitantes, destruindo-os completamente e fazendo deles objeto de pavor, zombaria e ruína permanente. Não haveria mais alegria, festas e nem mesmo trabalho, porque Babilônia os arruinaria e manteria sob jugo por 70 anos (versículos 8 a 11).

Passados, contudo, os 70 anos, Babilônia seria castigada por todas as suas iniquidades e seria arrasada para sempre, com o Senhor cumprindo tudo que foi profetizado por Jeremias, com os próprios babilônios sendo escravizados por grandes nações (versículos 12 a 14).

Os versículos 15 a 29 nos falam de uma tarefa dada por Deus a Jeremias, para que este tomasse de Sua mão o cálice de Sua ira para que todas as nações indicadas por Ele dela bebessem. Em outras palavras, ele deveria falar a respeito do castigo que Deus faria vir sobre cada uma delas. Todas ficariam abaladas ao tomarem conhecimento da destruição, pela espada, que Ele mandaria sobre elas.

No versículo 17 Jeremias nos informa que obedeceu, tomou o cálice da mão do Senhor e, a partir do versículo 18 passa a descrever uma por uma:

- versículo 18: Jerusalém e todas as outras cidades de Judá;
- versículo 19: o Egito, seus conselheiros e líderes, bem como todo o povo;
- versículo 20: os estrangeiros do Egito, os reis de Uz (cidade natal de Jó, perto de Damasco) e os reis das 5 cidades filisteias;
- versículo 21: Edom, Moabe e Amon;
- versículo 22: os reis de Tiro, Sidom e das ilhas e terras de além-mar (certamente ligadas a Israel pelos vínculos comerciais);
- versículo 23: Dedã (uma tribo que descendia de Abraão e Quetura), Temá (uma tribo árabe que vivia na Síria) e Buz (uma tribo que descendia de Naor, irmão de Abraão). Todos estes aparavam os cabelos de uma forma proibida aos judeus (*Levítico 19.27*);
- versículo 24: reis árabes e estrangeiros, que viviam no deserto;
- versículo 25: reis de Zinri, Elão e da Média (reinos que ficavam às margens do Tigre);
- versículo 26: todos os demais reis da Terra e depois de todos o rei Sesaque. Sesaque é um nome desconhecido, mas a lógica nos diz que era uma referência ao reino de Babilônia.

Os versículos de 29 a 38 falam a respeito do fato do castigo ser inevitável. Todos beberão do vinho da ira do Senhor, porque afinal de contas toda a Terra é Sua e Ele a disciplina como bem Lhe apraz.

Jeremias 26

Essa profecia de Jeremias foi proclamada por volta do ano 608a.C., ao início do reinado de Jeoaquim, mas não nos seus primeiros dias, devido à atrocidade que ele já havia realizado e que se encontra descrita nos versículos 20 a 23 deste capítulo.

Jeremias se colocou no pátio do templo e proclamou a mesma mensagem que já vinha profetizando havia 19 anos, qual seja, que o Senhor iria destruir aquele templo, bem como toda cidade de Jerusalém, se o povo não se arrependesse de seus pecados e se voltasse para Ele (versículos 2 a 5). Como exemplo de cumprimento de Sua promessa, o Senhor mandou que o profeta citasse o que já havia feito com Siló, onde antes estivera o tabernáculo com a arca (versículo 6).

Irritados por verem denunciados os seus pecados, os sacerdotes, os profetas e o povo declararam que Jeremias era um mentiroso e que merecia morrer por suas profecias mentirosas. Imediatamente foram convocados os líderes de Judá (auxiliares de Jeoaquim que viviam no palácio ao lado) e estes se assentaram para julgar se procedia a acusação de morte que lhe fora feita pelos sacerdotes e profetas (versículos 7 a 11).

O primeiro a ser ouvido foi o próprio Jeremias, que se limitou a repetir o que já dissera, alegando ter recebido a mensagem do Senhor, pelo que eles seriam assassinos se resolvessem matá-lo (versículos 12 a 15).

Os líderes do povo discordaram dos sacerdotes porque disseram que o profeta Miquéias havia dito exatamente a mesma coisa nos dias de Ezequias e que ninguém havia falado em matá-lo por isso, pelo que eles estariam trazendo condenação sobre si mesmos se matassem Jeremias.

Aparentemente outro líder, contudo, se lembrou de outro evento que acabara de ocorrer com um profeta chamado Urias, que viera da cidade próxima de Quiriate-Jearim, e que também havia dito as mesmas coisas. Esse, contudo, o próprio rei Jeoaquim mandou matar. Mesmo tendo fugido para o Egito, o rei mandou prendê-lo ali e ele foi morto em Jerusalém e jogado numa vala.

Diante do impasse, Aicam, aparentemente um dos mais idosos e mais conceituados dentre os líderes, defendeu Jeremias e impediu que fosse condenado.

Semana 78 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 3

Texto: Jeremias 27 a 39

Estação 38

Jeremias 27

Zedequias começou a reinar no ano 597a.C. e foi colocado no trono por Nabucodonosor, quando este levou Joaquim, filho de Jeoaquim, cativo para a Babilônia. Nesta mesma ocasião Zedequias lhe jurou fidelidade, mas algum tempo depois de empossado, já o vemos recebendo embaixadores de Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom para discutir com eles alguma forma conjunta de resistir a Nabucodonosor. Deus pediu, então, a Jeremias que entregasse uma mensagem Sua a estes embaixadores (versículos 1 a 3).

A mensagem em apreço dizia que Ele criou o universo e tudo que nele há, de modo que Ele reina sobre tudo e entrega as nações a quem bem entender. No momento Ele as havia entregue a Nabucodonosor, rei de Babilônia. Sobre elas reinaria ele, seu filho e seu neto, depois do que Babilônia seria subjugada por outras nações (versículos 4 a 7).

É muito oportuno lembrarmos que Ele continua a reinar sobre todas as nações nos dias de hoje, inclusive sobre o Brasil, que nos diz respeito de perto, e que continua a fazer a Sua vontade. Esta sempre prioriza a obediência a Suas leis, da mesma forma como por vezes se expressa na forma de juízo, quando há insistência em resistir a estas. Arrependimento de pecados será sempre a Sua prioridade, até que se esgote a Sua misericórdia.

Esta profecia de Jeremias ainda é uma expressão da misericórdia divina, mas pelo fato do livro não estar em ordem cronológica, já vimos profecias posteriores a essa, onde a misericórdia divina já havia se esgotado, não havendo mais como evitar o castigo.

Na mensagem do profeta, quem não se submetesse a Nabucodonosor seria destruído pela guerra, pela fome e pela peste, mas quem a ele se submetesse, continuaria a viver em paz na sua própria terra. Assim sendo, eles foram aconselhados a não ouvir os seus profetas mentirosos que recomendavam o contrário (versículos 8 a 11). Os versículos 12 a 15 nos informam que a mesma mensagem havia sido entregue a Zedequias.

Havia profecias sendo proclamadas no meio do sacerdócio e de todo o povo, segundo as quais os utensílios do templo (grande riqueza), que haviam sido levados por Nabucodonosor para a Babilônia, já estariam sendo trazidos de volta, mas nos versículos 16 a 21 Jeremias diz a eles que ocorrerá exatamente o contrário. Além de tudo que já fora levado, seria levado ainda tudo que restara, incluindo as colunas, o tanque, os suportes deste e todos os demais utensílios.

No versículo 22, contudo, Jeremias declarou que o Senhor os traria de volta para serem restabelecidos em Jerusalém, mas só no dia em que Ele quisesse.

Jeremias 28

O capítulo 28 faz referência àquele mesmo ano; portanto, devemos supor que este fato, que se deu em 594a.C., ocorreu pouco depois da profecia do capítulo 27. Jeremias continuou a frequentar o templo e numa das ocasiões em que o fazia um profeta de Gibeom, de nome Hananias, o desafiou, dizendo que o Senhor mandara dizer que o jugo de Babilônia seria quebrado e voltariam para Jerusalém tanto o rei Joaquim, como todos os exilados e os utensílios do templo que haviam sido levados (versículos 1 a 4).

Jeremias se limitou a debochar dele dizendo amém, mas que a sua profecia estava em desacordo com aquelas pronunciadas por vários profetas antes dele. Assim sendo, Jeremias se limitou a dizer a ele que a profecia de prosperidade dele teria que se cumprir para ser verdadeira (versículos 5 a 9).

Jeremias trazia ao pescoço um jugo de madeira para lembrar ao povo aquilo que Deus havia dito, mas Hananias, ao sentir-se desafiado, arrancou do pescoço de Jeremias o jugo e o quebrou, dizendo que o Senhor definira que daquela forma o jugo de Babilônia seria quebrado de sobre todas as nações. Jeremias deixou para lá e simplesmente se retirou (versículos 10 e 11).

Infelizmente para Hananias, o Senhor não quis deixar para lá. Ele comunicou a Jeremias que deveria informar a Hananias, que no lugar daquele jugo de madeira Ele faria um de ferro que manteria, através de Nabucodonosor, sobre todas as das nações. Além disso, informou a Hananias que aquela mentira custaria a sua vida ainda naquele ano (versículos 12 a 16).

O versículo 17 nos informa que Hananias morreu 2 meses depois.

Jeremias 29

Este capítulo diz respeito ao conteúdo de uma carta que Jeremias enviara aos líderes dos exilados e aos sacerdotes e profetas que Nabucodonosor levava para Babilônia. A carta foi escrita logo depois que o rei Joaquim e sua mãe foram levados, por volta do ano 597a.C. (versículos 1 e 2).

O conteúdo da carta era uma recomendação do Senhor, para que os exilados se acomodassem em Babilônia, construindo casas, constituindo famílias, se multiplicando e orando pela prosperidade de sua nova cidade, porque disso dependeria, também, a prosperidade deles mesmos (versículos 3 a 7).

Não deveriam dar ouvidos aos falsos profetas que previssem uma volta a curto prazo, pois seu tempo de exílio seria de 70 anos, findos os quais Ele os traria de volta. Ele havia feito planos para o bem deles e Seu interesse era de fazer-lhes prosperar, de modo que O buscassem. Para que, em o fazendo de todo o coração, pudessem achá-IO. A intenção

Ele, portanto, era que voltassem a ter comunhão com Ele, para só então trazê-los de volta a Judá (versículos 8 a 14).

No versículo 15, Jeremias aventou a possibilidade deles argumentarem dizendo que o Senhor já havia levantado profetas entre eles no exílio, mas antes que o fizessem, contudo, o Senhor gostaria que eles soubessem o que ia se passar em Judá, para onde estavam querendo voltar.

O Senhor estava enviando contra Zedequias e todos os demais que não foram para para o exílio, a guerra, a fome e a peste, fazendo deles objeto de destruição e zombaria por parte de todas as nações, por não terem ouvido Suas palavras pronunciadas pelos profetas (versículos 17 a 19).

Tendo dito isso, Jeremias pediu que ouvissem aquilo que Deus tinha para dizer sobre Acabe, filho de Colaías e Zedequias, filho de Maaséias, que já estavam profetizando no exílio. Eles seriam mortos por Nabucodonosor por estarem profetizando mentiras no Nome do Senhor. Além disso, eles eram adúlteros, que tiveram relações com as esposas de seus amigos (versículos 20 a 23).

Os versículos 24 a 32 tratam de um exilado chamado Semaías, de Neelam. Ele havia mandado uma carta para o sacerdote Sofonias, encarregado do templo, denunciando o profeta Jeremias, por dizer que o exílio seria longo e pedindo que ele fosse preso, por ser louco. O próprio Sofonias havia mostrado a carta a Jeremias.

Em função disso, o Senhor pronunciou uma pesada sentença contra Semaías, por ter pregado rebelião contra o Senhor. Morreriam não só ele, como também todos os seus descendentes. Não restaria dele ninguém para ver as bênçãos que o Senhor traria sobre Seu povo, findos os 70 anos.

Jeremias 30

Veio mais uma vez a Palavra do Senhor a Jeremias, desta feita mandando que todas as Suas profecias fossem transcritas em um livro. Deveria haver um claro registro da punição, para que ficasse igualmente claro, que a Sua intenção última era a recuperação do Seu povo e o seu bem estar, que estavam por chegar (versículos 1 a 3).

Até aqui temos a impressão de que Deus está falando do livramento a ser dado por Ciro após 70 anos de cativeiro, mas as palavras do Senhor acerca de Israel e Judá, que englobam os versículos 4 a 11, parecem nos falar dos tempos apocalípticos, quando também haveria pânico, pavor e tanta dor, fazendo com que os homens se encurvassem como as mulheres dando à luz.

“**Naquele dia**”, uma referência ao “Dia do Senhor”, haveria livramento para Israel e Judá, e a partir dele nunca mais seriam escravos de estrangeiros, antes serviriam ao Senhor

e a Davi, seu rei. Davi é claramente uma referência a Jesus reinando sobre Israel e Judá no milênio.

Já os versículos 10 e 11 voltam a se aplicar tanto aos dias do profeta como aos tempos do fim. Eles seriam salvos e voltariam do exílio, com Jacó voltando a viver em segurança. O Senhor destruiria as nações dentre as quais Jacó havia sido exilado, mas a destruição de Jacó seria apenas parcial, porque Sua intenção era apenas disciplinar Seu povo.

Da mesma forma como os versículos anteriores narraram a necessidade de castigo para disciplinar o povo, os versículos 12 a 17 discutem a ferida causada por esse castigo e a forma como seria curada.

Sem dúvida a ferida de Judá era grave e não havia remédio que a fizesse cicatrizar, a ponto de todos os aliados se esquecerem dela. O próprio Senhor havia desferido um golpe no Seu povo, como se inimigo fosse, pois se trata de um castigo por seus grandes e numerosos pecados.

Não obstante a situação parecer irreversível, todos aqueles que devoraram e saquearam Judá seriam devorados e saqueados e o Senhor, Ele mesmo, curaria as feridas de Sião, porque Ele não havia rejeitado o Seu povo.

Curada a ferida, os versículos 18 a 24 passam a versar sobre a restauração de Judá, com o Senhor mudando a sua sorte e Jerusalém sendo reconstruída. O povo daria ao Senhor ações de graças pela alegria de estarem de volta. Eles, que eram poucos, se multiplicariam e seriam honrados. Judá voltaria a gozar da proteção do Senhor, como antigamente, quando Ele lutava as suas batalhas.

O versículo 21 divide os teólogos, pois alguns acham que a omissão da palavra “rei” indica, simplesmente, que não haveria um rei, mas o líder do povo seria um judeu, como aconteceu nos dias de Ciro e seus sucessores. Há outros, contudo, que veem aqui uma referência ao Messias, nascendo no meio dos judeus e aproximando-se de Deus na condição de Mediador, que só Ele poderia preencher. Pessoalmente me agrada mais essa segunda interpretação, embora haja ainda espaço para a primeira em paralelo.

A restauração de Judá volta a ilustrar a figura do “povo de Deus”, cuja contrapartida é o fato dEle ser o seu Deus.

Os versículos 23 e 24 lembram que tudo isso é uma profecia, mas que por enquanto o que existe mesmo é uma tempestade divina, que vai cair sobre a cabeça dos ímpios. A ira do Senhor, que a gerou, só será aplacada depois que Sua vontade estiver consumada. Jeremias então reconhece que a perfeita compreensão disso está ainda no futuro.

Jeremias 31

Embora o tema deste capítulo seja a restauração de Israel (Judá) após o exílio babilônico, este capítulo se tornou o mais conhecido do livro de Jeremias devido à sua menção da Nova Aliança nos versículos 31 a 34. É importante, todavia, que compreendamos onde estes conhecidos versículos se encaixam na profecia como um todo.

“**Naquele tempo**” do versículo 1 fala da mesma restauração de Israel proclamada nos últimos versículos do capítulo anterior. O relacionamento de Israel com Deus começara no Egito, por pouco tempo, e depois durante 40 anos no deserto, onde o Seu amor eterno já os atraía (versículos 2 e 3).

Infelizmente o povo se afastara de Deus, a ponto de Ele precisar castigá-lo, mas nessas circunstâncias não é o Seu amor que é ressaltado e, sim, a Sua severidade. Agora, contudo, na restauração, aquela que se prostituíra é reedificada e Ele a chama de “virgem”. Toda a sua idolatria seria perdoada e ela se enfeitaria para novamente expressar sua alegria através da dança (versículo 4).

Mais uma vez seriam plantadas vinhas e o povo se alegraria com as convocações para as festas de presença compulsória em Jerusalém (versículos 5 e 6).

Os versículos 7 a 14 narram a volta de Israel de todos os lugares onde haviam sido exiladas, com o Senhor dando a Seu povo uma posição de destaque entre as nações. Eles voltavam em meio a choro, mas consolados por Aquele que os trazia por caminhos planos, de águas abundantes. Voltavam para uma vida abundante, tanto de alimentos como de animais, com sacerdotes satisfeitos devido à fatura das ofertas do povo.

O versículo 15 é bastante conhecido devido à sua aplicação em *Mateus 2.18*, quando Herodes mandou matar os primogênitos na cidade de Belém. Trata-se de uma aplicação curiosa porque o uso do texto aqui é outro. Raquel havia sido enterrada em Ramá, perto de Belém e até aí é a única coisa que as duas aplicações têm em comum, porque Jeremias se refere a isso, como se ela no túmulo chorasse pelos seus filhos Efraim, Manassés e Benjamin, que haviam sido levados em cativeiro. A Palavra do Senhor, contudo, é que ela pare de chorar, porque eles vão voltar, pelo que novamente há uma esperança de um futuro para eles (versículos 16 e 17).

Os versículos 18 a 22 nos falam, então, do arrependimento de Efraim. Sabemos que esse termo normalmente se aplica às tribos do Reino do Norte, que, em princípio, nunca voltaram de seu exílio imposto pela Assíria. Isso não quer dizer, contudo, que alguns ou pequenos grupos não possam ter encontrado o caminho de volta. Talvez seja a estes (os que encontraram primeiro o arrependimento) que Jeremias está se referindo. Estes que se envergonharam e se humilharam, são os mesmos que o Senhor chama de filhos queridos no versículo 20, onde Ele também abre para eles o Seu coração.

Ainda para estes Jeremias recomenda que observem o caminho que trilharam quando foram exilados e que até deixem sinais que possam reconhecer, para que voltem posteriormente (versículo 21).

Já o versículo 22 é de compreensão difícil, pelo que há muitas interpretações distintas, mas nenhuma óbvia. Harrison (/56/, pág. 109), por exemplo, consegue ver aqui uma descrição da Nova Aliança, onde Jesus, o Deus Todo Poderoso, é sustentado pela Igreja na condição de fraqueza que Ele assumiu, para poder resgatá-la. Li umas 6 interpretações distintas e todas são igualmente, ou talvez seja melhor dizer excessivamente, criativas. A palavra original traduzida aqui como “abraça” significa circundar para proteger. A única idéia lógica que me ocorre aqui é a de um crente (a noiva) disposto a morrer pelo seu Senhor (o guerreiro sempre vitorioso). Quando chegamos a esse ponto, é porque o arrependimento está completo.

Os versículos 23 a 30 nos falam a respeito da alegria de Judá por estar de volta na Terra Prometida, a ponto de proclamar: '**O Senhor a abençoe, ó morada justa, ó monte sagrado**'. Haverá abundância, tanto na lavoura como nos rebanhos (versículo 24), e todos serão fortalecidos, com um período de expansão tanto de homens como de animais, com o Senhor edificando e plantando (versículos 25 a 28).

Não haveria mais lugar para a ideia de que os pais pecaram e o castigo sobrou para os filhos. Na realidade, haveria consciência de que cada um paga pelo seu próprio pecado (versículos 29 e 30).

Os versículos 31 a 34 resumem o texto mais bem conhecido de Jeremias. Trata-se do anúncio da chegada de uma Nova Aliança, que substituiria aquela que foi celebrada entre Deus e Israel no Sinai.

Os cristãos gostam de pensar nela como uma aliança feita em Cristo com eles, mas o texto nos diz, claramente, que é uma Nova Aliança feita com a comunidade de Israel e com a comunidade de Judá.

Então, essa Nova Aliança feita com Israel e Judá seria diferente daquela feita no Sinai, porque aquela, que tinha leis escritas em tábuas de pedra, foi quebrada, pelo que não tem sentido insistir nela, porque restariam apenas as maldições a serem aplicadas.

Deus, portanto, em Seu grande amor, propôs uma nova para substituí-la, com as leis, desta feita, sendo escritas diretamente nos corações, ou seja, aqueles que aceitassem celebrá-la com Ele, receberiam, em seu interior, novas diretrizes ditando a legislação que rege as suas vidas. Eles aceitariam, assim, Deus como Senhor de suas vidas e eles seriam povo de Deus.

Essa aliança feita com Israel e Judá não seria, todavia, uma aliança feita com povos, mas, sim, individual. Seria necessário que cada um aceitasse o senhorio divino para que dela participasse. Juntamente com ela viria uma forma de conhecimento de Deus, que antes era ensinado pelos sacerdotes, mas que, na Nova Aliança, seria garantida pelo

próprio Deus. O texto aqui não diz como, mas o texto paralelo a este, que se encontra em *Ezequiel 36.26-29*, nos fala claramente que isso seria realizado pela presença do Espírito Santo habitando no interior daqueles que se tornassem participantes dessa aliança.

Obviamente a pergunta que ficou na mente de todos os meus leitores é quando essa aliança foi estendida a todas as demais nações? Na realidade isso ocorreu muito antes da primeira ou da Nova Aliança. Isso se deu quando Deus comissionou Abraão, dizendo a ele que **“por meio dele todas as nações da Terra seriam abençoadas”**.

Essa bênção seria alcançada na medida em que seus descendentes fizessem conhecido ao mundo o Deus que o havia comissionado. Foi isso que o povo de Israel nunca entendeu e nunca observou. Foi necessário, portanto, que Jesus tivesse que escolher, no meio desse povo, um pequeno grupo, que Ele chamou de Igreja, formada inicialmente por apenas 12 judeus, que priorizariam abençoar todas as nações, começando pelo próprio povo judeu.

O curioso é que a aliança deles, do povo de Israel, foi aceita por nós, cristãos, antes de ser aceita por Israel em massa. Essa aceitação está ainda no futuro, conforme previsto por Paulo em *Romanos 11.25-27*.

É muito importante, contudo, que não achemos, como dizem alguns, que o povo de Israel perdeu a sua vez e que vivemos agora a Era da Igreja. Os versículos 35 a 37 atestam exatamente o contrário. O mesmo Deus, El Shaddai, que colocou o sol e a lua nos céus para dar luz à Terra, faz destes um atestado do amor dEle por Israel. Se o sol e a lua desaparecerem, então é porque Ele os rejeitou e deixaram de existir para Ele daí em diante. Enquanto isso não ocorrer, contudo, eles continuam a ser o Seu povo e continuam a fazer parte dos Seus planos. A principal prova disso, além do sol e da lua, é o fato dele ter previsto um dia de conversão deles em massa para a Nova Aliança “deles”, da qual nós fomos maravilhosamente beneficiados.

Os últimos 3 versículos nos falam da reconstrução de Jerusalém, descrita em termos dos seus muros, bem como de sua reconsagração, principalmente do Vale de Cedrom, que havia sido totalmente profanado com o sacrifício até de crianças.

A dificuldade aqui consiste em saber a que época isso se refere, visto que o versículo 40 declara que a cidade nunca mais seria destruída. Considerando que ela voltou a ser destruída no ano 70 pelos romanos e que há previsão de nova destruição nos tempos apocalípticos, segue que essa reconstrução deve ter interpretação múltipla, pelo menos parcial.

Jeremias 32

Esta profecia é datada por volta do ano 587a.C., um ano antes da destruição da cidade de Jerusalém, que estava cercada pelos babilônios. Jeremias se encontrava preso, a

mandado do rei Zedequias, por ter profetizado que Jerusalém sucumbiria diante de Nabucodonozor e que o rei seria levado para Babilônia (versículos 1 a 5).

Nestas circunstâncias o Senhor mandou que Jeremias comprasse de seu primo Hanameel, uma propriedade em Anatote, que seu tio precisava vender, da qual ele tinha o direito de resgate por ser o parente mais próximo (versículos 6 a 8).

Nos versículos 9 a 15 Jeremias fez exatamente o que o Senhor mandou. Comprou o terreno do tio pela quantia de dezessete ciclos de prata (três mil reais, aproximadamente), assinou a escritura e a entregou nas mãos de seu amigo Baruque, que deveria colocá-la num vaso de barro para que se conservasse por muitos anos, visto que estava previsto que os terrenos e as casas em Judá voltariam a ser negociados.

Logo depois de entregar a Baruque a escritura, contudo, ele dirigiu uma oração ao Senhor, que se estende dos versículos 16 a 25. A intenção dele é clara desde o início, mas ele dá várias voltas até chegar lá. Nos versículos 16 a 22 ele exalta o poder e os maravilhosos feitos de Deus, que culminam com a posse da Terra Prometida por parte de Israel. Nos versículos 23 e 24 ele fala do fracasso do povo em obedecer à aliança do Sinai e somente no versículo 25 ele perguntou o que realmente queria saber: como o Senhor pode ter mandado comprar este terreno nestas circunstâncias?

A resposta do Senhor foi dada nos versículos 26 a 44, nos mesmos moldes que a pergunta de Jeremias. Ele começou declarando o Seu senhorio sobre toda a humanidade, motivo pelo qual ele estava entregando Judá nas mãos de Nabucodonosor. Nos versículos 29 a 36 Ele justificou o que estava fazendo, mas, a partir do versículo 37 Ele explicou que, cessada a Sua ira, Sua intenção era trazê-los de volta para que se tornassem novamente o Seu povo e Ele o seu Deus. Ele os ensinaria a serem tementes a Ele e faria com eles uma aliança perpétua (novamente a Nova Aliança, no versículo 40).

Ele teria grande prazer em lhes fazer bem depois de convertidos a Ele. Ele daria prosperidade, pelo que voltariam a negociar casas e terrenos ali, com escrituras sendo seladas e honradas.

Jeremias 33

Enquanto ainda estava preso no pátio da guarda, no ano 587a.C., o Senhor falou novamente através de Jeremias para dizer que Ele é Senhor, pelo que o profeta poderia clamar a Ele, pois ele responderia dizendo grandes coisas ocultas a ele (versículos 1 a 3).

Nos versículos 3 e 4 o Senhor menciona a inutilidade do fato de terem derrubado casas e palácios em Jerusalém, cujos materiais foram usados para escorar os muros, evitando que estes fossem derrubados pela carga excessiva das rampas que os babilônios haviam construído. Os terrenos destas edificações demolidas se tornaram depositários

dos corpos dos judeus que morreram durante o ataque babilônio, por não contarem mais com a defesa divina.

Repentinamente há uma reversão na punição descrita acima e os versículos 6 a 9 falam de restauração, cura, prosperidade e segurança, com a sorte de Israel e Judá sendo mudada, seus pecados sendo perdoados e Jerusalém se tornando motivo de alegria, louvor e glória a Deus, pelo que Ele fez por ela diante das nações.

Os versículos 10 a 13 falam do repovoamento das cidades, onde haverá novamente a alegria dos casamentos, com graças sendo dadas a Deus por Sua bondade, com os campos voltando a servir de pastagem para grandes rebanhos.

Dias virão nos quais se cumprirá tudo que diz respeito ao Messias e que se encontra descrito nos versículos 14 a 17. Primeiro o Senhor faria brotar um Renovo, que estabeleceria a justiça na Terra. Isso foi feito por Jesus em Sua primeira vinda. Já a salvação do povo judeu, com Jerusalém passando a viver em segurança, com “Yahweh Tzidkenu” (o Senhor é Nossa Justiça) reinando, ainda se encontra em dias futuros, ressaltados por Paulo em *Romanos 11.25-27*. Independente do fato ser ainda futuro, Jesus é o descendente de Davi que vem reinando, e continuará a fazê-lo, sobre o trono de Davi, até que seja estabelecido o Israel de Deus no Reino Milenar. Nessa mesma época, contudo, o descendente dos sacerdotes e levitas virá igualmente da tribo de Judá. Ele trará o sacrifício perfeito, oferecido por Ele mesmo, como sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (versículo 18).

Desta forma os versículos 19 a 22 nos falam da perpetuação das alianças de Deus com Davi e com Finéias (*Números 25.13*), ambas na figura de Jesus Cristo, o Rei dos reis e Sumo Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Isso é tão certo como a perpetuação do dia e da noite, enquanto durar a vida na Terra. Cabe ressaltar que o versículo 22 associa essas alianças à promessa que Deus fez a Abraão, Isaque e Jacó.

Já os versículos 23 a 26 nos dão, inicialmente, a impressão de que Deus está informando a respeito de Sua aliança com Israel e Judá, os dois reinos nos quais Israel se dividiu. O Reino do Norte havia caído em 722a.C. e Judá estava sendo levado para a Babilônia, pelo que estava sendo dito, provavelmente pelo povo de Judá, que a aliança com Israel estava acabada. Mas Deus deixa claro aqui que a promessa divina feita a Abraão se perpetuou em Judá, que tinha o remanescente de todo o Israel, através de Jesus, que é tanto o Rei dos reis, perpetuado no trono de Davi, como o Sumo Sacerdote, pela ordem de Melquisedeque, que gerou muitos sacerdotes entre os Seus irmãos, perpetuando, igualmente a aliança de Finéias.

Jeremias 34

O presente capítulo narra profecias de Jeremias que foram proclamadas quando Nabucodonosor estava cercado Jerusalém, o que aconteceu a partir do nono ano do reinado de Zedequias. Nesta ocasião Deus mandou que o profeta fosse falar com

Zedequias, dizendo que já era tarde para salvar a cidade, que seria queimada e destruída, mas que ele, Zedequias, falaria face a face com o rei de Babilônia, este não o mataria à espada, mas que o levaria para o exílio, onde morreria em paz (versículos 1 a 7).

Os babilônios estavam cercando não apenas Jerusalém, mas as únicas outras cidades muradas de Judá que ainda resistiam, Laquis e Azeca. Em meio a essa situação crítica, Zedequias havia feito um acordo com o povo de Jerusalém para que todos os judeus escravizados fossem libertados. Esse acordo foi cumprido, com todos os escravos judeus ganhando a liberdade, conforme a lei, como se fosse o ano sabático.

Pouco depois, contudo, Nabucodonosor foi informado que os egípcios estavam vindo para lutar contra ele e suas tropas, pelo que interrompeu o seu cerco a Jerusalém e se deslocou por pouco tempo para um local mais adequado para a luta contra eles. Tão logo muitos ex-proprietários de escravos judeus viram isso, decidiram revogar a liberdade concedida, reescravizando os seus ex-servos (versículos 8 a 11).

Mais uma vez o Senhor se dirigiu a Jeremias e mandou que repreendesse os proprietários que assim procederam. Ele lembrou a estes que já estavam em pecado por não observarem a aliança, que determinava a libertação dos servos judeus depois do sexto ano de escravidão (*Deuteronômio 15.12*). Além disso, o acordo de libertação que haviam feito fora realizado mediante juramento no templo (versículos 12 a 16).

Assim sendo, o Senhor resolveu proclamar a libertação destes proprietários para a morte pela espada, pela peste e pela fome. Eles haviam feito o seu juramento segundo os ritos mais sagrados de uma aliança, comprometendo-se com o Senhor através de um animal cortado ao meio, com os celebrantes andando entre as partes (ver figura 78-1).

Trajetória dos celebrantes caminhando entre as metades durante a cerimônia da aliança

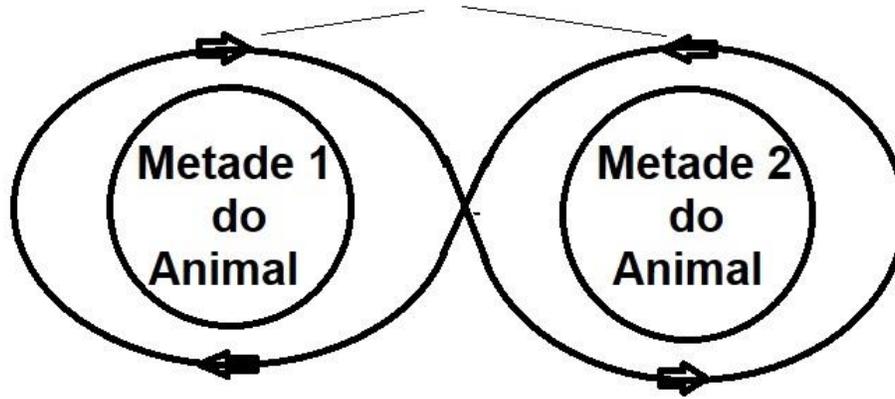


Figura 78-1 - Forma de celebração de uma aliança

Todos eles seriam mortos e seus corpos comidos por animais (versículo 20).

Encerrando este capítulo, Deus promete a Jeremias trazer Nabucodonosor de volta a Jerusalém, para que realize aquilo que já foi profetizado.

Jeremias 35

Retrocedemos agora alguns anos no tempo e voltamos aos dias de Jeoaquim, onde Deus havia reparado, com apreço, no comportamento de um pequeno grupo chamado de recabitas. Ele não diz isso, a princípio, mas pede a Jeremias que faça algo que mais parece uma provocação. Os recabitas eram conhecidos por sua aversão a bebidas alcoólicas; portanto é, no mínimo, estranho, que Deus mande Jeremias servir a eles vinho para beber.

Pois bem, Jeremias tinha um conhecido chamado Jazania, a quem pediu para juntar seus colegas recabitas para uma conversa no templo. Lá eles se encontraram numa das salas laterais e ali o profeta encheu taças de vinho e deu uma a cada um dos presentes, pedindo-lhes que bebessem.

Ficamos sabendo, então, que eles gentilmente recusaram, dizendo que eles tinham um antepassado chamado Jonadabe, filho de Recabe, que havia determinado que nenhum de seus descendentes bebesse vinho. Eles nem sequer se estabeleceriam em casas para não serem tentados a fazer plantações de vinhas, mas habitariam em tendas e

seriam nômades. Eles concluíram, então, dizendo que tinham sido obedientes a tudo isso, mas que estavam armando suas tendas dentro dos muros de Jerusalém, devido à presença das tropas babilônicas.

Deus tinha suscitado exatamente o testemunho que Ele queria, pelo que mandou que Jeremias o usasse como exemplo a ser seguido em sua exortação aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém.

Jonadabe havia falado gerações antes e seus descendentes haviam seguido criteriosamente as suas ordens. O povo de Judá, contudo, havia sido instruído por Deus e lembrado inúmeras vezes por Seus profetas a obedecerem às Suas ordens, mas eles não haviam se convertido de sua má conduta.

Exatamente por isso, Ele traria sobre Judá e sobre Jerusalém toda a desgraça da qual Jeremias os vinha advertindo, mas quanto aos recabitas, Ele mais uma vez os elogiou e disse que **“jamais faltaria a Jonadabe um descendente para Lhe servir”**.

Jeremias 36

Este capítulo narra um evento que ocorreu por volta do ano 604a.C., no quarto ano do reinado de Jeoaquim, quando o Senhor pediu a Jeremias que registrasse num livro todas as profecias que ele havia pronunciado a Seu pedido, para que o povo ouvisse, mais uma vez, as Suas palavras e talvez se arrependesse.

Jeremias convocou Baruque para essa tarefa e passou a ditar a ele profecia por profecia. Ao concluir a tarefa, disse a ele que fosse ao templo para ler as suas palavras porque ele mesmo não poderia fazê-lo por estar preso.

Baruque esperou até um dia adequado, que se apresentou no nono mês, quando foi realizado um jejum. Neste dia ele foi até uma das salas laterais do templo e começou a ler para o povo presente, dentre os quais estava Micaías, o filho do responsável pela sala, Gemarias.

Micaías ficou muito impressionado com o que ouviu e foi imediatamente falar a respeito com seu pai e com vários outros líderes do templo. Seu entusiasmo contagiou os outros, que pediram a Baruque para vir até onde estavam reunidos trazendo o rolo que lera, para que o lesse novamente para eles.

A exemplo do que ocorrera com Micaías, eles também ficaram vivamente impressionados, dizendo que o rei precisava ouvir aquilo. Por via das dúvidas, contudo, seria interessante os dois se esconderem (e para tanto devem ter libertado Jeremias), caso o rei não sentisse o mesmo entusiasmo.

Em princípio deixaram o rolo no templo e foram contar tudo ao rei. Este também mostrou, ou fingiu mostrar, interesse e pediu que o rolo lhe fosse trazido. O texto registra que o rei

estava nos seus aposentos de inverno, onde havia uma espécie de lareira e ali começaram a ler para ele as palavras do rolo.

À medida em que o rolo estava sendo lido e desenrolado o rei cortava a parte lida e jogava no fogo, não obstante os pedidos dos líderes do templo para que ele não o fizesse. Além disso, ele mandou que fossem presos tanto Baruque quanto Jeremias, mas Deus havia arranjado para eles um bom esconderijo.

Depois disso o Senhor pediu a Jeremias que reescrevesse as Suas palavras, pelo que Jeremias preparou outro texto, juntamente com Baruque, onde foi acrescentando todas as demais profecias, à medida em que foram sendo proferidas.

Quanto ao rei Jeoaquim, que mostrou total desrespeito com relação às palavras do Senhor, ele não teria nenhum descendente para sentar-se no trono de Davi, além de que seu corpo seria lançado fora e deixado ao relento. Finalmente, tanto ele quanto seus filhos e conselheiros seriam castigados por causa de seus pecados.

Jeremias 37

Esse capítulo ocorreu depois do ano 598a.C., quando Zedequias havia sido instituído como rei por Nabucodonosor, no lugar de seu sobrinho Joaquim, filho de seu irmão Jeoaquim. Ele não havia dado atenção às profecias anteriores de Jeremias, mas mesmo assim estava agora pedindo ao profeta para orar ao Senhor em seu favor (versículos 1 a 3).

Isso se deu numa época em que Jeremias ainda não havia sido preso e Nabucodonosor já tinha iniciado o cerco a Jerusalém; portanto, o ano mais provável era 589a.C.. O cerco em questão havia sido interrompido porque o exército egípcio havia saído de casa para atacar Nabucodonosor e este fora procurar um melhor lugar para enfrentá-los.

Em meio a isso, o Senhor mandou que Jeremias dissesse ao rei que os egípcios voltariam para casa e que os babilônios voltariam a cercar Jerusalém, que seria por eles conquistada e destruída.

Jeremias decidiu aproveitar que o exército babilônico havia removido o cerco a Jerusalém para ir conhecer o terreno que havia comprado de seu tio, mas foi preso ao tentar passar pelo portão da cidade, acusado de estar desertando para o lado dos babilônios. Não obstante tê-lo negado, ele foi preso numa cela subterrânea, onde ficou por muito tempo.

Passado algum tempo, contudo, o rei mandou tirá-lo de lá e trazê-lo à sua presença para perguntar se havia alguma nova mensagem do Senhor. Mais uma vez, contudo, a mensagem do Senhor falava apenas que ele seria entregue nas mãos do rei de Babilônia. O profeta aproveitou, contudo, para dizer ao rei que sua prisão era injusta,

pedindo para ser tirado de lá, mas o máximo que conseguiu foi uma mudança de local e alimentação mais regular, mantido, portanto, ainda preso.

Jeremias 38

As palavras de Jeremias, proclamando que o rei deveria se render aos babilônios eram ofensivas aos ouvidos dos líderes do povo, pelo que insistiram com o rei que ele deveria ser morto. Mesmo assim eles não quiseram sujar suas mãos de sangue, portanto o colocaram num poço sem água, mas no qual não poderia se alimentar e brevemente morreria de fome.

Ebede-Meleque eram um oficial do palácio que viu aquilo e sabia que era injusto; portanto, procurou o rei e conseguiu autorização para tirá-lo de lá. Com a ajuda de mais algumas pessoas, conseguiu puxar Jeremias para fora do poço, mas ainda teve que deixá-lo preso no pátio da guarda.

Logo a seguir, o rei mandou chamá-lo e perguntou a ele, mais uma vez, pela última mensagem do Senhor. É interessante, contudo, notar que Jeremias já estava calejado e não queria mais profetizar para o rei, porque sabia que este não o ouviria, mas o rei prometeu não matá-lo, independente de sua resposta.

Obviamente a Palavra do Senhor era a mesma de sempre. Se ele se rendesse ao rei de Babilônia, ele e a família dele seriam poupados e levados para a Babilônia e a cidade não seria queimada. Caso não o fizesse, contudo, sua família morreria e Jerusalém seria queimada e destruída.

Infelizmente, mais uma vez, Zedequias decidiu não obedecer ao Senhor. Ele disse que temia por sua vida porque os judeus que apoiavam o rei de babilônia poderiam querer matá-lo. Não obstante Jeremias lhe prometer que isso não aconteceria, ainda assim ele não cedeu.

A única preocupação do rei Zedequias dizia respeito ao fato de que os seus líderes não deveriam saber da conversa entre ele e Jeremias. Assim, Jeremias continuou preso no pátio da guarda até ser libertado pelos babilônios.

Jeremias 39

Este capítulo narra a destruição de Jerusalém com o povo sendo levado para o exílio. O cerco à cidade começou no nono ano do reinado de Zedequias e durou um ano e meio, findos os quais o muro foi rompido e os babilônios invadiram a cidade.

Houve uma tentativa de fuga por parte de Zedequias, que chegou a descer a serra que leva a Jericó, mas foi preso quando chegou lá embaixo e levado à presença de Nabucodonosor, que estava em Ribla (na fronteira de Israel com a Síria). Ali os seus

filhos foram mortos diante dele e seus olhos foram perfurados, findo o que foi levado para a Babilônia, onde veio a falecer.

A cidade foi incendiada e os muros derrubados. Todo o povo que sobrou (muitos foram mortos) foi levado cativo para a Babilônia. Apenas as pessoas muito pobres foram deixadas em Judá, onde tomaram posse das vinhas e dos campos.

Jeremias, cujas profecias já eram conhecidas de Nabucodonosor, foi beneficiado por este, que pediu que ele fosse tratado com benevolência e que pudesse escolher o seu próprio destino. Até esta ocasião ele tinha ficado preso no pátio da guarda, mas uma vez liberto, foi encaminhado a Gedalias, filho de Aicam, que tomou conta dele.

Enquanto estava ainda preso, Deus deu a Jeremias uma promessa em relação a Ebede-Meleque, que foi recompensado pelo seu cuidado para com Jeremias. Deus disse que ele não seria entregue ao inimigo e nem seria morto, por ter confiado nEle.

Semana 79 - A Mensagem do Profeta Jeremias - 4

Texto: Jeremias 40 a 48

Estação 38

Jeremias 40

Este capítulo nos apresenta apenas um breve histórico do que ocorreu aos judeus que permaneceram em Judá, depois que Nabucodonosor destruiu Jerusalém e levou, ao todo, cerca de 5 mil cativos para a Babilônia.

Ele havia determinado que Jeremias fosse tratado com respeito, mas o profeta ainda não fora achado. Aqui vemos Jeremias sendo encontrado por Nebuzaradã, já em Ramá, acorrentado junto aos demais presos que estavam sendo levados para a Babilônia.

É interessante que este se dirigiu ao profeta dizendo ser verdade tudo que ele havia profetizado, ou seja, que havia partido do próprio Deus de Israel a determinação para a destruição de Jerusalém, porque o povo de Judá havia pecado contra Ele. O mínimo que se pode dizer é que ele conhecia o teor das profecias de Jeremias.

Nebuzaradã libertou o profeta e deu a ele a opção de escolha. Ele poderia acompanhá-lo até Babilônia, ou ficar em Judá, se assim desejasse. Aparentemente, ele optou por permanecer em Judá, pelo que Nebuzaradã sugeriu que ele ficasse com Gedalias, que havia sido apontado como governador de Judá. Esse Gedalias é filho do mesmo Aicam, que salvara a vida de Jeremias, quando o povo queria matá-lo, por pregar a rendição a Nabucodonosor (ver *Jeremias 26.24*). Assim, Jeremias permaneceu com Gedalias.

A continuidade do texto (a partir do versículo 7), nos informa que havia ainda comandantes do exército de Judá, juntamente com seus soldados, que não estavam em Jerusalém quando esta foi destruída e que agora tinham ouvido falar que Nabucodonosor partira e que tinha deixado Gedalias governando Judá. Entre eles o texto cita Ismael, filho de Netanias, Joanã e Jônatas, filhos de Careá, Seraías, filho de Tanumete e outros.

Todos os judeus que haviam fugido para os países vizinhos voltaram para se juntar a Gedalias em Mizpá (Jerusalém havia sido totalmente destruída) e juntamente com estes também os comandantes supracitados, com exceção de Ismael, filho de Netanias, que permaneceu a princípio no meio dos amonitas.

Joanã, filho de Careá, e todos os outros comandantes do exército, que se juntaram com Gedalias, avisaram-no que havia uma conspiração dirigida pelos amonitas, cuja intenção era matá-lo e que Ismael, filho de Netanias, que ainda não retornara a Judá, estava encarregado da execução.

Esse capítulo se encerra com Gedalias dizendo que não cria que isso fosse verdade.

Jeremias 41

Não sabemos exatamente quanto tempo depois, mas finalmente Ismael voltou a Judá, trazendo consigo mais 10 homens, e foi encontrar-se com Gedalias. Enquanto estavam comendo juntos, Ismael fez exatamente o que Joanã havia previsto, ou seja, matou a Gedalias, bem como a todos os soldados babilônios que tinham ficado ali para zelar pelos interesses de Nabucodonosor. Além destes, matou também todos os judeus que estavam na administração junto com Gedalias.

Ismael também matou mais 70 homens que tinham vindo sacrificar ao Senhor, e todo o povo que estava em Mispá ele prendeu, tomou consigo e fugiu para a terra de Amom.

Quando Joanã e os outros comandantes souberam o que havia acontecido, saíram em seu encalço e o alcançaram, mas tudo que conseguiram foi libertar o povo que estava com ele, pois ele mesmo e seus amigos conseguiram fugir.

Não fica claro no texto se Jeremias estava entre aqueles que foram libertados por Joanã, mas é possível que sim, tendo em vista o fato dele ter sido encaminhado para lá por Nebuzaradã.

Após a morte de Gedalias, vemos nos versículos 17 e 18, que Joanã e os demais comandantes já estavam pensando em ir para o Egito, temendo qualquer retaliação pela morte de Gedalias e dos seus soldados.

Jeremias 42

Este capítulo é continuação do anterior, pois vemos que a preocupação de Joanã e dos demais comandantes gerou uma consulta ao Senhor, através de Jeremias, no sentido de saberem exatamente como deveriam proceder nesse caso.

Jeremias se prontificou, imediatamente, a fazer a consulta solicitada e, em resposta à sua prontidão, eles deixaram claro que estavam dispostos a acolher a resposta do Senhor, independente de qual fosse (versículo 6).

O versículo 7 nos informa que o Senhor levou 10 dias para responder a Jeremias, o que, a princípio, parece muito tempo, mas a resposta dada por Jeremias, a seguir, nos permite concluir que os comandantes se impacientaram e começaram a tomar a sua própria decisão no sentido de sair dali e descer para o Egito.

Quando o Senhor finalmente respondeu a Jeremias, este convocou a todos para ouvi-lo, declarando-lhes que o Senhor mandara ficar em Judá, porque ali Ele estaria com eles, salvando-os e livrando-os das mãos do rei de Babilônia. Obedecendo a Ele, o Senhor deixa claro que eles seriam uma espécie de primícias daqueles que retornariam do exílio, restaurados no temor ao Senhor.

Todo o restante deste capítulo, contudo, se constitui numa advertência do Senhor a Joanã, aos demais comandantes e ao povo em geral, que se desobedecessem e se

decidissem por descer ao Egito, que ali a guerra, a fome e a peste os estariam esperando.

A desobediência decidida estava tão clara para Jeremias, que, no versículo 20, ele ressalta que fora um grande erro deles o fato de pedirem a ele para consultar ao Senhor, porque, conhecendo a Sua vontade e optando por não acatá-la, eles estavam se tornando inexcusáveis.

Em consequência disso, o Senhor os trataria de forma exatamente oposta, ou seja, ao invés de serem como as primícias dos que retornaram do exílio, eles seriam como os últimos desobedientes a receberem o castigo geral, qual seja, a guerra, a fome e a peste.

Jeremias 43

Tudo ocorreu, a seguir, exatamente como Jeremias já pressentira. Azarias, Joã e todos os homens, que Jeremias chama de arrogantes, acusaram-no de estar mentindo em nome do Senhor e que, no fundo, isso não passaria de uma instigação de Baruque, para que todos eles fossem entregues nas mãos do rei de Babilônia e mortos ou levados cativos para lá.

Em princípio talvez pudéssemos pensar que o povo já aprendera a sua lição e que estaria sendo forçado, a seguir, a descer ao Egito, contra a sua vontade, mas não é isso que nos diz o versículo 4. Somos informados ali que **“todos os comandantes do exército e todo o povo desobedeceram à ordem do Senhor”**. É lamentável que nem o cumprimento fiel de todas as profecias de Jeremias tenham servido para qualificá-lo como profeta do Senhor aos olhos dos seus conterrâneos. Os versículos 5 e 6 nos dizem que todos eles desceram ao Egito e que Jeremias e Baruque foram forçados a acompanhá-los até a cidade de Tafnes.

Chegando ali, o Senhor falou novamente com Jeremias, mandando que pegasse algumas pedras grandes e as enterrasse no piso de barro em frente ao palácio de Faraó, em Tafnes. Nesta ocasião ele diria que o Senhor estava convocando Nabucodonosor para invadir o Egito e que ele faria acampamento exatamente em cima daquelas pedras.

Sua vinda ao Egito seria para cumprimento da profecia que lhes fora dirigida e que nenhum deles escaparia, pois alguns seriam mortos pela espada e outros aprisionados e levados em exílio para a Babilônia, por não terem obedecido às palavras do Senhor.

Nas Suas referências aos deuses do Egito, e particularmente ao deus Sol, o Senhor deixa claro que não há outros deuses e que os israelitas estavam sendo castigados e mortos pelo fato de terem desprezado o Único que realmente reina.

Jeremias 44

O profeta Jeremias continua aqui trazendo a Palavra do Senhor aos judeus que estavam no Egito. É notável como o Senhor, mesmo tendo sido rejeitado por esse pessoal mais

uma vez, ainda esteja tentando fazer com que se arrependam de sua idolatria e que O busquem.

Ele começa lembrando a eles como a destruição de Jerusalém e todo o Judá havia se cumprido, pelo fato de terem adorado a outros deuses, provocando-O com a sua idolatria. Não obstante Ele ter mandado tantos profetas para que se voltassem a Ele, ainda assim permaneceram no seu pecado, tornando o castigo inevitável.

Depois de tudo isso, contudo, Deus estava novamente perguntando como é possível que continuem a provocá-LO, fazendo a mesma coisa no Egito, qual seja, queimar incenso aos deuses egípcios? Como podem não considerar o castigo que Judá acabou de sofrer devido à impiedade que cometeram e da qual se recusaram a se arrepender?

Exatamente por isso Ele estava decidido a trazer sobre eles, no Egito, o mesmo castigo que trouxe sobre Judá, ou seja, morreriam pela espada e pela fome. Pouquíssimos seriam aqueles que um dia retornariam a Judá.

A resposta dos judeus à profecia de Jeremias é inacreditável. Não obstante tudo que haviam testemunhado, eles se recusavam a aceitar as palavras de Jeremias. Na realidade eles deixaram claro que não queriam nada a ver com o Senhor, pois o tempo em que as coisas iam bem para eles era quando eles queimavam incenso à rainha do céu. Era isso, portanto, que eles tinham a intenção de continuar fazendo.

Os versículos 20 a 30 contêm a resposta do Senhor a um povo que se recusa a se arrepender da sua idolatria e que tomara a sua decisão final de dar-Lhe as costas. Ele lhes concederia o que queriam, ou seja, continuariam a sacrificar à rainha dos céus, mas que não mais permitiria que cultuassem o Seu Nome. Além disso, ele derramaria sobre eles o mesmo castigo do qual haviam escapado quando Nabucodonosor destruiu Jerusalém.

Jeremias 45

Este capítulo traz uma profecia exclusiva para Baruque, que serviu a Jeremias como escriba. Não sabemos muita coisa a seu respeito, mas com certeza ele se tornou tão odiado quanto Jeremias, por compartilhar de suas profecias. Quando falaram em matar Jeremias, a morte dele foi igualmente cogitada. Assim sendo, podemos dizer, sem medo de errar, que a comunhão com Jeremias tornou a vida de Baruque muito mais sofrida.

De acordo com o versículo 3 ele pronunciou as seguintes palavras: "**Ai de mim! O Senhor acrescentou tristeza ao meu sofrimento. Estou exausto de tanto gemer, e não encontro descanso**", mas acho razoável supor que jamais passou pela cabeça dele que Deus o ouviria e o responderia.

A resposta de Deus é interessante, porque Ele não o repreende pelo que disse, mas diz a ele que está faltando a ele discernimento para entender o que está por acontecer. Judá, a nação que Deus havia plantado, estava sendo condenada por sua idolatria e Ele já

havia decidido arrancá-la. Tudo seria destruído, pelo que não era hora dele estar pensando em seus planos pessoais futuros. Não era tempo de buscar nada, porque nada ficaria de pé.

Mesmo assim, contudo, Deus interrompeu o Seu discurso para dizer a Baruque que Ele reconhecia o seu trabalho e o seu esforço, pelo que a vida dele se tornara valiosa para Ele. Sendo assim, Ele havia providenciado para que ele estivesse sob a Sua proteção pessoal, onde quer que ele fosse.

Jeremias 46

Um pequeno resumo histórico nos ajuda a entender melhor a profecia de Jeremias neste capítulo. No ano de 612a.C., Nabopolassar, rei de Babilônia, invadiu Nínive (ver figura 79-1) e destruiu a então capital do império assírio, já decadente. Isso foi feito com o apoio dos medos, com os quais ele se aliara casando o seu filho Nabucodonosor com uma princesa meda chamada Amitis. A capital da assíria foi mudada, então, para Harã, onde o rei Assurubalitell tentou resistir a Nabopolassar, mas essa cidade caiu, também, em 609a.C..



Figura 79-1 - Mapa mostrando as principais cidades da Assíria e de Babilônia

Para tentar retomá-la, os assírios pediram auxílio aos egípcios, que saíram do Egito, mas foram atrasados por Josias, que tentou resisti-los em Megido. Sabemos que Josias foi morto nessa ocasião. Neco ainda tentou auxiliar Assurubalitell na retomada de Harã, mas fracassou.

Na volta para casa, passou por Jerusalém e destituiu o rei Jeoacaz, que levou consigo para o Egito, deixando em seu lugar o seu irmão Jeoaquim (ou Jeoiachim). Isso tudo se deu ainda no ano 609a.C.. Nessa ocasião Jeoaquim se tornou tributário do rei do Egito.

Em 605a.C., os assírios tentaram a sua última cartada contra os babilônios, porque Nabopolassar havia falecido e acharam que teriam melhor sorte lutando contra o inexperiente Nabucodonosor. Aparentemente, é neste ponto que a história se encontra quando Deus dá a Jeremias a profecia proclamada neste capítulo.

Os assírios de Assurubalitell, apoiados pelos egípcios de Neco, enfrentaram as tropas de Nabucodonosor num local chamado Carquemis e foram completamente destruídos. Essa foi a última vez que se atribuiu qualquer expressão ao exército egípcio.

Neste mesmo ano, 605a.C., Nabucodonosor veio a Jerusalém e se encontrou com Jeoaquim, que passou a pagar os seus tributos a ele.

Os versículos 3 e 4 iniciam a descrição da batalha de Carquemis, aparentemente, retratando o exército egípcio, que se prepara confiantemente para a vitória. Repentinamente o que se vê, contudo, são os egípcios fugindo apavorados, mas sem sucesso, porque todos são mortos (versículos 5 e 6).

Nos versículos 7 a 9 temos mais informações sobre o Egito e seus aliados, que subiram à Assíria para tentar ajudar, mas os versículos 10 a 12 deixam claro que o Senhor dos Exércitos é quem realmente determina o futuro das nações. O destino estabelecido por Ele é a destruição do exército egípcio, pelo que pouco adiantaram as tentativas contrárias, porque não há remédio para o mal imposto por Ele.

A partir do versículo 13, Jeremias apresenta uma nova profecia, desta feita a respeito de outra ocasião na qual Nabucodonosor invadiria o Egito. Sabemos que isso aconteceu pelo menos mais duas vezes. Por volta de 601a.C. foi a primeira, provavelmente aquela que foi aqui narrada. Nesta ocasião Jeoaquim, que já estava em seu oitavo ano de reinado, talvez estivesse considerando se insurgir contra Nabucodonosor, porque o resultado desta invasão foram pesadas baixas, tanto do lado egípcio como do lado babilônio.

Cerca de 25 anos depois, ou seja, aproximadamente 10 anos após Jeremias ter sido forçado a descer para o Egito, Nabucodonosor invadiu o Egito pela segunda vez, quando AmosisII reinava; ele causou uma grande matança e levou consigo um grande contingente cativo para a Babilônia. Essa narrativa se estende até o versículo 20. Os versículos 21 a 24 mostram que os aliados dos egípcios seriam igualmente destruídos e entregues nas mãos do rei de Babilônia (versículos 25 e 26).

Finalmente os últimos dois versículos falam da promessa do Senhor de restauração e livramento para o povo Judeu, mostrando que o seu exílio tem uma finalidade corretiva, e não apenas punitiva.

Jeremias 47

Essa profecia contra o povo filisteu nos fala de dois ataques, um por Faraó Neco e outro por Nabucodonosor, que praticamente levaram à sua extinção. O texto apresenta alguma dificuldade, porque não há registros históricos seguros para este ataque de Neco, mas supõe-se que tenha ocorrido na mesma época em que ele anexou Jerusalém e toda a Judá aos seus tributários, em 609a.C.

Neco havia sido derrotado, juntamente com as tropas assírias, numa tentativa de defesa frustrada da nova capital Harã, que havia sido tomada por Nabopolasar. Para não voltar para casa derrotado e de mãos vazias, ele primeiro passou por Jerusalém, onde destituiu e levou consigo de volta para o Egito o rei Jeoacaz, deixando Jeoaquim em seu lugar. Logo a seguir teria atacado as cinco cidades da Filistia, Gaza, Asquelom, Gate, Asdote e Ecrom (ver figura 79-2), tentando levar de volta uma quantidade grande de despojos (versículo 1).

Já os versículos 2 a 5 mencionam torrentes do norte que inundarão toda a terra dos filisteus, que é uma referência usual aos assírios e aos babilônios. Como os assírios não existiam mais a essa altura, segue que se trata de uma referência à invasão documentada de Nabucodonosor, que ocorreu em 604a.C.



Figura 79-2 - Mapa da Filistia com suas principais cidades

O texto nos fala que havia chegado o dia em que o Senhor destruiria os filisteus, o remanescente da ilha de Caftor. Assim, fica claro não apenas a intenção de Deus de dar um fim a eles, como ficamos sabendo de sua origem de uma ilha grega do Mediterrâneo, Caftor, que muitos creem ser Creta.

O desespero dos habitantes de Gaza raspando a cabeça, de Ascalom em silêncio e de todos fazendo incisões no próprio corpo, são apenas sinais de lamento e apelo a seus deuses para que haja livramento para a Filistia, mas tudo em vão.

Os versículos 6 e 7 nos mostram, mais uma vez, a dificuldade que Jeremias tem de assistir ao sofrimento daqueles contra quem profetiza. Aqui ele apela ao Senhor que coloque de volta na bainha a Sua espada, mas ele mesmo reconhece que isso não é possível enquanto a vontade do Senhor não for realizada. Fica ressaltada aqui a certeza que o profeta tem de que Neco e Nabucodonosor são apenas instrumentos, mas que o ocorrido está fundamentado no juízo de Deus.

Jeremias 48

Este capítulo é todo a respeito da destruição e do cativeiro de Moabe (ver figura 79-3 para localizar Moabe e suas principais cidades). Para melhor compreensão do mesmo é necessário que nos lembremos que Moabe é uma das duas nações que descendem de Ló, através de suas duas filhas. A outra é Amom. O relacionamento entre Israel e Moabe era bom (relacionamento entre Abraão e Ló), a princípio, mas ficou difícil a partir do momento em que os moabitas decidiram atacar os filhos de Israel em sua saída do Egito, a caminho da Terra Prometida (*Números 22-25*).

Quando Judá foi destruída por Nabucodonosor, o comportamento de Moabe, festejando a derrocada de seu inimigo (*Ezequiel 25.8*) não passou despercebida ao Altíssimo, que proclamou contra ela as profecias de *Isaías 15*, esta de Jeremias e de *Ezequiel 25*. Obviamente o mais interessante disso é que esse comportamento de Moabe, bem como a sua destruição, estão sendo anunciados bem antes da destruição de Jerusalém, pelo que, mais uma vez, vemos o Senhor da história, programando-a de acordo com a Sua vontade.

Os moabitas haviam sofrido muito nas mãos dos assírios. Aparentemente tinham sido invadidos duas vezes, uma por Tiglat-Pilezer e outra por Senaqueribe. Por isso mesmo, eles escolheram se aliar às tropas babilônias quando estas derrotaram os assírios. Isso pode ser comprovado em *II Reis 24.2*, onde vemos Nabucodonosor, acompanhado de tropas moabitas, invadindo Judá em 605a.C., para obrigar o rei Jeoaquim, vassalo e tributário do Egito, a parar de pagar seus tributos ao Faraó Neco, e passar a fazê-lo a Babilônia.

Nos anos que se seguiram, contudo, o cenário ficou difícil de avaliar, porque Nabucodonosor tentou invadir o Egito em 601a.C. e não foi tão bem sucedido quanto havia sido em Carquemis, quatro anos antes. Desta feita ele perdeu muitas tropas, como os egípcios também, de modo que a invasão foi suspensa e ele optou por voltar a Babilônia para reorganizar o seu exército.

Jeoquim resolveu apostar numa nova aliança com o Egito, revoltando-se contra a Babilônia, mas isso não deu certo. Nabucodonosor invadiu Judá em 598a.C., mas Jeoaquim tinha morrido e seu substituto, seu filho Joaquim optou por não resisitir a ele. Nabucodonosor levou Joaquim preso para Babilônia, juntamente com sua mãe (a segunda leva de judeus levados para a Babilônia) e colocou Zedequias, seu tio, em seu lugar. Lembramos aqui que Nabucodonosor já havia levado a nata do povo judeu, Daniel e seus amigos, em sua passagem anterior por Jerusalém, no ano 605a.C., quando Jeoaquim passara a ser o seu tributário.

Zedequias se manteve fiel por alguns anos, quando houve, então, uma tentativa de fazer uma grande aliança contra Nabucodonosor, que incluía o Egito, Judá e Moabe. O resumo disso é que todos foram considerados traidores e Nabucodonosor marchou contra todos eles por volta do ano 586a.C. (primeiro contra Judá e depois os demais, inclusive Moabe).

É exatamente dessa luta de Nabucodonosor contra Moabe que Jeremias está profetizando neste capítulo. Nos versículos 1 a 5 ele cita várias cidades moabitas, dentre as quais: Nebo, Quiriataim, Hesbom, Madmém, Horonaim, Zoar e Luíte, às quais faz referência em função dos seus gritos de sofrimento. Algumas destas cidades aparecem no mapa da figura 79-3.



Figura 79-3 - Moabe e suas principais cidades

Jeremias diz no versículo 7 que eles estavam sendo castigados devido à sua confiança em bens e capacidade própria, pelo que iriam para o exílio tanto eles quanto o seu deus Camos. Todas as suas cidades seriam devastadas e ficariam desabitadas (versículo 9).

Já vi o versículo 10 usado muitas vezes para dizer que as coisas feitas para Deus devem ser feitas com zelo. É verdade isso, com certeza, mas a aplicação aqui é a Nabucodonosor que estaria sob a maldição de Deus, caso deixasse de realizar contra Moabe a obra de castigo para o qual Ele o havia encarregado. A intenção de Deus era acabar com a tranquilidade de Moabe e essa era a sua tarefa.

É interessante a comparação, no versículo 13, entre Camos e Betel. Os deuses de Betel haviam entregue o Reino do Norte nas mãos dos assírios, assim como Camos nada iria poder fazer por Moabe, porque ambos eram falsos deuses.

Nos versículos 18 a 24, são citadas diversas cidades de Moabe que seriam destruídas.

No versículo 27 Jeremias parece fazer referência ao deboche de Moabe pelo fato de Israel (Judá) estar sendo punida por Deus pelo seu pecado. Infelizmente, eles seriam igualmente objeto da punição divina, mas que ao invés de deboche, Deus se lamentaria pela desgraça deles (versículos 31 a 33).

Nos versículos 34 a 41 somos informados, mais uma vez, a respeito de ser totalmente inevitável a sentença de Moabe. Terror, cova e laço a esperavam. Quem fugisse do terror cairia numa cova e quem saísse da cova seria pego pelo laço; por isso seria um castigo inevitável.

Finalmente, depois de bater em Moabe ao longo de 46 versículos, Deus promete no versículo 47 que, nos últimos dias, a sorte de Moabe seria restaurada, numa clara referência aos dias apocalípticos.

A profecia começa, portanto, repreendendo Amon pelo fato de se ter apossado de terras de Israel e informando que Rabá, sua capital (hoje parte da grande Amã - capital da Jordânia) seria totalmente destruída. Além disso, eles seriam expulsos de seus territórios por Israel.

A história de Amon, dessa época, se assemelha muito à de Moabe. Eles eram tributários dos assírios e se tornaram associados aos babilônios quando estes apareceram no cenário internacional. Em 602a.C. nós os vemos, também, acompanhando os babilônios que invadiram Judá (*II Reis 24.2*). Pouco depois, contudo, nós os vemos se associando às nações da região, para formar uma frente anti-Nabucodonosor.

Quando este finalmente invadiu Judá e destruiu Jerusalém, em 586a.C., ele teria feito o mesmo também com Amon e suas cidades. Algumas dessas cidades são citadas no versículo 3 e somos informados que eles foram exilados.

Eles se julgavam indestrutíveis, mas o pavor em toda a sua volta se tornaria uma realidade para eles. Não obstante essa destruição, a profecia é encerrada com uma nota segundo a qual eles seriam restaurados.

Já os versículos 7 a 22 contêm outra profecia, desta feita contra Edom. A figura 80-1 acima também mostra a localização de Edom ao sul do Mar Morto.

A profecia em apreço começa com o próprio Deus perguntando para onde havia ido a decantada inteligência do povo de Temã. Eles eram famosos por terem um discernimento superior. Cabe lembrar que Elifaz, amigo de Jó, era de Temã e faz referência aos sábios que havia entre os seus conterrâneos (*Jó 15.1 e 10*). A verdade é que a sua corrupção moral havia ferido, de igual modo, o seu discernimento.

Dedã era um centro comercial de Edom que seria destruído. Tudo o que seus habitantes poderiam fazer seria procurar cavernas onde pudessem se esconder. O texto parece dizer que a invasão dos babilônios não respeitaria os direitos dos necessitados (deixando para eles as sobras das colheitas), nem mesmo que eles roubariam seletivamente como faz um ladrão comum. Desta forma, se não sobraria ninguém para proteger a causa dos necessitados, com muito mais razão o castigo atingiria aqueles que o mereciam (versículos 9 a 12).

Mais uma vez o Senhor decretou a destruição de Edom nos versículos 13 a 17, onde declarou que todas as suas cidades, começando por Bozra, ficariam em ruínas para sempre, não obstante serem construídas nas montanhas, porque de lá seriam arrancadas.

Nos versículos 18 a 22 o Senhor confirmou a sua sentença contra Edom, dizendo que ninguém pode desafiar as Suas determinações, pelo que a águia que Ele preparou para realizar a Sua vontade faria tremer os guerreiros de Edom. A águia em apreço, sem dúvida, é, mais uma vez, a Babilônia.

A profecia seguinte de Jeremias se faz contra Damasco e dois pequenos estados sírios: Hamate e Arpade. O problema reside em saber quando essa profecia foi pronunciada. O fato de estar junto com outras profecias, que parecem datar do final do reino de Zedequias, não significa que todas sejam da mesma época.

Os assírios haviam dominado Damasco em 732a.C. (Tiglate-Pilezer) e desde então eles haviam se tornado tributários destes. Com a vitória de Nabucodonosor em 604a.C., Damasco passou a pagar tributos a ele. Admite-se que esta profecia tenha sido pronunciada antes dessa vitória babilônica, pelo que teria sido cumprida em 604a.C.

Outra possibilidade é que Damasco tenha aderido à aliança anti-babilônica de diversas nações vizinhas de Israel, dos dias de Zedequias. Assim sendo, teria sofrido um ataque de Nabucodonosor logo após a destruição de Jerusalém em 587a.C., mas não há registro específico disso.

A profecia contra a Síria fala sobre a destruição desta, com Damasco tendo os seus muros incendiados, todos os seus palácios destruídos e os seus jovens caindo nas ruas.

A profecia seguinte deste capítulo, apresentada nos versículos 28 a 33, é contra os reinos ou as tribos de Quedar e Hazor, que são descendentes de Ismael. Havia uma cidade chamada Hazor no norte da Galiléia, mas não é ela que está sendo objeto de considerações.

O texto nos fala que Nabucodonosor já os havia derrotado anteriormente e que agora eles deveriam se preparar para outra destruição, que incluiria a perda de seus rebanhos de ovelhas e camelos.

No versículo 30 fica claro que Nabucodonosor seria novamente o autor da futura destruição, que seria facilitada pelo fato de habitarem em cidades isoladas, sem muros, sem portas e sem trancas.

Mais uma vez fica ressaltado que a destruição em apreço é para sempre (versículo 33).

A última profecia deste capítulo é dirigida a Elão e a primeira pergunta que precisamos fazer é: quem é? Elão aparece na Bíblia a primeira vez em *Gênesis 10.22*, onde ficamos sabendo que se trata do primogênito de Sem, filho de Noé.

Em *Gênesis 14.1* é descrita a guerra onde Ló foi socorrido por Abrão, depois de ter sido levado por Quedorlaomer, que era o rei de Elão. Devemos lembrar que Elão era um nome semita; portanto, se esse Elão for o mesmo, trata-se de um reino nas cercanias do Mar Morto, mas que nunca mais foi mencionado ao longo de 800 anos, de Josué (1400a.C.) até Zedequias (600a.C.).

Há, ainda, um referênciã interessante em *Esdras 4.9*, onde somos informados que o povo de Susã, no sul do Irã de hoje, era elamita. Essa informação é confirmada em *Daniel 8.2*,

onde Daniel fala da Província de Elão em Susã. Esta seria uma outra alternativa para o Elão dessa profecia.

Esta profecia data do início do reinado de Zedequias, que começou a reinar em 598a.C. Nessa época os persas não tinham qualquer relação com Israel e estavam a 2500km de distância, mas apenas dois anos depois foram invadidos, pela primeira vez, por Nabucodonosor.

A história nos conta que anos mais tarde, associados aos medos, eles invadiriam a Babilônia e a destruiriam. Assim sendo, parece que a atenção de Deus se volta para eles antes mesmo deles entrarem para a história de Israel.

Hoje em dia são inimigos ferrenhos de Israel, mas essa profecia fala de uma restauração do relacionamento deles em tempos futuros.

Jeremias 50

Os capítulos 50 e 51 falam da destruição de Babilônia e do retorno do remanescente judeu para Israel. Isso deveria ser proclamado, para que o deus Marduque ou Merodaque fosse humilhado. Isso aconteceria como consequência de uma invasão vinda do Norte, que arrasaria a terra e faria fugir tanto homens como animais.

É interessante que todas as invasões devastadoras são citadas sempre como originárias do Norte, mesmo que geograficamente estejam vindo de outras direções.

Os versículos 4 a 7 tanto podem se referir à época de Babilônia como ao futuro apocalíptico. Com a destruição de Babilônia, que assumira igualmente os reinos que estavam sob o domínio assírio, não apenas o remanescente dos exilados de Judá em Babilônia, como também os exilados do Reino do Norte, enviados para vários outros países, repentinamente ficaram livres, podendo retornar a Israel. Eles haviam sido vítimas de líderes não tementes ao Senhor, mas agora estariam buscando a Ele e desejosas de retornar a Sião.

Nos versículos 8 a 10 aqueles que pudessem sair de Babilônia antes da invasão medo-persa deveriam fazê-lo. Haveria grande mortandade e Babilônia seria saqueada em todas as áreas.

Os versículos 11 a 13 parecem ser dirigidos ao povo de Babilônia que havia realizado saques em Judá. Era chegada a hora de Babilônia, a sua mãe, ser envergonhada e ficar constrangida por voltar a se tornar uma nação sem expressão, seca e árida, causando admiração àqueles que conheceram o seu esplendor.

Já os versículos 14 a 16 são um estímulo aos persas (excelentes arqueiros) a serem eficientes com suas flechas. Que derrubem as torres e muralhas da cidade e que executem a vingança do Senhor, para que saiam de Babilônia todos os estrangeiros que puderem.

Israel havia sofrido tanto debaixo do jugo assírio, como debaixo do poder de Nabucodonosor. O rei da Assíria já fora castigado, mas era chegado o tempo de castigar o rei de Babilônia. Depois disso, Israel seria trazida de volta para casa e ocuparia a sua própria terra. Nessa época eles seriam perdoados pelo Senhor.

Terras ou lugares com os nomes de Merataim e Pecode não são conhecidos, mas parecem significar, “dupla rebeldia” e “castigo”, respectivamente. Independente de existirem ou não, fica claro que se referem à Babilônia e que o versículo inteiro é uma ordem aos medos e persas para que cumpram a sua destruição, conforme ordens recebidas do Senhor dos Exércitos. Eles causariam o ruído de “grande destruição”, cujo resultado seria a destruição da nação que Deus havia usado para “martelar” toda a Terra. No versículo 24 o Senhor deixa claro que era a oposição ao Senhor que estava sendo castigada, com uma armadilha na qual Babilônia havia caído.

Fazer oposição ao Senhor de toda a Terra obviamente não pode ser uma boa ideia. Levá-IO a abrir o Seu arsenal e começar a usar todas as Suas armas é “suicídio”. No momento em que Ele começa a guerrear, Ele traz um exército dos confins da Terra, cujo objetivo é a destruição total de Babilônia e a eliminação de toda a população. Os guerreiros morreriam e os refugiados que chegassem a Sião teriam plena certeza de que aquilo fora vingança do Senhor contra eles. Os versículos 29 a 32 deixam claro que é a soberba dos babilônios que está sendo castigada.

O Senhor dos Exércitos é o forte Redentor do Povo de Israel. Como havia chegado o tempo de seu retorno para casa, sem que os babilônios quisessem deixá-los ir, só restou ao Senhor mandar contra eles a “espada” especificada nos versículos 35 a 38, que deixaria a sua terra despovoada para todo o sempre. Seriam destruídos como o foram Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas.

Os versículos 41 a 46 apresentam a chegada dos medos e persas, sua formação de ataque e a repercussão de sua chegada em Babilônia. Tudo isso é contado por Jeremias como designação do Senhor, a Quem ninguém pode resistir.

Jeremias 51

Este capítulo é continuação do anterior, portanto trata-se, ainda, de uma profecia contra a Babilônia. Lebe-Camai significa literalmente “o coração do meu adversário ou daquele que se levanta contra mim”. Há, contudo, uma figura de linguagem que pode ter sido usada aqui e que tornaria a palavra em Caldéia. Seja como for, o versículo é claro: o vento destruidor são os medos e persas que Deus enviou para castigar os caldeus, peneirando-os como o trigo e devastando toda a sua terra.

Há uma dificuldade conhecida na tradução do versículo 3, que apresenta uma aparente incoerência. Seja como for, a ideia do versículo é clara, com um pedido para que o exército invasor não poupe ninguém do exército babilônico. Eles devem cair mortos nas ruas.

No versículo 5 Deus diz a Israel e Judá que Ele não morreu deixando ambas as nações como se viúvas fossem. O tempo do castigo dos babilônios era chegado e deveriam fugir para não serem apanhados juntamente com eles.

Babilônia havia sido um instrumento nas mãos de Deus, mas era chegado o momento de vingar a iniquidade com a qual os caldeus agiam. Eles seriam feridos mortalmente e não adiantava se lamentarem por ela, porque a sua ferida era incurável.

Os judeus poderiam se sentir vingados e poderiam contar isso em Sião, porque o Senhor havia levantado os reis medos (associados aos persas) para destruir Babilônia, vingando-se, assim, da destruição do Seu templo. Independente das defesas da cidade, o Senhor faria cumprir o Seu plano de destruição de Babilônia. Os babilônios se orgulhavam de suas muitas águas, principalmente o Eufrates fluindo através da cidade, mas seria justamente o motivo de seu orgulho que levaria à sua eliminação (versículos 13 e 14).

Nos versículos 15 a 19 o Senhor deixa claro que Ele é o Criador deste mundo, no qual apenas Ele reina. São estúpidos e ignorantes aqueles que fazem e aqueles que colocam a sua fé em ídolos, pois estes são inúteis. Por outro lado, o Deus de Jacó é esse Criador e Israel Lhe pertence.

Nos versículos 20 a 26 o Senhor Se dirige à Babilônia diretamente para lembrar que ela fora o Seu instrumento, com o qual aplicava os Seus castigos, mas que o haviam feito com maldade em Sião, pelo que Ele decidira retribuir-lhes aquilo que haviam feito. Eles seriam esmagados e de tal modo destruídos, que nada deles restaria.

Há uma convocação nos versículos 27 a 33 para que se ajuntem outras nações que seguirão para o combate com os medos e persas. Ararate, Mini e Asquenaz são povos que habitavam em locais hoje dentro do Irã e que iriam prazerosamente à guerra com eles. Ele tinham como alvo desarraigar o povo de Babilônia (versículo 29). Em sua visão Jeremias vê os guerreiros de Babilônia apavorados, enquanto seus emissários vão constatando o avanço do inimigo. O versículo 33 anuncia que a queda de Babilônia vai se concretizando.

O povo de Judá faz aqui uma queixa, segundo a qual queriam que fosse aplicado à Babilônia o mesmo tipo de sofrimento que eles haviam imposto a Sião (versículos 34 e 35). A resposta a esse pedido é dada pelo Senhor nos versículos 36 a 40. Ao dizer que secaria o seu mar, talvez tenha se referido à forma como a cidade caiu, com o Eufrates sendo desviado de seu curso e o exército invasor passando em seco sob o muro. Desta forma Babilônia viraria um monte de ruínas. Efetivamente tudo isso se deu enquanto Belsazar festejava, conforme previsto no versículo 39, com todos sendo levados como cordeiros para o matadouro.

Sesaque é apenas um jogo de letras que significa Babilônia. Ela se tornará um horror entre as nações, quando for arrasada, de modo a nunca mais ser habitada. Juntamente com ela seriam castigados os seus deuses, que nunca mais seriam buscados.

O versículo 45 reitera que o povo de Deus deveria sair do meio dela, para que não viesse a sofrer as sobras da ardente ira do Senhor. A queda de Babilônia viria aos poucos, com seu enfraquecimento interno, conforme sugerido nas brigas políticas internas do versículo 46.

Estamos acostumados à alegria dos céus por um pecador que se arrepende, mas Jeremias aqui vê o céu se alegrando pela punição da iniquidade praticada contra Israel, com os mortos de Babilônia pagando o preço (versículos 48 e 49).

Quando toda essa desgraça tiver acontecido ao povo de Babilônia, então os judeus que tivessem sobrevivido a esse massacre deveriam retornar para Jerusalém.

O Senhor Se antecipa aos sentimentos de insulto do povo resultantes do fato dos babilônios terem profanado o templo do Senhor e declara que, também, haveria vingança nessa área, porque Ele havia de envergonhar igualmente os deuses de Babilônia.

Nos versículos 53 a 58 o Senhor reitera que mandará destruidores contra Babilônia e que nada poderá impedi-los de realizar a Sua vontade. O Senhor é um Deus de retribuição e os babilônios serão plenamente retribuídos. Mais uma vez repete que serão castigados em meio à sua bebedeira e que seus largos muros serão arrasados.

Este capítulo é encerrado com uma frase dizendo que aqui terminam as palavras de Jeremias. Ele havia dado uma cópia a Seraías, que acompanhou Zedequias até Babilônia no quarto ano de seu reinado, onde ele deveria ler essas profecias aos exilados. Depois disso ele deveria amarrar o rolo numa pedra e jogá-la no Rio Eufrates, dizendo que assim, também, afundará o reino de Babilônia.

Jeremias 52

Este último capítulo é apenas um resumo histórico dos fatos que ocorreram durante o reinado de Zedequias. Ele reinou por onze anos, de 598a.C. até 587a.C., fazendo o que Deus reprovava, assim como Jeoaquim, que o antecederá.

Zedequias havia jurado fidelidade ao rei de Babilônia, mas não manteve sua fidelidade, pelo que Nabucodonosor cercou a cidade no décimo mês do seu nono ano de reinado, até que a cidade caiu no quarto mês do seu décimo primeiro ano.

Já não havia mais comida na cidade, pelo que o rei tentou fugir por uma saída secreta que permitiu a ele e seus soldados saírem atrás das tropas babilônicas. Eles chegaram a descer a serra e se encontravam na planície de Jericó, quando foram alcançados pelas tropas de Nabucodonosor. Lá os seus soldados o abandonaram e o rei foi preso e levado

a Ribla, onde Nabucodonosor matou seus filhos diante dele e furou os seus olhos. Zedequias foi levado, então, para Babilônia, onde permaneceu preso até a sua morte.

Cabe lembrar aqui as inúmeras chances que o Senhor lhe havia proporcionado de se entregar ao rei de Babilônia e ter poupado a cidade, mas ele acabou pagando um alto preço por não crer na Palavra de Deus.

Nebuzaradã queimou o templo e todas as edificações importantes, além de derrubar todos os muros da cidade. Ele levou para Babilônia tudo de valor que havia na cidade, principalmente todos os tesouros do templo, bem como todo o povo que não fora morto, deixando em Jerusalém apenas os mais pobres.

Nabucodonosor já tinha levado 3.023 judeus no sétimo ano de seu reinado, e depois levou mais 832 juntamente com o rei Joaquim, 11 anos depois. Finalmente, ele levou mais 745 juntamente com Zedequias, totalizando 4.600 pessoas.

Depois de 37 anos de exílio, após a morte de Nabucodonosor, Evil-Merodaque tornou-se rei de Babilônia, e libertou Joaquim, que comeu à mesa do rei pelo resto da vida, além de receber dele uma pensão diária até o dia de sua morte.

Lamentações 1

O livro de Lamentações de Jeremias é uma obra poética de um estilo bastante comum à época, na qual se expressava a tristeza por fatos que haviam sido impostos por outros. Neste caso se trata de uma obra que lamenta a destruição de Jerusalém, que ocorreu no ano 587a.C., por obra de Nabucodonosor, rei de Babilônia, que foi o instrumento que Deus usou para castigar os pecados de Seu povo.

O livro é composto por 5 poemas, um por capítulo, sendo que os dois primeiros e os dois últimos têm 22 versículos, que é o número de letras do alfabeto hebraico. Já o terceiro foi escrito com 66 versículos, ou seja, três vezes o número de letras do alfabeto hebraico.

Os primeiros 4 capítulos são acrósticos alfabéticos, ou seja, tem a primeira letra de cada versículo iniciando com a letra correspondente do alfabeto hebraico. No terceiro capítulo isso se repete por três vezes. Já o último capítulo mantém os 22 versículos, mas se trata de uma lamentação coletiva escrita no formato de um salmo de lamentação como o 74 e o 79.

Os primeiros 7 versículos fazem um resumo da situação, começando pelo estado de viuvez em que se encontra a cidade de Sião. Ela, que era princesa, agora não passa de escrava. Ela, que traiu o seu marido, tivera muitos amigos e amantes, mas agora todos a haviam traído e viraram seus inimigos. Seus filhos haviam sido levados para o exílio e ninguém mais comparece a suas festas.

Todo o esplendor que um dia teve agora fugira dela. Ela sabe quão grandes foram os seus pecados, mas também se lembra de todos os tesouros que teve, os quais lhe foram saqueados e levados embora. Agora ela é apenas objeto de zombaria dos seus inimigos.

No versículo 8 Jeremias fala dos graves pecados que geraram a impureza de Sião. Ela, que era honrada, de repente se prostituiu e se tornou desprezível aos olhos de todos. Devido a seu pecado, o inimigo pôde vencê-la e saquear todos os seus tesouros. Ela, que era esplendorosa, passou a buscar até o pão para a sobrevivência (versículos 9 a 11).

Este texto começou com uma descrição do ocorrido, seguido de um reconhecimento de que foi o pecado que levou a isso, mas sem o arrependimento, infelizmente, não há perdão dos mesmos. Pois bem, nestes últimos 12 versículos vemos Sião confessando a sua situação miserável, mas ao mesmo tempo reconhecendo que foi a sua rebeldia que levou à mesma.

Sião fala que foi o Senhor, e o castigo por Ele imposto, que levaram a essa situação, mas que o Ele é justo e que ela foi a rebelde, pelo que recebeu o que merecia.

Em função de sua confissão de culpa, Sião se atreve a pedir que o Senhor use para com ela de misericórdia. Ela reconhece que as profecias contra Judá preveem um futuro para o remanescente, pelo que pede que isso seja abreviado, trazendo sobre Babilônia o dia anunciado (versículo 21).

Lamentações 2

Este segundo lamento apresenta, de forma muito mais detalhada, o castigo que o Senhor havia derramado sobre o Seu povo. Esse castigo é comparado, inicialmente, a uma tempestade, na qual a nuvem contém toda a ira de Deus. Nesta tempestade Ele destruiu todo o esplendor de Israel e não poupou sequer a Sua própria moradia (o estrado de Seus pés), o templo. Tudo veio abaixo sem piedade e Sua mão protetora de Israel foi retirada quando o inimigo chegou (versículos 1 a 3).

Os versículos 4 a 9 nos mostram não apenas que o Senhor parecia se alinhar com o inimigo, mas como se Ele fosse o próprio. Ele destruiu palácios, fortalezas e o templo, sem atentar para o fato de ser o lugar de Suas festas e sábados e nem mesmo para o altar. Ele destruiu todo o muro de proteção e mandou o povo para o exílio.

Nos versículos 10 a 13 vemos Jeremias, preso no pátio do templo, chorando por tudo que testemunhava. Os anciãos lamentavam, as moças se inclinavam de desesperança e as crianças morriam de fome nos braços das mães. Tudo que o profeta podia dizer já tinha sido dito antes em suas profecias. Não havia palavras de consolo, porque ele sabia o tamanho da ferida e que esta era incurável.

Infelizmente, os profetas do povo eram falsos e esconderam do povo a única chance que tinham. Agora tudo que se via era o deboche dos inimigos, que se regozijavam por ver a destruição de Jerusalém. Tudo isso foi feito com a permissão do Senhor (versículos 14 a 17).

Os versículos 18 a 22 são uma convocação para que o povo clame ao Senhor. Claro que Jeremias sabia o final daquela invasão, porque ele mesmo a havia profetizado várias vezes, mas o arrependimento sincero poderia salvar vidas. O clamor deveria se perpetuar pelas vigílias da noite, porque poderia salvar a vida das crianças que estavam morrendo de fome.

Ele lembra com horror as próprias mães comendo os seus filhos, os profetas e sacerdotes sendo assassinados no templo e jovens e adultos sendo mortos na rua. Parece até um dia de festa, mas o sacrifício é de judeus sendo oferecidos pelos babilônios.

Lamentações 3

Neste lamento Jeremias fala como se toda a aflição trazida pela vara de Deus tivesse sido sofrida por ele. Estar nas trevas significa não entender a razão do seu sofrimento, que ocorre repetidamente (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 20 o profeta descreve seu estado de ânimo na condição de um dos judeus que fora levado para o exílio. Seu sofrimento o fazia adoecer e seu ânimo era de total amargura. Ele se sentia perdido em trevas em sua nova prisão. Deus parecia muito longe e surdo ao seu clamor. Era como se Deus o tivesse atingido e se tornara Seu inimigo (mesmo sentimento que tinha Jó). Ele se tornara objeto de riso e sua alma se desfalecia dentro dele.

Apesar dessa situação miserável na qual se encontra, ele apresenta, a partir do versículo 21, o motivo pelo qual ele pode ter esperança. Toda a sua tristeza o havia humilhado diante de Deus e isso é justamente o ponto de virada de sua situação.

Deus abra os seus olhos para constatar que o grande amor do Senhor era a causa dele não ter sido consumido. A misericórdia do Senhor se mostrara inesgotável, pelo fato de se renovar a cada manhã e ser grande a Sua fidelidade (versículos 22 e 23).

Com base nisso ele decidiu que sua porção seria o Senhor e que era nEle que ele poria a sua esperança, porque Ele é bom para com aqueles que O buscam. Ele salva aqueles que nEle esperam (versículos 24 a 26), mas aquele que nEle espera mostra uma submissão a Ele, conforme definido nos versículos 27 a 30, ou seja, ele suporta o jugo imposto por Deus e o leva sozinho e sem reclamar. Ele põe o seu rosto no pó (total submissão) e dá o rosto a quem o quiser ferir.

A intenção do Senhor nunca é destruir e, sim, corrigir. Ele não despreza Seu filho para sempre, porque o ama. Ele traz tristeza, mas mostra compaixão. Sua intenção é sempre que Seus filhos conheçam a justiça. Os versículos 37 e 38, interpretados à luz dos versículos 31 a 36, nos falam que o mal que Deus permite está sob o controle de Seus propósitos amorosos. Ele quer abençoar sempre, mas por vezes é necessário mandar antes as desgraças, para que coloquemos à prova os nossos caminhos diante de Deus.

Só então podemos confessar sinceramente os nossos pecados e a nossa rebelião (versículos 39 a 42).

Por vezes, contudo, demora até chegarmos ao sincero arrependimento, porque estamos muito distraídos com as coisas desse mundo. Tudo que é descrito a seguir nos versículos 43 em diante tem, portanto, por finalidade fazer com que estejamos prontos para o perdão. É importante ressaltar que o Senhor não castiga como pagamento pelo perdão; portanto, o castigo não é um pré-requisito para o perdão, apenas uma forma de suscitar arrependimento. O perdão de Deus sempre foi um ato de Sua graça.

Foram necessários 70 anos para que os filhos de Israel em Babilônia buscassem o Senhor, conforme indicado no versículo 56. Ele está sempre pronto a nos dizer para não termos medo (versículo 57). Ele, então, assume a nossa causa e torna-Se um Deus presente.

Nos versículos 59 a 66 fica claro que Jeremias, na condição de representante dos exilados, havia aprendido a confiar ao Senhor todas as dificuldades pelas quais eles passariam.

Lamentações 4

O povo judeu tinha muito orgulho de sua cidade Jerusalém. Era considerada uma cidade de ouro e Jeremias aqui se refere a ela dessa maneira, mas no tempo passado. Já não era mais assim, porque todo o seu brilho fora destruído. Os filhos da cidade brilhavam, a seus próprios olhos, tanto quanto a própria Sião, mas agora tinham virado barro que o oleiro teria que remodelar (versículos 1 e 2).

Jeremias tinha visto crianças passando fome, sem que as pessoas fizessem nada por elas, e pareceu a ele que os filhotes de chacais eram mais bem tratados. Já os ricos, que comiam bem e vestiam roupas finas, agora choravam prostrados na rua (versículos 3 a 5).

De certa forma Jeremias achava que Sodoma tivera um destino final mais tranquilo que o de Jerusalém, porque a morte foi súbita, ao invés de terem um longo período de sofrimento. Os príncipes não eram mais nem reconhecidos, pelo que os que morreram pela espada tiveram destino melhor que os que passaram fome. Mães bondosas que comeram os próprios filhos mostram a que ponto chegou o sofrimento. A ira do Senhor consumiu totalmente os alicerces de Sião (versículos 6 a 11).

O versículo 12 nos mostra que tanto os reis de Judá quanto os reis estrangeiros conheciam as maravilhas que o Senhor fizera por Seu povo. O que acontecera com os assírios às portas de Jerusalém era esperado pelo povo de Judá e temido pelos babilônios. Assim sendo, os demais povos não teriam se surpreendido se Nabucodonosor tivesse tido destino semelhante ao de Senaqueribe.

Infelizmente, a Palavra do Senhor fora desprezada pelos sacerdotes e profetas, pelo que muitos justos pagaram com a vida por causa do pecado deles. Mesmo no exílio, o povo perdera todo e qualquer respeito pelos sacerdotes. Ninguém os queria por perto (versículos 13 a 16).

O versículo 17 nos mostra que o povo esperou pelo livramento trazido pelo Egito, que era aliado, mas isso nunca aconteceu.

Aqueles que ficaram em Judá, sob os cuidados de Gedalias eram vigiados muito de perto (versículo 18), mas alguns que conseguiram escapar durante a invasão foram caçados nos arredores de Jerusalém e mortos (versículo 19).

O versículo 20 confirma o quanto Zedequias foi uma decepção para aqueles que confiavam nele para lidar com os babilônios.

Finalmente, os versículos 21 e 22 resumem o castigo que o Senhor reservara para Edom, pelo fato de se ter alegrado com a destruição do inimigo Judá.

Lamentações 5

Apesar de ter, também, 22 versículos, este lamento não segue o acróstico alfabético dos 4 anteriores. Ele começa chamando a atenção do Senhor para a situação em que se encontram, como se Ele não o soubesse. Jeremias parece falar basicamente dos pobres que ficaram em Judá sob os cuidados de Gedalias.

Sua terra fora entregue a outros, porque além da própria Babilônia, ou demais vizinhos como Amom, Moabe e Edom invadiram e tomaram posse de terras próximas a suas fronteiras. Havia muitos órfãos e viúvas. Os poucos que ficaram tinham que comprar até a água que bebiam e a lenha que precisavam (versículos 2 a 4).

Eles eram vigiados e escravizados, além de terem pouca liberdade para ir e vir. Era difícil comprar pão. Apesar de tudo isso, ainda achavam que o que estava acontecendo era culpa de seus pais e que eles estavam pagando pelos pecados deles (versículos 5 a 7).

Sobre eles dominavam os soldados babilônios, que não passavam de escravos de Nabucodonosor. Na hora de comprar alimentos, eram vítimas de gangues que levavam o pouco dinheiro que seria gasto para tanto. As mulheres continuavam sendo violentadas, tanto pelo babilônios, como por povos vizinhos (versículos 8 a 11).

Os líderes haviam sido quase todos mortos, mas, além destes, o respeito pelos idosos era muito pequeno. Jovens e crianças eram submetidos a trabalho escravo. A alegria das conversas à porta da cidade ou da música ali tocada, haviam desaparecido (versículos 12 a 15).

Finalmente, os versículos 16 e 17 mostram o reconhecimento de que isso tudo ocorrera devido ao pecado, motivo pelo qual Sião virara um deserto. Apesar de tudo isso, o reino

era do Senhor, cuja autoridade permanece pelos séculos dos séculos (versículos 18 e 19).

O lamento se encerra perguntando porque o Senhor Se esquecera deles. Além disso, há um pedido específico de restauração para que possam voltar a viver como antes, a não ser que o Senhor já os tenha rejeitado definitivamente.

Semana 81 - Cartas de Paulo a Timóteo e aos pastores

Texto: I Timóteo 1 a 6, II Timóteo 1 a 4, Tito 1 a 3 e Filemon 1

Estação 39

I Timóteo 1

As cartas estudadas aqui têm sido chamadas de pastorais pela forma como Paulo orienta os seus colegas de ministério em face aos problemas que ele mesmo já enfrentou no dia a dia de seu próprio ministério.

Paulo começa ressaltando o fato dele mesmo ter sido comissionado e enviado por Jesus Cristo, por ordem de Deus Pai, que é, em última instância, o nosso Salvador, pelo que Jesus Cristo é a nossa esperança. A lógica desse versículo parece ser que: se Deus salvou a Jesus, que só morreu por nossa causa, temos total esperança que também nos salvará a nós.

Paulo deve ter conhecido e pregado para Timóteo, filho de uma judia e de um pai pagão, durante a sua primeira viagem missionária, mas a sua convocação para trabalhar com ele se deu em Listra, na Licaônia, no início de sua segunda viagem missionária, ocasião na qual o circuncidou para evitar problemas com os judeus (*Atos 16.1-3*). O fato dele chamá-lo de **“meu verdadeiro filho na fé”** não significa que os outros sejam falsificados, mas que este, ele vinha acompanhando desde pequeno e que testemunhara a sua transformação de vida. Dirigindo-se a ele, especificamente, ele o saúda com graça, misericórdia e paz da parte de Deus Pai e da do nosso Senhor Jesus Cristo.

A partir do versículo 3 Paulo começa, então, a dar suas recomendações a Timóteo, principiando por lembrá-lo do motivo pelo qual ele fora deixado em Éfeso. Estavam surgindo ali na igreja algumas doutrinas falsas e ele estava ali para impedi-las de serem propagadas.

De modo geral, os comentaristas bíblicos ressaltam ser estranho que Paulo mencione aqui, superficialmente, recomendações que certamente deu a Timóteo com muito mais detalhe antes de partir (ver /57/, pág. 51), mas talvez possamos justificá-lo pela intenção de Paulo de dar a ele (Timóteo) mais autoridade quando sua carta fosse lida por próprio Timóteo perante a igreja de Éfeso.

Novamente, no versículo 4, temos dificuldades semelhantes, porque Paulo diz que a natureza das falsas doutrinas tem a ver com mitos e genealogias intermináveis, mas essa informação é insuficiente para nos permitir enxergar de que se trata. Alguns acham que se trata de problemas com o surgimento de ideias gnósticas que estavam florescendo, mas o fato de Paulo mencionar problemas similares em *Tito 1.14* e *3.9*, onde relaciona esses mesmos problemas a lendas judaicas e a genealogias, contendas e discussões a respeito da lei, fica claro que eram os judaizantes que os estavam causando.

O restante do versículo 4, bem como o versículo 5, deixam claro que Deus usa o crente para amar, através dele, e oferecer a salvação pela graça por meio da fé. Aqueles que não são usados por Deus, são justamente os que querem aparecer e o fazem através de falsas doutrinas. Isso fica claro nos versículos 6 e 7.

O versículo 7 já nos dá indícios de que os problemas estavam sendo causados pelos judaizantes, o que fica totalmente claro, quando chegamos ao versículo 8, onde Paulo começa a falar da função boa da Lei, desde que usada adequadamente. Ao dizer que a lei só é aplicável aos injustos, cujos pecados lista a seguir, Paulo está reconhecendo a natureza estática da mesma, qual seja, identificar aqueles que a transgridem. Aqui, infelizmente, estamos incluídos todos nós, porque todos pecaram (Romanos 3.23).

Por outro lado, no versículo 11, ele reconhece que é nas gloriosas “boas novas”, que lhe foram confiadas, que reside a sã doutrina do amor de Deus, salvando-nos pela graça, mediante a fé.

Para Paulo, que se considera o pior dos pecadores, por ter perseguido a Igreja de Cristo, resta apenas dar graças ao nosso Senhor Jesus Cristo, por lhe ter sido dado o ministério de pregar tão maravilhoso Evangelho. Seu comportamento blasfemo e insolente conheceu a misericórdia, que acabou transbordando nele, gerando a fé e o amor que conheceu em Jesus, que veio ao mundo para salvá-lo.

Paulo reconhece, assim, que ele mesmo é o melhor exemplo da grandeza e da paciência de Jesus, porque se ele pôde ser alcançado, então, isso seria igualmente possível para todos os que viessem a crer em Cristo para a vida eterna.

Neste ponto ele irrompe num canto de louvor, que nós também estamos acostumados a cantar em nossos cultos (versículo 17).

No versículo 18 Paulo retorna, finalmente, para o assunto de sua carta. Ao fazê-lo, ele lembra que a escolha de Timóteo fora confirmada ou antecipada por algumas profecias, que ele deveria seguir para que pudesse “**combater o bom combate**”, ou seja, ser bem sucedido em sua missão. Para tanto, era necessário que ele mantivesse a fé descrita acima com uma boa consciência, porque alguns outros, infelizmente, haviam naufragado na fé, por rejeitarem-na.

Nesse ponto Paulo encerra com dois exemplos de pessoas que haviam naufragado na fé, quais sejam os de Himeneu e Alexandre, cujas falhas ele não descreve aqui porque eram perfeitamente conhecidos de todos. Fica implícito, contudo, que havia outros e que era com estes que Timóteo deveria se preocupar. Não sabemos com certeza o que estes dois fizeram, mas há possíveis dicas em *II Timóteo 2.17* e *4.14*, respectivamente. Ali somos informados que Himeneu, juntamente com outra pessoa chamada Fileto, defendia a doutrina de que a ressurreição dos mortos já ocorrera e que isso corrompera a fé de alguns outros. Já Alexandre, um ferreiro por profissão, havia causado a Paulo muitos problemas, opondo-se fortemente à mensagem de salvação que Paulo estava pregando.

ITimóteo 2

A Bíblia nos diz que “o Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Pelo contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento” ([II Pedro 3.9](#)). É exatamente por isso que Paulo recomenda que oremos por todos os homens. Além disso, devemos ser gratos a Deus pela obra que Ele faz na vida destas pessoas.

No versículo 2 somos ensinados a orar por nossas autoridades para que tenhamos vida tranquila e pacífica e vivamos de maneira digna, servindo a Deus, porque isso é bom e agradável a Ele, que deseja, novamente, a salvação de todos, chegando ao conhecimento da verdade.

Em condições normais poderíamos pensar que o conhecimento da verdade não passa de um sinônimo de ter um encontro com Jesus e a Sua salvação, mas num ambiente em que o Gnosticismo estava despontando, o conhecimento da verdade tem um sentido todo especial. Os gregos criam que a matéria é pecaminosa, enquanto o espírito é santo. Assim, Jesus não poderia ter um corpo físico e ser santo, porque isso seria uma contradição. Mas a verdade aqui reside no fato de Jesus Se ter feito carne, habitando entre nós, permitindo que vissemos a Sua glória, como a do Unigênito vindo do Pai (*João 1.14*).

Foi exatamente por isso que Se tornou o único mediador entre Deus e os homens. Esse papel é feito pelo homem Jesus Cristo. A morte de Deus nunca poderia pagar nossos pecados, porque o nosso substituto tinha que ser igual a nós (versículo 5). Obviamente essa frase traz uma pergunta associada, qual seja, “por que, então, Jesus precisava ser Deus”? A resposta a essa pergunta está na primeira parte do mesmo versículo, que nos diz que “há um só Deus”. Quando Jó ressaltou a necessidade de um mediador que pudesse colocar um braço nos seus ombros e outro nos ombros de Deus, era de um Deus-homem que ele estava falando (*Jó 9.33-35*). O esboço a seguir ilustra isso:

Homem – Jesus Cristo Homem – Jesus Cristo Deus – Deus Pai

Mas se há um só Deus, segue que os dois “Deuses” da direita são o mesmo Deus, de modo que o mediador entre esse único Deus e o homem é Jesus Cristo homem, que Se entregou a Si mesmo para pagar o pleno preço do nosso resgate. Foi apenas o Homem Jesus Cristo que morreu e pagou o preço do nosso pecado. Esse fato consiste no testemunho que Deus nos dá de Seu grande amor, que pagou em Cristo o preço dos pecados do homem, na plenitude dos tempos, ou seja, no tempo mais propício da história.

Paulo nos informa a seguir que foi para dar testemunho desse Evangelho aos gentios que ele foi designado pregador e apóstolo! Isso era um problema para os judeus, porque nunca tinham entendido que sua real missão era levar o conhecimento de Deus para o mundo, mas Paulo estava totalmente certo de que essa era a missão da Igreja e que Jesus a confiara a ele como apóstolo.

Paulo tinha começado o capítulo falando da necessidade de orarmos por todos e agora retorna ao assunto falando da forma dessas mesmas preces. As orações deveriam ser feitas em todo lugar (contrastando com as orações judaicas feitas na sinagoga), levantando as mãos santas, ou seja, em atitude sincera compatível com a santidade de vida e sem ira ou discussões. Jesus já tinha deixado claro que nossas orações por perdão só poderiam ser ouvidas se nós tivéssemos exercido perdão para com aqueles que tivessem nos ofendido de alguma forma (*Marcos 11.25*).

Ao longo do restante do capítulo, Paulo se dirige às mulheres, não mais falando de orações, mas de vestimentas e adornos. Aqui é importante ressaltar que Paulo não está dizendo como as mulheres devem se vestir, mas, sim, o espírito com que devem se vestir para honrar a Deus. Deveriam ser discretas para não chamar a atenção dos homens para os seus atributos físicos e, sim, para que Cristo seja visto em suas vidas. A menção das joias deixa claro que havia pessoas de posses em Éfeso, mas que a ostentação destas não seria compatível com a discrição mencionada anteriormente.

Além da discrição na forma de apresentação, o seu culto ao Senhor deveria ser associado ao cuidado delas para com as pessoas necessitadas (boas obras). Não se trata aqui de ganhar crédito em troca da realização de boas obras e, sim, de mostrar como o seu amor a Deus transborda em seu amor pelo próximo.

O restante do texto precisa ser lido levando em conta o lugar da mulher na sociedade da época. Os versículos 11 e 12 falam do aprendizado da mulher e da proibição de que esta ensine, além da necessidade dela estar em silêncio. Em *ICoríntios 11.5*, contudo, ele fala que mulheres que oram ou profetizam na igreja, teriam de fazê-lo com a cabeça coberta. Isso representa uma grande mudança na qual, certamente, Paulo já reconhece que o Espírito Santo também pode usar as mulheres. Assim sendo, os versículos 13 e 14, que apresentam os motivos para que a mulher não deva abrir a boca, parecem perder o sentido.

Finalmente, o versículo 15 apresenta uma certa dificuldade, pois parece atribuir a salvação da mulher ao fato dela dar luz a filhos. Obviamente sabemos que isso não é verdade e que Paulo jamais diria uma bobagem dessas. Sugiro aqui, portanto, para o versículo 15, uma versão estendida, como a seguir:

Entretanto, a mulher será salva, enquanto preenche a sua função de esposa, dando à luz filhos, se permanecer na fé, no amor e na santidade, com bom senso.

Assim sendo, ela se salva pela graça, mediante a fé, igual aos homens.

ITimóteo 3

Nos versículos 1 a 7 deste capítulo, Paulo orienta Timóteo com relação à escolha daqueles que desejam ocupar o cargo de bispo, ou pastor, que ele começa dizendo ser uma função nobre ou excelente em outras traduções. Isso obviamente é verdade porque se trata de uma pessoa que vai supervisionar vidas orientando-as para toda a eternidade.

O primeiro atributo que Paulo diz ser necessário encontrar no bispo é que seja irrepreensível, ou seja, não pode haver nada nele que se possa criticar. Deve ser marido de uma só mulher. Isso tem sido discutido, mas para Paulo, com todo o seu rigor, provavelmente significava que não casasse de novo nem que ficasse viúvo. Uma pessoa moderada, ou seja, sem excessos. Uma pessoa sábia, uma pessoa que todos respeitam, uma pessoa pronta para receber os de fora e uma pessoa que tenha conhecimento suficiente para poder ensinar.

O bispo não poderia ser uma pessoa chegada ao álcool, nem violenta, mas amável, pacífica e que não fosse avarenta. A família do bispo deveria ser um exemplo para as demais, pois seus filhos seriam submissos e dignos. Paulo ressalta que uma pessoa que não sabe governar sua casa, tão pouco terá condições de governar a Igreja de Deus.

O bispo não deveria ser um recém-convertido, para evitar que ele ficasse soberbo, como aconteceu com o arcanjo Lúcifer. Deve ser conhecido e reconhecido pelos de fora como uma pessoa de boa reputação, para que eventuais acusações não sejam cridas.

Já os versículos 8 a 13 se referem às qualificações que deveria ter a pessoa escolhida para o cargo de diácono. Estas se parecem muito com aquelas que foram listadas acima para os bispos, mas talvez um pouco menos rígidas. A tabela de comparação apresentada abaixo mostra bem as pequenas diferenças.

Qualificações do Bispo	Qualificações do Diácono
Irrepreensível	Digno
Marido de uma só mulher	Idem
Moderado	-
Sensato	-
Respeitável	Homem de palavra
Hospitaleiro	-
Apto a ensinar	Apegado ao ministério da fé com consciência limpa
Não apegado ao vinho	Não apegado a muito vinho
Não chegado à violência	-
Amável	-
Pacífico	-
Não apegado ao dinheiro	Não amigo de lucros desonestos
Que governa bem sua família	Idem
Não recém-convertido	Deve ser testado antes de sua nomeação
Não soberbo	-

Algumas qualificações dos diáconos parecem ser um pouco relaxadas em relação aos bispos e outras sequer são requeridas. Curiosamente, contudo, há uma ressalva em relação às esposas dos diáconos (devem ser dignas, não caluniadoras, sóbrias e confiáveis em tudo), enquanto nada se exige das esposas dos bispos. Como isso é no

mínimo estranho, alguns comentaristas entendem que essa referência não é às esposas dos diáconos e, sim, às mulheres que forem escolhidas para o cargo de diaconisas.

Encerrando as qualificações dos diáconos, Paulo informa a Timóteo que aqueles que servirem bem abrem suas perspectivas na fé. Isso pode significar que talvez possam ser usados com tarefas mais abrangentes no ministério cristão.

Paulo ressalta, a seguir, que estas informações (talvez uma referência a toda a carta) estão sendo antecipadas, mas que ele tem a intenção de ir a Éfeso num futuro próximo. Para o caso disso demorar a ocorrer, contudo, pelo menos ele já sabe como as pessoas devem se comportar na casa de Deus, que é a Igreja Viva do Deus Vivo. Fica claro, portanto, que Igreja aqui não é um templo e, sim, um conjunto de servos de Deus. Nesse caso, comportar-se na casa de Deus, significa como se comportar no meio dos irmãos.

Encerrando esse capítulo, Paulo introduziu um hino de louvor, que fala da trajetória terrena da vida de Jesus Cristo. Deus Filho Se manifestou em carne para que a plenitude da divindade fosse conhecida por nós. Jesus mesmo deixa isso claro ao dizer a Felipe que, estando Ele há tanto tempo com ele, manifestando o Pai, como poderia pedir para mostrar o Pai?

A grande dificuldade fica por conta da frase seguinte, qual seja, a justificação espiritual de Jesus Cristo. Já foi ressaltado anteriormente em outros textos deste estudo, que a maior parte do mundo evangélico de hoje não crê que *II Coríntios 5.21*, onde Paulo diz que “Deus tornou pecado por nós Aquele que não tinha pecado”, seja literal. Creem antes que os pecados foram atribuídos a Jesus, mas que Ele realmente nunca Se fez pecado. Por esse motivo, acham que neste versículo, Jesus está apenas sendo exaltado como Deus, embora isso signifique atribuir a “justificado” um sentido que não tem em nenhum outro lugar do NT.

Pessoalmente, acho isso um absurdo e creio que o versículo significa exatamente o que diz, ou seja, que Jesus homem morreu espiritualmente, tomando sobre Si a totalidade da nossa morte. Deus deu a Ele, Jesus Homem, contudo, um novo espírito na ressurreição, fazendo dEle o Primogênito dentre muitos irmãos. A Sua justificação no espírito é o Seu novo nascimento. Isso não implica na morte de Deus, porque Jesus Deus estava “desativado” durante a vida do Unigênito (Ver *Filipenses 2.5-9* e *Hebreus 2.9* - Jesus por pouco tempo menor que os anjos), pelo que Sua vitória sobre o pecado foi feita como homem e não como Deus.

Isso é tão verdade que os anjos passam a adorá-IO quando ressurgue como o Primogênito, agora na plenitude de Jesus Deus (ver *Hebreus 1.6*), que é a próxima coisa que Paulo diz nesse versículo, apenas seguindo a mesma linha de raciocínio. Esse é o mesmo Jesus ressuscitado, que é pregado entre as nações, crido pela Igreja no mundo e que hoje se encontra na glória, onde exerce o Seu papel de Mediador e Sumo Sacerdote nosso.

ITimóteo 4

Neste quarto capítulo Paulo finalmente volta ao assunto que mencionara no primeiro, ao falar de pessoas que estavam introduzindo doutrinas falsas em Éfeso. Aqui ele se refere a uma revelação que fora feita pelo Espírito Santo, segundo a qual alguns abandonariam a fé em Jesus, depois de dar ouvidos a doutrinas erradas introduzidas por demônios, fazendo uso de espíritos enganadores.

Estas doutrinas viriam através de ensinamentos de homens que já não têm mais consciência de erro e que se tornaram verdadeiros hipócritas, cujos ensinamentos incluem, entre outras coisas, a pregação da santificação (o ascetismo) realizada abrindo mão do casamento e de alguns alimentos. Paulo, obviamente, contesta isso dizendo que tais alimentos foram feitos por Deus para serem comidos com ação de graças e que tudo que Deus criou é bom.

Paulo, então, diz ao Timóteo que ele será um bom ministro se conscientizar os irmãos dessas verdades e da boa doutrina da fé. Sabemos que a ideia de santificação através da abstenção de prazeres da carne (ascetismo) foi fortemente defendida nos primeiros séculos do Cristianismo, pelo que não surpreende que essa ideia esteja tentando adentrar a igreja de Éfeso.

Paulo diz que esse tipo de “fábula profana” é tola e deve ser rejeitada. É neste contexto que ele diz que o exercício físico é de pouco proveito, mas que a piedade (virtude que permite oferecer a Deus o culto que Ele merece) é muito proveitosa porque traz consigo tanto a vida presente como a eterna.

É difícil identificar se a afirmação fiel e digna de aceitação plena é a do versículo 8 ou a do versículo 10. Seja como for as duas são equivalentes, mas 10 é mais completa, pelo que fiquemos com ela: toda a nossa esperança está depositada no Deus Vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente aqueles que creem.

Essas são as coisas que Paulo queria que Timóteo pregasse. Em fazendo-o, ele não deveria permitir que ninguém desfizesse dele pelo fato de ser ainda jovem. Ele deveria, isso sim, ser um exemplo para todos no conhecimento da Palavra, em seu procedimento, no amor ao próximo, na fé e na pureza de vida.

Enquanto ele, Paulo, não chegasse, ele deveria ler a Palavra nos cultos, explicando-a para que todos entendessem. Ele tinha o dom de ensino que recebera por imposição de mãos do presbitério e não deveria negligenciá-lo. Pelo contrário, deveria ser diligente.

Encerrando este capítulo, Paulo pede a Timóteo que preserve a sã doutrina porque dela depende a salvação dele mesmo e daqueles que o ouvem.

ITimóteo 5

Este capítulo começa com Paulo ensinando Timóteo como ele deve se relacionar com a comunidade que está liderando. Ele deve ser amoroso todas as vezes que tiver que fazer uma exortação, tratando cada um deles como se fosse um familiar seu.

No versículo 3, ao falar do trato com as viúvas, ele limita a condição de viúva apenas aquelas que realmente estão vulneráveis. Caso tenham filhos que possam sustentá-las, então Paulo diz que é a família que precisa se responsabilizar por isso.

Paulo tem uma concepção muito restrita quanto ao que realmente seja uma viúva. Para ele, a viúva que está realmente necessitada e desamparada, deve colocar a sua fé em Deus e passar o seu tempo orando e intercedendo. Já a viúva, mesmo que necessitada e desamparada, que se entrega aos prazeres (aqui podem estar implícitos inclusive e talvez principalmente os sexuais), ele exclui da lista e diz que já está morta, apesar de estar viva. Em função disso, Timóteo deve dizer às viúvas que se espera delas um comportamento irrepreensível (versículo 7).

No versículo 8, embora ainda esteja falando das viúvas, o apóstolo se lembra das pessoas que deixam a cargo da igreja o sustento das viúvas de sua família. Estas, diz ele, negam a fé e são piores que os descrentes. Para ele é inconcebível que alguém diga que ama a Deus e não demonstra amor pelo seu parente chegado.

Voltando então às viúvas, Paulo estabelece uma idade mínima para que uma mulher em necessidade e desamparada seja inscrita como viúva sustentada pela igreja. Ela precisa ter, no mínimo, 60 anos. Além disso, requer-se que tenha sido um esposa fiel ao marido e que tenha um comportamento de crente em Jesus Cristo (boa mãe, hospitaleira, com disposição para o serviço, preocupada com os necessitados e pronta para toda boa obra).

Aparentemente Paulo deve ter tido algumas experiências ruins com viúvas jovens (com menos de 60 anos), que estavam sendo sustentadas pela igreja, neste caso, dedicando-se à oração e intercessão, que depois resolveram se casar (versículo 11). Estas, diz Paulo, romperam seu compromisso com Cristo e deram lugar aos seus desejos sensuais. Como se isso não bastasse, passaram a andar de casa em casa como fofoqueiras (versículo 13).

Para evitar a repetição de situações como essas, portanto, Paulo recomenda que as viúvas jovens voltem a casar, tenham filhos e que sejam boas esposas, não dando lugar à maledicência, a serviço de Satanás (versículos 14 e 15).

Encerrando essa parte das viúvas, Paulo diz que é função das mulheres, cuidar das viúvas da família, para que a igreja não seja sobrecarregada por esse encargo e para que todas as “verdadeiras viúvas” sejam auxiliadas.

Nos versículos 17 a 20, Paulo fala a respeito dos presbíteros, que são chamados, por vezes, de anciãos. Provavelmente a maioria deles eram pessoas de mais idade, mas

aqui, aparentemente, eram pessoas escolhidas pelo bispo (ver *Tito 1.5*), para um cargo de liderança na igreja local. Com base no versículo 17, podemos concluir que nem todos pregavam ou ensinavam a Palavra, mas eram líderes. A dupla honra, da qual Paulo está falando, parece referir-se a um salário e não simplesmente a um reconhecimento público.

Com base nessas premissas, podemos concluir que os versículos 17 e 18 dizem que os bons presbíteros são dignos de um salário dobrado (provavelmente significando receber um salário melhor), principalmente os que pregam ou ensinam, porque a citação apresentada no AT (*Deuteronômio 25.4*) nos mostra que aquele que trabalha merece ser devidamente remunerado.

Acusações feitas contra um presbítero não devem ser aceitas a não ser que sejam bem fundamentadas. Caso elas sejam confirmadas, contudo, o presbítero deve ser repreendido publicamente, para que fique claro a todos os presbíteros, que devem exercer seus cargos com temor e tremor diante do Senhor.

A forma como Paulo exorta Timóteo, diante de Deus, de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, ou seja, com todo o rigor possível, nos dá a entender que ele tivesse em mente algum caso no qual um presbítero tinha pecado, sem que o assunto tivesse sido conduzido adequadamente. Assim sendo, Timóteo deveria agir com rigor, sem oferecer qualquer favoritismo por ter apreço pelo presbítero em questão.

Ainda dentro do mesmo assunto, aqui Paulo está pedindo a Timóteo para não ser precipitado na ordenação ou na restauração formal de presbíteros. Tanto num caso como em outro ele não deveria se precipitar, porque em caso de queda deste, ele poderia acabar sendo acusado de ser conivente no pecado do presbítero.

Paulo não era médico, mas reconhecia o valor “esterilizante” do álcool, pelo que o vemos recomendando a Timóteo que beba um pouco de vinho, devido a suas frequentes enfermidades estomacais.

Feita essa ressalva, Paulo parece voltar ao assunto de escolha de presbíteros. Tanto no versículo 24 como no 25 ele diz a Timóteo que ele precisa ser cuidadoso na avaliação dos candidatos a presbítero, tendo em vista os seus erros ou acertos. Candidatos inescrupulosos podem levar algum tempo para serem identificados, da mesma forma que bons candidatos podem levar algum tempo para serem reconhecidos.

ITimóteo 6

Neste capítulo Paulo faz algumas recomendações finais a Timóteo, para que saiba lidar com as situações correspondentes.

Uma das situações inusitadas que ocorreram nas igrejas neo-testamentárias foi o fato de senhores e escravos se tornarem irmãos na igreja, não obstante continuarem com sua grande discrepância hierárquica no dia a dia em casa. É importante ressaltar, antes de mais nada, que nada do que foi dito aqui carrega a aprovação bíblica da escravatura.

Trata-se de uma situação existente, que, aqui, Paulo procura regulamentar da melhor maneira possível, levando em conta as situações distintas.

Paulo começa dizendo que todos os escravos devem tratar os seus senhores com respeito, porque a situação assim o exige. Agora que os escravos são crentes e conhecem o valor da autoridade pregada pelo Evangelho, esse respeito é devido com muito mais razão, para que o nome de Deus não seja difamado.

No caso particular do senhor também ser crente, Paulo diz que isso não é motivo para que deixem de respeitá-los como senhores; aliás, ele recomenda que sejam servidos com maior afincamento ainda, pelo fato deles serem também servos fiéis.

O versículo 3 volta a falar sobre o ensino de falsas doutrinas. Ele aqui define falsa doutrina como aquela que não concorda com a verdadeira doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e com o ensino que é segundo a piedade. Obviamente é uma definição que depende de saber qual a verdadeira doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo e de conhecer o ensino que é segundo a piedade. A verdadeira doutrina é aquela que prega o sacrifício vicário de Jesus Cristo, que se aplica a nós pela graça mediante a fé nEle. Já o ensino segundo a piedade é aquele que nos leva a termos uma atitude piedosa. Pena que essa palavra em português nos diga tão pouco. Aurélio Buarque de Holanda a define de uma maneira muito bonita, qual seja, “uma virtude que nos permite oferecer a Deus o culto que Ele merece”. Assim sendo, o ensino segundo a piedade, é aquele que nos leva a colocarmos as nossas vidas no altar de Deus, para que Ele as use como melhor Lhe aprouver.

Qualquer ensino diferente desse nos leva ao orgulho e à falta de entendimento. Paulo diz que o resultado disso é um interesse doentio por controvérsias e contendas de palavras, que resultam em confusão. Pessoas assim têm a mente corrompida, desconhecem a verdade e acham que a piedade é uma fonte de lucro (versículos 4 e 5).

Paulo diz a seguir que, na realidade a piedade, associada ao contentamento, é uma fonte de grande lucro, porque ao consagrarmos nossas vidas no altar de Deus e mostrarmos contentamento por aquilo que Deus já nos deu, resulta que somos usados por Deus à medida que realizamos as obras que Ele preparou para nelas andarmos (*Efésios 2. 10*), pelo que estamos construindo um tesouro eterno nos céus.

Tudo isso nos permite ver o óbvio ululante, qual seja, que chegamos com nada a esse mundo e vamos partir dele de igual maneira. Além disso, fazemos grande vantagem por estarmos satisfeitos com o que temos. Não há nada errado no fato de uma pessoa ganhar dinheiro e ficar rica. O problema é a ganância, que leva a tentações, armadilhas e muitos desejos descontrolados e nocivos, que levam essa pessoa a mergulhar na ruína e na destruição (versículo 9).

Aqui, no versículo 10, Paulo pronuncia sua bem conhecida frase sobre o amor ao dinheiro como sendo a raiz de todos os males. É lamentável que algumas pessoas se desviem da fé por cobiçarem o dinheiro. Por outro lado Paulo diz que o verdadeiro homem de

Deus é aquele que prioriza o fruto de Espírito, ou seja, ele busca a justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão.

Aparentemente Paulo, no versículo 11, mudou de assunto, mas na realidade ele continua falando da vida cristã como a melhor alternativa ao amor ao dinheiro. Além disso, e curiosamente, ele está pregando para Timóteo como se tivesse receio de que ele mesmo pudesse ser afetado pelo amor ao dinheiro. Precisamos lembrar que Éfeso era uma cidade muito rica nessa época, porque era a maior cidade portuária da Ásia Menor, motivo pelo qual o comércio enriquecera a muitos, inclusive na igreja. Timóteo, como uma pessoa culta, poderia receber muitas propostas tentadoras em termos financeiros e tudo indica que isso ocorreria a Paulo nesta sua exortação.

O versículo 12, portanto, fala de um combate que o mundo trava contra a fé. A Timóteo caberia combater o bom combate, tomando posse da vida eterna para a qual fora chamado e que recebera quando confessou Jesus diante de muitas testemunhas.

Paulo recomendou, portanto, a Timóteo, diante de Deus, o Autor da vida, e de Cristo Jesus, que também fez boa confissão diante de Pôncio Pilatos (não cabe aqui especular sobre que confissão Paulo tinha em mente), que guardasse esse mandamento imaculado e irrepreensível (de combater o bom combate e apossar-se da vida eterna) até a volta de Jesus, que Ele fará se cumprir no momento certo. Ele que é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que é imortal e habita na luz inacessível (versículos 13 a 16).

Aqui Paulo volta então à admoestação aos ricos da igreja, para que não sejam arrogantes e nem coloquem sua esperança no dinheiro, mas em Deus. Além disso, que aproveitem a sua riqueza para praticar o bem, sendo generosos e prontos a reparti-la. Desta forma acumularão um tesouro eterno.

Finalmente, ele conclui a carta recomendando que Timóteo seja fiel ao que lhe foi confiado. Que evite discussões sem sentido e ideias contraditórias, relativas àquilo que os gregos chamam erradamente de conhecimento. Infelizmente, isso fora a causa de desvio da fé por parte de alguns.

II Timóteo 1

É usual supor-se, com base no versículo 17, que esta carta foi escrita de Roma, ocasião na qual Paulo já se encontrava preso. Há, contudo, várias outras referências a coisas que são descritas no livro de *Atos*, que ficam incoerentes se adotarmos essa hipótese. Essas incoerências não serão mencionadas aqui, mas fazem com que muitos comentaristas só consigam viabilizar todas as informações admitindo que Paulo fora solto em Roma, depois de *Atos 28*, e que fizera sua viagem para a Espanha, vindo a ser morto anos mais tarde, quando foi novamente preso. Seja como for, a carta foi escrita de Roma e é o conteúdo da mesma que será comentado a seguir.

As saudações iniciais de Paulo variam de uma carta para a outra. Na primeira carta ele apresentou Jesus como a nossa esperança, enquanto desta feita ele faz uma pequena variação, dizendo que nossa promessa de vida está nEle.

No versículo 3 Paulo faz uma declaração interessante. Ele disse que serve a Deus com consciência limpa, como o fizeram os seus antepassados. Claro que ele está dizendo que era fruto de um lar de judeus sinceros que viveram antes da vinda do Messias. Sua própria salvação ele atribui a um milagre da graça, mas fica claro que ele entende que a graça foi demonstrada para com toda a sua família, ou seja, foi graças ao amor e zelo sincero dele, que veio de seus antecedentes, que Deus deu a ele a oportunidade maravilhosa de conhecer Jesus.

Dito isso, ele menciona o seu papel de intercessor por Timóteo, com quem ele espera brevemente voltar a se encontrar, para que a sua própria alegria seja completa (versículos 2 a 4).

No versículo 5 ficamos sabendo que tanto a mãe de Timóteo, Eunice, como sua vó, Loide, eram crentes e que esta mesma fé, sincera, habitava também nele. Por isso mesmo, Paulo se sentia obrigado a lembrá-lo que ele recebera um dom de Deus, pela imposição das mãos dele, Paulo, que ele deveria manter vivo e atuante, porque o espírito que Deus lhe dera lhe garantia o poder, o amor e o equilíbrio necessários para fazer isso.

Claro que Paulo está dizendo isso a ele, porque a nossa tendência é sempre achar que não somos capazes de fazer o que Deus nos está pedindo, mas o que fica claro aqui é que nós nunca fazemos nada para o Reino pelas nossas forças e, sim, usando a capacitação que Ele nos dá, de modo que a nossa capacidade é o que menos interessa.

Por isso mesmo ele não deveria se envergonhar de nada, nem mesmo dele, Paulo, que a essa altura estava preso como um criminoso, mas que tudo deveria ser feito segundo o poder de Deus, que havia salvo a ambos (Timóteo e ele mesmo), e chamados para uma santa vocação, que mais uma vez foi um ato da graça de Deus e não por alguma virtude que eles tivessem. Essa graça, por sua vez, foi definida antes da fundação do mundo, mas que estava sendo revelada agora em Jesus Cristo, que tornou inoperante a morte, através do Seu Evangelho que nos trouxe luz, vida e imortalidade.

Paulo lembra, então, a Timóteo que desse Evangelho ele havia se tornado pregador, apóstolo e mestre, por comissionamento divino. Embora isso lhe trouxesse sofrimentos, de forma alguma lhe causava vergonha. O motivo para isso é o lindo versículo 12b, que cantamos e decantamos em nossos cultos:

“porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o meu tesouro até o dia final” (JFA-RA).

Por isso Paulo exorta a Timóteo para guardar a sã doutrina, que ouvira dele, por meio do Espírito Santo que havia em ambos. A salvação pela graça, por meio da fé em Jesus Cristo, era o ponto alto que ele não poderia esquecer.

Se por um lado parece, novamente, que Paulo mudou de assunto, por outro, Timóteo está numa posição em que defender os ensinamentos de Paulo pode trazer para ele o mesmo tipo de rejeição que houve para Paulo da parte de Fígelo e Hermógenes. Nada sabemos a respeito do que esses dois fizeram, mas aparentemente o acusaram de ser um enganador, pelo fato de ter sido preso. Isso justificaria também o fato de Paulo ter dito acima, no versículo 8, que ele não deveria se envergonhar de suas prisões.

Felizmente houve outro irmão, de nome Onesíforo, que teve um comportamento bem distinto. Ele não só defendeu a integridade paulina, como foi a Roma visitá-lo na prisão, depois de ter tido muita dificuldade para encontrá-lo. Por isso mesmo Paulo faz, por ele, uma oração intercessória no versículo 18.

II Timóteo 2

No momento em que se fala da graça de Deus, nossas mentes estão condicionadas a pensar em salvação como um maravilhoso ato de Sua graça. Aqui, contudo, Paulo não está falando de nada disso e nos faz lembrar que a graça é muito mais abrangente do que sua ação salvífica. Nós não somos capazes de realizar absolutamente nada no Reino de Deus pelas nossas forças. Felizmente, a graça “adicional”, “pós-salvação”, que há em Cristo Jesus, contém um pacote de dons que fazem com que sejamos produtivos a serviço do Reino, no qual acabamos de ser admitidos. A nós cabe nos fortalecermos neles, permitindo que o Espírito Santo tenha total liberdade para empregá-los através de nós. Paulo já tinha acabado de lembrar a Timóteo o dom da palavra, que recebera por imposição de mãos, mas ele aqui complementa dizendo que há um verdadeiro arsenal, do qual o Espírito pode lançar mão se ele tão somente disponibilizar a sua vida ao companheiro Espírito Santo.

Isso permitiria a ele não apenas pregar, mas também treinar outras pessoas a realizar a divulgação do Evangelho de Jesus Cristo. Ele deveria estar de olho em todos os crentes fiéis que mostrassem capacidade para tanto.

Paulo lembra a ele que estamos combatendo em prol do Reino e que o bom soldado vai sofrer, mas vence. O que ele não pode é se distrair com coisas que não sejam ligadas ao serviço para o qual se alistou. Além disso, há regras no serviço militar, assim como em qualquer competição esportiva. Se não competirmos de acordo com as regras, somos desqualificados (versículos 3 a 5).

Assim procedendo, ele seria o primeiro a ser beneficiado, da mesma forma como o lavrador é o primeiro a usufruir da sua colheita. Se ele refletisse sobre isso, o próprio Senhor daria a ele o entendimento completo.

Basta para tanto que ele (e nós de igual forma) se lembre que o Evangelho que ele prega é o de Jesus Cristo, que venceu a morte, ressuscitando ao terceiro dia. É por essa verdade que ele está preso sofrendo como criminoso, mas o preso é ele e não a palavra de Deus. Sabendo disso, ele se dispõe a sofrer o que é necessário, desde que os eleitos

sejam alcançados pela salvação em Jesus Cristo, que os conduzirá à glória eterna (versículos 8 a 10).

Os versículos 11 a 13 contêm uma das descrições mais maravilhosas e “confiáveis” da Bíblia com relação à fidelidade de Jesus Cristo. Se optarmos por morrer com Ele, ou seja, se aceitarmos que a morte dEle na realidade foi por nós, fica garantido que vamos passar a vida eterna com Ele. Se perseverarmos em segui-LO, ou seja, se obedecermos a Seus ensinamentos, fica garantido que vamos reinar com Ele. Infelizmente, contudo, ao longo da mesma linha de fidelidade, se nós O negarmos, Ele respeitará a nossa vontade e também nos negará (*Hebreus 6.4-6*). Mas mesmo que pequemos, ou seja, mesmo que “pisemos na bola” (o que volta e meia ocorre devido à nossa fraqueza), Ele permanece maravilhosamente fiel, porque essa é a Sua própria natureza, que Ele não pode negar.

Éfeso estava tendo vários problemas com pessoas inventando doutrinas, motivo pelo qual Paulo pede a Timóteo que lembre essas verdades a todos e que evitem as discussões sobre essas novas doutrinas, porque só servem para perverter os ouvintes. Ele mesmo (e cada um de nós) deveria se apresentar como um servo de Deus, que não tem de que se envergonhar e que conhece bem a Palavra da Verdade.

As discussões inúteis devem ser evitadas, porque só servem para afastar as pessoas de Deus. Um exemplo disso é o ensino “cancerígeno” de Himeneu e Fileto (o primeiro já citado na primeira carta), que inventaram uma doutrina dizendo que a ressurreição dos mortos já tinha acontecido, pervertendo, assim, a fé de vários efésios. Aparentemente eles diziam que eles já tinham passado por uma ressurreição mística, quando se deixaram batizar. Isso implicaria na salvação automática dos batizados.

Contraopondo-se a isso Paulo disse que há dois fundamentos divinos importantes no Evangelho. O primeiro é que o Senhor conhece aqueles que reconheceram o sacrifício de Jesus Cristo e aceitaram o Seu senhorio. O segundo é que estes, os que confessam o Nome do Senhor, automaticamente se afastam do pecado (versículo 19).

Infelizmente, portanto, numa grande casa, como era o caso da igreja de Éfeso, nem todos os vasos ali eram de ouro e de prata. Havia, também, como há em todas as nossas igrejas, vasos para fins honrosos (o desejável é que fossem todos) e outros para fins desonrosos. Assim sendo, aqueles que se encaixam nos fundamentos descritos no versículo 19, serão vasos para a honra, santificados e preparados para estar a serviço do Senhor, realizando todas as obras boas preparadas por Ele (versículos 20 e 21).

Os versículos 22 a 24 são recomendações específicas para Timóteo, mas que fazemos bem em observar também para as nossas vidas. Ele deveria fugir dos desejos demoníacos da juventude e assim seguir a justiça, a fé, o amor e a paz, juntamente com aqueles que invocam o Senhor com um coração puro. Além disso, mais uma vez, Paulo recomenda que ele evite qualquer discussão tola, porque tais discussões sempre acabam em brigas e ao servo do Senhor não convém brigar e, sim, ser amável, paciente e apto ao ensino. Ele deveria corrigir, sempre com mansidão, os que erram, para que

Deus lhes dê arrependimento e o conhecimento da verdade, para que escapem à armadilha de Satanás que os aprisionou.

II Timóteo 3

Neste capítulo Paulo começa falando a Timóteo sobre os últimos dias, que ele julgava estarem “virando a esquina”. Embora tenham se passado mais de 2.000 anos desde então, a verdade é que os tempos difíceis, que ele previa, têm ocorrido desde os seus dias até hoje.

Os homens têm apresentado todos os maus atributos citados do versículo 2 ao versículo 5. Eles são as pessoas das quais Paulo recomenda que Timóteo se afaste, não no sentido de não pregar para eles, mas no sentido de que não participe de suas obras.

Trata-se de pessoas que praticam o sexo livre e que estão sempre dispostas a aprender as coisas que lhes pregamos, mas que nunca chegam ao conhecimento da verdade, porque simplesmente não querem compromisso com Deus (versículos 6 e 7).

Janes e Jambres não são nomes citados no AT, mas a tradição judaica os inclui como sendo dois dos mágicos de Faraó, que conseguiram reproduzir as primeiras pragas de Moisés no Egito, fazendo com que Faraó achasse que poderia resistir à verdade divina. Pessoas desse tipo são depravadas e reprovadas na fé, pelo que não vão longe, sendo desmascaradas diante de todos, tal como eles o foram.

Paulo reconhece que Timóteo vinha seguindo de perto o seu exemplo (versículo 10) e que sofrera inclusive as perseguições que ele enfrentara (versículo 11), mas que o Senhor o livrara de todas. Aliás, Paulo reconhece que todos os que quiserem viver segundo o exemplo de Jesus Cristo serão perseguidos. Aqueles, contudo, que promovem essas perseguições, os perversos e impostores, vão sempre se dar mal.

Mais uma vez, contudo, Paulo o exorta a ficar firme no que aprendeu, porque ele sabe quem foi que lhe ensinou. Parece, a princípio, que Paulo está falando de si mesmo, mas o versículo seguinte nos mostra que o aprendizado em questão é o ensino bíblico de salvação pela fé em Jesus Cristo, que ele havia recebido de sua mãe e de sua vó, desde criança.

Exatamente por isso Paulo transmite a ele essa linda declaração sobre a Bíblia, segundo a qual:

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

II Timóteo 4

Neste último capítulo da carta Paulo resolve fazer a Timóteo uma exortação solene, em nome de Deus Pai e de Jesus Cristo, que há de julgar a todos na sua volta, para que pregue a Palavra e que esteja preparado a fazê-lo sempre, independente das circunstâncias.

Isso é necessário, porque há de chegar o tempo em que a sã doutrina não será mais tolerada. Pelo contrário, eles vão inventar verdades, que satisfaçam os seus desejos, recusando-se a aceitar a verdade divina, preferindo antes suas próprias criações. Em meio a isso tudo, Timóteo deveria manter seu equilíbrio, realizar seu trabalho de evangelista e cumprir o restante de seu ministério.

Quanto a Paulo, ele sentia que seu tempo estava chegando e que em breve ele seria sacrificado. Mas isso não era motivo de tristeza, porque ele havia combatido o bom combate, a mesma recomendação que fizera a Timóteo na carta anterior (*ITimóteo 6.12*), terminara a sua corrida e havia guardado a fé. Assim sendo, ele sabia que estava reservada para ele uma coroa de justiça, nosso Senhor, o justo Juiz havia de dar a ele no dia do juízo. Curiosamente, ele não diz que também a receberiam os outros que tivessem se saído bem como ele, mas todos aqueles que amam a Sua Vinda. Ele deixa, assim, muito claro que sua coroa não é pelos seus méritos, mesmo porque a nossa justiça está associada ao fato de Jesus ter conhecido o pecado por culpa nossa (*Isaías 53.11* e *II Coríntios 5.21*), mas, sim, porque ele amava o Senhor e ansiava pelo encontro com Ele.

No restante do capítulo temos uma série de informações sobre a situação de vários dos auxiliares de Paulo, começando por um pedido para que Timóteo venha vê-lo em Roma antes de sua morte. É lamentável que Demas tenha se distraído com as coisas do mundo e, além disso, é curioso que em sua véspera de morte Paulo peça que lhe tragam uma capa e seus pergaminhos.

Seu problema com Alexandre (versículo 14), que já fora mencionado em *ITimóteo 1.20*, pelo visto extrapolou o âmbito da igreja de Éfeso e foi parar numa corte de justiça, onde por pouco Paulo foi sentenciado à morte (versículo 17), o que não ocorreu por livramento do Senhor (versículo 18).

Nos versículos 19 a 22 Paulo saúda vários de seus amigos que estavam em Éfeso.

Tito 1

Paulo varia sempre as suas saudações iniciais e aqui ele se apresenta primeiro como servo de Deus, depois como apóstolo de Jesus Cristo, para, então, falar do objeto de seu ministério ao longo dos versículos 1 a 3. Ele fora comissionado para levar os eleitos de Deus à fé e ao conhecimento da verdade, que é de acordo com a piedade, que se fundamentam na esperança da vida eterna, a qual o Deus que não mente prometeu

antes dos tempos eternos e que, no devido tempo, trouxe à luz a Sua Palavra, por meio da pregação a ele confiada por ordem de Deus, nosso Salvador.

No versículo 5 ele se dirige a Tito dizendo que ele tinha sido deixado em Creta para acabar de escolher os presbíteros que deveriam atuar nas diversas igrejas das cidades da ilha, tal como ele para tanto o instruíra.

No texto de *ITimóteo*, Paulo falou das qualificações dos bispos e depois mencionou separadamente as exigências um pouco mais relaxadas para os diáconos. Ele não fala de nomear presbíteros, nem tampouco apresenta qualificações para os mesmos. Aliás, eles são mencionados nos versículos 4.14, 5.17 e 5.19, mas sem distingui-los dos bispos.

Já aqui Paulo começa a falar de presbíteros (anciãos) no versículo 6, mencionando suas qualificações, mas no versículo 7 ele os chama de bispos, mas isso na continuidade das qualificações dos presbíteros, como se as duas palavras fossem intercambiáveis. Além disso, Paulo não pede a Tito que indique diáconos para as igrejas de Creta, dando a entender que as igrejas talvez fossem menores, de modo que os presbíteros, ou bispos em questão não precisassem de auxiliares.

Assim sendo, para fins práticos, parece que podemos pensar em presbíteros e bispos como pastores, cujos auxiliares são os diáconos nas igrejas do NT. Isso funciona perfeitamente para as igrejas batistas de hoje, por exemplo, mas quando pensamos nas Assembléias de Deus, que têm um presbitério independente do pastor ou pastores, precisamos reconhecer que o termo, para eles, tem outro significado. Nos versículos 6 a 9 Paulo apresenta para Tito as qualificações que este deve observar para a escolha dos presbíteros. Apenas para fins de comparação, a tabela a seguir apresenta as qualificações dos bispos que Paulo especificou para Timóteo e aquelas especificadas para Tito, visando os presbíteros.

Qualificações do Bispo (Timóteo)	Qualificações do Presbítero (Tito)
Irrepreensível	Idem
Marido de uma só mulher	Idem
Moderado	Idem
Sensato	Idem
Respeitável	Amigo do bem
Hospitaleiro	Idem
Apto a ensinar	Idem
Não apegado ao vinho	Idem
Não chegado à violência	Idem
Amável	Amigo do bem
Pacífico	Amigo do bem
Não apegado ao dinheiro	Idem
Que governa bem sua família	Consagrado
Não recém-convertido	Consagrado
Não soberbo	Idem

Alguns termos não são exatamente iguais, mas de modo geral as duas listas são equivalentes.

Nos versículos 10 a 16 Paulo fala de maneira bastante dura a respeito de qualificações inaceitáveis de membros ou pelo menos frequentadores das igrejas de Creta. Ele fala de muitos insubordinados entre os membros judeus, que ele diz a Tito que devem ser silenciados devido às doutrinas errôneas que ensinam e por causa de sua ganância.

No versículo 12 ele faz referência a um profeta da ilha de Creta, que disse que os “cretenses eram todos mentirosos, malignos, glutões e preguiçosos”. Além do mais, ele informa que isso, na experiência dele, era verdade, de modo que precisavam ser severamente repreendidos para se manterem sadios na fé, sem ligarem para lendas judaicas ou mandamentos fora da verdade.

Somos obrigados a reconhecer que a experiência de Paulo com o povo de Creta deve ter sido muito ruim. Fechando o primeiro capítulo, ele diz que a mente e a consciência dos cretenses nas igrejas são corrompidas, pois afirmam conhecer a Deus, mas seus atos o negam.

Tito 2

Independente daquilo que os outros falam, Paulo exorta Tito a manter a sua pregação atrelada à sã doutrina, que ele definiu longamente na introdução de sua carta. Para tanto, ele divide os cretenses por faixas étarias e sexo.

Os homens idosos devem aprender a ter os atributos que teriam com Cristo vivendo em suas vidas (versículo 2). O mesmo critério deve reger o seu ensino também às mulheres idosas (versículo 3), permitindo, assim, que elas possam transmitir esse ensino às mulheres mais jovens (versículos 4 e 5). Encerrando a lista, ele, como jovem, deve viver para ser exemplo aos de sua idade, através de boas obras, integridade e seriedade, tendo o cuidado de usar uma linguagem sadia (versículos 6 a 8).

Ao abordar o ensino a ser transmitido aos escravos, Paulo é mais prático do que fora em relação ao que disse a Timóteo. Estes devem ser ensinados não só a serem submissos aos seus senhores, mas a efetivamente procurar agradá-los, sendo respeitosos e honestos, fazendo-se dignos de confiança, para que suas vidas tornem atraente o Nome do Deus que os salvou.

Todos esses ensinamentos transformarão as vidas dessas pessoas porque a graça de Deus se manifestou de maneira salvadora a todos. É justamente ela, a graça de Deus, que transforma vidas, fazendo com que as pessoas renunciem a suas vidas ímpias, passando a se tornar piedosas, colocando sua esperança na vinda gloriosa de Jesus (versículos 11 a 13). Foi justamente Ele que morreu para nos remir de toda a maldade e purificar estes remidos, levando-os à prática de boas obras.

Resumindo, Paulo diz a Tito que esse deve ser o seu ensino, para o qual ele tenha toda a autoridade, que ninguém deve desprezar.

Tito 3

Ora, se a autoridade de Tito deve ser respeitada, nada mais justo do que ensinar aos cretenses que seus governantes e suas autoridades civis também devem ser respeitadas e obedecidas. Além disso, devem dar um bom exemplo para os de fora, não caluniando ninguém, mas tratando a todos de forma pacífica, amável e com mansidão.

A verdade é que houve um tempo, antes de nossas conversões, em que todos nos comportávamos como ímpios, escravizados pelos prazeres, sendo destestáveis e odiando uns aos outros, mas foi o lavar regenerador do Espírito Santo, derramado por meio de Jesus, que fez com que a bondade e o amor de Deus passassem a reger as nossas vidas. Não há nisso qualquer mérito nosso, mas apenas a misericórdia de Deus. Ele fez isso conosco para que, uma vez justificados pela Sua graça, Ele pudesse nos adotar como filhos, dando-nos a esperança de vida eterna que hoje temos.

Essa é a verdade e é justamente isso que Paulo queria que Tito dissesse aos cretenses crentes, para que estes se empenhassem para deixar Cristo brilhar através de suas vidas. Essa é a única maneira de sermos úteis ao Reino do qual nos tornamos súditos.

Ao fazer isso, contudo, também Tito deveria evitar as discussões inúteis sobre falsas doutrinas associadas à Lei. Ele deveria advertir as pessoas que insistem nisso até duas vezes, mas depois disso elas devem ser convidadas a não mais participar, porque estão em pecado e só vão atrapalhar.

Antes de encerrar sua carta, Paulo trata de alguns assuntos administrativos relativos ao pessoal que ia visitar as igrejas de Creta (Ártemas, Tíquico, Zenas e Apolo), além de pedir que Tito venha se encontrar com ele em Nicópolis.

Paulo, mais uma vez, lembra que os nossos (os crentes de Creta) precisam aprender a se dedicar a boas obras, para que possam suprir as necessidades dos menos afortunados, para o que não podem ser improdutivos.

Finalmente, ele encerra com saudações tradicionais.

Filemon 1

Essa carta é bem diferente das demais, porque foi escrita, por Paulo, com um motivo específico, qual seja, interceder por um escravo fugitivo, Onésimo, que lesara o seu senhor, Filemon, que morava em Colossos, com o intuito de que este não apenas o recebesse de volta, mas que o libertasse, para que pudesse continuar a ser auxiliar de Paulo na propagação do Evangelho.

Paulo estava preso à época em que escreveu esta carta, mas supõe-se que esta não era ainda a prisão de Roma. Os estudiosos creem que ele estivesse preso, nesta ocasião, em Éfeso e que a carta aos colossenses tenha sido escrita na mesma ocasião. O fato de Timóteo estar com ele dá respaldo a essa ideia.

Áfia é usualmente considerada a esposa de Filemon, porque seu nome vem logo a seguir ao dele e Arquivo, o companheiro de lutas de Paulo, talvez tenha assumido parte das atividades pastorais daquela igreja (*Colossenses 4.17*).

Paulo começa mencionando a sua gratidão a Deus pelo exemplo de vida em Cristo que Filemon tem dado na igreja de Colossos. Ele ressalta o amor cristão demonstrado por ele e a forma como tem reanimado o coração de seus irmãos (versículos 4 a 7).

Embora Paulo diga que tem plena liberdade para “mandar” que Filemon cumpra o seu dever, ele prefere fazer um apelo baseado no amor por ele demonstrado e o faz na condição de um idoso e prisioneiro de Jesus Cristo.

Aqui não ficamos totalmente informados sobre o que aconteceu, mas podemos supor que Onésimo era um péssimo escravo: rebelde e desobediente, a ponto de Paulo dizer que era inútil (versículo 11). Talvez tenha inclusive roubado alguma coisa de Filemon (versículo 18), mas é certo que ele fugiu de seu senhor (versículo 15).

Não sabemos como Onésimo foi parar em Éfeso e porque foi procurar Paulo ali, mas podemos supor que ele tenha ficado vivamente impressionado com Paulo em suas visitas a Filemon e que o tenha procurado para pedir ajuda. É importante ressaltar, contudo, que a legislação romana dizia que quem acolhesse um escravo fugitivo seria obrigado a pagar as diárias ao seu senhor, relativas ao tempo em que esteve a seu serviço. Embora Paulo não o tivesse usado como empregado, de certa forma ele tinha contraído uma dívida com Filemon.

Durante a estada de Onésimo com Paulo, somos informados que ele se converteu (versículo 10) e que se tornara útil a Paulo na pregação do Evangelho (versículo 11). Além disso, Paulo estava completamente ciente da necessidade de mandá-lo de volta ao seu senhor Filemon (versículo 12). Este versículo nos informa, ainda, que Paulo desenvolvera por ele grande apreço, como o que tinha também por Filemon.

O apelo de Paulo em favor de Onésimo é registrado nos versículos 13 a 21 e ele começa por dizer que gostaria de ficar com ele em Éfeso, mas que não quer fazê-lo sem a permissão de Filemon, para que esse eventual favor seja espontâneo e não forçado.

Paulo aventa, então, a possibilidade de que a perda temporária de seu escravo tenha se dado para que ele o tivesse de volta para sempre, mas não mais como escravo e, sim, como um irmão amado. Neste sentido Paulo diz que foi nisso que Onésimo se tornara para ele, pelo que, com muito mais razão, era isso que ele seria para Filemon.

Assim, Paulo começa pedindo que ele o receba de volta como se estivesse recebendo a ele, Paulo. Ele não deveria nem pensar em termos de prejuízo financeiro, porque se tiver havido algum, ele estava disposto a pagar. Neste ponto, contudo, Paulo faz um apelo emocional, lembrando a Filemon que sua própria vida eterna, ele a devia a ele, Paulo, que pregou a ele o Evangelho da graça (versículos 17 a 19).

Tendo em vista que ambos têm dívidas (de naturezas distintas) um para com o outro, Paulo continua, no versículo 20, dizendo que gostaria de receber de Filemon um benefício (a total liberação de Onésimo) pelo fato de ambos estarem a serviço do Senhor. Assim ele aguarda que seu coração possa ser reanimado pela resposta de Filemon, de quem espera não só o que está sendo pedido, mas provavelmente muito mais.

Não é difícil imaginar que Filemon tenha dado boas gargalhadas com a carta de Paulo, chamando-o de “espertinho” ou algo assim, mas tendo atendido à sua solicitação com alegria por estar ajudando o ministério do apóstolo.

Paulo concluiu sua carta dizendo que esperava brevemente poder retornar a Colossos e pedindo, também, que Filemon lhe preparasse um aposento. Ele apresentou, ainda, suas saudações finais não apenas próprias, mas, também, de Epafras (ex-pastor de Colossos), Marcos, Aristarco, Demas e Lucas.

Semana 82 - Salmos de Socorro

Texto: Salmos 3, 4, 13, 25, 28, 44, 54, 55, 60, 61, 71, 86, 120, 123, 126, 140, 141, 142

Estação 40

Salmos 3

Este salmo de Davi foi composto por ocasião de sua fuga de Jerusalém, tendo em vista a rebelião de Absalão, que se proclamou rei de Israel, com grande apoio popular, e marchou contra ele. Davi sentiu que haveria um grande derramamento de sangue se ele permanecesse em seu palácio e tentasse resistir ali, pelo que optou por fugir da cidade, refugiando-se além do Jordão (narrativa em *II Samuel 15*).

Davi, então, escreveu este salmo, que pode ser dividido em 4 partes de dois versículos cada:

Versículos 1 e 2: Davi aqui reclama com Deus que estava crescendo muito o número de seus inimigos, bem como daqueles que diziam que Deus não mais o livraria.

Absalão havia passado quatro anos semeando, junto às pessoas que vinham a Jerusalém para buscar justiça com o rei, que este já não ligava mais para o povo, mas que seria muito diferente se o rei fosse ele. Quando sentiu que havia ganhado o coração da maioria dos israelitas, ele foi para Hebrom e ali se proclamou rei, marchando a seguir contra Jerusalém.

Só quando isso ocorreu é que Davi se conscientizou do que havia ocorrido e quão grande era o dano causado pelo trama armado por seu próprio filho. A quantidade de pessoas que não mais o apoiavam, e que haviam se juntado a Absalão, era muito grande. É exatamente disso que Davi se queixa ao Senhor.

Versículos 3 e 4: Não obstante as circunstâncias, Davi optou por dizer a Deus que continuava a confiar nEle e que Ele era o único escudo que ele precisava. Sua própria glória como rei não provinha dele mesmo, mas de Deus, pelo que cabia a Ele continuar a provê-la. Era exatamente por isso que ele permanecia de cabeça erguida, porque desta forma ele continuava a olhar para cima.

Não obstante os seus inimigos dizerem que Deus não mais o salvaria, ele optou por clamar ao seu Deus em alta voz, não para que Deus o ouvisse, mas para que todos à sua volta soubessem que o Senhor continuava a ser o seu refúgio e que Ele, lá do Seu santo monte, estava sempre pronto a lhe responder.

Versículos 5 e 6: Apesar da condição de fugitivo, na qual se encontrava, Davi demonstra aqui que não precisava perder horas de sono pensando como as coisas haviam chegado àquele ponto, porque ele confiara a Deus a sua defesa. Assim, ele podia dormir, sob o sustento do Senhor. Não obstante o número de pessoas apoiando Absalão exceder as

que ainda apoiavam o rei, e estarem se preparando para eliminá-lo, ainda assim não vemos Davi assustado.

Versículo 7 e 8: Sabendo que o nosso Senhor nos ouve e responde, nada mais natural do que clamar a Ele quando somos atacados, porque certamente Se levantará e vencerá por nós os nossos inimigos. Foi isso que fez Davi, que viu o Senhor derrotando as tropas de Absalão, apesar de sua grande superioridade numérica.

É do Senhor que vem sempre o nosso livramento. É dEle que vêm as bênçãos que são derramadas sobre nós.

Salmos 4

Admite-se que este salmo tenha sido escrito juntamente com o de número 3, que era conhecido como o “Salmo da Manhã”. Este parece ter sido escrito após a vitória, pelo que é tratado com o “Hino da Noite”.

O versículo 1 nos mostra, ainda, Davi pedindo a Deus, como Deus da Justiça, que seu clamor de justiça seja atendido. Que sua oração seja misericordiosamente atendida pelo Senhor, que é o Deus de toda a misericórdia. Seu pedido anterior fora realizado pela manhã e ele aguarda pela resposta, já no final do dia.

Nos versículos 2 a 5 ele se dirige, hipoteticamente, a um dos poderosos que outrora apoiava o seu governo e agora se tornara seu inimigo e pergunta até quanto estariam tentando ultrajar a sua honra? Por quanto tempo eles acalentariam a ilusão de que poderiam lutar contra Deus e vencer? Até quando eles iriam acreditar em mentiras?

Eles já deveriam ter aprendido que o Senhor ouve a oração dos piedosos e que essa era a sua situação. Em meio à sua ira, não devem dar lugar ao pecado, mas antes refletir no que foi dito acima. Podem ainda se arrepender e oferecer sacrifícios ao Senhor, como Ele os exige.

O versículo 6 nos dá a entender que alguns dos que estavam com o rei estavam receosos com relação ao seu futuro, por perguntarem quem iria fazer com que desfrutassem do bem que o Senhor anteriormente lhes dava? A resposta de Davi é no sentido de que o Senhor faça resplandecer sobre eles o seu rosto, permitindo-lhes ver o que ele já estava vendo.

No versículo 7 o coração de Davi transborda de alegria pela vitória dada a ele pelo Senhor. Apesar da dificuldade do momento, Davi estava certo de que a fidelidade do Senhor lhe permitiria deitar e dormir, pois só o Senhor pode dar segurança.

Salmos 13

Este salmo, ao contrário dos anteriores, não permite associar algum momento da vida de Davi às suas palavras aqui expressas. Vemos, contudo, 3 pares de versículos com declarações bem distintas, que podemos descrever a seguir:

Versículos 1 e 2: Até quando? É a expressão de toda a ansiedade de Davi nos dois primeiros versículos desse salmo. Ele começa se sentindo só e desamparado e querendo saber até quando Deus vai se esquecer dele? De igual forma, gostaríamos que Deus nos respondesse sempre prontamente. Nos angustiamos porque o tempo da resposta divina não é aquele que nós julgamos o mais oportuno e, sim, aquele que Deus sabe ser o ideal. Davi também se queixa, perguntando porque Deus parece estar escondido, mas na realidade está à espera do momento oportuno. Ele gostaria que cessassem as inquietações e a tristeza do seu coração, mas novamente no tempo de Deus ele será curado. Encerrando as perguntas que apresenta, Davi quer saber até quando Deus vai permitir que o inimigo o derrote.

Nos versículos 3 e 4 Davi eleva o seu clamor Àquele que pode prover o seu socorro necessário. Ele é convocado a responder e iluminar os seus olhos, não permitindo que ele durma o sono da morte, que seus inimigos digam que o venceram ou festejem o seu fracasso.

Finalmente, nos versículos 5 e 6, Davi canta a sua fé, por confiar no amor de Deus, por exultar na grande salvação que recebera e pelo bem que Deus lhe tem feito.

Salmos 25

Este salmo de Davi é o primeiro no qual ele usa a forma de acróstico com cada um dos 22 versículos sendo iniciados com as 22 letras de alfabeto hebraico. De acordo com Spurgeon, ele parece fazê-lo para facilitar a memorização (/1/, pág. 504). Davi parece estar se referindo a uma época de sua velhice, na qual se lembra de seus pecados da juventude e as consequências que estes tiveram em sua vida. Indubitavelmente ele fala do evento no qual seu próprio filho Absalão tentou tomar o seu trono, como uma dessas consequências.

Ele intercala orações feitas ao Altíssimo, com meditações relativas às consequências de seus atos (/1/, pág. 504) e podem ser resumidas como a seguir:

Oração dos versículos 1 a 7 → aqui Davi menciona o fato de que ele infelizmente havia pecado contra o Senhor na sua juventude e que isso tivera consequências, mas que, assim mesmo, o servo do Senhor reconhece que mesmo nestes momentos vale a pena voltar-se para o Senhor, expressando nEle a sua confiança. A consequência poderia até ser a derrota numa batalha, mas o Senhor não permitiria a sua humilhação.

Os que esperam no Senhor nunca se decepcionam, motivo pelo qual vale a pena pedir a Ele que lhe mostre os Seus caminhos, guiando-o na verdade, visto que Ele é o Deus

Salvador no qual espera. Por esse motivo ele pede ao Senhor que exerça para com Seu servo a Sua compaixão e a Sua misericórdia.

Meditação dos versículos 8 a 10 → nestes 3 versículos Davi interrompe a sua oração para se lembrar dos atributos do Deus a Quem acabara de elevar sua prece. Ele é bom e justo, além de mostrar todo o Seu amor e a Sua fidelidade para com aqueles que se humilham diante dEle e buscam andar de acordo com os preceitos de Sua aliança, mesmo tendo errado.

Oração do versículo 11 → o reconhecimento do pecado, por maior que seja, e o arrependimento levam à confissão do mesmo, que o Senhor perdoa por amor do Seu Nome. É muito impressionante como funciona a graça de Deus. Agradou a Ele fazer com que os nossos pecados recaíssem sobre Seu filho (*Isaías 53.10*), para que nós, miseráveis pecadores que somos, pudéssemos encontrar o perdão, mediante o reconhecimento e a confissão de nossos pecados.

Meditação dos versículos 12 a 15 → aquele que teme ao Senhor recebe sempre a instrução relativa ao caminho que deve andar, mesmo que tenha saído desse caminho inadvertidamente. Por isso Deus abençoa tanto a ele como a seus descendentes, revelando a ele Seus segredos e levando-o a conhecer, cada vez melhor, a Sua aliança. Assim, vale a pena manter nEle os nossos olhos, pois Ele revela todas as armadilhas do inimigo.

Oração dos versículos 16 a 22 → nestes versículos finais, Davi reconhece que pecou e que, em consequência desses seus pecados, ele se encontrava aflito, que o número de seus inimigos crescera assustadoramente, contribuindo para a sua angústia. Mesmo assim, mediante o arrependimento e a confissão, ele pede que o Senhor use de misericórdia para com ele, que olhe para sua tribulação e que guarde e livre a sua vida.

Que o Senhor lhe auxilie no seu propósito de andar em integridade e retidão pelo que sua esperança está no Senhor, o libertador de Israel!

Salmos 28

Mais uma vez temos um salmo de Davi no qual não podemos reconhecer o evento de sua vida que o leva a escrevê-lo, nem por isso deixamos de notar a urgência que cerca o seu pedido de abertura para que o Senhor lhe conceda uma audiência urgente para a resolução do seu problema. Isso ocorre nos versículos 1 e 2, onde o Senhor, a sua Rocha, está indiferente num momento em que há, inclusive, risco de vida, motivo pelo qual ele clama por socorro, de mãos estendidas para o Trono.

Nos versículos 3 a 5 ele descreve, para o Senhor, os seus inimigos, com os quais não quer nenhum envolvimento, por serem ímpios e malfetores, que abrigam maldade em seus corações.

Ele aproveita e pede que recebam como retribuição pelas suas más obras um castigo compatível com os mesmos, pois não consideram os feitos do Senhor.

O Senhor sempre atende ao clamor dos aflitos que nEle se refugiam. Por isso mesmo, os versículos 6 a 8 contêm o louvor do salmista, pelo fato do Senhor ter atendido as suas súplicas. A força do Senhor, agindo como escudo daquele que nEle confia, é motivo do cântico de ação de graças de Davi. É Ele que salva o Seu ungido.

Davi encerra com uma súplica para que Deus abençoe e conduza a Sua herança.

Salmos 44

Trata-se de um salmo sem autor definido e escrito numa época difícil de precisar. O seu autor começa louvando a Deus por Seus grandes feitos, narrados pelos seus antepassados. Ele reconhece a conquista da Terra Prometida, que se deu, não porque eles eram um povo guerreiro, mas porque o Senhor era com eles (versículos 1 a 3).

O próprio salmista parece ter vivido também essa experiência, motivo pelo qual ele repete, nos versículos 4 a 8, que foi o Senhor que decretou as vitórias de Jacó, pelo que não é na sua própria espada que o salmista se gloria e, sim, no Deus que concedeu todas aquelas vitórias.

De repente a situação se inverte e o salmista parece se encontrar no exílio, dando a entender que talvez ele seja um contemporâneo de Daniel. Ele passa a reconhecer que o Senhor já não sai com eles à batalha; que foram batidos pelo inimigo e que o Senhor os havia envergonhado diante de seus vizinhos, fazendo com que fossem dispersados entre as nações. Essa narrativa se estende até o versículo 16.

Se os versículos 9 a 16 pareciam nos apontar na direção de Babilônia, o texto abrangido pelos versículos 17 a 22 nos deixa novamente em dúvida, porque tanto o exílio assírio do Reino do Norte, como o babilônico de Judá, se deram devido ao pecado do povo. Aqui, contudo, o salmista não está entendendo o motivo do seu sofrimento, porque ele declara não ter traído a aliança, não se ter desviado das veredas do Senhor, não ter esquecido o nome do Seu Deus e não ter estendido as mãos a outro deus.

Quando chegamos ao versículo 22, reconhecemos imediatamente o texto porque Paulo o cita em *Romanos 8.36*, não como uma lamentação por derrota, mas curiosamente no meio do seu cântico de vitória. Assim, passamos a enxergar o salmo agora como uma profecia da Igreja neo-testamentária.

Desta forma, poderíamos imaginar os versículos 23 a 26 como a prece de um irmão fervoroso feita numa reunião de oração, onde clamamos denunciando o mundo à nossa volta se regozijando por uma aparente vitória do inferno, enquanto nós ansiamos pela volta de Cristo para implantar novo céu e nova terra.

Salmos 54

Este salmo de Davi foi escrito quando ele, fugindo de Saul, se refugiou no deserto de Zife, que fica uns 50km ao sul de Jerusalém. Ali ele achava que estava seguro, mas foi traído pelos homens do local, que foram até Jerusalém e denunciaram a Saul a sua presença entre eles. Saul saiu de Jerusalém com 3.000 soldados e mais uma vez o Senhor o entregou nas mãos de Davi, que se recusou, novamente, a matá-lo por ser o Escolhido do Senhor.

Nos versículos 1 a 3, Davi clama ao Senhor pedindo que o defenda pelo Seu poder e que ouça sua oração, porque os estranhos do local onde ele se encontra (em Zife) queriam matá-lo.

O desfecho desse caso foi uma vitória moral de Davi, poupando a vida de Saul, com este voltando para Jerusalém depois de ameaçar a vida de Davi pela última vez. Certamente Deus foi o seu auxílio, colocando todos os soldados de Saul em profundo sono, enquanto Davi pegava a lança e a jarra de água que estavam juntos à sua cabeça.

Davi pede a Deus que recaia a maldade dos zifeus sobre a sua cabeça, enquanto ele se decide a oferecer um sacrifício voluntário pelo livramento que Deus lhe deu.

Ele encerra o salmo dizendo que Deus o havia livrado de toda a sua angústia, permitindo, inclusive, que visse a de seus inimigos.

Salmos 55

O evento da vida de Davi que parece ser mencionado aqui nos versículos 12 a 14 e 20 a 21 é a traição do seu conselheiro, Aitofel, que se alinhou com Absalão quando este se proclamou rei e atacou Jerusalém (*II Samuel 15.30-31*). Nesta ocasião Davi pediu a Deus que o livrasse dos sábios conselhos de Aitofel, no que foi atendido, motivo pelo qual Absalão foi derrotado.

Nos versículos 1 a 8 Davi coloca a sua súplica por livramento diante de Deus, confessando o seu atordoamento causado por seus próprios pensamentos, mas que é agravado pela agitação à sua volta, com o ódio dos seus adversários fervilhando, causando-lhe pavor. Seu desejo é que Deus providencie um lugar no qual ele possa se refugiar da tempestade que está começando!

Nos versículos 9 a 11 Davi observa o crescimento da impiedade na cidade, provavelmente Jerusalém, nos momentos que antecedem a sua fuga, quando ele observou que muitos dos seus súditos estavam se voltando contra ele, tomando o lado de Absalão. Há sempre aqueles que aproveitam as situações difíceis para promover atos de vandalismo. Aparentemente é isso que impera nas ruas de Jerusalém, enquanto Davi está se preparando para deixar a cidade.

No caso específico de Davi com Aitofel, Deus usou o seu outro conselheiro Husai, que a pedido de Davi fingiu apoiar também Absalão, para transtornar o bom conselho de Aitofel. Absalão preferiu dar ouvidos ao conselho de Husai, que permitiu a Davi se preparar para a guerra contra Absalão.

Vemos, por outro lado, o cunho profético dos versículos 12 a 14, onde temos Jesus lamentando a traição de Judas, entregando-O ao Sumo Sacerdote por 30 moedas de prata.

No versículo 15 Davi clama pela morte dos seus inimigos, pelo fato do mal ter encontrado guarida em suas vidas. É interessante que ambos, Aitofel e Judas, tiveram a mesma morte suicida, por enforcamento.

Nos versículos 16 a 19 Davi deixa claro que seu clamor tem salvação, seu choro tem resposta e ele sai ileso da batalha porque o seu Deus reina por toda a eternidade, ouvindo os que são Seus e castigando os que não O temem.

Nos versículos 20 e 21 ele volta a alertar para pessoas como Aitofel e Judas, que rompem seus acordos, se fingindo de amigos através de suas palavras, mas armando ciladas por trás.

Davi encerra este salmo lembrando que podemos entregar nossas preocupações ao Senhor porque Ele não permite que o justo caia. Por outro lado, Ele destruirá os ímpios diante daqueles que nEle confiam.

Salmos 60

Este é mais um salmo de Davi, no qual ele se lembra da situação calamitosa, na qual se encontrava Israel quando ele começou a reinar. O reinado de Saul terminara com uma grande derrota para os filisteus, com Saul e seus filhos mortos devido à forma como ele desagradara a Deus. Fica claro para Davi, nos versículos 1 a 3, que isso partira do Senhor e que a única forma de corrigi-lo era pelo reconhecimento e a confissão de pecados.

Nos versículos 4 e 5 ele reconhece, contudo, que mesmo nesses casos, o Senhor sempre havia provido para que os Seus servos fiéis tivessem livramento. Confiando nessa mesma misericórdia para com ele, Davi pede que o povo seja salvo e liberto, sob a sua mão, tomando por base o seu amor pelo Senhor.

Sabemos que Davi reinou em Hebrom por 7 anos e meio, sobre Judá somente, porque Isbosete, filho de Saul, fora colocado sobre todas as demais tribos. Nos versículos 6 e 7, o Senhor responde, contudo, dizendo a Davi que Siquém, Sucote, Gileade, Manassés e Efraim, assim como Judá, brevemente estariam sob seu comando. No versículo 8 o Senhor promete a Davi que o Seu próprio domínio abrange também a Moabe, Edom e a Filistia, pelo que Davi também os conquistaria.

A resposta do Senhor mostra a Sua total disposição de andar com Davi, tanto no seu domínio sobre todo o Israel, como também sobre os países inimigos que haviam escapado ao governo de Saul.

Nos versículos 9 a 12 Davi deixa claro para o Senhor que ele só pode fazer alguma coisa coisa se Deus estiver com ele. Ele não poderia derrotar Edom se Deus não fosse junto. O próprio Deus havia deixado de andar com os exércitos de Israel, pelo que foram derrotados. Lutar contra quem quer que seja, sem o socorro do Senhor, era inútil, mas com Deus pisoteando os seus adversários a vitória estava assegurada.

Salmos 61

Mais uma vez trata-se de um salmo de Davi, onde o acontecimento que o motivou não está claro. Spurgeon (12/, pág. 76) sugere que se trata, novamente, de um lamento no momento em que Davi está fora de Jerusalém (confins da terra?) depois de ter fugido de Jerusalém. Como esse evento se deu com o rei já em idade avançada, fica um tanto difícil compatibilizá-lo com o pedido do versículo 6.

A mim me parece que Davi acabara de assumir o trono em Hebron, vindo do sul de Judá (confins da terra de Israel) e clama a Deus se consagrando a Ele e pedindo, primeiro que ele seja posto a salvo na rocha que é mais alta do que ele. Muitas vezes Davi disse que o Senhor era a sua rocha, pelo que fica fácil de entender que é disso que Davi está falando. Ele tinha sido o seu refúgio e defesa contra o inimigo. Assim sendo, o seu desejo é que tudo continue assim.

Ele, Deus, atentara, até então, aos seus votos e tinha recompensado o seu temor pelo Altíssimo. Por isso, animado por esta fidelidade, ele pede a Ele que prolongue a sua vida por muitas gerações e que ele, em seu trono, permaneça fiel diante dele, para que ele também possa contar com a fidelidade dEle.

Concluindo, ele promete cantar louvores ao Senhor, como cumprimento dos votos que estava fazendo.

Salmos 71

O capítulo 71 contém um salmo de autor desconhecido, mas que muitos atribuem a Davi como uma continuação do salmo 70. Spurgeon contesta isso (12/, pág. 278), possivelmente com base no versículo 3, que parece indicar que o salmista está preso de alguma forma, sem que haja qualquer registro de prisão de Davi, de natureza alguma. Assim sendo, consideraremos aqui que o autor é uma pessoa efetivamente desconhecida, de época desconhecida, podendo, inclusive, estar no exílio do cativo babilônico.

Nos primeiros 4 versículos ele clama ao Senhor buscando refúgio em meio à humilhação. Aparentemente se encontra preso, mas pede que o Senhor, sua rocha e fortaleza, o livre das mãos dos ímpios.

Os versículos 5 a 8 o autor testemunha o fato de que o Senhor tem sido a sua confiança desde a juventude. Que vive na dependência dEle desde o ventre materno. Que a sua vida é um exemplo do refúgio que Deus lhe deu, motivo pelo qual o Seu louvor estaria sempre presente em sua boca.

Os 5 versículos seguintes contêm a oração de súplica do autor, para que o Senhor não o abandone em sua velhice, pois isso representaria a vitória de seus inimigos, que dizem que seu Deus o havia desamparado. Que o Senhor se aproxime, apressando-se em ajudá-lo e que pereçam envergonhados e humilhados os seus acusadores.

Enquanto espera pelo Senhor, o salmista Lhe promete que manterá tanto a sua esperança como o louvor a Ele, falando de Sua justiça e dos Seus atos poderosos (versículos 14 a 17).

No versículo 18 ele repete seu pedido, orando para que o Senhor não o abandone agora que está velho, para que ele possa dar testemunho às gerações futuras.

Os versículos 19 a 21 expressam a certeza do salmista de que, o Deus que tem feito grandes coisas restaurará a sua vida, tornando-o mais honrado que antes, consolando-o pelas duras tribulações a que foi submetido.

Finalmente, ele encerra o salmo com 3 versículos prometendo louvar a Deus por Sua fidelidade, louvando-O pela redenção concedida e falando dos Seus atos de justiça.

Salmos 86

Trata-se de uma oração de Davi, no qual não faz qualquer referência a algum evento específico, mas na qual declara o seu desejo de que o Senhor esteja continuamente perto. Isso é expresso de diversas formas nos versículos 1 a 7, onde pede que Deus incline para ele Seus ouvidos, que guarde sua vida, que tenha dele misericórdia, que alegre o seu coração com Sua bondade e perdão e que atente para a sua súplica.

Nos versículos 8 a 10 ele interrompe sua súplica para reconhecer a grandeza incomparável do Senhor, a Quem virão louvar todas as nações devido aos Seus maravilhosos feitos.

No versículo 11 ele retoma a sua súplica, curiosamente pedindo ao Senhor que o ensine a permanecer fiel, andando sempre em Suas veredas e temendo sempre o Seu Nome. Juntamente com esse pedido, ele promete continuar a louvar ao Senhor, glorificando-O para sempre pelo Seu grande amor demonstrado a ele, livrando-o da morte.

No versículo 14 ele lembra a Deus que seus inimigos o estão atacando, querendo tirá-lo a vida, mas agradece Sua compaixão e misericórdia, pelo que pede a Ele que a preserve (versículos 15 e 16).

Finalmente ele encerra pedindo a Deus que lhe dê um sinal de Sua bondade, que o console e envergonhe os seus inimigos (versículo 17).

Salmos 120

Este salmo de Davi não deixa claro em que evento de sua vida está pensando ao fazer queixa de um inimigo que o traiu, mas alguns, como Spurgeon (*/2/*, pág. 578) dão a ele o título de “Cântico dos Degraus - Davi orou contra Doegue”. Ele estaria, portanto, adentrando o tabernáculo ao cantá-lo.

Doegue, para quem não se lembra, era um servo, edomita, de Saul, que viu Davi em Nob conversando com o Sumo Sacerdote Aimeleque, quando este fugia da perseguição de Saul (*ISamuel 22.7*). Doegue narrou sua versão desse encontro a Saul, que acabou redundando na morte de toda a família de Aimeleque, menos seu caçula (*ISamuel 22.18*), Abiatar, que fugiu para se juntar a Davi.

O salmista havia sido difamado com graves consequências, tanto para si mesmo como para outros. Sua atitude, contudo, foi a única que um servo do Senhor pode tomar, qual seja: clamar a Ele e entregar o caso em Suas mãos (versículos 1 e 2).

Tendo feito isso, ele se dirige ao seu acusador e pergunta que tipo de castigo ele acha que receberá do Senhor (versículo 3). Ele responde à sua própria pergunta, dizendo que será atingido pelas setas do Senhor.

O versículo 5 parece confirmar a época em que Davi vivia como fugitivo de cidade em cidade. No caso Meseque e Quedar são dois povos nômades que estavam sempre em guerra. Ele se queixa, ainda, que era contra a sua natureza viver entre os que promovem a guerra em todo tempo, ou seja, um homem de paz. Infelizmente, por mais que falasse de paz, seus adversários só queriam a guerra.

Salmos 123

Este é o quarto cântico dos degraus, ou seja, se estivermos adentrando o templo, chegamos ao quarto degrau. Começamos clamando ao Senhor (*Salmos 120.1*), depois elevamos os nossos olhos para os montes (*Salmos 121.1*) e vemos que não é deles que vem o nosso socorro. Nos alegramos, então, quando nos disseram que íamos à casa do Senhor (*Salmos 122.1*) e agora acertamos ao levantar os olhos para o Senhor, que ocupa o trono celestial (versículo 1).

É totalmente dEle a nossa dependência. Os servos dependem do seu senhor e as servas de sua senhora; portanto nós, como servos do Deus Altíssimo, dependemos dEle e de Sua misericórdia para vivermos vidas plenas (versículo 2).

Em seus tempos de dificuldade e desprezo, tudo que ocorre a Davi pedir a Deus é por misericórdia. É Ele que o há de livrar da zombaria e do orgulho dos arrogantes.

Salmos 126

Intuitivamente, os primeiros 3 versículos desse salmo se referem ao retorno do cativeiro babilônico e alguns comentaristas como Champlin (/19/, pág. 2468) efetivamente pensam assim, mas há outros como Spurgeon (/2/, pág. 656), que discordam. As dificuldades estariam na complexidade do hebraico, mas pessoalmente me parece pouco provável que a referência não seja ao cativeiro de Judá em Babilônia.

Não é difícil imaginar que os cativos tenham se sentido como quem sonha ao adentrarem os muros, mesmo arrasados, de Jerusalém. Suas bocas eram só risos e os cantos afloravam em seus lábios. Ninguém esperava que pudessem voltar, mas todos reconheciam que fora um milagre realizado pelo Senhor. Ele havia feito grandes coisas por eles e por isso estavam alegres.

Há alguma dificuldade, também, para saber se a continuidade do texto é uma oração desses que retornaram, para que Deus continue a operar no meio deles, ou se se trata de outra época e outra dificuldade, na qual primeiro se lembraram do grande livramento que Deus concedera no passado, para agora pedir que Ele realize outro milagre do mesmo gênero.

Seja como for, a grande restauração por ocasião do retorno de Babilônia era motivo suficiente para que o mesmo Deus fosse repetir o Seu feito. O Deus que podia mandar chuva suficiente para encher o leito de rios no deserto, poderia fazê-lo.

Os que semeiam com dificuldades, mas confiam nEle para fazê-lo, estão certos de que colherão com alegria o produto que nasceu graças à semente lançada.

Salmos 140

Este é mais um salmo de Davi, onde novamente parece difícil definir a época da vida dele à qual se aplica. Spurgeon (/3/, pág. 933) acha certo que se refira ao evento ligado a Saul e Doegue, que já foi aplicado também ao Salmo 120, acima. Já Kidner (/6/, pág. 475) e Champlin (/19/, pág. 2498), não encontram qualquer aplicação específica.

Davi tem inimigos que são maus e violentos, pelo que ele começa pedindo a proteção do Senhor, livrando-o tanto dos seus planos perversos como da difamação que fazem dele (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 7 ele pede que o Senhor o proteja para que não tropece ou caia em suas armadilhas. Ele pede ainda que Deus ouça a Sua suplica e que o proteja no dia da batalha.

Nos versículos 8 a 11, por outro lado, ele pede ao Senhor que não permita que os planos dos ímpios se concretizem, que a sua maldade recaia sobre eles mesmos, que sejam lançados em covas de onde não saiam, que os difamadores não tenham sucesso e que os violentos sejam mortos.

Encerrando, ele expressa a sua confiança de que o Senhor defenderá os pobres e necessitados e que os justos darão graças, enquanto os homens íntegros viverão na sua presença.

Salmos 141

Já vimos que esses salmos de lamentação têm uma forma geral de apresentação, na qual o salmista começa clamando ao Senhor para ser ouvido, depois ele descreve os seus inimigos, para a seguir descrever as suas ofensas e são finalizados com um agradecimento por ter sido ouvido, ou pela certeza de que o Senhor vai fazê-lo em breve.

Este salmo começa seguindo o padrão geral, pelo que os versículos 1 e 2 trazem o clamor de Davi por socorro. Logo a seguir, contudo, surge uma variante no formato padrão, porque o salmista passa a pedir ao Senhor por si mesmo, no sentido de que seus lábios ou seu coração não caiam em golpes de pessoas ímpias, que tentam ganhar o seu apoio para seus atos iníquos (versículo 4).

Todos sabemos que os ímpios estão sempre armando situações lucrativas, que parecem lícitas mas não são, e não poucas pessoas honestas aderem aos mesmos. Estas, quando percebem o ilícito no qual se meteram, tanto podem parar imediatamente, como podem ceder à tentação de continuar a praticá-los por serem tão vantajosos. Davi parece estar pedindo a Deus que o livre desses ímpios, para que sequer seja sujeito a essa segunda tentação.

No versículo 5 ele autoriza um justo, que perceba que está indo por esse caminho, que o fira (por amor), repreendendo-o para que ele veja o engodo no qual está caindo. O que ele não quer, de modo algum, é acabar sócio de um ímpio na sua iniquidade.

O versículo 6 é outro de difícil compreensão, levando a várias interpretações distintas dos teólogos. A tradução NVI parece dizer que estes iníquos, quando apanhados e julgados pelo Senhor, teriam grande prazer em apontar Davi como testemunha de defesa, por ser sócio deles.

O versículo 7 é igualmente difícil de compreender e certamente está associado ao significado correto do versículo 6. Imaginando que seja esse que foi dado, podemos ter certeza que isso é o que Davi não quer. Assim, o versículo 7 deve dizer isso de alguma forma.

Isso fica claro nos versículos 8 e 9 onde o salmista diz que seus olhos estão fixos no Senhor para que Este não permita que ele siga esse caminho de morte, mas que antes o guarde das armadilhas que lhe são preparadas.

Finalmente, ele pede que Deus conceda que os ímpios caiam em suas próprias armadilhas, enquanto o salmista escape ileso.

Salmos 142

O título desse salmo parece associá-lo ao 57, que foi escrito considerando uma ocorrência do salmista enquanto estava em uma caverna fugindo de Saul. Assim sendo, ele pode estar na caverna de Adulão (*ISamuel 22.1*), para onde fugiram também seus pais e irmãos para não serem objeto da vingança de Saul.

Nos versículos 1 e 2 ele eleva a sua voz ao Senhor pedindo misericórdia e falando de sua angústia.

No versículo 3 ele informa que seus inimigos esconderam uma armadilha contra ele, que lhe tem causado desânimo, mas ele sabe que o Senhor é quem traça os seus caminhos.

No versículo 4, mais uma vez ele reconhece que não há ajuda fora do Senhor. Ele olha para a sua direita, onde outrora havia amigos, e constata que ninguém o apoia. Ninguém sequer se importa se ele vive ou morre.

Constatado que fora do apoio do Senhor simplesmente não há refúgio para ele, Davi volta a clamar ao Senhor, reconhecendo que Deus é tudo que ele tem na terra dos viventes.

É exatamente neste ponto que chegou onde Deus queria, ou seja, reconhecendo que só Ele pode livrá-lo daqueles que o perseguem e que são mais fortes do que ele. Neste ponto Deus está pronto a libertá-lo dessa prisão de seus perseguidores.

Tendo compreendido isso, Davi rende graças ao Nome do Senhor e os demais justos se reúnem à sua volta, vendo a grande bondade do Senhor para com ele.

Semana 83 - A História de Jesus Segundo Mateus - 1

Texto: Mateus 3 a 14

Estação 41

Nota: Os capítulos 1 e 2 de Mateus já foram lidos e estudados na Semana 51, que está apresentada no volume 4 do presente estudo.

Mateus 3

O capítulo 2 havia terminado com a informação de que José havia retornado do Egito para Israel, mas que tinha ido para Nazaré, por receio de Arquelau, filho de Herodes, o Grande, que governava a Judéia.

“Naqueles dias” obviamente não era quando do regresso do Egito, porque já se haviam passado cerca de 25 anos desde a chegada de Jesus a Nazaré. Naqueles dias, portanto, diz respeito ao final do período de Jesus em Nazaré, quando João Batista iniciou o seu ministério, cuja mensagem era de arrependimento e marcava a proximidade da chegada do Reino de Deus.

O texto de *Isaías 40.3* e versículos seguintes, fala do preparo do caminho pelo deserto para o retorno dos exilados judeus que estavam em Babilônia, mas Mateus viu aqui uma profecia paralela, referente à vinda de João Batista para preparar a vinda de Jesus Cristo.

No versículo 4 ele descreve tanto as vestimentas como os alimentos habituais ingeridos por João Batista, que eram ambos pouco usuais para a época. Sua atenção, contudo, não era chamar a atenção do leitor para a “esquisitice” de João Batista e, sim, para o fato de que ele era o Elias que havia de vir, previsto em *Malaquias 4.5*. Essa associação se faz através de *II Reis 1.8*, onde se vê que Elias vestia roupas de pelos com um cinto de couro.

O sucesso do ministério de João Batista é atestado nos versículos 5 e 6, onde Mateus nos informa que vinha gente de toda a Judeia para confessar seus pecados e aceitar o batismo do arrependimento.

Infelizmente, ele também despertou o interesse dos fariseus e saduceus, mas pelos motivos errados, quais sejam a inveja e a ira, respectivamente. A estes ele chamou de “raça de víboras” e advertiu no sentido de se arrependerem e passarem a produzir frutos correspondentes.

Nos versículos 9 a 12 João continuou a advertir esses mesmos dois grupos pela sua hipocrisia. Eles se diziam filhos de Abraão, mas João disse a eles que seus frutos são inconsistentes com aqueles que produzia seu pai. Além disso, por enquanto ele estava

ali batizando com água, mas Aquele que vinha a seguir os batizaria com o Espírito Santo e com fogo, pelo que os hipócritas não poderiam resistir perto dele.

No texto de Mateus, esse é o momento em que o próprio Jesus aparece no Jordão para ser batizado por João. Ao reconhecê-lo, João falou para Jesus que aquilo não fazia sentido e que era ele que deveria ser batizado por Jesus. Jesus, contudo, pediu que ele fizesse conforme solicitado, porque era necessário que Ele cumprisse toda a justiça divina.

Ao sair da água, desceu sobre Jesus o Espírito Santo na forma de uma pomba que pousou sobre Ele, ao mesmo tempo em que se ouviu uma voz do céu que falou ser Jesus o Filho amado do Pai, que tinha nele grande prazer. É muito importante reconhecer a importância do Espírito Santo no ministério do homem Jesus. Foi graças à atuação dEle em Sua vida, que a habitava sem limitações (João 3.34), que Jesus pôde cumprir a incumbência que Lhe fora dada pelo Pai.

Mateus 4

Este capítulo começa com a narração do evento da tentação de Jesus por Satanás. Antes de falar a respeito, contudo, cabe uma pergunta importante. Tiago nos informa que:

Quando alguém for tentado, jamais deverá dizer: "Estou sendo tentado por Deus". Pois Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta (Tiago 1.13).

Pois bem, se Deus não pode ser tentado pelo mal, como é que Jesus, que é Deus, pôde ser tentado por Satanás? A resposta a essa pergunta é muito importante e muda completamente a maneira como olhamos para essa vitória de Jesus. Ela se encontra em *Filipenses 2.5-8*:

Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens. E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!

Este texto nos informa do esvaziamento da divindade do Unigênito Filho de Deus. Isso significa que, “embora sendo Deus”, Ele não agiu aqui como Deus hora nenhuma, ou seja, a Sua divindade esteve inoperante até o dia da ressurreição (*Hebreus 1.4-6*). Só por esse motivo é que Ele foi tentado. Assim, Ele o foi como homem e não como Deus, da mesma forma como todos os Seus milagres, também foram realizados pelo poder do Espírito Santo de Deus e não pelo homem Jesus (*João 14.10*).

Tendo dito isso, vemos agora no versículo 1, que é chegada a hora do início do ministério de Jesus como Messias, pelo que Ele tem o Seu primeiro confronto direto com o inimigo,

que vai combatê-lo duramente durante os anos seguintes. Para tanto, Ele tem um período de preparo de 40 dias de jejum, findos os quais teve fome. A primeira coisa que fica clara aqui é que sem oração não há vitória sobre Satanás.

Quando Satanás finalmente se aproxima dEle, ele O tenta de uma maneira estranha. Que pecado haveria em transformar pedras em pão? Claro que nenhum! Por que, então, Jesus não o fez, para mostrar logo a Satanás com Quem ele estava lidando? A resposta é dada pelo mesmo texto de *Filipenses* lido acima. Se a intenção de Deus era que Jesus vencesse o pecado e fosse para a cruz como substituto qualificado em nosso lugar, Jesus não poderia fazê-lo na condição de Deus, motivo pelo qual tampouco poderia agir como Deus. Isso quebraria a premissa do “esvaziamento” e O desqualificaria como nosso substituto. Satanás sabia exatamente o que estava fazendo. A resposta de Jesus é maravilhosa: **não é só de pão que o homem vive, mas da obediência a tudo que Deus manda** (*Deuteronômio 8.3b*).

A segunda tentativa de Satanás, sugerindo uma entrada triunfal dando início ao Seu ministério (Jesus saltaria do alto do templo em Jerusalém, como se fosse um suicida, mas Seus anjos garantiriam Sua aterrissagem suave, para a admiração de todos os presentes). Sua nova tentação veio acompanhada de um texto bíblico extraído de *Salmos 91.11-12*.

Cabe ressaltar que Satanás citou apenas parte do versículo, de modo a aplicá-lo apenas da forma que convinha à sua tentação. Novamente, contudo, Jesus entendeu a armadilha de Satanás e disse a ele que se tratava de uma forma de provar a Deus, pelo que citou *Deuteronômio 6.16*, que proíbe exatamente isso.

Em sua terceira tentativa, Satanás levou Jesus até um alto monte, de onde podia ver todos os reinos do mundo e depois disse a Ele que tudo aquilo Lhe seria dado se, prostrado, o adorasse. Mais uma vez Jesus respondeu usando as Escrituras em *Deuteronômio 6.13*. É somente a Deus que se deve adorar.

Como suas tentativas haviam falhado, Satanás encerrou sua tentação naquele momento e Jesus voltou para a Galiléia, onde se estabeleceu em Cafarnaum, na região de Zebulom e Naftali (versículos 11 a 13). Neste ponto Mateus se lembra da profecia que se encontra em *Isaías 9.1-7* e que registra nos versículos 14 a 16.

O versículo 17 contém o registro oficial do ministério de Jesus pregando na Galileia, onde chama os seus primeiros 4 discípulos nos versículos 18 a 22. Suas pregações e curas começaram a despertar grande interesse, que se espalhou não apenas por toda a Judéia, mas também pela Síria, sendo-Lhe trazidos muitos enfermos para que os curasse.

Mateus 5

A forma como Mateus inicia este capítulo mostra, claramente, que se trata de uma continuação do capítulo anterior, mas não obstante esse fato, ainda assim, a maioria dos

comentaristas acham que o famoso “Sermão do Monte” que se segue não é, na realidade, um sermão único e, sim, um resumo de palavras ditas por Jesus em ocasiões distintas de Seu ministério. É possível que isso seja verdade, mas é mencionado aqui só para constar, porque o importante para nós é o conteúdo do que foi dito e não onde e quando foi dito.

Como conteúdo global, podemos dizer que as “bem-aventuranças”, pronunciadas por Jesus, podem ser um resumo do comportamento que se espera daqueles que optaram por seguir a Deus, obedecendo aos ensinamentos de Jesus. Por outro lado, retratam, também, as bênçãos que Ele começou a derramar nas vidas daqueles a quem concedeu a vida eterna (152/, pág. 48). Neste mesmo sermão (*Mateus 7.20*), Jesus diz aos Seus ouvintes que os frutos revelam a identidade das pessoas com quem estamos lidando. Isso significa que o “crente” pode ser identificado pela presença dessas “bênçãos” em sua vida, na medida em que a ausência das mesmas, igualmente, revela um não crente.

Os pobres em espírito são bem-aventurados porque reconhecem sua incapacidade de realizar qualquer coisa no Reino por si mesmos. Esses são aqueles que Deus capacita para a realização de grandes feitos (versículo 3).

Os que choram são aqueles que se entristecem, como o próprio Deus, com o estado de pecado vigente, pelo que são consolados pela presença de Deus em suas vidas (versículo 4).

Os humildes desta bem-aventurança são os mesmos citados em *Salmos 37.11*, que descreve aqueles que, mesmo tendo sido injustiçados, mantêm a sua mansidão e deixam que Deus lide com o assunto. A esses é prometida a terra por herança (versículo 5).

Esses são os mesmos que receberão a coroa da justiça, mencionada por Paulo em *1 Timóteo 4.8*. Eles amam a vinda do Senhor, porque querem ver a justiça do Seu reino implantada aqui e ficarão plenamente satisfeitos quando isso ocorrer (versículo 6).

A misericórdia é o atributo divino que O levou à encarnação e ao ato de substituição do homem, tomando sobre Si o nosso castigo, devido em função dos nossos pecados. Aqueles que reconhecem isso são os mesmos a quem Deus concede esse sentimento para com os outros. Quanto mais o praticam, mais misericordiosos se tornam (versículo 7).

Ao descrever a Nova Aliança em *Ezequiel 36.26-28*, o profeta diz que nela Deus concederia um coração novo. Este é o coração puro, ao qual Mateus se refere. Os que o têm certamente verão a Deus (versículo 8).

Aqueles que têm paz com Deus e conhecem, portanto, a verdadeira paz, são os mesmos que buscam a paz para todos. Estes são os mesmos que se tornaram filhos de Deus por adoção (*João 1.12*).

Paulo disse a Timóteo que todos os que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos (*II Timóteo 3.12*). Essa perseguição é vista ostensivamente nos dias de hoje, a todos que defendem os valores do Reino ao qual pertencem pela graça, mediante a fé nEle (versículo 10).

Os versículos 11 e 12 preveem que serão insultados, perseguidos e difamados os que seguem a Jesus. As trevas do mundo se sentem acuadas e respondem dessa maneira. Sempre que isso ocorrer, fica óbvio que o crente está no caminho certo, porque está ocorrendo com ele o mesmo que ocorreu com os profetas bíblicos, pelo que deve se alegrar e regozijar, sabendo que sua recompensa por isso será nos céus.

Nos versículos 13 a 16 Jesus falou a respeito dos atributos do crente como sal e luz. Ele deve dar sabor à vida, da mesma forma como a preserva. Deve iluminar as trevas à sua volta, de modo que aqueles que estão à sua volta possam ver a Deus através dele e glorificá-LO por isso.

Jesus declara várias vezes, em versículos adiante, que a interpretação da lei é incompatível com a intenção da mesma. Para que não haja, contudo, qualquer interpretação equivocada sobre o que Ele está dizendo, Ele deixa claro, nos versículos 17 a 20, que de forma alguma veio abolir a Lei, mas, sim, cumpri-la. Isso os leva a viver vidas justas e não hipócritas como os fariseus e mestres da Lei.

Nos versículos 21 a 26 o discurso de Jesus fala do que foi dito aos antepassados, ou seja, a forma como era interpretada a Lei no tocante a matar, para a seguir reinterpretá-la. Ele não está, portanto, negando a lei e, sim, mostrando a sua abrangência. É possível matar tanto fisicamente, como fazê-lo no coração. A consequência final é a morte, em ambos os casos, mas Ele deixa claro que há outras consequências, ainda, que podem ser evitadas pela guarda da lei.

Nos versículos 27 a 30, Jesus traz um ensinamento similar em relação ao adultério. De igual forma é possível cometer o ato fisicamente, mas o fato de fazê-lo no coração já deixa o homem culpado do mesmo crime. Assim sendo, ele deve evitar tudo aquilo que o contamina. Neste contexto, é claro que arrancar o olho e cortar a mão direita não são literais e, sim, exemplos de como devemos evitar “radicalmente” entreter os pensamentos que levem ao adultério do coração.

Havia, à época de Jesus, como aliás igualmente em nossos dias, uma discussão sobre motivos pelos quais o homem poderia pedir divórcio de sua mulher. A lei dizia apenas que isso poderia ser feito se o homem encontrasse coisa reprovável na mulher (*Deuteronômio 24.1*). A discussão girava em conta do significado da palavra “reprovável”. Será que queimar o feijão era reprovável ou era necessário um motivo mais “palpável”. Mais uma vez Jesus não redefine a lei, mas se limita a dizer que o adultério, quando deixa de haver “uma só carne”, era a única coisa reprovável. Ele não entra no mérito do que Deus pensa do divórcio (ver *Malaquias 2.16*), mas simplesmente interpreta a Lei (versículos 31 e 32).

Havia uma preocupação muito grande, à época, com relação a juramentos feitos diante de Deus, tendo em vista a legislação definida em *Levítico 19.12*. Evitava-se usar o nome de Deus, fazendo-se o juramento “em outros nomes”. Jesus deixa claro aqui que o “espírito da Lei” é não precisar jurar, mas dizer sempre a verdade.

Novamente nos versículos 38 a 42, Jesus não está se opondo à lei do talião, que leva ao “olho por olho e dente por dente”, mas, sim, dizendo que o servo de Deus não se vingava, preferindo antes oferecer a outra face, caminhar a segunda milha, etc.

A Lei mandava amar o próximo (*Levítico 19.18*), mas o “dito popular” deve ter incluído a parte referente a odiar o inimigo. Independente disso, contudo, Jesus deixa claro que o servo do Deus Altíssimo age, com relação aos seus inimigos, da mesma forma que o Pai, ou seja, ele deve amá-los. Isso, aliás, é condição necessária associada à filiação divina. Deus quer que Seus filhos sejam perfeitos como Ele o é.

Mateus 6

Na continuidade do Sermão do Monte, Jesus fala sobre a necessidade de praticar as “obras de justiça” (referindo-se a obras de caridade) de forma discreta e não como uma forma de promoção pessoal. Ao dizê-lo, Jesus toma como exemplo negativo a hipocrisia dos que faziam isso com grande alarde, nos lugares públicos, para que todos os vissem. Ao contrário, deveria ser feito para que apenas o Pai o soubesse e recompensasse (versículos 1 a 4).

Os versículos 5 a 8 contêm o ensino de Jesus sobre a oração e o perigo que esta seja, igualmente, utilizada apenas para exaltação própria. Para evitar isso, Ele sugere que a oração seja feita em lugar reservado e que seja uma conversa entre a pessoa que ora e Deus a Quem ora. Além disso, deve ser feita sem vãs repetições.

A título de exemplo de como se deve orar, Jesus nos dá a oração conhecida como “Pai Nosso”, que se encontra nos versículos 9 a 13. Comentando sobre o versículo 12 da mesma, nos versículos 14 e 15, Ele fala da impossibilidade de Deus nos perdoar as nossas próprias faltas, se não fizermos o mesmo em relação aos que pecaram contra nós.

Os versículos 16 a 18 trazem novamente um ensino contra a hipocrisia, desta vez associada à aparência de quem jejua. No momento em que a pessoa deixa transparecer, através de sua aparência, que está jejuando, fica claro que intenção de tal jejum não é aproximá-la de Deus e, sim, de promover a sua própria “santidade”. Aquilo que não promove a glória de Deus, mas a nossa, obviamente não vem de Deus, nem será do Seu agrado.

O ensino dos versículos 19 a 24 é riquíssimo para aqueles que julgam importante o acúmulo de riquezas. Devemos acumulá-las sim, mas não aqui e, sim, nos céus, como prova de que os nossos valores são os eternos.

Os olhos são, figuradamente, o lugar por onde entra a luz da vida. Se os olhos forem bons então a pessoa será iluminada pela luz de Deus, tornando-se temente a Ele. Por outro lado a pessoa de olhos ruins é atingida apenas pelas trevas, levando-a a ser ímpia. Em última instância os olhos representam aquilo para o que dirigimos o nosso interesse. Se buscarmos o Reino de Deus e a sua justiça, tudo o mais nos será acrescentado (versículo 33), mas se nossa prioridade for outra permaneceremos nas trevas.

O versículo 24 nos diz que é impossível servir a dois senhores, portanto amar a Deus, servindo a Satanás é impossível. Ocorre, contudo, que o texto coloca o amor ao dinheiro como a contrapartida de servir a Deus, o que mostra o enorme risco de amar o dinheiro. Não é, portanto, que ter dinheiro seja ruim, mas amá-lo é letal, porque é impossível amar a Deus e as coisas do mundo ao mesmo tempo.

De certa forma o ensino continua, porque as coisas do mundo incluem a preocupação quanto ao que vou comer e vestir. Jesus está dizendo, contudo, que essa não deve ser a preocupação de ninguém, porque Deus cuida de nós da mesma forma como nunca desampara as aves do céu. Os argumentos continuam falando da incapacidade do homem de determinar a sua estatura. Resumindo Deus sabe das necessidades do homem e certamente há de cuidar de supri-las. Nossa prioridade deve ser o Seu Reino e Sua justiça, ficando o resto por conta dEle (versículos 25 e 34).

Mateus 7

A habilidade do ser humano de fazer avaliações nas situações que enfrenta é uma das capacitações que Deus lhe deu. Obviamente Jesus não está sugerindo aqui que não mais a usemos. O que Ele está dizendo aqui, sim, é que não devemos avaliar os outros, sem aplicar a nós mesmos um critério de avaliação similar. Quando avaliamos os outros, devemos ser tão indulgentes quanto normalmente o somos conosco mesmos (versículos 1 e 2).

Não é possível que identifiquemos pequenos defeitos dos outros e achar que os nossos próprios, bem maiores, não chamarão a atenção com muito mais razão. A pessoa que assim procede, Jesus a chama de hipócrita (versículos 3 a 5).

O versículo 6 é de difícil interpretação, não pelo grego difícil e, sim, pela lógica do mesmo. Se for um ensino ligado aos hipócritas mencionados acima, então, Jesus estaria dizendo que as coisas preciosas do Reino de Deus, não devem ser dadas a eles, porque seria um desperdício, já que não se interessam por elas. Caso seja um ensino independente (já que o próximo versículo muda de assunto), então, o seu significado não está claro.

Os versículos 7 a 11 nos falam sobre a oração e a fidelidade de Deus em atendê-la. Deve ser ressaltado, contudo, que o texto não diz que Deus atende a todas as orações independente do que pedimos. Mateus deixa claro que Deus concede a Seus filhos “as coisas boas”, que Lhe pedem. O critério para saber o que é bom para nós é, obviamente, dEle.

No versículo 12, Jesus nos ensina a tratar os outros da mesma forma como queremos que nos tratem. Já nos versículos 13 e 14, Ele fala do quanto é estreita a porta que conduz à vida, enquanto é larga a que conduz à perdição. Infelizmente Ele confirma que o número de pessoas que passam pela porta estreita é pequeno.

Nos versículos 15 a 20, Jesus ensina como distinguir um profeta verdadeiro daquele que é falso. Qualquer pessoa que se diz ligada a Deus ou que está a Seu serviço, deverá ter um comportamento à altura, ou seja, deve ter um comportamento do qual Deus Se agrada. Assim sendo, aquele que se diz profeta, mas não tem comportamento condizente com o de uma pessoa temente a Deus, está mentindo.

Jesus deixa claro, nos versículos 21 a 23, que Seus conhecidos são aqueles que praticam a vontade dEle. Não é o fato de profetizarmos, ou realizarmos quaisquer milagres em Seu nome, que faz com que tenhamos uma relação com Ele e, sim, o fato de praticarmos a Sua vontade. Em termos práticos, isso é apenas uma generalização do ensino apresentado nos versículos 15 a 20.

Uma ilustração desse ensino é apresentada nos versículos 24 a 27, onde aquele que obedece à Sua vontade é comparado àquele que constrói a sua casa na rocha, onde permanece firme. Aquele que ouve as palavras de Deus, permanece fiel na pior das tempestades. Já o ímpio é como o tolo que constrói a sua casa na areia, onde não resiste à tempestade.

As pessoas ouviam Jesus com prazer, porque Ele vivia aquilo que pregava. Em consequência disso, as Suas palavras tinham autoridade. Ficavam maravilhadas, porque comparavam-nO com os mestres da Lei e a diferença era óbvia.

Mateus 8

O encantamento das pessoas com Jesus fazia com que, terminado o sermão, ninguém quisesse deixá-IO, antes continuavam a segui-IO. Nessas andanças havia sempre mais um enfermo a curar e os versículos 2 a 4 narram a cura de um leproso. O fato dEle tocar o leproso já causou espanto, mas a lepra sumir a seguir só exacerbou a admiração do povo. A humildade e a obediência à Lei, por parte de Jesus, foram ressaltados ao mandar o ex leproso não fazer alarde, mas que fosse diretamente ao sacerdote para cumprir os requerimentos da Lei.

Os versículos 5 a 13 narram o evento do centurião que pediu a Jesus para curar seu servo. A noção de autoridade dele estava associada ao fato de ter 100 soldados sob seu comando, mas ele reconheceu, em Jesus, uma autoridade muito superior à sua própria, pelo que achava-se indigno de recebê-IO em sua casa. Por outro lado, disse que uma simples palavra de Jesus bastaria para curar seu servo. Jesus aproveitou o incidente, não só para enaltecer essa fé exemplar, mas também para explicar que o Reino dos céus receberia muitos estrangeiros como ele, enquanto muitos descendentes de Abraão (filhos do Reino) seriam deixados de fora.

Nos versículos 14 a 17 vemos vários eventos de curas, com o versículo 17 ressaltando o cumprimento de *Isaías 53.4*. É interessante que essa referência é feita também em *IPedro 2.24-25*, onde o apóstolo fala sobre a cura de enfermidades espirituais (salvação). Aqui este mesmo versículo é aplicado à cura de enfermidades físicas, mostrando, assim, que ambas as aplicações são válidas.

Os versículos 18 a 22 trazem ensinamentos de Jesus para aqueles que são chamados e se dispõem a segui-IO. É necessário entender que seguir a Jesus implica num total desapego a interesses materiais. Jesus não tinha sequer uma casa própria e fixa para dormir. Além disso, o seguidor de Jesus dá a Ele total prioridade. O cuidado para com os familiares primeiro, para só então segui-IO, não era aceitável.

Mateus narra nos versículos 23 a 27 o evento que mostra o controle de Jesus sobre a tempestade durante a travessia do Mar da Galiléia. Os discípulos já criam que Jesus era o Messias enviado por Deus, mas tendo em vista a pergunta, quanto a quem seria Esse a quem até os ventos e mar obedecem, aos poucos passaram a entender que o Messias era o próprio Deus.

O restante do capítulo narra o evento do encontro de Jesus com dois endemoniados que vieram ao Seu encontro quando chegaram à região dos gadarenos. Neste evento os discípulos tiveram a oportunidade de testemunhar a autoridade dEle sobre os demônios, enquanto restaurava a saúde e a sanidade dos endemoniados. *Marcos 5.1-20* e *Lucas 8.26-39*, que narram o mesmo evento, falam de apenas um endemoniado, mas isso não muda em nada a importância dos fatos.

Mateus 9

Tendo retornado a Cafarnaum, Mateus narra a cura de um paralisado que lhe foi trazido na presença de mestres da Lei que O ouviam. Ao invés de curá-lo primeiro, como era Seu costume, Jesus preferiu falar do perdão de seus pecados, fato este que ofendeu seus ouvintes, por acharem que só Deus podia perdoar pecados. Sem que tivessem falado uma única palavra, o Espírito de Deus revelou a Jesus o que estavam pensando, permitindo a Ele repreendê-los, ao mesmo tempo em que o curou fisicamente para provar que tinha, sim, a autoridade para perdoar pecados (versículos 1 a 7).

No versículo 8 ficamos sabendo da presença de uma multidão que também testemunhara aquilo, porque esta glorificou a Deus pelo fato de ter dado àquele homem, Jesus, o poder de curar e de perdoar pecados.

Neste ponto Mateus fez questão de registrar a sua própria convocação para seguir Jesus, que ele prontamente aceitou. Ficamos sabendo que ele era coletor de impostos (uma pessoa odiada pelos seus conterrâneos, por estar a serviço de Roma) e que ele se dispôs a largar tudo para segui-IO.

É possível que a decisão de Mateus tenha despertado o interesse de muitos dos seus amigos, pelo que encontramos, a seguir, Jesus, provavelmente na casa de Mateus, comendo com pessoas que eram consideradas desqualificadas (publicanos e pecadores) pelos fariseus, que imediatamente questionaram seus discípulos a respeito. Antes que estes respondessem, o próprio Jesus, que ouvira a pergunta, respondeu.

É possível que a Sua resposta tenha parecido satisfatória aos fariseus, por concordar com eles, que aqueles homens eram pecadores e precisavam de cura, mas fica implícito que Ele ressaltava a hipocrisia dos fariseus, por acharem que eles mesmos não o eram.

Logo a seguir, nos versículos 14 a 17, Jesus respondeu aos discípulos de João, porque eles e o próprios fariseus jejuavam, enquanto os discípulos dEle não o faziam. A primeira resposta relativa à presença do noivo, tornando desnecessário o jejum, pode ter confundido os discípulos de João, mas está totalmente clara para nós. Enquanto Jesus estivesse com eles, uma busca por Ele através do jejum era desnecessária, mas em pouco tempo, quando Ele lhes fosse tirado (após a Sua morte e ressurreição), então, eles jejuariam.

Já os dois exemplos usando roupas e vasilhas de vinho, respectivamente, talvez os discípulos de João tenham entendido, mas sua compreensão para nós hoje é menos óbvia. Jesus parece estar dizendo que o jejum praticado por eles e pelos fariseus pertencia à velha legislação, enquanto os seus discípulos estariam jejuando pela nova e que as duas coisas são inconsistentes. Na Velha Aliança, onde a salvação exigia a guarda da Lei, o jejum mostrava o empenho das pessoas em cumpri-la. Já na Nova Aliança, onde a salvação viria pela graça, mediante a fé no sacrifício substitutivo do Messias, o jejum acompanhava a busca por intimidade com Deus. As duas coisas não se associavam, assim como ninguém remenda roupa velha com tecido novo (e bem mais rígido), da mesma forma como ninguém coloca vinho novo em odres velhos, porque ambos se rompem.

Os versículos 18 a 26 narram duas histórias parcialmente paralelas, uma sobre a ressurreição da filha de um dos dirigentes da sinagoga, que foi pedir socorro de Jesus por ela. Na narrativa de Mateus, a menina acabara de morrer, enquanto as versões paralelas de Marcos e Lucas a apresentam como à morte. A outra é sobre uma mulher que tinha um fluxo de sangue, havia doze anos, e que achava que resolveria o seu problema simplesmente tocando na borda do manto de Jesus.

Independente do fato da menina estar morta ou não, o pai tinha pressa e estava em agonia enquanto Jesus “perdia tempo com a mulher da história 2”. Jesus, por Sua vez, orientado pelo Espírito Santo, lidou com a mulher o absolutamente necessário para que ela conhecesse e aceitasse o amor de Deus em sua vida.

Depois disso foi a vez dos pais da menina conhecerem o amor de Deus, que nesse caso excedeu todo o entendimento, a ponto do povo em geral ver o seu deboche se transformar em motivo de glória a Deus.

São apresentadas a seguir duas curas espetaculares, a de dois cegos e depois a de um homem que era mudo (versículos 27 a 33). A multidão admirada dizia que nunca se viu algo assim em Israel, mas Mateus ressalta, no versículo 34, a dureza dos corações dos fariseus, que atribuíam seus milagres a demônios.

Enquanto isso, Jesus continuava a passear pelas cidades ensinando e curando, mostrando verdadeira compaixão pelas multidões, que estavam aflitas como ovelhas sem pastor.

Os versículos 37 e 38 encerram esse capítulo com Jesus mostrando a Sua preocupação com o fato de serem muitas as pessoas que precisam do Evangelho e poucos os trabalhadores disponíveis para pregá-lo.

Mateus 10

Este capítulo começa com Jesus comissionando os Seus 12 discípulos a saírem pelas cidades de Israel, dando-lhes a autoridade para pregar e curar. É importante ressaltar que Judas Iscariotes está entre aqueles que pregaram e curaram em Nome de Jesus. A sua missão específica está detalhada nos versículos 7 e 8. Eles deveriam proclamar a chegada do Reino de Deus, curar os enfermos, ressuscitar os mortos, purificar os leprosos e expulsar os demônios (versículos 1 a 14).

Infelizmente, eles nem sempre seriam bem recebidos, pois Jesus os estava enviando como ovelhas no meio de lobos. Eles seriam entregues aos tribunais, seriam açoitados e levados à presença dos líderes, mas seriam sempre instruídos sobre o que dizer. Eles seriam odiados por causa de Jesus, mas se a Ele chamaram de demônio, o que esperar para aqueles que Lhe servem?

Os servos do Deus Altíssimo não devem temê-los, porque o máximo que podem fazer é matar o corpo. Aqueles que temem ao Senhor têm preservada a sua alma. Aquele que confessar Jesus diante do homem tem assegurado que Jesus o conservará diante de Deus.

Mateus 11

Jesus tinha acabado de mandar os Seus doze discípulos pelas cidades de Israel para ensinar e pregar. Por algum motivo que não fica claro no texto, João quando ouviu falar disso ficou em dúvida se Jesus era efetivamente o Cristo ou se Deus haveria de mandar algum outro (versículos 1 a 3).

A resposta de Jesus a João foi dada em termos práticos, restaurando a vista a cegos, fazendo aleijados andar, purificando leprosos, restaurando a audição aos surdos, ressuscitando os mortos e pregando a palavra de Deus. Difícilmente alguém poderia dar uma resposta mais contundente.

Depois que saíram os emissários de João, Jesus passou a questionar a multidão acerca de sua impressão quanto a quem seria João Batista. Finalmente, Ele disse que era mais do que um profeta, porque ele era o precursor do Messias nos termos descritos por Isaías. Além disso, Ele definiu João como sendo o maior homem nascido de mulher que existiu sobre a face da Terra. Dificilmente Ele o poderia ter exaltado mais; no entanto, Ele complementou dizendo que o menor do Reino dos Céus era maior do que ele.

Para entendermos o que Jesus quis dizer com isso devemos lembrar que, apesar de João ser o precursor de Jesus, ele ainda pertencia à Velha Aliança, pelo que sua salvação ainda se deu pela Lei, que esteve em vigor até a ressurreição de Jesus. Assim sendo, ele não chegou a se beneficiar diretamente da salvação pela graça que ajudou tanto a implantar, de modo que, neste sentido, muitos que se beneficiaram dela pouco tempo depois são citados como maiores ou mais abençoados do que João no tocante a sua entrada no Reino vindouro.

Não obstante pertencer, ainda, aos tempos da Velha Aliança, a mensagem de arrependimento de pecados, pregada por ele, estava criando problemas, porque muitas pessoas que estavam se arrependendo eram consideradas inferiores (como os publicanos e pecadores). Estes, tendo se arrependido, queriam ser aceitos nas sinagogas e no templo, mas aparentemente precisavam se impor para serem aceitos. Parece que era esse o sentido destas palavras de Jesus.

Finalmente, Jesus encerrou a Sua fala sobre João Batista dizendo que ele era o Elias que Malaquias havia previsto em *Malaquias 4.5*.

Dando continuidade ao Seu discurso, Jesus fez uma crítica à geração dos seus dias, como se fossem crianças para as quais se tocou músicas alegres, para que dançassem, e permaneceram sentadas. Depois se cantou músicas de lamento e não se entristeceram. Assim foi o povo judeu para com as mensagens de João e também de Jesus. O primeiro jejuava, não tocava em álcool e mesmo assim diziam que era endemoniado. Já o segundo tanto comia normalmente, como bebia vinho e diziam ser Ele um comilão e beberrão, amigo de publicanos e pecadores. Resumindo, não importa quem prega, nem qual a mensagem, o fato é que o tópico de pecados simplesmente não era popular e não queriam ouvi-LO (versículos 16 a 19).

Em função disso Jesus mencionou algumas cidades onde havia realizado muitos milagres e nem assim as pessoas haviam crido, tornando-se, ainda, réus de juízo. Dentre elas Ele citou Corazim, Betsaida e Cafarnaum (versículos 20 a 24).

Encerrando este capítulo, Jesus louvou ao Pai pela forma como as verdades do Reino permanecem ocultas àqueles que se julgam sábios e cultos (soberbos), enquanto os humildes as entendem. Assim ninguém conhece a Jesus senão aqueles a quem Deus O quiser revelar.

Além disso, Ele faz o lindo apelo contido nos versículos 28 a 30:

"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".

Mateus 12

Os primeiros 8 versículos deste capítulo narram um evento no qual Jesus andava pelos campos com Seus discípulos no sábado, quando estes tiveram fome e passaram a colher e comer espigas de milho. Curiosamente os fariseus estavam lá para apontar o dedo e dizer que eles não estavam guardando o sábado. Jesus primeiro lembrou a eles o evento de Davi com o sacerdote Aimeleque em Nobe, quando ele comeu os pães da Presença, que apenas os sacerdotes podiam comer e ainda deu a seus soldados. Depois lembrou que os sacerdotes trabalham no sábado no interior do templo e ninguém os culpa por isso.

É claro que Jesus não estava dizendo que Davi e os sacerdotes pecam; logo, a gente também pode. Ele estava apenas tomando exemplos para mostrar que a interpretação deles da Lei é que estava errada. Ao dizer que Deus quer misericórdia e não sacrifícios Jesus está dizendo que a verdadeira religião se expressa através do amor por Deus e pelo próximo e não por uma série de disposições legais do tipo "pode e não pode". *Marcos 2.27* acrescenta que o sábado foi criado por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Além disso, Jesus expressou Sua posição divina ao deixar claro que Sua autoridade sobre esse assunto decorria do fato dEle ser o Senhor do sábado.

Como era o dia de sábado, Jesus entrou na cidade e Se dirigiu à sinagoga, onde os fariseus procuraram tentar Jesus novamente, perguntando Lhe se era lícito curar no sábado, porque havia ali presente um homem com uma mão atrofiada. Novamente Jesus ressaltou a hipocrisia deles, dizendo que nem por um momento hesitariam de tirar, no sábado, uma ovelha que tivesse caído num buraco; portanto, como justificar não curar um homem, que vale muito mais relativamente! Logo a seguir o homem foi curado e os fariseus humilhados começaram a discutir a necessidade de matar Jesus.

Saindo dali, o texto nos informa que muitos O seguiram porque havia entre eles vários doentes, os quais também curou. Mateus nos diz, ainda, que isso se deu em cumprimento às Escrituras, citando a seguir *Isaías 42.1-4* (versículos 18 a 21).

Logo a seguir Jesus realizou outra cura espetacular e o povo, maravilhado, começou a perguntar se Ele não seria o Messias, irritando os fariseus, que atribuíram Sua autoridade sobre os demônios por estar Ele mesmo a serviço deles.

A resposta de Jesus à acusação foi dura e se estende do versículo 24 ao 37. Resumindo, Ele deixa claro que nenhum reino dividido subsiste, pelo que é incoerente achar que um demônio expulsaria a outro. Na sequência, Ele fala sobre a natureza da rebeldia deles como um pecado contra o Espírito Santo, que não tem perdão.

Tenho conhecido ao longo dos anos vários crentes receosos quanto à possibilidade de terem pronunciado alguma coisa que pudesse ter ofendido o Espírito Santo, de modo a não poderem mais ser perdoados. Trata-se, contudo, de um conceito errado do que vem a ser esse pecado. Paulo, por exemplo, não só blasfemava contra o Espírito Santo, quanto obrigava os crentes a fazê-lo (*Atos 26.11*). Se esse pecado fosse caracterizado, como querem alguns, por simplesmente atribuir a Satanás aquilo que é feito por Deus, então, Paulo certamente estaria destinado ao inferno. Longe disso, contudo, ele disse a Timóteo que sua coroa nos céus já estava garantida (*II Timóteo 4.8*). Devemos reconhecer, portanto, que o pecado contra o Espírito Santo consiste na posição de rebeldia, na qual se encontravam e que, persistindo, impossibilitava totalmente o convencimento de pecado, levando à condenação.

A resposta dura e inesperada de Jesus deve ter deixado os fariseus perplexos, por isso o próximo versículo parece uma tentativa desesperada de mudar de assunto. Não obstante Jesus ter acabado de fazer dezenas de milagres espetaculares, eles pediram a Ele que fizesse um.

A resposta de Jesus certamente soou enigmática para eles, no que diz respeito ao profeta Jonas, mas o fato de Jesus tratá-los por “**geração perversa e adúltera**” deixou muito claro o que Jesus pensava a seu respeito. Com relação a ele ficar 3 dias e 3 noites no coração da terra, era-lhes impossível entender. Além disso, os testemunhos do povo de Nínive, que se arrependeu, e da rainha do sul, que veio conhecer Salomão, foram igualmente compreendidos (versículos 39 a 42).

Nos versículos 43 a 45 aparentemente Jesus mudou de assunto e passou a falar sobre a condição de uma pessoa endemoniada, que conseguiu se livrar, provisoriamente do demônio em apreço, mas que acabou num estado ainda pior, quando o demônio retornou acompanhado por outros. Ao final do versículo 45, contudo, Jesus complementa dizendo que “**assim será com esta geração perversa**”. Fica claro, portanto, que Ele continuou a falar dos fariseus, que estavam mal, mas que iriam de mal a pior.

Jesus falava ainda à multidão quando chegaram sua mãe e seus irmãos querendo vê-lo. A resposta de Jesus dizendo que os presentes eram Sua mãe e Seus irmãos não significa qualquer desfeita à Sua família e, sim, que a conversão de Seus novos irmãos, a serem adotados pelo Pai, eram mais importantes naquele momento.

Mateus 13

Ainda no mesmo dia, Jesus falou a outra multidão de dentro de um barco à beira mar, e contou-lhes a parábola do semeador (versículos 3 a 9), que os discípulos não entenderam, motivo pelo qual foram falar com Ele. Estavam com vergonha, todavia, de dizer que não haviam entendido, por isso preferiram perguntar por que ele falava por parábolas?

A resposta de Jesus pode parecer indicar que era uma forma de ocultar deles a verdade, tomando por base *Isaías 6.9-10*. Como sabemos que Deus ama a todos e quer que todos tenham vida eterna (*João 6.40*), é óbvio que o significado não pode ser este. Por outro lado sabemos, igualmente, que a salvação só se dá mediante arrependimento, pelo que Jesus está dizendo que a compreensão das Suas parábolas está limitada àqueles cujos corações se inclinam para Ele.

Nos versículos 18 a 23 Jesus, então, explica aos discípulos o significado da parábola do semeador.

Os versículos 24 a 30 contêm outra parábola, desta feita acerca da ação do inimigo, procurando deturpar uma plantação feita com boas sementes, semeando juntamente, na mesma plantação, sementes de joio (plantas do gênero *Lolium*, conhecidas pelos frutos infestados por fungos, que prejudicam as plantações).

Em termos práticos, temos que pensar em nossas igrejas, onde o inimigo também planta pessoas que nunca passaram por uma experiência de conversão e cuja finalidade é simplesmente deturpar os trabalhos. Obviamente, por não sabermos quem são, não é possível pensar em arrancá-las, mesmo porque ainda podem vir a ser salvas pelo bom testemunho dos outros. Por outro lado, precisamos estar atentos às investidas de Satanás, que nesse caso têm iniciativa dentro de nossas fileiras.

Os versículos 31 e 32 apresentam uma pequena parábola que nos fala do quão eficiente o Evangelho pode ser. Apesar de parecer uma semente tão pequena, a obra que Deus faz em nossas vidas, pode ser de grande relevância se nos entregarmos totalmente ao Seu serviço. Essa mesma mensagem é pregada através de outra parábola no versículo 33, onde o Evangelho do Reino dos Céus é comparada com uma porção de fermento que faz crescer grandemente toda a massa onde foi misturada.

Nos versículos 34 e 35 Mateus volta a dizer que as mensagens de Jesus eram sempre pregadas com o uso de parábolas, em cumprimento, desta feita, do *Salmo 78.2*.

Tão logo a multidão foi dispensada e retornou para casa, os discípulos também foram pedir ao Senhor a explicação da parábola do joio e do trigo. A explicação de Jesus se estende do versículo 37 até o 43.

Os versículos 44 a 46 contêm duas parábolas cujos significados são praticamente idênticos. Na primeira (versículo 44), uma pessoa encontrou um tesouro escondido num campo, que por uma questão de honestidade, voltou a esconder no mesmo campo e depois se empenhou em comprar o campo para que o tesouro lhe pertencesse legalmente. Nos versículos 45 e 46, o tesouro do Reino dos Céus se apresenta na forma de uma pérola, que a pessoa quis ter a qualquer custo, pelo que vendeu tudo que tinha para adquiri-la.

Já nos versículos 47 a 50, Jesus comparou o Reino dos Céus e sua colheita dos últimos dias a uma pescaria, onde há peixes bons e ruins. De igual maneira, todos passarão pelo

juízo final, onde os aprovados serão como os peixes bons, enquanto os demais como os peixes ruins.

Jesus perguntou a Seus discípulos, a seguir, se tinham entendido tudo, pois era absolutamente necessário que pudessem explicá-lo a terceiros.

Saindo dali, Jesus Se dirigiu para Nazaré, onde ensinou na sinagoga. Ali O identificaram como sendo o filho do carpinteiro José, cuja mãe se chamava Maria e cujos irmãos são citados nominalmente. Ao invés, contudo, de se alegrarem pelo Seu ensino com autoridade e pelos poucos milagres realizados, se escandalizaram nEle e O rejeitaram.

Mateus 14

Os primeiros 12 versículos deste capítulo narram a história do assassinato de João Batista por Herodes Antipas, tetrarca da Galileia, devido às constantes condenações pronunciadas contra Herodes, pelo fato dele se ter casado com sua meia irmã e cunhada Herodias (esposa de Filipe, seu irmão). Cabe ressaltar que se tratava de um adultério, porque infringia a lei, pelo fato de Filipe não ter concedido divórcio a ela e pelo fato de Herodes Antipas e Herodias serem ambos filhos de Herodes o grande, embora de mães distintas.

A história deixa claro que não era intenção de Herodes mandar matar João, mas acabou se tornando vítima de seu próprio pecado, fazendo com que não mais pudesse recuar naquilo que prometera (versículo 13).

Quando Jesus soube do que acontecera com João, Ele quis estar a sós e retirou-Se de barco para um lugar ao norte do mar da Galileia. Infelizmente, a Sua fama não Lhe permitia mais sossego, pelo que foi obrigado a falar com uma multidão que tinha muitos enfermos procurando cura (versículo 14).

Nos versículos 15 a 21 encontramos a narração da primeira multiplicação de pães para alimentar a multidão, que continha mais de 5.000 homens, sem falar das mulheres e crianças. É notável, nesta narrativa, que o ato de fé de uma criança foi o suficiente para que Jesus pudesse realizar a multiplicação em apreço.

Por insistência de Jesus, Seus discípulos entraram no barco para, mais uma vez, ir à terra dos gadarenos, enquanto Jesus despedia a multidão e quis ficar só, a seguir, para orar. Enquanto Jesus orava, uma tempestade teve início e o barco estava sendo açoitado pelas ondas. Os versículos 25 a 32 apresentam a narrativa de Jesus indo encontrar com os discípulos andando sobre as águas. Obviamente se trata de uma capacitação sobrenatural dada pelo Espírito Santo, tanto a Jesus como a Pedro, pelo que certamente não se trata de Jesus fazendo uso de Sua divindade. Mais uma vez os discípulos se surpreenderam com a capacitação que Deus pode dar ao homem, além de comprovar estarem diante do Messias, Filho de Deus, que havia de vir.

Chegando em Genesaré, Jesus foi imediatamente reconhecido e muitos doentes Lhe foram trazidos, sendo curados por simplesmente tocarem as Suas vestes.

Semana 84 - A História de Jesus Segundo Mateus - 2

Texto: Mateus 15 a 20, 27 e 28

Estação 41

Mateus 15

Mateus registra bem o quão de perto os fariseus e os mestres da Lei estavam seguindo os passos de Jesus, sempre prontos para atacá-IO. Nesta ocasião eles tinham verificado que os discípulos não lavavam as mãos segundo as tradições dos líderes religiosos. A lavagem das mãos seguia um ritual, que Jesus certamente não observava e Seus discípulos, conseqüentemente, também deixaram de fazê-lo. Em função disso, perguntaram a Jesus a razão disso, já que esse ritual havia passado a ser considerado “Lei” tal como vários outros.

Jesus imediatamente criticou a hipocrisia deles, chamando a sua atenção para um exemplo em que as tradições dos líderes religiosos havia alterado diametralmente um item da Lei, tornando-o contrário à vontade de Deus. Segundo essa tradição os filhos não estariam comprometidos com o sustento dos pais idosos, desde que dissessem que seus bens estavam consagrados ao Senhor (não era necessário entregá-los, mas tão somente afirmar que estavam consagrados). Jesus, então, os chamou de hipócritas e lembrou aquilo que *Isaías 29.13* dizia a seu respeito (versículo 9).

Aparentemente havia também uma multidão que acompanhava tudo isso, pelo que Jesus Se dirigiu a ela, esclarecendo que a impureza do homem não estava associada àquilo que o homem ingeria e, sim, às coisas que ele fala. Mais uma vez, contudo, os discípulos deixaram de entender do que Jesus estava falando. Em função disso, aproveitaram para comentar, posteriormente, todo o incidente com os fariseus, para, então, perguntar a respeito.

Com relação aos fariseus e os mestres da Lei, Jesus os classificou como cegos guiando um povo cego e que os levavam a cair no buraco. Em resposta à pergunta sobre sua “parábola” se limitou a comentar que os alimentos ingeridos são posteriormente expelidos, mas que os pecados que os maus desejos do homem concebem, acabam sendo expressos pela boca e que esses, sim, o contaminam de verdade.

Os versículos 21 a 28 contêm um evento que se deu com uma mulher cananeia, que havia ouvido sobre as curas de Jesus e, aproveitando a Sua estada na Finícia (talvez procurando um lugar para estar a sós com os discípulos), resolveu pedir pela cura de sua filha, que dizia estar endemoninhada.

Jesus, a princípio, pareceu ignorá-la, porque a Sua missão era para os judeus, mas vemos logo a seguir que Ele, na realidade, a estava testando. Quando os Seus discípulos se sentiram incomodados com ela gritando atrás deles, pediram a Jesus para mandá-la embora. Mais uma vez parece que é isso que Ele estava fazendo, ao dizer que só viera

para a casa de Israel e que Ele não deveria perder tempo com os “cachorrinhos” (uma forma pouco honrosa de falar dela). Mas a mulher não se deixou ofender e respondeu que ela se contentava com as migalhas que Ele pudesse deixar cair de Sua mesa. Diante dessa resposta sábia e elegante da mulher, Ele não só concedeu a ela a cura de sua filha, como elogiou a sua fé, mostrando, assim, o quanto Ele realmente Se importava com ela.

O restante deste capítulo mostra Jesus já de volta à região do mar da Galileia, onde multidões vinham com enfermos para serem curados e que ficavam admirados de ver os Seus milagres. O clima estava tão excitante que ninguém queria ir embora. Nesta ocasião o povo já estava lá, sem se dispersar, pelo terceiro dia consecutivo, quando Jesus decidiu que era hora de despedi-los, mas que precisavam comer alguma coisa antes de sair.

Neste momento se dá a segunda multiplicação de pães realizada por Jesus (pelo Espírito Santo), com Ele alimentando mais de 4.000 homens, fora mulheres e crianças, a partir de apenas 7 pães e uns poucos peixinhos. Ao final, ainda sobraram sete cestos cheios de pedaços.

Mateus 16

Não obstante todos os sinais que Jesus já realizara diante deles, os fariseus e os saduceus resolveram tentar Jesus pedindo que fizesse um milagre particular para eles. Jesus, contudo, não tinha a menor intenção de fazer dos Seus milagres um espetáculo público, pelo que criticou a sua inabilidade de distinguir que o Reino dos Céus era chegado e que não havia mais espaço para sua religião de aparência. Eles faziam parte de uma geração perversa e adúltera, e o único sinal milagroso que veriam seria o do profeta Jonas (que eles certamente deixaram de entender novamente).

Nos versículos 5 a 12 ocorre uma curiosa conversa entre Jesus e Seus discípulos acerca do “fermento dos fariseus”. Novamente eles deixaram de entender do que Ele estava falando e acharam que os estava criticando porque tinham partido sem trazer pão. Jesus os censurou, contudo, não por não terem entendido, mas, sim, pelo fato de se preocuparem com coisas tão secundárias quanto o pão, quando tinham acabado de passar por duas experiências marcantes no tocante à multiplicação divina deste produto. Além disso, Ele explicou mais uma vez a que fermento se referia.

Nos versículos 13 a 20 Jesus fez duas perguntas aos Seus discípulos: primeiro Ele quis saber o que as pessoas em geral diziam a Seu respeito e, a seguir, o que eles, os discípulos, especificamente, achavam dEle. A maravilhosa resposta de Pedro, dizendo que Ele era o Cristo, o Filho do Deus Vivo, recebeu de Jesus total aprovação, dizendo que isso certamente fora uma revelação do próprio Pai. O significado exato do restante da declaração de Jesus é disputada, porque Jesus disse ao Seu discípulo que ele era Pedro e que sobre esta pedra seria edificada a Sua igreja. Temos aqui duas possibilidades, quais sejam, a igreja de Jesus Cristo seria edificada sobre Pedro, que

seria o seu primeiro líder (o papa para a Igreja Católica Romana), ou então seria edificada sobre a veracidade daquela declaração, ou seja, sobre Jesus Cristo. Certamente essa igreja estaria fadada ao fracasso se fosse edificada sobre um pecador como Pedro, motivo pelo qual parece bem mais razoável a ideia de edificá-la sobre o próprio Cristo, o Filho do Deus Vivo.

Quanto ao fato de serem dadas a Pedro as chaves do Reino para ligar e desligar quem desejasse, vemos isso apenas como uma tarefa de pregador do Evangelho a ser cumprida por ele e pelos demais apóstolos (todos receberam a mesma incumbência em *Mateus 18.18*).

Pedro, que acabara de ser exaltado por ter recebido uma revelação divina, passa a ser designado de servo de Satanás, no evento descrito nos versículos 21 a 23. Obviamente tudo que ele fez foi sentir pena de Jesus, mas a Jesus deixa claro que sua pena fora inspirada pelo inferno, pois havia desprezado o fato de que Deus reina e que Ele tinha um plano.

Os últimos versículos deste capítulo nos informam o verdadeiro preço exigido para que possamos seguir Jesus. É necessário que tomemos, cada um de nós, a nossa própria cruz e que o nosso “eu” seja nela crucificado. Nossa vida já não importa, e nossa glorificação de igual forma. O que importa é que nossas vidas sejam vividas para a honra e glorificação d’Ele.

Ele estava prestes a consumir Sua obra, com Sua morte, tanto espiritual como física, Sua ressurreição e Sua ascensão. Até a consumação disso, todos os discípulos ainda estariam vivos, menos Judas.

Mateus 17

Os primeiros 13 versículos deste capítulo narram a transfiguração de Jesus e seu encontro com Moisés e Elias num alto monte próximo ao mar da Galiléia. Ele tinha levado consigo para aquele encontro Pedro, Tiago e João. Enquanto os 3 falavam, Deus Pai declarou, mais uma vez, que Aquele era o Seu Filho amado de Quem Se agradava e que deveriam ouvi-IO. Apavorados, os discípulos se curvaram, quando Jesus foi até eles para levantá-los. Neste momento Jesus já estava novamente só.

O que foi tratado na reunião de Jesus com Moisés e Elias nós não sabemos, mas podemos supor que tinha a ver com a missão de Jesus. Independente disso, Jesus pediu a Seus 3 discípulos que não mencionassem o ocorrido até que Ele ressuscitasse dos mortos.

Os discípulos aproveitaram a ocasião para perguntar a respeito do texto de Malaquias, que fala sobre a vinda de Elias (*Malaquias 4.5*). Jesus confirmou, então, que Elias já viera e que havia padecido na mão dos líderes do povo, pois estes não o reconheceram. Eles entenderam, então, que Jesus lhes falara de João Batista, que viera no espírito de Elias (não uma reencarnação deste), mas que fora morto por eles.

Os versículos 14 a 21 narram o evento da cura de um jovem endemoniado, cujo pai o trouxera para Jesus o expulsar. O pai explicou a Jesus tudo que acontecia com o menino, quando o demônio o possuía e como os Seus discípulos não tinham podido fazer nada por ele.

Jesus Se sentiu um pouco frustrado pela falta de fé de Seus discípulos e pediu para que o trouxessem. Jesus expulsou o demônio e, quando todos foram embora, os discípulos falaram com Jesus para entender o que havia acontecido. Jesus lhes respondeu que o problema fora a sua falta de fé que impossibilitara a cura. Ele ainda acrescentou que teria bastado uma fé pequena como um grão de mostarda e que nada é impossível ao que crê.

Novamente Jesus tentou, a seguir, falar com Seus discípulos a respeito do Seu sacrifício e ressurreição ao terceiro dia, mas eles estavam tristes e não tinham ouvidos para ouvir. Neste momento surgiu no cenário das ruas de Cafarnaum um cobrador de impostos que aparentemente cobrava um imposto pessoal do filhos que tivessem mais de 30 anos (maioridade da época).

Aparentemente apenas Jesus e Pedro estavam incluídos nesta categoria, pelo que Pedro foi arguído primeiro pelos cobradores e confirmou que tanto ele como Jesus deveriam pagar o imposto.

Quando Pedro entrou na casa onde estava Jesus, Este discutiu com ele a validade do imposto, mas disse que eles pagariam só para evitar confusão. A forma como arranjou o dinheiro é deveras curiosa, mas o capítulo se encerra com Jesus mandando Pedro fazer o pagamento.

Mateus 18

Este capítulo começa com uma preocupação dos discípulos no tocante a qual deles seria o maior no Reino dos Céus. Foram tão ingênuos, que chegaram a expressar a sua pergunta a Jesus. Sua resposta foi paciente e prática, porque tomou uma criança e a trouxe para o meio deles, dizendo que se eles não se tornassem simples e humildes como aquela criança, sequer entrariam no Reino dos Céus, muito menos ter um cargo importante no mesmo.

Por outro lado, Ele continuou dizendo que aquele que se tornasse humilde como aquela criança poderia ser o maior no Reino dos Céus. Desta forma Jesus deixou claro para eles que o Reino dos Céus tem critérios bem diferentes dos reinos da Terra. O maior é quem mais trabalha, quem mais ama e quem mais se dá (versículos 1 a 6).

Nos versículos 7 a 9 Jesus fala a respeito das coisas que levam o homem a pecar. Ele afirma que o tratamento com essas coisas precisa ser radical, porque a tendência do homem é sempre o contrário. Temos por hábito (muito ruim, por sinal) achar que podemos resistir um “pouquinho” porque a gente está no controle. A verdade é que não

temos qualquer controle e caímos sempre que damos lugar ao pecado. Claro que Jesus não está recomendando a amputação de membros, mas é com esses exemplos radicais que Ele nos ensina como devemos tratar o pecado: devemos evitá-lo radicalmente.

Encerrando essa parte, no versículo 10, Ele alerta para que o nosso próprio erro, muitas vezes consciente, não leve a errar as pessoas inexperientes e inocentes, que Ele chama de pequeninos.

Mas tanto para nós como para eles, Ele, o Filho do homem (Jesus homem) veio para salvar todos os que se haviam perdido, devido ao pecado. A seriedade dessa Sua missão é retratada pela alegria que há nos céus por cada pecador que se arrepende. Isso fica ilustrado pelo pastor que tinha 100 ovelhas e sai em busca de uma que se perdeu. A sua alegria por encontrá-la é maior do que pelas 99 que não se perderam. É desta forma que Deus não quer que ninguém se perca, antes que todos sejam achados (versículo 14).

Esse versículo é um forte argumento contra os defensores da predestinação nos termos calvinistas. Se Deus não quer que ninguém se perca, e apenas alguns são predestinados, então, Deus não é Onipotente. Como essa conclusão é errada, segue que a premissa da predestinação calvinista também o é.

Jesus, nos versículos 15 a 17, fala a respeito do relacionamento entre irmãos. Curiosamente, embora a Igreja de Jesus Cristo ainda não tivesse sido inaugurada, Ele parece estar falando de irmãos da mesma, pois usa a palavra ekklesia. Cabe ressaltar, contudo, que essa palavra também era aplicável aos irmãos judeus reunidos na sinagoga. Independente disso, Ele está Se referindo apenas àqueles que têm uma aliança com Deus.

Se o seu irmão pecar contra você, significa que você não é culpado pelo problema que surgiu entre você e ele. Mesmo assim, Jesus recomenda que você tome a iniciativa de ir conversar com ele, para que as coisas sejam resolvidas. É por isso que você terá ganho o seu irmão, se vocês conseguirem se acertar.

Caso contrário, Jesus nos diz para insistir, levando conosco duas ou três testemunhas que possam ajudar a convencê-lo, mas se, ainda assim, ele não quiser se acertar com você, então, o caso deve ser levado à Igreja para exclusão, pois ele não tem lugar ali. Era assim que deveriam ser tratados os pagãos e publicanos.

É exatamente neste contexto de manter ou interromper a membresia de alguém na Igreja que Jesus fala sobre ligar/desligar na Terra, para que o mesmo seja feito no céu. Fica ressaltada aqui a importância de nossa dependência do Espírito Santo no momento de fazer tanto uma coisa como a outra.

Os versículos 19 e 20 revestem as nossas reuniões de oração de uma importância e um poder que nem sempre percebemos. Sempre que concordarmos com relação àquilo que pedimos orando com um ou mais irmãos, temos a promessa de atendimento pelo Pai. Além disso, o próprio Jesus Se faz presente em nosso meio. Isso é fantástico!

Na continuidade do texto, temos Pedro tirando a sua dúvida sobre até onde deve ir a sua tolerância em termos de perdão. A resposta de Jesus, dizendo que ele deve estar disposto a perdoar sempre, veio acompanhada de uma parábola (versículos 23 a 35), que nos mostra porque.

Na parábola em apreço, o rei da história, figurando Deus Pai, providenciou, para a nossa dívida impagável, o perdão de tudo, fazendo com que nós caloteiros, pudéssemos estar diante dEle como justos. Como, portanto, nós, que vivenciamos tão grande livramento através do perdão, podemos ousar não perdoar os nossos devedores?

Mateus 19

Neste capítulo vemos Jesus levando os Seus ensinamentos para a Judeia, onde não faltaram nem as multidões, nem os muitos enfermos buscando cura, nem os fariseus procurando tentá-LO.

Na primeira destas tentações, acompanhadas pelo mais completo ensino de Jesus a respeito, vemos os fariseus tentando Jesus sobre a questão do divórcio.

Sabemos que a pergunta, que foi feita a Jesus, visava forçá-LO a tomar partido numa velha disputa dos fariseus das escolas de dois sacerdotes: Shamai e Hilel, qual seja, definir o que era “algo que ele reprovava”(NVI) ou “coisa vergonhosa”(AA), que facultava dar a carta de divórcio prevista por Moisés em *Deuteronômio 24.1* (**Se um homem casar-se com uma mulher e depois não a quiser mais por encontrar nela algo que ele reprovava, dará certidão de divórcio à mulher e a mandará embora**).

Logo adiante, em *Deuteronômio 24:3*, Moisés, pressupondo que a mulher casara novamente, diz que se o novo marido a “odiar” e também repudiá-la... . Neste caso já não se trata de achar coisa vergonhosa e, sim, de sentimentos, de modo que esse era exatamente o cerne da discussão entre eles: um achava que “coisa vergonhosa” tinha que ser tão vergonhoso quanto o adultério e o outro que apenas sentimentos inadequados seriam motivo suficiente para o divórcio.

Como sempre Jesus mostra grande sabedoria transferindo a ênfase do assunto para a dureza de coração do povo de Israel, que permitiu que a verdadeira intenção de Deus no casamento fosse desvirtuada.

Na época de Moisés, novo casamento não era uma preocupação, porque os homens podiam tomar mais de uma esposa, mas tinham, para com todas, as mesmas obrigações. Se a mulher adulterasse, eram mortos tanto ela quanto o adúltero (*Levítico 20.10*); portanto, esse versículo não se refere a adultério. Certamente, contudo, se referia a uma situação em que a mulher se tornara repudiável pelo marido. A carta de divórcio, neste caso, permitia à mulher ter a chance de ser feliz com outro, além de garantir a ela alguma recompensa financeira (ela não saía de mãos vazias).

A resposta do Mestre, contudo, vai muito além da pergunta e nos descortina, em toda a sua inteireza, a vontade de Deus para o casamento. Senão, vejamos:

Definição do que seja um casamento segundo a vontade de Deus

No princípio a intenção de Deus era que o homem e a mulher deixassem voluntariamente pai e mãe e se unissem formando uma só carne. Isso permite que casamento seja definido como:

“uma união biunívoca e voluntária de um homem com uma mulher” (para quem não está acostumado ao termo, “biunívoca”, este significa “de um para um”).

Essa união de dois, um homem e uma mulher, formando uma unidade, deveria ter duração por toda a vida, fazendo com que os dois se completassem, sob a bênção de Deus. Qualquer coisa diferente disso foge do propósito divino.

Sabemos, ainda, que o povo de Israel era proibido de estabelecer casamentos com consortes de outras nações (*Esdras 9.11-12*). O versículo 11 parece nos dizer que isso se justificava para que seu povo não se contaminasse com as imundícies destas nações. Nesse caso, contudo, teríamos que ficar imaginando porque, então, Deus abençoaria o casamento de Noemi, uma moabita, com Boaz, um israelita, a ponto de fazer descender dessa união o Messias?

Como Paulo, também, aborda esse assunto em *II Coríntios 6.14*, vemos que podemos adicionar à definição dada acima para o casamento ideal, que ambos os consortes sejam servidores do Deus Vivo. Isso resolveria o problema da não contaminação com as abominações das nações vizinhas, sem desqualificar Noemi.

Obviamente, considerando o grande número de crentes casados com não crentes, não será difícil imaginar que isso seja taxado de radicalismo, mas eu convido o meu leitor a examinar *IPedro 3.7*, que diz:

Do mesmo modo vocês, maridos, sejam sábios no convívio com suas mulheres e tratem-nas com honra, como parte mais frágil e co-herdeiras do dom da graça da vida, de forma que não sejam interrompidas as suas orações.

Vejam só que coisa maravilhosa para a qual Pedro chama nossa atenção neste versículo! É intenção de Deus, no casamento ideal, que os maridos tratem sabiamente e com honra as suas esposas porque elas são **co-herdeiras do dom da graça da vida**. Ora, partindo do fato de que a graça, que conduz à vida, só está disponível para aqueles que confessam o senhorio de Jesus Cristo e creem, em seus corações, que ela foi concedida por Deus após a morte e ressurreição dEle por Deus Pai, segue que o casamento ideal concebido por Deus é:

“uma união biunívoca e voluntária de um homem com uma mulher, onde ambos sejam tementes a Deus” (versículos 1 a 9).

É, no mínimo, decepcionante que os discípulos tenham entendido o discurso de Jesus sobre a indissolubilidade do casamento como uma espécie de escravidão, pelo que responderam, então, ser melhor não casar. Jesus certamente percebeu que eles não estavam prontos para o ensino como um todo, pelo que se limitou a comentar a questão da vantagem de não casar. Concordando que poderia ser uma vantagem, Ele disse que não era uma situação que se deveria impor e deu dois exemplos, quais sejam: os que nasceram assim (impossibilitados de ter relações sexuais por uma condição congênita) e os que foram castrados (eunucos, cuja condição foi imposta). Segundo Ele, era uma condição que deveria ser voluntária, por parte daqueles que usam dela para servir o Reino dos Céus.

Os versículos 13 a 15 narram um evento dos discípulos tentando evitar que Jesus perdesse tempo abençoando crianças, que Ele, ao contrário, quis abençoar, e que redundou num ensino de múltiplas aplicações:

- o Reino dos Céus pertence àqueles que são semelhantes a crianças na forma de recebê-lo. Se o “pecado original” fosse um pecado que levasse ao inferno, essa frase seria sem sentido, porque ninguém é mais semelhante a uma criança do que uma criança. Assim sendo, a frase diz exatamente o que muitos querem negar: que crianças sem a noção de certo ou errado (antes da idade da razão) pertencem ao Reino dos Céus;

- o Reino dos Céus não pode ser recebido por interesses outros. Ele precisa ser recebido com a ingenuidade de uma criança;

- que devemos sempre encontrar tempo para as crianças. Elas não são um estorvo e, sim, pessoas que devemos estar prontos a abençoar.

O restante deste capítulo (versículos 16 a 30) narra o encontro de Jesus com o “mancebo de qualidade” ou “jovem rico” (nomes consagrados por algumas traduções para o português) e a discussão posterior de Jesus com os discípulos.

Quanto ao jovem rico, não há qualquer dúvida que Jesus fez o possível para “ganhá-lo”, mas o seu amor pelo dinheiro falou mais alto. Infelizmente, a sua decisão de priorizar o dinheiro justificou completamente a declaração de Jesus, ao dizer que dificilmente um rico entraria no Reino dos Céus.

A perplexidade dos discípulos estava associada ao fato de que o pensamento deles era de que as pessoas ricas eram aquelas que eram abençoadas por Deus. Assim, a ideia de que as bênçãos de Deus poderiam ser um empecilho à sua entrada nos céus era chocante.

A pergunta que Pedro fez a seguir certamente revela que ele ainda não havia entendido que o Reino dos Céus é diferente e que ele não tinha que estar preocupado com o que receberia por todo o sacrifício que estava sendo exigido dele.

A resposta de Jesus foi bastante satisfatória para ele, porque Jesus disse a ele e aos demais discípulos que eles estariam assentados sobre tronos reinando sobre Israel. Além disso, contudo, Ele prometeu que todos os que tivessem deixado tudo para segui-LO ganhariam 100 vezes mais do que perderam, mas que muitos, que se julgavam primeiros, seriam últimos e que outros, considerados últimos, acabariam sendo primeiros.

A ideia de que as pessoas, que tudo sacrificam em prol do Reino, possam vir a ganhar 100 vezes mais, não é uma proposição comercial e, sim, uma referência à recompensa espiritual. Qualquer pessoa que quiser “investir no Reino de Deus”, esperando ser recompensado nos termos do evangelho da prosperidade, não entendeu a natureza do Reino ao qual está servindo.

Mateus 20

Jesus aqui continua a Sua resposta a Pedro, interrompida com o final do capítulo 19. Desta feita Ele tenta mostrar ao Seu discípulo que as contratações do Reino dos Céus não são como usualmente se esperaria num empreendimento terrestre. Isso é feito através de uma parábola, onde um proprietário contrata trabalhadores para a sua vinha, que trabalham variadas horas ao longo do dia, uns o dia inteiro e outros apenas 1 hora.

Chegado o momento de remunerá-los, todos recebem o mesmo, independente de quantas horas trabalharam. Num empreendimento normal, o assunto pararia na justiça e certamente os que trabalharam o dia inteiro teriam ganho de causa e um recebimento diferenciado. Ocorre, contudo, que, em se tratando do Reino de Deus, tendo em vista que todos se salvaram pela graça, então, esse tipo de argumento não procede.

Assim como muitos que passaram toda a vida a serviço do Reino, houve o ladrão da cruz, que viveu apenas alguns momentos depois que Jesus prometeu recebê-lo no céu. Assim, de igual forma, muitos considerados últimos serão primeiros e vice-versa.

Os versículos 17 a 28 começam com Jesus a caminho de Jerusalém, enquanto comunicava aos Seus discípulos a respeito daquilo que Lhe esperava ali, quando seria entregue nas mãos dos chefes da sinagoga e condenado à morte. Os romanos zombariam dEle, mas Ele ressuscitaria ao terceiro dia.

É inacreditável, contudo, que exatamente neste momento a mãe dos filhos de Zebedeu, Tiago e João, resolveu pedir a Jesus que concedesse que os seus dois filhos se sentassem, no Seu Reino, um à Sua direita e outro à Sua esquerda.

Jesus perguntou a eles se seriam capazes de beber o cálice que Ele estava prestes a beber. Mostrando, claramente, que não haviam prestado a menor atenção àquilo que Ele acabara de dizer, sobre a Sua morte iminente, ambos disseram que sim.

Jesus, referindo-se à morte que Tiago em breve sofreria, lhes respondeu que, sim, eles experimentariam isso sim, mas que, mesmo assim, os lugares solicitados já tinham

peçoas a quem haviam sido atribuídos por Deus Pai. Essa pergunta dos dois gerou a indignação dos demais apóstolos, mas provavelmente porque cada um deles gostaria também de estar ocupando a mesma posição.

Jesus não permitiu, contudo, que esses sentimentos progredissem, porque mais uma vez Ele chamou a sua atenção para o quão diferente era o Reino ao qual eles estavam servindo. Quem quisesse ser o maior, deveria tratar de ser o serviçal dos demais, da mesma maneira como Ele mesmo havia vindo ao mundo para servir e não para ser servido, a ponto de dar a Sua própria vida para resgatá-los.

Os 6 versículos finais deste capítulo tratam de dois cegos que Jesus curou ao sair de Jericó. Marcos e Lucas falam de apenas um cego e Marcos chega a atribuir a ele o nome de Bartimeu. Independente desse fato, o teor da história é o mesmo e impressiona pela persistência dos cegos em chamar a atenção de Jesus, apesar de muitas repreensões para que ficassem calados.

O capítulos 21 a 26 já foram lidos e estudados na Semana 65

Mateus 27

O dia já estava amanhecendo quando o galo cantou e Pedro se retirou para chorar pelo seu erro. Logo a seguir somos informados, por Mateus, que os líderes do Sinédrio decidiram que Jesus deveria morrer, pelo que O amarraram e O levaram a Pilatos (versículos 1 e 2).

Judas talvez estivesse também presente, ou aguardava do lado de fora, mas seja como for, ele se conscientizou da condenação de Jesus quando O levaram a Pilatos para pedir a Sua crucificação. Neste momento Mateus diz que ele foi “tomado de remorso”, entendeu o erro que cometera e procurou os líderes religiosos para devolver o dinheiro. Estes obviamente não se importaram com o remorso dele e tampouco receberam o dinheiro, que Judas simplesmente jogou para dentro do templo e saiu para se enforcar.

Vale a pena parar aqui para entender o que realmente se passou com Judas. A pergunta que todos se fazem nesse ponto é por que não houve lugar de arrependimento e confissão de pecados para Judas?

O dicionário Aurélio define remorso como sinônimo de arrependimento:

“Arrependimento; sentimento de culpa, sensação de mal-estar, de angústia que resulta de uma falha ou erro cometido contra alguém”.

Já para a palavra arrependimento, o Aurélio traz uma definição separada para o ambiente religioso judeu e cristão:

“Sentimento de contrição ou rejeição, demonstrado pelo pecador, em relação aos seus pecados, fazendo com que este pratique o bem para conseguir sua remissão”.

Fica claro que o Aurélio não entende nada de salvação pela graça, mas, apesar de definir remorso como sinônimo de arrependimento, ele entende que arrependimento no âmbito bíblico tem um sentido específico, que o distingue de remorso, porque faz com que o homem se volte para Deus.

Ao longo dos anos eu sempre defini arrependimento como uma atitude de “não fazer mais”, enquanto remorso é um sentimento que ocorre depois que o erro veio a público e digo a mim mesmo que “eu não deveria ter feito isso”, tendo em vista as consequências, mas estaria tudo bem se não tivesse sido pego.

No caso específico de Judas “eu não vou fazer mais” simplesmente não se aplica, porque já estava feito e nunca mais poderia ser desfeito, pelo que Judas se sentiu como um apóstata, para cujo caminho não há volta. Assim sendo, escolheu não mais viver para não conviver com aquele sentimento. Aliás, qualquer semelhança da vida e da atitude de Judas com o apóstata descrito em *Hebreus 6.4-6* não é mera coincidência.

Além do que foi dito acima, Jesus mesmo já havia comentado a perdição de Judas ao Se referir a ele na Sua oração intercessória em *João 17.12*:

Enquanto estava com eles, eu os protegi e os guardei pelo nome que me deste. Nenhum deles se perdeu, a não ser aquele que estava destinado à perdição, para que se cumprisse a Escritura.

O texto de Escritura ao qual Jesus Se refere está em *Salmos 109.8*:

Seja a sua vida curta, e outro ocupe o seu lugar.

Vemos, portanto, que, apesar da morte por suicídio de Judas ter sido escolha própria, a sua perdição, remoção do discipulado e morte prematura já eram conhecidos, pela pré-ciência de Deus.

É interessante a hipocrisia dos sacerdotes em relação ao que fazer com o dinheiro que Judas devolvera ao templo. A fonte de todos os seus recursos eram os dízimos e as ofertas do povo. Judas fora subornado para trair Jesus com o dinheiro do templo. Agora, na hora de devolvê-lo, aquele dinheiro se tornara sujo porque viera de um suicida. Em função disso, compraram o Campo do Oleiro, para servir de cemitério para estrangeiros, conforme a profecia de Jeremias que Mateus cita nos versículos 9 e 10.

Jesus foi trazido a Pilatos sob a acusação de estar querendo Se tornar o rei dos judeus, insurgindo-se contra Roma. Ao ser interrogado a respeito, a única coisa que respondeu foi que “é você que está dizendo”. Daí em diante impressionou a Pilatos o fato de Jesus não Se defender e permanecer em silêncio.

Nos versículos 15 a 21, vemos Pilatos, convicto de que Jesus nada fizera e, tentando atender ao pedido da sua própria esposa, procurando soltá-lo, fazendo uso do costume de soltar um prisioneiro judeu na época da Páscoa. Insuflado pelos sacerdotes e líderes, o povo pediu, contudo, que se lhes soltasse Barrabás, um ladrão e assassino.

Vemos nos versículos 22 a 26 que ele tentou, ainda, arrazoar com o povo, mas este pediu que Jesus fosse crucificado, pelo que Pilatos lavou as mãos (literalmente), se disse inocente daquele sangue (embora a última palavra fosse dele) e O entregou para ser açoitado e crucificado.

Os versículos 27 a 31 apresentam Jesus como objeto de deboche por parte dos soldados romanos, que O vestiram de um manto vermelho e colocaram uma coroa de espinhos em Sua cabeça, para depois açoitá-lo. Concluídos os açoites e a zombaria, colocaram de volta Suas próprias vestes e O mandaram para ser crucificado.

Os versículos 32 a 50 narram toda a sequência da crucificação começando com a caminhada para o Gólgata, onde constrangeram Simão cireneu a ajudá-lo a carregar a cruz. Tentaram embebedá-lo com vinho misturado com fel, mas Ele Se recusou a beber. Tiraram Suas roupas, dividiram-nas por sorteio e O pregaram na cruz, que foi erguida entre duas outras ocupadas por ladrões. Ali Ele foi alvo do deboche de Pilatos, com a inscrição relativa à Sua realeza, do povo, dos líderes do templo e até por um dos ladrões (*Lucas 23.39*).

Mateus, que provavelmente estava presente, nos informa que o céu se escureceu do meio dia até às 3 da tarde, quando Jesus, então, bradou as conhecidas palavras “**Deus Meu! Deus Meu! Por que o Senhor Me abandonou?**” Esse é o momento em que Aquele que não conhecia o pecado, o conheceu no Seu próprio espírito humano, quando Deus O fez pecado por nós, para que nós pudéssemos ser feitos justiça de Deus na Sua ressurreição (*Isaías 53.11 e II Coríntios 5.21*).

É curioso que alguns tenham confundido Seu brado com um clamor pedindo que Elias o livrasse. Certamente alguém se lembrou de *Malaquias 4.5* e tentaram reanimá-lo com vinagre, mas Ele apenas entregou o espírito.

Naquele momento, contudo, começava a ser inaugurado “o caminho vivo e novo” através do véu, com este se rasgando de alto a baixo e a terra tremendo. Além disso, temos uma citação acerca das muitas ressurreições de pessoas tementes a Deus, que entraram na cidade e apareceram a muitos. Não temos maiores explicações quanto a isso, pelo que certamente vamos ter que esperar para saber se isso foi simbólico ou se efetivamente ocorreu conforme descrito.

Seja como for, a sequência dos fatos e a própria forma como Jesus morreu, seguida de um terremoto, convenceram o centurião ao pé da cruz de que “**verdadeiramente Aquele era o Filho de Deus**”.

Mateus registra a presença das mulheres que acompanhavam Jesus desde a Galileia, bem como o fato de José de Arimatéia ter pedido a Pilatos licença para enterrar Jesus, prontamente concedida. Ele, então, enterrou Jesus num sepulcro novo escavado na rocha, que nunca fora usado e que ele preparara para si mesmo. A entrada do sepulcro foi fechada com uma grande pedra, sob os olhares das mulheres que o acompanharam até ali.

A última coisa que Mateus registra é a preocupação dos chefes dos sacerdotes e dos fariseus com a declaração de que Ele ressuscitaria ao terceiro dia. Eles temiam que Seus discípulos roubassem o Seu corpo e depois declarassem que Ele ressuscitou. Em função disso, pediram um destacamento de soldados a Pilatos, que o concedeu e com o qual armaram um esquema de segurança e lacraram a pedra.

Mateus 28

No domingo pela manhã, ainda de madrugada, Maria Madalena e Maria, a mãe de Tiago (irmão mais velho de Jesus) se dirigiram até o sepulcro. Tinha havido um grande terremoto e um anjo que descera dos céus havia rolado a pedra e se assentou sobre ela. Os guardas tiveram muito medo e estavam petrificados como mortos. Quando as mulheres chegaram, o anjo lhes disse que não tivessem medo, pois Jesus havia ressuscitado, convidando-as para ver o lugar onde Ele outrora estivera. Além disso, pediu que fossem contar aos discípulos que Ele os encontraria na Galileia.

Elas já estavam saindo, quando o próprio Jesus Se apresentou a elas, repetindo a mesma mensagem a ser dada a Seus discípulos. Elas O adoraram e logo se puseram a caminho para encontrar os discípulos.

Logo a seguir os soldados se levantaram e foram contar aos chefes dos sacerdotes o que ocorrera. O mais incrível é o fato destes manterem a sua posição de rebeldia, não obstante a oportunidade de testemunhar que se cumprira tudo que Jesus havia dito e que eles agora conheciam ser verdade a respeito do fato de ser Ele o Messias. Ao invés de se arrependem, buscando-O para estabelecer com Ele a comunhão necessária, preferiram subornar os soldados, para que testemunhassem que Seus discípulos o havia levado.

Os discípulos se dirigiram para a Galiléia e lá encontraram Jesus, conforme combinado, tendo ouvido dele as palavras mais conhecidas do Evangelho de Mateus:

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Semana 85 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 1

Texto: Ezequiel 1 a 14

Estação 42

Ezequiel 1

Ezequiel, um sacerdote levita, abre o seu livro situando as suas profecias com algumas datas, mas infelizmente estas não ficaram totalmente claras. Talvez ele quisesse dizer que aos 30 anos de idade Deus apareceu a ele pela primeira vez ao lado do Rio Quebar, onde ele estava em Babilônia juntamente com alguns outros exilados. De repente os céus se abriram e ele teve visões de Deus. Isso ter-se-ia dado no quinto ano do exílio do rei Joaquim, que ocorreu no ano 598a.C. Estaríamos, portanto, no ano 593a.C.

Sua visão, cheia de detalhes sobre quatro criaturas, acima das quais estava o trono de Deus, se estende até o final do capítulo, até o momento em que o Senhor, assentado no trono está prestes a falar com ele, o que só acontece no capítulo 2.

A figura 85-1, abaixo, contém um resumo da descrição apresentada, mas não tem sentido repetir aqui a sua visão, já difícil de se entender, pelo que recomendo uma história ilustrada da visão que encontrei na internet. Basta copiar o endereço abaixo para o google chrome para executá-lo:

<https://www.youtube.com/watch?v=WtNEQFz2dao>



Figura 85-1 - A visão de Ezequiel

É claro que, neste caso, vale a máxima que diz que uma figura diz mais do que mil palavras.

Ezequiel 2

O comissionamento de Ezequiel se estende do início do capítulo 2 até o versículo 14 do capítulo 3. Ezequiel ficara completamente sem forças diante da visão que tivera até então e estava caído no chão, quando Deus começou a falar com ele, pedindo que ficasse de pé. Nisso, o texto nos diz que entrou nele o Espírito Santo e que Este o pôs de pé, para que pudesse ouvir o que Deus Pai tinha a dizer.

Do versículo 3 em diante Deus diz a Ezequiel que está sendo enviado aos israelitas, uma nação que se revoltara contra Ele e que ele deveria falar com eles, quer ouvissem quer não, tudo que Ele mandasse (versículos 3 a 7).

No versículo 8 Deus diz ao profeta que este deve ouvir as palavras que Ele lhe disser e que deve comê-las para levá-las ao povo de Israel. Logo a seguir, nos versículos 9 e 10, Ezequiel tem uma visão de um livro em forma de rolo, no qual há palavras escritas de ambos os lados lamentando a situação de Israel a quem ele deveria falar.

Ezequiel 3

O capítulo 3 é claramente uma continuação daquilo que Deus dizia a Ezequiel no final do 2. Logo no primeiro versículo ele manda, novamente, que coma as palavras do rolo que acabara de ver e que estas fossem, então, proclamadas à nação de Israel.

Ezequiel obedeceu e as palavras, de procedência divina, lhe pareceram muito doces em sua boca. Isso não nos surpreende justamente por serem vindas de Deus, mas imediatamente nos lembramos de *Apocalipse 10.8-11*, onde o anjo disse a João que comesse um livro que lhe fora entregue por outro anjo. O livro ali foi igualmente doce em sua boca, mas o efeito do mesmo em seu estômago foi muito amargo.

Embora não haja menção desse segundo fato aqui, subentende-se que a palavra seria amarga por repreender duramente o povo de Israel. Desta forma, as consequências para Ezequiel seriam igualmente amargas. Talvez seja a isso que ele se refere no versículo 14, onde diz que seu próprio espírito havia ficado cheio de amargura e ira (a mesma que o Senhor estava sentindo em relação à idolatria dos judeus).

Nos versículos 4 a 7, depois de ter comido as palavras de Deus, Ezequiel é enviado novamente à nação de Israel. O Senhor ressalta que se trata de falar na língua com a qual ele está acostumado, mas mesmo assim os israelitas não iam querer ouvi-lo, porque era a Deus que não queriam ouvir. Deus ainda dá uma “pichada” nos israelitas, dizendo que se fossem estrangeiros e Deus falasse com eles através de um profeta, certamente iam querer ouvir (versículo 6b).

Por causa disso, Deus promete tornar o Seu profeta também obstinado e duro, para que fale tudo sem temer as ameaças que certamente haveria de sofrer. Para tanto ele deveria estar atento, guardando as palavras de Deus em seu coração.

Quando Deus acabou de falar, o texto nos informa que o Espírito de Deus o elevou e nós ficamos nos perguntando de que maneira isso se deu, mas infelizmente o texto não nos informa. Queremos crer, contudo, que ele se sentiu cheio do Espírito Santo no momento em que ouviu os anjos clamando glória ao Senhor.

Neste mesmo momento retornamos ao cenário dos quatro seres vivos e Ezequiel ouviu o barulho das suas asas roçando uma na outra, que ele diz ser um forte estrondo. Novamente o Espírito o elevou, mas desta feita tirando-o de lá com seu espírito cheio de amargura e o conduziu a Tel-Abibe (assentamento de exilados judeus junto ao Rio Quebar no sudeste babilônico), onde ele ficou 7 dias atônito, aguardando a palavra do Senhor.

Nos versículos 17 a 21 Deus fala com Ezequiel sobre o papel dele de sentinela, que certamente se aplica a cada um de nós. Ele define o assunto em termos de responsabilidade, para o que considera dois casos distintos relativos ao ímpio:

- no primeiro ele considera o caso em que o sentinela deixa de avisar o ímpio a respeito de sua impiedade e este se perde por falta de aviso. Neste caso o sangue do ímpio será requerido do sentinela;

- no segundo caso ele supõe que o sentinela exerce o seu papel, mas o ímpio não aceita a advertência do sentinela. Neste caso o ímpio será culpado de sua própria morte.

São apresentados, ainda, mais dois casos, mas desta feita relativos a um justo que cometeu uma infração contra o Senhor:

- Certamente o Senhor se empenha para que ele seja avisado, mas se o sentinela deixa de fazê-lo, neste caso o justo morrerá em seu pecado, mas seu sangue será reclamado do sentinela;

- Na segunda alternativa, o justo faltoso é avisado pelo sentinela e se desvia do seu pecado. Neste caso o justo é salvo e o sentinela não será culpado de nada, porque cumpriu o seu dever.

Obviamente a dúvida que ficou na mente de todos é a forma como o Senhor vai requerer do sentinela o não cumprimento de sua responsabilidade, de avisar tanto ao ímpio como ao justo.

Para responder a essa pergunta corretamente, precisamos entender em que circunstâncias ela está sendo feita. O profeta vivia em tempos veterotestamentários, ou seja, segundo a lei. Assim sendo, o ímpio é aquele que não obedece à Lei de Moisés e o justo aquele que a observa. Quando o justo passa a pecar, na realidade ele se tornou ímpio e a diferenciação dos dois casos tem por finalidade ressaltar que a justiça do justo não lhe traz nenhuma vantagem se ele passa a viver em pecado. Em ambos os casos, as mortes, tanto do ímpio como do justo faltoso podem ser tanto físicas como espirituais. A primeira implicará automaticamente na segunda, porque ambos morrem em seus pecados e sem o arrependimento necessário para o perdão dos mesmos.

Já a situação do sentinela é diferente, porque ele é um justo que está a serviço de Deus, podendo deixar de cumprir sua responsabilidade, por algum motivo, mas que não necessariamente implica na rebelião do pecado. Assim sendo, o descumprimento de sua obrigação pode vir a implicar em morte física, mas não em morte espiritual.

Devemos ter em mente, portanto, que não está implicada aqui qualquer discussão do tipo predestinação ou arminianismo.

Os versículos 22 a 27 encerram este capítulo com o Senhor se apresentando novamente a Ezequiel, desta feita numa planície não especificada. Em chegando lá, contudo, ele

mais uma vez vê a glória do Senhor e, mais uma vez, se sente totalmente sem forças. Novamente o Espírito o levanta para falar com o Senhor, só que desta feita a sua comissão é para que fique em casa e se cale. Talvez seja uma estratégia para despertar a curiosidade de seus ouvintes.

Ezequiel 4

Deus já tinha dito a Ezequiel, no capítulo anterior, que ele seria usado como uma espécie de exemplo do que Ele estava por fazer em Jerusalém, mas neste capítulo Ele explica com detalhes a árdua missão que havia preparado para ele.

Tudo começa com uma ordem para que ele pegasse um tijolo e fizesse nele o desenho da cidade de Jerusalém. O tipo de tijolo, seu tamanho e se isso seria uma espécie de maquete, não ficam claro no texto, mas se a intenção era que os israelitas a identificassem com Jerusalém imediatamente, podemos supor que se trata de uma maquete de bom tamanho.

O próximo passo seria colocar o exército babilônico em volta dela, com uma rampa de ataque, o acampamento deles e seus aríetes para lançamento de pedras e flechas, deveriam ser todos facilmente identificados por quem passasse pela casa de Ezequiel.

O versículo 3 é difícil de entender, começando pela panela, que outros traduzem como grade ou placa. Como deve significar um muro, com o profeta do lado de fora, parece que grade seria um termo mais adequado. Aparentemente ela representa a impossibilidade dos israelitas de escaparem da punição preparada por Deus.

Agora Deus manda que ele se deite sobre o lado esquerdo, por um período de 390 dias correspondentes aos 390 anos de iniquidade de Israel. O texto não diz onde ele deveria se deitar, mas certamente não era escondido no seu quarto, do contrário não serviria de testemunho para ninguém. Imagino que ficasse num lugar onde, todos que ali passassem, pudessem vê-lo (na varanda, se sua casa tivesse uma, ou mesmo na frente de casa). Depois de 13 meses deitado sobre o seu lado esquerdo, ele deveria se virar e ficar mais quarenta dias sobre o lado direito, referentes aos 40 anos de iniquidade de Judá.

Quanto a esses dois números, 390 anos e 40 anos para Israel (presumivelmente o Reino do Norte) e Judá, respectivamente, temos grande dificuldade de entendê-los. Taylor (/58/, págs. 74 a 76) parece entendê-los como os anos de castigo, enquanto eu os entendo como os anos de monarquia corrupta. Mesmo assim fica difícil de atribuir os períodos a que se referem. Saul começou a reinar por volta de 1050a.C., o reino se subdividiu em 931a.C. e o Reino do Norte foi destruído em 722a.C. Já o Reino de Judá prosseguiu até 605a.C. quando foram levados os primeiros exilados, com outro grupo sendo levado em 598a.C. e finalmente com a destruição de Jerusalém em 586a.C. Não foi possível fazer qualquer combinação desses números que justificasse os anos citados acima; mesmo imaginando que Israel fosse de Saul até a queda do Reino do Norte, teríamos 328 anos e não 390. Já a duração de Judá se estenderia de 931 até 586, ou

seja 345 anos, bem longe dos 40 assinalados. Qualquer outra sugestão que se possa fazer aqui é mera especulação, pelo que vamos nos contentar em citar os números que Deus deu a Ezequiel sem entendê-los.

No versículo 8, o Senhor diz a Ezequiel que Ele mesmo vai amarrá-lo para que não possa se virar durante os dias supracitados. Ele deveria preparar os alimentos a serem ingeridos durante o primeiro período, no qual comeria 240 gramas de pão diários em horários específicos. Sua bebida seria apenas água na quantidade de meio litro por dia.

O pão a ser comido seria assado com fezes humanas na frente de todo o povo, simbolizando a imundície com que eles comeriam seu próprio pão no exílio. Nesse ponto Ezequiel pediu misericórdia ao Senhor, dizendo que nunca comeria nada impuro, pelo que Deus o atendeu e permitiu que seu pão pudesse ser assado sobre esterco de vacas, ao invés de fezes humanas.

Encerrando este capítulo, Deus informa a Ezequiel sobre a fome que haveria em Jerusalém nos dias do cerco babilônio (versículos 16 e 17).

Ezequiel 5

Na continuidade das coisas que deveria fazer, Ezequiel rasparia a cabeça e a barba e guardaria os seus cabelos até o fim do cerco que os babilônios imporiam a Jerusalém. Tão logo isso ocorresse, ele deveria usar os seus cabelos para mostrar o que se passaria com os habitantes de Jerusalém. Um terço deles seria queimado no fogo, outro terço seria cortado com a espada e o último terço seria espalhado pelo vento. Além disso, ele deveria pegar algumas mechas e escondê-las na dobra de sua roupa (as dobras faziam o papel dos bolsos nas roupas atuais). Destas algumas mechas seriam queimadas num fogo que se espalharia por todo o Israel.

Jerusalém havia sido posta por Ele para servir de exemplo às nações em volta, mas ela se revoltara contra Ele, desobedecendo à aliança que haviam firmado, procedendo ainda pior que as nações vizinhas, motivo pelo qual elas testemunhariam o seu castigo.

Esse castigo é descrito nos versículos 9 a 12, onde a sua idolatria seria castigada pela fome, a ponto de pais comerem os próprios filhos e estes a seus pais. Seus habitantes seriam dispersos por todos os cantos e Ele deles retiraria a sua bênção. Um terço deles morreria de peste e fome, outro seria morto pela espada ali mesmo e o terceiro terço seria espalhado pela terra, mas com a espada a persegui-los.

Os versículos 13 a 15 falam a respeito do castigo como forma de apaziguar a indignação que Deus sentiu devido à idolatria de Jerusalém, fazendo com que soubessem o quão zeloso Ele realmente é.

Mesmo assim, apesar de cessado o castigo, o pecado teria consequências. Estas se expressariam na forma como as nações em volta veriam Israel de forma desprezível.

Seu povo seria objeto de escárneo deles, mas ao mesmo tempo estas mesmas nações temeriam o Deus que castiga os erros do seu próprio povo.

Os dois últimos versículos resumem o castigo que Deus aplicaria a Judá e que seria expresso pela fome, pelos animais selvagens, pela peste e pelo sangue.

Ezequiel 6

Mais uma vez o Senhor se dirige a Ezequiel para que este proclame a destruição que Ele está prestes a fazer derramar sobre Israel, figurada através de seus montes, colinas, ravinas e vales. Ele estava prestes a mandar a espada para destruir todos os altares idólatras.

Todos os altares seriam arrasados, o povo morto diante deles e seus ossos espalhados ao redor dos altares. Todas as cidades virariam ruínas e tudo que foi feito seria apagado. Os que escapassem da espada saberiam que foi o Senhor que fez, mas seriam espalhados entre as nações.

A intenção do Senhor era fazer conhecido destes o quanto O haviam entristecido para que sintissem nojo de si mesmos. Saberiam, então, que as ameaças do Senhor não tinham sido feitas em vão.

Nos quatro versículos finais o Senhor lembra que é hora de começarem a gritar porque o castigo pelos atos repugnantes de Israel estava chegando e que morreriam pela espada, pela fome e pela peste. Quem estava longe, pela peste, quem estava perto, pela espada e quem sobrevivesse, pela fome. Quando vissem todo o povo morto nos lugares de sua idolatria, saberiam que foi o Senhor que fez. Do sul até Dibla (ou Ribla) ao norte, saberiam que Deus é o Senhor.

Ezequiel 7

Ezequiel em Babilônia profetizava para um povo que já estava no exílio, mas que tinha a esperança de brevemente poder retornar para casa. Os primeiros exilados tinham vindo em 605a.C. Depois veio o rei Joaquim e alguns com ele, dentre os quais Ezequiel, em 598a.C. Em 594a.C ele havia começado a profetizar e agora o fim de Jerusalém, cercada pelo babilônios, estava se aproximando.

Mais uma vez o Senhor fala da iminência do castigo que estava por se abater sobre Israel em seus 4 cantos. Era uma retribuição pelas práticas repugnantes dos filhos de Judá, que Ele trataria sem piedade, tendo em vista a sua conduta.

O próprio Senhor chama o castigo que se faz necessário de “uma desgraça”, uma vez que implicava no fim temporário do Estado de Judá. Juntamente com a condenação chegaria também o pânico, mas tudo se fazia necessário devido ao comportamento repugnante de Judá e ficaria claro, para o povo, que foi o Senhor que os puniu.

O fim havia chegado para tudo e para todos. Todos os bens móveis e imóveis estavam perdidos. Aqueles que tinham propriedades não viveriam mais para delas usufruir. Morreriam no exílio.

Mais uma vez o castigo viria na forma de espada, peste e fome. O primeiro para quem estivesse no campo e os outros dois para quem permanecesse na cidade. A prata e o ouro não os livraria, porque tais coisas não serviriam para encher o estômago. Suas lindas joias, com as quais adornavam e compravam ídolos, tornar-se-iam em coisas detestáveis.

Tudo seria entregue nas mãos dos estrangeiros e dos ímpios que o contaminariam. Profanariam o templo, que seria invadido por ladrões, que o profanariam. O rei, o príncipe e o povo em geral, todos tremeriam e saberiam que o Senhor reina com tudo sendo feito de acordo com Sua vontade.

Ezequiel 8

Mais uma vez Ezequiel nos situa no tempo. Admite-se, com base nesta informação, que ele esteja aqui na metade do ano 592a.C., ou seja, menos de 6 anos antes da queda de Jerusalém e 14 meses após a sua primeira visão. Nesse meio tempo admite-se que ele tenha cumprido o período de testemunho para os exilados, deitando-se 390 dias sobre um lado e 40 sobre o outro.

Durante esse período ele certamente havia ganho reconhecimento como profeta do Senhor, pelo que vemos aqui as autoridades de Judá conversando com ele, e certamente fazendo perguntas, quando ele teve nova visão vinda do Senhor. A visão em questão se estende do capítulo 8 até ao 11.

No versículo 2 ele vê uma figura, aparentemente humana, que identificamos com Aquele que estava sentado no trono em sua primeira visão, cujo aspecto era de muito brilho. Este o segura e Seu Espírito o leva, em visão, até a entrada norte do templo de Jerusalém.

Devemos lembrar aqui que o templo do Senhor fora contaminado em algumas ocasiões por reis que ali colocaram ídolos para adoração. Podemos citar Acaz (*II Reis 16.10-16*) e Manassés (*II Reis 21.4*), mas pode ser que o ídolo, diante do qual ele foi colocado, faça parte apenas da visão de Ezequiel, representando o que se passava no coração dos filhos de Judá.

Ali, no pátio exterior do templo, onde podia entrar todo o povo de Israel, ele viu, também, a glória do Senhor, da forma como a vira em sua primeira visão junto ao rio Quebar. Neste momento o Senhor chama a sua atenção para o ídolo que ali estava, que tanto ciúme Lhe provocava e para as coisas repugnantes que fazia o povo, as quais iam acabar fazendo com que Ele abandonasse a casa que fora construída para Ele.

A referência ao pátio a seguir parece ser o pátio interior. Quanto ao buraco no muro (de entrada ao pátio interior), no qual ele recebe ordens para escavar, é pouco provável que isso fosse real, tratando-se apenas da visão que ele estava tendo da verdadeira adoração do povo.

Ali ele viu não apenas figuras de animais (puros e impuros), que estavam sendo idolatrados, mas também 70 autoridades do povo, que estavam ali adorando essas imagens, todos de incensário da mão. A tradição iniciada por Moisés de escolher 70 líderes dentre as 12 tribos, para ajudar a dirigir a nação, deve ter sido perpetuada, pelo que se admite aqui que sejam estes os líderes vigentes. É curioso que Ezequiel tenha reconhecido um deles de nome Jazanias, filho de Safã. Lembramos aqui que Aicam, também filho de Safã, era temente ao Senhor e havia ajudado a salvar a vida de Jeremias (*Jeremias 26.24*), mas seu irmão, pelo visto, se tornara um idólatra.

Deus chama a atenção de Ezequiel, então, para a idolatria praticada pelos líderes de Israel, que ainda diziam que o Senhor não via nada daquilo. Fica claro aqui que aquilo era uma visão, mas que a idolatria dos líderes, como o próprio Jazanias, era real.

Na continuidade da visão, junto à porta de entrada para o templo, onde só entravam os sacerdotes, Ezequiel viu um grupo de mulheres chorando por Tamuz. Tamuz era um deus babilônico, cuja adoração foi ficando bastante popular à medida em que crescia o domínio deles. Era uma espécie de deus da fertilidade.

A última visão que Ezequiel teve, ainda dentro do pátio interno, foi de 25 homens que, não obstante estarem ali, no templo do Senhor, estavam adorando o Sol. Quando Deus comenta mais essa idolatria, Ele chama a atenção do profeta para o fato de estarem levando ramos para perto do nariz. Não está claro de que se trata, mas parece estar associado à violência que estavam produzindo (versículo 17). Todas as interpretações são especulativas, sugerindo-se, inclusive, que possa se tratar de uma forma de droga, usada já naquela época, e que sempre resulta em violência nos nossos dias.

Em decorrência disso, o Senhor diz, novamente, que não mais Se apiedará deles, nem os poupará.

Ezequiel 9

Depois de mostrar a Ezequiel toda a idolatria que estava sendo praticada em Jerusalém, Deus manda que sejam trazidos os guardas da cidade, todos armados. Ele viu quando chegaram 6 deles, acompanhados por um homem vestido de linho, que aparentemente era um escrevente. Estes se colocaram ao lado do altar de bronze do átrio interior.

No versículo 3 tem início a retirada do Senhor do templo de Jerusalém, tal como preconizada no versículo 6 do capítulo anterior. A idolatria do povo O havia constrangido a levantar-Se dos querubins no Santo dos Santos e dirigir-Se à entrada do templo.

Neste momento o Senhor Se dirigiu ao homem de linho e mandou que saísse pela cidade fazendo uma marca nas testas de todos aqueles que eram tementes a Ele. Ezequiel se refere a eles como: “aqueles que suspiram e gemem por causa de todas as práticas repugnantes que estão sendo feitas”.

Já aos soldados que o acompanhavam, deu ordem para que saíssem por toda a cidade e que, começando pelo santuário, matassem, sem piedade, todos os que não tivessem a marca colocada na testa dos servos do Senhor. A mortandade em apreço começou, portanto, com os 70 anciãos do povo e os corpos de todos os mortos deveriam ser trazidos para o templo, afim de contaminá-lo.

É bonito ver a atitude de Ezequiel, no versículo 8, colocando-se de joelhos diante de Deus para implorar que Ele poupasse a vida de todo o povo. Infelizmente, contudo, a resposta do Senhor, registrada nos versículos 9 e 10, foi de que a iniquidade do povo não podia mais ser perdoada e que não teria mais piedade deles, mas que faria cair, sobre suas cabeças, a recompensa de seus erros.

Concluindo, o homem de linho retornou dizendo que cumprira a sua tarefa e trazendo um relatório do seu trabalho.

Ezequiel 10

Neste capítulo vemos uma expansão da visão de Ezequiel em Jerusalém, associando-a à visão que ele tivera no capítulo 1. Ele identifica aqui os 4 seres viventes como sendo querubins e passa a descrevê-los desta forma.

Ele começa vendo um trono de safira sobre a cabeça dos querubins e o Senhor dando ao homem vestido de linho uma nova tarefa. Desta feita pediu a ele para encher as mãos com brasas ardentes, que deveria pegar lá entre os querubins, e espalhá-las sobre a cidade de Jerusalém.

O versículo 3 deste capítulo nos informa que os querubins (aqueles vistos em sua visão) estavam no lado sul do pátio interno, junto ao altar, motivo pelo qual este se encheu de uma nuvem. Já o versículo 4 nos apresenta, aparentemente, a mesma informação que havia no versículo 3 do capítulo 9 (a glória do Senhor saindo do Santo dos Santos), mas na realidade parece tratar-se de um segundo movimento. Agora a glória do Senhor (o Senhor sem os querubins) tinha saído do lado do altar, onde havia parado antes e se dirigiu à entrada do templo, com o templo agora sendo tomado pela mesma nuvem.

O bater das asas dos 4 querubins podia ser ouvido no pátio externo e parecia como se fosse a voz do Deus Todo Poderoso. Neste momento o Senhor ordenou que o homem vestido de linho fino apanhasse fogo no meio das rodas dos querubins, o que este fez prontamente, recebendo as brasas de fogo diretamente de um dos querubins.

Nos versículos 8 a 14 a descrição do conjunto dos 4 querubins e do trono sobre eles se parece muito com a do capítulo 1, exceto pelo fato de que o profeta agora já reconheceu

que os seres vivos eram, na realidade, querubins e que o rosto de boi de *Ezequiel 1.10* era na realidade um rosto de querubim (ver versículo 14 deste capítulo).

Nos versículos 15 a 22 Ezequiel se preocupa em mostrar que nada mudara em relação à sua visão anterior e que os querubins, que eram os seres vivos, se movimentavam da mesma forma. No versículo 18, a glória do Senhor, que saíra de sobre os querubins no versículo 4, dirigindo-se à entrada do templo, agora voltava a se assentar sobre eles. Já no versículo 19, todo o conjunto se dirige para a porta oriental do templo, preparando-se para deixá-lo.

Ezequiel 11

Este é o último dos 4 capítulos que falam sobre a visão de Ezequiel, na qual ele foi levado até Jerusalém. A glória do Senhor havia sido transportada até a porta de entrada do templo e agora o Espírito também levou o profeta até lá.

Junto à porta de entrada ele viu que havia 25 homens, líderes do povo, dos quais ele reconheceu dois: Jazania, filho de Azur e Pelatias, filho de Benaia. O Senhor o alertou para as intenções ruins deles. O hebraico do versículo 3, que retrata aquilo que os 25 estavam dizendo, é difícil de ser interpretado, mas aparentemente estavam dizendo que o povo não deveria se preocupar e continuar a contruir casas. A cidade seria propícia para resistir ao ataque babilônico, assim como a panela ao fogo não queima a carne.

Os versículos 4 a 12 trazem, contudo, as palavras de condenação para eles que Ezequiel deveria pronunciar. Eles eram assassinos que temiam a espada, pelo que era exatamente isso que teriam. Alguns seriam mortos e outros levados em cativeiro.

Ocorre, no entanto, que enquanto Ezequiel profetizava para eles (na visão), o Senhor matou Pelatias, filho de Benaia, fazendo com que o profeta caísse de joelhos e rosto em terra para pedir misericórdia a Deus pelo remanescente de Israel.

A resposta do Senhor teve por intenção consolar Ezequiel e Ele o fez de uma maneira interessante. Ele disse ao profeta que ele e os seus irmãos exilados vinham sendo alvo de crítica dos seus irmãos que permaneceram em Jerusalém, dizendo que eles haviam sido levados e castigados porque estavam longe do Senhor, pelo que eles, que tinham ficado, eram os verdadeiros donos da terra de Israel. Pois bem, o Senhor disse a Ezequiel que não era bem assim. Eles, os exilados, esses sim, seriam trazidos de volta e seria com eles que Deus havia de restaurar a terra de Israel. Seria deles a incumbência de remover toda a idolatria que ali havia (versículos 14 a 18).

É muito interessante, contudo, que os versículos 19 e 20 nos informem que eles seriam o objeto da Nova Aliança. Estes dois versículos serão repetidos num texto mais amplo no capítulo 36, pelo que deixaremos para cometá-los quando ali chegarmos.

Quanto aos atuais habitantes de Jerusalém, justamente aqueles que se consideravam “os bons”, mas que na realidade acalentavam a idolatria, o Senhor disse, no versículo 21, que faria cair, sobre as suas cabeças, o castigo dos seus atos.

Resumindo, o pedido de misericórdia de Ezequiel foi ouvido com relação ao remanescente já exilado, mas foi pouco alentador para os idólatras que permaneciam ainda em Jerusalém.

A retirada final da glória do Senhor do Templo e da cidade de Jerusalém é descrita nos versículos 22 e 23. Ele parte da porta oriental do Templo e se dirige para o Monte das Oliveiras a leste, do outro lado do ribeiro de Cedron.

A visão é encerrada com Ezequiel sendo transportado de volta para a Babilônia, onde estavam os exilados e aos quais contou tudo que o Senhor lhe havia mostrado.

Ezequiel 12

Mais uma vez Ezequiel precisa servir de exemplo para a mensagem que Deus pediu a ele que profetizasse. Deus queria mostrar a forma como o rei Zedequias ia tentar fugir de Jerusalém ao final do cerco dos babilônios, mas o desfecho falho dessa tentativa já seria anunciada pelo profeta bem antes de ser tentada.

Deus pediu a ele que arrumasse a sua bagagem e, à vista de todos, deveria partir como se estivesse de mudança. Primeiro deveria levar os seus pertences para fora de sua casa e depois partir como se estivesse indo para o exílio. O que ele faria de diferente, e que certamente deixaria seus vizinhos curiosos, seria sair não pelo portão, mas por um buraco feito no muro da casa. Depois deveria sair carregando a bagagem às costas. Outra curiosidade seria a forma de cobrir o rosto de modo a não ver nada.

Deus disse a ele, então, que toda essa encenação deveria ser um sinal para o povo de Israel no exílio (versículos 1 a 6).

Ezequiel fez tal como mandado e obviamente despertou a curiosidade dos vizinhos, conforme esperado, que quiseram saber de que se tratava. O Senhor disse a ele, então, que deveria dizer a eles que aquilo era uma advertência que dizia respeito ao príncipe de Jerusalém e a todo o povo que estava ali com ele.

Nos versículos 12 e 13, Ezequiel narrou que o líder do povo (Zedequias), quando da invasão da cidade pelos babilônios, tentaria fugir da mesma através de uma fenda no muro, cobrindo o seu rosto para não ser identificado. Sabemos, contudo, que foi apanhado e levado para se encontrar com Nabucodonozor, que matou seus filhos diante dele e vazou os seus olhos, antes de levá-lo para a Babilônia, onde veio a falecer sem a conhecer, devido à sua cegueira.

Os versículos 14 e 15 falam de outros que tentaram escapar, mas que foram alcançados pela espada, com a qual o Senhor os perseguiu. Tudo para que soubessem que Ele é o

Senhor. Esses fatos seriam testemunhados por uns poucos que Ele pouparia da espada de fome e da peste, para que pudessem contar que todo aquele estrago era consequência das práticas repugnantes do filhos de Israel contra o seu Deus.

Nos versículos 17 a 20, mais uma vez Ezequiel deveria servir de exemplo, mostrando medo ao comer e beber a sua água. Quando perguntado a respeito, ele deveria dizer que era isso que aconteceria em Jerusalém e Israel. O povo ficaria desesperado vendo a invasão dos inimigos e que comeriam com medo e com pressa tentando salvar alguma coisa, mas tudo seria tirado deles e suas casas seriam arrasadas.

Nos 8 versículos finais deste capítulo o Senhor falou a Ezequiel sobre alguns provérbios que haviam se tornado comuns em Israel, falando a respeito do fato de que as profecias eram todas para tempos longínquos. Com relação a isso, Deus disse que se tratava de um engano, porque todas suas palavras se cumpriram prontamente.

Ezequiel 13

Neste capítulo o Senhor pede a Ezequiel que condene aqueles que estão profetizando aquilo que concebem em sua própria imaginação, tanto homens como mulheres, atribuindo, por vezes, suas mensagens ao Senhor.

Os versículos 2 a 16 falam dos profetas como chacais no meio de ruínas. Obviamente as ruínas em apreço são morais, visto que os filhos de Israel sequer conseguem mais distinguir o engodo a que estão se submetendo (versículo 4). O Senhor se diz contra eles, tendo em vista as suas palavras falsas e visões mentirosas (versículo 8).

No versículo 9 Ele declara que não pertencerão ao conselho de Seu povo nem entrarão na terra de Israel. Nesse caso Ele está se referindo àqueles que não voltarão do exílio, pois na “nova Israel” só haverá lugar para pessoas tementes a Ele.

Nos versículos 10 a 16 o Senhor continua a criticar a forma como anunciam a paz, quando paz não há, e que constroem muros instáveis, cuja instabilidade é disfarçada pintando-os de cal. É claro que os muros a que o Senhor se refere são muros morais e espirituais, que os incautos tomam como princípios sólidos, quando na realidade são apenas mentiras.

Para desmascará-los, o Senhor permitirá que haja o estouro de um vento violento e chuvas de pedra torrenciais para derrubá-los (versículo 13). Juntamente com o muro, Ele fará com que sejam destruídos seus próprios alicerces (versículo 14).

Nos versículos 17 a 23 o Senhor pede a Ezequiel que profetize contra as mulheres que praticam a adivinhação e que enlaçam o povo com seus feitiços, tudo isso em troca de uns punhados de cevada e migalhas de pão.

Assim procedendo, Ele diz que mentiram ao Seu povo, que ouve mentiras, matando os que não deveriam ter morrido e poupando os que não deveriam viver. Em função disso, o Senhor promete livrar o Seu povo das mãos delas (versículo 23).

Ezequiel 14

Ezequiel já era reconhecido, a essa altura, como profeta do Senhor, tanto que as autoridades de Israel no exílio vinham a ele para, através dele, fazer consultas ao Senhor. O versículo 2 deixa claro, contudo, que nem por isso esses homens deixavam de ser idólatras, pelo que a consulta ao Senhor era apenas por informação de mais uma fonte. É justamente devido à sua impiedade que o Senhor pergunta a Ezequiel se Ele deve permitir que Lhe consultem?

Embora a resposta intuitiva a essa pergunta seja “não”, o Senhor não quer que ninguém se perca, ao contrário, que todos cheguem ao arrependimento, motivo pelo qual Ele pede que o profeta lhes diga como Ele Se sente, antes mesmo que abram a boca.

Em Sua resposta àqueles que ergueram ídolos em seus corações, o Senhor afirma que Sua intenção é reconquistar o coração da nação de Israel, pelo que pede que se arrependam, desviando-se de todas as suas práticas detestáveis!

Com relação àqueles, contudo, que insistirem na sua idolatria, contra eles Ele voltaria o Seu rosto, eliminando-os do meio do Seu povo. Quanto ao profeta que consultar a Deus em favor de tais idólatras, ele se tornaria tão culpado quanto aqueles que o estão utilizando para fazer a consulta. Todos seriam castigados (versículo 10).

Nos versículos 12 a 20 o Senhor fala a respeito de uma nação que pecar contra Ele por infidelidade. Primeiro ele diz que enviará contra ela a fome, matando seus homens e animais. Se nesta nação habitassem homens como Noé, Daniel e Jó, eles receberiam livramento devido à sua retidão, mas só salvariam a si mesmos.

Se ao invés de fome Ele enviasse contra aquela nação animais selvagens e nela habitassem os mesmos três, novamente cada um se salvaria apenas por sua própria justiça, motivo pelo qual esta salvação não se estenderia nem a seus filhos ou suas filhas.

O argumento é repetido a seguir para o caso de Ele enviar a espada e depois a peste, mas o desfecho seria o mesmo, a justiça daqueles três livraria apenas aos próprios.

Em função disso, eles não deveriam esperar nada diferente quando Ele enviasse contra Jerusalém a fome, os animais selvagens, a espada e a peste. Muitos morreriam, mas uns poucos seriam livrados e trazidos até eles no exílio. Quando, portanto, eles observassem a conduta desses filhos de Israel, eles saberiam, pelo fato de serem servos tementes a Deus como Noé, Daniel e Jó, porque houve livramento para eles e seriam consolados, sabendo que o Senhor não age sem motivo.

Semana 86 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 2

Texto: Ezequiel 15 a 30

Estação 42

Ezequiel 15

Este capítulo contém apenas uma pergunta e a resposta da mesma com um paralelo aplicado ao povo de Judá. Deus pergunta a Ezequiel para que serve a madeira da videira? A resposta muito direta é que sua única aplicação é para servir de lenha no fogo.

O paralelo é igualmente simples e direto. O povo de Jerusalém havia se tornado tão imprestável para Ele, devido à sua idolatria, que Deus os havia destinado para o fogo, como fizera com a madeira da videira. A infidelidade deles levava a isso.

Ezequiel 16

O capítulo 16 nos trouxe uma parábola sobre Jerusalém e este segue pelo mesmo caminho, satirizando-a como se fosse uma cidade cananeia de práticas detestáveis. No versículo 3 o Senhor diz que seu nascimento se deu na terra dos cananeus, cujo pai era um amorreu e cuja mãe uma hitita. Claro que os judeus descenderam de Abraão, que era caldeu, mas a parábola está falando de uma cidade que nasceu entre os cananeus e que foi influenciada por eles.

A prática entre eles era que o bebê mulher tinha muito pouco valor; portanto, ela foi simplesmente abandonada. Obviamente teria morrido se não fosse o Senhor passar por ela e ter decretado que ela deveria viver (versículo 6). Além disso, Ele cuidou dela enquanto crescia e se tornava uma linda mulher.

Como mulher Ele se casou com ela e deu a ela roupas caras, enfeitando-a com lindas joias de ouro e prata, fazendo dela a Sua rainha (versículo 13), cuja beleza se tornou conhecida em todas as nações (versículo 14).

A partir do versículo 15, contudo, o Senhor passa a denunciar a soberba de Jerusalém, levando-a a se prostituir. A prostituição em apreço representa a idolatria, conforme citado no versículo 16. As coisas que ela recebera do Senhor tinham passado a ser oferecidas aos ídolos com os quais ela se prostituía.

Como se tudo isso não bastasse, ela tinha passado a oferecer os seus filhos e filhas, que eram também filhos do Senhor, em sacrifício a esses mesmos ídolos, esquecendo-se de tudo que Ele fizera por ela (versículos 20 a 22).

Infelizmente as coisas não ficaram por aí. No versículo 23 o Senhor lamenta que se somem a todas essas maldades o fato de terem espalhado altares idólatras por toda a

cidade (versículos 24 e 25), além de se prostituírem com pessoas de outras terras, como os egípcios (versículo 26), os assírios (versículo 28) e os babilônios (versículo 29). Em decorrência disso, o Senhor disse ter reduzido as terras dominadas por Judá.

Nos versículos 30 a 34 o Senhor volta a usar de ironia para dizer que Jerusalém tinha agido como uma péssima prostituta. A regra nesse negócio é que os clientes paguem para usufruir dos benefícios outorgados pela prostituta, mas que Jerusalém nem isso fazia direito, porque era ela que distribuía presentes para os seus amantes para despertar o interesse destes, nada recebendo em troca de seus préstimos.

Como consequência dessa lascívia desenfreada, o Senhor descreve, nos versículos 35 a 43 o castigo a que Judá, representada por Jerusalém, será sujeitada. Ela será saqueada por todos os seus amantes, que levarão todos os seus bens, além de apedrejarem-na e de a destruírem com suas espadas, queimando as suas casas. Em meio a toda essa ironia, o Senhor ainda acrescentou que citariam para ela um provérbio conhecido: “tal mãe, tal filha”, ou seja, Jerusalém tinha um comportamento e teria um fim, similares à Canaã dos hititas, que fora destruída pelos israelitas. Ela teria ainda uma irmã mais velha: Samaria e uma mais nova Sodoma. Todas tinham família, marido, e filhos e os destestavam. Jerusalém havia andado nos caminhos de sua mãe e suas irmãs, mas havia sido tão depravada, que suas atitudes haviam justificado a suas irmãs. Assim sendo, ela deveria suportar o seu castigo e a sua humilhação, já anunciadas anteriormente, porque suas irmãs já haviam sido destruídas, mas estavam agora sendo apresentadas como mais justas do que ela (versículos 45 a 52).

Nos versículos seguintes, contudo, Ele promete que tanto Sodoma, como Samaria e as filhas de ambas seriam restauradas e que ela carregaria a sua vergonha e sua humilhação, castigo por suas ações que acabaram servindo de consolo para suas irmãs (versículos 53 a 58).

Jerusalém seria tratada como merecia por ter desprezado o juramento feito, rompendo a aliança que fizera com o Senhor, mas Ele, por Sua misericórdia, estabelecerá com ela uma aliança eterna. Ela, então, se envergonharia de seus caminhos e receberia as suas irmãs como se fossem filhas.

Curiosamente, contudo, Ele faz uma ressalva importante. Isso não se daria mais com base na aliança que Ele e ela haviam estabelecido no Sinai, porque aquela aliança estava aniquilada. A Nova Aliança, com base na qual ela seria feita com Ele fazendo propiciação pelos pecados dela (versículo 63). Caberia a ela, contudo, se lembrar e se envergonhar (se arrepende) de tudo que ela fizera, mas com o direito de não mais ter que se lembrar de seus pecados depois disso.

Essa descrição da Nova Aliança aqui, numa época em que Ezequiel não tinha a menor noção dela, é maravilhosamente completa e fala inclusive do alívio da consciência, que encontramos apenas em *Hebreus 8-10*.

Ezequiel 17

Pelo terceiro capítulo consecutivo, o Senhor está usando de uma parábola para que Ezequiel fale aos filhos de Judá. Para que possamos entender esta nova parábola, devemos fazer uma pequena recordação dos eventos históricos associados aos últimos reis de Judá.

Com a morte de Josias por Neco, no ano 607 ou 606a.C., o povo de Israel coroou a Jeoacaz, seu filho, em seu lugar, mas este reinou apenas 3 meses, porque Neco, voltando para o Egito, passou por Jerusalém, prendeu Jeoacaz e colocou seu irmão no trono, com o nome de Jeoiaquim. Jeoiaquim começou o seu reinado de 11 anos como tributário de Neco, mas a partir do terceiro ano do mesmo, passou a pagar os seus tributos a Nabucodonozor, que veio a Jerusalém e assim o determinou (605a.C.). Ele se rebelou contra Nabucodonozor, fazendo com que este retornasse a Jerusalém, mas ao fazê-lo, Jeoiaquim já havia morrido e tinha acabado de ser empossado o seu filho Joaquim. Nabucodonozor prendeu Joaquim e o levou para a Babilônia, por volta de 597a.C., deixando no seu lugar o seu tio, Zedequias, irmão de Jeoiaquim, com quem fez um acordo selado diante do Senhor, segundo o qual ele se comprometia a servi-lo. Infelizmente Zedequias rompeu o seu acordo, obrigando Nabucodonozor a cercar a cidade em 588 ou 587a.C., vindo a tomá-la em 586 ou 585a.C., quando levou os últimos cativos para o exílio em Babilônia.

A parábola objeto deste capítulo diz respeito ao período abrangido pelos últimos 11 anos do reinado de Judá, sob o comando do rei Zedequias. Havia uma grande e poderosa águia, que veio do Líbano, onde apanhou um broto de um alto cedro. Nabucodonozor é a grande e poderosa águia, que veio ao Líbano (representativa de Judá) e prendeu o rei, representado pelo broto de um alto cedro, e o trouxe para a Babilônia (uma terra de comerciantes no versículo 4).

Depois disso a águia apanhou um pouco de sementes da sua terra e plantou como um salgueiro junto a muita água, onde brotaram e formaram uma videira. Dentre as sementes da terra, ou seja, no seio da família real, Nabucodonozor escolheu Zedequias, tio de Joaquim, que colocou em solo fértil (em Jerusalém), onde o plantou como um salgueiro (como rei sobre o trono de Judá), junto a muita água (que permitia sua subsistência).

Essa semente, o rei Zedequias, tinha, portanto, liberdade para reinar, desde que mantivesse a fidelidade prometida sob juramento diante do Senhor, ao rei Nabucodonozor. Enquanto essa fidelidade se manteve, a semente brotou e formou uma videira baixa e copada, ou seja, ele tinha certa autonomia e tinha um reino bem sucedido (a videira desenvolveu-se).

Havia, contudo, outra águia igualmente poderosa, para quem a videira resolveu estender seus ramos em busca de água. Esta águia é o Egito do Faraó Hofra (Neco já havia falecido), que Zedequias avaliou ser capaz de fornecer um exército capaz de derrotar Nabucodonozor.

Ocorre, contudo, que a videira havia sido plantada em terreno bom, com muita água e produziria ramos e fruto em abundância se assim permanecesse (versículo 7). Acontece que Zedequias optou por não manter seu juramento feito diante do Senhor, pelo que o próprio Senhor pergunta no versículo 9 se essa videira tem alguma chance de vingar?

Nos versículos 12 a 15 o Senhor pede que Ezequiel pergunte se a parábola havia ficado clara para todos e passa explicá-la. Ao final da explicação, Ele pergunta novamente se Zedequias, rompendo o tratado que ele fizera, teria alguma chance de escapar?

Nos versículos 16 a 21 o Senhor declara, através de Ezequiel, que a rebeldia de Zedequias seria castigada com a espada e com o exílio. Que o rei do Egito seria de nenhuma valia e que o próprio Zedequias morreria em Babilônia.

Surpreendentemente, contudo, Ezequiel conta uma nova parábola, nos versículos 22 a 24, onde o próprio Senhor, soberano, diz que vai plantar outro broto de um alto cedro, num monte alto e imponente de Israel. Este, que não é outro senão o Seu Messias, produzirá galhos e dará fruto, tornando-se num cedro viçoso, onde todos os tipos de pássaros (nações de toda a terra) se aninharão e encontrarão sombra.

Mais uma vez Ezequiel, talvez até sem sabê-lo, está falando da Nova Aliança, que será conhecida por todas as árvores do campo (todas as nações da terra), porque Ele a fará crescer e florescer.

Ezequiel 18

Havia um ditado em Israel nos dias de Ezequiel, que Deus Se dirigiu ao povo para questionar: **'Os pais comem uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotam'?** Na realidade, logo de saída, Ele deixa claro que esse provérbio não é verdade! Quem comer uvas verdes, ou seja, quem pecar, esse é o que terá seus dentes embotados, ou seja, morrerá.

Para que isso fique bem claro, o Senhor pede ao profeta que o exemplifique e isso ele faz da seguinte maneira:

- Nos versículos 5 a 9 ele fala de um homem, que ele chama de justo e direito, e que age, em todas as coisas, segundo a Lei. Esse o Senhor diz que viverá;

- Depois ele retrata um filho desse mesmo justo, um sujeito completamente oposto ao pai. Ele é violento e desobedece à Lei em tudo, fazendo coisas detestáveis. Esse ímpio Ele atesta que morrerá por sua própria responsabilidade;

- Não satisfeito Ezequiel retrata o filho desse ímpio, neto do justo, que vendo a impiedade do pai, prefere seguir os passos do avô, pelo que o Senhor declara que este, apesar de ter um pai iníquo, também viverá (versículos 14 a 17).

Nos versículos 18 a 20 ele resume novamente os exemplos dois e três dizendo que o personagem do exemplo dois morrerá pelos seus próprios pecados e que o seu filho, no exemplo três viverá por obedecer à Lei de Deus, não tendo que compartilhar em nada da culpa de seu pai.

Até aqui pode até parecer que se trata de um sistema de débito e crédito, segundo o qual o pecado acumula débito e a obediência crédito. Para evitar, contudo, que alguém pense dessa forma, o Senhor resolveu dar mais dois exemplos.

O primeiro está nos versículos 21 e 22 e retrata um homem ímpio que se arrepende de seus pecados e passa a agir de acordo com a Lei. O Senhor diz que não haverá lembrança de todos os pecados que cometeu. Ao invés disso, viverá por seus atos de justiça.

Isso é lindo, porque mostra que seu “débito” simplesmente não importa e, sim, o seu arrependimento. Se tiver vivido 100 anos pecando deslavradamente, mas tiver se arrependido no último dia de sua vida, o “débito” amontoado ao longo 99,99% de sua vida simplesmente desaparece.

Ezequiel ainda pergunta, no versículo 23, se Deus, por acaso, tem algum prazer na morte do ímpio? Ele não prefere antes que ele se arrependa e viva?

Já o segundo exemplo, apresentado no versículo 24, é o contrário. Trata-se de um justo, que cansou de “banciar o trouxa” e resolveu praticar as impiedades que antes evitava. Quanto a esse, o texto diz que ocorre também o contrário. Todos os seus atos de justiça serão esquecidos e ele morrerá por sua impiedade.

Novamente, de nada terá valido o crédito acumulado ao longo de sua vida toda se, ao final da vida, ele “entortar o seu coração” e rejeitar a Deus. Ele morrerá pelos seus pecados.

Neste ponto o Senhor Se antecipa ao pensamento dos ouvintes de Ezequiel e deixa claro que isso não implica em qualquer “injustiça” da parte dEle. A injustiça, nesse caso, está nos caminhos deles. Se eles se **arrependerem**, e andarem segundo a Lei, produzindo esses atos de arrependimento, então. viverão.

No versículo 31, pelo quarto capítulo consecutivo, Ezequiel faz referência à Nova Aliança, visto que é nela que o povo encontra um coração novo e um espírito novo. Ambos estão associados ao arrependimento, que torna aplicáveis a quem se arrepende a propiciação que Ele outorga.

Encerrando, o Senhor relembra que não tem prazer na morte de ninguém, antes que todos se arrependam e vivam. Aleluia!

Ezequiel 19

Este capítulo é o resultado de um lamento que o Senhor mandou que Ezequiel escrevesse, sob forma de parábola, acerca dos reis de Israel. O lamento retrata dois reis específicos. O primeiro é claramente Jeoacaz, filho mais velho de Josias, que foi levado preso para o Egito pelo rei Neco. Já o outro tanto pode ser Joaquim, filho de Jeoiaquim, que foi levado para a Babilônia devido à rebelião do pai, em 597a.C., como pode ser uma referência a Zedequias, que o substituiu e que também se rebelou, sendo levado para a Babilônia em 585a.C. A qual deles o profeta se refere depende de quando essa profecia foi escrita, se antes ou depois da destruição de Jerusalém. Já a leoa em apreço é a nação de Israel, que empossou esses dois reis.

A leoa havia tomado um dos seus leõezinhos, Jeoacaz, filho de Josias, e o havia empossado como rei de Judá. Ocorre que o seu reinado foi muito curto, pois tão logo o soube, Neco foi a Jerusalém e o prendeu, levando-o a seguir para o Egito, onde ficou até morrer (versículos 2 a 4).

No lugar dele, tornou-se rei de Judá outro leãozinho, o seu irmão Eliaquim, que passou a se chamar Jeoiaquim. Ele começou o seu reinado submisso a Faraó Neco, mas logo teve que se tornar tributário de Nabucodonozor, que derrotara Neco. Para pagar os tributos em apreço, ele roubava de seus próprios súditos o suficiente para que sobrasse algo para si mesmo. Além disso, acabou não querendo pagar os tributos com os quais se comprometera.

Quando Nabucodonozor chegou para puni-lo, ele já tinha morrido e seu filho Joaquim acabara de ser empossado em seu lugar. Assim sendo, Nabucodonozor não o matou, mas o levou para a Babilônia, onde ficou até morrer. A referência aqui ao leão levado para o Egito pode ser Joaquim.

No lugar de Joaquim, Nabucodonozor empossou outro filho de Josias, Zedequias, e fez com ele uma aliança de fidelidade na presença do Senhor, o seu Deus. Como Zedequias não a cumpriu, também ele pode ser o segundo leão, levado desta feita para a Babilônia ao qual se refere o texto (versículos 5 a 9).

Finalmente, o restante do capítulo fala sobre a leoa sendo aprisionada e levada para o cativeiro em Babilônia. O texto deixa claro que ela foi totalmente destruída, não tendo ficado nenhum leãozinho de sobra para ocupar o governo.

Ezequiel 20

Se Ezequiel foi levado à Babilônia por volta do ano 597a.C., juntamente com o rei Joaquim, segue que essa profecia foi escrita em 590a.C., cerca de 5 anos antes da destruição de Jerusalém. Neste dia específico, somos informados que os líderes de Israel no exílio babilônico foram se encontrar com Ezequiel para pedir a ele que consultasse o Senhor acerca de alguma coisa.

Mais uma vez o Senhor informou a Ezequiel, no versículo 3, que Ele não Se deixaria consultar pelos líderes idólatras do povo (Ele já o dissera também no capítulo 14), mas já sabemos que Ele sempre quer que o ímpio se arrependa, pelo que passa os 46 versículos restantes deste capítulo dizendo porque.

Para tanto Ele faz um resumo de Seu relacionamento com eles, que na realidade começou com Abraão, mas Ele só retroage até o dia em que usou Moisés para Se apresentar a eles, jurando que os tiraria do Egito, levando-os para uma terra que mana leite e mel (versículos 5 e 6).

Já nesta ocasião Ele os avisara que deveriam se desfazer de todos os ídolos egípcios que haviam acumulado, mas não foi ouvido. Ele os poderia ter destruído naquela ocasião, mas não o fez por amor de Seu Nome e tirou-os do Egito, levando-os para o deserto (versículos 7 a 10).

No deserto Ele fez com eles uma aliança, que continha leis a serem obedecidas. Mais uma vez se rebelaram, mas Ele deixou de destruí-los, por amor de Seu Nome, mas os manteve ali até que aquela geração tivesse passado (versículos 11 a 17).

Seus filhos, ainda no deserto, foram alertados para que guardassem a aliança que seus pais haviam contraído com Ele, mas não o fizeram, antes se rebelaram contra o Senhor. Mesmo assim Ele conteve Sua mão, mas jurou que os espalharia entre as nações (versículo 23).

No versículo 28 o Senhor atesta que já na Terra Prometida continuaram a oferecer sacrifícios a ídolos. Assim sendo, Ezequiel deveria perguntar se os líderes que o estavam buscando, por acaso não estariam tão contaminados quanto os seus antepassados? Se não estariam também cobiçando imagens repugnantes? Se não continuam a oferecer seus próprios filhos no fogo? Se fazem tudo isso, como Ele poderia permitir que O consultem?

O povo israelita queria ser como as outras nações, que tinham deuses visíveis, mas o Senhor responde que isso jamais aconteceria. Isso pode parecer estranho porque Ele os estaria forçando a servi-IO, mas na realidade eles foram criados como parte de um acordo com Abraão, Isaque e Jacó, onde isso era um pré-requisito.

Deus honraria a Sua parte do acordo com Abraão, mas eles só seriam o “eles” que estivessem dispostos a honrar a aliança que haviam feito. Por isso Ele separaria aqueles que se rebelam e se revoltam contra Ele e o “remanescente” seria aqueles que não profanam o Seu Santo Nome com o culto a ídolos (versículos 32 a 38).

O retorno ao Seu santo monte em Israel seria para todo o povo da nação israelita que estivesse arrependida e disposta a prestar o culto aceitável a Ele. A estes Ele juntaria trazendo-os de todas as nações, para onde haviam sido espalhados. Esses seriam todos os que lembrariam da sua conduta que os havia contaminado e teriam nojo e vergonha dela. Esses reconheceriam que Ele é o Senhor (versículos 40 a 44).

Os versículos 45 a 48 falam a respeito do início de um incêndio, que dá a ideia de que era chegado o fim para aqueles que ainda estavam em Israel. Seria como um incêndio começando no sul de Israel, na região do Neguebe, que se estenderia até o norte. O Senhor a havia iniciado e queimaria até consumir tudo.

Finalmente, no versículo 49, vemos aqueles mesmos líderes não aceitando as críticas divinas, dizendo antes que Ezequiel falava por parábolas coisas difíceis de entender e que não tinham significado claro. Com isso deixavam de reconhecer os seus pecados contra o Senhor e perdiam a sua oportunidade de arrependimento.

Ezequiel 21

No final do capítulo anterior Ezequiel havia falado a respeito do “fogo do Senhor” que começava no Neguebe ao sul e que consumiria toda a terra de Israel. Aqui, dando continuidade ao mesmo assunto, esse incêndio passa a se expressar na forma de uma espada, que conduz o juízo do Senhor, principiando, novamente, pelo Neguebe e atuando até o norte (versículos 1 a 4).

O Senhor havia declarado, no versículo 3, que sua espada eliminaria tanto o justo como o ímpio e que não será guardada até completar o juízo. Trata-se, portanto, da destruição de Judá, que há tanto vinha sendo anunciada.

O gemido de amarga tristeza a ser expresso por Ezequiel certamente despertaria a curiosidade dos líderes de Judá no exílio. Ele, então, teria a oportunidade de lhes dizer que vinham notícias acerca da destruição de Jerusalém que fariam derreter todo coração, pender frouxa toda mão, desmaiar todo espírito e tremer todo joelho (versículo 7).

Nos versículos 8 a 17 Ezequiel ainda não faz menção de Babilônia portando a espada em apreço, mas fala da mortandade que produzirá. No versículo 12 o Senhor diz a Ezequiel que os líderes e o povo seriam atirados contra a espada (um quase suicídio), pelo qual ele deveria se lamentar. É uma ideia curiosa, que o pecador, por preferir se entreter com o seu pecado, a aceitar o apelo do Senhor, seja um suicida, por dar preferência àquilo que vai matá-lo. O versículo 17 deixa claro que a espada é produzida pela ira do Senhor, provocada pela idolatria do povo, mas que ao mesmo tempo servirá para aplacá-la.

Os versículos 18 a 22 preveem a chegada dos babilônios chegando à região da Palestina com dois alvos, um a nação amonita, cujo alvo era Rabá, e a outra Israel, visando Jerusalém. A escolha de Jerusalém teria ocorrido por sorteio (consulta aos deuses de Babilônia), com o preparo imediato de um cerco à cidade.

O versículo 23 é considerado difícil pelos peritos em hebraico, mas aparentemente o povo judeu, que estava pagando fielmente os impostos convertidos em pagamentos a Nabucodonozor, nem entendeu porque o rei babilônico os atacaria, mas ele estava vindo

justamente porque Zacarias tinha parado de fazer os pagamentos, confiando numa aliança que fizera com o faraó do Egito. Assim sendo, Nabucodonozor viera por causa da infidelidade do rei de Israel.

Já o versículo 24 nos atesta que o Senhor, diante de quem Zacarias fizera o voto de fidelidade a Nabucodonozor, havia determinado que desse pecado resultaria a deportação de Judá para a Babilônia.

Estará chegando ao final o reinado do último rei de Judá (versículo 25) e Jerusalém não seria restaurada como capital do reino até que viesse Aquele a quem ela pertence por direito. Ele a receberia do Senhor (versículo 27). Temos aqui uma linda profecia messiânica, pois o próximo rei a reinar depois de Zedequias, foi o Rei dos reis, Jesus, a Quem foi dada a autoridade eterna sobre o Reino de Deus implantado na Terra.

Os versículos finais deste capítulo (28 a 32) nos falam da espada se voltando também contra os amonitas, com a ira de Deus contra eles entregando-os nas mãos de “homens brutais acostumados à destruição”, com seu sangue sendo derramado em sua terra a ponto de “não serem mais lembrados”.

Ezequiel 22

Mais uma vez a palavra do Senhor dirigida a Ezequiel era para que profetizasse contra Jerusalém o Seu juízo, por todas as suas práticas repugnantes. Ela era culpada de derramar sangue e de se contaminar com ídolos, pelo que o Senhor iria lidar com ela de modo a torná-la objeto de zombaria de nações próximas e distantes.

A partir do versículo 6 a denúncia divina informava que os reis de Israel e outras pessoas entre eles estavam derramando sangue e desrespeitando várias outras coisas exigidas pela lei. Essas acusações se estendem até o versículo 12. Nos versículos 13 a 16 o Senhor detalhou o juízo que pedira que Ezequiel proclamasse, deixando claro que o fim de Judá estava implicado.

Os versículos 17 a 22 apresentam o Senhor dizendo a Ezequiel que a nação de Israel havia virado escória para Ele. Desta forma, Ele juntaria toda a nação em Jerusalém, com a intenção de fundi-la, permitindo assim, que Sua ira soprasse fogo sobre ela. Trata-se obviamente do período de fome e peste na cidade, enquanto esta estava cercada pelas tropas babilônicas.

Enquanto isso, Ele aparentemente lembrava ao profeta que Ele já estava deixando de abençoar Israel por causa de Sua ira (no versículo 24 a referência à retenção de chuvas e aguaceiros parece não ser literal e, sim, espiritual).

Do versículo 25 a 29 o Senhor cita o comportamento reprovado primeiro dos reis, depois dos sacerdotes, a seguir dos oficiais, dos profetas e, finalmente, de todo o povo. Todos são acusados de roubos, violência, mentiras etc.

Finalmente, Ele declara que procurou um único homem que pudesse se colocar na brecha em favor de toda a nação, para que Ele não a destruísse, mas que não encontrou nenhum. Exatamente por isso Ele derramaria sobre Judá a Sua grande ira, consumindo-os com o Seu grande furor.

Ezequiel 23

Novamente Ezequiel apresenta aqui uma profecia contra as cidades de Samaria (representando o Reino do Norte) e Jerusalém (representando o Reino de Judá), ambas por sua idolatria, nos mesmos moldes já apresentados no capítulo 16.

Ele começa dizendo que eram ambas filhas da mesma mãe e que se tornaram prostitutas no Egito, desde a sua juventude. Não fica claro, a princípio, que relacionamento elas tinham com o Senhor, mas no versículo 4 Ele diz que eram Suas, dando a entender que havia um relacionamento matrimonial dEle com elas. Isso seria, no mínimo, curioso porque implicaria num casamento dEle com mais de uma esposa, que sabemos nunca ter sido intenção Sua (*Mateus 19.4-5*). Em função disso vamos nos abstrair da figura do casamento, aceitar algum outro tipo de relacionamento entre eles.

Ele dá mais informações a respeito das duas, uma se chamava Oolá (aquela que possui uma tenda) e a outra Oolibá (a tenda está nela) e que elas representavam Samaria e Jerusalém, respectivamente. Somos informados, ainda, que ambas tiveram filhos e filhas.

O versículo 5 nos informa que Oolá se tornou prostituta enquanto estava debaixo do relacionamento com o Senhor e que passou a se encher de desejo pelos seus amantes assírios. Ela se contaminou com os ídolos de cada homem, com quem se relacionou.

Em função disso, o Senhor a entregou na mão de seus amantes assírios, que a deixaram nua, tiraram-lhe os filhos e filhas, deixaram-na má afamada entre as mulheres e finalmente a mataram à espada (versículo 10).

A partir do versículo 11, o Senhor passa a falar de sua irmã Oolibá. Ela havia assistido a tudo isso e, ao invés de se precaver da prostituição da irmã, ela se tornou ainda mais depravada que ela. Ela desejou os mesmos assírios, depois, quando cansou deles, passou a se interessar pelos babilônios, a ponto de mandar trazê-los. Mas tão logo ela havia se contaminado com eles, se afastou deles desgostosa.

O Senhor prossegue dizendo que ela se tornou cada vez mais promíscua e o versículo 20 chega a entrar em detalhes dessa sua promiscuidade, ao lembrar-se da lascívia dos relacionamentos sexuais praticados na sua juventude no Egito.

Em função disso, o Senhor promete incitar contra ela todos os seus ex-amantes com os quais havia rompido. Eles a atacariam, incluindo dentre estes os babilônios, os caldeus em geral e até os homens de Pecode, Soa e Coa (tribos arameias ao leste do Tigre, ainda pertencentes ao império caldeu /14/, pág. 1259), sem deixar de falar dos assírios.

Todos estes marchariam contra ela com seus exércitos e a puniriam conforme o seu costume.

Ele dirigiria contra ela a Sua ira, mas os castigos citados, quais sejam, cortar o nariz e as orelhas, são tipicamente aqueles aplicados a mulheres adúlteras, para que sua vergonha fosse permanentemente marcada. Muitos cairiam à espada ou seriam queimados pelo fogo e seus filhos e filhas seriam levados embora.

A descrição do seu castigo se estende até o versículo 35, com ela, Oolibá bebendo do mesmo copo que sua irmã Oolá (ou seja, tendo um castigo final semelhante ao dela), sendo objeto de grande zombaria.

Os versículos 36 a 39 resumem os pecados das duas irmãs, não mais como figuradas pelo adultério e prostituição, mas pelo que realmente foram: a idolatria, a profanação do sábado, o sacrifício de seus filhos a ídolos e a profanação do Seu santuário.

Voltando à figura anterior, contudo, os versículos 40 a 49 descrevem o tratamento desqualificado dado às duas como prostitutas.

Ezequiel 24

Neste capítulo, mais uma vez, Ezequiel profetiza contra Jerusalém e o seu anúncio começa com Deus avisando que, exatamente naquele dia (/58/, pág. 160, sugere que isso seja o dia 15 de janeiro de 588a.C.), as tropas babilônicas haviam chegado e cercado a capital judaica. Não seria possível confirmar isso, senão 4 meses depois (tempo necessário para viajar de Jerusalém até Babilônia), mas era uma notícia que deixaria a todos de orelha em pé.

Os versículos 3 a 14 falam a respeito de Jerusalém como uma panela que será posta para esquentar com água. Os diferentes tipos de carnes e até de ossos a serem colocados na mesma parecem ser os diferentes tipos de pessoas que nela havia. Ela será colocada sobre a lenha, que será queimada para que a água ferva e cozinhe tudo lá na mesma.

Trata-se, contudo, de uma cidade sanguinária, representada pela panela, que tem uma parte enferrujada, que tipifica os seus pecados. Esses pecados, ou seja, o sangue derramado, foram praticados abertamente, visto que o sangue foi derramado sobre a rocha à vista de todos. De igual forma, a ira do Senhor e a Sua vingança exporiam também o sangue do povo, de modo que não fosse coberto. Ele mesmo acenderia o fogo que a cozinaria (versículos 6 a 10).

Nos versículos 11 a 14 o Senhor informa a Ezequiel que fez tudo que podia para que Jerusalém se arrependesse, mas que ela não ouviu, pelo que chegara a hora dela ser julgada de acordo com as suas ações.

Mais uma vez o Senhor faz uso do Seu profeta Ezequiel como exemplo para o povo, mas desta feita de uma forma extremamente dura para com o Seu servo. Ele disse que estava prestes a matar a sua esposa e que ele não deveria chorar uma única gota por ela, nem tampouco que saísse de sua boca qualquer gemido. Não deveria vestir roupas de luto e nem comer o usual que comem os pranteadores. Logo a seguir sua mulher morreu e ele obedeceu ao Senhor em tudo.

Aquilo obviamente despertou a curiosidade do povo, que perguntou imediatamente o que o seu comportamento estranho significava. Ele respondeu, então, segundo a palavra do Senhor, que Ele estava prestes a destruir o templo de Jerusalém, tirando deles a fortaleza do seu orgulho, aquilo no que mais tinham prazer. Além disso, seriam mortos pela espada os filhos e filhas que haviam deixado lá.

A exemplo do que ele fizera com relação à perda de sua esposa, também eles deveriam deixar de expressar qualquer tipo de externalização de sua tristeza pela perda do seu bem mais venerado em Israel. Por outro lado, deveriam reconhecer, isso sim, que era por suas próprias iniquidades, que isso estava acontecendo. Isso deveria ser reconhecido, ainda, como uma expressão da soberania do Senhor sobre as suas vidas.

Os versículos 25 a 27 nos deixam um pouco confusos em relação à real sequência dos eventos descritos aqui, bem como em relação ao silêncio que havia sido imposto a Ezequiel no capítulo 3, versículo 26.

Aparentemente a destruição de Jerusalém, anunciada no início deste capítulo, tinha sido anunciada 4 meses antes. Passado esse tempo, um mensageiro, que fugira de Jerusalém depois de testemunhar o que ali havia acontecido, já estava prestes a chegar. Deus, então, anunciou a Ezequiel que sua amada morreria e que não deveria chorar por ela. Isso aguçaria a curiosidade dos israelitas, que lhe perguntariam porque estava fazendo aquilo. No mesmo momento em que ele estivesse respondendo a eles nos termos descritos acima, chegaria o fugitivo de Jerusalém, confirmando tudo que Ezequiel havia anunciado, dando, assim, ao profeta, enorme credibilidade.

A partir deste momento a restrição quanto ao que falar, que estava sobre ele, seria removida e Ezequiel poderia falar livremente ao povo.

Ezequiel 25

Nos capítulos 25 a 32, Ezequiel interrompe as suas profecias contra Israel e passa a proferir oráculos contra outras nações. Neste capítulo específico ele se limita a quatro nações vizinhas, conforme resumido a seguir.

Nos versículos 1 a 7 ele fala contra os amonitas, que não obstante descenderem de Ló (ver *Gênesis 19.30-36* acerca da origem dos amonitas e moabitas), têm um histórico de inimizade contra Israel que data desde a época dos juízes (*Juizes 10.11-12*). Tiveram problemas na época dos reis desde Saul (*ISamuel 11*) e Davi (*IISamuel 10*). Quando da queda do Reino do Norte, eles se apossaram de parte de suas terras (*Jeremias 49.1*) e

se juntaram a tropas babilônicas, quando estas vieram a Jerusalém no final do reinado de Jeoiaquim (*II Reis 24.2*). Ressalta-se, ainda, que tiveram participação na morte de Gedalias quando Nabucodonozor o deixou governando como seu representante após a destruição de Jerusalém (*Jeremias 49.14*).

As acusações contra os amonitas nos versículos 3 e 6 são ambas pelo fato deles terem se regozijado com a profanação do templo e com a queda de Judá, respectivamente. Em função disso, Ezequiel proclama que serão entregues como propriedade do povo do Oriente (versículo 4) e que serão eliminados como nação (versículo 7). Quanto à extinção dos amonitas, cabe lembrar a profecia de restauração da sorte deles em *Jeremias 49.6*.

Nos versículos 8 a 11, a profecia de Ezequiel se volta contra os moabitas, a outra nação descendente de Ló. Sua animosidade com Israel data dos dias de Balaque, durante a peregrinação no deserto (*Números 22-24*).

O versículo 8 nos mostra, claramente, o fato de Moabe sempre ter reconhecido que Israel era um povo invencível, enquanto servia ao Senhor. A alegria deles, descrita neste versículo, se dá pelo fato do Senhor os ter abandonado, a ponto de se tornarem vulneráveis como todas as outras nações.

Seu castigo se daria com a glória de suas principais cidades sendo destruída e com eles, a exemplo dos amonitas, sendo entregues como propriedade ao povo do Oriente. O que não vemos aqui é qualquer nota relativa à extinção deles.

Os 3 versículos seguintes são dedicados à profecia de Ezequiel contra os edomitas. Ele começa dizendo que eles se vingaram de Judá, trazendo culpa sobre si. Essa vingança se dá pelo longo histórico de animosidade que houve entre Esaú e Jacó, começando nos dias de Isaque e se perpetuando por toda a história dos dois povos.

Embora não haja detalhes de quando e como, sabemos que Edom tomou parte do sul de Judá com Nabucodonozor ou após a sua destruição de Jerusalém. Como vingança do Senhor, seus homens e animais seriam mortos e o próprio povo de Israel, num período pós-exílio, seria o instrumento dessa vingança.

Finalmente, este capítulo se encerra com a profecia de Ezequiel contra os filisteus. O motivo seria, igualmente, a maldade de seus corações e a sua hostilidade tentando destruir Judá.

Eles são tratados pelo nome que tinham antes de emigrarem da Ilha de Creta (queretitas) e Deus deixa claro que vai eliminá-los, trazendo sobre eles a Sua grande ira, para que ficassem sabendo que Ele é o Senhor.

Ezequiel 26

Os capítulos 26 a 28 falam, basicamente, a respeito de Tiro. A reação da cidade de Tiro, alegrando-se pelo fato de Jerusalém, o portal das nações, estar em ruínas, fez com que

o Senhor se virasse contra ela. Como castigo pelo seu pecado, muitas nações se levantariam contra ela, da mesma forma como a tempestade eleva as ondas do mar (versículos 1 a 3).

Tiro seria totalmente destruída e seria de tal modo arrasada, que se tornaria um lugar propício para estender redes de pesca. Contra ela o Senhor traria do norte Nabucodonozor com seu grande exército, que faria um cerco à cidade e venceria o seu muro com golpes de ariete. Tudo isso resultou em uma grande matança do povo de Tiro com a espada.

Ezequiel profetizou, ainda, que toda a riqueza de Tiro seria saqueada, todas as casas demolidas e todas as pedras seriam lançadas no mar. Teriam fim todos os cânticos e toda a música que era entoada ali. Tiro jamais seria reconstruída.

A riqueza de Tiro era fonte de sustento de vários reinos vizinhos, pelo que o versículo 16 nos fala do lamento deles com a perda que eles também teriam. Em seu lamento, reconheceriam o quão competentes eram os marinheiros de Tiro.

Tiro se tornaria um lugar inabitável e já não existirá. Seria procurada e não mais achada.

Ezequiel 27

O Senhor instrui aqui o profeta no sentido de fazer um lamento pela cidade de Tiro, em função do seu vasto comércio que fora seriamente prejudicado pela sua queda. Há, contudo, um comentário ao final do versículo 3, qual seja, “**você diz, ó Tiro: Minha beleza é perfeita**”. Trata-se de uma crítica clara à soberba, mas que não tem continuidade no versículo seguinte. Também os nossos comentários vão deixá-lo passar, porque esse é o assunto de quase todo o capítulo 28.

Os versículos 4 a 9 nos falam do esmero com o qual Tiro construía os seus barcos, descrevendo as diversas partes dos mesmos, de onde vinham os materiais para confeccioná-los e quem os fazia de maneira mais eficiente.

Os versículos 10 e 11 mencionam estrangeiros que haviam se engajado no exército de Tiro e que guarneciam seus muros. O fato de pendurarem os seus escudos nos muros acrescentavam um colorido à beleza da cidade.

Já os versículos 12 a 25 nos informam os principais lugares ou cidades com os quais Tiro mantinha o seu comércio. Trata-se de uma lista extensa, que inclui, também, a relação dos produtos que eram trocados.

A partir do versículo 26 a queda de Tiro é mencionada como o afundamento de seus navios, causando a perda de muitas vidas e dos produtos transportados. Há grande tristeza entre os marinheiros, bem como entre aqueles que comerciavam com Tiro.

Ezequiel 28

Nos versículos 1 a 19 deste capítulo a palavra do Senhor, que veio para Ezequiel, retorna ao assunto da soberba e se concentra nele. O profeta acusa o governante de Tiro de se achar divino e de se julgar mais sábio do que Daniel. Ele assim se julgava, por ter ficado riquíssimo com sua habilidade para o comércio, levando-o a se tornar muito orgulhoso.

Nos versículos 6 a 10 a palavra do Senhor é de condenação a essa soberba, motivo pelo qual os estrangeiros destruiriam a cidade de Tiro e ele teria, então, a oportunidade de dizer àqueles que o matariam à espada, que ele era um deus, embora isso não fosse alterar muito o fato dele estar sendo morto.

Os versículos 11 a 19 trazem um paralelo entre as atitudes do rei de Tiro e um personagem do jardim do Éden, que foi criado para ser o guardião do jardim (versículo 14). Esse personagem era inculpável em seus caminhos, até o dia em que se achou nele maldade.

Em decorrência dessa maldade, ele foi expulso do Monte de Deus e foi lançado na Terra, visto que foi corrompido pelo seu orgulho. Já no versículo 18 a mensagem parece estar focada novamente no rei de Tiro, que chegou ao fim como castigo pelos seus muitos pecados e pelo seu comércio desonesto, o que causou grande espanto àqueles que o observavam.

O curioso deste texto é a forma como divide os comentaristas bíblicos. Champlin, por exemplo (/19/, pág. 3285) nos informa que é impossível que isso seja uma referência a Lúcifer, porque esse conceito seria anacrônico, ou seja, se basearia num conhecimento teológico que o Judaísmo só adquiriu bem depois de Ezequiel.

Isso é, no mínimo, uma declaração estranha, porque uma serpente que chama Deus de mentiroso, conhecida desde os dias de Moisés, tem que ter despertado a pergunta, “quem é esse”? A não ser, é claro, que ele seja defensor da teoria de Wellhausen /59/ de que o pentateuco só tenha sido escrito por outros, que não Moisés, após o período do exílio.

Taylor (/58/, pág. 177), acha que a referência em apreço seja a Adão, que se corrompeu através da desobediência, mas a muitos há, contudo, que enxergam neste texto uma referência óbvia a Lúcifer e de sua soberba ao querer ser igual a Deus.

O texto me parece tão óbvio, inclusive por dizer tratar-se de um querubim colocado por Deus no jardim para ser guardião do mesmo, que é necessário ser muito criativo para sequer tentar negá-lo. Além disso, é difícil acompanhar Wellhausen quando Jesus mesmo atribuiu o Pentateuco a Moisés (*Marcos 12.26* - referência ao livro de *Êxodo*).

Nos versículos 20 a 26 Ezequiel profetiza contra Sidom, mas sem citar os problemas causados por eles. Seu castigo, contudo, é semelhante àquele que foi previsto para os amonitas, por exemplo. Eles sofreriam a peste e os mortos cairiam pela espada (versículo 23).

A única dica que temos acerca dos problemas causados por eles aparece no versículo 24, onde somos informados que Israel, no futuro, não teria mais vizinhos maldosos como roseiras bravas dolorosas e espinhos pontudos.

Nos versículos 25 e 26 Deus fala da restauração de Israel, com o intuito aparente de dizer que não adiantara nada o que eles (Sidom) haviam feito contra eles, porque Jacó voltaria a construir casas e viver em segurança, sem os vizinhos que lhes haviam feito mal.

Ezequiel 29

Neste capítulo, o Senhor pede a Ezequiel que ele profetize contra o faraó do Egito, bem como contra todo o seu país. A profecia em apreço data de janeiro de 587a.C., ou seja, um ano depois de iniciado o cerco a Jerusalém, que durou 2 anos e meio.

O versículo 3 nos deixa claro que, mais uma vez, a soberba de faraó era o principal motivo para a ira divina. Figuradamente ele se declarara o criador do Nilo e, em função disso, o Senhor que o comparara a um crocodilo gigante, o condenou a morrer em terra seca, juntamente com os peixes do rio. Numa segunda metáfora, Faraó Hofra foi comparado a um bordão de junco, no qual Israel se apoiara, mas que se quebrou causando, então, a sua queda.

Por sua soberba e sua infidelidade, o Egito seria destruído pela espada, tanto os seus homens como os seus animais. Eles se tornariam um deserto no qual ninguém habitaria por um período de 40 anos (versículo 11).

Passado esse período, os egípcios seriam trazidos de volta por Ele, mas passariam a ser uma nação humilde, que nunca mais se exaltaria sobre as demais (versículo 15).

Dezesseis anos e pouco mais tarde, os versículos 17 a 21 narram um evento curioso, que diz respeito ao fato de Deus ter usado os préstimos de Babilônia para destruir a cidade de Tiro. Nabucodonozor fizera tudo que Deus queria, mas tivera grande prejuízo, pelo fato dos babilônios não terem encontrado lá riquezas que justificassem o investimento do cerco. É muito interessante, contudo, que o Senhor se preocupe com isso, ou seja, que Ele não queira usar os préstimos de Nabucodonozor sem dar a ele a devida recompensa. Assim sendo, Ele decidiu que as riquezas do Egito seriam dadas aos babilônios como recompensa.

Ezequiel 30

Ao longo deste capítulo Ezequiel profetiza a destruição do Egito por Nabucodonozor, com suas conquistas sendo estendidas também à Etiópia e outros países aliados dos egípcios (versículos 1 a 9).

Os exércitos de Babilônia seriam impiedosos, enchendo o Egito de mortos. Nos versículos 13 a 19 são mencionadas várias das principais cidades egípcias que seriam totalmente destruídas por Nabucodonozor.

Nos versículos 20 a 26 a destruição dos egípcios por ação dos babilônios é prevista por Ezequiel no ano 586a.C.

Semana 87 - A Mensagem do Profeta Ezequiel - 3

Texto: Ezequiel 31 a 48

Estação 42

Ezequiel 31

Este texto, que lamenta a destruição do Egito, tomando como exemplo o que já acontecera com a Assíria, é datado de junho de 587a.C. (/58/, pág. 184). Ele começa perguntando a faraó quem é comparável a ele em majestade. Sem dúvida o Egito é a nação cujo domínio mais se estendeu sobre toda a Terra (cerca de 3.000 anos). Apenas em termos bíblicos, esse domínio se estendeu por mais de um milênio.

No versículo 3, o profeta pede a faraó que considere o exemplo do que aconteceu à Assíria, uma nação cuja domínio também fora bastante longo (cerca de 2.000 anos). Ele a compara a um cedro majestoso do Líbano, que se destacava entre todas as outras árvores. Nos versículos 4 a 9 ele a descreve como tendo uma beleza majestosa, sujeitando a todos os seres vivos, a ponto de dar inveja às árvores do Jardim do Éden.

Infelizmente, contudo, ela se tornou uma nação excessivamente orgulhosa, pelo que o Senhor foi obrigado a rejeitá-la (versículos 10 e 11). Em função disso, Ele a entregou à nação mais impiedosa da Terra (Babilônia), que a destruiu, fazendo com que todas as nações saíssem de sua sombra e a abandonassem.

No versículo 14, o Senhor declara que não mais permitirá que outra nação tenha um domínio similar, pelo que todas as outras nações da Terra tremeram diante de sua destruição a ponto das árvores do Éden se sentirem consoladas.

Tendo dado esse exemplo enfático, o profeta se vira para faraó e pergunta se há alguma árvore no Éden, cuja majestade e esplendor pode ser comparada ao Egito. Infelizmente ele também fora contado entre os incircuncisos, pelo que também seria derrubado e seu povo morto à espada.

Ezequiel 32

Novamente essa profecia de Ezequiel começa com a data em que foi escrita: cerca de março de 585a.C., ou seja, pouco depois da queda de Jerusalém. Nela o Senhor o instrui a lamentar o que Ele estava prestes a fazer com o Egito. Mais uma vez a soberba seria castigada e esse castigo seria, então, comunicado a faraó.

Esse castigo implicaria na sua destruição com os egípcios, sendo espalhados por várias nações (versículos 3 a 6). Em sinal de tristeza Ele escureceria as estrelas e a luz dos principais astros. Muitos povos se espantariam ao ver a destruição dos egípcios e tremeriam por suas próprias vidas (versículos 7 a 10).

A destruição em apreço seria realizada pelos babilônios, a mais impiedosa das nações, que destruiria todo o orgulho do Egito, levando à morte pela espada todos os seus filhos. Também todos os seus rebanhos seriam destruídos e todas as suas riquezas saqueadas, deixando o país empobrecido (versículos 11 a 15).

Passadas duas semanas, o Senhor falou novamente a Ezequiel, pedindo a ele que se lamentasse pelas multidões do Egito que estavam se perdendo. Deus pergunta, contudo, se o Egito, por acaso, deveria merecer mais favores que as outras nações. A resposta não é dada explicitamente, mas fica implícita pelo fato de Ele determinar que seja dado ao Egito o mesmo tratamento que receberam a Assíria, o Elão (povo que ocupava a parte sudoeste do Irã), o Meseque e o Tubal (bisnetos de Noé, cujos descendentes se instalaram ao norte de Israel e ao sul do mar Negro). **“Todos estes foram mortos à espada e carregam sua desonra com aqueles que descem à cova”** (versículos 16 a 27).

Por isso **“você também faraó”**, diz Ezequiel, será abatido e jazará com os incircuncisos, que foram mortos à espada (versículo 28). Juntamente com o Egito estariam, ainda, Edom e todos os príncipes dos sidônios.

Ezequiel 33

Os primeiros 20 versículos deste capítulo apresentam mais ou menos as mesmas informações que Ezequiel já havia apresentado no capítulo 3, versículos 16 a 20 e no capítulo 18.

Havia sido dada a ele a tarefa de sentinela para advertir o povo de Israel com relação às consequências dos seus pecados. Caso ele o fizesse, e o povo não ouvisse o que ele tinha para dizer, a responsabilidade seria totalmente daqueles que deixaram de ouvir. Caso ele não cumprisse, contudo, o seu papel de atalaia, o povo morreria em seus pecados, mas a responsabilidade seria cobrada dele (versículos 2 a 9).

No versículo 11, Ezequiel volta a bater na tecla maravilhosa do interesse de Deus pela salvação de todos. Ele nos assegura que o Senhor não tem prazer na morte do ímpio, preferindo, antes, que este se desvie dos seus maus caminhos e viva.

Nos versículos 12 a 20, o Senhor pede a Ezequiel que deixe claro que não se trata de um sistema de débito e crédito e, sim, daquilo que temos em nossos corações, ou seja, da forma como amamos o Deus a Quem dizemos servir. Em função disso, se um homem for ímpio e encontrar lugar para o arrependimento por seus pecados, todos os seus muitos pecados serão perdoados e esquecidos, em função do seu arrependimento.

Por outro lado, se uma pessoa justa mudar o seu coração em relação ao Senhor e se entregar ao pecado, deixando de lado o temor do Senhor, o Senhor nos informa que esta pessoa certamente morrerá, porque o seu coração não é mais reto em relação ao Senhor.

A partir do versículo 21 vemos o cumprimento da profecia de *Ezequiel 24.26*, de acordo com a qual seria anunciada em Babilônia a queda de Jerusalém e a destruição do templo. São passados cerca de 35 meses, desde o início do cerco imposto por Nabucodonozor à cidade. Admite-se que tal cerco tenha durado aproximadamente 30 meses (mas há datas, em *II Reis*, que sugerem terem sido apenas 18). Sabendo que a viagem de Jerusalém até Babilônia tinha duração de aproximadamente 4 meses, o cerco de 30 meses parece mais compatível. Assim sendo, a credibilidade de Ezequiel sofreu um impulso notável, com o povo passando a lhe dar muito mais crédito.

Lembramos que havia algum tipo de restrição imposta por Deus às profecias de Ezequiel, mas ele nos informa no versículo 22, que esta fora removida na noite anterior, pelo que ele estava livre para falar.

A sua primeira mensagem, contudo, não era no sentido tirar proveito de sua nova credibilidade e, sim, de profetizar contra os poucos sobreviventes que haviam sobrevivido na cidade. Eles estavam preocupados com a forma como seria subdividida a terra de Israel, agora que haviam sobrado tão poucos deles. Eles diziam, em sua defesa, que Abraão, sendo um só, possuía a terra toda; portanto, com muito mais razão eles, sendo muitos, a receberiam como propriedade.

A resposta do Senhor foi dada em termos de questionar os seus pecados, que incluem a sua idolatria, o seu adultério e os seus crimes de sangue. Assim sendo, Ele jurou por Sua própria vida que **os que restaram nas ruínas cairiam à espada, os que estavam no campo seriam entregues aos animais selvagens para ser devorados, e os que se abrigavam em fortalezas e em cavernas morreriam de peste.**

Encerrando este capítulo, o Senhor faz um alerta para Ezequiel, segundo o qual o crescimento aparente de sua credibilidade como profeta na realidade não passava de aparência. Ele deveria estar ciente de que continuariam a ouvi-lo, mas de forma alguma haveria uma resposta prática em relação às mesmas.

Quando Jerusalém tivesse passado por tudo o que está previsto em termos de castigo, então saberiam que esteve entre eles um profeta.

Ezequiel 34

Neste capítulo o Senhor pede a Ezequiel que profetize contra os pastores de Israel. Influenciados pelos pastores dos nossos dias, talvez sejamos levados a pensar que ele esteja se dirigindo aos sacerdotes da época, mas esse não é o caso. Ele está falando, sim, é dos reis que tinham a obrigação de cuidar do povo sob seu comando.

Os pastores, ou reis, aos quais o Senhor Se dirige, são acusados de cuidar apenas de si mesmos, quando deveriam cuidar dos súditos. Estariam se alimentando e se vestindo bem, enquanto seus súditos passavam necessidade. Não demonstravam qualquer interesse por fortalecer os fracos e cuidar dos doentes e feridos. Não se interessavam pelos súditos desviados ou perdidos e, finalmente, estavam governando sobre eles com

dureza e brutalidade. Em função disso, Ele diz que vai tirar a sua função (versículos 1 a 10).

Nos versículos 11 a 16, Ezequiel diz que o Senhor mesmo passaria a pastorear as suas ovelhas, fazendo aquilo que os reis tinham deixado de fazer, reunindo-as e trazendo-as das nações para onde haviam sido espalhadas. Ele daria a elas boa pastagem em sua própria terra, cuidaria delas e faria com que vivessem com justiça.

Além disso, Ele havia de observar de perto as ovelhas para distinguir entre as que respeitam os direitos das demais e aquelas que só pensam em si mesmas. Essas ovelhas ou esses súditos egoístas são referenciados como carneiros e bodes no versículo 17, ovelhas gordas e magras no versículo 20 e ovelhas fortes e fracas no 21. Obviamente Deus esperava que Seu povo cumprisse a lei no que diz respeito ao amor pelo próximo.

É, no mínimo, curioso que o Senhor, que acabara de destituir os reis e dizer que Ele mesmo governaria novamente o povo, passasse, a partir do versículo 23, a falar de Seu servo Davi, que seria instituído para cuidar do povo. Olhando em retrospecto, já vimos que Zedequias foi o último rei a se assentar no trono de Judá. Mesmo depois do exílio, houve líderes judeus, mas nunca mais houve algum que fosse reconhecido como rei. O último líder judeu a dirigir o povo foi Herodes, o grande, conforme profetizado pro Jacó, (*Gênesis 49.10*), quando nasceu, então, o descendente de Davi, no qual passamos a reconhecer o Rei dos reis. Assim sendo, o reinado de Deus sobre Israel, durou da queda de Zedequias, até a chegada do Servo, objeto dos versículos 23 e 24.

Mais uma vez, portanto, Ezequiel passa a falar de uma nova aliança de paz, que o Senhor estabeleceria com o Seu povo, para que este pudesse viver em segurança, abençoando-o em todas as coisas. Teriam chuvas nas estações certas, seus campos seriam produtivos, não seriam mais escravos de ninguém, seriam o Seu povo e Ele seria o seu Deus.

Ezequiel 35

O capítulo 35 contém uma profecia contra os descendentes de Esaú, que se assemelham muito àquelas que foram pronunciadas no capítulo 25 contra os amonitas, os moabitas, os filisteus e os próprios edomitas.

As acusações contra Edom se encontram nos versículos 5, 10, 12 e 15, quais sejam:

- eles haviam mantido uma velha hostilidade e entregue os israelitas à espada na hora da desgraça, na hora em que o castigo deles chegou;
- eles haviam dito que Israel e Judá seriam deles e que se apossariam destas nações, mesmo sabendo que o Senhor estava ali;
- eles tinham se enchido de orgulho contra o Senhor e falado contra Ele sem se conter, e Ele o ouvira;
- eles haviam se regozijado quando a herança da nação de Israel foi arrasada.

Em função disso, eles seriam arrasados e ficariam sabendo que o Senhor reina.

Ezequiel 36

Embora Ezequiel, profetizando aos “montes de Israel”, volte a falar contra Edom e as demais nações vizinhas que a saquearam, após a destruição de Jerusalém, este capítulo não é uma continuidade do anterior, condenando Edom e estendendo essa condenação às outras nações. Na verdade o Senhor diz que em Seu zelo Ele havia falado contra Edom e contra as demais nações por terem se aproveitado para tomar e saquear a nação de Judá, pelo que seriam também objeto de zombaria, mas esta profecia agora seria feita aos montes, às colinas, às ravinas e aos vales, pois estes voltariam a produzir galhos e frutos para o Seu povo, que logo viria para casa.

O Senhor promete que os olharia favoravelmente e que seriam arados e semeados, para que as cidades pudessem voltar a ser habitadas e para que todas as ruínas pudessem ser reconstruídas, multiplicando, assim, tanto homens como animais (versículos 1 a 15).

Nos versículos 16 a 23, o Senhor lembra a Ezequiel (e este a Israel), que Seu povo havia contaminado a sua terra com suas ações, fazendo com que Ele derramasse sobre ele a Sua ira. Ele os havia dispersado entre as nações e onde quer que tenham ido, lá tinham profanado o Seu nome, pelo simples fato de serem conhecidos como “povo do Senhor”.

Ele, contudo, zelaria pelo Seu Nome, que Israel tinha profanado entre as nações. Ele havia de santificar o Seu povo, para que o remanescente deles pudesse ser reconhecido como um povo do Senhor, santificado por Sua causa.

Feito isso, Ele os tiraria de entre as nações e os traria de volta à sua própria terra. Ali Ele os purificaria e faria com eles uma nova aliança (versículos 24 e 25). O conteúdo dessa aliança é muito similar àquela que é apresentada em *Jeremias 31.31-34*. Aqui, contudo, Ezequiel nos mostra detalhes da implementação dessa nova aliança que Jeremias omite.

A figura 87-1, abaixo, nos mostra a representação de uma pessoa normal, composta por corpo, alma e espírito. No âmbito da nova aliança, já mencionada várias vezes por Ezequiel, esse indivíduo, adepto dessa aliança, receberia um coração novo e um espírito novo (versículo 26), que estão marcados em rosa.

Além disso, esse indivíduo recebe, também, habitando em seu interior, o Espírito Santo de Deus (ver, também, a figura 87-1). Esse indivíduo, cuja consciência não mais acusava pecados, passa a ter, através de um novo espírito (cuja voz é a sua nova consciência), controlado pelo Espírito de Deus, um eficiente sistema de alerta para não mais pecar. Desta forma desaparece a escravidão do pecado (*Romanos 6.6*) e nos tornamos obedientes aos decretos do Senhor.

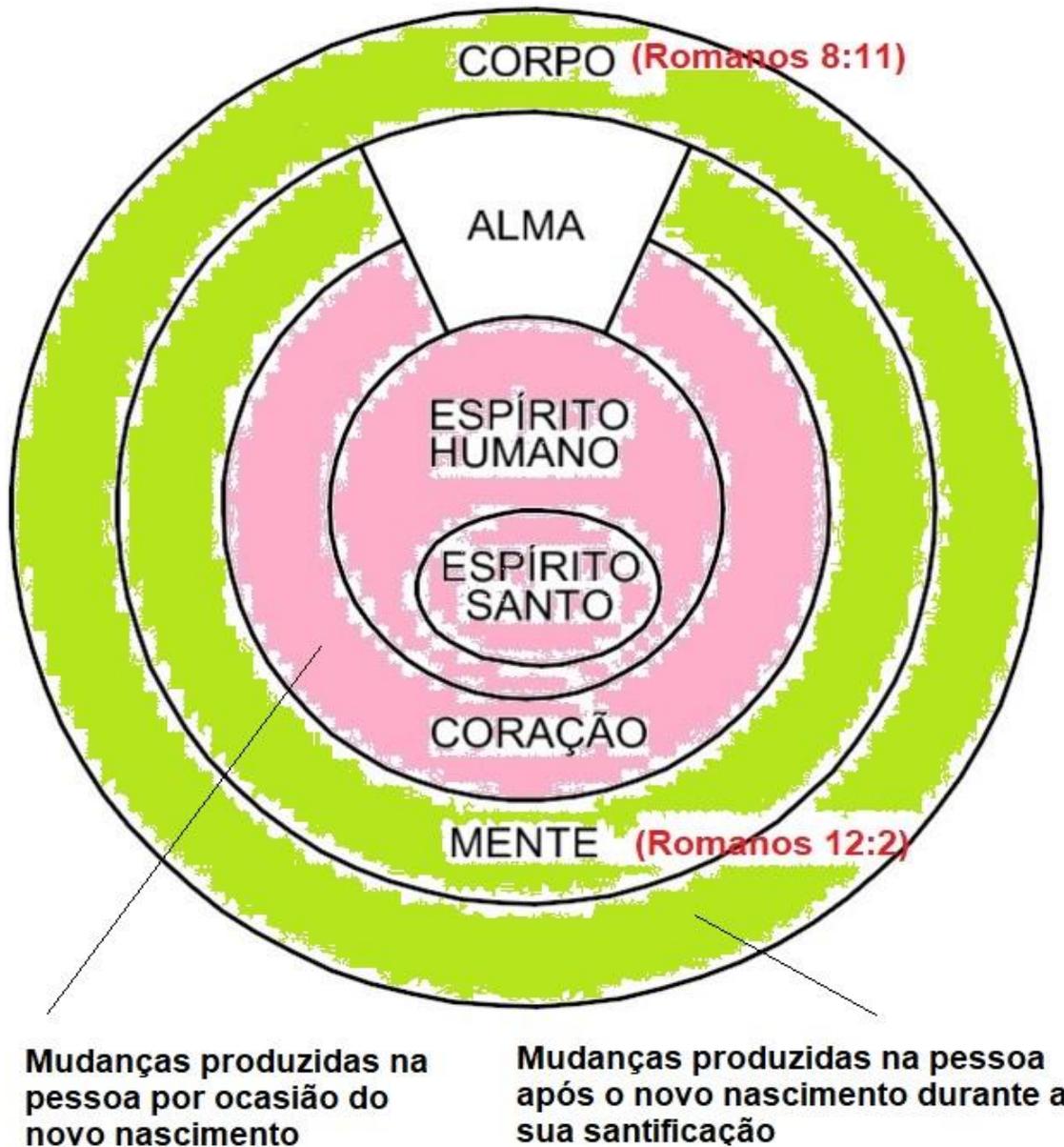


Figura 87-1 - Alterações no indivíduo causadas no âmbito da nova aliança

Tanto Ezequiel como Jeremias falam de uma Nova Aliança que Deus faria com a casa de Israel e Judá, mas da qual nós, a Igreja, já estamos de posse desde a ressurreição de Jesus Cristo. Dias virão, contudo, em que Israel há de reconhecer Jesus como seu Messias, tornando-se todos participantes de Sua própria aliança (*Romanos 11.26*).

Podemos ver, ainda na figura 87-1, que a renovação do indivíduo, que recebe novo coração e novo espírito no dia de sua conversão, receberá a seguir, durante a sua santificação, uma nova mente (*Romanos 12.2*) e um corpo santificado (*Romanos 8.11*).

Quando isso se concretizar (ainda no futuro para o povo de Israel), eles se tornarão povo de Deus e Ele será o seu Deus, como o é de todos aqueles que são Seus filhos pela fé.

Os versículos 28 a 38 nos mostram todas as demais bênçãos que Deus tem reservadas para o Seu povo nos tempos apocalípticos.

Ezequiel 37

Este capítulo contém uma das profecias mais fantásticas de toda a Bíblia e, sem dúvida, a mais conhecida de Ezequiel. O Espírito de Deus o levou a um vale cheio de ossos e ali o Senhor perguntou ao profeta se aqueles ossos poderiam reviver. A resposta extrapolava o limite dos conhecimentos de Ezequiel, pelo que se limitou a transferir de volta a pergunta a quem sabia a resposta.

Ele recebeu ordens, a seguir, para falar àqueles ossos muito secos, o que efetivamente aconteceu, mas em duas etapas:

- na primeira eles se juntaram, cada osso ao seu contíguo e uma vez prontos os esqueletos, estes foram cobertos de tendões, depois de carne e, finalmente, de pele, mas neles não havia vida, pois faltava-lhes o espírito;

- na segunda, mediante ordem do Senhor para profetizar novamente, Ezequiel falava ainda quando o espírito entrou naqueles corpos, receberam vida e puseram-se de pé.

Um vídeo da visão de Ezequiel extraído de uma novela recente da TV record é apresentado a seguir:

<https://recordtv.r7.com/o-rico-e-lazaro/videos/ezequiel-conversa-com-deus-e-tem-a-visao-do-vale-dos-ossos-secos-02112019>

Deus disse, então, ao profeta, que aquela era toda a nação de Israel, cujos túmulos Ele abriria e traria de volta à sua terra. Desta forma, eles que haviam se tornado cétricos em relação ao seu futuro como nação, ficariam sabendo que Ele é o Senhor.

Obviamente a interpretação imediata é clara. Haviam se passado uns 10 anos de cativeiro e, a essa altura, os exilados provavelmente já tinham recebido as notícias da destruição de Jerusalém, bem como do templo. Sua esperança de retornarem para casa se desvanecera e estavam desanimados, mesmo conhecendo a profecia de Jeremias de que voltariam depois de 70 anos.

A visão de Ezequiel, contudo, dava um colorido completamente diferente ao retorno do povo. Deus mesmo se encarregaria de “ressuscitá-los” e de preparar o seu povo para a volta. Ele prepararia um grupo de pessoas em quem houvesse vida, e este retornaria para Jerusalém.

Sem dúvida há a interpretação paralela dos tempos apocalípticos que fala, igualmente, da restauração de Israel como povo de Deus, mas há os que veem no retorno de Israel à Palestina, em 1948, o seu cumprimento. Não há dúvida de que a primeira parte se encaixa bem nessa profecia, pois nessa época o povo judeu havia sido massacrado pelo nazismo e o desânimo do povo pelo mundo afora era gigantesco. O fato de retornarem à Terra Prometida dois mil anos após serem espalhados pelo mundo pelos romanos, só pode ser atribuído à intervenção divina.

Ocorre, contudo, que mesmo de volta a Israel, o povo israelita, de modo geral, continua negando que Jesus tenha sido o seu Messias e os judeus continuam sem se apossar da nova aliança que Deus preparou, em Cristo, para eles.

A minha convicção pessoal sobre esse assunto é que foi cumprida, até o momento, a primeira parte dessa profecia, qual seja, a restauração do povo de Israel, mas ainda sem a vida espiritual, ou seja, a segunda parte da profecia. Esta terá cumprimento por ocasião da volta de Jesus Cristo, ocasião na qual se converterão a Ele, nos termos previstos na profecia dos versículos 9 e 10. Nesta ocasião se cumprirá aquilo que foi profetizado por Paulo em *Romanos 11.26*.

Nos versículos 15 a 28 há uma segunda profecia, que diz respeito ao fato de Deus estar juntando, em Jerusalém, após o retorno do exílio babilônico, também o remanescente do Reino do Norte, que os assírios haviam espalhado por várias terras.

O texto começa com Ezequiel preparando duas varas, uma referente a Judá e outra a Efraim (Reino do Norte), juntando-as numa só (versículos 15 a 17). O significado disso seria questionado pelos exilados, mas o profeta o explicaria nos versículos 18 a 21.

A partir do versículo 22, contudo, essa explicação se torna muito mais apocalíptica do que aplicável aos dias de Ezequiel. Essa nova Israel unida com todas as tribos e que não praticaria mais a idolatria, sendo sujeita a Davi reinando sobre ela só vai existir por ocasião do Reino Milenar. Nesta ocasião todas as nações saberão que Ele é o Senhor.

Ezequiel 38

Os capítulos 38 e 39 parecem descrever o mesmo evento de maneiras diferentes. Tratar-se-ia de uma batalha que é descrita, mui rapidamente, em *Apocalipse 20.7-9*, que se convencionou chamar de batalha do Armagedom. Por outro lado, os comentaristas gostariam que o texto também falasse aos dias de Ezequiel, nos quais procuram ver a destruição de Babilônia realizada por medos e persas.

Não sabemos quem é Gogue e nem qual a terra de Magogue, mas tem havido uma tendência, principalmente após a instauração da guerra fria, de associá-los, juntamente com Meseque e Tubal, à Rússia e seus aliados.

Aqui vamos nos limitar a dizer que todos esses nomes representam inimigos de Israel e que querem vê-la destruída. Hoje em dia daríamos a eles outros nomes, mas não importa quem são e, sim, o que diz o texto a seu respeito.

Por instigação do Senhor, essa nação ou essas nações se juntariam a outros aliados (citados aqui como Pérsia, Etiópia e Líbia que se associariam ainda a Gômer e Bete-Togarma) e sairiam unidos contra Israel.

Gogue e seus associados são conclamados a estar prontos para a invasão de Judá, que se recuperara da guerra e cujo povo fora juntado ali vindo de muitas nações. A instigação divina para essa guerra é mencionada no versículo 10, onde o Senhor aparece manipulando as ideias do rei de Gogue. Eles invadiriam Israel pensando no gado e nos bens que ali encontrariam. Novos associados são citados no versículo 13, que incluem até parte da Espanha (Társis).

Nos versículos 14 a 17 vemos o Senhor pedindo a Ezequiel que profetize a Gogue e seus aliados para se certificar que eles entenderam o seu papel na peça teatral que está sendo armada. Eles devem vir com um grande exército, cuja vitória será tida como óbvia. Só assim o Senhor poderá mostrar a todos quem Ele realmente é. Para que todos possam testemunhar o que Ele vai fazer, Ele vem prevendo e anunciando esse ataque há muito tempo.

O desfecho é narrado, então, nos versículos 18 a 23, começando com a ira do Senhor se despertando contra Gogue. Isso pode até parecer estranho, considerando que foi o próprio Senhor que os instigou a virem, mas devemos lembrar que Ele já havia agido de forma similar contra a Assíria e contra a Babilônia, que haviam sido instrumentos de castigo de Israel e Judá, respectivamente. Nem por isso, contudo, deixaram de provocar a ira de Deus, pelo que foram castigados.

Eles serão derrotados, apesar de sua franca superioridade militar, não porque Israel vai conseguir derrotá-los, mas porque o Senhor há de vencê-los usando a natureza. Ele provocará um grande terremoto em Israel, que fará com que todos tremam na Sua presença. Além disso, executará juízo pela peste, com torrentes de chuva, saraiva e enxofre ardente. Além disso tudo, eles usarão as suas armas contra si mesmos, um contra o outro.

Desta forma Ele mostrará a Sua grandeza e a Sua santidade, fazendo-Se conhecido entre as muitas nações, pelo que todos ficarão sabendo que Ele é o Senhor.

Neste capítulo não há muito espaço para que se possa ver isso acontecendo nos dias de Ezequiel, pois tudo aponta para um futuro apocalíptico.

Ezequiel 39

Conforme já mencionado acima, o capítulo 39 é uma espécie de repetição do que já foi dito no 38. Ezequiel começa profetizando contra Gogue, mas deixando claro, desde o princípio, agora, que vai destruí-lo (versículos 1 a 6).

No versículo 7 Ele diz que isso fará conhecido o Seu nome, que nunca mais será profanado, pelo que todos saberão que Ele é o Senhor.

As armas do exército de Gogue, em grande quantidade, seriam usadas pelo povo de Israel como combustível durante sete anos e a mortandade dos homens desse exército seria tão grande, que levaria 7 meses para sepultá-los (versículos 9 a 13).

A mortandade do exército de Gogue seria uma espécie de sacrifício de louvor ao Senhor, através do qual todas as nações da Terra veriam a Sua glória e o castigo que têm aqueles que a Ele se opõem (versículos 17 a 21).

Daquele dia em diante toda a Terra veria o zelo que Deus tem pelo Seu Santo Nome. Israel reconheceria que Ele é Senhor, as demais nações veriam, através do exílio de Judá, que Ele não deixa o pecado sem castigo, mas ao mesmo tempo testemunhariam, no seu retorno do exílio, o grande amor que tem por Seu povo (versículos 22 a 25).

Quanto à nação de Israel, eles seriam novamente reunidos em sua terra, esqueceriam a vergonha que passaram no exílio, reconheceriam que seu castigo fora justo, tendo em vista a sua infidelidade para com Ele, o seu Senhor, e Ele derramaria sobre eles do Seu Espírito.

Ao contrário do que aconteceu no capítulo anterior, embora não identifiquemos qualquer evento histórico que se pareça com esse, depois do retorno do exílio babilônico, mesmo assim, essa narrativa nos lembra bem mais os dias de Ezequiel do que um futuro apocalíptico.

Ezequiel 40

Da mesma forma como os primeiros 37 capítulos de Ezequiel falam a respeito do período que antecede e chega até a destruição de Jerusalém, com Deus deixando de habitar no meio do Seu povo, estes últimos 9 falam a respeito da sua restauração e do retorno de Deus voltando a habitar com eles no período pós-exílio.

Este capítulo fala de uma visão que se deu no vigésimo quinto ano do exílio (de Ezequiel), ou seja, em 573a.C., aparentemente na semana da Páscoa, no décimo quarto ano após a queda de Jerusalém, com o Senhor levando o profeta até lá.

Chegando em Jerusalém, ele se encontra sobre um monte, que tanto pode ser o monte de Sião como o monte das Oliveiras, de onde ele via alguns prédios, que pareciam ser

uma cidade (uma declaração estranha para quem já estava em Jerusalém) e Deus o levou até lá (versículos 2 e 3a).

Neste instante chamou a sua atenção um homem, resplandecente (que parecia de bronze), que tinha na mão uma corda de linho e uma vara de medir. Deus disse a Ezequiel, então, que deveria observar e ouvir tudo que seria mostrado a ele, porque teria que relatá-lo à nação de Israel.

Seguindo o referido homem, ele começou vendo a área do templo e a edificação em apreço, que é descrita, detalhadamente, ao longo dos capítulos 40 a 46. Esse templo não é nem o de Salomão, nem aquele que foi reconstruído após o exílio, o qual fora magnificamente reformado por Herodes nos dias de Jesus. Trata-se de um templo que está ainda por ser construído e para o qual os judeus, na atualidade, têm os materiais armazenados.

Na visão de Ezequiel, o referido templo é cercado por um muro que tinha 3m de altura e 3 de largura (versículo 5). A vara de medir do homem que ele acompanhava tinha seis côvados longos. Trata-se de uma unidade de medida à qual a NVI atribuiu o comprimento arredondado de 50cm. Assim sendo, a vara de 6 côvados tinha 3m.

A figura 87-2, abaixo, mostra uma planta baixa, numerada de modo a ser possível identificar os versículos onde são mencionadas as diversas partes citadas do templo. Neste capítulo Ezequiel já tinha começado falando do muro, que compreende uma área de aproximadamente 250m por 250m, um quadrado.

A seguir, ele passa a falar das portas frontal (oriental), nos versículos 6 a 16, norte, nos versículos 20 a 23 e sul, nos versículos 23 a 27. Cabe notar que essas portas são verdadeiros edifícios com 6 salas de guarda em seu interior, onde a parede divisória mais fina tinha 2,5m. Essas 3 portas dão acesso a um pátio exterior ao templo (área verde da figura 87-2), que é descrito no versículo 17. Junto ao muro, em volta do pátio exterior (área azul da figura 87-2) Ezequiel descreve a existência de um pavimento que possui 30 salas, indicadas apenas na figura 87-3.

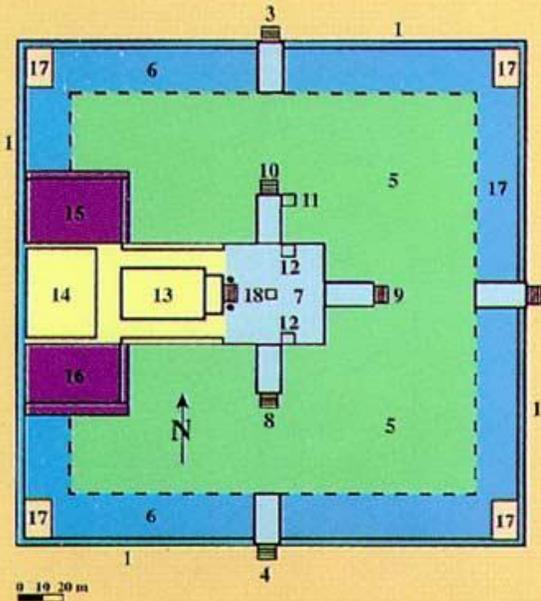
Em frente de cada uma das portas de acesso ao templo, há portas correspondentes de acesso ao pátio interior, onde fica o altar. Há ainda uma sala para lavar os animais a serem sacrificados junto à porta interior norte e duas salas para os sacerdotes no pátio interior. Estes são descritos no restante do capítulo 40, que é finalizado com a descrição do pórtico de acesso ao templo, bem como das escadas de acesso ao mesmo.

Para todas essas partes foram fornecidas as medições realizadas pelo anjo.

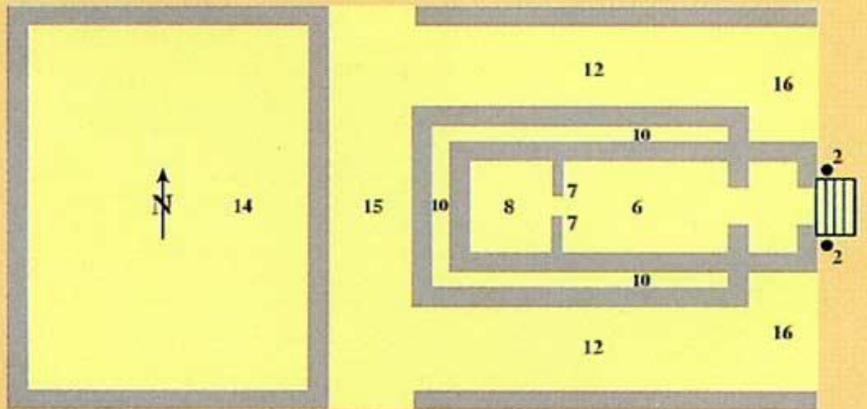
Plantas do Templo descrito no livro de Ezequiel

Estas plantas se baseiam na visão de Ezequiel (capítulos 40 a 46) e não representam o templo de Salomão nem o segundo templo, construído depois do exílio.

PLANO GERAL DO TEMPLO



1. Muralha exterior (40.5;42.15-20)
2. Porta oriental (40.5-16)
3. Porta norte (40.20-23)
4. Porta sul (40.24-27)
5. Átrio exterior (40.17)
6. Pavimento (40.17-18)
7. Átrio interior (40.28)
8. Porta sul do átrio interior (40.28-31)
9. Porta oriental do átrio interior (40.32-34)
10. Porta norte do átrio interior (40.35-37)
11. Sala para lavar os animais (40.38)
12. Sala para os sacerdotes (40.44-46)
13. Templo propriamente dito (ver planta abaixo)
14. Edifício ocidental (41.12)
15. Salas do norte (42.1-10)
16. Salas do sul (42.10-11)
17. Pátios (46.21-22)
18. Altar (40.47; 43.13-17)



O TEMPLO PROPRIAMENTE DITO (40.48-41.15)

- | | |
|--|--|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Escada (40.49) 2. Colunas (40.49) 3. Pilares do vestibulo (40.48) 4. Vestibulo (40.49) 5. Pilares (41.1) 6. Salão central (41.2) 7. Pilares (41.3) 8. Lugar Santíssimo (Santidade das Santidades) (41.4) | <ol style="list-style-type: none"> 9. Parede exterior (41.5) 10. Câmaras anexas (41.5) 11. Parede exterior das câmaras (41.9) 12. Espaço livre (41.9) 13. Muro (41.11) 14. Edifício ocidental (41.12) 15. Pátio fechado (41.12) 16. Parte do pátio fechado que fica para o oriente (41.14) |
|--|--|

© Sociedades Bíblicas Unidas 1995

Figura 87-2 - Planta baixa do templo descrito por Ezequiel /60/

Já a figura 87-3, igualmente mostrada abaixo, apresenta uma reconstituição tridimensional do mesmo templo.

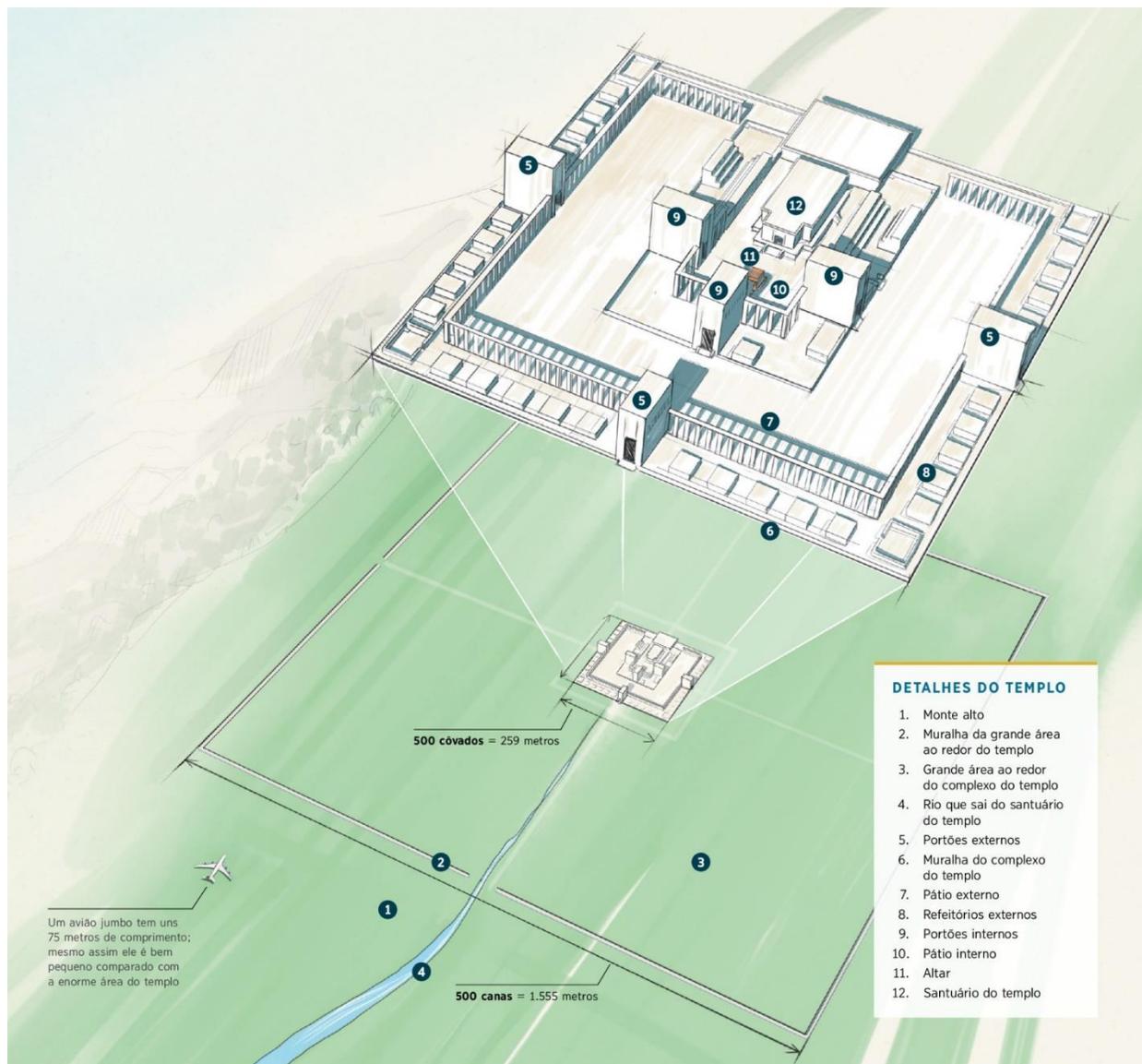


Figura 87-3 - Reconstituição tridimensional do templo descrito por Ezequiel /61/

Ezequiel 41

Continuamos neste capítulo com as medições do templo descrito por Ezequiel e nos primeiros 4 versículos ele está falando a respeito do prédio do templo, propriamente dito, que se compõe de um vestíbulo de entrada, do Lugar Santo e do Santo dos Santos, a exemplo do que ocorria também no templo de Salomão.

Nos versículos 5 a 12, Ezequiel descreve um grupo de salas situadas entre os muros externo e interno do templo, ao longo das paredes norte, sul e ocidental do templo. Aparentemente estas salas, em número de 30, em planta, se repetiam em mais dois pavimentos acima destes, de modo que ao final totalizavam 90. Estas salas teriam por finalidade o armazenamento de mobília do templo, dízimos e ofertas etc...

O comprimento total da edificação do templo era de aproximadamente 50m, conforme indicado nos versículos 13 a 15a. Já os versículos 15b a 26 nos trazem informações sobre os objetos encontrados no templo, bem como os adornos que ali seriam colocados.

Ezequiel 42

Os versículos 1 a 14 deste capítulo descrevem algumas salas que eram usadas pelos sacerdotes e que são apresentadas em roxo na figura 87-2. Há dois grupos destas salas, um do lado norte e outro do lado sul do templo. Estas salas também terão 3 andares, mas não devem ser confundidas com aquelas que já foram descritas em *Ezequiel 41.5-12*.

As dimensões globais do templo e do muro que o cerca são dadas nos versículos 15 a 20, mostrando que o terreno deste é um quadrado com aproximadamente 250m de lado.

Ezequiel 43

Nos capítulos 10 e 11 Ezequiel havia narrado a saída do Senhor do templo, deixando Israel antes de destruí-lo, juntamente com a cidade de Jerusalém. Agora, construído o novo templo, o profeta tem a oportunidade de testemunhar o Seu retorno.

Ele tinha acabado de medir o comprimento do muro e se encontrava perto da porta externa que dava para o leste. Neste momento ele teve uma visão do Senhor semelhante a que tivera junto ao rio Quebar. A glória do Senhor entrou pela porta leste e se dirigiu para o templo, enquanto ele, Ezequiel, foi levado, pelo Espírito, para o pátio interno, enquanto a glória do Senhor enchia o templo.

O seu acompanhante, que já medira todo o templo, estava ainda com ele, quando ele ouviu outra voz, que ele reconheceu como sendo do Senhor, dizendo que neste templo Ele passaria a viver entre os israelitas e que estes não mais adulterariam contra ele, como haviam feito antes, resultando na destruição de sua nação.

Agora caberia a Ezequiel dizer a eles como deveria ser o Seu novo templo e que este deveria ser um símbolo para que se envergonhassem e nunca mais pecassem contra Ele, de modo que Ele passasse a viver eternamente entre eles.

Os versículos 13 a 17 voltam a apresentar medidas, desta feita ligadas ao altar que ficava no pátio interior do templo. Já os versículos 18 a 27 falam a respeito da dedicação do altar, com sua purificação, e a seguir do seu uso diário.

Ezequiel 44

Neste capítulo são apresentadas mais algumas regras relativas ao uso do templo, começando pela porta frontal do mesmo, ou seja a oriental. Esta deveria permanecer fechada pelo fato de ter sido utilizada pelo próprio Senhor quando retornou ao templo. Ninguém mais deveria utilizá-la, a não ser o rei. Depois disso, contudo, não houve mais rei até que veio Jesus, o Rei dos reis, que é o próprio Senhor, pelo que a exceção em apreço é, na realidade, inócua (versículos 1 a 3).

São reeditadas, nos versículos 4 a 9, as restrições de entrada no templo de estrangeiros. O Senhor deixou claro que essas restrições haviam sido desrespeitadas, motivo pelo qual a aliança dele com os israelitas havia sido rompida. Assim sendo, nenhum incircunciso de coração ou na carne deveria adentrar este novo templo.

Os versículos 10 a 14 trazem as responsabilidades dos levitas, inclusive a restrição de não oferecerem nada ao Senhor (ofertas, incenso ou pães da proposição), pelo fato de terem praticado a idolatria. Estas atividades seriam realizadas pelos sacerdotes filhos de Zadoque, que haviam permanecido fiéis. As responsabilidades destes são fornecidas nos versículos 15 a 27.

As vestimentas sacerdotais de linho, que deveriam ser usadas enquanto estivessem ministrando, são descritas nos versículos 17 a 27 juntamente com outros regulamentos que regem o seu comportamento. O fato do Senhor ser a única herança dos sacerdotes é reiterado nos versículos 28 a 31.

Ezequiel 45

Este capítulo começa com o Senhor dizendo a Ezequiel que, quando da nova divisão do território de Israel, deve ser considerado um retângulo de 12,5km de base com 10km de altura para uma “área santa”. Essa área terá uma faixa de 12,5km x 5km, onde ficará o templo, dentro de um quadrado de 300m x 300m. Todo o restante desta faixa pertencerá aos sacerdotes, para que ali morem. A outra metade, ou seja, outra faixa de 12,5km x 5km, será destinada à moradia dos levitas.

Além destas duas faixas, haverá uma terceira de 12,5km x 2,5km, onde ficará a cidade e onde o povo pode habitar.

Esse quadrado de 12,5km x 12,5km, englobando a área santa e a cidade será prolongado até o Mediterrâneo e até o Jordão. Toda a terra fora desse quadrado será destinada ao rei.

A figura 87-4, apresentada a seguir, mostra o que foi discutido acima.

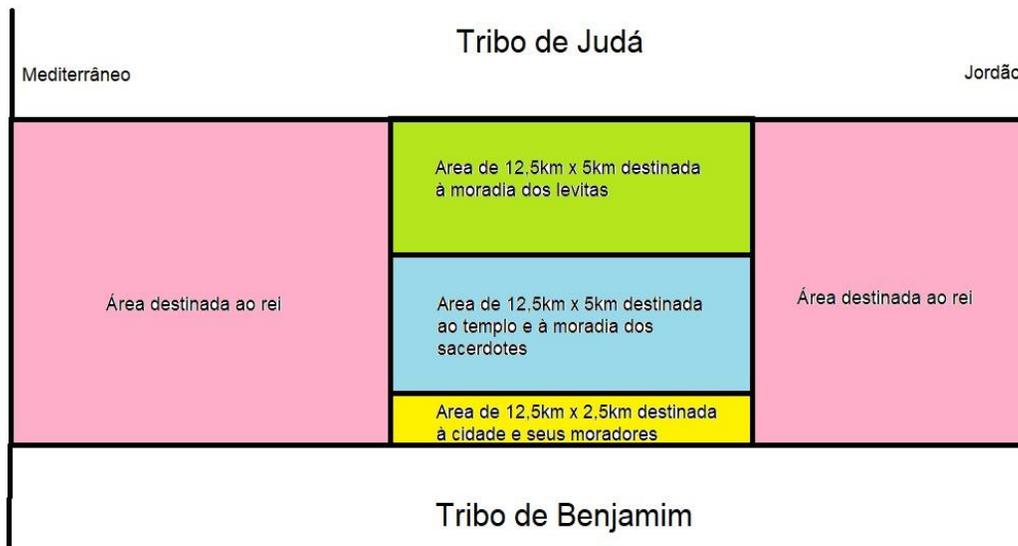


Figura 87-4 - Distribuição de terras destinadas à área santa

Essa informação será complementada nos capítulos 47 e 48, quando for definida a nova distribuição da terra, mas é importante ressaltar que nem o templo de Ezequiel, nem a nova distribuição da terra, foram feitos até hoje.

Nos versículos 9 a 12 o Senhor faz um apelo para que os reis de Judá passem a ser honestos na forma de tratar o Seu povo. Ele cita o fato de que estavam se apossando dos bens de seus súditos e que usavam no trato com estes de pesos e medidas desonestos.

Os versículos 13 a 17 nos informam a respeito de uma oferta que o povo deveria dar ao rei, tendo em vista o fato deste ser responsável por fornecer todos os animais dos sacrifícios dos sábados e luas novas, bem como das festas ao longo do ano.

Algumas diretrizes de regulamentação do uso do altar para alguns sacrifícios de Ano Novo, da Páscoa e da Festa dos Tabernáculos são fornecidos nos versículos 18 a 25.

Ezequiel 46

Neste capítulo são detalhados vários regulamentos relativos ao uso do templo descrito por Ezequiel. Nos versículos 1 a 8 ele fala a respeito das ofertas a serem feitas compulsoriamente pelo rei, mencionando, também, algumas que ele pode ofertar voluntariamente. Foi ressaltado, mais uma vez, que ele pode usar a porta oriental aos sábados, porque neste dia ficaria aberta o dia inteiro, mas só para ele. Ele também poderia passar pela porta oriental de entrada do pátio interior, mas só podia ir até a entrada, porque o pátio interior era acessível apenas aos sacerdotes e levitas. Exatamente o que deveria ser ofertado, e como, é descrito também nestes versículos.

Ao contrário do rei, que deveria entrar e sair por sua porta exclusiva, o povo deveria entrar pela porta norte ou pela porta sul. Depois de apresentar cada um a sua oferta, eles deveriam sair pela porta oposta pela qual entraram (porta sul ou porta norte).

Nos versículos 11 a 15 são detalhados alguns regulamentos adicionais para os dias de festas fixas, para as ocasiões nas quais o rei quisesse trazer uma oferta voluntária e, ainda, para os sacrifícios diários. Nestas ocasiões, quando a porta oriental estaria fechada, ela seria aberta exclusivamente para a entrada do rei e voltaria a ser fechada logo após a sua saída. Essas ofertas também são alinhavadas neste texto.

No tocante à alienação de propriedades por parte do rei, era facultado a ele doar parte de seus bens aos seus filhos. Como já eram herdeiros seus, eles ficariam com essas doações mesmo depois do ano jubileu (quando estas normalmente retornam para os seus donos originais), porque seriam deles de qualquer forma.

Já no tocante a doações do rei a pessoas que não eram seus herdeiros, estes ficariam de posse dessas propriedades até o ano jubileu, quando voltariam, então, a pertencer ao rei. De igual modo, o rei não poderia dar a seus filhos os bens de terceiros, expulsando os legítimos donos de suas propriedades. A propriedade só poderia ser passada antecipadamente ao seu legítimo herdeiro. Caso contrário, seria no máximo emprestada até o jubileu (versículos 16 a 18).

Finalmente, são repetidas aqui, nos versículos 19 a 24, algumas disposições relativas ao preparo de refeições sacrificais. Neste contexto o profeta tem uma visão no que diz respeito a 4 cozinhas que estariam instaladas nos 4 cantos do muro externo do templo (ver figura 87-2, áreas de número 17).

Ezequiel 47

O homem com a vara de medir continuava a acompanhar o profeta Ezequiel e neste capítulo os dois saíram do templo pela porta norte (embora estivessem indo para o leste, porque a porta leste estava fechada) e ali viram que fluía água a partir do lado sul do templo na direção leste. Eles andaram na direção leste 500m e viram que as águas haviam aumentado e que agora chegavam nos tornozelos. Continuaram andando mais

500m e as águas já estavam nos joelhos. 500m mais adiante estavam na cintura e depois de mais 500m tinham virado um rio caudaloso que só se podia atravessar a nado.

Essas águas desciam até o Arabá (Vale do Jordão) e fluíam para dentro do mar Morto, que voltou a ter vida, ou seja, peixes. É curioso, contudo, que o mar Morto é “curado”, virando águas doces, mas haveria um fim de todo o sal da região, que tem grande utilidade. Assim sendo, Deus reserva os pântanos da região com o seu sal, para que supra, ainda, as necessidades correspondentes (versículo 11). No versículo 12 somos informados que havia árvores frutíferas em ambas as margens desse rio, cujas folhas e frutos servem como remédio e alimentação, respectivamente.

É intuitivo, portanto, que nos perguntemos sobre que árvores são estas? De alguma forma estaremos todos de acordo que elas representam a vida que flui de Deus para aqueles que lhe servem. Alguns têm tentado entrar em detalhes, explicando, por exemplo, o versículo 12 como os não crentes que Deus usa para Sua própria honra e glória, não obstante estarem destinados à perdição (/19/, pág. 3355). Esse tipo de extremismo, num texto sem maiores detalhes, deve ser evitado. Podemos dizer que ele se parece com o rio da vida, que vemos lá em *Apocalipse 22*.

Nos versículos 13 a 21 o texto nos fala sobre a divisão da terra de Israel no Reino Milenar, que estamos apresentando graficamente na figura 87-5. Já os versículos 22 e 23 fazem uma ressalva interessante com relação à distribuição da terra, não só como herança para os filhos de Israel, mas também para todos os estrangeiros que escolham viver no meio deles.



Figura 87-5 - Divisão da terra de Israel no Reino Milenar

Ezequiel 48

Os primeiros 29 versículos deste capítulo continuam a descrever (e repetir) informações já apresentadas sobre a divisão da terra (ver figuras 9 e 10). Nos versículos 30 a 35 Ezequiel passa a falar da área e do muro limitante da cidade, que intuitivamente identificamos com Jerusalém. Ela fica dentro de um quadrado de 2,25km de lado, com 3 portas de acesso em cada lado. Os versículos 31 a 34 nos informam os nomes destas portas, que são os 12 filhos de Israel, a exemplo do que ocorre também com a nova Jerusalém em *Apocalipse 21.12-13*.

Fechando o livro, Ezequiel nos informa que a cidade mudará de nome e passará a se chamar Jeová Shammah, ou seja, o Senhor está aqui. Para quem vira o povo sendo levado para o exílio, assistira Deus se retirando de Jerusalém, para depois destruí-la, juntamente com o templo, acompanhara, em espírito, a construção de um novo e majestoso templo, a volta do Senhor ao mesmo, o povo retornando do exílio e a reconstrução da cidade e seus muros, não poderia haver um final mais emocionante do que saber que aquela se tornara a morada eterna de Deus com Seu povo. Que nome melhor para a Nova Jerusalém do que “O Senhor Está Aqui”?

Semana 88 - A Mensagem do Profeta Daniel

Texto: Daniel 1 a 12

Estação 43

Daniel 1

O profeta Daniel, cujo nome significa "Deus é meu juiz", foi levado em cativeiro por Nabucodonozor na primeira leva de deportados no ano de 605a.C., juntamente com seus amigos Hananias, Misael e Azarias.

O livro que leva o seu nome é incluído entre os profetas, mas difere destes pelo fato de não conter mensagens proclamadas em Nome do Senhor. Por outro lado, embora contenha uma série de narrativas, inicialmente históricas e depois de revelações que lhe são feitas, o livro de Daniel também não poderia ser classificado como um livro histórico, como *Reis* e *Crônicas*, pois não tem qualquer preocupação de mostrar o quadro histórico geral, limitando-se aos fatos relativos aos eventos narrados.

Basicamente pode ser dividido em duas partes distintas:

- *Daniel 1-6* → narração de eventos históricos relativos à vida de Daniel e seus amigos no cativeiro;
- *Daniel 7-12* → descrição das revelações proféticas e apocalípticas que Deus fez a Daniel.

Em função da dificuldade de correlacionar datas e nomes com as informações vindas de outras fontes, inclusive da própria Bíblia, e também por causa da fantástica acuidade com que Daniel descreve os reinos que sucedem ao babilônico, foi sugerido, por muito tempo, que o livro talvez fosse de autoria de alguém que viveu já na era cristã.

Quando da descoberta, em 1948, dos escritos de Qumran (pergaminhos que estavam escondidos em vasos de barro numa caverna próxima ao mar Morto), foi encontrada, também, uma cópia do livro de Daniel, cuja idade pode ser estimada em 200 a 300a.C., fazendo cair por terra qualquer argumento de apoio à hipótese supracitada.

Podemos dizer, portanto, que, embora diferente dos livros dos outros profetas, Daniel apresenta as mais "espetaculares" profecias já cumpridas, e várias outras, não menos interessantes, ainda por se cumprir, ao mesmo tempo em que narra histórias que caem todas no rol das favoritas da Bíblia, pela forma maravilhosa como Deus atua através do próprio profeta e de seus amigos.

Ao lermos *Daniel 1.3* ficamos sabendo que Daniel e seus amigos eram todos da linhagem real, cultos e formosos de parecer e, por isso mesmo, haviam sido escolhidos para estar diante do rei, não sem que antes fossem instruídos nas letras e na língua dos caldeus.

Durante o seu período de treinamento, cuja duração seria de três anos (*Daniel 1.5*), foi-lhes designado que comessem das iguarias da mesa do rei, mas como isso certamente feriria as restrições do rígido cardápio judeu, Daniel assentou em seu coração não se contaminar com os alimentos do rei, nem com o vinho que ele bebia, pelo que pediu ao chefe dos eunucos que concedesse que ele e seus amigos se alimentassem de legumes e bebessem apenas água (*Daniel 1.8*).

É muito oportuno ressaltar que Daniel e seus amigos optaram pelo caminho difícil, porque amaram mais ao Deus a Quem serviam do que ao prazer que lhes proporcionariam as iguarias da mesa do rei. É no amor deles por Deus que reside o princípio básico, segundo o qual Deus atentou para eles e os abençoou. Nosso procedimento diante de Deus abre as portas para bênçãos ou maldições (*Deuteronômio 30.19-21*) e nos faz candidatos à Sua bondade ou severidade (*Romanos 11.22*).

Ali mesmo Deus já começou a agir, concedendo graça a Daniel diante de Aspenaz, chefe dos eunucos. Aquele que se humilha diante dEle é alvo de Sua graça, pois "... *Deus resiste aos soberbos, mas dá graça aos humildes*" (*Tiago 4.6*).

Embora temesse por sua vida, tendo em vista o risco que corria por desrespeitar o mandado do rei, Aspenaz consentiu em fazer um teste de 10 dias, findos os quais seria avaliado o estado de saúde dos quatro cativos. Mais uma vez Deus compareceu fazendo aquilo que só Ele poderia fazer e, ao cabo do tempo requerido, os quatro fiéis servos do Senhor eram os mais gordos e saudáveis de todo o grupo de príncipes (*Daniel 1.15*).

Como Deus é Aquele que *é poderoso para fazer infinitamente mais do que pedimos ou pensamos* (*Efésios 3.20*), Ele, em chegando o dia deles serem apresentados diante de Nabucodonozor, fez com que Seus servos fiéis fossem achados dez vezes mais doutos do que todos os magos que havia no reino de Babilônia. Glória ao Deus que a Seu tempo exalta aquele que se humilha debaixo de Sua potente mão (*IPedro 5.6*)!

Daniel 2

Daniel 2 narra um evento que se deu no 2º ano do reinado de Nabucodonozor; portanto, ainda durante os três anos de treinamento de Daniel (*Daniel 2. 1*). Trata-se de um sonho que o rei tivera, e que o deixara muito perturbado. Ansioso por conhecer o seu significado, mandou chamar todos os magos, astrólogos e encantadores caldeus para que estes o interpretassem (*Daniel 2.1*).

Aparentemente para assegurar-se de que a interpretação seria correta, o rei declarou que havia esquecido o sonho, de modo que o intérprete deveria antes narrar aquilo que ele sonhara. Sua solicitação veio acompanhada de uma ameaça de morte, caso não conseguissem atendê-lo, e promessas de dons, dádivas e honra em caso contrário (*Daniel 2.5-6*).

Ao constatar que não havia poder nos seus magos para satisfazer à sua exigência, Nabucodonozor mandou que estes fossem todos mortos, pelo que buscaram também a Daniel e seus amigos, incluindo-os no rol dos sentenciados (*Daniel 2.12-13*).

Ao tomar conhecimento de sua sentença, Daniel pediu a Arioque, capitão da guarda, que lhe conseguisse uma audiência com o rei, na qual solicitou a este um prazo para fornecer a interpretação desejada.

Somos informados que Daniel, Hananias, Misael e Azarias dobraram os seus joelhos e pediram misericórdia ao Deus do céu para que lhes fosse revelado aquele segredo, a fim de não perecerem junto com os outros magos (*Daniel 2.17-18*).

Temos um Deus que nos promete que "*podemos todas as coisas nAquele que nos fortalece*" (*Filipenses 4.13*) e todas as coisas incluem particularmente aquelas que não podemos pelas nossas próprias limitações. Daniel sabia disso, não obstante ser apenas um cativo deportado havia cerca de um ano e, por isso, não procurou avaliar suas alternativas, mas atacou o problema de frente, buscando a solução de onde poderia vir: do Alto!

No nosso dia a dia, não raramente esquecemos que Deus tem prazer em que vivamos na Sua dependência. A nós se nos pede tão somente que façamos conforme as nossas forças (*Eclesiastes 9.10a*), pelo que o descansar nos Seus braços eternos é previsto no plano de Deus (*Deuteronomio 33.12*).

Mais uma vez Deus operou maravilhosamente, concedendo a Daniel a visão do sonho e sua interpretação, que ele repassou ao rei, não sem antes dar ao Senhor toda a glória e honra pela revelação concedida. O sonho que Deus deu a Nabucodonozor contém uma fantástica e precisa previsão dos reinos que dominariam a terra nos anos a seguir, representados, em seu sonho, por partes de uma estranha estátua. A cabeça desta era de ouro fino e representava a majestade e a força do reino de Babilônia (*Daniel 2.38*). O império medo-persa, que se levantaria em prosseguimento ao reino caldeu, foi representado na estátua do sonho pelo peito e braços de prata, material ainda nobre, mas de qualidade inferior à cabeça; assim nos diz a história ter sido o domínio medo-persa. O 3º reino, simbolizado pelo ventre e coxas de cobre da estátua, é a Grécia, cujo apogeu se deu com Alexandre. O 4º império é o de Roma, forte por um lado - pernas e pés de ferro, mas fraco por outro, devido à fragilidade moral dos homens que nele reinaram - barro misturado aos pés da estátua (*Daniel 2.39-43*).

A última parte da visão de Nabucodonozor era a de uma pedra cortada sem intervenção humana, que feriu a estátua, erguendo em seu lugar um grande monte que encheu a terra (*Daniel 2.34-35*). Com relação a isso Daniel disse que, nos dias do 4º reino, Deus levantaria um outro reino que jamais seria destruído e que sobrepujaria todos os demais, plantando em Sião a nossa Rocha inabalável. Glória a Deus pela forma maravilhosa como dá revelação a Seus servos e cumpre fielmente o que vai fazer (*Amós 3.7*)!

Daniel 3

Aparentemente o treinamento de Daniel foi encerrado nesta ocasião; foi-lhe dado um lugar de destaque no reino e, por pedido seu, foram dados, ainda, cargos de importância a seus três amigos, cujos nomes babilônicos foram Sadraque, Mesaque e Abednego. Estes três são também os principais protagonistas da história narrada em *Daniel 3*, que mostra mais uma grande prova de fé vencida por esses valorosos servos do Senhor.

Nabucodonozor mandara erguer, em sua própria honra, uma estátua de ouro de aproximadamente 25m de altura (o equivalente a um prédio de 7 a 8 andares) à qual deveriam se curvar, em adoração, todos os convidados à cerimônia de consagração da mesma, dentre os quais estavam Sadraque, Mesaque e Abednego.

Não obstante a pena de morte na fornalha, prevista para aqueles que se recusassem a fazê-lo, os três não tiveram dúvida sobre a necessidade de manter sua fidelidade a Deus, negando-se a adorar a outro deus. Por terem recebido uma segunda chance da boca do próprio rei, a sua determinação em confiar no Senhor (*Daniel 3.16-18*) foi considerada por Nabucodonozor como um insulto, pelo que mandou que fossem lançados amarrados numa fogueira sete vezes mais aquecida que usualmente.

Mais uma vez, contudo, a fidelidade do nosso Deus foi causa de assombro no meio dos caldeus. Ele fez com que Seu anjo viesse servir aos Seus servos em meio à fogueira, à medida em que impediu que o fogo tivesse sobre eles qualquer efeito.

Estes homens estavam dispostos a morrer por sua fé ("*...não amaram as suas vidas até à morte*" - *Apocalipse 12.11*), mas aprovou a Deus exaltá-los à medida em que Seu próprio Nome era engrandecido.

As palavras do rei mostram bem o seu reconhecimento de que a obediência à autoridade divina deve ser preferida à submissão à autoridade terrena: "*Bendito seja o Deus de Sadraque, Mesaque e Abednego, que enviou o Seu anjo, e livrou os Seus servos que confiaram nEle, pois não quiseram cumprir a palavra do rei, preferindo entregar os seus corpos para que não servissem nem adorassem algum outro deus, senão o seu Deus*" (*Daniel 3.28*).

Em consequência de sua fé, o rei fez com que os 3 prosperassem ainda mais no seu reino. Que também nós saibamos ser fiéis, não obstante as circunstâncias!

Daniel 4

Daniel 4 traz um testemunho do próprio rei Nabucodonozor, no qual narra o seu difícil aprendizado relativo ao pecado da soberba, ao mesmo tempo em que glorifica ao Senhor, na medida em que classifica o seu aprendizado como "*...sinais e maravilhas que o Altíssimo tem feito para com ele*" e reconhece que "*...Ele tem um reino sempiterno, cujo domínio é de geração em geração*" (*Daniel 4.2-3*).

Nabucodonozor inicia a sua narrativa falando que teve outro sonho, que muito o perturbou, cuja interpretação os seus magos, mais uma vez, foram incapazes de elucidar. Finalmente foi trazido à sua presença Daniel, a quem contou o conteúdo do seu sonho (*Daniel 4.8-16*).

A exemplo do que ocorrera na 1ª vez, Deus deu a Daniel a interpretação do sonho, mas ele se viu realmente embaraçado para contá-la, visto que tinha significado de duras consequências para o rei, por quem aprendera a ter grande estima. O rei vira uma árvore frondosa, da qual se alimentava toda a carne vivente, que simbolizava, segundo Daniel, o próprio Nabucodonozor e a sua majestade. Descendo do céu, um anjo clamava que esta fosse cortada deixando, contudo, o tronco e as raízes, até que se cumprissem 7 tempos, quando os viventes viessem a saber que Deus reina. Daniel, com relação a essa 2ª parte, deixou claro para o rei que sua soberba seria punida com uma loucura temporária, durante a qual ele se comportaria como se fosse um animal, mas que o tronco e as raízes voltariam a brotar, significando, com isso, que o reino ser-lhe-ia restituído tão logo ele reconhecesse que o Senhor reina (*Daniel 4.20-26*).

Passaram-se doze meses e nada aconteceu, até que um dia, quando o rei se gabava de sua linda cidade, Babilônia, por ele edificada, pela força do seu poder, para a sua própria glória e magnificência, ele ouviu uma voz do céu que dizia ser passado dele o seu reino por sete tempos, conforme previsto no sonho.

A duração dos sete tempos não é clara, mas parece improvável que tenha sido por um período muito prolongado, visto não haver registro de outro rei se assentando no trono durante o seu reinado. Seja como for, ao fim destes tempos foram restituídos a ele a sua sanidade mental, seu trono e sua glória, mas agora ele havia adquirido o temor do Senhor e aprendera que, acima de seus próprios desígnios, estavam os ditames do Rei dos reis.

Quantas vezes procedemos como se não soubéssemos disso! Quanta soberba no próprio seio da Igreja! Que aprendamos com Nabucodonozor a lição da humildade e do temor do Senhor, sem que precisemos passar por sua terrível experiência!

Daniel 5

Se *Daniel 4* mostra o feliz resultado de uma lição bem aprendida, *Daniel 5*, ao contrário, apresenta o triste fim de alguém que, vivendo em rebeldia diante de Deus, não soube se humilhar quando por Ele repreendido.

Eram passados vários anos, Nabucodonozor falecera após um longo e glorioso reinado de quase meio século e, embora não esteja muito clara a sequência de fatos a seguir, parece que seu filho Evil Merodaque fora assassinado pouco depois de assumir o trono, tendo ocorrido o mesmo a Labachi Mardaque, que tentara usurpá-lo, ficando o trono com Nabonide, que seria neto de Nabucodonozor por parte de mãe. Este se ausentara por

estar à frente do exército caldeu e, reinando como substituto temporário, encontramos o personagem do texto bíblico: seu filho Belsazar (*Daniel 5.1*).

O cenário político seria o de final de um império decadente e, provavelmente, as tropas de Ciro já estariam acampadas em volta da cidade, esperando por uma brecha para invadi-la. É neste contexto que vemos o "rei" celebrando uma festa e se embriagando com vinho tomado nas taças de ouro tiradas do templo de Jerusalém, quando, subitamente, os dedos de uma mão humana passaram a escrever na parede defronte ao lugar em que estava postado o rei, fazendo com que este temesse e tremesse a ponto de não mais conseguir firmar as pernas (*Daniel 5.6*).

Para decifrar o texto enigmático deixado pelos dedos na parede foram convocados, em vão, todos os magos de Babilônia, quando, então, se lembraram do hebreu Daniel, que fora destaque no reino à época de Nabucodonozor pelo seu dom de decifrar sonhos. Trazido à presença de Belsazar, foi-lhe oferecido muito dinheiro e a 3ª posição no reino (a 1ª era de Nabonide e a 2ª de Belsazar), caso pudesse decifrar a escrita.

Daniel não quis receber os bens e a posição oferecidos por Belsazar, mas anunciou a ele, assim mesmo, o significado das palavras escritas na parede: "**Contou Deus o teu reino e deu cabo dele. Pesado foste na balança e achado em falta. Dividido foi o teu reino e dado aos medos e persas**" (*Daniel 5.26-28*).

É significativo que Daniel tenha dito a ele, antes de pronunciar a sentença decretada por Deus, que não obstante conhecer (ele, Belsazar) o que se passara com Nabucodonozor, como este se humilhara diante de Deus, mesmo assim ele não havia procedido de igual modo (*Daniel 5.22-23*).

A Bíblia registra que Belsazar foi morto naquela mesma noite (*Daniel 5.30*), enquanto a história secular nos informa que Ciro entrou na cidade passando por baixo do muro, correndo pelo leito seco do rio Eufrates, que ele desviara de seu curso.

Daniel 6

Aparentemente Ciro, rei dos medos e persas entre 539a.C. e 530a.C., designou uma pessoa de nome Dario como governador de Babilônia (*Daniel 5.31*). *Daniel 6* começa nos informando que Dario constituiu a 120 sátrapas sobre toda a Babilônia e, sobre estes, 3 presidentes, dos quais Daniel foi feito um, apesar de já contar, a essa altura dos acontecimentos, com cerca de 80 anos de idade. Não obstante isso, ele se desincumbiu tão bem de suas funções que contrastou com os demais, a ponto do rei pensar em escolhê-lo para seu primeiro ministro (*Daniel 6.3*).

Claro está que isso suscitou a inveja dos outros presidentes, bem como de muitos sátrapas, que passaram a procurar de que o acusar, sem, contudo, conseguirem fazê-lo, tendo em vista a fidelidade com que Daniel procedia para com o rei. Assim é que conceberam um plano que se aproveitaria da soberba de Dario para atingir a Daniel

naquilo em que ele de modo algum transigiria: a fidelidade ao seu Deus. Utilizando-se do pretexto de prestar uma homenagem ao rei, eles sugeriram a ele que promulgasse um decreto segundo o qual ele seria "divinizado" pelo período de um mês, ou seja, o decreto impediria que súplicas fossem feitas a qualquer outro deus, que não a Dario, pelo período de 30 dias, sob pena de ser lançado na cova dos leões o autor de tal súplica.

Daniel 6.10 nos diz que, mesmo sabendo do novo decreto, Daniel se dirigiu, como de costume, aos seus aposentos para orar de joelhos junto à janela que se voltava para a direção de Jerusalém. Não deixou de orar em função da nova ameaça, nem teve dúvidas na hora de descumprir o novo mandado do rei, visto que este se colocava em contraposição à sua fidelidade ao Deus do céu. Assim é que aqueles homens foram e, tal como previsto, acharam Daniel de joelhos orando, pelo que, imediatamente, o denunciaram ao rei (*Daniel 6.11-13*).

Vendo que tudo aquilo não passara de uma armadilha, na qual tanto ele como Daniel haviam sido apanhados, o rei passou a se esforçar por salvar a vida de seu fiel servo, sendo lembrado, nesse momento, pelos outros presidentes, que as leis dos medos e persas exigiam o cumprimento da pena, não sobrando ao rei outra alternativa que não levar a cabo a execução da sentença, fazendo descer Daniel à cova dos felinos, não sem antes manifestar a sua esperança de que o Deus, a Quem ele continuamente servia, pudesse vir livrá-lo (*Daniel 6.15-16*).

Mais uma vez Deus compareceu recompensando a fidelidade de Daniel com a presença de um anjo que tapou a boca dos leões. O Senhor não permitiu que Daniel sofresse o dano da injustiça que pretendiam os seus oponentes, pelo que o rei se alegrou sobremaneira (*Daniel 6.22-23*).

A exemplo do que fizera Nabucodonozor em função do livramento dado a Sadraque, Mesaque e Abednego, também Dario promulgou outro édito, exigindo o respeito ao Deus de Daniel e exaltando a Sua grande fidelidade.

É nos atos de fé dos Seus servos que o Nome do nosso Deus é glorificado. Que aprendamos com Daniel a não perder as oportunidades que se nos apresentam nas circunstâncias do dia a dia! Por mais sombrias que sejam as perspectivas do resultado da nossa obediência, o Senhor há de saber transformar em bênçãos as maldições que sobre nós forem lançadas para honra e glória dEle!

Daniel 7

Daniel 7 começa com uma visão muito semelhante à que tivera Nabucodonozor ao início de seu reinado, só que, ao invés de uma estátua com 4 partes distintas, o profeta viu 4 animais de aspectos bem diferentes. O 1º destes, representativo do império babilônico, era um leão com asas de águia, cedendo seu lugar, a seguir, para um urso, cuja ferocidade simbolizava a do império medo-persa (*Daniel 7.4-5*). O 3º animal, um

leopardo, significava o império grego, principalmente tendo em vista as suas 4 cabeças, que indicavam as 4 partes em que este foi dividido após a súbita morte de Alexandre (*Daniel 7.6*). Finalmente, o 4º animal, não identificado por Daniel, mas descrito apenas como sendo de aspecto terrível com presas de ferro (*Daniel 7.7*), tinha 10 chifres imediatamente associáveis aos reis de Roma.

A visão, a princípio tão óbvia, se complica a seguir porque a partir de *Daniel 7.8* o império romano passa a ser associado a um império apocalíptico e à Segunda Vinda de Jesus (*Daniel 7.9-14*).

Surgiu, então, na visão de Daniel, um anjo, cuja função era esclarecer a ele justamente o 4º reino. O anjo forneceu algumas informações complementares relativas aos 10 reis e à queda de três destes cedendo lugar a um de maior domínio, que se oporia ao Altíssimo, perseguiria os santos e introduziria mudanças nos tempos e na lei (*Daniel 7.23-27*).

Embora haja para o texto inúmeras interpretações, a maioria parece concordar que o 4º reino é uma referência tanto a Roma da época de Jesus, quanto ao governo mundial da época do início do período apocalíptico.

Daniel 8

Daniel 8 traz uma outra visão que o profeta teve no 3º ano do reinado de Belsazar, poucos anos antes da queda de Babilônia, que narra com clareza e precisão notáveis o 2º e 3º reinos mundiais das visões anteriores de Daniel (urso e leopardo) e de Nabucodonozor (prata e bronze). Mais uma vez os reinos são representados por animais (carneiro e bode), mas desta feita o anjo, de nome Gabriel, que veio interpretar a visão, disse claramente que se tratava dos reinos medo-persa e grego.

O reino medo-persa começou com a predominância dos reis da Média (o 1º chifre), mas sua ascensão mundial se deu com o persa Ciro (o 2º e mais alto). Sua hegemonia durou cerca de 200 anos, durante os quais parecia imbatível (nenhum dos outros animais lhe podia resistir - *Daniel 8.4*), até que surgiu o bode de chifre notável (*Daniel 8.5b*). Este, que Gabriel disse ser o 1º rei da Grécia - Alexandre, o Grande, dominou tão rapidamente o mundo, que parecia se deslocar sem tocar o chão (*Daniel 8.5a*), esmagando totalmente o reino medo-persa. A quebra do grande chifre no auge de sua força (*Daniel 8.8,22*) cumpriu-se à risca, com Alexandre morrendo aos 32 anos e seu reino sendo dividido (Macedônia, Síria, Egito e Ásia Menor) entre os seus 4 generais.

Daniel 8.9-14 passa a falar, então, de um pequeno chifre, descendente de um dos generais, que seria de particular importância para o reino de Judá. Gabriel disse a Daniel que seu poder seria baseado em intrigas, levando a destruições, com dano para o povo santo (*Daniel 8.23-24*). Sabemos, pelas narrações nos livros de Macabeus, que Antíoco Epifânio (rei do Norte) fez um acordo com o povo judeu, mas, além de não cumpri-lo,

entrou em Jerusalém e profanou o templo, sacrificando uma porca sobre o altar, fazendo cessar os sacrifícios por 1.150 dias (2.300 tardes e manhãs (*Daniel 8.14*), entre 168 e 165a.C., até que o templo foi purificado por Judas Macabeus (165a.C.).

Daniel 9

Daniel 9 contém a mais marcante das profecias de Daniel: a das setenta semanas. Ciro, o persa, reinava sobre os medo-persas, mas o governo de Babilônia fora entregue ao medo Dario, filho de Assuero, que não devem ser confundidos com Dario I, sucessor de Ciro, e nem com o Assuero do livro de Ester, cujo nome histórico é Xerxes e que reinou 50 anos mais tarde, ambos persas.

Lendo os escritos de Jeremias (*Daniel 9.2*), Daniel se apercebeu que já estavam por se cumprir os 70 anos previstos pelo profeta para o cativo babilônico. Por isso mesmo, Daniel fez, a seguir, uma das orações intercessórias mais lindas de toda a Bíblia (*Daniel 9.4-19*). Mais uma vez convém ressaltar a maneira como o intercessor se identifica com o objeto de sua intercessão: "**Nós temos pecado e cometido iniquidades...; A Ti, Senhor, pertence a justiça, mas a nós o corar de vergonha...**" (*Daniel 9.5,7*). Ao interceder, ele o fez não porque sua culpa já fora expiada, nem com base em sua justiça, mas fiado na misericórdia de Deus e Sua fidelidade na guarda das alianças, mesmo não tendo eles cumprido a contrapartida (*Daniel 9.4,18*).

Eram passados cerca de doze anos desde a visão de *Daniel 8* e agora ele orava, quando se apresentou a ele, novamente, o anjo Gabriel para instruí-lo a respeito do futuro de seu povo (*Daniel 9.20-27*). Não podemos deixar de reparar no fato de Gabriel dizer a Daniel que ele recebera ordem para vir pessoalmente responder à sua oração de intercessão, "**...porque és mui amado...**" (*Daniel 9.23*). Glória ao Deus que declara e demonstra a todo o tempo o Seu grande e maravilhoso amor para conosco!

Ele fala de um período de setenta semanas (no original setenta setes), que veremos logo a seguir, com base na parte já cumprida, serem semanas de anos, ou seja, 490 anos. Neste período "**...far-se-ia cessar a transgressão, dar fim aos pecados, expiar a iniquidade, trazer a justiça eterna, selar a visão e profecia e ungir o Santo dos Santos**" (*Daniel 9.24*). Seriam sete semanas para a reconstrução da cidade de Jerusalém (contados a partir da ordem oficial para fazê-lo) até a conclusão da obra, e mais sessenta e duas semanas até a entrada do Messias em Jerusalém para ser morto logo a seguir.

O cumprimento dessa parte da profecia seria literal, conforme indicado a seguir:

- Édito real ordenando a reconstrução de Jerusalém, promulgado por Artaxerxes, em 445a.C.;
- Não há registros oficiais de datas, mas é possível estimar que tenha levado cerca de 49 anos até a conclusão da obra principiada pela reconstrução do muro;

- Utilizando anos de trezentos e sessenta dias (o que parece justificável à luz de *Apocalipse 12.6,14*), alguns autores têm chegado ao ano 32a.D., associando o cumprimento da profecia à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (em Seu 33º ano de vida) e Sua crucificação uma semana depois:

$$(-445 + 69 \times 7 \times 360 / 365 + 1 = +32).$$

Não há aqui a preocupação de encontrar números exatos, mesmo porque as datas históricas são imprecisas mas, sim, atestar o fato do cumprimento das 69 semanas.

Obviamente faltaria, ainda, a semana 70, mas o próprio texto indica haver uma série de eventos, como a destruição da cidade (*Daniel 9.26*), antes que ela comece. Assim sendo, a 70ª semana, descrita em *Daniel 9.27*, parece apontar para o período de tribulação ainda futuro para nossos dias. Trata-se de um período de sete anos em que haverá uma aliança que será rompida no meio da semana (após 3 anos e meio). Maiores informações a respeito disso são fornecidas na visão seguinte.

Daniel 10

Daniel 10 narra mais uma visão que teve, desta feita às margens do rio Tigre, no 3º ano do rei Ciro, onde apresentou-se a ele um homem (*Daniel 10.5-6*), que tendemos a associar ao Cristo glorificado, tendo em vista a sua semelhança com a visão de João na ilha de Patmos (*Apocalipse 1.13-16*), mas o fato dele ter sido enviado (versículo 11), além de ter precisado da ajuda de Miguel para chegar (versículo 13), dão a entender que se trata de um anjo.

A exemplo do que ocorreria mais tarde a João, também Daniel caiu ao chão sem forças (*Apocalipse 1.17 - Daniel 10.8-9*). Ajudado, contudo, por um anjo a colocar-se de pé, este começou a lhe falar que fora enviado por causa de suas orações, mas impedido de chegar, por 3 semanas, devido às forças do inferno, derrotadas com o auxílio do arcanjo Miguel (*Daniel 10.10-13*). Esta informação nos dá conta da real luta que se trava nas regiões celestiais, da qual Paulo fala em *Efésios 6.12*. O anjo lhe disse, ainda, que viera para lhe fazer entender o que havia de suceder ao povo judeu "nos últimos dias".

Daniel 11

Daniel 11 contém, então, as revelações que o anjo lhe fez, falando rapidamente do fim do império medo-persa e, já no versículo 3, sobre um grande guerreiro do império grego (Alexandre, o Grande), cujo império se desfez logo a seguir, sendo distribuído entre seus 4 generais (versículo 4). A figura 88-1 mostra como essa divisão se fez, destacando-se que Israel ficou situada entre os selêucidas ao norte e os ptolomeus ao sul.

O capítulo 11 descreve (em todo o resto do capítulo) as diversas guerras entre os selêucidas (rei do norte) e os ptolomeus (rei do sul), principalmente no que diz respeito a atividades relacionadas com os judeus. Maiores detalhes dessas guerras são encontradas em Macabeus I.

A partir do versículo 36 a descrição de Daniel parece se referir mais aos tempos do fim do que aos dias que antecedem a vinda de Jesus.

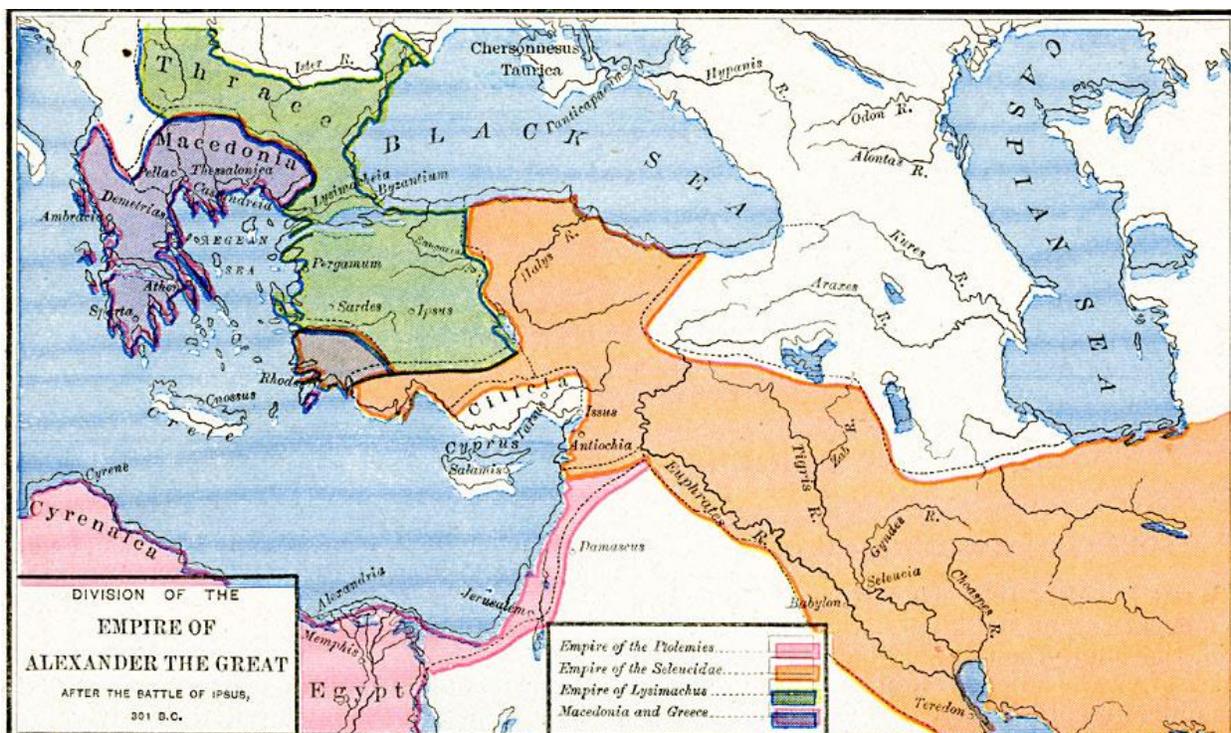


Figura 88-1 - Divisão do reino de Alexandre, o Grande, entre os seus generais /62/

Daniel 12

Naquela ocasião, ou seja, em meio a essa guerra, que parece muito com a de Jesus contra o Anticristo, dar-se-á a ressurreição dos mortos e o juízo eterno, com alguns sendo destinadas à vida e outros à vergonha eterna (*Daniel 12.2-3*).

É interessante que, à luz de *Daniel 12.5-6*, aparentemente os anjos do capítulo anterior continuavam falando com Daniel, quando em dado momento um deles se virou para o outro e perguntou quando essas coisas (talvez referindo-se à ressurreição) haviam de acontecer. A resposta do anjo que falava foi de que seria depois de um tempo, dois tempos e metade de um tempo (*Daniel 12.7*), ou seja, o mesmo período previsto em *Apocalipse 12.14*, que em *Apocalipse 11.2* e *13.5* são tratados por 42 meses e em

Apocalipse 11.3 e 12.6 por 1.260 dias. Todas estas parecem ser referências à 2ª metade da semana que antecede a volta do Messias, a 70ª semana de *Daniel 9.27*.

O anjo que falava disse a Daniel, a seguir, que estas palavras estariam encerradas e seladas até ao tempo do fim (*Daniel 12.9*), mas que ele, Daniel, seguiria o seu caminho, descansaria e se levantaria no fim dos dias para receber a sua herança (*Daniel 12.13*). Glória ao Deus fiel que guarda, até àquele dia, a herança de Seus filhos (*II Timóteo 1.12*)!

Semana 89 - Uma História de Amor no Exílio / A Mensagem do Profeta Malaquias

Texto: Ester 1 a 10 e Malaquias 1 a 4

Estação 44

Ester 1

Com a queda de Babilônia e o fim do cativeiro decretado por Ciro, rei dos medos e persas, a maioria dos judeus nascidos no exílio e já ambientados à cultura local, optaram por não voltar para Israel. Dentre estes, estão os personagens sobre os quais versa o livro de Ester.

Trata-se de uma obra de autoria desconhecida, que narra eventos ocorridos entre 483 e 473a.C., relativos a um livramento que Deus concedeu ao povo judeu em função de uma trama demoníaca visando eliminá-los. Curiosamente, Deus não é mencionado, nominalmente, uma única vez sequer em todo o livro, mas o assunto principal, Sua providência, permeia todos os 10 capítulos do mesmo.

O rei Assuero (nome hebraico) de que fala o texto é Xerxes I (nome grego), que reinou desde 486 a 465a.C. na cidade de Susã, que juntamente com Persépolis sediava o reino medo-persa (*Ester 1.2*). A convocação dos príncipes, atendentes e oficiais do seu exército para uma festa que acabou durando 180 dias (*Ester 1.3-4*), e cuja finalidade era mostrar o esplendor do reino, dá-nos uma boa mostra do quão vaidoso deveria ser o rei Assuero.

O fato das mulheres terem participado, durante este período, de uma festa separada, reforça a teoria de que a ocasião foi aproveitada para planejar a invasão da Grécia, que Assuero empreendeu pouco depois. Assim sendo, teria havido uma festa de 7 dias após o final dos preparativos e nesta ocasião o rei quis apresentar a sua bela rainha Vasti aos seus hóspedes. Esta, contudo, recusando-se a vir, despertou não apenas o furor do rei, mas também a preocupação de todos os seus conselheiros de que seu exemplo pudesse vir a ser seguido por todas as outras mulheres do reino (*Ester 1.18*).

Para remediar esta situação Memucã, conselheiro do rei, propôs que Vasti fosse punida exemplarmente, tirando dela a coroa, que deveria ser dada a alguém **"melhor do que ela"** (*Ester 1.19*). Desta forma, seria desestimulada a rebelião por parte das mulheres, que honrariam, com maior zelo, os seus maridos. Esta sugestão agradou ao rei, bem como a todos os seus súditos; e assim se fez.

Ester 2

Passados alguns dias e amainada, contudo, a ira do rei, este se lembrou de Vasti, pelo que, temendo seus conselheiros que ele pudesse sentir-se tentado a trazê-la de volta, sugeriram que se buscasse, entre as moças de Susã, uma que a sucedesse (*Ester 2.1-4*).

Neste ponto do livro são apresentados, então, os personagens Mardoqueu (Mordecai, em algumas traduções), judeu benjamita, descendente dos transportados por Nabucodonozor (*Ester 2.6*) e sua prima órfã Hadassa (nome hebraico de Ester), por ele criada. Esta, devido à sua beleza marcante, foi levada ao palácio como candidata à vaga de rainha, tendo alcançado a preferência de todos quantos a viam (*Ester 2.15*), vindo a ser, também, a eleita do rei, assumindo a posição outrora pertencente a Vasti.

Mardoqueu, que costumava sentar à porta do palácio esperando notícias de Ester, ouviu, certa vez, uma conversa de 2 eunucos da guarda do rei tramando contra a vida de seu senhor, pelo que o fez saber ao rei através de Ester. Averiguados os fatos, constatou-se ser verídica a denúncia, e os 2 foram enforcados. O fato foi registrado no livro das crônicas dos reis da Média e da Pérsia, mas nenhuma recompensa foi dada a Mardoqueu (*Ester 2.21-23*).

Até o final de *Ester 2*, os fatos narrados não suscitariam por parte de um judeu piedoso senão um lamento, pelo fato da bela Ester se ter unido em matrimônio a um gentio, enquanto Mardoqueu, outrora um judeu respeitável, vivia agora também enfurnado no palácio em meio a gentios. Nem de longe poder-se-ia supor que cada pequeno evento fizesse parte de um meticuloso plano divino para desbaratar as artimanhas do inimigo, que são narradas a partir de *Ester 3*.

Ester 3

Nos 3 anos que se seguiram ao casamento de Ester, um personagem de nome Hamã, agagita (um possível descendente de Agague, rei dos amalequitas e, portanto, inimigo por tradição dos israelitas), foi exaltado à posição de 2ª pessoa no reino, abaixo somente de Assuero. Por ordem real todos deveriam se inclinar e prostrar diante dele. Se por um lado o inclinar-se denota uma questão de respeito, o prostrar-se parece caracterizar um ato de culto em reconhecimento ao status de "divindade" que teria sido adquirido. O cumprimento de tal ordem por parte de um judeu temente ao Deus Único (*Deuteronômio 6.4*) e cumpridor da lei seria, obviamente, fora de questão e Mardoqueu, por isso mesmo, a desacatou. Ao ser questionado pelos servos de Hamã com relação ao seu flagrante desrespeito, ele lhes declarou sua raça (*Ester 3.4*) e, certamente, o impasse legal correspondente; mas isso, ao invés de lhe servir de justificativa, acabou por lhe complicar

mais ainda a situação. Hamã, que até então sequer reparara nele, passou a odiá-lo, pelo que a sua ira se voltou contra o povo judeu (*Ester 3.5-6*).

O restante de *Ester 3* narra a trama de Hamã, que tinha por finalidade eliminar o povo judeu da face da terra. É interessante ver que isso se dá numa época em que o templo está sendo concluído em Jerusalém e Satanás não está sendo bem sucedido em suas tentativas (narradas no livro de Esdras) de impedir que o "povo de Deus" restabeleça o culto. Assim é, que suas atenções se voltam para o local de onde emana o poder, para tentar mudar a sorte dos judeus numa esfera mais alta.

O plano de Hamã previa a mortandade de todo o povo judeu, praticada pelo próprio povo da terra, em cumprimento a uma ordem real, a título de vingança pelo dano que tal povo, rebelde ao rei, trazia à nação. Nada, além de uma trama diabólica, poderia levar um homem a intentar tamanha crueldade. É muito significativo, contudo, que Hitler e Hamã tiveram por trás o mesmo mentor e agiram em circunstâncias bastante semelhantes. Também Hitler, mesmo sem sabê-lo, agiu no sentido de afastar a iminência de retorno do povo à Palestina, incitando, também, o povo alemão contra os judeus, alegando ser danosa à nação a sua permanência no país. Podemos ver que, não obstante astuto (*Gênesis 3.1*), Satanás não é dotado de grande originalidade, pelo que o apóstolo Paulo também diz que **"não ignoramos os seus ardis"** (*II Coríntios 2.11*). Cabe a cada um de nós estar atento às suas **"astutas ciladas"** (*Efésios 6.11*), pois elas sempre podem ser discernidas espiritualmente (*Mateus 26.41*)!

Com o plano totalmente concebido, Hamã lançou sortes para escolher a data mais propícia para colocá-lo em prática (*Ester 3.7*), tendo sido sorteado o mês de Adar (o 12º, distante ainda 11 meses). Se por um lado isso daria bastante tempo para que todos os preparativos fossem concluídos, podemos ver nisso a mão de Deus, por outro, concedendo ao Seu povo o tempo necessário para que sua defesa pudesse ser providenciada.

Para convencer o rei mais facilmente, Hamã não apenas denunciou o povo judeu como rebelde às leis do país, como também propôs dar ao rei 10.000 talentos de prata, uma espécie de suborno, para que este aprovasse o seu plano de simplesmente eliminá-los (*Ester 3.8-9*). Obviamente ele esperava colher do despojo dos judeus, que viesse a matar, uma quantia bem maior que essa. O desinteresse do rei pelo destino daqueles estrangeiros, contudo, foi tamanho, que limitou-se a tirar do dedo o anel que continha o selo real, entregando-o a Hamã, para que tomasse as devidas providências, sem fazer uma única pergunta. Quanto à prata prometida, o rei disse que ele mesmo ficasse com ela (*Ester 3.11*).

De posse do selo real, Hamã preparou cartas para todos os governadores do reino (entre os quais, obviamente, o de Judá), para que no dia 13 do mês de Adar todo o povo judeu do reino fosse morto e seus bens saqueados (*Ester 3.13*). Diz-nos o texto que, enviadas as cartas, Hamã e o rei se sentaram para beber, dando a entender que a vitória teria sido alcançada.

Ester 4

Ester 4 começa falando da tristeza com que Mardoqueu e os judeus em geral receberam a notícia do édito real. No caso específico de Mardoqueu, podemos supor existir, também, uma boa dose de sentimento de culpa, sabendo que sua atitude ostensiva fora a principal razão para aquela reação tão cruel de Hamã, que se abatia, agora, não só sobre ele, mas sobre todo o seu povo. Por toda a parte os judeus fizeram grande luto, jejum, choro e lamentação, suplicando diante de Deus pelo seu destino (isso fica implícito, embora o autor não o diga).

A atitude de Mardoqueu de rasgar seus vestidos, cingir-se de sacos com cinzas na cabeça e apresentar-se assim na porta do palácio, causou consternação por parte de Ester, que lhe mandou uma muda de roupa, por ele rejeitada. Esta, então, mandou um servo saber o que se passava, e este voltou com uma cópia do édito real e instruções de Mardoqueu no sentido de suplicar pelo seu povo diante do rei. Os costumes da época não facultavam à rainha tomar a iniciativa de ir ver o rei, podendo fazê-lo apenas quando chamada, havendo risco de vida em caso de desobediência. Ester fez saber isso a Mardoqueu, que respondeu segundo as palavras mais conhecidas de todo o livro: **"Porque se de todo te calares neste tempo, socorro e livramento doutra parte virá para os judeus, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?"** (*Ester 4.14*).

A difícil situação da rainha Ester exigia que ela exercesse fé, apesar das circunstâncias. Ela corria risco de vida para se chegar ao rei (seria morta por lei caso este não estendesse para ela o cetro real) e, mesmo sendo recebida, teria que informar ao rei que ocultara dele o fato de ser judia, antes mesmo de suplicar por seu povo. Muitas vezes também nós somos chamados a falar ou agir em circunstâncias adversas, nas quais aparentemente seria mais fácil escolher o silêncio ou a omissão. Para ocasiões como esta é oportuno que meditemos sobre a resposta de Mardoqueu:

- primeiro → Ester não deveria supor que ela escaparia caso se omitisse (a omissão de Jonas fez com que acabasse na barriga de um grande peixe);
- segundo → a sua omissão resultaria em providência divina através de outro vaso, mas ela teria perdido a sua grande chance. Quantas e quantas vezes nos lamentamos pelo fato de Deus não nos usar ao mesmo tempo em que estamos sendo omissos em relação às oportunidades de serviço que Ele nos concede. Não permitamos que Deus seja obrigado a fazer clamar as pedras porque nós optamos por ficar calados (*Lucas 19.40*)!;
- terceiro → Mardoqueu aventou a hipótese de ela ter sido colocada ali justamente para remediar aquela situação. Obviamente a providência divina está implícita nas palavras dele, mas mais uma vez o autor deixa de mencioná-la. O apóstolo Paulo nos assegura que **"todas as coisas contribuem, juntamente, para o bem daqueles que amam a Deus..."** (*Romanos 8.28*); portanto, "com toda certeza", Ester não estava ali por acaso,

nem tampouco nós fomos colocados onde estamos por acaso. Pode até ser que seja por rebeldia, mas, mesmo nesse caso, Ele o permitiu porque tem algo a nos ensinar.

Ester 4.15-16 nos mostra que a rainha aceitou a repreensão de Mardoqueu e pediu que os judeus estivessem em jejum por ela durante 3 dias de preparativos. É, no mínimo, curiosa a omissão do Nome de Deus, quando salta aos olhos que seu pedido é pelas orações intercessórias dos judeus.

Ester 5

Ao 3º dia ela entrou no pátio da casa do rei e este, assentado sobre o trono, apontou para ela o seu cetro e, ainda muito surpreso, perguntou o que havia acontecido, que justificasse ela arriscar a vida, ou que pedido especial ela teria a lhe fazer (*Ester 5.1-3*). O pedido de Ester foi, de certa maneira, surpreendente. Aparentemente, ou faltou coragem ou ela queria fazer a denúncia na presença do próprio Hamã. Ela pediu que o rei viesse ao banquete que ela lhe havia preparado, trazendo consigo a Hamã, durante o qual o rei novamente perguntou o que ela desejava, e mais uma vez ela adiou a conversa, renovando o convite para outro banquete no dia seguinte.

Naquele dia Hamã saiu do primeiro banquete exultante pela atenção que lhe fora destinada pela rainha, mas mal chegou à porta do palácio e sua alegria cedeu lugar ao ódio que sentiu por encontrar-se com Mardoqueu, que mais uma vez deixou de reverenciá-lo. Chegando em casa, ele contou à esposa e aos amigos o quanto fora engrandecido, mas não conseguiu esconder o seu ressentimento em relação a Mardoqueu, pelo que eles o aconselharam a mandar construir uma forca para nela mandar enforcá-lo.

Ester 6

Naquela noite, porém, o texto nos diz que "fugiu o sono do rei", que mandou que fossem lidas perante si as crônicas dos reis da Média e da Pérsia, onde se achou escrito que seus dois eunucos haviam conspirado contra ele, tendo sido denunciados por Mardoqueu. Embora o autor narre este evento como uma feliz coincidência, é óbvio que sua atenção está voltada para a interferência de Deus nos eventos que está narrando. O próprio fato de Mardoqueu não ter sido recompensado por sua fidelidade ocorre a Assuero como um lapso imperdoável que precisa urgentemente ser reparado, exatamente no momento em que Hamã está adentrando o pátio do rei para pedir a sua cabeça (*Ester 6.4*). É impossível que ocorra a qualquer pessoa que isso tenha acontecido por mera coincidência. O rei, então, pergunta a Hamã o que se fará ao homem de cuja honra o rei se agrada? Este, pensando tratar-se dele mesmo, sugeriu que lhe vestissem de trajes reais, que colocassem sobre sua cabeça a coroa real e que o levassem pela cidade em montaria real, apregoando que assim se fará ao homem de cuja honra o rei

se agrada. Satisfeito com a sugestão, o rei mandou que Hamã mesmo se encarregasse de fazer isso pessoalmente com Mardoqueu. Tendo Hamã cumprido a ordem do rei, voltou correndo para casa enojado daquela situação, onde os parentes concordaram, quase profeticamente, que seria difícil que ele prevalecesse diante de Mardoqueu (*Ester 6.13*). Nesse mesmo instante os servos do rei chegaram para levá-lo ao banquete da rainha.

Ester 7

Durante o 2º banquete, Assuero novamente se dirigiu à rainha solicitando que esta fizesse o seu pedido. Foi, então, para a surpresa de todos, que ela implorou por sua vida e pelo seu povo (*Ester 7.3-4*). Ao cientificar-se dos detalhes e do culpado e, provavelmente, sabendo que ele mesmo, por sua displicência, tivera culpa naquela situação, o rei saiu do salão de banquete para esfriar a cabeça. Disso se aproveitou Hamã para se prostrar diante de Ester com o intuito de rogar por sua própria vida. Ao voltar, contudo, o rei teve a impressão de que, além de tudo que já fizera, Hamã estaria tentando se aproveitar da rainha, pelo que, dando ouvidos à sugestão de um de seus servos, mandou enforcá-lo na forca que preparara para Mardoqueu.

Ester 8

Não satisfeito, o rei deu a Ester a casa de Hamã, que a colocou sob os cuidados de Mardoqueu. Havia que ser resolvida, contudo, a questão da mortandade permitida dos judeus, o que fez com que a rainha chorasse e implorasse diante do rei, para que o decreto fosse revogado. Como os decretos selados com o anel do rei eram irrevogáveis (*Ester 8.8*), o rei sugeriu que eles pensassem em algum outro decreto, que permitisse aos judeus alterar a condenação criada pelo anterior. Deus resolve as situações insolúveis e remedia os problemas irremediáveis! Mardoqueu preparou, ainda no 3º mês, uma nova ordem real segundo a qual os judeus poderiam se ajuntar para promover a sua defesa e vingança em caso de ataque.

Ester 9

Nove meses mais tarde, quando finalmente chegou o dia determinado por Hamã para o extermínio dos judeus, ocorreu justamente o contrário, com os judeus se vingando dos seus inimigos num total de mais de 75.000 pessoas mortas. Assim cumpriu-se, literalmente, o que foi dito por Paulo, ainda que referindo-se à vitória de Jesus, "**...tragada foi a morte na vitória**" (*ICoríntios 15.54*), pois o dia que seria de morte acabou por se tornar em dia de vitória.

Ester 10

Ester 10 narra a exaltação de Mardoqueu na corte de Assuero, mostrando, mais uma vez, a fidelidade de Deus para com os Seus. O texto é bem claro ao ressaltar a bênção que ele foi para o seu povo. É bonito ver como os homens abençoados por Deus abençoam, por sua vez, aqueles que lhes são próximos.

Malaquias 1

Malaquias, cujo nome é motivo de debate, mas parece significar "meu mensageiro", foi o último dos profetas do Velho Testamento. Embora não seja possível colocar datas precisas em suas palavras, podemos inferir que ele pregou, no mínimo, 50 anos e, provavelmente, mais de um século após Ageu e Zacarias. O templo fora concluído havia muito tempo e, embora a rotina do culto e sacrifícios prosseguisse, não havia nada que confirmasse as palavras de Ageu no sentido de fazer com que a glória daquela casa pudesse vir a ser maior que a do templo de Salomão (*Ageu 2.9*). Já não havia mais milagres como nos dias de Elias e Eliseu e, olhando para a prosperidade dos ímpios, não havia nada que fizesse crer que valia a pena servir ao Senhor.

É em tempos como esses, para evitar que o Seu povo se corrompa (*Provérbios 29.18a*), que Deus suscita o "Seu mensageiro", cujas palavras podem ser resumidas pela 2ª parte do provérbio supracitado: "...mas o que guarda a lei, esse é abençoado" (*Provérbios 29.18b*).

O estilo do discurso de Malaquias pressupõe a existência de um interlocutor que descrê de tudo que ele está dizendo, até que o profeta possa prover evidências, o que ele faz sistematicamente, citando fatos aparentemente despercebidos ao seu interlocutor hipotético. É uma forma de ensino prática, que viria a ser utilizada com frequência pelo apóstolo Paulo séculos mais tarde.

Ainda antes de iniciar o estudo do texto, é preciso ressaltar o quanto este está impregnado de conceitos relativos à Aliança, quais sejam: a eleição, as maldições decorrentes de sua quebra e as bênçãos para aqueles que a guardam.

É justamente sob o enfoque da eleição que devemos entender a declaração de amor de Deus por Jacó e o fato dEle "**aborrecer a Esaú...**" (*Malaquias 1.3*). Não é que Deus nutra ódio pelo pecador, pois bem sabemos de que modo **Ele amou o mundo** (*João 3.16*) e qual a Sua longanimidade, **não querendo que ninguém se perca** (*II Pedro 3.9*); mas no âmbito da Aliança, e sob o princípio da eleição, aquele que ama a Deus se torna "conhecido" dEle (*ICoríntios 8.3; Romanos 8.28*) e não pode mais ser "**separado do Seu amor**" (*Romanos 8.35*). Esaú não buscou a Deus enquanto podia achá-lo, nem tampouco **invocou-O enquanto esteve perto** (*Isaías 55.6*), antes desprezou a herança que Deus lhe dera (*Gênesis 25.34*), pelo que "**...amou Deus a Jacó**" (*Malaquias 1.2*), não obstante ser enganador, e entregou Esaú à própria sorte (*Malaquias 1.3*).

Essa expressão "sorte" é, na realidade, uma palavra totalmente inadequada, pois quando o homem se entrega ao pecado, Deus não o abençoa e a maldição pesa sobre ele. Assim é, que Edom se alinhou com os babilônios na invasão de Nabucodonozor em 586a.C., tendo merecido a condenação de diversos profetas (por exemplo, *Ezequiel 35.7* - "**Farei do Monte de Seir uma extrema assolação...**"), pelo que foi varrido nos anos que se seguiram pelos nabateus (um povo nômade do deserto), que o expulsou de suas terras, obrigando-o a se estabelecer no deserto ao sul de Judá, numa região chamada Neguebe, à qual deram o nome de Iduméia, enquanto os nabateus construíam Petra na montanha de Seir.

Tendo provado Sua declaração anterior referente ao Seu amor por Jacó, através do tratamento diferenciado dado aos dois irmãos, Deus agora entra no assunto principal da profecia de Malaquias, qual seja: o fato de Ele não poder tolerar que o sacerdócio de Jacó continue a ser tão inconsequente.

À pergunta de Deus, "**...se sou Pai e Senhor, onde estão a minha honra e respeito?...**", o interlocutor de Jacó já responde com outra pergunta: "**...mas em que desrespeitamos o Teu nome?**" (*Malaquias 1.6*). A resposta de Deus, registrada em *Malaquias 1.7-14*, não deve ser vista, a seguir, como uma repreensão ao sacerdócio de Jacó somente, mas devemos aproveitar para questionar a sinceridade do nosso próprio culto. As acusações davam conta de que as ofertas feitas a Deus não expressavam o melhor que o povo tinha para oferecer, querendo, antes, que Ele Se contentasse com as "sobras", à medida em que ficavam com o melhor para si.

Hoje, de igual modo, devemos nos perguntar se a forma como cultuamos denota que amamos o Senhor nosso Deus de todo o nosso coração, de todo o nosso entendimento e com toda a nossa força (*Deuteronômio 6.5*). Se a resposta a essa pergunta não puder ser afirmativa, então, é a nós que Malaquias está dirigindo as suas palavras. Se apresentamos honra e respeito a outras pessoas, bem inferiores ao Rei dos reis na escala hierárquica, como podemos admitir que nosso culto não seja revestido desses ingredientes em muito maior intensidade. Pequenas coisas, que não são importantes em si mesmas, nos ajudam a avaliar o nosso procedimento. Será que comparecemos ao culto com a mesma pontualidade com que compareceríamos a uma audiência com alguma autoridade pública? Será que nos trajamos para ir ao culto da mesma forma como o faríamos para comparecer perante o Presidente da República? Se formos tentados a responder a essas duas perguntas dizendo que "isso não é importante, porque Deus olha mesmo o coração", é porque a resposta é não. Embora seja totalmente verdadeira a assertiva de que Deus olha o coração, fato é que nosso zelo e respeito têm que se expressar também nas pequenas coisas.

A perseguição religiosa na China fez muitas vítimas durante o governo de Mao Tse Tung e, num determinado dia, os soldados invadiram uma casa onde se reuniam alguns crentes e mataram o "pastor" diante da esposa. A ela, contudo, foi dado o direito de negar a sua fé para escapar ao fuzilamento. Sua resposta foi antecedida por uma solicitação para que lhe fosse concedido vestir a sua melhor roupa, após o que ela disse que estava

pronta para se encontrar com seu Deus. Claro que a roupa ficou ali mesmo inutilizada pelos furos das balas, mas a atitude de seu coração certamente subiu em memorial diante de Deus (*Atos 10.31*). Essa era a disposição de coração que Deus queria dos sacerdotes à época de Malaquias e requer, também, de nós hoje.

Malaquias 2

Malaquias 2 começa com uma mensagem específica para os sacerdotes. Como somos informados em *IPedro 2.9* que Deus nos fez reis e sacerdotes, segue que este texto nos diz respeito. Malaquias aqui está dizendo que o fato de não ser dada a Deus a honra devida, teria como consequência uma "maldição para as bênçãos" dos sacerdotes (*Malaquias 2.2*). Essa frase curiosa pode ter significado tanto material como espiritual. Deus poderia tornar instável o seu sustento, provido pelos dízimos, como poderia, também, tirar o seu sacerdócio. Os sacerdotes são informados que a Aliança de Deus com Levi fora de vida e de paz (*Malaquias 2.5*) para ministrarem a verdadeira instrução, que faz apartar a muitos da iniquidade. Eles, ao contrário, contudo, haviam desviado a muitos do caminho (*Malaquias 2.8*), pelo que eles seriam desprezíveis e indignos diante de todo o povo.

Basta pegar os jornais, ou mesmo ouvir as acusações daqueles que rejeitam a mensagem do Evangelho (nem sempre verdadeiras), para ver o quanto o Nome de Jesus tem sido desonrado por sacerdotes que têm falhado exatamente neste ponto. De igual maneira, vemos os seus sacerdócios sendo tirados, cumprindo-se, assim, a profecia de Malaquias.

Em *Malaquias 2.10-17* o profeta volta-se para o assunto do casamento, onde junta em seu discurso 2 tópicos distintos: primeiro ele fala a respeito do casamento com "adoradoras de deuses estranhos" (*Malaquias 2.11*) e, depois, sobre o divórcio. Com relação ao 1º, ele não se dá ao trabalho de citar a lei, nem entra em detalhes explicativos, limitando-se a dizer que se trata de "abominação para Deus e profanação do santuário do Senhor", pelo que o culto apresentado por aquele que procede dessa forma seria inaceitável, fazendo, antes, acender a ira de Deus, de modo a "**...eliminá-lo das tendas de Jacó...**" (*Malaquias 2.12*).

Esse mesmo indivíduo, ao ver rejeitada a sua oferta, se assenta na cadeira do interlocutor hipotético e, em meio a lágrimas, com choro e gemidos, diz não entender porque sua oferta fora desprezada. A resposta de Malaquias mostra que o pecado do casamento com a idólatra fora precedido da infidelidade para com a mulher de sua mocidade (na realidade **um abismo chama outro** - *Salmos 42.7*), levando ao divórcio, que Deus abomina (*Malaquias 2.16*).

Vivemos numa época em que, para vergonha nossa, o divórcio se tornou prática corrente em nossas igrejas, a ponto de ter afetado até os púlpitos. Em muitos casos este procedimento vem respaldado pela desculpa de que se trata de prática amparada pela

lei e que as igrejas devem, portanto, respeitá-la. Se, por um lado, o respeito à lei é condição "necessária e suficiente" para que possamos viver "imaculados" sob a tutela das autoridades de nosso país, essa condição, por outro, é apenas "necessária" para que andemos em "santidade" diante de nosso Deus (*Romanos 13.1*). Assim é, que o mandamento de Deus - santo, justo e bom (*Romanos 7.12*), muitas vezes chama de adultério aquilo que tem respaldo legal na constituição brasileira. As leis dos homens, feitas por homens de consciências cauterizadas (*1 Timóteo 4.2*), não podem ter o mesmo padrão de excelência daquele contido nos mandamentos da constituição do Reino, estabelecido à luz da santidade divina.

Deus disse, ao princípio, que o homem e a mulher deixariam pai e mãe para ser uma só carne (*Gênesis 2.24*). Ao ser questionado sobre o tema, Jesus deixou claro que o único motivo para justificar o divórcio seria a infidelidade de um dos parceiros (*Mateus 19.9*), constituindo-se em adultério qualquer outro caso. Ora, Paulo deixa muito claro que aquele que se ajunta com uma meretriz se faz "um corpo" com ela (*1 Coríntios 6.16*), pelo que, pela própria indivisibilidade do número 1 no conjunto dos números inteiros, segue que não se pode constituir uma só carne com duas pessoas, motivo pelo qual Jesus apenas regulamentou, por direito, a dissolução de um casamento que já fora desfeito de fato, por não serem mais "uma só carne", facultando, assim, apenas à parte ofendida, o novo casamento, sem estar debaixo da condenação do adultério.

Obviamente o divórcio, por motivo de "incompatibilidade de gênios", com o simples fim de contrair novas núpcias (com o agravante de serem, em alguns casos, com um(a) adorador(a) de deuses estranhos), de modo algum pode receber de Deus senão o Seu repúdio (*Malaquias 2.16*).

Não como atenuante para o pecado, mas para não parecer uma limitação da Graça, deve ser enfatizado aqui que nossas igrejas têm muitos divorciados vivendo em santidade de vida, em total comunhão com Deus, porque o adultério é um pecado como qualquer outro, castigado na cruz de nosso Senhor. Assim sendo, o que foi escrito acima deve ser encarado, não como uma condenação irreversível para os que caíram, mas como uma advertência séria para aqueles que acham que podem justificar, à luz de conceitos do mundo, atos que para Deus são pecado e, como nos diz Tiago, uma vez consumados, geram a morte (*Tiago 1.15*).

Malaquias 3

Malaquias 3 começa com um parênteses nas repreensões de Malaquias para anunciar a vinda do Messias, o Anjo da Aliança, precedida pelo envio do Mensageiro de Deus, numa clara referência a João Batista (*Malaquias 3.1*). Cabe, mais uma vez, ressaltar o fato, comum aos profetas do Velho Testamento, de não haver qualquer menção a um intervalo entre eventos profetizados, que dizem respeito à 1ª vinda do Messias (Sua vinda ao Templo, por exemplo - *Malaquias 3.1*), e aqueles que pertencem à Sua 2ª Vinda (*Malaquias 3.2-6*). Comentaristas bíblicos costumam usar de uma linguagem figurada,

certamente aplicável neste caso, para dizer que a visão profética muitas vezes junta dois picos de montanhas distantes como sendo próximos, sem conseguir distinguir o vale entre elas, representativo da era da Igreja.

O texto em apreço fala que o Senhor, em Sua Vinda, purificará a uns (*Malaquias 3.2-4*) e condenará a outros (*Malaquias 3.5*) e, embora não seja citado o critério para tanto, fica implícito que este se baseia na guarda da Aliança. O parênteses é concluído com a declaração da imutabilidade de Deus como causa de não serem consumidos, fazendo coro às palavras de Jeremias (*Lamentações de Jeremias 3.22*).

Em *Malaquias 3.7-12* Deus retoma as repreensões iniciadas acima focalizando, desta feita, a questão dos dízimos e das ofertas. É significativo que esta seção seja principiada por uma exortação para que o povo que O deixara torne para Ele. É fato que o primeiro sinal de esfriamento do crente, ao se afastar de Deus, seja a sua disposição de não mais contribuir com os dízimos, atribuindo tal decisão à forma arbitrária como estão sendo empregados por aqueles responsáveis por fazê-lo.

O interlocutor hipotético reage não apenas à afirmação de que ele se afastara de Deus, mas principalmente ao fato de que ele O estaria lesando, pelo que Deus trata de ser bem específico, dizendo que ele O lesara ao deixar de contribuir com os dízimos e as ofertas. Os filhos de Israel eram obrigados, por lei, a contribuir com 2 dízimos anuais: um para o sustento dos levitas (*Levítico 27.30* e *Números 18.21*) e outro, que deveria ser levado a Jerusalém por ocasião da Festa da Colheita (*Deuteronômio 14.22-28*). As ofertas aqui não eram apenas oferendas voluntárias, mas, também, aquelas previstas em lei, quais sejam, por exemplo, as que são descritas em *Êxodo 29* e que dizem respeito à expiação do pecado. Raciocinando, contudo, ao longo desta linha, poder-se-ia chegar à conclusão de que as ofertas, nos moldes neo-testamentários, não são exigidas. Ocorre, contudo, que a Palavra nos diz que devemos amar ao Senhor de todo o nosso coração (*Deuteronômio 6.5*) e honrá-LO com os nossos bens (*Provérbios 3.9*). Obviamente não é possível conceber alguém que ama e, ao mesmo tempo, retém para si o seu tesouro. Claro está que tal pessoa não terá colocado a Deus em 1º lugar na sua vida. Ao restabelecer as suas prioridades estará usurpando o lugar de Deus e, portanto, roubando algo que Lhe pertence. As ofertas voluntárias servem, portanto, de termômetro do nosso amor a Deus e o fato de retê-las é um claro indicativo de que Deus foi lesado em Sua primazia nas nossas vidas. Que estejamos atentos à nossa "temperatura"!

Não haverá lugar aqui para a secular discussão sobre a obrigatoriedade do dízimo no Novo Testamento. Ambos os lados têm bons argumentos e base bíblica, sem que haja consenso. Seguindo ao longo de outra linha, contudo, vale a pena lembrar que fomos comprados pelo precioso sangue de Jesus Cristo (*IPedro 1.18-19*), de modo que já não somos mais nossos. Se Deus de fato nos adquiriu, segue que terá comprado, juntamente, tudo o que nos pertence. Discutir, então, se devemos ou não contribuir com 10% é totalmente inócua se, na verdade, Ele é dono de tudo, podendo dispor do todo como bem Lhe aprouver. Dízimo é um hábito salutar e um bom início para um recém-

convertido, que ainda não conhece os princípios da matemática divina (*Lucas 6.38*), mas deve ser encarado como um "mínimo" da expressão do nosso amor ao Pai.

Malaquias 3:10-11 traz um apelo de Deus para que a situação seja regularizada, mas juntamente Ele faz uma promessa de derramamento de bênçãos para aqueles que O atenderem. Ele nos informa que é função dEle repreender o "devorador" (literalmente, os predadores que comiam a colheita, mas, espiritualmente, os seguidores de Satanás, que estão sempre prontos a roubar as nossas bênçãos).

Cabe, porém, uma advertência com relação aos "pregadores da prosperidade", que se têm tornado bastante numerosos em nossos dias. Não está implícito aqui que Deus tornará ricos todos os que se dispuserem a dar, mas pessoas inescrupulosas têm usado deste tipo de argumento para atrair seguidores e auferir lucros. Livros com títulos até engraçados como: "Aprenda a Contribuir e Ganhe 4 Milhões de Dólares antes dos 30" têm sido vendidos aos milhares para pessoas ingênuas, que acham que Deus pode ser comprado. Se zelarmos pelos negócios do Reino, certamente Deus há de cuidar dos nossos, mas qualquer coisa além disso pode vir a se tornar uma extrapolação perigosa.

De certa maneira é exatamente isso que está sendo dito em *Malaquias 3.13-18*. Está implícito que o povo havia falado contra Deus, alegando que não valera a pena servi-LO porque outros que não O haviam servido eram mais abençoados. A resposta de Deus deixa claro que esta situação é provisória e que dias virão em que se verá a diferença entre servir a Ele ou ao mundo (*Malaquias 3.18*).

Malaquias 4

Malaquias 4 é, na realidade uma continuação de *Malaquias 3:18b*. Principia descrevendo o sofrimento dos condenados e a vitória dos que perseveraram na guarda da lei de Moisés (*Malaquias 4.1-4*).

Malaquias 4.5 fala, mais uma vez, do retorno de Elias, que sabemos tratar-se de João Batista, devido às explicações de Jesus (ver *Mateus 11.14, 17.10-13, Marcos 9.11-13, Lucas 1.17 e João 1.21*).

O livro de Malaquias é encerrado com uma afirmação de que o Senhor converteria o coração dos pais aos filhos e vice-versa, para evitar que a terra fosse ferida com maldição. Certamente em nossos dias, quando assistimos à desagregação da família e ao descambar da moral na sociedade, podemos ter certeza de que nossa sorte não seria melhor que a de Sodoma e Gomorra, não fossem as famílias cristãs que povoam a terra. Que a certeza de nossa participação na preservação dos ímpios seja, também, motivo de despertamento, para que levemos a mensagem do Senhor àqueles que não O conhecem!

Semana 90 - O Povo de Israel Volta do Exílio - 1

Texto: Esdras 1 a 10

Estação 44

Esdras 1

Os livros de Esdras e Neemias, nesta ordem, dão sequência e completam os estudos históricos interrompidos ao final de *II Reis* e *II Crônicas*. Passados os 70 anos de cativeiro babilônico, com a ascensão do persa Ciro ao trono do governo mundial da época, e ainda no decorrer do seu 1º ano de reinado, ele decretou a volta dos judeus à Palestina para que edificassem o seu templo, fazendo o mesmo com os cativos de outras terras.

Essa 1ª leva de cativos (quase 50.000 pessoas) foi dirigida por Zorobabel, que ocupa *Esdras 1-6* descrevendo, basicamente, a reconstrução do templo. Cerca de 50 anos mais tarde, o próprio Esdras (autor do livro, segundo a tradição) foi comissionado no sentido de ministrar a lei, exortando, assim, o povo a não voltar aos mesmos pecados pelos quais haviam sido desterrados. A santificação do povo, tomando por base o prumo da lei, é, portanto, o objeto de *Esdras 7-10*.

O livro de Esdras começa com a ordem de Ciro para a edificação da casa ao "Deus dos céus" em Jerusalém (*Esdras 1.2*). Embora não haja registro da "conversão" de Ciro e, principalmente, porque Isaías testifica que ele não conhece a Deus (*Isaías 45.5*), é notável que o rei persa O chame de o Deus dos céus, num reconhecimento de que se trata de um reino superior ao dos homens, ao qual ele mesmo, Ciro, devia obediência. Que nossas atitudes no dia a dia sejam tais que reflitam, com muito mais razão, o fato de nós, servos do Deus dos céus, termos consciência desse fato!

Não obstante tratar-se de uma ordem real, aparentemente ela teve essa conotação apenas para os poucos a quem foi pronunciada (*Esdras 1.8*), sendo que a grande maioria dos 50.000 que voltaram foi composta de voluntários.

É preciso ter em mente que, passados 70 anos desde o início do cativeiro, o povo já se havia ambientado no local (a vasta maioria nascera ali), e nem mesmo se sentiam mais como escravos, visto que não reinavam mais os caldeus, que os haviam transportado até aquele local. Assim é, que apenas uma minoria quis voltar, confirmando a profecia de *Isaías 10.22* ("**Ainda que o teu povo seja como a areia do mar, só um resto deles retornará...**").

É interessante que *Esdras 1.5* diga que se levantou para a obra "**...todo aquele cujo espírito foi despertado por Deus...**". Vemos aqui em ação o princípio neo-testamentário de "eleição", pois na realidade "**muitos foram chamados, mas poucos escolhidos**" (*Mateus 22.14*), ou seja, àqueles que responderam com "prioridade para o Senhor" à

convocação do rei Ciro, foi dada uma unção especial para a realização do trabalho, pelo que se vê entre eles total unidade na hora de trabalhar (*Esdras 3.1*).

Em *Esdras 1.11* lemos que os vasos de ouro que haviam sido tomados do templo de Jerusalém, num total de 5.400 peças, foram confiados a Sesbazar (nome babilônico de Zorobabel), neto do rei Joaquim, que morrera durante o cativeiro (*ICrônicas 3.17-19* e *Ageu 2.23*).

Esdras 2

Esdras 2.1-58 relaciona aqueles que retornaram do exílio e, além do total em si, cuja soma não bate com o total de *Esdras 2.64-65* (talvez esta cifra incluía mulheres e crianças), há que se registrar o cuidado de excluir do sacerdócio aqueles que não pudessem provar sua ascendência levítica. Certamente não haveria tantos escândalos e tanta difamação do Nome do nosso Senhor Jesus Cristo se houvesse o mesmo cuidado com relação aos membros de nossas igrejas. O apóstolo Paulo adverte quanto a isso ao dizer que: "...não sabeis que um pouco de fermento pode levedar toda a massa?" (*ICoríntios 5.6*). *Esdras 2.63* nos informa que, em caso de dúvida, dever-se-ia aguardar até que Deus fosse consultado (através do Urim e Tumim). Com muito mais razão nós hoje, que temos acesso direto ao Trono, podemos pedir revelação e orientação na escolha dos líderes em nossas igrejas!

É interessante ressaltar que essas 50.000 pessoas, quando chegaram a Jerusalém para iniciar a construção do templo, deram também ofertas pessoais, conforme as suas posses, de 500 quilos de ouro e 3 toneladas de prata (versículo 69). Ao preço atual do ouro e da prata isso corresponde a 165 milhões de reais, ou seja, mais de 3.300 reais por pessoa.

Esdras 3

No 7º mês após sua saída de Babilônia, os filhos de Israel ergueram o altar diante do templo, para sobre ele reinstaurar os sacrifícios ao Senhor. Depois disso começaram a prover os materiais para a construção do novo templo e só no 2º ano após a sua chegada lançaram a pedra fundamental do templo.

Esdras 3.10-13 nos diz que isso foi feito em meio a um misto de grande alegria, por um lado, devido ao fato de estarem realizando a vontade do Pai, e profunda tristeza, por outro, para os mais idosos, tendo em vista a pobreza deste templo, comparada ao esplendor do templo salomônico.

Esdras 4

Sempre que alguém começa a realizar uma obra para Deus, de acordo com a vontade do Pai, logo surge a oposição, cuja meta é desacreditar e destruir as obras do Reino. Neste caso específico, a oposição era constituída por alguns dentre os povos transportados pelo rei da Assíria por ocasião da destruição do Reino do Norte. Talvez possamos reconhecer aqui o início do primeiro conflito entre judeus e samaritanos. Estes, não obstante reconhecidos como inimigos em *Esdras 4.1*, procuraram primeiro infiltrar-se entre os trabalhadores de Israel para tentar minar a união que caracterizava o grupo. Como este ardil foi rechaçado por Zorobabel (que mais uma vez reconheceu a necessidade da obra de Deus ser realizada somente por pessoas separadas por Ele), tentaram, a paralisação da obra como um todo, usando o artifício de amedrontar aqueles que trabalhavam nela, o que, pelo visto, deu certo durante algum tempo.

Esdras 4, aparentemente, narra uma paralisação muito longa na construção do templo, por causa da citação de vários reis persas que reinaram bem depois, mas a retomada da construção por Zorobabel (*Esdras 5.2*) mostra que as referidas citações visam apenas demonstrar a continuidade da pressão mencionada em *Esdras 4.4-5*, mesmo além do período em que viveu Zorobabel. As estimativas mais pessimistas consideram um período de paralisação de 15 anos.

Esdras 5

As profecias de Ageu e Zacarias foram prontamente atendidas por Zorobabel, o governador, e Josué, o Sumo Sacerdote, que se "...levantaram e começaram a edificar o templo..." (*Esdras 5.2*). Tão logo a obra foi retomada, contudo, renasceu, de igual modo, a resistência, desta vez feita por Tatenai, governador das terras além do Eufrates (*Esdras 5.3*). *Esdras 5.5* nos informa, no entanto, que "os olhos de Deus estavam sobre os anciãos dos judeus...", impedindo que fosse novamente paralisada a obra.

Deve ser ressaltado, contudo, que Tatenai agiu de forma mais humana que Reum, anos antes. Ele primeiro perguntou quem autorizara a obra, e tendo ouvido que fora o rei Ciro, ele também escreveu uma carta, consultando a respeito, mas decidiu não interromper a construção até que houvesse uma posição do rei persa.

Esdras 6

Tatenai tinha escrito uma carta ao rei Dario para que houvesse respaldo real àquilo que ele fosse fazer, mas pelo menos ele falara a verdade e sabia que a resposta podia ser afirmativa, caso o decreto de Ciro existisse. Assim é que Dario não só localizou o rolo com o decreto de Ciro no sentido de realizar-se a construção do templo em Jerusalém (*Esdras 6.1,5*), como também ordenou que Tatenai ficasse longe para não atrapalhar (*Esdras 6.6-7*); e mais, que cuidasse de prover, da fazenda do rei, tudo que fosse

necessário à obra e ao culto (*Esdras 6.8-9*). Como se tudo isso não bastasse, o rei decretou uma verdadeira "maldição" a ser cumprida na vida de qualquer pessoa ou mesmo rei que tentasse alterar o decreto ora estabelecido por ele.

Quatro anos após a retomada da obra, esta foi concluída e consagrada ao Senhor (*Esdras 6.15-22*) em meio a grande alegria pela forma como o Senhor havia mudado o coração do rei, tornando em grande vitória aquilo que parecia uma situação adversa. Assim é o nosso Deus. Ele nos faz "...mais que vencedores, por Aquele que nos amou" (*Romanos 8.37*) e "...se Deus é por nós, quem será contra nós?" (*Romanos 8.31*).

Esdras 7

Esdras 7, que ocorre mais de 50 anos após a conclusão do templo, narra o seu comissionamento pelo rei Artaxerxes, a seu próprio pedido (*Esdras 7.6b*), para ensinar a lei do Senhor em Israel (*Esdras 7.10*), conforme carta do rei transcrita em *Esdras 7.12-26*. Esdras era sacerdote, conforme demonstrado através de sua linhagem genealógica (*Esdras 7.1-5*) e, segundo ele mesmo nos informa, era "...hábil na lei de Moisés..." (*Esdras 7.6*). Seus bons serviços e sua fidelidade para com o rei fizeram com que este reconhecesse que ele tinha a sabedoria de Deus (*Esdras 7.25*), visto que a "...mão do Senhor seu Deus estava sobre ele..." (*Esdras 7.6*).

O rei Artaxerxes mandou Esdras para Jerusalém para sacrificar ao Deus do céu em seu favor. Ele está honrando o Senhor, mas apenas como mais um deus, que ele reconhece ser poderoso, para que não se ire contra ele. É interessante ver como muita gente, hoje em dia, trata o Evangelho de Jesus Cristo exatamente da mesma maneira. Eles veem a diferença que Ele faz na vida dos "crentes", e são simpáticos em relação a Ele, mas não são capazes de deixar a sua "religião" para seguir a Jesus.

Esdras 8

Antes de dar início à viagem a Israel, na qual deveria se fazer acompanhar de outros sacerdotes e levitas que quisessem ir junto, Esdras percebeu que haviam se juntado a ele apenas sacerdotes, não havendo entre eles levitas para o ministério do templo, pelo que fez uma convocação à qual atenderam mais de 200 homens (*Esdras 8.18-20*). Foi de aproximadamente 1.500 pessoas o grupo que partiu de Babilônia com ele.

Esdras 8.21-23 narra uma ocorrência da qual podemos extrair alguns ensinamentos práticos. Não obstante o grande grupo de pessoas, Esdras teve receio do que poderia ocorrer no caminho, visto que levava consigo uma elevada soma de valores em ouro, prata e outros materiais nobres, resultantes de ofertas voluntárias do povo em Babilônia. Como ele dissera ao rei que a mão do Senhor era sobre eles para protegê-los (*Esdras 8.22*), diz-nos o mesmo versículo que ele se envergonhou de pedir uma guarda de proteção, visto que isto denotaria, aos seus olhos, falta de fé, pelo que proclamou um

jejum, pedindo a Deus a Sua proteção, e Deus moveu-Se pelas suas orações (*Esdras 8.23*).

Claro que não haveria nada de errado em pedir uma tropa de proteção ao rei, mas Esdras teria perdido uma excelente oportunidade de testemunhar, na prática, as maravilhas do seu Deus. São, igualmente, muitos os problemas que enfrentamos no nosso dia a dia, mas perdemos, por vezes, excelentes oportunidades de testemunho quando falhamos, deixando de olhar para cima, exasperando-nos olhando em volta por uma solução, como o fazem todos os outros. Se não conseguirmos viver aquilo que pregamos, nossa mensagem será sempre ineficaz. O ouro e demais tesouros foi pesado e repartido entre os sacerdotes para a viagem (*Esdras 8.30*), e *Esdras 8.31* nos informa que toda essa preocupação e cuidado não fora em vão, porque os inimigos armavam ciladas pelo caminho, mas a mão de Deus sobre eles os livrou.

Esdras 9

Esdras já estava em Jerusalém havia cerca de quatro meses, quando trouxeram ao seu conhecimento a ocorrência de inúmeros casamentos de judeus com mulheres de povos vizinhos, em total contraposição às prescrições da lei (*Deuteronômio 7.3*). Somente a compreensão da gravidade deste pecado pode nos levar a entender a reação de Esdras que, depois de rasgar suas vestes e raspar cabelo e barba, assentou-se atônito (*Esdras 9.3*). Israel já fora vítima desse mesmo pecado inúmeras vezes desde a saída do Egito, mesmo durante a viagem de peregrinação no deserto (*Números 25.1-18*). A raiz do problema não estava em qualquer tipo de segregação racial, mas, sim, no fato das "filhas dos estrangeiros", por não conhecerem ao Senhor, poderem levar os israelitas à adoração de seus próprios deuses, aí sim, suscitando a ira do Senhor no sentido de destruir Israel (*Deuteronômio 7.4*). O próprio Salomão, com toda a sua sabedoria, fora vítima desse pecado, que levou à cisão do reino do Norte e de Judá (*I Reis 11.1-13*).

A aplicação desse princípio em nossos dias é literal, sendo imperativo que ensinemos essas verdades a nossos filhos(as), para que, em chegando à idade de escolha de suas(eus) companheiras(os), o façam dentre aquelas(es) que temem ao Senhor e que desfrutem de relacionamento íntimo com Ele. Não se trata de uma condição suficiente, mas certamente é necessária, conforme instruções paulinas transmitidas em *II Coríntios 6.14-18*.

Quantas horas de intercessão pela conversão do cônjuge poderiam ser poupadas se fosse compreendida a aflição pela qual passava Esdras! Ali mesmo ele se identificou com o pecado do povo como se fosse seu e passou a interceder pela misericórdia divina, numa das mais marcantes orações de confissão e intercessão de toda a Bíblia (*Esdras 9:6-15*).

Esdras 10

À medida que Esdras orava, a convicção de pecados veio sobre o povo (*Esdras 10.1*), que passou a se juntar a ele. O arrependimento é a consequência imediata da obra de Deus no coração do homem, pelo que estava aberto o caminho para a solução. Esta veio logo a seguir através de Secanias, que propôs uma aliança com o Senhor, segundo a qual todos despediriam não apenas as suas mulheres estrangeiras, mas também os filhos delas nascidos (*Esdras 10.3*). O restante de *Esdras 10* narra a implantação das medidas correspondentes, nem sempre facilmente acatadas, mas finalmente bem sucedidas. Nem sempre o preço da santidade é barato. Normalmente requer renúncia, mas a recompensa é sempre maravilhosa.

Semana 91 - O Povo de Israel Volta do Exílio - 2

Texto: Neemias 1 a 13

Estação 44

Neemias 1

Cerca de treze anos após a chegada de Esdras a Jerusalém (que ocorrera, presumivelmente, no ano de 458a.C.), encontramos Neemias (cujo nome significa Jeová consola) na cidadela de Susã, servindo como copeiro na corte do rei Artaxerxes I, recebendo de seu irmão Hanani informações sobre o "restante" que se encontrava em Jerusalém e que havia sido impedido de reconstruir o muro de proteção da cidade (*Neemias 1.1-3*).

Esta situação foi motivo de grande tristeza para Neemias (*Neemias 1.4*), o que o levou a ser um intercessor diante de Deus, no sentido de mudá-la. Sua oração é mais uma das lindas orações intercessórias que encontramos no texto sagrado, denotando total conhecimento de seus direitos e obrigações no âmbito da Aliança, considerando não apenas a severidade, mas também a misericórdia do Senhor para com aqueles que O amam (*Neemias 1.5*). A exemplo do que fizeram outros intercessores, ele se identifica, por um lado, com o pecado do povo (*Neemias 1.6-7*), mas por outro se faz de representante do povo arrependido, para que este se valha da promessa do Senhor de recongregá-los tão logo se convertam (*Neemias 1.8-10* e *Deuteronômio 30.1-5*). Finalmente, ele mostrou ser uma pessoa totalmente prática, já que teve a intenção de fazer alguma coisa a respeito, mas estava plenamente consciente de que só têm valor as iniciativas que nascem no Trono, pelo que pediu que Deus abençoasse o seu plano, concedendo-lhe graça por parte do rei.

Neemias 2

A menção da data (mês de Nisã), em *Neemias 2.1*, nos mostra que os preparativos em jejum e oração, mencionados em *Neemias 1.4*, tiveram uma duração de quatro meses. Trata-se de uma demonstração inequívoca de que o mais prático dos obreiros do Reino só tem alguma chance de sucesso se aprender, antes, a dobrar os joelhos.

Não era facultado ao servo expressar sentimentos relacionados a problemas pessoais na presença do rei, e *Neemias 2.1* nos informa que ele jamais o fizera antes. Desta feita, contudo, ou a sua tristeza não pudera ser retida, ou ele agira intencionalmente para provocar uma conversa com o rei. Seja como for, fato é que chamou a atenção de Artaxerxes que seu copeiro estivesse tão triste (*Neemias 2.2*), pelo que teve início um diálogo, que culminou com o pedido de Neemias no sentido de que lhe fosse permitido

ir a Jerusalém reedificar os muros da cidade e que lhe fossem concedidos, pelo rei, os meios financeiros para esta empreitada (*Neemias 2.7-8*), no que foi totalmente atendido.

Neemias 2.11-18 narra a chegada dele a Jerusalém, já desagradando aos governadores locais Sambalá e Tobias, e a sua imediata avaliação do volume da obra a ser realizada. Cabe aqui um comentário relativo à necessidade de preparativos para a realização das tarefas que Deus nos dá. É importante ressaltar que "andar por fé e não por vista" (*II Coríntios 5.7*) não significa abdicar de prudência e organização. O próprio Senhor Jesus nos adverte quanto a isso em *Lucas 14.28-30* (embora o contexto ali seja da necessidade de total dedicação à obra), ao passo que Salomão recomenda que a guerra seja feita com prudência (*Provérbios 20.18*). Feita a avaliação, apenas 3 dias após sua chegada a Jerusalém, Neemias reuniu os principais do povo, declarou-lhes a natureza de sua missão e logo a seguir iniciou a obra, desagradando, ainda mais, a Sambalá, Tobias e Gesém (outro governador).

Neemias 3

Neemias 3 fornece informações a respeito dos responsáveis pela construção de trechos do muro. É interessante ver nomes, como o do Sumo Sacerdote Eliasibe, se empenhando a fundo, para mais tarde (*Neemias 13.4-5*) fazer concessões aos samaritanos, comprometendo-se com o pecado; Meremote, um tecoíta, que fez mais de um trecho do muro; e Malquias, um dos que tropeçaram tomando uma mulher estrangeira (*Esdras 10.31*), aparecendo, agora, como um esteio da obra. Assim é, também hoje, a obra do Reino. É feita por pecadores arrependidos, pessoas que se destacam por seu zelo pelas coisas de Deus, mas, infelizmente, também, pessoas que ocupam lugar de destaque para depois envergonhar o Nome do Senhor. Que saibamos estar atentos, para que, estando em pé, não venhamos a cair (*ICoríntios 10.12*)!

Neemias 4

Fica claro que Sambalá e os demais samaritanos não ficaram nada satisfeitos com a retomada da obra do muro, mas, em primeira instância, a sua reação foi apenas de deboche (*Neemias 4.2-3*). A resposta de Neemias veio na forma de uma oração intercessória e maior empenho no trabalho, de modo que rapidamente o muro foi todo levantado até meia altura (*Neemias 4.4-6*).

Percebendo, então, que a obra se consolidava, os samaritanos resolveram que teriam que empreender uma ação armada contra os judeus. Assim, decidiram que infiltrariam pessoas entre os judeus, para que pudessem surpreendê-los enquanto trabalhavam. Sabendo disso, mesmo os judeus se desanimaram e começaram a dizer que a tarefa era excessiva para eles (*Neemias 4.10-12*). Os versículos seguintes nos mostram, contudo, que seus planos chegaram ao conhecimento de Neemias, que tomou todas as providências para anulá-los (*Neemias 4.13-23*).

Neemias 5

Vendo que seu plano de excitação dos samaritanos falhara, Satanás tratou de fazer aquilo que faz tão bem: promover a dissensão entre irmãos. Nesse caso específico, tratava-se da opressão dos nobres contra seus irmãos, aos quais haviam feito empréstimos com usura (*Neemias 5*). Neemias imediatamente tomou providências para que tal atitude cessasse, tendo, inclusive, conseguido um compromisso unilateral dos nobres, no sentido de devolverem os terrenos tomados sob forma de hipoteca a juros extorsivos. Para tanto, ele usou como testemunho o seu próprio depoimento de como ele, não obstante ter direitos conferidos pela coroa, jamais fizera uso destes, inclusive abrindo mão do próprio salário. Assim, diz-nos Paulo, deve ser a vida do homem de Deus: ele não vive a fazer valer os seus direitos, antes abre mão deles espontaneamente para evitar que suas atitudes, mesmo legítimas, venham a servir de pedra de tropeço para a glória de Deus (*ICoríntios 8.10-12 e 10.31-32*).

Neemias 6

Diante da nova tentativa frustrada, ou talvez fosse melhor dizer: depois de mais uma vitória do servo do Senhor, *Neemias 6* apresenta-nos uma nova forma de investida de Sambalá e seus amigos. Desta feita ele mandou uma mensagem a Neemias, convidando-o para um encontro pessoal, no qual pudessem discutir as suas diferenças (*Neemias 6.2*). Sua real intenção, contudo, de talvez matá-lo ou invadir a cidade em sua ausência, não passou despercebida a Neemias, pelo que mandou dizer-lhes que não poderia encontrá-los, visto que estava realizando uma grande obra. Eis aqui uma importante lição a ser aprendida! Satanás estará sempre tentando distrair o crente para afastá-lo da obra do Senhor, visando alijá-lo ou destruir a obra. Cabe ao servo estar atento às **"...astutas ciladas do diabo"** (*Efésios 6.11*), tendo em mente que lhe foi confiada uma grande obra. **"Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino"** (*Lucas 9.62*).

Irado pela falha de mais uma tentativa, Sambalá partiu para o ataque através de uma acusação pessoal (*Neemias 6.5-7*), divulgando, em carta aberta, que Neemias estaria agindo em causa própria, visando usurpar o trono, inclusive contratando profetas para proclamar em Jerusalém que Deus o escolhera para ser o novo rei (talvez Malaquias já estivesse profetizando pelas ruas da cidade e Sambalá interpretasse suas mensagens messiânicas como uma referência a Neemias). Sua intenção, contudo, de desencorajar Neemias, para que este viesse a interromper a obra, está revelada em *Neemias 6.9*. Mais uma vez Neemias se manteve firme (*Neemias 6.8*) e a tentativa de parar a obra falhou. Com a mesma firmeza o crente deve rechaçar as acusações que lhe são feitas pelos inimigos do Reino, vivendo uma vida que as negue.

A última tentativa de Sambalá de interromper a obra é registrada em *Neemias 6.10-14*. Ele se utilizou de um judeu, ao qual subornou, para dizer a Neemias que recebera uma mensagem de Deus, segundo a qual ele deveria se refugiar no templo naquela noite, fechando após si a porta, porque os samaritanos viriam para tentar matá-lo. Como só os sacerdotes podiam entrar no templo, segue que tal comportamento, por parte de Neemias, teria resultado em desobediência à lei e criado um real motivo para que fosse acusado. Mais uma vez, contudo, o zelo de Neemias, que não poderia ver o incitamento à desobediência à lei como tendo partido do Senhor, fez com que fracassasse a última investida dos samaritanos. Não foi por mera precaução que Jesus exortou os seus discípulos a serem prudentes como as serpentes e símplices como as pombas (*Mateus 10.16*), pois o servo de Deus é como um cordeiro no meio de lobos.

Neemias 6.15-16 não só relata que a obra fora concluída em apenas 52 dias, como dá um maravilhoso testemunho, vindo dos próprios inimigos, de que aquele feito só fora possível porque Deus era com os judeus. Quando nos preocupamos em realizar apenas a obra do Senhor, deixando de lado toda a vaidade pessoal, então tal obra redundará em glória para o Reino e exaltação ao nosso Deus, que, por Sua vez, e no tempo devido, também exalta o Seu servo (*IPedro 5.6*).

Neemias 7

Neste capítulo, que começa logo após a conclusão do muro da cidade de Jerusalém, Neemias começa a instituir a administração da cidade, onde o governador nomeado foi seu irmão Hananias. O nepotismo foi justificado devido à grande integridade dele. Além disso, ele nomeou os porteiros e os sentinelas, dentre os poucos habitantes que havia em Jerusalém, tendo em vista a maior parte das casas estar ainda destruída.

O versículo 5 nos mostra a ideia que Deus deu a Neemias para repovoar a cidade. Ele tinha uma lista daqueles judeus que haviam voltado do exílio com Zorobabel e que tinham ido, cada um para a sua própria cidade. A ideia de Neemias foi, então, de procurá-los, para que cada grupo daqueles fornecesse algumas pessoas que reocupariam os espaços vazios de Jerusalém.

Dos versículos 6 a 66 Neemias lista os nomes das pessoas que ele procuraria e que se assemelha bastante àquela fornecida por Esdras em seu segundo capítulo.

Neemias 8

O reavivamento no meio do povo começa com Esdras lendo a lei de Moisés em praça pública de manhã cedo até ao meio dia (*Neemias 8.1-3*). *Neemias 8.8* nos dá conta da 1ª tradução das Escrituras (naturalmente do hebraico para o aramaico - língua que o povo falava em Babilônia), para que pudessem ser perfeitamente entendidas. O estudo

em questão teve prosseguimento no dia seguinte (*Neemias 8.13*), no qual constataram que no 7º mês, ora em curso, deveria ser celebrada a Festa dos Tabernáculos, com o povo morando em cabanas, pelo que saíram imediatamente a trazer ramos para a construção das cabanas e o cumprimento da lei.

Durante toda a festa, "**dia após dia**" (*Neemias 8.18*) era lido, por Esdras, o livro da lei de Deus. O avivamento vem sempre precedido da leitura da Bíblia, que traz como consequência a convicção de pecados e a confissão dos mesmos.

Neemias 9

A festa dos Tabernáculos, cuja celebração foi comentada no capítulo anterior, foi encerrada no dia 21 do mês de Tishri, com grande impacto sobre a vida de todos. No dia 24, provavelmente o sábado seguinte, eles voltaram a se reunir para um culto que durou 6 horas. Durante as 3 primeiras foi lida a Lei de Moisés e as 3 seguintes foram horas de louvor e confissão de pecados.

Logo a seguir, nos versículos 2 a 37, Neemias registra uma linda oração de confissão pronunciada, provavelmente, por Esdras, ao longo da qual ele faz um retrospecto da fidelidade de Deus para com o povo de Israel, confrontada com a infidelidade destes para com Ele. Fala da Lei que havia sido dada a Moisés e como não a tinham seguido. Em função disso, como sinal de arrependimento, *Neemias 9.38* nos informa que foi firmada uma aliança escrita e assinada pelos levitas e sacerdotes, no sentido de se fazer cumprir o que estava escrito na lei de Moisés.

Neemias 10

O capítulo 10 contém a lista daqueles que assinaram o repactuamento da Aliança, feito naquele dia, com a relação, logo a seguir (versículos 28 a 39) de principais pontos que sabiam não ter cumprido, mas com os quais estavam se obrigando.

Isso é exatamente o que nós hoje chamamos de conversão. Olhamos para as nossas vidas e vemos o quanto elas deixaram de se conformar à vontade do Pai e a isso damos o nome de pecados. Reconhecidos os nossos pecados, para que neles não mais permaneçamos, decidimos instituir em nossas vidas o Senhorio divino, no Antigo Testamento pela guarda Lei e no Novo pela graça de Deus vivendo em nós (que em última análise também nos conduz à obediência).

Que estejamos sempre atentos às nossas vidas, para que estejamos prontos a carregar as nossas cruzes, reconsagrando sempre a Deus as nossas vidas!

Neemias 11

O efetivo repovoamento da cidade, já mencionado em *Neemias 7.5-66*, é objeto de *Neemias 11.1 a 12.26*. Vemos aqui que Neemias convenceu todos os líderes do povo a se mudarem para Jerusalém. Além deles, foi feito um sorteio entre o povo para que 10% destes também se mudassem para ali. Houve ainda voluntários que também se mudaram para a cidade, sem nenhuma obrigação de fazê-lo. Aparentemente são estes que são listados ao longo de todo o restante do capítulo 11.

Neemias 12

Os primeiros 26 versículos do capítulo 12 contêm uma lista que começa com dois sacerdotes que tinham vindo de Babilônia com Zorobabel. A partir do versículo 27, contudo, Neemias passa a descrever a consagração do muro que haviam construído (*Neemias 12.27-43*).

Ele nos informa que essa consagração foi feita com dois grandes coros que se deslocavam sobre o muro em direções opostas, cantando louvores ao Senhor, até se encontrarem do outro lado exatamente no local do templo, onde assumiram os seus lugares para os cantos de dedicação (versículos 31 a 40).

As celebrações foram todas realizadas em meio a grande alegria de um povo cujo relacionamento com o Senhor fora completamente restaurada.

Neemias 13

No final do capítulo anterior vimos Neemias restaurando o serviço do templo, com a nomeação daqueles que realizariam os trabalhos correspondentes. Aparentemente, nesta mesma ocasião, estava sendo lida a Lei de Moisés, quando o Senhor deu revelação na Palavra, para que fossem separados aqueles cuja presença havia sido vetada (*Neemias 13.1-3*), dentre os quais os amonitas e os moabitas. Não por acaso, cabe ressaltar que Tobias, o assistente de Sambalate, havia se aparentado com Eliasibe, o Sumo Sacerdote e era amonita.

Enquanto Neemias esteve de volta à Babilônia por algum tempo, o Sumo Sacerdote Eliasibe permitiu que Tobias tomasse para seu uso próprio uma das câmaras do templo (*Neemias 13.4-5*). Nesse meio tempo, vendo isso, o povo esmoreceu na fé e deixou de trazer os dízimos (*Neemias 10.10-11*), pelo que começou a haver necessidade entre os levitas, que abandonaram o serviço do templo.

Como consequência desse esfriamento espiritual, logo começou a haver, também, a profanação do sábado, com o comércio sendo realizado normalmente neste dia e, finalmente, afrouxaram a rigidez com relação à necessidade de manter a pureza,

voltando a surgir casamentos mistos. Basta um pouco de levedo para contaminar toda a massa (*1Coríntios 5.6*).

As providências tomadas por Neemias ao voltar principiaram pela eliminação de todos os móveis de Tobias da câmara que ocupavam, que foi purificada, a seguir, juntamente com o restante da casa. As demais irregularidades foram resolvidas uma a uma. Quando passamos a abrigar "móveis de Tobias", representativas do lixo do mundo nas nossas vidas, não se contamina apenas a câmara que os abriga, mas todo o corpo. Que usemos em zelo, colocando fora todos os "móveis de Tobias" para, então, santificarmos nossas vidas!

Semana 92 - Genealogias, Privilégios e Responsabilidades do Povo de Israel

Texto: ICrônicas 1-4, 5.1-17, 6.1-30, 6.49-53 e 7-9

Estação 44

ICrônicas 1

Se eu tivesse que escolher a parte da leitura bíblica mais entediante, certamente escolheria os primeiros 9 capítulos de *ICrônicas*, por conterem, basicamente, apenas uma série de listas genealógicas. Seldan (/46/, pág. 75), contudo, apresenta uma narrativa, na qual um estudioso bíblico gentio perguntou, certa vez, a um estudioso bíblico judeu, qual era a sua parte predileta da Bíblia. Qual não foi sua surpresa quando este lhe respondeu que eram os primeiros 9 capítulos de *ICrônicas*.

A justificativa para tanto seria o fato de Deus provar através dessas séries genealógicas o Seu grande amor pelo povo judeu porque:

- a) O resumo genealógico de Adão até Esaú mostra que todas as nações são criação de Deus e que Seu plano de atingi-las foi concebido através do povo judeu (*ICrônicas 1.1-54*);
- b) A pequena comunidade judaica que retornou do exílio era descendente dos 12 filhos de Jacó e representava todo o Israel que havia herdado a Terra Prometida (*ICrônicas 2.1 a ICrônicas 9.1*);
- c) O exílio não havia cortado os vínculos dessa comunidade com o Seu Deus. Os habitantes e cultuadores judeus do período pós-exílio continuavam herdeiros das mesmas promessas que Deus havia feito a seus pais (*ICrônicas 9.2-34*).

O fato dessas verdades serem garantidas ao especialista bíblico judeu, através dessas séries genealógicas, eram motivo suficiente para fazer delas seu texto bíblico de preferência.

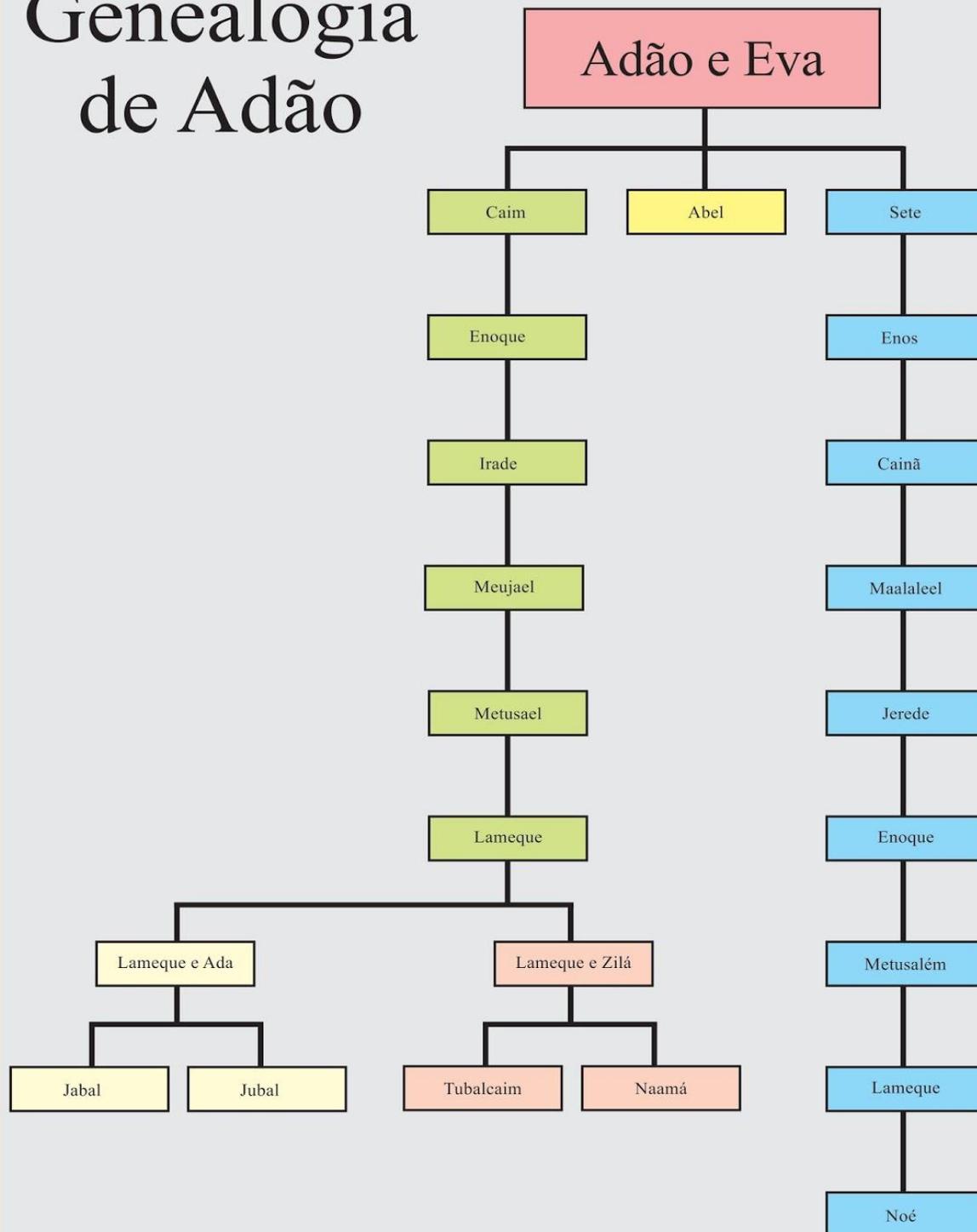
Creio que, à luz dessa excelente explicação, deveria me envergonhar do que escrevi acima, mas infelizmente ainda tenho dificuldades com a monotonia das séries genealógicas, pelo que não haverá muito o que comentar a respeito das mesmas, mas farei o melhor que puder.

Este capítulo apresenta apenas a genealogia dos homens que aparecem no relato bíblico do Gênesis, começando por Adão (versículos 1 a 3 - ver figura 92-1) e continuando só com Noé dos versículos 4 a 23, onde chega a Sem. Os semitas são citados do versículo 24 ao 27, onde passa a ser mencionada a descendência de Abraão (ver figura 92-2).

No versículo 28 são mencionados os dois filhos de Abraão, sendo que a descendência de Ismael ocupa os versículos 29 a 33 e a de Isaque começa a ser citada no versículo 34.

Ao longo do restante do capítulo 1 são citados apenas os descendentes de seu primogênito, Esaú.

Genealogia de Adão



História Bíblica - Moisés Brasil

1

Figura 92-1 - Genealogia de Adão até Noé

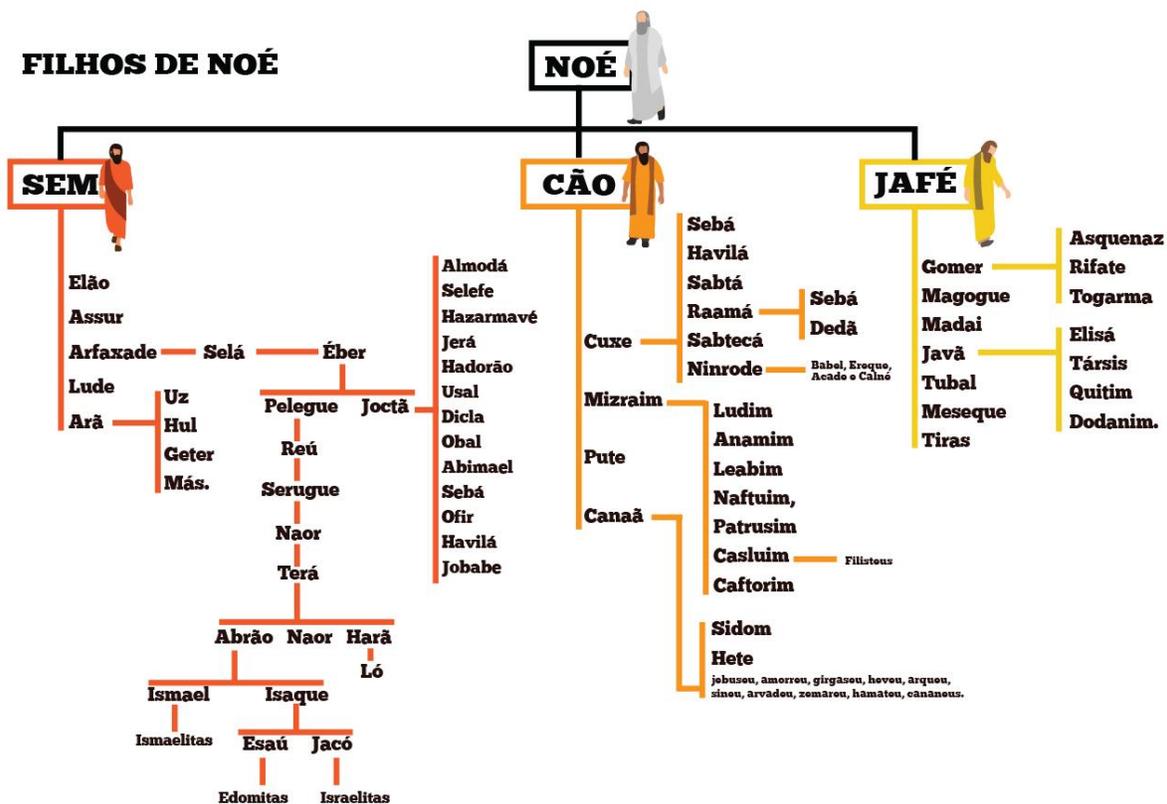


Figura 92-2 - Genealogia de Noé até Abraão

ICrônicas 2

O capítulo 2 começa listando, nos versículos 1 e 2, os nomes dos filhos de Jacó. Logo a seguir é apresentada a lista dos descendentes de cada um deles, começando por Judá, não porque seja o primogênito, mas por ser a tribo da qual descenderia Davi e, mais tarde, o Messias. A descendência geral de Judá é apresentada ao longo de todo o restante do capítulo 2.

É interessante que reconhecemos aqui tanto a graça de Deus fluindo através de Judá e da bizarra relação que teve com sua nora Tamar, que acabou entrando na linhagem de Davi e, conseqüentemente, de Jesus, quanto o Seu juízo exercido contra Er e Onã, filhos de Judá e mais tarde com Acã, seu tataraneto. A figura 92-3 mostra a sua genealogia através de Hezrom (primogênito de Tamar), Rao, Aminadabe, Naasom, Salmom, Boaz, Obede e Jessé, chegando até Davi.

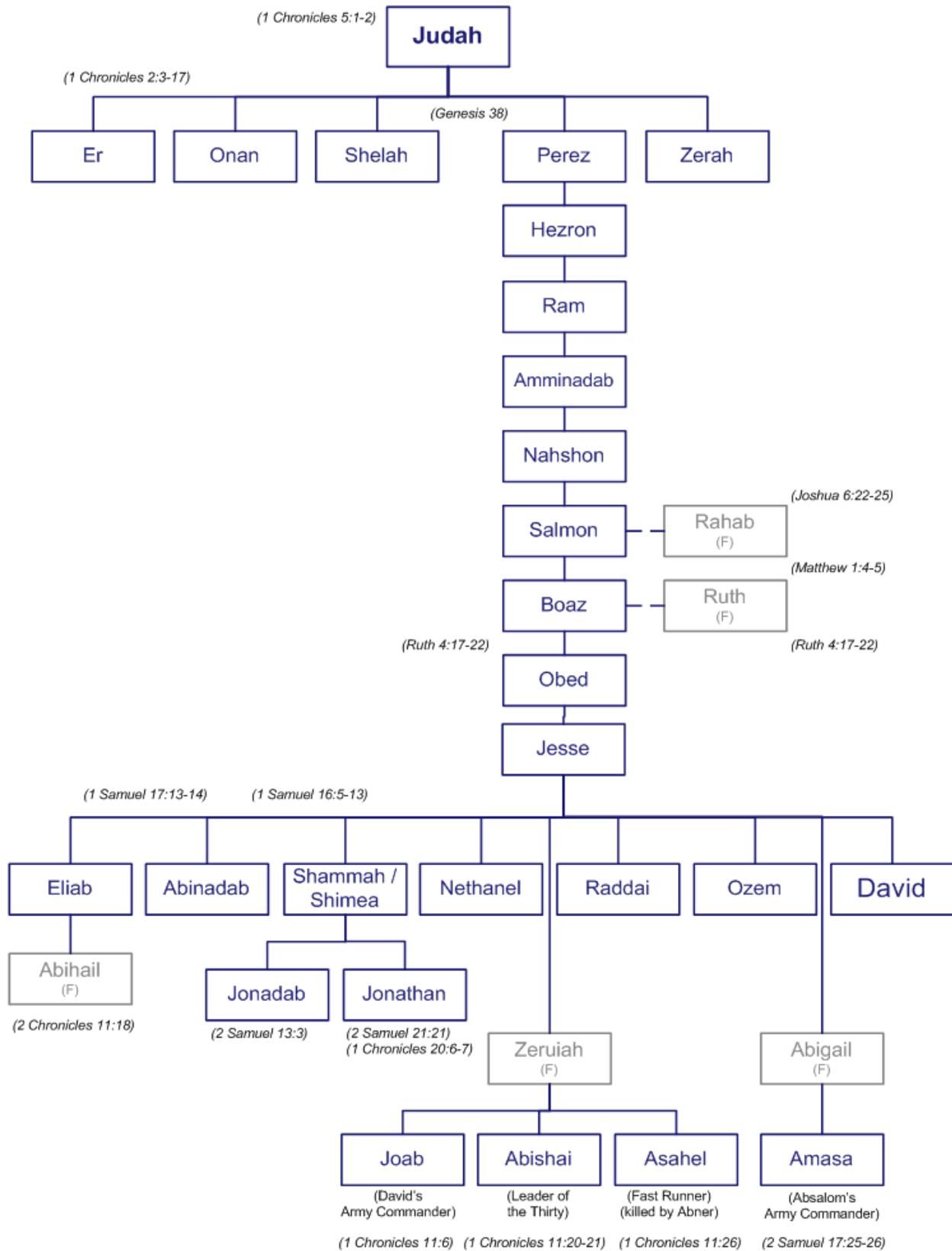


Figura 92-3 - Genealogia de Judá

ICrônicas 3

No capítulo 3 a descendência de Judá, restrita aos parentes próximos de Davi, é apresentada ao longo de todo o capítulo. Nos versículos 10 a 16 é apresentada a linhagem davídica, que ocupou o trono antes do exílio babilônico, começando com Salomão e terminando com Zedequias.

Nos versículos 17 a 24, encontramos os descendentes reais que deveriam ter ocupado o trono, mas não o fizeram após o cativeiro em apreço, por não ter mais havido rei sobre Israel até a chegada do Messias.

ICrônicas 4

Este quarto capítulo apresenta uma lista genealógica de “outros descendentes de Judá”. Aparentemente trata-se de pequenas clãs que não haviam sido mencionadas anteriormente.

Cabe ressaltar aqui o clã de Jabez, cuja oração mencionada no versículo 10 foi notabilizada por uma publicação recente, de Bruce Wilkinson, chamada “A Oração de Jabez - Alcançando a Bênção de Deus”.

A partir do versículo 24 é apresentada a genealogia dos filhos de Simeão, que se estende até o versículo 43.

ICrônicas 5.1-17

O texto apresentado acima contém a genealogia da tribo de Rubens, que se estende até o versículo 16. A partir do versículo 17 passa a ser apresentada a genealogia da tribo de Gade.

No restante deste capítulo, que já foi comentado no Volume 3, na semana 31, é apresentada, nos versículos 18 a 22, a vitória das tribos de Rubens, Gade e a meia tribo de Manassés, contra os hagarenos. Além disso, contém, nos versículos 23 a 26, a genealogia da meia tribo de Manassés, que ficava do lado leste do rio Jordão.

ICrônicas 6.1-30 e 49-53

Nestes versículos 1 a 30 o autor de *ICrônicas 6* apresenta a genealogia da tribo de Levi.

O texto dos versículos 31 a 48 já foi apresentado no Volume 4, semana 48, onde consta uma descrição dos músicos que Davi designou para ministrar o louvor no templo a ser construído por seu filho Salomão.

Nos versículos 49 a 53 encontramos uma pequena genealogia dos descendentes de Arão.

O restante deste capítulo, compreendendo os versículos 54 a 81, já foi discutido no Volume 3, semana 31, e contém uma descrição das cidades dos levitas.

ICrônicas 7

Neste capítulo são fornecidas informações genealógicas de sete tribos, das quais seis fizeram parte do Reino do Norte e que provavelmente já não existiam quando essa informação foi escrita.

Os versículos 1 a 5 são acerca de Issacar; os versículos 6 a 12 falam sobre Benjamim, a única tribo desta lista que sobreviveu por fazer parte de Judá; o versículo 12, embora não haja citação do nome, parece estar falando da tribo de Dã; o versículo 13 fala muito resumidamente sobre Naftali; os versículos 14 a 29 sobre a meia tribo de Manassés do lado oeste do Jordão; os versículos 20 a 29 sobre Efraim e, finalmente, os versículos 30 a 40 sobre Aser.

Curiosamente a tribo de Zebulom não é citada.

ICrônicas 8

Embora já tivesse sido tratada no capítulo 7, versículos 6 a 12, os benjamitas voltam a ser mencionados aqui em todo o capítulo 8. Os versículos 1 a 28 parecem trazer informações diferentes daquelas dadas no capítulo 7 e os versículos 29 a 40 nos trazem informações específicas da família de Saul, que é repetida ao final do capítulo 9.

ICrônicas 9

Embora este capítulo comece dizendo que todos os israelitas foram alistados nas genealogias dos registros históricos dos reis de Israel, lembramos aqui que nada foi dito com relação a Zebulom e que Dã foi citada apenas de passagem. Além disso, ressaltamos que as tribos do Reino do Norte tiveram bem menos atenção.

Nos versículos 2 a 34, as informações fornecidas parecem dizer respeito ao repovoamento de Jerusalém. A princípio o pessoal voltou para as cidades que não haviam sido totalmente destruídas e evitou ficar em Jerusalém.

Nos versículos 3 a 9 são listados os leigos que vieram para a cidade. Cabe lembrar que Neemias tinha feito uso da lista do pessoal que retornou com Zorobabel para sortear 10% entre eles para ocupá-la. Além destes, vários vieram de livre e espontânea vontade.

Os sacerdotes que vieram para Jerusalém são listados nos versículos 10 a 13, enquanto os levitas são citados entre os versículos 13 e 16. Os porteiros e sua indicação são objeto dos versículos 17 a 32.

O versículo 33 fala a respeito de cantores que eram chefes de famílias levitas. O versículo 34 encerra o assunto falando que todos estes levitas que foram para Jerusalém para ali fixar residência.

Os versículos 34 a 44 apresentam uma listagem quase idêntica à do capítulo 8.29-40.

Semana 93 - A Mensagem dos Profetas Zacarias e Ageu

Texto: Zacarias 1 a 14 e Ageu 1 e 2

Estação 45

Zacarias 1

O profeta Zacarias, filho de Baraquias, neto de Ido, possivelmente de linhagem sacerdotal, cujo nome significa "Jeová Se lembra", começou a profetizar à mesma época em que estava profetizando Ageu (entre a 2ª e 3ª visões deste). Suas mensagens diferem daquelas de Ageu por conterem predições do futuro distante, envolvendo o Messias em ambas as Suas Vindas, mescladas com discursos de encorajamento aos filhos de Israel, visando a conclusão do templo e a vida consagrada ao Senhor.

Seu livro tem início com uma chamada ao arrependimento, para que os que há pouco haviam retornado do exílio não fossem desobedientes à voz de Deus como seus pais (*Zacarias 1.4*), lembrando-lhes que os profetas sempre passaram (*Zacarias 1.5*), mas as palavras de Deus, por eles pronunciadas, foram todas cumpridas nas vidas de seus pais (*Zacarias 1.6*).

Na sua 1ª visão, datada do 2º ano do rei Dario, assim como as de Ageu, cheia de figuras, um anjo veio esclarecer-lhe o sentido de sua visão, revelando-lhe que Deus não teria desamparado Jerusalém, apesar dos 70 anos de desterro do povo. Ele Se voltaria para ela agora com misericórdia (*Zacarias 1.16*), ela prosperaria e continuaria a ser a cidade eleita (*Zacarias 1.17*).

Nos versículos finais deste capítulo Zacarias pede que o anjo lhe explique o que são uns chifres que ele viu. De acordo com o anjo, seriam a ação das nações vizinhas que tinham ajudado a destruir Jerusalém, mas que agora seriam destruídos por 4 artesãos que também apareceram em sua visão.

Zacarias 2

Em *Zacarias 2* prosseguem as promessas de Deus a Zacarias relativas à reconstrução de Jerusalém. Começa com um anjo querendo medir a cidade, mas aparentemente outro o interrompe e diz que isso seria desnecessário, porque Jerusalém seria tão populosa que não caberia dentro de seus muros atuais. Passaria, portanto, a ser uma cidade sem muros, mas que o Senhor seria para ela muro de proteção em volta e sua glória seria a do próprio Deus (*Zacarias 2.4-5*).

Nos versículos 6 a 8 o Senhor diz a Zacarias que era hora de sair de Babilônia porque ela seria destruída como todas as demais nações à volta de Israel, que a havia saqueado. Elas agora seriam destruídas e seus bens se tornariam um espólio para os judeus, porque elas havia tocado na "menina de Seus olhos".

O profeta encerra o capítulo dizendo a Sião que se alegre, porque o Senhor viera para fazer morada nela. Além disso, viriam também as demais nações e a reconheceriam como a habitação do verdadeiro Deus.

Zacarias 3

A visão seguinte apresenta uma linda figura de como nós devemos agir em relação aos líderes de nossas igrejas. Zacarias viu o Sumo Sacerdote Josué diante do anjo do Senhor, com Satanás à sua direita para lhe opor, mas o Senhor o repreendeu, restringindo, assim, a sua autoridade sobre o Seu ungido.

Zacarias observou, a seguir, que as roupas de Josué estavam sujas, mas o anjo mandou que fossem substituídas, para que ele estivesse apto para o ofício que lhe fora confiado (Deus sempre capacita aqueles a quem chama!). Nada foi feito, contudo, em relação ao seu turbante, que continuou sujo. Neste instante, o próprio Zacarias interveio na visão, solicitando que também este fosse trocado (na tradução NVI não está claro que é Zacarias quem fala, mas a Edição Revista e Atualizada o deixa patente).

Que aprendamos com Zacarias a interceder, junto ao Senhor, em prol de nossos pastores e líderes espirituais, quando observarmos haver em suas vidas coisas que não são compatíveis com o ofício que lhes foi confiado, ao invés de adotar uma postura crítica, que gera dissensão e cria divisões no corpo de Cristo!

Terminando esta visão, Deus informa a Josué que fará vir o Seu servo, o Renovo, que será posto como Rocha para a remoção de pecados em um único dia (*Zacarias 3.8-9*). Caberia, portanto, a Josué e seus companheiros a tarefa de levar isso às demais nações.

Zacarias 4

Se a visão de *Zacarias 3* mostra a aprovação de Josué para o ofício de Sumo Sacerdote, *Zacarias 4* apresenta, outra visão dele, na qual vê um candelabro de ouro, com um recipiente de azeite, tendo 7 lâmpadas, montadas em 7 colunetas. Além disso, ele viu também duas oliveiras, uma à direita e outra à esquerda.

Obviamente Zacarias pediu ao anjo para explicar o significado daquilo que vira. Antes de responder, contudo, o anjo disse a ele que havia uma mensagem a ser dada a Zorobabel, como o eleito do Senhor para conduzir o povo em sua tarefa de reedificação do templo (*Zacarias 4.9*). Sua obra seria realizada, "...**não por violência e nem por poder, mas pelo Espírito do Senhor dos Exércitos**" (*Zacarias 4.6*). Ele, Zorobabel, havia lançado as fundações do templo e ele, também, o terminaria.

Depois disso, o anjo explicou que as 7 lâmpadas eram os 7 olhos de Deus que sondam toda a Terra, ou seja, representam a Sua soberania sobre todas as coisas, fazendo com que tudo contribua para a realização de Sua vontade.

Explicada a figura do candelabro de 7 lâmpadas, Zacarias perguntou pelas duas oliveiras e pelos 2 ramos de oliveira que estavam junto às lâmpadas e que derramam o óleo, ou seja, que realizam a vontade de Deus. Quanto a estes, o anjo explicou que eram dois homens que haviam sido ungidos para a realização da vontade de Deus. Embora não nos diga quem sejam, a primeira escolha recairia sobre Zorobabel e Josué, mas há ainda a possibilidade de ser uma referência a Esdras e Neemias. Ambas as duplas formam servos fiéis do Deus Altíssimo.

Zacarias 5

Zacarias 5 apresenta mais 2 visões, relativas à necessidade de coibir o pecado no meio do povo. A 1ª (*Zacarias 5.1-4*) mostrava um rolo voador aberto, de grandes dimensões (aproximadamente 9mx4,5m), representando a lei, que o anjo disse ao profeta conter maldições que recairiam sobre aqueles que não fossem obedientes à mesma.

A outra, por sua vez (*Zacarias 5.5-11*), falava da necessidade de remover o pecado, levando-o para um lugar distante, representado na visão pela terra de Sinear (Babilônia, onde fora edificada a torre de Babel - *Gênesis 11.2*). A vida do crente deve ser caracterizada por sua repulsa ao pecado. Não por sua capacidade de conviver com ele, sem ceder ao seu apelo e, sim, pelo fato de passar dele o mais afastado possível.

Zacarias 6

Zacarias 6.1-8 contém uma profecia contra Babilônia, entre outras, retratando, aparentemente, as mesmas tropas celestiais que figuraram em sua 1ª visão. Basicamente Zacarias vê cavalos de cores diferentes puxando carruagens e que saem por toda a Terra para fazer a vontade do Senhor. Essas tropas celestiais de cavalos vermelhos já tinham ido para o norte, onde destruíram Babilônia, dando descanso ao Espírito do Senhor naquela terra. As demais fariam o mesmo em todos os outros lugares, porque Ele reina sobre toda a Terra.

Zacarias 6.9-15 narra a chegada de mais judeus, vindos de Babilônia, dos quais Zacarias deveria tomar ouro para confeccionar uma coroa com a qual ele honraria a Josué, talvez prefigurando a coroação do Messias. Os versículos 12 e 13 nos deixam um pouco confusos, pois a referência àquele que construirá o templo parece indicar Zorobabel, que também era o herdeiro legítimo do trono, embora ele não pudesse ser coroado como rei.

Já o versículo 14 volta a falar dos 4 que ofertaram o ouro e a prata da coroa, dizendo que aquela coroa seria um memorial para eles. Encerrando, Zacarias nos diz que pessoas viriam de longe (mais judeus de Babilônia, talvez) para ajudar a construir o templo, mas que o essencial para a realização dessa empreitada era a obediência aos preceitos do Senhor. Tudo no Reino dos Céus se realiza partindo dEle e cumprindo Seus preceitos.

Zacarias 7

Em *Zacarias 7* judeus chegados de Betel procuravam interrogar o profeta com o intuito de esclarecer rituais referentes à forma de culto. Eles haviam jejuado sempre em sinal de lamento pela queda de Jerusalém e, agora que estavam de volta, queriam saber se deveriam continuar a fazê-lo. A palavra de Deus, pronunciada por Zacarias, ressaltou o fato de Ele jamais ter pedido um jejum que não se fizesse acompanhar da obediência aos Seus preceitos, que incluíam “**administrarem a verdadeira justiça, mostrarem misericórdia e compaixão uns para com os outros, não oprimirem a viúva e o órfão, nem o estrangeiro e o necessitado e nem tramarem maldades uns contra os outros**”.

Seus pais haviam sido deportados da terra justamente por sua desobediência aos alertas que Ele fizera através dos Seus profetas. Assim sendo, a resposta para eles era exatamente a mesma, ou seja, que seu jejum viesse acompanhada de obediência.

Zacarias 8

Deus fala aqui, em *Zacarias 8*, de Seus planos de restauração para Israel e Judá, com promessas de Ele voltar a ocupar Seu lugar, que Ele deixara enquanto mostrava a Ezequiel a destruição de Jerusalém. Agora Jerusalém passaria a se chamar de Monte Sagrado e tanto idosos como crianças brincando voltariam a ser vistos em suas ruas. Israel voltaria a ser conhecida como povo de Deus e o Senhor como o Deus de Israel (versículo 8).

No versículo 9, Zacarias pede ao povo que fortaleça suas mãos para que concluam a construção do templo, pois o Senhor não queria mais tratar o remanescente de Judá como havia tratado seus antepassados. Ao invés disso, Ele promete ao Seu povo uma rica sementeira, com o céu dando o seu orvalho e a terra dando o seu melhor. Basta para tanto que vivam em santidade de vida, conforme pedido no versículo 16.

Seus jejuns e suas festas em geral serão todas ocasiões de alegria, com todos amando a verdade e a paz (versículo 19).

Nos versículos 20 a 23, o profeta fala a respeito das pessoas vindas de nações vizinhas para buscar o Senhor, apontando, assim, para o Reino Messiânico, incluindo o reconhecimento da Presença de Deus com os judeus (*Zacarias 8.23b*).

Zacarias 9

Zacarias 9 começa, nos versículos 1 a 8, com profecias contra países vizinhos de Israel. Primeiro ele fala da Síria, onde as cidades de Hadrake, Damasco e Hamate, que aparentemente já haviam sofrido derrotas para os assírios havia algum tempo quando Zacarias escreveu isso. Tiro e Sidom são cidade fenícias, que sofreram ataques dos

assírios em 722a.C., depois de Nabucodonozor em 572a.C. (ambos só na parte continental) e, finalmente, por Alexandre o Grande, que invadiu também a parte insular. A última referência é às cidades dos filisteus, que foram descaracterizadas, com a invasão de Nabucodonozor. O versículo 8 nos informa, contudo, que Jerusalém seria poupada, pois é o próprio Deus que a defende.

O versículo 9 nos traz uma profecia muito conhecida referente à maravilhosa promessa da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, cumprida no que convencionamos chamar "domingo de ramos" (comparar *Zacarias 9.9-10* com *Mateus 21.4-5*). O versículo 10 fala de um tempo de domínio messiânico que só ocorrerá com a vitória do Messias nos tempos apocalípticos.

Os versículos 11 a 17 têm sido interpretados das formas mais diversas, com alguns até sugerindo que os capítulos finais do livro sequer sejam de Zacarias. Vamos nos abster dessas interpretações e supor que no texto Zacarias continua a falar sobre tempos futuros. No versículo 13, por exemplo, ele fala de uma batalha em que o próprio Deus defenderia o Seu povo dos gregos, numa possível referência às guerras dos macabeus. Na época do período interbíblico, Israel voltou a ter um período de autodomínio por quase um século, mas que foi novamente interrompido com a tomada pelos romanos na última metade do século antes de Cristo.

Já os versículos 14 a 17 parecem falar de tempos do fim, com o último versículo descrevendo uma época de prosperidade e paz, que obviamente só ocorrerá no Reino Milenar.

Zacarias 10

As promessas para Judá e Israel continuam em *Zacarias 10*, onde, mais uma vez, Deus fala em prosperidade do povo na terra, num tempo ainda por vir. O texto, contudo, é tão genérico, que é difícil definir o período histórico ao qual se refere, salvo nos casos em que há citação clara do Messias (versículo 4).

O texto começa falando em pedir a bênção de Deus para que haja chuva em tempo propício, mas o versículo 2 deixa claro que isso só vem pela fidelidade do povo dirigido por líderes que se importam com Deus. Estes, contudo, inexistem, pelo que o próprio Senhor cuidará de Judá, dando a ele a pedra fundamental, que é Cristo.

Nos versículos 5 a 8, Zacarias fala de juntar o povo, com este guardado e dirigido pelo Senhor, para logo a seguir dizer que os espalharia novamente, para depois voltar a recolhê-los. Assim sendo, ele parece cobrir, em poucos versículos, a volta de Babilônia, a chegada do Messias, a nova destruição de Jerusalém, nova espalhada no povo e a volta deles no século 20.

A menção do Egito e da Assíria parecem significar apenas os lugares para onde o povo foi espalhado para, então, falar novamente de sua volta. Os últimos 2 versículos parecem falar do Senhor dirigindo o Seu povo e concedendo a eles a vitória no período do Reino Milenar.

Zacarias 11

O capítulo 11 de Zacarias continua tão indefinido quanto o anterior. Talvez a referência à destruição das árvores do Líbano e de Basã, seja uma forma de se referir à destituição dos líderes (pastores), que estavam destruindo o rebanho, preocupados apenas em enriquecer, e que são descritos nos versículos 3 a 6).

“Eu”, o sujeito do versículo 7, parece ser o Senhor. Pode ser uma referência ao Messias em Sua Primeira Vinda, quando foi dado a Ele usar de Sua Graça (Favor - primeira vara) para unir na Nova Aliança os filhos de Israel (União - segunda vara), mas pode ser anterior a isso, com Deus dirigindo o povo no período interbíblico.

O versículo 8 é de difícil interpretação. No período interbíblico há várias sugestões de pessoas reinando que foram subitamente destituídas, mas citar qualquer nome seria temerário. Nos dias do ministério de Jesus qualquer nome que se cite seria mera adivinhação.

Em *Zacarias 11.9*, referindo-se aos pastores que apascentariam o rebanho do Senhor, Deus diz que não mais apascentará o Seu povo e, em *Zacarias 11.10*, comunica o fim da aliança que tem com ele.

Os versículos seguintes, 11 a 13, são uma referência claríssima ao preço da traição de Judas, deixando claro que a referência aqui é aos dias do Messias. Os aflitos do versículo 11 são claramente aqueles que nEle tinham posto a Sua confiança e que assistem, horrorizados, à Sua vida sendo trocada por 30 moedas de prata (*Zacarias 11.12*), ou seja, o preço da vida de um servo (*Êxodo 21.32*). Este dinheiro seria arrojado ao oleiro na casa do Senhor. O cumprimento literal dessa profecia dá-se em Jesus (*Mateus 26.14-16 e 27.5-10*).

A rejeição do Messias levaria, então, à quebra da segunda vara, quebrando a união entre os aflitos seguidores de Jesus (o Israel de Deus) e seus irmãos judeus. Tem sido sugerido que esta situação perdurará (a rejeição de Jesus pelos judeus) até que surja o pastor iníquo descrito nos versículos 15 a 17, que seria o AntiCristo.

Mais uma vez deve ser ressaltada a fragilidade dessa interpretação à luz da natureza etérea do texto.

Zacarias 12

Zacarias 12-14 apresenta uma marcante mudança de estilo literário, assumindo um tom predominantemente apocalíptico, com muitas referências "àquele dia". O texto nos informa que as nações da terra subirão contra Jerusalém (*Zacarias 12.3; 14.2*) e, numa primeira etapa, parecerá que a batalha está perdida para Judá, mas o Senhor intervirá

de forma maravilhosa (*Zacarias 12.8; 13.1; 14.3*), livrando o Seu povo e destruindo todas as nações que atacarem Jerusalém (versículo 9).

Nesta ocasião os judeus reconhecerão como seu Messias Aquele que haviam traspassado e chorarão pelo Unigênito, bem como pelo Primogênito (*Zacarias 12.10*). É, sem dúvida, maravilhoso ver como o profeta tem uma visão completa, a ponto de distinguir um e outro! Nesta ocasião os judeus reconhecerão que seu Messias veio efetivamente em Jesus Cristo e que eles o traspassaram na cruz do Calvário. Este era o Unigênito Filho que Deus Pai gerou em natureza humana, que tomou sobre Si os nossos pecados. Ele foi regerado tornando-Se o Primogênito de muitos irmãos, ressuscitado ao terceiro dia, o Primeiro a ser adotado por Deus Pai, depois de Se livrar dos nossos pecados.

O restante do capítulo fala a respeito desse choro, para enfatizar o reconhecimento do quão grande foi o erro cometido pelos judeus ao não reconhecerem Jesus como seu Messias, mas o versículo 11 traz uma comparação curiosa ao dizer que “**muitos chorarão em Jerusalém, como os que choraram em Hadade-Rimom no vale de Megido**”. Hadade-Rimom era a deidade máxima dos sírios, pelo qual os sírios choravam sempre que a natureza morria, clamando para que ressuscitasse na primavera. Seria, no mínimo, estranho dizer que muitos judeus que participavam deste culto idólatra, chorariam por Jesus, da mesma forma como choravam por Hadade-Rimom.

Por outro lado, o texto diz “em Hadade-Rimom”, como se fosse um lugar e não a referência a um deus. O vale de Megido é o lugar onde se supõe que será realizada a batalha de Armagedom. Imaginando que a localidade exata neste vale se chamasse Hadade-Rimom, então, Zacarias poderia estar comparando o choro pela morte do Messias à emoção da vitória das forças divinas naquele embate. Seja como for, se trata de uma comparação obscura.

Zacarias 13

Neste capítulo vemos que o Israel dos tempos do fim ainda estará “infestado” de idolatria e de falsos profetas, motivo pelo qual começa falando da necessidade de **purificá-lo do pecado e da impureza**. No versículo 2, Zacarias fala da remoção dos ídolos, dos falsos profetas e de todos os que têm espírito imundo.

Nos versículos 3 a 6 o profeta fala detalhadamente sobre os falsos profetas e no versículo 7 ele fala em ferir o pastor que não cuidou de suas ovelhas como deveria ter feito, pelo que seria igualmente eliminado.

A surpresa vem, contudo, nos versículos 8 e 9, onde vemos que estes a serem eliminados chegam a se constituir em dois terços de todo o Israel. Além disso, Zacarias ainda fala sobre a necessidade de purificar o terço que tiver sobrado. Estes o Senhor reconhecerá como sendo o Seu povo, que saberá dizer que O Senhor é o seu Deus.

Zacarias 14

Este capítulo final começa com a batalha das nações contra Jerusalém, na qual a cidade sucumbe, sendo totalmente saqueada e com as mulheres sendo violentadas, além de metade da população sendo levada para o exílio, ou seja, ao final do versículo 2, dois terços do povo havia morrido no capítulo anterior e agora apenas um sexto da população restava na cidade.

É exatamente neste ponto, quando não há mais qualquer esperança para Israel, que o Senhor toma posição e começa a lutar por Seu povo (versículo 3). Ele começa no monte das Oliveiras, que é dividido ao meio por um vale, onde o povo se refugia.

Trata-se de um dia atípico, no qual nada atrapalha, nem frio, nem falta de luz, no qual Ele assume a Sua posição de Rei de toda a Terra, com total domínio sobre todas as nações.

Judá passa a recolher a riqueza de todas as nações, enquanto o Senhor manda uma praga que derrota todos os povos, inclusive os seus animais, impedindo-os de fugir. Haverá, contudo, muitas conversões entre todos os povos, com o povo vindo sempre a Jerusalém para participar da festa das Cabanas.

A partir deste dia todos virão a Jerusalém para celebrar o Nome do Senhor.

Ageu 1

O profeta Ageu, contemporâneo de Zacarias, foi o 1º dos profetas pós-exílicos, e seu livro é datado, normalmente, por volta de 520a.C., 15 anos após a paralisação da obra do templo. O tema de seu livro é, basicamente, a necessidade de retomada da reconstrução do templo, interrompida, pelo que o Senhor repreende o governador Zorobabel e o Sumo Sacerdote Josué com relação a se ter tornado em dito popular o fato de "**...não haver chegado, ainda, o tempo de reconstruir-se a casa do Senhor**" (*Ageu 1.2*).

Os versículos de *Ageu 1.4-11*, embora especificamente dirigidos ao problema da paralisação da obra, são completamente atuais, considerando-se a grande quantidade de crentes (servos do Reino), que se encontram tão ocupados com seus próprios afazeres que esquecem, por completo, a tarefa que lhes foi confiada. A esses Deus adverte, dizendo: "**...considerai os vossos caminhos**" (*Ageu 1.5*). O que deveria ser considerado está descrito em *Ageu 1.6*: "**Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, mas não vos fartais; bebeis, mas não vos saciais; vestis-vos, mas ninguém se aquece; e o que recebe salário, o recebe num saco furado**".

Deus deixa claro que Suas bênçãos, prometidas no âmbito da aliança, estão sendo retidas em função da desobediência do povo à Sua voz. Ele, mais uma vez, ressalta que o binômio "desobediência e favor" não pode coexistir. Não devemos confundir a "graça" (favor imerecido de Deus para resgatar o pecador vendido sob a escravidão do pecado)

com permissividade em relação ao pecado. Ageu faz coro às palavras do apóstolo Paulo, que dizem: "**Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus...**" (*Romanos 11.22*).

O apelo de Ageu ao povo para que retorne à vontade do Senhor tem imediata resposta, com o temor do Senhor caindo sobre Zorobabel, Josué e todo o povo (*Ageu 1.12*), fazendo com que estes retomassem o trabalho de reconstrução, interrompido havia aproximadamente quinze anos.

Ageu 2

Cerca de um mês mais tarde, vem novamente a Palavra do Senhor ao profeta Ageu no sentido de fortalecer o povo, agora empenhado em levar a cabo a Sua vontade de ver concluída a obra do templo. Ele se dirige especificamente àqueles que se haviam entristecido por ser o templo atual de muito menor resplendor que o salomônico (*Esdras 3.12-13*). Embora o real sentido de *Ageu 2.7* seja incerto, fica claro, no contexto, que se trata de uma promessa de Deus no sentido de fazer com que aquele novo templo tivesse glória superior ao anterior, visto que ali haveria de ser derramada a paz (*Ageu 2.9*).

Finalmente, passados mais 2 meses, vem a Ageu, pela 3ª vez, a palavra do Senhor, com a finalidade, desta feita, de anunciar a retomada de Suas bênçãos em função do empenho renovado do povo em servi-IO (*Ageu 2.19*). É interessante que Deus usa dessa ocasião para transmitir um importante ensinamento relativo ao derramamento de bênçãos e maldições sobre o povo. Tal ensinamento vem sob a forma de duas perguntas relativas a purificação e contaminação, respectivamente, dirigidas, ambas, aos sacerdotes.

A 1ª pergunta, registrada em *Ageu 2.12*, diz respeito a um homem que leva consigo uma carne "santificada" sobre o altar de ofertas e cujas vestes tocam outros mantimentos. Os sacerdotes deveriam informar se, neste caso, os outros mantimentos ficariam também santificados. A resposta dos sacerdotes foi negativa. A 2ª pergunta, apresentada em *Ageu 2.13*, diz respeito à situação inversa, em que um homem cerimonialmente impuro, devido ao contato com um morto (*Números 19.11*), toca nestes mesmos mantimentos. A dúvida, no caso, seria se estes mantimentos estariam agora, também, contaminados. A resposta dos sacerdotes, segundo a lei, desta feita, foi afirmativa.

As perguntas feitas têm uma aplicação totalmente relacionada com a missão do povo de Israel. Está implícito que santidade não é transferida por mero contato, da mesma forma como a saúde não o é, ao passo que a impureza se propaga por simples toque, como de igual modo muitas enfermidades por contágio. Israel fora eleita "nação santa", mas não foi a sua santidade que se transmitiu através dos anos e das gerações e, sim, a sua impureza. O maior testemunho disso era o templo destruído. Era chegado, contudo, o tempo de remover o testemunho do pecado e implantar em seu lugar o marco da presença do Deus Vivo no meio de Seu povo!

Feito isso, era totalmente intuitivo que, daquele dia em diante, eles voltassem a ser abençoados, de modo que *Ageu 2.19b* nada mais é que a expressão do grande amor que já nos acostumamos a ver Deus demonstrando em toda a Sua Palavra.

A 4ª e última profecia de Ageu é endereçada somente a Zorobabel. A julgar, contudo, pelo seu rápido desaparecimento do cenário bíblico, talvez pudéssemos até questionar a validade da mesma, mas, certamente, Zorobabel não. Ela teve para ele o maravilhoso sabor da aprovação divina para o serviço por ele prestado, revertendo, ao mesmo tempo, a maldição que Deus lançara sobre o seu avô Joaquim (Conias) em *Jeremias 22.24-30*. Eis um exemplo vívido daquilo que Paulo diria mais tarde: "...mas poderoso é Deus para tornar a enxertar" (*Romanos 11.23*). Glória, pois, a Ele!

Semana 94 - Salmos de Confissão

Texto: Salmos 6, 32, 38, 39, 51, 78, 106, 130 e 139

Estação 46

Salmos 6

A confissão em apreço aqui obviamente é a dos pecados. Davi, autor do salmo, sabe muito bem que pecou e que merece ser disciplinado pelos seus erros, mas pede a Deus que não o faça em Sua ira e, sim, em Seu amor. Ele pede para que o bom Pai o discipline como se fizer necessário para a sua correção (versículo 1).

O reconhecimento do seu pecado o deixa envergonhado e trêmulo, mas é por misericórdia que ele clama que o Senhor mostre o perdão que ele implora para que ele possa se sentir amado por Ele (versículos 2 a 4).

O perdão *far-se-á* acompanhar do louvor que a misericórdia do Senhor desperta, mas que Deus Se apresse e que o conceda antes que venha a morte, pois no túmulo não há louvor. Os versículos 6 e 7 falam de sua tristeza e lágrimas em quantidade que continuarão até que ele seja perdoado.

Entre os versículos 7 e 8 está implícito que Davi se sentiu perdoado, pelo que os últimos 3 versículos trazem um canto de vitória por Deus ter ouvido a sua oração (versículo 9). Ele se afasta do mal, alijando da sua companhia todos os que o praticam (como, aliás, deveríamos fazer todos nós).

É certo, portanto, que todos os seus inimigos serão derrotados e que recuarão diante dAquele que o apoia.

Salmos 32

Não há nada que se compare ao perdão para aquele que está sendo consumido pela culpa interior. Aurélio nos diz que a hipocrisia é a capacidade de fingir, escondendo os sentimentos mais sinceros. Esconder a certeza de condenação é a mais ridícula das hipocrisias, porque escondemos o inevitável, mas o momento em que Deus não mais nos atribui culpa é acompanhado pela maior das alegrias (versículos 1 e 2).

Exatamente por isso Davi nos diz que definhava por tentar esconder os seus pecados. Tentar fazê-lo é uma hipocrisia que faz dele o principal alvo. A mão de Deus expressa pela Lei pesava sobre ele. Por outro lado, tudo muda no momento em que Davi resolve confessar os seus pecados (versículos 3 a 5).

Os versículos 6 e 7 são um cântico de estímulo para que assim procedam todos os fiéis. Entenda-se por fiéis aqui não os que não pecam, mas aqueles que reconhecem e buscam perdão para os seus pecados. Estes serão preservados da angústia e ouvirão constantes canções de livramento.

A estes Deus promete instruir, ensinando-lhes o caminho em que devem andar, para que o trilhem com entendimento, ou seja, sabendo exatamente o sentido daquilo que Deus espera de nós. Não se trata de uma obediência cega e, sim, em amor.

Os versículos 10 e 11 confrontam a situação de castigo-punição do ímpio com a alegria do perdão que experimenta o justo. Este se regozija no Senhor que lhe concede o perdão.

Salmos 38

Ao contrário do que ocorre no capítulo 6, onde Deus responde à oração de Davi, e no capítulo 38, que já começa com a alegria do perdão, este salmo consiste de uma súplica por perdão, que se estende do início ao fim do mesmo.

Desta feita ele reclama que foi em Sua ira que o Senhor o tem castigado, resultando num estado de profunda tristeza, um corpo totalmente enfermo, feridas que cheiram mal, grande abatimento, febre, fraqueza e angústia.

No versículo 9 ele se atreve a levantar os olhos aos céus para ver se há alguma resposta, mas na falta desta ele prossegue no seu relato dos sofrimentos que vem sentindo até o versículo 14.

Nova tentativa de ouvir a resposta do Senhor é feita no versículo 15, mas, na falta desta, ele continua o seu lamento falando daquilo que seus inimigos continuam a tentar contra ele, confessando reconhecer que o seu pecado é merecedor de tudo isso.

Encerrando o salmo, Davi pede que Deus não o abandone, que não permaneça tão distante e que, na condição de Salvador, que Se apresse a ajudá-lo.

Salmos 39

Trata-se de um salmo de Davi feito para o mestre da música no estilo Jedutum. Jedutum significa louvor ou celebração, mas não se trata de um salmo de louvor e, sim, de um no qual Davi parece expor os seus pensamentos de dúvidas que surgem juntamente com as situações de tristeza que lhe sobrevinham.

Os primeiros 3 versículos mostram a angústia de Davi por não querer pecar, motivo pelo qual se impôs o silêncio como forma de se preservar (versículo 1). Não obstante ser uma forma eficiente de atingir o seu objetivo, o reconhecimento de sua vulnerabilidade ao pecado lhe fazia crescer a angústia (versículo 2).

Em função disso, ele foi levado a pedir ao Senhor que mostrasse a ele o quão curta realmente é a vida, para que ele não perdesse tempo com coisas fúteis, quais sejam, juntar dinheiro, por exemplo.

No versículo 7 ele se volta novamente para o Senhor, pedindo que Ele seja a sua esperança. Que Ele o ajude a não pecar, de modo a não se tornar objeto da zombaria dos tolos (versículo 8).

Caso o seu pedido seja atendido, ele não mais seria objeto do açoite do Senhor precisando discipliná-lo pelo seu pecado (versículos 10 e 11). Caso consiga viver em integridade na presença do Senhor, então, será restaurada a sua alegria e seu louvor fluirá antes que ele se vá.

Salmos 51

Este salmo de Davi foi escrito pouco depois que o profeta Natã veio ao seu encontro para denunciar os seus pecados de adultério e homicídio praticados contra Bate-Seba e o seu marido, Urias. Embora ele vivesse em dia onde os reis despóticos não davam satisfações a quem quer que fosse, Davi, em momento algum, fez uso desse direito para se desculpar por seus atos.

Os primeiros 12 versículos nos dão conta de como ele se sentia diante de Deus, um miserável pecador, que, em função de seus pecados, havia perdido a sua preciosa comunhão com o Senhor. Ele reconhece que pecou e que seu pecado o atormenta. Foi contra o Senhor e contra a Sua lei que ele havia pecado, de modo que a sua condenação era justa. Por outro lado, só havia um jeito dele ser purificado, qual seja, mediante a purificação vinda do Senhor.

É muito interessante o fato de Davi saber, muito antes que alguém o escrevesse, que perdão de pecados significa esquecê-los completamente. É isso que ele retrata em seu pedido do versículo 9. De igual maneira, é notável no versículo 10 que ele reconheça a necessidade de ter um coração puro para que os desejos do seu espírito se voltem de forma estável para Deus. Finalmente, numa época em que o Deus Triúno era totalmente desconhecido, Davi entende que sua unção como rei e profeta vem do Espírito Santo, que ele de forma alguma quer perder (versículo 11).

Nos versículos 13 a 19 Davi se recorda da alegria que lhe trazia estar a serviço de Deus e tem perfeita noção de que foi o seu pecado que interrompeu esses “bons tempos”. Sabe também que poderá voltar à ativa tão logo o Senhor o perdoe e ele anseia por isso.

Salmos 78

Este salmo de Asafe é conhecido como o salmo instrutivo, por conter ensinamentos relativos à forma como os “crentes” tanto do Antigo como do Novo Testamentos lidam com os ensinamentos divinos.

Os primeiros 8 versículos falam vividamente sobre o sucesso do ensino bíblico dos pais a seus filhos. É o relato prático daquilo que Salomão nos diz em *Provérbios 22.6*:

“Instrua a criança segundo os objetivos que você tem para ela e mesmo com o passar dos anos não se desviará deles”

Se queremos que nossos filhos se tornem crentes obedientes e tementes ao Senhor, basta que os ensinemos a andar nos Seus caminhos, para que deles jamais se desviem.

Nos versículos 9 a 41 o salmista faz um resumo dos 40 anos durante os quais o povo de Israel provocou a ira do Senhor no deserto a caminho da Terra Prometida. Eles começaram vendo o livramento final enquanto atravessavam o Mar Vermelho e viam o Senhor destruir todo o exército egípcio, que ali ficou definitivamente no passado.

Depois disso, contudo, a cada novo problema eles provocavam o Senhor à ira, duvidando de Sua capacidade de prover ao longo do caminho. Ele os castigava, eles fingiam que estavam arrependidos, mas logo depois se desviavam novamente (versículos 34 a 37).

Os versículos 42 a 52 retrocedem ao Egito e narram as pragas através das quais o povo de Deus foi liberto. Ele salta a seguir os anos de deserto, que já haviam sido abordados antes, e fala sobre a mesma fidelidade do Senhor implantando-os na Terra Prometida, mas sem que eles se tornassem obedientes (versículos 53 a 66).

Os últimos versículos, 67 a 72, narram a infidelidade do Reino do Norte, comparada ao Reino de Judá, que alternou reis fiéis ao Senhor com outros que também o rejeitaram.

Salmos 106

Este salmo se assemelha bastante ao anterior, ou seja, baseia-se na história do povo de Israel para mostrar que o seu sofrimento foi causado por sua própria desobediência. Assim sendo, o autor, provavelmente Davi, reconhece as sucessivas rebeliões de Israel contra Deus, bem como a necessidade de arrependimento.

É interessante que ele comece com louvor, expressa através de um “Aleluia” e que termine exatamente como começou, com louvor expresso por outro “Aleluia”. É claro que isso é totalmente coerente, porque o reconhecimento de nossa culpa, associado ao arrependimento pelos pecados cometidos, nos leva à gratidão pelo perdão associado à graça, que se expressa justamente pelo nosso louvor. Os versículos 1 a 5 trazem um misto de oração e louvor, reconhecendo que a alegria de Israel reside justamente na misericórdia do Senhor para com o Seu povo.

Não obstante todos os sinais que tinham visto no Egito, os israelitas, às margens do Mar Vermelho, se rebelaram contra o Senhor e disseram a Moisés que só queriam que ele os tivesse deixado em paz, “antes serem escravos dos egípcios do que morrer no deserto”. Mesmo assim os versículos 6 a 12 falam do livramento dado por Deus, fazendo-os passar em seco entre duas paredes de água, que se estima terem pelo menos 100m de altura por alguns quilômetros de extensão. Só aí começaram a louvar a Deus.

No deserto se lembraram dos alimentos que tinham no Egito e começaram a reclamar por não mais tê-los. Deus concedeu o que pediram, mas castigou a sua murmuração (versículos 13 a 15). Se rebelaram contra a liderança de Moisés e Arão (versículos 16 a 18). Adoraram um bezerro de ouro (versículos 19 a 23). Desprezaram a Terra Prometida (versículos 24 a 27). Entregaram-se à imoralidade sexual com as mulheres moabitas em Baal-Peor (versículos 28 a 30). Murmuraram pela falta de água em Meribá (versículos 32 e 33) e fracassaram em Canaã, entregando seus filhos para sacrificá-los aos deuses do povo da terra (versículos 34 a 44).

Tudo isso Davi reconhece e confessa em seu salmo. Ele proclama, contudo, que Deus não agiu com Seu povo segundo mereciam, mas, sim, segundo o Seu grande amor, motivo porque foram perdoados vez após vez.

Assim Ele é digno de todo o louvor. Aleluia!

Salmos 130

Este salmo se encontra entre vários outros que eram cantados pelos israelitas durante a sua caminhada para Jerusalém para a celebração das 3 festas anuais às quais todo o povo comparecia.

Nos dois primeiros versículos pedem que Deus os ouça, mas não para louvor ou adoração e, sim, para a confissão de seus pecados, por saberem que seriam condenados se Ele os tratasse segundo os seus méritos e que era na Sua misericórdia que residia o perdão (versículos 1 a 4).

Era por isso que colocavam nEle a sua esperança, pois só nEle havia e há redenção para Israel (versículos 5 a 8).

Salmos 139

Este é, sem dúvida alguma, um dos salmos mais lindos de Davi!

Os primeiros 6 versículos falam de Sua onisciência. Ele nos conhece, conhece todos os nossos pensamentos, sabe tudo que estamos fazendo, sabe o que vamos dizer antes que o digamos e prevê totalmente nossos passos, tudo isso com um conhecimento maravilhoso que não podemos compreender.

Nos 6 versículos seguintes ele fala de Sua onipresença. Da presença do Espírito de Deus ninguém escapa, onde quer que vamos Ele nos sustenta e, mesmo que as trevas nos cerquem, Ele é nossa luz.

Ao longo dos próximos 4 versículos o salmista particulariza a criação de Deus a si mesmo e bem podemos fazer o mesmo para cada um de nós. Ele estava presente quando fomos gerados. Ele cuidou de cada osso ainda em fase embrionária e já a essa altura tinha previsto a sua atuação a Seu serviço pela Sua onisciência.

Por isso mesmo, os Seus pensamentos e as Suas determinações se tornaram, para o salmista, preciosíssimos, como também o devem ser para cada um de nós, os Seus servos (versículos 15 e 16).

Nos versículos 19 a 22 Davi se diz inimigo dos inimigos de Deus, porque não pode tolerar que o Seu Santo Nome seja difamado. Exatamente por esse mesmo motivo ele pede, nos últimos 2 versículos, que Deus o sonde e que prove o seu coração, para que, havendo nele algo desagrade ao Senhor, que isso seja corrigido e que ele seja dirigido pelo caminho eterno do nosso Deus.

Que seja essa também a oração de cada um de nós!

Semana 95 - As Mensagens de Tiago e de Pedro

Texto: Tiago 1 a 5, I Pedro 1 a 5 e II Pedro 1 a 3

Estação 47

Tiago 1

A carta de Tiago, que acompanha as demais cartas chamadas católicas (universais) do NT, foi a última a ser reconhecida como parte do canon bíblico. Isso se deu na Igreja Oriental no início do quarto século e já ao final deste na Igreja Ocidental. Essa condição foi selada por Jerônimo, que a incluiu como “Escritura” em sua tradução bíblica para o latim, a Vulgata. A epístola foi declarada canônica no Concílio de Hipona em 393d.C.. Não obstante esse fato, o livro voltou a ser questionado na época da Reforma por Lutero, que teve dificuldade de traçar um paralelo entre os ensinamentos de Paulo e os de Tiago. Em defesa da canonicidade do livro, vários autores identificam citações de Tiago em outras literaturas conhecidas, como, por exemplo, nas obras de Clemente de Roma (ainda no primeiro século) e no Pastor de Hermas (início do segundo século).

O NT nos apresenta quatro “Tiagos”, quais sejam: o irmão de Jesus, o discípulo, irmão de João, filho de Zebedeu, Tiago, filho de Alfeu, também discípulo e, finalmente, Tiago, o pai de Judas, também discípulo. Destes 4 apenas o irmão de Jesus e o irmão de João têm alguma relevância nas Escrituras. Tendo em vista o fato do autor de nossa carta se identificar simplesmente como Tiago, é de se supor que seja uma pessoa tão marcadamente conhecida, que não precisasse de maiores apresentações. Como Tiago, o irmão de João foi martirizado no ano 44d.C., data prematura para que alguém escrevesse a “judeus cristãos das 12 tribos no exílio”(*Tiago 1.1*), segue que Tiago, o irmão do Senhor seja o autor mais provável, sendo reconhecido como tal pelo próprio Jerônimo. Houve, contudo, algumas vozes discordantes.

O simples fato da carta ser endereçada no primeiro versículo às doze tribos dispersas, já nos diz que era endereçada a judeus, mas, restando alguma dúvida quanto a isso, **Moo** deixa claro, ao ressaltar várias referências da carta, que o texto foi escrito a pessoas que eram familiarizadas com a lei judaica e com as reuniões da sinagoga (*Tiago 2.2*).

A situação da Igreja no mundo ocupa a preocupação de Tiago, por serem oprimidos, pobres, injustiçados etc..., mas seu principal objetivo com a carta parece ser a forma como ele via o pecado do mundo entrando na Igreja. Isso é, sem dúvida, um assunto extremamente atual para a Igreja de nossos dias. Ele adverte os leitores de sua carta de que a amizade do mundo é inimizada para com Deus (*Tiago 4.4*). Ele deixa claro que a verdadeira religião é exercer amor para com os necessitados e não se deixar corromper pelo mundo (*Tiago 1.27*).

Sabemos que Tiago foi morto no ano 62d.C. por apedrejamento, pelo fato de recusar-se a negar a sua fé em Jesus, o Messias. Assim sendo, a carta foi escrita antes desta data. Por outro lado, o Concílio de Jerusalém, citado em *Atos 15* se deu por volta do ano 49.

Alguns autores entendem que a discussão de Tiago sobre fé e obras (*Tiago 2.14-25*) é inspirada no encontro que teve com Paulo em Jerusalém e que estaria fazendo, não uma crítica à justificação pela fé, mas, sim, uma advertência à má interpretação que algumas pessoas estavam dando a essa doutrina. Seja como for, isso limitaria a data mais cedo ao ano 49.

O local mais provável para a confecção da carta por Tiago sem dúvida era Jerusalém, onde Tiago viveu a maior parte de sua vida. As circunstâncias de degradação moral que ele ressalta foram o resultado da helenização cada vez maior da cidade, pelo que não era necessária qualquer viagem para compor o cenário que ele descreve.

Feita, então, esta pequena introdução, podemos passar aos comentários do texto.

Essa saudação inicial, exclusiva de Tiago em toda a Bíblia, e a forma dele se referir a Jesus como Senhor e Messias (usada também em *Tiago 2.1*) mostram um servo humilde, mas ao mesmo tempo cômico do fato de que sua grande missão está associada ao reconhecimento, em todos os momentos, do senhorio absoluto de Jesus Cristo.

Tiago se refere a seus destinatários como as doze tribos dispersas, que a essa altura não existiam mais como tribos distintas, mas às quais os autores bíblicos ainda se referiam no sentido profético, como em *Ezequiel 47.13*, por exemplo. Aqui a idéia de trazer Israel de volta da diáspora (dispersão) era literal, mas seu emprego no NT (por exemplo em *IPedro 1.1*) parece ter um sentido mais figurado, referindo-se aos cristãos, cuja pátria é outra e não aqui. Já Moo sugere que a aplicação seja literal e que talvez os destinatários da carta fossem ex-paroquianos de Tiago, a quem este escreve uma carta pastoral. Sua saudação é a mais sintética possível: Saudações!

Os versículos 2 a 4 formam um dos textos mais “ilógicos do mundo” se o interpretarmos segundo a lógica do mundo, é claro. Ninguém tem prazer em sofrer e masoquismo é o termo que usamos normalmente para a anomalia correspondente. Obviamente tudo isso é verdade se pensamos como mundanos que querem aceitar apenas as coisas que dão prazer. No reino do espírito, contudo, as coisas funcionam de maneira diferente. Os cristãos destinatários da carta de Tiago, que estavam sendo perseguidos e sofrendo injustiça por serem cristãos, ao invés de se entristecerem por isso, deveriam experimentar sentimentos de grande alegria, pois o Senhor, a Quem serviam, estava dando a eles uma grande oportunidade de crescimento da fé. A mesma idéia é transmitida por dois textos paralelos a este, quais sejam *Romanos 5.3-4* e *IPedro 1.6-7*. A ideia agora fica muito clara: devemos perseverar e a ação completa da perseverança é o amadurecimento do crente. Quantos crentes ficam pelo meio do caminho no serviço do seu Senhor, porque não são suficientemente perseverantes para levar a missão até o final, tornando-se incompetentes para a mesma. Os paralelos de Paulo e Pedro conduzem exatamente às mesmas conclusões, mas Davi já tinha usado, também, a mesma idéia ao dizer que é Deus que nos adentra para a guerra e nos treina para a batalha (*Salmos 144.1*). É Ele que nos torna perfeitos e perfeitamente preparados para o Seu serviço.

É no livro de Provérbios, mais que em qualquer outro da Bíblia, ou mesmo da literatura em geral, que o supremo valor da sabedoria (sophia em grego) é ressaltado. Ela é apresentada, por Salomão, de uma forma personificada (*Provérbios 1.20*), mas isso não chega a surpreender, porque ele nos informa em *Provérbios 2.6*, que ela procede de Deus. Assim sendo, talvez a melhor maneira de defini-la seja dizer que “é a forma de encarar e fazer as coisas como o próprio Deus faria”. Não é à toa, portanto, que “o temor do Senhor, seja o princípio da sabedoria” (*Provérbios 1.7*).

Concluimos, desta forma, que *Tiago 1.5-8* não está simplesmente mencionando um dos atributos que o crente deve ter, mas que será suprido, sem problemas, caso falte, bastando para tanto falar com Deus a respeito. Ele está, isso sim, lidando com o princípio básico da vida cristã, que precede inclusive o crescimento de nossa fé, mencionado nos versículos 2 a 4. É a sabedoria que nos faz amar e honrar a Deus. É ela que faz de nós pessoas disciplinadas (pessoas indisciplinadas são tratadas como tolas em *Provérbios 1.7b*). É a sabedoria que faz de nós filhos obedientes, tanto aos pais terrenos como ao celestial. Resumindo, podemos dizer que é a sabedoria que leva o crente a agir da mesma forma que o Varão Perfeito, pelo que a oferta de Tiago não é uma qualificação eventual a ser aproveitada por alguns crentes, mas, sim, algo que cada um de nós precisa considerar.

Na continuação Tiago passa a falar sobre a forma como Deus dá, quando Lhe pedimos. Vários autores como Moo, por exemplo, acham que Tiago tem em mente aqui o ensino de Jesus registrado em *Mateus 7.7-12*, segundo o qual Deus é um bom pai que dá as boas coisas que seu filho pede. Isso fica claro ao dizer que dá liberalmente. A origem dessa palavra parece indicar que dá com a intenção simples de suprir a nossa necessidade. Infelizmente não é esta a forma como nós damos na maioria das vezes, pois estamos sempre esperando alcançar uma contrapartida, nem que seja só reconhecimento. Deus, contudo, não só nos dá liberalmente como também o faz de boa vontade. Isso significa que o Pai não o faz lembrando o quão desobedientes somos como filhos, nem o quanto nós desperdiçamos os bens que nos dá. Ele simplesmente nos dá uma dádiva de valor inestimável sem nos jogar isso “na cara”.

Tendo falado, no versículo 5, a respeito da forma irrestrita como Deus dá, Tiago passa a falar de uma restrição com relação à forma como devemos pedir. Alguns comentaristas acham que isso não necessariamente está ligado ao que foi dito no versículo anterior, mas a maioria das traduções bíblicas não deixa qualquer margem de dúvida. Mais uma vez Tiago parece repetir ensinamentos de Jesus sobre o não duvidarmos daquilo que estamos pedindo, se é que queremos recebê-lo (*Mateus 21.18-22* - ocasião na qual Jesus amaldiçoou a figueira). Quando pedimos, devemos fazê-lo com fé, sem duvidar.

Já vimos que a fé é o ato de crer contra as circunstâncias ou independente delas. As dúvidas são as brechas que por vezes permitimos à fé. São estas que Deus não aceita. Assim como Ele é imutável é assim que requer que seja a nossa fé, pois ela é dirigida a um Deus imutável. Aquele que duvida, segundo Tiago, é como a superfície instável e irregular do mar, onde as ondas, impulsionadas pelo vento formam ondulações que

nunca se repetem. É com esse tipo de inconstância que Deus se recusa a lidar com nossos pedidos. É à luz de Tiago que o autor de *Hebreus* fica ainda mais claro ao dizer que “sem fé (a fé sem brechas de dúvidas) é impossível agradar a Deus, pois é necessário que aquele que o busca, creia que Ele existe e que é galardoador daqueles que o buscam” - *Hebreus 11.6*).

Tal pessoa, ou seja, aquela que pede sabedoria mas duvida que vai recebê-la, não precisa sequer ficar esperançosa, porque nada vai receber do Senhor, por ter mente instável e dividida em tudo que faz. A palavra traduzida aqui como mente é “alma” e parece ter sido usada em contraposição ao “coração puro” do AT. No AT devemos amar a Deus de “todo coração” (*Deuteronômio 6.5*). Assim sendo, o homem de mente instável é equiparado àquele que serve a Deus e Mamom.

Ao longo dessa linha, Deus vê esse pedido como aquele feito por um idólatra.

Para muitos comentaristas, o texto de Tiago parece uma colcha de retalhos, onde os textos dos grupos de versículos parecem apenas temas avulsos que lhe vêm à cabeça. Assim sendo, estes 3 versículos (9 a 11) não teriam qualquer ligação com os 4 anteriores e nem tampouco com os 7 seguintes, que parecem retomar o tema dos versículos 2 a 4. Tendo em vista, contudo, a sequência totalmente lógica identificada acima do texto de 2 a 4 com o de 5 a 8 e, ainda, o fato de 5 a 8 apontar para o homem de mente instável como aquele que procura servir a Deus e a Mamom, nada mais lógico do que lembrar aos seus destinatários o perigo que as riquezas representam para a vida do crente.

Começamos por identificar que Tiago continua escrevendo a crentes: ao irmão de condição humilde e, por associação, ao (irmão) rico. Com relação ao primeiro, ele se dirige ao caso particular de um irmão pobre, ou de condição humilde que conseguiu galgar uma posição de destaque, ou seja, financeiramente superior.

Este deve orgulhar-se de continuar a gloriar-se na sua condição de servo do Reino no qual milita ao invés de se gloriar do status de sua nova posição, que despertou o interesse do mundo, mas que não deve afetar a sua humildade. Já ao outro irmão, em situação particular inversa, um ex-rico, que agora estaria experimentando uma repentina perda de suas riquezas (o dinheiro é assim, hoje o temos e amanhã não mais) também este deve também se orgulhar por ser servo do Reino, ao invés de lamentar a perda do dinheiro. O contentamento de Jó aqui é um marcante exemplo: “o Senhor o deu, o Senhor o tomou, bendito seja o nome do Senhor” (*Jó 1.21*).

No versículo 11, Tiago parece estar citando *Isaías 40.6b-8*, onde é lembrada a transitoriedade dos valores mundanos em contraposição à sabedoria divina, que dura para sempre.

Nos versículos 12 a 18 Tiago retorna, claramente, para o tema dos versículos 2 a 4, porque o varão que persevera na provação recebe maturidade cristã nessa vida e tem assegurada a coroa da vida na próxima. Jesus, na carta que manda João escrever à Igreja de Esmirna, diz que dar-lhes-á a coroa da vida se forem fiéis até a morte

(*Apocalipse 2.10*). Como o *Apocalipse* provavelmente foi escrito após a morte de Tiago, é pouco provável que ele tivesse essa citação em mente. Seja como for, ele está totalmente ciente de que se trata de uma promessa divina feita àqueles que O amam. Até aqui, contudo, ele nada acrescenta ao que já fora dito nos versículos 2 a 4. Neste ponto, contudo, adentrando o versículo 13, parece ocorrer a Tiago a necessidade de esclarecer exatamente em que consiste uma provação. Tiago deixa claro que, não obstante Deus provar os seus servos, Ele nunca o faz induzindo os Seus servos ao pecado. Há inúmeros exemplos no VT, como Abraão no caso de Isaque (*Gênesis 22.1*) e de Ezequias, no caso dos mensageiros babilônicos (*II Crônicas 32.31*). Deus é santo, não está ao alcance das tentações satânicas (Satanás tentou Jesus homem, mas não Deus) e nem tenta ninguém. Tiago deixa claro, portanto, no verso seguinte, que a nossa atração pelo pecado vem da nossa própria maldade, ou seja, dos desejos impuros que abrigamos em nossos pensamentos. São estes que nos arrastam para o precipício do pecado e nos seduzem. São eles que, uma vez consumados em nossos espíritos, geram morte. Vamos matando cada vez mais a nossa consciência até que nela não reste mais qualquer resquício dos padrões divinos ali implantados ao nascermos. Resumindo, para que não fique qualquer dúvida, o que nós recebemos de Deus é toda boa dádiva e todo dom perfeito. Ele é o Pai das Luzes e nEle não há mudança nem sombra de variação. Foi por decisão dEle que nós fomos gerados pela Palavra da Verdade, para que demos frutos semelhantes ao que deu o Primogênito de toda a criação.

Já foi ressaltada a íntima relação que há entre todas as admoestações que esse primeiro capítulo contém. No versículo 5, acima, Tiago havia dito que, havendo falta de sabedoria, deve ser sanada, pedindo-a a Deus em oração, pois Deus quer que tenhamos a verdadeira sabedoria, aquela que vem do alto. Em inúmeros versículos do livro de *Provérbios*, Salomão resalta a estreita ligação que há entre o tolo, aquele que não é sábio, e o falar demais, bem como o falar em momento indevido. *Provérbios 15.2* traz um bom exemplo: “A língua dos sábios torna atraente o conhecimento, mas a boca dos tolos derrama insensatez”. Outro exemplo é dado em *Provérbios 18.7*: “A conversa do tolo é a sua desgraça, e seus lábios são uma armadilha para a sua alma”. Finalmente, *Provérbios 17.28* mostra o quanto é importante guardar a língua: “Até o insensato passará por sábio, se ficar quieto, e, se contiver a língua, parecerá que tem discernimento”.

Obviamente a ira do tolo e a sua falta de sabedoria no falar também andam de mãos dadas. Assim sendo, Tiago está prestes a encerrar esse primeiro capítulo, mostrando a diferença entre a vida do homem tolo, que fala e se ira, por não agir segundo a vontade de Deus, e o sábio, porque segue a Palavra e permite que ela controle a sua forma de viver.

A forma como Tiago começa esse texto mostra claramente que o tolo, do qual estava falando acima, é um crente que vive ainda segundo os preceitos do mundo. Esse “portanto” poderia ser substituído por “se esse for o seu caso”, então, livre-se de toda a impureza moral, bem como da maldade que continua a existir na sua vida, apesar de

you ter aceito a Jesus, porque you continua a ser uma pessoa soberba e tola, vítima do pecado, por achar, ainda, que quem manda na sua vida  you. Agora, portanto, aceite, humildemente, a palavra que Deus implantou em you quando do seu novo nascimento, e permita que ela possa gerar os frutos do Espírito, que realmente podem salvar you.

Continuando nesta mesma exortação, Tiago diz aos seus leitores o quão mais importante  serem praticantes da Palavra de Deus. Ao invés de simples frequentadores de uma Escola Bíblica, que discutem essa mesma Palavra semanalmente (ouvintes da Palavra). Há uma semelhança muito grande dessa exortação com a que Pedro faz em *IPedro 1.23-2.2*. Fica mais claro em *Pedro*, contudo, que a Palavra em apreço  uma semente incorruptível, que tem por finalidade mudar a gente de dentro para fora. Embora seja muito confortante sabermos que essa Palavra  incorruptível, isso é de nenhum consolo se não permitirmos que ela se desenvolva. Tivemos acesso à Palavra de Deus, mas ela precisa ser obedecida se quisermos que ela produza em nos algum efeito.  tão fácil a gente se distrair com as coisas do mundo e deixar a obediência à Palavra para uma ocasião mais propícia.

Com relação a isso, Tiago nos d um exemplo, dizendo que aquele que ouve a Palavra, mas não a pratica, é semelhante ao homem que olha o seu rosto no espelho e depois esquece sua imagem ao sair dali. J aquele que “**observa atentamente a perfeita lei, que liberta**”, esse será bem-aventurado no seu feito. A bem-aventurança está associada a termos os mandamentos de Jesus tão  mão que nunca permitamos que sua guarda seja quebrada. Isso é o resultado de amarmos a Jesus (*João 14.21*). Essas são Palavras de Jesus, mas Davi disse exatamente a mesma coisa ao declarar que “**escondi a Tua Palavra no meu corao para eu não pecar contra Ti**” (*Salmo 119.11*).  entesourando a Palavra e aprendendo a honrá-la, que o efeito dela em nossas vida se manifesta.

Mais uma vez, nos versículos 26 e 27, Tiago se volta aqui para o domínio da língua. É claro que o domínio próprio não se limita ao domínio da língua, mas o tolo que não domina sua língua já deixou claro que sua religião  hipócrita. Não convence a ninguém a religião de uma pessoa que não vive em conformidade com aquilo que prega.

Alguém pode ser levado a pensar, com base no que Tiago diz a seguir, que ele está definindo o que seja a “verdadeira religião”. Isso seria um erro, contudo, pois seria uma deturpação do que seja causa e consequência. O verdadeiro seguidor de Jesus ama o seu próximo, pelo que se espera dele que cuide dos órfãos e das viúvas. Isso obviamente não implica no fato de que todos os que cuidam de órfãos e viúvas serão salvos, motivo pelo qual ele acrescenta a condição de manter-se incontaminado pelo mundo.

Tiago 2

Aparentemente o pré-julgamento de pessoas não era um problema são da Igreja de Jerusalém, porque Paulo também lida com esse assunto em *Romanos 2.11*, *Efésios 6.9*

e *Colossenses 3.11*. Trata-se de avaliar ou receber pessoas pela sua condição (de status social, cor, grau de instrução etc...). O texto obviamente é para crentes, pois Tiago deixa claro que a fé em Jesus é totalmente incompatível com a acepção de pessoas, tendo em vista a forma indiscriminada como lidou com todos.

O exemplo que Tiago dá nos versículos 2 e 3 parece um pouco exagerado para ser verdadeiro, mas os versículos 6 e 7 não deixam dúvida de que isso é uma situação que vem se repetindo realmente nos cultos da Igreja de Jerusalém. O homem de trajes ricos e anel de ouro é a caricatura de uma pessoa que impressiona por seu aspecto (alguém de posição social elevada), enquanto o outro de trajes sujos tipifica alguém que não chama atenção. A pergunta de Tiago no versículo 4 não tem resposta, mas a anuência que espera de seus leitores é óbvia: os critérios de avaliação e acepção do exemplo são inaceitáveis.

Obviamente Tiago não está dizendo, nos versículos 5 a 7, que Deus escolheu os pobres para a salvação em detrimento dos ricos, porque, nesse caso, estaria dizendo que Deus faz a acepção que condenou no versículo 1. O que está dizendo, isso sim, é que a oferta indiscriminada de Deus é aceita prioritariamente pelos pobres, enquanto os ricos, por idolatram os seus bens, a rejeitam. Desta forma, os pobres tornam-se ricos espiritualmente aos olhos de Deus, enquanto a riqueza dos ricos os empobrece.

O versículo 6 começa, portanto, com a pergunta que retrata a incompreensão de Tiago: se ficou claro que os pobres têm aceitação prioritária do reino ao qual vocês servem, como é possível que é justamente a eles que vocês têm discriminado?

Por acaso não são os ricos, que vocês priorizam, os mesmos que oprimem vocês, arrastam vocês para as cortes de justiça e ainda difamam o nome de Jesus? Vocês trocaram completamente as coisas!

Nos versículos 8 a 13 Tiago passa a falar de uma lei régia ou lei do reino, que não está explicitamente definida no AT, mas que ele reconhece como sendo *Levítico 19.18*. Ali os israelitas são instruídos a amar o próximo como a si mesmos. Fica claro também, contudo, que Tiago conhecia muito bem os ensinamentos de Jesus, e está fazendo aqui a mesma referência que fez Jesus ao dizer, em *Mateus 22.34-40*, que esse versículo continha a essência da Lei. Assim sendo, a lei régia, que vem desde o AT, é chamada aqui também de Lei da Liberdade ou Lei que Liberta.

Ela nos liberta através do amor de Deus, que passa a reluzir nas nossas vidas, onde Deus ama os nossos semelhantes através de nós. Obviamente isso é totalmente incompatível com a acepção de pessoas.

Não obstante termos sido objeto do amor de Deus, que nos liberta, ficamos totalmente sob a condenação do pecado, quando fazemos acepção de pessoas, numa clara demonstração de que pecamos, agindo por interesse, ao invés de amarmos desinteressadamente como Deus nos amou. Tornamo-nos, assim, transgressores da lei, conforme apontado por Tiago.

Na continuidade do texto Tiago rebate o argumento que muitas vezes aplicamos a nós mesmos, quando presumimos que o erro que cometemos é secundário e que Deus certamente conhece as nossas fraquezas e vai relegá-lo.

No versículo 10 ele que lembra que aquele que guarda toda a lei, mas tropeça apenas em um item, por menor que seja, torna-se transgressor da lei e culpado de toda ela.

Essa mesma realidade é exemplificada no versículo 11, dizendo que aquele que não adultera, mas mata, é tão adúltero quanto assassino, ou seja, é apenas um transgressor da Lei como o seria cometendo um delito bem menos grave. Não é à toa que Jesus torna equivalentes os pecados de irar-se e assassinar (*Mateus 5.21-22*). Isso fica ainda mais claro em *IJoão 3.15*, onde João afirma que “quem odeia o seu irmão é assassino”.

O versículo 12 traz uma declaração difícil para o pensamento “salvo sempre salvo”, ao exortar que falemos e ajamos como quem vai ser julgado com base na lei da liberdade. É um pensamento estranho para aqueles que se comprazem em crer que os nossos pecados passados, presentes e futuros foram cravados na cruz, pelo que não nos serão imputados. Vamos entender o raciocínio de Tiago. Em *Tiago 1.21* ele nos exortara a “aceitarmos, humildemente, a palavra implantada em nós, a qual é poderosa para nos salvar”. Já vimos que Deus implanta em nós um espírito novo, ou seja, um novo padrão de conduta, não mais corrompido pelo pecado, dando-nos o poder de vencer a escravidão do pecado. Vivemos agora sob a lei da liberdade para andarmos em novidade de vida. Deus espera de nós que O amemos e obedeçamos. Seremos discípulos de Jesus se fizermos o que Ele nos manda (*João 8.31*). Se O amarmos, guardaremos os Seus mandamentos (*João 14.21*). Sempre que falharmos, todavia, estaremos pecando e perdendo oportunidades a Seu serviço. O perdão mediante arrependimento sempre estará disponível, mas a oportunidade de serviço terá sido desperdiçada. Concluimos, portanto, que o juízo em apreço é de obras e não de salvação, o que parece totalmente compatível com o que diz Paulo em *II Coríntios 5.10*.

Concluindo essa parte, Tiago nos fala de como a misericórdia que temos pelos outros triunfa no juízo ao acumular para nós, também o direito à misericórdia divina. No AT, em *Zacarias 7.9-10*, Deus exorta os israelitas a agirem com misericórdia.

Lembramos que *as misericórdias do Senhor se renovam a cada manhã* (*Lamentações de Jeremias 3.22-23*). Ele espera que nos pareçamos com Ele, pelo que cumpriremos o amor ao próximo sempre que formos misericordiosos, como Ele o é.

O texto que vai do versículo 14 até o final deste capítulo pode parecer ao leitor apressado que Tiago rebate aqui os argumentos de Paulo relativos à salvação pela graça mediante a fé.

Este não é, contudo, o caso. Tiago e Paulo apresentam argumentos combatendo problemas distintos e não conflitantes. Paulo defende a salvação pela graça em contraposição àquela ganha pelas obras como se fossem penitências, ao passo que Tiago combate a fé como simples declaração de crença sem, contudo, produzir qualquer

fruto. Não há dúvida que Paulo e Tiago estariam totalmente de acordo se estivessem discutindo sobre esse assunto. Em outras palavras, o seu oponente hipotético nessa discussão, que argumenta como “advogado do Diabo”, não é Paulo. Outra coisa importante neste versículo, é que a sentença final “Acaso a fé pode salvá-lo?” não se refere, no grego, a uma fé genérica e, sim, àquela descrita anteriormente, que não produz obras. Desta forma, ele não está negando a eficácia da fé e, sim, a da fé morta, que nada produz.

Cabe aqui uma discussão sobre o sentido exato da palavra grega traduzida aqui por salvar. Não raramente, ela é usada para significar “entrada garantida no Reino de Deus”, mas em outras ocasiões tem o sentido de “livrar do pecado”. Aqui os argumentos de Tiago parecem favorecer a segunda tradução, do contrário Tiago estaria em flagrante conflito com o que diz Paulo acerca de um irmão “sem obras”, cuja salvação se dá, como que saindo de um incêndio, sem nada levar (*ICoríntios 3.15*). Resumindo, Tiago não está negando a existência de crentes sem obras no céu, mas estaria dizendo que permanecem totalmente mundanos e derrotados pelo pecado. As causas para tanto certamente estariam associadas à falta de amor ao próximo e da prática da misericórdia. No juízo da avaliação de seus feitos, esse irmão certamente sai perdedor.

Tiago produz aqui um exemplo hipotético onde retrata um crente que é procurado pelos seus irmãos necessitados aos quais ele se dirige “piedosamente”, desejando que Deus supra suas necessidades, mas sem tomar qualquer iniciativa de ajudar, não obstante ter meios para fazê-lo. Desta forma ele não ajudou em nada aos irmãos e, ele mesmo, que poderia ter exercitado misericórdia, perde uma boa oportunidade de fazê-lo. Retratando uma situação similar, João pergunta “como estará nele o amor de Deus?” (*IJoão 3.18*). Falando sobre o culto na forma de jejum, Isaías diz que o verdadeiro jejum (ou o verdadeiro culto racional a Deus) é “partilhar sua comida com o faminto, abrigar o pobre desamparado, vestir o nu, que você encontrou, e não recusar ajuda ao próximo” (*Isaías 58.7*). Na continuidade desse versículo, os dois seguintes contêm uma linda promessa, segundo a qual “aí sim, a sua luz irromperá como a alvorada, e prontamente surgirá a sua cura; a sua retidão irá adiante de você, e a glória do Senhor estará na sua retaguarda. Aí sim, você clamará ao Senhor, e Ele responderá; você gritará por socorro, e ele dirá: aqui estou”.

A conclusão de Tiago para a fé de tal pessoa no versículo 17 é de que se trata de uma fé morta. Em termos práticos, tanto esse crente pode nunca ter nascido, ou seja, não ser um crente, como pode ser um crente que continua a dar lugar ao pecado em sua vida, pelo que vive como se crente não fosse.

No versículo 18 parece haver uma dificuldade de interpretar, exatamente, quais as palavras que são pronunciadas pelo opositor hipotético e onde Tiago começa a contra-argumentar, pois a pergunta feita parece ser o contrário da esperada. Tiago vinha criticando alguém que diz ter fé, sem mostrar as obras. A sequência lógica exigiria que o argumento fosse “você tem obras, eu tenho fé” e a resposta de Tiago viria na continuidade. Para remediar isso, alguns comentaristas acham que isso não é um

“advogado do Diabo” e, sim, alguém que concorda com o ponto levantado por Tiago. Aí a frase faz sentido, porém fica sem sentido dizer “mas alguém dirá” se essa pessoa concorda com o que foi dito. Outra alternativa é imaginar que a pontuação da NVI está errada e que o interlocutor se limitou a perguntar se Tiago tinha fé (“você tem fé?”). Tiago, então, responderia que ele tem obras, mas que pode mostrar sua fé através delas enquanto seu opositor não consegue provar a fé que diz ter.

Há outras interpretações para as dificuldades da falta de pontuação do grego, mas dentro da sequência lógica do texto, não há qualquer dúvida do ponto que Tiago está querendo demonstrar: fé sem obras não existe e é necessário que produza obras para se provar.

Com este exemplo, Tiago começa mostra em que implica o fato de alguém ter uma fé que não passa de conhecimento intelectual ou uma confissão de fé por meio de uma sentença pré-estabelecida. Crer que Deus existe e que é Único é algo comum tanto ao Judaísmo como ao Cristianismo (aliás, ao Islã também), mas que é comum, igualmente, aos demônios. Isso não chega, contudo, a representar qualquer vantagem, pois eles, os demônios, creem e morrem de medo.

Repetir o Shemá de *Deuteronômio 6.4* não servia de nada se o israelita do AT não guardasse a lei. Assim também o crente do NT não se torna um cristão por abrir a boca e confessar Jesus como Senhor, embora muitos assim o creiam, mas por dar as costas ao pecado e resolver andar em novidade de vida. Essa é a sinceridade que Deus reconhece e que Paulo expressa em *Romanos 10.9-10*: “se com a sua boca, você confessar Jesus como Senhor (cujos mandamentos você vai passar a observar) e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos (pelo que Ele tenha pago completamente os pecados que você cometeu e agora está abandonando), então você será salvo”.

No versículo 20 Tiago se prepara para apresentar dois exemplos, com os quais quer mostrar que a fé que simplesmente faz declarações a respeito de Deus, sem conhecê-lo e representar algum tipo de compromisso é vã, inoperante, vazia, morta etc... Ele faz isso tomando dois exemplos do AT para mostrar que sempre foi assim, mesmo na antiga aliança.

A “justificação pelas obras” em contraposição à “justificação pela fé”, amplamente pregada por Paulo (por exemplo em *Romanos 4.5* e *Efésios 2.8-9*), é um dos pontos mais difíceis deste texto. Para que possamos continuar a dizer que não há divergência entre o que diz Paulo e aquilo que escreve Tiago, é necessário esclarecer que “justificação” não tem o mesmo significado para os dois. Wesley é o teólogo que talvez tenha dito isso com maior clareza. Ele chama isso de justificação inicial e justificação final. A primeira é aquela que corresponde ao sermos transportados do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*). Essa foi a justificação que foi atribuída a Jesus no momento de Sua ressurreição (*Romanos 4.25*) e que chegou até nós por ter sido Ele o Primogênito dentre muitos irmãos, que somos nós. A justificação final, em termos apocalípticos, seria aquela obtida no dia em que todos os crentes serão julgados

por suas obras. Elas revelam, tal como a predisposição de Abraão de sacrificar Isaque, a nossa total vontade de obedecer e servir ao nosso Senhor. Sob este aspecto, a fé de Abraão foi confirmada por sua obediência, que trouxe a ele a garantia da justificação final. A palavra justificação foi usada, também, por Jesus no mesmo sentido em *Mateus 12.37*, onde Ele advertia seus ouvintes sobre a condenação ou absolvição em função das palavras que tiverem pronunciado. As boas palavras seriam aquelas pronunciadas em obediência à aliança, enquanto as más seriam aquelas que a feriam. O perdão de pecados na antiga aliança, contudo, era obtida pelo sacrifício dos animais, que apontavam para o verdadeiro Cordeiro.

A continuidade do texto nos mostra, claramente, quando Tiago se dirige novamente a seu interlocutor hipotético, que ele não fala só de obras, mas de obras que tornam a fé operante. Elas atuam “juntas”, levando ao aperfeiçoamento da fé. Ora, parece até que estamos de volta ao início do primeiro capítulo, onde as nossas “obras”, que nos dão a vitória na provação, devem ser entendidas como motivo de grande alegria por nos levarem à maturidade. A fé de Abraão, demonstrada através de sua obediência, fez com que ele amadurecesse. Tendo apresentado o seu argumento, ele agora diz que “**cumpriu-se assim a Escritura**” de *Gênesis 15.6*, pronunciada pelo menos 25 anos antes do evento do sacrifício de Isaque. Esse é o texto que narra um encontro de Deus com Abraão depois dele ter resgatado Ló e dado o dízimo a Melquisedeque. Nesta ocasião ele questionou Deus sobre o fato de não ter herdeiro e Deus lhe prometeu um de suas próprias entranhas. A Bíblia diz que ele creu e que isso lhe foi imputado como justiça. Ora, Paulo ressalta que Deus justificou a Abraão porque ele creu e não porque acumulara mérito (*Romanos 4.1-7*). Mesmo assim, Tiago agora diz que essa fé germinou e produziu obras, que atestam a veracidade da mesma. Ele ainda continua dizendo que, em consequência disso, Abraão se tornou “**amigo de Deus**”. A primeira vez que Abraão é citado como amigo de Deus é numa oração de Josafá em *II Crônicas 20.7* e a primeira vez que Deus o cita é através do profeta Isaías em *Isaías 41.8*. Assim, no versículo 24, Tiago conclui que o homem é justificado não apenas pela fé que se expressa através de uma confissão, mas por aquela que se confirma através de obras de obediência.

No exemplo do versículo 25, Tiago sequer entra em detalhes sobre Raabe, pressupondo que todos conheçam a história da prostituta que, não obstante o seu passado negativo, foi justificada por Deus, devido à sua fé, expressa ao dizer que “**o Senhor, o seu Deus, é Deus em cima nos céus e embaixo na terra**”, mas que foi igualmente confirmada por suas obras de obediência. Deus a exaltou de tal maneira, que a incluiu na ascendência do Messias.

Tiago termina o esse capítulo reforçando o seu argumento de que fé sem obras não existe, tanto quanto não existe vida sem a presença do espírito no homem.

Tiago 3

Este capítulo fala a respeito de problemas associados à falta de controle da língua, mas é importante notar que esse assunto, conquanto ocupe a maior parte do texto, não é o assunto de abertura. Tiago começa o capítulo advertindo a respeito de pessoas que querem ensinar as verdades do reino, sem atentar para o fato de que elas mesmas devem apresentar um comportamento cristão condizente com a sua mensagem, pois é isso que Deus exige delas. Não é possível ensinar as verdades da vida cristã sem vivê-las. O primeiro versículo termina com uma informação de que as pessoas que ensinam serão julgadas por Deus com maior rigor. O rigor em apreço diz respeito ao fato de podermos ser culpados de fazer com que outras pessoas se percam graças à nossa hipocrisia.

Tendo feito essa advertência, Tiago, então, passa a falar sobre o quanto é fácil pecar ao abrimos a boca. Ele reconhece que todos pecamos, das mais diversas maneiras, mas que as pessoas que dominam a língua, são capazes, igualmente, de dominar todo o seu corpo (versículo 2). Na realidade, diz ele, os cavalos nos mostram isso claramente. Colocamos um arreio na boca do cavalo e com eles controlamos todo o seu corpo. De igual modo controlamos os navios, açoitados pelo vento, com um pequeno leme, através do qual o piloto os dirige (versículos 3 e 4).

Nos versículos 5 a 8 ele fala sobre o quão nociva a língua pode se tornar. Apesar de ser um órgão pequeno, parece que está sempre contando vantagem e funciona como um fogo capaz de incendiar uma grande floresta. Os maiores animais são todos passíveis de serem domados, mas a língua, infelizmente, não.

Já nos versículos 9 a 12, Tiago ressalta a sua total incoerência, porque da mesma forma como usamos a língua para louvar a Deus, também a empregamos para ofender nossos semelhantes, criados à Sua semelhança. Se por um lado água doce e salgada não podem sair da mesma fonte e a mesma árvore é incapaz de dar frutos diferentes, então, não tem sentido que das nossas bocas saiam bênçãos e maldições.

Finalmente, Tiago usa o resto deste capítulo para falar da verdadeira sabedoria, qual seja aquela que provém de Deus. A forma de reconhecê-la é através das obras que ela produz nas nossas vidas. Se ela for pura, produzindo paz, amor, misericórdia, bons frutos, imparcialidade e sinceridade, então, é espiritual e procede dos céus. Caso seus frutos sejam inveja, amargura, egoísmo, confusão e toda espécie de males, então, é demoníaca e procede do inferno.

Tiago 4

Quando lemos na Bíblia a respeito da intimidade que tiveram com Ele alguns dos servos do Senhor, invariavelmente somos levados a pensar o quão bom seria se também nós tivéssemos essa mesma intimidade. É claro que todos podemos tê-la, desde que compartilhemos com Ele os mesmos interesses.

Já os interesses descritos por Tiago no início deste capítulo nos mostram, claramente, porque alguns de nós nunca chegamos a ter a intimidade desejada. Tiago fala de paixões mundanas que guerreiam dentro de nós e que são expressas externamente pela forma como criam disputas nossas com os nossos irmãos.

Se cobiçamos as coisas que só servem para nos afastar de Deus, é claro que Ele não vai permitir que as tenhamos. A gente ora pedindo coisas que vão nos prejudicar, em detrimento daquelas que precisamos e deixamos de pedir. Deixamos, então, de receber tanto aquelas como estas, porque o nosso interesse pelo mundo produz inimizade com Deus. Tiago deixa bem claro aqui que os amigos do mundo se tornam automaticamente inimigos de Deus.

O versículo 5 tem uma citação curiosa, porque não consta que tenha sido encontrado um texto bíblico que diga que o Espírito Santo de Deus em nós sente forte ciúmes quando nossa atenção se volta para o mundo. Por outro lado, a citação do versículo 6, qual seja, que "**Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes**", vem claramente de *Provérbios 3.34*.

No contexto, que se estende do versículo 5 ao 10, Tiago continua a falar sobre crentes mundanos, que têm as mãos sujas de pecado, que são soberbos e cuja mente está dividida. Estes devem purificar os seus corações, se arrepender de seus pecados, trocar o seu riso por lamento e sua alegria pela tristeza que advém de reconhecerem o seu comportamento mundano. Eles devem se humilhar diante de Deus.

Nos versículos 11 e 12, Tiago, que vem criticando os crentes mundanos desde o primeiro versículo deste capítulo, mais uma vez se dirige a eles para pedir que não falem mal de seus irmãos. Ele já tinha dito acima, que as brigas entre eles vêm do mundanismo em seus corações, mas aqui Tiago diz que eles passam a se comportar como se fossem juízes, sem que tenham sido comissionados para tanto.

Embora Tiago não o diga, parece continuar a se dirigir a esses mesmos irmãos mundanos ao discorrer, nos cinco versículos finais deste capítulo, a respeito da forma como eles vivem totalmente independentes de Deus, fazendo planos como se suas vidas não fossem dependentes de Sua vontade.

Como, na realidade, eles não conhecem o que lhes acontecerá no dia de amanhã, seu discurso deveria, no mínimo, começar com “se o Senhor quiser” faremos isso ou aquilo.

Tiago 5

Tiago já havia falado a respeito da forma como devem se comportar os crentes ricos que porventura percam os seus bens (*Tiago 1.10-11*). Aqui, contudo, os versículos 1 a 6 parecem ser dirigidos aos ricos em geral, que colocam a sua prioridade em seus bens e que chegam a matar para crescerem. Ele, portanto, os adverte para que percebam a

desgraça que lhes sobrevirá. Eles serão julgados pela própria riqueza que não conseguem levar para o túmulo, mas que mesmo assim testificará contra eles.

Deixaram de pagar àqueles a quem deviam, com a finalidade de viverem luxuosamente sobre a Terra, mas aquilo que acumularam e pelo qual até mataram, de nada lhes valerá no futuro.

Tendo deixado claro, para os irmãos da Igreja, o real destino daqueles que os oprimem e vivem aqui nababescamente, Tiago passa a recomendar a eles que sejam pacientes e confiantes no Senhor, dando como exemplo a dependência que os agricultores têm da chuva no momento propício. Essa confiança deve ser alicerçada, também, no fato de que a vinda do Senhor está próxima.

É claro que já se passaram, neste meio tempo, mais de dois milênios e o Senhor, cuja vinda estava às portas, ainda não veio, mas a recomendação, tanto para eles como para nós hoje, é que também sejamos pacientes e que não se esmoreçam os nossos corações. Além disso, não devemos nos queixar uns dos outros, porque isso daria margem para que nós mesmos possamos ser julgados.

Nos versículos 10 e 11, Tiago cita como exemplos de pessoas pacientes os profetas do AT, que falavam em nome do Senhor, recebendo em troca apenas perseguição e, fora do âmbito de Israel, o perseverante Jó, que foi acusado de corrupto pelos próprios amigos, mas que preferiu esperar no Senhor, que o recompensou regamente.

Tiago, no versículo 12, não está condenando as juras, porque o próprio Deus fez juramentos conforme podemos observar em *Hebreus 6.17*. O juramento é algo que fazemos em nome de alguém com mais credibilidade que nós, para que a nossa palavra tenha mais peso. O que Tiago está dizendo, isso sim, é que a nossa palavra deve ser tão confiável, que todo e qualquer coisa que digamos seja digna de credibilidade.

Nos versículos 13 a 16 Tiago está dizendo aos irmãos da Igreja como devem ser encarados os problemas do dia a dia. O nosso sofrimento deve ser motivo de nossas orações, a nossa alegria deve suscitar louvor, para as nossas doenças devemos buscar cura com orações e com a unção de óleo dos irmãos mais experimentados e os nossos pecados serão perdoados mediante a confissão dos mesmos, tanto ao Senhor como às pessoas que ofendemos pecando contra elas.

É lindo sabermos que **a oração de um justo é poderosa e eficaz** (ou **pode muito em seus efeitos** – como decorei há muitos anos). Houve uma época em que eu atribuía à minha falta de justiça, o fato de minhas orações não serem respondidas. Isso, contudo, era um pensamento embasado na minha falta de conhecimento bíblico. A minha justiça vem do Senhor, pelo que nunca vou ser mais justo, do que a justiça dEle que me foi atribuída. Na realidade o próprio Tiago já tinha dito acima que **“pedimos e não recebemos porque pedimos mal”** (*Tiago 4.3*). Sempre que eu pedir, segundo a vontade do Senhor, a minha oração será, sim, poderosa e eficaz.

Como exemplo disso, ele nos lembra o feito de Elias, ao orar, com sucesso, para que não chovesse e, novamente, para que as chuvas fossem derramadas, com estas vindo abundantemente.

Encerrando a sua carta, Tiago nos fala de nosso papel de pregadores do Evangelho, tanto dentro como fora da igreja. Converter alguém do seu mau caminho, tanto se aplica a um irmão em pecado, como a qualquer não crente. O nosso papel é sempre amá-lo e trazer para ele uma palavra do Senhor que o leve ao arrependimento.

Semana 96 - As Mensagens de Pedro

Texto: I Pedro 1 a 5 e II Pedro 1 a 3

Estação 47

IPedro 1

Esta carta começa identificando claramente o autor, Pedro, ao dizer que ele é um apóstolo de Jesus Cristo. Embora não faltem aqueles que encontram, no bom grego desta carta, motivo suficiente para dizer que se trata de alguém se fazendo passar por ele, a verdade é que os pais da Igreja não pensavam assim. Além disso, reconhece-se o fato de que Silvano, a pessoa que redigiu a carta, ter sido um natural da língua grega, o que justifica plenamente o bom grego “de Pedro”.

Sua carta é escrita aos “**eleitos de Deus, peregrinos dispersos no Ponto, na Galácia, na Capadócia, na província da Ásia e na Bitínia**”, regiões que hoje estão todas contidas na Turquia (ver figura 96-1).



Figura 96-1 - Localização das igrejas destinatárias da carta de I Pedro

Na mesma figura está indicada a 2ª viagem missionária de Paulo, que esteve mais a norte nesta região, mostrando que destas províncias citadas por Pedro ele só não estivera no Ponto e na Bitínia.

Admite-se que Paulo tenha sido morto no ano 62d.C. e que Pedro, que também estava em Roma, tivesse, também, bons motivos para se preocupar com as igrejas fundadas por ele. Assim, essa carta, provavelmente escrita no ano 64d.C., ao início das perseguições religiosas empreendidas por Nero, eram destinadas tanto aos judeus convertidos, que se “dispersaram” por essa região, como aos convertidos gentios, das igrejas fundadas por Paulo e seus auxiliares.

O versículo 2 continua falando desses eleitos, dizendo que foram escolhidos pela pré-ciência de Deus Pai, lembrando o que foi dito por Paulo em *Romanos 8.29*, ou seja, que Ele predestinou aqueles que de antemão conheceu, para serem santos como é o Seu Filho Jesus, O qual foi o primogênito deles, ou seja o primeiro a nascer de novo pela obra santificadora do Espírito Santo.

Os comentaristas, como Champlin, por exemplo (/49/, vol 6, pág. 89) ressaltam o quanto Pedro cita Paulo em seu texto. Isso é perfeitamente lógico, já que os dois estão sendo dirigidos pelo mesmo Espírito.

Nada melhor, portanto, do que fazermos coro com Pedro bendizendo a Deus, o Pai de nosso Senhor, por nos ter regenerado para uma esperança viva, que começou com o primogênito, Jesus, e foi estendida a nós, que fomos feitos co-herdeiros de uma vida imaculável, guardada para nós nos céus e que nos foi oferecida gratuitamente desde que a aceitemos pela fé.

O versículo 6 deixa claro que “nisto”, ou seja, nessa maravilhosa salvação provida por Deus e mencionada acima, os seus destinatários estariam se alegrando, embora eles, por pouco tempo, sejam entristecidos pelas perseguições que iriam sofrer, em função da perseguição aos cristãos, que estava começando a ser produzida por ordem de Nero.

Obviamente a intenção de quem persegue (Nero, no caso) é fazer com que os perseguidos abduquem de sua fé. Pedro, por sua vez, nos diz que o seu efeito é exatamente o contrário, porque ela prova que a fé, que têm os crentes em Jesus, é muito mais valiosa do que o ouro, mesmo depois de refinado pelo fogo, pois a fé genuína resultará em louvor, glória e honra, na segunda vinda de Jesus (versículo 7).

Tudo no relacionamento com Deus parece ser diferente. Pedro lembra aos seus destinatários que eles, mesmo nunca tendo visto Jesus e mesmo sem poder vê-lo ainda, criam nEle e exultavam com uma alegria maravilhosa, devido à certeza de salvação que sua fé lhes proporcionava (versículos 8 e 9).

Os versículos 10 a 12 trazem uma visão de como interagem os ensinamentos do Antigo e do Novo Testamentos. Pedro começa falando da revelação de Deus aos profetas do AT que falavam da graça a ser derramada pelo Messias, mas que não a entendiam ou conheciam perfeitamente, embora se esforçassem por compreendê-la. O Espírito de Cristo ou o Espírito Santo derramado sobre eles, trazia informações que procuravam datar e contextualizar, relativos aos sofrimentos a que Ele seria submetido e a glória que se seguiria aos mesmos. Como suas mensagens não eram para aqueles dias, ficou claro

para eles que elas só seriam totalmente compreendidas por servos do futuro, que Pedro diz serem os seus destinatários, por finalmente entenderem o Evangelho do Espírito Santo, que lhes foi preparado e para o qual os próprios anjos estão muito atentos.

Em função disso, Pedro alerta os seus leitores para que estejam prontos a agir de modo a priorizar as coisas do Reino. Toda a sua esperança tinha que estar na graça a ser derramada quando da volta de Cristo. Até lá eles tinham que ser obedientes à voz do Espírito, deixando para trás os desejos da carne que outrora norteavam suas vidas. Era importantíssimo viverem vidas santas, porque Aquele que os tinha convocado é santo e quer que todos os Seus filhos também o sejam (versículos 13 a 16).

O fato de seus leitores agora chamarem de Pai esse Deus santo, que os avalia segundo a Sua própria santidade, deve gerar em Seus filhos um grande temor que norteie toda a sua jornada terrena (versículo 17).

Pedro ressalta a necessidade de terem em mente o alto valor pelo qual foram comprados e que permitiu que fossem adotados como filhos de Deus. Não foi com prata e ouro, que têm valor passageiro, mas com o precioso sangue de um cordeiro conhecido de Deus antes da fundação do mundo, mas que veio ao mundo nestes últimos tempos, justamente em favor deles. Assim sendo, é por meio dEle, Jesus, a Quem o Pai ressuscitou dentre os mortos, que fundamentamos a nossa fé e a nossa esperança em Deus (versículos 18 a 21).

No versículo 22 Pedro ressalta que aqueles que tiveram sua vida purificada, pela obediência à verdade, devem amar sinceramente e de todo coração todos aqueles que passaram pelo mesmo processo. Afinal de contas somos irmãos, filhos do Pai celeste.

O versículo 23 nos dá uma informação muito interessante. Pedro diz que fomos regenerados por uma semente imperecível, por meio da Palavra de Deus. A morte espiritual significa a contaminação do nosso espírito pelo pecado. Já o nosso novo nascimento reside no fato de ganharmos um espírito novo (*Ezequiel 36.26*). A informação dada por Pedro nos permite concluir que este novo espírito não é mais contaminável, visto ser imperecível. Isso nos assegura que nossa salvação não pode ser perdida. A única ressalva nesse caso é a faculdade de termos de abrir mão dela, conforme previsto em *Hebreus 6.4-6*.

Ora, tudo que diz respeito à nossa humanidade é perecível, juntamente com toda a sua glória, mas como fomos regenerados por meio da Palavra, que permanece para sempre, segue que também nós somos imperecíveis, permanecendo igualmente para sempre.

IPedro 2

No capítulo anterior Pedro falou muito a respeito da salvação que tinham alcançado em Jesus os leitores desta carta. Nos últimos versículos ele falou a respeito do amor que

deveriam nutrir pelos seus irmãos e agora, no primeiros 10 versículos desse capítulo continua falando a respeito do processo de santificação que segue à conversão.

Ele começa recomendando que se livrem da maldade, do engano, da hipocrisia, da inveja e de todo tipo de maledicência, que antes dominava as suas vidas. Ao invés disso, agora que provaram a bondade do Senhor, a sua atenção, como recém-nascidos, deveria se voltar, de todo coração, ao leite puro que lhes permitiria crescer espiritualmente (versículos 1 a 3).

Os versículos 4 a 10 enfatizam o novo sentido que suas vidas tomaram ao se tornaram **geração eleita, sacerdócio real, nação santa e povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas dAquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz**. É verdade que seriam pedras vivas, rejeitadas pelo homens, mas preciosos para Deus. Eles seriam usados para a edificação da casa de Deus, cuja Pedra Angular, Jesus, foi posta em Sião e que é pedra de tropeço para quem a rejeita, mas escolhida e maravilhosa para quem nEle confia.

Tanto os leitores de Pedro como nós também, que nem povo éramos e que nenhuma misericórdia conhecíamos, agora nos tornamos povo de Deus, objeto de Sua misericórdia maravilhosa.

No versículo 11 Pedro volta a fazer uma exortação no sentido de produzir santidade de vida. Seus leitores, pessoas amadas dele, mas que eram tratados com restrições de cidadania no mundo, deveriam se abster dos desejos da carne por serem contrários aos ensejos do Espírito, produzindo contra Ele uma verdadeira guerra. Aparentemente se trata de uma citação de *Gálatas 5.16-17*, onde Paulo diz exatamente a mesma coisa.

A ideia de viver entre os pagãos de maneira exemplar é completamente diferente do que pensam muitos crentes, que optam por viver segregados das pessoas do mundo. Para que, mesmo os nossos inimigos, observem o nosso procedimento e reconheçam que Deus está por trás dele, é necessário que os tratemos com interesse pelo seu bem-estar. Isso é muito mais do que simples cordialidade. Nosso comportamento deve testificar do Jesus que dizemos habitar em nós. Deve produzir o interesse das pessoas a ponto de quererem algo similar para si mesmas (versículo 12).

Em qualquer situação, quer tenhamos um governo que nos seja favorável, quer não, por causa do Senhor, ou seja, por respeito às instruções que recebemos dEle (veja, por exemplo, *Romanos 13.1-2*), os leitores de Pedro, e nós hoje de igual forma, devemos nos sujeitar a toda autoridade constituída, porque são por Ele instituídas. Embora o texto diga que essas autoridades são por Ele enviados para punir os que praticam o mal e honrar os que praticam o bem, sabemos que não raramente procedem de forma oposta a isso. Mesmo assim, contudo, devemos nos sujeitar a elas simplesmente por respeito ao Senhor (versículos 13 e 14).

O versículo 15 parece retornar ao ensino do versículo 12, mas o mais provável é que Pedro esteja dizendo que o respeito às autoridades, principalmente quando nos são contrárias, corresponde a um comportamento que faz calar a ignorância dos insensatos.

As pessoas livres, às quais Pedro se refere no versículo 16, são os crentes que não pecam por não mais serem escravos do pecado (*João 8.34-36*). Isso inclui os leitores de Pedro e também a nós cristãos do século 21. Não devemos usar a nossa liberdade para fazer o mal. Paulo deixa isso mais claro em *Gálatas 5.13-14*. Ali ele nos exorta dizendo: "Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade. Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam uns aos outros mediante o amor. Toda a Lei se resume num só mandamento: "Ame o seu próximo como a si mesmo".

Pedro encerra o assunto dizendo que isso corresponde a viver como servo de Deus, tratando a todos com o devido respeito, amando os irmãos, temendo a Deus e honrando o rei.

Embora os versículos 18 a 20 tragam uma recomendação para os escravos, a palavra grega utilizada não é "doulou", que já se tornou bastante conhecida da maioria de nós e sim "oiketai", que são os trabalhadores "oikos" que é uma comunidade doméstica. As relações de trabalho da época eram bem mais rígidas que as de hoje e o patrão tinha um status social bem diferente da que tinham seus servos, que eram socialmente desqualificados. Por esse motivo era até estranho que Pedro fizesse menção deles em sua carta. Devemos lembrar, contudo, que na comunidade cristã (como novas criaturas em Cristo) patrão e empregado passavam a ter o mesmo status de "irmãos". Isso era uma situação estranha para os de fora, pelo que não apenas Pedro, mas Paulo também os menciona em *Efésios 6.5-8*, *Colossenses 3.22-25* e *Gálatas 3.28*.

Pedro está dizendo, portanto, que os empregados devem se sujeitar (mesmo verbo usado para as autoridades) aos empregadores, independente do fato de serem bons ou maus. Isso porque o fazemos por temor ao Senhor. Esse é o motivo pelo qual Pedro diz que é louvável sofrermos injustamente. É claro que havendo oportunidade de termos um emprego melhor com um empregador justo, devemos considerá-lo e, se Deus assim nos orientar, mudar de emprego, mas enquanto estivermos a serviço de determinado empregador, devemos respeitá-lo.

Ele completa essa ideia no versículo 20, dizendo que não há qualquer vantagem em sermos castigados por termos feito algo errado. O louvável, no caso, é suportar um castigo, não merecido, por temor ao Senhor.

Obviamente poderíamos pensar nesse trecho como o exemplo correto da maneira como o crente deve sofrer, mas o que Pedro nos apresenta, nos versículos 21 a 25, é muito mais do que um exemplo para os injustiçados da época. Seu exemplo vale para todos os crentes de todos os lugares e de todas as épocas.

Todos os crentes fomos chamados para seguir o exemplo de Jesus. É claro querer que se reproduza em nossas vidas o sacrifício vicário de Jesus, pois só Ele tinha "moeda de

troca”, ou seja, só Ele viveu uma vida sem pecados. Os únicos pecados que nos são dados pagar são os nossos próprios, pelos quais podemos ser separados eternamente de Deus no inferno, caso optemos por rejeitar o sacrifício de Cristo.

Por outro lado, somos chamados para uma vida na qual renunciamos à nossa própria vontade e aceitamos o plano de Deus para as nossas vidas, mesmo sabendo, com base na vida de Jesus, que neste mundo teremos aflições. Esse é o exemplo de Jesus que somos conclamados a seguir: não do Cristo vencedor, não do Cristo Rei, não do Cristo guerreiro, mas do sevo sofredor descrito em *Isaías 53* e que Pedro passa a descrever a partir do versículo 22: não devemos cometer pecado algum e não deve haver engano em nossa boca, porque Ele não cometeu pecado algum (*Hebreus 4.15*), nem houve engano em Sua boca (*Isaías 53.9*).

Quando insultados, não devemos revidar (*Romanos 12.17-18*), porque era assim que Jesus agia. Quando sofrermos não devemos responder com ameaças; antes deixemos a justiça por conta de Deus (*Romanos 12.19-21*).

O versículo 24 resume a obra redentora de Jesus nos termos expressos em *Isaías 53.4*, onde **Ele verdadeiramente toma sobre Si as nossas “enfermidades”** (tanto doenças - *Mateus 8.17* - como pecados - *IPedro 3.18*) e em *Isaías 53.11-12*, onde o fato dEle conhecer o pecado nos fez participantes de Sua justiça (que Paulo também reproduz em *II Coríntios 5.20*). A referência tanto de Pedro (tomando os pecados em Seu corpo) como de Isaías (tomando-os sobre Si) são esclarecidos por Paulo, que nos informa em *ITimóteo 2.5*, que é a Sua natureza humana (corpo, alma e espírito) que os paga. Pedro confirma isso em *IPedro 4.1* ao associar o termo corpo à sua natureza humana.

Finalmente, no versículo 25, Pedro volta a citar *Isaías 53.6* ao dizer que todos andávamos como ovelhas desgarradas, mas que agora encontramos refúgio em Jesus, que é o nosso bom Pastor.

IPedro 3

Pedro está falando de relacionamentos desde o versículo 11 do capítulo anterior. Primeiro falou sobre como devem viver os crentes no mundo secular, depois sobre como devem proceder no trabalho do dia a dia e agora os versículos 1 a 7 deste capítulo tratam do relacionamento familiar em que, possivelmente, apenas um dos cônjuges é convertido. Nos primeiros 6, a mulher convertida é aconselhada a sujeitar-se ao seu marido para que este possa ser ganho para Cristo pelo testemunho dela, caso não seja crente.

Cabe ressaltar que a sociedade da época obrigava que as mulheres seguissem a religião do seu marido, além de terem que obedecê-lo. Fica claro, portanto, que o conselho de Pedro não é simplesmente no sentido de que seguissem a tradição, mas que o fizessem da mesma maneira como se submetiam a Cristo, ou seja, com amor e obediência para agradá-IO.

Pedro sugere que a beleza delas resida em seu comportamento, através de um espírito dócil e tranquilo, ao invés de sua aparência. Embora o texto seja dirigido às mulheres, os homens têm aqui uma fantástica oportunidade de aprendizado, no tocante aos critérios para a escolha de uma futura companheira de vida. A beleza exterior é ressaltada através de 3 cosméticos: os penteados, as jóias preciosas e as roupas finas. Pedro não condena o uso destes, mas não há dúvida de que a interior, associada ao espírito dócil e tranquilo é muito superior. Neste sentido ele argumenta que as mulheres do passado davam esse exemplo, citando para tanto Sara, mulher de Abraão, nominalmente.

Já para os homens, Pedro escreveu apenas um versículo, onde recomenda que os maridos sejam sábios. Obviamente ele se refere à sabedoria divina, que resultará no trato com honra das mulheres. Essa honra implica no uso de dignidade, tratando a mulher como uma preciosidade, o que parece se alinhar bem com o conceito que Salomão apresenta da mulher virtuosa (*Provérbios 31.10-31*). Ao lembrar que “elas” são co-herdeiras do dom da graça da vida, Pedro automaticamente reconhece que homens e mulheres são iguais em Cristo (ver *Romanos 8.17*). É interessante que Deus prestigie as mulheres deixando de ouvir as orações que nós homens fazemos, quando deixamos de seguir esta sua recomendação.

Embora os versículos 8 a 12 pareçam um fechamento das recomendações iniciadas no capítulo anterior, Pedro não deixa de nos dar uma nova perspectiva, qual seja, uma espécie de promessa de que agradando a Deus e fazendo o que Ele espera de nós, teremos, ao mesmo tempo, a recompensa da felicidade em nosso dia a dia. Enquanto muitas se recusam a aceitar o Evangelho por medo do “encargo” que acham que este acrescenta e por receio de serem impedidas de praticar as coisas que as fazem felizes, perdem, na verdade, a possibilidade de serem felizes ao assim procederem. Trata-se de um texto que encontra paralelo em *Romanos 12.9-21*.

O versículo 8 recomenda que a nossa ênfase se faça em relação às coisas com as quais concordamos com nossos irmãos. Que nos alegremos com os que se alegram e choremos com os que choram. Que cultivemos o amor fraternal, que sejamos solidários com os irmãos e que nos mostremos humildes em relação a eles. Embora o versículo seja voltado para os irmãos, sem dúvida se espera que tratemos os de fora da mesma forma.

Claro que nem sempre as coisas são como deveriam; portanto, quando formos maltratados ou insultados, não devemos responder de igual modo, mas ao contrário, devemos abençoar os que assim procedem, pois é isso que se espera de nós e também o que esperamos receber de nosso Pai (versículo 9).

Os versículos 10 e 11 trazem algumas admoestações para quem quiser amar a vida e ver dias felizes. Pessoalmente não conheço ninguém que não queira ter uma vida amável, na qual tenha dias felizes. O problema é que a vasta maioria das pessoas

associa essa felicidade a fazer coisas que lhes dão prazer. A receita que a Bíblia nos dá através de palavras pronunciadas por Pedro, contudo, é outra.

Em primeiro lugar ele recomenda que guardemos nossa língua do mal e nossos lábios da falsidade. Essa realidade é conhecida no jargão popular como “comer mosca”. Dizemos, usualmente, que “em boca fechada não entra mosca”. Assim sendo, é justo dizer que todo mundo sabe isso, só que sabê-lo e praticá-lo são duas coisas bem diferentes. É tão fácil dizermos algo que ofende os outros. É necessário, portanto, que zelemos para que a boca seja aberta apenas para que saiam dela coisas úteis, que edifiquem os outros e que deem graça a quem as ouve (*Efésios 4.29*). Essa é uma decisão a ser tomada e praticada. É um hábito difícil de ser implementado, mas perfeitamente possível se ouvimos a voz do nosso novo espírito.

A segunda recomendação é no sentido de nos afastarmos do mal. Ora, mal se define como tudo que desagrade a Deus. Isso valia nos dias de Pedro e continua válido para os dias de hoje. Salomão, por exemplo, descreve uma mulher imoral, ou seja, má, no início de *Provérbios 5*. A solução proposta por ele, muito simples aliás, para que o jovem incauto não caia no seu laço é dada em *Provérbios 5.8*: “fique longe dessa mulher”.

Por outro lado, evitar o mal, ou seja, prestar atenção em como não agir, não pode ser um plano de ação para a vida cristã, pelo que Pedro nos apresenta também o lado positivo a ser buscado, qual seja, fazer o bem. Se o mal era aquilo que desagrade a Deus, segue que o bem é aquilo que O agrada. Assim sendo, a última recomendação, qual seja, buscar a paz, vem como um exemplo daquilo que agrada a Deus. Para os judeus o termo “shalom” não denota apenas a ausência de confronto, pois inclui, também, a perfeita harmonia das partes que sustentam essa paz.

Era uma das principais características a serem vividas pelo Messias. Ele é o Príncipe da Paz, pelo que Seu reino teria paz sem fim (*Isaías 9.6-7*). Ele tomou sobre Si o castigo que traz a paz (*Isaías 53.5*). O anúncio angelical de Seu nascimento previu paz na Terra entre os homens aos quais Ele concede Seu favor (*Lucas 2.14*). Finalmente, a Sua paz não é como a do mundo, mas, sim, uma que permite que o nosso coração descanse nEle (*João 14.27*).

Resumindo, a felicidade evocada por Pedro só pode ser alcançada pelos filhos de Deus na medida em que sejam pacificadores (*Mateus 5.9*). Infelizmente, contudo, a maioria dos crentes esquece que a busca da paz exige persistência.

Quando o AT informa ao judeu que ele deve orar pela paz de Jerusalém (*Salmos 122.6*), isso coloca sobre ele a responsabilidade por essa paz diante de Deus. Como seguidores de Jesus, Ele tornou nossa a responsabilidade de levar a Sua paz ao Oriente Médio, à África e também localmente por toda a cidade, incluindo favelas etc... A paz de Deus não é apenas uma paz interior no espírito do Cristão. O reino do Messias, do qual fazemos parte, traz paz (*Miquéias 4.3*).

O versículo 12 nos assegura que os olhos do Senhor estão atentos às atitudes do justo, bem como Seus ouvidos ouvem as suas orações, mas Seu rosto Se volta contra os que praticam o mal. É importante ressaltar o que esse versículo não está dizendo. Já pensou como seria terrível a ideia do Senhor me apoiar sempre que me comporto como justo e se voltar contra mim, sempre que piso na bola? Pois bem, o justo na Bíblia não é aquele que age com justiça, embora nos esforcemos para isso e o Espírito Santo para tanto nos dirija. *Jeremias 23.6* nos diz que Jesus é Jeová Tzidkenu, o Senhor minha justiça. Minha justiça diante de Deus é a dEle e não a minha. Quando piso na bola, minhas orações podem deixar de ser atendidas, mas Deus não Se volta contra mim, pelo contrário, Ele procura me corrigir para que eu acerte. Ele é um bom Pai. Seu rosto Se volta, sim, contra aqueles que O rejeitam.

Nos versículos 13 a 17 Pedro exorta os destinatários da carta a aceitarem com paciência as hostilidades dos não crentes, enquanto os 5 versículos finais, 18 a 22, nos falam do sofrimento suportado por Jesus, para que pudéssemos ser vencedores. Ele é o nosso exemplo de como vencer.

A lógica da pergunta do versículo 13 é simples. Se a idéia era a gente se afastar do mal e fazer o bem com a finalidade de sermos felizes (versículos 10 e 11), então, "ninguém vai nos maltratar se assim procedermos". Na realidade a maioria das pessoas vai seguir essa lógica perfeita, mesmo entre os não crentes mas, infelizmente, nem todos, motivo pelo qual Pedro prevê a exceção apresentada no versículo 14. Certamente vai haver gente que vai ficar ressentida pela forma justa como vivem os servos de Deus, por causa de sua fé e a sua obediência. O curioso é que Pedro diz que serão felizes assim mesmo, em função de sua fidelidade.

Já a segunda parte desse versículo não é muito clara, mas, aparentemente, essas pessoas temem que possam ser punidas pelo fato do comportamento justo dos crentes servir para ressaltar a injustiça do seu próprio comportamento. Nessa situação Pedro diz aos justos que eles não devem temer as represálias que possam vir a sofrer por esse motivo. Essa lógica é a mesma que permite a Tiago escrever que passar por provações é motivo de grande alegria (*Tiago 1.2*).

O versículo 15 começa se referindo ao final do versículo anterior. Ao não se amedrontarem devido à perseguição, mostrando claramente a sua confiança no Senhor, os crentes perseguidos honram (santificam) a Deus em seus corações.

Já a segunda parte desse versículo é um dos textos mais conhecidos da primeira epístola de Pedro. Ele nos exorta a conhecermos, racionalmente, o motivo da nossa fé, ao mesmo tempo em que devemos ter uma resposta pronta para quem desejar entendê-la.

Infelizmente, há um grande número de pessoas que frequentam as nossas igrejas, acham que são crentes, mas nunca tiveram uma real experiência de conversão. O motivo para tanto é que nunca entenderam, claramente, o plano de salvação e simplesmente frequentam como se isso fosse o suficiente para agradar a Deus.

O que Pedro diz aqui é que devemos não só entender o que Jesus fez por nós, mas devemos também poder dar testemunho disso, tomando como exemplo a mudança que efetuou em nossas próprias vidas e que deve poder ser corroborado por pessoas que nos conhecem e que viram o quanto mudamos.

Estava pregando o Evangelho certa vez para um amigo, quando ele me disse que não acreditava em nada do que eu estava dizendo, mas que sabia o quanto tinha mudado a minha vida. Essa aparente incoerência pode ser traduzida da seguinte maneira: "eu não quero esse Jesus para mim porque não quero abrir mão das coisas que a vida me oferece, mas eu vi o quanto esse Jesus mudou você".

O versículo 16 tem um ensino importante que nos fala o quanto a mansidão faz muita diferença. É muito comum a gente assistir a uma discussão em que a pessoa que tem razão sai perdendo porque se expressa de maneira agressiva, fazendo com que todos se voltem contra ele.

Certa vez passava pelo Largo da Carioca quando ouvi alguém gritando uma mensagem evangélica para as pessoas que passavam, condenando-as todas ao inferno por não pararem para ouvir. As pessoas riam, porque a forma agressiva do pregador retratava uma vida que nenhum dos ouvintes queria ter. Pessoas que falam e argumentam sem mansidão e respeito nunca conseguirão convencer ninguém. Claro que quem convence é o Espírito Santo, e Ele é manso e respeitoso, pelo que simplesmente não transparece na vida de quem assim procede.

Pedro encerra essa parte voltando ao ponto de partida. É melhor sofrer praticando o bem (em obediência a Deus) do que deixando de evitar o mal e acabando envolvido por ele. Só se vence o mal com o bem (versículo 17)!

O texto englobado pelos últimos 5 versículos deste capítulo é, possivelmente, um dos mais disputados de toda a Bíblia. Apenas para adiantar, ele possui quatro temas muito disputados, quais sejam:

- a) a morte espiritual de Jesus;
- b) a ida de Jesus ao inferno;
- c) a pregação a personagens já condenados no inferno;
- d) a salvação pelo batismo.

Não há dúvida de que é preciso restringir a discussão restringindo-a a citar principais interpretações, pois é sempre difícil bater o martelo.

Pedro tinha acabado de falar sobre a escolha ideal do crente por fazer a vontade de Deus, mesmo que isso implique em sofrimento. Mais uma vez, contudo, a exemplo do que já fizera no versículo 21 do capítulo anterior, ele introduz Jesus como exemplo e, novamente, um exemplo totalmente desproporcional, porque o fato de Cristo ter sofrido em meio à injustiça é tudo que o exemplo dEle tem em comum conosco, senão vejamos:

- Ele sofreu um castigo pelos nossos pecados e não os dEle;
- Sofreu um castigo que é único e eternamente válido;
- Sofreu para que nós possamos ser conduzidos a Deus.

Essas três coisas não podemos fazer, ou melhor, o que podemos fazer é bem o oposto:

- Podemos ser castigados pelos nossos próprios pecados;
- Teríamos que fazê-lo por toda a eternidade sem alcançar perdão;
- Estaríamos separados de Deus por toda a eternidade.

Se tivéssemos apenas esta informação, ela já seria suficiente para vermos a diferença entre Jesus homem e cada um de nós, mas a partir daqui a diferença se acentua.

O versículo continua dizendo que Jesus foi morto no corpo (ou na carne) e isso não significa, como querem alguns, que Jesus só morreu fisicamente, porque o resto do versículo atesta o contrário, ou seja, ninguém pode ser vivificado no espírito, se seu espírito não tiver antes morrido.

Eu diria que a ênfase dessa segunda parte do versículo reside no fato de que não foi Emanuel (o Deus conosco) que pagou o preço dos nossos pecados, pois apenas um outro homem, mas sem pecados, poderia fazê-lo. Assim sendo, a carne, para Pedro, significa o homem Jesus. Ele é Unigênito Filho de Deus, o único a ser gerado da maneira que Ele foi, de modo a não ter pecados próprios (por não ser da semente de Adão).

A parte final desse versículo nos diz que o espírito do homem Jesus, morto pela contaminação de ter assumido os nossos pecados, foi vivificado, ou seja, foi tornado novamente vivo. Isso encaixa bem com a ressurreição, fazendo dEle o primogênito dentre muitos irmãos (*Romanos 8.29*).

No Antigo Testamento não se fala dos filhos de Israel como filhos de Deus. Essa ideia era totalmente estranha aos judeus como o é aos muçulmanos. Mas já no AT Deus declarava Jesus, o homem morto e ressuscitado, como sendo filho: **"Tu és meu filho, eu hoje te gerei"** (*Salmos 2.7*). Além disso, o profeta Oséias declarara que do povo de Israel rejeitado alguns viriam a ser chamados "filhos do Deus vivo", numa clara referência à Nova Aliança.

Aquele que era o "unigênito" filho, e foi rejeitado ao contaminar-se com nossos pecados, foi vivificado e declarado o Primogênito Filho de Deus no dia de Sua ressurreição, como nos diz Paulo em *Atos 13.32* e o autor de Hebreus em *Hebreus 1.5-6*.

Fica provado, assim, o quanto e de qual maneira Deus nos amou, a ponto de **"ser da vontade de Deus esmagá-lo e fazê-lo sofrer, tornando a sua vida uma oferta pelas nossas culpas"** (*Isaías 53.10*). **"Aquele que nem mesmo o Seu próprio filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará, juntamente com ele, e de graça, todas as coisas?"** (*Romanos 8.32*). Quem pode imaginar um amor tão grande?

O versículo 19 apresenta muito mais dúvidas do que respostas. Antes de enumerá-las, contudo, é importante citar um fato que muito influenciou a interpretação desse versículo ao longo dos séculos. Clemente de Alexandria declara, em um dos escritos patrísticos do final do segundo século, com base neste texto de *IPedro*, que Jesus foi ao inferno e pregou para os mesmos seres angelicais reprovados por Deus, que Pedro menciona em *IIPedro 2.4*. Se esta associação for válida ou se não puder ser discutida por falta de informação, o fato é que, provavelmente, com base nesta interpretação, foi incluído, no segundo item do credo dos apóstolos, que "Jesus foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao inferno e ressucitou no terceiro dia".

Pessoalmente acho a interpretação perfeitamente válida, mas certamente nem todos concordam, muitos dos quais preferindo dizer que não é bíblica. Seja como for, feita essa ressalva, podemos começar agora a tentar responder às perguntas suscitadas por este texto, começando por onde Jesus foi ao morrer na cruz.

O "onde", na realidade, está totalmente associado ao público para quem Jesus pregou. Este versículo não localiza estes ouvintes no tempo, mas o 20 nos diz que são dos dias de Noé. Em *Gênesis 6.4-5* encontramos Deus declarando que a "perversidade do homem" enchera Suas medidas e que Se arrependera de tê-los feito. O arrependimento de Deus não significa uma declaração do tipo "ah, eu não devia tê-los feito" e, sim, que passara a haver uma mudança de atitude dEle em relação a eles por causa do seu pecado, pelo que iria destruí-los (juízo antecipado por pecado excessivo). Eles tiveram todo o tempo de construção da arca para se arrependerem. O texto do Gênesis não nos diz que Noé lhes pregava, mas *IIPedro 2.5* o chama de "pregador da justiça". Além disso, o próprio versículo 20 nos diz que Deus esperava pacientemente (pelo arrependimento deles) enquanto a arca era construída.

Com base nesse raciocínio, muita gente acha que esses perversos homens da época de Noé tiveram uma segunda chance, quando Jesus, logo antes de concretizar o plano de salvação, foi ao inferno e apresentou a eles esse plano.

A grande dificuldade dessa interpretação, contudo, é a incompatibilidade com o restante do ensino bíblico, que podemos resumir à luz de *Hebreus 9.27*, que nos diz estarmos destinados a morrer uma só vez, vindo depois disso o juízo. Por causa dessa dificuldade, somos obrigados a descartar essa interpretação.

A outra interpretação, também baseada em versículos extraídos de *Gênesis 6*, exige de nossa parte mais fé, pois introduz uma história bíblica de pessoas como Hércules, filho de Zeus, com uma mulher humana, os quais, neste caso, resultam da união de anjos caídos com belas mulheres da época, gerando os heróis tipo Hércules da época, chamados nefilins (veja os *Gênesis 6.2-4*).

Os anjos caídos que assim procederam teriam sido aprisionados, de acordo com *IIPedro 2.4*, e teria sido para estes, que Jesus proclamaria a Sua vitória sobre a morte.

Se o "novo nascimento" do Primogênito (a vivificação do espírito do homem Jesus) se deu antes ou depois de Sua ida à prisão desses anjos, para proclamar Sua vitória é realmente irrelevante, pois não há informação a esse respeito. Temos certeza, contudo, que a justificação de Jesus se dá ao ressuscitar, ocasião na qual se dá também a nossa (*Romanos 4.25*). Este versículo nos mostra claramente o papel da cruz (onde se dá a salvação), que não pode ser dissociado da ressurreição (onde ocorre a justificação). É exatamente por isso que Paulo diz aos coríntios que, se Jesus não tivesse ressuscitado, eles estariam ainda mortos em seus pecados (*ICoríntios 15.12-19*).

Concluindo essa parte, resta dizer que o lugar, inferno, segundo *II Pedro 2.4*, aparece como o lugar de prisão para o qual Satanás foi condenado, mas para o qual será levado apenas na chegada do Milênio, conforme previsto em *Apocalipse 20.2-3*, onde é chamado de Abismo. Jesus mesmo disse que a condenação de Satanás já ocorrera, mas que seu aprisionamento só se dará no Milênio.

Há uma curiosidade na crença pregada na Assembleia de Deus. Ensina-se ali que Jesus efetivamente esteve no inferno, mas que isso se deu para que Ele arrancasse das mãos de Satanás as chaves daquele lugar, visto que Ele declara em *Apocalipse 1.18*, que estivera morto, mas que revivera e tinha as chaves do Hades. Por trás dessa ideia totalmente abíblica está a ideia errônea de que Satanás reina no inferno. Essa ideia, contudo, é tão tola quanto achar que os empresários condenados da Lava Jato, que têm direito de aguardar durante a sua apelação em liberdade, poderiam resolver ir já para a prisão, por quererem se acostumar com o lugar, ou algo assim.

A primeira parte do versículo 20 já foi discutida acima, quando falamos da paciência de Deus enquanto a arca era construída. Nesta segunda Pedro continua dizendo que nela (a lógica indica que ele está falando da arca) apenas 8 pessoas foram salvas (sem dizer de que) através da água. O raciocínio normal nos diria que elas foram salvas das águas graças à arca, mas acertar quem é quem aqui faz toda a diferença para entender o versículo 21.

O problema da época era o pecado, o meio que Deus usou para destruí-lo foi a água e a salvação de Noé e sua família se deu pela arca. Com essa certeza podemos adentrar o versículo 21.

A Bíblia não pode ter senão uma verdade. Jesus pagou o preço dos nossos pecados e Ele mesmo é o primogênito em termos de novo nascimento. Ele ressuscitou para a nossa justificação. Nós também somos salvos pelo novo nascimento, ou seja, por um ato de Deus, que faz com que tenhamos um espírito novo. O que será discutido a seguir diz respeito apenas à forma como nos qualificamos para a obtenção dessa salvação.

Paulo, em *Romanos 10.9* diz: "se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo".

Podemos dizer, então, que causa e consequência se relacionam da seguinte maneira: Se eu declarar, sinceramente, que aceito o senhorio de Jesus na minha vida e crer, de

todo coração que Ele morreu pelos meus pecados e que ressuscitou para a minha justificação, então, Deus, que conhece a minha sinceridade, me transportará do reino do pecado, no qual vivia, para o reino de Jesus, dando-me um novo espírito, que me ajudará a viver como Ele quer.

Dentro do nosso contexto, Pedro está dizendo que a figura anterior se aplica à vida cristã representada pelo batismo que agora também nos salva, não com as águas do batismo removendo a sujeira que o pecado produz no corpo, mas pelo fato de assumirmos um compromisso sincero diante de Deus (de aceitar o senhorio de Jesus Cristo) e por crermos na ressurreição de Jesus Cristo.

O batismo, começando por João Batista, era um testemunho público de confissão de pecados. As pessoas não eram perdoadas porque se batizavam e, sim, porque estavam fazendo uma confissão sincera dos seus pecados. O batismo de Jesus não mudou absolutamente nada em relação ao de João. Continuava a ser apenas o meio pelo qual era reconhecido o senhorio de Jesus e a fé na salvação através dele.

O problema continua sendo o pecado, a arca é batismo, que traz em si a confissão de *Romanos 10.9* e a água que resolve o problema do pecado é o sangue de Jesus Cristo. É só isso que Pedro está dizendo.

O versículo 22 reproduz o que Jesus disse de si mesmo após a ressurreição: "**Foi-me dada toda a autoridade no céu e na terra**". Deus Pai também o tinha dito em *Isaías 53.10b-12*.

Assim sendo, o nosso mediador, Jesus Cristo homem (*1Timóteo 2.5*), recebeu por antecedência o Seu corpo glorificado (que nós também vamos ter - ver *1Coríntios 15.20-23*), subiu ao céu, está sentado à destra de Deus e foi-Lhe dada toda autoridade tanto no céu como na terra.

IPedro 4

Os primeiros 6 versículos deste capítulo trazem mais uma exortação de Pedro tomando por base o exemplo de Cristo, com o qual fez ligação com a exortação anterior. Nos primeiros dois versículos ele ressalta como a vitória de Cristo sobre o pecado, obtido na carne, deve servir de exemplo, também, para que nós rompamos com o pecado praticado na carne, derrotando-o de igual forma. Nos dois versículos seguintes Pedro reconhece que todos nós, antes de nossa conversão, éramos escravos desses mesmos pecados, e que isso torna muito difícil que os não crentes, que nos conheciam como co-participantes dos mesmos, nos vejam agora rejeitando praticá-los. Finalmente, os dois versículos finais desta exortação nos lembram que a rejeição do grande amor de Deus e Seu plano de salvação têm como contrapartida o juízo.

Pedro tinha acabado de falar da morte e ressurreição de Jesus Cristo, através dos quais pagou os nossos pecados e conquistou a nossa justificação (ver *Romanos 4.25*), pelo

que ele agora lembra aos destinatários de sua carta, que esta conquista foi feita pelo "homem Jesus" ou seja, foi feita na carne. Se Ele pôde fazer isso como homem, isso deve nos servir também de estímulo para que nós entremos em guerra contra o pecado "armando-nos" com o mesmo pensamento que O guiou. Jesus como homem não queria ir para a cruz, mas Ele priorizou a vontade de Deus na Sua vida, pelo que nós devemos fazer o mesmo (versículo 1).

O que Deus espera de nós é que rompamos com o pecado em nossa guerra em prol do Seu Reino, para que o nosso tempo seja otimizado no serviço, para o qual fomos arregimentados. Não há como fazer isso se somos desobedientes e continuamos a oferecer o nosso corpo ao pecado, permitindo que Ele seja também nosso senhor, visto que ninguém pode servir a dois senhores (*Mateus 6.24*).

No versículo 3 Pedro aqui reconhece que seus destinatários já haviam perdido tempo suficiente, no período anterior à sua conversão, acompanhando os pagãos e fazendo as mesmas coisas que eles faziam. Naquela época eles viviam atraídos pelas mesmas coisas que atraem hoje os nossos amigos não crentes. São atraídos pela libertinagem, pela sensualidade, pelas bebedeiras, pelas orgias, pelas farras e pela idolatria. Na medida em que essas coisas são consideradas normais em nossas igrejas hoje em dia, sequer somos capazes de reconhecer que estamos falhando em relação à exortação do versículo 1, ou seja, que era para termos rompido com o pecado.

Além disso, vemos, no versículo 4, que é totalmente compreensível que nossos companheiros de farra de outrora estranhem que não tenhamos mais prazer nas coisas de outrora, que eles ainda amam. Não é de estranhar, portanto, que eles nos insultem por isso. A transformação de vida que acompanha o novo nascimento inclui um coração novo, ou seja, uma mudança nas coisas que apreciamos (*Ezequiel 36:26*). Infelizmente, contudo, o nosso corpo não é transformado da noite para o dia como o são o nosso espírito e o nosso coração (*Romanos 7.24*). O corpo precisa ser dominado por nossa mente, que por sua vez, precisa também ser transformada (*Romanos 12.1-2*). A vida cristã é um contínuo combate que cabe a cada um de nós vencer. Que possamos todos dizer ao final de nossas vidas que combatemos o bom combate, acabamos a carreira de tal modo que nossa fé foi guardada (*II Timóteo 4.7*).

Os prazeres desse mundo têm a sua recompensa aqui, mas infelizmente se fazem acompanhar pelo outro lado da moeda, qual seja, uma prestação de contas Àquele que vai julgar vivos e mortos. Paulo também nos diz isso em *Romanos 14.10*, onde lembra que todos compareceremos diante do tribunal de Deus. Esse tribunal, também conhecido como Juízo Final, é descrito por João em *Apocalipse 20.11-13*. Infelizmente, aqueles cujos nomes não forem encontrados no livro da vida, serão jogados no lago de fogo e enxofre. Os vivos e os mortos abrangem todas as pessoas que já puseram o pé neste planeta, mas a forma como interpretamos esses dois grupos pode facilitar ou complicar bastante a referência aos mortos do versículo seguinte. Podemos considerar aqui o sentido físico ou o sentido espiritual, ou seja, os mortos podem ser simplesmente aqueles que já morreram fisicamente, como podem ser também aqueles que ainda permanecem

mortos em seus pecados, porque ainda não aceitaram a Jesus como único e verdadeiro Filho de Deus (versículo 5).

Não há dúvida de que esse versículo 6 é complicado, mas o segredo de sua interpretação reside em identificarmos os "mortos" dos quais Pedro está falando. Caso os identifiquemos como sendo aqueles que viveram sobre a Terra, mas que já morreram fisicamente, então estaremos abrindo uma exceção para a salvação pós- morte e concordando com os católicos, que estão realizando cultos pelos mortos desde que isso foi instituído pelo papa Gregório Magno por volta do ano 600d.C.. Por outro lado, se identificados como os mortos espirituais, ou seja, aqueles que ainda não nasceram de novo no espírito, então, é justamente a esses que o Evangelho precisa ser pregado, para que o Espírito de Deus os vivifique, dando-lhes um espírito novo e transportando-os do reino das trevas para o reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*).

Todos nós estamos confinados a um corpo, ao qual está ordenado morrer uma só vez, findo o que virá o Juízo (*Hebreus 9.27*), mas este Juízo pode se limitar a um convite: "vinde benditos de meu Pai e recebei por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo" (*Mateus 25.34*). Todos os que estiverem qualificados para este convite receberão, em substituição a esse corpo mortal, um corpo eterno, que nos será dado quando Jesus voltar pela segunda vez (*1Coríntios 15.22-23*).

Nos versículos 4 a 7, Pedro, que vinha falando das relações de crentes com não crentes, agora está se concentrando em alguns aspectos da relação entre cristãos. Em seu comentário sobre este texto Ênio Mueller sugere a leitura de 3 textos paralelos para melhor entendimento deste: *1 Tessalonicenses 5.1-10*, *Romanos 12.6-8* e *Tiago 5.7-20*. Cada um destes textos cobre uma parte do que Pedro tem a nos dizer nestes versículos.

No versículo 7, Pedro nos diz algo que está implícito em todo o Novo Testamento, qual seja, a iminência do fim. "Perto está o fim de todas as coisas", motivo pelo qual é necessário viver com critérios que priorizem essa verdade, como estar atento ao que se passa à nossa volta e estar em contato permanente com o Pai, dedicando-nos à oração.

É exatamente deste assunto que Paulo está tratando no texto supracitado de *1 Tessalonicenses*. De igual modo ele os exorta a estarem atentos, sóbrios, acordados e vestindo a armadura que Deus coloca à nossa disposição.

Como é fácil a gente se distrair com as coisas deste mundo! Quando nos deixamos vencer pelo pecado, somos participantes do triste sentimento que Paulo experimentou ao dizer que "se sentia miserável por não conseguir se livrar da morte residente no seu corpo" (*Romanos 7.24*). Ele mesmo declara, contudo, que a vitória reside no fato de andarmos no Espírito, inclinando-nos para as coisas do Espírito (*Romanos 8.1-5*).

Assim procedendo, nos tornamos criteriosos, como diz Pedro, e passamos a usar os nossos dons celestiais a favor dos nossos irmãos, como diz Paulo em *Romanos 12.6-8*.

Tiago lembra também a seus leitores que o fim está próximo (*Tiago 5.8*), pelo que recomenda, igualmente, a persistência na oração (*Tiago 5.13-18*).

Sobretudo, diz Pedro no versículo 8, devemos nos amar uns aos outros de forma sincera. Os cristãos, como já vimos, habitavam numa sociedade que lhes era hostil, não apenas porque eram, em sua grande maioria, de nível social baixo, mas também porque sua "santidade" fazia ressaltar os pecados dos outros, pelo que eram odiados. Assim sendo, o amor entre os irmãos, uma sociedade restrita, serviria de compensação para a falta de amor que tinham na sociedade em geral. Além disso, servia também de prova viva do amor que anunciavam da "boca para fora".

Não raramente a total falta de amor entre os grupos evangélicos, e mesmo no seio de um mesmo grupo, são apontados como elemento de hipocrisia em relação à mensagem que pregam.

A segunda parte desse versículo parece ser uma clara alusão a *Provérbios 10.12*, que diz que "o amor cobre todos os pecados". Tiago parece fazer uma referência similar em *Tiago 5.20*.

O sentido principal desse versículo parece claro, qual seja, que todos os que amam sinceramente se tornam muito mais tolerantes em relação a falhas ou agressões que venham a sofrer por parte da pessoa que amam.

A ideia que as pessoas fazem de Deus é de um ser distante que nos trata segundo o nosso comportamento, premiando os bons e castigando os maus. Se isso fosse verdade, contudo, os nossos pecados jamais seriam perdoados, porque o nosso comportamento é continuamente reprovável, porque continuamos sendo falhos. Reside, contudo, no fato de Ele nos amar e de pagar Ele o castigo que seria nosso, a grande prova da sua Maravilhosa Graça. Qualquer ideia, contudo, de que o amor seja uma forma alternativa à cruz, de perdão de pecados, é totalmente errônea, consistindo em extrapolação do significado do texto.

O versículo 9 traz uma exortação relativa à hospedagem de irmãos e ao uso dos lares para sediar as igrejas. A prática da hospedagem passou do Judaísmo para o Cristianismo. Já o centro do culto judaico desde cedo fez uso da sinagoga, mas os templos do Cristianismo começaram nos lares. Não obstante a maior parte dos grupos evangélicos de hoje serem sediados em templos, há ainda hoje uns poucos grupos que entendem ser preferível não terem esse tipo de gasto, preferindo gastar suas contribuições na obra missionária. É nesses que podemos observar, ainda hoje, o quanto é difícil para o lar que sedia uma igreja, fazê-lo sem reclamação, como acrescenta Pedro. A maioria das pessoas são conscienciosas e ajudam a carregar o fardo, mas inevitavelmente há abusos. Além disso, a hospedagem dos pregadores itinerantes ocupava um lugar de destaque na divulgação do Evangelho à época. Claro que havia também abusos, a ponto de João recomendar que os hospedeiros fossem seletivos em relação aos mensageiros que fossem receber em suas casas (*II João 10*). Com a mudança dessas duas funções importantes da hospitalidade dos crentes (poucas igrejas nos lares e poucos pregadores itinerantes), sem falar que a maioria dos pastores

convidados preferem um quarto de hotel ao convívio de uma família, o privilégio do exercício do amor cristão sob este aspecto praticamente desapareceu.

A recomendação de Pedro no versículo 10 é que cada cristão exerça o dom que recebeu para servir aos outros com fidelidade. Ora, o dom é uma dispensação da graça de Deus e há múltiplas formas de fazermos uso dele. Resumindo essas ideias podemos dizer que o crente fiel é aquele que usa o seu dom para o bem e o crescimento dos seus irmãos. Essa é uma ideia totalmente estranha ao crente que vem à igreja aos domingos para "recarregar a sua bateria". Essa é uma forma de Cristianismo egoísta, que Pedro chamaria de infiel.

Encerrando essa seção, Pedro sugere dois exemplos do que falou no versículo 10. Se alguém tem o dom de falar, que o faça transmitindo as palavras de Deus. Já se alguém serve de alguma forma, que o faça com a força que Deus lhe deu. Em ambos os casos, contudo, deve ser de forma que Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a Quem sejam a glória e o poder para todo o sempre.

Não raramente os nossos púlpitos pregam que Jesus é a resolução de todos os problemas pelos quais os não crentes estão passando. Aí as pessoas se convertem, experimentam a paz que temos em Jesus, mas pouco depois passam a enfrentar outros problemas relacionados à perseguição por terem se tornado crentes. É exatamente disso que Pedro está falando no versículo 12. O fato de crentes passarem a viver uma vida de santidade leva inevitavelmente a perseguições, que Deus usa para provar a nossa fé. Isso pode até parecer muito estranho, mas Pedro diz aos destinatários de sua carta que não é.

Para os judeus, a perseguição em função da sua fé já era uma coisa usual; portanto, não seria de se estranhar, mas devemos lembrar que a maioria dos destinatários da carta de Pedro era de gentios convertidos aos Cristianismo, para os quais essa ideia pode parecer muito estranha. Por que alguém deveria sofrer por fazer o que é certo? Quando a nossa vida é dedicada a glorificar Aquele que pagou o preço da nossa salvação, então, nós passamos a ser alvo das mesmas perseguições que foram dirigidas a Ele. Esse é o assunto dos versículos 12 a 19.

"Alegrem-se" são as palavras com que a tradução NVI começa o versículo 13. Obviamente se trata de escândalo e loucura (*ICoríntios 1.23*) a ideia de alguém se alegrar por ser provado, mas Pedro atribui isso ao fato de nos tornarmos participantes dos sofrimentos de Cristo, garantindo, assim, que seremos igualmente participantes de Sua glória.

Há um aprendizado muito interessante aqui. No Reino de Deus não fazemos nada que seja para a nossa própria glória. Vimos acima que toda a glória é de Deus e que deve ser dada através de Jesus (versículo 11). Por outro lado Jesus nos diz, e Pedro aqui reitera, que a glória de Deus também é repartida conosco: **"Dei-lhes a glória que me deste para que sejam um assim como nós somos um"** (*João 17.22*). Quando buscamos a nossa própria glória, ela não apenas nos separa de Deus, como nos separa uns dos

outros. Por outro lado, a glória que damos a Deus não apenas nos une a Ele, como nos une uns aos outros. No versículo seguinte Jesus diz que a consequência disso é que esta glória refletida em nossas vidas leva o mundo a reconhecer que Jesus é realmente o Cristo. Isso é realmente o alvo de nossas vidas a serviço de Deus, pelo que fica claro que temos motivo, mais que suficiente, para que nos alegremos em sofrimentos que produzam resultados tão positivos. Claro que resta aqui a grande alegria que teremos no porvir com Cristo em Sua glória. Essa alegria é ressaltada em vários versículos bíblicos como *Romanos 8.17-18*, mas o fato de vermos a glória de Deus refletida na vida dos Seus servos hoje já nos dá hoje uma alegria que o mundo não pode entender.

As provações das quais Pedro está falando no versículo 14 incluem os insultos que sofremos por causa do Nome de Cristo. Neste versículo Pedro deixa claro que isso é prova de que o Espírito de Deus repousa sobre as nossas vidas, pois fica evidente aos de fora que a glória do Espírito resplandece em nós. Sem dúvida isso mais uma vez traz ao crente a alegria de estar servindo adequadamente ao seu Senhor, na medida em que quem transporece é Ele.

Em princípio os cristãos não pecam. Claro que isso é por uma questão de princípio, porque fomos libertos de nossa vã maneira de viver e "**sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não está no pecado**" (*1João 5.18a*). Na realidade, contudo, sabemos que nem todos temos o cuidado de ouvir o Espírito e andar em santidade. Com isso envergonhamos o Espírito que nos dirige e permitimos que Satanás tenha vitória em nossas vidas. Todos nós brasileiros nos envergonhamos quando vemos políticos "chamados cristãos" dividindo dinheiro de suborno e dando "graças a Deus" por ter concedido a eles aquele ganho. Que hipocrisia! Claro que podiam estar usurpando o nome de cristãos, mas podem também ser cristãos carnais que nunca cresceram e agora envergonham o Nome que carregam. No versículo 15, Pedro exorta os destinatários de sua carta a não serem encontrados nesta condição. Quando ele fala a respeito de sofrimento, diz Pedro, que não seja por serem péssimos cristãos por se tornarem assassinos, ladrões, criminosos ou por lesarem negócios alheios.

Atos 11.26 registra que o primeiro uso do termo "cristão" foi feito em Antioquia, onde Barnabé e Paulo se reuniam com a Igreja, antes da primeira viagem missionária, e teve um significado pejorativo. Aqui em *Pedro*, passadas já algumas décadas, o termo já ganhou a conotação que damos a ele no dia de hoje, qual seja, aquele que carrega o Nome de Cristo. As pessoas eram alvo de perseguição simplesmente porque defendiam o Nome de seu Salvador. É exatamente a essas pessoas, de comportamento santo, que Pedro diz, no versículo 16, não haver motivo de vergonha em serem levados aos tribunais por isso. Pelo contrário, esse comportamento glorifica o Nome de Deus!

O versículo 17 fala sobre o julgamento começando pela casa de Deus. Que será que significa isso? O que significa o fato do julgamento começar conosco, a Igreja de Jesus Cristo? Conosco os cristãos? A Bíblia fala de vários julgamentos e a ideia de um Juízo Final é algo que foi previsto ao longo de toda a Bíblia. Por outro lado, esse julgamento aqui mencionado tem que ter alguma ligação com tudo que foi dito até agora. Assim

sendo, esse julgamento precisa estar relacionado à provação da qual Pedro está falando desde o versículo 12.

Parece lícito dizer que a perseguição da Igreja, a perseguição dos crentes em Jesus Cristo, a perseguição dos verdadeiros cristãos é uma forma através da qual o Deus Onisciente (que sabe tudo a nosso respeito) permite que nós conheçamos a avaliação que é feita de nós. Em outras palavras, é a forma como Deus permite que nós vejamos como estamos sendo avaliados para a honra e glória dEle. O que Ele quer de nós é santidade e a nossa santidade ou a falta dela fica totalmente transparente diante de nós, para alegria ou vergonha nossa. Não que Deus tenha prazer em nos envergonhar, mas quer antes, que vendo a avaliação que de nós é feita, possamos nos arrepender da falta de santidade em nossas vidas e permitir que Ele a transforme. Também Ele quer que vejamos o quão séria é a condenação que há sobre aqueles que não obedecem ao Evangelho de Deus. Se Ele age com grande seriedade em relação a nós, que somos filhos, como podemos deixar de perceber a seriedade do juízo que haverá sobre os de fora?

A citação feita no versículo 18 vem de *Provérbios 11.31*. Certa vez um jovem rico veio perguntar a Jesus o que precisava fazer para ser salvo. Jesus mandou que ele guardasse a lei, ao que respondeu que vinha fazendo isso desde a juventude. Conhecendo o rapaz e amando-o Jesus colocou o dedo na sua ferida, qual seja, o amor ao dinheiro, ao mandar que ele vendesse todos os seus bens e o seguisse. A Bíblia nos diz em *Mateus 19.16-22* que o jovem retirou-se triste porque tinha muitos bens e fora incapaz de separar-se deles. Jesus comentou com seus discípulos a seguir, que era mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino dos Céus. Assustados, os discípulos perguntaram a Ele quem, então, poderia se salvar? Jesus respondeu que realmente isso era impossível para o homem, mas que para Deus todas as coisas eram possíveis. É pela misericórdia de Deus que nós somos testados dia a dia, para que possamos sempre reconhecer a nossa dependência dEle. Já vimos neste texto que nossas palavras no Reino são as de Deus; nosso serviço no Reino é o de Deus e nossa salvação para dentro do Reino é obra de Deus. Que chance têm os pecadores se nós que somos do Reino nos calarmos?

Resumindo tudo que foi dito acima, resta a nós crentes, mesmo aqueles que estamos sofrendo, consagrar as nossas vidas ao fiel Criador e praticar as boas obras que Ele preparou para nelas andarmos (*Efésios 2.10*).

IPedro 5

Nos primeiros quatro versículos deste texto Pedro se dirige especificamente aos presbíteros que há entre os destinatários de sua carta. Não sabemos exatamente a abrangência do cargo de um presbítero, mas pelo contexto fica claro que se trata de uma pessoa que tinha um cargo de liderança dentro da comunidade. Em termos práticos, o título tem sido usado como sinônimo de ancião, uma pessoa com mais idade e

experiência na comunidade, um membro de um grupo chamado presbitério, que ajuda o pastor a administrar a comunidade ou, ainda, referindo-se ao próprio pastor ou bispo da Igreja.

Não há uma descrição bíblica clara sobre a forma de liderança das igrejas do Novo Testamento, mas temos uma indicação em *Atos 14.23*, onde somos informados que Paulo e Barnabé, na primeira viagem missionária de Paulo, designavam presbíteros em cada igreja, os quais eram empossados mediante oração. É possível que tal indicação se tenha feito por eleição na comunidade, a exemplo do que ocorreu na Igreja de Jerusalém para a escolha dos diáconos em *Atos 6*, mas não temos certeza.

Como nota interessante Pedro, que era apóstolo, se diz aqui também presbítero, mas não está claro para nós se ele está simplesmente dizendo que exerce um cargo de liderança, como eles (uma forma de se aproximar deles), ou se isso era uma atribuição adicional que ele exercia em sua própria igreja.

Pedro começa o versículo 1 usando o termo "apelo", que certamente ressalta a importância da solicitação que ele está prestes a fazer aos líderes das comunidades domésticas ("oikos"). Além de dizer-se co-presbítero com eles, ele se identifica, também, como testemunha ocular dos sofrimentos de Jesus, que se constituem no tópico central do livro, pelo que ele não estaria "repassando" informações recebidas de outros, mas eventos que ele mesmo presenciara e que estaria, portanto, totalmente capacitado para descrever.

Finalmente, antes de entrar no apelo, propriamente dito, ele lembra aos seus destinatários que sua condição de compromisso com Cristo o qualifica a participar de Sua glória, que ainda há de ser revelada (aplicação prática do que já acabara de ensinar em *IPedro 4.13* e que deveria ser motivo de grande alegria).

Nos versículos 2 e 3 fica claro aqui que o apelo feito por Pedro trata da forma como o responsável ou os responsáveis pela comunidade local devem realizar este trabalho. Para tanto ele evoca uma figura que Davi tinha usado no *Salmo 23*, qual seja, a do supremo Pastor sobre o povo de Deus, na qualidade de ovelhas: "**o Senhor é o meu Pastor**". O paralelo aqui coloca o presbítero ou os presbíteros na condição de Deus (ou aquele(s) que deve agir como Deus age). Da mesma forma como Deus nos amou e Se deu por nós, sem que tivesse qualquer obrigação de fazê-lo, também o presbítero deve pastorear o rebanho de Deus, que está a seus cuidados, tomando os seguintes cuidados:

a) Fazê-lo não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer

A ideia aqui é que Deus Se tornou o nosso Pastor porque nos ama. O presbítero deve ter como motivação o amor a Deus e conseqüentemente ao rebanho. Quando o cargo se torna um emprego, que tem horário fixo e que se configura num peso para o líder, então, ele perdeu o rumo. Assim sendo, ninguém deve ser constrangido a aceitar o cargo de líder, ou aceitá-lo porque alguém outrem assim o deseja.

b) Fazê-lo não por ganância, mas pelo desejo de servir

As pessoas divergem muito umas das outras, principalmente no que diz respeito às suas motivações. Algumas são movidas por ganância, outras por sua soberba, mas felizmente há aquelas que realmente têm prazer em servir aos outros. Obviamente são estas últimas as pessoas que são adequadas para o presbitério.

Pedro não faria aqui esse registro relativo à ganância e Paulo não teria feito registro similar em *ITimóteo 3.3*, dizendo que o bispo deve ser uma pessoa não apegada ao dinheiro, se isso não fosse realmente um problema de tempo em tempo. É claro que eles devem ter tido algumas experiências negativas com presbíteros gananciosos, da mesma forma como pastores corruptos em nossos dias são responsáveis pela má fama que há em relação à cobrança de dízimo em algumas igrejas. Isso não quer dizer que o presbítero não possa ter salário, porque Paulo é bem claro a esse respeito em *II Timoteo 5.17-18*.

c) Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados

Há pastores que pensam que podem usar e abusar dos membros de suas igrejas como se estes estivessem a seu serviço. Presbíteros que pensam assim não sabem nada a respeito do exemplo deixado por Jesus. Ele mesmo disse que tinha vindo, não para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos (*Marcos 10.45*). O presbítero é chamado para agir como Deus age; portanto, espera-se que também ele aja como servo.

d) Agir como exemplo para o rebanho

Estabelecido que o presbítero é o servo e não o dono do rebanho que Deus lhe confiou, segue que este servo deve também produzir para o mesmo rebanho o exemplo de vida a ser imitado. É isso que Paulo quer dizer quando pede aos filipenses que sigam o seu exemplo (*Filipenses 3.17*).

Ao estabelecer as qualificações das pessoas que Timóteo deveria considerar ao escolher os bispos das igrejas que visitasse, Paulo descreve um líder exemplar, que pudesse preencher todas essas 4 qualificações listadas acima.

Pedro lembra aqui no versículo 4, que o Senhor é o Pastor de todos e que aqueles que se identificam com o Seu sofrimento serão igualmente participantes de Sua glória (*IPedro 4.13*), pelo que não hesita em lembrar que esta coroa de glória estará igualmente disponível para os presbíteros que preencherem as prerrogativas supracitadas. A natureza imperecível desta coroa de glória nos remete de volta para *IPedro 1.4*, onde Pedro fala de nossa herança igualmente imperecível, que não pode macular-se ou perder o seu valor. Ela está guardada por Deus, que a protege pelo Seu próprio poder. Obviamente, por se tratar de um Deus Onipotente, resulta que a natureza da mesma é imperecível.

Neste versículo, as exortações parecem ser dirigidas a uma classe especial de jovens, mas o texto original confronta as palavras gregas *presbyteroi* e *neoteroi*, ou seja, presbíteros nos versículos anteriores com os mais jovens no versículo 5. Assim sendo,

Pedro fez primeiro recomendações aos líderes, os anciãos, acerca de como lidar com a comunidade que lhes foi confiada e agora se dirige aos mais moços, ou seja, o restante da comunidade. Não está claro em que ponto ou em que versículo Pedro deixa de se dirigir apenas ao restante da comunidade e passa a falar com ambos os grupos, porque as coisas que ele diz são aplicáveis, na realidade, a todos os crentes. Por simplificação vamos imaginar que o versículo 5 é o único que se aplica apenas aos "membros da igreja" e que os demais se aplicam a todos.

A primeira recomendação que Pedro faz aos membros da comunidade é que eles se sujeitem aos presbíteros. Se por um lado os presbíteros foram informados que eles "não mandam nos membros", os membros, por outro, devem acatar a autoridade dos presbíteros, porque estes receberam o comissionamento divino de cuidar deles, sendo, portanto, por eles responsáveis. Isso é totalmente coerente com o *Salmo 23*. Se o Senhor é o nosso Pastor, então, nós somos as ovelhas que Lhe devem estar sujeitas. Nessa nova figura os presbíteros fazem o papel de pastor local e os membros da comunidade são as ovelhas locais que devem ser obedientes ao mesmo.

A segunda recomendação à igreja agora diz respeito à relação entre membros. Pedro recomenda que sejam todos humildes uns para com os outros, recomendação esta que nos lembra imediatamente a de Paulo falando aos filipenses: "**nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos**" (*Filipenses 2.3*). Pedro aproveita e dá um muito bom motivo porque essa recomendação deve ser acatada: porque "**Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes**". Os humildes recebendo graça é uma citação do conhecido versículo de *Provérbios 3.34*, mas uma vida espiritual na qual Deus é nosso opositor é inimaginável e certamente fadada ao fracasso. Assim sendo, a humildade na vida espiritual não é uma opção e, sim, uma condição básica, sem a qual a vida espiritual de comunhão com o Pai é inexistente. Esse versículo 5 lembra imediatamente *Salmos 138.6*, que diz que o Senhor olha para os humildes e de longe reconhece os arrogantes. Ser reconhecido à distância já é muito incômodo, mas tê-lo como oponente é uma derrocada completa. Nenhum crente pode se conformar com isso!

A soberba não é um problema limitado ao corpo de membros da comunidade, pois os presbíteros são tão vulneráveis a ela quanto os demais, possivelmente até mais! A solução preconizada por Pedro, neste versículo 6, é que nos humilhemos debaixo da potente mão de Deus.

Aqui cabem duas perguntas:

- Como nos humilhamos debaixo da potente mão de Deus?
- Que significado tem o adjetivo potente neste contexto?

Começando pela segunda, devemos reconhecer a onipotência de Deus, ou seja, o fato de que enquanto nós "batemos cabeça", Deus não apenas conhece a resposta certa, como é poderoso para implementá-la na hora certa.

A gente se humilhar significa que deixemos de confiar nas nossas soluções para permitir que Ele tenha a liberdade, em nossas vidas, de nos usar para realizar as dEle. Não há outra maneira de lidar com Deus. Ele sabe onde, quando e como, enquanto a nós nos cabe descansar nEle. Se Ele quiser, quando Ele quiser e da forma como quiser, pode ser que nos use e nos exalte no tempo dEle. A Bíblia tem inúmeras referências ao fato de que Deus exalta quem se humilha. Jesus mesmo, certo dia em que almoçava na casa de um fariseu, disse que todo aquele que se exaltar será humilhado e todo aquele que se humilhar será exaltado (*Lucas 14.11*). Em tempo oportuno devemos reconhecer que a humildade rege o reino do espírito, tanto no que diz respeito às relações com Deus, como as reações entre irmãos. Por outro lado, a soberba destrói, de igual forma, tanto uma como a outra.

O versículo 7 é lindo, mas vamos ver o que ele tem para nos ensinar. A ansiedade não é pecado, mas certamente Deus Se agrada muito mais de nossa confiança do que de nossas orações aflitas, decorrentes do fato de não podermos visualizar uma saída para os nossos problemas. Pedro vem falando, seguidamente, a respeito de coisas que Deus quer primeiro dos presbíteros e depois da comunidade. Aqui, contudo, está algo que Deus quer de todos nós. Ele quer que **andemos por fé e não por vista** (*II Coríntios 5.7*). Ao fazê-lo, conseguimos lançar sobre Ele as nossas ansiedades sem pegá-las de volta, pois confiamos que **Ele tem cuidado de nós**. Deus tem grande apreço pelo fato de nós expressarmos desta maneira a nossa confiança nEle. As grandes vitórias na vida cristã decorrem do fato de confiarmos que Ele vai fazer o que é melhor para nós, não obstante não sabermos nem onde, nem como, nem quando, simplesmente escolhendo crer que Ele é fiel.

A Bíblia nos revela que Deus nos fez participantes do Seu Reino, o qual está em meio a uma guerra contra Satanás. O desfecho dessa guerra é conhecido, mas nós somos chamados a participar e lutar no sentido de minimizar as baixas do nosso lado, bem como infligir aos inimigos as maiores baixas possíveis. Nos versículos 8 e 9 encontramos Pedro alertando os destinatários de sua carta para a forma como o inimigo age, de modo a reconhecermos os seus ataques o quanto antes. Primeiramente ele diz que **nosso inimigo, o Diabo, anda a nosso redor rugindo como um leão** (tática destes animais para amedrontar suas vítimas) **em busca de quem possa devorar**. A nós nos é dito que devemos estar alertas e vigiar. Na continuidade ele diz a seus destinatários que eles devem **resistir ao inimigo e permanecer firmes na fé, sabendo que todos os nossos irmãos em outras terras passam pelos mesmos sofrimentos**.

As recomendações de Pedro são obviamente similares a de outros autores bíblicos. *Tiago 4.7* nos recomenda que resistamos ao Diabo, pois, fazendo-o, ele fugirá de nós. Paulo diz, em *Efésios 4.27*, que devemos evitar de dar lugar ao Diabo e, em *Efésios 6.11*, que devemos nos revestir de toda a armadura de Deus (descrita detalhadamente na continuidade do texto de Efésios) para que possamos estar firmes contra as astutas ciladas do Diabo. O mesmo Paulo escrevendo para Timóteo faz alertas similares em *ITimóteo 3.6-7*.

Em tempo, é importante que todas essas recomendações coincidem no tocante a resistir ao Diabo, mas nenhum dos mesmos autores nos diz para resistir ao pecado. Ao contrário, somos conclamados, por todos eles, a fugir das tentações, porque a carne não é de confiança (ver: *ICoríntios 6.18, ICoríntios 10.14, ITimóteo 6.11, IITimóteo 2.22*).

O Deus glorioso, exaltado ao longo de toda a carta, Este de cuja maravilhosa graça nós fomos objeto, o mesmo que nos chamou para sermos coparticipantes da glória eterna, que Ele planejou para Jesus, o Cristo, Ele mesmo que previu para nós um aprendizado que se baseia no sofrimento para que venhamos a ser como Ele é, no versículo 10 nos faz quatro promessas para as quais nos convém atentar:

a) Ele nos restaurará (aperfeiçoará na edição Almeida revista e corrigida)

Aquilo que precisa ser restaurado ou aperfeiçoado é algo que quebrou ou apresentou defeito. Nosso defeito obviamente foi o fato de termos sido corrompidos pelo pecado. Nosso aperfeiçoamento ou restauração reside em sermos transformados até chegarmos à semelhança perfeita de Jesus. Essa promessa maravilhosa é a mesma feita por Paulo em *Filipenses 1.6*, onde diz: "**Estou convencido de que Aquele que começou a boa obra em vocês, vai completá-la até o dia de Cristo Jesus**". É verdade que, às vezes, nos frustramos conosco mesmos pelo fato de continuarmos pecando, embora não seja essa a nossa intenção. A verdade é que temos recursos para não mais fazê-lo, que nos acostumaremos a usar à medida em que passemos a pensar como o nosso irmão mais velho, a cuja semelhança estamos sendo restaurados.

b) Ele nos confirmará

A palavra confirmar significa: afirmar a verdade com exatidão, provar alguma coisa que foi afirmada, garantir a validade de algo que foi dito ou feito. Nesse sentido a unção que recebemos de Deus, através do Seu Espírito Santo, tem exatamente essa função. Em *Eféssios 1.13* Paulo afirma que: "**quando vocês ouvirem e crerem na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados em Cristo com o Espírito Santo da promessa, que é a garantia da nossa herança até a redenção daqueles que pertencem a Deus, para o louvor da sua glória**". Já em *Romanos 8.16* Paulo afirma que "**o próprio Espírito testemunha ao nosso espírito que somos filhos de Deus**". A certeza de nossa participação na vida eterna que Jesus conquistou para nós não é garantida por qualquer livro ou instituição terrestre e, sim, pelo próprio Espírito Santo. Ele confirma essa verdade falando ao nosso espírito.

c) Ele nos fortalecerá

Aqui há dois aspectos importantes a serem considerados. O primeiro é para o que precisamos de forças. Não se trata aqui de força para enfrentar um adversário à altura, mas para vencer o mal com o bem (*Romanos 12.21* - "**Não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem**"). Sem dúvida isso é um conceito estranho de força, motivo pelo qual o segundo aspecto é tão importante. Falando aos Seus discípulos, Jesus disse, certa vez, que "**Eu sou a videira e vocês os ramos. Se alguém permanecer**

em mim e Eu nele, esse dará muito fruto, pois sem Mim vocês não podem fazer coisa alguma" (*João 15.5*). Fica claro, portanto, que precisamos de forças para que possamos ser fracos aos olhos do mundo. A força que precisamos é para amar os nossos inimigos (*Mateus 5.44* - "Mas eu lhes digo: amem os seus inimigos e orem por aqueles que lhes perseguem, para que vocês venham a ser filhos de seu Pai que está nos céus"). Precisamos de força para sermos submissos à autoridade, mesmo às autoridades ruins, por uma questão de consciência (*Romanos 13.5*). Precisamos de força que nos ensine a lutar as batalhas do Senhor (*Salmos 144.1*).

d) Eles nos porá sobre firmes alicerces

Quantos são os *Salmos* em que o salmista celebra o fato do Senhor ser a sua Rocha, na qual os seus pés são firmados (*Salmos 18.2, 19.14, 27.5, 40.2, 42.9, 61.2, 62.6-7, 71.3, 89.26, 92.15, 144.1* etc...). Quando passamos a confiar nEle, então, podemos ser usados porque estamos aptos para andar por fé e não por vista. O exemplo de Jeremias nos fala muito sobre isso. Deus prometeu a ele protegê-lo (*Jeremias 1.8*) e aquilo que falou no versículo 10 pouco adiante nos dá a ideia de que ele seria indestrutível ("Eu hoje dou a você autoridade sobre nações e reinos para arrancar, despedaçar, arruinar e destruir, para edificar e plantar"). Quem lê o restante do livro reconhece que não era bem isso, mas num aspecto todos concordaremos: Jeremias sempre teve os seus pés firmados sobre a Rocha e não vacilou em momento algum.

É por isso mesmo que Pedro irrompe no versículo 11 em palavras de louvor e adoração, da mesma forma como Paulo o faz em diversas ocasiões (ver, por exemplo, *Romanos 1.25* e *9.5*). Não há dúvida de que o verdadeiro louvor é aquele que irrompe de lábios espontâneos.

Em suas saudações finais (versículos 12 a 14) não está muito claro se Silvano (o mesmo Silas, colaborador de Paulo) foi a pessoa que redigiu esta carta a partir das palavras pronunciadas por Pedro, ou se ele era apenas o portador da mesma, levada para as igrejas às quais foi destinada. Considerando a pouca cultura de Pedro e o bom grego da carta, podemos aceitar a primeira hipótese. Seja como for, Pedro se sente obrigado a credenciá-lo no texto, dizendo tratar-se de um irmão fiel e, portanto, digno de crédito.

Pedro faz menção à Igreja de Roma usando o nome Babilônia, que foi obviamente entendido pelos destinatários, mas que poderia confundir os de fora, caso a carta fosse interceptada.

O Marcos a quem Pedro se refere aqui é o mesmo que acompanhou Barnabé e Paulo na primeira viagem missionária e que era sobrinho de Pedro.

A saudação de paz a todos os que estão em Cristo é obviamente a melhor maneira de encerrar a carta.

II Pedro 1

A segunda epístola de Pedro, juntamente com as cartas de *Judas*, *IIJoão* e *IIIJoão* foram os últimos textos a serem incluídos no cânon bíblico. São textos que foram questionados por muitos, inclusive Erasmo, Lutero e Calvino após a sua inclusão no quarto século. Há vários motivos para esse questionamento no caso de *IIPedro*, mas o principal diz respeito à autoria, que se questiona, alegando não poder ser de Pedro por causa das grandes diferenças em relação à carta de *IPedro*. Enquanto a primeira epístola de Pedro nos apresenta um grego de excelente qualidade, provavelmente o mais culto de todo o Novo Testamento, a epístola de segunda Pedro foi escrita por uma pessoa cujos conhecimentos da língua são muito inferiores. Considerando que Pedro era um pescador analfabeto da região da Galileia (*Atos 4.13*) é totalmente intuitivo que ele tivesse se servido do mesmo expediente de Paulo, qual seja, o de fazer uso de um escriba para as suas cartas. Paulo o fazia por falta de capacidade visual (*ITimóteo 3.17*), de modo que ditava suas cartas em grego, mas Pedro, por falta de fluência, provavelmente ditava em aramaico aquilo que o escriba traduzia para o grego com suas próprias construções. Em sua primeira carta, Pedro provavelmente faz uso de Silas, um auxiliar de Paulo (*IPedro 5.12*), o que não apenas explica o excelente grego, ressaltado acima, mas também a semelhança de algumas expressões de Pedro com as de Paulo (*/42/*, pág. 543). Como escriba da segunda carta, algumas pessoas têm sugerido o nome de Marcos, sobrinho de Pedro, para o qual grego era uma língua estrangeira. Seja como for, a simples troca de escriba, para a redação de suas duas cartas, é motivo suficiente para justificar a mudança de linguagem de uma para a outra.

É inegável que as coisas que são ditas nas duas epístolas vêm de pensamentos bastante diferentes, mas isso não é o suficiente para chegar à conclusão que estes são oriundos de cabeças diferentes. Em primeiro lugar é necessário reconhecer que as duas epístolas são escritas para pessoas enfrentando problemas diferentes. A primeira é escrita para exortar crentes novos que começam a enfrentar perseguições e que precisam entender os motivos destas e a necessidade de vencê-las pela fé, tomando por base o exemplo do sofrimento do próprio Cristo. Neste âmbito, o autor fala da volta de Cristo como um prêmio. Já a segunda epístola tem como ênfase o combate a doutrinas falsas que estão adentrando as portas da Igreja, principalmente aquelas ligadas ao Gnosticismo. A estas pessoas a epístola ensina que é necessário estarem alertas, porque a volta de Cristo só será vitoriosa para aqueles que guardarem o "verdadeiro conhecimento" (verdadeiro Gnosticismo). Ao contrário de *IPedro*, a segunda epístola, deixa de falar da iminência da volta de Cristo para justificar a sua demora em ocorrer. Isso se dá atrás do bem conhecido versículo de *IIPedro 3.9*.

Embora ambas as epístolas falem muito a respeito da volta de Cristo, apenas a segunda fala da destruição do mundo pelo fogo, dando-nos uma descrição que muito se assemelha a uma guerra atômica.

No versículo 1 é, no mínimo, curioso que Pedro use seu nome duplo, Simão Pedro, diferentemente do que fez em *IPedro*, onde se apresentou simplesmente como Pedro.

Além disso, ele, que lá se apresentara como apóstolo de Jesus Cristo, aqui o faz como escravo (servo) e apóstolo de Jesus Cristo.

Tendo saudado os destinatários de sua segunda carta, Pedro lhes deseja "graça e paz" (versículo 2), a exemplo do que fizera em sua primeira (*IPedro 1.2b*), mas ele acrescenta aqui uma informação referente a como essa graça e paz podem ser multiplicadas: pelo pleno conhecimento de Deus e Jesus Cristo, o nosso Senhor. Ele introduz, desta forma, o assunto principal de sua carta desde a saudação, visto que o conhecimento definido pelo Gnosticismo não é o verdadeiro conhecimento de Deus e muito menos do Seu plano maravilhoso de salvação através de encarnação feita em Jesus Cristo. Ficava claro já na saudação, portanto, que os cristãos que estavam se deixando levar pelo "conhecimento" vindo do Gnosticismo não eram capazes de apresentar uma vida abundante da graça e paz do Senhor.

Os versículos 3 a 11 falam a respeito do que é necessário para que os crentes tenham certeza de sua vocação e de sua eleição cristã. Pedro começa dizendo no versículo 3, que Deus, pelo Seu poder, nos deu tudo que precisamos para a vida e piedade. É importante ressaltar aqui, que Deus não nos dá tudo que "queremos", mas tudo que "precisamos". Além disso, o que nos é dado para que tenhamos uma vida cristã de piedade, vem pelo pleno conhecimento dAquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude. Ficamos sem sujeito na frase, mas em *IPedro* Quem nos chamou para nos fazer participantes de Sua glória foi Jesus, pelo que não há motivo para que isso aqui não fique implícito.

"Dessa maneira", ou seja, tendo nos dado tudo que precisávamos para uma vida piedosa, por meio do conhecimento de Jesus, esse "tudo" se expressa através de grandiosas e preciosas promessas, que permitem que nos tornemos participantes da natureza divina, vencendo, assim, a corrupção do mundo, que é o resultado de suas paixões ou cobiça. Michael Green (/65/, pág. 61) critica, por um lado, a vulgaridade dos termos gregos usados por Pedro, mas elogia, por outro, a forma como consegue usar esses mesmos termos para falar aos gregos em sua linguagem de rua, sobre os erros do Gnosticismo, que negavam a possibilidade de santidade de vida do homem carnal, visto que a carne é matéria e a matéria é corrompida. Pedro está dizendo exatamente o contrário, pois o verdadeiro conhecimento de Cristo se faz acompanhar do novo nascimento, com Deus passando a habitar o homem, dando à sua natureza velha, "sem forma e vazia", conteúdo e expressão, através de ricas promessas que nos permitem ser como é o Varão Perfeito, o qual, por Sua vez, é "o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do Seu ser" (*Hebreus 1.3*). Não devemos ser tentados a pensar que Pedro está sugerindo que passamos a ter alguma participação divina em nossa própria nova natureza. A participação que temos é o Espírito de Deus habitando em nós, tal como previsto em *Ezequiel 36.27* ("Porei o Meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os Meus decretos e a obedecerem fielmente às minhas leis"). É na obediência à voz do Espírito que reside o cumprimento das promessas transformadoras de nossas vidas. É possível, portanto, que a carne seja de tal forma transformada, que ela se torne

santa. Se há alguma área de nossas vidas em que isto não esteja acontecendo, decorre única e exclusivamente do fato de estarmos sendo desobedientes à voz do Espírito de Deus. Isso é exatamente o mesmo que Paulo fala em *Romanos 8.9*. Por outro lado, se somos obedientes, podemos dar o mesmo testemunho que Paulo em *Gálatas 2.20*. A intenção do Espírito Santo é sempre a de fazer com que possamos fugir às tentações das paixões da carne. Vemos, portanto, que as palavras de Pedro são extremamente precisas, permitindo que o cidadão grego do dia a dia, possa conhecer a diferença entre o conhecimento de Cristo e o conhecimento do Gnosticismo (versículo 4).

Os versículos 5 a 7 apresentam a versão de Pedro para os ensinamentos de Paulo que encontramos em *Romanos 5.1-5* e de Tiago em *Tiago 1.2-4*. Estes 3 textos têm em comum o fato de ensinarem que o crescimento cristão é o resultado cíclico das experiências que vivemos com Cristo ao andarmos em obediência ao Espírito Santo. É interessante compararmos as 3 sequências:

Pedro: fé → virtude → conhecimento → domínio próprio → perseverança → piedade → fraternidade → amor

Paulo: fé → tribulação → perseverança → caráter aprovado → esperança (amor)

Tiago: provações (provas da fé) → perseverança → crentes maduros e íntegros → sabedoria

Segundo Green (/65/, pág. 63) a ética estoica produzia listas de qualidades que o homem "conquistava" à medida em que crescia no conhecimento. Pedro estaria usando, portanto, uma lista similar, porque sabia que ela seria entendida por seus leitores. A principal diferença, contudo, é que as qualificações da lista de Pedro eram alcançadas pela graça de Deus, na medida em que dá ouvido ao Seu Espírito, ao invés de se esforçar por conquistá-las por esforço próprio.

As qualificações citadas por Pedro principiam com a fé, que é o reconhecimento do senhorio dAquele que morreu e foi ressuscitado dos mortos por Deus, depois de pagar o preço dos nossos pecados (*Romanos 10.9*), abrindo, assim, o caminho para o novo nascimento, no qual passamos a ter Deus por Pai e ganhamos um espírito novo e o próprio Espírito de Deus habitando em nós. A segunda qualificação citada por Pedro é a "virtude". A palavra grega, traduzida por virtude, significa "excelência". A excelência, por sua vez, retrata o bom desempenho de alguma coisa. A excelência do açúcar é adoçar, a do sal é salgar e a excelente faca corta, mas qual é a excelência do homem? Pedro já tinha respondido a essa pergunta no versículo 3, ao dizer que o pleno conhecimento de Cristo nos leva à sua glória e virtude. A excelência do homem reside, portanto, em se parecer com Cristo, ou seja, em chegar à estatura do Varão Perfeito (*Efésios 4.13*).

Seguindo a lista de Pedro, chegamos ao "conhecimento" (apenas gnosís no grego). Gnosís, simplesmente, seria "sagacidade ou sabedoria prática". No contexto bíblico, contudo, é a sabedoria que nos permite distinguir entre o bem e o mal, indicando o caminho para nos desviarmos deste último (ver *Hebreus 5.14*). Pedro parece insistir na

palavra conhecimento, por estar interessado em desmascarar o falso conhecimento retratado pelo Gnosticismo. O verdadeiro conhecimento está em Cristo e Pedro sabia por experiência própria que Ele é a nossa Rocha Angular e que quem nEle crê jamais será confundido (*Isaías 28.16*).

Continuando na lista de Pedro, chegamos ao "domínio próprio". Esta qualificação figura também como fruto do Espírito na lista produzida por Paulo em *Gálatas 5.22-23*. Tem um valor especial para a filosofia moral grega, pois lida com o controle das paixões ao invés de ser controlado por elas. Na ética estoica os mestres criam que o conhecimento os liberava da necessidade do autodomínio, motivo pelo qual Pedro insistiu na posição de que o conhecimento de Cristo é o verdadeiro, por levar justamente ao domínio próprio, um fruto do Espírito, que resulta da obediência à voz desse mesmo Espírito Santo.

Como consequência desse domínio próprio, surge na vida do servo de Deus a "perseverança", que é a capacidade dele de aceitar situações adversas sem reclamar, por ter certeza que **"todas as coisas contribuem para o bem daqueles que amam a Deus"** (*Romanos 8.28*). Sua confiança em Deus não é abalada por enfermidades, situações adversas, perseguições ou qualquer outra circunstância prejudicial, porque ele sabe que o seu Redentor vive e reina. Não se trata de qualquer tipo de fatalismo ou "carma" e, sim, da certeza de que Deus sempre tem um propósito na vida de Seus servos. É a perseverança que faz com que o crente louve a Deus, não obstante as circunstâncias.

A próxima qualificação é a "piedade", que alguns traduzem como reverência ou dedicação a Deus. No Judaísmo seria uma pessoa que guardava a lei, mas no Cristianismo se trata de uma pessoa temente a Deus, pelo que trata tanto a Deus como ao seu próximo com amor e respeito. Os falsos mestres do Gnosticismo se julgavam pessoas piedosas devido ao seu conhecimento gnóstico, mas Pedro certamente incluiu aqui essa qualificação para ressaltar o quão longe eles se encontravam dela. Eusebeia, a palavra grega correspondente, não é um sinônimo de religiosidade, mas, sim, de um relacionamento sincero e prático com Deus.

Continuando com a lista chegamos à "fraternidade". Não é possível ter amor por Deus sem ter amor pelo próximo. É isso que João nos diz em *1João 4.20*: **"se alguém afirmar, eu amo a Deus, e odiar o seu irmão é mentiroso, pois quem não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus a quem não vê"**. É compreensível, contudo, que esta qualificação se encontre aqui quase ao final da lista, porque é sem dúvida uma das tarefas em relação à qual temos os maiores fracassos. É inegável que demonstremos preconceitos de raça, classe social, nível cultura etc... A "philadelphia" é, portanto, um atributo que precisamos cultivar. Devemos nos acostumar a querer carregar os fardos uns dos outros. O meu irmão, que nasceu do mesmo Pai que eu, é amado por meu Pai tanto quanto eu, pelo que o meu amor por ele deve ser igualmente incondicional. A minha indiferença é inaceitável, tanto para Deus quanto deve ser para mim mesmo. Esse deve ser um alvo do meu crescimento cristão: amar o meu próximo como a mim mesmo.

Corando a lista de Pedro vem o amor “Agape”, que Deus demonstrou primeiro por nós, mas espera que nós demonstremos também, não só para com Ele, mas uns pelos outros. Esse amor foi demonstrado de tal maneira, que Deus efetivamente se fez carne na figura de Seu Filho Jesus e morreu a nossa morte, para que nós, por nossa vez, pudéssemos ter vida eterna. *João 3.16* apresenta isso de maneira clara, mas certamente não por coincidência, / *João 3.16* nos ensina que devemos, nós também, estar dispostos a dar a nossa vida uns pelos outros. Nada é mais importante na vida cristã, que o plano de Deus em meu favor e em favor do meu irmão. Minha prioridade deve ser, portanto, a conversão dele, mesmo que isso custe a minha própria vida. Nós só entendemos plenamente o amor de Deus no dia em que a vida eterna do meu próximo for tão importante para mim quanto é para Deus.

Os versículos 5 a 7 apresentaram uma série de qualidades que devem ser encontradas na vida daquele que se torna filho de Deus. Nada mais natural, portanto, do que Pedro resumir isso da forma como o faz no versículo 8. Há, contudo, um ponto muito importante que deve ser ressaltado no âmbito desse versículo, com o qual Pedro deseja estabelecer uma clara distinção entre as qualidades daquele que nasceu de Deus e daquele que foi "iluminado pelo gnosticismo". Os mestres gnósticos alegavam que o "conhecimento progressivo" adquirido permitia ao "iluminado" desenvolver qualidades similares a algumas encontradas na lista de Pedro. Ele, ao contrário, diz que essas qualidades já existem na vida daqueles que nasceram de novo e que devem crescer para garantir a sua operacionalidade e a produtividade. Ele quer ressaltar com isso que nós não temos qualquer mérito no surgimento dessas qualidades, pois fazem parte do pacote da graça que acompanha o novo nascimento, que ocorre em função do "pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo". Isso se dá em contraposição às qualidades do gnóstico que decorrem do seu esforço pessoal por adquirir conhecimento.

O versículo 9, à primeira vista, parece contradizer o que foi dito acima. Pedro estaria dizendo que aquele que se diz crente, mas cuja vida não possui essas qualidades, é cego e só vê o que está próximo, pelo que se esqueceu do perdão dos seus antigos pecados. A contradição aventada acima reside no fato de que o crente, nascido de novo, possui essas qualificações, mesmo que não as tenha desenvolvido, porque elas vieram no pacote da graça. Se essa pessoa teve seus antigos pecados perdoados por Deus, não há dúvida de que ela recebeu essas qualificações, mas o fato delas não serem visíveis em sua vida, significa apenas que elas não tiveram qualquer desenvolvimento, pois a pessoa em apreço continuou a viver uma vida voltada para as coisas do mundo. Isso é confirmado pelo fato de Pedro chamá-la de cega. O curioso, contudo, é que esse cego enxerga e tem olhos para as coisas que estão perto. Em outras palavras, a sua cegueira é espiritual, pelo que ele tem ainda olhos para as coisas de perto, quais sejam as mundanas. Cabe ressaltar ainda a memória curta desse crente (com "c" minúsculo), que se esqueceu ou fez questão de esquecer o compromisso, um dia assumido, segundo o qual Jesus seria o Senhor de sua vida, pois o seu prazer nas coisas do mundo fez com que o seu domínio próprio tenha perdido a guerra para o pecado.

O versículo 10 deixa claro que a eleição divina, seguida do chamamento do servo eleito, se faz acompanhar de todas as qualidades ou dons do Espírito Santo, mas que a nossa decisão sincera de aceitar o senhorio de Jesus Cristo deve ser confirmada a cada dia, na medida em que nos esforçamos para não dar lugar ao pecado, que tão de perto nos assedia. Embora o assunto aqui não seja a apostasia do crente, Pedro parece estar falando acerca de como evitá-la: devemos nos esforçar por consolidar a nossa chamada e eleição. Quanto à apostasia, que o autor de *Hebreus* introduz no capítulo 6, da maneira mais contundente de toda a Bíblia, Pedro vai voltar ao assunto no final do capítulo 2, pelo que podemos deixar para discutir o assunto quando lá chegarmos.

Pedro encerra essa parte complementando, no versículo 11, que o crente que atender à sua exortação do versículo 10, estará ricamente provido quando entrar no Reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Não há dúvida que Pedro enxerga a vida aqui sobre a Terra como um período de luta e sofrimento e que a coroa da vida, acompanhada da verdadeira felicidade, só serão possíveis no Reino Celestial de nosso Pai. Uma das grandes dificuldades, portanto, para que os crentes de nossos dias entendam ou achem necessário por em prática o que ele está dizendo, reside justamente no fato de não compartilharem desse pensamento. A ideia deles é que seja possível viver deliciosamente sobre a Terra, sem que isso implique em qualquer tipo de pecado. Para que isso seja uma realidade sempre, portanto, tendem a separar a sua vida secular da sua vida espiritual, com o seu tempo dividido entre as duas, ficando cada vez menos para a espiritual. É claro que vivemos em um país onde há liberdade religiosa e onde é muito pequena a perseguição àqueles que optam por dedicar as suas vidas à pregação do Evangelho, mas o número das pessoas que assim vivem é muito pequena, justamente porque poucos creem que ser servo de Jesus Cristo seja um ofício de tempo integral.

É curiosamente lamentável que o nosso fervor a Deus precise estar associado à perseguição e ao sofrimento para que floresça. Não é sem motivo, portanto, que o Cristianismo tenha florescido justamente em meio à perseguição, que foi feita à Igreja Primitiva e que tenha chegado a um estado de letargia quando a Igreja foi estatizada por Constantino. Quando Paulo faz sua maravilhosa confissão de vitória a Timóteo ("**Combati o bom combate, terminei a corrida e guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia**") ele a estende também a todos que amam a Vinda de Jesus. A pergunta que devemos nos fazer é quantos de nós realmente amam a volta de Jesus? Será que a grande maioria de nós não está, ao contrário, satisfeita com a vida que tem e querendo mais que Jesus adie Sua volta? Não há dúvida que a exortação de Pedro no versículo 10 é tão atual para nós como o era para os destinatários de sua carta.

No versículo 12, Pedro faz um intervalo em suas exortações e como que pede desculpas por estar sendo tão repetitivo. Ele reconhece que eles já sabem tudo isso e que estão solidamente firmados nas verdades do Evangelho de Jesus Cristo que haviam recebido. Mesmo assim ele diz que vai ter sempre o cuidado de lembrá-las a eles. Sem mais nada,

este versículo nos fala do amor e do zelo que Pedro nutre pela Igreja de Jesus Cristo e, particularmente, pelos filhos na fé, aos quais está escrevendo.

Pedro parece dizer, no versículo 13, que considera importante aquilo que Jesus pedira para ele fazer. Depois de negar Jesus 3 vezes, Pedro esteve com o seu Senhor ressurreto às margens do mar da Galiléia, onde Jesus lhe disse, também 3 vezes, que ele deveria "**apascentar as Suas ovelhas**". Era exatamente isso que Pedro estava fazendo enquanto relembra a eles tudo que lhes ensinara e continuaria a fazê-lo enquanto tivesse tempo (e vida) para fazê-lo.

Sabemos que naquele mesmo dia posterior à ressurreição, às margens do mar da Galileia, Jesus disse também a Pedro que haveria de morrer de morte violenta em sua velhice (*João 21.18-19*). Neste versículo 14, Pedro informa aos seus leitores que já estaria avisado pelo Senhor que ele estaria partindo desta vida dentro em breve. Não sabemos se ele se referia àquilo que Jesus dissera na Galileia e que fora registrado por João, ou se ele recebera alguma outra revelação do Senhor, mas, seja como for, Pedro estava falando de sua partida iminente como uma coisa natural que estava por ocorrer. Desta forma ele justificava a urgência de lembrar a eles todos esses seus ensinamentos.

Não sabemos exatamente do que Pedro está falando, no versículo 15, ao dizer que se empenhará, também, para que, depois de sua partida, eles tivessem um meio de se lembrar dessas coisas. Claro que ele poderia estar se referindo à própria carta que estava escrevendo (*II Pedro*), mas a maioria dos teólogos acha que ele estaria se referindo ao Evangelho de Marcos, que ele, de alguma forma, faria chegar às mãos deles. O primeiro a defender essa idéia parece ter sido Irineu, que nasceu por volta da mesma época do martírio de Pedro. Aparentemente Irineu teria em mãos uma cópia de *II Pedro*, ao registrar isso em seus escritos.

Do versículo 16 em diante, até o final do primeiro capítulo, Pedro passa a falar a respeito das Escrituras, defendendo-as como se estivessem sendo atacadas pelos falsos mestres do Gnosticismo. Particularmente neste versículo, é como se estivesse falando a respeito de algum texto relativo ao Evangelho de Jesus Cristo, no qual estaria sendo ridicularizado como uma série de eventos inventados. Respondendo a isso, Pedro faz questão de dizer que ele mesmo foi testemunha ocular dos principais eventos que estariam sendo taxados de fábulas.

Em particular, nestes versículos 17 e 18, Pedro se lembra de um evento que comprova o quanto Jesus era exatamente o que dizia ser: o Filho Amado de Deus Pai, de quem recebeu honra e glória pela forma como O agradou em Seu ministério terreno. Ele confirma ter ouvido isso, dito pelo próprio Pai, quando estava com Jesus no monte da transfiguração (não especificado), onde subira para orar com Tiago e João: *Mateus 17.5*.

Do versículo 19 em diante, até o final do primeiro capítulo, Pedro lembra a eles que no Antigo Testamento Deus falava através de profetas e muitas vezes os próprios profetas eram usados por Deus para reclamar que os seus servos não eram ouvidos. Ver, por exemplo, *Jeremias 7.25*: "**Desde a época em que os seus antepassados saíram do Egito**

até o dia de hoje, eu lhes enviei os meus servos, os profetas, dia após dia. Mas eles não me ouviram e nem deram atenção. Antes tornaram-se obstinados e foram piores do que os seus antepassados". Aqui Pedro diz aos seus leitores que eles, de igual forma, devem ouvir as palavras dos profetas que chegam até eles, considerando-as como uma lâmpada que brilha na escuridão até que a verdade se faça dia em suas vidas e a "estrela d'alva" (Jesus) nasça em seus corações.

Nos versículos 20 e 21, Pedro deixa claro que está se referindo ao registro escrito dos profetas do passado deixados nas páginas das Escrituras Sagradas, ou seja, na Bíblia. Ele o faz esclarecendo que nenhum texto de Escritura é de interpretação pessoal, pois ela não é originada na mente de homens e, sim, na inspiração do Espírito Santo de Deus.

Aqui a interpretação é válida nos dois sentidos, quais sejam, a interpretação de um texto bíblico, para quem o lê, só é correta se for inspirada pelo mesmo Espírito Santo. Por outro lado, nenhum profeta do texto bíblico escreveu o que bem quis, porque o texto é de inspiração divina e os profetas escreveram apenas o que Deus colocou em suas mentes. Todas as vezes que alguém deu interpretação particular a um texto bíblico específico, entendendo que descobriu algo que os outros nunca viram, o resultado tem sido desastroso para essa pessoa mesmo e para quantos consegue convencer quanto à veracidade de sua "nova doutrina". Pedro não está dizendo que todos concordam sobre todos os textos bíblicos, nem tampouco que tudo na Bíblia esteja claro, mas está alertando para a veracidade dos textos bíblicos por serem inspirados pelo Espírito Santo, ao mesmo tempo em que pode estar alertando para o perigo do uso de textos fora de seu verdadeiro contexto e sentido.

II Pedro 2

Pedro continua aqui a sua comparação com aquilo que ocorreu no passado. O AT narra em várias ocasiões o surgimento de falsos profetas, pelo que ele adverte para que contem, na realidade presente de seus leitores, com o surgimento de falsos mestres, os quais introduzirão secretamente heresias destruidoras, chegando a negar Jesus e trazendo sobre si mesmos repentina destruição.

Green (/65/, pág. 90) cita a forma de ensino dos falsos mestres como bajulação, suas ambições como financeiras, suas vidas como desregradas, suas consciências como cauterizadas e seus alvos como o engano dos incautos. Neste caso o engano era praticado através de heresias destruidoras da verdade, dentre as quais as mais comuns eram negar a eficiência da morte substitutiva de cruz e a divindade dAquele que ofereceu a salvação gratuitamente (*Tiago 2.7*). Negavam, desta forma, também a necessidade de uma vida santa para aqueles que aceitavam o senhorio de Jesus. Falando desses mesmos falsos mestres, Paulo chama a atenção dos tessalonicenses para a forma pela qual seu próprio ministério diferia do deles (*ITessalonicenses 2.5*). O resultado do

sucesso desses falsos mestres, que permeiam até hoje as nossas igrejas, é sempre a difamação do Evangelho de Jesus Cristo.

No versículo 3, Pedro ressalta, mais uma vez, que a cobiça é a sua motivação, pelo que não se importam de falsificar a informação com que impressionam aqueles que os seguem. Felizmente, contudo, não podiam enganar a Deus, pelo que já haviam sido condenados e a sua destruição não tardaria, como diz o próprio Pedro.

Nos versículos 4 a 6, Pedro nos dá 3 exemplos do juízo de Deus sobre o pecado e de como esse juízo se estende sobre aqueles que escolhem viver nele. O primeiro desses juízos é para os anjos rebeldes, com relação aos quais Pedro já nos informara, em *IPedro 3.19*, que Jesus pregara em suas prisões. A Bíblia fala a respeito deles em *Gênesis 6.1-4*, em *Judas 6* (repetição de *II Pedro*), e certamente fazem parte do grupo de anjos que João menciona em *Apocalipse 12.7-9*. Pedro nos informa que eles foram "lançados no inferno", onde estão "presos num abismo tenebroso", esperando o juízo. Quanto ao crime destes anjos, somos informados aqui apenas que "pecaram", mas o texto de *Gênesis* nos diz que esses seres, aparentemente anjos caídos, que são chamados de "nefilins", teriam tido relações com humanas, que resultaram no surgimento de homens superdotados. Não temos interesse particular na discussão do pecado desses seres, por total falta de informação a respeito, e nem queremos avaliar a existência na Bíblia de seres tipo "Hércules", semi-humanos e semideuses, mas queremos, isso sim, ressaltar a total intolerância de Deus para com esse tipo de pecado.

O julgamento de Satanás, e dos demais anjos que acompanharam a sua rebelião contra Deus, já se deu, conforme somos informados em *João 16.11* (e do juízo porque o príncipe deste mundo já está condenado), em *Apocalipse 20.10*, onde se dá o cumprimento desse juízo (o Diabo, que enganava as nações, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre) e em *Mateus 8.29*, onde vemos que havia um tempo estipulado também para os demais anjos caídos (**Vieste aqui nos atormentar antes do tempo?**).

Para os pecados sexuais que acompanham a decadência moral, vemos que Deus, ao longo da história, sempre mostrou uma tolerância bem menor. Exemplos bíblicos incluem este com o qual estamos lidando: o dilúvio, Sodoma e Gomorra e o juízo de Canaã. Exemplos históricos incluem a Grécia antiga e o Senado romano. Se há algum sinal em nossos tempos da proximidade do Juízo Final, este, sem dúvida, é a degradação moral generalizada de nossos dias.

O segundo exemplo do juízo de Deus sobre o pecado é justamente o dilúvio, já citado acima. Pedro se limita a mostrar o contraste do juízo de Deus sobre a impiedade e a misericórdia dEle para com Noé e sua família, por ser um pregador da justiça. É curioso que essa informação a respeito do fato de Noé ser um pregador da justiça não vem do AT. Por outro lado, somos informados em *Gênesis* que Deus se aproximou de Noé depois do nascimento de seus filhos, quando tinha 500 anos e o juízo veio quando ele completou 600. Assim sendo, a construção da arca pode ter levado até 100 anos para se completar. Ao longo deste período é intuitivo que Noé tenha sido questionado e

escarnecido muitas vezes por construir um navio de 135m de comprimento no topo de uma montanha (Arará). É claro, igualmente, que a todos estes Noé pregou falando do juízo de Deus, sem que sua pregação tenha tido um único convertido. Não obstante a Sua intolerância com o pecado, Deus foi muito tolerante com os antediluvianos durante os quase 100 anos de obra, mas todos rejeitaram o "navio graça" que Ele mandou construir, bem como as explicações do Seu servo Noé, arauto da fé.

O terceiro exemplo de juízo, também já citado acima, foi a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, devido à mesma impiedade atribuída aos antediluvianos.

No versículo 7 Pedro, mais uma vez, atribui a Ló qualificações das quais o Antigo Testamento não fala: ele estaria se afligindo com o libertinismo dos que não tinham princípios morais. No versículo 8 somos informados, ainda, que ele se atormentava, em sua alma justa, com as maldades que via e ouvia. Talvez esse Ló descrito por Pedro não se pareça totalmente com aquele que não teve dúvida em escolher as terras mais irrigadas, deixando o pior para o velho tio Abraão e o qual os anjos tiveram que arrastar para fora da cidade porque ele aparentava ter dificuldade de deixar os bens para trás e cuja esposa virou uma estátua de sal exatamente pelo mesmo motivo. Seja como for, Deus conhece o coração e o Espírito certamente sabia o que estava dizendo quando inspirou Pedro. Assim sendo, podemos ver, diz Pedro, como o Senhor sabe cuidar dos piedosos e ao mesmo tempo reservar para os ímpios, tanto o castigo presente como o juízo futuro.

Um pensamento interessante introduzido por Green (/65/, pág. 97) é que os livramentos de Deus, tanto para Noé como para Ló, e certamente para nós hoje de igual forma, são somente por causa do que Ele é e não por causa do que eles foram ou pelo que nós somos. Pouco importa, portanto, se Noé e Ló foram bem sucedidos sempre ou se pisaram na bola de vez em quando. O importante para Deus é que ambos O amavam e, embora Paulo ainda não o tivesse escrito, certamente ambos já sabiam que **todas as coisas cooperam para o bem daqueles que O amam**. Assim sendo, poderíamos parafrasear a primeira parte do versículo 9 da seguinte forma: vemos, portanto, que Deus, pela Sua Maravilhosa Graça, está sempre preparado para livrar da provação aqueles que O amam. Além disso, devemos ressaltar que "livrar de provações" não é sinônimo de impedir que elas nos atinjam e, sim, prover para que elas se tornem em grandiosas experiências de crescimento para as vidas de Seus servos. Reconhecemos, portanto, que Noé foi provado durante quase 100 anos, ao longo dos quais foi criticado e ridicularizado, mas teve a oportunidade de provar e proclamar a sua fé nAquele que lhe fizera promessas, dentre as quais elevar o nível das águas centenas de metros numa terra onde não chovia. Ló, que crescera os olhos na planície bem regada do Jordão, foi provado justamente por tê-la escolhido, tendo que vê-la totalmente destruída, virando cinzas.

Na segunda parte do verso 9 Pedro parece se lembrar dos falsos mestres que tinham sido o tema de todo o capítulo 2. Dos mesmos de quem ele dissera no versículo 3, que

sua destruição não tardaria, ele agora diz que Deus os manteria em castigo para o Dia do Juízo.

Lembrando-se, então, dos 3 exemplos de decadência moral que ele citara nos versículos 4 a 8, ele agora particulariza o castigo para os que seguem desejos impuros da carne e nos surpreende ao adicionar "aqueles que desprezam a autoridade".

Obviamente a primeira pergunta que nos fazemos é: de que autoridade ele está falando?

Se lembrarmos, contudo, de que Pedro está falando de falsos mestres no seio da própria Igreja, segue que as autoridades que estão sendo desrespeitadas são exatamente as autoridades da Igreja, dentre as quais o próprio pastor, principalmente.

Neste ponto podemos atentar para a grande quantidade de vezes que Deus deixou claro que tem horror àqueles que causam dissensão entre os irmãos. Lembramos aqui, então, das 6 coisas que Deus odeia, mas da sétima que Ele abomina, qual seja justamente aquele que provoca a discórdia entre irmãos (*Provérbios 6. 16-19*).

No versículo 10b Pedro faz uma alusão a esses mesmos falsos mestres, tendo em vista a forma como desrespeitam até mesmo os seres celestiais, chamando-os de insolentes e arrogantes, embora não saibamos aqui exatamente a que fato Pedro está se referindo. É possível que Pedro esteja dizendo que esses falsos mestres tenham desrespeitado os líderes indicados por Deus, que estariam sendo tratados, por ele, como sendo os representantes divinos.

Como comprovação do quão absurdo é esse fato, Pedro nos informa no versículo 11, que nem mesmo os anjos, embora sejam maiores em força e poder, ousam referir-se de forma negativa aos anjos caídos da presença do Senhor. Mais uma vez o grego de Pedro cria dificuldades, pois não sabemos exatamente em relação a quem é dito que os anjos são mais fortes e poderosos. Seja como for, o pano de fundo desse versículo poderia ser um evento revelado por Judas, em seu versículo 9, onde o arcanjo Miguel e o ex-arcânjo Lúcifer disputam o corpo de Moisés, onde Miguel não quis sequer repreendê-lo, preferindo dizer: "**o Senhor te repreenda**". Tudo que sabemos na Bíblia a esse respeito é que o próprio Deus teria sepultado Moisés em Moabe, no vale diante de Bete Peor, mas que ninguém conhece exatamente onde (*Deuteronômio 34.6*). A lição a ser aprendida aqui parece ser que todos devemos nos lembrar que as palavras que pronunciamos são sempre proferidas na presença do nosso Criador, pelo que ofensas ao nosso igual, criado pelo nosso Criador mútuo, se constitui numa ofensa ao nosso Criador.

Continuando no versículo 12, Pedro está criticando a forma irracional como esses falsos mestres se comportam. Eles se deixam guiar pelos instintos, como o fazem os animais, e acabam corrompidos por sua própria corrupção. Isso se aplica de forma prática ao próprio corpo, pois na busca do prazer prejudicam o corpo e acabam não mais podendo sentir o prazer que buscavam. Que ironia! É exatamente isso que diz o versículo 13a. Na segunda parte deste versículo vemos aquilo que muito se parece com a devassidão dos

nossos dias. Esses falsos mestres queriam que sua devassidão fosse uma coisa realizável em plena luz do dia e que todos o considerassem totalmente normal, que pudesse ser chamado de "politicamente correto".

Com relação a essas pessoas Pedro os chama de "nódoas e manchas", porque queriam não apenas fazer parte do corpo de Cristo, mas queriam também ser reconhecidos como mestres, ignorando, contudo, tratar-se de um grupo onde o alvo é ser como o irmão mais velho: "**sem defeito e sem manchas**". As festas citadas a seguir são provavelmente a Ceia do Senhor, que ficara totalmente corrompida em Corinto e que esses falsos mestres estavam também tentando corromper aqui.

Devemos lembrar que os cultos gregos eram repletos de cerimônias sexuais, que provavelmente esses mestres estavam declarando ser aceitáveis também aqui. Começando pela embriaguez na Ceia, seria muito fácil fazer das orgias sexuais prazerosas algo que pudesse fazer parte do culto, porque isso já fora parte do culto dessas mesmas pessoas no passado.

No versículo 14, Pedro está descrevendo o que se passa na mente de uma pessoa que é escrava do pecado da lascívia. Seus olhos se enchem de adultério, ou seja, são incapazes de olhar para o sexo oposto sem ver nesta pessoa um candidato ou uma candidata a adultério. Nunca param de pecar, porque seus corações estão cheios de desejo e estão sempre dispostos a convencer, com seus enganos, outras pessoas instáveis. Ao dizer que essas pessoas são malditas, Pedro não está rogando sobre elas qualquer maldição, mas simplesmente reconhecendo o fato de que as maldições anteriores, que havia sobre suas vidas e que Cristo tomara sobre Si, estavam agora novamente sendo por elas carregadas, visto que Cristo estava sendo recusado e juntamente com Ele as bênçãos associadas.

A história do profeta Balaão é uma das mais tristes do Antigo Testamento. Temos que reconhecer que ele, não obstante não pertencer ao povo de Israel, era, sem dúvida, servo do Deus Altíssimo. Sua história começa com um convite do rei moabita, Balaque, para que este amaldiçoe o povo de Israel, que passava por suas terras a caminho da Terra Prometida. Balaão recusou o convite de se encontrar com Balaque, depois de ter sido informado por Deus que ele não deveria amaldiçoar o povo de Israel. Insatisfeito, Balaque manda uma segunda delegação, formada por pessoas mais nobres, para que renovassem o convite, oferecendo uma grande quantidade de riqueza. Desta feita, ao invés de mandá-los embora imediatamente, Balaão resolve pedir aos novos enviados que esperem até que ele tenha consultado a Deus. Ora, a resposta de Deus já era conhecida, de modo que a cobiça de Balaão despertada pela oferta que lhe foi feita, é a única motivação atrás de sua nova consulta a Deus.

Surpreendentemente, Deus dá a ele a permissão necessária para que atenda ao convite, com a intenção de ensinar a ele uma lição, qual seja, a de não discutir os desígnios de Deus. Neste contexto, temos uma das histórias bíblicas mais apreciadas pelas crianças (*Números 22-24*), quando Deus permite que a mula de Balaão o repreenda com voz

audível, para salvar a sua vida, que seria ceifada pela espada de um anjo percebido pela mula, mas que ele mesmo não vira. Passada essa maravilhosa lição, o profeta pergunta a Deus se deve voltar, mas Este manda que siga em frente acompanhando os emissários de Balaque, falando, contudo, apenas aquilo que Ele autorizasse. Infelizmente, contudo, Balaão, mais uma vez deixa, de perceber que Deus preparara nova prova para ele, na qual ele, infelizmente, voltaria a cair, pelo que perde também a vida.

Ao lermos a sua história talvez sejamos induzidos a pensar que ele está fazendo estritamente o que Deus mandou, mas a verdade é que a cada novo pedido de Balaque, para que o profeta tente novamente um ângulo de visada a partir do qual Deus talvez aceite que ele amaldiçoe o Seu povo, Balaão o acompanha e faz nova consulta a Deus, também com a esperança de que Deus mude de idéia, para que possa receber a compensação em tesouros prometida por Balaque. Mesmo depois que Balaque se diz totalmente frustrado com ele, mandando-o embora por não amaldiçoar, conforme solicitado, ainda assim vamos constatar, em *Números 31.16*, que Balaão não fora embora, mas que ficara para ensinar ao rei uma maneira segundo a qual o próprio povo de Israel poderia se colocar debaixo da maldição que ele não pudera pronunciar. Para tanto, Balaão sugeriu a Balaque que as mulheres moabitas provocassem sexualmente os homens dentre os filhos de Israel, para que estes, pecando contra o Seu Deus, se tornassem objeto da ira dEste. Este evento tem registro em *Números 25*, onde vemos a vulnerabilidade que tal fato trouxe sobre o povo de Israel. Balaão, assim como cada um de nós, não poderia servir a dois senhores, pelo que ele ou cultuava louvores e obedecia à voz de Deus para com Ele viver, ou ele deveria aceitar as promessas do deus Mamon, com cujas vantagens morreria. Para sua grande infelicidade, Balaão já tinha decidido que faria pequenas concessões, achando que Deus sequer perceberia.

Pedro, no versículo 17, volta a se referir aos falsos mestres do seio da igreja, com relação aos quais ele faz duas comparações muito propícias, ao dizer que são:

- Fontes sem água

Uma fonte sem água é uma incoerência, pelo que é impossível matar a sede com a mesma. Já aquele que bebe da água que vem da fonte provida por Jesus nunca mais terá sede (*João 4.14*). Além disso, essa mesma água se tornará nele uma fonte que jorra água para a vida eterna, ou seja, essa pessoa será também uma bênção para aqueles que estão à sua volta e com as quais tem contato.

- Névoas impelidas pela tempestade

A névoa é uma cerração de densidade variável. Ao ser impelida pelos ventos durante a tempestade, ela faz com que a visibilidade se torne instável. Assim é o ensino desses falsos mestres, pois aquilo que ensinam acaba confundindo, ao invés de esclarecer. Trata-se, portanto, de uma tentativa deliberada de confundir as pessoas inseguras, de modo a desviá-las do caminho certo, que é Jesus. Para estes falsos mestres Pedro nos diz que estão reservadas, não névoas de densidade variável, mas as densas trevas do inferno, nas quais viverão por toda a eternidade. Com relação a pessoas que fizessem

tropeçar os menos esclarecidos que creem nele (pequeninos), induzindo-os ao pecado, Jesus mesmo já dissera que era melhor que fossem lançados ao mar com uma pedra grande amarrada ao pescoço (*Marcos 9.42*). Essa morte horrenda seria ainda melhor que o inferno que lhes está destinado, onde "o seu verme não morre e o fogo não se apaga" (*Marcos 9.48*).

No versículo 18 Pedro nos informa que esses mestres usavam palavras de "vaidosa arrogância" para ensinar aos incautos que "os desejos da libertinagem da carne" eram lícitos. Cabe ressaltar aqui que isso era totalmente coerente dentro dos ensinamentos do Gnosticismo, onde se pregava que a salvação do espírito eterno do homem era obtida e garantida pelo conhecimento, ao passo em que pouco importava o que a pessoa fizesse com o seu corpo, pois este era pecaminoso, mas felizmente mortal, ficando depois para trás. Assim sendo, não havia porque não satisfazer no presente os seus desejos. Embora não se utilize hoje em dia o termo gnóstico para classificar as pessoas que continuam a ensinar a mesma coisa, a nossa sociedade os chama de "pessoas esclarecidas", pelo que se vê que o Gnosticismo e o seu conhecimento implícito foi apenas traduzido, sem sequer mudar de nome.

No versículo 19 Pedro esclarece a real situação dessas pessoas, mostrando o quanto esta difere daquilo que pregam. Os falsos mestres prometem liberdade, enquanto eles mesmos são escravos de sua própria corrupção. Isso corresponde a um "xeque-mate" no confuso xadrez dos ensinamentos desta vida, "pois o homem é escravo daquilo que o domina". Não há nada mais importante na vida moderna do que o sexo. Todos os anúncios de televisão nos mostram pessoas "bem sucedidas" que desfrutam de qualquer produto juntamente com as "delícias" do sexo. O que esse versículo nos diz é que as pessoas sequer percebem o quanto o pecado do sexo desenfreado domina o homem moderno. Nossa sociedade em nada destoa daquela de Roma nos dias de Nero e que se encontra narrada por Paulo em *Romanos 1.18-32*.

Pedro ressalta, no versículo 20, que os falsos mestres dos quais vem falando são, na realidade, pessoas que se converteram, pelo que "escaparam das contaminações do mundo" graças ao conhecimento que adquiriram do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ao dizer, contudo, que esses mestres encontram-se novamente enredados por essas mesmas contaminações, estando totalmente dominados por elas, num estado atual pior que o anterior, ele deixa claro que essas pessoas apostataram da fé, preferindo antes entregar suas vidas à luxúria e aos prazeres mundanos que as acompanham. É verdade, por um lado, que todo pecado tem perdão e que aquele que é salvo por Jesus não se perde, mas o perdão de pecados sempre esteve, está ainda e sempre estará condicionado ao arrependimento. Tendo sido alertado de seu pecado pelo Espírito Santo, o desejo manifesto de querer continuar nele equivale ao pecado da apostasia descrito em *Hebreus 6.4-6*.

É exatamente por isso que Pedro nos diz, no versículo 21, que teria sido melhor, para essas pessoas, não terem tido o conhecimento do caminho da justiça, que é trilhado a partir do novo nascimento. Procedendo como o fizeram esses falsos mestres, estão

dando as costas para o santo mandamento que lhes foi transmitido. É claro que esse versículo suscita perguntas a respeito dos limites práticos da tolerância divina para o arrependimento. Cabe lembrar que, perguntado a respeito, Jesus disse que o perdão deveria ser ilimitado (*Mateus 18.21-22*), mas as palavras de Jesus são igualmente duras em relação ao servo que peca sabendo que seu senhor já lhe dera instruções contrárias (*Lucas 12.47-48*). A essas pessoas se aplicam, portanto, os provérbios que são listados no versículo 22.

II Pedro 3

Pedro inicia esse capítulo falando que esta é a segunda carta que ele escreve e que, em ambas, o seu objetivo tem sido fazer com que se lembrem de coisas importantes já ensinadas a eles pelos apóstolos, as quais haviam sido transmitidas a eles pelos antigos profetas (ou seja, estão contidas no AT) ou pelo Senhor Jesus (durante o Seu ministério terreno). Os ensinamentos em apreço não são especificados, mas ele já deixou claro que fará todo o possível para que não esqueçam os seus ensinamentos (versículos 1 e 2).

Já no versículo 3, Pedro passa a falar sobre a Segunda Vinda de Jesus Cristo, alertando os seus leitores para o fato de que surgiriam zombadores dizendo que Sua volta é "conversa fiada". Diriam que os antepassados já haviam morrido e que continuava tudo igual ao que sempre foi, desde a fundação do mundo, sem que a Sua volta tenha se cumprido (versículo 4).

Fica implícito que se trata de pessoas no seio da própria Igreja de Cristo, que estariam questionando a Sua Segunda Vinda e não da vinda do Messias. Quanto aos antepassados, que já teriam morrido e aos quais estão se referindo, estes seriam os pais da Igreja de Cristo, quais sejam, por exemplo, Estêvão, Tiago, filho de Zebedeu e Tiago, o justo, ou seja, alguns dos líderes da Igreja que já teriam falecido antes dos meados da década de 60. O argumento deles seria, portanto, que já se haviam passado cerca de 30 anos desde o retorno de Cristo ao céu e que continuava tudo igual ao que era desde a criação. Desta forma, eles apelam para o argumento da imutabilidade do mundo e, ao mesmo tempo, da "farsa" que representaria a propalada volta de Cristo.

O contra-argumento de Pedro, nos versículos 5 e 6, começa pela referência destes críticos à imutabilidade do mundo desde sua fundação. Ele provavelmente tem em mente as palavras de Jesus em *Mateus 24.37-39*: "Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do Homem, pois nos dias anteriores ao dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca, e eles nada perceberam até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do Homem".

Assim sendo, da mesma forma como houve um juízo para a iniquidade do povo daquela época, haverá, igualmente, um juízo para a iniquidade das pessoas dos últimos tempos.

Ressalta-se, contudo, que Pedro está enfatizando não apenas o juízo do dilúvio, mas também a mudança na ordem mundial. Ele informa que a primeira ordem mundial começou na criação com a terra seca sendo tirada das águas e que as mesmas águas se tornariam a causa de sua destruição. Embora haja muita discussão entre os comentaristas sobre o que exatamente Pedro está dizendo, devemos reconhecer que o dilúvio foi mais do que uma chuva intensa. No segundo dia da criação (*Gênesis 1.6-7*), Deus separou as águas acima do firmamento das águas abaixo dele, ou seja, havia águas acima do céu e abaixo dele. No terceiro dia Ele fez aparecer a terra seca no meio das águas abaixo do céu (*Gênesis 2.9*). Por outro lado, em *Gênesis 2.5*, somos informados que no Jardim do Éden não havia chuva e a água brotava da terra. Não sabemos se havia chuva antes do dilúvio, porque não há informação a respeito. Quando veio o dilúvio, a informação que temos é que ambos os reservatórios de água se abriram: os que estavam abaixo do céu e os que estavam acima dele (*Gênesis 7.11*). Assim sendo, o dilúvio foi um evento único de sua espécie, mesmo porque Deus prometeu que nunca mais faria aquilo (*Gênesis 8.21*).

De lá pra cá tem havido muitas inundações localizadas, com pessoas morrendo em consequência das chuvas, mas Deus nunca mais abriu as duas fontes citadas em *Gênesis*.

Aparentemente Pedro está dizendo que Deus inaugurou uma nova era mundial no período pós-dilúvio. Com isso, o argumento de que Deus não mudou nada desde a criação cai por terra, pelo que tampouco se pode negar que haverá outra mudança na Segunda Vinda de Cristo.

No versículo 7 Pedro completa o seu raciocínio dizendo que na nova era está prevista, com base na Bíblia (*Isaías 29.6, 30.30, 66:15-16*), que haverá nova destruição da Terra, só que desta vez ela se dará pelo fogo, sendo que ocorrerá por ocasião do Juízo Final.

Nos versículos 8 e 9 Pedro apresenta primeiramente o argumento de que o tempo, como nós o percebemos, se desenrola para Deus de uma maneira distinta. Talvez ele estivesse pensando em *Salmos 90.4*, onde diz que 1.000 anos para Deus são como o dia de ontem que passou. O fato é que aquilo que julgamos ser um atraso ou uma demora de Deus está, na realidade, associado ao fato de Ele ter uma percepção própria do tempo.

Ainda de acordo com Pedro essa percepção está associada à Sua misericórdia e o Seu amor para com a humanidade, que Ele criou, e por não querer que qualquer de Suas criaturas se perca.

Li recentemente um livro escrito por Almir Gonçalves Jr. intitulado "Aquele que andou com Deus", onde ele ressalta, num romance, as diferenças entre Enoque, que andou com Deus, e a descendência de Caim, que O abandonou por completo, até ser completamente destruída pelo dilúvio. Um dos pontos marcantes dessa diferença é a forma como os dois lidam com o tempo. O tempo de Enoque girava em torno de seu relacionamento com Deus e ele o gastava admirando Sua criação, procurando conhecê-LO pessoalmente e fazendo aquilo que Ele queria. Contrastando com ele, os filhos de

Caim gastavam seu tempo numa desabalada carreira na busca por dinheiro e prazeres. Enquanto o tempo de Enoque sobrava para as coisas importantes, o dos filhos de Caim era insuficiente para qualquer coisa que realmente interessasse.

O tempo de Deus é gasto da mesma forma como é gasto o de Enoque na ficção do Almir: empenhado em que nenhum dos filhos de Caim se perca, mas que todos cheguem ao arrependimento e vivam. É isso que Pedro nos informa no versículo 9.

Esse versículo apresenta algumas informações interessantes no âmbito do conhecimento que temos dos atributos de Deus. Se Deus é Onisciente, segue que Ele sabe quem vai se converter e quando. Logo, Ele espera o tempo necessário por esses que vão se converter e requerem mais tempo. Se fosse verdade que a salvação é aplicada apenas às pessoas que Deus predestina por algum critério desconhecido, segue que Ele não poderia dizer que não quer que ninguém se perca, porque Ele mesmo teria estabelecido o destino de cada um, tornando-O o causador da morte dos não eleitos.

No âmbito do mesmo raciocínio, já que Ele teria fixado os que se convertem, então, não há porque não estipular também o momento da conversão para evitar atrasos na volta de Cristo, mas esse não é o caso; Pedro diz que Ele está disposto a esperar pacientemente pelos retardatários e tanto espera que não se importa em atrasar a data de Sua volta, pelo amor que tem por cada um.

Quem quer que todos cheguem ao arrependimento dá a todos, indistintamente, a oportunidade para tanto. Ele faz questão que todos tenhamos a oportunidade de amá-LO de volta em resposta ao grande amor que nos dispensa. Quem nega que a predestinação divina tenha outra causa que não a Sua simples pré-ciência de nossa escolha livre e espontânea de amá-LO, nega tudo que Pedro está dizendo aqui a respeito do Deus que nos ama.

Justamente porque Deus vai esperar até o último minuto para que se salve o último daqueles que Ele escolheu com base em Sua pré-ciência, é que Jesus nos informou que só o Pai sabe o dia e a hora da Sua Segunda Vinda (*Mateus 24.36*).

Não há nenhuma novidade, portanto, no versículo 10, que nos informa que Sua volta dar-se-á como um ladrão, ou seja, de forma totalmente inesperada.

Já as informações adicionais relativas ao fato disso se dar com o céu desaparecendo mediante uma grande explosão (provavelmente atômica), com todos os elementos sendo desfeitos pelo calor da explosão e toda a terra sendo devastada, parece retratar profecias tanto do AT como do próprio Senhor Jesus:

- *Isaías 13.10-13*: **Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz. E visitarei sobre o mundo a maldade, e sobre os ímpios a sua iniquidade; e farei cessar a arrogância dos atrevidos, e abaterei a soberba dos tiranos. Farei que o homem seja mais precioso do que o ouro puro, e mais raro do que o ouro fino de Ofir. Por isso farei estremecer os**

céus; e a terra se moverá do seu lugar, por causa do furor do Senhor dos Exércitos, e por causa do dia da sua ardente ira.

- *Isaías 34.4*: E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira.

- *Marcos 13.24-26*: Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz. E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas. E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.

Estes são alguns dos versículos que Pedro pode ter tido em mente ao escrever o final deste capítulo. Tudo que sabemos é que o fim desta vez vai ser geral e todos o verão.

Já foi dito, inúmeras vezes, que a maioria de nós vive como se nunca fosse morrer, não obstante ser a morte o evento mais certo da vida de cada um de nós. Embora Tiago faça recomendações para que não o façamos (*Tiago 4. 13-15*), a possibilidade da morte nunca faz parte do nosso planejamento do dia de amanhã.

Embora a maioria das pessoas seja pega de surpresa por ela, felizmente nós, os filhos de Deus, já fizemos os preparativos necessários, pelo que a tristeza dos que ficam é amenizada pela certeza do bem-estar de quem partiu, contrastando com a tristeza dos que não têm a mesma certeza.

Com relação à Segunda Vinda de Cristo, o estado de consciência entre os Filhos de Deus é ainda menor do que com relação à morte. Poucos de nós conhecemos o que a Bíblia prevê em termos apocalípticos e número menor ainda acha que a volta de Jesus seja iminente.

Curiosamente, quase dois mil anos atrás Pedro, no versículo 11, perguntava aos seus leitores qual deveria ser a atitude deles em relação a essa mesma iminência. Ele mesmo responde dizendo que deveriam viver de modo santo e piedoso, ou seja, deveriam estar sempre prontos.

Desta forma, diz o versículo 12, eles estariam prontos para o "Dia de Deus" e ao mesmo tempo estariam contribuindo para apressá-lo. É claro que a primeira idéia que nos vem à cabeça, como forma de se apressar a volta de Cristo é o evangelismo. Quanto mais cedo os "eleitos" forem evangelizados, mais cedo Ele voltará. Ocorre, contudo, que essa não é a idéia que Pedro está nos passando aqui. Pedro está dizendo que uma Igreja alerta apressa a volta de Cristo. Uma Igreja santa é a noiva preparada para as Bodas do Cordeiro.

Ainda nesse mesmo versículo ele volta a afirmar que os céus serão desfeitos pelo fogo e os elementos se derreterão pelo calor. Não podemos saber se está falando dos astros ou exatamente que elementos ele tem em mente, mas se trata de uma destruição tão extensa que na realidade não faz muita diferença. A vida humana ficará insustentável.

Nós, porém, não vamos nos preocupar, porque o que aguardamos, conforme ele diz no versículo 13, são novos céus e nova terra, com a grande vantagem de habitar neles a justiça de Deus.

Exatamente por isso, enquanto estamos aqui esperando, quer demore, quer não, o que se espera de nós é que sejamos encontrados por Ele (de cuja presença não saímos hora nenhuma) em paz, imaculados e inculpáveis.

Pedro deixa claro nos versículos 15 e 16 a admiração que nutre pela mente privilegiada de Paulo. Se alguém imaginava que Pedro tenha ficado ressentido com Paulo por ter sido chamado à atenção por ele em Antioquia, esses versículos são prova do contrário. O evento em apreço foi narrado pelo próprio Paulo em *Gálatas 2. 14* e trata-se do fato de Pedro ter subido primeiro a Antioquia e ter feito normalmente suas refeições com os gentios. Quando, porém, chegaram a Antioquia emissários de Tiago, irmão de Jesus e líder da Igreja de Jerusalém, um judaizante, Pedro passou a evitar as refeições com os gentios, porque estes eram imundos para os judeus. Ao ver o que Pedro estava fazendo, Paulo evitou as meias palavras e repreendeu Pedro severamente diante de todos por sua hipocrisia.

No versículo 15, escrito anos mais tarde, Pedro mostra não ter guardado qualquer ressentimento em relação a esse evento e, ao contrário, refere-se a ele como **"um irmão amado a quem Deus deu grande sabedoria"**.

Continuando os seus elogios no versículo 16, ele diz que Paulo trata dos mesmos assuntos por ele tratados em todas as suas cartas. Aproveita, contudo, para dizer que Paulo é um erudito que diz coisas de difícil compreensão, que os ignorantes e instáveis torcem assim como fazem com as demais Escrituras.

Ao dizê-lo, todavia, notem que ele eleva os escritos de Paulo ao nível das demais Escrituras do Antigo Testamento, ou seja, ele valida Escrituras do Novo Testamento, pela primeira vez, dando a elas status igual ao cânon veterotestamentário.

Pedro encerra a carta, nos versículos 17 e 18, dizendo: **"portanto, amados, sabendo disso"**, ou seja, sabendo que há pessoas sem princípios morais que militam no nosso próprio meio, vamos tomar todo o cuidado de não sermos engodados pelos seus erros, perdendo, assim, a nossa firmeza, vindo a cair. Assim sendo, ele alerta para o efeito negativo do Gnosticismo adentrando as portas da Igreja, através de irmãos que querem aparecer, fazendo adeptos com os ensinamentos de sua própria sabedoria. Ao invés de darem atenção a esses falsos irmãos, os verdadeiros crentes em Jesus precisam cuidar de crescer na graça e no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo.

Pedro conclui, então, com uma expressão de louvor, dando a Jesus toda glória agora e para todo sempre. Amém!

Semana 97 - Salmos de Encorajamento

Texto: Salmos 11, 18, 23, 29, 31, 34, 46, 56, 62, 63, 66, 77, 91, 121, 131, 143

Estação 48

Salmos 11

Spurgeon (/1/, pág. 179) nos lembra, em seu comentário a respeito deste salmo de Davi, que os salmos, de modo geral, se constituem num arquivo do relato das experiências que os salmistas tiveram com Deus. Eles retratam quase todas as situações que podemos enfrentar ao longo de nossas vidas, mostrando como o Senhor lidou com elas na vida de nossos irmãos do passado.

Neste caso específico, Davi escreveu este salmo enquanto fugia de Saul, que procurava matá-lo por ter sido ungido como seu sucessor. Nele foi retratado um conselho que lhe foi dado para que fugisse e se escondesse (versículo 1), que ele rechaça, preferindo antes colocar a sua confiança no Senhor, que o havia ungido.

As circunstâncias são descritas nos versículos 2 e 3 e vemos que em nada diferem dos nossos problemas atuais. Vemos hoje que **os fundamentos estão sendo destruídos** e também nos perguntamos o que podemos fazer, na condição de justos, quando o certo está sendo considerado errado e o errado está sendo apregoado como certo.

Embora sejamos tentados a nos perguntar se Deus está vendo isso, a verdade é que **Ele está no Seu santo templo**, de onde reina soberano observando tudo. Ele permite que o justo seja provado, na medida em que acumula os castigos que fará derramar sobre os ímpios em tempo oportuno (versículos 4 a 6).

O fato de Ele ser justo, por amar a justiça, nos assegura que, também em tempo oportuno, com certeza veremos a face do Senhor, graças à aliança que Ele fez conosco.

Salmos 18

Este salmo, novamente de Davi, contém as palavras de um cântico de louvor escritas por ele quando se tornou rei, depois de vencer, com o auxílio divino, todos os seus inimigos, incluindo Saul.

As palavras que acompanham o texto apresentam Davi como servo do Senhor para o mestre de música. É lindo ver aqui que, não obstante já ser rei, o importante para Davi diante de Deus, era o fato dele ser o Seu servo. Rei era apenas o cargo através do qual ele estava servindo. Que todos possamos ocupar cargos nas nossas igrejas, nas nossas denominações ou em qualquer outro lugar tendo em mente que acima dos cargos somos servos do Deus vivo!

Os primeiros 3 versículos apresentam a razão de ser do salmo, qual seja a de louvar ao Senhor por tudo que Ele é, fez e faz em prol do salmista para que este pudesse se sentir a salvo de seus inimigos. Para Davi Ele era sua força, sua rocha, sua fortaleza, seu libertador, seu Deus, seu rochedo de refúgio, seu escudo, sua salvação e sua torre de orientação.

Nos versículos 4 a 6a o salmista descreve sua situação de desespero diante da morte e da destruição, mas no 6b, como ele clamou ao Senhor e Este o ouviu, com seu grito por socorro chegando à Sua presença e Seus ouvidos.

Nos versículos 7 a 13 Davi apresenta primeiro a forma poética como todo o mundo estremece no momento em que o Senhor começa a se mover em seu auxílio. Ele é apresentado como um fogo consumidor, com a Sua presença se manifestando através de raios e trovões.

Já nos versículos 14 a 19 o salmista faz um paralelo entre o seu próprio livramento e a forma como o inimigo é dispersado e derrotado. No dia de sua desgraça o Senhor Se tornou o seu amparo, dando-lhe total libertação.

Nos versículos 20 a 27 Davi fala do óbvio com o qual temos tanta dificuldade de lidar. O Senhor o teria livrado graças ao fato dele ter se esforçado por seguir os Seus caminhos. É claro que, não havendo qualquer lição de obediência a ser aprendida, não haverá, tampouco, qualquer motivo para que as bênçãos divinas sejam retidas. **É ao fiel que Deus se mostra fiel ao que é fiel, irrepreensível ao que se mostra irrepreensível e puro aos que são puros** (versículos 25 e 26a). **São os humildes aqueles que Ele salva** (versículo 27).

Nos versículos 28 a 45 o salmista descreve tudo que lhe foi possível fazer, graças ao fato de Deus estar a seu lado. Com sua lâmpada que se mantém acesa, ele transpõe muralhas. Não há rocha como o Senhor seu Deus. É dEle que vem as forças e é Ele que treina Seus servos para a luta (versículo 34). A vitória dele sobre os seus inimigos só pode ser atribuída ao apoio do Senhor.

Finalmente, os versículos 46 a 50 são a expressão do seu louvor a esse Deus Salvador que o fez triunfar e que assim agirá sempre para com ele e para com os seus descendentes.

Salmos 23

Dentre todos os salmos é, sem dúvida, neste que pensamos quando qualquer referência é feita a esse livro. Ele não faz referência a algum evento específico, mas dificilmente outro nos trará o mesmo conforto que este evoca em nossos sentimentos.

O ex-pastor de ovelhas, Davi, talvez já avançado em idade, que se esforçava por prover conforto e proteção às ovelhas de seu pai, agora se lembra do quão mais perfeita, ao longo de todos os seus anos como rei, tem sido a proteção e provisão do Pai Celestial

para as Suas próprias ovelhas, dentre as quais o salmista se inclui. Nada faltou a ele durante a sua vida e certamente podemos fazer coro com ele, porque essa é a experiência de qualquer um que coloque nEle a sua confiança.

O que Ele tem para nós é sempre o melhor, ou seja, o repouso nas pastagens mais verdes, com águas tranquilas, onde temos sempre o que beber. Desde criança eu decorei que Ele refrigera a minha alma, mas a tradução NVI, mais recente, parece acrescentar mais ao que Ele faz por mim: Ele restaura o meu vigor. Assim sendo, independente de quão difíceis sejam as circunstâncias, estou sempre disposto a enfrentá-las, porque Ele é o meu pastor. Não vou precisar fazer nada “do jeito do mundo”, porque é pelos caminhos da justiça que Ele me faz andar e nelas eu tenho prazer de trilhar meus passos por amor do Seu Nome.

Andar por lugares escuros, onde a morte parece nos afrontar, é algo que certamente tendemos a evitar, porque a violência dos nossos dias assim o recomenda. Mesmo assim, Davi nos diz que não precisamos ter qualquer preocupação com relação a essa situação porque o nosso “bom pastor” nos acompanha. A Sua vara e o Seu cajado nos asseguram perfeita proteção. Não importa o que ou como o nosso inimigo tenha aprontado; é Ele que vai enfrentá-lo.

De alguma forma sempre pensei no versículo 5 como um deboche para com o inimigo. Numa guerra os soldados comem coisas leves e rápidos de modo a não se distraírem do inimigo. Aqui, contudo, o nosso pastor prepara uma refeição tranquila, como se estivéssemos na sala de jantar de nossas residências, usufruindo do amor da família, enquanto sentados à mesa. É isso que o nosso pastor nos propicia. Mesmo não sendo essa a intenção, que mais o nosso inimigo pode pensar disso, senão tratar-se de um deboche para com ele?

A unção na vida do crente é a forma como Deus o prepara para a realização de alguma tarefa específica que lhe é dada. Podemos dizer que é um dom adicional que Deus concede ao Seu servo. Na batalha contra o inimigo obviamente não é o momento do líder da operação pensar em capacitar o seu soldado. Ele tem a capacidade que tem e vai se sair tão melhor quanto suficientemente bem preparado ele tiver sido com antecedência. Na batalha espiritual Deus nos unge na medida da necessidade que houver para vencermos o inimigo. Nosso pastor garante isso.

Como se isso não bastasse, Deus provê sempre para nossas necessidades não apenas com suficiência, mas com sobra. O nosso cálice está sempre transbordando, pelo que temos sempre algo a repartir com os outros.

Encerrando, é interessante como os dons de Deus, quais sejam, a Sua bondade e a Sua fidelidade ou a Sua misericórdia, se mostrarão também nas nossas vidas, de modo que as pessoas podem até se enganar achando que somos pessoas fantásticas. Cabe a nós, contudo, deixar claro que não é nada disso. Fantástico é o Espírito de Deus que habita em nós e que faz com que sejamos parecidos com Jesus. Isso ocorre depois que ele nos dá um espírito novo e um coração novo. Esse segundo, especificamente, faz com que

tenhamos grande prazer de estar na presença de Deus. O desejo do nosso novo coração é de agradar ao nosso novo Pai.

Salmos 29

Trata-se de um salmo de Davi, que vem sem qualquer título especial e ao qual não é possível associar qualquer evento de seu reinado ou mesmo de sua infância.

Os primeiros dois versículos contêm uma chamada aos seres celestiais para que deem ao Senhor a adoração que merece. Os seres em apreço devem ser os anjos, que atribuem a Ele glória e louvor.

Já os versículos 3 a 10 descrevem uma passagem do Senhor pela terra de Israel, entrando pelo Líbano, onde passa pelo Mediterrâneo, onde a Sua voz ressoa e a Sua glória troveja. Ali a Sua poderosa voz ressalta a Sua majestade. O versículo 5 mostra a Sua passagem pelo Líbano, onde os poderosos cedros são despedaçados diante dEle.

A Sua entrada em Israel se dá pelo norte, onde o monte Hermom, ao norte, é chamado de Siriom (versículo 6). Ele passa por todo o Israel como uma tempestade de raios (versículo 7), saindo ao sul pelo deserto de Cades (versículo 8). Depois de ser glorificado no Seu templo (versículo 9), Ele reina soberano para sempre (versículo 10).

Davi encerra o salmo reconhecendo que tanto a força como a bênção do povo de Israel são dados pelo Senhor (versículo 11).

Salmos 31

Este salmo é atribuído também a Davi e mais uma vez temos dificuldade de estabelecer a que circunstância da vida dele o texto se refere. Spurgeon (/1/, pág. 622) sugere duas alternativas quais sejam, a decepção de Davi com o povo de Queila, que se dispôs a entregá-lo a Saul, embora ele os tivesse salvado dos filisteus (*ISamuel 23*), ou a decepção dele com Absalão, por iniciar uma rebelião contra ele (*ISamuel 15*).

Já Kidner (/5/, pág. 150) chama a atenção para o fato deste salmo ter sido citado por várias pessoas ao longo da Bíblia. Jonas, por exemplo, citou o versículo 6 em sua oração. Jeremias faz uso do versículo 13 para falar de sua própria situação. Jesus usa a primeira parte do versículo 5 como suas últimas palavras na cruz. Finalmente, o próprio Davi usa os versículos 1 a 3, citando-os novamente em *Salmos 71*.

Champlin (/19/, pág. 2140) acrescenta a informação de que vários mártires e heróis cristãos fizeram uso, também, do versículo 5, citado por Jesus, quando confrontados também com a morte. Entre outros, ele cita Policarpo, Bernardo, Huss, Henrique V, Jerônimo de Praga, Lutero e Melancthon.

De modo geral o texto apresenta duas lamentações distintas, a primeira nos versículos 1 a 8, onde Davi fala da forma como estava sendo perseguido e a segunda nos versículos 9 a 24, onde a lamentação de Davi se dá pela forma como ele está sendo rejeitado.

Os versículos 1 a 6 contêm o pedido de Davi para que o Senhor o livre, com base na Sua justiça, das armadilhas que foram colocadas para ele pelos seus inimigos. É nas mãos do Senhor que ele entrega o seu espírito, porque Ele é o único que pode resgatá-lo. A confiança de Davi no Senhor resulta da aliança que foi feita entre Deus e Israel. Não obstante as suas falhas em relação a essa aliança, o rei mantinha no Senhor e na Sua misericórdia a sua confiança, enquanto os seus inimigos se fiavam em ídolos, que nada podiam fazer por eles.

Exatamente devido à sua confiança que Davi expressa, nos versículos 7 e 8, a sua alegria pelo que Deus já fez e ainda fará, livrando-o das mãos dos inimigos e dando a ele segurança e liberdade.

A partir do versículo 9 ele começa uma nova seção de lamentos, onde pede que o Senhor tenha misericórdia dele na situação em que se encontra. Ele parece já estar envelhecendo e os seus vizinhos e amigos fogem dele, como se o estivessem rejeitando (versículo 11). Ele sente que há uma conspiração contra a sua vida (versículo 14), pelo que o Senhor é o seu único refúgio; o único que pode livrá-lo (versículos 14 a 18).

Nos versículos 19 a 21 Davi exalta a fidelidade do Senhor para com aqueles que nEle confiam e nos últimos 3 versículos ele estimula os servos do Senhor a nEle confiarem, pois Ele preserva os fiéis, mas dá aos ímpios o que merecem.

Salmos 34

O comentário que encabeça esse salmo diz que é de Davi, quando ele se fingiu de louco diante de Abimeleque, que o expulsou e ele partiu (*ISamuel 21.10-15*). O primeiro problema que encontramos aqui é que o rei em apreço se chamava Aquis, mas aparentemente Aquis e Abimeleque, que significa “filho do rei”, são o mesmo nome. Além disso, contudo, a narrativa do fato que aparece nos versículos 4 a 7 dificilmente nos permitiria fazer essa associação, se não fosse pelo título. A única coisa que podemos concluir é que Davi reconheceu ter cometido um grande erro indo procurar Aquis, ficou muito grato pelo livramento que Deus lhe concedeu, mas não quis entrar em detalhes (que seriam para sua própria vergonha), quando mencionou o livramento.

Tendo feito esses esclarecimentos, reconhecemos ser este um dos mais lindos salmos de livramento que encontramos no saltério. Davi, nos versículos 1 a 3, não apenas diz que vai louvar o Senhor em todo tempo, mas conclama a todos a fazerem-no juntamente com ele.

Nos versículos 4 a 7 ele narra a sua experiência, ao ser reconhecido na corte de Aquis, como aquele de quem cantavam que ele matava dezenas de milhares de filisteus. Para tentar escapar à morte ele clamou ao Senhor, ao mesmo tempo em que se fingiu de

louco. O rei Aquis preferiu crer na loucura que via, ao invés de dar aos seus súditos o crédito por terem-no reconhecido. Davi no salmo omitiu tudo isso e se limitou a dizer que ele, um pobre homem, havia clamado ao Senhor e fora ouvido.

Nos versículos 8 a 10 Davi reconhece e proclama que vale a pena servir a um Deus como esse. Por isso mesmo, ele exorta a todos os santos, ou seja, a todos os servos do Senhor, que coloquem nEle a sua confiança.

Os versículos 11 a 16 aparentemente contêm o ensino de Davi para que os seus leitores sejam bem sucedidos guardando a aliança que Deus havia estabelecido com Israel no Sinai. Quando vemos, contudo, Pedro ensinando a mesma coisa aos membros das igrejas neo-testamentárias da atual Turquia (*IPedro 3.10-12*), fica claro que a recomendação se aplica à santidade dos cristãos de todos os tempos.

Finalmente, as recomendações dos versículos 17 a 22 mostram a fantástica fidelidade do Senhor livrando e protegendo todos aqueles que O invocam.

Salmos 46

Esse salmo tem sido chamado de Salmo de Lutero, não porque ele o tenha escrito, mas porque foi no versículo 1 que ele se inspirou para compor a sua música, que conhecemos em português como “Castelo Forte” (Ein’ Feste Burg em alemão). Não conhecemos os seu verdadeiro autor e nem a ocasião que o inspirou. Tudo que sabemos a respeito é que foi composto para os coraítas e que tem a sua ênfase nas vozes agudas.

Em termos práticos, o interesse do autor é proclamar o domínio de Deus sobre todas as coisas, com um crescendo à medida em que o salmo progride.

Nos primeiros 3 versículos dizem que Ele permanece inabalável mesmo em face ao rugir de fenômenos naturais, quais sejam, a terra tremendo, os montes afundando no seio dos mares, o estrondo de águas turbulentas ou os montes sendo sacudidos por sua fúria.

Nos versículos 4 a 7 o salmista nos fala o quão tranquilo Deus permanece em Sua cidade, alegrada pelas correntes de rio, onde Ele permanece inabalável, enquanto as nações da Terra se agitam e os reinos se abalam, enquanto a Terra se derrete pelas palavras de Sua boca. O salmista encerra essa parte dizendo que Ele é o nosso Deus. Ele é a nossa fortaleza segura.

Encerrando a exaltação do poder divino, o salmista conclama a todos que vejam os feitos estupefacentes do Senhor na Terra. É inútil lutar contra Ele, porque Ele será exaltado entre as nações e reinará em toda a Terra. Por isso mesmo o autor encerra dizendo que Ele está conosco e que Ele é a nossa fortaleza segura.

Salmos 56

Este é o segundo salmo de Davi que parece estar associado à sua ida para Gate, fugindo de Saul, onde é reconhecido, então, como aquele que matava dezenas de milhares de filisteus.

Os dois primeiros versículos mostram o salmista numa situação na qual se encontra sob pressão, não apenas por ter sido reconhecido, mas pela arrogância com que está sendo tratado.

Os versículos 3 e 4 mostram o quanto ele está amedrontado, mas a sua reação não é de desespero e, sim, de se voltar para o Senhor, a Quem louva em meio à dificuldade e em Quem confia para obter livramento.

Novamente nos versículos 5 e 6, ele descreve a seriedade da situação na qual se encontra, onde a sua vida está sendo ameaçada por aqueles que lhe reconheceram.

Nos versículos 7 a 9, contudo, ele reconhece que os seus inimigos, não obstante sua grande vantagem numérica contra ele, não têm qualquer chance lutando contra o Senhor. Ele simplesmente não os deixará escapar. Seus inimigos retrocederão porque Deus está a seu favor.

Nos versículos 10 e 13 Davi volta a expressar a sua confiança no Senhor, pelo que o louva e diz não temer o que pode ser feito contra ele. Promete cumprir os seus votos e agradece o livramento que Deus lhe concedeu.

Salmos 62

Trata-se de mais um salmo de Davi, dedicado a Jedutum (a ser entoado por um de seus filhos) e para o qual, mais uma vez, deixamos de ter um evento associado para que possamos entender a sua motivação. Tudo que sabemos é que Davi tem um problema que ele passa por cima, porque o consolo dele vem sempre do Senhor, que fez os céus e a Terra.

O salmo em apreço foi dividido pelo próprio Davi, que colocou a palavra "Selá" ao final do quarto e do oitavo versículos. O significado exato de Selá é desconhecido, mas tem sido associado a algum tipo de pausa, literária ou no canto. Seja como for, parece ter sido utilizado aqui para dividir o salmo em 3 tópicos de 4 versículos cada.

Os primeiros quatro versículos confrontam, por um lado, o fato de Davi descansar no Senhor, confiando que é dEle que vem a sua salvação, com o reconhecimento de que ele só está em pé graças ao Senhor, pois se sente como um muro inclinado prestes a cair. Assim sendo, ele tem tudo para cair, mas o Senhor o sustenta.

Nos versículos 5 e 6 Davi praticamente repete o que já havia dito nos versículos 1 e 2, mas o versículo 7, ao invés de falar de suas fraquezas, como o 3 e 4, agora fala de sua força provida pelo Senhor. Sua honra é provida por Deus, a Rocha firme na qual se apoia. Por isso mesmo o salmista exorta o seu povo a colocar nEle também a sua confiança.

O versículo 9 coloca em contraste os homens de origem humilde e os de origem importante. No final, contudo, ele conclui que ambos têm vida muito passageira, pelo que se equivalem. Já no versículo 10 Davi fala dos bens atrás dos quais ambos correm, ora de maneira lícita, ora ilícita. Seja como for, diz ele, quer as tenhamos, quer não, o importante é que não sejam elas que ocupem o nosso coração. Embora ele não o diga, fica implícito no versículo 11, que os nossos corações devem pertencer a Deus, pois é dEle que emana todo o poder.

Encerrando, Davi se volta a Deus reconhecendo que a fidelidade é um atributo divino, pelo qual ele O adora. Não há dúvida, portanto, que Ele saberá retribuir a cada um conforme a confiança nEle depositada.

Salmos 63

Trata-se de outro salmo de Davi, cujo título diz que foi escrito enquanto fugia no deserto de Judá. Não sabemos, portanto, exatamente qual a ocasião, já que isso ocorreu tanto quando fugia de Saul, como quando fugiu de Absalão. Seja como for, a situação era de perseguição, com os inimigos tentando tirar-lhe a vida em um lugar de natureza morta, qual seja, o deserto.

Mesmo em meio a tamanha dificuldade, Davi escreve oito versículos de louvor, nos quais exalta a sua segurança por confiar no Senhor, apesar da situação. Ele busca o Senhor e anseia por retornar ao Seu santuário. Davi reconhece que sentir o amor de Deus é o que há de melhor nessa vida, pelo que se compromete a louvá-LO enquanto viver. O seu relacionamento com Ele é tão intenso, que ocupa a sua mente nas vigílias da noite.

Só no versículo 9 é que ele se lembra dos inimigos que querem eliminá-lo, mas apenas para informar que eles é que serão derrotados pelo Senhor e totalmente destruídos. Serão entregues aos chacais (versículo 10).

Por tudo isso ele, o rei, se alegra no Senhor e assegura a todos que os que nEle confiam alcançarão a vitória, enquanto o próprio Senhor calará os inimigos.

Salmos 66

Este é um salmo de autor desconhecido, no qual este começa pedindo que todos os povos da Terra, que se unam a ele para louvar ao Senhor pelos Seus poderosos feitos, através dos quais tem livrado aqueles que nEle confiam. Confiantes que todos irão fazê-lo, o autor já se dirige a Deus no versículo 4, para que Ele ouça o seu canto.

Os versículos 5 a 7 ressaltam o quão impressionantes são as obras que o Senhor tem feito, lembrando especificamente do mar Vermelho, onde os filhos de Israel passaram

em terra seca e viram seus inimigos tragados pelas águas. O real benefício que essas obras produziram na vida do povo são descritas nos versículos 8 a 12, mencionando, inclusive, o fato de que o Senhor permitiu, nesse meio tempo, um aprendizado, com algum sofrimento, mas que ao final trouxe Seus servos a um lugar espaçoso.

O autor do salmo deixa claro que, de sua parte, ele tem a intenção de cumprir todos os votos que fez ao Senhor, bem como oferecer a Ele sacrifícios de louvor pelo que Ele fez por ele e por Israel.

Finalmente, ele convida a todos para que venham e vejam aquilo que Deus fez por ele. Essa convocação é feita no versículo 16 e a descrição em apreço, que não entra em detalhes, se estende do versículo 17 ao 20.

Salmos 77

O título deste salmo nos diz que foi escrito por alguém da família de Asafe, que o compôs para ser cantado por Jedutum. Não sabemos de qualquer evento ao qual associá-lo, mas fica claro que o autor do salmo está, há muito tempo, orando e esperando por uma resposta do Senhor.

Nos versículos 1 a 3 vemos o autor aflito clamando ao Senhor, pedindo que Ele o escute, mas o fato dele estar angustiado e inconsolável, bem como sua sensação de total rejeição, do versículo 7, nos dá a entender que o Senhor está guardando silêncio. Ele se lembra do Senhor, medita nos grandes feitos dEle no passado, mas o seu espírito desfalece, porque ele não tem certeza sequer se Deus está ouvindo.

Quantas vezes já passamos por situações similares? Quantas vezes a situação era urgente, mas tivemos a impressão de que Deus não estava ao alcance de nossas preces?

Não sabemos quando essa oração foi feita, mas podemos imaginar um Asafe em Babilônia, depois que morreu Ezequiel e Daniel já se aposentou, por não querer trabalhar com o corrupto rei Belsazar. Parece a ele que as coisas só pioram. Ele ora e ainda por cima não há resposta. Era numa situação como essa que o autor se encontrava.

Seus versículos de 4 a 9 apresentam as suas considerações para justificar o seu sentimento. Será que Deus Se esqueceu dele por completo? Será que Ele não ama mais o Seu povo? Será que Ele deixou de ser misericordioso e compassivo? No versículo 10 ele chega a aventar a possibilidade da destra divina não realizar mais milagres.

É exatamente neste ponto, contudo, que a fé começa a agir. O nosso autor decide fazer uma recordação das situações análogas do passado nas quais Deus agiu miraculosamente. Que Deus agiu como o nosso? Que Deus é santo como o nosso? Que Deus mostrou milagres como o nosso (versículos 10 a 15)?

Nos versículos 16 a 18 o autor descreve o domínio inquestionável do Senhor sobre a natureza. O povo de Israel passou pelo mar Vermelho e o Senhor passou junto, mas Suas pegadas não foram vistas. Mesmo assim, no momento em que precisava comparecer, Ele lá estava. Não há Deus como o nosso! Ele nos ama, é misericordioso e compassivo, Ele ouve todas as nossas preces, mas quer que confiemos que sabe tanto o melhor momento de intervir como a melhor maneira de fazê-lo.

Salmos 91

Esse salmo não vem acompanhado de autor, nem data, nem problema pelo qual o autor estava passando. Spurgeon (1/2/, pág. 716) sugere que a sugestão melhor nesses casos é de considerar o autor do salmo anterior. Neste caso, Moisés seria um possível autor do mesmo.

A experiência de Moisés com Deus certamente o qualifica para dizer aquilo que o autor expressa nos versículos 1 e 2: ou seja, aquele que aprendeu a descansar em Deus, por saber entregar a Ele os seus problemas, esse realmente pode dizer, com sinceridade, que Deus é o seu refúgio e fortaleza, por colocar nEle a sua confiança.

Nos versículos 3 a 8 o autor faz uma listagem de tudo que este crente confiado no Senhor pode esperar dEle. O Senhor o livrará de qualquer um que tentar matá-lo. Ele o tratará como uma galinha trata os seus pintinhos. Ele não será pego de surpresa por qualquer flecha que não tenha visto. Vivemos dias de pandemia, mas este crente não seria atingido. Muitos a seu lado podem ser atingidos, mas ele estará protegido. Ele testemunharia o castigo dos ímpios, mas ele mesmo não seria atingido.

No versículo 9 parece que o autor estende uma espécie de convite. Tendo falado do crente confiado no Senhor, ele fala ao seu leitor ou ouvinte do canto, que ele pode desfrutar do mesmo privilégio. Basta ele fazer do Altíssimo o seu abrigo, ou seja, do Senhor o seu refúgio.

A consequência disso é listada nos versículos 10 a 13: que mal algum chegará à sua tenda, o Senhor dará ordens aos Seus anjos para que o protejam, Ele vai segurá-lo com Suas mãos para que não tropece e estará seguro mesmo que venha a pisar num leão ou numa serpente.

Finalmente, o salmista permite que o próprio Senhor fale e faça promessas àquele que nEle confia:

- Se ele Me ama, eu o resgatarei e protegerei;
- Se ele clamar a Mim, eu o responderei. O livrarei na adversidade e o cobrirei de honra;
- Lhe darei vida longa e mostrarei a minha salvação.

Salmos 121

Cântico dos degraus é todo o título que encontramos sobre este salmo em nossas bíblias. Não conhecemos o seu autor e nem o evento associado ao mesmo, mas o primeiro versículo nos leva a pensar em alguém que está em dificuldades num lugar cercado de montanhas, para as quais ele eleva os olhos, para ver se há algum socorro chegando e que, fatalmente, precisa passar por cima das mesmas. Mas logo a seguir ele se lembra que não é esse o socorro que vai resolver os seus problemas. O seu socorro vem do Deus Criador, que fez o céu e a Terra (versículo 2).

Ele é um protetor que se mantém alerta em todo o tempo. O seu inimigo nunca vai lhe pegar descuidado. Ele é o protetor de todo o Israel. Ele funciona como se fosse uma sombra; simplesmente não se afasta. Ele é tão eficiente, que lhe protege do sol de dia e da lua de noite. Ele lhe protege de todo mal, qualquer que seja. Ele protege todos os seus movimentos em todo o tempo.

Salmos 131

Feliz é o homem que pode repetir o versículo 1 desse salmo com sinceridade de lábios. Ele é feliz porque chegou à estatura do varão perfeito, já que Jesus nos disse que Ele era manso e humilde de coração. Será que nós o somos?

Esse é um salmo de Davi, que também fazia parte do Cântico dos Degraus. Infelizmente, contudo, é o salmo que a maioria de nós teria grande dificuldade de cantar. O próprio Davi, em *Salmos 138.6*, reconhece que Deus conhece o soberbo de longe. Curiosamente, o versículo 2 diz que ele se acalmou quando se tornou como uma criança. Neste momento ele nos lembra que a nossa transformação, que faz com que nos pareçamos com Jesus é aquela que está associada ao novo nascimento.

A verdade é que nós não podemos chegar à estatura do varão por nossas forças, mas isso é perfeitamente factível pelo poder do Espírito Santo que passa a habitar em nós a partir do nosso novo nascimento.

Encerrando o salmo, Davi diz a Israel que deve colocar a sua esperança no Senhor desde agora para todo o sempre. Muitos anos depois Paulo diria isso em *Filipenses 2.13* ao lembrar aos seus filhos que Deus opera em nós tanto o querer como o realizar.

Salmos 143

É um salmo de Davi no qual, mais uma vez, ele está passando por uma fase árida do seu relacionamento com Deus. Ele tem orado, em função dos inimigos que se acumulam, mas Deus parece estar em silêncio. Ele se fia no fato de que é servo do Deus Altíssimo (versículo 12b) e pede que Deus responda sua prece porque Ele é fiel e justo (versículo

1), mas sabe, ao mesmo tempo, que ninguém é justo diante dEle, pelo que suplica para que seja tratado com misericórdia (versículo 2).

Nos versículos 3 e 4 Davi descreve o seu estado de total desânimo, pela forma como o inimigo tem levado vantagem sobre ele a ponto dele se sentir como se estivesse à beira da morte.

É neste ponto que Davi entra com a receita, que tem sido aplicada em vários salmos anteriores, qual seja, a de lembrar-se daquilo que o Senhor tem feito por ele e por Seu povo em ocasiões anteriores. A lógica é muito simples, se Ele fez no passado, certamente poderá fazê-lo novamente (versículo 5).

Com a sua fé renovada, o salmista, nos versículos 6 a 9, novamente estende as mãos para suplicar ao Senhor por livramento. Que seu espírito não mais se abata, que o amor de Deus esteja presente em sua vida, que Deus o dirija e que seus inimigos sejam derrotados.

Finalizando, então, Davi pede por um avivamento em sua vida, com o Espírito Santo conduzindo-a por vias planas. Que Deus o preserve e que tire a sua angústia, ao mesmo tempo em que o Seu amor leal esteja presente com ele!

Semana 98 - As Mensagens de Judas e João

Texto: Judas 1, IJoão 1 e 2

Estação 49

Judas 1

O autor desta carta se identifica claramente como sendo Judas, servo (escravo) de Jesus Cristo e irmão de Tiago. O Novo Testamento nos apresenta 5 personagens com esse nome:

- O Iscariotes obviamente não era;
- O apóstolo Judas (também conhecido como Tadeu) era filho de um Tiago, pelo que não deve ser este;
- Há um Judas em *Atos 9.11*, em casa de quem Paulo se hospedou após a sua conversão, mas a falta de referências que o ligue ao autor da carta em apreço torna este um candidato pouco provável;
- Ainda no livro de *Atos (Atos 15.22)*, aparece um Judas Barsabás, que foi enviado, juntamente com Silas, pelo próprio Tiago, para levar a Antioquia a carta que continha a decisão do Concílio sobre salvação realizado na Igreja de Jerusalém. A referência bíblica anterior ao irmão carnal de Jesus como simplesmente Judas (*Marcos 6.3*) faz com que este dificilmente seja o mesmo.

Finalmente, por exclusão, temos Judas, o irmão de Jesus. Ele é irmão de Tiago, José e Simão, além de ter irmãs, cujos nomes não são mencionados no texto sagrado. Cabe ressaltar aqui dois fatos importantes que mostram tratar-se de uma pessoa que mostra uma humildade totalmente coerente com sua conversão. Judas e seus irmãos Tiago, José e Simão não criam em Jesus, deixando isso claro em alguns textos dos Evangelhos.

Mesmo por ocasião da crucificação, não há registro dos irmãos de Jesus dando qualquer apoio a Maria, sua mãe. É lícito supor, portanto, que sua conversão se deu após a ressurreição de Jesus. Esta produziu, contudo, uma mudança tão radical nele e em seu irmão Tiago, que ambos iniciam suas cartas deixando de lado seu parentesco carnal com Jesus e fazendo referência a Ele apenas como Senhor de suas vidas.

Mesmo assim, para fins de fácil identificação, Judas poderia ter acrescentado uma sentença dizendo algo como "irmão de Jesus segundo a carne", mas preferiu não fazê-lo, limitando-se a se identificar como o irmão de Tiago.

Com relação à canonicidade desta carta, houve alguma dificuldade, não devido ao autor e, sim, por dúvidas com relação à autenticidade da obra. Algumas citações externas (Clemente de Roma, o Pastor de Hermas e Didaquê, por exemplo) levaram à sua inclusão no cânon Muratoriano e, mais tarde, sua aceitação por Tertuliano e Orígenes.

O principal argumento interno é de que um falsificador dificilmente escolheria um nome tão pouco conhecido para fazer uma falsificação (/42/, pág. 577).

Com relação à data, fica claro, pela semelhança dos textos de *II Pedro* e *Judas*, que Pedro ou Judas tinham em mãos a carta do outro ao redigir a sua própria. Pedro foi crucificado por volta do ano 64d.C., pelo que Judas terá escrito antes disso, se Pedro tiver usado a carta de Judas, ou depois disso em caso contrário. Assim sendo, a data mais provável para Judas fica entre os anos 60 e 75d.C.

O contexto ou a motivação de Judas ao escrevê-la era o crescimento de uma célula herege no seio da Igreja local à qual Judas se dirige. A forma veemente pela qual ele alerta os irmãos deixa claro que eles haviam baixado a guarda e que novas ideias de cunho herético estavam sendo acolhidas como se compatíveis fossem com a doutrina dos apóstolos. Maiores detalhes serão vistos adiante.

Judas, irmão de Tiago se dirige no versículo 1 a um grupo de irmãos, que ele não identifica, mas que foram chamados por Deus, amados por Ele e guardados pelo Senhor Jesus Cristo. Não há dúvida aqui que Judas está falando que está escrevendo àqueles que são realmente convertidos, realmente salvos, mas a forma como ele os define é muito digna de ser comentada.

O salvo, como aquele que foi chamado por Deus, nos remete imediatamente para o texto paulino de *Romanos 8.28-31*: **E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porque os que dantes conheceu também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou. Que diremos, pois, a estas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?**

Não há dúvida de que Deus nos amou primeiro e que Ele, por sua pré-ciência sempre soube se responderíamos ou não ao amor dEle. Aqueles que O amaram de volta foram predestinados e chamados para justificação pela graça e glorificação futura. Como podemos duvidar do amor de um Deus desses? Se Ele é por nós, guardando-nos em Jesus Cristo, quem pode ser contra nós?

É muito linda a forma como Judas traz tudo isso à memória quando se dirige aos "salvos". Fica muito claro que tudo que foi feito até aqui foi pela graça e que tudo que será dito a seguir precisa ter isso em mente.

No versículo 2 segue a tradicional bênção que acompanha as saudações dos autores neo-testamentários, mas chama a atenção que esta é novamente tríplice, como o foi a definição de salvação:

Misericórdia, paz, e amor lhes sejam multiplicados.

Somos alvo da misericórdia de Deus quando Ele derrama sobre nós a Sua graça imerecida para a salvação, mas Jeremias já nos havia dito que essa misericórdia não tem fim (*Lamentações de Jeremias 3.22-23*), porque o Seu amor por nós é grande, não permitindo que sejamos consumidos. Assim sendo, é essa misericórdia inesgotável, e que se renova a cada manhã, que Judas deseja, em primeiro lugar, para os seus leitores.

Juntamente com ela, vem a paz de Deus, que excede todo o entendimento. Não importa quão ameaçadoras sejam as circunstâncias depois disso, porque se Ele é por nós, ninguém, que seja contra nós, pode nos vencer. Podemos ter paz porque Ele tem cuidado de nós (*IPedro 5.7*)!

Em terceiro lugar, Judas deseja que seja transbordante em nós o amor de Cristo, para que, como Paulo (*IICoríntios 5.14*), sejamos constringidos a amar o próximo como Ele que morreu e Se deu em resgate dele.

Os "cristãos" assim revestidos estão agora prontos para lidar com os problemas que Judas vai apresentar.

O versículo 3 é um pouco estranho, porque parece que Judas está dizendo que já há algum tempo que ele quer escrever a esses irmãos sobre salvação. Ocorre, contudo, que surgiu uma emergência, pelo que essa primeira carta vai ter que esperar por um momento mais propício porque ele precisa convocá-los para uma guerra, que já está fazendo vítimas no seio da Igreja e que alguns talvez sequer saibam. Assim sendo, ele está tendo que escrever uma carta emergencial sobre este assunto.

Já no versículo 4, Judas abre o jogo e diz, claramente, que a Igreja agora tem como membros pessoas que pareciam "convertidas" quando se tornaram membros, mas que na verdade agiram de forma dissimulada. Hoje, contudo, o seu comportamento é de ímpios, pelo fato de transformarem a graça em libertinagem e negarem Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor.

A transformação da graça em libertinagem é um problema com o qual Paulo também se defrontava em suas congregações (*Romanos 13.13, IICoríntios 12.21, Gálatas 5.19 e Efésios 4.19*), bem como Pedro nas suas (*IPedro 4.3, IIPedro 2.2, 7-8 e 18*). Aceitar a graça de Deus que perdoa os pecados só tem sentido se considerarmos a Sua bondade e a Sua severidade (*Romanos 11.22*), pois a santidade é a contrapartida que Deus espera para os filhos que nasceram em Sua família.

Já com relação à segunda parte, que consiste na negação de Jesus Cristo, Judas não entra em detalhes, mas há várias maneiras como fazê-lo. Certamente eles estariam negando Jesus através do seu comportamento, mas poderiam ter apostatado da fé, negando a divindade ou a humanidade de Jesus.

Nos versículos 5 a 7, Judas nos dá 3 exemplos de fracassos espirituais que o Antigo Testamento nos narra. Ele começa o primeiro exemplo dizendo ser conhecido deles o fato de Deus ter libertado o povo de Israel da escravidão do Egito, mas que nem todos os que saíram juntos e haviam sido libertos chegaram ao destino final, qual seja, a Terra

Prometida, devido à sua incredulidade. Trata-se, provavelmente, de um paralelo para essas pessoas do versículo 4, que haviam aceito, pelo menos racionalmente, a salvação oferecida por Deus em Jesus, mas assim como muitos dos filhos de Israel, caíram pelo meio do caminho devido à incredulidade e à rebelião. Em seus corações eles estavam retornando à velha vida, como os filhos de Israel ao Egito.

O segundo exemplo, dado no versículo 6, trata dos anjos que acompanharam Lúcifer em sua rebelião contra Deus. Deus os criara para o Seu serviço, mas a soberba de Lúcifer contaminou a muitos outros, que inclusive praticaram outros pecados. Neste caso específico, parece estar sendo feita uma referência a *Gênesis 6.1-5*, onde há um relato de anjos caídos que, aparentemente, se relacionaram fisicamente com mulheres anti-diluvianas. Há uma referência similar em *IIPedro 2.4*. O versículo 6 fala da irresponsabilidade desses anjos em relação às suas posições de autoridade. Judas parece apresentar um paralelo em relação à posição de autoridade desses falsos irmãos, que contaminaram a outros com seus discursos.

O terceiro exemplo, apresentado no versículo 7, é um pouco diferente dos anteriores, pois retrata o juízo de Deus em relação a um pecado específico de licenciosidade sexual. Este serve de testemunho contra o pecado que os falsos irmãos estariam agora dizendo ser aceitável, por estarem todos debaixo da graça. Trata-se, no caso, do pecado de Sodoma e Gomorra, cujo clamor chegara de tal maneira ao céu, que Deus resolveu destruir as duas cidades. O pecado em apreço dizia respeito a relações sexuais antinaturais, que estariam igualmente sendo liberados no pacote de licenciosidade da graça, defendida por esses "irmãos". Não há dúvida que o castigo de Deus para um pesava de igual forma sobre o outro.

Judas, no versículos 8, procura avaliar os erros desses irmãos ímpios, que ele chama de sonhadores, e os descreve detalhadamente. Ele diz que:

- (1) eles contaminaram sua própria carne, isso obviamente no tocante à sua licenciosidade sexual;
- (2) eles desrespeitaram e rejeitaram as autoridades, ao invés de se sujeitarem às mesmas;
- (3) eles difamaram os seres celestiais, quais sejam, o próprio Deus e o nosso Salvador Jesus Cristo, ao falarem coisas errôneas a respeito dos mesmos.

O versículo 9 traz um contraexemplo para o item (2) acima, ou seja, ilustra a prática do respeito à autoridade, mesmo no caso da pior de todas as autoridades. Trata-se, curiosamente, de um exemplo extraído de um livro apócrifo, chamado a "Assunção de Moisés", cujo texto citado não é conhecido, mas a respeito do qual temos informações graças a citações de Clemente, Orígenes e Dídimo (/65/, pág. 162). Quando Moisés faleceu, Miguel teria sido enviado por Deus para enterrá-lo (o texto de *Deuteronômio 34.6* se limita a dizer que Deus o enterrou, sem especificar o agente), mas Satanás teria comparecido, também, e teria dito a Miguel que o corpo de Moisés seria propriedade

sua, porque ele fora um assassino. Miguel, não obstante tamanha afronta, visto que ele fora enviado ali pelo próprio Deus, não ousou repreender Satanás, seu ex-colega querubim, porque a autoridade de ambos viera de Deus. Assim sendo, ele se limitou a devolver o assunto para Deus, dizendo "o Senhor o repreenda". Seja como for, a moral da história é que a autoridade deve ser respeitada, mesmo em se tratando de uma autoridade corrompida pelo pecado.

Definido que a autoridade deve ser respeitada pelo cristão, independente da natureza da mesma, fica patente, no versículo 10, que esses falsos irmãos, ao difamarem aquilo que os líderes da Igreja estão dizendo, apenas ressaltam que não entendem nada a respeito das coisas de Deus. O que eles entendem, sim, por instinto animal irracional, são as coisas do mundo, através das quais foram corrompidos. O seu discurso de liberdade para fazer aquilo que dá prazer, na realidade mostra o quanto tais prazeres os tornaram escravos da carne que os corrompeu.

É muito interessante reconhecermos o quanto esse tema é atual. Diariamente vemos programas na televisão nos quais são ridicularizadas as pessoas que sustentam um ponto de vista bíblico em relação a relações sexuais extraconjugais e homossexuais. As pessoas "esclarecidas" são aquelas que reconhecem o direito de cada um de ser feliz como melhor entende.

Em nome desse "esclarecimento", eles acham que todos devem reconhecer como perfeitamente normais os casamentos homossexuais e as famílias formadas por pais de mesmo sexo. Surgem leis que punem como crime as expressões divergentes, mesmo aquelas feitas a partir dos púlpitos de igrejas fundamentadas em princípios bíblicos.

Era exatamente isso que falavam esses "falsos irmãos". Achavam que tinham um conhecimento superior, motivo pelo qual atribuíam-se o direito a prazeres, que eram condenados pelos líderes da Igreja, a quem julgavam faltar esclarecimento. Fica claro aqui que o seu conhecimento superior é na realidade apenas falta de entendimento. Que ironia!

Paulo diz exatamente a mesma coisa escrevendo aos coríntios, quando compara a sabedoria do Espírito com a sabedoria da presente Era (*ICoríntios 2.6-16*). Escrevendo aos romanos, o texto abaixo expande as palavras de Judas e fala da ira de Deus sobre as ideias tolas contidas nos desvios doutrinários dos falsos irmãos (*Romanos 1.21-32*):
Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Por isso também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; Pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E,

semelhantermente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles não se importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; Estando cheios de toda a iniquidade, fornicção, malícia, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; Sendo murmuradores, detratores, aborrecedores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; Néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; Os quais, conhecendo o juízo de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem.

O versículo 11 traz três exemplos trágicos de fracassos espirituais do Velho Testamento, com os quais Judas estabelece aspectos distintos do comportamento dos citados "falsos irmãos".

Eles são acusados, inicialmente, de "segurem o caminho de Caim". Que caminho foi esse? A Bíblia não é clara nos detalhes, mas podemos afirmar com certeza que Caim sentiu inveja do seu irmão Abel e se enfureceu contra ele por ter tido, Abel, sua oferta aceita por Deus, enquanto a sua própria foi rejeitada. Deus repreendeu Caim imediatamente, dizendo a ele que o pecado o ameaçava à porta, mas que cabia a ele dominá-lo. Vencer o seu furor e dominá-lo era o caminho a seguir. Todos sabemos, contudo, que Caim deu lugar à inveja e ao ódio, pelo que assassinou seu irmão, sendo lícito supor que os falsos irmãos mostraram inveja e ódio em relação à liderança da Igreja, que poderia se tornar em assassinato. Fica ressaltado aqui, de igual modo, o total desinteresse dos falsos mestres pelos seus irmãos, cujo fracasso na fé estavam dispostos a ocasionar, apenas para serem seguidos.

O segundo exemplo espiritual fracassado é de Balaão. Trata-se de um servo do Senhor cuja ganância é progressivamente revelada, embora ela não fique totalmente clara a princípio. Podemos dizer que ele se esforçou por atender à solicitação de Balaque, no sentido de amaldiçoar o povo de Israel, para que pudesse receber o prêmio prometido, mas Deus não o permitiu. Na narrativa bíblica o desfecho final parece ser o retorno de Balaão para casa, de mãos vazias e com Balaque muito irritado (*Números 24.25*).

Logo no capítulo seguinte, todavia, vemos as mulheres midianitas (povo de Balaque) se relacionando com os israelitas e corrompendo-os espiritualmente, com Deus punindo o povo por causa disso. Morrem devido a uma praga cerca de 24.000 pessoas (*Números 25.9*). Um pouco mais adiante, contudo, Deus pede a Moisés que se vingue dos midianitas. Nesta ocasião vemos Balaão sendo morto, também, e ficamos sabendo que a infidelidade dos israelitas resultou de um conselho de Balaão (*Números 31.16*). Balaão tinha sido advertido várias vezes por Deus, mas ele acabou seduzido pelo dinheiro de Balaque e isso lhe custou a vida. No caso dos falsos irmãos, aos quais Judas se refere, a ganância não parece ser por dinheiro e, sim, por posição. Seja como for, o pecado de Balaão nos mostra bem o preço da ganância.

O terceiro e último dos fracassos espirituais citados a título de exemplo por Judas, é o de Coré. Somos informados que ele, bisneto de Levi, se juntou com Datã e Abirão para desafiar a autoridade de Moisés. As muitas advertências, desta feita, foram feitas pelo próprio Moisés, que tentou fazer ver a ele o risco de se insurgir contra a autoridade constituída por Deus (*Números 16.10-11*). O desfecho da rebelião é muito triste, com duzentas mortes entre os 3 e seus seguidores. Ainda como consequência dessa mesma rebelião, houve uma segunda mortandade no dia seguinte, desta feita de todo o povo, mas que exterminou 14.700 pessoas. Já tinha sido ressaltado acima que a rebelião dos falsos mestres também caracterizava uma rebelião deles contra Deus.

O que essas 3 rebeliões têm em comum é o fato dos 3 rebeldes terem sido devidamente avisados e, não obstante, terem decidido insistir no erro, a exemplo do que faziam, igualmente, esses irmãos falsos.

Os versículos 12 e 13 trazem uma série de figuras, com as quais Judas procura mostrar o caráter instável desses falsos irmãos, onde o primeiro é que são "rochas submersas" nas festas de fraternidade. As festas de fraternidade eram as celebrações da Ceia do Senhor, mas que foram corrompidas em várias congregações. Paulo, por exemplo, repreende os coríntios, entre outros motivos, por fazerem dessa ocasião um espetáculo de glotonaria dos mais abastados, enquanto alguns irmãos mais pobres passavam fome (*ICoríntios 11.17-22*). Em *IIPedro 2.13-14* temos a impressão de que Pedro reclama haver relações sexuais ilícitas em plena cerimônia de celebração da ceia, onde ele se refere ao fato dos instigadores de tais atos serem uma mancha.

A palavra usada aqui para "rochas submersas", dando a idéia, segundo Green (/65/, pág. 166), de que são obstáculos capazes de por a pique os barcos espirituais dos irmãos incautos, é a mesma traduzida como manchas em *IIPedro*. Tudo indica, portanto, que também aqui estes falsos irmãos começaram a desvirtuar suas festas de amor, com a introdução de atos sexuais ilícitos.

Em segundo lugar, Judas diz que são pastores que só cuidam de si mesmos. Isso relembra imediatamente uma profecia de *Ezequiel 34.2*, onde ele critica líderes que lideram somente em benefício próprio, sem distinguir o bem estar das ovelhas, ou em detrimento destas. Sem dúvida estes falsos irmãos agregam a si os irmãos fracos, cuja fé é deturpada por seus ensinamentos iníquos.

A próxima comparação é nuvens sem chuva. As nuvens em uma terra de pouca água representam uma promessa de bênção. Na medida em que estes falsos irmãos associam à sua mensagem deturpada, uma vida abençoada que não vai se concretizar, eles se parecem com nuvens que prometem chuva, mas que não a trazem.

Outra metáfora, que parece ter mensagem similar, assemelha estes falsos irmãos a árvores que não produzem frutos. Isso se explica logo a seguir por estarem mortos duplamente, uma vez por não terem os frutos pelos quais seriam reconhecidos ("**vocês os reconhecerão pelos seus frutos**", disse Jesus em *Mateus 7.16*) e a segunda por terem

sido arrancados pela raiz, que é Cristo (só podemos viver nEle se estivermos nEle enraizados (*Colossenses 2.6-7*).

As duas últimas metáforas, apresentadas no versículo 13, falam a respeito do baixo nível moral dos atos destes falsos irmãos. Eles seriam semelhantes a ondas bravias do mar, cujas espumas são representativas de seus atos vergonhosos. Além disso, estariam condenados a desaparecer, como ocorre com as estrelas cadentes depois que passam. Nada sobra das mesmas, a não ser as densas trevas nas quais mergulham.

Nos versículos 14 a 16, Judas faz a citação de outro apócrifo, conhecido como o Livro de Enoque. Não cabe aqui fazer qualquer comentário em relação ao livro em questão, mesmo porque apenas parte dele foi recuperado, mas fica claro que era conhecido tanto de Judas como de seus leitores. É curioso que Judas comece dizendo que Enoque é o sétimo a partir de Adão, porque isso só é verdade se forem desconsiderados Abel e Caim, ou seja, adotando-se apenas a descendência de Sete (1 - Adão, 2 - Sete, 3 - Enos, 4 - Cainã, 5 - Maalaleel, 6 - Jared e 7 - Enoque). Sua citação no caso é relativa a uma profecia de juízo pronunciada por Enoque, a qual é transcrita a seguir: "**Vejam, o Senhor vem com milhares de milhares de seus santos, para julgar a todos e convencer a todos os ímpios a respeito de todos os atos de impiedade que eles cometeram impiamente e acerca de todas as palavras insolentes que os pecadores ímpios falaram contra ele**".

O texto citado deixa claro que o juízo é certo e que os falsos irmãos serão condenados. Além disso, ele deixa claro, a seguir, que pessoas como essas têm algumas qualificações que devem ser ressaltadas: "**Essas pessoas vivem se queixando e são descontentes com a sua sorte, seguem os seus próprios desejos impuros; são cheias de si e adulam os outros por interesse**".

Em outras palavras, pessoas como essas não são difíceis de identificar porque são murmuradores, ou seja, pessoas sempre descontentes com o que têm, egoístas, soberbas e que vivem adulando os outros para tentar auferir lucro.

Tendo feito uma citação de Enoque, Judas, nos versículos 17 a 19, se volta para os apóstolos e diz estar fazendo uma citação deles, que é bastante semelhante a *II Pedro 3.3*. Se for esse o caso, fica resolvida a dúvida sobre "quem copiou de quem" (Judas estaria copiando de Pedro), mas infelizmente existe a possibilidade de ambos terem tirado suas referências de outro texto que tenha sido incluído na Bíblia.

Seja como for, isso não é importante e, sim, a forma como Judas está aplicando a mensagem apostólica, que diz que: "**Nos últimos tempos haverá zombadores que seguirão os seus próprios desejos ímpios**".

Essa mensagem, Judas a aplica aos seus "falsos irmãos", dizendo que são exatamente estes os que têm causado as divisões na Igreja, por seguirem a tendência de suas próprias mentes, pelo fato de não terem o Espírito. Assim sendo, Judas não tem qualquer dúvida de que se trata de pessoas do mundo, que estão infiltrados na Igreja, a serviço de Satanás, para destruí-la.

Há uma música que ensinamos às crianças, segundo a qual se deve ler a Bíblia e orar todo dia para que haja crescimento. O versículo 20 de Judas diz exatamente isso: os crentes da Igreja para a qual ele está escrevendo são exortados a se edificar na fé, qual seja a doutrina dos apóstolos e a orar no Espírito Santo. Paulo exorta Timóteo, seu filho na fé, a fazer exatamente o mesmo (*II Timóteo 2.15*): "Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar, que maneja corretamente a palavra da verdade".

Dando continuidade às exortações, Judas fala da necessidade de se manter aceso o amor cristão. Isso é praticamente uma consequência das exortações anteriores, pois se for efetivo o nosso relacionamento com Deus, através da oração, e se conhecermos e guardarmos os seus ensinamentos, então, o Seu amor será derramado em nossos corações e amaremos os nossos irmãos. Além disso, o mundo à nossa volta também notará que temos algo que eles precisam. Tudo isso faz parte de nos mantermos no amor de Deus, como diz Judas, que afirma ainda que esse deve ser o nosso alvo por toda a vida.

Nos versículos 22 e 23 Judas fala a respeito de aspectos práticos de serviço dos crentes na evangelização. O amor de Deus nos constrange, pelo que não é possível que retenhamos a salvação para nós, vendo outros que não a têm.

Ele parece distinguir aqui 3 grupos com os quais devemos nos envolver, com aparente dificuldade crescente de evangelização. Primeiramente ele fala dos que têm dúvidas. Esses parece que já tem "um pé na igreja", mas ainda precisam de cuidados. Já no versículo 23, ele se refere a um grupo que precisa ser salvo, mas estão, por enquanto, muito mais arraigados no inferno. Finalmente, ele fala de outros, ainda, em relação aos quais devemos mostrar misericórdia com temor, pelo fato de estarem tão contaminados pelo pecado e retidos pelo inferno, que, figuradamente, suas roupas se contaminaram com seus pecados.

É claro que nada do que nos é proposto em matéria de evangelismo pode ser feito por nós ou mediante os nossos esforços. Nós somos meros coadjuvantes na obra de evangelização coordenada pelo Espírito Santo. Embora Judas não diga isso, a verdade disso está plenamente clara na linda doxologia com a qual ele encerra sua carta (versículos 24 e 25): "Àquele que é poderoso para impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém!"

I João 1

Nenhuma das cartas atribuídas a João contém a sua autoria certificada no texto, mas há fortes indícios de que ele é o autor, motivo pelo qual a tradição assim o considera. Algumas dessas citações, tanto externas como internas, são citadas a seguir (/42/, pág. 555):

Policarpo é considerado um discípulo de João durante o seu período em Éfeso, motivo pelo qual se admite que a sua referência a "*João 4.2*", feita em uma carta que ele escreveu aos filipenses, é aceita como totalmente abalizada.

Já no século IV Eusébio nos informa que Papias, bispo de Hierópolis, cidade próxima a Éfeso, também fez citações "extraídas da primeira epístola de João".

Pouco tempo mais tarde Irineu, que era bispo de Lyon na França, fez uma citação extraída de *João 2.18-19*, que ele afirma ter extraído da "carta de João".

Ainda no início da era cristã *João* foi incluída no Cânon de Muratori, cuja data exata é desconhecida, mas que pode ser tão antigo quanto o ano 170d.C.

Há, ainda, os indícios do próprio texto, conhecidos como "internos", dentre os quais se pode citar o fato do autor ter sido testemunha da presença de Jesus aqui, como ocorre nos versículos 1.1 e 4.14.

Vemos também que o autor é uma pessoa que fala como quem tem autoridade e espera ser obedecido (ver *João 4.6*), mas nada é tão marcante como a semelhança dos termos usados pelo autor do Evangelho de João e pelo autor da carta de *João*, atestando de forma clara que a autoria de ambos os textos é única.

Encontramos em /42/, pág. 557, uma tabela de termos e expressões que encontramos em ambos os textos, a qual foi reproduzida abaixo:

Palavras importantes e comuns a IJoão e Evangelho de João	Versículo de IJoão	Versículo de João
Princípio	1.1	1.1
Verbo	1.1	1.1-14
Consolador / Advogado	2.1	14.16
Crer	5.1	3.16
Permanecer	2.6	15.7
Guardar	2.3-4	14:21
Mandamento	2.8	13.34-35
Verdadeiro	5.20	7.28
Conocer / Saber	3.24	10.15, 27
Trevas / Escuridão	2.11	12.35
Testemunho	5:9, 11	5.31-32
Expressões teológicas comuns a ambas		
Filho Unigênito	4.9	3.16, 19
Salvador do mundo	4.14	4.42
Espírito da verdade	4.6	14.17; 15.16
Praticar a verdade	1.6	3.21
Nascido de Deus	3.9	1.13
Filhos de Deus	3.2	1.12; 11.52
Vencer o mundo	5.4	16.33
Entregar a vida	3.16	10.11
Água e sangue	5.6	19.34
Filhos do Diabo	3.10	8.44
Andar nas trevas	2.11	8.12
Ver a Deus	4.12	1.18
Características de estilo comuns a ambos		
Este é	3.11	15.12
Nisto	2.3	13.35
Todo aquele que	vários	vários

Com base nos indícios externos e internos citados acima, parece bastante razoável atribuir a autoria desta carta a João.

Já a questão da data na qual ela foi escrita não há o mesmo consenso quanto ao que diz respeito à autoria. Grande parte dos comentaristas crê que a carta foi escrita de Éfeso, após a destruição de Jerusalém, depois do ano 85d.C., ao passo que outros defendem ter sido escrita de Jerusalém antes do de sua destruição, qual seja, 70d.C..

Como o conteúdo da carta denota uma familiaridade de João com os problemas do Gnosticismo que passou a ser comum nas igrejas neo-testamentárias gentílicas, é lícito pressupor que já tenha sido escrita após a instalação dele em Éfeso.

Além disso, o fato de não haver menção de problemas de perseguição, indica que Domiciano, provável líder romano da época, estava ainda no início de seu reinado, quando ainda não se preocupava com os cristãos.

Essa informação permite restringir a data provável do envio da carta à faixa de 80 a 85d.C..

O Docetismo é uma doutrina precursora do Gnosticismo ou que nasceu dentro dele e que defendia que o corpo de Cristo era uma ilusão, pelo que Sua crucificação teria sido apenas fictícia. Isso era coerente com a idéia gnóstica de que a matéria é má. Obviamente essa idéia conflitava com a pregação cristã, segundo a qual o **"verbo se fez carne e habitou entre nós"**.

Não obstante a clara indicação de que João estava preocupado com a influência que o Docetismo estava tendo sobre a Igreja ou as igrejas destinatárias de sua carta, é inegável que João também estava preocupado com a qualidade de vida cristã que os seus leitores estavam tendo, a ponto de duvidarem da própria salvação.

Isso fica retratado em suas palavras registradas em *1João 5.13*, onde ele disse: **"escrevi-lhes estas coisas, a vocês que creem no nome do Filho de Deus, para que vocês saibam que têm a vida eterna"**.

Essa é uma declaração curiosa porque se ele precisa escrever para que eles saibam que já têm vida eterna, segue que deve ser possível tê-la e não ter certeza. Assim sendo, olhando a carta de João mais de perto, podemos ver nela, também, uma série de ensinamentos que parecem se constituir em testes de "certeza de salvação", que serão abordados adiante.

João inicia esta sua primeira carta com um versículo muito semelhante àquele com que inicia o seu Evangelho. Lá ele diz que **"no princípio era o verbo, o verbo estava com Deus e o verbo era Deus"**. Aqui ele se limita a fazer uma referência ao mesmo Verbo como **"aquele que era desde o princípio"**. Além disso, é óbvio que o princípio em apreço é apenas o princípio do registro, mas não de Deus, pois tanto Ele como o Verbo, que são um, são eternos.

É curioso que os versos 45 do Surah 3 e 171 do Surah 4 do Corão ambos se referem a Jesus como um espírito que estava com Deus e que é enviado como o Verbo de Deus para Maria. Trata-se, portanto, de um espírito pré-existente, que depois retorna para Deus (Surah 3.55).

João continua, no versículo 1, a dizer que ele mesmo O ouviu, O contemplou com seus próprios olhos, chegando mesmo a apalpá-LO com suas mãos. É exatamente a respeito d'Este, que é a Palavra da Vida, que ele vai começar a proclamar.

Não há dúvida de que essa sentença já informa também aos docetistas que a encarnação de Jesus fora completa a ponto d'Ele poder ser ouvido, visto e tocado, por ser matéria real e santa criada por Deus Pai.

No versículo 2 ele expande o que já tinha dito no primeiro. A verdadeira vida se manifestou em Jesus e dela os discípulos deram testemunho. A vida eterna que havia sido perdida no Éden agora poderia ser readquirida através de Jesus. Ela que estava escondida com o Pai e nos foi manifestada através do Filho.

No versículo 3 João repete a sua disposição de proclamar aquilo que tinha visto e ouvido, mas agora ele adiciona o alvo a ser conquistado desta forma, qual seja, conseguir que os seus leitores participem da comunhão que ele e os demais cristãos já têm com o Pai e Filho.

No Evangelho de João ele proclama que Jesus veio para os Seus (os israelitas), mas os Seus não O receberam, mas a quantos O receberam deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Além disso, ela cita que essa filiação se faz através do novo nascimento espiritual. Na medida em que O recebemos, Ele nos dá o poder de passarmos a fazer parte da família de Deus, para dentro da qual somos adicionados por adoção.

João atesta no versículo 4 que a nossa felicidade só será completa na medida em que passemos a ter comunhão com o Pai e com o Filho. Vemos, portanto, que as palavras introdutórias da primeira carta de João pouco diferem daquelas com as quais João abre o seu Evangelho. Ele lhes apresenta o Messias de Israel, que vai sofrer e padecer para que possa salvar a todos quantos O receberem.

Nos versículos 6 a 10 João apresenta três pontos específicos nos quais o Docetismo estaria influenciando hereticamente o pensamento de membros da Igreja para a qual está escrevendo. Antes de apresentá-los, contudo, ele faz questão de enfatizar um ponto muito importante, qual seja, a pureza da natureza de Deus.

Ao lembrar aos seus leitores que Deus é luz e que conseqüentemente Ele não tolera qualquer comunhão com as trevas, fica ressaltada a Sua santidade e a total impossibilidade dEle mostrar tolerância com o pecado.

Ao longo de toda a Bíblia a luz é usada como representativa da santidade e da justiça de Deus. O salmista, por exemplo, resalta o fato da **Palavra de Deus ser lâmpada para os seus pés e luz para o seu caminho** (*Salmos 119.105*). No Novo Testamento o próprio Jesus diz para Nicodemos que **Ele mesmo é a luz que veio ao mundo, mas que os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más** (*João 3.19*). Na continuidade dessa conversa Ele diz que **quem pratica a verdade vem para a luz, ou seja para Ele**. Em *ITessalonicenses 5.4* Paulo diz que **os fiéis são filhos da luz, filhos do dia, cujas obras são justas**, ou seja, nem da noite, nem das trevas.

Os versículos 6, 8 e 10 apresentam três pontos errôneos, provavelmente defendidos por falsos mestres na Igreja destinatária dessa carta, que João está rebatendo com base na impossibilidade de Deus, que é luz, poder tolerar pecado. No versículo 6 ele fala da mentira daqueles que dizem ter comunhão com Deus e, ao mesmo tempo, andam em trevas. Trata-se de uma total incompatibilidade, visto que Deus é luz. Ao contrário, contudo, **se andarmos da luz, como Deus na luz está, então temos comunhão uns com**

os outros, ou seja, não só com o próprio Deus, mas também com os irmãos. Além disso, o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado. Alguém poderia objetar aqui e dizer que esse adendo é desnecessário, pois quem anda na luz não tem pecado, mas todos sabemos que, por mais que nos esforcemos para andar retamente, a nossa natureza carnal conspira contra a nossa santidade. É exatamente por isso que o próprio João segue argumentando, no versículo 8, que se dissermos que estamos sem pecado, estamos nos enganando a nós mesmos e mentindo. Se, por outro lado, estivermos sempre dispostos a reconhecer os pecados para os quais o Espírito de Deus nos alerta e os confessarmos, então, Deus é fiel e justo para nos purificar de cada um deles. Em outras palavras, é o sangue de Jesus que nos purifica de todo pecado. Se insistirmos no fato de que não mais cometemos pecado, então, estamos colocando a nossa mentira acima da verdade de Deus. João diz isso afirmando que fazemos Deus de mentiroso, o que obviamente é impossível, pelo que isso é prova irrefutável de que a palavra verdadeira de Deus não está em nós.

João 2

Se ficou qualquer dúvida com relação ao que João quis dizer em relação à nossa vulnerabilidade em relação ao pecado, ele o esclarece completamente neste versículo (1). João inicia o versículo 1 com uma saudação que denota tanto a idade já avançada do apóstolo como o carinho que tem para com os leitores de sua carta: “meus filhinhos”. É justamente para estes filhos, supostamente gerados pelo trabalho missionário de João, que ele adverte para que tomem o cuidado de não pecar. Isso significa claramente que nenhuma desculpa, que implique em qualquer tipo de tolerância para com o pecado, é aceitável. Não devemos pecar e pronto! Essa afirmação é totalmente compatível com as palavras de Jesus, pronunciadas ao final do evento, no qual os judeus queriam apedrejar uma mulher adúltera para tentá-lo: “vá e não peques mais” (João 8.11).

É verdade que o homem natural é escravo do pecado, porque essa foi a maldição que ele herdou de Adão, mas isso não significa que ele peque sempre, como advogava Agostinho. Paulo deixou isso claro ao dizer que os gentios, que não têm lei (explícita), mostram que ela foi escrita em seus corações ao fazerem, naturalmente, as coisas que são da lei (Romanos 2.14-15). Paulo nos informa também, contudo, que Deus encerrou a todos debaixo do pecado para com todos usar de misericórdia (Romanos 11.32). Este versículo deixa claro que o pecado vai derrotar o homem pelo menos uma vez, ou seja, o suficiente para torná-lo um transgressor da lei (Tiago 2.10,11).

Por outro lado, os filhos que Deus adotou, graças ao preço de justiça pago por Jesus, não são mais escravos do pecado e têm a liberdade de escolher entre pecar e não pecar sempre. Paulo diz isso repetidas vezes ao longo de todo o maravilhoso capítulo 6 do livro de Romanos, de onde foram extraídas as palavras de um corinho que cantamos: “Porque estais debaixo da graça e não debaixo da lei, o pecado não mais terá domínio, sobre vós. Considerai-vos mortos ao pecado e vivos para Deus”.

Se um lado da moeda do pecado é a excessiva tolerância, ressaltada acima, o outro é a excessiva severidade, que João combate na segunda parte desse mesmo versículo 1: **se (todavia, por um acidente de percurso) alguém pecar, essa pessoa não estará automaticamente perdida ou perderá o direito à sua salvação, porque Deus nos deu um advogado, Jesus Cristo, o Justo, que intercede por nós.**

A Bíblia nos informa que Satanás nos acusa diante de Deus dia e noite (*Apocalipse 12.10*), mas cada vez que pecamos e ele se adianta para chamar a atenção de Deus para o seu filho pecador, temos também um advogado que lembra a Deus que aquele mesmo pecado foi pago por Ele na cruz do monte Calvário.

O não reconhecimento desse fato gerou, ao longo da história da Igreja, grandes distorções como resultado da excessiva severidade. Por volta do ano 250d.C., o imperador Décio, querendo atingir os cristãos, que julgava serem inimigos do Império, obrigou que todos os cidadãos romanos declarassem o senhorio de Cesar. Aqueles que o fizessem ganhariam um passe, enquanto os demais enfrentariam punições que chegariam até à morte. Há registros, nessa ocasião, de que, por vezes, 75% dos membros das igrejas locais sucumbiam à provação, assim como fizera Pedro ao ser interpelado no pátio da casa do Sumo Sacerdote, pelo que eram imediatamente excomungados.

Com a morte de Décio, muitos destes procuraram voltar para as suas igrejas, que não os recebiam. Surgiu, então, um clamor geral, segundo o qual se perguntava até que ponto o pecado de negar a fé era imperdoável, enquanto outros, como o adultério, eram tratados de forma mais branda. O assunto foi discutido em todas as igrejas, que propuseram soluções as mais diversas, mas o consenso acabou caminhando na direção já proposta anos antes por Calixto, que instituíra uma forma de penitência, que aos poucos foi sendo oficializada na Igreja.

Cipriano de Cartago foi a figura mais destacada da Igreja Africana no período que se estende entre Tertuliano e Agostinho. Com relação aos caídos, Cipriano fez as propostas listadas a seguir:

- aqueles que haviam simplesmente comprado um certificado de culto aos ídolos do imperador deveriam ser imediatamente reconciliados, por se tratar de um erro menor, pelo qual já haviam sofrido o suficiente;
- aqueles que haviam realmente negado a sua fé, deveriam cumprir penitência pelo restante de suas vidas e, em contrapartida, seriam reconciliados em seu leito de morte ou, caso provassem o seu real arrependimento, sofrendo as consequências de outra perseguição;
- com relação ao clero que tivesse caído, eles poderiam ser reconciliados, conforme indicado acima, mas não deveriam ser reconduzidos a seus cargos na Igreja.

A penitência encontrou guarida na base doutrinária da Igreja Católica Romana justamente por falta de conhecimento bíblico em relação ao plano de salvação divino. O

fato de alguém negar a Cristo diante de uma ameaça de morte é muito diferente da situação de apostasia apresentada em *Hebreus 6.4-6*.

Ainda com relação à excessiva severidade, preguei, com alguma regularidade, durante alguns anos seguidos, numa determinada congregação, que cultivava o hábito, comum em muitas igrejas batistas, de terem sermões de cunho doutrinário pela manhã e evangelístico à noite. Pois bem, durante mais de um ano frequentava ali e ouvia as minhas pregações uma senhora de idade chamada D. Conceição. Todos os meus sermões de domingo à noite tinham “apelo” ao final e D. Conceição, invariavelmente, vinha à frente atendendo ao mesmo. Convencido de que seu desejo de seguir a Cristo era sincero e após procurar convencê-la, sem êxito, de que Deus já a perdoara desde a sua primeira oração de confissão, acabei identificando nela uma verdadeira hipocondria espiritual.

A palavra “propiciação” só aparece no Novo Testamento duas vezes e ambas nesta carta: neste versículo 2 e no versículo 4.10 (**Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas que Ele nos amou a nós e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados**). John Stott escreve acertadamente que Jesus não é o nosso advogado para defender a nossa inocência, nem tampouco para apresentar atenuantes para os nossos erros, mas reconhece a nossa culpa e apresenta o Seu próprio sacrifício substitutivo como motivo necessário e suficiente para a nossa absolvição. A palavra usada por João para esse ato de Jesus é “propiciação”, que difere um pouco de “expição”, pelo que gostaríamos de entender a diferença. Embora usada apenas duas vezes em todo o NT e somente por João nesta carta, não se trata de uma palavra estranha ao vocabulário grego da época. O substantivo propiciação e o verbo propiciar eram usados comumente pelos gregos para caracterizar as dádivas e o apaziguamento da ira dos deuses, que estas compravam. Como a ira dos deuses do Olimpo e os meios usados para apaziguá-los nem sempre eram louváveis, segue que muitos comentaristas acham inadequado o uso dessa palavra para a redenção divina, pelo que preferem traduzi-la como “expição”, não obstante o termo usado por João ser exatamente este.

Não há dúvida que a ira de Deus permanece sobre aqueles que se recusam a crer no Filho (*João 3.36*), mas o sacrifício do Filho se faz às expensas dEle mesmo. Foi a Ele, Deus Pai, que “agradou” sacrificar Jesus por nós (*Isaías 53.10a*), pelo que não há qualquer corrupção envolvida e, sim, um extremo ato de amor, com Deus mesmo Se fazendo homem e tomando o nosso pecado, fazendo Ele, Jesus, o papel de oferta de propiciação.

Não há dúvida de que há algo mais na propiciação do que na expiação. Li certa vez uma explicação (não tenho qualquer referência para oferecer), que parece não ser muito precisa do ponto de vista linguístico, mas que exemplifica bem o sentido da diferença dos dois termos. Seja uma sociedade de dois amigos, na qual um dos sócios agiu ilícitamente, tentando tirar tudo do outro. Antes, contudo, que o ilícito se consumasse, o sócio lesado o percebeu e levou o caso à justiça, resultando na condenação do sócio infrator. Anos mais tarde, quando saiu da prisão, o infrator procurou o seu ex-sócio e

pediu perdão pelo seu ilícito e pelo prejuízo que causara. Sua culpa estaria “expiada” e seu sócio provavelmente o perdoaria, mas o relacionamento dos dois pararia por aí. Se, contudo, o ex-sócio, por amor ao seu ex-amigo, resolvesse não apenas perdôá-lo, mas também convidá-lo para voltar à sociedade, por considerar que ele certamente terá aprendido a lição e não o faria de novo, então, se trataria de uma “propiciação”, na qual o sócio infrator seria considerado propício ou adequado para retomar à sua antiga posição. É isso que Deus faz conosco. Não obstante o nosso pecado e a nossa corrupção, nossa propiciação é tão maravilhosa que Ele nos adota como filhos.

Nos anos que se seguiram ao evento que narrei acima concernente à D. Conceição, descobri que ela não é única. Há, pelo contrário, muitos crentes, perdoados por Deus, que não conseguem perdão próprio, nem tampouco se sentem perdoados. Certamente, para pessoas assim, é necessário conhecer na prática o que é termos um advogado junto ao Pai, que se faz propiciação por nós. De igual forma cabe ressaltar mais uma vez o texto de *João 5.13*: “**estas coisas vos escrevi para saberdes** (com toda certeza), **que tendes a vida eterna**”. A melhor cura para a hipocondria espiritual é a confiança nas promessas de Deus, cuja materialização na vida do crente João procura estabelecer através de alguns testes. Vejamos, portanto, quais foram as coisas que João escreveu e que se destinam a dar esta certeza!

O versículo 3 nos diz que sabemos que conhecemos a Jesus se guardamos os Seus mandamentos. Mais uma vez ecoam nos meus ouvidos outro corinho que cantamos com frequência, cuja letra sai do Evangelho de João: “**Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai e eu também o amarei e me manifestarei a ele**”.

- 1º Teste: Já vimos acima que João principia sua 1ª carta dizendo que Deus é luz, pelo que se nós andamos nas trevas mentimos quando dizemos que temos com Ele comunhão (*IJoão 1.5-6*). Mais adiante, somos informados que “**aquele que diz: eu O conheço, e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a Sua palavra, nele tem sido verdadeiramente aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nEle: aquele que diz que permanece nEle deve, também, andar como Ele andou**” (*IJoão 2.4-6*).

O contexto aqui nos informa que aquele que tem Jesus, tem que começar a se parecer com Ele em suas atitudes (*Romanos 8.29*). Não queremos dizer com isso que não pecamos mais, nem que não haverá tropeços aqui e acolá, mas, sim, que nossa vida passa a ser regulada por Seus ensinamentos. João deixa isso muito claro, ao dizer: “**Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado**” (*IJoão 5.18*).

Essa mudança pós-conversão chama-se santificação e decorre do fato de ouvirmos a voz do Espírito Santo, fazendo uma radical mudança em nossas vidas, a qual se processa de dentro para fora. Apenas para ilustrá-la, li em algum lugar o testemunho de um pastor que pediu a um jovem recém-convertido para dirigir uma oração do púlpito. O rapaz, meio atrapalhado, começou sua oração pedindo perdão a Deus por não ter

conseguido, até então, ser como Ele, Deus, gostaria que ele fosse. Continuou pedindo perdão por não conseguir, tampouco, ser como seus irmãos dali gostariam que ele fosse e se desculpou, ainda, por não conseguir, sequer, ser como ele mesmo gostaria de ser. Neste instante, contudo, ele complementou, dizendo: mas eu sou muito grato, Senhor, porque não sou mais como eu era.

O novo nascimento gera nova vida. Se nenhuma mudança se processa no comportamento daquele que diz que nasceu de novo, então, há pouca probabilidade de tal nascimento ter ocorrido.

- 2º Teste: João começa este texto dizendo que vai apresentar um mandamento velho, ou seja repetido, mas aparentemente não o cita. Depois, no versículo seguinte, diz que vai apresentar um novo e, aparentemente, também não o cita. Obviamente como ele passa a falar do amor fraterno nos versículos seguintes (9 a 11), devemos concluir que o mandamento antigo é aquele pronunciado por Jesus, que ele mesmo já registrara em *João 13.34* (“Amem-se uns aos outros”), chamando-o de “mandamento novo” e em *João 15.12*, onde o chamou de “meu mandamento”, ou seja, um que Deus sempre ordenara.

Desta forma fica claro que se trata de um mandamento eterno, que faz parte inclusive da Lei (*Levítico 19.18*), o qual Jesus mesmo citara quando tentado pelos fariseus (*Mateus 22.39*); portanto, antigo e ao mesmo tempo um mandamento novo para a Igreja de Jesus Cristo: “um novo mandamento vos dou que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei”.

Assim sendo, o próprio João nos diz um pouco mais adiante que “nós sabemos que já passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. Aquele que não ama, permanece na morte” (*João 3.14*). O apóstolo João enfatiza aqui que o nosso relacionamento com os “demais filhos de Deus” deve ser caracterizado pelo amor.

Já houve quem dissesse que o encontro de dois crentes em Jesus Cristo é semelhante ao de dois velhos amigos, mesmo que estejam apenas se conhecendo. Isso se explica pelo fato de serem ambos “portadores” do mesmo Espírito Santo, fazendo com que tenham grande afinidade.

João estende este amor ao compartilhamento de bens temporais ao dizer, em *João 3.17*, que o amor de Deus não pode estar permanente numa pessoa, que, tendo bens neste mundo, fecha o coração ao seu irmão necessitado. É muito oportuno ressaltar aqui que necessitado não é sinônimo de menos afortunado. Quando o homem de Deus coloca bens a Seu serviço, fica implícito que Ele há de orientar com relação à indicação dos necessitados. Ao longo dos nossos anos de vida, minha esposa e eu já tiveos bastante dinheiro, depois fomos à falência e ficamos endividados. Enquanto tínhamos dinheiro, era possível ajudar os outros e o fazíamos da forma mais discreta possível, mas, de uma forma ou outra, às vezes essa ajuda se tornava pública na igreja, estimulando vários irmãos a nos procurarem em tempos de necessidade.

A pergunta que sempre nos fazíamos era se ajudá-los era da vontade de Deus ou não. Obviamente a resposta que dávamos a quem nos procurava era, invariavelmente, a mesma: vamos consultar Deus a respeito. Às vezes Ele confirmava e às vezes não. Era uma época de boas experiências com Deus. Aprendemos, contudo, que essa não é a maneira de um crente pedir ajuda. Se temos necessidades devemos levá-las a Deus para que Ele tome as providências necessárias. As experiências que tivemos desta maneira foram muitíssimo mais gratificantes.

Eu tinha um colega de magistério na UFRJ que era um gênio em química e um crente com C maiúsculo. Eu tinha uma empresa e a Universidade para mim era “bico”, mas para ele era o salário integral. Há alguns anos os professores entraram em greve por alguns meses e o governo pressionou deixando de pagar os salários deles. Conquanto nem ele nem eu tivéssemos aderido à greve, ambos deixamos de receber. Para mim não fazia qualquer diferença, mas para ele era o salário integral. Um dia, por aqueles dias, cheguei no escritório, liguei o micro e ia começar a trabalhar quando me sobreveio um desejo súbito de ligar para o meu amigo e perguntar se ele estava precisando de dinheiro. Não sabia porque me sobreviera aquela ideia porque raramente penso nele. Peguei o telefone, liguei e com muito humor disse que o dinheiro dele estava acabando, mas que ele me procuraria se acabasse antes de serem retomados os pagamentos de salário. Desliguei e não pensei mais no assunto, mas ele era professor de EBD na mesma igreja que eu e fiquei sabendo depois que ele contou, como testemunho na sua classe, que todas as suas reservas de dinheiro estavam acabando por falta de pagamento de salário na UFRJ, de modo que ele resolvera informar “seu Pai celestial” a respeito. Ele havia lembrado ao Pai as muitas promessas segundo as quais ele não deixaria faltar coisa alguma. Nem tinha acabado de orar quando o telefone tocou com alguém na linha oferecendo dinheiro. Essa foi, sem dúvida, a nossa experiência mais marcante nessa área.

Deus gera em nós o amor por Seus filhos próximos, nossos irmãos em Cristo, bem como o amor por aqueles que ainda não aceitaram Jesus como Salvador. Se Deus não está gerando amor algum, então, os versículos 9 e 11 nos dizem que estamos ainda andando em trevas. Já o versículo 10 nos diz claramente, que aquele no qual esse amor é gerado, ele não apenas anda na luz de Jesus Cristo, mas em sua vida não há engano, ou seja, ele sabe exatamente de quem é filho.

Tendo apresentado este segundo teste, no qual não distingue o grau de maturidade dos filhos de Deus, João parece querer estabelecer alguns tons de cinza entre o preto e o branco, ou seja, ele passa a falar aos filhos de diferentes graus de maturidade espiritual, estimulando-os à vitória através do amadurecimento na vida cristã. A conclusão que chegamos é que o teste acima é necessário para provar a filiação divina, mas que a reprovação no mesmo não é suficiente para negá-la. Em outras palavras, o Espírito Santo nos transforma a partir do primeiro dia de nossas conversões, mas a velocidade de transformação depende muito de nossa participação, pelo que há muitos crentes nos quais a transformação não é tão perceptível quanto em outros.

João se dirige, neste intuito, aos filhinhos, aos pais e aos jovens, que para Agostinho eram, respectivamente, os recém-convertidos sem qualquer maturidade cristã, aqueles que já andam de maneira vitoriosa com razoável maturidade cristã e os cristãos maduros que têm conhecimento profundo do Evangelho e a estabilidade de quem vive a vida neles implantada por Deus. Já Lutero e Calvino viam aqui apenas dois grupos, pois achavam que filhinhos dizia respeito a todos os seus leitores, que ele divide entre experientes e inexperientes. O contexto da recomendação feita por João a cada um dos 3 grupos parece fortalecer a opinião de Agostinho.

Aos recém-convertidos, no versículo 12, ele diz o que mais precisam saber: que os seus pecados foram efetivamente perdoados. Isso se dá porque foram pagos por Jesus, pelo que é em nome dEle que esse perdão ocorre. Não há nada mais precioso para o recém-convertido do que a certeza de que Deus o perdoou e adotou como filho.

Aos pais, no versículo 13, ele expressa o reconhecimento que eles têm intimidade com Deus, motivo pelo qual eles O conhecem pessoalmente. Esse conhecimento decorre da comunhão que tiveram com Ele durante anos e graças às vitórias que experimentaram em suas lutas contra o inimigo.

Em terceiro lugar ele se dirige aos jovens, ainda no versículo 13, para registrar sua alegria com as vitórias que têm experimentado sobre o Maligno. Essas vitórias estão associadas ao fato de resistirem a Satanás e fugirem do pecado.

Curiosamente, ele se dirige novamente aos mesmos 3 grupos para dizer mais ou menos as mesmas coisas no versículo 14 aos pais e aos jovens, mas aos recém-convertidos ele acrescenta que eles, agora, conhecem a Deus pessoalmente, pelo que devem aprofundar esse relacionamento. A vida cristã começa com o perdão de pecados, do qual podemos ter certeza absoluta, mas precisa ser alimentada pelo relacionamento pessoal com Deus. Ouvir Deus falar é uma experiência impar!

Ainda dentro do tema de ter comunhão com Deus, João adverte todos os seus filhos no tocante ao grande perigo de se deixarem distrair com as coisas do mundo. É a primeira vez que João usa a palavra mundo aqui, mas ele a usa de uma forma diferente daquela empregada, por exemplo em *João 3.16*. Ali, ao falar da forma singular como Deus "**amou o mundo**", ele se refere às pessoas deste mundo, criadas por Ele, mas que se encontram escravizadas sob o jugo do pecado. Já nas seis vezes em que o termo "mundo" ocorre nestes três versículos ele se refere ao pecado escravizante deste mundo regido por Satanás. Não é à toa que João mesmo diz, em *João 5.19*, que "**o mundo inteiro está sob o poder do Maligno**". O mundo, nestes termos, é regido por Satanás, motivo pelo qual João diz que **Aquele que habita em nós (Deus) é maior que aquele que está no mundo (João 4.4)**. Assim sendo, portanto, apesar de estarmos no mundo, a nossa posição precisa ser de antagonismo em relação ao mesmo. Ao orar por nós em Sua oração intercessória de *João 17*, Jesus pede ao Pai, **não que nos tire do mundo, mas que nos livre das tentações malignas que este mundo nos oferece** (versículo 15).

É da clara intenção de Deus, portanto, que nós exerçamos o nosso papel de sal e luz neste mundo, sem, contudo, sermos seduzidos pelos prazeres que ele nos oferece. A nossa comunhão com Deus está totalmente relacionada ao fato de vivermos amando e obedecendo ao nosso Deus, pelo que fica novamente claro que ninguém pode servir a dois senhores. É impossível que sirvamos a Deus e amemos o mundo ao mesmo tempo. Quando a Bíblia nos diz que Jesus amou o "mancebo de qualidade" e mandou que vendesse tudo que tinha para alcançar a vida eterna (*Marcos 10.21*) é porque Ele sabia que seu deus eram as suas posses, e que a única maneira de dar fim a essa sua idolatria seria eliminando os seus bens. A única maneira de vencermos o mundo é zelando para que o Pai seja, e continue sendo, o nosso único e verdadeiro Deus. É por isso que João nos diz que a "concupiscência da carne", ou seja, a inclinação natural da carne, é para as coisas mundanas. Eva sentiu o desejo de saborear a fruta da árvore da ciência do bem e do mal. De igual forma a cobiça dos olhos também nos leva a desejar coisas do mundo. A Bíblia nos diz que o fruto da árvore também se mostrou atraente aos olhos de Eva. Finalmente, João disse que a soberba da vida também pertence ao mundo. Eva viu, igualmente, que o entendimento que viria através da fruta a tornaria como Deus, sabendo discernir certo de errado (versículo 16).

Talvez João estivesse pensando nesse paralelo ao citar esses três pecados associados ao amor pelas coisas mundanas. Certo é, contudo, que essas coisas não provêm do Pai; elas são do mundo. João encerra esta advertência referente à necessidade de evitar a atração pelo mundo e seus prazeres, lembrando que o mundo é passageiro, mas que aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre (versículo 17).

Paulo nos adverte em *ICoríntios 7.31*, que **aqueles que usam as coisas desse mundo, devem proceder como se não as usassem, porque a forma presente deste mundo está passando.**

John Stott comenta, com acerto, que os autores neo-testamentários não possuem uma terminologia uniforme quando falam a respeito do "fim dos tempos", dos "últimos dias", da "última hora" e dos "tempos do fim". O principal consenso que podemos extrair, contudo, é que os tempos do fim foram inaugurados juntamente com a primeira vinda de Cristo, que ao mesmo tempo encerra a primeira aliança. Quando João diz aos seus "filhinhos", no versículo 18, que a vinda do anticristo está sendo precedida pelo surgimento de vários anticristos no meio deles, ele o faz justamente porque deseja alertá-los para o fato de que as defecções que estavam ocorrendo em suas igrejas locais eram previstas.

Somos levados a entender que João, assim como Pedro, estava enfrentando a pregação dos gnósticos no meio de suas igrejas locais, mas que a resistência da Igreja em aceitá-los estava levando à sua saída do seio da igreja.

Para alguns, João apresenta aqui mais um teste de salvação, mas certamente não para os aprovados e, sim, para os que provam sua heresia ao pedirem a sua remoção do rol de membros, passando a não mais frequentar as reuniões da igreja, por motivo de

discordância doutrinária. Ele diz que "saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois, se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que não eram dos nossos" (versículo 19). A primeira impressão que se tem é que João está associando a membresia do corpo de Cristo à membresia da igreja local. Todos sabemos, contudo, que isso não é verdade, embora a recíproca seja verdadeira. Há muitas pessoas na igreja local que não são membros da Igreja de Cristo. De que João está falando, então?

Bem, podemos afirmar, com certeza, que não havia igrejas de diversas denominações em Éfeso, nem tampouco nas outras igrejas das cidades vizinhas, onde João ministrava de vez em quando. Assim sendo, nas circunstâncias específicas em que vivia, pedir para sair da igreja de Éfeso, correspondia a não querer fazer parte da Igreja de Cristo, ou talvez seja melhor concordar com João e concluir que eram pessoas que gostaram da novidade do Evangelho, mas que ficaram decepcionadas por não terem encontrado nessa "nova entidade chamada Igreja" o "status" que estavam procurando, visto que toda a honra e toda a glória são para Ele, Deus. Assim, na realidade, nunca entenderam de que se tratava, pelo que saíram.

No versículo 20, contudo, João diz aos seus filhinhos, os membros que ficaram, uma coisa muito interessante: eles ficaram porque têm "crisma", ou seja a unção que procede do Espírito Santo de Deus, motivo pelo qual eles têm conhecimento, ou seja, eles têm a capacidade, pelo Espírito, de discernir o que é verdade do que não é.

Assim, João reconhece que não era necessário escrever-lhes para esclarecer a verdade, porque o Espírito que neles habitava tinha exatamente essa função, qual seja, de guiá-los na verdade (versículo 21).

Neste ponto João esclarece qual era o ponto doutrinário de discordância. De alguma forma eles negavam que Jesus é o Cristo (versículo 22). Isto faz com que essas pessoas estejam dotadas do espírito do anticristo. Quem nega o Filho não tem o Pai mas quem O confessa publicamente tem também o Pai (versículo 23). Basicamente os gnósticos negavam que Jesus tivesse vindo em carne e desta maneira negavam o plano divino para a salvação em Jesus. Jesus só poderia ser nosso substituto legal se fosse homem, nascido de mulher igual a qualquer outro, mas sem ser da semente de Adão, porque isso faria dEle um pecador como qualquer outro homem. Se sequer homem de carne e osso tivesse sido Ele jamais poderia ter sido o Cristo. Notem que na cabeça deles talvez isso fosse uma mudança pequena e necessária porque acreditavam que a carne era pecaminosa, pelo que Jesus não poderia ser carnal. A intenção de salvaguardar Jesus do mal talvez fosse até boa, mas era satânica e tornava Jesus impróprio para ser um sacrifício substitutivo. Em nossos dias eles teriam aberto a "Igreja do Cristo Purificado" ou algo assim do outro lado da rua, mas nem por isso a iniciativa teria deixado de ser satânica. Ao longo dos milênios, Satanás tem se especializado em produzir grandes mentiras, ou seja, aquelas que muito se parecem com a verdade, mas que têm sempre uma "pegadinha" que anula a graça.

Nos versículos 24 a 27 João faz duas advertências aos seus filhinhos. A primeira é no sentido de que permaneçam fiéis à mensagem do Evangelho que ouviram desde o princípio. Jesus nos prometeu vida eterna e nós a temos graças à Sua morte e à Sua ressurreição. Se aceitarmos o senhorio de Jesus Cristo e cremos, de coração, que Deus O ressuscitou dos mortos, então, essa promessa é uma realidade para nós. A nossa salvação não é conquistada pela nossa fidelidade e, sim, gratuitamente mediante a nossa fé nas promessas de Deus. Foi Ele que nos amou primeiro e nós O amamos como resposta que Ele espera (*IJoão 4.19* e *ICoríntios 8.3*), mas o nosso amor a Deus é provado pela nossa fidelidade (*João 14.21*).

A segunda advertência é uma palavra de cautela em relação àqueles que queriam enganá-los através de doutrinas novas, que extrapolam o Evangelho que eles receberam (versículo 26). No tocante a isso João lembra, mais uma vez, no versículo 27, a unção espiritual que receberam. Eles têm, morando localmente neles, o Espírito Santo de Deus, pelo que não têm necessidade de que alguém os ensine. Esta é uma citação de *Jeremias 31.34*. Isso não quer dizer que todos já aprendemos tudo no momento da conversão, pelo que qualquer estudo bíblico seria dispensável. Quer dizer, isso sim, que o Espírito nos dirige, para que, vivendo na Sua dependência, alcançaremos o crescimento espiritual desejável. Cabe ressaltar aqui o enorme papel que nós, Igreja, temos no crescimento uns dos outros. Não há ninguém que não precise mais aprender, pelo que Deus nos concede a todos crescimento através da comunhão. É exatamente por isso que Paulo, o maior teólogo do Novo Testamento, nos exorta, sem qualquer falsa humildade, a considerarmos os outros superiores a nós mesmos (*Filipenses 2.3*). Deus faz revelações a cada um de nós, pelo que todos temos o que aprender uns com os outros.

Nos dois versículos finais deste capítulo, João introduz uma característica dos crentes, que até então ele não abordara, qual seja a sua filiação divina. Ao fazê-lo, contudo, ele aborda vários outros pontos que devem ser igualmente ressaltados. O primeiro teste de salvação que havia sido mencionado acima (*IJoão 2.5-6*), diz respeito ao fato de andarmos na luz a partir do momento em que conhecemos a Jesus. Podemos dizer que "andar na luz", "permanecer nEle" e "praticar a justiça" são todos sinônimos. Assim sendo, João não está introduzindo, nos versículos 28 e 29, nenhum novo teste, mas está nos lembrando que o verdadeiro crente continua andando na luz, ou seja, permanece nEle, pelo que não será envergonhado no dia da Vinda de Jesus.

Stott nos lembra que há 4 palavras no Novo Testamento grego para a vinda de Jesus: *parousia* (vinda), *phanerosis* (manifestação), *epiphaneia* (epifania ou aparição) e *apokalupsis* (revelação), das quais as duas primeiras são usadas no versículo 28. Desta forma João, que já confirmara que os "tempos do fim" haviam começado com a Primeira Vinda de Cristo, agora nos revela a expectativa do encerramento destes com a Sua volta.

Nesta ocasião haverá muita alegria para aqueles que amam a Sua vinda, pela certeza de terem uma coroa preparada para eles (*IITimóteo 4.8*), mas João diz aqui que serão envergonhados aqueles que não estão nEle. Isso confirma o que Jesus havia dito, ou

seja, que "todas as nações se lamentarão ao verem o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu com poder e grande glória" (*Mateus 24.30*).

Se eles, os leitores da carta de João, sabem que Deus o Pai é justo, então, não podem deixar de reconhecer que todo aquele que é "nascido de Deus" deve igualmente andar praticando a justiça. É como "nascidos de Deus" que João introduz o conceito de filiação que apresenta a partir do capítulo 3.

Semana 99 - As Mensagens de João

Texto: IJoão 3 a 5, IIJoão 1 e IIIJoão 1

Estação 49

IJoão 3

Como é grande o amor que o Pai tem demonstrado por nós, a ponto de sermos chamados "filhos de Deus". Aliás, não só chamados, mas efetivamente o somos. Aleluia! A palavra grega usada por João para filhos é *tekna*, que vem do verbo *tekein*, que significa "gerar". Somos, portanto, filhos gerados por Deus e não simplesmente adotados. Somos "nascidos de Deus", como ele acabara de dizer no final do capítulo anterior. Não passávamos de pecadores vivendo em rebeldia contra Deus, mas Ele não apenas nos comprou com o sangue de Cristo, mas abriu, através de Jesus homem, o caminho do "novo nascimento", fazendo dEle o primogênito de muitos irmãos.

Os filhos do mundo não conseguem enxergar isso, ou seja, não reconhecem a nossa nova filiação divina porque tampouco reconhecem o Deus Jesus e o sacrifício de Jesus homem. O novo e vivo caminho está aberto também para eles, mas preferem ignorá-lo.

A nossa majestade e glória, que recebemos de Jesus, é ainda oculta, como diz Paulo em *Colossenses 3.3* (**porque a nossa vida está escondida com Cristo em Deus**) e em *Romanos 8.19* (**a natureza aguarda com grande expectativa a revelação dos filhos de Deus**).

No versículo 2 João nos informa que isso decorre do fato de Ele ainda não Se ter manifestado, mas quando isso ocorrer, então, vamos vê-lo tal como Ele é. E não somente isso, mas também seremos transformados na Sua semelhança. De que exatamente João está falando?

Paulo nos afirma em *Romanos 8.29*, que Deus nos predestinou para sermos conforme a imagem de Seu Filho Jesus, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos. A mim me parece incontestável que Jesus foi contaminado por nossos pecados no momento em que registrou o fato de Deus tê-IO abandonado na cruz (*Mateus 27.46*). Era essa contaminação pelo pecado, a morte espiritual de Jesus homem, que tanto O havia atormentado no Getsêmani. Quando Deus O ressuscita, contudo, dá a Ele um espírito novo (do homem Jesus) fazendo dEle o "primogênito entre muitos irmãos a nascer de novo do espírito".

Esse é um assunto estranho à grande maioria dos cristãos de nossos dias, motivo pelo qual se tornou uma espécie de heresia para estes, mas Jesus não seria primogênito de nada se Sua ressurreição tivesse sido apenas física, pois vários outros haviam ressuscitado antes dele fisicamente. Ao receber um espírito novo, Jesus homem Se tornou o mediador da aliança que Deus firmou conosco (*ITimóteo 2.5*). Paulo confirma

isso ao dizer que o texto do *Salmo 2:7* - **Tu és meu filho eu hoje te gerei**, se refere ao dia da ressurreição. Naquele dia Jesus homem foi gerado no espírito, da mesma maneira como diz João no versículo anterior, que nós o fomos no dia do nosso novo nascimento: Ele o primogênito e nós pela Sua mediação.

Desde o dia em que nascemos de novo, recebemos também, habitando localmente, o Espírito Santo de Deus (*Ezequiel 36.27* - **Porei o Meu Espírito em vocês e os levarei a agirem segundo os Meus decretos e a obedeceram fielmente às Minhas leis**). É exatamente por causa do Espírito Santo de Deus habitando localmente, que estamos sendo transformados, de glória em glória, na semelhança do Filho de Deus (*II Coríntios 3.18*).

Cabe, então, perguntar novamente do que João está falando ao dizer que ainda não foi revelado a nós como seremos? Mais uma vez Paulo responde a essa pergunta ao nos informar em *ICoríntios 15.22-23* que, assim como todos morremos em Adão, todos seremos vivificados em Cristo, mas cada um por sua vez: Cristo primeiro (Ele já recebeu o Seu corpo glorificado) e nós os que Lhe pertencemos quando Ele retornar.

Assim sendo, o nosso corpo, por enquanto, é um que um dia voltará ao pó e que ainda tem todos os vícios do pecado que abrigou até a nossa conversão. Temos, contudo, também, uma provisão divina temporária para a inclinação pecaminosa do nosso corpo mortal. Ele promete vivificá-lo através do Seu Espírito da mesma forma como "vivificou o corpo de Cristo" (*Romanos 8.11*).

Chegará um dia, contudo, quando da volta de Jesus, em que ganharemos um corpo glorificado semelhante ao que Ele já recebeu, motivo pelo qual só então saberemos como será. Desde já, contudo, sabemos que será semelhante ao dEle.

Alguém poderia objetar com relação à morte espiritual de Jesus homem, que a primogenitura em questão se refere ao corpo glorificado e não ao espírito, mas se assim fosse, nós estaríamos ainda mortos em nossos pecados, porque não teríamos ainda passado pelo novo nascimento. Isso contradiz, contudo, o que João está nos dizendo, que já somos filhos de Deus.

Foi dito acima que isso se tornou uma espécie de heresia nos nossos dias, mas, para encerrar o assunto, convém ressaltar que muitos crentes ilustres ao longo da História da Igreja não pensavam dessa forma. Entre estes estavam Lutero, Calvino, Spurgeon e mais recentemente Billy Graham, que, aliás, nunca foram contestados. Houve contestação, sim, pelo fato dessa doutrina ter sido defendida como um complemento do preço do pecado, por pentecostais pouco apreciados, do auge do antipentecostalismo, a partir do meio do século passado, quais sejam Kenyon e Hagin. Contestar a posição de Lutero, Calvino, Spurgeon e outros implica em negar *II Coríntios 5.21a* - **Aquele que não conheceu pecado Deus O fez pecado por nós**. Assim sendo, defendem que Deus não O fez pecado por nós, porque Ele nunca foi contaminado pelo pecado, mas que esse versículo, dizem, é apenas simbólico, pois nossos pecados foram apenas atribuídos a

Ele. A mim soa mais como heresia, mas chegando ao céu isso será devidamente esclarecido.

No versículo 3 João afirma que todo aquele que espera pela volta de Cristo e que anseia por se tornar totalmente como Jesus, procura desde já a sua própria purificação como é puro o nosso Senhor Jesus Cristo. Em outras palavras, todo crente que leva sua filiação a sério, quer se parecer com Jesus e se esforça por permitir que a faxina do Espírito Santo seja completa em sua vida.

No versículo 4 João apresenta não apenas uma definição claríssima do que vem a ser pecado, mas também fala a respeito da seriedade de cometê-los. Pecado é definido aqui como a transgressão da lei. Se o nosso alvo como crentes é obedecer à lei de Deus, segue que o pecado é errar o alvo. Aquele que vive no pecado é um transgressor da lei e vive em rebelião contra Deus, pelo que não pode ter comunhão com Ele.

É muito importante entender-se aqui que viver em pecado e estar em Cristo são duas coisas mutuamente exclusivas. João não está dizendo que o crente não peca nunca, mas deixa muito claro que quem se sente à vontade no pecado, ou seja, quem vive uma vida de transgressão, não está em Jesus e nem tem comunhão com Ele.

O versículo 5 nos informa que Jesus Se manifestou para tirar os nossos pecados e que nEle não há pecado. Stott interpreta esse versículo, dizendo que Ele tomou sobre o Seu corpo físico os nossos pecados, mas que estes não O contaminaram. Como prova disso sugere que vejamos os versículos de *IPedro 2.24* ("Ele mesmo levou em Seu corpo nossos pecados sobre o madeiro, a fim de que morrêssemos para os pecados e vivêssemos para a justiça; por suas feridas vocês foram sarados"), *Hebreus 9.28* ("Assim também Cristo foi oferecido em sacrifício uma única vez, para tirar os pecados de muitos; e aparecerá segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam") e *Isaías 53.11-12* ("O trabalho de Sua alma Ele verá, e ficará satisfeito; com o Seu conhecimento o Meu servo o Justo, justificará a muitos, porque as iniquidades deles levará sobre Si. Pelo que Lhe darei a parte de muitos, e com os poderosos repartirá Ele o despojo; porquanto derramou a Sua alma na morte, e foi contado com os transgressores; mas Ele levou sobre Si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercede"). Para provar que Ele não foi contaminado, sugere que se veja *ICoríntios 5.21* ("Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nEle nos tornássemos justiça de Deus"), *Hebreus 7.26* ("É de um Sumo Sacerdote como esse que precisávamos: santo, inculpável, puro, separado dos pecadores, exaltado acima dos céus"), *IPedro 1.19* ([nossos pecados foram pagos] "pelo precioso sangue de Cristo, como um cordeiro sem mácula e sem defeito") e *IPedro 2.22* ("Ele não cometeu pecado algum e nenhum engano foi encontrado em Sua boca").

Observa-se que os argumentos de Stott falham por não haver qualquer ligação de sua assertiva (de que Jesus jamais Se contaminou na cruz) com os versículos apresentados. Os versículos apresentados confirmam duas coisas que não estão sendo questionadas:

a) Que o pagamento de pecados é feito pelo sangue de Jesus;

b) Que Ele Se qualificou como Cordeiro de Deus para substituto do homem pecador pelo fato de Ele mesmo, Jesus homem, jamais ter pecado.

Se Ele morreu espiritualmente e Deus Lhe virou as costas ao ser contaminado pelos nossos pecados (que Ele verdadeiramente tomou sobre Si - *Isaías 53.4*) os versículos em apreço não discutem. A referência ao corpo de Jesus não se faz em oposição ao Seu espírito e, sim, em oposição à Sua deidade. Nosso mediador com Deus é Jesus Homem e não Jesus Deus (*1Timóteo 2.5*).

Por outro lado, há versículos que o atestam, como *IPedro 3.18* ("Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo mas vivificado no espírito") - Ele não precisaria ser vivificado no espírito se não tivesse se corrompido, *Hebreus 2.9* ("Vemos, todavia, aquele que por pouco tempo foi feito menor que os anjos, Jesus, coroado de honra e de glória por ter sofrido a morte, para que, pela graça de Deus, em favor de todos, experimentasse a morte") - esse é, sem dúvida, um versículo interessante que exalta Jesus por ter morrido para que pudesse morrer - sem a morte espiritual o homem Jesus, imortal como o primeiro Adão, não poderia sofrer a morte física e *Hebreus 5.9* ([Jesus], uma vez aperfeiçoado, tornou-se a fonte da salvação eterna para todos os que lhe obedecem).

Sem o novo nascimento do primogênito nós estaríamos ainda mortos em nossos pecados, conforme Paulo nos informa em *Romanos 4.25* ("Ele foi entregue à morte pelos nossos pecados e ressuscitou para a nossa justificação"). Ele foi aperfeiçoado como homem ao receber, pela primeira vez, um espírito novo, com o qual Deus O declarou justificado. Assim, Jesus homem Se tornou o mediador entre Deus e os homens.

Cabe chamar a atenção para o que realmente está por trás da posição defendida por Stott. Sua posição, a meu ver herética, decorre do fato dele achar que a morte espiritual de Jesus implicar, automaticamente, na morte de Deus, o que realmente é sem sentido. O que se defende aqui é que Jesus Deus não morreu, apesar de Jesus homem tê-lo feito, porque Jesus Deus estava esvaziado antes da cruz, com base em *Filipenses 2.5-8*. Para maiores detalhes a esse respeito ver /4/.

No versículo 6 João insiste na mesma tecla em que vinha batendo, quanto à impossibilidade do cristão viver no pecado. Se permanecemos em Jesus, não podemos nos sentir à vontade no pecado. Inversamente, quem vive à vontade no pecado não teve um encontro com Jesus e com certeza não O conhece.

Como conclusão inquestionável do que acaba de ser dito por João, os destinatários de sua carta não deviam se deixar enganar: não é possível para o justo viver na injustiça, porque isso é incompatível com a natureza de Jesus. No versículo 8 vem o inverso, ou seja, que aqueles que praticam obras satânicas são do reino de Satanás, porque pecar faz parte de sua obra desde o início. Foram justamente essas as obras que Jesus veio destruir.

No versículo 9 João procura fechar o seu raciocínio dizendo que todo aquele que é nascido de Deus teve implantada nele a semente divina. Trata-se do espírito não contaminado que substituiu o espírito corrompido pelos nossos atos pecaminosos e que nos separavam de Deus. Agora de posse de um espírito novo nosso e tendo ainda o Espírito de Deus vivendo em nós, não é mais possível a gente pecar sem ser convencido de pecado.

João fecha essa parte resumindo em um único versículo os dois primeiros testes de salvação que ele fez começando pelo capítulo 1: quem peca é filho do diabo e quem não vive em pecado é filho de Deus, motivo pelo qual ele ama também o seu irmão.

Com relação ao texto abrangido pelos versículos de 4 a 9, John Stott apresenta uma lista de 7 interpretações distintas de comentaristas renomados, no tocante à interpretação do ensino de João ao dizer, por exemplo, que todo aquele que é nascido de Deus "não comete pecado" (versículo 9 - tradução JFA RA), que é idêntica à tradução King James do inglês.

1 - Agostinho e Lutero, por exemplo, interpretaram esse texto alegando que João está se referindo a pecados que um verdadeiro crente não cometeria, qual seja, matar, por exemplo. Os pecados desculpáveis, ou veniais (um termo comum à doutrina católica romana) não estariam sendo considerados. Obviamente quem defende um ponto de vista como esse não conhece a definição de Tiago do que vem a ser um transgressor da lei (*Tiago 2.11*).

2 - Stott não cita nenhum defensor deste argumento, mas disse haver aqueles que defendem que Deus julga distintamente os erros de crentes e não crentes, pelo que pecados de crentes são "tolerados". Mais uma vez quem defende um argumento desses não conhece a Deus. O próprio João tinha acabado de escrever no versículo 4 que **"todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei"**.

3 - Ainda há outros, como Plummer, que não distinguem entre crentes e não crentes, mas o fazem entre a velha e a nova natureza do crente. Assim sendo, a velha natureza ainda se inclina para o pecado e peca, enquanto a nova não pode mais pecar. Neste caso ainda se valem do que Paulo diz em *Romanos 7.17*: **"assim quem faz isto já não sou eu e, sim, o pecado que habita em mim"**. Obviamente isso é uma interpretação errônea do texto, pois Paulo está explicando porque "ele" peca ou deixa de pecar, culminando esse argumento no início do capítulo 8 de *Romanos*, onde diz que deixa de fazê-lo quando **"anda no Espírito"**.

4 - A hipótese de que João estaria falando em termos ideais e não em termos práticos é defendida por Alford e por Düsterdieck e aceita como possibilidade viável por Westcott, Dodd e Barclay. Infelizmente, isso também implicaria em admitirmos que a transformação que o Espírito faz em nossas vidas também seria apenas um ideal inatingível em termos práticos.

Por outro lado, o argumento dos gnósticos, de que a carne é má, pelo que não adianta tentar refreá-la, tem um apelo muito forte e prático para o não crente. Se a contrapartida na vida do crente fosse apenas um ideal inatingível, João estaria quase que concordando com os gnósticos.

Podemos, contudo, não pecar, bastando, para tanto, que andemos segundo o Espírito.

5 - Outra interpretação está associada à forma como se entende o que quer dizer a expressão: "**permanecer em Cristo**". Para alguns a "permanência em Cristo" é uma forma de medir o grau de santificação do crente. Assim sendo, aqueles que atingiram essa permanência mínima não pecam mais, enquanto os outros, ainda em fase de crescimento de "permanência" pisam na bola e ainda se atrapalham com o pecado. Essa idéia é ancorada no versículo 6.

Stott ressalta bem que essa pode ser uma boa forma de apresentar o versículo 6 e parece até amparada por *João 15.1*, onde permanecer nele seria como estar na videira para dar fruto. Ocorre que o versículo 9 ficaria totalmente sem sentido, pois ninguém pode ser pouco nascido ou ter um processo avançado de nascimento. Se já nascemos de Deus, o versículo 9 nos diz que não pecamos.

6 - Ebrard apresenta uma interpretação particular deste texto, ao dizer que os pecados em apreço são apenas os pecados voluntários, ou seja, que o crente peca por distração, mas que nunca de maneira voluntária. Isso não seria mais possível.

Antes de citar qualquer outro exemplo, sou obrigado a reconhecer ter pecado muitas vezes sabendo que não deveria fazer o que fazia. Tendo dito isso, posso perguntar se o "crente" Davi, que tinha um coração segundo o coração de Deus, ficou tão distraído com a beleza de Batezeba, que mandou matar seu marido Urias sem querer para poder ficar com ela?

Na verdade, são inúmeros os exemplos bíblicos que nos comprovam que esta hipótese é falsa.

7 - Finalmente, chegamos à hipótese que tem sido defendida aqui, segundo a qual a expressão "não peca" significa na realidade "permanecer no pecado". Isso significa que podemos, por vezes, nos deixar vencer pela tentação, mesmo sabendo que não somos mais escravos do pecado e, com ou sem o consentimento da mente, dizer "sim" ao pecado em nossas vidas. Sempre que isso ocorre, contudo, tem início imediato um processo de pesar e arrependimento, que culmina com o nosso pedido sincero de perdão. É só assim que podemos entender o pecado aterrador de Davi em *Salmos 51*, onde expressa seu arrependimento sincero.

Se Davi, contudo, tivesse mandado matar Natã quando este mostrou a ele ser um assassino, então, infelizmente, não seria possível pensar nele como um homem segundo o coração de Deus.

Nos versículos 1 a 9 deste terceiro capítulo João desenvolveu as idéias que tinha apresentado em relação ao primeiro teste de salvação, qual seja, a obediência aos mandamentos de Deus, por parte daqueles que se tornaram filhos Seus.

No versículo 10 ele citou o segundo teste que abordamos acima, ou seja, o fato de haver amor fraternal entre os irmãos nascidos de Deus, mas agora nos versículos 11 a 18 ele apresenta um desenvolvimento similar, onde destaca o que se espera, em termos de amor fraternal, daqueles que se tornaram filhos de Deus.

João já tinha dito que o mandamento do amor era antigo (*João 2.7*), mas tinha falado, logo a seguir, que ele se tornara novo e vivo agora que o Espírito vive em nós e o coloca em funcionamento. No versículo 11 ele cita o velho mandamento que deixara de citar no capítulo anterior, qual seja, "que nos amemos uns aos outros".

Esse era um mandamento do Velho Testamento, mas como o Espírito Santo não havia, ainda, sido derramado, segue que seu cumprimento assume uma forma completamente diferente depois de Pentecostes, mas infelizmente apenas para os filhos nascidos de Deus. Para os demais nada mudara, mas João se propõe a mostrar o quão grande é a falta que essa mudança faz na vida destes.

Isso é feito no versículo 12, tomando por base o primeiro homicídio, o de Abel, que foi morto graças à inveja de Caim. Isso aconteceu porque Caim pertencia ao Maligno, ou seja, ele estava a serviço de Satanás. O seu motivo para tanto, segundo João, foi porque as obras de Abel eram justas e Caim não podia proceder de igual modo, motivo pelo qual passou a ter inveja do irmão. Essa inveja virou ódio e culminou num assassinato, onde um irmão matou o outro.

Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que a maioria dos assassinatos têm uma trajetória similar. Assim sendo, o fato de haver perseguição à Igreja de Jesus Cristo decorre do fato do mundo não poder se conformar com a forma justa de viver dos Seus seguidores.

No versículo 13 João exorta seus leitores, portanto, a não estranharem o fato do mundo odiá-los, porque eles seguem o exemplo de Caim e vivem segundo a vida que dele herdaram, que na realidade se chama morte. Quando a nossa justiça faz ressaltar as obras injustas do mundo, a sua inveja se transforma em ódio e, a seguir, em perseguição.

Já o versículo 14 nos fala positivamente que o crente comprova a sua salvação, com a respectiva passagem da morte para a vida e o fato de termos sido transportados do reino das trevas para o Reino de Jesus Cristo (*Colossenses 1.13*), através do amor que sente pelos seus irmãos. O prazer que temos de juntos cultuarmos o nosso Deus e de juntos estudarmos a Bíblia resulta do amor que Deus coloca em nossos corações, uns pelos outros.

Assim sendo, se nós continuamos a nutrir ódio em nossos corações pelos nossos "irmãos", resulta que comprovamos apenas o contrário: que nunca passamos da morte

para a vida, pelo que a semente que nos torna assassinos continua a dirigir as nossas vidas.

Quando João diz, no versículo 14, que nenhum assassino tem em si a vida eterna, ele não está dizendo que quem mata não pode entrar no céu. Ele está dizendo, isso sim, que aquele que tem, ainda em sua vida, tal inclinação, não tem em si a vida eterna. O apóstolo Paulo, que perseguiu e matou muitos cristãos, blasfemando a respeito de Jesus (pecado contra o Espírito Santo?) e obrigando crentes também a blasfemar, não teria qualquer chance se assim fosse.

É oportuno lembrar que nos ensinamentos de Jesus no Sermão do Monte a intenção de matar é equivalente a matar (*Mateus 5.21-23*) e o desejo de adular é equivalente ao adultério (*Mateus 5.27-28*).

O exemplo de Caim foi dado para nos mostrar o exemplo supremo do ódio, qual seja, tirar a vida de outrem. Exatamente por isso, João relembra agora o exemplo supremo de amor, qual seja, aquele dado por Jesus, de dar a Sua vida pelos Seus irmãos (*João 3.16*), quando estes eram ainda os Seus inimigos (*Romanos 5.10*). Além disso, neste versículo que tem exatamente o mesmo número do outro (*João 3.16*), somos conclamados a dar também as nossas vidas pelos nossos irmãos. Obviamente isso pode ter sentido figurado, qual seja, o de gastarmos as nossas vidas, empenhando-nos em prol do bem estar de nossos irmãos, como pode mesmo chegar ao sacrifício supremo de efetivamente darmos as nossas vidas para que a de outros sejam salvas. É exatamente isso que fizeram muitos missionários que foram perseguidos e morreram no campo missionário.

Um exemplo prático de como o crente se dá aos seus irmãos é apresentado por João no versículo 17, onde ele se refere a bens materiais, com os quais alguns irmãos são mais providos que outros. Assim sendo, se o irmão que os tiver vir o seu irmão, que não os tem, passando necessidade, é mais do que óbvio que o primeiro deve saber compartilhar. João, então, pergunta como pode estar permanente nele o amor de Deus, se ele não proceder dessa forma.

No mundo as pessoas se vangloriam, umas em relação às outras, em função de suas posses, porque vivem numa cultura em que "ser é ter". No Reino de Deus, contudo, nós "nos tornamos à medida em que amamos". Compartilhar é um privilégio! **Bem-aventurados são os misericordiosos porque eles alcançarão misericórdia** (*Mateus 5.7*). **Bem-aventurados, ainda, aqueles cujas obras de justiça não são praticadas para serem vistas pelos homens** (*Mateus 6.1-7*).

O nosso amor não deve ser apenas teórico e da boca para fora. A nossa vida deve demonstrá-lo e, assim, será se nossas vidas forem pautadas nesses ensinamentos bíblicos.

Embora João não tenha introduzido até aqui nenhum novo teste, além dos dois já abordados, ele parece acrescentar um elemento novo à certeza de salvação, qual seja, a instabilidade do coração do homem. Neste contexto ele fala sobre o "nosso coração

nos condenar", dando a clara impressão de que é de nossa consciência que ele está falando e não da parte de nossa mente, que controla os nossos anseios (algumas traduções usam efetivamente o termo "consciência", ao invés de "coração").

Só a título de recordação tenho defendido o uso dos termos espírito, alma, coração e mente, conforme indicado na figura a seguir, onde:

Espírito é a parte do homem que é imortal, com certeza. A voz do espírito é a nossa consciência. Quando nascemos de novo Deus nos dá um espírito novo, um coração novo e o Espírito de Deus habitando localmente (*Ezequiel 36.26-27*). Não há qualquer confusão na Bíblia relativa ao uso desse termo. Quando os autores o empregam, sabemos exatamente do que estão falando.

Alma é a parte do homem que engloba a mente e o coração. Não raramente é um termo usado para expressar vida (ser vivente) e também como sinônimo de espírito. Mente é a parte racional do homem. É um termo utilizado sem confusão (*Ex. Romanos 12.2*). O coração do homem é a parte que contém os anseios e desejos deste.

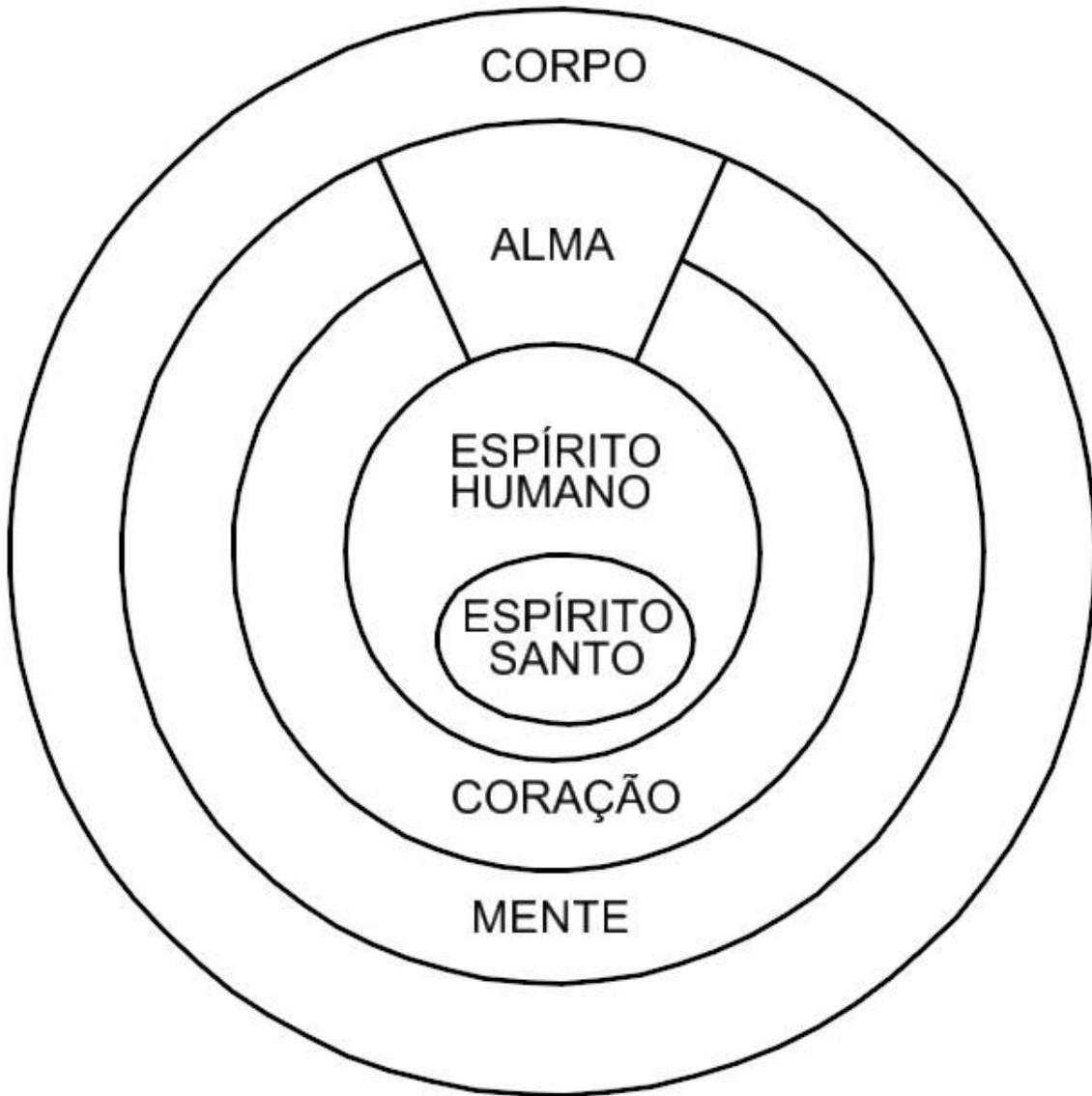


Figura 98-1 - Configuração do homem após o novo nascimento

No versículo 19 a palavra "verdade", que fora usada no versículo 18 para qualificar o verdadeiro amor que devemos sentir, aparece novamente como sinônimo de "permanecer em Cristo" ou "ter certeza de salvação".

A interpretação dos versículos 19 e 20 pode parecer muito estranha se não virmos a ênfase que o versículo 18 produz no raciocínio apresentado a seguir. O versículo 19 começa dizendo que sabemos que somos da verdade, ou seja, temos certeza da nossa salvação (graças ao amor despertado por Deus em nós), e com isso tranquilizamos o nosso coração ou a nossa consciência diante de Deus, mesmo que esta nos esteja acusando.

João parece dizer que a nossa consciência às vezes nos acusa por instigação de Satanás, mas que o amor de Deus em nós prova que Satanás está errado, pelo que podemos tranquilizar os nossos corações. Isso porque Deus sabe disso e vê o amor dEle aperfeiçoado em nós.

Por outro lado (versículos 21 e 22), a situação ideal não é essa e, sim, que o nosso coração não nos condene, porque isso aumenta a nossa confiança ao adentrarmos a sua presença. Nesse caso, a gente tem certeza que Ele atende as nossas orações porque estamos certos de que O estamos agradando em tudo (na guarda de Seus mandamentos e no amor ao próximo).

O versículo 22 falara de obedecermos "os seus mandamentos", mas o versículo 23 fala de um mandamento que vai se constituir em outra prova de salvação, mas que é discutido apenas no capítulo 5. O mandamento em apreço é na realidade condição básica para que possamos nos tornar filhos de Deus, pelo que constatamos que a ordem dos testes de João não é sequencial.

Paulo nos havia dito em *Romanos 9.10* que a condição básica para sermos salvos era que reconheçêssemos o senhorio de Jesus Cristo e que crêssemos que Deus o ressuscitou dentre os mortos. Crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos e crer no Nome de Jesus são na realidade sinônimos, pois ambos implicam em crer que Ele é o Messias que havia de vir, que morreu por nossos pecados e que foi ressuscitado ao terceiro dia.

Isso tudo fica claro ao lermos o versículo 24, onde João volta a falar sobre a obediência aos mandamentos por parte daqueles que estão salvos (aqueles que permanecem nEle). Aí ele costura tudo dizendo que nossa salvação (a certeza de permanecermos nEle) reside no fato de Deus nos ter dado o Espírito Santo habitando localmente em nós.

Este, aliás, também é um dos testes que João vai apresentar no capítulo 4, pelo que fica claro que ele está antecipando 2 dos 3 testes restantes, ao mesmo tempo em que reforça as condições relativas aos dois primeiros, já apresentados acima.

Antes de encerrarmos esta parte, vale a pena ressaltar o que João diz no versículo 22, onde parece condicionar o fato de Deus atender as nossas orações ao fato de nós O agradarmos através da obediência aos Seus mandamentos, que inclui a nossa prática do amor ao próximo. Em princípio isso pode parecer meio estranho, porque estamos acostumados ao fato de Deus agir pela graça, pelo que ficamos preocupados quando repentinamente somos defrontados com a idéia de que nossas orações são atendidas na medida em que O agradamos. Será que há outros versículos que nos confirmam isso?

Inicialmente, é óbvio que nos vêm à mente os versículos que nos dizem que receberemos do Pai tudo que pedirmos em Nome de Jesus. Neste âmbito nos lembramos de *João 16.23* (**Eu lhes asseguro que meu Pai lhes dará tudo o que pedirem em meu nome**). Além disso, registramos com agrado versículos como *Mateus 7.7-8* (**Peçam e lhes será dado, busquem e encontrarão, batam e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede recebe,**

o que busca encontra e àquele que bate a porta será aberta) e *Mateus 21.22* (Tudo o que pedirem em oração, se crerem, o receberão) e similar a este *Marcos 11.24*.

Mas além destes somos lembrados também de *João 5.14* (Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa de acordo com a vontade de Deus, Ele nos ouvirá). Nesse caso, foi acrescentada como condição de atendimento o fato de pedirmos "segundo a vontade de Deus".

Nossa interpretação normal para este versículo é que seremos atendidos se aquilo que estamos pedindo é também o que Deus quer.

Será que, na verdade, este versículo quer dizer um pouco mais que isso? Será que a vontade de Deus, porventura não inclui, também, que nós façamos a Sua vontade nas outras coisas que Ele nos pede como filhos? Neste caso, guardarmos os Seus mandamentos, que incluem, também, o fato de amarmos os nossos irmãos, porventura não faria parte disso? O versículo 22 parece nos dizer exatamente isso.

Prestando melhor atenção a *João 15.7*, talvez Jesus esteja dizendo ali exatamente a mesma coisa: "Se vocês permanecerem em mim e as minhas palavras permanecerem em vocês pedirão tudo o que quiserem e lhes será concedido". Será que permanecer na videira não é exatamente obedecermos aos mandamentos de Deus e amarmos os nossos irmãos?

É muito interessante a gente observar que o próprio Jesus, como Filho Unigênito, perfeito e sem pecados, atribui o fato de Deus Pai atendê-LO em seus pedidos, para a realização de milagres, à Sua própria obediência ao Pai. Sabemos que Jesus atribuía todos os Seus milagres ao Pai (*João 8.28* - "nada faço de mim mesmo"). No versículo seguinte, então, ele nos diz: "Aquele que me enviou está comigo, Ele não me deixou sozinho, pois faço o que Lhe agrada" (*João 8.29*).

Não é incrível que o próprio Jesus, o Filho Amado em Quem Deus Se comprazia, ter tido a confiança de pedir e ser atendido, não porque era Filho e, sim, porque era obediente e isso agradava ao Pai? Vejam a confiança com que ora ao ressuscitar Lázaro (*João 11.41b-42*): "Pai eu agradeço porque me ouviste, eu sei que sempre me ouves, mas eu disse isso por causa do povo que está aqui, para que creia que Tu me enviaste".

É interessante, ainda, que o autor de *Hebreus* nos diga que Jesus, "embora sendo Filho, aprendeu a obedecer, por meio daquilo que sofreu" (*Hebreus 5.8*).

Finalmente, talvez valha a pena reavaliar outros versículos que falam da necessidade de agradarmos a Deus no nosso relacionamento com Ele:

Colossenses 1.9-10 - "Por esta razão, desde o dia em que o ouvimos, não deixamos de orar por vocês e pedir que sejam cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual. E isso para que vocês vivam de maneira digna do Senhor e em tudo possam agradá-lo, frutificando em toda boa obra, crescendo no conhecimento de Deus".

O nosso fruto aqui parece estar condicionado ao fato de agradarmos a Deus.

Hebreus 13.20-21 - "O Deus de paz os aperfeiçoe em todo o bem para fazerem a vontade dele, e opere em nós o que lhe é agradável".

Só podemos fazer a vontade de Deus depois que Ele nos aperfeiçoa e só somos agradáveis a Ele quando fazemos Sua vontade.

Tiago 5.16b - "A oração de justo é poderosa e eficaz".

Com relação a esse último versículo, devo reconhecer que dei diferentes ênfases ao mesmo ao longo do meu crescimento cristão. Houve uma época em que eu pensava que ele me condenava a não ter minhas orações atendidas por não ser "justo" o suficiente. Pouco mais adiante, contudo, o Espírito me revelou que eu não tinha justiça própria. Aquela que me era aplicada no âmbito do meu processo de salvação era a de Jesus, pelo que não havia problema de suficiência para a "minha" justiça, porque ela era 100% provida por Ele.

Mais recentemente entendi, contudo, que minha justiça, não obstante não ser minha, ainda tinha sua atribuição condicionada à minha obediência, conforme maravilhosamente descrito por João neste versículo 22. Assim sendo, a minha oração se torna poderosa e eficaz na mesma medida em que a minha justiça me é atribuída por eu obedecer os mandamentos de Deus, amar os meus irmãos, viver de modo a agradá-LO e, assim, pedir segundo a Sua vontade (não para a salvação, mas para o meu relacionamento com Deus).

João 4

Aparentemente João estava tendo, nas igrejas às quais estava escrevendo, problemas similares àqueles que Paulo vinha enfrentando em Corinto. Paulo nos fala da soberba dos coríntios, que se achavam mais espirituais que os seus irmãos por terem recebido o dom de línguas, enquanto aqui parece que João critica a ingenuidade dos seus membros, porque acatavam toda profecia em línguas como se fosse uma verdade inquestionável, pelo simples fato de ser em línguas. Talvez até fossem expressas em grego, com o profeta iniciando com a frase "assim diz o Senhor".

João começa, portanto, dizendo que seus amados filhinhos não podem simplesmente acatar toda palavra que vem na forma de um pacote profético, porque há muitos falsos profetas em nosso meio, pelo que a origem das profecias tanto pode ser divina como satânica. Assim sendo, a regra número um, antes de se aceitar uma palavra profética, é que o próprio profeta seja testado, para ver qual a fonte de suas mensagens.

A regra no caso, definida no versículo 2, é muito simples: o profeta deve ser capaz de confessar Jesus como o Messias, que veio em carne. Se ele assim proceder é porque sua mensagem vem de Deus. Caso contrário, no versículo 3, ou seja, se ele não

confessar Jesus como o Cristo Encarnado, então, ele não procede de Deus. Trata-se, nesse caso, do espírito do Anticristo, do qual João falara em *1João 2.18-19*, que se manifestará no final do tempos, mas que já opera neste mundo.

As ênfases aqui e no capítulo 2, ambos falando do espírito do Anticristo, parecem diferir apenas com relação à natureza do problema. Lá estava havendo uma evasão de membros inconformados com a centralização do Cristo como Autor e Consumador de nossa fé, no qual precisamos "estar" para que possamos ser salvos. Já aqui se trata de pessoas que continuam no seio da Igreja, praticando os dons espirituais, mas que, na realidade, estão a serviço de Satanás, entregando mensagens inspiradas pelo espírito do Anticristo, ao invés do Espírito Santo de Deus.

Nos próximos 3 versículos, João discute aspectos práticos relativos ao que se pode esperar como desfecho das discussões com aqueles que estão entregando tais mensagens.

No versículo 4, João diz que: "vocês", meus filhinhos, são de Deus, pelo que vocês têm e terão vitória sobre eles (os profetas inspirados pelo espírito do Anticristo), não porque vocês estão bem instruídos, mas, sim, porque habita em vocês o Espírito Santo, que é maior que o espírito satânico do Anticristo, por maior e mais sagaz que seja.

Já no versículo 5, João deixa claro que "eles" (os profetas inspirados pelo espírito do Anticristo) pertencem à ordem mundial regida por Satanás, motivo pelo qual o mundo os acata e os ouve.

A contrapartida, contudo, expressa no versículo 6, é que Deus não os ouve, mas nós, todos os que somos dEle e permanecemos nEle, somos igualmente acatados e ouvidos por Ele. Eis aí, portanto, mais uma forma de distinguir entre o espírito do erro e o Espírito da Verdade.

Essa é exatamente, também, a realidade dos nossos dias. Vemos a confusão moral sendo pregada e difundida nas televisões à medida em que o elevado padrão moral das Escrituras é ridicularizado como coisa medieval. Não devemos, contudo, nos impressionar com isso, porque é exatamente isso que João nos está dizendo para os nossos dias: o mundo não nos ouve e não aceita o que Deus fala através do nosso testemunho. A verdade de Deus continuará a ser ridicularizada e o mundo em geral continuará a rejeitá-la, não obstante ser a verdade que os condenará.

Foi lançada, há algum tempo, uma versão brasileira do filme "Os 10 Mandamentos", que foi criado inicialmente na forma de novela em uma das redes brasileiras de televisão. A quebra de record de bilheteria do cinema nacional mostrou que os brasileiros ainda têm grande interesse pela história bíblica. Interessante, contudo, foi ler os comentários de um jornal ligado a uma rede de televisão concorrente, dizendo tratar-se de uma versão nacional de pregar uma religião comparável ao maniqueísmo persa. Trata-se de uma corrente religiosa que advogava a existência de uma batalha cósmica do bem contra o mal. Moisés seria o porta-voz de Deus, cuja aceitação garante tomar o lado vitorioso e

cuja rejeição corresponde a alinhar-se com as forças satânicas de Faraó. As advertências de Moisés são ridicularizadas, contudo, e comparadas aos esforços de um vendedor de supermercado que oferece um produto com grande desconto que os clientes não podem perder. Fica implícito, todavia, que tudo não passa de mentiras. Não há dúvida que a mensagem divina foi entendida, mas rejeitada.

Tendo apresentado a sua advertência, relativa à inabilidade do mundo de compreender as verdades divinas, João retoma o assunto principal da carta, qual seja, o amor entre irmãos, que a salvação em Cristo promove. Foi o tema principal do capítulo 2, onde apareceu como seu 2º teste de salvação, e ele elaborou sobre o tema no capítulo 3. Nos versículos 7 a 12, antes de introduzir mais um teste de salvação, João ressalta a natureza divina desse amor, que resulta, justamente, do fato de Deus estar em nós.

O versículo 7 começa renovando uma exortação que João já fizera antes, qual seja, "**que nos amemos uns aos outros**" (*João 3.11*), mas desta vez ele expande o argumento, justificando-o pelo fato do amor proceder de Deus. A amor é um atributo que ressalta a verdadeira essência de Deus. Ele é amor! Exatamente por isso, João continua dizendo que quem ama é nascido de Deus e conhece a Deus. A essência do verdadeiro amor decorre do relacionamento com um Deus que é amor em sua essência. Nada mais lógico!

O versículo 8 repete o mesmo argumento negativamente, ou seja, quem não ama, deixa de fazê-lo pelo simples fato de não conhecer a Deus. O motivo para tanto é exatamente o mesmo. Ou seja, falta o relacionamento com Aquele cuja essência é o amor.

No versículo 9 fica claro que, não obstante Deus ser amor, nós não O conheceríamos se Ele não tomasse a iniciativa de Se fazer revelar. Ele em Sua santidade, da qual estávamos separados por causa de nossos pecados, escolheu nos amar de maneira unilateral e ilimitada, o que ficou demonstrado e revelado ao mandar o Seu Filho Unigênito ao mundo para que pudéssemos ter vida, graças à Sua morte.

No versículo 10 João nos informa que nisto consiste o amor, não que nós O tenhamos amado, mas que foi Ele que nos amou. Paulo expande essa afirmativa, dizendo que **Ele nos amou quando éramos ainda inimigos** (*Romanos 5.10*). Apesar de inimigos, Deus nos amou tanto, que mandou esse Seu Filho unigênito para morrer a nossa morte, como propiciação pelos nossos pecados. Nós que éramos impróprios, fomos tornados próprios, graças a Ele.

Assim sendo, se Deus, que é Amor, tanto nos amou e manifestou esse amor em Jesus e através de Seu sacrifício, que nos tornou aceitáveis para Ele, como podemos deixar de amar os nossos irmãos que Ele amou da mesma forma como a nós.

Isso não é uma realidade no momento em que nascemos de novo. Já vimos acima que neste momento nós ganhamos um espírito novo, um coração novo e o Espírito de Deus habitando localmente, mas há ainda uma obra de aperfeiçoamento a ser feita em nossas vidas. O amor de Deus implantado em nós cresce à medida em que permanecemos nEle. É neste sentido que o versículo 12 diz que o amor de Deus é aperfeiçoado em nós.

Entre dois textos nos quais João discorre e se alonga sobre o amor de Deus, ele faz uso dos versículos 13 a 15 para apresentar 2 novos testes de salvação, que ele já tangenciara no final do capítulo 3.

É oportuno lembrar que João parece ter, em algumas congregações do seu campo missionário, alguns membros que não têm certeza de salvação, pelo que ele escreve: "filhinhos estas coisas vos escrevi para que saibais que tendes a vida eterna". Havia ainda, contudo, outros membros, que insistiam em doutrinas ligadas a ideias embrionárias do Gnosticismo, que negavam a humanidade de Jesus Cristo. Para estes os mesmos testes servem para que sejam mais claramente identificados, para que suas heresias não sejam ouvidas.

Tendo feito essa ressalva, passemos ao terceiro teste:

- 3º Teste: "Nisto conhecemos que permanecemos nEle e Ele em nós: em que nos deu do Seu Espírito" (João 4.13).

As evidências objeto dos testes 1 e 2, que devem aparecer na vida daquele que nasceu de novo, são, de modo geral, externas, ou seja, serão notadas por aqueles que estão à nossa volta. O 3º teste, contudo, diz respeito ao testemunho interior do Espírito e é, sem sombra de dúvida, o mais maravilhoso deles. Isso não quer dizer que os outros à nossa volta não perceberão a nossa intimidade com o Espírito Santo, pois sem ela ninguém acreditará naquilo que dizemos, mas ouvir a voz de Deus é uma das experiências mais marcantes que podemos ter.

O apóstolo Paulo também nos fala, claramente, a esse respeito em *Romanos 8.14-16*. Quando o Espírito Santo de Deus nos fala que fomos adotados como filhos de Deus, não há mais o que duvidar em relação à nossa salvação! O Espírito nos diz que somos filhos de Deus! Aleluia! Que dúvida pode restar?

Para mim, o novo nascimento tem um significado bem real e prático, descrito, por exemplo, em *Ezequiel 36.26-27*, onde somos informados, também, que recebemos um coração novo (novos anseios) e o Espírito Santo de Deus habitando localmente. Quando Jesus pergunta a Nicodemos como ele pode ser mestre em Israel e não saber o que é novo nascimento, não tenho qualquer dúvida com relação aos textos do Velho Testamento que ele deveria conhecer. Este é um deles.

Fiquei surpreso outro dia, contudo, ao ler num livro sobre salvação, que apenas os cristãos fundamentalistas (radicais?) creem que novo nascimento seja uma coisa tangível ou prática. Segundo o livro que eu estava lendo (vou omitir propositamente a citação), a grande maioria dos crentes prefere pensar numa salvação menos bem definida, por se adequar melhor à sua incerteza de tê-la. A segunda parte dessa última frase é uma conclusão minha e não do texto citado acima, mas expressa bem a forma como as pessoas se "armam" contra qualquer cristão que ouse dizer ter certeza de sua salvação.

Como sempre, pensei em mim mesmo como uma pessoa racional e moderada; não me agrada ser rotulado de "radical", mas isso apenas confirma o que João havia dito no versículo 6 desse mesmo capítulo: o mundo não ouve aqueles que estão em Deus.

Já nos versículos 14 e 15 João nos fala sobre o ponto básico de partida para o recebimento de Jesus como nosso Salvador pessoal. Senão vejamos:

- 4º Teste: *João 4.14-15* diz que **temos visto e testemunhado que o Pai enviou o Seu Filho como Salvador do mundo. Aquele que confessar que Jesus é Filho de Deus, Deus permanece nele e ele em Deus.**

Obviamente fica claro que João não tem qualquer preocupação na epístola com relação à sequencia dos seus testes. Em qualquer livro didático apresentando essa sequência de textos, este deveria ser o número 1.

Paulo nos informa em *Romanos 10.9* que somos salvos na medida em que confessamos o senhorio de Jesus Cristo e cremos, de coração, que Deus O ressuscitou dentre os mortos. João diz isso de forma parecida, ou seja, permanecemos em Deus se confessarmos os atributos de Jesus associados ao fato de ser Filho de Deus. João ressalta isso ainda de outra forma, na qual fala da suficiência da Palavra de Deus: **"Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, O faz de mentiroso, porquanto não crê no testemunho que dá acerca de Seu Filho. E o testemunho é este, que Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho, tem a vida. Quem não tem o Filho de Deus, não tem a vida"** (*João 5.10-12*).

É interessante que as verdades bíblicas estão mais associadas à pessoa de Deus e aos Seus atributos, do que propriamente a declarações feitas por quem quer que seja. Quando Jesus nos diz que Ele é a verdade (*João 14.6*), fica implícito que Sua natureza exclui a mentira. É impossível que Deus minta, dizem *Tito 1.2* e *Hebreus 6.18*. Assim sendo, se Deus nos diz que a vida está em Jesus e não cremos nisso, estamos dizendo, no fundo, que Ele é mentiroso. Isso não faz sentido, porque contradiz Seu atributo básico.

De igual forma, se Ele é a Vida, sendo que a única vida que tem importância é aquela que é Eterna, e nós não O temos, tampouco podemos supor que haja alguma possibilidade de anseio pela "vida eterna".

Um pastor conhecido contou, certa vez, que costumava pedir às pessoas que vinham à frente nos cultos, atendendo aos apelos por salvação, que se colocassem de joelhos e fizessem, com ele, uma oração de confissão de arrependimento de pecados. Certo dia, contudo, atendeu ao seu apelo apenas um menino de 15 anos e o pastor, contrariando o seu hábito, abraçou carinhosamente o menino e orou com ele em pé. Passadas algumas semanas recebeu um telefonema desse mesmo menino, no meio da noite, dizendo estar em dúvida quanto à sua salvação, porque não fizera a confissão de seus pecados de joelhos.

O pastor tentou, primeiramente, fazer com que ele passasse no seu gabinete pela manhã, mas o menino, já aos prantos, insistiu que deveriam conversar por telefone mesmo, visto que certamente estaria perdido se viesse a falecer naquela mesma noite.

Convencido, portanto, que se tratava de uma emergência, o pastor pediu ao menino que abrisse sua Bíblia e lesse *João 6.47*: “**Em verdade, em verdade vos digo: quem crer em Mim tem a vida eterna**”. Perguntou, então, ao menino: “você crê em Jesus”? Sua resposta imediata: “creio, mas não fiquei de joelhos para...”, foi interrompida pelo pastor perguntando se ele achava que Jesus era mentiroso. Diante da negativa enfática do menino, o pastor perguntou novamente: “por que, então, você quer acrescentar uma condição para se salvar, que Jesus não exige de você”?

É exatamente isso que muitas pessoas fazem. Acrescentam à fé em Jesus outras condições inatingíveis e acabam nunca se sentindo perdoadas. O conhecimento das Escrituras, bem como sua aplicação prática às nossas vidas, normalmente resolvem esse problema, mas vemos que João já o tinha dentre os destinatários de suas cartas, tratando de resolver o problema à luz de verdades bíblicas.

João acabou de dizer que podemos ter certeza de nossa salvação porque Deus nos deu o Seu Espírito e, também, porque confessamos publicamente que Jesus é o Filho de Deus. Ele retorna, agora, ao assunto do amor de Deus e começa o versículo 16 dizendo que “**assim conhecemos o amor que Deus tem por nós e confiamos nesse amor. Deus é amor. Todo aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele**”.

Tínhamos visto que João falou sobre o amor de Deus entre os versículos 7 e 12 do capítulo 4 e que retorna ao assunto nos versículos 16 a 21, mas que fornece mais dois testes de salvação entre os versículos 13 e 15. A forma como começa o versículo 16, contudo, parece indicar claramente que os assuntos em apreço de maneira alguma podem ser tratados de forma dissociada.

“É assim que conhecemos o amor que Deus tem por nós”! Assim como? Parece ser de suma importância entendermos essa ligação, que torna a nossa certeza e o amor de Deus indissociáveis.

Não se trata de sabermos quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha, porque essa pergunta já foi respondida em *1João 4.10*: Deus nos amou primeiro e todo o resto é consequência. A nossa certeza de salvação principia no amor de Deus por nós, seja porque reconhecemos que Jesus é Deus e veio em carne por nós, seja porque o nosso novo nascimento implantou em nós o desejo de obediência a Deus, seja porque o amor de Deus fez brotar em nós o amor pelo próximo ou ainda porque Deus enviou o Seu Espírito para habitar em nós, o qual nos diz que nos tornamos filhos de Deus pela adoção, graciosa para nós, mas que custou a preciosa vida de Jesus.

“Deus é amor” significa que essa é a Sua essência. Trata-se de uma estória que começa muito antes do Éden. É a estória de um Ser, amoroso por natureza, constituindo uma família, à Sua própria imagem e semelhança, à qual Ele atribui livre arbítrio, que é

corrompido pelo pecado, mas que, não obstante o pecado, continua capaz de reconhecer o Seu grande amor e amá-IO de volta.

Não obstante o Seu amor por todos, a ponto de prover o pagamento da culpa de todos, Ele fica impedido de perdoar aqueles que não reconhecem sua culpa e optam por rejeitar o preço pago em seu favor. Dessa forma a Sua pré-ciência se aplica apenas àqueles que O amam de volta (*ICoríntios 8.3*).

Por outro lado, Deus "move céu e terra" (pagando o preço do pecado) em prol daqueles que O amam, fazendo com que todas as coisas contribuam para o seu bem (*Romanos 8.28*). A esses Ele chama para o cumprimento do Seu propósito. Eles os predestina para serem conformes à imagem do Seu Filho, o primogênito dentre muitos irmãos, que Ele faz nascer espiritualmente para dentro de Sua família.

Para que sejamos conformados à imagem do nosso Irmão mais velho, é preciso que Sua natureza implantada em nós frutifique e se aperfeiçoe. É exatamente isso que João está dizendo no versículo 17: **"Dessa forma o amor está aperfeiçoado em nós, para que no dia do juízo tenhamos confiança, porque nesse mundo somos como Ele"**.

João está dizendo que quanto mais parecidos nós formos com Jesus, maior será a nossa confiança no Dia do Juízo, ou seja, quanto mais cresce o nosso reconhecimento do amor de Deus e a nossa retribuição em amor por Ele, maior é a nossa certeza de salvação e a confiança com que adentramos a Sua presença. É o amor que faz com que nos achemos com confiança ao trono da graça (*Hebreus 4.16*).

Vejam como João diz isso maravilhosamente no versículo 18: **"No amor não há medo; ao contrário, o perfeito amor expulsa o medo, porque o medo supõe castigo. Aquele que tem medo não está aperfeiçoado no amor"**.

Pronto! Está tudo claríssimo! Se não há certeza de vitória no Dia do Juízo, ou seja, se não há certeza de salvação, é porque o amor de Deus (o nosso conhecimento do amor de Deus e a nossa retribuição em amor como atitude de gratidão) não está aperfeiçoado em nós. Isso porque o verdadeiro amor expulsa o medo. Sem o verdadeiro amor em nós, vivemos a expectativa de juízo e do seu castigo correspondente.

Não é suficiente servir a um Deus de longe ou mesmo a um Deus, cujo amor desconhecemos. A reportagem da madre Tereza de Calcutá, reconhecidamente uma mulher que viveu uma vida de sacrifício em favor dos pobres e necessitados, concedida à Times Magazine pouco antes de sua morte, retrata uma pessoa triste por não saber se fora feito suficiente. Sua entrevista contrasta com as palavras de Paulo, que sabia ter combatido o bom combate, terminado a carreira e guardado a fé, motivo pelo qual sabia que lhe estava reservada a coroa da justiça, que o Justo Juiz, havia de lhe dar.

Yohanan ben Zakkai, foi um rabino proeminente que viveu nos dias da queda de Jerusalém nos anos 70d.C.. Em seu leito de morte, não obstante a presença de seus discípulos, ele se virou para a parede e começou a chorar. Diante da consternação de seus discípulos ele explicou que suas lágrimas eram causadas pela incerteza. Se ele

estivesse comparecendo diante de um juiz da Terra, estaria, em caso de condenação, sujeito à perda de sua liberdade aqui ou, na pior dos casos, à morte física. Ele, contudo, estava prestes a comparecer diante do Juiz Supremo do Universo e caso Este o condenasse, sua condenação seria eterna, ao passo que ele não tinha certeza em relação ao veredito que o esperava. Trata-se de uma confissão de um homem íntegro, que não conhecia, todavia, o grande amor do Deus que estava prestes a encontrar. Tampouco reconhecia o sacrifício que fora feito por ele no Calvário. A falta de amor dera lugar ao medo (estória extraída de uma publicação diária do *Jerusalém Post* de julho de 1985).

No versículo 19 João nos lembra que o amor de Deus veio primeiro e deveria ter servido de modelo para o nosso amor. Em outras palavras, o amor que Ele teve e tem por nós deveria reger a forma como amamos os nossos irmãos.

Se dizemos amar a Deus e ao mesmo tempo nutrimos ódio pelo nosso irmão, João nos diz que somos mentirosos, pois fica estabelecida uma incompatibilidade. É impossível dizer que amamos ao Deus que não vemos enquanto odiamos o nosso irmão com o qual convivemos no dia a dia. É imprescindível que o amor de Deus produza fruto em nossas vidas e o fruto que o amor produz é mais amor, não só pelo próprio Deus, mas também pelos nossos irmãos (versículo 21).

IJoão 5

João havia dito em *IJoão 4.15* que se alguém confessa publicamente que Jesus é o Filho de Deus, então, Deus permanece nele e ele em Deus. Havíamos comentado que isso faz eco com as palavras de Paulo em *Romanos 10.9*: "Se você confessar com a sua boca que Jesus é Senhor e crer em seu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos, será salvo".

Agora, contudo, no princípio do versículo 1, João parece converter causa em consequência, dizendo que o fato de confessarmos Jesus como o Cristo é prova de nossa salvação. Ocorre, contudo, que relendo *IJoão 4.15* à luz do versículo 1 daqui, talvez o quarto teste não tenha tido a ênfase que foi dada aqui ao mesmo. É possível que a nossa ênfase tenha feito a mesma conversão de causa em consequência como em *IJoão 4.15*. Não há dúvida quanto ao fato de nossa salvação depender de confessarmos o senhorio de Jesus e de reconhecermos que o plano divino de salvação ter sido consumado na ressurreição do Filho (*Romanos 10.9*). Não há dúvida, tampouco, que precisamos crer que o plano de Deus fez de Jesus o Primogênito dentre muitos irmãos a serem regenerados de igual forma (*Romanos 8.29*). Tudo isso é verdade, mas a ênfase aqui parece apontar para um quinto teste, segundo o qual não é possível passar pela experiência do novo nascimento e deixar de dar testemunho desse fato. Assim como Paulo o assevera, em *II Coríntios 5.14*, "o amor de Cristo nos constrange", pelo que não conseguimos ficar de boca fechada. Assim sendo, podemos introduzir um 5º teste, conforme enunciado abaixo:

- 5º Teste: Todo aquele que dá testemunho público de que Jesus é o Filho de Deus, o faz como consequência de sua salvação.

Desta forma, quando João agora diz, em *1João 5.1*, que o cristão atesta a sua salvação através de sua crença, ele não está se referindo a isso como causa, embora também o seja, mas como consequência. Assim, o testemunho de nossa fé em Cristo atesta a nossa salvação e aquilo que era causa (no 4º teste) vira também consequência no 5º.

De igual forma, ainda no versículo 1, João reitera que todo aquele que ama o Pai (não aquele que apenas diz que ama o Pai) também ama os co-irmãos que o Pai gerou. Em outras palavras, fomos "batizados" pelo Espírito Santo para dentro da Família de Deus, onde o amor ao Pai deve gerar amor por toda a Sua família.

No versículo 2 ele reitera o teste 2, dizendo que o amor aos irmãos é atestado pelo nosso amor a Deus, que por sua vez é atestado pelo teste 1, qual seja, a obediência a Deus.

Essa última sentença é reforçada no versículo 3, onde ele diz que o amor a Deus consiste em obedecermos os Seus mandamentos, mas ele adiciona uma coisa que decorre do amor, ou seja, que os Seus mandamentos não são pesados. Quando duas pessoas se casam, elas abrem mão da liberdade individual e passam a viver sob um regime de restrições mútuas. Só que essas restrições passam praticamente despercebidos devido ao amor de um pelo outro. Os casamentos onde uma ou ambas as partes vivem o "suplício" dessas restrições, atestam, por isso mesmo, a falta de amor na sua união.

João nos diz aqui exatamente a mesma coisa em relação ao nosso amor a Deus: se os mandamentos de Deus, que aceitamos ao receber Jesus como Senhor de nossas vidas, nos forem pesados, é porque na realidade nós não amamos a Deus. Continuamos atrelados ao mundo, lembrando que ninguém pode servir a dois senhores. Trata-se, aqui, de questionarmos, mais uma vez, se aqueles que nesta condição se encontram foram realmente convertidos a Jesus, ou apenas convencidos de que esse é o caminho a seguir, sem no entanto segui-lo.

João permanece neste assunto no versículo 4 ao falar da "vitória sobre o mundo". No dia em que nos convertemos, lembramos aqui que recebemos um espírito novo (e também uma nova consciência, que é a voz do nosso espírito) e um coração novo, ou seja, novos anseios de nossa alma (*Ezequiel 36.26*). Nesse dia, contudo, continuamos com o mesmo corpo (com seus desejos corrompidos) e a mesma mente (com nosso raciocínio igualmente corrompido pelo pecado). Tem início, então, uma guerra espiritual onde a vitória depende de nós. A intenção de Deus é que "a nossa conformidade com o mundo seja derrotada pela transformação de nossas mentes" (*Romanos 12.1-2*), para que elas absorvam a conformidade da mente de Cristo (*1Coríntios 2.16*). Além disso, os desejos dos nossos corpos mortais devem ser derrotados pela vida de Cristo em nós (*Efésios 2.3-5*).

É nesse ponto que João nos informa que vence o mundo aquele que é nascido de Deus. É a nossa fé em Jesus Cristo que vence o mundo, de modo que "somente aquele que

crê que Jesus é o Filho de Deus" é nascido de novo, pelo que só estes podem vencer o mundo. Retornamos, portanto, ao versículo 1, mas fizemos um passeio pelos testes 1, 2.

O autor continua dentro do mesmo assunto, qual seja, a certeza dos nascidos de novo, no tocante a Jesus ser o Filho de Deus. Aqui, no versículo 6, ele procura consubstanciar essa certeza através do testemunho do Espírito, relativo ao fato de Jesus ter vindo em condições representadas por duas figuras, quais sejam, a água e sangue. No caso, a interpretação do significado dessas figuras está longe de ser clara para nós, os leitores posteriores da carta de João. É provável, contudo, que os destinatários da época soubessem do que João estava falando, porque ele lhes teria falado usando essas mesmas figuras em outra ocasião, mas para nós, os leitores posteriores, veremos que são múltiplas as interpretações correspondentes.

Antes disso, contudo, devemos ressaltar que os "melhores textos", encontrados em Qumran, nos trouxeram uma grande modificação em relação a este texto, infelizmente tornando-o muito menos claro. Em alguma época, ocorrida há muitos séculos, algum escriba teria tentado esclarecer o significado deste texto, introduzindo no mesmo alterações nos versículos 7 e 8, que davam à Trindade Divina sua referência mais clara de toda a Bíblia, além de criar um paralelo para melhor identificação das duas figuras do versículo 6. Assim sendo, a tradução do João Ferreira de Almeida na versão revista e corrigida da Imprensa Bíblica Brasileira apresenta como a seguir os versículos 6 a 8: **Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo: não só por água, mas por água e sangue. E o Espírito é o que testifica, porque o Espírito é a verdade.**

Porque três são os que testificam no céu: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; e estes três são um.

E três são os que testificam na Terra, o Espírito, a água e o sangue; e estes três concordam num.

As inserções ficam claras quando comparamos este texto ao da NVI baseado nos melhores textos:

Este é aquele que veio por meio da água e do sangue, Jesus Cristo: não somente por água, mas por água e sangue. E o Espírito é quem dá testemunho, porque o Espírito é a verdade.

Há três que dão testemunho:

o Espírito, a água e o sangue; e os três são unânimes.

Obviamente o texto mais antigo não pode e nem deve ser usado para provar a existência da Trindade na Bíblia, nem tampouco para nortear a interpretação do que venha a ser água e sangue.

São apresentadas a seguir três interpretações relatadas por Stott /66/, mas confesso, desde já, que tive dificuldade de concordar com qualquer delas. Senão vejamos:

a) Interpretação defendida por Lutero e Calvino

A interpretação atribuída a estes dois precursores das denominações evangélicas está ligada aos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, que seriam representados pela água e pelo sangue, respectivamente. Embora tanto o batismo como a ceia estejam implicitamente ligados a Jesus, a tentativa de dizer que Jesus veio através deles seria meio complicado, principalmente no caso da ceia.

Além disso, a idéia de que o Espírito Santo testificasse desses dois elementos como originadores de Jesus é muito complicada.

b) Interpretação defendida por Agostinho

Esta interpretação ligaria a água e o sangue à confirmação da morte de Jesus, já que estes mesmos elementos escoaram pela ferida feita do seu lado quando golpearam Jesus com uma lança. A idéia de que Sua morte denota o fim de Sua missão salvífica é atraente, pois a água e o sangue estariam dando testemunho disso (embora ainda faltasse a ressurreição para completar a nossa justificação), mas novamente fica difícil de associar a vinda de Jesus a estes símbolos.

c) Interpretação defendida por Tertuliano

Esta interpretação, de acordo com Stott, é a mais aceitável, visto que ela não apenas retrata experiências históricas pelas quais Jesus passou, como denota eventos que testemunham a Sua pessoa divino-humana.

Tertuliano entendeu a água como referindo-se ao batismo, que denota o início de Sua missão, o Seu comissionamento e a Sua capacitação com o Espírito Santo descendo sobre Ele. Já ao sangue ele associa a Sua morte e a conclusão de Sua obra.

Embora as figuras da água e do sangue, atribuídas a Tertuliano, efetivamente retratem experiências históricas pelas quais Jesus passou e elas denotem a primeira a Sua divindade e a segunda a Sua humanidade, ainda assim nenhuma das duas fala de Sua origem, de modo que se possa dizer que Jesus veio através delas.

Além disso, Stott se perde a seguir em longos devaneios sobre a necessidade de não separar Jesus do Cristo. De acordo com ele, João estaria apresentando para os efésios, principalmente, uma defesa contra as ideias de Cerinto (um dos precursores do Gnosticismo), que pregava que Jesus seria um homem comum sobre o qual desceu o Espírito Santo no momento do Seu batismo e que esteve presente durante todo o Seu ministério, deixando-o, contudo, antes da crucificação.

Embora seja fato que as idéias do Gnosticismo já estivessem sendo combatidas por João, Jesus não vem do testemunho do Espírito que O declara divino (o Filho amado em Quem Deus Se comprazia). Assim sendo, nenhuma das três interpretações apresentadas até aqui parece satisfazer ao pré-requisito de "origem" de Jesus Cristo.

d) Interpretação dada pelo próprio João

Uma idéia interessante aqui é pesquisar o que o próprio João tem a dizer sobre água e sangue em outros cantos. Em *João 3.5*, por exemplo, Jesus apresenta a Nicodemos, como condição de salvação o nascimento primeiro pela água e depois pelo espírito. O nascimento físico se caracteriza pela geração do homem numa bolsa de água no ventre de uma mulher. Por outro lado, o nascimento do espírito já foi abordado acima e diz respeito ao novo nascimento do espírito do homem (regeneração divina). Se o próprio João já usara o termo água como significado de nascimento de uma mulher, certamente seria confuso se ele agora o usasse com outro significado. Assim sendo, parece bastante razoável dizer que a vinda de Jesus através da água atesta o Seu nascimento humano, mas o fato de estar vindo de uma virgem resguarda a Sua divindade por assegurar um Pai divino. Com relação ao sangue, sabemos que a vida era retratada desde o tempos de Moisés, como sendo sinônimo de sangue. Em *Levítico 17.11*, por exemplo, encontramos as seguintes palavras: **Pois a vida da carne está no sangue, e eu o dei a vocês para fazerem propiciação por si mesmos no altar; é o sangue que faz propiciação pela vida.**

Era o sangue de um animal perfeito que fazia propiciação pela vida. Assim sendo, o Cordeiro de Deus, para ter a vida em Si mesmo, tinha que vir com sangue que pudesse provar Sua perfeita humanidade. Quando João declara, em *João 1.4*, **"que nEle estava a vida"**, certamente ele tinha em mente o fato do sangue desse Cordeiro Perfeito ser suficiente para pagar os nossos pecados de uma vez por todas.

Assim sendo, o fato do Filho de Deus Se fazer um homem capaz de dar a vida aos demais é atestado pelo nascimento totalmente normal numa bolsa de água e pelo fato de ter nascido com sangue humano sem deficiências, que continha a vida que poderia ser derramada em prol da salvação da humanidade.

Essas duas figuras representam a "vinda sob forma humana perfeita" de Jesus Deus, dos quais o Espírito Santo também dá testemunho no coração dos homens, convencendo-os da necessidade de aceitar o Seu senhorio e da verdade de Sua ressurreição.

O versículo 9 nos fala da superioridade do testemunho de Deus comparado ao testemunho humano. Logo, se somos propensos a aceitar o testemunho de homens, com muito mais razão devemos aceitar o testemunho que Deus dá de Seu próprio Filho.

Quando cremos no Filho de Deus, é porque temos em nós mesmos esse testemunho. Obviamente a recíproca é totalmente verdadeira, ou seja, se não aceitamos o testemunho que Deus dá de Seu Filho, automaticamente O estamos chamando de mentiroso, porque não cremos no Filho.

O testemunho em apreço é muito simples: **Deus nos deu a vida eterna e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida e quem não tem o Filho não tem a vida.**

O apóstolo João resume aqui tudo que ele falou ao longo de toda a carta: "Tudo que escrevi para vocês que creem no nome de Jesus, foi escrito para que saibam que vocês têm assegurada a vida eterna".

Seu evangelho foi escrito para que as pessoas pudessem crer em Jesus, sabendo que Ele é Deus: "Aos que o receberam, aos que creram em seu nome, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus" (João 1.12).

Tinha havido discussões teológicas no meio das igrejas às quais estava escrevendo e, pelo visto, as pregações feitas pelos antecessores do Gnosticismo haviam suscitado dúvidas. Assim sendo, João havia escrito para dirimir dúvidas, mas principalmente para que os seus "filhinhos" pudessem ter certeza de vida eterna.

Nos versículos 14 e 15 João estende a confiança, que até agora estava limitada à questão da salvação, para o âmbito da resposta divina aos nossos pedidos feitos em oração. "Esta é a confiança que temos ao nos aproximarmos de Deus: se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, Ele nos ouvirá. E se sabemos que Ele nos ouve em tudo que pedimos, então podemos ter certeza, igualmente, que ele nos atenderá".

Já discutimos acima que não se trata de pedir e ficar esperando para saber se Deus tem a mesma opinião a respeito de nossas motivações de oração e, sim, de termos uma intimidade tal com Deus, que O conhecemos a ponto de saber o que Ele quer e o que não. Claro que não dá para fazer disso uma regra geral, mas há uma regra geral na Bíblia, qual seja, a de seguir a orientação do Espírito. É Ele que nos orienta tanto em nossos pedidos (*Romanos 8.26*), como na forma de aguardar as respostas pacientemente (*Romanos 8.25*).

José, como menino, tinha uma certa intimidade com Deus, porque Deus dava a ele sonhos interessantes antes do tempo em que foi vendido pelos seus irmãos. É lícito, portanto, imaginar que José devia orar a Deus perguntando acerca do significado de seus sonhos. A Bíblia nos diz que ele tinha 17 anos quando foi vendido (*Gênesis 37.2*) e que já estava com 30 (*Gênesis 41.46*) quando compareceu diante de Faraó. Depois disso houve sete anos de fartura e algum tempo de fome até que seus irmãos viessem pela primeira vez ao Egito para comprar mantimentos. Isso significa que Deus ouvia as orações de José, mas levou mais de 20 anos para respondê-las. Uma boa parte desse tempo foi de muita angústia e sofrimento para ele, mas mesmo assim ele esperou.

O versículo 16, mais uma vez, nos apresenta uma dificuldade de interpretação muito grande, a exemplo do que ocorreu nos versículos 7 e 8 acima: "Se alguém vir o seu irmão cometer um pecado que não leva à morte, ore, e Deus dará vida ao que pecou".

É óbvio que João já havia discutido esse assunto com os seus destinatários, senão ele teria sido muito mais detalhado ao falar do mesmo. Assim sendo, essa referência sucinta estava totalmente clara para eles, mas já em relação aos pais da Igreja e de todos aqueles que fizeram uso deste texto posteriormente, isso não é verdade. O que é, portanto, um pecado que leva à morte? Em que ele difere de um que não leva?

Novamente os principais comentaristas se limitam aqui a algumas possibilidades, sem, contudo, "baterem o martelo". Vejamos:

a) Pecados capitais e pecados veniais

No Velho Testamento encontramos uma distinção entre pecados por ignorância (não necessariamente sem intenção, mas certamente pela incapacidade de resistir à tentação) e pecados "de mão levantada" ou por rebeldia. *Levítico 20* apresenta uma lista de pecados pelos quais os filhos de Israel deveriam ser mortos. Stott nos informa que Clemente de Alexandria e Orígenes distinguiram entre pecados perdoáveis e não perdoáveis, sem, contudo, especificá-los, ao passo que Tertuliano teria ido mais longe classificando como não perdoáveis o homicídio, o adultério, a blasfêmia e a idolatria.

Esta idéia evoluiu dentro da Igreja Católica Romana e várias pessoas os listaram. Tomás de Aquino, por exemplo, os listou como: vaidade, inveja, ira, lascívia, avareza, gula e luxúria - wikipedia), mas, com o passar do tempo, a maioria deles sequer são considerados pecados. O moderno "Catecismo da Igreja Católica" (Edições Loyola, 2006) não mais os lista, limitando-se a dizer que se trata de "pecados que clamam ao céu", com alguns exemplos como: o sangue de Abel, o pecado dos sodomitas, o clamor do povo no Egito, a queixa do estrangeiro, da viúva e do órfão e a injustiça contra o assalariado. Não há, contudo, qualquer base neotestamentária para uma lista de pecados que sejam mais graves que outros. Pelo contrário, Tiago nos fala claramente em pecado como quebra da lei em *Tiago 2.11*. Assim sendo, é pouco provável que o "pecado para a morte" seja um de uma lista de pecados capitais que João tenha preparado anteriormente para os destinatários de sua carta e à qual ele estaria agora fazendo referência.

b) Pecado contra o Espírito Santo

A definição de pecado contra o Espírito Santo vem do discurso de Jesus, que é listado em *Mateus 12.22-32*, *Marcos 3.20-30* e *Lucas 11.14-23* (embora este último não o mencione especificamente). Os versículos mais claros seriam *Marcos 3.29-30*: **"Quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: é culpado de pecado eterno"**. Jesus falou isso porque eles estavam dizendo: **"Ele está com um espírito imundo"**.

Com base nesses eventos e nos textos de *Mateus* e *Marcos*, definiu-se que há um pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo, para o qual não há perdão, e que consiste em dizer que as obras de Jesus são de origem satânica.

Assim sendo, todos os judeus que atribuíram as obras de Jesus ao Diabo automaticamente se tornaram réus do inferno. Isso significa que qualquer pessoa que fizesse isso, mesmo por zelo pela Lei de Moisés, nunca seria convencido de seu erro e jamais poderia vir a crer em Cristo.

O primeiro argumento contra essa definição, e talvez o mais contundente na Bíblia, é a figura de Saulo. Quando ele foi preso em Jerusalém e levado para Cesareia devido à fúria dos judeus, que queriam matá-lo, ele teve a oportunidade de testemunhar para o

rei Agripa, onde pronunciou as seguintes palavras: "Eu também estava convencido de que deveria fazer todo o possível para me opor ao nome de Jesus, o Nazareno. E foi exatamente isso que fiz em Jerusalém. Com autorização dos chefes dos sacerdotes lancei muitos santos na prisão, e quando eles eram condenados à morte eu dava o meu voto contra eles. Muitas vezes ia de uma sinagoga para outra a fim de castigá-los, e **tentava forçá-los a blasfemar**. Em minha fúria contra eles, cheguei a ir a cidades estrangeiras para persegui-los" (*Atos 26.9-11*).

Esses versículos são muito interessantes porque não era possível ele ter tentado fazer com que os outros blasfemassem sem que ele mesmo o tenha feito, para que repetissem. Assim sendo, pela definição acima, Paulo se tornou réu do inferno e o Cântico de Vitória de *II Timóteo 4.7-8* seria uma mentira.

Obviamente o pecado existe, porque Jesus disse que existia, mas a interpretação dada ao mesmo está incorreta. Não há dúvida de que seja um dos pecados que mais "apavora" os crentes que não têm certeza de salvação, porque vivem sob o pavor de terem dito alguma coisa com a qual o Espírito tenha se sentido ofendido, pelo que teriam queimado a sua oportunidade de chegar ao céu. Se João quis falar sobre certeza de salvação e lançasse um versículo sobre a impossibilidade de salvação estaria, no mínimo, sendo incoerente.

Uma possibilidade, bem mais plausível, defendida por mim e por muitos crentes, reside no fato de não se poder perdoar o pecador que resiste ao Espírito Santo. É, no mínimo, curioso que esta seja a interpretação que achei também no mesmo Catecismo da Igreja Católica, citado acima. Com referência à "blasfêmia contra o Espírito Santo" o referido texto cita *Mateus 12.31* e dá a seguinte explicação:

"A misericórdia de Deus não tem limites, mas quem se recusa deliberadamente a acolher a misericórdia de Deus pelo arrependimento rejeita o perdão de seus pecados e a salvação oferecida pelo Espírito Santo. Semelhante endurecimento pode levar à impenitência final e à perdição eterna". Segue que a interpretação de que o pecado contra o Espírito Santo seja simplesmente atribuir a Jesus uma obra satânica não pode estar correta e a referência aqui não pode ser a isso.

É interessante que mesmo que fosse correta a referência aqui não poderia ser a esse pecado, pois ele impede a pessoa de se converter e o texto fala de um pecado cometido por um "irmão".

Stott, que surpreendentemente dá ao pecado contra o Espírito Santo esse interpretação equivocada e defende aqui que a referência de João seja a esse pecado, atentou para esse fato e nega que o texto faculte a possibilidade do irmão cometer um "pecado que é para a morte". Isso, contudo, atentaria contra a lógica do texto. João estimula a oração pelo irmão que não cometeu tal pecado. A lógica impõe que seja possível que o irmão o faça e que, neste caso, não adiantaria mais orar por ele.

c) A apostasia

O pecado da apostasia só pode ser cometido por um crente, motivo pelo qual Stott o descartou, dizendo que um crente não pode perder a salvação, mas João aqui parece não concordar com ele. A apostasia é apresentada claramente em *Hebreus 6.4-6*, onde o autor cita um crente que participou dos dons do Espírito Santo e que resolveu voltar à sinagoga para declarar que Jesus é anátema (maldito ou satânico) para poder voltar a ser aceito na comunidade judaica do templo. Não se trata, portanto, de um pecado de um não crente que não possa ser perdoado e, sim, de um crente que abre mão, voluntariamente, de sua salvação para poder auferir um benefício aqui na Terra. Com relação a essa pessoa o autor de *Hebreus* declara que se trata de um caminho sem volta, porque Jesus morreu apenas uma vez e que tal pessoa já teria feito uso desse sacrifício uma vez, pelo que o perdão de Jesus não estaria mais disponível para ele. É exatamente por isso que João diz que orar por tal pessoa não vai adiantar nada, porque não há mais perdão disponível para ela. Todo o livro de *Hebreus* é escrito para que as pessoas não caiam nessa armadilha. É inacreditável que alguém possa crer que a apostasia bíblica não seja possível.

No versículo 17 João insiste em dizer que toda injustiça é pecado aos olhos de Deus, mas que há pecados que não levam à morte enquanto há outro, a apostasia, que é um caminho sem volta.

Os versículos 18 a 21 contêm 3 afirmações e uma exortação que estão totalmente ligadas ao conteúdo da carta como um todo.

A primeira afirmação do versículo 18 nos dá 3 sub-afirmações distintas referentes a coisas que sabemos:

a) Aquele que é nascido de Deus não vive em pecado

Esse assunto já foi discutido antes, mas apenas como resumo podemos afirmar que como "porcos" convivíamos prazerosamente na lama do pecado até o dia em que fomos transportados, pelo Espírito Santo, para o Reino de Jesus, nosso irmão mais velho. Se continuássemos com a mesma natureza, continuaríamos a ter prazer na lama, para onde voltaríamos sem muita dificuldade. Ocorre, contudo, que ao sermos regenerados, ganhamos um espírito novo, que não tem mais qualquer afinidade com a lama do pecado. Além disso, os nossos anseios (os desejos do nosso coração) mudaram e voltar para a lama não nos dá mais prazer.

Infelizmente a nossa mente continuou tão "suja" quanto era e os desejos associados aos hábitos do nosso corpo continuaram tão perversos quanto eram. Esses precisam ser "domados" (vejam *Romanos 8.6* e *Romanos 12.1-2*).

Enquanto isso não ocorre, ou lamentavelmente mesmo depois disso, podemos escorregar e voltar a cair na lama, mas não vamos mais conseguir permanecer ali, porque nossa nova natureza não mais a tolera. É por isso que João diz que aquele que já nasceu de Deus pode até pecar, mas não consegue viver mais na lama do pecado.

b) Aquele que nasceu de Deus, Ele o protege

Essa frase não está muito clara no tocante a quem é "aquele". João parece estar afirmando que Aquele, que é o Primogênito dentre muitos irmãos, cuida do restante desses irmãos.

As últimas palavras de Jesus no livro de *Mateus*, ao finalizar as palavras conhecidas como Sua grande comissão, foram: "eis que estarei sempre com vocês até o fim dos tempos". Para que? Muito simples: para cuidar de nós. Em função disso:

c) O Maligno não nos atinge (o maligno não nos toca)

Exatamente porque o nosso irmão mais velho está conosco é que podemos ter certeza de que as astutas ciladas de Satanás não servirão de tropeço para os nossos pés. Este é também o sentido das palavras da "oração modelo" ensinada por Jesus e que conhecemos como "Pai Nosso". Nela pedimos ao Pai que afaste de nós todas as tentações e que nos livre do mal ou do maligno. Aleluia! Nós sabemos isso e permanecemos firmes nas promessas que nos foram feitas!

O versículo 19 nos apresenta uma afirmação maravilhosa de que todos nós, os nascidos de Deus, pertencemos a Ele. Em aterrador contraste, todavia, João nos diz que todos os demais, ou seja, o mundo inteiro, jaz no maligno. O Diabo não pode sequer tocar em nós porque Jesus tem cuidado de nós, mas o mundo inteiro, ou seja, todos os que não pertencem a Deus, pertencem a Satanás e vivem em seus braços (jazem em seus braços). É exatamente esse o motivo da não-conformidade dos dois. É por isso que o mundo não pode nos entender. É por isso que o mundo nos odeia.

O versículo 20 nos apresenta a última das 3 afirmações, contendo ela mesma, também, três sub-afirmações:

a) Sabemos também que o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro.

Jesus Cristo, o Filho Eterno do Pai, veio. Ele é o Emanuel, o Deus conosco, que doutra sorte jamais poderíamos conhecer. Mas porque Ele veio em carne e habitou entre nós, também nos deu o entendimento necessário para que pudéssemos conhecer o Pai, ou seja, Aquele que é o Verdadeiro. Neste versículo, portanto, o Pai é claramente identificado como "o Verdadeiro".

Vocês podem imaginar a decepção de Jesus quando Filipe se virou para Ele e disse: "tudo que nós queremos é que o Senhor nos mostre o Pai". Totalmente exasperado, Jesus respondeu a ele: "Caramba", Filipe! Você não entendeu nada. Mesmo andando para cima e para baixo Comigo por três anos você não conseguiu Me conhecer? Você não entendeu que Eu e o Pai somos um e que quem vê a Mim vê o Pai? Você não entendeu que todos esses milagres que estou fazendo, estão sendo feitos pelo Pai? (*João 14.8-10*).

b) E nós estamos nAquele que é o Verdadeiro, em Seu Filho Jesus Cristo.

Olhem que coisa maravilhosa! João está afirmando que nós estamos em Deus (o Verdadeiro), mas ele aí usa uma figura de paralelismo para indicar que estamos também em Seu Filho Jesus, o Messias, indicando assim que o Filho é um com o Pai. Por outro lado, esse versículo já indica que "o Verdadeiro" se aplica tanto ao Pai como ao Filho.

c) Este é o Verdadeiro Deus e a Vida Eterna

Para não deixar qualquer dúvida, contudo, João agora ressalta aquilo que já indicara na sub-afirmação anterior através de um paralelismo: Jesus é o Único e Verdadeiro Deus. Ele é a Vida Eterna. Mas, e o Pai? Ora, esse versículo só enfatiza que Deus Pai e Deus Filho, são juntos o Único e Verdadeiro Deus.

Sempre que sou abordado por um Testemunha de Jeová, procuro fazer uso de *IJoão 5*. Minha experiência, ganha depois de ser abordado várias vezes por eles, é que conhecem bem o erro que foi introduzido em manuscritos anteriores aos melhores textos achados em Qumran. Por isso, quando falam que não há Trindade na Bíblia e que Jesus não é Deus, faço referência ao capítulo em apreço. Noto imediatamente o sorriso em seus rostos, imaginando que vou me referir aos versículos 7 e 8, que eles sabem bem "desmascarar". Ficam, contudo, totalmente desorientados, quando mostro a eles (de preferência na Bíblia deles) que Jesus é o Único e Verdadeiro Deus no versículo 20.

Encerrando o capítulo e a carta como um todo, João faz uma advertência final no versículo 21: "**Filhos, guardem-se dos ídolos**".

Se amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro, não é possível termos outros deuses diante dEle. Não podemos idolatrar outros deuses. Não podemos permitir que nossa escala de valores seja corrompida priorizando as coisas do mundo. A idolatria não é necessariamente uma estátua diante da qual nos curvamos. Um simples erro na nossa escala de prioridades é suficiente para fazer de nós pessoas idólatras. Que nos guardemos portanto!

IIJoão 1

Mais uma vez, a exemplo do que já ocorreu em *IJoão*, o autor deixa de se identificar, como era comum na maioria das cartas do gênero, pelo que a identificação de João como provável autor, tanto da segunda como da terceira carta que levam o seu nome, se dá, basicamente, em função da identificação de palavras características usadas por ele na primeira carta.

As evidências externas (citações do texto feitas por terceiros), que ajudaram a reconhecer o autor da primeira carta, praticamente deixam de existir na segunda e terceira.

Já as evidências internas da primeira carta (citações do próprio texto) sugerem que João seja o autor, pelo fato deste ser uma testemunha ocular da vida terrena de Jesus, enquanto nestas outras duas cartas, o autor se limita a identificar-se como "o presbítero".

Mesmo assim, a autoria de ambas foi atribuída a João principalmente pela semelhança de algumas palavras e de igual forma do tema.

Não obstante as incertezas supracitadas, a autoria de João não é questionada pela maioria dos comentaristas e tampouco o será aqui.

A carta de *IIJoão* parece ter sido motivada pelas visitas frequentes de mestres itinerantes, que nem sempre eram tão bem intencionados quanto se esperava. Tratava-se, por vezes, de falsos mestres que eram recebidos nos lares dos membros da Igreja, antes que suas intenções malévolas fossem identificadas. Assim sendo, João estaria alertando para os cuidados que deveriam ser tomados.

A incerteza de suas datas é similar à da primeira carta, mas parece razoável supor, também, que se tratasse de instruções de João para igrejas de seu campo missionário centrado em Éfeso, pelo que seriam datadas por volta do ano 85a.D., ou mesmo posteriormente.

A carta de *IIJoão* é destinada a uma "senhora eleita" e seus filhos, que tanto pode ser uma pessoa de verdade, como pode ser uma forma de se dirigir à "Igreja dos eleitos". A estes, pelos quais o apóstolo diz nutrir amor sincero, ele alerta para que estejam atentos aos falsos mestres, que eles têm hospedado, no sentido de que os coloquem primeiro à prova, tendo em vista o perigo de tê-los pregando para pessoas que ainda não conseguem distinguir o certo do errado. Para o caso de não serem aprovados, ele sugere que não sejam recebidos e nem mesmo saudados.

A introdução de uma carta normalmente traz o nome de quem a escreve e o nome do destinatário. Essa carta pode ser considerada normal porque começa exatamente assim, mas a enorme dificuldade de identificar tanto um como o outro tem levado a grandes discussões entre os comentaristas.

O autor começa se identificando, não pelo seu nome e, sim, por um título que permitiu, sem dúvida, que os leitores de sua carta o reconhecessem imediatamente: o presbítero, ou o ancião. Trata-se, portanto, de uma pessoa que era reconhecida pela experiência e pelo respeito que haviam sido adquiridos ao longo de muitos anos. Sem maiores discussões, acompanhando a vasta maioria dos comentaristas bíblicos ao longo da história do Cristianismo, reconheçamos este ancião como sendo o próprio João. Parte do texto a ser estudado adiante ajuda a corroborar esta escolha do autor.

Já os destinatários da carta, ainda no versículo 1, são mencionados como a "senhora eleita e os seus filhos". Desta vez, contudo, não há uma unanimidade prática entre os comentaristas. Só para ilustrar são feitas a seguir citações de John Stott /66/ e Carlos Osvaldo Cardoso Pinto /42/, respectivamente:

Stott: "É mais provável, porém, que a frase signifique uma personificação, e não uma pessoa - não da Igreja em geral, mas de uma igreja local sobre a qual a jurisdição do presbítero era reconhecida, sendo seus filhos os membros individuais da igreja".

Carlos Osvaldo: "A destinatária é chamada de *senhora eleita*, o que tem levado comentaristas a identificá-la com a Igreja universal ou com uma congregação local. A analogia com *III João*, que é uma carta pessoal, a falta de sentido para o versículo 13 (que cita a irmã da senhora eleita e também os seus filhos) caso a carta fosse destinada à Igreja universal, e a quebra da analogia pelo fato da senhora e seus filhos serem ambos obrigados a representar a igreja e seus membros, todos se combinam para favorecer a interpretação individual, e não coletiva, para a destinatária. Ela teria sido uma cristã não identificada, cujos filhos o apóstolo conhecia e pelos quais se alegrava".

Não obstante o meu apreço pessoal pelo Carlos Osvaldo (convivemos por muitos anos e sempre fomos próximos), creio que a "falta de sentido do versículo 13" seja aplicável apenas à Igreja universal e não à comunidade local. Aliás, é muito comum, em nossos dias, as pessoas se referirem a uma igreja co-irmã, como sendo uma comunidade local de mesma fé e ordem (cristã de mesma denominação). Além disso, tenho visto a utilização deste termo feita, também, para comunidades de outras denominações evangélicas.

Assim sendo, me parece bastante razoável que João se dirija aqui a uma ou mais das igrejas locais de seu campo missionário (Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Loadicéia - ver figura abaixo), transmitindo no versículo 13 as saudações da igreja de Éfeso, onde ele morava.

Desta forma não se trata de uma carta de amor do apóstolo para uma senhora não revelada, e por cujos filhos tinha grande apreço e, sim, a uma, algumas ou todas essas seis igrejas citadas acima e que tem beneficiado milhares de igrejas desde então.

É exatamente por isso que o apóstolo complementa sua identificação dos destinatários dizendo que os ama verdadeiramente, mas não apenas ele, mas juntamente todos aqueles que conhecem a verdade, qual seja, o Evangelho de nosso Senhor e o próprio Senhor Jesus Cristo.

Neste ponto João se identifica, na prática, com tudo que ele havia dito em sua primeira carta. Um exemplo disso é dado em *I João 4.12*: "**Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o Seu amor está aperfeiçoado em nós**".

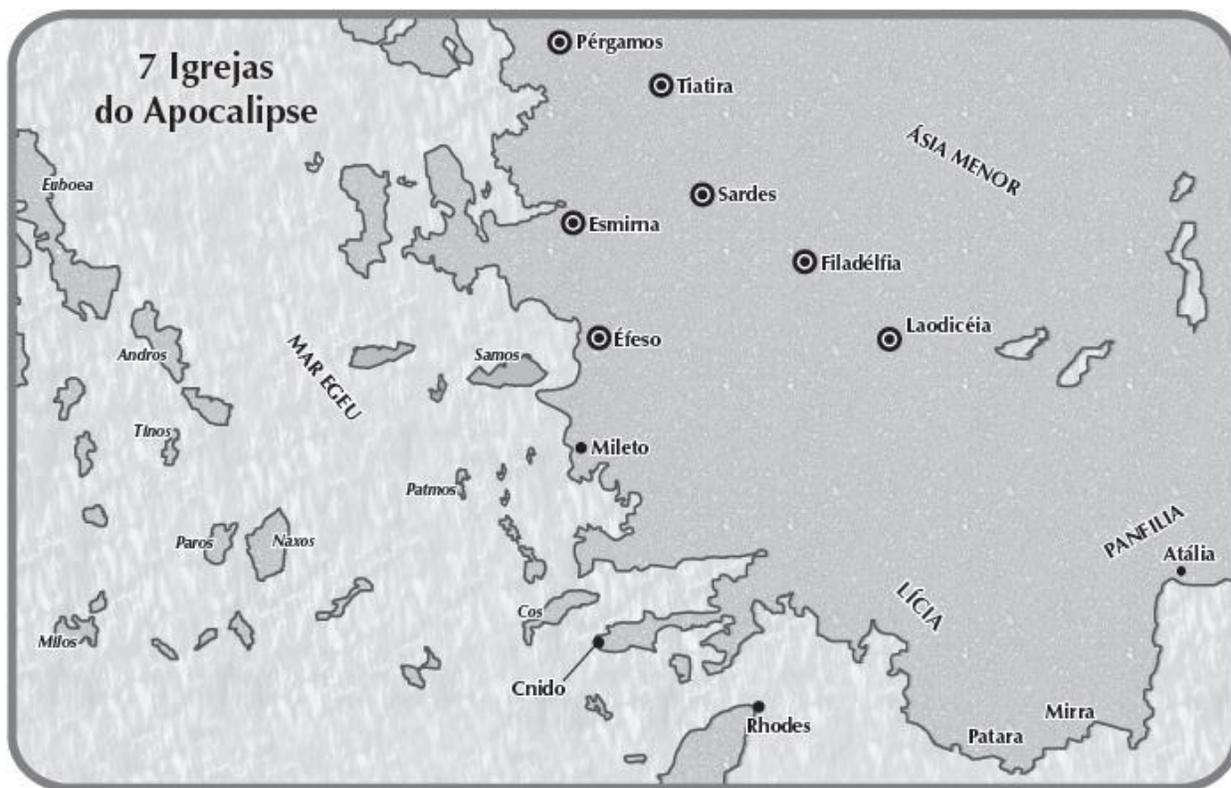


Figura 99-1 - Mapa com o campo missionário de João (entorno de Éfeso)

Fechando a sua saudação inicial, João impetra uma bênção para os seus destinatários fiéis, qual seja: **"A graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus Pai e de Jesus Cristo, Seu Filho, estão conosco em verdade e em amor"**.

A exemplo do que faz Paulo, também, em várias de suas cartas, João apresenta uma bênção condicional associada, ainda, aos seus ensinamentos da primeira carta. A graça e a misericórdia oriundas de Deus Pai, através do sacrifício de Jesus Cristo, Seu Filho, e que permitiram que tenhamos paz com Ele (outra forma de dizer salvação) estão conosco, ou seja, aqueles que permanecemos em Cristo, com uma vida na verdade (em obediência a Deus) e onde mostramos o nosso amor pelos demais filhos do Pai.

É através dessa chamada à necessidade de andarmos na verdade, que João faz a sua transição dos filhos que permanecem em Jesus para aqueles que se corromperam em relação à verdade (*1 João 2.19 - Eles saíram do nosso meio, mas na realidade não eram dos nossos, pois se fossem dos nossos, teriam permanecido conosco; o fato de terem saído mostra que nenhum deles era dos nossos*).

No versículo 4 João inicia o corpo de sua mensagem, propriamente dita, mas, ainda assim, ele o faz principiando por uma rápida recordação de sua carta anterior (*1 João*).

Podemos imaginar que alguns membros da igreja, à qual ele está se dirigindo, tenham feito a ele uma visita em Éfeso e que ele se alegrara muito pelo crescimento espiritual deles. Ele expressa isso atestando que "eles estavam andando na verdade, conforme o mandamento que recebemos do Pai".

Parece lícito supor que também terão vindo desses irmãos as informações que servem de base para as admoestações que ocupam a pena de João a partir do versículo 7, mas antes de entrar nesse assunto João não consegue se furtar de falar um pouco sobre o seu tema predileto, qual seja, o amor entre irmãos. Todos nós temos um tema bíblico que muito nos motiva e o de João, sem dúvida, era o amor.

Quero crer que o versículo 5 seja o que mais fortemente indica a autoria joanina dessa carta. Esse mandamento que ele ora chama de novo (*IJoão 2.8*) e ora de antigo (*IJoão 2.7*) é justamente o que ele não cansa de repetir, ou seja, "que nos amemos uns aos outros".

Quando ele fala de vivermos em obediência aos mandamentos de Deus, João parece se esquecer de todos os outros e se lembra apenas deste, qual seja, "que andemos em amor".

Claro que João se lembrava das palavras de Jesus respondendo ao fariseu perito na Lei, que indagara sobre o maior mandamento do decálogo (*Mateus 22.37-40*): "Ame o Senhor o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ame o seu próximo como a si mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas".

Não há dúvida, portanto, que "andar em amor" significava para João essas duas coisas. Andar em amor englobava, ainda, andar na verdade, porque aquele que tem os Seus mandamentos e os guarda, esse é o que ama a Deus.

Tendo dito isso, João está agora pronto para o discurso duro que abrange os versículos 7 a 11, onde vai falar daqueles que não pertencem ao nosso meio, mas que se infiltram no mesmo com intenções malévolas e que devem ser tratados conforme a sua falta de verdade, mostrando claramente que não amam e nem fazem jus ao amor que por eles se mostra.

"De fato muitos enganadores têm saído pelo mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em corpo".

Aqui no versículo 7 João resume exatamente o que já havia dito em *IJoão 4.1-3*. Ali ele colocara isso como um teste que deveria ser aplicado para reconhecer o espírito que estava por trás daquele que pregava, ou seja, se vinha inspirado pelo Espírito Santo ou pelo espírito do Anticristo.

É claro que sabemos o quanto Satanás é sagaz e que ele faz as coisas de modo dissimulado, pregando mentiras que muito se parecem com a verdade, de modo a se

passarem por verdade. Enquanto os apóstolos eram os pregadores itinerantes, comissionados por Jesus, que saíram pelo mundo para levar o Seu Evangelho, é perturbador que Satanás comissione pessoas com a finalidade específica de deturpar essa mensagem, para que fique infrutífera. Infelizmente ele o faz!

O versículo 8 vem com uma construção difícil, pelo que varia bastante de tradução para tradução. Na NVI temos o seguinte texto: **"Tenham cuidado para que vocês não destruam o fruto do nosso trabalho, antes sejam recompensados plenamente"**.

Alguns comentaristas sugerem que a preocupação de João aqui é o galardão a ser recebido pelos trabalhadores, ou a liderança, da igreja destinatária, mas é pouco provável que o apóstolo escrevesse uma carta se fosse apenas essa a sua preocupação.

O trabalho de Satanás na parábola do semeador é sempre no sentido de impedir que a semente germine. Ele tenta inicialmente roubá-la, mas, se isso não for possível, ele a sufoca.

Claro que o maior prazer de um pai é ver os seus filhos crescendo de forma saudável. João mesmo em *III João 4* diz que **"não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade"**.

Assim sendo, João queria, por todos os meios, instigar os líderes da igreja destinatária, a não permitirem que tais pregadores, de origem satânica, tivessem a oportunidade de pregar aos membros ainda fracos na fé.

Desta forma, a recompensa em apreço não é a que será atribuída no descanso eterno e, sim, o prazer de ver que nenhum dos seus filhos na fé se tenha desviado por ouvir uma mensagem deturpada.

No versículo 9 João, então, passa a ser bem específico em relação ao problema que tem ocorrido em algumas das igrejas locais. Ele se refere aqui a pregadores que têm "extrapolado" a mensagem de Cristo, dizendo que estes não têm Deus, à medida em que aqueles que não procedem desta forma, ou seja, aqueles que limitam suas pregações à verdade do Evangelho, que estes têm tanto o Pai como o Filho.

Stott sugere que João esteja sendo sarcástico ao falar de pregadores que extrapolavam a mensagem, pois era exatamente essa a promessa que eles faziam aos seus ouvintes, qual seja, dar maior visão ou estender o conhecimento do Evangelho (/66/, pág. 183).

Nos versículos 10 e 11 João é extremamente rígido em relação à forma com que tais pregadores devam ser tratados. Ao invés da tradicional hospitalidade que as pessoas da igreja tinham em relação aos mensageiros itinerantes, ele sugere que não sejam recebidos e nem sequer saudados.

É, no mínimo, curioso que o "apóstolo do amor", que normalmente é tão pró-hospitalidade, de repente sugira tamanho rigor. O versículo 11, contudo, nos informa que quem o saúda (talvez possamos modernizar isso dizendo que quem a ele "dá papo") se torna participante de suas obras malignas.

Embora talvez ainda estejamos um pouco preocupados com essa excessiva rigidez em relação a tais pessoas, não podemos deixar de lembrar a recomendação de Tiago no sentido de resistirmos ao Diabo para que este, por sua vez, fuja de nós (*Tiago 4.7*). É exatamente essa a intenção de João, qual seja, colocar o inimigo em fuga para que sua obra não seja frutífera no meio dos filhos da senhora eleita.

João encerra a sua carta dizendo que há ainda outras coisas que ele gostaria de dizer a esses mesmos irmãos, mas que preferia deixar para comunicar a eles pessoalmente, quando pudesse estar presente. Embora não o diga, fica implícito nas entrelinhas, que o assunto tratado era urgente demais para esperar a próxima visita.

Suas últimas palavras são a saudação da irmã eleita já mencionada acima.

III João 1

A carta de *III João* trata de um problema causado por um líder específico de nome Diótrefes, cuja soberba e sede de liderança faziam com que desprezasse e impedisse o ministério de outros colegas. Infelizmente, trata-se de um problema que todos já vivenciamos em nossas igrejas de hoje.

É dirigida a um certo Gaio, que não conseguimos relacionar com outros Gaios citados no Novo Testamento, mas que era um exemplo de amor e hospitalidade para com os irmãos do ministério de João que visitavam a igreja. Sua atitude genuinamente cristã contrastava com a de Diótrefes, que por inveja e soberba procurava evitar que ali tivessem qualquer oportunidade. João anima Gaio a manter sua presente atitude, prometendo lidar com Diótrefes em ocasião oportuna.

O grande apreço de João por seu filho na fé, Gaio, fica bem clara, tanto no primeiro como no segundo versículos. Ele não apenas o ama de verdade, mas deseja, sinceramente, que tudo lhe vá bem em todos os aspectos, da mesma forma como vai bem a sua vida cristã. Isso foi atestado pela visita que recebera de alguns irmãos, que falaram a respeito de seu excelente testemunho cristão (versículo 3).

Neste ponto João faz um intervalo para dizer o quanto lhe traz alegria ver que os seus filhos na fé estão andando em conformidade com os ensinamentos de Jesus Cristo (versículo 4).

No versículo 5 ficamos sabendo que esses irmãos, que tinham estado com Gaio em sua igreja, e que foram por ele tão bem acolhidos, não eram conhecidos dele, mas, sim, uma forma de missionários. Quando chegaram à igreja de Éfeso, onde João se encontrava, eles deram testemunho de seu amor (versículo 6). Por isso mesmo, e talvez para que Diótrefes, que será mencionado no versículo 9, não o convencesse a deixar de fazê-lo, João o estimula, na segunda parte deste mesmo versículo, a continuar a encaminhar os irmãos da forma como havia feito. Fica implícito que ele não apenas os hospedara em sua casa, mas que provavelmente os havia suprido em suas finanças, para que pudessem seguir viagem. Aliás, João deixa claro, no versículo 7, que esses missionários

nada tinham recebido dos gentios (talvez parentes não crentes) quando partiram, justamente por causa do Nome de Jesus, mas que é dever nosso (dos crentes) receber com hospitalidade tais irmãos, porque nós somos cooperadores do mesmo Reino ao qual eles estavam servindo.

Os versículos 9 e 10, falam a Gaio a respeito do comportamento ruim de uma pessoa chamada Diótrefes (um nome raro, que aparentemente significa criado por Zeus). Tudo indica que Gaio e Diótrefes eram membros da mesma igreja local e que ambos tinham cargos de liderança na mesma. Talvez, inclusive, fossem pastores. Seja como for, fica implícito, no versículo 9, que Diótrefes tinha um sério problema com a “intromissão” de João em “seu ministério”. Esse texto nos dá a entender que ele não respeitava a autoridade apostólica de João, pois se julgava socialmente mais importante que ele (talvez fosse um convertido da alta sociedade local).

Quando João diz que Diótrefes não o recebe, aparentemente está fazendo menção a alguma carta ou mensagem que mandara através de irmãos mencionados no versículo 10 e que ele se recusara a receber na igreja, chegando mesmo a expulsá-los do recinto de culto, impedindo, ainda, que outros membros exerçam hospitalidade para com eles (isso faria de Gaio também um desafeto, por não acatar sua recomendação).

Como se tudo isso não bastasse, João deixa claro que Diótrefes também o difamava diante da igreja, motivo pelo qual ele teria que lidar com isso durante a sua próxima visita, quando chamaria a sua atenção.

No versículo 11, João não apenas recomenda a Gaio que evite o mau exemplo de Diótrefes, mas chega a dizer que o seu comportamento é típico de alguém que não conhece a Deus.

Por outro lado, João aproveita a carta a Gaio para elogiar o comportamento de outro irmão de nome Demétrio. João mesmo já o conhecia e recentemente também ouvira falar bem dele, pelo que lhe agradava muito poder dar esse testemunho a seu respeito (versículo 12).

Nos versículos 13 e 14, João menciona que tem ainda muito para dizer a Gaio, mas que não queria se estender na carta, preferindo antes visitá-lo e dizer tudo face a face. Assim ele encerra a sua carta desejando que a paz estivesse com Gaio e mandando saudações.

Semana 100 - Escatologia (1)

Texto: Apocalipse 1 a 7

Estação 50

Apocalipse 1

De modo geral os teólogos dividem o livro de Apocalipse em três partes distintas, conforme as três visões, igualmente distintas, que João teve, englobando:

- mensagens do Senhor Jesus para a Sua Igreja na terra;
- informações sobre o período de tribulação;
- a redenção divina na consumação dos tempos.

Neste ponto os “autores apocalípticos” normalmente falam de suas posições:

- em relação à época à qual o texto se aplica;
- ao tempo em que se dará o arrebatamento da Igreja;
- ao estabelecimento do Reino Milenar.

Um resumo dessas posições é dado a seguir.

a) Com relação à interpretação da época do texto apocalíptico:

- Visão Preterista → é aquela que admite que o livro de Apocalipse diz respeito ao tempo de João e às igrejas do 1º século, pelo que a maioria das profecias se refere a eventos ocorridos naquela época.

O Judaísmo dos dias de Jesus foi fortemente influenciado pela ânsia que o povo tinha de libertar-se do domínio romano, transferindo ao Cristianismo o mesmo tipo de influência. Sob esta ótica, muitas informações do livro, bem como a necessidade de cumprimento de suas profecias, seriam preteridas em função da ideia fixa de que a Roma imperial seria a Besta e seus sacerdotes idólatras caracterizariam o Falso Profeta. A Igreja estaria ameaçada de extinção pela perseguição de Roma, de modo que João teria escrito o livro principalmente para fortalecer a fé dos irmãos, até que Cristo voltasse para aniquilar o reino de Roma e estabelecer o Reino de Deus. Como nada disso ocorreu, os defensores do método argumentam que o livro preencheu sua finalidade de fortalecer as igrejas do primeiro século e que nunca teve a intenção de ser um livro profético;

- Visão Historicista → é a que encara o livro como uma profecia simbólica de toda a história da Igreja, desde a sua criação até a volta de Cristo. Os símbolos do livro estariam todos associados a fatos da história que ocorreram ao longo destes dois milênios. A maior parte do livro diria respeito, portanto, a fatos que se situam no

passado, ficando no futuro uns poucos eventos que se relacionam com o fim da presente ordem universal. Segundo a linha mais popular desta forma de interpretação, defendida hoje, principalmente, pelos Adventistas do Sétimo Dia, a Besta seria o papado e a Igreja de Roma o falso profeta;

- Visão Futurista → é aquela que supõe que a maioria das previsões apocalípticas diz respeito a eventos futuros do final dos tempos. É a mais aceita pelos teólogos de nossos dias e entende que o propósito do livro é descrever a implementação da redenção divina através da consumação dos fatos que denotam o fim dos tempos;
- Visão Idealista → é a que interpreta o Apocalipse de forma atemporal, descrevendo o conflito eterno entre bem e mal, sem discernir pessoas ou eventos específicos. A mensagem a ser extraída é aquela que proclama a vitória final de Deus, ou seja, do bem;
- Visão Espiritualista → é similar à Idealista, mas preconiza que todos os eventos são simbólicos e aplicáveis a todos os tempos, no sentido de apresentar os grandes princípios do Governo Divino.

b) Com relação ao arrebatamento da Igreja:

- Pré-Tribulacionista → ênfase que prevê que a volta do Senhor Jesus Cristo se fará em duas etapas: uma para buscar a Sua Igreja, a realizar-se antes das tribulações apocalípticas e, outra, ao final da Grande Tribulação, quando Ele derrotará as hostes satânicas e estabelecerá o Reino Milenar;
- Arrebatamento em Duas Etapas → ênfase similar à anterior, só que aplicável apenas a crentes fiéis. Para aqueles que confessaram Jesus, mas vivem de forma mundana, é previsto que fiquem para trás para o período de aprimoramento associado à tribulação apocalíptica. Os vencedores seriam arrebatados juntamente com os convertidos desse período, quando da Vinda Gloriosa do Senhor Jesus;
- Arrebatamento no Meio da Tribulação ou Meso-Tribulacionista → ênfase no arrebatamento que se dá após o surgimento do Anticristo, mas antes que tenha início a Grande Tribulação;
- Arrebatamento Pós-Tribulacionista → prevê que a Igreja de Jesus Cristo seja arrebatada para se encontrar com Ele quando de Sua 2ª Vinda, depois de ter passado pela Grande Tribulação.

c) Com relação ao Milênio:

- Ênfase Pré-Milenista → trata-se de uma linha de interpretação que atribui sentido estritamente escatológico ao capítulo 20 de Apocalipse, que se refere, então, a um período de 1.000 anos (literais ou simbólicos) entre a volta de Cristo e a implantação final e definitiva dos Novos Céus e da Nova Terra. É uma posição que pode ser encontrada em escritos que datam do 2º século e que contou com poucos seguidores ao longo dos anos, até que Darby (1800-1882) /68/ deu a ela uma versão um pouco

alterada, segundo a qual o milênio estaria associado à restauração de Israel, período no qual se daria a conversão de todos os judeus. Essa posição foi abraçada por Moody (1837-1899), que passou a difundi-la em seu instituto bíblico e, também, por Scofield (1843-1921), cuja Bíblia comentada já vendeu milhões de exemplares /69/.

Curiosamente, contudo, com o aumento dos seguidores da doutrina de Darby, aumentou, também, sensivelmente, o número dos seguidores da doutrina pré-milenista original, que interpreta o Apocalipse como sendo aplicado à Igreja e não a Israel.

Hoje em dia o pré-milenismo, nas suas duas versões, é a linha interpretativa mais comumente aceita.

- Ênfase Amilenista → não prega propriamente a inexistência do milênio, mas atribui a este um sentido simbólico representativo de um período, ao longo do qual a Igreja de nosso Senhor reinou na Terra. Entende-se que o texto referente ao aprisionamento de Satanás é uma referência às palavras de Jesus, contidas em *Mateus 12:25-32*, quando fala de amarrar o valente para poder saquear-lhe a casa. Assim sendo, o milênio teria principiado com Cristo amarrando Satanás, mas este seria solto pouco antes de Sua 2ª vinda, mais especificamente por ocasião do surgimento do Anticristo.

Essa interpretação é atribuída a Agostinho (354-430) /70/, que via também o capítulo 20 de Apocalipse como uma espécie de resumo histórico, contendo uma parte escatológica, que incluía o surgimento do Anticristo e sua derrota em Armagedom. Ela se tornou muito popular na época da Reforma Protestante, quando a Igreja Romana já estava sendo considerada como o Anticristo, pelo que se achava que o fim estava próximo. Essa doutrina ainda hoje conta com adeptos, mas não muitos;

- Ênfase Pós-Milenista → trata-se uma linha interpretativa que admite que o milênio seja, basicamente, um reinado do Cristianismo e não de Cristo. Esse reinado, não necessariamente de 1000 anos literais, dar-se-ia pelo triunfo do Evangelho de Jesus Cristo sobre as principais religiões da Terra (Islamismo, Budismo, Hinduísmo etc.), com as nações se convertendo em massa a Jesus. A volta de Cristo dar-se-ia após a vitória do Cristianismo nos termos citados acima.

A primeira formulação consistente dessa teoria foi apresentada por Daniel Whitby (1638-1726) /71/. O Anticristo seria a Igreja Romana, que seria destruída antes da volta de Cristo, O qual encontraria, então, uma Igreja mundial bíblica. O avivamento metodista do século 18 teria dado grande impulso às ideias de Whitby, de modo que grandes teólogos da época, como Matthew Henry, tê-la-iam abraçado.

Essa doutrina atingiu o seu auge de popularidade no início do século XX, quando começou a ser minada pelo materialismo, que veio junto com a era da industrialização. O avanço do Islã e outras religiões não-cristãs, aliado a um acentuado declínio dos princípios morais no mundo inteiro, indicam um cenário bem mais próximo daquele

descrito pelo próprio Jesus, que se referiu a um caminho largo para a perdição, trilhado pela maioria das pessoas, e outro estreito no qual andam poucos, e que conduz à vida (*Mateus 7:13-14*). Por volta do meio do século XX, contudo, já havia sido abandonada (/71/, pág. 130). Pode-se dizer que essa linha interpretativa tem hoje muito poucos adeptos;

É fácil ver que com cinco visões distintas para a interpretação do texto apocalíptico, quatro opções em relação ao arrebatamento e três ênfases quanto ao Milênio e considerando, ainda, as possíveis combinações destas alternativas, é absolutamente necessário limitar a abrangência do estudo que pretendemos empreender.

A esmagadora maioria dos teólogos entende que a interpretação correta está associada à Visão Futurista e se inclinam para o Pré-Milenismo no que diz respeito à Volta de Jesus Cristo, mas cabe reconhecer que os historicistas existem em número representativo, bem como aqueles que creem na possibilidade de que muitos eventos terão duplo cumprimento: um passado, ao longo da História da Igreja, e outro futuro.

No tocante ao arrebatamento, contudo, o século XX assistiu a um forte surgimento de denominações pentecostais, que são quase unanimemente pré-tribulacionistas (não poucos dos quais admitem que o arrebatamento será privilégio apenas dos membros fieis da Igreja), enquanto as denominações tradicionais são mais propensas ao pós-tribulacionismo. Seja como for, a interpretação bíblica é bem menos uniforme, sem falar da minoria que defende um arrebatamento meso-tribulacionista.

Em vista do acima exposto, a visão principal desse estudo será futurista, admitindo um retorno pré-milenar do Senhor Jesus Cristo, mas serão avaliadas as hipóteses pré, meso e pós-tribulacionistas para o arrebatamento. A ideia de um arrebatamento preliminar, apenas para crentes fieis, associa salvação a obras e não pode ser levada a sério no contexto bíblico, na opinião deste autor, pelo que não será considerada.

O estudo em apreço fará referência a profecias apocalípticas em outros livros bíblicos que não o Apocalipse, que servirão, então, de base para uma exegese mais tradicional versículo a versículo do livro de Apocalipse de João.

João inicia o livro deixando claro que se trata de uma revelação de Deus Pai, feita na figura do Senhor Jesus Cristo, usando, para tanto, o Seu anjo. A revelação em apreço versa sobre as coisas que em breve devem acontecer, que João atesta ter transcrito fielmente, sendo bem-aventurado todo aquele que as ouvir e guardar, tendo em vista a exiguidade do tempo (*Apocalipse 1:1-3*). João está escrevendo para sete igrejas e espera que esta sua carta seja lida em público (são os que ouvem), de modo que as exortações de Deus sejam para o seu benefício (bem-aventurança), na medida em que forem guardadas.

A carta de João é endereçada a sete igrejas que se encontram na Ásia, não havendo nenhum motivo especial para se supor que se trate de sete eras da Igreja, ao invés de

igrejas físicas reais, conforme defendido por muitos autores (/67/, pág. 45). O fato de João não começar a divulgação de sua visão por sete igrejas maiores e mais conhecidas está longe de ser um argumento convincente para defender a teoria de que se trata de sete igrejas representativas de tempos distintos.

João as saúda com seu desejo de graça e paz da parte dAquele que era, que é e que há de vir (o Pai), da parte dos sete espíritos que se acham diante de Seu trono (a plenitude do Espírito Santo - comparar com *Isaías 11:2*) e da parte de Jesus Cristo, apontado como a Fiel Testemunha, o Primogênito entre os mortos e o Soberano dos reis da Terra (*Apocalipse 1:4-5*). Resumindo, sua saudação às igrejas é feita em nome do Pai, do Espírito e do Filho e irrompe a seguir num louvor a Jesus, que pelo Seu próprio sangue nos constituiu como reis e sacerdotes de Deus Pai (*Apocalipse 1:5-6*).

João confirma, a seguir, o tema do livro, ao falar da vinda de Jesus, que todos hão de testemunhar, incluindo aqueles que O traspassaram (uma referência a Israel) e O rejeitaram e que agora hão de lamentar-se.

A primeira visão de João começa com ele se identificando como companheiro nas tribulações daqueles a quem escreve, visto estar ele exilado na ilha de Patmos por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.

De repente ele tem um arrebatamento de sentidos, onde não fica claro se ele é transportado no tempo para o grande e terrível Dia do Senhor, ou se o Dia do Senhor ao qual se refere apenas indica que essa visão se passa num domingo. Seja como for, ele ouve uma voz potente, como que de trombetas atrás de si, mandando que ele escreva às igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. No instante em que ele se volta para ver de que se trata, depara-se com sete candeeiros e no meio deles ele vê o Cristo glorificado com sete estrelas na mão direita.

João tem reação semelhante à de Daniel e de Ezequiel, caindo sem forças ao chão, mas é igualmente levantado, sendo, então, informado de que Aquele que ele agora via, sob forma mui gloriosa, é Jesus, com Quem convivera por três anos aqui na Terra. É explicado a ele, ainda, que as sete estrelas que se achavam em Sua mão direita eram os anjos das sete igrejas, enquanto os candeeiros seriam as próprias igrejas.

Conquanto não haja qualquer dúvida em relação aos candeeiros, a parte referente aos anjos apresenta alguma dificuldade. Alguns sustentam que os anjos seriam os pastores de cada uma das igrejas. Embora não pareça haver uma explicação melhor, devemos reconhecer que a Bíblia não tem qualquer outro texto em que pastores sejam associados a anjos.

A forma como João se dirige às igrejas nos dá a entender que ele conhece pessoalmente as pessoas a quem escreve. Talvez possamos até inferir que estas sejam as sete igrejas com as quais ele trabalhava à época, mas a forma geral como ele diz sempre “quem tem

ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas”, nos mostra claramente que as mensagens são dirigidas não só àquelas igrejas, mas a quantos as ouvem.

Apocalipse 2

Carta à Igreja em Éfeso

Éfeso (ver figura 99-1 acima) era a cidade mais importante da Ásia à época, visto que através de seu porto escoava a maior parte do comércio da região. Do ponto de vista religioso pagão ela era igualmente importante, pois abrigava o famoso templo da deusa Diana (*Atos 19.35*), uma das maravilhas do mundo antigo. A comunidade cristã se desenvolvera ali, aparentemente por um trabalho iniciado por Áquila e Priscila, que tinham vindo de Corinto junto com Paulo (*Atos 18.18-19*). Graças também ao trabalho de Paulo, que depois retornou e permaneceu ali por 3 anos (*Atos 20.31*), a igreja de Éfeso se tornou a mais importante da Ásia, de onde partia a evangelização de toda a região. Esse trabalho teve continuação sob a orientação de Timóteo, enviado ali por Paulo para substituí-lo (*1 Timóteo 1.3*). A tradição sustenta que João se estabeleceu ali após a morte de Paulo, de modo que esta carta estaria sendo escrita à sua própria igreja local.

A carta é dirigida ao anjo da igreja de Éfeso e vem acompanhada de uma declaração de que se trata de palavras de Jesus. Ele começa dizendo que conhece as obras, o labor e a perseverança da igreja, elogiando-a no que diz respeito à forma como põe à prova e rejeita os maus obreiros, que se chegam a ela com doutrinas heréticas. Ele a elogia, ainda, no tocante às provas a que tem resistido pelo Seu nome, sem se deixar esmorecer.

Ficamos sabendo, com base no acima exposto, que a igreja de Éfeso era madura, no que diz respeito a distorções doutrinárias que surgiam em profusão à época. Satanás sempre fez, e continua pródigo em tentar fazer, desviar os crentes da sã doutrina, mas a igreja de Éfeso, doutrinada pelo próprio apóstolo Paulo, aprendera a questionar as heresias que surgiam; dentre estas, a própria carta cita a doutrina dos nicolaítas.

Não era, portanto, por falta de conhecimento e permanência na Palavra de Deus, que a igreja de Éfeso passou a ser repreendida a seguir: “*Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor*” (*Apocalipse 2.4-5*). A igreja de Éfeso fora ensinada a amar a Deus sobre todas as coisas, mas talvez o formalismo ou o excessivo zelo doutrinário tivessem arrefecido o seu amor pelo Senhor e uns pelos outros, fazendo com que outras prioridades se impusessem ao Senhor.

Mesmo que nós sejamos doutrinariamente sadios, ainda assim Jesus pode ser obrigado a rejeitar o nosso culto (*Apocalipse 2.6*), devido à falta de amor com que o oferecemos. As obras realizadas com a melhor das intenções, mas feitas sem amor, são de nenhum

proveito (*I Coríntios 13.1-3*). Deus preparou obras para que andássemos nelas (*Efésios 2.10*) e são justamente essas que devem ser realizadas em amor.

“*Quem tiver ouvidos que ouça o que o Espírito diz às igrejas! Quem der ouvidos e vencer terá direito ao alimento da árvore da vida, que se encontra no paraíso de Deus*” (*Apocalipse 2.7*). Uma exortação como esta, sempre acompanhada de uma promessa para quem a ouve, se faz presente em todas as sete cartas.

Carta à Igreja em Esmirna

Esmirna era uma cidade fundada por Alexandre Magno, que ficava 55km ao norte de Éfeso (ver figura 99-1) e, como esta, também se tornara próspera devido ao seu comércio marítimo, a ponto de disputar com ela a hegemonia da região. É provável que a igreja local tenha sido organizada pela ação missionária da igreja de Éfeso e possivelmente durante o período em que Paulo ali estivera.

As informações que temos desta igreja, contudo, não são por causa de seus organizadores, nem pelos missionários que por ali passaram e, sim, por causa da crueldade da perseguição realizada aos cristãos daquela localidade. Somos informados num livro intitulado “O Martírio de Policarpo”, que este Policarpo, pastor da igreja local, foi morto em execução pública, devido a uma incitação das autoridades romanas pelos judeus desta cidade, por se ter recusado a negar a Jesus e prestar adoração a Cesar. Há, ainda, informações a respeito de duas mortandades, realizadas por meio de execução pública, na qual teriam perecido, respectivamente, 1.500 e 800 fiéis nesta localidade.

A esta congregação, que escolheu ser pobre, espoliada de seus bens, e que amou mais a Jesus do que a própria vida, Ele diz que conhece a sua tribulação e que eles, na verdade, são ricos (*Apocalipse 2.8-9*). Jesus, Aquele que foi morto, mas vive, os exorta a serem fiéis até a morte, para receberem, com certeza, a coroa da vida (*Apocalipse 2.10*).

O vencedor, continua Ele, não sofrerá o dano da segunda morte (*Apocalipse 2.11*). É interessante ver que aquele que nasce duas vezes morre uma, ao passo que aquele que nasce apenas uma, morre duas. O nascimento espiritual e a morte eterna de mesma natureza são eventos mutuamente exclusivos na vida do homem.

Ser crente de modo algum garante uma vida de sucesso financeiro e ausência de perseguição por amor a Cristo. O evangelho da prosperidade e do bem-estar social são uma negação da carta de Cristo à igreja de Esmirna. Ninguém é obrigado a perder a sua vida por amor de Jesus, mas somente aqueles que estão dispostos a cedê-la fazem jus à vida eterna (*João 12.25*).

Carta à Igreja em Pérgamo

Pérgamo ficava 85km a norte de Esmirna (ver figura 99-1), sendo menos importante que as anteriores do ponto de vista comercial, apesar de ser a mais antiga das três. Pertencera ao antigo Império Persa, fora parte do Império Macedônio, tivera um período de independência como capital do Império Pérgamo, mas a essa altura já pertencia a Roma desde o ano 133aC, quando foi deixada em testamento para os romanos pelo seu último rei, Átalo III.

Embora não tivesse grande importância comercial, o mesmo não era verdade em relação à religiosidade pagã do local, visto tratar-se do centro de adoração de várias divindades. Havia, em decorrência disso, uma forte pressão sobre os cristãos para que estes fossem participantes da adoração oficial.

A carta, enviada por Aquele que tem a espada afiada de dois gumes, reconhece que, não obstante habitarem numa cidade tão iníqua (onde está o trono de Satanás), eles não haviam negado a fé, nem o nome de Jesus, mesmo em face ao martírio de um deles de nome Antipas (*Apocalipse 2.12-13*). Ele afirmou ter, contudo, contra eles, o fato de haver alguns dentre eles que apoiavam a permissividade da doutrina de Balaão. Nesse caso estaria sendo tolerada a participação no culto pagão e possivelmente nos atos sexuais promíscuos que eram praticados neste. Não está claro se a doutrina dos nicolaítas seria o nome dessa doutrina de Balaão ou se seria um outro desvio doutrinário (*Apocalipse 2.14-15*).

O problema de Pérgamo tem paralelos graves nas igrejas de nossos dias, na medida em que seus membros continuam a professar o nome de Jesus, mas vão cedendo à mundanização em seu viver diário.

Como sempre, a solução para o pecado é o arrependimento que, obviamente, pressupõe uma atitude de renúncia a ele. Para aqueles que assim procederem, está previsto comerem do maná escondido, aparentemente uma forma de dizer que continuarão a receber o necessário alimento espiritual, e receberão pedras brancas sobre as quais há um nome novo. Pedras brancas eram usadas, à época, como bilhete de entrada para eventos especiais. Se for esta a idéia, então as pedrinhas garantiriam a entrada para a festa das bodas do Cordeiro. O apelo ao arrependimento continua tão aplicável às nossas igrejas de hoje, quanto o era à igreja de Pérgamo.

Carta à Igreja em Tiatira

A cidade de Tiatira não era importante nem do ponto de vista comercial, nem religioso. A única coisa que florescia naquela localidade eram as corporações de venda de púrpura (a vendedora de púrpura, Lídia, mencionada em *Atos 16.14*, vinha desta cidade). Sua localização era cerca de 55km a sudeste de Pérgamo (ver figura 99-1).

A igreja de Tiatira recebeu a carta mais extensa com palavras ditas por Aquele que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido. Como nas anteriores, Ele começa elogiando os pontos positivos da igreja, quais sejam: o amor, a

fé, o serviço prestado, a perseverança e o crescimento das obras realizadas (*Apocalipse 2.18-19*). Estava longe, portanto, de ser uma igreja estagnada.

Entendemos pelo texto que havia na igreja uma mulher, de nome Jezabel, que se autodenominara profetisa, e que praticava e ensinava a licenciosidade ocorrida em reuniões promovidas pelas corporações de púrpura (*Apocalipse 2.20*). Embora alguns teólogos defendam o fato de Jezabel não ser aqui uma pessoa e, sim, uma tendência doutrinária, os detalhes a seu respeito parecem qualificá-la muito bem como membro da igreja local.

Somos informados de que ela já fora advertida em outra ocasião, talvez pelo próprio apóstolo João, e que não se havia arrependido de sua prostituição, motivo pelo qual seriam afligidos ela e seus seguidores (*Apocalipse 2.21-23*).

Mais uma vez vemos o mundanismo entrando em uma das igrejas da Ásia e, de igual forma, somos alertados para o perigo de que o mesmo possa ocorrer com as igrejas de nossos dias. Nunca a liberdade sexual foi tão propalada e a nudez tão endeusada como o é em nossos dias. A nós cabe zelar para que tais conceitos não adentrem as nossas portas.

Aos demais, contudo, que não participavam das obras da profetisa, Jesus exortou tão somente que permanecessem fiéis, prometendo-lhes autoridade sobre as nações, quando da instituição do Seu reino, ocasião na qual brilharão como a estrela da manhã.

Apocalipse 3

Carta à Igreja em Sardes

Sardes ficava cerca de 65km a sudeste de Esmirna (ver figura 99-1) e vivia, basicamente, do esplendor de seu passado. Ela fora a capital do reino da Lídia e tivera, mais tarde, importância estratégica para o governo persa. Em tempos neotestamentários, contudo, tornara-se um lugar obscuro, conhecido apenas por estar na confluência de algumas estradas romanas e por ser um centro industrial de produtos de lã e tinturaria. Embora a cidade fosse sede do templo da deusa Cibele e promovesse com fervor o culto ao imperador de Roma, não consta que houvesse qualquer perseguição gentílica ou judaica à igreja cristã local.

Em meio a esse cenário de paz e sossego, Aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas não apresenta para esta igreja qualquer palavra introdutória de elogio, a exemplo do que fizera para as quatro primeiras. Ele começa dizendo que conhece suas obras e que estas, no fundo, não passam de obras de fachada. O comportamento dos membros de Sardes dá, aos de fora, a impressão que se trata de uma igreja viva, mas que no fundo pratica uma religião formal, que o próprio Senhor Jesus Cristo diz ser morta (*Apocalipse 3.1*).

Eles estavam praticando uma religião nominal, tal como faz a vasta maioria das pessoas, ligadas aos mais diversos credos, e que visa apenas aplacar a ira de Deus sobre o seu procedimento, sabidamente iníquo. Não é de admirar que a igreja não sofresse qualquer perseguição de judeus, gregos ou romanos, porque ela já estava morta. Satanás sequer precisava se preocupar com ela. Quantas igrejas, mesmo dentre as evangélicas, não são assim também nos dias de hoje? Oferecem um culto litúrgico com aparência de grande religiosidade, organizam e praticam obras de assistência social, mas para Deus, que vê o coração, tudo é morto.

A saudação do Senhor parece, contudo, estar intimamente ligada às deficiências que Ele aponta na igreja de Sardes. Ele, Aquele que detém a plenitude do Espírito (*João 3.34*) e que zela pelas igrejas, está apto para dar a vida que flui pelo Espírito de Deus e ao mesmo tempo prover para que a igreja ande nas verdadeiras obras de Deus (*Efésios 2.10*).

Sua recomendação em *Apocalipse 3.2-3* mostra que nem tudo está perdido. Há um resto, prestes a morrer, que, não obstante praticar obras, que Jesus diz não serem íntegras diante de Deus, poderia ainda ser despertado e fortalecido. Para estes bastaria que se lembrassem daquilo que haviam recebido e ouvido quando creram, reconhecer onde haviam caído e, mediante arrependimento, rejeitar o pecado em relação ao qual haviam se tornado tolerantes. O verdadeiro arrependimento é movido por um ato de fé que vem mediante o ouvir, e ouvir a Palavra de Deus (*Romanos 10.17*). Era necessário, portanto, que tomassem a Palavra que haviam ouvido e a aplicassem aos seus corações. A persistência no erro teria como contrapartida o fato de serem surpreendidos com a Sua vinda, na qual teriam destino similar ao das cinco virgens, que o Novo Testamento chama de néscias, por não estarem vigilantes quando da chegada do noivo (*Mateus 25.1-13*).

Jesus reconheceu, contudo, que havia ainda alguns crentes em Sardes que não haviam sujado as suas vestes, ou seja, a embriaguez espiritual daqueles que achavam que podiam servir a Jesus e participar da luxúria de Sardes não havia contaminado a todos. Havia alguns cujas vestes estavam ainda brancas, por viverem uma vida santa diante de Deus.

Para os que assim se mantivessem, bem como àqueles que se arrependessem da situação em que se encontravam, Jesus prometeu a permanência de seus nomes no livro da vida e o Seu desejo de confessar seus nomes diante do Pai (*Apocalipse 3.4-5*). Ele aqui repete, assim, a promessa que havia feito a Seus discípulos (*Mateus 10.32*).

Carta à Igreja em Filadélfia

Filadélfia ficava cerca de 120km a leste de Esmirna (ver figura 99-1). Trata-se de uma cidade pequena e pobre fundada pelo rei de Pérgamo, cujo apelido era Filadelfo. O nome da cidade significava amor fraterno e nela ficava o templo do deus Dionísio.

O texto desta carta deixa transparecer que a igreja de Filadélfia era pequena, mas a exemplo do que já ocorrera na carta a Esmirna, não vemos aqui senão elogios e palavras de incentivo, dando a entender que se tratava de uma igreja fiel.

Jesus Se identifica como Aquele que tem a chave de Davi, que abre e ninguém fecha e não pode ser aberto quando fechado (*Apocalipse 3.7*). Trata-se aqui de uma referência Àquele que herdou a autoridade do trono de Davi, o Messias davídico. Ele é o Rei dos reis. Só Ele tem as chaves da morte e do inferno (*Apocalipse 1.18*).

A seguir Ele afirma que conhece as suas obras (*Apocalipse 3.8*), que, não obstante a sua pequena força, eles haviam guardado a Sua palavra e não haviam negado o Seu Nome. Justamente pela sua fidelidade, Ele agora lhes concede uma porta aberta para que possam abençoar a outros. Trata-se, sem dúvida, de uma oportunidade de serviço, que ninguém impediria.

É muito interessante vermos que a fidelidade no Reino de Deus é recompensada com maiores oportunidades de servir. Claro! Nada alegra mais o coração do servo de Deus do que saber que se encontra no centro de Sua vontade, realizando as obras que Ele preparou para que nelas andássemos (*Efésios 2.10*).

Em *Apocalipse 3.9* Jesus novamente Se refere aos judeus da sinagoga de Satanás como falsos judeus. A inferência óbvia é a de que o verdadeiro judeu não é o da circuncisão da carne e, sim, do coração (*Romanos 2.28-29*). Assim, o verdadeiro judeu é o crente nascido do Espírito, membro de uma igreja, ironicamente de maioria gentílica. O fato dEle prometer que eles virão prostrar-se a Seus pés é uma provável referência à conversão futura da nação judaica. Por enquanto os verdadeiros ramos haviam sido arrancados da boa oliveira e enxertados nela os gentios, oliveiras bravas (*Romanos 11.17*), mas dias virão em que os verdadeiros ramos voltarão a ser implantados (*Romanos 11.23-26*).

Em *Apocalipse 3.10* é prometido à igreja de Filadélfia que a sua perseverança seria recompensada com a proteção do Senhor no momento em que chegasse a hora da provação. Não é verdade que a vida com Cristo seja apenas um mar de rosas. Neste mundo tereis aflições, disse Jesus (*João 16.33*), mas porque Ele está conosco, venceremos como Ele também o fez. Convém ressaltar, contudo, que os pré-tribulacionistas veem neste versículo uma das provas de que a Igreja não passará pela grande tribulação (*/71/, pág. 49*).

Ao vencedor é feita a promessa de vir a ser coluna no templo de Deus Pai (*Apocalipse 3.12*). Mais uma vez Ele assegura, de maneira figurada, a participação dos vencedores no reino de Deus. Nesta coluna estará o selo de posse, qual seja o nome do nosso Deus, o lugar de nossa habitação perene: a nova Jerusalém e o nome dAquele que nos resgatou.

Carta à Igreja em Laodicéia

Laodicéia, cerca de 140km a leste de Éfeso (ver figura 99-1), ficava no entroncamento de três importantes estradas romanas, o que fez com que a cidade se tornasse um destacado centro comercial. A cidade era famosa por seus belos tecidos de lã e pelos produtos medicinais que fabricava, notadamente o pó frígio, utilizado para produzir colírio. Era uma cidade muito rica à época em que a carta de João foi escrita, tanto que, havendo sido totalmente arrasada por um terremoto cerca de 15 anos antes, fora completamente reconstruída com recursos próprios.

Embora não haja registro da passagem de Paulo por esta cidade, somos informados, em *Colossenses 4.17*, que ele escreveu uma carta aos laodicenses, que infelizmente se perdeu.

Assim como a cidade, tudo indica que os membros da igreja local também gozavam de excelente situação financeira, pelo que, materialmente falando, poder-se-ia dizer que se tratava de uma igreja rica. A exemplo do que acontecia em Sardes, não havia em Laodicéia qualquer tipo de perseguição, o que por si só já denota que ela não se constituía em ameaça ao reino de Satanás.

Jesus Se apresenta ao anjo da igreja de Laodicéia como o Amém, a testemunha fiel e verdadeira e o princípio de toda a criação de Deus (*Apocalipse 1.14*). Mais uma vez vemos que a saudação de Jesus é no sentido de mostrar a Sua suficiência para resolver o problema de torpor espiritual no qual viviam. Ele é o sim, Aquele que cumpre Suas promessas e que, tendo criado todas as coisas, não terá qualquer dificuldade para recriá-las.

Em *Apocalipse 3.15-17* Jesus diz, então, qual o problema da igreja: trata-se, a exemplo de Sardes, de sua conformação ao modo de viver do mundo. A única diferença é que Sardes tinha ainda uns poucos que não haviam sujado as suas vestes, ao passo que em Laodicéia a contaminação era total. Eles viviam numa situação que Jesus define como sendo morna, ou seja, nem quente nem fria, a qual Ele diz ser para Deus abominável, motivo pelo qual estariam prestes a ser vomitados. Sua declaração mostra bem o que Deus pensa a respeito de crentes que querem estar na igreja, vivendo, ao mesmo tempo, uma vida que pouco difere do mundo à sua volta: Ele não os tolera. Olhando para a sua situação financeira, eles se achavam ricos, abastados e suficientes, ao passo que Jesus lhes diz serem espiritualmente pobres, necessitados e cegos.

Laodicéia é considerada, para os teólogos que associam épocas a cada uma dessas igrejas, como a igreja de nossos dias. Embora as cartas tenham sido enviadas a igrejas verdadeiras e haver pouco motivo para se crer de forma diferente disso, ainda assim, devemos reconhecer que a igreja de Laodicéia tem toda a semelhança com a vasta maioria das igrejas de nossos dias. Na medida em que os bens do mundo passam a ser encarados como a confirmação de que Deus está satisfeito com o “status” espiritual de Seus filhos, um dos corolários do chamado ‘evangelho da prosperidade’, reconhecemos ser este um mal que já assolava Laodicéia. Eles se encontravam espiritualmente cegos e impossibilitados de ver o estado de miséria espiritual ao qual haviam descido.

Não obstante a condenação iminente, Jesus ainda apela ao arrependimento e apresenta a solução do problema no versículo 18: era preciso que adquirissem dEle (sem dinheiro - *Isaías 55.1*) o verdadeiro ouro refinado para suprir a sua pobreza, vestiduras brancas para cobrir a sua nudez e o verdadeiro colírio para que pudessem voltar a ver no mundo espiritual.

Apocalipse 3.18-19 mostra o amor e o cuidado de Jesus para com a Sua igreja, não obstante ter chegado à triste condição em que se encontrava a Laodicéia de então e se encontra a Laodicéia de nossos dias. Ele repreende e disciplina a quantos ama. Para evitar a necessidade de tal disciplina, era preciso que eles reencontrassem o zelo, como consequência de um sincero arrependimento. Ele apela continuamente na medida em que bate na porta de nossa nova consciência no Espírito Santo, esperando que a abramos para que Ele possa ceiar conosco, num verdadeiro relacionamento de comunhão. Ao vencedor, aquele que aceitar o convite ao arrependimento, independente do quanto tenha descido, é dado reinar com Ele, assentando-se com Ele no trono. Glória!

Apocalipse 4

Dando continuidade ao texto de Apocalipse, João se limita a dizer “depois destas coisas” e passa a descrever uma nova visão, na qual não mais o Cristo vem a ele, mas é ele que se vê transportado ao céu, onde vê o trono de Deus e Ihe são mostrados a abertura de sete selos, o tocar de sete trombetas e a ocorrência de sete flagelos. Trata-se de uma visão que abrange os capítulos de 4 a 16, ou seja, a quase totalidade do livro.

O estudo do livro se torna agora muito mais figurado e as divergências de opinião e interpretação se tornam muito mais acentuadas. Lembramos que a nossa posição será a de ressaltar as principais correntes de interpretação futuristas, mas sem a preocupação de “bater o martelo” em alguma específica.

Esta nova visão de João principia com ele se dizendo convidado a subir ao céu, onde Ihe serão mostradas as coisas que hão de vir (*Apocalipse 4.1*). Imediatamente, então, ele se vê arrebatado, em espírito, para a sala do trono, na qual se acha assentado o Deus Todo-Poderoso, mas que João tem dificuldade de ver, tendo em vista o resplendor do brilho de Sua presença (*Apocalipse 4.2-3*).

Há quem veja nesse arrebatamento de João uma figura do arrebatamento da Igreja, mas, infelizmente, não há base para uma inferência dessa natureza, pelo que citamos tal paralelo aqui apenas como especulação possível. Trata-se, aparentemente, de tentar arranjar uma citação bíblica que confirme o arrebatamento antes de ter início o período de tribulação (*/72/, pág. 284*).

Ao redor do trono principal João vê, ainda, 24 outros tronos, nos quais se encontram assentados anciãos vestidos de branco e com uma coroa na cabeça, mas sua atenção se desvia imediatamente deles para relâmpagos, vozes e trovões que vêm do trono

central. Ele percebe, então, ali, a presença de sete tochas de fogo, que representam a plenitude do Espírito Santo (*Apocalipse 4.4-5*). João vê, ainda, na frente do trono, um mar de vidro, como que de cristal e quatro seres cheios de olhos, com cabeças de leão, novilho, homem e águia, respectivamente, junto ao trono (*Apocalipse 4.6-8a*).

As explicações e interpretações para os anciãos, para o mar de vidro e para os quatro seres são as mais diversas. Alguns acham que os anciãos representam a plenitude dos salvos no Velho e no Novo Testamento (seriam doze pelas tribos de Israel e doze pelos apóstolos). Outros veem o número de 24 como equivalente aos vinte e quatro turnos sacerdotais preconizados por Davi para o serviço do templo (*I Crônicas 24*), pelo que seriam representativos do louvor a ser prestado pela Igreja. Vamos nos limitar aqui a identificá-los como seres celestiais, que não parecem pertencer à comunidade dos remidos, visto que em *Apocalipse 14.3* os encontramos novamente ouvindo o cântico da Igreja, que não puderam aprender.

O mar de vidro lembra aquele construído por Salomão (*I Reis 7.23-26*), cuja finalidade não é clara; portanto, de igual maneira, não cabe especular sobre o simbolismo deste. Digamos apenas que tornava mais majestosa a visão de João do trono e daquele que sobre ele se assentava.

Quanto aos quatro seres, muito se assemelham àqueles vistos pelo profeta Ezequiel em *Ezequiel 1.10 e 10.14*, sendo identificados como querubins no segundo texto. Assim, tudo indica que aqui também o sejam.

O ponto alto deste texto é, sem dúvida, o canto contínuo dos quatro seres viventes, proclamando ser Santo, Santo, Santo o Deus Todo-Poderoso que é, que era e que há de vir, ensejando os vinte e quatro anciãos a tirarem as suas coroas, colocando-as diante do trono à medida que proclamam ser Ele digno de receber a glória, a honra e o poder, por ter criado todas as coisas (*Apocalipse 4.8b-11*). Cabe ressaltar que é, no mínimo, coerente que o Deus Trino seja saudado com o adjetivo “SANTO” três vezes.

Apocalipse 5

Preparação Para A Abertura dos Sete Selos

Descrito o ambiente do trono e suas adjacências, a atenção de João se volta para um livro, em forma de rolo, que viu na mão direita de Deus, que estava escrito por dentro e por fora e que tinha o seu conteúdo selado por sete selos (*Apocalipse 5.1*). As perguntas que precisamos nos fazer são: que livro é este e qual o seu conteúdo? Na verdade, a carta de João não nos fala explicitamente sobre o livro e seu conteúdo, mas como João foi chamado para ouvir a respeito das coisas que deveriam acontecer, fica subentendido que o livro em questão contém a revelação de coisas que irão suceder. Curiosamente, os sete selos são abertos e não se fala mais do livro; portanto, devemos concluir, por lógica imediata, que as sete taças e os sete flagelos, narrados nos capítulos

subsequentes, formam o seu conteúdo supracitado. Assim sendo, o Deus que rege a história da humanidade detém todo o poder e mantém em Sua mão direita os destinos do fim.

Quando a expectativa de João era que se começasse a abrir o livro, para que a informação nele contida pudesse se tornar pública, surgiu um imprevisto, qual seja: não ter sido achado ninguém que fosse digno de abrir os selos ou nem mesmo de olhar para dentro do livro, motivo pelo qual o apóstolo muito se entristeceu, a ponto de chorar copiosamente (*Apocalipse 5.2-4*). Obviamente a tristeza de João estava relacionado ao fato de ver retardado o cumprimento das promessas relativas ao livramento de Deus para o Seu povo, mas também reflete a atitude típica do homem, que se esquece que Deus tem uma única solução para todos os males desta vida: **a Cruz!**

Exatamente nesta situação, um dos anciãos se virou para ele e o consolou, dizendo que não chorasse, pois o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, havia vencido e estava apto para abrir o livro e os seus sete selos. Trata-se do uso de figuras ou nomes oriundos de duas profecias bíblicas distintas: uma de Jacó para o seu filho Judá (*Gênesis 49.8-12*) e outra do profeta Isaías, dissertando a respeito do Messias (*Isaías 11.1-10*). Não haveria abertura de selos, nem tampouco haveria esperança para o destino dos homens, se não fosse pela vitória retumbante de Jesus sobre o pecado.

Neste instante João se vira para ver o Leão da tribo de Judá, mas ao invés disso o que ele vê é um Cordeiro, que trazia sobre Si os sinais de que fora traspassado e morto, no entanto estava vivo (*Apocalipse 5.6*).

Essa figura expressa bem a dualidade do Messias, motivo pelo qual Jesus havia sido rejeitado pelos judeus. Não lhes fora possível conciliar a imagem de um Messias vencedor “Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”, cujo reino seria sem fim (*Isaías 9.6-7*), com o Servo Sofredor, no qual não víamos qualquer beleza que nos agradasse e que acabaria tomando sobre Si as nossas iniquidades, sendo levado para o matadouro sem abrir a boca (*Isaías 53.2, 6-7*). Mas foi exatamente o fato de Ele Se ter humilhado, tomando a forma de homem e aceitando a maldição da cruz, o trunfo que O qualificou, tornando-O agora digno de abrir os selos. Foi na obediência e na humildade que Ele conseguiu a Sua grande vitória sobre o pecado e a morte. Como vitorioso, recebeu toda a autoridade (denotada no texto pelos sete chifres) e a onisciência (tipificada pelos sete olhos).

Na condição de qualificado, o Cordeiro Se dirige para o trono e toma o livro que se encontrava na mão direita do Pai (*Apocalipse 5.7*). Neste mesmo instante os céus irrompem em louvor e adoração, que principia pelos quatro seres que estão no trono e contagia os anciãos, visto que todos prostrados entoam um novo cântico, exaltando o Cordeiro por ter comprado com Seu sangue, para Deus, aqueles que procedem de toda tribo, língua, povo e nação, permitindo que fossem constituídos reino de sacerdotes para reinarem sobre a terra (*Apocalipse 5.8-10*).

João percebe, então, uma verdadeira miríade de anjos em volta do trono, que proclama ser digno o Cordeiro que foi morto de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a força, a honra, a glória e o louvor. Finalmente se juntam a estes seres celestiais também aqueles que há sobre a Terra para cantar Àquele que está sobre o trono (Deus Pai) e ao Cordeiro (Deus Filho), o louvor e a honra e a glória e o domínio pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 5.11-14*).

Apocalipse 6

A Abertura dos Seis Primeiros Selos

A abertura do 1º selo é acompanhada pela voz de um dos quatro seres, que diz: “Vem!”, aparentemente convidando um primeiro cavaleiro com um arco, sentado sobre um cavalo branco, a dar início a suas atividades. O texto diz que lhe foi dada uma coroa e que ele saiu vencendo e para vencer (*Apocalipse 6.1-2*). A dificuldade de interpretação do significado deste cavaleiro está associada à sua cor e ao fato de não ser razoável dissociá-lo dos outros três seguintes. Veremos adiante que os outros três são facilmente relacionados a períodos de guerra (vermelho), fome (preto) e pestes (amarelo), respectivamente. O branco, contudo, é normalmente uma cor que é associada à pureza. A roupa dos santos, por exemplo, é branca (*Apocalipse 3.4-5 e 18*), os vinte e quatro anciãos também se vestem de branco (*Apocalipse 4.4*), os que vencerem receberão uma pedra branca (*Apocalipse 2.17*) etc. Assim, a tendência de muitos autores apocalípticos é de associar o primeiro cavaleiro a Cristo ou a alguma coisa positiva no reino do espírito. Outros, contudo, insistem que, por uma questão de coerência, deve ser algo negativo; logo, a cor branca representaria o Anticristo, que se faz passar por Cristo.

A hipótese desse cavaleiro ser o Cristo, numa antevisão do mesmo cavaleiro que surge em *Apocalipse 19.11-16*, parece prejudicada pelo fato de ser o Cristo quem está abrindo os selos. Outra alternativa, bastante razoável, seria o fato deste cavaleiro representar a pregação do Evangelho em toda a terra, pois isso foi previsto por Jesus em *Mateus 24.14* como condição para que venha o fim. O arco como arma, contudo, parece dificultar um pouco esta hipótese. A possibilidade de ser alguém que se faça passar pelo Cristo (o Anticristo), preenchendo, assim, outra previsão de Jesus, fornecida em *Mateus 24.5*, parece, portanto, ser a hipótese mais atraente e, também, a mais coerente com o efeito negativo dos demais cavaleiros.

Na abertura do 2º selo vemos repetido o convite, por parte do segundo ser vivente, para que venha o segundo cavaleiro. Este cavalga, desta feita, um cavalo vermelho e tem na mão uma grande espada, com a qual deve tirar a paz da terra e fazer com que os homens se matem uns aos outros, ou seja, deve promover a guerra (*Apocalipse 6.3-4*).

Admitindo que o primeiro cavaleiro retrate o Anticristo, previsto por Jesus em *Mateus 24.4-5*, teremos na sequência o segundo alerta dEle para o período do princípio das dores, qual seja o surgimento de guerras e rumores de guerra (*Mateus 24.6-7a* com

paralelos em *Marcos 13.7-8a* e *Lucas 21.9-10*). Este segundo cavaleiro preenche bem este papel.

Convém notar que à época de João não havia guerras e nem tampouco rumores delas porque o poderoso exército romano, composto de suas muitas legiões, havia imposto uma paz pela força, que se estendia por toda a região do Mediterrâneo. Com o enfraquecimento de Roma vieram as guerras, que nunca foram tantas e tão abrangentes quanto o foram no século XX. Assistimos a duas guerras mundiais e inúmeras outras menos abrangentes, com os homens se matando uns aos outros em cifras que ultrapassam a casa dos 100 milhões de mortos apenas no século XX. Não há qualquer dúvida de que a aproximação do princípio das dores é atestada através deste cavaleiro assumindo a cor vermelha, de tanto sangue que derramará.

O 3º selo trouxe consigo, ao convite do terceiro ser vivente, um cavalo preto, cujo cavaleiro tinha na mão uma balança. Vindo do meio dos quatro seres João ouviu uma voz, que dizia: “*Uma medida de trigo por um denário, três medidas de cevada por um denário e não danifiques o azeite e o vinho*” (*Apocalipse 6.5-6*).

O próximo item previsto no sermão profético de Jesus, relativo ao princípio das dores, foi a fome (*Mateus 24.7b*). Neste quadro nós vemos exatamente isso. Há um racionamento de alimento simbolizado pela balança e os preços elevados, tornando a aquisição de alimentos instável. O denário é a medida monetária correspondente ao salário de um dia de trabalhador à época de João. Assim sendo, a escassez é retratada pela capacidade do trabalhador de comprar apenas o trigo para si mesmo, em troca de sua diária de trabalho. Para o sustento de uma família pequena seria necessário substituir o trigo pela cevada (alimento usual dos animais e dos muito pobres).

O significado exato da recomendação no sentido de que não fossem danificados o azeite e o vinho não é conhecido. Alguns acham que se trata de uma informação relativa à forma como os ricos, cujo cardápio inclui estes alimentos mais nobres, não seriam afetados. Outros dizem que mostra alguma atenuação para a missão deste cavaleiro, ou seja, uma forma de dizer que esta fome não seria de severidade excessiva. Há, ainda, os que veem aqui uma referência ao fato da Igreja ser poupada desta fome. Raciocinando com base na fome que já encontramos em alguns lugares do nosso planeta, a primeira destas três interpretações parece ser a mais adequada, visto que morrem hoje milhões de subnutrição, enquanto muitos, que possuem recursos, vivem alheios a esse fato.

O 4º selo, registrado em *Apocalipse 6.7-8*, principia com um convite semelhante, partindo, desta feita, do quarto ser vivente. João nos informa que olhou e viu um cavalo amarelo e seu cavaleiro, cujo nome era Morte. Este era seguido pelo inferno, na medida em que saiu para cumprir sua missão, qual seja matar a quarta parte dos habitantes da Terra por meio de pragas diversas.

O paralelo de Jesus, descrevendo o princípio das dores em *Lucas 21.11*, fala de grandes terremotos e epidemias, que mais uma vez caracterizam bem este personagem. Quanto

ao inferno, que segue recolhendo aqueles que são vitimados pela morte, mais uma vez ficamos em dúvida quanto ao real significado da visão de João, mas o fato de ambos terem sido comissionados para matar a quarta parte dos habitantes da Terra nos leva a crer que o inferno é apenas uma maneira figurada de indicar o aspecto terminal da missão.

Esta, como as pragas referentes aos três selos anteriores, têm ocorrido desde o princípio da Era Cristã, mas todas atingiram sua intensidade máxima em nossos dias. Um exemplo interessante é o impressionante aumento no registro de terremotos ao longo dos séculos da Era Cristã. A seguinte tabela é fornecida por Malgo (/73/, pág. 27):

Século	Nº de Terremotos
12	84
13	115
14	137
15	174
16	258
17	378
18	640
19	2.119
20	> 5.000

As condições para o surgimento do Anticristo são totalmente propícias, pois a presença desses cavalheiros, que caracterizam o “Princípio das Dores”, já se faz sentir.

A abertura do 5º selo difere dos quatro anteriores, visto que não se faz acompanhar de praga alguma e, sim, de uma visão que João tem de um altar, sob o qual se encontram as almas dos que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do testemunho que sustentavam. Estes clamavam em alta voz dizendo: *“Até quando, Soberano Senhor, Santo e Verdadeiro, não julgas e nem vingas o nosso sangue sobre os que habitam sobre a Terra” (Apocalipse 6.9-10)?*

Ele viu, então, que a cada um deles foi dada uma vestimenta branca e lhes foi dito que repousassem, ainda por um pouco de tempo, até que se completasse o número de seus conservos e irmãos que seriam mortos como eles o foram (*Apocalipse 6.11*).

A abertura deste selo só tem um aspecto em que todos os teólogos parecem concordar: é que o tempo de abertura do 6º selo não era ainda chegado. Fora isso, as discordâncias parecem atingir a tudo, ou seja: que altar é esse, onde fica, qual a identidade destes mártires, que pretendem com seu pedido, o que vem a ser as roupas que lhes são entregues e quem são os conservos e irmãos, cujo número ainda não foi completado?

A questão do altar parece ser relevante para alguns teólogos, porque querem estabelecer um paralelo entre o templo do céu e o de Salomão erigido aqui na Terra. Ficam discutindo se o altar em questão seria o de sacrifícios ou de incenso. No nosso caso, vamos nos limitar a lembrar que a morte de Seus santos é preciosa aos olhos de Deus (*Salmos 116.15*), de modo que o fato do martírio destes servos estar associado a um altar, serve apenas como memorial diante de Deus de que não terá sido em vão. Usando palavras de Paulo, podemos dizer que se trata, literalmente, de um sacrifício vivo, santo e “agradável” a Deus (*Romanos 12.1*).

Com relação à identidade destes santos, o texto bíblico nos informa que se trata de pessoas que “*foram mortas pela Palavra de Deus e por seu testemunho*” (*Apocalipse 6.9*), mas a partir daí eles são diferenciados de acordo com a interpretação que se dá ao arrebatamento. Para os pré e meso-tribulacionistas são pessoas que se converteram após o arrebatamento da Igreja e que a essa altura foram punidas com morte por não se submeterem aos ditames do Anticristo. Para os pós-tribulacionistas o motivo de sua morte é o mesmo, mas se trata de crentes da Igreja, ainda não arrebatada, e que estão passando pela grande tribulação.

O teor de sua pergunta está associada àquela que todos os crentes fazemos quando paramos para observar a iniquidade crescente à nossa volta: “Até quando, Senhor, teremos que esperar para que seja implantado o reino de justiça pelo qual ansiamos?”. Já vimos, anteriormente, que a impaciência destes irmãos pode estar associada, ainda, ao fato de estarem sem os seus corpos glorificados, que, segundo Paulo, serão recebidos no dia da volta de Jesus Cristo (*I Coríntios 15.42-45* e *I Tessalonicenses 4.16*). Esta hipótese é corroborada pelo fato de receberem roupas brancas como sinal de aprovação do Senhor, para que se vistam enquanto não se completa o número daqueles que ainda hão de sofrer perseguições, a exemplo das que eles haviam sofrido.

O 6º selo é também diferente dos anteriores porque parece descrever o dia do Senhor, que João viu principiari com um grande terremoto seguido de modificações marcantes na natureza. Sua descrição narra o escurecer do sol e a lua se tornando vermelha como o sangue. Ao mesmo tempo ele disse ter visto as estrelas caindo do firmamento como os figos verdes sendo lançados de uma figueira em meio a um vento forte. Culminando todos esses eventos, ele viu os céus se enrolando como se enrola um pergaminho (*Apocalipse 6.12-14*).

Toda esta descrição é reproduzida fielmente na narrativa de Jesus (*Mateus 24.29-31*), mas que não se encontra mais no princípio das dores (*Mateus 24.3-14*) e, sim, ao final da grande tribulação (*Mateus 24.15-28*). Isso nos joga numa tremenda confusão, porque

vínhamos abrindo os selos referindo-os, passo a passo, aos eventos descritos no princípio das dores e, de repente, saltamos a grande tribulação sem passar por ela e, pior, sequer abrimos todos os selos.

Tudo parece indicar que o abrir do 6º selo já concede uma pequena visão daquilo que se encontra no final do pergaminho. João olha, narra e depois volta atrás nos preparando para a abertura do 7º selo, ocasião na qual poderão abrir o livro e ver, com detalhes, o seu interior.

Talvez o que João viu tenha sido, inclusive, bem diferente do evento pelo qual ele tanto ansiava. Ao invés de grande alegria, cercando o maior evento da história, João contemplou um quadro de desespero para a grande maioria das pessoas cuja grande preocupação, a essa altura, era se esconder da ira do Cordeiro (*Apocalipse 6.15-17*).

Apocalipse 7

Preparando Para A Abertura do Sétimo Selo

João aqui retoma a sequência anterior e passa a falar do que se dará com o povo de Deus durante o período de tribulação, que será abordado por ocasião da abertura do 7º selo. Ao fazê-lo ele contempla duas comunidades distintas: uma com um número contado de servos e outra com uma quantidade incontável de pessoas. A visão do primeiro grupo começa com quatro anjos, um em cada canto da Terra, prontos a dar início à grande tribulação, quando um quinto anjo, tendo nas mãos o selo de Deus, instrui os demais no sentido de não começarem sua tarefa até que fossem marcados em suas frentes os servos de Deus. O número destes servos seria de 144.000, sendo 12.000 de cada uma das doze tribos de Israel (*Apocalipse 7.1-8*).

Embora a visão do segundo grupo seja narrada logo a seguir, o texto dá a entender que os componentes deste grupo seriam vítimas dentre o povo de Deus, abatidas durante a grande tribulação. Essa seria uma interpretação pós-tribulacionista. Para os pré e meso-tribulacionistas, a Igreja já teria sido arrebatada e estes seriam os convertidos durante o período de tribulação. Trata-se de uma multidão de pessoas vestidas de branco, talvez as mesmas que estavam sob o altar, que um dos anciãos descreveu como “*os que vêm da grande tribulação e tiveram suas vestiduras lavadas e alvejadas no sangue do Cordeiro*”. Deles se diz que nunca terão fome ou sede e que Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima, ou seja, serão largamente recompensados pelo que tiveram que passar (*Apocalipse 7.9-17*).

Aparentemente o primeiro grupo diria respeito à comunidade convertida de Israel, tal como preconizado por Paulo em *Romanos 9-11*, enquanto o segundo falaria de crentes da Igreja Gentílica. É no mínimo curioso que João liste as doze tribos de Israel de uma forma diferente de qualquer outra lista apresentada na Bíblia. A tribo de Dã foi excluída de todo e a de Efraim é considerada apenas indiretamente, visto que José foi listado,

mas segundo esta mesma lógica Manassés, que aparece na lista, foi considerado duas vezes.

O número 144.000 nos fornece uma idéia de totalidade e não de limite máximo de vagas. O fato de ter sido usado por várias seitas, que se consideram os verdadeiros detentores da sã doutrina, como uma referência a si mesmos, só denota o quão tola a vaidade humana pode se tornar. Cabe ressaltar, contudo, que os 144.000 seriam, não todo o Israel, mas apenas os que vão reconhecer Jesus como Messias. De acordo com *Zacarias 13.8* isso talvez seja apenas 1/3 dos israelitas. Alguns escritores apocalípticos defendem que os 144.000 de Israel, em número real, são pessoas comissionadas para pregar o evangelho após o arrebatamento da Igreja (*/67/,* pág. 257). Desta forma o segundo grupo de pessoas, sem número, que João viu diante do trono, seriam gentios martirizados que atenderam ao apelo de sua pregação.

Com base no acima exposto, o capítulo 7, como um todo, teria a intenção de mostrar que o povo de Deus, tanto o remanescente dos filhos de Israel como a Igreja de Jesus Cristo, que recebeu também promessas de proteção, não passará pela grande tribulação desassistido pelo Pai. Seriam marcados para que não sofressem os efeitos das pragas derramadas sobre os rebeldes, a exemplo do que já ocorrera com os filhos de Israel no Egito, mas não estariam imunes às investidas do Anticristo. É importante dizer que o fato da Igreja de Jesus Cristo passar pela grande tribulação é totalmente coerente com o discurso de Jesus sobre o sofrimento de Seu povo naquela ocasião (*Mateus 24.21-22*), quer seja a Igreja toda (pós-tribulacionismo), quer sejam apenas os convertidos posteriormente (pré e meso-tribulacionismo).

Semana 101 - Escatologia (2)

Texto: Apocalipse 8 a 14

Estação 50

Apocalipse 8

A Abertura do Sétimo Selo

Dito isso, João agora retorna à abertura do 7º e último selo. Este, ao contrário do que ocorreu nos selos anteriores, não contém qualquer tipo de praga ou catástrofe, mas é seguido pelo tocar de sete trombetas, contendo, estas sim, o derramamento da ira de Deus sobre os ímpios. Podemos concluir, portanto, que as sete trombetas e os sete flagelos são o próprio conteúdo do livro, visto que a abertura deste selo deixa totalmente aberto o livro que se encontra nas mãos do Cordeiro. Isso explicaria, também, o silêncio de meia hora, que é descrito em *Apocalipse 8.1*. Trata-se, no caso, de uma atitude de temor e tremor dos sete seres celestiais e dos anciãos ao verem, no interior do livro, o julgamento de Deus, que está prestes a ser derramado sobre toda a Terra.

Por tudo que foi dito acima, parece justificado concluir que o livro foi primeiro totalmente aberto, pela remoção dos sete selos, que não estavam todos no início do rolo, mas sim ao longo do mesmo. Além disso, podemos imaginar que associado a cada selo havia um texto escrito do lado do verso do pergaminho, sendo esta a informação que foi prestada até agora (o pergaminho estava escrito de ambos os lados - *Apocalipse 5.1*).

Depois de aberto o 7º selo, o livro está totalmente aberto e João pode passar agora a descrever o lado interno, ou seja, o texto principal do rolo. Em termos práticos, isso significa que os eventos relativos à abertura dos selos podem ocorrer em paralelo com aqueles referentes às trombetas e às taças da ira de Deus. Estas sim parecem ocorrer sequencialmente. Esta é a forma como esses eventos são retratados nos cronogramas apocalípticos apresentados no capítulo 12.

Seria de se esperar agora que o texto nos falasse a respeito da abertura do livro, mas, ao invés disso, João passa a descrever as sete trombetas (*Apocalipse 8-9*) e depois destes os setes flagelos (*Apocalipse 15-16*). É intuitivo, portanto, que as trombetas e os flagelos sejam, na realidade, o conteúdo do livro. Além disso, parece lícito associar o derramar da ira de Deus sobre aqueles que optaram por servir ao Anticristo, ao período da grande tribulação, da mesma forma que a abertura dos primeiros selos parece se relacionar com o período das dores.

Tudo parece indicar que as trombetas e os flagelos serão derramados sobre os adoradores da Besta (*Apocalipse 16.2*). Vemos, portanto, uma grande semelhança com as pragas do Egito, pois assim como essas deixaram de atingir os filhos de Israel, também aqui, vemos que Israel e a Igreja (total ou parcial, dependendo de como o

arrebatamento foi considerado) não são atingidos. Aliás, alguns versículos deixam claro que a intenção de Deus não é, simplesmente, uma demonstração do Seu poder e nem, tampouco, uma vingança parcial e, sim, que os adoradores da Besta se arrependam e se voltem para Ele. Isso fica claro em *Apocalipse 9.20-21*, por ocasião do tocar da 6ª trombeta, e em *Apocalipse 16.11*, após o quinto flagelo e confirma o que Pedro havia dito em *II Pedro 3.9*: “O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se”.

As Primeiras Quatro Trombetas São Tocadas

Apocalipse 7 tinha começado com quatro anjos que estavam prestes a executar as ordens de destruição que haviam recebido e aos quais foi dito que esperassem até que os servos do nosso Deus fossem todos identificados. Seria de se esperar, agora, que fosse dada ordem a estes anjos para a execução de suas missões, mas, ao invés disso, somem de cena os quatro anjos e aparecem outros sete, aos quais são dadas trombetas, uma a cada um (*Apocalipse 8.2*). Podemos presumir, portanto, que o tocar das trombetas corresponde à autorização que é dada aos quatro anjos executores.

Antes que sejam tocadas as trombetas, contudo, surge ainda um outro anjo, cujo papel em relação às orações dos santos não é clara. Não parece que faça propriamente uma mediação e, sim, que seu desempenho esteja associado à sua apresentação com incenso. Este depois de fazer subir a Deus, com muito incenso, as orações de todos os santos, enche o seu incensário de fogo do altar, que ele, então, atira à Terra, resultando em fenômenos naturais que antecipam o toque da 1ª trombeta (*Apocalipse 8.3-6*). A figura dá a entender que Deus está para responder ao clamor de Seus servos, no sentido de que venha o Reino e seja implantada a justiça.

Tem início, então, o toque das trombetas, sendo que ao som da 1ª caem do céu saraiva e fogo misturado com sangue, fazendo com que a terça parte das árvores e de toda erva verde sejam consumidas (*Apocalipse 8.7*). Muitos teólogos veem aqui uma linguagem figurada em que as árvores representam autoridades e a erva as pessoas comuns, mas não há nenhum bom motivo para que o texto não seja entendido literalmente. Assim sendo, esta catástrofe se assemelharia bastante à 7ª praga derramada, sob os auspícios de Moisés, sobre os egípcios (*Êxodo 9.23-25*).

É importante ressaltar que o juízo de Deus principia pela natureza e não pelos homens, para que estes possam ver e vir ao arrependimento. Até em meio ao juízo a misericórdia do Senhor ainda é o ponto alto. Glória a esse Deus!

Ao soar da 2ª trombeta, somos informados de que uma grande montanha, ardendo em chamas, é atirada ao mar, tornando sua terça parte em sangue. Como resultado desta catástrofe, morre a terça parte dos seres marinhos e é destruída a terça parte das embarcações (*Apocalipse 8.8-9*). Embora possamos conjeturar a respeito de um possível meteoro, ou algo assim, caindo no oceano, tudo que podemos dizer a respeito não passará de especulação. Fato é que por alguma obra de Deus, semelhante à primeira

praga do Egito (*Êxodo 7.20-21*), um terço das águas serão contaminadas, matando um terço dos peixes, ao mesmo tempo em que as grandes ondas resultantes desta catástrofe farão afundar um terço das embarcações. Mais uma vez não há qualquer motivo para se supor que a descrição feita acima seja figurada e não literal.

A 3ª trombeta afeta, desta feita, as reservas de água potável. Somos informados da queda de uma estrela, de nome Absinto, que contamina um terço dos rios de água doce, fazendo com que pereçam muitos homens por ingerirem água amargosa (*Apocalipse 8.10-11*). Deus fizera promessa de juízo semelhante para seu próprio povo, que O abandonara à época de Jeremias, ao dizer que alimentaria Seu povo com absinto e que lhes daria a beber água venenosa (*Jeremias 9.15*). O juízo desta vez atinge, também, alguns homens, mostrando o agravamento das pragas e, ao mesmo tempo, o apelo divino mais forte por arrependimento.

Quando o quarto anjo tocou a sua trombeta, João nos informa que foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, de modo que o brilho destes cessou parcialmente tanto de dia como de noite (*Apocalipse 8.12*). Esta descrição de João talvez encontre paralelo na grande tribulação descrita por Jesus (*Mateus 24.29, Marcos 13.24-25 e Lucas 21.25-26*), bem como em profecias do Velho Testamento, qual seja a de *Joel 2.31*, por exemplo. Esse não é ainda, contudo, o escurecimento total desses astros.

Neste ponto está concluída a primeira parte das trombetas, contendo pragas que atingem, basicamente, a natureza. De repente a atenção de João se volta para uma águia voando pelo meio do céu e que grita: “*Ai, ai, ai dos homens que moram sobre a terra por causa da trombeta dos três anjos que ainda não de tocar*” (*Apocalipse 8.13*). Obviamente esta preocupação se dá em função da abrangência das pragas seguintes, que não mais afetam a natureza e, sim, os próprios homens que têm o sinal da Besta.

Apocalipse 9

Mais Duas Trombetas

O primeiro destes ais diz respeito à 5ª trombeta, que está associada a uma estrela caída do céu na terra e à qual foi dada a chave do abismo (*Apocalipse 9:1*). Aparentemente trata-se aqui de um ser angelical ou demoníaco que irá exercer o juízo de Deus previsto nesta praga. A preferência de alguns teólogos recai sobre o ser demoníaco, devido à dificuldade de associar um anjo a uma estrela caída. Há, ainda, os que reconhecem aqui o próprio Satanás. O fato de sabermos que este ser está a serviço de Deus permite, contudo, imaginar tratar-se de um anjo, cuja queda é apenas posicional: ele desce do céu à Terra.

Infelizmente a escassez de informações não permite concluirmos, com toda a certeza, que a Satanás, ou a um de seus demônios, é dado, nesta praga, o poder de soltar todos os demônios que já haviam sido aprisionados no inferno (*Judas 6*). Tudo que podemos

concluir é que este ser do mundo espiritual recebeu poder para abrir os poços do abismo de onde sai uma grande quantidade de fumaça, que tapa o sol e escurece o ar.

O abismo em apreço é reconhecido pela grande maioria dos teólogos como sendo o inferno, mas devemos lembrar que, no dilúvio, Deus também abriu todas as fontes do abismo (Gênesis 7.11) e obviamente não se trata de uma referência a água saída do inferno.

Continuando, João vê sair desta fumaça para a Terra uma grande quantidade de gafanhotos, que são dotados de caudas e ferrões como os que têm os escorpiões, com os quais estes têm ordem de atormentar, por cinco meses, todos os homens que possuem em sua fronte o sinal da Besta, deixando, contudo, a erva do campo intacta. Segundo João, o tormento causado pela picada dos gafanhotos será tão grande que eles desejarão a morte, sem, contudo, poder encontrá-la (*Apocalipse 9.3-6*).

Esta visão nos traz à mente imediatamente a profecia de Joel, que viu uma invasão de gafanhotos, associada ao grande e terrível dia do Senhor, e que ele descreve de forma semelhante aos da visão de João (*Joel 1.4 e 2.4-11*).

João conclui sua descrição da praga resultante da 5ª trombeta, informando que essa grande quantidade de gafanhotos invasores teria sobre si um rei, que seria um anjo do abismo de nome Abadom, em hebraico, e Apoliom, em grego (*Apocalipse 9.11*). Esse nome, cujo significado é destruidor, não nos dá grande informação adicional, mas nos tenta a associá-lo com a estrela caída do início da visão. Esta praga é concluída com um lembrete de que foi-se o 1º ai, mas que faltam ainda dois (*Apocalipse 9.12*).

O soar da 6ª trombeta se faz acompanhar de uma voz procedente do altar de ouro que se encontra diante do trono de Deus, dizendo ao próprio anjo que tocou a trombeta que vá e solte os quatro anjos que estão junto ao rio Eufrates e que estão prontos para matar a terça parte dos homens em uma data determinada (*Apocalipse 9.13-15*).

A praga da 6ª trombeta se assemelha à da 5ª pelo fato de ser, igualmente, dirigida aos homens, mas difere desta pelo fato dos homens serem efetivamente mortos. Cumprisse, neste caso, o juízo de Deus sobre a terça parte da humanidade.

Por estarem os anjos amarrados junto ao rio Eufrates (*Apocalipse 9.14*), alguns teólogos (por exemplo /73/, pág. 89) veem nestes quatro seres também anjos caídos, ou seja, demônios. Assim sendo, as hostes satânicas estariam novamente a serviço de Deus nesta praga.

Apocalipse 9:15-19 descreve um exército, aparentemente a serviço dos quatro anjos e que João diz ser composto de 200 milhões de soldados montados em cavalos especiais, de cujas bocas saía fogo, fumaça e enxofre, que se constituem nas armas da mortandade.

Alguns teólogos veem aqui uma guerra de grandes proporções, onde o fogo, a fumaça e o enxofre bem podem representar os efeitos de uma guerra nuclear, cujo palco seria o Oriente Médio, devido à citação do rio Eufrates, mas com danos se estendendo a toda a Terra.

Apocalipse 9:20-21 nos mostra que esta escalada no juízo de Deus continua a ter por finalidade o arrependimento do homem mas, infelizmente, somos informados que estes não se arrependeram de sua idolatria, dos seus assassínios, de suas feitiçarias, de suas prostituições e de seus furtos.

Apocalipse 10

Um Intervalo Antes da 7ª Trombeta

Os capítulos 10 e 11 parecem se constituir numa espécie de interlúdio entre a 6ª e a 7ª trombetas, mas a informação prestada em *Apocalipse 11.14*, dizendo que se encerra ali o 2º “ai”, deixa claro que as coisas que João vê, após a mortandade registrada no final do capítulo anterior, são, ainda, parte da 6ª trombeta.

João, que subira ao céu atendendo a um chamado no início do 4º capítulo, encontra-se, agora, novamente na Terra no momento em que vê “outro anjo forte” descendo do céu, vestido pelas nuvens, com um arco-íris sobre a cabeça, o rosto brilhando como o sol e as pernas de colunas de fogo (*Apocalipse 10.1*). Com base nesta descrição bem poderíamos acompanhar alguns teólogos (/73/, pág. 94) e dizer que se trata do próprio Senhor Jesus Cristo, mas o fato do Apocalipse nunca tratar Jesus como sendo anjo, aliado ao fato de que João não o adora e considerando, ainda, o fato dele jurar em nome do Criador (*Apocalipse 10.6*), que no caso seria Ele mesmo, faz com que adotemos uma posição de mais cautela. Assim sendo, vamos considerá-lo apenas da forma como é citado: outro anjo forte.

O anjo em apreço tem na mão um livrinho aberto que, segundo aqueles que acham ser este o Cristo, é o mesmo que estava na mão do Cordeiro, mas que o texto parece indicar, claramente, um livro distinto. O fato do texto dizer que Ele tem um pé sobre o mar e outro sobre a terra parece enfatizar o domínio que Lhe é dado (*Apocalipse 10.2*). Essa idéia é reforçada por Sua forte voz, ao qual respondem os trovões (*Apocalipse 10.3*). Cabe enfatizar, também, o fato do livro estar aberto, o que significa que seu conteúdo estava totalmente acessível a João.

O texto nos diz que João entendeu aquilo que foi dito pelos trovões e o assunto de tal modo pareceu a ele importante, que se apressou em transcrevê-lo para que nada caísse em esquecimento, mas naquele exato instante ele ouviu uma voz dos céus, talvez do próprio Cordeiro, dizendo que aquela informação era restrita e não deveria ser repassada (*Apocalipse 10.4*). Aparentemente a experiência de João é semelhante à de Paulo, que recebeu revelações num arrebatamento, as quais, nos informa, ser ilícito passar adiante

(II Coríntios 12.2-4). Obviamente isso aguça a nossa curiosidade, mas o fato da informação ali contida estar ligada, certamente, a detalhes mais precisos, relativos ao derramamento da ira de Deus, podemos ter certeza que nos foi ocultada porque assim nos convém, visto que Ele nos ama.

Na sequência do texto vemos o anjo levantar a sua mão aos céus e prestar um solene juramento em nome dAquele que vive para sempre e que criou céus, terra e mar, que já não haverá demora para o cumprimento dos desígnios de Deus. Logo a seguir ele esclarece dizendo que, ao tocar da 7ª trombeta, serão cumpridas todas as revelações feitas aos profetas, servos do Senhor, obviamente referindo-se à 2ª Vinda e à implantação do Reino de Deus (*Apocalipse 10.5-7*).

Ouve-se, neste instante, provavelmente vinda do próprio Senhor Jesus Cristo, uma voz dos céus, mandando que João peça ao anjo o livrinho e que o coma, ao que ele obedece sem questionar. O anjo, ao lhe dar o livro, alerta-o para o fato de que será doce na sua boca, mas amargo ao chegar ao ventre, o que ele constata ser verdade (*Apocalipse 10.8-10*). Isso nos traz à mente um relato semelhante ocorrido com Ezequiel (*Ezequiel 2.8-3.3*).

Claro está, em ambos os casos, que o comer do livro está relacionado com o recebimento da mensagem a ser proclamada. O fato dela ser agradável ao paladar certamente se refere ao prazer que o crente tem de ser portador da mensagem vinda de Deus, mas a sua digestão difícil se relaciona à dificuldade com que a mensagem dura, do derramamento da ira de Deus, seria pregada.

Confirmando isso, é dito a João que ele haveria de profetizá-la, ainda, a muitos povos, nações, línguas e reis (*Apocalipse 10.11*) e certamente as profecias de João no Apocalipse têm varrido o globo ao longo de séculos.

Apocalipse 11

O Toque da 7ª Trombeta

Sem maiores explicações João nos informa, a seguir, que lhe foi dado um caniço, semelhante a uma vara, com o qual deveria medir o santuário de Deus, o seu altar e aqueles que nele adoram, deixando de lado, contudo, o átrio exterior, visto que este foi dado aos gentios para ser pisado por um período de 42 meses (*Apocalipse 11.1-2*).

Nossa primeira dificuldade consiste em saber que templo é esse. Sabemos que o templo era composto por um prédio, em cujo interior ficava o lugar santo, onde entravam apenas os sacerdotes escalados, e o Santo dos Santos, de acesso restrito ao Sumo-Sacerdote. No entorno deste ficavam o pátio dos sacerdotes, o dos judeus, um local separado para as mulheres e, finalmente, um átrio onde qualquer estrangeiro poderia entrar. Cabe identificar, aqui, que relação pode haver entre tais medidas e o plano de Deus. Há várias interpretações, dentre as quais podemos citar:

- 1ª → seria literal, ou seja, João estaria medindo o templo a ser construído em Jerusalém durante o período da Grande Tribulação, no qual os judeus viriam a se converter. Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que as dimensões teriam que ser adequadas ao número de convertidos;
- 2ª → o templo em apreço seria o do Espírito Santo, ou seja, João estaria medindo a Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo. Os gentios pisando o átrio exterior seriam todos os não crentes, inclusive os judeus;
- 3ª → o povo judeu seria a parte do templo do Espírito Santo que estaria sendo considerada, ou seja, tratar-se-ia de uma profecia referente à conversão do povo judeu, prevista imediatamente após a ressurreição das duas testemunhas, conforme veremos adiante.

A primeira interpretação, a literal, parece ser a mais indicada, pois urge que seja construído um templo em Jerusalém para que os sacrifícios sejam reinstaurados.

O período de quarenta e dois meses, ao longo dos quais o átrio exterior e toda Jerusalém seriam pisados, parece nos remeter para a profecia das setenta semanas de Daniel (*Daniel 9.25-27*). Encontramos ali o Messias morrendo na 69ª semana e uma aparente suspensão da última semana até o tempo do fim, quando surgiria, então, um personagem mundial dominante (o Anticristo), que faria uma aliança com os judeus, cuja duração seria de apenas 3,5 dias (ou, no caso, anos). No meio da semana romperia o acordo com os judeus e os oprimiria pelos 3,5 anos restantes, quais sejam: quarenta e dois meses.

Apocalipse 11.3 parece introduzir uma mudança de assunto, com a voz do céu, provavelmente de Jesus, informando a João que instituiria duas testemunhas, que haveriam de profetizar por 1.260 dias, vestidas de pano e de saco. Ao que tudo indica, contudo, Deus estaria permitindo este período de tribulação de 3,5 anos para o povo judeu, justamente para que este se volte para Ele. Os 1.260 dias, que correspondem igualmente a quarenta e duas semanas, seriam o período ao longo do qual estas duas testemunhas profetizariam, entre outras coisas, a conversão da nação judaica.

O versículo seguinte (*Apocalipse 11.4*) faz uma referência a dois candeeiros que os associa com dois servos do Senhor que militaram nos dias do profeta Zacarias, quais sejam: Josué e Zorobabel (*Zacarias 3.1-4:7*). Estas testemunhas seriam revestidas de toda a autoridade e poder para a realização da obra que lhes está proposta. Durante este período poderão fechar o céu para que não chova, converter água em sangue ou lançar mão de quaisquer outros flagelos (*Apocalipse 11.5*). Estes poderes mais uma vez nos trazem à lembrança Elias e Moisés, que empreenderam, em seus dias, feitos semelhantes.

Estas referências que os associam a heróis da fé do Velho Testamento nos levam a crer que estas duas testemunhas seriam efetivamente duas pessoas realizando uma grande obra para o seu Senhor, mas despertando, ao mesmo tempo, a ira da Besta e de todos

quantos a servem. Somos informados, em *Apocalipse 11.7*, que, concluído o seu testemunho, ou seja, ao final da Grande Tribulação, o Senhor permitirá que a Besta se levante contra eles e os mate. Tamanho será o incômodo que essas testemunhas trarão, que a sua morte se tornará motivo de festejos. Seus corpos serão mantidos em exposição pública e as pessoas celebrarão a sua morte enviando presentes uns aos outros (*Apocalipse 11.8-10*). Passados 3,5 dias, contudo, o Senhor lhes enviará o sopro divino, de modo que voltarão a se levantar para surpresa e pânico geral (*Apocalipse 11.11*). Como se isso já não bastasse, todos ouvirão quando lhes é dirigida uma voz do céu solicitando a sua subida para lá, que será atendida prontamente, também aos olhos de todos.

Exatamente neste momento João testemunha a ocorrência de um grande terremoto que destrói 1/10 das construções da cidade e causa a morte de 7.000 pessoas (*Apocalipse 11.13*).

O fato das duas testemunhas terem 3,5 anos para testemunhar (toda a segunda metade do período de tribulação) faz com que muitos autores, como por exemplo La Haye e Ice (/71/, pág. 57) coloquem a abertura dos selos e o toque das trombetas nos primeiros 3,5 anos. Não podemos esquecer, contudo, que os capítulos 10 e 11 representam uma espécie de intervalo para dar uma visão geral, da mesma forma como 12 a 15 apresentam personagens que se destacam nesta fase final da semana apocalíptica. Não se justifica, portanto, utilizar essa informação para estabelecer a sequência. O fato do Anticristo só se revelar como tal na metade da semana (*Daniel 9.27*) nos dá a entender que suas verdadeiras intenções só ficarão claras para todos neste momento.

Antes de passar ao toque da 7ª trombeta, João nos informa aqui que está sendo encerrada a 6ª: são passados já 2 “ais” e fica faltando apenas o 3º (*Apocalipse 11.14*).

Com o tocar da 7ª trombeta não vemos, conforme já antecipado acima, qualquer praga associada, pelo que somos obrigados a reconhecer que os 7 flagelos se constituem, na realidade, na praga associada ao 3º “ai”. Ao invés de pragas vemos, portanto, o anúncio da chegada do Reino de Deus: **“O Reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do Seu Cristo e Ele reinará pelos séculos dos séculos”** (*Apocalipse 11.15*).

O tema central de todas as profecias apocalípticas é a implantação do Reino de Deus, pelo que a aproximação do fim da grande tribulação faz entrever a sua implantação. Lembramos aqui que o apóstolo Paulo nos fala desta implantação em duas etapas (*1 Coríntios 15.24-28*), com um período inicial do Reino Messiânico, para que Este, numa segunda etapa, entregue o Reino a Deus Pai, numa provável referência ao governo do Novo Céu e Nova Terra.

João, a essa altura, reassume a sua visão nos céus e testemunha o instante em que os vinte e quatro anciãos, que até então estavam sentados diante de Deus, se prostram sobre os seus rostos e começam a louvar, dizendo: **“Graças Te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e que eras porque assumiste o Teu grande poder e passaste a reinar”** (*Apocalipse 11.17*). É marcante aqui a diferença entre este louvor e outro

semelhante dos quatro seres vivos, registrado em *Apocalipse 4.8*, onde proclamam ser Santo Aquele que era, que é e que há de vir. No presente caso o porvir é chegado, pelo que substituem a tríplice saudação por um agradecimento pelo cumprimento daquilo que estava prometido desde o princípio, quando foi asseverado a Adão que a cabeça da serpente seria esmagada (*Gênesis 3.15*).

Os anciãos reconhecem, ainda, que as nações haviam se enfurecido contra Deus, mas que é chegado o dia de Sua ira. Outrora Pedro e João, defrontados com furor semelhante, haviam pedido intrepidez para continuar pregando a mensagem da cruz (*Atos 4.29*), mas o tempo para isso está esgotado. É chegado o dia do juízo, com a condenação de toda a iniquidade e a destruição daqueles que transtornam a terra. Para os servos, os profetas, os santos e todos os que temem o Seu nome, é chegado o momento de receberem galardão (*Apocalipse 11.18*).

Apocalipse 11:19 nos informa que abriu-se o santuário celeste e pôde ser vista a arca da aliança que ali se encontrava. O destino da arca construída por Moisés (*Êxodo 37*) é desconhecido. O mais provável é que tenha sido destruída quando da invasão babilônica com a destruição do templo. Ela representava a presença de Deus no meio do Seu povo avalizando a aliança que havia feito com Israel. A presença da arca aqui nos faz lembrar que todas as alianças que Deus havia feito com os homens estão sendo cumpridas.

Apocalipse 12

Apocalipse 12-14 parece, em princípio, uma espécie de interlúdio entre o tocar da 7ª trombeta e o início dos sete flagelos. Um estudo mais apurado mostra, contudo, que se trata de uma espécie de apresentação dos personagens que desempenham os principais papéis na Grande Tribulação, quais sejam: Israel, a Igreja, Satanás, a Besta e o preposto desta.

O grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol, tendo a lua sob seus pés e um diadema de doze estrelas na cabeça, visto por João a seguir, tem sido interpretado como sendo Maria /74/, o povo de Israel /67/ e o povo de Deus na Terra (em nossos dias, a Igreja /71/).

A primeira destas não chega a ser considerada senão por alguns segmentos da Igreja Católica Romana, no afã de ver perpetuada a presença de Maria nas Escrituras além do primeiro capítulo de Atos, onde é citada pela última vez (*Atos 1.14*). Não obstante o texto falar, figuradamente, da gravidez que deu origem ao Messias, ainda assim a maioria dos teólogos se divide entre as hipóteses 2 e 3, havendo, ainda, os que acham tratar-se de ambas. De modo geral, a forma de interpretação é ditada pela posição dos teólogos em relação ao arrebatamento, ou seja, aqueles que creem no arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação, veem aqui uma referência ao povo de Israel, ao passo que aqueles que acham que a Igreja passará pela tribulação veem aqui ou a representante de Deus

na Terra antes e após a vinda do Messias (neste caso seria o povo de Israel e posteriormente a Igreja) ou simplesmente a Igreja.

Esta última hipótese, ou seja, uma referência somente à Igreja, talvez seja a menos provável, visto que a Igreja não deu origem ao Messias e, sim, Ele a ela, mas os defensores desta hipótese se valem de palavras de Paulo fornecidas em *Gálatas 4.26*: “A Jerusalém de cima é livre, a qual é nossa mãe...”. No nosso afã de não forçar a interpretação de qualquer texto em seu contexto, digamos, apenas, que esta mulher, descrita de forma gloriosa, parece se adequar melhor ao papel de Israel até o versículo 16 e à Igreja gentílica no versículo 17.

O texto, para apresentar os personagens supracitados, parece abandonar, provisoriamente, o período do Apocalipse, retrocedendo aos tempos veterotestamentários em que o povo de Israel vivia a expectativa do nascimento do Messias (*Apocalipse 12.2*).

Vendo a mulher (Israel) nesta condição, João percebe a presença de um dragão vermelho com sete cabeças, sobre as quais havia chifres e diademas (*Apocalipse 12.3*). Trata-se, segundo somos informados em *Apocalipse 12.9*, da antiga serpente, chamada Diabo e Satanás. Não cabe aqui ficar discutindo o significado das cabeças e seus adornos, mas fica ressaltado no texto que estão associados à autoridade daqueles que os ostentam. O fato do texto narrar que arrasta 1/3 das estrelas ao mover a cauda (*Apocalipse 12.4a*) é, segundo alguns (por exemplo, Szczerbacki), uma referência aos anjos que o seguiram por ocasião de sua rebelião contra Deus (/75/, pág. 207). Citam como texto paralelo *Daniel 8.10*, onde diz que ele lançou por terra alguns do exército dos céus. Por esse raciocínio Satanás teria à sua disposição um exército de demônios igual a metade dos anjos a serviço de Deus. Embora tal possibilidade exista, é possível, também, que a citação de João tivesse apenas a intenção de mostrar o quão notável era o dragão.

O fato do dragão se postar diante da mulher para tragar o seu filho tão logo nascesse (*Apocalipse 12.4b*), retrata bem o papel de Satanás, destruindo o povo de Israel, levando-o sempre a reincidir no pecado, de modo a fracassar no seu papel sacerdotal. Lembra-nos, ainda, de como usou Herodes para tentar matar os meninos nascidos à época em Belém. Aponta, também, para tantas ocasiões, ao longo do ministério de Jesus, em que tentou induzi-lo ao erro.

De nada adiantaram, contudo, as tentativas de Satanás porque o Cristo, o filho varão que há de reger todas as nações, nasceu e foi arrebatado para Deus, para assentar-Se no Seu trono (*Apocalipse 12:5*). É no mínimo curioso que João omita aqui o Seu ministério, limitando-se a citar Seu nascimento e Sua ascensão.

No versículo seguinte a mulher, agora já presumivelmente o remanescente de Israel, foge para o lugar que Deus lhe preparara, no qual deverá resistir a Satanás pelo período de 1.260 dias (*Apocalipse 12.6*). O fato do apóstolo ter saltado todo o período em que a Igreja foi a efetiva representação de Deus na Terra e olhar diretamente para a segunda

metade da grande tribulação (3,5 anos ou 42 meses ou 1.260 dias), ressalta o fato de ela não estar falando da Igreja e sim de Israel. Alguns autores vêem no deserto onde a mulher (o remanescente de Israel) se refugia, apenas como uma figura para a proteção de Deus (/76/, pág. 129), enquanto outros reconhecem aqui uma efetiva fuga do remanescente para Edom (atual Jordânia), onde estarão a salvos da mortandade de judeus que ocorrerá em Israel (*Zacarias 13.8-9*).

Apocalipse 12.7-9 nos traz mais informações a respeito de Satanás, sem ter, contudo, qualquer preocupação de localizá-las no passado ou no futuro. João diz apenas ter visto Miguel e seus anjos lutando contra o dragão e também seus anjos. Esta é uma das cinco referências nominais que encontramos na Bíblia a Miguel, três das quais se encontram no livro de Daniel (*Daniel 10.13, 21 e 12.1*). Todos estes textos têm em comum o fato de relatarem contendas espirituais entre Miguel e Satanás com reflexos imediatos no mundo visível, nos quais, invariavelmente, Miguel leva a melhor. Neste texto somos informados que Satanás é expulso do céu e atirado à Terra, que nos traz à mente a citação de Jesus encontrada em *Lucas 10.18 (Apocalipse 12.9)*.

Este fato é comemorado em meio às hostes celestiais como marco da implantação da salvação, do poder e do reino do nosso Deus, bem como da autoridade do Seu Cristo, visto que o Seu sangue e o testemunho dado em Seu nome concederam a vitória aos Seus servos, mesmo enfrentando estes perseguição de morte (*Apocalipse 12.10-12*).

Mas, se por um lado foi derrotado o acusador dos servos do Senhor, por outro a situação na Terra será agravada, pois o Diabo vem cheio de cólera e sabendo que tem pouco tempo. Ali, vendo que nada pudera contra o Messias, passou a perseguir a mulher (o remanescente de Israel, que reconhece Jesus como Messias), que Deus promete proteger por um tempo, dois tempos e metade de um tempo. Esta é apenas mais uma maneira de se referir aos 3,5 anos da segunda metade da grande tribulação (*Apocalipse 12.13-14*).

Encerrando este capítulo, João narra a tentativa frustrada do dragão de atingir a mulher, passando, então, a pelejar contra o restante de sua descendência: a Igreja para os pós-tribulacionistas ou os convertidos da grande tribulação para os pré e meso-tribulacionistas. Para atingir este intento Satanás se encontra na praia, onde fará surgir do abismo a Besta e seu preposto (*Apocalipse 12.15-18*).

Algumas Palavras Sobre a Besta ou o Anticristo

Neste ponto seria interessante falar um pouco sobre a Besta ou o Anticristo, já que vamos vê-lo surgir logo a seguir no início do capítulo 13 do texto apocalíptico.

A palavra Anticristo é usada na Bíblia apenas três vezes e todas por João. Em *1 João 2.18-22* ele lembra aos seus leitores que vem por aí um Anticristo específico, aquele dos tempos do fim, mas que já se tem manifestado entre eles muitos “anticristos”. É dessa forma que ele se refere a pessoas que eram membros de suas igrejas, mas que

acabaram se afastando por defenderem a heresia de que Jesus não era o Cristo. Assim sendo, embora o ensino de João não seja a respeito do Anticristo dos tempos do fim, ele acaba nos informando que se trata de um personagem que nega a divindade de Jesus. Outro atributo do Anticristo é apresentado por João em *I João 4.3*, ao dizer que o espírito do Anticristo, que já está atuando no mundo, é aquele que nega a humanidade plena de Jesus Cristo. Vemos, portanto, que a Cristologia do *Credo dos Apóstolos* (*/77/*, pág. 257), que surgiu nos primeiros séculos do Cristianismo, já apresentava Jesus como Deus pleno e homem pleno, em total consonância com os ensinamentos de João. Esse último ensino de João acabou repetido em sua segunda epístola (*II João 7*), onde ele chama de “anticristos” todos os enganadores que negam que Jesus veio em carne.

Embora o nome Anticristo seja apresentado apenas nos textos mencionados acima e, assim mesmo, somente por João, isso não significa que ele não seja um personagem bem conhecido de outros autores bíblicos. La Haye e Hindson (*/78/*, pág. 50) apresentam uma lista de dez outros nomes pelo qual ele é referenciado ao longo da Bíblia. A tabela a seguir apresenta essa mesma relação.

NOME	REFERÊNCIA BÍBLICA
Besta	<i>Apocalipse 13:1</i> → “E eu pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia”.
Homem do pecado e filho da perdição	<i>II Tessalonicenses 2:3</i> → “Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição ”.
Iníquo (Homem sem Lei)	<i>II Tessalonicenses 2:8</i> → “E então será revelado o iníquo , a quem o Senhor desfará pelo assopro da Sua boca, e aniquilará pelo esplendor da Sua vinda”.
Abominação da Desolação	<i>Mateus 24:15</i> → “Quando, pois, virdes que a abominação da desolação , de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, atenda”.
Ponta pequena (pequeno chifre)	<i>Daniel 7:8</i> → “Estando eu considerando as pontas, eis que entre elas subiu outra ponta pequena , diante da qual três das pontas primeiras foram arrancadas; e eis que nesta ponta havia olhos, como olhos de homem, e uma boca que falava grandiosamente”.
Rei (altivo)	<i>Daniel 8:23</i> → “Mas, no fim do seu reinado, quando os prevaricadores acabarem, se levantará um rei, feroz de cara , e será entendido em adivinhações”.

Príncipe que há de vir	<i>Daniel 9:26 → “E depois das sessenta e duas semanas será tirado o Messias, e não será mais: e o povo do príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será com uma inundação; e até ao fim haverá guerra: estão determinadas assolacões”.</i>
Homem vil	<i>Daniel 11:21 → “Depois se levantará em seu lugar um homem vil, ao qual não tinham dado a dignidade real; mas ele virá caladamente, e tomará o reino com engano”.</i>
Rei voluntarioso	<i>Daniel 11:36 → “E este rei fará conforme a sua vontade, e se levantará, e se engrandecerá sobre todo o deus; e contra o Deus dos deuses falará coisas maravilhosas, e será próspero, até que a ira se complete; porque aquilo que está determinado será feito”.</i>
Pastor inútil (negligente)	<i>Zacarias 11:16-17 → “Porque, eis que levantarei um pastor na terra, que não visitará as que estão perecendo, não buscará a desgarrada, e não sarará a doente, nem apascentará a sã; mas comerá a carne da gorda, e lhe despedaçará as unhas. Ai do pastor inútil que abandona o rebanho; a espada cairá sobre o seu braço e sobre o seu olho direito; o seu braço completamente se secará e o seu olho direito completamente se escurecerá”.</i>

Como podemos ver, pelos nomes que o qualificam, o Anticristo será um homem de muitas facetas, com as quais enganará, igualmente, a muitos. *Daniel 11.21* nos informa que ele se apossará do reino de forma pacífica, mas através de intrigas. Em *Daniel 11.36* somos informados que ele se exaltará acima de todos os deuses (assumindo o lugar de Deus) e pronunciará blasfêmias contra o Deus dos deuses (colocando-se em contraposição a Deus), conforme indicado pelo seu nome ANTICristo.

A origem do Anticristo foi prevista por Daniel como o líder de uma coalisão de dez nações que, de alguma forma, é representativa de Roma ou, melhor dito, do Império Romano (*Daniel 2.31-45* - os 10 dedos de ferro e barro). As referências feitas, tanto em *Daniel 7.19-28*, como em *Apocalipse 13.1-9*, falam desse Reino como uma coalisão de dez nações representadas por uma besta de 10 chifres.

Ao longo destes 2.000 anos de história, o Império Romano do lado Ocidental sucumbiu no ano 410 com a tomada de Roma pelos bárbaros, mas foi reeditado por Carlos Magno no ano 800, quando ele foi coroado imperador do Império Romano do Ocidente pelo papa Adriano. O mesmo título foi utilizado por vários séculos pelos imperadores alemães, que passaram a dominar o Império Romano do Ocidente. À luz da informação fornecida acima, o Anticristo poderia ser de origem italiana, francesa ou alemã, porque reis dessas três nações ocuparam a liderança do Império. Em 1804 esse mesmo império voltou a ser

reeditado sob o domínio de Napoleão Bonaparte e no século XX por Hitler. Todos esses líderes, exceto Hitler, tiveram em comum o fato de terem reeditado, pela força, um império abrangendo os antigos países ocupados por Roma. O Anticristo, no entanto, há de fazê-lo por seu carisma, por seu gênio político, por sua capacidade administrativa, mas sem usar a força militar, a princípio. Devemos reconhecer que a tragédia da ascensão de Hitler se deu de forma semelhante àquela prevista para o Anticristo.

Desde a segunda metade do primeiro século, quando João escreveu o livro de Apocalipse, tem havido inúmeras tentativas de identificar o Anticristo e, obviamente, igual número de falhas. É intuitivo que a Igreja primitiva olhasse para os imperadores romanos como prováveis candidatos. Nos séculos recentes, contudo, o papado tem sido o candidato predileto de autores protestantes. No século XX a Igreja olhou para Hitler e alguns líderes da União Soviética como nomes bastante prováveis, mas todas essas previsões mostraram-se errôneas. A lição a ser aprendida aqui é que não convém cometer o mesmo erro e apontar esse ou aquele possível candidato. O que podemos e devemos fazer é ter em mente as suas principais características, para que saibamos reconhecê-lo quando efetivamente surgir no cenário político mundial.

É interessante lembrar que, segundo Paulo em *II Tessalonicenses 2.6*, a vinda do Anticristo tem sido impedida por algum poder divino (o Espírito Santo, o arcanjo Miguel ou talvez a própria Igreja), que ele já revelara aos tessalonicenses, mas que nós desconhecemos. Isso significa que nem mesmo Satanás, que será o mentor desse líder mundial, pode preparar o seu escolhido até que Deus remova o impedimento à sua manifestação. É, no mínimo, curioso pensar que as ações satânicas também dependem do trono do Altíssimo. Ao longo da história vimos, por vezes, Satanás se antecipando às ações divinas por serem previsíveis através de profecias. Um possível exemplo disso seria a mortandade de seis milhões de judeus porque Satanás teria interpretado corretamente a profecia de *Oséias 6.1-2*, que aparentemente prevê o retorno do povo israelita à Terra Santa após dois milênios. Em outras ocasiões as medidas dele são de contra-ataque, como é o caso da contrarreforma no século XVI, pelo fato de não poder prever as correções de rumo que o Espírito Santo fez com relação à Igreja. Neste caso específico, ele nada pode fazer enquanto Deus não o permitir, portanto deve ter sempre um candidato preparado, a cada geração, aguardando o momento possível. Talvez, inclusive, seja essa uma das ideias de João ao nos informar que o espírito do Anticristo está no mundo desde a sua própria época (*I João 4.3*).

À Igreja de Jesus Cristo cabe apenas estar atenta, quer seja para o arrebatamento (caso os pré-tribulacionistas estejam corretos), quer para a manifestação do Anticristo (caso os meso-tribulacionistas estejam certos), ou mesmo estar preparada para o sofrimento que acompanhará a grande tribulação (caso os pós-tribulacionistas tenham razão). São apresentadas a seguir, portanto, as principais características que a Bíblia registra para o personagem que vai encarar o papel de Anticristo, além, é claro, de sua origem:

Somos informados, através das profecias de Daniel, que o surgimento do Anticristo se dará nos tempos do fim (*Daniel 8.19*). Mais especificamente o próprio Daniel nos diz,

ainda, que sua apoteose como líder mundial se dará ao longo dos últimos sete anos da presente ordem mundial, ou seja, na semana 70 (*Daniel 9.27*);

João nos informa, em *Apocalipse 13:7*, que sua autoridade se estende a toda tribo, língua e nação. Não está totalmente clara a sequência em que isso se dará, mas sabemos que o seu reinado começa com uma associação de dez nações (*Apocalipse 17.12-13*);

Daniel fala dele como uma pessoa muito inteligente, persuasiva, mas também arrogante e que engana os seus liderados (*Daniel 7.20 e 8.24-25*);

Seu rígido controle sobre a economia mundial fará com que obrigue a todos a receberem uma marca na mão direita ou na testa para que lhes seja permitido comprar ou vender. A marca em questão conterá o nome ou o número dele (*Apocalipse 13.16-17*);

Aparentemente ele terá sucesso em firmar um acordo com Israel e outros países, onde muitos outros falharam, no sentido de dar fim aos litígios do Oriente Médio (*Daniel 9.27*). O acordo em apreço terá duração de 7 anos, mas o Anticristo o romperá na metade do tempo, ou seja, em 3 anos e meio. Nesta ocasião ele mesmo invadirá Israel (*Daniel 9.27*);

Após o rompimento do acordo com Israel, a identidade do Anticristo já será totalmente conhecida, motivo pelo qual ele também dará a conhecer as suas verdadeiras aspirações. Entre outras coisas “**ele se exaltará acima de tudo que se chama Deus ou que se adora. Ele se assentará, como se Deus fosse, no templo de Deus, mostrando que ele é efetivamente Deus**” (*II Tessalonicenses 2.4*).

Embora a Bíblia fale do Anticristo no período referente aos 7 anos da semana 70, é claro que este líder não surgirá de uma hora para outra, de modo que podemos olhar com atenção especial para políticos que se destaquem por seus feitos na área de pacificação, atraindo para si mesmos a admiração mundial. Devemos ter em mente que as conquistas políticas do Anticristo ocorrerão graças ao seu grande carisma e ao apreço que alcançará.

Cabe perguntar como será possível que as pessoas venham a aceitar o Anticristo e mesmo adorá-lo como se fosse o próprio Cristo. Bem, o apóstolo Paulo nos fornece uma boa “dica” no tocante a isso em *Tessalonicenses 2.9-12*: “**A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, sinais e prodígios de mentira, com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam na mentira; para que sejam julgados todos os que não creram na verdade, antes tiveram prazer na iniquidade**”.

Esse texto deixa claro que Satanás dará poder ao seu servo, o Anticristo, para fazer sinais e maravilhas, que enganarão aqueles que vão perecer, por não terem recebido “o amor da verdade”, para que pudessem se salvar. Assim sendo, Deus vai realmente cegá-los para que deem crédito às mentiras do Anticristo.

Obviamente fica a pergunta: que sinais serão esses e que tipo de mentiras o Anticristo vai contar?

Li recentemente um livro chamado “A Sedução do Cristianismo” /79/, no qual os autores se propõem a mostrar que o Cristianismo cristocêntrico, que prega a salvação pelo sacrifício substitutivo de Jesus na cruz do Calvário, está sendo minado por idéias oriundas de religiões orientais que deificam o homem. Isso ocorre na medida em que vários grupos evangélicos passam a hospedar ideias que fazem o mesmo. Dito dessa forma pode parecer incrível, mas na medida em que a fé ousada, que tanto agrada a Deus, cede lugar à confissão positiva (uma prática ou fórmula em lugar da verdadeira fé), à visualização espiritual e a outras tantas “técnicas” comuns também às religiões orientais e à Nova Era, então passamos a enxergar o Cristianismo “adulterado” que Satanás está tentando criar. Na medida em que todas as religiões convergem no aprimoramento do homem como ser espiritual que passa a exercer poderes divinos, então fica muito mais fácil criar uma religião mundial. Quando surgir um elemento do gênero humano que tiver dominado os poderes do espírito (mesmo que o faça com poderes de Satanás), esse elemento há de representar o alvo de todos que almejam conquistar poderes semelhantes. O Anticristo é exatamente esse elemento, que vai encantar o mundo como primeiro homem a alcançar a deificação desejada.

Quanto à forma como isso vai ocorrer, temos um exemplo recente em Adolf Hitler, que nos mostra como um homem de inteligência abaixo da média, mas que se entregou totalmente ao ocultismo, encantava multidões de alemães ao discursar sempre possuído por um espírito demoníaco /80/. A forma como esse homem planejou a morte de dez milhões de judeus e teve 60% de sucesso só pode ser entendida à luz do apoio que teve. Tão inacreditável quanto foi o apoio ou, pelo menos, o consentimento de governantes do mundo inteiro, dentre os quais cabe ressaltar Franklin Roosevelt (presidente dos USA) e Getúlio Vargas (presidente do Brasil), ambos os quais se recusaram a receber navios carregados de judeus em seus países, mandando-os de volta à Alemanha para serem sacrificados nos campos de concentração. Isso só pode ser alcançado mediante total cegueira espiritual operada por Satanás. Aquilo que o mundo viu na época de Hitler há de ver novamente, em breve, na figura do Anticristo.

Apocalipse 13

Apocalipse 13 nos fala, então, sobre o surgimento de duas bestas, uma que aparentemente dominará o cenário político da época da grande tribulação, enquanto a segunda, preposta da primeira, fará um papel semelhante ao de um sacerdote, cujo objetivo é fazer com que todos os olhares se voltem com admiração e louvor à 1ª besta.

Não cabe aqui, agora, acharmos que Satanás estará efetivamente em pé na praia enquanto surge, vindo das profundezas dos oceanos, um monstro grotesco de várias cabeças. Obviamente tudo continua muito figurado, de modo que uma das chaves para a compreensão do texto será sempre a definição do critério de interpretação das figuras.

Neste caso específico temos que começar por descobrir o papel do mar e a natureza da criatura com a qual estamos lidando. Se valer o mesmo critério apresentado para as águas em *Apocalipse 17.15*, podemos dizer que o mar representa povos, nações, multidões e línguas, dentre as quais surgirá a Besta. Já com relação à natureza dessas criaturas, *Apocalipse 13.18* nos informa que o nome da Besta é nome de homem, donde tudo parece indicar que se tratará de um governante comum, estabelecido através de uma nação comum e que se destacará sobremaneira durante o seu governo, a ponto de alcançar a soberania sobre todas as nações da terra.

Ao emergir das águas, vemos que esta Besta tem grande semelhança com o próprio dragão, ou seja, possui igualmente sete cabeças e dez chifres, mas difere dele pelos diademas, em número de dez e que se encontram sobre os chifres, enquanto os sete diademas do dragão encontravam-se sobre as sete cabeças.

Esta Besta também mostra grande semelhança com o 4º animal visto por Daniel em sua visão (*Daniel 7*). Também este tinha dez chifres, que ali eram representativos de reis distintos de um mesmo reino (*Daniel 7.23-27*). Embora a história mostre que a profecia de Daniel tenha tido cumprimento parcial no reinado dos selêucidas e especificamente com o rei Antíoco IV Epifânio, que no ano 167aC profanou o altar do templo de Jerusalém, causando a cessação temporária das ofertas, só restabelecida por Antíoco V em 163aC, cerca de 3,5 anos mais tarde, ainda assim, o cumprimento desta profecia aponta para um reino escatológico, certamente o mesmo da visão de João.

Somos levados a concluir, portanto, que a Besta é o mandatário de um reino da Terra, existente à época da Grande Tribulação, o qual será dotado de grande autoridade, outorgado pelo poder do dragão, ou seja, por Satanás (*Apocalipse 13.1-2*). Maiores detalhes a respeito da Besta (Anticristo) foram dados no capítulo 12 acima.

Durante o período apostólico, sabemos que a volta do Senhor era considerada iminente até pelos próprios apóstolos, mas aparentemente o assunto tomara proporções obsessivas para os tessalonicenses, pelo que Paulo foi obrigado a lhes escrever esclarecendo que a volta do Senhor não se daria até que surgisse no cenário mundial “o iníquo”, que operaria, segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder e sinais e prodígios da mentira (*II Tessalonicenses 2.9*). A interpretação particular dada a este texto pelas correntes pré-, meso- e pós-tribulacionista permite que essas três linhas de pensamento coexistam.

Jesus também falou a respeito do iníquo supracitado, ao dizer: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê, entenda), então ...” (*Mateus 24.15*). Também esta profecia teria tido cumprimento parcial, segundo o historiador judeu Flávio Josefo, quando o general romano Tito entrou no templo, profanando-o e destruindo-o totalmente no ano 70d.C. Seu cumprimento pleno aponta igualmente, contudo, para um personagem escatológico, que surgirá nos dias da Grande Tribulação. É no mínimo significativo que Jesus fale a seu respeito

exatamente ao introduzir em Seu discurso o assunto da Grande Tribulação (*Mateus 24.15-28*).

Sempre ao longo da História os teólogos se viram tentados a estabelecer um paralelo entre um reino ou um poder vigente e o reinado da Besta. Obviamente o primeiro reino a merecer tal paralelo foi o de Roma, mas uma das dificuldades que sempre complicou esta associação foi o fato da Besta ter sido mortalmente ferida, através de um golpe em uma de suas cabeças e depois ter sido curada (*Apocalipse 13.3*). Na época do Império Romano havia uma lenda, que dava conta que Nero não morreria de suicídio, conforme nos narra a história, mas que fugira para o oriente, de onde voltaria com um exército conquistador. A restauração desse reino, ou alguma forma do mesmo em nossos dias é a posição defendida por alguns teólogos (/80/, pág. 52), que veem isso profetizado no livro de Daniel.

Outros teólogos contemporâneos vinham atribuindo à União Soviética o papel de reinado da Besta, mas foram decepcionados pela dissolução desta união de nações durante os anos 90. Não faltou, contudo, quem dissesse ter sido esta a ferida mortal na cabeça de Gorbachev, caído em desgraça, mas que ressurgirá com muito maior poder quando este se levantar.

Houve ainda, de igual modo, quem visse no Mercado Comum Europeu a associação correspondente de nações (/81/, pág.179).

Verdade é, contudo, que associações desta natureza têm servido apenas para criar preconceitos. É necessário, portanto, que fiquemos atentos, conferindo os fatos em nossos corações, para que reconheçamos o seu cumprimento à medida em que ocorra.

Apocalipse 13.4 nos dá a entender que ficará patente que a Besta opera maravilhosamente pelo poder que lhe foi outorgado por Satanás, constituindo-se em motivo de adoração ao Diabo. A Besta será tida por invencível, o que obviamente denota apenas a falta de conhecimento das Escrituras por parte da maior parte dos homens. Paulo, por exemplo, disse aos tessalonicenses que **“O Senhor Jesus o matará com o sopro de Sua boca, destruindo-o pela manifestação de Sua vinda”** (*II Tessalonicenses 2.8*).

João nos fala, ainda, que serão dadas à Besta uma boca para proferir arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir por um período de 42 meses - novamente o mesmo período referente à segunda metade do período apocalíptico, ou seja, a Grande Tribulação (*Apocalipse 13.5*). Tal autoridade o levará a começar um período de perseguição pela difamação do nome de Deus, da Igreja e posteriormente dos crentes individualmente (*Apocalipse 13.6*). Esta perseguição se tornará em peleja aberta contra os crentes em Jesus, que serão vencidos nesta época (*Apocalipse 13.7*). O termo vencido, utilizado em nossas traduções, não tem o sentido de cederem à tentação de negar o nome de Jesus. O que está implícito é o martírio, que na realidade se constitui em vitória, visto que a fidelidade até a morte tem por prêmio a coroa da vida (*Apocalipse 2.10*).

A autoridade da Besta será sobre todas as nações da Terra e ela será, também, por todos adorada, mas João faz uma ressalva: "... aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro, que foi morto, desde a fundação do mundo" (*Apocalipse 13.8*). Fica implícito, portanto, que a Igreja (toda para os pós-tribulacionistas e os convertidos após o arrebatamento para os demais) se recusará a prestar tal adoração, motivo pelo qual será tão perseguida.

João conclui sua descrição da Besta e da abrangência do seu poder com uma advertência: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça" (*Apocalipse 13.9*). Aparentemente ele diz, ainda, que a perseverança e a fidelidade dos santos reside justamente no fato de que a vingança é do nosso Deus (*Apocalipse 13.10*).

Surge, então, a segunda Besta, emergindo, desta feita, da terra. Esta João diz que tem dois chifres e o aspecto de cordeiro, embora fale como dragão (*Apocalipse 13.11*). Trata-se, sem dúvida, de uma imitação do Cristo, tendo em vista o seu aspecto de cordeiro, mas na hora em que começa a falar percebe-se, imediatamente, que ela nada tem de divino. Esta Besta não oferece qualquer tipo de concorrência à primeira. Pelo contrário, exerce toda a autoridade da 1ª na presença desta, a quem dá toda a honra e glória, fazendo com que todos os moradores da Terra a adorem (*Apocalipse 13.12*). Fica patente, portanto, que a 1ª besta exerce um papel de líder civil, ao passo que a 2ª desempenha uma espécie de sacerdócio a serviço da 1ª.

O texto nos diz que é dado a esta 2ª Besta operar grandes sinais, dentre os quais faz até descer fogo dos céus, de modo que os homens ficam totalmente seduzidos pelo poder que exerce (*Apocalipse 13.12-13*). É importante ressaltar que o poder em questão é real e tem origem no reino das trevas.

Diz-nos João que este preposto da Besta convencerá os homens a fazerem uma imagem para fins de adoração e que usará de seus poderes satânicos para transmitir vida à imagem, de modo que esta matará todo aquele que se recusar a adorá-la (*Apocalipse 13.14-15*). Obviamente estarão incluídos aqui muitos dos santos.

A todos os adoradores da Besta será concedida uma marca sobre a fronte ou sobre a mão direita, com a qual poderão comprar e vender. Serão tempos difíceis para a Igreja (ou para os convertidos após o arrebatamento no cenário pré e meso-tribulacionista), cuja perseguição abrangerá a cassação do próprio direito à aquisição de gêneros alimentícios.

Esta marca aparentemente se constitui num nome, cujo número equivalente é 666, que João apresenta àqueles que têm sabedoria para que possam decifrá-lo (*Apocalipse 13.16-18*). Para a melhor compreensão deste desafio é preciso saber que nem o hebraico nem o grego possuíam um sistema numérico. Ambos os idiomas utilizavam letras do alfabeto em lugar dos números. Seria o equivalente a usarmos, por exemplo A=1, B=2, C=3 etc. Assim sendo, algum tipo de combinação dos números que constituem o nome do homem que encarna a besta deve levar ao número 666.

Não é difícil entender, portanto, que muitas pessoas usem operações algébricas, aplicadas a nomes de indivíduos em evidência, com o intuito de saber se são ou não candidatos ao cargo de Besta. Durante a 2ª Guerra Mundial, por exemplo, muitas pessoas atribuíam a Hitler o ofício de Besta, visto que puderam mostrar que a soma dos números atribuídos às letras do seu nome totalizava 666. O fato de seu principal assessor direto, de nome Göebel, viver para enaltecer o Führer (título que Hitler se deu e que significa líder), fez com que fosse atribuído a ele o cargo de 2ª Besta ou falso profeta. O tempo mostrou rapidamente o equívoco.

Apocalipse 14

A atenção de João se volta, então, para o Cordeiro em pé sobre o monte de Sião, onde se encontra acompanhado de 144.000, que têm escrito em suas frentes não o símbolo da Besta, mas o nome do Cordeiro e do Seu Pai (*Apocalipse 14.1*).

Parece tratar-se de uma situação em que o Cordeiro e o remanescente de Israel celebram no Monte do Templo em Jerusalém a vitória sobre o Anticristo e os reinos da Terra. Embora estejam na Jerusalém terrestre, o texto diz que estão cantando, diante do trono, um novo cântico que apenas os 144.000 remidos podem aprender. Estes, continua João, são aqueles que permaneceram virgens, aparentemente no sentido espiritual, ou seja, que não cederam à idolatria da Besta. Desta forma representam as primícias, para Deus e para o Cordeiro, dentre o povo de Israel. Assim sendo, eles são agora, também, parte da Igreja de Jesus Cristo, à qual se juntarão, contudo, somente depois do Milênio.

Com base em *Apocalipse 14.4* há aqueles que procuram identificar este grupo como uma classe especial de celibatários, porque o texto nos fala não se terem maculado com mulheres, por serem castos. Embora o sentido literal seja este mesmo, sabemos que a Bíblia não apresenta as relações sexuais como uma coisa indigna, senão quando praticadas fora do casamento, além de deixar claro ser ilícito proibir o casamento (*1 Timóteo 4.3*). Por outro lado a Bíblia usa, inúmeras vezes, da infidelidade conjugal como uma figura da idolatria. Segue, portanto, ser mais provável que a referência aqui se faça a pessoas que não dobraram os seus joelhos à Besta, sendo seguidores do Senhor Jesus, sem mentiras e sem mácula de pecado outro (*Apocalipse 14.5*).

Concluída a apresentação dos personagens que desempenharão papéis de destaque no período da Grande Tribulação, João tem uma visão de três anjos que trazem, como que, os últimos avisos aos homens que se encontram sobre a terra, antes que efetivamente comece o derramamento dos sete flagelos do fim.

O primeiro destes anjos voa pelo céu tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a Terra, e a cada nação, tribo, língua e povo. É necessário que temam a Deus e que Lhe deem glória. Devem adorar Aquele que fez o céu, a Terra, o mar e as fontes das águas, pois o Seu juízo é iminente (*Apocalipse 14.6-7*).

Não obstante o texto referir-se a “um” evangelho, não há dúvida que está sendo concedido aos adoradores da Besta a sua última oportunidade para que aceitem “o” evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. Fica claro que Deus ama o mundo de tal maneira, que até a última hora continua Se esforçando para que ninguém se perca (*// Pedro 3.9*). Apesar de difamado, menosprezado e rejeitado, o Seu amor continua a andar de mãos dadas com Sua justiça. O Pai está sempre pronto a fazer com que esta seja satisfeita em Jesus, se tão somente houver arrependimento e confissão de pecados. Esse é o Deus de toda a Bíblia, que continua imutável às portas do juízo!

O 2º anjo nos antecipa informações, que são detalhadas posteriormente nos capítulos 17 e 18, relativas à queda da grande Babilônia, que corrompeu as nações através de sua prostituição (*Apocalipse 14.8*).

A Babilônia bíblica é o protótipo da Babilônia escatológica. Trata-se de uma cidade de grande influência mundial que, além de sua soberania bélica e comercial, exporta para todo o mundo também a sua corrupção sexual e a sua idolatria. Nos dias dos apóstolos, os cristãos olhavam para Roma certos de que ela preenchia este papel, mas 19 séculos depois muitos teólogos continuam a cometer o mesmo julgamento precipitado, olhando com suspeitas para as cidades e nações mais poderosas e moralmente decaídas de nossos dias.

Tudo o que sabemos é que a sua queda dar-se-á nos dias da Grande Tribulação, com maiores detalhes fornecidos adiante, mas fica patente que a queda da cidade que era o orgulho de todas as nações, antes que venha o Dia do Juízo, ainda representa uma nova tentativa do Senhor de levar os demais povos ao arrependimento.

O 3º anjo traz mais uma advertência, esta, contudo, sob forma de ameaça para aqueles que adoram a Besta e a sua imagem e recebem a marca na sua frente ou mão. Ele diz que todo aquele que estiver nesta condição beberá do vinho da cólera de Deus, preparado sem atenuação do cálice de Sua ira. Seu futuro será passado no lago de fogo e enxofre, onde será atormentado pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 14.9-11*).

A cólera e a ira de Deus, retratados pelo anjo, não podem ser entendidos como sentimentos iguais àqueles despertados pela emoção do homem. A ira de Deus é caracterizada pela Sua aversão ao pecado: simplesmente não pode tolerá-lo. A condenação do pecado é automática por estar debaixo da ira de Deus. João expressa isso ao dizer: “... o que não crê já está julgado, porquanto não crê no nome do Unigênito Filho de Deus” (*João 3.18b*). Assim sendo, o que parece vir sob forma de ameaça é, na realidade, apenas um fato consumado: quem não aceita a justiça em Jesus permanece em pecado e, automaticamente, sob a ira de Deus. É na certeza de que nenhum pecado ficará impune que reside, segundo João, a perseverança dos santos (*Apocalipse 14.12*).

Concluído o recado do 3º anjo, João ouviu, ainda, uma voz dirigida do céu, que dizia: “**Bem-aventurados os mortos, que desde agora morrem no Senhor, para que descansem de suas fadigas, pois suas obras os acompanharão**” (*Apocalipse 14.13*). Pode parecer um tanto estranho dizer: feliz daquele que for morto por causa da perseguição que vai

sofrer, porque isso será computado para o seu galardão, mas na realidade esta promessa é até bastante comum no Novo Testamento. Jesus, por exemplo, disse que quem perdesse a sua vida por amor dEle achá-la-ia (*Mateus 10.39b*). Paulo, falando aos filipenses, expressou esta mesma idéia ao dizer que para ele o viver é Cristo, mas o morrer ganho (*Filipenses 1.21*).

Fala-se muito sobre qualidade de vida, mas na prática parece que não é fácil para o homem estabelecer um padrão de vida desejável. Pois bem, para Deus fica claro que a vida de qualidade é aquela que é gasta a Seu serviço, independente de sua duração. Que possamos todos nos esforçar por viver uma vida cristã de qualidade!

Apocalipse 14.14-20 encerra o intróito de João, que antecede a descrição dos sete flagelos da ira de Deus. Trata-se, contudo, de um trecho de compreensão extremamente difícil, onde a maioria dos teólogos concorda que João tem uma antevisão do fim, ou seja, daquilo que é descrito em maiores detalhes adiante, mas apresentam grande divergência em relação ao conteúdo da mesma.

A visão começa distinguindo alguém que identificamos, a princípio, com o Senhor Jesus, em cuja mão João vê uma foice. Repentinamente sai um anjo do santuário, presumivelmente da presença de Deus Pai, dizendo ser chegada a hora da ceifa na Terra, visto estar já madura a seara. Esse anjo manda, então, que o personagem da nuvem inicie a ceifa e este estende a sua foice e a Terra é ceifada. Nada nos é dito sobre a natureza desta ceifa, mas uma ceifa normal implica na colheita dos frutos aproveitáveis, pelo que o texto pode ser entendido como uma descrição sumaríssima do Arrebatamento. Como não é próprio que um anjo dê ordens ao Senhor Jesus, ficamos em dúvida sobre a identidade do personagem da nuvem, que parece ser, agora, apenas outro anjo.

Ficamos ansiosos por maiores informações, mas, ao prosseguirmos a leitura, ficamos surpresos, pois João parece ver uma 2ª colheita, desta vez específica de uvas, ou seja, uma vindima, só que não para serem aproveitadas e, sim, para serem pisadas no grande lagar da cólera de Deus. Trata-se, aparentemente, de uma grande mortandade, que de uma forma ou outra a maioria associa à chamada batalha do Armagedom, onde o sangue das muitas vítimas se estenderá por 300km, chegando à altura dos freios dos cavalos, ou seja, acima de um metro. Esta 2ª operação seria realizada, segundo o texto, pelos anjos.

Obviamente a colheita de todos os frutos, bons e maus, nos levaria ao Dia do Juízo Final e não à descrição dos flagelos feita a seguir, pelo que reiteramos só ser possível entender este texto como uma antevisão do que vem após as tragédias que se seguem.

Semana 102 - Escatologia (3)

Texto: Apocalipse 15 a 22

Estação 50

Apocalipse 15

O capítulo 15 nos leva, então, aos sete flagelos finais do derramamento da ira de Deus. Ao invés de entrar diretamente nos mesmos, contudo, João presencia aqui uma espécie de cerimônia de abertura. Ele tem a visão dos mártires, que venceram a Besta pela sua fidelidade até à morte, em pé diante do trono entoando a Deus o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro (*Apocalipse 15:1-3*).

Aparentemente não se trata de dois cânticos, como pode parecer a princípio, mas de um só, cuja letra nos é fornecida. A referência, no caso, seria às pessoas que o entoam, quais sejam: os servos tanto do Velho como do Novo Testamento. O cântico em questão é de exaltação a Deus pelos Seus poderosos feitos e pelos Seus atos de justiça, que serão manifestos a todos.

Dando continuidade à cerimônia de abertura surgem sete anjos, com trajes resplandecentes de linho puro, a quem os quatro animais entregam sete taças de ouro cheias da cólera do Deus eterno. No instante em que os anjos recebem as taças e vão começar a entrar em ação João observa que o santuário celestial se enche de fumaça, impedindo que alguém possa adentrá-lo antes que as sete taças sejam derramadas.

Sempre que o templo se enchia de fumaça no Velho Testamento (ver, por exemplo, *Êxodo 40.35*, *I Reis 8.10-11* e *Isaías 6.4*), tal fato estava associado à manifestação da glória de Deus. Desta feita, de igual maneira, o Nome do Senhor será glorificado pela manifestação de Sua soberania e Sua justiça.

Apocalipse 16

O Derramamento das Sete Taças da Ira de Deus

Tem início, então, o derramamento das sete taças da ira de Deus. Estas, como veremos, são mais intensas que os sete selos e as sete trombetas e são dirigidas, principalmente, ao reino da Besta, atingindo frontalmente os homens que optaram por servi-la.

A 1ª taça é derramada por toda a terra pelo 1º anjo, em obediência a uma voz não identificada vinda do santuário. Ela atinge somente os homens portadores da marca da Besta e os adoradores de sua imagem, afligindo-os com feridas, que o texto classifica como malignas e perniciosas (*Apocalipse 16.1-2*). A natureza desta praga parece semelhante à 6ª praga que foi derramada sobre os egípcios (*Êxodo 9.8-12*), fazendo com

que os magos não pudessem permanecer diante de Moisés. Naquele caso não vemos Faraó pedindo a remoção desta praga, nem tampouco há informações no livro de Êxodo sobre mortes decorrentes da mesma. Aparentemente, portanto, as úlceras apenas torturaram os egípcios durante algum tempo, findo o qual as chagas foram vencidas, com a permissão de Deus, pelas próprias defesas do organismo. À luz do paralelo do Egito, e tendo em vista a ausência de qualquer referência a mortes decorrentes desta taça, podemos presumir que se trata de um sofrimento, cuja finalidade é alertar os aliados da Besta para o fato de que Deus reina e que Sua soberania se estende às suas vidas.

A idéia de alguns comentaristas apocalípticos de que se trata de feridas decorrentes de uma catástrofe atômica mundial, da qual seriam poupados os fiéis, parece não se encaixar na sequência dos eventos, visto que uma contaminação letal de todos os que servem à Besta, inclusive a própria, tornaria desnecessários os outros flagelos.

A 2ª taça é derramada sobre os mares, a exemplo do que acontecera por ocasião da 2ª trombeta, mas desta feita todas as águas se tornam em sangue e a totalidade dos peixes morre (*Apocalipse 16.3*), contrastando com a terça parte dos danos causados pela 2ª trombeta (*Apocalipse 8.8-9*). Trata-se de uma catástrofe de proporções mundiais, que dá fim a um dos grandes celeiros da alimentação do povo deste planeta.

No Rio de Janeiro, os moradores das margens e proximidades da lagoa Rodrigo de Freitas não têm qualquer saudade da época em que ocorria, algumas vezes por ano, a obstrução da ligação da lagoa com o mar, fazendo com que morressem todos os peixes. O cheiro insuportável dos peixes em putrefação durava alguns dias, até que as autoridades sanitárias pudessem removê-los e as águas serem renovadas pela desobstrução do canal que dá acesso ao oceano Atlântico. Resguardadas as devidas proporções, talvez possamos ter uma vaga idéia do que representa a mortandade dos peixes residentes nas águas que cobrem 75% da face do nosso planeta! Os oceanos estarão mortos e os peixes apodrecerão, tornando insuportável o odor do ar em toda a Terra.

A 3ª taça também é derramada sobre as águas, só que desta vez a dos rios e das fontes, fazendo com que toda a água potável do planeta se converta, igualmente, em sangue (*Apocalipse 16.4*). O efeito correspondente sobre os peixes não é descrito no texto, mas consequências similares sobre a fauna dos rios são previsíveis.

Neste instante João tem sua atenção despertada pela voz de um ser que ele descreve como sendo o anjo das águas. Não cabe aqui especular sobre anjos tendo autoridade sobre áreas distintas da natureza; o mais provável é que se trate do mesmo anjo que derramou a sua taça sobre os rios e as fontes, sendo esta a forma de João de se referir a ele (*Apocalipse 16.5*). Este anjo irrompe num louvor motivado pelo juízo de Deus, que O qualifica como justo. Os servos da Besta haviam derramado o sangue dos santos e dos profetas, pelo que Deus agora lhes dá a beber o sangue resultante da taça de Sua ira. Ele ainda complementa, dizendo: “**Eles são dignos disso**” (*Apocalipse 16.5-6*).

À primeira vista podemos ter a impressão que o anjo está contente pela vingança sobre os adoradores da Besta, mas isso seria atribuir ao anjo sentimentos humanos. Quando nos lembramos da tamanha alegria que há no céu por um pecador que se arrepende (Lucas 15:7), compreendemos que não pode ser esse o caso. Tudo que podemos dizer é que o anjo reconhece que, não obstante o grande amor de Deus, chegou o momento de exercer juízo e que este é baseado em critérios justos.

Em resposta às palavras deste anjo João ouve, vindo do altar, outra expressão de louvor, que diz: **“Certamente, ó Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos”** (*Apocalipse 16.7*), que nos faz lembrar, imediatamente, dos mártires que João vira por ocasião da abertura do 5º selo, perguntando quando viria o juízo (*Apocalipse 6.9-11*). Também estes estariam reconhecendo que Deus agira com justiça, aplicando agora o juízo depois de ter esperado longamente por arrependimento.

No 4º flagelo o anjo derrama a sua taça sobre o sol e João constata que o resultado disso são distúrbios que fazem com que este passe a queimar as pessoas (*Apocalipse 16.8*). Sabemos que a natureza funciona bem graças à manutenção de Deus, **porque Ele faz com que o sol se levante sobre maus e bons e que a chuva desça sobre justos e injustos** (*Mateus 5.45*). No dia em que resolveu fazer chover granizo sobre os egípcios, enquanto o tempo permanecia bom na terra de Gósen (*Êxodo 9.22-26*), Ele o fez porque reina sobre a natureza. O resultado previsto para este flagelo é de igual natureza. Deus há de alterar a posição ou a temperatura do sol de modo a abrasar os homens, mas pelo cuidado dEle com os Seus, esse flagelo não há de ter efeito sobre os santos. O texto deixa claro que isto há de ficar patente aos olhos dos adoradores da Besta, mas não será motivo para Lhe darem glória. Pelo contrário, os seus corações estarão tão endurecidos, que ao invés disso vão blasfemar o Seu nome (*Apocalipse 16.9*).

O 5º flagelo diz respeito a uma taça derramada diretamente sobre o trono da Besta, de modo que o seu reino se torna em trevas, trazendo sobre os seus servos grande angústia que, aliada à dor das úlceras que estavam sentindo, faz com que mordam as línguas e blasfemem do Deus do céu (*Apocalipse 16.10-11*). Não está explícita aqui a forma como o reinado da Besta foi atingido, nem tampouco o que significa um reino virar trevas, mas está bastante claro que a situação desse reino se tornou desesperadora, trazendo insegurança aos seus súditos, que o achavam inexpugnável. O que mais impressiona, contudo, é que mesmo derrotados eles não se dispõem a reconhecer os seus erros e tornar para o Senhor Jesus Cristo. Antes preferem blasfemar do Deus do céu e continuar em seus pecados.

O 6º e penúltimo flagelo difere dos anteriores, pois não há qualquer grande catástrofe envolvida. O anjo derrama a sua taça sobre o rio Eufrates, fazendo com que o leito deste se torne seco (*Apocalipse 16.12*). Para melhor compreensão do que se passa aqui, é preciso entender que o rio Eufrates é o limite natural da Terra Prometida (*Gênesis 15.18*) e ao mesmo tempo se constituía num símbolo dos inimigos de Israel. Em *Isaías 8.7*, por exemplo, a invasão da Assíria pelas tropas de Senaqueribe é descrita como um transbordar do rio Eufrates. Assim sendo, o secar das águas do Eufrates corresponderia

a abrir o caminho para as tropas invasoras do Oriente, exatamente como João o descreve. Curiosamente este flagelo parece se constituir em uma armadilha contra Israel, mas o que estamos assistindo, na realidade, é o preparo do “xeque-mate” para o Anticristo e seus exércitos. Neste mesmo contexto, vemos as tropas satânicas aceitando o desafio e concentrando forças para esse ataque. João assiste a um ajuntamento de demônios saídos de Satanás, da Besta e do falso profeta, sob forma de rãs, cuja missão é a de convencer os reis de toda a Terra a saírem com eles para a batalha do Grande Dia do Deus Todo-Poderoso (*Apocalipse 16.13-14*).

O Grande Dia do Deus Todo-Poderoso é mais um sinônimo para o Dia do Senhor, cuja ênfase aqui reside na certeza de Sua vitória sobre as tropas de Satanás. Trata-se do ponto para o qual convergem todos os atos de Deus, visando a redenção da humanidade. É o dia de consumação, tanto da salvação como do juízo.

O versículo seguinte aparece como uma espécie de inserção fora do contexto. De repente Jesus assume a palavra e diz que Sua vinda dar-se-á como o ladrão de noite e que bem-aventurado é aquele que for encontrado vigilante (*Apocalipse 16.15*). O que isso tem a ver com a batalha que está sendo descrita? Na realidade, tudo. O que Jesus está dizendo é que o contexto fica sem sentido se for dissociado do seu ponto mais importante, qual seja: a Sua vinda. O povo de Deus não é exortado a ficar de olho nas batalhas e, sim, na Sua vinda (*Mateus 24.42*). Estar preparado é comparado ao vestir de roupas alvas em todo o tempo, o que corresponde a ter um comportamento impecável sempre. Advertência similar já fora feita à igreja de Laodicéia (*Apocalipse 3.18*).

Na continuidade do contexto João vê a consumação da batalha num lugar chamado Armagedom, que significa colina de Megido, mas não entra em qualquer detalhe a respeito (*Apocalipse 16.16*). Também nós vamos deixar esta batalha para o item seguinte.

O último flagelo, onde somos informados que o anjo derrama a sua taça no ar, se faz acompanhar da mesma voz, não identificada, vinda do santuário, dizendo que está feito. Seguem relâmpagos, trovões e um gigantesco terremoto, o qual João nos informa ser o maior já presenciado pela humanidade, e só então nos é dito que o objeto deste flagelo era a destruição da grande Babilônia (*Apocalipse 16.17-19*). Um prenúncio desta destruição já fora feito no capítulo 14 e novamente é citado aqui como o objeto deste flagelo, mas maiores detalhes são fornecidos nos próximos dois itens.

O fato de João dizer que Deus se lembrou da grande Babilônia para dar-lhe do vinho do furor da Sua ira, não significa que Ele tivesse esquecido, enquanto seus santos sofriam martírio e os povos em geral bebiam da prostituição oferecida por aquela cidade. Significa, isso sim, que Ele reservara para o momento oportuno o seu castigo.

Com relação às outras nações que apoiaram a Besta, somos informados que Deus destruiu as suas cidades. Também neste caso maiores informações são fornecidas no item seguinte. A extensão desta destruição é atestada pelas ilhas e pelos montes que não mais foram achados (*Apocalipse 16.20*). Sobre a forma como ela se deu, João fala

de chuvas de pesadas pedras, razão pela qual os homens novamente blasfemaram de Deus (Apocalipse 16.21).

Apocalipse 17

A Destruição da Grande Babilônia

Os capítulos 17 a 20 mostram os eventos relativos à intervenção final de Deus na ordem mundial, a volta de Cristo, o período do milênio, o juízo final e o estabelecimento de novo céu e nova terra. Trata-se, portanto, de uma visão de vitória.

Já por duas vezes anteriores João havia mencionado a destruição da grande Babilônia, sem, contudo, entrar em maiores detalhes a respeito (*Apocalipse 14.8 e 16.19*). Agora, nos capítulos 17 e 18, o apóstolo se estende longamente sobre a identificação e a destruição desta cidade, respectivamente.

Um dos anjos que portava uma das sete taças se aproxima então de João e o convida para ver o julgamento da grande meretriz que se acha assentada sobre muitas águas, com a qual se haviam prostituído os reis e que havia embebedado, com sua devassidão, os habitantes da terra. Ele se viu, então, transportado em espírito para o deserto, onde viu uma mulher montada numa besta escarlate, com sete cabeças e dez chifres, repleta de nomes de blasfêmia. Esta mulher, ricamente trajada e tendo na mão um cálice de ouro cheio de suas abominações, tinha escrito na testa: "*Babilônia, a grande, a mãe das meretrizes e das abominações na Terra*". João, então, se admirou sobremaneira desta mulher estar embriagada por causa do sangue dos fiéis em Jesus (*Apocalipse 17.1-6*).

Se a intenção aqui é fornecer uma revelação, então, nós devemos poder entender quem é essa mulher e onde ela se encaixa no contexto da guerra entre o reino de Deus e as hostes satânicas. A figura da meretriz é utilizada na Bíblia associada à infidelidade do povo de Deus (*Isaías 1.21, Jeremias 3.1* etc.), mas é usada, também, para descrever a devassidão de cidades pagãs, como, por exemplo, Tiro (*Isaías 23.17*). Esta parece ser a aplicação neste caso.

Com relação ao nome da cidade, sabemos que a Babilônia histórica preenche bem a descrição que é feita, ou seja, trata-se de uma cidade construída sobre as águas, que vivia em opulência e devassidão, ao mesmo tempo em que seduzia os povos que conquistava. Obviamente, portanto, esse é o motivo pelo qual empresta o nome à Babilônia escatológica. O fato de estar embriagada com o sangue dos santos nos dá a idéia de que perseguiu a Igreja do Senhor.

Enquanto João estava admirado, provavelmente fazendo essas mesmas conjecturas, o anjo se dispôs a esclarecer não só o mistério da mulher, mas também o da Besta sobre a qual ela se encontrava assentada (*Apocalipse 17.7*). Trata-se, aqui, de identificar o relacionamento que existe entre a mulher e a Besta, bem como, tanto quanto possível, quem são. As informações que o anjo passa a dar inicialmente acerca da Besta, parecem

ser coerentes com aquelas já fornecidas no capítulo 13. Ela teria as mesmas sete cabeças, sobre os quais carrega a mulher e dez chifres. Ele informa a João que a Besta, que ele viu, já foi, no momento não é, mas voltará a ser, pelo que será motivo de grande admiração por parte daqueles cujos nomes não se encontram escritos no Livro da Vida (*Apocalipse 17.8-9*). Vemos, portanto, que a ferida mortal da Besta em *Apocalipse 13.3* corresponde à cessação de existência temporária do reino desta, cuja segunda fase será curta, visto que caminhará rapidamente para a destruição quando for restaurado.

O anjo diz a João que as sete cabeças representam sete montes sobre os quais a mulher está assentada, mas que ao mesmo tempo são, também, sete reis. Isso faz com que muitos teólogos pensem logo em Roma, e mais especificamente na Igreja Romana como a mulher, visto que é uma cidade conhecida por ter sido edificada sobre sete colinas. Ao dizer, contudo, que as cabeças representam, também, sete reis, a interpretação óbvia, que faria do Império Romano a Besta, apresenta dificuldades, visto que Roma teve onze imperadores (Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Oto, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano) e não sete. Além disso, João fala da cessação temporária de existência deste reino, do qual cinco reis já foram, o 6º existe e o 7º, que vai reinar por pouco tempo, ainda não chegou (*Apocalipse 17.10*). O 8º, que é a Besta e procede dos sete (*Apocalipse 17.11*), viria, então, após o período de cessação do reino. Não obstante muitas tentativas, não foi fornecida uma explicação razoável que associe os sete reis aos imperadores de Roma.

Tem sido sugerido, como alternativa, que os sete reis sejam, na realidade, uma referência aos mandatários de sete reinos, dos quais Roma seria apenas um. Neste caso, contudo, Roma não seria o 1º, mas o 6º reino. Assim sendo, as colinas seriam aplicáveis apenas à mulher, a grande Babilônia, na figura de Roma que, eventualmente, poderia ser o Vaticano, como querem alguns autores.

Ao longo desta linha de raciocínio, apresentado, por exemplo, por Kampen (/81/, pág. 106-110), os seis primeiros reinos em apreço seriam aqueles que perseguiram a nação de Israel, quais sejam: o Egito, a Assíria, a Caldéia, a Média e Pérsia, a Grécia e o Império Romano. A partir da queda do Império Romano os judeus foram severamente perseguidos por Filipe da Espanha e, de forma desumana, pelo IIIº Reich de Hitler. O critério usado por Kampen (/81/, pág. 115) para a escolha de Hitler foi o fato de todos os reinos anteriores serem descendentes de Jafé, assim como os alemães, mas não os espanhóis. Assim sendo, Kampen (/81/, pág. 117) sugere que o III Reich, ou algo semelhante, ressurgirá de alguma forma. Trata-se de uma ideia interessante, mas não de uma verdade inquestionável.

João nos fornece, em *Apocalipse 17.12-13*, mais uma informação, à qual podemos estar atentos. Ele fala de dez reis que ainda não são, mas que hão de receber poder por um curto período, por ocasião do reino da Besta, e que delegarão seu próprio poder a esta, à qual serão totalmente devotos. Estes versículos têm feito com que muitos autores modernos voltem os seus olhos para o Mercado Comum Europeu, esperando identificar dentre aquelas nações uma que reine sobre as demais (de acordo com Kampen /81/,

esta seria a Alemanha), mas o erro de tantos comentaristas apocalípticos do passado, que interpretaram erroneamente as profecias para eventos de seus dias, nos devem servir de alerta em relação a precipitações neste sentido. Se 10 é um número literal ou simbólico não sabemos, mas com certeza temos apenas mais uma dica: outros reinos delegarão o seu poder ao reinado da Besta. O que passa disso, por enquanto, é especulação.

A narração do conflito, que culmina com a vitória do Cordeiro sobre a Besta e seus aliados, só é feita em *Apocalipse 19.17-21*, mas já vemos aqui em *Apocalipse 17.14* uma alusão a esta batalha, na qual serão vencedores também os eleitos e fiéis que O acompanham. João não se furta a dizer que esta vitória já está implícita porque: “*Ele é Rei dos reis e Senhor dos senhores*”. Aleluia!

Até aqui o anjo só falou a João a respeito da Besta, mas no texto de *Apocalipse 17.15-18* ele fala sobre a mulher e o método que Deus há de usar para condená-la. O primeiro e último versículos deste texto são destinados à identificação da senhora mencionada acima, ao passo que os outros dois falam efetivamente de condenação. A mulher é identificada como uma grande cidade que domina sobre os reis da terra. O anjo enfatiza isso dizendo que as águas sobre as quais ela se assentava na visão de João eram, na realidade, povos, multidões, nações e línguas. Alguns autores veem esta cidade como a capital do reino da Besta, mas não encontramos um versículo que sugira isso. Os versículos 16 e 17 parecem sugerir, isso sim, que a Besta, antiga aliada da meretriz, comece a odiá-la, por algum motivo não explicitado, e que consiga persuadir os seus aliados a lhe dar apoio, fazendo com que rompam seus laços com ela, odiando-a e destruindo-a, transferindo à Besta todo o seu poder. Esta intriga, que nos lembra algumas batalhas ganhas no Velho Testamento pelas divergências internas, suscitadas por Deus, nos flancos inimigos (*II Crônicas 20.23*), é claramente atribuída aqui ao trono do Deus Altíssimo.

Apocalipse 18

O capítulo 18 é dedicado à queda da Babilônia escatológica, cuja narração é feita por um anjo de grande poder que João vê descer do céu e que ilumina toda a terra com a sua glória (*Apocalipse 18.1*). Ele exclama com potente voz, dizendo que já caiu a grande Babilônia e que se tornou morada de demônios como consequência do seu pecado de ter corrompido todas as nações da terra com o vinho do furor de sua prostituição (*Apocalipse 18.2-3*). Está implícita aqui a disseminação indiscriminada de um padrão moral baixo, visando tão somente auferir lucros. Essa descrição nos lembra imediatamente a nossa sociedade de consumo atual, que é capaz de usufruir de qualquer coisa que produza lucro ao mesmo tempo em que consome qualquer coisa que seja moda. Isso tem feito com que alguns autores olhem para os Estados Unidos, sabidamente a nação mais consumista do globo terrestre, como candidato mais forte ao cargo de grande meretriz (*/82/, pág. 17*). Mais uma vez, contudo, devemos alertar para

o perigo de conclusões desta natureza, principalmente porque a prostituição aqui é, antes, espiritual.

Em *Apocalipse 18.4*, uma voz vinda do céu passa a alertar o povo de Deus para que saia de Babilônia, para: 1) não vir a ser cúmplice de seus pecados; 2) não acabar por sofrer os flagelos a ela destinados. No mundo em que vivemos essa advertência continua aplicável a todos os crentes. Vivemos num meio corrompido pelo pecado, onde os valores são completamente errados. O risco que corremos de nos acostarmos ao erro, passando a encará-lo como normal, é muito grande. Temos visto o mundo entrando nas congregações, que representam o Senhor Jesus Cristo, exatamente porque os crentes não têm a preocupação de guardar distância em relação ao pecado.

Jesus, em Sua oração sacerdotal, pediu ao Pai, não que os tirasse do mundo, mas que os livrasse do mal (*João 17.15*). Na continuidade deste texto Ele lembra que não somos do mundo, tanto quanto Ele não o é; portanto, urge que sejamos santificados, ou seja, separados pela Palavra. O crente que tem comunhão com Deus, através do estudo da Bíblia, automaticamente é separado do pecado pela unção do Espírito Santo, na medida em que coloca em prática os ensinamentos ali recebidos. A opção de sair de Babilônia está ao alcance de cada um de nós. Devemos ter em mente, que sem santificação ninguém verá a Deus (*Hebreus 12.14b*)! Assim sendo, a alternativa de não nos separarmos de Babilônia reside em sofrermos o castigo a ela destinado.

Este texto contém uma informação importante, que diz respeito à Igreja. Sabemos que no período da Grande Tribulação haverá acirrada e ostensiva perseguição àqueles que se recusarem a receber o sinal da Besta. Sabemos, ainda, que muitos serão mortos, mas este texto deixa claro que este extermínio não será total. Essa é a mesma impressão que tiramos do discurso de Jesus, onde Ele diz: “**Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém se salvaria, mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados**” (*Mateus 24.22*). Obviamente está implícito aqui que, segundo as visões pré e meso-tribulacionistas, Igreja se refere apenas aos convertidos após o arrebatamento.

Em *Apocalipse 18.5-8* a voz do céu, citada acima, relembra o pecado da meretriz e decreta o seu castigo. Em princípio o fato dela receber em dobro todo o mal que causou a outros parece uma espécie de vingança, mas devemos lembrar que se trata apenas do cumprimento da justiça divina. Esta no Velho Testamento às vezes exigia o pagamento em dobro (*Jeremias 16.18 e 17.18*) e, em outras ocasiões, até quadruplicada e quintuplicadamente (*Êxodo 22.1*). A autoexaltação e a vida de luxúria da mulher estavam sendo castigados com tormento e pranto. Sobre a grande Babilônia viriam flagelos de morte, pranto e fome, com a cidade sendo consumida pelo fogo em um só dia.

O texto de *Apocalipse 18.9-19* traz o lamento dos diversos segmentos de pessoas que usufruíam da luxúria e dos ganhos resultantes do comércio com a grande Babilônia e que se encontram agora frustradas, não pela perda da cidade, mas pelo seu próprio prejuízo.

Os versículos 9 e 10 trazem o lamento dos reis da terra, que se mantêm à distância por medo de serem envolvidos no castigo, e que estão assombrados com o juízo repentino e rápido. Já nos versículos de 11 a 16 o choro é apresentado pelos mercadores, que choram, contudo, por tamanha perda de bens e porque já não há mais quem compre os seus produtos. A lista dos produtos apresentada nos versículos 12 e 13 lembra bastante aquela apresentada por ocasião da queda de Tiro (*Ezequiel 27.5-24*). Finalmente, os versículos 17 a 19 trazem o lamento do pessoal da Marinha Mercante, que enriqueceu transportando os produtos de Babilônia, e agora não terá mais carga para os seus navios.

Em contrapartida a voz do céu exorta santos, apóstolos e profetas a exultarem porque a sua causa, o clamor devido à perseguição que vinham sofrendo pela meretriz, foi julgada. A exultação, mais uma vez, se dá não pelo espírito de vingança, mas porque a justiça de Deus está triunfando sobre o poder satânico reinante no mundo.

Quando Jeremias acabou de escrever as suas profecias contra a Babilônia histórica, ele chamou a Seraías, descendente do rei Zedequias, que estava sendo levado cativo, e deu a ele uma cópia dessa profecia, mandando que, em ali chegando, ele a lesse em voz alta, findo o que deveria atá-la com uma pedra e lançá-la no rio Eufrates como sinal. Ele, então, pronunciaria as seguintes palavras: **“Assim será afundada Babilônia e não se levantará, por causa do mal que hei de trazer sobre ela, e os seus moradores sucumbirão”** (*Jeremias 51.60-64*). A narração de João em *Apocalipse 18.21-24* mostra um evento similar presenciado por ele com relação à Babilônia escatológica. Ele viu quando um anjo forte levantou uma pedra de moinho e a jogou no mar, dizendo: **“Assim será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca mais será achada”**. Nos versículos 22 e 23 ele continua falando das atividades normais, que não mais ocorrerão na cidade porque ela estará deserta, quais sejam: o tocar de instrumentos, a obra dos artífices, o barulho do moinho, o brilhar das candeias à noite e a alegria dos noivos, tudo por causa da ganância dos mercadores e pela feitiçaria que seduziu as nações.

Encerrando a narração da destruição da grande Babilônia, João lembra que nela foi achado o sangue ali derramado dos profetas e dos santos, cujo clamor certamente chegara aos céus.

Conforme dito acima, e ao contrário do que ocorre em relação à Besta, a maioria dos autores evangélicos tende a identificar o Vaticano como a Grande Babilônia ou a mulher que monta a Besta. Dave Hunt /83/ apresenta um dos arrazoados mais completos em defesa dessa idéia, cujos principais argumentos são resumidos abaixo:

- o governo católico do Vaticano (Roma) se assenta sobre muitas águas (*Apocalipse 17:1*), ou seja, domina sobre mais de um bilhão de pessoas (povos, multidões, nações e línguas, conforme indicado em *Apocalipse 17.5*);
- Roma representa a continuidade da corrupção da Igreja iniciada por Constantino em 313, após sujeitá-la a si mesmo e não mais a Cristo. Dessa união de Igreja e Estado resultou a fornicção espiritual de Roma com os reis da Terra (*Apocalipse 17.2a*);

- Roma tem levado milhões de pessoas ao inferno por enganá-las (fornicação espiritual) quanto à sua salvação. Tem pregado a seus membros um evangelho corrompido que nada tem a ver com o de Jesus Cristo (*Apocalipse 17.2b*);
- Roma sempre se interessou pelo poder político como forma de aumentar seus ganhos. O ápice desse poder se deu com Inocêncio III, que foi papa entre 1198 e 1216. A seguinte declaração dele mostra claramente o seu conceito em relação ao seu poder secular (/83/, pág. 54): “Assim como a lua recebe luz do sol ... também o poder real [entenda-se os reis] deriva da autoridade pontifícia, o esplendor da sua dignidade ... O estado do mundo ... será restaurado por nossa diligência e cuidado ... pois a autoridade pontifícia e o poder real são suficientes para tal propósito”.

É claro que essa posição de Inocêncio III não guarda a mais remota relação com a de Jesus, que disse a Pilatos que “**Seu Reino não era desse mundo**” (*João 18.36*). O declínio do Papado começou gradativo depois de Inocêncio III, mas se acentuou com a Revolução Francesa e chegou a um mínimo por volta de 1870, quando Pio IX perdeu todos os Estados Papais para o reino da Itália. A Itália ofereceu à Igreja Romana reinar apenas sobre o Vaticano, o que foi inicialmente recusado, mas acabou sendo aceito por Pio XI em 1929, na concordata que assinou com Mussolini. A partir desse ponto a Igreja Romana, vendo não ter mais acesso ao poder da forma como o buscara antes, mudou de estratégia e passou a fazer alianças com os governos que desejava influenciar. Esse foi o caso da concordata com o governo fascista de Mussolini e, com muito mais ênfase, na concordata de 1930 com o III Reich de Hitler, onde a Igreja apoiou o extermínio de seis milhões de judeus e patrocinou a fuga de centenas de nazistas depois que foram derrotados. A mesma tática será usada para influenciar o governo do Anticristo (a mulher montará a Besta), conforme previsto em *Apocalipse 17.3*. O Anticristo, por outro lado, se deixará orientar enquanto isso lhe for conveniente.

- as vestimentas ricamente adornadas, em cores púrpura e escarlate, utilizadas por papas e cardeais, se adequam bem à descrição que João dá em *Apocalipse 17.4a*;
- o enriquecimento do Vaticano é descrito em *Apocalipse 17.4b* através da taça de ouro cheia de abominações e fornicação. A venda de indulgências e tantas outras abominações levaram não apenas ao acúmulo de relíquias de valor inestimável, mas uma vasta gama de propriedades espalhadas pelo mundo, bem como indústrias diversas e participação acionária em Wall Street e em outras bolsas de valores. A perda repentina de toda essa riqueza será motivo de lamento daqueles que dela se beneficiaram (*Apocalipse 18.9-19*);
- a mulher tinha na testa uma escrita, dizendo: “**Mistério, Babilônia a Grande, a Mãe das Meretrizes e Abominações da Terra**” (*Apocalipse 17.5*). Roma representa, segundo Hunt, um sistema religioso mundial que afirma ser cristão, mas tem suas raízes no paganismo babilônico, que teve início em Babel. Esse é o mistério citado por João. É chamada de meretriz porque adulterou espiritualmente com os reis da Terra. A história

papal é uma longa sequência de pessoas perversas, genocidas, fornicadores, ladrões, fomentadores de guerras etc.;

- ela se embriagou com o sangue de muitos mártires, que morreram por ousar discordar da religião corrompida por interesses papais escusos (*Apocalipse 17.6a*). As cruzadas que exterminaram os albigenses e os valdenses, bem como os mortos pela Anti-Reforma são apenas alguns exemplos;
- o provável motivo da admiração de João (*Apocalipse 17.6b*) residia no fato dele reconhecer naquela meretriz a noiva que ele tanto trabalhara por edificar;
- Roma é a única cidade edificada sobre sete montes e que preenche todos os demais requisitos (*Apocalipse 17.9*);
- o fato dela ter reinado sobre os reis da Terra já foi abordado acima.

Certamente Hunt /83/ apresenta excelentes argumentos que podemos considerar, mas sua veracidade terá que esperar para ser confirmada ou não.

Apocalipse 19

No início do capítulo 19 o cenário muda para o céu, mas o assunto é o mesmo. Há júbilo ali pelo juízo justo de Deus sobre a meretriz, que corrompia a terra com a sua prostituição. O canto de louvor ressalta que a salvação, a glória e o poder são do nosso Deus (*Apocalipse 19.1-2*).

Curiosamente a palavra “aleluia”, que significa “Deus seja louvado!” e aparece inúmeras vezes nos salmos, não havia sido usada uma única vez ao longo de todo o Novo Testamento, mas consta aqui 4 vezes em 6 versículos. Em *Apocalipse 19.3* é usada para o louvor de Deus pela destruição de Babilônia, cuja fumaça sobe em memorial pelos séculos dos séculos.

As Bodas do Cordeiro

Neste instante João vê os anciãos e os quatro seres vivos aderindo ao canto e, aparentemente, um deles conclamando todos a se unirem no canto de louvor ao Pai. Esta conclamação tem resposta imediata de uma multidão, cujo canto, mais uma vez, começa com “Aleluia!”, mas que introduz um assunto novo: as bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19.4-7*).

O canto nos diz que são chegadas as bodas do Cordeiro e que a noiva já se ataviou, pois lhe foram dadas, para vestir, roupas de linho finíssimo, resplandecente e puro. O linho finíssimo, segundo o texto bíblico, corresponde aos atos de justiça dos santos (*Apocalipse 19:7-8*). A figura do casamento para representar o relacionamento entre Deus e o Seu povo permeia toda a Bíblia, mas no Novo Testamento este casamento é apresentado como um noivado a se consumir na 2ª vinda de nosso Senhor Jesus Cristo

(*I Coríntios 6.17, II Coríntios 11.2 e Efésios 5.23-32*). Como Cristo está voltando na visão de João (a volta se dá a partir do versículo 11), os céus já estão anunciando as bodas.

É importante ressaltar que neste contexto é a noiva, ou seja, a Igreja, que se veste, mas as roupas, de linho finíssimo, lhe são dadas. Para que não fiquemos nos perguntando que roupas são essas, João já se adiantou e disse que elas são as que correspondem aos nossos atos de justiça. Bem sabemos que não temos atos de justiça próprios, mas, uma vez salvos, podemos praticar atos que agradam a Deus, desde que sejam aqueles que Ele de antemão preparou para que neles andássemos (*Efésios 2.10*). A avaliação desses atos se deu no juízo de Cristo (Bema), conforme já indicado no capítulo 8.

Logo a seguir um anjo se dirige a João e lhe diz que bem-aventurados são aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro (*Apocalipse 19.9*). Há uma aparente confusão aqui porque se Cristo é o noivo e a Igreja a noiva, quem seriam os convidados e porque seriam bem-aventurados. Tudo indica que os convidados, no caso, são aqueles que aceitam o convite e se juntam à noiva, ou seja, são, na realidade, a própria noiva, que obviamente é bem-aventurada porque vai herdar o reino dos céus.

Isso pode parecer estranho, mas não seria a primeira vez na Bíblia que tal associação é feita. Na parábola das bodas, registrada em *Mateus 22.1-14*, o rei (que representa Deus), manda celebrar bodas para o seu filho (Jesus, no caso) e os convidados (os judeus) se desculparam e não aceitam. O rei, irado, manda convidar, então, aqueles que lhe são estranhos (a Igreja). Nesta parábola nem há menção da noiva. Outro exemplo é a parábola das 10 virgens, fornecida em *Mateus 25.1-13*. As virgens prudentes, no caso, são as convidadas que representam a igreja vigilante, enquanto mais uma vez a noiva é omitida.

João deve ter confundido a glória desse anjo com a do Senhor Jesus, pois em seguida nós o vemos prostrando-se a seus pés para adorá-lo (*Apocalipse 19.10*). Ele certamente estava ciente do problema de culto a anjos que houvera na igreja de Colossos, que Paulo repreendera com veemência (*Colossenses 2.18-19*). A reação do anjo, não permitindo que ele fizesse aquilo, denota bem o seu zelo. Ele informou a João que era seu conservo, bem como dos seus irmãos, que mantinham o testemunho de Jesus, e disse que deveriam adorar a Deus.

O anjo acrescentou, então, uma informação digna de registro: é que o testemunho de Jesus é o espírito de profecia. Os teólogos de modo geral dizem que esta frase pode ter dois significados: 1) o testemunho do plano de redenção só é efetivo se feito pelo espírito de profecia; 2) o verdadeiro testemunho só pode ser dado pelo espírito de profecia. Embora ambas estas declarações estejam corretas, a conexão desta frase com a anterior sugere que o anjo esteja dizendo que a prova dele ser conservo é de que ele profetizara a sua bem-aventurança pelo mesmo Espírito que levava João e seus irmãos a darem testemunho de Jesus.

A Volta de Cristo

Apocalipse 19:11-21 nos narra, finalmente, a volta de Cristo e a Sua vitória sobre o trono da Besta. Trata-se do Grande Dia do Senhor, pelo qual toda a criação espera ansiosamente (Romanos 8.19-22). João anunciara, no capítulo anterior, a chegada das Bodas do Cordeiro, que ele não chegou a narrar, mas cuja realização ficou implícita com a volta do Senhor Jesus.

Essa maravilhosa visão principia com o céu aberto, do qual surge um cavalo branco, sobre o qual está assentado um cavaleiro, que não temos qualquer dificuldade para identificar. Seu nome é Fiel e Verdadeiro, já conhecido desde a carta a Laodicéia (*Apocalipse 3.14*), que julga e peleja com justiça. Este é Aquele que manteve todas as Suas promessas, cumprindo todos os aspectos da Aliança que fez com os santos. Nós O conhecíamos como Mediador dessa Aliança, segundo a qual venceu a morte, mas agora João O vê como Aquele que efetivará a implantação do Reino através de uma vitória cabal sobre os inimigos deste Reino, não num ato de vingança, mas de justiça divina.

Os versículos 12 e 13 continuam a descrever os Seus atributos. O fato dele ter olhos como chamas de fogo (*Apocalipse 1.14*) nos fala de Sua capacidade de ver todas as coisas, nada Lhe é oculto. Já os Seus muitos diademas são próprios de Sua ilimitada autoridade, contrastando com um número finito dos mesmos encontrados no dragão e na Besta. O fato de ter um nome que só Ele mesmo conhece é uma forma de descrever a Sua onisciência, ressaltando, ao mesmo tempo, o limitado conhecimento que temos dEle. Por enquanto, diz Paulo, conhecemos em parte, mas um dia conhecê-IO-emos da mesma forma como Ele nos conhece a nós (*I Coríntios 13.12*).

Ele vem vestido com um manto tinto de sangue, ou seja, respingado de sangue, enquanto todas as hostes celestiais que O seguem estão trajadas de linho finíssimo branco e puro (*Apocalipse 19.14*). Há quem interprete esse sangue como sendo o dos inimigos vencidos nas batalhas que Ele trava por nós, mas o fato dEle ferir as nações com a espada de Sua boca (*Apocalipse 19.15*) mostra que a Sua luta é travada pela Palavra e não pela força. É preferível ver aqui, portanto, uma linda figura que sugere que Ele Se dispôs a sujar as Suas vestes com Seu próprio sangue, para que as nossas pudessem estar impecavelmente brancas.

O Seu outro nome, o Verbo de Deus, está intimamente relacionado com a espada do versículo 15. Esse mesmo Verbo esteve na criação (*Colossenses 1.16 e Hebreus 1.2*) e o próprio João O apresentara como o Verbo de Deus, quando Se fez carne para executar o plano de Deus para a recriação do homem (*João 1.1-14*). A Palavra Viva de Deus é agora pronunciada, sob forma de juízo, para derrotar os inimigos do Reino. Isso é realizado na medida em que fere as nações e passa a regê-las com cetro de ferro, pisando, assim, pessoalmente, o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso.

Os exércitos celestiais que O acompanham não são identificados neste texto, mas é razoável admitirmos, com base em várias outras citações bíblicas, que se trata tanto de

anjos (*Marcos 8.38, Lucas 9.26, I Tessalonicenses 3.13 e II Tessalonicenses 1.7*) como dos santos que já estão na glória (*Zacarias 14.5, I Tessalonicenses 4.14 e Apocalipse 17.14*).

Encerrando os versículos de identificação, João percebe escrito, no Seu manto e na Sua coxa, mais um nome, qual seja: Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ele não deixou qualquer margem para dúvida com relação a Quem seja este personagem!

O texto de *Apocalipse 19.17-19* tem como pano de fundo um apelo similar às aves do céu, que encontramos em *Ezequiel 39.17-20*. Elas são convidadas a se reunir para a grande ceia de Deus, na qual comerão as carnes de todos os que apoiaram a Besta na chamada guerra do Armagedom, onde esta se congregou, aos reis da terra e seus exércitos, para lutar contra o Cristo e Seu exército. Esta batalha, que fora anunciada quando do derramar da 6ª taça (*Apocalipse 16.12-16*), tem agora o seu cumprimento.

Curiosamente, contudo, João não narra a batalha em questão, mas se limita a constatar que a Besta e o falso profeta são aprisionados e jogados vivos dentro do lago de fogo, que arde com enxofre (*Apocalipse 19.20*), o qual nós identificamos com o inferno, lugar de castigo eterno, previsto por Jesus em *Marcos 9.43-46*. O fato dos demais (os reis que apoiaram a Besta e seus exércitos) serem mortos pela espada que saía da boca do Cristo, ou seja, simplesmente pela Sua palavra (*Apocalipse 19.21*), nos mostra um grande desequilíbrio de forças entre as hostes da Besta e o onipotente Rei. Temos aí uma prova prática do que vem a ser essa onipotência.

Apocalipse 20

A exemplo do que já ocorrera anteriormente em relação ao Arrebatamento da Igreja, o capítulo 20 de Apocalipse narra uma série de eventos que incluem o Reino Milenar de Cristo. Este capítulo começa com João vendo descer do céu um grande anjo, trazendo nas mãos a chave do abismo e uma grande corrente, com a qual amarrou a Satanás, que foi jogado neste abismo e trancado pelo período de 1.000 anos, para que não mais enganasse as nações ao longo deste período (*Apocalipse 20.1-3*).

Cabe aqui um comentário em relação à forma de amarrar Satanás. Quando Jesus fala de amarrar o valente em *Mateus 12.29*, subentende-se que Ele está falando de restringir os seus poderes espirituais. Neste caso não podemos entender isso de forma diferente, mas certamente temos que entender uma restrição bem mais abrangente que aquela mencionada por Jesus. Durante esse período Satanás não tentaria ninguém.

O fato de João mencionar outras nações, acrescenta-nos uma informação relativa à mortandade dos “restantes” mencionados em *Apocalipse 19.21*. Aparentemente não são mortos todos os que tinham recebido o sinal da Besta, mas apenas aqueles que participaram da batalha contra o Cordeiro. Exatamente por isso alguns autores defendem

que o juízo mencionado em *Mateus 25.31-46* se dará antes do Milênio, para que entrem no Reino Milenar apenas pessoas convertidas.

O texto de *Apocalipse 20.4-6* tem trazido, também, grande discordância em relação à sua interpretação. A atenção de João se volta para uns tronos que são postos e sobre os quais se assentam pessoas para julgar. Em conexão com isso ele vê pessoas que ressuscitaram na Vinda de Cristo e que vão reinar com Ele por 1.000 anos. Para que possamos entender esse texto de uma forma consistente com o que foi dito anteriormente (capítulos 4, 5, 8, 9 e 10), devemos lembrar que, independente do fato da Igreja ter sido arrebatada ou não antes da Grande Tribulação, temos ao final desta os seguintes grupos com os quais temos que lidar:

- aqueles que foram martirizados por sua fé em Jesus durante a Grande Tribulação (esses seriam membros da Igreja para os pós-tribulacionistas e convertidos martirizados durante a Grande Tribulação para os pré e meso-tribulacionistas);
- aqueles que se converteram nesse mesmo período, mas conseguiram sobreviver;
- o remanescente de Israel que reconheceu Jesus como seu Messias e se converteu;
- a Igreja (apenas para os pós-tribulacionistas).

No Reino Milenar, por outro lado, há apenas dois grupos:

- a Igreja, já com corpos espirituais, reinando com Cristo sobre Israel;
- o remanescente de Israel, mais os convertidos vivos dentre os gentios, que também farão parte do Reino Milenar, todos mortais ainda com corpos físicos.

Os tronos de juízo que João viu têm um paralelo em *Daniel 7.9-10, 22* que tanto pode referir-se a um juízo pré-milenar ou ao Juízo Final. Caso aceitemos que o juízo das nações, de Mateus, se dê aqui, fica resolvida a condenação de todos os não crentes antes da instauração do Reino Milenar; portanto, tudo indica que esse juízo efetivamente se realiza aqui.

Ainda no versículo 4, João nos informa que viu as almas daqueles que haviam sido decapitados devido a seu testemunho relativo a Jesus e em prol da Palavra de Deus. Estes tampouco haviam adorado a Besta ou a sua imagem, não tendo recebido, ainda, a sua marca. Uma interpretação literal desse texto parece favorecer os pontos de vista pré ou meso-tribulacionistas, já que limita essa 1ª ressurreição àqueles que foram martirizados durante a Grande Tribulação. Como a 2ª ressurreição está reservada para aqueles sobre os quais tem poder a 2ª morte (versículo 6), segue que a Igreja já teria sido arrebatada antes. À alternativa pós-tribulacionista resta argumentar que João só reparou nestes, mas que todo o restante da Igreja estava lá, porque afinal esta é a primeira ressurreição, eliminando qualquer possibilidade de que tenha havido uma anterior para arrebatá-la. Prá variar, ambos os lados da discussão têm bons argumentos para a defesa de suas posições. Independente do posicionamento em

relação ao arrebatamento, este grupo reinará com Cristo (versículo 6), pelo que se subentende que todos serão transformados e receberão corpos glorificados.

Com relação a Israel, também não há qualquer dúvida. O remanescente será salvo e entrará no Milênio em carne e osso, ao passo que 2/3 de Israel, os que não reconhecem o Messias Jesus, serão mortos na Batalha de Armagedom (*Zacarias 13.8-9*).

A única dúvida diz respeito ao grupo de gentios crentes que se juntará ao Israel remanescente em carne e osso. Se adotarmos o ponto de vista pré ou meso-tribulacionista, estes serão os convertidos do período da Grande Tribulação, mas no pós-tribulacionismo eles são pessoas convertidas após o arrebatamento e, portanto, somos obrigados a admitir que há conversão pós-arrebatamento, não apenas para os israelitas, mas também para os gentios.

Devemos ressaltar, ainda, que Paulo não se preocupa, em nenhuma de suas epístolas, com a ressurreição dos ímpios. Assim sendo, a idéia de uma 2ª ressurreição após o Milênio, apenas para os não salvos, conforme sugere *Apocalipse 20:5*, não conflita com qualquer outro texto bíblico.

O versículo 6, que apresenta uma bem-aventurança sobre os participantes nesta 1ª ressurreição, acrescenta que sobre estes não tem poder a 2ª morte. Embora o texto não mencione a 1ª morte, fica implícito que se trata da morte física, pelo que a 2ª seria a espiritual, aplicável a todos os que não ressuscitaram com a vinda de Cristo.

Entre os versículos 6 e 7 decorre o milênio anunciado, não havendo, por parte de João, qualquer descrição do mesmo. O texto de *Apocalipse 20.7-10* passa a falar de um curto tempo (*Apocalipse 20.3b*), durante o qual Satanás será libertado para, novamente, conduzir uma rebelião contra Deus.

Talvez pudéssemos nos perguntar pela finalidade disso. Por que é que, tendo Deus vencido e removido o mal, Ele, agora, permitiria que começasse tudo de novo, com o Diabo fazendo aquilo que sempre fez: ensejar rebelião? A resposta a essa pergunta talvez nos seja dada por Paulo em *Romanos 3.9-20*, onde ele aborda a questão da justiça de Deus ao condenar o pecado. Durante o Milênio, o pouco que vimos permite admitir que o mundo, sob o governo dos santos, viverá um período de paz e prosperidade. Através desse bem-estar, Deus permite que fique claro que o pecado não provém de circunstâncias adversas e, sim, da rebelião inata do homem contra Deus. Tão logo Satanás é solto ele consegue, sem qualquer dificuldade, arrebanhar adeptos para um assalto final ao trono do Cordeiro. É ressaltado, aqui, que ele consegue arrebanhar, desta feita, todas as nações que há nos quatro cantos da terra.

O ataque objeto desta rebelião não chega a se concretizar porque Deus consome os ímpios com fogo dos céus, mas o aparente objetivo de Deus, que é de mostrar a inexcusabilidade do homem (*Romanos 1:20b*), é alcançado.

Encerrando o Seu juízo contra Satanás, Deus o lança no mesmo lago de fogo e enxofre em que se encontram a Besta e o falso profeta, que, aliás, foi preparado para ele mesmo.

Com isso fica extirpado todo o mal, abrindo o caminho para a criação de novos céus e nova terra, onde reinará a justiça.

Finalmente tem lugar, então, o juízo de Deus sobre aqueles que não participaram da 1ª ressurreição e sobre os quais tem autoridade a 2ª morte, a ser pronunciada neste evento (*Apocalipse 20.11-15*). João nos informa que viu um grande trono branco, sobre o qual se assenta alguém, que é motivo de temor e tremor para todos. Normalmente no Apocalipse é Deus Pai que se assenta no trono, mas o Novo Testamento também apresenta Jesus como juiz em Sua 2ª vinda (*II Timóteo 4.8*), especificamente associado “àquele dia”. Não há dúvida de que é Deus que está sentado no trono, mas realmente não fica claro se é o Pai, o Filho ou ambos. A menção posterior do trono de Deus e do Cordeiro em *Apocalipse 22.1 e 3* reforça esta última hipótese.

Em pé diante deste trono foram achados todos os viventes, para o julgamento dos quais foram abertos livros, cujo conteúdo, conforme sugerido pelo contexto, é o registro de todos os atos de cada indivíduo. Foi aberto, ainda, um outro livro que é o livro da vida, mencionado em alguns outros lugares do Novo Testamento (*Lucas 10.20, Filipenses 4.3, Apocalipse 3.5, 13.8 e 21.27*).

Não foi mencionada a 2ª ressurreição, mas esta fica, igualmente, implícita na medida em que a morte restitui todas as vidas que havia ceifado. Os versículos 13 e 14 poderiam nos dar a impressão de que se encontram diante do trono apenas aqueles que não participaram desta última ressurreição, mas um paralelo com o juízo narrado por Jesus (*Mateus 25.31-46*) nos mostra que estão presentes, embora de lados distintos, tanto a Igreja, à Sua direita, como os recém-ressuscitados, à Sua esquerda. Isto fica claro no versículo 15, onde consta que foram lançados no lago de fogo todos os que não estavam inscritos no livro da vida. Não obstante a omissão, está óbvio que foram destinados ao novo céu e nova terra aqueles cujos nomes ali constavam.

O fato da morte e do hades serem lançados, igualmente, no lago de fogo (*Apocalipse 20.14*), atesta a vitória do nosso Senhor Jesus Cristo sobre o último inimigo: a morte (*I Coríntios 15.26*). Está aberto agora o caminho para o estabelecimento de uma nova ordem, nos termos daquela que fora concebida no Éden, diferente daquela, contudo, porque esta é feita para pessoas que conscientemente optaram por servir a Deus. Este é e sempre foi o plano último de Deus. Aleluia!

Apocalipse 21

O Novo Céu e a Nova Terra

No Antigo Testamento a idéia de céu como um novo jardim do Éden, tal como no texto de *Isaías 66*, citado acima, é bastante comum. Já chegando ao Novo Testamento, o autor de Hebreus nos fala da Jerusalém celestial como o lugar dos espíritos dos justos aperfeiçoados (*Hebreus 12.22-23*) e as referências de Jesus ao céu nos passam a idéia

de um lugar espiritual, onde coisas como o casamento, por exemplo, não têm lugar (*Marcos 12.24-25*). Nossa ideia de um novo Éden fica, então, prejudicada, visto que ali o próprio Deus reconheceu que o homem precisava de uma companheira (*Gênesis 2.18*).

Quando chegamos, contudo, à descrição de João, ele parece ressuscitar a ideia do novo Éden. Ele nos passa a impressão de uma nova ordem material e visível, substituindo aquela que ficou comprometida pela decadência resultante do pecado (*Romanos 8.19-22*). Ele começa a sua descrição dizendo que o 1º céu e a 1ª terra passaram e que o mar já não existe (*Apocalipse 21.1*). Quando pensamos que o mar ocupa a grande parte da face do nosso planeta, entendemos que esta observação de João ressalta o quão diferentes são o antigo e o novo sistema.

No momento em que pensamos que ele vai entrar em maiores detalhes sobre estes novos Céu e Terra, sua atenção se desvia para a Nova Jerusalém descendo do céu da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo (*Apocalipse 21.2*). Já mencionamos acima a referência de *Hebreus 12.22-23*, que apresenta a Nova Jerusalém como cidade do Deus Vivo, onde residem incontáveis hostes celestiais e também a Igreja. Agora vemos a cidade celestial se fundindo com a nova ordem terrena e percebemos que João não mudou de assunto, mas que o Novo Céu e a Nova Terra serão, na realidade, uma coisa só.

Isso fica mais claro quando vem uma voz do trono para reafirmar a morada eterna de Deus com os homens, numa coexistência sem dor nem morte. O próprio Deus acrescenta, então, que aquela promessa é fiel e verdadeira e que Ele, Alfa e Ômega, daria graciosamente, a quem tem sede, a beber da fonte da Água da Vida. Neste instante Ele reafirma, ainda, uma promessa feita reiteradas vezes no Velho Testamento (*Jeremias 31.33*), e que caracteriza bem a Sua intenção: ser Deus daquele que Lhe for por filho (*Apocalipse 21.3-7*).

Feitas tão ricas promessas, Deus lembra, contudo, que elas são limitadas aos vencedores, ou seja, àqueles que perseveraram em seguir a Jesus. Quanto aos covardes (os que O negaram), aos incrédulos (os que não creram no Senhor Jesus), aos abomináveis (aqueles que se contaminaram com as abominações do mundo), aos assassinos, aos sexualmente impuros, aos que praticam feitiçaria de qualquer natureza, aos idólatras (aqueles cujo Deus não é o Senhor) e aos mentirosos, a estes está reservado o lago de fogo e enxofre.

O restante do capítulo 21 e o início do capítulo 22 contêm uma descrição da nova Jerusalém, conforme mostrada a João por um dos anjos que continham as sete taças da ira. É interessante que este diz a João que Lhe mostrará a noiva, a esposa do Cordeiro, para, então, passar a mostrar a cidade celeste. Ficamos nós a imaginar qual seria a relação entre a Nova Jerusalém e a Igreja. Talvez possamos inferir que Deus Pai preparou para o Seu Filho a noiva segundo o Seu coração e que a referência a ela se confunde com a sua moradia.

A descrição em questão nos lembra alguma coisa do templo descrito por Ezequiel nos últimos nove capítulos do livro que recebe o seu nome. Em ambos os casos a glória do Senhor enchia o templo (*Ezequiel 43.5 - Apocalipse 21.11*) e nas doze portas encontramos escritos os nomes dos doze filhos de Israel (*Ezequiel 48.30-35 - Apocalipse 21.12*).

O fato do muro da cidade ter doze fundamentos, cada um deles com o nome de um dos apóstolos do Senhor (*Apocalipse 21.14*), nos faz lembrar da Igreja de Jesus Cristo que, segundo Paulo, também é edificada sobre o fundamento dos apóstolos (*Efésios 2.20*).

A associação dos doze filhos de Israel com os doze apóstolos do Senhor sugere que se trata de uma Igreja que engloba as duas dispensações. Assim sendo, são participantes desta Igreja os crentes do Velho e do Novo Testamentos.

As dimensões da cidade, um cubo com 2.200km de lado, e os materiais de construção descritos (ouro transparente, por exemplo), tornam a Nova Jerusalém diferente de qualquer outra cidade que conhecemos (*Apocalipse 21.15-21*). Não cabe aqui especular a respeito de eventuais simbolismos escondidos nesta descrição. Podemos apenas dizer que João estava extasiado pela glória da cidade que viu e fez o melhor possível para descrevê-la com o seu vocabulário limitado.

Nesta cidade chamou a atenção de João não haver santuário, porque o próprio Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro estavam presentes. Nem tampouco havia necessidade de qualquer tipo de iluminação, porque a glória do Senhor a iluminava totalmente (*Apocalipse 21.22-23*).

O capítulo 21 termina falando da segurança e da pureza da Nova Jerusalém (*Apocalipse 21.24-27*), lembrando, mais uma vez, que nela não entrarão senão aqueles que estão inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

Apocalipse 22

Continuando o “tour” pela cidade, o anjo mostrou a João o rio da Água da Vida, cujas águas brotam do trono de Deus e do Cordeiro (*Apocalipse 22.1*). Este rio nos lembra aquele citado pelo salmista, cujas águas alegram a cidade de Deus, que é o santuário da morada do Altíssimo (*Salmos 46.4*). Não há dúvida de que esta é, também, a fonte de Água Viva que brota para a vida eterna, da qual falou o próprio Jesus (*João 4.14*).

Curiosamente, depois de estar sumido desde *Gênesis 3.22*, eis que surge novamente a Árvore da Vida, regada pelas águas que saem do trono (*Apocalipse 22.2*). Ali no Gênesis o homem havia sido privado dela para que não vivesse eternamente em sua condição de pecado. Agora, mais uma vez, ela é franqueada ao povo de Deus, que dela se nutrirá eternamente.

Culminando essa descrição da cidade, o anjo informa que os servos do Senhor ali O servirão e verão a Sua face. Aquilo que foi vedado a Moisés (*Êxodo 33.20*) e a Paulo (*ICoríntios 13.12*), será franqueado a todos quantos estivermos ali na Nova Jerusalém, reinando com Ele pelos séculos dos séculos (*Apocalipse 22.3-5*).

Terminada a descrição da Jerusalém celeste, o anjo assegura a João que estas palavras são fiéis e verdadeiras, pois procedem do Senhor, o Deus dos espíritos e dos profetas, que enviou o Seu anjo para mostrar aos Seus servos as coisas que em breve hão de acontecer. O anjo repetiu, então, palavras de Jesus, dizendo: “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras das profecias deste livro” (*Apocalipse 22.6-7*).

Talvez isto tenha confundido João, pois ele, mais uma vez, se pôs de joelhos com a intenção de adorar o anjo. A exemplo do que ocorrera em *Apocalipse 19:10*, o anjo o impediu, dizendo-se conservo seu e daqueles que guardam as profecias daquele livro (*Apocalipse 22.8-9*).

O anjo continuou dizendo, ainda, que ele não deveria selar as palavras daquela profecia, pois o tempo estava próximo (*Apocalipse 22.10*). Esta ordem contrasta com aquela recebida por Daniel, segundo a qual deveria selar as suas profecias até o tempo do fim, quando a ciência se multiplicaria (*Daniel 12.4*). As palavras ditas a João eram e sempre foram atuais. É claro que havia e há uma parte escatológica, que vemos, ainda, no futuro, mas a exortação de vigilância com relação às astutas ciladas do inimigo valem hoje como valeram para a Igreja dos tempos apostólicos.

O texto de *Apocalipse 22.11-17* parece ter uma mudança de orador. A impressão que temos é que o próprio Senhor Jesus dá as palavras de encerramento. O versículo 11 pode parecer externar desinteresse pela causa do pecador, mas veremos, através do apelo feito adiante, que esse não é o caso. Uma interpretação livre deste versículo ressalta a necessidade dos santos seguirem o caminho da santificação contínua, não obstante o mundo continuar em sua pecaminosidade. É preciso que não esqueçamos que Ele vem sem demora e que de nossa santificação depende o galardão que Ele traz consigo, pois Ele é onisciente (*Apocalipse 22.12-13*).

Mais uma vez o texto define, de forma clara, quem terá acesso à Árvore da Vida e quem não. Tê-la-ão os que tiveram lavadas as suas vestiduras no sangue do Cordeiro, ao passo que os demais ficam de fora (*Apocalipse 22.14-15*).

Jesus, então, Se identifica como Aquele que enviou o Seu anjo para testificar às igrejas aquelas coisas. Ele é a Raiz e a Geração de Davi. Ele é a brilhante Estrela da Manhã (*Apocalipse 22.16*).

As últimas palavras de Jesus lembram que tanto o Espírito Santo como a noiva, ou seja, a Igreja, continuam a apelar para que as pessoas venham. A todo aquele que tem sede continua franqueado o convite para que venha e beba de graça da Água da Vida (*Apocalipse 22.17*).

João encerra sua profecia com uma advertência àqueles que ouvem as palavras da profecia deste livro, para que não tentem corromper a mensagem de urgência de arrependimento e vigilância contida no mesmo, pois Jesus Cristo volta sem demora (*Apocalipse 22.18-20*).

Sua saudação final é a mesma com que encerramos este capítulo: “**Que a graça do Senhor Jesus seja com todos!**”

Apêndice A - Considerações Sobre o Arrebatamento da Igreja

Ao longo de todo o texto sobre o Apocalipse fizemos distinção entre o arrebatamento pré, meso e pós tribulacional, sem, contudo, fazer qualquer juízo a respeito. Obviamente eu tenho uma opinião própria a respeito e gostaria de expressá-la, mas cabe aqui fazer antes algumas considerações a respeito.

Há um grande número de textos bíblicos que falam a respeito da 2ª Vinda de Jesus Cristo. Mesmo os pré-tribulacionistas reconhecem que não há um único que fale disso ocorrendo em duas etapas (/81/, pág. 9). Não obstante esse fato, eles consideram que a volta do Senhor em duas etapas é “claramente” estabelecida, comparando os principais textos que tratam do assunto, mostrando que se permitem diferenciar pela forma como descrevem sequências conflitantes, caso o evento fosse único, ao passo que se harmonizam ao admitir a volta em duas etapas.

É lícito dizer que alguns autores pré-tribulacionistas da atualidade têm contribuído fortemente para os estudos nessa área, dentre os quais o mais destacado é Tim LaHaye, que inclusive fundou um centro de pesquisa sobre o assunto (Pre-Trib Research Center). Além disso, fez grande divulgação de suas pesquisas, não só através de livros para a Igreja (/71/, /78/ e /84/), mas, principalmente, através de uma série do gênero ficção religiosa, que vendeu milhões de cópias e que no Brasil ficou conhecido pelo nome dado ao primeiro volume: “Deixados para Trás” /85/. Assim sendo, a base para a apresentação feita a seguir foi extraída de LaHaye, T. & Ice, T. /71/, embora muitos outros autores tenham sido consultados.

La Haye e Ice apresentam (/71/, pág. 111) uma série de versículos divididos em dois grupos: um que eles supõem estar se referindo ao arrebatamento e outro em que a referência seria à “volta gloriosa” ou à “manifestação gloriosa” (nomes pelos quais eles se referem à 2ª vinda de Jesus Cristo), com base nos quais chegaram a uma lista de 15 diferenças entre os dois grupos de textos. As diferenças em apreço são apresentadas a seguir:

ARREBATAMENTO	2ª VINDA
1) Cristo vem no ar para buscar a Igreja	1) Cristo retorna com os Seus à Terra
2) toda a Igreja é arrebatada	2) não há arrebatamento

3) cristãos são conduzidos à casa do Pai	3) santos ressurretos não veem a casa do Pai
4) nenhum julgamento realizado na Terra	4) Cristo julga os habitantes da Terra
5) a Igreja é levada para o céu	5) Cristo estabelece Seu reino na Terra
6) o retorno de Jesus é iminente	6) só ocorre após os 7 anos do Anticristo
7) não há sinais no céu	7) há muitos sinais no céu
8) é um evento realizado apenas para crentes	8) é um evento que afeta toda a humanidade
9) tempo de alegria	9) tempo de choro
10) ocorrência anterior ao "Dia da Ira" (tribulação)	10) ocorrência após o período de tribulação
11) Satanás não é mencionado	11) Satanás é preso por 1.000 anos
12) tem lugar o julgamento dos crentes (Bema)	12) nenhuma menção do julgamento de crentes
13) bodas do Cordeiro	13) a noiva retorna com Cristo
14) só a Igreja vê Jesus	14) todo olho O verá
15) tem início a tribulação	15) tem início o Reino Milenar

O que gostaríamos de fazer a seguir é verificar, com base na lista de textos relativos ao arrebatamento pré-tribulacional apresentados por La Haye e Ice /71/, se os pontos estabelecidos acima são obtidos por omissão ou se realmente há menção de eventos contraditórios. Não faremos menção do arrebatamento meso-tribulacional, porque normalmente pode ser associado ao pré-tribulacional, salvo nos casos em que isso não ocorrer.

Textos que falam do arrebatamento pré-tribulacional segundo La Haye e Ice /71/:

- *João 14:1-3*: “**Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando Eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.**”

Este texto fala da existência de mansões na casa do Pai, onde Jesus prepararia lugar para os que nEle crêem, os quais viria posteriormente buscar. Não fala de tempo nem circunstâncias. Assim sendo, se aplicaria perfeitamente às duas situações (voltas pré ou pós-tribulacionistas de Jesus).

- Romanos 8:19: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus.”

Este texto fala da expectativa da criação pela manifestação dos filhos de Deus, que Paulo coloca num contexto futuro, mas é inconclusivo para esta discussão, podendo se aplicar aos dois eventos.

- I Coríntios 1:7-8: “De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo.”

Fala da expectativa da revelação de Jesus, quando os coríntios devem ser encontrados sem culpa para o Dia do nosso Senhor. É interessante que se nesse contexto a “manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo” fosse uma referência ao arrebatamento e “o dia de nosso Senhor Jesus Cristo” a volta gloriosa para derrotar o Anticristo, teríamos que nos perguntar se há pecado no céu, pois que outra necessidade haveria de sermos preservados depois do arrebatamento? Caso ambos os termos se refiram ao arrebatamento, então, o texto é mais uma vez inconclusivo e aplicável a qualquer dos dois eventos.

- I Coríntios 15:51-53: “Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade.”

Paulo fala da transformação dos corpos corruptíveis em incorruptíveis, que ocorrerá num piscar de olhos, após o som da última trombeta. LaHaye e Ice /71/ declaram especificamente que esta última não é a 7ª trombeta da grande tribulação. Não há, contudo, nenhum motivo para que não seja, porque esta trombeta contém os sete flagelos, com os quais finda a grande tribulação. Assim sendo, mais uma vez o texto pode se aplicar tanto a um arrebatamento pré-tribulacional como pós.

- I Coríntios 16:22: “Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema. Maranata!”

Maranata significa “Vem, Senhor Jesus!”. O fato dele não conter qualquer outra referência o torna totalmente inadequado para a discussão em apreço, pelo que sequer deveria ter sido listado.

- Filipenses 3:20-21: “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o Seu corpo glorioso, segundo o Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas.”

Paulo fala de nossa cidadania dos céus, motivo pelo qual ansiamos pela volta de Jesus, que transformará nossos corpos inferiores em outros conformes à Sua glória, quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas. Curiosamente, este versículo, listado como arrebatamento pré-tribulacional, parece reforçar o arrebatamento pós-tribulacional, quando todas as coisas estiverem sujeitas a Jesus.

- Filipenses 4:5: “Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor.”

De que maneira se poderia concluir que este texto fala de arrebatamento pré-tribulacional eu realmente não sei. A mim me parece inconclusivo, ou seja, aplicável a qualquer dos arrebatamentos mencionados.

- Colossenses 3:4: “Quando Cristo, que é a nossa vida, Se manifestar, então também vós vos manifestareis com Ele em glória.”

Paulo diz que quando Cristo, nossa vida, Se manifestar, também a nossa glória nEle será manifesta. Mais uma vez, contudo, o texto é inconclusivo para o fim a que LaHaye e Ice o destinam. De forma alguma diferencia entre uma ou duas vindas do Senhor Jesus Cristo.

- I Tessalonicenses 1:10: “E esperar dos céus a Seu Filho, a Quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura.”

Paulo fala de Jesus, que nos livra da ira vindoura. O fato de Jesus nos livrar da ira vindoura tanto pode significar o arrebatamento antes da tribulação como pode dizer respeito ao fato da ira de Deus não atingir Seus filhos, como no Egito. Sob esse aspecto não é conclusivo e nem expressa contradição. Para mostrar boa vontade, contudo, digamos que é o primeiro versículo deste conjunto que realmente dá margem à interpretação defendida por um pré-tribulacionista convicto, qual seja, que a igreja não passará pela grande tribulação.

- I Tessalonicenses 2:19: “Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?”

Dentro da ótica pré-tribulacionista de que o juízo de galardões se dá no céu logo após o arrebatamento, Paulo estaria dizendo aos tessalonicenses que eles são a garantia do sucesso dele neste juízo. Obviamente não é nada disso que um pós-tribulacionista lê no mesmo texto. Para ele trata-se apenas do fato de Paulo se regozijar no fato dos tessalonicenses se manterem fiéis até a vinda do Senhor. Assim sendo, está longe de ser conclusivo para essa discussão.

● I Tessalonicenses 4:13-18: “Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com Ele. Dizemo-vos, pois, isto, pela Palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras.”

Este é um dos principais textos no qual se baseiam os pré-tribulacionistas para estabelecer os argumentos 1 e 2 da tabela fornecida acima; portanto, é importante atentar cuidadosamente para os pontos levantados:

- a) Este texto de Paulo fala que, no arrebatamento, os crentes se encontrarão com Jesus nos ares, ficando com Ele para todo o sempre. Os pre-tribulacionistas estipulam, sem que o texto o diga, que Jesus e a Igreja retornam a seguir para o céu. Se, contudo, Jesus e a Igreja retornarem a seguir para a Terra e este for o arrebatamento único da Igreja, não há qualquer violação do texto, pelo que este é aplicável também ao arrebatamento pós-tribulacional;
 - b) A tabela fornecida acima afirma que não há arrebatamento na segunda vinda de Cristo. Isso estaria de acordo com *Mateus 24.15-31*, um dos textos que LaHaye e Ice afirmam referir-se apenas à volta de Cristo para destruir o Anticristo (ver item 2 da tabela acima). Ocorre, contudo, que *Mateus 24.31* parece retratar exatamente a mesma situação que *I Tessalonicenses 4:16-17*, deixando sem sentido essa declaração;
 - c) quaisquer outros pontos referentes à manifestação gloriosa de nosso Senhor, e que porventura não foram abordados aqui, não são motivo suficiente para afirmar que este texto prova o arrebatamento pré-tribulacional. Significa tão somente que foram omitidos.
- I Tessalonicenses 5:9, 23: “Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo. E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.”

O versículo 9 parece se referir à ira que leva ao inferno em contraposição à salvação que leva ao céu e não ao arrebatamento antes da grande tribulação, pelo que a contraposição fica sem sentido. O versículo 23 apenas expressa o desejo de Paulo de que os tessalonicenses se mantenham fiéis. Nenhum dos dois expressa qualquer coisa conclusiva para essa discussão.

● II Tessalonicenses 2:1-3: “Irmãos, quanto à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e ao nosso reencontro com ele, rogamos a vocês que não se deixem abalar nem alarmar tão

facilmente, quer por profecia, quer por palavra, quer por carta supostamente vinda de nós, como se o dia do Senhor já tivesse chegado. Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição.”

É interessante que este texto deveria esclarecer a sequência de eventos que definem a vinda de Jesus, mas, conquanto os termos utilizados e o significado dos mesmos provavelmente fossem claros para os tessalonicenses, infelizmente não o são para a Igreja do século XXI, motivo pelo qual eles abrem uma série de alternativas:

- versículo 1 → diz o seguinte: “*Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo e o nosso encontro com Ele, vos pedimos ...*”. Para os pré e meso-tribulacionistas a “vinda de Jesus” em apreço é apenas para arrebatamento da Igreja, que é o “nosso encontro com Ele”. A “volta gloriosa” se daria apenas por ocasião da batalha de Armagedom. Para os pós-tribulacionistas essas duas vindas se confundem;
- versículo 2 → contém o pedido com o qual Paulo finaliza o versículo 1. Trata-se de que eles não se perturbassem pela carta, mensagem ou revelação que receberam em nome dele mesmo, Paulo, segundo a qual o “dia de Cristo” já teria passado. Para os pré e meso-tribulacionistas, Paulo já pregara aos tessalonicenses o arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação. Assim sendo, o “dia de Cristo” diria respeito à Sua “volta gloriosa”, que se dará após a grande tribulação. Para os pós-tribulacionistas, mais uma vez a “vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” e o “dia de Cristo” se confundem;
- versículo 3 → mais uma vez a mesma situação ocorre. Paulo diz: “que ninguém vos engane de forma alguma, pois aquele dia não virá sem que a apostasia venha primeiro e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição. Neste versículo “aquele dia” tanto pode se referir à “vinda do nosso Senhor” como ao “dia de Cristo”. Para os pré e meso-tribulacionistas é conveniente que seja referido à “volta gloriosa”, que é a interpretação única também dos pós-tribulacionistas. Já alguns teólogos disputam o sentido da palavra apostasia, que tanto pode significar um desvio da fé ou um desvio físico posicional de toda a Igreja. Neste último caso, seria sinônimo de arrebatamento, condição absolutamente necessária para a interpretação pré-tribulacionista.

Por uma questão de conveniência, as interpretações seriam dadas como a seguir:

- para os pré-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatamento da Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que a volta gloriosa de Cristo já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta gloriosa não se dará antes que ocorra o arrebatamento e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;
- para os meso-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatamento da Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que o arrebatamento já

se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois o arrebatamento não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”;

- para os pós-tribulacionistas → “Agora irmãos, com relação à vinda do nosso Senhor Jesus Cristo para arrebatá-la Igreja, vos pedimos que não sejais perturbados por revelação, mensagem ou carta, como se fosse nossa, dizendo que Sua volta já se deu. Que ninguém vos engane de forma alguma, pois a volta de Cristo não se dará antes que ocorra a apostasia (desvio espiritual) e o homem do pecado seja revelado, o filho da perdição”.

Fica claro, portanto, que esses 3 versículos esclarecedores podem ser usados para provar qualquer das 3 condições relativas ao arrebatamento, em função de problemas de interpretação.

A “manipulação” de palavras necessárias para viabilizar o ponto de vista pré-tribulacionista faz com que este seja o menos provável, pois exige que a palavra “apostasia” seja entendida como “arrebatamento”, que, segundo La Haye e Ice (1971, pág. 38) é a interpretação mais comum no Novo Testamento. É importante ressaltar, contudo, que a maioria dos tradutores bíblicos não concorda com isso. A NVI, por exemplo, usa a palavra “rebelião” para traduzir “apostasia”. Além disso, cabe lembrar que Daniel associa uma “apostasia espiritual” à visão do Anticristo (*Daniel 11:36-37*), definida através de “blasfêmias” pronunciadas contra o Deus dos céus.

- I Timóteo 6:14: “... exorto-te a que guardes este mandamento sem mácula e irrepreensível até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo;”

Trata-se de um versículo que apenas menciona a Vinda do Senhor Jesus, pelo que é sem sentido dizer que refere-se à Sua vinda prévia para arrebatá-la Igreja.

- II Timóteo 4:1, 8: “Conjuro-te diante de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos, pela Sua vinda e pelo Seu reino; ... Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda.”

Aparentemente LaHaye estaria sugerindo que os vivos e os mortos aqui são apenas os arrebatados. Desta forma o outro versículo, que não está na sequência, seria relativo ao julgamento dos galardões destes. Mesmo que esta interpretação particular seja correta, ainda assim pode se aplicar indistintamente a um arrebatamento pré- ou pós-tribulacionista.

- Tito 2:13: “... aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, ...”

Este texto, segundo La Haye e Ice (/71/, pág. 38), é o que chega mais perto de comprovar a existência das duas vindas de Cristo. La Haye e Ice usaram o termo “bendita esperança” para cunhar o arrebatamento e “manifestação gloriosa” para referir-se à 2ª Vinda propriamente dita. Assim procedendo, conseguiram enxergar os dois eventos num versículo que se refere à volta de Jesus Cristo, a esperança de todos os salvos. Mais uma vez o texto é inconclusivo, na melhor das hipóteses, porque Paulo não parece ter tido essa intenção.

- Hebreus 9:28: “... assim também Cristo, oferecendo-Se uma só vez para levar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para salvação.”

Este versículo apenas menciona que Cristo aparecerá a segunda vez para a salvação dos que para tanto O esperam, pelo que é inconclusivo para a comparação feita.

- Tiago 5:7-9: “Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes; fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima. Não vos queixeis, irmãos, uns dos outros, para que não sejais julgados. Eis que o juiz está à porta.”

Este texto diz apenas que devemos esperar pacientemente a Vinda do Senhor, que não há de tardar. Outra vez é inconclusivo para a comparação feita.

- I Pedro 1:7, 13: “... para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, embora provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos oferece na revelação de Jesus Cristo.”

Ambos os versículos apenas mencionam a revelação do Senhor Jesus e estimulam os destinatários da carta no sentido de que se mantenham fiéis. Mais que isso não pode ser extraído do texto.

- I Pedro 5:4: “E, quando Se manifestar o Sumo Pastor, receberéis a imarcescível coroa da glória.”

Este versículo fala da coroa de glória a ser recebida do Supremo Pastor quando Este Se manifestar. Aplica-se a ambos os pontos de vista, mas é inconclusivo para defender um arrebatamento pré-tribulacionista.

- I João 2:28-3:2: “E agora, filhinhos, permaneçei nEle; para que, quando Ele Se manifestar, tenhamos confiança, e não fiquemos confundidos diante dEle na Sua vinda. Se sabeis que Ele é justo, sabeis que todo aquele que pratica a justiça é nascido dEle. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Vede que grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus; e nós o somos. Por isso o mundo não nos conhece; porque não conheceu a Ele.

Mas sabemos que, quando Ele Se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é, O veremos.”

Este texto é similar ao anterior e, mais uma vez, não exclui qualquer dos dois pontos de vista, pelo que é, mais uma vez, inconclusivo.

- Judas 1:21: “**Conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de nosso Senhor Jesus Cristo para a vida eterna.**”

Novamente este versículo é apenas um estímulo à fidelidade dos crentes.

- *Apocalipse 2:25*: “... **mas o que tendes, retende-o até que Eu venha.**”

Trata-se de uma recomendação do Senhor à Igreja de Tiatira para que retenha firme o que tem, até que Ele volte. É inconclusivo, contudo, para efeito desta avaliação.

É muito importante ressaltar que **nenhum** dos textos avaliados como sendo referentes ao arrebatamento pré-tribulacional somente, segundo La Haye e Ice, mostrou **qualquer** inconsistência que não permitisse usá-lo aplicado ao arrebatamento pós-tribulacional.

O livro de Dave Hunt mencionado acima (“Quanto Tempo nos Resta” /86/) é inteiramente dedicado a mostrar que o arrebatamento pré-tribulacional é o único que harmoniza os textos bíblicos a respeito. Embora seus argumentos sejam, em sua grande maioria, os mesmos apresentados por La Haye e Ice /71/, ele dá ênfase a dois deles de uma forma que vale a pena apresentar:

a) A iminência de Sua volta

Em *Mateus 24:36* Jesus disse a Seus discípulos que Ele mesmo, na condição de Deus encarnado, mas que Se esvaziou de Sua divindade (*Filipenses 2:6-8*), não sabia a data de Sua vinda. Isso era prerrogativa apenas do Pai. Nos versículos seguintes, contudo, e continuando pelo capítulo 25, Ele apresentou vários exemplos da necessidade de estar vigilante, tendo em vista a iminência de Sua volta.

- Dilúvio → o primeiro exemplo foi baseado no dilúvio, onde Ele falou que Sua volta pegaria todos de surpresa. A vida seguirá seu curso normal com pessoas comendo, bebendo e se casando até que um dia, subitamente, Ele voltará, encontrando a humanidade desapercibida, da mesma forma como ocorreu com o dilúvio nos dias de Noé.

- Apenas um é levado → nos versículos 40 e 41 Ele deu dois exemplos de duas pessoas juntas, ora no campo, ora no moinho, e apenas uma é levada. Mais uma vez Ele manda vigiar, pois o dia do Seu retorno é iminente.

Há ainda mais três exemplos similares, que omitiremos aqui por uma questão de concisão, mas cuja intenção é prover a mesma advertência.

O argumento pré-tribulacionista, neste caso, reside no fato de que o arrebatamento pós-tribulacionista é dissociado de qualquer iminência, ou seja, iniciado o período de 7 anos,

todos os demais eventos ficam razoavelmente bem definidos. O Anticristo assina um acordo com Israel e várias outras nações, quebra esse acordo 3,5 anos depois, invade Israel e 7 anos após o acordo inicial Jesus retorna. Não há dúvida de que se trata de um bom argumento (/86/, pág. 97).

b) Seu retorno se dá em tempo de paz

O segundo argumento, similar ao anterior, se baseia em *I Tessalonicenses 5:3*: “**Pois que, quando disserem: há paz e segurança; então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão**”.

Como o retorno de Jesus está previsto no final da batalha de Armagedom (*Zacarias 14:3*), depois que 2/3 de Israel tiver perecido (*Zacarias 13:8*), segue que não se trata de uma época de paz, portanto ninguém diria “**paz e segurança**”. Mais uma vez é um bom argumento.

Resumindo tudo que foi apresentado, podemos dizer que estes últimos dois argumentos pré-tribulacionistas são interessantes, mas, de forma alguma, suficientes para “bater o martelo” em relação a um arrebatamento separado. Assim sendo, os pontos aqui apresentados não foram suficientemente convincentes para me tornar um pré-tribulacionista, mas me permitiram refletir o suficiente para sair de minha posição de conforto pós-tribulacionista. Além disso, creio de todo o coração que isso, de forma alguma, pode servir de tropeço ao relacionamento que mantenho com meus irmãos pré-tribulacionistas mais ferrenhos.

Concluindo, acredito, sinceramente, que todos deveríamos viver esperando o retorno de Jesus para arrebatá-la Sua Igreja hoje (visão pré-tribulacionista) ou logo após os 3,5 anos de acordo do Anticristo com Israel (visão meso-tribulacionista), mas, ao mesmo tempo, igualmente todos, preparados para sofrer a perseguição do Anticristo, caso Jesus nos venha buscar apenas ao final da grande tribulação (visão pós-tribulacionista). Desta forma estaremos sempre prontos, tanto para a Sua volta, como para o sofrimento que porventura nos advenha.

Semana 103 - A História de Jesus Segundo Marcos

Texto: Marcos 1 a 16

Estação 51

Marcos 1

O evangelho de Marcos foi escrito pelo primo de Barnabé, João Marcos, filho na fé de Pedro e que escreveu o segundo sinótico por volta do ano 65 a 70d.C. em Roma, quando desfrutava da companhia de Pedro e Paulo, ambos presos.

Marcos inicia o seu texto anunciando “as boas Novas” de Jesus Cristo, o Filho de Deus, cuja chegada seria anunciada por um precursor, citando *Malaquias 3.1* e *Isaías 40.3*. Profecias estas, que se cumpriram com João, que batizava as pessoas dispostas a confessar o seu arrependimento para o perdão de pecados. Ele veio da região da Judeia e foi reconhecido como profeta pelo povo de Jerusalém, que veio a ele em grande número para serem batizados no Jordão (versículos 4 e 5). Ele pregava a chegada de Jesus, que os batizaria com o Espírito Santo (versículo 8).

Efetivamente, Jesus de Nazaré foi ao Jordão e Se deixou batizar por João, onde o Espírito Santo desceu sobre Ele na forma de pomba e o Pai declarou dos céus que era Seu Filho amado, de Quem Se agradava (versículo 9 a 11).

Durante os 40 dias que se seguiram ao Seu batismo, Jesus foi levado pelo Espírito ao deserto, onde Satanás O tentou. É interessante ressaltar que Satanás não pode tentar a Deus (*Tiago 1.13*), mas Jesus, não obstante ser Deus, havia Se esvaziado de Sua divindade (*Filipenses 2.6-7*), tomando a forma de homem. Assim sendo, a tentação de Satanás foi justamente no sentido de que Ele fizesse uso de Seus poderes divinos, desqualificando-O, assim, como substituto pelos nossos castigos. Jesus, contudo, venceu a tentação, tanto nessa ocasião como em muitas outras.

Depois que João foi preso, Jesus iniciou na Galileia o Seu ministério, anunciando a chegada do Reino de Deus (versículos 14 e 15). Nesta ocasião ele chamou os seus primeiros 4 discípulos, os pescadores Simão, André, Tiago e João, que, largando suas redes, O seguiram (versículos 16 a 20).

Em Cafarnaum, chegado o sábado, Ele começou a ensinar na sinagoga, onde maravilhou a todos com a autoridade de Seu ensino. Ali Ele mostrou também o Seu poder sobre um espírito que possuía um dos presentes, expulsando-o para a admiração de todos os presentes, fazendo com que a Sua fama se espalhasse por toda a Galileia (versículos 21 a 28).

Saindo dali, dirigiram-se à casa de Simão, onde encontraram a sua sogra enferma de cama. Depois de curá-la a ponto dela se levantar para servi-los, todos os enfermos e endemoniados que havia nas proximidades, lhe foram trazidos no mesmo dia, tendo curado a todos (versículos 29 a 34).

Apesar do longo dia que haviam tido, Jesus Se levantou de madrugada para orar a sós, mostrando a Seus discípulos, bem como a nós todos, o quanto a oração tinha um lugar de destaque em Seu ministério e teria que ter também nos nossos.

Os versículos 36 em diante nos mostram o quanto a fama de Jesus passou a fazer com que todos o procurassem, tanto para ouvi-lo, como para serem curados, à medida em que percorria toda a Galileia pregando, curando e expulsando demônios (versículo 39).

Os versículos 40 a 45 nos apresentam a cura específica de um leproso, ocasião na qual Jesus mostrou o amor que sentia por aquele homem legalmente imundo, mas que ousou se aproximar dEle buscando cura. Não obstante Jesus ter pedido a ele para não contar

nada a ninguém antes de se ter mostrado ao sacerdote e oferecido o sacrifício de cura exigido na lei de Moisés, ele o divulgou de tal modo que Jesus sequer podia mais entrar nas cidades, tal a Sua fama.

Marcos 2

O segundo capítulo começa exatamente como terminou o primeiro, ou seja, com Jesus sendo buscado pelo povo de Cafarnaum tão logo entrou na cidade (versículos 1 e 2). Quiseram Lhe trazer um paralítico para ser curado, mas a aglomeração impediu que se aproximassem aqueles que carregavam o leito dele. Por falta de alternativa, subiram com ele ao teto, removeram parte da cobertura da casa e abaixaram a sua maca no ponto onde Jesus falava. Essa atitude de fé agradou a Jesus, mas Ele aproveitou a oportunidade para trazer mais um ensinamento a Seu respeito, motivo pelo qual disse ao paralítico que os seus pecados estavam perdoados (versículo 5).

Os versículos 6 a 12 nos mostram claramente que o objetivo de Jesus foi plenamente alcançado. Os mestres da lei ali presentes se indignaram com o fato dEle estar tomando a liberdade de perdoar pecados, porque isso só poderia ser feito por Deus. Obviamente vemos aqui o Espírito Santo concedendo a Jesus o dom do discernimento para saber o que eles estavam pensando (versículo 8). Além disso, Ele tem a oportunidade de mostrar a Sua divindade, ao demonstrar que tem essa capacidade, ao mandar que o paralítico se levante e que remova dali a sua maca (versículos 10 e 11).

Andando pelas ruas de Cafarnaum, Jesus Se encontrou com um coletor de impostos chamado Levi, que Ele convidou para que O seguisse, sendo prontamente atendido (versículos 13 e 14). Logo a seguir Levi O convidou para uma refeição em sua casa, onde recebeu também vários de seus amigos, aos quais Marcos se referiu como publicanos e pecadores. Disso resultou mais uma oportunidade de ensino para Jesus, porque os mestres da lei e os fariseus que vigiavam os passos de Jesus, aproveitaram a oportunidade para perguntar aos Seus discípulos porque Jesus estava comendo com aquelas pessoas desqualificadas. O texto nos diz que falaram tão alto que Ele o ouviu e respondeu, maravilhosamente, dizendo que viera para curar os enfermos e não os sãos.

Logo a seguir, nos versículos 18 a 22, surgiu uma dúvida relativa ao jejum, porque os discípulos de Jesus não o praticavam como o faziam os discípulos de João e os próprios fariseus. A primeira resposta relativa à presença do noivo, tornando desnecessário o jejum, deve ter intrigado os discípulos de João. Jesus disse que enquanto estivesse com eles, uma busca por Ele através do jejum era desnecessária, mas em pouco tempo, quando Ele lhes fosse tirado (após a Sua morte e ressurreição), então, eles jejuariam. Obviamente essa resposta deixou os mestres da lei e os fariseus perguntando, “quem Ele pensa que é?”.

Já os dois exemplos usando roupas e vasilhas de vinho, respectivamente, talvez os discípulos de João tenham entendido, mas sua compreensão para nós hoje é menos

óbvia. Jesus parece estar dizendo que o jejum praticado por eles e pelos fariseus pertencia à Velha Aliança, enquanto os seus discípulos estariam jejuando pela Nova e que as duas coisas são inconsistentes. Na Velha Aliança, onde a salvação exigia a guarda da Lei, o jejum mostrava o empenho das pessoas em cumpri-la. Já na Nova Aliança, onde a salvação viria pela graça, mediante a fé no sacrifício substitutivo do Messias, o jejum acompanhava a busca por intimidade com Deus. As duas coisas não se associavam, assim como ninguém remenda roupa velha com tecido novo (e bem mais rígido), da mesma forma como ninguém coloca vinho novo em odres velhos, porque ambos se rompem.

Os versículos 23 a 28 deste capítulo narram um evento no qual Jesus andava pelos campos com Seus discípulos no sábado, quando estes tiveram fome e passaram a colher e comer espigas de milho. Curiosamente, os fariseus estavam lá para apontar o dedo e dizer que eles não estavam guardando o sábado. Jesus primeiro lembrou a eles o evento de Davi com o sacerdote Aimeleque em Nobe (ressalta-se o fato de Jesus se referir a Aimeleque pelo nome de seu filho Abiatar), quando ele comeu os pães da Presença, que apenas os sacerdotes podiam comer e ainda deu a seus soldados.

É claro que Jesus não estava dizendo que se Davi peca, a gente também pode. Ele estava apenas tomando um exemplo para mostrar que a interpretação deles da Lei é que estava errada. Isso fica claro quando Ele acrescenta que o sábado foi criado por causa do homem e não o homem por causa do sábado. Além disso, Jesus expressou Sua posição divina ao deixar claro que Sua autoridade sobre esse assunto decorria do fato de Ele ser o Senhor do sábado.

Marcos 3

Este capítulo começa com Jesus entrando na sinagoga num dia de sábado, sempre acompanhado de perto pelos fariseus, que procuravam uma oportunidade para tentá-IO. Sabendo que havia ali um homem com uma mão atrofiada, ficaram observando para ver se Jesus o curaria no sábado, esperando, assim, ter uma oportunidade para acusá-IO. Jesus, contudo, orientado pelo Espírito, convidou o homem para vir até o meio, para perguntar a todos se era lícito curar no sábado. Como ninguém ousasse responder, Jesus pediu ao homem para estender a mão e a curou, deixando os fariseus humilhados a ponto de começaram a discutir a necessidade de matar Jesus.

Os versículos 7 e 8 mostraram que Sua fama extrapolou a região da Galiléia, com a chegada de pessoas da Judeia, Idumeia, Tiro, Sidon e vizinhanças para vê-lo e serem curadas. Por causa disso, Jesus pediu a Seus discípulos que mantivessem sempre pronto um barco, para que Ele pudesse falar à multidão sem que as pessoas o comprimssem para tocá-IO.

O versículo 13 nos informa que Ele subiu a um monte, onde escolheu o grupo dos 12 apóstolos, que são citados nominalmente nos versículos 16 a 19. Estes estariam com

Ele para treinamento; Ele os enviaria para pregar e a elas daria o poder para expulsar demônios (versículos 14 e 15).

A fama crescente de Jesus fazia com que Ele atraísse sempre multidões onde quer que estivesse, de modo que Ele e Seus discípulos nem conseguiam comer. Era uma situação difícil, a ponto de Seus familiares acharem que Ele estava fora de Si (versículos 20 e 21).

Já os mestres da lei, que O seguiam sempre, precisavam acusá-LO de alguma forma, pelo que passaram a dizer que Ele estava expulsando os demônios pelo poder dado a Ele por Belzebu, o príncipe dos demônios, ou seja, pelo próprio Satanás. Diante de tão grave acusação, Jesus Se dirigiu a eles dizendo que não fazia qualquer sentido o que estavam dizendo, porque se fosse verdade, Satanás estaria combatendo Satanás através dEle, pelo que suas tropas estaria divididas e sua chance de prevalecer na guerra contra Deus seria nenhuma. Até esse ponto (versículo 27), as palavras de Jesus eram apenas um arrazoado lógico, mas o que Ele falou a seguir, que tem sido chamado de pecado contra o Espírito Santo, tem suscitado muita discussão.

A resposta de Jesus em apreço se encontra nos versículos 28 a 30. Resumindo, Ele fala sobre a natureza da rebeldia deles como um pecado contra o Espírito Santo, que não tem perdão. Tenho conhecido ao longo dos anos vários crentes receosos quanto à possibilidade de terem pronunciado alguma coisa que pudesse ter ofendido o Espírito Santo, de modo a não poderem mais ser perdoados. Trata-se, contudo, de um conceito errado do que vem a ser esse pecado. Paulo nos apresenta um excelente exemplo disso na sua própria vida. Antes dele se converter, ele não só blasfemava contra o Espírito Santo, quanto obrigava os crentes a fazê-lo (*Atos 26.11*). Se esse pecado fosse caracterizado, como querem alguns, por simplesmente atribuir a Satanás aquilo que é feito por Deus, então, Paulo certamente estaria destinado ao inferno. Longe disso, contudo, ele disse a Timóteo que sua coroa nos céus já estava garantida (*II Timóteo 4.8*). Devemos reconhecer, portanto, que o pecado contra o Espírito Santo consiste na posição de rebeldia na qual se encontravam e que, persistindo, impossibilita totalmente o convencimento de pecado, levando à condenação.

Tínhamos sido informados, no versículo 21, que os parentes de Jesus estavam vindo para levá-lo para casa, por acharem que Ele estava exagerando Seu papel. No versículo 31 Marcos registra a sua chegada, bem como o seu pedido para que Jesus saísse para falar com eles. A resposta dEle, registrada nos versículos 33 a 35, não desfaz de Seus parentes, como sugerem alguns, mas deixa claro que Sua prioridade naquele momento era fazer a vontade do Pai, que no caso implicava na pregação do Evangelho. Assim, todos aqueles que estabelecessem a mesma prioridade (Deus em primeiro lugar) seriam Seus irmãos, Suas irmãs e Sua mãe.

Marcos 4

O barco que Jesus tinha previsto no versículo 9 do capítulo anterior, mostrou-se aqui absolutamente necessário, para que o povo não O empurrasse para dentro d'água.

Assim, Ele podia ensinar o povo com maior tranquilidade. O versículo 2 nos diz que Ele o fazia através de parábolas.

Nos versículos 3 a 20 Marcos apresenta a conhecida parábola do semeador.

A nossa parábola começa dizendo que “o semeador saiu a semear”. Ela não especifica quem é o semeador, mas encontramos em *Mateus 13.37* que: **Aquele que semeou a boa semente é o Filho do homem**, ou seja, o Semeador é o próprio Jesus.

A Semente é definida em *Lucas 8.11* como sendo “a Palavra de Deus”. Ora, se a “Palavra de Deus” é a semente e *João 1.1* nos diz que: **“No princípio era Aquele que é a Palavra. Ele estava com Deus, e era Deus”**, segue que a Semente também é Jesus.

Pode parecer estranho que o Cristo seja o Semeador e a Semente ao mesmo tempo, mas é totalmente coerente com aquilo que Jesus fez e pregou enquanto esteve entre nós. Ele pregava a Salvação e era ao mesmo tempo o próprio Salvador. A Semente do Reino era ao mesmo tempo o próprio Rei.

Os diferentes solos aos quais a parábola se refere caracterizam as diferentes atitudes das pessoas às quais o Semeador oferece a Semente. O foco da parábola não é voltada para o SEMEADOR, nem tampouco para a SEMENTE, mas para o SOLO no qual a SEMENTE é plantada.

O SEMEADOR, no caso, foi o mesmo para todos os solos e a SEMENTE semeada também foi a mesma; a diferença, contudo, residiu na atitude daqueles a quem a SEMENTE foi oferecida e que é representada na parábola pelos diferentes tipos de SOLOS. São as disposições do coração de cada um e suas reações correspondentes ao amor de Deus.

A semente caída à beira do caminho foi lançada num lugar pelo qual passam constantemente as pessoas, motivo pelo qual se trata de um solo duro que não permite a penetração da semente. Ao explicar a parábola aos Seus discípulos Jesus disse que esse tipo de solo correspondia a uma pessoa que ouviu a mensagem do Evangelho, mas não a entendeu. A principal razão pela qual alguém ouve e não entende o plano divino de salvação é o desinteresse pelo mesmo. Essa pessoa ouve, não registra o que ouviu e logo esquece o que lhe foi dito. Satanás, então, vai se encarregar de fazer com que a informação em apreço seja removida para nunca mais voltar à memória. Claro que essa pessoa poderia ouvir novamente a mensagem em outra ocasião, mas o mais provável é que ela volte a agir exatamente da mesma maneira, à medida que o solo vai se tornando cada vez mais duro.

Com relação à semente caída em terreno pedregoso, Jesus falou que se trata de uma pessoa que ouve a mensagem e logo a recebe com alegria, mas como não tem raiz em si mesma, ela permanece por pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da Palavra, logo a abandona. Isso ocorre porque Jesus não é tão prioritário para essa pessoa quanto ela achou que era a princípio. A fé pouco profunda e

o caráter superficial abafam a emoção inicial e o nosso ouvinte abandona a fé após refletir melhor a respeito de sua decisão.

Quanto à semente caída entre os espinhos, Jesus disse que se trata de alguém que ouviu a mensagem, mas que esta conflita com outros interesses como a riqueza, fazendo com que ela perca prioridade. Este é o caso do jovem rico que procurou Jesus num evento narrado em *Mateus 19.16-22*. Ele queria ser salvo e estava disposto a seguir Jesus, mas a ideia de abandonar suas riquezas lhe pareceu um sacrifício por demais penoso.

Mesmo nas nossas igrejas há crentes que separam a vida secular da vida religiosa, achando que as duas pertencem a departamentos distintos. Nós só temos uma vida. Separá-la em duas é uma forma de trapaça para que não tenhamos que reconhecer que as nossas prioridades estão erradas e que em nada diferimos do “jovem rico”.

Os prazeres da carne são outra área da vida que achamos que podemos “tocar” junto com o nosso relacionamento com Jesus. O erro é o mesmo citado acima e também estamos apenas nos enganando.

Finalmente, no tocante à semente caída em boa terra, Jesus disse que corresponde ao indivíduo que ouviu a mensagem e a entendeu, de modo que ela frutificou e produziu uma colheita de cem, sessenta e trinta por um. O fato deste ouvinte ter ouvido e entendido a mensagem implica que esta produziu nele arrependimento pelos pecados cometidos e o desejo de conformar a sua vida aos ensinamentos de Jesus. Como resultado desta “conversão” o Espírito Santo produziu em sua vida um novo nascimento, ou seja, substituiu o seu espírito por um novo, sem pecado e incorruptível, transportando-o do reino das trevas para o reino de Jesus, onde recebeu, ainda, um coração novo, que faculta a ele ter o desejo de servir a Jesus (*Ezequiel 36.26*).

Ao ser transportado para o Reino de Jesus, este indivíduo passa a ter comunhão com o Espírito Santo, que procura utilizá-lo a Seu serviço. O quanto essa pessoa produzirá, como disse Jesus, depende do seu crescimento dentro desse reino.

Jesus falou de pessoas que produzem muito, cem por um, outras que produzem medianamente, sessenta por um, e ainda outras que produzem menos, trinta por um. Obviamente isso são apenas exemplos. Na prática, produziremos na medida de nossa dedicação e da forma como o Espírito quiser nos usar.

No versículo 12 a tradução parece sugerir que a intenção de Jesus, falando através de parábolas, é que as pessoas não se convertam. Neste contexto, contudo, *Mateus 13.15* deixa claro que a parábola tem por fim permitir, por um lado, que as pessoas entendam a mensagem, mas, ao mesmo tempo, impedir que a entendam aqueles que por ela não têm interesse. Esses vão considerá-la uma história interessante, mas logo se esquecerão dela, por não darem a Jesus e ao Seu maravilhoso sacrifício de salvação qualquer valor.

Os versículos 21 a 23 trazem uma pequena parábola a respeito da revelação de uma verdade pronunciada, provavelmente, ao público em geral, num outro dia. A verdade é

descrita como uma luz que não se deixa tampada por uma vasilha ou colocada debaixo da cama. Coloca-se, isso sim, num ponto alto de onde possa iluminar toda a casa. Assim, portanto, há uma verdade que deve ser revelada. É claro que essa verdade está associada a tudo que Jesus tem pregado. A verdade em apreço é Ele mesmo. A verdade da parábola do semeador é Ele. Ele é tanto o semeador como a semente, que devem ser revelados a quantos O aceitarem. Todos temos ouvidos para ouvir, mas só ouvirão as verdades do Reino de Deus aqueles que quiserem.

Exatamente por isso Jesus pergunta, no versículo 24, o que os seus ouvintes estão ouvindo? Eles serão avaliados com base no valor que eles derem à revelação de Jesus. O versículo 25 nos fala de como as revelações e os dons de serviço se processam no Reino de Deus. Quem tem e busca e ser-lhe-á concedido cada vez mais. Quem não se interessa, até o pouco que tem será perdido.

Nos versículos 26 a 29 Jesus apresenta mais uma parábola, desta vez para que os Seus ouvintes tenham uma ideia de como será estabelecido o Reino de Deus, cuja chegada Ele está proclamando. Desta feita não cabe mais dizer que quem tem ouvidos que o ouça, porque se trata de um fato, ou seja, é desta forma que chegará, se instalará, crescerá e se consumará o Reino de Deus.

Ele começa dizendo que é semelhante a um homem que lança a semente sobre a terra. Neste caso, o homem é Ele mesmo, que está lançando esta semente, ou seja, está começando a implantar o Reino. Independente do semeador estar dormindo ou acordado, a semente que cai na terra germina e cresce, sem que ele sequer saiba como. No paralelo do Reino, Deus dá prosseguimento à obra iniciada pela conquista de Jesus, que foi plantado na cruz e germinou no domingo pela manhã ao ressuscitar. Como Deus fez e faz isso, a gente não sabe (versículo 27).

O versículo 28 é uma espécie de versão ampliada do 27. Assim como a terra produz sozinha a planta passando por várias fases, também Deus faz o mesmo com o Seu Reino aqui na Terra. Quando a Igreja estiver “madura”, ou seja, quando o número de salvos estiver completo, então, vem a ceifa, da mesma forma que ocorre com a planta quando amadurece.

Nos versículos 30 a 32 Jesus faz uso de mais uma parábola para mostrar como o Reino, ainda pequeno e insípido, se tornaria grande. Para tanto Ele toma como exemplo o crescimento fantástico de um grão de mostarda, que, apesar de ser a menor das sementes que eles usavam, se tornava uma das maiores plantas, com grandes ramos, sob os quais se abrigavam as aves.

Nos versículos 35 a 41 Marcos narra o evento de Jesus acalmado a tempestade durante a travessia do mar da Galileia. Não obstante os muitos milagres que já tinham assistido, os discípulos ficaram muito admirados por Jesus ter comando completo dos ventos e das ondas.

Marcos 5

Os versículos 1 a 20 narram a história do gadareno possesso, cujos demônios foram expulsos por Jesus. O texto deixa claro que se trata de uma pessoa que inspirava medo, devido à sua violência e força. Ele já fora acorrentado em ocasiões anteriores, mas quebrara as correntes com sua grande força. Jesus agiu com ele de forma usual, mandando que o demônio dele saísse, mas, antes disso acontecer, houve uma conversa interessante entre eles, ou melhor, entre Jesus e os demônios. A conversa começou com o homem pedindo a Jesus, que ele sabia tratar-Se do filho do Deus Altíssimo, que não o atormentasse, reconhecendo que Jesus tinha sobre ele toda a autoridade, podendo, inclusive mandá-lo para o inferno.

Jesus provavelmente suspeitou tratar-se de mais de um demônio, pelo que perguntou pelo seu nome, no que ficou sabendo tratar-se de uma legião, que insistiu em ter permissão para permanecer naquela região e depois especificamente para entrar numa manada de porcos que estava ali perto. Fica claro que o interesse de Jesus era livrar o homem destes demônios, pelo que dificilmente Ele teria Se preocupado com o que aconteceria em decorrência dos demônios entrarem nos porcos, motivo pelo qual simplesmente o permitiu. O prejuízo causado aos donos da manada de porcos certamente não foi proposital, mas nos mostra que Jesus não estava lidando como o Deus Onisciente que era e, sim, como o homem Jesus, cheio do Espírito Santo apenas.

Os homens que cuidavam dos porcos viram tudo e contaram na cidade, de onde veio muita gente para ver o ocorrido, tendo constatado que o outrora endemoniado agora estava completamente são. É lamentável, contudo, que seu medo excedeu o interesse pelo milagre, pelo que pediram que Jesus se retirasse.

É totalmente compreensível que o ex-endemoniado quisesse acompanhar Jesus, mas Este vislumbrou a possibilidade dele abrir uma nova frente missionária, o que efetivamente ocorreu. As pessoas ouviam com grande admiração aquilo que Jesus fizera por ele.

No versículo 21 já encontramos Jesus de volta a Cafarnaum, onde era aguardado por uma grande multidão, juntamente com a qual chegou um dirigente da sinagoga, que se prostrou diante dEle implorando que o Mestre fosse à sua casa e curasse a sua filha que estava morrendo. Jesus o acompanhou, prontamente, com toda a multidão indo junto, diante da expectativa de ver mais um milagre.

Enquanto iam, contudo, aproximou-se de Jesus uma mulher cerimonialmente impura, porque tinha um fluxo de sangue havia 12 anos e de forma alguma podia tocar em outras pessoas. Ela, por um lado, já gastara tudo o que tinha tentando se curar, mas tudo em vão. Por outro, contudo, já ouvira falar de Jesus e de todos os Seus milagres, pelo que estava convencida de que, não obstante sua impureza, bastaria a ela tocar no manto de Jesus, que ficaria curada.

Certamente, com grande dificuldade, ela se aproximou dele, empurrando as pessoas para se aproximar e conseguiu tocá-lo, pelo que efetivamente foi curada no mesmo instante (versículo 29).

Imediatamente, para a surpresa de todos, Jesus parou querendo saber quem O havia tocado. Os discípulos tentaram demovê-lo da pergunta, porque uma grande multidão o apertava, mas Jesus só parou de procurar quando a mulher prostrou-se a Seus pés e, apavorada, confessou o seu crime. Jesus, contudo, não estava interessado no crime cometido e, sim, na fé da mulher, pelo que Ele a elogiou e assegurou a ela que fora a sua fé que a curara (versículo 34).

Enquanto Ele ainda falava com ela, chegaram mensageiros da casa de Jairo, o dirigente da sinagoga, dizendo que era tarde, pois a menina infelizmente já falecera. Ignorando-os, completamente, Jesus Se virou para Jairo e pediu a ele para não temer, mas que mantivesse a sua fé.

Dali em diante Jesus permitiu que O seguissem apenas Pedro, Tiago e João e logo chegaram à casa de Jairo, onde o Senhor foi alvo de deboche por dizer que a menina apenas dormia (versículos 39 e 40).

Entrando na casa apenas com os pais e os 3 discípulos, Jesus Se dirigiu à menina e mandou que se levantasse, o que ela fez prontamente diante dos olhos estarecidos dos pais. Jesus pediu, então, apenas que a alimentassem.

Marcos 6

O capítulo 6 começa com Jesus retornando a Nazaré e causando admiração pelo fato de pregar mostrando grande sabedoria e realizar alguns milagres. De onde poderia vir Sua sabedoria se Seus pais, irmãos e irmãs eram gente simples do meio deles? Apesar de todas as evidências, ainda assim se escandalizavam nEle, a ponto de Jesus reconhecer que profeta não tem honra em sua própria terra e Se admirar de sua incredulidade (versículos 2 a 6).

Nesse ponto O vemos chamando os Seus Doze e enviando-os a curar e expulsar demônios. Deveriam ser recebidos e hospedados pelas pessoas que visitassem. Onde fossem recebidos pregariam o arrependimento, curariam os enfermos e expulsariam os demônios; e assim foi (versículos 7 a 13).

O rei Herodes ouviu falar de tudo isso, associado ao Nome de Jesus. Alguns diziam tratar-se de Elias, cuja vinda entendiam ter sido prevista em *Malaquias 4.5-6*, mas Herodes achava que era João Batista, que ele mandara prender por denunciar o adultério no qual vivia com a mulher de seu irmão Filipe. Depois disso prometera a sua enteada, que dançara para ele no dia de seu aniversário, que lhe daria o que lhe pedisse, tendo esta solicitado a cabeça de João num prato. Em consequência disso, tivera que honrar o que prometeu e mandou decapitá-lo (versículos 14 a 28).

Nesse meio tempo, os discípulos de Jesus haviam retornado e contavam a Ele as suas experiências, mas o povo buscava Jesus, a ponto de sequer lhes permitir tempo de comer. Eles tentaram se afastar da multidão, indo de barco para um lugar ao norte, mas o povo correu adiante e chegou lá antes deles (versículos 29 a 33).

Como sempre, Jesus Se compadeceu da multidão e passou a ensiná-la, estendendo-se até por horas. Não querendo mandar a multidão embora com fome, pediu aos discípulos que a alimentassem, mas todo o alimento que acharam foi com um menino, que possuía 5 pães e dois peixinhos. Nesta ocasião deu-se a primeira multiplicação dos pães, com Jesus e os discípulos alimentando mais de 5 mil homens (ao todo mais de 10 mil pessoas), tendo sobrado 12 cestos cheios (versículos 34 a 44).

Logo a seguir, pediu aos discípulos que fossem novamente a Genesaré, enquanto Ele subia a um monte para orar. Tendo orado dirigiu-Se ao barco dos discípulos andando sobre as águas, com estes ficando aterrorizados, achando que se tratava de um fantasma quando O viram. Com Jesus já no barco, chegaram juntos a Genesaré, onde foram recebidos com alegria e Lhe traziam os enfermos para que os curasse (versículos 45 a 56).

Marcos 7

Os fariseus e os mestres da lei estavam sempre seguindo Jesus no intuito de pegar alguma gafe com base na qual pudessem criticá-IO. Neste caso viram os discípulos de Jesus comendo sem a lavagem cerimonial das mãos, pelo que não perderam tempo para interrogá-IO a respeito. Marcos tem o cuidado de falar sobre esta tradição judaica, para que seus leitores não judeus pudessem entender de que se trata. Embora o texto não o diga, fica implícito que os discípulos de Jesus não mais cultivavam esse hábito, porque certamente Jesus já tinha conversado com eles a respeito (versículos 1 a 4).

Mediante a pergunta dos fariseus feita no versículo 5, quanto a porquê seus discípulos comiam sem guardar a tradição, Jesus percebeu a armadilha que estavam criando, pelo que respondeu de forma dura, colocando o dedo na ferida, qual seja, a hipocrisia da religião judaica de aparência. Sua resposta está embasada em *Isaías 29.13*, citado nos versículos 6 e 7. O problema reside no fato de negligenciarem os mandamentos de Deus, para apegarem-se às tradições judaicas.

Para que não houvesse nenhuma dúvida a respeito daquilo que Ele estava dizendo, Jesus mostrou um exemplo claríssimo onde isso acontecia. Enquanto a lei mosaica mandava honrar pai e mãe, reservando a pena de morte para quem os amaldiçoasse, a tradição judaica permitia que o filho negasse qualquer ajuda financeira aos pais idosos, simplesmente declarando os seus próprios bens (mantidos em sua posse), como Corbã (oferta dedicada a Deus). Desta forma a tradição havia criado uma alternativa a guardar a lei divina. Assim, Jesus generalizou dizendo que havia várias coisas semelhantes a essa na tradição judaica.

O simples fato de não haver registro de qualquer contra-argumento vindo dos fariseus e dos mestres da lei, deixa claro que ficaram sem nenhum, diante de uma resposta tão contundente. Jesus, contudo, não ficou por aí. Ele Se virou para a multidão e explicou que as impurezas não consistem no que entra pela boca e, sim, naquilo que sai de seu coração. São as nossas más intenções que nos tornam impuros diante de Deus.

Deixando a multidão e chegando em casa, os discípulos interrogaram Jesus sobre esse assunto, porque não o haviam entendido. Nos versículos 18 a 23 Ele mais uma vez explicou a eles que é no coração (não no órgão coração e, sim, na sede dos nossos desejos) que nascem os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos etc... e que são esses que tornam o homem impuro.

No versículo 24 Jesus Se dirigiu para os arredores de Tiro e Sidom. Talvez esta seja a única vez que Ele saiu de Israel. Mesmo ali, contudo, a Sua fama O precedera e logo surgiu uma mulher que pedia para Ele expulsar de sua filha um demônio. Nos surpreendemos, e até nos decepcionamos a princípio, por Ele Se negar, dizendo que viera para os judeus e que ela, como siro-fenícia, não estava na lista dos que deveriam ser beneficiados pelo alimento que Ele trazia. O fato dela se humilhar diante de dEle e dizer que **“até os cachorrinhos comiam debaixo da mesa se alimentando das migalhas dos judeus”** nos mostra que, na realidade, Ele estava provando a sua fé, tendo ficado muito satisfeito com a mesma. Assim sendo, imediatamente atendeu o seu pedido e sua filha foi curada (versículos 25 a 30).

Saindo da região de Tiro e Sidom, Jesus foi a uma das cidades de Decápolis (um grupo de 10 cidades à direita do Jordão, que começava com Damasco ao norte estendendo-se pela Síria e Jordânia de hoje. Não sabemos a que cidade Jesus Se dirigiu) onde, mais uma vez a Sua fama havia chegado. Ali lhe trouxeram um homem surdo e mudo para ser curado. Jesus o curou, fazendo com que ouvisse e falasse para a admiração daqueles que o haviam trazido (versículos 33 a 37).

Marcos 8

"Naqueles dias" nos fala de outra ocasião, na qual se reunia uma grande multidão para ouvir Jesus ao longo de 3 dias (versículo 2) em um lugar deserto (versículo 4). Não querendo despedi-los com fome, Jesus pediu ao Seus discípulos para alimentá-los. Embora tivessem apenas 7 pães e alguns peixes pequenos, Jesus pediu que se assentassem, agradeceu os pães e os peixes e alimentou a todos, tendo sobrado 7 cestos cheios. O número de pessoas alimentadas talvez excedesse 8.000, pois só de homens havia cerca de 4.000.

Tendo despedido a multidão, somos informados que Jesus entrou num barco com os discípulos e foi para a região de Dalmanuta, cuja localização é incerta, mas supostamente na margem ocidental do mar da Galileia, pouco abaixo de Cafarnaum. Ali Ele foi novamente interpelado pelos fariseus, que desta feita pediam que lhes mostrasse

um sinal dos céus (versículo 11). Era mais uma provocação deles, que Jesus simplesmente se recusou a atender. A seguir entraram todos no barco novamente e retornaram ao outro lado do mar da Galileia (versículo 13).

Ao longo da travessia, Jesus começou a adverti-los quanto ao fermento dos fariseus e de Herodes. Como eles tinham esquecido de se prover de pão, os discípulos acharam que era a isso que Jesus estava se referindo. Quando Jesus percebeu o engano, Ele os criticou por não perceberem o que lhes estava acontecendo. Parecia até que eram cegos, apesar de terem olhos e surdos, apesar de terem ouvidos; além disso, não haviam percebido o que estava acontecendo. As duas multiplicações de pães haviam trazido prova suficiente, para que percebessem que a fome jamais seria um problema. Era necessário que entendessem que o problema era a hipocrisia dos fariseus (versículo 21).

Pouco depois chegavam a Betsaida (cidade ao norte de Gadara, de onde Jesus foi convidado a se retirar pela cura do endemoniado gadareno) onde Lhe trouxeram um cego para que o curasse. Esse evento é curioso, porque é o único caso em que a cura se deu em duas etapas. Primeiro Jesus cuspiu nos olhos do cego (o que já é estranho), antes de Lhe impor as mãos e perguntar se estava vendo (aliás, o fato dele perguntar parece pressupor o resultado parcial intencional). Ele respondeu que via alguma coisa, mas que as pessoas eram apenas vultos como árvores. A seguir Jesus tapou os olhos do homem com as mãos e, ao retirá-las, ele via tudo perfeitamente (versículos 22 a 26).

Enquanto ficamos nos perguntando o motivo pelo qual Jesus curou essa pessoa à prestação, Mulholland (/87/, pág. 131) sugere que Jesus está usando este exemplo, bem como a cura do surdo e mudo anterior (*Marcos 7.31-37*), para mostrar como Ele dá audição e visão àqueles que O buscam. Além disso, demonstra, através deste cego, que esse resultado não necessariamente é atingido na primeira tentativa. Isso seria o caso do entendimento do discípulo, onde Jesus precisou dar um segundo toque.

Embora Jesus certamente tenha usado os milagres para mostrar o poder de Deus e, conquanto seja verdade que o aprendizado tenha sido à prestação, creio que o motivo para Jesus curar este cego em duas etapas continua dúbio.

Enquanto Jesus e Seus discípulos caminhavam para o norte, onde queriam visitar os povoados perto de Cesareia de Filipe (cidade a uns 50km ao norte de Betsaida), Ele perguntou a Seus discípulos o que as pessoas diziam a Seu respeito. Enquanto os outros pensavam ser João Batista, Elias ou outro profeta ressuscitado, Pedro aproveitou para confessar ser Ele o Cristo. Jesus aproveitou essa confissão, portanto, para falar aos discípulos acerca do verdadeiro papel do Messias, qual seja, ser rejeitado e morto pelos líderes religiosos, mas ressuscitar ao terceiro dia (versículo 31).

O mesmo Pedro, então, chamou Jesus à parte e falou que aquilo tinha que ser evitado, mas Jesus deixou claro que suas palavras se constituíam numa trama diabólica, porque aquela era a missão de Deus para a Sua vida e Ele iria cumpri-la.

Tendo feito essa repreensão em particular, para não envergonhar Pedro, Ele chamou os outros discípulos e a multidão e explicou que o caminho a ser seguido por quem quisesse vir após Ele, era difícil, pois implicava numa autonegação e uma cruz para quem O seguisse. Além disso, Ele falou que a conquista de vida eterna residia em abrir mão das conquistas dessa vida e eventualmente da própria vida, porque a vida eterna não poderia ser paga com qualquer conquista feita nesta vida.

Além disso, quem se envergonhasse de Ele e desta Sua atitude, seria objeto de vergonha diante de Deus quando do Seu retorno em glória, juntamente com os anjos.

Marcos 9

Este capítulo começa com a narrativa da transfiguração de Jesus. Ele tinha um grupo dos apóstolos (Pedro, Tiago e João), com os quais tinha maior intimidade e foram justamente estes que tomou consigo para subir um alto monte não identificado da região do mar da Galileia. Em ali chegando, Ele Se transfigurou diante deles. Não sabemos exatamente em que isso consiste, mas o texto se limita a falar de Suas vestes, que ficaram incomparavelmente brancas, enquanto apareciam para conversar com Ele Elias e Moisés (versículos 1 a 4).

Os discípulos ficaram apavorados e Pedro, totalmente desorientado, começou a falar sobre fazer uma tenda para cada um dos três, mas logo a seguir ouviram Deus falando acerca de Jesus ser o Seu Filho Amado a Quem deveriam ouvir. Neste exato momento sumiu tudo e ficaram novamente a sós com Jesus.

Enquanto desciam, Jesus lhes disse que não deveriam contar nada daquilo até que Ele tivesse ressuscitado dos mortos, mas tudo que conseguiram foi discutir entre si, acerca do que seria ressuscitar dos mortos.

Nos versículos 11 a 13 conversaram a respeito da vinda futura de Elias, prevista por Malaquias, mas Jesus esclareceu que Elias já viera, e que fora muito maltratado. No texto correspondente do primeiro Evangelho (*Mateus 17.13*) somos informados que Ele Se referia a João Batista.

Quando Jesus, Pedro, Tiago e João chegaram novamente aos demais discípulos, encontraram uma grande multidão, além dos críticos mestres da lei, discutindo com eles. Ao tentarem se informar sobre o motivo do ajuntamento, um homem respondeu a Jesus, dizendo que trouxera seu filho endemoniado para ser curado, mas que seus discípulos não tinham podido resolver o problema. O demônio o impedia de falar e o maltratava bastante, fazendo-o espumar pela boca (versículos 14 a 18).

A resposta de Jesus parece expressar a Sua frustração com os discípulos, mas imediatamente pede que tragam o menino. Neste mesmo momento o demônio atacou o menino e este foi jogado ao chão espumando. O pai ainda informou a Jesus que o problema ocorria desde a infância do menino e que o demônio o jogava na água e no

fogo tentando matá-lo e pediu que Jesus os ajudasse, se pudesse. Desta feita a resposta de Jesus foi no sentido de que tudo era possível ao que crê. Se por um lado o pai disse que cria, por outro ele deixou claro que não gostaria que sua incredulidade fosse um impedimento para a cura.

Jesus repreendeu o demônio, mandou que saísse e que nunca mais voltasse. Este o deixou imediatamente, mas o menino caiu desacordado como se estivesse morto. Jesus, contudo, o tomou pela mão e o pôs de pé, deixando grande admiração em todos.

Já os discípulos, que haviam expulsado muitos demônios, quando Jesus os enviou às cidades de Israel, não conseguiam entender porque não tinham sido capazes de expulsar também aquele. Interrogado a respeito, Jesus lhes disse que aquela espécie só poderia sair com oração e jejum. Em outras palavras, Jesus estava dizendo a eles que lhes faltava maior comunhão com o Pai, visto que tanto a oração como o jejum são formas eficientes de buscá-la.

Saindo dali, somos informados nos versículos 30 a 37 que Jesus estava evitando as multidões para ter tempo de ensinar aos discípulos, principalmente a respeito de Sua morte e ressurreição, mas eles simplesmente não O entendiam. Na verdade, estavam tão alienados desse assunto, que preferiram discutir, pelo caminho, qual deles seria o maior no Reino de Deus. Quando chegou em Cafarnaum, Jesus disse a eles que qualquer que quisesse ser o primeiro, teria que servir os demais e tomar a posição de último. Além disso, tomou uma criança e, abraçando-a, disse que qualquer que recebesse uma criança como aquela em Seu nome, estaria recebendo tanto a Ele como a Seu Pai.

Obviamente a situação era constrangedora para os discípulos, de modo que a pergunta feita por João, a seguir, mais parece uma tentativa de mudar o assunto. Ele informou a Jesus que tinham visto um homem expulsando demônios em Seu Nome e que tinham tentado impedi-lo, por não fazer parte do grupo deles. Jesus, porém, pediu que não mais fizessem isso, porque quem não era contra eles era a seu favor.

Até o final do capítulo, o assunto das recomendações de Jesus é a necessidade do crente zelar para que tenha um comportamento santo, que não leve os pequeninos a tropeçar. Aqui devemos entender os pequeninos tanto como os crentes fracos, que podem se levados a apostatar por erros de outros, bem como pessoas que estão interessadas no Evangelho e perdem seu interesse devido ao comportamento ruim de crentes descuidados. Jesus chega a dizer que era melhor que um crente desses se lançasse ao mar com um peso amarrado ao pescoço; portanto, sem chance de voltar à superfície (versículo 42). Ou seja, é melhor morrer do que errar levando ao inferno um pequenino desses.

Nos versículos 43 a 48, Jesus passa a Se dirigir àquele que tropeça, deixando claro que é melhor se livrar da causa, do que ter que sofrer a consequência do tropeço, qual seja: **“ir para o inferno, onde o fogo nunca se aparta”**. Ele usa causas fictícias, quais sejam: a mão, o pé ou o olho, mas a intenção é dizer que, seja qual for ela, deve ser removida.

O versículo 49 é de difícil interpretação, principalmente por falar de sal, assim como o faz o versículo 50, mas as duas aplicações parecem ser distintas. Aparentemente o versículo 49 está dizendo que aqueles que tropeçam serão preservados (como o faz o sal), mas no inferno (pelo fogo).

Já no versículo 50, fica ressaltado que o sal é bom, porque é um preservante, mas se perder sua função, não poderá mais restaurar o sabor. Assim, os crentes devem atentar para que sua vida cristã reflita o comportamento de Jesus, porque só assim os irmãos vão priorizar as coisas de Deus e viver em paz uns com os outros.

Marcos 10

Este capítulo começa com Jesus indo para a região da Judeia, onde novamente Ele é defrontado com uma multidão carente, à qual tem prazer em ensinar. Estavam lá, de igual forma, os fariseus, que, querendo tentá-LO, perguntaram-Lhe a respeito do divórcio. Ele, contudo, devolveu a pergunta, questionando-os a respeito da Lei Mosaica, que eles bem conheciam.

Eles, sentindo-se respaldados pela Lei (*Deuteronômio 24.1-4*), disseram que Moisés o permitia, mas foi neste ponto que Ele pôde mostrar a eles a verdadeira intenção da lei. A intenção de Deus nunca fora essa, qual seja, haver separações, senão em caso de adultério, porque nesse caso já tinham deixado de ser uma só carne. Ocorre que os homens tinham corações duros e podemos imaginar várias situações em que tal dureza tornava o casamento insuportável. Eles, por exemplo, prejudicavam sobremaneira as mulheres que não mais queriam. Assim, permitir o divórcio acabou sendo uma forma de protegê-las.

Nos versículos 13 a 16 vemos Jesus tomando uma posição bonita em relação às crianças, que na sociedade da época não tinham qualquer lugar. Isso fica claro com os discípulos repreendendo as mães que as traziam, por não querer que Jesus perdesse tempo com elas. Ao ficar indignado e repreendê-los, ordenando que as deixassem vir a Ele, por ser delas o Reino de Deus, Ele apresenta pelo menos duas verdades inquestionáveis do Cristianismo. A primeira é que o Reino de Deus deve ser recebido da mesma forma como as crianças recebem os presentes que se lhes dão. Elas o fazem com entusiasmo e gratidão e não porque merecem.

De igual forma as crianças são cidadãos do Reino de Deus até o dia em que cometem o seu primeiro pecado, ou seja, até que cheguem à idade da razão. Nesse momento infalivelmente escolhem errado e passam a pertencer ao reino oposto. Esse versículo comprova, portanto, que o pecado original da Igreja Católica Romana não é pecado algum e, sim, uma tendência herdada de Adão que leva o homem a pecar.

O personagem, cuja história é narrada a partir do versículo 17, ficou conhecido como o “mancebo de qualidade”, mas cujas qualificações acabaram impedindo a sua salvação. Marcos nos informa que ele estava aflito por se salvar, tanto que se pôs de joelhos diante

de Jesus, para perguntar o que era necessário fazer para herdar a vida eterna. No versículo 19 Jesus mencionou a guarda de alguns mandamentos, mas omitiu, propositalmente, o primeiro, e ele, prontamente respondeu que os cumpria desde a adolescência.

Neste ponto Jesus falou, então, a respeito de seu amor ao dinheiro, motivo pelo qual deveria vender seus bens, dar o dinheiro aos pobres e segui-lo. Marcos nos diz que ele se afastou triste, porque era uma pessoa rica. Embora o autor não o dissesse, fica implícito que ele não estava disposto a trocar o seu tesouro na Terra por outro no céu, motivo pelo qual Jesus chamou a atenção dos discípulos para o fato de quão difícil era entrar um rico no Reino de Deus.

O pensamento popular da época era de que as riquezas vinham de Deus, pelo que os ricos seriam pessoas de quem Deus Se agrada. Os discípulos não pensavam diferente, daí a sua surpresa em relação à declaração de Jesus, que expressam perguntando quem, portanto, pode se salvar. Jesus, então, aproveita para ensinar que não é o homem, através de seus feitos, que conquista a salvação e, sim, Deus que a concede e, para Ele, nada é impossível.

Neste momento Pedro se preocupa com a salvação própria e pergunta que será deles, os discípulos, que “deixaremos tudo para seguir você”? A resposta de Jesus dizendo que aqueles que abriram mão de tudo, por causa dEle e do Evangelho, receberiam aqui 100 vezes mais e no futuro a vida eterna. Essa frase tem sido muito mal interpretada pelos adeptos do chamado “evangelho da prosperidade”. Jesus não está se referindo a bens materiais, do contrário nada do que disse antes, sobre a dificuldade de salvação dos ricos, faria qualquer sentido. Da mesma forma como não se salvam os ricos que amam suas riquezas mais do que a Deus, de igual modo, são abençoados e se salvam aqueles que priorizam o Reino de Deus, ao qual amam, incluindo aqui os ricos que assim procedem (versículos 28 a 30).

O versículo 31 parece estar endereçado aos próprios discípulos, que ainda disputavam posições de primazia do Reino, que Jesus acabara de garantir a sua entrada, por terem deixado tudo. Aqueles que pensarem que conquistarão tais posições por terem realizado muito, acabariam ocupando os últimos lugares, enquanto os primeiros lugares seriam dados àqueles que andaram humildemente na presença de seu Deus.

Nos versículos 32 a 34 vemos Jesus, mais uma vez, tentando alertar os discípulos para aquilo que estava por acontecer em Jerusalém. Ele falou de Sua prisão, condenação, morte e ressurreição, mas eles simplesmente não entendiam.

Entre outros motivos para tanto, um deles é que a preocupação dos discípulos era outra. Tiago e João expressam isso bem com a pergunta feita a Jesus a seguir: “será que daria para permitir que eles se sentassem um à Sua direita e outro à esquerda no Reino de Deus”?

Embora Jesus deixasse claro que não sabiam o que estavam pedindo, eles insistiram respondendo que seriam capazes de passar pelo mesmo batismo que Ele. Mulholland nos lembra que Jesus estava prestes a ser entronizado numa cruz com dois ladrões postados um à Sua direita e outro à Sua esquerda (/87/, pág. 165). Era isso mesmo que eles queriam? Apesar de suas respostas, Jesus disse a eles que não cabia a Ele conceder estes lugares e que já estavam destinados a outros (versículo 40).

É claro que os outros discípulos ficaram indignados com Tiago e João, mas pelo motivo errado. Isso porque achavam que a eles cabia também tal direito. Jesus, contudo, deixou claro que esse era o conceito de grandeza do mundo, mas que no Reino de Deus, o maior é aquele que melhor serve e o primeiro é aquele que se faz escravo de todos. Aliás, foi exatamente por isso que Ele tinha vindo para dar a Sua vida em resgate de muitos (versículos 41 a 45).

Nos versículos 46 a 52 Marcos traz a narrativa da cura do cego Bartimeu. Chama a atenção a insistência dele em clamar pela misericórdia de Jesus, quando todos o repreendiam pela sua inconveniência. Quando Jesus parou para chamá-lo, ele largou sua capa, provavelmente o único bem que possuía, e foi ao encontro de Jesus e de sua cura. Sem dúvida é com esse tipo de persistência que Jesus quer que O procuremos.

Marcos 11

Já chegando a Jerusalém, na região de Betfagé e Betânia, Jesus pediu aos Seus discípulos que entrassem no povoado e trouxessem um jumentinho que encontrariam amarrado ali. Se alguém perguntasse por que eles estavam desamarrando o animal, bastaria que respondessem que Jesus precisava dele e que devolveria depois. Assim foi (versículos 1 a 6).

Os versículos 7 a 11 nos falam da entrada “triumfal” dEle em Jerusalém, montado no jumentinho, com o povo louvando “**Aquele que estava vindo em Nome do Senhor**”. Sua marcha chegou ao templo e depois Ele retornou a Betânia, provavelmente à casa de Lázaro, onde passou a noite.

Os versículos 12 a 14 e depois 20 a 26 narram um evento acerca do fato de Jesus amaldiçoar uma figueira por não ter fruto. Regressando ao local no dia seguinte, os discípulos se impressionaram por ela ter secado. Disso se aproveitou Jesus para ensinar o valor da oração feita com fé, dizendo que assim procedendo poderiam receber tudo que pedissem. Os versículos 25 e 26, contudo, fazem a ressalva da necessidade de sabermos perdoar aqueles contra quem temos alguma questão, para que o Pai também nos perdoe.

Neste mesmo dia, chegando ao templo, Jesus mais uma vez Se irritou com o comércio que estava sendo feito no pátio externo do mesmo. Ele derrubou as mesas dos cambistas e dos vendedores e fez valer o respeito devido ao local. O Seu procedimento irritou muito os chefes dos sacerdotes e os mestres da lei, mas nada fizeram contra ele para evitar qualquer conflito com a multidão, que estava encantada com Seu procedimento (versículos 15 a 19).

No dia seguinte, todavia, tiveram a oportunidade de questioná-IO quanto à autoridade com que fizera aquilo no dia anterior. Jesus, contudo, condicionou a Sua resposta a ter deles igualmente uma resposta para Sua pergunta, qual seja, se o batismo de João vinha de Deus? Como recusaram-se a responder, porque queriam evitar um confronto com o povo, Jesus decidiu igualmente omitir a resposta à pergunta deles (versículos 27 a 33).

Marcos 12

Este capítulo começa com uma parábola endereçada claramente aos líderes do templo. Fala a respeito de um homem, que no caso é Deus, que plantou uma vinha e a equipou para depois arrendá-la (os líderes seriam os arrendatários) em troca de parte do fruto. Chegada, contudo, a hora de receber a sua parte, e tendo enviado um servo para recebê-lo (representativo de um profeta), os arrendatários o espancaram e mandaram-no embora de mãos vazias. Mandou vários outros servos (profetas) e a uns mataram, a outros espancaram e a todos humilharam. Finalmente, mandou-lhes seu próprio filho (Jesus), que deveriam respeitar, mas, por ser ele o herdeiro, mataram-no para poderem ficar com a vinha, jogando-o fora da mesma (versículos 1 a 8).

No versículo 9 Jesus, então, pergunta o que fará a esses lavradores o dono da vinha e indagou ainda se nunca tinham lido nas Escrituras que **“a pedra que os construtores rejeitaram havia se tornado a pedra angular?”**. Já o versículo 12 deixa claro que os fariseus e os herodianos haviam entendido muito bem o recado, pelo que enviaram algumas pessoas para tentá-IO, de modo a terem de que O acusar.

A primeira dessas provações se fez no tocante a impostos, se era justo pagar tributos a Roma. Qualquer que fosse a resposta, sim ou não, eles O acusariam de ser contra os judeus ou contra os romanos, respectivamente. Conhecemos, contudo, a resposta maravilhosa, que o Espírito Santo Lhe deu, usando uma simples moeda e que causou admiração até entre aqueles que O tentavam (versículos 13 a 17).

Já os saduceus, bem menos conhecedores das Escrituras que os fariseus, tentaram provocá-IO usando uma questão sobre o casamento levirato, propondo um problema fictício contemplando uma mulher que fora casada com 5 irmãos, sem ter tido filho de nenhum deles. Desta forma queriam saber a qual deles pertenceria no céu. Jesus respondeu informando não haver casamento no céu, pelo que a pergunta seria sem sentido. Sabendo, contudo, que os saduceus não criam na vida pós-morte, aproveitou

para mostrar um texto bíblico que atesta o relacionamento de Deus Pai com Abraão, Isaque e Jacó vivos, por ser Ele Deus de vivos e não de mortos (versículos 18 a 27).

Finalmente, aproximou-se dele um mestre da lei, mas que fez uma pergunta básica, sobre qual seria o mandamento mais importante. Jesus respondeu falando sobre a necessidade de amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo (versículos 28 a 31).

Curiosamente, a pessoa que perguntara, elogiou Jesus, confirmando a Sua resposta, talvez numa tentativa de sair empatado da discussão, mas Jesus não estava disputando nada e, sim, pregando a salvação eterna. Em prol de seu empenho, portanto, ele disse ao mestre da lei que ele não estava longe do Reino de Deus, dando a entender que a prática daquelas palavras o salvaria (versículos 32 a 34).

Continuando o Seu ensino no templo, Jesus abordou o fato do Cristo ser ao mesmo tempo filho e Senhor de Davi e Marcos registra que a multidão O ouvia com prazer (versículos 35 a 37).

Nos versículos 38 a 40 Ele criticou o comportamento hipócrita dos mestres da lei e, finalmente, observando as ofertas que eram lançadas no local propício, Ele elogiou uma viúva, que dera uma oferta ínfima, afirmando que na realidade ela dera tudo o que tinha, enquanto os outros davam do que lhes sobejava.

Marcos 13

O presente capítulo começa quando Jesus e Seus discípulos estavam saindo do templo e estes, encantados com a construção que havia sido aprimorada poucos anos antes por Herodes, o Grande, chamaram a atenção do Mestre para a mesma. Ficaram surpresos, contudo, quando Jesus respondeu que tudo aquilo havia de ser destruído (versículos 1 e 2).

Já a caminho de Betânia, onde pernoitariam, eles deram uma paradinha no monte das Oliveiras, de onde têm uma vista maravilhosa do templo, para descansar. Neste momento Pedro, Tiago, João e André aproveitaram para perguntar sobre o que Ele dissera. Todo o restante deste capítulo abrange o discurso de Jesus tentando dar a eles uma visão apocalíptica dos tempos vindouros.

Ao formalizá-la, contudo, Jesus está falando de dois eventos, um deles relativo à destruição de Jerusalém, que se deu no ano 70d.C., e o outro relativo à Sua própria volta, após o surgimento do Anticristo.

Ele começou dizendo que muitos viriam em Seu nome, mas que antes de Sua volta haveria guerras e rumores de guerras. Levantar-se-ia nação contra nação e haveria muitos terremotos, mas isso seria apenas o princípio das dores (versículos 5 a 8).

Eles mesmos seriam presos, açoitados e levados à presença de líderes, isso para dar testemunho a eles. Tudo isso para que o Evangelho fosse pregado a todas as nações. Em todas essas coisas seriam dirigidos pelo Espírito Santo (versículos 9 a 11). Seriam tempos difíceis, com traições e matanças no seio das famílias e todos odiando os seguidores de Cristo, mas que seriam salvos aqueles que perseverassem (versículos 12 e 13).

No versículo 14 a referência ao “sacrilégio terrível” é uma citação clara de *Daniel 9.20-27*, onde são descritas as 70 semanas, com ênfase na última, que é citada também em *Daniel 11.31* e *12.11*. Essa profecia foi cumprida, em 168a.C., por Antíoco Epifânio, ao colocar no templo uma imagem a Zeus e sacrificar uma porca sobre o altar. Jesus, contudo, deixa claro que a profecia em apreço tem ainda outro ou outros cumprimentos. O primeiro evento futuro ao qual Se referiu naquela ocasião se cumpriu no ano 70d.C. com a destruição de Jerusalém e do templo (versículos 14 a 18), mas também o surgimento do Anticristo e a Segunda Vinda de Cristo estão ainda no futuro. Assim, os versículos 19 a 27 não nos deixam qualquer dúvida sobre o cenário apocalíptico que está sendo descrito. Cabe ressaltar, ainda, que a forma como Jesus descreve essa sequência de eventos não sugere absolutamente nada que lembre um arrebatamento da Igreja antes da volta de Jesus.

No versículo 28 Jesus faz um paralelo entre a renovação das folhas das figueiras anunciando a chegada próxima do verão e o cumprimento dos sinais informados acima, avisando que a volta de Cristo está às portas.

Exatamente neste ponto (no versículo 30), Ele faz uma afirmação que certamente confundiu os Seus conterrâneos da época e confunde muita gente até hoje. Jesus disse que não passaria aquela geração sem que tudo aquilo ocorresse. Como Ele ainda não voltou e já passaram umas 50 gerações nesse meio tempo, é provável que Ele não estivesse falando da geração daqueles dias. Por outro lado, há os que argumentam que “aquela geração” não seria a daqueles dias e, sim, a que visse o cumprimento dos sinais. Por isso começaram a acompanhar a ocorrência de guerras e terremotos, mas estes estão cada mais frequentes, pelo que a ocorrência destes não chega a ser conclusiva.

Para complicar as coisas Jesus, no versículo 32, informou a Seus discípulos que Ele mesmo não sabia da data de Sua volta, mas só o Pai. Esta é uma das provas mais contundentes no tocante a que significa o esvaziamento de Jesus, citado por Paulo em *Filipenses 2.6-8*. Ele não sabia porque o Deus Jesus estava desativado até o momento em que se faria necessário.

Os últimos 5 versículos deixam claro que a única alternativa dos discípulos de não serem pegos de surpresa seria a constante vigilância. Cabia a cada um deles, na condição de servos dEle, não serem pegos dormindo na Sua volta.

Marcos 14

Somos informados aqui que a situação de intolerância dos líderes do templo para com Jesus havia chegado à decisão de que Ele seria morto, mas como era época da Páscoa, optaram por esperar e não correr o risco do povo apoiá-lo.

Nesse ínterim, foi servido um almoço para Jesus em Betânia, na casa de um leproso chamado Simão, que Jesus havia curado. *João 12.1-8* também registra o evento, mas não fala de Simão e coloca Marta, irmã de Lázaro, como a pessoa que servia. Podemos supor que Simão era amigo de Lázaro e que Marta estava ajudando a servir o almoço para Jesus na residência de Simão.

Em meio à refeição Marcos diz que uma mulher, que nem ele nem Mateus identificam, mas que João diz ser Maria irmã de Lázaro, abriu um vidro de perfume raro e o derramou sobre os pés de Jesus, enxugando-os, a seguir, com seus cabelos.

Marcos e Mateus dizem que os discípulos ficaram indignados com o desperdício, mas João se limita a citar a indignação de Judas Iscariotes, que ainda reclamou que o perfume poderia ter sido vendido por uns 12 mil reais e o dinheiro dado aos pobres.

Jesus, contudo, defendeu a mulher dizendo que ungira o Seu corpo para a sepultura e que seria lembrada por isso onde quer que o Evangelho fosse pregado. Infelizmente, aquela ocorrência foi a gota d'água na paciência de Judas, que resolveu ganhar algum dinheiro às custas de uma traição. Assim é que ofereceu aos chefes dos sacerdotes entregar Jesus a eles, sem risco de haver pessoas próximas (versículo 10).

A festa da Páscoa era de um dia único e se realizava no dia 14 do mês de Nissan, seguida por 7 dias da festa dos pães sem fermento, mas à época de Jesus eram celebradas como se fosse uma festa única. O primeiro dia do versículo 12 era o Dia da Páscoa e os discípulos queriam sair para preparar a refeição que tomariam no final do dia. Jesus lhes deu informações muito precisas sobre um lugar específico, como se já estivesse tudo combinado, mas o mais provável é que Ele estivesse seguindo as instruções do Espírito Santo (versículos 13 a 15).

Os discípulos foram a Jerusalém e fizeram tudo conforme instruídos e logo mais já estavam sentados com Jesus para celebrar a ceia. Nesta ocasião Jesus informou ao grupo que um deles era um traidor (versículo 18). Como isso causasse uma comoção entre eles, querendo saber quem, Jesus completou dizendo que era o que comia do mesmo prato que Ele. Esse, no caso, era Judas. Marcos nada mais fala a respeito dele nos versículos seguintes, mas *João 13.27-30* nos informa que Judas se retirou a seguir. Marcos se limita a registrar palavras de Jesus, segundo as quais melhor lhe fora não ter nascido. A escolha de Judas, apostatando da fé, foi um caminho sem volta, como nos diz o autor de *Hebreus (Hebreus 6.4-6)*.

Nesta ocasião Jesus tomou o pão, dando aos discípulos como sendo representativo do Seu corpo e a seguir também o cálice, representativo de Seu sangue. Com isto celebrava com eles o início da Nova Aliança (versículos 22 a 25).

Jesus a seguir concluiu com um hino e foi com os discípulos ao monte das Oliveiras, onde ficava o jardim de Getsêmani, que eles tanto apreciavam (versículo 26). Jesus, a caminho, lhes informou que todos os Seus discípulos O abandonariam, porque isso estava inclusive profetizado em *Zacarias 1.7*. Novamente Ele disse a eles que ressuscitaria e que os encontraria na Galileia, mas essa parte Pedro sequer ouviu. Ele se limitou a dizer que ele não O abandonaria de forma alguma. Mais uma vez Jesus retrucou dizendo que ele o negaria 3 vezes, mas Pedro não teve qualquer dificuldade para desmenti-LO (versículo 31).

Quando chegaram ao Getsêmani, Jesus pediu a Seus discípulos que esperassem enquanto Ele orava. Já ao Seu grupo mais íntimo, Pedro, Tiago e João, Ele falou o quanto estava angustiado e triste, pelo que gostaria que vigiassem enquanto Ele orava. Para muitos a causa disso era o Seu medo do sofrimento e morte que Lhe sobreviriam em poucas horas, mas *Hebreus 5.7* nos assegura que Sua oração, feita no Getsêmani, foi atendida. Como Ele sofreu e morreu, obviamente não era esse o cálice que Ele pedia a Deus para afastar. O que Ele queria evitar era a contaminação que sofreria pelos pecados da humanidade e que O separariam de Deus. O que Lhe foi prometido para resolver esse problema foi um espírito novo, que seria dado ao homem Jesus, por ocasião de Sua ressurreição, para que Ele e o Pai pudessem voltar a ter a comunhão perdida pouco antes de morrer, ao declarar: "**Deus meu, por que me desamparaste?**".

Eles não vigiaram. Ao retornar pela 3ª vez e os encontrar dormindo, Jesus se limitou a dizer que chegara a hora dEle ser entregue e que se aproximava também o traidor (versículos 32 a 42).

A traição se deu através de um beijo e Pedro tornou o cenário violento, cortando a orelha do servo do Sumo Sacerdote, mas Jesus acalmou os ânimos colocando milagrosamente a orelha no lugar e assim permitindo que pudessem fugir tanto os 11 discípulos como o jovem Marcos, que viera enrolado em um lençol (versículos 42 a 52). Desta forma novamente as profecias a respeito foram cumpridas (talvez a referência de Jesus no versículo 49 seja a *Isaías 53.6-9 e 12*).

Jesus, depois de preso, foi levado ao Sumo Sacerdote, que iniciou imediatamente o Seu julgamento. Houve várias tentativas de apresentar denúncias contra Ele, mas sempre inconsistentes. Sua condenação foi decidida, contudo, quando o próprio Sumo Sacerdote perguntou a Ele diretamente se era ou não Filho do Deus Altíssimo. Como Jesus o confirmou dizendo que sim, o Sumo Sacerdote decidiu não haver mais a necessidade de testemunhas (versículos 61 a 64).

Encerrando este capítulo, Marcos narra as 3 negações sequenciais que Pedro faz de ser discípulo de Jesus, para logo a seguir ouvir o galo cantar (versículos 66 a 72).

Marcos 15

O capítulo 15 começa já na manhã seguinte, com os chefes dos sacerdotes e todo o Sinédrio já tendo decidido que pediriam a morte de Jesus a Pilatos, para quem o levaram a seguir.

Este começou perguntando a Jesus se Ele era o rei dos judeus, mas “**tu o dizes**” foi praticamente a única coisa que Jesus disse a ele, pelo que ficou impressionado que Jesus não Se defendesse (versículos 2 a 5).

Nos versículos 6 a 15 Marcos narra que Pilatos queria soltar Jesus, porque reconhecia que Ele nada tinha feito digno de morte. Ele ainda tentou soltá-LO usando do hábito de soltar um preso na Páscoa, mas o povo acabou pedindo outro, por instigação dos sacerdotes. Finalmente, por não querer desagradar os judeus, acabou entregando-o para a crucificação, como queriam. Os versículos 16 a 20 nos falam de como foi açoitado pelos soldados romanos, na medida em que estes também zombaram dele, antes de O levarem para ser crucificado.

A essa altura, já enfraquecido, Jesus precisou de ajuda para carregar a cruz e lançaram mão de um homem de Cirene, chamado Simão, foi constrangido a ajudá-LO. O fato de Marcos identificá-lo como pai de Alexandre e Rufo, nos sugere que se converteram tanto Simão, como depois os seus filhos, que se tornaram conhecidos como membros da Igreja, que tiveram acesso à redação de Marcos. Embora queiramos pensar em Simão como um injustiçado, somos obrigados a reconhecer que aquela injustiça acabou se tornando a maior bênção que recebeu em toda a vida. Ele conheceu Jesus, que pouco depois Se tornaria seu Salvador (versículo 21).

Jesus foi levado para fora da cidade, ao monte Gólgata, onde foi crucificado às 9 horas da manhã. Em Sua cruz havia uma placa dizendo ser Aquele o Rei dos Judeus. Suas roupas foram sorteadas entre os soldados, que crucificaram, à Sua direita e à Sua esquerda dois transgressores, confirmando assim o que fora predito em *Isaías 53.12*.

Marcos registra o escurecimento do céu do meio dia até às 3 da tarde, quando Jesus registrou o momento que mais O angustiava. Neste instante Ele foi contaminado pelos nossos pecados (morte espiritual do homem Jesus) e o Pai virou para Ele as costas, levando-O a gritar pelo fato de ter sido abandonado, conforme também previsto em *Salmos 22.1*: “**Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?**”.

Pouco depois, cumprida a Sua parte da missão salvífica, Jesus entregou o Seu espírito ao Pai e morreu, causando grande admiração por parte do centurião que estava ao pé da cruz e que nunca vira alguém morrer daquela forma, a ponto de dizer que “**realmente este homem era o Filho de Deus!**”.

Finalmente, Marcos nos informa que José de Arimateia, membro do Sinédrio, mas que esperava o Reino de Deus (forma que Marcos usa para dizer que não era contado entre os demais corruptos), pediu a Pilatos o corpo de Jesus, que ele enterrou em seu próprio sepulcro, que nunca fora usado. Maria Madalena, Salomé e Maria, mãe de Jesus, que

havia acompanhado tudo de longe, seguiram também para ver onde Jesus fora enterrado.

Marcos 16

Este último capítulo começa se referindo novamente às 3 mulheres, para dizer que foram ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus, mas vinham discutindo quem removeria a pedra que cobria a entrada do mesmo. Ao chegarem, contudo, constataram que a pedra já fora retirada e que havia ali um jovem de roupas brancas, com o que ficaram assustadas (versículos 1 a 5).

O jovem em apreço, que era na realidade um anjo, disse a elas que Jesus não estava mais lá, mas que ressuscitara e que estava indo para a Galileia, onde encontraria com Seus discípulos.

Marcos diz apenas que saíram dali amendrontadas, mas o versículo 9 registra o encontro de Jesus com Maria Madalena, que teria ido a seguir comunicar a ressurreição de dEle aos discípulos, que estavam se lamentando e chorando, motivo pelo qual tiveram dificuldade para crer. No mesmo dia Jesus apareceu a dois outros de Seus seguidores, que estavam a caminho de Emaús, e finalmente apareceu aos onze.

Nos versículos 15 e 16 Marcos repete a “grande comissão” de *Mateus 28.18 e 29* e nos versículos 17 a 20 fala sobre os poderes que o Espírito Santo daria àqueles que saíssem para divulgar a mensagem do Evangelho.

Semana 104 - Salmos de Louvor

Texto: Salmos 7, 9, 27, 30, 47, 57, 65, 67, 72, 76, 81, 85, 92, 100, 101, 107, 111, 134, 138, 144, 145, 146, 147, 150

Estação 52

Salmos 7

Este salmo aparentemente diz respeito a uma perseguição de Saul a Davi, que resultou de uma denúncia feita contra ele por um benjamita de nome Cuxe. Essa informação vem juntamente com o salmo, mas desconhecemos a que evento bíblico da vida de Davi ela se refere. Seja como for, sabemos a quem Davi recorria sempre que era injustiçado.

Nos versículos 1 e 2 Davi clama a Deus por refúgio e salvação, tendo em vista a perseguição que vinha sofrendo, ameaçando dilacerá-lo e despedaçá-lo. Ele sabe que é inocente, pelo que se dispõe a permitir que o inimigo o destrua até a morte, caso seja constatado que ele agiu de forma injusta para com ele (versículos 3 a 5).

Nos versículos 6 a 9, portanto, Davi pede ao Senhor que lhe faça justiça. Que fique claro que é Ele que reina, julgando os povos de acordo com a Sua justiça. Por total certeza de sua retidão nesse caso, pede a Deus que o julgue de modo a ressaltar a sua integridade. Davi pede, ainda, que haja fim para a maldade dos ímpios e que seja concedida segurança aos justos.

Nos versículos 10 e 11 o salmista louva a Deus como seu escudo, que manifesta o Seu furor contra os ímpios na condição de justo juiz. A forma como esse furor é derramado é descrita nos versículos 12 a 16. Ele será o alvo das setas divinas, terá sua maldade convertida em desilusão, cairá em sua própria armadilha e sua violência se voltará contra ele.

Davi encerra o salmo dando graças ao Senhor por Sua justiça e cantando louvores ao Seu Nome.

Salmos 9

O título desse salmo “Salmo de Davi para o cantor-mor, sobre Mute Laben” na realidade não nos esclarece muita coisa sobre o evento por trás do mesmo, porque desconhecemos o significado de Mute Laben.

Com base no conteúdo do salmo em si, muitos autores, incluindo Spurgeon (/1/, pág. 135), acham que se trata de um salmo acerca da vitória de Davi sobre Golias, escrito muitos anos depois. Assim sendo, olhando para o mesmo de uma forma profética, o mesmo salmo estaria narrando a vitória de Jesus sobre Satanás. Vejamos, portanto, se temos a mesma impressão que tiveram estes autores.

Salmos 8 tinha sido encerrado com um louvor magnífico: “**Senhor, Senhor nosso, como é majestoso o teu nome em toda a terra**”! Não há dúvida, portanto, que os versículos 1 e 2 são apenas uma continuação desse louvor, exaltando as maravilhas do Senhor e falando do Nome do Altíssimo. Esse louvor continua porque o Senhor é Aquele que derrota os inimigos do salmista. Ele impõe Sua justiça, destruindo os ímpios e arrasando as suas cidades (versículos 3 a 6).

Nos versículos 7 a 12, Davi exprime a sua fé no futuro graças ao apoio inabalável do Senhor. Ele reina e julga com justiça, governando todos os povos e concedendo refúgio aos oprimidos. O fato de Ele jamais abandonar aqueles que O buscam, é uma preciosa promessa, que desperta louvores de Sião. Sua justiça pede contas de todo o sangue derramado.

Com base nessa confiança, o salmista ora pedindo misericórdia ao Senhor. Ele pede salvação por estar às portas da morte. Certamente Davi se sentiu assim quando foi ao encontro de Golias. Seu desejo é retornar a Sião para ali cantar louvores e exaltar a grande salvação concedida.

A vitória é narrada nos versículos 15 e 16, onde os ímpios ficam presos nos laços que armaram e caem em suas próprias armadilhas. Enquanto isso o Senhor tem misericórdia daqueles que nEle esperam.

É com total confiança que Davi encerra o salmo, pedindo que Deus impeça o triunfo do homem mortal que confia em si mesmo. Que ele entenda que não passa de mero homem e que nada pode diante do Senhor.

Salmos 27

O título desse salmo é simplesmente “Salmo de Davi”. Obviamente isso não é suficiente para nos informar qualquer coisa sobre a ocasião em que foi composto, mas o texto, ao contrário, nos diz que Davi estava sendo perseguido por inimigos (versículos 2 e 3), que ele estava impedido de ir à casa do Senhor (versículo 4), que ele tinha acabado de se separar de seus pais (versículo 10) e que ele estava sendo objeto de tentativas de difamação (versículo 12). Esses fatos nos fazem lembrar imediatamente da perseguição a ele que se seguiu à denúncia que Doegue, o servo edomita de Saul, fez a Davi, quando o viu com o sacerdote Aimeleque em Nobe.

O versículo 1 nos toca mais de perto, pelo fato de ser cantado com frequência em nossos cultos. A quem temeremos se o Senhor for a nossa luz, a nossa salvação e o nosso forte refúgio? Mas a experiência de Davi ia além disso, porque ele se acostumou a ver os seus inimigos derrotados, tropeçando e caindo. Mesmo com exércitos inteiros a cercá-lo, o seu coração aprendeu a não temer (versículos 1 a 3).

A presença do Senhor era simbolizada pela arca que ficava no Santo dos Santos. A comunhão com o Senhor estava associada à presença no templo, da qual Davi se

encontra momentaneamente privado. Por isso mesmo ele pede ao Senhor que esta comunhão lhe seja restituída. Que esses versículos 4 a 6 sejam também um incentivo para que busquemos esse tipo de intimidade com o Senhor nosso Deus.

Os versículos 7 a 12 contêm uma prece de Davi, na qual ele pede ao Senhor por misericórdia e livramento enquanto busca a face dEle. Ele pede que o Senhor se apresse e que não esconda dele a Sua face. Embora ele estivesse separado de seu pai e sua mãe, ainda assim ele sabe que o Senhor o amparará. O caminho seguro certamente é a vereda do Senhor, pelo que ele pede que o Senhor o conduza por ela. Finalmente, ele pede livramento da difamação que está sendo feita contra ele.

Os versículos finais, 13 e 14, revelam a certeza do salmista de que viverá para voltar a ver a bondade do Senhor, que ele havia aprendido a contemplar no templo do Senhor. Por isso ele estimula aos outros que esperem corajosamente no Senhor.

Salmos 30

O título de “Cântico de Dedicção do Templo”, pode nos parecer um pouco estranho, porque Davi não viveu até a construção do mesmo. Assim sendo, tudo que ele pode ter dedicado é o terreno que comprou para a sua edificação. Além disso, não há nesse salmo nenhuma referência ao templo, pelo que parece importante que nos se concentremos no texto do mesmo, porque o título pode estar equivocado.

Nos versículos 1 a 3 somos informados que Davi estivera abatido ou mesmo enfermo, mas que o Senhor o havia levantado, curado e socorrido, impedindo assim que seus inimigos se regozijassem disso. Para manter o significado do título, alguns autores veem aqui a ocasião em que Davi mandara fazer um censo do povo e Deus o havia repreendido e castigado. Foi justamente nesta ocasião que foi comprada a “eira de Ornã”, onde posteriormente foi construído o templo. Naquele ocasião ele fez, no terreno em apreço, um sacrifício pedindo perdão e foi ouvido imediatamente, com o anjo cessando a mortandade do povo.

Nos versículos 4 e 5 Davi convida a todos que se juntem a ele para celebrar o fim da ira do Senhor sobre ele (a enfermidade ou o fim da mortandade). Ele lembra que a tristeza é sempre de pouca duração, mas o favor do Senhor dura para sempre.

Todos nós tendemos a esquecer do Senhor quando tudo está bem, achando que jamais seremos abalados, mas cabe aqui a suposição de que Davi havia feito o censo para saber o real tamanho do seu exército, no qual ele colocava erroneamente a sua segurança. Esse sentimento tolo ficou logo claro assim que veio a adversidade e Deus lhe escondeu o rosto (versículos 6 e 7).

Nos versículos 8 a 10 ele repete o seu pedido por misericórdia, lembrando a Deus que sua morte também o impedirá de louvar ao Senhor. Mais uma vez isso tanto pode se referir a uma enfermidade, como ao evento do censo.

Encerrando o salmo, ele louva ao Senhor pelo livramento concedido, pela oportunidade de voltar a louvar ao Senhor e prometendo ser grato para sempre.

Salmos 47

O título desse salmo é “para o Mestre de Música dos Coraítas” fazendo com que muitos autores o atribuam aos coraítas, mas o estilo davídico faz com que muitos achem que foi só dado a eles para a entoação no templo.

Independente disso, o título não nos fala do motivo por trás do salmo e o texto não revela senão que se trata de um louvor por uma grande vitória que Deus concedeu ao Seu povo, Israel.

O salmista começa convocando a todos que aclamem a Deus com cantos e palmas, porque Ele reina sobre toda a Terra. Ele subjugou todas as nações e deu a Israel as suas terras (versículos 1 a 4). Aqui o salmista parece lembrar da entrada na Terra Prometida.

Os versículos 5 e 6 falam da maneira inusitada como essa conquista foi realizada. Deus mesmo a fez em meio aos gritos de alegria, cantos de louvor e a música entoada pelas trombetas.

Esse é o Deus que deve ser soberanamente exaltado, porque reina sobre toda a Terra, domina sobre todas as nações, que pertencem todas a Ele. Todos devem se juntar ao povo do Deus de Abraão para louvá-IO.

Salmos 57

O título desse salmo é um “Mictão de Davi, para o cantor-mor sobre Al-Tachete”, que significa “não destruas”. A maioria dos autores vê aqui a descrição do evento no qual Davi poupou a vida de Saul pela primeira vez, quando o rei dormiu numa caverna, no interior da qual se achavam os homens de Davi. A descrição deste evento se encontra em *ISamuel 14*.

Os primeiros 6 versículos apresentam uma oração de Davi, na qual pede o livramento do Senhor para as armadilhas que estão sendo preparadas contra ele. É no Senhor que ele se refugia, a Ele que clama por misericórdia e a Quem pede que cumpra nele o Seu propósito (versículos 1 e 2). O propósito em apreço certamente se refere ao fato dele já ter sido ungido rei por Samuel, embora isso tenha ocorrido muitos anos antes de seu efetivo cumprimento.

O versículo 3 fala da confiança de Davi no fato de que Deus envia a ele a salvação, põe em fuga seus inimigos e mostra Seu amor e Sua fidelidade. Assim sendo, ele se sente à vontade entre os leões de dentes afiados, porque o Deus que ele serve é exaltado sobre

todos e fará com que seus inimigos caiam em suas próprias armadilhas (versículos 4 a 6).

Os versículos 7 a 11 contêm um canto de louvor do salmista, pela confiança que Deus produziu em seu coração. Assim, os seus instrumentos farão despertar a alvorada, louvando a Deus entre as nações e povos, pela sua grande fidelidade, exaltando-O acima do céu.

Salmos 65

Trata-se de um salmo de Davi, cujo título diz apenas isso mesmo; “Salmo e Cântico de Davi”. Por outro lado, ele louva o Senhor ao longo dos seus 13 versículos, dando pouca informação sobre o motivo pelo qual foi composto, se é que houve algum, além do simples fato de desejar louvá-IO.

Nos versículos 1 a 4 Davi fala do seu louvor a Deus, que ele entoará no tabernáculo em Sião, dos votos que deseja ali cumprir, no lugar onde Ele ouve as orações de todos os homens. Ele O louva pelo fato de prover, Ele mesmo, a propiciação pelos seus pecados. Ele declara, ainda, o quanto são felizes aqueles que vivem na presença dEle, por transbordarem neles as bênçãos de Sua casa.

Como resposta à sua oração, Davi reconhece que o Senhor realiza temíveis feitos de justiça, dignos do Deus que nos salva. Ele firma os montes, acalma o bramido dos mares e anula o tumulto das nações. Diante dEle tremem todos os habitantes da Terra, que O louvam ao verem as Suas maravilhas (versículos 5 a 8).

Para com o povo do Senhor, o salmista reconhece que Ele cuida da terra, provendo para que enriqueça e nada falte. Ele provê chuva de modo a abençoar suas colheitas, que coroa a terra com Sua bondade, fazendo com que até o deserto tenha fartura. Ele enche os campos de rebanhos, os vales de trigo e reveste Seus servos de alegria.

Salmos 67

Trata-se de um “Salmo e Cântico para o Cantor-mor sobre Nequinote” ou com instrumentos de cordas. Obviamente este título não sugere nem o autor nem o tópico do salmo, mas este é um salmo de louvor e podemos louvar juntamente com o salmista, enquanto o estudamos, porque é isso que o autor conclama ao longo dos seus 7 versículos.

O salmista começa pedindo que Deus o abençoe, fazendo resplandecer sobre si o Seu rosto, para que Seus caminhos conduzam à salvação todos os povos (versículos 1 e 2).

Que Ele seja louvado por todos. Que todas as nações reconheçam o Seu domínio e que cantem e exultem em Seu louvor todos os povos (versículos 3 a 5).

Que não falte o produto da terra, como expressão da bênção de Deus, para que todos O reconheçam e temam até os confins da Terra.

Salmos 72

Não obstante o título “Salmo de Salomão”, o versículo 20, dizendo tratar-se de uma oração de Davi, sugere que talvez seja um salmo de Davi, já no final da vida, dedicado a seu herdeiro Salomão. Spurgeon (/2/, pág. 301) sugere que talvez seja um salmo com ideias de Davi, já no seu leito de morte, que Salomão usou para formalizar o salmo concebido por seu pai.

Independente disso, o interessante deste salmo é o paralelo entre o reinado de Salomão e o reinado do Rei dos reis, onde algumas assertivas parecem mais aplicáveis a Jesus.

Salomão estava assumindo o trono transmitido a ele enquanto Davi ainda vivia. Assim sendo, cabe perfeitamente uma oração pedindo que Deus revestisse o novo rei Salomão e de Sua retidão o filho do rei Davi. Por outro lado, valem as mesmas palavras aplicadas a Jesus, filho do reinante supremo de toda a Terra (versículo 1).

Nada poderia alegrar mais o coração de Davi do que ver Salomão julgando com retidão e justiça de modo a livrar os que sofrem opressão (versículo 2). É claro, também, que um reino justo seria abençoado trazendo prosperidade para um povo temente a Deus. Esse rei justo defenderia os oprimidos, esmagaria os opressores e libertaria os necessitados (versículos 3 e 4).

O versículo 5 nos fala do reino deste rei perdurando, como o sol e a lua, por todas as gerações. Claro está que este não é mais Salomão, que durou apenas enquanto viveu a sua própria geração. É a justiça de Jesus que faz com que floresçam os justos, trazendo grande prosperidade graças às Suas bênçãos (versículos 6 e 7).

Não será Salomão o rei que vai governar até os confins da Terra. Não será, tampouco, diante dele que se inclinarão as tribos de deserto e todos os inimigos. Não será a Salomão que serão trazidos presentes dos reis de Társis, das regiões litorâneas e dos reis de Sabá e Sebá. Será apenas diante de Jesus que se inclinarão todos os reis e somente a Ele servirão todas as nações (versículos 8 a 11).

Nos versículos 12 a 16 o autor do salmo descreve o que se espera de um rei justo, qual seja, socorrer os pobres e oprimidos e compadecer-se dos fracos e pobres, salvando-os da morte. Que ele os resgate da opressão e da violência, por saber valorizar as suas vidas. Que um rei assim tenha vida longa e que se ore por ele continuamente. Que um rei assim traga fartura por toda a Terra, fazendo florescer os seus frutos. Claro que esse rei, descrito nos versículos 12 a 16, poderia ser Salomão, mas sabemos que infelizmente a vida dele não foi assim.

Desta forma os versículos 17 a 19 nos falam abertamente do Senhor dos senhores e do Rei dos reis: **Jesus**. É dEle o Nome que há de permanecer para sempre. É por meio dEle que serão abençoadas todas as nações, que não deixarão de chamá-LO de bendito pela forma como Ele realiza feitos maravilhosos e pelo modo com se há de encher de Sua glória toda a Terra.

Salmos 76

O título nos diz que é um salmo de Asafe para o mestre de música, com instrumentos de cordas. Já os 12 versículos que o compõem nos mostram tratar-se de um salmo de louvor ao Senhor pelas vitórias que conquistou para o Seu povo Israel.

Os versículos 1 e 2 deixam claro que Deus é conhecido em Judá. Trata-se do Deus de Israel, cujo tabernáculo está em Jerusalém e cuja habitação é o monte de Sião. Foi justamente ali que Ele derrotou as flechas, os escudos, as espadas e todas as demais armas de guerra, enquanto resplandecia a Sua glória (versículos 3 e 4).

Ao se defrontarem com o Deus de Jacó, todos os guerreiros inimigos são saqueados e levados ao sono final e diante de Sua repreensão todos os seus cavalos e carros são impedidos de prosseguir (versículos 5 e 6).

Quem pode permanecer diante do Deus verdadeiro quando Este Se ira? Seu juízo impede os ímpios e levanta os oprimidos. Até os ímpios sobreviventes reconhecem que só Ele é digno de louvor e passam a refrear seus atos (versículos 7 a 10).

Encerrando, o salmista conclama o Seu povo a fazer votos ao Senhor seu Deus e que de forma alguma deixem de cumpri-los. Quanto aos demais povos, que Lhe tragam presentes e O temam, pois Ele reina e governa todos os reis da Terra.

Salmos 81

Este é um salmo de Asafe para o mestre de música sobre Gitite. Embora não saibamos, com certeza, o real significado de Gitite, a maioria dos autores parece crer que se trata de um salmo a ser cantado nos lagares pelos pisadores de uvas, enquanto realizavam o seu trabalho. Seria, portanto, um salmo de natureza alegre, que ressalta o louvor Àquele que concedeu o fruto sendo trabalhado.

Já o conteúdo deste louvor o faz retroceder às origens da história do povo de Israel, lembrando os grandes feitos do Senhor que o tirou do Egito. Os 4 primeiros versículos são apenas uma conclamação para que Israel aclame ao Senhor, louvando-O com tamborins, liras e harpas melodiosas, tocando a trombeta nos dias de festa ordenados por Ele.

Nos versículos 5 a 7 o salmista lembra daquilo que Deus fez começando no Egito, onde o povo conheceu o Seu maravilhoso livramento. Eles pediram por socorro e Deus os livrou pessoalmente.

Ainda no deserto foram advertidos tantas vezes, mas o povo de Israel era rebelde e se recusava a ouvir. Várias vezes Deus os havia falado acerca de sua crença em deuses estranhos. Ele só queria que reconhecessem que fora Ele que os tirara do Egito. Se tão somente abrissem as suas bocas (em louvor), certamente Ele as encheria (versículos 8 a 10).

Infelizmente não quiseram ouvi-LO, pelo que foram entregues a seus próprios caminhos. Desta forma perderem o suporte do Senhor nas guerras, que outrora subjugavam todos os inimigos de Israel. Certamente Ele voltaria a fazê-lo se tão somente Seu povo se arrependesse. Os inimigos seriam impedidos e Israel seria sustentado com o melhor trigo e com o mel da rocha (versículos 11 a 16).

Salmos 85

Trata-se de um salmo dos filhos de Corá para o mestre de música que, com base no primeiro versículo, foi escrito por um patriota depois que Jacó retornou do exílio babilônico (versículo 1). Cabe ressaltar que nem todos entendem o título dessa maneira, da mesma forma como questionam o autor e a ocasião na qual foi escrito. Spurgeon (/2/, pág. 564), por exemplo, acha que se trata de um salmo de Davi para o mestre de música dentre os coraítas, cujo versículo 1 seria uma referência aos filhos de Jacó que se tornaram escravos no Egito, mas que o Senhor trouxe para a Terra Prometida.

Seja como for e independente de quem seja o autor, este desejou aqui louvar ao Senhor pela restauração de Jacó na sua própria terra, depois dos erros que cometeram e que foram causa da ira de Deus, que agora estava amainada (versículos 1 a 3).

Esse mesmo patriota sabia o que Deus havia feito por Seu povo no passado, pelo que resolveu exercer a sua fé e pedir que numa nova situação de adversidade, decorrente de outro pecado de Jacó, a conversão do passado pudesse se repetir (versículo 4).

Se fomos incapazes de reconhecer, com certeza, o pecado a que se referiam os versículos 1 a 3, com muito mais razão ficamos incertos quanto à ocasião associada ao versículo 4. Independente disso, contudo, fica claro no versículo 8b, que a salvação de Jacó e o afastamento da ira divina, renovando assim a vida de Seu povo, com o Senhor mostrando o Seu amor e trazendo paz ao Seu povo (versículos 4 a 8a), são condicionais, pois dependem do arrependimento de Jacó, decidido a não voltar à insensatez.

Nos versículos 9 e 10 o salmista reconhece que o Senhor está pronto a conceder salvação, Sua glória habitando a terra de Jacó, Seu amor e Sua fidelidade sendo concedidos juntamente com Sua justiça e Sua paz, mas tão somente para aqueles que O temem.

Já sabemos que "**o temor do Senhor é o princípio de toda a sabedoria**" (*Provérbios 9.10*), produzindo a obediência aos Seus mandamentos. Assim sendo, trata-se do ponto de partida para que brote a Sua fidelidade da Terra e seja enviada dos céus a Sua justiça (versículo 11). É o caminho para que a Terra de Jacó receba as bênçãos do Senhor, com colheitas sadias e Sua justiça seguindo adiante (versículos 12 e 13).

Salmos 92

O título deste salmo diz ser "Um Salmo ou um Cântico para o Dia de Sábado". Talvez pensemos, a princípio, ser curioso que o sábado não seja mencionado ao longo do mesmo uma única vez, mas quando paramos para pensar que o dia de descanso é também o dia do povo comparecer às sinagogas e ao templo para louvor dos grandes feitos do Senhor, basta que o salmo fale dos Seus grandes feitos, ao longo de todo o salmo, para que o seu título seja totalmente justificado e isso o autor faz.

Se o autor é Davi, como sugerem muitos, ou outro qualquer, não importa. O importante é que Seu povo, nós, os cristãos incluídos, devemos nos habituar ao cântico e louvor da glória e da graça de Deus em todos os tempos.

Todos os que nos alegramos nos feitos do Senhor, os quais nos levam a cantá-los e decantá-los (versículo 4), certamente concordamos com o salmista no tocante a como é bom render graças ao Senhor, cantar louvores ao Seu nome e anunciar, ao som de maravilhosos instrumentos, o Seu grande amor e Sua fidelidade (versículos 1 a 3).

Nós, os servos do Senhor, ficamos encantados com a grandeza de Suas obras e com a riqueza dos propósitos atingidos. Enquanto o insensato e o tolo sequer os percebam, os ímpios e os malfeitores que não atentam para os mesmos, são destruídos (versículos 5 a 7).

No versículo 8 o salmista declara que o Senhor será exaltado para sempre. A alegria que essa exaltação produz nos filhos de Deus faz com que isso seja uma certeza. Ao mesmo tempo vemos perecer os inimigos do Senhor e serem dispersos todos os malfeitores (versículo 9). Este versículo é um conforto para os dias atuais, quando vemos os ímpios apresentando suas vergonhosas ideias como a sua versão do "certo e justo", pelo que somos assegurados que essas impiedades não prosperarão.

Os servos do Senhor verão aumentadas as suas forças à medida que Deus os unge. Assistimos à derrota de nossos inimigos e vemos a sua debandada (versículos 10 e 11). Vemos os justos florescendo como a palmeira, crescendo como o cedro do Líbano plantado na casa do Senhor, pois este continuará a dar fruto na velhice, proclamando que o Senhor é justo (versículos 12 a 15).

Salmos 100

Este salmo cujo título é “Um Salmo de Louvor”, é único pela forma como seu título o descreve completamente. Tudo o que o autor deseja é que todos os habitantes da Terra aclamem o Senhor, prestando-Lhe culto, entrando em Sua presença com cânticos de grande alegria (versículos 1 e 2).

A intenção do autor é que todos reconheçam que só o Senhor é Deus, que foi Ele que nos fez, pelo que somos o povo do rebanho que Ele tem prazer em pastorear (versículo 3).

Assim sendo, devemos entrar por Suas portas (do Templo no AT e atrás do véu no NT) com ações de graças e louvor. Porque Ele é bom e o Seu amor leal e a Sua fidelidade duram para sempre.

Salmos 101

Trata-se de um salmo de Davi no qual ele se compromete, diante do Senhor, a servi-LO com integridade. É a oração que cada um de nós, servos do Deus Vivo, deve fazer e zelar por cumprir no nosso dia a dia.

Ele começa se comprometendo a cantar e louvar a lealdade e a justiça de Deus, em cujos caminhos de integridade se compromete a andar, repudiando o mal e evitando a conduta dos infiéis (versículos 1 a 3).

Ele afastará de sua presença os perversos de coração, bem como todo tipo de mal. Ele inclui entre estes os caluniadores e arrogantes, comprometendo-se, contudo, a se juntar aos fiéis, permitindo que estes façam parte de seu governo (versículos 4 a 6).

Novamente, encerrando o salmo, ele se compromete a alijar todos os fraudadores, mentirosos e todos os ímpios e malfeitores que encontrar em Jerusalém, que é a Cidade do Senhor.

Salmos 107

Trata-se de um salmo sem título e de autor desconhecido e de estilo bastante diferente dos demais. O autor é grato, agradece e exemplifica os livramentos que Deus provê, tanto de natureza espiritual como física.

Ele começa com uma conclamação para que todos agradeçam ao Senhor pela Sua bondade eterna, dando a entender que talvez seja um recém egresso do cativoiro,

expressando a sua gratidão por ver a forma como o Senhor trouxe a todos, reunindo-os em sua terra (versículos 1 a 3).

Nos versículos 4 a 9, ele dá como exemplo aqueles que estavam perambulando pelo deserto sem encontrar algum lugar habitado. Estes, à beira da morte por fome e sede, clamaram ao Senhor e foram por Ele salvos, ao conduzi-los a um lugar habitado. Que deem, portanto graças ao Senhor por Seu livramento!

Em novo exemplo, nos versículos 10 a 16, o salmista fala de alguns deles que agiram impiamente, pelo que Deus os entregou ao exílio, sujeitando-os a trabalhos pesados, como castigo pelo seu tropeço. Tendo reconhecido o seu erro, contudo, clamaram ao Senhor e foram por Ele libertos e trazidos de volta. Que também estes deem graças a Deus por Seu amor leal e Suas maravilhas, despedaçando tudo que os prendia.

Em seu terceiro exemplo, ele retrata pessoas que andaram por caminhos rebeldes e que caíram sofrendo o dano, através de enfermidades, causado por sua própria maldade. Já não conseguiam sequer comer e estavam perto da morte, quando clamaram ao Senhor e Ele os curou pelo poder de Sua Palavra. Também estes devem dar graças ao Senhor, reconhecendo o Seu amor leal e Suas maravilhas, oferecendo culto e louvor (versículos 17 a 22).

Em mais um exemplo, desta feita retratando marinheiros que se encontravam em uma tempestade, à qual a sua embarcação aparentemente não resistiria, nem eles mesmo totalmente nauseados, mais uma vez clamaram ao Senhor e Ele trouxe bonança, conduzindo-os salvos e seguros ao seu porto de destino. Que deem graças, portanto, ao Senhor por Seu amor leal e Suas maravilhas. Que exaltem ao Senhor dando testemunho de Seu livramento (versículos 23 a 32)!

Resumindo, nos versículos 33 a 42, o salmista fala que, por um lado, o Senhor castiga a maldade, transformando rios em deserto, fontes em terra seca, solo fértil em deserto, enquanto, no reverso da moeda, Ele transforma desertos em açudes, terra seca em fontes, dá aos famintos lugares sustentados com lavouras, vinhas e grandes safras, abençoando e guardando os rebanhos daqueles que O buscam.

Ele humilha os opressores e despreza os nobres ímpios, fazendo-os vagar sem caminho; por outro lado, redime os pobres e oprimidos a quem sustenta. Os justos veem isso e se alegram nos Seus feitos, enquanto o perversos se calam.

Encerrando, o salmista conclama os sábios a observarem como o Senhor é bom.

Salmos 111

Este é mais um salmo sem título e sem autor, mas que enche de gozo o coração de todo aquele que reconhece e se encanta com as grandes obras feitas pelo Senhor, tanto no passado como no nosso dia a dia.

O autor começa dando graças ao Senhor, de todo o coração, na congregação dos justos. Aqui entre os irmãos estão aqueles que pensam como ele e que comungam desse louvor (versículo 1).

No versículo 2 tem início o tema do salmo, quais sejam, as grandes obras do Senhor. Desde já ele ressalta que só param para meditar nelas aqueles que as apreciam. *Salmos 107.42* já nos dizia que os justos as veem e se alegram, enquanto os ímpios se calam, justamente porque são intimidados por elas.

Para nós, contudo, esses feitos manifestam majestade, esplendor e justiça duradoura. Ele mesmo proclama Suas maravilhas, deixando claro para nós o quanto Ele é misericordioso e compassivo (versículos 3 e 4).

A fidelidade do Senhor no âmbito da Sua aliança com Israel é ressaltada tanto no versículo 5 como no 9. Aqui o salmista retrata que Ele alimenta os que O temem e deu a Terra Prometida ao Seu povo através de poderosos feitos (versículo 6).

Todas as Suas obras são fiéis e justas, merecendo a nossa confiança, por serem estabelecidas com fidelidade. Ele remiu Israel e a firmou no âmbito de Sua aliança. Por isso mesmo "**o temor do Senhor é o princípio da sabedoria**". O crente fiel entende isso e cumpre todos os Seus preceitos e O louva pelos resultados (versículos 7 a 10).

Salmos 134

O grupo de salmos cantados pelos peregrinos que iam 3 vezes por ano a Jerusalém era conhecidos como "Cânticos dos Degraus" ou "Cânticos da Peregrinação". Este é o último deles segundo Spurgeon (/3/, pág. 133). Ele nos informa que era cantado já no caminho de regresso para casa, com os peregrinos saindo de Jerusalém bem cedo, ainda escuro. Eles vislumbram os guardas do templo, ao passarem por eles a caminho de casa e os saúdam exortando aqueles que servem de noite na casa do Senhor para que se juntem a eles nesse último louvor de partida (versículo 1).

Que levantem suas mãos na direção do santuário e bendigam ao Senhor, porque Ele, o Senhor, que fez os céus e a Terra vai continuar a abençoá-los.

Salmos 138

No salmo 137 o salmista diz que era hora de ficar calado, quando os seus escravizadores em Babilônia lhe pediam para cantar um dos cantos de louvor de Sião. Aqui, contudo, ao contrário, Davi diz que é hora de abrir a boca e cantar louvores ao Senhor diante dos outros deuses, visto que deuses não são (versículo 1).

No versículo 2, embora o templo ainda não tivesse sido construído, Davi já o vislumbra e declara voltar-se para o mesmo para render graças ao Nome do Senhor, por causa do Seu amor e da Sua fidelidade.

Foi o próprio Deus que deu a ele a força e a coragem necessárias para testemunhar diante de todos os reis da Terra, que mediante a Sua Palavra ficaram conhecendo as grandes promessas que Ele tem cumprido. Assim celebrarão esses feitos e darão a Ele toda a glória (versículos 3 a 5).

Embora Deus esteja no céu, Ele não deixa de socorrer os humildes da mesma forma como deixa de lado os arrogantes. Mesmo sabendo que há momentos de angústia, Davi reconhece que o Senhor o livra no momento oportuno (versículos 6 e 7).

Concluindo, o salmista reconhece que Deus tem um propósito para sua vida e que é o Seu amor que faz com que seja cumprido.

Salmos 144

Davi, autor do salmo, era um guerreiro, mas reconhecia que sua destreza provinha de Seu Deus. Ele era a Rocha que o havia treinado para a guerra. Não apenas isso, Ele era também o seu aliado fiel, sua fortaleza, sua torre de proteção, seu libertador, seu escudo e sempre Aquele que subjugava os seus adversários. Quem tem um Deus como Ele não precisa de mais nada (versículos 1 e 2).

Por causa do enorme desnível entre esses dois aliados, Davi acha difícil saber como Ele, Deus, pode se importar com ele, um simples homem, que não passa de um sopro, que logo se vai (versículos 3 e 4).

Assim sendo, ele fica na total dependência dEle, restando apenas pedir que Ele desça e se faça presente, enviando relâmpagos para dispersar seus inimigos, que debandam diante de Suas flechas. Ele pede, ainda, que o Senhor o salve, libertando-o de todos os estrangeiros, que têm lábios mentirosos e que juram falsamente (versículos 5 a 8).

Deus faz tudo e a Davi resta apenas compor e cantar novas canções acompanhadas por sua lira de dez cordas Àquele que lhe dá a vitória e o livra, liberta e salva (versículos 9 a 11).

Mas o Senhor não apenas concede a vitória; Davi reconhece, ainda, que Ele abençoa seus filhos, fazendo deles plantas viçosas e colunas esculpidas. Ele enche seus celeiros das mais variadas provisões, seus rebanhos se multiplicam, seu gado dá sempre crias e nas ruas onde habita não se ouve gritos de aflição (versículos 12 a 14).

Finalmente, ele encerra afirmando que feliz mesmo é o povo cujo Deus é o Senhor!

Salmos 145

O título deste salmo: “Salmo de Louvor de Davi” nos diz exatamente o que é o seu conteúdo. Davi está interessado em exaltar e louvar o Deus a Quem serve e nada mais. Ele começa dizendo que vai fazê-lo agora e para todo o sempre, bem como durante todos os dias da sua vida. Isso porque o Senhor é grande e digno desse louvor (versículos 1 a 3).

Uma geração falará à outra da grandiosidade desse Deus maravilhoso, não porque se tratava de uma época em que a tradição era oral, mas, sim, porque Ele era o assunto mais palpitante que ocupava o discurso de Davi e seu povo. Todos proclamariam Seu esplendor, Seus maravilhosos feitos, Sua imensa bondade e Sua justiça incomparável (versículos 4 a 7).

Mas obviamente isso não diz tudo. Davi lembra ainda que Ele é misericordioso e compassivo, paciente, amoroso e bom para todas as Suas criaturas (versículos 8 e 9).

Assim sendo, Davi conclama a todos para Lhe renderem graças, bendizendo o Seu Nome, anunciando Seu poder e glória, Seus poderosos feitos e o esplendor da glória de Seu reino, que é eterno de geração em geração (versículos 8 a 13).

Realmente vale a pena confiar num Deus que ampara todos os que tropeçam e caem, cujos olhos estão voltados para os que nEle confiam, alimentando-os sempre, satisfazendo Suas necessidades (versículos 14 A 16).

Ele é justo e bondoso em tudo que faz, fica perto de todos os que O invocam, realiza os desejos daqueles que O temem e os salva, cuidando de todos que O amam e destruindo os ímpios que os perseguem (versículos 17 a 20).

Que mais dizer de um Deus como esse? Davi conclui dizendo que vai louvá-IO e pede a todo ser vivo que o bendiga agora e sempre!

Salmos 146

A palavra "Aleluia" abre e fecha este salmo de louvor. Não sabemos quem o compôs, mas seu único assunto ao longo dos seus 10 versículos é louvor. Nos versículos 1 e 2 o autor não só se empenha para que o acompanhem em seu louvor, como se compromete a fazê-lo por toda a sua vida.

Nos versículos 3 a 6 ele deixa claro que a confiança em mortais só é tão duradora quanto a extensão da vida. Além destes serem incapazes de salvar, qualquer auxílio que possam dar morre com eles. Feliz, contudo, é aquele que coloca em Deus a sua confiança, porque a Sua fidelidade dura para sempre.

Ele defende os oprimidos, alimenta os famintos, liberta os presos, dá vista aos cegos, levanta os abatidos, ama os justos, protege o estrangeiro, sustém o órfão e a viúva, mas frustra o ímpio (versículos 7 a 9).

Aleluia, portanto, porque o Senhor reina para sempre e de geração em geração permanece Deus em Sião!

Salmos 147

Em um momento de reflexão este autor desconhecido interrompe o louvor, iniciado com seu “Aleluia” de abertura para dizer o prazer que dá a ele dar louvores a Deus. Já no versículo 2 ele explica: é porque Ele mesmo edifica a Sião e traz de volta os exilados. Além disso, Ele cura os quebrantados e sara suas feridas, Ele sabe tudo, é grande soberano de Israel e Seu conhecimento é insoldável. Ele apoia o oprimido e derruba o ímpio (versículos 3 a 6).

Todos devem louvá-IO, portanto, e expressar ações de graças com música e canto (versículo 7).

Nos versículos 8 a 10 o autor lembra que Deus é provedor, mas o que realmente o agrada é que Seus servos O temam e nEle depositem a sua confiança (versículo 11).

Esse é o motivo por trás de sua exortação para que Seus servos, os habitantes de Jerusalém, exaltem o Senhor. É Ele que mantém seguras as fronteiras de Israel e abençoa o povo. É Ele que supre o trigo, mantém a ordem, controla o clima, envia Sua palavra e a revela aos filhos de Jacó (versículos 12 a 19).

Na verdade Ele não agiu assim com nenhuma outra nação, pelo que Israel deve louvá-IO. Aleluia!

Salmos 150

Este canto de encerramento do saltério nos diz que Deus deve ser louvado em todos os lugares, por todos os motivos, com todos os instrumentos e de todas as maneiras. Tudo que tem sofre deve louvor ao Senhor, porque Ele o merece. Aleluia!

Bibliografia

Textos Bíblicos: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada

/1/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 1, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/2/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 2, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/3/ Spurgeon, C. H., Os Tesouros de Davi, Volume 3, CPAD, Rio de Janeiro, 2017;

/4/ Galgoul, N. S., O Evangelho Supérfluo, Tese de doutoramento no Seminário Servo de Cristo, São Paulo, 2019;

/5/ Kidner, D., Salmos 1-72 Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/6/ Kidner, D., Salmos 73-150 Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/7/ Bruce, F. F., João, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1987;

[/8/ Lumen Gentium - Constituição Dogmática da Igreja, Concílio Ecumênico Vaticano II, Encíclica escrita por Paulo VI, Edições Paulinas, São Paulo, 1981;](#)

[/9/ https://bibliadocaminho.com/ocaminho/Tematica/EE/Estudos/EadeP1T2P1.2.4.htm](https://bibliadocaminho.com/ocaminho/Tematica/EE/Estudos/EadeP1T2P1.2.4.htm); EADE - Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita - Religião à luz do Espiritismo, Tomo II - Ensinos e Parábolas de Jesus - Parte 1, Módulo II - Ensinos diretos de Jesus – Roteiro 4, Nicodemos;

[/10/ Figura extraída da internet:](#)

[/https://www.google.com/search?q=location+of+the+garden+of+eden&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=VveywvSXWjFlkM%253A%252CiAwwliKdcm_paM%252C_&usg=AI4_kR16Jhl1FC5ociCwLeTU0TmcO_OiA&sa=X&ved=2ahUKEwjeqsOr3dzfAhVIhpAKHfA7ABUQ_h0wD3oECAUQCg#imgsrc=c990EJ2nOMyjpM;](https://www.google.com/search?q=location+of+the+garden+of+eden&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=VveywvSXWjFlkM%253A%252CiAwwliKdcm_paM%252C_&usg=AI4_kR16Jhl1FC5ociCwLeTU0TmcO_OiA&sa=X&ved=2ahUKEwjeqsOr3dzfAhVIhpAKHfA7ABUQ_h0wD3oECAUQCg#imgsrc=c990EJ2nOMyjpM;)

[/11/ Figura extraída da internet: https://hubpages.com/education/Are-African-Americans-the-Descendants-of-Shem](https://hubpages.com/education/Are-African-Americans-the-Descendants-of-Shem)

[/12/ Figura extraída da internet:](#)

[/https://www.google.com/search?q=Mapa+das+peregrina%C3%A7%C3%B5es+de+Abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=KSTWvalTeasuYM%253A%252CZVE_xFTonfaSiM%252C_&usg=AI4_kReOgS7O_j8A7hviyKYCfMTc-hfRQ&sa=X&ved=2ahUKEwiE-oKT6f_fAhVtIrKGHTr1BaIQ9QEwAnoECAMQCA#imgsrc=KSTWvalTeasuYM;](https://www.google.com/search?q=Mapa+das+peregrina%C3%A7%C3%B5es+de+Abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=KSTWvalTeasuYM%253A%252CZVE_xFTonfaSiM%252C_&usg=AI4_kReOgS7O_j8A7hviyKYCfMTc-hfRQ&sa=X&ved=2ahUKEwiE-oKT6f_fAhVtIrKGHTr1BaIQ9QEwAnoECAMQCA#imgsrc=KSTWvalTeasuYM;)

[/13/ Kidner, D., Gênesis, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1979;](#)

/14/ The Ryrie Study Bible, Moody Press, Chicago, 1976;

/15/ Figura extraída da internet <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1001060110>

[/16/ Cole, R. Alan, Êxodo, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;](#)

[/17/ Figura extraída da internet https://www.bible-history.com/maps/route_exodus.html](https://www.bible-history.com/maps/route_exodus.html)

[/18/ Figuras extraídas da internet](https://www.google.com/search?q=Otabern%C3%A1culo+e+todos+os+seus+utens%C3%ADlios&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=LCF0WWgBMMABuM%253A%252CwG8PTHpW2qxu2M%252C_&usg=AI4_-kRs90NjUIBfOzIppMgfGifb4L9A_A&sa=X&ved=2ahUKEwispKqlp8DgAhVJKrkGHdbeAqsQ9QEwAHoECAMQBA#imgsrc=LCF0WWgBMMABuM:)

https://www.google.com/search?q=Otabern%C3%A1culo+e+todos+os+seus+utens%C3%ADlios&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=LCF0WWgBMMABuM%253A%252CwG8PTHpW2qxu2M%252C_&usg=AI4_-kRs90NjUIBfOzIppMgfGifb4L9A_A&sa=X&ved=2ahUKEwispKqlp8DgAhVJKrkGHdbeAqsQ9QEwAHoECAMQBA#imgsrc=LCF0WWgBMMABuM:

[/19/ Champlin, R. N.: O Antigo Testamento Interpretado - Versículo por Versículo, Editora Hagnos, São Paulo, SP, Brasil, 2001;](#)

[/20/ Harrison, R. K.: Levítico, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1983;](#)

[/21/ Gutrie, Donald: Hebreus, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984;](#)

[/22/ EXPOSITER'S BIBLE COMMENTARY, Vol. 12, Grand Rapids, Edited by Frank E. Gaebelin, Zondervan, Michigan, USA, 1999;](#)

[/23/ GOODRICK, E. W. & KOHLENBERGER III, J. R.: The Strongest NIV Exhaustive Concordance, Grand Rapids, Zondervan, Michigan, USA, 1999;](#)

[/24/ Hughes, P. E.: A Commentary on the Epistle to the Hebrews, William B. Eerdmans Publishing Company, Grand Rapids, Michigan, USA, 1977](#)

[/25/ Wenham, Gordon J.: Números, Introdução e Comentários, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1985;](#)

[/26/ Kidner, Derek: Provérbios, Introdução e Comentários, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1980;](#)

[/27/ Thompson, J. A.: Deuteronômio, Introdução e Comentários, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1982;](#)

[/28/ Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Brasília, Federação Espírita Brasileira, 1944, https://febnet.org.br/wp-content/themes/portalfeb-grid/obras/evangelho-guillon.pdf;](#)

[/29/ Grupo Espírita Caridade, Estudo do Evangelho Segundo O Espiritismo, file:///C:/Users/Nelson/Downloads/\[Apostila%20GEC\]_Estudo-do-evangelho-segundo-o-espiritismo_rev1.pdf](#)

[/30/ http://ebdnovavidavi.blogspot.com/2011/03/terceira-viagem-missionaria-de-paulo.html;](http://ebdnovavidavi.blogspot.com/2011/03/terceira-viagem-missionaria-de-paulo.html)

[/31/ Bruce, B. B.: Romanos, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1979;](#)

/32/ Hess, R.: Josué, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 2006;

/33/ <https://www.jw.org/pt/publica.C.oes/biblia/nwt/apendice-b/mapa-conquista-terra-prometida/>

/34/

https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribo_de_Jud%C3%A1#/media/Ficheiro:12_Tribes_of_Israel_Map-pt.svg

/35/ Morris, L.: I Coríntios, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1981;

/36/ Kruse, C.: II Coríntios, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1987;

/37/ Cundall, A. E. & Morris, L.: Juízes e Rute, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1986;

/38/ <https://seminarioteologia.files.wordpress.com/2013/09/rio-quisom.jpg>

/39/ Guthrie, D.: Gálatas, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984;

/40/ Figura 1:

https://www.google.com/search?q=Mapa+da+Gal%C3%A1cia&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=plXyXlgKMIA98M%253A%252C9xnJqWHbbkMwKM%252C_&vet=1&usg=AI4_kRoe6DdvPT9AaTGEzO0oyR9ZFGCKw&sa=X&ved=2ahUKEwiUxLOD6bXkAhWMH7kGHW1rDbMQ9QEwAHoECAYQBA#imgrc=FigGhu30z_YzrM:&vet=1

/41/ Foulkes, F.: Efésios, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984;

/42/ Pinto, C. O. C.: Foco e Desenvolvimento no Novo Testamento, Hagnos, São Paulo, SP, 2008;

/43/ Martin, R. P.: Filipenses, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1985;

/44/ Eaton, M. A., Lloyd, Carr, G.: Eclesiastes e Cantares, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1989;

/45/ <http://www.apazdosenhor.org.br/profhenrique/licao7-davi-aexpansaoeino.htm>

/46/ Selman, M. J.: 1 e 2 Crônicas, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 2006;

/47/ Ridderbos, J.: Isaías, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1986;

/48/ Baker, D. W., Alexander, T. D., Sturz, R., J.: Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 2001;

/49/ Champlin, R. N.: O Novo Testamento Interpretado - Versículo por Versículo, Editora Hagnos, São Paulo, SP, Brasil, 2001;

/50/ Galgoul, N. S.: Cristologia – A Morte Espiritual do Unigênito Filho de Deus, Amazon, 2020;

/51/ https://pt.wikipedia.org/wiki/Ass%C3%ADria#/media/Ficheiro:Map_of_Assyria-pt.svg

/52/ Tasker, R., V., G., Mateus Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1980;

/53/ Galgoul, N. S.: – O Apocalipse Alegórico, mas sem Fantasias (um Estudo Sistemático do Livro de Apocalipse), em publicação, Rio de Janeiro, 2020;

/54/ Pinto, C. O. C.: Foco e Desenvolvimento no Antigo Testamento, Hagnos, São Paulo, SP, 2008;

/55/ Baker, D., W., Alexander, T., D., Sturz, R., J., Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque e Sofonias, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1988;

/56/ Harrison, R. K.: Jeremias e Lamentações, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1980;

/57/ Kelly, J, N, D: I e II Timóteo e Tito, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1983;

/58/ Taylor, J, B: Ezequiel, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1984;

/59/ Wikipedia, Julius Wellhausen, https://en.wikipedia.org/wiki/Julius_Wellhausen

/60/ Figura 7 - https://live.staticflickr.com/4067/4409916782_b70d02360a_b.jpg

/61/ Figura 8

https://assetsnffrgf-a.akamaihd.net/assets/m/1102017943/T/art/1102017943_T_cnt_1_xl.jpg

/62/ Figura 11 Vol 7: <https://etc.usf.edu/maps/pages/6800/6811/6811.htm>

/63/ Figura 1 Vol 8:

<https://www.google.com/search?q=arvore+geneal%C3%B3gica+de+ad%C3%A3o+at%C3%A9+abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=qa7yS8u2L1-->

[DM%252CjBP7JXZjedV5gM%252C &vet=1&usg=AI4 - kQUWVnDab7fen40ajErQlO1y4FU7A&sa=X&ved=2ahUKewjY6cq31sDqAhXalbkGHSJEBMYQ9QEwCHoEC AgQIA&biw=1707&bih=838&dpr=1.13#imgrc=jOoKexkfU7PNPM&imgdii=P3bH03gLWJnZNM](https://www.google.com/search?q=arvore+geneal%C3%B3gica+de+ad%C3%A3o+at%C3%A9+abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=qa7yS8u2L1--DM%252CjBP7JXZjedV5gM%252C &vet=1&usg=AI4 - kQUWVnDab7fen40ajErQlO1y4FU7A&sa=X&ved=2ahUKewjY6cq31sDqAhXalbkGHSJEBMYQ9QEwCHoEC AgQIA&biw=1707&bih=838&dpr=1.13#imgrc=jOoKexkfU7PNPM&imgdii=P3bH03gLWJnZNM)

/64/ Figura 2 Vol 8:

https://www.google.com/search?q=arvore+geneal%C3%B3gica+de+ad%C3%A3o+at%C3%A9+abra%C3%A3o&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=qa7yS8u2L1--DM%252CjBP7JXZjedV5gM%252C &vet=1&usg=AI4 - kQUWVnDab7fen40ajErQlO1y4FU7A&sa=X&ved=2ahUKewjY6cq31sDqAhXalbkGHSJEBMYQ9QEwCHoEC AgQIA&biw=1707&bih=838&dpr=1.13#imgrc=A_oWA6w8nrkmfM

/65/ Green, M: II Pedro e Judas, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1983;

/66/ Stott, J, R, W: I, II e III João, Introdução e Comentário, Vida Nova e Mundo Cristão, São Paulo, SP, 1982;

/67/ Gaebelein, F. E.: “The Expositor’s Bible Commentary”, vol. 7 (Daniel – Minor Prophets), Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan, 1985;

/68/ <http://www.dakebible.com/WebPages/dispensationalism.htm>;

/69/ “Scofield Study Bible”, Oxford University Press, 1909;

/70/ http://en.wikipedia.org/wiki/Augustine_of_Hippo;

/71/ LaHaye, T. & Ice, T.: “Charting the End Times”, Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2001;

/72/ Duck, D. R. & Richards, L.: “Prophecies of the Bible”, Nelson Books, Nashville, Tennessee, 2007;

/73/ Malgo, Wim: “Apocalipse de Jesus Cristo: Um Comentário para a nossa Época”, Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, vol. II, Porto Alegre, RS;

/74/ “The Broadman Bible Commentary”, vol. 6 (Jeremiah - Daniel). Broadman Press, Nashville, Tennessee, 1971;

/75/ Szczerbacki, R.: “Revelando os Mistérios do Apocalipse”, Editora Betel, Rio de Janeiro, RJ, 1986;

/76/ Ladd, G: Apocalipse Introdução e Comentário, Editora Mundo Cristão e Edições Nova Vida, São Paulo, SP, 1982;

/77/ Grudem, W.: “Bible Doctrine”, Zondervan, Grand Rapids, Michigan, USA, 1999;

/78/ LaHaye, T. & Hindson, E.: “The Popular Bible Prophecy Workbook”, Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2006;

/79/ Hunt, D. & McMahon, T.: “The Seduction of Christianity”, Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 1985;

- /80/ Hunt, D.: “O Quase-Anticristo”, Chamada da Meia-Noite, Porto Alegre, RS, 1995;
- /81/ Kampen, R.: “The Sign”, Crossway Books, Wheaton, Illinois, USA, 1999;
- /82/ Wilkerson, D.: “Toca a Trombeta em Sião”, CPAD, Lindale, Texas, 1985;
- /83/ Hunt, D.: “A Mulher Montada na Besta”, vols. 1 e 2, Actual Edições, Porto Alegre, RS, 2006;
- /84/ LaHaye, T. & Hindson, E.: “The Popular Encyclopedia of Bible Prophecy”, Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, 2004;
- /85/ LaHaye, T. e Jenkins, J. B.: “Deixados para Trás”, série de ficção religiosa editada entre out. 1994 e abr. 2007 acerca do livro de Apocalipse, conforme lista apresentada a seguir:
- Vol. 1 - Deixados para Trás
 - Vol. 2 - Comando Tribulação
 - Vol. 3 - Nicolae
 - Vol. 4 - Colheita, A
 - Vol. 5 - Apoliom
 - Vol. 6 - Assassinos
 - Vol. 7 - Possuído, O
 - Vol. 8 - Marca, A
 - Vol. 9 - Profanação
 - Vol. 10 - Remanescente, O
 - Vol. 11 - Armagedom
 - Vol. 12 - Glorioso Aparecimento, O
 - Vol. 13 - Vitória Final, A;
- /86/ Hunt, D.: “Quanto Tempo nos Resta”, Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, Porto Alegre, RS, 1996;
- /87/ Mulholland, D. M.: Marcos, Introdução e Comentário, Editora Mundo Cristão e Edições Nova Vida, São Paulo, SP, 1986;